



REUNIÓN del EPD ANTROPOLOGÍA MERCOSUR

Diálogos, prácticas y visiones antropológicas

Inicio
Inscripciones
Programación
Medios
Directorio
Novedades
Otros

[Contacto](#)

GT1. “OTRAS” LENGUAS Y SUS HABLANTES: LECTURAS ETNOGRAÍFICO- ANTROPOLOÍGICAS

Coordinadores:

Mgter. Carolina Gandulfo. UNNE/ Instituto Superior San José • ;
carogandulfo@yahoo.com.ar

Dr. Wilmar D Ì • Angelis. UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem;
dangelis@unicamp.br

Comentarista: Dra. Virginia Unamuno. CONICET/UBA; vir.unamuno@gmail.com

Usos lingüísticos e interacción

DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA ENTRE OS KYIKATÊJÊ

Costa, Lucivaldo Silva da (UNIFESSPA)

Sompré, Concita Guaxipiguara (UEPA)

Este estudo apresenta um diagnóstico da situação dos usos linguísticos das línguas portuguesa e indígena na comunidade Kyikatêjê, na terra indígena Mãe Maria, localizada no km 25 da BR 222, município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Pará, numa área de 62.4888,4516 hectares. O Kyikatêjê é uma das variedades dialetais da língua Timbira, a qual é filiada à família Jê, tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1985). O propósito deste trabalho é investigar os usos que os falantes fazem das duas línguas presentes na comunidade e mostrar em quais circunstâncias lançam mão do *code switching* e que sentimentos têm com relação ao uso de uma ou de outra língua. Descrevem-se os domínios de comportamento linguístico - como a escola, a família, as cerimônias, a administração, etc. -, o tópico conversacional dentro dos domínios, a relação estabelecida entre os interlocutores, o local da interação, dentre outros fatores (cf. FISHMAN, 1972) e mostram-se os usos linguísticos que os falantes fazem tanto da língua Kyikatêjê quanto da língua portuguesa dentro desses domínios. Pretende-se, a partir de um mapeamento dos diversos contextos de uso dessas línguas, pensar em metodologias de ensino e aprendizagem que promovam o uso da língua Kyikatêjê nos diversos espaços de interação social na aldeia, a fim de contribuir com reflexões que motivem e empoderem os professores indígenas para produzir materiais que subsidiem o aprendizado de ambas as línguas nessa comunidade

Palavras-chave: Língua Kyikatêjê; Code Switching; Ensino e Aprendizagem;

“INTERACCIONES SOCIALES EN RELACIÓN A LA ORALIDAD EN UNA COMUNIDAD DE HABLA GUARANÍ PARAGUAYO.” PARTIDO DE LA

PLATA.

Luciana Rezzónico (Lic. en Comunicación Social)

Carolina Farias (Educatora comunitaria)

Lila Scotti (Prof. Cs de la Educación)

Se trata de una investigación etnográfica que focaliza en las interacciones y los usos sociales del guaraní en una comunidad de habla constituida por grupos de familias y vecinos oriundos de Paraguay quienes residen actualmente en un paraje rural del partido de La Plata (El Peligro-Abasto).

La vitalidad del guaraní, entendido y diferenciado por los propios hablantes como “eté” y como “yopará”, en sus relaciones cotidianas nos lleva a preguntarnos por cuáles son aquellos aprendizajes sociales que se producen entre adultos, entre adultos y niños y entre niños y niños en los cuales se aprende el guaraní y se resignifican las identidades; nos preguntamos, sobre el lugar que ocupa la oralidad y sobre la importancia que tiene la escrituración del guaraní y del castellano en las prácticas sociales.

Palabras claves: interacciones sociales – comunidad de habla – guaraní – representaciones – mundos de vida.

UN ACERCAMIENTO A LAS PRÁCTICAS DE LA ORALIDAD VINCULADAS A LA FILOSOFÍA DEL LIDERAZGO ENTRE LOS CHANÉ DEL NOROESTE ARGENTINO

María Agustina Morando (CONICET-UBA)

La oratoria cumple un papel fundamental entre los grupos guaraní hablantes de Sudamérica. En efecto, diversos son los tipos de liderazgo vinculados a la oratoria que, a través del discurso, transmiten mensajes relacionados con la historia, con los mitos y con los valores culturales. Teniendo esto en cuenta, en esta ponencia se analizará específicamente la importancia de los oradores y de su discurso en la organización política chané, grupo guaraní hablante del Noroeste argentino. El abordaje que se propone aquí pretende comprender el contexto social de producción de esos discursos y la manera en que estos se asocian con los distintos tipos de liderazgo. Estos textos orales son emitidos dentro de un espacio social y cultural específico que es preciso tener en cuenta. Por ello cobrará una gran importancia en este punto analizar la problemática del bilingüismo y los diferentes usos que los distintos tipos de liderazgos hacen tanto del español como del chané.

Palabras clave: prácticas de habla, bilingüismo, oratoria, liderazgo, chané

ONOMÁSTICA E TRANSMISSÃO DE NOMES PESSOAIS: ANÁLISE DE UM ATO DE FALA KRAHÔ

Maxwell Miranda (Universidade Federal de Mato Grosso)

Letícia Jôkàhkwy~j Krahô (Universidade Federal de Tocantins)

As sociedades Jê do Brasil central caracterizam-se por apresentar complexos sistemas de organização social e ritual (Levi-Strauss 1982; Maybury-Lewis 1979). Essa complexidade reflete-se também na onomástica, sobretudo na antroponímia, com respeito às regras e aos modos pelos quais os nomes pessoais são transmitidos aos membros nascidos no grupo. Melatti (1976) apresenta e analisa os princípios socioculturais que regem a transmissão dos nomes pessoais na sociedade Krahô, oferecendo-nos informações substanciais para compreender a complexa rede de relações sociais e rituais, às quais os nomes pessoais se associam. O presente trabalho tem como objetivo analisar o evento de transmissão de nomes pessoais como um ato de fala em uma perspectiva pragmática (Austin, 1990). Além disso, oferecemos uma descrição e análise linguística de alguns nomes pessoais krahô, que se distribuem em uma das metades Wacme)jê e Catàmjê, e mostraremos também como alguns deles associam-se a personagens em ritos específicos, como a festa *jàt jôpi*(tora da batata). A relação entre nome pessoal-personagem foi discutida por Melatti (1976), de acordo com o qual a sociedade Krahô “seria constituída por um conjunto de personagens que, tais como os do teatro, seriam eternos, fadados a repetirem sempre os mesmos atos. Os atos e as relações desses personagens seriam somente aqueles transmitidos junto com os nomes pessoais” (p. 146). Pretendemos com esse trabalho destacar o papel que os nomes pessoais exercem na sociedade Krahô, bem como a relevância que eles têm na manutenção e realização de alguns de seus principais ritos.

Palavras-chaves: onomástica, antroponímia, ato de fala, Krahô, Jê.

O SENTIDO METAFÓRICO EM ÑE'ENGGA NO GUARANI PARAGUAIO

Hemerson Vargas Catão - UFGD

Este estudo tem como objetivo apresentar uma análise das construções de sentido metafórico em ñe'eĩfnga, ditos populares usados no Paraguai pela população usuária da língua Guarani, esta geneticamente classificada como membro do sub-ramo I da família Tupí-Guaraní, conforme Rodrigues (1984/1985). Este trabalho está fundamentado na abordagem teórica da semântica cognitiva, tendo como principais representantes Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987) e Johnson (1987), Sweetser (1990) e Heine et al (1991) e Cançado (2005). Destacamos neste estudo o caráter cultural evidenciado nas metáforas encontradas nos ñe'eĩfnga, principalmente no que diz respeito a figura da mulher na visão machista difundida pelos ditos populares selecionados, assim como a visão preconceituosa do artista, do indígena e do intelectual. Os ñe'eĩfnga presentes neste trabalho fazem parte da coleção *Arandu Ka'aty Ryrumi*, organizada por Ramón Silva e publicada no jornal *Diario Popular: el diario que mas gente lee*, no ano de 2002.

Palavras chaves: Língua Guarani; Ñe'eĩfnga; Metáfora.

AS ESCRITAS E OS CAMINHOS LAKLÂNÕ/XOKLENG

Lays Cruz Conceição. Doutoranda – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC); Bolsista CNPq.

Este trabalho problematiza a noção de escrita e suas potencialidades a partir da experiência atual dos Laklânõ/Xokleng da Terra Indígena Laklânõ no Alto Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina, região sul do Brasil. Este povo tem demonstrado grande preocupação com sua cultura e costumes, em especial, com a situação atual do idioma nativo. A busca pela educação superior desperta sentimentos e valores específicos que conectam as trajetórias indígenas pessoais e também seus posicionamentos como membros de uma comunidade engajada na luta por seus direitos. A escrita é uma entre outras possibilidades de suporte valorizadas e desejadas para revitalizar/provitalizar seus conhecimentos tradicionais diante da presença de costumes e línguas estrangeiras em seu cotidiano. As ideias e propostas dos acadêmicos indígenas nem sempre são consensuais, o que nos permite vislumbrar novos sentidos da escrita e das formas de registro utilizadas, assim como as motivações que perpassam estas

escolhas.

Palavras-chave: Laklãnõ/Xokleng; escritas; registro; educação indígena; acadêmicos indígenas.

AMOR TRADUZIDO: RELACIONAMENTOS AFETIVOS NA ERA GLOBAL

Andressa Tatiara de Moraes. Graduanda em Ciências Sociais pela UFSM

Diessica Shaiene Gaige. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. Membros do Núcleo de Estudos sobre Emoções e Realidades Digitais (NEERD)

O avanço da tecnologia vem permitindo que a sociabilidade tome novos aspectos, especialmente pela existência dos sites de relacionamentos. Cada vez mais conectados às mídias digitais, os indivíduos necessitam de novos meios de comunicação que acompanhem seus variados ritmos de vida e satisfaçam suas necessidades. Um aspecto que queremos ressaltar em nossa análise refere-se ao modo como a internet vem facilitando – a curto, médio e longo prazo – encontrar pessoas de diferentes nacionalidades para fins amorosos e afetivos. Através de uma análise antropológica baseada na observação participante e entrevistas com informantes, procuramos compreender a utilização da internet e de aplicativos de tradução por casais que possuem relacionamentos transnacionais uma vez que, com a pluralidade cultural entre os envolvidos, as ferramentas de tradução e de comunicação tornam-se importantes como mediadoras e atuantes na construção dos afetos transmitidos e compartilhados via internet, necessitando assim de um constante aprendizado das plataformas, do idioma e da cultura do outro. Exploramos, então, a rede e os relacionamentos identificando modificações na construção do ideal romântico e no aprendizado devido às novas formas de interação.

Palavras chaves: relacionamentos, tradução, comunicação, pluralidade.

Las lenguas en contextos escolarizados

“LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN SANTIAGO DEL ESTERO. EN BUSCA DE UNA PERSPECTIVA PARA EL QUICHUA SANTIAGUEÑO”

Generoso Adriana del Valle, Layus Ruiz Omar. Universidad Nacional de Santiago del Estero. Facultad de Humanidades, Ciencias Sociales y de la Salud. Tecnicatura Superior en Educación Intercultural Bilingüe con Mención en Lengua Quichua.

Santiago del Estero es una provincia Argentina donde se implementara la modalidad Educación Intercultural Bilingüe (en adelante E.I.B.). Aunque en una gran extensión del territorio se habla la lengua quichua, sus usuarios no se adscriben a un pueblo originario.

Como docentes de la primera carrera universitaria creada en el año 2012 en nuestro país referida la temática, proponemos:

- a) Compartir la experiencia recogida desde su creación hasta la fecha.
- b) Ponerla en discusión con otras experiencias similares.
- c) Instalar el debate acerca de las condiciones necesarias para el desarrollo responsable de la E.I.B en contextos sociales diversos.
- d) Analizar las dificultades que se nos presentan ante la inexistencia de políticas lingüísticas favorables.

Planteamos este caso como un escenario particular, teniendo en cuenta que la modalidad E.I.B. basa sus experiencias fundamentalmente en trabajos con comunidades originarias que hablan su lengua madre. La lengua quichua prohibida ordenanza real en 1770, no está normatizada y no es oficial. Se la utiliza como segunda lengua y desde entonces vive en relación diglosica con el castellano.

Trabajamos con la sistematización de los datos obtenidos de la experiencia docente en contraste con los postulados teóricos existentes hasta la fecha.

Consideramos que los elementos analizados en nuestro trabajo podrían ser un aporte al conocimiento de contextos sociales y lingüísticos diversos, y ser utilizados cuando se pretenda desarrollar una modalidad E.I.B. comprometida verdaderamente con la pluralidad lingüística, como así también, para fundamentar futuras leyes que promuevan la revitalización del quichua santiagueño.

Palabras Claves: Educación Intercultural Bilingüe- Quichua – Revitalización Lingüística.

APRENDER PARA ALÉM DO HEBRAICO: ETNOGRAFIA DE UMA SALA DE AULA PARA IMIGRANTES EM TEL AVIV

Barbara Odebrecht Weiss. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Unicamp.

Ana Carolina Bazzo da Silva. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, Docente da Universidade Metropolitana de Santos.

Este trabalho visa a analisar a aquisição linguística no contexto das escolas de ensino de hebraico –doravante conhecidas como “ulpan” (plural “ulpanim”) – a partir de uma perspectiva antropológica. O projeto de “ressuscitação do hebraico” coincide fortemente com a empreitada sionista, que ocorre desde o final do século XIX. Uma vez fundado o Estado de Israel, a planificação linguística do ensino do hebraico nos ulpanim passa a ser um elemento central para a absorção de imigrantes (majoritariamente) judeus provindos dos cinco continentes. Ainda em 2015 o Ministério da Educação israelense garante aos novos imigrantes cursos gratuitos de hebraico por cinco meses, com cinco aulas por dia ao longo de cinco dias por semana. Partindo de uma experiência etnográfica como estudante não-judia e não-imigrante em uma sala de aula de um ulpan durante o primeiro semestre de 2015, pretende-se refletir sobre ao menos três questões que se seguem: 1. A aquisição linguística como rito de passagem e um elemento central na ruptura na vida dos imigrantes-aprendizes; 2. As intersecções entre ideologia sionista e o aprendizado em sala de aula; 3. A experiência etnográfica no contexto mencionado, sucessos e insucessos da inserção no campo e avaliação e interpretação dos dados recolhidos em campo. Os resultados da análise serão colocados em diálogo com estudos antropológicos sobre educação.

Palavras chave: planificação linguística – imigrantes – sionismo – etnografia – educação

“LENGUA MATERNA Y BILINGÜISMO: CONCEPTOS CLAVE PARA LA

ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DEL QOM COMO SEGUNDA LENGUA EN CHACO”.

Lucía Romero Massobrio

Universidad de Buenos Aires

En la provincia del Chaco, desde hace más de 25 años se forman docentes indígenas para el ejercicio de la docencia bilingüe e intercultural en el nivel primario y secundario, provenientes de las comunidades moqoit, qom y wichi. Si bien parte de ellos ingresan al Nivel Terciario siendo hablantes de estas lenguas, parte de ellos deben aprenderlas durante su formación como maestros y profesores. La creación del CIFMA (Centro de Investigación y Formación para la Modalidad Aborigen) en Presidencia Roque Sáenz Peña produjo un cambio en la concepción de la lengua qom, ya que su dominio resulta clave para recibirse como profesor intercultural bilingüe. Específicamente en el lote 38 de Colonia Aborigen Chaco, en donde los hablantes de qom son en su mayoría ancianos, los jóvenes han cambiado su forma de ver la lengua. Los estudiantes del CIFMA provenientes de dicho lote, quieren aprender qom, algo que según sus propios testimonios no interesaba a la mayoría de los jóvenes de su pueblo.

Esta comunicación forma parte de una investigación más amplia cuyo objetivo es la descripción de los nuevos usos y modos de transmisión de las lenguas guaraní, quichua, qom, moqoit y wichi. Se trata de una investigación que se inscribe en una sociolingüística de perspectiva etnográfica (Hymes, 1974; Hornberger, 1995; Heller, 2001; 2007; Bloomaert, Collins y Slembrouck, 2003; Rampton, 2007; Codó, Patiño y Unamuno, 2012). Se realizaron entrevistas abiertas, individuales y grupales, y un cuestionario sociolingüístico a estudiantes de qom como segunda lengua, nivel 0, del CIFMA de Sáenz Peña, provenientes de Colonia Aborigen Chaco, entre 2012 y 2014.

En este caso, el objetivo es presentar algunos datos y reflexiones en torno a la enseñanza de la lengua qom como segunda lengua, atendiendo especialmente a los procesos sociolingüísticos de jerarquización y recapitalización simbólica (Bourdieu, 1982; Martín Rojo, 2010). Más precisamente, el valor que adquiere la lengua para los estudiantes, en tanto producto clave en su proceso de formación docente y, con esto, del ingreso al mercado laboral, ya que la concepción de bilingüismo y de lengua qom de estos estudiantes se encuentra íntimamente relacionada con la mercantilización de lengua. Esto se analizará teniendo en cuenta las acepciones de lengua materna y bilingüismo que circulan en el ambiente educativo de la institución y su relación con el uso de estos conceptos en la sociolingüística.

Palabras clave: Sociolingüística, Lenguas Minoritarias, Chaco, Lengua Qom.

Metodologías

EL DESARROLLO DE UNA METODOLOGÍA PARA LA VALIDACIÓN DE MATERIALES LINGÜÍSTICOS PROBLEMÁTICOS: EL CASO CHANÁ

J. Pedro Viegas Barros. Instituto de Lingüística, Universidad de Buenos Aires /
CONICET

La cuestión de la validación de los datos de una lengua conocida por una única persona es uno de los problemas más arduos en el estudio de las lenguas obsoletas, y requiere metodologías distintas a las utilizadas normalmente con lenguas de mayor grado de vitalidad. En el caso del chaná (provincia de Entre Ríos, Argentina), las condiciones adversas incluyen el hecho de que se trata de un único conocedor parcial de un idioma previamente casi ignorado, y perteneciente a un grupo genealógico (la familia lingüística charrúa) muy poco conocido.

En la presente ponencia se exponen los criterios de validación que se han venido desarrollando durante la experiencia de documentación e investigación de este corpus lingüístico, desde el año 2005 a la fecha. Los criterios de evaluación que se han aplicado en este caso, son hasta el momento los siguientes:

- (1) el análisis interno de los datos,
- (2) la comparación con fuentes antiguas del chaná,
- (3) la identificación de cognados en lenguas emparentadas,
- (4) la comprobación de la existencia de correspondencias fonológicas,
- (5) la identificación de préstamos del chaná al castellano rural entrerriano,
- (6) la identificación de préstamos del guaraní al chaná,
- (7) la consistencia del corpus a través del tiempo de investigación,
- (8) la concordancia con lo que ocurre en un estado de lengua obsoleta,
- (9) la falta de congruencia con lo esperable en casos de lenguas falsificadas.

Creemos que la discusión y elaboración de una metodología de validación para datos lingüísticos problemáticos es urgente, dado el creciente número de lenguas aborígenes de nuestro subcontinente --y no sólo de él-- que están siendo registradas por primera vez por lingüistas cuando ya queda un último (semi)hablante.

Palabras clave: Lenguas obsolescentes, Lenguas aborígenes, Criterios de validación, Chaná.

ENTREVISTAS CON GRUPOS FAMILIARES BILINGÜES (GUARANÍ CASTELLANO) EN CORRIENTES, ARGENTINA: NOTAS METODOLÓGICAS SOBRE UNA INVESTIGACIÓN EN COLABORACIÓN

carolina gandulfo (UNNE/ISJ)

En el marco de una investigación sobre la transmisión intergeneracional de prácticas comunicativas bilingües (guaraní – castellano) en la provincia de Corrientes, Argentina, se realizan entrevistas con grupos familiares. Las características sociolingüísticas del contexto estudiado han sido analizadas precedentemente por el mismo equipo de investigación (Gandulfo, 2007) siendo el discurso de la prohibición del guaraní, la ideología lingüística organizadora de los usos lingüísticos estudiados.

El objetivo del estudio se centra en el análisis del modo en que se transmitieron y transmiten las prácticas bilingües en una familia de cuatro generaciones: CASO A y B) todas las generaciones son bilingües en algún grado; CASO C) la primera generación era monolingüe guaraní (bisabuela) y la cuarta generación es monolingüe castellano.

El diseño metodológico propuesto pretende ajustarse a las características sociolingüistas descritas en las investigaciones precedentes; por tanto, las entrevistas suponen que un miembro joven de la familia participa cómo investigador/a “nativo”. Se previeron la realización de dos encuentros con las familias, luego del primero se produce un primer análisis del material que será presentado a las familias en la segunda instancia de entrevista para su validación y profundización de la indagación.

Se describe en esta presentación el diseño de las entrevistas, los primeros encuentros con los tres grupos familiares y los diseños de análisis con los cuales se trabaja el material para la preparación del segundo encuentro con los grupos familiares. Asimismo se ponen a consideración las dificultades, así como las posibilidades metodológicas, que supone incorporar a uno de los miembros de la familia como investigador “nativo” en colaboración con otros investigadores.

Palabras claves: transmisión intergeneracional – bilingüismo guaraní castellano – grupos familiares – investigación en colaboración.

MELHORAR A QUALIDADE DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS ACADÊMICOS: A INVESTIGAÇÃO COLABORATIVA

Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAMP)

Nas últimas duas décadas tenho participado, como linguista, de diversas ações relacionadas a formação de professores indígenas, e em particular os da etnia Kaingang. No caso dessa etnia, tenho atuado: (i) como linguista consultor da escola da Terra Indígena Inhacorá, no Rio Grande do Sul, entre 1998 e 2002; (ii) como docente responsável pelas disciplinas “Língua Materna” e “Sociolinguística” no Curso Vãfy de formação de (mais de 80) professores em Magistério (Ensino Médio), no Rio Grande do Sul, entre 2001 e 2006; (iii) como docente no curso “Ênfase” em 2007 e 2008, com jovens formados ou formandos em Magistério (Ensino Médio); (iv) como coordenador e linguista do Projeto de Revitalização do Kaingang Paulista, de 2013 aos dias atuais. Destaque-se que, em todas essas ações, fui convidado (em i e iv) ou indicado pelos próprios indígenas (em ii e iii). E em todas essas ações tenho experimentado a prática da pesquisa colaborativa com os falantes nativos da língua, ao mesmo tempo em que se promove a capacitação de professores indígenas como pesquisadores nativos. A presente comunicação ressalta os ganhos éticos e científicos que se tem com esse tipo de colaboração, exemplificando com a “descoberta” de uma categoria gramatical de gênero em Kaingang.

Palavras-chave: pesquisa colaborativa; língua kaingang; pesquisadores nativos.

Actitudes, memorias e ideologías lingüísticas

ACTITUDES LINGÜÍSTICAS HACIA LAS VARIEDADES DEL ESPAÑOL BOLIVIANO Y ARGENTINO EN UN ASENTAMIENTO AL SUR DE LA CIUDAD DE CÓRDOBA

Ana Julia Gonzalez. Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Filosofía y Humanidades

En las últimas décadas, el fenómeno demográfico de las migraciones regionales ha aportado a la construcción de nuevos espacios de interacción social en el que poblaciones inmigrantes y nacionales que forman parte de un sector laboral y económico vulnerable entran en contacto.

La investigación propuesta tiene como objetivo estudiar las actitudes lingüísticas y los procesos de estereotipación en torno a la variedad del español boliviano y el español argentino en un asentamiento ubicado al sur de la ciudad de Córdoba; atendiendo a las percepciones lingüísticas y sociales que los residentes argentinos tienen con respecto a los residentes de origen boliviano en el marco de los procesos sociales que sustentan la relación lengua- sociedad.

El marco teórico parte de los supuestos de la Sociolingüística, la Sociología del Lenguaje y algunos aspectos de la Sociología relacionados a la definición de actitudes lingüísticas, prejuicios y estereotipos. También se incorpora la mirada desde la etnografía del habla para comprender la relación entre los sistemas culturales del asentamiento y el lenguaje y llegar a una distinción entre creencias, actitudes y valores en la comunidad. Esta investigación se desarrolla en el marco del programa de investigación “Prejuicios lingüísticos: sentidos en conflicto” (CIFYH- Escuela de Letras, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba).

Para el aspecto metodológico, se diseñó un conjunto de instrumentos desde una perspectiva cualitativa. Se eligió trabajar con entrevistas profundas y la observación participante, tanto en eventos comunitarios como en las visitas a los entrevistados.

Palabras claves: actitudes lingüísticas, estereotipos, inmigración, etnografía del habla.

OLVIDOS Y RECUERDOS EN TORNO AL 12 DE OCTUBRE

Cecilia Natalia Tallatta

En la ponencia analizaremos la manera de construir la memoria acerca del 12 de octubre en una clase de 6° grado de nivel primario en una escuela estatal del conurbano bonaerense que se caracteriza por tener un gran porcentaje de alumnos migrantes (Paraguay, Perú y Bolivia). Partimos de un abordaje que enfoca las prácticas de memoria como acciones que piensan el pasado desde el presente (Rappaport 2005). En este sentido, consideramos especialmente relevante el cambio de paradigma que se llevó a cabo en la República Argentina en los últimos años y que modificó la manera de percibir y denominar la Conquista de América y la fecha en la que se conmemora ese hecho: el 12 de octubre. Desde el año 2010 y por un decreto presidencial, el antes denominado “Día de la Raza” pasó a ser el “Día del Respeto a la Diversidad Cultural”. De esta manera, en las instituciones escolares podemos encontrar una tensión entre el viejo y el nuevo paradigma que en muchas ocasiones termina construyendo “pliegues” (Deleuze 1987) que combinan en la superficie aspectos que se condicen con este proclamado respeto a la diversidad cultural pero que en su interior continúan reproduciendo representaciones desiguales acerca de los diferentes pueblos que conforman el territorio americano.

En este contexto amplio de la institución escolar, el objetivo del trabajo será enfocarnos en los propios alumnos como grupos tradicionalmente subordinados al ser concebidos por el sistema educativo como sujetos pasivos, receptores de conocimientos e incapaces de construir categorías propias (Popular Memory Group 1982). De esta manera, en el espacio aúlico se cruzarán las trayectorias del docente con las de los diferentes estudiantes, algunos de los cuales son hablantes bilingües guaraní-castellano, y en esa intersección podremos problematizar la memoria resultante del “Día de la diversidad cultural” como una memoria heterogénea y negociada (Grossberg 1992; Massey 2005) en la que intentaremos identificar e interpretar olvidos y recuerdos.

LÍNGUA E CULTURA POMERANA: POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, MEMÓRIA E SILENCIAMENTO

Prof. Dr. Carmo Thum/IE/FURG

Profa. Marcia Kovalski Ücker -SMED

Analisar a questão dos Povos e Comunidades Tradicionais, especificamente o caso dos Pomeranos do Brasil, quanto ao uso da língua materna no cotidiano da cultura. Dados derivados de pesquisa, cotejados a partir de uma análise contextualizada do modo de vida, o mundo camponês e as implicações do uso da língua e suas representações simbólicas no espaço. Analisa dados de realidade de dois municípios do RS, localizados na Serra dos Tapes, explicitando cenários da paisagem cultural e do uso da língua, bem como da condição camponesa dos pomeranos a partir do caso local, problematizando a questão no contexto nacional a partir de bibliografia pesquisada. Das Políticas Linguísticas e das demandas locais; Aspectos direitos linguísticos em panorama internacional. O cenário das lutas por direitos linguísticos, de ensino e de uso público. O Povo Tradicional Pomerano, como povo camponês e como povo tradicional em processo de luta para a garantia de direitos, inclusive os de políticas linguísticas que atendam a sua especificidade.

Palavras-Chave: cultura pomerana, contexto local, políticas linguísticas, Povos e Comunidades Tradicionais.

EDUCACIÓN INTERCULTURAL. ENTRE PRÁCTICAS ESCOLARES E IDENTIDADES SOCIALES

Rita Allica. UNaM

Desde hace diez años, en el ámbito del Ministerio de Educación de la provincia de Misiones- Argentina, se ha implementado un Programa educativo destinado a la población indígena. La Ley de Educación Nacional N° 20.206 crea la Modalidad de Educación Intercultural Bilingüe. A partir del año 2008 dicho programa se ha transformado en el Área de la Modalidad de Educación Intercultural Bilingüe.

En la provincia de Misiones existen cincuenta y nueve (59) unidades educativas pertenecientes a la Modalidad de Educación Intercultural Bilingüe.

En estas escuelas circulan representaciones relacionadas a las lenguas habladas en la escuela, a la educación así como a la interculturalidad; representaciones y prácticas relacionadas tanto con los modelos educativos propios de las comunidades de origen de los estudiantes como de la escuela como institución.

En este trabajo nos interesa reflexionar en particular sobre las concepciones sobre las lenguas e interculturalidad que conviven en el ámbito de estas escuelas, según son expuestos en los diferentes proyectos y prácticas desarrolladas de las mismas.

Palabras claves: Interculturalidad-escolarización-lenguas-educación intercultural bilingüe.

TRAYECTORIA ÉTNICA Y DIVERSIDAD DIACLECTAL DE FAMILIAS RUTENO DESCENDIENTES EN ARGENTINA

Nancy Rutyna. Prof./Lic. en Ciencias Antropológicas. Maestranda de Antropología Social. Doctoranda en Lingüística. Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires CONICET.

El presente escrito constituye un acercamiento al conocimiento de la trayectoria étnico-migratoria de campesinos rutenos a la Argentina a partir de 1897, siguiendo el devenir de las familias descendientes que las ha establecido en distintas localidades del país.

El mismo pretende particularizar desde una mirada etnográfica y socio-lingüística tres aspectos:

- 1- La trayectoria emigratoria de estos grupos sociales desde sus territorios de origen y migración local en busca de perspectivas de inserción laboral (especialmente agrícola) de mayor productividad;
- 2- La configuración de identidades complejas dado que los procesos mencionados produjeron como emergentes familias multiculturales y, asimismo, pluridialectales;
- 3- Las formas y los usos dialectales, cuyas transformaciones lingüísticas fueron atravesadas por diversas y sucesivas estructuraciones de nacionalismos de origen y también locales.

Aún cuando las familias ruteno-migrantes hayan seguido reproduciendo ciertas costumbres y rituales sociales, los usos dialectales ruteno-rusinos fueron progresivamente abandonados o negados a los descendientes pensando que ello era beneficioso para ellos, especialmente en pos de su inserción socio-educativa y laboral en los nuevos contextos.

Esta decisión de no enseñar a sus hijos el idioma porque suponían que el conocimiento

apropiado del castellano les iba a evitar procesos de estigmatización étnica, trajo aparejada la pérdida de la lengua de origen. En particular en un momento histórico de la Argentina en donde prevalecía la necesidad de erigir al español como única lengua de la identidad nacional por la conformación del Estado argentino; y acompañada de la ideología lingüística del desprecio hacia otras lenguas (que no fueran el español, francés, inglés o alemán).

El presente escrito tratará entonces de relacionar los procesos históricos (movimientos migratorios) con la etnicidad e ideologías lingüísticas (del Estado y de los propios hablantes), en pos de detectar los mecanismos de recuperación de los saberes lingüísticos como forma de resistencia cultural a través del paso del tiempo y la diversidad de espacios.

Revitalización lingüística, Identidades y Autoadscripción

LÉXICO, REVITALIZAÇÃO E DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

As posturas adotadas pela sociedade brasileira para uso do português não formal têm sido acompanhadas por atitudes preconceituosas. No que tange às comunidades indígenas, esse preconceito atinge tanto a variedade do português usado quanto os enxertos da língua indígena que aparecem nesta variedade do português. Para as comunidades indígenas no Nordeste do Brasil, consideradas desprovidas de língua indígena, não foi diferente. Usar as línguas nativas não representava prestígio, além disso, significava problema para a integração, objetivo maior na política indígena em voga. Contudo, com o processo de revitalização lingüística, as comunidades indígenas,

da citada região brasileira, assumiram fortemente uma posição de manutenção e recuperação de suas línguas, trazendo com isso uma nova política de uso linguístico. Protegidos pela legislação, a qual não converge mais para a integração, cada vez mais, léxicos das línguas indígenas estão sendo inseridos na língua portuguesa, atividade que acontece em paralelo com o processo de revitalização da língua indígena. Esse processo de uso do léxico da língua da comunidade representa valorização e fortalecimento da língua do grupo e, ao mesmo tempo, propicia a veiculação de diversas variedades do português, perpassadas pelos léxicos indígenas. Esse processo logicamente não é novo, mas está assumindo uma nova função para as comunidades, ou seja, motiva a visibilidade da língua indígena e mostra uma reação ao português singular pregado por instituições de ensino. Este trabalho discutirá as perspectivas desse movimento, o qual coloca a língua indígena como propulsora de mudanças, para si e para a língua portuguesa.

Palavras-chave: léxico, revitalização, variação linguística, comunidades indígenas

REFORÇANDO OS LAÇOS ANCESTRAIS: REVITALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA KAINGANG E NHANDÉWA, EM SÃO PAULO.

Juracilda Veiga. Fundação Nacional do Índio (Funai)

O trabalho se propõe a apresentar a experiência de ação coletiva que vêm sendo realizada com duas etnias: os Kaingang (família Jê) e os Guarani Nhandéwa (família Tupi-Guarani), no Estado de São Paulo, Brasil, por uma parceria entre as comunidades indígenas, a Fundação Nacional do Índio, a *ong* Kamuri, e a Universidade Estadual de Campinas (Grupo de Pesquisa Indíomas).

Os trabalhos com esses dois grupos nasceram de pedidos das comunidades à Universidade, por ferramentas linguísticas a serem utilizadas no ensino da língua indígena com suas crianças: no caso dos Kaingang Paulistas, a produção de um Dicionário Escolar, e no caso dos Nhandéwa, uma Gramática Pedagógica e um site em língua nhandéwa.

A experiência com os Kaingang reúne os professores de duas comunidades (somando 15 pessoas). Já com os Nhandéwa, iniciou-se uma comunidade de 100 pessoas aproximadamente, reunindo 12 professores, e posteriormente se estendeu a comunidades litorâneas do Estado, atingindo quatro aldeias (em torno de 150 pessoas, sendo 20 professores).

A experiência – que está mais adiantada entre os Nhandéwa – tem se mostrado muito produtiva pela possibilidade de reunir os falantes, os professores, os linguistas e, no caso nhandéwa, também alunos. A reflexão sobre a própria língua indígena os faz

perceberem que ela é tão rica nos seus processos quanto a língua majoritária. Mais que isso, descobrimos juntos que só através dela eles conseguem acessar o mundo e a cultura dos seus ancestrais e, com isso, refazer laços e lealdades com sua própria cultura, recuperando a auto-estima e o orgulho étnico.

Palavras-chave: línguas minoritárias; instrumentos de aprendizagem linguística; práticas de fala pluri/bilíngues.

LIBRAS: A CONSTITUIÇÃO DE UM TERRITÓRIO LINGUÍSTICO

Maria Izabel dos Santos Garcia. Doutora/UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Profa Adjunta/UFF (Universidade Federal Fluminense)

Cresce nos últimos anos o número de pesquisas em torno dos processos psicológicos e linguísticos das pessoas surdas. As primeiras pesquisas, com destaque para as de Willian Stockoe e Ursula Bellugi, orientaram-se no sentido de assegurar às línguas de sinais um status linguístico e apontar para o seu papel decisivo na educação de surdos. Em 1965, surge a primeira edição do Dictionary of American Sign Language, considerado o primeiro dicionário de língua de sinais editado no mundo. Trabalhos posteriores têm abordado questões mais específicas centradas nos processos gramaticais, na utilização dos classificadores – espécie de morfemas que existem tanto nas línguas de modalidade gestual-visual como na áudio-oral – como marcas sintáticas. É, entretanto, necessário observar que os estudos sobre as gramáticas das línguas de sinais são ainda recentes e carecem de um sistema de notação linguística que consiga apreender a dinâmica e a tridimensionalidade presentes nessa modalidade linguística. É oportuno esclarecer que a língua de sinais, como outros sistemas linguísticos, não é universal, homogênea ou igual em todos os países. Uma constatação desse fato pode ser encontrada, por exemplo, na comparação entre os dicionários americano e britânico de língua de sinais. E mesmo em um país, tal como as línguas de modalidade áudio-oral, as línguas de sinais (ou de modalidade gestual-visual) apresentam variações dialetais entre os usuários de diferentes regiões geográficas. Atualmente muitas são as línguas de sinais que vêm sendo sistematicamente estudadas. Dentre elas a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Para a maioria dos estudiosos toda língua deve ser respeitada enquanto tal e segundo suas próprias regras de construção e realização. As línguas de sinais são tão ricas quanto qualquer outra e pode expressar qualquer tipo de pensamento ou sentimento. Por ser facilmente aprendida pelo surdo, o uso da língua de sinais na escola pelo professor evita atrasos desnecessários no cumprimento do currículo escolar. Por meio dela, o professor pode realizar efetivamente seu papel pedagógico deixando ao fonoaudiólogo (ou logoterapeuta) a função de trabalhar a vocalização dos sons da língua áudio-oral. Ao focalizar as condições sociais concretas de instauração da comunicação, Bourdieu ressalta que a língua – por ele considerada como “capital cultural” – mantém, no interior do grupo, uma relação de “força simbólica” determinada pela estrutura do

grupo social em que ocorre esta comunicação, ou melhor, pelas relações que existem entre seus membros. A língua, qual seja, é um instrumento com condições de barganha social. Tem poder de hierarquizar relações sociais. No Brasil, ainda existem várias querelas nesse território linguístico e a oficialização da LIBRAS está muito longe de minimizar esse fenômeno em meio às comunidades de surdos. Se é que se pode falar que essa disputa seja algo a se superar quando se trata da comunicação humana.

Palavras-Chave: LIBRAS, língua, surdos.

“ENTIENDO PERO NO HABLO”: LA POSICIÓN DE UNA INVESTIGADORA QUE SE FUE DESCUBRIENDO COMO BILINGÜE

Conde María Florencia. Facultad de Humanidades - Universidad Nacional del Nordeste

En esta ponencia presentaré una revisión de mi posición como investigadora en el desarrollo de una beca de investigación de pre-grado de la Secretaría General de Ciencia y Técnica de la UNNE. Dicho estudio ha intentado reconstruir la historia institucional de una escuela rural del interior de la provincia de Corrientes-Argentina, intentando identificar los usos del guaraní y el castellano en los diferentes momentos históricos.

Un aspecto considerado relevante para el estudio fue el proceso de revisión de mi posición en el campo respecto de mi objeto de indagación: el guaraní. Para ello fue necesario una reconstrucción de los sentidos y significaciones de la lengua en mi historia personal y escolar, los cuales atravesaron mi estadía en el campo y mi elección profesional actual. Para esta revisión consideré pertinente recuperar del campo de la antropología el concepto de reflexividad (Bourdieu; Guber), considerando a este proceso analítico similar al del análisis de la implicación, propio del análisis institucional (Lourau; Fernández).

En este proceso de revisión me fui reconociendo como hablante también de guaraní, tomando conciencia de que mi vinculación con el objeto era mucho mayor de la que creí inicialmente y que mi posición en el campo era la de una nativa más. Todo esto me enfrentó al desafío de iniciar un proceso de extrañamiento que me posibilite asumir estos aspectos de reflexividad como necesarios para la construcción del objeto de conocimiento y para la complejización de los procesos que estudiamos.

Palabras Claves: reflexividad, implicación, guaraní.

A AUTOIDENTIFICAÇÃO E A LÍNGUA MUNDURUKU: QUEM PODE OU

NÃO SER CONSIDERADO ÍNDIO NO OESTE PARAENSE

Sâmela Ramos da Silva

Universidade Federal do Amapá

Este trabalho apresenta uma pesquisa de cunho etnográfico que pretende visibilizar e refletir sobre o esforço linguístico ao se reaprender uma língua indígena como parte de um processo de autoidentificação do povo Munduruku, assim como discutir os fatores e condições que desencadearam esse fenômeno. Ao fim da década de 90, concretizou-se entre eles um processo de reconstrução da identidade étnica, considerada extinta. Assim, como aporte teórico, utilizamos os estudos pós-coloniais (MIGNOLO, 2003; QUIJANO, 2005), além de questões a respeito das noções de língua e regimes metadiscursivos, para enfatizar a necessidade de desinvenção e reconstituição de concepções de língua (PENNYCOOK & MAKONI, 2007; OLIVEIRA & PINTO, 2011). Nosso corpus é composto por textos de observação, gravações de diálogos e interações em grupo, resultado de uma construção mútua entre pesquisadora e participantes. Segundo Oliveira e Pinto (2011), devemos avaliar o papel da colonialidade do poder/saber na produção epistêmica da linguagem, por isso compreendemos a violência epistêmica a qual são vítimas os Munduruku, ao terem sua identidade contestada pela ausência de língua indígena. A própria Constituição de 1988, também reflete tais concepções, no qual ter direito a sua língua é “tenha uma língua diferente do português para que eu te reconheça como indígena” (OLIVEIRA & PINTO, 2011, p. 329). No entanto, essa reafirmação identitária dialoga e negocia com essas “amarras” impostas pela sociedade nacional, pois mesmo que utilize um construto hegemônico, a saber, a língua, este conceito parte de um processo de apropriação e ressignificação por parte dos indígenas.

Palavras-chave: Autoidentificação. Língua. Identidade. Munduruku. Colonialidade.

LEGITIMIDAD E IDENTIDAD EN LOS USOS DE LAS LENGUAS ENTRE LOS GRUPOS GITANOS/ROMANÍES

Matías Domínguez. Universidad de Buenos Aires –Facultad de Filosofía y Letras

El objetivo de la presente ponencia es analizar la relación que tienen los diferentes grupos gitanos/romaníes en referencia a los usos de sus lenguas, las diferencias internas y la vinculación de las mismas con conceptualizaciones de legitimidad y adscripción identitaria, Para esto se articularán dos ejes: las prácticas lingüísticas presentes en el contexto de los movimientos de unificación gitana a nivel global, y los usos de las

lenguas en la interacción local dentro y entre los distintos grupos presentes en Buenos Aires y con respecto a la sociedad mayor hegemónica.

Palabras claves: romaní, calé, gitanos

GT2. DE ECOLOGÍAS, DERECHOS Y CONSERVACIONES: LA RELACION NATURALEZA-CULTURA EN LA ANTROPOLOGÍA CONTEMPORÁNEA

Coordinadores:

Dra. María Carman. Institución: Instituto Gino Germani, UBA/CONICET.
mariacarman@uolsinectis.com.ar

Dra. Andrea Mastrangelo, Institución: Centro de Estudios en Antropología Social, IDAES UNSAM/CONICET. andreaveronicamastrangelo@gmail.com

Dr. Matthieu, Le Quang. Institución: Universidad Paris 7. matthieulq@hotmail.com

Comentarista: Prof. Héctor Alimonda. Profesor asociado IV del CPDA/UFRRJ e investigador visitante del Instituto Germani.

-

Humanos, no humanos y naturaleza: entre las prácticas y los derechos

-

RESERVA, PUERTO O RÍA? EL CONFLICTO PESQUERO COMO FORMA DE MATERIALIZACIÓN DE LUCHAS Y ALIANZAS POR LA PREVALENCIA DE FORMAS DE INTERRELACIÓN MEDIO-AMBIENTALES ESPECIFICAS EN EL ESTUARIO DE BAHÍA BLANCA,

ARGENTINA

María Belén Noceti (Instituto de Investigaciones económicas y sociales del Sur (IIESS)
Universidad Nacional del Sur UNS/CONICET)

Se postula desde aquí que en el espacio comprendido entre las coordenadas 38° 45' y los 35° 10' de Latitud Sur y 61° 45' y 62° 30' Longitud Oeste, al sudoeste de la provincia de Buenos Aires, en el espacio comúnmente llamado estuario de Bahía Blanca; se superponen dinámicas de relación entre humanos y no humanos muy disímiles entre sí, las que, darían cuenta de la constitución de mundos diferentes luchando por legitimarse y prevalecer unos sobre otros. Se diferencia así, un medio ambiente denominado *ria*, otro denominado *puerto* y un tercero llamado *reserva natural*. En cada uno de ellos se pueden describir formas de vinculación entre seres vivos humanos y no humanos; las cuales delinear formas específicas de identificación, alteridad, clasificación y toponimia. Se propone que las disputas y conflictos derivados por la utilización del recurso pesquero de alguna manera posibilitan observar tales dinámicas, donde se enfrentan epistemes diferentes y se observan luchas en contextos políticos asimétricos.

Palabras claves: medio ambiente, relaciones, epistemes, pesca, conflicto

PAISAGENS E APRENDIZAGEM PARA A VIDA: VIVÊNCIAS ETNOGRÁFICAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLA E DE PESCADORES NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Alana Casagrande. Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho pretende refletir sobre o papel das práticas de engajamento ambiental na constituição de paisagens e conhecimentos importantes à manutenção da vida em comunidades rurais do litoral do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Opta-se por estabelecer conexões e contrastes entre as experiências de engajamento de duas comunidades vizinhas: o quilombo de Casca e a comunidade de pescadores da Lagoa do Bacupari. A etnografia em questão contribui para o entendimento das percepções nativas sobre a "natureza" que revelando-se próxima e vivida constitui e é constituída por valores morais como os associados à ancestralidade, ao mundo não-humano, ao trabalho e à família. A perspectiva da "educação da atenção", corroborada por Tim Ingold, será mobilizada no intuito de refletir sobre processos de aprendizagem intergeracional integrados à paisagem. Reconhecer as dimensões histórica, educativa e inventiva da paisagem permite deslocar concepções naturalistas ou culturalistas que a subentendem respectivamente como um cenário neutro e universal para as atividades humanas ou como um ordenamento simbólico particular do espaço. A paisagem enfatizada neste texto busca contemplar a constante criação de habilidades e conhecimentos ao longo das gerações, contrapondo a ideia de transmissão de representações sobre o mundo enquanto conhecimentos acabados. Neste sentido, multiplicam-se as possibilidades de existência coletiva. A luta por direitos étnicos e territoriais quilombolas e os impactos do projeto político econômico da agricultura patronal na região configuram parte do contexto no qual o conhecimento e a paisagem são produzidos, praticados e narrados de maneira distinta e também compartilhada por

ambas as coletividades.

Palavras chave: paisagem, aprendizagem, produção do conhecimento, quilombo, pescadores

A MORALIDADE ENTRE FRONTEIRAS: AS BASES CONCEITUAIS DO ANTIESPECISMO NA RETÓRICA DO ATIVISMO VEGAN E DO MOVIMENTO DE DEFESA DOS DIREITOS DOS ANIMAIS

Luciana Campelo de Lira. Faculdade Damas de Instrução Cristã/Universidade Maurício de Nassau

As concepções e práticas que historicamente fundamentam a relação entre humanos e animais na cultura Ocidental têm sido contestadas pelo chamado movimento de defesa dos direitos dos animais. No intuito de combater as bases morais hiraquizantes que relegam aos animais não humanos uma posição de inferioridade, e em defesa de uma relação mais igualitária entre as espécies, o movimento de defesa dos direitos dos animais propõe um deslocamento ontológico entre as espécies a partir de sua ética antiespecista. Contudo, o questionamento do status moral diferenciado e da relação entre humanos e animais, muitas vezes aciona diferenças qualitativas entre espécies não humanas, incorporando, mais uma vez, um modelo de relação hiraquizante. Isso ocorre, por exemplo, quando em seu discurso recorre a critérios classificatórios que aproximam algumas espécies animais de características humanas, sejam essas ligadas a critérios cognitivos, sensitivos ou socializantes, como se a equiparação moral dependesse, em última instância, da expressão de atributos de humanidade por parte das outras espécies. Nesse sentido, reitera uma perspectiva antropocêntrica na constituição de sua ética antiespecista. Esse trabalho é baseado em dados de pesquisa etnográfica realizada com grupos que integram o ativismo vegano e o movimento de defesa dos direitos dos animais e tem como objetivo discutir as bases conceituais de defesa do antiespecismo, bem como os limites e paradoxos dessa proposta.

Palavras-chave: direitos dos animais; antiespecismo; moralidade; antropocentrismo

A GENTE DOS DIREITOS DOS ANIMAIS: UM ESTUDO COM ATIVISTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rodolfo de Moraes Santos Cerqueira. Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho visa discutir o ativismo em direitos animais, se utilizando de sua teoria e dos discursos e práticas de ativistas do Estado do Rio de Janeiro, sob a perspectiva das Ciências Sociais. Parto da seguinte questão: como Antropologia pode pensar sobre essa temática e intervir nesse debate? Construo então um recorte que se apropria de debates teóricos do campo das Ciências Sociais e da Teoria dos Direitos dos Animais para construir questões de pesquisa. Em um segundo momento, utilizo

ferramentas metodológicas de pesquisa de análise que pretendem construir um diálogo com a empiria em um breve exercício. Me proponho a buscar um diálogo com ativistas do Estado do Rio de Janeiro, para realizar o encontro do meu levantamento teórico e outras observações com a posição de tais ativistas dos direitos animais, o mais horizontal que me for possível. Procurando um ponto na empiria, próximo a mim para indagar: Seria, o ativismo em Direitos Animais, mais especificamente, o do grupo de interlocutores do presente trabalho, uma extensão de princípios jurídicos ordenadores modernos a nova classe de seres? E em que termos os discursos são trabalhados nesse sentido? Apliquei @s ativistas um questionário de 4 perguntas relacionando direitos animais e ativismo. Além disso, perguntas tais como idade, escolaridade e gênero e hábitos alimentares. Por fim, ao discurso e práticas de ativismo relatadas pel@s entrevistad@s, estabeleci uma correlação com reflexões teóricas sobre o movimento dos direitos animais no campo da antropologia, e algumas outras *a priori* e *a posteriori*.

Palavras-chave: Direitos dos animais, Ativismo, Humanidade, Animalidade.

EL CABALLITO DE BOEDO Y EL CARTONERO SIN NOMBRE: UN ABORDAJE CRÍTICO DE LOS DERECHOS ANIMALES

María Carman. Instituto Gino Germani, Universidad de Buenos Aires/CONICET

El debate entre las fronteras entre lo animal y lo humano está a la orden del día en una serie de conflictos contemporáneos. En este trabajo me detendré en un objeto en apariencia menor: el caso de grupos en contra de la tracción a sangre en la ciudad de Buenos Aires, que pugnan por que *las bestias de seres humanos dejen de maltratar a los pobres animales*; y expresa la dicotomía de que *los caballos sienten* y, en cambio, *los cartoneros no tienen sentimientos, ni educación, ni nada*.

Mi anhelo consiste en utilizar parte del rico arsenal de herramientas provisto por la Antropología de la naturaleza para el estudio de un área en apariencia alejada o incompatible con esta disciplina: nuestras ciudades contemporáneas. En sintonía con trabajos previos, mi supuesto es que existe una afinidad entre ciertos argumentos ecologistas que defienden la atribución de derechos a los animales, y los argumentos de quienes niegan el universo cultural de los sectores más relegados de la sociedad.

Desde mi punto de vista, la visión humanizada de los animales corre el riesgo de corresponderse con una visión biologizante de los humanos que no estarían dotados de esos mismos atributos, allanando nuevas vías de estigmatización hacia los sectores relegados. Mi reparo no apunta tanto a la proclamación de estos nuevos derechos *per se*, sino a sus posibles derivaciones, usos o articulaciones respecto del abordaje dominante de conflictos que involucran a sectores populares.

Palabras clave: animalidad-humanidad-derechos animales-biocentrismo-tracción a sangre.

CARROCEIROS EM BELO HORIZONTE: DIFERENÇA CONTRA A

“INEXORABILIDADE” DA MODERNIZAÇÃO DESENVOLVIMENTISTA

Ricardo Alexandre Pereira de Oliveira. Universidade Federal de Minas Gerais

Neste trabalho analiso a relação dos carroceiros das vilas São Tomás e Aeroporto com os efeitos da intervenção do Estado para fins de urbanização de uma favela em Belo Horizonte. A partir da remoção dos moradores das áreas consideradas como “de risco” ambiental e geológico pelos técnicos da prefeitura, emergiu um conflito entre formas de viver e de se relacionar com a terra e com os animais, bem como entre noções objetivas e subjetivas sobre casa e habitação. Isso se nota de forma destacada entre os carroceiros: a partir da manutenção de formas de vida e de relação interpessoal e interespecífica consideradas como fadadas ao desaparecimento por representantes da empresa urbanizadora, busco analisar de que modo o Estado reagiu a estas formas de existir em diferentes contextos. Para fins da análise recortarei uma audiência pública realizada em 2014 em decorrência da crescente agitação popular ocorrida após sucessivos atrasos da obra, afetando especialmente o reassentamento, e também as entrevistas com técnicos e dirigentes da empresa, realizadas entre 2012 e 2013. Atualmente, há projetos em discussão em torno das questões ambientais e dos direitos dos animais que visam restringir a atividade carroceira na capital, havendo inclusive propostas de substituição dos cavalos por veículos motorizados. Investigo em que medida está sendo imposto um modo de vida urbano reificado e essencializado que desconsidera as relações das pessoas carroceiras com os animais, tratadas como anacrônicas, e que papel essa imposição tem na atual dinâmica de transformação das cidades em torno de supostos consensos.

Palabras-clave: Relações entre humanos e animais; urbanização de favelas; carroceiros; modernização desenvolvimentista; antropologia nas margens do estado.

NOMBRE, AMISTAD Y ROSTRO: DIMENSIONES DE LA RELACIÓN INTERSUBJETIVA HUMANO – PERRO EN UN ÁREA CON LEISHMANIASIS VISCERAL EMERGENTE (DEPTO. IGUAZÚ, MISIONES. ARGENTINA)

Andrea Mastrangelo (Centro de Estudios en Antropología Social, IDAES-UNSAM/CONICET)

El debate del giro ontológico del antropocentrismo al ecocentrismo (Leopold 1948; Naess 1973) y al biocentrismo (Singer 1999) se centra en la liberación de la naturaleza (o de los seres vivos) de su estado de cosa, de su uso instrumental y del sufrimiento que le infringen los humanos. Con las reformas constitucionales de Ecuador y Bolivia a principios de la década del 2000, este debate es resignificado en América Latina, enunciando que postulados ecocéntricos forman parte de la cosmovisión de pueblos originarios americanos, considerando a la naturaleza sujeto de derecho. En el área de estudio parte de este debate es movilizado por los activistas de los derechos de los animales (Protectora Amor Animal, Protectora de animales de Wanda).

En base a trabajo de campo etnográfico realizado entre 2014 y 2015, en un área del NE argentino con Leishmaniasis Visceral emergente (Depto. Iguazú), este artículo postula que las relaciones humanos-no humanos, no son ajenas al especismo y están

determinadas por la distancia social (Rival 2000) en la que los colectivos humanos sitúan a las diferentes clasificaciones de no humanos en el espacio social en general y en el doméstico en particular. Es decir que, aun en los casos en que el dueño o cuidador del animal lo reconoce como sujeto de derecho, distingue jerarquías específicas y formas de trato diferenciadas hacia el perro y otras especies del ámbito doméstico (p.e. roedores, cucarachas).

El trabajo de campo consistió en entrevistas y observación participante de las actividades que los perros comparten/no comparten con los humanos. En base a esas prácticas se establecieron tipos sociales de perro frecuentes en el área de estudio. Con la técnica del discurso del sujeto colectivo (Lefevre y Cavalcanti Lefevre 2007) se definieron las figuras retóricas prevalentes (mímesis, bestia-animot, cosificación) en el discurso de los dueños o humanos cuidadores, que dan cuenta de las dimensiones (rostro, moral, nombre, amistad, obediencia, cariño) involucradas en las distancias sociales interespecíficas en la vida social y el espacio doméstico.

Palabras claves: Animales - Derechos civiles - Salud pública - Zoonosis

LUDUS NATURAE - CORPORALIDADE E RE-SIGNIFICAÇÃO ECOLÓGICA: AVENTURA LÚDICA NO SURFE EM FLORIANÓPOLIS

Camila Santos de Sousa (Transes – Núcleo de Antropologia do Contemporâneo
PPGAS/ UFSC)

O objetivo central deste trabalho é abordar os modos com que o corpo humano é concebido, percebido e publicado em suas relações com o ambiente, por meio das práticas corporais de aventura em meios naturais, no caso específico, os praticantes do surfe. A conexões entre práticas, visão de mundo e demais aspectos da cultura são os questionamentos centrais do trabalho, analisando a percepção e o ponto de vista a partir da perspectiva ético-existencial, da oralidade e da performatividade. A ludicidade na construção social desta atividade contemporânea, os elementos da subjetividade e da estrutura de significados resumem esta possível tentativa de (re)aproximação com a natureza. Diante do pressuposto de que o desenvolvimento tecnológico e a estrutura da vida urbana criaram outros modos de relação entre a pessoa humana e o socioambiente, os praticantes de tais atividades utilizam como elemento discursivo da simbologia moderna formas de autocuidado e outros modos de integração com o meio ambiente. Utilizo a expressão *homo ludens* para pensar essa reorientação através da emoção e da crença no mundo natural, ações com a natureza e o socioambiente. A pesquisa etnográfica foi realizada no município de Florianópolis, Santa Catarina, mais especificamente sua região insular, devido a suas características naturais e à grande quantidade de indivíduos que se dedicam à prática do surfe.

Palavras-chave: Corpo; Sujeito; Natureza; Lúdico; Surfe

Etnografías ambientales en torno a la alimentación y la agricultura

-

EL CASO DE LA INGESTA DE SANGRE CRUDA DE VACA

Gloria Sammartino. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires

El objetivo de esta presentación consiste en analizar la práctica de la ingesta de sangre cruda bobina entre pobladores de origen campesino de la Quebrada de Humahuaca, región perteneciente al NOA argentino. La misma emerge como una temática que emerge en el marco de la investigación que llevamos adelante entre los años 2006 a 2013 centrada en el estudio etnográfico acerca de los significados alimentarios en la región por parte de campesinos que producen alimentos orientados al autoconsumo. El análisis de esta práctica nos permite reflexionar y discutir aspectos que inciden en la conformación del gusto y disgusto, de lo considerado puro o impuro, bueno o malo para comer, como de las concepciones acerca de la naturaleza, en relación al entramado sociocultural en el que se dan. Asimismo nos permite visibilizar algunas tensiones entre los patrones de poder relacionados a la dominación occidental y realizar un ejercicio de deconstrucción de los criterios establecido desde los centros de poder – saber, como clavijas que activan el proceso de construcción de la alteridad subalterna-identidad hegemónica en relación a esta temática. De este modo esperamos contribuir al análisis de los dispositivos de poder que hacen a la existencia de un modelo hegemónico que invisibiliza conocimientos y criterios acerca de la construcción de los gustos y prácticas alimentarias y de distintas concepciones acerca de la naturaleza.

Palabras claves: sangre – gusto – alteridad – identidad – prácticas alimentarias

A ECOLOGIA NO PRATO: UM ESTUDO SOBRE A ECOGATRONOMIA

Kamila Guimarães Schneider. Universidade Federal de Santa Catarina

Neste presente artigo tenho o objetivo de discutir sobre o conceito de ecogastronomia e como ela fundamenta tanto teoricamente quanto na prática o movimento social denominado Slow Food. Movimento este que nasce nos anos de 1985 com o objetivo de embate contra o fast food. Para atingir tal objetivo central é necessário em um primeiro momento analisarmos o estilo de vida dos participantes do movimento Slow Food. Mais especificamente, pretendo analisar o que Clifford Geertz designa de ‘ethos’ e visão de mundo. E em um segundo momento trazer o circuito que o movimento constrói. Por fim pretendo analisar como se estabelece as práticas e hábitos de consumo alimentar ecológico dos indivíduos deste movimento. Pretendo atingir os objetivos propostos por meio da metodologia etnográfica, com a utilização do método de observação participante em um Grupo Local do Slow Food na cidade de Florianópolis, capital do

estado de Santa Catarina, Brasil.

Palabras clave: Ecogastronomía, ethos, visión de mundo, circuito, Slow Food

PRODUCCIÓN DE PAISAJES DE AGUA. NUEVOS ESCENARIOS DEL RIEGO AGRÍCOLA EN URUGUAY

María Noel González. FHCE-Udelar

El agua configura sociedades en formas particulares de acuerdo a la forma en que es experimentada, haciendo posible la vida de tal manera que difumina los límites entre naturaleza e infraestructura (Hastrup, 2013). En su doble condición de objetivación moderna -puesta en juego en la dinámica mercantil del capitalismo contemporáneo, en los marcos políticos globales, domesticada a través del despliegue de tecnologías físicas de alta especialización y tecnologías sociales largamente abordadas por la Antropología- y de agente no-humano esencial para la vida y conector de mundos diversos, el agua y sus flujos, presenta potencialidades heurísticas que configuran un campo promisorio para abordar las actuales preocupaciones de la Antropología Ambiental.

En Uruguay particularmente, se encontramos un escenario novedoso en que el agua y su disponibilidad para uso agrario se ha tornado en tema central al amparo del discurso sobre el cambio y variabilidad climática. El riego como práctica de control del agua que aumenta la productividad es un claro ejemplo de las respuestas tecnológicas en avance, que disminuye la incertidumbre y mejora la rentabilidad de las empresas agrícolas. Este trabajo, enmarcado en una investigación que se inicia, propone definir el campo de conexiones relevantes para abordar la cuestión de la producción de paisajes del riego en Uruguay. Particularmente se enfatiza el campo de despliegue de nuevos discursos y prácticas dominantes que abonan la idea de la inevitabilidad de caminos específicos de organización del control del agua para la generación de renta agrícola.

Palabras clave: Antropología ambiental, Agua y Cultura, Riego

LA DIMENSIÓN AMBIENTAL EN LAS EXPERIENCIAS FORMATIVAS DE PEQUEÑOS AGRICULTORES DEL SUDOESTE MISIONERO (ARGENTINA)

María Laura Canciani. Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación –
Universidad de Buenos Aires

En este trabajo indagamos sobre las experiencias formativas de pequeños productores rurales vinculados a la agricultura familiar en una configuración territorial específica del espacio rural del sudoeste misionero (Argentina). El objetivo principal es profundizar en la dimensión ambiental que emerge de dichas experiencias a partir del análisis de tres casos de pequeños agricultores que, desde sus diferencias y similitudes, reflexionan sobre el territorio que habitan y las problemáticas ambientales de la región en relación

con las prácticas productivas que desarrollan en su vida cotidiana, en un contexto de creciente concentración de la propiedad de la tierra y avance de la explotación forestal de especies exóticas de rápido crecimiento.

Del análisis se infieren dos ejes centrales que queremos debatir. El primero refiere a la complejidad de la cuestión ambiental en tanto ámbito de lo social constituida por distintas dimensiones (social, política, ecológica distributiva, cultural, productiva, etc.), que asume características específicas en el espacio rural de nuestro país. El segundo pretende discutir ciertos supuestos que presentan al agricultor familiar como sujeto ambientalista *per se*, reforzando un ecologismo popular esencialista que no contribuye a visibilizar la construcción histórica y socialmente situada de las prácticas y los saberes vinculados al ambiente. En este sentido, nos interesa sostener que dicha construcción se encuentra en estrecha relación con las experiencias formativas de los sujetos, la historia ambiental del lugar en el cual éstos desarrollan sus prácticas y las disputas actuales por el territorio que habitan.

Para dicha reflexión nos apoyamos en el cruce de lecturas provenientes de la antropología, la pedagogía y la ecología política, a la luz de los avances de una investigación doctoral en el área de educación que, desde una perspectiva etnográfica, pretende estudiar los procesos formativos que se producen, circulan y transforman en el espacio rural del sudoeste misionero.

Palabras claves: educación, agricultura familiar, ambiente, ruralidad, Misiones

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E CONCEITO: O(S) “ECOLÓGICO(S)” NO COTIDIANO DE AGRICULTORES DA REGIÃO DE PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

Patrícia Postali Cruz. Universidade Federal de Santa Catarina

O trabalho refere-se à reflexão produzida a partir do trabalho de dissertação, tendo como pano de fundo a pesquisa de campo realizada entre agricultores da região de Pelotas, Rio Grande do Sul. O contexto no qual o trabalho foi gerado diz respeito a uma rede construída a partir de práticas e narrativas ligadas ao “universo” da agricultura familiar de “base ecológica”. A proposta deste trabalho reside na tentativa de tensionar o “ecológico” enquanto um conceito universal e homogêneo na rede. Para isso, irei me aproximar de argumentações teóricas da disciplina antropológica que buscam enfatizar, enquanto fenômeno primário, a relação entre atores, a fim de extrapolar a interpretação etnográfica formulada a partir de conceitos pré-concebidos, neste caso, o próprio “ecológico”. Procuro demonstrar, então, que as relações entre os atores se dão em escalas diversas, extravazando a cartilha da técnica e dos modelos de propriedades agrícolas. Interligam o cosmos com as escolhas econômicas (produtivas). Experienciam os ambientes através de uma percepção cotidiana, formulando relações heterogêneas com a(s) natureza(s). Nessa lógica, percebo o(s) ecológico(s) enquanto hábitos de percepção e/ou engajamentos, constituindo-se num processo cotidiano de educação da atenção, conforme proposto por Ingold (2010), a partir de relações das mais diversas

naturezas e escalas, sejam elas entre humanos/humanos, humanos/não humanos, técnicas/ambientes, entre outros.

Palavras-chave: Relação. Engajamento. Ecológico. Etnografia.

PERCEPÇÕES DE NATUREZA ENTRE AGRICULTORES ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA NO PAMPA GAÚCHO

Régis da Cunha Belem. PGDR/Unversidade Federal do Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul – estado mais meridional do Brasil –, o processo de reforma agrária foi constituído a partir da migração de agricultores sem-terra (público demandante da política), originários de região cuja formação social é marcada pela agricultura familiar, para áreas historicamente ocupadas por latifúndios, no Pampa, adquiridas pelo Estado. Passadas duas décadas do estabelecimento dos primeiros assentamentos de reforma agrária na região de Bagé – processo que hoje abrange em torno de duas mil famílias – e no bojo do debate público sobre os resultados da reforma agrária, tem-se indagado sobre os sucessos e fracassos da experiência, particularmente no que se refere à eficácia em termos de produção agropecuária. Animais, cultivos e práticas agrícolas que compunham o saber-fazer desses camponeses na metade norte do estado não puderam simplesmente reproduzir-se no novo ambiente encontrado nas áreas de assentamento, na metade sul do estado. A pesquisa realizada conduziu o foco para as percepções destes agricultores e agricultoras sobre o novo ambiente natural sobre o qual (re)estruturaram suas vidas, distinto daquele de sua origem. Para tanto, a pesquisa a campo, realizada junto a lideranças de agricultores assentados, procurou conhecer suas interpretações sobre sua relação com a natureza a partir do estabelecimento de novas formas de produzir e viver.

Palavras-chave: relações natureza-cultura, reforma agrária, campesinato

CONTROVÉRSIAS DURANTE A CRISE HÍDRICA NA CIDADE DE SÃO PAULO (2014-2015)

Andre Sicchieri Bailão. Universidade de São Paulo (PPGAS/USP)

A cidade de São Paulo foi palco, durante os anos de 2014 e 2015, daquilo que veio a ser chamado de “crise hídrica” - decorrente de uma diminuição das chuvas e de outros fatores sociotécnicos em relação à infraestrutura de abastecimento de águas e à mudança ambiental e climática. Durante a crise, diferentes grupos se mobilizaram para construir narrativas técnico-científicas sobre as causas da crise, mobilizando diferentes fatores e agentes naturais e sociais. Narrativas sobre crises e catástrofes ambientais normalmente expõem diferentes misturas e purificações das categorias ocidentais tradicionais de natureza e sociedade. As narrativas de mudanças climáticas são um dos principais exemplos contemporâneos – e com as quais algumas das narrativas sobre a crise hídrica

estão diretamente relacionadas.

Nesse sentido, este trabalho visa identificar e descrever os diferentes alistamentos de causas e fatores humanos e não-humanos nas narrativas sobre a crise hídrica em São Paulo, segundo cientistas, engenheiros e ambientalistas. Será escrito a partir de pesquisa realizada entre 2012 e 2014 entre cientistas de mudanças climáticas durante meu projeto de mestrado em antropologia, assim como uma etnografia feita entre grupos envolvidos com a crise hídrica entre 2014 e 2015. O objetivo é descrever como as diferentes redes de cientistas e ativistas ambientais produzem essas narrativas; as diferentes traduções e conflitos que porventura surjam entre elas; e quais naturezas e sociedades são imaginadas e construídas por elas - com enfoque na antropologia da ciência, ambiente e modernidade de Bruno Latour, Marilyn Strathern, Tim Ingold, entre outros.

Palavras-chave: *antropologia da ciência; antropologia da modernidade; natureza e sociedade; crise hídrica; crise ambiental.*

Significados del ambiente y conflictos en torno a la conservación

REDES DE COLABORACIÓN Y REORGANIZACIÓN DEL TERRITORIO EN LA ZONA SUJETA A CONSERVACIÓN ECOLÓGICA DE CIÉNEGA DEL FUERTE, MÉXICO

Carlos Alberto Casas Mendoza. Instituto de Antropología, Universidad Veracruzana

El 26 de noviembre de 1999 fue promulgado el decreto estatal que reconocía a la Ciénega del Fuerte (en México), como una *Zona sujeta a conservación ecológica*. Esta región de humedales costeros, ubicada en el norte del estado de Veracruz, pasaba así a tener un estatuto legal de salvaguarda territorial que le permitía –en principio–, poseer elementos operantes para defender, conservar y restablecer un nicho ecológico, por demás dañado. El boom turístico provocado por el desarrollo hotelero, que desde la década de 1950 transformó el paisaje, así como el movimiento migratorio de pobladores, que vino acompañado por este crecimiento, alteraron fuertemente los patrones de manglares y selvas inundables que conforman dicho ecosistema. Sin embargo, el cambio jurídico por sí mismo no sería suficiente. La presente ponencia analiza las encrucijadas a la que han estado expuestos los grupos de ecoturismo que se han desarrollado en dicho espacio y los cambios en las percepciones que sobre el territorio se han generado entre ellos. Tensiones y conflictos de distinto orden se extrapolan en la historia regional de los grupos que han participado de este proceso. No obstante, estas tensiones no son ajenas a procesos de magnitud global, que no solo alimentan los cambios en la percepción local, sino que además colocan preguntas interesantes sobre: “lo natural”, “la naturaleza” y las formas de agencia y organización colaborativa. La ponencia se decanta sobre el análisis etnográfico de estos procesos y sus implicaciones para los procesos de conservación ecológica.

Palabras claves: Ecología, redes colaborativas, globalización y agencia.

NATURALEZAS POLIÉDRICAS: DISCURSOS, PRÁCTICAS Y PERCEPCIONES EN TORNO A LA CONFLICTIVIDAD SOCIAL DE LAS ÁREAS NATURALES PROTEGIDAS

José A. Cortés-Vázquez. Universidad de Manchester

En las últimas décadas, los conflictos relacionados con la introducción de políticas de conservación y la creación de áreas naturales protegidas ha sido un campo clave para el estudio de la noción de naturaleza en antropología social. Destaca sobre todo el análisis de cómo las lecturas ambientales que activan las políticas de protección ambiental en espacios protegidos, basadas habitualmente en visiones dicotómicas de la naturaleza, son contestadas, negociadas y/o resistidas por las poblaciones locales. El conflicto entre diferentes agentes supone la activación de discursos que legitiman una forma u otra de explotar los recursos y en los que nociones alternativas de la naturaleza juegan un papel central. Sin embargo, estos juegos de contestación, negociación y resistencia se desarrollan también a niveles no-discursivos, particularmente a nivel de percepción –en el que determinada forma de mirar y posicionarse respecto al medio se correlaciona con determinada forma de entender la naturaleza- y a nivel de práctica –en el que el sentido dado a unas actividades u otras conecta también con cierta forma de entender lo natural. En esta comunicación utilizo el estudio etnográfico de distintos conflictos en un área protegida en el sur de España (Parque Natural Cabo de Gata-Níjar) para reflexionar sobre las interconexiones existentes entre estas dimensiones discursivas, perceptivas y prácticas de la naturaleza. Con ello lo que pretendo es poner de relevancia que la naturaleza, como objeto de estudio etnográfico, posee un carácter “poliédrico” que debe estudiarse desde una perspectiva compleja.

Palabras clave: naturaleza, conservación, áreas protegidas, complejidad

LA CRECIENTES DEMANDAS AMBIENTALISTAS RELACIONADAS CON LA CONSERVACIÓN DE LA BIODIVERSIDAD EN COMUNIDADES MAPUCHES

Ludmila Quiroga. Facultad de filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires

En el presente artículo nos proponemos reflexionar acerca de la crecientes demandas ambientalistas relacionadas con la conservación de la biodiversidad en las agendas políticas. Al tiempo que intentaremos problematizar de qué manera se articulan los derechos ambientales con el imperioso reconocimiento de los pueblos originarios como sujetos de derecho. Este complejo entramado político nos permite analizar en qué medida las políticas ambientalistas disputan o refuerzan los derechos de las comunidades, abordando las tensiones y contradicciones que se producen en esta arena política - económica. Al tiempo que se crean y recrean relaciones de poder y se

reproducen estructuras de desigualdad sociales.

Asimismo intentaremos abordar la producción y reproducción de estereotipos y el manejo de esencialismos simbólicos, como parte de la diversidad de posicionamientos políticos en este proceso de disputa por el acceso y gestión de los recursos y los territorios. Los cuales se encuentran condicionados por una variedad de imposiciones estatales, que se asocian con la visibilización de las comunidades y su reconocimiento identitario. De esta forma, se podría estar condicionando y limitando el reconocimiento de las demandas y los derechos de estos pueblos.

Específicamente analizaremos procesos de disputas en comunidades Mapuches que vienen llevando adelante una históricamente lucha por sus derechos territoriales. Abordando problemáticas como la autonomía y el consentimiento, libre, previo e informado en sus territorios.

Palabras claves: Ecología Política - Derechos Ambientales - Derechos indígenas - Producción de territorialidades y Etnicidad.

TERRITORIO, CONSERVACIÓN Y DERECHOS: EL PROGRAMA DE CO-MANEJO DEL PARQUE NACIONAL LANÍN EN NEUQUÉN

Nadia Ameghino. Universidad Nacional de San Martín

El presente trabajo reflexiona sobre el programa de co-manejo en el Parque Nacional Lanín (PNL) en Neuquén, entendido como un campo de disputa por (la administración de) un territorio. Evidencia la relación complementaria y contradictoria entre derechos, ambiente y desigualdad, permitiendo vislumbrar dos cosmovisiones y concepciones diferentes de naturaleza, territorio y biodiversidad: la occidental racional y la ancestral y tradicional mapuche. El programa involucra repartición de responsabilidades y competencias entre las autoridades del parque y del pueblo mapuche teniendo en cuenta las pautas de uso, acceso, control y manejo del territorio y sus recursos, que surgen del saber ancestral de las comunidades mapuche. Las decisiones sobre conservación y manejo de los recursos naturales dejan de ser monopolio de parques nacionales.

El PNL como institución estatal tiene un rol central en la construcción del Estado-nación argentino, en relación al control y la soberanía de los territorios de frontera. Por esto, compartir la jurisdicción territorial con el pueblo mapuche a través del co-manejo, impacta en el centro de la autoridad política del Estado-nación. El paradigma conservacionista durante la creación del PNL privilegiaba la protección de las áreas naturales mediante su aislamiento e intangibilidad, con políticas de sometimiento, discriminación y desalojo de pobladores indígenas.

El caso del co-manejo evidencia diferentes concepciones de la relación naturaleza-cultura (y las tensiones y desafíos que conlleva) en un contexto rural, específicamente un parque nacional. Es un modelo innovador de gestión de la diversidad, una herramienta posible hacia la construcción de una interculturalidad y un manejo autónomo del territorio.

Palabras clave: pueblo mapuche – naturaleza – co-manejo – Parque Nacional Lanín.

MÃES D'ÁGUA, CAIPORA E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA ÁREA INDÍGENA TREMEMBÉ DE ALMOFALA

Juliana Monteiro Gondim. Universidade de São Paulo

Versarei aqui sobre os conflitos espaciais envolvendo os índios Tremembé de Almofala, os *encantados* e empreendimentos de diversas ordens que têm gerado profundos impactos ambientais na Área Indígena. Os *encantados* são seres que permeiam o universo cosmológico de grupos indígenas e comunidades tradicionais em várias regiões do Brasil e em algumas outras partes do mundo. A descrição desses seres entre os Tremembé é bastante difusa, ora são descritos como pessoas que, mesmo não tendo atravessado a experiência da morte, foram encantadas, deixando de ser vista pela maior parte de nós; ora são ancestrais que morreram, mas continuam por perto, a proteger seus parentes e seus lugares; outras vezes são fadas, príncipes e princesas que habitam castelos, também *encantados*, erguidos nas paisagens de Almofala, mas vistos apenas por algumas pessoas que teriam "merecimento" para vê-los; ora são seres como o Caipora e as Mães d'Água... Enfim, mesmo diante de tanta diversidade, algo em comum em todas as narrativas é que estes seres habitam as paisagens classificadas por nós como "naturais": águas, dunas e matas da região. Assim sendo, os impactos ambientais gerados pelos empreendimentos que atingem a Área - tais como parques de energia eólica, a monocultura do coco, criação de peixe e camarão em viveiros etc. - envolvem não só os índios que sobrevivem daquele território, mas também os *encantados*. Pretendo aqui desvendar como os *encantados* atuam nas disputas por tais áreas, para, a partir desses dados, lançar algumas reflexões sobre as noções de natureza e sobrenatureza para os Tremembé.

Palavras chaves: Tremembé de Almofala, encantados, natureza, sobrenatureza.

NAVEGANDO EL DELTA INFERIOR DEL RÍO PARANÁ: ETNOGRAFÍA E INTERDISCIPLINARIEDAD EN UN TERRITORIO EN DISPUTA

Gimena Paula Camarero. Facultad de filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires.
Patricio Hernán Straccia; Andrea Tatiana Pino Rodríguez; Esteban Maestripieri; Julián Ignacio Monkes. Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires.

En esta ponencia presentaremos avances en la investigación sobre los modos en que las interpelaciones ambientalistas de resguardo de los ecosistemas de humedales se articulan con la trama socio-cultural, económica y política de la Zona Núcleo Forestal ubicada en el Delta Inferior del río Paraná (partidos de Campana y San Fernando, provincia de Buenos Aires). Desde el año 2012 trabajamos en un equipo

interdisciplinario compuesto por antropólogas, licenciados/as en ciencias ambientales, ingenieros/as agrónomos, ingenieros/as forestales y geógrafos/as de la Universidad de Buenos Aires. El objetivo del equipo es analizar los discursos, prácticas y saberes sobre las relaciones sociedad/naturaleza que recrean los distintos actores en el proceso de disputa por la definición del territorio de este sector del Delta Inferior del río Paraná. Para ello implementamos el método etnográfico con enfoque multiactoral y multiespacial, buscando captar las percepciones de todos los actores intervinientes. En este proceso hemos encontrado actores políticamente marginados y conflictos latentes que buscamos visibilizar a través de nuestros trabajos de investigación. Presentaremos algunas de estas líneas de trabajo y buscaremos reflexionar sobre la particularidad de nuestro proceso de investigación, que no emplea sólo el método etnográfico sino que también integra enfoques provenientes de la agronomía, la ecología y la geografía. Plantearemos que la interdisciplinariedad implica una dinámica de investigación particular, con una construcción colectiva del conocimiento orientada –y enriquecida– teórica y metodológicamente desde diversos ángulos, y un peculiar acceso al campo donde diferentes miembros del equipo comparten lenguajes comunes con actores locales.

Palabras clave: etnografía de conflictos ambientales, ecología política, humedales, interdisciplinariedad, reflexividad

SIGNIFICACIÓN ECOLÓGICA DE LAS SUBSTANCIAS PSICOACTIVAS: CAZA-RECOLECCIÓN, SHAMANISMO Y PERCEPCIÓN DEL MEDIOAMBIENTE

Fernando M. Lynch. Sección de Etnología, ICA, F.F. y L. Universidad de Buenos Aires

Se propone una lectura antropológica de las sustancias psicoactivas en términos de la fundamental interrelación de la naturaleza y la cultura que las atraviesa. Se toma como punto de partida el dato etnobotánico concerniente la alta proporción de plantas psicoactivas en el Nuevo Mundo en relación con el Viejo –unas 120 frente a 20-. Se ha argumentado que este dato, incomprensible de acuerdo a sus respectivas condiciones ecológicas, se debería a la mayor difusión por un amplio lapso histórico en nuestro continente de una gran cantidad y diversidad de culturas cazadoras recolectoras. Mientras en América los saberes shamánicos de estas agrupaciones han sido precisamente los responsables del descubrimiento de las propiedades psicoactivas de muchas plantas, se ha sostenido que, debido a la presión territorial sufrida por parte tanto de poblaciones pastoriles y agricultoras como sobre todo por civilizaciones urbanas, estas prácticas y sus correspondientes saberes no habrían podido desplegarse de un modo similar en el Viejo Mundo. Ilustrando la singularidad de la percepción ecológica cazadora-recolectora americana a través del caso etnográfico chaqueño wichí –cuyas prácticas shamánicas recurren a la ingesta ritual del cebil, planta con determinadas propiedades psicoactivas-, se pone de relieve la contraposición ontológica entre la percepción naturalista de la psicoactividad –la concepción alucinogénica de las drogas- y la percepción animista shamánica de despliegue del alma del cuerpo y viaje al “otro mundo” –concepción visionaria de la experiencia psicoactiva-. Se discuten en

última instancia las implicancias ecológico-políticas de ambos modos alternativos de percepción del medioambiente.

Palabras clave: ecología, substancias psicoactivas, caza-recolección, shamanismo, percepción

MIRAÇÕES NO SANTO DAIME E O AGENCIAMENTO VEGETAL

Maicon do Couto Fecher. Escola Nacional de Botânica Tropical

Este trabalho pretende dialogar com autores e atores sociais sobre o evento da Miração nos rituais religiosos do Santo Daime, durante a ingestão do chá, sacramento dessa religião, que se trata de uma bebida produzida a partir de duas plantas amazônicas, *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*. Entender o que ocorre ou que experiência os atores sociais atualizam mediante o consumo, são pontos necessários para ampliar o conhecimento sobre os eventos imagéticos e de “expansão de consciência”, que são conhecidas como Miração. Através de trabalhos etnográficos realizados por observação participante em rituais do Santo Daime em 2014/2015 na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais - Brasil, busco relatar e fazer conexões teórico-conceituais a partir da noção desenvolvida por Lévi-Strauss em sua obra *Cru e Cozido* sobre a semiótica dos sistemas de significação e transformações de figura-fundo, além do conceito de inconsciente maquínico de Félix Guattari, buscando aproximações destes conceitos com categorias nativas de expansão de consciência e acesso a outras consciências supra-humanas.

Ao pensar nas categorias nativas de que “a planta ensina”, busco trabalhar uma semiótica humano-vegetal e discutir os agenciamentos da planta, a fim de tornar mais clara a noção de planta professora, e não somente planta psicotrópica.

Palavras chave: Daime, Miração, Expansão de Consciência, Agenciamento

GT3. ANTROPOLOGÍA, COMPROMISO MILITANTE Y PARTICIPACIÓN POLÍTICA "EL ACTIVISMO DE LAS VICTIMAS"

Coordinadores:

Dra. Virginia Vecchioli. Institución: Museu Nacional. UFRJ IDAES – Universidad Nacional de San Martín • n. Argentina. vvecchioli@gmail.com.

Dr. Gabriel, Gatti. Institución: Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva Prof. Titular, Departamento de Sociología • a II Universidad del País • s Vasco.

g.gatti@ehu.eus

Me. Eduardo Martinelli Leal. Institución: Doutorando em Antropologia Social
Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Brasil.

martinelli_leal@yahoo.com.br

Sangre, sufrimiento y sentimientos en el activismo de los familiares de las víctimas

IDENTIDADES EM MOVIMENTO

Aline Gama (PNPD/CAPES-PPGCISH/UERN)

agamarj@gmail.com

Em minha etnografia com familiares de vítimas do Rio de Janeiro e movimentos sociais contra violência pude observar como alguns deles transformam suas identidades individuais em identidades coletivas. A partir da violência original, como conceituada por Veena Das, em situação limite, elaboram uma identidade para o coletivo como representantes do familiar que se foi e, também, de determinado grupo ou causa. Nesse processo acionam sua condição de familiar como uma autoridade moral que contraditoriamente transita tanto entre o sofrimento individual para causas coletivas, como entre as causas que se tornam coletivas que reacendem a memória de seus sofrimentos individuais. Isto é, não é só o sofrimento individual que converte-se em uma luta coletiva contra a violência, como analisou Luc Boltanski, mas também suas identidades de familiares de vítimas que se reconstroem em prol da causa e os transformam em pessoas-símbolos contra violência são acionados publicamente no momento de novas violências. Esse trabalho analisa os trânsitos dessas identidades entre o individual e o coletivo nos movimentos contra violência a partir de dados do campo, de entrevistas e da construção de perfis de rede social online.

Palavras-chave: Familiares de Vítimas, Violência Urbana, Rio de Janeiro, Movimentos Sociais.

**A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS FAMILIARES DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA
DA TRAGÉDIA DA BOATE KISS E A DISPUTA ENTORNO DA VÍTIMA
LEGÍTIMA**

Ana Paula Arosi (PPGAS/UFRGS)

ana.arosi@gmail.com

Abordo a militância política de dois dos movimentos de familiares de vítimas que foram organizados no entorno da tragédia de Santa Maria (incêndio ocorrido em boate localizada nesta cidade brasileira, no interior do estado do Rio Grande do Sul-Brasil). Um dos movimentos focalizado é o Santa Maria do Luto à Luta, é ele o responsável por organizar vigílias em frente à boate nas noites de 27 de janeiro. Esse movimento também mantém um diálogo tenso com o Ministério Público Estadual, no que tange às denúncias que tal instituição oferece ou deixa de oferecer ao judiciário quanto aos culpados pela tragédia. O segundo movimento enfocado é a Associação de Familiares e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, que inicia com um enfoque de atuar com advogados junto ao processo jurídico que corre no judiciário santamariense que tem como réus dois integrantes da banda que tocavam na noite da tragédia na boate e os dois sócios da mesma boate. A associação tem diversas linhas de atuação, entre elas, a assistência social, a reivindicação de políticas de saúde para familiares e sobreviventes e também é responsável pelas homenagens mensais. A discussão a ser feita refere-se a atuação política destes dois movimentos em suas principais bandeiras de luta e sua trajetória de simbiose, pois hoje os dois movimentos atuam em conjunto. Também analisarei algumas situações etnográficas nas quais me deparei com uma hierarquização de vítimas e familiares, no qual há a vítima e o familiar com a fala mais legítima.

Palavras-Chave: Vítimas, militância, justiça, homenagens.

MOVIMIENTOS MATERNALISTAS EN ARGENTINA: EL CASO DE LAS MADRES EN LUCHA CONTRA EL PACO

Mariela Giacomponello (UBA)

giacomponello.mariela@gmail.com

Colectivos de madres de distintos barrios de Argentina -en particular, de las zonas más vulnerables de los grandes conglomerados urbanos- se movilizan hace años para reclamarle al Estado por la vulneración de Derechos de sus hijos: muerte por sobredosis de paco, por ajuste de cuentas entre bandas de narcotraficantes, por violencia policial, por falta de asistencia socio-sanitaria, entre otros. Si bien el alcance de sus demandas ha logrado algunas prerrogativas por parte del Estado, la mirada generalizada -que cristaliza en los medios de comunicación- no suele caracterizarlas como un movimiento político, sino más bien desde la victimización y el dolor. Esta ponencia responde a un análisis exploratorio en el que se busca describir y analizar a las mujeres-madres que reclaman al Estado por los derechos vulnerados de sus hijos usuarios de sustancias como un movimiento maternalista. Para ello, se analizarán los relatos de las referentes de distintos colectivos de madres que genéricamente se conoce como *Madres en Lucha*

contra el Paco y se complementarán con el análisis documental de fuentes primarias (artículos académicos y medios gráficos). De esta forma, se busca dar cuenta del proceso de conformación y conversión de las madres víctimas a activistas por medio de la reconstrucción de sus repertorios de acción comprendidos como una política del sufrimiento: los sentidos y valoraciones subjetivas que hacen a su identidad colectiva, sus formas de agenciamiento y negociación con el Estado y las formas de tramitar el dolor materno por medio de la acción colectiva.

Palabras clave: Movimiento maternalista - Madres en lucha contra el paco - Usuarios de sustancias - Políticas del sufrimiento - Estado

SENTIMIENTO DE INJUSTICIA Y COMPROMISO MILITANTE. EL CASO DE LA ASOCIACIÓN MADRES DEL DOLOR

Rosana Santamaría (UBA)

roxana.santamaria1@gmail.com

En la Argentina, en los dos últimos decenios, los casos de muertes a causa de la violencia policial y por deficiencias del control público de la seguridad urbana cobraron mayor visibilidad en comparación con épocas precedentes. Esa situación generó el surgimiento en la escena pública de múltiples asociaciones de familiares de víctimas de hechos violentos las que, a través de diversas prácticas de acción colectiva, exigen la aplicación de castigo a quienes consideran, por acción u omisión, culpables y denuncian la desigualdad ante la ley y las irregularidades y/o morosidad en el proceso judicial. Al convertir su búsqueda individual de justicia en un reclamo colectivamente organizado comienza un proceso en el cual un grupo de mujeres sin mayores preocupaciones por las cuestiones públicas asumen un compromiso militante. Abordaremos el proceso de construcción social del sentimiento de injusticia y del compromiso militante desde un enfoque etnográfico y realizaremos nuestra propuesta tomando como unidad de observación la Asociación Madres del Dolor. Al respecto nos preguntamos ¿cómo estas personas transformaron su búsqueda individual de justicia en un reclamo colectivamente organizado?, ¿qué recursos simbólicos y materiales debieron movilizar para realizar dicha transformación? y ¿qué significados y sentidos de justicia suponen sus demandas?

Palabras Claves: Asociación Madres del Dolor- acción colectiva- compromiso militante- justicia- sentimiento de injusticia.

LA MUTUA VULNERABILIDAD: COMUNIDADES DE DOLOR Y ACTIVISMO DE VÍCTIMAS EN EL NORESTE DE MÉXICO

Ignacio Irazuzta (Tecnológico de Monterrey, México) ignacio.irazuzta@itesm.mx

La desdicha es social y políticamente potente cuando el motivo del trauma personal es un quiebre del pacto fundamental de las sociedades modernas: el de las instituciones que aseguran la existencia del individuo en ellas. La ponencia que propongo describe y analiza el activismo de una asociación de familiares de víctimas de la violencia en México –el Grupo AMORES (Asociación de Mujeres por los Ejecutados, Secuestrados y Desaparecidos de Nuevo León). Adscrita a una organización no gubernamental para la defensa de los derechos humanos –CADHAC, ciudadanos en Defensa de los Derechos Humanos–, la experiencia de AMORES permite dar cuenta de varios aspectos del activismo de las víctimas: en primer lugar, del que activa sujetos que, gestionando su dolor personal, crean comunidad en torno a ello, formulan una crítica social fundamental y restituyen instituciones de procuración de justicia; en segunda instancia, el activismo de expertos “que viven de y para” el activismo de las víctimas y sostienen su acción en la moral humanitaria y el saber en derechos humanos. Ambos aspectos son situados en la ponencia en la actividad de procurar la aparición de desaparecidos según un protocolo de búsqueda que CADHAC y AMORES han logrado certificar en Naciones Unidas como “buena práctica”. Hacia el final del trabajo, propongo ensayar algunas hipótesis acerca de la pedagogía social de la vulnerabilidad en situaciones de violencia extrema como las que enmarcan la experiencia que presento.

Palabras clave: víctimas, activismo, desapariciones, vulnerabilidad, México.

Las víctimas y sus expertos: la profesionalización del tratamiento del sufrimiento y la compasión

EL PERFIL DE LAS PERSONAS VÍCTIMAS DE CRIMEN EN EL INTERIOR DEL NORDESTE BRASILEÑO A PARTIR DE UN ESTUDIO SOBRE EL TRABAJO DEL CEAV DE 2007 A 2012

José Dantas de Sousa Junior (PPGCS/UFRN). Brasil.

Este artículo es el resultado de un trabajo monográfico que tuvo como objetivo identificar el perfil de las personas que sufrieron algún tipo de crimen en la ciudad de Campina

Grande e alrededores y que consecuentemente buscaram el CEAV- Centro de Valorización de la Vida- de esta ciudad para recibir auxilio.

Esta agencia pública tiene como una de sus funciones divulgar los datos de la violencia, ya que tiene el objetivo de fornecer apoyo jurídico, psicológico y social a las víctimas de algún crimen, como también a sus familiares. Estos datos se nos fueron fornecidos a partir de los números de quejas de atendimento de la institución, también con entrevistas de sus técnicos. A partir de este estudio encontramos una cartografía de las víctimas con sus localizaciones y determinados géneros, edades, grado de instrucción, nivel financiero entre otros aspectos. Entre los números encontrados, de los cuales pretendemos llevar al conocimiento público y de las autoridades competentes, podemos decir que hubo una elevación en el número de violencia contra gente mayor e contra niños, siendo la mayor parte de estos actos llevados a cabo en sus casas y por familiares que sufren algún tipo de vicio. Al identificar este perfil también conseguimos hacer un análisis de la eficacia y ineficacia de las políticas públicas de seguridad y de restauración dirigida a estas víctimas y sus familiares. Entre los fallos encontrados en los trabajos de la institución, hemos citado, por ejemplo, problemas en la logística, una equipe de trabajo pequeña para una gran demanda de casos y un y un elevado número de reincidencia.

Palabras clave: crimen, víctimas, políticas, CEAV, restauración

LOS PROCESOS DE IDENTIFICACIÓN DE DETENIDOS DESAPARECIDOS, LA EVIDENCIA FORENSE Y LAS TRAMAS EN LA SUBJETIVIDAD EN TRES GENERACIONES DE FAMILIARES

Joel Patricio Espina Sandoval y Nicolás Morales Sáez (PRAIS - Hospital Barros Luco, Ministerio de Salud); espinajoel@gmail.com; nicolasmorales@gmail.com

Los procesos de búsqueda, exhumaciones, reconocimientos e identificaciones de los Detenidos Desaparecidos (DD) en Chile se han caracterizado por la dificultad de aprehensibilidad para la comunidad de familiares y para la sociedad chilena. Se releva en estos procesos una serie acontecimientos determinantes: la falsa información sobre el paradero de los cuerpos, “errores en los procesos de identificación”, exhumaciones clandestinas como mecanismo para ocultar el delito, exhumaciones sumarias producto de procesos judiciales, y reconocimientos sólo de restos óseos o vestigios culturales. Se asevera que el Detenido Desaparecido surge desde la verdad oficial parcial para luego desaparecer en la verdad del poder fáctico de la impunidad. A partir de una investigación sobre la subjetivación de los procesos de identificación de DD en una comunidad rural, se analiza cómo la evidencia surgida de las ciencias forenses en la posdictadura plantea dilemas sobre la certeza de la muerte, la verdad de lo acontecido y los alcances de la justicia. El material de análisis se obtiene de entrevistas a familiares

de DD de tres generaciones (cónyuges, hijos y nietos), y se despliega a partir de las categorías de análisis de los determinantes del reconocimiento en los familiares tales como: la mirada (desde el familiar), la voz (de la ciencia, del juez), lo onírico, lo sobrenatural, la fe y la certeza. Finalmente, se discute en torno a la posición subjetiva del familiar ante los dilemas del proceso de reconocimiento. El estudio forma parte del proyecto con financiamiento Conicyt-Fonis SA13i20075.

Palabras claves: Ciencias forenses - Procesos de identificación de Detenidos Desaparecidos - Subjetividad - Familiares de Detenidos Desaparecidos

A CENTRALIDADE DOS TESTEMUNHOS DAS VÍTIMAS NO EMPREENDIMENTO MORAL DO *BULLYING* COMO UM GÊNERO DE VIOLÊNCIA DIFUSA NO CONTEXTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Juliane Bazzo (PPGAS/UFRGS)

bazzojuliane@gmail.com

No âmbito de um cenário global de defesa dos chamados direitos humanos, a figura da vítima tem se revelado fundamental para problematizar o empreendimento moral do *bullying* no contexto urbano contemporâneo brasileiro, objeto de pesquisa de minha tese de doutorado em desenvolvimento. O estudo em questão contempla a etnografia de múltiplas experiências – especialmente nos contextos estatal, científico e educacional – que têm definido o *bullying* como um gênero de violência difusa. À luz da teoria interacionista do desvio de Howard Becker, a imersão etnográfica nesses espaços almeja compreender a atuação dos agentes morais, que constituem indivíduos, instituições, iniciativas e documentos, responsáveis hoje por delimitar regramentos em torno de posturas condenatórias classificadas como *bullying*. No interior de tais domínios morais, percebe-se que o *bullying* tem se propagado enquanto categoria fundamentalmente pela dispersão de testemunhos de vitimizados, relatos que, segundo Veena Das, constituem uma forma ímpar de se trabalhar a interface entre violência e subjetividade. O investimento etnográfico efetuado até o momento evidencia, dentre outras singularidades, que essas narrativas pessoais têm adquirido diferentes formatos, que podem ser classificados basicamente entre hegemônicos e contra-hegemônicos. Ademais, ao valorizarem não apenas a superação da violência pelos agredidos, especialmente pela via do sucesso pessoal, mas também a vendeta contra os agressores, esses testemunhos desvelam que as posições de vítima e de algoz em episódios de *bullying* podem se intercambiar e, desse modo, contribuir em microprocessos de autoescalada de violência, conforme postula Norbert Elias.

Palavras-chave: *Bullying*; Empreendimento moral; Etnografia multissituada; Direitos

humanos; Testemunhos de vítimas.

“MOVILIZACIÓN Y ACTIVISMO POR LA DEFENSA DE LOS PRESOS POLÍTICOS DURANTE LOS PRIMEROS SETENTA EN ARGENTINA: ACTORES, ESTRUCTURAS DE MOVILIZACIÓN Y REPERTORIO DE ACCIONES”

Mauricio Chama (UNLP) mauchama@yahoo.com.ar

Existe un consenso casi generalizado en afirmar que el movimiento de derechos humanos en Argentina se fue conformando como un actor colectivo con una identidad e intereses propios desde mediados de la década del '70, en oposición a la represión estatal ilegal del último tramo del gobierno de Isabel Martínez de Perón y los primeros años de la última dictadura militar. Los estudios socio históricos comprendieron su origen como una suerte de invención *sui generis*, sin conexión con las prácticas y discursos de los viejos actores sociales y políticos. Así, su emergencia fue entendida como decisiva en la gestación de una agenda de defensa de los derechos humanos y en la (re)definición misma de esa expresión, cuyo sentido quedaba asociado a la tradición democrática-liberal. Sin embargo, poco o nada se ha indagado sobre sus antecedentes históricos inmediatos. Este desconocimiento historiográfico impide ponderar los elementos de continuidad y también de (evidente) ruptura que ese fenómeno colectivo mantuvo con experiencias anteriores. En este sentido, esta ponencia apunta a historizar la experiencia de movilización y activismo en pro de los derechos humanos gestada en el período previo, es decir, durante el primer lustro de la década del setenta. En ese tramo histórico emerge un amplio abanico de núcleos y espacios asociativos que, más allá de sus diferencias, definieron como horizonte compartido la defensa y solidaridad con las presas/políticas y la denuncia pública de sus condiciones de detención. En este sentido, el trabajo se propone identificar el universo de actores movilizados por esa causa (la Asociación Gremial de Abogados, el Foro de Buenos Aires por la Vigencia de los Derechos Humanos, la Comisión de Familiares de Presos Políticos, Estudiantiles y Gremiales, la Comisión Nacional contra la Represión y la Tortura, la Liga Argentina por los Derechos del Hombre, entre otros); determinar la estructura de movilización y precisar el repertorio de sus acciones y discursos. Metodológicamente la ponencia se sostiene en el análisis y triangulación de fuentes escritas (publicaciones partidarias, documentos producidos por los actores, diarios, etc.) y orales (entrevistas a protagonistas).

Palabras claves: movilización, activismo, defensa de presos políticos, estructura de movilización, repertorio de acciones.

DE UN ACTIVISMO PARA, A UN ACTIVISMO DE... VÍCTIMAS DE VIOLENCIA DE GÉNERO EN ESPAÑA (O DE LA IMPROBABILIDAD DE UN SUJETO COLECTIVO)

En España, las víctimas de violencia de género han venido ganando centralidad en la escena pública. En la década de los 80, una serie de organizaciones feministas comenzaron, además de a denunciar y visibilizar las diferentes formas de violencia, a proporcionar servicios —principalmente jurídicos y psicológicos— para las víctimas. Este proceso de profesionalización del *activismo para* las víctimas se consolidó en la décadas siguientes especialmente tras la ley integral contra la violencia de género de 2004 en paralelo a un movimiento mundial de atención al sufrimiento y al dolor y que recobra una gran intensidad en España.

Muy recientemente, en los últimos 3 o 4 años, junto a este activismo, mujeres que han sufrido violencia de género están conformando organizaciones y colectivos propios. Esta comunicación aborda este paso de un *activismo para* a un *activismo de* víctimas de violencia de género para, además de analizar algunas de sus características, interrogarse sobre cómo este segundo es considerado improbable y es impensable tanto para muchas activistas feministas como para las teorías de los movimientos sociales. Las víctimas de violencia de género son un sujeto colectivo altamente improbable dada su consideración como pasivas, sumisas, carentes de agencia y, especialmente, vulnerables. El hecho de que a pesar de su improbabilidad e impensabilidad, este activismo de víctimas se esté constituyendo plantea retos teóricos fundamentales en torno al sujeto y a la acción colectiva y nos apela a pensar la vulnerabilidad no como clausura de agenciamientos y sujetos colectivos, sino precisamente como su condición de posibilidad.

Palabras clave: Activismo, víctimas de violencia de género, sujeto colectivo, España

Repertorios de acción colectiva y procesos sociales de reconocimiento de las víctimas como actores políticos

EL MOVIMIENTO DE MUJERES DE KURDISTÁN

Ö. Dilan Bozgan (UNSAM/IDAES)

dilan.bozgan@gmail.com

La “turquificación” fue la base de la formación del estado-nación turco desde el comienzo del siglo XX. Radicado en las políticas de asimilación, el conflicto actual entre el PKK (Partido de los Trabajadores de Kurdistan) y el estado turco surgió

posterior al último golpe militar ocurrido en 1980. En los 90, se declaró el estado de emergencia: el estado turco ordenó la evacuación de los pueblos kurdos por “razones de seguridad” y forzó la migración de sus habitantes quienes no se asumieron en el sistema paramilitar; ocurrieron asesinatos no resueltos de activistas de derechos humanos, políticos y empresarios kurdos; tres partidos políticos pro-kurdos fueron clausurados por la corte turca. Desde los 2000, aunque existe un proceso de negociación, se interrumpe ocasionalmente. Las mujeres kurdas participaron en el movimiento de liberación kurda en este contexto del conflicto étnico/político. En los 1980 participaron a la guerrilla kurda, en los 1990 su participación extendió hasta los partidos políticos y la sociedad civil (las organizaciones de las víctimas) y finalmente en los 2000 formaron su movimiento autónomo; el movimiento de mujeres de Kurdistán. Sus experiencias traumáticas que las acompañaron, por un lado, y la esfuerzo de su participación política por el otro; ellas transformaron su agencia colectiva mediante y dentro de la violencia. Con la intención de explorar los puntos de partida de las mujeres kurdas más allá de la categoría de mujeres víctimas del tercer mundo, intentaré narrar sus experiencias dentro del contexto del conflicto, a través de mi trabajo de campo realizado en Istanbul y Diyarbakir.

Palabras claves: Conflicto étnico/político, violencia, agencia colectiva, decolonización.

CUANDO SOMOS VÍCTIMAS. UN ESTUDIO SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE LA VÍCTIMA EN LA QUERELLA ARGENTINA CONTRA LOS CRÍMENES DEL FRANQUISMO

Agustina Zeitlin agustinazeitlin@gmail.com

Esta ponencia surge del trabajo de investigación realizado para la tesina de grado, a lo que he añadido algunos resultados del último trabajo de campo realizado en Argentina sobre las víctimas del franquismo y la Querella Argentina. La impunidad que supone la vigencia de la ley de amnistía que se instaura después de la dictadura franquista en España (1977) hizo que víctimas, familiares y organizaciones que se movilizan por esta causa, presentaran denuncias sobre los crímenes del franquismo fuera de los tribunales nacionales. Argentina, en este caso, no solo interviene a nivel judicial sino también se les presenta como ejemplo en materia de derechos humanos y justicia. La Querella Argentina con el transcurso del tiempo devino en un espacio social donde diferentes agentes se relacionan y trabajan creando redes tanto locales como internacionales, las cuales funcionan de forma clave en la constitución de la figura de la víctima que aquí aparece. Se analizará en esta ponencia los espacios y discursos que actúan como vehículo de institución de estas víctimas en el espacio transnacional, y expondré los procesos que he ido acompañando con respecto a la querella y a la actuación de los tribunales locales donde se lleva adelante la causa por crímenes de lesa humanidad y robo de bebés cometidos en España entre 1936 y 1977. Me centraré en la complejidad de lo que supone sentirse y reivindicarse como víctima para así poder observar cómo se

compone y qué conflictos presenta.

PROJETOS POLÍTICO-RELIGIOSOS DE CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DA PAZ EM UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA URBANA

Amanda Gomes Pereira

(PPCIS-UERJ/UFMA)

O objetivo deste artigo é narrar as relações político-religiosas empreendidas por um grupo de familiares de vítimas da violência como estratégias de elaboração do *luto*. Meu intuito é demonstrar como um coletivo de familiares de vítimas da violência urbana, na cidade do Rio de Janeiro, ao se inserir em uma rede espírita, criou o *Projeto Amor Além da Vida*, cujo objetivo é promover a adesão de familiares de vítimas aos discursos sobre paz e perdão. A missa de sétimo dia de falecimento do menino João Hélio representa um marco nas narrativas dessas famílias que vivenciaram diferentes tempos na busca por justiça a morte dos seus filhos e filhas. A partir das redes e núcleos espíritas, eles empreendem mediações entre *os planos espirituais e material*, que possibilitam o compartilhamento de *trabalhos e missões* entre pais e filhos nesses diferentes planos. O entrecruzamento dos projetos dos médiuns Rogério Leite e Marli Mansini – bem como de outros – com as trajetórias desses familiares de vítimas da violência urbana contribuiu para o surgimento de um *projeto social* voltado para a superação da dor e do sentimento de vingança através do exercício da caridade e da organização e divulgação das sessões de psicografia. A partir da vivência de diferentes tempos e processos, esses pais e mães modificaram suas ações políticas – antes atreladas a *linguagem da guerra* – para o desenvolvimento de projetos espíritas de promoção de *subjetividades pacificadas*. Ao narrar suas trajetórias e tempos, pretendo demonstrar como os percursos percorridos por esse coletivo se relacionam com projetos de *gestão da vida e da morte* na metrópole carioca

Palavras-chave: Cultura da Paz. Luto. Justiça. Dispositivos político-religiosos. Subjetividades pacificadas. Projetos espíritas.

ACOMPANHAR, UN REPERTORIO DE ACCIÓN COLECTIVA

Alicia Irene Rebolgar (UNSAM/IDAES)

Un grupo de madres de *víctimas* de hechos violentos ocurridos entre 2001 y 2003 se conocen en las calles, en las puertas de los tribunales, en encuentros religiosos y conmemorativos reclamando justicia por las muertes de sus hijos. Con el tiempo construyeron un espacio común y consolidaron fronteras con otras organizaciones de *familiares de víctimas* hasta constituirse el 10 de diciembre de 2004 como la Asociación Madres del Dolor. Esta agrupación actualmente ocupa un lugar relevante en el espacio público. ¿Cuáles son las razones de su exitosa permanencia? Para permanecer fue necesario un trabajo de sostenimiento del grupo y de aprendizaje de diversas competencias. Esta ardua labor llevada adelante por las Madres del Dolor redundó en la consideración como “expertas” tanto por otros *familiares de víctimas*, como por agentes del Estado. Dentro de las adquisiciones se destacan una rutina organizacional que permite dar asistencia integral a *familiares de víctimas*, la ocupación de las calles, el lenguaje del derecho, las formas rituales de la Justicia y, diversos repertorios de acción colectiva. Entre estos últimos me interesa mostrar en particular el proceso de adquisición de un saber: *acompañar*. El seguimiento de ese proceso permitió mostrar que las Madres del Dolor no solo *acompañan* personas dolientes desde la asistencia más elemental, sino que distribuyen el *acompañamiento* como un recurso que les es requerido desde otras personas dolientes, desde otras asociaciones de *familiares de víctimas*, y hasta por agentes del Estado. Una distribución que les ha permitido la creación de un particular espacio asociativo.

LAS « MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIAS EN TIEMPOS DE GUERRA » COMO SUJETAS DE DERECHO: CONVERGENCIA O CONTRADICCIÓN DEL GÉNERO Y DE LA JUSTICIA?

Carolina Vergel Tovar (Universidad Externado de
Colombia)carolina.vergel@uexternado.edu.co

A partir de una investigación doctoral inscrita en una perspectiva de análisis sociológico del derecho, sobre los usos militantes del derecho a propósito de la causa de las mujeres víctimas del conflicto armado en Colombia, el análisis propuesta busca identificar y proponer elementos de comprensión algunos de los procesos que intervienen y que pueden explicar las condiciones de apropiación de la categoría específica de “mujeres víctimas de violencias en tiempos de guerra”. La pregunta de entrada que nos inspira es: ¿cómo explicar que la noción de “mujer víctima” se haya convertido en un elemento central y simultáneamente estructural del activismo feminista colombiano? La tarea de responder dicho interrogante será desarrollada a partir de reflexiones diversas sobre el caso colombiano. Una primera inscribe la pregunta dentro de un fenómeno amplio que

puede resumirse en “el nuevo lugar de la víctima”. Asistimos a un “boom” de trabajos e investigaciones sobre “la o las víctimas”, que constituye una pista en sí misma de los cambios de esta noción y de las dinámicas relacionadas con ella. Hay otras asociaciones poco problematizadas a propósito de la noción de víctima que la vinculan con la dimensión jurídica, en especial la judicial, en un lazo que tiende a “naturalizar” dicha relación. Dos problemas parecen surgir de dicha naturalización. El primero, la reducción de la noción al marco y lógica jurídicos. El segundo, la presunción de la disposición de las víctimas a la traducción de su rol en términos jurídicos y judiciales. Por último, encontramos que la conciliación de la noción de “mujeres víctimas” con las reivindicaciones en nombre de otras víctimas y, en especial, de la causa de las mujeres en general, le plantea preguntas profundas a las lógicas de articulación de los discursos y de las estrategias feministas de emancipación a través y en nombre del derecho.

Palabras claves: mujeres, víctimas, justicia, Colombia

“UNA ACCIÓN CONTRA EL SILENCIO”. NUEVAS FORMAS DE DENUNCIA DE DELITOS DE LESA HUMANIDAD EN URUGUAY. UNA REFLEXIÓN A PARTIR DE OCTUBRE DE 2011

Jimena Alonso Y Mariana Risso (Universidad de la República)
jimena8581@gmail.com/ mrissof@gmail.com

Los treinta años que transcurrieron desde el fin de la dictadura cívico militar (1973-1985) en Uruguay, estuvieron marcados por la imposibilidad de juzgamiento a los crímenes cometidos durante el terrorismo de Estado. Ese horizonte se perpetúa hasta nuestros días, en diferentes niveles de impedimentos y confrontaciones de intensidad variable. En octubre de 2011, a instancias de un colectivo ciudadano de diversas pertenencias sociales, mayormente jóvenes, se presentaron en las comisarías de Montevideo 180 denuncias sobre casos de violación a los derechos humanos ocurridas durante el terrorismo de Estado. Convocados bajo dos consignas: “Yo me hago cargo” y “Denunciá por todos”, esas acciones desafiaron formas hegemónicas de construcción reivindicativa y producción de discursos sobre la memoria histórica.

Las formas organizativas y las consignas adoptadas por la convocatoria interpeló lo que llamamos cultura de la impunidad y sus lógicas naturalizadas; descentró los reclamos por los desaparecidos, dándole relevancia también a casos de homicidios políticos y torturas; amplió a personas interesadas en denunciar el accionar delictivo del Estado aunque no hayan sido víctimas directas. Esos factores fueron una novedad respecto a lo que han sido las formas de denuncia en Uruguay y generó un quiebre en relación a los discursos reivindicativos de las organizaciones de derechos humanos. Nos proponemos destacar la persistencia de ambivalencias entre discursos y acciones que se desarrollan bajo la consigna de Verdad, Justicia y Reparación, a partir de un análisis concreto de

caso. La apropiación de escenarios reivindicativos por parte de nuevos protagonistas permite la producción de nuevas formas, sensibilidades y sentidos contra hegemónicos.

Palabras clave: impunidad, justicia, memoria, generaciones, acciones colectivas.

IGREJA E AÇÃO COLETIVA: A (RE)CONSTITUIÇÃO DE PAPÉIS, PROBLEMÁTICAS SOCIAIS E GRUPOS VITIMIZADOS.

Hugo Freitas de Melo (UFMA). Jorge Luiz Feitoza Machado (PPGCSoc./UFMA)

Este trabalho elenca resultados preliminares de uma investigação ainda em andamento que aborda o processo de constituição de mediadores de causas sociais tidas como legítimas em defesa de grupos sociais vitimizados. Precisamente, o enfoque incide sobre a atuação de sacerdotes inscritos em diferentes instâncias de ação coletiva, sobretudo vinculadas à igreja católica (Conselho Indigenista Missionário, Comissão Pastoral da Terra e Comissão de Justiça e Paz), tendo como universo empírico o Maranhão, Estado situado na região Nordeste do Brasil. Objetiva-se analisar a composição do repertório de mobilização desses agentes, combinando aspectos sociográficos de suas carreiras militantes com elementos posicionais e disposicionais, como chave para o entendimento de construção de problemáticas sociais e de identificação de grupos vitimizados. Em sua dimensão teórico-metodológica, articula-se aportes da antropologia política, como a noção de mediação, com o conceito de estruturas de oportunidades políticas, a fim de compreender as dimensões formais e informais que condicionam a abertura de canais diversificados para a expressão de reivindicações de grupos sociais. A partir de dados empíricos obtidos em configurações específicas, o trabalho oferece um conjunto de interpretações que ajudam a compreender o processo de reestruturação do espaço religioso católico no Maranhão, que está na base de diversificação dos papéis assumidos por seus agentes eclesiais. Nesse sentido, a pesquisa sinaliza para o entendimento de que a formatação de uma agenda de causas sociais está muito mais atrelada às funções de (re)definição das próprias problemáticas e de seus grupos vitimizados (indígenas, trabalhadores sem-terra, etc.) por ação direta desses mesmos mediadores religiosos.

Palavras-chave: Igreja Católica. Sacerdotes. Mediação. Problemáticas sociais. Grupos vitimizados.

TÁTICAS DE GOVERNO DO DESAPARECIMENTO DE PESSOAS

Eduardo Martinelli Leal (PPGAS/UFRGS-IFSUL) martinelli_leal@yahoo.com.br

Este trabalho trata-se de uma abordagem etnográfica de movimentos de familiares e voluntários na busca de pessoas desaparecidas no Brasil. Entre as principais agendas do movimento está a demanda por uma política integrada de identificação, a criação de uma categoria jurídica acerca do desaparecido e um maior investimento na investigação dos casos. Argumento que essa mobilização coletiva pela busca de desaparecidos não é apenas um diagnóstico da ausência do Estado nessa área, nos termos do próprio movimento, mas é, sobretudo, outra forma de fazer esse Estado, através da eleição de novas prioridades, sensibilidades, autoridades. É na suposta crise do Estado que o governo do desaparecimento de pessoas ocorre, através de moralidades, agentes, saberes. Argumento que a mobilização não interpela apenas o Estado, mas a própria sociedade a se engajar na busca, que emerge como uma categoria produtiva para pensar o problema do desaparecimento de pessoas. O desaparecimento se confunde com a especulação sobre as possíveis causas do desaparecimento, uma vez que não seria possível enquadrá-lo através de nenhum fato jurídico, tampouco policial, até que as circunstâncias do desaparecimento tenham sido descobertas. O dilema da mobilização seria justamente configurar um problema social, mas também inscrever o desaparecimento como um problema jurídico, a partir de uma lógica que não esteja assentada na materialidade dos fatos. Este trabalho reflete acerca das condições históricas de emergência da mobilização, suas tensões, formas de legitimidade e hierarquias, bem como sua articulação na institucionalização de formas de governo ao desaparecimento de pessoas.

Palavras-chave: desaparecimento de pessoas, militância, moralidades.

DENUNCIA PÚBLICA Y OPERACIONES CRÍTICAS DE LOS ACTORES. EL CASO DE LA INUNDACIÓN DE LA CIUDAD DE LA PLATA EN EL AÑO 2013

Favio Adrian Josin (FTS-UNLP). fjosin@hotmail.com

En este trabajo me propongo describir como se desarrollo el activismo de los familiares de las víctimas de la inundación de la ciudad de la Plata en el año 2013. La inundación produjo pérdidas materiales por el valor de 500 millones de dólares; afecto a más del 55% de la población del partido, tuvo como consecuencias, 70.000 viviendas inundadas y un saldo de 95 muertos. Entre las víctimas fatales se encontraban tanto

habitantes de los barrios periféricos como del casco urbano de la ciudad: comerciantes, empleados y profesionales. El Estado Nacional y Provincial buscaron minimizar su responsabilidad en la tragedia con el argumento de que se trató de una “catástrofe natural”. Frente a esta situación y en el marco de las tempranas discusiones sobre las verdaderas causas de la inundación y el número real de víctimas se reactivaron algunas asambleas barriales y se produjeron movilizaciones que denunciaban la falta de previsión estatal, su lenta respuesta para con las víctimas, la falta de ayuda económica para los damnificados y una explicación sobre los motivos de la insólita inundación de la ciudad. A partir de entrevistas a los participantes de esas marchas y asambleas y de material periodístico trataremos de identificar las operaciones críticas que forman la competencia crítica de los actores y que se pusieron en juego en ese proceso de denuncia pública tal como lo interpreta Luc Boltanski; cuáles fueron los soportes que utilizaron, los argumentos y los recursos que movilizaron en ese debate público.

Palabras claves: activismo, inundación, asambleas barriales, operaciones críticas.

DE INUNDADOS A INUNDADOS: LA ASAMBLEA DE AFECTADOS EN SANTA FE COMO ENSAMBLAJE DEL POSTDESASTRE

Susann Baez Ullberg (CRISMART/SDU, Suecia/ CIS-CONICET/IDES, Argentina) susann.baez.ullberg@fhs.se

A fines de Abril del 2003 sucedió la peor inundación de la ciudad argentina de Santa Fe. Un tercio del territorio urbano quedó bajo las aguas del Río Salado, afectando a una tercera parte de la población (aproximadamente 130,000 personas). 23 personas murieron y cientos de familias perdieron sus casas como consecuencia directa del desastre. Si bien esta no fue la primera inundación desastrosa en la historia de la ciudad, constituyó un evento crítico, produciendo nuevos modos de acción y redefiniendo categorías sociales existentes. A los tres meses del desastre, los inundados tomaron la Plaza de Mayo en el centro de la ciudad para reclamar por responsabilidades políticas por lo sucedido y por recompensa por las pérdidas. A los doce años, la Asamblea de Afectados por la Inundación sigue reclamando por justicia en las calles de Santa Fe. El estudio se basa en trabajo de campo etnográfico translocal y transtemporal en dicha ciudad desde el año 2004. Usando el concepto de ensamblaje en su definición como una configuración emergente de relaciones, analizo en esta ponencia el devenir del movimiento de protesta de Santa Fe y el proceso de víctimas a activistas, mediante la configuración dinámica de sus componentes (individuos y grupos de gente, discursos, símbolos, lugares y objetos) en el tiempo y el espacio. De particular interés es la institucionalización de dicho colectivo mediante la figura de la Asamblea; histórica forma de acción colectiva, actualizada en la Argentina y en el mundo con las crisis sociales de los últimos tiempos.

Palabras claves: desastre, Santa Fe, inundados, Asamblea de Afectados, ensamblaje

EL ESPACIO PÚBLICO COMO *ESCENAS DEL DOLOR*. UN ANÁLISIS A PARTIR DE LA ICONOGRAFÍA Y HOMENAJES A VÍCTIMAS DE LAS TRAGEDIAS RECIENTES EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES.

Paula Krause (UBA-CONICET) pg_krause@yahoo.com.ar

En Argentina, y en particular, en la Ciudad de Buenos Aires, existe una enorme trayectoria que vincula la lucha de las víctimas- y sus familias- y la intervención en el espacio público. Desde las Madres y Abuelas de Plaza de Mayo, que desde fines de la última dictadura militar, han colmado dicha plaza con pañuelos blancos –su típica simbolización-, y han pasado al reconocimiento internacional como tales, la ciudad ha devenido el reflejo del dolor de las víctimas y de sus familiares, y de múltiples formas de mantener vivo el recuerdo de los mismos como así también, el reclamo de justicia. La propuesta del siguiente trabajo es, a partir de los recientes casos de hechos traumáticos que han tenido lugar en la Ciudad, poner en discusión las escenas e iconografías del dolor. En este sentido, apuntamos a discutir sobre la intervención del espacio público como espacio de memoria –y también de justicia-, por parte de los familiares y amigos de las víctimas; así también analizar y discutir la trayectoria de ese espacio público, que desde hace décadas se ha convertido en un espacio de reconocimiento y de legitimación del lugar de las víctimas en la sociedad, y lugar de interpelación hacia el resto de los ciudadanos. La pregunta que guiará nuestra propuesta es ¿cómo se escenifica el dolor de los familiares y el recuerdo de las víctimas? ¿Cuáles son los íconos, símbolos e imágenes utilizados? ¿Qué características asumen los homenajes a las víctimas? ¿Cómo se transforma “lo público” frente a la escenificación del dolor? La hipótesis propuesta será la mutación del espacio público, en tanto espacio donde prima lo *íntimo*, la compasión, y la *proximidad*, y donde se renuevan continuamente las figuras para simbolizar lo irrepresentable: el dolor y la tragedia; caracterizado, a su vez, por un nuevo sujeto político que como protagónico: las víctimas.

Palabras claves: espacio público/tragedias/víctimas/iconografías/homenajes.

“NOSOTROS TENEMOS PEDAZOS DE LA ESCUELA”. EL MUSEO DE LA ESCUELA DE MECÁNICA DE LA ARMADA

María Jazmín Ohanian (UNSAM)jaz.ohanian@gmail.com

En la actualidad, la ESMA no es solamente un ex centro clandestino ni una ex escuela de Suboficiales. El predio representa una de las políticas de patrimonialización del pasado más ambiciosas de la historia argentina: comprende un ente público nacional, un monumento, una prueba material en juicios, un conjunto de sedes de organismos de DDHH, varios centros culturales, un archivo nacional, un espacio de formación universitaria, un canal de tv, una editorial, un espacio de intervención experta, el Museo de la Memoria y el actual Museo de la Soberanía de Malvinas. A su vez, durante la realización de mi Tesis de maestría, logré identificar una multiplicidad de formas de nombrar al predio de la ESMA que no funcionan como sinónimos sino que se vinculan con representaciones heterogéneas sostenidas por actores y grupos también diversos. Esa exploración inicial me posibilitó ampliar el mapa de actores que participan (y los que no) de esas políticas de patrimonialización. En esta ocasión, el propósito de este trabajo es compartir mi experiencia de investigación sobre el museo creado por ex alumnos de la Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA) para analizarlo como un novedoso repertorio de acción que incluye la apropiación de registros materiales para la representación de pasados que pueden ser entendidos por fuera del paradigma de Memoria, Verdad y Justicia. El objetivo es pensar a través de qué prácticas militantes diversos actores buscan, en la actualidad, un espacio público para intervenir en las políticas de patrimonialización sin ser víctimas, familiares o sobrevivientes.

Palabras clave: ESMA, activismo, suboficiales, patrimonialización, museo.

LA MEMORIA POLÍTICA Y LA ECONOMÍA MORAL DE CIUDADANÍA EN AUSTRALIA Y ARGENTINA: TEORÍA CON INTENCIÓN COMPARATIVA

Robin Rodd James Cook University, Australiarobin.rodd@jcu.edu.au

El recuerdo selectivo de los acontecimientos políticos del pasado, sobre todo en relación a la violencia de Estado y la guerra, ayuda a definir los parámetros de lo que es políticamente aceptable en el presente. Sin embargo, adaptando el concepto de economía moral de Fassin (2009; 2011), lo que es posible o deseable políticamente esta lazada a un ambiente cultural de sentimientos y valores que podemos llamar una economía moral de ciudadanía. Este trabajo explora las maneras en que ciertas ideas sobre la ciudadanía y la democracia están incrustados en monumentos a la guerra y la violencia del Estado, y que contribuyen a distintas economías morales de la ciudadanía en Australia y Argentina. Sostengo que la obediencia a la autoridad del Estado y el capitalismo se ha institucionalizado en Australia al mismo tiempo que referencias a, y las posibilidades de, insurrección y resistencia han sido dejados de al lado. Esta institucionalización de la obediencia se manifiesta en una amplia gama de marcadores culturales y políticas, incluso el diseño urbano, el uso del espacio público, y el uso de

los monumentos de guerra. Por el contrario, el Estado argentino bajo las administraciones Kirchner ha resucitado un discurso setentista de radicalismo, e institucionalizadlo como parte del proyecto nacional (Montero 2007). Enmarco mi discusión de la ciudadanía en torno el enfoque de O'Donnell (2010), que la ve como un vector de la democracia lazada a la agencia política, y en términos de Balibar (2014) que sostiene que la ciudadanía es una dialéctica de la insurrección y la institución. Según Balibar, en el origen de todas las instituciones políticas hay un momento de anarquía 'que tiene que ser constantemente re-activado precisamente si la institución sería política. La construcción de la política, y por lo tanto la definición del ciudadano, por lo tanto sólo pueden ser antinómico' (Balibar 2014:175). Pero que pase cuando la desobediencia es institucionalizada o borrada de la memoria? Yo sostengo que una cierta institucionalización de la desobediencia en la Argentina y de la obediencia en Australia representa economías morales diferentes de la ciudadanía, relacionadas a distintas valores alrededor la democracia, la participación, la autoridad y la justicia que puede iluminar posibilidades rasgos de y riesgos por la democracia actual en cada país.

Palabras claves: economía moral, ciudadanía, memoria política, monumento, insurrección.

REVISTA *ÍNTIMA/VEXATÓRIA* E POLÍTICA PRISIONAL: “VÍTIMAS”, GÊNERO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Natália Bouças do Lago (PPGAS/USP) nalago@gmail.com

Este trabalho se propõe a explorar as possibilidades de mobilização política presentes na disputa em torno da revista *íntima/vexatória*, procedimento que ocorre em prisões brasileiras e é realizado junto aos visitantes/familiares de presas/os. A prática consiste em revistar, com desnudamento e exposição das partes íntimas, pessoas - sobretudo mulheres - que entram em prisões na condição de visitas, e ocorre sob a alegação de que seus corpos escondem objetos proibidos que teriam o interior da prisão como destino. Nomeio a revista utilizando os dois nomes com os quais ela é chamada: *íntima*, entre operadores da política prisional; *vexatória*, entre aqueles que se opõem à prática. A discordância em torno da nomeação manifesta divergências que são de ordem política e levanta questões sobre o reconhecimento da violência inerente à revista *íntima/vexatória*. Nesse sentido, uma das campanhas realizadas por organizações da sociedade civil que demandam a proibição da revista compartilha depoimentos de pessoas que passaram pelo procedimento para que outros possam “sentir na pele o drama das vítimas”; a formulação da campanha levanta a dimensão de vitimização produzida pela revista e sugere que as situações de sofrimento que se traduzem em acompanhar a prisão de uma pessoa querida e em ser vitimizada por práticas do sistema penitenciário podem ser agenciadas de modo a produzir demandas políticas e lugares de mobilização social. A discussão que proponho vem sendo desenvolvida a partir de pesquisa antropológica com familiares de pessoas presas e organizações de defesa de

direitos humanos no contexto prisional.

Palavras-chave: Gênero; experiência; prisões; vítimas; política.

DE REPRESORES A VÍCTIMAS. REFLEXIONES SOBRE LAS DEMANDAS DE PRESOS POR DELITOS DE LESA HUMANIDAD EN ARGENTINA

Natalia Ojeda (UNCPB – CONICET. Argentinanatalyaojeda@gmail.com)

En el marco de la instalación de los derechos humanos como política de Estado en Argentina, la consigna “Memoria, Verdad y Justicia” acuñada por el movimiento por los DDHH a partir del regreso a la democracia, se cristaliza a partir de 2003 con la anulación por el parlamento nacional de las leyes de Obediencia Debida y Punto Final que impedían que los responsables de delitos de lesa humanidad fueran juzgados. Pero es a partir de la reapertura de los juicios que el Estado se enfrenta a un nuevo desafío: la necesidad de impartir castigo a través de la privación de la libertad de los culpables en “cárcel común”. Sin embargo, esta experiencia, paradójicamente, trajo aparejada la aparición de nuevos actores en el contexto de encierro: presos condenados y procesados por delitos de lesa humanidad que se consideran "presos políticos" y "victimas" de una política de Estado. Desde una perspectiva etnográfica, este trabajo pretende aportar reflexiones recientes sobre la experiencia de encierro de estos nuevos actores dentro del sistema penitenciario: las diversas manifestaciones y modos alternativos en que estos detenidos hacen conocer sus demandas, reclaman legitimidad y participación política en defensa de sus causas judiciales, condiciones de detención y de su condición humana. Por último, se intenta mostrar cierta historicidad sobre sus actuales formas de organización colectivas para hacer efectivos sus reclamos. Formas en las que frecuentemente aparecen las nociones de "presos políticos", democracia, justicia y respeto a la vida humana.

OS TAPAYUNA NA HISTÓRIA

Daniela Batista de Lima (PPGAS/UnB)

Este trabalho tem como finalidade situar historicamente os Tapayuna, autodenominados Kajkhwakratxi-jê (literalmente “começo do céu”, leste), também conhecidos como Beicho de Pau ou Suyá ocidentais. Pertencem à família linguística Jê e habitavam a margem esquerda do rio Arinos, no complexo Tapajós-Juruena-Arinos. Descrevo, no presente artigo, como o processo de ocupação do rio Arinos pelos não índios culminou nas tentativas de contato e “pacificação” dos Tapayuna, os quais foram transferidos, em 1971, para o Parque Indígena do Xingu (PIX) – uma decisão tomada à revelia dos índios.

Esta decisão resultou na extinção da “Reserva Indígena Tapayuna”, criada em 1968 e aberta oficialmente a colonização após oito anos de sua criação sob alegação de não existirem mais sobreviventes na área em razão das mortes por envenenamento, gripe e transferência para o PIX. Atualmente os Tapayuna vivem um processo de fortalecimento cultural, linguístico e político e reivindicam uma reparação equitativa do estado brasileiro, em termos de indenização, pelo esbulho territorial e pelo processo de etnocídio e genocídio ao qual foram submetidos.

Palavras Chave: Tapayuna; Arinos; Contato; Genocídio; Etnocídio.

“A ÚNICA LUTA QUE SE PERDE É AQUELA QUE SE ABANDONA”: FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS NO BRASIL

Desirée de Lemos Azevedo (PPGAS/UNICAMP)desireelazevedo@gmail.com

No Brasil, entre 2012 e 2015, esteve em funcionamento a Comissão Nacional da Verdade, organismo criado com a função de investigar as violações de Direitos Humanos praticadas pela Ditadura (1964-1985). Esse trabalho resulta de uma pesquisa etnográfica realizada nesse contexto. Durante três anos acompanhei a atuação dos “familiares de mortos e desaparecidos políticos” em meio a arenas de debates, onde a identificação da violência passada, a denúncia da injustiça e a nomeação de direitos se fizeram centrais. Arenas onde se desenrolaram fortes disputas políticas. Nesse trabalho, discutirei as estratégias e categorias acionadas pelos “familiares” nesses espaços para garantir a legitimidade de suas vozes e posições políticas, pensando as maneiras pelas quais suas narrativas estabelecem movimentos entre o luto e a causa coletiva, a dor pessoal e a memória nacional, os vínculos afetivos da família e as “ações de Estado”. Argumento que seu campo de atuação política aponta processos em que a mobilização

de categorias e a construção de significados escorrega por entre fronteiras, sobrepondo domínios que pressupomos distintos, tais como família e Estado, indivíduo e sociedade, público e privado, emoção e razão. Sugiro ainda que um movimento de familiares se constitui, simultaneamente, nomeando e atravessando esses domínios. Funda-se em meio às complexas relações que “os familiares” estabelecem entre si, através de redes de militância e solidariedade, com os “mortos e desaparecidos” e com as instituições do Estado.

Palavras-Chave: familiares, direitos humanos, política, vítimas, Ditadura.

ANTROPOLOGIA E INFLUÊNCIA POLÍTICA. REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL ANTROPOLÓGICO PARA A COMPREENSÃO DA VITIMIZAÇÃO E ALÉM: A RELEVÂNCIA DO “ATIVISMO DAS VÍTIMAS” PARA O OUTRO LADO DA VITIMIZAÇÃO

Larissa Morelhão (UEL) larissa.morelhao@gmail.com

Este trabalho parte do reposicionamento frente ao estado tutelar da Infância brasileiro. Minhas primeiras reflexões em 2012 centravam-se na moral espírita kardecista para a filiação simbólica das meninas criadas no Lar Infantil Marília Barbosa, Cambé-PR que propiciava formas metafísicas de compreensão do ser e relacionais atenuantes da soberania dos laços consanguíneos sobre o vivenciamento do amor fraterno.

A implementação da “Lei da Adoção” (n. 12.010) ao Estatuto da Criança e do Adolescente em 2009 começava a refletir nas técnicas de cuidado e decisões municipais de abrigo com auxílio de organizações e associações não governamentais compondo a rede de desenvolvimento cidadão de crianças e jovens destituídas do poder de família e tuteladas pelo Estado.

Visando o projeto social da Lei construí em 2013 uma etnografia comparativa entre o Lar de Cambé, o Lar Espírita Cairbar Schutel de Matão-SP e as Casas Abrigo dos respectivos municípios, de modo que as decisões municipais na aplicabilidade da Lei tornaram-se mais evidentes conforme seus contextos e pude concluir na época a investida da tutela estatal em suas variáveis. No presente, estudadas possibilidades e meios de preservação das individualidades, destituições não discursivas, razões estatutárias subjacentes e moralidades institucionais desejo compartilhar reflexões de pesquisa e obstáculos acerca das condições infantojuvenil categorizada vítima de violência e abuso sexual com algumas amostras da etnografia dissertativa que centraliza Identidade(s) e subjetivações - pessoais, culturais, social, institucional, legal e assistencial - da violência (DAS).

Estabelecendo diálogos à demanda ética em pesquisa antropológica, suas influências e equilíbrios.

Palavras chaves: Ética, posicionamento etnográfico, influência antropológica, vitimizações e ativismos.

FACES DA DESIGUALDADE: OS EFEITOS DA CIRCULAÇÃO DE RETRATOS DE CRIANÇAS DESAPARECIDAS NO BRASIL

Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV-RJ) leticia.ferreira@fgv.br

Em 1996 foi criado, no Rio de Janeiro, um serviço público especializado no desaparecimento de crianças e adolescentes: o SOS Crianças Desaparecidas. A criação do SOS atendeu a determinações da lei federal brasileira conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente, e respondeu à crescente importância conferida, sobretudo por meio da luta de familiares de vítimas, ao fenômeno do desaparecimento de pessoas no Brasil. A partir de pesquisa etnográfica realizada nas dependências do SOS, o trabalho propõe uma reflexão acerca dos múltiplos efeitos provocados por uma das principais ações realizadas pelos assistentes sociais que trabalham no serviço: a divulgação sistemática de retratos de meninas e meninos desaparecidos, realizada por meio de convênios com ONGs, associações de familiares de desaparecidos, empresas e outros parceiros. Argumento que a difusão de fotografias de desaparecidos tem efeitos não só na trajetória particular de cada caso de desaparecimento assim divulgado, mas também nas biografias de crianças, adolescentes e outros sujeitos cujas faces não são divulgadas, mas que, em consequência da circulação das fotografias, tornam-se alvo de intervenções por parte de serviços e órgãos públicos. Mais especificamente, busco demonstrar o papel tão sutil quanto determinante de certas categorias e julgamentos morais na definição de que *outras* crianças além das vítimas de desaparecimento podem terminar por sofrer intervenções em consequência da circulação de retratos de meninas e meninos desaparecidos. Entendo o acionamento dessas categorias como parte do quadro mais amplo de reprodução de desigualdades alimentado rotineiramente por práticas de intervenção estatal no campo da infância e juventude.

Palavras-chave: desaparecimento, crianças e adolescentes, fotografias, intervenção.

VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: CONFLITOS ÉTICOS EM TORNO DA LEGITIMAÇÃO DE UMA CATEGORIA

Mariana Marques Pulhez (PPGAS/UNICAMP)
m.marquespulhez@gmail.com

Nesta apresentação, buscarei analisar o modo pelo qual a categoria *violência obstétrica* é produzida, os significados que lhe são atribuídos por mulheres que se entendem como vítimas desta violência e as arenas de conflitos éticos construídos em torno da noção de “bom parto”. O chamado *movimento de humanização do parto* no Brasil vem construindo uma agenda política de luta pela legitimação da ideia de que determinados atos cometidos contra a vontade de gestantes devem ser entendidos como desrespeito aos seus direitos sexuais e reprodutivos. As disputas, contudo, se inserem nas diferenças entre as noções do que seja um “bom parto”, construídas dentro do que Didier Fassin chamou de movimento de compaixão baseado em razões humanitárias. Objetivando chamar a atenção para a *violência obstétrica* e apontar para sua existência em hospitais brasileiros, resultam desse movimento leis e programas de governo ancorados em tendências internacionais de atendimento ao parto, e é sob o seu respaldo que ativistas pelo combate a esta violência constroem suas reivindicações. Proponho, portanto, compreender a construção moral da *violência obstétrica* e a sua relação com a formulação de um tipo específico de vítima, entendendo esse processo como uma luta por reconhecimento que resulta na elaboração de um novo sujeito de direitos. Com isso, busco contribuir para o debate maior sobre os conflitos intrínsecos às relações entre vítimas, seus dispositivos de gestão e o modo como o Estado é acionado em casos de reivindicação pelo reconhecimento de uma forma particular de violência.

Palavras-chave: violência obstétrica – reconhecimento – vítimas – ativismo – humanização do parto

GT4. A CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS SOCIAIS TRANSNACIONAIS DE DISCUSSÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE DIREITOS INDÍGENAS

Coordenadores:

Fernando, García. Institución: (Flacso/Equador) Departamento de Antropología y Historia y Humanidades. fgarcia@flacso.org.ec

María, Barroso. Institución: Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia - PPGSA Instituto de Filosofia e Ciências Sociais-IFCS. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. almah@superig.com.br

Comentarista: Ricardo Verdum. Institución: UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. rverdum@gmail.com

Processos de espacialização de comunidades políticas

PARA O ÍNDIO SER MAIS ÍNDIO: PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO MISSIONÁRIA JUNTO AOS POVOS INDÍGENAS ENTRE OS ANOS 1970 E 1990

Fernanda Caroline Cassador Costa – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
(fernandacassadora@gmail.com)

A relação entre povos indígenas e missionários mostrou-se profícua aos estudos antropológicos para o debate sobre formas de dominação e colonização de coletivos étnicos em diferentes esferas nacionais. Para além da reificação desses paradigmas, este trabalho busca lançar luz sobre a atuação de duas missões protestantes – Tapeporã e Guarita – entre os anos 1970 e 1990 junto aos povos indígenas no Brasil, que estão implicadas em processos de transformações em curso em diferentes instâncias religiosas de níveis nacionais e transnacionais. Para dar concretude a este horizonte, buscaremos analisar essas duas missões sem perder de vista as relações que guardavam junto a uma organização ecumênica a nível transnacional – o Conselho Mundial de Igrejas – que impulsionou mudanças na atuação das igrejas protestantes em setores sociais que se encontravam à margem do desenvolvimentismo econômico brasileiro dos anos 1970. Lançar luz sobre essas dinâmicas e atores sociais localizados em esferas específicas, mas constituídos em relações que ultrapassam as fronteiras nacionais, nos ajudam a pensar acerca de diferentes relações entre povos indígenas e religiosos que não se circunscrevem no binômio “colonizador e colonizado”, mas que vão em direção a constituição de novas identidades religiosas que se colocam em defesa dos direitos indígenas, trazendo a tona novas formas de indigenismo.

Palavras-chaves: Missões Religiosas. Povos Indígenas.

REDD+ INDÍGENA AMAZÔNICO: UM ENCONTRO DE DISCURSOS

Isabel Rodrigues de Mesquita - Mestranda do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação
sobre as Américas (CEPPAC) - Universidade de Brasília (UnB), Brasil
(bel.mesquita@gmail.com)

O presente trabalho apresenta a proposta de “REDD+ Indígena Amazônico” (RIA) elaborada pela organização indígena *Coordinadora de Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazonica* (COICA), rede composta por nove organizações indígenas (uma de cada um dos países que fazem parte da região da bacia amazônica). A COICA pode ser considerada um sujeito político indígena multi-étnico, e, ao mesmo tempo, um sujeito com etnicidade própria construída a partir de suas organizações base e interações com outros sujeitos não-indígenas. A COICA é uma organização indígena que constrói suas propostas em e a partir de espaços de discussão com outros sujeitos variados e internacionais (ONGs, representantes do governo e do setor privado). Ademais, Sua especificidade enquanto organização indígena reside também em sua esfera de atuação; diferentemente de muitas organizações indígenas que tem como interlocutor direto o Estado nacional, a COICA atua numa esfera internacional. A organização assume, muitas vezes, uma estratégia de assimilação e transformação de discursos hegemônicos para configuração e resistência do movimento indígena organizado. A proposta de RIA apresentada pela COICA nas Conferencias do Clima da ONU (COP) desde 2011 é ilustrativa desta estratégia. O trabalho analisa como esta ‘captura discursiva’ apresenta-se como uma forma de resistência do movimento indígena, a partir da análise da proposta de RIA que se diferencia do mecanismo de REDD+ tradicional ao incluir reivindicações pautadas há décadas pelo movimento indígena, como o direito e titulação dos territórios, a autonomia e a valorização cultural dos povos indígenas.

Palavras-chave: organizações indígenas, mudanças climáticas, redes transnacionais, globalização, direitos indígenas.

ENTRE A ALDEIA E A CIDADE: REDES DE RELAÇÕES E RECONFIGURAÇÕES POLÍTICAS DO MOVIMENTO INDÍGENA NO SUL DO AMAZONAS(HUMAITÁ E MANICORÉ)

Jordeanes do Nascimento Araujo - Doutorando em Ciências Sociais da UNESP, Brasil

(jordeanes.araujo@gmail.com)

No passado era possível traçar rígidas distinções entre as mobilizações étnicas dos indígenas e as formas de luta desenvolvidas pelos camponeses, pautadas as primeiras

em diferenças culturais e linguísticas, enquanto as segundas intervinham diretamente na esfera política (via sindicatos, partidos, grupos religiosos) (OLIVEIRA, 2011). Hoje, as demandas coletivas não são apenas dos indígenas, que se mobilizam enquanto “comunidades” associações e reivindicam um território étnico. “Ribeirinhos”, “Assentados” “Atingidos por Barragens” “Quilombolas” e outras identidades coletivas, também estão se juntando em unidades sócio-políticas maiores, sejam deslocadas pelos grandes empreendimentos, seja pela ação política de ocupação de terras específicas (ALMEIDA, 2011). Nesta perspectiva, o que se busca neste trabalho, se resume em cinco problemáticas. Qual a situação dos chamados “índios nas cidades”? Quais seriam as dinâmicas da identidade étnica nessas cidades? E quais são as formas de estratégias políticas indígenas que esses processos geram frente ao Estado? e como os indígenas reconfiguram relações políticas no urbano via movimento indígena. Assim, as lutas atuais dos povos indígenas não se dão apenas em nível local, em escalas micro-políticas, mas envolvem também organismos de representação coletiva, movimentos indígenas e associativas, personalidades públicas e uma rede complexa de alianças (que ultrapassa os limites nacionais).

Palavras-chave: identidades coletivas, Territorialização, política indígena, movimento indígena, Sul do Amazonas

SOBRE COLONIALISMO E UTOPIA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL: POVOS INDÍGENAS E DESENVOLVIMENTO NA FRONTEIRA BRASIL-PERU

José Pimenta - Departamento de Antropologia -DAN, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS, Universidade de Brasília – UnB, Brasil
(josepimenta17@gmail.com)

Desde o início do atual milênio, a região de fronteira Brasil-Peru no sudoeste amazônico, onde o estado brasileiro do Acre faz limite com os departamentos peruanos de Madre de Dios e Ucayali, tem sido objeto predileto de vários empreendimentos governamentais de desenvolvimento já realizados ou em planejamento para os próximos anos. Tendo como fio condutor a situação dos povos indígenas dessa região, esta comunicação procurará apresentar algumas reflexões iniciais sobre uma pesquisa em andamento que objetiva analisar os discursos e as políticas contemporâneas de desenvolvimento e de integração binacional que atingem essa fronteira, assim como suas consequências e as respostas dos povos indígenas a essas políticas. Articuladas em diferentes níveis e mobilizando uma grande variedade de atores (governos regionais e nacionais, agências financiadoras, grandes empresas, etc.), as políticas governamentais contemporâneas, apesar de incorporarem a retórica da sustentabilidade, continuam sendo imposta de modo unilateral e perpetuam a lógica colonialista do desenvolvimentismo tradicional baseado na exploração dos recursos naturais amazônicos. Diante desse novo colonialismo que ameaça seus territórios e modos de

vida, os povos indígenas dessa região de fronteira tentam se organizar buscando novas formas de articulação transnacional e de alianças interétnicas que associam intimamente os tradicionais discursos indigenistas de defesa de seus direitos constitucionais com a retórica do ambientalismo global.

Palavras-chaves: Amazônia, Desenvolvimento, Fronteira Brasil-Peru, Indigenismo, Ambientalismo.

BUSCANDO SOCIOS: LA MISIÓN DE UN CONSULTOR HOLANDÉS EN EL NOROESTE ARGENTINO

Natalia Castelnuovo Biraben - CONICET/UBA,
Argentina (naticastelnuovo@gmail.com)

A partir de un estudio etnográfico focalizado en analizar procesos de configuración de relaciones políticas entre comunidades y organizaciones indígenas del noroeste, organizaciones no gubernamentales y agencias estatales enmarcadas en políticas de desarrollo en el noroeste argentino, en este trabajo exploro prácticas y representaciones que orientan las acciones de agencias de financiamiento internacional en su búsqueda por encontrar como „socios” a ONGs locales. Centrándome en la presencia en el 2006 de un consultor holandés que se hallaba de “misión” en la zona del Departamento San Martín, provincia de Salta, indago en el tipo de interacciones y relaciones que se establecen entre estos actores y sus potenciales „socios”: las ONGs locales, poniendo especial atención en las representaciones, valores y expectativas que sustentan sus acciones y el peso que éstas tienen en la elección de proyectos y organizaciones cuyos objetivos se ajustan más a lo que la propia agencia y el financiador tienen.

Palabras claves: agencias de financiamiento internacional; ONGs de desarrollo local; pueblos indígenas; socios; noroeste Argentino

2a sessão: Projetos políticos e modalidades do indigenismo na América Latina

POLÍTICAS INDÍGENAS A NIVEL REGIONAL: ¿HACIA UNA NUEVA AGENCIA DE LA DIVERSIDAD CULTURAL?

Macarena Del Pilar Manzanelli UNLaM; IADES-IDES-UNSAM-CONICET, Argentina
(mdpmanzanelli@gmail.com)

El presente trabajo busca reflexionar a partir del debate conceptual sobre cultura e identidad acerca de la forma en que se abordan cuestiones como la diversidad cultural y la multiculturalidad, mediante las políticas indígenas que se han desarrollado desde las últimas dos décadas en clave regional en América Latina. Se trata de un primer paso para avanzar en una investigación etnográfica sobre el tema.

Así se busca analizar la forma en que discursos y publicaciones, encuentros, protocolos y acuerdos de espacios transnacionales como MERCOSUR y UNASUR plantean y tratan dichos tópicos, y la identificación de actores regionales, intereses y objetivos que se entretajan en torno a un proyecto político latinoamericano. Considero la idea de que estas instituciones como las políticas públicas, desde una mirada antropológica, son narrativas y textualidades que generan en parte performance, producen significaciones y sentidos, y contienen un valor político en cuanto clasifican y definen a los grupos sociales donde subyacen lógicas en relación a la interculturalidad y la diversidad cultural.

Entre los principales interrogantes surgen, siguiendo a Grimson (2002) y García Linera (S/F) ¿pueden las perspectivas de integración abrir opciones ante los problemas de la incompletitud estructural de los proyectos de Estado-nación de monoetnicidad y monoculturalidad, su desencuentro con la sociedad, y estructuras políticas excluyentes? Y, ¿Cómo se articulan las ciudadanías regionales e identidades latinoamericanas con la idea de Pueblos Originarios y el reconocimiento de la diferencia?

Palabras claves: Políticas indígenas - multiculturalidad - integración latinoamericana - reconocimiento de la diferencia - monoculturalidad de los Estados-nación.

TRANSFERÊNCIA CONDICIONADA DE RENDA E NEOINDIGENISMO NA AMÉRICA LATINA

Ricardo Verdum. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil.
(rverdum@gmail.com)

A partir dos anos 1990 diversos países na América Latina e no Caribe (ALC) passaram a adotar políticas de intervenção social baseadas no modelo de transferência de renda com condicionalidades (TRC). México foi o país pioneiro, ao implantar o *Progresa* em

2000, que em 2002 passou a ser chamado de *Oportunidades*. No Brasil temos o *Programa Bolsa Família* (PBF), criado em 2003, cuja gestão está a cargo do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). No final da década passada, Colômbia e Panamá foram considerados os países onde mais houve avanços no enfoque étnico, com a criação de programas específicos para povos indígenas. No México, optou-se por focalizar *Oportunidades* em localidades indígenas. No Brasil e no Chile também foi dada uma atenção explícita aos povos indígenas nos respectivos Programas. Além de estarem envolvidos diretamente na implantação dos PTRC na região, tanto o BID quanto o Banco Mundial decidiram no final da década passada apoiar a realização de intercâmbios de conhecimentos e experiências entre os diferentes países. Alegaram haver insuficiência de conhecimento sistematizado sobre a operação de PTRC com populações indígenas, e que tal conhecimento lhes permitiria realizar adequações institucionais nas suas operações envolvendo povos indígenas, assim como nas articulações com os governos na região. Iremos apresentar os resultados preliminares de um estudo em curso sobre “novas modalidades” de indigenismo e de ação indigenista e sua territorialização, que se dão por meio de articulações político-administrativas que ultrapassam as fronteiras nacionais, por meio de sujeitos e agências sociais situados em diferentes locais e níveis.

Palavras-chave: políticas indigenistas; América latina; pobreza; bancos multilaterais; conexões transfronteiriças.

JOHN COLLIER, MOISES SAENS E INVENÇÃO DO INDIGENISMO MODERNO NAS AMÉRICAS, 1930-1945

Thaddeus Gregory Blanchette - Universidade Federal do Rio de Janeiro -Macaé, Brasil
(macunaima30@yahoo.com.br)

Tradicionalmente, pense-se no indigenismo moderno como invenção estritamente mexicana, originada na conferência de Patzcuaro em 1940. Todavia, a conferência e os discursos indigenistas que supostamente originaram nela, se espalhando pelas Américas nas décadas seguintes, foi fruta direta de uma longa amizade entre dois homens: o antropólogo mexicano Moises Saens e o administrador indígena EUAmericano, John Collier. O presente trabalho busca desvendar a história das interações entre esses dois homens, que começaram em 1930, quando Collier viajou até México para conhecer o trabalho dos indigenistas daquele país. Sendo nomeado em 1932 como o Comissário por Assuntos Indígenas do governo de F.D. Roosevelt, Collier gastaria os próximos 13 anos tentando forjar uma aliança entre as burocracias indigenistas das Américas para acabar com a assimilação forçada e proteger os grupos indígenas enquanto polities socio-culturalmente distintas e semi-independentes, muitas vezes em parceria aberta com Saenz. O Instituto Indigenista Interamericana foi o resultado dessa aliança, e sua fundação previa uma aliança mexicana-euamericana-brasileira como base para a inauguração de uma nova era de relações entre grupos indígenas e estados coloniais nas Américas. Infelizmente, esse projeto naufragaria com o início da Segunda Guerra e,

com o fim do Collier no governo FDR, o projeto seria largamente deixado em mãos mexicanos, onde jaz até hoje. Nossa apresentação recontará os pontos básicos dessa história, largamente esquecida entre pesquisadores dos indigenismos das Américas. Palavras-chaves: indigenismo interamericano, John Collier, Moises Saenz, Instituto Indigenista Interamericano

POLÍTICAS INDIGENISTAS DO SETOR ELÉTRICO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS: PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS, EMPRESARIAIS E GOVERNAMENTAIS

Vinicius Mesquita Rosenthal, Doutorando EHESS, França
(vinicius.mesquitarosenthal@gmail.com)

Nesta comunicação, serão apresentados os contextos institucionais nos quais se geraram certas concepções do setor elétrico sobre os povos indígenas. Nos anos 80, sob demanda do Banco Mundial para se considerar os povos indígenas em projetos de desenvolvimento por ele financiados, a antropologia brasileira contribuiu tanto a partir de seguidores da escola interacionista de F. Barth apropriada por críticos do indigenismo oficial, quanto por uma vertente do indigenismo estruturado numa concepção histórica dos povos indígenas, tributária de Darcy Ribeiro. Esta última corrente gerou subsídios, organizados a partir do conceito de “justiça- compensatória-retributiva”, para formulação das políticas indigenistas da Eletrobrás e de suas subsidiárias no final dos anos 80 e início dos anos 90, num modelo de ação no qual as experiências das empresas tinham mecanismos contínuos de troca e aprendizado entre os técnicos.

A partir dos anos 90, se “desmembrou” o corpo de concessionárias antes ligadas ao Estado, multiplicaram-se os agentes e se desestruturaram os mecanismos pedagógicos internos. Neste novo contexto, as políticas indigenistas do setor elétrico se sujeitaram a uma gama de instrumentos de gestão - órgãos financiadores, selos certificadores, acordos internacionais e regras do licenciamento - e devido às próprias culturas políticas nacionais de seus dirigentes. As novas regras jurídicas do licenciamento apresentadas pretendem homogeneizar a ação das empresas, concebendo um sujeito indígena tributário de uma noção ambientalizada e sob a marca da distintividade cultural, formulado em função dos fóruns internacionais, da predominância das ciências naturais no mercado de consultoria e de concepções do próprio órgão indigenista brasileiro.

Palavras-chaves: Setor elétrico; licenciamento ambiental; políticas indigenistas; antropologia aplicada

3a sessão: Arenas transnacionais de definição de direitos

BELO MONTE, A GRANDE GUERRA: ANÁLISE DO MECANISMO DE CONSULTA PRÉVIA NO ESTADO DE DIREITO

Lidia Neira Alves Lacerda - Graduada em Ciências Sociais e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil

(Lidiaalacerda@gmail.com)

Após vários anos de mobilização e luta, a Convenção 169 sobre Povos Indígenas e tribais em Países Independentes da OIT-Organização Internacional do Trabalho, foi aprovada em 1989. O Brasil estado signatário incorporou a convenção em seu ordenamento jurídico em 2002, e junto a Constituição Federal de 1988, consolidou-se o reconhecimento jurídico dos direitos indígenas. A Convenção 169 tornou-se uma nova diretriz, das relações entre estado e povos indígenas, dentre essas mudanças destaca-se o reconhecimento da autonomia e o dispositivo da consulta prévia.

A consulta prévia apresenta-se então como um instrumento que proporciona reconhecimento e autonomia dos povos indígenas, pelo estado. Contudo no Brasil tem enfrentado uma série de obstáculos para sua realização. Neste cenário de descumprimento os conflitos são inevitáveis. O sistema judiciário e Ministério Público, se apresentam como atores fundamentais nas decisões que garantem, destituem ou reconhecem os povos indígenas como sujeitos de direitos.

Utilizarei como caso empírico a Usina Belo Monte, situação que fora exigida a consulta prévia, porém não ocorreu. Analisarei a ação promovida pelo Ministério Público de nº 709-88.2006.4.01.3903 e ação reclamationária nº 14404 impetrada no Supremo Tribunal Federal pelo IBAMA e Advocacia Geral da União. Buscando interpretar antropologicamente os significados atribuídos por essas decisões judiciais sobre as “questões indígenas”.

Investigando a aplicabilidade e instrumentalização das normas globais, sua produção de sentidos no âmbito local e ação dos vários atores. Considerando também que diferentes forças econômicas, sociais e culturais se tencionam numa suposta ordem legal que, teoricamente, assume compromisso de garantir igualdade entre todos os sujeitos.

Palavras Chaves: Consulta Prévia, Belo Monte, estado-nação.

POVOS INDÍGENAS, ESTADOS (PLURI)NACIONAIS E DIREITO DE CONSULTA NO BRASIL E BOLÍVIA: REFLEXÕES A PARTIR DOS PROCESSOS DE REGULAMENTAÇÃO DE DIREITOS

Thiago Almeida Gracia - CEPPAC/ UnB - Brasília, Brasil

(thiagoalmeidagarcia@gmail.com)

Este trabalho apresenta os resultados de tese de doutorado que analisou as relações entre Estados nacionais e povos indígenas no Brasil e na Bolívia a partir dos debates sobre a aplicação do direito de consulta livre, prévia e informada previsto na Convenção 169 da OIT e na Declaração da ONU sobre os direitos dos povos indígenas. A pesquisa foi centrada na análise dos espaços de discussão fomentados pelos processos estatais de regulamentação e aplicação desse direito, de forma a visualizar como os Estados nacionais incorporam os avanços normativos do direito consuetudinário internacional em suas práticas junto aos povos indígenas. Os debates sobre a consulta constituíram o que chamei de arenas políticas de consulta, em que atores estatais, indígenas e da sociedade civil disputam o sentido e o controle sobre o direito de consulta, em leituras que oscilam entre a burocratização e tutela sobre a consulta e o entendimento desse direito como dimensão essencial do exercício das formas próprias de autodeterminação dos povos indígenas.

Além dos processos de regulamentação coordenados pelos governos dos dois países, analisamos na tese as arenas de consulta geradas pelas tentativas estatais de realização de consulta junto ao povo indígena munduruku, sobre possíveis aproveitamentos hídricos na bacia do Rio Tapajós, no oeste do Pará (Brasil), e com os povos yurakaré, t'simane e moxeño trinitario, para a construção da rodovia Vila Tunari e San Ignacio de Moxos, que no trajeto proposto pelo governo boliviano corta o Território Indígena Parque Nacional Isiboro Secure- TIPNIS, na Bolívia. Palavras-chave: povos indígenas, direito de consulta, auto-determinação, Convenção 169 da OIT e direito consuetudinário internacional.

Palavras-chave: povos indígenas, direito de consulta, auto-determinação, Convenção 169 da OIT, direito consuetudinário internacional.

GT5. ABUSO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E MEDICINAS

TRADICIONAIS NA AMÉRICA DO SUL

Coordenadores:

Marcelo Mercante. Institución: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.
marcelo_mercante@yahoo.com

Diego Rodolfo, Viegas. Institución: Escuela de Antropología • Facultad de
Humanidades y Artes Universidad Nacional De
Rosario. diegorodolfoviegas@hotmail.com

LEMBRANÇAS DO USO DA CANNABIS NO MARANHÃO

Isabela Lara Oliveira. Departamento de Áudio-Visuais e Publicidade da Faculdade de
Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). isabelalara@gmail.com

O Maranhão é famoso por ser um dos estados brasileiros onde o uso da Diamba (*Cannabis sp.*) foi e é amplamente disseminado entre diferentes populações - indígenas, pescadores, “brincantes” de festejos populares – e para várias finalidades tais como na fitoterapia, na indústria têxtil, no lazer e para o trabalho braçal. Esse artigo apresenta o resultado de uma breve pesquisa documental e de campo realizada no Maranhão em 2007 e 2011 com o objetivo de levantar a permanência desses usos e seus significados entre os maranhenses na contemporaneidade. O resultado dessa pesquisa revelou um cenário cultural riquíssimo onde a Diamba é percebida como um elemento formador do rico folclore maranhense além de ter construído um panorama dos diferentes usos da planta no estado que pode permitir a outros pesquisadores aprofundar as pesquisas sobre o tema na região.

CONOCIMIENTOS ANCESTRALES INDÍGENAS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL CURRÍCULO DE LA MAESTRÍA CULTURAS Y DROGA DE LA UNIVERSIDAD DE CALDAS, MANIZALES, COLOMBIA

Jorge Ronderos Valderrama

Mi ponencia sería sobre mi experiencia como líder del grupo y línea de investigación cultura y droga de la U. de Caldas, Manizales, Colombia, específicamente la línea de investigación en Plantas y tradiciones de rituales indígenas de la etnomedicina del yage y la chamanismo y neochamansimos articulado a la interdisciplinariedad entre ciencias sociales y ciencias naturales en la construcción del currículo de la Maestría Culturas y Droga su creación y desarrollo. Cuando regrese a Colombia.

A ATIVIDADE XAMÂNICA E SUA DIMENSÃO TERAPÊUTICA

Laércio Fidelis Dias

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-Marília/SP)

O objeto do artigo são os tratamentos xamânicos presentes nas narrativas de Palikur, Galibi Maworno e Karipuna que habitam a Terra Indígena Uaçá. A problemática é responder a seguinte indagação: qual o escopo da terapêutica na atividade xamânica. A premissa é a de que tratar problemas de saúde implica reordenar e reequilibrar relações sócio-cosmológicas que envolvem domínios humanos e não-humanos, seres humanos e sobrenaturais e, neste sentido, saúde e doença relacionam-se com questões mais amplas do que apenas manifestações biofísicas no corpo. O objetivo geral do artigo é analisar o papel do xamã sem reduzi-lo a mero curador. Do ponto de vista metodológico, o uso das narrativas se justifica porque expressarem a lógica da experiência, e trazem consigo os princípios de construção, ordenação e significação dos eventos. A premissa foi confirmada, ou seja: a dimensão terapêutica da atividade xamânica não se restringe aos aspectos biofísicos da experiência da doença.

Palavras-chave: Antropologia da Saúde; Etnomedicina; Índios sul-americanos; Narrativas; Xamanismo.

MERGULHO NO SER

Camila Silva Ribeiro

José Francisco Miguel Henriques Bairrão

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Ribeirão Preto.

Nos últimos anos, foi percorrido um trilhar acadêmico e espiritual no desenvolvimento da dissertação de mestrado “Mergulho no Ser: corpo e memória em cerimônias indígenas com Huni”, a qual teve como foco as manifestações corporais em cerimônias espirituais indígenas do tronco linguístico Pano, seu papel na memória biográfica e cultural de seus participantes, na preservação e propagação de memória coletiva. Alguns de seus objetivos principais consistiram na compreensão e reconstituição da etnopsicologia de povos Pano, registro e documentação de saberes tradicionais acerca do papel das cerimônias espirituais na sua preservação e resgate cultural e das técnicas corporais utilizadas durante tais cerimônias. Estas práticas de transmissão dos conhecimentos herbários e medicinais têm reforçado a preservação e o resgate cultural, bem como têm valorizado os saberes tradicionais nas práticas terapêuticas, com resultados muito positivos na promoção de saúde. Após a defesa da dissertação, a autora permaneceu 5 meses nas aldeias da etnia Yawanawá, e adentrou à “senda iniciática” desta tradição, a qual consiste em processos de dietas espirituais. Tais processos guardam conhecimentos tradicionais sobre a espiritualidade e medicina tradicional Yawanawá. Este trabalho irá discorrer sobre alguns pontos da temática desta medicina tradicional Yawanawá, com foco nas dietas espirituais Yawanawá.

Palavras- chave: Medicina tradicional, dietas espirituais, conhecimentos tradicionais, povo Yawanawá.

YAÚ PETÊ (COMAMOS TABACO) REIVINDICACIÓN DEL TABACO COMO MEDICINA TRADICIONAL Y SU ARTICULACIÓN EN EL MEDIO OCCIDENTAL CONTRA LAS ADICCIONES

Diego Rodolfo Viegas

Escuela de Antropología, Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, Argentina.

diegorodolfoviegas@hotmail.com

El tabaco ha sido una planta considerada sagrada, ritual, ceremonial, terapéutica y medicinal en su lugar de origen: América. La colonización europea y los usos y costumbres de la industrialización transformaron aquella medicina espiritual, en un problema de salud pública y adicción a nivel mundial. El presente trabajo explora la historia y las consecuencias de esa paradoja, analizando los testimonios de tres referentes que intentan devolver al tabaco su rol primigenio en Sudamérica: El Centro de Investigación en Toxicomanías “Takiwasi” en Tarapoto, Perú; el Ypayé Tupí Guaraní Basilio Soria (Aguarapire Seacandirú) convertido en uno de los pocos

chamanes originarios del monte salteño que trata la adicción al cigarrillo industrial en base al uso terapéutico del tabaco, recorriendo los grandes núcleos urbanos de la Argentina, y finalmente el joven psicólogo rosarino Iván Turchetti, que ha realizado dietas de tabaco tradicionales en Perú para incorporar como herramienta terapéutica una inédita confluencia entre la medicina tradicional originaria sudamericana y las corrientes de la psicología clínica occidental. El objetivo del trabajo es llamar la atención sobre la problemática de la adicción (incluida la del cigarrillo industrial), reivindicar el tabaco como medicina dentro del contexto de las Medicinas Tradicionales Indoamericanas, y la potencialidad de un regreso más amplio de la perspectiva originaria americana del tabaco en un contexto de cambio de paradigma científico, y cultural a nivel global, y de búsqueda de identidades y rescate de autoctonías a nivel regional.

Palabras clave: Tabaco, adicciones, medicina tradicional, cigarrillo industrial.

PLANTAS, LINGUAGEM E ESPÍRITOS: MEDICINA TRADICIONAL E O TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA

Marcelo S. Mercante

Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

marcelo_mercante@yahoo.com

Nesta apresentação será analisado o papel das plantas utilizadas no tratamento da dependência química em um centro de tratamento, Takiwasi, localizado na amazônia peruana. Takiwasi tem na ayahuasca sua principal ferramenta no processo de recuperação de adictos. A ayahuasca é uma bebida psicoativa amplamente utilizada por diversos povos indígenas em toda a amazônia e por três religiões brasileiras de base cristã. Em Takiwasi acredita-se que as plantas são dotadas de agência e possuem, além de seus princípios ativos, um outro tipo de ação mais desejada que a química: a espiritual. Para elucidar tal capacidade de agência e poder espiritual, utilizo as noções de “linguagem” de Benjamin e de “espírito” e “imagem” e “imaginação” de Viveiros de Castro.

Palavras-chave: Ayahuasca; Dependência Química; Imaginação; Linguagem.

A CURA DOS *DEPENDENTES* NA PRÁTICA MÉDICO-RITUAL DOS *TAITAS* INDÍGENAS NO PUTUMAYO COLOMBIANO

Pedro Musalem Nazar

Doutorando Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal

de Santa Catarina

pedromusalem@gmail.com

Aborda-se etnograficamente a prática ritual dos taitas (xamãs) indígenas da região de Putumayo, Amazônia ocidental colombiana, apresentando o circuito interétnico que suporta estas práticas desde uma perspectiva histórica, para logo indagar, através de observações contemporâneas, as lógicas implícitas nas curas aos dependentes (ou abusadores de substâncias) que estes taitas realizam. Os taitas encontram-se ativamente inseridos na circulação de práticas médicas oficiais e alternativas no âmbito global. Porém, desde uma tradição própria, ancorada na sua identidade indígena, e através da prática dos rituais de yagé, os taitas afirmam a superioridade da sua medicina, que em último termo se estabelece a partir da sua interlocução direta com deus. Durante meu trabalho de campo entre os taitas indígenas no Putumayo, ouvi várias narrativas de cura em que estes resolviam mediante tratamentos baseados em rituais de yagé os problemas de poli consumo de substâncias (tipicamente uma mistura simultânea de cocaína, crack, álcool e maconha). A partir destas narrativas, se faz possível relativizar noções comumente aceitas acerca destes temas, como a de que o problema principal radica no potencial de dependência das substâncias consumidas. Procuo também, com base nestas narrativas, discernir as instâncias simbólicas que estabelecem e possibilitam a interação entre os taitas e seus pacientes brancos vindos das grandes cidades de Colômbia.

Palavras chave: taitas, yagé, dependência.

AYAHUASCA: USOS Y SENTIDOS EN TORNO AL CONSUMO RITUAL DE UN BREBAJE AMAZÓNICO EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES EN EL SIGLO XXI

Juan Francisco Catarino

Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires

catarinojf@gmail.com

En el presente trabajo me propongo investigar y distinguir distintos usos y sentidos que se le atribuyen al consumo ritual de un brebaje de plantas amazónicas denominado comúnmente “ayahuasca” en la ciudad de Buenos Aires. Este brebaje, cuya utilización tiene una tradición milenaria entre los pueblos indígenas de la selva, ha sido objeto de un fenómeno de difusión importante que ha alcanzado en los últimos años una extensión global. Como consecuencias de esto, ha pasado a consumirse en todo tipo de contextos “nuevos”, es decir ya no exclusivamente selváticos, y en marcos muy diversos. Mi intención es la de analizar la complejidad existente en Buenos Aires en torno al

consumo estrictamente ritual de la ayahuasca, intentando diferenciar diferentes tradiciones y contextos que existen y operan actualmente en la ciudad. En términos generales, lo que se busca es explorar algunos aspectos del proceso de transformación que está atravesando el fenómeno religioso en el siglo XXI; el estudio se ubica entonces dentro de la antropología de la religión, y uno de los principales debates teóricos que daremos refiere a si pueden considerarse “religiosos” los usos que se hacen de la ayahuasca en contextos no dogmáticos de surgimiento reciente. Metodológicamente, el trabajo se basa en la investigación etnográfica con observación participante, con trabajo de campo realizado principalmente en el Centro Libre Nudo Infinito, lugar en el que se consume periódica y ritualmente la ayahuasca, así como en otros diversos puntos de la ciudad entre los meses de marzo y junio de 2015.

PLANTAS ENTEÓGENAS E A ESPIRITUALIDADE NA SAÚDE

Neidi Regina Friedrich

neidi_regina@yahoo.com.br

Enfermeira, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/BR

Esse trabalho aborda um capítulo de minha tese de doutorado (2012), que também discute as Plantas Sagradas ou Enteógenas. Traz discussão da espiritualidade no cuidado com a saúde, tendo-se iniciado com populações originárias e atualmente difundido no neo-xamanismo na Nova Era. O uso das plantas corresponde a um dos exercícios do ser humano para transcender e entrar em contato com seres e elementos do sagrado. Inicialmente associado às práticas xamânicas, as plantas de poder constituem ferramentas que são fundamentais na consolidação do xamanismo com técnicas de êxtase. O uso de enteógenos na atualidade ligam espiritualidade e saúde psíquica, associando essas plantas ao autoconhecimento e terapia. Diferenciam-se das exclusivamente medicinais, pois além de propriedades curativas trazem a possibilidade de acessar um contato de consciência ampliado, equiparado ao transe extático. Muitas das plantas utilizadas tradicionalmente ainda são consideradas “alucinógenas”, sendo proscritas, como a coca, peyote, hongos, cannabis e ayahuasca. Segundo Glockner (2006) existem três aspectos que diferenciam o uso delas, diferenciando seu uso como “droga”: procedência - direto da natureza, não sendo modificadas sinteticamente como caso do peyote, coca, ayahuasca, cannabis, tendo o cuidado desde a plantação, preparo e uso; finalidade – com fins terapêuticos ou adivinhatórios, não sendo utilizadas para próprio prazer ou lúdicas, como forma de satisfazer uma adição; efeitos individuais e coletivos que produzem – quando se consome ritualmente essas plantas, é possível acessar uma dimensão espiritual com revelação de verdades, com comunicação, quando se está preparado para isso, com seres cuja vontade incide no curso das coisas deste

mundo

Palavras Chaves: Plantas Enteógenas, Espiritualidade, Medicina Tradicional.

CASA SAGRADA, SANTO DAIME E JUREMA EM SERGIPE: UM ESTUDO SOBRE TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRANSFORMAÇÃO

Fátima Oliveira

esperiativo@hotmail.com

A Casa Sagrada é um "centro de cura" na cena urbana sergipana, localizado no município de Barra dos Coqueiros-SE onde se realizam os rituais do Santo Daime na Igreja Flor da Rainha seguindo a linha do Cefluris (Centro eclético de fluente luz universal Raimundo Irineu Serra) e rituais com a Jurema na Roda de Medicina Ancestral numa vertente dos novos movimentos urbanos neo-xamânicos. O presente trabalho objetiva compreender as transformações existenciais ocorridas pela ingestão da "ayahuasca" e "jurema" por meio de experiências corpóreas (limpezas) e emocionais (mirações) dos integrantes, partindo do relato de suas trajetórias, buscando definir as principais categorias culturais envolvidas na experiência de mudança e compreender estas categorias em suas relações com o grupo, buscando identificar os modelos que motivam e sustentam estes procedimentos e categorias culturais. A temática de cura foi definida a partir de interesses que me parecem centrais para os participantes da Casa Sagrada. Ao longo de sua trajetória, vários acontecimentos apontam para a construção de uma identidade coletiva enquanto "centro de cura". Esta identidade encontra-se ancorada na história do grupo, em interação com a práxis de seus participantes.

Palavras-chave: Santo-Daime, Jurema, ritual, experiência, transformação, trajetórias.

A LINHA DE ARROCHIM: RITUAL, TERAPIA E CURA EM UM CENTRO DE SANTO DAIME

Henrique Fernandes Antunes

Doutorando – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – USP

hictune@yahoo.com

O objetivo primeiro do trabalho é apresentar em linhas gerais o trabalho de cura Linha de Arrochim, realizado no Centro Pronto So

corro Espiritual Raimundo Irineu Serra (Cepseris), um centro de Santo Daime localizado em Rio Branco, Acre. Em um primeiro momento, serão apresentados relatos sobre o desenvolvimento do trabalho Linha de Arrochim na década de 1960, pelo padrinho Wilson Carneiro de Souza, discípulo direto do fundador do Santo Daime, Raimundo Irineu Serra. Em seguida, será discutida a recente institucionalização da Linha de Arrochim, a partir do processo de inserção do trabalho de cura em questão no calendário ritual mensal do Cepseris. Por fim, pretendo discutir algumas questões relativas às implicações de noções como ritual, terapia e cura a partir do caso específico do Cepseris.

Palavras-chave: Linha de Arrochim, Santo Daime, Ritual, Terapia, Cura

CURAS NO SANTO DAIME: CONCEITOS E PRÁTICAS DE SAÚDE NAS LINHAS DO ALTO SANTO

Josué Silva Abreu Júnior

Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Antropologia

Este projeto busca investigar as concepções, conceitos e práticas de cura na religião conhecida por Santo Daime, fundada em 1930 no Acre (Brasil), por Raimundo Irineu Serra (Mestre Irineu). O estudo é focado em Centros do *Santo Daime* na cidade de Rio Branco e arredores conhecidos como *linha do Alto Santo*. Busca igualmente realizar um levantamento das memórias de *cura* realizadas por *Mestre Irineu*, assim como identificar outras práticas e produtos (além do Daime) utilizados para curar. O trabalho de campo se embasou na proposta metodológica de Favret Saada, explicitada no termo “ser afetado”. Para a autora, “ser afetado” significa estar sujeito às mesmas intensidades que o grupo pesquisado e se deixar agir pelos sentimentos, sensações e percepções resultantes destas intensidades. A partir das informações levantadas em campo, apresento as concepções, práticas e conceitos de saúde e cura no Centro Livre e CEFLI (Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado), que foram os centros em que participei de forma mais intensa. Ao final busco fazer um diálogo entre as teorias antropológicas acerca da eficácia (eficácia ritual, eficácia simbólica, etc) e as vivências de saúde e cura nas linhas do *Alto Santo*. Através dos conceitos, práticas e concepções de saúde e cura nas linhas do *Alto Santo*, assim como dos afetos que experimentei em campo, busco responder à seguinte questão: - De que forma a cosmologia do *Alto Santo* influencia a eficácia dos procedimentos que buscam a *cura*?

Palavras-chaves: Santo Daime, Ayahuasca, Medicina Tradicional

DAIME PAZ. NUEVAS RELIGIOSIDADES EN TIEMPOS DE CONSUMO

Pía Bazzán Pérez.

Licenciatura en Sociología, Universidad de la República Oriental del Uruguay.

bazzanpia@gmail.com

En el marco del proceso actual de expansión de las opciones religiosas en nuestro país analizamos mediante entrevistas y observaciones la configuración identitaria del Santo Daime en Uruguay, con especial énfasis en el consumo de representaciones y sentido subjetivo. Una sociedad cada vez más plural que da lugar a nuevas doctrinas religiosas y coloca al fiel en el rol de elector, convirtiendo el campo religioso en un mercado con sus ofertantes, sus consumidores y sus productos. La oferta más atractiva que posee el culto daimista es su propio sacramento, la ayahuasca; a la vez uno de los elementos que cuestiona con mayor intensidad la legitimidad del culto por considerarse una “droga”. Sin embargo, ¿a qué se debe su atractivo? Es que la misma pluralidad que le da lugar es condición de su existencia, la inmensa marea de estilos de vida y de valores divergentes y hasta opuestos sumergen al sujeto en un caos donde ya no quedan certezas de las que aferrarse, un mundo donde ya no encuentran el sentido. Así es que la ayahuasca y la forma en que la representan (como una santidad líquida) cumple la función de guía en el día a día siendo una herramienta para la sanación del espíritu que ha enfermado a causa de los sinsentido de la vida moderna. Por lo que el fundamento de este nuevo mercado religioso es el consumo de sentido subjetivo, es la construcción de refugios simbólicos basados en verdades inalterables donde pararse firme, huyendo de un mundo que tambalea.

Palabras clave: Identidades, mercado religioso, ayahuasca, consumo subjetivo, refugio simbólico.

A RAIZ REVISITADA: NOTAS SOBRE AYAHUASCA, ESPIRITUALIDADE E

TERAPIA NA CONTEMPORANEIDADE

Rodrigo Rougemont da Motta

Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do
Rio de Janeiro

rodrigorm@gmail.com

A proposta deste trabalho é refletir sobre a perspectiva terapêutica da espiritualidade e como ela é tratada dentro de determinado cenário religioso contemporâneo. O interesse é examinar esta relação dentro de um espaço inter-religioso que faz uso da bebida psicoativa indígena chamada ayahuasca, mais especificamente seu uso em contexto urbano. O espaço religioso que será analisado parte de um pressuposto que liga o conceito de religião a uma de suas possíveis etimologias, “religare” do latim, que significa religar o que foi cindido, aproximando o trabalho espiritual do trabalho realizado pelo terapeuta que busca integrar materiais do inconsciente. Esta reflexão é fruto de uma pesquisa de campo que venho realizando em uma casa localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras, chamada Círculo Holístico: Arca da Montanha Azul. O ritual com a ayahuasca é coordenado por um psicólogo junguiano que em sua metodologia do uso da bebida explora em muito as concepções oriundas da psicologia analítica de Jung, bem como a influência da psicologia transpessoal que entende o potencial terapêutico como algo inato ao homem. A proposta é pensar as noções de pessoa e cura que perpassam um ritual religioso contemporâneo marcado pela ênfase em terapias holísticas como o desenho, a música e a dança, aliada ao êxtase proporcionado pelo uso de uma substância psicoativa advinda de uma planta da floresta amazônica, refletindo assim sobre novas formas de vivenciar o divino que perpassam por um anseio de expansão da consciência em direção à outra concepção do ser.

Palavras-chave: Ayahuasca; Espiritualidade; Nova-Era; Pessoa; Cura

GT6. PRATICAS DE MANAGEMENT CORPORAL E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CULTURA DE CONSUMO CONTEMPORÂNEA

Coordenadores:

Ana Lúcia de Castro – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho.
UNESP/Araraquara, Brasil.

María Inés Landa – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y técnicas(CONICET) y Universidad Nacional de Córdoba, Argentina.

Lionel Brossi, Instituto de la Comunicación e Imagen Universidad de Chile.

SESSÃO I – SAÚDE E PRÁTICAS DE MANAGEMENT CORPORAL

CORPO, CONSUMO E ACADEMIAS DE GINÁSTICA: ANÁLISE DA IMPOSIÇÃO MÍDIÁTICA ENTRE OS PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

Mirela Valério Lopes

Mestre em Ciências Sociais -PUC- SP

miscoaisuel@yahoo.com.br

O presente trabalho visa discutir o culto ao corpo na sociedade atual, principalmente a sociedade brasileira na qual o consumo relacionado ao corpo tem aumentando em vista a busca da boa forma e da saúde. Tal comportamento em relação a manutenção corporal visando a estética e a saúde tem como seu locus a academia de ginástica em que podemos perceber um certo exagero quanto essa empreitada, incentivado cada vez mais pela mídia em especial as redes sociais, em que há ampla divulgação de dicas para a obtenção do “corpo sarado”., tornando-se para muitos uma imposição, que pode leva-los ao uso de drogas como os esteroides anabolizantes, uma série de exercícios que pode levar a lesões, bem como distúrbios dismórficos e alimentares, como a vigorexia e a ortorexia.

Palavras chave: Culto ao corpo, consumo, vigorexia, ortorexia

PROFISSIONAIS TARJA PRETA: CONSUMO DE MEDICAMENTOS E BUSCA PELA ALTA PERFORMANCE

Marianna Ferreira Jorge. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense; mariannaferreirajorge@gmail.com

Numa época que estimula o empreendedorismo e o gerenciamento de si, de acordo com a lógica empresarial, bem como o “culto ao corpo” e a medicalização da vida sob uma permanente gestão dos riscos, cabe-nos atentar para os discursos midiáticos que produzem e disseminam um conjunto de valores morais com vigência na atualidade. A hipótese é a de que abundam na atual produção midiática as alusões ao “culto à performance”, com a decorrente vergonha pela responsabilidade que implica não atingir os parâmetros usualmente demandados, além da estigmatização ou “exclusão” daqueles que não conseguem alcançá-los. Portanto, se por um lado essa incitação ao aumento da performance pode resultar numa busca incessante pela extensão dos próprios limites, por outro lado, costuma derivar numa patologização dos esforços malsucedidos. Em ambos os casos, sugere-se uma possível resolução desses conflitos: o recurso à medicalização. Diante disso, o objetivo deste estudo é examinar que tipos de profissionais estão sendo requeridos hoje e quais são as implicações dessas demandas nos corpos e nas subjetividades contemporâneos. Para isso, faz-se fundamental analisar os aspectos socioculturais, econômicos e políticos que conformam tais configurações históricas, em busca de compreender como nelas operam as relações de poder hoje vigentes. A finalidade é a de “desnaturalizar” certas concepções atuais a partir do método genealógico, desenvolvido por Michel Foucault, analisando os valores e as ideias cristalizados no senso comum ou que estão se tornando hegemônicos, na tentativa de enxergar as práticas e os vetores históricos que os constituem.

Palavras-chave: espírito empresarial; consumo de medicamentos; performance; subjetividade contemporânea.

ENTRE “GORDURA BOA” E “GORDURA RUIM”: CORPO, SUBJETIVIDADE E AS FRONTEIRAS ENTRE SAÚDE, MORAL E ESTÉTICA EM DISCURSOS MÉDICOS-CIENTÍFICOS DE GRANDE CIRCULAÇÃO

Juliana Loureiro. Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; jloureiro23@gmail.com.

A contemporaneidade é atravessada por um crescente processo de capitalização do corpo, relacionado à ascensão de modelos específicos de corporalidade e ao desenvolvimento científico-tecnológico, que possibilitou novos modos de visualização e intervenção nos corpos. Nesse processo, os variados modos de os indivíduos investirem em seus corpos são diferentemente valorados, de acordo com normas e expectativas disponíveis no contexto sociomaterial em que estão imersos. Diante desse quadro, os corpos gordos parecem entrar em conflito com a constante reafirmação de noções como

responsabilidade, controle e cuidado de si. Este trabalho objetiva produzir uma reflexão sobre esses processos a partir de um estudo de inspiração etnográfica que analisou discursos médicos-científicos voltados para o público leigo, através da trajetória do endocrinologista Alfredo Halpern, considerado um “expert” em obesidade e emagrecimento no Brasil. Através desse estudo, chegou-se à conclusão de que, diferentemente do que comumente é afirmado, os discursos médicos-científicos sobre obesidade e emagrecimento estão longe de serem estáveis e desprovidos de controvérsias. Através de estudos epidemiológicos que refutam a chamada “epidemia da obesidade” e o suposto maior índice de mortalidade entre os obesos, há um reconhecimento da existência de “tipos” diferentes de gordura corporal e de “obesos saudáveis” ou “em forma”, o que parece contrastar com a reafirmação da obesidade como doença. A partir disso, discute-se como, apesar dessas controvérsias, há uma busca por estabilizar e reiterar a gordura como algo ruim, excessivo e patológico, e que tipo de consequências éticas e políticas vêm sendo geradas nesse processo, através da mobilização de noções e práticas específicas sobre corpo, saúde e subjetividade.

Palavras-chave: Corpo; saúde; subjetividade; gordura; obesidade.

CORPO, GENÉTICA E IDENTIDADE: NOTAS PARA PENSAR A RACIALIZAÇÃO DA SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE

Tatiane Muniz

Evidencia-se a partir do Projeto Genoma e das possibilidades de escrutínio do corpo, daí decorrentes, um conjunto de esforços de pesquisa no campo médico, com vistas a provar a determinação racial de certas doenças. Estudos epidemiológicos apontam para a prevalência de certos problemas de saúde em determinados grupos populacionais, racialmente classificados, tendo em vista a situação de vulnerabilidade sócio-econômica à qual este grupo populacional está, historicamente, submetido. Entretanto, na medida em que se buscam, em âmbito molecular, elementos para a afirmação de diferenças biológicas que os colocariam em situação de propensão ao desenvolvimento e agravamento de certas patologias, um discurso essencializante acerca da raça pode emergir, levando a conclusões e construções sociais equivocadas sobre esta categoria. Entretanto, persiste o uso de nomenclaturas raciais para a classificação de doenças, corroborando para um discurso diferencialista, do ponto de vista biológico, que remete ao discurso evolucionista do século XIX, amparado, agora, pela biotecnologia. Neste cenário, reacende-se o debate entre os mais distintos campos do conhecimento, no sentido de afirmar e negar a existência da raça enquanto uma realidade empírica e sobre a importância e riscos de sua utilização, seja no âmbito das ciências da vida ou no cotidiano das relações sociais. Em um contexto marcado pelo multiculturalismo, no qual os sujeitos são chamados a afirmar suas identidades, em mobilizações coletivas, a problematização de tais questões aparece como um imperativo irrefutável, tendo em vista que “raça” tem sido, historicamente, no Brasil, uma categoria estruturante das relações sociais, recorrentemente, acionada para definições identitárias, como parâmetro

de participação democrática e plural, bem como para a elaboração de políticas públicas. O presente trabalho consiste na discussão da forma com as categorias raça e saúde tem sido relacionadas no contexto brasileiro, demonstrando as diversas disputas políticas e ideológicas e econômicas em torno da sua utilização, desde o século XIX, momento em que começa a se esboçar um campo de Antropologia no país, cuja agenda estava centrada nas relações raciais, até o recente debate acerca da raça, ensejado pelo novo paradigma da genética, quando ocorrem novos processos de subjetivação relacionados as identidades.

-

SESSÃO II – CORPO, IDENTIDADE E MEMÓRIA NOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Corpo e memória na contemporaneidade: reflexões sobre paradoxos rememorativos

Renée Louise Gisele da Silva Maia

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Doutoranda em Memória Social (PPGMS)

reneemaia@gmail.com

Marcado por condições como individualismo, consumismo e rivalidade, o cenário contemporâneo representado pelas sociedades ocidentais capitalistas evidenciaria uma condição paradoxal quanto o assunto é a relação entre corpo e memória. Por um lado, considerado a partir de perspectivas bergsonianas, o corpo simbolizaria um centro de indeterminação que estaria tendo comprimidas tanto suas possibilidades de espera, quanto de memória e criação. Por outro, uma atual obsessão pela memória estaria promovendo a produção e o consumo de passados e de perfis-padrão através de uma mercadorização de processos de subjetivação. Objetivando contribuir para uma melhor compreensão desta relação paradoxal, este trabalho foi dividido em dois momentos de desenvolvimento. No primeiro, procurou cunhar o termo de compressão da hesitação apoiando-se em perspectivas filosóficas e psicanalíticas, e apresentando também seus possíveis desdobramentos na contemporaneidade. No segundo, dedicou-se à abordagem da cultura de memória descrita por Andreas Huyssen. Enfocou como a aceleração do tempo e a compressão do presente estariam promovendo problemáticos mecanismos de mercadorização da vida subjetiva, estes responsáveis, por sua vez, pela disseminação de um mal estar generalizado. Por fim, concluiu suas exposições com a proposição de que precisaríamos buscar a promoção de estratégias de rememoração – e subjetivação – criativa, direcionando-nos para um caminho de ampliação de potenciais de espera, escolha e indeterminação.

Palavras-chave: memória; corpo; aceleração; tempo; criação.

O QUE SUA TATUAGEM DIZ SOBRE VOCÊ?

Beatriz Patriota Pereira. Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Júnior; bia.patriota@hotmail.com

A tatuagem foi a primeira prática de *body modification* a ser incorporada pela cultura do consumo. A marca corporal também ganhou espaço no mundo da moda e da arte, através de sua crescente popularização e de sua legitimação. Enquanto modificação corporal, permite que o corpo seja administrado na construção de uma identidade escolhida ou desejada. O corpo é moldado e planejado dentro de um projeto corporal. Assim, o sujeito, a partir dos significados criados e atribuídos aos desenhos, apodera-se da tatuagem como um dos mecanismos que atuam na criação de uma imagem de si, entre identificações e diferenças. É por meio da condição corporal que o sujeito afirma sua identidade e a exterioriza. Objetivo compreender como as tatuagens são significadas subjetivamente e como essas subjetivações contribuem na construção das identidades para os tatuados. A metodologia é baseada em pesquisas bibliográfica e etnográfica em estúdios de São Carlos/SP.

Palavras-chave: Tatuagem. Modificação Corporal. Corpo. Consumo.

EL FENÓMENO DEL TATUAJE EN LA CIUDAD DE SAN LUIS POTOSÍ (fenómeno del tatuaje, observación y análisis, proceso, estudios, tatuadores y tatuados)

Edgar Israel Martínez Luna. Universidad Autónoma de San Luis Potosí;
uakbatzben@hotmail.com

El objeto de estudio que fungió como base para la formulación de esta investigación es el fenómeno del tatuaje en la ciudad de San Luis Potosí, que por sus condiciones y configuración posibilita la observación y análisis del proceso a través del cual fue adquiriendo una presencia significativa en los habitantes de la ciudad.

Se busca identificar las condiciones materiales que permitieron su formación, así como rastrear los orígenes de esta práctica en la ciudad ¿Dónde estuvieron los primeros

estudios? ¿Quiénes fueron los primeros tatuadores? ¿Prevalecen? Además observar los mecanismos que generaron el crecimiento del fenómeno, hasta llegar a sus condiciones actuales.

La intención de este texto es exponer la manera como se ha legitimado y popularizado dicha práctica tomando como punto de partida el año de 1995 hasta el presente, como se fue generando la regulación del fenómeno del tatuaje, es decir, su proceso de profesionalización así como las distintas manifestaciones que emergen en la praxis del fenómeno.

Para llevar a cabo lo anterior se dividió metodológicamente nuestro objeto de estudio en dos grandes elementos componentes para su observación y análisis, en función de los sujetos que componen nuestro universo, pues, por un lado tendremos a los tatuadores para abordar la forma en que se van generando los mecanismos que permiten la instalación de estudios de tatuaje en la ciudad generando con esto la posibilidad de tatuarse y por otro lado tendremos a los tatuados para observar las imágenes que se están tatuando los habitantes de la ciudad.

ENTRE PRÁCTICAS: ESPACIOS PARA LA EDUCACIÓN DEL CUERPO

Mg. Carolina Escudero CICES – UNLP/CONICET carolinaescu@yahoo.com.ar

Mg. Daniela Yutzis CICES - UNLP/CONICET danielayutzis@gmail.com

Este trabajo organiza un conjunto de reflexiones que se generan a partir de las clases de Danza y Sensopercepción que se dictan desde la cátedra de Educación Física 5. El interés central está puesto en ese nuevo territorio que se construye a partir del encuentro de estas prácticas con la Educación Física, cada una con su recorrido histórico-político, sus saberes y sus técnicas. La pregunta es entonces qué saber es posible ofrecer, qué implicancias tiene para la Educación Física nuestra propuesta y qué espacio se discrimina *entre* ambos territorios para pensar la educación del cuerpo y la formación de profesores.

Palabras clave: Cuerpo-educación-entre-acción-prácticas

CUERPO Y MOVIMIENTO: ANÁLISIS DE RELATOS BIOGRÁFICOS DE

JÓVENES QUE REALIZAN ACTIVIDADES ARTÍSTICAS Y DEPORTIVAS EN BARRIOS POPULARES DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Mg. Silvia Alejandra Tapia. Doctoranda en Ciencias Sociales. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires; silviaatap@yahoo.com.ar

En este trabajo presento avances de mi tesis doctoral en Ciencias Sociales, cuyo objetivo general es analizar la configuración de los procesos de individuación en jóvenes de sectores populares que desarrollan actividades artísticas y/o deportivas en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Para la construcción de datos empíricos se realizó observación-participación en talleres de circo, hip-hop y tango ofrecidos por una organización social ubicada en la zona sur de la Ciudad, orientados en particular a jóvenes de sectores populares. Con un grupo de estos jóvenes (mujeres y varones entre 18 y 24 años) se construyeron sus relatos biográficos a partir de la identificación de los acontecimientos más significativos en sus vidas. Para su procesamiento y análisis se siguieron los lineamientos de la teoría fundamentada, utilizando como auxiliar el software Atlas.ti.

Del análisis de los emergentes en dichos relatos se plantean interrogantes acerca del modo en que estos jóvenes se ven interpelados a desplegar diversas estrategias para circular por diferentes espacios de sociabilidad y ser aceptados por otros: sus familias, sus compañeros de estudios o de actividades artísticas y deportivas, sus empleadores. En ese sentido, se indaga el modo en que las regulaciones de sus cuerpos, sus movimientos y las formas de presentarse ante de los demás operan en la configuración de sus identidades. Para ello, se utilizará como articulador analítico las propuestas de la *sociología de la individuación* de Danilo Martuccelli.

Palabras clave: juventud – cuerpo – movimiento – procesos de individuación

-

Sessão III – CORPO, GESTÃO E CAPITAL

CORPOS ESGOTADOS E A DESACELERAÇÃO COMO UM PRODUTO

Daniele Pires de Castro. Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro; danielepcastro@gmail.com

A experiência de progressão erigida no interior do modelo instrumental de mobilidade está constantemente ameaçada pelos limites de sua própria exacerbação. Índícios de exaustão, cansaço e esgotamento pairam sobre os corpos, ameaçando-os com o que seria a catástrofe de um modo de vida que não estabelece limites para seu próprio avanço: a paralisia. Nesse contexto de tensionamento entre uma mobilidade instrumental e

progressiva levada ao extremo de sua intensidade e a possibilidade da exaustão, ganham destaque, nos modos de consumo, na mídia e na arte, perspectivas que se tensionam. De um lado, há demonstrações de esforço, à beira de um colapso, de empreendedores, atletas e artistas buscando a superação. De outro lado, no mesmo cenário de espetacularização e heroicização de histórias de indivíduos que vão ao “extremo”, começam a surgir demandas por desaceleração. Nesta comunicação, pretendo, através de exemplos do campo do consumo e da arte, investigar como experiências que se pretendem alternativas ao modelo predominante de mobilidade produzem suas críticas. No campo do consumo, meu objeto será o “movimento *slow*” e, na arte, as *sleep-oriented performances*. Através de um estudo que se debruça inicialmente sobre como é constituída a mobilidade em nossos dias, o foco é em identificar se os projetos de desaceleração são capazes de criar outra experiência de movimento ou se a mudança de ritmo não seria, apenas, a permanência da mesma lógica produtivista, sustentada por um fôlego acalmado e renovado.

Palavras-chave: desaceleração; mobilidade; movimento *slow*; produtividade; *sleep-oriented performance*.

A PRÁTICA DO *COACHING* NA TRAMA DO DIÁLOGO ENTRE A ANTROPOLOGIA DA EXPERIÊNCIA E A SOCIOLOGIA DO TRABALHO

Bruno Casalotti Camilo Teixeira. Mestrando em sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); brunocasalotti@yahoo.com.br

Jorge Gonçalves de Oliveira Júnior. Mestrando em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP); jorge.oliveira@usp.br

O *coaching* é uma ferramenta de capacitação empresarial que, desde a última década, vem ocupando cada vez mais espaço nos processos de treinamento de recursos humanos, substituindo outras técnicas e teorias de treinamento do tipo motivacional como a PNL (sigla para Programação Neuro-Linguística). Sua prática, grosso modo, envolve o diálogo entre o *coach* (treinador) e o *coachee* (treinando) para o estabelecimento de metas que podem envolver a melhoria da comunicação na equipe, o aumento de vendas, mas também estaria apta a tratar de “problemas pessoais” – alguns dos quais, com origem externa ao ambiente empresarial propriamente dito. Também envolve uma série de variações: o *coach* pode ser um consultor especializado de outra empresa ou pode ser até o patrão do *coachee* – o que implica em uma relação de confidencialidade e controle que podem facilmente ultrapassar limites éticos. Há também uma explosão de modalidades como *coaching* de vida, de casamento, espiritual, etc., provavelmente impulsionados pelo sucesso no campo empresarial. Este trabalho, escrito a quatro mãos e sob a ótica de duas disciplinas – a antropologia da experiência e a sociologia do trabalho – procurará entender os processos de subjetivação

e as relações de poder implicadas no *coaching*, explorando os diálogos entre os dois pesquisadores e os pontos cegos de suas respectivas abordagens.

Palabras claves: *coaching*; gestão empresarial; experiência; trabalho; subjetivação

PROPOSIÇÕES DO CORPO ENQUANTO UM CAPITAL: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEOS ENTRE INCITAÇÕES E INVESTIMENTOS

Mário Borba. Mestrando em Antropologia – UFF; borba.mp@gmail.com

Neste trabalho lanço questões sobre a articulação corpo, consumo e subjetividade, partindo de considerações da minha dissertação, onde abordei proposições nas formas de tratar o corpo no discurso publicitário; pensando sobre as tensões que sustentam algumas conjugações do corpo e do cuidado com ele no contemporâneo, nas veredas do consumo. Para tanto, à luz da perspectiva foucaultiana de pensar discurso e subjetividade, investigo a existência de alguns enunciados que articulam inteligibilidades sobre o corpo, situando-o, muitas vezes, como uma demanda entre o eu e o outro, entre ser e parecer. Assim exploro faces de um enunciado que identifico como recorrente: o corpo proposto enquanto um capital a ser investido. Na multiplicação desse enunciado localizo alguns discursos que povoam o contemporâneo oferecendo verdades e atualizando fronteiras sobre ele. Enfoco alguns operadores pelos quais se pode conceber investimentos em si, que acredito que constituem formas de ver (e pensar e tratar) o corpo atualmente (como um empreendimento) – formas que demarcam critérios de avaliação da situação do corpo e determinadas “moralidades” atuais. Entendo o discurso publicitário como um lócus privilegiado para reflexão sobre essas transformações, onde entendo também que o corpo consome e é consumido. Recupero essas considerações e lanço questões, com base na minha pesquisa atual, onde investigo a produção de investimentos sobre o corpo jovem em contextos de incitação e dívida, abordando-os em sua presença na escola, pensando como coadunam (ou não) imposições escolares com outras “externas” a elas, nas formas de conceber, produzir e valorizar o corpo jovem.

Palavras-chave: corpo, consumo, subjetividade, empreendedorismo, escola.

LA AUTORREGULACIÓN EN LA PRODUCCIÓN CREATIVA: EL CASO DE

LOS EDITORES

Paula Miguel (FADU/IIGG-UBA)

Ezequiel Saferstein (CeDInCI-Becario CONICET); paula@sociales.uba.ar;
kielo84@gmail.com

En las últimas décadas, el mundo de las llamadas industrias creativas ha sido testigo de profundas transformaciones. Algunos de sus espacios de producción se vieron repentinamente transformados por la incursión de agentes de nuevo tipo en el marco de dinámicas globales. ¿Cómo explicar esas transformaciones? ¿Cuál es el sentido y el alcance de esos cambios? Este trabajo se propone desarrollar una clave de lectura para avanzar en la respuesta de estas preguntas. Para ello, nos enfocaremos en el ámbito de la producción editorial, particularmente en los editores de conglomerados globales en Argentina. Sus trayectorias vitales y perfiles profesionales, la forma en que encarán la producción editorial, el marketing y la gestión editorial, entre otras cuestiones, contribuyen a dar cuenta de elementos comunes que han contribuido a la construcción de su lugar en el mundo y, por decirlo de alguna manera, a conformar su legitimidad y prestigio. Entre esos elementos comunes, se encuentra lo que analíticamente podemos pensar como la conformación de un ethos que excede la formación profesional y se entrecruza con diferentes experiencias en el desarrollo vital y concepciones de lo individual. Allí entran en tensión mecanismos opacos de “inspiración” o “intuición” creativa, compuesta por elementos residuales y novedosos, con la lógica empresarial que busca transparentar mecanismos de producción de un éxito de ventas. El trabajo se basa en los resultados de investigaciones en curso que, mediante un abordaje cualitativo, buscan analizar diferentes formas de producción, circulación y usos de bienes “creativos” entendiendo que en tales circuitos se encuentran implícitas particulares nociones de la subjetividad.

Palabras clave: industrias creativas - producción simbólica - campo editorial - marketing - subjetividad.

CAPITALISMO Y SUBJETIVIDAD FUTBOLÍSTICA. CUERPOS DISCIPLINADOS Y SACRIFICADOS

Débora Majul. Licenciada en psicología. UNC. Estudiante de Maestría en Intervención e Investigación Psicosocial. Facultad de Psicología. UNC; deboramajul@gmail.com

Ampliar la mirada de las ciencias sociales implica que podamos echar luz en campos poco explorados como es el caso del campo deportivo. Es también allí donde en la

actualidad se conjugan prácticas, discursos, cuerpos, subjetividades, dispositivos, todos ellos ensamblados por el sistema capitalista. Hacer foco en un deporte como lo es el fútbol lleva a la pregunta por la producción y legitimación de las subjetividades ancladas en los dispositivos institucionales de los clubes que forman a jóvenes deportistas. Asimismo, es lícito interrogarnos sobre cómo se reproduce la lógica capitalista en la producción de sujetos y cuerpos para el alto rendimiento, que por otro lado los precariza de modo tal que los trata como mercancía integrándolos de esta forma en la economía global. Es en este contexto que es posible encontrar polaridades como: 1- subjetividades del rendimiento configuradas a través del disciplinamiento de los cuerpos y, 2- subjetividades del sacrificio alineadas a la necesidad del sujeto de ser productivo con el objetivo de salvación; atravesadas ellas por discursos familiares, sociales y mediáticos que lejos de acompañar el proceso de subjetivación lo invisten desde la demanda, de éxito y rendimiento, y la idealización.

Palabras Clave: subjetividad – fútbol – capitalismo – sacrificio – cuerpo

SESSÃO IV – CORPO, GESTÃO, CAPITAL

EMPRENDEDORES/EMPRENDEDORAS: GENERIZANDO EL CUERPO Y EL SUJETO DEL BIENESTAR

María Inés Landa (CIECS-CONICET y UNC)

landa.mi@gmail.com

El estilo de vida que se presenta tras el significante del bienestar despliega un entramado de dispositivos terapéuticos, económicos y de espectacularización de las apariencias que funda sus prácticas y discursos en una racionalidad de tipo neoliberal. La subjetividad que configuran las prácticas de cuidado de sí y de la propia salud, porta los atributos del sujeto emprendedor y del cuerpo del liderazgo, cuyo aspecto es entre saludable y deportivo, demandado en los diversos escenarios de consumo y productivos del presente.

No obstante, estas figuraciones engendran propiedades distintivas para uno y otro sexo. La ponencia indaga en estas diferencias, a partir del análisis de una revista de la salud - *Women's Health* y *Men's Health* -, de circulación masiva, que posee la particularidad de ofrecer un producto en versión masculina y femenina.

El análisis arroja que ambas revistas reproducen el cuerpo *straight* de la heteronormatividad; en tanto que se le atribuye al varón un cuerpo musculoso, mientras que a la mujer se la identifica, con un cuerpo tonificado, armónico y delgado, más

pequeño que su opuesto.

De este modo, estas imágenes ritualizan ideales corporales que convencionalizan las convenciones circulantes en el imaginario social. Urge, por lo tanto, reflexionar en torno a los efectos que produce el discurso del bienestar, en tanto que alude a pseudo• originales que, a pesar de su respectiva fragmentación, insisten con soluciones únicas, de pretensiones universalizantes/normalizantes y concebidas como esencialmente naturales.

Palabras claves: Discursos de la salud y del bienestar – revistas de la salud – estereotipos de género – subjetividad emprendedora – racionalidad neoliberal.

TENDENCIAS DE MEDIA MANAGEMENT AL INTERIOR DE LAS SALAS DE REDACCIÓN: EL CASO DE LOS DIARIOS Y CANALES DE TELEVISIÓN EN CHILE EN LA POSTDICTADURA

Claudia Lagos Lira. Profesora Asistente, Universidad de Chile (Chile) / Estudiante de doctorado, University of Illinois at Urbana-Champaign (USA); cllagos@uchile.cl / lagosli2@illinois.edu

Este artículo explora cuáles son las principales tendencias en el *management* al interior de las salas de redacción en el sistema de medios chileno. La hipótesis del artículo es que desde los '90s, el *management* se ha instalado sistemáticamente al interior de los medios, reemplazando el poder de decisión editorial. Este proceso ha estado íntimamente relacionado con los cambios experimentados por la sociedad chilena en su conjunto, donde el neoliberalismo se desplegó desde los '70s, aplicando las políticas promovidas por la Escuela de Chicago: privatización, desregulación, disminución del Estado (Harvey, 2007; Klein, 2007; McChesney, 1999).

Teóricamente, la propuesta se enmarca en la economía política de la comunicación y, metodológicamente, la ponencia asume una perspectiva exploratoria, cualitativa y descriptiva. Se analizaron algunos casos disponibles en la literatura en los cuales el *management* ha jugado un rol fundamental al interior de las redacciones (Ríos, 1996; Santibáñez y Luengo, 1993, Bofill, 1993). Asimismo, se consideraron los discursos de los presidentes de la Asociación Nacional de la Prensa (ANP) en su cena bianual y cómo fue cubierto por la prensa, desde 2003 hasta 2014 y se revisaron 15 números de la revista oficial de la ANP (desde el número 36 al 48, desde Octubre de 2008 hasta Diciembre de 2014), disponibles *online*. Finalmente, se revisaron los textos de las negociaciones colectivas de los canales de televisión abierta de cobertura nacional.

El artículo constata la relevancia del enfoque del capital humano, la centralidad del *management*, la colonización lingüística de conceptos propios de la economía, la idea

del desarrollo de los medios desde una perspectiva comercial (“productos”, “innovación”, “proyectos”, “clientes”, “oportunidades”, “liderazgo”, entre otras).

Palabras clave: media management – comercialización de los medios – sistema de medios en Chile.

POLÍTICAS DE VIDA. RESISTENCIAS CORPORALES DE LOS CARREROS DE LA COOPERATIVA LA ESPERANZA A LA GESTIÓN NEOLIBERAL DE LA BASURA EN CÓRDOBA

Fidel Azarian Colectivo de investigación El llano en llamas (UNC/UCC);
fidelazarian_iu@hotmail.com

La cooperativa de carreros y recicladores La Esperanza nace en la ciudad de Córdoba, Argentina, hacia fines del 2010 con múltiples y variados reclamos en el marco de una gestión neoliberal de la recolección y tratamiento de los residuos sólidos urbanos. La lucha que lleva adelante la cooperativa La Esperanza por más y mejores becas, por una gestión de la basura ecológicamente sustentable de la cual los carreros puedan formar parte, por un proyecto de educación popular para las familias carreras, por políticas públicas que favorezcan el cuidado y la salud de los caballos, etc.; el trasfondo de todas esas disputas es un conflicto vital. Desde la cooperativa, los carreros están generando nuevas formas de subjetividad: la lucha de La Esperanza es pura invención, es la actualización del potencial que tiene la revuelta para crear una ética de los cuerpos; porque todo cuerpo para sobrevivir necesita ser cuidado, ser querido y ser sostenido por medios materiales. Nuestro argumento es que en la lucha de los carreros se juega una nueva experiencia ética, estética y política, cuyo potencial emancipatorio se asienta en una asombrosa creatividad para proteger y expandir la vida.

Palabras clave: resistencias- gubernamentalidad neoliberal- políticas de vida- carreros- cooperativa La Esperanza.

SOY PROFESORA NO MÁS: CUERPO DE PROFESORAS DE ESCUELAS VULNERABLES

Patricia Guerrero Morales. Psicóloga. Master y Doctora en Sociología Universidad Denis Diderot-Sorbonne Cité. Académica Titular Universidad Católica Silva Henríquez. Investigadora Asociada Proyecto Anillos Normalidad, Diferencia, Educación; ps.pguerrero@gmail.com, paguerre@ucsh.cl

La presente propuesta es fruto de una discusión que aparece en una investigación de tesis doctoral de 4 años en que se realiza un diseño que tiene una primera fase etnográfica y una segunda parte de intervención. En los 4 años la investigadora principal es madre y cambia la forma de vestirse de estudiante y juvenil a ropa más formal (de baja calidad y costo) que ha sido regalada por una colega para el periodo de gestación y de los primeros meses.

El cambio corporal, el alza de peso y la maternidad, cambia la relación de las profesoras frente a la investigadora. La directora del colegio celebra la formalidad que la investigadora adquiere con el embarazo. “Ahora sí parece una señora”. Cambia su condición de madre, pero también cambia su cuerpo. El cambio azaroso de vestimenta integra a la investigadora al “universo de las profesoras” que la hacen parte en conversaciones acerca de bajo salario de los docentes, la poca posibilidad de hacer deporte por la carga laboral, la dificultad para soportar el frío y el estrés de las escuelas públicas. Es que somos “Pobresoras” o “profesoras no más”, “Es que esta profesión nos tiene tan re feas” son parte de las frases que escapan con risas de las conversaciones con cierta complicidad con la investigadora. La teoría de la injuria de Judith Butler aparece claramente con la idea de su bajo acceso al consumo y a la posibilidad de encarnar un cuerpo “bello” y “elegante”. Sus cuerpos con sobrepeso según las “normas saludables”, vestidos con ropas que no les gustan, sus hábitos de alimentación, les recuerda que la falta de estima social y falta de reconocimiento de la labor docente. Les recuerdan también sus orígenes populares y la dificultad de acceso al consumo. Les recuerda sus bajos sueldos fruto de las políticas de empobrecimiento de los docentes de la dictadura. Las mujeres cuentan que, delgadas y finas, no se sienten capaces de poner límites a los adolescentes de las culturas populares. Ginette Francequin habla de la vestimenta como la segunda piel. Esa piel la cambiamos en la investigación y nos cambiaron también los “datos” y los “resultados”.

Palabras claves: Profesoras, Management del cuerpo.

MUDANÇA DE ENDEREÇO E NOVOS PADRÕES DE CONSUMO DOMÉSTICO ENTRE MORADORES DE CLASSES POPULARES

Shirley Alves Torquato. Doutora em Antropologia Universidade Federal Fluminense-UFF- Brasil; stshirleytorquato1@gmail.com

Esta pesquisa representa o esforço de traduzir e interpretar algumas situações observadas por mim durante trabalho de campo realizado em dois conjuntos de prédios construídos pelo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, no Morro do Preventório, localizado em Niterói, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Procurei observar como uma política pública habitacional, concebida pelo governo federal, foi recebida por aqueles a quem se destinava e como este evento foi vivenciado em termos pragmáticos, lógicos e dramáticos. Minha análise tenta dar conta de "como" a moradia, mesmo não sendo inicialmente escolhida ou desejada, e sim

imposta por um programa de governo, foi pouco a pouco sendo transformada na "casa toda arrumadinha", conforme uma expressão nativa igualmente presente e recorrente em todos os depoimentos. O consumo e a aquisição de bens, da mesma forma que a organização estética dos apartamentos, trouxe à prática de novos rituais domésticos e, ao contrário destes rituais representarem um fardo ou "obrigação", manter "a casa arrumadinha", tornou-se o sinal de uma conquista importante para a grande maioria desses moradores.

POLÍTICAS SOCIALES EN EL MARCO DE LA “SOCIEDAD DE CONSUMO”: RELACIONES POSIBLES

Andrea Dettano (UBA-CONICET/CICLOP-CIES) Doctoranda en Ciencias Sociales;
andreadettano@gmail.com

-

El presente trabajo parte de una reconstrucción/ recorte teórico sobre la denominada “Sociedad de Consumo” y las formas que adquiere/profundiza dentro de la trama Neoliberal. La “Sociedad de Consumo” se conforma desde aquí en el nexo entre régimen económico, sistema cultural y administración política.

Pensando en procesos de estructuración social, se intentará establecer un vínculo entre consumo y política como articulación que habilita indagar los Programas de Transferencias Condicionadas de Ingreso (PTCI) en el marco de -en el caso de Argentina- un modelo económico y político que pone a funcionar variados programas de incentivo al consumo.

Este recorrido será el contexto desde el cual pensar una problemática en particular: Los Programas de Transferencias Condicionadas de Ingreso en América Latina, como políticas anti-cíclicas que devienen en incentivos al consumo. Las programas de asistencia a la pobreza han proliferado en ese formato en la región alcanzando la masividad – para 2011 aproximadamente 129 millones de personas las perciben- con lo que se constituyen como un objeto de indagación de suma relevancia.

Palabras Clave: Consumo, Sociedad, Neoliberalismo, Políticas sociales, PTCI.

SESSÃO V– CONSUMO, CONSTRUÇÃO DA APARÊNCIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

FUNK OSTENTAÇÃO: A INCLUSÃO ATRAVÉS DO CONSUMO

Elaine Moura e Silva Oliveira. Mestranda em Ciências Sociais – UNESP;
oliveiraelaine2i@igcom.br

A periferia agora conta com uma nova trilha sonora, esta visa à alegria, a fruição das sensações e do prazer. Este novo estilo é o funk ostentação, um fenômeno juvenil que tem causado grandes debates e questionamentos. Seu discurso é sobre a sucessagem – sucesso e sacanagem – e sobre uma vida de luxo. Essa nova articulação, luxo e periferia, é o que tem mediado o processo de construção das identidades. Os processos identitários da sociedade de consumo são possibilitados pela aquisição de bens, estes, por sua vez, já vem com a identidade inclusa, como um item de fábrica.

As políticas de distribuição de renda dos dois últimos governos federais – Lula e Dilma – alçaram parcelas oriundas das classes C, D e E a um novo padrão de consumo. Com o aumento do poder aquisitivo desses indivíduos a vida, ainda que de forma aparente, melhorou e o seu discurso modificou-se. O discurso foi do protesto para a celebração, falando sobre carros, motos, bebidas, roupas, joias e mulheres, objetos – sim, a mulher como objeto – que auferem status aos portadores e, em uma sociedade de consumidores em que as figuras que estão em ascensão são a imagem do sucesso, se tornam o espelho dos integrantes dessa cultura. Sempre focando no entretenimento e na festa, o funk se tornou um discurso próprio da sociedade de consumidores, é fluído e efêmero e não interfere em outros aspectos da vida, é o discurso do aqui e agora, propõe a felicidade como fim em si mesma.

Palavras-chave: funk, ostentação, processos identitários, consumo.

RELAÇÕES ENTRE O GLOBAL E LOCAL: CIRCULAÇÃO E USO DE REFERÊNCIAS DE MODA POR GRUPOS DE BAIXA RENDA

Beatriz Sumaya Malavasi Haddad. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP;
biasumaya@yahoo.com.br

A presente pesquisa tem como objeto a moda, considerada um elemento chave para a compreensão da cultura de consumo. Esta é tratada neste trabalho, destituída de crenças embasadas em discursos que legitimam uma estrutura adotada de um centro específico que se autoproclama a *verdadeira moda*, e assim abordada a partir de suas principais engrenagens: o efêmero e a valorização da novidade - em um contexto onde os indivíduos utilizam seus corpos como meio estratégico de construção de aparência,

realçada pela prática de *management corporal*. O principal eixo norteador da discussão é a relação entre o local e o global – ou entre o universal e o particular. Pressupõe-se que os símbolos tornados globais são apropriados e ressignificados de acordo com as realidades locais e nesse contexto a moda torna-se protagonista para se perceber como as tendências universalizantes são incorporadas e/ou ressignificadas em contexto local. Esta discussão foi realizada enfocando grupos de baixa renda, contrapondo-se à concepção que esses indivíduos consomem apenas produtos considerados de primeira necessidade - e estão excluídos do mercado globalizado de bens simbólicos - afastando-se de preconceitos que cercam o campo do consumo popular.

A pesquisa empírica foi realizada em comunidades localizadas no município de Santo André/SP, que compõe o *chamado Núcleo Jardim Santo André*, constituído por um agrupamento de favelas que, desde a década de 1980, sofre intervenções de órgãos públicos com intuito de urbanizar o local. A pesquisa de campo se deu a partir de observações e entrevistas com os moradores, com o objetivo de avaliar a relação destes com o uso de vestimentas de marcas globalizadas, com produtos considerados *da moda*, bem como sinalizar as formas de apropriação e ressignificação dos mesmos.

Palavras-chaves: *consumo popular; moda; global; local*.

PRÁTICAS DE CONSUMO E A CONSTRUÇÃO DA APARÊNCIA

Felipe Roberto Petenussi. Mestrando ligado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP FCL, Araraquara-SP; jpagef@hotmail.com

A abordagem antropológica entende consumo como processo ritual capaz de dar sentido a vida e marcar os significados, sua função é de mediador simbólico. Ativo e presente no cotidiano, o consumo ocupa um papel central como estruturador/estruturante de valores simbólicos que constrói e manipula identidades e regula relações sociais.

A estreita relação entre as culturas de consumo e as mídias - entendidas como mediadoras das relações socioculturais - na contemporaneidade coloca em ação processos de formação de significações simbólicas, a partir das diferentes práticas de consumo. Esses processos produzem “jogos de aparência”, na medida em que permitem a negociação na construção da própria imagem por meio dos usos e consumos referentes a vestimenta, a estilos e, também ao corpo.

Dessa forma, o corpo pode ser entendido como mídia, pois a partir dele é possível circular linguagens e sentidos (simbólicos): A aparência comunica. Portanto pensar o consumo significa pensar suas possibilidades estéticas.

A aparência, ao tornar visíveis os elementos subjetivos e identitários, torna-se um importante instrumento nas lutas por representação, além de transformar-se em um importante comunicador simbólico nas relações sociais que são tecidas no cotidiano.

Diante destas questões, esta comunicação apresenta parte do trabalho de pesquisa que

vem sendo realizado junto a duas instituições de ensino na cidade de Ribeirão Preto - SP - Brasil, envolvendo jovens de 15 a 18 anos, frequentadores do ensino médio. Como principal objetivo, a pesquisa intenta identificar os usos dos bens de consumo como mediadores dos processos de identificação operados por estes jovens.

Palavras-chave: Consumo; Identidade; Corpo; Aparência.

**"VOUCHERS, PERMUTAS" E OUTRAS DÁDIVAS CONTEMPORÂNEAS:
UMA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA DAS RELAÇÕES DE TROCA ENTRE
MODELOS NO MERCADO DE MODA EM MINAS GERAIS.**

Prof. Me João Paulo Aprígio Moreira (CEFET-MG). Mestre em História (UFG) e
Mestre em Antropologia (UFSCAR) Pesquisador NESPOM – UNESP;
absencejp@hotmail.com

Esta comunicação procura apresentar relações de troca que constituem a sociabilidade de modelos no mercado de Moda em Minas Gerais. Trata-se de evidenciar a partir de pesquisa etnográfica alguns aspectos que permitem singularizar temas como a dádiva, a dívida e as trocas, como discutidas por Marcel Mauss em seu texto seminal - "Ensaio sobre a dádiva". Noções como a de reciprocidade e de mercado são atualizadas em função de aspectos culturais, sociais e políticos no mercado de Moda. Mercado este que caracteriza boa parte das relações de consumo na sociedade contemporânea. Nesse sentido, castings, viagens, coquetéis, casamentos, contratos de trabalho e outros aspectos que compõe a produção social desta cultura de consumo serão abordados, evidenciando uma complexa circulação de pessoas, objetos e bens simbólicos que caracterizam o mercado de Moda em Minas Gerais a partir de suas particularidades.

Palavras chaves: moda, consumo, dádiva, antropologia da moda.

SESSÃO VI– MÍDIA, REDES SOCIAIS, NOVAS TECNOLOGIAS

CORPOS E EROTISMO: ENCENAÇÕES DE *STRIP-TEASE* NA INTERNET

Dr. Weslei Lopes da Silva – Universidade de Itaúna; wesleilop@gmail.com

Esta proposta parte de uma etnografia de doutorado que objetivou analisar como um grupo mulheres articula a experiência de trabalhar no mercado de *strip-tease* virtual e, especialmente, como percebem e vivenciam o corpo nas interações com os clientes via internet. A partir das noções de incorporação e de performance de gênero, busco refletir como elas ressignificam o corpo, assumem discursos, gestos e práticas, como estilizam o corpo em acordo com a mulher a ser performatizada para atrair e agradar aos clientes e, assim, conquistar maiores lucros nesse mercado. Em outras palavras, busco problematizar como tais mulheres se constroem como *web strippers* a partir de seu corpo, o que demanda a modificação consecutiva do mesmo, no sentido de estar sempre apropriado à “situação de mercadoria”. Nesse sentido, elas buscam atender às convocações dos padrões estéticos vistos como adequados à sua ocupação por meio de ginástica, dietas e outros procedimentos, e implementar novidades para o mercado de *strip-tease*, que se referem principalmente em assumir novas disposições corporais, práticas distintas e a incorporação de novas personagens. Mais ainda, pelo que foi possível depreender daquela etnografia, as cenas eróticas construídas pelas *web strippers* a partir do uso inventivo do corpo, seja em fotos e vídeos como ante a *webcam*, engendram femininos performáticos que demandam temporariamente a destituição de si mesmas e a composição de uma outra mulher (ou outras mulheres) para os shows.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Pessoa. Performance. *Web Strippers*.

“ME CLAVÓ EL VISTO”: LOS JÓVENES Y LAS ESPERAS EN EL AMOR A PARTIR DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS

Maximiliano Marentes (IDAES-UNSAM/IIGG-UBA/CONICET);
maximarentes@hotmail.com

Mariana Palumbo (IIGG-FSOC-UBA/CONICET); mrnpalumbo@gmail.com

Martín Boy (CONICET/IIGG-FSOC-UBA/UNPAZ); mgboy_99@yahoo.com

Esta ponencia analizará escenas de espera mediadas por las nuevas tecnologías (facebook, whatsapp) en relaciones erótico-afectivas de jóvenes heterosexuales de clase

media del Área Metropolitana de Buenos Aires. Se problematizará cómo estas vías de comunicación facilitan la generación de situaciones de espera atravesadas por el (des)control en la propia subjetividad y sobre el sujeto amado.

Utilizaremos la metodología de las *escenas* como recurso para explorar estas experiencias de espera retomando las perspectivas de Vera Paiva y Filomena Gregori. También apelaremos a una multiplicidad de fuentes (relatos de entrevistas, fragmentos de literatura y canciones) para dar cuenta de la importancia que tiene pensar al amor como un *bricolage*.

El trabajo se estructurará en tres apartados. En el primero se analizarán las dinámicas y efectos que tienen sobre los sujetos las situaciones de espera vinculadas al amor. En el segundo se reflexionará sobre los vínculos amorosos entre jóvenes. En el tercero se problematizará cómo son experimentadas las escenas de amor y espera durante la juventud.

Esta ponencia se enmarca en el proyecto UBACyT en el que se problematizan situaciones de espera que implican aspectos económicos, afectivos y/o de salud. Este proyecto es dirigido por el Dr. Mario Pecheny y tiene como lugar de trabajo el Instituto de Investigaciones Gino Germani de la Universidad de Buenos Aires.

Palabras clave: Amor – Jóvenes – Esperas – Nuevas tecnologías – Escenas

CONSTRUÇÃO DE CORPOS NAS RELAÇÕES MEDIADAS POR TECNOLOGIAS: CONEXÕES ENTRE A “MERCANTILIZAÇÃO DA INTIMIDADE” E A “MERCANTILIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE”

Iara Beleli. Doutora em Ciências Sociais/ Coordenadora do Núcleo de Estudos de
Gênero – Pagu/Unicamp – iarabeleli@gmail.com

Em contraste com a era das mídias de massa (rádio e TV), desde a popularização da internet no início do século XXI, as mídias digitais permitem, por vezes incitam, seu público a ter um papel ativo não apenas na comunicação, mas na criação de conteúdo. Como redes horizontais de comunicação, as mídias digitais conferem aos sujeitos a sensação protagonismo. Este paper propõe uma reflexão sobre a construção da corporalidade nas interações on line, perguntando em que medida os corpos são estrategicamente manipulados de modo a não destoar de modelos de beleza que, de forma intertextual, circulam pelas variadas mídias. De um lado, essa manipulação parece nortear subjetividades que se constituem também por meio das novas tecnologias, de outro, apresenta aspectos que se desdobram em interrogações sobre a desestabilização de antigas referências morais no que se refere às diferenças de gênero, articulada a outros marcadores (raça/etnia, geração, sexualidade, classe). A pesquisa foi feita em sites de relacionamento e aplicativos direcionados à busca de parceiras amorosas/afetivas/sexuais com mulheres e homens entre 35 e 55 anos, pertencentes às classes médias e moradores da cidade de São Paulo. A reflexão aqui empreendida presta particular atenção às conexões entre a “mercantilização da intimidade” e a

“mercantilização da subjetividade”, cujos corpos ganham centralidade e são agenciados na busca por parcerias ideais.

Palavras chaves: Corpo; Relações Mediadas por Tecnologia; Processos de Subjetivação; Cultura de Consumo, Diferenças.

BELEZA EM QUALQUER TAMANHO: CONSUMO, REPRESENTAÇÕES DA OBESIDADE E IDENTIDADES EM BLOGS FEMININOS *PLUS SIZE*

Hellen Olympia da Rocha Tavares. UNESP – FCLAr – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; hellentav@gmail.com

Nas sociedades contemporâneas, a saúde e a beleza foram transformadas em objetos de consumo, personificados na magreza e na perfeição corporal, símbolos de sucesso e status social. Nas sociedades de consumo, a magreza está intimamente atrelada à ideia de amoldamento nas diversas áreas da vida social, já o corpo obeso ganha conotação de fracasso e frustração com a própria realidade. O corpo é local incessante para incidência de poder, mas também de resistências. Neste contexto, este trabalho estuda os *blogs* de temática *plus size*, que são voltados para mulheres obesas, e sua relação com o mercado de “consumo de beleza”. O consumo é entendido não apenas prática mercadológica, mas também como espaço de estratégias para construção e reconstrução de identidades e identificações sociais. Estes *blogs* procuram estabelecer a obesidade como atributo identitário positivo, por meio da apresentação do corpo gordo inserido em lógicas do consumo que remetem à beleza e sensualidade. A narrativa nestes *blogs* busca resignificar o corpo gordo como lugar de possibilidades, e não mais como representação da feiúra e da desvalorização. Nestes espaços virtuais, as mulheres obesas usam as mercadorias para criar vínculos, marcar lugares sociais e reestabelecer distinções. Ao Nestas relações de poder que envolvem o corpo e o consumo existe um enfrentamento constante e infindável, onde não há autonomia plena, tampouco sujeição absoluta dos indivíduos. Ao escolher assumir sua obesidade e sentir orgulho de seu corpo considerado desviante, estas mulheres tentam subverter o assujeitamento de seus corpos através de sua liberdade e autonomia.

Palavras-chave: obesidade, consumo, blog, identidade

A PARTIR DA ROUPA: A CONEXÃO ENTRE CORPO E CONSUMO NA CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM EM REDES SOCIAIS

Augusto Ferreira Dantas Júnior - Universidade Federal do Piauí (PPGAArq/UFPI),
Piauí, Brasil; meaugustodantasjr@gmail.com

O estudo analisa a relação estabelecida através do uso da roupa e do corpo entre sujeitos que trabalham com a produção de imagem pessoal em veículos de comunicação e redes sociais. Para isso, faz-se necessário compreender quais os significados atribuídos à sua própria imagem, ao corpo como meio de trabalho e a roupa como elemento estruturante do discurso apresentado aos seus respectivos seguidores. Possuindo como cenário a cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí (Brasil), onde a figura do *instablogger* tem adquirido destaque (assim como a produção de moda e estilo local), percebe-se que algumas pessoas se destacam pela utilização dos novos meios de comunicação em massa para estabelecer uma imagem a ser consumida em um processo no qual a roupa não apenas representa o que o indivíduo deseja ser - ela emerge como agente - e os sujeitos são por meio do seu consumo dotados do poder de influenciar os demais. A legitimação do uso da indumentária entre os integrantes da pesquisa não consiste na transmissão de valores pessoais por meio disso, mas em fazer um “bom uso” do que encontra-se disponível no mercado local de moda, de forma que, por meio da habilidade no uso do próprio corpo, sejam “autorizados” a instruir outras pessoas para uma possível construção de uma boa imagem pessoal. Por meio de um trabalho etnográfico, busca-se compreender a relação entre consumo e o uso do corpo na comunicação.

Palavras-chave: Corpo; Consumo; Moda; Redes Sociais; Etnografia

O CORPO BIOTECNOLÓGICO SOB A PERSPECTIVA DO INFOENTRETENIMENTO. MEDIAÇÕES E ESTRATÉGIAS DE SENTIDO NAS REVISTAS BRASILEIRAS SUPERINTERESSANTE E GALILEU

Djaine Damiani. Doutoranda em Ciências Sociais na FCLAr – UNESP, bolsista da
CAPES e docente do curso de Bacharelado em Design Digital na UNIARA;
djainedamiani@gmail.com

A partir da década de 1950 começa a tomar vulto na mídia brasileira uma estratégia de produção de sentido resultante do crescente embaralhamento das fronteiras entre informação e entretenimento. A estratégia nomeada por alguns teóricos da comunicação como infoentretenimento, tradução para o neologismo *infotainment*, proliferou-se por diversos meios, gêneros e formatos, por sua considerada eficácia discursiva e perfeita conjugação com a lógica do consumo e do espetáculo reinante na contemporaneidade, estendendo-se inclusive, ao âmbito da divulgação científica.

No Brasil, as principais representantes do infoentretenimento impresso voltado à área da ciência e tecnologia são as revistas Superinteressante e Galileu que entre outros assuntos, abordam as diferentes incursões da tecnociência sobre o corpo e a saúde a partir da perspectiva do entretenimento. Em outras palavras, nestas revistas as novas descobertas da ciência e da tecnologia recebem tratamento editorial que as aproxima da narrativa ficcional. Como nos contos maravilhosos ou no realismo fantástico e na própria ficção científica, o mistério, o drama e as referências míticas dão uma dimensão quase onírica aos atributos da ciência, além de com a ajuda de outras estratégias linguagem, provocar nos leitores o exercício da projeção e da identificação

Neste trabalho propomos um olhar analítico para os discursos produzidos por estas publicações entre os anos de 2004 e 2014, e as respectivas estratégias de mediação e produção de sentido, utilizadas na construção de uma imagética sobre corpo biotecnológico, desenvolvida com base na naturalização dos ideais liberais e do pensamento cibernético.

Palavras chave: corpo biotecnológico ; infoentretenimento; mediações; tecnociência

GT7. CIDADE, CORPO, FRONTEIRAS/ CUERPO, CIUDAD Y FRONTERAS

Coordinadores: Andrés Salcedo, Director del Departamento de Antropología, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá. Investigador Centro de Estudios Sociales, asalcedofi@unal.edu.co, asalcedofidalgo@gmail.com.

Silvana de Souza Nascimento, Professora Doutora do Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia Urbana (Nau-USP). silnasc@usp.br, simples.humano@gmail.com.

1ª sessão: Jovens, práticas urbanas e circulação/jovenes, prácticas urbanas y circulación

O SKATE NA EXPERIÊNCIA URBANA CONTEMPORÂNEA: UM ENSAIO PARA O ESPAÇO PÚBLICO

Guilherme Michelotto Boës (PUC-RS)

Com o crescente desenvolvimento das cidades suas arquiteturas sofrem significativas mudanças sobre o espaço público urbano. A partir disso temos que compreender a relação dos espaços públicos sobre as identidades, e as situações das relações sociais, entre a experiência cultural no espaço urbano e a sociabilidade fragmentada sobre a cidade contemporânea. Analisar os skatistas nos espaços públicos urbanos move a cidade para uma possibilidade de reconfortar os próprios significados de uso dos espaços que surgem nessas modificações das fronteiras espaciais, no encontro e desencontro dos grupos sociais. Devemos identificar os desafios com que as codificações dos espaços culturais da cidade se encontram em suas novas propriedades de direito de uso e manifestação social, já que produzem narrativas que alteram a produção dos espaços na inscrição de identidade social. Dessa situação, como o skate opera entre as fronteiras de interação dos espaços públicos urbanos que cada vez mais são abandonados em detrimento aos espaços privados? Pode o skate trazer a discussão sobre os espaços públicos, apontando que a tensão de sua oposição ao uso dos espaços públicos está longe da percepção de um processo ilícito de prática cultural urbana nos espaços públicos? Para tanto a antropologia urbana encontra o diálogo estabelecido entre a etnografia e a experiência urbana contemporânea, a associação das afirmações culturais nos *novos* espaços públicos e as manifestações sociais na produção da alteridade.

Palavras-chaves: skate; experiência urbana; cidade; espaço público.

OS MÚSICOS AMBULANTES: UMA ETNOGRAFIA MUSICAL DA CIDADE DE MONTREAL NO CANADÁ

Dalila Vasconcellos de Carvalho (Universidade de Montréal)

-

Embora a presença dos músicos ambulantes na província do Québec no Canadá remonte ao século XVIII, esta apresentação irá abordar uma tema que, de modo geral, é muito pouco estudado pela antropologia da música ou pela antropologia urbana: as práticas e as trajetórias dos músicos ambulantes e o significado destas na vida cotidiana da cidade. Ao contrário de outras profissões ambulantes que desapareceram dos grandes centros urbanos modernos, os músicos ambulantes permanecem pelas ruas mais movimentadas do centro de Montreal e pelos corredores do metrô desde a sua inauguração em 1966. Entretanto, pouco se sabe sobre eles: quem são? De onde vêm? Como vivem? Porque escolheram os espaços de circulação como a rua e/ou híbridos como os corredores do metrô para a prática musical? Na escassa bibliografia encontrada sobre o tema e em particular sobre os músicos ambulantes da cidade de Montréal, estes são vistos ora como artistas marginais descartados do mundo cultural estabelecido ora como personagens históricos. Assim que através de uma perspectiva etnográfica, a proposta deste trabalho é mostrar como, à partir de suas práticas musicais quotidianas, os músicos ambulantes mobilizam formas inéditas do fazer musical, bem como, de viver e fazer a cidade. Dito de outro modo, nosso objetivo é compreender como este fazer musical quotidiano, efêmero, banal, improvisado, que escapa as classificações do

saber musical tradicional, estabelece uma relação social e simbólica com os pedestres, os espaços e a cidade.

Palavras-chave: músicos ambulantes, práticas, cidades, etnografia urbana.

“AQUI A GENTE TÁ VENDO INTEGRAÇÃO”: FLUXOS CULTURAIS JUVENIS ENTRE FRONTEIRAS

Gilberto Geribola (USP)

-

O artigo apresenta uma reflexão baseada nos apontamentos iniciais de uma pesquisa etnográfica realizada na região da tríplice fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina) na qual são abordadas as interações de grupos juvenis residentes nas cidades fronteiriças. A pesquisa em curso foca a observação sobre as práticas culturais e a circulação de grupos juvenis nas cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazu (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai). Articulando os temas juventude, cidades e fronteiras o trabalho visa contribuir para o entendimento das práticas culturais juvenis desenvolvidas na escala das pequenas e médias cidades, em especial aquelas que compõem regiões de fronteira. Neste artigo apresenta-se a etnografia de um grupo de maracatu sediado do lado brasileiro da tríplice fronteira apontando os deslocamentos do grupo para as cidades vizinhas que compõem a região fronteiriça, bem como de jovens argentinos e paraguaios que atravessam a fronteira para participarem dos ensaios e apresentações do grupo em Foz do Iguaçu e outras cidades da região. A etnografia sinaliza que as interações entre esses jovens de origens distintas no cenário fronteiriço instituem circuitos de práticas culturais juvenis marcados por integrações, sobreposições, deslocamentos e conflitos em um ambiente que pode ser caracterizado pelo desenvolvimento de “híbridos culturais”.

Palavras- chave: grupos juvenis, práticas culturais, cidades, fronteiras.

TANGO NA RUA: HAY QUE SABER BAILAR COM OS MILONGUEIROS PAULISTAS

Cristiana Felipe e Silva (PUC-SP)

A presente pesquisa etnográfica avalia o movimento denominado Tango na Rua, na Avenida Paulista, em São Paulo, como intervenção urbana de liminaridade, um espaço intermediário entre o público e o privado, com suspensão das estruturas cotidianas, mas organizado dentro de regras bem definidas em estado de *communitas*, a partir de

conceitos de Victor Turner e José Guilherme Magnani. O baile de rua, disseminador da música rioplatense, e aberto a todos que queiram participar, é avaliado como performance na interface teórica da antropologia urbana e do corpo, como forma de interação e ocupação do espaço, possibilitando novos modos de circulação e apropriação da cidade. Pedestres e frequentadores da milonga de rua gratuita, realizada desde 2009, aos domingos, transformam a calçada em frente ao parque Trianon-Masp, ao som ligado na banca de jornal, em *balés de pessoas, situações e atividades que nunca se repetem*, citando Jane Jabocs. São atores sociais vistos como agentes capazes de modificar tanto física quanto simbolicamente os espaços da cidade, contrapondo-se às intenções de disciplinar o corpo em espaços privados. O tango na rua, onde se toca também ritmos brasileiros de forró e samba, expressa diferentes modos de viver na fronteira corporal, cultural e espacial. O movimento visa ressignificar e apropriar-se da cidade, criando encontros e sistemas simbólicos que produzem sentidos na troca e no reforço dos vínculos de sociabilidade.

Palavras-chave: tango;rua;corpo;liminaridade.

CIRCUITOS SONOROS DOS GRUPOS MUSICAIS GUARANI

Klaus Wernet (USP)

-

Os Bro Mc's, grupo de Rap Guarani, moram na aldeia de Jaguapiru, localizada na cidade de Dourados – MS, Brasil. O grupo vive atualmente uma capacidade de transitar entre distintos espaços, com uma lista grande de apresentações eles já tocaram em pequenas aldeias, assim como, em casas de shows localizadas na Capital de São Paulo. A circulação de sua produção audiovisual e sonora se dá principalmente pelos cartões de memória de celulares e pela postagem de sua produção na internet. Eles são parte de um circuito sonoro Guarani que vem sendo estudado por mim no doutorado. A produção das bandas Guaranis, que executam gêneros musicais como Rap, Forró e Pop, é uma oportunidade para os estudos que visam abordar as distintas formas de interação e ocupação do espaço urbano, do espaço audiovisual e sonoro, e da capacidade de trânsito, em diferentes escalas, que permitem desenvolver novas associações entre corpos, sons, cidades, aldeias e cyber-espacos. Essas bandas, que cruzam e vivenciam diversas formas de fronteiras, estabelecem novas conexões, alianças e espaços que são conquistados pelos Guarani ampliando sua capacidade de reivindicações. Cabe ressaltar que outras etnias indígenas na América Latina também mantêm bandas de Rap, e Pop, fato que gerou redes de conexões que impulsionam a circulação de idéias, pessoas, demandas e desejos, e geram uma forma singular de interação entre indígenas e não indígenas, aldeias e capitais, espaços concretos e virtuais.

Palavras-chave: Trânsitos, Interações, Grupos de música, População urbana, Guarani.

VIVIENDO A LO LARGO DE UN CIRCUITO: LOS SATERÉ- MAWÉ EN LA AMAZONIA BRASILEIRA

José Agnello Alves Dias de Andrade (USP)

-

La presente investigación indaga sobre la presencia indígena en las ciudades amazónicas brasileñas, a partir de la experiencia del colectivo indígena conocido como Sateré-Mawé, localizado en la parte oriental del estado de Amazonas. A mediados de los años 1980 los Sateré-Mawé conquistaron la homologación de su Terra Indígena Andirá-Marau, nombre que deriva de los dos principales ríos sobre los que se localizan la mayor parte de sus aldeas. Sin embargo, los Sateré-Mawé habitan diversas ciudades vecinas a la Terra Indígena [resguardo] en el estado de Amazonas tales como Parintins, Berreirinha y Maués, así como la capital del estado, Manaus. El objetivo de esta investigación es caracterizar, por medio de la etnografía, las formas Sateré-Mawé de habitar el espacio urbano. En su circulación cotidiana ellos transitan por una multiplicidad de lugares que, en un análisis precipitado, podrían ser tomados como distantes: la floresta, la ciudad, la aldea, los ríos y riachuelos. Ciertamente cada uno de estos lugares tiene particularidades, pero están vinculados por las líneas, por los trayectos y por las historias de los Sateré-Mawé. Durante el trabajo de campo realizado en 2014, acompañé los Sateré-Mawé en sus desplazamientos entre las ciudades de Parintins, Maués, Berreirinha y las aldeas, en visitas por diferentes casas de sus parientes. Este ir y venir que entrelaza relaciones y conforma localidades, engendra un delicado proceso de construcción y descomposición del parentesco. Esta exposición se enfoca en las historias familiares de los indígenas que circulan por la capital y su entrelazamiento con las historias de parientes en otros lugares, espacial y temporalmente. Historias, entiéndase bien, siempre siendo tejidas, hilo a hilo, en la interacción cotidiana.

Palavras-chave: Amazônia, ciudad, Sateré-Mawé, circulación, parentesco

2ª sessão: Gênero, desejos e cidade/Genero, deseos y ciudad

Debatedor: Andrés Salcedo Fidalgo (Universidad Nacional de Colombia)

FUTEBOL FEMININO, DA PERIFERIA AO CENTRO: GÊNERO, CIRCULAÇÕES E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Mariane da Silva Pisani (USP)

O presente paper, parte da pesquisa de doutorado em Antropologia Social, traz à discussão os processos de circulação e sociabilidade entre mulheres jogadoras de futebol da cidade de São Paulo. Ao acompanhar os trajetos e apropriações de diferentes espaços urbanos por estas mulheres atletas em São Paulo, é possível perceber como a cidade se torna ela mesma agente de afetos e interações na construção de seus modos de vidas. As fronteiras entre centro e periferia, capital e interior transbordam e são borradas a partir da prática do futebol feminino, vivido como esporte, profissão e modo de habitar. Para estas constantes reconfigurações de paisagens e atores urbanos, é preciso considerar as diferentes ativações de categorias como gênero, raça e sexualidade, que adquirem diferentes feições nos múltiplos contextos e práticas das jogadoras por estes trajetos e cenários, mobilizando nessa análise problemáticas concernentes à Antropologia Urbana e os Estudos de Gênero. Dessa forma, a cidade de São Paulo, pode ser repensada a partir da sociabilidade construída através da prática do futebol feminino. Para além das análises teóricas, a prática do futebol feminino de fato permite o acesso e a circulação dessas mulheres na cidade e no estado de São Paulo de maneira mais fluída, intensa e vívida.

Palavras-chave: futebol feminino, cidade, gênero, circulação.

CORPO RECORTADO: PRODUÇÃO ESPACIAL DE DIFERENÇAS E HOMOSSEXUALIDADES EM DUAS CENTRALIDADES NA CIDADE DE SÃO PAULO (BRASIL)

Bruno Puccinelli (Unicamp)

-

A presente comunicação parte de doutorado em andamento numa perspectiva comparativa com dados produzidos através de etnografia, idas a campo, entrevistas e coleta de material impresso. A pesquisa problematiza divisões semânticas espaciais em torno de definições de sexualidade em duas regiões centrais da cidade de São Paulo, República e Consolação. Me filio teoricamente a abordagens que têm tematizado espaço urbano e sexualidade em consonância (Néstor Perlongher, 2008) e questionado

epistemologicamente gênero e espaço (Doreen Massey, 2005). Tais abordagens auxiliam no treinamento do olhar e na análise dos dados, desconstruindo fixações acerca da ideia de “rua gay” na Consolação. Tais enunciados de frequentadores da Rua Freia Caneca (Consolação) a contrapõe ao espaço da República, tido como mais afeminado, negro, pobre e doente, ou um espaço “bicha”. As diferenças espaciais supostamente dadas entre as duas centralidades mostram um jogo constante de produção de desigualdades a partir trânsitos dos frequentadores da República. Comparativamente tais trânsitos têm mostrado a necessidade de abordagem das duas espacialidades como uma conexão móvel entre lugares com ampla oferta de lazer direcionada a homens com condutas homossexuais. Nesse sentido, se torna mister uma abordagem interseccional na qual marcadores como raça e classe em consonância com espaço e gênero se tornam preponderantes para a compreensão da produção de espaços homossexualizados e cuja centralidade depende do contexto de enunciação. Para esta apresentação trago o campo realizado em dois espaços abertos de ocupação com fins de lazer que exemplificam a operação contingente de diferenciação, alocando espaços e sexualidades centrais e periféricas.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Gênero e Sexualidade; Interseccionalidade, Homossexualidade; São Paulo.

FAZER BANHEIRÃO: AS DINÂMICAS DAS INTERAÇÕES HOMOERÓTICAS NOS SANITÁRIOS PÚBLICOS DA ESTAÇÃO DA LAPA

Tedson Souza (UFBA)

As pesquisas de sexualidade in loco são bastante insólitas no campo da Antropologia, essa situação se agrava quando as variáveis sexualidade, classe, raça e gênero são tomadas para compreender as interações sexuais entre homens nos espaços públicos das grandes cidades. A fim de compreender tal dinâmica, procedemos, através de uma abordagem autoetnográfica, uma investigação das práticas de “pegação” em banheiros públicos masculinos da Estação da Lapa – maior terminal de ônibus urbano de Salvador. O objeto é a deriva urbana da pegação no Centro da Cidade por onde transitam sujeitos que praticam sexo ocasional e não comercial entre homens, nas negociações e consórcios episódicos tecidos no – e no entorno do – “banheirão”. Percebemos que, para além de um simples terminal com um sanitário, a Estação da Lapa é ressignificada como espaço de práticas sexuais de desejos dissidentes, na direção de interesses tão diversificados quantos são os sujeitos que interagem na cena e que só são reunidos aqui pelo traço em comum dos desejos, diversificadamente, homoorientados. Problematizamos também o modelo de masculinidade hegemônica presente no imaginário brasileiro, discutindo novos modelos de eroticidade heterossexual masculina possíveis na prática do “banheirão”. Os relatos de campo ilustram identidades de homens que se auto-definem como heterossexuais, mas cujas

práticas alteram, de certo modo, a matriz heterossexual hegemônica, fugindo do que se convencionou permissível para um “macho” dentro da conjuntura social brasileira. Lançamos o olhar para essas heterossexualidades “periféricas” e, para isso, também é necessário discutir qual o discurso que regula a eroticidade heterossexual hegemônica. Palavras-chave: Corpo. Homossexualidade. Gênero. Raça. Autoetnografias

DES-ARMANDO CUERPOS Y SEXUALIDADES. IDENTIDADES Y CUERPOS TRANS EN EL CARIBE COLOMBIANO

Alexander Pérez Alvarez (Universidad de Cartagena)

Este trabajo es un avance de un proceso investigativo para mi tesis doctoral, realizado por el autor, a través del trabajo activista y académico la Corporación Caribe Afirmativo, en las ciudades de Cartagena, Barranquilla y el municipio de Maicao en el departamento de la Guajira acerca de cómo se construyen y fabrican representaciones sociales alrededor de las identidades y cuerpos trans en la región. Donde prima un componente étnico racial y territorial determinante de dichas representaciones. Sumado a un entramado de exclusiones, resistencias y acciones de violencia sociopolítica que sitúan a las personas trans en un espacio de periferia geográfica, política y social. El propósito de la ponencia es analizar a partir de un trabajo etnográfico, las maneras como se re-producen discursos oficiales y acciones de discriminación y exclusión hacia las identidades y cuerpos trans en el Caribe Colombiano. Analizando como los prejuicios y las violencias se acentúan cuando estos cuerpos no pueden situarse en los

órdenes binarios de la masculinidad y feminidad, cuando tienen una característica étnico racial –negra o indígena y cuando habitan en territorios con presencia de grupos armados ilegales. Las voces y las experiencias vividas nos permitan dotar de sentido y analizar las formas de poder ejercidas alrededor de los cuerpos y las sexualidades periféricas. Los significados de vivir con miedo, pero también las maneras en que los cuerpos resisten y persisten.

Palabras Claves: Cuerpos abyectos- Territorio y sexualidades- Etnia y sexualidad- representaciones binarias y heteronormativas – conflicto armado y sexualidad normativa.

ENTRE ESTRADAS, CARONAS E CAMINHÕES: CÓDIGOS DE

MASCULINIDADE DE PESSOAS CAMINHONEIRAS VIA RÁDIO AMADOR

Arthur Fontgaland (USP)

-

Este trabalho objetiva discutir algumas questões decorrentes da pesquisa de mestrado em desenvolvimento intitulada *Na boleia do caminhão: os códigos de masculinidades de pessoas caminhoneiras via rádio amador*. Tal investigação dialoga com o entendimento sobre as configurações de práticas em torno das posições dos homens no sistema das relações de gênero, comumente conhecido como estudos de masculinidades. Parto do pressuposto que masculinidade e feminilidade não correspondem necessariamente a homem e mulher, mas são possibilidades de ações acessíveis tanto a mulheres, quanto a homens, imbuídas de poder. Assim, as associações estabelecidas entre homem-masculino-poder podem ter caráter contingente e não fixo, variando conforme práticas e situações criadoras e apresentadoras das noções de masculinidades. Nesse sentido, esta pesquisa etnográfica se debruça sobre o universo de caminhoneiros e caminhoneiras composto pela circulação de corpos, ideias, artefatos em sequências tanto no interior da boleia dos caminhões, quanto em trânsito nos postos de pesagem, postos de gasolina e nos demais aparelhos e eventos dispostos às margens das rodovias. Tomando a utilização do rádio amador como uma das práticas que expressam parte das múltiplas experiências de pessoas caminhoneiras, busco compreender como a construção e utilização dos chamados “códigos de caminhoneiros”, veiculados através do rádio amador PX, tornam concretas as ideias de masculino produzidas e reproduzidas nas situações de deslocamentos interurbanos vivenciadas por motoristas de caminhão. Esta etnografia se apóia em caronas articuladas com motoristas de caminhão que trafegam na Rodovia Presidente Dutra (402 km), responsável por ligar duas grandes cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro.

Palavras-chave: deslocamentos interurbanos; masculinidades; pessoas caminhoneiras; códigos de caminhoneiros.

PODE SENTAR, ESSE É O SOFÁ DA HEBE: UM BREVE RELATO DE SACHENKA SOBRE O BAIRRO EDUTO EM BELÉM DO PARÁ

Amadeu Lima de Deus (UFPA)

-

O artigo em questão trata do bairro Reduto de São José ou, para os mais íntimos, apenas Reduto. A partir de um breve exercício etnográfico proponho analisar as relações interpessoais no bairro do Reduto, tendo como fonte de informações as narrativas de

uma travesti que há pelo menos quinze anos, tem trabalhado com *trottoir* nas ruas do logradouro. A partir da perspectiva Sachenka sobre o bairro conseguimos perceber a cidade, pelo olhar de quem vive *da* rua e percebe seus mais variados significados para além do ir e vir de pessoas pelo espaço urbano. O artigo fala do bairro e da pessoa travesti que nele atua, socializa e cria suas táticas para uma convivência sempre negociável. A partir do anoitecer as deambulações pelo arrabalde indicam o trânsito social dos sujeitos diversos, principalmente pelo fato de encontramos nele algumas personagens que transitam por suas ruas escuras e lúgubres, animando as suas noites, constituindo parcela importante de uma vida que pulsa naquele contexto. A presença de tais personagens, como as travestis que realizam o *trottoir* em suas ruas e esquinas, entre outras figuras que vagam nas noites do bairro, não ocorre de maneira aleatória. No Reduto, as ruas que eram públicas passam a medida que anoitece a ter “título de propriedade”, pois cada esquina tem uma ou mais donas, os limites são simbólicos porém sempre respeitados para a manutenção de uma ordem. Diante de tais configurações sociais o bairro carrega consigo uma imagem estigmatizada, vibrando como uma espécie de “mancha social” no corpo da urbe. Ele pode ser entendido como uma “região moral”, no sentido atribuído por Park (1952) a tais espaços urbanos. Constitui desta maneira uma área na qual convergem imagens que contribuem para a produção de narrativas que circulam pela cidade, mesclando histórias oficiais e lendárias de forma a animar o “imaginário urbano” (Certeau, 1993), envolvendo uma região citadina onde fulguram desejos não convencionais.

Palavras-chave: Reduto, travesti, prostituição, cidade

SEGUINDO SEMENTES: TRAJETOS E CIRCUITOS SATERÉ-MAWÉ ENTRE CIDADE E ALDEIA

Ana Luísa Sertã Almada Mauro (USP)

-

A presença Sateré-Mawé na cidade de Manaus (Amazonas, Brasil) se faz particularmente visível pelas comunidades e associações que começam a surgir na cidade na década de 1990, a partir de ocupações que contaram com forte protagonismo feminino. O artesanato elaborado com sementes passou a ser uma das principais estratégias das mulheres Sateré-Mawé no espaço urbano, em oposição ao trabalho nas chamadas “casas de família”. Partindo da identificação de uma ampla circulação mobilizada por sementes na cidade, procura-se aqui acompanhar os caminhos por elas traçados dentro de um circuito (Magnani, 2000) que parte de Manaus e a ultrapassa, envolvendo também suas proximidades, aldeias Sateré-Mawé na terra indígena Andirá-Marau, e municípios próximos à TI. A partir dos trajetos das sementes pretende-se abordar relações multilocais estabelecidas entre indígenas e não-indígenas, cidade e aldeia. A circulação de sementes identificadas mobiliza modos particulares de caminhar dentro do espaço urbano e estabelecer relações com seus diversos atores, ao mesmo

tempo em que demanda deslocamentos e negociações que ultrapassam fronteiras entre cidade e aldeia. O modo como as sementes são adquiridas, coletadas, trocadas, plantadas, e transformadas em objetos que circulam em diferentes locais e contextos nos leva a pensar uma inversão entre agente e paciente: ao invés de pensar as sementes como objetos passivos da ação humana trata-se de lançar um olhar às sementes como agentes mediadores de relações, capazes de impulsionar a circulação constante de pessoas, narrativas e coisas.

Palavras-chave: sementes, mulheres, Sateré –Mawé, circulação, trajetos

3ª sessão: Marginalidade, violência e corpo/Marginalidad, violencia y cuerpo

Debatedora: Silvana de Souza Nascimento (Universidade de São Paulo)

USUÁRIOS DE ABRIGOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: TRAJETÓRIAS, CIRCULAÇÃO, REDES, PRECARIÉDADA E SOBREVIVÊNCIA

Raquel Martini Carriconde (UERJ)

-

O trabalho que pretendo apresentar é fruto de uma pesquisa que viemos realizando com usuários de abrigos da cidade do Rio de Janeiro. Nesta pesquisa, nossa intenção é: acompanhar estes em suas trajetórias sociais, apreender os saberes produzidos e mobilizados para sobreviver na cidade, suas formas de circulação, de viração e os circuitos e redes necessários para viabilizar isso tudo (redes religiosas, filantrópicas, afetivas, familiares e da assistência); entender as relações que estabelecem com o espaço urbano, os mapas afetivos que constroem, as fronteiras que identificam e as que atravessam; entender as relações que estabelecem com o trabalho formal/informal; mapear, compreender e problematizar os agenciamentos necessários para seus deslocamentos e sobrevivência; compreender a construção de suas subjetividades. Por essas intenções, interessa debater essa pesquisa junto a esse grupo de trabalho, sublinhando as passagens pelas fronteiras corporais, sexuais, étnico-raciais, culturais e espaciais dando destaque para suas estratégias de sobrevivência nessas circunstâncias e para a constituição de suas subjetividades nos atravessamentos dessas fronteiras atravessadas, por sua vez, por esses diferentes marcadores sociais. Coloco, por fim, que o momento em que realizamos essa etnografia é posterior a Copa do Mundo e precede às Olimpíadas, sendo esse contexto sócio político e econômico forte condicionante dos deslocamentos desses grupos da (re)criação e deslocamentos de fronteiras.

Palavras-chave: redes, abrigos, cidades, fronteiras, Rio de Janeiro

AS TECNOLOGIAS DO ASSALTO: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O ROUBO A MÃO ARMADA NO RIO DE JANEIRO

Carolina Christoph Grillo (CPDOC/FGV-Rio)

-

No Rio de Janeiro, o roubo a mão armada constitui uma das principais ameaças percebidas pelos habitantes da cidade, no entanto, as pesquisas sobre criminalidade urbana tendem a centrar-se na figura do traficante, conferindo pouquíssima visibilidade ao ladrão. A prática de assaltos transcorre com alguma independência com relação ao tráfico e envolve problemas bastante peculiares para se lidar com. Diferentemente dos traficantes, que trabalham em territórios protegidos por uma contenção armada e/ou acordos espúrios com a polícia, os ladrões atravessam as fronteiras tácitas entre o “morro” e a “pista”, aventurando-se armados por territórios regularmente policiados, onde se sujeitam a riscos muito mais elevados de serem presos, feridos ou mortos. Traficantes também tendem a impor limites e punições aos ladrões, de modo a evitar que atraiam a repressão policial para a favela e atrapalhem seus negócios. Diante dos perigos a que se submetem, os ladrões precisam desenvolver uma série de habilidades e técnicas para minimizar a margem de imprevisibilidade inerente às suas atividades, o que inclui dirigir em alta velocidade, mapear os melhores trajetos, selecionar e coagir suas vítimas, driblar e/ou trocar tiros com a polícia e enganar e/ou conquistar a aquiescência de traficantes. Com base numa etnografia realizada com assaltantes que residem em favelas cariocas controladas pelo Comando Vermelho, este trabalho visa a descrever a prática do roubo à mão armada – especialmente o roubo a transeuntes e roubo de veículos –, atentando-se para as performances e tecnologias acionadas pelos ladrões para fazer dos assaltos um meio de vida.

Palavras-chave: Roubo, Rio de Janeiro, tecnologia, performance.

VIVER NAS RUAS DA CIDADE: OS USUÁRIOS DE CRACK E AS NOÇÕES DE CORPO E PESSOA

Marcelly de Freitas Gomes (UFF)

A categoria corpo deve ser pensada como produção de corporalidades, “que se constrói na relação com outros corpos e na interface com a dimensão espacial e social das ruas da cidade”. Os usuários de crack em situação de rua experienciam a cidade de forma

particular e contextualizada. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre os processos normativos/classificatórios que esquadriam os corpos dos usuários de crack em situação de rua e delimitam fronteiras físicas e simbólicas. Trata-se de uma pesquisa etnográfica com os usuários de crack em situação de rua, por meio do acompanhamento do trabalho da equipe de Consultório na Rua que atua nos territórios de Manguinhos, RJ/Brasil realizada ao longo de 2014. Evidenciamos que os sujeitos da pesquisa criam novas territorialidades com seus corpos, extrapolando as fronteiras delimitadas pelas “normas” sociais. Os limites de ordenação que esquadria os corpos imputam aos usuários de crack uma interação dolorosa com a cidade, mas ainda assim são frouxos e resignificados, na medida que constitui uma corporalidade no avesso daquilo que o imaginário urbano cria e formata. Ao falar daquilo que parece caracterizar os usuários de crack, enfatiza-se a descrição de traços corporais depreciados e posturas morais “condenáveis”: a sujeira e o corpo emagrecido tornam-se os seus atributos corporais mais destacáveis. Assim, a ênfase recai sobre a problemática da corporalidade e do uso de drogas como meios para a produção de determinados tipos de pessoas, “expondo seus corpos ‘marcados’, em uma forma de estar no espaço público que os identifica como usuários de crack”.

Palavras-chave: Antropologia do corpo; Antropologia urbana; usuários de crack; viver na rua; corpo e cidade.

SABER VIVER: RISCOS, APOSTAS E SOBREVIVÊNCIAS EM UMA FAVELA DO RIO DE JANEIRO

Tássia Mendonça (Museu Nacional/UFRJ)

Nesta comunicação apresento através de um exercício etnobiográfico as constituições mútuas entre corpo e território, raça e gênero em uma favela carioca. A partir de análises presentes em minha dissertação de mestrado, descrevo as estratégias de sobrevivência, os riscos e as apostas que atravessam a trajetória de Cássia, mulher negra moradora do Batan – favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro – há mais de 40 anos. Dos bailes da década de 80, das travessias da Avenida Brasil, dos casos de X-9, dos episódios de violência doméstica e sexual, dos filhos executados pela polícia e pelo tráfico, dos filhos expulsos pela milícia, dos gritos, dos silêncios, dos alívios e das dores.

A proposta teórico-metodológica é discutir os limites da constituição de uma corporalidade negra que não se distingue de uma contiguidade territorial, na conformação de *territórios negros*, ou ainda, como *corpos negros* se constituem eles mesmos enquanto territórios de resistência. Trata-se de uma descrição analítica daquilo que Cássia chama de *saber viver*: os conhecimentos necessários à sobrevivência cotidiana, a capacidade de transitar entre os distintos poderes armados e políticos (tráfico, milícia e polícia). Discuto assim como os movimentos de Cássia – de enfrentamento, recuo e aposta – constituem mutuamente seu corpo, os corpos de seus

filhos e a própria favela enquanto território.

Proponho pensar a relação corpo-território entre Cássia, seus filhos e o Batan inspirada nas reflexões de Maria Lugones (2014) e Gloria Anzaldua (1987) pensando na constituição ao mesmo tempo racializada e sexualizada do corpo da mulher negra tanto nos termos daquilo que Lugones chama de “fissura” quanto da reflexão de Anzaldua sobre a mulher chicana e negra e seu lugar na “fronteira”. Além disso, autoras como Audre Lorde, Angela Davis e Bell Hooks permitem analisar a conformação das subjetividades, emoções, silêncios, raivas e experiências da mulher negra como sujeito político inscrito na linha entre pertencimentos (de raça e gênero) distintos. Em suma, a presente comunicação tem por objetivo analisar as ressonâncias entre corpo:território::raça:gênero e sua articulação a partir de uma etnografia da violência e do poder na(s) história(s) de uma mulher negra e moradora de favela, em seu cotidiano de riscos, apostas e sobrevivências.

Palavras-Chave: Favelas; Corpo; Território; Raça; Gênero.

JOVENS ENTRE FRONTEIRAS E CIRCULAÇÕES NA CIDADE: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CONTEXTOS URBANOS DO RIO DE JANEIRO E DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Carolina de Oliveira Siqueira

Teresa de Jesus Peixoto Faria (UENF)

Este artigo tem como objetivo descrever como jovens “de periferias” definem fronteiras visíveis e invisíveis quando circulam nos espaços urbanos e problematizam os efeitos e os riscos das aproximações com facções rivais que “dominam” o comércio de drogas ilegais. Partindo dos resultados parciais do projeto de pesquisa de mestrado *Territórios proibidos? Uma análise das circulações e práticas sociais de jovens e periferia de Campos dos Goytacazes*, em andamento no Programa de Pós-Graduação de Políticas Sociais (UENF), realizaremos uma comparação por contraste das circulações de “jovens de periferias” na cidade do Rio de Janeiro em relação àquelas de Campos. Nesta análise, fundamentada em entrevistas em profundidade, procuramos mapear representações “de jovens de periferia” de Campos dos Goytacazes/RJ acerca das circulações e práticas nas margens do tráfico de drogas. Para realizar a comparação proposta, partiremos, no caso do Rio, do artigo “Da asfixia: reflexões sobre a atuação do tráfico de drogas nas favelas cariocas” de Juliana Farias (2008) no intuito de identificar os pontos contrastantes entre estes dois contextos urbanos em particular no que se refere aos modos de problematizar as circulações, práticas e percepções destes atores. Demonstraremos que as fronteiras em ambas às cidades são maleáveis de acordo com a posição social do jovem e com as

maneiras segundo as quais representa e é representado nas suas relações de vizinhança e

Palavras-chave: Circulações, Fronteira e Juventude

FRONTEIRAS ENTRE O ANONIMATO E A VISIBILIDADE: DIREITOS, EMOÇÕES E SUBJETIVIDADES (CORPORIFICADAS) NA EXPERIÊNCIA COM HIV/AIDS

Ricardo Andrade Coitinho Filho (PPGCS-UFRRJ)

-

Este *paper* retrata a dimensão política e social do contexto do HIV, vivenciado por jovens soropositivos que frequentam uma “rede” no estado do Rio de Janeiro. Em decorrência às representações negativas associadas a Aids e a discriminação e preconceito oriundos destas representações, a experiência soropositiva tem sido permeada por controvérsias. Neste sentido, algumas “angústias”, “medos” e “perspectivas” são enunciadas dentro de uma coletivização – a rede. Essa discursividade que é ao mesmo tempo compartilhada, é também (re)construída ao longo da trajetória soropositiva e por meio das experiências que são trocadas. Dentre estas discursividades, se atentará, neste trabalho, a problematizar a demanda por direitos que são erigidas por estes jovens – como o direito à dignidade ao portador do hiv/aids, o direito ao uso do tratamento com os antirretrovirais, a luta contra a discriminação em relação a sorologia e outras questões correlatas. No entanto, esta demanda por direitos é permeada por estratégias que circundam entre o anonimato e a visibilidade. Interessa, neste sentido, apresentar as estratégias utilizadas por estes jovens na busca pelos seus direitos e as moralidades em torno desta atuação. Serão utilizados, como referência para esta discussão, os dados etnográficos feitos na rede, entrevistas semiestruturadas com os jovens participantes da mesma, materiais de veiculação midiática (como entrevistas concedidas por estes jovens a alguns jornais de circulação estadual) e as políticas públicas em saúde para o HIV.

Palavras-chave: HIV, Direitos, Emoções, Subjetividades, Corpo.

DEMARCADORES TERRITORIAIS: CORPO E POLÍTICA DA DIFERENÇA NO MOVIMENTO SOCIAL DOS SURDOS

Maria Izabel dos Santos Garcia (UFF)

De algum modo todos temos certo entendimento prévio do que vem a ser um corpo. Não só pela experiência intrínseca que temos com nosso próprio corpo – algo dado, que nos pertence – como também um elemento demarcador de fronteira entre o eu e outrem – um corpo em meio a tantos outros. A ideia de corpo também pode vir atrelado ao conceito de identidade quando alguns autores apresentam categorias como terceira idade, idade da loba, crise da meia idade, para citar apenas algumas, nas quais o tempo do corpo – marcado pela ideia biologizante da idade cronológica – se apresenta como um elemento que se enoda a outros que, como tal, apresenta configurações que assemelham o corpo do jovem, o corpo do idoso, o corpo maduro, o corpo feminino... Entretanto, esses elementos ditos comuns, aparentemente relacionados ao aspecto do corpo e, portanto, biológicos, vêm acompanhados de uma história. Em Espinosa temos clara a afirmação do corpo como uma entidade de potência. Ele aposta na potência deste corpo não subjugado ao espírito – solução cartesiana – nos apresentando a algo aparentemente paradoxal, quer seja, de sermos e não sermos a um só tempo esse corpo. Interessa aqui ressaltar a vida como princípio ético organizador para a produção de uma arte. A arte de viver. Para tanto se faz necessário, primeiramente, problematizar o que possa impedir sua expansão para em seguida cogitar tal inversão de territórios que a viabilizem. Este percurso nos levará ao relato de experiências de pessoas que exprimem a potência da vida em corpos ditos *deficientes*. No caso dos surdos, como diferentes autores apontam (Skliar, Sanches, Wrigley e outros), o lugar da *deficiência* vem sempre acompanhado de um sentido ouvintista de discernir sobre a surdez. O movimento pelos direitos das pessoas com *deficiência* prima pela defesa do que chamam de “identidade”. Pensamos ser os conceitos de cultura e identidade reificantes e reacionários – um debate já presente na antropologia contemporânea – na medida em que se pautam não na emergência de um novo, e sim em um padrão majoritário esperado, estando a própria ideia de padrão a serviço de uma relação de poder a partir de um padrão que não representa ninguém. Em oposição à ideia de reconhecimento de identidade, Guattari propõe a ideia de processos transversais, devires subjetivos, que se instauram através de indivíduos e grupos sociais, podendo dessa forma entrar em ruptura com as estratificações dominantes. Vale ressaltar, que tais processos não podem existir em si mesmos, mas sim num movimento processual. O presente trabalho pretende ser uma breve incursão sobre esse processo e as práticas discursivas que ensejam promover uma nova visibilidade da surdez a partir dos conceitos de cultura e identidades surdas, usados com a intenção de demarcar território para uma política da diferença.

Palavras-Chave: Surdos, deficiência, identidade, território, cultura.

GT 8: EL PATRIMONIO COMO TRANSFORMADOR DE LOS TERRITORIOS

Coordinadores:

Dr. Leonel Cabrera Pérez. Director. Depto. de Arqueología Instituto de Ciencias Antropológicas. Fac. de Humanidades y Cs. de la Educación Universidad de la República Uruguay. leonelcabreraperez@gmail.com

Lic. Ariel Rodolfo Rivero, Universidad Nacional de Jujuy, Facultad de Humanidades y Ciencias sociales Mail: arielantropo@gmail.com

Comentarista: Dr. Jorge Kulemeyer. Universidad Nacional de Jujuy, Facultad de Humanidades y Ciencias sociales; jorgeak@gmail.com

NUECES, DULCES Y QUESOS. MERCADO PARA EL TURISMO LOCAL

Belli Elena Universidad Nacional de Jujuy, Profesora Titular FHyCS, Secretaria de Extensión UNJU. Dra. En Antropología.

Ricardo Slavutsky Universidad Nacional de Jujuy, Profesor Titular, FHyCS, Decano de la FHyCS de la UNJU. Dr. En Antropología; slavbell@imagine.com.ar

El turismo o las expectativas que genera el desarrollo de emprendimientos turísticos en espacios rurales son dispositivos que producen procesos de puesta en valor patrimonial, negocios inmobiliarios, un estado de movilización y perturbación en la población local que deviene en pequeñas inversiones, elaboración de proyectos colectivos o individuales, y también la aparición de agentes extracomunitarios (inversores, artesanos, comerciantes).

Estos procesos siempre se desenvuelven en el marco de tensiones, a veces a pequeña escala como resultado de controversias interpersonales o familiares, otras más colectivas que se hacen visibles bajo la forma de movimientos sociales. Pocas veces logran estructurarse a través de organizaciones de la sociedad civil y logran cierta permanencia y sustentabilidad.

La explicación de la suerte y el destino de estos procesos de patrimonialización a través del turismo tiene que ver con la historia local, su estructura económica y social, la selección por parte del Estado o sectores del capital de un determinado lugar y no otro como eje del desarrollo, y en especial de la agencia local que delinea un perfil turístico que remite a la participación activa o consentida, o a la resistencia a estos proyectos.

Nos proponemos analizar estos procesos desde las formas de reconversión productiva que se generan en la población local enfocada hacia el mercado turístico real o potencial en San Pedro de Colalao, provincia de Tucumán, Argentina donde desde hace medio

siglo coexisten en tensión el turismo social y de fin de semana y temporada veraniega de la burguesía media tucumana y del sur de Salta, con la tradicional producción láctea y más recientemente, la presencia de medieros y arrenderos hortícolas de origen boliviano.

“ESPACIOS INICIALES DE CONSTRUCCIÓN E INSTITUCIONALIZACIÓN DE PATRIMONIO EN ARGENTINA Y SU DIMENSIÓN POLÍTICA”

Mónica B. Rotman

UBA- CONICET

Los procesos de patrimonialización, acelerados en las últimas décadas, han llevado la atención hacia diferentes tópicos y relacionamientos. En tal sentido y entre otras cuestiones se problematiza la relación del patrimonio con los territorios y la impronta que el mismo les imprime.

En la producción patrimonial, los procesos “transformadores” han implicado la intervención de diferentes fenómenos, actuantes en distintos períodos históricos.

En esta ocasión nos importa detenernos en su vinculación con los tiempos del Estado-Nación; en su utilización -con carácter y fuerte contenido simbólico- como recurso de unificación del mismo, de homogeneización de un “territorio” a nivel nacional.

El patrimonio cultural de una nación en tanto construcción social, histórica; proceso en el que intervienen los distintos intereses de las clases y grupos sociales que la integran, se va conformando como delimitador de un colectivo social y de un ámbito espacial.

Nos interesa explicitar en esta ponencia las primeras políticas y prácticas institucionales respecto de los bienes culturales de la nación, vinculadas a aquellos organismos que se crean específicamente a los fines de tramitar las cuestiones sobre patrimonio.

Referiremos aquí a la “Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos” (CNMMLH) creada en 1940 (“Comisión Nacional de Museos y Lugares y Bienes Históricos” desde el 2015), institución pionera y rectora, que fijaría los primeros lineamientos sobre el tema en nuestro país, prosiguiendo su actuación en la actualidad (contexto, orientaciones político-ideológicas, desarrollo histórico, normativa, etc.) y examinaremos los Boletines y Actas que editó el Organismo (desde su primera publicación en el año 1939 hasta aquellos editados durante 1948) dando cuenta de su actuación. Entendemos que una comprensión del presente implica el conocimiento del pasado, apelando a la historia y asumiendo una perspectiva procesual.

Palabras claves: patrimonio; institucionalidad; dimensión política.

PATRIMONIO Y SOCIEDAD: UN DILEMA COMPLEJO EN EL “DEBE” DEL URUGUAYO...

Pérez Cabrera Leonel. Departamento de Arqueología, Instituto de Ciencias Antropológicas. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Uruguay.

<leonelcabreraperez@gmail.com>

Dentro de la conformación de las sociedades americanas, el Uruguay muestra en muchos aspectos, procesos y situaciones particulares. Su estructura sociocultural, los procesos históricos, las ideologías, los fenotipos dominantes a nivel urbano, llevó a verlo en la década de los '60 -'70, como uno de los mejores ejemplos de un “*pueblo transplantado*”. ¡Un país de europeos anclado en América! La gestión del Patrimonio Cultural, en sociedades de escasa cohesión “nacionalista”, de conformación tan heterogénea, sin presencia de pueblos originarios, al menos de manera asumida, ha seguido criterios un tanto erráticos en la determinación de un patrimonio cultural común y su salvaguarda. Nos proponemos reflexionar sobre las encrucijadas que plantean hoy la investigación, la gestión y el uso del Patrimonio, dentro de las sociedades contemporáneas, centrándonos en la realidad uruguaya. Hay preguntas que resultan claves: La necesidad de la socialización del patrimonio cultural: ¿Cuál patrimonio? ¿Cómo lograr un sentimiento de “pertenencia”? Socializar a partir de que patrimonio: ¿el de todos? ¿El académicamente válido? ¿El del pasado del territorio?: ¿Cuál pasado y cual territorio? ¿El pasado histórico asumido (Historia Oficial), el construido desde el interés de la administración, de la academia, etc.? Si la idea es partir del interés de la comunidad, ¿como interviene el “conocimiento” en la asunción de los temas? La necesidad de coordinar acciones respetando la diversidad, dentro de un marco académico que posibilite el intercambio con la comunidad, a nivel interuniversitario respecto de la región, parece un camino a seguir. El objetivo final, siempre será el transformar el pasado en una herramienta de promoción cultural.

Palabras Claves: Patrimonio Cultural, sociedad, identidad, socialización.

A PATRIMONIALIZAÇÃO DA PAISAGEM E A REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

Luciana de Castro Neves Costa

Sidney Gonçalves Vieira

Se a concepção moderna de patrimônio cultural vincula-se ao contexto de formação dos

Estados Nacionais, constituindo-se em uma representação da identidade nacional, várias foram as formas de caracterizá-lo a partir de diferentes tipologias, dentre as quais a Paisagem Cultural. Adotada pelo Centro do Patrimônio Mundial (UNESCO) em 1992, e pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2009, como Paisagem Cultural Brasileira, essa chancela atribui valor à relação de interdependência (física e simbólica) entre sociedade e meio ambiente, vinculando-se ainda à ideia de continuidade, associada aos modos de vida e de produção econômica ou de subsistência dos sujeitos produtores e reprodutores da paisagem. Se, em esfera mundial, a noção de paisagem resultou (ainda que de forma parcial) em uma aparente diversificação de manifestações culturais e em uma abertura a países ainda subrepresentados na Lista do Patrimônio Mundial, no Brasil, apesar do curto tempo de vigência, tal tipologia parece contemplar referências culturais de grupos ainda pouco envolvidos com ou representados por políticas de preservação patrimonial. Atualmente, a única Paisagem Cultural Brasileira reconhecida é composta pelos núcleos rurais de Testo Alto (em Pomerode), e Rio da Luz (em Jaraguá do Sul), no Estado de Santa Catarina, representativos da trajetória de imigração alemã e pomerana no Brasil. Outros estudos estão sendo desenvolvidos relacionados ao contexto naval brasileiro. Neste sentido, este trabalho visa analisar a(s) representação(ões) identitária(s) e os valores atribuídos à Paisagem Cultural da imigração consolidados no discurso e na política institucional do IPHAN.

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Patrimônio Cultural; Identidade Nacional; Imigração.

PATRIMONIO INDÍGENA: CONSTRUCCIONES IDENTITARIAS Y CONFLICTOS TERRITORIALES

Crispina Rosario González – Universidad de Buenos Aires-UBA- Argentina

crispinarg@gmail.com

La Ciudad Sagrada de Quilmes, en la provincia de Tucumán, República Argentina, es uno de los sitios arqueológicos más importantes de nuestro país. En torno a él se ha generado un conflicto entre diversos actores, estatales, privados y comunitarios, por la recuperación y el dominio pleno del mismo. La Comunidad India Quilmes reclama este sitio, considerándose su heredera natural. Nuestro interés se centra en el análisis de la dinámica de este proceso aún abierto, en el cual el pasado, reconstruido desde el presente y mediatizado por los intereses en juego, es un campo de disputa de sentidos. La Ciudad Sagrada tiene alto valor simbólico y material para las comunidades indígenas de la zona, no sólo por cómo se comprende la noción de territorio desde la identidad indígena sino también por la construcción social de la memoria colectiva que en torno al mismo se concreta.

Palabras clave: Patrimonio Indígena, memoria colectiva, territorio.

LA PATRIMONIALIZACIÓN COMO UN PROCESO SOCIAL Y LEGAL

Luis Carlos Quiñonez Bojacá. Universidad de Caldas. luisk893@gmail.com

Esta ponencia propone la descripción del proceso de patrimonialización realizado en La Dorada Caldas, Colombia; proceso que se da debido a la inexistencia de un inventario de bienes patrimoniales en este municipio; sin embargo, la motivación principal para ejecutar el proceso de valoración de Bienes de Interés Cultural parte de un incendio en una propiedad con cualidades arquitectónicas y culturales que generaba identidad dentro de los habitantes de La Dorada, en ese sentido cobra importancia exponer el funcionamiento de los mecanismos jurídicos y los procesos legales establecidos por el Estado Colombiano para la patrimonialización de bienes inmuebles, vinculándolos con los procesos sociales emergentes que traen consigo los proyectos de este tipo. Finalmente se dilucidara desde una perspectiva sistémica la relación entre los procesos jurídicos y sociales en relación a la legitimidad del patrimonio como una estrategia o respuesta a una identidad colectiva como habitantes de los territorios.

Palabras clave: Patrimonialización, Procesos Legales, Procesos Sociales, Patrimonio, Identidad.

OS USOS DO PASSADO E AS POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES/BRASIL

Darlan De Mamann Marchi. Doutorando do Programa em Memória Social e Patrimônio Cultural – PPGMP – Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Bolsista CAPES

darlanmarchi@gmail.com

São Miguel das Missões no estado brasileiro do Rio Grande do Sul foi um dos trinta povos fundados pelos jesuítas para a catequização dos indígenas nos séculos XVII e

XVIII no território que hoje compreende regiões do Paraguai, da Argentina e do Brasil. Atravessando todo o processo de disputas das coroas ibéricas pela definição do território, a região, na qual se encontra hoje a cidade de São Miguel, foi incorporada ao território brasileiro em 1801. A ativação patrimonial dos remanescentes arquitetônicos de São Miguel iniciou ainda em princípios do século XX pelo governo do Rio Grande do Sul. Em 1938 as ruínas foram tombadas como patrimônio nacional e em 1983 receberam o título de patrimônio mundial pela UNESCO, juntamente com outros sítios missioneiros em território argentino. Esses processos de reconhecimento, ocorridos em diferentes contextos históricos, auxiliam na compreensão dos usos feitos desse patrimônio que se tornou um referencial identitário para a população da região e do estado. Constituindo-se em referencial para a história do patrimônio no Brasil, a cidade moderna de São Miguel das Missões desenvolveu-se no entorno do bem patrimonializado ao largo do século XX. Assim, na região, as ações de conservação e proteção do patrimônio, que seguem avançando na atualidade, constituem aspectos da memória recente para a comunidade de São Miguel das Missões.

PATRIMONIALIZAÇÕES, NO CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO

Alvair Carolino da Silva. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM, professor do Instituto Federal do Amazonas – IFAM.

Nesse trabalho pretendo situar os processos de patrimonialização da Cachoeira de Iauarete (São Gabriel da Cachoeira-AM) e do Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões (Manaus-AM), problematizando os conflitos inerentes a cada um desses bens culturais e compará-los. Embora, distantes Iauaretê e o Encontro das Águas têm em comum o rio Negro e as narrativas míticas dos Tukano, Dessana e outros povos que vinculam lugares distintos e distantes aos mesmos processos de condições iniciais de existência do universo e de transformação que cria os primeiros humanos. Contudo, a Cachoeira foi proclamada “patrimônio Cultural do Brasil” pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em agosto de 2006, sendo o primeiro bem cultural inscrito no *Livro de Registro de Lugares*. Ao passo que o Encontro das Águas, Tombado provisoriamente conforme Diário Oficial n.º 195 do dia 11 de outubro de 2010 e, posteriormente, na reunião do Conselho Consultivo de 04 de novembro de 2010, aprovado por unanimidade seu Tombamento definitivo no *Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico*, o Encontro das Águas ainda não foi homologado pelo Ministério da Cultura

PATRIMONIALIZACIÓN DENTRO DE LOS INTERSTICIOS DE LA

ESTATALIDAD PROVINCIAL Y LA IDENTIDAD POLÍTICA. LA CUESTIÓN INDÍGENA EN CHUBUT

Cristian Gonzalez Valenzuela. Docente investigador de la Universidad Nacional de la Patagonia. gcristianmatias@gmail.com

La Provincia de Chubut se destaca por ser uno de los territorios argentinos con significativa historia y actualidad indígena, centralizada en el pueblo mapuche y tehuelche. La cultura de estos pueblos ha pasado por diversos procesos cambiantes y/o continuos que marcaron significativamente el desarrollo de estos (acuerdos con el Estado Nacional, conquista, incorporación y sometimiento).

Tales procesos históricos heredados en su condición pasada como territorio nacional, interpelaron con la consolidación de la estatalidad provincial a partir de los años cincuenta y sesenta. El Estado Provincial inició sus políticas culturales para definir la “identidad provincial” que sustente una legitimidad simbólica ante sus habitantes. En este caso, las políticas de patrimonio formarán parte de dicho proyecto, seleccionando y transformando los bienes culturales “aptos” para definir la identidad provincial.

En un contexto donde el Estado comienza a tomar protagonismo en el acceso de los derechos indígenas, encuentra los desafíos que proponen el movimiento y organización indígena. Por ende, el trabajo presenta una serie de reflexiones en un entramado teórico y empírico, respecto a las políticas públicas de patrimonialización frente los desafíos de la cuestión indígena. Aquí las relaciones de poder juegan un papel central en las políticas culturales de identidad y patrimonialización, además de los discursos de los derechos culturales y el ejercicio de los mismos.

TERRITÓRIOS TURÍSTICOS, IDENTIDADE E RESILIÊNCIA CULTURAL: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES SOBRE O TURISMO EM ÁREAS PROTEGIDAS

Marina Mujica de Paiva. Doutoranda do Programa de Pós Graduação Interdisciplina em Ciências Humanas – PPGICH. marinamujica@gmail.com

O desenvolvimento do turismo em áreas protegidas vem crescendo nas últimas décadas tanto no Brasil como no mundo. O Brasil, particularmente, apresenta enorme biodiversidade, marcada por regiões com diferentes biomas e formas de organização social tradicional de rica cultura. As áreas naturais que fazem parte das unidades de conservação são lugares de beleza cênica, que se tornam alvo de fluxos turísticos internacionais. Um dos grandes desafios que se apresentam em relação às áreas protegidas é a preocupação em preservar os processos que geram e mantêm a diversidade biológica existente no lugar. Em tais ambientes, o turismo age desterritorializando atividades e populações locais preexistentes, produzindo novas configurações geográficas e socioculturais. Surge, dessa forma, a questão em relação à gestão e a pressão de uso sobre os recursos naturais dessas áreas. A adoção de uma perspectiva sócio ecológica para conservação de espaços naturais nos remete a relação

intrínseca entre a biodiversidade e a sociodiversidade. Lugares onde existe uma valorização cultural por parte dos próprios moradores, em relação ao seu estilo de vida, suas tradições, seus costumes, suas identidades, são lugares onde os moradores apresentam uma maior resiliência frente às mudanças sociais provocadas pelo turismo. A partir de uma perspectiva interdisciplinar e sistêmica, a resiliência poderia fornecer um foco de análise estratégica para o fenômeno do crescimento turístico, uma vez que enfatiza os aspectos críticos do funcionamento de todo o sistema: a continuidade, apesar das mudanças.

Palavras-chave: Turismo; Áreas Protegidas; Impactos Socioculturais; Resiliência Cultural.

“EL PATRIMONIO HABITADO. DINÁMICAS SOCIALES EN UN ESPACIO DEFINIDO COMO PATRIMONIO NATURAL”

Lara Bersten

El presente trabajo forma parte de una investigación cuyo objetivo general ha sido abordar el proceso de construcción y reelaboración del patrimonio natural de la nación en relación con las propuestas de desarrollo sustentable vinculadas al turismo, apuntando a la articulación entre aspectos políticos, culturales y económicos en Villa Traful (Neuquén, Argentina) en el contexto del Parque Nacional Nahuel Huapi).

La presente ponencia aborda, desde la perspectiva de la Antropología Social, las especificidades de la vida cotidiana en este espacio definido como patrimonio natural y de qué manera esta definición condiciona las actividades productivas y el modo de vida de los sujetos, pero también brinda posibilidades vinculadas al desarrollo sustentable y al turismo.

Palabras clave: patrimonio- naturaleza- desarrollo sustentable – turismo.

EL PATRIMONIO EN CLAVE MINERA EN JUJUY, ARGENTINA

Lic. María Elisa Paz, Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Jujuy. merilinpei@gmail.com

El objetivo del presente trabajo es indagar en aquellas prácticas, costumbres y espacios activados como patrimonio de los jujeños, que no son considerados como tales en la práctica minera, mostrándose reticentes a invertir los recursos necesarios en la protección del patrimonio arqueológico, así como en la vinculación con las comunidades y el respeto por sus costumbres y tradiciones.

La minería es una de las actividades productivas constitutivas de la economía capitalista en la provincia de Jujuy, desde sus orígenes y hasta la crisis de mediados de los 80' se desarrolló bajo una misma legislación. En los noventa se produce un cambio de paradigma en el tipo de explotación, que bajo la influencia de organismos internacionales de créditos condicionan la reorientación de la legislación hacia estándares internacionales con los que se introduce la necesidad de protección del medio ambiente.

Desde la sanción de las nuevas normativas hasta la reactivación de la minería, fueron numerosos los cambios observados en el territorio provincial, debido a que se adoptó como política estratégica para el desarrollo al turismo, en tanto actividad de la que es posible que participen diferentes sectores de la sociedad jujeña. A nivel nacional se formulan itinerarios temáticos a los que la provincia se acopla apelando a las prácticas culturales y al paisaje, incluyéndolos en las políticas patrimoniales.

Palabras clave: minería, patrimonio, turismo, legislación.

SABERES ESCOLARES, VALOR Y PATRIMONIO EN UN MUNICIPIO DEL PAISAJE CULTURAL CAFETERO

Maicol Mauricio Ruiz. Estudiante Doctorado Universidad Nacional de General Sarmiento (UNDGS)- Instituto de Desarrollo Económico y Social (IDES) (Argentina)/ Docente Universidad Tecnológica de Pereira (Colombia). vientocosmico@utp.edu.co / vientocosmico3@gmail.com

En el año 2011, 416 veredas de 47 municipios colombianos, donde se localizan alrededor de 24 mil fincas cafeteras con una población estimada de 80 mil habitantes fueron declaradas Patrimonio Cultural de la Humanidad por la UNESCO (Ministerio de Cultura, 2009). Estos territorios integran desde entonces lo que se ha empezado a conocer como Paisaje Cultural Cafetero (PCC). Según el Comité de Patrimonio Mundial el PCC alcanzó tal distinción “*en virtud ser un ejemplo destacado de formas tradicionales de asentamiento humano, utilización de la tierra, e interacción del hombre con el medio*” (UNESCO, 2008).

Esta declaratoria hace parte de las estrategias empleadas por las élites regionales para reacomodarse a las nuevas condiciones económicas que impone la globalización y mantener su dominio en una región azotada por la violencia, el desplazamiento forzado

y el deterioro de la calidad de vida de sus habitantes.

Esta particularidad hace que el PCC se patrimonialice de manera privilegiada desde la perspectiva del valor de cambio, situación que profundiza los procesos desruralizadores que se han agenciado en la región a través de la tecnificación del monocultivo cafetero. Frente a este proceso, algunos actores educativos locales han activado formas de movilización escolar que buscan producir saberes escolares situados, sobre el PCC que contribuyan a su patrimonialización desde una perspectiva de valor de uso, de modo tal que les permita no sólo interpelar el modelo monocultor cafetero, sino también dar valor a la vida de los que viven y trabajan en el campo, en particular, a la vida de los jóvenes y maestros.

Palabras Clave: Paisaje cultural cafetero, patrimonialización, saberes escolares, valor de uso, valor de cambio.

MOMPOX, ENCRUCIJADA ENTRE PATRIMONIO DE LA HUMANIDAD Y TERRITORIO DE LOS MOMPOSINOS

Mario Perilla Perilla. mario2p3000@gmail.com. Arq. Magister en Hábitat, Docente.

Diego Quintana Tovar. diegoquintanat@yahoo.es, Constructor y Gestor en Arquitectura, Especialista en Gestión Cultural.

Integrantes Grupo de Investigación: *Patrimonio Construido: Texto y Contexto*, adscrito a la Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia.

Mompox, ciudad Patrimonio de la Humanidad, localizada en la Cuenca momposina, en el territorio Caribe colombiano, con una gran riqueza potencial en términos ambientales, patrimoniales y turísticos, está abocada en un futuro cercano a vivir posibles escenarios los cuales pueden ser plausibles o negativos dependiendo de aspectos como participación activa de la población en las decisiones territoriales y generación de alternativas en planes transversales de tipo cultural y social a las acciones meramente físicas.

Confluyen en la actualidad acciones políticas tanto de la administración nacional y local como privadas que están transformando paisajes tanto físicos como culturales con una

clara dirección hacia el imaginario turístico global.

Se perciben como indicios de la tendencia en relación con el impacto de su relevancia en términos patrimoniales, con la definición de *nuevo destino turístico de índole cultural*, capaz de competirle a la saturada y sobreexplotada Cartagena de Indias. Es así como ya aparecen hoteles-boutique, se hacen obras de adecuación paisajística ajenas a la tradición local y se han generado nuevos actos rituales impuestos como el *festival de jazz*, apoyado por la administración y las élites.

El trabajo postulado se ha nutrido con entrevistas semiestructuradas en trabajo decampo participativo con diversos actores de la comunidad que han aportado sus miradas en el fenómeno percibido.

Palabras clave. Territorio. Patrimonio. Lugar. Identidad.

LA ARTESANÍA CHAPACA: TENSIONES COLONIALES EN LA EXPRESIÓN ESTÉTICA CAMPESINA DE LOS VALLES TARIJEÑOS

Carlos Vacaflores Rivero. Comunidad de Estudios Jaina, Bolivia/Posgrado en Desarrollo Rural, UAM-X, México. vacaflor.carlos67@gmail.com

La producción artesanal campesina de los valles tarijeños, al sur de Bolivia, tiene una diversidad y calidad técnica notables, heredera de ricos procesos formativos de mestizaje hispano-indígena en la frontera entre tierras altas y tierras bajas, sometida a procesos coloniales de explotación que la obliga a desarrollar una producción artesanal diversificada de autoabastecimiento de artefactos necesarios para su vida cotidiana, que irónicamente terminan configurando su identidad cultural, pero las transformaciones producidas en su forma de vida por la modernidad ocasionan que sus usos tradicionales se vean desplazados en diversas medidas por productos industriales, aunque siguen cumpliendo un rol central en la construcción de la identidad cultural regional, de manera que su producción sigue siendo demandada, aunque adaptada a nuevas condiciones de consumo no tradicional, más diversificado, fomentado tanto por políticas municipales que buscan mercantilizarla y adaptarla a las necesidades de consumidores urbanos y turistas para generar opciones económicas para los campesinos; como por una notable politización de discursos descolonizadores generados desde su propia lucha por retomar el control de su territorio pero desde su propia identidad cultural, generando una tensión en la expresión estética de los campesinos, que buscan acceder a la modernidad, pero desde una historia de lucha contra el sometimiento colonial desde donde se ha producido su identidad cultural.

BONECAS KARAJÁ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL: DA PESQUISA À SALVAGUARDA

Nei Clara de Lima. Doutora em Antropologia, pela Universidade de Brasília, professora adjunta aposentada da Faculdade de Ciências Sociais e pesquisadora colaboradora do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

Rosani Moreira Leitão. Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília, de Antropologia do Museu Antropológico, docente do Programa de Direitos Humanos e docente colaboradora do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás.

As *ritxoko*, bonecas de cerâmica confeccionadas pelas mulheres Karajá, que vivem em aldeias da Ilha do Bananal e vale do rio Araguaia, no Brasil Central, foram registradas, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural imaterial brasileiro em janeiro de 2012. A pesquisa *Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia*, que deu origem ao reconhecimento nacional acima mencionado foi realizada, com o objetivo de produzir informações etnográficas para compor a documentação referente ao processo de registro, por uma equipe do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. No presente texto faremos um relato e algumas reflexões acerca da pesquisa e de alguns dos seus desdobramentos, principalmente do projeto *Bonecas Karajá como patrimônio cultural do Brasil: contribuições para a sua salvaguarda*, em fase inicial também no Museu Antropológico sob a coordenação das autoras.

Palavras-chave: Patrimônio cultural – Karajá – *Ritxoko*

TURISMO Y DESARROLLO RURAL EN LA PROVINCIA DE MISIONES: PATRIMONIO CULTURAL GASTRONÓMICO COMO ELEMENTO DE LA IDENTIDAD TERRITORIAL

María Inés Montenegro. Maestría en Desarrollo Rural/EPG FAUBA.
montenegro.maria@inta.gob.ar; mara_montenegro@hotmail.com

En este trabajo se analiza un estudio de caso en la región este, centro y sur de la provincia de Misiones, República Argentina, que se desprende de mi tesis de Maestría,

en escritura, “Turismo y desarrollo rural en la provincia de Misiones”, con el propósito de mostrar en estas tres zonas, la importancia del desarrollo rural a través de la gastronomía y su incorporación en el turismo rural como revalorización del patrimonio cultural. El objetivo que se desprende de esta tesis consiste en describir y comprender la conformación de una trayectoria cultural gastronómica que da lugar a las prácticas culinarias actuales, considerando que la misma constituye un recurso turístico que servirá de insumo a otros proyectos y políticas de desarrollo.

La metodología empleada se sustenta en: información primaria a partir de la sistematización de entrevistas semi-estructuradas y de entrevistas y observaciones no estructuradas a informantes calificados, y en información secundaria, mediante análisis documental proveniente de los propios ámbitos locales (instituciones locales públicas y privadas). También se ha utilizado documentación bibliográfica pública y privada.

Analizaremos: Los tipos de producciones y prácticas de consumo, el patrimonio cultural culinario, la gastronomía e inmigración, la identidad gastronómica, turismo como herramienta del desarrollo rural, construcción de una identidad territorial a partir del patrimonio gastronómico, políticas públicas y regionalización.

Se concluye que en estas tres zonas, se manifiestan hábitos alimentarios diferentes, influenciados por la formación cultural y social de quienes la habitan. Son destacables, la influencia brasileña de la zona Este, el protagonismo de distintas etnias en la zona Centro y la cocina regional guaraní con incorporación de las comidas modernas o cocina fusión en la zona Sur.

Palabras clave: desarrollo rural- turismo rural- identidad cultural- patrimonio cultural.

LOS CAMINOS DEL PATRIMONIO: EL CERRO DE LOS BURROS Y UNA EXPERIENCIA PARTICIPATIVA DE HACER PATRIMONIO

Laura Brum Bulanti (CURE-Udelar). lbrum@cure.edu.uy

La ponencia reflexiona sobre el proceso de patrimonialización de la localidad arqueológica Cerro de los Burros – Valle del Tarariras (Maldonado, Uruguay). Ubicada en una zona costera balnearia, con fuerte variación poblacional anual estacional, está inserta en un territorio donde confluyen lo rural y lo urbano, que en las últimas décadas es objeto de cambios profundos en su paisaje, en los usos y actividades que allí se desarrollan, y poblaciones que la habitan. Desde las primeras noticias conocidas sobre esta localidad arqueológica en 1960 hasta el reconocimiento del Cerro de los Burros como patrimonio departamental y nacional en el año 2014, ha sido fundamental el trabajo y las acciones promovidas desde la sociedad civil organizada local en coordinación con otros actores (academia, gobierno, medios de comunicación, entre

otros). Se analizan los cambios en las formas de uso y apropiación de este territorio, la permanencia de algunas prácticas y la emergencia de otras, y las significaciones en torno a este lugar. Se exponen diferentes escenarios normativo-institucionales que han operado a través del tiempo en el área, vinculándolos con políticas públicas que allí se vienen instrumentando. Finalmente se discuten desafíos para esta localidad en el contexto de la planificación territorial regional y de las tensiones que operan en un territorio donde coexisten modelos de desarrollo vinculados al turismo tradicional (sol y playa) y al desarrollo inmobiliario y otros orientados al ecoturismo, la conservación de los recursos naturales y culturales locales, y nuevas formas de residencialidad que valoran el paisaje y naturaleza del lugar.

Palabras clave: patrimonio arqueológico – sociedad civil organizada- turismo– costa - desarrollo local.

RESCATE DE PETROGLIFOS EN SAN VICENTE Y LAS GRANADINAS. PATRIMONIO, AGENCIA Y MEMORIA EN UN TERRITORIO DE DISPUTA ENTRE LO GARÍFUNA Y LA SOCIEDAD COLONIAL

Mónica Berón. CONICET, Museo Etnográfico “Juan B. Ambrosetti”, Univesidad de Buenos Aires y Universidad del Centro de la provincia de Buenos Aires, INCUAPA- CONICET, FACSO. monberon@retina.ar; monberon56@yahoo.com.ar

En el marco de un convenio de Cooperación Internacional entre la República Argentina y San Vicente y las Granadinas (Antillas Menores), correspondiente al Programa FO-AR del Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto de la República Argentina, denominado “Cooperación en la investigación y Preservación del Patrimonio Arqueológico”, se rescató durante mayo y junio de 2014 un conjunto de petroglifos en un sitio patrimonial, denominado Yambou 1. Ello constituyó la última etapa de una serie de acciones destinadas a la recuperación del patrimonio cultural en riesgo de pérdida total, a raíz de la construcción de un aeropuerto internacional (Argyle Airport) en la isla de San Vicente. El organismo local que ampara estas acciones es el SVG National Trust. Dicho patrimonio pertenece a las antiguas poblaciones de las Antillas Menores, tanto los Black Caribs como los Garífuna, surgidos estos últimos de la etnogénesis con esclavos africanos de la Costa de Marfil.

Para el rescate de los bloques con imágenes grabadas se desarrolló una estrategia adaptada al caso y en la cual actuó un grupo de geólogos bajo la coordinación de la arqueóloga a cargo del proyecto, que firma este resumen. Como continuación de estas acciones se están desarrollando tareas museográficas, de investigación- acción y de conservación que aportan a la puesta en valor de este patrimonio.

En esta presentación se detallarán las etapas y estrategias del rescate y se discutirán los usos actuales de dichas manifestaciones, su valoración y puesta en uso público y participativo.

Palabras claves:., rescate de petroglifos, San Vicente y las Granadinas, cooperación

internacional, garífunas.

LA DIVULGACIÓN CIENTÍFICA COMO HERRAMIENTA EN LOS PROCESOS DE PATRIMONIALIZACIÓN. LA EXPERIENCIA DE “MÁS CERCA DEL CIELO”

Moira Sotelo. Laboratorio de Arqueología del Paisaje y Patrimonio/Departamento de Arqueología, FHCE, unidad asociada al CURE, Universidad de la República (Uruguay).

moira.sotelo@lappu.edu.uy

Silvia Soler. Escritora/Editora en +Cerca Ediciones. silviagsoler@gmail.com

Este trabajo presenta una experiencia de divulgación científica, que tuvo como objetivo la socialización de una investigación sobre un fenómeno arqueológico poco conocido en Uruguay. Entre los vestigios de interés para la arqueología nacional, se encuentran cairnes y vichaderos, construcciones en piedra que probablemente fueron enterramientos indígenas, centros rituales, lugares de observación, señaladores de puntos del territorio. En general ubicados en lugares altos como sierras y cerros, son sitios de singular belleza y valor patrimonial, de dominio visual pleno del paisaje y el horizonte. Estos hallazgos suponen aportes reveladores para la comprensión del pasado y del patrimonio cultural. En tal contexto, difundir estos estudios y abrir un espacio con los lugareños para dar a conocer esta realidad resultó de especial significación. Para ello, diseñamos un proyecto que transmitió el conocimiento generado por la academia, a la vez que permitió integrar los saberes de los pobladores locales. Las actividades se concretaron en un producto para niños y adolescentes que incluye cuatro formatos: un libro de arqueología, tres cortos en video, contenidos para una revista escolar, y un concurso de fotos para niños. El equipo tuvo investigadores de la academia, una comunicadora, un fotógrafo y productor audiovisual y un ilustrador infantil. La participación de los pobladores en las tareas de búsqueda, los relatos orales y la participación en los videos, logró crear un interés por el patrimonio arqueológico. Por otro lado, a nivel nacional la difusión de los productos sensibiliza a la población a la que va dirigida.

Palabras claves: Divulgación científica/ arqueología/ pobladores.

OS CONSTRUTORES DE TAIPA EM CANÁRIAS (MA) E A VALORIZAÇÃO DE SEU SABER-FAZER PARA UMA MORADIA POPULAR SUSTENTÁVEL

Luiza de Albuquerque Leite Vieira. Estudante de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Piauí/
BR. brunnhalk@gmail.com

Neste trabalho, tenho, como eixo central da discussão, o saber-fazer ligado à construção tradicional de casas de taipa, por construtores da comunidade de Canárias, localizada na Ilha das Canárias, no estado do Maranhão, em uma região de proteção ambiental. O ato de construir é influenciado por múltiplos fatores, entre eles, o clima ou materiais disponíveis no local, mas também pela cultura, o que dá a cada lugar uma arquitetura idiossincrática. Desejando entender o vínculo entre os “taipeiros” e suas técnicas de construção tradicional em terra crua, guio-me sob a luz da Antropologia Simétrica para traçar uma cartografia do social, aproximando-me dos conceitos dos atores sobre as habitações feitas com essas técnicas. A partir desta aproximação, caminho em direção ao processo de sensibilização da comunidade em relação à valorização de seu “saber-construir” tradicional. Ademais, aponto possibilidades de soluções das adversidades construtivas reveladas pelo trabalho de campo, a partir da contribuição dos conhecimentos e práticas sustentáveis das áreas da Bioconstrução e da Permacultura.

Palavras-chave: Patrimônio. Saber-fazer. Bioconstrução.

A PATRIMONIALIZAÇÃO E OS DESAFIOS DA SALVAGUARDA: A EXPERIÊNCIA DO PAÇO DO FREVO NO BRASIL

Leonardo Leal Esteves. Coordenador de Pesquisa e Documentação do Paço do Frevo
Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE;
leonardo.esteves@frevo.org.br; leonardolestes@gmail.com

As políticas públicas voltadas ao patrimônio imaterial no Brasil têm sido implementadas a partir de experiências e debates acumulados nos âmbitos nacional e internacional.

Além disto, foram criadas por meio da ratificação do Estado brasileiro a convenções para a proteção da diversidade cultural entre os povos.

Neste contexto, percebe-se cada vez mais o reconhecimento de que é fundamental a participação ativa das diferentes coletividades e atores sociais nos processos de identificação dos bens culturais, bem como no debate, planejamento e execução de ações que contribuam para a sua salvaguarda.

Em 2007, o frevo foi registrado como Patrimônio Cultural Imaterial, pelo IPHAN, e, em 2012, incluído na Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial pela UNESCO. A partir deste registro, foi elaborado um Plano Integrado de Salvaguarda que apontou algumas diretrizes centrais para a sua salvaguarda.

Como um dos primeiros eixos deste plano, foi criado o Paço do Frevo, um equipamento público com a missão de consolidar o frevo como referência cultural, contribuir para difusão, pesquisa, capacitação e apoio profissional de seus agentes e coletividades e propagar sua prática para as futuras gerações, valorizando sua memória e reafirmando as políticas públicas de salvaguarda.

Neste trabalho, procuro analisar como este equipamento tem buscado cumprir com sua ampla missão, frente aos diversos desafios e demandas históricas dos próprios detentores do frevo. Considerando que a patrimonialização deste bem cultural chegará a sua primeira década em 2017, é importante esboçar uma avaliação inicial do processo de registro e das ações de salvaguarda até então implementadas.

Palavras Chave: Patrimonialização; Salvaguarda; Frevo.

TURISMO E PATRIMÔNIO: ELABORAÇÕES SIMBÓLICAS E MEMORIAIS NO PARQUE ARQUEOLÓGICO E AMBIENTAL DE SÃO JOÃO MARCOS (RJ)

Maria Amália Silva Alves de Oliveira. Doutora em Antropologia (IFCS/UFRJ). Professora Adjunta do Departamento de Turismo e Patrimônio (DETUR) e do Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/RJ) m_amali@hotmail.com

Os distintos discursos que permeiam a transformação de lugares patrimonializados em atrativos turísticos constitui o tema do presente trabalho. Tal proposta, elaborada a partir de dados recolhidos para minha tese de doutorado, apresenta uma série de discursos que acompanharam a edificação do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, anteriormente localizado no antigo município de São João Marcos e atualmente é um distrito da cidade de Rio Claro (RJ). Na década de 1940 São João Marcos foi despovoado e demolido para dar lugar a ampliação de uma represa de produção de energia elétrica. Da memória da demolição e inundação do conjunto arquitetônico do

núcleo urbano da referida Cidade emerge um conjunto de disputas pelas ruínas remanescentes daquela demolição. Em 2008, após o tombamento estadual das ruínas do antigo núcleo urbano, o Instituto Light iniciou o projeto de construção do referido Parque, com o objetivo de contribuir para a preservação histórica e cultural da região e para o desenvolvimento do turismo local. A memória coletiva associada a noções de passado e presente revelam uma gama de significados atribuídos a esse processo social em distintos contextos históricos. Assim ao propor a presente reflexão, busco compreender a lógica presente nesse campo, onde prioridades que aparecem como coletivamente construídas são objeto permanente de disputas simbólicas que revelam interesses de diferentes atores sociais.

Palavras-chave: Discursos; Patrimônio; Memória; Turismo; São João Marcos

**POTENCIALIDAD Y LÍMITES DE LA EXPERIENCIA PARTICIPATIVA.
UNA REFLEXIÓN A PARTIR DE LA POSTULACIÓN DEL FILETE
PORTEÑO A LA LISTA REPRESENTATIVA DE PATRIMONIO
INMATERIAL DE UNESCO**

Nélida Barber (UBA)

Mercedes González Bracco (UBA-CONICET)

Liliana Mazettelle (UBA)

Patricia Salatino (UBA)

El presente trabajo reflexiona sobre la reciente experiencia llevada a cabo por el equipo de Patrimonio Inmaterial de la Dirección General de Patrimonio e Instituto Histórico (DGPeIH) para la postulación en 2014 del Filete Porteño, técnica pictórica tradicional, para formar parte de la Lista Representativa de Patrimonio Cultural Inmaterial de la UNESCO. Dicha postulación fue realizada con la participación activa de la comunidad de fileteadores y fileteadoras que, en diálogo con nuestro equipo, discutieron y acordaron criterios de definición y valoración sobre su práctica. Esta experiencia generó diversos desafíos, tanto para el equipo como para la comunidad. Como equipo, se nos planteó la necesidad de traducir los sentidos, las lógicas y categorías expresadas por la comunidad a una modalidad discursiva acorde con los marcos de referencia que dispone la UNESCO. En cuanto a la comunidad, el proceso reflexivo de poner en palabras percepciones y valoraciones sobre una práctica compartida, inició una disputa en torno a sentidos de autenticidad y tradicionalismo, que no obstante resultó una experiencia ampliamente valorada por sus protagonistas y que, según nos lo manifestaron, constituía un objetivo que se habían planteado cumplir dentro de la Asociación de Fileteadores.

Como resultado de esta experiencia, entendemos que esta modalidad de trabajo con la comunidad involucrada es indispensable en el proceso de activación del patrimonio

cultural inmaterial, tanto en términos de participación en la toma de decisiones por parte de la comunidad como de institucionalización por parte de los organismos estatales vinculados a su salvaguarda y difusión.

TRAZOS DEL PASADO COLONIAL EN LOS MAPAS DE LAS PLANIFICACIONES ESTATALES ARGENTINAS DE PRINCIPIOS DEL SIGLO XXI: EVOCACIONES Y SILENCIOS

Laura Aylén Enrique. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) – Universidad de Buenos Aires (UBA). aylenele@yahoo.com.ar

La conmemoración de los bicentenarios de las luchas independentistas en Argentina ha repercutido en la argumentación de las planificaciones estatales de la última década en cuanto a la elección de fechas y plazos de implementación de las mismas así como de referencias a determinadas “identidades” y “culturas” características de las diversas regiones de nuestro país. De esta manera, se han establecido y reforzado ciertos lazos entre el territorio y el patrimonio al tiempo que se han desdibujado otros. El análisis de los mapas utilizados en las planificaciones públicas actuales en materia de ordenamiento territorial, turismo y patrimonio nos ofrece la posibilidad de un acercamiento novedoso al modo en que se construyen estos nexos. En particular, nos centramos en aquellos mapas utilizados para dar cuenta del pasado colonial y representar el territorio de esa etapa previa a los sucesos que son propuestos como hitos fundacionales de la nación. Así, prestamos especial atención a cómo se muestra ese pasado y a los silencios y vacíos que se ponen de manifiesto en dichos mapas en el contexto de los aniversarios patrios.

Palabras clave: mapas, pasado colonial, planificaciones estatales, bicentenarios, Argentina.

PATRIMONIALIZAÇÃO E RECONHECIMENTO ÉTNICO: O CASO DE UM GRUPO DE CAMPONESES QUE FAZEM MÚSICA PATIA – CAUCA – COLOMBIA

Janeth A. Cabrera Bravo

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade de Brasília

janethcabrera05@gmail.com

O objetivo deste artigo é refletir sobre os processos pelos quais o patrimônio cultural imaterial -PCI- no marco das “políticas de patrimônio” estruturam e veiculam reconhecimentos étnicos. Me proponho explorar o campo discursivo de tais políticas desde a problematização dos processos de patrimonialização das expressões musicais das populações negras na Colômbia, particularmente no caso das agrupações presentes no vale interandino do Patía (Cauca – Colômbia), conhecidos sob o genérico de “violinos caucanos” ou “violinos de negros”, eles interpretam ritmos de denominações regionais, relacionados com festividades, santos padroeiros, cerimônias fúnebres e, mais recentemente, em eventos exclusivos para a exibição artística. A partir desse contexto etnográfico tentarei rastrear as dimensões práticas das políticas de patrimônio e a forma como elas se articulam com distintos processos sociais. Ressaltando que a noção de *patrimônio cultural* surge em um contorno semântico moderno no qual as políticas públicas têm acionado o sentido de nação e, atualmente, destacado a ideia de diversidade ou de nação multicultural. Este trabalho procura explorar como estes processos legitimadores potencializam negociações de sentido e de identidade étnica. Palavras-chaves: patrimônio cultural, música, reconhecimento, etnicidade.

CONFLITOS NO E PELO ESPAÇO

Elena Lucía Rivero.

Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (UFMG - Brasil).

Graduada em História (UNL - Argentina).

elenaluciarivero@gmail.com

A seguinte pesquisa partiu da observação de um conflito em torno de uma praça, a Praça da Estação em Belo Horizonte (MG), Brasil. O conflito se estabeleceu, ou tomou caráter público, quando, em 16 de janeiro de 2010, ocorreu a primeira “Praia da Estação”, em que jovens convocados pelas redes sociais ocuparam a Praça da Estação para questionar um decreto, criado pelo prefeito da cidade Marcio Lacerda (Partido Socialista Brasileiro - PSB) em 9 de dezembro de 2009, que estabelecia: “fica proibida a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação nesta capital”. É importante ressaltar

que a cidade de Belo Horizonte não tem praias e que a representação da “Praia” como espaço público e democrático é frequente no imaginário dos belo-horizontinos, que costumam dizer que os espaços públicos por excelência da cidade são os bares (botecos) e as praças. Os argumentos que sustentavam o decreto eram as dificuldades de limitar o número de pessoas e garantir a segurança pública, decorrentes da concentração de pessoas no local, assim como a depredação do patrimônio público - lembrando que a Praça forma parte do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Praça da Estação. A esse argumento, acrescentou-se a ideia de que o espaço, revitalizado havia pouco tempo, estava sendo depredado. A Praça tornou-se assim um espaço de disputa, mas as leituras dessa disputa foram estabelecidas, pelos diversos atores, em registros diferentes. Se, de um lado, o poder público atrelava a gestão do espaço e o decreto a um discurso de defesa do patrimônio e de segurança pública, de outro, os manifestantes estabeleceram o conflito em torno das noções de espaço público, o que, entendemos, possibilitou ampliar a escala da disputa: da Praça ao direito à cidade. O conflito revelou a potência que os espaços de representação - o espaço vivido - têm sobre o espaço concebido e a prática espacial contemporânea, enquanto prática que segrega e fragmenta a vida na cidade.

LUGARES DE TERRITORIALIZAÇÕES: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA CONSTRUÇÃO MUSEAL

Irene C. M. Portela. Aluna de doutorado do PPGCP/UFF. Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. Trabalha na Coordenação de Educação em Ciências - CED do MAST/MCTI. oneill@oi.com.br

Pretende-se refletir sobre representações ligadas a astronomia e ciência, bem como Portugal e Brasil, e à sua ancoragem territorial, expressas no desenho da *exposição Olhar o Céu, Medir a Terra* do MAST, como escolhas que exprimem construções e atualizações de memória e patrimonialização. Faz-se isso através do recurso a uma perspectiva próxima dos eixos centrais da exposição, mais derivada de um 'olhar português'. Aporta-se com autores que destacam a importância de considerar múltiplas vozes - vontade que os museus ultimamente parecem refletir -, embora de certa forma restritas às de 'especialistas' e 'disciplinares', para compor quadros de representações sobre nacional, que guardam um propósito de afetar a vida. Dentre as instituições de memória inventadas na modernidade ocidental, os museus de história natural desempenharam a tarefa de procurar conciliar a memória de uma universalidade do saber científico com a construção das particularidades da nação - explicitando uma 'tensão' entre falas que é correlata à crescente reclusão assumida pelo fazer da ciência, e ao estatuto que se lhe confere, em que pese a centralidade da 'natureza nacional' como tema da história política e científica moderna, aspectos que se refletem nos museus. Por fim, parte-se da noção do museu como "intelectual coletivo" para refletir sobre possibilidades de correlação entre "lugares de memória" e memórias coletivas, e, sobretudo, de incorporação de falas e discursos alargados, em produções museais, em particular ligadas a território, a nacional, e a sua inter-relação com 'ciência'.

Palavras-chave: representações de nacional; desenhos de território; universalidade e particularidade; falas nos discursos museais; patrimonializações.

DE RUINAS Y YACIMIENTOS ARQUEOLÓGICOS, MONUMENTOS HISTÓRICOS AL PAISAJE CULTURAL. ETAPAS DE LA PATRIMONIALIZACIÓN DE LA QUEBRADA DE HUMAHUACA (JUJUY, ARGENTINA)

Clara Elisa Mancini. Instituto de Arqueología. Facultad de Filosofía y Letras. UBA;
claraemancini@gmail.com

En este trabajo se propone examinar cómo se fueron valorando y seleccionando los objetos y sitios dignos de protección y estudio de la Quebrada de Humahuaca (Jujuy, Argentina) cuyo corolario ha sido el reconocimiento como Paisaje Cultural Patrimonio Mundial por UNESCO en el 2003. Dentro de un largo proceso de patrimonialización que se inició en a principios del siglo XX, detectamos un quiebre que manifiesta en el traspaso del reconocimiento de objetos, bienes y sitios a la valorización del Paisaje que reunió todos los bienes antes destacados de forma aislada, así como otros nunca antes valorados. La trayectoria de reconocimiento y valoración patrimonial de cada bien particular ha sido muy diferente. A la par que se fue delimitando el patrimonio cultural de la Quebrada e institucionalizando a través de normativas, se fue conformando un discurso patrimonial autorizado o predominante. Este discurso se formó en gran medida por el desarrollo de disciplinas como la arqueología y la arquitectura que se posicionaron como guardianes del patrimonio cultural.

Como resultado de este proceso los lugares y los vestigios “arqueológicos” e “históricos” de la Quebrada de Humahuaca se consideraron de dominio público, bajo la tutela nacional y provincial. En este contexto, los reclamos en relación al patrimonio por parte de las comunidades locales e indígenas se vieron frustrados. Con el retorno de la democracia en 1983, esta situación comenzó a cambiar

Palabras clave: Patrimonio – arqueología – arquitectura – comunidad local – Quebrada de Humahuaca.

DO CENTRO HISTÓRICO À “FEIRINHA DE TAMBAÚ”: O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Luzicleide Sousa de Lima. Graduada em Antropologia (UFPB), Mestranda em Antropologia (UFPB), Pós graduando do Curso de Especialização em Gestão de

Políticas Públicas em Gênero e Raça- GPPGER (UFPB). (cleclelima@gmail.com).

Ingrydy Patrycy Schaefer Pereira. Graduada em Serviço Social (UFPB), Mestranda em Antropologia (UFPB) (ingrydymota@hotmail.com).

Tatiana Lilia do Carmo Irineu. Graduada em História (UFPB), Pós graduada em Historia da Paraíba (FIP). (tatiana_lilia@hotmail.com).

Universidade Federal Da Paraíba – Campus I

A presente proposta busca relacionar a interferência dos setores públicos e privados nas decisões para o uso de dois espaços públicos da cidade de João Pessoa, respectivamente: o seu centro histórico (reconhecido como patrimônio nacional do Brasil) e a “feirinha de Tambaú” (localizada na orla marítima). A mesma é a terceira cidade mais antiga do Brasil que possui um centro histórico com bens de vários períodos da história que vai desde o barroco à arquitetura eclética das décadas de 1920 e 1930 com detalhes de Rococó, Art-nouveau e Art-déco. Não diferente de outras cidades brasileiras, ela também “nasceu” próximo a um rio (Sanhauá) para facilitar as embarcações destinadas aos negócios. Com a crescente urbanização essa parte da cidade (o seu centro) passou a perder seu valor imobiliário e com isso a população migrou à “feirinha de Tambaú” e para os outros bairros. Por meio do trabalho etnográfico, evidenciou-se que houve uma apropriação privada desses espaços públicos. O setor público passou a transferir algumas festas consideradas pela população como “tradicionais” (realizadas no centro histórico) para a orla marítima. Isso foi consequência do crescimento hoteleiro. Nessa perspectiva, as manipulações do poder público junto com o setor privado se apropriaram desses espaços que deveriam ser “públicos”.

Palavras-Chaves: Patrimônio, espaço público, sociabilidade.

EL DISCURSO MUSEOGRAFICO: REFLEJO Y EXPRESIÓN DE UNA IDEOLOGÍA

Luciana Siqueira Guedes Coelho. Doctoranda en Antropología Social - Universidad de Buenos Aires. lsgcoelho@gmail.com.

Claudemilson Fernandes Braga. Doctor en Psicología – Universidade Federal de Goiás, Brasil. milsonprof@gmail.com

El tema Patrimonio Cultural ha adquirido una dinámica específica. Una diversidad de asociaciones civiles, organizaciones no gubernamentales y movimientos sociales tomaron la iniciativa respecto a reivindicar, establecer e, incluso, manifestarse contra los patrimonios culturales. Hablase de una democratización social de la memoria que sugiere la desvinculación del poder de la verdad de las formas de la hegemonía social, económica y cultural. Grupos que antes eran olvidados o subalternados pasan a tener

voz activa en el establecimiento de la memoria colectiva.

Esa democratización englobó igualmente los museos. Ahora, la museografía pasa a tener un rol fundamental en la estrategia museológica con la finalidad de explotar en máximo la capacidad de comunicación del material expuesto. Considerando que ese material expuesto es una representación del contenido real podemos decir que los mensajes comunicados en los museos actúan como reflejo y al mismo tiempo como expresión de una ideología.

Este trabajo es consecuencia de una investigación cualitativa que fue efectuada en noviembre y diciembre de 2014, teniendo como metodología de coleta de datos la observación no participativa, posibilitando un análisis del discurso museográfico de la exposición Evita. Ese análisis tuvo como objetivo comprender el conjunto de significados que construyeron una “mujer argentina exitosa” y que fueron comunicados por la exposición y reflexionar sobre las reales posibilidades de la promoción del cambio social en espacios musealizados.

Palabras clave: patrimonio, museos, discurso museográfico, género.

TRANSFERENCIA MULTIMEDIAL DEL CONOCIMIENTO ACADÉMICO. EL CASO DE LA DE LA INSTRUCCIÓN PÚBLICA EN PALPALÁ (PROVINCIA DE JUJUY) A MEDIADOS DEL SIGLO XX.

Melisa Jimena Iglesias. CONICET- UNJu.

Valeria Daniela Macía. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales- UNJu.
valefhyc@gmail.com

El presente trabajo parte de la concepción de que resulta necesario de abordar de forma interdisciplinaria el complejo proceso de la producción de conocimientos académicos; y su transferencia multimedial de manera conjunta, y desde los inicios de toda investigación.

La importancia radica en abordar el diseño de una investigación desde el amplio campo de la comunicación (transferencia multimedial), de esta manera su difusión no es una materia aislada, sino por el contrario, es un eje central que debe modelar cada fase y su divulgación.

Para afrontar este desafío proponemos la narrativa audiovisual y los beneficios de la comunicación en soportes visuales. El objetivo es brindarle al científico social una mirada multifocal sobre el producto académico. Un agente clave para esta transformación es la universidad como institución.

En una segunda instancia se aplica este modelo en la tesis “*Desarrollo de la*

instrucción pública en Palpalá (provincia de Jujuy) a mediados del siglo XX (1943-1955). El centro siderúrgico militar Altos Hornos Zapla, Estado, Iglesia y Educación, elementos de una relación estructurante de la sociedad". Esta tesis contribuye a la gestión del patrimonio de Palpalá, realizando un aporte al conocimiento histórico-pedagógico y social que, aparte de enriquecer el acervo cultural de Palpalá, potencia su historia regional, reivindica a sus actores y pobladores como sujetos sociales, históricos y culturales, protagonistas de su pasado.

Palabras claves: Comunicación Audiovisual, Conocimiento Académico, Patrimonio, Historia Regional de la Educación

PATRIMONIALIZACIÓN: CONSIDERACIONES CONCEPTUALES, TEÓRICAS Y POLÍTICAS

Fernando Acevedo

Centro Universitario de Rivera,
Universidad de la República

face@cur.edu.uy

Con esta ponencia sometemos a discusión algunos planteos suscitados en dos investigaciones realizadas recientemente en contextos espaciales, temporales y temáticos diferentes: "*Minas de Corrales: identidad y patrimonio cultural inmaterial*"(2004-2009), "*Rotas Turísticas e Heritage Tourism na API Pampa*"(2011-2012). Dichos planteos se condensan en las siguientes preguntas –y en las respuestas que cada una de ellas pretende propiciar–: ¿a quién(es) le(s) corresponde determinar cuáles son los bienes culturales de valor patrimonial y cuáles no lo son? ¿Sobre la base de qué criterios de pertinencia epistemológica y de legitimación social *alguien* puede erigirse con la potestad de efectuar esa determinación? ¿Corresponde someter la declaración de valor patrimonial de un bien cultural a una compulsión popular, con los previsibles riesgos de caer en demagogia populista? ¿O eso debe quedar en manos de los supuestos "expertos", con los previsibles riesgos de caer en elitismo cultural y alimentar complejos de superioridad, cientificismos engañosos o hasta veleidades mesiánicas en los pantanosos territorios de la ciencia, la estética, la ética, la cultura? En cualquier caso, ¿es lícito plantear(nos) que pueda existir algún sentido comercial operando en las prácticas de producción de patrimonio? ¿Es lícito plantear(nos) que pueda resultar funcional para ciertos sectores sociales atribuir valor patrimonial a ciertos bienes culturales? ¿Qué otros réditos o intereses –ya sean bienintencionados y legítimos o malintencionados y espurios– pueden estar en juego detrás de la declaración oficial de un bien de valor patrimonial? Conocidos esos réditos o intereses, ¿qué efectos e implicancias puede tener esa declaración?

Palabras claves: patrimonialización, legitimación social, juegos de poder.

GT 9. ETNOGRAFÍA, COMPARACIÓN Y ANÁLISIS PROCESUAL EN EL ESTUDIO ANTROPOLÓGICO DE LA POLÍTICA

Coordinadores:

Mauricio Boivin -Sección de Antropología Social, Instituto de Ciencias Antropológicas-UBA(mboivin@fibertel.com.ar)

Beatriz Heredia IFCS-URFRJ (heredia.b@gmail.com)

Ana Rosato Instituto Gino Germani-UBA (anarosato@fibertel.com.ar)

ENTRE LA TECNOCRACIA Y LOS PROCESOS POLÍTICOS: REFLEXIONES EN TORNO AL “MANEJO”, LA “GESTIÓN” Y LA “GOBERNANZA” DE LOS RECURSOS HÍDRICOS

Adrián Koberwein

FFyL – UBA / CONICET adriankoberwein@gmail.com

En el amplio y diverso campo de los análisis sobre los usos sociales de los recursos hídricos, suelen destacarse tres formas de denominar a un mismo problema analítico y práctico. Me refiero a los términos “manejo”, “gestión” y “gobernanza” del agua o de los recursos hídricos. Estos tres términos, que se corresponden con enfoques sutilmente diferentes, refieren a un mismo objeto de análisis: las posibles maneras en que se configura socialmente todo aquello relativo al acceso, la distribución y el consumo de agua. En esta ponencia, mi objetivo es recuperar críticamente las concepciones teóricas que estos términos conllevan, en el entendimiento de que cada una de ellas denota sólo una parte de una complejidad o totalidad más amplia. Basándome en una investigación antropológica propia sobre los conflictos en torno al agua en las Sierras Chicas de Córdoba, Argentina, consideraré que una manera de dar cuenta de aquella totalidad puede ser la de considerar a los procesos en torno a los recursos hídricos desde el punto de vista de su análisis como procesos políticos.

Palabras clave: procesos políticos; recursos hídricos; gestión; gobernanza.

RESPONSABILIDAD SOCIAL: UN NUEVO MODELO DE GESTIÓN PÚBLICA

Victoria Arribas y Susana de Pina

FFyL y FCS –UBA victoriaarribas@hotmail.com; susana_depina@hotmail.com

La noción de Responsabilidad Social está presente en la narrativa oficial y en la formulación de políticas públicas desde la asunción de Néstor Kirchner como Presidente de la Nación, en el 2003. Desde entonces dicha noción es objeto de un continuo proceso de producción de sentidos y prácticas en cuyo devenir el Estado, las personas, las organizaciones sociales y los empresarios crean y recrean sus relaciones. En un principio se formuló y promocionó por las políticas de Estado como atributo deseable y exigible de actividades y fines, tales como los relativos al Consumo y la Producción (responsables), en el marco de una ética del desarrollo, de la sustentabilidad y de la construcción de derechos, obligaciones e intereses individuales y colectivos. En el 2011, la Responsabilidad Social se constituyó ella misma en política pública y en nombre de un tipo particular de acciones e incumbencias del Estado. Se creó entonces la Subsecretaría de Responsabilidad Social, dependiente del Ministerio de Desarrollo Social. El Gobierno calificó este hecho como un *salto cualitativo innovador* en la gestión pública.

En la presente ponencia nos proponemos indagar dicho proceso, identificando y analizando núcleos problemáticos de sentido y de acción en contextos sociales específicos y situados de implementación de la Responsabilidad Social como una *nueva política y un nuevo modelo de gestión estatal*.

Palabras Clave: Gestión Estatal, Responsabilidad Social

ENTRE TÉCNICA E POLÍTICA: ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO E CARREIRA DE SECRETÁRIOS DE MEIO AMBIENTE

João Vicente Marques Lagüéns

IBAM - Instituto Brasileiro de Administração Municipal e NuAP – Museu Nacional /UFRJ joaolaguens@gmail.com

Qual a natureza da atuação de um secretário municipal, “técnica” ou “política”? Boa parte da discussão no processo de organização do Fórum de Secretários Municipais de Meio Ambiente, que venho acompanhando no estado do Pará, se deu entorno dessa

questão. A discussão foi colocada pela necessidade de definir se os técnicos das secretarias participariam ou não das reuniões da entidade, mas acabou dando acesso a um conjunto de elementos que delimitam um espaço peculiar de atuação política desses secretários. Estes, em seu trabalho, têm de negociar entre o cumprimento de suas atribuições de controle sobre as atividades econômicas e a gestão das relações com o prefeito e com os empresários aliados a seu “grupo político”. Na construção desse delicado equilíbrio, que admite as mais diversas posições, um elemento importante é a composição de apoios e de uma reputação entre os demais secretários de meio ambiente. Nesse contexto, o presente trabalho é analisa as diversas formas e estratégias de atuação dos secretários de meio ambiente, tendo como base a comparação entre as formas como estas são enquadradas, ora como “política”, ora como “técnica”. A análise parte das discussões promovidas no grupo de discussão (através do aplicativo Whatsapp) no processo de institucionalização do Fórum de Secretários, observando como seus membros constroem, paralelamente, uma “carreira como secretário” e sua inserção na “política municipal”, jogando ativamente com a distinção entre os dois universos.

EL FEDERALISMO COMO MATRIZ SIMBÓLICA DE LA PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA DE LAS PROVINCIAS ARGENTINAS: LAS MISIONES COMERCIALES INTERNACIONALES DE LA REGIÓN CENTRO

Julieta Gaztañaga

CONICET/UBA satarsa@gmail.com

A doscientos años de conformada la Argentina, el concepto de federalismo sigue siendo fundamento material y simbólico de alianzas estratégicas entre actores que moldean la representación territorial del Estado y de la inserción del país en la región y en el mundo. En este trabajo buscamos comprender desde una perspectiva etnográfica cómo el federalismo conforma, al mismo tiempo, un universo sensible a las relaciones entre nación y provincias, y una matriz simbólica donde opera la planificación estratégica en el escenario internacional. Nuestro punto de partida son los resultados de una investigación antropológica en torno del proceso político de la Región Centro conformada por las provincias de Córdoba, Entre Ríos y Santa Fe. En este marco, recortamos operativamente en el desarrollo de “misiones comerciales e institucionales internacionales de la Región Centro”, y las modalidades de acción y relacionamiento promovidas por los gobiernos provinciales en torno de la promoción comercial de “sus empresariados”. Este recorte remite a un enfoque procesual y comparativo acerca de cómo diversos actores sociales y agencias gubernamentales y no gubernamentales van

construyendo el entramado político e ideológico de las “capacidades nacionales” e “internacionales” de las provincias, y se basa en una interpretación del federalismo como articulador simbólico entre las voluntades políticas y las instituciones. El trabajo se inscribe en un interés teórico y metodológico más amplio acerca de la importancia de los procesos de integración regional como *locus* de observación y problematización de los fundamentos materiales y simbólicos de la heterogeneidad de las dinámicas estatales.

Palabras claves: procesos políticos, comparación, enfoque procesual, valor, Estado.

ETNOGRAFÍA POLÍTICA EN LA CARACAS SOCIALISTA

Víctor Pineda. Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, Centro de Estudio de Transformaciones Sociales, Ciencia y Conocimientos, Laboratorio de Estudios de Espacio Público. victoralonsopineda@gmail.com

La siguiente investigación tiene como objetivo acercarse a una definición de lo político a través de la etnografía. Basada en un trabajo de campo realizado en dos sectores populares de Caracas, esta presentación dará elementos para reconocer el proceso constitutivo de dos organizaciones, tomando en cuenta principalmente el cotidiano de éstas para observar su dimensión política. La observación y contextualizada aplicada a estas organizaciones, así como la comparación con otras organizaciones en espacios y momentos históricos distintos, aportará características a menudo ignoradas y hasta despreciadas en el análisis político, pero que rescatadas a través de la etnografía fina nos proporcionará datos para una aproximación y caracterización de lo político dentro del contexto venezolano.

Utilizar la etnografía como herramienta metodológica al momento de profundizar sobre “colectivos políticos” nos permitiría principalmente caracterizarlos, tomando en cuenta las particularidades que presenta el contexto latinoamericano con respecto a movilización política (aparición de nuevos sujetos políticos, reconfiguración de figuras “tradicionales de la política); pero además sería un instrumento para profundizar sobre los procesos internos de las organizaciones y sus vínculos con sujetos de otras escalas (Alcaldías, Asamblea Nacional, Colectivos Nacionales, entre otros), y reflexionar sobre la importancia de lo procesual para construir una explicación de lo político.

REVISITANDO A POLÍTICA NA FAVELA: CONTRIBUIÇÕES DO PONTO DE VISTA ETNOGRÁFICO

Beatriz Bobadilla Kassia

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/ Brasil. kassiabobadilla@yahoo.com.br

Em artigo publicado em 1967, intitulado “A política na favela”, Luiz Antônio Machado da Silva analisa os processos políticos numa favela carioca a partir da relação e troca entre os “favelados” e demais grupos e indivíduos de dentro e fora da favela. Ao analisar a ação política dos favelados, o autor estabelece clivagens e características próprias do que classifica como “burguesia favelada” e “político favelado”, estabelecendo diferenciações internas no grupo oriundas de sua própria concepção de política, clientelismo político e paternalismo.

A partir de inquietações oriundas de minha pesquisa etnográfica numa favela paulistana, pude perceber como algumas nomenclaturas e categorias presentes nesse artigo, bem como outras concepções disciplinares e normativas do campo da ciência política, não se sustentavam empiricamente. Com base nos dados prévios de campo de minha pesquisa, a qual visa compreender as formas e significados da ação política nessa favela historicamente, busco comparar como as leituras e compreensão da política acerca dos estudos de Machado da Silva diferenciam-se de concepções antropológicas que buscam captar a política do “ponto de vista nativo” e que privilegiam o olhar etnográfico.

Partindo da perspectiva que a política é uma categoria construída etnograficamente, busco trazer algumas reflexões sobre o que se compreende e denomina-se como política em meio ao cotidiano de organizações e atores atuantes numa favela paulistana. Além disso, procuro mostrar as estratégias e dilemas da socialização entre antropólogo e grupo pesquisado no que concerne a minha entrada no “mundo da política” na favela.

Palavras-chave: favela, favelados, antropologia política, etnografia

UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DO FAZER POLÍTICA DO IDOSO E PARA O IDOSO NOS CONSELHOS”

Gláucia da Silva Destro de Oliveira

(UNICAMP). gdestro@gmail.com

A sociedade contemporânea, no Brasil e no contexto internacional, tem apresentado a velhice como um problema social. No Brasil, ela é entendida a partir dos 60 anos e o Estatuto do Idoso (2003) é a garantia legal dos mais velhos. Os direitos das minorias

foram ampliados e repensados, sob o viés democrático, na Constituição de 1989. É nesse debate de participação da sociedade mais ampla na tomada de decisões do Estado que se formulam os conselhos de direitos, os quais consistem em organismos compostos por representantes da sociedade civil (os representantes da minoria em questão e, ainda, instituições que oferecem serviços para esse público) e de órgãos estatais, a fim de propor e avaliar políticas públicas.

A partir do método etnográfico, na pesquisa de doutorado (recém finalizada) foram estudados quatro conselhos de idosos de diferentes instâncias – municipais (de Santos (SP) e de São Paulo (SP)), estadual (São Paulo) e o nacional –, a fim de se apreender relações, intersecções e diferenças entre eles na gestão da velhice, considerando as dinâmicas e disputas entre os diferentes agentes envolvidos na definição do que é ser velho, das medidas voltadas para garantir os direitos da pessoa idosa e, ainda, do fazer político pelo idoso e para o idoso.

Palavras-chave:

velhice - idoso - conselhos de direitos - democracia - direitos

MÚLTIPLOS ATORES, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES EM UM MOVIMENTO SOCIAL : O CASO DO MOVIMENTO “QUEM DERA SER UM PEIXE” EM FORTALEZA-CE, BRASIL

Linda M. P. Gondim

Universidade Federal do Ceará lindagondim@uol.com.br

O trabalho apresenta resultados de pesquisa sobre um movimento social contra o Acquário do Ceará, oceanógrafo em construção pelo governo estadual na Praia de Iracema, em área do antigo porto de Fortaleza. Esse empreendimento provavelmente trará valorização imobiliária para a área, fazendo recrudescer as ameaças de remoção do Poço da Draga, assentamento de cerca de 500 famílias de baixa renda. Utiliza-se um enfoque etnográfico para compreender as práticas e representações dos sujeitos, de modo a captar, nos detalhes e nas diferenças, aquilo que for significativo para compreender o objeto pesquisado. Analisam-se as estratégias utilizadas pelo movimento social, que adotou o nome “Quem dera ser um peixe”, ressignificando a frase de uma canção de amor para sugerir que o governo estaria preterindo as necessidades da população ao investir R\$ 250 milhões de reais em empreendimento de retorno duvidoso. O movimento tem utilizado tanto a internet como a mídia convencional para fazer denúncias, e tem procurado o apoio de organizações não governamentais dedicadas à defesa de direitos humanos e Ministérios Públicos. Estão em andamento diversas ações iniciadas pelo Ministério Público Federal e Estadual para investigar ilegalidades no contrato da empresa americana que vai construir o equipamento. Mesmo não tendo conseguido sustar a construção do oceanógrafo, o QDSP teve êxitos parciais, como paralisações das obras por mais de dois meses. Embora não se possa generalizar com base em estudos de caso, estes fornecem parâmetros para comparação, como constatou

Grangeia em estudo sobre a relação entre Ongs e Ministério Público no Rio de Janeiro.

Palavras Chave: Movimento Social; Acquário Do Ceará; Poço Da Draga.

ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM PERSPECTIVA COMPARADA

Rosina Pérez Menafra. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.
Universidade Federal de Rio de Janeiro. perezmenafra@gmail.com

Este artigo apresenta elementos de uma pesquisa em andamento que examina o processo mediante o qual os catadores de materiais recicláveis emergem como ator coletivo no Brasil e no Uruguai nos últimos 15 anos, partindo da perspectiva de que a análise do processo de articulação e mobilização desta categoria de trabalhadores pode revelar dinâmicas sociais mais amplas dos contextos estudados, principalmente no que refere ao tratamento da questão social e à relação Estado-sociedade. A pesquisa aborda o material culturalmente disponível e os elementos que delimitam os contornos do “fazer-se” da organização de catadores (THOMPSON, 2011), buscando chaves explicativas que permitam refletir sobre os alcances de experiências de articulação de trabalhadores pobres e desestruturados, sem tradição de organização e participação, em sujeitos coletivos com capacidade de atuar em defesa dos seus interesses. Introduce o debate sobre o lugar dos fatores contextuais nas diferentes perspectivas comparativas e argumenta sobre a relevância da comparação de contextos (GOODWIN e TILLY, 2006) como forma de fazer, além de uma descrição dos elementos presentes em cada processo analisado, um exercício analítico capaz de abordar as particularidades assumidas pelas organizações de catadores em cada país, levando em conta os repertórios culturais e de ação coletiva disponíveis.

Palavras-chave: catadores de materiais recicláveis; comparação de contextos; organização de trabalhadores precários; Uruguai; Brasil.

SEGURIDAD URBANA, POLÍTICAS ESTATALES Y PROBLEMAS SOCIALES

Noemí González

noemi.r.gonzález@hotmail.com

En este trabajo busco analizar las acciones políticas desde el municipio de San Isidro y desde los ciudadanos del distrito en relación a la “(in)seguridad urbana”. Esta ponencia está basada en el trabajo de campo que realicé para mi tesis de licenciatura en Antropología social en la Facultad de Filosofía y Letras en la Universidad de Buenos Aires. La investigación no sólo trató de entrevistas y diálogos con vecinos y agentes estatales, sino también en realizar los recorridos necesarios para hacer denuncias o buscar respuestas en cuanto a las competencias de los distintos departamentos municipales dentro del programa “Prevención y Seguridad” del distrito, en orden de saber a quién le corresponde responder determinados reclamos.

Mi primer objetivo es, a través de un análisis etnográfico, exponer la burocracia y las problemáticas que componen el proceso de demanda de “seguridad urbana” de parte de los vecinos y de garantía de la misma de parte del Estado.

El segundo objetivo del trabajo es mostrar cómo las situaciones de “(in)seguridad” vividas por los vecinos y por las organizaciones vecinales están traspasadas por políticas no sólo municipales, de todo el distrito, sino también provinciales. Y cómo aspectos históricos, sociales y económicos, más amplios que el contexto del barrio y de los hechos delictivos específicos, atraviesan las acciones de los individuos. Me propongo visibilizar, desde una perspectiva procesual, cómo los conflictos por demandar y garantizar la seguridad, tanto desde el Estado como desde los vecinos, se inscriben en procesos que los sobrepasan y los componen.

Palabras claves: Seguridad urbana- Políticas públicas- Vecinos- Estado.

DEMOCRATIZAR LA UNIVERSIDAD: CIFRA DE UN CONFLICTO CONTEMPORÁNEO

Pablo Cottet Soto. Normalidad, Educación y Diferencia (NDE), CONICYT P. U. Católica de Chile, Académico U. de Chile y U. Academia de Humanismo Cristiano
pcottet@yahoo.com

La democratización de la gobernanza universitaria, es una de las condiciones gravitantes para el campo de lucha por el sentido del cambio universitario contemporáneo. Se trata de un asunto que, coyunturalmente en Chile, aparece otra vez los últimos años, primeros del siglo XXI.

La argumentación se organiza según la siguiente proposición: la universidad moderna es un privilegiado lugar de la conflictividad de la propia modernidad, que se ha difuminado globalmente poniendo a la universidad al centro del conflicto contemporáneo. En ese centro, la gobernanza universitaria requiere de un *demos*, para ello habría que sortear algunas dificultades específicas de nuestras universidades

latinoamericanas.

El centro del conflicto contemporáneo: ¿Para quiénes y para qué se conoce en el siglo XXI? Responder esta pregunta pasa por la democratización del gobierno universitario, en dirección a dirimir la disputa universitaria del siglo XXI entre ajuste capitalista o reforma universitaria ¿Es posible la democracia en la universidad? Responder favorablemente requiere asumir que el sentido que permitiría a la comunidad universitaria convertirse en un *demos*, radica en la generación de prácticas universitarias que realicen lo común a quienes son universitarias y universitarios: cultivar diversos saberes y creaciones en común con las mayorías nacionales. Esta condición enfrenta obstáculos propios a cada estamento universitario en el contexto del capitalismo cognitivo contemporáneo.

SIGUIENDO UN INFORME DE INVESTIGACIÓN: ANÁLISIS DEL PROCESO DE PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO DEMANDADO POR EL MINISTERIO DE EDUCACIÓN

Alejandra Cardini. Universidad de San Andrés. lulicardini@gmail.com.ar

A partir de una mirada interdisciplinaria que toma conceptos de la antropología del Estado y las políticas públicas (Soprano, Bohosvavsky, Balvi y Boivin), la antropología de la producción científica (Latour, Knorr Cetina, Kreimer) y la sociología de la Acción Pública (Delvauz, Mangez, Lascoumes, etc.) este artículo recorre el proceso de producción de un informe de investigación demandado por el Ministerio de Educación para orientar las decisiones de una política educativa específica.

En el marco de una investigación doctoral que indaga acerca de la articulación entre investigación y política educativa en nuestro país, este trabajo propone una mirada centrada en la perspectiva de los actores para “abrir la caja negra” de los procesos de producción de conocimiento de un proyecto de investigación demandado por el Ministerio de Educación Nacional en el 2008. Seguimos la producción del “informe” a través de un trabajo de campo de más de dos años (2008-2010) donde se combinaron entrevistas, análisis de documentos y observaciones participantes en diversos espacios institucionales. Los propios actores nos fueron guiando en un recorrido que mostró un entramado complejo de significados en un espacio social de fronteras difusas, impreciso y ambiguo.

Alejándose de las miradas prescriptivas que evalúan los procesos de articulación entre

investigación y política como desviaciones o anomalías de la actividad normativa burocrática estatal; este trabajo propone una actitud eminentemente comprensiva para dar cuenta del sentido que estas prácticas tienen tanto para los actores que participan y a la vez constituyen como para los procesos más generales de política pública.

Palabras clave: procesos de producción de conocimiento, etnografía, estado Argentino, política educativa, vínculos entre el conocimiento y la política.

PENSANDO POLÍTICAS UNIVERSITARIAS: LA COMPARACIÓN Y LA ETNOGRAFÍA EN EL ANÁLISIS DE PROCESOS

Mauricio Boivin y Ana Rosato. UBA mboivin@fibertel.com.ar. UBA / UNER anarosato@fibertel.com.ar

Nos proponemos centrarnos sobre la relación entre los métodos comparativo y etnográfico a partir de un trabajo que presentamos en un simposio donde se examinaron trabajos sobre las historias y la situación actual de la antropología de los países latinoamericanos y caribeños (54 Congreso Internacional de Americanistas, 2012). Dentro de ese contexto —que ya incluía a la comparación entre sus objetivos—, nuestra ponencia abordó el proceso de desarrollo de la enseñanza de la Antropología Social en la carrera de Ciencias Antropológicas (FFyL-UBA) a partir de 1984, partiendo de la hipótesis de que se constituyó en clara oposición con las antropologías del “proceso militar”. Como el análisis se centró en nuestras propias experiencias de formación, apelamos al método etnográfico, constituyéndonos en *nativos* de una casi etnografía, adecuándonos al vicio profesional de utilizar la observación participante (*el yo estuve ahí*) como herramienta descriptiva y analítica. De la presentación de nuestros resultados nos surgieron dos cuestiones sobre las cuales queremos reflexionar aquí. La primera se refiere a que en esa exposición comprendimos que habíamos asumido una actitud comparativa que había sido la base de la construcción de los parámetros de nuestra etnografía y nos preguntamos si la actitud comparativa —incluso el método comparativo— no es condición necesaria de la descripción etnográfica. La segunda también es consecuencia de la exposición: habíamos comparado procesos militares y procesos democráticos, nos preguntamos si en definitiva la comparación no fue la que nos llevó a comprender procesos que sin duda, deben ser definidos como políticos.

LA SUSTITUCIÓN DE ELITES DIRIGENCIALES EN EL PARTIDO JUSTICIALISTA (PJ) DE SALTA EN LOS AÑOS 1995 A 2011

Fernanda Maidana. Posdoctoranda IELA/UNILA (Brasil) maidanafernanda@gmail.com

Busco analizar un proceso de sustitución de elites dirigenciales a lo largo de dieciséis años de gobierno del PJ, tomando como punto de inflexión la disputa por la sucesión en la gobernación en 2007. Propongo que a lo largo de esos años se redefinen en dos oportunidades los atributos personales para la carrera política -las competencias, sensibilidades y afinidades que deben expresar los dirigentes para promoverse en los organismos gubernamentales-; no obstante, se cristalizan definitivamente transformaciones del vínculo y los sentidos del ‘hacer política’ articulando una estructura de oportunidades política a la reproducción de grupos socio-económicos altos. Me detengo en aquellos entendimientos que siguen el anclaje socioeconómico en clave ideológica partidaria, que configuran la disputa interna como tratándose de sagas entre *cholos (oligarcas)* y *negros* -sagas que remiten, incluso, a los años ‘40 y ‘70 del PJ en Salta- y al actual momento como “*el triunfo de los cholos*”, para decir que la profundidad temporal en el análisis del devenir del proceso de sustitución permite observar una sociodicea partidaria de la militancia, la vocación política, etc.

Esta ponencia es parte de un capítulo de mi tesis de doctorado ya defendida “Salta y su política de sucesión: caída, emergencia y ascenso de líderes y seguidores del Partido Justicialista entre 2007 y 2011”, donde abordo un proceso de construcción de liderazgo acelerado y de dramática reconfiguración del escenario político que afecta los vínculos estabilizados durante doce años.

Palabras claves: elites dirigenciales – sucesión política - carrera política – reclutamiento - peronismo –

CIDADE & POLÍTICA: CAMPANHAS ELEITORAIS NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Carlos Eduardo Pinto Procópio. Instituto Federal de São Paulo – Campus São Paulo
(docente) procopiocso@yahoo.com.br

A cada dois anos a socialidade cidadina e a produção de campanhas políticas se aproximam, levando a ambas um tipo de experiência onde não só uma é a causa da outra, mas onde também elas se modificam por conta das negociações inerentes à relação estabelecida. Tendo esse cenário como base, a proposta deste trabalho é demonstrar, a partir de dados etnográficos coletados durante as eleições proporcionais de 2014 no Vale do Paraíba Paulista, que uma compreensão antropológica das campanhas políticas depende do reconhecimento de que estas campanhas não são apenas feitas nas cidades, mas ao longo delas. Nesse sentido, antes que um

funcionamento extracotidiano, diluindo-se na cidade como um corpo estranho que quer deixar sua marca e se fazer reconhecido, uma campanha política, ao contrário, se faz imersa na cidade, compondo seu movimento e evoluindo com ela. Com isso, o que as candidaturas ajudam a provar é a existência de uma intimidade entre elas e a localidade na qual procuram ganhar adesões, o que faz com que as campanhas incorporem as dinâmicas internas e externas das cidades na mesma proporção que as cidades incorporam as campanhas e seus efeitos. Na medida em que os candidatos passam pela cidade (através da inauguração de comitês, comícios, caminhadas, reuniões e visitas), passam a conhecê-la, na mesma medida em que passam a ser conhecidos por ela. Nesse processo proliferam tipos de mediadores e formas de mediações que passam por ruas, prédios, praças, monumentos, objetos, comportamentos e costumes, que tornam as campanhas políticas marcadas por uma composição heterogênea e que não pode ser resumida simplesmente a uma lógica instrumental.

Palavras-Chave: Eleições; Cidade; Campanhas Políticas.

EL VOTO TRANSNACIONAL DE BOLIVIANOS Y PERUANOS EN ARGENTINA EN MIRADA COMPARATIVA

Brenda Canelo. ICA, UBA / CONICET brendacanelo@yahoo.com.ar

Habitualmente al cruzar la frontera del Estado nación donde nacieron, las personas pierden su derecho a votar a las autoridades a cargo de gobernarlo, aun cuando se identifiquen como parte de ese espacio político, tengan allí a sus familiares y afectos, o envíen remesas de impacto sustancial para la economía del mismo.

Si bien este es el cuadro general, en los últimos años se vienen produciendo experiencias de voto transnacional que muestran nuevas expresiones de pertenencia política y prácticas ciudadanas, e invitan a repensar los límites territoriales, sociales y simbólicos del Estado nación moderno.

A fin de contribuir a pensar estas cuestiones, propongo realizar un trabajo inicial de sistematización y análisis comparativo acerca de las características que asumió el establecimiento y ejercicio de voto transnacional de ciudadanos bolivianos y peruanos residentes en Argentina en las elecciones generales de sus países de origen efectuadas en 2009 y 2011, respectivamente.

Para esto revisaré materiales bibliográficos, hemerográficos y documentales considerando: a) qué actores sociales promovieron ambas experiencias transnacionales y con qué argumentos lo hicieron; b) cuáles fueron las principales características que asumieron esas jornadas y qué nivel de convocatoria alcanzaron; y c) qué vínculos entre ambos Estados de origen y sus ciudadanos en el exterior promovieron sendas experiencias de voto transnacional.

Palabras clave:voto transnacional, comparación, Argentina, bolivianos, peruanos

FUEGO Y ASFALTO. PROTESTAS, INSURGENCIAS Y GESTIÓN DEL CONFLICTO EN SANTIAGO DE CHILE

Andrea Soledad Roca Vera. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo. andrearocav@gmail.com

El 2011, ciudades tanto del sur global como del norte desarrollado fueron escenario de multitudinarias protestas, muchas de ellas, movilizadas por la justicia global y una crítica a la expansión del neoliberalismo en diferentes esferas de la vida social. En esta ponencia discutiremos dos fenómenos que han ganado centralidad en el reciente ciclo de protestas. De un lado, la incorporación de una violencia performática, no letal y de pequeña escala contra símbolos del Estado y Capital, en los repertorios de contestación de grupos minoritarios, como fue verificado en los últimos años, en ciudades tan dispares como El Cairo, Atenas y Rio de Janeiro. De otro lado, el recrudecimiento del uso de la fuerza física y adopción de una lógica militarizada en el policiamiento de las protestas, movimiento concomitante a la circulación de tecnologías desarrolladas para el control de las multitudes. Dentro del contexto global, discutiremos elementos para analizar el entrecruzamiento de esos fenómenos en las movilizaciones convocadas desde el 2011, por el movimiento estudiantil en Santiago de Chile, protestas que inauguraron el mayor ciclo de contestación pública, en ese país, desde el retorno de la democracia en 1990 y donde, en los últimos años, bombas molotovs y piedras, gas lacrimógeno, balines de goma y carros lanza-aguas, forman parte del elenco habitual. Reflexionaremos sobre parámetros analíticos que contribuyan a comprender el estatuto de esas rebeldías “mal comportadas” en la cartografía política de la ciudad contemporánea.

Palabras claves: protestas urbanas, repertorios de violencia, gestión del conflicto, policiamiento de la protesta, Chile.

TERRITÓRIOS DE PROTESTO AO REDOR DO MUNDO: AS PRAÇAS COMO CENÁRIO E EXPRESSÃO DA LUTA POLÍTICA

Aldrey Cristiane Iscaro. Pesquisadora do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN/IPPUR/UFRJ) Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

O urbano vem se constituindo com a principal forma de acumulação de capital no mundo, resultando em barbarismo e violência de populações inteiras em nome do lucro, seja por conta do transporte público, da insegurança e violência urbana ou da precariedade dos serviços públicos urbanos. Ou seja, a destruição criativa não somente influenciou questões físicas dos grandes centros urbanos, mas também destruiu as solidariedades sociais, aumentou as desigualdades sociais, deixou de lado as questões da governança urbana democrática e tem aumentado o terror como seu modo principal de regulação social. E esta crise urbana mundial constitui o ponto nodal de vários conflitos urbanos que vem acontecendo ao redor do mundo.

O objetivo deste paper, assim, é analisar e comparar a relevância do espaço público, em especial, das praças, nas recentes ondas de protesto, a saber, a Praça Syntagma, na Grecia, a Praça Taksim, em Istambul, juntamente com as manifestações ocorridas no Brasil do movimento Occupy e as Jornadas de Junho.

Para tal, utilizaremos como metodologia o levantamento bibliográfico, os materiais produzidos pelos manifestantes e pela sua rede de apoiadores, observação direta, materiais compartilhados pela rede de pesquisadores do laboratório de pesquisa.

Nossa hipótese de pesquisa é de que o espaço público, isto é, praças, parques, ruas e avenidas não foram somente local de acolhimento das populações, mas o fato político que impulsionou a onda de protestos, e estes espaços públicos, além disso, foram muito mais que uma união de corpos, a saber, foram a retomada da esfera pública.

GT 10. TEORIAS ETNOGRÁFICAS DA (CONTRA)MESTIÇAGEM

Coordenadores:

Dr. Marcio Goldman. Professor Associado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), Departamento de Antropologia, Museu Nacional, UFRJ, Brasil; marcio.goldman@gmail.com

Dra. Julia Frajtag Sauma. Pós-doutoranda, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), Departamento de Antropologia, FFLCH, Universidade de São Paulo, Brasil; Bolsista PNPd-CAPES. juliasauma@gmail.com

Mg. Maria Belén Hirose. Doctoranda ; Instituto de Altos Estudios Sociales, Universidad

I. “Pureza, mistura, indiscernibilidade”

REFLEXÕES SOBRE O (CONTRA)SINCRETISMO MÁGICO

Lucas Marques. Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de PósGraduação em Antropologia Social (PPGAS), Museu Nacional, UFRJ, Brasil.

Este trabalho busca refletir sobre o conceito de “sincretismo mágico”, proposto por Roger Bastide, que indica um modo de agenciamento que não opera nem por assimilação, nem por justaposição ou correspondência; mas que, antes, age por acumulação e intensificação de forças. Ao reverberar este conceito etnograficamente, proponho pensar num modo de agenciamento entre distintos territórios existenciais (afro-brasileiros, católicos, pentecostais e indígenas) que parta do ponto de vista das religiões de matriz africana no Brasil e, especialmente, do ponto de vista de José Adário dos Santos, mais conhecido como Zé Diabo, sacerdote e ferreiro da Bahia.

Para isso, é necessário mobilizar os conceitos nativos de *força* e de *parte*; pois, se para Zé Diabo todos esses domínios cosmológicos são repletos de *forças* – ou seja, padres, pastores e indígenas também podem ser grandes feiticeiros –, cada força mobilizada possui a sua *parte* específica, que deve ser trabalhada através de distintas práticas rituais de modo a incrementar a força daquele que a agencia. Agenciar partes e suas forças faz parte de um saber-fazer específico, que visa, a partir das práticas rituais, compor multiplicidades, conectando heterogêneos enquanto heterogêneos. Assim, ao invés de uma “mistura” entre distintos elementos, o que esse modo de agenciamento propõe é uma cosmopolítica afro-religiosa específica da relação com outras práticas religiosas.

Palavras-Chave: sincretismo mágico; Roger Bastide; cosmopolítica; teoria etnográfica; feitiçaria.

O SINCRETISMO COMO RELAÇÃO

Clara Flaksman

A fala que pretendo apresentar baseia-se em uma reflexão acerca de observações sobre o sincretismo que me foram feitas durante a minha pesquisa de campo em um terreiro de candomblé em Salvador, na Bahia.

No que tange ao universo das religiões de matriz africana no Brasil, o termo sincretismo normalmente aparece como a expressão de uma tática de conservação da religião dos escravos africanos para cá trazidos à força. Porém, às explicações recorrentes sobre a sobrevivência da religião africana permitida pelo ocultamento dos orixás pelos santos católicos, somaram-se visões que tratavam do sincretismo como algo que revela uma relação entre estas entidades. Ou, nas palavras de uma filha de santo, o sincretismo revela um “enredo” entre o santo e o orixá.

“Enredo” é um termo com uma ampla gama de significados, extensamente utilizado no candomblé de Salvador. Atenho-me aos três mais frequentes: enredo como relação, como narrativa e como emaranhamento. Utilizando esse conceito, pretendo pensar sobre o sincretismo de maneira que não coloquemos um de seus elementos à frente do outro, e sim ambos em relação – atentando para a capacidade de apropriação do candomblé, de dissolver em sua cosmologia elementos a ela estranhos.

Da mesma maneira que pensar em contra mestiçagem coloca culturas muitas vezes relegadas a uma posição inferior (ou oculta) como protagonistas de suas próprias teorias e reflexões, proponho pensarmos, portanto, em um contra-sincretismo, e com ele destacar uma teoria que se pretende mais do encontro que da síntese.

Palavras chave: sincretismo, candomblé, enredo, religiões afro-americanas, Bahia.

O COINCIDIR DOS SANTOS. IMAGENS E REVERSÕES NO CANDOMBLÉ NAGÔ

Olavo de Souza Pinto Filho. Doutorando PPGAS-USP; olavosouza@gmail.com

A discussão sobre sincretismo aparece como um tema incontornável nos diversos trabalhos sobre o candomblé em Recife. Para além dos seus usos teóricos, o tema também é mobilizado pelos praticantes do candomblé. Contudo, diferentemente do que preconizam os pesquisadores, meus anfitriões do Ilê Iyemanjá Ogunte do Recife são categóricos em afirmar a “não mistura” como condição da existência de seu *sincretismo*.

O objetivo desse trabalho é perseguir etnograficamente os desdobramentos dessa

afirmação, bem como seus efeitos sobre as nossas teorias sobre o sincretismo. Nesse sentido, focalizo certas composições rituais presentes no candomblé nagô que engajam elementos tidos como católicos (missas, imagens de santos, entre outras) e aqueles de outros domínios tidos do candomblé (jogo de búzios, ebós, culto aos ancestrais). Ao invés de fixar tais elementos como categorias fixas e dadas a priori, atento às relações contextuais em que a diferença entre eles é precipitada, e qual a importância dada pelos praticantes do candomblé em destacá-la. Tais composições entre domínios entendidos como separados (não fechados), não ocorrem em relação apenas ao catolicismo, mas são presentes entre os diferentes contextos e espaços do candomblé nagô; eles coexistem necessariamente uns a partir dos outros, sem que suas diferenças sejam subsumidas.

Esse movimento coloca um duplo desafio conceitual: (1) pensar em um sincretismo sem mistura e, (2) imaginar analogias entre santos católicos e orixás, catolicismo e candomblé, que prescindam da noção de equivalência.

Palavras chave: Sincretismo. Reversões. Nagô. Candomblé. Recife.

“O SEU SETE ENCRUZILHADAS VEM E TRAZ TODA A TRIBO DELE”: COSMOPOLÍTICA E CRUZAMENTOS AFROINDÍGENAS NA LINHA CRUZADA

João Daniel Dorneles Ramos – Professor do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas; Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesta comunicação proponho discutir o processo de cruzamento, que se dá na Religião de Linha Cruzada, entre diferentes ontologias (africana, ameríndia, cristã, kardecista, do Oriente, Povo Cigano, Linha de Exus...). Compreendo que essas diferenças ou “lados” são parte de uma relação cosmopolítica e, portanto, de uma “diplomacia cósmica” (ANJOS & ORO, 2009). Indico que a conectividade e o jogo das diferenças que compõem as religiosidades de matriz africana nos mostram elementos-chave para percebermos outros modos de existência que vão além das formas essencialistas de identidade. É pela lógica rizomática que se torna possível pensarmos a religião como “percurso nômade”. Os elementos de interpenetração cosmos e sociopolítica, humano e extrahumano são tomados pelas/os umbandistas como possibilidades de conectividade entre cosmologia ameríndia e afro-brasileira. Assim, o intermediário para o Orixá que trabalha na pedreira será algum(a) caboclo/a da linha de Xangô. O Sete Encruzilhadas, que abriu a Umbanda para que os espíritos de negros escravizados, de indígenas e de outros povos pudessem chegar, é intensivamente ligado a práticas rituais tanto do Batuque como da Quimbanda. O caboclo Sete Encruzilhadas se cruza e pode vir como Exu das Sete Encruzilhadas. É da noção de encruzilhada que podemos tirar respostas potencialmente fortes para os conceitos de sincretismo e mestiçagem.

Palavras-Chave: Cosmopolítica. Linha Cruzada. Encruzilhada. Diferença. Sincretismo.

LA ANTROPOLOGÍA Y EL MESTIZAJE COMO TÁCTICAS DE EXTERMINIO Y DOMINACIÓN. EL INDIGENISMO MEXICANO EN LOS AÑOS POSREVOLUCIONARIOS (1920-1940)

Rafael Antonio Rodrigues. Universidade de
Brasília – UnB; devintoster@gmail.com

En el México posrevolucionario (1920-1940), el saber antropológico se convirtió en una herramienta conceptual e ideológica fundamental en la construcción de un nuevo horizonte discursivo alrededor de la identidad nacional. A partir de la apropiación del elemento indígena, ganaba fuerza un nuevo sentido de México y mexicanidad. El indio era incorporado a la nación a partir de su metamorfosis en mestizo, categoría que emergía como el nuevo arquetipo nacional, supuestamente capaz de conciliar la pugna histórica evidenciada por la Conquista y forjar un sentido de patria unívoco y homogéneo.

Sin embargo, el discurso en torno al ser mestizo era una forma de blanquear al indígena, negándole los trazos que le caracterizaban como tal para que él se transformara en un “igual”, es decir, un hombre blanco. Al indígena no le estaba permitido revelarse a partir de sus propios caracteres culturales e identitarios, su incorporación era una forma de legitimar un proyecto nacional, que se le imponía desde el Estado, que poseía como marco civilizatorio el mundo Occidental. Se creía que el hombre blanco, en el cruce racial, habría de predominar sobre el indígena en función de su “superioridad” de raza y civilización.

En ese sentido, el indigenismo moderno no se diferenciaba de los antiguos postulados teóricos decimonónicos en torno al indígena. Aunque se le comprendiera como una realidad viva y pulsante al tiempo de la revolución, el lugar que le estaba reservado al interior del nuevo orden mestizo revolucionario era el de su extinción.

Palabras Clave: antropología, indigenismo, mestizaje.

VARIAÇÕES DE TEORIAS DA DIFERENÇA NO CONTEXTO CABO-VERDIANO

Natalia Velloso Santos – PPGAS-UFRJ

nataliavellososantos@gmail.com

Entre 1951-52, Gilberto Freyre visita diversas colônias portuguesas na África a convite da ditadura salazarista. O principal propósito da viagem era a propagação dos referenciais da teoria luso-tropicalista como justificativa para a manutenção dos regimes coloniais de Portugal em pleno século XX. A visita do sociólogo era aguardada com particular interesse por representantes da elite intelectual em Cabo Verde, onde as teorias freyrianas da mestiçagem foram utilizadas como referência daquilo que seria entendido como a especificidade da sociedade cabo-verdiana. Tratada então como um caso típico de unidade cultural e racial forjada a partir de um processo de fusão entre europeus e africanos, nos moldes, e inclusive antecipando, o caso brasileiro. Essa interpretação fundamentou um processo de criação de uma identidade cabo-verdiana, por tal elite, marcado pela ambiguidade da reivindicação de uma autonomia local, em detrimento da dominação colonial, ao mesmo tempo associada ao enfraquecimento da identificação com a África. O que explica o desapontamento desta mesma elite com a constatação de Gilberto Freyre ao diagnosticar a sociedade cabo-verdiana como essencialmente negra. Este trabalho pretende analisar as variações entre os distintos regimes de diferença presentes tanto nas análises de Gilberto Freyre sobre o arquipélago, quanto em suas versões elaboradas pela intelectualidade cabo-verdiana (anterior e posteriormente à visita de Freyre), para então de contrastá-la com problemas e teorias da diferença colocados a partir de outros contextos locais que, ainda que não tratem diretamente do tema da miscigenação, ofereçam a este um contraponto.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Mestiçagem, Cabo Verde.

II. “Devir outro, ser gente”

ESTRANHOS COMPADRES: QUILOMBOLAS DE FAMÍLIA MAGALHÃES E OS ENCONTROS COM SEUS OUTROS

Daniela Carolina Perutti. Doutoranda em Antropologia Social – Universidade de São Paulo; daniperutti@yahoo.com.br

O *paper* a ser apresentado tem como intuito desenvolver uma questão surgida em minha tese de doutorado acerca das relações dos membros do quilombo Família Magalhães (GO) com “índios” com quem convivem nas beiras do rio Paranã. Estes são definidos como seres silenciosos, que “andam demais”, além de bravos e com saberes mágicos, tendo o poder de ficar invisíveis. A relação com eles ocorre em grande medida por meio dos sinais de sua existência que deixam para trás, o rastro, ou ainda o assovio.

Estes seres, como as crianças, “fazem pinturas”. Não costumam matar ou bater em gente, mas bagunçam casas e tiram objetos do lugar. Caso alguém os encontre pela frente, deve cumprimentá-los e chamá-los de “compadres”, de modo a apaziguar sua braveza. Dizer a palavra “índio” ou “tapuio” irá desagradá-los, e ninguém com quem conversei a respeito quis “pagar para ver um compadre bravo”. Eles também teriam uma linguagem própria, e só se fariam entender pelos outros quando quisessem.

O fato de terem poderes mágicos e serem “agitados”, propensos a relações agonísticas, faz com que seja necessário se cercar de cuidados na tessitura de tais relações. Assim, chamá-los de “compadres” aparece como forma de estabilizar relações pela fala de um nome que denota vínculo (“compadre”) no lugar de outra que denota perigo (“índio”).

Se por um lado “índios” são percebidos como alteridade radical com a qual é necessário ter precaução, por outro, reconhecem que possuem algo de “sangue de índio”, lembrando que neles próprios está contido esse outro que requer cuidados.

O RIO COMO EIXO DE TRANSFORMAÇÃO: ENTRE A CIDADE O LAGO GRANDE

Fernando Augusto Fileno. Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Programa de Pós graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP). Mestrando; fernando_fileno@hotmail.com

Encontramo-nos aqui em um mundo eminentemente transformacional, baseado em processos desencadeados tanto entre relações como entre deslocamentos, do qual focaremos a indeterminação produzida nas idas e vindas sobre o *rio*. Os Mura são os atores desse sistema, grupo indígena de língua mura, hoje falantes do português, são habitantes do complexo hídrico dos rios Amazonas, Madeira e Purus, bem como residentes em diversos municípios da região. O que abordaremos como teoria nativa da

(contra)mestiçagem traduz-se no movimento pendular entre a cidade e o Lago Grande (limite extremo da T.I. Cunha Sapucaia), as aldeias localizadas no rio Igapó-Açu guardam distâncias diametralmente equivalentes dessas duas forças de gravitação existentes: o ambiente urbano e a floresta respectivamente. Os movimentos de curso a jusante são tão desejados e plenos quanto os a montante. Entretanto, não tratamos aqui apenas de desejos, mas também de posicionamentos ontológicos, esses espaços são origens de morfologias corporais distintas, ensejam como o fazem certas substâncias, determinadas afecções e capacidades, os modos de viver e experienciar (comer, andar, dormir, reunir) são aqui transsubstanciáveis ou, poderíamos dizer translocalizáveis, pois o lugar faz toda diferença. Nesse contexto, a aldeia mura, como terceiro termo, está simultaneamente nos dois lugares ao mesmo tempo, um quadro que ressoa a teoria yanomami sobre o “virar branco” descrita por José Kelly Luciani e que aqui será trazida como referência comparativa para falar do *rio* como espinha dorsal de um sistema de transformação ou de mistura com o Outro, seja ele um *índio bravo* ou um branco.

Palavras-chave: Mura, Amazônia, transformação, ontologia, corporalidade.

TEMPO E PESSOA NA VILA DE CIMBRES

Clarissa Martins Lima. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos; clarissa.martins.lima@gmail.com

Aqui tem gente de toda qualidade, dizem os moradores da Vila de Cimbres, aldeia Xukuru do Ororubá, localizada entre o agreste e o sertão pernambucano: *católicos, evangélicos, catimbozeiros, médiuns, índios; caboclos, entidades, encantos, espíritos, finados, defuntos, santos*. Mas nem todas essas *qualidades* existem do mesmo modo ou são igualmente desejáveis: *tão boas que nem prestam* ou *ruins, sebosas*, algumas estão vivas, outras mortas, umas fazem parte do presente, outras de um *tempo* que já passou, mas que, nem por isso, deixam de existir. Nesse trabalho, exploro etnograficamente estes muitos modos que a pessoa pode assumir na Vila de Cimbres através das noções de *qualidade* e *tempo*. Aqui, *tempo* e *qualidades* são noções que funcionam como figura e fundo de um só movimento, e que, passado ou presente, não deixam de se perpetuar, alargando as possibilidades de ser e estar no mundo. Assim, busco mostrar como a pessoa aparece ora como mistura, ora como purificações instáveis destas *qualidades-tempos* que em alguns momentos se sobrepõem, em outros apenas se tocam e, em outros ainda, se repelem. Ao mesmo tempo, busco me valer dos usos que os Xukuru fazem de termos comumente apartados em especialidades da antropologia, e explorar os efeitos desse encontro para o fazer antropológico.

Palavras-chave: Xukuru do Ororubá; pessoa; tempo; antropologia

A MESTIÇAGEM COMO BAIXA ANTROPOFAGIA: ALGUNAS REFLEXÕES A PARTIR DOS TIKMÁ'ÁN (MAXAKALI)

Roberto Romero. PPGAS. Museu Nacional, UFRJ; roberomerojr@gmail.com

Os brancos, dizem os TikmÁ'Án, surgiram dos Ánmõxa, seres canibais e ferocíssimos que vagam solitários pelas matas e que são capazes de matar aldeias inteiras num lance de poucos minutos. Mais do que monstros estrangeiros a ameaçar os humanos, entretanto, os Ánmõxa são um perigoso destino, sobretudo para aqueles que descumprem o resguardo. É possível, em suma, tornar-se inmõxa. Neste trabalho, pretendo aproximar os perigos transformacionais implicados neste “tornar-se Ánmoxa” àqueles suscitados pela experiência igualmente perigosa e indesejável do “tornar-se branco”. A partir de algumas reflexões em torno de teorias tikmÁ'Án da transformação, pretendo ainda desestabilizar os princípios de uma certa “metafísica canibal”, implícita

nos esquemas neoevolucionistas das “teorias da mestiçagem”, qual seja, a ideia da captura inexorável—por “assimilação”, “integração”, “fusão” ou “síntese”— das potências do múltiplo pelo Um, dos Outros pelo Eu.

palavras-chave: contramestiçagem; cosmologias do contato; antropofagia.

A CORRENTEZA DAS ÁGUAS E O QUE ELAS CARREGAM: VIVOS, MORTOS E O ESPAÇO NA ILHA DO MASSANGANO, RIO SÃO FRANCISCO

Márcia Maria Nóbrega de Oliveira. Doutoranda, Unicamp;
marciamnobrega@gmail.com

Esta apresentação parte de uma pesquisa de doutorado em andamento em que busco compreender como se dão as relações de uma comunidade com seus mortos, tomando-as a partir da mediação com o ambiente em que habitam. A comunidade em questão é a Ilha do Massangano, uma ilha situada no semi-árido nordestino, ali no trecho submédio do Rio São Francisco, entre as cidades de Petrolina, em Pernambuco, e de Juazeiro, na Bahia. Dentre camponeses, feirantes, pescadores e, em outros tempos, marinheiros, convivem na Ilha do Massangano no decorrer de pelo menos quatro gerações cerca de 180 famílias, ou 700 pessoas, quase todas negras. Ilhéus, mas não ilhados, vivem a cerca de vinte quilômetros de onde foi o porto final da travessia Pirapora-Juazeiro, rota fluvial que conectava o nordeste ao sudeste brasileiro e que movimentou intensa troca de mercadorias (dentre sal, rapadura e cachaças), mas não apenas: ali circulava pessoas, seus sambas, toadas e benditos, mas também seus mortos e caboclos. De fato, a Ilha do

Massangano cuja população predominantemente católica já comportou, nos tempos de intensa navegação, mais de quatro “casas de caboclo” ou “mesa branca”. Atualmente existem apenas dois centros que funcionam intermitentemente. Diante desse quadro, me interessa pensar como, a partir do marco da construção da Barragem Hidrelétrica de Sobradinho à montante da Ilha do Massangano, a alteração dos fluxos das águas afetou o regime dos encontros propiciados pelo rio: seja entre mortos e vivos, ou entre os vivos e eles mesmos.

CABOCLOS E PRETOS VELHOS: POSSESSÃO E VOO XAMÂNICO NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ

Marina Guimarães Vieira. Universidade Federal da Bahia

marinaguimaraesvieira@gmail.com

Partindo de uma releitura do material etnográfico apresentado em minha tese de doutorado sobre os trabalhos espirituais realizados pelos moradores da comunidade São José, localizada na Reserva Extrativista Arapixi, no Estado do Amazonas, o trabalho apresentará uma discussão a respeito do conceito de caboclo. Seu uso será perseguido não na acepção acadêmica tradicional do termo, que aponta para a questão da miscigenação, mas nos contextos nos quais é ativado pelos nativos, como categoria introduzida de “fora” para “dentro”. O coletivo aqui acompanhado, comumente definido pelos pesquisadores como uma população cabocla, utiliza o termo como modo de identificação da alteridade (indígenas da região e espíritos), mas não como auto-identificação. Definem-se, antes de mais nada, como cristãos, termo equivalente ao estatuto de humano em várias regiões da Amazônia. No intuito de compreender melhor a ontologia do coletivo, serão analisadas as relações que estabelecem com os não humanos chamados caboclos e pretos velhos, que se dão através das práticas conceitualizadas pelos nativos como atuação. Essas práticas, que englobam os processos comumente caracterizados em separado, pelas subdisciplinas antropológicas dos estudos afro-americanos e da etnologia indígena, como possessão e voo xamânico, serão analisadas em profundidade, tal como vividas e pensadas pelos moradores da comunidade São José.

Palavras chaves: caboclos, pretos velhos, possessão, xamanismo

III. “Desterritorizações e reterritorizações”

NO SOMOS CHOLAS Y LLEVAMOS POLLERAS. Debates sobre las construcciones de identidad Tocañera, La Paz-Bolivia.

Luis Reyes Escate. Programa de Posgrado en Antropología Social - Maestría Académica. Universidad Federal de Río Grande do Sul. Agencia de fomento de investigación: CAPES. Orientador: Prof. Dr. Carlos Steil; luisreyes_2703@hotmail.com

Venía con su pausado caminar, a lo lejos. “*Suma aruma*”, saludó desde la oscuridad. De ojotas, pollera esmeralda, camiseta negra, sombrero hongo de color negro, cabello amarrado en dos pequeñas trenzas. Vi sus grandes ojos saltones y su inmensa sonrisa blanca, ligeramente manchada por restos de la coca que *piqchaba*, aparecer paulatinamente en la habitación. Era la tía Marta, mujer negra habitante de la comunidad afro-boliviana de Tocaña. Nos saludamos y, después de invitarme a *piqchar*, comenzamos a conversar.

-En la mañana ha llegado un gringo loco buscando ‘cholitas negras’, me ha dicho-afirmó con molestia.

-¿Y usted que respondió, tía? Sobre las cholitas.

-¿Cholitas? ¡Ninguna cholita, carajo! Aquí somos negras nomás.

-Tía, pero... ¿no cree que algunas personas de aquí son una mezcla entre negros y aimaras? ¿afro-aimaras?

-¿Afro-aimara? Nunca he escuchado eso. Mezcla hay, pero eso que dices... ¡no!

El objetivo principal de este trabajo es, partiendo de un diálogo simétrico entre la discursividad académica y Tocañera, plantear algunas hipótesis sobre las gradientes ontológicas de racialidad y mestizaje. Asimismo, se busca reflexionar sobre los procesos de construcción de identidades Tocañeras, los cuales rebaten la concepción “occidental” de procesos identitarios únicos de fusión.

Palabras claves: (contra)mestizaje, Tocaña, afro-bolivianidad, aimara.

MODERNIDADES PERIFÉRICAS Y TRANSICIONES AMERINDIAS: UNA MIRADA ETNOGRAFÍA DEL PARENTESCO AL *ETHOS* ULWA. CARIBE

NICARAGÜENSE

Dra. Denia Román Solano. Docente Escuela de Antropología e Investigadora Instituto de Investigaciones Sociales. Universidad de Costa Rica; dennia.roman@ucr.ac.cr y denia_rs@yahoo.com

El Caribe Nicaragüense se caracteriza por la imposibilidad de definiciones étnicas y raciales, su literatura etnológica e histórica da cuenta de ello. El escaso control colonial, así como el dominio indígena del territorio hasta prácticamente mediados del siglo XIX, generó una particular manera de delimitar grupos, lenguas e identificaciones étnicas. Amerindios, africanos y las configuraciones colectivas que estos gestaron fueron, y son, categorías inéditas en el contexto Centroamericano, que desafían los parámetros académicos.

Los Ulwa, un grupo indígena y minoritario de esta región, son un claro ejemplo de esta condición, y son así mismo, el foco de este trabajo. Se concentran en la cuenca baja del río Grande de Matagalpa, específicamente en la comunidad de Karawala, que fue constituida hace más de cien años por grupos familiares de origen diverso: Mayangnas (especialmente Ulwas, pero también Panamahkas Tawahkas), Miskitos, y afro-descendientes. El estudio detenido en las explicaciones locales sobre lo que comúnmente llamamos como mestizaje, y en los recursos del parentesco y el *ethos ulwa* evidencian la originalidad con que este colectivo piensa las diferencias y sus transformaciones. Así, este trabajo describe histórica y etnográficamente estas explicaciones, que apuntan a la constitución de una geométrica sociocultural y regional, evidenciada y activada a la luz de la modernidad, y más recientemente, de las políticas multiculturales que la Autonomía Regional sigue.

Palabras claves: Ulwa, Caribe Nicaragüense, parentesco, *ethos* y autonomía política.

NOTAS SOBRE A ALIANÇA ENTRE NEGROS E ÍNDIOS NO MARACATU LEÃO DE OURO DE CONDADO (PE)

Noshua Amoras de Moraes e Silva. Graduada em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia, pela Universidade de Brasília (UnB); noshua.amoras@gmail.com

A partir de minha pesquisa de campo junto ao Maracatu Leão de Ouro de Condado (PE), procuro, neste trabalho, acompanhar a narrativa dos *folgazões* sobre a relação entre *negros* e *índios* nesta brincadeira.

A discussão sobre a presença de elementos “indígenas” e “afro-brasileiros” no maracatu aparece com alguma frequência, ainda que pouco explorada, na breve literatura sobre o tema. Durante minha pesquisa, Fábio e Derivan, dois jovens *folgazões* com os quais

convivi, chamaram minha atenção sobre o *começo* do maracatu, dizendo-me como a brincadeira surgiu pela *aliança* entre *índios* e *negros* numa *guerra* contra o *senhor de engenho*. Não obstante, eles apontaram também para uma espécie de relação entre as mudanças provocadas pelas violentas intervenções do *senhor de engenho* contra o maracatu *antigamente*, e aquelas reproduzidas e praticadas pelo *estado* contra a brincadeira nos dias atuais. Eles afirmam, então, que essa *guerra* não terminou.

Assim, o objetivo desse trabalho é pensar a relação entre *negros* e *índios* no maracatu, enfocando também a articulação temporal trazida por essa atualização da *guerra* de um passado sempre presente, e os efeitos da intervenção *estatal* mapeados pelos *folgões* (que convergem em uma tentativa de *pacificação* do maracatu).

Palavras-chave: maracatu; afroindígena; estado.

RELAÇÕES AFROINDÍGENAS NO JARÊ DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA

Gabriel Banaggia. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional (UFRJ); (gbanaggia@gmail.com)

O jarê é uma religião de matriz africana existente somente na Chapada Diamantina, área do interior da Bahia, estado localizado no nordeste do Brasil. No interior do campo de estudos afro-brasileiros, o jarê exemplifica um desenvolvimento paralelo ao dos candomblés litorâneos dos quais é aparentado, tendo sido elaborado por um conjunto de senhoras africanas, ou suas descendentes diretas, chamadas nagôs, que chegaram deliberadamente ou foram levadas escravizadas para a região. Aí habitando, esse conjunto estabeleceu uma prática primeva do jarê com base em um compromisso com potências ligadas a indígenas que, apesar de não mais habitarem a região, continuavam sendo os donos legítimos daquela terra, ao contrário dos brancos que passaram a explorá-la na cata de pedras preciosas.

Diferentemente do que aconteceu com outras tradições similares, entretanto, no jarê as forças indígenas se insinuaram de forma mais contundente, fazendo com que ele se transformasse levando todas as entidades cultuadas nas cerimônias a serem consideradas caboclas. Se os caboclos do jarê contemporâneo travam uma luta que é antes de tudo espiritual, seus efeitos em última instância envolvem uma retomada de territórios tanto existenciais como físicos, já que fez parte do compromisso estabelecido no passado o retorno das populações indígenas às terras que por direito são suas. Essa comunicação apresentará as formas pelas quais esse desiderato tanto foi ensaiado morfológicamente numa comunidade local de remanescentes de quilombolas de origem afroindígena quanto permanece vivo nas manifestações rituais que se desenrolam em todo jarê.

Palavras-chave: Jarê; religiões afro-brasileiras; sincretismo; cosmopolítica; afro-

indígena.

O PARLAMENTO DOS DEUSES E AS DIVINDADES DO CONTRABANDO: “PERDA DA CULTURA” E TÉCNICAS DE CAPTURA

Mauricio Machado Siqueira Filho. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social
do Museu Nacional (UFRJ) – Mestrando (2º ano)

O trabalho consiste numa apropriação de algumas sugestões elaboradas por Tobie Nathan, a partir de sua experiência terapêutica junto ao *Centre George Devereux* (FR), para uma redefinição pragmática ou experimental da noção de *pertencimento cultural*. Interessam aqui suas contribuições para uma desestabilização de certo modelo usual de conexão- indissociável daquilo que descrevemos, tradicionalmente, como *multiculturalismo*- entre os fluxos de dispersão espacial dos povos e os movimentos de diferenciação sociocósmica aos quais estão relacionados. Vinculado, ainda que sob versões aparentemente muito distintas, à uma retórica da *assimilação* ou *mistura*, esse modelo parece ter conduzido, inevitavelmente, a descrições muito enfraquecidas das relações de força iminentes ao desafio de “acolher o estrangeiro”. O trabalho se concentra, portanto, na apresentação de um outro repertório conceitual no qual os dilemas da *interculturalidade* são desestabilizados em favor de um pensamento da Terra como *arena de confronto entre divindades*. É esse o sentido de instaurar um *parlamento dos deuses*: produzir um dispositivo capaz de explorar as diferentes modalidades de fuga e captura implicados no comércio com (e entre) os deuses estrangeiros.

Palavras-Chave: Tobie Nathan, Cosmopolítica, Etnopsiquiatria

SOBRE O TRAÇADO

Clarisse Q Kubrusly. (PPGAS/MN/UFRJ); clarisseqk@gmail.com

A partir do trabalho de campo com os Xangôs (religião afro) e Juremas (afroindígena) da nação Xambá, localizados no Quilombo Urbano do Portão do Gelo, Olinda-PE; aponto os caminhos para uma discussão sobre o *traçado* na arte da feitura da vida junto aos deuses africanos (*orixás*) e entidades da terra (*caboclos* e *mestres*). O *traçado* diz respeito a arte de resistência, ao movimento criativo que articula essas duas formas de práticas em novos arranjos, sem que no entanto, uma se sobreponha a outra. A vida dos Xambás é *traçada* entre o *lado da Jurema* e o *lado do Xangô*, que atravessa os corpos de modo indissociável da noção de pessoa. As composições realizadas variam a cada caso na medida das exigências cosmopolíticas realizadas pelos seres espirituais em questão com a colaboração dos sacerdotes humanos. Apresento para a discussão dois casos contrastantes de Madrinhas Juremeiras: Marinalva de Oxum com Mestre Zé Pretinho e Cristina de Oyá com Zé da Pinga. O ato de *traçar*, em ambos os casos, cria novas formas de fazer o *Xangô* e a *Jurema* coexistirem em cruzamentos únicos que excluem integralmente a ideia de mistura. Por um lado estão totalmente separados e por outro, funcionam como opostos complementares. Assim, gostaria de testar Junto a esse GT se é possível fazer do *traçado* um conceito para uma teoria etnográfica de alcance mais amplo do que o contexto nativo do qual ele provém.

Palavras chaves: Traçado, Xangô, Jurema, Cosmopolítica.

IV. “Cosmopolíticas e heterogêneses”

THIS IS NOT PERFORMANCE. THIS IS CULTURE ». PERFORMANCE ORNAMENTAL E AUTORIDADE ENTRE OS BLACK INDIANS DA NOVA ORLEANS

Laure Garrabé. Dra, Prof. Visitante Antropologia, UFSM DAM/UFPE. Colaboradora
Maison des Sciences de l’Homme Paris Nord (USR 3258, Axe 1 Thème 5);
laure.garrabe@gmail.com

This is not performance, this is culture! Eis a resposta que recolhi de um Black Indian ao perguntar se procedia qualquer ritual antes sua performance. Organizados em tribos, os Mardi Gras Indians, brincadeira carnavalesca da Nova Orleans, saem a rua ao ritmo do pandeiro, cantando o próprio prestígio num tom desafiante, “mascarados” de suas indumentárias. Minuciosamente costuradas a mão, inspiradas dos trajes dos Índios dos Planaltos, eram tradicionalmente queimadas após um só uso. Se a historiografia aponta como sua origem a criação do Creole Wild West, após a temporada do Buffalo Bill Show em 1884, eles a remetem à homenagem espontânea dos negros quilombolas aos indígenas locais, entre os quais se refugiaram durante a escravatura. A luz da etnografia de suas modalidades de expressão – o desfile e o desafio entre os dois Big Chievs

centrado na inclinação de um diante a autoridade e a beleza do outro – a “emergência” vira um instrumento de visibilidade da história escondida dos afro-indígenas e seus descendentes subalternizados.

Com dados apontando uma dialética constante da economia e do dispêndio, analisarei aqui as diversas dimensões dessa visibilização a partir de uma crítica das leituras performance- e cultural-based das expressões simbólicas. Entre “performance ornamental” e a tensão dos discursos authoritative/authorial sempre em jogo, refletirei sobre os movimentos de (des)identificação dos Black Indians com sua sociedade. Poderia revelar o paradoxo inicial segundo o qual, contra todas as aparências, eles não participam aos dispositivos do espetáculo da sociedade política global para reconduzir sua memória, mas a despendem.

Palavras-chaves: Mardi Gras Indians; afro-indígenas; performance; reverse, anthropology; decolonialidades.

AS PROPAGAÇÕES DA GUERRA: CONTRIBUIÇÕES A UMA ANTROPOLOGIA AFROINDÍGENA

Luiza Dias Flores. Doutorado - segundo ano. Museu Nacional/PPGAS/UFRJ;
ldiasf@gmail.com

As tribos carnavalescas Os Comanches e Os Guaianazes são grupos que disputam no carnaval da cidade de Porto Alegre. São índios carnavalescos cuja apresentação na avenida é denominada de guerra. Cada tribo dedica-se o ano inteiro para construir seu carnaval a partir da articulação de elementos que caracterizam como “afro” e “indígena”. É na articulação destes elementos que os índios produzem-se índios e fazem a guerra. O trabalho desenvolvido na minha dissertação é uma etnografia realizada especificamente com a tribo Os Comanches. A intenção neste artigo é rever meus dados etnográficos para apresentar as articulações afroindígenas que constituem a guerra comancheira para então expandir o próprio conceito de guerra para além do carnaval. Em um primeiro momento descrevi a guerra para pensá-la como uma teoria nativa afroindígena, agora pretendo pensar se essa teoria nativa afroindígena pode se constituir enquanto uma espécie de máquina de guerra no âmbito da teoria antropológica. Que propagações da guerra comancheira podem ser pensadas na produção antropológica sobre o carnaval de Porto Alegre?

ENCONTROS, DESENCONTROS E REENCONTROS COM E ENTRE SERES

ESPIRITUAIS: AS *MISAS ESPIRITUALES* DE INTEGRANTES DA *RED DE ANANSE* DA COLÔMBIA

Luis Meza Alvarez

Doutorando PPGAS-MN-UFRJ, Brasil

lgmezaa@gmail.com

Nessa proposta de comunicação procuro explorar como na prática religiosa/espiritual e, especialmente, nas *misas espirituales* realizadas por integrantes da *Red de Ananse* na Colômbia, são vivenciadas e pensadas as relações entre afros e indígenas e com outros coletivos e seres espirituais. Trata-se de um exercício muito pontual de descrição que se insere numa pesquisa etnográfica em andamento na qual tento traçar os envolvimento de um grupo de docentes, pesquisadoras, ativistas e mães com variados espaços de ação social (escola, universidade, movimento social afro-colombiano) e seus vínculos com uma espiritualidade afro (afro-cubana e afro-colombiana), como centro de seus posicionamentos ético-políticos. No marco mais geral do que seria o campo das religiões de matriz africana na Colômbia e, especialmente, no que diz respeito às religiões de matriz afro-cubanas (espiritismo cruzado, palo, santería, Ifá, que no caso deste grupo são praticadas em momentos e espaços diferenciados), as *misas espirituales* permitem explorar etnograficamente reflexões e posicionamentos políticos nativos em torno de noções como sincretismo, mestiçagem, assim como as classificações e os modos de relacionamentos muito concretos com esses “outros” no plano religioso/espiritual, embora definam sua prática religiosa como sendo ioruba.

Palavras-chave: relações com/entre seres espirituais, *misas espirituales*, religiões de matriz africana na Colômbia, *Red de Ananse*, etnografia.

TUPI GUARANI: ENTRE USOS E EXEGESES PARA NÃO INDÍGENAS

Camila Mainardi – Pós-doutoranda, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, Brasil. Bolsista PNPd-CAPES;
mainardi.camila@gmail.com

A recorrência da palavra conflito em minhas anotações e suas variações em expressões, como “é muita desunião” e “não têm mais paz”, são o ponto de partida desse ensaio realizado entre as famílias tupi guarani da T.I. Piaçaguera, litoral sul de São Paulo. A cada retorno a campo, contavam-me que “aconteceram muitas mudanças”, elencando, por vezes, para onde tinha ido cada parente. Tal comentário mostra meu interesse em

encontrar determinadas pessoas, mas também aponta para o movimento, o incessante descompor e compor coletivos. Vale mencionar que os conflitos – que sintetizam a ideia de ruptura, e consequente reorganização das relações – longe de serem considerados de modo negativo, como um mal degenerador da “sociedade”, são tidos como produtores desta. Tendo isto em vista, interessa-me discutir os usos dos etnônimos. Os Tupi Guarani não aceitaram um nome imposto de fora, por pesquisadores ou outros coletivos indígenas, mas trataram de ensinar aos não indígenas que são Tupi Guarani. São Tupi e Guarani – não uma coisa ou outra – o que desloca o problema de “quem” ou “o que é” Tupi Guarani, para os modos como as categorias são construídas em relação. Além disso, seguindo as reflexões nativas, o etnônimo revela a mistura (Tupi e Guarani) em detrimento da pureza (Tupi ou Guarani), o que entendo como uma tradução para os não indígenas do pensamento ameríndio. “Tupi Guarani” não se enquadra no ideal étnico de unidade coesa, mas indica a junção de dois. O nome expressa antes a multiplicidade do que a unidade.

Palavras-chave: Tupi Guarani, mistura, etnônimos, conflito.

O “ÍNDIO DO ARAPIUNS” E A FIGURA DE “MIRANDOLINO COBRA GRANDE”: ELEMENTOS ETNOGRÁFICOS EM TORNO DA (CONTRA)MESTIÇAGEM

Leandro Mahalem de Lima. Doutor em Antropologia Social. Professor substituto

DAA-Fafich/UFMG. Pesquisador CEstA/USP.

Esta comunicação problematiza elementos etnográficos em torno da (contra)mestiçagem, entre camponeses tradicionais, indígenas e agroextrativistas, que habitam o baixo Arapiuns, próximo à sua confluência com rios Tapajós e Amazonas (Santarém, Pará). No contexto da “segunda colonização da Amazônia” (1970s), estas e outras populações da região, passaram a formar comunidades eclesiais e associações políticas intercomunitárias (sindicatos rurais). Nos anos 1990, incorporaram ao mesmo campo de agência política, um sistema formal de tipos socioculturais (indígenas, quilombolas, agroextrativistas) que delinea sistemas correlatos de categorias jurídicas (TIs, RESEXs, PAEs), órgãos estatais (Funai, Incra, INCBio) e associações representativas (conselhos indígenas, federações agroextrativistas, sindicatos rurais) para o acesso a direitos coletivos e difusos como “populações tradicionais”. As reivindicações conformam um complexo mosaico que sobrepõe e justapõe tipos socioculturais e figuras jurídicas destinadas a finalidades análogas. Não raro, as divergências redundam em discussões sobre a exclusividade (ou incompatibilidade) do acesso a direitos como “índio, negro ou branco”, permeado por boatos e acusações de agressões físicas e xamânicas (“fazer para matar”). Em meio a disputas políticas, as teses em antropologia, fundamentais à legitimação do acesso a direitos, acabam por recair em variantes reificadas do relativismo e do universalismo cultural, expressos em falsos dualismos como mestiços vs puros. No contexto do baixo Arapiuns, a

comunicação debate sentidos e relações em torno da figura do pajésacaca Mirandolino Cobra Grande, “dono” de um “encante”, que impulsionou a escolha do nome “Cobra Grande” para terra indígena e o conselho indígena que envolvem os Arapium, Jaraqui e Tapajó.

Palavras chave: Amazonia central, Mestiçagem, Etnogênese, Política, Cultura.

O QUILOMBO CANHAMBOLA E OUTRAS CRIATIVIDADES POLÍTICAS: RESISTÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES AFROINDÍGENAS

Suzane de Alencar Vieira. professora da Universidade Federal de Goiás, doutora em antropologia social pelo Museu Nacional da UFRJ; suzanealencar@gmail.com

As pessoas da comunidade Quilombo de Malhada, do município baiano de Caetité, concebem a si próprias como uma *nação de negro com tapuia*. Essa conexão afroindígena do passado é atualizada em um novo agenciamento cosmopolítico, o “quilombo canhambola”, ao longo das lutas de resistência a empreendimentos de exploração energética e mineral no alto sertão da Bahia. A proposta desta comunicação é deslocar e descentrar, através da teoria etnográfica e da abordagem cosmopolítica, o Estado enquanto modelo político e analítico da “sociedade dos brancos” e paradigma ao qual convencionalmente se recorre para traduzir a política quilombola. Essa nova modalidade de criatividade política quilombola/canhambola se serve não apenas das categorias jurídicas para criar a possibilidade de resistência, mas também de uma cosmopolítica afroindígena. Os conceitos nativos da “*pirraça*” e da “*treta*” agenciam, em uma teoria política própria, rivalidade, segmentaridade e recusa ao poder unificado. O agenciamento da “*pirraça*” recobra o plano simétrico e a reversibilidade do diálogo político e faz proliferar divergências, enquanto que a “*treta*” sinaliza a recusa ao consenso da representação política e da síntese totalizante das diferenças. A cosmopolítica afroindígena, enquanto um agenciamento minoritário, aponta para outra maneira de lidar com a diferença. Ao invés de submeter os agenciamentos e a forma de enunciação quilombola às categorias da política do Estado, uma abordagem cosmopolítica deixa que essa outra criatividade transforme o modo como concebemos a política. A diferença é tomada como um devir que modifica ou coloca em risco a forma convencional de pensar e fazer política.

Palavras-chave: resistência, comunidades quilombolas, sertão da Bahia (Brasil), cosmopolíticas afroindígenas

GT 11. MEMÓRIAS E PATRIMONIALIZAÇÕES: ANÁLISES DOS BENS CULTURAIS AFRICANOS E AFRO-DESCENDENTES NA AMERICA LATINA

Coordenadores:

Sandra Pelegrini. Univ. Estadual do Maringá/Brasil. sandrapelegrini@yahoo.com.br

Ana Cristina de Souza Mandarino. Univ. Estadual de Santa Cruz/Brasil.
anamandarino@gmail.com

Javier Tobar. Universidad del Cauca, Popayan/Colombia. javo@unicauca.edu.co

Comentarista: Estélio Gomberg. Univ. Estadual de Santa Cruz/Brasil.
estelio68@gmail.com

Sessão1 Melodias e Performances em Pauta

MARACATUS NAÇÃO EM PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO: IDENTIDADES EM DISPUTA

Anna Beatriz Zanine Koslinski. Doutoranda do Programa de Posgrado en Ciencias Antropológicas de la Universidad Autónoma Metropolitana (UAM), México, DF;
abzk82@gmail.com

Após anos de invisibilização e previsões de intelectuais de que estariam fadados ao desaparecimento, os maracatus nação enfrentaram adversidades mantendo-se ativos até os dias de hoje. Atualmente, Pernambuco conta com pelo menos 27 nações de maracatu, além de um grande número de grupos culturais compostos por jovens de classe média, brancos em sua maioria que reproduzem o ritmo e a dança dos maracatus, num formato de grupo parafolclórico. O surgimento desses grupos, também conhecidos por grupos percussivos, se inserem num contexto de valorização da referida forma de expressão, bem como o processo de patrimonialização dos maracatus nação que se iniciou em 2011

por meio de um Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e que se encerrou em dezembro de 2014, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concederam-lhe o título de Patrimônio Imaterial. Nesse contexto de valorização, muito favorecido também pelo mercado cultural, surgem também disputas identitárias e questões éticas relativas à apropriação que brancos realizam sobre a cultura negra. O processo de inventário revelou-se como cenário para essa disputa, já que grupos percussivos reivindicavam para si a identidade de maracatu nação e o direito de serem favorecidos pelo título de patrimônio e políticas de salvaguarda. A partir do exposto, o presente trabalho pretende analisar as disputas identitárias existentes entre os maracatus nação e os grupos percussivos utilizando o processo do inventário dos maracatus como pano de fundo para a questão, considerando também as dicotomias entre as noções de local, nacional e global dentro dessa disputa.

Palavras-chave: maracatus nação – patrimônio imaterial – identidade – mercado cultural – globalização.

AS CONTRIBUIÇÕES DE OSCAR DA PENHA (O BATATINHA) PARA O SAMBA BAIANO

Oyama dos Santos Lopes. Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/UNEB
(Universidade Estadual da Bahia; oyama.lopes@yahoo.com.br/
oyama.lopes@educacao.ba.gov.br)

No século XX, o samba baiano teve em Batatinha, Oscar da Penha, um dos seus maiores poetas e compositores. Autor de mais de 100 canções, muitas destas nunca foram gravadas. Batatinha tinha um jeito singular de compor, uma vez que lhe bastava uma caixa de fósforos para que elaborasse letras muito inspiradas, repletas de sentimentos e ironia. Este artigo pretende **incluir e analisar a contribuição do cantor e compositor baiano Oscar da Penha, levando-se em consideração os principais aspectos de sua obra, contribuente direto para a música e cultura baiano-brasileira** além de também poder analisar a afirmação identitária do indivíduo e/ou do sujeito coletivo negro e pobre nas letras das suas canções. Além disso, o gênero musical samba receberá um importante enfoque, de modo a compreender de que forma a trajetória social e histórica deste gênero musical e suas características distintas influenciaram a vida, a obra e a identidade artística de Batatinha.

Palavras Chaves: Samba – Bahia – Batatinha – Música.

A CONTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE MEMÓRIA COLETIVA DE HALBWACHS PARA A MÚSICA E A MEMÓRIA NO BATUQUE DA

COMUNIDADE DE PONTO CHIQUE

Pâmilla Vilas Boas Costa Ribeiro. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; pamillaribeiro@gmail.com

No cerne das representações coletivas, Durkheim marca uma passagem das teorias apriorísticas para uma sociologia pautada pela importância da coletividade. Sua inegável influência reverbera até hoje nos estudos sociológicos e, desde a época de sua intensa produção, foi transformando o pensamento de diferentes teóricos. Um deles, Maurice Halbwachs, cunhou o termo memória coletiva a partir dos conceitos durkheimianos das representações coletivas. Compreender a memória produzida na coletividade, e a difusão e perpetuação dessas categorias pelos indivíduos, também marcou um passo importante nos estudos da memória. Memória essa que se transfere pela música e pelo ritmo em diferentes grupos sociais como o batuque da comunidade de Ponto Chique, cidade ribeirinha do rio São Francisco, situada no norte de Minas Gerais. Nesse sentido, o artigo pretende discutir a importância do pensamento de Durkheim na obra de Halbwachs e como essa ideia de uma memória coletiva nos ajuda a compreender manifestações sociais que ressignificam a tradição pela música, como no caso do batuque da comunidade de Ponto Chique. Para Halbwachs, é o ritmo que desempenha o papel principal em nossa memória. O ritmo não existe na natureza, ele é um produto da vida em sociedade. O ritmo no batuque de Ponto Chique, manifestação com origem na diáspora africana, é dado pelo grupo no momento da roda. Batem as caixas, puxam o roncolho, o homem chama o canto e as mulheres respondem, dançam e batem o ombro-a-ombro. Todas essas relações são eternizadas e perpassam o momento do batuque, ou seja, para além das palavras, é o ritmo que produz novas significações sobre os acontecimentos.

Palavras Chave: batuque, memória coletiva, transmissão de memória, música, diáspora.

SAMBA DE TERREIRO: MEMÓRIA, MÚSICA E RELIGIÃO NO SUL DA BAHIA, BRASIL

André Luiz Rosa Ribeiro. Professor Titular Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (Brasil) andre.5@bol.com.br

A pesquisa buscou identificar e divulgar um conjunto de músicas e ritmos de sambas tradicionais característicos de cerimônias religiosas e festivas nas comunidades dos mais tradicionais terreiros do Território Litoral Sul da Bahia, a saber: Matamba Tombenci Neto, Ilê Axé Guaniá de Oiá, Terreiro de Luando, em Ilhéus e Ilê Axé Oiá Funké, em Itabuna. Os roteiros das entrevistas foram elaborados com a participação efetiva dos membros das comunidades citadas com o objetivo de construir coletivamente uma abordagem da identidade afro-brasileira pela música, entendida como elemento

fundamental de resistência e de memória do povo negro. É muito forte a influência da música negra no Sul da Bahia, historicamente definida pela presença de povos africanos e dos seus descendentes desde o período colonial. Dentro deste panorama destaca-se a presença marcante do samba de terreiro (também conhecido como samba de roda) nas comunidades religiosas de matriz afro-brasileira e nas atuações dos mestres da cultura popular. O Sul da Bahia recebeu todas essas influências vindas das comunidades de povos de terreiro, especialmente de origem banto. Influências incorporadas culturalmente em seu dia-a-dia, como forma de expressão e filosofia de vida nas rodas de capoeiras, nas cerimônias festivas dos templos religiosos de matriz afro-brasileira.

PATRIMONIALIZAÇÃO E RECONHECIMENTO ÉTNICO: O CASO DE UM GRUPO DE CAMPONESES QUE FAZEM MÚSICA PATIA – CAUCA – COLOMBIA

Janeth A. Cabrera Bravo. Doutoranda em Antropologia Social. Universidade de Brasília

janethcabrera05@gmail.com

O objetivo deste artigo é refletir sobre os processos pelos quais o patrimônio cultural imaterial -PCI- no marco das “políticas de patrimônio” estruturam e veiculam reconhecimentos étnicos. Me proponho explorar o campo discursivo de tais políticas desde a problematização dos processos de patrimonialização das expressões musicais das populações negras na Colômbia, particularmente no caso das agrupações presentes no vale interandino do Patía (Cauca – Colômbia), conhecidos sob o genérico de “violinos caucanos” ou “violinos de negros”, eles interpretam ritmos de denominações regionais, relacionados com festividades, santos padroeiros, cerimônias fúnebres e, mais recentemente, em eventos exclusivos para a exibição artística. A partir desse contexto etnográfico tentarei rastrear as dimensões práticas das políticas de patrimônio e a forma como elas se articulam com distintos processos sociais. Ressaltando que a noção de *patrimônio cultural* surge em um contorno semântico moderno no qual as políticas públicas têm acionado o sentido de nação e, atualmente, destacado a ideia de diversidade ou de nação multicultural. Este trabalho procura explorar como estes processos legitimadores potencializam negociações de sentido e de identidade étnica. Palavras-chaves: patrimônio cultural, música, reconhecimento, etnicidade.

Do patrimônio às construções identitárias: As práticas e AS festividades das Irmandades dos Homens Petros em São Paulo (Brasil)

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini, Doutora em História pela Universidade de São Paulo/USP e docente da Universidade Estadual de Maringá/ UEM/PR;
sandrypelegrini@yahoo.com.br

O estudo da construção identitária dos afrodescendentes no Brasil implica a percepção dos espaços onde se desenvolveram suas representações do mundo e o fortalecimento de suas redes de sociabilidade que se instituem em várias instâncias, inclusive nas irmandades religiosas emergentes nos séculos XVIII e XIX. Entende-se, portanto, que a apreensão das práticas cotidianas dessas instituições pode contribuir para a compreensão das trocas e traduções realizadas entre as culturas africanas e o catolicismo praticado nas colônias portuguesas. No Brasil, as confrarias de homens pretos dedicadas ao tributo a Nossa Senhora do Rosário continuam em evidência entre as festividades celebradas em parte significativa do território nacional. Elas cresceram e foram apoiadas pela Igreja e pelos senhores de escravos até a Abolição da Escravatura, proclamada pela Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, mas para que se institucionalizassem foram necessários enfrentamentos e negociações capazes de contemplar os interesses de todos os envolvidos. A análise de atas, relatos e registros de memorialistas, embasados nos aportes da História Cultural nos permite pensar o patrimônio paulista e investigar as fronteiras fluídas do universo social que envolveu a edificação de templos dedicados a Nossa Senhora do Rosário e as celebrações realizadas em sua reverência na cidade de São Paulo, Brasil.

Palavras-chave: Patrimônio Afro-brasileiro, Cultura material e imaterial, celebrações.

LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS : DA FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL

Vanessa Regina dos Santos. Mestranda pelo Programa de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe; vanessajun@ig.com.br

A festa conhecida como “teatro a céu aberto” tem como cenário as ruas da cidade de Laranjeiras, uma pequena cidade localizada no interior do Estado de Sergipe em que sua história social foi construída por conflitos sociais dos três grupos: branco, negro e o índio, seu nome é Festa dos Lambe sujos contra os Caboclinhos. A luta apresentada teatralmente é a saga do negro em busca de liberdade, fugidos das fazendas de cana de açúcar, constroem seus refúgios nas matas e são caçados e capturados pelos índios.

O presente trabalho tem como objetivo assinalar a contribuição das principais teorias sobre festa que compreende ritos, mitos e performance, destacando os nomes de Émile Durkheim, Victor Turner, Van Gennep, Mariza Peirano e Richard Schechener entre outros autores. Primeiro fazer uma descrição etnográfica do enredo para pontuar as diversas composições que o conceito Festa esta inserido, como a ideia de quebra de rotina, uma desordem consciente e a representação dos papéis ali apresentados, ou seja, toda a ação performática segue uma lógica social, perpassa além dos muros do teatro já que possui sentido e sua fundamentação é legitimada pelo momento festa.

O diálogo apresentado entre a teoria da performance e festa enaltece durante o evento dramas e as contradições sociais no sentido de se festejar a própria derrota (lambe sujos) embasada pelo contexto, mas tomam destaque pela euforia, pela efervescência coletiva, apontam para outra ótica, a da identidade, reluzem a memória coletiva

Laranjeirense na busca de solidificar através da patrimonialização e é pelos gestos, pelas músicas, pela roupa e demais símbolos que se observa a história social da cidade.

Palavras-Chave: Festa, Mito/ Rito, Teatro, Performance, Dramas Sociais.

Sessão 02 – Atensões Múltiplas sobre Patrimônios

KIT DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O COMBATE AO RACISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM BELO HORIZONTE

Aiano Bemfica Mineiro, Elisa Hipólito do Espírito Santo, Nathalie do Carmo Carvalho.

Estudiantes de antropología social en Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Minas Gerais, Brasil; aiano.bemfica@gmail.com; elisa_hipolito@hotmail.com; nathalie-carvalho@live.com

En 2003 fue promulgada la ley 10.630/03 que incluye, en carácter obligatorio, la enseñanza de Historia y Cultura Africana y Afro-brasilera en la educación básica nacional. Para el cumplimiento de dicha ley, la municipalidad de Belo Horizonte (MG) creó el *Kit de Literatura Afro-Brasileira*. Estudios de los impactos generados por la adopción de tal *Kit* por las escuelas son importantes para la mejor comprensión de las contingencias experimentadas por los estudiantes negros y para enfatizar la constante necesidad de actualización de las políticas públicas. Nuestros objetivos son discutir en qué medida las obras elegidas para componer ese material realizan lo previsto por la ley y si hay, efectivamente, una inclusión del debate sobre raza y rotura de prejuicios naturalizados; cuestionar los criterios de selección de los textos; interrogar si la escuela se encuentra preparada para ese trabajo sin reproducir racismos institucionales; cómo el joven negro puede romper con el sentimiento de exclusión para tornarse sujeto conecedor y admirador de su cultura e historia. Anhelamos un futuro fin de las privaciones y perjuicios sufridos por la población negra brasilera, principalmente los niños. Este proyecto se configura por medio de investigaciones y acciones de intervención cualitativas y cuantitativas. Fueron desarrolladas acciones efectivas como el análisis de libros inseridos en el *kit* y entrevistas con profesionales que con él trabajan. Sin embargo, planeamos nuevas acciones que se realizarán hasta la mitad del semestre, con la producción de ciclos de conversaciones, talleres de dibujo y fotografía, entrevistas a estudiantes negros e intervenciones institucionales.

Palabras clave: juventud, raza, educación, emponderamiento, literatura.

ACERVO DA ESCRITORA MARIA CAROLINA DE JESUS: MEMÓRIAS E ESCRITAS

Flávia Silvestre Oliveira - graduada em História e Mestre em Ciência da Informação pela UFMG

Maristela Martiniano - mestranda em Ciência da Informação pela UFMG

O arquivo da escritora Maria Carolina de Jesus foi recebido pelo Acervo dos Escritores Mineiros em 2014, ano do centenário de seu nascimento. O acervo foi doado pelo historiador paulista José Carlos Sebe Bom Meihy, um dos maiores conhecedores da literatura “caroliana” e, até então, responsável pela guarda de todo o material, que já se encontrava microfilmado. Sua obra mais conhecida, Quarto de Despejo, trata-se de um diário onde Carolina de Jesus narra a vivência de uma mulher negra, pobre, solteira em uma favela paulista. A preservação de seu arquivo no Acervo dos Escritores Mineiros é bastante representativo já que é então o único acervo de uma mulher com tais características. Diante da representatividade desse acervo para preservação de histórias e também da memória desse grupo marginalizado, o qual a escritora se inseria, é que objetivamos apresentar seu acervo, identificando o processo de acumulação e guarda nesse espaço, que não apresenta apenas como um lugar de memória, mas também de manutenção da cultura hegemônica.

RESCATE DE PETROGLIFOS EN SAN VICENTE Y LAS GRANADINAS. PATRIMONIO, AGENCIA Y MEMORIA EN UN TERRITORIO DE DISPUTA ENTRE LO GARÍFUNA Y LA SOCIEDAD COLONIAL

Mónica Berón. CONICET, Museo Etnográfico “Juan B. Ambrosetti”, Univesidad de Buenos Aires y Universidad del Centro de la provincia de Buenos Aires, INCUAPA-CONICET, FLACSO; monberon@retina.ar; monberon56@yahoo.com.ar

En el marco de un convenio de Cooperación Internacional entre la República Argentina y San Vicente y las Granadinas (Antillas Menores), correspondiente al Programa FO-AR del Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto de la República Argentina, denominado “Cooperación en la investigación y Preservación del Patrimonio

Arqueológico”, se rescató durante mayo y junio de 2014 un conjunto de petroglifos en un sitio patrimonial, denominado Yambou 1. Ello constituyó la última etapa de una serie de acciones destinadas a la recuperación del patrimonio cultural en riesgo de pérdida total, a raíz de la construcción de un aeropuerto internacional (Argyle Airport) en la isla de San Vicente. El organismo local que ampara estas acciones es el SVG National Trust. Dicho patrimonio pertenece a las antiguas poblaciones de las Antillas Menores, tanto los Black Caribs como los Garífuna, surgidos estos últimos de la etnogénesis con esclavos africanos de la Costa de Marfil.

Para el rescate de los bloques con imágenes grabadas se desarrolló una estrategia adaptada al caso y en la cual actuó un grupo de geólogos bajo la coordinación de la arqueóloga a cargo del proyecto, que firma este resumen. Como continuación de estas acciones se están desarrollando tareas museográficas, de investigación- acción y de conservación que aportan a la puesta en valor de este patrimonio.

En esta presentación se detallarán las etapas y estrategias del rescate y se discutirán los usos actuales de dichas manifestaciones, su valoración y puesta en uso público y participativo.

Palabras claves:, rescate de petroglifos, San Vicente y las Granadinas, cooperación internacional, garífunas.

DE DETENTORES DE SABER A SUJEITOS COLETIVOS AFROBRASILEIROS

Caio Csermak. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Orientação: Prof^a. Dr^a. Manuela Carneiro da Cunha; caio.csermak@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo discutir a ativação e/ou constituição de sujeitos coletivos afrobrasileiros em contextos de execução de políticas de patrimônio cultural imaterial, tendo como referências os casos do samba de roda do Recôncavo Baiano e dos congados de Minas Gerais e São Paulo. Deste modo, busco dialogar com a literatura antropológica que se debruça sobre processos de autoconstituição e ressurgimento étnico para pensar como sujeitos coletivos que compõem o universo de atores denominados como detentores de saber pelo IPHAN – como associações, grupos de cultura popular e comunidades tradicionais – têm se colocado em relação ao Estado e a academia em processos de canalização de demandas sociais, religiosas e étnicas para o campo das políticas culturais. Partindo da compreensão de que a cultura não se confunde com a etnicidade, mas que entra de modo essencial nesta, discuto como a etnicidade opera tal qual uma linguagem na medida em que traços diacríticos são capazes de criar contrastes e singularidades em processos de execução de políticas de registro, inventário e salvaguarda de bens imateriais afrobrasileiros. Por fim, elaboro uma compreensão teórica de tais processos que não se reduz a visão de que tais sujeitos

coletivos são criados pela ação do Estado ou de que apresentam uma reação utilitarista a este, mas sim de que o universo de execução de tais políticas pode ativar e reconfigurar sujeitos coletivos que mobilizam elementos territoriais e étnicos para a ação social, enfatizando tanto um passado como um destino comuns.

Palavras-chave: Samba de Roda; Congado; Autoconstituição étnica; Patrimônio cultural imaterial.

MARCAS CULTURAIS E IDENTIDADE ETNICORRACIAL REPRESENTADA NAS NARRATIVAS ORAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VOLTA GRANDE

Carlene Vieira Dourado, Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II, karlenedourado10@hotmail.com

O presente estudo, em fase de desenvolvimento tem como objetivo identificar as representações sociais, as marcas culturais e a identidade etnicorracial representada nas narrativas orais da Comunidade Quilombola de Volta Grande, município de Barro Alto-Ba. A coleta de dados ocorre através do registro das narrativas orais, observação participante e prática da história oral. No que tange a fundamentação teórica, estão sendo feitas revisões bibliográficas sobre o conceito de cultura, identidade, memória, comunidades quilombolas, raça e etnicidade. Para a complementação do arcabouço teórico, a pesquisa teve como base o estudo da literatura voltada para a oralidade, uma vez que o *corpus* deste trabalho está focado na valorização da memória e o método para a realização deste é a história oral e sua técnica da entrevista. Espera-se, assim, identificar, mapear e analisar as marcas culturais da comunidade, bem como contribuir para a visibilidade e valorização da memória quilombola.

Palavras-chave: Comunidade quilombola; Narrativas orais; Memória; Identidade étnico-racial.

MEMÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS NO ESTADO DO PARANÁ: AS PRÁTICAS DE VIDA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA PAIOL TELHA

Delton Aparecido Felipe

Discutir memórias afro-brasileira implica em entender que as práticas de vida da população negra estiveram em processo de conflito com o projeto nacional brasileiro no decorrer do século XX. Os territórios tradicionais além de assegurar a sobrevivência dos povos e comunidades quilombolas constituem a base para a produção e a reprodução do seu patrimônio cultural. Na Comunidade Quilombola Paiol de Telha no centro sul do estado do Paraná-Brasil, os saberes e as práticas são transmitidos de geração a geração e envolvem um acúmulo de conhecimentos sobre os modos de vida dos descendentes de homens e de mulheres escravizados. Em seus diversos núcleos, a Comunidade resguarda suas tradições, que consiste na necessidade de registrar a sua memória por meio de suas histórias, saberes e fazeres. Ao analisarmos as suas práticas percebemos que os processos de sociabilidade que organizam a identidade desse grupo têm ultrapassado as fronteiras espaciais no qual está inserido e vem sendo gradualmente construída mediante dos novos elos que a comunidade agrega. Concluímos que a memória é o fio condutor que nos leva a entender o território quilombola da “Comunidade Paiol de Telha” como Patrimônio cultural negro no Paraná.

Palavras-chave: Memórias afro-brasileira; Patrimônio cultural; Práticas de vida; Saberes e fazeres; Comunidade Paiol de Telha.

A LUTA PELO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NO POVOADO MESQUITA

Luana Luízy Rodrigues Santos. Tema de tese de Conclusão de Curso (TCC), para bacharel em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB), em 2º/2014; luanaluízy@gmail.com

Mesmo não sendo assumida devidamente pelo Estado, a situação precária dos territórios descendentes e quilombos e os diferentes sítios de matriz africana de resistência constituem uma das questões estruturais da sociedade brasileira. Os territórios quilombolas estão inseridos no bojo das comunidades tradicionais brasileiras e são grupos de grande relevância para a configuração da identidade nacional.

A quase 40 km de Brasília existe um quilombo, o Mesquita. A comunidade é formada por ex-escravos trazidos na época da mineração na antiga Santa Luzia, hoje Luziânia, em Goiás. É a comunidade quilombola mais próxima da capital. A proximidade dos poderes públicos locais e nacionais não garante necessariamente a efetivação das políticas para preservação dos modos de vida dos quilombolas, que sofrem na luta pela manutenção de suas tradições culturais e território, cada vez mais ameaçados pela expansão urbana que se iniciou com a construção da nova capital e que se intensifica com a especulação imobiliária que todo o Distrito Federal e Entorno enfrentam.

São os quilombolas responsáveis pela preservação de uma área de cerrado nativo

presente na área reivindicada para demarcação. Nesta área preservam a flora local, contribuindo, conseqüentemente, para a preservação da fauna, das águas da região e também de seus costumes e tradições.

Existe hoje uma exclusão das matrizes africanas como formadoras do Brasil, o que prejudica o fortalecimento da identidade nacional. O artigo enfoca a luta pelo fortalecimento da identidade quilombola no povoado Mesquita, com enfoque na história e tradições que ainda preservam e os principais desafios que enfrentam.

Palavras-chave: quilombo; resistência negra; ancestralidade; território; identidade.

A INTERNET E OS USOS DE VEGETAIS NA RELIGIÃO CANDOMBLÉ: TENSÕES E PRESERVAÇÕES PATRIMONIAIS

Clarice Moreira Portugal. Doutoranda de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia/Brasil; clariceportugal@gmail.com

Estelio Gomberg. Professor Adjunto II da Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia/Brasi, Pós-Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia/Brasil; estelio68@gmail.com

As transmissões dos saberes no Candomblé são estruturadas eminentemente na oralidade e nas vivências formais e informais e entre as ações estruturantes desta religião, registram-se os usos de vegetais como elementos de preservações religiosas e terapêuticas. Em tempos contemporâneos, estes espaços religiosos defrontam-se com diversos dilemas e desafios na sua manutenção, entre eles, a busca do equilíbrio entre a tensão da tradição e a modernidade. Como manter as tradições, valores do grupo e uma organização social que se estrutura na hierarquia religiosa, especialmente, no *awo* (segredo) dos saberes e das práticas e, conjuntamente, dialogar com a sociedade mais ampla em diversas instâncias sociais? Uma das formas deste diálogo são espaços virtuais referentes a vegetais desta religião e colocando em debate a relação entre a tensão apontada, ou seja, quais as informações que podem ser codificadas nesta linguagem visto que os conteúdos do Candomblé são eminentemente transmitidos oralmente e vivenciais; quais elementos e saberes tradicionais deste poderão estar acessíveis em um veículo público e a sujeitos diversificados? É interessante apreender as estratégias concebidas por estes veículos na disseminação destes saberes, diálogos com diversos espaços das cidades e interesses de ratificações do status patrimonial nas ações de fitoterapia nesta religião.

Sessão 03 Coleções e Preservações

ACERVO E MEMÓRIA AFROPERNAMBUCANA

Maria Elisabete Arruda de Assis. Diretora Museu da Abolição/Ibram/Minc / Doutora em Antropologia (UFPE) maria.elisabete@uol.com.br/flavel@uol.com.br

Este trabalho examina dois acervos musealizados, um do Centro Cultural São Paulo e outro do Museu do Estado de Pernambuco, os quais foram produzidos a partir da perseguição aos cultos de matriz africana ocorrida em Pernambuco, nordeste do Brasil, durante os anos 1930. Ambos os acervos fazem parte do mesmo período e contexto histórico, todavia, parte dele foi salvaguardado pela Missão Folclórica Mário de Andrade, que esteve em Pernambuco em 1938, e passou a fazer parte de um conjunto maior de objetos coletados pela Missão.

Esta análise compreende a formação deste acervo, sua forma de salvaguarda, e a inacessibilidade dos herdeiros destes terreiros que foram violados e tiveram seus objetos de culto apreendidos. O acervo sob a guarda do Centro Cultural São Paulo, em especial, em virtude da distância geográfica que o separa do povo de terreiro pernambucano, é exemplar para pensar ou repensar a forma de salvaguarda, que prioriza os objetos em detrimento da sociedade que lhes tem interesse e aproximação simbólica e afetiva. Obviamente que não se ignora, nem se despreza o valor da salvaguarda. A questão a ser considerada diz respeito à acessibilidade aos objetos salvaguardados, pela sociedade como um todo, e, em particular, às comunidades que foram vítimas de violência física e simbólica a partir da qual acervos e coleções foram formados. Isto se torna mais significativo quando esta violência foi praticada pelo próprio Estado Brasileiro.

Palavras chaves: patrimonio, museu, memória, cultura afrobrasileira, religião afrobrasileira.

ROUPAS DE AXÉ: A COLEÇÃO DE INDUMENTÁRIAS LITÚRGICAS DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Daisy Conceição Santos. Possui graduação em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (2009), Especialização em Arte e Patrimônio Cultural pela Faculdade São Bento da Bahia (2010) e Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós-Afro/ Universidade Federal da Bahia (2014). Atualmente é aluna do Doutorado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (ingresso turma 2015) e

funcionária do Instituto Brasileiro de Museus, trabalhando no Museu da Abolição. Tem experiência na área de Museologia, como profissional atuante na área, e como pesquisadora de cultura material afro-religiosa; daisy.santos@museus.gov.br; daisysantos1716@gmail.com

O presente trabalho é parte resultante da pesquisa de mestrado realizada em 2014, com o objetivo de analisar dezesseis peças do acervo de indumentária afro-religiosa do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO/UFBA). Buscou-se entender a indumentária afro-religiosa como partícipe de uma memória coletiva. A doação de peças relacionadas a orixás, voduns, e inquices – assim como vestes pertencentes a sacerdotisas de conhecimento notório no culto afro-religioso baiano – ao MAFRO/UFBA, feita por terreiros de Candomblé conhecidos enquanto “tradicional” na cidade de Salvador e na região do Recôncavo Baiano, foi analisada e entendida como resultado de um diálogo estabelecido entre a instituição museal com a comunidade de terreiro (como assim são conhecidos os adeptos do candomblé). No entanto, as peças doadas demonstram além do apoio da comunidade afro-religiosa à instituição (valorizando a memória material dessas comunidades), também demonstra o discurso de valorização e preservação da instituição MAFRO/UFBA no seu período de idealização e inauguração (em 1982) que, não por acaso, coincide com as datas de doação do acervo de indumentárias analisado.

Deste modo, a pesquisa demonstra que o discurso preservacionista ocorre a partir das indumentárias afro-religiosas (roupas de axé) em duas vidas, comunidade e museu. Trata-se de um acervo que já adentra a instituição museal, não no sentido de fetiche e/ou folclore como algumas coleções anteriores relacionadas à questão; as indumentárias saem dos terreiros em direção ao MAFRO/UFBA já com a necessidade e intuito de preservação e valorização, entendendo-as assim como agente do patrimônio cultural afro-religioso.

Palavras-chave: Museu Afro-Brasileiro, memória, indumentária, candomblé, patrimônio.

“SALVAGUARDAR O QUE NOS MESTRES SEMPRE SALVAGUARDAMOS”: AS POLÍTICAS PÚBLICAS NA GINGA DA CAPOEIRA

Geslline Giovana Braga

Doutoranda USP –
Universidade de São Paulo

A Capoeira recebeu o duplo de registo como manifestação e saber, tornando patrimônio cultural imaterial do Brasil a Roda de Capoeira e o Ofício de Mestres, registrados em

2008, num processo que iniciou-se 2004. Desde então, os “rituais de patrimonialização” deste bem afro-brasileiro, apresentam “dramas” que traduzem as tensões entre as dinâmicas das manifestações culturais - caracterizadas por sua iminência - e as políticas públicas culturais de patrimônio, com a finalidade de eximência. O presente artigo pretende compreender o conceito de patrimônio dos capoeiristas e como este impõem ao estado - tanto no processo de registro quanto na execução da salvaguarda - a flexibilização das políticas das políticas públicas, que pode ser compreendida de forma análoga a ginga, movimento característico da prática, que garante graça ao jogo/arte/luta, a torna multidimensional e transforma o golpe em esquiwa.

Palavras-chave: Capoeira, Patrimônio Imaterial, Cultura Afro-brasileira, Registro e Salvaguarda

A REDUÇÃO DE SENTIDO E OS PROCESSOS DE OBJETIFICAÇÃO DE INSTITUIÇÕES CULTURAIS NO ECÚMENO ATLÂNTICO (BRASIL, CABO VERDE E GUINÉ-BISSAU)

Wilson Trajano Filho

Universidade de Brasília

A patrimonialização dos bens culturais implica um processo de escolha, seleção e redução do significado a eles atribuído. O Estado e suas instituições são atores centrais nesse desenrolar. Dada a sua lógica operacional, que trabalha no sentido de produzir definições de natureza normativa, suas escolhas podem parecer arbitrárias e alienantes. Por envolver seleção (dos significados dados aos artefatos, de uma versão dentre tantas outras da história ou memória do grupo), a patrimonialização opera no sentido de reconfigurar as tradições e é parte da dinâmica da cultura política das sociedades nacionais. Assim, mais do que alienação ou seleção arbitrária, a objetificação dos bens culturais é uma evidência de sua apropriação por parte dos atores sociais envolvidos no debate da política cultural de um modo tão transformado que raramente se mantêm os sentidos “originais” dados pelas comunidades ao bem cultural no decorrer do processo de patrimonialização.

Pelo exame dos processos de pré-patrimonialização (que atecedem as candidaturas formais e institucionais aos diplomas de patrimônio cultural) de um bem cultural da Guiné-Bissau (as *manjuandadis*), de Cabo Verde (as *tabancas*) e da patrimonialização do samba de roda do recôncavo baiano, pretendo mostrar o processo de redução semântica que transforma essas instituições totais de solidariedade, reciprocidade e convivialidade em ícones das culturas nacionais e em gêneros musicais.

COLEÇÃO ETNOGRÁFICA AFRO-RELIGIOSA DA UFPA: A MEMÓRIA DO POVO DE SANTO

Alessandro Ricardo Pinto Campos – doutorando pelo Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará; ricardocamps@yahoo.com.br

O acervo da Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo - LAANF/UFPA - é uma imensa coleção formada por objetos que foram coletados durante pesquisas realizadas por antropólogos desta instituição, a partir da década de 1960. A formação deste acervo se confunde com a formação da própria Antropologia na Universidade Federal do Pará. A coleção etnográfica População Urbana/Cultos Afro-Brasileiros, que faz parte deste acervo, possui 629 peças coletadas pelos pesquisadores Arthur Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino Silva em diversos terreiros de Tambor de Mina, em Belém, que inauguram os estudos acerca da religiosidade afro-brasileira pela antropologia no estado do Pará. Durante décadas depositadas na referida reserva e com acesso restrito, os tambores, guias, imagens e indumentárias, peças de incalculável valor simbólico e cultural, contam a história do povo de santo da cidade. Somam a esse acervo uma vasta coleção de fotografias da época, de pesquisas de campo, rituais, casas de santo, pais, mães e filhos de santo. “Nossa memória está guardada aí”, disse certa vez, uma famosa mãe de santo, se referindo às peças do acervo e às pesquisas feitas por Arthur Napoleão e Anaíza Vergolino, muito queridos e respeitados. Este artigo trata das pesquisas, coleta e formação desta coleção, bem como das inquietações e a dificuldades em tornar público o acesso a tais peças.

Palavras-chave: Reserva Técnica da UFPA, Cultura Material, Religiosidade Afro-brasileira, Tambor de Mina, Patrimonialização.

DAS SENZALAS AOS MUSEUS: MEMÓRIA E PATRIMONIALIZAÇÃO DA ARTE AFRO-BRASILEIRA

Hélio Santos Menezes Neto. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP); mestrado; heliosmenezes@gmail.com

Este trabalho versa sobre o tema inconstante da categoria *afro-brasileira*, simultaneamente aplicada a populações e obras de arte, e atrelada à constituição e processos de diferenciação das identidades negras no Brasil. Nosso objetivo é refletir de que modo se desenvolve(u) a patrimonialização da arte afro-brasileira, apontando para as contradições de sua capacidade classificatória no interior de uma sociedade pluriétnica como a nossa e para os circuitos de sua produção, recepção e transmissão.

Destarte, tomaremos o Museu Afro-Brasil (MAB-SP), a partir das exposições que o antecederam e lhe deram corpo (e.g. *A Mão Afro-brasileira*, 1998; *Vozes da Diáspora*, 1993; *Negro de corpo e alma*, 2000, entre outras), como espaço privilegiado de análise etnográfica.

Seu enfoque se realiza em duas dimensões complementares: dos caminhos dessa arte, tomada por diferentes objetivos políticos como discurso de fronteira estético-identitária, e de como o MAB, na medida em que se propõe um espaço de memória para (segundo sua própria descrição) “registrar, preservar e argumentar *a partir do olhar e da experiência do negro* a formação da identidade brasileira”, encaminha para uma reflexão necessária sobre mestiçagem e racismo, questionando a já surrada perspectiva de sujeição/assimilação/aculturamento dos afrodescendentes às estruturas socioculturais dominantes, para pôr em relevo sua capacidade de agenciamento e criatividade como colonizadores ativos, ainda que silencioso(-ado)s, do país da “democracia racial”. Subjaz ao entendimento geral do estudo a existência de uma relação incerta, porém constante, entre os domínios da especificidade desse campo artístico e as contingências da taxinomia racial engendrada na sociabilidade brasileira.

Palavras-chave: arte afro-brasileira; museu afro-brasil; raça; identidade nacional.

TOMBAR O AXÉ: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA PATRIMONIALIZAÇÃO DOS BENS CULTURAIS RELIGIOSOS DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

Bruno Barbosa Heim. Professor de direito da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Especialista em Direito Público; brunoheimadv@gmail.com

Thiago de Azevedo Pinheiro Hoshino. Mestre em Direito do Estado pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do INCT Observatório das Metrôpoles. Membro do Fórum Paranaense das Religiões de Matriz Africana e do Instituto Brasileiro de História do Direito. Professor da disciplina de “Patrimônio Histórico-Cultural” na Especialização em Direito à Cidade e Gestão Urbana (Universidade Positivo/AMBIENS Cooperativa); hoshino.thiago@gmail.com

Do tombamento da Casa Branca do Engenho Velho (um dos templos-matrizes dos cultos afro-brasileiros na cidade de Salvador), em 1986, ao registro do Ofício das Baianas de Acarajé (alimento votivo dedicado a Iansã, divindade de origem nagô-iroubá) como patrimônio nacional, em 2004, urge avaliar criticamente as experiências de patrimonialização levadas a cabo até o momento. Nesta perspectiva, a interpretação sobre as disputas que emergem na eleição e gestão dos bens culturais das religiões de matriz africana, seja com outros grupos sociais, seja com o próprio Estado, tem de considerar o contexto contemporâneo de acirramento das tensões inter-religiosas e dos conflitos sócio-territoriais, nacionalmente. Sob este enfoque espacial, que articula a

dinâmica da materialidade e da imaterialidade, destacam-se três tipologias conflituais que desafiam os instrumentos e regimes de proteção existentes: a) a regularização fundiária dos terreiros e a garantia de privacidade de suas práticas, em face da pressão avassaladora da urbanização no entorno imediato; b) as sanções oficiais como oficiosas sofridas pelo uso ritual (conjugado, por vezes, a usos comerciais, como no caso das baianas vendedoras de acarajé) do espaço urbano, sobretudo dos logradouros públicos, como ruas, encruzilhadas, cemitérios e praças; c) os obstáculos ao acesso a locais de culto de natureza sagrada, como matas, praias, rios e cachoeiras, amiúde propriedade privada. Esse conjunto de ‘lugares de axé’ compõe uma intrincada trama urbano-rural, em si mesma um relevante bem cultural. Em certa medida, o diálogo e o sincretismo cognitivo entre as concepções institucionais sobre o ‘tombar’ ou ‘inventariar’ o patrimônio e as categorias comunitárias-nativas de ‘plantar’ ou ‘levantar’ o axé podem oferecer interessantes contribuições para repensar as formas de proteção de tradições que, embora plantadas, circulam e se ramificam incessantemente.

Palavras-chave: patrimônio cultural; diáspora negra; religiões de matriz africana; conflitos territoriais; lugares de axé.

MEMORIAL DE TERREIRO DE CANDOMBLÉ NA CIDADE DE ILHÉUS, BAHIA: MEMÓRIAS E PRESERVAÇÕES

Ana Cristina Mandarin. Professora Adjunta I. Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia

Matheus Santos Lobo. Bacharelado em Geografia Bacharelado Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia. bolsista de Iniciação Científica/FAPESB

Memoriais de Terreiros de Candomblé foram organizados a partir dos anos 90 como um instrumento efetivo para a preservação da memória afro brasileira religiosa agregando a políticas de tombamento a estes espaços religiosos, efetuadas pelo poder público na década anterior.

Os Terreiros de Candomblé possuem uma tradição baseada na oralidade, onde os valores são repassados nas tarefas cotidianas e no aprendizado ritual. No entanto, esta memória, que durante muito tempo foi o alicerce que possibilitou a transmissão de práticas e de saberes, se viu fragmentada pelas mortes de mais velhos, pelos tabus da iniciação e pela perda dela própria.

Assim, em uma atitude pioneira, surge na década de 90 no Rio de Janeiro, o primeiro Memorial erguido neste espaço religioso com o objetivo de preservar a memória da Casa e seguida por Terreiros no Estado da Bahia.

Diante do exposto, o estudo apreende a criação do Memorial Inzo Mutemba, instalado no Terreiro Matamba Tombeci Neto, fundado em 1885, na Cidade de Ilhéus, Estado da

Bahia, identificando os motivos de seu funcionamento, analisando os conteúdos presentes de homenagens e nas repercussões sociais deste espaço museal sacro afro-brasileiro na região.

Palavras- Chaves: Candomblé, Memorial, Terreiro Tombeci Neto, memória, preservação patrimonial

COLEÇÃO PERSEVERANÇA – UM DOCUMENTO SILENCIOSO DOS XANGÔS DE MACEIÓ (ALAGOAS), BRASIL

Larissa Fontes(PPGA-UFBA); *fontesla@gmail.com*

O objeto desta pesquisa, ainda em andamento, é a Coleção Perseverança, uma reunião de objetos roubados dos terreiros de xangô, no episódio de repressão político-religiosa intitulado *Quebra de Xangô*. Este episódio ocorreu no ano de 1912, em Maceió e adjacências e talvez tenha sido o mais brutal episódio de repressão a cultos de matriz africana no Brasil. A Coleção está sob tutela do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), um museu silencioso. Não conta a história das peças, não conta sua origem. Não as analisa e nada argumenta. Reifica a violência sofrida. O estado das peças é deplorável. Uma das peculiaridades dessa Coleção é que sua exposição museológica não resultou de uma pesquisa etnográfica e as informações que referenciam suas peças são duvidosas quanto a seus empregos rituais e mesmo quanto à identificação primária. A análise das peças, depois de devidamente identificadas e referenciadas, permitirá a criação de hipóteses de como eram as práticas dos xangôs alagoanos à época da repressão, no século passado, com destaque para um possível grande intercâmbio entre Alagoas, Bahia e África. O objetivo desta pesquisa é prover informações que irão além da descrição formal do objeto como matéria-prima, mas também seus usos e significados, a importância e simbologia para o grupo de origem. Isso se dará a partir de entrevistas com religiosos, pesquisadores e mantenedores do acervo, bem como análises comparativas com outras coleções etnográficas afro-brasileiras. Assim, será possível dar à Coleção um real estatuto de Coleção Etnográfica, o que ela hoje não tem.

Palavras-chave: *Xangôs; Museu; Coleção Etnográfica; Afro-brasileira; Alagoas.*

A COLEÇÃO PERSEVERANÇA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS: VESTÍGIOS DA VIOLÊNCIA CONTRA OS TERREIROS DE MACEIÓ (ALAGOAS, BRASIL), EM 1912

Ulisses Neves Rafael. Professor Associado III da Universidade Federal de Sergipe. Doutorado em Sociologia e Antropologia (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro). Pós-doutorado (Centro de Estudos Sociais/Coimbra/Portugal); ulisses38@hotmail.com

Na primeira década do século passado, no Estado de Alagoas, Brasil, período que ficou conhecido como “Era dos Malta”, devido à longa permanência do então governador Euclides Vieira Malta no poder, as casas de culto afro-religioso foram vítimas de um dos episódios mais violentos de que se tem notícias na literatura brasileira sobre o assunto e que implicou na destruição dos principais terreiros da capital Maceió e arredores, além de forçar a dispersão das principais lideranças religiosas do local.

Aqueles que permaneceram no local, foram forçadas a manter suas práticas religiosas de forma discreta e silenciosa, modalidade que trinta anos depois seria registrada pelo pesquisador pernambucano, Gonçalves Fernandes, como “xangô rezado baixo”.

Algumas poucas peças sobreviveram à devassa aos terreiros, realizada por membros da Liga dos Republicanos Combatentes e que hoje compõem a Coleção Perseverança do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, a partir da qual é possível, não apenas indagar acerca do sentido da preservação e conservação de tais objetos, como também, refletir sobre a reconstituição da memória do período em que essas casas supostamente gozaram da proteção do Governador do Estado.

Palavras chave: Religião afro-brasileira; Perseguição religiosa; Coleção Perseverança.

GT 12. MULTIPLICIDADES, DIVERSIDADES E IDENTIDADES EN SALUD. DIVERGENCIAS Y CRUCES EN PROCESOS DE TRANSFORMACIÓN

Coordenadores:

Dra. Mónica de Martino. Universidad de la República - Facultad de Ciencias Sociales; monicad@fcs.edu.uy

Dr. Marcos Cezar de Freitas. Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, LEVI - Laboratório de

Ensino e Vulnerabilidades Infantis.

Mag. Virginia Rial. Programa Antropologia y Salud- FHCE; vrial@adinet.com.uy

“A MINHA MÃE NÃO QUER”: DESAFIOS PARA A DISSEMINAÇÃO DO PROJETO DE “HUMANIZAÇÃO” DO PARTO E DO NASCIMENTO ENTRE MULHERES DE CAMADAS POPULARES NO RIO DE JANEIRO

Olivia Nogueira Hirsch. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
(professora); olivianh@gmail.com

A proposta de parto “humanizado” tem ganhado terreno nas últimas décadas no Brasil, procurando atribuir um novo significado e uma nova representação ao parto e ao nascimento. De acordo com seus divulgadores, a proposta surge em resposta às práticas médicas altamente tecnológicas e institucionalizadas que predominam nas sociedades ocidentais, onde as parturientes geralmente são excluídas do processo de tomada de decisões relativas a seus corpos. O projeto se disseminou inicialmente entre mulheres de camadas médias, mas, nos últimos anos, através de sua incorporação ao sistema público de saúde, tem atingido um novo público, qual seja: jovens de camadas populares, que muitas vezes têm dificuldades em assimilar a proposta, principalmente no que se refere à redução das intervenções de rotina – um de seus pilares. Nessa comunicação, que resulta de uma tese de Doutorado concluída em 2014, pretende-se apresentar os resultados de uma pesquisa de campo realizada em uma casa de parto pública na cidade do Rio de Janeiro, durante a qual foram entrevistadas 24 mulheres. No estudo foi possível observar o esforço feito pelas enfermeiras obstetras na disseminação da proposta e na ressignificação do chamado parto “natural”, com o intuito de reduzir a resistência das mulheres e de suas famílias à desmedicalização. Com efeito, constatou-se que, no contexto das camadas populares, as escolhas referentes ao parto são em geral tomadas coletivamente, o que impõe novos desafios à disseminação em larga escala desse projeto, como tem fomentado o Ministério da Saúde.

Palavras chaves: humanização, parto, camadas populares, sistema público de saúde, Brasil

NEGOCIANDO LO SOCIAL. UNA APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA A LOS SENTIDOS Y REPRESENTACIONES DE LA REHABILITACIÓN PSICOSOCIAL

Fernanda Gandolfi. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República Montevideo, Uruguay; fer.gandolfi@hotmail.com

Esta presentación surge de una investigación etnográfica comenzada en el año 2014 enmarcada en la tesina de grado. El trabajo busca analizar los sentidos y representaciones que giran en torno a la rehabilitación psicosocial de las personas con padecimientos mentales. Para ello, el universo fue conformado por los distintos actores que componen el Centro Nacional de Rehabilitación Psíquica “Doctor Alberto Martínez Visca”. La rehabilitación entendida como el proceso que atraviesan los llamados “usuarios” al intentar desarrollar mecanismos para adquirir autonomía, una mejor calidad de vida y bienestar emocional, y que a su vez, los incluyan en la sociedad. Se conoció el proceso como una instancia de transformación que atraviesan las personas con una enfermedad mental, que las exponen a pensarse a sí mismas “desde otro lugar” distinto al que caracteriza sus trayectorias.

Se analizaron las vivencias y auto-percepciones de las personas bajo rehabilitación. Conocer sus trayectorias en torno al padecimiento mental fue necesario para entender sus relatos. También se observó el trabajo realizado por los técnicos en tanto agentes institucionales que guían el proceso. Y sobre todo se intentó poner en relación la mirada de los técnicos con respecto a la de los usuarios. Se observaron las sensaciones y los valores que sustentan sus prácticas en ambos casos.

Palabras clave: rehabilitación - padecimiento mental - inclusión – trayectorias – autonomía.

EL PROCESO DE SALUD – ENFERMEDAD- ATENCIÓN Y CUIDADO COMO CONSTRUCCIÓN SOCIAL

Leticia Grippo, Selva Sena, Victoria Vidal. Universidad Nacional de Quilmes (UNQ) - Programa de Investigación: Problemáticas del cuidado. Metamorfosis socioculturales y producción de subjetividades en los espacios sociales contemporáneos. Departamento de Ciencias Sociales; leticiagrippo@gmail.com; selva_sena@yahoo.com.ar; victoriaavidal@yahoo.com.ar

En el campo de la salud, como en cualquier campo desde la perspectiva de Bordieu (1966), se ponen en juego intereses y objetivos contrapuestos que generan diversas concepciones, visiones y representaciones que tienden a validarlos. Nos proponemos en este trabajo reflexionar sobre las formas de construcción que permiten dar cuenta de estos distintos posicionamientos sobre el proceso de salud – enfermedad- atención- cuidado de los actores involucrados.

Entendemos este proceso como una construcción social y nos proponemos, en la misma

línea de Ana María Fernández (2007:27) “pensar desde una noción de subjetividad que implique la indagación de los procesos de producción más que de sustancias, esencias, o invariantes universales.”

El campo sanitario por medio de lo académico, el sentido común, las instituciones de salud, entre otros, es productor del concepto de salud - enfermedad, al mismo tiempo que cada persona según el contexto se constituye como una singularidad de una subjetividad instituida. Tomamos a los *procesos de institucionalización* como el interjuego permanente de fuerzas entre lo instituido y lo instituyente que nos hacen pensar en la dimensión grupal e institucional, sin perder de vista la incidencia de factores socioeconómicos, históricos y políticos (Bleichmar, 2006).

Considerar la dimensión histórica y política implica recuperar la noción de participación social en salud (Menéndez, 2002, 2006), reconocida formalmente en la Conferencia de Alma Ata de 1978 y nos lleva a preguntarnos sobre las maneras de participación que promueve / obstaculiza el campo y las modalidades de participación que efectivizan los distintos actores.

Palabras clave: salud, enfermedad, construcción, transformación, atención, participación

ENFERMAGEM E RELIGIÃO: ABORDAGEM EM SAÚDE NAS COMUNIDADES DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Fioravanti, Sandra Ceschin. Aluna Especial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Graduanda em Educação Permanente em Saúde no Programa de Pós Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Graduada em Enfermagem no Centro Universitário da Grande Dourados-UNIGRAN; fioravanti_sandra@hotmail.com

O presente artigo busca gerar uma reflexão junto aos profissionais de enfermagem sobre o fenômeno popular religioso como apoio terapêutico para os problemas relacionados à saúde. As comunidades religiosas de cultura Afro-brasileiras possuem um conjunto de conhecimento e um modelo de atenção estruturados em valores tradicionais, os quais contribuem de forma relevante para a compreensão do fenômeno religioso relacionado à saúde. Neste momento em que o modelo biomédico se mostra incapaz de atender de forma integral a complexidade do ser humano, as comunidades de religião afro-brasileira possibilitam uma abordagem que permite através do seu sistema de crença, múltiplas escolhas para uma atenção em saúde. Realizou um levantamento bibliográfico com metodologia de pesquisa exploratória. A discussão se aproxima dos elementos que permitem a transferência de conhecimentos da cultura afro-brasileira no sentido de complementariedade ao modelo oficial de saúde, e as práticas de saúde propostas pelo Sistema Único de Saúde/SUS. Considerou a importância dos limites e possibilidades do cuidado cultural realizado pela enfermagem, através da contribuição da antropologia, no sentido de permitir possíveis interpretações para o processo saúde/doença e a construção

de novas práticas de saúde. Tal compreensão se torna fundamental para a formação e a atuação da enfermagem no trabalho em saúde coletiva, ao qual a visão de mundo nas comunidades de matriz afro-brasileira extrapola os valores do sistema oficial de saúde, ampliando o espaço das possibilidades de cuidado, transformando a atenção em saúde em uma ato de cidadania e de inclusão social.

Palavras chaves: Afro-brasileira, saúde-doença, cuidado cultural, pluralismo terapêutico, enfermagem.

DEBATES SOBRE EL CUERPO, LA ANORMALIDAD Y LA ENFERMEDAD, EXPLORACIONES ENTRE LOS ESTUDIANTES DE LA FACULTAD DE MEDICINA DE LA UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA

Mg. Natalia Botero Jaramillo (UdeA) Docente e investigadora, Facultad de Medicina, UdeA.

Jairo Camilo Guevara (UdeA) Estudiante décimo semestre Medicina, Facultad de Medicina, UdeA; nboterj@gmail.com, jcguevaraf@gmail.com

La presente ponencia busca explorar las significaciones de los conceptos de cuerpo, de anormalidad y de enfermedad entre los estudiantes de la Facultad de Medicina de la Universidad de Antioquia, analizando las tensiones y las confluencias entre los mismos. En la formación en medicina y en instrumentación quirúrgica, se imparten una serie de conocimientos centrados en un cuerpo en principio biológico, que el estudiante va aprendiendo y reconociendo en su trayectoria académica y su experiencia clínica, como un cuerpo que además es social y cultural. En este espacio, el estudiante se ve abocado a una práctica centrada la enfermedad y en la identificación de condiciones específicas (embarazo, niñez, etc), para las cuales debe dar respuestas concretas, rápidas y efectivas, basado en la fundamentación biomédica, los libros manual y las guías, que establecen mediante rangos, promedios y una serie de algoritmos las condiciones y los límites entre la salud y en la enfermedad. Sin embargo, pocas veces se abre un espacio de discusión y de análisis que indague por lo qué significa el cuerpo, la anormalidad y la enfermedad, y las implicaciones de los mismos en la construcción epistemológica de la medicina. En este sentido, este trabajo investiga estas concepciones en los estudiantes, mediante metodologías cualitativas como el grupo de discusión, entrevistas semiestructuradas, y la etnografía en el marco del curso “Cuerpo, anormalidad y diferencia” de la Facultad de Medicina.

AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE INDÍGENA NO BRASIL: DO ENFRENTAMENTO AOS DIAS ATUAIS

Antônio Alves de Souza. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB). Secretário Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde (SESAI/MS); antonio.souza@saude.gov.br

Bianca Coelho Moura. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB). Gestora de Projetos da Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde (SESAI/MS); bianca.moura@saude.gov.br

Edson Oliveira Pereira. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB); edsondirec@gmail.com

O presente trabalho objetiva avaliar e discutir de forma estrutural a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), levando em consideração os primeiros relatos de enfrentamento que levaram as primeiras ações no campo da saúde indígena no Brasil. Com base nesses preceitos históricos, ao descrever a trajetória de saúde dos povos indígenas, buscou-se identificar seus sujeitos e traçar perspectivas futuras no campo da saúde pública indígena brasileira. Os processos de colonização e enfrentamento dos povos indígenas levaram ao desaparecimento de muitos povos, porém ainda existe em ascensão um grande número diverso de povos indígenas e seus indivíduos representam 2% da população brasileira e em alguns municípios se constitui maioria. A lacuna causada pela assistência à saúde esporádica e emergencial ao longo do tempo e a negligência referente às questões de saúde dessa população geraram problemas de saúde que imperam até os dias atuais. A PNASPI visa então à concretização do Sistema Único de Saúde à população indígena no Brasil, fazendo com que uma saúde integral, universal e equânime seja viável a uma população historicamente massacrada pelos interesses econômicos ligados a terras e à exploração de recursos naturais. Contudo, espera-se apresentar subsídios para compreensão da política, além de promover uma reflexão teórica a respeito da evolução da assistência através das diversas políticas e ações públicas de saúde aos povos indígenas até o século XXI.

Palavras chave: Saúde de Populações Indígenas; Políticas Públicas de Saúde; Gestão em Saúde; Ações Públicas de Saúde.

FAMILIA Y CRIANZA EN SECTORES POPULARES URBANOS: ¿CUÁL ES EL LUGAR DEL PADRE?

Eloisa Rodriguez Lussich

Esta investigación propone producir conocimiento original sobre causales de vulnerabilidades dentro de familias de sectores pobres urbanos, focalizando en las consecuencias que trae la ausencia de la figura del padre. El tema familia es el núcleo duro de la Antropología, por tanto hace falta en nuestro país una investigación de esta envergadura que sirva como insumo para políticas sociales para prevenir y mejorar esta problemática. Desde el Programa Antropología y Salud del departamento de Antropología Social de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, se han realizado varias investigaciones donde se ha comprobado el debilitamiento de los vínculos en dichas familias causando gran impacto en la reproducción de la pobreza. Este fenómeno se vincula no sólo con determinantes económicas, sino con problemáticas familiares, con la proporción de embarazos adolescentes, con la existencia de vínculos violentos, con efectos de lugar o efectos de arrastre de entornos urbanos carenciados, hechos que provocan riesgos de tipo cultural. No es sólo la mujer con sus hijos que necesita apoyo sociocultural sino que también es fundamental que el padre y/o cónyuge esté dentro de los programas sociales, estimulando y reforzando su rol en la familia y corrigiendo a la vez sus expectativas con respecto a la distribución del poder y la división en el hogar. Se pondrá énfasis en hogares monoparentales femeninos, así como hogares con hijos con rotación de figuras masculinas.

CORPO, GENÉTICA E IDENTIDADE: NOTAS PARA PENSAR A RACIALIZAÇÃO DA SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE

Tatiane Muniz

Evidencia-se a partir do Projeto Genoma e das possibilidades de escrutínio do corpo, daí decorrentes, um conjunto de esforços de pesquisa no campo médico, com vistas a provar a determinação racial de certas doenças. Estudos epidemiológicos apontam para a prevalência de certos problemas de saúde em determinados grupos populacionais, racialmente classificados, tendo em vista a situação de vulnerabilidade sócio-econômica à qual este grupo populacional está, historicamente, submetido. Entretanto, na medida em que se buscam, em âmbito molecular, elementos para a afirmação de diferenças biológicas que os colocariam em situação de propensão ao desenvolvimento e agravamento de certas patologias, um discurso essencializante acerca da raça pode emergir, levando a conclusões e construções sociais equivocadas sobre esta categoria. Entretanto, persiste o uso de nomenclaturas raciais para a classificação de doenças, corroborando para um discurso diferencialista, do ponto de vista biológico, que remete ao discurso evolucionista do século XIX, amparado, agora, pela biotecnologia. Neste cenário, reacende-se o debate entre os mais distintos campos do conhecimento, no sentido de afirmar e negar a existência da raça enquanto uma realidade empírica e sobre a importância e riscos de sua utilização, seja no âmbito das ciências da vida ou no cotidiano das relações sociais. Em um contexto marcado pelo multiculturalismo, no qual os sujeitos são chamados a afirmar suas identidades, em mobilizações coletivas, a

problematização de tais questões aparece como um imperativo irrefutável, tendo em vista que “raça” tem sido, historicamente, no Brasil, uma categoria estruturante das relações sociais, recorrentemente, acionada para definições identitárias, como parâmetro de participação democrática e plural, bem como para a elaboração de políticas públicas. O presente trabalho consiste na discussão da forma com as categorias raça e saúde tem sido relacionadas no contexto brasileiro, demonstrando as diversas disputas políticas e ideológicas e econômicas em torno da sua utilização, desde o século XIX, momento em que começa a se esboçar um campo de Antropologia no país, cuja agenda estava centrada nas relações raciais, até o recente debate acerca da raça, ensejado pelo novo paradigma da genética, quando ocorrem novos processos de subjetivação relacionado as identidades.

ETNOGRAFIA DEL HOSPITAL PASTEUR- MONTEVIDEO

Lic. Gabriel Mega- Programa de Antropologia y Salud. FHCE- UDELAR

El presente trabajo etnográfico se realizó en una sala de internacion de un hospital público, el hospital Pasteur. Desde una mirada antropológica se pretende aportar conocimiento sobre las transformaciones y las representaciones sociales que los diversos agentes de la salud tienen como procesos de subjetivaciones tanto a nivel del discurso, como de las practicas sociales, del uso del espacio y del lenguaje que utilizan dentro de dicha institución sanitaria.

Para poder analizar cómo se construyen y transforman estos procesos de subjetivaciones individuales, los internados y sus familiares elaboran diferentes estrategias creativas y de resistencias frente al orden y al poder de la medicina institucionalizado, buscando poder permanecer y completar el proceso de internacion que le es impuesto, de tal manera de que puedan mantener un sentido social de pertenencia que le permita consolidar su estado personal de integración social y colectivo.

Ante esto, se plantea que en dicha sala de internacion estudiada existe una red de solidaridad colectiva que se construye y enriquece diariamente, la cual "ayuda" a potenciar y a contener esa capacidad de creación de estrategias por parte de los internados que allí se relacionan.

KARU GUASU: ENTRE ENCUENTROS Y DESENCUENTROS, LOS AVAGUARANÍ Y SU REPRESENTACIÓN Y PRÁCTICA DEL ALCOHOL DE LOS “KARAI”

Fabrizio Martínez Dibarboue. Profesor de Filosofía (IPA), licenciado en Enfermería

(UdelaR), magíster en Ciencias Humanas, opción Antropología de la Cuenca del Plata (UdelaR) y doctorando en Humanidades, opción Antropología (UdelaR). Se desempeña como profesor de Filosofía en Educación Secundaria, como licenciado en Enfermería en el Hospital Vilardebó y como docente de Epistemología del Centro de Posgrado de la Facultad de Enfermería (UdelaR).

La disertación resumida es un trabajo de *investigación etnográfica* en el campo de la *salud*. La misma tiene como objetivo determinar las representaciones y las prácticas que los *Ava-Guaraní*, del Chaco Boliviano, tienen con respecto al alcohol introducido por los “*Karai*”. Para eso partimos del *modo de ser* guaraní, “conociendo” el uso y el consumo actual de bebidas fermentadas tradicionales (*chicha*) que tiene éste grupo étnico. Por otro lado “reconocimos” el uso y el consumo problemático de *alcohol* y la repercusión, de éste problema, en comunidades Ava-Guaraní cordilleranas, abordándolo desde la prevalencia y las representaciones de los comunarios. Por último, desde la zona *ava* en la cual nos ubicamos, confrontamos ambos “conocimientos” desde las prácticas de los Ava-Guaraní.

Palabras claves: Antropología de la Salud, Ava-Guaraní, Karai, Chicha, Alcohol.

GT 13. MUSEOS, OBJETOS E IMÁGENES DE OTROS Y DE SÍ: ARTE, POLÍTICA Y ANTROPOLOGÍA

Coordinadores:

Dra. Barbara M. Arisi (UNILA - Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Brasil) barbara.arisi@unila.edu.br

Dra. Marian Moya (IDAES - Universidad Nacional de San Martín, Argentina) mmoyaac@gmail.com

Dda. Helena M. Schiel (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil) - helenaschiel@gmail.com

Comentaristas: Dr. Marcos Lanna (UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, Brasil) Bia Lessa - artista, escenógrafa

Sesión 1:

EL ROL DE LOS MUSEOS Y SOCIEDADES CIENTÍFICAS EN LA REPRESENTACIÓN DEL "OTRO INDÍGENA". INSTITUCIONALIZACIÓN DE LAS CIÊNCIAS DEL HOMBRE EN CHILE (1880 - 1954)

Héctor Mora Nawrath. Departamento de Antropología, Universidad Católica de Temuco; hectmora@uct.cl

Este trabajo analiza la constitución del campo científico de las denominadas ciencias del hombre o ciencias antropológicas entre 1880 y 1954 –fecha de fundación del Centro de Investigaciones Antropológicas de la Universidad de Chile. En dicho periodo prima a nivel nacional –lo que es común para América Latina- una concepción de ciencia integral y unificada de raigambre Europea, lo que genera un espacio amplio para el desenvolvimiento de intelectuales, quienes encarnan las prescripciones del modelo de ciencia de la época. En este sentido, la práctica científica involucró a sujetos de formaciones muy diversas –botánica, zoología, química, física, etc.- que de oficio y movidos por inquietudes individuales, se interesaron por el estudio de los vestigios materiales, físicos, y por la forma de vida y lenguaje de los otros exóticos que habitaron o habitaban el territorio nacional. Junto con reflexionar acerca de las condiciones socio-históricas, intelectuales y orgánicas tras la emergencia y desarrollo de este nuevo campo de estudio, el trabajo profundiza en la forma que dicho campo adquiere forma considerando las agencias, temáticas, aproximaciones y contextos en los cuales se desenvuelven los impulsores de disciplinas como la arqueología, antropología física, etnología, etnografía, lingüísticas y Folklore. La orientación de la investigación es de corte histórico, y tiene como base el análisis de las publicaciones que comunican formas de representación del otro generadas en el marco de los museos y sociedades científicas, integrando fuentes documentales que permiten acceder a las dinámicas de la comunidad de especialistas en Chile. Ello se complementa con análisis estadísticos a través de los cuales se caracterizan las líneas de producción científica en función de áreas temáticas y contenidos.

Palabras claves: institucionalización; campo científico; arenas transfronteirizas; ciências del hombre.

RESSIGNIFICAÇÕES E NOVAS ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS DE COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS: TRILHANDO NOVOS E VELHOS CAMINHOS

Nádia Philippsen Fürbringer. Doutoranda em Antropologia Social na Universidade

Retoma-se o lugar das pesquisas antropológicas acerca de coleções etnográficas. A análise da prática do colecionismo na Antropologia parte das coleções do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos além de diapositivos e Diários de Campo que foram acumulados em décadas de pesquisa e foram doados ao Museu/UFSC. Esta pesquisa acompanhou vários processos de reapropriações dessas coleções, as novas articulações que tem ressignificado tais objetos e o próprio sistema museal. Foram acompanhadas o processo da exposição de curadoria compartilhada de longa duração (curadoria que integra técnicos do Museu e indígenas); e o interesse dos alunos da Licenciatura Indígena da UFSC (Kaingang, Xokleng e Guarani) em conhecer essas coleções. Além também da constituição de uma galeria virtual de imagens produzidas em contextos de pesquisa etnográfica do Professor Sílvio Coelho dos Santos, como estratégia de comunicação e documentação de acervos museológicos, através do processo de compartilhamento de imagens em ambientes virtuais, em exposições museográficas e em oficinas de extensão universitária. Primeiramente com a contribuição dos Tikuna e em seguida dos Xokleng na construção das informações sobre estas imagens. São diversos sujeitos que contribuem na construção das memórias que contornam tanto o próprio Sílvio Coelho dos Santos e seus interlocutores em outrora, quanto o que o seu olhar enfocou em tantas imagens e descrições de seus diários de campo.

Palabras clave: Coleções etnográficas, objetos, imagens, narrativas.

MUSEUS ETNOGRÁFICOS E MOVIMENTOS INDÍGENAS: EXPERIÊNCIAS DO MUSEU NACIONAL COM A EXPOSIÇÃO “OS PRIMEIROS BRASILEIROS”

Crenivaldo Veloso Jr. Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ). Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. Historiador do Setor de Etnologia do Museu Nacional/UFRJ e pesquisador do LACED; veloso@mn.ufrj.br

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os desafios colocados aos museus nacionais e etnográficos a partir do avanço das mobilizações indígenas. Esta análise gira em torno do Museu Nacional e suas relações com indígenas da região Nordeste a partir exposição “Os Primeiros Brasileiros”, sob a curadoria do antropólogo João Pacheco de Oliveira. O Museu Nacional foi criado em 1818 com o objetivo de propagar conhecimentos das ciências naturais no Brasil. Desde então foram formadas vastas coleções etnográficas, sendo as maiores provenientes de povos indígenas do Brasil, principalmente das regiões amazônica e central. Poucos foram os objetos de indígenas da região Nordeste do país. As aldeias indígenas do Nordeste foram extintas gradativamente na segunda metade do século XIX, afirmando-se que nestas áreas não haveria mais índios, pois estariam misturados à massa da população regional. Contudo, em diferentes situações, famílias indígenas continuaram a ocupar cenários políticos, reivindicando o reconhecimento de

direitos, principalmente às terras que lhe foram destinadas e tomadas desde tempos passados. A partir das últimas décadas do século XX observou-se o aumento dos movimentos indígenas na região.

Em itinerância desde 2007, “Os Primeiros Brasileiros” propõe uma revisão da história do Brasil a partir do eixo da presença indígena no Nordeste. Para tal, foi formada uma coleção composta por mais de 200 objetos, oriundos de várias etnias da região. Pretende-se, assim: analisar o caráter pedagógico da mostra; refletir sobre as apropriações por parte de lideranças indígenas, que vêm utilizando-a como instrumento político para dar visibilidade às suas pautas.

Palabras clave: Museus etnográficos; índios do Nordeste (Brasil); Exposição “Os Primeiros Brasileiros”.

A VANGUARDA INDÍGENA

Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); marcosdada@yahoo.com.br

Nesta apresentação faço uma genealogia das performances indígenas na contemporaneidade. Começo com o que me parece ser paradigmático da constituição do espaço de visibilidade dos indígenas, os zoológicos humanos. Desde o Séc. XIX. exposições coloniais promoveram a popularização do racismo e, desse modo, a legitimidade da empresa colonial. No fim do séc. XIX e início do séc. XX houve a transformação das exposições coloniais e o advento do cinema renovando o projeto da empresa colonial. Neste mesmo período, a pintura moderna emerge como crítica a instituição da Arte e do Belo através da apropriação da “arte primitiva”. O “primitivo” aparece como modelo ideal do inorgânico contra o orgânico da pintura Clássica (naturalista). A partir de fins do sec. XX performances indígenas são percebidas pelos pesquisadores como agência e consciência da instituição colonial e do racismo. Mas ao entrar no imaginário ocidental como performances autênticas elas são percebidas como orgânicas, naturalistas, quando na verdade são inorgânicas e contra hegemônicas. A vanguarda indígena é uma ação em direção a instituição colonial, é uma crítica através de uma apropriação inorgânica da diferença cultural-racial, mas é revelada no espetáculo como peça orgânica e naturalista. Paradoxo da vanguarda indígena: ser inorgânica e contra hegemônica, mas somente ter visibilidade social se passando por orgânica e não contemporânea. A vanguarda indígena acessa a instituição colonial como espaço da não coetaneidade (Fabian).

Palabras claves: indígenas; museus; colonialismo; vanguarda; arte.

Sesión 2:

MICROPOLÍTICA Y MUSEOGRAFÍA CHILENA

Paulina Barrenechea Vergara. Docente de la Universidad de Concepción;
ultrasol@gmail.com

El museo debe ser comprendido y abordado –como los estudios culturales- en un análisis constante de las prácticas culturales en intersección con las relaciones de poder. En efecto, la noción misma de patrimonio cultural, condición de posibilidad para el espacio museográfico, (re)produce un conocimiento que al mismo tiempo silencia otros; pero que, actualmente, producto de la migración y la emergencia de las políticas de representación de los procesos de identidad raciales y de sexo-género, resulta necesario discutir y problematizar. Lo que se figura y representa en las narrativas escritas y visuales, adquiere su validación en tanto no figura y no representa otras subjetividades, otros cuerpos y otros territorios. A través de la intromisión de las categorías de género/feminismos críticos y los estudios decoloniales que sitúan los procesos de racialización (igualmente los de patriarcado) como estructurantes del proyecto de la modernidad -a partir del cual el museo se erige como dispositivo de poder aliado- realizaremos una lectura de carácter interseccional acerca de las relaciones (o ausencias de relaciones) que las subjetividades de género y raciales, especialmente las negras, establecen con este espacio en Chile.

Palabras claves: museografía-narrativas de la nación-racialización y patriarcado.

LA FUNCIÓN DE TRANSMISIÓN CULTURAL DE LOS MUSEOS. UNA MIRADA DESDE UNA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Silvia Liliana Calvo. Museo Etnográfico Juan B. Ambrosetti. Facultad de Filosofía y Letras. UBA; silvialcalvo@gmail.com

El museo reconoce su origen en la modernidad; el acto de hacer públicas las colecciones privadas puso en evidencia cierta convicción sobre el efecto que esta institución podía tener en amplios sectores de la población. La creación del dispositivo de la exposición, a fines del SXIX, reafirma la voluntad de transmisión de valores sociales, artísticos y científicos, ligados a una idea de sociedad.

La ruptura con el modelo de museo propiciado por la modernidad ha llevado a repensar su función social e impulsar su transformación, en especial en lo que hace a su dimensión educativa, que hoy se reconoce como constitutiva de este tipo de instituciones. Sin embargo, al estudiar la historia de esta institución en tanto aparato cultural, es posible advertir como algunos rasgos persisten pese a los cambios que ha sufrido a lo largo de casi 500 años. Estos rasgos dejan marcas, sobre todo en lo que hace a la función de transmisión cultural. La persistencia de estas marcas de origen se

desliza periódicamente en las prácticas, pese a los deseos de transformación. Esta ponencia intentará dar cuenta de algunos de estos rasgos que de forma residual continúan operando en el presente.

DO LADO DE DENTRO E DO LADO DE FORA DA GALERIA ETNOGRÁFICA: OS USOS DE OBJETOS ETNOGRÁFICOS NO *NAIROBI NATIONAL MUSEUM* (KENYA).

Aline Rabelo. Doutoranda do PPGAS - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro; arabelo.anthropology@gmail.com

Fundado durante o período colonial, na primeira década do século XX, o *Nairobi National Museum* – NNM é hoje considerado o principal museu nacional do Kenya. Seus mais de 60.000 objetos etnográficos não se dividem somente entre a galeria etnográfica, intitulada “*Cycles of Life*”, e a reserva técnica, mas também constituem partes substanciais das construções narrativas de algumas das outras onze galerias do museu. Em comum, as peças etnográficas em exposição apresentam a característica de serem todas originárias apenas de “comunidades tradicionais quenianas”. Este trabalho, um recorte específico de uma pesquisa etnográfica mais ampla em museus nacionais do leste africano, procura produzir análises e reflexões acerca das resignificações de coleções etnográficas nos discursos curatoriais do atual NNM. Além do olhar que recorre frequentemente a comparativos relacionados a concepções coloniais, o artigo pretende lançar luz sobre determinadas formas de descolonização do acervo etnográfico que cumprem importante papel simbólico dentro da contínua reafirmação e consolidação do Estado-Nação, meio século depois da independência do Kenya.

Palabras clave: objetos etnográficos, museu nacional, Kenya, descolonização.

OBJETO, COSMOLOGIA E RITUAL EM MUSEUS ETNOGRÁFICOS

Laércio Fidelis Dias. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-Marília/SP) laercio@marilia.unesp.br

As reflexões apresentadas a seguir tratam do tema que envolve os museus, as populações indígenas, os professores, pesquisadores (museólogos, arqueólogos e antropólogos), tomando como referência o Museu Kuahí, localizado no município de

Oiapoque, Estado do Amapá, e, Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, localizado em Tupã, município do Estado de São Paulo. Qual a problemática da reflexão? A construção de museus participativos, na sua formulação, gestão e organização das exposições, bem como, a ampliação do conceito e processos de patrimonialização. Museus que apresentem a transversalidade entre os museus sobre os índios, museus com os índios e museus dos índios.

No campo da antropologia, essas discussões têm sido teoricamente travadas a partir de interrogações acerca da dimensão ética do trabalho do antropólogo. O conceito de “antropologia da ação” serve para pensar as responsabilidades éticas do trabalho antropológico é central para a reflexão apresentada aqui. Responsabilidade esta que, como sugere a transversalidade entre os três tipos de museus, implica um fazer antropologia comunicativo, um “agir comunicativo”, nas palavras de Habermas. Ou seja, realizar o trabalho etnográfico, dentro desta perspectiva, impõe-se abrir para as questões (éticas) que esse trabalho propõe.

Assim sendo, o objetivo da apresentação é tomar os objetos de cultura material, expostos nos dois museus, ligados aos rituais e cosmologia para pensar como as exposições foram organizadas obedecendo aquilo que se entende por museus participativos.

Metodologicamente os dados foram levantados segundo os procedimentos clássicos da antropologia: etnografia. E, também, material bibliográfico.

Palabras clave: Museu; Cosmologia; Ritual; Objetos; Índios Sul-americanos.

CURADORIA NATIVA NO MUSEU DO QUAI BRANLY: ESTRATÉGIAS EXPOSITIVAS, AGÊNCIA E DIÁLOGO CULTURAL

Nina Vincent Lannes. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ; ninavincen@gmail.com

Analiso a exposição “Maori. Seus tesouros têm alma”, que apresentou a arte e a cultura dos Maori – povo nativo da Nova Zelândia – no Museu do quai Branly, em Paris, em 2011/2012, com curadoria do Museu Te Papa Tongarewa-NZ. Esta primeira experiência de “curadoria nativa” na instituição francesa possibilita contrastar concepções de arte, museu e construção identitária, sem abandonar jogos de poder coloniais, mas trazendo novos elementos reflexivos. A expografia cria uma relação estética entre objetos heterogêneos, textos e espacialidade, transformando a própria exposição em “objeto de arte” e conferindo-lhe *agência*, uma “agência do *display*”. Diferentes estratégias apresentam um mundo no qual objetos são “tesouros”, carregam *mana*, têm “alma”; simultaneamente, demarcam os limites do diálogo cultural deixando claro quem deve ter controle sobre estes objetos e suas representações. Exploro o papel do objeto-exposição

como mediador de relações no episódio que propiciou a exposição: o repatriamento de 20 crânios maori, pertencentes a coleções francesas. Dois museus se encontram: um herdeiro de coleções coloniais e idéias modernistas de apreciação da “arte etnográfica” que tenta abrir brechas para supostos “diálogos culturais”, e outro que representa a cultura maori de forma homogênea, reconfigurando discursos locais em nível nacional e colocando o tratamento de objetos musealizados no centro da política identitária. Percebe-se uma complexa questão política articulada a diferentes cosmovisões sobre objetos de arte, materializada na exposição, que pretendeu tornar visível a concepção estética dos Maori, demarcar sua luta identitária através da autorrepresentação e invisibilizar os objetos repatriados, servindo, ao mesmo tempo, como resposta do museu francês às críticas à omissão política.

Palabras clave: Museu do quai Branly; Maori; exposição; curadoria; agência.

Sesión 3:

-

OS OBJETOS DA/NA AÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (MAE-UFPR)

Aline da Silva Araújo Vörös

Ronaldo de Oliveira Corrêa

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); alinevoros@gmail.com;
rcorrea@ufpr.br

O texto apresenta as articulações entre as teorias de cultura material e as trajetórias biográficas de objetos para problematizar as relações, práticas e usos dos objetos na constituição de representações de indivíduos e suas formas de estar no mundo. Para isso, recorreremos a análise dos materiais de apoio das práticas educativas do MAEUFPR, a saber, as caixas didáticas. Buscamos compreender os/as agentes protagonistas e os processos que compuseram a coleção manipulável da caixa. Selecionou-se, como objeto de estudo, a “caixa didática Padrões de Beleza”, produzida em 2009/2010, por ser a primeira caixa com o propósito de promover reflexões e discussões sobre um tema específico. A caixa didática Padrões de Beleza, é constituída por objetos selecionados no acervo do Museu, textos descritivos e de contextualização, e conjunto de atividades para ser utilizado por professores e professoras e estudantes de escolas públicas e privadas de Curitiba-PR. Como resultados, verificou-se que as decisões a respeito do tema, os artefatos e seu uso como mediadores do processo de interação e aprendizado foram orientadas por teorias e práticas curatoriais e museológicas discutidas no MAEUFPR; atentou-se para o fato da caixa Padrões de Beleza ser desenvolvida por pesquisadoras, o que permitiu questionar as marcações de

gênero da temática e da constituição do material; e compreender que os objetos e textos agenciados como coleção, também, agenciam as interações por que passam e/ou promovem, entre tantas, as relações entre sociedades e suas práticas, as representações de gênero e identidades, os processos de educação patrimonial em museus de antropologia.

Palabras clave: Cultura Material. Interação social. Museu. Educação.

CUERPO Y ANATOMÍA EN EL MUSEO “PEDRO ARA”. EDUCACIÓN Y SALUD EN EL CONTINUUM MUSEO- HOSPITAL PÚBLICO- UNIVERSIDAD

Karina del Valle Generoso. Integrante del Espacio Laboratorio de Arte/s. Performance/s y Subjetividad/es. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Córdoba. Profesora Asistente en la Cátedra de Antropología Cultural, Contemporánea y Latinoamericana. Facultad de Psicología. Universidad Nacional de Córdoba; karinageneroso@gmail.com

El presente trabajo presenta una aproximación a los sentidos y prácticas en torno al cuerpo y la Anatomía (como enseñanza oficial del cuerpo biológico) de los agentes que forman parte del Museo Anatómico “Dr. Pedro Ara”, institución que conforma al Instituto “Ángel Roque Suárez”, junto a la Cátedra de Anatomía Normal, de la Facultad de Ciencias Médicas de la Universidad Nacional de Córdoba. Para comprender la producción y circulación de estos discursos, saberes y prácticas en torno al cuerpo humano y su devenir como objeto de estudio de la Anatomía, en el proceso de formación de médicos, se aborda la relación museo- hospital- universidad, en el contexto de la educación superior y la salud pública. En este acercamiento se problematiza la invisibilización de la historia de las piezas exhibidas, asociada a la tendencia a destemporeizarse del conocimiento científico, como forma de volverse hegemónico ya que, aislados, los preparados cristalizan el cuerpo humano, único, universal, anatomizado, transformándose en “bienes” que resulta difícil valorar. A partir de la experiencia de (Des) Montaje transdisciplinar en “La Noche de los Museos” (2010-2012), se pone en juego la relación entre la reflexión crítica y el análisis de formas ritualizadas y naturalizadas de mirar y construir la realidad y los vínculos, tanto en la vida cotidiana como en los diferentes campos sociales.

Palabras Claves: Cuerpo- Anatomía- Museo- Universidad- Salud.

MUSEU RONDON: O TEMPO, AS NARRATIVAS E O COLONIALISMO (OU COMO ESTAVA VESTIDO MARECHAL RONDON)

Ryanddre Sampaio. Museólogo (COREM - 0851-I / 2ª Região). Especialista em Gestão

Pública (FAeCC/UFMT). Mestrando em Antropologia Social
(PPGAS/UFMT), Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia da UFMT;
r.museu@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo apresentar análises preliminares da etnografia que estou produzindo sobre a formação do acervo no Museu Rondon da Universidade Federal de Mato Grosso, uma reflexão antropológica do processo de constituição dos bens culturais preservados neste espaço com vistas a compreender as formas pelas quais estes artefatos foram musealizados e quais perspectivas orientaram estas práticas. Será analisado o contexto de criação do museu durante a ditadura militar brasileira e a "Marcha para o Oeste", cabendo questionamentos acerca da fundação da universidade como uma "Universidade da Selva" e seu discurso político de formação de "novos colonizadores" no Centro-Oeste do país. Além disso, pretendo problematizar a participação do Sistema de Proteção aos Índios e sua política indigenista e a inclusão do museu em um projeto de incorporação dos povos indígenas ao Estado-Nação por meio, principalmente, da figura do seu patrono Marechal Cândido Mariano Rondon. Percebendo as pressões contraditórias no interesse do Estado em fixar identidades através da formação do acervo, o Museu Rondon será analisado como um dispositivo no sentido foucaultiano alicerçado em dois eixos de articulação recíproca e de mútua dependência: a relação saber-poder e subjetivação. As práticas discursivas e não-discursivas presentes nos regimes de subjetivação contribuem para a construção do dispositivo "museu" tanto na constituição da formação discursiva quanto dos próprios discursos. Assim, buscar-se-á compreender as relações entre agentes e objetos que atuaram neste espaço museológico e quais as ações que produziram regimes de visibilidade ou invisibilidade acerca da diferença ou dos povos indígenas nele representados.

Palabras clave: Museus; Colonialismo; Indigenismo; Discurso; Nação.

FICHÁRIOS E LISTAGENS: PESSOA E RELACIONALIDADE EM ARTEFATOS DE CONTROLE DOCUMENTAL

Luísa Valentini. Doutoranda da Universidade de São Paulo; luisa.valentini@gmail.com

Gostaria de apresentar aqui os resultados de uma linha de investigação que abri em meu mestrado, que tratou da experiência da Sociedade de Etnografia e Folclore (São Paulo, 1937-1939), ensaio institucional conjunto de Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss. Este caso me permitiu explorar uma série de dispositivos do laboratório antropológico do período do entre-guerras, entre os quais se destaca o fichário, que constituía então um centro de listagem e articulação de diferentes *corpi* documentais: coleções, bibliotecas, mapotecas etc. Estendendo a observação desses dispositivos a outros momentos na obra de Mário de Andrade e de Claude Lévi-Strauss, é possível

identificar importantes tensões no manejo deste artefato de controle e tradução. Um segundo movimento da apresentação incide sobre a reverberação de documentos deixados por Mário de Andrade no ano em que sua morte completou 70 anos e que incidiram de modo relevante sobre as relações entre documento e pessoa, em particular no que tange à dimensão da duração. Finalmente, gostaria de ensaiar algumas aproximações desses casos com meu tema atual de investigação, que diz respeito à constituição de acervos relativos a povos indígenas, especialmente aqueles replicados ou nativos em suporte digital.

Palabras clave: pessoa, arquivo, cultura, controle, documento.

ARTE EM TRANSIÇÃO NO MAM/RJ NA DÉCADA DE 1960

Carollina Rodrigues Ramos. Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Diretora do Museu Histórico e Artístico do Maranhão – MHAM; carollaramos@gmail.com

O trabalho visa analisar o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ao longo da década de 1960, como uma instituição que evidenciou as transições da arte moderna para a arte contemporânea, cujas propostas curatoriais fogem da perspectiva moderna da instituição e indica um “espírito do tempo” contemporâneo. Tal análise se dará através do estudo de seis exposições realizadas nesse período: Arte Neoconcreta (1959), Cães e Caça (1961), Opinião 65 (1965), Opinião 66 (1966), Nova Objetividade Brasileira (1967) e Salão da Bússola (1969). Estas exposições apresentaram um caráter de inovação, experimentação e investigação na arte. Essas questões são abordadas tendo como base o conceito de contemporâneo do filósofo Giorgio Agamben, apresentado no texto *O que é Contemporâneo?* (2009), caracterizando o MAM-RJ, daquela época como intempestivo e anacrônico.

Palabras clave: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Arte Moderna; Arte Contemporânea; Giorgio Agamben.

Sesión 4:

REPRESENTAÇÕES SOBRE O BRASIL CENTRAL E SEUS POVOS NOS DIÁRIOS DE ACARY DE PASSOS OLIVEIRA

Rosani Moreira Leitão. Doutora em antropologia pela UnB, coordenadora da Divisão de Antropologia do Museu Antropológico, docente do PPGIDH e docente colaboradora da Licenciatura em Educação Intercultural/UFG, Brasil; rmleitao@terra.com.br

Gabriel de Almeida Souza. Estudante de graduação em Ciência Sociais e estagiário do Museu Antropológico / UFG, Brasil; gabriel.vtn@gmail.com

O presente trabalho é um desdobramento do projeto Imagens e relatos de um sertão desconhecido: organização e tratamento técnico do acervo de Acary de Passos Oliveira, desenvolvido no Museu Antropológico da UFG, no ano de 2012, contando com apoio financeiro do Instituto Brasileiro de Museus. O projeto teve como objetivo organizar, digitalizar, divulgar e disponibilizar o acervo documental referente aos mais de 40 anos de experiência de Acary de Passos Oliveira, sertanista, indigenista, primeiro diretor e um dos fundadores do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), reunido por ele próprio ou por seus familiares, ao longo de mais de quatro décadas. O acervo faz referências a 30 etnias indígenas do Brasil Central, que viviam e ainda vivem, sobretudo, no Parque Indígena do Xingu e nas regiões dos rios Araguaia e Tocantins. Também retrata situações de contato interétnico entre esses povos e entre eles e agentes da sociedade nacional não-indígena, principalmente instituições públicas, como é o caso da FAB - Força Aérea Brasileira, do SPI - Serviço de Proteção aos Índios e da Fundação Brasil Central. Referências também são feitas a personalidades importantes, tais como os presidentes Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas. O texto trata especificamente do diário Diauarum, no qual Acary de Passos narra sua experiência como sertanista no contexto da criação do Parque Nacional do Xingu. Os autores refletem sobre concepções e representações acerca desta região e de seus povos reveladas a partir da análise e interpretação do referido manuscrito. Palavras-chave: indigenismo, sertanismo, Região Central do Brasil.

PRESENCAS DE OUTROS E CONSTRUÇÕES DE SI: DIÁLOGOS COM UMA EXPOSIÇÃO

Eoin O'Neill Irene Portela. Aluna de doutorado do PPGCP/UFG. Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. Trabalha na Coordenação de Educação em Ciências - CED do MAST/MCTI; eoineill@oi.com.br

Parte-se de uma reflexão sobre representações ligadas a astronomia e ciência, mas, sobretudo, a Portugal e Brasil, no desenho da *exposição Olhar o Céu, Medir a Terra* do MAST, como escolhas que exprimem construções e atualizações de memória correntes. Faz-se isso através do recurso a uma perspectiva próxima dos eixos centrais da exposição, embora a partir de um 'olhar português'. Aporta-se com autores que destacam a importância de considerar múltiplas vozes - vontade que os museus ultimamente parecem refletir -, mesmo que restritas às de 'especialistas' e 'disciplinares', para compor

quadros de representações sobre nacional, que guardam um propósito de afetar a vida. Dentre as instituições de memória inventadas na modernidade ocidental, os museus de história natural desempenharam a tarefa de procurar conciliar a memória de uma universalidade do saber científico com a construção das particularidades da nação - explicitando uma 'tensão' entre falas que é correlata à crescente reclusão assumida pelo fazer da ciência, e ao estatuto que se lhe confere, em que pese a centralidade da 'natureza nacional' como tema da história política e científica moderna, aspectos que se refletem nos museus. Por fim, parte-se da noção do museu como "intelectual coletivo" para refletir sobre possibilidades de correlação entre "lugares de memória" e memórias coletivas, e, sobretudo, de incorporação de falas e discursos alargados, em produções museais, em particular ligadas a território, a nacional, e a sua inter-relação com 'ciência'.

Palabras clave: construções de imagens; representações de nacional; desenhos de território; universalidade e particularidade; falas nos discursos museais;

A MÁSCARA QUE COMEU O ACERVO: ECONOMIA DA CULTURA GAVIÃO PYHCOP CATI JI (TIMBIRA ORIENTAIS - MA)

Maycon Melo. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão (UFMA); mayconmelodoc@gmail.com

O artigo descreve as transações que objetos de um ritual de máscara acionam entre humanos e estrangeiros de diferentes matizes na economia da cultura Gavião. No ritual de *Wyty* o uso de alguns objetos por pessoas específicas permite que se realize uma série de transações econômicas entre humanos (*me há^o/2eh*), animais (*pryhre*) e com o homem branco (*cohpa^o/2*), com os quais os Gavião precisam afinizar para colocar em ação uma economia de pessoas, conhecimentos e tecnologias. Na etnografia dessas transações, primeiro entre os humanos, *me há^o/2eh* (índio, “na carne”), descrevo parte do sistema de nomeação Gavião e como os objetos parecem construir os corpos humanos assim como faz o nome pessoal. Nas transações com os animais de caça (*pryhre*), descrevo a origem mítica de algum destes objetos e sua fabricação, uso e circulação como parte dos conhecimentos relacionados a noção de contágio e de *carão* (alma). Por fim, descrevo como estes mesmos objetos, identificados e registrados para compor um acervo digital como forma de pagamento pela pesquisa, foram eles próprios agenciando o antropólogo dentro da economia de imagens Gavião. Geertz disse que os museus são zonas de contato entre pessoas separadas geográfica e historicamente. A construção de um acervo etnográfico com os Gavião sugere que essas zonas de contato podem ser alargadas, já que as imagens interligam mundos e seres diferentes em formas de socialidade que o acervo parece ainda não conter.

Palabras clave: Ritual, grafismo indígena, acervo etnográfico, Gavião Pyhcop cati ji.

¿MUSEOS COMO ESPACIOS DE RESISTENCIA O DE COLONIZACIÓN DE TIERRAS Y MENTES?

Barbara Maisonnave Arisi. Doutora em Antropologia Social (UFSC). Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Paraná, Brasil; barbara.arisi@gmail.com

Muchas veces los museos comunitários o alternativos son presentados como espacios de resistencia, como una tentativa de proponer alternativas narrativas a las hegemónicas o estatales. Sus objetivos son adentrar en las arenas de la economía cultural con el objetivo de enseñar otras imágenes, cuerpos, objetos y crear nuevas imágenes de ciertos pueblos o grupos específicos que se quieren diferentes y muchas veces están (o estaban) alijados de los museos existentes en ciertas ciudades, regiones o países. Mi ponencia busca provocar a pensarnos si es posible que los museos puedan ser espacios de resistencia o si siempre serán espacios de colonización ya que empiezan como siendo de pueblos o grupos que se quieren empoderar através de la creación misma de esos espacios de poder y visibilización que son (o desean ser) los museos. Presento algunas acciones artísticas y políticas de museos comunitários o de grupos que se consideraban marginalizados o poco visibilizados y que se utilizaron de esa palabra "museos" para tener su espacio en la arena de la economía de la cultura sobre las cuales me gustaría debatir con ustedes.

Palabras clave: museos alternativos; espacios de resistencia, espacios de colonización; economía de la cultura.

GT 14. ETNOGRAFÍAS ENTRE LO LEGAL E ILEGAL: FRONTERAS, CONTROLES Y MERCADOS

Coordinadores:

Brígida Renoldi (CONICET-Universidad Nacional de Misiones, Argentina); brire@hotmail.com

Lenin Pires (INCT-InEAC/Universidade Federal Fluminense, Brasil); leninpires@gmail.com

Efrén Sandoval Hernández (Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, México – Unidad Noreste); esandoval@cieras.edu.mx

Comentarista: Mariano Perelman (Universidad de Buenos Aires)

AS NOÇÕES DE ILEGALISMOS E DELINQUÊNCIA E O MERCADO DE DROGAS NO RIO DE JANEIRO

Antônio Rafael Barbosa – Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. antonio.rafael.barbosa@gmail.com

Nesta comunicação busco examinar algumas práticas de uso e comércio de drogas no Rio de Janeiro, especialmente o mercado varejista que se processa nas favelas e periferias da cidade, através do emprego dos conceitos de “ilegalismos” e de delinquência como instrumentos heurísticos. Interessa-me explorar, simultaneamente, tanto as torções que a aplicação de tais noções produz na análise e descrição etnográfica do meu material de pesquisa, quanto as possíveis variações de ambos os conceitos, suas virtualidades transformacionais que podem ser aventadas a partir do exame deste mesmo material.

Palavras-chave: ilegalismos, delinquência, comércio de drogas, Rio de Janeiro.

LA REGULACIÓN DEL CANNABIS EN ESTADOS UNIDOS Y SU IMPACTO EN LA FRONTERA TIJUANA-SAN DIEGO

Alberto Hernández Hernández. Profesor investigador Departamento de Estudios de Administración Pública El Colegio de la Frontera Norte (México). Jaime Andrés Vinasco Barco. Estudiante de doctorado en Ciencias Sociales con Especialidad en Estudios Regionales, El Colegio de la Frontera Norte (México). ahdez@colef.mx y/o Jvinascodecs@colef.mx

A lo largo del siglo XX, el panorama de la producción y consumo del cannabis generó un intenso debate, caracterizado por acciones de prohibición y de castigo para productores, distribuidores y consumidores. Dicha postura estaría encabezada por Estados Unidos, quien la llegó a considerar a una severa amenaza a la seguridad

nacional. Al mismo tiempo, esto coincidió con que México se convertiría en un productor importante del cannabis, y su frontera norte un lugar de tráfico ilegal de esta droga. Este paradigma cambió radicalmente cuando varios estados de la Unión Americana, en pleno siglo XXI, emprendieron acciones de legalización de esta droga. California, fue el primer en despenalizar la provisión de cánnabis medicinal, en él han confluído algunos de los procesos de cambio normativo más notables, como la instalación de dispensarios para su venta. Pese a la cercanía geográfica entre las ciudades Tijuana-San Diego, que comparten una frontera de 50 kilómetros y es la más cruzada del mundo, ambos lados se caracterizan por tener diferentes posturas en cuanto a legalización e ilegalización, tanto de armas como del cannabis. El presente trabajo busca analizar las formas en que consumidores que residen en Tijuana conviven en un contexto de legalización e ilegalización en cuanto a la posesión, adquisición y distribución de cannabis. Estos usuarios, coexisten cotidianamente en ambos lados de la frontera ya sea por motivos escolares, laborales o recreativos. Se parte de la delgada línea que separa los fines medicinal y terapéutico, de los recreativos, haciendo de lo legal e ilegal una frontera muy tenue.

Palabras clave: fronteras, regulación del cannabis, prácticas legales e ilegales

ZONAS DE INTERSECCIÓN: UN ITINERARIO DE LA NOCIÓN DE INFORMALIDAD EN LAS CIENCIAS SOCIALES

María Maneiro (IIGG-UBA/ CONICET)

El trabajo que presentamos busca reflexionar respecto de la dimensión política que se inscribe en el binomio formalidad/informalidad. Nos aproximaremos a esta cuestión retomando las sugerencias de Agamben quien propone transformar las dicotomías en bipolaridades heterogéneas y asimétricas. Con este objeto en primera instancia nos proponemos explorar la categoría analítica informalidad, remitiendo a los estudios sobre marginalidad, para ello abordaremos el desplazamiento del concepto y trataremos de aproximarnos a su dimensión política. Seguidamente ingresaremos en la noción de informalidad propiamente dicha, para llegar desde allí a la cuestión de la informalidad política. Aquí, la noción aparece, desde el planteo propuesto, indisolublemente ligada a los poderes del estado. Posteriormente rastreamos los solapamientos y las articulaciones entre lo formal y lo informal en el mundo popular, entendiendo a la informalidad tanto como la dimensión política de las prácticas informales como la dimensión informal de las prácticas políticas. Luego revisaremos dos nociones que pretenden asir el espacio de intersección referido: por un lado retomaremos la noción de estado de excepción, como nudo gordeano que puede ayudar a la comprensión de la génesis de la bipolaridad formal/informal; por el otro lado abordaremos la noción de zona gris, como condensadora de un espacio social de relaciones distorcidas e intrincadas entre grupos sociales e individuos con diversas investiduras sociales y

estatales. Finalmente explicitaremos una serie de reflexiones y nuevos interrogantes que serán retomados en trabajos posteriores.

CONTROLE SOCIAL DE PRÁTICAS (I)LÍCITAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL-COLÔMBIA-PERU

Gilse Elisa Rodrigues. Professora da Universidade Federal do Amazonas(Brasil) y
Doutoranda- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/PUCRS.
gilseelisa@ig.com.br

O estudo sócio-antropológico sobre o controle das práticas ilícitas que se desenrolam na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru, alvo da presente proposta de comunicação, sinaliza uma possibilidade de problematização do que se entende por fronteira do ponto de vista político-geográfico-administrativo. Na medida em que indivíduos e grupos sociais delimitam seus espaços de negociação estabelecem novas regras de ocupação do território, estendendo ou reduzindo os limites da fronteira, reduzindo ou aumentando os obstáculos para transpô-la, promovendo novas fronteiras culturais, sociais, simbólicas, bem como redefinições, conflitos e mesmo confronto às fronteiras definidas pelo poder político-governamental. A existência da fronteira em si já pressupõe uma possibilidade latente de circulação de pessoas, mercadorias, moeda, bens materiais de forma lícita ou não. Pode-se afirmar que este contexto possui uma dinâmica própria e instável que congrega a dimensão do conflito, da diferença, da integração e do poder entre os grupos locais e os Estados nacionais. Isto provoca reconfigurações tanto sobre as práticas legais quanto ilegais, redefinindo as estratégias pelas quais o Estado passa a dar respostas aos ilegalismos. Portanto, interessa compreender as diferentes práticas (i)lícitas que circulam na tríplice fronteira e as estratégias locais formais e informais de controle sobre as mesmas.

Palavras-chave: controle social na fronteira; fronteiras transnacionais; tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru

A OPERAÇÃO “NO CAMINHO”: DISPUTAS ENTRE OS COMÉRCIOS INFORMAL E FORMAL NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Pedro Rabello Paes de Andrade. Mestre em Antropologia/Universidade Federal da Grande Dourados. pedro.rabello@yahoo.com.br

A investigação constitui parte da pesquisa de mestrado do autor, concluída no ano de 2014. A cidade fronteiriça de Corumbá-MS tem observado com atenção, nos últimos anos, diversas ações do poder público que têm como objetivo combater o contrabando e o descaminho, além de coibir o comércio informal na cidade. Tais ações têm nos comerciantes nativos da Bolívia - país com a qual a cidade faz fronteira – seus principais alvos. Dialogando com pesquisas anteriormente realizadas na região, abordo aqui principalmente a operação “No caminho”. Parceria entre Receita e Polícia Federal, com apoio logístico do Exército Brasileiro. Esta operação mobilizou ao menos 270 pessoas e capitalizou grande atenção da mídia local. O objetivo era cumprir 38 mandados de busca e apreensão em estabelecimentos comerciais suspeitos em Corumbá, cujos responsáveis eram, em sua maior parte, bolivianos. Onze caminhões-baú foram preenchidos com as mercadorias apreendidas em apenas um dia de operação, que surpreendeu todos os donos dos estabelecimentos atingidos. Através da observação e do diálogo com interlocutores – principalmente bolivianos da região do altiplano, presença maciça no comércio da fronteira em questão –, além da análise de discursos das autoridades e notícias da mídia local, procuro entender como as disputas entre o comércio formal e informal criam um ambiente de predominante hostilidade para com os bolivianos que buscam melhorar suas vidas beneficiando-se do comércio fronteiriço. Além disso, tento entender as motivações dos atores em questão, suas condições de vida, as diferentes táticas comerciais e como conseguem suas mercadorias.

Palavras-chave: Fronteira; comércio; bolivianos; Corumbá

ÉTICA CONTRABANDISTA

Enrique Da Rosa, Diplomado Gestor de Proyectos por CLAEH, Diplomado en Gestión Cultural en FLACSO, Diplomado en Gestión del Patrimonio Cultural Inmaterial por CRESPIAL-UNESCO, Diploma de Gestión Cultural del Espacio Interdisciplinario de la UDELAR (tesis final)

Ivonne Dos Santos, estudiante Ciencias Antropológicas (tesis en curso), Diploma “Gestión Cultural Local” Universitat de Girona. Investigadora y Educadora OSC-ECA
Hilando Vidas.

Este trabajo presenta avances de la investigación en curso “Frontera imaginada” que realizamos en el marco de “Jodido Bushinshe” (Ciclo de exposiciones organizadas por Centros MEC que buscan la postulación del Portuguol como Patrimonio Cultural Inmaterial ante la Comisión del Patrimonio de la Nación en Uruguay). El análisis del proceso de gestación y puesta en escena del Ciclo permitió encontrar emergentes no

solo en relación al portuguol como componente lingüístico de la cultura de frontera, sino también las prácticas y estrategias que, desde diversos actores, nos llevan a lo que denominamos “ética contrabandista”. Este componente del etos social lleva a que tanto funcionari*s como ciudadan*s realicen adaptaciones de las leyes y normas usando los intersticios de estas como líneas de fuga donde se construyen las identidades fronterizas. Identidades que desde una historia continua se articulan desde un discurso subalterno con relación al discurso del estado nación. Nuestra investigación busca identificar estos componentes que dan cuenta de una identidad fronteriza particular, donde la frontera se sostiene en una línea imaginaria y las identidades culturales se disuelven y concentran en conformaciones contra-hegemónicas a la “identidad nacional”.

Palabras clave: Portuguol, Frontera, Estado, Etos, Contrabando

“YO NACI NUNA FRONTERA DONDE SE JUNTAN DOS PUEBLOS”: UMA (AUTO)ETNOGRAFÍA ENTRE O URUGUAI E O BRASIL

Isis Karinae Suárez Pereira, Graduada em Antropologia Social e Cultural na Universidade Federal de Pelotas- UFPel- isiskspereira94@gmail.com

O presente trabalho em Antropologia apresenta o modo de vida dos *fronteiriços* -como se autodenominam-moradores das cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai). Uma fronteira ao norte do Uruguai e sul do Brasil, apresentando um panorama único para estudos sociais. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito de um projeto de conclusão de curso. Na atualidade, as fronteiras tem sido alvo de inúmeras pesquisas; muitos estudos na antropologia colocam a inexistência de fronteiras culturais, existindo apenas as de cunho simbólico, as estatais. A partir da etnografia apresento a trajetória de algumas famílias da região, o seu dia-a-dia e como vivem a fronteira (simbólica e física) com seus saberes e modos de fazer, demonstrando, desse modo, a existência das fronteiras. Para isso, escolhem-se as dinâmicas diárias desenvolvidas na informalidade como ponto central de observação. O que nos apresentou a fronteira entre

o legal e ilegal, tornada ínfima na região, reconstruindo-se nas situações observadas. A pesquisa foi realizada através de visitas às famílias, momento em que os relatos contados de eventos e micro-eventos se tornaram roteiros das conversas. Após algumas idas a campo o objetivo tornou-se compreender o conceito de identidade para essas pessoas, analisando os relatos de obtenção e uso de documentos, assim seja certidão de nascimento, registro geral, CPF, carnê de saúde, registro de propriedades, entre outros. As etnografias foram somadas à experiência do pesquisador apresentadas pela autobiografia, o ser da região propiciou novos olhares na pesquisa. Tornando possível repensar os métodos antropológicos, como os desafios da antropologia para antropólogos em formação, o aplicar novos métodos, sendo um deles a auto-antropologia. O analisar criticamente a presença do Estado em fronteiras tornou-se crucial na pesquisa, os dados apresentados são um passo inicial do trabalho, o qual continuará sendo desenvolvido com o objetivo de compreender essa relação com os documentos, colocando em evidência o papel dos Estados.

Palavras-chave: antropologia; fronteira; Estado; etnografia; família;

CIRCUITOS DE BAILES DE REGGAE, MERCADO DE ENTORPECENTES E DE BENS ROUBADOS: ETNOGRAFIA DE POSIÇÕES INFORMAIS, LEGAIS E ILEGAIS EM MERCADOS DE DIVERSÕES EM PERIFERIAS DE MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL

Fernando de Jesus Rodrigues, Prof^o do Instituto de Ciências Sociais e membro do Programa Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Ambientes, Afetos e Economia das Simbolizações (GRUPAAES), ferssa@gmail.com

Pretendo problematizar maneiras de representar entrelaçamentos entre pessoas em bailes de reggae e em trocas envolvendo dinheiro, entorpecentes e bens roubados em “periferias urbanas” de Maceió. Considero as pressões de agentes estatais sobre esses empreendimentos, e assim, busco indicar os significados do legal e do ilegal entre os agentes nesses contextos e as ambivalências de orientações que formam. A partir de visitas a bailes de reggae, entrevistas com DJ’s, donos de “discotecas”, visitas a unidades de internação, onde entrevisto jovens enovelados a mercados de entorpecentes e mercadorias roubadas, capturados pela polícia e incriminados em varas da infância e juventude, apresento uma etnografia do mercado de diversões que gravitam em torno das discotecas e das drogas em “periferias urbanas” de Maceió. Um aspecto importante deste funcionamento que destacarei são os desdobramentos das pressões de agentes estatais, policiais e judiciais, sobre os frequentadores e promotores desses negócios e, assim, as suas dimensões ambivalentes de gratificações e sofrimentos.

Palavras-chaves: Mercado informal, Mercado ilícito, Diversões, Periferia urbana,

Maceió.

“LOS ESTUDIANTES NORTEÑOS DE LA UNNE Y LA HOJA DE COCA: UNA CASO PECULIAR DE COSTUMBRES Y ESTIGMAS”

Romina de la Cruz Brabo Guerra. Alumna de maestría en el Programa de Posgrado en Antropología Social de la Universidad Nacional de Misiones y Docente en la Universidad Nacional del Nordeste (UNNE)-Instituto de Ciencias Criminalísticas y Criminología (Corrientes-Argentina).

Esta presentación se enfoca en los jóvenes salteños y jujeños, que todos los años llegan a la ciudad de Corrientes (Corrientes-Argentina) atraídos por la oferta académica de grado brindada por la Universidad Nacional del Nordeste. En este territorio, el paisaje, tanto natural como cultural, presenta diferencias marcadas con respecto a sus lugares de origen. La cultura del Noroeste Argentino (NOA) encarnada por estos jóvenes, se expresa en costumbres como el coqueo, y en el lugar significativo que productos naturales, como la hoja de coca, adquieren para ellos. La coca es una planta empleada por las comunidades andinas debido a sus propiedades beneficiosas para el organismo humano y se inscribe históricamente en un espacio cosmológico y religioso. Sin embargo, desde la colonización española carga con estigmas, de los cuales el más resonante hasta la actualidad la concibe como estupefaciente: nocivo e ilegal. Aún cuando la evidencia científica contradice este posicionamiento llegó a conformarse un discurso dominante, que también se manifiesta en Argentina, mostrando diferenciaciones, tensiones y nuevas significaciones en los contextos de uso. Describiré estas prácticas según los jóvenes norteños que se han desplazado hacia la ciudad de Corrientes para estudiar en la Universidad Nacional del Nordeste, considerando sus perspectivas, experiencias y percepciones. En este sentido, problematizaré el coqueo y otros usos que los estudiantes norteños le dan a la hoja de coca, en un contexto donde su consumo llega a ser objeto de prejuicios por su relación con la cocaína, y donde se evidencian diferentes expresiones de legitimación para contrarrestar las miradas negativas sobre quienes coquean.

Palabras Clave: Cultura/hoja de coca/cocaína/estigma/universidad.

¿LA EVASIÓN IMPOSITIVA, ES UN DELITO? REFLEXIONES ACERCA DEL ILEGALISMO DE LA EVASIÓN IMPOSITIVA COMO FENÓMENO SOCIAL Y CULTURAL

El actual escenario agrícola argentino que denominamos Nueva Ruralidad, es producto de un largo proceso de transformaciones que ocurrieron a la luz de múltiples reconfiguraciones económicas, sociales y políticas como por la emergencia de nuevos y diversos actores sociales en el ámbito rural. Específicamente, la provincia de Córdoba se ha vuelto una región agrícola predominantemente basándose principalmente en el cultivo de la oleaginosa soja. Este ámbito de producción ha generado en la última década cuantiosos dividendos, convirtiéndose en terreno fértil para la realización de diversos tipos de ilegalidades, entre ellos, la evasión tributaria. Este tipo de delitos son escasamente castigados y el orden social ha instituido, de manera paradójica “paraísos fiscales” para refugiar el producto de ese tipo de delito, a la vez que sanciona leyes para perseguirlos y “castigarlos”. En esta ponencia presentaremos los avances de nuestra investigación que se encuentra actualmente en curso, en el marco de una beca doctoral. El insumo a partir del cual realizaremos este artículo son una serie de entrevistas semi-estructuradas que realizamos en nuestro trabajo de campo a partir de una metodología cualitativa. En el mismo, buscaremos reconstruir las diferentes técnicas de neutralización creadas y utilizadas por las distintas personas que realizan esta ilegalidad para “anular” la carga negativa de su práctica. Al mismo tiempo, buscaremos identificar su legítimo funcionamiento en el marco de códigos culturales locales compartidos tanto por los evasores como por aquellos que se dedican a perseguir esa ilegalidad y el público en general. Así, buscamos reconstruir que significan las fronteras entre lo legal y lo ilegal para ese entramado de actores en la realización de ese ilegalismo. Y entender, cómo esta significación, configura la práctica de este ilegalismo.

Palabras clave: ilegalismos-evasión-delito de cuello blanco-técnicas de neutralización

OS LIMITES ENTRE O LEGAL E O ILEGAL EM UMA FRONTEIRA AGRÍCOLA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO “AGRONEGÓCIO CAFÉ” DO CERRADO MINEIRO (MINAS GERAIS, BRASIL)

Hailton Pinheiro De Souza JR., Doutorando em Sociologia e Antropologia – PPGSA / IFCS / UFRJ, Professor Assistente – Departamento de Ciências Jurídicas – ICHS / UFRRJ, hailtonpinheiro@ufrj.br / hpsjunior1@gmail.com

Esta comunicação apresenta um conjunto de reflexões sobre relações de trabalho, conflitos e seus sistemas de resolução em dois municípios do “cerrado mineiro” – Patrocínio e Araguari (MG) – que figuram entre os dez maiores produtores de café (arábica) do país; o estudo comparativo entre as “práticas produtivas”, particularmente, as relações destinadas à “contratação” de mão-de-obra sazonal (“safristas”, ou seja,

migrantes do norte do Estado ou nordeste do país, via de regra), com maior ou menor participação de intermediários (arregimentadores de mão-de-obra, chamados “gatos”) – o que ocorre distintamente nas duas localidades estudadas –, bem como, os diferentes modos de encaminhamento e resolução de conflitos decorrentes das relações laborais, com a participação de instituições como os Sindicatos e Núcleos de Conciliação (Núcleos Intersindicais), nos coloca diante da possibilidade de analisar os limites da incidência da norma jurídica “formal” (do direito do trabalho “positivo”, neste caso) e, conseqüentemente, da atuação do Estado em uma região que já foi caracterizada como “nova fronteira agrícola” e nos últimos anos vai sendo alçada à condição de área de agricultura consolidada, com uma reconfiguração da síntese de contradições produzidas na “dialética” entre norma e prática, legal e ilegal, imposições formais exteriores e interesses concretos dos sujeitos em relação sobre questões como “salário”, “jornada”, enfim, representações sobre seus “direitos” em geral. Uma vez que tal problema se estabeleceu como central à tese de doutorado a ser por nós elaborada, a possibilidade de diálogo aberta pelo presente Grupo de Trabalho afigura-se preciosa à consecução dos melhores resultados para nosso estudo.

Palavras-chave: Legalidade. Relações de Trabalho. Fronteira Agrícola. Agronegócio. Cafeicultura.

REDES ALIMENTARIAS ALTERNATIVAS: PRODUCIR SIN EL ESTADO. UN ESTUDIO COMPARATIVO FRANCO-MEXICANO

David Monachon, Estudiante de Doctorado en Antropología Social CIESAS – Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social, México – Unidad DF,
david.monachon@gmail.com

En el marco de nuestras investigaciones de doctorado nos enfocamos sobre el análisis de redes alimentarias alternativas con una perspectiva comparativa Franco-Mexicana: los Mercados Alternativos de Tlaxcala y las Asociaciones de Mantenimiento de la Agricultura Campesina. Son grupos de consumidores y de productores preocupados por los riesgos vinculados a la producción industrial y agroquímica, para la salud y el medio ambiente, y que se orientan hacia las alternativas que ofrecen las prácticas agroecológicas u orgánicas. Las dinámicas observadas en Francia parecen hacer parte de una reacción de resiliencia más amplia de la sociedad civil frente a las presiones ejercidas en su contra por el sistema económico globalizado, la búsqueda de nuevas estrategias de abastecimiento en alimentos de calidad y a favor del vínculo social entre los seres humanos. En paralelo, en México se están experimentando iniciativas análogas donde consumidores y productores reivindican sus derechos a la alimentación y su participación política a nivel local. Todos entran en esta dinámica de emancipación de los canales de distribución tradicionales que invisibilizan al productor, lo vuelven dependiente de una cadena de intermediarios y de transición hacia una agricultura

sostenible donde se privilegian más los valores ecológicos y sociales que la economía de mercado destructiva para los recursos naturales, humanos y económicos de las familias campesinas. Pero para fortalecer este vínculo directo consumidor-productor y legitimarlo de manera “más formal” en los dos países se desarrollaron sistemas participativos de garantía, en paralelo a las reglamentaciones nacionales y que buscan justamente independizarse del control y de las presiones gubernamentales.

Palabras claves: Agroecología, Garantía, Campesinos, Políticas, Globalización

O LADO SOMBRIO DA ESTRADA: VITIMIZAÇÃO, GESTÃO COERCITIVA E PERCEPÇÃO DE MEDO NOS ROUBOS A ÔNIBUS INTERURBANOS

Eduardo Paes-Machado Sociólogo e criminólogo, Professor do Departamento de Sociologia e do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.
epaesm@gmail.com

Silvia Viodres-Inoue Psicóloga, Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos. Apoio: CNPq e Capes.

Este trabalho discute a vitimização e a percepção de medo nos roubos a ônibus interurbanos no estado da Bahia, Brasil. Analisa entrevistas com rodoviários e passageiros, e matérias jornalísticas. Compara a vitimização nos roubos efetuados na estrada com a dos roubos em que os ônibus são desviados do seu percurso. Argumenta que o emprego da violência psicológica e física para manipular a percepção de medo é influenciado pelas características dos veículos, pela multiplicidade de vítimas e pela duração da interação entre estas e os assaltantes. Relaciona as variações no tipo e no nível de vitimização com o estilo de gestão dos assaltantes, os papéis diferenciados e as respostas dos tripulantes e passageiros nas distintas fases da transação coercitiva. Conclui defendendo a regulação destes crimes e da segurança do transporte de ônibus interurbanos.

Palavras chave: transporte de passageiros, vitimização por roubos, transação coercitiva, percepção de medo, resistência

CORRELACIÓN HISTÓRICA ENTRE ACTORES LÍCITOS E ILÍCITOS EN EL NORESTE MEXICANO

Carlos Antonio Flores Pérez (CIESAS-México).

La crisis de violencia que ha asolado a la región noreste de México es el resultado de una disfuncionalidad profunda en la estructura del poder político y económico, caracterizada en el primer caso por una reconfiguración cooptada del Estado, en la que actores políticos con influencia federal y local bloquearon de origen el funcionamiento normal de instituciones del Estado para proteger los intereses delictivos de una red criminal de la que formaban parte, en una de las zonas del país más favorables para el desarrollo de diversos tráficó ilícitos que les rindieron considerables ganancias ilegales. En esta ponencia pretendo mostrar que estas mismas redes de actores favorecerían, a partir de la puesta en marcha de operaciones que hoy son concebidas como propias del lavado de dinero, la integración de ganancias de procedencia ilícita en circuitos económicos legales que, de esta manera, tuvieron desde su origen una vinculación con los ámbitos criminales. Estos antecedentes y su continuidad a lo largo del tiempo desvirtúa cualquier intento de enfrentar a la delincuencia organizada en la región y la violencia que genera, sin reformar profundamente la estructura de poder político y económico en su conjunto. Este trabajo aportará una visión panorámica a estos procesos, a partir de documentos públicos.

“NA HORA SAI” (NHS): A PRECARIIDADE COMO MECANISMO INFORMAL ORGANIZADOR DOS PROCESSOS DE RESPONSABILIZAÇÃO E CULPABILIZAÇÃO NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Leonardo Mazzurana, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ) (leonardomzv@gmail.com)

A expressão “na hora sai” – ou “NHS”, como é mais conhecida – é uma máxa informal da PMERJ e remonta a ideia de “improvisó”, sendo mobilizada significativamente para marcar que, a despeito de todo e qualquer esforço antecipatório de planejamento (logístico, operacional, educacional etc.), os resultados de suas intervenções dependeriam mais do “bom senso” de seus agentes (sem mencionar uma boa dose de “sorte”) para “desenrolar” as contingências que se apresentam no plano dos acontecimentos. Como um *bricoleur*, que recorre a um repertório heteróclito de matérias-primas para compor sua obra, o policial deve “improvisar” com os “fragmentos” de que dispõe (experiências profissionais, biográficas, leis, normas, histórias etc.) para operar o NHS, uma espécie de “discricionariedade marginal”, legitimada pela prática social, mas negada pelo *dever-ser do direito*. A partir de relatos extraídos de pesquisas empíricas em que os autores encontram-se implicados, espera-se, ao explorar os contextos de aplicação desta *categoria nativa*, desdobrar seus efeitos para a consolidação de uma instituição pouco suscetível (e mesmo refratária) aos expedientes de *controle e responsabilização burocrático-legais*, uma vez que uma cadeia de

“precariedades” se interpõem entre aqueles que dão as ordens e os que as executam na ponta. Essas “precariedades” tendem a converter-se em *discursos de justificação*, que correriam em socorro da instituição policial confrontada com a dura constatação de que, na hora, as coisas podem não sair como esperado.

EU ATUO ILEGALMENTE, MAS REPRESENTO O ESTADO: UMA REFLEXÃO DA GESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELA LÓGICA DA PRECARIIDADE

Gabriel Borges da Silva- Doutorando em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense. borges.silva0705@gmail.com

A presente proposta de trabalho, pretende refletir dados construídos pela elaboração da minha Dissertação de Mestrado, a partir de um processo de recadastramento dos comerciantes que atualmente exercem atividades no Mercado Popular da Rua Uruguaiana (MPU), localizado no Centro da Cidade do Rio De Janeiro desde 1994. Este processo, foi realizado com por agências da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, bem como por ações policiais, justificadas pelo combate a venda de mercadorias falsificadas. Neste sentido, pretendo refletir as práticas policiais, com foco na atuação da polícia civil, que promoveu o fechamento de todo o MPU, sob a tutela judicial de investigar pouco menos de 1/3 dos comerciantes, acusados de venda de mercadorias falsificadas. De acordo com relatos, este processo se deu de forma arbitrária, inclusive, com o fechamento de todo o MPU e com a investigação estendida para os demais comerciantes: “A operação foi Ilegal! Fechou boxes e levou mercadorias de camaradas quem não vendiam pirataria!”. Com isso, por meio dos relatos, bem como pelo acompanhamento da cobertura midiática, procurarei refletir esses processos a partir da lógica da Precariedade, que rege a gestão disponibilizada pelo Estado para a atividade comercial exercida no MPU, transitando, além de outras, pelas fronteiras do legal e do ilegal.

Palavras- Chaves: Precariedade; Mercado Popular Uruguaiana; Espaço Público; Policia Civil.

LOS DIFERENTES SISTEMAS POLÍTICOS QUE INTERVIENEN EN LA PRODUCCIÓN DEL ORDEN Y LA SEGURIDAD EN UNA CÁRCEL DEL SERVICIO PENITENCIARIO BONAERENSE

Mónica Evangelina Montero Olivo, Doctoranda en Antropología Social IDAES/UNSAM. monicaemo@yahoo.com y monicaemo31@gmail.com

En el marco de mi tesis de doctorado, cuyo propósito es investigar con perspectiva de género los sistemas políticos que conviven a lo interno de los muros de una cárcel de la provincia de Buenos Aires, la ponencia pretende reflexionar sobre el funcionamiento del sistema penal frente a la delegación de la garantía de la seguridad intracarcelaria. La reflexión buscará líneas para evidenciar la coexistencia de distintas formas de gobierno intracarcelario y, la manera como se estructuran dichos sistemas políticos para garantizar la seguridad de las/os interno/as y trabajadores/as. Proyecto retomar la interpretación que hizo Pritchard del sistema político en la Nuerlandia como marco para detectar cuáles son los valores políticos y cuáles son las funciones de las relaciones políticas dentro del conjunto total que es la cárcel. Cómo son las relaciones estructurales que genera la delegación en la población interna de la seguridad, sus autoridades dentro de los pabellones, qué institución las define. Por su parte, ¿En los recintos de reclusión femenina se puede corroborar la existencia de alguna figura que contribuya con el orden y la seguridad de las internas? Precisar en los pabellones evangélicos y entre los internos por delitos sexuales, alejados de la población común, las figuras de autoridad con quienes el servicio penitenciario negocia el control y la seguridad de la población. Cómo interactúan estas formas de gobierno, cómo son las prácticas de ejercicio de poder y cómo se encuentran y se separan del sistema de gobierno que establece la burocracia penal.

Palabras claves: Seguridad intracarcelaria, formas de gobierno, sistemas políticos, género, sistema penitenciario.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CORRUPÇÃO EM ÂMBITO POLICIAL

Paula Lessa – Mestre em Direito pela UFG, Policial Federal

O presente trabalho pretende discutir a partir da percepção de pessoas que moram em comunidades; diálogo com policiais da área de segurança pública do estado do Rio de Janeiro e da experiência da pesquisadora em âmbito de Polícia Federal: desde a prática do Plantão Policial à prática na Corregedoria Regional de Polícia, a imagem dos interlocutores e os fatos que se materializam em arbitrariedade ou corrupção policial, mas que, nem sempre, são vistos como tais pelos que praticam, ou mesmo para os que sofrem com tais atos, ou, ao menos, lhes parecem justificáveis. Busca-se apresentar exemplos ilustrativos de como a corrupção se materializa na prática cotidiana de ações corriqueiras, tais como: uma perseguição, uma blitz, um flagrante ou, até mesmo, em práticas institucionais, como o uso de viaturas e insumos do Órgão Público. Este trabalho pretende apresentar alguns casos concretos e a partir deles expor a naturalização de tais práticas por seus agentes.

“QUEM PAGA, BOTA PARA TRABALHAR”: TENSÕES ENTRE A REGULAÇÃO DO “BICO CLANDESTINO” E A REGULARIZAÇÃO DO

“BICO OFICIAL” NOS SERVIÇOS DE POLICIAMENTO NA PMERJ

Luciane Patrício. Mestre e Doutora em Antropologia (PPGA/UFF). Professora adjunta do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense (DSP/UFF). luciane.patricio@uol.com.br

Jacqueline de Oliveira Muniz. Mestre em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ) e Doutora em Ciência Política (IUPERJ/UCAM). Professora adjunta do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense – DSP/UFF. jacquelineoliveira.muniz@gmail.com

O “bico clandestino” ou a prática informal e não legal do segundo emprego, inscreve-se numa ampla malha de negociações das escalas de trabalho que atravessa as regulações formais de alocação do policiamento na polícia militar do estado do Rio de Janeiro. O mercado de compra e venda de folgas, uma “política salarial informal”, é apresentado como um “modo honesto” do policial complementar sua renda e resistir à corrupção vinda dos apelos do “mercado criminoso”. Nos negócios (con)sentidos da segurança observa-se uma dinâmica de particularização do mandato policial que conecta-se com empresas de vigilância, legais e ilegais, assentadas numa rede formada por policiais, parentes e apadrinhados que operam como proprietários, sócios e prestadores de serviços. Recentemente, o governo estadual publicou três decretos que regulamentam e “terceirizam” os serviços policiais, de forma compulsória ou voluntária, durante a folga. Estes regimes adicionais de serviços, os “bicos oficiais”, incluem o emprego de PMs para suplementar as guardas municipais, prover segurança às concessionárias de serviços públicos e complementar efetivo em eventos extraordinários. Com a gestão estatal da folga tem-se uma disputa entre os arranjos de controle informal e formal do bico. Isto evidencia práticas conflituosas de contorno aos dispositivos normativos e procedimentais, dentro do governo, que borram as fronteiras entre o legal e o ilegal nas ofertas privadas e institucionais, particularizadas ou não, de policiamento público, estatal e privado. Busca-se refletir sobre os mercados de folgas policiais, problematizando como estes mesclam-se e insinuam uma gestão diferencial de tolerâncias, transgressões consentidas e sanções a partir das normatividades existentes e das percepções dos PM sem suas manifestações discursivas nas redes sociais.

Palavras-chave – “bico”, polícia militar, mercados, segundo emprego, regulação.

"CAMELÓDROMOS" NO RIO DE JANEIRO E EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: JOGO POLÍTICO E COMÉRCIO INFORMAL

Hernán Armando Mamani, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR/UFF), hernan_a_mamani@yahoo.com.br

A criação de mercados populares constitui um "modelo" de política municipal, implementada a partir de 1983, na cidade do Rio de Janeiro e imitado nas principais cidades do estado, como Campos dos Goytacazes em 1991. Instituídos por lei ou por decreto municipal nos quais os comerciantes informais receberam uma autorização precária para ocupação de um "box", os "camelódromos", reduziram o conflito entre informais e comerciantes e estimularam um comércio popular rentável e integrado a redes econômicas mundiais. Mas, a partir de 2005, a perseguição ao contrabando e aos produtos pirateados, as novas concepções de política social, bem como a implantação de projetos de renovação urbanos cobrem estes mercados. E as tentativas de remoção dos mercados populares expande-se ao interior do estado e põe a mostra os atores e as práticas envolvidos em sua regulação. Assim, o trabalho descreve e analisa a produção, transformação e difusão de políticas destinadas a tratar do comércio informal na rede urbana do Rio de Janeiro, mediante a comparação das políticas do Rio de Janeiro e de Campos dos Goytacazes nos quais as administrações municipal assumem posturas opostas.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUJEITOS LEGAIS DO ESTADO: ETNOGRAFIA SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DO CAMELÓDROMO PORTO- ALEGRENSE E SUAS PRODUÇÕES DE LEGIBILIDADE

Andressa Nunes Soilo, UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul),
Doutoranda/ 2º semestre. andressansoilo@outlook.com

Este trabalho aborda, sobretudo, as práticas pedagógicas de conversão do “ilegal” para o “legal” direcionadas aos comerciantes do camelódromo da cidade de Porto Alegre/RS pela empresa privada que o administra. O camelódromo porto-alegrense corresponde a um prédio que abarca, desde 2009, comerciantes informais que trabalhavam nas ruas da cidade – comumente conhecidos como camelôs. Tal prédio é fruto de parceria público-privada junto a uma construtora que hoje administra o espaço, esforçando-se em ressignificar o comerciante “fora-da-lei” em micro-empresário legalizado. É nesse cenário que investigo as práticas pedagógicas despendidas pela gestão do espaço a fim de que atividades consideradas legais substituam atividades consideradas ilegais que são praticadas por alguns comerciantes. Esta etnografia foi realizada através do emprego de técnicas de observação participante, pesquisa documental, e entrevistas semi

estruturadas e conversas informais com a diretora do camelódromo e com comerciantes. No recente cenário comercial do camelódromo foi possível perceber a implantação de

práticas como “compensações” aos comerciantes que apresentavam notas fiscais; realização de palestras envolvendo a temática da legalidade e de seus benefícios; e programas direcionados à conscientização de crianças, filhos de comerciantes que convivem no camelódromo, sobre atividades ilegais no meio comercial.

Palavras-chave: camelódromo, legibilidade, Estado, práticas pedagógicas

JOGOS LISBOETAS; DESDOBRAMENTOS REFLEXÕES COM JOGOS DE APOSTAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE LISBOA -PT.-

Rômulo Bulgarelli Labronici INCT-InEAC/ UFF, doutorando,
romulolabronici@gmail.com

O mercado de jogos de aposta, também conhecidos como jogos de azar ou sorte, insere-se numa temática altamente controversa no âmbito das fronteiras entre o “legal” e o “ilegal”. Atividade cujos valores comumente atribuídos ao do “ilegal” pelos códigos de leis em geral não são inteiramente reconhecidos pelos praticantes quando esta se escapa do monopólio estatal. Assim, o trabalho desenvolve-se a partir de uma breve experiência realizada no período em Lisboa Portugal, onde tive a oportunidade de ter contato com diversos modelos e percepções da construção do jogo na sociedade portuguesa. Proponho explorar dois tipos de jogos populares. O primeiro com os Jogos da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa (SCML) e suas controvérsias. A SCML detém o monopólio dos jogos de loteria em Portugal que administra e controla com uma moral católica de auxílio aos “necessitados” e em situação de “carência social”, mas que utiliza o jogo como fonte de receita. Um segundo foco são espaços de carteados “informais” e “espontâneos” criados por frequentadores de uma *tasca*(bar). Local onde os frequentadores apostam entre si jogos fora do controle estatal. Neste espaço as regras do jogo são flexíveis constantemente (re)negociadas. Assim, busco ressaltar como se desdobram as dinâmicas relacionadas a esta atividade, em um universo que se estende em meio urbano com dinâmicas, moralidades e regras de sociabilidades distintas.

Palavras Chave: Jogo, apostas, mercados, *Ilegalismo*; informalidade.

FISCALIZAÇÃO, APREENSÕES E SOFRIMENTO: NARRATIVAS SOBRE A ILEGALIDADE ENTRE CAMELÔS EM PELOTAS/RS

Claudia Cardoso Goularte, Atualmente vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel) e Mestre em

O objetivo deste resumo é apresentar parte fundamental da pesquisa realizada no decorrer do Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas, concluída no ano de 2008, que tem como título; Cotidiano, Identidade e Memória: Narrativas de Camelôs em Pelotas (RS). Tem-se assim a intenção de discutir criticamente, as questões concernentes a “legalidade/ilegalidade” e “formalidade/informalidade”, a partir das narrativas dos trabalhadores, que versam em inúmeros momentos sobre as situações vivenciadas com a fiscalização e as apreensões de produtos contrabandeados, tanto no espaço de trabalho denominado Camelódromo, como nas estradas que fazem a fronteira Brasil/Paraguai. As narrativas sobre esse cotidiano de sofrimento e tensão são pontos fortes e centrais nas falas dos interlocutores, momentos em que explicitam todo o drama que tais vivências trazem, com os prejuízos e humilhações ocasionados pelas perdas das mercadorias adquiridas, assim como traz à tona as identidades construídas a partir da atividade de trabalho escolhida por esse grupo. É através desses momentos de tensão e conflito que se observa a união dos camelôs como um todo, as narrativas trazem assim a percepção dos sujeitos sobre as suas atividades, que mesmo consideradas pelos trabalhadores como dignas, encontram-se situadas em uma constante fronteira entre legal/ilegal e formal/informal.

Palavras-chave: Mercados populares - regulação -conflito - mercados políticos - economia informal.

MODOS DE GOVERNO E PROCESSOS DE LEGALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE QUEIJOS ARTESANAIS NA REGIÃO DA CANASTRA MINAS GERAIS – BRASIL

Rosângela Pezza Cintrão, Doutoranda – CPDA/UFRRJ, bibicintrao@gmail.com

Neste trabalho buscaremos analisar os modos de governo na produção e comercialização de queijos artesanais na região da Serra da Canastra, em Minas Gerais, Brasil. Ali, pequenos atravessadores, denominados localmente de “queijeiros”, percorrem as estradas rurais recolhendo os queijos de pequenos produtores e distribuem estes queijos para mercados consumidores urbanos de fora da região. A partir dos anos 1990, aprofundam-se a nível internacional e nacional, instrumentos e dispositivos de fiscalização e controle sanitários que têm a produção industrial como parâmetro e percebem a produção artesanal de queijos como apresentando elevados riscos à saúde dos consumidores. Como reação a este processo, desencadeia-se uma busca de

reconhecimento e legalização dos queijos artesanais em Minas Gerais, que levam, a partir de 2002, à diferenciação de um novo setor (minoritário) de produtores chamados de “cadastrados”, que buscam se legalizar, em oposição aos que permanecem na ilegalidade, os “não cadastrados”. Observaremos em que medida este processo leva a uma perda de legitimidade e acentua o caráter “clandestino” das atividades relacionadas aos queijos artesanais. Procuraremos debater com visões que pressupõem a necessidade de legalização de atividades econômicas informais como necessárias para a garantia de segurança sanitária e para a inclusão social e promoção de processos de desenvolvimento. A legislação sanitária, apresentada como embasada em parâmetros científicos e neutros, voltados para proteção da saúde dos consumidores, é resultado de disputas sociais onde estão presentes diferentes visões de mundo, jogos de mercado e interesses econômicos e, no caso analisado, tende a acentuar desigualdades sociais e processos de exclusão.

Palavras-chave: Queijos Artesanais, Legislação Sanitária

ENTRE AS FORMAS ESCOLARES E A SOCIALIZAÇÃO INFORMAL: REFLEXÕES SOBRE POSSÍVEIS PERCURSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Elizabete Ribeiro Albernaz, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF)
betealbernaz@gmail.com

As relações entre ensino escolar e práticas de trabalho na Polícia Militar no Estado do Rio de Janeiro é o foco da presente comunicação. As tensões existentes entre o conhecimento codificado, escolarizado e, portanto, formalizado por tecnologia escrita e outras codificações que remetem ao domínio do conhecimento tradicional e, portanto, formatado por outros métodos que não são registrados de maneira a poder ser de domínio universal, nem tampouco universalizável. O trabalho explora dados construídos em pesquisa de campo junto a polícias em ambiente de socialização em escolas de formação; em plantões nos Batalhões de Polícia Militar; em Unidades de Polícia Pacificadora, bem como em contexto de socialização universitária, através de entrevistas com estudantes de curso de tecnólogo em segurança pública oferecido pela UFF. O objetivo é refletir sobre a aludida tensão e imaginar de que maneira a mesma participa do desenvolvimento do que é o objeto da minha pesquisa para o doutorado: a instituição do “faro” policial, atributo que distingue um profissional considerado apto para o desenvolvimento pleno, na perspectiva da corporação, do trabalho de policiamento ostensivo.

Palavras-chave: Igualdade, Sensibilidades Jurídicas, Trabalho doméstico remunerado,

Justiça do Trabalho, Precarização.

GT 15. ANTROPOLOGIA AUDIOVISUAL & ANTROPOLOGIA DO CINEMA: OLHARES CRUZADOS E CONEXÕES POSSÍVEIS

Coordenadores:

Debora Breder. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense/Brasil com Estágio Doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris. Pesquisadora do Grupo de Análises de Políticas e Poéticas Audiovisuais (GRAPPA/UFRJ) e Prof^a da UCAM/Brasil. deborabreder@hotmail.com

Francisco de La Peña Martínez. Doctor en Antropología Social y Etnología por la École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris. Prof^o da Escuela Nacional de Antropología e Historia/ENAH/México; paco61@prodigy.net.mx

Comentarista: Carlos Reyna. Professor Doutor de Cinema do IAD e de Antropologia Visual do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora; creynna@gmail.com

-

IMAGENS & COSMOLOGIAS

A AUTO-MISE EN SCENE. UM OLHAR SOBRE A IMAGÉTICA DA COMISSÃO RONDON

Alexsânder Nakaóka Elias. Doutorando em Antropologia Social (PPGAS-UNICAMP).
alexdefabri@yahoo.com.br

No presente artigo pretendo analisar, a partir de um viés antropológico (especificamente o da Antropologia Visual), um filme etnográfico da extensa produção cinematográfica documental realizada pela Comissão Rondon, na tentativa de delimitar as fronteiras de um Brasil até então desconhecido, indo ao encontro dos índios (por eles) considerados

“selvagens”, personagens singulares e que mantinham, até então, pouco contato com o homem “branco civilizado”. Aqui, darei ênfase ao filme *Kadiweu* (1932), através do olhar do seu idealizador e produtor, o fotógrafo e cineasta (também major) Luiz Thomaz Reis, que sofreu grande influência editorial de seu superior imediato, o marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Pretendo analisar esta produção fílmica levando em consideração as vontades, ideologias e critérios destes militares, ou seja, quero aqui dar ênfase à análise da *mise en scène* (que significa, de forma sucinta, o conjunto de ações do cineasta, que emprega suas opções de escolha, sejam técnicas ou culturais) da produção do autor Thomaz Reis e das contribuições de Rondon, assim como da *auto-mise en scène* (a *mise en scène* dos “atores” e a relação estabelecida com seus interlocutores). Para tanto, farei uso do conceito de *dominantes*, definido por Claudine de France no livro “Cinema e Antropologia” (1998) para designar as atividades humanas que se desenvolvem de forma simultânea no nível do corpo, da matéria e do rito, sendo que um destes três aspectos, na maioria dos casos, fica em relevo em detrimento dos outros dois (que se esfumam, se diluem).

Palavras-chave: *mise en scène*, dominantes, Comissão Rondon, filme etnográfico.

CAMINHOS DA IMAGEM: ENTRE O SENSÍVEL E O VISÍVEL NO UNIVERSO ALTO-XINGUANO

Luiza de Paula Souza Serber. Mestranda em Antropologia Social no IFCH – Unicamp

luizaserber@yahoo.com.br

Proponho em minha pesquisa investigar no universo alto-xinguano como se dá o encontro entre um estilo particular de ver e mostrar - relacionado a um estilo próprio de pensar (Lagrou, 2013, p. 35) - com as possibilidades oferecidas pelas tecnologias audiovisuais. Assim, a análise se dará por meio do cruzamento de duas vertentes complementares. A primeira compreende a imagem em seu sentido mais amplo, como um elemento pertencente a um complexo universo estético/visual no qual atua como instrumento perceptivo que implica em operações mentais específicas (Lagrou, 2013, p. 35). A segunda vertente concebe a imagem como um produto visual particular, fruto do uso de tecnologias audiovisuais. Desta forma, pretendo revelar de que maneira as concepções alto-xinguanas de imagem podem estar se atualizando, transformando e reinventando a partir de novas tecnologias que trazem consigo novos usos, suportes e formas de circulação. Interesse-me, assim, particularmente pelas condições sociais de produção, circulação e recepção dessas narrativas visuais. Para tanto, pretendo acompanhar realizadores indígenas ao longo das etapas de produção audiovisual, enfocando particularmente em algumas realizadoras mulheres (que se formaram ou

estão em formação em oficinas oferecidas pelo Instituto Catitu). Elegi este foco por considerar que a produção cinematográfica destas mulheres constitui um lócus privilegiado para se observar uma certa relação existente entre *estética* e *agência* (Gell, 1998). Relação que, amplamente atestada nas artes ameríndias, também parece se atualizar aqui e se evidenciar através da influência que a produção cinematográfica exerce sobre a atuação política destas mulheres.

Palavras chave: imagem; estética; cinema indígena; Xingu; mulheres xinguanas.

KIRINGUE ARANDU SIG E A IMAGEM CINEMATOGRÁFICA

Paola Correia Mallmann de Oliveira. Mestranda em Antropologia /UFF.
Nickcm2@hotmail.com

O trabalho é sobre cinema indígena e crianças *Mbyá* Guarani, a partir da transversalidade entre o estatuto da imagem cinematográfica *Mbyá* e um dos elementos formadores da educação das crianças: os cantos. A pesquisa traz ao cinema a perspectiva do *jeguatá* – princípio cosmológico e ensinamento tradicional - compreendendo o ato de fazer imagens em movimento como um gênero narrativo próximo ao canto. Entra nesta abordagem a concepção de cinema pelos *Mbyá* como transmissor coletivo de conhecimento entre gerações que se coaduna com as práticas de oralidade. Desde este ponto, percebo formas de relação entrecruzadas, a saber, como as crianças protagonizam certas narrativas específicas sobre o conhecimento/aprendizagem próprio, atentando para as questões que suas vozes transportam, e, quais as imagens que produzem nestas experiências de alteridade. Minha aproximação com esta temática acontece em 2013 em comunidades da região metropolitana de Porto Alegre (RS), mas, o que retrato são experiências de subjetivações singulares de crianças com imagens que se situam em multiplicidade de planos e localizações. A pesquisa é permeada pela utilização inicial de oficinas *pin-hole* e seus efeitos de luz e contra-luz com crianças que cantam, como método para analisar séries imagéticas sobre seus pontos de vistas e versões das narrativas míticas. Por fim, escolhi a dimensão política do *corazonar* e o método cartográfico para compreender os desdobramentos diferenciados de se deslocar entre uma pesquisa que produz imagens e um cinema que documenta visões de mundo. Se produzir imagens é transmitir ensinamentos, o que ensinam as crianças sobre imagens?

Palavras-chave: crianças, imagens cinematográficas, canto, conhecimento.

COSMOPISTA PUTUXOP – CINEMA TIKMÁ’ÁN-MAXAKALI EM UM PERCURSO PELAS TERRAS DOS POVOS-PAPAGAIO

Bruno Vasconcelos. Mestrando em Antropologia Social – UFMG.
guanambis@gmail.com

Esta pesquisa investiga a dinâmica transformacional dos povos indígenas Tikmá’Án-Maxakali, falantes do Maxakali (Macro-Jê) e habitantes do nordeste de Minas Gerais, Brasil, em sua apropriação dos recursos expressivos do cinema. Sua produção audiovisual tem trânsito por festivais de cinema, galerias de arte, assim como começa a fazer frente a situações de abuso e violência por parte dos vizinhos e invasores brancos de seu território. Acompanho uma viagem de mapeamento e filmagem de pontos de seu território ancestral e de estabelecimento de novos laços com o povo Pataxó, antigo aliado, identificado pelos Maxakali com os povos-espíritos de um de seus conjuntos rituais – o *Putuxop*, ou povos-papagaio. Proponho pensar a eventual continuidade de elementos do sistema cosmológico maxakali em sistemas estéticos atuando a partir dos recursos expressivos do cinema. Ao longo desta viagem fílmica por seus territórios e o de seus aliados, aponto como os pajés Maxakali, em seus esforços de formação de cineastas indígenas, dirigindo filmes junto a eles, ou em suas declarações acerca do cinema, demonstram identificar certos procedimentos afins entre práticas xamanísticas e procedimentos cinematográficos. Haveria proximidade entre certas propriedades dos regimes enunciativos dos seres que cantam e habitam as histórias dos antigos, e procedimentos de distribuição da pessoa maxakali no processo de sua “transformação em imagem”. Sugiro que a apropriação do cinema pelos Maxakali pode ser compreendida como uma transformação de transformações, isto é de procedimentos metamórficos previamente atuantes em sua vida social através do concurso dos *Yãmá’yxop*, seus aliados povos-espíritos.

Palavras-chave: cinema indígena, xamanismo, antropologia audiovisual.

XINGU: CINEMA SOBRE O FIM DO MUNDO

Thais Brito da Silva. Doutoranda em Antropologia Social / UFBA.
taisoueu@gmail.com

No Alto Xingu, convive uma sociedade multilíngue onde vivem os povos Mehinako, Yawalapiti e Waurá – falantes de língua aruak; Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Ikpenng e Nahukuá – de fala karib; Aweti, Kamaiurá, Juruna e Caiabi – de fala tupi; Kisêdjê, do

tronco linguístico Macro-jê e Trumai – falantes de uma língua isolada. Um lugar onde a sensação, no primeiro contato, é de choque cultural, semelhante ao que descreve um viajante em seu breve estudo de mitologia Kamayurá, quando se viu limitado ao português num espaço onde vicejam várias línguas e diálogos diglóticos acontecem com certa frequência, sem que haja babel. São aproximadamente 5.500 indígenas de quatorze etnias diferentes pertencentes aos quatro grandes troncos linguísticos indígenas do Brasil. O artigo aborda a formação da sociedade xinguana a partir da perspectiva dos povos que saíram de suas terras e foram levados ao Parque Indígena do Xingu, passando por uma espécie de fim de mundo, em diálogo com as reflexões do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. A análise é feita a partir dos filmes *Contato com uma tribo hostil* (1967), de Jesco von Puttkamer, sobre os Ikpeng; *A Tribo que se esconde do homem* (1966), de Adrian Cowell, sobre o contato com os Panará; e dos filmes feitos pelos próprios indígenas em parceria com o Vídeo nas Aldeias: *De Volta a Terra Boa* (2008), de Vincent Carelli e Mari Correa, *Prãra Jõ - Depois do ovo, a guerra* (2000), de Komoi Panará e *Piriñop: Meu primeiro contato* (2007), de Mari Corrêa e Karané Ikpeng.

Palavras-chave: Xingu, Cinema, Panará, Ikpeng.

FILME ETNOGRÁFICO, ETNOFICÇÃO, ETNOBIOGRAFIAS E OUTROS CINEMAS

“A BATALHA DE ADWA”: MEMÓRIA COLETIVA E SÍMBOLOS NACIONAIS ETÍOPES NO DOCUMENTÁRIO DE HAILE GERIMA

Prof. Carlos P. Reyna UFJF/PPGCSO/IAD. creynna@gmail.com

Uma das motivações é procurar saber, como o documentário *A Batalha de Adwa* (1999) de Haile Gerima lança mão de histórias de vida (memória individual e coletiva) e lugares de memória para construir identidade social. Ao abordar temas ligados à história, o documentário revela áudio-visualmente o ponto de vista do cineasta sobre um determinado tema. O documentário ao tentar reconstruir a realidade vai enunciar um discurso sobre o mundo histórico. Porém, de que maneira o cinema documentário se aproxima da reconstrução da Batalha de Adwa? São inquietações iniciais que esta comunicação procurará saber. Grosso modo, o cineasta utiliza narrativas oficiais quanto narrativas do universo acadêmico, variando com fontes orais para interpretar este fato e apresentar as memórias coletivas construídas desde então. Para reforçar essas formas de representação, Gerima se vale também de imagens pictóricas que ilustram o discurso,

demonstrando assim, o interesse dos artistas em retratar o fato que se tornou mundialmente conhecido. Em suma, o diretor nos propõe perceber os mecanismos complexos utilizados para reconstruir o passado da batalha e nos quais as formas comemorativas ocidentais estão sendo incorporadas às comemorações (relevância do museu, selos, símbolos da vitória e construção de monumentos, bandeira).

Palavras chave: Documentário, Antropologia do Cinema e Memória

“AS MARCAS DO MUNDO”: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IMAGEM NA OBRA *SANS SOLEIL* (1983) DE CHRIS MARKER

Elaine Zeranze. Doutoranda em Ciência da Literatura / UFRJ / CNPq.
elainezeranze@gmail.com

Vinicius Esperança. Doutorando em Sociologia pelo IESP/UERJ / Capes
viniciusesperanca@globocom

O objetivo deste trabalho é analisar na obra *Sans Soleil* (1983), do cineasta francês Chris Marker, o modo pelo qual são relacionados história, memória e imagem. Trata-se de uma obra difícil de ser descrita devido a sua organização singular. Composta por fragmentos da vida cotidiana, o documentário funciona como um mosaico da memória feito de imagens e relatos recolhidos de viagens do Japão à Guiné-Bissau, uma busca pelos extremos da sobrevivência, segundo o próprio autor. Penso que, *Sans Soleil* traz elementos que problematizam e desconstruem certas categorias, tais como, documentário, ficção e documentário etnográfico. É documentário por sua montagem em imagens diretas, ou seja, sem encenação. Ao tempo que não é documentário pelo uso de um personagem fictício que teria escrito relato. Seu inverso também vale para defini-lo como ficção. De mesmo modo é documentário etnográfico por ser fruto da observação participante do estudo de certos grupos sociais e não o é por não seguir os cânones consagrados deste gênero. Nesse ponto podemos aproximá-la da obra do Lévi-Strauss de *Tristes Trópicos* (1955). É nas fronteiras destas categorias que pretendo analisar o papel da memória, tanto coletiva quanto individual, na construção/recriação da história, uma história *escovada à contrapelo*, termo cunhado por Walter Benjamin, ou seja, uma história contada pelo lado dos vencidos.

Palavras-chave: Documentário Etnográfico; Chris Marker; Memória; História.

O CINEMA IMPROVISACIONAL DE JEAN ROUCH

Kelen Pessuto. Doutoranda em Antropologia Social / USP. kelen.novo@hotmail.com

O cinema de Jean Rouch é baseado na improvisação, seja seus filmes etnográficos ou suas etnoficções. O antropólogo-cineasta utiliza a improvisação tanto dos sujeitos que trabalham em suas películas, quanto de filmagem e de roteiro (enredo), pois as ideias surgem da convivência que se estabelece entre o diretor, os atores e o meio social no qual eles vivem. Quase nunca há um roteiro completo com diálogos e marcações a não ser premissas, que servem de guia para o diretor, mas a história é construída a partir do encontro do cineasta com seu(s) sujeito(s). Neste caso, a filmagem é toda improvisada. Tudo é decidido na hora de filmar. A partir do cinema improvisacional rouchiano, esta comunicação aborda os conceitos de improvisação, “cinema-verdade” e “cine-transe” em Jean Rouch.

Palavras-chave: improvisação, etnoficção, Jean Rouch.

AMBIENTALIZAÇÃO, AUDIOVISUAL E DESENVOLVIMENTO: PERCURSOS ETNOBIOGRÁFICOS

Luisa Godoy Pitanga. Mestranda PPGSA/IFCS-UFRJ. luisapitanga@gmail.com

A presente comunicação é fruto da pesquisa desenvolvida para a dissertação de mestrado *Ambientalização, audiovisual e desenvolvimento: percursos etnobiográficos* na qual a autora produz uma “autoetnografia” andarilha ou pedestre, nos termos das enunciações pedestres de Michel de Certeau, que entende o percurso do pedestre na cidade como uma enunciação, um relato de suas táticas para lidar com as tentativas de fixação e coerção do sistema. Um indivíduo na consultoria ambiental, em um mercado de trabalho que emprega cientistas sociais, experimentando uma nova inserção profissional que surge de processos de *ambientalização* (Leite Lopes, 2006), com o uso de novas tecnologias digitais e audiovisuais na pesquisa para estudos de impacto ambiental e em oficinas participativas com futuros ou já impactados por grandes

emprendimientos. Nesses percursos o audiovisual surge como tática para lidar com o emaranhado de lógicas sociais que envolvem o licenciamento ambiental e seus agentes: grandes empresas, IBAMA, consultores e população impactada. Filmes para sensibilizar, para pesquisar, para levar mensagens para instituições e grandes empresas. Filmes como meios, como agentes sociais numa aproximação com Alfred Gell e uma antropología da arte que pensa a ação, não o simbólico, a qual interessa as relações de mediação produzidas nos circuito de produção e circulação pela a agência de objetos de arte. Assumindo diversas personas-personagem etnobiográficas como: a estudante de iniciación científica que acompañou a transición tecnológica do analógico ao digital, a consultora que se desdobra em militante, empresária e técnica, a educadora audiovisual e a cientista social-documentarista etnografo situaciones vividas em pesquisas de campo e em oficinas de cinema ambiental de proyectos de desenvolvimento do licenciamento ambiental de petróleo e de hidrelétricas nas quais está envolvido o uso do audiovisual e da pesquisa de inspiración antropológica.

COTIDIANO (IN)VISIBLE. LOS SENEGALESES MÁS ALLÁ DE LA VENTA AMBULANTE

M. Luz Espiro. Licenciada en Antropología / Universidad Nacional de La Plata, Argentina. mluzespiro@gmail.com

En la ciudad de La Plata, capital de la provincia de Buenos Aires viven y trabajan en la venta ambulante un centenar de senegaleses, que forman parte una gran comunidad transnacional. Estas presencias negras despiertan, desde su llegada, sentimientos y significados latentes en el resto de los habitantes de la ciudad, herederos de una historia que ha sabido imponer un mito de nación argentina blanca y de ascendencia estrictamente europea. Mediante este corto audiovisual que muestra parte de mi trabajo antropológico con la comunidad de senegaleses residentes en La Plata busco poner en evidencia las tensiones de sentido existentes. Por ello se recuperan algunas experiencias cotidianas de los senegaleses, relatadas y vividas por uno de ellos, quien trabajaba en una esquina especial de la ciudad, lugar común de vendedores ambulantes. Una mirada y escucha atentas desde su puesto de bijouterie permiten captar las representaciones de los platenses en torno a estos migrantes. Y es que los puestos de bijouterie se constituyen en fronteras simbólicas desde las cuales se reproduce una interacción estereotipada con la comunidad local. Entonces, se vuelve necesario atravesarlas para dar a conocer la intimidad de un hogar signado por el compartir entre senegaleses de aquí y más allá. Pese a las dificultades que Argentina, y en particular la sociedad platense, le imponen a estos migrantes, los senegaleses son protagonistas de su proyecto migratorio, su risa es la fuerza de su comunidad, que migra por sus costumbres, por el trabajo, por el futuro, por la identidad.

Palabras-clave: migración, antropología audiovisual, representaciones sociales,

senegaleses, Argentina.

CORPOS, GÊNEROS, SEXUALIDADES

E A VIDA CONTINUA: REFLEXÕES ACERCA DE UMA EPIDEMIA

Zulmira Newlands Borges. Prof. Associado IV, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais / UFSM zulmiraborges@gmail.com

Este trabalho se enquadra na perspectiva de debater o cinema como objeto antropológico. O objetivo deste texto é analisar as representações e interpretações possíveis que a narrativa cinematográfica propõe sobre a sexualidade e a AIDS, no filme intitulado “E a vida continua”. Realiza-se aqui uma etnografia do filme, centrada sobre a narrativa fílmica da epidemia da AIDS e os mecanismos de construção de sentido daquele contexto histórico do final dos anos 80. Há mais de 20 anos do lançamento do filme a sua análise ainda traz boas contribuições para o debate atual em torno da doença. A AIDS e especialmente os agentes envolvidos transformaram a maneira de ver a saúde e a doença e aproximaram de um modo inédito as Ciências Sociais da área da saúde. O filme mostra essa trajetória de forma exemplar, abordando primeiramente o medo em torno da epidemia, a forma como foi se construindo a estigmatização em torno do doente, os diferentes discursos que atuaram nesse processo como o Estado, as religiões, a mídia, os interesses econômicos, o movimento social, dentre outros. O filme contribui para expor pré-conceitos ainda vigentes e por isso ainda é um filme contemporâneo, atual e útil para um debate em torno de uma antropologia do cinema. Através dele podemos tecer reflexões sobre as dinâmicas culturais envolvidas quando surge uma nova doença e também analisar os atores que entram em cena nesses casos e especialmente as relações de forças que atuam nesse contexto.

TATUAGEM, DESBUNDE E CARNAVAL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA LGBT CONTEMPORÂNEA A PARTIR DE UMA ANTROPOLOGIA DO CINEMA E DE UMA FESTA QUE NÃO EXISTE MAIS

Este trabalho pretende a realização de uma antropologia do cinema a partir do filme *Tatuagem* (dir. Hilton Lacerda, Brasil, 2013) para pensar temas caros às discussões políticas LGBTs contemporâneas como a luta por direitos civis e a dicotomia entre carnaval e política que ronda as paradas gays ou da diversidade sexual, como se o fato de serem mais carnavalescas lhes tirasse a força política. *Tatuagem* traz à tona antigas possibilidades do estar junto para os “modos de vida”, como a amizade, num tempo como o atual em que os moldes da família e do casamento tradicional passaram a compor os mais caros ideais coletivos LGBTs. O filme também aponta a possibilidade de se pensar o desbunde e o humor *camp* enquanto formas políticas legítimas e contestadoras. Nesse sentido, esse trabalho também vai pensar também numa festa que não existe mais, o carnaval do Roma, realizado na cidade de Florianópolis, do final dos anos 1970 até o ano de 2008, reconhecido nesse período como um carnaval LGBT que reunia moradores e turistas que performavam e carnavalizavam nesse espaço suas identidades. Defendo que a força política desse carnaval e das manifestações narradas em *Tatuagem* está em grande medida ancorada nos aspectos audiovisuais que podemos encontrar em carnavais, paradas e outras festas quando estas se espriam, com seus sons e imagens, por espaços privilegiados da paisagem urbana. Pensar na audiovisualidade e sua força política, acredito, é uma das tarefas possíveis de uma antropologia do cinema, preocupada além do filme em tela e com o papel das multissensorialidades para a reflexão antropológica contemporânea.

Palavras-chave: carnaval, desbunde, política LGBT, antropologia do cinema.

SÉRIES CHILENAS DE FICCIÓN Y REPRESENTACIÓN DE GÉNERO

Gloria Ochoa Sotomayor. Antropóloga social y Directora de Germina, conocimiento para la acción, gochoa@germina.cl. Javier Mateos Pérez. Instituto de la Comunicación e Imagen de la Universidad de Chile, javiermateos@u.uchile.cl

La televisión chilena del siglo XXI ha enfrentado un nuevo fenómeno: la producción y emisión de series de ficción nacionales que han alcanzado un lugar prioritario en la programación televisiva y en el seguimiento del público. Las series más representativas de este fenómeno son *Los 80*, *Los archivos del cardenal* y *El reemplazante*. Estas producciones conforman un corpus en el que se representa, desde la ficción y de manera cronológica, un periodo histórico definitorio para la conformación de la actual sociedad chilena; abarcando, desde la dictadura militar del general Pinochet hasta la actualidad, los cambios sociales acontecidos y la evolución de la sociedad en los últimos cuarenta

años. Además, han conseguido los primeros lugares en las listas de los programas más vistos en sus franjas horarias, han sido bien valoradas por la audiencia, han recibido distintos reconocimientos por su calidad y, por último, han alimentado y motivado el debate social.

En el presente trabajo se analizará la representación de género que estas producciones audiovisuales de éxito han construido. El objeto principal consiste en indagar cómo un producto innovador en la temática que aborda -la historia reciente del país-, construye la representación de género. Esta reflexión es parte de una investigación mayor denominada *La representación de la historia reciente de Chile en las series de ficción nacionales de máxima audiencia y su recepción en el público juvenil 2015-2018*, que investiga estas tres series desde sus condiciones de producción, su contenido y su recepción en la audiencia juvenil.

Palabras clave: antropología social, series de ficción, representación género, televisión, Chile.

A CONSTRUÇÃO VISUAL DO GÊNERO EM *VOLVER*, DE PEDRO ALMODÓVAR

Paula Alves. Doutoranda em População, Território e Estatísticas Públicas ENCE/IBGE. paula@feminafest.com.br. Paloma Coelho. Doutoranda em Ciências Sociais / PUC-MG. palomafcs@gmail.com

O presente artigo visa analisar a construção de discursos em torno das relações de gênero em *Volver*, de Pedro Almodóvar. Pretende-se refletir, a partir da imagem de “universo feminino” elaborada pelo filme, como se constituem as relações entre os gêneros e como, ao mesmo tempo em que se criam formulações discursivas sobre o “feminino”, se delineiam significados atribuídos ao “masculino”, às posições de sujeito e às relações de poder entre homens e mulheres. *Volver* leva suas personagens a reviver questões do passado que precisam ser resgatadas e resolvidas no presente, entre tradições e superstições de um pequeno povoado, histórias trágicas e relações familiares que se reproduzem entre as gerações, a presença constante da morte e a iminência da solidão, através da cumplicidade entre as mulheres, de uma mesma família, ou vizinhas, clientes, amigas. Chama a atenção como Almodóvar constrói o “universo feminino” na cozinha, na casa, no cuidado com o outro, com a marca característica de seu cinema: a mistura de tragédia, melodrama, comédia absurda e sensualidade, gerando questionamentos referentes aos discursos construídos pelo diretor no tocante ao gênero. Pretende-se, ainda, discutir sobre a imputação de sentidos às relações de gênero por meio da construção visual de questões como a maternidade, a família, a sexualidade, o incesto e a violação sexual. Por outro lado, problematiza-se a elaboração imagético-discursiva empreendida pelo filme, e a maneira como a linguagem cinematográfica pode ressignificar e deslocar sentidos contidos tanto nos discursos explícitos, como nas zonas de silêncio que a película confere.

Palavras-chave: Relações de gênero; Cinema; Linguagem cinematográfica; Pedro Almodóvar.

“A DIFFERENT SET OF JAWS”: SEXUALIDADE ALIENÍGENA EM HOLLYWOOD

Thais Farias Lassali. Mestranda em Antropologia Social/ IFCH (Unicamp).
thaislassali@gmail.com.

Rafael do Nascimento Cesar. Mestrando em Antropologia Social/ IFCH (Unicamp).
rafael_nascimento1989@yahoo.com.br.

Em setembro de 1975, o musical *Rocky Horror Picture Show* ganhava as telas do Westwood Theater, em Los Angeles, depois de uma aclamada temporada nos teatros da Broadway. Um de seus principais cartazes de divulgação aludia ao filme de Spielberg, trazendo apenas uma boca de lábios carnudos pintados de vermelho, o título e os dizeres “um conjunto diferente de *jaws* [trocadilho entre “mandíbula” e o título original de *Tubarão*]”. Parodiando os gêneros de terror e ficção científica, extremamente familiares ao público norte-americano das décadas de 1940 e 1950, o filme tornar-se-ia o ícone cultuado de uma juventude vivendo entre os ideais libertários dos movimentos sociais de esquerda – sobretudo os referentes às liberdades política e sexual – e os valores arraigados de uma sociedade tradicional predominantemente anticomunista. Sabendo da relação constitutiva, sustentada pela antropologia, entre experiência social e as formas culturais, este trabalho procura compreender como os dilemas e tensões inerentes ao contexto norte-americano da década de 1970 são abordados em *Rocky Horror Picture Show* a partir da relação paródica com gêneros cinematográficos consagrados. Torcendo os chavões narrativos do terror e da ficção científica e atribuindo-lhes novos significados (como nas personagens típicas do “monstro”, “heróis” e “cientista”), o filme tem seu potencial expressivo na subversão das expectativas do público, e na encruzilhada entre normalidade e desvio, prazer e destruição, que ele dará voz às ansiedades de uma geração.

Palavras-chave: Rocky Horror Picture Show; sexualidade; antropologia do cinema; cultura norte-americana.

CINEMA & IMAGINÁRIOS

***IT'S ALL TRUE* E A DESCONSTRUÇÃO RACIAL DA FORMA CINEMATOGRAFICA**

Luis Felipe Kojima Hirano. Universidade Federal de Goiás / UFG. lfhirano@gmail.com

Pretende-se discutir *It's all true* documentário inacabado de Orson Welles sobre a América Latina. Encomendado pelos governos estadunidense e brasileiro durante a política de boa-vizinhança, na 2ª Guerra Mundial. Tal documentário tinha como mote retratar o continente americano através de similaridades e diferenças culturais passando pelo jazz em New Orleans, as touradas no México, o Carnaval e os jangadeiros no Brasil. Apesar do patrocínio de ambos os países da RKO, Orson Welles, um dos mais promissores diretores hollywoodianos da época, não conseguiu a contragosto finalizar esse projeto. Há uma série de ensaios que explicam a perda de apoio de Welles de seus patrocinadores, entre os estudos mais recentes e as fontes coletadas durante a pesquisa há uma série de indícios que indicam que a forte presença de atores e figurantes negros e mestiços foi uma das principais razões para o embargo que o documentário sofreu ao longo do processo de filmagem. Do lado dos Estados Unidos, a enorme quantidade de negros e mestiços comprometia a exibição do filme nos estados segregados racialmente. Do lado brasileiro, o destaque dado aos afrodescendentes e as favelas se contrapunha a imagem que o governo e a imprensa gostaria de exibido do Brasil internacionalmente. O episódio de *It's all true* permite não apenas discutir as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos, mas também refletir de que maneira as convenções e a forma cinematográfica também se ancoram em concepções raciais, étnicas, entre outros marcadores sociais da diferença.

Palavras-chave: cinema, *It's all true*, marcadores sociais da diferença, Política de boa-vizinhança.

CINEMA E IMAGINÁRIO NACIONAL: REPRESENTAÇÕES DA ARGENTINA E DO BRASIL EM SEUS FILMES RECENTES DE ÊXITO INTERNACIONAL

Vitáli Marques Corrêa da Silva. Mestrando em Antropologia Social pela UFRGS. vitalimcs@gmail.com.

Este trabalho analisa a relação entre filmes argentinos e brasileiros bem-sucedidos no exterior com o imaginário construído acerca desses países na contemporaneidade. Filmes produzidos na Argentina e no Brasil não raras vezes fazem sucesso em países do Norte. Essa posição expoente das indústrias cinematográficas serve como campo propício para o entendimento das representações nacionais a respeito de ambos os países. A suposição deste trabalho é a de que o conteúdo veiculado por filmes de maior abrangência assume uma posição de construção/reforço do imaginário desenvolvido sobre o Brasil e a Argentina. A questão central que se levanta é a de que forma os imaginários, as representações e as identidades nacionais desses países são estruturados e refletidos pelas criações cinematográficas de maior destaque. Afinal, de que se tratam

esses imaginários, representações e identidades? A análise fílmica das narrativas permitirá a sistematização de características da representação nacional. Argumentamos que o modelo representacional brasileiro se assenta no "exotismo", ao passo que a Argentina se insere de forma mais "cosmopolita", considerando os parâmetros ocidentais.

Palavras-chave: cinema, imaginário nacional, Brasil, Argentina, identidade.

NATUREZA, CULTURA E TECNOLOGIA EM CONEXÕES PARCIAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE STEVEN SPIELBERG E JAMES CAMERON

Vitor França Netto Chiodi. Mestrando em Divulgação Científica e cultural - LABJOR/
Unicamp. yama.chiodi@gmail.com

James Cameron e Steven Spielberg são os dois diretores com a maior soma de bilheteria da história de Hollywood, o que os coloca em posição privilegiada para a execução de blockbusters com narrativas muito mais passíveis de autonomia que o padrão da indústria. Dentre as várias abordagens possíveis nas obras dos autores, existe uma que remonta uma controvérsia sobre a relação entre natureza-cultura e tecnologia. A controvérsia é caracterizada pelos processos de hibridização entre humano e tecnológico que desmantelam algumas configurações tradicionais de natureza e cultura e criam novas conexões. Por um lado uma visão moderna dessa hibridização que organiza natureza e cultura como humano x tecnológico, natural x artificial. De outro uma visão contra-moderna que enxerga potências na hibridização e rompe a binariedade entre humano e tecnológico, os pensando como parte de um mesmo processo. A visão moderna caracteriza o ponto de vista de Spielberg e pode encontrar fundamento teórico em autores como Virilio (2009) e Le Breton (2010). A visão contra-moderna, ou simétrica, se aproxima da de James Cameron e pode se apoiar em autores como Donna Haraway (2010) e Latour (2009). As duas perspectivas acima descritas são centrais nos debates da antropologia e na obra dos dois diretores. O objetivo desse artigo é recuperar a interdisciplinariedade do debate e propor uma reflexão sobre estratégias políticas para se pensar as diferenças, assumindo que o cinema pode ilustrar a antropologia e vice-versa, e que a relação cinema-antropologia se apresenta como possibilidade de crítica política.

Palavras-chave: Antropologia do cinema; tecnologia; hollywood; diferença; ciborgue

A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA NO CINEMA BRASILEIRO – 1994 A

2004

Irma Viana. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA. irmaviana@hotmail.com

Com o objetivo de dar continuidade à pesquisa que vem sendo realizada no campo de intersecção entre a análise sócio-antropológica da arte e da saúde, este trabalho procura investigar como questões de saúde/doença mental têm sido apresentadas pelo cinema brasileiro entre os anos de 1994 e 2004. Cabe observar que esse período foi bastante significativo para o desenvolvimento de concepções relacionadas ao sistema da saúde mental, quando as reflexões sobre os cuidados com os sofrimentos mentais adquiriram novos contornos, principalmente devido aos rumos tomados pelo processo da “Reforma Psiquiátrica”. Trata-se ainda de um período em que a produção cinematográfica brasileira se intensificou com a criação de novos incentivos, como é o caso da chamada “retomada do cinema nacional”. Além de seu poder de penetração em diversos segmentos da população, o cinema, por outro lado, reflete aspectos fundamentais do imaginário nacional, lançando um conjunto de preocupações relacionadas às transformações socioculturais, econômicas e políticas. Nesse âmbito, a presente pesquisa volta-se para discutir as formas pelas quais, ao longo do tempo, o cinema brasileiro (ficção e documentário) representou as mudanças ocorridas com o “mundo” da doença mental, contribuindo para a instituição de imaginários sociais relacionados com a loucura. Vale salientar que a análise das representações da saúde/doença mental não está separada das questões relativas à corporalidade, pois a “construção” do *corpo* e da *pessoa* é um elemento fundamental para a compreensão do adoecer. E o cinema desempenha um papel significativo para essa construção na sociedade moderna.

Palavras-chave: Cinema, Doença Mental, Corpo, Pessoa, Contemporaneidade.

O MUNDO NATIVO DO OUTRO EM JAUJA E SUAS PAISAGENS POÉTICAS

Juliano Gonçalves da Silva. Integrante do Grupo de Análises de Políticas e Poéticas Audiovisuais. juliano.gds@ig.com.br

Neste artigo pretendo discutir a visão do "outro" a partir de uma viagem empreendida por um "colonizador europeu" no ano de 1882 por ocasião do "descobrimento" da Patagônia Argentina. Este está envolvido em um projeto de mineração de ouro, levando consigo na viagem sua filha uma bela e rara figura feminina numa terra onde existe de tudo menos "códigos civilizados". A partir dessa narrativa presente no filme Jauja (2014) do cineasta Lisandro Alonso, realizarei uma análise sobre as possíveis paisagens construídas em sua busca após o rapto dela por um soldado mestiço e a representação

dos não europeus através da sua poética fílmica. Logo no início do filme vê-se um pai, o capitão Gunnar Dineses (Vigo Mortensen), conversando com a sua filha (Vilbjørk Mallin Agger); falam dinamarquês, abordam a viagem que está por vir – e olham para o horizonte, emoldurado por uma janela. Em sua trajetória no Novo Mundo, que vai paulatinamente relativizando tempos e espaços acabam por nos remeter a possíveis outros olhares sobre estes estranhos habitantes locais chamados de "cabeça de cocô" por um dos subalternos do capitão e para eles mesmos "europeus" deslocados de sua terra natal. Tal qual nos é apresentado em um epílogo posterior o filme nos remete a possíveis elos perdidos recorrentes entre as duas narrativas (um soldadinho de madeira, cães magros e esguios que guiam os personagens, entre outros...) dos mesmos personagens em um presente possível na Europa atual. Assim este movimento contínuo e cíclico, próximo aos tempos míticos atualiza em novas interpretações e sentidos o próprio processo colonizador e seus sentidos e significados atuais.

Palavras-chave: antropologia do cinema; cinema argentino; mundos indígenas; paisagens no cinema; poética fílmica.

CINEMA, CIDADES E OUTRAS PAISAGENS

CIDADES, POÉTICAS E POLÍTICAS: O NORDESTE URBANO EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS NACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia. Professor Adjunto I do Departamento de Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Antropologia / UFS.
luizgustavopsc@gmail.com.

Anike Mateus Lamoso. Graduada em Comunicação Social / UFS.
nikilamoso@gmail.com

A presente comunicação pretende discutir as relações entre estética, política e cinema a partir de recentes produções cinematográficas do nordeste brasileiro. O foco das análises é dirigido às narrativas e experiências de cidades desveladas nos filmes e a potencialidade do cinema em propor, através desses múltiplos olhares e sensibilidades, distintas formas de sentir e pensar o urbano. A cidade é aqui compreendida como uma composição de diversas temporalidades e memórias de onde emergem individualidades e coletividades como possibilidades únicas de experiência e de atribuição de significados a tais vivências. Seguindo as proposições de Lefebvre, é necessário pensar as descontinuidades e instabilidades do cotidiano e as possibilidades daí advindas de

subversão e transgressão pelos sujeitos nos instantes de reapropriação e ressignificação dos cenários urbanos em meio às suas práticas banais. Por sua vez, Benjamin aponta o papel da narração como trabalho de tessitura do tempo, uma luta contra o esquecimento, o silenciamento e a supressão da memória. Como possibilidade de redenção do passado através da fusão ou condensação dos tempos, a narração é a subversão do tempo banalizado da cotidianidade, pois na rememoração o tempo não é vivido “nem como vazio, nem como homogêneo”. Assim, ao fazer dialogar tais autores com o conjunto de filmes selecionados, espera-se não apenas lançar novos olhares às cidades narradas e seus imaginários, mas também às cidades contemporâneas como objeto de análise antropológica.

Palavras chave: Cinema nordestino contemporâneo; Cidades; Cotidiano; Experiência

**DOCUMENTÁRIO PERNAMBUCANO DE CURTA-METRAGEM:
NARRATIVAS E ESPACIALIDADES NOS FILMES *CÂMERA ESCURA* E *A CLAVE DOS PREGÕES***

Wendell Marcel Alves da Costa. Graduando em Ciências Sociais. UFRN.
marcell.wendell@hotmail.com

Como o espaço urbano é representado na produção de dois curtas-metragens locados na cidade de Recife–PE? Mais do que essa indagação inicial, este ensaio busca compreender como o ordenamento narrativo audiovisual das produções de curtas-metragens, *Câmara Escura* (Marcelo Pedroso, 2012) e *A Clave dos Pregões* (Pablo Nóbrega, 2015), identificam e constituem o espaço urbano recifense. Analisa-se como o imaginário social é construído acerca da cidade, a partir da leitura e/ou tradução de suas paisagens urbanas e das interações sociais nelas existentes no contexto do processo de subjetivação do espaço. Trabalhando com categorias como representação, construção do espaço, imaginário social e narrativas, a partir das contribuições de Barbosa (2000), Costa (2011) e Oliveira Jr. (2012), este trabalho debate questões referentes à representação e/do espaço. Nesse cenário, os estudos na antropologia urbana colocam-se prontamente para traçar uma corrente teórica que dialogue com outros campos de estudos neste trabalho, como a antropologia do cinema e do audiovisual e a geografia cultural. Finalmente, considera-se a distinção entre duas construções de realidade urbana nos curtas em questão para compreender como estas são construídas por meio de narrativas fílmicas que mesclam o antropológico e o geográfico no fazer cinematográfico.

Palavras-chave: Espaço urbano, Representação, Narrativas, Curta-metragem

TEM CINEMA NO SERTÃO! UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA NOS FESTIVAIS CINECONGO E CURTA COREMAS NO SERTÃO PARAIBANO

Pedro Henrique Pinheiro Xavier Pinto. Doutorando do PPGS/UFPB.
phpxavier@yahoo.com.br

Coremas é uma cidade que fica na microrregião do piancó, sertão da paraíba. Congo, um município do cariri paraibano. Ambas têm em comum importantes festivais de cinema no circuito fora da capital e de Campina Grande, outro centro urbano e referência na produção audiovisual do Estado da Paraíba. O curta Coremas está em sua quarta edição e o Cinecongo, em novembro de 2014, chegou a sua sexta edição com o tema "cinema de identidade". Estes são festivais que considero bastante significativos para a pesquisa de doutorado na qual estou realizando um estudo sistemático das transformações recentes no circuito de distribuição das obras audiovisuais produzidas no Nordeste, sob a forma de festivais e mostras que ocorrem fora do eixo das capitais. O Cinecongo e o Curta Coremas são eventos consolidados em seus municípios e constam na base de dados dos principais fóruns audiovisuais, portanto, estão no circuito nacional e se comunicam com os demais realizadores de mostras e festivais Brasil a fora. Tenho desde 2013, na condição de observador participante, acompanhado vários festivais e mostras de cinema principalmente na Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Venho também captando imagem e som destes eventos como aporte metodológico para a pesquisa que está em andamento. Proponho aqui comunicar este recorte sobre a minha experiência no Cinecongo e no Curta Coremas ajustando o foco sobre temas da antropologia visual e da sociologia da imagem e da cultura.

Palavras-chave: Cinema, festivais, audiovisual, sociologia e antropologia da imagem

-

CINEMA & INCESTO

UMA MULHER, DOIS IRMÃOS E UM ÚTERO TRIFURCADO: UMA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA SOBRE GEMEIDADE, ESTERILIDADE E INCESTO

Debora Breder. UCAM

Inspirado na ideia de *textura mítica* – essa *trama* persistente e flexível capaz de se entrelaçar a outros fios ou tecidos narrativos –, esta comunicação propõe uma reflexão sobre o modo pelo qual o ideal de uma *perfeita gemeidade*, comum à tradição indo-europeia, vem sendo atualizado nas narrativas contemporâneas. Tendo como fio

conductor desta reflexão longa-metragem *Dead Ringers* (1989), de David Cronenberg – que apresenta gêmeos ginecologistas como personagens centrais – analisa-se o discurso simbólico da trama, que entretece *gemeidade, esterilidade e incesto*. Em última instância trata-se de destrinçar, no emaranhado de suas malhas, a coerência de um discurso simbólico sobre a gemeidade, em seus limites e utopia.

Palavras-chave: Cinema, Mitologia, Incesto, Gemeidade, Dead Ringers

EL INCESTO COMO SÍMBOLO DOMINANTE EN EL MELODRAMA CINEMATOGRAFICO.

Francisco de La Peña. ENAH.

Un elemento mayor del cine melodramático es el incesto, real o potencial, entre los personajes. El incesto puede ser de primer tipo, es decir entre consanguíneos, o bien de segundo tipo, es decir entre dos sujetos emparentados que comparten una misma pareja sexual. De hecho, es más común este último tipo de incesto en el cine melodramático, lo cual resulta altamente significativo. En este trabajo se presentarán algunas reflexiones sobre este tema desde una perspectiva antropológica, en la que destacan los aportes de Françoise Heritier para el estudio del incesto de segundo tipo, y se explorará su presencia en una serie de obras fílmicas de distintos países y tradiciones cinematográficas..

GT 16. ANTROPOLOGÍA DE LA BASURA: DETRITUS DEL CONSUMO E INSUMOS INDUSTRIALES

Coordinadores:

Dr. Schamber Pablo J. Antropólogo (UNaM-UBA), Docente-Investigador de la Universidad Nacional de Lanús e investigador de la Universidad Nacional de Quilmes; pschamber@hotmail.com; schamber@unla.edu.ar

Mg. Daniela Gomes Metello. Universidad Federal de Río de Janeiro. Asesora y coordinadora del Comité Interministerial para la Inclusión Social y Económica de Recolectores de Materiales Reciclable de Brasil; danielametello@gmail.com

Mg. Lucía Fernández. Universidad Nacional de la República. Coordinadora Global de

Recicladores de WIEGO y responsable de la coordinación internacional de la Alianza Global de Recicladores; lucia.fruy@gmail.com

Procesos de construcción de identidades en torno a los materiales recuperables

ATORES VISÍVEIS: INCLUSÃO SOCIAL E RECONHECIMENTO EM TORNO DA GESTÃO DE RESÍDUOS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE (BRASIL)

Helisa Canfield de Castro, Maria Eunice Maciel. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS- UFRGS/BRASIL); helisa_nut@hotmail.com; mariaeunicemaciel@gmail.com

Este trabalho busca focalizar, com base em uma pesquisa etnográfica realizada entre 2014 e 2015, a trajetória de um grupo de recicladores que trabalha em uma Unidade de Triagem e Compostagem de resíduos (UTC) na cidade de Porto Alegre (Brasil), local popularmente conhecido como “Lixão”. Por meio de relatos de vida pretende-se expor as dinâmicas de trabalho atuais e passadas, evidenciando o processo de ascensão social experienciado a partir do rearranjo desta atividade sob o âmbito da gestão compartilhada de resíduos sólidos adotada pelo município desde o início dos anos 2000. Nesse cenário, tomando o cotidiano como foco privilegiado para captar processos sociais mais amplos, busca-se analisar as formas de vidas engendradas pelo contexto e o desenvolvimento de uma identidade coletiva em torno da valorização da figura do “reciclador”. Sob o ponto de vista processual e cambiante é possível identificar um estreito vínculo entre a melhoria das condições sociais e econômicas desses atores e a mudança de status experienciada pelos mesmos no que diz respeito a sua condição de catador, caracterizado pelo trabalho individual e informal para a de “recicladores”, hoje organizado em torno de uma associação formal a qual atua em parceria com a prefeitura. Assim se busca arguir que tais mudanças incidiram e incidem no imaginário e nas formas de vida dessas pessoas. Se bem que apontando para a manutenção de uma condição de classe - a de pobre - a vida e o trabalho na UTC informaram um passado difícil e estigmatizante frente a um presente mais prazeroso e valorizado.

Palavras-chave: Recicladores, inclusão social, formas de vida, políticas públicas de gestão de resíduos.

MÁS ALLÁ DE LA CLASIFICACIÓN: ANÁLISIS SOCIOTÉCNICO DE PRÁCTICAS DE EXPERIMENTACIÓN Y PROCESAMIENTO DE MATERIALES “SIN MERCADO” EN UNA COOPERATIVA DE “CARTONEROS” DEL GRAN BUENOSAIRES

Sebastián Careno. Instituto de Estudios sobre la Ciencia y la Tecnología, Universidad Nacional de Quilmes (IESCT/UNQ); sebastian.carenzo@unq.edu.ar

En esta ponencia busco compartir y discutir resultados preliminares de una investigación etnográfica que vengo desarrollando sobre prácticas de experimentación y procesamiento de materiales que si bien son posibles de ser recuperados en esquemas de recolección diferenciada, carecen de un mercado consolidado donde ser comercializados posteriormente. En este sentido, mi foco ha estado puesto en sistematizar prácticas de experimentación sobre cualidades de estos materiales, así como el diseño de procesos y artefactos destinados a posibilitar su procesamiento, que son realizadas en el marco una cooperativa de “cartoneros” del Gran Buenos Aires.

El análisis en curso recupera una perspectiva socio-técnica desde la cual problematizo la relación determinista y lineal que evidencia buena parte de la literatura que aborda la relación entre producción de valor y desarrollo/adaptación de tecnologías por parte de organizaciones de base. En particular, propongo discutir el sentido “inclusivo” de políticas públicas y proyectos de organizaciones no gubernamentales en relación al denominado “trabajo informal” vinculado a la gestión de residuos, que limitan su alcance a la “formalización” de prácticas laborales vinculadas a la recuperación y clasificación de materiales de los residuos. En forma complementaria, la ponencia busca aportar a un tema escasamente debatido que tiene que ver con a quiénes reconocemos como agentes sociales de innovación en este campo. Esto supone entonces repensar las condiciones que posibilitan o impugnan la construcción de procesos innovación “legítimos” considerando que la praxis creativa/experimental analizada es protagonizada por “cartoneros” que carecen de los capitales simbólicos, económicos y técnicos requeridos para acreditar estas socialmente estas competencias.

Palabras Clave: Procesamiento Posconsumo - Creatividad – Socio-técnico - Cartoneros – Gran Buenos Aires.

DIFERENCIAS ENTRE LAS IDEAS ACERCA DE LAS PRIORIDADES, LAS IDENTIDADES Y EL ACCIONAR COLECTIVO EN UNA DE LAS PLANTAS SOCIALES DE RECICLAJE DE JOSÉ LEÓN SUÁREZ

Rosario Espina. Estudiante de Maestría en Antropología IDES-IDAES-UNSAM;
espinarosario@gmail.com

Esta ponencia se basa en un trabajo de campo realizado desde junio de 2014 a junio de 2015 en una de las Plantas Sociales de reciclaje del Ceamse, en José León Suárez (Buenos Aires, Argentina).

Este trabajo se enmarca en la línea de los estudios sobre los vínculos y/o conflictos propios de los procesos de construcción de identidad colectiva de los "cirujas" y las estrategias para su reconocimiento en la esfera pública. En mi trabajo de campo encontré que muchos actores públicos tienen ideas previas acerca de estas identidades colectivas y que esas ideas previas no son ni propias ni prioritarias para los involucrados. Estas diferencias se dan principalmente en torno a las prioridades, las diferentes temporalidades en la gestión, las escalas de incidencia y de relacionamiento social, y la segmentación y versión acotada de la realidad. En esta ponencia me concentraré en el análisis de las diferencias en las prioridades ya que es a partir de las prioridades que se definen el resto de las diferencias en juego.

Primero, haré una descripción de mi trabajo de campo y un recuento de los autores que han abordado esta problemática. Luego, presentaré las diferentes posiciones de los actores públicos y de los involucrados en el caso que me convoca, concentrándome en el contraste de las diversas ideas acerca de las prioridades en su "accionar colectivo". Concluiré analizando dichas diferencias y verteré algunos comentarios sobre su implicancia en relación con la implementación de políticas públicas.

Palabras Clave: prioridades colectivas, identidades, acción colectiva, cartoneros, antropología política.

A ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO BRASIL

Isabella de Carvalho Vallin. Gestora Ambiental, mestranda em ciências ambientais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais (PROCAM / USP). Formadora na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP USP); isabella.vallin@usp.br

Sylmara Lopes Francelino Gonçalves-Dias. Administradora e pedagoga, mestre em administração, doutora em administração de empresas (FGV) e em ciências ambientais (USP). Professora doutora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH / USP) e do Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais (PROCAM / USP);
sgdias@usp.br

Apesar de os catadores terem se organizado através do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e alcançado algumas conquistas, ainda precisam lidar com a exclusão social, o estigma do trabalho, a apropriação e exploração da indústria da reciclagem, os impasses com o poder público e os dilemas dos interesses do mercado. Contudo, para além desses fatores, e mesmo sendo maioria nas associações e cooperativas, as mulheres catadoras ainda tem que lidar com a divisão sexual do trabalho e as assimetrias de poder, tanto na esfera domiciliar, quanto no trabalho. Por essa razão, conquistas como os Encontros Regionais e Nacionais de Mulheres Catadoras, espaços nos quais as mulheres tem a oportunidade de discutirem pautas exclusivas, e a constituição da Secretaria Estadual de Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis de São Paulo (SEMUC), são significativas para indicar um processo de empoderamento da mulher catadora. A partir disto, o objetivo deste estudo é compreender o processo de organização das catadoras dentro do MNCR, bem como, a construção de uma identidade coletiva para este grupo de mulheres. Para tanto, foi analisado o período de 2008 a 2015, sendo que, foram adotadas as entrevistas semi-estruturadas por pautas, observações indiretas em campo e análise documental como técnicas de coleta de dados. Desse modo, este estudo se caracteriza como qualitativo, feminista e interpretativista, fundamentando-se na corrente do feminismo descolonial.

Palavras chave: Catadoras de materiais recicláveis, Brasil, Gênero, Empoderamento, Identidade.

EVOLUCIÓN DE LA IDENTIDAD SOCIAL DE LOS RECUPERADORES URBANOS DE MAR DEL PLATA Y SU POSICIONAMIENTO EN LA CADENA DE VALOR DE RECICLAJE LOCAL

Mariana González Insúa,^{1,3} Greta Liz Clinckspoor^{2,3} Rosana Ferraro³

¹CONICET; ²CIC, ³Instituto del Hábitat y del Ambiente-Faud-UNMDP

La Conferencia de Naciones Unidas sobre Medio Ambiente y Desarrollo (CNUMAD-92) sienta las bases a partir de las cuales, en el año 2005, Argentina desarrolla la Estrategia Nacional de Gestión de Residuos Sólidos Urbanos (ENGIRSU). El partido de General Pueyrredón realiza en el año 2012 la reapertura de la Planta de Separación y Clasificación de Residuos Municipal (PSCM) que, conjuntamente con la inauguración del primer relleno sanitario, materializan dos de los objetivos que contempla la implementación de la ENGIRSU en la ciudad de Mar del Plata.

Una parte de la separación de los Residuos Sólidos Urbanos (RSU) en la ciudad es realizado por la Cooperativa C.U.R.A. (Cooperativa Común Unión de Recuperadores

Argentinos), conformada por recuperadores informales que desarrollaban sus actividades en el predio del antiguo vertedero, quienes estimulados por la concreción de un convenio con el Municipio se agrupan bajo la figura de Cooperativa mixta y obtienen la concesión de la PSCM hasta el 2015.

El presente trabajo tiene como objetivos por un lado, contribuir al conocimiento del proceso de conformación de C.U.R.A., como nuevo actor formal en la cadena de valor del reciclaje y su posicionamiento actual dentro de la misma. Por otro lado, se analizarán los conflictos emergentes en su proceso de consolidación como prestadora de servicios ambientales urbanos, desde el año 2004 hasta la fecha. Los resultados obtenidos evidencian las relaciones y tensiones en la constitución de la cooperativa, dado el carácter mixto de la misma, en la gestión de la Planta de Separación y Clasificación de Materiales y con el Municipio.

Palabras clave: Gestión de RSU – Identidad social – Recuperadores urbanos – Cadena de valor – Cooperativa mixta.

Interrelaciones y organización del trabajo en la ciudad

CLASIFICADORES DE RESIDUOS SÓLIDOS URBANOS: UN ANÁLISIS DESDE EL CAMPO DE RECUPERACIÓN DE DESECHOS Y LAS DIVERSAS FORMAS DE SUJECCIÓN DEL TRABAJO QUE PRODUCE

Mariana Fry. Docente de Facultad de Ciencias Sociales de la UdelaR, integrante del Núcleo de estudios e intervención con clasificadores de residuos urbanos sólidos del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio, UdelaR; marianfry@gmail.com

El presente trabajo sintetiza las principales líneas desarrolladas en la tesis de maestría de la autora, la cual se propuso describir las condiciones de trabajo de los clasificadores de residuos y analizar los factores que contribuyen a su reproducción. De este modo, se describen aquí las diversas formas de organización del trabajo de los clasificadores: la modalidad individual/familiar, que funciona enteramente en la informalidad; las cooperativas creadas en el departamento de Montevideo en los años posteriores al 2005, entre las que pueden ubicarse experiencias impulsadas por clasificadores e iniciativas promovidas por ONGs y por políticas públicas; y las cooperativas creadas en Canelones a partir de 2007 en el marco de la implementación de la ley N° 17.849 de “Uso de envases no retornables”. En cada una de estas modalidades, se analizan las condiciones de trabajo, producción y comercialización. Para ello, se utiliza la información estadística disponible a nivel nacional, y se incorpora también información producida en el marco

de un relevamiento realizado por la autora que abarcó a todos los emprendimientos asociativos de clasificadores existentes en Montevideo y Canelones entre diciembre de 2013 y febrero de 2014.

La situación actual de los clasificadores es analizada a partir de su inserción en el campo de recuperación de desechos, incluyendo en el mismo al complejo económico de los residuos y a las políticas estatales que lo regulan.

Palabras clave: clasificadores de residuos, precariedad laboral, campo de recuperación de desechos.

“LOS ACOPIADORES DE RESIDUOS: UNA APROXIMACIÓN SOBRE LOS SITIOS DE COMERCIALIZACIÓN DE MATERIALES RECICLABLES EN QUILMES, BS. AS. ARGENTINA”

Molina, Nadia. Maestría en Ambiente y Desarrollo Sustentable, Universidad Nacional de Quilmes; nadia_molina@hotmail.com

Este trabajo de investigación indaga acerca de la segunda instancia dentro del circuito del reciclado, aquella compuesta por los intermediarios, quienes se dedican a la compra y venta de materiales reciclables.

Al respecto cabe preguntarse: ¿Cuántos intermediarios existen en el distrito?, ¿Cuáles son sus principales características?, ¿Qué tipología puede establecerse?.

El motivo por el cual se define la elección del tema tiene que ver con la ausencia de estudios específicos que intenten dar a conocer el universo de este sector dentro del circuito productivo del reciclaje. Por el contrario en la mayoría de los casos se pone énfasis en el rol del ciruja, recolector o cartonero.

Por lo expuesto, el objetivo principal perseguido es caracterizar y analizar la figura de los “*intermediarios de la basura*” que actualmente trabajan en el distrito de Quilmes.

La metodología utilizada en el trabajo de campo tiene un enfoque mixto, lo que comprende la utilización de técnicas cuantitativas como así también cualitativas integrándolas de manera sistemática, con el fin de conocer, caracterizar y clasificar el universo de los intermediarios de la basura.

En relación al enfoque cuantitativo se procura medir la cantidad de depósitos relevados, su distribución espacial, se pretende cuantificarlos según las herramientas de trabajo, la cantidad de personal contratado, y la cantidad y tipo de material comercializado. En relación a la perspectiva cualitativa se pretende dar cuenta de las historias de vida más

representativas, que no son objeto de esta ponencia.

Por ultimo se exponen los principales resultados alcanzados durante el trabajo de campo.

Palabras clave: Acopiador-comercialización-reciclables- informalidad.

A ECONOMIA INFORMAL DA RECICLAGEM E A FORMALIZAÇÃO DO TRABALHO DOS CATADORES: RECONFIGURAÇÕES E TENSÕES

Maria Raquel Passos Lima. Dra. em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ e Professora substituta de sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil; mariarpl@yahoo.com.br / mariaraquel.passoslima@gmail.com

A indústria da reciclagem no Brasil se constituiu através da mediação dos catadores de materiais recicláveis e do trabalho destes atores em circuitos comerciais informais de recuperação dos objetos descartados. Recentemente, em 2010, este cenário sofre uma inflexão com a instituição de um marco regulatório inédito representado pela Política Nacional de Resíduos Sólidos, que tinha dentre suas metas a formalização da atividade dos catadores. A apresentação tem como base o trabalho de campo desenvolvido em 2011 e 2012 em uma associação de catadores, onde também funcionava uma cooperativa, situada nos arredores de um dos maiores aterros de resíduos do país, posteriormente desativado. Objetiva-se descrever os processos sociais, materiais e simbólicos que conformavam determinadas práticas econômicas dos catadores, para através delas apresentar como esta atividade articulava o sistema de gestão de resíduos e a indústria da reciclagem dentro de um arranjo informal que funcionou durante mais de três décadas na região metropolitana do Rio de Janeiro. Partindo da hipótese da segurança como a questão que adquire relevo na discussão sobre a ideia de "informalidade", apresento episódios etnográficos envolvendo fenômenos relativos a perdas na produção, assim como os mecanismos nativos desenvolvidos para lidar com eles. A partir da justaposição entre o arranjo informal e o enquadramento normativo fornecido pela lei, busca-se evidenciar contradições e tensões que emergem do processo de formalização da categoria. Por fim, são tecidas considerações a respeito de algumas tendências que se delinearão conformando um modelo que parece estar na base da reconfiguração da gestão de resíduos neste contexto.

Palavras-chave: Catadores; Reciclagem; Economia informal; Gestão de resíduos; Cooperativismo.

AS ROTAS DE COLETA DOS MATERIAIS RECICLÁVEIS E AS REDES DE RELAÇÕES: Os catadores da Associação dos Agentes Ambientais Rosa Virgínia e o trabalho na rua

Ellen Garcia da Silveira. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE; Mestre do Programa de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade – MAPPS / UECE; ellen_garcia_s@yahoo.com.br.

Joubert Max Maranhão Piorsky Aires. Professor Adjunto de Antropologia na Universidade Estadual do Ceará – UECE; Coordena o Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade – MAPPS; Pós-Doutor em Antropologia – Instituto Nacional de Antropologia e História; maxmaranhão@gmail.com.

Expomos neste artigo a relação constituída entre os catadores da Associação dos Agentes Ambientais Rosa Virgínia, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará-Brasil, e aqueles que doam os materiais recicláveis durante as rotas de coleta, conhecidos comumente como “padrinhos”. Este vínculo, intermediado principalmente pela Igreja Católica do bairro, é fortalecido por laços de confiança e ajuda mútua. Através do mapeamento e acompanhamento das rotas de coleta dos materiais recicláveis com os catadores associados nas ruas de alguns bairros de Fortaleza, analisamos como se estabelecem e se mantêm as redes de relações e apoio entre padrinhos e catadores no trabalho de coleta de materiais na rua. Organizados em associações ou não, os catadores estabelecem formas diferenciadas de convivência e de apropriação do espaço urbano, que originam uma sociabilidade própria, seja na relação com os padrinhos, entre eles mesmos ou outros atores com quem compartilham o mesmo ambiente na cidade. A rede de articulação (Hall, 1986) tecida pelos catadores associados possibilita a criação de uma nova representatividade, a do “trabalhador da catação”, diferente daquelas construídas por outros agentes sociais, sejam elas baseadas na estigmatização e marginalização, ou na ideia da função pública de limpeza da cidade.

Palavras-Chave: Catadores de Material Reciclável; Cotidiano de Trabalho; Rede de Relações; Cadeia da Reciclagem.

¿QUÉ PUEDE UN CUERPO? APROXIMACIONES AL CUERPO “CARTONERO” DESDE UNA PERSPECTIVA CORPORAL

Verónica V. Puricelli (Facultad de Filosofía y Letras-Universidad de Buenos Aires; veronicapuricelli@hotmail.com)

El presente estudio tiene por objetivo explorar el proceso de trabajo llevado a cabo por los recolectores de residuos sólidos urbanos (mayormente conocidos como

"cartoneros") en relación a los procesos de subjetivación individual y colectiva que éste supone. En tanto ocupación laboral fundamentalmente física, la investigación tomará como punto de referencia los sentidos construidos en torno al cuerpo (específicamente el cuerpo "cartonero"), contemplando la relación material que establece con el contexto laboral inmediato de la práctica cotidiana y los discursos que en torno suyo se tramán. La línea de análisis a seguir parte de concebir al cuerpo como la conjugación simbólica de los discursos y representaciones sociales que circulan en la sociedad así como de la figuración que el sujeto realiza sobre su propio cuerpo en términos senso-perceptivos (Csordas, 2008). En este sentido, este trabajo explorará las representaciones elaboradas subjetiva e intersubjetivamente del cuerpo "cartonero" en relación a las concepciones que sobre este cuerpo se inscriben con el objetivo de vislumbrar cómo *a partir del* cuerpo y *sobre* éste la experiencia laboral es (re)formulada.

Palabras claves: Corporalidad, procesos de subjetivación, recolectores urbanos.

Sentidos y reconfiguraciones de la basura

LA DÉBROUILLE COMPAGNIE: TENSIONES EN TORNO A LOS VALORES Y LAS PRÁCTICAS EN LA REUTILIZACIÓN DE RESIDUOS

Verónica J. Mandelbaum. Estudiante de Ciencias Antropológicas. FFyL – UBA;
veromandelbaum@gmail.com

La problemática de residuos en grandes centros urbanos ha promovido transformaciones en la percepción de los objetos así como también el surgimiento de diversas asociaciones de la sociedad civil que promueven prácticas "sustentables" tales como el reciclaje y la reutilización. A partir de la combinación entre una metodología visual, trabajo de campo y entrevistas realizadas a algunos integrantes de la asociación civil "Débrouille Compagnie", cooperativa creada en 2005 en la comuna 19 de París, propongo hacer un análisis de los diversos sentidos del valor que se articulan en torno a los residuos en el marco de distintas teorías del valor que la antropología económica ha producido y que nos permiten dar cuenta de que las complejidades que permean esta categoría tienen anclajes histórico-espaciales diversos.

El trabajo de esta asociación, su ubicación geográfica en uno de los barrios marginados de la capital francesa y la participación de artistas y artesanos que provienen de países tales como Mali, Brasil y Finlandia entre otros, tienen como correlato una propuesta que pone en evidencia las negociaciones y desnaturalización que los integrantes de la cooperativa ponen en práctica respecto de los residuos/materiales y las tensiones que esto supone en cuanto a los objetivos perseguidos por la misma.

Desde esta perspectiva, podemos pensar la relación conflictiva entre las estrategias desarrolladas al interior de la asociación en torno a los valores y prácticas en la

transformación de los residuos.

Palabras clave: reutilización, residuos, asociación civil, teorías del valor, negociación.

DA MARGEM AO CENTRO: A RE-MERCANTILIZAÇÃO DO “UNIVERSO DO DESCARTÁVEL” EM *BOCA DE LIXO*, *ESTAMIRA* E *LIXO EXTRAORDINÁRIO*

Gyssele Mendes. Mestre em Comunicação Social (2014), com dissertação defendida na linha de pesquisa “Mídia, Cultura e Produção de Sentido”, e bacharela em Estudos de Mídia (2011), ambos pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ); gyssele@gmail.com

Este artigo investiga como vêm sendo disputados os sentidos em torno da mediação do lixo no Brasil. Para isso, destacamos três documentários que abordam esta temática: *Boca de Lixo* (1993), *Estamira* (2004) e *Lixo Extraordinário* (2009). A partir da análise das representações destes filmes, especialmente da prática discursiva de construção dos personagens, propomos observar deslizamentos dos sentidos produzidos sobre o “universo do descartável”, termo que abrange os espaços, sujeitos e coisas marcados pela presença simbólica e material do lixo. Por contados sentidos atribuídos ao lixo, principalmente a poluição e a impureza (DOUGLAS, 1976), os catadores de material reciclável são igualmente percebidos como impuros, invisíveis e marginais. Entretanto, estes sujeitos estão ativos no mundo concreto, construindo relações sociais e afetivas. Então, o que faz com que estes sujeitos sejam percebidos como invisíveis? Por que, de antemão, estes sujeitos são classificados como “rudes” e “drogados” (adjetivos utilizados em um dos filmes)? Quais os discursos que permeiam representações destes sujeitos? Nosso objetivo principal será investigar o jogo discursivo em torno dessa temática. De modo complementar, conversamos com catadores da Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG), representada em um dos documentários. Como hipótese central, sustentamos que os “sujeitos descartáveis”, ao serem representados via mídia, adquirem visibilidade e “vida” diante dos espectadores. Em outros termos, estes sujeitos são fetichizados e re-mercantilizados (KOPYTOFF, 2008), colocando em questão as fronteiras entre sujeito e mercadoria na contemporaneidade.

Palavras-chave: Consumo, Representação, Mídia, Re-mercantilização, Lixo.

CATADORES DE LIXO: COLEÇÃO, ARTESANATO E REUSO COMO NOVAS PRÁTICAS DE CONSUMO

Simone Lira da Silva. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal

de Santa Catarina- SC, Brasil; simoneliradasilva@yahoo.com.br

Este texto é uma síntese de minha tese de doutorado em Antropologia Social. Os dados analisados foram coletados por meio de pesquisas etnográficas realizadas com catadores em duas cidades brasileiras: Palhoça-SC, durante os anos de 2012 e 2013 e Santa Maria-RS, entre os anos de 2005 e 2009. Problematizo as diversas práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo, ou seja, todo o ato de retirar do lixo e do circuito de reciclagem industrial determinados objetos e direcioná-los para outras categorias de classificação, como o comércio de usados, artesanato e coleções. Busco demonstrar como os catadores, através da alteração dos significados e valores atribuídos ao lixo, estabelecem novas relações com objetos que encontram no lixo e, por conseguinte, com a sociedade a sua volta. Trata-se de uma análise das formas como Catadores de lixo, em meio às adversidades oriundas dos conflitos que travam diariamente com os setores governamentais e privados de gerenciamento do lixo no Brasil, conseguem transcender ao estigma associado a sua atividade e criar novas categorias para expressarem e organizarem o mundo a sua volta. A tese que defendo é de que tais práticas de apropriação de objetos encontrados no lixo ressignificam categorias prescritas pelas ordens de classificações do sistema de produção de bens (sujo/limpo, reciclável/não reciclável), ora alterando a estrutura de consumo da nossa sociedade, ora a reproduzindo. Há, portanto, a pretensão de repensar o conceito antropológico de consumo através das práticas de um grupo social, geralmente considerado excluído do mundo do consumo.

Palavras chaves: Catadores de lixo, consumo, estética, etnografia, reciclagem.

IMÁGENES RESIDUALES

Ernesto Livon-Grosman. Boston College; livongro@bc.edu

Gisela Heffes. Rice University; gisela.heffes@rice.edu

Las últimas dos décadas hicieron más visibles las problemáticas ambientales que se agudizaran como consecuencia de las múltiples crisis políticas y económicas latinoamericanas que tuvieron lugar desde fines de los años 90. Una de ellas es la relacionada con los residuos, tantos reales como simbólicos y el lugar que ocupan en la esfera pública. La conciencia ambiental que se desarrollara a partir de estas crisis y sus implicaciones sociales, económicas y culturales excede la especificidad de los estudios antropológicos, sociológicos y de planeamiento urbano y se han vuelto temas cada vez más presentes en la esfera cultural. Temáticas como la incorporación de materiales de descarte en la producción editorial, el impacto de la presencia cartonera en la vida urbana y las cooperativas de materiales recuperados como nuevas formas de organización social están presentes en las artes plásticas, la literatura y el cine. El panel se propone presentar algunos de los temas más recurrentes de una temática que como la de los residuos atraviesa la producción simbólica y que en el proceso ha naturalizado

una temática que en el pasado se considerara extraña a las discusiones sobre la relación entre estética y política.

Una presentación se enfocará en la relación entre basura y un número significativo de producciones literarias, visuales, performativas y estéticas que han surgido desde mediados del siglo XX hasta el presente. En particular, se hará hincapié en cómo estas representaciones se encuentran atravesadas por una retórica de los desechos, esto es, lo que se descarta, se recicla y se conserva, y que se vincula, a su vez, con el problema, ya más general, de la destrucción y preservación ambiental.

Las otra presentación del panel está dedicada a hacer una breve historia de la relación entre basura y cine documental y propone una mirada crítica de cómo el cine latinoamericano en general, y el rioplatense en particular, ha vuelto más visible la basura como un personaje urbano. El foco de la presentación estará en como el tratamiento de un tema como la basura y el reciclaje es también una búsqueda en la relación entre arte y esfera pública.

CONSTRUCCIÓN SOCIAL DE LA BASURA EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Diana Martínez Herrera. Tesista; dianamartinezh@gmail.com

En la ponencia se presentarán algunos de los resultados de un proyecto de investigación que comenzó en el marco del grupo de investigación de la carrera de Ciencias de la Comunicación (UBA) “Enfoque semiótico sobre prácticas económicas”. A partir del análisis de doce entrevistas en profundidad, se describirán las diversas representaciones y prácticas que aparecen en torno a la basura y que definen las categorías de lo desechable. Se indagarán qué concepciones del valor y de la utilidad de las cosas aparecen a lo largo del circuito de adquisición, consumo y desecho, y cómo se articulan con concepciones sobre la organización cotidiana de los objetos, la limpieza y la salud del hogar.

Se entiende que toda concepción de la “basura” es un producto sociohistórico y se busca reflexionar en torno a cómo los hábitos de consumo y desecho, y el tratamiento de los residuos por parte de los individuos se asocian a un sentido común sobre la basura. La hipótesis inicial de este proyecto es que en la producción cotidiana de basura convergen representaciones y verosímiles sociales con múltiples orígenes (e incluso contradictorios entre sí) que abarcan desde la relación hombre-naturaleza hasta los problemas de la vida en común y la gestión de lo público.

Palabras clave: basura – valor – utilidad – higiene.

Aproximaciones diversas al detritus del consumo

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA ETNOGRAFIA DE COMIDAS QUE ‘VEM’ DO LIXO

Lis Furlani Blanco. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – IFCH- Unicamp – Brasil. Orientador: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida; lisfblanco@gmail.com

Classificar um alimento como comestível perpassa relações de poder, higiene, saúde, status e classe. Quando este objeto foi considerado previamente como lixo, como sobra e como resto, sua classificação enquanto ‘comida’ traz um importante questionamento para se pensar a classificação daqueles que estariam relegados a comer detritos dos outros.

Assim, proponho compartilhar algumas considerações sobre minha dissertação de mestrado, a qual tinha como objetivo analisar a trajetória da vida dos alimentos e sua classificação enquanto comestível. Foi a partir da escolha da categoria analítica do *podre* como conceito liminar que permite pensar as variáveis da desta classificação e da classificação das pessoas, que desenvolvi uma etnografia da trajetória de certos alimentos na cidade de São Paulo, em feiras livres e no programa Mesa Brasil do SESC, buscando compreender a cruzada da máxima “você é o que você come”.

Através dos estudos de Mauss e Durkheim sobre classificação, mas também em relação às análises de Mary Douglas acerca de noções de pureza e perigo, em consonância com os estudos sobre alimentação que destacam a importância do processo de incorporação, que encontrei um referencial teórico que permitia pensar sobre a trajetória dos objetos/comida e daqueles que os consomem em uma relação que define ambas as vidas. Por meio das noções de objeto e abjeto apresento desta maneira, algumas cenas etnográficas que visam levar o leitor a caminhar comigo por algumas ruas e bairros de São Paulo para compreender os limites ou ainda a extensibilidade daquilo que chamamos de ‘comida’.

Palavras chave: Comida, comestibilidade, lixo, podre, vida.

QUANDO O “LIXO” NÃO É LIXO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE A XEPA

Kamila Guimarães Schneider. Mestranda da Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC); kamilaschneider@uol.com.br

Caroline Soares de Almeida. Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); almeidacarol82@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão e quiça propor um novo olhar sobre o conceito de lixo. Em especial, trataremos aqui sobre os restos de feira. Em muitos casos esses restos são descartados mesmo ainda podendo ser utilizados para preparos de patos e mesmo para consumo *in natura*. Estes são chamados de xepas. Para a realização deste trabalho foi utilizado à observação participante, como abordagem metodológica de pesquisa, em duas edições em um evento denominado Disco Xepa. O evento já foi realizado em várias partes do globo, tendo sua primeira edição na Alemanha. Contudo as etnografias foram realizadas na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, Brasil. Os locais da realização do evento demarcam uma clara distinção social, demarcando uma dicotomia entre centro e periferia e suas práticas e visões sobre o lixo.

Palavras chave: Lixo, Xepa, Distinção, Evento, Centro-Periferia.

RELEVAMIENTOS DE ESTUDIOS SOBRE RESIDUOS DE APARATOS ELECTRÓNICOS Y ELÉCTRICOS (RAEES), LAS EXPERIENCIAS LATINOAMERICANAS

Greta Liz Clinckspoor. Diseñadora Industrial. CIC (Centro de Investigaciones Científicas, Buenos Aires, Argentina), Instituto del Hábitat y del Ambiente-Faud-UNMDP. Dr. Francisco Suárez.

Los RAEES son considerados el residuo urbano de mayor generación actualmente, significando una nueva problemática a abordar a nivel mundial para la cual, si bien existen experiencias realizadas en diferentes contextos del Sur Global, su Gestión Integral no se presenta en ninguna localidad de América Latina.

Las singularidades legislativas, culturales, económicas y del contexto en general resultan puntos cruciales para colaborar y compartir en los abordajes académicos, para la completa comprensión de las complejidades que enfrenta la gestión de este tipo particular de residuos, no reconocido aún como tal.

Por estas cuestiones y por las características contrapuestas propias de los RAEES; ya que suponen por un lado desafíos en cuanto al tratamiento de sus componentes y sustancias altamente peligrosas para la salud humana y el medio ambiente, y por otro, son considerados factibles de ser revalorizados (en un alto porcentaje) con diferentes opciones de tratamiento; resulta fundamental asumir los conocimientos desarrollados en contextos latinoamericanos con la finalidad de elaborar procedimientos sustentables.

El presente trabajo tiene como objetivo relevar las experiencias más relevantes en estudios de RAEES que se han desarrollado en América Latina. La ponencia en su carácter exploratorio sistematizará los saberes y experiencias relacionadas al tema, efectuando especial hincapié en los criterios desarrollados, así como en los puntos comunes y propios de cada contexto analizado, por ciudad y/o por país.

Asimismo, el estudio pretende reconocer los aportes de las distintas experiencias de

investigación con la finalidad de elaborar una herramienta de análisis.

Palabras clave: Gestión - Residuos Electrónicos – Latinoamérica.

PROCESOS DE INVESTIGACIÓN ACCIÓN PARTICIPATIVA UTILIZANDO METODOLOGÍAS AUDIOVISUALES CON COOPERATIVAS DE CARTONEROS/RECUPERADORES/RECICLADORES

Prof. Alex Portugheis (Profesor/Coordinador Programa de Extensión Universitaria “Filo Recupera Trabajo y Residuos” Facultad de Filosofía y Letras - UBA)

En la presente investigación se propone reflexionar sobre las trayectorias del rol investigador como partícipe de los procesos de fortalecimiento de cooperativas de reciclado. Desde el año 2007 hasta la fecha se han cumplido funciones requeridas por las cooperativas para realizar acciones que promuevan el fortalecimiento de la gestión interna y la difusión externa de las cooperativas. Se han realizado distintas actividades desde talleres de comunicación popular, producción de documentos audiovisuales que reflejen la realidad de los espacios de trabajo, formulación y redacción de proyectos para programas estatales de asistencia, coordinación de asambleas de socios, planificación institucional para el desarrollo de espacios educativos vinculados con el oficio reciclador. En el siguiente texto se analizan correspondencias entre las metodologías de investigación-acción en las ciencias sociales y en la fabricación de dispositivos institucionales de formación y comunicación para el fortalecimiento de organizaciones sociales. Dichos procesos se enmarcan en tres procesos asociativos de cooperativas de procesamiento de materiales reciclables, la cooperativa COOCASSIS en la ciudad de Assis en el sudoeste del estado de San Pablo, la cooperativa Nuevamente en la ciudad de Morón y la cooperativa Nuestro Ambiente Limpio en la ciudad de José C. Paz en el conurbano bonaerense. La planificación conjunta entre el investigador y los cooperativistas obedece a una anticipación para vencer el fatalismo de una historia inmodificable, donde es preferible ser sujeto planificador del futuro, a ser objeto viviente de la planificación por otro.

Investigación acción participativa /cooperativismo/reciclaje.

-

Gestión integral de residuos y políticas públicas

ESTRATEGIAS REGIONALES PARA UNA GESTIÓN INTEGRAL DE RESIDUOS EN ARGENTINA

Corallo, Ana (2015). Abogada especialista en Derecho Ambiental; anncorallo@gmail.com

La Ley Nacional de Gestión integral de Residuos domiciliarios promueve la implementación de estrategias regionales para alguna o la totalidad de las etapas de la gestión. Si bien en la actualidad no existe una norma que regule de manera específica la regionalización, el país cuenta con numerosas experiencias; mayormente en las etapas de transferencia, transporte y disposición final.

La regionalización, entendida como una herramienta de política ambiental diseñada para potenciar los resultados y esfuerzos municipales individuales, enfrenta una serie de desafíos tanto a nivel normativo e institucional, así como a nivel social, técnico-ambiental y económico.

El presente trabajo apunta por un lado a conocer los casos de regionalización que se han implementado en Argentina; y por el otro, a analizar cuáles han sido las principales lecciones aprendidas y los desafíos que enfrentaron los municipios en el abordaje de soluciones regionales. Se pretende así, generar un documento de utilidad para poder comparar otras experiencias en la Región, y comenzar a delinear los aspectos normativos que deberían tomarse en consideración para una futura reglamentación en materia de regionalización.

Palabras Claves: Gestión Integral de Residuos, regionalización, lecciones aprendidas, desafíos.

Políticas Públicas y Gestión de residuos, el sector de los recuperadores Urbanos en el Municipio de La Matanza.

Lic. Lopez Guadalupe; guadalupeanahilopez@gmail.com

La gestión de los residuos en las grandes urbes es un tema ineludible para las administraciones no solamente por su dimensión ambiental sino porque también se refiere a la organización de un sistema económico de producción. A la vez la actividad de miles de cartoneros/as (Recuperadores/as Urbanos/as: RU) obliga a repensar esta situación en relación a la formalización y dignificación de ese trabajo. En esta presentación se presenta un diagnóstico territorial realizado entre julio de 2013 y julio de 2014 como el primer acercamiento a la caracterización de la actividad y al

conocimiento de la situación socio económica de la población de R.U.en el partido.

Se han registrado 269 R.U. El número de encuestas realizadas es de 187.

Puede afirmarse que de mínima existen en el municipio 1172 personas que realizan la actividad. Se estima que el número total podría ser superior a 2500 personas.

Se desarrollará el abordaje metodológico con el que se trabajó para luego presentar varios de los datos relevados y las conclusiones sobre el estado de situación de esta actividad.

Palabras claves: Residuos / Recuperadores Urbanos / Informalidad / Trabajo

A Política nacional de resíduos sólidos e suas implicações socioambientais no aproveitamento de gás de aterros: O CASO DO ATERRO DE JARDIM GRAMACHO - RJ.

Ana Paula Beber Veiga, Instituto de Energia e Ambiente – Universidade de São Paulo (IEE/USP), anapbveiga@usp.br

Sonia Seger Mercedes, Instituto de Energia e Ambiente – Universidade de São Paulo (IEE/USP), seger@usp.br

Promulgada em 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) representa um grande avanço na questão sanitária do país. Além de privilegiar a redução da geração de resíduos com vistas à diminuição da necessidade de destinação final, a PNRS prevê o aproveitamento energético dos resíduos.

Antes mesmo de sua aprovação, diversos projetos de aproveitamento energético do biogás extraído de aterros sanitários de maneira forçada foram implantados, com o objetivo principal de produzir energia elétrica destinada ao Sistema Interligado Nacional. Mais recentemente, a produção de biometano a partir do gás de aterro tem se mostrado atrativa, uma vez que este produto tem potencial de substituir o gás natural de petróleo.

No entanto, estes projetos reproduzem experiências bem sucedidas no exterior, mas que não apresentavam cenário semelhante ao verificado no setor de resíduos brasileiro. Com uma população de catadores de materiais recicláveis estimada entre 400 a 600.000, a adequação de aterros para a implantação de projetos de aproveitamento energético do biogás pode trazer consequências às pessoas que dependem da coleta seletiva, muito embora as condições de trabalho destes não sejam adequadas.

O presente trabalho discute as implicações do cumprimento dos objetivos da PNRS, principalmente com relação à diminuição da disposição final e aproveitamento energético dos resíduos, frente à questão dos catadores, a partir da observação do caso do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, cuja operação foi encerrada em Junho de 2012, e contava, à época de seu fechamento, com a presença de mais de 1.500 catadores trabalhando em seus limites.

Palavras-chave: Política Nacional de Resíduos Sólidos, coleta seletiva, biogás, aterro sanitário.

RECICLAGEM POPULAR: UM CONCEITO E UMA PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO

Angelique J. W. M. van Zeeland. Mestra em Economia, doutoranda em Economia em Desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, assessora programática de Justiça Econômica da Fundação Luterana de Diaconia, membro do Conselho Nacional de Economia Solidária e membro do Conselho da Aliança ACT; angelique@fld.com.br, angelique_van_zeeland@hotmail.com

Marluí Tellier Ferreira Acadêmica do curso de Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; Coordenadora de Projetos da Fundação Luterana de Diaconia – FLD; marlui@fld.com.br, luitellier@gmail.com

Este artigo aborda o conceito e o processo de construção da reciclagem popular e tem por objetivo sistematizar os principais fatores que contribuem para sua sustentabilidade. A mobilização das/os catadoras/es através do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), resultou em avanços nas políticas públicas no Brasil da última década. O conceito de reciclagem popular, elaborado pelo MNCR, aborda o modelo de gestão integrada de resíduos sólidos onde a reciclagem é feita por catadoras/es organizadas/os em associações e cooperativas autogestionárias, através da prestação de serviços como da Coleta Seletiva Solidária (CSS) ou apenas da triagem dos materiais, além do avanço na cadeia de reciclagem via beneficiamento e comercialização coletiva, garantindo a gestão compartilhada e a distribuição da renda, da riqueza, do poder e do conhecimento gerado a partir do manejo dos resíduos. Será apresentada uma análise de características culturais, educacionais e socioeconômicas de 700 catadoras/es e outra das características sócio-políticas, econômicas e das capacidades potenciais, de 30 organizações de catadoras/es no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil. Será apresentada a experiência de Coleta Seletiva Solidária da cooperativa Cootracar de Gravataí e o processo de inclusão socioeconômica de catadoras/es que saíram do lixão e assumiram a CSS em Uruguaiana. Foram examinados vários aspectos como gestão compartilhada, inserção socioeconômica de catadoras/es, participação das catadoras, atuação em rede, articulação com políticas

sociais, relações de poder e processos de formação. O artigo finaliza com considerações sobre avanços e desafios para as práticas de reciclagem popular e a consolidação do seu modelo.

Palavras chaves: Reciclagem Popular. Coleta Seletiva Solidária. Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. Economia Solidária. Redes

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO PROCESSO DE DESATIVAÇÃO DO ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO, BRASIL

Andréa de Moraes Barros. Associada da associação civil CIRCUS – Circuito de Interação de Redes Sociais, doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Osnabrück/Alemanha, especialista em Direito pela Universidade Ludwig Maximilian/Alemanha e bacharel em Direito/Brasil; andrea@circus.org.br

Em 2010 a Lei de Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) determinou o encerramento de lixões no Brasil e a inclusão socioprodutiva de catadores/as. Este artigo tem como objetivo analisar as relações entre os diversos atores sociais envolvidos em processos de desativação de lixões, a partir da experiência da autora como pesquisadora no processo de desativação do Aterro Metropolitano de Jardim de Gramacho, situado no Bairro de Jardim Gramacho, no Município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. A pesquisa utilizou o método da observação participante, realizada entre maio de 2011 e junho de 2012 no GT Trabalho e Renda. Este GT tinha como recorte de ação a inclusão socioprodutiva e representava um espaço de participação para os catadores atuarem na elaboração das estratégias para minimizar os impactos da desativação do Aterro. Neste GT participaram o Governo do Estado do Rio de Janeiro, o Município de Duque de Caxias, organizações de catadores/as e o Consórcio Novo Gramacho responsável pela operação do Aterro. Pode-se observar no GT Trabalho de Renda a reprodução de aspectos da discriminação estrutural, ou seja, “aquela que existe de forma sistemática e decorre das relações de poder e que se enreda no seio da sociedade, confundindo-se com os valores culturais e sociais”.

Palavras chave: gestão de resíduos sólidos, catadores de materiais recicláveis, inclusão socioprodutiva, discriminação estrutural.

EL RECONOCIMIENTO DE LOS RECICLADORES COMO PRESTADORES DE SERVICIOS PÚBLICOS EN COLOMBIA: LOS RETOS DE LA TRANSICIÓN HACIA LA FORMALIZACIÓN O COMO NO BORRAR CON EL CODO LO HECHO CON LA MANO IZQUIERDA

Federico Parra. Candidato a doctor, Doctorado Estudios Políticos y Relaciones Internacionales, Facultad de Derecho Ciencias Políticas y Sociales, Universidad

Nacional de Colombia. Miembro del Grupo de Investigación en Derechos Ambientales y Colectivos, Facultad de Derecho Ciencias Políticas y Sociales, Universidad Nacional de Colombia. Coordinador del programa de Recicladores para América Latina, WIEGO (Mujeres en Empleo Informal: Globalizadas y Organizadas); federico.parra@wiego.org / fedeparra75@gmail.com

Tras más de 20 años de lucha por sus derechos, la población recicladora organizada en Colombia logró un cumulo de sentencias proferidas por la Corte Constitucional Colombiana en defensa de su derecho a permanecer y crecer en su oficio con el apoyo del Estado. En particular el auto 275 de 2011 marco un hito jurisprudencial para este sector poblacional en Colombia, pues reconoció que la labor de los recicladores hace parte "integral" del servicio público de aseo y por tanto debe ser remunerada en iguales o mejores condiciones que las empresas prestadoras del servicio de recolección de basuras. Este Auto de la Corte se concentra en el caso Bogotano en tanto el proceso jurídico fue animado por la Asociación de Recicladores de Bogotá, ante las políticas de exclusión del los recicladores de la gestión publica de los residuos en esta ciudad.

A partir de 2012 inicia la administración del alcalde mayor Gustavo Petro, quien debe afrontar el reto dar cumplimiento a las ordenes de la Corte Constitucional; es así como formula un Plan de Inclusión de Población Recicladora inscrito en su Programa de Gobierno Bogotá basura Cero.

De manera casi simultánea, el Gobierno Nacional inicia su proceso de ajuste interno para cumplir los requisitos que le permitirían ingresar a la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económicos (OCDE). Entre estas exigencias esta el aumento de las tasas de reciclaje, y como un nuevo aderezo la inclusión de población recicladora.

Este ensayo pretende registrar y analizar las diferentes acciones, las tensiones y contradicciones derivadas de este proceso de cambio de paradigma en Colombia: de modelos de transporte y enterramiento controlado de basuras en manos de empresas privadas, a modelos que priorizan el reciclaje y aprovechamiento de residuos con el reconocimiento de la población recicladora, como prestadores del servicio de recolección transporte y aprovechamiento de residuos reciclables.

ENTRE LA EXCLUSIÓN SOCIAL Y LA EXPLOTACIÓN ENCUBIERTA: LOS CLASIFICADORES DE RESIDUOS Y SU PARTICIPACIÓN EN EL COMPLEJO ECONÓMICO DE RECUPERACIÓN DE DESECHOS

Mariana Fry. Docente de Facultad de Ciencias Sociales de la UdelaR, integrante del Núcleo de estudios e intervención con clasificadores de residuos urbanos sólidos del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio, UdelaR; marianfry@gmail.com

Siboney Moreira. Docente del Servicio Central de Extensión y Actividades en el

Medio y de la Facultad de Información y Comunicación de UdelaR.

Federico Pritsch. Docente del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio de la UdelaR.

Martín Sanguinetti. Docente del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio de la UdelaR, integrante del Núcleo de estudios e intervención con clasificadores de residuos urbanos sólidos del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio, UdelaR.

Gerardo Sarachu. Docente del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio de la UdelaR, integrante del Núcleo de estudios e intervención con clasificadores de residuos urbanos sólidos del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio, UdelaR.

Fernando Texeira. Docente del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio y de la Facultad de Psicología de la UdelaR, integrante del Núcleo de estudios e intervención con clasificadores de residuos urbanos sólidos del Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio, UdelaR.

El presente trabajo se propone plantear una mirada económica y social del problema de los clasificadores de residuos, a partir del análisis de su inserción en el complejo económico de recuperación de desechos. Para ello, se describe el funcionamiento del complejo y se analizan sus distintas fases. Se busca aquí dar cuenta del proceso de generación y apropiación de valor realizado a partir de los residuos, de la participación de los actores implicados y del modo en que se combinan distintas modalidades de intervención estatal. Para reconstruir cada una de estas etapas se utiliza la información estadística disponible a nivel nacional, así como también datos primarios producidos por este equipo de investigación. De este modo, se obtiene una descripción cuantitativa de cada una de las fases, así como también un análisis de los actores que participan y sus relaciones. Complementariamente, el trabajo analiza los cambios introducidos en este complejo a partir de la implementación en Montevideo de la ley N° 17.849 de “Uso de envases no retornables”, y de las transformaciones que la misma supone en el trabajo de los clasificadores.

Desde esta perspectiva, se busca estudiar la relación entre el funcionamiento del complejo y la situación de los clasificadores, sustentando la hipótesis de que el conjunto de relaciones en que se inscribe esta actividad contribuye a reproducir la situación de explotación encubierta, en la cual la informalidad es funcional a la apropiación del beneficio por parte de las grandes empresas.

Palabras clave: Clasificadores de residuos, complejo económico de recuperación de desechos, explotación encubierta.

LA RELACIÓN ENTRE LAS COOPERATIVAS DE RECUPERADORES URBANOS Y EL ESTADO DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES ENTRE EL AÑO 2013 Y EL 2014

Faustina Sarandón. Estudiante avanzada de la Lic. en Sociología de la Universidad Nacional de La Plata; faustinasarandon@gmail.com

El propósito del trabajo que se presenta es analizar cómo se construye la relación entre las Cooperativas de Recuperadores Urbanos y el Estado de la provincia de Buenos Aires, en el marco de la implementación de las Resoluciones sobre Grandes Generadores de residuos del año 2013.

En el año 2013 la provincia de Buenos Aires, mediante su Organismo Provincial para el Desarrollo Sostenible (OPDS), presentó tres Resoluciones de Grandes Generadores de residuos N° 137, 138 y 139. Las mismas resuelven que los Grandes Generadores (GG), deberán realizar un Plan de Gestión diferenciado de sus RSU, debiendo separar en origen en al menos dos fracciones y teniendo que costear el traslado y el tratamiento de la fracción reciclable. La fracción de residuos reciclables deberá ser llevada a un “Destino Sustentable”, el cual les otorgará un certificado por el tratamiento adecuado y el reciclado del residuo. Los “Destinos Sustentables” a los que deben llevar los GG la fracción seca de sus residuos, pueden ser Cooperativas de Recuperadores Urbanos, Asociaciones Civiles, Fundaciones o empresas privadas que cumplan los requisitos para inscribirse en el Registro de Tecnologías de RSU de la Provincia de Buenos Aires.

Ante la puesta en marcha de las Resoluciones, las Cooperativas de Recuperadores Urbanos conformaron una “Mesa de Trabajo” junto con técnicos y directores del OPDS, que tenía por función la socialización de las problemáticas de las Cooperativas frente a las nuevas Resoluciones, y el acompañamiento para su incorporación como “Destinos Sustentables”.

Palabras clave: Cooperativas - Residuos Sólidos Urbanos – diálogo – relaciones de poder.

ALGUNAS REFLEXIONES EN TORNO A LA GESTIÓN DE LA BASURA EN CONTEXTOS DE POBREZA URBANA A PARTIR DEL ESTUDIO DE CASO EN LOS BARRIOS LA UNIÓN Y EL MERCADITO (LA PLATA, ARGENTINA)

Ana Pilar Pi Puig. Centro Interdisciplinario de Metodología de las Ciencias Sociales – Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – Universidad Nacional de La Plata (Argentina); pilarpipuig@gmail.com

El presente trabajo se propone ofrecer las primeras reflexiones en torno al trabajo de campo realizado en el marco de un proyecto de tesis doctoral que tiene como objetivo indagar las posibilidades de una gestión integral de residuos sólidos urbanos en contextos urbanos con barrios pobres. A partir de un estudio de caso, los barrios La Unión y El Mercadito (La Plata, Argentina), se busca caracterizar las prácticas de manejo y el significado de la basura, y las percepciones en torno a la actividad del trabajo con la basura, que tienen los habitantes de estos barrios. Cabe mencionar que se trata de dos barrios contiguos ubicados en la periferia de La Plata, y cuya población vive mayormente bajo condiciones de pobreza y vulnerabilidad sanitaria y ambiental.

Las aproximaciones iniciales al campo mediante observación participante y entrevistas informales no estructuradas, han provisto algunos elementos que redireccionaron el interés inicial de la investigación y, en este sentido, la comunicación buscará dar cuenta de este proceso.

Si bien en un principio se consideraba la posibilidad de vincular los circuitos informales de la basura con el Programa de Separación de Basura en origen del municipio, a la luz de un primer análisis, se reconoce la pertinencia de indagar las relaciones y tensiones de los trabajadores informales de la basura –carreros- con el Estado, desde una perspectiva más amplia, y no necesariamente circunscripta al mencionado Programa.

Palabras clave: basura – carreros – pobreza – urbano – GIRSU

GOBERNAR LOS DESECHOS: REFLEXIONES SOBRE LA IMPLEMENTACIÓN DE *TU DÍA VERDE* EN EL MUNICIPIO DE MORÓN

Carolina Montera. IIGG / CONICET; carolinamontera@gmail.com

En los últimos años, la gestión de los residuos sólidos urbanos de la Región Metropolitana de Buenos Aires ganó visibilidad en el debate público gracias a la confluencia de diversos procesos, entre los que destacan, la emergencia del fenómeno cartonero, la sanción de nuevas disposiciones legales, el agotamiento de los sitios de disposición final y la multiplicación de demandas sociales por el cierre de los rellenos sanitarios. Frente a este contexto, los municipios comenzaron a modificar sus formas tradicionales de intervención, creando áreas ambientales y desarrollando estrategias para avanzar en el manejo integral de los residuos. Desde el año 2013, el municipio de Morón lleva adelante *Tu Día Verde*, un programa de separación en origen y recolección diferenciada de residuos domiciliarios.

A partir de este caso, el presente trabajo busca reflexionar sobre los modos de

intervención pública local en materia de residuos. Las preguntas que guían esta indagación son: ¿cómo un programa de residuos logra ingresar en la agenda gubernamental local? ¿Quiénes son los actores clave en este proceso? ¿Qué tipo de relaciones establecen entre ellos? ¿Qué diferencias y similitudes existen en la forma de comprender la cuestión? Para responder dichos interrogantes, se sigue una estrategia cualitativa basada en el análisis de entrevistas en profundidad y documentos elaborados por los actores involucrados.

Palabras clave: acción pública - gobierno local - políticas ambientales - residuos sólido urbanos.

OBSERVATÓRIO DA LOGÍSTICA REVERSA: RESULTADOS DO PROGRAMA PILOTO

Edinei João Garcia. Graduação: Psicologia; edinei@circus.org.br

A Política Nacional de Resíduos Sólidos instituída no Brasil em 2010 está em regulamentação. Para atender ao princípio da *responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida do produto* foi concebido o instrumento da *logística reversa* - LR. A LR interfere no mercado e na cadeia produtiva de recicláveis, na rede de atores sociais, e no papel do município no serviço de coleta seletiva. As associações civis CIRCUS e Abuela Natureza instalaram o Observatório de Logística Reversa - OLR. O objetivo do OLR é reunir dados em series históricas para produzir informações e gerar conhecimentos que compreendam quais os impactos da LR no empreendimento cooperativo dos catadores de material reciclável. Os resultados do OLR piloto foram obtidos em entrevistas de campo em junho e julho de 2015. A base de dados contempla 03 grupos de catadores em 03 países: Brasil, Uruguai e Argentina. Conclusão: Os 3 países comportam padrões correspondentes, o que favorece a projeção do campo de observação para os países do MERCOSUL. Foram identificados impactos na constituição jurídica do coletivo de trabalho, na gestão administrativa, na estrutura física, no resultado da produção, e na relação com o poder público. Os distintos estágios de regulamentação e implementação contribuirão para a comparação entre modelos, e no processo de pesquisa, produziremos conhecimentos e sínteses para a modelagem de uma LR que contribua com o desenvolvimento dos empreendimentos cooperativos dos catadores, que efetive um serviço de coleta seletiva transparente e eficiente, e desenvolva a cadeia da reciclagem com maior distribuição de riqueza e renda.

Palavras chave: logística reversa; cooperativas de catadores; coleta seletiva; modelos; observatório.

GT 17. ANTROPOLOGÍA POLÍTICA DE LA SEXUALIDAD: PROCESOS ORGANIZATIVOS Y POLÍTICAS PÚBLICAS EN DEBATE

Coordinadores:

Dr. Horacio Sívori. Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro; hfsivori@gmail.com

Dr. Diego Sempol. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de la República; sempoluy@yahoo.com

Prof. Soledad Cutuli. Instituto de Ciencias Antropológicas. Universidad de Buenos Aires. soledadcutuli@gmail.com

Comentarista: Lucía Ariza, Regina Facchini, Isadora Lins França, Silvia Aguião, Soledad Cutuli, Diego Sempol y Horacio Sívori

-

Sesión 1: Activismos y Estado: disputas en la regulación de la sexualidad

POLÍTICAS PÚBLICAS E CIDADANIA LGBT: CONFIGURAÇÕES DA AGENDA ANTI-HOMOFOBIA EM SERGIPE

Sérgio Lima Dos Santos. Doutorando em Sociologia do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe e Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe; souslima@hotmail.com

Nos últimos anos, a violência homofóbica tem sido bastante debatida, tanto na esfera sociopolítica quanto nas pesquisas acadêmicas. Borrillo (2010), em estudo sobre o termo, explica que inicialmente este foi utilizado para analisar os traços da “personalidade homofóbica”, “ser homofóbico” significava ter fobia a homossexuais. Contudo, para o autor, essa rejeição subjetiva aos LGBTs não é suficiente à explicação do fenômeno na prática, pois tende a legitimar um silenciamento à hierarquização das sexualidades, por meio da qual a heterossexualidade é imposta como “natural” e “normal”, em contraposição à homossexualidade. Em decorrência dos antagonismos,

defende que este deve ser tomado como uma categoria historicamente contextualizada. No Brasil, a questão da violência homofóbica ganhou centralidade na agenda do Movimento Lésbico, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual e Transgênero desde 1980, sobretudo em decorrência da AIDS, que transformou algumas das relações marcadas pelo confronto entre o movimento e o Estado, em estratégias de cooperação na luta contra o vírus. Considerada a complexidade que permeia, tanto o termo homofobia quanto as lutas contra práticas de violências homofóbicas aos LGBTs, este trabalho, que está sendo desenvolvido em pesquisa de doutoramento, tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca das complexidades que norteiam a relação entre políticas públicas e cidadania LGBT na contemporaneidade, com foco na produção das ações públicas anti-homofobia em Sergipe – Brasil. A análise pretende dar condições de compreender em que medida, através de quais atores sociais, instâncias estatais, tensões, disputas e estratégias a violência homofóbica tem sido contestada como um problema público no Estado.

Palavras-chave: Ações Públicas, cidadania LGBT, Homofobia, Sergipe, Brasil.

AS IDENTIDADES POLÍTICAS EM PROCESSO NO MOV. LGBT DE SÃO PAULO - DISPUTAS, RECONHECIMENTO E NORMATIZAÇÃO

Lucas Bulgarelli Ferreira. Mestrado em curso no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). Orientador: Prof. Julio Assis Simões; lucasbulgarelli@gmail.com / lucasbulgarelli@usp.br

Esta proposta de trabalho lança algumas análises prévias derivadas de pesquisa de campo em curso que buscam analisar os processos constitutivos e reconstitutivos das identidades políticas que organizam e aglutinam sujeitxs dentro e por meio do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) da cidade de São Paulo. Buscando entender os mecanismos de cooperação e diferenciação nos processos de construção e reconstrução de identidades dentre aqueles reconhecidos(íveis) no movimento LGBT, e entre estes e as instâncias e dinâmicas do Estado nos processos de formulação de políticas sexuais, a proposta se vale da observação participante a fim de empreender uma etnografia que possibilite compreender mecanismos de assimilação entre os participantes do movimento, representantes estatais e as demandas políticas do movimento LGBT nas instâncias do Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual da Prefeitura Municipal de São Paulo, além dos critérios de produção de demandas de políticas sexuais a partir das dinâmicas dentre as diversas identidades políticas em processo e entre os participantes do movimento LGBT e da comunidade LGBT. A pesquisa vem sendo complementada por entrevistas e análise documental e bibliográfica, privilegiando situações de campo que reúnam aqueles identificados e identificáveis como parte do movimento LGBT, da comunidade LGBT, além de agentes do estado e demais membros da sociedade que estejam diretamente ligados à produção de políticas públicas sexuais em São Paulo.

GÉNERO Y SEXUALIDAD DURANTE LA DÉCADA GANADA EN ARGENTINA: TRAYECTORIAS DISCONTINUAS DEL MOVIMIENTO FEMINISTA Y LGBTTI EN LAS REFORMAS LEGISLATIVAS

Tabbush Costanza (CONICET-UBA)

Diaz Ma. Constanza (UBCyT-UBA)

Keller Victoria (UBA)

Trebisacce Catalina (CONICET-UBA)

Los gobiernos progresistas del Cono Sur en materia socioeconómica no tienen la misma trayectoria en el avance de los derechos de las mujeres y de los colectivos LGBTTI. Lo distintivo de la Argentina parece ser la tensión entre el éxito de la agenda de movimientos LGBTTI -marcado por la legislación aprobada sobre matrimonio igualitario e identidad de género- por un lado, y los esfuerzos frustrados del feminismo por pasar una normativa que legalice el derecho al aborto de las mujeres por el otro. ¿A qué se debe esta supuesta tensión? Esta ponencia pondera los argumentos de las ciencias sociales que la explican, destacando las alianzas de los movimientos sociales, sus estrategias de incidencia frente al Estado, el comportamiento del poder ejecutivo y de los partidos mayoritarios en el recinto parlamentario y la situación de cooperación o conflicto con la iglesia católica.

SEXOPOLÍTICA DURANTE LA DICTADURA DE AUGUSTO PINOCHET. LA ‘CORRECCIÓN’ DEL SEXO DURANTE EL TERRORISMO DE ESTADO

Fernanda Carvajal. UBA-CONICET

Durante la dictadura de Augusto Pinochet (1973-1990), no hay registros de una política represiva de persecución directa sobre las minorías sexuales. En esta ponencia nos preguntamos sobre otros tipos de control y disciplinamiento ejercidos en ese período sobre los cuerpos que no logran ser codificados desde el binomio masculino/femenino.

Se abordarán un conjunto de discursos médicos y legales, pero también visuales y testimoniales sobre lo que en ese momento se denominó “cambio de sexo” y que permiten pensar cómo funciona la regulación del género y la sexualidad en ese período.

Tomaremos básicamente dos ejes: analizaremos (1) cómo los discursos sobre la transexualidad reconfiguran los códigos de la masculinidad y de la feminidad, también (2) bajo qué mecanismos la norma sexo-genérica organiza y fija sus propias *desviaciones*. Si todo diagnóstico es a la vez un modo de clasificación y diferenciación

de signos/síntomas, una pregunta transversal de este texto es por los efectos que tiene *la distinción entre transexualidad y homosexualidad* y consecuentemente, entre *género y sexualidad* en los discursos que prescriben el “cambio de sexo”.

Se analizaran documentos de prensa, médicos y jurídicos de la época, además de entrevistas a médicos y a personas que se sometieron a intervenciones de reasignación sexual durante el mencionado período.

Palabras clave: Sexopolítica, dictadura, discursos medico-legales, estudios visuales.

UN VIDEO SOBRE LA EDUCACIÓN SEXUAL INTEGRAL: APRENDER Y ENSEÑAR CON PERSPECTIVA DE GÉNERO EN LA ERA DIGITAL

Catalina González del Cerro. UBA/CONICET; catalinagc@gmail.com

El artículo presenta resultados de una investigación en curso que aspira a constituir un aporte los estudios sobre educación formal, relaciones de género y sexualidades, y también al campo de los estudios sobre educación y nuevas tecnologías. Se trata de un trabajo enmarcado en la tradición etnográfica, que tiene por objeto analizar las formas que adquieren la enseñanza y el aprendizaje de la sexualidad en el escenario actual y a la luz de las transformaciones en el campo de la educación sexual en los últimos 10 años.

El artículo incluye los resultados de observaciones de clases de un curso de 5to año en una escuela secundaria de gestión estatal de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Se relevaron clases de Lengua y Literatura en las que se llevaron a cabo una serie de actividades con el fin de elaborar de forma colaborativa un material audiovisual sobre la implementación de la Educación sexual Integral. El eje de análisis es la transversalización del enfoque de género y derechos en los contenidos trabajados, la recuperación y diálogo con los saberes y las experiencias culturales de los/las jóvenes y las estrategias de validación, evaluación y acreditación de conocimientos desplegados en la asignatura observada.

Palabras clave: perspectiva de género, escuela secundaria, cultura digital, sexualidad

NIÑEZ Y SEXUALIDAD: UN ANÁLISIS DE LOS MATERIALES CURRICULARES DE LA EDUCACIÓN SEXUAL INTEGRAL

Marcela Bilinkis

Desde la sanción de la Ley Nacional de Educación Sexual Integral (26.150) en el año 2006 en Argentina, se elaboraron lineamientos curriculares junto con un conjunto de textos y materiales para los distintos niveles educativos de enseñanza con el propósito de generar un proceso de acompañamiento a los/as docentes en la implementación de propuestas pedagógicas acordes al nuevo encuadre normativo. El objetivo de esta ponencia es explorar la producción de los documentos curriculares especialmente pautados para el trabajo con los/as niños/as en los jardines de infantes, procurando indagar las premisas a partir de las cuales pareciera ceñirse la transmisión escolar acerca de la sexualidad en la niñez.

El análisis que desarrollaremos buscará, por un lado, reconstruir el marco de discusiones sociales desde el cual ha sido tematizada la educación sexual y, por el otro, considerar las diferentes especificidades discursivas que ésta ha adquirido al tener como destinatarios/as a niños/as pequeños/as. A partir de un recorrido por los tópicos más importantes de los materiales curriculares (tales como la insistencia en el uso de un lenguaje científico para nombrar los genitales, el respeto por el propio cuerpo, la construcción de la noción de intimidad o la necesidad de autoprotección, entre otros), la intención de este escrito será ponderar la configuración de un orden discursivo particular en el modo de significar las relaciones entre la sexualidad, la niñez y la educación.

Palabras claves: Niñez – Sexualidad – Políticas públicas – Educación

CONSERVADORISMO RELIGIOSO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Marcos Carvalho

Horacio Sívori

Os direitos das mulheres e LGBT, a saúde reprodutiva, a prostituição, a educação sexual e outras agendas da política sexual tem se tornado o foco das mais recentes ‘guerras sexuais’ no mundo e na América Latina em particular. As disposições antipluralistas comumente rotuladas como ‘fundamentalistas’ parecem constituir o maior obstáculo para a equidade de gênero e o exercício da sexualidade como direito humano. Na arena educativa, a discussão de gênero e sexualidade, bem como a educação sexual, têm encontrado resistência ferrenha entre os conservadores religiosos e seus aliados. Paralelamente, esses mesmos atores promovem a interpretação e aplicação do ensino religioso (estabelecido como cláusula pétrea na Constituição política brasileira) exclusivamente pela via confessional, além da tentativa de inclusão da doutrina

criacionista no currículo escolar. Neste trabalho abordaremos esses debates a partir de uma revisão de fontes secundárias, registros hemerográficos e debates públicos em torno da implementação da educação religiosa e a inclusão da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a educação básica no Brasil. Exploraremos os argumentos religiosos, científicos, políticos, e as estratégias discursivas do ativismo conservador na sua resistência contra o ingresso dos debates sobre equidade de gênero, diversidade e direitos sexuais na educação. Ao focarmos no entrelaçamento de convicções, ansiedades morais e de disputas pela mudança dos discursos oficiais sobre política sexual, abordaremos a complexidade envolvida na introdução de uma perspectiva pluralista da sexualidade na educação, para além da prescrição formal da do Estado Laico.

Sesión 2: Maternidades y Reproducción

CONCEPCIONES NATIVAS ALREDEDOR DE LA COMATERNIDAD POS “MATRIMONIO IGUALITARIO”

Florencia Paz Landeira. Facultad de Filosofía y Letras – UBA. Estudiante de grado de la carrera Ciencias Antropológicas; flor.pazlandeira@gmail.com

En este trabajo se presentan reflexiones preliminares de un proyecto de investigación en curso que se propone indagar, desde un enfoque etnográfico, en las experiencias y las concepciones nativas de *familia* y *maternidad* de mujeres lesbianas con hijos/as (o en proyecto de tenerlos/as) mediante el uso de técnicas de reproducción humana asistida (“trha”) en la Ciudad de Buenos Aires. La investigación se inscribe en el contexto abierto por la sanción del llamado “Matrimonio igualitario” y la creciente incorporación a regulaciones jurídicas-estatales de las parentalidades gays y lesbianas, como también el acceso a “trha” que le sucedió.

El proyecto se nutre de un contexto de discusión específico en la antropología en torno a los cambios que se están produciendo en los sentidos otorgados a la reproducción, la sexualidad y el parentesco a partir de la existencia y aplicación de las tecnologías reproductivas (Bestard, 2004 y 2009; Fonseca, 2005; Hayden, 1995), como también en el marco de discusiones sobre el impacto del feminismo y los movimientos sociosexuales en la antropología del parentesco, reelaboraciones en torno al género y el parentesco como mutuamente implicados y constituyendo un único campo de estudio (Yanagisako y Collier, 1994; Tarducci, 2013) y los aportes de la antropología de la sexualidad para comprender la sexualidad como producto de regulaciones sociopolíticas y jurídicas que establecen normatividades, clasificaciones y jerarquías y fundamentalmente producen formas institucionalizadas de sexualidad (Rubin, 1989).

Desde un enfoque socio-antropológico, me centraré en el estudio de las prácticas y narrativas de las sujetas de estudio, en la reconstrucción de sus modos y trayectorias de vida, recuperando los espacios por los que transitan y las relaciones que constituyen y

por las que son constituidas.

Palabras clave: familia, comaternidad, sexualidad, “matrimonio igualitario”.

SALUD SEXUAL Y REPRODUCTIVA. CONCEPTUALIZACIONES Y ACCIONES POLÍTICAS EN LA CIUDAD DE BAHÍA BLANCA

Lic. A. Florencia Quiroga. Docente Investigadora Dpto. Economía, UNS;
[polequiroga@yahoo.com.ar/](mailto:polequiroga@yahoo.com.ar) ana.quiroga@uns.edu.ar

La siguiente propuesta se desprende de un proyecto de investigación denominado “Aportes antropológicos en la consideración de las representaciones sociales respecto del embarazo en la adolescencia. Significados y prácticas en el ámbito de la salud en Villa Harding Green, Bahía Blanca”, que la autora viene desarrollando en el marco de la Carrera de Doctorado de Ciencias Naturales (UNLP). El mismo tiene entre sus objetivos generales construir representaciones sociales del embarazo en la población de 12 y 19 años de edad del barrio Villa Harding Green, de la ciudad de Bahía Blanca, entre los profesionales de los servicios de salud, así como en las políticas públicas de salud sexual y reproductiva.

Se presentan aquí resultados parciales de este proyecto, referentes a la caracterización de construcciones terminológicas vinculadas a la salud sexual y reproductiva de la población de 12 a 19 años de edad, en el devenir de las políticas públicas vigentes en la ciudad de Bahía Blanca, y específicamente en el contexto de diseño y ejecución de prácticas institucionales llevadas a cabo en Villa Harding Green.

El análisis de la información conjuga datos de fuentes documentales, tomando como punto de referencia el Programa Nacional de Salud Sexual y Procreación Responsable y el Programa de Salud Reproductiva y Procreación Responsable de la provincia de Buenos Aires y, testimonios de profesionales de la salud de la Unidad Sanitaria Villa Harding Green. Se problematizan categorías sociales que resultan directrices en el accionar estatal en pos de la promoción de la salud sexual y reproductiva.

Palabras Claves: Adolescencia, Salud sexual y reproductiva, Políticas Públicas, Prácticas Institucionales, Villa Harding Green.

**“MATERNIDADES SEGURAS Y CENTRADAS EN LA FAMILIA”.
REFLEXIONES SOBRE UNA INICIATIVA PARA LA ATENCIÓN
PERINATAL DESDE LA ANTROPOLOGÍA DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Morena Díaz. FFyL-UBA y Hospital Italiano de Buenos Aires;
diaz.morena@gmail.com

La atención institucional del parto es un evento en el que se condensan los dispositivos de dominación y gestión de la sexualidad, mediante la regulación del Estado y del saber médico/obstétrico. Como respuesta a un contexto de extrema vulneración de derechos de las mujeres en situación de trabajo de parto y parto, a partir del año 2004 opera en nuestro país un marco legal orientado hacia la “desmedicalización” de la atención del parto en las instituciones hospitalarias.

A su vez, desde el año 2006, UNICEF y el Ministerio de Salud vienen implementado una iniciativa para la atención perinatal en algunas maternidades del país. Dicha iniciativa promueve la transformación de estructuras y procesos de atención del parto, proponiendo a las familias y a la mujer como “verdaderos dueños de casa” en las maternidades.

En este trabajo me propongo analizar desde una perspectiva de la antropología de las políticas públicas los ejes fundamentales sobre los que se sostiene dicha iniciativa, basándome en la guía que orienta su implementación: ¿qué transformaciones propone en relación al “parto medicalizado”? ¿Cómo se articula ésta iniciativa con otras políticas referentes a la atención del parto?

Por otra parte, partiendo de un trabajo de campo en proceso realizado en una maternidad pública del GBA, me propongo reflexionar sobre los sentidos y experiencias de obstetras y obstétricas en torno a esta iniciativa, en un contexto donde sus prácticas tradicionales están siendo cuestionadas en pos de transformaciones que pretenden ampliar los derechos de las mujeres.

Palabras claves: atención del parto – medicalización – políticas públicas – antropología.

DE MAMÍFERAS, EMPODERADAS Y ESPIRITUALES. DISCURSOS SOBRE LA MATERNIDAD Y LA SEXUALIDAD TRAS LAS CRÍTICAS AL MODELO BIOMÉDICO DE EMBARAZO, PARTO Y PUERPERIO.

Ana Sabrina Mora (GEC-CICES-IdIHCS-UNLP. CONICET); sabrimora@gmail.com

Graciela Tabak (GEC-CICES-IdIHCS-UNLP. UNTREF); gratabak@yahoo.com.ar

Juliana Verdenelli (GEC-CICES-IdIHCS-UNLP. IDAES-UNSAM. CONICET);
juliverdenelli@gmail.com

Grupo de Estudio sobre Cuerpo. Centro Interdisciplinario Cuerpo, Educación y

Sociedad. Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales.
Universidad Nacional de La Plata. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y
Técnicas. (GEC-CICES-IdIHCS-UNLP/CONICET).

Este trabajo se propone indagar en torno a un conjunto de discursos y prácticas en relación con el embarazo, el parto, el puerperio y el vínculo temprano de apego, que han florecido durante los últimos años en el Área Metropolitana de Buenos Aires. En el contexto de algunas transformaciones ocurridas durante las últimas décadas en el campo de la vida cotidiana y asociadas a las sexualidades (solo para mencionar algunas: autonomización de la sexualidad respecto de sus fines reproductivos, transformaciones en los vínculos afectivos y sexuales, visibilización de las minorías sexuales, diversificación de la sexualidad, etc.), junto con la implementación de políticas y programas de educación y de salud sexual, y otras que consideran la cuestión de la violencia obstétrica y el respeto por las decisiones de las mujeres en los momentos del embarazo, el parto y el puerperio, se han configurado modos particulares de situarse ante estos momentos vitales intensos. Encontramos que en este contexto, ciertos discursos que nacen del cuestionamiento de la hegemonía del discurso biomédico (parto respetado/parto humanizado y crianza con apego) apelan al recurso de lo “natural” en oposición a lo “cultural” como fuente de legitimidad y autoridad discursiva. Al alinear lo “correcto” con lo “natural” estos discursos se vuelven fuertemente normativos, generando una serie de imperativos, malestares, tensiones y disputas. Proponemos realizar un relevamiento en perspectiva crítica de estos discursos, presentes tanto en leyes y programas como en círculos de mujeres que se encuentran atravesando estas circunstancias.

Palabras clave: sexualidad – maternidad – debate naturaleza/cultura – políticas del cuerpo.

ENTRE LOS DERECHOS, LA VIOLENCIA Y EL PLACER: DIÁLOGO ENTRE DOS ANTROPÓLOGAS FEMINISTAS SOBRE LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DEL PARTO

Fornes, Valeria (IIEGE-CAF) valufornes@gmail.com

Jerez, Celeste (IIEGE-CAF) celestemjerez@gmail.com

Hace 11 años, en Argentina se promulgó una ley sobre los derechos de las mujeres e hija/os durante el parto. A su vez, la violencia obstétrica es desde hace 6 años objeto de reglamentación legal integrada como artículo de la ley que protege a las mujeres de la violencia de género. Este cambio en la retórica para referirnos al parto, el pasaje del reconocimiento de los derechos a la identificación de la violencia obstétrica, muestra una tensión en el lenguaje, en relación a cómo se problematiza el parto como evento social. ¿Cómo dialogan los lenguajes de los derechos, las violencias y los placeres en relación al parto de las mujeres? ¿Quiénes logran utilizar cada lenguaje?

El presente trabajo indaga, desde la antropología feminista, las representaciones ligadas a la violencia de género en el marco de la atención de parto, posparto y posaborto; legalmente identificadas como violencia obstétrica. La enajenación del cuerpo de las mujeres producto de esta modalidad de violencia, se expresa a través de la sentencia *lo hubieras pensado antes*, que resume actualmente las representaciones y mandatos culturales acerca de la sexualidad de las mujeres.

Nuestro objetivo será analizar la disociación entre prácticas vigentes y marco legal establecido que expresan desigualdades de género y clase y visibilizan la plasticidad histórica del disciplinamiento institucional a la sexualidad femenina. Así también, nos interesa plantear los desafíos que actualmente plantea la traducción del “lo personal es político”, propio del movimiento feminista, al “parirás con placer” como acto político de ciertas mujeres.

Palabras clave: partos- feminismo- derechos - placer- violencia.

REPRESENTAÇÃO DO ABORTO LEGAL PARA OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM UMA MATERNIDADE DO NORDESTE BRASILEIRO

Maynara Costa de Oliveira Silva. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFRN; maycosta_13@hotmail.com

O Código Penal Brasileiro 1940 tipifica o aborto como sendo um ato ilegal passível de pena, todavia em seu bojo elenca duas exceções de permissibilidade, o chamado aborto legal, são as formas: não se punirá aborto, desde que realizado por um médico, fruto de uma violência sexual; nem se punirá aborto que seja para salvar a vida da mãe. No Brasil, segundo Elisabeth Vieira (2012) o aborto legal é restrito aquelas mulheres que estão de algum modo na situação de vítima, ou seja, mulheres que engravidaram em consequência de uma violência sexual, mulheres estão gestando um feto com anencefalia (decidida pelo Supremo Tribunal Federal), mulheres que estão com risco de morte. Verificando-se a existência destas exceções de permissibilidade do aborto legal, para as vítimas de violência sexual, se faz necessário entender como se dá a percepção dos profissionais de saúde acerca do aborto legal, bem como verificar como se é acionada a objeção de consciência (escusa invocada para não realizar tal procedimento por motivos de éticos, filosóficos, morais ou religiosos) por estes mesmos profissionais. A pesquisa se deu em hospital maternidade localizado na zona norte de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, Brasil, referência em realizar o aborto legal. Concorrente ao período da pesquisa de campo houve uma pesquisa bibliográfica, em que se buscou investigar sobre as práticas de aborto legal dentro das maternidades e a utilização da objeção de consciência, para tanto se fez necessário à pré-leitura de artigos, livros, periódicos nacionais.

Palavras-chave: Aborto legal; objeção de consciência; violência sexual; maternidades.

ABORTO NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL DO BRASIL: O JULGAMENTO DA ADPF 54 E O DEBATE SOBRE DIREITOS HUMANOS

Naara Luna. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e Departamento de Ciências Sociais (DCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; naaraluna@globocom

O trabalho analisa os votos dos ministros do Supremo Tribunal Federal no julgamento da Arguição de Descumprimento de Direito Fundamental 54 (ADPF 54). A ADPF 54 foi movida pela Confederação Nacional de Trabalhadores na Saúde e teve por objetivo obter a permissão para antecipação de parto de anencéfalo, comprovada por diagnóstico médico, sem necessidade de autorização judicial para a gestante ou para os profissionais de saúde envolvidos. A ação visa ampliar os permissivos para o abortamento no Brasil que não é punido segundo o Código Penal Brasileiro apenas em dois casos: se não há outro meio de salvar a vida da gestante e em gravidez decorrente de estupro. A anencefalia, mais conhecida como ausência de cérebro no feto, é representada como anomalia incompatível com a vida. A petição inicial argumenta pela inconstitucionalidade dos artigos do Código Penal nesse caso, pois violariam os princípios constitucionais de dignidade da pessoa humana, de autonomia da vontade e do direito à saúde. A argumentação nos votos dos ministros vai considerar o direito de decisão da mulher contrabalançado ao direito à vida do feto. Representações de pessoa fundamentam os argumentos de ambos os lados na construção política de sujeitos de direitos: mulheres e fetos anencefálicos. O julgamento é oportunidade para verificar como se constroem os direitos humanos na perspectiva da corte mais alta do Estado. O julgamento, ao focar a disputa a partir de uma anomalia incompatível com a vida, representa a mulher ora como sujeito da gravidez, ora como suporte para o desenvolvimento fetal.

Palavras-chave: aborto, direitos humanos, ADPF 54, Supremo Tribunal Federal

Sesión 3: Producción de conocimiento, categorías y memoria

PRÁCTICAS DE SALUD INTERCULTURAL: DIÁLOGOS ENTRE LOS DERECHOS SEXUALES Y REPRODUCTIVOS Y LA NOCIÓN DE CUERPO

Los Derechos Sexuales y Reproductivos son producto de la movilización social por la inclusión y la autonomía y se cimientan en la noción de cuerpo, no obstante este último se constituye desde una perspectiva occidental. Cuál es el alcance de dichos derechos cuando la concepción de cuerpo difiere de dicha perspectiva?.

En el nordeste de la amazonía colombiana habita la comunidad indígena nómada Nükák que concibe el cuerpo *Mik* como un elaboración que se va definiendo durante los ciclos vitales en cuerpo verdadero *Mik Baka*, que "es como el pensamiento, como la guía de una persona en la vida", "es mi orientación, mi vida mía", "es como su conocimiento" y "es el propio cuerpo y espíritu"(Franky, 2011). El cuerpo no se posee, se construye. Sin embargo, este proyecto colectivo está en crisis dado que el relacionamiento ha transformado los cuerpos en reflejos de la cultura individualizada, circunscripta al cultivo de coca para fines ilícitos.

Este documento pone en diálogo el cuerpo Nükák y transformaciones con los DSR, buscando la complementariedad para el acceso efectivo de derechos que se sostenga y se fortalezca en el *Mik baka* como eje en la construcción de persona y por supuesto, del sujeto de derechos.

EL DERECHO A LA IDENTIDAD DE GÉNERO EN URUGUAY DESDE UN ABORDAJE ETNOGRÁFICO: RELACIONES ENTRE LOS DISCURSOS DE LA LEY N° 18.620 Y LOS DE SU APLICACIÓN

Valentina Gómez Sónora. Programa Género, Cuerpo y Sexualidad, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República;
vale.gomezsonora@gmail.com

Esta presentación surge de una investigación etnográfica comenzada en el 2014 en el marco de la tesina de grado que busca analizar las trayectorias de quienes hicieron su cambio registral en el marco de la ley N° 18.620. El derecho a la identidad de género que crea esta ley es un derecho humano fundamental; permite que las personas puedan modificar sus documentos identificatorios en el caso de que éstos no reflejen su identidad de género. La antropología jurídica ve al Derecho como un discurso que funciona a la vez como instrumento de dominación y como espacio de resistencia. Entre el anteproyecto de ley y la normativa resultante promulgada en 2009 surgen modificaciones que tienen que ver con la judicialización del derecho. Estos cambios

influyen directamente en las trayectorias de las personas que atraviesan ese procedimiento que enmarca la normativa. Estas personas son socialmente llamadas “trans”, antónimo de “cis”: “trans” son quienes tienen una identidad de género diferente a la que les asignaron al nacer.

En ese “entre” que conecta a las personas “cis” con las “trans” se ubica la necesidad de regular las identidades “trans” a través de un procedimiento judicial. Esta investigación espera ser un insumo desde el pensamiento decolonial sobre las identidades de género en Uruguay para entender las diferentes experiencias, y desde ellas intenta ser un aporte para flexibilizar las categorías.

Palabras clave: transgénero, identidad, derechos humanos, cuerpo, etnografía

NUEVAS PRÁCTICAS Y DISCURSOS SANITARIOS EN TORNO A LA ATENCIÓN A PERSONAS TRANS: EL CASO DE LA UDA DE SAINT BOIS

Diego Sempol (ICP-FCS, sempoldiego@gmail.com)

Maia Calvo (ICP-FCS, maiacalvo169@gmail.com)

Cecilia Rocha (ICP-FCS, ceciliacarpiuc@gmail.com)

Marcela Schenck (ICP-FCS, marcela.schenck@gmail.com)

El presente trabajo pretende mapear la experiencia de atención a personas trans que desde el año 2014 se desarrolla en la Unidad Docente Asistencial (UDA), que funciona en el Centro Hospitalario del Norte Gustavo Saint Bois,

Debido a la originalidad de esta experiencia en el contexto del sector salud en Uruguay y a los cambios que a través de su práctica asistencial ha generado en el plano más amplio de la política sanitaria, interesa profundizar en este caso desde un abordaje cualitativo, que permita contemplar la perspectiva de los actores involucrados. A través de entrevistas en profundidad con actores médicos, no médicos y usuarios/as del servicio se describe el proceso de construcción de este espacio, describiendo su institucionalidad, recursos disponibles y los principios que lo orientan. También se sistematizan aspectos que refieren a los efectos que una experiencia de estas características tiene en cuerpos concretos, desde el análisis del vínculo que la misma establece con sus usuarios/as. Por último se profundiza sobre los desafíos que este servicio enfrenta y los que le plantea al sistema de salud, dado que se fundamenta en un nuevo paradigma que despatologiza las identidades trans, situando el contexto de la intervención desde un modelo de atención que profundiza el reciente abordaje clínico sobre la salud sexual y reproductiva en tanto derecho.

Palabras clave: Políticas públicas, Política sanitaria, Derechos sexuales y reproductivos,

Diversidad.

MARCELO POMBO, DEL GAG AL ROJAS. UNA TRAYECTORIA DESDE LOS MÁRGENES DEL CAMPO INTELECTUAL

Mariana Cerviño. UBA- Instituto Gino Germani- CONICET; marianacerv@gmail.com

El trabajo propone comprender procesos de transformaciones en el campo intelectual de Buenos Aires vinculados a la historia del movimiento gay a través de la trayectoria de un actor: el artista Marcelo Pombo. El propósito es contribuir a la historia de los colectivos sociopolíticos LGTB, a través del análisis sociológico de un tipo social de intelectual que marcó el campo de la cultural de la transición democrática.

A partir de su relato biográfico, proponemos analizar, por un lado, distintas modalidades de vínculos, transferencias y marcas entre la historia del movimiento gay y la del campo intelectual. Y por otro lado, el modo de construcción de un *ethos* intelectual disidente que determina su posición en el campo de la cultura.

En especial nos detendremos en la relación entre sus opciones intelectuales y artísticas con las experiencias colectivas de una “subcultura” que deja su impronta en la manera de vincularse con las jerarquías del campo cultural y artístico, en particular. Desde su viaje a Brasil en el año 1982, donde se vincula con activistas LGTB, a su propio activismo en el GAG a mediados de los ochenta y su ingreso en campo del arte, en 1987, distintas inserciones en colectivos gays, permiten entender de manera articulada la evolución de ambos espacios. A través de su caso, podremos observar un aspecto del campo de producción cultural de la transición democrática que es el ingreso de nuevos tipos de artistas y de intelectuales que marcaron la renovación estética, en la década del ochenta.

Palabras clave: movimiento gay- sociología de los intelectuales- ethos- campo artístico

REFLEXIONES SOBRE EL ROL DE LOS ESPACIOS DE CELEBRACIÓN Y TRASGRESIÓN EN EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA MARICA

Soledad Cutuli. Universidad de Buenos Aires; soledadcutuli@gmail.com

Joaquín Insausti. Universidad de Buenos Aires; sinsau@gmail.com

En esta ponencia examinamos el rol de teatros de revista, corsos y cabarets, en tanto escenarios privilegiados para el devenir de subjetividades y experiencias transgresoras del binarismo sexo-genérico, a partir del análisis de una serie de textos autobiográficos y otros relatos recuperados durante el trabajo de campo realizado para nuestras tesis doctorales. En la confluencia de una investigación sociológica sobre el devenir de paradigmas identitarios pre y post años '80, y una etnografía sobre la politización del *travestismo* en Buenos Aires, focalizamos en una serie de relatos biográficos, entrevistas y registros fotográficos para describir y analizar los espacios performativos donde *transformistas*, *travestis* y *maricas* podían expresarse. Al mismo tiempo, nos proponemos reflexionar sobre el papel otorgado a estos sitios clave en un proceso más amplio de disputas en torno a las categorías identitarias, y de recuperación y construcción de una *memoria marica*.

Palabras claves: memoria marica; sociabilidad; trasgresión.

CONEXÕES ENTRE ATIVISMO E PESQUISA, POLÍTICAS SEXUAIS E CO-PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Regina Facchini. Pesquisadora doutora no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu - Universidade Estadual de Campinas (São Paulo, Brasil); re.facchini@gmail.com

O Brasil dos anos 1970 foi cenário da emergência das primeiras iniciativas tidas como politizadas de associativismo homossexual e das primeiras articulações de pesquisadores em torno do que se conhece hoje por estudos de gênero e sexualidade. Entre os anos 1980 e 90, ambos os campos passam por processos de institucionalização que seguem de modo paralelo até os anos 2000. Pesquisa realizada a partir de 906 grupos de pesquisa brasileiros e de 60 entrevistas com pesquisadores de quatro gerações com destacada atuação no fortalecimento do campo de estudos indica fortemente proximidades e tensões entre ativismo e pesquisa. A partir de 2010, contudo, com o fortalecimento de políticos conservadores com inserção religiosa e de sua ação sobre o legislativo e o executivo em vários níveis de governo, observa-se um processo de desinstitucionalização do movimento LGBT. Esta apresentação pretende contribuir para o estudo das conexões entre ativismo e pesquisa acadêmica no Brasil contemporâneo. Para tanto focaliza processos de mudança nas trajetórias de cada um dos campos nos últimos 40 anos, traça paralelos entre seus processos de (des)institucionalização e conclui com a análise preliminar de dados etnográficos de caráter exploratório sobre a co-produção do conhecimento científico e de políticas sexuais por parte de ativistas e de pesquisadores. Além de entrevistas com pesquisadores e análise de trabalhos acadêmicos recentes, serão mobilizadas observações preliminares a partir de duas iniciativas: um canal de vídeos voltados para LGBT no youtube, o Canal das Bee, e uma rede nacional de homens trans ativistas, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades.

Palabras claves: políticas sexuais - Brasil; co-produção científica; movimento LGBT; movimentos sociais - Brasil; estudos de gênero e sexualidade.

Sesión 4: Las políticas y sus públicos

“REFUGIADOS LGBTI”: ARTICULAÇÕES ENTRE DIREITOS, CATEGORIAS E RECONHECIMENTOS

Isadora Lins França. Professora do Departamento de Antropologia IFCH/UNICAMP;
isa.linsf@gmail.com

Desde 2002, agências internacionais têm reconhecido o status de refugiado a solicitantes que o fazem com base na sua orientação sexual e identidade de gênero. A categoria “refugiados LGBTI” tem sido utilizada para denominar solicitantes nessas bases, a partir da articulação entre dois campos de direitos, os relacionados ao refúgio e os relacionados a gênero e sexualidade. Na apresentação, pretendo reconstituir a recente emergência da categoria "refugiados LGBTI" no contexto internacional de direitos, permitindo delinear um campo discursivo em que gênero e sexualidade entrecruzam-se com a noção de “refugiados”, encontrando paradas provisórias na nomeação de novos sujeitos de direitos. Tal reconstituição se dará a partir da análise da articulação entre os principais instrumentos de construção do refúgio no campo dos direitos, definindo o estatuto legal do refúgio, e sua releitura de acordo com desenvolvimentos recentes no campo dos direitos sexuais. O cenário também será composto da análise de documentos tais como guias e diretrizes publicados no âmbito do universo institucional do refúgio, particularmente da Agência da ONU para Refugiados (UNHCR), tematizando orientação sexual e identidades de gênero. Como pano de fundo da discussão, tematizo um contexto de reconhecimento dos direitos relacionados a gênero e sexualidade na agenda internacional nas últimas duas décadas, procurando visualizar avanços, mas também contradições desses processos.

Palavras-chave: refugiados; gênero; sexualidade; LGBTI; direitos.

PERCORRENDO DOCUMENTOS: UMA LEITURA DA PRODUÇÃO DO CAMPO DE DIREITOS LGBT NO BRASIL ATRAVÉS DOS "PAPÉIS"

Silvia Aguião. Pesquisadora associada do Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos (LIDIS/UERJ). Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP/2014); saguiao@gmail.com

Alguns documentos podem ser compreendidos como peças-chave para o processo de constituição do que hoje convencionou-se chamar *população LGBT* no Brasil. Com a proposta de acompanhar as mudanças de vocabulário, como as identidades aparecem nos papéis ou como a “população” aparece por escrito, percorro alguns documentos buscando também destacar como são estruturados. Os principais documentos analisados são: as três versões do Programa Nacional de Direitos Humanos (1996, 2002 e 2009); o Relatório da participação do Brasil na Conferência de Durban (2001), o Programa Federal Brasil Sem Homofobia (2004), o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT (2009) e os relatórios finais das duas conferências nacionais LGBT realizadas no Brasil até o momento (2008 e 2011). Essa comunicação faz parte de uma pesquisa mais ampla realizada para o doutoramento (concluída em 2014) a respeito do processo de constituição da população designada, no momento, "LGBT", como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo. Invisto em uma análise que a partir das estratégias políticas dos atores envolvidos nos debates em torno dos “direitos LGBT”, considera processos de criação e recriação de morfologias de Estado, mantendo como pano de fundo a questão de como certos “direitos” corporificam certas “identidades” e vice-versa. Procura-se enfatizar as controvérsias e as dinâmicas internas dos processos de constituição de determinados sujeitos políticos e apontar tanto para as formas através das quais o Estado produz os sujeitos que governa (administra), quanto para o processo de constituição desses sujeitos como parte de um fluxo contínuo de produção do próprio Estado.

Palavras-chave: Direitos LGBT; Direitos Humanos; Antropologia do Estado.

SINGULARIZANDO DIVERSIDADES, INTERSECCIONANDO DIFERENÇAS: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE AS POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA EQUIDADE DO MINISTÉRIO DA SAÚDE BRASILEIRO

Margareth Cristina de Almeida Gomes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ); margacris@hotmail.com

O uso do termo equidade pelas políticas de saúde brasileiras remete ao período pós-promulgação da Constituição Federal de 1988 e incorpora a noção de justiça à distribuição igualitária das ações de saúde pública. A partir de 2012, foi adotado em normativas do Ministério da Saúde sob a alcunha de “Políticas de Promoção da Equidade em Saúde”, em consonância à prioridade do governo federal em reduzir as desigualdades sociais. Para enfrentar as iniquidades, abarcam estratégias para promoção da saúde e prevenção de agravos da população negra, população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), população do campo, floresta e águas, população em situação de rua e população cigana. Se, por um lado, enuncia-se que todas estas populações estão expostas a condições sociais de alta vulnerabilidade, por outro, são evocadas as características que cada qual guarda, em seus contornos bastante particulares. Nesta mistura entre atravessamentos e fronteiras que compõem as políticas

de promoção da equidade, destacam-se as técnicas de gestão da população LGBT, conjunto “híbrido” que busca abarcar distintos sujeitos através de processos de medicalização dos corpos e da sexualidade. A experiência de etnografar a articulação das políticas de promoção da equidade no Ministério da Saúde, em particular a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT, permitiu conhecer as práticas de gestão lançadas pelos técnicos institucionais a fim de garantir a singularização das diversidades sexuais e de gênero, bem como promover a intersecção das diferenças. Também possibilitou reflexões em torno da operacionalidade do modelo teórico-metodológico e político das interseccionalidades.

Palabras claves: Equidade, política, saúde, Estado.

NOTAS PARA EL ESTUDIO DE LA SOCIABILIDAD HOMOERÓTICA EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Máximo Javier Fernández. IIEGE-UBA/CONICET;
maximojavierfernandez@gmail.com

A partir de una aproximación histórico- etnográfica a algunos espacios de *yire homoerótico* en la ciudad de Buenos Aires, este artículo indaga en algunas características históricas y socioculturales de la sociabilidad homoerótica y en sus implicancias para una historia de la homosexualidad en el contexto local.

Algunos trabajos locales pensaron la sociabilidad homoerótica en el espacio urbano como prácticas compensatorias o de resistencia (Rapisardi y Modarelli, 2001), como síntoma cultural del grado de represión hacia la homosexualidad (Ben, 2004) o como el reflejo de un estadio de la relación entre Estado y sociedad (Meccia, 2006; Meccia, 2011). Aunque estos marcos interpretativos no pueden desestimarse del todo, nuestro argumento es que los espacios de *yire* homoerótico pueden ser vistos como instancias centrales en la producción de sentidos y prácticas en torno al deseo erótico entre varones en el escenario local; es decir, no únicamente como un resquicio de la represión estatal y/o social o una práctica marginal de carácter meramente sexual.

En última instancia, se expondrán algunos argumentos que permiten dar cuenta de la “persistencia” de esta forma de sociabilidad homoerótica frente a algunas novedades del escenario actual que parecieran ir en detrimento de dicha sociabilidad. En otras palabras, la sanción del *Matrimonio Igualitario* o el fin de los edictos policiales así como ciertas iniciativas destinadas a hacer de Buenos Aires una ciudad *gay friendly* parecieran constituir – al menos desde el marco interpretativo de los trabajos a los que nos referimos más arriba- el marco ideal para el fin del *yire homoerótico* en el espacio urbano. Por el contrario, antes que sucumbir, la sociabilidad homoerótica es resignificada y revitalizada al calor de las distintas novedades del contexto actual.

Palabras claves: sociabilidad homoerótica; sujetos; Estado.

DE LA DESPROTECCIÓN DEL ESTADO A LA AUTODEFENSA FEMINISTA. ESTRATEGIAS DE RESISTENCIA EN LA LUCHA CONTRA LA VIOLENCIA HACIA LAS MUJERES

Rosario Castelli. Universidad de Buenos Aires; rosicastelli@gmail.com

Este trabajo consiste en una primera aproximación a pensar las tensiones existentes entre las políticas públicas y su implementación, partiendo de las complejidades que representa diseñar y gestionar programas de formación con perspectiva feminista en materia de violencia hacia las mujeres.

Concretamente analizaré una experiencia de trabajo en la zona sur del conurbano bonaerense, -desde mi rol de tutora pero en una investigación colectiva en conjunto con las estudiantes-, a modo de ensayo y sistematización de un trayecto formativo de pregrado, de un año de duración, para “operadoras sociales en prevención de las violencias y promoción de la equidad de género”. En este sentido los ejes contemplarán a lxs actorxs participantes, las diferentes instituciones que intervinieron en el proceso, los contenidos y materiales de trabajo, las particularidades del territorio y la experiencia de organización de una red de mujeres a partir de una política pública.

Los dos aspectos que me interesa destacar fundamentalmente se expresan por un lado en la construcción de un espacio formativo feminista, que busca “democratizar el acceso a la universidad” y formar líderes y referentes políticxs que promuevan “relaciones de género más justas” apuntando a recuperar las identidades locales y las experiencias de organización de resistencias frente a la violencia. Por otro lado, el objetivo es identificar las tensiones que aparecen frente a este tipo de iniciativas, reflejadas en las resistencias de las diferentes instituciones a implementar las distintas políticas de género a nivel local que garanticen el efectivo acceso a los derechos. En este sentido, este trabajo busca recuperar las experiencias de empoderamiento y resistencias posibles a través de la organización y la implementación de otras formas posibles de solidaridad y acción ante a las violencias, frente a la falta de respuestas efectivas del estado.

GT 18: “DROGAS, POLÍTICAS PÚBLICAS, SAÚDE E CONSUMIDORES”

Coordinadores:

Beatriz Caiuby Labate - Professora Visitante do Centro de Pesquisa e Estudos de Pós-Graduação em Antropologia Social (CIESAS), em Guadalajara e Cofundadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). blabate@bialabate.net

Frederico Policarpo - Doutor em Antropologia, professor do curso de Políticas Públicas na Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (InEAC/UFF) e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). fredericopolicarpo@yahoo.com.br

Comentaristas: Sandra Lucia Goulart - Doutora em Ciências Sociais (Unicamp); Professora da Faculdade Cásper Líbero (São Paulo); Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). sluciagoulart@gmail.com

Jardel Fischer Loeck - Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Psicoativos (NEIP), Sociólogo do Observatório de Segurança Pública de Canoas (OSPC). jardelfischer@gmail.com

Andrés Góngora. PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Estudios Sociales –CES, Universidad Nacional de Colombia
algonoras@unal.edu.co; ilongote@gmail.com

Sessão I: Consumos

ENTRE CLUBES E MATAGAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A POLÍTICA DE DROGAS NAS PRÁTICAS, REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIDADES DO CONSUMO DE MACONHA

Aknaton Toczec Souza - Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pesquisador do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da Universidade Federal do Paraná. aknatontoczec@gmail.com

Pablo Ornelas Rosa - Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e Professor da Universidade Vila Velha e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).
pablorosa13@gmail.com

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes - Prof. Associado UFPR - PPGSociol e PPGDireito UFPR. - Coord. do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos

Esse artigo propõe refletir sobre duas práticas e experiências com o uso da *cannabis* observadas através do olhar etnográfico. Procurando discutir a relação entre as representações coletivas e individuais oriundas das políticas de drogas e analisar o processo de sociabilização específico em cada uma dessas experiências. Cruzando as análises das observações e entrevistas realizadas em um clube cannabico em Barcelona, Espanha; e por outro lado a prática de cultivo *outdoor decannabis* em regiões silvestres na cidade de Ponta Grossa – Paraná, Brasil, chamada de “*guerrilha*”. O ponto central da reflexão são os processos de sociabilidades que derivam da política pública destinada às drogas, onde por um lado um uso de drogas não criminalizado, permitindo inclusive agremiações – clubes – com plantio próprio, alimentação e “agenda cultural”. Por outro lado, a prática de “*guerrilha*” que envolve uma rotina bem definida, com motivações, objetivos e representações particulares, todavia, imersa em representações coletivas oriundas da política proibicionista antidroga vigente no Brasil. Os processos sociais que envolvem o consumo de drogas são influenciados pela política destinada às drogas, ao analisar essas práticas iremos refletir sobre as sociabilidades oriundas da política de drogas no Brasil e em Barcelona.

Palavras-chave: Políticas de drogas; uso de drogas; cultivo de drogas; sociabilidade.

CLASSIFICAÇÕES NATIVAS SOBRE AS IDEIAS DE *CONTROLE* NO USO DE COCAÍNA A PARTIR DE DIFERENTES CONSUMIDORES

Victor Cesar Torres de Mello Rangel. PPGA/UFF, NUFEP/UFF e INCT/InEAC.
vctmrangel@id.uff.br

Em minha pesquisa de doutorado, procuro analisar diferentes saberes e técnicas ligadas ao consumo de cocaína. Na primeira parte do trabalho de campo, estou analisando o universo do consumo a partir dos usuários. Suas formas de uso, locais de compra, diferentes qualidades, com quem e onde usar, controle da quantidade, problemas com a polícia e justiça e classificações sobre vício e uso recreativo sobre cocaína são pontos a serem analisados. A pesquisa empírica foi iniciada em um bar, situado em um bairro da região norte da cidade de Niterói – RJ, que reúne grande quantidade de usuários de cocaína e outras drogas. Junto as representações nativas sobre a cocaína, estou analisando como os peritos criminais da Polícia Civil e Polícia Federal constroem seus conhecimentos sobre a substância a partir das técnicas e saberes constituídos nos laboratórios de análise de entorpecentes dessas instituições. Nesse presente texto, procuro analisar os diferentes discursos dos consumidores de cocaína sobre as ideias de *controle* no uso. Acho importante ressaltar que não pretendo assumir qualquer postura

que leve a uma visão denunciante ou arbitral sobre os procedimentos adotados pelos usuários. Nem pretendo trazer explicações etiológicas sobre o porquê de tais atores agirem de uma forma e não de outra. Minha preocupação se resume em tentar acessar as esferas de sentido dessas pessoas e grupos que conformam o público assíduo do bar e entender como consideram coerentes e legítimas suas concepções sobre uso e *controle* no consumo de cocaína.

Palavras-chave: Cocaína; Representações sobre o consumo; *Controle* no uso

O NU DO ALMOÇO E A SERINGA: SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR MEIO DE WILLIAM BURROUGHS

Wander Wilson Chaves Júnior. Doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). wanderwi@gmail.com

William Burroughs, em meio à efervescência cultural e literária da década de 1950 chamada geração *beat*, foi um importante escritor sobre o tema das substâncias psicoativas. Seus livros partem de suas experiências com estas substâncias, em forma de um relato cru ou a partir de um trabalho literário não linear que mistura *junkies*, médicos sádicos, ladrões, detetives e todo tipo de seres estranhos; duas formas de lidar com o tema que podemos encontrar em *Junky*, livro de 1953, e *Almoço Nu*, publicado pela primeira vez em 1959. No primeiro livro encontramos os relatos da experiência de Burroughs como um *junkie*, o que o escritor considera um *estilo de vida* ligado ao uso constante de opiáceos durante a década de 1940 e início de 1950, com a intenção de combater o proibicionismo das drogas vigente. O segundo é um livro escrito em *routines*, fragmentos esparsos e desconexos, que aglutinam o uso destas substâncias como um tema dentro de muitos trabalhos, mas, ao mesmo tempo, o extrapola ao comparar os sintomas daquilo que chamamos de adicção ou dependência com questões políticas e o que chamou de controle. Este trabalho parte destas duas abordagens para refletir sobre possibilidades de experimentação de pensamento abertas por estes flancos sem cair na tentativa de engessar o escritor em uma sistematização rígida de sua obra, mas pensando *com* William Burroughs.

Palavras-chave: William Burroughs, psicoativos, ética

O CONTEXTO DA ILEGALIDADE: PERCEPÇÕES DE USUÁRIOS DE MACONHA SOBRE SUAS PRÁTICAS

Natália de Campos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia

A partir da pesquisa etnográfica desenvolvida durante o curso de mestrado, na qual acompanhei a organização dos coletivos que compõem o Movimento Antiproibicionista em Natal – RN, parte dos dados coletados em entrevistas se referem aos contextos de vida dos participantes deste movimento, os quais são primordiais para entendermos as motivações desta organização. No presente artigo, fazemos um recorte deste material, buscando explicitar e analisar as questões centrais expostas por nossos interlocutores. Tabus, preconceitos, repressão, relações familiares, direito de uso do próprio corpo, redução de danos, posicionamentos e argumentos acionados, engajamento político, dentre outros aspectos, serão abordados a partir das falas de usuários frequentes de maconha.

Estas questões se mostram relevantes para entender a formação do movimento antiproibicionista como um desdobramento das questões pessoais que envolvem o uso deste psicoativo ilícito, pois a articulação coletiva possibilita a reivindicação desta demanda que é de cada um dos seus participantes e que, apenas coletivamente, encontra condições para ser exposta e reivindicada. As pessoas que protagonizam um movimento organizado com fins de reivindicação por direitos e reconhecimento social estão organizadas pelos seus propósitos individuais de não sofrerem mais repressão e preconceitos em função de suas práticas relacionadas ao uso de maconha e encontram força e legitimidade para mobilizarem-se na coletividade.

Embasam teoricamente esta explanação autores clássicos como Howard Becker (1960), Frederick Barth (1998) e Erving Goffman (1988), bem como antropólogos brasileiros que se dedicaram ao tema dos psicoativos e sociabilidades como Gilberto Velho (2008), Alba Zaluar (2007) e Edward Macrae (1990).

Sessão II: Regulações

“EFECTOS EN MÉXICO DE LA REGULACIÓN DEL CANNABIS EN ESTADOS UNIDOS: LA EXPERIENCIA DE LA FRONTERA SAN DIEGO, CALIFORNIA – TIJUANA, BAJA CALIFORNIA”

Jaime Andrés Vinasco Barco. Estudiante de doctorado en Ciencias Sociales con Especialidad en Estudios Regionales, El Colegio de la Frontera Norte (México).
Jvinascodcs@colef.mx; Jailau52@hotmail.com

Estados Unidos es una de las naciones que reconociendo el consumo de cannabis como

un fenómeno perenne en la sociedad, ha optado por -además de castigar esta práctica- construir paulatinamente una normativa socio-legal que orienta y controla el conjunto de prácticas de consumo en su territorio (Regulación del cannabis). En California, esto se ha dado progresivamente desde 1996, y no ha tenido consecuencias perjudiciales como el aumento de la delincuencia, las sobredosis por drogas o la deserción escolar. Lo llamativo de esto, es que la estructura creada en California para orientar las prácticas de consumo de cannabis de sus ciudadanos, parece estar influyendo de manera transfronteriza en las prácticas de consumo -e incluso de tráfico y venta- de su vecino del sur Baja California, en donde, investigaciones como las de Juan F. Gamella (2012), Ricardo Sánchez y Jorge Arellanez (2006) (2011), Víctor Zúñiga (1990) e Iraís Salazar (2012), han mostrado que los consumidores mexicanos de la frontera en Tijuana, están teniendo -probablemente por la intensa interacción con la población estadounidense de San Diego- prácticas sociales compartidas en relación al consumo de drogas. Sin embargo, aunque dichos trabajos han revelado que los individuos mexicanos adoptan patrones de consumo de drogas de la sociedad norteamericana, dejan dos importantes vacíos que son: uno, que los resultados de los análisis no pueden ser aplicables ni la actualidad del contexto ni del cannabis; y dos, que se está aseverando que individuos mexicanos están adoptando patrones de consumo de drogas de la sociedad norteamericana, sin darse la explicación de cómo, de qué forma, o de qué manera se da este proceso. Justamente para ayudar a llenar este vacío teórico, y en consecuencia, aportar mayores elementos al análisis de los factores sociales que inciden en las prácticas de consumo de drogas de México y Estados Unidos, esta investigación (Efectos en México de la regulación del cannabis en Estados Unidos: la experiencia de la frontera San Diego, California – Tijuana, Baja California) está analizando; por un lado, la manera en que incide en la práctica de consumo de cannabis del tijuanaense, la experiencia de observar y vivir la regulación del cannabis en la ciudad de San Diego; y por otro lado, la forma en que se despliega y articula la regulación del cannabis implementada en San Diego, en las prácticas de consumo de cannabis de los tijuanaenses en Tijuana.

Palabras clave: cannabis, prácticas de consumo de cannabis, regulación del cannabis.

AS “BOCAS DE FUMO” E A CIDADE: NOTAS PARA UMA ATUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A REGULAÇÃO DO COMÉRCIO DE MACONHA NO RIO DE JANEIRO

Marcos Veríssimo. Bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado da CAPES.

Pesquisador associado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC). Professor Colaborador no Bacharelado em Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense. maverissimo.silva@gmail.com

O objetivo desta proposta é colocar sob descrição as formas contemporâneas de regulação clandestina dos mercados de maconha na cidade do Rio de Janeiro e sua chamada região metropolitana, que há décadas é feito passando ao largo da Lei através

do que se convencionou chamar de “bocas de fumo”. A metodologia é de caráter qualitativo, a partir de observação direta do autor em áreas assim denominadas, com atenção aos processos mais recentes que buscaram intervir nos regimes tradicionais de controle armado e arbitrário destes mercados, como é o caso das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Por este motivo, o trabalho de campo no qual se baseia este trabalho inclui a observação direta em pontos de venda de maconha e outras “drogas” em favelas com e sem a implementação de UPPs. Desse modo, esta proposta se coloca em consonância com um dos eixos de discussão propostos por este GT, a saber, o da “análise de políticas de drogas e das instituições que atualizam regimes de controle”.

Palavras-chave: Mercados de Maconha – Ilegalidade – Regulação Clandestina – Políticas de Drogas.

APONTAMENTOS SOBRE A REGULAMENTAÇÃO DA MACONHA MEDICINAL, EM UMA PERSPECTIVA COMPARADA ENTRE AS CIDADES DO RIO DE JANEIRO, BRASIL, E DE SAN FRANCISCO, EUA

Frederico Policarpo. Doutor em Antropologia, professor do curso de Políticas Públicas na Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (InEAC/UFF) e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). fredericopolicarpo@yahoo.com.br

Neste artigo estabeleço uma comparação entre as cidades do Rio de Janeiro, Brasil, e de San Francisco, EUA, acerca da regulação da maconha medicinal. Argumento que o ponto que está em jogo em San Francisco é a luta por direitos. O direito de ter acesso a um remédio, a *medical cannabis*. É a *cannabis* que se transforma num *medicine*, não o usuário que se transforma em um doente. Já no Rio, a estratégia proibicionista acaba transformando os usuários em “dependentes químicos” ou “traficantes”. Os usuários não são vistos como cidadãos plenos de direitos, só aparecendo na esfera pública de forma tutelada pelo Estado, seja como doentes ou criminosos. As estratégias de regulação sobre a maconha medicinal nessas cidades nos ajudam a ver os contrastes. Por exemplo, o nosso “uso compassivo” só autoriza o uso do canabidiol – e não da planta inteira – exclusivamente para o tratamento de epilepsias na infância e adolescência refratárias às terapias convencionais, enquanto que o *compassionate act* de San Francisco, além de autorizar o uso da planta inteira, permite a sua utilização em uma série de doenças, como câncer e AIDS, “ou quaisquer outras doenças que a maconha sirva de alívio” (Prop.215). Neste artigo, eu discuto esses e apresento outros contrastes relativos aos modos de regulamentação do uso da maconha nesses contextos com o objetivo de problematizar os aspectos culturais que atualizam os controles institucionais sobre o seu uso.

Palavras-chave: Maconha medicinal – Rio de Janeiro – San Francisco – Comparação –

CONTROL SOCIAL EN BOLIVIA: UNA ALTERNATIVA A LA ERRADICACIÓN FORZOSA DE CULTIVOS DE COCA

Thomas Grisaffi. University College London, Leverhulme Post -Doctoral Fellow.
thomasgrisaffi@gmail.com

Dos décadas de erradicación forzada fracasaron rotundamente, generando pobreza y gruesas violaciones a los derechos humanos sin que cumplieran su objetivo: reducir los cultivos de coca. En 2004 el gobierno Boliviano otorgó derechos para cultivar un *cato* de coca (1600 metros cuadrados) a cada una de las familias cocaleras registradas en Chapare (una de las dos regiones más importantes de cultivo de coca en Bolivia). Los responsables políticos y los cocaleros acordaron conjuntamente el tamaño de la parcela de coca en un esfuerzo por proveer a cada familia con el equivalente de un salario mínimo como ingreso proveniente de la coca y para reducir la violencia. La administración de Morales ha continuado con esta política y en los últimos seis años uniones de productores cocaleros, funcionarios y miembros de la comunidad internacional han construido un complejo y sustentable sistema de monitoreo, licenciamiento y reducción de la coca. Sobre la base de 28 meses de trabajo etnográfico este artículo describe la nueva aproximación de Bolivia al control de la coca. Evalúa la efectividad del programa como también los importantes desafíos a su implementación. Se argumenta que, al concentrarse en el bienestar social, los derechos humanos y la estabilidad económica de las familias cocaleras la aproximación colaborativa de Bolivia puede ser mucho más efectiva reduciendo la superficie de cultivo de coca en el largo plazo que las estrategias anteriores de erradicación forzada

APORTES PARA UN DEBATE EN TORNO A LA REGULACIÓN DE LA AYAHUASCA EN EL URUGUAY

Juan Scuro- Doctorando en Antropología Antropología Social (PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). juanscuro@gmail.com

Ismael Apud - Doctorando en Antropología, Universitat Rovira i Virgili. Docente de la Facultad de Psicología, Universidad de la República. ismaelapud@psico.edu.uy

En el siguiente artículo analizaremos los procesos legales y políticos relacionados con la regulación de la sustancia psicoactiva denominada “ayahuasca”. Nos centraremos en la relación entre las nuevas prácticas terapéuticas, espirituales y religiosas vinculadas al uso de ayahuasca, y su regulación en el contexto internacional y local. Comenzaremos con algunas breves consideraciones antropológicas de la categoría “droga”, y cómo el occidente y sus políticas prohibicionista ha influenciado en nuestra manera de ver el problema. Luego proseguiremos analizando el caso específico de la ayahuasca en el contexto internacional, analizando algunos acontecimientos importantes en el marco legal de EEUU, Brasil y otros países. Finalmente analizaremos el caso específico de Uruguay.

Palabras Clave: Ayahuasca; Regulación; Drogas; Espiritualidad/religiosidad.

Sessão III: Políticas

“DESDE LA HERIDA DEL PROHIBICIONISMO”: LA LUCHA POR LA LIBERACIÓN DE LA MARIHUANA EN COLOMBIA

Andrés Góngora. PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Estudios Sociales –CES, Universidad Nacional de Colombia;
algongoras@unal.edu.co; ilongote@gmail.com

Este ponencia describe la agencia de diferentes actores sociales implicados en la transformación de las actuales políticas de drogas en Colombia. Los resultados son fruto del trabajo de campo realizado durante los años 2014 y 2015 en la ciudad de Medellín. En la primera parte realizó una lectura etnográfica sobre la lucha por la liberación de la marihuana a partir de dos perspectivas: la de Olmes, el “maestro” del movimiento cannábico quien opera como un articulador de los diferentes momentos y eventos considerados claves en la construcción de la “causa” y la de Karoty un comerciante de papeles que ha construido su riqueza al margen del mercado ilícito de la planta y otras “drogas”. En la segunda parte describo la llegada a Medellín del historiador español Antonio Escohotado, autor de la *Historia General de las Drogas*, resaltando algunas implicaciones antropológicas relativas a su experiencia como intelectual, consumidor activo y militante “antiprohibicionista”. Al final, planteo algunas cuestiones teóricas relevantes basado en la comparación de perspectivas y prácticas de mis interlocutores. El hilo conductor del relato serán las distintas valoraciones, espacios de la experiencia y horizontes de expectativas que mis interlocutores le asignan a la “libertad”, pensada como práctica emancipadora, relación económica, reajuste de valores, producción de verdades y desasimiento del poder instituido.

Palabras clave: Etnografía, marihuana, proibicionismo, consumo de drogas, libertad.

PANORAMA DA LITERATURA SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS BRASILEIRAS

Beatriz Caiuby Labate - Professora Visitante do Centro de Pesquisa e Estudos de Pós-Graduação em Antropologia Social (CIESAS), em Guadalajara e Cofundadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). blabate@bialabate.net

Glauber Loures de Assis - Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, Brasil, e Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). glauberloris@hotmail.com

Nascidas durante o século XX, a Barquinha, o Santo Daime e a União do Vegetal, conhecidas como as religiões ayahuasqueiras brasileiras, se mantiveram circunscritas à região norte do Brasil pelo menos até o início dos anos de 1970. Desde então, o Santo Daime e a União do Vegetal tem se expandido significativamente, cada qual à sua maneira, alcançando todas as regiões do país, cruzando as fronteiras brasileiras e o Oceano Atlântico. O processo de internacionalização desses grupos envolve complexas redes e alianças e transnacionais, suscitando questões intrigantes sobre tradução cultural e diáspora religiosa. Entretanto, esse tema continua pouco explorado e a produção a respeito é fragmentada e esparsa. Esse artigo propõe uma revisão crítica da literatura sobre a internacionalização desses grupos, incluindo artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado em várias línguas, publicadas ou não, bem como textos sobre os aspectos legais. Através de uma abordagem comparativa, procuramos identificar as principais características, tendências e perspectivas do campo de estudos sobre a ayahuasca. Nesse sentido, esperamos chamar atenção para as possibilidades e lacunas dessa discussão, e ao mesmo tempo estimular o desenvolvimento de futuras pesquisas. Este artigo almeja tornar-se uma espécie de guia para pesquisadores da área, assim como para outras pessoas interessadas no assunto, sendo especialmente importante em tempos que a internacionalização das religiões ayahuasqueiras brasileiras alcança dezenas de países do mundo. Este tema, argumentamos, oferece um interessante locus de estudo sobre a interação entre psicodélicos, religião e cultura.

CULTIVAR LOS DERECHOS: NOTAS SOBRE EL ACTIVISMO CANNÁBICO EN ARGENTINA

María Cecilia Díaz. PPGAS/MN – UFRJ; mcecilia.diaz@gmail.com

En esta comunicación presento algunas reflexiones originadas en el trabajo de campo que realizo entre movimientos cannábicos de Argentina. Luego de acompañar la preparación de la marcha de la marihuana, y de participar de talleres, reuniones y conferencias en las ciudades de Córdoba y Buenos Aires, me propongo atender a un punto recurrente en los discursos de los activistas: la idea del *cultivo* de las plantas, de los movimientos y de los derechos, que permite establecer un vínculo entre el calendario político y el cannábico. Al intentar una descripción de las prácticas a partir del *cultivo* como metáfora, entiendo que los cuidados de las plantas por parte de los cultivadores y la movilización política emprendida a nivel local y nacional, constituyen fenómenos que pueden ser considerados de manera paralela. Estas reflexiones se enmarcan en una investigación en curso que procura atender a la cuestión de cómo se estructura una demanda colectiva a partir de un apego individual y cómo comenzar a desentrañar los discursos accionados por los sujetos en los diferentes espacios en que ellos se movilizan. Mi pesquisa acerca de los movimientos sociales que se construyen en torno de la despenalización y legalización del consumo de marihuana en Argentina se integra en un planteo más amplio que busca aportar al conocimiento de la historia de los usos medicinales y recreativos de las sustancias psicoactivas, mapear las políticas públicas en vigencia y dar cuenta de los discursos que se objetivan en la literatura científica y periodística.

Palabras clave: cultivo, marihuana, activismo

DISPUTAS NARRATIVAS NO DEBATE PÚBLICO SOBRE POLÍTICA DE DROGAS: ETNOGRAFIAS DO CONSUMO, TRÁFICO E POLÍTICAS DE DROGAS EM SÃO PAULO

Paulo Malvasi – Mestrado Profissional adolescente em Conflito com a Lei (UNIAN) e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). paulomalvasi@hotmail.com

Taniele Rui – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).. tanielerui@yahoo.com.br

Maurício Fiore - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD) e Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). maufiore@gmail.com

No debate público brasileiro, os discursos políticos sobre drogas têm se desenvolvido em torno de paradigmas marcados por oposições polarizadas denominados por militantes e especialistas engajados como *proibicionismo* e *antiproibicionismo*, alimentando, mais que nunca, uma disputa de narrativas. A presente comunicação propõe analisar tais disputas em cenários empíricos bastante concretos, que resultaram nas teses de doutorado dos proponentes, defendidas entre 2012 e 2013. Nelas, observamos como o *dispositivo das drogas* organiza um sistema classificatório de

pessoas, substâncias, espaços e revela choques políticos que não podem ser facilmente organizados na polaridade do debate público. A partir da descrição da engrenagem de ações individuais, estatais e políticas que temos acompanhado em nossas pesquisas atuais -- o embate entre o Programa De Braços Abertos e o Programa Recomeço, ambos voltados para os usuários de crack na região central de São Paulo, o Sistema Socioeducativo, particularmente em sua frente de repressão ao tráfico de drogas realizado por adolescentes em bairros da periferia de São Paulo, e o consumo de drogas por grupos de amigos de distintos estratos das classes médias – pretendemos problematizar os desafios colocados pelo proibicionismo, que encapsula todas as políticas sobre drogas e as experiências de consumo. No cenário legislativo atual, qualquer ação que aborde o tema das drogas esbarra nos limites repressivos da “guerra às drogas”. O que se pretende nesse paper, portanto, é esmiuçar a heterogeneidade desses desafios, atentando para as suas especificidades empíricas.

Palavras-chave: Drogas, Política de Drogas, Etnografia, Proibicionismo, Antiproibicionismo.

Comentador: Jardel Fischer Loeck

Sessão IV: Controles Institucionais

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRAFICANTE DE DROGAS EM RITUAIS DE JULGAMENTO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Artur Dalla Cypreste. Programa de Pós Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Artur.dalla@gmail.com

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2014) informam que em 2012, no Estado do RJ, o tráfico de drogas correspondeu à aproximadamente 47% de todos os atos infracionais registrados. Portanto, a pesquisa objetiva analisar representações em discursos e interações dos operadores do campo jurídico em observações de Audiências de Instrução e Julgamento de acusados por tráfico de drogas em duas varas criminais da capital entre 2013 e 2015.

Preliminarmente constata-se que a maioria das prisões é efetuada em flagrante, por policiais cujo depoimento deveria gozar de “fé pública” mediante a apresentação de provas. No entanto, o que atribui caráter probatório ao depoimento policial é a presunção de veracidade de suas palavras. Assim, a instância judiciária onde esta presunção deveria ser questionada, na prática, apenas a ratifica.

Em muitos casos a droga não estava na posse do acusado, ou seja, o vínculo foi estabelecido pelos policiais. Esta posse, não é determinada por investigação prévia, mas com base nos depoimentos dos policiais que “montam” o flagrante. Seus testemunhos embasam a maioria dos casos de “prisão provisória”, que precedem o julgamento,

fazendo com que na prática, haja o cumprimento da pena antes mesmo da condenação.

Logo, ao se considerar o elevado número de prisões por tráfico e o baixo número de casos de esclarecimento de homicídio, entre 5 e 8%, segundo dados de 2012 do Conselho Nacional do Ministério Público, denota-se a elevada estima da política de segurança pública pelos crimes de tráfico em detrimento dos crimes contra a vida.

REPRIMIR OU LIBERAL? UMA ANÁLISE DAS AUDIÊNCIAS PÚBLICAS SOBRE A REGULAMENTAÇÃO DA MACONHA NO SENADO FEDERAL DO BRASIL

Guilherme Alves Elwanger & Leticia Estivalet Pereira. Estudantes do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria; elwanger@hotmail.com

Este trabalho visa analisar o conflito discursivo presente nas Audiências Públicas promovidas pelo Senado Federal do Brasil em 2014, que discutiram a proposta de regulamentação do uso da maconha no Brasil. Apesar da discussão sobre a mudança da legislação referente ao uso de drogas ser pautada por um debate jurídico e médico, é possível perceber que há outro elemento nesta discussão que envolve questões morais/valorativas (percebe-se que os grupos envolvidos no debate frequentemente fazem alusão a concepções de ‘bem’ e ‘mal’ para se referir ao consumo da droga). Os indivíduos envolvidos no debate fazem parte de grupos sociais que tem interesses específicos em relação ao tema e fazem uso de diferentes ‘discursos’ (jurídicos, médicos e morais) para sustentar suas proposições sobre o que consideram ‘certo’ ou ‘errado’ em relação ao uso da maconha. Sendo assim, é possível considerar que os debates nestas Audiências Públicas são protagonizados por indivíduos e grupos de ‘empreendedores morais’ que visam construir um novo fragmento da constituição moral da sociedade. Dito isto, o trabalho tem por objetivo compreender como os empreendedores morais envolvidos neste debate empregam discursos médico-científicos e jurídico-legais para sustentar suas proposições. Para tanto, foi resgatada a relação entre ‘poder-saber’ estabelecida por Foucault, visto que a discussão sobre a regulamentação da maconha se desenvolve de tal maneira que o conflito é entre o que é ‘verdadeiro’ e que é ‘falso’ e as falas dos ‘especialistas’ são utilizadas para embasar os argumentos dos empreendedores que estão em conflito para estabelecer qual é a posição ‘correta’.

Palavras-chave: política de drogas; regulamentação da maconha; empreendedores morais; discurso jurídico-legal; discurso médico-científico.

POLÍTICAS DE DROGAS E AS MUDANÇAS NO CENÁRIO

INTERNACIONAL

Laura Girardi Hypolito. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; laura.hypolito@yahoo.com.br

O presente trabalho pretende discorrer acerca das mudanças percebidas no cenário internacional referente às políticas de drogas. Inicialmente, será realizada uma breve reflexão sobre a criminalização da produção, da venda e do consumo das substâncias consideradas ilícitas e a sua ineficiência, visto que o viés proibicionista além de não reduzir os problemas de violência, reproduz desigualdades e exclusões. Em um segundo momento, com a finalidade de pensar modelos que rompam com o paradigma de proibição, o foco do estudo orbitará nas políticas públicas sobre drogas desenvolvidas em Portugal, Estados Unidos e Uruguai. Sobre os três modelos, serão tecidas considerações acerca do funcionamento e das peculiaridades de cada um e também no que se refere ao papel dos agentes públicos que possibilitaram tais implementações. Será também discutido de que maneira a figura do usuário foi pensada na criação e aplicação dos modelos e, por fim, serão expostos os resultados que já podem ser sentidos, em cada um dos casos. Com base nos dados obtidos por meio da investigação deste trabalho, pretende-se pensar possíveis soluções para enfrentar os problemas advindos da política proibicionista, inclusive para o caso brasileiro.

Palavras-chave: Política de Drogas, Proibicionismo, Regulação das Drogas, Descriminalização do Consumo de Drogas.

AS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS NO ESPAÇO PÚBLICO BRASILEIRO: DROGA, RELIGIÃO E SECULARIDADE

Sandra Lucia Goulart. Doutora em Ciências Sociais (Unicamp); Professora da Faculdade Cásper Líbero (São Paulo); Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP); sluciagoulart@gmail.com

A proposta é desenvolver uma análise sobre os modos de inserção das religiões ayahuasqueiras brasileiras num espaço público. Focarei a atenção no processo de construção dos relacionamentos entre estas religiões, o Estado brasileiro e demais agentes da sociedade. Procurarei identificar mudanças nas formas destes relacionamentos conforme aumentou a visibilidade destas religiões. Por se caracterizarem pelo uso de uma bebida psicoativa tais religiões, com sua maior

disseminação, passam a ser associadas, na sociedade mais abrangente, ao debate público contemporâneo sobre drogas. Simultaneamente, na medida em que constroem seu reconhecimento público, elas elaboram para si novas identidades e autodefinições, que as desvinculam da associação com a questão das drogas. Analisarei como estas religiões vão alterando sua imagem social e seu modo de presença no espaço público brasileiro: da sua legitimação como “religiões genuinamente brasileiras” à sua inserção, mais recente, nos debates sobre patrimônio cultural. Minha análise se fundamenta em discussões teóricas acerca das relações entre religião e secularidade. Sigo autores como Jürgen Habermas e Talal Asad, os quais sustentam que no mundo pós-secular o religioso não desaparece, mas, adquire novas formas, tecendo mediações e diálogos tensos com outras racionalidades não religiosas. Inspiro-me, também, no argumento de Emerson Giumbelli segundo o qual diferentes religiões brasileiras se elaboram a partir de uma interlocução complexa com a secularização. Meu objetivo é comparar o caso das religiões ayahuasqueiras com outras religiões brasileiras, no que tange a seu modo de legitimação pública e às suas tensões com a lógica secular e o princípio de laicidade.

Palavras-chaves: Drogas; Ayahuasca; Religião; Secularidade

A MEDICALIZAÇÃO DA ATENÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A PROMOÇÃO PUBLICITÁRIA DA RITALINA (1956-1975)

Miguel Hexel Herrera. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; h.miguel@gmail.com

Este trabalho explora o tema da medicalização a partir de uma perspectiva antropológica. A pesquisa é um recorte de minha dissertação de mestrado e toma como objeto a promoção e consolidação do fármaco Cloridrato de Metilfenidato, amplamente conhecido por seu primeiro nome comercial: Ritalina®. Trata-se de uma droga psicoestimulante atualmente estabelecida como tratamento de primeira linha para o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). A literatura especializada afirma que o TDAH é uma doença de alta prevalência em crianças em idade escolar, sendo o “distúrbio neurocomportamental” mais comum na infância. O trabalho acompanha a trajetória do metilfenidato a partir da análise de material promocional destinado a profissionais da área médica. As peças examinadas compreendem o período de 1956 – quando o metilfenidato foi lançado nos EUA, Canadá e Europa - até 1975. As propagandas mostram que este psicofármaco foi inicialmente indicado para tratar adultos acometidos de condições como depressão e fadiga crônica. No fim dos anos 1960 o metilfenidato passa a ser reconhecida como um tratamento eficaz para “crianças hiperativas”, especialmente meninos, que se tornam os principais consumidores deste medicamento. A análise das propagandas do metilfenidato a partir de um distanciamento histórico, demonstra os processos de transformação de sua promoção

desde o uso para depressão, narcolepsia e fadiga crônica até sua utilização para o TDAH. E ao mesmo tempo, permite relativizar as concepções mais recorrentes de que seu uso teria estado inicialmente associado de forma exclusiva ao tratamento de crianças hiperativas.

Palavras-chave: medicalização, biomedicalização, metilfenidato, transtorno do déficit de atenção/hiperatividade.

Comentador: Jardel Fischer Loeck

Sessão V: Percepções sobre o consumo

ANTIPROIBICIONISMO E AUTONOMIA

Júlio Delmanto. Mestre e Doutorando em História Social na Universidade de São Paulo (USP), Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP).
juliodelmanto@hotmail.com

O trabalho busca discutir de que forma determinadas proposições e atuações políticas que visam o fim da guerra às drogas dialogam com o conceito de autonomia reivindicado por coletivos e movimentos sociais urbanos contemporâneos. Se a própria etimologia da palavra autonomia já indica seu significado - com *auto* remetendo ao indivíduo e *nomia* às normas, ou seja a busca por viver de acordo com suas próprias normas -, este termo ganha contornos mais precisos ao ser reivindicado por uma determinada tradição política e teórica, de uma esquerda urbana crítica à institucionalidade e ao eleitoralismo. A apresentação desenvolverá de que forma estas reflexões e tradições ativistas dialogam com o antiproibicionismo, consolidado no Brasil no início dos anos 1980 e hoje conformado por uma amplitude muito maior de componentes, e com o atual cenário de debate de alternativas às cada vez mais evidentemente falidas políticas de guerra às drogas, buscando apresentar um olhar que evite o enfoque único na nem sempre tão dicotômica dicotomia entre Estado e Mercado. O antiproibicionismo nos moldes atuais conforma-se no Brasil no período de formação do Partido dos Trabalhadores (PT), mas em parte inspira-se no ideário propagado pela contracultura dos anos 1960 e 1970 – momento que também tem conexões com o campo político (auto) identificado com a autonomia a partir do final dos anos 1990, e o destrinchamento de alguns destes aspectos, espera-se, podem ajudar a entender as articulações entre movimentos sociais urbanos e a luta pela legalização das drogas.

Palavras-chave: Drogas, autonomia, guerra às drogas, movimentos sociais.

APONTAMENTOS SOBRE O PAPEL POLÍTICO DA ANTROPOLOGIA NOS ESTUDOS SOBRE DEPENDÊNCIA QUÍMICA: A ESCUTA DAS

ONTOLOGIAS INDIVIDUAIS DE PACIENTES ENQUANTO CRÍTICA AOS MODELOS DE CUIDADO

Jardel Fischer Loeck. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Psicoativos (NEIP), Sociólogo do Observatório de Segurança Pública de Canoas (OSPC). jardelfischer@gmail.com

As políticas públicas de atenção em saúde para usuários de álcool e outras substâncias psicoativas no Brasil contemplam uma rede heterodoxa de espaços terapêuticos, tanto em sua constituição institucional quanto em sua maneira de definir e incidir sobre o problema-alvo. Atualmente, a maioria dos espaços terapêuticos em ação são baseados na abstinência, ainda que as políticas públicas do país tenham como diretriz principal a redução de danos. Ressalta-se que os modelos de tratamento baseados em abstinência tendem a singularizar as individualidades dos pacientes a partir de noções patológicas de alteridade como “dependente químico”, “adicto”, “usuário problemático de drogas”. O silenciamento dos pacientes em termos ontológicos é uma característica desse tipo de alteridade. Parte-se do pressuposto que eles não podem responder por si próprios ou organizar a si mesmos. Lhes é permitido expressar apenas sintomas, problemas, desvios e alteridade. A presente comunicação tem como objetivo, então, chamar a atenção para a importância do trabalho antropológico nesses locais, principalmente levando em consideração as experiências dos pacientes. A relação de pesquisa com esses indivíduos através da antropologia permite que eles se *expressem ontologicamente*, habilitando a visada sobre outro tipo de rede de cuidado materializado na descrição de vivências e deslocamentos no tempo-espaço. Através do diálogo com autores como Latour, Law e Mol, e exemplos retirados de trabalho de campo desenvolvido em espaços terapêuticos baseados em abstinência, aponta-se para a importância política do trabalho antropológico, na busca por contemplar de maneira concreta as *ontologias individuais* dos pacientes enquanto forma de crítica a esses modelos de cuidado.

PET SAÚDE AKWEN UFT E DSEI-TO: DISCUTINDO AS PERCEPÇÕES INDÍGENAS SOBRE O ALCOOLISMO NA ÁREA AKWEN XERENTE

Reijane Pinheiro da Silva - Doutora em Antropologia Social pela UFRGS e Professora de Antropologia da Universidade Federal do Tocantins; reipinheiro@gmail.com

Este trabalho propõe a problematização das representações ocidentais acerca do alcoolismo entre os Akwen Xerente, presentes nos discursos da sociedade envolvente, a fim de comparar as perspectivas nativas e o saber biomédico, bem como dar voz e

visibilidade ao povo indígena em questão. Fruto de uma pesquisa-extensão em andamento, no âmbito do Programa de Educação pelo Trabalho (PET- Saúde Indígena), as reflexões aqui apresentadas são resultado das vivências realizadas pelos alunos envolvidos no projeto, no período de novembro de 2013 a julho de 2014. O registro das narrativas foi realizado através da observação participante e de diários de campo. É possível perceber que os estigmas que associam os indígenas ao ócio e ao alcoolismo não correspondem à realidade e, além de desconsiderar a alteridade em questão, não favorecem abordagens que contribuam para o protagonismo indígena em relação ao tema.

Palavras-chave: Uso do álcool, representações, narrativas indígenas.

DA FLORESTA AO MUSEU: NOTAS SOBRE A COLABORAÇÃO ARTÍSTICA ENTRE ERNESTO NETO E OS HUNI KUIN

Ilana Goldstein - Professora do Departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp. ilagolds@yahoo.com

Beatriz Caiuby Labate - Professora Visitante do Centro de Pesquisa e Estudos de Pós-Graduação em Antropologia Social (CIESAS), em Guadalajara e Cofundadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP). blabate@bialabate.net

Recentemente, instalações do artista brasileiro Ernesto Neto, com diferentes graus de participação indígena, ganharam destaque em museus de arte em Bilbao, São Paulo e Viena. As belas instalações em tecido de Neto tiraram parte de sua força do fato de remeterem a rituais de cura dos Huni Kuin do Acre. É interessante observar a convergência da chegada dos índios ao circuito urbano da ayahuasca, com a sua conquista de espaço em instituições artísticas. No Brasil, o consumo da bebida foi promovido primordialmente por religiões cristãs até os anos 2000, quando grupos indígenas começaram a organizar experiências com ayahuasca para turistas e para a classe média urbana. A circulação de novas formas de xamanismo e de consumo da ayahuasca em redes urbanas nacionais e internacionais atesta o grande vigor e a capacidade de adaptação das práticas culturais indígenas. Já a inserção de artistas indígenas em museus de arte contemporânea, para além da visibilidade, talvez represente uma alternativa fértil para diálogos interculturais. Ao mesmo tempo, ambos os movimentos levantam questões espinhosas. Em primeiro lugar, o consumo de ayahuasca, no Brasil, é limitado a apenas algumas situações; no exterior, é normalmente proibido. Em segundo lugar, no caso das instalações/performances artísticas, pode-se questionar como fica a propriedade intelectual coletiva e quais os riscos de se estereotipar ou folclorizar a alteridade. Nossa comunicação partirá destes trabalhos de Neto, em colaboração com os Huni Kuin, para apresentar reflexões preliminares sobre

essas questões e também sobre “autenticidade”, apropriação e comoditização cultural.

Palavras-chave: ayahuasca; Ernesto Neto; Huni Kuin; arte; museus.

Sessão VI: TRATAMENTOS

LOS TRIBUNALES DE TRATAMIENTO DE ADICCIONES EN MÉXICO: UNA COPIA FORZADA

Jorge Javier Romero Vadillo. Profesor invitado del Programa de Política de Drogas del Centro de Investigación y Docencia Económica región centro, Aguascalientes. Profesor Titular del Departamento de Política y Cultura de la Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco; romero.jorgejavier@gmail.com

Desde hace unos años, en diferentes estados de la república Mexicana se han hecho reformas legales para la creación de unos llamados Tribunales de Tratamiento de Adicciones, con la intención de canalizar hacia el sistema de salud a procesados con delitos menores en los que se detecte un uso problemático de sustancias psicotrópicas, legales o ilegales. El modelo es una copia del sistema de DrugCourts que se ha extendido por diversos estados de los Estados Unidos y que el gobierno norteamericano ha tratado de difundir en los países de América Latina y ha llegado a México como parte de los acuerdos para canalizar los recursos de la Iniciativa Mérida. En este ensayo describiré las características que han adoptado en México estos tribunales, los compararé con las DrugCourts de diferentes estados norteamericanos y plantearé algunas líneas críticas sobre su implementación.

FIRMES NOS PROPÓSITOS: ETNOGRAFIA DA INTERNAÇÃO DE USUÁRIOS DE “DROGAS” EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

Matheus Caracho Nunes. PPGS UFSCar. matheus.carachonunes@gmail.com

Atualmente, as Comunidades Terapêuticas (CTs), desempenham papel fundamental na gestão de usuários de crack e outras “drogas” no âmbito das políticas públicas vigentes. Considerando este cenário, este artigo focaliza uma Comunidade Terapêutica (CT) denominada Associação Amigos da Vida (AAVIDA), localizada em Araraquara/SP. O objetivo geral aqui proposto é descrever e analisar o cotidiano desta CT, com especial atenção para a sujeição dos residentes perseguida neste contexto. Os objetivos específicos são: i) compreender as normas, códigos de conduta, valores e moralidades que emergem no convívio entre os internos, funcionários e visitantes, que operam no cotidiano da Comunidade Terapêutica, e as regras institucionais que orientam o trabalho dos funcionários; ii) compreender os dispositivos disciplinares mobilizados pela instituição, e como se processa sua intenção de fazer surgir “novos sujeitos”; iii) entender as reelaborações feitas pelos residentes, como resistência à metodologia institucional. A hipótese é de que inscrita nas práticas das CTs estrutura-se simultaneamente: i) a construção de um padrão moral de condutas socialmente aceitas; ii) uma estratégia estatal e religiosa de gestão de populações de risco e os modos de resistência a esses ordenamentos. O artigo é fruto de pesquisa realizada desde a graduação e estende-se pelo mestrado. É amparado por trabalho etnográfico, que comporta: i) visitas intercaladas, realizadas desde 2012; ii) imersão de “internamento” com dois períodos de quinze dias.

Palavras-chave: Drogas, Margens Urbanas, Política de Drogas, Comunidades Terapêuticas.

“ TAMO JUNTO”: MEDIAÇÕES LEIGAS NA AJUDA MÚTUA ENTRE “ADICTOS”

Rosa Virgínia Melo. UFPB, UnB, NEIP; rosavmelo@gmail.com

O objetivo da exposição é analisar a categoria de “doença” segundo participantes em grupo de ajuda mútua ligado à Comunidade Terapêutica Fazenda do Senhor Jesus, no Distrito Federal, Brasil. O fio condutor da discussão atravessa a noção de doença, tida como característica da “dependência química”, e problematiza os aspectos sociais de tal classificação, cuja recuperação adviria da introjeção moral coletivamente exercitada e baseada no método do Alcoólicos Anônimos. A compreensão de tais categorias tem como objetivo provocar uma reflexão acerca das afinidades eletivas entre família, religião e estado que levam à proposta de regulamentação e inclusão no Sistema Único de Saúde desse modelo de tratamento.

Tal modelo, de cunho religioso e disciplinar, relativiza os valores da autonomia individual moderna contemporânea e interroga a eficácia dos artefatos de laboratório no tratamento da dependência química.

Contudo, a mediação religiosa no campo da chamada saúde mental não se dá sem conflitos, devido, entre outros fatores, ao lugar ocupado pela laicidade no contexto da modernidade. O projeto de regulamentação das CT's via inclusão no SUS evoca a presença do religioso no espaço público e suscita polêmicas e acusações aqui interpretadas em diálogo com os estudos dos modos de articulação, expansão e retração da religião no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: dependência química, ajuda mútua, religião, laicidade.

COMUNIDADES TERAPÊUTICAS: TENSÕES E NEGOCIAÇÕES NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Sara Godoy Brito. New School For Social Research. sara.godoybrito@gmail.com

O artigo se insere na discussão sobre as políticas de assistência a usuários de drogas, buscando compreender como funciona e se estrutura a dinâmica de tratamento de uma comunidade terapêutica. Tal estudo é fruto de uma pesquisa etnográfica realizada em 2013, onde procurou-se entender o cotidiano da casa de internação de uma CT do DF, bem como identificar as relações e mediações entre os profissionais de saúde e os meninos ali internados como forma de melhor compreender a proposta terapêutica em questão. Procurou-se investigar tais questões sob a luz dos conceitos de agência (ORTNER, 2006) e poder (Foucault, 1979, 2004). As comunidades terapêuticas entram no cenário da rede de atenção aos usuários de drogas, como uma alternativa que reforça a abordagem biopsicossocial como estratégia de intervenção ao na forma consumo de substâncias psicoativas. São instituições onde se observa uma complexa rede de interações, estando presentes constantes tensões e negociações que operam a partir do exercício dos profissionais da instituição e a forma como os sujeitos ali internados se apropriam ou reatualizam esse projeto terapêutico para seus próprios projetos e desejos. O trabalho contribui para o reforço da antropologia como saber científico estratégico para se pensar sobre as intervenções e políticas de saúde, na medida em que propõe uma reflexão e problematização da proposta terapêutica a partir dos discursos dos próprios sujeitos aí envolvidos.

Palavras-Chaves: Drogas, Comunidades Terapêuticas, Subjetividades.

UMA ETNOGRAFIA DO ENCONTRO: AGENTES COMUNITÁRIOS/AS DE SAÚDE E HOMENS USUÁRIOS DE CRACK

Talita Nunes Costa. Aluna regular do Curso de Mestrado oferecido pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, Brasil. talitanc@yahoo.com.br

A atenção básica deve desenvolver ações de prevenção e/ou cuidado dos agravos à saúde decorrentes do uso de drogas, visto que esta prática social adquiriu a dimensão de problema de saúde pública, diante das consequências sanitárias e sociais resultantes do consumo prejudicial, especialmente das substâncias ilícitas. No Programa de Saúde da Família (ESF), o trabalho se fundamenta no Agente Comunitário de Saúde (ACS), habitualmente morador da comunidade pela qual deve zelar. Esta característica o destaca entre os demais profissionais, e é crucial para garantir a adesão e a eficácia das ações. O ACS vê a si mesmo como “cuidador” da população e “elo” entre ela e o serviço, como previsto na Política Nacional de Atenção Básica. Porém, sua abordagem não alcança o homem adulto consumidor de crack, o que acentua a vulnerabilidade social deste público. A dificuldade do ACS em garantir este cuidado relaciona-se ao paradigma biomédico que orienta o serviço e sua atuação; à resistência masculina em acessar e/ou aderir ao atendimento oferecido na ESF; e à associação, real ou imaginária, do usuário de drogas à marginalidade e à violência, sobretudo o tráfico de drogas – o que se aproxima do senso comum a este respeito. Esta etnografia busca problematizar, do ponto de vista antropológico, as questões sociais e culturais do trabalho do ACS, considerando como sua concepção sobre o usuário influencia o atendimento deste segmento; e compreender os limites e possibilidades das políticas públicas voltadas à saúde do homem e ao consumo de drogas, especialmente o Crack, na ESF.

GT 19 ANTROPOLOGÍA DE LA ENSEÑANZA Y EL APRENDIZAJE

Coordenadores:

Amurabi Oliveira (UFSC); Maximiliano Rúa (UBA-FFyL) y María Mercedes Hirsch (UBA-FFyL)

Comentaristas: Marita Mena (UNR) y Lucia Caisso (UNC)

La enseñanza de la Antropología en el contexto universitario

LA ANTROPOLOGÍA SOCIAL EN LA FORMACIÓN DE TRABAJADORES SOCIALES. REFLEXIONES DESDE UNA EXPERIENCIA DE CÁTEDRA

Amilibia, Ivone R.; Colangelo, María Adelaida; Danel, Paula Mara; Rodríguez, Pablo César; Tello, Claudia B. (UNLP)

Se presentan algunas reflexiones acerca de la enseñanza de la Antropología como parte de la formación de trabajadores sociales en la Universidad Nacional de La Plata. Éstas surgen de la experiencia de más de quince años de dictado de la materia Antropología Social II en la Licenciatura en Trabajo Social de la UNLP. Se exponen y analizan algunas de las prácticas educativas implementadas en diferentes instancias de la enseñanza de la materia, orientadas a la construcción de conocimiento crítico y enmarcadas en el desafío de contribuir a la formación de profesionales que tendrán en la intervención social el eje de su quehacer. Ello ha implicado el debate del equipo de cátedra tomando la propia práctica docente como objeto de análisis, formulándose varios interrogantes, entre ellos: ¿cuáles son los aportes teóricos y metodológicos de la antropología a la formación del trabajador social? ¿Cómo enseñar antropología para que esos aportes sean visualizados e incorporados por los/as estudiantes? ¿Qué seleccionar de la disciplina para su enseñanza? ¿Cómo evaluar el proceso de construcción de conocimiento transitado? ¿Cómo abordar la diversidad del aula? ¿Cómo articular con las otras materias de la curricula? Se coincide en que el foco de los aportes de la materia no está puesto tanto en la enseñanza de corrientes de pensamiento o de tópicos de la antropología social, como en la aprehensión de una perspectiva teórico-metodológica orientada a la reflexión sobre la “alteridad” -condición ineludible de nuestra práctica docente en el aula- y a la desnaturalización de los fenómenos sociales.

Palabras claves: antropología social, enseñanza, formación de trabajadores/as sociales

EL ROL DEL TUTOR EN LA FORMACIÓN DOCENTE EN CIENCIAS ANTROPOLÓGICAS

Prof. Verónica Isabel Messina (FFyL, UBA)

Prof. Verónica Lía Zallocchi (FFyL, UBA)

La presente ponencia intentará reflexionar en torno a los ejes problemáticos propuestos por GT 19, centrándonos en el eje que hace referencia al “análisis y la reflexión de las prácticas que desplegamos al asumir el desafío de enseñar nuestra propia disciplina”.

Estas reflexiones estarán enmarcadas desde múltiples escenarios, por un lado desde nuestra práctica docente cotidiana en la escuela secundaria y en el ámbito universitario, por otro lado, desde las prácticas de investigación que estamos llevando a cabo, en el marco de estudios de postgrado, y por último, desde lo ya trabajado en artículos/ponencias anteriores (Messina, Puente y Zalocchi: 2012,2014) donde intentamos problematizar el lugar que ocupa la formación docente dentro de la formación disciplinar, como también los aportes metodológicos y teóricos de la antropología para la enseñanza de la Ciencias Sociales. En el marco de la materia del profesorado de Ciencias Antropológicas, Didáctica Especial de la Antropología y Prácticas de la Enseñanza (FFyL, UBA), retomaremos algunas reflexiones en torno al rol del tutor en el momento de las prácticas docentes, intentando explicitar y desnaturalizar nuestras prácticas inmersas en el espacio de las tutorías, explicitando supuestos a partir de la experiencia y repensando este concepto desde el aporte de otras disciplinas y experiencias formativas. Estos desafíos y habilidades que entran en juego en la formación docente actual nos interpelan en tanto nos invita a reflexionar en relación a nuevos conocimientos sobre comunicación, destrezas metodológicas para tratar con distintos colectivos y situaciones, una actitud abierta al cambio y a la empatía.

Palabras claves: Formación docente- Antropología- rol del tutor- prácticas docentes.

“MÁS ALLÁ DE CUATRO PAREDES Y UN PIZARRÓN”: LA IMPORTANCIA DE LA CONSTRUCCIÓN DE UN EJE PARA LAS PRÁCTICAS DE LA ENSEÑANZA

María Mercedes Hirsch (PAE-ICA-FFyL-UBA)

Este trabajo pretende reflexionar sobre los aportes que produce, a las prácticas de enseñanza, la explicitación de una problemática en tanto eje de una programación que articula las planificaciones de clase. Para realizar dicha reflexión, recupero el enfoque producido en la cátedra Didáctica Especial y Prácticas de la Enseñanza en Antropología (FFyL, UBA) para abordar procesos de construcción de conocimiento y parte del trabajo de campo realizado para mi tesis doctoral “Construyendo futuro en contextos de desigualdad social: Una etnografía en torno a las elecciones de los jóvenes en la finalización de la escuela secundaria”. Desde este marco, la construcción de dicho eje de trabajo, permite incorporar a la construcción de conocimiento escolar dimensiones que trascienden, a la vez que construyen, la escuela en la que se despliegan las prácticas de enseñanza. En este sentido, la construcción del eje de trabajo pretende integrar tres niveles centrales a la hora de construir una planificación: la contextualización de la práctica, la apropiación de un marco teórico y el posicionamiento político e ideológico del docente. ¿Qué queremos enseñar?, ¿a quiénes? y ¿para qué?, se convertirán en las preguntas que nos permitirán poner en tensión que los procesos de enseñanza que planificamos van más de allá de cuatro paredes y un pizarrón.

Palabras claves: construcción de conocimiento - problematización –

programación/planificación – práctica docente.

“TIENE QUE TENER UN ABORDAJE ANTROPOLÓGICO” O CÓMO UN ANTROPÓLOGO CONSTRUYE UN PROGRAMA DE UNA MATERIA QUE NO ES ANTROPOLOGÍA

Javier García (UBA) Maximiliano Rúa (UBA)

En nivel de la enseñanza secundaria en la Ciudad de Bs. As. son muy escasas las escuelas en donde se puede dictar la materia “Antropología”, sólo se trata de dos “Normales” que la tienen en la orientación en Turismo. No obstante, tanto en otras ofertas de éste nivel como del Área del Adulto y del Adolescente, el título de profesor en esta disciplina otorgado por la FFyL-UBA está habilitado para el dictado de diversas asignaturas. Asumiendo esta situación, desde la cátedra “Didáctica Especial y Prácticas de la Enseñanza de la Antropología” les proponemos a los estudiantes que, más allá de la materia que les toque llevar adelante sus prácticas docentes, ya sea que los temas sean seleccionados por ellos o solicitados por los docentes a cargo, deben realizar un “abordaje antropológico”. Pero ¿qué queremos decir con esto? En esta ponencia respondemos este interrogante a partir de poner el foco en la vinculación de dos cuestiones que consideramos centrales. Primero, aquello que denominamos “contextualización” haciendo referencia, a cómo pueden ser abordadas y descriptas las características de la institución, su historia, el barrio donde se encuentra o las prácticas y sentidos construidos por los sujetos en la cotidianeidad. Posteriormente, y en articulación con esta contextualización, consideramos necesario problematizar lo que implica la construcción de conocimiento desde un “abordaje antropológico”. En este sentido, la elaboración de una propuesta tiene que contener una “fundamentación” que explicita su posicionamiento teórico, epistemológico y político dando anclaje a los contenidos a trabajar desde un “abordaje antropológico”.

Palabras claves: Didáctica de la Antropología - Abordaje antropológico – Contextualización – Fundamentación.

**ENSEÑAR EN ANTROPOLOGÍA: ¿PARA QUIÉN PLANIFICAMOS?
REFLEXIONES EN TORNO A LA CONTEXTUALIZACIÓN Y A LA
PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO EN EL AULA**

María Laura Fabrizio (FFyL-UBA)

Soledad Gallardo (FFyL-UBA)

En este trabajo nos proponemos reflexionar sobre una cuestión que consideramos central en el desarrollo del quehacer docente y se encuentra ligada a nuestra formación disciplinar: la contextualización y su lugar en la construcción de conocimiento en la enseñanza de la antropología. Desde nuestra experiencia como docentes en la cátedra Didáctica Especial y Prácticas de la Enseñanza en Antropología (FFyL, UBA) entendemos a la contextualización como un elemento de la “estructura didáctica” que requiere especial atención y problematización a la hora de pensar una planificación de clase, unidad o materia. En el sentido que, su elaboración, implica un acercamiento al contexto formativo en el que se trabajará y del cual se pretende documentar las relaciones entre sujetos y saberes para conocer, en su complejidad, las formas que asumen en ese espacio particular los procesos de producción de conocimiento. Asimismo, la incorporación de la contextualización como parte de la estructura didáctica presenta desafíos que “hablan” del enfoque teórico-metodológico que adoptamos para enseñar (e investigar) en antropología: el enfoque socio-antropológico. Uno de los principales desafíos es sortear epistémicamente la dificultad que trae la asociación de contextualización a “diagnóstico” –ligado al campo educativo– para luego desde allí lograr descripciones que habiliten reconocer la singularidad de las experiencias privilegiando el lugar de la agencia en la producción del conocimiento áulico y en relación con contextos históricos más generales. Es decir, formas de enseñanza que, específicamente situadas, buscan alejarse de modelos tipificantes recuperando las voces y prácticas de los sujetos destinatarios.

Palabras claves: prácticas de la enseñanza – contextualización – enfoque socio antropológico – procesos de producción del conocimiento.

APORTES DE LA ANTROPOLOGÍA PARA PENSAR SU ENSEÑANZA

Laura Cerletti (UBA y CONICET)

Maximiliano Rúa (UBA)

Los espacios formativos en los cuales se enseña Antropología actualmente son múltiples. También son sumamente variados los ámbitos en que los antropólogos (así como profesionales de otras disciplinas) se dedican a la enseñanza de los propios

conocimientos disciplinares. Sin embargo, la reflexión antropológica sobre las implicancias de ese trabajo de enseñanza, así como sobre las bases conceptuales, epistemológicas y políticas del mismo, no tienen aún un grado de desarrollo acorde a esa extensión. Por tanto, las herramientas más frecuentes desde las cuales se analizan las prácticas de enseñanza suelen provenir de otros campos disciplinares, tales como la Didáctica, que si bien realizan su aporte específico, se distinguen por su orientación hacia preguntas centradas en las formas correctas o más apropiadas de proceder. Por contrapartida, en este trabajo recuperamos un enfoque de la Antropología que produce conocimientos prescindiendo de preguntas orientadas por una respuesta valorativa para reflexionar sobre las prácticas. Nos centraremos en nuestras experiencias como investigadores en el campo de Antropología y Educación, y en nuestro trabajo como docentes de una materia específicamente orientada a la enseñanza de la Antropología. Plantearemos como hipótesis central que desde el propio enfoque disciplinar no sólo se puede ahondar en el análisis de las prácticas de enseñanza, sino que se pueden construir herramientas que coadyuven a los procesos de producción y transmisión de conocimientos en los ámbitos educativos.

Palabras clave: Antropología – enseñanza – prácticas – conocimientos.

La enseñanza de la Antropología en el contexto universitario 2

ESCREVER AQUI, MAS ESTAR LÁ: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, ENSINO-APRENDIZAGEM E ANTROPOLOGIA

Marcelo Araujo (Doutor em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil).

Recorrendo de forma livremente adaptada ao título de um texto hoje canônico de Clifford Geertz, esta comunicação se propõe a discutir, como um dos usos do ensino da Antropologia, aspectos da formação de professores da rede estadual do Rio de Janeiro por intermédio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). A EaD (Educação a Distância) é inegavelmente uma proposta de ensino-aprendizagem com progressão exponencial. Tem-se hoje, em diversas universidades, parte significativa de muitos cursos nesta modalidade de construção de conhecimento, havendo, inclusive, alguns completamente ministrados assim. Ancorado nos cursos ofertados pelo autor em uma instituição de EaD em nível de extensão universitária que engloba as IFES públicas, esta forma de conectividade impõe um formato de interação, termo tão caro à Antropologia, não presencial, instilando a criação de modos exemplares de mediação que destacam e possibilitam a autonomia do professor cursista, aliada aos seus saberes acumulados, como base da troca pedagógica. Objetivo demonstrar que os ganhos obtidos nesta modalidade de ensino alargam a própria disciplina antropológica, uma vez

que, contrastando com os cursos presenciais em que os estudantes buscam-na a partir de um cálculo de formação e de futura atuação profissional, aqui o desconhecimento é o ponto de partida para muitos que, sendo de lugares plurais, desejam aproximar-se desta curiosa e intrigante área do saber.

Palavras-chaves: Educação a Distância; Antropologia; Conectividade e troca pedagógica.

A PRODUÇÃO DOS DOIS LADOS DOS DIÁRIOS DE CAMPO E A CONSULTA A CÓDIGOS DE ÉTICA E LAUDOS ANTROPOLÓGICOS NO ENSINO DE ANTROPOLOGIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICAS DE ESTÁGIO-DOCÊNCIA

Anahi Guedes de Mello, (PPGAS/UFSC – NIGS)

Jefferson Virgílio, (PPGAS/UFSC -NIGS)

Miriam Pillar Grossi (PPGAS/UFSC – NIGS)

O uso de diários de campo e de laudos antropológicos é uma particularidade da pesquisa de campo de cunho etnográfico. No entanto, a produção escrita e/ou acesso a esses instrumentos de pesquisa como ferramentas metodológicas de aprendizagem do fazer antropológico não são práticas ofertadas pela maioria das disciplinas ministradas em cursos de graduação em Antropologia e Ciências Sociais nas universidades brasileiras. Diante dessa lacuna, como parte do programa de estágio-docência no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, ofertamos para os/as alunos/as da graduação em Antropologia da UFSC a disciplina optativa “Tópicos Especiais em Antropologia VIII: Trabalho de Campo, Engajamento, Ética e Subjetividade”, ministrada durante o segundo semestre de 2014. Desse modo, este trabalho remete a reflexões produzidas por nós após a realização deste estágio-docência. A proposta pretende analisar e refletir sobre a produção de específica tipologia de diários de campo para uso dos discentes em atividades de pesquisa etnográfica. É sugerida, ainda, a consulta a materiais de origem distinta à academia como parte do processo de formação antropológica, com destaque para os códigos de ética de associações nacionais de Antropologia e os laudos antropológicos produzidos por peritos/as antropólogos/as do Ministério Público Federal de Santa Catarina (MPF/SC), a fim de destacar a aplicação antropológica além dos muros da academia. Finalmente, busca-se incentivar problematizações acerca da naturalização da prática docente, ao contrastar a situação específica identificada no fato de uma das estagiárias-docente ser surda, havendo a necessidade de adaptações didáticas diárias para contornar eventuais barreiras comunicacionais.

Palavras-chave: Diários de campo; Códigos de ética; Laudos antropológicos; Ensino de Antropologia.

QUATRO ANOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UFF: UM BALANÇO

Ana Claudia Cruz Da Silva (UFF)

Coordenando o curso de graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – Niterói – Rio de Janeiro – Brasil há quatro anos, desde sua criação, proponho nesta comunicação realizar um balanço da gestão apresentando o projeto pedagógico do curso e as experiências surgidas de sua aplicação, assim como as demandas trazidas pela prática. O curso de graduação em Antropologia da UFF é o primeiro do Estado do Rio de Janeiro, um dos poucos existentes no Brasil e é inovador em sua grade curricular e em suas propostas pedagógicas, tendo como consequência desafios administrativos e pedagógicos e tornando urgente reflexões e propostas de diretrizes sobre o ensino de antropologia no Brasil e sobre a profissão de antropólogo/a. O debate promovido no âmbito da RAM entre instituições brasileiras e as de outros países que oferecem o ensino de antropologia há muito mais tempo, e em diversos níveis, contribuirá para o enfrentamento de tais desafios e para o aprimoramento do curso de graduação em Antropologia na UFF.

Palavras-chave: Ensino de Antropologia, Antropologia e Educação, Profissionalização da Antropologia.

O DESAFIO DE ENSINAR CIÊNCIAS SOCIAIS EM NOVOS CONTEXTOS DE ACESSO À UNIVERSIDADE

Eduardo Jordão de Araujo. Universidade Estácio de Sá - Curso de Direito - Núcleo de Pesquisa

A sociedade brasileira vive transformações na educação, mormente no nível universitário. Construiu-se uma consciência sobre a qualidade do ensino e o direito à educação para indivíduos das classes sociais historicamente desassistidas pelo Estado. Vemos neste cenário variáveis relativas ao ensino privado, entre outras: políticas públicas de acesso às universidades privadas; interesse destas no processo de generalização da educação superior; reconfiguração do seu perfil de alunos; introdução no 1º período dos cursos de disciplinas cuja natureza reflexiva apresentam dificuldade

de aprendizagem, como a de Fundamentos em Ciências Sociais, que engloba Antropologia, Sociologia e Ciência Política; inovações no método de ensino para superação dessas dificuldades e ampliação das chances dos novos alunos prosseguirem no curso. A pesquisa, cujos resultados desejamos apresentar, está em andamento e pretende compreender os processos educativos praticados sob a égide destas variáveis e suas repercussões para o ensino da disciplina e das universidades de modo geral, tomando o caso da Universidade Estácio de Sá, nela o curso de Direito e neste focando na metodologia de estudo de caso, particularmente na web-aula. A metodologia cobre o processo nos 5 últimos anos da prática da disciplina e são considerados elementos contextuais, como o perfil social dos alunos em maioria pessoas que trabalham e/ou estiveram afastadas da escola, em contraposição aos elementos metodológicos e didáticos. Entre os procedimentos metodológicos, incluímos uma etnografia do ensino da disciplina, através do registro sistemático de cada aula realizada e dos modos de apropriação dos alunos.

GILBERTO FREYRE E O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NO BRASIL

Amurabi Oliveira. UFPE/UFSC

O antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) é reconhecido como um dos mais relevantes pensadores sociais do Brasil, cujo legado intelectual é marcado por inúmeras polêmicas e controvérsias, principalmente no que diz respeito à análise das relações raciais no Brasil, com destaque para as ideias expressas em sua obra mais conhecida *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933. Menos conhecidas são suas passagens como professor, o que se deve ao fato de terem sido breves e pontuais. Neste trabalho procurarei realizar uma análise das suas aulas de Antropologia Cultural, lecionadas entre 1935 e 1936 no curso de Ciências Sociais na Universidade do Distrito Federal, localizada no antigo Estado da Guanabara, atual Rio de Janeiro. Os três cursos que ele ofertou nessa instituição foram taquigrafados, e este material posteriormente corrigido pelo próprio Freyre, estando boa parte disponível para consulta na Fundação Gilberto Freyre. A partir desse material, buscarei analisar o desenho dessa primeira experiência no Brasil de ensino de Antropologia Cultural no nível universitário, destacando as leituras indicadas, as temáticas e os recursos acionados para o ensino dessa ciência na década 1930, período de institucionalização das Ciências Sociais no Ensino Superior no Brasil, o que será feito de maneira articulada com outros escritos do autor.

Palavras Chaves: Ensino de Antropologia; Gilberto Freyre; Pensamento Social Brasileiro; Institucionalização das Ciências Sociais.

La enseñanza de la Antropología en el contexto universitario 3

PENSAMIENTO SOCIAL Y CULTURA ACADÉMICA. ESTUDIANTES DE ETNOLOGÍA EN MÉXICO

José Luis Ramos R. Escuela Nacional de Antropología e Historia – México

En la ponencia expondré algunos resultados del estudio acerca de lo que piensan los estudiantes de la carrera de Etnología (ENAH) en México, sobre su experiencia formativa como futuros antropólogos. Pensamiento social que forma parte de la cultura académica, que permite apreciar las ideas y valores que orientan su formación profesional. Para ello combino la orientación estructuralista de la teoría de las representaciones sociales con la concepción estructural de cultura, para acercarme al pensamiento cultural de los alumnos sobre la carrera. La ventaja de utilizar el enfoque estructuralista es que posibilita distinguir las ideas superficiales y profundas que tienen los estudiantes, logrando apreciar su concepción acerca de aspectos centrales de su carrera como el trabajo de campo y la tesis, que ofrecen más un sentido técnico (práctico) y afectivo, que científico (producción de nuevo conocimiento). Para obtener la información diseñé un cuestionario mixto, con preguntas abiertas y de asociación. Datos que fueron tratados a través del análisis de similitud, para reconocer la forma estructural de sus representaciones sociales. Además, realicé un análisis del carácter cultural del contenido, aspecto que está ausente en los estudios sobre representaciones sociales.

Palabras clave: Pensamiento social, representaciones sociales, subsistema nuclear, subsistema periférico y formación de etnólogos.

TRÂNSITOS PELA CIDADE DURANTE A PRODUÇÃO DE EXERCÍCIOS ETNOGRÁFICOS

Rodrigo Rosistolato (PPGE/UFRJ/BRASIL)

Ana Pires do Prado (UFRJ/BRASIL)

O objetivo do trabalho é descrever e analisar os trânsitos experimentados por estudantes que realizam exercícios etnográficos como parte constitutiva da formação básica em

antropologia. Os exercícios são aplicados nos cursos de graduação e pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. São três exercícios. No primeiro, a proposta é que os estudantes descrevam um espaço que, inicialmente, considerem exótico. Após as análises do primeiro exercício, eles seguem para uma descrição de um ambiente familiar. O terceiro exercício depende de um investimento mais amplo no campo. Todos os estudantes escolhem um tema, definem objetivos, questões e contextos de pesquisa e iniciam seus processos de observação. Todos os exercícios dependem de trânsitos diversos pela cidade do Rio de Janeiro. Nesses trajetos, os estudantes ressignificam espaços familiares e conhecem contextos até estão somente imaginados no plano das pré-noções e dos juízos de valor. Nosso principal argumento é que esses trânsitos contribuem para a construção do olhar antropológico dos estudantes e seus resultados extrapolam os objetivos estritamente acadêmicos. Os exercícios também ampliam as visões de mundo dos estudantes e suas apropriações relacionadas aos espaços da cidade. As narrativas produzidas ao final dos cursos indicam a surpresa experimentada pelos estudantes ao descobrirem “novos” espaços na cidade e perceberem que até então esses mesmos espaços eram familiares, mas completamente desconhecidos.

Palavras-chave: etnografia, formação de educadores, ensino de antropologia, cidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DAS CATEGORIAS DIVERSIDADE E DESIGUALDADE NO ENSINO DE ANTROPOLOGIA

Andréa Bayerl Mongim

Neste estudo assumo como proposta analisar a construção das categorias desigualdade e diversidade presentes nos documentos oficiais que orientam o trabalho docente na área de Antropologia, no ensino médio, em escolas brasileiras. Para efeito deste texto foram analisados os Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como o Currículo Básico da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo. Entre outras questões, observa-se que, em tais documentos, a categoria diversidade cultural apresenta-se como sinônimo de pluralidade, havendo uma tendência a se discutir desigualdade com a noção de diversidade. Está ausente a percepção da diversidade como experiência que se constitui na alteridade, ou seja, na troca recíproca e permanente de encontros, tensão e complementariedade. Por esta via, secundariza-se a noção de interculturalidade, bem como de equidade.

Palavras-chave: Ensino de Antropologia. Ensino Médio. Desigualdade. Diversidade cultural.

SOBRE A DIFÍCIL TAREFA DE COMPOR UM ENSINO EM COMUM: REVISITANDO AS FRONTEIRAS ENTRE NATUREZA E CULTURA NA FORMAÇÃO DE “NÃO ANTROPÓLOGOS”

Eliane Sebeika Rapchan (Universidade Estadual de Maringá, Brasil)

Fagner Carniel (Universidade Estadual de Maringá, Brasil)

Todos os anos as licenciaturas de Ciências Sociais habilitam centenas antropólogos e antropólogas para atuarem enquanto docentes na Educação Básica brasileira. Trata-se, sem dúvida, de um lugar epistemológico, pedagógico e profissional historicamente ocupado pela Antropologia “no interior” do campo discursivo da Sociologia escolar do país. Naquele contexto, isso significa que os conteúdos antropológicos, seus modos específicos de produção do conhecimento científico e suas tradições intelectuais, estão sendo construídos em relação aos princípios e objetivos “comuns” que as Ciências Sociais, em particular, e as Ciências Humanas, de modo geral, conquistaram junto aos atuais currículos e documentos oficiais que organizam os sistemas de ensino. Diante desse cenário, não chega a ser surpreendente o “desconforto” ou o estranhamento expresso por inúmeros professores e professoras formadas na área de Antropologia com o exercício do magistério. Afinal, até que ponto a prática de ensino do conhecimento antropológico poderia conviver e convergir com os pressupostos postulados por outras práticas de produção do conhecimento sem gerar tensões, conflitos e contradições nos processos educativos? Desse modo, a pergunta sobre os significados da Antropologia escolar parece se confundir com as próprias dificuldades (curriculares) que a disciplina encontra em participar da construção de uma agenda comum na educação pública brasileira. Desejando contribuir com tal debate, a presente comunicação propõe revisitar as fronteiras entre natureza e cultura criadas pelas atuais regulamentações estatais da educação básica e problematizar o código binário que as subjaz. Para tanto, pretende-se evidenciar algumas das maneiras pelas quais os domínios opostos e hierarquizados das biociências e das humanidades estão sendo cotidianamente produzidos nas salas de aula por meio de sistemas de classificação que percorrem orientações, materiais didáticos, estratégias de ensino, atividades de verificação da aprendizagem e a própria exposição dos conteúdos. A ideia é explorar estes caminhos que enquadram a reflexão antropológica em sistemas pedagógicos previamente estabelecidos para compreender seus efeitos mais diretos sobre a formação de “não antropólogos”. Os resultados desta problematização podem contribuir não apenas com o estudo dos currículos da educação escolar, mas com a própria construção de uma Antropologia do ensino e da aprendizagem que transgrida os rígidos limites fixados ao conhecimento pela pedagogia moderna.

Palavras-chave: Antropologia do Ensino e da Aprendizagem; Educação Básica; Ensino de Sociologia; Ensino de Biologia; Humanidade e Animalidade.

EXPERIÊNCIAS DOCENTES COMO APRENDIZAGEM: ENSINANDO E APRENDENDO ANTROPOLOGIA NOS DIFERENTES NÍVEIS DE ENSINO

Beatriz Gesteira (UFRJ)

Larissa Quillinan (UFRJ)

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dificuldades, bem como as metodologias de ensino de antropologia, a partir da breve descrição de nossas experiências em sala de aula (pensando a liminaridade aluno-docente, a diferença entre os níveis de ensino e as diferenças entre as redes Estadual, Federal e particular no Rio de Janeiro). Pretende-se compartilhar, contribuir e encontrar novos caminhos para o ensino de antropologia. Durante nossa formação de professor e cientista social, iniciada em 2009, atuamos tanto como estagiárias, quanto como docentes: no primeiro ciclo do Ensino Fundamental (crianças de 6 a 10 anos), no Ensino Médio, no Ensino superior. Tendo em vista que temos experiências diversificadas compreendemos que podemos abordar a questão do ensino de antropologia de vários ângulos. Também pretendemos distinguir as dificuldades e as metodologias de ensino em cada nível de ensino em que atuamos durante esses anos. Abordaremos a diferença da prática em sala de aula na rede Estadual, na rede Federal e na rede particular de ensino. Entendemos que por sermos professoras e antropólogas nossa vivência na sala de aula é diversificada, comparada a professores de outra formação. Assim compreendemos que por meio da comparação das nossas diversas experiências poderemos contribuir para as diferentes práticas de ensino de antropologia.

Palavras-chave: Experiência docente, Ensino de Sociologia, Ensino de Antropologia, Ensino-aprendizagem, e Formação de professores.

A ANTROPOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Bárbara de Souza Fontes (UFRJ)

O ensino da Antropologia na Educação Básica está ligado à disciplina Sociologia que, desde 2011, está efetivamente inserida no ensino médio de toda a rede de ensino brasileira e, apesar da nomenclatura, todas as diretrizes curriculares específicas indicam que seus conteúdos devem contemplar também a Antropologia e a Ciência Política (cf. PCNEM+ e OCNEM). Pela primeira vez, em 2012, a disciplina fez parte do Programa

Nacional do Livro Didático (PNLD) que distribui livros didáticos para estudantes de escolas públicas no país. Essa expansão que o campo das Ciências Sociais está vivendo desde a implementação da Lei 11.684/08 é marcada por um ‘silêncio’ de pesquisas em relação à Antropologia, afinal, “que Antropologia é essa ensinada nas escolas?”. Com isso, o objetivo dessa proposta é contribuir para esse campo problemático realizando uma reflexão sobre o ensino de antropologia para não antropólogos, especificamente no caso do ensino básico. Publicações da Associação Brasileira de Antropologia (2004, 2006, 2010) evidenciam que ainda não há uma preocupação do campo em relação à qual apropriação da disciplina está sendo feita no nível básico da educação. Esta comunicação propõe uma reflexão sobre o ensino de Antropologia na Educação Básica no Brasil a partir da abordagem que três livros didáticos de Sociologia aprovados no processo do PNLD 2015 fazem dessa área do conhecimento. Algumas questões norteiam a reflexão, tais como: Que categorias antropológicas são mais utilizadas para a compreensão da sociedade? Quais são os principais autores, temas e conceitos mobilizados?

Palavras-chave: Antropologia; livros didáticos, disciplina Sociologia, Educação Básica.

La enseñanza de la Antropología en contextos escolares

HISTORIA, PATRIMONIO Y EDUCACIÓN: EL MUSEO COMO RECURSO DIDÁCTICO EN LA ESCUELA SECUNDARIA

Hernán Perriere (UNS - UBA)

El uso escolar de los museos es un tema de permanente debate. Hay una tensión que recorre la relación entre los museos y las escuelas. Por un lado, son pocas las escuelas secundarias que visitan los museos, pero a su vez es el público escolar, en general, el que asiste con más frecuencia. Este trabajo describe dos experiencias educativas en la que los museos son utilizados como recurso didáctico en la escuela secundaria. Se analiza el tratamiento de la historia regional, su vinculación con el patrimonio y la organización de las visitas desde la perspectiva escolar. Presenta dos formas de abordaje de las visitas a dos museos históricos del partido de Bahía Blanca desde un enfoque etnográfico. Una de ellas es la visita al Museo y Archivo Histórico de Bahía Blanca, realizada por estudiantes de 1° año y la profesora de Ciencias Sociales de la escuela Ciclo Básico de la Universidad Nacional del Sur. La otra, la visita de estudiantes de 5° año de la Escuela Secundaria Superior N° 2 al Museo Fortín Cuatrerros que realizaron con la profesora de Geografía. Teniendo en cuenta las características de las escuelas, los marcos legislativos educativos y los diseños curriculares; se analizan dos formas de abordaje de las visitas. Éstas incluyen el tratamiento de temáticas, objetivos,

perspectivas y actividades diferentes. También, las propuestas museísticas, los modelos y contenidos de las visitas y la planificación de los docentes presentan dos miradas diferentes de aproximación al tema.

Palabras claves: Escuela, museos, patrimonio, historia, docentes.

EL CONFLICTO PARA LA CONSTRUCCIÓN COLECTIVA DEL CONOCIMIENTO

Julieta Belén Barreira Casado y Ana Laura Tomatti (Facultad de Filosofía y Letras
(UBA))

En este artículo nos planteamos contribuir al debate acerca de la construcción colectiva de conocimiento en la escuela media. En particular, nos interesa abordar la forma en que los diversos saberes y experiencias se articulan en el entramado de relaciones entre estudiantes y docentes, para así reflexionar sobre nuestra propia práctica como antropólogas y docentes. Esta inquietud surge de la experiencia de campo conformada por observaciones y prácticas docentes realizadas durante los meses de septiembre y octubre de 2014 en el Instituto Lomas situado en Temperley, Provincia de Buenos Aires, en el marco de la materia de grado Didáctica Especial y Prácticas de la Enseñanza de la Antropología. A partir de estas, suponemos de gran valor el acercamiento de los estudiantes a los contenidos desde el conflicto - concepto que tomamos de Víctor Turner- ya que por medio de este se develan aspectos fundamentales de la sociedad que en la vida cotidiana aparecen cubiertos por los hábitos y costumbres. Nos interesa la relación dialéctica entre estructura y antiestructura para reconocer los procesos por los cuales se reproduce lo dado y al mismo tiempo se gestan procesos alternativos. Teniendo como premisa que el proceso de enseñanza- aprendizaje, los saberes y saberes-hacer de los estudiantes no limitan su origen y desarrollo a los límites institucionales de la escuela, sino que se gestan y encarnan en diversos ámbitos de la vida cotidiana en la interacción con sujetos. Propondremos que la construcción del conocimiento desde el conflicto no sólo permite enriquecer el proceso enseñanza- aprendizaje sino que es central para una aprehensión de la mirada antropológica. Finalmente, analizaremos como procedimos el abordaje del tema violencia de género desde esta perspectiva.

Palabras clave: construcción del conocimiento, conflicto, género, enseñanza, aprendizaje.

CURSITAS E PROFESSORAS/ES: OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLAS

Marie-Anne Stival Pereira e Leal Lozano (UFSC)/Pedro Rosas Magrini (UFSC)

Nascido como um projeto piloto de um curso de ensino à distância para a formação de professoras/es, sobretudo de escolas públicas, o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) é uma política pública educacional que desde 2010 tem sido organizado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), junto às Universidades Federais em todo o país. Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o curso é organizado por docentes de diversas áreas do conhecimento, principalmente àquelas/es vinculadas/os ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da mesma Universidade. Em sua terceira edição (foram realizadas duas edições do curso em caráter de extensão nos anos de 2009 e 2013) o curso teve seu início em 2015 e foi implementado em formato de especialização. A partir da experiência nas três edições, sobretudo na vivência de aulas presenciais e no cotidiano do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), faremos uma reflexão sobre os variados desafios na formação de gênero e diversidade na escola, procurando antecipar algumas das percepções frente às dificuldades de cursistas, que também são professoras/es, no decorrer do primeiro semestre de 2015. Desafios estes que perpassam questões como: dificuldades no manuseio do computador e da internet; dificuldades em acompanhar o dia a dia do curso e as extenuantes cargas horárias em sala de aula enquanto docentes; compreensão de temáticas ainda consideradas tabus na sociedade, como, por exemplo, aborto, homossexualidades, transexualidades, feminismos, entre outras questões. A partir dessas questões, pretendemos revelar algumas das estratégias pedagógicas adotadas pela coordenação, professoras/es e tutoras/es do curso na busca da promoção da permanência das/os cursistas na empreitada de se especializar em gênero e diversidade na escola.

Palavras-chave: Gênero, Diversidade, Escola, Estudos de gênero, Feminismos.

ENTRE VERSOS E PROSAS - A MÚSICA COMO FACILITADOR METODOLÓGICO PARA O DEBATE ENTRE GÊNERO E EDUCAÇÃO NAS OFICINAS DO PROJETO PAPO-SÉRIO

Emília Haline DUTRA (CNPq/ NIGS- UFSC)

Este relato de experiência propõe refletir a partir de minhas vivências ministrando oficinas vinculadas ao projeto Papo-Sério – NIGS. Compreendendo que as músicas brasileiras configuram-se enquanto pontos dialógicos de encontro de diferentes musicalidades e universos socioculturais (BASTOS, 2008) e, tendo como objetivo problematizar as representações de gênero com estudantes e professor@s da rede pública de Florianópolis, a proposta deste trabalho é apresentar alguns resultados das oficinas realizadas em 2014 e 2015 sobre a temática “violências contra as mulheres” utilizando músicas de cunho violento e sexista como ferramenta disparadora de diálogos.

Palavras chave: Educação. Oficina. Metodologia. Gênero. Música.

INVENTAR COM A DIFERENÇA”: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO SOBRE CINEMA E DIREITOS HUMANOS NO ENSINO DA ANTROPOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Breno Augusto Garcia Sales(UFPA/FAPESPA/SEDUC-Pará)

Deylane Corrêa Pantoja Baía (UFPA/FAPESPA/SEMEC-Belém)

As reflexões postas neste trabalho fazem referência à atuação dos autores como antropólogos de formação, mas ministrando a disciplina Sociologia em duas escolas na região insular da cidade de Belém (Pará, Brasil): uma localizada na Ilha do Mosqueiro, com turmas de ensino fundamental e outra na Ilha das Onças, com turmas de ensino médio. A partir das propostas estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para a disciplina Sociologia (englobando a Antropologia e a Ciência Política) procura-se desenvolver o ensino da disciplina, enfocando, principalmente, temas básicos de Antropologia. Para tal intento, se faz necessário também construir metodologias alternativas de ensino desses temas de forma a possibilitar ao aluno uma aproximação com as reflexões deles advindas. Destacaremos, aqui, portanto, a experiência do Projeto “Inventar com a Diferença – Cinema e Direitos Humanos”, que selecionou professores de todo o Brasil para produzirem vídeos - “filmes-carta” - juntamente com seus alunos, no intuito de aproximá-los das problemáticas dos direitos humanos e introduzi-los ao universo de produção cinematográfica. Ao longo de seis meses, realizamos encontros diversos, de forma que cada professor se responsabilizasse por uma turma e desenvolvesse exercícios relacionados aos princípios do cinema, bem como às noções de direitos humanos vinculadas às demandas locais, tendo, neste caso, como pano de fundo as bases socioantropológicas de investigação. Como resultado, foram produzidos dois “filmes-carta” que enfatizam a relação desses alunos com seus territórios, percepções sobre ser e estar nesses espaços e o exercício de falar de si para o mundo.

SABERES LOCAIS: RELATOS SOBRE A VISITA AO MUNDO SOCIAL DOS DISCENTES DE ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DA ETNOGRAFIA URBANA

David da Costa Aguiar de Souza (IFRJ)

Carolina Zuccarelli - (FE/UFRJ - PPGSA/UFRJ)

A oferta obrigatória da disciplina Sociologia em todas as séries do ensino médio no Brasil, instituída através da lei 11.684 de 2 de junho de 2008, trouxe um importante desafio à primeira safra de professores responsáveis pela condução de tal processo, incluindo-se uma abrupta necessidade de se elencar conteúdos, desenvolver materiais didáticos e violar um status quo curricular pretensamente cientificista, que atribui lugar menor aos saberes oriundos das ciências humanas no currículo da educação básica e questiona sua legitimidade epistemológica. A transposição dos conteúdos de Sociologia ao nível médio da educação brasileira não tem sido privilegiada pelos fóruns universitários sobre o ensino da disciplina, o que contribui para a proliferação de estratégias pedagógicas duvidosas entre os docentes, invariavelmente recebidas por sua clientela como enfadonhas e mesmo anacrônicas, visto que se afiguram demasiado distantes da experiência social por ela vivida. Esta deseja, muitas vezes, através da

disciplina, visitar seu mundo social, algo que pode ser percebido pelo docente com a utilização de ferramentas que permitam essa aproximação, como o método etnográfico. O presente trabalho visa ilustrar como o recurso à etnografia urbana enquanto ferramenta didática e metodológica tem sido profícuo em classes de Sociologia do ensino secundarista brasileiras. A partir de experiências vividas pelos autores nos ensinos médio-técnico (IFRJ), médio-militar (Colégio Naval) e no ensino normal (SEEDUC – RJ), o que se objetiva é ilustrar como a técnica permite aos alunos aprimorar processos de subjetivação, entender seus sentidos de pertencimento e configurar suas identidades e papéis sociais.

Palavras chave: Ensino de Antropologia, Etnografia Urbana, Educação Básica, Recursos Didáticos, Saberes Locais.

Experiencias en torno a la enseñanza en diversos contextos

TALLERES UNIVERSITARIOS EN CÁRCELES ARGENTINAS. UN ANÁLISIS DE PRÁCTICAS Y DESAFÍOS A PARTIR DE EXPERIENCIAS DIFERENTES LLEVADAS ADELANTE POR DOS UNIVERSIDADES NACIONALES

Florencia Martínez Adorno (UNRN)

Cecila Paruelo (UBA)

En este trabajo nos interesa reflexionar respecto a dos experiencias concretas (y diferentes) de inserción universitaria en penales a través de la modalidad de “talleres”. Una de estas experiencias es la llevada adelante en el Centro Universitario de Devoto (penal federal ubicado en la provincia de Buenos Aires), donde las personas privadas de su libertad pueden acceder a cursar carreras universitarias en el interior del penal, ya que la universidad cuenta con un espacio propio dentro de la instalación penitenciaria. La segunda experiencia sobre la cual trabajaremos es la llevada adelante en la unidad penitenciaria provincial N° III, en Río Negro, en donde la universidad entra todavía de manera restringida, no cuenta con espacios propios y se inserta a través de talleres articulados a partir de proyectos de extensión. Nos interesa analizar los beneficios y complejidades de cada experiencia, intentando dar cuenta de si -y como- en cada caso la universidad reproduce (o no) ciertas lógicas propias de las instituciones de encierro. Daremos cuenta de cuáles son las motivaciones de cada universidad al entrar a la cárcel, reconstruyendo desde que óptica y en busca de qué objetivos interviene.

Palabras clave: Educación – cárcel – universidad.

¿QUÉ SUCEDE AL ENSEÑAR EN EL ENCIERRO? EL SABER DE LA EXPERIENCIA EN CIERTOS PROCESOS PARTICULARES DE ENSEÑANZA

El tema de mi investigación son los procesos de enseñanza que se producen en las escuelas secundarias en contextos de encierro. Más específicamente busco comprender el tránsito de esta experiencia desde el punto de vista de los docentes. Mi pregunta de investigación es: ¿Qué sucede al enseñar en el encierro? Ahora bien, de todas las estrategias de investigación cualitativa posibles decidí inicialmente proponer un abordaje etnográfico (indudablemente influenciada por mi formación de grado como antropóloga) Sin embargo en el marco de mi formación doctoral en Educación esta elección requirió una fundamentación exhaustiva: ¿Por qué abordar la educación en contextos de encierro desde un enfoque etnográfico? ¿Qué fundamentación teórico-epistemológica subyace en tal decisión? Por otro lado a partir del incipiente trabajo de campo y nuevamente influenciada por los seminarios de mi formación doctoral emergieron nuevos interrogantes: ¿Resulta factible para un antropólogo realizar una tesis doctoral con la intención de intervenir en el campo de lo pedagógico? En este sentido ¿podríamos pensar la categoría saber de experiencia como apropiada para acercar ambos campos disciplinares? A partir de este ponencia propongo ensayar algunas respuestas posibles a estos interrogantes con el deseo de continuar la reflexión de forma colectiva en el grupo de trabajo propuesto.

Palabras claves: Etnografía – Educación- Cárceles- Prácticas docentes - Saber de experiencia.

A DISCIPLINA ANTROPOLÓGICA NOS CURSOS DE TURISMO: QUE PAPEL OCUPAR?

Ana Flávia Andrade de Figueiredo (UFVJM)

O presente artigo busca trazer reflexões acerca da inserção da disciplina antropológica nos cursos de turismo, dando a ver um debate sobre o espaço que tem ocupado a disciplina neste campo acadêmico. Por vezes relacionada à atuação dos profissionais de turismo voltados à área de cultura e patrimônio, a antropologia, para além de uma fragmentação em subdisciplinas (antropologia urbana, antropologia política, do imaginário, de gênero, étnica, da religião...), pode, ao invés, ampliar o olhar crítico e complexo em variados campos de atuação do profissional de turismo. Para tal alcance é fundamental que se amplie as reflexões sobre um desafio fundante no ensino da antropologia, o ensino do método que a identifica/diferencia, a etnografia. A pesquisa etnográfica tem ganhado cada vez mais espaço nos círculos acadêmicos, inclusive, nos estudos do turismo, contudo, percebemos a dificuldade de docentes (em cursos distintos da antropologia) institucionalizarem práticas de trabalho em que o ensino da etnografia vá além de algumas aulas teóricas, somadas a uma ou duas idas a um campo. Os sujeitos da etnografia, sua escrita através de diários de campo, o sentido de acolhida, troca, confiança, a preocupação com as ressonâncias da introdução do pesquisador em um grupo são questões que demandam tempo. Desse modo, problematizando tais desafios, introduzimos no texto algumas experiências, fruto de práticas que vem sendo desenvolvidas por esta pesquisadora docente em cursos de turismo, assim como breves propostas, pautadas na imersão dos discentes e na constituição de um olhar

antropológico, mais aberto à alteridade.

Palavras-chaves: Ensino de Antropologia, Turismo, Interfaces Epistemológicas, Práticas de Ensino.

OS CONTEXTOS CULTURAIS DA EDUCAÇÃO E AS MODALIDADES DIFERENCIADAS DE ENSINO NO BRASIL: QUAIS SÃO AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DA ANTROPOLOGIA?

Guillermo Vega Sanabria (UFV)

Ao refletir sobre a formação de professores da educação básica e o ensino de antropologia no Brasil, esta comunicação busca ir além de um certo senso comum disciplinar e do mote de que a “missão” da antropologia neste nível é “desconstruir”, “desnaturalizar”, “problematizar” ou “promover a diversidade”. Além de terem se tornado verdadeiros chavões, cada vez mais esvaziados do seu alcance político genuíno, o problema com este tipo de colocações é seu caráter generalista, catequético e moralizante, que ignora os problemas específicos com que se deparam os professores, especialmente os de Ciências Sociais, nos diferentes contextos culturais, sócio-econômicos e políticos da escola. Mais do que fazer uma simples apologia de como a antropologia “ajuda a compreender a diversidade”, neste trabalho retomo minha experiência como professor de antropologia num curso de Licenciatura em Ciências Sociais para refletir sobre as diferentes modalidades contempladas no sistema educativo brasileiro e o sentido, as limitações e as possibilidades do ensino de Ciências Sociais e, em particular, de antropologia. Não se trata de negar o potencial caráter libertador do conhecimento antropológico, mas de ponderar seu alcance à luz dos desafios colocados ao professor por realidades escolares específicas como a educação indígena, a quilombola, prisional, de adultos, do campo, etc. Trata-se, assim, de refletir simultaneamente sobre o ensino enquanto processo mais geral em contextos culturais diferenciados e sobre o ensino de antropologia na escola.

Palavras-chave: formação de professores – modalidades diferenciadas de ensino no Brasil – ensino de antropologia – antropologia no Brasil – educação e cultura.

O PROFISSIONAL DE SAÚDE COMO ANTROPÓLOGO: LIMITES E POTENCIALIDADES DE UMA ‘CONVERSÃO’

Ruth Helena Britto (PPGSC/IMS/UERJ – UNIAN)

Esta proposta consiste em problematizar a adoção da perspectiva antropológica em investigações realizadas por profissionais de saúde que realizaram pesquisas de observação participante e adotaram a escrita etnográfica como recurso para analisarem seus próprios ambientes de trabalho. Neste artigo serão analisadas quatro dissertações de estudantes de mestrado profissional com ênfase em ensino e saúde, bem como seus produtos: materiais educativos voltados para o ensino não-formal. Pretende-se discutir a tensão entre o deslocamento epistemológico proporcionado pela ‘conversão’ à

abordagem antropológica e a apropriação de um instrumental analítico que permitiu a tais sujeitos desde uma elaboração crítica da relação entre sujeito e objeto do conhecimento, até uma auto-reflexão sobre sua prática profissional. Como resultado, seus trabalhos revelam o esforço de tradução do ponto de vista dos ‘outros’ (alunos ou usuários de serviços de saúde) para seus pares.

Palavras chave: ensino - antropologia - formação profissional.

Experiencias en torno a la enseñanza en diversos contextos 2

METODOLOGIA QUALITATIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM SAÚDE: INTERSECÇÕES, DIÁLOGOS E DESAFÍOS

Ivia Maksud (Fiocruz/IFF)

Esta comunicação objetiva problematizar o ensino e os sentidos dos métodos de pesquisa em Ciências Sociais para cursos inseridos na complexa e diversa área da Saúde. Antropólogos e sociólogos têm chamado atenção para os desafios do ensino de metodologia qualitativa para além dos muros das Ciências Sociais, alertando sobre os perigos do “tecnicismo do método” e da fragilidade teórica na realização das “pesquisas qualitativas em saúde” (Víctora, 2011; Deslandes e Iriart, 2013; Gomes e Silveira, 2013). Este debate se localiza em um campo constituído por sociólogos e antropólogos e batizado inicialmente como Ciências Sociais e Saúde. O campo foi se delineando e se reconstruindo nos últimos 30 anos, recebendo, cada vez mais, pesquisadores formados em outras áreas das ciências humanas e da saúde (Rezende et al, 2009; Silva et al, 2013). A sua identidade parece estar em franco processo de construção e reconstrução, tendo em vista, por exemplo, as mudanças na sua própria nomenclatura: Ciências Sociais em Saúde, Ciências Sociais e Saúde, Ciências Sociais e Humanas em Saúde, Ciências Humanas e Sociais em Saúde. Trata-se, como afirmam Ianni et al (2014), de um campo em disputa. A reflexão se constrói a partir do diálogo entre a literatura que reflete sobre este tema e a minha própria experiência como cientista social docente em cursos da área de saúde, tentando responder à seguinte questão: como cientistas sociais que pesquisam na/para/com a área da saúde podem lidar com as críticas, problemas e limitações das junções interdisciplinares?

AS ÁRBITRAS DE FUTEBOL E A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ineildes Calheiro dos Santos (UNEB)

Suely Aldir Messeder (UNEB)

O presente trabalho tem como objetivo compreender como as mulheres que se dedicam ao mundo da arbitragem futebolística encaram as influências da Educação Física, quer seja na modelagem dos corpos, quer seja na imposição de regras de papéis sexuais diferenciados hierarquicamente. No mundo da arbitragem nos deparamos com dois períodos distintos em relação a absorção das mulheres como assistentes de arbitragem ou mesmo como arbitras: a) até o ano 2007 o teste realizado levava em conta a diferença física entre homens e mulheres; b) A partir do ano seguinte os testes passaram a ser realizados sem levar em consideração a diferença sexual entre os concorrentes. Com efeito, verificamos que no primeiro momento houve um ingresso significativo de mulheres, enquanto no segundo assistimos paulatinamente o decréscimo da absorção destas mulheres no campo da arbitragem. Acreditamos que ao cotejarmos os depoimentos destas mulheres com as duas etapas temporais nos embreamos na constatação de que não se pode requerer uma igualdade de gênero/sexo, sem vislumbrarmos como as mulheres vivenciam e modelam seu corpo, sob o julgo da disciplina da Educação Física, cujo conteúdo curricular é fortemente (ainda) influenciado pelo higienismo, e, sobretudo pelo pavor da virilidade feminina.

Palavras-chave: Árbitras de futebol; Educação Física; Higienismo; Práticas corporais; divisão sexual.

“NEM LÁ, NEM CÁ”: COMO SER UM “PROFESSOR-PESQUISADOR” EM ESCOLAS ESTADUAIS NO RIO DE JANEIRO

Vinícius Cruz Pinto (PPGA-UFF)

O objetivo deste trabalho será apresentar quais os caminhos iniciais para uma pesquisa antropológica em escolas estaduais do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. O foco será buscar uma auto-reflexão sobre as metodologias clássicas da Antropologia como o trabalho de campo e o lócus de pesquisa, assim como refletir as estratégias de inserção enquanto pesquisador em uma instituição estatal. Comumente a Antropologia possui como uma tradição o foco na observação-participante e ainda em alguns meios acadêmicos, a idéia de que é preciso encontrar o “exótico”, o “distante” e um local determinado. As contribuições do antropólogo Ulf Hannerz no texto “Being there...and there...and there! Reflections on Multi-site Ethnography”(2003) questiona estas noções e aposta em uma pesquisa que pode ser feita em diversos lugares transferindo a importância para o objeto e não para um território pré definido. Com base nesta metodologia abordarei os meus caminhos percorridos onde o ponto inicial é Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Por fim, apresentarei uma reflexão de como se dá a relação com os interlocutores na transição de “professor” que eu sou para “pesquisador” e qual a relevância científica para se pensar as ações em estudar este campo da Antropologia e Educação.

Palavras-chave: Metodologia de pesquisa; Antropologia; Escolas estaduais.

GT 20 – ETNOGRAFIAS AUDIOVISUAIS E A PRODUÇÃO PARTILHADA DO CONHECIMENTO

Coordenação

Sérrgio Bairon, Universidade de S. Paulo

Zilda Iokoi, Universidade de S. Paulo

José da Silva Ribeiro, Universidade Aberta de Portugal

Sesión 1

A IMAGEM COMO ARMA – UMA PROPOSTA DE PESQUISA SOBRE A TRAJETÓRIA DAS MULHERES INDÍGENAS CINEASTAS

Sophia Ferreira Pinheiro, Universidade Federal de Goiás

A pesquisa em andamento, é sobre a trajetória de mulheres indígenas que produzem sua auto-imagem, utilizando-se dos métodos audiovisuais através da passagem de representação da “imagem do índio”, face às representações realizadas por políticas coloniais não-indígenas; para “o olhar indígena”, ou seja, a imagem auto-representada, política e do dispositivo cinematográfico, a partir do olhar compartilhado, de repertórios e experiências das mulheres indígenas, tornando-as protagonistas de suas reivindicações. Portanto, se contrapõem ao pressuposto lugar de passividade que é atribuído, frequentemente, na relação de produção imagética ativa/homem e passiva/mulher. Elas se afastam dessa visão romantizada e exótica (“do outro”) por meio das apropriações de seus discursos sendo sua própria agência artística, na produção de uma cinematografia indígena feminina. Deste modo, nos deparamos com uma tensão entre fronteiras e suas possibilidades discursivas abertas pelo exterior constitutivo das posições hegemônicas. É a partir dessa fissura que pretendo fazer uma experiência etnográfica de vídeo-cartas com as realizadoras audiovisuais indígenas. As vídeo-cartas são trocas de mensagens videográficas dos mais diversos temas. Neste projeto, elas são interétnicas e interculturais. Pesquisa dois projetos brasileiros com mulheres indígenas cineastas: o Vídeo Nas Aldeias e o Instituto Catitu, atrelados aos projetos da Associação das Mulheres Xinguanas e do Pelas Mulheres Indígenas para tentar compreender parte da questão da mulher indígena no atual panorama dos direitos indígenas brasileiro, sendo elas antropófagas das metodologias e técnicas imagéticas, para sua própria etnogênese.

A CÂMERA QUE VÊ TAMBÉM É VISTA: PRODUÇÃO COMPARTILHADA EM OFICINAS AUDIOVISUAIS INTERÉTNICAS ENTRE POVOS ORIGINÁRIOS LATINO-AMERICANOS

Pedro de Andréa Gradella, Universidade Federal Fluminense

Em 2014 iniciei um trabalho de oficinas de vídeo com povos originários, foram realizadas cinco oficinas em diferentes territórios: Dourados-MS (Kaiowá), Aldeia Pirajuí-MS (Nhandeva), Inquivisi - Bolívia (Aymara) e duas em Maricá - RJ (M'bya). Entre setembro e dezembro deste ano, mais duas serão realizadas em territórios, Terena e Kaiowá, todas estas oficinas congregaram grupos interétnicos nestes territórios. Procuo identificar nestas experiências: Que novas narrativas ou não-narrativas, são produzidas nestas oficinas, que (re) existências provocam? Será possível produzirmos a partir de pressupostos de alteridade que não os clássicos da antropologia, mas sim pressupostos de alteridade ameríndios? Qual o entendimento cosmológico das interações entre indígenas e não-indígenas, entre humanos e não-humanos (tecnologias audiovisuais) que ocorrem nestas oficinas? Quais reconfigurações políticas empreendidas nestas aldeias por esses coletivos audiovisuais indígenas? Utilizando-me dos métodos da produção audiovisual compartilhada, do estudo de caso das oficinas realizadas, com seus debates de roteiro, escolhas de linguagem. Do trabalho de campo com seus encontros as margens da programação oficial, diálogos, evocações cosmológicas e também da análise fílmica. Identifico preliminarmente: A forte atuação destes personagens como realizadores audiovisuais e importante papel político em suas comunidades e regiões como jovens lideranças. A prolífica diferenciação interétnicas nestas oficinas, geradas nos encontros e fricções, vislumbrando elementos iniciais de uma antropologia reversa, onde estes pesquisadores/realizadores audiovisuais refletem e recriam não só a si mesmos, mas ativamente também os seus outros indígenas, não-indígenas, humanos e não-humanos. Este trabalho se desenvolve como dissertação de mestrado através da minha atuação como facilitador e realizador de antropologia-audiovisual.

YAWALAPITI: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE MULHERES E IMAGEM

Thais Brito da Silva, Universidade Federal da Bahia

O texto apresenta a experiência de uma oficina multimídia com produção de imagens entre mulheres yawalapiti, no Parque Indígena do Xingu, região do Mato Grosso, na Amazônia brasileira. As mulheres, estimuladas a fotografar, fazem imagens de si mesmas e dirigem a câmera também para mim, transformando aquele encontro num processo de descoberta e alteridade. Com essa narrativa, teço o fio condutor do texto a partir do encontro, que inspirou a realização de uma pesquisa etnográfica sobre o cinema no Xingu. Considerando que as imagens realizadas pelos povos indígenas evocam, tanto do ponto de vista técnico como das linguagens e narrativas, diferentes processos criativos e estéticos na apropriação das tecnologias audiovisuais, o texto esboça uma perspectiva sobre essa apropriação em contato com as mulheres indígenas da etnia yawalapiti, notado na experiência de formação da Rede de Cultura Yawalapiti,

a partir de uma perspectiva particular, o olhar das mulheres. Nesse sentido, a pergunta sobre a forma particular como as tecnologias chegam nas aldeias e interagem com as cosmovisões indígenas, levou a considerar outro questionamento sobre como esses processos acontecem na perspectiva das mulheres: por que as mulheres teriam escolhido participar daquela oficina e não outra? Por que decidiram mesmo participar, já que, na maioria dos processos de oficinas com as novas tecnologias e nos filmes realizados por cineastas no Xingu, elas não costumam assumir funções técnicas como realizadoras, com a câmera na mão, mas, geralmente, aparecem como personagens e narradoras? E, por fim, por que apontaram a câmera na minha direção?

COSMOPISTA PUTUXOP – CINEMA TIKMÁ’ÁN-MAXAKALI EM UM PERCURSO PELAS TERRAS DOS POVOS-PAPAGAIO

Bruno Vasconcelos, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Esta pesquisa investiga a dinâmica transformacional dos povos indígenas Tikmá’Án-Maxakali, falantes do Maxakali (Macro-Jê) e habitantes do nordeste de Minas Gerais, Brasil, em sua apropriação dos recursos expressivos do cinema. Sua produção audiovisual tem trânsito por festivais de cinema, galerias de arte, assim como começa a fazer frente a situações de abuso e violência por parte dos vizinhos e invasores brancos de seu território. Acompanho uma viagem de mapeamento e filmagem de pontos de seu

território ancestral e de estabelecimento de novos laços com o povo Pataxó, antigo aliado, identificado pelos Maxakali com os povos-espíritos de um de seus conjuntos rituais – o Putuxop, ou povos-papagaio. Proponho pensar a eventual continuidade de elementos do sistema cosmológico maxakali em sistemas estéticos atuando a partir dos recursos expressivos do cinema. Ao longo desta viagem fílmica por seus territórios e o de seus aliados, aponto como os pajés Maxakali, em seus esforços de formação de cineastas indígenas, dirigindo filmes junto a eles, ou em suas declarações acerca do cinema, demonstram identificar certos procedimentos afins entre práticas xamanísticas e procedimentos cinematográficos. Haveria proximidade entre certas propriedades dos regimes enunciativos dos seres que cantam e habitam as histórias dos antigos, e procedimentos de distribuição da pessoa maxakali no processo de sua “transformação em imagem”. Sugiro que a apropriação do cinema pelos Maxakali pode ser compreendida como uma transformação de transformações, isto é de procedimentos metamórficos previamente atuantes em sua vida social através do concurso dos Yãmá’yxop, seus aliados povos-espíritos.

LAS CORRIDAS DE GANADO EN MOLINOS. UNA PROPUESTA DE ETNOGRAFÍA VISUAL SOBRE LA TRASHUMANCIA DE GANADO EN LOS VALLES CALCHAQUÍES SEPTENTRIONALES, SALTA, ARGENTINA

Laura Teves, Andrés A. Jakel, Universidad Nacional de La Plata

El presente trabajo constituye una aproximación preliminar al estudio de la actividad de las corridas de ganado en el Departamento de Molinos en los Valles Calchaquíes septentrionales, Salta, Argentina. Se toma como caso el evento de la “separada” de animales, que es la culminación del gran evento de la “corrida”, el cual consta de un desarrollo secuenciado y pautado, de alcance temporal y espacial en la región. Proponemos un abordaje desde la etnografía visual que apunta a una doble aproximación verbal / visual, de manera de crear un complemento novedoso entre datos textuales recopilados a través de entrevistas, y datos visuales producidos a través de fotografías.

Sobre la base del material fotográfico y entrevistas relevadas entre los años 2012 y 2014 en el Departamento de Molinos, se reconstruyen las secuencias narrativas de la experiencia etnográfica, de forma de aportar un fuerte anclaje empírico al conocimiento de esta actividad colectiva, y su importancia a nivel local y regional y su impacto económico, ecológico, social y político, local y regional. A grandes rasgos este trabajo pretende realizar un aporte al estudio de las estrategias de manejo del ambiente en los Valles Calchaquíes salteños septentrionales, a través del caso de las corridas de ganado en Molinos. Al mismo tiempo buscamos testear la aplicabilidad y eficacia de la metodología de la etnografía visual para el estudio de las relaciones hombre – medio, y sus implicancias en la percepción, manejo y movilidad de estas comunidades en su entorno natural y social.

EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS: COMUNIDADES ACADÊMICAS E CULTURAS ORAIS

Sérgio Bairon, Universidade de S. Paulo

Serão apresentadas experiências junto de comunidades orais no sentido de buscar refletir sobre a proposta conceitual da Produção Partilhada do Conhecimento. A abordagem da proposta acontece em meio ao universo dos estudos interdisciplinares, contando, sobretudo, com a colaboração do encontro entre a Antropologia Visual, a História da Cultura e a Comunicação. As reflexões e ações que envolvem estas experiências estão presentes tanto no campo das investigações em parceria com comunidades indígenas (Bororos, Xavantes e Karajás), quanto no nível de proposições no âmbito da educação e das políticas públicas

Sesión 2

Coordenação: Zilda Iokoi, Universidade de S. Paulo. José da Silva Ribeiro, Universidade Aberta de Portugal. Sérgio Bairon, Universidade de S. Paulo

FOTOGRAFANDO PERFORMANCE DE CRIANÇAS BRINCANTES DO “NÊGO FUGIDO” EM ACUPE/ BAHIA/ BRASIL

Maria José Villares Barral Villas Boas, Universidade de Brasília

Através da antropologia visual, a trabalho reflete sobre performance das crianças de Acupe que brincam do “Nêgo Fugido”, manifestação da cultura popular que acontece nessa comunidade da Bahia/Brasil. Partindo da pesquisa de campo realizada em Julho de 2015, observei o impactante e autêntico engajamento das crianças que encenam a personagem chamada “nega”, escravo fujão que canta e dança após a fuga, mas agoniza quando aprisionado e mendiga dinheiro para a compra da alforria. Isso me levou a questionar como seriam as infâncias onde “Nêgo Fugido” toma forma como expressão polissêmica de caráter altamente performático em que meninos (as), homens e mulheres simulam o sofrimento da vida escrava. Fotografar foi um dispositivo primeiro em busca de aproximação com as crianças brincantes. Estar com a câmera em mãos quase sempre despertava o interesse delas em mim, ou nas imagens delas através de mim. Meninas e meninos pediam para mexer na câmera, demandavam que eu as fotografasse em certas poses e/ou durante a performance. Houve poucas crianças intimidadas ou que fingiam não perceber meus registros. Atenta a esse encontro, comecei a perceber que elas constroem a imagem de si mesmas, muito além do meu olhar através do visor óptico do equipamento. Em muitos momentos, elas constituíam suas próprias realidades, protagonistas também da manifestação, apreendendo e construindo o mundo de um modo particular. Por fim, a investigação tem a intenção de problematizar a participação desses interlocutores no contexto do “Nêgo Fugido” e em frente à câmera, demonstrando serem agentes do mundo em que vivem.

BRINCANDO DE REPRESENTAR: A EXPERIÊNCIA DE UMA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL COM AS CRIANÇAS KALAPALO

Veronica Monachini de Carvalho, Universidade de Campinas

Thomaz Marcondes Garcia Pedro, Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo

O objetivo desta apresentação é discutir como as crianças Kalapalo, (um povo falante de Karib do Alto Xingu-MT), enquanto agentes e protagonistas de sua própria história, percebem os processos próprios de formação de Pessoa e atuam neles, se apropriando e reformulando constantemente os conhecimentos tradicionais. Para isso, será relatada uma oficina de vídeo realizada em julho de 2015 na aldeia Kalapalo Aiha, na qual as crianças apresentaram sua Cultura. Nesta oficina, as crianças puderam participar ativamente como interlocutoras e se apropriar de algumas técnicas audiovisuais. A ideia da oficina surgiu de uma conversa com os professores Kalapalo, que apontaram a necessidade de produção de materiais educativos audiovisuais. A oficina contou com a participação ativa de dois adultos homens, sendo um deles o cineasta da aldeia. A partir

deste recorte etnográfico pode-se perceber a agência das crianças, como elas se vêem e querem ser representadas enquanto interlocutoras ativas.

MEMÓRIAS DO FUTURO: BRINCARES DA COSTA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO

Lianor Maria Mattos e Silva Basso, Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe – MUSA

Memórias do Futuro é uma etnografia da comunidade da Costa da Lagoa da Conceição, situada em Florianópolis - SC - Brasil, a partir de uma investigação audiovisual realizada com e por crianças da região. A pesquisa constrói de forma integrada sentidos do lugar através de fragmentos que demonstram visualmente o sentir, o pensar, saber, o fazer, o querer - estes aqui considerados Brincares - resultando no ambiente da comunidade através das percepções dos meninos e meninas com e para o ambiente em que vivem. A pesquisa foi realizada durante 5 meses de imersão com as crianças nas trilhas e ruelas da Costa da Lagoa da Conceição, e se coloca como mais um meio de se conhecer lugares, saberes e pessoas a partir de fragmentos recortados dos seus cotidianos e contados por seus atores. Segundo Ingold (2012), habitar o mundo é se juntar ao seu processo de formação. Neste sentido aqui são compreendidos estes Brincares, como maneira de estar, sentir, absorver e comunicar o ambiente, habitando-o, vivendo-o, fazendo jus à etimologia da palavra brincar, derivada de vincillum, que significa laço. Portanto nesta investigação, o brincar está sendo observado e descrito como elo e canal: de união e também de transformação, que implica em um movimento contínuo do fluxo de informações, interações, inovações e estabelece uma relação direta com o corpo sensível das crianças, provocando diversos tipos de “comportamentos”, apreensões, reações que possibilitam novas experiências entre “pessoas” x ambientes físico e social, por estes contatos acontecerem através de diferentes linguagens de expressão.

ETNOGRAFIA E CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE NARRATIVAS AUDIOVISUAIS INFANTIS NAS SÉRIES INICIAIS DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS/SC - BRASIL

Juliane Di Paula Queiroz Odinino

Geovana Mendonça Lunardi Mendes

Universidade, Federal de Santa Catarina

O objetivo da pesquisa foi o de compreender a partir das experiências culturais infantis as implicações políticas, tecnológicas e sócio-culturais que incidem sobre as categorias infância e gênero, a partir da realização de pesquisa etnográfica em duas realidades cotidianas distintas de séries iniciais do ensino público da região da grande

Florianópolis. Como estratégia metodológica buscou-se realizar além de uma etnografia do contexto escolar também uma proposta de intervenção fazendo uso das tecnologias digitais disponíveis em tais realidades, com vistas a construção colaborativa de narrativas audiovisuais infantis. Esta última insurgiu como um convite na direção de garantir e registrar as expressões culturais infantis. A investigação-ação também esteve voltada para o processo de edição e produção fílmica, com vistas a retratar tais realidades infantis pelo olhar das crianças, além de provocar e questionar possíveis estereótipos de gênero, classe e etnia que viessem a surgir, por meio do exercício da alteridade. A última etapa consistiu no intercâmbio cultural de tais produções audiovisuais por meio da experiência do cinema vivenciada pelas turmas participantes das duas escolas interlocutoras do projeto. Todo o processo esteve voltado a garantir espaços de expressão, reflexão, questionamento, empoderamento, valorização e circulação de saberes para além dos conteúdos de caráter escolarizante e normatizador tão recorrentes nos currículos escolares, a partir das potencialidades e dos desafios proporcionados pelas mediações tecnológicas.

CONHECENDO O UNIVERSO GUARANI: A FOTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO E VIVÊNCIA DE PESQUISA

Ana Paula Maciel Soukef Mendes, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

As reflexões propostas neste trabalho são parte de uma tese de doutorado em desenvolvimento. A partir da vivência de campo de sete meses na aldeia Guarani Itaty (Santa Catarina, Brasil), durante a qual foram realizadas semanalmente oficinas de fotografia junto às crianças e jovens indígenas, a tese busca compreender como os Guarani representam imagetivamente a própria comunidade. Para este GT especificamente propõe-se discutir como a fotografia, além de estratégia de luta e ação política, é também uma importante estratégia de pesquisa, que permite um contato profundo com diferentes olhares e percepções de mundo e caracteriza-se justamente por uma troca de saberes/experiências, em um processo de produção compartilhada. Esta discussão parte de um referencial teórico interdisciplinar, em especial das áreas de Fotografia, Artes Visuais, História e Antropologia. A pesquisa constrói-se sob a percepção de que a imagem está para além de qualquer imediatividade e objetividade que em aparência possa ter. A fotografia apresenta-se como uma importante e complexa fonte, capaz de revelar visões de mundo, ideologias, subjetividades e identidades.

ENSINO DE SOCIOLOGIA: TEORIA E PRÁTICA DO USO DA IMAGEM COMO CONHECIMENTO NA ESCOLA ESTADUAL BERILO WANDERLY

Raphaella Pereira dos Santos Câmara, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Trabalhar a imagem como recurso metodológico em sala de aula no Ensino Médio na Escola Estadual Berilo Wanderley/RN é uma das ações que tive como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na área de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nessa ferramenta pedagógica é fundamental primeiramente realizar um estudo etnográfico da sala de aula para

conseguir uma aproximação dos alunos a realidade, experiências, tendo como objetivo construir diversas percepções de relações sociais, costumes, valores por meio da leitura de fotografias, imagens, vídeos que permitem integração e dinamismo na aula, despertando a curiosidade dos alunos. A leitura da imagem estimula maior visão autônoma, social e cultural de forma crítica, cria percepções de comparações como objeto de aprendizagem e questionamentos para além de seus significados sociais ou ideológicos, possibilitando uma comparação entre a teoria e prática. Está na missão do aluno como leitor ir além da suposta epistemologia do olhar e é nesse plano que a imagem pode tornar-se um recurso atrativo e eficaz para compreensão do conteúdo. Alguns embasamentos teóricos que utilizei como base foram: José Martins (2013) no seu livro “Sociologia da Imagem”, Paulo Freire (2014) na obra “Pedagogia da autonomia” e Roberto Cardoso Oliveira (1996) – “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever.”

USO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA NOS ESTUDOS CULTURAIS

Maria Aparecida de Lima, Universidade do Estado da Bahia

O objetivo do presente artigo é analisar possíveis conceitos de cultura entre os pesquisadores Malinowski, Levi-Strauss e Achutti e como estes utilizaram a fotografia em seus estudos. No transcorrer do texto é possível identificar que os teóricos utilizam-se da fotografia como um recurso metodológico para estudar seus objetos de pesquisas. No universo científico inicialmente a fotografia era utilizada como uma imagem que servia para documentar uma ação, mas em fins do séc. XIX e início do século XX já é possível observar cientistas utilizando a fotografia para estudar fenômenos culturais e narrar o cotidiano das pessoas ou grupo de pessoas. A fotografia hoje é usada por diversos antropólogos como instrumento investigativo e como um produto capaz de desenvolver uma narrativa cultural. A escolha por estes teóricos se deve ao motivo de que todos estudam aspectos culturais de determinados grupos sociais, utilizando-se da técnica da fotografia, apesar dos objetos de estudo serem bem diferentes, a saber: O Kula, praticado com os nativos das ilhas Trobriand, a fotografia de povos indígenas no Brasil e a narrativa fotoetnográfica. Com isto espero trazer para este momento de reflexão as contribuições que estes três antropólogos trouxeram para os novos pesquisadores, mostrando como desenvolveram estratégias de investigação etnográficas utilizando-se do recurso fotográfico.

DESENHOS ANIMADOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PÚBLICA

Elidete Oliveira da Silva Barros, Faculdade de Ciências Humanas da Paraíba

O tema ao qual me proponho estudar foi motivado devido à constatação em minha práxis pedagógica das dificuldades que os estudantes do 6º ano do ensino fundamental II sentiam para se apropriar dos conceitos básicos da Geografia. Como professora de Geografia, ao utilizar alguns filmes em desenho animado percebi um despertar reflexivo dos estudantes que o assistiam. Buscando compreender como funciona o processo de

aprendizagem da Geografia nas crianças do 6º ano me propus pesquisar como filmes infantis de desenho animado podem contribuir para o processo de ensino aprendizagem. Pretendo com esta pesquisa identificar e analisar de que forma posso utilizar este recurso audiovisual pautado em conhecimentos científicos já desenvolvidos na área de aprendizagem e neurociência na tentativa de compreender como o cérebro reage a esse tipo de motivação. Penso que este estudo é relevante porque possibilita lançar propostas de atividades interativa e lúdica aos professores que desejam trabalhar com desenho animado em suas turmas. Para dar suporte metodológico a esse estudo tem-se como referências: Antoni Zabala (2010), Howard Gardner (1994), Leonor Guerra (2011) e Milton Santos (2014).

Sesión 3:

Coordenação: José da Silva Ribeiro, Universidade Aberta de Portugal. Zilda Iokoi, Universidade de S. Paulo. Sérgio Bairon, Universidade de S. Paulo

UNA EXPERIENCIA DE ANTROPOLOGÍA VISUAL COMPARTIDA. EL RINOCERONTE Y LA CEBRA. ANTROPOLOGÍA SUBURBANA

Gabriel O. Alvarez, Universidade Federal de Goiás

Esta comunicación reflexiona sobre la experiencia de de construcción de un film construido a partir de la experiencia de observación participante de los alumnos de Antropología Visual en un barrio suburbano de la ciudad de Goiania. El contacto de los estudiantes con la cámara con los personajes del barrio nos lleva al mundo fascinante de los moradores, retratados en sus performances y sus universos simbólicos que hibridan lo rural y lo urbano. A partir de este material fueron realizados los cortes y edición del material para presentar una película de 25 minutos que retrata el cotidiano, con sus particularidades, emociones, conflictos y esperanzas, con una pitada de humor. La risa es un fenómeno espontaneo, performático, poco explorado en cine documental. La película fue exhibida en el barrio lo que abrió nuevos canales de comunicación y la demanda por seguir construyendo retratos de los personajes del barrio que no fueron incluidos en este primer ejercicio de Antropología Visual.

SABERES E SABORES DA COLÔNIA EM IMAGENS: REFLETINDO SOBRE A PESQUISA E SUA RESTITUIÇÃO

Renata Menasche, UFRGS

Carmen Janaina Batista Machado, UFRGS

Patrícia dos Santos Pinheiro, UFRJ

Claudia Turra Magni, UFPel

Receitas herdadas, pratos tradicionais, produtos e ingredientes locais, espécies e variedades nativas, práticas da alimentação cotidianas ou rituais, utensílios e objetos que conformam a cultura material relacionada à produção e consumo de alimentos, mecanismos de sociabilidade em que acontece sua circulação e, ainda, espaços em que se realizam atos associados ao comer são percebidos enquanto elementos que compõem sistemas culinários, cuja diversidade é expressão de modos de vida e visões de mundo de grupos sociais específicos, marcando pertencimentos e distinções identitárias. Entre 2011 e 2013, a equipe multidisciplinar reunida em torno da agenda de pesquisa Saberes e Sabores da Colônia percorreu a Serra dos Tapes, região situada ao sul do Rio Grande do Sul, Brasil, buscando conhecer, especialmente a partir da observação das práticas alimentares, a complexidade existente neste espaço rural e a cultura camponesa compartilhada por famílias rurais de origens diversas. Para isso, a produção de imagens foi tomada como constitutiva da pesquisa etnográfica realizada junto a distintos grupos e localidades rurais, processo que resultou em artigos, livro e em um conjunto de produtos imagéticos. Em 2015, a equipe iniciou o processo de restituição desses produtos junto aos interlocutores, processo que tem oportunizado entre eles novas reflexões sobre a pesquisa e sobre sua participação nos produtos. A proposta deste trabalho consiste em, partindo de abordagem que toma o uso de imagens como constitutivo da pesquisa, refletir especialmente sobre as dinâmicas e processos de sua restituição a partir dos materiais imagéticos produzidos e do diálogo com os interlocutores aí gerado.

APRENDENDO A TRABALHAR COM VÁRIAS SENSIBILIDADES, SOBRE O VER TORNAR-SE EXPERIÊNCIA NO FACEBOOK

Cleiton Machado Maia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Em minha dissertação de mestrado (MAIA, 2013) a fotografia foi usada em vários momentos de sua elaboração. Como coleta de material etnográfico sobre a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez, durante cerimônias e rituais, e entendendo a formação e compreensão dos adeptos sobre sua sociabilidade. Isso sem contar na utilização dessas imagens como ferramenta de diário de campo, para observar e entender o que não pode ser observado (MARTINS, 2013), por qualquer que seja o motivo, durante o momento que aconteceu. Após a defesa da dissertação as imagens foram entregues aos membros do grupo estudado e esses puderam utilizar em suas redes sociais, apesar desse ponto não ter entrado em minhas análises da dissertação, mas acompanhei essas mudanças e se tornaram fomento da pergunta que rege esse trabalho: “Como as imagens que produzi em meu campo mudaram as representações desses médiuns em suas redes sociais, principalmente o Facebook?” Nesse trabalho analiso essas mudanças e as reconfigurações de como esses sujeitos se entendem pelas publicações em suas contas de Facebook.

ENCUENTRO EN LA LÍNEA, LA AVENIDA REFORMA EN EL DISTRITO FEDERAL, MÉXICO

Fabián Perciante García – Uruguay

La presente ponencia intenta dar cuenta de algunos procesos de la investigación realizada en la Avenida Reforma del Distrito Federal en México. A partir de la experiencia en el trabajo de campo con un enfoque en la interdisciplinaridad apoyados en la etnografía y los estudios de la imagen, se aborda este lugar como espacio-tiempo en uno de los sitios más neurálgicos y emblemáticos de la capital mexicana. La avenida también conocida como Paseo de la Reforma es sin duda una arteria principal de la ciudad, al tiempo que evoca de manera constante una historia que continúa reelabora su contexto a través de la insistente contemporaneidad urbana. El trabajo buscó interactuar en ese contexto a través del acercamiento a diversos modos de apropiarse del espacio y su relación entre el tiempo vivido y el tiempo pensado. Se indaga en las representaciones también desde el propio investigador teniendo en cuenta tanto las fragmentaciones como las reivindicaciones del trayecto de la avenida, sus diversos usos y desusos, las proyecciones temporales, y los acuerdos para esas representaciones. Para trazar la coyuntura se hace referencia a la idea de -acuerdo latente como acontecimiento- y a una idea de línea (tiempo-espacio) que se dispersa. Estos dos componentes y su relación con la imagen aparecen de modos diversos en el contexto de la avenida planteando un entramado práctico-teórico como proceso y metodología.

APOLOGÍAS DEL HÉROE PATRIO: IMÁGENES DE MASCULINIDAD Y GESTIÓN DE LA GUERRA EN COLOMBIA

Darío Muñoz Onofre, IFCH-UNICAMP

Con base en mi investigación doctoral, en esta ponencia desarrollaré un análisis cultural de una muestra de imágenes de masculinidad que circularon a través de los medios masivos de comunicación en Colombia, durante la primera década del siglo XXI. La producción y la circulación masiva de estas imágenes se efectuó a partir de la reactivación de la guerra con las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – FARC en 2002, luego del fracaso de las negociaciones políticas con este grupo armado y en el marco de la denominada “guerra global contra el terrorismo”. Reconociendo este contexto, mostraré cómo las imágenes fabricaron un tipo de masculinidad heroica asociada a la guerra, y cómo esa masculinidad se convirtió en ícono del nacionalismo y el patriotismo. Analizaré en las imágenes el tipo de masculinidad producido y su función en la perpetuación y normalización de la guerra. A partir del análisis y con el fin de aportar al campo de la antropología de la imagen y la cultura visual, propondré una discusión conceptual que relacione las categorías de masculinidad, imagen y gubernamentalidad. En Colombia la gestión de la guerra y su aceptabilidad se efectuó alrededor de la producción discursiva, iconográfica y material de masculinidades heroico-bélicas. Sin embargo, este tipo de masculinidades no sólo se erigieron como ícono del nacionalismo y el patriotismo producidos en medio y a través de la guerra, sino fundamentalmente como tecnología de gobierno. Una tecnología de gobierno cuyo

modo de funcionamento fue la reactivación de la guerra y la promoción de su aceptación por parte de la opinión pública colombiana.

CUMBUCA.ORG.BR, UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA?

Oswaldo Giovannini Junior (UFPB)

Na história da antropologia brasileira um dos temas fortes são os estudos de rituais e festas populares ou folclore (VILHENA, 1997). Registros audiovisuais foram usados desde folcloristas como Mário de Andrade nas Missões Folclóricas (MONTE-MÓR, 1995). O registro audiovisual e o colecionamento foi prática recorrente dentro do Movimento Folclórico Brasileiro, sendo uma de suas expressões mais fortes a criação dos Museus de Folclore. Dos folcloristas aos etnógrafos e documentaristas atuais corre uma história que envolve ressonâncias (GRENBLATT, 1991) e poeticidades (ZUMTHOR, 2010), onde a atividade de registro, colecionamento e exposição é motivado pela documentação e por uma experiência estética. A patrimonialização da cultura (FONSECA, 2009) intensificou o interesse pelo tema da cultura popular e ampliou a participação de camadas populares na produção e no consumo, horizontalizando o conhecimento. As novas mídias digitais permitiram o acesso aos produtos e aos meios de produção audiovisuais. Com a ampliação do acesso à internet coleções passaram a ser disponibilizadas através de museus virtuais, fazendo da hipermídia um meio de expressão de pesquisas etnográficas (ECKERT, 2004). Ações educativas, caras aos folcloristas e ao patrimônio, formaram parte do público desses museus. Em 2010, em meio a esses processos de interfaces entre antropologia visual, etnografia, estudos de folclore, registro e formação de acervos e disponibilização digital, políticas públicas, patrimônio e educação surgiu o projeto www.cumbuca.org.br. Realiza microdocumentários sobre cultura popular e folclore formando um acervo digital inspirando-se na ideia de um museu virtual do folclore e da cultura popular. Nasceu no âmbito de um coletivo formado por antropólogo, artistas e estudantes, inspirado na antropologia brasileira mas fora do meio acadêmico e apoiado por Leis de Incentivo, a meio caminho da experiência artística e da reflexão científica. Utilizando ferramentas gratuitas, como blogs, flogs e rede social, foge dos altos custos dos sites mais complexos e permite uma interface com o público (pesquisadores, professores, estudantes e comunidades populares alvo de pesquisas e registros). Produz suas pesquisas e seus documentos hipermidiáticos (texto, foto, áudio e vídeo) num livre diálogo com a etnografia e com a estética audiovisual, produzindo registros e edições coletivas e colaborativas à distância através da internet. O presente ensaio procura avaliar criticamente estes anos de produção e realização do acervo com a finalidade de repensar sua prática para uma possível reorientação para um fazer mais etnográfico no âmbito acadêmico sem perder sua liberdade criativa e de interdisciplinaridade e horizontalidade dentro das quais foi concebido. Pretendo narrar as últimas experiências realizadas em sala de aula no curso de antropologia Visual da cidade de Rio Tinto (UFPB) onde foi usada a mesma metodologia de criação coletiva e colaborativa na produção audiovisual e etnográfica

OLHARES DA VILA: NOTAS SOBRE O FAZER COLABORATIVO E A PRODUÇÃO DE IMAGENS NA PESQUISA DE CAMPO COM JOVENS DA

VILA DA BARCA EM BELÉM – PA

Deylane Corrêa Pantoja Baía, (UFPA/FAPESPA/SEMEC)

Esta comunicação trata da produção e uso da imagem numa pesquisa antropológica realizada com jovens moradores da Vila da Barca, Belém, Pará, Brasil. A pesquisa pretendeu ser um exercício de uma antropologia “com” (Ingold & Lucas, 2007) e que, em alguma medida, se propôs a apresentar aos jovens uma possibilidade de participação mais ativa no processo de construção dos resultados. Além disso, acenou para uma abertura a diferentes propostas de utilização dos dados gerados no campo e de seu compartilhamento em variados contextos. O mote da proposta consistiu no uso de ferramentas audiovisuais na pesquisa a partir de vivências colaborativas com esses jovens, seja na produção de fotografias digitais e conversas coletivas sobre as mesmas, seja no processo de construção de um vídeo experimental pautado na “tecnologia do possível”. Aos jovens coube a produção de imagens que divergissem daquelas já disponíveis sobre seu universo social, bem como a construção de imagens de si e de suas vivências. As reflexões acerca do processo serviram para pensar o fazer etnográfico no contexto de uma interseção de saberes, pois a presença da pesquisadora não deixou de influenciar (ou mediar) esse processo de construção. Os resultados indicam que os jovens construíram uma representação (quase) própria do que é viver a Vila da Barca através de dispositivos acessíveis a eles, a exemplo da câmera de celular. Em alguma medida, as imagens se opunham aos discursos que facilmente imputavam aos jovens apenas o lugar da pobreza e da violência, revelando possibilidades outras de estar no mundo.

Palavras-chave: Jovens, pesquisa de campo, vivências colaborativas, produção de imagens.

“CULTURA” E SUAS DEMANDAS PELA PATRIMONIALIZAÇÃO: SENTIDOS PARA A ANTROPOLOGIA AUDIOVISUAL

Fernando Firmo Luciano, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

Atualmente, assistimos a uma crescente demanda de diferentes grupos sociais pela patrimonialização de suas expressões culturais, especialmente, aquelas relacionadas aos saberes-fazeres, aos lugares, à memória, aos artefatos, às celebrações... Nesse sentido, há quase dois anos acompanho as atividades de (re)invenção e valorização de manifestações culturais da Vila de Matarandiba, com pouco mais de 700 habitantes, localizada na contra costa da Ilha de Itaparica. Com a fundação de uma associação sociocultural na localidade uma série de ritos, festividades e atividades que haviam desaparecido na Vila ligadas à sociabilidade e ao trabalho dos ilhéus, passaram a ser reeditadas, reinventadas, revividas e recolocadas no cotidiano local. Dentre as demandas deste coletivo de cultura e trabalho, sobressai-se a produção de uma memória social consistente de suas tradições, no intuito de sensibilizar as novas gerações da Vila e o Estado sobre seus direitos no que tange às políticas culturais, sobretudo, políticas de fomento e de patrimonialização. Por isso, a partir das reivindicações da própria

localidade de registro deste processo sociocultural de afirmação identitária por meio de suas práticas sociais, é possível dar um sentido prático e teórico para a antropologia, tais como, i) elaborar filmes etnográficos compartilhados, que podem servir a várias finalidades para este coletivo, ii) repensar o lugar do registro audiovisual na prática etnográfica que visa produzir um conhecimento compartilhado, atravessado por múltiplas autorias.

PARTICIPANDO DA FOTOGRAFIA E FOTOGRAFANDO PARA PARTICIPAR: REFLEXÕES SOBRE MÉTODOS E ESTRATÉGIAS NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA

Maria Cláudia Martinelli M. Pitrez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A participação dos interlocutores no processo de captação das imagens é uma temática abordada por diferentes óticas na antropologia visual. O presente trabalho busca contribuir com este debate relatando práticas e estratégias desenvolvidas na pesquisa etnográfica realizada com pescadores e veranistas na praia de Atafona no Norte Fluminense. Dois casos serão explorados mais especificamente no trabalho: o uso da fotografia para participar e a participação na fotografia. No primeiro caso, destaca-se a importância da mudança de papel de pesquisadora para documentarista no registro da festa de nossa Senhora da Penha, enquanto no segundo, apresenta-se a participação de pescadores fotografando e filmando suas atividades em alto-mar. Ao apresentar estas duas experiências, busca-se debater questões em torno da participação e autoria nas pesquisas antropológicas que utilizam recursos audiovisuais, reconhecendo a ambiguidade com que os intervenientes interferem e condicionam o modo como se produz as imagens.

REVELANDO A PESQUISA PARTILHADA NUMA CRÓNICA DO QUOTIDIANO JUVENIL URBANO EM CHRONIQUE D'UN ÉTÉ

José da Silva Ribeiro, CEMRI – Media e mediações culturais, Universidade Aberta de Portugal

O filme *Chronique d'un Été* tornou-se um objecto único tanto para o cinema quanto para a antropologia e as ciências sociais em geral (Bellour). 50 anos depois da sua realização as imagens que ficaram fora da montagem final do filme Florence Dauman realizou em 2011 o filme *Un été + 50*. O filme recupera uma parte importante dos arquivos de *Chronique d'un Été* (1960), reencontra seus atores principais: Marceline, Régis Debray, Jean-Pierre Sergent, Nadine Ballot e Edgar Morin. Mostra também as divergências entre Morin e Rouch, os percursos que *Chronique d'un été* abriu a alguns dos atores e revela o papel que alguns dos jovens atores viriam a ter no cinema, na academia, na desconstrução política dos contextos de sua realização – guerra da Argélia

e independência do Congo, mas sobretudo a transformações que se estão a operar na sociedade francesa e que desembocam no Maio de 1968. Procuraremos nesta comunicação explorar sobretudo os processos de participação dos atores na realização do filme e a influência do filme na vida dos atores.

GT 21. DIREITOS HUMANOS, MOBILIZAÇÃO SOCIAL E PRÁTICAS ESTATAIS

Coordinadores:

Pilar Uriarte. Prof. Adj. Dpto. Antropología Social, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República; pilar.uriarte@gmail.com

Patrice Schuch. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
patrice.schuch@gmail.com

Paula Lacerda. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
lacerdapaula@gmail.com

Comentarista: Maria Gabriela Lugones. Universidad de Córdoba, Argentina;
negrallugones@yahoo.com.ar

Sesión 1: Eixo infância, pobreza e intervenções estatais

-

**DERECHOS HUMANOS EN TENSION. LA POLÍTICA, LAS CALLES Y LA
NIÑEZ INDÍGENA EN ARGENTINA**

Dra. Andrea Szulc

Dra. Noelia Enriz

UBA/CONICET

Las vidas de los niños indígenas en Argentina se desarrollan en escenarios complejos,

caracterizados por profundas tensiones entre organismos estatales, empresas privadas y otros actores sociales con intereses contrapuestos. La escasa implementación de los derechos indígenas reconocidos a nivel constitucional, junto con las situaciones de exclusión, al norte o al sur del país, implican que estos niños frecuentemente desarrollen actividades de subsistencia en los centros urbanos o participen en movilizaciones políticas.

Analizaremos aquí las implicancias de tal participación, que suele generar reacciones estatales -como represión policial y/o intentos de revocar la patria potestad de los padres- que ponen en tensión el discurso de los derechos humanos, y en particular de los derechos del niño, reactualizando la lógica de la minoridad como relación de dominación que involucra una cadena de evaluaciones y autoridades superpuestas (Vianna 2010: 29).

Trabajaremos a partir de dos casos distintos, relevados a través del trabajo de campo etnográfico y de registros periodísticos: a) el de los niños mapuche de la provincia del Neuquén involucrados en el movimiento social contra la contaminación generada por los emprendimientos hidrocarburíferos; y b) las actividades de subsistencia de niños mbya guaraní en la ciudad capital de la provincia de Misiones.

A partir de este análisis, nos proponemos problematizar la cuestión de los derechos humanos, abordando cómo los estados involucrados tienden a administrar los conflictos, cómo categorizan a estos particulares “otros”, y cómo a su vez ellos se apropian y participan de las disputas de sentido por definir en qué consisten tales derechos.

Palabras clave: Derechos Humanos, Niñez indígena, Neuquén, Misiones.

ACTUACIONES ESTATALES E INICIATIVAS POPULARES EN LA CIRCULACIÓN Y CRIANZA DE NIÑOS

Agustín Barna. FFyL-UBA

Doutorando

El presente trabajo es parte de mi investigación doctoral centrada en reconstruir procesos de intervención social sobre la infancia “con derechos vulnerados” en un dispositivo estatal del conurbano bonaerense en contextos de marcada desigualdad social. A través de un trabajo de campo etnográfico en un Servicio Local de Protección de Derechos de Niños, focalizo en las actuaciones de los agentes institucionales y en sus interacciones con los “beneficiarios”, que configuran la dimensión más cotidiana de la “política de protección integral de derechos de la infancia”.

En esta ponencia en particular, a partir de la reconstrucción y análisis en profundidad de una situación etnográfica, pretendo caracterizar algunas dimensiones significativas de las modalidades contemporáneas de gestión de la infancia en la era de sus derechos.

Reconstruyo aquí interacciones que, en el marco de horizontes normativos y morales que ponderan la “corresponsabilidad” y la “participación comunitaria” en la “restitución de derechos de niños”, exponen particulares imbricaciones en las que determinadas actuaciones estatales se sobreimprimen sobre un repertorio de iniciativas populares ligadas a relaciones de ayuda mutua y proximidad. De este modo, al menos en las instancias que he podido observar, prácticas sociales como la circulación de niños exponen una configuración profundamente compleja e híbrida, en la que confluyen, en grados diversos, productividad estatal e iniciativas populares; formalidad e informalidad; perdurabilidad y mutabilidad; adopción, guardas y fosterage.

Palabras clave: Derechos del niño, circulación infantil, productividad estatal, iniciativas populares.

EL CUERPO COMO TERRITORIO DE LA MIRADA COLONIAL, LAS VIOLENCIAS SEXUALES COMO VIOLENCIAS MEDIADAS

Eugenia Morey. Instituto de Ciencias Antropológicas, Universidad de Buenos Aires

Este trabajo se propone partir desde una perspectiva de Derechos Humanos, como derechos de las minorías ante el Estado. Considerando el lugar estratégico de la antropología en situaciones de vulnerabilidad y el debate al interior disciplinar en tanto acuerdo o distancia de la perspectiva en Derechos Humanos como marco. En este sentido, daremos cuenta de las tensiones presentes en la construcción de las minorías y las experiencias de las antropologías que abordan la multiplicidad de minorías cuando estas refieren a mujeres, jóvenes y pobreza en contextos interétnicos.

Desde 2004 trabajo en el Chaco Salteño con mujeres de los pueblos originarios, en contextos urbanos y rurales. La lucha por los Derechos Humanos y las demandas al Estado son una constante entre las organizaciones, sus discursos y prácticas: demandas por el reconocimiento de derechos territoriales, laborales, educativos y de igualdad de género expresan la agenda.

La complejidad del contexto interétnico tienen como actor constante a distintos profesionales con un papel fundamental en el entramado social de organizaciones sociales y en las políticas públicas. Esta complejidad requiere de una perspectiva crítica

en torno al “saber-poder” dadas las condiciones de desigualdad presentes en el territorio

y es nuestro interés resaltar a partir del seguimiento de una denuncia de abuso sexual infantil las diferentes miradas que la disciplina antropológica pone en discusión, y al

mismo tiempo se auto valida como autoridad mediadora en instancias judiciales, a veces, silenciando debates del propio movimiento de mujeres indígenas por el derecho de niñas y jóvenes sobre su cuerpo como territorio.

La metodología utilizada implicó entrevistas e historias de vida con mujeres y jóvenes, funcionarios públicos, relevamiento de material documentado en instancias gubernamentales y debates en medios públicos.

Palabras Clave: Derechos Humanos, Mujeres jóvenes, Territorios, Pueblos Originarios, Colonialidad.

A INCORPORAÇÃO DE ESTRUTURAS NORMATIVAS NA GESTÃO DA INFÂNCIA E JUVENTUDE EM SITUAÇÃO DE RUA, EM PORTO ALEGRE/RS

Helena Patini Lancellotti. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
helena.lancellotti@gmail.com

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados da pesquisa etnográfica com o Ação Rua, serviço de abordagem e acompanhamento a crianças e adolescentes em situação de rua, em Porto Alegre/RS. As diretrizes deste programa governamental dialogam com o Estatuto da Criança e do Adolescente no que diz respeito à proteção integral da infância e juventude, em que o Estado e a família são centrais na gestão desses indivíduos classificados como em desenvolvimento. O modo de atuação do programa não está centralizado apenas no indivíduo menor de idade, mas também no seu responsável e isso ocorre por meio da tentativa de construir no adulto a figura de um sujeito autônomo, responsável e organizado. O programa segue normativas (como do ECA e da OIT) no que diz respeito ao que consideram como trabalho infantil. Sendo considerada não apenas a faixa etária que delimita a idade legal para o trabalho, mas também as condições deste ofício, como as situações de periculosidade e insalubridade. Através dessas diretrizes é que configuram e classificam os casos que atendem como em “situação de rua sobrevivência”, ou seja, indivíduos vinculados ao trabalho infantil. A proposta desta comunicação é a de refletir sobre como o ECA e outras normativas informam e dispõem as tecnologias de governo voltadas para a infância e juventude de rua, principalmente no que tange à construção de práticas e técnicas de governo cotidianas, produção de categorias sobre situação de rua e na produção dos sujeitos alvos desta ação governamental.

Palavras-chave: Crianças e adolescentes em situação de rua; Tecnologias de governo; Infância e juventude em situação de rua.

Sesión 2: Novos sujeitos de luta e a gramática dos Direitos Humanos

“SE A GENTE SE ISOLAR, TUDO FICA MAIS DIFÍCIL”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE MOBILIZAÇÕES DE FAMILIARES DE AUTISTAS NO RIO DE JANEIRO (BRASIL)

Fernanda Nunes. PPGSA/IFCS/UFRJ

O período entre 2009 e 2012 foi considerado um marco na história das pessoas com autismo no Brasil, devido à sanção da Lei Federal no 12.764/2012, que reconheceu os autistas, para todos os efeitos legais, como pessoas com deficiência. A legislação é fruto do reconhecimento público de manifestações de pais e familiares, em um contexto de posituação do termo deficiência como instrumento político-identitário da “luta por direitos”. Este trabalho aborda as principais estratégias de visibilidade adotadas por movimentos de familiares de autistas no Estado do Rio de Janeiro. Pretende-se responder, assim, aos seguintes quesitos: a) quais processos e motivações permitem que uma questão privada (ter um filho autista) se transforme em uma questão pública? b) quais são e de que forma os artifícios utilizados em nome de demandas “pró-autistas” atuam na construção de políticas públicas voltadas ao segmento?

O trabalho deriva da pesquisa de mestrado, defendida em março de 2014, acerca da atuação política de familiares de autistas no Estado do Rio de Janeiro. A metodologia envolveu entrevistas com informantes qualificados e observação participante em eventos públicos, mobilizações e passeatas organizados por três grupos de pais de autistas. Parte dos dados mostrou que suas reivindicações se concentram, sobretudo, no campo da saúde, sendo a internet e as “parcerias” (principalmente por meio do apoio de figuras políticas) ferramentas imprescindíveis nas trajetórias de “luta” por direitos e por reconhecimento.

Palavras-chave: atuação política; autismo; deficiência; direitos; saúde.

OS MÚLTIPLOS ‘SUJEITOS DE DIREITOS’ DO AUTISMO

Clarice Monteiro Machado Rios. Pós-doutoranda no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Se por um lado a difusão da linguagem de direitos humanos vem promovendo ideais de igualdade e equidade entre indivíduos, os contextos específicos em que esses direitos são evocados produzem efeitos de subjetivação diversos. A retórica dos direitos humanos pode ser utilizada com o intuito de beneficiar e proteger um mesmo grupo de indivíduos, e ainda assim engendrar subjetividades bastante distintas. No contexto da Reforma Psiquiátria e da luta anti-manicomial, a linguagem dos direitos humanos vem sendo utilizada na luta por direitos civis e políticos de pacientes psiquiátricos, entre eles

também pacientes autistas, em função dos abusos sofridos durante internações psiquiátricas. Os pais envolvidos na luta pelos direitos dos autistas por sua vez, também

evocam os direitos humanos, em especial o direito à saúde, na luta por tratamento especializado. O presente trabalho toma esses usos distintos da retórica dos direitos humanos como ponto de partida para refletir sobre os tipos de sujeito implicados nesses diferentes usos, utilizando dados coletados através de trabalho de campo e de pesquisa na mídia impressa. Observou-se que a crescente demanda pelo direito à tratamento especializado para autistas na rede pública não é sempre acompanhada por uma discussão sobre os limites éticos de determinadas intervenções, limitando portanto o potencial libertador dos direitos humanos. Por sua vez, os ideais de autonomia e liberdade do sujeito da Reforma Psiquiátrica também não contemplam totalmente as limitações emancipatórias inerentes às condições como o autismo, e os desafios que estas colocam no sentido do cultivo de uma ética do cuidado.

Palavras chave: autismo, direitos humanos, ativismo em saúde.

O MOVIMENTO SOCIAL DOS SURDOS BRASILEIROS E A IMPLEMENTAÇÃO DO EXAME PROLIBRAS

Maria Izabel dos Santos Garcia. Doutora/UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) Profa Adjunta/UFF (Universidade Federal Fluminense)

Acreditamos que os surdos ainda têm muito a nos dizer sobre suas práticas, sua modalidade de língua, suas crenças, valores e formas de organização. A partir de recortes etnográficos, esse trabalho pretende apresentar um pouco do “mundo próprio” desse grupo social, dando ênfase às questões linguístico-antropológicas que produzem novos processos de subjetivações. Tais questões são atravessadas pelo emprego das ideias de uma identidade/cultura/“povo surdo” como marca de um território que pretende – a partir da diferença dada principalmente pelo uso da língua de sinais – alcançar a acessibilidade aos bens culturais de uma sociedade em caráter de equidade. O mote principal foi o entendimento de como as redes de socialidade – a partir de associações, escolas e instituições de pesquisa – impuseram uma nova visibilidade da surdez/surdos, instituindo e gerando novas palavras de ordem em meio à luta dos surdos

brasileiros, movimento social que emergiu com força no final dos anos 90 e culminou com a oficialização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como língua oficial do surdo brasileiro, a partir da Lei 10.436/2002 e do Decreto 5.626/2005. Tal fato gerou a determinação pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) de tornar o PROLIBRAS – Exame de Proficiência em LIBRAS – o principal dispositivo para certificar docentes e tradutores/intérpretes de LIBRAS-Português em todo território nacional, de acordo com a Portaria Normativa nº 29, de 20 de julho de 2007. A mesma é consequência da nova legislação, bem como do Artigo 18 da Lei 10.098 de 2000 – que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da LIBRAS nos cursos de formação de professores, tanto em nível médio como superior, de instituições públicas e privadas, em âmbito nacional. Vale ressaltar que a língua de sinais faz parte de uma modalidade linguística na qual o aspecto viso-espacial (ou gesto-visual) é o que a diferencia da modalidade áudio-oral – sistema apoiado na fala articulada. Muitos linguistas têm comprovado que as línguas de sinais, como qualquer outro sistema linguístico, diferem entre si e apresentam muitas variações dialetais. Reside aí, em parte, a importância do PROLIBRAS, ficando toda a sua logística de realização a cargo de profissionais/pesquisadores surdos e ouvintes, com comprovada experiência na área, seja como representantes de instituições educacionais – caso do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) – ou de luta pelos direitos dos surdos – caso da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos). Mas, a despeito da obrigatoriedade do PROLIBRAS, o mesmo não resolve a questão da adequada formação de profissionais na área, haja vista a dificuldade de inserir em caráter de equidade os surdos no sistema educacional brasileiro. Ainda assim, o mesmo se apresentou – ao longo de suas oito edições de um total de dez autorizadas pelo MEC – como um importante dispositivo na luta das comunidades de surdos brasileiras no que tange ao direito – essencialmente humano – de usar sua língua natural: a língua de sinais.

Palavras-Chave: Surdos, Movimento Social, LIBRAS, PROLIBRAS.

DESAFIOS DA PRIMEIRA PESSOA: ALGUMAS NOTAS SOBRE “DEFICIÊNCIA INTELECTUAL” E DINÂMICAS DE REPRESENTAÇÃO

Pedro Lopes. Doutorando em Antropologia Social | Universidade de São Paulo.
Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença
(NUMAS/USP)

Nos anos 1980, consolidou-se em nível nacional no Brasil um movimento de “pessoas com deficiência”, embora sua unificação em uma entidade federada nunca tenha se efetivado. As organizações para “pessoas com deficiência intelectual” estiveram à margem desse processo em função da ausência das próprias pessoas assim marcadas no embate político. A partir dos anos 2000, esse cenário passa a se alterar, e tem-se uma

crescente visibilidade e autorrepresentação de “pessoas com deficiência intelectual”. Nesse processo, as possibilidades de enunciação em primeira pessoa são postas à prova, num contexto no qual a integridade cognitiva dos sujeitos coloca-se sob suspeição. Objetivando discutir o cenário contemporâneo no qual começam a emergir novas vozes de sujeitos com “deficiência intelectual”, apresento algumas notas acerca dos novos e velhos dilemas que esse contexto parece enfrentar, a partir de um olhar para sua articulação em termos dos chamados marcadores sociais da diferença. Para tanto, mobilizo a pesquisa de campo que realizei no mestrado junto a uma empresa de lazer em São Paulo que atende um público, como se dizia naquele contexto, de “pessoas especiais”. Os dados já sistematizados do mestrado, então, são cotejados com a pesquisa que começo a desenvolver neste ano sobre o movimento de autodefensoria no Brasil, bem como outras novidades que têm pontuado o campo da “deficiência intelectual”, como a discussão sobre tecnologias e práticas de acessibilidade.

Palavras-chave: Deficiência; Deficiência Intelectual; Antropologia; Marcadores Sociais da Diferença.

O SER OU NÃO SER “HUMANO”, JUSTIÇA E DIREITOS: REFLEXÕES A PARTIR DA SITUAÇÃO DOS KAIOWA E DOS GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL-BRASIL

Alexandra Barbosa Da Silva. Programa de Pós Graduação em Antropologia/Universidade Federal da Paraíba-Brasil

Esquece-se muitas vezes que pensar em direitos humanos é pensar em direitos do que é considerado humano. Em Mato Grosso do Sul, afora os interesses econômicos e a visão de mundo dominantes, a noção de “humanidade” e as diferenças que esta coloca são uma tônica na relação entre indígenas e não indígenas. Os preconceitos de povoadores forasteiros, baseados na convicção de uma inferioridade dos indígenas torna a análise do discurso sobre o que é ser “humano” e das práticas que lhe são decorrentes um a priori para o entendimento. Focando a situação dos Kaiowa e dos Guarani, percebe-se desde a manifestação de estereótipos negativos (estigmas) até práticas com vistas à instauração do terror como meio de gerenciamento das relações (assassinatos, espancamentos, etc.).

Deste modo, em se pensando na resolução destas violações ali reinantes de direitos territoriais e da dignidade humana destes (entre outros) povos indígenas acavalam-se três fatores determinantes, constatados empiricamente: 1) a visão desenvolvimentista do atual Governo, para a qual a questão indígena constitui um problema, 2) os interesses locais do agronegócio, e 3) um entendimento também local de que essa classe de seres viventes, os índios, não é digna de ser considerada para o que é a existência humana.

Estando estes dois últimos fatores relacionados, ao toma-los para análise, o intento da presente comunicação é o de discutir o alcance propriamente político de noções e conceitos tais como “humanidade”, etnocentrismo, racismo e terror, na sua correlação

com a percepção sobre justiça e direitos.

Palavras-chave: Humanidade, indígenas Kaiowa e Guarani, direitos, justiça.

Sesión 3: Eixo famílias, operadores estatais políticas de moradia-reasentamento

DEL DERECHO A LA HOSPITALIDAD: EL PLAN DE REASENTAMIENTO EN URUGUAY DE FAMILIAS SIRIAS REFUGIADAS EN EL LÍBANO

Natalia Montealegre

Pilar Uriarte

Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UDELAR Dpto. Antropología social - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UDELAR

La ponencia analiza la forma en que diversas concepciones de derechos son puestas en juego en torno a la puesta en marcha de un plan pionero de reasentamiento de familias sirias al Uruguay, a partir de la crisis humanitaria producida por el conflicto bélico en la Región.

Nos interesa abordar las ideas puestas en juego por parte los agentes estatales, actores de la sociedad civil organizada y medios de comunicación, referidas a la sociedad uruguaya, sus valores y tradiciones en relación con las víctimas del desastre humanitario en Siria a lo largo del proceso de elaboración y puesta en práctica del plan de reasentamiento. Estas ideas se vinculan de formas directa y por momentos contradictoria con las concepciones de derechos humanos que respaldan las políticas de ACNUR en la materia.

Buscamos comprender cómo algunas nociones previamente construidas, que refieren “a la forma de ser de los uruguayos” impactaron directamente sobre la experiencia y de forma determinante en las posibilidades reales de integración de estas familias.

Palabras clave: Refugio, Sirios en Uruguay, Derechos Humanos.

POLÍTICAS SOCIAIS PARA FAMÍLIA EM MATINHOS/PR: PERCURSOS DA CIDADANIA NA INTERAÇÃO ENTRE OPERADORES E BENEFICIÁRIOS

Ilda Janete Steimetz Costa. Mestranda em Desenvolvimento Territorial Sustentável (UFPR); ildajscosta@gmail.com.

Marisete T. Hoffmann- Horochovski. Professora do curso de Gestão Pública e do Programa de Desenvolvimento Territorial Sustentável (UFPR); marisetehh@gmail.com.

Este trabalho resulta de um estudo de mestrado em andamento, voltado a compreender sentidos das políticas sociais destinadas a famílias pobres na cidade de Matinhos/PR.

Parte-se da ideia de que tais sentidos constroem-se também na interação entre beneficiários e as instituições e agentes operadores destas políticas. Acredita-se que abordagens dispostas a investigar como são mediadas, negociadas e significadas as experiências de interação de beneficiários com as políticas, podem contribuir para pensar a participação democrática para além dos espaços e formas institucionais de representação, expressão e controle sociais.

Palavras-chave: cidadania; família; políticas sociais.

FAMÍLIAS TRABALHADORAS E HABITAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE COOPERATIVISMO E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Michelle Lima Domingues Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF) Departamento de Ciências Humanas (PCH) Instituto do

Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES) Núcleo de Estudos e Pesquisas Saberes, Conflitos e

Territórios – Necter

O trabalho retrata a importância que a demanda pela casa própria adquire para um grupo de famílias trabalhadoras como valor não apenas econômico, mas sobretudo simbólico e enquanto propulsora de outras demandas sociais no espaço urbano. É produto de trabalho de pesquisa etnográfica que retrata uma trajetória de acompanhamento das atividades de organização coletiva do conjunto de 37 famílias que se constituíram em

uma cooperativa habitacional, a Cooperativa Habitacional e Mista Ipiúba, localizada no bairro de mesmo nome no município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. O cooperativismo, proposto aos núcleos familiares através da intervenção articulada de uma instituição religiosa, de uma organização não governamental e de um movimento por moradia popular, articula uma nova forma de organização social, política e econômica da sociedade investindo na atualização de valores acumulados na história das classes trabalhadoras, como o valor da reciprocidade e da mobilização da rede de parentesco e sociabilidade. Nesta proposta, que se atualiza com o investimento de novas famílias em novo projeto habitacional governamental, as mulheres, em suas relações sociais tradicionais e de mobilização comunitária, são entendidas como propulsoras potenciais da manutenção do valor social da casa, bem como dos princípios do cooperativismo como a ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade.

Palavras-chave: habitação, cooperativismo, família de trabalhadores (as), rede de sociabilidade, mobilização comunitária.

PARTICIPAÇÃO SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL

Lara Regitz Montenegro. Bacharel em Geografia (USP), Especialista em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais (UFMG); lara.rmontenegro@gmail.com

Binô Mauirá Zwetsch. Cientista Social (UFRGS), Especialista em Saúde Mental Coletiva (UFRGS); binopaz@gmail.com

Este trabalho apresenta a sistematização dos resultados de levantamentos realizados entre 2013 e 2014 com representantes de comitês municipais e estaduais de acompanhamento e monitoramento das políticas para população em situação de rua no Brasil. Os levantamentos foram desenvolvidos por meio da aplicação de questionários junto a um representante do poder público e um da sociedade civil de cada comitê, a partir de trabalho realizado pelos autores junto à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Com base na análise desse material, apresentamos uma reflexão sobre as dinâmicas de funcionamento, dificuldades e conquistas registradas pelos referidos comitês, abordagem que se insere no âmbito da discussão teóricometodológica acerca da efetividade de instituições participativas.

Com a assinatura do Decreto Presidencial nº 7.053/09, foi criada a Política Nacional para a População em Situação de Rua e instituído seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento. Essa iniciativa impulsionou a criação de comitês locais, chamados Comitês Pop Pua, que vêm se consolidando em municípios e estados e que incorporam a participação da sociedade civil. Até dezembro de 2014, havia 24

comitês legalmente criados, mas nem todos efetivamente implantados. O levantamento apontou que o desenho institucional, o estágio das discussões e as dinâmicas de participação são muito diversos. No tocante à avaliação da efetividade dos comitês, discutimos sobre as potencialidades, problemas e limitações intrínsecos às dinâmicas internas do processo participativo (fatores endógenos) e sobre aspectos relacionados à estrutura da administração pública e às convicções políticas dos gestores (fatores exógenos).

Palavras chave: população em situação de rua; instituições participativas; políticas públicas; participação social; avaliação.

Sesión 4: Eixo violações de direitos, ação, e possibilidades de enunciação

VIGIAR, DEFENDER E LUTAR: SOBRE DIREITOS E INTERVENÇÃO NAS MARGENS DO ESTADO

Tiago Lemões Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Em 2014, na ocasião de um seminário realizado pela câmara dos vereadores e destinado à discussão da Segurança pública em tempos de Copa do Mundo, um homem de 35 anos e “morador de rua” denunciou publicamente as sessões de tortura perpetrada por policiais militares em uma madrugada qualquer nas ruas de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Essa enunciação discursiva da violência estatal, desvelada na presença de um comandante militar e outras autoridades, abriu as portas para o ingresso do denunciante em programa federal de proteção aos defensores dos direitos humanos, implicando no seu afastamento provisório da cidade. Os relatos que expuseram as constantes agressões policiais naquele seminário, por conseguinte, desencadearam a constituição da Patrulha dos Direitos Humanos, composta por vereadores, advogados, promotores públicos e estudantes universitários, que percorreu as ruas da cidade para “coletar” denúncias de violência policial. Esse patrulhamento noturno implicou tanto em eventos performatizados da ação pública estatal (operações mediatizadas onde os agentes encarnam os papéis que representam) quanto em ações interventivas de encaminhamentos institucionais para a população em situação de rua. Partindo da descrição etnográfica destes dois eventos que se desenrolam pela via da “garantia e defesa dos direitos”, este paper conforma um esforço de reflexão sobre as práticas do Estado nas suas margens, em atenção às formas como os agentes estabelecem graus de tolerância, classificam sujeitos na dimensão moral de suas prescrições e, mobilizando a retórica dos direitos, potencializam práticas de gestão da pobreza urbana, evidenciando os múltiplos interesses e moralidades em jogo.

Palavras-chave: margens, práticas estatais, direitos e moralidades.

SEXO OU ESTUPRO? “NOVAS” FORMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA VIDA UNIVERSITÁRIA

Heloisa Buarque de Almeida. Universidade de São Paulo (Profa. do Departamento de Antropologia)

O trabalho reflete sobre uma mudança de sensibilidade em termos das formas de classificar socialmente certas práticas naturalizadas na sociabilidade universitária que se tornaram um escândalo público em 2014 através da CPI dos trotes universitários na Assembleia Legislativa do estado de São Paulo. O trabalho se debruça sobre trotes, abusos sexuais em festas e mesmo assédio sexual entre professor e aluna que foram objeto da CPI, ou foram relatados por estudantes universitários. Busca-se aqui refletir sobre uma percepção de que certas práticas naturalizadas ou mesmo institucionalizadas (como o trote) passam a ser reconhecidas e denunciadas como violência, através de categorias como abuso, assédio, estupro. Nestes casos, tem se nomeado como estupro relações sexuais não consentidas que antes eram qualificadas de outras formas; a antiga "paquera" entre professor e aluna tem sido vista como assédio; piadas consideradas hoje sexistas, homofóbicas e racistas passam a ser nomeadas como assédio ou violência simbólica na sala de aula. Nota-se que o contato com a bibliografia feminista e a presença de coletivos feministas e LGBT tem promovido o reconhecimento de certas práticas como violência e violação de direitos, exigindo que se reflita sobre os padrões de interação, a noção de consentimento, e reconhecendo que a violência interpessoal está presente mesmo nos estratos com alto nível de instrução. Nota-se que questões de gênero e sexualidade são centrais nesse processo, que resgata noções de Direitos Humanos, ou mesmo direitos sexuais, exigindo que as universidades revejam seus regimentos, estruturas de apuração, e formas de acolhimento.

Palavras chave – gênero, violência, direitos, reconhecimento.

DIREITO AO RECONHECIMENTO OU RECONHECIMENTO DE DIREITO? DIREITOS HUMANOS E SENTIDOS DE JUSTIÇA EM DISPUTA NO STF

Andressa Lídiccy Moraes Lima. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Luís Roberto Cardoso de Oliveira.

O objetivo desta comunicação é apresentar a discussão inicial que venho desenvolvendo em pesquisa de doutoramento, onde abordo o que chamo de judicialização das lutas por reconhecimento dos novos movimentos sociais no Brasil. A partir disso, volto meu

olhar para o ano de 2009, quando Supremo Tribunal Federal foi acionado pelo Partido Democratas (DEM) para arbitrar sobre a constitucionalidade ou não da reserva de vagas por sistema de cotas raciais adotadas pela Universidade de Brasília (UnB) através do pedido de Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 186).

Considerando esse caso como um exemplo empírico de judicialização da luta por reconhecimento, isto é, lutar pela emancipação por meio das próprias categorias jurídicas, procuro fazer uma descrição e análise dos diferentes sentidos de justiça em conflito no domínio prático do STF. Nesse momento de pesquisa, observo como as disputas políticas são levadas ao interior do judiciário e em que medida se diversificam e se atualizam ao longo das interações estabelecidas entre seus agentes. Para tanto, procuro articular o que nomeio de “sentidos de reconhecimento” e “contextos de judicialização”, quando acionados pelos agentes em diferentes momentos. Não por último, a força heurística está em saber quais transformações possibilitam a renovação contínua da nossa gramática institucional de direitos, posto que pode ampliar e atualizar os sentidos de bem comum e dignidade que compõem a gramática moral dos direitos humanos.

Palavras-Chave: Antropologia da Moral; Judicialização; Lutas por Reconhecimento; Cotas Raciais; Direitos Humanos.

“DIZER HOMICÍDIO NÃO É O MESMO QUE DIZER HOMICIDA”: DISPUTAS POLÍTICAS E GRAMÁTICAS NO CAMPO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

Juliana Farias (PPCIS/Uerj)

Este paper apresenta algumas das reflexões que compõem a tese “Governo de Morte: Uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro”, construída a partir de uma experiência de pesquisa junto a coletivos políticos protagonizados por familiares de vítimas de violência institucional, entendendo seus enfrentamentos, demandas, dores e conquistas enquanto orientação primeira para a conformação do olhar sobre forças de estado que produzem legitimidade e legalidade para mortes completamente ilegítimas.

Para o recorte do presente trabalho, foi priorizada a descrição analítica de uma reunião do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH) da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), realizada em Brasília no ano de 2012, para a aprovação da resolução que recomenda o fim da utilização dos registros “auto de resistência” e “resistência seguida de morte” em todas as unidades federativas

do Brasil.

Tal reunião é compreendida como uma situação de pesquisa privilegiada para refletirmos sobre o acionamento de repertórios argumentativos inerentes a um campo político circunscrito à defesa dos direitos humanos no país, no qual as disputas travadas envolvem representantes da “sociedade civil” e do poder público. Às disputas por “morte” ou “homicídio” no texto da resolução recomendatória do CDDPH, somaram-se discussões sobre conjunções, eufemismos, vieses e melindres – detalhes ao mesmo tempo gramaticais e políticos nesse debate público sobre um enquadramento que, desde o período ditatorial no Brasil, habita o conjunto de recursos acionáveis dentro da engrenagem de gestão das mortes dos moradores de favelas.

Palavras-chave: Violência institucional, auto de resistência, direitos humanos, favelas, estado.

Sesión 5: Eixo direitos, políticas públicas e gênero

MORTALIDAD MATERNA, MOVIMIENTO DE MUJERES NEGRAS Y DERECHOS HUMANOS EN BRASIL: UNA MIRADA ANTROPOLÓGICA

Laura Cecilia López. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

A partir de un caso de muerte materna de una mujer negra ocurrido en 2002 en el estado de Rio de Janeiro por falta de atención adecuada en la red pública de salud realizaré una

serie de reflexiones. Este caso fue denunciado por organizaciones de mujeres negras al Comité para la Eliminación de todas las Formas de Discriminación contra la Mujer (Cedaw) de las Naciones Unidas, siendo el primer caso de mortalidad materna que este Comité recibió. El Estado brasileño fue condenado por negligencia y por fallar en la protección de los derechos humanos de esa mujer. Como sanción, el Comité determinó una reparación a la familia y la implementación de recomendaciones para la disminución de las muertes maternas por causas evitables. Por otra parte, el movimiento de mujeres negras enfatizó en su denuncia las articulaciones de raza y género para entender este caso como ejemplo de racismo institucional. Propongo analizar los efectos de este caso en la esfera pública brasileña al colocar a la mortalidad materna como pauta de movimientos sociales, de políticas públicas y de discusiones sobre derechos humanos, considerando las articulaciones entre diferentes actores sociales y las nociones en

disputa de cuerpo, salud y derechos.

Palabras claves: mortalidad materna; movimiento de mujeres negras; derechos humanos; articulaciones de raza y género.

EL ROL DE LA MATERNIDAD EN LA REGULACIÓN ESTATAL DE MUJERES JÓVENES “EN RIESGO”

Marina Medan. Centro de Estudios en Desigualdades, Sujetos e Instituciones
Universidad Nacional de San Martín / Consejo Nacional de Investigaciones Científicas
y Técnicas – Argentina

La ponencia dialoga con las discusiones sobre el rol del Estado y las políticas sociales en la configuración de género y la regulación de la autonomía de las mujeres pobres.

Concretamente, analiza cómo se desarrolla este proceso en un programa de prevención del delito que, al enfocar en una práctica asumida como masculina, no pensó a las mujeres como beneficiarias. La definición del riesgo que manejan estos programas respecto de las mujeres jóvenes conlleva a reconocerlas susceptibles de protección en tanto “madres solas”, obturando ciertas dimensiones de sus vidas, especialmente relacionadas con su posición de género y edad. Indagar cómo este mensaje -que asocia riesgo, delito, feminidad, masculinidad y reproducción- se vincula con la ampliación o restricción de autonomía, requiere considerar cómo las personas beneficiarias lo reciben. Para ello expongo algunas experiencias de beneficiarias e identifico aquellas posiciones por las que son protegidas por el Estado, y otras que, en cambio, son deslegitimadas. No obstante este último proceso, es posible advertir, en el seno de estas paradójicas formas móviles que adopta la regulación estatal, los usos y apropiaciones que las mujeres jóvenes pobres hacen de los márgenes de maniobra de los que disponen dentro de las políticas sociales.

Los datos surgen de una investigación cualitativa sobre los modos de regular a la juventud “en riesgo” mediante programas de prevención social del delito, en Buenos Aires, entre 2007 y 2012. El material analizado incluye entrevistas en profundidad y observación participante a instancias de implementación de los programas.

Palabras clave: políticas sociales, juventud, maternidad, delito, riesgo, autonomía.

AMI Ê PAI”: PEDAGOGIAS DO CUIDADO EM CABO VERDE

Cabo Verde vem se apresentando, tanto na bibliografia acadêmica quanto para as instituições estatais, como uma sociedade marcada pela família matrifocal e, em termos de relações de gênero, como patriarcal. Estas duas dimensões vem sendo problematizadas, no âmbito das práticas estatais, especialmente a partir de 1991, desde um processo de democratização das instituições políticas. Foram criadas instituições voltadas à equidade de gênero, normativas, políticas e serviços para a garantia de direitos.

A partir de uma pesquisa sobre o processo de construção de políticas públicas de gênero, com ênfase para a violência de gênero, identifiquei o predomínio de um discurso social que vem apostando na mudança de valores, focalizando, essencialmente, a figura masculina e o desempenho das paternidades. Este texto apresenta uma análise desta última dimensão, problematizando o modo como os homens ingressam em políticas amparadas na lógica do cuidado. O argumento será desenvolvido a partir de dados etnográficos da pesquisa em desenvolvimento na Casa do Direito de Terra Branca/Praia (Ministério da Justiça), de etnografias de eventos (mês da família e dia dos pais) e de campanhas de valorização da paternidade, como a campanha “Ami é pai” (2013), realizada pela Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania e a Rede Laço Branco Cabo Verde.

Palavras-chave: Paternidades, Famílias, Gênero, Cabo Verde.

“PATERNIDADE RESPONSÁVEL COMEÇA PELO REGISTRO”: DISCUTINDO A PROMOÇÃO DA FILIAÇÃO NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA EM MACEIÓ, ALAGOAS

Ranna Mirthes Sousa Correa. Mestrado PPGAS - DAN/UnB

Com o objetivo de reduzir o número de registros sem o nome do pai, O Tribunal de Justiça de Alagoas por meio da resolução nº36/2008 prevê a criação do Registro Integral e do NPF, que é um órgão centralizador das averiguações de paternidade encaminhadas pelos oficiais de registro civil. O espaço tem o objetivo de desburocratizar o acesso ao direito à filiação e de solucionar os casos sem a necessidade de um processo judicial, funcionando em etapa de conciliação. Existem três entradas no NPF: a indicação dos cartórios, os mutirões em escolas e a demanda espontânea de mães ou adultos que busquem o reconhecimento de paternidade. Neste sentido o objetivo deste trabalho consiste em, a partir da experiência do NPF, constatar as representações de funcionárias do Núcleo e as mães sobre a importância dos

documentos bem como a visão sobre a importância de um pai na família. A parceria bem como o Convênio de Cooperação Técnica com a UNICEF para a capacitação da equipe, apoio ao planejamento e monitoramento das ações é interessante para analisar alguns estudos de desenvolvimento de uma ideologia de valores modernos e sua circulação, que giram em torno não somente da família, mas também da criança e de seu direito de conhecimento a suas origens. Para isso, a metodologia consiste na análise de entrevistas tanto com os funcionários quanto com as mães, análise do material de divulgação e campanhas, bem como o acompanhamento da rotina de trabalho e a interação com os agentes parceiros da UNICEF.

Palavras-chave: paternidade, registro civil, justiça, documentos, UNICEF.

“LA CARNICERÍA DE MÉDICOS Y HOSPITALES: UNA ETNOGRAFÍA VIRTUAL SOBRE LOS ESCRACHES Y RESISTENCIAS EN EL PARTO HUMANIZADO”

Macarena Blázquez. Lic. En Antropología. Facultad de Filosofía y Humanidades.
Universidad Nacional de Córdoba.

En el presente trabajo me propongo describir de manera densa las prácticas virtuales del colectivo Mujeres por un Parto Humanizado (MPH) de la ciudad de Córdoba, entendidas como escraches a profesionales de la salud e instituciones hospitalarias (tanto a nivel privado como público) que realizan ‘partos no respetados’, ‘partos no humanizados’, partos y asistencias a madres-parturientas ‘violentadas’. A su vez, entiendo estos escraches como prácticas de resistencia ante el incumplimiento de la Ley Nacional 25.929, sobre Derechos de Padres e Hijos durante el Proceso de Nacimiento, sancionada en el año 2004, pero no reglamentada en la actualidad en Córdoba. Esta ponencia se enmarca en una investigación más amplia, en la cual me interesa analizar y comprender los sentidos que le otorgan las parturientas y madres, que componen el colectivo MPH, alrededor de la (no) elección del acompañamiento y atención del pre-parto y crianza, llevadas a cabo por los profesionales de la salud y las instituciones que los albergan.

Propongo de este modo describir procesos de subjetivación y sujeción que se gestan en este contexto, y analizar cómo en la representación construida sobre las “malas prácticas” obstétricas podemos percibir los sentidos de las “buenas prácticas” médicas, relativas a lo que se ha denominado como “Parto Humanizado”. He aquí la carnicería de médicos y hospitales.

Palabras clave: Escraches - Resistencias- Parto humanizado- sistema médico.

GT 22 FALAS ETNOGRÁFICAS. NARRATIVAS E POLÍTICAS DA EXPRESSÃO ENTRE GRUPOS TRADICIONAIS

Coordenadores:

Simone Silva (Professora Adjunta, UFF). Evandro Bonfim (Museu Nacional/UFRJ); evandrobonfim@hotmail.com. Lucía Tennina (UBA-CONICET)

Sessão I

CICLO DO PENSAMENTO INDÍGENA: TECIMENTO E CONFIGURAÇÃO

João Rivelino Rezende Barreto (doutorando em antropologia social – Universidade Federal de Santa Catarina/SC/Brasil); yupuribubera@gmail.com

O tecimento do pensamento tukano no âmbito das “figuras” e “conceitos” é um desafio constante na medida em que se corre risco em querer generalizar a partir de uma ideia. Isso, porque, se constitui de uma variação da variação. Assim, seja *kumu* (*benzedor*), seja *yai* (*pajé*), seja *bayá* (músico) estabelecem seu próprio tecimento de pensamento ao mesmo tempo em que se trate de uma mesma coisa. De forma que, essa variação, é muito mais questão étnica pela particularidade variante. Assim, o tecimento do pensamento de um tukano varia em relação a um *tuyuka*, seja isso do ponto de vista de um pensar, bem como do ponto de vista de uma linguagem. Nesse ensaio, apresento alguns termos que podem ser as chaves de leitura acerca do tecimento do pensamento tukano. Vale ressaltar que não se trata de uma visão geral, mas sim de um ponto de vista tukano, especificamente de uma versão apresentada por um *kumu* tukano, o senhor Luciano Barreto. Além disso, em certo momento, parece que tudo se inicia para o tecimento do pensamento tukano a partir do viés de acessibilidade com o qual a pessoa poder tecer, seja a partir de *kumuáse*, *yayáse*, *bayáse*, *ukunse* ou *khítí*. Essa dinamicidade possibilita a entender que há uma circulação constante desses termos. Ao mesmo tempo, parece que não há um desvinculo de um termo para outro, pois, está em constante conexão a partir do momento em que entra em circulação viabilizada pelo discurso, uma dança, benzimento, um ritual, um conto, uma viagem espiritual. Passemos então para cada termo.

Palabras claves: *tÁ«onhase*; *úkunse*; *khirtí*.

LEMBRAR, ESCREVER, COMPARTILHAR. MEMÓRIAS E NARRATIVAS

INDÍGENAS NUM EXERCÍCIO DE ETNOGRAFIA COMPARTILHADA

Jamerson Bezerra Lucena , Ruth Henrique da Silva , Estêvão Martins Palitot (UFPB) e Maria das Neves Santana (Povo Potiguara); jamerson_lucena32hotmail.com

Na antropologia contemporânea muita atenção tem sido dada aos estilos de escrita e às formas de narrar o encontro etnográfico. Alguns trabalhos pioneiros tem se aventurado em distintas formas de representação da dialogia e da polifonia em campo. Porém, esses exercícios não tem se alargado nos meios de formação de antropólogos e poucos são os projetos compartilhados de escrita etnográfica. Nossa proposta é a de um exercício que vem se realizando na construção de uma pesquisa sobre indígenas vivendo na região metropolitana de João Pessoa/PB. Neste encontro etnográfico temos contado com a colaboração de Dona Maria das Neves Santana e de seu filho Daniel Santana. Dona Neves é indígena Potiguara que vive há mais de trinta anos na cidade de Bayeux/PB. Pertencente à uma família de lideranças indígenas, tem um trânsito intenso entre os contextos da aldeia e da cidade, acumulando experiências e tornando-se uma excelente narradora. Seu filho Daniel é graduado e mestrando em história pela UFPB, e foi através dele que conhecemos Dona Neves. Através desse encontro nos deparamos com uma senhora que possui uma memória narrativa riquíssima e que pontua de forma magistral a sua trajetória de vida da aldeia até a cidade. Tal fato despertou o interesse de avançarmos na construção de uma etnografia compartilhada, tendo como guia as narrativas de Dona Neves e os processos de descoberta e reconhecimento que suas histórias proporcionam. Nossa comunicação pretende evidenciar as questões metodológicas que envolvem a realização dessa empreitada compartilhada.

Palavras-chaves: Memória social. Povo indígena Potiguara. Pertencimento étnico. Redes sociais de parentesco.

“ARTE VERBAL E INTERCULTURALIDAD. DIÁLOGOS DISCIPLINARIOS Y DISCUSIONES METODOLÓGICAS”

Fernando Fishman (UBA/CONICET); ffischman@sinectis.com.ar

En este trabajo abordo algunas de las preguntas planteadas en la propuesta del GT. Específicamente aquellas referidas al lugar de la palabra en la sociedad estudiada y a los límites en la representación del “otro”. Con el objetivo de dialogar con dichos interrogantes focalizo en la recuperación de las formas creativas del habla como una manera de acceder al conocimiento de lo social y en las implicancias para el trabajo

antropológico de un abordaje que tome en cuenta las dimensiones contextuales del habla poética. De ese modo, hago un recorrido crítico por investigaciones que he llevado a cabo desde fines de la década de 1980 acerca del uso de formas de arte verbal en numerosos procesos socioculturales, entre ellos el de construcción de identidades étnicas, el de elaboración de memoria social y el de transmisión de conocimientos en contextos pedagógicos. El propósito de dicho itinerario es plantear reflexiones surgidas a partir de las conclusiones de las investigaciones realizadas en más de dos décadas de trabajo y vincularlas con las que estoy llevando a cabo en la actualidad sobre relaciones interculturales en contextos transnacionales, para discutir las maneras en que formas de habla poética operan en procesos de articulación entre colectivos sociales diversos.

Palabras clave: arte verbal, interculturalidad, habla poética, alteridad

ORIXÁS EM LIBRAS: ELEMENTOS NÃO SONOROS DA ORALIDADE EM RELIGIÕES AFRO BRASILEIRAS

Evandro Bonfim (Museu Nacional/UFRJ); evandrobonfim@hotmail.com

A prática das religiões afro-brasileiras reserva grande importância às experiências auditivas, visto que cantos, instrumentos musicais e conversas com os sacerdotes são elementos importantes do aprendizado religioso. No entanto, nestas comunidades de oralidade se encontram adeptos surdos, que se beneficiam da mesma transmissão de conhecimento através de outras modalidades de "fala", que lançam mão de elementos como "ritmo" e "iconicidade" para se realizar. O objetivo da comunicação é apresentar estas outras dimensões da oralidade através do recém-criado vocabulário de termos das religiões afro-brasileiras para a Língua Brasileira de Sinais, onde a expressão dos orixás se dá através de marcas não sonoras reconhecíveis igualmente por falantes do Português.

ME CHAMAM DE CABO TOCO: NARRATIVAS DE DONA OLMIRA, A PRIMEIRA MULHER RIO-GRANDENSE A ASSUMIR FARDA MILITAR

Renata Colbeich da Silva (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria); renatacolbeich@hotmail.com

Nascida em 18 de junho de 1902 em Caçapava do Sul – RS (Brasil), Olmira Leal de

Oliveira, popularmente conhecida como Cabo Toco, foi a primeira mulher gaúcha a ostentar a farda da Brigada Militar. Recrutada aos 21 anos de idade para servir como enfermeira durante os movimentos armados de 1923, 1924 e 1926 quando Borges de Medeiros lutava pela legitimidade de sua reeleição ao governo do estado do Rio Grande do Sul, durante a Revolução Tenentista. As narrativas de guerra contadas pela mesma se (re)produzem elaborando imaginários, desde sua condição de enfermeira até assumir o posto de combatente, tomando forma enquanto texto, colocando os interlocutores numa posição semântica do contar apresentando a imagem da mulher dos anos 20 e o impacto de sua participação numa revolução armada. Neste sentido, o texto proposto, compreende como Cabo Toco se representa através de narrativas, partindo da utilização do passado no presente e seus desdobramentos, articulados por diálogos entre heróis gaúchos, tradição, gênero e representação.

Palavras-chave: Narrativas, Cabo Toco, Imaginário e Representação, Heróis Gaúchos.

Sessão II

ACONSELHAR PARA ATUALIZAR. REFLEXÕES SOBRE OS ENUNCIADOS DE UM LÍDER

Amanda Cristina Danaga (PPGAS, UFSCAR); adanaga@gmail.com

O cenário do movimento indígena no Brasil, atualmente, segue com a proeminência de lideranças indígenas que passam a narrar memórias contadas na primeira pessoa do singular, na tentativa de falar em nome de seus grupos. Tal fato não aloca o indivíduo como símbolo da manifestação da representação coletiva, porém problematiza a ideia de indivíduo para além do indivíduo durkheimiano (oposto do social) e amplia as possibilidades que a antropologia tem de representar o outro. Esses discursos se tornam importantes meios para compreender os regimes de subjetivação ameríndios, o surgimento dos sujeitos autobiográficos dentro da etnologia indígena e suas implicações na escrita do texto etnográfico. Partindo dessa discussão, busco abordar as memórias (arandu kue) e narrativas de uma liderança Tupi Guarani que vive na aldeia Ywytu Guaçu (Renascer) localizada no município de Ubatuba/SP, o cacique Antonio da Silva Awá. A opção por fazer uma etnografia ancorada nas narrativas e memórias dessa liderança Awá conduz a uma complexificação das ideias de indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade, cultura e personalidade. Minha tentativa incide em apresentar partes de uma reflexão que tem seu foco nos efeitos do encontro com tal liderança, efeitos esses expressados através de enunciados, falas (omonbe'u) e aconselhamentos (omongetá) cotidianos.

Palavras-chave: Liderança, aconselhamentos, memórias e narrativas.

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE SÁBIOS YE'KWANA

Karenina Vieira Andrade (Professora Adjunta do Departamento de Antropologia e Arqueologia, UFMG); andrade.karenina@gmail.com

As narrativas wätunnä são passadas através das gerações, via de regra oralmente. Todo indivíduo ye'kwana, povode língua caribe cuja população está em parte no território brasileiro (04 aldeias) e em parte no território venezuelano (59 aldeias) conhece em alguma medida ao menos as principais wätunnä. O processo de aprendizagem das narrativas, que dura toda a vida, poderá transformar o estudioso em um historiador, um especialista a quem se recorre sempre que é necessário e que fica responsável pelo treino de estudantes da nova geração.

Há uma aura ritual no processo oral de contar uma história, um protocolo a ser seguido, por diversas razões. Ao longo do processo de formação de um especialista nas narrativas, há também uma série de restrições que envolvem aprendiz e mestre, que passam por restrições alimentares e diversos outros protocolos, que revelam não apenas uma teoria nativa do conhecimento, mas também sobre o conceito de pessoa ye'kwana.

Este trabalho pretende refletir sobre o processo de aprendizagem e formação do historiador especialista nas wätunnä, apoiando-se especialmente na interação estabelecida entre a antropóloga, ela própria tornada uma aprendiz, e seu mestre. Para além da reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem, pretende-se explorar aqui a natureza da construção textual etnográfica entre a pesquisadora e seu interlocutor, um renomado historiador ye'kwana.

Palavras-chave: ye'kwana, narrativas ameríndias, processos de aprendizagem

A CONVERSA CANTADA: OS SENTIDOS DAS FALAS POÉTICAS NUMA PAISAGEM RURAL

Simone Silva (Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais - UFF); simonesilvabr@gmail.com

Esta comunicação visa a apresentar as questões acerca do processo de construção da sociabilidade na mesorregião da mata pernambucana (Brasil). A partir do lugar das pessoas no contexto poético da cantoria de pé-de-parede, trabalho com a concepção nativa de casa, buscando assinalar as especificidades quanto às formas de construção e de manutenção de relações sociais e, por conseguinte, da alteridade. A fim de demonstrar as lógicas plurais que fazem com que essa casa rural não esteja encerrada nela mesma, procurei compreender e explicar o lugar da poesia na vida das pessoas, por meio de uma análise acerca da função poética na comunicação verbal da região. Refletindo sobre a importância da forma versificada para comunicar, expressar, convencer, etc., na arte verbal nativa, levantei questões sobre a proeminência da audição no processo de construção e significação do espaço. Identificamos a partir da ideia de função emotiva da linguagem, que os versos poéticos, devido a ambiguidade de seus recursos estruturantes, em muitas situações, podem neutralizar o conflito, sem coibir a emissão da mensagem ou o debate.

Palavras-chave: cantoria, casa rural, sociabilidades, campesinato.

A PALAVRA CANTADA NO FANDANGO CAIÇARA: POÉTICAS DO CORPO E A PERFORMATIVIDADE DA MEMÓRIA

Patrícia Martins (Doutoranda em Antropologia Social, UFSC);
patricia.martins@ifpr.edu.br

O fandango caiçara apresenta uma imensa diversidade de versos e de respectivas performances em bailes de fandango, compondo um grande mosaico de tocadores, dançadores, personagens, falas e imagens que vão se transformando à medida em que são experienciados nas situações em relevo. Isto porque a prática de tocar, ouvir e dançar o fandango nesta região (litoral norte do Paraná e sul de São Paulo/Brasil) está inserida num complexo contexto polifônico onde o ressoar destas várias “vozes”, representa a vitalidade de uma tradição que é recriada dia após dia. No fandango, sobretudo, as letras estão imbuídas de fortes percepções do ambiente, juntamente com aspectos de seus cotidianos e temas envolvendo sentimentos, emoções e afetos de ordem subjetiva. Além disso, o processo de “bricolage” que ocorre na composição das letras, onde recortes e trechos de autorias variadas vão se misturando no trânsito destes versos entre tempo e espaços diferenciados, demonstra o aspecto relacional e multiagente da “criatividade” no fandango. Portanto, não se trata de uma não-autoria, mas de versos que circulam e se incorporam uns aos outros. A maneira de um bricoleur, os versos são compostos, colecionando restos, miudezas, fragmentos, completando-os e recombinando-os numa nova composição (Lévi-Strauss, 1976). O caminho que proponho para a visualização da “palavra cantada” no fandango é metaforizar a noção de voz, ampliando-a, incluindo a voz do violeiro, a

poética dos versos, a sonoridade dos instrumentos musicais, e ainda, os burburinhos do baile. Todas estas são manifestações do mundo sonoro, e como tais, comportam qualidades simbólicas essenciais. Proponho pensar o texto e a poesia oral enquanto performance, percebendo a simultaneidade destas expressões (Bauman e Briggs, 2008). Considerando estes elementos, é importante retomarmos a centralidade do corpo para a produção e reprodução da socialidade que reveste o fandango, assim, o corpo é o veículo que dá forma ao que se quer comunicar, seja através dos versos, da voz, das sonoridades ou dos bailados, a performance contida nos bailes envolvem o uso da linguagem poética pensada enquanto potência criativa.

Palavras-chave: poética musical; performance; bricolagem.

CONTEXTOS RITUALIZADOS NUMA NARRAÇÃO MÍTICA TIKUNA: SUL DO TRAPÉZIO AMAZÔNICO COLOMBIANO

W. Eduardo Gómez-Pulgarín (Doutorando em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará UFPA); eduardogomez81@yahoo.com

Os relatos míticos do povo Tikuna apresentam algumas características interessantes para as expressões orais indígenas de uma área de estudo tipológico: Noroeste da Amazônia; mas cada mito pode ter distintas versões e formas de conta-los. O exercício proposto para esta comunicação toma como ponto de partida a amostra de um tipo de narração Tikuna que ainda está por construir e debater. O relato mítico coletado no povoado de Arara (Trapézio Amazônico Colombiano) foi gravado com o sabedor local Yoní em 2008, consta de 15 minutos e se transcreve em 247 linhas. Ele conta a história da aparição dos clãs Tikuna e descreve em pequenos apartados experiências pessoais da suas práticas rituais como pajé na festa da “moça nova”. Igualmente, o tratamento dos dados- linhas, versos e estrofes- é baseado nos postulados da etnopoética (Hymes 1998) e nos deixam examinar alguns elementos de valor deíctico e de dialogismo como “novidade” neste tipo de narrações. Mas, tal “novidade” vem acompanhada de “mudanças” na maneira tradicional do ato de narrar? Outras narrações mostram um padrão interessante com exemplos diferentes. Trata-se assim da conformação de um novo gênero ou simplesmente um cenário do branco para exprimir o pensamento indígena? Claramente há uma mensagem por descobrir neste relato que falará da existência ou não de contextos ritualizados.

Palavras-chave: Tikuna, Etnopoética, Traços linguísticos, Contextos Ritualizados.

Sessão III

PELAS MARGENS DO RIO, PELAS MARGENS DA FLORESTA E PELAS MARGENS DA CIDADE: ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS NARRATIVAS POPULARES EM BENJAMIN CONSTANT – AMAZONAS

Ismael da Silva Negreiros (Antropólogo, UFAM); maelufambc@hotmail.com

Este estudo pretende apresentar um panorama de “histórias narradas” pelos contadores de histórias de Benjamin Constant- Amazonas, envolvendo uma discussão sobre oralidade e memória. Narrativas que se voltam para distintos lugares, tempos, localidades e com as mais diversas situações, histórias que retratam uma realidade vivida pelo contador ou não. Aqui contos de vidas, contos de histórias, pelas margens do rio, pelas margens da floresta e pelas margens da cidade, em virtude das narrativas contadas estarem inseridas nesses contextos: no urbano, no rural, no rio, na floresta e tantos outros lugares, uso também a representação das margens como um elemento para situar as histórias. O estudo que fundamentou esta discussão é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Bacharelado de Antropologia do Instituto de Natureza e Cultura - UFAM. Intenção de apresentar essas histórias, classificando-as, é sistematizar e demonstrar a diversidade de elementos existentes em suas estruturas, ao mesmo tempo de ressaltar seus contextos e os locais em que essas narrativas se passam. Assim, com a contribuição do saber tradicional e popular dos contadores foi possível classificar as histórias narradas nessas categorias de análises. Proponho considerar do ponto de vista antropológico que essas histórias contribuem para a cultural local, nos aspectos sociais, educacionais e entre outros, mostra a realidade de um passado e influência no contexto atual do município.

Palavras-chaves: Contadores. Narrativas. Cultura Popular.

PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES E JOVENS DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO DO MUCURI/MG/BRASIL

Eva Aparecida da Silva (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP); evasilva@unesp.fclar.br/evasilva5@hotmail.com

Este trabalho resulta da pesquisa “Jovens quilombolas e seus projetos de vida”, realizada no período de 2012 a 2014, com financiamento da FAPEMIG, e coloca em evidência os projetos de vida de adolescentes e jovens de três comunidades remanescentes de quilombo (Cama Alta, Córrego Novo e São Julião) pertencentes ao município de Teófilo Otoni, Vale do Mucuri, Minas Gerais, Brasil. Aderiram à pesquisa 60 sujeitos adolescentes e jovens, distribuídos por comunidade da seguinte forma: 23 da Córrego Novo, 17 da Cama Alta e 20 da São Julião. A coleta de dados foi feita por meio de três instrumentos: questionário socioeconômico e cultural, para traçar o perfil dos jovens e adolescentes investigados e entrevistas individuais e em grupo. Esses projetos de vida foram apreendidos por meio das narrativas dos próprios adolescentes e jovens e são representativos de quem são esses sujeitos, em que condições vivem, o que pensam, sentem e como agem frente às questões de ordem social, econômica, cultural e educacional e os enfrentamentos vivenciados pelos quilombos contemporâneos para a sua efetiva inserção cidadã junto à sociedade envolvente.

MEMÓRIAS EMERSAS: DIÁLOGOS ANTRO-POÉTICOS COM ATINGIDOS PELA BARRAGEM DE IRAPÉ-MG

Amaralina Maria Gomes Fernandes (Mestranda em Antropologia Social, UFG);
amaralinamgf@gmail.com

A etnografia na comunidade de Riacho da Porta, composta por famílias atingidas e reassentadas pela usina hidrelétrica de Irapé, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais (Brasil), foi um encontro com narrativas de memórias de um processo sem fim. São delas também que provem as práticas sociais, vínculos e memórias que produzem o enraizamento objetivo e simbólico do grupo (VALENCIO, 2013.), com o território do qual foram obrigados a deixar pela força das águas do “progresso”. Quando uma das moradoras fala: “De pouco a pouco a gente vai se acostumando... não é?”, numa resignação forçada, pude perceber o quão marcado e presente é esse tempo de reconstrução do grupo. É um processo paulatino que vai sedimentando as lembranças e reorganizando as memórias em novas camadas de sentido. O acostumar não é só físico, é também cultural e sensível. É ele que também ordena as memórias do que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, os traumas, os medos e as tristezas, provocados pela violência de ser não apenas atingido como arrancado de seu lugar de pertencimento. Neste trabalho, estarão transcritos alguns dos relatos da memória, lembranças e narrativas sensíveis dos moradores de Riacho da Porta com as reminiscências poéticas que foram trazidas na releitura das conversas. Este exercício, próprio do ofício do poeta, pareceu apropriado na tentativa de compreensão dos principais sentimentos evocados e construídos passados quase um década do reassentamento.

Palavras-chave: Memória, deslocamento forçado, narrativa, poesia.

PALAVRA EM ATO E PALAVRA EM TEXTO NOS SARAUS DAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

Lucía Tennina (UBA – CONICET); luciatennina@gmail.com

Esta apresentação concentra-se nos saraus das regiões suburbanas de São Paulo que tem se expandido a cada vez mais desde o ano 2001, acontecendo a maioria deles em bares chamados de “botecos”. O trabalho resulta de uma pesquisa etnográfica e literária realizada desde o ano 2010 até o ano 2014 e se concentra em sete saraus : o Sarau da Cooperifa, que durante o período da pesquisa acontecia toda quarta feira no bar do Zé Batidão no bairro de Piraporinha (zona Sul), o Sarau do Binho que durante o período da pesquisa acontecia toda segunda feira no Bar do Binho no bairro de Campo Limpo (zona Sul), o Sarau de Ademar que na época da pesquisa acontecia um domingo por mês no Bar do Carlinhos, primeiro, e depois numa quadra abandonada do mesmo bairro Cidade Ademar (zona Sul), o Sarau da Fundão que acontecia toda quinta feira na Sede da Vila Fundão no bairro de Capão Redondo (zona Sul), o Sarau da Brasa que acontecia dois sábados por mês no bairro de Brasilândia (zona Norte) no bar do Carlita, o Sarau Elo da Corrente que acontecia toda quinta feira no bar do Santista no bairro de Pirituba (zona Oeste) e o Sarau Suburbano Convicto que começou a funcionar em julho de 2010 dois terças por mês na Livraria Suburbano Convicto no Bairro de Bixiga (centro) . A literatura produzida nesses espaços evidencia uma consciência em relação com a questão da “oralidade” e a produção escrita e publicada. A partir desta apresentação pretendemos refletir sobre a questão da palavra em ato e a palavra em texto a partir das próprias afirmações de uma seleção de poetas de ditos saraus e as suas produções.

OS BACAMARTEIROS DE CARUARU: HISTÓRIA ORAL E PERFORMANCE NOS BATALHÕES DO AGRESTE DE PERNAMBUCO

George Michael Alves de Lima (Mestre em Antropologia – UFPE);
george_michael_a@hotmail.com

O presente artigo nasce a partir de reflexões tecidas ao longo dos últimos três anos, período voltado à análise e compreensão dos grupos de Bacamarteiros da região agreste do estado de Pernambuco e procura tecer considerações sobre alguns pontos específicos

desta singular manifestação cultural, a saber: a transmissão dessa tradição que se dá através da história oral e a performance dos grupos no período de festas juninas. A dissertação defendida em fevereiro de 2013 no programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, estudo etnográfico que busca identificar a história e as especificidades dessa tradição centenária, é o fio condutor do trabalho. O folguedo consiste em uma apresentação cênico-performática de um grupo de quinze a vinte pessoas (homens e mulheres) que- vestidos com calça e camisa de zuate, lenço vermelho no pescoço, chapéu de palha ou couro adornado com uma rosa vermelha, alpercatas ou tênis, bisaco com munição e seu bacamarte (arma de fogo, de cano curto e largo)- desfilam e fazem suas apresentações/coreografias na cidade ou mesmo na zona rural do município, dando salvas de tiros em homenagem aos santos católicos reverenciados no mês de junho na região: Santo Antônio, São João e São Pedro. Essa tradição se perpetua há aproximadamente cento e cinquenta anos, quanto às origens, a versão mais difundida refere-se ao surgimento desses grupos após a Guerra do Paraguai (1865).

Palavras-chaves: Bacamarteiros; História Oral; Performance.

GT 23. IMÁGENES Y CIUDADES: LA IMAGEN EN LA INVESTIGACIÓN ETNOGRÁFICA EN CIUDADES

Coordenadores:

Prof. Dr. Olavo Ramalho Marques (Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
olavomarques@yahoo.com

Profa. Dra. Mabel Zeballos Videla (Universidad de la República, Uruguay);
mabelzeballos@gmail.com

Comentarista: Profa. Mag. Leticia Folgar (Universidad de la República, Uruguay);
leticia.folgar@gmail.com

1ª sesión/sessão

Eje/Eixo: Paisajes, estéticas y formas expresivas en las experiencias urbanas./

Paisagens, estéticas e formas expressivas nas experiências urbanas

“ETNOGRAFITTI”: O SANTO DAIME NOS MUROS DA CIDADE

Gabrielle Dal Molin (UFRN – Brasil)

A apresentação proposta faz parte de uma pesquisa de mestrado acerca da produção artística visual relacionada aos usos urbanos do chá amazônico conhecido por “ayahuasca”, que na nomenclatura de uma das religiões brasileiras que misturam a cosmologia indígena às tradições cristãs, leva o nome de “daime”. Serão apresentadas conclusões preliminares a respeito do trabalho de dois artistas brasileiros, residentes em São Paulo e no Rio de Janeiro, os quais coloreem os muros das cidades com ícones da doutrina do Santo Daime, as “mirações” que experimentam durante os rituais e os símbolos da floresta presentes na religião, vinculando assim a mensagem da cura espiritual. As reflexões pertinentes são, portanto, de que forma a veiculação da mensagem é uma forma de popularização dos ensinamentos recebidos pela religião; como se relacionam a técnica da pintura e o estado não ordinário de consciência desencadeado pelo ritual, o qual proporciona as visões; e, sobretudo, como a produção artística pode ser compreendida como uma ferramenta epistemológica, que pode facilitar o conhecimento de um “mundo com a ayahuasca” vivenciado pelos artistas e expressado através da linguagem urbana do grafite e do muralismo. Nesse sentido, são mobilizadas as linguagens visuais da fotografia e do vídeo, tanto como objetos, quanto como recursos metodológicos para a pesquisa.

Palavras-chave: arte urbana, ayahuasca, imagem, grafitti.

A IMAGEM DA CIDADE PELO SKATE

Guilherme Michelotto Böes (PUC/RS – Brasil)

As inscrições das imagens da cidade é a sua relação com espaço público nos modelos de produção das identidades urbanas aos espaços culturais que abordam a estética de uma cidade metropolitana. Os espaços da cidade estão inscritos nas novas formas de uso público urbano entre as práticas que desafiam as representações sociais e culturais da

sociabilidade. As configurações dos espaços urbanos representam os espaços da arquitetura que moldaram um lugar onde a abordagem de sua imagem determina o vazio do *não-lugar*. Devemos identificar os desafios com que as codificações dos espaços culturais da cidade se encontram em suas novas propriedades de direito de uso e manifestação social, já que produzem narrativas que alteram a produção dos espaços na inscrição de identidade social. Práticas cotidianas que possibilitam as situações com que deparamos na forma de organização social da cidade, tanto formalmente ou informalmente administrada, o local da estrutura dos sistemas de valores na referência ao espaço/tempo de ser utilizado. Analisaremos o skate como narrativa da prática cotidiana nos espaços públicos urbanos que cada vez mais são abandonados em detrimento aos espaços privados. Pode o skate trazer a discussão sobre o urbano, apontando que as identidades culturais nos espaços públicos estão longe da percepção ilícita de prática cultural urbana. A antropologia urbana pode então encontrar o diálogo estabelecido entre a etnografia e a experiência urbana contemporânea.

Palavras-chaves: cidade; estética; experiência; skate.

IMAGENS INSURGENTES: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE COLETIVOS ARTÍSTICO-ATIVISTAS EM SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

Guilherme Aderaldo (USP – Brasil)

O trabalho – decorrente de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento – têm como objetivo perscrutar as ações e relações que vêm sendo desenvolvidas por uma diversidade de atores dedicados a práticas de intervenção visual, politicamente orientadas, em variados territórios marcados por processos de segregação. Buscarei dar inteligibilidade ao campo de possibilidades responsável pela modulação do engajamento desses sujeitos em torno de associações coletivas voltadas a iniciativas de fortalecimento de imaginários alternativos àqueles comumente reproduzidos pelos veículos corporativos de comunicação ou pelas “vozes oficiais” vinculadas aos poderes públicos, no tocante à interpretação do sentido social/simbólico das fronteiras urbanas e seus desdobramentos políticos. Por meio da análise de intervenções protagonizadas pelos coletivos Imargem (São Paulo) e Projetação (Rio de Janeiro), intenciono apontar para o modo pelo qual o sentido da categoria “cidade” têm sido razão de uma verdadeira batalha narrativa e iconográfica que, por vezes, opõe representações hegemônicas e contra-hegemônicas da alteridade nos espaços públicos das grandes metrópoles.

Palavras chave: Cidade, Associativismo, Coletivos, Intervenção visual, Engajamento.

VIDAS, GRAFIAS E GRAFITES

Indira C. Granda Alviarez (UFRGS – Brasil)

“Conheci a Amaro no “Atelier Livre” durante a inauguração do “Festival Arte Cidade” no julho, onde tivemos uma fala sobre o Grafite em Porto Alegre (RS-Brasil) e combinamos um encontro para ele me contar a história gaúcha desta arte enquanto olhássemos e visitássemos as imagens nas ruas. O dia chegou e andamos juntos pela “Cidade Baixa” tirando fotos e escutando de sua voz a história que contam as pinturas. Minha intenção não foi precisamente registra-a pensando, por exemplo, na genealogia do Grafite em Porto Alegre, senão de “provar” e provocar uma situação na que as memórias de seus protagonistas -como Amaro- convocassem a produção de narrativas de si como criadores: de grafites e um festival de cor comunitário realizado por dez anos na periferia da cidade; e suas vidas, entanto jovens obras de arte que esculpem possibilidades de sentidos e experiências e que estou entendendo como potências”. Neste trabalho, apresento as inspirações achadas nas *narrativas biográficas* e a *etnografia* como chaves de fazer empírico, o que aconteceu no jogo de narrações, (minha) escrita e a cultura conhecida na investigação, aliás dos territórios e as personagens participantes. Isto, intentando se tecer pelos fundamentos do campo antropológico, que são interpretados a partir de alguns autores clássicos da área, pesquisas desenvolvidas por antropólogos urbanos em Porto Alegre, e pelos educadores brasileiros que empreenderam etnografias de juventudes.

Palavras chaves: Narrativas; etnografia; grafite; Porto Alegre.

PERCEPÇÕES SOBRE A PRÁTICA DO SKATE NA CIDADE E O USO DA CÂMERA DE AÇÃO

Julio Cesar Stabelini (UFSC – Brasil)

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é levantar elementos que destaquem certas especificidades no tocante às formas de sociabilidade características dos praticantes do skate e sua inserção na paisagem urbana. A etnografia que estou realizando tem como ponto de partida uma pista de skate localizada no bairro Costeira do Pirajubaé, em Florianópolis, Santa Catarina, mas se desdobra para outros locais e espaços, através dos quais acompanho, pela via da observação participante, os circuitos percorridos pelo grupo em questão que envolvem, por exemplo, pistas em outros bairros e cidades. A intenção é pensar o skate enquanto uma prática que depende dos equipamentos urbanos, mas que também “cria” espaços para se efetivar, impondo formas específicas de ocupação, baseadas numa percepção do mesmo também ela específica. E justamente a proposta deste artigo é fazer uma reflexão sobre o uso do registro audio visual como um dos instrumentos principais de coleta de

dados e apreensão da realidade estudada. Este trabalho tem a intenção de descrever esse processo de construção de imagens e explorar os rendimentos disso a partir do caso específico de minha pesquisa.

RUAS, TRAÇOS E CORES: UM ENSAIO SOBRE AS INTERVENÇÕES URBANAS NA CIDADE DE NATAL, RN

Lisabete Coradini (PPGAS/UFRN – Brasil)

José Duarte (PPGAS/UFRN – Brasil)

Este trabalho analisa a produção social do espaço urbano na cidade do Natal (RN) a partir da leitura das intervenções gráficas, como pichação, pixo e graffiti. A partir de uma abordagem antropológica, urbana e visual, buscamos interpretar o vínculo existente entre as intervenções gráficas e o espaço público urbano. Qual a relação entre as intervenções urbanas e a cidade? Qual é a relação entre o autor, a obra e os suportes de tais intervenções? Entendendo a pluralidade das intervenções gráficas, seja em técnicas ou identidades visuais, buscaremos abordar especificamente os desenhos que retratam seres antropomórficos e ocasionalmente as expressões escritas que lhes acompanham. A metodologia que orientou essa pesquisa foi: a observação participante, a entrevista e o registro fotográfico, bem como uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema. Num primeiro momento, iremos mostrar os trajetos percorridos e as relações entre as intervenções gráficas e a cidade. E num segundo momento refletir sobre os códigos sociais ali presentes.

Palavras chaves: Graffiti; espaço urbano; Natal; antropologia visual.

IMÁGENES Y ESPACIO PÚBLICO: LOS MURALES DEL SUBTE PORTEÑO Y SU ROL EN LA CONSTRUCCIÓN DE SIGNIFICADOS EN LA ARGENTINA DE PRINCIPIOS DEL SIGLO XX

Romina Chain (UNLP – Argentina)

Luciana Pérez Clavero (UNLP – Argentina)

El presente trabajo pretende aproximarse desde una perspectiva antropológica, estilística, e histórica al arte mural en las estaciones del Subterráneo de la C.A.B.A., Argentina, tomando como referencia las obras de arte realizadas en la década del 1930 en las estaciones de las Líneas B, C y D.

Entendemos que la imagen es una forma de apropiación de los espacios y construcción de territorios por parte de diferentes actores sociales, es un vehículo de transmisión de sentidos, toma cuerpo en estos espacios públicos de la ciudad en forma de murales. Por sus dimensiones y su ubicación, éstos son un medio de transmisión social, histórica, cultural y política. En ellos aparece una nueva forma de territorialidad con una semiología que excede los cánones más conservadores, y establecen nuevos símbolos y significados. Se construyen nuevos escenarios.

Nuestro principal interrogante es qué significados son construidos en los murales de la ciudad por las personas que los gestionan. El espacio en el que se desarrolla el arte mural invade la vida pública. Sin embargo observamos en los murales de las estaciones de subte que, lejos de ser la expresión sub alterna en busca de nuevas territorialidades, transmiten las ideas que se construía desde ciertos sectores dominantes durante la primera etapa del siglo XX en Argentina. Suponemos que los significados construidos se relacionan con un imaginario planteado desde la idea del progreso, plasmados en las imágenes que funcionan como un vehículo del discurso social dominante.

Palabras Claves: Muralismo; Significados; Espacio Urbano; Público/Privado.

2ª sesión/sessão

-

Eje/Eixo: Memorias, ritmos y temporalidades en las ciudades. / Memórias, ritmos e temporalidades nas cidades

CONFLITOS AMBIENTAIS, MEMÓRIA DE ATERROS E OCUPAÇÃO URBANA NO VALE DOS SINOS/RS/BRASIL

Ana Luiza Carvalho da Rocha (FEEVALE/RS – UFRGS - Brasil)

Margarete Fagundes Nunes (FEEVALE/RS - Brasil)

João Alcione Sganderla Figueredo (FEEVALE/RS - Brasil)

O trabalho apresenta uma breve arqueologia do mundo do trabalho na região do Vale dos Rio dos Sinos, em especial na cidade de Novo Hamburgo, região de intensa migração alemã na metade do século XIX, onde se instalaram as primeiras atividades industriais do estado do Rio Grande do Sul. O trabalho apresenta, numa perspectiva genealógica da etnografia da duração (ECKERT e ROCHA, 2012), o trajeto antropológico (DURAND, 1984) dos gestos de fundação do mundo do trabalho industrial e suas repercussões para o surgimento da paisagem urbana do Vale dos Sinos, com a implantação da indústria coureiro-calçadista na região da bacia hidrográfica do Rio dos Sinos, ao longo do século XX. A apresentação traz uma coleção de imagens fotográficas da paisagem urbana dos Sinos, além de algumas narrativas videográficas (ROCHA, 2011) sobre as memórias de trabalhadores dos antigos curtumes na região dos Sinos e de seus patrões.

IMÁGENES Y DIFERENCIACIÓN SOCIAL. LA CONSTRUCCIÓN VISUAL DE DIFERENCIAS DE CLASE-GÉNERO-RAZA A TRAVÉS DE LAS FOTOGRAFÍAS COMUNES SOBRE LA FAMILIA Y EL OCIO EN MAR DEL PLATA DURANTE LA DÉCADA DE 1950

Andrea Torricella (CEHis/UNMDP - Mexico)

La década de 1950 ha sido recientemente redefinida en Argentina como un momento de consolidación de transformaciones sociales iniciadas en los cuarenta vinculadas a la “modernización social”, al modelo de domesticidad, a la conformación de las clases sociales, a los roles de género, a la vida familiar y a las prácticas de consumo. La “democratización del bienestar” habría incluido también la democratización de un modelo de familia de clases medias, un modelo de domesticidad que ofrecía respetabilidad y felicidad a quienes podían verse identificados con él. Este modelo se habría articulado con la identidad de la clase media en ascenso, especialmente la de Buenos Aires, pero quedó asociado con la movilidad social y naturalizado como un estándar universal.

Hacia 1950 la ciudad de Mar del Plata consolida ciertas características arquitectónicas, económicas, étnicas y demográficas asociadas al nuevo turismo de masas y a una sociedad considerada “moderna”. La fotografía en Mar del Plata ocupó un lugar central en la creación de la identidad de los grupos sociales que la habitaban.

A partir del análisis de casos en la ciudad de Mar del Plata, de colecciones fotográficas familiares-personales y entrevistas orales, propongo analizar el rol de los escenarios urbanos en las mutuas configuraciones entre los modos de concebir los cuerpos generizados, las interpretaciones raciales de las diferencias y la diferenciación de la sociedad en clases en la década de 1950 ¿Cómo se dieron a través de las fotografías familiares-personales estos procesos de diferenciación social en un contexto

urbano particular?

Palabras clave: representación visual; género; modelo de domesticidad; clases medias; turismo.

MEMORIAL FERROVIARIO DE PELOTAS: UM PROJETO PARTICIPATIVO

Claudia Turra Magni (PPGAnt/UFPel - Brasil)

Mauro Bruschi

O nascimento do transporte ferroviário é fenômeno e símbolo da Modernidade, assim como o sucateamento da rede férrea brasileira é indicio do fim da era do trabalho. Fruto e vetor da industrialização, o trem, tal como o cinema e a fotografia, nascem simultaneamente, no contexto da urbanização, modificando paisagens, acelerando as comunicações, os fluxos de coisas e pessoas, o adensamento populacional, a consolidação da classe operaria, a conexão entre regiões e o seu desenvolvimento econômico e cultural. Mas a opção pela energia petrolífera e suas vias rodoviárias, sintoma da hegemonia norte-americana no pós-guerra, acabou relegando à decadência a rede ferroviária brasileira, arrastando com ela, cidades inteiras, um vasto sistema tecnológico e uma categoria profissional em especial, a dos ferroviários, demitidos após a privatização, em 1998. Como em outras cidades, a estação férrea de Pelotas/RS, estava em ruínas, antes de ser tombada como patrimônio, sendo exigência do IPHAN, que sua ala central abrigue um memorial, conforme demanda Municipal ao Laboratório de imagem (LEPPAIS) da Universidade Federal de Pelotas. Nosso propósito é apresentar a pesquisa em andamento com os ferroviários e familiares, muitos dos quais ainda habitam o bairro, cujos indícios arquitetônicos e urbanísticos, assim como a memória dos interlocutores, guardam vivas as imagens de outrora. Baseada nos métodos etnográfico, cartográfico e histórico, a equipe interdisciplinar engaja-se em um projeto participativo com a comunidade, em que a coleta, a produção, a restituição e a apresentação de imagens constitui eixo epistemológico e hermenêutico na produção colaborativa deste memorial e da extroversão do conhecimento.

Palavras chave: ferroviários; memorial; bairro ferroviário; antropologia participativa; imagem.

CIDADES DE LEVA-E-TRAZ, OBRAGENS DE SATANÁS. CIDADES E CIDADES INVISÍVEIS NO CINEMA DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS: RIO 40 GRAUS, RIO ZONA NORTE, VIDAS SECAS

Frederico Guilherme Bandeira de Araujo (GPMC/IPPUR/UFRJ – Brasil)

Heitor Levy Ferreira Praça (GPMC/IPPUR/UFRJ – Brasil)

Iaci d'Assunção Santos (GPMC/IPPUR/UFRJ – Brasil)

O trabalho tem por problemática a disputa pelo poder de poder dizer, e toma o Cinema como dispositivo à reflexão. Na argumentação desenvolvida é tomado como um modo discursivo que diz, ou pode dizer, cidade. A especificidade desse modo, a nosso ver, é a de potencializar por suas características inerentes um duplo experienciar: o experienciar cidade diegético (dos personagens em suas tramas e ambientações); e o experienciar do experienciar diegético (o jogo expectador / filme).

Consubstanciado no delineamento brevemente esboçado, o propósito direto do ensaio é refletir sobre o dizer cidade na filmografia de Nelson Pereira dos Santos do final dos anos 1950 e início dos 60. Este cineasta é um dos mais prestigiados do cinema brasileiro, com ampla obra que se inicia em meados do século passado e segue até o presente, passando pelo documentário e a ficção. Dessa filmografia o trabalho constitui como objeto alguns de seus primeiros filmes, marcantes em momento de aceleradas transformações no cenário político, social e artístico brasileiro. São elas: Rio 40 Graus (1955), Rio Zona Norte (1957) e Vidas Secas (1963).

O duplo experienciar que vemos instigado por essas películas nos permite, em síntese, dizer que potencializam a possibilidade de discursos cidade que, escapando à tradicional dicotomia com o que é expresso como campo e à glorificação crítica ou acrítica do moderno e do urbano, incidem na tensão entre formas arcaicas e modernas de exploração.

Palavras chave: cinema; cidade; Brasil.

PAISAJE, FOTOGRAFÍA Y RECUERDO EN EL SUBURBIO BONAERENSE. APORTES PARA UNA INVESTIGACIÓN CULTURAL URBANA

Gimena Perret Marino (UNGS – Argentina)

Daniela Soldano (UNGS – Argentina)

El proyecto de investigación en que se basa esta ponencia procura contribuir a la comprensión de la cuestión social en el Conurbano Bonaerense en su vinculación con el problema de la subjetividad y la producción del paisaje cultural urbano, en el presente y en perspectiva histórica. Para ello estamos desarrollando dos estrategias: 1) Una búsqueda y análisis de fuentes documentales sobre el origen histórico de localidades y Municipios seleccionados, los planes y proyectos que den cuenta de la conformación urbana y transformaciones posteriores con especial atención a la relevancia de la estación ferroviaria, fotografías históricas oficiales y de los álbumes familiares, publicaciones de prensa local e imágenes publicitarias, programas y políticas públicas de usos de los espacios públicos en el presente y en perspectiva histórica y 2) un trabajo de campo centrado en entrevistas e historias de vida a familias residentes donde se indague acerca de los capitales espaciales de los hogares y las experiencias y percepciones sobre el espacio urbano en el presente y en perspectiva histórica. En el trabajo, nos detendremos especialmente en las potencialidades y desafíos metodológicos de las fuentes visuales para la reconstrucción y análisis de la estética y biografías urbanas.

Palabras clave: Fuentes visuales; paisaje cultural; experiencia urbana; historia del Conurbano Bonaerense.

FILME DE FAMÍLIA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: A IMAGEM DE FORTALEZA EM UM CONJUNTO DE FILMES SUPERS

Maíra Magalhães Bosi (UFRJ – Brasil)

Essa pesquisa se interessa pelas imagens familiares reunidas para o curtametragem ensaístico Supermemórias¹, de Danilo Carvalho (2010), que é constituído, exclusivamente, por filmes de família em formato super 8, rodados entre as décadas de 1960 e 1980, na cidade de Fortaleza (Ceará, Brasil). Apesar de se voltarem para acontecimentos da esfera de vida íntima (aniversários, nascimentos, viagens, etc.), esses filmes amadores também preservam vestígios do passado recente da cidade que lhes serve de pano de fundo, tornando visíveis as intensas transformações visuais sofridas nas últimas décadas.

Destacamos que, à semelhança de outras cidades contemporâneas, não observamos, em Fortaleza, por exemplo, esforço algum em se manter ou mesmo qualquer pudor em se

destruir construções antigas para dar espaço a novos prédios, cada vez mais altos e imponentes. É como se a cidade buscasse o futuro a qualquer custo e, nesse movimento, falhasse na manutenção de seus lugares de memória – conceito que tomamos de Pierre Nora (1984). Por sua vez, os filmes de família, desarmados para a realização de Supermemórias, parecem trazer à tona uma memória latente dessa cidade.

Nesse sentido, enxergamos esses filmes como lugares de memória para Fortaleza. No âmbito deste trabalho, selecionamos algumas sequências do material bruto de Supermemórias para analisá-las em contraste com a paisagem urbana atual. Nosso objetivo é compreender em que medida essas imagens, ao serem desarmadas e trazidas a público, dão a ver as ruínas de Fortaleza e, dessa forma, funcionam como um lugar de memória para essa cidade.

Palavras-chave: memória; filmes de família; cidade; lugar de memória; Fortaleza.

TRZAN: NARRATIVAS CONSTRUÍDAS POR MEIO DE FOTOGRAFIAS E MEMÓRIAS

Tainara Freitas dos Santos (UFRB – Brasil)

Thaís Fernanda Salves de Brito (UFRB – Brasil)

A fotografia, ao fomentar uma relação direta ou indireta com aquele que vê (SAMAIN: 2012), pode ocasionar a rememoração de pessoas, de lugares e de situações vividas. Há lugares que permitem ser entendidos como marcos culturais e simbólicos que são produzidos e modificados pelas pessoas comuns, no cotidiano e nas suas práticas construindo territórios sociais de identidade (ARANTES: 1999). Para ser ter acesso a estes lugares, as fotografias podem ao mesmo tempo, ser o mote para narrativas e o principal produto para análise de dados para investigar as Ruínas da Siderúrgica Trzan, a primeira siderúrgica do nordeste, localizada na cidade de Santo Amaro – BA, que encerrou suas atividades há mais de 35 anos.

Nossa pesquisa propõe, em um primeiro momento, elaborar o levantamento e análise das imagens da antiga siderúrgica em funcionamento – registros da arquitetura do espaço, da presença dos funcionários, a relação com os cidadãos, os produtos e o seu processo de produção – até o seu processo de deteriorização. E, em um segundo momento, a partir do uso de foto-entrevista, intentamos propor reflexões visuais ao entrevistados, a fim de provocar memórias, histórias e relatos que nos permitam (a) conhecer o funcionamento da comunidade localizada no entorno das ruínas e (b) as suas práticas sócio-culturais, priorizando uma perspectiva sócio-histórica sobre o funcionamento da fábrica.

Palavras-chave: fotografia; ruínas; memória; narrativas.

3ª sesión/sessão

Eje/Eixo: Experiencias metodológicas y miradas etnográficas en las interfaces ciudades/imágenes. / Experiências metodológicas e miradas etnográficas nas interfaces cidades/imagens.

O OLHAR DO FLÂNEUR NA GRANDE METRÓPOLE DO SÉCULO XXI: NOVAS PROPOSTAS PARA A ETNOGRAFIA URBANA

Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira (PUC/SP - Brasil)

É inegável o fato de que o objeto de estudo da antropologia sofreu importantes transformações, em especial no que se refere ao trabalho de campo. O etnógrafo contemporâneo possui novos desafios em relação aos etnógrafos “clássicos” - um de seus principais campos de estudo é a cidade, na qual o outro pode ser ele mesmo e onde o exercício da alteridade torna-se mais complexo, pois a linha entre o familiar e o estranho é muito tênue. Este cenário é fonte geradora de um grande arcabouço de ideias e abordagens muitas vezes contrastantes no campo de estudos da antropologia urbana. Tomando como eixo temático uma questão comum dentre estas abordagens, esta comunicação problematiza a questão do olhar do etnógrafo urbano e busca analisar a proposta de uma etnografia de passagem, inspirada nas obras de Walter Benjamin sobre as cidades europeias e na figura baudelairiana do flâneur. Objetiva-se tanto apresentar o estado atual do conhecimento, tomando por referência recentes produções norte-americanas e brasileiras, como também explorar as potencialidades desta proposta etnográfica, partindo da hipótese de que a sensibilidade do olhar do flâneur é especialmente eficaz nas situações de mapeamento de campo e na captação de uma imagem “panorâmica” da região urbana estudada.

Palavras-chave: etnografia urbana; olhar etnográfico; Walter Benjamin; flâneur.

OBSERVAR, IMAGINAR & DIBUJAR. REFLEXIONES DESDE LA ETNOGRAFÍA URBANA

Francisca Márquez (UAH - Chile)

Esta ponencia aborda el lugar de la imagen y el dibujo en la investigación etnográfica en ciudades. La propuesta se inscribe en el cruce de la línea de estudios de antropología urbana y antropología de la imagen. La ponencia da cuenta y discute una serie de ejercicios etnográficos realizados en la ciudad por a) la antropóloga y su colega arquitecto; b) por la antropóloga y los habitantes de la ciudad. La premisa de esta presentación, señala que la palabra abre y traduce los conceptos y nociones de la cultura y su lugar; mientras que el croquis, sintetiza lo que las palabras no podrían representar, pero tampoco comprender. Porque el dibujo, como la escritura, es también una suerte de lenguaje, una experiencia y un proceso cognitivo. Pero a diferencia del lenguaje y la escritura, el dibujo sintetiza, y en un ejercicio mnemotécnico, nos abre al registro sensorial de lo que hemos podido percibir y queremos recordar, sin necesariamente tener que encontrar las palabras y conceptos adecuados. En la experiencia etnográfica, la experiencia de la otredad y de la extrañeza, a menudo obligan a “saltarse” la palabra. Abrir los sentidos de la percepción y abocarse al croquis puede ser el camino para testimoniar y recordar. Es entonces cuando el croquis del etnógrafo, trazo rápido y sorprendido, se plasma sobre el cuaderno de campo. A él se volverá una y otra vez, hasta que las palabras y los conceptos, logren decantar en este siempre complejo proceso de interpretación de las culturas. El croquis en este sentido, colabora e ilumina, al igual que la palabra rápida y breve, al boceto de la etnografía. Esta presentación se basa en las investigaciones de antropología urbana (Fondecyt) de la autora, durante los últimos diez años.

INTERAÇÕES FOTOETNOGRÁFICAS: O “EU” E O “OUTRO” NA PRAÇA DE FÁTIMA- ITZ

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA – Brasil)

Partindo da reflexão sobre a relação etnógrafo-nativo na pesquisa de campo, o presente artigo lança mão de elementos do viés interacionista goffmaniano para interpretar situações imprevisíveis, de inserção em campo, problematizando aspectos relacionados às condições de produção da informação etnográfica e de pesquisa empírica. Mais que

considerar o “eu” e o “outro” como pólos antagônicos, demonstraremos neste artigo que a etnografia das interações pode contribuir para o crescimento do debate de questões básicas de método, como no afastamento das pré-noções e na valorização e autonomia da pesquisa empírica.

Orientados por tal problema e pelas contribuições de autores como BERREMAN (1975), ACHUTTI (2004) e outros, a inserção em campo ocorreu no segundo semestre de 2015 e esteve vinculada aos primeiros passos do desenvolvimento do projeto de extensão "*Praças do tempo: Cotidiano, imagens e memórias do centro urbano de Imperatriz*", desenvolvido no curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Por meio desse, buscamos compreender a importância do informante, da manutenção e do controle de impressões e fachadas (GOFFMAN, 2013), necessárias para a boa relação pesquisador-investigado, e conseqüentemente para o desenvolvimento das etapas posteriores da pesquisa. Demonstraremos assim, como tais aspectos podem ser relacionados aos diferentes tipos de produção de imagens, no âmbito da pesquisa fotoetnográfica.

Palavras-chave: Interação; Fotoetnografia; Produção de imagens.

MONTEVIDEO ANDINA. MAPAS, ITINERARIOS Y DESTINOS

Mabel Zeballos Videla (FHCE/Udelar - Uruguay)

Marlene Beisenbusch (Univ. Poitiers - Francia)

Patricia Gainza (FCS/Udelar - Uruguay)

Valeria España (Udelar - Uruguay)

Cómo acceder a las imágenes de la memoria de un grupo de mujeres que viven y trabajan en Montevideo y han vivido en otras geografías. Cómo imaginar con ellas un mapa de la ciudad más allá de las convenciones cartográficas y del urbanismo. Qué papel cabe al equipo de investigación (múltiple: antropología; arquitectura y urbanismo; derecho; geografía; sociología), en una experiencia de creación colectiva. Estas y otras preguntas orientaron sendos mapeos colectivos junto a trabajadoras de la región andina primero, y luego junto a otras migrantes latinoamericanas, en el marco de una investigación sobre circuitos regionales migratorios que incluyen contemporáneamente al Uruguay. Conectando trayectorias biográficas con itinerarios espaciales, buscamos comprender las formas de incorporación (y sus limitaciones y problemas) de estas trabajadoras a la sociedad uruguaya y, en particular, a la sociedad montevideana. Atentas a los efectos de las construcciones políticas de alteridad/identidad de toda sociedad receptora sobre la vida cotidiana de todo sujeto migrante, indagamos sobre las

formas peculiares en que nuestras interlocutoras son recibidas por las otras personas montevidéanas, en sus relaciones de trabajo, en las condiciones de acceso a la educación, la cultura, la recreación y, para este trabajo en particular, en las negociaciones del espacio urbano. Enfocaremos en las experiencias de mapeo colectivo, con atención a las diferentes concepciones de imagen allí emergentes, en los productos visuales elaborados y, fundamentalmente, en las reflexiones que de ellas derivan en relación a las imágenes de la ciudad y las diversas memorias y subjetividades que en ellas se expresan.

Palabras clave: Migración regional; itinerarios urbanos; mapeo colectivo; ciudad vivida; ciudad imaginada.

O USO DE DERIVAS URBANAS COMO MODO DE MAPEAR HETEROTOPIAS PORTUÁRIAS.

Marcela Montalvão Teti (UFRJ – Brasil)

O presente trabalho é resultado de pesquisa de doutorado realizada na zona portuária do Rio de Janeiro, entre 2011 e 2015. Neste intervalo, o porto foi alvo de diversas reformas urbanas, que revitalizavam a área para as Olimpíadas de 2016. A fim de investigar como moradores estavam reagindo às transformações, procedemos a incursões in loco conhecidas por derivas urbanas. Demos início a caminhadas pela zona portuária e aos poucos fomos levados às reuniões comunitárias de resistência à revitalização governamental. Em contato com o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas e com o Fórum Comunitário do Porto, pudemos observar um processo de limpeza social e urbana sendo colocado em prática. Casas eram marcadas para serem derrubadas, ocupações urbanas removidas, construção de teleféricos nos lugares onde antes se encontravam praças e centros culturais comunitários. Descobrimos que um processo de gentrificação produziu um espaço heterotópico na região, em que antigos moradores com seus lugares de trabalho, moradia e lazer entravam em choque com o espaço turístico e revitalizado do visitante que passou a ocupar aquela área. Dois tipos de indivíduos passavam a frequentar o porto a partir de posicionamentos irreduzíveis e contraditórios entre si. De um lado, tínhamos as favelas, a pobreza, o morador de rua, o ambulante, sendo expulsos dos Morros da Providência, da Conceição, da Rua do Livramento, da Pedra Lisa, da Rua da Gamboa. De outro, estavam o carioca, o turista cultural, nacional e internacional ganhando espaço através da construção de vias expressas, túneis, museus, restaurantes e comércio recém-instalados.

Palavras-chave: Derivas urbanas; Heterotopias; Zona Portuária.

PIEL DE CIUDAD. DISCURSOS EN LAS FACHADAS DE LA AVENIDA JIMÉNEZ DE BOGOTÁ

Mario Perilla Perilla (unicolmayor – Colombia)

Diego Quintana Tovar (unicolmayor – Colombia)

La ciudad, al igual que un cuerpo viviente dispone de una superficie, que a la manera de la piel relaciona con el medio. Las edificaciones, contenedoras de vida humana, se vuelcan al espacio público a través de la piel. Fachadas y materiales generan las superficies sobre las cuales se imprimen huellas que evidencian el tiempo que, inexorablemente marca la memoria en la epidermis urbana.

La imagen, es decir lo que se aprecia desde los sentidos de esa piel, es la fuente del análisis en territorio de la semiótica, toda vez que, lo que se aprecia a simple vista tiene profundos significados a partir de la reflexión sobre intencionalidades impresas en las huellas de la piel urbana. Así, se constituye en el texto, por cuanto en la lectura de las huellas que se evidencian en la imagen de la piel se construye el significante que se propone como el camino de la interpretación semiológica.

Se presenta el análisis semiótico de un eje representativo del centro de la ciudad, la Avenida Jiménez, la cual lo atraviesa tanto física como cronológicamente.

En la piel se plasma la identidad primigenia fundacional, la ciudad del movimiento y el consumo y la huella de las tribus urbanas se leen en símbolos, graffitis, mobiliario, y letreros entre otros.

Palabras clave: Piel; semiótica; tribu urbana; símbolo; texto.

TRAJETOS DISSIDENTES: PERCORRENDO O CIRCUITO LGBT EM RECIFE/PE

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana. PPGAS/UFRN – Brasil

Jainara Gomes de Oliveira.

PPGAS/UFSC – Brasil

Nesta comunicação pretendemos analisar, sob a ótica de uma antropologia urbana e sua interface com uma antropologia da imagem, como diferentes indivíduos desenham o circuito LGBT na cidade de Recife, Pernambuco. A partir de trajetos percorridos, em uma noite de sábado, por Breno (gay, 28 anos, negro) e Laura (lésbica, 26 anos, branca),

ambos de camadas média, buscamos analizar como esses indivíduos a partir de suas visões de mundo fazem escolhas ao transitar por diferentes espaços de sociabilidade urbana, voltados ao público LGBT, que a cidade de Recife lhes oferece como campos de possibilidades. Trabajando com os marcadores sociais da diferença, ao escolhermos um homem, que se identifica enquanto gay, e uma mulher, que se identifica enquanto lésbica, pretendemos assim, utilizando de recursos imagéticos, diversificar os espaços acessados por esses indivíduos. Com isso, buscamos trabalhar as imagens enquanto recurso teórico/metodológico, desta forma, fazendo uso do recurso de pranchas individuais para cada individuo, buscando assim, demostrar e analizar os trajetos recorridos por esses actores sociais aqui apresentados, Breno e Laura.

Palabras-chave: antropologia da imagem; antropologia urbana; trajetos; sociabilidade; cidade.

4ª sesión/sessão

Eje/Eixo: Territorios y territorialidades. Espacios, apropiaciones y experiencias. / Territórios e territorialidades. Espaços, apropriações e experiências.

**CUANDO EL SILENCIO NO ES VACÍO Y LAS IMÁGENES NO COPIAN.
DESPLAZADOS EN SAN CRISTÓBAL DE LAS CASAS, CHIAPAS, MÉXICO**

Carolina Pecker Madeo (UBA - Argentina)

En este trabajo me propongo abordar el lugar de las imágenes -retomando aportes de la Antropología de la imagen- y de los silencios (aquello no-dicho, no-escrito, no-dibujado) durante la experiencia de campo que realicé durante Abril y Mayo de 2015 en la ciudad de San Cristóbal de las Casas, Estado de Chiapas, México. Exploro sus potencialidades como herramientas metodológicas en una investigación en curso sobre memorias y narraciones de la violencia acerca del desplazamiento interno de familias provenientes de la comunidad de Banavil, Estado de Chiapas. Auto-adscriptas como simpatizantes zapatistas e indígenas tzeltales, estas personas se encuentran desde el año 2011 precariamente re-territorializadas en la periferia de la ciudad.

Palabras claves: desplazamiento interno; imágenes; silencios; memorias.

A ESTÉTICA DE LUGAR NO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO DE INTERAÇÃO ENTRE CIDADE, FOTOGRAFIA E TÉCNICA

Clara Maria Abdo Guimarães (UFF - Brasil)

O Instagram é um aplicativo para dispositivos móveis, que permite o registro de fotos, a edição e o compartilhamento delas, tanto na ferramenta quanto em outras plataformas virtuais. Essas características fazem dele uma rede social, tendo vista a existência de interação entre os usuários que podem curtir e comentar nas imagens dos perfis que escolhem seguir. Outro comportamento de uso é a presença das *hashtags*, que têm o papel de identificar e classificar uma imagem. Dentro das diversas possibilidades de enfoques, escolhi para esse artigo apresentar a relação entre a cidade, a fotografia e a técnica, pautados no que seria a estética de lugar no Instagram. Deve-se pontuar que a análise se insere no contexto da cultura digital. As imagens escolhidas para pensar essa estética, serão aquelas cujos registros são de lugares da cidade e, como critério para selecioná-las, será usada a *hashtag #lugar*. Pretende-se compreender como esse tipo de marcação pode delimitar o que passa a ser classificado como lugar na ferramenta e como essa categorização expõe espaços da cidade. A técnica será pontuada não apenas como mediadora entre objeto e ser humano, mas como parte de um organismo que constitui um cenário cultural. Assim como os indivíduos produzem sentidos para o uso e aplicação dessas técnicas, também estabelecem com elas outras relações com a cidade. A partir dessa análise, propõe-se observar como o registro dos espaços públicos podem ressignificar a noção da cidade e como essas imagens, em conexão à maneira como são produzidas, podem ser refletidas antropológicamente.

Palavras-chaves: Instagram; fotografia; estética; cidade; lugar.

ENCUENTRO EN LA LÍNEA, LA AVENIDA REFORMA EN EL DISTRITO FEDERAL, MÉXICO

Fabián Perciante García (UAEM - Argentina)

La presente ponencia intenta dar cuenta de algunos procesos de la investigación realizada en la Avenida Reforma del Distrito Federal en México.

A partir de la experiencia en el trabajo de campo con un enfoque en la interdisciplinaridad apoyados en la etnografía y los estudios de la imagen, se aborda este lugar como espacio-tiempo en uno de los sitios más neurálgicos y emblemáticos de la capital mexicana.

La avenida también conocida como Paseo de la Reforma es sin duda una arteria principal de la ciudad, al tiempo que evoca de manera constante una historia que continúa reelabora su contexto a través de la insistente contemporaneidad urbana. El trabajo buscó interactuar en ese contexto a través del acercamiento a diversos modos de apropiarse del espacio y su relación entre el tiempo vivido y el tiempo pensado. Se indaga en las representaciones también desde el propio investigador teniendo en cuenta tanto las fragmentaciones como las reivindicaciones del trayecto de la avenida, sus diversos usos y desusos, las proyecciones temporales, y los acuerdos para esas representaciones.

Para trazar la coyuntura se hace referencia a la idea de -acuerdo latente como acontecimiento- y a una idea de línea (tiempo-espacio) que se dispersa.

Estos dos componentes y su relación con la imagen aparecen de modos diversos en el contexto de la avenida planteando un entramado práctico-teórico como proceso y metodología.

Palabras clave: Avenida; conflicto; acuerdo; tiempo; imagen.

TRANSFORMAÇÕES URBANAS E VIDA DE BAIRRO NO 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE: UM ESTUDO ATRAVÉS DE E COM IMAGENS SOBRE O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DO BAIRRO FLORESTA

Fabricio Barreto (UFRGS - Brasil)

A cidade contemporânea tem uma dinâmica urbana sujeita a processos de reconfiguração, seja motivado pelo governo, seja pela sociedade civil. Essa cidade se transforma, se dinamiza, gerando movimento, disputas por espaço e poder, e consequente tensão nas relações sociais. Em Porto Alegre, a região administrativamente chamada de 4º distrito é um exemplo de espaço urbano que passa por processos de transformação. Em um passado não muito distante estavam localizadas nesta região grande parte das indústrias do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, a região tem sido foco de investimentos de construtoras, que vêm ali grande potencial imobiliário. É também uma área que está passando por intervenções da prefeitura através de obras

viárias. Concomitante a isto, existem os grupos de iniciativa civil preocupados com a manutenção desta área, como o que acontece no bairro Floresta. Essas iniciativas acontecem em um contexto compartilhado com diferentes grupos sociais. Todo este cenário gera tensões nas relações sociais e tem promovido constantes debates sobre como reorganizar o bairro, buscando uma resignificação para a região. Compreender estas dinâmicas sociais que se referem aos indivíduos e aos grupos sociais esteve dentro dos objetivos deste trabalho. Foi neste contexto por onde me desloquei imagetivamente nos últimos 3 anos, ouvindo seus habitantes e procurando conhecer suas relações com as diversas instâncias que se desenvolvem neste cenário: prefeitura, empresas de iniciativa privada, associação de moradores e de vizinhança, etc. Na interlocução com essas pessoas, acompanhei os desdobramentos, debates, ações, negociações com o poder público, buscando a compreensão do processo que está sendo chamado de “revitalização do bairro Floresta”.

Palavras-chave: transformação urbana; memória; etnofotografia.

O HOTEL RODOVIÁRIA: CRÔNICAS ETNOGRÁFICAS POR IMAGENS

Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha (PPGAS/UFRGS – Brasil)

Camila Braz (UFRGS – Brasil)

Gabriela Jacobsen (UFRGS – Brasil)

O trabalho em questão visa refletir sobre a região do 4º Distrito, situado na cidade de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil), a fim de compreender os processos de transformação decorrentes das obras ligadas à realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. A etnografia parte da abordagem de uma antropologia da e na cidade, tendo por interesse compreender o pluralismo de formas de viver o fenômeno das cidades modernas e as diferentes trajetórias sociais e grupos urbanos. Partimos das narrativas de Sr. Guido acerca dos impactos das obras nas paisagens da cidade e o modo como afetam o cotidiano da urbe e seus habitantes. Guido é proprietário do Hotel Rodoviária, um prédio antigo localizado na rua Voluntários da Pátria, nas proximidades da Estação Rodoviária de Porto Alegre, área que ainda enfrenta a rotina de operários e máquinas demolindo, escavando, destruindo, recriando. Tomando por inspiração a proposta de uma “etnografia da duração”, pretendemos narrar através da escrita textual e imagética crônicas acerca do Hotel Rodoviária e seus entornos. Mediante as memórias de Sr. Guido, apresentamos uma narrativa etnográfica de caráter imagético com o objetivo de pensar os ritmos de destruição/criação que imprimem suas marcas no espaço e no tempo da cidade, transformando o cotidiano das pessoas que transitam/habitam esse lugar e que produzem outras formas de viver a urbe moderno-contemporânea.

Palavras-Chave: Cidade; Ritmos Temporais; Paisagens urbanas; Memórias; Narrativa por imagens.

O PAC MORRO DO PREVENTÓRIO E A REORDENAÇÃO DO ESPAÇO DA FAVELA

Shirley Alves Torquato (UFF – Brasil)

Esta pesquisa representa o esforço de traduzir e interpretar algumas situações observadas por mim durante trabalho de campo realizado em dois conjuntos de prédios construídos pelo Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, no Morro do Preventório, localizado em Niterói, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Procurei observar como uma política pública habitacional, concebida pelo governo federal, foi recebida por aqueles a quem se destinava e como este evento foi vivenciado em termos pragmáticos, lógicos e dramáticos. Minha análise tenta dar conta de "como" a moradia, mesmo não sendo inicialmente escolhida ou desejada, e sim imposta por um programa de governo, foi pouco a pouco sendo transformada na "casa toda arrumadinha", conforme uma expressão nativa igualmente presente e recorrente em todos os depoimentos. O consumo e a aquisição de bens, da mesma forma que a organização estética dos apartamentos, trouxe à prática de novos rituais domésticos e, ao contrário destes rituais representarem um fardo ou "obrigação", manter "a casa arrumadinha", tornou-se o sinal de uma conquista importante para a grande maioria desses moradores.

DISPUTAS E PODERES DAS IMAGENS DA CIDADE EM UM NOVO BAIRRO DE ALTO PADRÃO

Yann Pellissier (UFBA - Brasil)

Pretendo aproveitar deste GT para aprofundar-compartilhar minhas reflexões sobre as relações entre a “civilização da imagem” e a “civilização urbana”, pensando o alcance do conceito do “visível” na construção das cidades contemporâneas e ampliando o diálogo entre a antropologia visual e os estudos urbanos. Depois desta necessária revisão teórico-filosófica, que permite situar-me nas discussões deste GT, trago os primeiros resultados do meu trabalho de campo realizado em um novo bairro de condomínio de prédios fechados de alto padrão da cidade de Salvador-BA (Greenville). As formas de habitar e de ocupar o espaço neste novo bairro planejado remetem à imagem da cidade de Salvador e à imagem do que seria uma moradia ideal nos grandes

centros urbanos, que varia bastante em função dos diversos atores que atuam neste espaço. As elites urbanas, moradores-compradores de um apartamento no Greenville enxergam a cidade e a sua ocupação do espaço urbano de uma outra forma que os operários e trabalhadores da construção que levantaram os edifícios; os arquitetos e corretores dedicados à produção e à venda – propaganda – destes espaços concebidos (Lefebvre, 1974) mobilizam ainda uma outra representação do espaço. Qual visão da cidade, quais imagens são produzidas pelos diversos atores presentes neste novo bairro, desde a sua concepção até a sua ocupação por moradores e trabalhadores (porteiro, segurança, empregada doméstica, jardineiro, administrador, etc.)?

O meu interesse é tentar entender como cada uma destas imagens entra em conflito com as outras e como estas disputas revelam um jogo de poder estreitamente ligado às desigualdades sociais e às questões de classe.

Palavras chaves: Antropologia urbana; disputa das imagens da cidade; habitar; estudo das elites.

GT 24. INFANCIXS, ADOLESCENCIXS ENCORSETADAS EN LA POBREZA ESTRUCTURAL, JUDICIALIZADAS ¿CRÍMENES CONTEMPORÁNEOS DE LESA HUMANIDAD?

Coordinadores:

Eugenia M. Ruiz Bry- Dra. En Antropología Socio cultural-Argentina.
Docente/Investigadora –UNR- Fac. Humanidades y Artes; yluteuge@gmail.com

Janaina Henrique dos Santos- Mestrado em Ciências Sociais Brasil. Associação de Apoio as Comunidades do Campo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte; janahenrisantos@gmail.com

Rodrigo Sepúlveda Prado. Antropólogo Magister Psicología Clínica mención Psicoanálisis. Doctor (c) en Estudios Latinoamericanos-Chile-Académico Fac. Medicina Univ. de Chile. rfsepulveda@gmail.com

Comentarista: María José Clutet. Abogada UNR Argentina . Coordinadora Programa Inclusión sociocultural para jóvenes en situación de vulnerabilidad "Juventudes Incluidas" Rosario; Secretaría Seguridad Comunitaria –M. de Seguridad Prov.;

majoclutet@gmail.com

NI SOLDADITOS, NI CHOROS: UNA MIRADA RESPECTO DE LA RELACIÓN DE L@S JÓVENES CON EL TRABAJO EN EL BARRIO LAS FLORES DE LA CIUDAD DE ROSARIO

Evangelina Benassi. Licenciada en trabajo social – Docente investigadora UNR – UNER; evangelinasf@hotmail.com

El siguiente escrito es parte del trabajo de campo que vengo realizando en el marco de mi tesis de doctorado en trabajo social, por la unr. en la misma estudio, a partir de entrevistas en profundidad, grupos focales y observaciones participantes, las juventudes de sectores populares de la ciudad de rosario, específicamente situadas en el barrio las flores de la zona sur. el recorte está centrado en un programa de inserción laboral denominado “nueva oportunidad”, diseñado e implementado en forma conjunta por la municipalidad de rosario y el gabinete social de la provincia de santa fe desde el plan abre.

A partir del acompañamiento de l@s jóvenes que participan en ese plan, me pregunto: *¿cuáles son las oportunidades para l@s jóvenes de sectores populares en rosario?* y reconstruyo sus historias de vida, a partir de las cuales analizo como ést@s jóvenes transitan el barrio; las relaciones - interacciones con sus pares, con sus familias y con las instituciones del estado. así mismo, centro la mirada en las perspectivas respecto del trabajo que tienen l@s jóvenes, cuáles son las inserciones laborales que van construyendo y van resignificando, en función de sus propias experiencias y expectativas.

De modo transversal, retomo la categoría de fronteras (guedes, 1997) para analizar los desplazamientos tanto territoriales como simbólicos de l@s jóvenes dentro y fuera del barrio; cómo operan esas fronteras tanto en lo que refiere a sus relaciones afectivas, como en la provisión de bienestar para la reproducción de la vida cotidiana.

Palabras claves: juventudes – sectores populares – trabajo – identidades – políticas sociales.

“JUVENTUDES INCLUIDAS”, POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENCIÓN SOCIAL DEL DELITO Y REDUCCIÓN DE LA VIOLENCIA, DIRIGIDAS A JÓVENES QUE SUFREN DISTINTAS DESIGUALDADES Y VIVEN EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD SOCIAL EN LAS CIUDADES SANTA FE

Y ROSARIO (ARGENTINA) 2015

Lic. en Comunicación Social y Abogada María José Clutet (UNR). Coordinadora Programa “Juventudes Incluidas” – Secretaría de Seguridad Comunitaria.

El presente trabajo está basado en la implementación de políticas públicas de prevención social del delito y reducción de la violencia, dirigidas a jóvenes de las ciudades Santa Fe y Rosario de la Provincia de Santa Fe (Argentina) que sufren distintas desigualdades y viven en situación de vulnerabilidad social. Dichas políticas, se desarrollan en la órbita de la Secretaría de Seguridad Comunitaria perteneciente al Ministerio de Seguridad de la Provincia de Santa Fe.

Desde el 2011 hasta la actualidad, se ejecuta el Programa Provincial de Inclusión Sociocultural para Jóvenes en Situación de Vulnerabilidad “Juventudes Incluidas”, creado por Decreto Provincial N° 1497/11. Dicho Programa es el correlato del proyecto “ARG/08/012 Intervención multiagencial para el abordaje del delito en el ámbito local”, desarrollado junto con la Secretaría de Seguridad Interior de la Nación y el PNUD en el periodo 2008-2010.

El objetivo principal es promover políticas y acciones integrales orientadas a las juventudes de la provincia de Santa Fe en situación de vulnerabilidad, garantizando el ejercicio de sus derechos fundamentales y facilitando los procesos de inclusión sociocultural como dispositivo para la prevención social del delito y la reducción de la violencia.

El Programa “Juventudes Incluidas” funciona en articulación con otras agencias gubernamentales en el marco del Programa de Intervención Integral en Barrios “Abre” que el Gobierno de la Provincia de Santa Fe lleva adelante en coordinación con las municipalidades de Santa Fe, Rosario, Villa Gobernador Gálvez, Santo Tomé y Pérez. El Plan Abre tiene como objetivo profundizar un conjunto de acciones tendientes a mejorar la calidad de vida, la convivencia y la seguridad de todos los ciudadanos.

Palabras claves: juventudes, desigualdades, violencia, políticas públicas, seguridad.

POLICÍA, JUVENTUD E INCLUSIÓN SOCIAL: UNA REFLEXIÓN SOBRE LOS PROYECTOS Y DISCURSOS SOBRE LA JUVENTUD EN BRASIL Y PANAMÁ EN PERSPECTIVA COMPARADA

Fabiano Dias Monteiro – Profesor Doctor en Antropología Cultural (UFRJ/IFCS);
fdmrio@gmail.com

Jonas Araujo – Licenciado en Ciencias Sociales (UERJ/ONG Viva Rio);

jonasaraujo@vivario.org.br

Sandro Costa – Especializado en Proceso Penal e Capitán de Policía Ref.
(UFF/PMERJ); sandro@vivario.org.br

En los últimos años, estrategias de policía de proximidad han sido replicadas en Brasil y Panamá a partir de la experiencia de las Unidades de Policía Pacificadora (UPPs) de Rio de Janeiro, incluso con el intercambio de policías y gestores en un intento de analizar los impactos de acciones de policía comunitaria, teniendo como punto de apoyo la cuestión de la inclusión de jóvenes involucrados (o supuestamente involucrados) con en el tráfico de drogas y otras esferas del crimen.

A través de la financiación del Banco de Desarrollo de América Latina (CAF) y la ejecución por la ONG *Viva Rio* conjuntamente con la Policía Militar de Rio de Janeiro, se ha ampliado el debate institucional (con la participación de la policía, sectores académicos, la administración pública, etc.) sobre la relación de los jóvenes con las rutinas de seguridad pública, en particular aquellas marcadas por la presencia policial en el territorio y por los intentos de represión de la criminalidad violenta.

En este proceso ha sido posible identificar la reproducción de discursos en que jóvenes de los barrios marginales y de la periferia surgen como un elemento potencialmente peligroso, cuyo contacto con el crimen se debe evitar “a toda costa”, por medidas de control y de intervención todavía hechas en la infancia, donde la participación de niños y niñas en actividades relacionadas con el deporte y la música (por ex.) son recurrentemente observadas como una herramienta de prevención para una “vida de desvíos”.

A menudo, este enfoque se confronta con las libertades y las experiencias juveniles, produciendo conflictos y contradicciones entre los proyectos de pacificación de los territorios y la actuación social de los jóvenes.

Palabras claves: juventud, delincuencia, policía de proximidad, policía comunitaria.

“JUVENTUD Y VIOLENCIA: ¿QUÉ HACER CON ELLAS?”

Dr. Héctor Castillo Berthier. Coordinador de la Unidad de Estudios Sobre la Juventud-
Instituto de Investigaciones Sociales UNAM. Director General de Circo Volador;
berthier@unam.mx

Trabajar con los jóvenes es siempre una experiencia apasionante y no hay día en que no

aparezcan nuevas ideas, nuevas propuestas, nuevas interpretaciones de la realidad o, mejor aún, cuando se logra tener una buena relación basada en la confianza, surgen de manera casi espontánea las ideas grupales de nuevas tareas y quehaceres directos que deben empezar a organizarse y sistematizarse desde su inicio. Pese a ello es muy común que al trabajar con jóvenes, antes de indagar sobre sus intereses particulares o sus habilidades, se piense más bien en los problemas recurrentes que se asegura están presentes y que giran alrededor de este grupo social. Por ejemplo, es habitual que aparezcan de forma reiterada los fantasmas de la deserción escolar, la desintegración familiar, las relaciones viciadas con la policía, la violencia intrafamiliar, las relaciones de noviazgo y con la pareja, las adicciones (alcohol, tabaco, drogas, inhalantes), la violencia en sus barrios y comunidades, o simplemente la percepción distorsionada que tienen los jóvenes sobre su ciudad y sobre cómo ven su futuro dentro de ella. Pero, ¿Qué tan útil es empezar a trabajar directamente sobre éstos y otros “problemas”? ¿Se pueden identificar sus habilidades y potencialidades? ¿Se pueden evaluar y medir sus niveles de desarrollo? El trabajo que se presentará, hace una reflexión detallada de este proceso.

Palabras claves: jóvenes, violencia, mitos Vs. habilidades-potencialidades.

TRANSFORMACIONES EN EL PROCESO SUBJETIVANTE DURANTE LAS DOS ÚLTIMAS DÉCADAS: NUEVAS INFANCIAS Y ADOLESCENCIAS

Sergio Mario Magi. Licenciado en Psicología – U.B.A – Psicólogo clínico- Agente de la Dirección de Justicia Penal juvenil de la Pcia. De Santa Fe – Rep. Argentina; sergiomagi@hotmail.com

Las transformaciones del conjunto de pautas culturales de las dos últimas décadas vienen generando nuevos sujetos con características diferentes a las estudiadas en décadas anteriores.

Ausencia del otro – caída del padre – tecnología – virtualidad – vacío – capitalismo a ultranza – consumo – introducción definitiva del consumo de estupefacientes, algunos de los factores-variables que vienen transformando el paisaje cultural en el que, entre otros fenómenos, estimulan la práctica delictiva temprana, abandono escolar y pérdida de pertenencia social.

Las reformas jurídicas realizadas, especialmente en la primera década del 2000, en Argentina, pareciera que apuntan a proteger la infancia-adolescencia en riesgo, pero lo cierto es que, paradójicamente, en muchos casos, provoca un abandono mayor ya que el estado retrocede bajo el argumento de dejar todo el espacio a la envoltura familiar y la familia, como espacio de pertenencia “natural”, también retrocede.

Palabras clave: sujeto – subjetivación – otro – vacío – delito.

INFÂNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1990: RAZÕES ESTATUTÁRIAS, IDENTIDADES TRANSITÓRIAS E PROJEÇÕES FAMILIARES

Larissa Morelhão. UEL - Universidade Estadual de Londrina/ PR, Brasil;
larissa.morelhao@gmail.com

A pesquisa a partir da qual este trabalho se apresentará tem sua razão conjunta à inauguração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990). Retratamos (enquanto retratação, literalmente) a aplicabilidade do ECA à sua “primeira geração”, 1990 à 2009, ano em que foi incorporada ao estatuto a Lei 12.010 - “Lei da Adoção”. Retornamos à inauguração do estatuto, às lutas da Lei (Moral) com as moralidades, através de uma Identidade capaz de nos mostrar que a moralidade é decorrente das fragilidades da moral, da deficiência do Direito, das dificuldades de aplicabilidade e surge em espaços como o produzido de 1990 à 2009, na distância da realidade idealizada pela Moral e as moralidades que respondem à realidade quando direitos e deveres se encontram inteligíveis. A hipótese, contudo, é que a inteligibilidade não é ingênua. O ECA/2009 voga-se a serviço da consolidação do individualismo neoliberal em detrimento das identidades produzidas no abismo de infância ideal brasileira e realidades das infâncias no Brasil o que, neste momento, convém, tanto à preservação da Individualidade quanto à isenção de responsabilidades pelas identidades produzidas na primeira geração do estatuto e suas falhas, transfiguradas a partir de 2009 em negligenciamento familiar, no caso de destituição do poder de família. Assegurando-se a “Lei da Adoção” por esse mecanismo de transportar os filhos das crianças e adolescentes da primeira geração do estatuto à classe média brasileira. Sobre os efeitos do ECA às identidades de pais (geração 1990) e filhos (2000) se atentarão as reflexões deste trabalho.

Palavras chaves: Moral estatutária, moralidade Familiar, colapso identitário, neoliberalismo.

"UN ENVIÓN" HACIA EL JOVEN SUJETO DE DERECHO

Lic. María de los Ángeles Núñez, Trabajo Social- Doctoranda del Doctorado en Trabajo Social .Fac. Ciencia Política y RR.II UNR Argentina;
mariamarcone2011@gmail.com

A través del presente trabajo, se parte de analizar al jovxn como sujet@ de derecho y en ese marco, nos se planteamos la disputa que conlleva a determinar el alcance, efectividad, del programa ENVION, **que depende del MINISTERIO DE**

DESARROLLO SOCIAL PROVINCIAL (Bs. As) —Programa de responsabilidad compartida—donde interactúan de manera transversal el Estado, Provincia y Municipios, sumándoseles empresas privadas. El mismo, formula un sistema de Promoción y Protección Integral de los Derechos, como programa de Inclusión Social (en el marco de la Ley 13.298). Dirigido a adolescentes y jóvenes entre 12 a 21 años de edad; en condiciones de vulnerabilidad social; adolescentxs y jóvenxs con severas condiciones de precarización sociocultural, tales como desocupación en el ámbito laboral y/o escolar, o ambos; atravesados por situaciones de adicción; violencia familiar, abandono. Se establece como una política pública que se propone lograr y generar inclusión. Paralelamente el título se conforma con la integración del término ENVION para significar todo lo que el mismo conlleva : en cuanto a impulsos, proponer, empuje, pista de despegue, y tal como consigna vital de fundamentos de usina que construye y busca recuperar recursos materiales y simbólicos para que cada uno de lxs participantes pueda reescribir su proyecto de vida. El estudio se realizó en la ciudad de San Nicolas, Pvcia. de Bs As-Argentina.

Palabras claves: jóvenes, adolescentes, vulnerabilidad socio-cultural -promoción y protección integral de DDs. Inclusión social.

LAS REPRESENTACIONES DE LOS NIÑ@S Y JOVENES DESVINCULADOS DEL CONFLICTO ARMADO COLOMBIANO EN EL DESARROLLO DE INVESTIGACIONES Y EN LA PRODUCCIÓN ESCRITA

Paula Andrea Olaya Goetz. Doutoranda en Ciencias Sociales de la Universidad Estadual de Campina UNICAMP, Brasil; paulaolaya@gmail.com

Durante la década de 1990 Colombia alcanzó uno de los mayores índices de violencia de su historia, siendo una de las problemáticas la vinculación de crianzas e jóvenes a los grupos insurgentes. Esta problemática comenzó a ser vista como tal a partir de dos marcos trascendentes. El primero involucró la promulgación de la Convención de los Derechos de las crianzas, así como el estudio realizado por la señora Graça Machel por encargo del Secretario General de las Naciones Unidas, sobre la situación de los niños y niñas vinculados a la guerra en la década de los noventa. Ese estudio mostró apavorantes resultados, impactando a la comunidad internacional. El segundo, está relacionado con las “entregas” de menores combatientes por parte de las FARC-EP al Estado colombiano, hecho posterior al informe Machel. A pesar de la complejidad de la problemática el Estado colombiano ha sido incapaz de ofrecer condiciones suficientes para garantizar la recuperación psico-afectiva e socioeconómica de los niños, niñas y jóvenes que han “optado” por la desvinculación de los grupos armados.

La siguiente ponencia tiene el objetivo de presentar un panorama bibliográfico amplio sobre los jóvenes desvinculados do conflicto armado colombiano, destacando las

explicações estruturais que desde a sociologia, economia e ciências políticas han dado al tema, e mostrando que a maior parte de estas han estado ancorados a cuestiones que no revelan las experiencias cotidianas e personales de estos jovens. Por tal razão se pretende cuestionar estos trabalhos desde una perspectiva microsocia que entre en dialogo com discussões antropológicas vinculadas a las trayectorias

de vida.

Palabras claves: ni@s e jóvenes, conflito armado colombiano, representaciones, Estado, políticas públicas.

CRIANÇAS INDÍGENAS NO COTIDIANO DA CIDADE, ENTRE A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, O TRABALHO E A CULTURA LÚDICA

Giovana Didoné Piovezana giovana@unochapeco.edu.br UNOCHAPECÓ

Maurício Roberto da Silva mauransilva@gmail.com UNOCHAPECÓ

Leonel Piovezana

leonel@unochapeco.edu.br UNOCHAPECÓ

O presente estudo sobre crianças indígenas no cotidiano da cidade, entre a educação não formal, o trabalho e a cultura lúdica é resultado de pesquisa a campo, tendo como espaço pesquisado a cidade de Chapecó (SC), localizada no Oeste do estado, lugar de moradia e de passagem dos indígenas, num primeiro momento dos povos Guarani e após o século XVII dos Kaingang. Com a retirada em 2002 da última aldeia indígena urbana da cidade de Chapecó e transferida para o espaço rural, acreditava-se que o problema de crianças indígenas na rua estaria solucionado. Isso não aconteceu, a cidade era a sua casa e a rua seu espaço de lazer, de viver e de ganhar a vida. Nesse processo de idas e vindas entre campo e cidade as crianças perdem muito de seus referenciais e são violentadas pela exclusão, indiferença e pela educação, nunca pensada antes para indígenas na cidade. O estudo parte do princípio, acordando com Piovezana (2014) de que a língua, o poder, a verdade e o pertencimento inferem diretamente aquilo que marca a cultura indígena, assim, promover educação qualitativa e inclusiva em culturas diversificadas implica, sobretudo, em rever e (re)significar não tão somente os métodos e práticas pedagógicas, mas sobretudo implicar-se com as novas propostas educativas. Busca identificar a criança indígena na rua em seus afazeres que implicam brincadeiras, responsabilidades, educação e trabalho. Por fim, nos apoiamos na Educação Crítica como suporte teórico para pensar as crianças indígenas da América do Sul, mais especificadamente da cidade de Chapecó (SC).

INFANCIXS Y ADOLESCENCIXS, ENTRE BUNKERS Y.... SOLDADITOS CON PLOMO....DELITO DE LESA HUMANIDAD....?

Eugenia M. Ruiz Bry- Dra. Antropología Socio cultural. Docente/Investigadora –UNR-
Fac. Humanidades y Artes-Argentina; yluteuge@gmail.com

Las infancixs y adolescentxs, de quienes están en situación de pobreza estructural en A. Latina, toda y en los demás países del Tercer Mundo—acepción utilizada en descripción del sentido económico, que da cuenta de la tremenda asimetría, inequidad económico- política, social y cultural respecto a las preponderancia económica de los países del Primer Mundo, en contraste con los del Tercer Mundo sumidos en la pobreza miserable, subdesarrollados— Progresivamente han ingresado a las estrategias de supervivencia delictivas,(tomando el caso de nuestro país Argentina, para esta etnografía del año '86 en adelante) En una escalada a partir de la implantación de políticas neoliberales, en leyes de flexibilización laboral y del sistema educativo graduado, impactando en dramáticamente en la capacidad de gestionar ciudadanía en grandes sectores poblacionales. El contexto ahora para la pobreza es “miserable” Esta debacle encuentra, se encuentra, con una respuesta que viene del crimen organizado del narcotráfico, gestionando “oferta laboral”, superada la instancia de “burrito”, “mula”, “correo” ; aparece un nuevo actor social: SOLDADITO; quien va a expender droga, desde un Bunker ubicado zonas marginalizadas de la ciudad. Llegado a este punto, implicamos directamente al Estado en su responsabilidad por la situación de pobreza miserable, como parte de la política de estado. En lo en gral. y en lo particular el incumplimiento de la Convención Internacional de los Dchos. del Niño. Realidad esta que consideramos dada su magnitud concomitante al delito de Lesa Humanidad según Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional-

palabras clave: minoridadxs- neoliberalismo-delito -pobreza estructural – delito lesa humanidad-soldaditos.

DEBATES EN EL CAMPO DE LA NIÑEZ. EL SISTEMA QUE DEBIERA SER

María Sol Santa Cruz – Licenciada en Trabajo Social- Comisión de Niñez Colegio de Trabajo Social, Segunda Circunscripción Rosario; sols19@hotmail.com
Luisina Finos – Licenciada en Trabajo Social – Comisión de Niñez, Colegio de Trabajo Social, Segunda Circunscripción Rosario; lu.finos@hotmail.com

Natalia Juárez – Licenciada en Trabajo Social – Comisión de Niñez Colegio de Trabajo Social, Segunda Circunscripción Rosario; juareznataliaania@gmail.com

El campo actual de la Niñez, se constituye en un entramado complejo de interrelaciones, que conllevan a relaciones caóticas, conflictivas, complejas, donde el anudamiento no siempre logra disiparse, sino que se constituye como lo característico de las intervenciones en este campo. Desde el análisis de una situación de vulneración de Derechos por la que ha atravesado un Niño de la Ciudad de Rosario (Provincia de Santa Fe – Argentina), se busca problematizar acerca del Sistema de Protección Integral, que se crea desde la sanción de la Ley 12.967 “ Promoción y Protección integral de los Derechos de los Niños, Niñas y Adolescentes”, sancionada en el año 2009, analizando principalmente desde la noción de institucionalidad y las lógicas de intervención que se constituyen como instituidas.

Palabras claves: Niñez - Vulneración – Derechos – Institucionalidad – Intervención.

ENTRE DESVIOS E NORMAS: ADOLESCENTES MULHERES EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE – UMA REFLEXÃO SOBRE A AUTONOMIA

Janaina Henrique dos Santos - Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN / Brasil; janahenrisantos@gmail.com; janaina@aacrn.org.br

Este trabalho busca fazer reflexões sobre o mundo social da infração juvenil feminina, em cujo contexto se inserem as adolescentes mulheres que cumprem medidas socioeducativas no Centro Educacional Padre João Maria (CEDUC), Natal-RN. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), o comportamento dessas adolescentes em questão foi determinado como “conduta descrita como crime ou contravenção penal”. Objetiva-se, com o estudo, discutir aspectos do universo dos mecanismos de controle institucionais totais com os quais esses sujeitos estão interagindo. Através de análises sócio-antropológicas da prática etnográfica de pesquisa de campo, mostrou-se necessário problematizar a noção de *desvio* envolvida na prática de penalidades atribuídas às adolescentes mulheres no contexto de privação de liberdade. Para tanto, desenvolveu-se o “desenho” das representações das relações de gênero, de geração, das práticas de violência e criminalidade, a partir do olhar sobre a Unidade CEDUC/Padre João Maria.

Palavras-chave: Gênero. Juventude. Violência. Criminalidade. Autonomia.

EL CONTROL DE LA INFANCIA Y LAS NUEVAS UTOPIÁS: IMAGINARIOS SOCIALES DE NIÑEZ EN EL CONTEXTO NEOLIBERAL

Rodrigo Sepúlveda. Antropólogo Mag. Psicología Clínica mención Psicoanálisis Dr. En Estudios Lationamericanos. Profesor Asistente. Departamento de Terapia Ocupacional y Ciencia de la Ocupación. Facultad de Medicina. Universidad de Chile; rsepulve@med.uchile.cl

El neoliberalismo, como expresión ideológica, actúa como un dispositivo que inhibe el desarrollo de imaginarios utópicos, lo cual afecta directamente los imaginarios de infancia. Sobre la subjetividad globalizada se impone la lógica de una economía política, digitada desde los centros intelectuales del orden internacional, que junto con un modelo acumulativo de concentración de ganancias establecen parámetros de control político y cultural de sociedades y estados. En ese contexto, postulamos la configuración de un orden mundial de la infancia que ha legitimado el control y la criminalización de los niños y las niñas, impidiendo la emergencia de imaginarios políticos de infancia a través de dispositivos de tecnopoder que reducen a los niños y niñas a un ámbito de intervención y control.

Nuestro análisis apunta a elucidar el papel que juegan los imaginarios de criminalización de la niñez en la inhibición de las utopías políticas de infancias que ocuparon un lugar privilegiado en los proyectos emancipatorios en América Latina. Se revisan las implicancias de los imaginarios de control instalados por agencias del nuevo orden mundial de la infancia, como UNICEF, y la desarticulación de la producción intelectual sobre niñez e infancias en la región.

Por último, se retoma la propuesta de Bustelo de un nuevo comienzo en la construcción de los Derechos del Niño y la Niña, donde la historización y la repotilización de las infancias resulta central.

Palabras claves: Infancia – Imaginarios Sociales – Control Social – Criminalización – Antropología Política.

O DISCURSO DO ÓDIO E A CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA: UMA ANÁLISE DA JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Cristiane de Souza Reis. Pós-Doutoranda no Centro de Estudos Sociais – CES. Doutora em Direito e Sociologia. Mestre em Ciências Criminais. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense; csouzareis@gmail.com

Boaventura Sousa Santos relaciona a sociedade civil com esferas de proteção do Estado. Quanto mais próxima do mesmo, mais os membros daquele tipo de sociedade civil usufrui dos direitos e garantias previstos no contrato social. Com a atual crise econômico-financeira reinante no mundo ocidental, podemos observar que cada vez mais o fosso social amplia-se. Para aqueles que se encontram excluídos (ou incluídos de forma perversa) o ponto de contato primordial com o Estado ocorre na esfera penal, onde os pobres tendem a ser, hegemonicamente, identificados como perigosos.

O Brasil experimenta atualmente por parte da sociedade uma descrença nas instituições democráticas, exalando ódio em seus discursos, que ganham amplitude nas redes sociais. Casos recentes de atos de justiça com as próprias mãos contra jovens das camadas carenciadas economicamente tem vindo a ganhar imensa evidência e adesão social. Um dos principais debates que enfrentamos relaciona-se com o clamor pela redução da maioria penal encontrando eco nas ações de linchamento público, nas quais se amarra o jovem delinquente a um poste em uma clara reminiscência do negro no pelourinho.

Pretendemos nesta comunicação analisar os discursos de intolerância que tem pautado grande parte da sociedade civil brasileira atual, onde o padrão é a criminalização da pobreza, nomeadamente a população infanto-juvenil, contrariamente aos objetivos preconizados na Convenção Internacional dos Direitos das Crianças que promove o seu desenvolvimento integral. Compreendemos que os linchamentos em praça pública, numa permanência medieval, para além de medidas de graves violações de direitos humanos, não refletem o real viés de solução por meio da implementação de eficazes políticas públicas.

Palavras-chave: pobreza – cidadania – delinquência juvenil – punição.

JUDICALIZACIÓN DE LA INFANCIA Y MULTIPLICACIÓN DE LA VIOLENCIA. CLAVES PARA PENSAR ACCIONES DE SALUD Y DISPOSITIVOS DE SALUD MENTAL

Ana Silvia Valero. Facultad de Ciencias Naturales y Museo, UNLP;
anasilviavalero@gmail.com

Silvia Faraone. II.GG. Facultad de Ciencias Sociales, UBA; sfaraone@sociales.uba.ar

Eugenia Bianchi. II.GG., Facultad de Ciencias Sociales, UBA – CONICET;
eugenia.bianchi@yahoo.com.ar

El tema de la violencia en la infancia se presenta como núcleo conceptual que desafía los abordajes sectoriales y unidisciplinarios. En esta ponencia nos proponemos reflexionar en torno de una experiencia de creación, continuidad y cierre de un dispositivo para niños y niñas que se llevó a cabo en la ciudad de Rosario durante los años 2007-2009 en el marco de una iniciativa de la Dirección Provincial de Salud Mental, a los fines de dar respuesta a la violencia, el padecimiento psíquico y la vulneración de derechos.

Abordamos esta experiencia a los fines de reconocer sus aristas, sus límites y los desafíos a enfrentar cuando se pone en juego la garantía de los derechos. Recuperamos a tal efecto, una primera instancia de trabajo de campo, que en base a entrevistas en profundidad, desarrollamos con los integrantes del Área Infancia que en ese momento histórico pertenecían a la Dirección Provincial de Salud Mental (proyecto UBACyT 2008-2010) y de una segunda instancia centrada en un grupo de reflexión posterior (2015) con los protagonistas luego del alejamiento de la gestión. Las reflexiones finales señalan la necesidad de la revisión crítica de los mecanismos por los cuales las instituciones también son productoras de violencia.

Palabras Clave: infancia – violencia – judicialización - salud mental – equipos de salud.

GT 25. MOVILIDAD ESPACIAL, REGULACIÓN SOCIAL Y GOBERNABILIDAD

Coordinadores:

Dr. Sergio Caggiano. Investigador Adjunto del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) en el Centro de Investigaciones Sociales del Instituto de Desarrollo Económico y Social (CIS – IDES). Profesor en la Universidad Nacional de La Plata; sergio.caggiano@gmail.com

Dr. Guilherme Mansur Dias. Investigador Asociado en el Centro de Estudios de Migraciones Internacionales – Unicamp; guiboamansur@yahoo.com.br

Comentarista: Dra. Bela Feldman-Bianco. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Diretora Associada do Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI), IFCH, UNICAMP; bfb@uol.com.br

Sesión 1: Espaços de vida e regulação social:

-

PENSANDO AS BASES DA PRODUÇÃO COOPERATIVA DE MORADIA NO URUGUAI A PARTIR DE PERSPECTIVAS SOBRE A MOBILIDADE URBANA NO CIRCUITO TRABALHO, MORADIA E CIDADE

Flávio Henrique Ghilardi, sociólogo, doutorando do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPPUR/UFRJ; flavio.ghilardi@ufrj.br

A mobilidade espacial das pessoas no ambiente construído das cidades latino-americanas constitui-se em intrincado processo de regulações urbanas envolvendo o circuito trabalho, moradia e cidade. No Uruguai, em meado dos anos 1960 um inovador sistema de acesso à moradia foi desenvolvido a partir da proposta de produção de habitação por meio de cooperativas autogestionadas. Constituindo-se em sistema regulado pelo aparato estatal – tanto por meio normativas, quanto pelo aporte de financiamento – e operacionalizado por cooperativas, esse modo de produção de moradia impactou fortemente a sociedade civil e, também, o modo de se produzir cidade – e nela circular (como é marcante a “propriedade coletiva” enquanto forma jurídica e cultural de vida nessas cooperativas). O artigo, assim, persegue uma discussão que aborda formas alternativas de se constituir o ambiente construído nas cidades latino-americanas e seus entrelaçamentos com o trabalho, o deslocamento e a moradia na cidade. Desde uma perspectiva histórica, adentra condições sociais e políticas de onde emergiu o sistema cooperativo de produção de moradia no Uruguai, durante a passagem para a segunda metade do século XX. Mais especificamente, enfrenta algumas questões sobre a formação econômica e política do país a partir das regulações sociais sobre os fluxos migratórios que se intensificaram desde o final do século XIX, impactando a conformação de uma determinada classe operária que será a “base social” daquele sistema. Para fechar a reflexão, desenham-se alguns elementos comparativos com a experiência de produção social de moradia no Rio de Janeiro, de modo a delimitar alguns traços distintivos do contexto uruguaio.

Palavras-chave: ambiente urbano; habitação social; mobilidade urbana; regulação urbana; produção social da moradia.

EL TERRITORIO EN LAS POLÍTICAS DE INCLUSIÓN SOCIAL DIRIGIDAS A NIÑOS, NIÑAS Y ADOLESCENTES

Marina Medan, Valeria Llobet, Ana Cecilia Gaitán. Centro de Estudios en Desigualdades, Sujetos e Instituciones - Universidad Nacional de San Martín / Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – Argentina; marinamedan@conicet.gov.ar; valeria.s.llobet@gmail.com; ce_gaitan@yahoo.com.ar

Esta ponencia se inserta en el campo de debates que articula la noción de territorio, desigualdad y políticas sociales. En las últimas dos décadas, la estrecha relación entre el territorio y las políticas sociales en Argentina ha pasado de ser signo de la desaprensión estatal a constituirse en el pivote del Estado social alrededor del cual organizar el bienestar y la inclusión de los sectores más vulnerables de la población. Tomando en cuenta el dinamismo en las relaciones entre el territorio y la política social, aquí nos proponemos caracterizar el rol y las formas que adquiere el territorio o lo territorial en las estrategias de intervención social del Estado dentro del Sistema de Protección de Derechos de niños, niñas, adolescentes y jóvenes. Los datos presentados surgen de una investigación cualitativa más amplia sobre la institucionalización de dicho sistema en dos partidos del Gran Buenos Aires San Martín y Morón. Nuestro foco supone agregar a la mentada relación, la cuestión etarea, ya que se trata de estrategias comprometidas con la inserción de las nuevas generaciones en el orden social. Discutiremos resultados en torno a: 1) las ideas sobre el territorio que circulan en el seno de este tipo de políticas sociales -tanto aquellas sobre la función de la intervención en el territorio, como sobre las caracterizaciones que hacen sobre los territorios en los que trabajan-, y 2) en torno a las dinámicas del territorio que alteran, dialogan y obstaculizan las intensiones del Estado de hacer políticas sociales territorializadas.

Palabras clave: políticas sociales, territorio, infancia, adolescencia, desigualdad.

FORMALIZAÇÃO DE SERVIÇOS, GENTRIFICAÇÃO E RESISTÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DA “PACIFICAÇÃO” NA FAVELA SANTA MARTA

Patricia Novaes. doutoranda do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Observatório das Metrôpoles; patricia.r.novaes@gmail.com

Pricila Loretti. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil) (com estágio doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, Paris, França), e pesquisadora associada ao Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia (PPGSA), da UFRJ, especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), da UFRJ, e graduada em ciências sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ; priloretti@gmail.com

Este artigo tem como tema central de reflexão as transformações urbanas e sociais em favelas na cidade do Rio de Janeiro, a partir do processo formalização de serviços propiciados em grande parte pela implantação do programa Unidade de Polícia Pacificadora – UPP nestes espaços sociais. Pesquisas na área apontam que a política de pacificação tem propiciado uma rearticulação entre Estado e mercado levando a processos de encarecimento dos custos de vida nas favelas. Se por um lado, o acesso à energia elétrica, dentre outros serviços, é reconhecido como avanço, que tende a fortalecer a cidadania dos moradores, de outro lado, o aumento das despesas pode tornar inviável a permanência de muitos moradores no local. Neste sentido, nosso objeto de análise é a relação entre a política de formalização de energia elétrica e processos de gentrificação, a partir do caso exemplar de Santa Marta, favela em que foi inaugurada a primeira UPP. O conceito da gentrificação, debatido inicialmente por autores de países anglo-saxônicos, vem sendo apropriado pela literatura acadêmica brasileira desde os anos 2000 para analisar os efeitos das políticas de renovação urbana em grandes centros urbanos. Na medida em que verificamos formas de resistência aos possíveis processos de gentrificação, através de ações coletivas na favela, buscamos atualizar tal teoria, questionando em que medida ela seria útil enquanto instrumento analítico.

ORGANIZACIÓN BARRIAL Y REGULACIÓN SOCIAL ENTRE LA DICTADURA Y LA DEMOCRACIA. LOS INMIGRANTES CHILENOS EN BARILOCHE Y NEUQUÉN

José Benclowicz (IIDyPCa CONICET / UNRN); jd.benclowicz@gmail.com

Fernando Aiziczon (IDH/UNC/CONICET)

En la presente ponencia examinamos la cuestión de la organización de los barrios populares y las formas de regulación social impulsadas desde el estado hacia la década de 1980, centrándonos en los casos de Neuquén y San Carlos de Bariloche. En estas ciudades, que figuran entre las más pobladas de la Patagonia argentina, los inmigrantes chilenos –muchos de los cuales contaban con experiencias de organización y militancia forjadas en sus lugares de origen– jugaron un papel relevante en la organización de las barriadas populares y fueron objeto de las políticas de regulación y control impulsadas desde el estado. Abordamos ambas cuestiones a partir del trabajo de campo, incorporando al análisis, además de las correspondientes observación y entrevistas, datos estadísticos, normas legislativas y boletines barriales, entre otras fuentes.

Palabras clave: Bariloche, Neuquén, Exiliados chilenos, Organización barrial.

MIGRANTES, ESPACIOS URBANOS Y CIRCULACIÓN. DIMENSIONES Y ESCALAS DE REGULACIÓN DE LA MOVILIDAD

Sergio Caggiano. Investigador del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) en el Centro de Investigaciones Sociales (CIS – CONICET / IDES). Profesor en la Universidad Nacional de La Plata; sergio.caggiano@gmail.com

El trabajo aborda experiencias y representaciones de migrantes bolivianos acerca de los espacios urbanos que habitan, los desplazamientos posibles por la ciudad y sus obstáculos, en las ciudades de Buenos Aires y Madrid. Se enfoca el papel de las fuerzas de seguridad estatales –junto a otros actores sociales– en la definición de algunos espacios como “propios” de los migrantes (lo cual supone espacios impropios o ajenos) y en la limitación u obstrucción de algunos movimientos (que se da al lado de la aprobación o estímulo a otros).

Pretendo mostrar, por un lado, que las regulaciones sociales que enfrentan los migrantes en sus ciudades de residencia se dan sobre los espacios y también sobre la circulación. Doy importancia a este último aspecto, el de los desplazamientos y recorridos, evitando caer en la imagen de la ciudad como flujo y del espacio urbano como líquido o blando, al exponer cómo la circulación constituye una dimensión de la regulación social. Por otro lado, sostengo que estas regulaciones se despliegan en un plano de relativa autonomía respecto de las políticas generales que los Estados nación sostienen en materia migratoria, a veces distanciándose o marcando algún tipo de discontinuidad con ellas (Buenos Aires) y a veces mostrándose coherentes con sus líneas maestras (Madrid). Esto permite desbrozar los modos en que no “el Estado”, sino las agencias estatales intervienen en la dinámica de desterritorialización y reterritorialización.

Palabras clave: migración, ciudad, regulación social, espacio, circulación.

MOVILIDADES EN EL ESPACIO CARCELARIO: REGULACIÓN SOCIAL Y GOBERNABILIDAD EN TORNO A LA CIRCULACIÓN DE FAMILIARES EN CÁRCELES FEDERALES EN LA ARGENTINA

Victoria Pereyra. Doctoranda de la Universidad de Warwick, Inglaterra;

Las cárceles han sido normalmente estudiadas como un modo de regulación espacial caracterizado por su inmovilidad. Esta ponencia se centra en un tema que ha sido normalmente ignorado en estos estudios: el hecho de que por cada individuo encarcelado se activan nuevas movilidades familiares y procesos de circulación de bienes y relaciones de cuidado que moldean, al mismo tiempo, al espacio carcelario.

En base a un estudio etnográfico realizado con mujeres que visitan a sus familiares varones en cárceles federales en la Argentina, la ponencia analiza los modos de producción y regulación de la movilidad que se realizan en torno a la circulación de cuerpos, bienes y afectos en las unidades penitenciarias.

La ponencia explora como los cambios geográficos en la infraestructura carcelaria, junto a los modos de organización y regulación penitenciaria, moldean los modos de subjetivación de estas mujeres y producen vivencias espaciales particulares. Estas movilidades familiares transforman, a su vez, al espacio carcelario expandiendo sus muros al mismo tiempo que desdibujan las fronteras y transforman los hogares y los espacios domésticos.

Palabras clave: cárcel – movilidad • género – relaciones de cuidado • espacio.

Sesión 2: Estados y organizaciones en la restricción y la promoción de migraciones

VISIONES EMERGENTES DEL "INMIGRANTE" EN LAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILENAS CONTEMPORÁNEAS: ENTRE EL HUMANITARISMO Y LAS NUEVAS FORMAS DE CONTROL

Silvia Zelaya. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul; zelayasilvia@hotmail.com

Este texto se inscribe en una investigación etnográfica más amplia que tiene como escenario una trama de relaciones políticas y sociales en el sur de Brasil, donde una serie de actores –organismos de atención, investigación, promoción y defensa de los derechos humanos- intentan formular políticas públicas para inmigrantes. Dicho

escenário se encontra caracterizado por la utilización de un discurso que se aleja cada de vez más de visiones de la inmigración como una cuestión de "seguridad nacional" y se aproxima a otro que entiende las migraciones desde una perspectiva de "derechos humanos".

A partir del trabajo de campo, realizado desde el año 2013 en uno de los comités creados en Brasil para discutir la cuestión migratória, el Comitê de Atenção para Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vitimas do Tráfico de Pessoas de Rio Grande do Sul (COMIRAT/RS) examino las visiones emergentes de los inmigrantes tanto en términos de "sujetos de derecho" como de "vulnerables" y/o "victimas" que por tanto, merecen ciertos cuidados. Problematizo entonces la relación de estas figuras con la creación de dispositivos que al mismo tiempo que buscan atender al "inmigrante" y sus necesidades, sirven para legitimar nuevas formas de control de la movilidad. Desde un enfoque teórico que prioriza el análisis antropológico de las políticas públicas y los estudios de la gubernamentalidad busco comprender de manera general como la inmigración contemporánea se construye como un dato, un campo de intervención y como objeto de tecnologías de gobierno.

Palabras clave: Inmigración, Políticas Públicas, Gobierno, Estado, Sociedad Civil.

ENTRE ROTAS: TRANSFORMAÇÕES E TRANSIÇÕES NA GESTÃO MIGRATÓRIA A PARTIR DAS INTERAÇÕES ESTADO-SOCIEDADE EM TORNO DA RECEPÇÃO DE NOVOS FLUXOS MIGRATÓRIOS NO BRASIL.

João Guilherme Casagrande Martinelli Lima Granja Xavier da Silva. Doutorando em Direito, no Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília. Diretor do Departamento de Estrangeiros da Secretaria Nacional de Justiça, Ministério da Justiça; jg.granja@gmail.com; joao.granja@mj.gov.br; joao.granja@aluno.unb.br

Este trabalho tematiza percepções e discursos produzidos por atores das burocracias migratórias, por atores da sociedade civil prestadores de serviços, voluntariado e de defesa de interesses pelos migrantes, e representantes de organismos internacionais, confrontando relações entre esfera e espaços públicos no Brasil, nos últimos 5 anos, e desde meu próprio pertencimento a um segmento estatal. Quatro vetores orientam a reflexão: 1. As negociações sobre repertórios institucionais aplicáveis a diagnósticos e

intervenções do Estado que revelam o peso relativo conferido pelos atores à apreciação de direitos e liberdades migrantes e práticas derivadas de controle; 2. As interações entre agentes estatais e migrantes sobre o enquadramento em distintas tipologias migratórias (refúgio, laboral, vítimas de tráfico de pessoas) e suas consequências nos projetos de mobilidade; 3. A reorganização dos discursos em face da tramitação de nova lei migratória e demandas por reconhecimento de direitos por movimentos sociais, e qualificação da recepção dada a “novos fluxos de migrantes”, tomando os originados no Haiti, Síria e Senegal; 4. A remodelação de circuitos de mobilidade na região a partir da cooperação regional e fronteiriça e repercussão nos itinerários e projetos migrantes. Essas reflexões são enriquecidas por categorias fornecidas por Fassin e Herzfeld sobre o conteúdo moral de ações do Estado, sobre reflexões acerca das políticas de reconhecimento da tradição que dialoga com a obra de Honneth, e sobre leitura de movimentos de expansão de direitos de cidadania sugerida por Cardoso de Oliveira.

Palavras-chaves: Migração; Política; Direitos; Reconhecimento; Cidadania.

IMIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL E O DEBATE SOBRE A GOVERNABILIDADE DAS MIGRAÇÕES

Helion Povoaneto. Professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro [IPPUR-UFRJ]. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios [NIEM]; helionpovoaneto@gmail.com

A entrada de migrantes haitianos no Brasil iniciou-se a partir do ano de 2010, especialmente através da fronteira norte do país, em dois pontos de entrada principais, os estados do Amazonas e do Acre. A recepção deste grupo de nacionais, até então ausente da história imigratória brasileira, ocorreu a princípio de forma pouco coordenada, com indefinição de atribuições tanto entre os diversos entes da federação quanto entre as diversas esferas da administração pública e tratamento da questão de forma “ad hoc”, dada sua atipicidade.

À medida em que o ingresso de haitianos foi ganhando uma relativa regularidade, com tendência a crescimento quantitativo e diversificação dos locais de travessia da fronteira e das áreas de destino, medidas foram sendo tomadas no sentido da intervenção mais sistemática nos níveis municipal, estadual e federal. Também os ministérios mais envolvidos com a gestão da política migratória passaram a dedicar atenção especial ao caso desses imigrantes, com criação de grupos de trabalho, resoluções transitórias e visitas aos locais de entrada e passagem.

O debate sobre a reforma na legislação migratória brasileira foi, de certa maneira, atravessado pelo caso dos haitianos, que afetou ainda campanhas, de setores

empresariais e de ativismo, quanto à imigração qualificada e os direitos dos imigrantes.

A mobilidade especial de haitianos no território brasileiro e sua governabilidade tornaram-se, assim, oportunidades privilegiadas para renovar o tema imigratório no país e renovar os termos de um debate politicamente defasado e ainda preso a paradigmas da história anterior do país.

A VISÃO SECURITÁRIA DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS DE SEGURANÇA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS DA UNIÃO EUROPEIA E DO BRASIL

Marli Marlene Moraes da Costa. Pós Doutora em Direito pela Universidade de Burgos/Espanha, com Bolsa CAPES. Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; marlicosta15@yahoo.com.br

Simone Andrea Schwinn. Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, Área de Concentração Direitos Sociais e Políticas Públicas, linha de pesquisa Diversidade e Políticas Públicas, com Bolsa CAPES. Mestra em Direito do PPGD da UNISC, Área de Concentração Direitos Sociais e Políticas Públicas, linha de pesquisa Constitucionalismo Contemporâneo, com Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ Brasil; ssimoneandrea@gmail.com

Mesmo se tratando de um fenômeno antigo, as migrações, a partir do início do século XXI tem adquirido novas dinâmicas: desastres ambientais, conflitos armados, desemprego, a globalização, são alguns dos indutores desses novos fluxos migratórios. O Brasil tem recebido um número cada vez maior de migrantes vindos de países periféricos, além de receber refugiados de países em conflito armado. Já a União Europeia, a cada dia recebe mais migrantes vindos de países africanos, fugindo dos conflitos armados e da extrema pobreza. Em ambos os casos, os países tem adequado suas políticas migratórias no sentido de conter o maior influxo de migrantes que ultrapassam suas fronteiras, ignorando, no mais das vezes, a proteção internacional a qual estes indivíduos fazem jus. O resultado, é que as políticas migratórias estão intimamente ligadas às políticas de segurança, uma vez que o migrante é visto como uma ameaça à segurança e a paz pública dos países receptores, reforçando a visão securitária sobre as migrações. Para Jane Mcadam (2008), o regime de proteção internacional para os refugiados e outros migrantes forçados parece estar cada vez mais em risco, com medidas destinadas a reforçar a segurança de fronteiras, das pessoas, das instituições e da identidade nacional, comprometendo os direitos humanos. Este é também o entendimento de Canales (2013), para quem, na última década, tem se consolidado uma análise da migração internacional com um enfoque na segurança nacional dos países receptores. Diante desse quadro, necessária a desmistificação dessa

visão, através da adoção de uma política baseada nos direitos humanos dos migrantes.

Palavras-chave: Brasil. Migrações internacionais. Políticas migratórias. Segurança. União Europeia.

LA “DIPLOMACIA DE DOBLE VÍA” COMO ESTRATEGIA DE GUBERNAMENTALIDAD EXTRA-TERRITORIAL

Federico Rodrigo. CIS/CONICET – UNLP; federodrigo@gmail.com

En el marco de las discusiones generadas a partir de la emergencia de los denominados “estudios transnacionales”, un foco de debate se centra en el lugar que se le concede a los Estados-nación en los procesos sociales contemporáneos. Mientras que algunos autores plantean el arribo a una “era posnacionalista”, otros/as destacan que las prácticas transnacionales no implican la pérdida de centralidad del poder estatal y la retórica nacional en la configuración de los procesos sociales, sino que es necesario pensar los vínculos entre las personas y el Estado como múltiples y en un proceso de redefinición. Buscando complejizar este debate y centrándonos en el Estado Plurinacional de Bolivia, encontramos un área de vacancia significativa en torno a la aplicación situada de la estrategia denominada “diplomacia de doble vía” y a las interacciones y respuestas que producen en territorios específicos. Por este motivo, en este trabajo nos detenemos en el análisis de estos fenómenos a partir de tomar el caso de la política consular en la ciudad de La Plata en la República Argentina, atendiendo a un espacio de relaciones que no sólo incluye a funcionarios públicos y que resulta central en la cristalización de prácticas e instituciones concretas en esta localidad.

Palabras clave: Migración – estado – transnacionalismo – organizaciones – política.

REFLEXÕES SOBRE A GLOBALIZAÇÃO DO CONTROLE MIGRATÓRIO E AS PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DE GOVERNABILIDADE DAS MIGRAÇÕES

Guilherme Mansur Dias. Doutor em Antropologia Social pela Unicamp

Esta apresentação tem o intuito de refletir sobre a globalização do controle migratório e o papel de organizações internacionais e interestatais neste processo. Deitando raízes em discursos humanitários e na re-apropriação de retóricas de direitos humanos, a prática dessas instituições tem sido permeada por etiquetas de “boas práticas”, baseando-se na reprodução de conceitos que aproximam os campos migratório e de justiça criminal.

O texto argumenta que, em consonância com os interesses dos Estados nacionais e supranacionais que financiam seus projetos, essas organizações têm ajudado a difundir práticas mais eficientes de gestão e controle da mobilidade, além de aparatos discursivos de segurança e monitoramento de populações. A propagação de políticas contra o “tráfico de pessoas” e o “contrabando de migrantes” é tomada nesta chave, por acercar o campo migratório de pensamentos, conceitos e discursos atrelados à criminologia e às ciências criminais. Embora destinadas a combater a violência, proteger “pessoas vulneráveis” e castigar indivíduos e grupos criminais específicos, essas políticas têm replicado de maneira acrítica a associação entre migração e delinquência, com inúmeras consequências nocivas para grupos e indivíduos com determinados marcadores de raça e gênero e intensa mobilidade internacional.

A apresentação visa colocar em perspectiva comparativa o resultado da difusão desses conceitos em contextos regionais diversificados, com ênfase para países da América Latina e, particularmente, da América do Sul.

Palavras-chave: Migração – Governabilidade Migratória – Tráfico de Pessoas – Contrabando de Migrantes.

Sesión 3: Deslocamentos forçados e incentivados

Seção A: Refúgio e Políticas para Refugiados

PROCESSOS DE REFÚGIO E A GESTÃO DA MEMÓRIA DA DOR

Aryadne Bittencourt Waldely. Estudante de Mestrado na Linha Direitos Humanos,

Para ser reconhecido como refugiado, o solicitante de refúgio deve ser capaz de demonstrar coerentemente o fundamento do seu temor durante o processo de elegibilidade. Solicitantes de refúgio, por definição, são sujeitos que passaram por traumas e sua fuga significa, na maioria das vezes, uma escolha por sobrevivência e por superação do contexto de violência que lhe atinge de diversas maneiras.

O processo de reconhecimento do status de refugiado, todavia, desconsidera que eventos traumáticos não são inseridos em memórias regulares e dificilmente são reconstruídos e lembrados em forma de narrativa. Além disso, memórias traumáticas também mudam com o tempo. Assim, a ruptura com o histórico de violência não é viável até que se termine o processo de elegibilidade.

Na medida em que o solicitante deve adequar a narrativa sobre sua memória a fim de produzir um discurso eficaz para a racionalidade do processo, o governo gere não apenas fluxos migratórios, mas também a própria forma com que os refugiados lidam com a memória da dor. A governamentalidade nos processos de refúgio atinge a subjetividade desses sujeitos, administrando inclusive o sofrimento e os saberes acerca dele. O processo de elegibilidade ao refúgio opera, então, dispositivos de gestão da memória da dor.

Assim sendo, o objetivo geral desta investigação é compreender como linguagem e corpo são expressos e geridos na construção de uma narrativa consistente sobre a memória do sofrimento (físico e psicológico) e seus elementos constitutivos nos processos de solicitação de refúgio no Brasil.

Palavras-chave: Governamentalidade; Subjetividade; Memória; Refugiados; Processo de elegibilidade.

-

-

AS ESTRATEGIAS DOS REFUGIADOS COLOMBIANOS EM TEMPOS DE RESTRICÕES MIGRATORIAS NO CANADA: O *THIRD-SAFE COUNTRY AGREEMENT* E A MIGRAÇÃO PELA FRONTEIRA TERRESTRE COM OS EUA.

Gustavo Simoes

Em cinco de dezembro de 2002, Estados Unidos e Canada assinaram um acordo intitulado *Third-Safe Country Agreement (TSCA)*. O acordo tem como objetivo “ajudar ambos os governos a melhor gerenciar os acessos ao sistema de proteção aos refugiados em cada país para pessoas que cruzam a fronteira terrestre entre Canada e Estados

Unidos” (CIC, 2002). Na realidade, o acordo impoe uma restricao grande aos solicitantes de refugio que ficam impossibilitados de solicitar asilo no Canada se ja houverem passado pelos EUA anteriormente (CCR, 2003). Essa restricao foi negociada em tempos de controle migratorio influenciados pela logica anti-terrorista provocado pelo 11 de setembro de 2001 (Forest, 2006). O TSCA atinge diretamente refugiados latino-americanos que utilizavam a rota de migracao terrestre cruzando os EUA e entrando no Canada pela fronteira seca. Entre esses grupos estao os refugiados colombianos que sao a maior populacao refugiada na america latina estimados em 300.000 reconhecidos (ACNUR, 2014). Nesse sentido, o presente *paper* procura compreender as estrategias criadas pelos refugiados colombianos para entrar no Canada apos a implementacao do TSCA (Dezembro de 2004). Para isso, foram realizadas vinte e uma entrevistas com solicitantes de refugio e refugiados colombianos em tres cidades de Ontario, Canada: Fort Erie (cidade fronteirica), Toronto (capital da provincia de Ontario e local de maior populacao refugiada) e London (cidade com alta populacao de colombianos, conhecida como Londombia). O presente trabalho procura compreender quais foram as estrategias criadas pelos refugiados colombianos a fim de contornar as restricoes migratorias criadas pelo TSCA e como esse acordo influenciou a maneira como os refugiados colombianos migram para o Canada.

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A VIDA DAS SOLICITANTES DE REFÚGIO AFRICANAS NO BRASIL

Alexandra C. Gomes de Almeida. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos; alexandra_cso@yahoo.com.br

O presente trabalho propõe analisar o atual fluxo de imigrantes em São Paulo (Brasil), as solicitantes de refúgio, mulheres africanas de países como: Angola, Camarões, República Democrática do Congo e Nigéria. Segundo o Conare, estas nacionalidades apresentam expressivo aumento na solicitação de refúgio nos últimos dois anos, por isto o debate visa levantar as primeiras problemáticas etnográficas. Ou seja, compreender como estas mulheres acessam as políticas públicas brasileiras para, deste modo, organizarem suas famílias e reconstruírem suas vidas; discutir as questões para além da legislação, pois os dados de campo revelam diferentes experiências que as africanas refugiadas enfrentam em relação aos homens ou outras pessoas refugiadas. Para isto, há de considerar e problematizar este grupo de mulheres enquanto uma categoria política, afinal em São Paulo elas carregam marcas que as distinguem: elas são refugiadas, africanas, negras e moradoras da zona leste (localização considerada socialmente periférica). A pesquisa pauta a análise dos dados através das teorias migratórias, refúgio, políticas públicas e mulheres, já que este específico deslocamento geográfico e políticas pública para refúgio proporcionam uma análise interseccional da questão.

Palavras Chave: Migração, Refúgio, Mulheres Africanas.

PROTEÇÃO DOS REFUGIADOS E RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA NA AMÉRICA LATINA: OS PROGRAMAS SOLIDÁRIOS E OS PLANOS DE AÇÃO DO MÉXICO (2004) E DO BRASIL (2014)

Stefania Eugenia Barichello. School of Advanced Study – University of London;
stefania.barichello@postgrad.sas.ac.uk

O objetivo desse trabalho é analisar os programas solidários lançados pelo Plano de Ação do México (PAM) e ratificados pelo Plano de Ação do Brasil (PAB), assim como discutir suas principais propostas e avanços. Para esse propósito, examinará os três programas solidários: o primeiro mecanismo, "Reassentamento Solidário", é um programa de compartilhamento de responsabilidade sobre reassentamento de refugiados e pessoas deslocadas internamente na região. O segundo programa, "Cidades Solidárias", visa a integração de refugiados e deslocados internos em comunidades seguras e o terceiro, "Fronteiras Solidárias (e Seguras)", propõe o desenvolvimento das regiões fronteiriças dos países vizinhos para beneficiar os colombianos e os seus anfitriões deslocados, lidar com a questão nas fronteiras com Equador, Panamá e Venezuela.

Em um período em que a maioria dos países vem fechando as suas fronteiras para os refugiados, estes programas demonstram que a América Latina vem apresentando uma tendência contrária, baseada em solidariedade e cooperação com os países que atualmente tem o maior número de refugiados na região. Também é possível concluir que a consolidação dos objetivos e programas do PAM e PAB traz consigo uma dupla responsabilidade. A primeira, de caráter regional, refere-se à necessidade dos Estados de agir conjuntamente para resolver os problemas regionais, refletindo a noção de solidariedade internacional e responsabilidade compartilhada. A segunda responsabilidade é de caráter internacional, já que o sucesso desses programas na América Latina poderiam incentivar iniciativas semelhantes em outras partes do mundo, revelando a importância da cooperação de nível regional.

Seção B: Migração temporária

UNIVERSITÁRIOS NO EXTERIOR: DISTINÇÃO, PROJETO DE VIDA E IDENTIDADE NACIONAL NOS INTERCÂMBIOS ACADÊMICOS

Leonardo Francisco de Azevedo. Mestre em Ciências Sociais (UFJF);
leonardoazevedof@gmail.com

O deslocamento de pessoas, bens e informações cresceu exponencialmente nas últimas décadas, tanto em quantidade como em complexidade. Desde as viagens de turismo até a migração ilegal, são vários os atores em operação e as valorações em torno do deslocamento. O presente trabalho, fruto de uma pesquisa de mestrado, aborda uma forma específica de deslocamento cada vez mais frequente, sobretudo no Brasil: o deslocamento internacional de universitários para intercâmbio acadêmico. A partir da experiência de estudantes de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora/Minas Gerais/Brasil que fizeram intercâmbio para diferentes países nos anos de 2013 e 2014, pretende-se refletir sobre alguns elementos característicos desse tipo de deslocamento. Através de entrevistas com os intercambistas e observação participante em eventos institucionais, pode-se apontar o caráter distintivo do intercâmbio acadêmico dentro da própria universidade e entre as redes destes estudantes no Brasil, como também o impacto dessa experiência em suas trajetórias e projetos de vida. Como um último aspecto a ser observado nesse trabalho, cabe destacar a reconfiguração identitária destes atores ao serem interpelados no exterior como universitários brasileiros. É possível, portanto, compreender a especificidade do deslocamento estudantil a partir de três diferentes dimensões: na relação destes estudantes com suas redes “nativas”, o impacto da experiência em suas próprias trajetórias e as novas sociabilidades estabelecidas no país de destino. Longe de ser um tipo de deslocamento rigidamente controlado e combatido por governos, é fomentado e incentivado, reificando uma concepção positivada de mobilidade espacial que não encontra eco em outras experiências de deslocamento.

Palavras-chave: Distinção. Identidade nacional. Intercâmbios estudantis. Projeto de vida.

PERSPECTIVAS SOBRE EL INTERCAMBIO AU PAIR, UN ANÁLISIS ENTRE BUENOS AIRES Y OSLO

Lucía Correa FFyL – UBA; lucia.correa.rodriguez@gmail.com

Au pair es una forma de intercambio cultural específica, que se caracteriza por ser el recibimiento temporal, en una familia y a cambio de determinados servicios, de jóvenes de países extranjeros que desean mejorar sus conocimientos lingüísticos y tal vez profesionales, así como su cultura general, adquiriendo un mejor conocimiento del país en el que son acogidas.

En la última década, la flexibilización y las transformaciones económicas mundiales influyeron para que, paulatinamente, el sistema se fuera configurando como una forma de trabajo doméstico, con condiciones de vida similares a una empleada doméstica migrante.

La movilidad de estas jóvenes se encuentra regulada en Europa por el Acuerdo Europeo de colocación *au pair* lo que permite la existencia de un visado que sistematiza el intercambio *au pair*. En cambio, en Argentina, al no existir ningún tipo de normativa específica, las jóvenes ingresan al país a través de un visado de turista.

En este trabajo me propongo plantear las singularidades del sistema *au pair* en relación a las formas más típicas de migración de mujeres, el rol del estado, las agencias y características de las *au pair*.

Palabras claves: Au pair, Migración de mujeres, Intercambio cultural, Trabajo doméstico, Estado.

-

NOTAS PARA PENSAR UNA METODOLOGÍA PARA LA RECONSTRUCCIÓN DE “TERRITORIOS MIGRATORIOS” DESDE UNA CONCEPCIÓN SUBJETIVA DEL ESPACIO

Fulvio Rivero Sierra. IHPA/UNT/CONICET; fulvio.rivero@filo.unt.edu.ar

Los estudios migratorios tradicionalmente se han inclinado mayormente por una concepción del espacio “positivista”. Desde esta perspectiva, el espacio ha sido incorporado en este campo de estudios como un contenedor de la actividad humana, cuando no simplemente como un “paisaje” o, finalmente, como límites/fronteras políticos geográficos que nos migrantes atraviesan.

Todavía más escasos resultan los trabajos que han perseguido pensar las migraciones desde una perspectiva subjetiva del espacio. En esta dirección puede anotar las aportaciones de Fares (2003) y Marzadro (2010) alrededor del concepto de “territorio migratorio”. Estas perspectivas buscan revitalizar la relación entre el sujeto y el espacio en el campo de los estudios migratorios.

Sin embargo, aunque prometedoras, estas perspectivas no han conseguido cimentar una metodología de aproximación que ciña en alguna manera los avatares que cualquier enfoque cualitativo y, por tanto, interpretativo debe afrontar para evitar caer en arbitrariedades analíticas.

El trabajo que acá se pone a consideración se inserta en esta discusión, en el esfuerzo por proponer algunos lineamientos básicos que deberían tenerse en cuenta para construir una metodología de abordaje para esta perspectiva que permita reconstruir el “territorio migratorio” en el modo en que se haya presente en la subjetividad de los sujetos migrantes. Para ello se recuperan las reflexiones clásicas de Yi Fu Tuán (1974) las de Agnew (1987) y otras más actuales como Lois (2010), como así también la propia experiencia adquirida en el trabajo de campo en estudio de las migraciones de bolivianos hacia la Argentina.

Palabras clave: territorio migratorio, metodología, subjetividad, bolivianos.

-

GT 26. PROCESOS DE EDUCACIÓN INDÍGENA: INVESTIGACIÓN, EXTENSIÓN Y FORMACIÓN DOCENTE

Coordinadores:

Dra. Elizabeth Maria Beserra Coelho– Profesora de la Universidade Federal Do Maranhão. Investigadora en el área de Relaciones Interétnicas desde 1980 y de Educación Escolar para Pueblos Indígenas desde 1993; betac@elo.com.br

Lic. Stella Maris García. Docente e Investigadora de la carrera de Antropología Facultad de Ciencias Naturales. Laboratorio de Investigaciones en Antropología Social. Universidad Nacional de la Plata. Argentina; elitagarciacitybell@gmail.com

Mgter María Verónica Di Caudo. Profesora- investigadora Universidad Politécnica Salesiana. Ecuador; mdicaudo@ups.edu.ec

Comentarista: Dra. Mariana Paladino – Profesora Adjunta D. E. de la Universidad Federal Fluminense. Brasil Investigadora asociada al Laboratorio de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento, Museo Nacional, Universidad Federal de Rio de Janeiro; marianapaladinorj@gmail.com

-

-

Sesión 1: Derechos indígenas a la educación formal: Gestión – Proyectos de Investigación –Extensión. Estrategias institucionales del Estado. Relación Teoría-Práctica

**“ESCOLARIZAÇÃO GUARANI MBYA NO RIO DE JANEIRO:
ARTICULANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO ENTRE**

UNIVERSIDADE E ESCOLA INDÍGENA”

Domingos Barros Nobre. IEAR – Instituto de Educação de Angra dos Reis UFF –
Universidade Federal Fluminense; donobre@gmail.com

O projeto baseia-se no acompanhamento pedagógico, através de pesquisa-ação participante, à construção de um currículo específico, bilíngue e diferenciado para o 6º/9º Ano Guarani - 2º Segmento do Ensino Fundamental Indígena, oferecido pela Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro - SEEDUC-RJ no Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda – C.I.E.G.K.K.R. (Angra dos Reis e Paraty) em parceria com o IEAR/UFF que assessora a construção de uma Proposta Curricular para este segmento de ensino e faz a formação dos professores que nele atuam. Tal acompanhamento se dá através de: a) filmagem das aulas e posterior análise didática e estudo teórico curricular no Grupo de Pesquisa; b) Curso Extensão de Formação Continuada (128 hs), com o objetivo de construir uma Proposta Curricular de 2º Segmento do Ensino Fundamental Indígena intercultural, bilíngue e diferenciada e c) produção de material didático diferenciado em língua guarani para as escolas indígenas. A equipe da pesquisa, integra o Grupo de Pesquisa (CNPQ): “Educação e Diversidade Cultural” e é composta pelos professores do C.I.E.G.K.K.R. (SEEDUC-RJ) e da rede municipal (SECT de Angra dos Reis) que atuam com educação escolar indígena. É uma experiência de articulação orgânica entre Universidade e Escola Indígena, com incidência na formulação de políticas públicas de formação de professores e construção curricular que integra Ensino, Pesquisa e Extensão.

ANTROPOLOGIA NO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL: RELATO DE UMA ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR PARA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS COMUNIDADES GUARANI DE ANGRA DOS REIS E PARATY

Maria Betânia Pereira Gomes Guerra Duarte. (Mestre em Educação UERJ) –
Antropóloga do Ministério Público Federal; betapr@hotmail.com

O Ministério Público Federal (MPF) acompanha as políticas públicas para educação nas comunidades indígenas do Estado do Rio de Janeiro desde 1997. Por muito tempo a atuação da instituição consistiu no envio de ofícios e acompanhamento por meio de relatórios antropológicos. Tendo em vista uma maior cobrança das comunidades diante da morosidade do Estado, esses instrumentos mostraram-se ineficazes e foi necessário mudar de estratégia. Optou-se por uma abordagem mais próxima das comunidades, cuja efetivação contou com a participação de Procuradores da República e a assessoria antropológica da instituição. Os procedimentos adotados incluíram convocação,

organização e realização de reuniões com a comunidade e os gestores - visando firmar compromissos e prazos - bem como a elaboração de relatórios diagnósticos com definição de pauta constante de demandas e possíveis soluções apresentadas pelos guarani. Essas medidas resultaram em maior empoderamento dos guarani dessas aldeias e em comprometimento dos gestores. Entre outras conquistas, obteve-se a criação do Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado do Rio de Janeiro e a implementação do segundo segmento do ensino fundamental em duas aldeias. Apesar desses avanços, ainda há muito a ser feito. Cabe ressaltar que o diálogo interdisciplinar entre Direito e Antropologia foi fundamental para uma atuação exitosa do MPF, ao facilitar a assessoria antropológica a aproximação do Procurador com as comunidades, bem como trazer para a instituição o estado da arte das demandas e especificidades culturais dos guarani no processo de luta por direitos educacionais.

Palavras-chave: Educação escolar indígena – Comunidades guarani – Direitos indígenas – Aldeias Rio de Janeiro – Políticas públicas.

EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN ARGENTINA. POBLACIÓN INDÍGENA MIGRANTE Y ESPACIOS EDUCATIVOS

Maidana Carolina Andrea. Laboratorio de Investigaciones en Antropología Social (LIAS) - Facultad de Ciencias Naturales y Museo (FCNyM) – Universidad Nacional de La Plata (UNLP) / Becaria Postdoctoral Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina; maidanacarolinaa@yahoo.com.ar

En las últimas décadas y en el contexto de democratización de los gobiernos latinoamericanos, las luchas centenarias de los pueblos indígenas han tomado mayor visibilidad. En este sentido, asistimos a una nueva “emergencia étnica”, enmarcada en un movimiento indígena orientado a la realización no sólo del derecho a la tierra/territorio, sino también del derecho a la salud y a la educación, atendiendo a sus particularidades. Derechos que han sido reconocidos a nivel internacional y a través de la promulgación de legislación específica en diferentes países. En el presente trabajo discute, desde diversas experiencias de investigación/extensión desarrolladas junto a población indígena qom migrante la implementación de políticas educativas para población indígena en Argentina. Se considera para ello la legislación vigente en el país y se reflexiona sobre los espacios educativos conformados en el contexto de la dinámica sociocultural del pueblo Qom. Se plantea luego la importancia de que las reformas que sustentan la Educación Intercultural Bilingüe (EIB) en Argentina consideren las necesidades de la población indígena migrante en contextos urbanos y las experiencias educativas extraescolares presentes en su dinámica sociocultural.

Palabras claves: migración - nucleamientos - emergencia étnica – educación

intercultural bilingüe - espacios educativos.

**REFLEXIONES SOBRE LA PRÁCTICA DE LA INVESTIGACIÓN-
EXTENSIÓN, VINCULADA A LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL, COMO
HERRAMIENTA PARA EL DESARROLLO DE UNA EDUCACIÓN EN
CONTEXTO Y SIGNIFICATIVA**

Patricia Riat. Doctora en Ciencias Naturales, Licenciada en Biología;
patricariat@hotmail.com; patricariat@fcnym.unlp.edu.ar

María C. Quintero. Estudiante de la Licenciatura en Antropología

Nadia L. Moschen. Licenciada en Biología

Jonathan S. Guerrero. Estudiante de la Licenciatura en Ciencias de la Educación

Roberto J. Rodriguez Lage. Estudiante de la licenciatura en Bellas Artes, Artes
Audiovisuales

Paula Citarella. Licenciada en Ciencias de la Educación

María F. Lapadula. Licenciada en Ciencias de la Educación

Lucas F. Davis. Estudiante de la licenciatura en Bellas Artes, Artes Audiovisuales

Luciana Guidetto. Licenciada en Ciencias de la Educación

Guillermina Gutierrez. Licenciada en Bellas Artes, Artes Plásticas.

El presente trabajo discurre a través de la reflexión de la práctica ejercida durante el desarrollo del proyecto de extensión de la UNLP: “El monte santiagueño: Historias locales y saberes ambientales”. El mismo se llevó a cabo vinculándose a la investigación aplicada en el marco de la etnobia-ecología y transformándose en relación a los actores que formaron parte. Durante tres años (2010-2013) se desarrollaron encuentros en la escuela rural n° 1221 de Los Juries, Santiago del Estero. Los objetivos y la práctica se vincularon con el relevamiento de los conocimientos locales y con la construcción de un mapa colectivo entre los estudiantes de la escuela, -niños/as campesinos de tradición indígena- talleristas y docentes. Si bien estos objetivos fueron logrados, el propósito de que los mismos fueran tomados por los docentes de la escuela para el desarrollo de las actividades cotidianas del aula, fue logrado parcialmente. Esta situación se repite en el desarrollo de otros proyectos que buscan un propósito similar. Entonces nos preguntamos ¿Cuáles son los hechos histórico-político-sociales que se

traducen en esta imposibilidad? ¿Cómo podríamos vincular el saber local de los docentes y el de los niños con los deberes formales de la institución educativa? Existen numerosas prácticas y aún más bibliografía, que discurren sobre esta problemática, que proponen actividades, ejercicios reflexivos y autocríticos, instancias de encuentro y construcción participativa, sin embargo aún permanecen dentro de la esfera marginal y subalterna de la educación ¿Cómo podremos aportar a desarmar estructuras para lograr una educación en contexto, significativa e intercultural? Palabras claves: Etnobiología, Conocimiento local, Mapeo colectivo, Escuelas rurales, Santiago del Estero.

PROFESORES Y ALUMNOS. DIFERENTES MIRADAS, LA MISMA PROBLEMÁTICA: EL NO INGRESO Y LA DESERCIÓN WICHÍ EN UN Terciario con Orientación Intercultural Bilingüe en Salta

Clara Rocio Ramos. Antropología; rocioramos_84@hotmail.com

La provincia de Salta posee uno de los mayores índices de comunidades indígenas. El Profesorado de Educación Primaria con Orientación en Educación intercultural Bilingüe de Rivadavia Banda Norte tiene la finalidad de formar a sus egresados en competencias educativas contextos pluriétnicos, plurilingües y pluriculturales. Asimismo busca que sean capaces de desarrollar estrategias educativas considerando las diferencias culturales a partir de la interculturalidad, es decir, desde la tolerancia y hacia la complementariedad entre los saberes de los pueblos indígenas y los conocimientos de orden universal.

Sin embargo, en su corte académica asisten pocos alumnos wichis, una proporción de 10 sobre el 100%, el restante son alumnos que se auto-adscriben bajo el nominativo de criollos o campesinos. La pregunta guía de este trabajo y el problema a abordar es ¿Por qué hay poco asistencia de jóvenes Wichis al Terciario? Considerando que estos terciarios están pensados para que ingresen jóvenes de esta pertenencia cultural. El objetivo principal entonces es: -Identificar los motivos de deserción y no ingreso de alumnos wichis. Para ello nuestra unidad de estudio se circunscribe a la mirada de docentes (wichis-criollos) y alumnos (wichis-criollos) de este terciario y la explicación que dan a ello.

El presente trabajo no solo tendrá un beneficio académico por cuanto se propone como un espacio de reflexión crítica sobre por qué no ingresan alumnos wichis a terciarios con orientación intercultural. Sino que tiene el interés de que a partir de sus resultados se puedan llevar adelante políticas de inclusión social educativas, específicamente a jóvenes de pertenencia cultural wichí.

Palabras claves: Educación, Interculturalidad, wichis, deserción escolar, estudiantes.

NATUREZAS E INFÂNCIAS: UM FOCO NAS CRIANÇAS INDÍGENAS

Luana Santos da Silva. Pós-graduanda em Educação Ambiental, FURG. Rio Grande –
RS. luzinhasansilva@yahoo.com.br.

A temática central desse texto está relacionada com estudos na área de antropologia e educação com foco na concepção de múltiplas infâncias. Afastando-se da ideia de que a criança é um ser universal e seres que virão a ser, o texto busca problematizar através dos estudos sobre crianças indígenas desatrelar a concepção de criança/aluno e mostrar que nas diferentes culturas há formas variadas de se perceber a criança.

No campo da etnologia indígena, as pesquisas sobre a infância vêm crescendo e levando em consideração o que essas crianças têm para dizer e se atentando nelas como sujeitos sociais. Nas pesquisas de antropologia da infância, os estudos sobre criança indígena tem sido relevantes para se afastar da tendência de se falar sobre o meio urbano e também sobre contexto escolar.

As crianças ameríndias são consideradas seres em maturação e que tem um papel fundamental no cotidiano dessas tribos. Elas possuem uma autonomia diferente das concepções da infância que presenciemos, elas podem tomar decisões que irão afetar suas famílias ou comunidade em geral. Conforme Tassinari (2007), as crianças indígenas são mediadoras como, levar e trazer recados de diferentes grupos domésticos ou também na relação ou no contato com os não-índios. As mesmas são as peças chaves na socialização e na interação, e os adultos ameríndios “[...] reconhecem nelas potencialidades que as permitem ocupar espaços de sujeitos plenos e produtores de sociabilidade” (TASSINARI, 2007, p. 23). A aprendizagem ocorre não separando a criança do mundo, pois o todo é que proporciona o conhecimento.

Palavras Chave: antropologia; infâncias; crianças indígenas; sujeitos sociais; pesquisa etnográfica.

Sesión 2: Escolarización - Identidad. Procesos de apropiación y resistências

-

**EDUCAÇÃO INDÍGENA DOS ÍNDIOS TENETEHARA DA TERRA INDÍGENA
PINDARÉ: Educação formal no processo de incorporação social a sociedade**

nacional

Elson Gomes da Silva. Pedagogo, Pesquisador do Projeto Centro de Ciências e Saberes
– PCCS/PNCISA; e.gomes_20@hotmail.com

A ideia de pesquisar o sistema educacional dos índios Tenetehara, se deu a partir de pesquisas que vem sendo realizadas desde 2012, na Terra Indígena Pindaré, em Bom Jardim - MA, acerca das lutas sociais e os processos de educação praticados dentro das comunidades indígenas, através do “Mapeamento Social” realizado na localidade. A partir das observações empíricas, decidimos tomar como objeto de análise o processo social de reprodução do saber dos índios Tenetehara, atentando para a forma como as escolas das comunidades estão estruturadas para atender à necessidade de trabalhar com o cotidiano dos alunos, fortalecendo seus saberes tradicionais, considerando também os processos de ensino e aprendizado, metodologia utilizada pelos professores, o currículo oferecido pelo Estado e como são desenvolvidas políticas de educação diferenciada e específica junto aos indígenas que estão garantidas na legislação nacional. Analisaremos também a participação dos indígenas nas discussões sobre a temática, como eles ajudam nas ações pedagógicas desenvolvidas na T.I Pindaré, como construção do currículo escolar e na gestão da escola. Através de levantamentos bibliográficos e pesquisas de campo, com entrevista com professores, alunos e lideranças indígenas, foi possível analisar como esse povo utiliza seus saberes tradicionais como forma de educação, e como professores e comunidades indígenas desenvolvem um trabalho de educação formal através da escola e de uma educação não formal com os saberes repassados pelas lideranças dessas comunidades através de suas manifestações culturais.

Palavras-chave: Educação indígena. Políticas educacionais. Saberes Tradicionais.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: PERSPECTIVAS DO POVO XETÁ

Lilianny Rodriguez Barreto dos Passos. Doutoranda em Antropologia Social – UFPR;
liliannyrodriguez@yahoo.com.br

Este projeto tem como objetivo pesquisar o valor atribuído pelo povo Xetá à educação escolar indígena. Em 2007 representantes do povo reivindicaram, junto à Secretaria de Estado de Educação do Paraná, políticas públicas educacionais específicas para o seu povo. No sentido de atender esta reivindicação a SEED/PR, entre os anos de 2009-2011, agendou uma série de encontros, reuniões e oficinas com os representantes do povo, instituições e pesquisadores. Constitui-se o Grupo de Trabalho (GT), interinstitucional e multidisciplinar, denominado *Jané Reko Paranhá – O contar de nossa existência*. Por meio da constituição deste GT, pautados pela legislação vigente, as instituições

parceiras articularam políticas e ações interinstitucionais, no sentido de elaborar, conjuntamente, uma proposta de atendimento escolar específica para o povo Xetá.

No entanto, indígenas e não indígenas envolvidos nesse contexto de ações são orientados por lógicas distintas e possuem perspectivas e expectativas diferentes em relação à educação escolar, a escola, aos conhecimentos transmitidos e aos seus projetos de sociedade. Desse modo, este projeto tem como objetivo investigar qual o significado que o povo Xetá imprime a sua reivindicação e a educação escolar indígena? Qual o significado dos trabalhos do GT para o povo Xetá? Quais as categorias sociocosmológicas Xetá acionadas e reelaboradas na contemporaneidade a partir desta reivindicação? Como por meio dessa reivindicação o povo Xetá atualiza e constrói sua dinâmica social enquanto povo? Quais os princípios da lógica Xetá nas suas relações com o Estado e as instituições envolvidas no GT?

Palavras-chaves: povos indígenas, educação escolar indígena, políticas públicas.

CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO COM A ESCOLA: O CASO DOS AWÁ-GUAJÁ

Dra. Elizabeth Maria Beserra Coelho. Departamento de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Maranhão, Brasil; betabeserra@hotmail.com

Josy Marciane Moreira Silva. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, Brasil; josy_marciane@hotmail.com

O presente trabalho pretende discutir as experiências de escolarização desenvolvidas entre os Awá-Guajá, Maranhão-Brasil, buscando compreender como os Awá tem construído sua relação com a escola. O povo Awá, até cerca de quatro décadas, era caracteristicamente nômade e sem agricultura. Sua autodenominação significa “homem”, “gente”, e se reconhecem, entre si, pela língua que falam e pelos hábitos e costumes que vivenciam. São conhecidos pelos de fora como Awá Guajá ou somente Guajá. Na década de 1960 a atração, sob justificativa de proteção, foi a estratégia utilizada pela FUNAI no contato com os Awá, seguida da sedentarização, resultando na inserção de novos elementos que passaram a fazer parte do dia a dia da aldeia, dentre eles a escola. A escolarização foi o caminho apontado para um melhor relacionamento com os não-índios e principalmente para com o Estado, e entre os Awá essa experiência tem sido realizada por duas missões religiosas, uma evangélica e outra católica. A análise busca compreender as mudanças ocorridas no cotidiano Awá com a presença da escola e os significados que os Awá estão construindo sobre esse processo, assim como as implicações nas suas dinâmicas e organizações internas e, ainda, como os implementadores tem percebido esse processo.

Palavras-chave: Awá-Guajá. Índios. Escolarização. Sedentarização. Maranhão-Brasil.

ACADÊMICOS NA CIDADE, PROFESSORES NAS ALDEIAS - TRÂNSITOS DOS PURUWEIRIA SATERÉ-MAWÉ

Ana Letícia de Fiori. Doutoranda PPGAS/USP Grupo de Etnologia Urbana Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana – NAU

Esta comunicação visa analisar as reconfigurações das inserções dos Saterés-Mawés que estão ou estiveram estudando nas universidades federal e estadual de Parintins, ao atuarem profissional e politicamente nas cidades e em comunidades na terra indígena.

A pesquisa realizada desde 2012, tendo como loci de observação as cidades de Parintins, Barreirinha e Maués-AM, bem como a comunidade Ponta Alegre, na Terra Indígena Andirá-Marau, reuniu questionários realizados com turmas de Pedagogia Intercultural, entrevistas em profundidade com acadêmicos indígenas em formação e já formado e que hoje ocupam diferentes cargos públicos ou atuam profissionalmente nas cidades, etnografia nas casas de Saterés-Mawés residentes em área urbana, a fim de compreender o leque de perspectivas Saterés-Mawés sobre a presença indígena no ensino superior.

É possível perceber também o impacto geracional e da pluralidade de trajetórias de educação formal, inserção nos movimentos e associações indígenas, pertença familiar e clânica nos horizontes e utopias projetados pelos diferentes acadêmicos, quer planejem uma maior permanência de si e de suas famílias nas aldeias ou nas cidades.

O trânsito entre localidades, sistemas de saberes e agências políticas; os acionamentos reflexivos de hierarquias, parentescos, recursos; e o atuar performativo de sujeitos ora como acadêmicos indígenas, ora como professores indígenas, ora como índios urbanos, ora como caboclos amazônidas do interior compõem uma intrincada trama de capturas recíprocas em um processo de indigenização da universidade e das cidades, objeto de interesse da etnologia urbana.

Palavras-chave: universitários indígenas, formação de professores indígenas, etnologia urbana, interculturalidade, etnopolítica.

Sesión 3: Educación Intercultural: avances y contradicciones (Brasil-Ecuador-México-Argentina) .Procesos de formación de educadores

EDUCACIÓN ESCOLAR ESPECIAL INDÍGENA EN CEARÁ (1996-2001): DE LAS PRIMERAS FORMACIONES AL MAGISTERIO

George Arruda de Albuquerque. Maestría en MAPPs (Maestría Académica en Políticas Públicas y Sociedad) – UECE (Universidad Estatal de Ceará);
georgeantropologia@hotmail.com

La década de 1990 fue marcada por diversas reformas administrativas del Estado brasileño. Entre ellas merece destaque el decreto n°26/91, que atribuye la competencia sobre la educación indígena al Ministerio de Educación - MEC, antes responsabilidad de la Fundación Nacional del Indio - FUNAI. Esas reformas tuvieron gran impacto a partir del año 1996 con la publicación de la Ley de Directrices y Bases - LDB. Entre los años 1996 y 2001, una serie de agentes articulados con la Secretaría de Enseñanza Básica de Ceará – SEDUC, elaboraron diferentes estrategias para la formación de “educadores indígenas”, con foco en las nuevas demandas. Este trabajo busca identificar esos agentes, describir y explorar las estrategias y procesos formativos correspondientes al período presentado en el enunciado. Para esto fueron realizadas entrevistas, visitas al campo, consultas a archivos fotográficos, así como también fue organizada una cronología, el levantamiento de un *corpus* documental y una selección bibliográfica. Las formaciones se daban mediante proyectos puntuales: talleres, estudios de narrativas locales, charlas, seminarios, y debates temáticos, entre otros. No existía aún una organización programática, lo cual sólo ocurrió en 2001, con la creación del primer grupo de Magisterio Indígena, dentro de los moldes tenidos como tradicionales, con currículo, disciplinas, profesores y coordinación. Las concepciones teóricas - ideológicas quedaban bajo la responsabilidad de antropólogos, pedagogos, historiadores, técnicos de la SEDUC, liderazgos indígenas, miembros de ONGs y personas vinculadas a la iglesia católica, asumiendo también el papel de formadores. Amparados en discursos vinculados a la reafirmación de identidades étnicas, interculturalidad, rescate cultural, valoración de los saberes locales, esas acciones fueron consolidándose, volviéndose referencia en la formación de “educadores indígenas”.

Palabras – Claves: Políticas Públicas, Indigenismo, Escolarización, Procesos Educativos y Educadores Indígenas.

¿ESPEJOS CULTURALES? DINÁMICA CONTRADICTORIA PARA IMPLEMENTAR EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN ESCUELAS URBANAS

Lic Garcia Stella Maris LIAS – FCNYM –UNLP, Argentina;
elitagarciacitybell@gmail.com

Lic Cappannini, Mariel Betina. Doctoranda Integrante del LIAS, UNLP, Argentina;
marielcappannini@hotmail.com

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar críticamente acerca de una experiencia de formación docente realizada con maestros y maestras de diecisiete escuelas primarias de la ciudad de La Plata, en torno al reconocimiento y valoración de la diversidad cultural y lingüística en el aula, a través de la actualización de conocimientos sobre los pueblos indígenas y sus lenguas en Argentina. La propuesta de trabajo se fundó en la puesta en práctica de estrategias que apuntaron a desnaturalizar nociones del sentido común que generalmente actúan como barreras epistemológicas para el trabajo docente en aulas de escuelas urbanas con presencia de niños migrantes del interior y exterior del país, gran número de ellos de ascendencia indígena.

Con la utilización de herramientas teórico metodológicas propias de la etnografía se dio cuenta de la realidad sociocultural que histórica y actualmente afrontan los pueblos indígenas y sus estrategias de resistencia: lenguas, espacios y tiempos singulares frente a una lengua hegemónica, y frente a espacios y tiempos organizados por la racionalidad occidental en general y por la racionalidad escolar en particular.

En esta ocasión problematizamos la perspectiva de las propuestas docentes para el aula escolar urbana, espacio pluricultural y plurilingüe en que entran en disputa los principios tradicionales de la educación pública monocultural y monolingüe, la lucha por los derechos de los niños/as indígenas y la puesta en marcha de una educación intercultural bilingüe proclamada desde las leyes vigentes.

SABERES INDÍGENAS E CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Miriam Kazaizokairo. SEMEC –Campo Novo do Parecis MT - Brasil e NEED /UNEMAT; miriamkazaizokairo@hotmail.com

Maria Margarete Noronha Valentin. SEMEC – Sapezal, MT – Brasil e NEED /UNEMAT; margarete.valentin@hotmail.com

Hellen Cristina de Souza CEFAPRO/SEDUC e NEED /UNEMAT;

hellendesouza@gmail.com

Marinez Cargnin-Stieler UNEMAT e e NEED /UNEMAT; marinez@unemat.br

No Brasil a discussão sobre a inclusão dos saberes indígenas no currículo da Educação Básica é orientada pela Lei 11.645 de 2008. Esta comunicação apresenta aspectos relacionados as discussões propostas pelas Escolas Indígenas Paresí dos municípios de Sapezal e Campo Novo do Pareci no contexto da implementação da Lei 11.645/08 no Estado de Mato Grosso. Os Paresí são um povo indígena habitante da região central do Brasil. Vivem em aldeias que se distribuem estrategicamente por todo o seu território que alcança seis municípios do Estado de Mato Grosso. Os dados analisados para esta comunicação referem-se aos registros do projeto Saberes Indígenas em escolas urbanas e foram recolhidos a partir de 2009. Toma como ponto de partida experiências exitosas relacionadas a inclusão dos saberes indígenas no currículo de escolas públicas de educação básica, tal como o elaboram os professores indígenas Paresí. É possível afirmar que os dados analisados poderão contribuir com a atual discussão sobre a implementação da Lei 11.645/08 no Brasil desde a perspectiva teórica dos estudos sobre colonialidade e saber na América.

Palavras-Chaves: Paresí, Currículo. Lei 1.645/08. Educação Básica. Escolas Indígenas

LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE Y LAS ACCIONES DE REVITALIZACIÓN DE LA CULTURA DESPUÉS DEL MACHAKUTIK

Freddy Simbaña Pillajo. Antropólogo/ Docente / investigador Carrera Educación Intercultural Bilingüe – Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador. Pueblo Kitu Kara Nacionalidad Kichwa del Ecuador Caso: Carrera de EIB de la Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador; fsimbana@ups.edu.ec / freddysimb@gmail.com

El trabajo describe brevemente la historia de Educación Intercultural Bilingüe (EIB) en el Ecuador; la educación superior indígena desde la carrera de EIB en la Universidad Politécnica Salesiana y sus problemáticas de implementación y, la construcción y apareamiento del despertar del “Machakutik” de los saberes ancestrales del Ecuador.

El documento relata los inicios de las prácticas públicas de cosmovisión andina en Ecuador, incluye las concepciones de cultura, la etnicidad y las mentalidades operantes de la política, en el marco del tiempo cíclico de Pachakutik –tiempos de cambio– de los años noventa, en la actualidad es interpretada como el resultado de las luchas sociales, que desde la época colonial ha generado confrontaciones frente a los grupos de poder y

al Estado ecuatoriano.

De manera historiográfica hay acercamientos, exploraciones y descripciones sobre la situación de las prácticas de conocimientos locales y/o ancestrales de los pueblos y nacionalidades, sus influencias, perspectivas, bifurcación, institucionalización y la consolidación pública. Finalmente, crea certidumbre acerca de la necesidad de construir tan ansiado diálogo de saberes en lo nacional y en la estructura en el Ecuador.

Palabras claves: Machakutik, rituales, saberes ancestrales, EIB en Ecuador, cosmovisión andina.

-

-

INTERCULTURALIDADE, EDUCAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INDÍGENA NA COMUNIDADE INDÍGENA PEDRA PRETA, RORAIMA – BRASIL

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento. Doutor em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco é professor efetivo da rede pública estadual de ensino em Boa Vista – Roraima; nonatorr.33@gmail.com

No presente trabalho se pretende refletir sobre os significados que a interculturalidade, têm adquirido no campo da educação escolar indígena em Roraima. O debate sobre uma educação intercultural para os povos indígenas tem suas raízes atreladas às reivindicações dos movimentos indígenas e indigenistas dos anos de 1970, período em que o movimento indígena organizado começou a questionar os modelos educativos homogeneizantes que lhes eram impostos e passou a reivindicar uma educação que fosse pautada no respeito e na valorização de sua diversidade étnica e cultural. A Constituição Federal de 1988, ao reconhecer o Brasil como Estado Pluricultural, garante os povos indígenas a manutenção de suas culturas e os assegura uma educação específica e diferenciada pautada nos seus valores e que, acima de tudo, respeite sua diversidade, assim como seus modos próprios de ser e fazer educação. É, portanto, partindo do pressuposto da existência de uma educação intercultural, que pretendo analisar como os professores da escola indígena da comunidade Pedra Preta, estão se utilizando desse modelo educativo para promover os processos educativos em sua comunidade. Com esta análise busca-se perceber como os professores desta escola vêm articulando a educação escolar com a educação indígena, ou seja, como estes professores vêm interculturalizando a educação escolar naquela comunidade. Enquanto estratégia metodológica, recorreremos à etnografia, por acreditar que esta nos permite analisar de forma mais abrangente, possibilitando-nos perceber detalhadamente se esta articulação está acontecendo e como vem acontecendo, bem como se está contribuindo nos processos de reafirmação cultural e identitária dos povos indígenas nelas envolvidos, além de buscar aprofundar o entendimento da interculturalidade.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE NA LICENCIATURA INTERCULTURA INDÍGENA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

Haieny Nazaré Reis Santos. Licenciada Plena em Pedagogia – UFPA, Licenciada Plena em Geografia IFPA, Especialista em Educação Ambiental e Uso dos Recursos Naturais NUMA-UFPA, Mestranda em Antropologia pelo PPGA-UFPA; haienysantos@yahoo.com.br; professorageoambiental@gmail.com

Ao observar vários aspectos da vida, costumes e tradições de um povo indígena percebemos como são variadas suas formas de perceber o mundo e transmitir conhecimentos. No que tange a educação percebemos que os povos indígenas possuem práticas específicas educacionais que são repassadas de geração em geração e que devem ser aplicadas em sala de aula na perspectiva de preservação de sua identidade.

Portanto a partir de experiências vivenciadas com disciplinas voltadas as áreas geográficas na licenciatura intercultural indígena da Universidade do Estado do Pará com as turmas Tapajós e Arapiun de Santarém- Pa e Tembé Tenetehara de Santa Luzia do Pará, a presente autora observou enquanto docente que estes povos possuem conhecimentos geográficos específicos de suas áreas, relacionados a cartografia e formas singulares de percepção da geografia e conceituação da mesma, além de metodologias próprias de transmissão deste conhecimento aos mais novos de acordo com suas práticas culturais tradicionais.

A partir desta observação torna-se então interessante relatar a experiência vivenciada com estes povos nas disciplinas ministradas na licenciatura intercultural assim como observar de forma mais profunda as metodologias utilizadas por estes na transmissão de seus conhecimentos geográficos a partir de sua cultura e tradição visualizadas em sala de aula e na comunidade.

Acreditamos que a percepção dos conhecimentos geográficos tradicionais dos povos indígenas assim como sua transmissão as futuras gerações é de fundamental importância para o entendimento da educação realizada por estes povos.

Palavras-chaves: Geografia, Educação, indígena, específico, cultura.

UNIVERSIDADES INTERCULTURALES FRENTE A LA ACREDITACIÓN: LA CONTRADICTORIA MEDICIÓN DEL DESARROLLO EN EL CAMPO DEL SABER INTERCULTURAL

Inés Olivera Rodríguez. Doctoranda en Instituto de Investigaciones Antropológicas –

Me propongo presentar algunas reflexiones iniciales y avances del trabajo de investigación de mi tesis doctoral; propongo llevar al GT algunas pautas y pasos que vengo siguiendo para la construcción de indicadores pertinentes de evaluación y acreditación para Universidades Interculturales (UIs) en México, específicamente acompaño, en un trabajo participativo y de retroalimentación, a los equipos académico, directivo y de investigación de la Universidad Veracruzana Intercultural (UVI).

Me centro en cómo lograr que los procesos de evaluación y acreditación universitaria vigentes sean capaces de garantizar la calidad en las UIs, sin convertirse en herramienta de desprestigio y desactivación de las mismas. El problema que identifiqué, y que me lleva a señalar este peligro, es que los criterios de evaluación utilizados son construidos a partir del objetivo, no explícito del aporte al desarrollo y la respuesta al mercado laboral. Sostengo que aunque estos dos elementos se han perfilado históricamente como los justificantes de la educación, no son explícitos y limitan enormemente la comprensión de los verdaderos aportes de la escolaridad a la sociedad.

En el marco de los 10 años de la UVI cumplidos este año, se han llevado a cabo procesos internos de evaluación y reflexiones que he podido acompañar. Lo más importante en el proceso de pensar la construcción de indicadores ha sido la reflexión en torno a lo logrado en la práctica existencia de la UVI; es decir, la visualización de lo diferencial del proyecto intercultural universitario. En este proceso y de forma colectiva hemos identificado algunos temas clave que tomamos como conceptos centrales para la definición de indicadores: Bien vivir e Vinculación.

Por traer esta reflexión, en torno a lo diferencial del proyecto universitario intercultural, es que pienso que la ponencia que propongo puede ser interesante para el debate del GT 26.

Palabras clave: Universidades Interculturales – Bien vivir – Vinculación – Acreditación Universitaria.

GT 28. EDUCAÇÃO INDÍGENA OU INTERCULTURAL: UM DEBATE EPISTEMOLÓGICO E POLÍTICO

Coordenadores:

Prof. Dr. Alexandre Herbetta (UFG – Universidade Federal de Goiás/Brasil//NTFSI - Núcleo Takinahaky De Formação Superior Indígena);
alexandre_herbetta@yahoo.com.br

Prof. Dr. Mariano Baez-Landa (CIESAS – Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropologia Social, MEXICO); baezmariano@gmail.com

Comentarista: Profa. Dra. Maria Socorro Pimentel da Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás/Brasil/NTFSI - Núcleo Takinahaky De Formação Superior Indígena);
smariapimentel@yahoo.com.br

INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA EM RORAIMA: DA NORMATIZAÇÃO A PRÁTICA COTIDIANA

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento. Doutor em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco é professor efetivo da rede pública estadual de ensino em Boa Vista – Roraima; nonatorr.33@gmail.com

No presente trabalho, procuramos refletir sobre os significados que a interculturalidade e a educação intercultural têm adquirido no campo da educação escolar indígena no Brasil. O debate sobre uma educação intercultural para os povos indígenas tem suas raízes atreladas às reivindicações dos movimentos indígenas e indigenistas dos anos de 1970. Neste período, o movimento indígena organizado começou a questionar os modelos educativos homogeneizantes que lhes eram impostos e passou a reivindicar uma educação que fosse pautada no respeito e na valorização de sua diversidade étnica e cultural. Com a Constituição Federal de 1988, que reconhece o Brasil como Estado Pluricultural, os povos indígenas conquistaram a garantia da manutenção de suas culturas e assegurou uma educação específica e diferenciada pautada nos seus valores e que, acima de tudo, respeitasse sua diversidade, assim como seus modos próprios de ser e fazer educação. Com este reconhecimento, a educação escolar destinado aos povos indígenas no Brasil passou a ser normativamente reconhecida como *Educação escolar indígena, específica e diferenciada intercultural e bilíngue*. É, portanto, partindo do pressuposto da existência de uma educação intercultural para os povos indígenas que propomo-nos a esta análise, que tem como objetivo *compreender como a noção de interculturalidade está sendo concebida e empregada no campo da educação escolar indígena no estado de Roraima*. Nesta análise, partiremos dos debates gestados acerca deste modelo de educação, para em seguida analisar como o mesmo vem sendo implantado nas escolas indígenas, através de dois estudos de caso. Enquanto estratégia metodológica, recorreremos à etnografia, por acreditar que esta nos permite analisar de forma comparativa os casos investigados, possibilitando-nos perceber detalhadamente como esse modelo educacional vem contribuindo nos processos de reafirmação cultural e identitária dos povos indígenas nelas envolvidos, além de buscar aprofundar o

entendimento da interculturalidade.

Palavras chaves: Educação Escolar Indígena, Educação Intercultural, Multiculturalismo, Interculturalidade, Reconhecimento e Diversidade cultural.

ENSINO DE QUÍMICA NO *TEKO ARANDU*: PROPOSTA, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE INTERCULTURALIDADE

Rodrigo Teles dos Santos – UFGD; rodrigotelesquimica@gmail.com

Andérbio Márcio Silva Martins – UFGD; anderbiomartins@ufgd.edu.br

Nesta proposta de trabalho, faremos uma apresentação reflexiva de como o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998) tem tratado o ensino de Ciências, sobretudo, o ensino de Química e, em que medida, esse documento tem pautado o currículo construído para a área de Ciências da Natureza do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu*, o qual foi criado em 2006 para atender, exclusivamente, indígenas das etnias Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul. A discussão será fundamentada nos pressupostos teóricos da interculturalidade crítica, assim como é concebida por Tubino (2004, 2005) e Walsh (2007), bem como na abordagem CST – Ciência, Tecnologia e Sociedade, preocupada em preparar os indivíduos para o exercício da cidadania, buscando relacionar os conteúdos científicos com os contextos sociais em que os alunos estão inseridos (SANTOS & SCHNETZLER, 1997; SANTOS, 2002). Por fim, demonstraremos possibilidades de valorização do conhecimento químico das próprias comunidades guarani e kaiowá por meio de uma investigação inicial do vocabulário da língua Guarani registrado por Assis (2008). Acreditamos que, para uma efetiva interculturalidade crítica, torna-se pertinente fazer uma reflexão dos conhecimentos tradicionais e das possibilidades existentes para que o diálogo com o conhecimento científico seja feito de forma cada vez menos assimétrica.

Palavras-chave: Formação de Professores Indígenas; Ciências da Natureza; Química; Interculturalidade; Língua Guarani.

UM OLHAR SOBRE A LÍNGUA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS GUARANI E KAIOWÁ DE MATO GROSSO DO SUL

Andérbio Márcio Silva Martins – UFGD; anderbiomartins@ufgd.edu.br

Cássio Knapp – UFGD; cassioknapp@ufgd.edu.br

Nesta apresentação, faremos uma explanação sobre o nível de vitalidade das línguas Guarani e Kaiowá, bem como o estado de conhecimento científico e as produções de materiais didáticos e paradidáticos publicados para uso nas escolas indígenas do Território Etnoeducacional Cone Sul (MARTINS & CHAMORRO, 2015, no prelo). Para além dos estudos acerca das línguas dos Guarani e Kaiowá, apresentaremos também dados sobre a realidade da Educação Escolar Indígena (SED/MS, CENSO 2014). Consideraremos, neste estudo, os avanços que tivemos a partir da década de 1990 para o desenvolvimento de uma EEI específica e diferenciada, o que nos levará a fazer uma reflexão sobre a formação de professores indígenas guarani e kaiowá no que diz respeito aos cursos disponíveis, modalidades de ensino, quantidade de indígenas Guarani e Kaiowá formados e/ou em formação em cursos específicos, bem como o número de Guarani e Kaiowá que concluiu cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Com este trabalho, visamos apontar não só os aspectos positivos dessa fase vivida pelos Guarani e Kaiowá, mas também refletir sobre a necessidade de fortalecimento das políticas linguísticas para a valorização da língua (MARTINS & KNAPP, 2015), a ampliação de espaços de formação de equipes para a produção de materiais didáticos, bem como a ampliação de programas de financiamento para esse fim, além de apontarmos para uma política que dê condição para que mais indígenas possam acessar aos programas de pós-graduação das universidades públicas do estado de Mato Grosso do Sul (MARTINS & CHAMORRO, 2015, no prelo).

Palavras-chave: Guarani e Kaiowá; Educação Escolar Indígena; Formação de Professores Indígenas.

O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA INDÍGENAS: DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES GUARANI/KAIOWÁ

Adriana Oliveira de Sales (UFGD) Professora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - Teko Arandu da Universidade Federal da Grande Dourados. Possui mestrado em letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; adrianasales@ufgd.edu.br

Esta comunicação tem como objetivo apresentar como se encontra a formação de professores indígenas em PSL na Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*. Este curso existe desde 2006 na Universidade Federal da Grande Dourados e forma professores indígenas bilíngues nas línguas Guarani/Kaiowá e Português para atuarem na educação básica das escolas indígenas do cone sul de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, é válido realizar reflexões a cerca do ensino de língua portuguesa, principalmente em cursos de licenciatura intercultural, considerando as especificidades

culturais, linguísticas e históricas deste povo, verificar o tratamento dado aos diferentes níveis de proficiência em língua portuguesa e apresentar as dificuldades do professor em trabalhar com o ensino dessa língua frente à diversidade linguística, comumente, presente em sala de aula. Esta proposta, está amparada no Projeto Pedagógico do Curso (2012), bem como, atividades desenvolvidas nos módulos que se referem à Língua Portuguesa e que de certa forma, visam refletir sobre o ensino de línguas nas escolas, baseia-se, no que nos diz os referenciais e subsídios para formação de professores indígenas do MEC (1998, 2006), e os desafios para ensinar português na educação escolar indígena de D'angelis (2012, 2013). Abordaremos ainda, um levantamento socioeconômico e linguístico aplicado com os professores indígenas em formação e que denotam sobre o domínio da língua portuguesa e da língua materna nas aldeias indígenas.

Palavras-Chave: Ensino de Português como segunda Língua; Formação de professores indígenas; Educação Linguística.

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E JUVENTUDE: DIÁLOGOS ENTRE A ESCOLA ITATY DA ALDEIA GUARANI DO MORRO DOS CAVALOS E O IFSC/CÂMPUS SÃO JOSÉ

Prof. Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt (IFSC/Câmpus São José); ferbit@ifsc.edu.br

Prof. Dra. Karine Pereira Goss (IFSC/Câmpus São José)

Profa. Dra. Flávia Maia Moreira (IFSC/Câmpus São José)

Profa. Ms. Ana Paula Pruner de Siqueira (IFSC/Câmpus São José)

Licencianda: Carmelita Olga Dias Rosa (IFSC/Câmpus São José)

Estudante de Ensino Médio: Bianca Bunn (IFSC/Câmpus São José)

As pressões sociais vividas por indígenas em todo Brasil têm gerado a necessidade de se ampliar o diálogo para o mútuo entendimento, suporte do reconhecimento das diferenças. Tomado este pressuposto, este texto resume uma ação de extensão que objetiva proporcionar o diálogo intercultural, ao estabelecer parceria entre o IFSC/Câmpus São José e a ALDEIA GUARANI TEKOA ITATY - (Palhoça/SC), para partilhar os conhecimentos sobre juventude, bem como desenvolver elementos didático-pedagógicos para intervenção escolar. Para que tais objetivos se cumpram estão sendo realizadas atividades conjuntas (reuniões de estudo, oficinas, aulas...), a cada quinze dias, envolvendo os temas acordados desde a perspectiva intercultural (Guaranis e Brancos) e interdisciplinar (Antropologia, Biologia, História e Sociologia). Quanto ao tema específico desta proposta, juventude, o estreito contato dos jovens Guaranis com a sociedade não indígena tem operado modificações nas práticas e representações acerca do que é ser jovem, o que nos convida a refletir sobre a formação destes indígenas para

as novas relações sociais. Por outro lado, a medida que as minorias ocupam os espaços que lhes são de direito, torna-se imperativo formar nossos discentes para a diferença e a diversidade. Por fim, ao estreitarmos laços e formarmos parcerias com as comunidades indígenas, atuamos para realizarmos as políticas nacionais vigentes ao mesmo tempo em que formamos nossas comunidades para vida em comum. Em nosso horizonte está a transformação de projetos pontuais (como tais ações de extensão) em políticas educacionais sólidas e permanentes, dever de toda instituição pública de ensino.

Palavras Chave: Educação – Interculturalidade – Diálogo – Política – Indígena.

CONHECIMENTOS, XAMANISMO E CORPO ENTRE COLETIVOS KAINGANG

Sergio Baptista da Silva. Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais – NIT PPGAS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
sergiobaptistadasilva@gmail.com

A comunicação objetiva refletir sobre as relações entre sistema xamânico, criação e circulação de conhecimentos e corporalidade, a partir de uma etnografia junto a professores bilíngues da rede escolar estadual do Rio Grande do Sul, Brasil, e junto a sábios e intelectuais indígenas kaingang. Igualmente, tenho a intenção de trazer à discussão algumas práticas próprias de aprendizagem surgidas em contextos de oficinas e de encontros de formação continuadas destes mesmos professores. Ao final, a comunicação pretende trazer alguns elementos para pensar criticamente os atuais processos de escolarização em coletivos kaingang no sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: epistemologia kaingang, xamanismo, conhecimento, corpo, escolarização.

O LUGAR DA “CULTURA”: REFLEXÕES DOS PROFESSORES E PROFESSORAS INDÍGENAS SOBRE A ESCOLA INDÍGENA NA TI PIAÇAGUERA/SP

Camila Mainardi – Pós-doutoranda, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, Brasil. Bolsista PNPd-CAPES;
mainardi.camila@gmail.com

A recorrência da palavra conflito em meus cadernos de campo e suas variações em expressões do tipo “é muita desunião” ou “não têm mais paz” são o ponto de partida desse ensaio realizado entre as famílias tupi guarani da T.I. Piaçaguera, litoral sul do Estado de São Paulo. A cada retorno a campo, contavam-me que “aconteceram muitas mudanças”, elencando, por vezes, para onde tinha ido cada parente. Tal comentário aponta para o movimento, o incessante descompor e compor coletivos. Vale mencionar que os conflitos – que sintetizam a ideia de ruptura, e consequente reorganização das relações – longe de serem considerados de modo negativo, como um mal degenerador da “sociedade”, são tidos como produtores desta.

Neste paper interessei-me pelas escolas indígenas das aldeias de Piaçaguera, que seguindo as regulamentações da Constituição de 1988, são diferenciadas, interculturais e bilíngues. Em especial, sigo as falas de alguns professores e professoras indígenas.

Estes têm pertinentes críticas à educação escolar indígena e aos cursos de formação de professores indígenas, assim como sobre o que deve ser ensinado no ambiente escolar.

Procurou mostrar que tais críticas têm também o conflito como pano de fundo. As escolas, não alheias ao movimento de conjunção e disjunção de coletivos, mas constituintes e constituídas por ele, são capturadas pela máquina de relações tupi guarani.

Palavras-chave: Tupi Guarani, escola indígena, conflito.

A CULTURA ENQUANTO MATRIZ CURRICULAR: REFLEXÕES SOBRE A DINÂMICA DOS TEMAS CONTEXTUAIS E AS TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL CENTRAL

Alexandre Herbetta. NTFSI/PPGAS/UFG

Este texto trata de explorar um processo pelo qual alguns professores e professoras indígenas, a partir de suas trajetórias acadêmicas, têm se apropriado de suas escolas indígenas em suas comunidades e promovido profundas transformações. Tais transformações afastam a escola de uma concepção assimilacionista e buscam construir escolas diferenciadas baseadas na noção de modo próprio de aprendizagem – expressão presente na Constituição federal de 1988. Estes professores são alunos do Núcleo Takinahaky da Universidade Federal de Goiás. Lá eles têm contato com uma dinâmica pedagógica denominada “tema contextual”, a qual toma como base as demandas

comunitárias e os saberes locais para se pensar criticamente o mundo. Desta forma, parece que tal dinâmica permite se pensar e operacionalizar a cultura como modo de produção e difusão de conhecimento. E ao mesmo tempo, de instaurá-la como base da matriz curricular escolar.

Palavras-chave: educação – cultura - transformação

QUANDO A ALDEIA VIRA ESCOLA: A TÊMÁTICA EDUCACIONAL NO PLANO DE GESTÃO ETNOAMBIENTAL DO POVO PAITER- SURUÍ

Adriana Francisca de Medeiros. Doutoranda no PGDRA – UNIR; afdemedeiros@gmail.com

Dr. Adnilson de Almeida Silva. Universidade Federal de Rondônia; adnilsonn@gmail.com

Este texto procura descrever e analisar, a partir de um estudo documental, a temática educacional, no Plano de Gestão Ambiental da Terra Indígena Sete de setembro, habitada pela etnia Paiter-Suruí.. Vivem no sudoeste do Estado de Rondônia – Brasil, região localizada em um dos principais focos de desmatamento e de expansão de propriedades rurais, problemas que ameaçam a sobrevivência dos indígenas dessa região. O primeiro contato oficial da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, com os Suruí ocorreu no final da década de 60. Ameaçados de extinção, por inúmeros problemas, o povo Suruí procurou desenvolver nas últimas décadas estratégias a partir da gestão territorial, realizando diagnósticos etnoambiental e de etnozoneamento e um plano de proteção com o reflorestamento em áreas degradantes. A partir de 2000, elaboraram o Plano de Gestão Etnoambiental da TISS/TIPG, que objetiva estabelecer em 50 (cinquenta) anos, procedimentos e diretrizes para o encaminhamento das demandas sociocultural, de forma a permitir condições para o uso responsável dos recursos naturais. O plano apresenta 9 (nove) Temáticas (Segurança alimentar, Saúde integral, Educação, Cultural, Sustentabilidade ambiental, Habitação e construções indígenas sustentadas, Meios e vias de transporte, Matriz energética). A nossa análise foca o olhar para as diretrizes, ações, objetivos educacionais que contemplam o plano. É possível visualizar uma metodologia educativa na estrutura do documento, e esta não se limita apenas a temática educação, mas, está presente nos objetivos, nos paradigmas norteadores, nas diretrizes, como também nas demais temáticas.

Palavras chaves: Paiter-Suruí.Plano.Gestão.Educação

PROCESSOS DE EDUCAÇÃO AKWá^o¼ E OS DIREITOS INDÍGENAS A UMA

EDUCAÇÃO DIFERENCIADA: PRÁTICAS EDUCATIVAS TRADICIONAIS E SUAS RELAÇÕES COM A PRÁTICA ESCOLAR XERENTE

Ercivaldo Damsokêkwa Calixto Xerente

Este texto tem como objetivo investigar os processos de educação akwá^o/₂ e os direitos indígenas a uma educação diferenciada. Mais especificamente serão abordadas as práticas educativas tradicionais Akwá^o/₂ e suas possíveis relações com a de educação escolar da Área Indígena Akwá^o/₂/Xerente do Município de Tocantínia, situada na região Metropolitana de Palmas distante aproximadamente 120 km da capital do Estado Tocantins.

O povo Xerente se autodenomina Akwá^o/₂ (indivíduo gente-pessoa), se subdividem em duas metades e seis clãs, conhecidos pelos nativos internamente como parceiros, conforme a sua classificação, estabelecida por laços familiares. A reciprocidade prevalece entre os clãs conforme seus respectivos parceiros sendo os de uma metade: os Kbazi, os Kuzâ e os Krito; e outra metade, são: os Ä'sake, os Wahirê, e os KrãÄ©prehi propriamente ditos. Apesar do contato intenso e interferência pela a sociedade nacional os Akwá^o/₂ mantêm seus costumes, crenças, hábitos, e as tradições milenares como a língua materna, as pescarias, as caçadas, ritos e cerimoniais tradicionais.

Como exemplo, vários exemplos podem ser citados.

O caso do DasÄ©psê, uma grande festa cultural realizada geralmente em tempo seco (no verão). Estes períodos festivos sempre reúnem uma grande aglomeração de aldeias.

A educação Akwá^o/₂/Xerente ocorre conforme seus processos próprios de aprendizagem conduzidos principalmente pelos mais velhos. Além desta educação tradicional, as crianças e jovens Xerente também freqüentam a escola. Essa instituição foi imposta pela da sociedade nacional ao povo Akwá^o/₂/Xerente tendo como objetivo converter os indígenas em brasileiros comuns, conforme políticas indigenistas do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, criado em 1910. Entretanto, atualmente graças à garantia legal de direitos a uma educação diferenciada, as escolas indígenas podem ter seus calendários, projetos escolares e currículos próprios. Muitas delas estão sendo apropriadas pelas próprias comunidades como lugares de valorização de seus saberes e de suas identidades. Assim, proponho a realização de um estudo dos processos educativos e de aprendizagem atualmente existentes entre o povo Akwá^o/₂/Xerente, procurando perceber como os mais velhos (anciãos), tradicionais responsáveis pela educação, estão se posicionando diante da situação atual dos mesmos, bem como a escola se situa

nesse contexto.

CENTRALIZAR E DIFERENCIAR: EXPERIÊNCIA DA CRIAÇÃO DA ESCOLA CENTRAL KALAPALO

Veronica Monachini de Carvalho. Graduação em Ciências Sociais – UNICAMP;
[vernicamonachini@gmail.com](mailto:veronicamonachini@gmail.com)

Desde 1994 existe uma escola diferenciada na aldeia Aiha Kalapalo (povo falante de Karib do Alto Xingu – MT), mas esta escola, até o ano de 2015 era uma escola anexa da Escola Central Kuikuro (outro povo da região, também falante de Karib). O objetivo desta exposição é narrar o processo de centralização da Escola Kalapalo, que coincidiu com a legitimação de um professor Kalapalo enquanto liderança, se apropriando do “conhecimento” das Políticas Públicas. Outro objetivo é abordar que tipo de conhecimento é transmitido na escola, e qual a sua metodologia de aprendizagem, em comparação com os processos próprios de aprendizagem, tema da minha iniciação científica, ainda em andamento.

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: REFLEXÃO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA NO BRASIL

Cledes Markus – Doutoranda em Educação pela UFRGS; Mestre em Educação pela FURB; Especialista em Antropologia pela PUC do Perú; Bacharel em Teologia pela Faculdades EST; cledes@est.edu.br

O presente trabalho se insere no contexto das reflexões e da compreensão sobre uma educação intercultural que efetivamente acolha as diversidades culturais e promova outras formas de agenciar a vida e as sociedades. Os povos indígenas na América, através de seus movimentos políticos, epistemologias, cosmologias, e experiências em educação com base no princípio da interculturalidade, trazem aportes fundamentais para uma política de educação intercultural que tenha sentido para toda sociedade brasileira. Neste sentido, as universidades no Brasil que participam deste processo de reflexão e intervenção, por se abrirem a novas epistemologias, cosmologias, ontologias e sujeitos passam por profundas transformações e estabelecem espaços de novas socialidades entre indígenas e não indígenas. Este trabalho quer compartilhar a experiência pedagógica em educação intercultural a partir do curso de pós-graduação Lato Sensu “Educação, Diversidades e Culturas Indígenas” surgidos numa iniciativa da universidade Comunitária Faculdades EST e a instituição de apoio aos direitos dos Povos Indígenas

COMIN – através do Departamento de Assuntos Indígenas da ISAEC, em São Leopoldo/RS. Este curso visa formação para profissionais da educação. A composição do quadro de discentes e docentes é equitativa. O curso é construído a partir do protagonismo indígena e parte de seus conteúdos, realidades, histórias e cosmologias; privilegia a sua metodologia e pedagogia. O curso tem apontando questões relevantes para a reflexão e o diálogo sobre a educação intercultural, sobre espaços de novas socialidades entre indígenas e não indígenas e sobre a possibilidade de outras formas de agenciar a vida.

Palavras- Chaves: Educação, Interculturalidade, Indígena, Política, Epistemologias.

LA CASA DEL ESTUDIANTE INDÍGENA Y EL MODELO DE EDUCACIÓN POPULAR DE LA REVOLUCIÓN MEXICANA

Patricia Legarreta. UAM Iztapalapa; plegarreta@yahoo.com

El objetivo de la ponencia es presentar el caso de la *Casa del estudiante indígena* fundada en la ciudad de México en 1925 en el marco de la revolución mexicana. La motivación para crear dicho instituto era fundamentalmente explorar un modelo que se opusiera al que privaba durante el porfiriato y al de reservaciones en Estados Unidos. El programa de incorporación de las poblaciones indígenas al estado nacional durante la revolución mexicana, no sólo puede ser entendido como un proyecto de colonización interna, sino que tenía por fin acompañar la reforma agraria, promover la defensa de la soberanía nacional, eliminar las formas de integración en condiciones de subordinación de las poblaciones indígenas al mercado internacional. Para ello se llevaron a cabo diversos experimentos de ingeniería social entre los que destaca la *Casa del estudiante indígena* como un programa pionero en la lucha contra el racismo en el mundo. Revisitar este caso en la actualidad permitirá echar luz sobre diversos aspectos epistemológicos y políticos en torno a la educación intercultural.

Palabras clave: educación intercultural, incorporación, revolución mexicana.

A CRIAÇÃO DA OGPTB - ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGÜE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA – AM/BRASIL

Deyse Silva Rubim

May Anyely Moura da Costa

Ofigênia Binda Braulio

UFAM

Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues (OGPTB) foi criada em dezembro de 1986. Destaca-se por uma luta em que o povo Ticuna vem realizando em busca de uma educação escolar que esteja de acordo com os interesses e realidades. A artista plástica Jussara Gomes

Gruber tem uma contribuição bastante decisiva na construção e operacionalização dessa organização, ajudando na elaboração do Estatuto e Projetos a serem desempenhados por essa organização. A OGTTB vem desenvolvendo diversos projetos e programas de educação bilíngue (Português e Ticuna), contribuindo com mecanismos para a formação de professores. Com base no surgimento de professores indígenas capacitados observa-se o aumento do quadro docente constituído por Ticuna, ocasionando a substituição nas salas de aulas de professores não-indígenas por indígenas, alguns acabam assumindo a direção das escolas de suas comunidades. A partir de diversos discursos com lideranças e professores indígenas, a OGPTB viu a necessidade de criar um projeto do curso de licenciatura, para isto, buscou parceria com a universidade do

estado do Amazonas (UEA), no qual foi aprovado em 2005. A referida organização vem

contribuindo para maior autonomia dos professores dando melhorias ao universo escolar indígena, fazendo com que a escola seja vista como um espaço de produção de saberes, reflexão, ação política, valorização da língua materna e ao patrimônio cultural.

Palavras - chave: Educação, OGTTB, Organizações Indígenas, Ticuna.

EDUCAÇÃO ESCOLAR GUARANI – EM CONTEXTO TRANSFRONTEIRIÇO

Clovis Antonio Brighenti. Professor de História na Universidade Federal da Integração latino-Americana. Membro da Comissão Nacional de Educação escolar Indígena do MEC; clovisbrighenti@hotmail.com

Linda Osiris González Cárdenas. Graduanda em Antropologia Social na UNILA. Bolsista do projeto de extensão *Memórias de fronteiras – as ações do Estado brasileiro junto aos Guarani do oeste paranaense no século XX*; lindaosa@hotmail.com

A presente proposição de artigo quer evidenciar elementos que permitem refletir sobre o contexto de educação escolar – escolas, formação de professores, educação tradicional – para o povo Guarani, cujo território tradicional está recortado por fronteiras nacionais e por diferentes políticas educacionais. Constatamos que a política desenvolvida por cada Estado não leva em consideração a dinâmica da territorialidade transfronteiriça dessa população. Políticas particularizadas afastam a possibilidade de pensar conjuntamente a educação escolar a partir das dinâmicas específicas do povo. Desse contexto emergem desafios gigantescos. O primeiro relaciona-se a perspectiva da formação de professores através de cursos específicos envolvendo dois ou mais países; um segundo desafio está relacionado aos aspectos legais, seja na relação com a legislação interna de cada país seja na relação com a legislação internacional, a exemplo da convenção 169 da OIT. De todo modo, o desafio proposto pelos Guarani reunidos no segundo encontro continental em 2007 em Porto Alegre, que desejavam tomar o tema do amplo debate, ainda não foi considerado pelos estados nacionais. O desafio não está em criar uma escola única para todos as comunidades dos diferentes países, mas criar espaços comuns de debater a educação enquanto povo, independente das fronteiras. Tomaremos a proposição da Universidade Federal da Integração Latino-Americana de criar um curso de Licenciatura Intercultural para o povo Guarani como motivadora para nosso debate.

Palavras chaves: Guarani, território, escola, educação, intercultural.

LA FORMACIÓN DE PROFESIONISTAS INDÍGENAS EN CIESAS ¿POLÍTICAS DE RECONOCIMIENTO INSTITUCIONAL?

Regina Martinez (CIESAS)

En 1979 El CISINAH –que poco tiempo después de convertiría en el Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social– inicia un programa de formación de licenciados en etnolingüística dirigido a docentes laborando en el medio indígena mexicano. Sin embargo desde la fundación misma del CISINAH en 1973 el Centro tenía una política de contratación de hablantes de lenguas indígenas como apoyo para el trabajo que lingüistas y etnohistoriadores realizaban en la institución. El primer programa de profesionalización tuvo una vida relativamente corta (1979-1985), pero logró la graduación de 100 jóvenes hablantes de muchas de las lenguas indígenas mexicanas, casi todos ellos vinculados al magisterio y que contribuyeron de manera importante a la generación los algunos de los primeros libros de texto bilingües en nuestro país. Las razones por las que se interrumpió el programa son diversas, sin embargo en 1990 se retoma el proyecto pero como un programa de Maestría en Lingüística Indoamericana. En las primeras generaciones se incorporaron algunos egresados de la licenciatura en etnolingüística, pero el perfil de los aspirantes empezó a

transitar de docentes de educación básica al de jóvenes comprometidos con el estudio y desarrollo de las lenguas indígenas del continente. En 2010 el programa se transformó en un doctorado, por lo actualmente en CIESAS se forman maestros y doctores en lingüística expertos en herramientas para documentar lenguas no europeas, así como sus contextos de uso.

A 25 años del arranque de la Maestría (MLI), su historia ha estado marcada por claroscuros tanto en la relación que ha mantenido parte de la planta de profesores con la institución y los estudiantes, como por los propios prejuicios de muchos colegas que perciben el programa como la “acción afirmativa” del CIESAS. Con casi 150 graduados de la maestría y los primeros doctores en lingüística indoamericana, la experiencia permite aprender de los errores cometidos, replicar sus bondades y abonar para la conformación de programas afines en contexto en dónde la diversidad lingüística y cultural se produce en condiciones desiguales, lo que la pone en riesgo. En este trabajo se presenta un breve recorrido histórico de la experiencia de profesionalización de jóvenes indígenas en CIESAS desde una mirada crítica que recupera la voz de muchos de sus egresados.

EDUCACIÓN EN CONTEXTO INDÍGENA, EDUCACIÓN CON INDÍGENAS, EDUCACIÓN INDÍGENA: UN CAMPO DE DISPUTA IDEOLÓGICO-DISCURSIVA EL CHACO CONTEMPORÁNEO

Virginia Unamuno. CONICET; vir.unamuno@gmail.com

En esta comunicación, me gustaría contrastar la normativa relativa a la educación en contexto indígena en Argentina con notas sobre la discusión actual en la Provincia de Chaco respecto a la educación intercultural bilingüe (EIB). Según mostraré, tomando como caso escuelas de nivel primario y un centro de formación docente en el área wichi (El Sauzalito, Chaco), mientras la normativa en el campo educativo no presenta definiciones operativas que puedan participar en la implementación de la EIB, en las escuelas, a través de pequeñas decisiones y grandes debates, se construyen posiciones respecto al qué es, para quién es, qué se propone y quién está a cargo de la EIB. De estas posiciones, nuevos discursos, alternativos a los oficiales, se ponen en circulación, y ponen en evidencia el carácter de objeto político en disputa de la EIB y la lucha por significar la EIB. Para el análisis, tomo como perspectiva la antropología lingüística y como fuente textos normativos de diferentes niveles, notas de campo, entrevistas abiertas, registros audio-visuales y sesiones de co-observación de clases con docentes indígenas de la Provincia de Chaco (Argentina).

Palabras clave: EIB-Chaco-Análisis del discurso.

INDIGENISMO O INTERCULTURALIDAD. UN DEBATE POLÍTICO Y EPISTEMOLÓGICO

Prof. Dr. Mariano Báez Landa (CIESAS-UFG); baezmariano@gmail.com

Las políticas de inclusión en las universidades de estudiantes cultural y étnicamente diferenciados son el resultado de iniciativas de dentro y fuera de las instituciones, que persiguen con ello "democratizar" el ingreso a la universidad.

Dichas iniciativas se han identificado básicamente como acciones afirmativas y de compensación social, que no necesariamente apuntan hacia un proceso democrático amplio. El carácter universalista del propio concepto de "universidad" está ligado más que nada a reproducir un enfoque mono cultural de sus miembros. El carácter democrático de la inclusión de sujetos étnica y culturalmente diferenciados en la universidad, bate directamente con la propuesta de educación intercultural que se basa en el reconocimiento, respeto y convivencia de la "diversidad" socio-cultural.

Es preciso entonces discutir las iniciativas "democráticas" de inclusión étnica y cultural en el contexto universitario y analizar su impacto sobre la naturaleza de los conocimientos y saberes de los pueblos implicados.

ALGUNS APONTAMENTOS PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ESPECÍFICA E DIFERENCIADA: IDENTIFICANDO OS DESAFIOS E CONSTRUINDO POSSIBILIDADES

Cássio Knapp – UFGD; cassioknapp@ufgd.edu.br

Andérbio Márcio Silva Martins – UFGD; anderbiomartins@ufgd.edu.br

Nossa proposta de trabalho é apresentar os avanços da Educação Escolar Indígena (EEI) no Brasil e seus impactos para a EEI dos Guarani e Kaiowá, bem como os desafios para a efetivação de uma EEI específica e diferenciada. Houve uma ampla e expressiva oferta da EEI a partir da década de 1990, o que demonstrou como a mudança do pensamento sobre as sociedades indígenas favoreceu a criação da defesa de uma escola específica, diferenciada, intercultural e bilíngue (KNAPP & MARTINS, 2013). Nossas observações e reflexões partem da hipótese de que houve um discurso sobre o uso da escola e que essa retórica, da forma como a mesma é definida por Reboul (2004) se modificou ao longo do tempo, refinou-se e assumiu novas roupagens, embora a prática da Educação Escolar Indígena pouco tenha mudado (KNAPP, 2011). Dentro dessa perspectiva, defendemos que os debates em torno da educação escolar indígena, apesar de contribuições significativas, apenas alimentam, por vezes, ainda uma retórica que assume uma nova forma de colonização dos grupos indígenas. É nesse sentido que pretendemos, então, explicitar os limites e possibilidades desse modelo de educação, que almeja ser “diferenciado”; debruçando-nos, principalmente, em alguns elementos

que dificultam a efetivação da Educação Escolar Indígena tão desejada, sobretudo, para os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul. Fundamentamos nossas reflexões em Paladino (2001), Tassinari (2001), Nascimento (2004), Grupioni (2008) e D'Angelis (2012) acerca da realidade da educação escolar indígena no Brasil; Martins (2013) e Knapp & Martins (2013) para a realidade da EEI dos Guarani e Kaiowá.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Interculturalidade; Bilinguismo; Especificidade; Diferença.

PEDAGOGIA DA ESPERANÇA E POSSÍVEIS CAMINHOS DA AUTONOMIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Maria do Socorro Pimentel da Silva. NTFSI/UFG

Pretendo nesta comunicação compartilhar a minha experiência no curso de Especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar: Gestão Pedagógica da UFG, criado especificamente para atender a uma demanda posta pelos egressos do Curso de Educação Intercultural de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás, que se formaram em 2011 e 2012, solicitando a continuação dos debates colocados nas etapas de estágio do referido curso sobre a construção de projetos políticos pedagógicos alicerçados em suas demandas. A firme determinação desses indígenas, maioria professores em suas comunidades, na busca de uma educação emancipatória, plural, humana, intercultural, me envolveu e me impulsionou a ser parceira deles na consolidação da proposta reivindicada, que se contextualiza no entendimento de que o papel político da educação cumpre-se na perspectiva dos interesses indígenas. Isso abre espaço para um pluralismo epistemológico que possa conferir outros sentidos à vida e à educação.

Palavras chave: educação, interculturalidade e transdisciplinaridade.

GT 29. LAS CIUDADES EN SUS COMPLEJIDADES ESPACIO-TEMPORALES, RETOS DE LA ANTROPOLOGIA DESDE EL SUR / AS

CIDADES EM SUAS COMPLEXIDADES ESPAÇO- TEMPORAIS, DESAFIOS PARA UMA ANTROPOLOGIA DESDE O SUL

Coordenadores:

Ana Silva. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires;
anasilva77@yahoo.com.ar

Cornelia Eckert. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; chicaeckert@gmail.com

Sonnia Romero Gorski. UDELAR; sromero@fhuce.edu.uy

-

Sesión 1: Vivienda – Derecho a la ciudad – Organizaciones sociales

-

“DIREITO À MORADIA” E “DIREITO A CIDADE”: NOTAS DE UMA
ETNOGRAFIA EM UMA COOPERATIVA HABITACIONAL NO RIO DE
JANEIRO

Geisa Bordenave – Doutoranda em Ciências Sociais (PPCIS/Uerj)

Desde os anos 80, influenciadas pela experiência uruguaia das cooperativas habitacionais, as primeiras experiências de autogestão na habitação começaram a surgir no Brasil. Desde o ano de 2009, há no país um programa intitulado Minha Casa Minha Vida – Entidades. Trata-se de uma variação de um programa já existente, mas que possui uma diferença substancial: fornece o crédito para a construção diretamente às famílias oriundas de camadas populares organizadas através de entidades (em geral, ONGs). Em minha pesquisa de campo tenho acompanhado principalmente a cooperativa habitacional Esperança, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, que foi a primeira na cidade a ser construída através do crédito deste programa.

Busco neste trabalho trazer reflexões sobre a autogestão habitacional na cidade do Rio de Janeiro, partindo da experiência da cooperativa Esperança e a atuação de membros de movimentos sociais diretamente envolvidos nesta experiência, principalmente a União Nacional por Moradia Popular (UNMP). Privilegio em meu trabalho as lideranças e participações femininas, que aparecem em grande número nos movimentos por moradia. As mulheres da UNMP, assim como da cooperativa Esperança ocupam cargos de liderança e participam ativamente do processo de “mutirão”. Busco trazer tais reflexões baseada em uma etnografia inicial, levando em conta os conflitos, tensões e

negociações entre os diversos representantes do Estado, ONG e movimentos sociais, e também a participação das mulheres tanto nas cooperativas quanto no interior dos movimentos nas reivindicações por “direito à moradia” e “direito à cidade”.

-

“UN EJEMPLO DE LUCHA”. ABORDAJE ETNOGRÁFICO DE UNA ORGANIZACIÓN SOCIAL ABOCADA AL DEBATE Y CONSTRUCCIÓN DE POLÍTICAS PÚBLICAS HABITACIONALES EN UNA CIUDAD MEDIA DE ARGENTINA

Girado Agustina. Facultad de Ciencias Sociales de Olavarría (UNICEN-CONICET);
giradoagustina@gmail.com

Sobre la base de un trabajo etnográfico en curso, realizado en una ciudad media de la provincia de Buenos Aires (Argentina), la presente ponencia recupera la experiencia de trabajo de una organización social que logró instalar en la agenda pública y mediática la necesidad de debatir y construir políticas públicas habitacionales.

Por medio de la reconstrucción etnográfica del caso de estudio, se reflexionará por un lado, respecto al lugar privilegiado que adquiere “lo barrial” para legitimar el trabajo de la organización social; y por el otro, cómo se tejen las trayectorias personales - entre lo político, social y territorial- de sus dirigentes en la construcción de demandas y acciones colectivas, que expresan particulares procesos formativos en la lucha por el hábitat.

Sumado a lo anterior, la interrelación compleja que existe entre las transformaciones estructurales de la ciudad, procesos organizativos y trayectorias de vida, en la que se inscribe y cobra significación el accionar de la organización social, posibilita visibilizar heterogéneas construcciones imaginarias sobre la ciudad actual y futura que hacen a particulares sentidos de vivir en la ciudad.

Palabras claves: organización social, legitimidad, políticas públicas habitacionales.

-

AQUI TUDO ERA MARÉ...

Lorena Volpini. Doutoranda PPGA/UFBA. Bolsista do programa PDSE/CAPES.

Alagados é o nome usado para referir-se a uma ocupação “informal” de Salvador construída sobre a água, com madeira e materiais de descarte, no interior da Bahia de

todos os Santos, na Península de Itapagipe.

Surgida a partir dos anos 40, em proximidade de uma área industrial, durante décadas a região foi alvo da ação infatigável de seus ocupantes, teatro de ações de despejo, campo de conflito entre “invasores” organizados e estado, *locus* de resistência, evangelização, atividades políticas de base, programas de cooperação internacional e programas habitacionais estatais, não sempre bem sucedidos. Na década de 70, a área dos Alagados, que sempre teve uma extensão variável, chegou a contar com 80mil habitantes, segundo o IBGE.

Ao longo dos anos, muitos “lotes de água”, onde as palafitas eram construídas, foram aterrados, constituindo uma nova porção de solo, hoje integrada aos bairros da terra firme. As “pontes” – estreitas e instáveis passagens de tábuas suspensas, que constituíam o único meio de acesso às habitações de palafita – são hoje ruas. Ao longo das décadas, sucessivos programas de habitação removeram palafitas e pessoas, ampliaram aterros, ofereceram casas em terra firme no local e alhures.

Nesta comunicação, utilizo de relatos de campo para refletir sobre o resgate e atualização da “memória das palafitas” por parte de movimentos sociais e políticos locais, desvendando relações entre a memória “das lutas”, sentidos nativos de “cidadania” e políticas do espaço urbano.

Palavras chaves: Salvador, Alagados, Movimentos sociais, Espaço urbano, Memória.

SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DA INSEGURANÇA EM UMA CIDADE MÉDIA DO SERTÃO NORDESTINO NO BRASIL

Luciana Duccini. Colegiado de Ciências Sociais – UNIVASF; luduccini@gmail.com

Cícero Harisson Souza. Programa de Pós-graduação em Geografia – UFPE;
harisson.feeling@gmail.com

Juazeiro é uma cidade de médio porte, no nordeste do Brasil. Com cerca de 210 mil habitantes e economia baseada no comércio e na agroindústria, a cidade forma, com a vizinha Petrolina, um polo de desenvolvimento no semiárido brasileiro, às margens do Rio São Francisco. Diferente de outros, estes municípios mantêm ritmo de crescimento acelerado neste início de século. Em 1979, uma grande enchente deixou milhares de desabrigados, especialmente entre a população mais vulnerável. A Diocese local doou um grande terreno, distante do centro, para que o Governo do Estado, através da empresa Urbis, erguesse um novo bairro. Trata-se do João Paulo II, cujas minúsculas residências originais – chamadas “embriões” – iniciaram um dos bairros mais populosos do município. Composta por cerca de 46% de migrantes, a população do bairro cresceu,

modificou as casas, implantou um comércio atrativo e conseguiu levar serviços e equipamentos públicos para o local, embora em quantidade insuficiente para atender à demanda. Em trabalho de campo realizado entre 2012 e 2013, descobrimos que a principal vulnerabilidade que atinge esta população, contudo, não condiz com os estereótipos dos bairros periféricos, centrados em noções difusas de “violência”, mas na inexistência de regularização fundiária dos imóveis adquiridos, através de longos financiamentos de baixo custo, ao poder público. Neste trabalho, pretendemos explorar os sentidos da “insegurança” que emergem do confronto entre as vivências e falas dos moradores e as posições expressas pelos atores institucionais: Diocese, Urbis e poder público municipal.

Palavras chave: cidades médias – regularização fundiária – situações periféricas – vulnerabilidade.

EU NÃO SOU FAVELADO: AS LEMBRANÇAS DOS MORADORES DA ANTIGA COLÔNIA JULIANO MOREIRA EM JACAREPAGUÁ

Vitor Gonçalves Pimenta. Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) na Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem experiência na área de gestão e pesquisa em projetos sociais, culturais e ambientais, onde atuou nas áreas de Sociologia, Antropologia e Educação Ambiental no Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica (PDCFMA). Atualmente, atua como assistente de pesquisa no Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição (LEECCC) na UFF; torpimenta@gmail.com

Este presente trabalho tem como objetivo investigar a percepção do “morar” e de “direito à moradia”, a partir da memória social, dos moradores da localidade “Curicica 1”, uma das sete “comunidades” localizadas no território da antiga Colônia Juliano Moreira (CJM) no bairro Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, num contexto de grandes transformações socioespaciais, como a implantação do PAC-Colônia e a construção da TransOlimpica. O foco é entender como essas identidades se reconhecem e se diferenciam na elaboração discursiva do território através de suas histórias particulares com o poder público, as quais o resgate do passado surge de maneira fundamental na legitimação do direito à moradia.

Sabe-se que a “situação histórica” foi marcada por uma “relação tutelar” entre o antigo “Conjunto Sanatorial de Curicica”, inaugurado em 25 de janeiro de 1952, e seus funcionários-moradores que passou por mudanças radicais ao longo do processo de transformação sofrido no padrão da administração pública. O hospital antes considerado como empregador, local de moradia e líder, tornou-se apenas um lugar, onde alguns moradores trabalham e são atendidos quando carecem. A partir dessa mudança, passaram de “tutelados” a “cidadãos” sem perceber muito bem o ocorrido.

Nesse contexto, o tempo pretérito se expressa na memória social do grupo de moradores

de “Curicica 1” que reivindica uma noção histórica nas relações locais no presente. Nesse sentido, as políticas públicas implementadas pelas instituições deveriam dialogar e respeitar as memórias locais, as diferenças locais e a história tecida de maneira particular por cada grupo social.

Palavras-chave: memória, mudança, identidade, disputa, políticas públicas

PRACINHA DA VITÓRIA: ESPAÇO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Aiano Bemfica Mineiro. Estudante de Antropologia Social en la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.

En el mes de junio de 2013, en Brasil, ocurrieron importantes manifestaciones de masa que se alastraron por diversas ciudades del país. Fue en este entonces que nació, en la ciudad de Belo Horizonte, Minas Gerais, una de las expresiones más populares del periodo: las ocupaciones urbanas urbanas Rosa Leão, Esperança e Vitória. El conjunto de comunidades, también conocidas como “Ocupações da Izidora”, surgió espontáneamente y hoy está compuesto por casi ocho mil familias de menores ingresos, con poco o ningún vínculo previo entre sí y originarias de distintas regiones de la ciudad. Los dos años que siguieron se consolidaron como un tiempo de conflictos y disputas entre el Estado, los intereses de sectores privados – que reclaman el derecho a la propiedad de la tierra – y las familias y movimientos sociales. Actualmente, la región de Izidora aparece como uno de los más grandes conflictos de tierras urbanas de Latinoamérica. Eso dicho, este trabajo se propone a reflexionar sobre el rol que la Plaza de la Ocupación Vitória cumple en la construcción identitaria de esa comunidad. Tal propuesta se desarrolla a partir de inmersiones a campo y materiales audiovisuales registrados al largo de ese período, de reuniones y asambleas al marasmo cotidiano. De proyecciones de cine a las fiestas tradicionales. De recitales a velatorios, la plaza se revela como lugar en construcción, escenario de encuentros, diálogos y performances durante diferentes momentos del proceso de resistencia.

SUBALTERNIDADES INTERCALADAS: A TENTATIVA DE FORMAÇÃO DO MOVIMENTO PASSE LIVRE EM CAMPINAS

Cessimar Formagio

Analiso o percurso de meses da formação do MPL (Movimento Passe Livre) em Campinas – SP (Brasil) até a sua desintegração. Este movimento por transporte público se forma nos embalos das manifestações de junho de 2013, das mudanças no sistema de transporte efetuadas na cidade e com o objetivo de se contrapor ao modo de organização do movimento de transporte que existiu anteriormente. Argumento que as diferentes subalternidades no interior do grupo que se propunha a questionar o modelo hierarquizado do movimento anterior dificultam a coesão, de modo que, ao não conseguir se relacionar de forma coerente a crítica que carrega, o grupo vai se desmanchando e não consegue criar vínculos na cidade, o que, aliado a ação policial do Estado, leva o movimento à desintegrar-se.

Palavras chaves: ativismo, sujeitos subalternos, conflitos urbanos.

MÚSICOS DO “BEIRADÃO” EM MANAUS?

Rafael Branquinho Abdala Norberto. Bacharel em Música - Instrumento: Violão, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é mestrando em Etnomusicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsa CAPES; rbanviolao@gmail.com

O objetivo deste trabalho é realizar uma “descrição densa” de algumas experiências intersubjetivas que tive a oportunidade de vivenciar com músicos do “beiradão” nos bairros em que eles residem na cidade de Manaus. Nesses bairros, considerados “periferias” manauaras, eles enfrentam as sérias condições de desigualdade no acesso ao conjunto de serviços e consumos coletivos urbanos. Como todas as metrópoles brasileiras, Manaus enfrenta problemas com a desigualdade social, a carência de qualidade e efetivo em transporte público, problemas gravíssimos de saneamento básico, principalmente nas beiras dos diversos igarapés que cruzam a cidade, entre diversos outros problemas de ordem social. A etnografia que venho realizando tem como universo de pesquisa os músicos que nasceram em localidades ribeirinhas nos interiores do Estado do Amazonas (“beiradões”) e foram para Manaus em busca de “profissionalização” na música e melhores condições de vida. Entretanto, ao chegarem lá, nunca tiveram muitas oportunidades, continuando então a animar os diversos festejos nas localidades ribeirinhas pertencentes a outros municípios amazonenses. Em Manaus, sempre foram/são “excluídos” e “espoliados” da sociedade dita “manauara”. Enquanto isso, músicos de uma nova geração (entre 20 e 50 anos) reivindicam um “resgate da música do Beiradão”. Estes são músicos de classe média que se apresentam nos *pubs*, diversos bares e casas de show nos bairros “nobres” de Manaus, além das apresentações nos diversos teatros, como por exemplo, o Teatro Amazonas. Para cumprir com o

objetivo explanado acima, pretendo dialogar com a Antropologia Urbana através dos autores José Magnani, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Palavras-chave: “Beiradão”; Antropologia Urbana; Desigualdade Social; Manaus; Amazonas.

Sesión 2: Espacio público

-

A CULTURA URBANA EM NARRATIVA: SKATE E ESPAÇO PÚBLICO

Guilherme Michelotto Böes – Doutorando em Ciências Sociais PUCRS (bolsa FAPERGS/CAPES), Mestre e Especialista em Ciências Criminais, pesquisador do GPESC e ICA; guilherme.boes@gmail.com

A vida cotidiana é constantemente posta em narrativa diante dos espaços públicos da cidade, apontando para uma mudança histórica na representação entre os indivíduos sociais desde a tensão política que produz novos elementos de definição dos espaços às rupturas de produção da sociabilidade entre os indivíduos. Partimos dessa hipótese que os usos dos espaços públicos decorrem de uma nova significação, entre suas dimensões físicas e a sociabilidade, as diferenças sociais são consolidadas a partir da criação de espaços privatizados para consumo, produzindo na cidade um novo padrão de *enclaves fortificados*. Com objetivo de apontar a emergência que decorre dessa padronização, uma apropriação conforme a posição social e de poder, a cultura urbana em sua prática transgressora tem legitimação para além dessas fronteiras que determinam as formas distintas de uso dos espaços públicos urbanos, apontando para pesquisas que analisem a cultura urbana contemporânea. Nesse trabalho pretendemos apontar como o skate altera essas configurações sobre a produção dos espaços públicos urbanos, nas narrativas de pertencimento ao espaço público, que se tornou anônimo ao uso da experiência urbana contemporânea.

Palavras-chaves: espaço público; etnografia urbana; sociabilidade; skate.

LA BATALLA DE LA 9 DE JULIO. PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONES EN CONFLICTO EN RELACIÓN A LAS DEFINICIONES DE ESPACIO PÚBLICO, IDENTIDAD Y PROGRESO

Cristina Sottile. Antropología, Facultad de Filosofía y Letras, UBA. Observatorio de

Patrimonio y Políticas Urbanas Buenos Aires, Argentina; cristinasottile@gmail.com

Se muestra en este trabajo el conflicto entablado debido a la instalación del Metrobús sobre la Avenida 9 de Julio (CABA, 2013), en el cual se ponen en juego en primer lugar, definiciones de progreso y modernidad en relación al espacio público y su uso; en segundo lugar, la producción de acciones de resistencia ciudadana debido a que la modificación del paisaje urbano se percibe como una pérdida identitaria personal, urbana e histórica.

Se expone un relevamiento breve de los hechos y la descripción de los principales actores involucrados y sus pertenencias sociales, políticas e ideológicas.

Por último se analiza desde un punto de vista semiótico la modificación del paisaje (tomado este como discurso de construcción colectiva e histórica) y sus consecuencias urbanas y sociales en un proceso político e ideológico de intento de borrado de la memoria urbana, en el que se propone inscripta la obra del dicho Metrobús.

Se quiere mostrar en este trabajo la adscripción del estado municipal a políticas relacionadas con una idea decimonónica del progreso, que son puestas en evidencia a través de sus obras, no tanto por lo que se construye sino por lo que se destruye, invisibiliza o desaparece en el transcurso de las mismas, constituyendo tales prácticas parte de una ideología y una política de Estado que a través de la modificación inconsulta del ambiente urbano, con sus consecuencias performativas y disciplinadoras, tiene el propósito no explícito de instalar el olvido histórico y la fragmentación social.

Palabras Clave: etnografía urbana, espacio público, memoria, identidad, políticas públicas.

COTIDIANO DOS GRUPOS NA PRAÇA DE FÁTIMA: ASPECTOS ECOLÓGICOS E INTERAÇÕES FACE A FACE NO CENTRO DE IMPERATRIZ – MA

Jesus Marmanillo Pereira. Doutor em Sociologia e professor assistente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); jesusmarmanillo@hotmail.com

Fausto Ricardo Silva Sousa. Graduando em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); fausto.pedagogo@gmail.com

A presente proposta tem por objetivo discutir acerca dos principais grupos e atores que dinamizam e configuram um conjunto de territorialidades na Praça de Fátima, um dos

logradouros públicos mais centrais da cidade de Imperatriz – MA. Nesse sentido, por meio de Etnografia de Rua (Eckert, Rocha, 2001), foi realizado um mapeamento dos grupos ocupantes da referida praça, atentando para as relações estabelecidas, as estratégias de apropriação do espaço público e principais características sociais dos mesmos. Buscou-se também, compreender como tais grupos se organizam no espaço para satisfazer as próprias necessidades e garantir assim dinamicidade social à Praça e a própria existência. Desta forma, foram priorizados aspectos espaciais e sociais para compreender os modos, sentidos e condições em que os atores se reúnem naquele espaço público, chegando assim ao conceito centralidade destacado por Mckenzie (1948). Outra noção fundamental para a presente proposta é a de Cotidiano, grosso modo, entendida aqui como algo produzido nas interações sociais que ocorrem dia após dia, que não se explica pela extraordinariedade e sensacionalismo dos grandes eventos (Goffman, 2013; De Certeau, 2013; Schutz, 2012; Whyte, 2005). Por meio de tais objetivos, propostas e conceitos, realizou-se uma inserção preliminar em campo durante três meses nos quais foram desenvolvidos diálogos com comerciantes locais e demais grupos ocupantes da Praça, registros fotográficos pertinentes à pesquisa e observações diretas.

Palavras chave: Etnografia de rua, Centralidade, Cotidiano, Territorialidades

MALESTAR, DESHISTORIZACIÓN Y CONSTITUCIÓN COTIDIANA DE LO MENTAL EN LA CIUDAD MEDIA PUEBLERINA

Bárbara Galarza. FACSO/UNICEN- CONICET; barbaragalarza@gmail.com

El presente trabajo es producto de una tesis doctoral en curso que explora la incidencia de procesos socioculturales en la producción y reproducción de fenómenos vivenciados íntimamente como crisis o dificultades personales y/o familiares. La utilización que aquí proponemos del malestar nos permite “re-culturalizar” la categoría, asociada popularmente con la disciplina de la psicología. Con el objetivo de superar las reificaciones propias del modo de entender el espacio público en la modernidad, buscamos vincular el malestar a procesos sociales que tienen como común denominador el ejercicio de des-historizaciones. El caso que desarrollamos a partir de observaciones participantes realizadas en el año 2015 en una ciudad de perfil minero industrial de escala pequeña, permite visualizar la relación estructural entre el proceso de constitución de dimensiones de la vida que paulatinamente se van *mentalizando*, los efectos de la deshistorización individual-social y la propagación de situaciones sociales de crisis y malestar, ocasionalmente atendidas por el sistema público de atención de salud local. El modo en que los actores habitan la *ciudad* y tejen sus tramas de significación, nos permite comprender cómo se conforman dimensiones y entidades socioculturales que sistemáticamente aluden a *lo mental* funcionando como ejes motores de la producción simbólica del espacio urbano pueblerino. Consideramos, entonces, que las explicaciones nativas que los actores tejen bajo esta categoría son el resultado de su mediación y, que en este sentido, *lo mental* –entendido como parte de la dimensión sociocultural- juega un importante rol en la construcción del espacio público.

Palabras claves: malestar, deshistorización, espacio público, ciudad media pueblerina.

LA “DESCOMPRESIÓN RITUAL” DEL ESPACIO-TIEMPO EN LA CELEBRACIÓN DE LA SEMANA DE LA PATRIA DURANTE LA DICTADURA DE MARCOS PÉREZ JIMÉNEZ, CARACAS, 1953-1957

David Ocanto. Antropólogo. Universidad Nacional Experimental de las Artes – Venezuela. Maestrando en Ciencias Sociales de UNGS-IDES – Argentina; davidocanto@hotmail.com

En esta ponencia indagamos sobre las modificaciones, construcción y usos de espacios en la secuencia ritual de la Semana de la Patria, rito histórico o conmemorativo para celebrar la nacionalidad cada 5 de julio durante la dictadura del General Marcos Pérez Jiménez en Venezuela, entre 1953 y 1957. Focalizamos en los elementos que se ritualizaban, develando una puesta en escena que tendía a reconstruir la figura y posición de los actores en la estructura social, enmarcados en usos específicos del tiempo y del espacio. Luego exploraremos los lugares de la ciudad de Caracas que se utilizaban durante la celebración y cómo se intentó diferenciar el uso de los espacios públicos de las actividades políticas previas a la dictadura. Veremos cómo un régimen empeñado en la construcción de la modernización de infraestructuras y vías de comunicación centra su atención en el uso de nuevos espacios en la ciudad para la celebración; así como resignifica otros lugares. Finalmente, expondremos la construcción del Sistema de la Nacionalidad, como un espacio que “ralentiza” la veloz fluidez del tiempo de la ciudad moderna, para concentrar las principales acciones en este espacio fijo, que no viene de ningún lugar ni se dirige a ningún otro, que es un espacio de tránsito simbólico, que combina pasado, presente y futuro; donde ocurre una “descompresión ritual” espacio-temporal, en clara naturalización de la nación como una entidad que se construye con las obras de la dictadura y que es al mismo tiempo ancestral, buscando la eficacia simbólica para la legitimidad política.

Palabras clave: descompresión ritual, tiempo-espacio, Semana de la Patria, Caracas.

Movilidad – transporte

MOVERSE ES HABITAR-EN-MOVIMIENTO. REPENSAR LA CIUDAD Y LA EXPERIENCIA URBANA DESDE EL “MOBILITY TURN” EN LAS CIENCIAS SOCIALES

Dhan Zunino Singh, Investigador Asistente CONICET, Universidad Nacional de Quilmes (Argentina), dhasebastian@gmail.com

El siguiente trabajo introduce los principales temas del llamado giro de la movilidad, nacido en la academia europea y norteamericana, para discutir los estudios urbanos latinoamericanos. A partir de los trabajos de John Urry, entre otros, se pone de manifiesto la falta de atención de las ciencias sociales (excepto por estudios sobre turismo o migraciones) hacia el movimiento de personas, objetos, información, dinero, etc. y lo que éste implica en la vida social. Así, se critica la tendencia a mirar lo fijo sobre lo móvil pero sin una mirada romántica sobre el nomadismo frente sedentarismo. El giro de la movilidad pone en cuestión dicotomías como sedentarismo/nomadismo, espacio/lugar, reconociendo que las prácticas y espacios de la movilidad son significativos antes que meramente alientantes o “no-lugares”. Los objetos de estudios de la movilidad son entendidos, además, como híbridos compuesto de prácticas, sujetos, tecnologías, significados, poder.

Desde la sociología y la antropología, la historia y la geografía, se comienza a desarrollar herramientas teórico-metodológicas para abordar temas que solían ser exclusivo de estudiosos del transporte. De hecho, éste término se pone en cuestión y se exploran diversas prácticas y formas de movilidad pero también de inmovilidad, quietud, fricción.

Basado en los principales autores de esta corriente, en incipientes estudios latinoamericanos, incluyendo mis propias investigaciones, esta ponencia expone cuatro temas principales para repensar la ciudad desde la movilidad, a saber: la crítica al no-lugar; el viaje urbano como práctica significativa; ritmo, emociones, afectos como objetos de estudio; y el rol ponderado de la etnografía.

Palabras clave: Giro de la Movilidad – Ciudad – Ciencias Sociales – Teorías – Metodologías.

-

Sesión 3: Patrimonio, memoria – Recualificación urbana

PASADOS ENTREVERADOS. PEQUEÑAS Y GRANDES HISTORIAS DEL BARRIO ANGLO DE FRAY BENTOS

Ariela Epstein. LISST-Centre d'Anthropologie Sociale. Université Toulouse-Jean Jaurès; ariela.epstein@hotmail.fr

El barrio Anglo de Fray Bentos acaba de ser reconocido como patrimonio cultural de la

humanidad por la Unesco. El proceso de patrimonialización valora y expone esta zona por ser pionera en el desarrollo industrial del país, cuenta la historia de la fábrica Liebig's-Anglo y su *compagny town*, que funcionaron entre 1863 y 1979. La etnografía del barrio lleva a pensar otro momento, que empieza con el declive de la fábrica. Recuperado por el Estado, el barrio fue desalojado de casi todos sus habitantes durante la dictadura militar, por un proyecto de demolición que no fue llevado a cabo. El barrio, poco a poco ocupado por nuevas familias, es dejado de lado por los poderes públicos hasta los años noventa, cuando empiezan dos procesos, en cierta forma ligados : uno de mejoramiento urbano (un plan PIAI del MOTVMA), y otro de valorización patrimonial. Mi trabajo propone una mirada pragmática sobre las memorias del lugar, lo que permite distinguir la presencia de distintos grupos, comunidades de experiencias ubicadas en distintos regímenes de historicidad. Detrás de la “gran historia” industrial, patrimonializable, las “pequeñas historias” vividas por los habitantes (expulsados, resistentes, o que llegaron después, en forma irregular) definen las relaciones que cada uno entretiene con el territorio. Esas dos historias son atravesadas por la dictadura, pero ésta solo aparece en los relatos de escala biográfica. En un segundo nivel, se cuestiona entonces la legitimidad y los efectos de los relatos sobre el pasado, en la redefinición de los espacios. Mi hipótesis de trabajo plantea que los procesos patrimonialización y de cambios urbanos casi siempre despiertan y movilizan otros tiempos y otras historias, que siguen siendo parte de la realidad con la que los habitantes tiene que lidiar.

Palabras clave: Anglo, Patrimonialización, cambios urbanos, regímenes de historicidad.

EL BARRIO, LA CULTURA Y LA “COCINA” DE LA CIUDAD

Ana Silva. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires /
CONICET. anasilva77@yahoo.com.ar

La ponencia recupera una etnografía situada en un “centro cultural” de una ciudad media de la provincia de Buenos Aires, Argentina. Con énfasis en la articulación entre trayectorias de vida, tramas asociativas y memoria colectiva en la producción del *palimpsesto urbano* así como de proyectos de ciudad, la investigación se enfoca en el cotidiano del centro cultural y su inserción en un barrio que atraviesa un intenso proceso de *activación patrimonial*. Una asamblea vecinal impulsa la declaración de un “Área de Protección Histórica” en las inmediaciones de la estación ferroviaria, de la que se ha llegado a decir que fue el foco de una “segunda fundación” de la ciudad.

Múltiples memorias se superponen en la dinámica social del barrio: del trabajo y de procesos estructurales-productivos mayores, del viejo “barrio ferroviario” o de momentos de prosperidad industrial de la ciudad, entre otras presencias/ausencias que entretejen las experiencias y relatos identitarios con procesos que los trascienden.

El centro cultural, inaugurado en 2010, se suma a una serie de entidades gestionadas por organizaciones sociales que remiten a distintas “épocas” del palimpsesto urbano-barrial. Desde su apertura, busca cobijar manifestaciones de “la cultura” en un sentido amplio cercano al antropológico. Es sede de una intensa actividad política de distintos grupos que pretenden incidir en la agenda pública, poniendo en juego modos de colectivización y politización que actualizan selectivamente aspectos del palimpsesto y sistemas de valores que se invocan en las tensiones actuales por la producción y consumo colectivo de la ciudad.

Palabras clave: ciudades medias – memoria colectiva – patrimonio – barrio – agenda pública.

DE PEREIRA PASSOS AO TELEFÉRICO DO MORRO DA PROVIDÊNCIA: MEMÓRIA E DESPERTENCIMENTO NAS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM URBANA NO RIO DE JANEIRO

Anelise Fróes. Bacharel em Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2008); Mestre em Antropologia Social (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2010); anelisefroes@gmail.com

As transformações urbanas pelas quais passa a cidade do Rio de Janeiro, Brasil, não são as primeiras a impactar de modo plural seus habitantes, atingindo-os em questões cruciais de seu viver (n)a cidade. Já no início do século XX foram realizadas reformas urbanas amplas, as mais contundentes promovidas por Pereira Passos, baseadas em argumentos sanitários e geográficos quanto à distribuição populacional e a necessária modernização urbana. Entre 1902 e 1906, o então prefeito realizou o alargamento de vias, a demolição de casarões históricos, e a abertura de ruas onde antes havia trânsito precário de carroças. Os antigos “cortiços”, aglomerados urbanos onde famílias numerosas compartilhavam cômodos residenciais, foram removidos. O aumento nos preços dos alugueis nas áreas modernizadas forçou a população mais pobre a ocupar regiões afastadas, e, logo a seguir, as áreas elevadas – morros.

Em que pese não haver embasamento sanitário ou higienista para as transformações na cidade nos anos 2000, especialmente a partir de sua segunda década, o que parece estar em jogo fundamentalmente é novamente a ampliação das fronteiras internas entre áreas nobres e periféricas, provocando fluxos migratórios de exclusão e despertencimento das populações pobres, interrompendo trajetórias memoriais que remontam às primeiras gerações de suas famílias. Ao estudarmos o impacto da remoção de moradores do Morro da Providência, na área central do Rio de Janeiro, tida como a primeira “favela” do país, para instalação de um teleférico, visando “modernizar” o morro, verificamos que as estratégias são renovadas, mas suas consequências ainda são as mesmas, depois

de cem anos.

Palavras-chave: Cidade, Memória, Despertencimento, Favelas, Territorialidade.

(RE)QUALIFICANDO O LUGAR: COMO O BAIRRO CIDADE BAIXA VEM SE TORNANDO O TRADICIONAL REDUTO BOÊMIO DE PORTO ALEGRE

Michelle Nascimento da Silva

O presente artigo se insere no contexto de apropriação do lugar, neste sentido, o planejamento estratégico e a integração entre poder público e empresários são considerados uma das principais iniciativas utilizadas pelos gestores urbanos, enfatizando-se a importância de se reformular os lugares da cidade. O objetivo desse trabalho é analisar a apropriação do bairro Cidade Baixa, bairro situado na área central da cidade de Porto Alegre, a partir das iniciativas de (re)qualificação. Mais especificamente, a partir do conflito de usos e usuários em 2011, do qual surgiu o Grupo de Trabalho (GT) Cidade Baixa com a finalidade de gerenciá-lo e promover melhorias no bairro até sua ‘consagração’ enquanto Polo Gastronômico, Cultural e de Entretenimento em 2015. A metodologia utilizada consiste na leitura crítica de matérias de diferentes meios de comunicação, com a finalidade de observar as intervenções do poder público, as ações de empresários e as apropriações dos lugares pelos diferentes grupos de usuários. A capacidade do bairro em captar diversos usos e usuários; a diversidade cultural, bem como de entretenimento e gastronomia são compreendidas como forte potencial para (re)consagrar o bairro enquanto lugar de ‘vocaçã boêmia’.

“LAS COMPLEJIDADES DE LA CONVIVENCIA DE “LO PÚBLICO Y LO PRIVADO” – “LO LINDO Y LO FEO” EN ALGUNOS ESPACIOS URBANOS DE POSADAS”

Mg. Marisa Monzón (Antropóloga Social docente e investigadora de la Universidad de la Cuenca del Plata); monzonmarisa_pos@ucp.edu.ar

Stefano Tamborini, Cristian Agueda, Martín Rosinski (estudiantes de Psicología de la Universidad de la Cuenca del Plata y auxiliares de investigación)

En la ciudad de Posadas, provincia de Misiones, ubicada al noreste de la República Argentina, se viene desarrollando un proceso de cambio y modernización urbana promovida principalmente por la terminación de las obras complementarias de la Entidad Binacional Yacyretá, que construyó la represa hidroeléctrica sobre el río Paraná. A raíz del tratamiento costero y la reubicación de poblaciones hacia nuevos conglomerados urbanos alejados del centro en los últimos diez años se produjo una transformación socio-urbana que llevó a revalorizar espacios antes despreciados. A

pesar de esto quedan barrios y asentamientos irregulares en lugares considerados zonas de revalorización urbana.

Desde la investigación antropológica venimos planteando la hipótesis de trabajo que considera que: a- los programas de intervención urbana vinculados a las obras complementarias generaron un aumento de los precios del suelo urbano y un desplazamiento sin acción directa del Estado de aquellos sectores asentados en espacios intersticiales que el propio crecimiento inmobiliario re-valoriza; y que b- la conjunción de estos procesos están transformado y diferenciado el espacio urbano en su conjunto al generar áreas cada vez más fragmentadas de acuerdo al nivel socioeconómico de los grupos residenciales, ampliando las disparidades socio-espaciales.

Pretendemos exponer la complejidad de las relaciones sociales existentes en estos espacios intersticiales como los representan la chacra 181, la chacra 145, el barrio San Roque y el Cerro Pelón y el barrio Ex Rowing Viejo en la ciudad de Posadas.

Palabras clave: antropología de lo urbano, espacios intersticiales, elitización, periferización.

Espacios de ocio

CAMPOS, FESTAS E PEDREIRAS: NARRATIVAS VARZEANAS EM SÃO PAULO/SP

Enrico Spaggiari. Doutor em Antropologia Social/USP; enricospaggiari@yahoo.com.br

Com base em minha tese de doutorado que, entre outros objetivos, procurou destacar a centralidade da várzea paulistana no processo de constituição de jovens futebolistas em Guaianases, bairro periférico da zona leste de São Paulo, o *paper* ora proposto procura compreender as principais mudanças no universo varzeano nas últimas décadas, tendo em vista que o discurso e as narrativas são sempre construídas em relação a um tempo passado. O futebol é um dos elementos acionados pelos moradores de Guaianases para construir a imagem do bairro, contar sua história, descrever suas práticas e projetar um futuro. As dinâmicas históricas do futebol de várzea aparecem sempre atreladas ao próprio bairro e ao processo de produção do espaço urbano: as mudanças e ao crescimento do bairro, melhoria da infraestrutura e do transporte urbano, ancoragem dos times em determinadas vilas etc. Tais dinâmicas são expressas nas narrativas dos varzeanos sobre os contextos em que cresceram e viveram sua juventude, revelam

concepções de cidade, heterogêneas e ambíguas. Assim como o bairro, o futebol de várzea, prática que mistura os tempos do lazer e do trabalho, é uma modalidade em contínua transformação. Sempre atrelado à sua constituição pretérita, o futebol de várzea é uma prática vivida de forma absorvente. Atualizada nos tempos e espaços da vida cotidiana, a várzea se conserva heterogênea, com múltiplas territorialidades e ligada a princípios tanto amadores como profissionais. Portanto, a cidade dos varzeanos deve ser compreendida pelas pessoas e relações que a compõem, enquanto multiplicidade de fluxos, temporalidades e estilos de vida.

Palavras-chave: Cidade. Futebol de várzea. Etnografia. Memória. Temporalidade.

O URBANO EM FRAGMENTOS: A PRODUÇÃO SOCIAL DOS ESPAÇOS DE LAZER EM VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA-BRASIL

Mares, Rizia Mendes. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual Paulista–FCT/UNESP; rizziamendesmares@gmail.com

A cidade contemporânea, marcada por relações de clivagens como fruto de um processo desigual de estruturação, é expressão das novas lógicas de produção e consumo ao direcionar as práticas espaciais, expressando os conflitos que emergem do cotidiano fragmentando. Nesse sentido, debruçamos-nos sobre as práticas espaciais do lazer na cidade de Vitória da Conquista, Centro Sul da Bahia - Brasil, pois, nesse processo consideramos o sujeito, também, como produtor do espaço agindo e reagindo às lógicas e dinâmicas neste. A metodologia empregada baseou-se no uso de entrevistas semiestruturadas a munícipes e agentes bem informados nessa cidade e organizamos o texto em quatro seções: primeiramente, um debate sobre o lazer e o processo de produção de espaços para esse fim; uma discussão sobre as estratégias empregadas na oferta do lazer e o conflito de interesses público e privado na estruturação do espaço urbano; ainda, uma análise de como a disputa pelo poder e domínio do espaço urbano têm influenciado nos modos em que a prática do lazer se realiza e; por último, como esse contexto nos leva a compreender as contradições que fomentam processos de diferenciação e segregação socioespacial. Nossas análises nos levam à compreensão de que a produção e uso diferenciados dos espaços de lazer são sinalizadores de que processos socioespaciais têm alterado significativamente os tempos/espaços da sociabilidade na cidade hodierna, sendo esse o objetivo proposto de nossa análise.

Palavras-chave: Lazer. Urbano. Espaço social. Fragmentação socioespacial.

UN BINGO EN OLAVARRÍA: DIÁLOGO, CONTRADICCIÓN Y GUIÑOS AL MITO MÁS VIGOROSO DE LA “CIUDAD DEL TRABAJO”

Silvia Boggi. Docente investigadora PROINCOMSCI/FACSO/UNICEN- Argentina;
silviaboggi@gmail.com

La emergencia de territorios del ocio y del consumo ha sido señalada como una de las variables asociadas a las transformaciones urbanas en tiempos de globalización. Según se sostiene, permite leer –entre otros aspectos- los procesos de difuminación urbana, las múltiples y simultáneas formas de convivencia de diferentes formas de centralidad comercial, el crecimiento y difusión de estas actividades y en términos amplios, nuevas experiencias de la vida urbana.

Nuestro trabajo se aproxima a estos procesos globales en una ciudad bonaerense de rango intermedio –Olavarría- desde un prisma antropológico y un enfoque etnográfico pretendiendo mostrar la disputa -en la arena de los imaginarios sociales urbanos locales- entre lo popular (gramsciano) y lo hegemónico referenciada en las significaciones identitarias de la ciudad (“Ciudad del Trabajo”) y las asociadas a la instalación, permanencia, crecimiento y usos

de un local de juegos de azar y apuestas.

Palabras clave: ciudades intermedias, globalización, ocio y consumo, imaginarios sociales urbanos.

PEREGRINAÇÃO DE BAR EM BAR: OS PERCURSOS E AS DINÂMICAS DE SOCIABILIDADES EM ESPAÇOS DE CONSUMO E LAZER NA CIDADE DE BELÉM DO PARÁ

Robson Cardoso de Oliveira. Doutorando em Antropologia (PPGA/UFGA)
Universidade Federal do Pará; robson.cardosodeoliveira@gmail.com

Assistir a programas esportivos tem sido uma dinâmica de lazer bastante praticada por telespectadores da TV brasileira. A justificativa, para tal afirmação, pode ser demonstrada pelos índices de audiências que tais programas possuem. Mas, como o esporte é assistido na TV? Ou melhor, como os/as telespectadores/as assistem aos

programas esportivos? No conforto de suas casas? Em um bar lotado? Foi por meio dessas perguntas que comecei a trilhar os caminhos desta pesquisa, assim como na busca de interlocutores/as. Partindo do entendimento da amplitude de modalidades esportivas, delimito um recorte em jogos de artes marciais como o UFC (*Ultimate Fight Combat*) e partidas de futebol da Seleção Brasileira. A delimitação dessas programações esportivas partiu de um levantamento inicial com os/as interlocutores/as dos programas que eles/as mais assistiam em bares da cidade de Belém. Portanto, fiz a escolha pelo UFC e jogos da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo realizada no Brasil no ano de 2014. Foram entrevistadas 11 pessoas (7 homens e 4 mulheres) com um roteiro semiestruturado, entretanto cada conversa teve uma dinâmica diferenciada. O objetivo com este artigo, então, é o de retratar uma experiência de trabalho de campo, no qual percorri espaços de lazer como bares da cidade de Belém do Pará, no intuito de observar como ocorrem as práticas de sociabilidades e consumo nesses ambientes. Como resultado, percebi que esses bares citadinos são buscados de acordo com os grupos presentes e as programações ali existentes, busca essa como uma peregrinação de bar em bar até achar aquele que está “bombando” e evitando aqueles “escrotos”.

Palavras-Chave: Bares; Cidade; Consumo; Sociabilidades.

Sesión 4: Gestión urbana y políticas públicas

LAS POLÍTICAS PÚBLICAS EN EL TERRITORIO: EL CASO DEL PROG.R.ES.AR. EN EL BARRIO SANTA LUCÍA (ROSARIO, SANTA FE, ARGENTINA)

María Luz Silva (SeIDeSoc – UNL) marialuzsilva@hotmail.com

María Alejandra Martínez Fernández (ISHIR-CEACU) mamfale@hotmail.com

Lucía Salinas (UADER) lu.salinas@gmail.com

Valeria Polero (UNR) valeriapolero@yahoo.com.ar

Emmanuel A. Perez Zamora (UNR) emmaantropologia@outlook.es

Martín Roda (UNR) martinroda@educ.ar

Este trabajo se propone compartir un primer avance del trabajo realizado en el marco del Proyecto “Análisis cualitativo en políticas públicas: el impacto del Programa de Respaldo a Estudiantes de Argentina (PROG.R.ES.AR.) en el Barrio Santa Lucía de Rosario”, Argentina. El equipo de trabajo se enmarca en la Secretaría de Integración Socio-Comunitario, de la Universidad Nacional de Rosario, y está conformado por estudiantes y graduados en antropología y psicología de esta universidad.

Los habitantes del barrio propuesto como anclaje territorial de análisis sufren de un fuerte estigma social y “aislamiento” por la localización, características del barrio, y la ausencia de servicios públicos básicos. En este contexto nos interrogamos por las experiencias y vivencias de los jóvenes de dicho barrio, beneficiarios o potencialmente beneficiarios del Programa.

Las motivaciones de esta exploración se vinculan al aprovechamiento de las metodologías cualitativas para análisis de impacto y la elaboración de políticas públicas, desestimadas o desvalorizadas frente a la expresión de los “números duros”. Nos basamos para esto en una metodología etnográfica enriquecida por otras estrategias tales como: mapeo de actores y de poder del barrio, relevamiento barrial de la población, relevamiento mediático. Sostenemos así la pertinencia y potencialidad de una mirada antropologizada, que da cuenta de la diversidad de lo real buscando atender las experiencias de sujetos situados en contexto, donde el estudio de casos particulares puede pensarse como estrategia para captar, desde lo microsociológico, las acciones que generan subjetividades sociales y los modos de estar en el mundo más amplios.

Palabras clave: Juventud- Barrio Santa Lucía- territorio- políticas públicas.

-

ARQUITECTURA ESCOLAR DE GESTIÓN PÚBLICA Y CIUDAD: REPRESENTACIONES DESDE LA PERIFERIA

Maria Elena FOSSATTI. Arquitecta, Facultad de Arquitectura y Urbanismo,
Universidad Nacional del Nordeste, Argentina; mariaelf17@gmail.com

El caso de estudio analiza la trayectoria de una escuela primaria dentro de un área periférica en Resistencia, capital del Chaco en su paso por varios edificios, desde 1937 hasta 1953, cuando se asienta en su edificio propio por gestión de la Fundación Eva Perón, y parte de la obra pública del Plan Quinquenal implementado durante la presidencia del General Perón en Argentina.

Se utilizan como fuentes las impresiones escritas en el Libro Histórico por una decena de docentes cuando ingresan a la escuela en ese período, expresión significativa de las creencias y valores de ese grupo sobre la educación, lo urbano y lo estatal. El estudio de la evolución catastral y de las memorias oficiales, aportan a una reconstrucción más

completa del ambiente donde se inserta el edificio escolar y su papel en dichas transformaciones.

Esta reconstrucción de lo vivido permite conocer cómo registran a las políticas públicas y la expansión urbana, un conjunto de subjetividades compartidas de un acotado universo. El análisis del entramado de grupos, instituciones y espacio, quizás puede resignificar la correlación de cuestiones generales y procesos locales. En este sentido, instrumentos de valor heurístico como la escala y la dinámica sirven para vincular lo macro y lo micro, diferenciar tiempos y espacios, medir distancias concretas y simbólicas o reconocer ritmos.

Palabras clave: Arquitectura escolar; Peronismo; Plan Quinquenal; transformaciones territoriales; periferia.

EL ROL DE LA ANTROPOLOGÍA EN LA PLANIFICACIÓN URBANA Y TERRITORIAL

Dra. Adriana Goni Mazzitelli, Università degli Studi Roma Tre. Post doctoral fellow
Instituto de Teoría y Urbanismo UDELAR- Agencia Nacional de Investigación e
Innovación Uruguay; adrianaemilia.goni@uniroma3.it

La inserción de la antropología en la planificación urbana y territorial responde, por un lado, a una crisis en el paradigma racional del urbanismo frente a la complejidad social y a la mutabilidad permanente de las condiciones territoriales, que revelaron sus esquemas interpretativos insuficientes debiendo buscar apoyo en otras disciplinas (Durand, 2012). Por otro lado, se verifica al mismo tiempo un creciente interés de la antropología en la rápida urbanización mundial, y en cómo esta modifica los comportamientos humanos, así como el lugar que la disciplina ocupará en la interpretación de estos procesos (Althabe & Selim, 2000). En esta ponencia mostraremos con ejemplos internacionales cómo la antropología se demuestra una disciplina acertada al interior del urbanismo y en diálogo con otras disciplinas, no sólo por su capacidad de dar diagnósticos iniciales exhaustivos de los contextos socio-culturales con la etnografía urbana (Sclavi, 2003), sino también de ayudar a comprender las interacciones sociales durante los procesos de “negociación de sentidos” de poblaciones diversas que constituyen estos nuevos escenarios espacio-temporales de la planificación urbana (Torres Riberiro en Bernstein, 2012). En algunos contextos se ha dado un paso más, es decir la participación activa de los antropólogos, junto a arquitectos, artistas, geógrafos, entre otros, al interior de procesos de planificación para mejorar las diversas etapas, participando activamente en la construcción de nuevos instrumentos que transformen los proyectos en narraciones colectivas sobre los territorios y las personas que allí habitan, favoreciendo su protagonismo y la reapropiación de sus bienes comunes (Goni Mazzitelli, 2015).

Palabras Claves: etnografía urbana, interdisciplina, planificación colaborativa, arte cívica, bienes comunes.

Imaginarios urbanos

-

-

HETEROTOPÍAS MORALES Y PALIMPSESTO URBANO EN LA ESCALA MEDIA

Ariel Gravano. Argentina, CONICET, UNICEN, PROINCOMSCI;
arielgravano14@gmail.com

“Construyamos un nido... -sí, un nido, pero ¿dónde?”

(Las voces de los pájaros de Hiroshima).

La ciudad es, por constitución histórica, el lugar de plurales micro-nidos y a la vez un macro-nido singular. Es el espacio de la identidad de esos nidos y, por lo tanto, de lo temporal vivido en cierto tipo de unidad, que puede variar con la escala. En este trabajo marcaremos la importancia de la dimensión témporo-simbólica de los imaginarios de ciudades medias bonaerenses. Focalizamos en la trascendencia de la heterotopía hacia la temporalidad en clave de palimpsesto urbano, como construcciones de identidad a partir de imágenes que se referencian cronológicamente pero se superponen en sincronía y por fuerza de contradicciones históricas del presente. Apelamos a la proyección, en el imaginario hegemónico, de la teoría de las “regiones morales” o “nichos sociales” de la escuela urbanística de Chicago en su época de oro, que sirve en la actualidad de sustrato ideológico para la construcción de lo público-urbano, como desafío tanto para la agenda estatal cuanto de los movimientos sociales. Con base en las hipótesis de la homeostasis múltiple y el dominio del imaginario metropolista en las ciudades medias, reflexionamos sobre la relación capitalista entre esos *nichos-nidos* de lo privado y la esfera pública discriminadora del “hacer ciudad”.

Palabras clave: heterotopías – palimpsesto – ciudades medias – regiones morales.

-

CONCEPCION[ES] DE CONCEPCIÓN. LA CIUDAD VISTA Y OÍDA POR SUS HABITANTES

Rodrigo Herrera O. Antropólogo, Universidad de Concepción, Chile; rherrerao@udec.cl

“¿Cuál es tu Concepción?” Esa era la pregunta que les esperaba a quienes ingresaban al “contenedor urbano”, artefacto arquitectónico de pequeñas dimensiones que se instaló por unos días en las principales plazas céntricas de Concepción, Chile, con el fin de invitar a “reflexionar sobre la marcha” a los transeúntes que circulaban por ellas. Tenían dos minutos para hacerlo, en su interior, sólo acompañados por una silla y una cámara de video que los filmaba. El producto final fue la recopilación de más de 100 testimonios hechos “al paso” en los cuales los ciudadanos anónimos manifestaron sus anhelos, disgustos y experiencias de y en la ciudad. Se situaron ella, la proyectaron, la narraron y la evaluaron, indistintamente, dando cuenta de un pulso de la misma. El trabajo posterior fue clasificar –o sea, intentar ordenar- los distintos relatos, y acompañarlos por imágenes aleatorias de la ciudad. El resultado final: *Concepción [es] D Concepción. Etnografía e imágenes de vida urbana*. Un recorrido a través de instantáneas narrativas por la experiencia urbana de una ciudad.

CUANDO EL TIEMPO LINEAL LLEGA A SU FIN. EL CASO DE UNA LOCALIDAD POST-INDUSTRIAL QUE SE MOVILIZA POR SINCRONIZAR SU TIEMPO AL DE LA NATURALEZA. GRAL CERRI, ARGENTINA

Victoria Corte. Facultad de Ciencias Sociales de Olavarría, Universidad Nacional del Centro (FACSO-UNICEN). Departamento de Humanidades, Universidad Nacional del Sur (UNS); victoriacorte@gmail.com

En la localidad de Gral. Cerri (provincia de Buenos Aires), cambiaron las estructuras de producción en la década de los '90, cuando cerraron las dos industrias que organizaban el espacio-tiempo de la población, configurando así un novedoso paisaje post-industrial (Appadurai, 2001). Hacia 2011, la posibilidad de un megaproyecto sobre el espacio marítimo que los circunda, vuelve a poner al pueblo en el paradigma del progreso y el trabajo, situación que es vivida por la población como una amenaza a su “tranquilidad”. Surge entonces un nuevo movimiento social que desarrolla una nueva relación con la naturaleza, más cercana a las formas totémicas y animistas, que a las formas de explotación capitalista. Analizamos los imaginarios sociales urbanos que responden a una dinámica particular en la forma de incorporar las historias (ciudad de frontera, ciudad industrial, ciudad desindustrializada) y las deshistorias (aquello que fue desechado de los discursos oficiales, pero que sin embargo continúa trabajando en la memoria social), para comprender cómo desde el movimiento se seleccionan fragmentos del pasado que los identifica más al “tiempo ecológico” (Evans Pritchard, 1978) antes que al “tiempo social” (calendarios vinculados a un modo de producción) impuesto por las elites gobernantes.

Palabras clave: producción industrial, megaproyecto, memoria, nuevo movimiento

social, tiempo ecológico.

UM CAMINHO NAS MARGENS: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NA RUA DO PORTO E UMA ANTROPOLOGIA URBANA PARA ALÉM DA METRÓPOLE

Fernando Monteiro Camargo. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP;
camargo.fmc@gmail.com

Esta pesquisa teve como tema o estudo das relações que os múltiplos atores estabelecem no e com o espaço urbano. O local escolhido para a pesquisa foi a Rua do Porto, localizada em Piracicaba, cidade do interior do Estado de São Paulo. Meu objetivo foi investigar o cotidiano e as distintas formas de apropriações dessa rua. Inicialmente, busquei conhecer quais os frequentadores da rua e quais suas visões acerca desse lugar. Como os sentidos das experiências urbanas dos atores que circulam e formam a complexa arquitetura de territórios, lugares e não lugares, que resultam na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas (ARANTES, 2000, p. 106) se transformam ao longo do dia, da semana, do mês e dos anos? Como ocorre a disputa das temporalidades e como elas são expressas? Como são construídas as fronteiras simbólicas que revelam as significações e lembranças compartilhadas pelos frequentadores da rua? Com a câmera fotográfica na mão comecei a desenhar meus trajetos pela rua. O que me instigou foi a frequência com que eu privilegiava os *pescadores* na lente da câmera. Dessa forma, como um arqueólogo, comecei a procurar pelos fragmentos e *vestígios* desse personagem. Mas, por que esse personagem apareceu tanto nas minhas fotografias? A hipótese que tenho construído até o momento é a dos *pescadores* como figura fantasmagórica, como pontos de intersecção das diferentes temporalidades que habitam e disputam a Rua do Porto. Eles são o passado e o presente dessa rua. São os *pescadores sobreviventes*? Mas de que tempo?

Palavras-chave: Antropologia Visual, Antropologia Urbana, Memória, Lazer, Pescadores.

FRAGMENTACIÓN ESPACIOTEMPORAL EN EL CENTRO DE LA CIUDAD DE SALTA. UNA PROPUESTA PARA PENSAR LOS FENÓMENOS EN LAS ZONAS URBANAS TARDOMODERNAS

Fernández Luis Alfredo. Universidad Nacional de Salta;

La ciudad de Salta puede clasificarse como una ciudad media, con características metropolitanas en convivencia con aspectos típicos de una sociedad tradicional. En su centro comercial podemos ver edificaciones elegantemente maquilladas para el turista y un mercado tardomoderno formado por vendedores ambulantes de todo tipo, “la pobreza avanzando sobre el elegante centro”. Siguiendo la propuesta de Roggiery y South, podemos pensar el centro salteño geográficamente y realizar una fragmentación territorial dividiéndola por lo menos en tres zonas: de vivienda (casas efectivamente habitadas), de vigilancia (donde se supone la seguridad y el control) y de bazar (donde esté presente la oscuridad y el peligro), sin que estén divididas organizadamente con fronteras definidas, sino interconectadas a pocos metros, salpicadas azarosamente en una suerte de mosaicos difíciles de encasillar. Asimismo, las zonas de bazar y vigilancia no solo suponen espacialidad sino también temporalidad: un monumento de una rotonda que al mediodía sirvió como escenario de un almuerzo familiar, horas después pasará a ser una silla de descanso de un “trapito”, y por las noches se convertirá en el punto de encuentro de vendedores de drogas organizando su negocio nocturno.

Por tanto, basados en nuestro trabajo etnográfico en la ciudad de Salta, proponemos realizar una fragmentación espacial y territorial del centro de esta ciudad materializada en una serie de mapas y esquemas que en su recorte metodológico permitan pensar los fenómenos sucedidos y las dinámicas espaciotemporales que dan forma a la vida urbana de una ciudad media tardomoderna.

Palabras Clave: Fragmentación espaciotemporal, zonas tardomodernas, ciudad media, metodología, antropología urbana.

-

-

OS IDENTIDADES: HISTÓRIAS DE VIDAS DOS ESTIVADORES DO PORTO DE SUAPE/RECIFE CONTADAS EM AUTOS PROCESSUAIS

Mônica Maria Gusmão Costa. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Pós-doutoranda PNPd do Programa de Pós-graduação em Antropologia Cultural – PPGA;
mo_gusmao@hotmail.com

Esdras Gusmão de Holanda Peixoto. Professor de Direito da Faculdade dos Guararapes – Pernambuco. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Cultural – PPGA;
eghp1@faculdadeguaraapes.edu.br

Com a implementação do Complexo Industrial Portuário de Suape – Recife/Brasil

(inaugurado em 1983), os trabalhadores da estiva passam a ser subcontratados para executar os serviços dos novos contratados, haja vista não possuírem o grau de escolaridade exigido no processo seletivo de contratação, sendo muitos deles analfabetos, visto que nunca tiveram acesso ao sistema de educação. Os novos contratados emprestam suas identidades de acesso ao porto e pagam para que os trabalhadores portuários antigos, sem vínculos trabalhistas e sem os benefícios daí decorrentes, executem as atividades de estiva. Dessa forma, são conhecidos como *identidades* por utilizarem os documentos de identificação dos novos contratados no acesso aos porões dos navios infestados por ratos, baratas, sem qualquer equipamento de proteção. A partir de um processo judicial coletivo, movido por uma entidade não governamental, onde um dos autores colheu os depoimentos e defendeu a causa, pode-se ter acesso a uma farta documentação, além de fotos e narrativas dos estivadores, acerca da cultura por eles atualizada, bem como suas tradições (trabalho que passou de pai para filho). Vivendo em comunidades pobres, esses estivadores se encontram à margem da sociedade, proporcionam uma mão de obra avulsa e barata, contada à época da escravidão no Brasil. O presente trabalho, ainda em fase inicial, tem o objetivo de realizar uma pesquisa etnográfica, propondo uma reflexão acerca da categoria analítica na qual estão imersos os socialmente conhecidos como *identidade*, através de uma situação de invisibilidade e injustiça social consolidada com a chegada do novo Porto de Suape/Recife.

Palavras-chave: Antropologia urbana; trabalhadores portuários avulsos; modernização, progresso urbano e injustiça social.

GT 30. (RE)CONFIGURACIONES IDENTITARIAS Y CULTURALES AFRO/NEGRAS EN EL MERCOSUR: NUEVAS PERSPECTIVAS ACADÉMICAS

Coordinadores:

Dr. Alejandro Frigerio. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales y Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (FLACSO/CONICET);
frigerioflacso@gmail.com

Dr. Luis Ferreira. Instituto de Altos Estudios Sociales / Universidad Nacional de San

Martín (IDAES/UNSAM); ferrurug@hotmail.com

Dr. André Augusto Brandão. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, Brasil; aapbuff@globob.com

Sesión 1

APONTAMENTOS PARA UM INVENTÁRIO DA CONSTRUÇÃO DA “QUESTÃO QUILOMBOLA” NO BRASIL

André Brandão (Dr., professor)

Amanda Lacerda Jorge (doctoranda C.Polit.). Universidade Federal Fluminense;
aapbuff@globob.com; amandalacerdajorge@hotmail.com

Parte da antropologia brasileira tem voltado seus esforços, desde 1988, para o estudo das “comunidades quilombolas”, seja nos aspectos étnicos-culturais ou relativos à titulação de seus territórios. No entanto, a maioria dos grupos rurais e urbanos que carregavam resquícios de ancestralidade negra, antes do dispositivo constitucional de 1988 que lhes garante a propriedade de suas terras, não havia organizado suas demandas ou mesmo possuía um formato único de identificação. Assim, esta categoria nomeada na constituição brasileira de 1988, como “remanescentes das comunidades dos quilombos” ficou em disputa, pois não possuía existência empírica. Derivou disto, um intenso debate sobre os limites e possibilidades de operacionalização do dispositivo constitucional voltado para as comunidades “quilombolas”. No bojo deste debate, presenciamos a abertura de várias janelas de interpretação, fundadas sobre – e apontando para – concepções e pontos de vista diferenciados sobre essas comunidades e seus direitos. Este artigo compõe um estudo maior, voltado para a análise da teia de discursividades que vem construindo o que chamamos de “questão quilombola”. Tais discursividades emanam de campos diferenciados como o Estado, a academia (representada pela antropologia) e o sistema jurídico. Aqui especificamente, nos deteremos no campo da antropologia, no esforço de inventariar de forma analítica como esta operou, a partir de seus critérios de legitimidade e lançando mão de “categorias nativas”, uma determinada leitura do texto constitucional e passou a emitir uma “verdade” sobre o “ser quilombola”, que ultrapassou suas fronteiras e passou a nortear outros agentes e agências que se relacionam com esta questão.

PROCESSOS IDENTITÁRIOS DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO: UMA BREVE ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

Sidimara Cristina de Souza (mtrnda. Polít.Soc.) UFF; sidi.mara@hotmail.com

O estudo apresentado busca analisar o processo de construção e acionamento da identidade remanescente de quilombo da comunidade São Julião, também conhecida como Lavra dos Pretos, localizada na zona rural do município de Teófilo Otoni, Vale do Mucuri, leste do Estado de Minas Gerais, Brasil. Sendo assim, esse trabalho tende a compreender os fatores que contribuem para que os remanescentes de quilombo acionem uma identidade e conquiste reconhecimento e representatividade junto a sociedade, acessando os direitos legalmente adquiridos. Uma vez que o Decreto nº 4.887/2003 determina em seu artigo 2º, parágrafo 1º, o reconhecimento das comunidades como remanescente de quilombo mediante autoatribuição. Construída contrastivamente na relação com os demais sujeitos presentes no seu entorno, adquirindo laços de resistências as opressões vividas em virtude do ser negro, rural e quilombola. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, e utilizou como técnica metodológica, entrevista individual em profundidade e semiestruturada junto a lideranças locais e famílias residentes no território estudado. A partir dos dados coletados pode-se analisar que a constituição da identidade enquanto quilombola da comunidade está relacionada à fuga das famílias da Guerra do Paraguai no século XIX, para que os jovens não fossem recrutados para a batalha. Também se associa à busca por melhores condições de vida em um lugar permanente e mais seguro. Permitindo perceber que a identidade quilombola de São Julião foi construídas a partir da necessidade de auto defesa de interesses particulares do grupo, sendo acionada pelo medo.

A QUESTÃO RACIAL NO CAMPO JURÍDICO NACIONAL (1988 - 2014): A PERCEPÇÃO DOS TRIBUNAIS SOBRE AS DISPUTAS EM TORNO DO RACISMO, DISCRIMINAÇÃO E INJURIA RACIAL

Carlos Alberto Lima de Almeida (Dr.Pol.Soc.) Universidade Estácio de Sá;
carlos.almeida@estacio.br; carlosalberto.limadealmeida@gmail.com;

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa maior que se situa no campo de confluência entre a antropologia e o direito. Nosso objetivo é mapear analiticamente as percepções expressas no campo jurídico brasileiro, relacionadas à temática do racismo, a partir de uma análise tanto da produção acadêmica da área, quanto das ações julgadas nos tribunais do Estado do Rio de Janeiro no período 1988-2014. A questão que se coloca é: como que categorias como “racismo” “injúria racial” “discriminação racial” “desigualdade racial”, dentre outras, são utilizadas na prática pelos Tribunais; para além da referência simplesmente normativa, assegurada pela Constituição de 1988 e pela legislação posterior a esta. Interessa verificar ainda, como e se o campo jurídico tem se relacionado com a produção do conhecimento no campo antropologia e da sociologia, lugares discursivos que historicamente monopolizam a produção de conhecimentos acerca da ordem racial nacional. A relevância desse estudo justifica-se a partir da necessidade de compreender quais os elementos simbólicos que orientam as respostas que o judiciário é chamado a emitir acerca de conflitos concretos envolvendo casos de racismo e discriminação que opõem negros e brancos no Brasil. Pois, em última instância, este campo jurídico é peça fundamental para o sucesso de ações públicas anti-racistas que vêm sendo postas em prática pelo estado brasileiro nos últimos anos. A pesquisa é de base qualitativa e investiga um extenso rol de materiais publicados, bem como os processos que tramitaram nos tribunais de justiça do Estado do Rio de Janeiro no período demarcado.

INTERPRETAÇÕES DE AUTONOMIA E EMPODERAMENTO POR MULHERES NEGRAS NO CERRADO

Cinthia Marques Santos (Mag.AS) UFG; cinthiamasan@hotmail.com

Este artigo é parte de um trabalho etnográfico em uma ONG de mulheres negras feministas. A abordagem põe em exame as algumas definições do termo empoderamento de modo a privilegiar a elaboração de duas interlocutoras, componentes do grupo, acerca do que é empoderamento de mulheres negras. A partir de suas perspectivas, de mulher e negra, as interlocutoras, aqui mencionadas, produzem articulações e estratégias possíveis objetivando romper com as assimetrias produzidas no contexto de uma sociedade hierarquizante. A ressignificação e apropriação do termo empoderamento atua como uma chave de leitura a partir da qual emerge as interpretações das interlocutoras acerca de hierarquias, raça, gênero, autonomia, espaços de poder. Nesse trabalho as críticas pós-coloniais são relevantes, uma vez que os locais de fala estão pronunciados, ou seja, as mulheres negras falam por si.

COMUNIDADES NEGRAS-AFROCOLOMBIANAS: ESTRATEGIAS DE

ORGANIZACIÓN, REIVINDICACIÓN Y RELACIONES CON EL ESTADO

Liliana Gracia Hincapié (Lic.Antr.; Mg.C.Pol.) Grupo de Estudios Afrocolombianos,
Universidad Nacional de Colombia; Grupo Estado Cultural y Políticas Públicas,
Universidade Federal do Maranhão; lilianagraciah@gmail.com

Desde los años 80 las comunidades negras-afrocolombianas vienen organizándose y haciendo la reivindicación frente al Estado para el reconocimiento de sus universos y prácticas culturales y, principalmente, del derecho a los territorios por ellas habitados ancestralmente. Como resultado de ese proceso organizativo fueron reconocidos como grupos étnicos en la Constitución Política de 1991, en el artículo transitorio 55 y, en un hecho sin precedentes en Colombia, las comunidades negras-afrocolombianas se sentaron a dialogar con el gobierno nacional para crear una ley especial, la Ley 70 de 1993, dirigida exclusivamente para sus intereses. Esta Ley implicó en la titulación de la propiedad colectiva de los territorios rurales, así también en la creación de una agenda política y de espacios especiales dentro de las instituciones gubernamentales y la ampliación de participación política de las comunidades negras-afrocolombianas. En esta ponencia presento, a través de un estudio de caso sobre la creación de la Ley 70 de 1993, las estrategias de las comunidades utilizadas en su diálogo con el Estado y los actores que participaron en ella: líderes negros-afrocolombianos, académicos, funcionarios públicos, asesores y políticos y sus discursos y prácticas sobre identidad y territorio. Así también las consecuencias de esta ley en sus territorios, en sus discursos/construcciones identitarias, en sus dinámicas de organización local y acción colectiva y en la representación y participación institucional y política nacional.

PATRIMONIO, NARRATIVAS RACIALIZADAS Y POLÍTICAS DE LA MEMORIA. ABORDAJE A UN MANUSCRITO AFRODESCENDIENTE EN EL VALLE DE AZAPA

Paulina Barrenechea Vergara (Dra.Lit.Latinoamericana). Universidad de Concepción
(CH); ultrasol@gmail.com

La presente ponencia emprende una lectura crítica al dispositivo patrimonio a través del abordaje interdisciplinario a un manuscrito encontrado en el Valle de Azapa (Arica), testimonio de un agricultor afrodescendiente a principios del siglo XX. Las manifestaciones literarias, cartas, décimas y poesías, registradas en el que hemos denominado “Documento Baluarte”, no sólo relevan las experiencias de miles de sujetos/as que fueron marcados/as por la violencia durante el periodo de la chilenización en la zona norte (sur para Perú); sino que, también, supone la necesidad de asumir y construir un locus teórico que incorpore aquellas subjetividades obliteradas por el relato

nacional chileno. Tanto objeto como contenido abren una zona de disputa donde es posible problematizar las políticas de la memoria en Chile y, en ello, una noción de patrimonio monolítica e incontroversial.

MEMÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS EM DISPUTA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Sandra de Sá Carneiro (Dra.AS)

Márcia Leitão Pinheiro (Dra.Soc.y Antr.) CIS/PPCIS/IFCH/UERJ;
UENorteFluminense – UENF; sandrasacarneiro@uol.com.br; marcialpx@hotmail.com

O processo de requalificação da Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro evidencia o modo como o poder público municipal constrói a ideia de raça e de origem afrodescendente em seu discurso acerca da formação da cidade e da sociedade brasileira. Particularmente, no diálogo com o turismo e a patrimonialização de alguns locais considerados emblemáticos da região. O Executivo municipal tem assim valorizado uma "memória da cultura afro-brasileira", uma "cultura negra" e, convertido o Cais do Valongo (local de entrada de africanos escravizados) em patrimônio e como expressão da vocação portuária da cidade. Contudo, não há como ignorar a atuação de integrantes de segmentos do Movimento Negro da cidade, residentes da região e membros de religiões de matriz africana, que tem figurado em situações de conflito. Estes reelaboram sua presença na cidade e uma narrativa identitária com a apropriação do monumento municipal para outros fins. Nosso objetivo é discutir como esses grupos e suas atividades dialogam com as iniciativas do poder público municipal, na medida em que enfatizam a celebração da "ancestralidade", a crítica ao racismo, a intolerância religiosa e, por fim, a formulação de outra memória que configura posicionamento político.

OS DIREITOS HUMANOS DAS PESSOAS AFRODESCENDENTES NA INTEGRAÇÃO REGIONAL DO MERCOSUL

Sandra Regina Santos Silva (Mag.Rel.Internac.) UnB; sandrarssilva@gmail.com

Com base na literatura sobre colonialidade e por meio de pesquisa empírica, o trabalho tem por objetivo analisar o debate e as atividades institucionais da Reunião de Altas Autoridades em Direitos Humanos do Mercosul (RAADH) e sua Comissão Permanente contra Discriminação, Racismo e Xenofobia (CP-DRX), no que se refere ao combate ao

racismo e aos esforços de efetivação dos direitos das pessoas afrodescendentes. Na primeira parte, busca-se contextualizar a presença negra nos cinco Estados Membros do Mercosul, ao se estabelecer um breve panorama historiográfico sobre o tema racial e identificar o imaginário cultural e o senso comum sobre a população afrodescendente nesses países. A segunda parte está baseada na leitura de atas da RAADH e da CP-DRX, realizada com a finalidade de verificar a orientação das discussões e os principais assuntos trabalhados no Mercosul para combater o racismo, a discriminação racial e a desigualdade racial, observando os avanços e as dificuldades na transformação dessas iniciativas em políticas públicas intergovernamentais. Por fim, serão apresentados os resultados finais da pesquisa, bem como sugestões de possíveis caminhos a serem seguidos. Ademais, somando-se a um amplo esforço acadêmico em considerar a interseccionalidade entre raça e gênero nos estudos das ciências humanas e sociais, este trabalho busca explorar a especificidade das mulheres negras como um elemento transversal da problematização a respeito da afrodescendência mercosulina.

AS POLÍTICAS AFRO-REPARATÓRIAS E O ESTADO BRASILEIRO: IDENTIDADES POLÍTICAS E A DIFERENÇA RACIAL NO DISCURSO DO GOVERNO BRASILEIRO

Waldemir Rosa (Dr.AS) Área Antropologia, Subárea: Diáspora africana na América Latina e Caribe – UNILA; waldemir.rosa@unila.edu.br; waldemir.rosa@gmail.com;

O Estado brasileiro, nas últimas décadas, vem incorporando a retórica da raça nas legislações e normatizações no que podemos definir amplamente como políticas afro-reparatórias. Esta incorporação coincide com a chegada ao poder da aliança de centro-esquerda que governa o país desde 2003 e, em larga medida, na constituição de Secretaria de Políticas da Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPPIR/PR. Este movimento de incorporação incide sobre os processos de constituição das identidades políticas dos grupos negros e afro-brasileiros e impactam nas estratégias de luta históricas por reconhecimento e garantia de direitos. Entende-se aqui como políticas afro-reparatórias aquelas ações desenvolvidas com o intuito de corrigir distorções históricas decorrentes da operação de mecanismos discriminatórios orientados àqueles grupos e indivíduos que apresentam os traços da ascendência africana, a preservação e salvaguarda da cultura afro-brasileira e a garantia de direitos desta população. A legislação e normatização nacional que se ocupam direta, ou indiretamente com os temas abarcados pelas políticas afro-reparatórias, tornam-se assim um campo privilegiado para a apreensão das narrativas institucionais sobre a lugar da diferença racial na atualidade. Por outro lado, pode-se verificar como na relação como o Estado os segmentos sociais se apropriam desses instrumentos e instância institucionais para deslocar as narrativas nacionais hegemônicas, inscrevendo fragmentos de sua contra narrativas no fala oficial dos governos. Período abarcado pela análise é de 2003 até 2014.

Sesión 2

PRODUÇÃO CULTURAL, MERCADO E SORORIDADE: DECODIFICANDO NOVOS CONTORNOS DO ATIVISMO POLÍTICO ENTRE MULHERES NEGRAS

Gleicy Mailly da Silva (dctnda.AS). PPGAS/USP; gleicysilva@hotmail.com

O presente paper tem como objetivo refletir a respeito das imbricações da política e da economia, a partir das relações entre afroempreendedorismo e ativismo político, identificadas em dois eventos que acontecem anualmente nas cidades de São Paulo e Brasília. Propondo uma articulação entre consumo, política e cultura, os eventos Feira Preta (SP) e Festival Latinidades (DF) permitem atentar para a constituição de redes de solidariedade entre mulheres negras, em sua maioria com ensino superior, engajadas em “coletivos culturais” e/ou identificadas como “empreendedoras”, que agenciam diferentes percepções da “cultura negra” na composição de novos cenários reivindicativos, onde lazer, celebração, consumo e engajamento se interseccionam. Tais interações têm sido especialmente estimuladas por um conjunto de políticas culturais e redistributivas, voltadas, entre outras coisas, à ampliação do acesso ao ensino superior. Tendo como plano de referência, portanto, esse cenário etnográfico, chamo atenção para o modo como o mesmo tem constituído formas renovadas de reconhecimento e trocas culturais e identitárias, estimulando a emergência de novos atores econômicos e políticos no cenário nacional, onde ganham proeminência mulheres negras universitárias. Assim, interessa-me, particularmente, compreender e descrever as diferentes lógicas econômicas em ação – de ordem monetária e não-monetária –, que têm articulado tais dinâmicas entre pessoas, saberes e produtos, tendo em vista a importância da integração entre economia e as demais dimensões da vida social que estruturam essas relações.

“SE AS PESSOAS VÃO PERMANECER LÁ, TUDO BEM! O QUE NÃO PODE É FICAR BATENDO!” REFLEXÕES ENTORNO DA CONTROVÉRSIA RELACIONADA AO CARNAVAL DE RUA DE PORTO ALEGRE NO ANO DE 2015, E PROCESSOS DE INVISIBILIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA E SUAS PRÁTICAS CULTURAIS NO RIO GRANDE DO SUL

Gutchá Ramil Magalhães (Mstrnda.) PPGAS/UFRGS; gutchá@gmail.com

Território tradicionalmente ocupado por uma parte da população negra de Porto Alegre, o bairro Cidade Baixa vem sendo, ao longo do tempo, descaracterizado por um processo de gentrificação, passando por inúmeras remoções que levaram grande parte da população negra moradora do bairro para as periferias da cidade. Documentos históricos registram nessa região festividades negras, candombes e batuques pelo menos desde a metade do século XIX, período em que já se instauravam conflitos e restrições em função do alto som dos tambores e a perturbação do sossego. O presente trabalho busca refletir sobre a atual controvérsia instaurada neste mesmo território em torno do carnaval de rua, que após longa trajetória de idas e vindas, retoma sua folia, crescendo significativamente nos últimos dez anos, e gerando reclamações sob o argumento de perturbação do sossego. O foco, neste trabalho, se volta para as tecnologias de poder e iniciativas de controle por parte da prefeitura municipal de Porto Alegre e Ministério Público Estadual, determinando a proibição do uso de espaços negros como o Largo Zumbi dos Palmares, a alteração dos trajetos tradicionalmente realizados pelos blocos, a restrição de horário, bem como iniciativas de controle dos corpos e suas moralidades. O estudo aponta para processos de invisibilização e discriminação da população negra porto-alegrense e suas práticas e saberes como parte da identidade cultural desta região, através da repressão e controle de festividades tradicionalmente negras, e o fortalecimento de uma narrativa dominante de supervalorização da branquitude, da herança européia, e da figura do gaúcho como símbolo da cultura regional.

PRESENCAS NEGRAS SOB A HEGEMONIA BRANCA: CANDOMBE EM RESISTÊNCIA, ARGENTINA

Helôisa Castelli Celeste. Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCult) – Universidade Federal Fluminense (UFF); helocastelli@gmail.com

A apresentação em tela tem como objetivo perscrutar o papel dos livros didáticos oficiais (regulamentados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD) na composição de versões da brasilidade e da negritude e seu condicionamento a forças

discursivas vezes originadas nos movimentos sociais, vezes informadas pelas ciências sociais – não se negligenciando a convergência entre esses dois campos. O material empírico utilizado na pesquisa consiste em livros didáticos adotados pela rede pública do estado do Rio de Janeiro e entrevistas realizadas com professores de ensino fundamental e médio que se constituem em um elemento chave de interpretação e ressemantização dos conteúdos.

“DIFERENTES PERO SIEMPRE IGUALES”: APROPIACIONES DE LA FIGURA DE ARTIGAS EN EL LITORAL ARGENTINO

Julia Broguet (dctnda.AS) UNR-CONICET; lajuliche@hotmail.com

Este trabajo se propone presentar un estudio preliminar, de tipo antropológico, sobre el papel que la recuperación de la figura de Artigas, así como cierta narrativa estructurada en torno a ella, tiene en dos niveles articulados y diferenciados de análisis: por un lado, en un conjunto de políticas de estado nacionales y provinciales y, por otro, en la práctica de grupos de candombe afro-uruguayo del Litoral argentino. El primer nivel, se detiene en la producción de relatos nacionales y populares y acciones político-culturales por parte del estado nacional, en vínculo especial con algunos estados provinciales, como el entrerriano. Estos relatos y acciones operan como un modo de “inclusión simbólica” de grupos históricamente marginados por un proyecto dominante de país centralizado en Buenos Aires, como indígenas, africanos y sus afrodescendientes, a quienes Artigas habría estado ligado política y afectivamente y reivindican un relato que, a tono con las narrativas multiculturales dominantes, resalta la composición pluriétnica como una característica de nuestras sociedades. El segundo nivel busca comprender como actúa esta figura y esta narrativa en la producción de discursividades y en las performances entre candomberos del Litoral argentino (concretamente de Paraná, Santa Fe y Rosario) que realizan candombe afro-uruguayo, en tanto épica “puente” que fundamenta una mayor cercanía histórica, cultural y regional con el Uruguay que con el propio Buenos Aires, interpelando el proceso mismo de conformación de una nación argentina “centralizada” y, especialmente, su imaginario dominante blanco-europeo desde la que habría sido la composición pluriétnica del movimiento artiguista y más ampliamente, de la misma región.

VISIBILIZACIÓN Y PROCESOS DE CONSTRUCCIÓN DE MEMORIAS ENTRE AFRODESCENDIENTES. EL CASO DE LA PUBLICACIÓN “EL AFROARGENTINO”

Paola Carolina Monkevicius (Dra.AS) CONICET-FCNyM/UNLP;

Esta ponencia se inscribe dentro de un trabajo de investigación tendiente a indagar sobre la relación entre las nuevas formas de visibilización de la población de origen africano en Argentina y los procesos de construcción de memorias subalternas. Consideramos que las “memorias negras” operan en los intersticios de la narrativa hegemónica de una nación blanca argentina habilitando nuevas formas de identificación y pertenencia, a la vez que son utilizadas para legitimar demandas y reclamos por derechos históricamente negados. Luego de abordar la cuestión desde las prácticas conmemorativas, para los fines de esta ponencia nos situamos sobre la reciente publicación de un periódico “afro”, editado por militantes y dirigentes asociativos, titulado “El Afroargentino”. A diferencia de las conmemoraciones, el periódico se constituye en un soporte escrito que le asigna determinadas especificidades al “hacer memoria” tales como la fijación, la transmisión unidireccional, entre otras. El trabajo etnográfico nos permitirá establecer la estrecha relación que existe entre los procesos de producción de memorias y la creciente visibilización de la presencia negra en Argentina focalizando sobre cuestiones tales como la legitimidad en la producción de relatos sobre el pasado del colectivo “afro”, las disputas sobre la “verdad” y la autoridad de las memorias subalternas, el rol del estado como interlocutor activo habilitando y “apropiándose” de “otras” memorias sobre la nación, las disputas por el pasado, etc. Finalmente el abordaje intenta dar cuenta también de los posibles “usos” de las memorias subalternas en la lucha por revertir la invisibilización, el racismo y la consecuente exclusión que históricamente han afectado a la población de origen africano en Argentina.

A COR DA FÉ: “IDENTIDADE NEGRA” E RELIGIÃO

Rosenilton Silva de Oliveira (dctndo) PPGAS/USP; EHESS-Bolsista FAPESP;
rosenilton.oliveira@usp.br

O objetivo desta pesquisa é investigar os modos pelos quais, nas duas últimas décadas, os discursos que se utilizam de referenciais étnicos ou raciais vem sendo operacionalizados por alguns segmentos religiosos (protestantismo, catolicismo e candomblé) representados neste trabalho por lideranças engajadas na promoção de atividades que ressaltam diferenças raciais ou étnicas entre os fiéis e articulam, junto às instituições políticas e religiosas, tratamentos diferenciados, com vistas à efetivação de estratégias religiosas e político-sociais. Os agentes religiosos em questão disputam pela autoridade em definir a "identidade negra" a partir de seus pressupostos doutrinários. Dessa forma, buscam angariar capital simbólico, para associar sua membresia ao segmento negro e, ao mesmo tempo, ter legitimidade em enunciar um discurso na esfera pública acerca das políticas étnico-raciais, uma vez que seriam as religiões às quais pertencem também articuladoras na construção da "negritude". As lideranças religiosas pré-selecionadas fazem parte de instituições que articulam ações políticas e religiosas

como a Aliança de Negros e Negras Evangélicos do Brasil (ANNEB), a Pastoral Afro-brasileira, o Núcleo de Diálogo Trilateral Candomblé-Católico-Umbanda (DCCU) e o Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (INTECAB). Categorias como "negritude", "identidade negra" e "cultura negra" serão utilizadas como "nativas" e problematizadas ao longo deste trabalho. Assim, pretende-se mapear as disputas políticas e religiosas que se dão em torno desse tema, no interior dos seus campos e na relação deles entre si.

TENSIONES SOCIALES Y CULTURALES SURGIDAS A PARTIR DE LOS PROCESOS DE MASIFICACIÓN Y PATRIMONIALIZACIÓN DEL CANDOMBE AFROURUGUAYO

Valentina Brena (mstrnda.AS) UdelaR; valbrena@hotmail.com

El candombe contemporáneo vivencia procesos de popularización y nacionalización a raíz de la confluencia de una serie de factores sociales, culturales, políticos y económicos específicos que ha experimentado la población afrodescendiente en el seno de una coyuntura nacional particular. Lo cierto es que mientras que hasta mediados del siglo XX el candombe era asociado casi exclusivamente a la población afromontevideana, hoy es promovido por legislación nacional, ha sido declarado Patrimonio Cultural Inmaterial de la Nación y de la Humanidad, es practicado en todo el país y se ha convertido en un símbolo emblema de la diáspora uruguaya a nivel internacional. En este contexto, nos detendremos a analizar las vivencias según la ascendencia étnico-racial de los performers del candombe afrouuguayo. ¿Qué implicancias tiene para la población afrouuguayo la reciente masificación del candombe? ¿Ha disminuido el racismo a partir de dicha masificación? ¿Cómo manejan las políticas públicas que trabajan para la promoción del candombe las tensiones sociales surgidas a partir de su nacionalización? ¿Ha cambiado la representación de la "nación blanca uruguaya"? ¿Qué es lo que se debe "salvaguardar" y para quién? ¿Quiénes son los "auténticos" portadores del candombe? Estas son parte de las preguntas que buscan guiar la reflexión sobre los procesos de racialización de la diáspora africana en Uruguay, el fenómeno de la re-etnicización del colectivo afrouuguayo y las disputas por la apropiación de sus manifestaciones culturales.

REPRESENTAÇÕES DA "ÁFRICA" NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA SILVEIRA: A TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL DIASPÓRICO NO EXTREMO SUL DO BRASIL

Santa Julia da Silva (Mestre AS) UFPEL; giuliasilva@gmail.com

O objetivo desse texto é apresentar algumas reflexões resultantes do meu projeto de mestrado, onde pesquisei a trajetória do poeta Oliveira Silveira, no qual (re)defino como um intelectual da diáspora contemporânea, produzido na experiência histórica e cultural, a saber, homem negro, poeta, e estudioso preocupado em produzir contranarrativas sobre a presença negra no Brasil. Me aproprio das reflexões de Said(2005), para pensar o lugar dos intelectuais no mundo contemporâneo. Ao longo do trabalho cotejo a produção de Oliveira Silveira com o aporte teórico fornecido por Hall(2003), para pensar a diáspora negra e as diferentes forma de apropriação dessas referências culturais. Dialogo também com o projeto de Gilroy (2007), onde busca a desvinculação da relação entre “identidade” e “raça”. O conceito de diáspora proposto por Gilroy busca uma identificação “desenraizada” de um território ou de uma nação. Por fim, ao dar um tratamento etnográfico a trajetória desse sujeito procuro pensar em que medida o pós-colonialismo dialoga e se aproxima da antropologia.

CANDOMBE AFROURUGUAYO EN BUENOS AIRES. TERRITORIO, CULTURA Y POLÍTICA (1974-2014)

Viviana Parody (mstrnda.AS) FLACSO; viviparody@yahoo.com.ar

Partiendo de una definición amplia de candombe, el presente trabajo se propone revisar las contribuciones que diversas generaciones de inmigrantes afrouuguayos realizaron en la escena porteña, haciendo extensivas sus prácticas culturales, políticas y territoriales hacia determinados segmentos de la población. Sea por medio del trabajo cultural, del activismo, o de la sola comunalización en torno de la performance que los nuclea, estos inmigrantes consiguen desafiar la naturalizada “blanquedad” argentina, favoreciendo tanto la visibilización como la emergencia y la (re)configuración de las organizaciones afrodescendientes locales.

Sesión 3

KIT DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O COMBATE AO RACISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM BELO HORIZONTE

Nathalie do Carmo Carvalho; nathalie-carvalho@live.com

Aiano Bemfica Mineiro; aiano.bemfica@gmail.com

Elisa Hipólito do Espírito Santo; elisa_hipolito@hotmail.com

ProgGradAS/FFCH/UFGM

En 2003 fue promulgada la ley 10.630/03 que incluye, en carácter obligatorio, la enseñanza de Historia y Cultura Africana y Afro-brasilera en la educación básica nacional. Para el cumplimiento de dicha ley, la municipalidad de Belo Horizonte (MG) creó el Kit de Literatura Afro-Brasilera. Estudios de los impactos generados por la adopción de tal Kit por las escuelas son importantes para la mejor comprensión de las contingencias experimentadas por los estudiantes negros y para enfatizar la constante necesidad de actualización de las políticas públicas. Nuestros objetivos son discutir en qué medida las obras elegidas para componer ese material realizan lo previsto por la ley y si hay, efectivamente, una inclusión del debate sobre raza y rotura de prejuicios naturalizados; cuestionar los criterios de selección de los textos; interrogar si la escuela se encuentra preparada para ese trabajo sin reproducir racismos institucionales; cómo el joven negro puede romper con el sentimiento de exclusión para tornarse sujeto conocedor y admirador de su cultura e historia. Anhelamos un futuro fin de las privaciones y perjuicios sufridos por la población negra brasilera, principalmente los niños. Este proyecto se configura por medio de investigaciones y acciones de intervención cualitativas y cuantitativas. Fueron desarrolladas acciones efectivas como el análisis de libros inseridos en el kit y entrevistas con profesionales que con él trabajan. Sin embargo, planeamos nuevas acciones que se realizarán hasta la mitad del semestre, con la producción de ciclos de conversaciones, talleres de dibujo y fotografía, entrevistas a estudiantes negros e intervenciones institucionales.

O NEGRO EM FOCO: MOVIMENTO NEGRO E A LUTA PELA EDUCAÇÃO

Ana Carolina Araújo de França (Mstrnd.CS) PPGAS/UFRN; carol.adf@hotmail.com

Os movimentos sociais negros no Brasil sempre estiveram comprometidos com a luta antirracista, seja na denuncia quanto às discriminações e desigualdades impostas à população negra, seja na reivindicação por maior participação nos espaços sociais, dentre eles os espaços políticos, econômicos, educacionais e etc. A educação formal, assim como afirma Santos (2005), passou a ser vista pelos grupos negros, pós-abolição da escravidão, como veículo de ascensão social. Por meio dessa educação, realizada pela escola, que se superariam as desigualdades sócio-raciais impostas a tais grupos. No

entanto, o movimento negro logo percebeu que a escola também atua na perpetuação das discriminações e desigualdades raciais presentes na sociedade, passando a exigir do Estado, além do acesso, políticas educacionais que proporcionasse a valorização da cultura e história de africanos e afro-brasileiros, a fim de se desconstruir os estereótipos de inferioridade aos quais são associados esses grupos. O presente trabalho pretende traçar o percurso do movimento negro e sua luta histórica pela educação, da alfabetização a valorização identitária, destacando a sanção da Lei nº 10.639/03 – que torna obrigatória a inclusão da temática “história e cultura afro-brasileira” nos currículos escolares, como veículo de combate ao racismo e valorização étnico-racial dos grupos negros, à luz de teóricos que discutem educação e relações étnico-raciais e dos documentos que fundamentam a lei.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL: OS DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E PRÁTICOS PARA A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

Eugenia Portela Siqueira Marque (Dra.Educ.); eugeniamarques@ufgd.edu.br

Wilker Solidade (mstrnd.educ.) PPGEduc/FEduc/UFGrandeDourados; NEAB/UFGD;
wilkersolidade@hotmail.com

O artigo expõe os resultados finais da pesquisa realizada em escolas públicas estaduais de Mato Grosso do Sul/Brasil que propôs uma reflexão sobre os desafios epistemológicos e práticos para a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar, contextualizando as lutas e pressões protagonizadas pelo Movimento Negro brasileiro. Identifica as conquistas desse movimento no que tange a implementação de políticas educacionais voltadas para a superação do racismo, da desigualdade racial e a desobediência epistêmica do saber imposto pela colonialidade. Para tanto, analisou-se as imagens dos livros didáticos de História e Língua Portuguesa adotados nas séries finais das escolas participantes da pesquisa, por meio das concepções sobre colonialismo, colonialidade e descolonialidade de Mignolo (2001), Quijano (2005), Walsh (2009), a representação social de Thompson (2005) e a linguagem imagética de Aumont (2010). Os resultados apontaram que o livro didático, utilizado nas escolas, ainda possui imagens marcadas por estereótipos que inferiorizam e subalternizam a população negra e, conseqüentemente interferem negativamente na afirmação identitária. Denunciam que apesar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais no Brasil de estarem em vigor há mais de uma década, ainda são necessárias outras ações político-pedagógicas para a sua implementação plena em todas as unidades de ensino do território nacional. O desafio posto é ressignificar as marcas deixadas pela colonialidade, desconstrução e ressignificação da diferença negra nos livros didáticos, uma das estratégias que representam possibilidades de suspeitar e romper com a imposição da matriz

eurocêntrica, com novas perspectivas na construção e afirmação da identidade afro-brasileira.

VELHAS E NOVAS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DA CIÊNCIA E DA POLÍTICA NA PRODUÇÃO DE DISCURSOS RACIAIS

Fabiano Dias Monteiro (Dr.Antr.Cult.) Egresado IFCS/UFRJ; fdmrio@gmail.com

Ao longo do século XX, pelo menos três grandes discursos foram erigidos sobre o negro e sua relação com o desenvolvimento da nação brasileira. De elemento nocivo ao projeto civilizatório nacional, na versão de saberes como a antropologia criminal da virada do século XX, a componente central do projeto miscigenacionista de inspiração freyreana, o negro (e a negritude) passa(m) a ser redimensionado(s) no imaginário nacional a partir da contribuição da sociologia brasileira pós-1950, quando questões como o papel do racismo na obliteração da ascensão social da população negra e a interpretação das desigualdades sociais em termos raciais passam a compor o repertório investigativo sobre as relações de cor no Brasil. A apresentação em tela tem como objetivo perscrutar o papel dos livros didáticos oficiais (regulamentados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD) na composição de versões da brasilidade e da negritude e seu condicionamento a forças discursivas vezes originadas nos movimentos sociais, vezes informadas pelas ciências sociais – não se negligenciando a convergência entre esses dois campos. O material empírico utilizado na pesquisa consiste em livros didáticos adotados pela rede pública do estado do Rio de Janeiro e entrevistas realizadas com professores de ensino fundamental e médio que se constituem em um elemento chave de interpretação e ressemantização dos conteúdos.

UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E AS POSSIBILIDADES DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Eugenia Portela de Siqueira Marques (Dra.Educ.); eugeniamarques@ufgd.edu.br

Rita de Cássia M. Alcaraz (dctnda.Educ.); rita.alcaraz1@gmail.com

PPGEduc/FE/UFGrandeDourados; NEAB/UFGD

Este estudo identifica a literatura infantil - juvenil como artefato cultural, portador de estratégias discursivas, que informam e nos formam culturalmente para afirmar a identidade afro-brasileira, por meio de personagens que valorizam a cor da pele e os cabelos cacheados. A reflexão teórica crítica fundamenta-se nos estudos pós-coloniais que tensionam o currículo escolar e a colonialidade do saber. Consideramos que literatura infanto-juvenil tem função legitimadora de saberes na escola e na articulação desses no processo de descolonização das esferas institucionalizadas, as quais serviram/servem predominantemente na subjugação e subalternização dos povos colonizados. Por meio da reflexão crítica e decolonial do corpus documental que inseriu o ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, selecionamos em algumas obras o protagonismo do ser negro. Elas ao impactarem a lógica hegemônica de base ocidental e eurocêntrica contribuem para a afirmação identitária da criança negra em um espaço de resistência e de descolonização à cultura da branquidade.

Ley No. 19.122. Normas para favorecer la participación de afrodescendientes en las áreas educativa y laboral

Mónica Olaza (Dra. Socio.) FdePsi., FCS, UdelaR; monicaolaza@hotmail.com

En 2013 en Asamblea General, el Parlamento uruguayo aprobó la Ley N° 19.122, Normas para favorecer la participación de afrodescendientes en las áreas educativa y laboral. Este trabajo propone analizar el texto de la ley y algunas dimensiones presentes al momento de su debate en el Parlamento Nacional. Estos aspectos, entre otros, integraron el análisis documental realizado en nuestra tesis de Doctorado en Sociología. A partir de los años 1996 y 1997 Uruguay registra en sus Encuestas de Hogares la ascendencia racial y en 2011, por primera vez desde el siglo XIX, lo hace en el Censo Nacional. Según este último, 8,1% de la población total relevada declaró tener ascendencia racial afro y los afrodescendientes con al menos una necesidad básica insatisfecha (NBI) representan el 51,3% del total, mientras que la población no afrodescendiente en similar situación representa un 32,2%. La población afrodescendiente que vive en hogares con dos o más carencias críticas duplica el valor observado entre los no afrodescendientes. Esta situación de desventaja en la que vive la población afro con respecto a la no afro en Uruguay, ahora revelada por las cifras, ya era declarada por personas afrodescendientes en relatos de vida y en entrevistas, al igual que por las organizaciones afrodescendientes, quienes tuvieron un protagonismo central, junto a sus pares latinoamericanos para la inclusión del registro de esta variable en las encuestas y censos. Asimismo, en todos los indicadores registrados por el Censo (2011) se confirma la permanencia de desigualdad para la población afrouruguaya en relación

con la población no afro. Estas razones, junto al problema de reconocimiento y representación que padece el colectivo afroouruguayo, justifican plenamente la legislación para el diseño e implementación de acciones afirmativas por parte del Estado.

PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA POLÍTICA DE COTAS NO COLÉGIO PEDRO II: O ACESSO AO ENSINO MÉDIO EM DEBATE

Priscila da Cunha Bastos (dctnda.Pol.Soc.) PEPGPol.Soc./UFF;
prilabastos@yahoo.com.br

O processo brasileiro de democratização do acesso à educação escolarizada, mais recentemente com iniciativas voltadas para o Ensino Médio, tem permitido que grupos sociais diferentes possam passar pela mesma etapa de vida, mas não com a mesma qualidade, fato que constitui o ponto mais frágil da política educacional. A instituição que se pretende pesquisar, o Colégio Pedro II, representativo das políticas educacionais desenvolvidas no país desde a sua fundação, também passa por um processo de ampliação, principalmente do número de matrículas. A partir da lei 12.711/2012, que regulamenta a política de cotas para negros, pardos e indígenas em todos os Institutos Federais de Educação, o colégio passou também a reservar um percentual de vagas para este segmento da população nos concursos de acesso ao Ensino Médio Regular e Integrado. Torna-se necessário, dessa forma, verificar quem são os alunos e alunas beneficiários/as dessa política, assim como avaliar se a distinção na forma de entrada a partir de uma política de reconhecimento é um determinante nos desempenhos escolares dos estudantes. Por ser tratar de uma mudança recente, esse trabalho pretende destacar elementos para dar início ao debate sobre o combate a discriminação racial no Colégio Pedro II, abordando os avanços e obstáculos da implementação da política de cotas raciais nesta instituição.

GT 31. TERRITÓRIOS DA ESPIRITUALIDADE E COMENSALIDADE NO MUNDO AFROLATINO

Coordinadores:

Sandro Silva. Profesor Adjunto del Departamento de Ciencias Sociales, del Programa de postgrado en Ciencias Sociales y del Programa de postgrado en Derecho, ambos de la Universidad Federal de Espírito Santo- Brasil. Doctor en Antropología de la Universidad Federal Fluminense-UFF y magister en Antropología Social de la Universidad Estadual de Campinas-UNICAMP; saandro@gmail.com

Natalia Quiceno Toro. Profesora e investigadora del Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia. Antropóloga. Magíster en Ciencia Política. Doctoranda del programa de Antropología social del Museo Nacional en Rio de Janeiro. Esta asociada al Grupo Cultura, Violencia y Territorio; nataliaquiceno79@gmail.com

Cauê Fraga Machado. Doutorando do Programa de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Mestre em Antropologia Social. Membro do Núcleo de Antropologia Simétrica (NanSi); cauefm@gmail.com

Sesión 1:

“TUS ANCESTROS TE LLAMAN”, TERRITORIOS DE ESPÍRITUS. RELIGIÓN AFROAMERICANA, MIGRACIÓN Y AFRODESCENDENCIA COMO CONFORMADORES DE COMUNIDAD EN ARGENTINA

Lucila Degiovannini. UBA

La religiones afroamericanas comenzaron a re-visibilizarse en la Argentina en la segunda mitad del siglo XX a través de argentinos no afrodescendientes que conocieron e iniciaron su práctica en el extranjero. La expansión de estas religiones en el país fue luego acompañada por la sistematización y difusión de la práctica y enseñanza de artes afroamericanas en la década del 80 mayormente por migrantes afrolatinoamericanos en la Ciudad de Buenos Aires. En la década del 90 tomó mayor fuerza la revisibilización de afrodescendientes argentinos acompañada por el crecimiento de políticas multiculturales mundiales, nacionales y locales, y la intervención de organismos internacionales.

Frente a la estigmatización de estas religiones en el país, la dificultad de las prácticas de artes afrolatinoamericanas y el silenciamiento de la existencia de población afrodescendiente en el país se constituyeron redes y circuitos de activistas políticos, artistas y religiosos, tanto nacionales como internacionales, que buscaron confrontar el racismo, la invisibilización y la estigmatización. Este trabajo busca analizar estas

articulaciones en el marco de un caso religioso focalizando en cómo dialogan o disputan diferentes ascendencias africanas o negras con identificaciones nacionales, diaspóricas, raciales, étnicas, conformando diferentes procesos de comunalización, territorialidad y espiritualidad, según las ascendencias, nacionalidades, historias y concepciones de practicantes de estas religiones en el área metropolitana de la Ciudad de Buenos Aires.

MOBILIDADE ENTRE MESTRES E ENCANTADOS DO TEREÇÔ, DE CODOÍ (MARANHÃO)

Martina Ahlert. Professora Adjunta – Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Este trabalho surge da convivência com mestres e encantados do tereçô, uma religião afrobrasileira encontrada em Codó, um município do interior do Maranhão (Brasil). Codó é conhecida como a cidade berço do Tereçô e espaço dos encantados da mata - um grupo heterogêneo de seres que tiveram vida terrena, mas desapareceram, passando a ocupar corpos de homens e mulheres em momentos de incorporação. Esse vínculo com a mata não se resume à definição dos encantados, mas aparece na menção aos animais do campo nos pontos cantados nos rituais; nas narrativas sobre a origem da religião; como espaço de liberdade para tocar e dançar ao som dos tambores. Entretanto, esse também é o espaço onde muitos pais e mães de santo construíram e tiveram que abandonar seus primeiros salões de culto, de onde foram expulsos ou deslocados quando as terras passaram a ter valor financeiro na região. Neste trabalho me interesso por mestres que vivem no espaço urbano, mas que trabalham na zona rural, onde produzem alimentos plantando em terras que não lhes pertencem. Cotidianamente estabelecem esse movimento entre os espaços e acompanhados de seus encantados. Busco compreender essa andança como central para as experiências de espiritualidade e como uma condição política sobre ocupar e deslocarse sobre o mundo.

REFLEXÕES SOBRE PEREGRINAÇÕES AFRODESCENDENTES: NOTAS COMPARATIVAS ENTRE SUDESTE BRASILEIRO E CENTRO SUL PERUANO

Jane Seviriano Siqueira. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Espírito Santo – PPGCS/UFES, Brasil.

O presente texto considera a categoria peregrinação para pensar os deslocamentos

empreendidos por afro-brasileiros e afro-peruanos em torno de manifestações culturais que condensam experiências de religiosidade e diversão. São abordadas duas práticas reconhecidas como bem cultural afrodescendente em seus respectivos países, os Jongos situados na região sudeste do Brasil e os Atajos de negritos na região centro sul do Peru. É prática entre os jongueiros o deslocamento até locais de festejos aos santos com intuito de cumprir suas promessas, nestes encontros acontecem rezas e comemorações com danças e cantigas de Jongo. No outro exemplo, afro-peruanos empreendem peregrinações conduzidas por grupos musicais chamados Atajos que saem no período de Natal e em dia de Reis a fim de visitar casas para comemorar os nascimentos de crianças, após cada apresentação os devotos oferecem comidas e bebidas. Propõe-se um exercício comparativo baseado em dados etnográficos coletados no contexto do Programa de Pesquisa e Extensão “Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo” (PROEXT/UFES - 2012/2013) e em material bibliográfico referente aos Atajos peruanos, como, por exemplo, a obra intitulada “La práctica musical de la población negra em Peru: la danza de negritos de El Carmen” da etnomusicóloga Rosa Elena Vásquez Rodríguez. Almeja-se estabelecer paralelos entre tais manifestações com objetivo de evidenciar particularidades e homologias no modo como são acionadas as peregrinações em agrupamentos afrodescendentes no Brasil e no Peru.

Sesión 2:

EL LUGAR A DONDE SIEMPRE SE VUELVE: LA SEMANA SANTA DE LA GENTE NEGRA DE TELEMBÍ EN ESMERALDAS, ECUADOR.

Jeanneth Yépez Montúfar. Candidata al Doctorado en Antropología Social del Museo Nacional de Historia, Universidad Federal de Río de Janeiro.

Telembí es el sueño y la esperanza de quienes trabajan durante todo el año para regresar al lugar de la parentela, en donde las restricciones del mundo laboral, la discriminación y la economía de mercado se derriten a fuego lento, mientras se mezclan panela, papaya y canela para la preparación de la deliciosa conserva, el dulce festivo de la Semana Santa. Sirviéndome de la sencilla receta de las abuelas Negras del Norte de Esmeraldas, viajo con cada uno de los elementos de su preparación para visitar los episodios clave de uno de los performances festivos más enriquecedores y complejos de la Gran Comarca del Pacífico.

Valorando el punto de vista de los participantes en uno de los rituales más caros y más

celosamente transmitidos de generación en generación en esta comunidad, intento explorar elementos de la política de la gente Negra que suelen ser poco discutidos, como las redes afectivas, la emotividad en la configuración de los sujetos políticos y las expectativas ontológicas con respecto a su lugar en el mundo; y todo aquello tomando cuerpo en la organización cotidiana de la vida de quienes cada año retoman fuerzas en una suerte de viaje cosmológico que los lleva de vuelta a un mundo que resulta inhasible desde los rígidos marcos de la política comprendida como oficio antes que como arte de y para la vida

Telembí es el sueño y la esperanza de quienes trabajan durante todo el año para regresar al lugar de la parentela, en donde las restricciones del mundo laboral, la discriminación y la economía de mercado se derriten a fuego lento, mientras se mezclan panela, papaya y canela para la preparación de la deliciosa conserva, el dulce festivo de la Semana Santa. Sirviéndome de la sencilla receta de las abuelas Negras del Norte de Esmeraldas, viajo con cada uno de los elementos de su preparación para visitar los episodios clave de uno de los performances festivos más enriquecedores y complejos de la Gran Comarca del Pacífico.

Valorando el punto de vista de los participantes en uno de los rituales más caros y más celosamente transmitidos de generación en generación en esta comunidad, intento explorar elementos de la política de la gente Negra que suelen ser poco discutidos, como las redes afectivas, la emotividad en la configuración de los sujetos políticos y las expectativas ontológicas con respecto a su lugar en el mundo; y todo aquello tomando cuerpo en la organización cotidiana de la vida de quienes cada año retoman fuerzas en una suerte de viaje cosmológico que los lleva de vuelta a un mundo que resulta inhasible desde los rígidos marcos de la política comprendida como oficio antes que como arte de y para la vida

Telembí es el sueño y la esperanza de quienes trabajan durante todo el año para regresar al lugar de la parentela, en donde las restricciones del mundo laboral, la discriminación y la economía de mercado se derriten a fuego lento, mientras se mezclan panela, papaya y canela para la preparación de la deliciosa conserva, el dulce festivo de la Semana Santa. Sirviéndome de la sencilla receta de las abuelas Negras del Norte de Esmeraldas, viajo con cada uno de los elementos de su preparación para visitar los episodios clave de uno de los performances festivos más enriquecedores y complejos de la Gran Comarca del Pacífico.

Valorando el punto de vista de los participantes en uno de los rituales más caros y más celosamente transmitidos de generación en generación en esta comunidad, intento explorar elementos de la política de la gente Negra que suelen ser poco discutidos, como las redes afectivas, la emotividad en la configuración de los sujetos políticos y las expectativas ontológicas con respecto a su lugar en el mundo; y todo aquello tomando cuerpo en la organización cotidiana de la vida de quienes cada año retoman fuerzas en una suerte de viaje cosmológico que los lleva de vuelta a un mundo que resulta inhasible desde los rígidos marcos de la política comprendida como oficio antes que como arte de y para la vida.

UM ESTUDO SOBRE A COMENSALIDADE EM UM TERREIRO KETO DA

BAHIA

Rafael Camaratta Santos. Mestrando no PPGSA/IFCS da UFRJ.

A cozinha afro-brasileira é objeto de muitos estudos, desde a época em que Manuel Querino (1851-1923) escreveu a Arte Culinária na Bahia, em 1928, incluindo os livros de Sodré Vianna, Cadernos de Xangô, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Donald Pierson, Deóscoredes dos Santos, Roger Bastide. Estes autores abordaram a comida de santo sem, contudo, tratar especificamente da comensalidade ou das expressões simbólicas relacionadas à comida de santo. Compartilhar do mesmo alimento em grupo é um ato socializante, sendo exemplo disso a comida distribuída no intervalo das grandes festas públicas no candomblé. Desta forma, este trabalho de pesquisa parte da noção de comensalidade, tomando como base as práticas rituais para a elaboração da comida dos orixás, a qual tem seu repasto dividido com os convidados e a família de santo, durante os festejos que ocorreram em um terreiro de Candomblé da Bahia tendo o ajeun, o rito de comensalidade e partilha em um terreiro de Candomblé, como foi o fio condutor desta análise da interface entre festa de orixá e comida de orixá no candomblé baiano.

RITUALIDADES Y COMENSALIDADES EN EL MORIR EN SAN BASILIO DE PALENQUE (COLOMBIA): PERMANENCIAS Y LUCHAS IDENTITARIAS AFRODIASPÓRICAS

Ramiro Delgado Salazar. Departamento de Antropología Facultad de Ciencias Sociales y Humanas Universidad de Antioquia

Indudablemente el terreno del morir representa un anclaje de reelaboraciones identitarias afrodiaspóricas en la comunidad de San Basilio de Palenque en el municipio de Mahates en el Departamento de Bolívar en Colombia. El proceso del morir propone un espacio comunitario de re-encuentro y reconexión espiritual a la luz del ritual del novenario en el que la comida, el café, el ñeque, y la unión en el despedir los que se van entendidos estos como “los muertos (que) son vivos de otros mundos”, allí lo comunitario y sus “kuagros” se levantan como un nodo de profundos significados de ancestralidades y de visiones de futuro comunitario. En un contexto de patrimonialización global hasta estos nodos sagrados y de la ancestralidad de huellas de africanía se ven englobados en las “estereotipias” propias de estas rutas de las “industrias culturales” o del “turismo cultural o etno-turismo”. Un balance de este universo espiritual del morir en un terreno de patrimonializaciones mundiales.

Sesión 3:

MATRONAS AFROPACÍFICAS: VIVÊNCIAS DO TERRITÓRIO-ÁGUA NA FRONTEIRA ENTRE EQUADOR E COLÔMBIA

Paula Balduino de Melo. Universidade de Brasília / Secretaria de Educação do Distrito Federal

Este trabalho é fruto de uma etnografia com mulheres negras/afrodescendentes na região fronteira entre Equador e Colômbia (especialmente nas localidades de San Lorenzo, Tumaco e Salahonda), às margens do Oceano Pacífico, realizada no contexto de tese de doutorado em antropologia recém-defendida na Universidade de Brasília. Compreendo a territorialidade afro-pacífica a partir da ideia do território-água. Trata-se de uma territorialidade fluida, em que se imiscuem fronteiras entre rural e urbano. As águas delineiam o espaço geográfico, cuja ocupação seguiu o curso dos rios, espinha dorsal do território. Mares e rios são o esteio na vida de muitas mulheres negras, que tiram seu sustento diário dos manguezais. Do ponto de vista simbólico, as águas são uma metáfora para o território.

Nesse cenário, as matronas são mulheres que constroem redes de irmandade política e afetiva, conectando doméstico e público. A partir de suas posições de parteiras, curandeiras, rezadeiras, cantadoras e/ou conselheiras, tornaram-se lideranças políticas em organizações afro/negras, em organizações de mulheres e de mulheres negras. Em um cenário de violência sociopolítica, bandas criminais, grupos guerrilheiros e paramilitares, bem como exércitos nacionais, intervêm cotidianamente nos territórios coletivos ancestrais, atravessando as vivências da territorialidade. As matronas são peça-chave na resistência do povo afro-pacífico. Elas resistem à ação bélica organizada insistindo em manter as redes de reciprocidade, os vínculos afetivos e políticos, a solidariedade intraétnica. Evocam a esperança de fazer do Pacífico novamente “remanso de paz”. Ou seja, restaurar a socialidade afro-pacífica. Participando das organizações políticas, a defesa da territorialidade é a defesa dos vínculos sociais.

ENSAIO SOBRE A NOÇÃO DE MOVIMENTO NAS PRÁTICAS ESPIRITUAIS UMBANDISTAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SUL DO ESPÍRITO SANTO

Diogo Bonadiman Goltara. Bolsista do Programa de Fixação de Doutores (CAPES/FAPES) da Universidade Federal do Espírito Santo - Doutor em Antropologia

Este trabalho visa explorar as práticas espirituais das comunidades quilombolas da região sul do Espírito Santo em face das visitas rituais entre irmandades umbandistas. Tais visitas, as ‘jornadas’, têm como principal objetivo realizar oferendas aos santos padroeiros de cada uma dessas comunidades. A visita de uma irmandade é vista como uma missão que deve ser retribuída anualmente. Este circuito engendra um sistema de conexões entre irmandades qualificado como ‘corrente espiritual’ que conecta permanentemente as comunidades distribuídas por toda a região. Ao ofertar uma missão ao seu santo padroeiro, uma irmandade oferta hospitalidade – sobretudo segurança, descanso e alimento – para as inúmeras irmandades visitantes. Terminada a oferenda, a comunidade tem a obrigação de visitar as irmandades em suas próprias oferendas. Além de relacionar socialmente as irmandades, a corrente espiritual conecta também as entidades espirituais, que por sua vez transitam por esta corrente, realizando suas próprias visitas.

Ao lançar o foco em tais práticas espirituais, esta reflexão propõe indagar sobre os modos de produção de coletivos humanos e não-humanos por meio do movimento das jornadas, movimento este que não se encerra apenas nos passos dos jornaleiros, mas avança nos diversos planos de existência elaborados pela cosmografia umbandista. Fugindo ao modelo teórico da religiosidade enquanto ‘crença’, busca-se pensar todos esses agenciamentos como agenciadores de relações sociais e de territorialidade. Nesse caso o modelo de território delimitado por fronteiras é inadequado. Faz-se necessário, então, construir um modelo de território elaborado a partir do movimento, das jornadas, de humanos e de espíritos.

CARNAVAL DE CONGO E MÁSCARAS: MÃOS QUE TOCAM, TRABALHAM E CONSTROEM REDES DE PODER

José Elias Rosa dos Santos. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, da Universidade Federal da Bahia – Pós-Afro/UFBA

Situada em uma região rural da cidade de Cariacica, pequeno município do Estado do Espírito Santo, no Brasil, a pitoresca localidade de Roda d’Água é palco para uma festa, ao mesmo tempo, religiosa e profana. Trata-se do Carnaval de congo e Máscaras, festa hoje promovida pelas Bandas de Congo de Cariacica, que são agrupamentos musicais, afrobrasileiros, com forte e exclusiva presença no Estado do Espírito Santo. De vida secular, esta festa está inserida em uma complexa rede de relações sociais. Rede esta que promoveu diversas e profundas transformações nesta festa, que é construída, desconstruída e reconstruída incessantemente. Este artigo visa compreender esse processo de permanente reinvenção dessa tradição, aqui analisada como um ritual bom para viver e bom para compreender, ritual esse que se constitui como um instrumento de

produção de sentidos, de alteridades e empoderamento.

TRANSE E POLÍTICA EM UM CANDOMBLÉ BRASILEIRO

Sandro José da Silva. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Direito – Universidade Federal do Espírito Santo.

Em setembro de 2006 os membros do Conselho de Defesa Nacional foram até o quilombo do Linharinho, região norte do estado do Espírito Santo, para colher evidências contra os trabalhos de identificação territorial por parte do INCRA. Esta comunicação indaga sobre as estratégias e leituras do mundo social definidas pelos quilombolas para interagirem com estes agentes de Estado. Com base em material etnográfico, descrevo como os quilombolas incorporaram tal evento político relacionando-o às características dos rituais religiosos dedicados à Yansã. Ao recorrerem às tradições religiosas, bem como acionarem a cosmologia e a construção da memória na definição do pertencimento do grupo, considero a enunciação ritualística como uma das categorias jurídicas relevantes na delimitação dos direitos dos quilombolas em Linharinho.

Sesión 4:

OS GARÍFUNAS DA AMÉRICA CENTRAL: RELIGIOSIDADE, IDENTIDADE E TERRITÓRIO

Ixchel Luna Lara. Mestranda em Ciências Sociais
Universidade Federal do Espírito Santo

Os Garífunas são um grupo ascendente de africanos e indígenas caribes que povoam as costas caribenhas da América Central desde sua chegada no ano de 1797 após um longo período de resistência contra as frentes coloniais. Sua expansão pelos diferentes estados-nações faz deles um grupo transnacional e transcontinental. Até hoje preservam seu idioma garífuna e sua religião animista o Dugu, ambos fazem parte essencial da sua

cultura como povo garinagu. Segundo a Organização Fraternal Negra Hondurenha (OFRANEH) o dugu “surge do sincretismo religioso dos Kalinagu com o animismo praticado pelo povo de origem Bantu, além de uns rituais cristãos”. Representando mais um símbolo da riqueza de símbolos ameríndios e africanos da qual está formado sua cultura. Como rito aos ancestres ele é evidencia do fluxo das memórias passadas e presentes na identidade garífuna. Este artigo explora a relação entre religiosidade, território e identidade no contexto contemporâneo na construção da identidade Garífuna.

PERCURSOS DE CURA PELA IDENTIDADE E O AXÉ: REFLEXÕES SOBRE REDES, TERRITORIALIDADES, ETNICIDADE E RELIGIÃO ENTRE AFRO-RELIGIOSOS QUILOMBOLAS E PLATINOS

Daniele Marzari Possatti. Extensionista Rural/Antropóloga no norte do Rio Grande do Sul. Mestre em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS).

Daniel Francisco de Bem. Membro do Grupo de Pesquisa em Anticapitalismos e Sociabilidades Emergentes (GPASE/UFFS) Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Doutor e Mestre pelo curso de Pós Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Este trabalho objetiva discutir como afro-religiosos, brasileiros e platinos, e afro-brasileiros, quilombolas, enquanto pessoas comuns, não vinculadas à ação política por direitos étnicos, ativam e tecem redes. Nesta perspectiva, outras modalidades de redes são apreciadas, tecidas por percursos religiosos e de cura, fruto de trabalhos de campo entre atores brasileiros e platinos do processo de transnacionalização afro-religiosa do Brasil para a Argentina e o Uruguai, e junto a atores da comunidade quilombola Timbaúva, Formigueiro, região central do RS. No diálogo entre experiências etnográficas particulares (uma comunidade quilombola em suas interfaces com a saúde; a cena afro-religiosa transnacional), percebemos processos similares no estabelecimento de redes e de territorialidades construídas por “atores menores”, “menos importantes”. Compreendemos que afro-latinos estão ativos em esferas de ação coletiva, não determinadas por categorias cristalizadas pelas lutas do movimento negro e das políticas públicas compensatórias. Sendo assim, importa-nos mais descrever a perspectiva e a ação de um *filho de santo* argentino que faz o movimento de sair do seu terreiro de origem e busca a aventura de encontrar-se com *pais de santo* brasileiros, do que descrever a ação de um *pai de santo* importante e reconhecido em diversas cenas religiosas; importa-nos mais compilar a viagem empreendida por uma quilombola, em busca de cura, onde reordena suas concepções, do que evidenciar um mediador político local. E através desse recorte ampliamos a sensibilidade para os elementos étnicos, religiosos e sociais, substratos culturais estruturantes que fundam a experiência coletiva, a afirmar e compor identidades étnicas resistentes.

A RELAÇÃO ENTRE CANDOMBLÉ E ESTADO: AS NOVAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES

Iljorvanio Silva Ribeiro. Mestrando em CSO-Ufes

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo de análise as novas formas de participação política dos sacerdotes das religiões de matriz africana na região metropolitana da Grande Vitória/ES (RMGV/ES). Além disso, visa conhecer as redes que se articulam dando sustentabilidade ao Fórum de Matrizes Africanas de Cariacica (FMAC) e às suas ações junto à sociedade em geral. Outras questões relacionadas com a conversão do capital religioso dos sacerdotes em capital político nas instâncias de participação pública; a busca por espaços de participação e as tensões advindas desta representação de autoridade tanto interno, no espaço dos terreiros, quanto externo (nos eventos públicos, fóruns e outros espaços) compõem o conjunto de questionamentos de interesse geral deste trabalho de pesquisa.

No que diz respeito aos objetivos específicos, este trabalho pretende dissertar sobre o processo de construção política da figura do Babalorixá/Yalorixá, bem como conhecer as estratégias de articulação empregadas por este(a) em sua articulação com outros grupos étnicos e com o Estado. Para alcançar este objetivo o presente estudo utiliza como base de dados a recente etnografia realizada com os pais e mães-de-santo da região metropolitana da Grande Vitória/ES, as entrevistas concedidas por estes e a própria trajetória do pesquisador dentro do candomblé.

GT 32. SER ANIMAL, SER HUMANO: SABERES Y HACERES EN LAS RELACIONES ENTRE HUMANOS Y ANIMALES

Coordenadores:

Felipe Vander Velden. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil; felipevelden@yahoo.com.br

Martha Ramírez-Gálvez. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil.

Celeste Medrano. Instituto de Ciencias Antropológicas, Universidad de Buenos Aires/ CONICET, Argentina; celestazo@hotmail.com

Sesión 1: Animais em contextos Indígenas

TORSIONES A LOS ANÁLISIS METEOROLÓGICOS Y CLIMÁTICOS: PENSAMIENTO AMERINDIO, CORPORALIDAD Y ANIMALIDAD

Julián Antonio Moraga Riquelme. Mestrando
(PPGAS/MN/UFRJ); jnmoraga.r@gmail.com

¿Cómo se relaciona el medio ambiente y una cultura? Esta pregunta que la antropología del medio ambiente formuló en sus primeros años, fue contestada a través del tiempo de maneras diferentes, siendo los últimos treinta los más intensos. Este trabajo busca realizar nuevamente torsiones y transformaciones a esta amplia pregunta con el objetivo de agregar a esa discusión la idea de que los fenómenos meteorológicos y climáticos no son en principio fenómenos exteriores, problematizándose así una clara división entre unidades discretas, entre un interior y un exterior, entre un ambientado y un ambientante.

Como ha sido demostrado por diversas investigaciones etnológicas (Lévi-Strauss 1964-1971; Århem 1990; Descola 1992; Viveiros de Castro 1996), las relaciones humano-animales son centrales para dar cuenta de un modo de pensar y analizar diversos problemas que son propiamente indígenas. A pesar de las posibles diferencias entre los modelos etnológicos explicativos, en todas ellos se presenta al “cuerpo” como un eje de análisis central, desplegándose por consecuencia un idioma corporal relacional que conecta diversos existentes interespecíficos. (Overing 1977; Seeger et al. 1979; Viveiros de Castro 1996; Vilaça 2005).

A modo de hipótesis en este trabajo señalo que los fenómenos meteorológicos y climáticos entre los amerindios son analizados por varias vías debido a la amplitud de la corporalidad, sin embargo, las relaciones humano-animales son una manera de pensarla. Específicamente los súper-animales dan cuenta del plano ontológico de estos fenómenos y los animales de la temporalidad asociada a los ciclos anuales.

Palabras claves: amerindios, cuerpos, animalidad, meteorología y clima

DE OBJETOS ANIMAIS, RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS NO ALTO RIO NEGRO

Thiago Lopes da Costa Oliveira.

Pós doutor (PNPD/CAPES) PPGAS MN – UFRJ.

Esta comunicação discutirá as relações interespecíficas – humanos – animais – no Alto Rio Negro, recorrendo, como mediador, a um terceiro termo: os adornos cerimoniais utilizados nesta região. Tais adornos são feitos de partes de animais – peles, penas, pelos, ossos, dentes, cascos, asas, etc. Estes objetos tem um status particular são tidos por componentes não são • humanos dos clãs de alto nível hierárquico o que significa que se pode infligir um dano ao clã – diminuir o seu poder – subtraindo ou destruindo seus adornos. De um lado, pretende se demonstrar como a produção, circulação e uso destes adornos se relaciona a práticas rituais observadas no consumo de alimentos e na criação de xerimbabos. De outro, pretende se abordar o envolvimento (entanglement) com estes animais objetos à luz das práticas rituais de reprodução dos clãs da região. O enfoque da comunicação será a análise dos chamados “benzimentos de proteção e cura” utilizados na produção destes artefatos para retirar o potencial maléfico (linupana) dos seres animais e vegetais utilizados na confecção destes adornos. O enfoque analítico será nas relações entre pessoas e coisas, humanos e animais, destacando se o impacto da noção Baniwa de clã (newik) para o questionamento da oposição humano/animal/objeto. A comunicação se baseia em pesquisa etnográfica realizada, entre 2011 e 2014, junto aos Baniwa, um povo Arawak desta região. Esta base empírica articula se a dados bibliográficos disponíveis sobre povos Tukano e Maku que, junto aos Baniwa, compõem o sistema multiétnico rionegrino. Por meio desta articulação apresenta-se • se um panorama para o tema das relações interespecíficas nesta região

LOS NO-ANIMALES EN LA ZOOSOCIOCOSMOLOGÍA DE LOS *QOM* DEL

GRAN CHACO ARGENTINO

Celeste Medrano. Becaria posdoctoral CONICET / Instituto de Ciencias Antropológicas (UBA); celestazo@hotmail.com

En los estudios generales desarrollados por la autora sobre la etnozología de los *qom* (toba), un grupo indígena del Gran Chaco, se concluyó que la misma conforma una “zoo-sociocosmología”. Esto es, una forma de relacionarse y conceptualizar a los animales, que se lee a la luz de la sociocosmología mediante la que se piensan los humanos. Uno de los aspectos más relevantes de esta etnozología se vincula con la existencia de continuidades (anatómicas, fisiológicas y de interioridad, en el sentido que Descola le da al término) entre los humanos y la fauna que torna difuso su límite. Particularmente en esta contribución se analizan las categorías en las que se divide el mundo de los existentes involucrados en la sociocosmología de *qom*. La propuesta se basa en comparar atributos que definen a los humanos y a los no-humanos con el fin de complejizar a estos últimos dentro de los cuales se encuentran los animales. En primer término, se examinan algunas particularidades del aspecto externo, las preferencias alimentarias, el régimen sexual y reproductivo y el comportamiento y hábitat de aquellos a los que los *qom* llaman *shía»'axaua* (persona) para, en una segunda parte, explorarlas entre quienes son identificados como “animales”. Finalmente, se problematiza la categoría “animal” y se propone una macrotaxonomía que aporta un marco de análisis dentro del cual se pueden ahondar aspectos de la zoo-sociocosmología de este grupo indígena.

Palabras clave: etnozología, no-animales; macro-taxonomía, *qom* (toba); Gran Chaco.

O FRIGORÍFICO NA ALDEIA: SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DE CARNE PARA OS KAINGANG DO TOLDO CHIMBANGUE

Míriam Rebeca Rodeguero Stefanuto. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – PPGAS. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; miriamrodeguer@hotmail.com

Este trabalho, derivado de uma pesquisa em nível de mestrado em andamento, dedica-se a investigar quais as implicações para os Kaingang do Toldo Chimbangue de sua recente inserção nas indústrias de produção de carne na região da cidade de Chapecó, Santa Catarina. O trabalho nos frigoríficos, que apresenta uma organização específica e que abate animais e produz carne em quantidades industriais, se contrapõe a diversas práticas e conhecimentos Kaingang no que diz respeito ao trabalho, aos animais e à alimentação. Grande parte dos moradores do Toldo Chimbangue se aproxima de alguma forma tanto do modo industrial de se abater animais e produzir carne quanto da caça e

da criação, uma vez que a maioria da população já esteve ou continua empregada em algum frigorífico da região de Chapecó e que muitos mantêm criações – normalmente de suínos e aves – nas proximidades de casa, e que a caça vem sendo retomada aos poucos acompanhando a recuperação das florestas. Assim, a partir da pesquisa etnográfica e da contraposição desses elementos, pretende-se ampliar o conhecimento a respeito das aldeias que passaram a fornecer trabalhadores indígenas para estes frigoríficos.

Palavras chave: Kaingang; frigoríficos; animais; alimentação.

COMO SE FAZ UM CACHORRO CAÇADOR ENTRE OS KARITIANA (RONDÔNIA)

Felipe F. Vander Velden. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos; felipevelden@yahoo.com.br

Os Karitiana, povo de língua Tupi-Arikém no sudoeste da Amazônia brasileira (estado de Rondônia, cerca de 350 indivíduos) apreciam muito caçar e têm a carne de caça como seu alimento predileto. Várias técnicas de caça são conhecidas e aplicadas, entre elas o uso de cães especialmente treinados para perseguir, acuar e matar presas, especialmente aqueles animais terrestres e de pequeno e médio porte. Há um conjunto de técnicas empregadas para se “fazer” um bom cachorro caçador – e o verbo “fazer”, aqui, evidencia a qualidade artefactual, por assim dizer, dos animais entre os Karitiana, tanto daqueles animais “do mato” (selvagens), feitos em tempos míticos, como dos animais “de criação” (domésticos), feitos continuamente pela ação humana: todos os seres parecem ser, ao mesmo tempo, “feitos” no sentido de serem montados ou construídos, e “feitos” no sentido de fazer desenvolver ou crescer. Tal duplo movimento – bem expresso no duplo sentido do verbo “criar” em português (fazer, montar, ou cuidar, familiarizar) – pode ser encontrado na feitura de bons cachorros caçadores, nos quais estes processos encontram, ainda, um terceiro fator, que pode ser sumarizado pela noção Karitiana de “jeito” (que poderíamos traduzir como “modo de ser ou de estar no mundo”), e que fala, em certo sentido, das aptidões demonstradas por cada animal na atividade venatória e na maestria das técnicas e práticas de caçar. Com efeito, há cães melhores e cães que “não prestam”, como dizem os Karitiana, para a caça, e tal consideração parece estar diretamente vinculada a avaliações individuais de cada animal, e às escolhas realizadas pelos próprios cachorros quanto a se engajarem, ou não, na faina de procurar e “matar caça” na companhia dos homens Karitiana. Este trabalho busca, assim, descrever etnograficamente este conjunto de relações entre caçadores humanos e caninos, no seu processo contínuo e delicado de se fazerem predadores de sucesso.

Palavras-chave: caça – cachorros – Karitiana – Rondônia – Amazônia.

Saberes occidentales y saberes otros

CARTOGRAFIAS DA NATUREZA E DA CULTURA - OS CAIPIRAS, OS CIENTISTAS, A CAÇA E OS MACACOS-PREGO

Eliane Sebeika Rapchan. Professora Associada da UEM (Universidade Estadual de Maringá - Paraná - Brasil); esrapchan@gmail.com

A pesquisa primatológica sobre macacos-prego (*Sapajus nigritus*) do Parque Estadual Carlos Botelho (PECB) associa humanos e não humanos numa cartografia complexa e singular e a perseguição desses animais em situações de pesquisa é, obviamente, distinta da caça. Entretanto, há entre ambas paralelos técnicos, comportamentais e metafóricos. Como caçadores, primatólogos seguem pacientemente seus macacos. Ouvem seus sons, seguem suas trilhas, buscam indícios de seus hábitos. A caça, prática caipira, aparece, assim, ao mesmo tempo, como modelo possível dessa pesquisa primatológica e prática proibida nos limites do parque.

Como os caçadores, os primatólogos conhecem muito dos hábitos dos animais. De fato, os pesquisadores seguem os macacos tão perto quanto possível e, como os caçadores, devem ser capazes de antecipar seus movimentos. O conhecimento do primatólogo sobre a rede de trilhas, os sons e muitos dos hábitos dos animais advém de suas próprias experiências, de outras pesquisas e do apoio dos mateiros.

A pesquisa é um trabalho esgotante que não depende exclusivamente dos primatólogos. É preciso, também, que os macacos aceitem a presença humana. A observação só ocorre nos termos e tempos dos próprios macacos, de acordo com seus hábitos e em seu espaço.

Segundo as convenções antropológicas clássicas, os comportamentos e símbolos envolvidos na caça tradicional são expressões culturais humanizadas. Ingold (2000) enfatiza a necessária fusão das múltiplas variáveis presentes nessas situações para compreender sua complexidade. Não há natureza ou cultura separadamente. Elas são simultâneas e integram um todo singular. O mesmo, nesse caso, parece se aplicar a primatólogos e macacos-prego.

Palabras claves: relações humano-animal, relações natureza-cultura, comportamento animal, primatologia, mata atlântica.

PREDAÇÃO E COMPAIXÃO: OUTRAS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NOS MEIOS AQUÁTICOS AMAZÔNICOS

Guilherme Antunes. Doutorando em Antropologia Social (Universidade Estadual de Campinas - Brasil); guilhantun@gmail.com

As interações com a fauna a partir da caça e pesca na Amazônia figuram nos relatos de viagem dos antigos naturalistas e nas narrativas de populações costeiras e ribeirinhas, além de serem objeto de ações e políticas preservacionistas - contextos narrativos estes onde espécies de mamíferos aquáticos (alguns dos quais ameaçados de extinção) surgem, por vezes, como protagonistas. No que tange às sensibilidades ecológicas e ao estatuto jurídico de determinadas espécies (tais como cetáceos e sirênios), o enfrentamento do tema dentro da antropologia ainda carece de uma contribuição mais aprofundada. Propõe-se aqui revisitar textos naturalistas e literários que versaram de forma menos contida sobre as relações com a fauna aquática, partindo da abordagem de práticas predatórias e seus desdobramentos legais e morais em contextos fluviomarítimos, (re)constituindo uma etno-historicidade dessas relações, junto às observações de campo de uma pesquisa em andamento entre comunidades que vivem principalmente do extrativismo pesqueiro na Amazônia. Seja a predação um evento fundamental das relações interespecíficas em contextos amazônicos, trata-se aqui de atentar a outras possibilidades de interações, para além de cosmologias específicas, numa Amazônia que não é exclusivamente indígena. Considerando a atuação do Estado e seu poder de fiscalização frente a práticas extrativistas tradicionais, pretende-se pensar sobre as eventuais tensões entre ambientalismo e extrativismo, e como as sensibilidades humanas são acionadas durante diante de – e durante – atividades predatórias, tais como a caça e a pesca nos contextos amazônicos.

Palavras-chave: cultura e natureza; pesca na Amazônia; relações interespecíficas; sensibilidades ecológicas.

RELACIONES HUMANOS-FAUNA EN PASO CENTURIÓN, CERRO LARGO.

APROXIMACIONES INTERDISCIPLINARIAS

Carlos Santos (SCEAM)

Florencia Grattarola (IIBCE-FCien)

Gabriel Perazza (FAgro)

Lucía Bergós (Fcien)

Lucía Gaucher (FAgro)

Magdalena Chouhy (Fhuce); magdalenachouhy@gmail.com

Andrea Garay (FAgro)

Mediante esta ponencia nos proponemos compartir aproximaciones interdisciplinarias al campo de las relaciones sociedad-naturaleza en Paso Centurión, departamento de Cerro Largo, Uruguay en la frontera con Brasil. Estas parten de un Espacio de Formación Integral (EFI) de la UdelaR, que desarrolló en 2013 un monitoreo participativo de fauna, integrando actividades de enseñanza, investigación y extensión.

El área de estudio presenta una alta biodiversidad y alberga especies únicas en el país, varias de las cuales se consideran prioritarias para la conservación. El monitoreo tuvo como objetivo relevar la presencia de especies de mamíferos combinando metodologías de las ciencias naturales y sociales. La propuesta de hacerlo *participativo* partía de la necesidad de incluir conocimientos locales sobre la fauna para complementar los datos obtenidos mediante muestreos biológicos no invasivos (colecta de fecas y análisis de ADN; colocación de cámaras trampa). Sin embargo la profundización de la interdisciplina y la problematización del concepto de participación llevó a replantear el status asignado a los conocimientos locales en relación al conocimiento científico, y a considerar posible que el objeto de estudio propuesto no tuviera equivalencias con saberes y prácticas locales. La redefinición de objetivos y protocolos de monitoreo dejaron lugar a la *alteridad*, es decir, la condición del otro y su forma de ver, construir y clasificar naturaleza y cultura.

El equipo docente integrado por biólogos y antropólogos, continuó su trabajo sobre co-producción de conocimientos; reedita el EFI en 2015 y alberga un proyecto de tesis de Maestría en antropología sobre relaciones humanos-fauna en Paso Centurión.

Palabras clave: Humanos-fauna; Paso Centurión; interdisciplina; participación; alteridad

Sesión 2: Animales en contextos urbanos (redes de proteção, políticas públicas)

A CIDADE E OS ANIMAIS: EXPULSÃO, PROTEÇÃO E NOVAS SENSIBILIDADES URBANAS ENTRE OS SÉCULOS XIX E XXI

Andréa Osório. Dra. em Antropologia, Universidade Federal Fluminense;
andrea_osorio1@yahoo.com.br; andrea.osorio@ig.com.br

O trabalho compara duas formas distintas de retirada de animais da rua: uma expulsiva, empreendida entre os séculos XIX e XX, pela qual uma série de proibições e perseguições a animais foi empreendida, em especial aos cães e aos animais de âmbito rural; outra, mais contemporânea, desenvolvida por grupos de proteção animal que resgatam animais da rua e os encaminham para adoção. O que permite sua ação na cidade é a ideia de que os humanos são responsáveis pelos animais, desenvolvida junto com o conceito de posse responsável, traduzido em um protocolo de manejo de animais de estimação. Embora as ideologias de fundo sejam radicalmente diferentes, mantém-se a noção de que o lugar dos animais não é a rua. Tais relações da cidade com os animais apontam para representações específicas sobre o meio urbano e os animais, para a emergência contemporânea de novas sensibilidades urbanas acerca dos animais e seu (não) lugar na cidade, bem como para um progressivo e contínuo afastamento entre campo e cidade. A emergência de políticas municipais de proteção animal parece corroborar esse novo momento, visível em legislação específica e em secretarias e programas de atenção ao bem-estar animal. Percebe-se, portanto, que as demandas dos grupos de proteção são progressivamente atendidas e que sua organização em ONGs e redes têm conseguido inserir parte de sua demanda nas agendas políticas locais.

Palavras-chave: animais, proteção animal, cidades, ruas.

**ETNOGRAFIA DAS INTERAÇÕES HUMANAS E NÃO-HUMANAS EM
DIFERENTES ESPAÇOS PRATICADOS DE BELÉM (PA): O CASO DOS
COMMUNAL ROOSTING DE TRÊS ESPÉCIES DA AVIFAUNA AMAZÔNICA
NO MUNDO URBANO CONTEMPORÂNEO COMO FORMAS SOCIAIS
INTERESPECÍFICAS**

Flávio Leonel Abreu da Silveira/UFGA; flabreu@ufpa.br

A proposta em questão visa compreender as relações entre humanos e não-humanos em três contextos diferentes da cidade de Belém, a partir das interações interespecíficas de humanos com não-humanos, mais especificamente a avifauna urbana que utiliza três áreas da cidade com grande circulação de pessoas. A partir da perspectiva de uma Antropologia produzida na cidade busco refletir sobre as complexidades de uma ecologia urbana no âmbito da metrópole paraense. As três espécies de aves que interagem com os humanos concentram-se em grande número de indivíduos em busca de alimentação, de descanso e para pernoitar em *communal roosting*.

Palavras-chave: Amazônia, cidade, heterogeneidade cultural, paisagens, interespecíficas, avifauna urbana

COMENTARIO SOBRE LA “CUESTIÓN ANIMAL” DURANTE EL PRIMER PERONISMO. SOCIEDADES PROTECTORAS, ESTADO Y CONCEPCIONES DE “ANIMALIDAD”

Sosa, Sebastián. Universidad Nacional de Luján (UNLU), Universidad Nacional Arturo Jauretche (UNAJ); sebastian_sosa_727@hotmail.com

Esta ponencia intenta rastrear la dinámica de las sociedades protectoras de animales de la Ciudad de Buenos Aires durante los primeros gobiernos peronistas, interesándonos en el desarrollo que concluirá en la sanción de la Ley Nacional 14.346 de Protección Animal. El trabajo se inserta en la frondosa historiografía del asociativismo, reconstruyendo estrategias y prácticas propias de las sociedades para alcanzar sus propósitos, pero también en función de la lógica estatal y su recepción de la problemática. La especificidad de estas asociaciones sirve también al objetivo de indagar históricamente algunos aspectos de la relación hombre-animal poco explorados en la bibliografía histórica argentina. El discurso proteccionista contiene en sí múltiples aspectos que permiten reconstruir la historicidad de una relación que pareciese tener como estructura inmutable y a-histórica un borde, una división por la cual ambas partes se definirían. Por un lado el “hombre”, cuya aptitud al lenguaje y al raciocinio lo posicionarían no sólo por encima sino por fuera de la “animalidad”, y del otro lado el armazón taxonómico de los privados de estas cualidades. Esas privaciones que se han impuesto como definitorias de lo “animal” son las que históricamente justificaron y justifican la domesticación, la utilización científica de sus cuerpos, las matanzas con fines dietarios, etc. El proteccionismo conmociona ese límite por el cual se “naturaliza” la explotación sin más de lo que llamamos “animal”, al poner en el centro la cuestión del sufrimiento y su estatus ético- político.

Palabras claves: Protección animal - Asociaciones - Peronismo – Historia.

HACIA UNA REVISIÓN DE LA TEORÍA DE LA DOMESTICACIÓN DE ANIMALES EN CONTEXTO URBANO

Karen López. PPAS- Programa de Postgrado en Antropología Social – Universidad Nacional de Misiones – Argentina. CIDUNAE – Universidad Autónoma de Encarnación – Paraguay. Instituto Municipal De Vigilancia y Control de Vectores – Dirección de Epidemiología y Vigilancia de La Salud – Municipalidad de Posadas – Argentina; karenlopez34@yahoo.com.ar

La ponencia pretende dar cuenta de los principales resultados de un proceso de investigación antropológica que toma como objeto “la domesticación de perros” en una

ciudad del nordeste argentino marcada por una zoonosis cuya letalidad en personas humanas llegará en su peor momento al 20% de la población afectada. En el espacio urbano también poblado por faunas heterogéneas, sobresaldría una de ellas capaz de desplegar miradas que sirven para nombrar y crear un dominio de ese territorio y con ello de todas las faunas con las que interactuará. Esta ha sido la narración tradicional de las formas en que el hombre se ha adaptado valiéndose por ejemplo de la domesticación que ha sido y continúa siendo su condición y su resultado. Pero, a diferencia de lo que posiblemente ha ocurrido con la mayor parte de los animales domesticados para alimentación y servidumbre, la de los que no servirían para comida ni para transporte desafían los conocimientos alcanzados en materia de teoría de domesticación, a juzgar por la diversidad de actos y categorías humanas que necesitan ser inventariadas y analizadas para entender su papel en el universo cultural humano relacionado con el perro y con la co-evolución de las faunas urbanas y más allá de las ciudades.

Palabras claves: Cultura - domesticación- perro - zoonosis - urbana

Animales en contextos domésticos y terapêuticos

A PROTEÇÃO ANIMAL URBANA COMO EMPREENDEDORISMO MORAL: UM DIÁLOGO TEÓRICO E ETNOGRÁFICO

Bernardo Lewgoy. PPG em Antropologia Social UFRGS e pesquisador do CNPq;
mlewgoy.bernardo@gmail.com

A partir de uma pesquisa com proteção animal em redes de protetoras de animais em Porto Alegre realizado desde 2013, pretende-se, a partir da etnografia, ressaltar a importância da dimensão moral no modo de existência e operacionalização das relações entre humanos e animais, bem como na dimensão intraespecífica humana. Teoricamente, parte-se das revisões do conceito de domesticação de François Sigaut (1988) e Nerissa Russel (2007), que apontam para a sua polissemia e multidimensionalidade (jural, genética e etológica, filo e ontogenética), assim como o aspecto co-evolutivo (diminuindo o império evolucionário da agência humana nas diversas domesticações registradas) aproximando essa discussão da idéia de "processos civilizadores" de Norbert Elias (1992) onde a força de uma dimensão pedagógica e as tecnologias de formação de sujeitos psicológicos e morais estão envolvidas (Michel Foucault, 1977 Niklas Rose, 1988) para dar conta do empreendedorismo moral (Howard Becker, 2008) e dos processos práticos de subjetivação exercido pelas protetoras de animais sobre os adotantes e o público em geral, agora entendido como uma espécie de "interdomesticação do humano". Há todo um conjunto de princípios éticos, processos pedagógicos, contratos, negociações e controles morais pós-adoção

relacionados ao processo que vai do “resgate” de animais de rua até a sua adoção que remetem ao surgimento de uma nova moralidade e de uma nova "polícia da família multiespécies" (ampliando o sentido intraespecífico humano, emprestado do trabalho clássico de Jacques Donzelot, 1986) que *adequam os seres humanos ao convívio com os animais* (diferentemente de abordagens anteriores, centradas no adestramento, destinadas a corrigir e *adequar o comportamento de animais de estimação aos humanos*) dentro de um modelo idealizado de família conjugal de classes médias urbanas. Assim, pretende-se, a partir da etnografia discutir as diferentes dimensões morais envolvidas no processo de proteção animal, seus conflitos e impasses.

CUIDADOS, AFECTOS Y COMPAÑÍA: RELACIONES FAMILIARES ENTRE HUMANOS Y ANIMALES

Martha Ramírez-Gálvez. Profesora del Depto y del Programa de Posgrado en Ciencias Sociales – Universidade Estadual de Londrina, Brasil; marthacerg@gmail.com

Vários campos del conocimiento apuntan para las transformaciones familiares, como también para la necesidad de encontrar diferentes modelos para el estudio de familias. Sin embargo, grande parte de los estudios antropológicos mantienen el análisis de las relaciones de filiación y de afinidade como definidoras de las diversas configuraciones familiares. En este trabajo se problematiza esa tendencia mediante la introducción de las nociones de cuidado, afecto y compañía, a partir de las cuales se procura ampliar el concepto de relaciones familiares y con ello abrir el campo de observación de las diversas formas como las personas organizan sus existências y relaciones, al margen o mas allá de las relaciones de las relaciones de filiación y de alianza. Partiendo del concepto de *relatedness* de Janet Carsten; de las discusiones sobre la relación entre especies, de Donna Haraway; y de las contribuciones de Tim Ingold se propone explorar la incorporación de mascotas (pets) en la relaciones familiares. Se trata de una reflexión inicial a partir de la exploración de algunos casos de “relación familiar” construída entre caninos y humanos, como también del lugar que cada vez ganan las especies compañeras en el mercado pet y en el planeamiento de lugares específicos como, por ejemplo, condomínios residenciales.

Palabras clave: Parentesco. Família. Especies compañeras. Relaciones entre especies.

LA EXPERIENCIA DE ENVEJECER EN UNA RESIDENCIA PÚBLICA. CUERPO, INTERACCIONES Y EL ROL DE LAS MASCOTAS

Matías Paschkes Ronis. CONICET Instituto de Investigaciones
“Gino Germani”, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires;
matiasronis85@gmail.com

En una conferencia pronunciada en el Congreso Médico de Salzuflen (Alemania) en el año 1983, titulada “El envejecimiento y la muerte: algunos problemas sociológicos”, el sociólogo Norbert Elias exponía sobre el contraste existente entre los avances científicos dedicados al conocimiento de los procesos fisiológicos vinculados al envejecimiento frente al escaso tratamiento científico de la experiencia misma de envejecer. Estos estudios tendrían carácter de urgente pues, según el sociólogo, en las sociedades industriales altamente urbanizadas los viejos y moribundos están sometidos a un proceso de aislamiento que los invisibiliza socialmente. Las experiencias de estudios cualitativos desde las ciencias sociales en residencias de adultos mayores no sólo son escasas sino que también muestran notables diferencias en sus conclusiones. La controversia principal se encuentra en la cuestión de la autonomía, en especial en el debate acerca de si dichas instituciones coadyuvan al desenvolvimiento autónomo del sujeto o si, por el contrario, lo obstaculizan, generando dependencia y desubjetivación. El presente trabajo tiene como objetivo indagar la experiencia del envejecimiento al interior de una residencia pública para adultos mayores ubicada en el conurbano bonaerense (Argentina). Desde una perspectiva etnográfica se analizará el uso y apropiación de los espacios y las relaciones entre los residentes. El análisis de dichas dimensiones estará atravesado por el lugar que ocupan tanto las mascotas como las plantas al interior de la residencia, explorando el valor de estos objetos simbólicos y afectivos en la experiencia de los residentes al habitar la institución.

Palabras claves: Envejecimiento, experiencia, residencia pública, mascotas.

SOBRE A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS ENTRE MEDICINA HUMANA E MEDICINA VETERINÁRIA

Rosimery Medeiros de Mello Graduanda em Ciências Sociais;
rosedalmaso@hotmail.com

Fagner Carniel - Doutor em Sociologia, professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais; fagnercarniel@yahoo.com.br . Universidade Estadual de Maringá (UEM)

A partir dos anos 70 a fronteira natureza e cultura passou a ser repensada pela antropologia, estabelecendo um novo debate que coloca em perspectiva uma nova maneira de se pensar humanidade e animalidade. Essa relação estabelecida entre

humanos e não humanos vêm de longa data na história da humanidade, sofrendo transformações nas últimas décadas, estreitando as relações entre humanos e os animais hoje chamados “domésticos”. Estudos recentes têm demonstrado que esses animais compartilham de hábitos, casas, alimentação, problemas de saúde – como depressão e obesidade – necessidades e tecnologias humanas. Essa pesquisa ainda em andamento, vinculada ao LEEH – Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos – tem por objetivo analisar os estudos recentes da medicina veterinária ao qual estão em debate as questões relacionadas e compartilhadas entre humanos e animais de estimação, principalmente, aquelas que envolvem o compartilhamento de doenças, medicalização, tratamentos e comportamentos. Destarte, os desdobramentos da medicina humana para a medicina veterinária tem se tornado cada vez mais recorrente, fazendo suscitar debates que passam pelas ciências humanas e as biociências. A perspectiva teórica metodológica tem como análise os periódicos que privilegiam as novas reconfigurações do tema aqui proposto: humanos e não humanos. Considerando que as construções teóricas objetivadas também são fatos científicos criados. Temos concluído que esse fenômeno da proximidade entre humanos e animais, não somente tem modificado a composição do que entendemos como “social”, como também trás benefícios para ambos, seja na convivência ou na descoberta de novos tratamentos que podem salvar vidas e modificar a história das doenças humanas.

Palavras-chave: antropologia; humanos e não humanos; medicina humana; medicina veterinária; doenças e tratamentos.

“O QUE É QUE CAVALO SABE’: O VÍNCULO ANIMAL-HUMANO NA EQUOTERAPIA”

Luna Castro Pavão. Mestre pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil;
lunacpa@gmail.com

A partir de visitas a um Centro Hípico da cidade de São Carlos (São Paulo, Brasil), procurei examinar o nexos entre pessoas e cavalos na “equoterapia”, um método terapêutico que, conforme definido pela Ande Brasil (2010), se propõe ao “desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais”. Concentro minha análise nas sessões terapêuticas, quando *praticantes* – termo nativo, usado em referência às pessoas que fazem equoterapia e que, em sua maioria, são também chamadas de *especiais* –, seus familiares, terapeutas e auxiliares-guia conectam-se entre si e aos cavalos de modos distintos. Seguindo os atores em seus modos relacionais de comunicação e ação, o corpo e suas disposições corporais emergem como o eixo comum para negociarem certos tipos de contato, comando, disciplina e controle. Neste cenário, examino de que maneira as relações entre os humanos e os cavalos, de um lado, e as relações entre as pessoas consideradas com e sem “deficiência”, de outro lado, aparecem juntas e como, neste encontro, podem deslocar as noções de “humano” e “animal”, em seus impactos mútuos. Espera-se que os tópicos etnográficos aqui delineados possam contribuir para a temática das

socialidades transespecíficas e, quiçá, aprofundar nossa compreensão sobre possíveis reformulações das categorias de humano e não humano.

Palavras chave: relações humano-animal, cavalos, pessoas com “deficiência”, equoterapia, corpos.

Sesión 3: Animales en laboratorio

PRODUZINDO QUIMERAS: ROEDORES E CIENTISTAS EM AMBIENTES EXPERIMENTAIS

Marcos Castro Carvalho. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ; dabata@gmail.com

A apresentação pretende-se uma breve exposição em torno das experimentações com(em) cobaias realizadas em um laboratório de engenharia biomédica. Trata-se de um laboratório voltado para os estudos de tecnologias ultrassônicas com finalidades médicas (diagnósticas e terapêuticas). Entre outras modalidades experimentais, o laboratório em questão também desenvolve pesquisas *in vivo* por meio do modelo murino. Ou seja, estudos com camundongos e ratos (no caso, *oncomouses* e *oncorats*) a partir da tecnologia diagnóstica denominada biomicroscopia ultrassônica. Tendo em vista tal panorama, a exposição busca apresentar nuances, tensões e complexidades a partir da discussão da experimentação animal cotidiana na vida de laboratório. Entre outras questões, busca-se abordar primordialmente a dinâmica relacional dos pesquisadores no trato diário com as cobaias e na produção de um corpo animal útil para a ciência. Porém, se a objetificação dos animais é inevitável nesse contexto, isto não impede que outros modos de relação e afetação também se faça presente na vida dos pesquisadores com as tecnologias estudadas e com seus bichos de laboratório.

Palavras-chave: etnografia de laboratório; roedores; corpos experimentais; ultrassom biomédico.

EL VIAJE DEL CANGREJO: DE LOS CANGREJALES AL LABORATORIO

Luana Ferroni. CIS, CONICET-IDES/CONICET; luanaferroni@hotmail.com

El cangrejo *Neohélice granulata* es uno de los habitantes de la Bahía de Samborombón en la Provincia de Buenos Aires. Desde 1984 científicos de un laboratorio de

neurobiología argentino viajan hacia estas costas cada 15 días a “pescarlos” y en su laboratorio investigan con estos animales la *memoria*. Este trabajo aborda la relación que se establece entre investigadores y animales a partir de un análisis etnográfico del viaje del cangrejo hacia el laboratorio, los modos a través de los cuales los científicos involucran su cuerpo en la manipulación de los animales y el lugar que ocupan estos en las investigaciones. Se retoman aspectos de la propuesta vertida por Tim Ingold de una *antropología para la vida* a fin de incorporar la dimensión afectiva al estudio del vínculo entre animales de laboratorio y científicos. También se examina la concepción ontológica de *lo animal* y *lo humano* presente en estas prácticas.

Animales de cria y de caza. Selección de razas, lida y dominación

‘CRIoulos’ E ‘CRIouLISTAS’: HUMANOS, EQUINOS, E SENTIDOS DE PASSADO E PRESENTE

Miriam Adelman. Professora de Sociologia e Estudos Literários, UFPR.

(Universidade Federal do Paraná, Brasil); miriamad2008@gmail.com

O cavalo é elemento histórico da cultura material dos grupos e sociedades – um elemento *sui generis*, companheiro milenar do ser humano que viabiliza práticas sociais diversas, de trabalho, guerra e festa, frequentemente adquirindo um alto valor emocional e estética. Faremos aqui algumas reflexões sobre o sentido atribuído atualmente ao ‘cavalo crioulo’, raça sul-americana de equino: indagações que fazem parte de trabalho etnográfico mais amplo sobre culturas equestres populares do Paraná. Hoje em dia, o discurso sobre o crioulo, assim como as práticas a eles associadas, se apoiam em diversas instâncias institucionais mas são também construídos e reproduzidos no cotidiano de praticantes e entusiastas de equitação ‘campeira’ de esporte e lazer, homens e mulheres de classes e origens sociais diversas. Fazem parte também de um cenário contemporâneo complexo, de novas configurações de e trocas entre o rural e o urbano. Sem deixar de reconhecer que o equino também é ‘agente’ da sua relação com o ser humano, focaremos neste trabalho os significados profundos dos discursos e práticas construídos em torno do cavalo crioulo, como valor simbólico e como ‘cultura material’: o que é que as pessoas procuram viver e expressar através de sua relação com estes equinos (como, por exemplo, o equino intermedia relações entre pessoas ou entre as pessoas e a ‘natureza’; como diferenças entre pessoas podem ser expressadas ou até criadas através de uma linguagem que por vezes ‘essencializa’ raças equinas) e como tradição e cultura regional se articulam com relações e interesses sociais, culturais, econômicos e políticos.

Palabras claves: culturas equestres populares, cavalo crioulo, humanos e não humanos, tradição, rural e urbano.

ALÉM DA DOMINAÇÃO: MORALIDADE E ÉTICA ENTRE VAQUEIROS E ANIMAIS NAS CORRIDAS SERTANEJAS DE PEGA DE BOI NO MATO

Renan Martins Pereira (mestrando, PPGAS/UFSCar); zinhotravis@gmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar uma suposta natureza moral das relações entre humanos (vaqueiros) e não humanos (caatinga, cavalos e bois, por exemplo) existentes no contexto de minha pesquisa: em suma, as corridas de pega de boi no mato de Floresta, município do sertão de Pernambuco. Práticas sob as quais proponho uma intersecção entre o campo da moralidade e o das relações interespecíficas, a fim de problematizar minha hipótese segundo a qual as relações entre humanos e animais estão definidas por princípios morais produtores de sujeitos humanos, os vaqueiros, assim como de singularidades animais para certos tipos de cavalos e bois. A centralidade do meu debate provém do fato de que, do ponto de vista dos vaqueiros, as corridas caracterizadas por uma disputa em função da derrubada do gado na caatinga - não são práticas que submetem os animais, de maneira absoluta (principalmente o gado) a condições de violência física e moral. Em contrapartida, eles ressaltam que as corridas são atividades que os colocam sob o prestígio de certas habilidades e conhecimentos, atributos e qualidades, valorizações e diferenciações. Disso resulta que as relações interespecíficas são conduzidas por um jogo moral e ético que tem por finalidade não o controle e a dominação absoluta dos animais em si, mas a gerência e o controle de relações construídas ora por laços de dominação, ora por laços de confiança (ou aliança). E que, por sua vez, produzem homens de agilidade e de prestígio em conjunção às singularidades inferidas a certos tipos de animais.

Palavras-chave: relações interespecíficas, moralidade e ética, dominação e confiança

DE PUREZAS E MISTURAS. SOBRE “RACEAMENTOS” DE REBANHOS BOVINOS

Natacha Simei Leal. Doutora em Antropologia Social – PPGAS/USP;
natachaleal@gmail.com

Esta comunicação, desde uma perspectiva antropológica, pretende discutir a

centralidade da produção de raças zootécnicas na pecuária bovina brasileira. Através da descrição e comparação de dois processos de “raceamento” e melhoramento de rebanhos bovinos selecionados especialmente a fim de abastecerem demandas da indústria frigorífica, a hegemônica “epopeia do zebu” (Leal: 2014, Medrado: 2013) empreendida por pecuaristas do Triângulo Mineiro e do Centro-Oeste brasileiro a partir da virada do século XIX para XX e os recentes investimentos de elites ganadeiras nordestinas e pesquisadores da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) na seleção e preservação do mestiço gado Pé-Duro do Piauí, este trabalho, em diálogo com uma literatura que, do ponto de vista etnográfico, trata da consolidação de indústrias de estoque de sangue e pedigree e de práticas de pastoreio e pecuária, pretende descrever como os enunciados da genética, da economia, mas também da “cultura”, da história e da tradição produzem e purificam raças zootécnicas. Ademais, anseia analisar as purezas, misturas, códigos, substâncias e saberes que ao “racearem” rebanhos produzem reses, mas também criadores.

Palavras-Chave: Raça, Pecuária, Pé-Duro, Zebu.

BICHOS DO MATO (E DA PEDRA): A IMPLICAÇÃO DE HUMANOS, DEUSES E O MERCADO NA CRIAÇÃO DE CAPRINOS NA REGIÃO DO ALTO CAMAQUÃ/RS

Marília Floôr Kosby. Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
marilia_kosby@yahoo.com.br

Atentando para a diversidade dos modos de vida constituídos na região do pampa sul-rio-grandense, este estudo se propõe a cartografar os múltiplos agentes implicados na criação de caprinos, uma das únicas atividades agropecuárias possíveis de serem executadas nas áreas de terreno com aclave, solo pedregoso e densa vegetação arbórea da região do Alto Camaquã (especificamente áreas dos municípios de Bagé e Caçapava do Sul). Os principais consumidores da produção de caprinos dessa região são as casas de religiões de matriz africana das regiões de Pelotas e Porto Alegre, o que gera algumas controversas entre os produtores: aqueles mais afinados com órgãos técnicos, como Embrapa e Emater, acreditam ser “um desperdício” que uma carne tão saudável seja destinada massivamente a rituais religiosos, podendo haver investimento na criação de um mercado de consumo da mesma como *comoditie*; outros, mais voltados para o pastoreio tradicional (extensivo), não querem e nem podem fazer tal investimento, como a construção de abrigos e a compra de alimentos específicos, pois o mato sempre deu tudo que é preciso para uma produção alta de animais saudáveis. Vistas as peculiaridades atribuídas a cada animal destinado à sacralização (ciclo de vida completo, ausência de maus tratos, controle da reprodução, cor da pelagem), busca-se também conhecer como criadores, comerciantes e compradores agenciam técnicas de criação, rituais religiosos e as condições do mercado agropecuário na conformação de tais redes sociotécnicas.

Palavras-chave: etnografias da pecuária – religiões de matriz africana – antrozoologia

A “NAÇÃO DE GADO”: PECUÁRIA EXTENSIVA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM DOIS MUNICÍPIOS MINEIROS

Luzimar Paulo Pereira. Doutor / UFJF; mazinhop@gmail.com

Carmen Silvia Andriolli. Doutora / UFRRJ; carmen.andriolli@gmail.com

A circulação do gado por sítios, fazendas, estradas, cerrados, veredas, várzeas e rios é um importante tópico da vida cotidiana dos moradores das áreas rurais dos municípios de Urucuia e Chapada Gaúcha, localizados nos limites das regiões norte e noroeste de Minas Gerais. Tema de conversações e foco de algumas das principais preocupações dos seus habitantes, os deslocamentos – que podem ser resultado de desígnios humanos ou frutos das intenções dos próprios bichos - dão contornos específicos às noções de “criação” e “mexer com criação”, entendidas como modos de se definir o meio ambiente envolvente, os seres da natureza que vivem sob os cuidados dos homens e as formas de se lidar com eles. A partir de material etnográfico recolhido ao longo de viagens de campo realizadas entre os anos de 2007 e 2014, pretendemos descrever e analisar as maneiras pelas quais o movimento dos animais é percebido e entendido pelos seus donos e demais moradores. Em especial, tentamos compreender o papel que a circulação do gado desempenha nas atividades de produção, manutenção e eventual destruição dos espaços de vida e trabalho, além de avaliar sua relação com diversas formas de sociabilidade inter-humana. O eixo descritivo desta apresentação será construído através do inventário dos saberes e práticas associados à atividade do criatório, expressos no trabalho dos criadores e nos relacionamentos cotidianos estabelecidos entre homens e animais. A este material serão somadas narrativas recolhidas junto a informantes selecionados.

Palavras-chave: campesinato; pecuária; relações humanos e não-humanos; espaço.

“LIDA BRABÍSSIMA”: A CULTURA DA CAÇA COMO CONSTITUIDORA DA RELAÇÃO ENTRE HUMANOS, ANIMAIS E ARTEFATOS NA PECUÁRIA EXTENSIVA NO PAMPA BRASILEIRO

Profa. Dr^a. Flávia Maria Silva Rieth (PPGAnt/ICH-UFPEL) – riethuf@uol.com.br

M.e Daniel Vaz Lima (PPGAnt/ICH-UFPEL) – dvlima.vaz@gmail.com

Esta etnografia trata sobre a lógica da caça como constituidora do modo de vida dos campeiros no manejo das atividades da criação extensiva de rebanhos bovinos, equinos e ovinos em continuidade a reflexão do “INRC – Lidas Campeiras na Região de Bagé”, pesquisa que descreveu as práticas associadas à atividade da pecuária no pampa brasileiro. O pampa é concebido como uma trama de *tentos*, tecida por meio da mobilidade de humanos e não humanos que se encontram e se tramam criando diferentes combinações. Atenta - se para os diferentes manejos dos rebanhos – o “*tradicional*” e o “*racional*”-, em que figuram diferentes percepções a cerca das relações entre humanos e não humanos. O modo de vida dos *campeiros*, que tem habilidade no manejo das lidas, está diretamente relacionado com os outros animais, os artefatos e os ambientes do pampa. O aprendizado consiste numa “educação da atenção” (INGOLD, 2010) em que as habilidades são incorporadas por meio da percepção e da convivência entre os humanos e não humanos. A lida campeira é concebida como *brabíssima* pelo que esta tem de selvagem, em que se faz necessário encarar as forças da natureza, o gado bravo, cavalos xucros, demandando muita força física que, na linguagem do *campeiro*, significa “*ter força no braço*”. A partir da descrição do gosto dos peões por manter com animais de criação relações próximas à caça – correr atrás do boi, laçá-lo, propomos refletir sobre as noções de caça e domesticação tanto de humanos quanto de animais.

Palavras chave: Modo de vida campeiro, cultura da caça, relação entre humanos e não humanos.

MÁQUINA DE CORRER: BALA BALI DEIFICADO

Rafael Velasquez . Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense ;
rafaelvelasqueztg@gmail.com

O *paper* pretende analisar o processo de “deificação” do cavalo de corrida Bal A Bali, que no ano de 2014 foi tríplice coroadado e, também, vencedor do GP Brasil. Na idade hípica de 2 anos, o potro, junto com outros de sua geração (2010), estreou nas pistas do Hipódromo da Gávea (Rio de Janeiro). Das suas 12 apresentações no prado carioca – antes de ir para os Estados Unidos – Bal A Bali obteve 11 vitórias e um 3º lugar. Em todas as apresentações ele foi o favorito dos apostadores, tanto por seu pedigree (bem como pela reputação e o prestígio do seu criador e do seu proprietário), como pela boa campanha que estava apresentando. Com a vitória na 1ª etapa da tríplice coroa o Puro-Sangue ganhou notoriedade. Porém, foi com a vitória do GP Cruzeiro do Sul, 3ª etapa da tríplice, que Bal A Bali saiu do *status* de simples competidor para se tornar um herói,

figurando no panteão dos grandes corredores. E como todo grande herói, Bal A Bali atraiu tanto admiradores como inimigos, que queriam vê-lo derrotado no GP Brasil – independentemente do envolvimento das apostas. A partir da etnografia dos páreos hípicas, pretendo pensar a relação homem-animal, pela perspectiva dos apostadores, de quando um cavalo é, simbolicamente, deificado.

Palavras-Chaves: Corrida de Cavalo; Relação Humano-Animal; Natureza e Cultura; Antropologia da Aposta

GT 33. ANTROPOLOGÍA Y ÁREAS PROTEGIDAS EN EL MERCOSUR: TERRITORIOS DE CONSERVACIÓN, POBLACIONES LOCALES Y ECOTURISMO DESDE ABORDAJES ETNOGRÁFICOS

Coordinadores:

Brián Ferrero. Centro de Investigación y Transferencia Entre Ríos-CITER-CONICET. UNaM. Argentina; brianferrero@conicet.gov.ar

Carlos Santos. Universidad de la República, Uruguay; carlos.santos@cienciassociales.edu.uy

Ronaldo Lobao. Universidade Federal Fluminense. Brasil; ronaldolobao@yahoo.com.br

Nancy Arizpe Ramos. Facultad de Ciencias. Universidad Nacional Autónoma. México. nancy.arizp@gmail.com

Comentarista: Luciana Loto. Universidade Federal Fluminense. Brasil; lotoluciana@yahoo.com.ar

Sesión 1: Reservas extractivistas y comunidades locales en Areas Naturales Protegidas

POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO E RESERVAS EXTRATIVISTAS NO BRASIL: O CASO DO ALTO JURUÁ

Mauro W. B. de Almeida. Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Brasil; mwba@uol.com.br

Roberto S. Rezende. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, Brasil; robertorezende@gmail.com

Nossa proposta é analisar os impactos das recentes políticas de conservação e gestão territorial sobre os moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, localizada no sudoeste do estado do Acre, Amazônia brasileira. A partir de mudanças na legislação (criação do SNUC e do ICMBio), a promoção do desenvolvimento social e da autonomia política das populações tradicionais foi enfraquecida pela diminuição de poder das associações locais e o desmanche de órgãos de apoio (CNPq). Na ausência de políticas de desenvolvimento específicas, os moradores da Reserva Extrativista vivenciaram transformações impulsionadas por políticas universalistas (através de programas de redistribuição de renda e do assalariamento em cargos públicos recém-criados para suprir a expansão de serviços sociais básicos). Além disso, vivenciaram a criação do município de Marechal Thaumaturgo, cuja prefeitura passou a participar da política local e a regular a expansão dos serviços sociais. Ao longo dos anos 2000, serviços foram concentrados em poucas localidades e os moradores da Reserva se mudaram de suas antigas colocações para grandes comunidades nas beiras dos rios ou mesmo para a sede municipal. Ao mesmo tempo, a produção extrativista tradicional foi substituída gradativamente por práticas agropastoris voltadas para o crescente mercado local. Mais recentemente, em resposta a essa transição e à crise de gestão e das práticas tradicionais, surgem experiências e propostas alternativas, como a criação de Terras Indígenas em busca de maior autonomia e visibilidade política, a criação de um Plano de Manejo Madeireiro (promovido pelos órgãos de governo como alternativa econômica), ou a criação de redes de promoção de saberes tradicionais.

Palavras-chave: Reservas Extrativistas, Políticas Públicas, Amazônia.

NOTAS SOBRE POPULAÇÕES TRADICIONAIS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO EM CANANÉIA (VALE DO RIBEIRA, SÃO PAULO): OS

CASOS DE MANDIRA E SANTA MARIA

Homero Moro Martins. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo – PPGAS/USP; homero80@gmail.com; homero.martins@usp.br

O trabalho tem por objetivo contribuir para a discussão sobre a relação entre populações

tradicionais e unidades de conservação incidentes sobre seus territórios, com base em observações comparativas sobre dois casos, verificados no curso de uma pesquisa de doutorado em andamento, no município de Cananéia (litoral sul de São Paulo, Brasil). A partir de dados etnográficos e documentais, mas sempre em estreita correlação com a perspectiva dos moradores locais, buscamos descrever a relação entre a comunidade remanescente de quilombo do Mandira e a Reserva Extrativista do Mandira (unidade de “uso sustentável”, nos termos na legislação brasileira), de um lado; e de outro, entre a comunidade de Santa Maria (auto-identificada como “comunidade tradicional”) e o Parque Estadual Lagamar Cananéia (unidade de “proteção integral”). No âmbito da análise, buscamos considerar não apenas as diferenças suscitadas pelas duas categorias distintas de proteção ambiental das áreas observadas (associadas, respectivamente, aos paradigmas do “desenvolvimento sustentável” e do preservacionismo “puro”); antes, e principalmente, interessamos refletir sobre as transformações nas relações produtivas, territoriais e sociais correlacionadas à implementação das unidades de conservação, enquanto eventos, atrelados à lógica estatal de territorialização, mas orquestrados e significados em termos nativos (cf. Sahlins 1990). No cenário de tais transformações, incluem-se aspectos relativos à reorganização política e produtiva dos grupos; novas modalidades de diferenciação e hierarquização social e modulação de conflitos locais; assim como a permanente reelaboração dos atores sobre as leis e normas ambientais, à luz de suas práticas costumeiras, de seus direitos territoriais e de suas concepções morais sobre a natureza e a justiça.

Palavras-chave: quilombo; populações tradicionais; unidades de conservação; direitos territoriais.

“AS RESERVAS EXTRATIVISTAS MARINHAS: UMA ANÁLISE DOS AVANÇOS E ENTRAVES NA CONSOLIDAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA”

Arraial do Cabo está situado na região das baixadas litorâneas no estado do Rio de Janeiro – Brasil. A atividade de pesca artesanal nessa região é mais que centenária, estima-se que ainda existem cerca de 1.500 pescadores artesanais ou de pequena escala que atuam em diversas modalidades de pesca e tipos de embarcação. No entanto, assim como em diversas regiões do mundo, hoje a pesca em Arraial encontra-se em declínio. A maioria das espécies comercialmente valiosas estão com seus estoques colapsados, afetando assim não só a economia do município como alterando a organização social dessa comunidade. Para tentar reverter esse quadro, em 1997 foi criada a Reserva Extrativista Marinha (Resex-mar) de Arraial do Cabo. Apesar dessa intervenção o que se observa passado mais de 10 anos de sua criação é que essa Unidade de Conservação pouco contribuiu para a manutenção da pesca artesanal e, em alguns aspectos serviu para acirrar conflitos, principalmente aqueles de ordem institucional. Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas ao longo dos últimos anos no que tange os aspectos sociais da pesca artesanal em Arraial do Cabo, enfocando ainda os impactos causados pelas mudanças institucionais, principalmente a partir da criação da Resex-Mar. Resultados preliminares demonstram que embora a pesca artesanal esteja enraizada na cultura local, o que se verifica é de um lado pescadores orgulhosos de sua atividade e por outro lado pescadores que permanecem na pesca por falta de opção de outra atividade remunerada, além do pouco interesse entre os jovens filhos de pescadores em permanecer na atividade. Já no que tange os aspectos institucionais, as associações de pescadores acirraram a cultura assistencialista, principalmente após o início do pagamento da compensação social devido a presença de plataformas de petróleo que se instalaram no porto do município a partir de 2007.

Palavras-chave: pesca artesanal, Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo.

EL CERRO DE LOS BURROS Y SU ENTORNO, DE ACCIONES DE PROTECCIÓN PARTICIPATIVA A UN ÁREA PROTEGIDA?

Laura Brum Bulanti. CURE-Udelar; lbrum@cure.edu.uy

Esta ponencia reflexiona sobre el proceso de conservación y valoración de un área arqueológica y natural localizada en la costa del departamento de Maldonado (Uruguay), próximo a la ciudad de Piriápolis. Durante más de una década, el trabajo de agrupaciones vecinales de la zona, que conjugaron la participación de profesionales, académicos, artistas, entre otros, ha materializado en acciones concretas de protección y conservación de un territorio apreciado por sus valores arqueológicos y naturales. En una sucesión de hitos, desde la declaración de interés departamental, llegando a

patrimonio nacional y la reciente solicitud de ingreso al Sistema Nacional de Áreas Protegidas, el Cerro de los Burros ha pasado de ser un área protegida por los vecinos, para convertirse en un área protegida, además, por diferentes institucionalidades del estado departamental y nacional. La posibilidad de ingreso al SNAP abre nuevas posibilidades y grandes desafíos a una comunidad que vive las tensiones y conflictos de un modelo de desarrollo orientado al turismo estacional y el crecimiento inmobiliario, contrapuesto al proyecto de conservación de espacios naturales, ecoturismo, y vida en armonía con el entorno que sostienen los promotores del área protegida. Temas como la valoración y especulación del territorio costero, nuevas normativas –entre ellas los instrumentos de ordenamiento territorial y mecanismos de participación ciudadana, el tercer nivel de gobierno, la complejidad de competencias administrativas y el parcelamiento de lo natural y lo cultural, los diferentes ritmos, escalas y temporalidades que se conjugan en este proceso serán analizados a la luz de este caso.

Palabras clave: sociedad civil organizada- turismo– costa – naturaleza /cultura.

LOS PESCADORES TRADICIONALES DE LAGUNA GRANDE Y SU FUNDAMENTO SOCIOCULTURAL PARA LA CREACIÓN DE LA RESERVA NACIONAL DE PARACAS

Renato Jesús Morales Carpio. Universidade Federal do Rio Grande-Brasil;
renatojesus.mc@gmail.com

Maria Elena Yanarico Mamani. Universidade Federal do Rio Grande-Brasil;
mariaelena.ym@gmail.com

Lúcia de Fatima Socoowski de Anello. Universidade Federal do Rio Grande-Brasil;
luciaanello@hotmail.com

Las áreas naturales protegidas es la estrategia dominante de conservación de la diversidad biológica en los países de América Latina y el Caribe, la Reserva Nacional de Paracas fue establecida en 1975 y es considerada como la primera área marino-costera del Perú. En toda el área protegida ancestralmente ha existido la pesca de mariscos y peces, actualmente en la zona sur del espacio protegido los pescadores tradicionales de Laguna Grande aprovechan los recursos pesqueros como parte de su modo de vida y en armonía con su ambiente natural marino costero. El objetivo de este trabajo es identificar a los pescadores de Laguna Grande como una población tradicional cuya existencia es anterior al establecimiento legal de la Reserva Nacional de Paracas, realizándose una investigación cualitativa con entrevistas y bibliográfica a la vez, estableciéndose que la pesca artesanal es el fundamento social y cultural del área natural protegida que tiene una antigüedad de 9,000 años en la zona costera sur peruana, que continúa realizándose desde el siglo XVII y siglo XVIII por los antepasados y ascendientes respectivamente de los pescadores tradicionales de Laguna Grande,

garantizando su reproducción social, económica y cultural.

Palabras claves: Población tradicional, reproducción social, área protegida.

Sesión 2: Desarrollo, extractivismo y Areas Naturales Protegidas

DESARROLLOS QUE DESPOJAN Y DESPOJOS QUE DESARROLLAN: PROCESOS DE TERRITORIALIZACIÓN Y ETNICIDAD EN PUERTO PATRIADA, EL HOYO (CHUBUT, ARGENTINA)

Carolina Crespo. CONICET-INAPL-UBA; carolcres@hotmail.com

En los años 1960, la región de Puerto Patriada en la localidad de El Hoyo, noroeste de la provincia de Chubut (Patagonia Argentina) fue constituida como “reserva forestal” y se promovió en ella una política de desarrollo basada en la sustitución de especies nativas por forestación de foráneas de rápido crecimiento. Para ello, se otorgó la concesión de 1000 ha de bosque nativo a un aserradero privado denominado: Sociedad Anónima Forestal Epuyén (SAFE). Tanto la reforestación como el plan de protección ambiental proyectado por la reserva, junto con otra serie de disposiciones implementadas, conformaron una política de “desposesión territorial” y afectó a muchos pobladores de la zona en diversos sentidos. En este trabajo, me interesa analizar, a través de una perspectiva etnográfica que incluye la lectura crítica de documentos oficiales históricos y actuales, este proceso de territorialización impulsado en esta región, con un doble propósito. Por un lado, con el objeto de mostrar las implicancias que tuvo en aquel entonces e incluso luego de su desaparición, la instalación de estas políticas de desarrollo y, en especial de esta empresa en el paisaje, en las ocupaciones del espacio territorial, en las relaciones sociales entabladas en la zona, en la vida cotidiana y en la constitución de subjetividades políticas indígenas en épocas más recientes; pues en el año 2010, dos comunidades mapuches se organizan y deciden recuperar su territorio en esta región denunciando los avasallamientos vividos por estas políticas. Por otro lado, con la intención de documentar cómo se expresaban a través de las experiencias y relaciones vividas en torno a esta empresa forestal, modalidades de relacionamiento y vivencias vinculadas con procesos militares que suelen ser poco reconocidos en el sentido común como parte de experiencias vividas en la Patagonia Argentina.

“DONDE TODO ES MARRÓN, PRESERVAR UNA ZONA VERDE”. ÁREAS

DE PROTECCIÓN AMBIENTAL EN CONTEXTOS URBANOS, EL CASO DE LA CUENCA MATANZA RIACHUELO (PROVINCIA DE BUENOS AIRES, ARGENTINA)

Dra. Mariana A. Schmidt

IIGG-FSoc-UBA / CONICET

marianaaschmidt@yahoo.com.ar

La declaración de áreas protegidas en Argentina ha estado ligada desde sus orígenes a la conservación de espacios naturales escasamente afectados y/o impactados por la actividad humana, con el objetivo de preservar sus cualidades paisajísticas, monumentales y/o de biodiversidad. En tiempos recientes, se ha dado inicio a un movimiento tendiente a la toma en consideración de los habitantes que históricamente han pertenecido a los territorios que se declaran protegidos (en particular, población indígena y/o campesina) y se ha avanzado en experiencias de co-manejo, incorporando - de modo más o menos incipiente- a las poblaciones locales en la gestión y decisión del manejo de sus propios territorios. Más aún, ha comenzado a demandarse y promoverse la creación de áreas protegidas en territorios densamente urbanizados, con el fin de contribuir tanto al resguardo de ecosistemas nativos remanentes en áreas urbanas y periurbanas (humedales, áreas de riberas, ríos y arroyos, etc.) como a la protección de sitios de importancia histórica, arqueológica y/o cultural.

En esta ponencia, a partir de entrevistas en profundidad y del análisis de informes producidos por organismos estatales y organizaciones locales, legislación y otras fuentes documentales, proponemos un abordaje exploratorio en torno a la implementación y gestión de reservas naturales urbanas en el área metropolitana de Buenos Aires. De modo específico, nos detenemos en el análisis de los desafíos y potencialidades que presentan las áreas de protección ambiental existentes en un territorio altamente densificado y estrechamente ligado a una historia de contaminación y degradación ambiental, como es la Cuenca Matanza Riachuelo.

Palabras clave: Reservas naturales urbanas, política ambiental, organizaciones locales, Cuenca Matanza-Riachuelo, Argentina.

**“CONFLICTO AMBIENTAL EN QUEBRADA DE HUMAHUACA: PATRIMONIO NATURAL Y CULTURAL DE LA HUMANIDAD, AGROGANADERÍA TRADICIONAL, TURISMO Y... ¿MINERÍA UNRANÍFERA?”
PROVINCIA DE JUJUY, ARGENTINA (2007-2014)**

Elisa Lacko. Lic. en Turismo, UNSAL; Prof. Ccs. Antropológicas, Facultad de Filosofía

y Letras, Universidad de Buenos Aires; Maestranda en Políticas Ambientales y Territoriales, Facultad de Filosofía y Letras, UBA; elisalacko@hotmail.com

En esta ponencia nos proponemos, mediante un análisis de caso vinculado al proyecto del emplazamiento de una mina de uranio a cielo abierto dentro del área de Quebrada de Humahuaca declarada “patrimonio cultural y natural de la humanidad” por la UNESCO en la provincia de Jujuy en el año 2003; poder dar cuenta tanto de la complejidad de este tipo de conflictos ambientales, cómo se originan y desarrollan; así como caracterizar a estos movimientos de acción colectiva que surgen y se reorganizan en torno a la lucha por la apropiación, valoración, uso y defensa de los recursos naturales. Destacamos la importancia de analizar estos conflictos procesualmente considerando central el abordaje interdisciplinario, el rol del Estado en la planificación y el ordenamiento territorial partiendo de los procesos basados “en lugar” desde perspectivas que tengan en cuenta la multiescalaridad de los procesos globales.

Los motivos principales de este tipo de conflictos muestran claramente que la tensión se encuentra en las relaciones entre las valoraciones de la sociedad y el medio ambiente y, lo que se pone básicamente en juego es el tipo de desarrollo local de las poblaciones, dado que éstas temen perder el manejo, control y uso de los recursos naturales (Reboratti, 1999; Castro Salvador, 2013) dentro de las complejas tramas de poder en las que están insertas (Merlinsky, 2013).

Palabras Clave: Conflicto ambiental- multiescalidad- análisis procesual- Estado- modelos de desarrollo.

CERCAMENTOS AMBIENTAIS: MODOS DE USO DOS RECURSOS NATURAIS E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO ESTADO DO PARANÁ

Ana Carolina Rocha. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina; anacarol_rocha@yahoo.com.br

A criação e implementação de reservas de proteção ambiental têm gerado conflitos sociais em diversos locais do mundo. Este trabalho discute a emergência destes conflitos na comunidade quilombola de Batuva, litoral do Paraná, Brasil, em decorrência da criação e implementação da APA de Guaraqueçaba e da legislação subsequente, que proibiu o acesso a recursos florestais que tradicionalmente a comunidade explorava para sua sobrevivência. Para tanto, foram realizados estudos etnográficos na comunidade de Batuva sobre suas formas de uso dos recursos e modos de vida, demonstrando como seus moradores *habitam* Batuva, como e vivenciam os

conflitos que se instauraram a partir da instalação da APA. Assim, o estudo argumenta que a criação desta APA, congregada a uma rígida legislação ambiental, configurou-se em um cercamento ambiental, conceito que desenvolvo a partir de Thompson (1987, 1998), e sua discussão sobre os conflitos gerados pela instalação dos cercamentos (enclosure) na Inglaterra do século XVIII. Demonstro que, em Guaraqueçaba, os cercamentos ambientais se estabeleceram a partir da década de 1980, quando tem início o processo de criação e implementação unidades de conservação na região e a aplicação de uma rigorosa legislação ambiental. As áreas convertidas em reservas passam a ficar sobre tutela e controle do estado, que passa a proibir e criminalizar o uso e acesso a essas áreas e aos recursos naturais, desencadeando graves conflitos socioambientais com as populações locais, que sempre fizeram uso dos recursos florestais para manutenção de suas subsistências e práticas culturais.

Palavras-chave: Cercamentos ambientais; Conflitos sociais, APA de Guaraqueçaba, Batuva.

CONCEPÇÕES DE CONSERVAÇÃO E MANEJO AMBIENTAL: O PROGRAMA PETROBRAS AMBIENTAL NA COMUNIDADE TRADICIONAL DE FAXINAL MELEIRO, PARANÁ.

Taisa Lewitzki, estudante de graduação em antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, Brasil;
taisa.lewitzki@aluno.unila.edu.br

Antonio de la Peña Garcia., doutor em antropologia pela University of Florida; professor adjunto do curso de antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, Brasil;
antonio.delapena@unila.edu.br

A recente emergência étnica de povos e comunidades tradicionais no Brasil tem visibilizado as comunidades tradicionais de faxinais no Paraná como um espaço estratégico para conservação do Bioma Mata Atlântica, especificamente a Floresta de Araucária. As comunidades de faxinais se caracterizam por a designação de áreas de uso comum para a criação de animais, acompanhadas de acordos comunitários para o manejo integrado dos recursos naturais de baixo impacto ambiental.

Desde a abordagem etnográfica, o presente trabalho analisa a execução do Projeto Faxinais, uma intervenção do Programa Petrobras Ambiental, realizado na comunidade tradicional de faxinal Meleiro, nas proximidades da cidade de Curitiba, Paraná. O objetivo é identificar as diferentes concepções de conservação e manejo ambiental dos atores envolvidos na execução do projeto.

As comunidades faxinalenses têm se convertido em atores centrais no crescente antagonismo gerado pelas políticas regionais, nacionais e globais de reorganização de espaços e territórios. Por um lado, estas políticas fomentam mercados que impulsionam o desenvolvimento econômico, por outro, contribuem à proliferação de projetos de fomento a práticas de conservação ambiental, como forma de reserva de recursos naturais e proteção da biodiversidade. Os resultados do estudo mostram uma divergência de ideias sobre o que constitui conservar recursos naturais e as formas de levar adiante dita tarefa. Igualmente, as formas em que atores externos elaboram estratégias de conservação ambiental, suas concepções da comunidade e os processos locais de negociação e resistência oferecem novas formas de entender as contradições de estratégias contemporâneas de conservação e desenvolvimento a nível local e global.

Palavras chaves: comunidades tradicionais de faxinais, conservação ambiental, manejo ambiental, projetos ambientais, percepções de conservação ambiental.

Sesión 3: Gobierno, Turismo, placer y nativos ecologicos en Areas Naturales Protegidas. Turismo y placer

EL DESARROLLO DEL TURISMO EN LA RESERVA NACIONAL DE PARACAS Y SU COMPATIBILIDAD CON LAS ACTIVIDADES TRADICIONALES DE LOS PESCADORES DE LAGUNA GRANDE

Maria Elena Yanarico Mamani,

Renato Jesús Morales Carpio,

Lúcia de Fatima Socoowski de Anello

Las políticas de turismo sobre el aprovechamiento del recurso natural paisaje en las áreas naturales protegidas involucran directa e indirectamente diversos actores de la sociedad y el Estado para el desarrollo de actividades turísticas, la cuales se ha convertido en una estrategia de conservación de la biodiversidad de las áreas protegidas, a su vez una de las estrategias de conservación de las áreas marino-costeras está referida al mejoramiento de la calidad de vida de los usuarios primarios de los recursos pesqueros como los pescadores artesanales. Asimismo el desarrollo del turismo es parte del sistema económico de mercado que contribuye con la depredación de la biodiversidad, desplazamiento de otras actividades sostenibles y la competencia con el desarrollo de otras actividades económicas, además de los impactos negativos en

poblaciones tradicionales. En este contexto en el presente trabajo se ha realizado una investigación bibliográfica e investigación cualitativa que ha permitido identificar las divergencias en las políticas de turismo que se implementan en el ámbito de las áreas marino-costeras del Perú y su implementación en favor del desarrollo de las poblaciones tradicionales pesqueras y el mantenimiento de su cultura y conocimiento ancestral.

Palabras claves: Políticas, Turismo, Conservación, Poblaciones Tradicionales.

“CUANDO EL TURISMO MANDA. GUARDAPARQUES ENFRENTADOS A LA ALIANZA ENTRE GUARANÍES Y EMPRESAS FORESTALES EN EL NORTE ARGENTINO”

Brián G. Ferrero. CONICET. CITER.

Carolina P. Gómez –CONICET Universidad Nacional de Misiones.

Albana N. Franco. Universidad Nacional de Misiones.

Una de las características de las políticas de conservación implementadas a nivel global durante las últimas décadas es su permanente transformación. Por ejemplo se observa el paso de modelos que promueven la conservación estricta de áreas con poca intervención antrópica, a otros que promueven certificación forestal, modelos REDD, Conservación de Base Comunitaria, etc. En este artículo analizamos el creciente peso que a partir de la década de 2010, tiene el sector turístico en las políticas de conservación de la naturaleza, en el manejo de Áreas Naturales Protegidas, y en particular en la dinámica de las poblaciones locales que viven en torno a estas Áreas. El tema que aquí abordamos, apareja preguntas por la forma en que las comunidades locales se integran a las Áreas Protegidas, ¿el turismo rompe con la oposición entre conservación y desarrollo que en general ha tenido consecuencias negativas para las Areas Protegidas? ¿las Areas Protegidas deben adaptarse a las necesidades del turismo? ¿es el turismo una solución para los problemas económicos de las Areas Protegidas?, ¿de qué manera las comunidades locales deben participar o adaptarse a las transformaciones económicas, políticas y territoriales que apareja la expansión del turismo? ¿estas comunidades deben ser impulsadas por el Estado, por ejemplo recibiendo incentivos, para participar de los beneficios que puede aparejar la afluencia turística?

Para abordar este tema, tomamos el caso de la expansión del turismo en el norte de la provincia de Misiones, y las adaptaciones, negociaciones, y enfrentamientos que esto genera en comunidades guaraníes de la región. El sector turístico es suficientemente complejo, como para generar procesos unívocos y homogéneos, aún en una misma área geográfica. Podemos observar la complejidad de este fenómeno considerando el caso del Parque Nacional Iguazú, en torno al cual se está produciendo una fuerte política de impulso al turismo, teniéndose por meta para 2013 superar los dos millones de visitas; vale señalar que es uno de los Parques Nacionales con mayor afluencia de turistas en el mundo, y es el que más visitas recibe en América Latina. En el límite oeste del Parque habitan dos comunidades mbya-guaraní que pretenden aprovechar la afluencia de turismo, y que están experimentando profundas transformaciones.

A (IN)VISIBILIDADE DAS POPULAÇÕES LOCAIS E AS ATIVIDADES DE LAZER NA NATUREZA

Patrícia Melo Farias – UFPR

Luís Eduardo Cunha Thomassim – UFPR; luiseduthom@gmail.com

Nas últimas três décadas temos nos deparado com um impressionante aumento das atividades de lazer realizadas na natureza, em espaços de preservação ambiental. Atentos ao crescimento desse fenômeno, pesquisadores de diferentes áreas passaram a dirigir seus olhares para a análise dessa questão. Por outro lado, considerando que as análises dessas práticas não devem estar isoladas do contexto em que elas são realizadas, esta pesquisa volta a sua atenção para a relação entre sujeitos que privilegiam as atividades em ambientes naturais e as populações que residem nos locais onde tais práticas são efetivadas. O objetivo é compreender qual tem sido a visibilidade dos moradores das regiões onde as atividades de lazer na natureza são vivenciadas perante os visitantes. Buscando também identificar como se relacionam e se organizam as populações que residem em destinos explorados por esta prática, o trabalho reflete sobre dados de dois contextos empíricos diversos: o primeiro situado no litoral sul do Brasil e o outro litoral nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Lazer; área de preservação ambiental; Populações Locais.

Gobierno, Turismo, placer y nativos ecologicos en Areas Naturales Protegidas.
Gobierno y poder

THE GOVERNANCE OF PROTECTED AREAS. (RE)VALUING, PROTECTING, CONSERVING AND PRODUCING IN LOS ESTEROS DEL IBERA, ARGENTINA

Nienke Busscher. (PhD Student . Faculty of Spatial Sciences University of Groningen / Groningen / The Netherlands); n.a.busscher@rug.nl

In this paper we analyze the contemporary governance of protected areas. We do so by using the concept governance-beyond-the-state introduced by Erik Swyngedouw. Governance-beyond-the-state digs deeper into the roles different actors play in articulating their interests and responsibilities within certain decision-making spaces and how this slowly takes over tasks and responsibilities of the government. To analyze these tendencies, we zoom in on a protected area as these areas have been part of a contradictory trajectory when it comes to conservation and decision-making processes. Our case study is ‘Los Esteros del Iberá’, which is located in the north-east of Argentina. Los Esteros del Iberá form a unique ecosystem, not only because of the large sweet water reserves located in the area but also because of its biodiversity, fertile soil and vast landscapes. These, and other, elements have attracted different investments in land which, in turn, have reorganized civil society, the state and market interactions. We specifically focus on how the investments in land for conservation and timber plantations, and the certification of the latter, have enhanced processes in revaluing, reorganizing, conserving and producing within this space and how different discourses on sustainability and development are articulated in this area. Our research finding are based on qualitative research in the province of Corrientes by using a political ecology approach. This paper presents a combined social, ecological and economic perspective while trying to understand the processes that feed the transition within these dynamics. Our case study findings show that because of a current deficiency of the state, substitutes for government responsibilities arise wherein the market partners get the upper hand to steer conservation goals within protected areas.

Key words: Governance-beyond-the-state, Land acquisitions, timber plantations, Los Esteros del Iberá, socio-ecological change.

EL “NATIVO ECOLÓGICO” COMO PERFORMANCE. REFLEXIONES A PARTIR DE LOS CASOS DE LA RESERVA PROVINCIAL PIZARRO Y EL PARQUE NACIONAL NAHUEL HUAPI

Sebastián Careño. UNQ/CONICET

sebastian.carenzo@gmail.com

Los modelos contemporáneos de manejo de áreas protegidas se caracterizan por valorizar atributos de estos espacios que van más allá de lo estrictamente biológico y ecosistémico, integrando a las poblaciones locales mediante modelos de “gestión compartida” o “co-manejo”. Estos procesos se enmarcan dentro de transformaciones más amplias ligadas a la construcción de modelos de gobernanza global de la naturaleza en los que la conservación de la biodiversidad pasa a considerarse como una tarea interdependiente de la preservación de la diversidad cultural presente en estas áreas. En este marco, en la presente ponencia analizamos, a partir de un abordaje etnográfico, los casos de la Reserva Provincial Pizarro (provincia de Salta) y del Parque Nacional Nahuel Huapi (provincias de Neuquén y Río Negro) en Argentina, para reflexionar acerca del esencialismo inherente a este tipo de “alianzas estratégicas” de conservación. Los casos analizados muestran que este tipo de proyectos implican una construcción estereotipada que inscribe el proceso de construcción política del sujeto indígena (inherente a todo proceso participativo) y el reconocimiento (o no reconocimiento) de sus derechos en un registro esencializante y dicotómico: construyéndolos como “buenos salvajes ecológicos” o como “indios aculturados”. En este sentido, sostenemos que la participación de los pueblos indígenas en la gestión de estas áreas se realiza a costa de cristalizar una concepción estática y espacialmente acotada de la relación entre biodiversidad, territorio, identidad cultural y derechos que invisibiliza los efectos de relaciones de desigualdad y subordinación derivados de procesos de relacionamiento interétnico localmente situados.

Palabras clave: Pueblos Indígenas – Áreas Protegidas – Conservación – Manejo Participativo – Esencialismo Verde.

PUEBLOS INDÍGENAS Y ESTADO EN TORNO A LA CONSERVACIÓN DE LA NATURALEZA: LA COMUNIDAD POTAE NAPOCNA NAVOGOH Y EL PARQUE NACIONAL RÍO PILCOMAYO (FORMOSA, ARGENTINA)

Valeria Iñigo Carrera. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires – CONICET; valsic@yahoo.com

En los últimos años, los qom de Potae Napocna Navogoh (noreste de la provincia de Formosa) han desplegado una serie de acciones de movilización y demanda colectiva – de gran visibilidad a nivel provincial e incluso nacional- en torno a, entre otros reclamos, el acceso, uso, posesión y propiedad de los recursos de la naturaleza

comprendidos en el territorio ocupado o reclamado. En el marco de estos procesos de lucha, y con motivo de un conflicto de límites entre las tierras de la comunidad y las del parque nacional lindero, en el mes de mayo del año 2007 se llevó a cabo una reunión entre los qom, funcionarios de la Administración Nacional de Parques Nacionales, del Parque Nacional Río Pilcomayo y de la Dirección de Pueblos Originarios y Recursos Naturales de la Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sustentable de la Nación. A partir de una aproximación de carácter etnográfico, el objetivo de este trabajo es explorar las maneras en que los pueblos indígenas son producidos por el Estado, prestando particular atención a la producción de una subjetividad indígena esencialmente diferencial y a su expresión paradigmática en la relación –de conservación- con la naturaleza.

Palabras claves: Pueblos indígenas, Estado, territorio, conservación, Formosa.

DINÁMICAS SOCIOINSTITUCIONALES Y PERSPECTIVAS PARA EL FORTALECIMIENTO DE CAPACIDADES EN TORNO A LA PESCA ARTESANAL DEL ÁREA PROTEGIDA LAGUNA DE ROCHA (ROCHA, URUGUAY)

Mag. Ximena Lagos. Centro Interdisciplinario para el Manejo Costero Integrado del Cono Sur (MCISur), Centro Universitario de la Región Este, Universidad de La Republica.

Dra. Estela Delgado. Centro Interdisciplinario para el Manejo Costero Integrado del Cono Sur (MCISur), Centro Universitario de la Región Este, Universidad de La Republica.

Dr. Juan Martin Dabezies. Polo de Desarrollo Universitario Biodiversidad, Ambiente y Sociedad. Centro Universitario de la Región Este, Universidad de La Republica.

Lic. Ricardo Cetrúlo. Centro Interdisciplinario para el Manejo Costero Integrado del Cono Sur (MCISur), Centro Universitario de la Región Este, Universidad de La Republica;

xialami@gmail.com

Este trabajo se enmarca en el desarrollo de una tesis de maestría en Manejo Costero Integrado, que analizó las trayectorias y dinámicas socioinstitucionales y la red de actores del Área Protegida Laguna de Rocha vinculándolos a la comunidad de pescadores artesanales asentada en la laguna y el fortalecimiento de capacidades para el desarrollo de herramientas gestión para el sector. La investigación realizada mostró que la institucionalización ambiental de Laguna de Rocha, fue promovida por un proceso de innovación socioinstitucional que permitió su conformación como área protegida y la consolidación de una red de actores y vínculos robustecidos para su gestión. En este sentido, el sistema de manejo asociado al área protegida y sus estructuras de

participación existente tal como la Comisión Asesora Especifica, junto a los vínculos de alta intensidad presentes entre los actores más relevantes del área y la capitalización de los aprendizajes de 20 años de experiencia de trabajo conjunto, permitieron visualizar las bases para promover herramientas de manejo integrado. Las mayores limitantes para promover una gestión integrada de la pesca artesanal, se encuentran en la falta de voluntad para políticas públicas de corto y largo plazo, la debilidad de los mecanismos de comunicación entre los actores y el desconocimiento de cómo abordar de ciertos instrumentos concretos de gestión. En base a este análisis se realizaron recomendaciones para una estrategia integral de fortalecimiento de capacidades socioinstitucionales, enfocándose en herramientas socioproductivas que permitan el bienestar de la comunidad de pescadores artesanales y su medioambiente.

Palabras claves: Pesca artesanal, capacidades, red de actores, vínculos socioinstitucionales, manejo integrado de pesquerías artesanales.

**POR UMA ANALÍTICA DO PODER NAS "ÁREAS PROTEGIDAS".
ALGUMAS PROPOSTAS A PARTIR DO ESTUDO DO PARC NATIONAL DES
CÉVENNES (FRANÇA) E DO REFÚGIO DE VIDA SILVESTRE DO MORRO
SÃO PEDRO (BRASIL/RS)**

Joachim Carreira. Doutorando na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e vinculado no Laboratoire d'Anthropologie Sociale (LAS) – Paris; joachim.carreira@laposte.net

Os trabalhos em Ciências Sociais relativos às "áreas protegidas" oscilam geralmente entre duas grandes tendências metodológicas : a de uma abordagem "populista", que esforçando-se para desvendar os mecanismos de dominação sofridos por um grupo social, muitas vezes negligencia a especificidade e a multiplicidade das relações de poder ; e a de uma abordagem "institucionalcentrada", que sob pretexto de um pragmatismo maior, formula o seus problemas a partir de uma linguagem administrativa e, assim, impossibilita o acesso a uma grade de inteligibilidade autóctone.

A partir de duas experiências de campo realizadas, uma na França (Parc national des Cévennes) e outra no Brasil (Refugio de vida silvestre do Morro São Pedro/RS), proponho nesta apresentação discutir algumas propostas a favor de uma analítica do poder liberada de tal alternativa. Por isso, baseio-me na obra de Michel Foucault, cujo repertório conceitual parece poder ser aqui mobilizado com relevância, à condição de ensaiá-lo por meio de um trabalho etnográfico de longo prazo. Em primeiro lugar, mostro que qualquer "área protegida" pode ser considerada basicamente como a constituição de um novo território jurídico-disciplinar que altera as relações de poder locais pré-existentes, enquanto aspira a uma normalização geral das atividades que lá ocorrem. Em segundo lugar, mostro como o conceito de "governamentalidade" oferece perspectivas interessantes para abordar criticamente a injunção "participativa" que se

exercita atualmente sobre estes territórios.

Palabras claves : áreas protegidas, Foucault, territorio, governamentalidade, etnografia.

Sesión 4: Universidad, ciencia y conocimiento en Areas Naturales Protegidas

TRADUCCIÓN DE SABERES. ACERCA DEL LUGAR DE LA ANTHROPOLOGÍA EN UN PROCESO INTERDISCIPLINARIO DE FORMACIÓN, PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO Y EXTENSIÓN SOBRE RELACIONES SOCIEDAD-NATURALEZA

Carlos Santos: Facultad de Ciencias Sociales & Servicio Central de Extensión y Actividades en el Medio, Universidad de la República;
carlos.santos@cienciassociales.edu.uy

Magdalena Chouhy: Maestranda en Antropología de la Cuenca del Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República.

Lucía Bergós. Unidad de Enseñanza, Facultad de Ciencias, Universidad de la República.

Andrea Garay: Departamento de Biometría, Estadística y Computación, Facultad de Agronomía, Universidad de la República.

Lucía Gaucher. Maestranda en Ciencias Biológicas, Facultad de Ciencias, Universidad de la República.

Florencia Grattarola. Genética de la Conservación, Instituto de Investigaciones Básicas Clemente Estable.

Gabriel Perazza: Facultad de Ingeniería, Universidad de la República.

¿Cuál es el lugar de la antropología en procesos formativos interdisciplinarios sobre cuestiones ambientales? Esta ponencia expone algunas reflexiones a partir de un proceso de trabajo interdisciplinario que desde 2013 lleva adelante un equipo de la Universidad de la República conformado por biólogos y antropólogos en un área protegida ubicada en la frontera con Brasil.

En el momento de conformación del equipo, la antropología fue convocada con la finalidad de validar los conocimientos ambientales locales en un proceso de monitoreo participativo de fauna. La construcción de un abordaje interdisciplinario y el diseño de una propuesta de trabajo de campo de orientación etnográfica derivó la reconfiguración de ese objetivo inicial hacia una interrogante por las relaciones sociedad-naturaleza en el entorno de esta área protegida y la manera en que el conocimiento local podía potenciar las iniciativas de conservación que allí tienen lugar.

El área en que tiene lugar la experiencia –Paso Centurión, Departamento de Cerro Largo- es reserva ecológica departamental y un área propuesta para ingresar al Sistema Nacional de Áreas Protegidas. Su interés para la conservación radica en su alta biodiversidad y la presencia de especies únicas en el país, varias de las cuales se encuentran amenazadas. Asimismo la zona está siendo objeto de presión de grandes emprendimientos productivos, todo lo cual torna clave a la participación local en la toma de decisiones sobre procesos que afecten su territorio. Así, la colaboración entre saberes universitarios y locales busca colocar a la población en un lugar activo en dichos procesos.

Palabras clave: diálogo de saberes, áreas protegidas, interdisciplina, participación.

REFLEXIONES SOBRE EL SECTOR CIENTÍFICO/TÉCNICO EN LA RESERVA DE BIOSFERA DELTA DEL PARANÁ

Muriel Papalia Prof. en Cs. Antropológicas. Becaria de maestría UBA. ICA, FFyL UBA; mpapalia1@gmail.com

-

Las “reservas de biósfera” constituyen un modelo global de conservación pionero en propiciar la valorización de la diversidad cultural, fomento de la participación de los actores locales en su gestión cotidiana y el desarrollo económico sustentable de las “comunidades locales”. Sin embargo, estos procesos de “desarrollo sustentable” abren una serie de dilemas para quienes realizan actividades productivas dentro de este tipo de área protegida. Asimismo, el sector científico/técnico se constituye como un actor político relevante en la orientación y mediación de estos procesos. En este marco, el análisis de la presente ponencia focaliza en la experiencia de trabajo de académicos vinculados al Grupo de Investigación en Ecología de los Humedales-UBA, relacionados a su vez con proyectos de extensión de la facultad de Ciencias Exactas en la Reserva de Biósfera Delta del Paraná. Este grupo ha tenido un rol central en la conformación del área aportando no sólo el conocimiento específico en relación al “humedal” sino como impulsor de política pública a partir de su participación en el Comité de Gestión. Sus esfuerzo por promover formas de producción sustentable entre “pequeños productores” del área como así también transferir conocimiento relativo al funcionamiento del sistema de humedales excede cuestiones que puedan ser abordadas como meras adecuaciones técnicas, ya que la definición de criterios de “sustentabilidad ambiental” puede ser entendido como un proceso político que redefine tanto los modelos de vinculación entre los actores en el territorio, como las prácticas productivas que estos

desarrollan.

Palabras clave: Reserva de biósfera Delta del Paraná- sustentabilidad ambiental- científicos/técnicos-producción-educación ambiental.

**UNIVERSIDAD PARA EL DESARROLLO Y ÁREAS PROTEGIDAS:
REFLEXIONES DESDE LA PRAXIS EN EL PAISAJE PROTEGIDO VALLE
DEL LUNAREJO (RIVERA, URUGUAY)**

César Justo. Licenciado en Recursos Naturales, Centro Universitario de Rivera,
Universidad de la República; cesarjusto16@gmail.com

Ana Clara Bouzas. Estudiante de la Licenciatura en Recursos Naturales, Centro
Universitario de Rivera, Universidad de la República.

Sebastián Güida. Estudiante de la Licenciatura en Recursos Naturales, Centro
Universitario de Rivera, Universidad de la República.

Analía Mosqueira. Estudiante de la Licenciatura en Recursos Naturales, Centro
Universitario de Rivera, Universidad de la República.

Bernardo Zabaleta. Estudiante de la Licenciatura en Recursos Naturales, Centro
Universitario de Rivera, Universidad de la República.

Amílcar Davyt. Profesor Adjunto de Ciencia y Desarrollo, Facultad de Ciencias,
Universidad de la República; amilcardavyt@gmail.com

Diversos autores consideran a las áreas protegidas como estrategias fundamentales para la conservación de la biodiversidad; se ha señalado, también, que ellas podrían ser herramientas para el desarrollo local de las comunidades que en ellas se encuentran. Entre ellas, los paisajes protegidos son espacios donde las actividades humanas ya se encuentran establecidas, con fuerte impronta local, por lo que se convierten en complejos sistemas donde se conjuga una diversidad de intereses. Lograr comprender algunas situaciones que en ellos ocurren se hace necesario, ya que así, desde experiencias en concreto, se podrá contribuir a mejorar el cumplimiento de los objetivos de las políticas públicas de áreas protegidas. Desde el año 2009, el Valle del Lunarejo (Rivera, Uruguay) ha sido incluido al Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SNAP) bajo la categoría de “Paisaje protegido”, siendo impulsado por diversas organizaciones e instituciones locales -públicas y de la sociedad civil-, en particular la Intendencia de Rivera. En el marco de la edición 2014 del curso Universidad y Desarrollo de la Licenciatura en Recursos Naturales, se propuso analizar y contextualizar algunas características e impactos de la implementación de esta área protegida de la región noreste y, en particular, el papel de los diferentes actores y sus relaciones; se buscó hacer énfasis en el análisis de los aportes concretos, reales y potenciales, de sectores de

la Universidad de la República en el proceso. Para cumplir estos objetivos, se realizaron entrevistas semiestructuradas a diversos actores que poseen vínculos directos e indirectos con el área (pobladores locales, gestores públicos, docentes universitarios). Se presentan evidencias de relevantes aportes del involucramiento universitario a la mejora de las relaciones entre actores y al impulso a las necesarias transformaciones en este paisaje protegido.

Palabras clave: Paisajes protegidos, comunidades locales, Universidad, desarrollo local, Uruguay.

PRÁCTICAS RELIGIOSAS EN ÁREAS NATURALES PROTEGIDAS: EL CASO DEL PARQUE ESTADUAL DOS TRÊS PICOS, CACHOEIRAS DE MACACU (RJ), BRASIL

Lucía Copelotti (PPGA/UFF); luciacopelotti@gmail.com

La presente ponencia pretende explorar las controversias respecto al uso de sectores del *Parque Estadual dos Três Picos* (PETP) - Unidad de Conservación de Protección Integral situada en la localidad de Cachoeiras de Macacu (RJ), Brasil - para la realización de ofrendas y de rituales de las religiones de matriz afro-brasileña. Para tanto, tomo como referente empírico el proceso de creación del Grupo de Trabajo (GT) *Florestas Sagradas*, en el ámbito del Consejo Consultivo del Parque.

El GT, conformado por religiosos, ambientalistas, biólogos y funcionarios del Parque, tiene por objetivo discutir la gestión y administración de los conflictos generados por la presencia de residuos resultantes de diferentes rituales, a partir de la propuesta de normalizar y regular las prácticas religiosas en los límites del Parque.

De esta manera, busco reflexionar sobre la relación entre los diferentes agentes que se aproximan en esta iniciativa, además de comprender las motivaciones de los mismos y sus diferentes cuestionamientos. Llevando en consideración, por un lado, los agentes del Estado y, por otro, la integración de líderes espirituales dentro del GT, la propuesta es abarcar las diferentes proposiciones de naturaleza y de conservación que entran en conflicto a través de las prácticas y de las diferentes cosmologías de uso del medio ambiente en la localidad.

Palabras - clave: religiones afro-brasileñas; conflictos ambientales; áreas protegidas.

ETNOGRAFIA E SISTEMAS DE GESTÃO DE TERRITÓRIO TRADICIONAL ENTRE OS CAIÇARAS DA JUREIA/SP

Carmen Andriolli. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ;
carmen.andriolli@gmail.com

Heber do Prado. Associação dos Jovens da Jureia-AJJ; heberzoinho@hotmail.com,

Marcos do Prado. Associação dos Jovens da Jureia-AJJ;
marcosdoprado@yahoo.com.br,

Rodrigo Ribeiro de Castro. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP;
rodrigoifch@gmail.com

Nossa proposta é apresentar uma etnografia das alianças institucionais realizadas entre associações organizadas por caiçaras da região da Jureia (SP) e universidades públicas (UNICAMP, USP e UFABC) em um contexto social marcado por políticas ambientais de criação e gestão de unidades de conservação que restringiram ou proibiram a reprodução dos meios de vida de comunidades tradicionais. A Estação Ecológica Jureia-Itatins, criada em 1986, foi consequência do fortalecimento do movimento ambientalista paulista, que conseguiu pautar o tema da proteção da natureza na grande mídia e em discussões acadêmicas. Com isso, as comunidades tradicionais visualizaram o surgimento de um aparato institucional de fiscalização às suas práticas de agricultura e pesca, além da supressão de direitos sociais básicos referentes à saúde e educação. Desde 2012, associações locais travam protocolos de pesquisa com grupos acadêmicos e realizam projetos colaborativos (*Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades no Brasil* e *Bases para um programa brasileiro de pesquisa intercultural e de fortalecimento da produção local de conhecimentos*) com o intuito dos de discutir e garantir seus direitos de permanência no território tradicional. Nestes projetos, os moradores oferecem seu conhecimento tradicional e se constituem como pesquisadores trabalhando junto com os pesquisadores acadêmicos. Isto faz parte de uma reformulação da estratégia de autodeterminação dessas populações, que passam a utilizar um instrumental retórico oficial e científico em negociações com o poder público. A discussão acerca da proteção da natureza também é reapropriada por essas populações tradicionais e por grupos de pesquisa, na medida em que ambos viram uma oportunidade de reconceituar, bem como de questionar alguns paradigmas desse debate.

Palavras-chave: unidade de conservação, autodeterminação, Jureia.

GT 34. LA REPRODUCCIÓN HUMANA LABORATORIAL: PERSONAS, EMBRIONES, GAMETOS Y BIOTECNOLOGÍAS EN AMÉRICA LATINA

Coordinadores:

Marlene Tamanini Doutor(a) - Universidade Federal do Paraná;
tamaniniufpr@gmail.com

Mariana Viera Cherro (Doctoranda-Universidad de la República);
marianaviera@yahoo.com

EL PODER DE LA ESPERA: PROCESOS Y EXPERIENCIAS EN TORNO A LOS TRATAMIENTOS MÉDICOS DE REPRODUCCIÓN BIOTECNOLÓGICA

Anahí Farji Neer (UBA/CONICET) anahifarji@hotmail.com

Yasmín Mertehikian (UBA/ UNGS-IDES)

Santiago Cunial (UBA/CONICET/UTDT)

Florencia Fontana (UBA)

María Victoria Weisbrot (UBA)

Emiliano Kolkowski (UBA)

En el presente trabajo se analizan las experiencias de la espera en personas que llevaron adelante tratamientos médicos de reproducción biotecnológica. El trabajo se enmarca en una investigación de más largo alcance sobre la experiencia de la espera y la práctica de hacer esperar, con sede en el Instituto Germani de la Universidad de Buenos Aires. Las dinámicas de la espera son concebidas como manifestaciones de relaciones de poder que pueden ser abordadas a partir de los modos en que se producen, sus efectos, y las disputas y negociaciones entre los actores implicados. Desarrollamos una estrategia de investigación cualitativa basada en la realización de entrevistas en profundidad a personas y parejas que hayan llevado adelante tratamientos médicos de reproducción biotecnológica en el Área Metropolitana de Buenos Aires. Indagamos en los motivos que llevaron a las personas a realizar los tratamientos, las particularidades que asume el proceso de la toma de decisión en torno a los mismos, la cantidad y tipo de tratamientos realizados y las expectativas y procesos emocionales puestos en juego. A partir del análisis de los relatos obtenidos, secuenciamos la temporalidad de la espera en tres momentos en relación a la realización de las intervenciones médicas: antes, durante y con posterioridad a las mismas. En función de dicha temporalidad comparamos cómo las experiencias de la espera se vinculan con aspectos institucionales, corporales, subjetivos y vinculares y las estrategias que ponen en práctica los sujetos a fin de

acortar la espera o bien hacerla *productiva*.

Palabras clave: reproducción humana-biotecnología-espera

LEGISLAR SOBRE LA VIDA: LOS SABERES EXPERTOS Y LA REGULACIÓN DE LA GESTACIÓN POR SUSTITUCIÓN EN EL PROYECTO DE LEY DE REFORMA, ACTUALIZACIÓN Y UNIFICACIÓN DE LOS CÓDIGOS CIVIL Y COMERCIAL. ARGENTINA 2012 – 2013

Guadalupe Moreno. IDAES – UNSAM (Argentina); guadalupe.moreno@gmail.com

Este trabajo analiza las respuestas legislativas que se han dado en Argentina ante el desafío de regular las técnicas de reproducción asistida. En particular, se focaliza sobre la propuesta contenida en el Artículo N° 562 del Proyecto de Ley de Reforma y Actualización de los Códigos Civil y Comercial (2012), para legislar la gestación por sustitución. El análisis sostiene que la definición de la gestación por sustitución como un tema de interés digno de atención legislativa no puede separarse del momento histórico en el cual este tópico captó la atención de los juristas. Más aun, su emergencia debe ser entendida en el contexto más amplio del avance de los discursos sobre los derechos reproductivos y la igualdad de género, los cuales han tenido gran importancia en Argentina durante los últimos años (Brown, 2004; Petracci, 2009; Libson, 2013). Al remarcado como, en el plano local, tales reclamos han estado tradicionalmente enmarcados dentro de una retórica que alude a los derechos humanos, en particular, al derecho a la salud; lo que ha traído como consecuencia una fuerte presencia del paradigma biomédico en este campo, que ha derivado en que las políticas públicas en materia de derechos reproductivos estuvieran fuertemente atravesadas por nociones como “salud”, “enfermedad” y “normalidad” (Cepeda, 2008; Torres, 2009).

Palabras clave: Saberes autorizados, gestación por sustitución, derechos reproductivos, cuerpo, biopolítica.

LA REPRODUCCIÓN HUMANA MÉDICAMENTE ASISTIDA EN LA ARGENTINA: DISPARIDAD, AVANCES, LIMITACIONES Y SILENCIOS LEGISLATIVOS

Cecilia Straw, FCS-UBA; cecilia.straw@gmail.com

El desarrollo y la aplicación de las tecnologías de reproducción humana asistida (TRHA) en la Argentina son profundos. Así lo muestran las tres décadas de trayectoria de las instituciones médicas privadas (y más recientemente públicas), los 9857 ciclos de reproducción asistida iniciados en 2011, como los 23289 niños nacidos entre 1990 y 2011 que corresponden al 20,4% de los nacimientos ocurridos en América latina (REDLARA, 2011). Frente a esta realidad tangible, los objetivos de la ponencia son describir y reflexionar sobre la legislación de las TRHA en nuestro país. Múltiples leyes, decretos y reglamentaciones a nivel nacional y provincial dejan en evidencia un panorama dispar respecto de los aspectos legislados en el que sobresalen avances y limitaciones legislativas, y donde persisten importantes vacíos legales que revelan los perfiles injustos en el derecho a gozar de los avances científicos, a la vez que riesgosos para la salud de las mujeres.

Palabras clave: Reproducción Humana Asistida; Legislación; Argentina.

ÓVULOS, SÊMENS E CERTIDÕES: MATERNIDADES LÉSBICAS E TECNOLOGIAS REPRODUTIVAS NO BRASIL

Anna Carolina Horstmann Amorim - Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. NIGS/UFSC; anna.horstmann@hotmail.com

Neste artigo estabeleço uma reflexão sobre o artesanato fino das relações de parentesco de mulheres lésbicas cissexuais que recorrem ao uso de tecnologias de reprodução assistida. Foco-me nos modos que estes casais utilizam-se das tecnologias reprodutivas para realização de seus desejos de maternidade e filiação e inserem-se em uma busca por “filhos seus”. Ou seja, filhos concebidos a rigor de uma noção biologizada de pertencimento e parentesco onde se asseguram os laços através da participação bio/genética na reprodução. Assim, debruço-me sobre as estratégias encontradas pelos casais formados por mulheres para a garantia desta dupla participação na filiação. Dois são os caminhos mais habituais para a construção do ideal da dupla participação do casal na fabricação da uma criança em laboratório. O primeiro refere-se a escolha

minuciosa do doador de sêmen. Em geral, busca-se um doador que assemelhe-se física e psicologicamente a mulher que não será inseminada na garantia de que algo na criança pareça-se como ela. Outro modo é a técnica chamada ROPA (Recepção de Óvulo da Parceira) na qual uma parceira doa o óvulo que após fertilizado é transferido para sua parceira. Esta técnica parece vigorar como a mais desejada, pois garante a dupla participação biológica na fabricação dos filhos e garante de modo mais eficaz o reconhecimento das relações forjadas em laboratório por mulheres lésbicas. Assim, elucido as tramas que circundam este universo reprodutivo e os impactos que o recurso a estas tecnologias e procedimentos tem sobre os corpos, pessoas, leis, relações e concepções de parentesco no Brasil.

Palavras chave: reprodução assistida; maternidade, lesbianidade, parentesco.

OS USOS DO TEMPO: PRÁTICAS REPRODUTIVAS E REGULAÇÕES NO CONTEXTO DA REPRODUÇÃO MEDICAMENTE ASSISTIDA

Eliane Vargas. Pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz, Docente da Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde/IOC/Fiocruz e da Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ), Brasil; elianepvargas@gmail.com

Luciane Moás. Professora do Departamento de Ciências jurídicas da UFRRJ do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Brasil, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; lumoas@yahoo.com.br

O trabalho tematiza o crescimento da infertilidade relacionada à idade na sociedade contemporânea o que traz um questionamento do modelo de reprodução medicamente assistida apoiado em pressupostos estritamente terapêuticos em termos de suas normas e práticas. A circunscrição da infertilidade ao registro do relógio biológico que tem como medida e referência apenas o tempo cronológico limita a compreensão acerca da ausência de filhos na experiência de indivíduos e/ou casais. Dados etnográficos apontam que o tempo, como uma variável relevante relativa à concretização do desejo de filhos, se encontra determinado não só pelos aspectos biológicos (e patológicos da infertilidade), mas associados à duração do casal, ao uso de métodos contraceptivos e aos projetos profissionais e pessoais o que determina os modos diferenciados dos usos da medicina reprodutiva. Há práticas sociais que não são mais consideradas novas, mas continuam causando polêmica e dissensos, daí a necessidade de ampliação do debate. Em meio ao desamparo legal experimentado pelos casais quanto aos aspectos regulatórios que balizam os procedimentos médicos, permanecem no cenário brasileiro apenas as orientações éticas do Conselho Federal de Medicina (CFM) que segue ocupando este vazio legislativo na cena social, o que não acontece sem tensões e conflitos. É o caso da regulamentação médica que estabelece limite máximo de idade

para as mulheres que se candidatam à reprodução assistida, ação esta questionada recentemente pelo Ministério Público que pretendemos problematizar.

Palavras chave: corpo reprodutivo. Gênero. Tecnologia Reprodutiva.

REPRODUÇÃO MEDICALIZADA: UMA ANÁLISE DAS ARTICULAÇÕES DISCURSIVAS

Sheila Bezerra – Doutora em Sociologia/UFPE – Professora substituta UFPE/CAA –
mms.sheila@gmail.com

Há posicionamentos discursivos diferenciados em torno das Tecnologias de Reprodução Assistida (TRA) e a tese que fundamenta o artigo que se segue, debruçou-se na análise das forças que disputam a hegemonia em torno do significado das TRA. Os desdobramentos estiveram na identificação das regularidades e dispersões discursivas em torno do significado do sacrifício e do sofrimento como construtos de feminilidade e reprodução no contexto da medicalização da reprodução e, ainda, na análise de como a articulação entre Estado, Ciência Médica e Mercado têm repercutido nos discursos que as mulheres produzem acerca de si mesmas e de suas experiências pessoais ao buscar a FIV. A análise de documentos, a realização de entrevistas e o relato etnográfico levaram aos discursos das “tentantes” que fizeram a FIV nos serviços de RA da cidade de Recife, aos discursos dos maridos, do Estado, da ciência médica, e da indústria médico-farmacêutica, a fim de problematizar suas articulações. A principal inferência a qual chegamos é que as dispersões provocadas pelos elementos apontados, acima de tudo, pelas feministas radicais, não têm ameaçado a hegemonia da maternidade biológica. Pelo contrário, a regularidade nos discursos em torno dos sacrifícios e sofrimentos como construtos de feminilidade e reprodução, em consonância com o discurso liberal da potencialização das escolhas reprodutivas das mulheres pelas TRA, tem reforçado as concepções em torno da “mulher-mãe”, que toma para si a condição de mãe antes mesmo de sê-la, ou mais propriamente da mulher que é, em si mesma, a memória daquilo que “deve” ser esquecido, mas que as TRA rememoram.

Palavras-chave: Direitos reprodutivos, Fertilização in Vitro, Sacrifício, Feminilidade, Reprodução

LAS TRA O EL HIJO A CUALQUIER PRECIO

Elina Carril Berro. Prof Titular. Instituto Universitario de Posgrado de Audepp (IUPA).
Integrante del Consejo Académico del IUPA, Integrante de la Direccion Académica de
La Maestría en Psicoterapia Psicoanalítica –IUPA. Ex Prof. Adj. Y Coordinadora del
Programa Genero, Salud Reproductiva y Sexualidades, Facultad de Psicología

(UdelaR).

El aborto voluntario (el no a la reproducción, el no al embarazo, el no a la maternidad) pone en negro sobre blanco la complejidad y lo dilemático de la reproducción humana. Contrasta este no a como sea, con el sí al embarazo a toda costa. Deseos antagónicos que brotan de miles de mujeres que en todas partes del mundo se entregan, por un lado, a la gestión tecnológica de la reproducción a cualquier precio y por otro, recurren a cualquier procedimiento para interrumpir la gestación. Un hijo a cualquier precio y un aborto a cualquier precio expresan lo mismo, que la maternidad es una experiencia en la que el deseo de las mujeres es sustancial (Lamas, 2003). Sin negar la contribución biológica de los hombres en los procesos reproductivos, así como la responsabilidad significativa en el plano afectivo, legal y social que implica la paternidad, no puede soslayarse que la reproducción sigue ocurriendo principalmente en el cuerpo de las mujeres. Se propone en esta comunicación compartir algunas reflexiones y preguntas que habiendo partido de la clínica psicoanalítica, definen una línea de investigación que se llevara adelante en el Instituto Universitario de Posgrado de AUDEPP. El propósito de la misma es indagar cuales son los efectos de las TRA en la subjetividad de las mujeres que, han optado por recurrir a las tecnologías de la reproducción frente a problemas de infertilidad/esterilidad.

Palabras clave: Maternidad-aborto-reproducción asistida; TRA; psicoanálisis.

LA CIGÜEÑA EN EL TERCER MILENIO: APORTES PSICOANALÍTICOS

Dra Rosario Allegue - Doctora en Medicina, Especialista en Psiquiatría. Integra en Consejo Académico del Instituto Universitario de Posgrado de AUDEPP (Asociación Uruguaya de Psicoterapia Psicoanalítica); rosarioallegue@gmail.com

La posibilidad de generar vida con participación tecnológica marca un verdadero acontecimiento , que desordenó los parámetros que desde siempre definieron la procreación y con ello el orden simbólico de la cultura. Investigar desde diferentes disciplinas esta nueva realidad biomédica nos enfrentó a la siguiente pregunta : ¿ hasta dónde es posible pensar de otra manera acerca del origen de la vida humana ? Han pasado casi cuatro décadas desde le primer nacimiento por fertilización asistida. Estamos en condiciones ,desde las diferentes disciplinas de dar cuenta de algunos de los efectos en la cultura , de los cambios en el psiquismo y en la subjetividad de las personas que este acontecimiento ha generado , creando un nuevo universo de significaciones. Me propongo en este trabajo el estudio de las dificultades que surgen en la reproducción humana y el intento de repararlas a través del uso de la tecnología , desde algunos de los ejes por donde transcurre su abordaje : 1. La necesidad de un enfoque interdisciplinario resaltando los aportes posibles desde el psicoanálisis; 2. La reproducción humana, desde una perspectiva de género , fuertemente vinculada con los

discursos sociales sobre la maternidad y la paternidad y las relaciones de poder entre los géneros.

Palabras clave: Biotecnología, Sexualidad, Género

OBTENER, PRESERVAR Y GAMETOS. UNA MIRADA SOBRE LA CONSTRUCCIÓN BIOTECNOLÓGICA DEL MATERIAL REPRODUCTIVO

Mariana Viera Cherro. Profesora Asistente del Departamento de Antropología Social (DAS-FHCE); marianaviera@yahoo.com

El trabajo que presento se enmarca en mi tesis doctoral. En ella me propongo hacer una etnografía de la gestión de gametos (óvulos y espermatozoides) para tratamientos de reproducción asistida en Uruguay. A partir de esta aproximación abordo los nudos simbólicos sobre los cuales procede la gestión de gametos para desde allí analizar las desigualdades de género que se producen y reproducen en este contexto en particular. Las tecnologías de reproducción asistida (TRA) intervienen materiales que definen como “biológicos” para lograr la reproducción humana y en ese proceso de intervención implican consideraciones del orden de lo simbólico -entre éstas consideraciones de género-, aunque las mismas resulten invisibles en tanto se asume que es la materialidad la que carga con los atributos. En ese mismo proceso definen también los límites de lo biológico y por tanto de una biología necesariamente generizada. La naturalización de los atributos relativos a los gametos tiene asimismo efectos en el modo en que se aborda a los sujetos que los proveen: desde la captación de donantes hasta el modo en que se les compensa. Mi interés es aproximar algunas reflexiones surgidas de un trabajo de campo aún incipiente sobre el modo en que se gestiona la donación de gametos en Uruguay inscribe significados culturales en los materiales reproductivos y cómo ello opera para producir y reproducir desigualdades de género en intersección con otras.

Palabras clave: Tecnologías de reproducción asistida/reproducción/biotecnologías/donación de gametos/género

AS NOVAS TECNOLOGIAS DA REPRODUÇÃO HUMANA, SEU CENÁRIO NACIONAL, REGIONAL E TRANSNACIONAL: DESAFIOS ÀS RELAÇÕES DE GÊNERO?

Marlene Tamanini – Prof^{ta} no Departamento de Ciência Política e Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Esta exposição analisa as reconfigurações do trabalho reprodutivo com sua expansão internacional, nacional e regional. Ressalta-se a globalização dos usos das tecnologias conceptivas, os seus efeitos sobre os sistemas sexo e gênero e sobre os processos de subjetivação na transnacionalização dos atuais usos reprodutivos. Considera-se elementos deste mercado de tecnologias e de produtos dos corpos que é transnacional, bem como os argumentos que constroem performances para dar suporte as experiências pessoais e emocionais de pessoas inférteis. Agenciamento e agencia se manifestam tanto nas experiências, quanto nos motivos e nas razões para o uso da medicina reprodutiva.

Palavras chave: Trabalho reprodutivo, procesos de subjetivação, mercado, tecnologías.

GT 35. ANTROPOLOGÍA APLICADA, NUEVOS Y ANTIGUOS ESCENARIOS. DESAFÍOS, ACTUACIÓN Y REFLEXIÓN

Coordenadores:

Dra. Marcia Sprandel (Brasil) – Senado Federal, Brasilia DF BRASIL;
maia.sprandel@gmail.com

Doctoranda. Betty Francia (Uruguay) -Antropología Institución Universidad de la República. Uruguay; bettyfrancia.antropologa@gmail.com

Mag. Ivana Wolff (Argentina) Institución: Universidad nacional de Córdoba- Equipo Argentino de Antropologia Forense (EAAF); ivawolff@yahoo.com.ar

Comentarista: Dr. José Gabriel Silveira Corrêa (Brasil) Institución: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); josegabrielcorrea@gmail.com

OS CONDICIONANTES DA PESQUISA ETNOGRÁFICA: REFLETINDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA JUNTO À COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA

PARAÍBA (NORDESTE/BRASIL)

Jordânia de Araújo Souza. Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas

Eulália Bezerra Araújo. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba

Mércia R. Rangel Batista. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande, vinculada a Unidade Acadêmica de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

A partir da inserção do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, na Constituição Federal Brasileira de 1988, os chamados “remanescentes das comunidades dos quilombos” passaram a ter o direito de acionar o reconhecimento de sua identidade e a titulação da propriedade das terras que ocupassem ou com a qual reivindicassem uma ligação com a memória do grupo. Porém, entre o proposto pela CFB no referido artigo e a sua operacionalização nos defrontamos com várias dificuldades em termos legais, institucionais e temporais. A partir desse cenário muito se tem discutido a respeito da garantia deste direito, neste sentido, a proposta deste artigo é refletir sobre os desafios que são postos durante a realização da pesquisa antropológica junto às comunidades quilombolas, e os desdobramentos que a mesma acaba por seguir. Especificamente, apresentaremos uma análise de três situações pontuais vivenciadas em nossa atuação junto a tais coletividades no estado da Paraíba (Nordeste/Brasil). A primeira abordará questões referentes à atuação junto à equipe responsável pela elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da comunidade do Grilo; a segunda tratará de questões referentes à pesquisa realizada na comunidade de Pitombeira, no momento no qual seu RTID se iniciou; e a terceira apresentará a situação de busca pelo reconhecimento dos direitos quilombolas dos moradores do Monte de São Sebastião. Neste sentido, apresentaremos reflexões sobre como o fazer etnográfico é influenciado pelas demandas políticas não só do grupo, e do antropólogo, mas também dos agentes que se encontram envolvidos em tais processos.

Palavras-Chave: Quilombos; Atuação; Etnografia; Condicionantes da pesquisa.

LA ANTROPOLOGÍA COMO TRABAJO: CONDICIONES Y POSIBILIDADES DE LA PRAXIS EN ÁMBITOS DE INSERCIÓN PROFESIONAL

Eugenia Morey; Facultad de Filosofía y Letras – UBA.

María Paulos; Facultad de Filosofía y Letras – UBA.

Carolina Policastro; Facultad de Filosofía y Letras – UBA.

Verónica Mandelbaum; Facultad de Filosofía y Letras – UBA.

Verónica Casas. Facultad de Filosofía y Letras – UBA.

Desde los inicios de nuestra disciplina, además de la investigación y la docencia, han habido antropólogos/as desempeñándose en numerosos espacios, y con diversas tareas, formando parte de instituciones estatales o privadas, gestionando proyectos, realizando consultorías, asesorando ONG´s, etc. Es parte de la historia disciplinar y ha sido tematizado reiteradamente desde diferentes recortes, que problematizaron la praxis profesional (Bastide, 1971; Varsavsky, 1969; Lahire, 2010), recientemente se han realizado distintos aportes en congresos y propuestas de análisis de un nuevo contexto en el que nos encontramos ejerciendo la “profesión” y surgen debates que demandan normas de regulación de las prácticas a nivel nacional (Kropf, 2013; Moya, 2010; Raggio, 2013; CGA, 2015). En nuestra experiencia a partir de la reflexión colectiva desde la investigación, extensión y la inserción laboral en ONGs y Estado, resultó el dictado de un seminario de grado en la carrera de ciencias antropológicas “*Contextos y roles para el trabajo antropológico. Condiciones y posibilidades de la praxis en ámbitos de inserción profesional*” (2015). Con esta propuesta fruto también de experiencias comunes con colegas que convocamos a participar compartiendo experiencias, reflexiones y propuestas analíticas a partir de la multiplicidad de marcos en los que la práctica profesional nos interpela pudimos compartir la necesidad de replantear-actualizar el concepto de “antropología aplicada”. Expondremos los ejes problematizando las implicancias y sentidos diversos de la producción de conocimiento en los espacios laborales (ONG, Estado, Universidad, etc.) a partir de la centralidad de la dimensión política de la práctica profesional; y sus limitaciones y alcances en contextos de formación e inserción profesional.

Palabras clave: antropología aplicada, trabajo, políticas públicas, ONG´S, universidad.

LA LABOR ANTROPOLÓGICA EN EL CAMPO DE LAS POLÍTICAS DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

Jimena Vázquez: IDAES-UNSAM

Esta ponencia tiene por objeto reflexionar sobre la labor antropológica, sus aportes y potencialidades, en el campo de las políticas de educación superior, en particular en el área de Extensión Universitaria, a partir de mi desempeño profesional en esa área en una Facultad de Derecho de una universidad nacional. Como ejes del trabajo abordaré

algunas cuestiones que considero claves para pensar la *antropología aplicada*: la distancia crítica y el involucramiento empático; la "aplicabilidad" de conceptos y -sobre todo- metodologías etnográficas o la antropología como *praxis*; el trabajo interdisciplinario.

Introduciré algunos proyectos y programas de extensión universitaria en los cuales participo activamente y el marco institucional del que formo parte. En algunos de ellos he comenzado a trabajar cuando ya estaban en funcionamiento, mientras que en otros he participado y participo desde sus orígenes. En suma, mi desempeño en esa área atraviesa las diversas etapas o instancias en las que son producidas las políticas "extensionistas": diseño/diagnóstico, planificación, ejecución y evaluación. De modo particular, me interesa pensar la intervención del/a antropólogo/a en un área (como la extensión universitaria) que emergió principalmente como el "nexo" entre la universidad y la "comunidad" con el fin de "contribuir a la transformación social" desde un paradigma que, sin embargo, hace (¿o hacía?) hincapié en la "transferencia de conocimientos".

Por último, reflexionaré sobre los potenciales aportes metodológicos y epistemológicos de mi participación profesional en esa producción; los obstáculos que he encontrado y los resultados.

Palabras clave: antropología aplicada - praxis - extensión universitaria – aportes – desafíos.

NUEVAS ANTROPOLOGÍAS: UNA PERSPECTIVA COMPARADA DEL QUEHACER ANTROPOLÓGICO EN AMÉRICA LATINA

Anggie Marcela López Aldana. Antropóloga Universidad Nacional de Colombia,
Licenciada Lengua Castellana Universidad Distrital Francisco José de Caldas.
Estudiante de Maestría en Antropología Social Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP.

Carol Franco. Graduación en Ciencias Sociales por la Universidade Federal de São
Paulo. Estudiante de Maestría en Antropología Social Universidade Estadual de
Campinas UNICAMP.

América Latina ha sido escenario de particulares problemáticas sociales. Debido a la representación mundial del continente y a su histórica vocación económica muchos de sus pueblos se han enfrentado en las últimas décadas a desafíos semejantes. En este contexto la antropología no ha permanecido al margen de tales pueblos y desafíos. En su esfuerzo por comprenderlos en las distintas naciones y territorios la disciplina se ha incluido de maneras diferentes asumiendo un papel específico frente a ellos; al hacerlo

ha reconfigurado su labor y se ha reconstruido como disciplina. Así, Las antropologías se configuran y perfilan desde una apropiación particular de la tradición de la disciplina; y esta particularización se construye a partir de la forma en que ella se relaciona propone y asume ante los pueblos que pretende entender y las problemáticas que ellos enfrentan.

Esta propuesta pretende abarcar desde una perspectiva comparada la función que en las últimas décadas (desde los años 70) la antropología ha desempeñado en dos países de América Latina: Brasil y Colombia, así como también la forma en que esta función y desempeño ha afectado o reconfigurado la disciplina en ambos escenarios. Para abordar este asunto, partimos de la hipótesis de que la configuración y ejecución de la antropología en estos dos espacios se ha visto afectada por las dinámicas particulares de los territorios y pueblos con los que actúan, encontrando así oposiciones y contrastes útiles en la tarea de pensar la labor y responsabilidad política del etnógrafo, atravesada siempre por la relación que sostienen con las comunidades con las que trabajan.

Palabras clave: Antropologías Latinoamericanas, Brasil, Colombia, antropología aplicada, responsabilidad política de la antropología.

LA ANTROPOLOGÍA, ENTRE LA INTERDISCIPLINA Y LAS CATÁSTROFES. EL CASO DE LAS INUNDACIONES DE LA PLATA (PCIA. DE BUENOS AIRES, ARGENTINA)

Laura Teves, Laboratorio de Investigaciones en Etnografía Aplicada (LINEA), Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata.

Lorena Pasarin, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. Instituto de Desarrollo e Investigaciones Pediátricas (IDIP) (MS/CIC-PBA). Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

Sergio D'Abramo, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. PIO CONICET-UNLP.

Fernanda Castro, Laboratorio de Investigaciones en Etnografía Aplicada (LINEA), Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. PIO CONICET-UNLP.

Julián Cueto, Laboratorio de Investigaciones en Etnografía Aplicada (LINEA), Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. Consejo Interuniversitario Nacional.

Marta Crivos, Laboratorio de Investigaciones en Etnografía Aplicada (LINEA), Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

Durante los días 2 y 3 de Abril de 2013, la ciudad La Plata (Pcia. De Buenos Aires,

Argentina) sufrió una inundación sin precedentes que afectó a toda su población de diferentes maneras. Esta catástrofe dejó en evidencia la situación de vulnerabilidad en la que se encuentra la región respecto a este tipo de eventos. Nuestra pesquisa se enmarca en un Proyecto de Investigación Orientado (PIO CONICET-UNLP) interdisciplinario, que pretende la identificación y evaluación de las variables, riesgos y consecuencias ambientales que generan estos tipos de catástrofes, con el fin de mejorar el proceso de toma de decisiones para la preservación ambiental y calidad de vida. El objetivo de esta ponencia es presentar el aporte del abordaje antropológico a un equipo interdisciplinario conformado por biólogos, químicos, geógrafos y geólogos a partir de la exposición de los datos obtenidos hasta el momento y su articulación con aquellos presentados por las otras disciplinas. Se realizaron entrevistas en profundidad, encuestas de Análisis de Redes Sociales (ARS), talleres, recorridos con los vecinos y relevamiento fotográfico en el Barrio El Retiro, ubicado en las afueras de la capital bonaerense. Se presentan los resultados obtenidos en torno a la percepción del ambiente, estrategias de acción efectivizadas durante y después de la inundación, así como la situación de vulnerabilidad en la que se encuentra la región.

Palabras clave: *Vulnerabilidad; Inundación; Riesgo Ambiental, Antropología Aplicada.*

UNA ANTROPOLOGÍA DE LA PRAXIS. EL TRABAJO DE ANTROPÓLOGOS/AS EN LA INTERVENCIÓN. UNA MIRADA A LOS USOS Y DESTINOS DEL CONOCIMIENTO ANTROPOLÓGICO

Sergio Fernández. Universidad Nacional de San Martín

La siguiente es una investigación etnográfica que describe y analiza el lugar de distintos profesionales que se desempeñan en el campo de la llamada antropología aplicada. Convirtiendo en nativos y dando voz a los propios profesionales, el trabajo muestra diferentes espacios de aplicación del conocimiento y su relación con el mundo de las políticas, ONG'S y salud, entre otros. Por otro lado, la profundiza la cuestión de la intervención y de la gestión a partir de algunos interrogantes disparadores. ¿Cuáles son los aportes que la antropología puede realizar para incidir en la mejora de distintos aspectos de la realidad social? ¿Presenta la antropología aspectos particulares que le permiten avanzar en ese camino? Se trata ésta de una investigación etnográfica que tematiza la cuestión de la intervención, la aplicación y la transformación. Asimismo, metodológicamente, pretende ser una articulación entre la modalidad de investigación y la práctica profesional, donde el propósito es investigar la aplicación, los usos y destinos del conocimiento antropológico, por un lado, así como también mostrar situaciones que ayuden a imaginar propuestas que tiendan a pensar en una praxis transformadora más allá y en relación con los círculos académicos.

Palabras Clave: *praxis-transformación-intervención-conocimiento-aplicación*

RITUAL BUROCRÁTICO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO SETOR ELÉTRICO: O CASO DA AVALIAÇÃO AMBIENTAL INTEGRADA DA BACIA DO TAPAJÓS

Rodrigo T. Folhes, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc/UFMA)

Minha proposta de comunicação para este GT consiste em apresentar uma situação etnográfica relacionada à minha participação no estudo de avaliação ambiental integrada (AAI) da bacia do Tapajós, junto à empresa de consultoria ambiental Ecology do Brasil e seus clientes, a saber, o Consórcio Tapajós. Busco refletir, mais especificamente, sobre as condições de produção desse estudo e seus embates epistemológicos e políticos na análise de conflitos socioambientais indígenas. Entendo que a AAI, parte integrante dos estudos de inventário hidrelétrico, é um exemplo bastante elucidativo de renovadas técnicas de poder tutelar (SOUZA LIMA, 1995) e tentativas de conquista sobre os povos indígenas, por meio de determinados procedimentos administrativos levados a efeito pelo Estado. Procurarei pensar no enquadramento dado pelo setor elétrico brasileiro ao meu trabalho como consultor, de modo a tornar o documento final da AAI cientificamente validado pelo empreendedor, empresas consultoras e a administração pública. Creio que o debate travado em torno desse trabalho proporciona, por um lado, um caminho de reflexão acerca das teorias e conceitos que constituem o reservatório onde as equipes técnicas desses estudos ambientais (empresariais) parecem buscar seus argumentos. É possível, também, visualizar as práticas empresariais e administrativas e suas performances como um campo de lutas pelas definições dos conceitos mais relevantes para legitimar uma determinada forma de conhecimento, para delimitar e atuar num determinado território (Bourdieu 2010: 107-132). Por outro, é possível apreender como se estabelecem e se executam as práticas empresariais para participar do ritual do licenciamento ambiental.

Palavras-chave: licenciamento ambiental, poder tutelar, setor elétrico, etnografia, povos indígenas.

ANTROPOLOGÍA E INTERVENCIÓN: PROBLEMAS, TENSIONES Y LA APLICACIÓN DE LA ANTROPOLOGÍA EN UNA ASOCIACIÓN DE AFRODESCENDENTES

Mónica García, Universidad Nacional de Gral. San Martín

El presente trabajo forma parte de mi práctica profesional destinada a la obtención del título de Licenciada en Antropología Social y Cultural por la Universidad Nacional de

Gral. San Martín, bajo la modalidad de práctica profesional. A partir de mi participación en la Asociación Civil África y su Diáspora procuré intervenir, desde el campo de la antropología aplicada, en determinados asuntos que hacen a la cuestión afrodescendiente en la Argentina. La propuesta es poder brindar un marco de referencia que contribuya a reflexionar acerca de la aplicación de la antropología en el marco de la realidad social en la cual co-habítamos los investigadores y los sujetos con quienes llevamos adelante nuestro quehacer profesional. Desde este punto de vista, intentaré mostrar cómo ha sido el proceso transitado durante mi trabajo de campo junto a África y su Diáspora, mis propuestas e intervenciones y la relación entre la teoría antropológica y sus posibles aportes a problemáticas particulares y universales. Del mismo modo, mostraré qué manera es posible transformar los dilemas, tensiones y sinsabores surgidos en el campo, en dispositivo de conocimiento. Es así que, a partir de éste trabajo, pueden pensarse numerosas aristas e interrogantes que contribuyen a pensar a la antropología aplicada como un ámbito desde el cual intervenir en problemáticas concretas y, a la vez, como un espacio para la producción conceptual y teórica.

Palabras claves: antropología aplicada-afrodescendientes-intervención.

DESCUBRIENDO LA PROFESIÓN EN UN CENTRO DE SALUD Y ACCIÓN COMUNITARIA: MEMORIAS DEL TRABAJO VIVIDO

Alicia Cattáneo, Dpto. de Antropología. Facultad de Filosofía y Letras. UBA

La revisión del trabajo interdisciplinario realizado en un centro de salud y acción comunitaria de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires nos permite debatir sobre las particularidades y desafíos de la práctica profesional en contextos institucionales cambiantes. La presentación se organiza a partir de tres búsquedas: 1) la manera en que se crean opciones profesionales no restringidas al trabajo académico, haciendo referencia a las condiciones históricas que posibilitan el devenir de esa práctica; 2) las actividades desarrolladas y la manera en que la antropología puede contribuir a una mejor realización de las mismas; 3) los desafíos que supone el paso de la formación a la práctica profesional y del mundo académico a la intervención, usando como perspectiva la memoria de lo vivido.

Palabras claves: antropología aplicada, trabajo en salud, interdisciplina, perspectiva temporal.

A ANTROPOLOGIA DENTRO DOS CURSOS DE FORMACAO DE

MISSIONÁRIOS. UMA REFLEXÃO SOBRE OS USOS DA “ANTROPOLOGIA COMO PRÁTICA”

Jhæssika Angell Alves e Silva, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

O conhecimento antropológico se disseminou para além do espaço acadêmico, sendo hoje parte de outras esferas de atuação. Acionada como saber que, entre outras expertises, possuiria os instrumentos para lidar com a diversidade e propiciando a capacidade de se compreender grupos humanos distintos. Nesse sentido, a antropologia tem sido reapropriada em cenários e por atores diversos e, muitas vezes, tomada como objeto de disputa. A partir deste quadro, o objetivo deste trabalho é buscar descrever como os missionários, mais especificamente os filiados a Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), tem se utilizado de um conhecimento baseado na antropologia na sua atuação com povos indígenas, refletindo sobre quais as perspectivas e expectativas que se apresentam sobre o que seja a antropologia, seu campo de atuação e sua interface ou não com o trabalho missionário. Aqui objetiva-se tratar a atuação missionária como parte constitutiva do campo político de atuações indigenistas. Desta forma, buscamos mapear e refletir como e onde a antropologia é usada no trabalho missionário e assim visibilizar as potencialidades e limites desse fazer, que, como colocam os próprios missionários é pensado enquanto “uma antropologia aplicada” ou uma “antropologia prática”.

Palavras chave: Antropologia Aplicada; Aplicações da Antropologia; Atuação Missionária; Relações de Poder

PALAVRA POR PALAVRA: ANTROPOLOGIA E COMUNICAÇÃO PARA NOVOS CAMPOS

Luciene de Oliveira Dias, Universidade Federal de Goiás.

Ralyanara Moreira Freire, Universidade Estadual de Goiás.

Com a fundamentação das teorias antropológicas e comunicacionais, propomos revisão de diálogos e distanciamentos entre Antropologia e Comunicação com o objetivo de fortalecer um campo de conhecimento, em termos epistemológicos e metodológicos, marcado por novos saberes e fazeres. As preocupações surgem da necessidade de se sistematizar a atuação das antropólogas e jornalistas autoras do presente artigo em cursos de graduação em Comunicação Social/Jornalismo e os trabalhos se realizam no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Diferença, da Universidade Federal de Goiás. Considerando a chamada inter-poli-transdisciplinaridade, mas sem negligenciar a etnografia como orientadora, abordamos cultura e cidadania na contemporaneidade

como elementos constitutivos do campo comunicacional, lidos a partir da Antropologia. Considerando que nossos conteúdos para a produção de sentidos e conhecimento são antropocêntricos, propomos trabalhar categorias intelectuais, ideias, conceitos e teorias como ferramentas cognitivas. Metodologias de investigação e interpretação da comunicação e da cultura, na perspectiva antropológica, também são exploradas neste trabalho com o objetivo de ampliar campos e construir saberes, afinal Antropologia e Comunicação são o que fazem as pessoas imersas nestes fazeres.

Palavras-Chave: Antropologia; Comunicação; Inter-poli-transdisciplinaridade; Entrecampos; Saberes.

DESAFÍOS DE LA PRÁCTICA ANTROPOLÓGICA EN UN HOSPITAL PRIVADO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. CRUCES ENTRE ANTROPOLOGÍA Y EPIDEMIOLOGÍA

Nahuel Braguinsky- Hospital Italiano de Buenos Aires.

Morena Díaz- Hospital Italiano de Buenos Aires.

Adriana Dawidowski- Hospital Italiano de Buenos Aires.

Silvana Figar- Hospital Italiano de Buenos Aires.

En esta ponencia nos proponemos compartir una experiencia de trabajo interdisciplinario en un equipo de investigación de la sección de Epidemiología Clínica de un hospital privado de la Ciudad de Buenos Aires.

El equipo históricamente conformado por médicas de distintas especialidades viene incorporando progresivamente la perspectiva de las ciencias sociales para el abordaje de los procesos de atención en el hospital. En el año 2014 se incorporaron al equipo dos antropólogo/as para profundizar el abordaje cualitativo de los proyectos de investigación del área.

Focalizando en los desafíos que despierta la praxis antropológica en nuevos escenarios para el desarrollo de esta disciplina, para esta ponencia pretendemos abordar algunas dimensiones que se desprenden de nuestro trabajo como equipo interdisciplinario. En primer lugar pretendemos recuperar algunas reflexiones sobre la experiencia de hacer trabajo de campo en la propia institución donde nos desempeñamos como trabajadores, cuestión que implica retos para el quehacer antropológico así como discusiones constantes en cuanto a la ética en el ejercicio de la profesión en el ámbito privado.

En segundo lugar abordaremos los cruces entre la antropología y la epidemiología, con

el fin de dar cuenta de las potencialidades del diálogo entre ambas disciplinas para abordar los procesos de salud-enfermedad-atención.

Finalmente, esta ponencia pretende constituirse en un insumo para la discusión de diversas posibilidades de inserción profesional de las/los antropólogas/os, así como resaltar la importancia de tender puentes entre los universos disciplinares que nos convocan.

Palabras claves: antropología – epidemiología – trabajo de campo – salud.

PARA UNA ANTROPOLOGÍA ECONÓMICA APLICADA. REFLEXIONES DESDE LA ETNOGRAFÍA A LA EXPANSIÓN DE LOS MONOCULTIVOS FORESTALES

Noelia Carrasco Henríquez, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Concepción.
CHILE

Siguiendo la pista de los desarrollos de la antropología aplicada interactiva, la antropología económica aplicada que proponemos estructurar y proyectar a través de la etnografía a la expansión de los monocultivos forestales reafirma la premisa según la cual el contexto social ejerce un papel modelador de la práctica de la antropología, posibilitando los medios y los alcances de sus hallazgos (Durán et al, 2014). Esta antropología económica aplicada debiese entonces asumir de modo explícito su acercamiento al capitalismo como unidad de análisis y a los contextos marcados por su expansión como espacios de desempeño profesional, demandantes de miradas y propuestas capaces de reflejar las complejidades epistémicas en tanto referentes centrales de la diversidad y desigualdad económica. Las reflexiones que sostienen a este trabajo, proceden de los desafíos profesionales que, en el marco del ejercicio de la observación participante, la autora ha asumido en los últimos años. Desde experiencias a las cuales ha sido convocada como antropóloga, ha sido posible conocer desde adentro las dinámicas y los juegos epistémicos y políticos de los procesos de certificación forestal internacional, reconociendo allí que la antropología, lejos de aparecer como una disciplina instrumental o funcional a la gestión de la diversidad de un lado, o crítica y defensora ciega de la diversidad y los derechos de las minorías de otro, se presenta más bien como una ciencia social sofisticada y capaz de desenvolverse críticamente para la generación de espacios de discusión interpelantes y renovados.

Palabras claves: Antropología económica aplicada, observación participante, capitalismo.

PESQUISANDO TURISMO EM VISCONDE DE MAUÁ E CONSERVATÓRIA – UMA EXPERIÊNCIA DE ANTROPOLOGIA APLICADA

Oliva Von der Weid – UFF/IESP

Isabel Travancas – ECO/UFRJ

O objetivo deste artigo é discutir a prática da antropologia em situações não acadêmicas a partir da experiência de trabalho em um projeto de incentivo à formalização da atividade turística no estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um projeto piloto que contou com pesquisa de campo e etnografia para construir as bases para as ações de incentivo ao desenvolvimento turístico e políticas públicas que levassem em conta as dinâmicas e as necessidades locais. No artigo falaremos a partir da experiência de trabalho em duas cidades serranas – Visconde de Mauá e Conservatória. Pretendemos refletir sobre como os métodos antropológicos – entrevistas abertas e em profundidade, observação participante e etnografia – possibilitam uma compreensão mais ampla das realidades locais, suas disputas e conflitos. Pesquisas como essa complexificam e tornam mais denso o olhar sobre o turista, sobre a população local e sobre os atores envolvidos no turismo. Queremos abordar os limites e os desafios para a atuação do antropólogo em pesquisas que tem finalidades práticas e implicações na vida dos sujeitos observados. Entre eles, encontram-se: as questões de temporalidade colocada pelo tempo curto para realização do trabalho; os receios quanto aos usos da pesquisa; as limitações para a realização de uma reflexão teórica mais densa; e a própria incerteza em relação à compreensão da prática antropológica e do papel do antropólogo pelos agentes nestes contextos. Este é um campo que está em crescimento e tem potencial para dar contribuições significativas não só na área do turismo como em muitas outras.

Palavras-chave: turismo, antropologia aplicada, trabalho de campo, prática antropológica.

ANTROPOLOGÍA EN ÁMBITOS ACADÉMICOS E APLICADOS, DISCUSIONES POLÍTICAS DE SU QUEHACER

Pamela Jorquera Álvarez, Doctoranda en Antropología Social Universidad Federal de Rio Grande del Sur, Brasil.

Mi experiencia en ámbitos, tanto aplicados como académicos, en Antropología me ha motivado a reflexionar sobre la, aparente, relación excluyente que existiría entre ambos ámbitos de desarrollo profesional. Por medio de este trabajo busco problematizar sobre el quehacer de la Antropología Aplicada teniendo como base de la discusión un campo político sobre el saber construido y la construcción de la alteridad que, muchas veces, piensa al otro desde la categoría social del desposeído. Con ese fin, tomaré el caso de

una consultoría realizada durante el año 2012 en una localidad minera ubicada en la tercera región de Chile, Inca de Oro. En esa experiencia y junto a un grupo de profesionales del área social realizamos talleres de fortalecimiento organizacional con algunos dirigentes de la comunidad.

Mi interés es centrar el punto de observación y de análisis en el comportamiento observado y no en las expectativas sobre dicho comportamiento (Swartz, Turner e Tuden, 1966). Así pretendo realizar un análisis sociológico comprensivo de las tensiones entre ambas formas de hacer Antropología como un hecho social (Elias, 1997; Vecchioli s/d), próximo a lo que es y distanciándose de lo que debería ser. Por medio de la identificación de tres dimensiones; *de tipo histórica, de tipo sociológica y de tipo moral*, las que formarían el campo político a deconstruir.

La discusión propuesta, pese a su dificultad de aproximación, forma parte de las responsabilidades de los saberes creados y de las expectativas que genera nuestro quehacer profesional en los lugares donde, como antropólogos, nos movemos.

Palabras claves: Antropología aplicada, Antropología académica, Política, Alteridad.

LA CONSTRUCCIÓN DE UN ESPACIO DE TRABAJO DESDE LA ANTROPOLOGÍA SOCIAL O CÓMO SOBREVIVIR EN EL MERCADO Y NO MORIR EN EL INTENTO.

Gloria Ochoa, Antropóloga Social e investigadoras de *Germina, conocimiento para la acción*

Carolina Maillard, Antropóloga Social e investigadoras de *Germina, conocimiento para la acción*

El año 2007 constituimos el espacio de trabajo y de desarrollo profesional llamado *Germina, conocimiento para la acción*, constituido por profesionales de las ciencias sociales, la mayoría de ellas antropólogas y mujeres. *Germina*, como espacio de desarrollo profesional, se planteó ser una bisagra entre el quehacer aplicado y la reflexión respecto a ese quehacer, generando un nuevo conocimiento o un nuevo saber a ser compartido a través de diferentes instancias. Al mismo tiempo, se concibió como un facilitador e interlocutor de iniciativas implementadas por diferentes actores, desde un enfoque comprensivo de sus prácticas, intereses y necesidades. Por ello, ha prestado servicios tanto a instituciones públicas, organismos internacionales, organizaciones sociales y personas, todo ello en un contexto de mercado de servicios, que establece diferentes desafíos para el desarrollo profesional. En este mismo marco, ha generado iniciativas propias en áreas de investigación vinculadas a género, derechos humanos, pueblos indígenas, entre otros.

A partir de 8 años de experiencia nos preguntamos ¿Cómo la antropología social se ha

conformado en la base del quehacer de nuestra organización? ¿Cómo la constituye?
¿Qué características tiene nuestro trabajo como una expresión del quehacer profesional de la antropología social? ¿Qué aprendizajes y proyecciones podemos aportar desde esta experiencia al trabajo disciplinario desde una perspectiva aplicada?

DESAFÍOS, REFLEXIÓN Y ACTUACIÓN PROFESIONAL EN EL MARCO DEL PROGRAMA DE ABASTECIMIENTO DE AGUA POTABLE A PEQUEÑAS LOCALIDADES Y ESCUELAS RURALES, OSE.

Aurora Defago, Lic. En Ciencias Antropológicas, FHUCE, UDELAR. Técnica social PPLER, OSE

Alejandra Techera, Lic. En Ciencias Antropológicas, FHUCE, UDELAR. Técnica social PPLER, OSE

La presentación tiene como objetivo, compartir la experiencia de trabajo profesional como Técnicas en el área de desarrollo comunitario y fortalecimiento institucional del Programa de abastecimiento de agua potable a pequeñas localidades y escuelas rurales (PPLER), de OSE. Procuramos reflexionar sobre el trabajo cotidiano y las formas de abordaje de los diferentes desafíos en el marco del trabajo en OSE en comunidades rurales.

La práctica de trabajo requiere una gran articulación entre los diferentes actores sociales involucrados, presentes en las localidades y escuelas rurales, las instituciones públicas comprometidas, Intendencias departamentales, MIDES, Anep, las Mesas de desarrollo, y los equipos técnicos, administrativos, comerciales y operativos de OSE.

Nos interesa la oportunidad de compartir la experiencia y detener la mirada sobre la práctica, volviendo sobre ella, y realizando una aproximación reflexiva y crítica sobre la misma.

Palabras clave: Antropología aplicada – agua – desarrollo rural.

ANTROPOLOGIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E A ATUAÇÃO ANTROPÓLOGOS NO BRASIL

André Luís Lopes Borges de Mattos, Mestre em Antropologia Social (2003) e Doutor em Ciências Sociais (2007) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Atualmente, é Professor Adjunto da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Diamantina, Brasil.

Neste trabalho pretende-se discutir o papel da antropologia como instrumento de implantação e consolidação de políticas públicas no Brasil, principalmente no que se refere às políticas voltadas para os direitos de comunidades quilombolas. Assim, em primeiro lugar, será feita uma análise das relações históricas entre a antropologia e o Estado, cujo marco no Brasil foi a incorporação, na década de 40, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), da antropologia como base científica da política indigenista brasileira, o que ajudou a forjar os contornos da prática de inúmeros antropólogos no país e a firmar uma tradição de engajamento que, como apontam diversos autores, constitui ainda hoje uma das marcas mais significativas da antropologia brasileira. Em seguida, serão discutidas as transformações dessa relação e as novas formas de atuação de antropólogos e dos usos da antropologia frente às demandas do Estado brasileiro. Neste caso, com base em uma experiência de elaboração de um relatório técnico realizado junto a uma comunidade quilombola do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, Brasil, serão problematizadas, particularmente, algumas especificidades da utilização do conhecimento antropológico para realização de perícias e trabalhos técnicos. Finalmente, será discutido o papel da antropologia em um cenário de crescente valorização, dentro e fora do país, das políticas de diversidade cultural e dos “direitos étnicos”.

DISCUTINDO AS POTENCIALIDADES E LIMITES DO FAZER ANTROPOLÓGICO EM UMA SITUAÇÃO DE PESQUISA ENTRE OS GIGANOS CALON DE SOUSA (PB)

Jéssica Cunha de Medeiros, Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA pela Universidade Federal da Paraíba –UFPB, integrante dos núcleos de estudos GEC e LEME.

Mércia Rejane Rangel Batista, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS) da Universidade Federal De Campina Grande (UFCG).

A presente comunicação se baseia na pesquisa etnográfica que vem sendo realizada entre ciganos Calon. Esta população (cuja estimativa é variada, sendo apontado um número entre 500 e duas mil pessoas) vem residindo nos últimos trinta anos em Sousa (município localizado no sertão da Paraíba-Brasil) e lida com variadas formas de empreendimentos políticos, sociais e religiosos que geram efeitos em termos de mudanças nos processos das relações e interações sociais no interior da comunidade. Em 2009, ao ser criado o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI) por iniciativa direta do governo federal, através da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), tivemos pela primeira vez a proposta de um centro cultural

que objetivasse ser uma referência cigana, algo inédito no Brasil e na América Latina. O CCDI foi enunciado enquanto promotor da cultura e do conhecimento sobre os ciganos da Paraíba, gerando situações que implicam em posicionamentos de agentes públicos e pesquisadores. Tal cenário além de demandar um olhar descritivo sobre os atores, os nexos dos discursos dos agentes envolvidos e das dificuldades de operacionalização desta iniciativa do Estado, coloca para as antropólogas as diferentes apropriações de termos e questões ligadas a antropologia, tais como patrimônio, cultura e identidade.

Palabras clave: Ciganos Calon; CCDI; Paraíba; Políticas; Estado.

ANTROPOLOGIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE O FAZER ANTROPOLÓGICO EM ONGS

Carolina Parreiras, Doutora em Ciências Sociais (Unicamp) e gestora do Centro de Estudos e Pesquisa em Projetos e Tecnologias Sociais da Instituição Nossa Casa (INC).

Viviane Mattar, Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisa em Projetos e Tecnologias Sociais da Instituição Nossa Casa (INC) e pós-graduanda do curso de Especialização em Gênero e Sexualidade (CLAM – UERJ).

Este trabalho tem como objetivo discutir uma das muitas aplicações da Antropologia fora dos quadros acadêmicos: a atuação em ONGs e outras entidades do terceiro setor. A partir da experiência prática em uma ONG, localizada no conjunto de favelas do Complexo do Muquiço (Guadalupe – Rio de Janeiro), propomos refletir sobre a etnografia aplicada à produção de saberes e conhecimentos das realidades locais, em um âmbito diverso do acadêmico (produção de estudos de cenário, mapeamentos, baseline). Além disso, a etnografia aparece como uma das estratégias que permite, ao gerar conhecimento, produzir modos de atuação e de mudança dos contextos locais, como meio de buscar maior justiça social e de gerar realidades mais igualitárias.

Palavras-chave: etnografia – justiça social – terceiro setor – ONG – favela.

DESCOLONIZACIONES PARADÓJICAS: USOS CRÍTICOS DE LA TEORÍA Y APLICACIONES REFLEXIVAS DE LA PRAXIS ENTRE LOS SANTIAGUEÑOS “AFRO” (ARGENTINA, 2009 – 2015)

Nicolás Fernández Bravo, GEALA/UBA – FLACSO

La invisibilidad histórica de los descendientes de esclavizados en el territorio nacional, ha atravesado un desigual proceso de reemergencia en el contexto actual de la República Argentina, signado por el auge de las políticas de la identidad. Mientras que el énfasis multicultural de la ciudad de Buenos Aires, permitió crear una estructura de oportunidades que fue convenientemente utilizada por el activismo afrodescendiente, las formas de la agencia por el legado africano en las provincias, ha adquirido un cariz diferente. A partir de la problematización de la noción de *colonialismo interno*, en este trabajo analizo el involucramiento y asesoramiento profesional entre distintas áreas del estado provincial de Santiago del Estero y una red de activistas – tanto *capitalinos* como *provincianos* –, en su proceso de producir “visibilidad afrodescendiente”. Se pondrán de manifiesto las tensiones y las paradojas, pero también las posibilidades de una antropología aplicada que interpele la producción teórica y su orientación práctica, en un proceso reflexivo orientado al empoderamiento subalterno, el diseño de políticas públicas y la generación de conocimiento situado.

Palabras clave: afrodescendientes, políticas públicas, colonialismo interno, descolonización, Santiago del Estero.

LA PRÁCTICA ANTROPOLÓGICA EN LA “PERIFERIA”: DESEOS, DIFICULTADES, POTENCIALIDADES Y LÍMITES

Silvia Alucin- UNR-Conicet

Gabriela Gonzalez- IRICE-Conicet

En esta ponencia pretendemos reflexionar sobre nuestra experiencia de trabajo en una escuela situada en la “periferia” de la ciudad de Rosario, provincia de Santa Fe (Argentina). A partir de nuestra inserción como investigadoras en el barrio donde se emplaza la mencionada institución, surge la necesidad, por parte de los docentes, para que trabajemos conjuntamente ciertas problemáticas que veníamos tratando con una Asociación Civil. Tal experiencia propició la puesta en marcha de un proyecto de voluntariado universitario. En esta triple inserción la temática trabajada giró en torno a la situación de los jóvenes de la institución, la violencia que atraviesa su cotidianidad, sus derechos, sus reclamos y la posibilidad de construir nuevos horizontes.

Esperamos que la reflexión sobre esta experiencia actúe como disparador para debatir las potencialidades y límites de la práctica antropológica en escenarios de desigualdad social. En este sentido, quisiéramos plantear algunos dilemas que consideramos medulares para la disciplina: cómo trabajar en contextos de pobreza y violencia sin generar interpretaciones/intervenciones estigmatizantes o idealizantes; cómo repensar los programas de extensión universitaria hacia la comunidad; cómo construir una práctica antropológica comprometida ya sea en calidad de investigadores, docentes, consultores o efectores de políticas públicas; cómo trabar vínculos con la comunidad de manera que haya un ida y vuelta, aunque sin desconocer el lugar de poder que el

profesional puede tener a la hora de gestionar recursos, evaluar situaciones, construir subjetividades.

Palabras claves: antropología aplicada, desigualdad social, compromiso profesional.

REFLEXIONES SOBRE EL QUEHACER ANTROPOLÓGICO Y LA CREACIÓN DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA INMIGRANTES EN EL BRASIL CONTEMPORÁNEO: CONTROVERSIAS SOBRE LA CATEGORÍA "TRÁFICO DE PERSONAS"

Silvia Zelaya, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este texto busca discutir algunos aspectos del quehacer antropológico en el campo migratorio actual, teniendo como escenario una trama de relaciones políticas y sociales en el sur de Brasil, donde una serie de actores -organismos de atención, investigación, promoción y defensa de los derechos humanos- intentan formular políticas públicas para inmigrantes. Dicho escenario se encuentra caracterizado por la utilización de un discurso que se aleja cada vez más de visiones de la inmigración como una cuestión de "seguridad nacional" y se aproxima a otro que entiende las migraciones desde una perspectiva de "derechos humanos".

A partir del trabajo de campo, realizado desde el año 2013 en uno de los comités creados en Brasil para discutir la cuestión migratória, el Comitê de Atenção para Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vitimas do Tráfico de Pessoas de Rio Grande do Sul (COMIRAT/RS) examino las posibilidades de la antropología para cuestionar visiones hegemónicas acerca de las migraciones y los y las "inmigrantes" que aunque se encuentren basadas en una perspectiva de defensa de los derechos humanos muchas veces acaban criminalizándolos. Propongo tomar como eje de reflexión la categoría "tráfico de personas" para pensar algunas de las dificultades, desafíos y ambigüedades que se presentan para la antropología en los nuevos espacios donde somos llamados a actuar.

Palabras clave: Inmigración, Tráfico de Personas, Desafíos, Antropología.

"CONTRIBUIÇÃO DE ANTROPÓLOGOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA REDES LATINO E IBERO-AMERICANAS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS (REDE DE MULHERES DAS DEFENSORIAS DEL PUEBLO)"

Emilia Ulhoa. Assessoria Multidisciplinar da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão - Ministério Público Federal

A comunicação apresentará uma primeira reflexão sobre os desafios da contribuição antropológica aos trabalhos multidisciplinares de assessoramento à Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC-MPF), em atividades de cooperação internacional a favor da promoção e proteção de direitos humanos. A PFDC integra a Federação Iberoamericana de Ombudsman, FIO, participando de suas Redes temáticas prioritárias, entre elas a Rede Mulheres e contribuindo para cooperações relacionadas, por exemplo, à situação de mulheres brasileiras presas no exterior e a migrantes. Na atualidade, as instituições públicas brasileiras ampliam os processos de articulação internacional e interlocução com organismos internacionais, o que representa um crescente campo de trabalho d@s antropólog@s que atuam na esfera estatal.

GT 36. DIÁLOGOS TRANSVERSALES SOBRE ETNICIDAD: CATEGORÍAS SOCIALES, DATOS OFICIALES, TERRITORIOS Y POLÍTICAS DE RECONOCIMIENTO

Coordinadores:

Thais Tartalha Lombardi. Candidata a Postdoctora en el Instituto de Políticas Públicas y Relaciones Internacionales (IPPRI) de la Universidad Estadual de São Paulo (UNESP) en Brasil. Doctora en Demografía y Magíster en Antropología Social, Universidade Estadual de Campinas (Brasil); thaistnl@ippri.unesp.br

Raúl Ortiz Contreras. Docente de la Universidad Mayor y de la UMC (Chile), y Candidato a Doctor en Antropología Social en la Universidade Estadual de Campinas (Brasil); raulortiz1@gmail.com

Sesión 1: Políticas de reconocimiento y categorías sociales

REEMERGENCIA ÉTNICA Y (AUSENCIA DE) TERRITORIO EN

URUGUAY: UN CONFLICTO AL MARGEN DE LA (INEXISTENTE) LEY

Gustavo Verdesio. University of Michigan

En un país como Uruguay, que se imagina, gracias a las narrativas de la Nación, como “país sin indios,” el surgimiento de las asociaciones de descendientes de indígenas ha sido recibido de diversas maneras por el Estado y el público general. La reacción más común ha sido la de escepticismo. Para peor, no hay legislación específica para asuntos indígenas ni existe el reconocimiento de su preexistencia al Estado en la Constitución de la República, gracias a lo cual las luchas por el reconocimiento de los charrúas de hoy se llevan a cabo en un vacío jurídico que les impide reclamar tierras exitosamente—razón por la cual continúan, hasta el día de hoy, sin territorio propio. Pero no es solo debido a las narrativas de la nación y a las opiniones académicas predominantes (que son increíblemente hostiles a los activistas indígenas) que la resistencia del gobierno a reconocerlos continúa: existe también, como han declarado algunos jefes, temor a que si se da un reconocimiento legal a los reemergentes, el Estado deba enfrentarse a reclamos de tierras. En este trabajo pretendo explorar el tema del resurgimiento de las etnicidades indígenas en Uruguay en el marco de la ausencia de marco jurídico y en el de una discusión de la territorialidad como ausencia (entendida, paradójicamente, como elemento constitutivo de los grupos reemergentes) y como bestia negra de los jefes estatales.

REFLEXIONES Y DISPUTAS EN TORNO A LA VARIABLE ÉTNICA EN SALUD

María Alejandra Rosés. Universidad del Salvador, Argentina

El presente trabajo busca describir el uso de la variable étnica en los registros de salud, a partir del análisis de caso de un programa nacional de salud que se viene llevando a cabo en Argentina hace más de diez años. El surgimiento de la variable étnica está vinculada, como en muchos casos, a experiencias donde el Estado se acerca a las poblaciones indígenas a causa del financiamiento externo de políticas sociales. Este es el primer diálogo que se quiere analizar, el que se da entre organismos externos, Estado Nacional y Estados provinciales en torno a las poblaciones indígenas. Cómo se interpretan y se hace uso de estos lineamientos en cada uno de los niveles mencionados. A su vez, están las comunidades indígenas que son población objetivo de estas políticas, activas en tanto sujetos de derecho y el equipo de salud, que es quien hace el registro (o no) del dato étnico. Estos actores son los que generan el dato. Analizando el surgimiento y funcionamiento de la variable étnica en salud en este programa se busca reflexionar sobre las relaciones de poder que facilitan o obstaculizan este registro. Y

cómo esto supone el conflicto entre concepciones de sujetos individuales o colectivos, identidades objetivas (biomédicas) o subjetivas y territorios comunitarios o estatales (centros de salud).

DEMARCANDO VESTÍGIOS: O PROCESSO DE PROTEÇÃO TERRITORIAL PARA UM POVO ISOLADO NA TI MASSACO

Amanda Villa Pereira. Formada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

A ocupação de terras tradicionalmente indígenas e seu esquadramento desde a colonização das Américas fez com que muitas populações, por diversos motivos, se retraíssem aos locais de floresta não habitados. A presença destes povos residindo afastados de outras sociedades ainda hoje os torna alvo de questões trazidas a debate cada vez mais frequentemente. As terras baixas da América do Sul contam com cerca de 50 povos indígenas isolados distribuídos no que resiste da densa floresta amazônica. O processo básico de identificação e demarcação de uma Terra Indígena, conforme definido pela portaria 14 do Ministério da Justiça do Brasil em 1996, envolve sobretudo o conhecimento aprofundado dos indígenas e um diálogo estabelecido para que haja acordo entre as delimitações definidas para a terra demarcada. São reportados dados sobre o grupo envolvido como sua filiação cultural e linguística, possíveis deslocamentos territoriais, demografia, detalhes de sua habitação, atividades produtivas, entre outros. A identificação do grupo e a delimitação da TI Massaco se deram, no entanto, sem que as diretrizes fossem seguidas literalmente, mas de uma forma bastante inovadora e de intervenção mais tênue do que se tinha feito até então. Este trabalho pretende, portanto, trazer a debate a construção de uma imagem dos indígenas isolados da TI, mas especialmente do processo de constituição de um povo indígena e, posteriormente, de sua terra demarcada, sem que se tenha contato com este povo.

CUANTIFICAR LA ALTERIDAD INDÍGENA EN EL SIGLO XXI. ACERCA DE LA CONSIDERACIÓN DEL “OTRO INDÍGENA” EN LOS CENSOS DE POBLACIÓN DEL SIGLO XXI EN LA REPÚBLICA ARGENTINA

Pilar Barrientos. Instituto Interdisciplinario de Tilcara- Facultad de Filosofía y Letras –
UBA

El presente trabajo intenta profundizar en los temas planteados en mi tesis de maestría en Antropología Social, en la que caracterizo las relaciones entre las organizaciones estatales encargadas de medir la población indígena en el Censo 2001 -y su posterior Encuesta Complementaria (2004-2005) – y las organizaciones indígenas que participaron en su implementación. A pesar del carácter innovador de estos operativos estatales, en cuanto incorporar a personal indígena para su realización es posible observar algunas analogías estructurales con respecto a sus escasos antecedentes del siglo XX que datan de casi cincuenta años atrás, tanto en el diseño del operativo como en las variables que se relevan y la publicación de los datos. La localización territorial en regiones geográficas asociadas a pueblos ancestrales, la interpretación forzada de la información recogida hacia la permanencia de lo indígena asociada al ámbito rural, invitan a pensar en qué herramientas de gestión de la alteridad indígena ha construido el Estado para generar políticas públicas para el sector indígena. Los números indican una fuerte presencia de los pueblos originarios en zonas urbanas lo que abre interrogantes acerca de las transformaciones en su identidad y su visibilización por las agencias estatales así como las posibilidades de negociación de recursos en estos espacios desde el lugar del indígena desplazado de su territorio por causas estructurales y subjetivas. A partir del registro etnográfico de los procesos que involucraron las mediciones estadísticas mencionadas pretendo abrir otras preguntas en torno a qué sentidos toma reconocerse o pertenecer a un pueblo indígena en Latinoamérica en el siglo XXI.

CAPTURANDO ETNICIDADE. UMA ETNOGRAFIA DAS CATEGORIAS ÉTNICAS E RACIAIS UTILIZADAS EM TRÊS CENSOS DEMOGRÁFICOS E SEU REBATIMENTO EM POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO

Thais Tartalha Lombardi. Pós-doutoranda do IPPRI-Unesp

Este trabalho busca realizar uma etnografia dos quesitos censitários que tem como objetivo captar raça/cor e etnicidade no Brasil, Chile e Costa Rica nas duas últimas rodadas do censo cobrindo os primeiros anos do século XXI. Situam-se quais categorias passam a fazer parte do desenho final do questionário do censo demográfico, de que

forma são escolhidas e qual seu alcance. Com isso busca-se entender se as categorias censitárias são advindas de categorias identitárias de alguns dos grupos desses países, ou escolhidas a partir de algum outro critério; se são quesitos territorializados, ou seja, se aplicam apenas à grupos residentes em determinadas partes do território; se são obtidos via autodeclaração; se são combinados a outros quesitos, como língua falada, ou não. Uma vez mapeadas e descritas como essas questões aparecem nos três países reflete-se sobre o lugar desses achados nas discussões sobre as necessidades e formas de classificação do mundo que são tão caras à Antropologia, traçando um paralelo entre as classificações do Estado e as representações identitárias. Nessa reflexão sobre identidade e classificação analisa-se a importância da ratificação da Convenção 169 da OIT nas mudanças operadas na forma pela qual o Estado descreve, classifica, e oferece informações acerca de sua população. Os resultados apontam para categorias censitárias que apresentariam um Estado cada vez mais pluriétnico, cujas categorias de captação são cada vez mais trazidas de categorias nativas, e que demonstram ainda uma desigualdade entre os diferentes grupos que compõem a população de cada um dos três.

EL RECONOCIMIENTO ÉTNICO Y LA CONSULTA PREVIA EN COLOMBIA: UNA ETNOGRAFÍA DE PRÁCTICAS, DOCUMENTOS Y SABERES SOBRE LA “CERTIFICACIÓN” DE COMUNIDADES ÉTNICAS

Raúl Delgado Montenegro. Estudiante de maestría en Antropología Social. Museu Nacional de la Universidad Federal de Rio de Janeiro

Con el propósito de contribuir a los debates contemporáneos sobre la etnicidad, en este trabajo se presenta un análisis etnográfico acerca de los procesos de reconocimiento, certificación y categorización étnica llevados a cabo en la Dirección de Consulta Previa del Ministerio del Interior de Colombia, institución estatal que tiene entre sus funciones, emitir actos administrativos (documentos) que “certifican” el carácter étnicamente diferenciado de diferentes poblaciones del país, para acceder al derecho a la consulta previa, derivado del convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo. Por lo tanto, se buscará describir la trama de agentes, racionalidades, tecnologías de objetivación, prácticas y documentos que circulan en ese universo burocrático. De este modo, y desde la perspectiva de la antropología de los procesos de formación de estado, se examinarán las interrelaciones, la negociación de enunciados, las rutinas burocráticas, la vida de los procesos y las figuras retóricas que son empleadas para sustentar las “pruebas” de etnicidad presentes en los documentos oficiales. No obstante, en este trabajo más que ofrecer una visión evaluativa de la manera en que mediante la producción de estos documentos el estado colombiano “clasifica” las poblaciones, se pretende detallar etnográficamente cómo se dan estos procesos en el quehacer cotidiano de funcionarios, contratistas, empresarios, comunidades y activistas de movimientos sociales étnicos.

Sesión 2: Etnicidades, nacionalismos y fronteras

IMIGRANTES PERUANOS EM SÃO PAULO, BRASIL: DA SOLIDARIEDADE ÉTNICA AO EMPREENDEDORISMO ÉTNICO?

Rosana Baeninger

Romeu Bonk Mesquita. Núcleo de Estudos de População Ela Berquó – UNICAMP

Este estudo compõe o projeto temático “Observatório das Migrações em São Paulo”, desenvolvido no NEPO/UNICAMP e com o apoio da FAPESP e do CNPq. No âmbito do entendimento desta pesquisa, acerca dos fluxos migratórios entre os países do Mercosul, a imigração peruana é foco deste trabalho. De um lado, pela inserção do Peru, em 2003, no Mercosul e seus impactos em acordos bilaterais e nos fluxos imigratórios; de outro lado, pela especificidade dessa imigração e seus imigrantes peruanos ligados ao ramo de restaurantes na cidade de São Paulo. Para a compreensão deste “negócio étnico” (Greene, 1997) que são os restaurantes peruanos, utilizaremos também os conceitos de solidariedade étnica (Bonacich, 1993) e de empreendedorismo étnico (Portes e Sensenbrenner, 1993; Bonacich, 1993). A metodologia da pesquisa conta com a base de informações dos registros de estrangeiros do Ministério da Justiça, de 2000 a 2014, e também com entrevistas qualitativas com donos e funcionários de restaurantes peruanos em bairros de concentração da imigração peruana no centro de São Paulo e em bairros de áreas nobres da cidade de São Paulo. As análises preliminares apontam, uma diferenciação entre a "solidariedade étnica" que é o negócio voltado para a própria comunidade (Bonacich, 1993; Portes, 1996), como são os restaurantes peruanos na Rua Aurora- centro de São Paulo, e o "empreendedorismo étnico" que consiste no negócio na competição do empreendimento com negócios já existentes e que alcançam um público diferenciado e não só imigrantes, como são restaurantes peruanos nos Jardins, em São Paulo.

TENSIONES EN LA CONSTRUCCIÓN DEL PROCESO IDENTITARIO ÉTNICO DE LOS GRUPOS GITANOS/ROMA DE BUENOS AIRES

La presente ponencia tiene como objetivo reflexionar sobre las tensiones identitarias presentes entre los diferentes grupos del pueblo gitano/rrom en Buenos Aires articulados a nivel global y local, a partir de las conceptualizaciones sobre identidad étnica y etnicidad. Para esto se focalizarán dos aspectos: por un lado, las autodenominaciones de los distintos grupos gitanos/roma locales y la dinámica de los límites identitarios presentes entre ellos, y por otro lado la relación con los movimientos de asociación romaní a escala mundial.

KAINGANG, GUARANI E XETÁ EM MOVIMENTO. PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E IDENTIDADES ÉTNICAS NA TI SÃO JERÔNIMO DA SERRA (PR)

Géssia Cristina dos Santos. Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), integrante do Núcleo de Pesquisa de Populações Indígenas NEPI/UFSC

A história da ocupação indígena do estado do Paraná é marcada não só por uma forte característica pluriétnica, como também por um longo processo de contato entre os vários grupos indígenas da região, especialmente entre os antepassados dos atuais Kaingang, Guarani, Xokleng, e Xetá, que precedia o período colonial. Esse contato se intensificou posteriormente com a chegada dos não indígenas no início do processo colonizador, e principalmente em decorrência das inúmeras ações empreendidas no período imperial, através das políticas de aldeamentos promovidos tanto por ordens religiosas, quanto por políticas governamentais, visando o ajuntamento dos grupos indígenas, notadamente estabelecidos como estratégia de controle e conquista de seus territórios. Entretanto, desse processo resultou também fortes laços entre os diferentes grupos indígenas, especialmente marcados pelos casamentos interétnicos, que inclusive foram sistematicamente incentivados pelas várias ações indigenistas tanto religiosas quanto governamentais. No presente, tenho me deparado com as representações indígenas acerca das categorias de “índio puro”, “misturado”, “mestiço” ou “civilizado”, dotadas de forte importância para os sujeitos que às acionam, nos mais variados contextos. Frente a esta problemática, várias questões passaram a me chamar a atenção, especialmente aquelas relacionadas a conformação dos grupos e das identidades étnicas, aos seus processos de “mistura”, e a manutenção dos distintos referenciais étnicos. Deste modo, venho trabalhando a importância que as referências identitárias têm para os indígenas Kaingang, Guarani e Xetá, que habitam a terra indígena (TI) São Jerônimo da Serra situada no norte do Paraná, e sua relação com os processos de reconhecimento e controle territorial.

RACIALIZACIÓN Y ETNICIZACIÓN EN LOS PROCESOS DE COMUNALIZACIÓN “COMECHINGÓN” EN ESPACIOS URBANOS Y RURALES DE CÓRDOBA, ARGENTINA

José María Bompadre. UNC/ICA

En la provincia de Córdoba (Argentina), los procesos contemporáneos de comunalización de miembros que se reconocen como “comechingón/comechingones”, han generado nuevos campos de interlocución y la consecuente reconfiguración de una economía política de producción de diversidad sociocultural, en el marco de un contexto “oficial” de extinción de la etnicidad por parte del Estado provincial y distintos sectores académicos. El presente trabajo tiene como objetivo analizar las prácticas contemporáneas de comunalización “comechingón” en Córdoba, su interpelación a los discursos de desmarcación étnica y la recreación/resignificación de subjetividades colectivas que anclan en matrices esencialistas de etnicidad, configuradas en coyunturas (témpero-espaciales) de larga duración, promoviendo agendas y agencias múltiples de aboriginalidad. La propuesta triangula aspectos teóricos, epistémicos y metodológicos, que permiten enmarcar diferentes discursos y prácticas sobre la producción de sujetos alterizados y territorializados dentro de procesos hegemónicos, a la vez que la recuperación del trabajo etnográfico donde se materializan las diferentes etnificaciones sobre lo “comechingón”.

CONSTRUINDO DIFERENÇAS, REIVINDICANDO DIREITOS: RECONHECIMENTO ÉTNICO KOKAMA NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL/COLÔMBIA/PERU

José Maria Trajano Vieira. Professor na UFAM/Doutorando em Antropologia Social pela Unicamp e Bolsista da FAPESP

O povo Kokama atualmente se encontra dividido, em termos de nacionalidade, entre brasileiros, peruanos e colombianos. Do lado brasileiro da fronteira, na região do alto Solimões, Estado do Amazonas, historicamente marginalizados pelo Estado nacional, os Kokama nas últimas décadas vêm se mobilizando politicamente na tentativa de se beneficiar das políticas públicas estatais, por meio de seu reconhecimento legal enquanto sujeitos detentores de direitos étnicos, reivindicando para isso sua diferença enquanto coletividade das demais. Nesse contexto adverso, os kokama reflexivamente

vem procurando conhecer, “resgatar” e valorizar sua cultura “tradicional”, como uma forma de conquistar visibilidade étnica, diante de uma sociedade que os discrimina e de um Estado que os exclui das políticas indigenistas oficiais. Nesse processo surgem conflitos e alianças com setores da sociedade não indígena, das demais etnias da região e dentro do próprio movimento social kokama, em virtude da competição por reconhecimento étnico e jurídico em termos associativos, direitos territoriais, bens culturais, patrimônio linguístico, educação e saúde diferenciadas, religiosidades, controle de recursos naturais, entre outras demandas e projetos com financiamento escassos. Nesta pesquisa mapeamos algumas redes indígenas de parentesco, de intercâmbio político, religioso, cultural e econômico que atravessam e interligam essa fronteira geográfica entre distintos Estados nacionais e suas políticas, abrangendo uma vasta região da Amazônia, que vai de Iquitos no Peru até Manaus no Brasil, passando pela Colômbia. Os Kokama contemporâneos, por meio do recurso às suas memórias e história, lutam pelo seu reconhecimento enquanto indígena kokama perante outras etnias indígenas, os não índios e as organizações indígenas e indigenistas. A cultura kokama é pensada, resgatada e inventada em meio às dinâmicas relações sociais que mantêm: intraétnicas e interétnicas; com o meio urbano; com os novos movimentos religiosos e com a política partidária. Projetada em direção ao passado, essa “cultura” pretende legitimar o presente e vislumbrar um futuro mais favorável aqueles que a agenciam.

TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO POVO KOKAMA EM SANTO ANTÔNIO DO IÇÁ/ AMAZONAS

Deyse Silva Rubim e May Anielly Moura. Filiación institucional (respectivamente): Indígena Kokama, Graduada em Letras – Língua Portuguesa, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e suas Literaturas, Mestranda em Antropologia Social/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Universidade Federal do Amazonas), Pesquisadora Bolsista da FAPEAM e do Núcleo de Estudos de Políticas Territoriais da Amazônia – NEPTA & Indígena Ticuna, Bacharelado em Antropologia, Especialista em História e Geografia, Mestranda em Antropologia Social/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Universidade Federal do Amazonas), Pesquisadora Bolsista da FAPEAM

O estudo acerca do povo Kokama teve início através das observações realizadas na convivência com o mesmo, diante das transformações que aconteceram no decorrer dos anos, de certa forma forçadas, e que produziram muitas diferenças na maneira de viver dos indígenas desta etnia. Buscou-se assim, mostrar como os Kokama de Santo Antonio do Içá vivem e os aspectos sociais que influenciaram na transformação de sua cultura, como a sua trajetória histórica e o processo de territorialização. Além, dos problemas relacionados ao papel do “ser índio kokama” na atualidade e sua luta contínua pela reafirmação de sua identidade. Todos os subsídios do estudo estão fundamentados em

autores que tratan dessas temáticas como: João Pacheco de Oliveira; Altaci Corrêa Rubim; Chandra Viegas; entre outros. Durante o período de colonização e territorialização a comunidade Kokama que vivia no Alto Solimões, sofreu muitas repressões, isso gerou uma profunda mudança no seu modo de vida cultural. Por isso, torna-se crucial compreender os processos, as influências e as modificações pelas quais esse povo passou ao longo dos anos, os seus aspectos culturais atuais, sua organização, seu espaço político nas instituições, sua educação diferenciada, seu espaço nas universidades e sua luta por reafirmação de sua identidade étnica.

Sesión 3: Conflictos etnopolíticos, etnogénesis y procesos

EFFECTOS DE LOS PROCESOS HISTÓRICOS DE CONCENTRACIÓN DE TIERRA POR PARTE DE CASAS COMERCIALES EN LA FORMACIÓN SOCIAL DE ALTERIDAD EN LA PROVINCIA DE RÍO NEGRO, ARGENTINA

Laura Kropff. IIDyPCa, CONICET/UNRN

Esta ponencia se enmarca en una línea de investigación orientada a mapear geografía rionegrina de inclusión y exclusión, entendiéndola como una articulación dinámica en permanente transformación. Una de las dimensiones de esa geografía tiene que ver con la formación social de alteridad sedimentada a lo largo de procesos históricos en los que se ponen en juego articulaciones situadas de recursos económicos, mecanismos políticos y concepciones sociales constructoras de consenso. Asimismo, se trata de una formación que es negociada y re-significada en el presente a través de la interacción asimétrica entre agencias estatales, privadas, no gubernamentales, comunidades mapuche, partidos políticos, organizaciones sociales y grupos conformados por intereses y pertenencias heterogéneos. A partir de una investigación sobre las denuncias recibidas por la Comisión Investigadora para el Relevamiento de Transferencias de Tierras Rurales que funciona en el ámbito de la Legislatura provincial, identificamos un conjunto de conflictos que se explican a partir del proceso de concentración de la tierra por parte de casas comerciales en las décadas que van de 1930 y 1960 y que implican accesos diferenciados fundamentados en la racialización y la etnicización de subjetividades. A partir de complementar el trabajo con los expedientes con el trabajo de campo etnográfico, repondremos aquí los efectos contemporáneos de ese proceso tanto en lo que hace al acceso y tenencia de la tierra por parte de grupos subalternizados como en la configuración de hegemonía basada en racismo estructural.

DISPUTAS DE SENTIDOS EN TORNO A LA CATEGORÍA “DESCENDIENTE” MAPUCHE: ENTRE PRÁCTICAS DE ALTERIZACIÓN Y PROCESOS DE REEMERGENCIA

Paula Cecchi. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires

En el presente trabajo, analizo los sentidos dados por personas *mapuche* y no *mapuche* de la ciudad de Viedma (Río Negro, Argentina) a la categoría “descendiente” *mapuche*, y al enunciado de que en la ciudad “hay muchas personas *mapuche* pero no se reconocen a sí mismas” como tales. Argumento que estos enunciados se relacionan con discursos hegemónicos que alegan la ausencia de pertenencia étnica y la explican como resultado de procesos de pérdida cultural y de pureza racial. Al mismo tiempo, estos dispositivos reproducen la alterización de la población en base a prácticas racializantes y etnicizantes que orientan la distribución de la población en el espacio urbano, expresada en la idea de que la población *mapuche* y “descendiente” se localiza en “los barrios” de la periferia. Finalmente, analizo cómo un colectivo *mapuche* construye una perspectiva que cuestiona los procesos de invisibilización y alterización, vinculándolos con la acción histórica de dispositivos hegemónicos. Desde esa perspectiva, desarrollan procesos de reemergencia y prácticas de visibilización mediante las que buscan interpelar como *mapuche* a las personas que se reconocen a sí mismas como “descendientes” o que “no se reconocen”.

“NOSOTROS SOMOS SELK'NAM”: ETNOGÉNESIS DE UN PUEBLO ORIGINARIO DE LA PATAGONIA AUSTRAL

Ana Cecilia Gerrard. Tesista de la Lic. en Antropología Social, FHyCS UNaM

Esta ponencia busca abordar el proceso de actualización identitaria entre los Selk'nam (Onas) de Tierra del Fuego, atendiendo al caso particular de la “Comunidad Indígena Rafaela Ishton”. A esos fines, es importante repasar previamente las condiciones que posibilitaron la invisibilización de esta población a lo largo del siglo XX para dar cuenta de la historia y de la existencia contemporánea de un pueblo que permaneció oculto entre la población regional, que por mucho tiempo fue imaginado como “desaparecido” y que logró notoria visibilidad desde la década de 1990. Actualmente, se encuentran organizados en torno a un origen étnico común, que tiene su anclaje en el territorio que en 1925 les fuera cedido a sus mayores como “reserva indígena” y que les fuera arbitrariamente expropiado a mediados de la década de 1960, reforzando el imaginario de la ausencia de familias indígenas en la región. La lucha por la recuperación del

territorio es en este caso fundamental en el proceso de reconstrucción identitária, en el cual convergen al mismo tiempo el rescate de un pasado común y la reactualización de prácticas asociadas a sus antepasados que, en forma conjunta con la ascendencia genealógica demostrada, permitirían probar la legitimidad de su alteridad.

TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE ÉTNICA NA DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL PÓS 1988

Carolina Perini de Almeida Manoel Batista do Prado Junior Nina Paiva Almeida

Filiación institucional (respectivamente): Mestre em antropologia (UnB), Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação (DPT/Funai); Mestre em história (UFF), Coordenação-Geral de Assuntos Fundiários (DPT/Funai) & Doutora em antropologia (UFRJ), Coordenação-Geral de Identificação e Delimitação (DPT/Funai)

Este trabalho visa analisar o lugar da territorialidade e da identidade étnica no processo demarcatório de terras indígenas no Brasil pós 1988 a partir de casos emblemáticos que envolveram uma série disputas, inclusive judiciais, em torno do reconhecimento da condição de indígena das comunidades e dos direitos atribuídos a essa categoria. Superando o paradigma tutelar no indigenismo brasileiro, a Constituição Federal de 1988 reconhece aos índios o direito originário às terras que tradicionalmente ocupam, conferindo a eles a posse permanente e usufruto exclusivo sobre elas, e estabelece que o que são terras indígenas tradicionalmente ocupadas (“as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos naturais necessários a seu bem estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos costumes e tradições”). Do mesmo modo, assegura aos povos indígenas o respeito às suas respectivas organizações sociais, no intuito de consolidar uma sociedade livre, justa e solidária, que se coloca como objetivo precípua da Constituição Federal de 1988. Com efeito, a ratificação da Convenção 169 da OIT no Brasil, por meio do Decreto nº 5051/2004, assegura o critério da autoidentificação para o reconhecimento das identidades étnicas no país. É neste campo de disputas por direitos, que propomos analisar os processos de demarcação de terras indígenas no Brasil e o reconhecimento desses povos, considerando o necessário diálogo epistemológico entre a antropologia e o Direito, de modo efetivar direitos territoriais das populações indígenas.

TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS? – UMA ETNOGRAFIA DA LUTA DO SANTUÁRIO DOS PAJÉS CONTRA O SETOR NOROESTE DE BRASÍLIA

José Humberto de Góes Junior. Professor Assistente do Departamento de Direito da Universidade Federal de Goiás – Campus Cidade de Goiás (UFG/CCG); Estudante do Programa de Pós-Graduação em Direito, nível de Doutorado, da Universidade de Brasília (UnB); Mestre em Ciências Jurídicas, área de concentração em Direitos Humanos, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O presente trabalho se constitui como uma Etnografia do conflito, tendo como centro a resistência e a luta realizada pela Comunidade Indígena Fulni-Ô/Tapuya – Santuário dos Pajés para o reconhecimento de suas terras tradicionais em uma área urbana alvo de interesses da indústria da construção civil situada no Plano Piloto de Brasília/Distrito Federal/Brasil. Partindo dos sentidos dados à expressão “terras tradicionalmente ocupadas” no Direito e na Antropologia, bem como de falas significativas promovidas por distintos sujeitos, incluindo a entidade indigenista nacional brasileira (FUNAI), que interferem no conflito fundiário para negar ou afirmar a possibilidade de se constituir uma terra indígena com origem temporalmente conhecida e em área urbana, o objetivo do trabalho é compreender os significados que os sujeitos envolvidos no conflito conferem à expressão “terras tradicionalmente ocupadas”, que relações estabelecem com as epistemologias étnico-culturais indígenas e quais seus impactos para o reconhecimento de Terras Indígenas em espaços urbanos. Para responder às questões propostas e sistematizar a experiência teórica adquirida com o conflito fundiário, o autor revisita documentos, práticas, anotações de observação-participante e discursos significativos produzidos no âmbito de processos judiciais e administrativos que tiveram como objeto a área reivindicada pelos índios até o ano de 2011.

OLHOS QUE NÃO VEEM, ÍNDIOS QUE NÃO EMERGEM: PARA ALÉM DO EMERGENCISMO ÉTNICO

Raúl Ortiz Contreras. Docente de la Universidad Miguel de Cervantes y Universidad Mayor. Candidato a Doctor en Antropología Social por la Universidade Estadual de Campinas

Desde finais da década de 1980 consolida-se, em escala global, o processo de internacionalização da retórica da diversidade étnica. Assim, a transformação dos cenários da luta indígena no continente americano passou por um profundo processo de juridização, comportando o deslocamento de uma ideologia monocultural – de extermínio, integração ou desaparecimento do índio –, para uma perspectiva multicultural – de reconhecimento social e jurídico das coletividades originárias. Partindo dos resultados de uma pesquisa cujo alvo é o fenômeno dos movimentos

indígenas no Brasil e na Argentina no período pós-constituinte, e tomando por base heurística a noção de “processo etnopolítico”, a proposta deste trabalho é a de discutir até que ponto as leituras emergencistas e etnogenéticas da etnicidade conseguem dar conta da profundidade histórica e cultural dos fenômenos relatados. Fazemos uma proposta teórica que permite questionar a tendência de interpretar o desenvolvimento dos processos de geração de identidades étnicas como se fossem apenas resultado de alguma força trans-histórica (era multicultural, globalização ou pós-modernidade), ou de algum “espírito de época” (“novo clima cultural” ou “novo cenário”), pois nem sempre tais guarda-chuvas conceituais propiciam ferramentas concretas para entender os processos particulares em que as pessoas de carne e osso se inserem. Assim sendo, cabe se perguntar: como fazer um balanço coerente da relação entre “contexto” e “agência” na dinâmica de transformação das identidades étnicas? E como podemos identificar, dentro do carácter processual da conformação desses contextos específicos, o papel que toca à ação e à tradição indígena? A perspectiva adotada considera imprescindível reconhecer as relações interétnicas como espaços de configuração histórica e intersocietária, ativando de forma particular, em cada contexto, diversos dispositivos de visibilidade/invisibilidade.

Sesión 4: Comunidades afrodescendientes, discusiones raciales y encuadre afro-indígena

“ACCIÓN COLECTIVA, ESTADO Y NARRATIVAS DE LA ETNICIDAD: EL CASO DEL CONFLICTO INTERÉTNICO DE LA HACIENDA SAN RAFAEL, SUROCCIDENTE COLOMBIANO”

María Jimena López. Antropóloga de la Universidad Nacional de Colombia. Magister en Estudios Políticos y Relaciones Internacionales del IEPRI de la misma Universidad.

Esta ponencia presenta un análisis de la narrativa producida por la comunidad negra de Zanjón de Garrapatero (ubicada al suroccidente colombiano) en el proceso de reivindicación de sus derechos étnico-territoriales en el marco de un conflicto interétnico con un Cabildo Indígena por la titulación de una hacienda. Este, a su vez, respondió a dos propósitos: obtener el reconocimiento estatal como consejo comunitario afrocolombiano y la titulación colectiva de la hacienda. A partir del caso estudiado

propongo comprender la etnización como un proceso político-cultural de producción narrativa que implica: i) la formación de un sujeto político y unas subjetividades (Restrepo, 2013: 20) ancladas en la noción de ancestralidad; ii) una resemantización de la acción política desde el diálogo entre la experiencia cotidiana y las “tecnologías de invención” (Restrepo, 2013) sobre lo étnico. A su vez este proceso responde a las restricciones, oportunidades y desafíos que genera la interacción estratégica con los actores involucrados en este conflicto: Estado, Cabildo Indígena, Organizaciones sociales y Agencias de cooperación internacional. Iniciaré con una breve reconstrucción del conflicto interétnico y de la movilización del consejo comunitario en respuesta al mismo. A ello seguirá una descripción de la narrativa asociada a la Hacienda San Rafael como un lugar de significación de lo étnico. Finalizaré con algunas reflexiones sobre la política de reconocimiento étnico en Colombia y sus contradicciones en un escenario de globalización económica.

ANÁLISE DA ETNOGÊNESE QUILOMBOLA NOS PROCESSOS DE REGULARIZAÇÃO DE TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS DO INCRA/PR

Éber Santos Silva

Juliana Calábria

Juliane Augusta Sandri

Filiación institucional (respectivamente): Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário – Antropologia do INCRA/PR e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário – Antropologia do INCRA/PR e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) & Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário – Antropologia do INCRA/PR e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Este trabalho tem como objetivo discutir o processo de etnogênese quilombola nos processos de regularização de territórios quilombolas executados pelo Estado brasileiro através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. O processo de construção da identidade quilombola é contínuo e os limites de pertencimento ao grupo sujeito de direito são fluídos e negociados. Também envolve a negociação das identidades locais e a identidade definida pelo Estado. No entanto, percebe-se que o Estado demanda, em várias fases do processo, a fixação dessa identidade e dos contornos do grupo. Assim como, em alguns momentos, membros das comunidades quilombolas esperam que o Estado defina os critérios de pertencimento e intervenha nas negociações internas sobre esta questão. Desta forma, a partir da experiência de trabalho no Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas do INCRA do estado do

Paraná, procuraremos analisar e problematizar o envolvimento dos diversos atores – Estado, lideranças quilombolas e movimentos sociais – na construção dos limites entre “os de dentro” e “os de fora” da comunidade quilombola.

POR UMA TEORIA ANTROPOLÓGICA DESCOLONIAL SOBRE RAÇA NO BRASIL: RAÇA, RACISMO E O MODELO IBÉRICO DA EXCEPCIONALIDADE COLONIAL NO BRASIL

Joyce Souza Lopes. Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGANT-UFPEL). Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Marcar as potencialidades e singularidades do paradigma descolonial a partir de uma angulação da realidade social situada, exige o discorrer de políticas estratégicas da modernidade/colonialidade brasileira, como a tríade, talvez famosa: ideal de branqueamento; mito de democracia racial e; o pacto de mestiçagem/miscigenação. Trata-se dos principais meandros do modelo ibérico da excepcionalidade racial (HANCHARD, 2001) no Brasil. Longe da intenção de estabelecer um termômetro comparativo entre as desgraças provenientes de um ou outro mecanismo de colonização e colonialidade/modernidade, o fato é que o cientificismo racista secular, e mesmo suas reconfigurações, combinações, reduções e ou/ inversões em moldes brasileiros (SCHWARCZ, 1993), não contemplou o processo de opressão e de exploração, nem as implicações sóciopsicológicas do colonialismo. Na verdade, o naturalizaram, ainda que houvesse um abismo entre as construções discursivas e as supostas práticas nacionais de valorizações raciais de cunho igualitário. Conforme Boaventura de Souza Santos, entre o lusotropicalismo, ou o colonialismo cordial, “a negatividade do colonialismo português foi sempre o subtexto de sua positividade e vice-versa” (2003, p. 26). As consequências sociais da excepcionalidade ibérica e da ideologia de democracia racial, sendo a segunda uma fase da primeira, foram condicionadas pelo discurso reinterpretado, reconfigurado e renegociado da ideologia de democracia racial na vida cotidiana, na ciência e na política. O objetivo deste trabalho é abordar a proposição de uma teoria antropológica descolonial sobre raça no Brasil como abordagem de natureza política, ética e epistêmica, um modo indubitavelmente necessário para se pensar as hierarquias raciais no Brasil e os efeitos do modelo ibérico da excepcionalidade colonial em tempos de modernidade/ colonialidade.

GT 37. ETNOGRAFÍAS DE LA PERFORMATIVIDAD CALLEJERA

EN AMÉRICA LATINA

Coordinadores:

Profa. Dra. Maria Elizabeth Lucas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal do Rio Grande do Sul; elucas@plugin.com.br

Profa. Dra Patricia Oliart. Head of Spanish, Portuguese and Latin American Studies Newcastle University; patricia.oliart@newcastle.ac.uk

Sesión 1:

MUCHO MÁS QUE UN DISPARO. PRÁCTICAS FOTOGRÁFICAS COLECTIVAS EN EL ESPACIO PÚBLICO CONTEMPORÁNEO

Dra. Agustina Triquell
atriquell@gmail.com

La ponencia se propone reflexionar sobre una serie de acciones fotográficas desarrolladas por colectivos como modo de intervención en la agenda pública y/o el espacio urbano. Lo interesante de estas propuestas que, si bien diversas entre sí, todas proponen una complejización del dispositivo fotográfico que excede el mero registro o reproducción –en tanto condiciones de producción y circulación de la imagen– ya que utilizan otros recursos estéticos y narrativos para desplegar su accionar.

Se trata de tres acciones concretas: las desarrolladas por el colectivo argentino M.A.F.I.A. (Movimiento Argentino de Fotógrafxs Independientes Autoconvocadxs) en las marchas del Orgullo Gay y en la conmemoración del golpe de Estado del 24 de marzo (2014 y 2015); las acciones desarrolladas por el colectivo rosarino Camarón en Rosario y Tucumán y, en tercer lugar, la intervención de las Brigadas Fotográficas en la ciudad chilena de Valparaíso en los barrios afectados por el incendio de abril del año pasado (desarrollada en el marco del Festival Internacional de Fotografía de Valparaíso en noviembre del mismo año). Si bien atenderemos a las particularidades de unas y otras acciones, nos interesa profundizar y orientar la reflexión hacia las estrategias de puesta en escena y performatividad en el espacio público de ciertas prácticas fotográficas contemporáneas, su circulación online y sus modos de construcción de un modo particular de ciudadanía visual (Triquell, 2015).

OS PROTESTOS FESTIVOS: PERFORMANCES ARTÍSTICO-POLÍTICAS NO BRASIL

Victoria Irisarri
Doutoranda PPGAS/UFRGS

As performances nos protestos políticos têm desempenhado um papel importante. Estas foram analisadas como um recurso em diferentes momentos: como uma forma de criar enquadramentos interpretativos (Mc Adam, 1999); ou também como uma tática de protesto através de técnicas corporais, estilos de vestimenta, símbolos, rituais e práticas de comunicação (Juris, 2005). Este trabalho se centra em um tema que tem sido pouco explorado no estudo das performances dos movimentos sociais: aquelas que são em si mesmas um ato de protesto e não se constituem como um recurso a mais dentro do repertório de ações.

A partir de um trabalho etnográfico desenvolvido no Brasil, o presente trabalho busca analisar as performances estéticas de um movimento artístico-cultural emergente, o movimento Fora do Eixo, organizado em rede ao longo do país. O artigo explora como a performance neste caso é constitutivo da identidade do grupo, ao ser um movimento artístico cultural que produz festivais culturais, e do mesmo modo podem produzir protestos políticos, protestos que em si mesmo são performances e não como um recurso a mais dentro de um repertório, é dizer, que não tem diferença entre a performance de protesto e o que o movimento faz em si. Também, analisa as maneiras pelas quais a realização de performances, públicas e massivas, deste grupo moldam as suas experiências políticas e suas formas de representa-las a partir, mas não só, do uso extensivo e intensivo das tecnologias digitais.

Palavras-chave: movimento artístico-cultural, performance, tecnologias digitais

“AMANHÃ VAI SER MAIOR” (?): NOTAS SOBRE OS (IN)SUCESSOS EM DUAS MANIFESTAÇÕES DE RUA DO ATIVISMO DE PESSOAS TRANS NO BRASIL

Mario Felipe de Lima Carvalho. Doutor em Saúde Coletiva (IMS-UERJ)
mariofelipec@yahoo.com.br mariofelipec@gmail.com

Este trabalho é um recorte de minha tese de doutorado intitulada “*Muito Prazer, Eu existo!* Visibilidade e Reconhecimento no Ativismo de Pessoas Trans no Brasil”,

defendida em maio de 2015. A partir da observação etnográfica da 18ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (04/05/2014) e do Ato pelo Dia da Visibilidade Trans do Rio de Janeiro (29/01/2015), busco tecer relações entre os usos da internet, as produções de alianças políticas, a luta por visibilidade social e as novas e velhas dramaturgias políticas acionadas por ativistas travestis e transexuais em ambos os contextos (tomando como ferramenta analítica a metáfora dramatúrgica de Goffman). Entre as diversas manifestações de rua etnografadas ao longo de meu trabalho de campo, optei por comparar estas duas manifestações por se tratarem de experiências antagônicas no que tange ao seu “sucesso político” do ponto de vista nativo (sendo a primeira considerada uma derrota frente ao sucesso da segunda), ao mesmo tempo em que acionam dramaturgias e repertórios semelhantes, a saber: (i) uso sincrônico e diacrônico das redes sociais da internet para além da divulgação e mobilização política; (ii) estabelecimento de alianças com diferentes agrupamentos e instituições políticas (partidos, coletivos feministas e LGBT, órgãos governamentais); e (iii) uso do “corpo-bandeira”. Por fim, busco elementos nos possíveis legados das chamadas “Jornadas de Junho” de 2013 no Brasil, tanto nas disputas representadas quanto nas diferentes avaliações nativas com relação aos (in)sucessos das manifestações.

Palavras-chave: travesti, transexual, movimentos sociais, manifestações de rua, internet.

ATIVISMO VEGANO NA CIDADE: RECORTES ETNOGRÁFICOS SOBRE PERFORMANCE E MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

Diego Breno Leal Vilela Doutorando em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; brenovilella@yahoo.com.br

Movidos por princípios éticos baseados nos direitos animais, os veganos se recusam a consumir todo produto ou alimento de origem animal – o que faz do *boicote* uma ferramenta política importante no contexto desses sujeitos. Contudo, no discurso ativista vegano, apenas demonstrar suas inquietudes por meio das escolhas de consumo não parecem ser suficientes para alcançar as conquistas que almejam. Torna-se necessário ir às ruas, praças e demais espaços tornando pública as suas reivindicações. Em muitas dessas ocasiões – ações e protestos – essas mesmas reivindicações são realizadas por meio de *performances* públicas onde os ativistas se utilizam de uma série de equipamentos e artefatos – cartazes, banners, bandeiras, camisetas, tintas ou mesmo o próprio corpo – com o objetivo de sensibilizar e chamar atenção das pessoas para aquilo que estão contestando, neste caso, a “exploração animal”. É neste sentido que me proponho neste trabalho a refletir sobre o ativismo vegano no contexto de duas cidades

brasileiras – Natal-RN e Recife-PE – tomando a categoria *performance* como um elemento chave tanto para materializar um dado conjunto de ideias – direitos animais, abolicionismo animal – quanto para compreender as mobilizações políticas contemporâneas.

Palavras-chave: Ativismo vegano, *performance* e mobilização política

CORPOS, DISCURSOS E REDES SOCIAIS: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O ATO POLÍTICO ANARCOPUNK NA MARCHA DAS VADIAS DO RIO DE JANEIRO 2013

Janaina de Araujo Morais Mestra em Ciências Sociais. Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCSO-UFJF); janainajanis@gmail.com

A Marcha das Vadias do Rio de Janeiro (MdV-RJ) é uma manifestação feminista que se posiciona contra a violência sexual de gênero. A terceira edição da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro (MdV-RJ) aconteceu em 27 de julho de 2013, em Copacabana, na mesma semana em que estava ocorrendo a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Católica, no Rio de Janeiro, com a presença do Papa Francisco. Esse contexto, dentre outros, delineou uma manifestação bem específica e atípica, marcada por uma enorme diversidade de performances - uma delas, organizada pelo Coletivo Coiote, ganhou grande repercussão na mídia e nas redes sociais. Neste artigo busca-se fazer uma análise do ato em questão e das narrativas que surgiram a partir dele nas redes sociais, procurando compreender como os/as manifestantes utilizam o próprio corpo para se posicionar politicamente durante a manifestação e o significado que essas expressões adquirem tanto para os/as ativistas, quanto para um público mais geral, que não possui envolvimento direto com a manifestação.

É importante ressaltar, que este *paper* é resultado de um trabalho etnográfico sobre o uso do corpo como instrumento político na MdV-RJ 2013. Para a pesquisa de mestrado, foram analisadas duas formas de expressão do corpo que marcaram a manifestação: os seios nus das manifestantes e a performance anarcopunk do Coletivo Coitote. Contudo, o foco deste *paper* será a performance do Coletivo Coiote e a repercussão que o ato ganhou nas redes sociais. Assim, além da observação participante, a etnografia virtual foi amplamente utilizada como método de pesquisa.

Palavras-chave: Corpos; Feminismos; Discursos; Redes Sociais;

CUERPO MANIFIESTO - CUERPO TRAVESTIDO, EN PERFORMANCES

CALLEJERAS. CARRERA SÉPTIMA EJE COREOGRÁFICO DE BOGOTÁ

Mario Perilla Perilla; mario2p3000@gmail.com

Diego Quintana Tovar; diegoquintanat@yahoo.es

Florinda Sánchez Moreno; fsanmor@gmail.com

Grupo de Investigación *Patrimonio Construido: Texto y Contexto*, Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá, Colombia

En la Carrera Séptima de Bogotá, eje que la atraviesa en términos físicos y cronológicos se desarrollan manifestaciones rituales y extraordinarias que llevan en sus performances el cuerpo como centro del discurso. Así, la marcha del Orgullo Gay, Las comparsas barriales del cumpleaños de la ciudad, la Marcha del Festival de Teatro Iberoamericano son ritualizaciones que se repiten secuencialmente cada año. Y otras manifestaciones colectivas convocadas por las redes con fines ecológicos, políticos o de otra índole también involucran el cuerpo como el centro del performance.

De la mano de estudio del habitar en la Carrera Séptima, como forma efímera de apropiación espacial en la linealidad del recorrido, se han analizado varias de las expresiones de las diferentes tribus de hoy – a la manera de Maffessoli- con el cuerpo como vehículo comunicante esencial del discurso político o social en las ritualizaciones mencionadas.

Palabras clave: Cuerpo, manifestación, performance.

DE LA ETNOGRAFÍA DE EVENTOS A LA ETNOGRAFÍA ACONTECIMENTAL: NUESTRA EXPERIENCIA EN TORNO A LA “MARCHA DE LA GORRA”

Dra. Bonvillani, Andrea (Facultad de Psicología / UNC)

Alonso, María Del Rocío (Facultad de Psicología / UNC)

Lic. Chaboux, Melania Agustina (CONICET / UNC)

Lic. Farías Iten, Paola Daniela (Facultad de Psicología / UNC)

Lic. Lerchundi, Mariana (CONICET / UNRC)

Lic. Lescano, Paola (Facultad de Psicología / UNC)

Lic. Monsó, Mauricio (Facultad de Psicología / UNC)

Roldán, Macarena Del Valle (Facultad de Psicología / UNC)
investigadoresmarchadelagorra@gmail.com

La comunicación presenta una investigación colectiva en curso que indaga procesos de subjetivación política producidos en la “Marcha de la Gorra”: movilización anual que convoca masivamente a ciudadanos cordobeses, especialmente jóvenes, quienes le imprimen un carácter contestario, lúdico y performático. Entre otras demandas que allí se articulan, derogar el Código de Faltas es central. Esta normativa, que regula contravenciones en el espacio público provincial, se constituye en un instrumento jurídico que legitima “detenciones arbitrarias”, cuyas principales víctimas son jóvenes de sectores populares.

Partiendo de la “etnografía de eventos” propuesta por la antropóloga Borges, nuestra experiencia como investigadores y marchantes, nos obliga a transitar diversos caminos vinculados con la auto-etnografía. La Marcha nos interpela: vibramos con ella, nos emocionamos registrando, late en nosotros y nosotros en ella.

En estos tránsitos, aparece la pregunta por el carácter de *acontecimiento* de la Marcha, noción que, según Lazzarato, refiere al lugar de mutación de la subjetividad. Nuestro trabajo se interroga por los modos de reconversión subjetiva juvenil que aloja y habilita la Marcha.

Finalmente, identificaremos distintos recursos que utilizamos para conducir la investigación, resultantes de las exigencias propias de la situación-Marcha y de nuestra creatividad y reflexividad como investigadores, a saber:

- “Etnografía de lo fugaz o de lo instantáneo”, dislocamientos témporo-espaciales
- Conversaciones en marcha
- Logísticas del colectivo investigador que alteran los “modos prescriptos” de caminar la Marcha
- Carteles-nudo: Técnica de construcción de datos que constituye, a su vez, una forma de intervención (de ser, estar y militar) en la marcha.

Palabras clave: Marcha de la Gorra. Etnografía de eventos. Acontecimiento. Recursos creativos de investigación.

**ETNOGRAFÍA DE LA MARCHA DE LA GORRA: ¿QUÉ SIGNIFICA
EMBROLLAR?**

Melania Agustina Chaboux CONICET / UNC

Desde el 2007, cada 20 de Noviembre miles de personas, en su mayoría jóvenes, toman las calles del centro de la ciudad de Córdoba para demandar, en términos generales, la transformación de la política de seguridad cordobesa, la cual (re)cae sobre el cuerpo de los jóvenes de sectores populares como una obscena violación a sus derechos humanos. La denominada “Marcha de la Gorra”, (d)enuncia las problemáticas que sufren los grupos sociales más vulnerables de la ciudad de una manera singular, “carnavalizando” la protesta.

En el año 2014, la octava edición de la Marcha asumió como consigna principal “*Más vale gorras embrollando que la policía matando*”. Aquí, el embrollo excede su significado más difundido (el de enredar o complicar algo, de acuerdo a la RAE) y se constituye como una categoría que expresa en acto la subjetivación de los jóvenes. Embrollar es hacer ruido, hacer lío de una manera festiva. A través del embrollo - colorido, lúdico y hasta provocador- los marchantes hacen ver y oír su impugnación a aquella construcción hegemónica que imagina, narra y produce al sujeto pobre como portador de peligros en potencia.

Como colectivo investigador de la Marcha, la noción de embrollo nos interpela, abre una línea de indagación que desde algún tiempo se figuraba como latente. Para responder a la pregunta por los sentidos, alcances y contornos del embrollo, en esta comunicación presentaremos la propuesta metodológica que hemos diseñado para explorar la marcha, la que incluye entre sus principales estrategias, la *etnografía* y la *cartografía del embrollo*.

Palabras clave: Etnografía colectiva. Marcha de la Gorra. Carnavalización de la protesta. Embrollo. Cartografía.

Sesión 2:

A PERFORMATIVIDADE NA CULTURA POPULAR: A PRAIA DE QUEBRA CANELA (CABO VERDE)

Wilson Trajano Filho

Universidade de Brasília

Através da descrição de eventos fortemente marcados pela dimensão da performance e da estética que se desenrolam na Praia de Quebra Canela na Cidade da Praia, capital de Cabo Verde, pretendo revelar alguns atributos distintivos da cultura popular. Pretendo com isto ensaiar uma revisão desse conceito no sentido de afastá-lo da definição

intuitiva que o tem marcado como uma série específica, mas não consensual, de artefatos culturais, como gêneros musicais, estilos narrativos, formas literárias etc. Em lugar desse frágil senso comum intelectual, proponho tratá-lo como um campo em que vicejam a heterodoxia e a auto negação, a dimensão contestadora e não oficial do viver coletivo, um lugar de apropriações criativas bem como de repetições e imitações canhestras, um tempo em que se fundem tradição e modernidade, um espaço de comentário paródico sobre o poder e uma área da vida social e da cultura em que a própria cultura se desdiz e desmente.

Por meio da descrição etnográfica quero mostrar que, tomado como um campo comunicativo, o espaço de Quebra Canela é palco para veiculação dramatizada de rumores que tematizam projetos plurais sobre como o mundo político é e como devia ser, para mimetização de passarelas e ensaios de desfiles de moda, para cuidados estetizados com o corpo nas sessões coletivas de ginástica e nos exercícios individuais em aparelhos ali instalados, para a exposição e mercantilização de objetos estéticos ou ornamentais (artesanato) e para formas coletivas de lazer e entretenimento. Tal descrição tem natureza multimídia, pois o texto será complementado por imagens que fornecem contexto, dão um aporte extra de significação e servem de contraponto a ele.

EXIBINDO-SE NEGRO: PERFORMANCE E RE-ORGANIZAÇÃO DO SUJEITO NEGRO NO COLETIVO DE ARTISTAS AKOBEN, RIO DE JANEIRO

Maria Andrea dos Santos. Universidade Federal de Santa Maria/UFSM;
mandriusantos@gmail.com

Tal como Fanon sugere, a dialética de visibilidade/invisibilidade pode oferecer algum espaço para contestar processos violentos de racialização e subjugação. A partir da análise de elementos performáticos utilizados por coletivos compostos de homens e mulheres afro-brasileiras, os quais foram observados durante a pesquisa etnográfica junto ao coletivo de artistas negros e negras Akoben na cidade do Rio de Janeiro esta apresentação visa discutir estas performances públicas de exibição da negritude como um processo estético o qual também é político e de (re) organização deste sujeito negro. A circulação de signos da negritude tais como vestimenta, adereços, cabelos, e atos de fala em espaços públicos estabelecem o corpo como lócus de resistência e auto-construção. Neste sentido, estas exibições públicas de afirmação da negritude também criam um espaço didático onde outros brasileiros de descendência africana podem identificar-se positivamente com sua própria identidade racial. A partir destes dados espera-se pensar a performance da negritude enquanto uma narrativa e simultaneamente uma presença que enuncia uma posição ontológica deste sujeito negro. Tais usos da performance contestam o imaginário racial através do qual a presença destes corpos negros é via de regra apreendida. Finalmente, o objetivo desta abordagem visa pensar sobre os efeitos que a experiência coletiva da performance tem na psique de grupos afro descendentes enquanto uma ferramenta de de-alienação (usada

aqui no sentido de desapropriação do eu) e de reinvenção ontológica do sujeito.

Palavras-chave: performances públicas, artistas negr@s, estética da negritude

UMA BUSCA AOS ESCAPES FESTIVOS URBANOS

Samira de Sousa Proêza. Mestra em
Urbanismo PPG em Urbanismo Universidade Federal do Rio de Janeiro;
ssproeza@gmail.com

Trata-se de uma pesquisa que busca permear a cidade, percorrer as ruas, praças e parques nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires, e também as redes sociais, em busca de escapes festivos urbanos - práticas festivas que emergem nos espaços públicos - e entender como se articulam, se relacionam com o espaço, com outras práticas, e de que forma esses corpos festivos se colocam nos espaços públicos. Em meio a um contexto de cidades controladas por um poder hegemônico, insurgem cada vez com mais intensidade movimentos artísticos, festas que possuem nas entrelinhas da alegria, uma densidade de pautas, discursos, insatisfações. São atos políticos e artísticos que propõem outro tipo de relação com o corpo, com a vida, com os espaços públicos, com a cidade, buscando a criação de novas subjetividades. Organizadas de maneira independente, horizontal, abertas e sem recursos públicos e privados, essas práticas ocupam temporariamente um espaço e depois se diluem reverberando na cidade e no corpo que viveu a experiência. O material de divulgação nas redes sociais, fotos, vídeos e narrativas compõe o registro e também a expressão dessas experiências. A pesquisa se compõe de dezenas dessas experiências, e foca em duas para melhor entendimento, o “festival independente de candombe” em Buenos Aires, e o “ocupalapa” no Rio de Janeiro, e busca contextualizar e narrar esses acontecimentos com seus diversos conflitos e potências de práticas que emergem e ressignificam os espaços públicos.

Palavras-chave: espaços públicos, manifestação artística, conflitos, novas subjetividades, práticas festivas.

UMA EXPERIÊNCIA PRÉ-CARNAVALESCA NO BLOCO GARIBALDIS & SACIS: UMA INICIAÇÃO À ALEGRIA

Julia Basso Driessen

Mestranda em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina;

O fenômeno pré-carnavalesco Garibaldi & Sacis vem, há alguns anos, chamando a atenção de muitos moradores de Curitiba (capital do Estado do Paraná, Brasil) por quebrar uma visão tida por alguns como característica curitibana: a falta de “brasilidade” presente na cidade. O bloco Garibaldi & Sacis vem recebendo cada vez mais adeptos e tornou-se um evento-marco para o público que frequenta o circuito alternativo da cidade. O trabalho tem como objetivo compreender este evento que durante 15 anos transformou o centro histórico da cidade durante os domingos de pré-carnaval. Em 2011 o bloco entrou para o circuito oficial de pré-carnaval da cidade, tendo seu trajeto original modificado pelo setor público local, que atualmente financia as saídas. Nesta etnografia procuro analisar o cenário em que a festa tradicionalmente foi realizada, assim como os elementos característicos do trajeto pré-carnavalesco para compreender a estrutura existente dentro do bloco e como a forma de fazer esta festa performática, inspirada nas manifestações de cultura popular brasileira, gerou, uma certa "pedagogia da alegria", que tem servido como um ritual iniciático à brincadeira para foliões que ingressam no Garibaldi & Sacis.

Palavras-chave: Pré-carnaval. Performance. Experiência. Cultura Popular.

MÚSICOS DE RUA EM CURITIBA/PR: TRAJETÓRIAS E ESPACIALIDADES

Elcio Skulni. UNESPAR – Campus II – FAP; elcioskulni@gmail.com

O presente texto tratará do estudo sobre os músicos de rua na cidade de Curitiba/PR, Brasil. Buscando investigar as trajetórias e suas atuações nos espaços da cidade. A finalidade desta análise está em compreender as relações que se estabelecem entre, artistas, espaço urbano, poder público e ouvintes. A questão está na compreensão e no reconhecimento da atuação performática dos músicos de rua em Curitiba. E em como se concretizam as relações espaciais entre os *street performers* e o espaço, e de que forma estas apresentações contribuem para a composição da paisagem sonora e do cenário cultural local.

No decorrer do trabalho, tratarei da diversidade na formação musical e as peculiaridades das trajetórias destes músicos, e quais são as motivações que levam estes artistas a se apresentarem nos espaços públicos da cidade. Observando também se há uma concentração espacial destas atividades em lugares específicos. A proposta é analisar as dinâmicas cotidianas destas performances discutindo, entre outros temas, a produção artística, a ocupação do espaço público, a composição da paisagem sonora e a prática de tocar na rua enquanto forma de geração de renda. O foco está na espacialização

destas intervenções, trabalhando a ideia de uma cartografia da musica de rua.

Palavras-chaves: Músicos de rua, trajetórias, performances, espaço público, paisagem sonora.

“PARA SER BUEN PENSANTE”: ASPECTOS PERFORMÁTICOS DE LA MÚSICA PROPIA EN LAS ELECCIONES DEL CABILDO ESTUDIANTIL MISAK (COLOMBIA)

Oscar Giovanni Martinez PPGAS

Universidad Federal do Rio Grande do Sul.
Bolsista PEC/PG-CNPq; giovadrum@gmail.com

Este texto, que se enmarca dentro de los paradigmas de los estudios de performance y la antropología del ritual, parte de la experiencia de campo en el resguardo indígena Misak de Guambia, en la zona rural de Silvia, municipio del departamento del Cauca, en Colombia, y se sitúa cronológicamente el día de las elecciones del Cabildo Estudiantil en la Institución Educativa Agropecuaria Misak. Tal lugar se puede entender como un espacio público al interior de la comunidad y para esta circunstancia, un espacio público político, de participación democrática y legislativa. La intervención de los músicos en este evento con las flautas y los tambores, llamadas *Luz y Pale*, configuran y dan sentido a la *música propia* Misak. Este trabajo pretende dar cuenta de las particularidades performáticas y sonoras de la *música propia*, específicamente de la pieza musical caña dulce, interpretada siempre que se definen aspectos de interés colectivo. Según los maestros indígenas, en la música intervienen seres presentes en su cosmovisión que, en la interacción con los músicos, potencian y garantizan la efectividad del evento comunitario al *ayudar a ser buenos pensantes*. Estos performances son cruciales para una comunidad que se encuentra enfrentando luchas políticas en un proceso de recuperación de territorios.

Palabras Clave: música guambiana, Nación Misak, territorio indígena, performance.

LA INAUGURACIÓN OFICIAL DE LA COSECHA DEL ARROZ COMO RITUAL POLÍTICO DEL URUGUAY

Emilia Abin. Centro Universitario Regional Este CURE, Udelar; emiliabin@gmail.com

La Inauguración Oficial de la Cosecha del Arroz es una ceremonia que se organiza todos los otoños desde 1997 casi al terminar el período de siega (de marzo a mayo). A diferencia de otros actos similares este no tiene sede fija. Año a año peregrina por las tierras del arroz, cambiando de anfitrión.

En esta instancia se propone presentar y analizar la Inauguración Oficial de la Cosecha del Arroz como ritual político que si bien se realiza pasado el tiempo de la cosecha, da simbólicamente inicio al ciclo agrícola de unos de los productos de exportación más importantes del momento.

En el acto simbólico de la cosecha se reúnen como pares las autoridades: por un lado, los arroceros asociados con su Presidente - Asociación de Cultivadores del Arroz-, por otro, el presidente de la República y el Ministro de Ganadería Agricultura y Pesca. Los testigos del encuentro que dan veracidad a lo ocurrido son los miembros de la ‘gran familia arrocera’ y representantes de la prensa regional y nacional no necesariamente especializada en la temática agropecuaria.

Este ritual consta de una performance claramente definida, previamente establecida. Una primera instancia de la palabra, de las ideas, donde ambas presentan sus descargos, críticas, justificaciones y recuerdan las buenas acciones realizadas. Luego viene el tiempo del cuerpo, de la acción. Juntas, porque sólo juntas pueden/quieren hacerlo, las autoridades se suben a la inmensa máquina cosechadora y comienzan a “trabajar” para cosechar el arroz asegurando así una buena unión entre el Estado y los productores de arroz.

Palabras clave: Rituales políticos / performance / Estado / Arroceros.

O TEATRO DE RUA EM FLORIANÓPOLIS: ETNOGRAFIA DE TRÊS APRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Lígia Faria. Graduação em Ciências Sociais/UFSC; liigjafaria@gmail.com

A rua foi o palco originário da ação dramática no mundo europeu, no entanto, em Florianópolis, surge já em seu edifício próprio; o uso de espaços não-convencionais ocorre já na década de 1970 e por um curto período, de 1972 à 1974. Porém, nos anos 2000, o teatro de rua parece ganhar expressividade com o surgimento do *Erro Grupo* em 2001 e, nos últimos anos, outros grupos de teatro de rua vem sendo formados, como o *Grupo ETC* e o *Coletivo Urbe*. Grupos esses que tem organizado debates públicos para discutir a necessidade ou não de uma lei para gerir a arte na rua, colocando em pauta os usos dos espaços públicos. Se por um lado a tomada de rua através do teatro pode ser compreendida como um duplo gesto político, pois questiona, num só tempo, tanto o teatro quanto a rua, é somente através de uma aproximação detalhada das *performances* artísticas que podemos conhecer seus significados. Nesse sentido, o trabalho traz a etnografia de três apresentações dos grupos mencionados, buscando através delas compreender a relação entre a ação dramática, a rua e a política.

Palavras-chave: teatro de rua; performance; espaço urbano.

PERFORMANCES CONTRA LA CORRUPCIÓN Y LOS DERECHOS CIVILES EN LIMA EN EL SIGLO XXI

Patricia Oliart. Español, portugués y Estudios Latinoamericanos, Universidad de Newcastle; patricia.oliart@ncl.ac.uk

Este trabajo examina las formas y contenidos que han asumido performances llevadas a cabo por grupos de *artistas* en Lima, continuando con una forma de protesta que se hizo popular durante las marchas contra el gobierno de Fujimori entre 1996 y el año 2000. Estas protestas implicaban el uso del cuerpo de los manifestantes como paneles vivos para la inscripción de mensajes en defensa de la democracia y la institucionalidad, que eran percibidas como puestas en riesgo por el régimen. Con los años, estas formas de protesta han sido usadas por grupos con otras agendas y se han ido sofisticando, tanto en la teatralidad desplegada para el desarrollo de los mensajes, como en la amplitud temática y política de sus demandas.

Palabras clave: Performance, espacio urbano, protesta callejera.

GT 38. MITOLOGIA, DIVERSIDADE RELIGIOSA E POLÍTICAS PÚBLICAS ENTRE OS AUTÓCTONES NA AMÉRICA OU OUTRAS PARTES DO

MUNDO

Coordenadores:

Robert R. Crépeau (Université de Montréal); robert.crepeau@umontreal.ca

Rogério Reus Gonçalves da Rosa (Universidade Federal de Pelotas);
rosa.rogeriogoncalves@uol.com.br

Comentarista: Aldo Litaiff, Universidade do Sul de Santa Catarina, aldo.litaiff@ufsc.br

Sessão I: Mitologia, história e bíblia

-

MITOLOGIA GUARANI HOJE

Aldo Litaiff (UFSC)

aldo.litaiff@ufsc.br

O objetivo deste *paper* é apresentar uma síntese dos resultados de minhas pesquisas sobre a relação entre mito e realidade social, efetivada durante mais de trinta anos junto às populações guarani do litoral brasileiro. Em minhas análises proponho uma abordagem sincrônica e diacrônica dos mitos, que esses índios fazem circular atualmente entre suas comunidades. Considerando que o campo mitológico constitui uma importante via de acesso à realidade etnográfica, o mito é visto aqui como uma teoria oral da prática, que utiliza astros e elementos da natureza como ferramentas de conceitualização, ou “suportes ideográficos” (Lévi-Strauss, 1964). Partindo dessas noções provenientes do mundo sensível ou da “realidade empírica natural” (Litaiff, 2008), além de semelhanças e diferenças entre as diversas versões de mito, especialmente o chamado “Ciclo dos Irmãos”, pretendo demonstrar como o discurso e a exegese mítica podem ter relação indireta, ou mesmo direta, dependendo do contexto de enunciação, com a realidade empírica, destacando importantes aspectos concernentes a questões sobre mobilidade, crenças, rituais e territorialidade.

Palavras-chave: Mitologia – Índios Guarani – Epistemologia.

TRAJETÓRIA DAS POPULAÇÕES GUARANI ÑANDÉVA NA BACIA DO PARANAPANEMA: A MITOLOGIA COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO E ARTICULAÇÃO

Valéria Esteves Nascimento Barros (UFFS)

valeria.barros@uffs.edu.br

A discussão que se pretende fazer nessa comunicação tem como um de seus pontos de partida o pressuposto de que mito e história podem funcionar como modalidades complementares de interpretação dos processos sociais. Os dados etnográficos apresentados são o resultado de pesquisas realizadas desde 1999 entre grupos Guarani Ñandéva que vivem hoje no estado do Paraná, na bacia do rio Paranapanema. Acerca desses grupos, é possível levantar fontes históricas que apontam, por exemplo, o fato de que sua distribuição atual reflete uma história de constantes intervenções de diferentes governos ao longo dos últimos séculos, mas principalmente resulta de migrações relativamente recentes, dado que os grupos Guarani que ali viviam anteriormente foram extintos (pelo menos enquanto totalidades organizadas) nos dois primeiros séculos de dominação colonial, por conta da implantação das missões jesuíticas e dos constantes assaltos dos bandeirantes. No entanto, refazer esse trajeto dos Guarani no tempo, revela nossa própria forma de pensar a história. E a intenção do presente artigo seria refletir, a partir dos mitos coletados em campo, quais os interesses e marcos dos Guarani ao longo de sua trajetória nesse território – as narrativas sendo consideradas enquanto modos de consciência social que, ao serem externalizados, explicitam uma reflexão e visão de mundo específicas, que se voltam para temas e preocupações que remetem entre outras coisas para as transformações decorrentes do contato (relações interétnicas, o contato com o campo religioso da sociedade envolvente, processos de conversão religiosa, etc.).

Palavras-chave: Guarani Ñandéva – Memória – História – Mito

O MITO DE ORIGEM DOS KAINGANG REVISITADO POR UMA MULHER KUJÁ (XAMÃ)

Clémentine Maréchal (PPGAS-UFRGS)

Iracema Ga Rã Nascimento (Kujà Kaingang)

clementine.marechal@yahoo.com

Esse trabalho apresenta o mito da “criação da humanidade” por uma mulher Kaingang

que revisita o mito de origem dos gêmeos Kamé e Kanheru. Aparecem novos seres com um papel crucial na criação da humanidade, como o *kajá^o/r* (macaco) e as árvores respectivamente Kamé e Kanheru, o ingá e o pinheiro. Nesse mito, as árvores que fazem nascer as duas metades complementares Kamé e Kanheru são plantadas respectivamente por um homem e uma mulher que foram criados a partir de uma bola de barro feita por uma criança que brincava com o macaco na beira do rio. Esse jogo ia determinar qual da criança ou do macaco ia ser abençoado pelo “criador”. Após o macaco e a criança criarem duas bonecas de barro e deposita-las na beira do rio, cai um trovão e a criança vai se esconder em um grande buraco. Além da apresentação do mito, que foi elaborado a partir de um contato antigo com a igreja católica, nos interessa levar uma reflexão sobre a utilização das transformações dos mitos em elementos potencializadores de uma cosmologia própria. Trata-se de ver como os Kaingang conseguem potencializar sua cosmologia a través de transformações que foram impulsionadas no intuito de apagá-la. Esse trabalho busca aportar mais perguntas que respostas e será escrito colaborativamente com Iracema Nascimento, quem contou o mito da criação da humanidade. Buscamos assim, ressaltar a busca por uma antropologia cada vez mais simétrica onde os saberes dos pensadores indígenas sejam reconhecidos e valorizados enquanto ciência.

Palavras-chave: Kaingang – Mito de Origem – Kamé e Kanheru – Igreja Católica

“A TERRA É VIVA”: O COMEÇO E O FIM DO MUNDO NA MITOLOGIA KAINGANG

Diego Fernandes Dias Severo (IF Farroupilha)

diegofdias@gmail.com

A criação mitológica é característica em todo o mundo, as construções narrativas visam saciar anseios do intelecto humano. Entre coletivos ameríndios não é diferente, com a transformação de seu território, do grande impacto que a colonização proporcionou em suas vidas, e da pressão constante sobre sua particularidade étnica é comum que surjam explicações para fenômenos contemporâneos. A população kaingang, presente no planalto meridional brasileiro, têm por perspectiva o dualismo constante e assimétrico, que abre espaço para o Outro, mas o recebe nos moldes de sua organização social. Atualmente, certo *pessimismo sentimental* tem atingido pesquisadores e mesmo ameríndios quanto a sua “tradicionalidade”, pois muitos membros tem-se convertido a igrejas pentecostais. Nesse sentido, este trabalho objetiva analisar narrativas míticas sobre o início e o fim do mundo, elaboradas por intelectuais, kujã e lideranças kaingang, textos e relatos orais atuais e compará-los com narrativas de outros momentos históricos. O emaranhado disperso e constante que mantêm o discurso no fio do tempo apresenta um laço comum, ou seja, o enlace estabelecido pela “assimilação” ameríndia não representa uma dissolução “das coisas dos antigos” e sim sua redefinição, ou reconstrução atualizada de momentos que são pensados, postos em contraste e

analizados precisamente. Assim, elementos ocidentais são *indigenizados* no sentido de Sahlins, o elemento interior é identificado no exterior, dessa maneira signos nativos são identificáveis em “Deus”, na força como *tôn*, na espiritualidade da matéria, nas plantas, nos animais.

Palavras-chave: Kaingang – Mitologia Ameríndia – Terra – Igrejas Pentecostais

MEMORIA VIVA: “LA TRAGEDIA – MILAGRO DE LOS ANDES” EN UNA ETNOGRAFÍA DEL GRUPO DE SEGUIDRES “RE-VIVEN!”

Shalako Scotto Walker

Universidad de La República

sh414ko@gmail.com

Este trabajo presenta el adelanto de mi etnografía sobre el grupo de seguidores denominado “Re-Viven. La tragedia de los Andes-El Milagro de los Andes”. En el mismo indago el proceso que hace posible las reconfiguraciones de sentido de los relatos y memorias del accidente ocurrido en los Andes en el año 1972 protagonizado por jóvenes uruguayos provenientes del colegio católico Stella Maris. Se procuró un abordaje antropológico-hermenéutico que permita aunar las disyuntivas entre “relato” y “vida”, que parecen alejar el relato de la vida en tanto que vivida y confina el relato en el campo de la ficción (Ricoeur, 1984). De esta forma es posible comprender cómo la historia ha ayudado, -a quienes se identifican con ella-, a lograr superar “sus propias cordilleras”. Además exploró el tratamiento del “Milagro de los Andes” como un mito nacional (e internacional), aunque esto definitivamente no signifique reificar La Historia de los Andes como un “mito en sí”, sino en este caso en relación con la “cultura uruguaya” en su devenir histórico de representaciones emblemáticas y mitos en permanente actualización y reactualización que hacen posible la particular mito-praxis Uruguay de “nación laica” (Guigou, 2000). Con respecto al abordaje empírico, se participó en las prácticas del grupo, en su relación con los lugares de Memoria relevantes, como la “peregrinación” al lugar del accidente en la cordillera de los Andes, en donde aparecen relaciones de sentido entre el mundo humano y no-humano.

Palabras Clave: Mito – Religiosidad – Memoria – Identidades – Narrativas.

Sessão II: Mitologia, diversidade religiosa e águas

LA BIBLIA DE LOS INUIT DE CANADÁ Y LA DE LOS B'LAAN DE FILIPINAS: INCORPORACIONES HISTÓRICAS Y TRANSFORMACIONES MÍTICAS

Frédéric Laugrand. Université Laval

Frederic.Laugrand@ant.ulaval.ca

A partir de materiales etnográficos recogidos durante los últimos veinte años y varios comentarios inuit y bilaan sobre la Biblia, este trabajo examina cómo dos pueblos indígenas de América del Norte y Asia, reescriben este gran mito. Se analiza aquí el proceso de incorporación pero especialmente el de reconfiguración. Parece que los narradores indígenas seleccionan a las historias que mas entienden por razones culturales o que guardan por razones apostolicos, pero que transforman francamente cuando esas les parecen incompatibles con sus culturas. Así opera la indigenización del cristianismo, un proceso que la antropología, hasta ahora, quizá ya no ha tomado en serio para captar la multiplicidad de los cristianismos indígenas. Estos nunca pueden ser réplicas del cristianismo pero unicamente adaptaciones.

Palabras clave: Inuit – Bilaan – Biblia – Reconfiguración – Cristianismos Indígenas

INIMIGOS DE OUTRORA, INIMIGOS DE AGORA: ALGUMAS RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE MITOS E O LIVRO DE SÃO CIPRIANO ENTRE OS TICUNA (ALTO SOLIMÕES - AMAZONAS - BRASIL)

Maria Isabel Cardozo da Silva Bueno PPGSA/UFRJ mariabelcardozo@gmail.com

Este trabalho pretende relacionar mitos dos Ticuna (Alto Solimões – Amazonas - Brasil) às histórias que cercam as acusações de “feitiçaria” através do uso do livro de encantões e bruxedos de São Cipriano num grande aldeamento da etnia, que se autodenomina *Magüta*. Tal reflexão integra a pesquisa de doutorado da autora, que buscou investigar as relações entre humanos e sobrenaturais nesse contexto específico,

com o objetivo de refletir sobre a forma como tais relações perpassam o relato mítico, o ritual de puberdade feminino, as acusações de enfeitiçamento e agressão – tanto via pajé (*yuiicu*), quanto via Livro de São Cipriano –, e as decorrentes mortes por enforcamento, conforme coletado em trabalho de campo realizado entre os anos de 2010 e 2012.

Nessas condições, no trabalho aqui apresentado, serão relacionados alguns mitos sobre inimigos primordiais dos Ticuna e as histórias contadas recentemente sobre os supostos usuários/leitores do Livro. Estes últimos passariam por um processo metamórfico que implicaria em sua transformação em *ngo'o* (categoria que engloba seres nefastos, muitas vezes referidos como “bichos” na tradução nativa para o português), mesma alcunha atribuída aos inimigos dos tempos primevos.

Palavras-chave: Mitologia – Feitiçaria – Terras Baixas Sul-Americanas – Cosmologia

A COMUNICAÇÃO NA CULTURA DE PENTECOSTES: UM ESTUDO COM A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

Fernanda Ferrari (PPGA-UFGD)

f.ferraripsi@hotmail.com

Graziele Acçolini (UFGD)

grazieleaccolini@hotmail.com

Neste trabalho proponho lançar um olhar sobre o sistema de comunicação humana, também chamado por Bateson, de ecologia do espírito. Tais reflexões sobre a conectividade entre mente, natureza, corpo e espírito, serão realizadas através do estudo sobre os mitos/crenças e ritos de natureza religiosa, especificamente em um grupo pertencente ao catolicismo denominado Renovação Carismática Católica, que possui raízes no pentecostalismo cujo princípio é a crença no Espírito Santo, utilizando a prática de rituais que buscam favorecer o processo de reorganização da saúde física, emocional e espiritual da pessoa que sofre. A forma como as mensagens corporais e emocionais são significadas e expressas, estão subordinadas a uma linguagem que está inserida num contexto social e cosmológico, portanto, a desordem está intimamente relacionada aos mitos que a sustentam, confirmam e conferem legitimidade. Assim, as metáforas ocupam um lugar importante nesse processo de reorganização e cura, pois através delas, é possível tornar pensável uma situação antes desordenada internamente. Esta ideia relativiza a noção de que as patologias são fenômenos de ordem exclusivamente biológica, abrindo caminho para novas intervenções. Considera-se então, que a eficácia na comunicação contribui para a harmonia entre mitos, ritos e a reorganização da saúde. Tal integração oferece a possibilidade de se identificar inteligivelmente a conexão entre sintoma e afecção, corpo e espírito; o que sugere uma

interdependência e conectividade entre esses e outros dualismos.

Palavras-chave: Pentecostalismo – Renovação Carismática Católica – Comunicação – Crença – Ordem

CONHECIMENTO E AÇÃO RELIGIOSA NO MARROCOS: *MOQADDEMINE* E *JNUN* NAS ARENAS RITUAIS DA CONFRARIA *HAMADSHA*

Bruno Ferraz Bartel. PPGA/UFF

brunodzk@yahoo.com.br

O artigo explora os saberes e as práticas rituais desenvolvidas pelos especialistas religiosos (*moqaddemine*) da confraria marroquina *Hamadsha* que visam propor um fim aos infortúnios vividos por indivíduos. Esses agentes religiosos operam uma interação com os *jnun* (seres invisíveis feitos de fogo que compõem o universo simbólico da religião islâmica) que, segundo a crença local, são os responsáveis pela produção de determinadas ações maléficas aos humanos. No Marrocos, esses seres adquirem uma agência na realidade através do valor social de infertilidade associado a eles, que geralmente tendem a ser interpretadas como a manifestação de doenças, situações de desemprego ou crise financeira, conflitos conjugais, dificuldades de obter um casamento ou pela incapacidade de gerar filhos por parte das mulheres. Esta pesquisa faz parte de um período de 10 meses de trabalho de campo entre janeiro e novembro de 2012, na vila de *Sidi 'Ali*, localizada na província de *Meknes-Tafilalet*, no Marrocos. O meu argumento procura demonstrar que os *moqaddemine* da *Hamadsha* realizam uma manipulação das formas simbólicas visando à supressão da situação de crise de vida dos indivíduos através da circulação das bênçãos (*baraka*) dos santos identitários da *Hamadsha*. O culto de santos no país adquire um papel importante através de ideias e histórias concretas a partir de determinados lugares (santuários), ritos específicos, circuitos de peregrinações e, inclusive, festas vinculadas a essas personalidades. Os infortúnios expressos publicamente pelos indivíduos durante a elaboração dos rituais específicos da *Hamadsha* apresentam alguns desdobramentos relevantes aos processos terapêuticos existentes.

Palavras-chaves: Islã – Conhecimento – Ritual – Processos Terapêuticos – Infortúnios

FESTA DOS NAVEGANTES E IEMANJÁ: A OCEANOGRRAFIA

TRANSPASSADA POR UMA EPISTEME MITOLÓGICA

Carolina Bittencourt (PPGAnt/UFPel)

carol.amorimsb@gmail.com

Gustavo Goulart Moreira Moura
(NUPAUB/USP, PRODEMA/UESC)

gugoreira@gmail.com

A cidade de São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil, vive em uma condição de quase insularidade, entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, com suas margens delineadas por colônias de pesca. No século XX o setor pesqueiro sofreu uma série de transformações técnico-científicas que geraram perturbações no modo de vida dos pescadores artesanais. A ciência afastou-se do saber-fazer tradicional levando à crise ambiental, materialização da crise epistemológica da própria ciência moderna que fundamenta-se na separação entre cultura e natureza. Esse trabalho adentra o cosmos aquático das festas religiosas de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte a procura de continuidades e descontinuidades produzidas entre cultura e natureza, humanos, água, seres aquáticos e terrestres. Identificando as permeabilidades existentes entre essas categorias almeja-se estimular deslocamentos epistemológicos no que concerne a relação entre humanos/não-humanos/natureza. Na Festa dos Navegantes sobre a água estuarina, nas manifestações de doçura a beira d'água salgada na Festa de Iemanjá, com presença de Iara, formam-se territórios de co-acessibilidade que explicitam o vínculo entre humanos e natureza, entre terra e mar, doce e salgado. Iemanjá e a santa dos navegantes acrescentam dimensões de compreensão do comportamento, espaço e tempo da água, pois tratam de aproximar o infinito e desconhecido da episteme humana.

Palavras-Chave: Iemanjá – Nossa Senhora dos Navegantes – Pescadores Artesanais

DA GRANDE ENCHENTE AO DILÚVIO UNIVERSAL. NARRATIVAS KAINGANG EM CONTEXTO DE PLURALISMO RELIGIOSO

Robert R. Crépeau. Université de Montréal

robert.crepeau@umontreal.ca

Desde as publicações de Telêmaco Morocine Borba, Egon Schaden, etc., de versões da narrativa kaingang do dilúvio até as mais recentes versões citadas por diversos pesquisadores, tratarei nesta comunicação sobre a atualidade e a constante atualização deste importante mito. De fato, todas as versões estão relacionadas a contextos de pluralismo religioso, influenciados ao longo da história pelo catolicismo do colonizador e, mais recentemente, pelas diversas denominações evangélicas. A comunicação tratará de uma comparação de várias perspectivas contrastadas, porém compatíveis a partir de diversas versões da narrativa que oscilam entre uma grande enchente e o Dilúvio universal.

Palavras-Chave: Kaingang – Narrativa – Mito – Enchente – Dilúvio Universal

Sessão III: Mitologia, questão fundiária e concepções de saúde

O NEGRINHO DO PASTOREIO E O SACI-PERERÊ: MITOLOGIA, DIVERSIDADE RELIGIOSA E POLÍTICAS PÚBLICAS ENTRE QUILOMBOLAS, KAINGANG, PESCADORES ARTESANAIS E BENZEDEIRAS NO BRASIL

Rogério Reus Gonçalves da Rosa (UFPel)

rosa.rogeriogoncalves@uol.com.br

No artigo A Relação Afro-Ameríndia do Negrinho do Pastoreio e do Saci-Pererê na Mitologia (ROSA, 2013) conectei esses dois importantes personagens da literatura brasileira, além de outros, a uma constelação de narrativas mitológicas, rompendo com as dicotomias apresentadas pelos folcloristas ao pensá-los separados por grupos étnicos, fronteiras geográficas e ontologias judaico-cristãs. Nesse novo trabalho, abordarei a relação dos ilustres Negrinho do Pastoreio e Saci-Pererê, entre outros, a partir de etnografias e coleta de narrativas junto a quilombolas, a Kaingang, a pescadoras artesanais e a benzedeadas, situados respectivamente na região sul, norte e noroeste do Rio Grande do Sul. A partir disso, o objetivo do texto será demonstrar a importância desses personagens míticos nas cosmologias afro, indígena e tradicional, configurando uma diversidade espiritual e religiosa que deve ser considerada pelas políticas públicas do Estado-nação.

Palavras-Chave: Mitologia – Negrinho do Pastoreio – Saci-Pererê – Diversidade

**EL ‘TRICKSTER’ EN LAS COSMOLOGÍAS INDÍGENAS DE QUEBEC:
CONTINUIDADES Y TRANSFORMACIONES MÍTICAS DE CARCAJOU
(WOLVERINE)**

Laurent Jérôme. Université du Québec à Montréal

jerome.laurent@uqam.ca

A partir de materiales recogidos en tres naciones indígenas de Quebec (Atikamekw, Naskapi y Innu), analizamos las características de un personaje mítico presente de forma recurrente en muchas historias de grupos algonquinos de Quebec, Carcajou (Wolverine). Documentamos este personaje en cosmologías locales, tanto en los sistemas religiosos tradicionales que en las grandes religiones como el catolicismo o movimientos evangélicos. Además, mostramos el poder contemporáneo de este mítico personaje en literatura (comics y juventud) y en las políticas institucionales de salud.

Palabras clave: Carcajou – trickster – cosmologias indígenas – humor

MITOLOGIA E TERRITÓRIO ENTRE O POVO KULINA

Lori Altmann (UFPel)

lori.altmann@yahoo.com

O *corpus* mitológico pode ser entendido como forma de conhecimento ou narrativas sobre si, os “outros” e o mundo. A mitologia circunscreve ou configura a compreensão da realidade, enquanto esta modifica e reformula o significado daquela num movimento constante, para legitimar, explicar ou dar sentido a novas experiências. Pretendo revisitar mitos do povo indígena kulina, da Amazônia Ocidental brasileira e peruana e, desta forma, mergulhar em suas questões existenciais e cotidianas, buscando aproximação com sua cosmovisão e compreensão de contradições enfrentadas na contemporaneidade, em especial, na demarcação de seus territórios. Os Kulina elaboram uma explicação tradicional dos fatos atuais, fazendo uma hermenêutica de seus mitos, produzindo, assim, novos sentidos em sua atuação concreta e cotidiana na história. Trago o mito *Dapo pora icanabaquijari*, “moradores da mata”, *dsama abari*, ou “aqueles que sabem”, que faz referência ao totemismo Kulina e sua divisão em gentes

ou *madija*, nominadas por animais e vegetais, referindo-se ainda ao casal ancestral *ini* e *idi dsomaji*, “avó e avô onça”. O herói ancestral, nomeador dos *madijeni* e criador de sua cultura, é aquele que designa o lugar onde cada subgrupo irá morar, e também o lugar dos estrangeiros, “os outros”, “os que não sabem nada”. Menciona o cantar, o dançar, o comer em conjunto, o ritual e, ao final, a sovinice, como atitude questionável, mas, ao mesmo tempo, produtora do modo de ser kulina, no contexto de invasão de seus territórios e de seu engajamento no extrativismo da borracha, a partir do início do século XX.

Palavras Chaves: mitologia – *Madija* – kulina – território.

UTOPIAS DO CRISTIANISMO KAINGANG: REDES POLÍTICO-RITUAIS NO ALTO URUGUAI

Marília Sene de Lourenço

PPGAS-Museu Nacional

lilalautrec@gmail.com

Esta comunicação aborda aspectos comuns à relação do povo Kaingang com diversas coletividades no Brasil meridional na configuração do que denominam "luta pela terra". Proponho sublinhar os contornos míticos da noção de "luta", associada pela literatura etnológica à experiência contínua de humanização kaingang, a partir da expansão político-ritual de parentelas lideradas por grandes chefes. Se, por um lado, os líderes kaingang são conhecidos por sua participação em movimentos sociais, a pesquisa etnográfica evidencia uma faceta pouco estudada de sua territorialização: a ploriferação de igrejas pentecostais nas aldeias. A partir de um trabalho de campo de doze meses na região do Alto Uruguai, pretendo discutir a territorialidade kaingang sob duplo aspecto: suas expectativas de demarcação territorial no seio dos movimentos sociais de verve católica e de ascensão à vida eterna através da ritualização evangélica. À primeira vista, o engajamento de famílias em redes evangélicas parece implicar seu afastamento da luta. Minha hipótese é de que o contato com estrangeiros – sejam eles católicos ou evangélicos, progressistas ou conservadores – e com os não humanos que trazem consigo, potencializa anseios existenciais dos Kaingang. Tais anseios parecem remeter a uma escatologia messiânica comum aos povos jê, em que a estabilização da vida entre parentes é marcada por transformações sucessivas na sua relação com a terra.

Palavras-chave: Kaingang – Povos Jê – Territorialidade – Messianismo – Cristianismo

A CURA DA AMÉRICA SOB UMA PERSPECTIVA ETNOLÓGICA: PRÁTICAS DE CURA, BENZIMENTOS E INDIANIDADE NA REGIÃO MISSIONEIRA DO SUL DO BRASIL E NORTE DO URUGUAI

Rojane Brum Nunes

PPGAS-UFRGS

rojanebrum.nunes@uol.com.br

A partir de uma pesquisa etnográfica que vem sendo realizada junto a benzedeadas e benzedores na (da) região missioneira do RS, no sul do Brasil e no norte do Uruguai, este texto irá refletir sobre práticas de cura, benzimentos e indianidade. Os benzimentos, ao adentrarem nas veredas dos processos de saúde-doença, revelam-se enquanto um sistema aberto, relacional e dinâmico com alteridades humanas e não-humanas, para além do dualismo redutor e humanista do paradigma biomédico ocidental. Nesse sentido, os benzimentos enquanto práticas de cura pautadas na oralidade, na gestualidade e na espiritualidade, através dos “*dizeres e objetos que curam*”, desvelam relações e (re)atualizações de sócio-mito-cosmo-ontologias ameríndias, através de um processo de reinvenção da cultura, que se caracteriza pela relação de abertura e predação para com o outro (afro, indígena, branco). Sob uma perspectiva etnológica relacional, o trabalho de campo realizado na região das missões jesuítico-guarani, vem apontando a importância em apreender as relações entre as práticas de cura das benzedeadas missioneiras e o xamanismo mbyá-guarani, o que será problematizado a partir de dados etnográficos preliminares. Por outro lado, as trajetórias sociais e as narrativas biográficas revelam o entre-lugar étnico das benzedeadas e benzedores, na medida em que não se definem nem como brancos, nem como índios, mas que, assim como estes, estão a curar a América, através de práticas e narrativas que “curam” e se “entrecruzam” na América Latina.

Palavras-chave: Benzedeadas – Práticas de Cura – Xamanismo Mbyá-Guarani – Indianidade.

REFLEXÕES SOBRE A EXECUÇÃO DE POLÍTICA PÚBLICA JUNTO A COLETIVOS GUARANI NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: ESPAÇO RITUAL E BEM-VIVER

Mariana de Andrade Soares

EMATER/RS-ASCAR

msoares@emater.tche.br

No contexto político-social pós-Constituição Federal de 1988, a conquista de direitos pelos povos indígenas exige o estabelecimento de uma nova relação com o Estado (e suas respectivas instituições), visando à construção de políticas públicas específicas. O objetivo deste paper é analisar a experiência vivenciada com coletivos Guarani no Rio Grande do Sul, Brasil na execução de políticas de etnodesenvolvimento que buscou

atender sua reivindicação pelo apoio do poder público no processo de construção de suas casas de rezas (opy). Diante da realidade da falta de terras e/ou a ocupação de terras ambientalmente inadequadas, lideranças e representantes Guarani ocupam o seu lugar no diálogo interétnico e acionam a política nacional para garantir o seu espaço ritual e a partir dele garantir o que acreditam ser o seu bem-viver.

Palavras-chave: Coletivos Guarani – Políticas Públicas – Diálogo Interétnico – Bem Viver.

GT 39. PLURALISMO BIOÉTICO Y BUEN VIVIR: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Coordinadores:

Rita Laura Segato. Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Bioética; ritalsegato@gmail.com

Lívia Vitenti. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia – DAN; lvitenti@yahoo.com.br

Danilo de Assis Clímaco. Universidad Nacional Autónoma de México (doctorante en el Programa de Estudios Latinoamericanos); danioclimaco@yahoo.com.br

EL CUIDADO HOSPICE COMO CUIDADO INTEGRAL DE LOS MORIBUNDOS. UN ANÁLISIS ETNOGRÁFICO DEL CUIDADO DE ENFERMOS TERMINALES EN UN HOSPICE DE LA LOCALIDAD DE OLIVOS

Radosta, Darío Iván. IdAES/UNSAM

El objetivo de esta ponencia es, a través de un trabajo de campo realizado entre 2014 y 2015 en un *hospice* de Buenos Aires (*Hospice San Camilo*), analizar la categoría de *cuidado hospice* a través del estudio de campo etnográfico característico de la disciplina antropológica, buscando comprender cómo este tipo de cuidado realizado sobre personas que padecen enfermedades terminales se vincula, conjuga, y tensiona con otros tipos de conocimientos sobre el cuerpo, la enfermedad, y la muerte. Tomando la

perspectiva de Turner (1980), la búsqueda de analizar la categoría de *cuidado hospice* desde una perspectiva etnográfica nace de la necesidad de poner en relación tanto su dimensión discursiva (lo que los actores que se ven involucrados dicen que hacen) como su dimensión práctica (lo que los actores que se ven involucrados hacen), evitando caer en la idea de que el discurso que los actores involucrados plantean sobre lo que es el *cuidado hospice* es una realidad *a priori* que no debe ser analizada de manera objetiva. En esta misma lógica tampoco se hará un planteo acerca de la existencia de una esencia de lo que el *cuidado hospice* es o debe ser, sino que se buscará problematizar lo que podría señalarse como un desfase entre la filosofía propia del *cuidado hospice* (dimensión discursiva-simbólica) y su puesta en práctica.

Palabras clave: movimiento *hospice*; cuidado *hospice*; enfermedad; cuerpo; muerte.

QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÕES DE IDOSAS EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA EM BELO HORIZONTE/MG

Andreia dos Santos. Professora do Departamento de Ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas; Doutora em Sociologia – UFMG; andreiasantos@pucminas.br; andossantos@gmail.com

Ao longo da última década o Brasil experimentou o crescimento de sua população idosa, ou com mais de 60 anos. O objetivo desse trabalho é conhecer a percepção de qualidade de vida de idosas que moram em ILIPI's na cidade de Belo Horizonte/MG. Em relação à metodologia do trabalho buscou-se observar três ILIPI's na cidade, um confessional/ religioso, um público vinculado à prefeitura da cidade e um misto, ou seja, um que possui apoio da prefeitura e da Associação São Vicente de Paulo. A opção pelas ILIPI's aconteceu em função de estarem numa região de maior acesso e disponibilidade de pesquisa. O público dessas ILIPI's são hegemonicamente feminino, indicando não apenas o reforço da feminilização da velhice, como também que os lares não aceitam comunidades mistas para o atendimento aos idosos. Questionou-se sobre a decisão de ir morar em ILIPI's e apurou-se que a maioria (90%) foi para essas instituições por escolha própria. Além disso, entrevistei as idosas (14 idosas ao todo) que tinham condições e se dispuseram a conversar sobre o tema de qualidade de vida. De acordo com a literatura sabe-se que qualidade de vida é subjetiva, ou seja, associa-se mais aos aspectos do indivíduo. Mas o contato com a família, com projetos sociais, a relação com amigos, à religiosidade e saúde são definidores do termo (OMS, 2001). As idosas dos lares públicos aceitam mais a qualidade de vida dentro desses parâmetros do que idosas em lares religiosos que reconhecem na crença em Deus a qualidade de vida.

Palavras chaves: qualidade de vida, terceira idade, instituições de longa permanência, envelhecimento.

VIDAS EM DISPUTA: ANÁLISE DE DUAS AUDIÊNCIAS PÚBLICAS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL DO BRASIL

Lílian Sales. Professora Adjunta de Antropologia. EFLCH/UNIFESP

Nesta apresentação analisaremos as disputas em torno da vida humana em duas audiências públicas realizadas no Supremo Tribunal Federal do Brasil. A primeira delas refere-se ADI 3510, que julgou a permissão do uso de células tronco embrionárias em pesquisas científicas e a segunda ao julgamento da ação que permitiu a interrupção da gestação em mulheres grávidas de fetos anencéfalos.

A disputa em torno da categoria "vida", entre qual "vida" deveria ser priorizada, esteve presente nas duas audiências públicas: a vida dos pacientes possivelmente beneficiados com as pesquisas e a vida das mulheres grávidas ou a vida dos embriões/fetos anencefálicos. Deveremos compreender esta disputa pelo convencimento presente na arena pública das audiências a partir da identificação e análise dos repertórios de justificação produzidos pelos agentes e blocos contrários e favoráveis às ações, especialmente referentes a categoria *vida*.

Nesse aspecto, a defesa da vida e da dignidade humana de embriões e fetos foi o argumento agregador em torno do qual se organizaram os grupos contrários a liberação das pesquisas com células tronco embrionárias e a antecipação do parto de anencéfalos. Já os agentes favoráveis também mobilizaram categorias em torno da vida em suas apresentações, nesse caso, da vida das pessoas favorecidas pelas ações - mulheres grávidas de fetos anencéfalos e possíveis beneficiados das pesquisas com células embrionárias. A estratégia desses agentes, na primeira ação, foi demonstrar as melhorias na "vida" dos pacientes beneficiados pelas pesquisas com células tronco (adultas, no caso). Na controvérsia sobre a anencefalia observou-se estratégia semelhante, nesse caso a *vida* a ser valorizada era a das gestantes, não sendo a antecipação do parto entendida como "aborto", pois estaria se interrompendo uma gestação para a qual não haveria potencialidade de "vida".

“A MORTE NO SEU DEVIDO TEMPO”: DISPUTAS E CONTROVÉRSIAS JUDICIAIS ENVOLVENDO PACIENTES TERMINAIS

Bárbara Rossin. Mestranda em Antropologia Social (Museu Nacional – UFRJ), sob orientação de Luiz Fernando Dias Duarte; barbararossin@hotmail.com

As possibilidades de reanimação, alimentação e respiração artificiais produziram profundas mudanças no próprio conceito e na administração da morte. A promessa de

extensão da vida por tempo indeterminado fez com que novas fronteiras entre o “viver” e o “morrer”, entre o “ser” e “não-ser” pudessem ser edificadas na cultura ocidental moderna, suscitando dilemas e debates acerca do alcance das possibilidades técnicas, dos limites éticos e morais das ações médicas e dos direitos individuais de pacientes e familiares.

Neste trabalho, proponho-me a analisar como aparelhos jurídicos e saberes médicos trataram de gerenciar a morte, a própria ideia de pessoa e o estatuto do ser humano a partir do desenvolvimento destas novas tecnologias direcionadas a manutenção da vida. Tendo como base três processos judiciais envolvendo pacientes terminais, objetivarei ainda compreender como são fabricadas e reificadas certas ontologias, bem como examinar como são disputadas as noções de “bem viver” e “bem morrer” e como são construídas controvérsias acerca das ideias de corporalidade, perfectibilidade, performance, autonomia, liberdade, finitude e dignidade entre médicos, juristas e representantes da sociedade civil –os personagens que compõem os autos observados.

Palavras-Chave: Morte, Doença Terminal, Pessoa, Corpo, Bioética.

BIOÉTICA URBANA, RESISTENCIAS CREATIVAS VS LA NORMA DEL BOICOT CAPITALISTA

Laura Sarmiento. Arquitecta, doctoranda del doc. en Arquitectura de la Universidad Nacional de Córdoba, Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño, Argentina. Becaria de CONICET, miembro de Universitarias por la defensa de los bienes comunes y el equipo de investigación del centro de bioética UCC; lauruch@hotmail.com

La diversidad en los modos de habitar la ciudad ha sido cooptada por un consenso silencioso generador de injusticias. Pareciera existir una “racionalidad” obligatoria que se ha convertido en el boicot recurrente de la justicia y del bien común.

Acorde a esta dinámica, el que no adhiere a la norma del boicot (monocultura hegemónica del habitar) le cabe el desplazamiento y la marginalidad que, lejos de ser negativa, reivindica las potencias de autotransformación y diversidad. Es desde esta marginalidad que son gestadas resistencias creativas que habitan y recrean la ciudad de manera inédita, haciéndose protagonistas en los conflictos urbanos donde disputan su existencia y su derecho a la vida digna, al decir de P. Freire, son el derecho y el deber de rebelarse contra las transgresiones éticas de que son víctimas cada vez más, parte de la sociedad, en especial los sectores empobrecidos. Estas resistencias creativas son en sí mismas potenciales de liberación.

La propuesta de este proyecto de investigación es la conformación de una bioética urbana para la construcción de una plataforma que contemple y opere con un pluralismo de valores para la creación de acuerdos posibles que tengan como base la diversidad. Acuerdos inclusivos fundados en un paradigma de lo colectivo y lo relacional que se

adecúe al ecosistema y a la cultura local, en pos de una “ciudad *común*”.

Palabras Clave: Bioética Urbana, Justicia Ambiental, Bien Común, Monocultura, Liberación.

BEM VIVER: NEOLIBERALISMO E UNIDADE POLÍTICA

Vitor do Amaral Osório. Mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP; vitor.free@gmail.com

O bem viver responde a demandas da sociedade civil organizada, ao mesmo tempo em que fortalece o poder do Estado equatoriano. Suas procedências estão situadas tanto na luta por direitos e autonomia política das diferentes nacionalidades indígenas representadas pela CONAIE, quanto em valores e metas internacionais como combate a pobreza, defesa do meio ambiente e de povos tradicionais. Seu efeito imediato foi o fortalecimento do Estado equatoriano e a explicitação dos embates que o constituíram. Destacam-se três forças: o governo; o movimento indígena e os intelectuais que fizeram a articulação teórica.

Bem viver; neoliberalismo; Equador; Movimento Indígena.

SABERES INTERCULTURAIS E INTERDISCIPLINARIDADES: UM ESTUDO SOBRE DIREITOS HUMANOS EM PERSPECTIVA DECOLONIAL

Luciana de Oliveira Dias. Universidade Federal de Goiás – UFG;
professoralucianadias@gmail.com

O texto a seguir apresenta um esforço em desenvolver uma pesquisa que tem provocado algumas reflexões acerca de saberes descolonizados e do necessário trânsito pelas interdisciplinaridades diante do desafio de produzir, valorizar e difundir saberes. O objetivo da pesquisa, em andamento, é identificar e analisar processos de descolonização de saberes, e abertura ao diálogo interdisciplinar, no âmbito do curso de licenciatura em Educação Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás -

Brasil. A Educação Intercultural, vem, desde o ano de 2007, oferecendo formação superior a professores indígenas aldeados e, de acordo com a previsão em seu projeto político pedagógico, buscando colaborar com a definição de ações de defesa de direitos indígenas e com um delineamento de políticas sustentáveis que conduzam a uma vida digna. Por meio da realização de entrevistas e de observação participante foi gerado um corpus analítico que revela possibilidades de interculturalidade e de interdisciplinaridade, no âmbito das universidades e também na produção e difusão de saberes. Como desdobramento analítico, foram alcançadas algumas reflexões acerca destas possibilidades como uma via em direção à efetivação de direitos humanos.

Neste sentido, uma horizontalidade de saberes - que pode ser expressa como a liberdade de enunciação, a igualdade epistêmica e a dignidade humana asseguradas - ao ser alcançada evidencia um terreno favorável para que direitos humanos sejam efetivados.

Palavras-chave: Interculturalidade, Interdisciplinaridade, Direitos Humanos.

EL BUEN VIVIR EN ARGENTINA: SENTIDOS Y USOS ENTRE MIEMBROS Y COMUNIDADES COMECHINGONAS EN CÓRDOBA

Dra. Carolina Álvarez Ávila

IDACOR/ CONICET – FFyH

Universidad Nacional de Córdoba

En abril de 2015 se realizó, en Argentina, la Primer Marcha de Mujeres Originarias en la que participaron representantes y miembros de 36 pueblos indígenas. El objetivo principal de la Marcha fue "instalar el buen vivir como un derecho". Tras la movilización, llegaron al Congreso nacional y presentaron el anteproyecto de ley por el Buen Vivir a los diputados que las recibieron. Éste abarca que cada pueblo designe "dos consejeras de acuerdo a su filosofía ancestral" para la creación de un "Consejo de Mujeres del Buen Vivir", y que este Consejo realice un proceso de consulta, participación, información y difusión "para elaborar y proponer normativas y políticas que garanticen y efectivicen el Buen Vivir".

Teniendo en cuenta este antecedente, en la ponencia me interesa desplegar algunas incipientes reflexiones sobre el Buen Vivir en Argentina; concretamente analizar y comparar algunos sentidos que circulan entre miembros y comunidades comenchingonas en la provincia de Córdoba, buscando identificar qué proyecto/s encarna/n el Buen Vivir y qué está disputando políticamente.

PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONES DEL “BUEN VIVIR” ENTRE LOS QOM DE PAMPA DEL INDIO

Pablo Quintero. IFCH-UFRGS; pablo.quintero@ufrgs.br

Los debates sobre el *Buen Vivir* (o también en su forma *Bien Vivir*) en América Latina, suelen encargarse de elaborar potentes disquisiciones en torno a su definición esta noción, la mayoría de las veces oponiéndola como alternativa radical a otras ideas como *desarrollo*, o menos comúnmente a la de *modernización*. Dentro de estos debates aparecen referidas constantemente las sociedades y comunidades indígenas (especialmente las de la región andina) como las productoras originales de la idea, así como las portadoras de prácticas específicas que recrean al *Buen Vivir*. Sin embargo, y exceptuando los escritos de Fernando Huanacuni y de Atawallpa Oviedo, son sumamente escasas las referencias a representaciones y prácticas ligadas al *Buen Vivir* en comunidades indígenas fuera de los andes. Es menester preguntarse si esta falta de investigaciones se debe a que el *Buen Vivir* no es común a todas a las sociedades indígenas de América o al simple desinterés de las ciencias sociales en visualizar estas representaciones y prácticas alternativas. Procurando dar respuesta a estas interrogantes, este trabajo explora las representaciones locales en torno a la idea de *Buen Vivir* de los pobladores Qom de Pampa del Indio en la Provincia del Chaco, penetrando también en la exploración de prácticas socioeconómicas, que en los márgenes del capitalismo, parecen acercarse a lo que dentro del debate actual se denomina *Buen Vivir*.

Palabras clave: Buen Vivir, Qom, Pampa del Indio, Chaco argentino.

BIOÉTICA INTERCULTURAL E ANTROPOLOGIA: OS CONFLITOS DE INTERPRETAÇÃO E OS DIREITOS HUMANOS

CEMIN, A.B. Doutorado em Antropologia Social (USP). Pós Doutorado em Bioética: Cátedra UNESCO/FS/UNB. Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (Universidade Federal de Rondônia); arneide.bandeira.cemin@gmail.com

Este trabalho argumenta a favor de construções teóricas interdisciplinares entre a Antropologia social/cultural e a Bioética social latino-americana. Postula um problema comum a ambas: a questão da interculturalidade das culturas. Discute este tema a partir da Antropologia, da Declaração Universal sobre Diversidade Cultural e da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. Finaliza com a proposição de uma Bioética Intercultural Crítica como contraponto à noção sócio estatal que postula uma interculturalidade funcional ao sistema colonial-capitalista e às suas estruturas de

dominação. Estas foram construídas pelas classificações de raça e de classe desde a “diferença colonial” que instituiu a inferioridade dos povos originários das Américas. O texto articula-se, assim, ao esforço de uma Antropologia e Bioética que, também descolonizadas, se abram à interpelação de si pelo outro.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Antropologia; Bioética Intercultural; conflito de interpretação.

EL CONCEPTO DE TEKOPORÃ GUARANÍ, LOS CONFLICTOS EN TORNO A SU REPRODUCCIÓN Y SU ROL EN EL DISCURSO NACIONALISTA PARAGUAYO

Gloria Scappini. Universidad Católica de Asunción- Paraguay;
gloria.scappinimeza@gmail.com

Esta ponencia tiene como objeto explorar en qué consiste la expresión TEKOPORÃ propia la cultura y religión Guaraní, interpretada localmente en el Paraguay y a nivel regional como la traducción del concepto y filosofía del “Buen Vivir”. Se tratará de situar culturalmente este potencial equivalente, acentuando la necesidad de vincularlo en la propia estructura de pensamiento que lo sostiene, concibiéndolo en su dimensión metafísica como una búsqueda constante de las condiciones de adaptabilidad a un mundo en permanente cambio, marcado por la impermanencia social tanto de la vida como de la muerte.

Los desafíos que conllevan su reproducción en tanto que práctica cultural para los pueblos concernidos presentan estrechos vínculos con el discurso nacional de “inclusión”, conduciendo al clásico paradigma integracionista que caracteriza las relaciones entre Estado-Nación y minorías en el Paraguay. Se propone entonces discutir estas tensiones desde un enfoque retórico tanto indígena como nacional, ayudándonos de toda la estructura de pensamiento Guaraní, que demuestra ser históricamente base conceptual de proyectos utópicos y búsquedas de ideales, manifestándose así actualmente en el discurso político latinoamericano.

Palabras Clave: Guaraníes, Tierra Sin Mal, cambio social, discursos, imaginario nacional.

EL BUEN VIVIR CAMBIANTE Y CONTRADICTORIO ENTRE LOS PUEBLOS MAKÁ Y MBYA GUARANÍ

Dr. Rodrigo Villagra Carron. Abogado por la UNA Asunción y PhD por St Andrews

University, Scotland. Profesor-investigador de la Universidad Nacional de Itapúa.

A partir de la fundamentación temática de la mesa de que el “la complejidad, multiplicidad y variedad de creencias y prácticas asociadas al Buen Vivir requieren de la exploración de casos particulares, a fines de revelar como emerge cada uno de ellos en un contexto socio histórico que le es propio” se presenta la investigación realizada en dos comunidades indígenas del Departamento de Itapúa, Paraguay: una del pueblo maká urbana y otra mbya guaraní del ámbito rural. El objetivo de la investigación era realizar un diagnóstico participativo para determinar los componentes socio-económicos y culturales, comunes al resto de la población y a la vez diferenciados, que constituyen de manera integral y conexas el “buen vivir” para estas comunidades. Un “hallazgo” preliminar es que el buen vivir – enunciado como tal o no - se reproduce en relaciones cambiantes y aparentemente contradictorias a nivel personal, parental, cosmológico, demográfico, político y externo que no obedecen a un solo discurso o paradigma de representación/relacionamiento: etnicidad vindicatoria y exotismo cultural reivindicaciones de tierra y clientelismo político, desarrollo económico, paternalismo y subsistencia tradicional, el *Opy* y la medicina bioética, investigación secular y evangelismo, todos conviven y se conjugan en el acotado espacio comunitario para obedecer a los intereses de la comunidad.

A BANALIDADE DOS BENS. ENSAIO ACERCA DOS PARADOXOS DO BEM COMUM, DO BEM VIVER E DOS BENEFÍCIOS SOCIAIS A PARTIR DOS “MAKU” DO NOROESTE AMAZÔNICO.

Rafael Moreira Serra da Silva. Universidade de Santa Catarina (UFSC), mestrando em antropologia social (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Brasil; rafablackflag@gmail.com

Organizada logo ao final da ditadura militar brasileira, a Assembléia Nacional Constituinte foi um marco histórico importante dentro do cenário político contemporâneo do Brasil. Resultante desse espírito democrático, consideramos importante problematizar a crescente oferta de cidadania e políticas públicas destinadas aos povos indígenas. Passados mais de duas décadas da abertura democrática, os antropólogos continuam a desempenhar papel importante na interlocução entre os povos indígenas e o Estado, a partir principalmente de dois movimentos. Os antropólogos participam tanto de uma ampla articulação política pela manutenção e ampliação dos direitos sociais conquistados pelos povos indígenas, quanto denunciam que os instrumentos empregados para efetivação dos direitos sociais são aplicados de forma inadequada à realidade indígena. Neste último caso, os direitos sociais passam de fins desejados a uma ordem, a meios indesejados de sua própria transgressão. Com isso, dedicamos nossa atenção a interrogar a circulação do programa Bolsa Família (PBF), maior benefício social do governo brasileiro, no contexto da região do Alto Rio Negro,

no noroeste amazônico. Parafraseando Lévi-Strauss, o programa Bolsa Família no Alto Rio Negro não é somente uma coisa boa pra comer, é antes disso, uma coisa boa pra pensar. Com esses ingredientes a mesa, o cardápio reflexivo que propomos diz respeito ao acesso dos povos indígenas Hupdah, e Yuhupdeh, classificados como de recente contato pela FUNAI, a rede de benefícios sociais do governo federal, com especial atenção ao programa Bolsa Família. O importante é destacar que apesar dos consideráveis efeitos negativos, o benefício não circula num vácuo cultural.

Palavras chaves: Bem comum, Bem Viver, Bolsa Família, direitos sociais, Maku.

ENTRE EL BUEN VIVIR Y LOS NATIVOS ECOLÓGICOS: ALGUNAS MANERAS DE SER COMECHINGÓN EN LA PROVINCIA DE CÓRDOBA

Lic. Lucas Palladino. Ciffyh - Conicet - Argentina

Las reivindicaciones indígenas ya constituyen un nuevo dato de reflexión antropológica en Argentina desde finales de los años 90, cuando nuevas demandas políticas, institucionales llevadas a cabo por parte de grupos indígenas dan color a los reclamos de pre-existencias étnicas. Pero, en la provincia de Córdoba este aparecimiento es relativamente tardío. Los pueblos imaginados como aquellos situados en esta provincia, es decir, Comechingones –aunque también Sanavirones-, irán a visibilizarse y activar sus sentidos de pertenencia a partir de ya entrado el siglo XXI. Así, varios grupos encararon procesos de comunalización (Brow, 1990) conjuntamente con la tramitación de las personerías jurídicas del INAI con la intención de ser reconocidos y visibilizados en el seno de la sociedad local y el estado nacional.

Pero este aparecimiento tardío al respecto de las reemergencias en Argentina generó algunas disputas de representaciones sobre la autenticidad indígena con aquellos sectores no indígenas. En este sentido los rasgos diacríticos como otros marcadores de indianidad se pusieron en disputa en la definición del ser indígena-comechingón en Córdoba. Frente a estos contextos y pujas se tejen varias maneras de posicionarse y entenderse como indígena-comechingón en la provincia. Entre ellas ha tomado forma lo que Astrid Ulloa llama “nativos ecológicos”, es decir la definición de una manera de identificarse indígena asociada a una representación del papel que tiene el mismo con la naturaleza en lo que respeta a las cualidades de conservación. En este contexto aparece entonces en los relatos de adscriptos comechingones las ideas de manejo sustentable de la naturaleza, conservacionismo y también, del “buen vivir”.

A partir de esto en este trabajo pretendo entender la manera en que la idea de “buen vivir” es usada, asociada con una idea del ser indígena-comechingón en las reivindicaciones actuales. Esto me lleva a preguntarme sobre la tela de qué procesos de diálogo, qué actores y situaciones se va configurando la apropiación de la

categoría. Esto, por lo tanto, me obliga a historizar y situar algunos usos políticos e institucionales del buen vivir. En cuanto a lo metodológico, utilizo el registro de trabajo de campo etnográfico con comunidades comechingonas (Pueblo de La Toma, ciudad de Córdoba, Ticas, Biale Massé, Tulián, San Marcos Sierras).

OS MORTOS E AS MORTES ENTRE OS KARAJÁ E JAVAÉ: NOTAS EM BUSCA DE UMA ÉTICA DE VIDA

Mônica Thereza Soares Pechincha. Professora da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás – UFG; mpechincha@hotmail.com

O tema da morte e dos mortos entre os coletivos indígenas é bastante investigado pela etnologia sul-americanista. Ele se fez indispensável, seja pela preocupação central desta etnologia em enfrentar o clássico problema do binarismo natureza/cultura em face às metafísicas indígenas, seja para o entendimento do problema também clássico da pessoa, seja pela centralidade do xamanismo como articulador cósmico e mediador na morte. Este trabalho se propõe uma revisão bibliográfica, sobretudo de etnografias dos Karajá e Javaé que, entre os falantes de língua karajá foram os mais estudados, mas também do corpus etnográfico de povos do Brasil Central entre outros que possam aclarar os dados sobre os Karajá e os Javaé acerca do tema da morte e dos mortos, que entre estes últimos é crucial à vida cerimonial, na cosmologia e nas transições de ciclos de vida. O objetivo é tentar extrair destes registros etnográficos a tematização indígena da morte, mas em direção a perscrutar uma ética da vida boa, de uma maneira de habitar o mundo capaz de fazer frente a pressões que as abalam que possam sinalizar caminhos para a abordagem do surto de suicídios de jovens karajá e javaé, assunto a que atualmente me dedico.

Palavras-chave: morte, ritual, cosmologia, revisão de etnografias, suicídio.

¿SUICIDIO O BIEN VIVIR? UNA PARADOJA

Dra. Livia Vitenti. Departamento de Antropologia – DAN. Universidade de Brasília.

El objetivo de esta ponencia es, a través de las investigaciones sobre el suicidio Guarani-Kaiowá, proponer una discusión sobre sus motivaciones y sus características específicas. Así, podemos explotar la idea de que la muerte voluntaria para los Guarani-Kaiowá constituye una expresión de la inconformidad con la actual situación de opresión ejercida por el gobierno brasileño y por el sector agroindustrial en el estado de Mato Grosso do Sul. Igualmente, considerando que existe una práctica ancestral

llamada *Jejuvy*, que en lengua guaraní significa aprieto en la garganta, y que hoy es un sinónimo para suicidio, podríamos sugerir que este tipo de muerte fuera comprendida como una salida del “mal-sin-tierra” para la Tierra-sin-males, donde se encontraría la inmortalidad y todos los beneficios de una vida sin dificultades.

LIÇÕES DO PLURALISMO BIOÉTICO: ESBOÇO DE UM DIÁLOGO ENTRE A SAÚDE MENTAL E AS CONSTRUÇÕES KARAJÁ DO BEM VIVER

Pedro de Lemos MacDowell. Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, Analista de Políticas Sociais na Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde; pedro.macdowell@gmail.com; pedro.macdowell@saude.gov.br

A identificação de questões como o suicídio e os problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, no âmbito do Estado, como do campo das políticas de saúde mental tem levado a uma aproximação cada vez maior entre este campo e diversos grupos e povos indígenas no Brasil. A ineficácia das abordagens convencionais dos profissionais de saúde mental para os contextos indígenas exige uma confrontação dos princípios éticos, teóricos e metodológicos que orientam suas práticas com outras formas e modelos de bem estar, de felicidade e de vida digna. Uma escuta das demandas e necessidades de cada grupo indígena se impõe como condição para o início do trabalho. Nesse contexto, as construções particulares do bem viver de cada povo trazem norte para o diálogo intercultural com a saúde mental, apresentando-se como marco para as ações compartilhadas nos contextos de crise. No caso dos Karajás da Ilha do Bananal, no Médio Rio Araguaia, onde as taxas de suicídio na última década atingiram níveis alarmantes, sobretudo entre a população jovem, um aprofundamento da compreensão sobre as construções locais do bem viver é fundamental para que os agentes públicos de saúde possam compartilhar com a comunidade o cuidado de forma mais adequada. Este texto é uma tentativa de elaboração antropológica do trabalho que vem sendo desenvolvido desde 2013 na Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas com os Karajás e outros povos indígenas, num diálogo intercultural entre o campo da saúde mental e as múltiplas construções locais do bem viver.

Palavras claves: Bem Viver; Saúde Mental; Políticas Sociais; Suicídio; Saúde indígena.

GT 40. POLÍTICAS PÚBLICAS EN SEGURIDAD, JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS: ETNOGRAFÍAS DE LAS BUROCRACIAS ESTATALES Y DE

LOS PROCESOS DE DEMANDA DE DERECHOS

Coordinadores:

Pita, María Victoria, CONICET -Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Dra. en Antropología (UBA), Magister en Administración Pública (UBA) y Profesora del Departamento de Ciencias Antropológicas y de la Maestría en Antropología Social de la Facultad de Filosofía y Letras (UBA), y Profesora del Doctorado en Derechos Humanos de la Universidad Nacional de Lanús, Argentina. Investigadora INCT/InEAC-UFF; mpita@conicet.gov.ar y mariapita@gmail.com

Mendes de Miranda, Ana Paula. Universidade Federal Fluminense / Programa de Pós-Graduação em Antropologia / Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP). Dra em Antropologia (USP), Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFF), Brasil. Investigadora INCT/InEAC-UFF; ana_paulamiranda@yahoo.com.br

Comentarista: Mariana Inés Godoy. Universidad Nacional de Salta, Facultad de Humanidades. Becaria Posdoctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Dra. en Antropología (Universidad de Buenos Aires). Investigadora INCT/InEAC-UFF.

LOS AMOS Y LA LIBERTAD DE LOS ESCLAVOS EN EL SIGLO XVIII Y LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XIX EN SALTA (ARGENTINA) O SOBRE CUÁNTO CAMBIAN LAS PRÁCTICAS CUANDO CAMBIAN LAS LEYES.

Isabel Zacca. ICSOH – CONICET - CIUNSa- Universidad Nacional de Salta; isabelzacca@gmail.com

La liberación de los esclavos en la jurisdicción de Salta luego de la Revolución de 1810 fue un proceso muy tenue, sólo hacia la década de 1820, alcanza intensidad, principalmente entre los esclavos que fueron reclutados en las milicias y escuadrones de gauchos que participaron en la guerra de la independencia. Los registros notariales que registran estas cartas de libertad a la par inscriben las ventas de esclavas con precios relativamente altos hasta la década de 1840. Esta constatación nos impulsa a analizar estos procesos en la administración colonial, a través de las cartas de libertad y las disposiciones testamentarias de liberación de esclavos por iniciativa de los amos y aquellas manumisiones que se realizan por la compra de la libertad que realizan los esclavos.

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre la noción de libertad a partir de las prácticas de los amos y confrontar con las nociones del Código negro que sancionara la corona hacia 1789, y las disposiciones sobre la esclavitud luego de la revolución de

independencia. Integraremos a este análisis la reflexión que realizamos en trabajos anteriores sobre algunos casos judiciales de esclavos que reclaman libertad en la década de 1820.

Palabras claves: esclavos – libertad – manumisión – amos – revolución de independencia.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E RACISMO: AS CONTROVÉRSIAS DO MOVIMENTO NEGRO NA ELABORAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Rosiane Rodrigues de Almeida. Mestra em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense

Este trabalho tem por objetivo analisar as controvérsias em torno dos usos e significados da categoria intolerância religiosa entre os membros do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (Comdedine-Rio), órgão fundado em 1988, atualmente vinculado à Secretaria de Governo da Prefeitura do Rio de Janeiro e, segundo os interlocutores, pioneiro na formulação e acompanhamento de políticas públicas de enfrentamento ao racismo no País. Fundamentado em pesquisa etnográfica, o trabalho mostra que, por razões de ordem diversa, o combate ao racismo antinegro e o enfrentamento à intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras (Umbanda e Candomblé) são objeto de tratamento não-consensual entre os membros do Conselho, posto que tanto podem ser justapostos nos seus discursos – e nesse caso encarados como correlatos, similares e complementares – quanto contrapostos – uma vez que não raro tendem a ser apresentados como fenômenos de natureza distintas, que, como tais, requerem tratamentos diferenciados não só por parte das instituições-membros do Conselho como também do poder público.

Palavras-chave: Intolerância religiosa – racismo – afro-brasileiros.

AFIRMANDO LIBERDADES, PRODUZINDO DESIGUALDADES: O ESTADO PORTUGUÊS E A (RE)CONSTRUÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO

Roberta de Mello Correa. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFF/Brasil. Bolsista CAPES; robertamcorrea@yahoo.com.br

Essa apresentação é fruto dos resultados parciais de uma pesquisa que busca investigar a formação de uma arena política associada ao campo religioso em Portugal, perscrutando as lógicas operacionais firmadas entre Estado e sociedade civil nos processos de reivindicação de direitos e construção de identidades pautadas na religião.

No caso português, o discurso sobre a relação Estado e religião ganha novos contornos, a partir de 1974, com a Revolução dos Cravos, que marcou o fim da ditadura de Salazar, onde Estado e Igreja encontravam-se fortemente ligados. A abertura política, acompanhada da abertura religiosa produz, desde então, um novo arranjo de recursos de produção da legitimidade das práticas religiosas no país, que culmina com a promulgação da Lei da Liberdade Religiosa (2001) - que por sugestão do próprio nome ratifica a liberdade de credo - e com a instituição da Comissão de Liberdade Religiosa (2003) – órgão institucional responsável pela regulamentação das práticas religiosas que demandem pela “oficialização” do Estado.

A pesquisa centra-se em um estudo de caso de um terreiro de candomblé situado na freguesia de Almada, próximo a Lisboa, em processo de registro junto ao Instituto de Pessoas Coletivas Religiosas e Instituto dos Registos e do Notariado, ambos subsidiados por pareceres da Comissão de Liberdade Religiosa.

Palavras-chave: Liberdade religiosa, demanda de direitos, legislação.

COMO ORDENAR O QUE NÃO PODE SER ORDENADO?: CRIAÇÃO DE REGRAS DE USO DO ESPAÇO SAGRADO DA CURVA DO S (PARQUE NACIONAL DA TIJUCA/RIO DE JANEIRO)

Roberta Machado Boniolo (doutoranda em Antropologia PPGA/UFF e pesquisadora do INCT-InEAC/UFF); robertaboniolo@yahoo.com.br

Este trabalho é fruto de uma etnografia realizada entre com o grupo Elos da Diversidade (Secretaria do Estado do Ambiente -SEA/RJ). Acompanhei as reuniões que tinham por objetivo regulamentar uma área cogerida pelo Parque Nacional da Tijuca, conhecida como Curva do S. Este local foi idealizado pelos funcionários do Parque, ambientalistas, religiosos de matriz afro-brasileira, representantes de ONGs e professores universitários para abrigar o espaço sagrado. A criação desse espaço sagrado foi pensada como um meio de “diminuir” os conflitos entre religiosos e funcionários do Parque motivados pelas práticas das oferendas, como são conhecidas os rituais com o uso de alimentos e bebidas.

O Elos da Diversidade deve ser compreendido dentro de um processo de tentativa de

implementação do Espaço, dado que a maior parte dos seus membros participou em algum momento das discussões sobre oferendas no Parque. O projeto se tornou parte de uma política pública quando um dos integrantes desse processo assumiu um cargo na SEA, transformando a demanda de alguns religiosos em uma pauta do governo.

Este trabalho apresenta reflexões sobre as especificidades na criação de uma política pública para grupos religiosos de matriz afro-brasileira a partir da etnografia das reuniões do Elos da Diversidade. Busco demonstrar a dinâmica por meio da qual a escrita, linguagem característica das instituições estatais, e a oralidade, modo por excelência como o conhecimento é transmitido entre os religiosos de matriz afro-brasileira, ora se articulavam, ora se opunham na criação das regras de uso do Espaço Sagrado da Curva do S.

Palavras-chave: práticas religiosas, conflito, Espaço Sagrado.

SER DE VERDAD UN DESPLAZADO... O AL MENOS PARECERLO

Dr. Gabriel Ruiz Romero. Profesor Auxiliar del Departamento de Ciencias Sociales y Humanas. Universidad de Medellín (Colombia); gruiz@udem.edu.co

Después de quince años de aplicación de políticas de reparación por parte del Estado (además de la intervención continua de algunas ONG y otras instituciones), la población desplazada de Nueva Venecia (Magdalena-Colombia) no ha superado la condición de desplazamiento forzado sino que la ha terminado naturalizando. Esto ha tenido lugar, paradójicamente, en la medida en que ella ha sido objeto de diversos instrumentos legales y de intervención humanitaria teóricamente diseñados para confrontar dicha condición.

La ponencia, basada en un trabajo de campo etnográfico, analiza cómo estos instrumentos han sido desarrollados en tanto «sistemas expertos» (usando el concepto de Anthony Giddens), los cuales han terminado definiendo cuándo una persona es realmente una víctima (un desplazado, en este caso de estudio). Dentro del sistema experto, la condición de víctima no está vinculada a las experiencias traumáticas pasadas de la persona sino al hecho de que ésta haya podido exitosamente gestionar todo el proceso de registro y permanencia en el sistema mismo.

El fortalecimiento de las intervenciones post-conflicto a través de estos sistemas expertos está en el centro de la mutua inmovilidad de víctimas e instituciones estatales y no gubernamentales. Las víctimas, porque desde esa posición obtienen unos mínimos con los cuales, bien o mal, se las arreglan para sobrevivir, y las instituciones porque no deben preocuparse en procurar nada más que esos mínimos.

Palabras clave: Violencia – Víctimas – Sistema Experto – Intervenciones Posconflicto.

LA POLÍTICA MIGRATORIA EN ARGENTINA, UN NUEVO PARADIGMA DE “DERECHOS HUMANOS” Y/O UNA POLÍTICA “REALISTA”?

Marta Fernandez y Patallo. Instituto Nacional de Estudios Comparados em Administração Institucional de Conflitos INEAC/UFF. Equipo de Antropología Política y Jurídica EAPyJ/UBA

En diciembre de 2003 se sancionó en Argentina una nueva Ley de Migraciones, la 25.871. Ésta fue y es presentada por los agentes estatales como el inicio de una novedosa política migratoria basada en un “nuevo paradigma” para el tratamiento de la cuestión migratoria. Los ejes principales de esta nueva forma de tratar la cuestión migratoria serían el reconocimiento de migrar como un “derecho humano” y la incorporación de una perspectiva regional.

Durante mi trabajo de campo realizado en Argentina, realicé entrevistas a diferentes actores que fueron protagonistas del proceso de discusión, negociación y definición de la nueva ley, así como también de la implementación de la misma. A partir de su análisis, en este trabajo busco analizar y comprender, en primer lugar, cómo fue desarrollado ese proceso para, en segundo lugar, dar cuenta del significado local del “derecho humano a migrar” y de su relación con la representación de que la nueva política migratoria es al mismo tiempo una “política realista”.

Palabras claves: política migratoria – derecho humano a migrar – política realista.

LA NATURALIZACIÓN DE EXTRANJEROS EN LA ARGENTINA CONTEMPORÁNEA: TENSIONES ENTRE NACIONALISMO Y DERECHOS HUMANOS

Corina Courtis. Universidad de Buenos Aires / Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas; corinacourtis@yahoo.com.ar

A contramano de lo que sucede actualmente en los principales países de destino migratorio del Norte, la *naturalización* de extranjeros en la Argentina aparece como un proceso simple y abierto. Esto se debe a la conjunción de, al menos, dos factores. Por un lado, el prodecimiento se rige por una ley originariamente sancionada a fines del siglo XIX para viabilizar la participación política de los inmigrantes europeos, bienvenidos

por su “influencia civilizadora”. Por el otro, desafiando las restricciones migratorias que acompañaron la visibilización de los flujos migratorios de la región desde mediados del siglo XX, en el cambio de siglo, el panorama migratorio se caracterizó por una reforma migratoria que incorpora una perspectiva de Derechos Humanos. Dicho enfoque ha incidido en el campo de la *naturalización*, acarreado debates y reinterpretaciones normativas en el sentido de concebir el acceso a la nacionalidad –y, consecuentemente, a la ciudadanía –, como derecho e intentar desvincular la *naturalización* del control migratorio. Este escenario particular, sin embargo, no carece de tensiones: la *naturalización* como concesión del Estado soberano y sus implicancias nacionalistas reaparecen en el amplio margen de arbitrariedad que el procedimiento admite en la práctica. Combinando el análisis de normas, reglamentos y jurisprudencia con datos cuantitativos y etnográficos –resultantes tanto de entrevistas a agentes públicos y solicitantes de la Carta de Ciudadanía como de la observación en contextos burocráticos–, este trabajo ofrece una aproximación al dispositivo de *naturalización* en la Argentina, sus alcances y límites como artefacto de inclusión de extranjeros en la *communitas*.

Palabras clave: Estado, extranjeros, nacionalidad, ciudadanía, naturalización.

CARISMA E AUTORIDADE PROFESSORAL: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE RELAÇÕES DE PODER NA BUROCRACIA ESCOLAR

Bóris Maia. Doutorando em Antropologia (PPGA/UFF); borismaias@gmail.com

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados de uma pesquisa sobre as relações de autoridade vigentes nas escolas públicas. De que maneira os professores adquirem legitimidade e exercem a autoridade durante as aulas? É essa a pergunta que orienta este trabalho. Assim, busca-se colocar sob descrição um aspecto das relações de poder que caracterizam a burocracia escolar. As formas de construção e de exercício da autoridade do professor são amplamente desconhecidas, muito em função de perspectivas teóricas que tomam a autoridade como algo já dado, independente da interação professor/aluno, ocasião em que, em nossa visão, a autoridade é de fato constituída e exercida. Nesse trabalho, busco mostrar como as performances desempenhadas pelos professores durante o rito da aula conferem legitimidade ao professor, servindo como fonte primordial de atribuição de autoridade na escola. A explicação, por sua vez, aparece no discurso dos alunos como a etapa do rito da aula em que a performance do professor é posta sob avaliação de forma mais acentuada, resultado da valorização da oralidade na relação pedagógica. Por isso, apresentarei algumas técnicas de ensino, utilizadas pelos professores especialmente no momento da explicação, que produzem a eficácia simbólica da relação pedagógica, atuando assim na construção da autoridade professoral. O estudo deriva do trabalho de campo que realizei em uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, onde, através de observação direta, acompanhei

diariamente as aulas de duas turmas do Ensino Médio.

Palavras-chave: Escola pública; autoridade; carisma; burocracia.

RONDA ESCOLAR: UMA POLÍTICA PÚBLICA DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Jheniffer Vieira de Almeida. Mestranda em Sociologia Política – Universidade do Norte Fluminense Professor Darcy Ribeiro; jheniffer.vi@gmail.com

Durante o ano de 2014 assistimos a diversos noticiários que apontavam uma onda de indisciplinas nas escolas do Brasil. Para resolver tais problemas muitas medidas foram tomadas. Nas escolas do interior do Rio de Janeiro, na região norte fluminense, foi inserida a política pública intitulada Ronda Escolar, onde Guardas Municipais visitam diariamente a escola e resolvem conflitos. A Escola 12 de Março¹ é uma dessas escolas que recebeu o projeto. Interessante é que existe um discurso de “escola indisciplinada” que é diferente dos dados da Ronda Escolar e da própria escola. Cabe discutir as características da política pública e o motivo de sua inserção, visto que é uma política municipal que se estende a escolas estaduais. Compreender a dinâmica da escola que a recebe e como se dá a relação entre os atores escolares e do projeto Ronda Escolar e também com as outras políticas públicas de mediação e solução de conflitos que formam parcerias. E pensar em que medida o projeto Ronda Escolar cumpre o seu papel.

Palavras chave: Políticas Públicas, escola, indisciplina, mediação, conflito.

MORALIDADES ENTRECruzADAS NAS UPPS - UMA NARRATIVA POLICIAL

Jacqueline de Oliveira Muniz. Mestre em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ) e Doutora em Ciência Política (IUPERJ/UCAM). Professora adjunta da Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense – DSP/UFF; jacquelineoliveira.muniz@gmail.com

Elizabete Albernaz. Mestre em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ) e Doutoranda em Antropologia (PPGA/UFF). Professora substituta da Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense – DSP/UFF; betealbernaz@gmail.com

Pretende-se problematizar os modos como os discursos políticos sobre a pacificação no Rio de Janeiro são apropriados pelos gestores locais à luz de suas vivências no estabelecimento de relações de proximidade com os moradores de *favelas pacificadas* ou *em pacificação*. Busca-se refletir sobre as moralidades que circulam como dispositivos retóricos que reposicionam a *guerra ao tráfico* enquanto valor e operador semântico dos fins, meios e modos da pacificação. Reconstrói-se a narrativa da pacificação, situando-a como práticas discursivas em (re)negociação, as quais apontam para um campo simbólico conflitivo tanto dos lugares de polícia, da segurança e de ordem públicas, quanto das sensibilidades e moralidades postas em operação pelos sujeitos. Apresenta-se o rito de origem da pacificação, com a criação da primeira UPP, em 2008, na favela Santa Marta. A reconstrução da saga da origem serve para anunciar as ideias-força da narrativa pacificadora e sua política de sentido. Em seguida, situa-se as dimensões atuais do projeto UPP e o seu modo de constituição narrativa: um discurso de política pública que se apropria de uma série de alegorias justificatórias que passam a fazer parte do que se tornou a atual *política de pacificação*. Por fim, apresenta-se os modos de apropriação discursiva dos gestores de UPP que, a partir dos desafios cotidianos vividos pela busca de sua legitimidade em áreas marcadas por um histórico de antagonismos em relação à ação policial, instrumentalizam as sobre-ambições políticas do projeto, desviando-se como podem dos riscos de se converterem em governantes ad hoc dos territórios e comunidades que policiam.

Palavras-chave: Política de pacificação. Moralidades. Cultura da guerra. Governo de polícia. Unidade de Polícia Pacificadora -UPP.

PRISÕES MASCULINAS, CORPOS FEMININOS: VISITA ÍNTIMA E REVISTA VEXATÓRIA NO SISTEMA PENITENCIÁRIO PAULISTA.

Rafael Godoi. Pós-doutorando, doutor e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Fez especialização em Investigação Etnográfica, Teoria Antropológica e Relações Interculturais na Universidade Autônoma de Barcelona. É membro do grupo de pesquisa "Cidade e Trabalho" do Laboratório de Pesquisa Social (LAPS) do Departamento de Sociologia da USP; godoirafa@gmail.com

Pretendo apresentar algumas dimensões estruturantes do funcionamento cotidiano do sistema carcerário do estado de São Paulo, Brasil, a partir de uma abordagem do processo de visitação de familiares de presos em penitenciárias masculinas, atentando especialmente para as injunções e os constrangimentos que possibilitam, bem como regulam, encontros íntimos heterossexuais no interior desses espaços de reclusão. A hipótese geral que fundamenta este exercício é a de que os controles e condicionantes (formais e informais, legais e ilegais) que viabilizam práticas (hetero)sexuais no interior

das prisões (masculinas) de São Paulo constituem vias privilegiadas para uma problematização não só de certos atributos transversais da penalidade contemporânea, mas, principalmente, das especificidades que caracterizam a operação desse sistema penitenciário em particular. Procurarei analisar o processo de visitação ressaltando dois momentos específicos, especialmente iluminadores dos modos pelos quais a intimidades e a sexualidade de presos e familiares são interpeladas e reconfiguradas por relações de poder próprias às instituições prisionais paulistas: a “visita íntima” e a “revista íntima” (ou vexatória). Na visita íntima, preso e companheira estabelecem relações no interior da prisão, com algum grau de privacidade; na revista vexatória, antes de adentrar o presídio, os corpos das mulheres são vasculhados por agentes de segurança em busca de drogas e telefones celulares. Descrever essas situações, discutir seus sentidos e significados, bem como apresentar os conflitos que engendram constituem vias profícuas para a problematização de como o Estado, através mesmo do funcionamento cotidiano do sistema carcerário, opera estratégias de generificação de corpos e espaços.

Palavras-chave: prisão, São Paulo, corpo, Estado, visita.

DERECHOS HUMANOS, EQUIDAD DE GÉNERO Y LIDERAZGOS FEMENINOS: EL CONSEJO DE POLÍTICAS DE GÉNERO DEL MINISTERIO DE DEFENSA EN LA GESTIÓN DE NILDA GARRÉ

María Pozzio. Becaria posdoctoral CONICET-UNQ. Argentina, docente UNLP. Argentina; mariapozzio@gmail.com

A finales de 2005, asumió como ministra de Defensa de la Nación, Nilda Garré. Bajo su gestión se realizaron profundas reformas respecto al régimen de trabajo y la formación del personal militar, reformas que en líneas muy generales tuvieron como objetivos democratizar y profesionalizar las Fuerzas Armadas. En ese marco, y bajo la inspiración de la política de derechos humanos impulsada por el gobierno de Néstor Kirchner, el ministerio comenzó a implementar medidas que buscaban la equidad de género. Para ello, se conformó el Consejo de Políticas de Género, que fue el encargado de pensar e impulsar las políticas de equidad. Conformado mayormente por mujeres, en el consejo se vieron representadas las oficiales y suboficiales de las tres armas, académicos de las ciencias sociales, abogadas laboristas, funcionarias estatales y activistas del feminismo.

En la ponencia, se reconstruye la experiencia de dicho Consejo durante la gestión de la ministra Garré, desde la perspectiva de quienes participaron del mismo. Enfocado en la perspectiva de la hechura de las políticas, pero con una mirada antropológica, que pone el acento en los agentes estatales, sus formaciones y trayectorias, la ponencia buscará poner de relieve la singularidad del funcionamiento del consejo y la importancia del mismo y de sus políticas, en la constitución de liderazgos femeninos en la política estatal y de la defensa.

Palabras clave: Equidad-Género-Defensa-Políticas Públicas- Liderazgos.

A APLICAÇÃO DE MEDIDAS PROTETIVAS PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS CIDADES DE PORTO ALEGRE-RS, BELO HORIZONTE-MG E RECIFE-PE

Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. PUCRS; rodrigo.azevedo@pucls.br

Fernanda Bestetti de Vasconcellos. UFPEL; fevasconcellos@hotmail.com

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Segurança e Administração da Justiça Penal – GPESC-PUCRS, em parceria com pesquisadores da UFPE e da UFMG. A pesquisa teve por objetivo investigar as diferentes etapas de concessão e implementação das medidas protetivas de urgência, previstas pela Lei 11.340/2006, para mulheres vítimas de violência. Pretendeu-se verificar como vem sendo aplicadas, quais as dificuldades e boas práticas desenvolvidas em três capitais que tem chamado a atenção pela implementação de mecanismos inovadores para o deferimento e o controle da aplicação das medidas: Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. Buscou-se, por meio de entrevistas com os responsáveis por todos os órgãos envolvidos com o atendimento, encaminhamento, deferimento e acompanhamento das medidas protetivas de urgência nas três capitais, bem como com mulheres que tenham tido ou não o pedido de medida deferido, responder às seguintes questões norteadoras: qual é o trâmite envolvendo a solicitação e o atendimento a medidas protetivas; quais são as medidas mais solicitadas, e quais são mais concedidas; como as mulheres em situação de violência e os profissionais envolvidos no pedido de concessão das medidas protetivas as avaliam; qual é a percepção sobre a efetividade das medidas protetivas na perspectiva das mulheres em situação de violência e dos profissionais envolvidos; se o retorno acerca das medidas protetivas ocorre em tempo hábil. A pesquisa foi desenvolvida no período de abril a outubro de 2014, e visa contribuir para a avaliação das políticas implementadas e o seu aperfeiçoamento.

Palavras-chave: Lei Maria da Penha; Medidas Protetivas; Juizados de Violência Doméstica Contra a Mulher; Violência de Género; Administração da Justiça.

EL ESPACIO JUDICIAL Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA “MUJER-VÍCTIMA”: UNA ETNOGRAFÍA EN LOS JUZGADOS DE VIOLENCIA CONTRA LA MUJER EN ESPAÑA

María Martínez. Universidad del País Vasco, UPV/EHU

Gabriel Gatti. Universidad del País Vasco, UPV/EHU

Sandrine Revet (Science Po); maria_m_g@hotmail.com

El proceso de institucionalización de la lucha contra la violencia de género y de atención a sus víctimas ha sido intenso en España y ha seguido una constante desde los años 90: la intervención desde el derecho. La aprobación de la ley de medidas integrales contra la violencia de género [ley integral] en 2004 marca un hito fundamental y consolida el proceso abierto años antes. El elemento más significativo de esa ley es la creación de los juzgados especiales de violencia contra la mujer que sostenemos jugarán desde ese momento un rol central en la construcción de un tipo subjetivo: la mujer-víctima.

Esta comunicación presentará los resultados de una extensa etnografía realizada en esos juzgados de violencia contra la mujer y de entrevistas en profundidad tanto con agentes que trabajan en su ámbito (abogadas, fiscales, forenses, psicólogos) como con víctimas que han sufrido violencia de género y han pasado por estos juzgados. Tras un somero repaso por la genealogía de las políticas contra la violencia de género y de atención a sus víctimas, se realizará un análisis de la ley integral atendiendo a dos elementos: la centralidad del espacio judicial en el itinerario de las víctimas y la definición de la víctima de violencia de género. Finalmente, se presentará tanto los aspectos más visibles de estos juzgados (organización espacial, rito judicial...) como se indagarán en cómo la práctica judicial contribuye a la construcción de la mujer-víctima como pasiva, vulnerable, sumisa y sin agencia que la ley integral ya perfila.

Palabras clave: Mujer-víctima, espacio judicial, etnografía

EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, O MINISTÉRIO PÚBLICO METE A COLHER: MÍDIA, MOBILIZAÇÕES COLETIVAS E ESTRATÉGIAS DE VISIBILIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM PORTUGAL

Edilson Márcio Almeida da Silva. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT/InEAC); edilsonmas@yahoo.com.br

Dadas as transformações relativas à produção, armazenamento e fluxo de informações no mundo contemporâneo, a visibilidade dos fenômenos sociais encontra-se, não raro, relacionada ao modo como estes são (ou não) tratados pela mídia. Por essa razão, pode-se afirmar que a mídia goza, hoje, do *status* de um ator fundamental na produção do que

Bourdieu chama de *problemáticas obrigatórias*, isto é, temáticas prevalecentes nas abordagens e discussões que, como tais, fazem parte de um “repertório de lugares-comuns” ou “conjunto de questões obrigatórias que definem o campo cultural de uma época”. Evidentemente, *asproblemáticas obrigatórias* não são criadas, única e exclusivamente, pela mídia. Pelo contrário, elas correspondem ao resultado das relações dialéticas que se estabelecem entre diversos campos de poder (econômico, político, jurídico, científico, artístico etc.), que não apenas coexistem como se interseccionam, intercomunicam e, conseqüentemente, influenciam uns aos outros. O fato é que, dada a especificidade de sua participação na definição do que é socialmente relevante, a mídia pode contribuir decisivamente para o agendamento das políticas públicas, inclusive na área de segurança. A fim de discutir a capacidade de “agendamento” dos veículos de comunicação sobre os formuladores de políticas públicas, tomaremos como exemplo o processo de criminalização da violência doméstica em Portugal, procurando assinalar a importância estratégica da mídia na visibilização e, conseqüentemente, na construção desse tipo de violência como um dos principais problemas públicos do país. O objetivo geral do trabalho é estabelecer uma perspectiva comparativa e contrastiva com o que, a esse respeito, se verifica no Brasil.

Palavras-chave: mídia - violência doméstica - problemáticas obrigatórias.

MORTE VIOLENTA DE MULHERES: UMA ANÁLISE ACERCA DAS OCORRÊNCIAS DE FEMINICÍDIOS NA CIDADE DE SANTA MARIA/RS

Suelen Aires Gonçalves. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS;
saires.goncalves@gmail.com

A violência de Gênero vêm cada vez se apresentando como fatores de sujeição do espaço e vida das mulheres moradoras do meio urbano ou rural. Neste contexto, a violência de gênero aparece como fenômeno marcante e constitui-se em um fenômeno social presente, multiforme e aprofundada pela violência psicológica e física. Tratar das taxas de feminicídios, demonstra a mais agravada face da violência de gênero que produz uma série de efeitos sociais, culturais e espaciais de grandes proporções.

Um fator determinante para o aprofundamento do debate foi à disseminação dos estudos de gênero no Brasil, desde a década de 1990, que vêm influenciando não só a produção de estudos específicos, como a implementação de políticas públicas que contemplem os aspectos do fenômeno social.

Esse trabalho visa analisar o fenômeno da violência de gênero praticada por homens contra mulheres que resulta em feminicídios. Toma-se como fonte primária um jornal diário de circulação local chamado *A Razão*, com base no qual se buscou construir

tipologias em relação à violência de gênero no caso feminicídios na cidade de Santa Maria no período de janeiro 2006 a dezembro de 2012.

Esse período temporal foi selecionado por constituir o período de experiência da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher na cidade de Santa Maria e coincidir criação da Lei Federal No 11.340/ 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha. No período foram registrados 26 homicídios contra mulheres, onde a mulher é a vítima e o homem é o agressor, no caso o homicida.

Palavras- chaves: Violência, gênero, mulher, feminicídios, políticas publicas.

A APLICAÇÃO DO MÉTODO APAC (ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS) DE EXECUÇÃO PENAL A MULHERES PRESAS

Lana Lage da Gama Lima

Nayara Moreira Lisardo Pasti. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF; lage.lana@gmail.com, nmlpasti@gmail.com

A pesquisa tem como foco a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC, entidade civil de Direito Privado, que funciona como auxiliar do poder público na execução das penas privativas de liberdade, através da administração de estabelecimentos prisionais que aplicam uma metodologia que leva o mesmo nome. Entre as peculiaridades de suas unidades está a inexistência de guardas armados, o controle da portaria confiado a um apenado, a presença de trabalho voluntariado na sua administração, as condições físicas adequadas e limpas, a rotina cotidiana absolutamente rígida, com atividades programadas ocupando todo o tempo dos apenados. O método teve origem na pastoral carcerária católica e apresenta como objetivo a “recuperação” dos apenados e a conseqüente redução dos índices de reincidência por meio do que denomina “valorização humana”, baseada na disciplina, no trabalho e, sobretudo, na religiosidade. Nesse sentido, procura promover uma forte culpabilização dos indivíduos e o arrependimento de cunho explicitamente religioso, visando mudanças que incidam sobre a personalidade mesma dos apenados, denominados “recuperandos” dentro do sistema. Pretende-se analisar, particularmente, como o método tem sido aplicado às mulheres, focalizando as práticas utilizadas para a reconstrução de suas identidades, a partir das representações de gênero. A pesquisa está sendo realizada, por meio de observação direta, realização de entrevistas semi-estruturadas e pesquisa documental, em duas unidades prisionais, uma masculina e outra feminina, do município de Itaúna em Minas Gerais, estado pioneiro na institucionalização do método, através do Programa Novos Rumos da Execução Penal do Tribunal de Justiça, no ano de 2001.

Palavras-chave: Sistema Prisional, Associação de Proteção e Assistência aos

Condenados, representações de gênero.

MUERTES JUSTAS Y MUERTES INJUSTAS, REGULACIONES DE LA VIOLENCIA ENTRE JÓVENES DE SECTORES POPULARES DE UN BARRIO DE LA CIUDAD DE ROSARIO

Eugenia Cozzi. CONICET/UBA/UNR; eugecozzi@hotmail.com

Natalia Agusti. Facultad de Derecho, Universidad Nacional de Rosario;
nati_agusti@hotmail.com

En la ponencia describimos y analizamos formas de regulación de la violencia en un barrio popular de la ciudad de Rosario. En dicho barrio se concentran altas tasas de homicidios y un importante porcentaje de víctimas y victimarios son jóvenes varones, con algún vínculo entre sí, que allí residen. Indagamos, entonces, dichas regulaciones a partir de la descripción y análisis de tres muertes de jóvenes ocurridas en dicho barrio. Prestamos especial atención a distintas acciones, respuestas –tanto de los allegados a los muertos, como de otros residentes- posteriores a esas muertes y a diversas formas de “hacer justicia” por las mismas; ya que ello pone de manifiesto diversos criterios de victimización y umbrales de tolerancia a las formas de circulación de la violencia y a cuándo y de qué modo se traspasan esos límites. También, analizamos prácticas estatales de las agencias encargadas de investigar y, en su caso, sancionar dichas muertes, –nos referimos, tanto a la policía como a la administración de la justicia penal.

Palabras claves: muerte, jóvenes, violencia, regulaciones.

ESCENAS DE DOMINACIÓN Y RESISTENCIA: LAS VIOLENCIAS SOBRE LOS JÓVENES EN DOS BARRIOS INFORMALES

Joaquín S. Gómez. UBA y UNLa; joaquinsgomez78@gmail.com

En esta ponencia me propongo contribuir a la comprensión de los procesos sociales que definen como blanco de violencias a los jóvenes habitantes de barrios informales. Me pregunto quiénes son estos jóvenes, cuáles las violencias que los alcanzan y cuáles las reacciones comunitarias y estatales ante estos fenómenos. Abordo este objeto a través de la observación participante en dos barrios informales (uno en Ciudad de Buenos Aires y otro en el Conurbano sur), a partir de conversaciones con algunos de sus habitantes y teniendo en cuenta las miradas de diversos activistas de derechos humanos y contra la violencia institucional que actúan en estos barrios articulando organizaciones sociales y agencias estatales. El análisis está dirigido a colocar en el centro los procesos

sociales de dominación violenta y las formas de resistencia, más o menos visibles y efectivas. El abordaje de casos y situaciones sociales, intenta dar cuenta de la producción de *mundos morales* singulares (incluidas aquellos de las políticas públicas de derechos humanos) e intenta colocar tanto la cuestión de la comunicación entre estas *moralidades*, como la de su relación con una actitud *ética* de transformación de los conflictos. Concluyo con la necesidad de considerar tanto la fuerte persistencia de las violencias estatales (legales o ilegales) ejercidas sobre estos jóvenes, como a las violencias propias de una *gubernamentalidad* que escapa y desafía las dicotomías de los modelos interpretativos clásicos de la modernidad.

Palabras clave: jóvenes; barrios informales; violencias; derechos humanos.

LA VIOLENCIA INTERPERSONAL ENTRE JÓVENES Y LAS INTERVENCIONES DE LOS ACTORES INSTITUCIONALES EN LOS BARRIOS MARGINALIZADOS DE LA ZONA SUR DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES: LAS PERSPECTIVAS DE LOS SERVICIOS DE SALUD, LAS FUERZAS DE SEGURIDAD Y LAS ORGANIZACIONES NO GUBERNAMENTALES

Alejandro Marcelo Villa. Investigador asociado, Consejo de Investigación en Salud/Ministerio de Salud/GCABA. Instituto de Investigaciones Gino Germani/FCS/UBA; alejandrovilla2001@yahoo.com.ar

El trabajo presenta resultados preliminares de un estudio más amplio, en curso, realizado con miembros de actores institucionales que intervienen en las situaciones de violencia interpersonal entre jóvenes en barrios marginalizados: diferentes niveles de atención de la salud de Hospitales Generales, fuerzas de seguridad (Gendarmería Nacional, Prefectura y Policía Federal).

Se trata de un diseño cualitativo, exploratorio y descriptivo; compuesto por la toma de treinta entrevistas semiestructuradas.

Tomamos como punto de partida literatura previa de diferentes campos: antropología de las moralidades (Noel, Balbi), sociología de las disputas sociales (Boltanski), estudios socioantropológicos sobre las prácticas de las fuerzas de seguridad (Frederic, Garriga Zucal), entre otros.

El trabajo se propone describir, analizar y discutir tres dimensiones de las perspectivas de los actores:

1. La caracterización de situaciones de violencia interpersonal y muerte entre jóvenes que se le presentan a los actores institucionales.
2. Las concepciones y análisis de los actores sobre la relación de la violencia con el proceso de socialización y subjetivación de los jóvenes.
3. Formas de intervención de los actores institucionales frente a las situaciones de

violencia interpersonal y muertes entre jóvenes

Palabras claves: jóvenes, violencia interpersonal, actores institucionales.

**FAMILIARES DE DETENIDOS Y EXPERTOS DEL DERECHO:
TRAYECTORIAS Y CARRERAS MILITANTES EN LA CONSTRUCCIÓN DE
UNA CAUSA PÚBLICA**

Dr. Diego Zenobi (UNLZ-UBA-Investigador Asist. CONICET);
diegozenobi@yahoo.com

Rival, Juan Martín (estudiante avanzado, UBA); jmrival724@gmail.com

Lic. Victoria Pereyra (UNLZ-Universidad de Warwick); victoria.pereyra@gmail.com

Entre los diversos colectivos de “familiares” que impulsan sus demandas públicas en la Argentina actual, se encuentran las familiares de personas privadas de la libertad nucleados en la Asociación de familiares de detenidos en cárceles federales (ACIFAD). Entre las integrantes de la asociación hay madres y esposas, hermanas y abuelas, pero también profesionales del derecho que a partir de su expertise jurídica, cuentan con un destacado rol en la promoción de la causa que unos y otros comparten.

A partir de nuestro trabajo de campo llevado adelante en la cotidianidad de la asociación, nos proponemos realizar un análisis de las trayectorias de algunas integrantes del colectivo para dar cuenta del proceso de construcción del compromiso con la causa, en términos de un compromiso con el detenido y/o con la defensa y promoción de los derechos humanos. Indagaremos en los hitos, continuidades y cambios de los que hablan tales recorridos, y en las moralidades puestas en juego en la definición de la situación carcelaria y de las familias de los detenidos como problemas a ser atendidos por el Estado.

De esta manera, nos proponemos echar luz sobre un universo escasamente estudiado como lo es el de los familiares de detenidos y, en particular, el de la construcción de la causa pública por ellos impulsada.

Palabras clave: familiares-detenidos-cárceles-expertos del derecho.

RUMORES, DESCONFIANÇAS E ILEGIBILIDADES: ENCONTROS E

DESENTENDIMENTOS ENTRE ESTADO, MOVIMENTOS SOCIAIS E MORADORES DE UMA OCUPAÇÃO POPULAR

Camila Pierobon. Doutoranda em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Bolsista CNPq;
camilapierobon@gmail.com

No ano de 2012 os moradores da Ocupação Clementina de Jesus ganharam na justiça o direito ao usufruto do imóvel ocupado, que à época completava 8 anos. No entanto, a luta pelo direito à moradia no centro da cidade do Rio de Janeiro não se encerrou com a regularização fundiária. Poucos meses após o ganho jurídico que garantiu o usufruto do imóvel, membros do Comando Vermelho (grupo dominante de tráfico de drogas na região) invadiram o prédio e lá instalaram uma “boca-de-fumo” (ponto de venda de drogas). Com o argumento de “direito à moradia digna”, alguns moradores decidiram retomar o processo de requalificação/reforma do imóvel na tentativa de movimentar o prédio e retirar o tráfico de drogas do local. Este texto traz uma etnografia das demandas dos moradores direcionadas à Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro na tensão entre reivindicar a reforma do prédio e o medo de expor o problema do tráfico de drogas. No interior de um emaranhado complexo de rumores, desconfianças, conflitos e desentendimentos, que relacionam na mesma trama as práticas do Estado, dos movimentos sociais, do tráfico de drogas e dos moradores de uma ocupação popular, pretendo analisar: 1) as estratégias e categorias utilizadas pelos moradores para expressarem suas demandas; 2) como as práticas estatais inscrevem suas assinaturas na vida cotidiana e como produzem ilegibilidades; e 3) como os processos burocráticos fazem da legalidade obtida com a regularização fundiária um instrumento para a intensificação da precariedade e para o surgimento de novos ilegalismos.

Palavras-Chave: Moradia Popular/Ocupação; Demanda por Direitos; Ilegalismos; Precariedade; Estado.

CARTÓRIOS, AUDIÊNCIAS E DECISÕES: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS JUDICIÁRIAS NO BRASIL E NA FRANÇA

Pedro Heitor Barros Geraldo

Universidade Federal Fluminense Brasil

Nas últimas décadas, as instituições judiciais francês e brasileiro passaram por reformas. Esses sistemas têm diferentes orientações institucionais e políticas. A formação profissional, a organização social e as habilidades para realização prática do trabalho são diferentes. As pesquisas jurídicas apresentam esses sistemas com a mesma

tradição, enfatizando e mostrando a mesma função social dos juízes.

A partir da comparação de cunho antropológico (Garapon e Papadopoulos 2008; Geertz 2000; Kant de Lima 2009), proponho cotejar a forma como esses sistemas judiciais são moldados por políticas públicas de organização da justiça.

A comparação mostra como as diferentes políticas públicas estimulam respostas judiciais rápidas no Brasil e a buscam aproximar os cidadãos das instituições judiciais francesas. Estas diferenças indicam características institucionais específicas no que diz respeito à função de Justiça.

Essas transformações institucionais recaíram sobre o trabalho concreto nos cartórios judiciais em ambos os contextos, mas também sobre o trabalho de realização das audiências e seu significado nos diferentes contextos.

A primeira diferença é a legitimação do trabalho dos juízes. Juízes no Brasil são reconhecidas como atores políticos que são legitimadas pelo seu recrutamento através da livre concorrência nos concursos, enquanto juízes franceses baseiam a sua legitimidade em sua formação profissional na Escola Nacional da Magistratura.

O referencial da celeridade no Brasil desenvolveu a ideia de que os juízes devem gerenciar em sua própria maneira a burocracia e procedimentos. Os juízes se reconhecem como atores políticos que organizam as políticas públicas judiciárias em pequena escala. Por outro lado, o referencial da proximidade em França aponta para a relação entre os juízes e cidadãos ligando a descentralização dos fóruns e, ao mesmo tempo, no sentido da função do trabalho de juízes. Juízes franceses se identificam como burocratas que deve aplicar a lei e organizar o trabalho nos tribunais em colaboração com os funcionários.

Em conclusão, sugiro em minhas observações, que os juízes brasileiros fundem diferentes concepções de seu próprio trabalho, tais como a autonomia e independência. A primeira característica conecta questões de gestão tribunal, enquanto a segunda diz respeito ao conteúdo do trabalho dos juízes, isto é, o teor das decisões judiciais e afetam diretamente a sua imparcialidade. Enquanto juízes franceses representam-se como independentes, mas não são autônomos, uma vez que os funcionários são responsáveis pela organização dos tribunais dirigidos por lei. Assim, os juízes brasileiros e franceses desenvolveram diferentes identidades profissionais com base em diferentes representações a partir das políticas de reforma da organização judiciária nesses diferentes contextos.

LINGUAGEM, CORPO E TESTEMUNHO: FORMAS DE PRODUÇÃO DE VERDADE EM PROCESSOS DE POLICIAIS MILITARES

Proponho, nessa comunicação, uma discussão sobre o testemunho na Auditoria da Justiça Militar do Rio de Janeiro tendo em vista que esse é produzido não somente com o que se comunica verbalmente, mas, também, a partir da forma de se comportar naquele local. Nesse sentido, conhecer todas estas técnicas de uso do corpo, de que roupa colocar e que discurso fazer, não *entra nos autos* do processo, mas tem uma eficácia nesse tipo de ritual, pois não deixa de ser uma forma de comunicação, uma linguagem que influencia diretamente na decisão dos juízes e nas formas de tratamento concedidas daqueles que precisam convencer os agentes judiciários.

Assim, além do corpo ser uma forma de “ser e estar” também é uma forma de se apresentar. Com uma corporalidade, que se junta ao discurso, vai-se construindo a verdade que deverá entrar nos processo e, principalmente, a opinião e, posteriormente, o convencimento dos agentes da Auditoria sobre os envolvidos.

Palavras Chave: Polícia Militar, justiça, corpo, linguagem, testemunho.

ENTRE DISCURSOS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES ACERCA DA PROVA DEFENSIVA – UMA PESQUISA EMPÍRICA SOBRE O RECONHECIMENTO DOS DIREITOS E GARANTIAS PROCESSUAIS PENAIS NO BRASIL

Regina Lúcia Teixeira Mendes. Doutora em Direito e Pesquisadora do InEAC – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos; teixeiramendes@globocom.br

Vera Ribeiro de Almeida dos Santos Faria. Doutoranda em Sociologia e Direito pelo PPGSD da Universidade Federal Fluminense – UFF e Pesquisadora do InEAC - Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos; veradoutoradouff@gmail.com

Esta comunicação é parte da pesquisa em desenvolvimento, na qual se investiga, por meio de observação empírica e pesquisa qualitativa, as representações, os discursos e as práticas dos operadores envolvidos no sistema processual penal brasileiro, a respeito de certas garantias constitucionais admitidas no nosso ordenamento jurídico. Para tanto, examina-se a categoria *prova defensiva* (ou *investigação defensiva*) que, importada do sistema criminal italiano, permitiria ao autor de um fato criminoso realizar a prova de sua defesa, até mesmo sem a assistência de advogado, em qualquer fase da instrução criminal (policial ou judicial). O objetivo desse estudo é observar, discutir, explicitar e compreender as práticas e os discursos desses atores, além de tentar perceber nelas as características de processos culturais mais amplos e que nem sempre são explicitados pela cultura a que pertencem. A problemática levantada consiste em verificar se tais representações influenciam e informam as práticas destes operadores e se são capazes

de preservar institutos como a ampla defesa, a presunção de inocência, entre outros, considerados garantias processuais e fundamentos do Estado Democrático de Direito, assegurado pela Constituição da República de 1988. Em última análise, o que se pretende discutir e esclarecer é se a prova defensiva representaria - na visão dos operadores jurídicos e policiais, da doutrina e da lei -, o respeito à ampla defesa ou, ao contrário, a adoção explícita da presunção de culpa? Resumindo, esta categoria aumenta o poder do Estado, restringindo as garantias e direitos dos cidadãos?

Palavras-chave: prova defensiva; pesquisa empírica; discursos, práticas e representações jurídicas.

PROGRAMA DELEGACIA LEGAL: REFORMAS E CONTRARREFORMAS NAS DELEGACIAS DE POLÍCIA DO RJ

Hildebrando Ribeiro Saraiva Junior. Mestre em Ciências Sociais (UERJ);
hildebrandosaraiva@yahoo.com.br; hildebrandosaraiva@gmail.com

Este texto analisa uma política pública em curso desde 1999 – o Programa Delegacia Legal. Atualmente, toda a Polícia Civil do Rio de Janeiro foi incorporada a tal programa

representando a conclusão do processo de reforma e modernização. A partir de uma observação participante em duas delegacias de polícia onde estive lotado, discuto como os policiais civis apropriaram-se das iniciativas e reformas implementadas pelo programa, apresentando movimentações que classifiquei como contrarreformas – movimentos de defesa de interesses profissionais distintos de boicote ao Programa em curso.

A análise sobre o funcionamento das delegacias direcionou-se ao momento no qual o cidadão aciona a polícia para intervir em algum conflito, ou seja, nos momentos em que a atuação dos policiais é demandada. A escolha por agir – ou não agir – demonstra o que os policiais entendem por suas competências expressando uma evidente tensão entre perspectivas que, desalinhadas, obstruirão o avanço democrático sobre a prática policial.

A discussão sobre formação policial é resgatada por sua pertinência no objetivo de melhor compreender as dinâmicas da formação dos profissionais da segurança pública e perceber como a sociedade civil organizada pode interferir nesse processo. Compreender o escopo da educação policial na formação permanente dos funcionários públicos nos leva a encontrar suas potencialidades e seus limites na transformação das instituições policiais brasileiras.

Essas escolhas metodológicas visam dar maior visibilidade a questões próprias do *pólice studies*, além de fornecer reflexões sobre os caminhos da transformação das

forças policiais.

Palavras-Chaves: segurança pública; polícia judiciária; política pública, formação policial.

LOS SISTEMAS POLÍTICOS QUE INTERVIENEN EN LA PRODUCCIÓN DEL ORDEN Y LA SEGURIDAD EN UNA CÁRCEL DEL SERVICIO PENITENCIARIO BONAERENSE

Mg. Mónica Evangelina Montero Olivo

Doctoranda en Antropología Social IDAES/UNSAM

monicaemo@yahoo.com y monicaemo31@gmail.com

En el marco de mi tesis de doctorado, cuyo propósito es investigar con perspectiva de género los sistemas políticos que conviven a lo interno de los muros de una cárcel de la provincia de Buenos Aires, la ponencia pretende reflexionar sobre el funcionamiento del sistema penal frente a la delegación de la garantía de la seguridad intercarcelaria. La reflexión buscará líneas para evidenciar la coexistencia de distintas formas de gobierno intracarcelario y, la manera como se estructuran dichos sistemas políticos para garantizar la seguridad de las/os interno/as y trabajadores/as.

Proyecto retomar la interpretación que hizo Pritchard del sistema político en la Nuerlandia como marco para detectar *cuáles* son los valores políticos y *cuáles* son las funciones de las relaciones políticas dentro del conjunto total que es la cárcel. Cómo son las relaciones estructurales que genera la delegación en la población interna de la seguridad, sus autoridades dentro de los pabellones, qué institución las define. Por su parte, ¿En los recintos de reclusión femenina se puede corroborar la existencia de alguna figura que contribuya con el orden y la seguridad de las internas? Precisar en los pabellones evangélicos y entre los internos por delitos sexuales, alejados de la población común, las figuras de autoridad con quienes el servicio penitenciario negocia el control y la seguridad de la población. Cómo interactúan estas formas de gobierno, cómo son las prácticas de ejercicio de poder y cómo se encuentran y se separan del sistema de gobierno que establece la burocracia penal.

Palabras claves: Seguridad intracarcelaria, formas de gobierno, sistemas políticos, género, sistema penitenciario.

UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE MEDIADORES JUDICIAIS EM NITERÓI: ENTRE MODELOS, PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Gabriel Guarino Sant'Anna Lima de Almeida; Graduando FD/UFF; Bacharelado em Direito pela Universidade Federal Fluminense, aluno integrante do Laboratório Fluminense de Estudos Processuais – LAFEP / FD-UFF. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Pesquisador em formação (graduando) do INCT-InEAC/NUPEAC – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos gabrielalmeida@id.uff.br.

Fernanda Duarte Lopes Lucas da Silva; Doutora. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense/Faculdade de Direito. Coordenadora Científica do Laboratório Fluminense de Estudos Processuais – LAFEP / FD-UFF. Professora do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Estácio de Sá (PPGD-UNESA) Pesquisadora (Doutora Sênior) do INCT-InEAC/NUPEAC – Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos; fduarte@jfrj.jus.br

Esta pesquisa tem por objeto a mediação judicial no Poder Judiciário do Rio de Janeiro, sob um olhar do Direito, impactado pela Antropologia. Como objetivos específicos, pretendemos: descrever a formação do mediador que explicita as falhas e acertos do processo de capacitação hoje usado; traçar um panorama da formação dos mediadores no Brasil, a partir das iniciativas do Judiciário, revelando seus sentidos; e identificar o impacto que a cultura judiciária nesta formação. Como metodologia, nos apropriamos de ferramentas metodológicas das Ciências Sociais, especialmente da antropologia interpretativa, como “observação participante” e entrevistas informais, para descrever tais práticas e operações, que se referem ao Centro de Mediação da Comarca de Niterói, onde, de julho de 2012 a novembro de 2014, foram realizadas as observações. Relatamos tais experiências em três momentos: o Curso de Formação de Mediadores, as dinâmicas de funcionamento do Centro de Mediação e as representações dos mediadores acerca de sua própria formação. Como resultados: a) as iniciativas de formação de mediadores, local e nacional, acabam funcionando com uma introdução à mediação, não preparando os mediadores para atuarem de fato; b) tal carência na formação se reflete numa prática onde mediação “se aprende fazendo”; c) a dinâmica do Centro de Mediação reproduz a lógica de funcionamento comum ao Judiciário; d) o desenvolvimento da mediação no Judiciário não se coloca como meio de fato alternativo, mas tão somente de rito, sendo apropriada pela lógica do processo judicial; e) as representações dos mediadores, no entanto, englobam noções de outras vertentes de mediação.

Palavras-chave: Mediação, mediação judicial, formação de mediadores, praticas judiciárias, antropologia do direito.

RETÓRICA DEMOCRÁTICA Y BUSINESS AS USUAL. AVANCES Y RETROCESOS EN EL GOBIERNO DE LA SEGURIDAD EN SANTA FE DESDE LA CREACIÓN DEL MINISTERIO DE SEGURIDAD HACIA

FINALES DE LA SEGUNDA GESTIÓN DEL FRENTE PROGRESISTA CÍVICO Y SOCIAL

Enrique Font . Facultad de derecho, UNR; quique.font@yahoo.com

Eugenia Cozzi, CONICET/UBA/UNR; eugecozzi@hotmail.com

Mistura María Eugenia. Facultad de Derecho, Universidad Nacional de Rosario;
misturamaria@gmail.com

Marcelo Marasca. Facultad de derecho, UNR; marcelomarasca@hotmail.com

En la ponencia describimos y analizamos avances y retrocesos, en clave de tendencias en seguridad democrática en el gobierno de la seguridad durante las gestiones del Frente Progresista Cívico y Social (FPCS) en la provincia de Santa Fe. Además, indicamos qué paradigmas en materia de seguridad se ponen en juego, tanto a nivel discursivo como de prácticas. Para esto, estructuramos la exposición en tres momentos claves, dinámicos y en algunos casos con continuidades (y discontinuidades) entre un momento y otro. Sin embargo, más allá de que los límites entre uno y otro son en algunos aspectos difusos, cada uno presenta características propias en relación al gobierno de la seguridad.

Un primer momento caracterizado por un fuerte gobierno político de la seguridad y por una orientación reformista, que comienza con la creación del Ministerio de Seguridad (MS). Un segundo momento caracterizado por una tendencia al retroceso del gobierno político de la seguridad cediendo espacio a un modelo delegativo, que inicia a mediados de la primera gestión del FPCS. Finalmente, un tercer momento, desde la “intervención federal” en abril del 2014 hacia finales de la segunda gestión del Frente Progresista Cívico y Social, en el cual el modelo delegativo de gestión de la seguridad tiende a consolidarse a la vez que se sostiene retóricamente el gobierno democrático de seguridad.

Palabras claves: Seguridad, democratica, gobierno.

GT 41. ETNOGRAFÍAS COMPARADAS DE EXPERIENCIAS PUBLICAS EN AMÉRICA LATINA: PERSPECTIVAS PRAGMATISTAS

Coordenadores:

Fabio Reis Mota, Professor Adjunto do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (RJ); coordenador do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa (NUFEP-UFF); Pesquisador do Instituto Nacional de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INEAC-UFF); reismota@gmail.com

Gabriel Nardacchione, Investigador Adjunto del CONICET-UBA en el Instituto de Investigaciones de Ciencias Sociales “Gino Germani”, Universidad de Buenos Aires; Doctor en Sociología de la Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS-Francia); Docente de Maestría-Doctorado en diversas universidades de la Argentina: UBA, UNLP, UNGS-IDES; UNC-CEA, entre otras; gabriel.nardacchione@gmail.com

Irene Ramos Gil, Doctora en Sociología. Etnógrafa e investigadora del Centro de estudios sobre el conflicto y la cohesión social (COES-Chile) ; ireneargil@gmail.com

Comentarista: Paola Diaz, Antropóloga Universidad de Chile, Investigadora del Centro de movimientos sociales. Escuela de altos estudios en ciencias sociales- Paris. Profesora Sciences-po; paola.diaz@ehess.fr

Sesión 1: Violencias y seguridad como problemas públicos

DE L’UNIFORMISATION ET DE L’ASEPTISATION DES METROPOLES CONTEMPORAINES. REFROIDISSEMENT DU MONDE ET GENERALISATION D’UNE POLITIQUE PAR LE LABEL DE QUALITE ET LA GARANTIE

Marc Breviglieri. EHSGE/Suíça e EHESS/França

Je placerais cette conférence sous le signe d’un enjeu qui se pense désormais à l’échelle globale et planétaire comme en atteste le fait que les métropoles tendent toutes, plus ou moins sensiblement, à s’uniformiser. A s’uniformiser en cherchant à *garantir* une qualité de vie soumise à des critères d’évaluation comparables ou identiques. Le mouvement est international, il suit de près le développement d’un espace commercial à l’échelle de la mondialisation des flux de marchandises, et s’ancre dans la propagation massive des systèmes de normalisation et de certification de la qualité. Quelles dimensions et quel visage prend alors l’urbanité contemporaine ? Comment se redessine en termes spatiaux l’exclusion sociale ? Quelles formes nouvelles peuvent alors prendre

certaines mouvements de résistance afin de fonder des utopies inédites et une opposition concrète au déploiement de ce que j'ai désigné par le terme de « Ville Garantie » ? Nous serons, lors de cette conférence, particulièrement attentif au cadre d'évolution des politiques urbaines en Méditerranée.

DIÁLOGOS ENTRE CHAPÉU MANGUEIRA E SANTA MARTA: UMA PERSPECTIVA COMPARADA DE PROBLEMAS PÚBLICOS EMERGENTES NO PROCESSO DE “PACIFICAÇÃO/INTEGRAÇÃO” DAS FAVELAS CARIOCAS

Joana Sisternas. EHESS-CEMS, Francia/UFRJ, Brasil; joanasisternas@gmail.com

Pricilla Loretti. Uerj-UFRJ, Brasil/EHESS, Paris; priloretti@gmail.com

O presente trabalho tem início a partir da comparação entre duas etnografias urbanas realizadas no contexto das ditas “políticas públicas de integração de favelas do Rio de Janeiro”. A chegada das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) em Chapéu Mangueira e Santa Marta (Zona Sul) tem trazido novas dinâmicas de conflitos urbanos e mobilizado a participação de diversos atores na vida política, econômica e cultural das favelas. Semelhanças e diferenças nas experiências da “pacificação” em ambas as favelas tem nos incitado a refletir a respeito da racionalidade prática dos atores sociais e suas formas de engajamentos em ações coletivas no atual contexto das UPPs (2008-2015).

Seja no Chapéu Mangueira a partir da descrição dos usos e diferentes formas de apropriação dos espaços públicos e da disputa entre vários atores (tráfico, jovens, associação de moradores, UPP, estrangeiros e turistas) para organizar a vida cultural da favela, seja em Santa Marta a partir dos conflitos e formas de ajustamentos em torno do processo de formalização do serviço de energia elétrica, as duas pesquisas se inspiram dos debates trazidos pela tradição pragmatista da antropologia e sociologia contemporâneas para levantar questões acerca da constituição de novos problemas públicos e as diferentes formas de expressão e de reivindicação dos direitos de cidadania às populações faveladas.

DIREITOS HUMANOS E DISCURSOS DE ÓDIO: DUAS PERSPECTIVAS SOBRE SEGURANÇA PÚBLICA

Luiza Aragon Ovalle. PPGA/UFF; luizaaragon@gmail.com

Discuto, numa perspectiva contrastiva, duas diferentes constituições do espaço social a partir dos discursos de policiais militares em interação nas redes sociais. Na primeira, diante do objetivo de se apresentar profissionalmente no âmbito do Tecnólogo em Segurança Pública e Social, os policiais se colocam a partir do lugar do aluno. No segundo caso, ao voluntariamente se engajarem numa rede social pública, ocupam grupos fechados onde veiculam opiniões a partir de outra autoridade. A proposta é pensar no espaço do tecnólogo e das redes sociais públicas, no caso dos grupos do facebook ligados a discursos de ódio contra “bandidos”, como diferentes mundos a partir das (de)limitações do que é adequado ou censurável dentro destes contextos. Os sentidos captados e transmitidos como constitutivos destes espaços estão submetidos à dinâmicas locais, sem estarem restritos ao que os seus habitantes pensam e veiculam. Nos valem da caracterização dos regimes de envolvimento ali presentes para dar contornos às formas como as pessoas modelam seus engajamentos em diferentes mundos. O conteúdo das disputas de autoridade nestes espaços se constrói através de diferentes visões do lugar dos direitos humanos na atuação do Estado, mais especificamente, das polícias enquanto veículos de políticas públicas. A descontinuidade entre as apresentações de autoridade nestes dois espaços refletem diferentes hierarquias, e, neste sentido, a construção destes espaços virtuais se ancora na interseção de moralidades distintas acionadas no cotidiano de agentes estatais de segurança pública.

UN ANÁLISIS ANTROPOLÓGICO DE LA “SEGURIDAD” COMO PROBLEMA PÚBLICO

Noemí González. Cs. Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, UBA;
noemi.r.gonzalez@hotmail.com

-

En Argentina, desde hace más de dos décadas, la preocupación por la seguridad urbana ha sido un asunto que se ha incrustado en la agenda política y mediática pero también en la vida cotidiana de los ciudadanos. Este artículo se basa en el trabajo de campo que actualmente desarrollo para la elaboración de mi tesis de licenciatura en San Isidro, Buenos Aires.

Durante la investigación recorrí el distrito, estudié las políticas de seguridad del municipio, entrevisté al presidente del foro municipal de seguridad, a trabajadores del programa de “Prevención y Seguridad” del municipio y a vecinos que conforman “Vecinos del Alto”, una organización vecinal del barrio de Martínez en busca de “seguridad urbana”.

El primer objetivo de este trabajo es mostrar cómo la “(in)seguridad urbana” es construida socialmente, haciendo públicos y “de todos”, problemas que podrían ser considerados “privados”, como la “violencia doméstica” o los robos al interior de casas,

entre otros; y así, éstos, constituyen parte de la experiencia pública por medio del discurso de las experiencias en y de la ciudad, conformando “la realidad”.

El segundo objetivo es exponer las ambigüedades y contradicciones en el discurso y las prácticas, no sólo de los vecinos sino también del municipio. La perspectiva etnográfica nos permite visibilizar y analizar qué implican esas contradicciones en las relaciones sociales que se construyen en la búsqueda de la seguridad urbana.

EL BULLYING UNIVERSITARIO Y LAS RELACIONES DE PODER. ¿UNA ESTRATEGIA DE ASCENSO ACADÉMICO?

Pilar Fleitas

Gaia Quintana Fleitas

Cs. Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras, UBA; pilarfleitas@gmail.com

La comunidad universitaria no está exenta de determinadas formas de maltrato. El presente trabajo busca reflexionar sobre el particular problema del bullying o acoso universitario, los modos en los que se presenta, su alcance y sus consecuencias.

A partir de la observación participante, en este informe se muestran características de dicho fenómeno, los escenarios donde se articulan y cómo se manifiestan. Intentamos dar preeminencia a aquellos aspectos más sutiles donde las agresiones no dejan marcas visibles. Las formas veladas constituyen las tácticas más frecuentes en este tipo de conflicto. Estas acciones ocultas, como prácticas vinculadas al hostigamiento en el contexto universitario, tienen una llamativa falta de bibliografía específica. Constatamos distintos tipos de este flagelo muy relacionados a la producción investigativa y con el mobbing o acoso moral laboral.

Como las relaciones de poder desencadenan usualmente posibilidades de resistencia, analizamos los procedimientos tendientes al ejercicio de dominación/oposición como así también las pequeñas rebeliones, confrontaciones de microluchas conectadas entre sí. Investigamos sobre cómo es percibida esta problemática desde la perspectiva de los agentes participantes, sus realidades diversas, adversas y fronterizas. Observamos los procesos en los que los agresores obtienen inflaciones de poder a través de la manipulación y la violencia como también los mecanismos de estigmatización de las víctimas y múltiples aspectos tendientes a la discriminación y la exclusión.

Estudiamos las posibles incidencias que las relaciones de abuso de poder universitario tienen, de manera casi imperceptible, en el orden de la producción científica y del conocimiento.

“POP-POLÍTICA, BINARIEDAD Y PROBLEMAS PÚBLICOS: DE LA

FASCINACIÓN A LA IMPLOSIÓN/EXPLOSIÓN”

Pedro Jose García Sanchez. U.Nanterre-CNRS; pjgarcia@u-paris10

Cuando en 1998 la pop-política irrumpió en la escena pública venezolana con la campaña presidencial y la elección de Hugo Chávez, el cambio radical en el tratamiento gubernamental de los problemas públicos que muchos présuponían, se acompañó de una fascinación simbólica, valorativa y comunicativa de suma importancia para comprender el devenir político y societal latinoamericano de los siguientes veinte años. Así como "lo popular" dejó de ser una asignación social y política utilizada por los actores en sus estrategias identitarias para convertirse en el leitmotiv "par excellence" de la gran mayoría de los proyectos y actividades gubernamentales y asociativas, la binariedad pasó a convertirse en el acto-reflejo perceptivo, c(u)alificativo, predicativo y cognoscitivo que gobernaría la gran mayoría de formatos de la experiencia pública.

Hoy cuando las evidencias de que la urgencia reina se hacen sentir (criminalidad generalizada e impunidad, desabastecimiento y "bachaqueo", persecuciones políticas y mini-saqueos, incertidumbres deliberadas e improvisación administrativa, comunitarización societal y “parada” evaluativa, hiperinflación y emigración masiva...), más allá de las asignaciones polarizantes que han caracterizado la era de la pop-política, entre implosiones y explosiones de diverso grado, se balancea el cotidiano de los problemas públicos. Es en este contexto que una pragmática cognitiva parece pertinente.

Sesión 2: Problemas urbanos, emociones y vida cotidiana

HISTÓRIA, INTERSUBJETIVIDADE E ANÁLISE DOCUMENTAL EM UMA INVESTIGAÇÃO ANTROPOLÓGICA DE DISPUTA PELO ESPAÇO URBANO”

Larissa Brito Ribeiro. UFTM; lara_britto@yahoo.com.br

Este trabalho parte de um estudo realizado sobre os processos de remoção de moradores das margens do rio Uberabinha, na cidade de Uberlândia (Minas Gerais/Brasil), entre as décadas de 1970 e fins dos anos 2000. Tratou-se, naquele estudo, de entender como as mudanças nas classificações dos moradores - de favelados a criminosos ambientais - estavam associadas às buscas do poder público local pela implantação de projetos urbanos cujas adjetivações transmutaram de projetos de desenvolvimento urbano econômico a desenvolvimento urbano ambiental. Pretende-se, no trabalho que ora proponho, refletir sobre a contribuição da perspectiva pragmática adotada para a apreensão da dimensão histórica do processo de remoção apreendida tanto nas falas dos moradores entrevistados quanto na análise de documentos públicos nos quais as controvérsias sobre a permanência dos moradores naquelas áreas estavam expressas. As seguintes perguntas permearão este trabalho: se a prática etnográfica é motriz clássica

da análise antropológica, como combinar uma reflexividade etnográfica a uma sensibilidade pragmatista em objetos de estudo cujos sujeitos investigados chamam a atenção para a dimensão diacrônica neles existentes, mas possível de ser captada em documentos públicos que, por si, excluem a dimensão do vivido própria da prática etnográfica? Como a perspectiva pragmática pode contribuir para a apreensão da dimensão histórica na análise antropológica de conflitos sociais?

LA DIMENSIÓN AFECTIVA EN EL COMPROMISO CIUDADANO Y EN EL DEVENIR DE LA NATURALEZA

Consuelo Biskupovic. EHESS-IRIS/Universidad de Chile; cbiskupovic@gmail.com

Esta propuesta analiza la experiencia política de una asociación ciudadana (Red de defensa de la precordillera) creada en el año 2006 por los vecinos del barrio de Lo Cañas de la comuna de La Florida (362.903 habitantes) de Santiago, con el fin de proteger el que ellos consideran la último bosque primario del piedemonte andino de la capital de Chile. Mostraremos el paso desde una reivindicación de la naturaleza ligada a la reafirmación de la identidad del barrio hacia una expertización de la asociación para defender el medio ambiente y recurrir a argumentos legales. Si en el marco de la “defensa” del territorio el saber ciudadano juega un rol central para lograr incidencia en los asuntos relativos al bosque en cuestión y la precordillera de Santiago, la dimensión afectiva es determinante para comprometerse, para establecer relaciones durables con el barrio, el entorno y la naturaleza. Estudiaremos los afectos en el compromiso y el rol que juegan en la interacciones ayudando a sobrepasar las dificultades que encuentran los ciudadanos al intentar participar en los asuntos públicos y en la toma de decisión concerniente a sus barrios, al medio ambiente o la planificación urbana en la capital. Finalmente, gracias al trabajo etnográfico, esta ponencia abordará como la comunicación o el “estar afectado” no sólo hace emerger el compromiso en defensa de lo que se estima (la naturaleza en este caso) sino que también hace perdurar la vida colectiva en el seno de la asociación y los intercambios entre ciudadanos y funcionarios.

VOZES, EMOÇÕES E QUALIFICAÇÕES DE “VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA” EM CONTEXTO BRASILEIRO

Jussara Freire (UFF)

Nesta comunicação, analisarei emoções públicas de mães que residem em favelas ou bairros populares de cidades do estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais quando

descrevem a perda de seus filhos, executados por policiais ou traficantes de drogas, em um quadro qualificado, por algumas delas, de “indiferença generalizada”. Descrevendo os modos de expor suas dores e o amor pelo filho em situação de entrevista individual ou coletiva, eu proponho me focalizar ora nas competências política-emotivas acionadas para publicizar “os casos” que ancoram uma arena “de familiares de vítimas contra a violência”, ora nas qualificações que conduzem alguns familiares em preferir abafar o caso. As mães apresentavam uma incredulidade em relação à efetividade do processo de publicização destes casos. Para aquelas engajadas em “movimentos de mães”, a dor e o amor eram emoções compartilhadas em torno da experiência comum da perda que configuravam um público de “familiares de vítimas”. Estas emoções tornavam-se, ao longo de suas *investigações* (Dewey), um recurso da ação coletiva que permitia afetar o outro, captar a atenção pública e colocar à prova a aprovação massiva do “tratamento merecido” das vítimas por se tratar de “bandidos”, avaliação recorrente no debate público brasileiro. Para outras mães, a morte do filho era temida e predestinada, pois teria tido maior proximidade com “o tráfico”. Em suma, partindo das emoções como formas de avaliação, o objetivo deste trabalho é de analisar os imperativos que pesam sobre estas pessoas quando tomam voz e circulam no interstício da força e do público.

"EM DEFESA DA VIDA HUMANA": MORALIDADES CATÓLICAS NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Lílian Sales (EFLCH/UNIFESP)

Nessa apresentação analisaremos as formas de presença de moralidades católicas em duas audiências públicas realizadas no Supremo Tribunal Federal do Brasil. A primeira delas refere-se ADI 3510, que julgou a permissão do uso de células tronco embrionárias em pesquisas científicas e a segunda ao julgamento da ação que permitiu a interrupção da gestação em mulheres grávidas de fetos anencéfalos. Nas duas ações agentes vinculados a CNBB participaram do processo, produzindo justificativas relacionadas à "defesa da vida" e ao estatuto de pessoa humana atribuído ao embrião/feto.

Inventariamos os argumentos construídos pró e contra as ações, analisando como são estruturados os discursos e por meio de quais mecanismos de expressão eles são articulados, buscando compreender como os atores, nas narrativas produzidas ao longo da audiência pública, organizaram um repertório plural de justificativas favoráveis e contrárias a liberação.

As justificativas produzidas buscam o convencimento na arena pública representada pelos julgamentos das duas ações. Para compreender esta disputa pelo convencimento nossa análise dos repertórios de justificação se estenderá à compreensão da controvérsia mais ampla, identificando os repertórios de justificativas produzidos pelos agentes e blocos favoráveis às ações, especialmente referentes a categoria *vida*.

Observaremos como, no caso das audiências públicas os códigos de valores

relacionados à ciência e aos direitos ganham centralidade na disputa. Defensores e opositores as ações utilizam-se de dispositivos relacionados a esses universos como aporte de legitimidade a suas posições.

L'EXPERIENCE DU POLITIQUE DANS LES MILIEUX ASSOCIATIF: ENTRE MODES DE VIE, VOLONTARIAT ET TRAVAIL

Pia V. Rius. Université Lille 1/Université Nationale de la Patagonie San Juan Bosco;
piavrius@yahoo.com.ar

En Argentine, à partir des années 1990 le milieu associatif apparaît au cœur des politiques sociales. Cette tendance générale promue par les possibilités de décentralisation et d'*empowerment* qu'elle permettrait de développer entraîne également une méfiance vis à vis des formes d'intervention de l'Etat dans ce milieu. En effet, la gestion des ressources publiques risque de mettre en péril les principes d'autonomie revendiqués ainsi que les critiques adressées vis-à-vis des autorités de la Ville, par leur politiques de ségrégation de l'espace urbain et de discrimination des secteurs populaires.

Comment ces tensions sont gérées ? Quels sont les relations avec la politique traditionnelle ? La réflexion au tour des espaces publics intermédiaires semble de plus fécondes afin de saisir de relations de confiance entre proches et familiers, d'un mode de vie partagé et d'autre part des relations des citoyens et ayants droit rendant compte de la qualité politique des échanges. Pour reprendre une expression repérée au cours de notre recherche, l'expérience relève d'une manière d'« habiter » un Centre Social et Culturel à la ville de La Plata. De ce fait à partir des interactions dans ce milieu et d'une ethnographie sur cette association seront interrogés la manière dans laquelle convergent dans cet espace des populations hétérogènes, en fonction de leur trajectoire, des attentes et des activités effectivement réalisées.

Sesión 3: Controversias, procesos de categorización y gramáticas de reconocimiento

-

-

ENTRE PAPÉIS E SEM TRÉGUAS: GOVERNAMENTALIDADE, COMUNIDADES QUILOMBOLAS E O CASO DA ADI 3239

No ano de 1988, quando foi promulgada a nova Constituição da República Federativa do Brasil, foi adicionado o primeiro artigo da constituinte a tratar dos direitos das Comunidades Quilombolas. O momento era emblemático, em 1988 o Brasil completava 100 anos de abolição da escravidão, naquele momento articulavam-se políticos, intelectuais e militantes à favor dos direitos para a população negra e estes conseguiram que a pauta pela regularização dos territórios dos quilombos fosse inserida no documento de leis e normas da nação.

O artigo nº68 da CF88 foi uma conquista emblemática, no entanto, o texto além de sucinto, é bastante genérico. Várias questões relativas à aplicação desta norma surgiram após sua publicação. Foi partindo deste argumento que, em 2003, institui-se via ação presidencial o Decreto 4.887/2003, responsável por estabelecer os procedimentos de aplicação do artigo e esclarecer alguns dos conceitos presentes no texto, especialmente aquelas referentes à identidade do sujeito de direito e aos procedimentos quanto às terras.

Tão logo é instituído o decreto, surgem reivindicações que o colocam em juízo, como a ADI 3239. É importante termos em vista que estamos em um território de prática política, e, afinal, *a política é a guerra continuada por outros meios*. Analisaremos, portanto, algumas batalhas desta guerra.

LA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA EN CIENCIAS SOCIALES Y EL ANÁLISIS DE LAS DISPUTAS. UNA REFLEXIÓN EN TORNO A UN ESTUDIO DE CASO

Matías Paschkes Ronis. CONICET/UBA; matiasronis85@gmail.com

El presente trabajo constituye una reflexión acerca del uso y potencial heurístico de la perspectiva pragmática en las ciencias sociales. Se analizarán conceptos tales como competencias, crítica, prueba y controversias, de los diversos autores que conforman dicha perspectiva: Bruno Latour, Luc Boltanski, Francis Chateauraynaud, para ponerlos a prueba en un estudio de disputa ambiental en la Provincia de Buenos Aires, Argentina. Las preguntas centrales que guiarán este artículo son: ¿Qué implicancias tiene este enfoque para un estudio de caso concreto y qué lo diferencia de otras perspectivas del conflicto social?, ¿cuáles son las características metodológicas del estudio de las controversias y en qué sentido dicha perspectiva redefine el objeto de estudio y lo que entendemos por una explicación social?

UNA DEFINICIÓN PRAGMÁTICA DE LAS CLASES MEDIAS DE BUENOS AIRES

Leandro Sebastián López. IDAES/UNSAM

A partir de los años noventa se han publicado varios libros e interesantes artículos sobre las clases medias en la Argentina. Se abordaron fenómenos como la “nueva pobreza” y se indagaron algunas formas de urbanizaciones privadas que poco se conocían en el país. A partir de 2000 se han multiplicado los análisis empíricos enfocados principalmente sobre la protesta social y las prácticas de consumo. La definición de la categoría clase media es asunto interesante de las ciencias sociales en todo el mundo y en el cono sur recientemente ha recibido nuevo brío. Incluso en este contexto se han editado pocos textos que exploran sobre su teorización general. Intentaremos intervenir en ese campo tomando posición sobre ejes puntuales para su conceptualización. “Clase media” constituye una categoría de identificación y reflexividad cotidiana clave para explorar la participación de los actores en procesos políticos contemporáneos en el país e identificar culturas políticas singulares. El registro de pertenencia autodefinido por los actores en situación bajo clase no coincide en nuestro país con la frecuente definición brindada por técnicos y académicos desde sector socio-económico. Podría no ser una dificultad para su estudio dependiendo de los objetivos del proyecto. Sin embargo, tal distancia clasificatoria fue un circunstancia problemática en nuestras elaboraciones, y es usada como puntapié para pensar sobre la relación entre conocimiento sociológico y conocimiento práctico en el proceso de conceptualización en la investigación. Se presenta una propuesta específica, con base en la sociología pragmática y pragmatista pero también tomando debates argentinos de mitad del siglo XX, elaborada a partir del trabajo empírico sobre reclamos al estado sobre espacios de proximidad en el noreste de la Ciudad de Buenos Aires.

TRADIÇÕES POLÍTICAS, REGIMES DE ENVOLVIMENTO E A CONSTRUÇÃO DO COMUM: A CONFECÇÃO DE GRAMÁTICAS DO RECONHECIMENTO NO BRASIL E NA FRANÇA

Yolanda Gaffrée Ribeiro. INCT-InEAC-UFF/ EHESS-Paris; gr.yolanda@gmail.com

A partir de uma abordagem comparativa e contrastiva, proponho pensar a conformação de gramáticas do reconhecimento contemporâneas, associadas à confecção de arquiteturas da vida em comum, tendo em vista duas etnografias realizadas, no Brasil e na França. Assim, a elaboração de uma gramática do reconhecimento, característica das sociedades democráticas contemporâneas adquire amplitude global, mas apresenta contornos distintos de acordo com as cosmologias locais que são apropriadas, lidas e

incorporadas pelos atores no espaço público de modo diverso. No contexto brasileiro, acompanhamos uma série de mudanças políticas e jurídicas, com a emergência de processos sociais de construções legais de identidades, vinculados à elaboração de instrumentos normativos nacionais e diretrizes internacionais que orientam a mobilização de pessoas e grupos, no que tange as suas demandas de direitos e por reconhecimento. No caso da França, a emergência de uma gramática multicultural contemporânea acompanha a elaboração de diretrizes europeias de combate à discriminação e mudanças na legislação nacional para atender tais dispositivos, além de mobilizações de pessoas e grupos que colocam em questão a própria tradição política republicana, na medida em que esta aporta uma forte tensão quanto à afirmação de particularismos identitários no espaço público ou como base para reivindicações sociais. Interessa entender, então, o modo como os diferentes regimes de envolvimento apresentados, tendo em vista a pluralidade de vínculos que os atores aportam em suas interações cotidianas, assumem compromissos diversos, afirmando laços de pertencimento mais particularizados, sejam eles religiosos, históricos, de proximidade, etc e acomodam ou contrapõem formas mais gerais de justificação das demandas, vinculadas, por sua vez, às gramáticas políticas em jogo

REGIMES DE ENVOLVIMENTO EM MUNDOS PLURAIS: DEMANDAS DE DIREITOS E RECONHECIMENTO NO BRASIL E FRANÇA

Fabio Reis Mota. NUFEP-PPGA/InEAC-INCT-UFF

Essa proposta de artigo visa discutir alguns aspectos de uma pesquisa desenvolvida no Brasil e na França sobre a emergência de uma gramática política e moral vinculada às demandas de direitos e reconhecimento de grupos concebidos como minoritários. Nessa direção, busco compreender o modo como as diferentes concepções de público ensejam procesos distintos de mobilizações coletivas nos dois contextos e informam os vocabulários mobilizados pelos atores nas arenas públicas francesa e brasileira.

GT 42. SEGREGAÇÃO, ALTERIDADE E CULTURAS JUVENIS NA AMÉRICA DO SUL

Coordenadores:

Dr. Pedro R. Bodê de Moraes – Universidade Federal do Paraná;
pedrobode@terra.com.br

Mestre Mariana Corrêa de Azevedo – Universidade Federal do Paraná;

mariana@azevedo.com

Magíster Prof. Carolina Cravero – Universidad Nacional de Córdoba / Instituto Superior del Profesorado Juan Mantovani; carocravero@yahoo.com

Sesión 1: Identidades, culturas juvenis e consumos culturais

OS ESTRANHOS NO SHOPPING: A ERA DO CONSUMO E OS JOVENS INDESEJÁVEIS

Diego Nogueira. Mestre em Políticas Públicas na Universidade Federal do Paraná
Docente na Escola Superior de Segurança Pública. Membro do Núcleo de Investigações
Constitucionais da UFPR

A busca pela ordem reflete “*o interesse humano pela pureza*”. Os padrões de pureza podem mudar de uma época para outra, de uma cultura para outra, mas cada época e cada cultura expressam um certo modelo de padrão ideal a ser mantido incólume às disparidades. Na sociedade pós-moderna “marcada pelas amplas possibilidades de escolhas e necessidade de satisfação rápida e efêmera dos desejos”, o endeusamento do consumo faz com que as pessoas, para alcançarem a condição e sujeito de direitos, estejam inseridas no mercado.

Para a expansão da pretensa liberdade dos consumidores, porém, deve-se deter, pelo menor custo possível, os não consumidores, tratados como estranhos (pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético proposto pelas instituições). A criminalização desta classificação de pessoas constitui suplemento indispensável da “integração mediante sedução numa sociedade de consumidores guiada pelo mercado”.

O presente trabalho visa apresentar as representações dos movimentos de jovens, geralmente provenientes da periferia, nos shoppings centers (os “*rolezinhos*”, iniciados no final de 2013) que indicam uma alteração na estrutura de consumo gerada fundamentalmente por mudanças na distribuição de renda, enxergados, porém, pela sociedade como vandalismo, uma “oportunidade para crimes”, que ensejam a intervenção policial.

Palavras chaves: ordem, pós-modernidade, consumo, exclusão, jovens.

PODEROSAS: IDENTIDADES E AGENCIAMENTOS DE FUNKEIRAS E HIP HOPPERS

Izabela Nalio Ramos. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo/Brasil (PPGAS/USP);
izanalio@gmail.com/izabela.ramos@usp.br

O presente trabalho abordará os resultados parciais de pesquisa de mestrado junto a mulheres integrantes das culturas juvenis do Funk e do Hip Hop no Brasil, com alguns recortes específicos para a cidade de São Paulo. A ideia inicial de pesquisa era realizar uma observação comparativa de como, através das expressões culturais e artísticas de ambas as manifestações juvenis, as mulheres formulavam identidades de gênero, raça, sexualidade, classe, entre outros marcadores sociais da diferença – como algumas referências bibliográficas denominam estas e outras categorias similares – acionados em intersecção. No atual ponto de desenvolvimento da pesquisa, sobre o qual se centrará este texto, destaca-se a atuação destas ativistas e/ou artistas na busca por reconhecimento e espaço dentro das culturas juvenis citadas, bem como a elaboração de identidades individuais e coletivas: quanto às hip hoppers, a elaboração de identidades coletivas enquanto mulheres negras e periféricas, positivando categorias direcionadas a elas em contextos de discriminação e segregação, chama a atenção; quanto às funkeiras, são constantemente discriminadas por suas letras e performances que tratam muitas vezes de temas como sexo e sexualidade, mas também podem tratar destes conteúdos dentro de um âmbito de agenciamento político – não ilimitado, vale dizer – embora não necessariamente construindo as mesmas identidades que as hip hoppers.

Palavras-chave: culturas juvenis; intersecções; marcadores sociais da diferença.

“ME CLAVÓ EL VISTO”: LOS JÓVENES Y LAS ESPERAS EN EL AMOR A PARTIR DE LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS

Maximiliano Marentes. IDAES-UNSAM/IIGG-UBA/CONICET;
maximarentes@hotmail.com

Mariana Palumbo. IIGG-FSOC-UBA/CONICET; *mrnpalumbo@gmail.com*

Martín Boy. CONICET/IIGG-FSOC-UBA/UNPAZ; *mgboy_99@yahoo.com*

Esta ponencia analizará escenas de espera mediadas por las nuevas tecnologías (facebook, whatsapp) en relaciones erótico-afectivas de jóvenes heterosexuales de clase media del Área Metropolitana de Buenos Aires. Se problematizará cómo estas vías de comunicación facilitan la generación de situaciones de espera atravesadas por el (des)control en la propia subjetividad y sobre el sujeto amado.

Utilizaremos la metodología de las *escenas* como recurso para explorar estas experiencias de espera retomando las perspectivas de Vera Paiva y Filomena Gregori.

También apelaremos a una multiplicidad de fuentes (relatos de entrevistas, fragmentos de literatura y canciones) para dar cuenta de la importancia que tiene pensar al amor como un *bricolage*.

El trabajo se estructurará en tres apartados. En el primero se analizarán las dinámicas y efectos que tienen sobre los sujetos las situaciones de espera vinculadas al amor. En el segundo se reflexionará sobre los vínculos amorosos entre jóvenes. En el tercero se problematizará cómo son experimentadas las escenas de amor y espera durante la juventud.

Esta ponencia se enmarca en el proyecto UBACyT en el que se problematizan situaciones de espera que implican aspectos económicos, afectivos y/o de salud. Este proyecto es dirigido por el Dr. Mario Pecheny y tiene como lugar de trabajo el Instituto de Investigaciones Gino Germani de la Universidad de Buenos Aires.

Palabras clave: Amor – Jóvenes – Esperas – Nuevas tecnologías – Escenas.

NEM CÁ NEM LÁ: CARTOGRAFIAS DO DESEJO DE JOVENS EM TRÊS LOCALIDADES DA RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS

Thais Helena Medeiros. Professora e doutoranda CPDA/ UFRRJ;
thais.ouricoamazonia@gmail.com

Lígia Augusta Camargo Avisar. Pesquisadora e estudante de Publicidade e Propaganda na FIT/ Pará; ligiaamazonas@gmail.com

Fábio Pena. Coordenador de Educação e Comunicação/ PSA;
fabinho@saudeealegria.org.br

Este trabalho centra foco na compreensão da subjetividade de jovens moradores das localidades de Suruacá e Solimões, no Tapajós e Anã, no rio Arapiuns, Santarém, Oeste Paraense. Mais específico, delinear os desejos e vontades desses jovens na interação entre a tradição e contemporaneidade. Espaços sociais são construídos e reformatados pela mobilidade onde as práticas dos indivíduos se misturam, (re)significando mundos. Não pretendendo separações, mas entrever os jovens na ação e relação cotidiana. Partimos das análises em torno das abordagens relacionais na intersecção do indivíduo constituindo fluxos de sociabilidade e que possibilitaram a construção das cartografias do desejo. A metodologia é mista de métodos etnográficos e grupo focal.

Palavras-chaves: Jovens *rurbanos* - Resex Tapajos Arapiuns – subjetividades

ETNOGRAFIAS E REPRESENTAÇÕES DE UMA JUVENTUDE ENTRE O RURAL E O URBANO*

Rodrigo Kummer. Doutorando CPDA/UFRRJ; kummer2004@yahoo.com.br

A discussão que evoca o presente artigo está circunscrita as múltiplas formas de vivência dos jovens rurais. Essa categoria analítica se insere numa conturbada situação que pende entre a permanência no meio rural e a migração para o meio urbano. A dúvida que cerca essas decisões é também fator de sociabilidade e responde a variação comportamental e aos aspectos identitários manifestos e perceptíveis. Pode-se dizer que essa juventude está cercada não apenas pela definição de um projeto de vida no sentido produtivo e rentista, mas que implica nas relações de gênero, nas relações geracionais e familiares, nas carências, nos gostos e preferências, nos medos, enfim, numa dicotomia plural de dilemas cotidianos. A pesquisa tem como lócus uma pequena comunidade rural do interior de Santa Catarina e foi objeto da dissertação de mestrado defendida pelo autor em 2013, sob o título: “Juventude rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palma Sola/SC”. O estudo contemplou a etnografia como forma de compreender as dinâmicas internas desses jovens e é agora objeto de discussão melhor depurado. Infere-se que essas dinâmicas apresentam uma noção eminente, isto é, a conjunção do jovem rural entre o ficar e o partir é subscrita pela dúvida, pela oscilação. Fato este que permite afirmar que um conjunto de representações pulula entre esses atores e que aí se abrem várias oportunidades para pensar sua condição como categoria polissêmica e possíveis melhorias a serem estendidas, seja no caso da permanência, seja na migração.

Palavras-chave: juventude rural; permanência; migração; representações.

Sesión 2: Criminalização juvenil: discursos, narrativas e mídias

FOLHETIM POLICIAL DAS LIÇÕES PERIGOSAS ÀS PEDAGÓGICAS

Elena Camargo Shizuno, Doutora, UTFPR – Universidade Tecnológica do Paraná /
Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos (CESPDH/UFPR)

Pretendemos abordar o folhetim e o conto policial a partir da publicação intitulada *Vida Policial*, revista editada na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1925 a 1927. Mais especificamente as análises ambivalentes que versaram sobre as possibilidades de recepção do tipo de literatura por crianças e jovens. Nesse sentido, haviam duas possibilidades, a primeira do tipo de literatura poder contribuir para construir personagens e ações a serem imitados, portanto, potenciais *manuals do crime*, atestando assim um cunho *pedagógico* negativo. Segundo, a questão da cientificidade e da ação investigativa literária ser seguida pelos próprios policiais que liam romance policial, aspecto positivado e considerado um aspecto *educativo*.

Palavras chave: criminalização, folhetim policial, mídia e juventude.

LA REPRESENTACIÓN DE LOS JÓVENES EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN GRÁFICOS DE CÓRDOBA – EL CASO DEL “OPERATIVO DE SATURACIÓN” Y SU TRATAMIENTO EN LA VOZ DEL INTERIOR

Luciana Verde (IAPCS/UNVM) – luciana.verde@hotmail.com

María Inés Solans (IAPCS/UNVM) – mariainessolans@hotmail.com

El trabajo que presentamos se propone de manera general indagar el tratamiento que se le dio a las noticias en torno al llamado “Operativo de saturación” en el diario La Voz Del Interior de la Provincia de Córdoba. Dicho operativo estuvo en manos de la policía y se sucedió en la ciudad de Córdoba los días 2 y 3 de Mayo. Durante esos días, se detuvo arbitrariamente y sin orden judicial a cientos de personas.

Nos centraremos en analizar el tratamiento que realizó La Voz del Interior, en tanto instrumento de legitimación influyente en la opinión pública y como medio de reproducción de representaciones sociales, de los sucesos durante los días en los que transcurrían (las noticias a analizar pertenecen a los días 2 y 3 de Mayo), evidenciando cómo caracterizó a los actores intervinientes (policía, gobierno provincial y detenidos) y cómo describió el hecho. En este sentido, nos proponemos observar cómo construye la noticia del suceso contribuyendo a un proceso social de estigmatización de los jóvenes.

Consideramos que este tema cobra importancia enmarcado en una provincia como Córdoba en donde prevalece la construcción de un estereotipo social señalado como delictivo de acuerdo a ciertas características físicas, etarias, socioeconómicas y culturales lo que posibilita la vigencia de ciertas políticas de seguridad. Ejemplo de ello lo constituye la existencia del Código de Faltas que habilita a la institución policial a

generar detenciones de carácter arbitrario.

Palabras claves: Operativo de Saturación – Medios de comunicación — La Voz del Interior – Estigmatización – Jóvenes.

POLÍCIA E JUVENTUDE: NARRATIVAS POLICIAIS SOBRE JOVENS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dr. Jonas Henrique de Oliveira. Universidade Estadual do Piauí – UESPI;
jonashenri@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo compreender a relação entre policiais militares e diferentes segmentos juvenis que transitam na cidade do Rio de Janeiro. A análise da relação entre policiais e jovens contribui para compreendermos melhor como a noção de espaço social orienta as ações e práticas tanto dos policiais quanto dos jovens. Esse trabalho é fruto de uma pesquisa de campo realizada entre os anos de 2003 e 2004 com um grupo de dezoito policiais militares que atuavam em diferentes batalhões e regiões da cidade do Rio de Janeiro. Através da pesquisa, busquei compreender as classificações associadas aos jovens. A juventude é fase da vida ambígua. Ora os jovens são considerados como “problema social” e, por isso, precisam de um controle maior por parte do Estado, ora os jovens são considerados atores sociais fundamentais para o futuro da sociedade. De certo modo, esse trabalho procura analisar as ambivalências que se constroem em torno das categorias juventude e polícia.

Palavras-chave: juventude, polícia, violência, espaço social, sociedade.

EXPERIENCIAS DE ENFRENTAMIENTO DE LA VIOLENCIA EN PERSPECTIVA COMPARADA: LOS CASOS DE RIO DE JANEIRO, SALVADOR Y CIUDAD DE PANAMÁ

Fabiano Dias Monteiro. Profesor Adjunto IEAR/UFF; fdmrio@gmail.com

Jonas Pereira Araujo. Licenciado en Ciencias Sociales; jonas.araujo20@yahoo.com.br

Sandro Costa Santos. Especializado en Derecho e Proceso Penal; sandro@vivario.org.br

El presente trabajo tiene como objetivo llevar a cabo una aproximación comparativa acerca de iniciativas de prevención de la violencia y la confrontación de la delincuencia en tres ciudades de América Latina, a saber: Rio de Janeiro, Salvador y Ciudad de

Panamá.

Resultado de una investigación financiada por el Banco de Desarrollo de América Latina (CAF), con vistas a descubrir una cartografía para tecnologías sociales en el ámbito de la seguridad humana, el presente documento busca aclarar un conjunto de contrastes y puntos de contacto entre las estrategias políticas o policiales y la inclusión social de jóvenes, especialmente los que están en situación de vulnerabilidad.

Palabras clave: violencia urbana; delincuencia; inclusión social; juventud; policía de proximidad.

RESISTÊNCIA E FRUSTRAÇÃO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DA VIOLÊNCIA POLÍTICA PELOS JOVENS ADEPTOS DA TÁTICA BLACK BLOC

Diego Coletti Oliva. Doutorando pelo programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR; oliva.dc@gmail.com

Este artigo se baseia em uma fase inicial da pesquisa realizada para a tese de doutorado em Sociologia em que o tema desenvolvido desdobra-se em compreender o recurso à violência enquanto forma de ação política, seja como ferramenta do aparelho repressivo do Estado, seja como tática de ação direta de desobediência civil, buscando identificar e compreender a violência política, como esse conceito é acionado e quais as justificativas que orientam essas ações. Neste contexto, estabelecendo como recorte para análise as recentes manifestações ocorridas no Brasil desde junho de 2013 e a atuação dos adeptos da tática black bloc, foi identificada uma importante e expressiva representação da juventude nestas ações, que foi criminalizada e estigmatizada pela mídia enquanto perpetradora de vandalismos e esvaziada de sentido político. No entanto, os dados encontrados por meio do contato com os adeptos da tática, através da aplicação de questionários e de conversas informais on-line, bem como de dados secundários, revelaram posicionamentos políticos claros e bem definidos nessa juventude, que recorre à ação direta violenta impulsionadas por um sentimento de resistência e também de frustração, e é esse contraste entre a representação e a prática nesses episódios de violência política que busco explorar por meio de uma análise interseccional procurando problematizar e tensionar a legitimidade do uso político da violência e as consequências de seu emprego.

Palavras-chave: Violência política. Vandalismo. Juventude. Representação. Black Bloc.

Sesión 3: Governamentalização juvenil: vulnerabilidades, sociabilidades, drogas

ENTRE A VITIMIZAÇÃO E A CRIMINALIZAÇÃO: JUVENTUDE, SEGURANÇA PÚBLICA E CONTROLE SOCIAL PERVERSO

Letícia Figueira Moutinho Kulaitis. Universidade Federal do Paraná – Programa de Pós-Graduação em Sociologia

A juventude tem ocupado lugar central na discussão das políticas de segurança pública no Brasil, em especial, a partir dos anos 2000. Nos chama atenção o fato de os jovens ora serem apresentados como vítimas da criminalidade e da violência, ora como vitimizadores, potenciais ameaças a sociedade. Em agosto de 2007, o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania foi criado para atender a demanda social e política por retirar os jovens brasileiros da rota da criminalidade e da violência. O Programa promoveu o deslocamento de ações de suas tradicionais esferas de atuação para a área de segurança. Parte-se da noção de que estas ações sociais, sob a forma de políticas públicas, podem se concretizar apenas com o acompanhamento prévio e permanente das forças municipais e ou estaduais de segurança pois, são realizadas em regiões da cidade que concentram a violência, a criminalidade e a descoesão social. Sob a ótica do controle social perverso, podemos afirmar que uma política pública que aponta os jovens moradores de periferia como responsáveis pela violência e a criminalidade resta por produzir um efeito contrário ao do pretendido pela própria política, ou seja, agravando os problemas sociais que pretendiam amenizar ou resolver e produzindo medo e insegurança. Neste artigo serão analisados os dados referentes à execução orçamentária do Programa no período compreendido entre os anos de 2008 e 2012 bem como os dados sobre os homicídios de jovens no mesmo período com o objetivo de avaliar os efeitos produzidos por esta política de segurança.

Palavras-chave: Juventude; Violência e Políticas Públicas.

DA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA À PREVENÇÃO DE CONDUTAS DE RISCO: CONTROLE SOCIAL E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Tiago Nogueira Hyra Chagas Rodrigues. Doutor em Antropologia Social. UFSC;
tiagohyra@hotmail.com

Esta apresentação examina os discursos e práticas dos agentes sociais que, utilizando as tecnologias sociais da «prevenção de condutas de risco», tentam evitar a entrada dos

jovens e adolescentes na criminalidade e nos tráficos. Ela busca descrever duas ações coletivas inovadoras no campo da prevenção dos problemas sociais na França: fundadas para realizar um trabalho preventivo com usuários de substâncias psicoativas, passaram a utilizar a experiência adquirida para se dedicarem à prevenção de outros fenômenos sociais, como violência urbana, delinquência e criminalidade. Estas instituições aplicam técnicas de prevenção inspiradas principalmente por dois modelos não-excludentes: um que valoriza a (re)subjetivação, o *empowerment* e o desenvolvimento da autoestima; e outro que utiliza metodologias de prevenção da área da saúde (em especial a abordagem da *harm reduction*) para prevenir as condutas de risco. Suas intervenções, no entanto, são permeadas por inúmeros paradoxos, assim como o próprio conceito de risco. Quem é o Sujeito que se torna o público-alvo dessas iniciativas? O que elas tentam prevenir: o risco que este Sujeito assume ao praticar estas condutas, ou o risco que ele representa para o resto da sociedade? Por um lado, a caracterização dos sujeitos como “em risco” pode ser uma justificativa para políticas intervencionistas e de gestão securitária (estatal ou não) de populações consideradas marginais, desviantes ou vulneráveis. Por outro, as técnicas empregadas por estas instituições podem se revelar frutíferas e inovadoras ao favorecerem a subjetivação e o *empowerment* político e social da população atendida.

Palavras-chave: prevenção; violência; controle social; subjetivação; risco.

DISPOSITIVO DE INTERVENÇÃO ESTATAL: VULNERABILIDADE SOCIAL COMO JUSTIFICATIVA PARA A SEGREGAÇÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS UPSS EM CURITIBA

Pablo Ornelas Rosa, realizou o estágio Pós-Doutoral em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Doutorado em Ciências Sociais com área de concentração em Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, Mestrado em Sociologia Política e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atualmente é Professor Titular I nos Programas de Mestrado em Sociologia Política e em Segurança Pública da Universidade Vila Velha – UVV e coordenador do Grupo de Pesquisa Subjetividade, Poder e Resistência.

Akaton Toczek Souza Bacharel em Direito pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE, Especialista em Direito Penal e Criminologia pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal da Universidade Federal do Paraná – UFPR e Mestrando em Sociologia na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atua como advogado criminalista e como professor nos Cursos de Graduação em Direito do Instituto Superior do Litoral do Paraná – ISULPAR e da Sociedade Educativa e Cultural Amélia – SECAL.

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes Doutor e Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ, Mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Fluminense – UFF. Atualmente é Professor

Adjunto no Departamento de Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Professor Convidado do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Consultor da Comissão de Estabelecimentos Prisionais da Ordem dos Advogados do Paraná – OAB/PR. Membro da Comissão da Verdade – PR. Publicou 3 livros e diversos artigos em periódicos especializados e livros. Atua nas áreas de Sociologia e Antropologia

Em pesquisas anteriores desenvolvidas a partir de uma perspectiva genealógica sobre as políticas de redução de danos promovidas no Brasil, verificamos que a noção de risco, quando associou-se a vulnerabilidade social, passou a operar como justificativa para a adesão de estratégias estatais intervencionistas que inicialmente se fundamentavam em políticas de saúde pública, mas que paulatinamente passaram a serem associadas e adotadas no campo da segurança pública, possibilitando a emergência de ações cada vez mais repressivas, a exemplo das ascendentes Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs, na cidade do Rio de Janeiro e Unidades Paraná Seguro – UPSs, em Curitiba. Sendo assim, vimos que essa noção passou a operar como dispositivo de intervenção estatal que ao invés de minimizar os conflitos sociais no campo da saúde, passou a fomentar sua intensificação no campo da segurança pública através da judicialização das eventuais situações problemas ocorridas naquelas comunidades pobres e tratadas como violentas que se encontravam em suposta situação de vulnerabilidade social que passaram a ter como alvo a juventude pauperizada. Nessa pesquisa cartográfica, mostraremos não apenas como a noção de vulnerabilidade social passou a ser utilizada como dispositivo de intervenção estatal, como também mostraremos como os índices de criminalidade aumentaram com a implementação das UPSs em Curitiba, através da judicialização daqueles conflitos que eram anteriormente mediados pelos próprios moradores daquelas comunidades.

Palavras-chave: Segurança pública, vulnerabilidade, risco.

HISTÓRIAS DE AREIA: CULTURA DA POBREZA E VIOLÊNCIA NAS GANGUES NO DISTRITO DE VENTANILLA, LIMA-PERU

Juliana Paola Rosales Luna. Universidade Federal do Paraná – Brasil;
paolarosales123@gmail.com

Prof. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas. Universidade Federal do Paraná - Brasil

Na heterogênea e multicolorida paisagem peruana, a juventude representa quase 30% da população total. Atualmente, muitos desses jovens estão em "becos sem saída", em áreas-chave para a sua existência, tornando-se um "problema" para a sociedade. Um

desses problemas é o aumento da violência juvenil, representada e expressada através das gangues. Nesse sentido, o presente trabalho, ainda em desenvolvimento, aborda a questão das gangues juvenis, a pesquisa está centralizada no distrito de Ventanilla, localizada na periferia da cidade de Lima, Peru. O trabalho tem por objetivo compreender como se articulam as tramas entre a manifestação de violência dos membros das gangues e a *cultura da pobreza*, na que eles vivem. O tema é examinado a partir de uma perspectiva qualitativa, com base em uma abordagem etnográfica. O trabalho é desenvolvido a partir da análise das trajetórias de vida dos membros das gangues, mas também considera o contexto e os diversos atores os quais se encontram relacionados neste fenômeno, a fim de reconstruir o ambiente social em que interagem os jovens membros das gangues. Isso permite explorar as ligações entre a violência, a *cultura da pobreza*, as instituições sociais, a pertença, a exclusão e a moralidade, questões que considero necessárias para entender esses jovens.

Palavras-chave: juventude; gangue; cultura da pobreza; violência.

RECORTES ETNOGRÁFICOS SOBRE JOVENS LUTADORES EM UM MORRO DE NITERÓI – RJ

Betânia Mueller. Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF);
b.etania@hotmail.com

Esse trabalho é fruto de minha pesquisa de mestrado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense. A pesquisa consistiu em uma etnografia com um grupo de jovens de um projeto social em uma comunidade de Niterói -RJ. O projeto tinha como objetivo “tirar os jovens da rua” e prevenir seu envolvimento com o tráfico de drogas, bastante presente no local, e consistia no ensino e prática da arte marcial Jiu Jitsu, além de ser um projeto de cunho religioso. Por possuir uma influência religiosa, sendo seu fundador membro de uma pequena igreja evangélica local, o projeto ressaltava aspectos moralizantes em relação aos jovens, tais como os perigos de “ficar na rua”, de as meninas namorarem muito cedo, dentre outras coisas. Além disso, se faziam presentes representações a respeito da juventude local ora enquanto vítimas, ora em termos de um potencial envolvimento com o crime, ressaltando estigmas de quem é de “fora”, ou “lá de baixo”, em relação aos moradores “do morro”. Ao longo da pesquisa, pude problematizar o quanto a categoria “jovem” é múltipla, e o quanto os jovens, crianças e adolescentes constroem suas próprias representações a respeito do contexto onde vivem e de diversas questões, dando atenção em especial às crianças, um público historicamente negligenciado enquanto sujeitos de pesquisa na antropologia. O objetivo desse trabalho, então, é o de descrever algumas dessas representações apresentadas pelos jovens do projeto, bem como características do contexto e representações a eles atribuídas.

Palavras-chave: Jovens; Crianças; Projeto social; Tráfico de drogas; Comunidade.

Sesión 4: Instituições, controle social e políticas públicas de juventude

-

REPRESENTACIONES JUVENILES EN GOBIERNOS LOCALES. ESTUDIO DE CASO

Eduardo Javier Pereyra. Becario Tipo I CONICET. Doctorando en Política y Gobierno - Universidad Católica de Córdoba – Argentina; eduardopereyra_24@hotmail.com

El presente trabajo consiste en la presentación de los principales resultados obtenidos de la investigación realizada en el marco de la tesis presentada en la Maestría de Diseños y Gestión de Programas Sociales de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales- Sede Argentina. La Tesis fue aprobada por el tribunal con calificación distinguida.

El eje central del trabajo consiste en analizar y comprender las conceptualizaciones y visiones sobre las juventudes a través de las políticas públicas juveniles que diseñó e implementó la Municipalidad de Jesús María, provincia de Córdoba, durante la gestión de Marcelino Gatica como Secretario de Gobierno a finales de 2002 y sus posteriores mandatos como intendente entre el periodo 2003-2011.

Nos centraremos en las políticas de juventud en el nivel de la administración dedicado específicamente en problemas de juventud: el estudio sobre los Organismos Gubernamentales de Juventud, entendiendo este nivel como las políticas de juventud en sentido estricto. Para el caso en estudio el organismo es el Área de Juventud de la Municipalidad de Jesús María.

Para el análisis de las políticas, se adopta el enfoque constructivista y análisis argumentativo de Marcos Roggero (2009), que a través del análisis del núcleo y periferia de las políticas públicas permiten identificar los conceptos, visiones, representaciones y paradigmas que el Estado posee sobre la juventud.

Palabras Claves: Estado - Juventudes - Políticas Públicas.

JOVENS BRASILEIROS E A EXPERIÊNCIA DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Paola Caroline Carriel. Universidade Federal Do Paraná; paolacarriel@gmail.com

Este artigo tem o objetivo de discutir a privação de liberdade entre jovens brasileiros com base em uma pesquisa de mestrado realizada em 2013 em um centro de “socioeducação”. A partir de dados coletados por meio de entrevistas com sete adolescentes, além de informações colhidas durante um período de voluntariado, debateremos como a prisão, o que de fato essa instituição é, afeta suas trajetórias, socialização e cidadania. Entre as perguntas, havia questionamentos sobre a rotina no Cense, a vida pregressa e familiar e o motivo da privação de liberdade.

As indagações que geraram a dissertação e, posteriormente, a escrita deste artigo surgiram porque antes do Estatuto da Criança e do Adolescente, o Código de Menores (1979) tratava as crianças e adolescentes em “situação de vulnerabilidade” de forma semelhante, com o conceito de “menor em situação irregular”. Entretanto, se por um lado o ECA trouxe avanços na proteção de direitos, por outro criou uma divisão entre os adolescentes “em perigo” e os “perigosos” (SCHUCH, 2005). A partir de autores como Coelho (2005), Goffman (1982, 1995, 2001) e Elias (2000) apontamos que há uma criminalização da pobreza, baseada em políticas com viés punitivo, que reforçam, por sua vez, a profecia auto-cumprida da vida desses jovens. Ou seja, a criminalidade como única saída.

Palavras-chave: Privação de liberdade. Punição. Sociabilidade juvenil. Controle social perverso.

COMO UMA *MENINA* PÔDE FAZER ISSO?

Marina Zminko Kurchaidt. Universidade Federal do Paraná; zk.marina@gmail.com

Uma onda de pânico moral estourou sobre a maioria dos países ocidentais. Vivemos sob uma cultura de medo que reivindica mais parafernalias eletrônicas de segurança e mais muros. Disseminou-se um discurso de ódio que nega realidades diferentes, ocupando grande papel na naturalização do *inimigo*. No Brasil, entre o retrocesso penal e uma alarmante expansão do poder punitivo e do controle social *perverso*, tenta-se aprovar a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos. Aqui, a imagem do inimigo é clara: o *jovem* pobre e negro. Essas vidas são descartáveis. Contrária à educação, essa pedagogia do medo propaga mortes. A relação de crime e juventude traz a imagem de meninos. Afinal, o masculino constitui a quase totalidade da população atrás das grades: 93,52%. Por desigualdades sociais e raciais, o perfil das mulheres presas é igual ao masculino; no entanto, para elas, há outro fator: o gênero. O discurso patriarcal domina o sistema carcerário, que foi desenvolvido para e por homens. A estrutura física e humana do cárcere não está preparada para receber mulheres. A masculinização do imaginário da criminalidade atinge também a sociedade, que relaciona a presa à prostituta, quando o

mais comum é que tenha sido presa por transportar drogas para parceiro e filhos ou por ter assumido a culpas por eles. Entre 2005 e 2013, a população prisional masculina cresceu 78%, enquanto a feminina teve um aumento de 153%. Se a redução da maioria for aprovada, o que acontecerá com as meninas que irão mais cedo à prisão?

Palavras-chave: meninas, redução da maioria penal, medo, controle social.

O PROCESSO DE POLICIALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS JUVENIS BRASILEIRAS POR MEIO DO PRONASCI (PROGRAMA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA COM CIDADANIA)

Rodrigo Bueno Gusso. Bacharel em Direito, Especialista em Segurança Pública (PUC-RS), Mestre em Direito, Doutor em Sociologia (UFPR); Pós-Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra – Portugal. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Polícia (LEPOL) do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos (CESPDH) da Universidade Federal do Paraná (UFPR); gusso@gusso.com.br

Na sociedade contemporânea, assim como em outros momentos históricos, o sentimento de insegurança e os medos, reais ou imaginários, estão intimamente associados àquilo que entendemos como *violência*. O fenômeno da criminalidade juvenil, como uma espécie desta violência, estrutura discursos e práticas sobre a ordem social e as formas de controle do conflito. É mediante tais discursos que as expectativas sociais e as relações de poder devem ser interpretadas, assim como as políticas públicas e, em particular, aquelas relacionadas à diminuição da violência. A criminalidade juvenil brasileira fundamenta a existência de dispositivos de poder realizados pelo agir estatal em dois campos: a política criminal repressiva (polícia) e as políticas de proteção social. Tais campos confundem-se nos procedimentos de controle provenientes das instituições públicas. Mediante tal confusão, o controle social pela penalização e pela policIALIZAÇÃO do social torna-se a regra geral e o mais fácil mote a ser proposto e seguido. Os jovens residentes nas periferias das grandes cidades brasileiras, membros das classes excluídas social e economicamente, passam a ser vistos como *classes perigosas*, e, por conseguinte, alvos de políticas públicas policIALIZADAS. Tal postura camufla-se sob os discursos humanísticos da integração e da reinserção social, mas esconde a prática perversa da criminalização da marginalidade. O jovem tido como “vulnerável” ou “em situação de risco social” é categorizado como o inimigo que precisa ser controlado, agora não mais por um dever moral relativo à proteção social, mas sim porque são ameaças ao *establishment* que os torna, pelo medo que infundem, em componentes eleitorais de projetos políticos. Estes projetos não visam a protegê-los, mas a usá-los tais como são e estão. O projeto singular intitulado PROTEJO (Programa de Proteção de Jovens em Território Vulnerável), oriundo do Programa Nacional de Segurança Pública (PRONASCI) do Ministério da Justiça do Brasil, é o exemplo paradigmático do modo pelo qual uma das principais políticas públicas preventivas da atual política criminal juvenil brasileira materializa o discurso e as práticas do controle social perverso. O ambiente escolhido e os jovens selecionados pelo respectivo programa passam a ser os objetos ideais, contextualizados em um campo de poder e ganho político. Para tanto, utilizando como método uma política pública policIALIZADA, ainda que travestida de política social. As consequências do processo de marginalização e de criminalização da

juventude pobre são por nós analisadas, no presente artigo.

Palavras chaves: controle social; juventude ; estigmatização; políticas públicas.

LA EDUCACIÓN PÚBLICA EN EL PARANÁ Y LA “REINVENCIÓN” DEL SANTO OFICIO: REVISITANDO DURKHEIM Y MARX

Leandro Lechakoski (UFPR). Estudiante de maestría en Sociología por el Departamento de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. lelechakoski@gmail.com

Maria Emília Rodrigues (UFPR). Maestra en Sociología por el Departamento de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. mariem_rodrigues@yahoo.com.br

La presente análisis es el resultado de más de media década de práctica docente en sociología y otras disciplinas, en la red pública de ensino en el Estado de Paraná, en Brasil. Esa experiencia personal y profesional, compartida entre lxs pesquisadorxs/professorxs, se ha resuelto en un fértil campo de análisis. Durante todo esto tiempo, demasiadas reflexiones surgieran y aún surgen. Así, tenemos algunas variantes de análisis esenciales, que deben ser miradas con atención: género, clase, sexualidad, etnias y hecha etaria. Buscamos visitar Durkheim y Karl Marx piedras fundacional de la Sociología, y relacionar sus estudios con los relatos, observaciones y reflexiones hechas en más de media décadas de investigaciones y práctica docente, siempre, observando las as cuestiones de la distinción y de la violencia simbólica, conceptos que fueran posteriormente mejores explorados por Bourdieu. Así, la violencia simbólica es una cuestión latente cuando pensamos en educación pública en el Estado de Paraná. Todo esto si convierte en un retroceso conservador, que transforma la educación pública como la institución central en el forjamiento de subjetividades. De acuerdo con Durkheim, esto es una cosa corriente: si la sociedad es como un organismo vivo, y cada órgano debe desempeñar una función, cuando uno órgano falla, el cuerpo todo adose molesta. En la sociología durkheimiana, el cuerpo humano es una analogía de sociedad y los órganos serian las instituciones sociales. Cuándo una institución presenta problemas, la sociedad se queda en anomía. Actualmente, la centralidad de la familia no se hace clara cuando analizamos la situación de la educación pública en Brasil. Según teorías socio-antropológicas, la familia seria la institución que es responsable en hacer la “pasaje” entre lo individuo y la sociedad. La familia está en crisis, ¡irrealidad! La responsabilidad en hacer esa puente está en las

manos de la escuela, ¿y ahora? Debido a las nuestras experiencias etnográficas buscamos relatar casos de represión, dominación, exclusión, prejuicios, violencia simbólica y física, ocurridas en el interior de esas instituciones. Metafóricamente, la Escuela puede ser considerada una institución que está “reinventando” una lógica medieval de Inquisición, haciendo un proceso que podemos llamar de “retroceso conservador” que es algo muy ¡preocupante!

Palabras-clave: violencia, derechos humanos, educación, juventud, género.

VIOLÊNCIA JUVENIL FEMININA: ETNOGRAFIA NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO CEDUC PADRE JOÃO MARIA/RN

Raphaella Pereira dos Santos Câmara. Acadêmica de Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte; raphaella_camara@hotmail.com

O presente trabalho visa analisar a violência juvenil feminina no Rio Grande do Norte, identificando o perfil das adolescentes em conflito com a lei, particularmente daquelas que se encontram no sistema socioeducativo Padre João Maria, localizado em Natal/RN. Nesse contexto, procurei realizar uma pesquisa de campo na Instituição, analisando o contexto histórico e a aplicabilidade das medidas socioeducativas em termos normativos e sociais. Foco, especialmente, a prática do ato infracional, buscando compreender, a partir dos diferentes discursos produzidos por essas jovens, os significados dessas práticas a partir de suas próprias visões de mundo. Outrossim, é fundamental investigar os discursos produzidos nesse contexto como uma dimensão simbólica da vida social, onde os sujeitos constroem suas identidades e, ao mesmo tempo, demarcam diferenças sociais, econômicas, ideológicas, entre outros aspectos. Esta pesquisa de campo é uma investigação empírica que se baseia na observação participante (MALINOWSKI, 1978), análise documental (fotos, documentos, processos, dados históricos e estatísticos), entrevistas e conversas informais. Foi estabelecido que as pessoas que participaram do trabalho deverão ter seus nomes mantidos em anonimato, utilizei nomes fictícios nas entrevistas, uma vez que é essencial a preservação de sua integridade, tal como previsto legalmente. As fotos disponíveis, nos anexos, foram obtidas com autorização do Ceduc (Centro Educacional) para poder usá-las na minha pesquisa.

Palavras chave: Violência Juvenil; Sistema socioeducativo; Ato infracional; Adolescentes.

GT 43. ARTES, PÚBLICOS E

ESPAÇOS

Coordinadores:

Caleb Faria Alves. Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Brasil;

calebfa@uol.com.br

Marina Moguillansky. UNSAM-CONICET. Doctora en Ciencias Sociales (UBA), Magister en Sociología de la Cultura (IDAES-UNSAM), Licenciada en Sociología (UBA), Coordina el Núcleo de Estudios en Comunicación y Cultura en el IDAES-UNSAM; mmoguillansky@gmail.com

Lígia Dabul. Profa. Dra. da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Sociologia. Coordenadora do Museu Dom João VI / Escola de Belas Artes / UFRJ.

Sesión 1: Los públicos y sus manifestaciones / Os públicos e suas manifestações

EL APLAUSO COMO VEHÍCULO DE SIGNIFICADO

Adriana Santos Melgarejo. Núcleo de Antropología de la Contemporaneidad, Departamento de Ciencias Humanas y Sociales, Instituto de Comunicación, Facultad de Información y Comunicación. UdelaR; santosmelgarejo@gmail.com

La propuesta se centra en la indagación sobre una práctica habitual del público y el análisis de su cartografiado en tanto fenómeno comunicacional. Se centra en el componente discursivo que emerge de la observación que la autora ha realizado en el marco de algunos eventos musicales. A partir de la descripción de tres situaciones en salas de concierto de la ciudad de Montevideo –un espectáculo de un músico consagrado de repertorio asociado a la *world music* (andaluza-jazz), un concierto de un grupo especializado en repertorio del barroco europeo-occidental y un espectáculo de ballet- se visualiza el comportamiento del público tomando como eje central el momento en que se produce el aplauso. A partir de él se busca encontrar las formas particulares en las que transita la experiencia musical desde el lugar del espectador y su relación con la construcción de los procesos subjetivos en el cierto espacio propiciado por el Estado. Esta etnografía permite un abordaje de las diferentes subjetividades puestas en juego en torno a los espectáculos musicales y su relación manifiesta en el público tomando en cuenta la reacción que se plasma en el aplauso como expresión

comunicativa y su contexto aural.

Palabras clave: aplauso - cartografías - subjetividad - auralidad - políticas culturales.

-

-

TENDÊNCIAS ORIENTAIS NA MODA FEMININA: O DISCURSO DAS REVISTAS BRASILEIRAS

Blanca Shung Luen Menezes Li. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); lishungluen@yahoo.com.br

A problematização da análise do discurso em editoriais de moda pode ser fomento para um estudo no âmbito cultural. Tem se observado que as revistas do Brasil tem aberto espaço para temática do oriental adaptado. Sabemos que existe uma diferença cultural relativamente grande entre a cultura brasileira se comparada à cultura de países asiáticos como China/Japão em estudo. São países que construíram identidade através de marcos históricos e políticos diferentes do nosso. Bem como, possuem outros tipos de crenças e comemoram festas populares de outra maneira. Até, porque, o comportamento oriental ainda esta preso a amarras do tradicional que o povo ocidental em grande parte já se desvencilhou. Inclusive, se pode perceber entre ambos que os valores não só morais como também de vida são distintos. O antropólogo que escreve sobre a práxis social moda, quando realiza este tipo de abordagem, constrói um texto que visa à aproximação do leitor com um mundo do qual ele desconhece ou não está habituado. Na realidade, as revistas seriam veículos de transmissão de paradigma de uma cultura paralela. Os leitores muitas vezes acabam adotando posturas mantidas como modelo para não sair de padrões introjetados pela *mass media*. Os dois casos estão ligados diretamente ao consumo. Consumo de uma cultura metonímica, através do elemento moda. O discurso das revistas brasileiras incita hibridização entre culturas do Brasil e China/Japão de forma adaptada para que a mulher brasileira se identifique. Ao haver a negociação cria-se nova dimensão de território, entre lugar que miscigena culturas.

Palavras-chave: antropologia visual, moda, consumo, revista, discurso.

-

-

EL ARTE COMO HUELLA DE ASIGNACIÓN DE VALOR: EL CASO DEL SOUVENIR TURÍSTICO

Oscar Traversa; otravesa@arnet.com.ar

Manuel Libenson; manuel.libenson@gmail.com

Sin dudas, la reproducción técnica y la serialización industrial de las obras de arte han sido desencadenantes de cuestionamientos ya desde las primeras reflexiones de la Escuela de Frankfurt por la supuesta mercantilización del arte que conllevan y sus efectos directos en relación con el estatuto del arte (su negación) y sus valores sociales. La contracara de este planteo y que, en definitiva, ha reforzado por la vía inversa la misma hipótesis inicial es el hecho de que el arte no sería equiparable a ninguna otra mercancía en tanto que su valor no se definiría más que a partir de una operatoria de distinción y capitalización simbólica, ajena a los parámetros objetivos con los que en general se define el valor del resto de las mercancías, tales como la tasa de trabajo acumulado o la utilidad (Bourdieu, 2012; Graw, 2013).

Ahora bien, desde la perspectiva sociosemiótica (Verón, 1987; Traversa, 2014) que adoptamos en este trabajo, buscamos aportar evidencia en dirección contraria a ambas hipótesis mencionadas. A través del análisis de un objeto cultural como el *souvenir* turístico intentaremos mostrar, por medio del análisis de distintas trayectorias metonímicas, hasta qué punto las huellas del espacio artístico, inscriptas en la materialidad de estos objetos, resultan los principales operadores de diferenciación, singularización y asignación de sus valores de uso. Al mismo tiempo, buscaremos caracterizar la operatoria metadiscursiva recíproca, esto es, el modo en que el *souvenir* se constituye como un metadiscurso en reconocimiento que, de manera refractaria, asigna necesariamente cualidades diferenciadoras a alguna zona del espacio discursivo del arte.

Palabras clave: semiosis, valor, arte, metadiscursos, dispositivos.

-

O CINEMA E OS SEUS PÚBLICOS

Heitor Benjamim Campos. Mestrando em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense; heitor.benjamim@gmail.com

É objetivo desta comunicação compreender a dinâmica das formas de qualificação do gosto cinematográfico em função dos diferentes públicos envolvidos. Entendendo o gosto como um marcador de diferenças e identidades sociais, pretendo mostrar experiências desse diálogo entre humanos e cinema, problematizando recorrências e contradições do seu consumo. O espectador é um ator social ativo e produtivo, que constantemente está a sentir e transformar a arte e seus desdobramentos, as performances e seus gostos. Estou, assim, me afastando de uma sociologia crítica que concebe o gosto como um jogo social passivo de dominação e sua prática restrita a determinantes sociais ocultos. O gosto cinematográfico é antes de tudo uma atividade

reflexiva, moral e coletiva. Alguns desdobramentos são possíveis de nos fazer pensar: será que existe algo a mais que faz com que muitas pessoas concordem ou não numa apreciação estética? Será possível estabelecermos algum tipo de padrão frente a diversidade de opiniões emitidas de um mesmo filme? Existe alguma força de atração para que diferentes pessoas comunguem de uma mesma opinião? Para tentar responder essas indagações será necessário uma nova conotação para esta que está sendo o fio condutor de minhas análises: a opinião. Será necessário deixarmos o campo da estética e da crítica pelo da socialização. Como metodologia, grupos de pessoas de diferentes grupos morais estão a assistir e a opinar diversos filmes. A partir dessas críticas é que tecemos possíveis conexões entre formas de qualificação do gosto cinematográfico e os regimes de envolvimento da ação que fundamentam essas qualificações.

Palavras-chave: cinema; público; gosto; opinião; moralidades.

Sesión 2: Fronteras y mediaciones artístico-culturales / Fronteiras e mediações artístico-culturais

-

Produção marginal da escrita: uma análise da criação literária nas periferias de São Paulo

Lucas Amaral de Oliveira. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP) e bolsista da FAPESP; lucas_amaral_oliveira@hotmail.com.

À medida que as disputas pelos espaços urbanos e seus sentidos vêm ganhando centralidade no debate contemporâneo, tanto mais a paisagem cultural da cidade parece tornar-se objeto e cenário de interesses diversos. Nesse contexto, as margens, que se manifestam sócio-espacialmente no fenômeno da periferia, ocupam posição de destaque no debate, pois redefinem e ressignificam os pontos de interseção entre arte e urbanismo. O objetivo deste trabalho é expor resultados obtidos até então em minha pesquisa de doutorado sobre a análise de instâncias de criação, difusão e consumo de bens literários, os chamados “saraus poéticos”, que há mais de uma década vem ecoando nas periferias de São Paulo e modificando, assim, as dinâmicas artísticas desses espaços urbanos. Pode-se dizer que esse movimento foi determinante para a expansão da recente literatura marginal, que surge e se consolida *nos e ao redor dos* saraus, e que tem como força propulsora experiências culturais no espaço urbano, a partir das quais algumas comunidades periféricas ressignificam a cidade por intermédio da criação literária. A questão que exploro é que, embora não se enquadrem nas hierarquias simbólicas e nos locais mais tradicionais de consagração artística, os saraus periféricos parecem exercer, hoje, papel determinante na formação e projeção de novos escritores oriundos de bairros

pobres da capital paulistana. Esses novos atores vêm assumindo cada vez mais dinamicamente um papel central de mediação em cenários de tensão social no espaço público, servindo como instrumento de confronto em que a experiência pessoal atua como base para interpretar a experiência coletiva.

Palavras-Chave: Produção Literária; Saraus; Periferias; Paisagem Urbana; São Paulo.

-

A CULTURA NA E DA FRONTEIRA: EVENTOS E PRÁTICAS NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E URUGUAI E A NOÇÃO DE INTEGRAÇÃO CULTURAL

Felipe José Comunello. Doutor em Antropologia Social. Bolsista de Pós-Doutorado CAPES/FAPERGS. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); felipecomunello@gmail.com

Em 2014 ocorreu a primeira edição do Calendário da Integração Cultural Brasil-Uruguai, sob a responsabilidade do Comitê Binacional de Intendentes e Prefeitos de Fronteira. O objetivo do Calendário foi promover “as ações de convivência, cooperação e intercâmbio artísticas e culturais que configuram um corredor cultural e turístico e revelam toda a singularidade e a diversidade da região da fronteira”. A “diversidade cultural” é destacada pelo Calendário como algo a ser reconhecido, vivenciado e divulgado para além do “turismo de compras” e da “cultura ‘pampeana’” e foram definidos critérios para os eventos serem incluídos no Calendário. **Com isso,** determinados eventos e práticas a eles associadas, caracterizados como cultura ou culturais, foram evocados por meio do termo (de) fronteira, vinculando-o estreitamente a noção de Integração Cultural com o Uruguai e indiretamente com os demais países do Mercosul. O objetivo desse trabalho é descrever e analisar alguns desses eventos e práticas a partir de etnografia realizada entre músicos, escritores, realizadores de filmes, produtores, militantes, entre outros profissionais da cultura que fazem da fronteira entre Brasil e Uruguai seu tema ou local privilegiado de atuação. Pretende-se discutir isso enquanto certo tipo de realização (performance) da fronteira, desenvolvendo-se alguns argumentos, dentre os quais o de que teorias sobre a cultura na ou da fronteira ajudam a criá-la, aproximando a linha cultural com a linha política que define os territórios dos distintos Estados-nacionais.

Palavras-chave: Integração Cultural, fronteira, performance, linha.

-

DIMENSÃO ESTÉTICA DA CULTURA MBYÁ-GUARANI: REFLEXÕES E MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS A PARTIR DE VIVÊNCIAS NA ESCOLA

ANHETENGUÁ

Dannilo Cesar Silva Melo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS;
dannilocmelo@gmail.com

A dimensão estética da cultura pode ser um caminho para pensar o modo indígena de *estar sendo* na América e para perceber os processos de criação do pensamento indígena, que constituem um horizonte simbólico da vida e um campo fecundo de sentidos e expressões estéticas cosmo-ontológicas. A educação indígena, percebida como semeadora de estéticas da vida, exprime uma ritualização do sagrado experienciado e constantemente ressignificado no cotidiano, de forma a germinar um olhar orgânico e totalizante da realidade de cada povo e comunidade. Isto posto, podemos considerar a existência de estéticas da educação indígena? Ou mesmo, considerar efeitos etnográficos como capazes de manejarem reflexões sobre essas possíveis estéticas? O propósito seminal desse artigo é refletir sobre uma vivência na escola *Anhetenguá*, da *Tekoá Anhetenguá* (terra indígena mbyá-guarani da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS, Brasil), ocorrida no ano de 2013, como parte do curso de formação de mediadores da 9ª Bienal do Mercosul. Naquela vivência, o autor propôs e realizou mediações interculturais e oficinas artísticas. A mediação intercultural, adotada numa perspectiva de diálogo entre mundos, procura compreender modos de criação no estar-junto com os mbyá-guarani tanto na escola, quanto em outros espaços educativos. Para isso, buscou-se perceber estéticas mbyá-guarani por meio de suas representações cosmo-ontológicas, compreendendo possíveis estéticas da escola *Anhetenguá* como frutos da formação da pessoa guarani, das interações estético-artísticas desta comunidade com a cidade, a partir de seus processos próprios de aprendizagem e a agência na relação arte e estética indígena.

Palavras-chave: Mediação Intercultural; Estéticas mbyá-guarani; Escola Anhetenguá.

RESSIGNIFICANDO RAÍZES: ‘O FAZER ARTE’ NA COMUNIDADE INDÍGENA KOKAMA NOVA ESPERANÇA/ AMAZONAS

Deyse Silva Rubim¹

May Anielly Moura²

O povo Kokama sofreu muitas repressões no decorrer dos anos, e tudo isso gerou um forte enfraquecimento que envolve os conhecimentos linguísticos e culturais desse povo, sendo estes, relacionados ao processo de territorialização e colonização dos mesmos, que tiveram que lher dar com as exigências e repressões feitas pelos

colonizadores e de alguma forma tiveram que adotar as características majoritárias, esses rastros de transformação da cultura de alguns povos indígenas, inclusive o kokama, perduram até hoje. A identidade cultural dos índios Kokama da comunidade Nova Esperança, está em processo de ressignificação e fortalecimento. Pois, com as transformações culturais que ocorreram no decorrer dos anos, há muito a ser resguardado e cuidado nas comunidades indígenas, como forma de garantir para as futuras gerações a preservação de sua identidade étnica. Em nossa pesquisa buscamos fazer um diálogo entre os processos de ressignificação do “fazer arte” na comunidade Kokama Nova Esperança, com alguns teóricos que têm sua pesquisa voltada para o grafismo corporal e em cerâmica. Além, de fazer um quadro comparativo de como os grafismos eram e são concebidos, através do processo de construção artística dos índios Kokama. Ao passo que, os grafismos, os artesanatos e as músicas, são elementos utilizados cotidianamente na escola que funciona dentro da comunidade, onde são trabalhados todos os elementos culturais e também a revitalização da língua.

Palavras-chave: Ressignificação; Cultura; Grafismo; Arte; Kokama; Identidade.

-

-

Sesión 3: Mecanismos de afirmación y contestación / Mecanismos de afirmação e contestação

-

REBELIÕES ARTÍSTICAS: ESTUDO COMPARATIVO DE UM IMAGINÁRIO POTENTE E TRANSFORMADOR

João Paulo de Freitas Campos. Estudante de graduação do curso de Ciências Sociais – UFMG. Membro do Núcleo de Estudos em Cultura Contemporânea (NECC-UFMG);
joapaulocampos7@hotmail.com

Este estudo comparativo investiga algumas intervenções estético-políticas que acontecem na cidade de Belo Horizonte, organizadas pelos seguintes coletivos artísticos – ou *artistas*: (1) Sarau Vira-Lata; (2) Praia da Estação; (3) Cineclubes FAFICH; e (4) Circuito forumdoc.bh. Inspirado na teoria dos ritos de rebelião de Max Gluckman (2011), interpreto-as como rebeliões artísticas que se inserem, de maneiras aparentemente distintas, em lutas simbólicas – estéticas e políticas – em torno da reapropriação criativa de espaços e ressignificação de paisagens e práticas artísticas. Não obstante as diferenças processuais e simbólicas que caracterizam as particularidades empíricas das intervenções estudadas, estas parecem compartilhar uma estrutura comum, colocando em ação uma lógica que inverte, estética e

experiencialmente, relações convencionalmente estabelecidas.

Nota-se, a partir de um trabalho de campo iniciado em meados de 2013, que os coletivos supracitados deslocam práticas artísticas para espaços heterodoxos, tais quais praças, ruas, assentamentos urbanos e ocupações culturais, alcançando novos públicos num movimento que embaralha e inverte sentidos e usos desses espaços. Nos interstícios de relações sociais formais de produção e reprodução do social e estético, os coletivos analisados produzem um deslocamento sensível da experiência cotidiana, contribuindo tanto para uma politização das artes quanto para a estetização do cotidiano. Explorando a potência da poesia, performance e cinema estes coletivos inventam novos contextos de ação simbólica.

Palavras-chave: rebeliões artísticas; espaço; público; territórios em disputa

CONCURSOS Y SALONES. APUNTES PARA PENSAR EL CASO DEL ARTE CONTEMPORÁNEO JOVEN EN BUENOS AIRES

Renato Mauricio Fumero. CESE-IDAES, CONICET; rmfenidaes@gmail.com

Como ha sido notado en diferentes análisis, los años transcurridos desde el inicio del presente siglo han mostrado un considerable desarrollo institucional del espacio artístico contemporáneo de la Argentina. Este fenómeno, evidenciado para el caso de la ciudad de Buenos Aires en el surgimiento de nuevos museos y espacios exhibitivos (MALBA, MACBA, MUNTREF, etc.) y la renovación de otros ya existentes (MAMBA y Fundación PROA, por ejemplo), el crecimiento de la feria de arte local (ArteBA), la expansión de la oferta educativa específica (UTDT, CIA, etc.) o la renovación del circuito galerístico, puede ser leído también como la forma local de ciertas transformaciones en la “industria del arte a escala mundial” (Fleck, 2014). En este contexto, los concursos y salones aparecen como una instancia significativa que permite articular diferentes dimensiones de análisis sobre el funcionamiento del espacio artístico contemporáneo joven de la ciudad.

El presente trabajo se enmarca dentro de la investigación que estoy desarrollando para mi tesis en la maestría de Sociología de la Cultura en IDAES (Instituto de Altos Estudios Sociales). Intentaremos en esta ponencia aportar algunas reflexiones para el estudio del significado que en la actualidad tienen los concursos artísticos para pensar la producción artística de los jóvenes artistas contemporáneos en Buenos Aires. Los concursos y salones operan a la vez como dispositivos exhibitivos, reguladores de la definición subjetiva y objetiva de los entes que participan del campo, mecanismos de distribución de recursos monetarios y de prestigio, protocolos de acceso a ciertas colecciones privadas, etc.

Palabras claves: concursos – salones – arte contemporáneo – Buenos Aires.

-

“MÚSICA DE GAVETA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A PRODUÇÃO, A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA MÚSICA ELETROACÚSTICA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Fabiana Stringini Severo. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC; fabi_qmc@yahoo.com.br fabiqmc@gmail.com

Este trabalho tratará dos resultados de uma etnografia realizada durante no ano de 2014 na cidade de São Paulo com três grupos ligados à pesquisa musical em departamentos de música das seguintes instituições de ensino superior: FASM, USP e UNESP. Esses grupos têm em comum o fato de trabalharem, com maior ou menor proximidade, com a chamada música eletroacústica, um tipo de música ligada à pesquisa e à academia no Brasil. Diferencia-se da música eletrônica dançante ou da cultura de música eletrônica de DJs, podendo ser também chamada de música eletrônica erudita. O trabalho etnográfico baseou-se em algumas premissas da Teoria do Ator-Rede (ANT) e na noção de etnografia da música de Seeger. Além disso, também serão apresentadas algumas considerações sobre a relação entre música e máquinas/tecnologia, bem como a produção, a circulação e a recepção de música eletroacústica no contexto da pesquisa, além das variedades de performance. Essa pesquisa foi realizada como parte do Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, na área de Antropologia da Música/Etnomusicologia, sob orientação do Prof. Rafael José de Menezes Bastos e coorientação da Prof.^a María Eugenia Domínguez.

Palavras-chaves: música eletroacústica; música e tecnologia; etnografia da música erudita.

-

LAS PROMESAS DEL ARTE: PROPUESTAS DE VÍNCULO INSTITUCIÓN-PÚBLICOS EN LA COMUNICACIÓN DE INSTITUCIONES CULTURALES

Sergio Ramos. UNA-UBA; sergioramosar@yahoo.com

Esta ponencia se inscribe en los desarrollos de un proyecto de investigación radicado en el Área de Crítica de Artes de la UNA (“Arte, ahorro y dispendio: Construcción del valor del arte en los medios de prensa”). El proyecto busca comprender la singularidad de las prácticas y de los mercados artísticos dentro del entramado global de sistemas sociales de intercambio. Se trata, en ese sentido, de concebir la especificidad discursiva de la construcción de valor en los productos denominados artísticos o culturales. En esta ponencia, se trabajará sobre el particular funcionamiento de los productos artísticos en la construcción de contigüidades productor-obra-públicos, analizando los metadiscursos donde las instituciones presentan sus propuestas. A partir del análisis de la

comunicación de eventos y espacios de la ciudad de Buenos Aires, se plantearán observaciones sobre los lugares comunes que operan en las argumentaciones orientadas a estimular el uso o el consumo, sus modos de tematizar la cultura y el arte, y las propuestas de vínculo institución-públicos que emergen en la enunciación de estos textos institucionales. En relación con este último punto, se buscará, mediante el análisis discursivo, poner en juego categorías específicas que permitan plantear hipótesis sobre la recepción de estos productos que vayan más allá de la mera agregación de comportamientos individuales y asuman el carácter productivo de toda instancia de reconocimiento.

Palabras claves: discursividad, arte, valor, enunciación, estilo.

-

-

GT 44. GÊNERO, SEXUALIDADE, IDADE/GERAÇÃO E INTERSECÇÕES COM OUTROS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

Coordinadores:

Prof. Dr. Julio Assis Simões (Departamento de Antropologia, FFLCH, USP);
julio.assis.simoes@gmail.com

Prof. Dr. Ernesto Meccia (Profesor Regular en la Universidad de Buenos Aires y la Universidad Nacional del Litoral); ernesto.meccia@gmail.com

Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFG); carlooseduardohenning@gmail.com

Sessão 1: Curso da Vida, Transformações Sociais, Sexualidade e Gênero

“IMAGINATE DOS VIEJOS CHOTOS” EXPERIENCIAS FESTIVAS Y

PROCESOS DE ENVEJECIMIENTO DE VARONES HOMOSEXUALES EN LA CIUDAD DE CÓRDOBA (ARGENTINA)

Agustín Liarte Tiloca. Instituto de Humanidades/CONICET – UNC;
agustinliarte@hotmail.com

La presente ponencia parte de una pesquisa etnográfica centrada en formas de producción de subjetividades en eventos nominados *fiestas de osos*, organizados mensualmente en un bar de la ciudad de Córdoba. Estos encuentros apuntaban a un llamamiento hacia varones que se sintiesen autoidentificados con la categoría *oso* o atraídos por la misma, esbozada durante el trabajo de campo como portadora de una presentación de sí *masculina*, en detrimento de otras formas del devenir varón homosexual vistas como *afeminadas*. Para muchos de sus participantes, este espacio y sus celebraciones significaron una oportunidad de volver a salir una noche de fin de semana, puesto que en otros locales comerciales percibían una sensación de incomodidad que los (auto)excluía, tanto por su edad como por su porte físico. Dichos establecimientos eran concebidos -en su mayoría- como *boliches para pendejos*. En este sentido, a través de observaciones participantes durante las fiestas y entrevistas biográficamente centradas con algunos de sus asistentes, me propongo en esta instancia indagar acerca del entrecruzamiento entre ciertos marcadores sociales de la diferencia. En otras palabras, me pregunto por cómo los sujetos construían una experiencia festiva a partir de sus trayectorias nocturnas y sus representaciones sociales en relación a la edad, la sexualidad y el erotismo.

Palabras Clave: Noche – Experiencia Festiva – Envejecimiento – Homosexualidad – Osos.

LÉSBICAS, ENTENDIDAS, SAPATONAS E SANDALINHAS: QUANDO AS PALAVRAS QUESTIONAM AS REPRESENTAÇÕES

Andrea Lacombe- Pagu/Unicamp

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação entre sociabilidade e ativismo lésbico no que tange às autodenominações, enquanto categorias identitárias e políticas, acionadas por mulheres que se relacionam sexo-afetivamente com outras mulheres dentre 40 e 70 anos, nas cidades de São Paulo e Buenos Aires. O que acontece quando sujeitos que se autodefinem politicamente como lésbicas interpellam, a partir desse lugar, outras mulheres que também mantêm relações homoafetivas, mas rejeitam essa palavra como modo de autodenominação? Os termos utilizados mudaram no decorrer das trajetórias de vida dessas mulheres? Quais são os que escolhem e quais os motivos para utilizá-los? O correlato entre as categorias de auto-referencialidade e o tipo de sociabilidade que esses sujeitos desenvolvem permite enxergar uma trama de sentidos que têm os regimes de visibilidade/invisibilidade como ponto nodal. Esse correlato é uma pista importante para pensar os lugares por onde passariam as pontes que alinhavam linhas de sentido nas narrativas sociopolíticas entre ambos países.

Tentarei achar, nos relatos, marcas visíveis sobre a influência das moralidades dos diferentes períodos sócio-históricos (ditaduras e democracias pré e pós ditaduras) nos modos de vivenciar as relações homoafetivas e às mudanças nos regimes de visibilidade/invisibilidade nas trajetórias de vida, relacionados com as novas legislações de direitos para o coletivo LGBT.

Palavras chave: 1-lesbianismo; 2-regimes de visibilidade /invisibilidade; 3-curso de vida.

HOMOSSEXUALIDADE E JUVENTUDE NA COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS, SÃO PAULO, BRASIL: REFLEXÕES SOBRE AS TENSÕES EXISTENTES ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS DE PREVENÇÃO AO HIV/AIDS

Carolina Mazzariello. USP

A epidemia de HIV/Aids está avançando progressivamente entre a população jovem homossexual. Diante desse cenário, parto da minha pesquisa de mestrado, em fase inicial, realizada com jovens de camadas populares, que mantêm relações homoafetivas, para argumentar sobre as tensões existentes entre conceitos e práticas das políticas públicas brasileiras de prevenção ao vírus HIV. Substituída pelo conceito de *vulnerabilidade*, a categoria *grupos de risco* deixou de orientar a prevenção à Aids, a partir de então entendida sob a ótica dos direitos humanos. No entanto, é possível pensar que à medida que o termo vulnerabilidade é utilizado para enfatizar que todas as pessoas estão suscetíveis ao vírus, algumas populações perdem o foco da atenção. Soma-se a isso o avanço de camadas conservadoras e religiosas, que compõe as equipes responsáveis por formular as políticas, e que dificultam a produção de campanhas e materiais de prevenção voltados para a população homossexual. A epidemia de aids não é igualitária, os grupos populacionais não vivem da mesma forma e não enfrentam os mesmos dilemas. Por isso, a necessidade de se levar em conta que os cruzamentos de

diferentes eixos de desigualdade, como, por exemplo, a pobreza e a desigualdade de gênero são fatores essenciais para pensar a epidemia de hiv/aids. Nesse sentido, refletir sobre as tensões entre conceitos e práticas de prevenção é levar em conta a existência de diferentes processos de subjetivação, influenciados por distintas e hierarquizadas relações de poder, além da diversidade de modos e contextos em que ocorrem as práticas sexuais e eróticas.

Palavras chave: jovens; homossexualidade, HIV/Aids, políticas de prevenção, Heliópolis.

APESAR DE TUDO, EU SOU UMA DAS POUCAS TRAVESTIS SOBREVIVENTES DA MINHA GERAÇÃO

Francisco Jander de Sousa Nogueira. Universidade Federal do Piauí – UFPI;
jander.sociosaude@gmail.com

Emylio César Santos da Silva. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP;
emylios@gmail.com

Este estudo apresenta reflexões acerca dos processos de envelhecimento e da velhice na travestilidade. Busca-se analisar a partir das narrativas biográficas (KOFES, 2001), os sentidos e os significados que são atribuídos aos seus corpos. Na velhice travesti, elementos sociais e culturais passam a questionar a existência de uma ordem cronológica, geracional e biológica, mesmo não as negando completamente. As travestis que de alguma maneira estão ligadas à prostituição, quando sobrevivem às ruas e à violência, vão construindo outros espaços de sociabilidade. Ainda que marcadas pelo silêncio e pela invisibilidade, elas constroem alguns subterfúgios, o que as permitem transitar com mais fluidez e exercerem suas práticas sexuais. Este estudo etnográfico foi produzido a partir de uma pesquisa de campo em Fortaleza e em Lisboa. Neste sentido, nota-se que os corpos das travestis acabam por se apresentar como campos de fluxos e intensidades que nos faz hesitar de toda verdade que para si são traçadas. Tencionam limites. Fissuram estruturas. Fendem sentidos e rompem com a linearidade que os interpela, e que a velhice e o envelhecimento podem ser lugares de contestação privilegiados das normas de gênero e da sexualidade.

Palavras-chave: Travestilidade; Gênero; Velhice; Itinerários Corporais e Sociais.

-

A MARIA-HOMEM DO PANTANAL: ENVELHECIMENTO, CONDUTAS HOMOSSEXUAIS E REGIMES DE VISIBILIDADE

Guilherme R. Passamani. Doutorando em Ciências Sociais (IFCH-Unicamp). Professor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; grpasamani@gmail.com

Esta investigação problematiza a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais em duas cidades de pequeno e médio porte na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, nas cercanias da fronteira com a Bolívia. O universo de interlocutores é composto por uma gama variada de pessoas com condutas homossexuais, entre 52 e 82 anos, pertencentes a diferentes camadas sociais. Através de uma metodologia qualitativa, envolvendo a observação de situações, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais, procurou-se analisar trajetórias, curso da vida, perfil sociológico, e entre outras características destes sujeitos. Descreve-se, assim, a complexa engenharia a edificar as relações e práticas entre as pessoas com condutas homossexuais que criam ou tensionam marcadores de diferença social. Entre os principais resultados obtidos está a discussão sobre temporalidades a partir da contraposição entre experiências passadas e presentes; sobre regimes de visibilidade com os quais os sujeitos estão dialogando; e, sobre o modo como o curso da vida, particularmente, juventude, envelhecimento e velhice podem ser representados e experienciados em contextos urbanos distantes das grandes cidades. Para esta comunicação, problematizo a trajetória da interlocutora Soninha (54 anos), por meio da qual, podemos perceber muitas das questões acima expostas.

Palavras-chave: condutas homossexuais, envelhecimento, curso da vida, regimes de visibilidade, memória.

DE AFETOS, DIFERENÇAS E SUPERAÇÕES: SUBJETIVIDADES E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL ENTRE HOMENS HOMOSSEXUAIS EM SÃO PAULO

Gustavo Santa Roza Saggese. Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP); grsaggese@gmail.com

Com base em entrevistas realizadas, entre 2011 e 2013, com homens homossexuais de meia-idade residentes na cidade de São Paulo, este trabalho se propõe a investigar suas histórias de vida, especialmente no que diz respeito aos afetos. Atravessados por discursos que apresentam uma trajetória marcada pelo sofrimento no que concerne ao manejo da própria orientação sexual, esses relatos revelam a angústia decorrente de um autorreconhecimento numa época em que o suporte social para sua validação era ainda muito tímido. Ao mesmo tempo, parece haver uma segurança subjetiva cada vez maior em relação à experiência da homossexualidade na esfera das relações pessoais, sendo

frequentes as disparidades que os interlocutores apontam entre o modo como viviam no passado e as possibilidades das quais podem desfrutar no presente. Tais histórias contêm elementos interessantes para pensar processos coletivos de transformação, entrando em jogo experiências amorosas, relações familiares e a inserção em determinadas redes de amizade.

Palavras-chave: homossexualidade, afetividade, geração, transformação social.

MEMÓRIA E TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS: NOTAS SOBRE CAMPO DE POSSIBILIDADES, PROJETOS E EXPERIÊNCIAS GERACIONAIS

Jainara Gomes de Oliveira [NIGS/PPGAS/UFSC] Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de PósGraduação em Antropologia Social [PPGAS] da Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC] ¼ Pesquisadora do NIGS Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades da UFSC ¼ Bolsista de doutorado do CNPq.;
gomes.jainara@gmail.com

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana [NAVIS/PPGAS/UFRN] Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de PósGraduação em Antropologia Social [PPGAS] da Universidade Federal do Rio Grande do Norte [UFRN] ¼ Pesquisadora do NAVIS Núcleo de Antropologia Urbana e Visual da UFRN ¼ Bolsista de mestrado da CAPES;
tarsila.chiara@gmail.com

Nesta comunicação pretendemos analisar, sob a ótica da categoria geração, como diferentes indivíduos vivenciam suas experiências homoeróticas no espaço urbano das cidades de João Pessoa e Recife, localizadas nos Estados da Paraíba e de Pernambuco, respectivamente, ambos situados na Região Nordeste do Brasil. Para tanto, apresentamos as trajetórias e biografias individuais de Pedro (45 anos, negro) e Luiza (40 anos, negra), ambos de camadas médias, assim, a partir das teias de significados que estes indivíduos conferem as suas experiências homoeróticas, procuramos ressaltar como estas experiências são organizadas nas suas curvas de vida, projetos e campo de possibilidades. Deste modo, pretendemos apontar para a ampliação do campo de autonomia destes indivíduos em uma sociabilidade dada e como estes negociam a realidade concreta, de modo a perceber a margem de manobra e o potencial de metamorfose destes indivíduos no jogo de interação entre projetos e campo de possibilidades. As experiências geracionais de Pedro e Luiza, por sua vez, serão analisadas a partir do compartilhamento por códigos de significados particulares, de modo que busquemos entender quais os sentidos que estes indivíduos atribuem ao lugar que a sexualidade possui na conformação das suas trajetórias individuais. Para finalizar, os resultados que serão analisados, na presente comunicação, foram produzidos a partir dos

trabalhos de campo realizados nas duas cidades elencadas, no período de 2012 a 2015.

Palavras chave: Campo de possibilidades¼ projetos¼ experiências geracionais¼ trajetórias

individuais¼ homoerotismo.

NASCE UMA ESTRELA? JEJÉ DE OYÁ OU COMO “UM GAY ASSUMIDO, NEGRO E POBRE” REINOU EM COLUNAS SOCIAIS DE CUIABÁ

Moisés Lopes. Professor do Departamento de Antropologia da UFMT; Coordenador do GPAC – Grupo de pesquisas em Antropologia do Contemporâneo: Sujeitos, sociabilidades e visualidades; Coordenador do NAPIus – Núcleo de Antropologia e Saberes Plurais/UFMT; sepolm@gmail.com

Partindo do projeto “Reconstruindo a história do movimento LGBT na Baixada Cuiabana: Narrativas de ativistas e construção de subjetividades políticas” que busca trazer à tona narrativas de sujeitos LGBTs e de integrantes do movimento LGBT com o fim de reconstruir a história deste movimento em Cuiabá e a influência de marcadores sociais da diferença neste processo, esta comunicação tem como objetivo abordar as narrativas sobre “Jejé de Oyá”, um colunista social gay e negro de Cuiabá, e as representações sobre a (in)tolerância à LGBTs nessa cidade. Cumpre salientar a relevância desta pesquisa, ainda em desenvolvimento, que tem por objetivo romper o vácuo bibliográfico referente à realidade do movimento LGBT na cidade de Cuiabá. Vale lembrar que este município foi considerado junto com Manaus, a capital mais homofóbica do país segundo o Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil (2013) produzido pelo GGB e, de acordo com os dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica (2012) da SDH/PR, o estado que ocupa a 2ª Posição no ranking nacional de violações praticadas contra sujeitos LGBTs. Assim, apesar desse cenário de intensa violência direcionada à LGBTs emerge a representação de um passado recente mais receptivo a “diversidade sexual”, que se altera com a chegada de migrantes do sul e sudeste que trazem consigo os preconceitos e a violência oriunda das grandes cidades. Jejé de Oyá, nesse cenário emerge como um personagem ímpar que catalisa a representação de “Éden tropical” de tolerância à LGBTs vivida em Cuiabá nos finais do século XX.

Palavras-Chave: Sexualidades, diferença, tolerância e homofobia.

“SAINDO DO ARMÁRIO” – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE GAY EM TRÊS GERAÇÕES

Murilo Peixoto da Mota – sociólogo, Doutor em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da UFRJ; murilomota@nepp-dh.ufrj.br; muriloufrj@gmail.com

Ana Paula Santoro P. de Carvalho Almeida - Advogada

Alexandre N. Mathias França – Psicóloga

Diego da Silva Santos – Psicólogo

Yuri J. Magalhães Simão – Psicólogo

Trata-se de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo estudar os processos sociais de afirmação da identidade sexual de homens gays tomando-se como objeto de análise as histórias do “sair do armário”. Buscar-se analisar o contexto social e sexual no qual os entrevistados deram visibilidade ao desejo homossexual no espaço público. Contextualiza-se o fato do “armário” definir-se pela falta de amparo social e garantias de possibilidades de aceitação social em relação homossexualidade e a tolerância às diferenças sociosexuais. Assim, o “armário” representa não só a proteção pelo silêncio, mas também atesta a prática subjetiva de todo um contexto social heteronormativo permeado pela violência simbólica fortemente caracterizada por homofobia. Nesta pesquisa, as análises das influências sobre os recentes movimentos sociais que envolvem lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que se pressupõe impactarem a subjetividade desses homens serão aprofundados. A partir de uma metodologia de pesquisa qualitativa com tópicos de questões semiestruturados, estão sendo realizadas entrevistas com indivíduos pertencentes a três recortes etários que representaram todo um contexto geracional, homens entre as faixas etárias: 19 e 30 anos, 31 e 40 anos e com 50 anos. Tais indivíduos são moradores na capital da cidade do Rio de Janeiro, pertencentes a camadas médias no âmbito de diversos níveis educacionais e são abordados a partir de redes de amizades que possam caracterizar a diversidade de entrevistados em diversos segmentos social e econômico.

Palavra chave: Geração, homossexualidade; Identidade Gay.

DA “ARTE DE PECAR” AO “REFÚGIO DOS ANJOS”: RESISTÊNCIAS, HOMOSSEXUALIDADES E AMIZADES EM UM BAR NA “PERIFERIA” DE BELÉM

Ramon Pereira dos Reis. Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/USP. Bolsista FAPESP; ramonreis@usp.br; ramonrei@gmail.com

A presente etnografia faz parte de um projeto de doutorado, em curso, sobre sociabilidades homossexuais nas “periferias” de São Paulo e Belém. Para este *paper*, lanço mão de um percurso espaço-temporal com vistas a compreender como se

articulam homossexualidades, amizades, e a noção êmica de *resistência* presentes no espaço de sociabilidade homossexual mais antigo de Belém, localizado em um dos bairros de “periferia” mais populosos da capital paraense, o Guamá. Em 2015 o bar, popularmente conhecido como *bar da Ângela* (mesmo nome da proprietária), completará 19 anos. Cabe notar que durante esses anos, a história do bar, inclusive a mudança de nome – de “A arte de pecar” para “Refúgio dos Anjos” -, possui íntima relação com a maneira pela qual a proprietária maneja laços familiares, sexualidade, amizades, relações com a polícia, o *respeito* e a popularidade. Mapeio, assim, três momentos que servirão de suporte para a constituição, permanência e visibilidade do bar no cenário de sociabilidade homossexual belemense, procurando articula-los aos marcadores sociais recorrentes nesse espaço, tais como: classe, sexualidade, gênero, idade/geração, “raça”/cor. Portanto, acredito que a existência e *resistência* do *bar da Ângela*, na “periferia” de Belém, me possibilita uma maior compreensão sobre as homossexualidades que ali se estabelecem, bem como da constituição de determinadas trajetórias e amizades. Etnografar esse bar é sobretudo perceber as transformações da cidade tomando como ponto de partida a “periferia” pela chave da sociabilidade homossexual.

Palavras-chave: Amizades. Belém. Homossexualidades. “Periferia”. *Resistências*.

Sessão 2: Narrativas, Curso da Vida e Relações de Gênero

DESPERTEMOS EL INSTINTO”: UN DIÁLOGO ENTRE REFLEXIONES ANTROPOLÓGICAS FEMINISTAS SOBRE TALLERES DE PARTO Y MATERNIDAD EN EL ÁREA METROPOLITANA DE BUENOS AIRES

Gaitán, Ana Cecilia (UBA-UNSAM) ce_gaitan@yahoo.com.ar

Jerez, Celeste (IEGE-CAF) celestemjerez@gmail.com

En sintonía con investigaciones que han analizado las relaciones de género y la sexualidad en su entrecruzamiento con otros clivajes identitarios, esta ponencia busca aportar al conocimiento respecto de cómo el proceso de parto y la maternidad, se encuentran complejamente atravesados por diversos marcadores sociales. En este sentido, la actual presentación se centra en un diálogo entre dos investigaciones feministas y de corte etnográfico. Una de ellas aborda la descripción de dos agrupaciones que atienden a la cuestión del parto pero desde diferentes enfoques de género y con diferencias de clase y, la otra, analiza cómo ciertas regulaciones sobre la

maternidad y sexualidad de jóvenes de sectores populares se (re)producen en el marco de la implementación de un taller de educación maternal impartido por el Estado. El objetivo de esta ponencia es, a través de la puesta en diálogo de ambas investigaciones, trazar algunos lineamientos acerca de cómo la clase social, el género y la edad, inciden en la construcción de normatividades respecto de cómo transitar el parto y ser madre. Es decir, recuperando los aportes del(os) feminismo(s) respecto de la interseccionalidad, se trata de analizar cómo los discursos que circulan en dichos talleres, relacionados con el parto y la maternidad e impartidos en el Área Metropolitana de Buenos Aires, establecen pautas de regulación respecto de las conductas de las mujeres destinatarias, a la vez que, condicionan las posibilidades de representar la diversidad de formas de experimentar *ser mujeres*.

Palabras clave: diálogo- parto- maternidad- interseccionalidad- feminismo.

PAPEIS DE GÊNERO E VIVÊNCIAS DE MULHERES IDOSAS: ENTRE MUDANÇAS E/OU PERMANÊNCIAS

Carla Maria Lobato Alves. Doutoranda do PPGCSoc da Universidade Federal do Maranhão; carlamaria125@hotmail.com

Este estudo analisa processos de mudanças e/ou permanências nos papéis de gênero a partir das vivências familiares de quatro mulheres, na faixa etária de 64 a 79 anos, que participam dos grupos Gerenciamento do Envelhecimento Natural (GEN) e Universidade da Terceira Idade (UNITI), ambos localizados na cidade de São Luís-Maranhão. Através da articulação entre Memória e da História de Vida, enquanto recursos técnico-metodológicos, aquelas mulheres resgatam reminiscências, registram variados contextos percorridos ao longo da vida e destacam diferenças entre os modos nos quais homens e mulheres são socializados diante dos “padrões sociais” de conduta de cada época. Desse modo, foi possível perceber mudanças e/ou permanências nos papéis de gênero em vivências no casamento/outras formas de conjugalidade, na criação e orientação dos filhos, netos e bisnetos, nos cuidados com a saúde, no conhecimento de mudanças corporais e em práticas da intimidade. Nesse sentido, em alguns momentos aquelas mulheres registram que o sistema de demarcações dos papéis de gênero aparece de modo polarizado e fixo (preconizando o *masculino* e o *feminino* a atributos demarcados como opostos e excludentes), e em outros projetam mudanças traçadas, ao longo da passagem do tempo, nas práticas cotidianas (devido ao contato com os diversos espaços em que transitam na contemporaneidade). Assim, em alguns casos a flexibilização dos papéis de gênero é ressaltada como positiva, e em outros, como negativa. Essa avaliação depende, em suma, dos referenciais religiosos, familiares e morais que direcionam as vivências daquelas quatro mulheres idosas.

Palavras-chave: Mulheres, Velhice, Memória e Papéis de Gênero.

"HAY UN ANTES Y UN DESPUÉS DE LA VARIG": UNA APROXIMACIÓN ANTROPOLÓGICA A LOS *RELATOS DE VIDA* DE AZAFATAS DE LA VARIG

Carolina Castellitti. PPGAS, Museu Nacional (UFRJ); doctoranda, becaria CAPES;
carocastellitti@yahoo.com.ar

Las mujeres que querían ser azafatas de la Varig en los años 1970-80 debían pasar por una variedad de observaciones y pruebas. Para tener derecho a una entrevista, debían por lo menos tener el secundario completo, algún conocimiento de idioma extranjero, "un peso acorde a su altura", y una bonita sonrisa. Después del ingreso y de algunos meses de un exigente curso de preparación, comenzaban una "carrera" que les prometía un buen salario, un atractivo régimen de promociones y la oportunidad de "conocer el mundo". Una vez adentro, la aviación es como la "cachaça", ellas afirman: no se puede abandonar. Sin embargo, toda la estabilidad, el "glamour" y los beneficios de trabajar en una de las mayores empresas brasileñas del siglo XX, acabaron con la quiebra de esa compañía, en agosto de 2006. Actualmente, estas mujeres tienen entre 50 y 60 años, y continúan trabajando dentro y fuera de la aviación, según las oportunidades que tuvieron de reinsertarse profesionalmente. Algunas están conformes con sus profesiones actuales, otras no tanto; pero para todas la "época de la Varig" fue la mejor de sus vidas. En esta comunicación, basada en las primeras impresiones del trabajo de campo para mi investigación de doctorado, pretendo reflexionar sobre cómo el género y la edad son marcadores sociales relevantes en esas trayectorias. Propondré una lectura antropológica exploratoria de experiencias y percepciones ligadas al trabajo, la conyugalidad y la maternidad, el cuerpo, la juventud y la vejez, según como estos temas comienzan a aparecer en los *relatos de vida*.

DE LA CHICA TRANQUI AL GATO: RECORRIDOS IDENTITARIOS EN DOS CAMPOS DE TRABAJO ETNOGRÁFICO

Celeste Bianciotti; celestebianciotti@yahoo.com.ar

Sandra Ruiz; sadra_li@hotmail.com

Programa Subjetividades y Sujeciones contemporáneas, Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba. CIFYH–UNC

En este trabajo nos proponemos trazar algunos modos de clasificación jerarquizantes de adscripción estético/erótico/moral utilizados y reproducidos por mujeres jóvenes heterosexuales universitarias de sectores medios que formaron parte de dos investigaciones distintas realizadas paralelamente entre 2011 y 2013 en la ciudad de Córdoba, Argentina.

Una de estas etnografías registró un conjunto de ofertas sexuales destinadas a varones heterosexuales y trabajó con mujeres autodefinidas “escorts” que prestaban servicios sexuales y/o de acompañamiento, mientras que la segunda etnografía se propuso comprender modos específicos de sujeción y subjetivación femenina por medio del estudio de performances de seducción de mujeres jóvenes.

Estas mujeres compartían pertenencias etarias, de clase y de grado de escolarización, pero unas desarrollaban performances erótico-sexuales en el marco de relaciones mercantilizadas mientras que las otras performaban la seducción y el erotismo socialmente. Al poner en diálogo las investigaciones, encontramos que a pesar de esta no menor particularidad de unas jóvenes respecto de las otras, ambos grupos desplegaban iguales figuras estereotipadas tales como “el gato”, “la perra”, “la puta” y “la trola”. Los dos campos abordados parecían estar regulados bajo la misma lógica de representación: dichas categorías, de marcado carácter acusatorio y denigratorio, eran estratégicamente utilizadas para definir a otras jóvenes mientras que quien enunciaba, escort o no, se autodefinía como la chica “tranqui” o “normal” que se ajustaba, aunque no siempre exitosamente, a los ideales regulatorios de la feminidad contemporánea. De esta manera, categorías como “trola”, “perra”, “puta” y “gato” se establecían en función de la categoría identitaria de referencia: “la chica tranqui” o “normal”, la cual determinaba los parámetros y las condiciones de comparación que ubicaban a las otras con un valor negativo.

Poniendo en diálogo, entonces, los dos campos de estudio intentaremos responder, aquí: ¿cómo se sujetaban estas jóvenes a dichas categorías?, ¿cómo se subjetivaban por intermedio de las mismas?, ¿pueden pensarse, éstas, como dispositivos erótico/estético/morales diferenciadores y disciplinantes?

Palabras clave: categorías identitarias, subjetividad, modos de clasificación estético/erótico/moral, mujeres jóvenes.

-

-

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE MULHERES AUTORAS DE VIOLÊNCIA: SUBORDINAÇÃO E PROTAGONISMO

Hermílio Santos. Doutor pela Freie Universität Berlin, coordenador do CAES-PUCRS (Centro de Análises Econômicas e Sociais) e professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS; hermilio@puers.br. Artigo elaborado no âmbito de pesquisa financiada pelo CNPq (PQ)

O envolvimento de mulheres em ações violentas e atividades criminosas cresce no Brasil, de acordo com dados do Conselho Nacional de Justiça - CNJ. O artigo discute a relação entre mulheres e violência no Brasil, chamando a atenção para as principais interpretações disponíveis nas ciências sociais brasileiras, que enfatizam, por um lado, a posição secundária da mulher, dominadas por seus parceiros masculinos e, por outro lado, para as condições estruturais da sociedade brasileira – por exemplo, desigualdade, incerteza no mercado, uso de drogas e evasão escolar – como as principais razões para esse fenômeno. Além desses aspectos, a literatura acentua a posição da mulher como vítima de ações violentas, praticamente monopolizando a análise quando o tema de violência e mulheres é abordado.

Uma outra ênfase dada nas abordagens mais influentes parece ser aquelas interpretações que acentuam o rompimento de normas e regras legais, negligenciando desta maneira outro componente da prática da violência, ou seja, uma interpretação subjetiva da realidade. O artigo apresenta as principais posições encontradas na pesquisa em andamento, ou seja, entre subordinação e protagonismo no papel exercido por mulheres, com ênfase aqui a um caso que expressa protagonismo. Os resultados preliminares demonstram que narrativas biográficas permitem obter novos elementos para analisar o problema pesquisado, em que o papel da mulher como vítima e autora não são sempre bem definidos. Os estudos disponíveis sobre o tema podem ser divididos em dois grupos: o primeiro deles se dedica exclusivamente a analisar o problema da violência contra a mulher, que compõe uma vasta produção; o segundo grupo, menos frequente, identifica o papel da mulher em ações violentas como sendo subordinado ao protagonismo masculino ou seduzido por um “ethos da masculinidade”. Mais recentemente, pode-se identificar estudos, em especial na literatura internacional, que apontam para diferentes formas de protagonismo feminino em ações violentas, sobretudo em ações politicamente motivadas. O artigo pretende contribuir para a compreensão do envolvimento da mulher com ações violentas no Brasil nos anos mais recentes, mas que raras vezes tem merecido a atenção de pesquisadores.

-

-

DINHEIRO, AFETOS E HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO: OS USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS POR MULHERES POBRES NO BRASIL

Lara Rodrigues Facioli. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado terminada e de um doutorado em andamento. O objetivo dessa proposta é analisar a ressignificação da experiência de subalternidade tal qual experienciada, principalmente, por mulheres das classes populares que se relacionam em rede por meio das mídias digitais no país. Pretendo compreender como este fenômeno é vivido pelos sujeitos em um entrelaçamento de mudanças político-estruturais no mundo econômico e do trabalho e de novas formas de comunicação em rede. Direciono-me a promover uma observação do uso das mídias digitais como tecnologias de si, uso este que aponta para novas formas de subjetivação que interseccionam diferenças de classe, raça, gênero e sexualidade, dentre outras. Minha hipótese central é que estes sujeitos vivenciam momentos de transformações intensificados nos últimos anos e apresentam experiências permeadas por uma tensão entre sua origem subalterna e novas realidades materiais e simbólicas. Para isso realizo pesquisa etnográfica mediada e multisituada tanto em plataformas e aplicativos constituidores das redes sociais como o Facebook, o site Bolsa de Mulher, grupos criados via whatsapp - aplicativo de conversas dos smartphones; como em ambientes *off-line* que compõe o cotidiano de sujeitos, no caso, a Baixada Fluminense e a região pobre da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, espaços com público que interessa ao recorte desta pesquisa. Penso as mídias digitais como tecnologias de si (Lauretis, 1994) por meio das quais se pode manter ou modificar concepções de feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, relações afetivas, intimidade, projetos de aspiração, dentre outros. Por meio delas os sujeitos compartilham vivências e experiências em um contexto possibilitador de melhorias das condições de vida, mas ainda permeado por incertezas e inseguranças.

Palavras-chave: marcadores sociais da diferença, mídias digitais, tecnologias de si.

-

-

APUNTES SOBRE TRAYECTORIAS DE MUJERES EN MUNDOS MUSICALES DE LA CIUDAD DE CÓRDOBA (ARGENTINA)

María Sol Bruno (IDH/CONICET- Universidad Nacional de Córdoba);
maríasolbruno@yahoo.com.ar

Como parte de nuestro proyecto de doctorado, analizamos un conjunto de producciones musicales que tuvieron lugar en la ciudad de Córdoba durante la década de 1980. Las sonoridades de las que nos ocupamos tenían diferentes nominaciones, como música *contemporánea*, *progresiva*, *latinoamericana* o de *fusión* e incluían un amplio abanico que iba desde el rock al folklore, pasando por el jazz o el punk. Nuestra investigación busca reconstruir ciertos circuitos de divertimento juveniles y analizar consumos

culturales ligados a la producción de las sonoridades que organizaban ciertos mundos de la noche. En el análisis de estos mundos del arte nos dimos con una recurrencia, las mujeres ocupaban una posición subalterna. Raramente llegaban a ser artistas, e incluso cuando lo hacían aparecían invisibilizadas. Las mujeres tampoco eran dueñas de locales ni participaban en la producción musical como técnicas de sonido y grabación. Proponemos abordar cómo fue significado el papel de las mujeres a partir de algunas trayectorias puntuales, ya sea como público, artistas o en otros espacios relevantes de los mundos de arte que investigamos.

Palabras Clave: músicas, subjetividades, juventudes.

GÊNERO E VELHICE EM UMA COMUNIDADE MINERADORA DO NORTE DO CHILE, *INCA DE ORO*

Pamela Jorquera Álvarez. Doutoranda Antropologia Social Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil; pJORQUERA@FACSO.CL

O trabalho problematiza as formas de ser homem e mulher em idosos de uma localidade mineradora localizada na região norte do Chile, *Inca de Oro*. Esse vilarejo contém uma forte atividade econômica mineradora tradicional ou artesanal, conhecida como *pirquinería*. A ideia de base do trabalho é que a forma de extração do mineral – ouro – condiciona diferentes manifestações socioculturais como é o gênero e a velhice. Nas palavras de Guita Debert (1999), falar da periodização da vida a partir da Antropologia é mostrar como um processo biológico é investido culturalmente. Algumas pesquisas efetuadas em comunidades mineradoras (Viezzer, 1978; Gascho, 1982; Eckert, 1985; Vivallos, 2007; Ciocari, 2011, Eckert; 2012) mostram que estas comunidades caracterizam-se por uma cultura própria ligada à história, à identidade gerada em torno do trabalho minerador e do produto de extração. Aspectos próprios dessa cultura giram em torno às condições de trabalho, perigo e risco de acidentes, problemas de saúde crônica, salários baixos além das transformações que devem enfrentar, como as mudanças no cenário nacional e mundial. Nesse contexto, existe uma tendência de compreender as categorias de gênero a partir de uma visão tradicional, com forte presença de obrigações e papéis a ser cumpridos por ambos gêneros bem como as expectativas sobre as formas de ser idoso ou idosa. Desta forma, objetivo mostrar como as categorias do gênero e da velhice apresentam dimensões próprias nos idosos que moram no povoado atualmente, as quais encontram-se além das visões tradicionais predominantes no vilarejo.

Palavras-chaves: Gênero, velhice, mineração, trabalho, *pirquinería*.

ENVELHECER NO FEMININO: IMAGENS E NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE CORPORALIDADES E SEXUALIDADES DE MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Rodolfo Moraes Reis. Doutorando, PPGAS/Unicamp

Neste trabalho pretendo explorar, a partir de uma seleção de textos midiáticos publicados em *sites* de notícia na internet, uma série de construções narrativas produzidas sobre o envelhecimento feminino, refletindo a respeito dos diversos elementos semânticos acionados para tratar desta questão. Os principais pontos a serem discutidos serão: a valorização da beleza e da estética corporal como marco do projeto de envelhecimento feminino; a revisão da concepção de que a sexualidade feminina se encerraria após o climatério, durante a maturidade e velhice, baseando-se em um ideal essencializado da natureza do corpo feminino; e o modelo relacional de sexualidade feminina que pressupõe um diálogo constante com o olhar desejante masculino. Dialogando com a produção acadêmica que analisa os novos valores e códigos que dão sentido ao envelhecimento, bem como com as pesquisas que tratam das especificidades que os marcadores de gênero trazem às discussões sobre as classificações e relações etárias e geracionais, pretendo mapear este campo discursivo com suas convenções e tensionamentos. Buscarei refletir em que medida as concepções de maturidade feminina pensadas como tradicionais continuam exercendo papel decisivo na apreciação moral das novas trajetórias de envelhecimento de mulheres, a despeito dos modelos mais individualistas e igualitários propagados na contemporaneidade. Esse empreendimento está assentado na ideia de que os textos a serem analisados não somente informam os seus leitores, mas também atuam na constituição e circulação dos sentidos atribuídos ao envelhecimento, constituindo-se, portanto, em uma fonte de extrema relevância para a investigação antropológica.

Palavras-chaves: envelhecimento, gênero, corporalidade, mídia.

VOCÊS NÃO FODEM? A GENTE FODE, MAS NÃO CHEGA A ARRANCAR A PELE DA PICA! NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO SOBRE SEXO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA PESCA DA TAINHA DE ENCANTADAS

Simone Frigo. Doutoranda do PPGAS\UFSC

A proposta aqui apresentada está sendo formulada no campo, literalmente onde estou no momento realizando mais uma etapa de minha pesquisa de doutorado intitulada “Gênero, Ambiente e Técnica na Pesca da Tainha de Encantadas, Ilha do Mel (Paraná – Brasil)”. Em meio ao turbilhão de vivências, reflexões e anotações próprias do período de campo, uma das questões que chamam minha atenção são as piadas, brincadeiras e “causos” que abordam os temas sexuais e as relações de gênero. Arrisco dizer que a dinâmica das piadas, brincadeiras e “causos” é constituinte da socialidade cotidiana no acampamento de pesca. “*A gente fode, mas não chega a arrancar a pele da pica*” é a conclusão de um “causo” que me foi contado sobre uma pescadora que não conhecia preservativos. Durante um lanço de tainha (técnica de pesca), ao limpar os peixes, ao lenhar (cortar ou buscar lenha), ao mariscar (retirada e processo de limpeza e cozimento do marisco), ou, mesmo nos momentos de descanso, a jocosidade é a característica que

marca grande parte das relações na pesca da tainha de Encantadas. Assim, proponho entremear meus registros do diário de campo apresentando algumas piadas, brincadeiras e “causos” como forma de exprimir algumas de suas relações afetivas, como falam sobre sexo e, também, quais os limites para este tipo de discussão.

Palavras-chave: Gênero; sexo; pesca.

-

Sessão 3: Interseccionalidade, Marcadores Sociais da Diferença e Curso da Vida

UMA FEMINISTA INCOMODA MUITA GENTE, UMA FEMINISTA NEGRA INCOMODA MUITO MAIS: A MILITÂNCIA COMO FORMA DE ENFRENTAMENTO DO ESTIGMA DE COTISTA NA UFSC

Eveline Pena da Silva. Graduada (2009) em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pelo Centro Universitário Franciscano/UNIFRA – Santa Maria/RS, mestre em Ciências Sociais (2014), pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM – Santa Maria/RS e doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC – Florianópolis/SC; evelinepena@yahoo.com.br

Luzinete Simões Minella. Graduada (1972) e mestre em Ciências Sociais (1977) pela Universidade Federal da Bahia/UFBA – Salvador/BA, doutora (1989) em Sociologia pela Universidade Nacional Autônoma do México/UNAM – Cidade do México, realizou o pós-doutorado (1998) na Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP – Campinas/SP, professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC – Florianópolis/SC; simoesluzinete@gmail.com

O presente trabalho foi elaborado a partir de um recorte temático da proposta de tese que pretende, através de uma abordagem etnográfica, interdisciplinar e de gênero, com algumas contribuições teóricas da história, da sociologia e da antropologia, realizar um estudo comparativo envolvendo as mulheres negras dos cursos de medicina e engenharia civil, ambos extremamente concorridos, contrapondo com as estudantes dos cursos de enfermagem e serviço social, entendidos no senso comum como “menos prestigiados”, que ingressaram através da Política de Cotas nos anos de 2015 e 2016 na UFSC e na UFBA. Essas mulheres sofrem diversos tipos de preconceito e discriminações, afinal, além de já serem discriminadas pelo fato de serem cotistas, estas mulheres, negras, de baixa renda, muitas vezes também sofrem preconceito e discriminação com relação à sua aparência (traços fenotípicos, tom de pele, textura dos

cabelos), o que, em muitos casos, pode gerar uma crise e uma negação da identidade negra. Somado a isso, existe toda uma questão financeira, que em muitos casos faz com que estas mulheres sejam forçadas a abandonar os cursos, em função da necessidade de trabalhar para sustentarem a si mesmas, e não raro, a família toda, já que muitas dessas estudantes são também mães, majoritariamente solteiras, o que faz com que toda a responsabilidade sobre a educação e as despesas dos/as filhos/as recaiam sobre elas. A partir de dados preliminares, pode-se perceber que uma das vias de enfrentamento utilizadas por essas mulheres negras cotistas é a militância e o feminismo negro.

Palavras-chave: Política de Cotas; Mulheres Negras; Feminismo Negro.

ENTRE O JORNALISMO MUSICAL E O TRANSE: GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NAS CANÇÕES DE LECI BRANDÃO

Fernanda Kalianny Martins Sousa. Mestranda em antropologia social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de São Paulo – PPGAS/USP; fernanda.kalianny.sousa@usp.br

O presente artigo foi produzido a partir de questões e problemáticas que têm sido levantadas em minha pesquisa de mestrado, em andamento, intitulada “A filha da Dona Leci: estudo da trajetória de Leci Brandão”. Seleccionada como interlocutora por apresentar um percurso peculiar se comparada a outras mulheres de sua época, Brandão com 40 anos de carreira, 22 álbuns e 2 DVDs gravados, pode ser destacada por ter sido a primeira mulher a ingressar na ala de compositores da escola de samba Mangueira; uma das primeiras artistas da Música Popular Brasileira a declarar ser homossexual para o público; e, por fim, ser a segunda mulher negra a tornar-se deputada estadual de São Paulo, em 2010 e reeleita em 2014. Nesse momento da pesquisa, tem-se notado o quanto Brandão articula em sua narrativa marcadores sociais da diferença como raça, gênero, classe social, geração e sexualidade, o que se faz presente também em suas composições. Pensando o momento em que compõe como um transe e considerando suas composições como retratos de suas experiências ou daquilo que observa, o objetivo principal desse texto é articular as entrevistas realizadas com Brandão e a análise da letra de suas canções para refletir de que modo o tema da sexualidade – que é atravessado por outros marcadores sociais da diferença – passa por modificações no decorrer de sua carreira.

Palavras-chave: trajetória, marcadores sociais da diferença, sexualidade, geração, samba

-

-

marcas da surdez: ALGUMAS REFLEXÕES

Maria Izabel dos Santos Garcia. Doutora/UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Profa Adjunta/UFF (Universidade Federal Fluminense) Brasil;
misgarcia@hotmail.com

Os surdos ainda têm muito a nos dizer sobre suas práticas, sua modalidade de língua, suas crenças, valores e formas de organização. Esse trabalho pretende apresentar um pouco desse “mundo próprio” a partir de um breve recorte etnográfico. O mote principal foi o entendimento de como as redes de socialidade impuseram uma nova visibilidade da surdez/surdos, instituindo e gerando novas palavras de ordem e linhas de fuga em meio ao movimento social dos surdos brasileiros, que emergiu com força a partir do final dos anos 90, produzindo novos processos de minorização, de subjetividades atravessadas pelo emprego e a valorização da ideia de uma identidade/cultura/povo surdo como marca de um território que pretende – a partir da diferença marcada principalmente pelo uso da língua de sinais – alcançar a tão almejada acessibilidade aos bens culturais de uma sociedade em caráter de equidade. Como fruto de um movimento mundial, os surdos vêm criando diversos marcadores sociais, dentre eles o Dia do Orgulho Surdo que adota o uso da fita azul como símbolo da luta desse grupo social. Ao buscar entender o percurso dos movimentos sociais de surdos, é importante considerar a criação de marcadores territoriais – essencialmente linguísticos – e a adoção de novas palavras de ordem. Tal fato parece emergir da necessidade de dar certa visibilidade a um grupo social minoritário, no sentido atribuído por Guattari, e a partir daí forjar novas possibilidades de subjetivações. Como fruto de uma rede de socialidade crescente, a WFD (*World Federation on the Deaf*) propõe o Dia Nacional do Surdo. O objetivo declarado pela diretoria das instituições filiadas à WFD é que a consolidação de uma data de celebração construa uma memória na sociedade majoritária – de ouvintes – que incorpore os surdos. A WFD celebra a data no dia 30 de setembro e, no Brasil, foi escolhido o dia 26 de setembro de modo a provocar certo emparelhamento com a instituição que carrega muito da história dos surdos no país: o INES (Instituto Nacional de Surdos). Esse espaço educacional de surdos é, por si só, um outro elemento territorial e linguístico do grupo em questão. Importa deixar claro que, para a militância desse grupo social, é importante a participação das crianças e jovens surdos nas passeatas realizadas por ocasião dessas datas comemorativas e outros eventos. O entendimento é que ao observarem surdos adultos, membros da liderança ou não, bem como ouvintes que partilham os mesmos anseios, as crianças/jovens surdos possam ser afetados por suas ações e, com isso, se tornem membros ativos da comunidade. É importante ressaltar que para muitos surdos um evento fundamental em suas vidas é o encontro – pela primeira vez – com outros surdos. Assim, produzir novas experiências dentro das condições históricas da vida atual é apostar na emergência de subjetividades que causem rupturas em diversos pontos da rede de poder forjada pelos marcadores sociais.

Palavras-Chave: Surdo, Dia Nacional do Surdo, marcadores sociais, movimento social.

-

-

CUERPOS Y ESTÉTICAS. IDENTIFICACIONES, DIFERENCIACIONES Y JERARQUÍZACIONES ENTRE MUJERES JÓVENES

Marina Tomasini; Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) y Universidad Nacional de Córdoba, Argentina; marinatomasini@hotmail.com

Paula Bertarelli; Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina; paubertarelli@hotmail.com

María Gabriela Morales, Facultad de Psicología y Centro de Investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina; gmorales3969@yahoo.com.ar

La ponencia presentará resultados parciales de un proyecto que investiga prácticas y experiencias de género y sexualidad en la sociabilidad escolar. En esta ocasión nos centraremos en las significaciones sobre una determinada estética corporal y cómo a partir de las mismas se construyen identificaciones, diferencias y jerarquías entre mujeres jóvenes. Para ello tomaremos como analizador las producciones discursivas generadas en grupos de discusión con estudiantes de escuelas secundarias de Córdoba (Argentina), a partir de la visualización de una imagen de Miley Cyrus. Esta actriz y cantante fue protagonista de la serie de Disney Channel *Hannah Montana*. Con el paso de los años su imagen fue cambiando desde una presentación “infantil” e “ingenua” hacia una mujer “sexy” y “transgresora”.

En general en los grupos de discusión se reprueba la estética y las prácticas corporales de Cyrus; en particular aparece para las chicas como un referente con quien no pueden identificarse tras su transformación. Sin embargo valoran su figura en tanto, según dicen, ella *‘pone sobre la mesa temas que todos saben que hacen al adolescente’* y que desde el mundo adulto *‘suelen callarse o negarse’*.

En torno a las valoraciones y sanciones sobre la imagen de Cyrus se abre un conjunto de consideraciones sobre lo que podríamos denominar *disidencias estéticas* -en relación con guiones dominantes de cuerpo y moda en los casos estudiados – que permiten analizar las construcciones de sentido juveniles como también sus percepciones acerca de las regulaciones escolares de los cuerpos. A partir de la línea de análisis propuesta esperamos abordar una serie de sentidos en tensión sobre cuerpo, género y sexualidad de las mujeres jóvenes.

Palabras Clave: Cuerpos – Estéticas - Mujeres jóvenes – Género – Sexualidad.

-

“O CORPO TAMBÉM É POLÍTICO: REFLEXÕES EM FLUXO SOBRE CORPO, GERAÇÃO, CLASSE, ‘RAÇA’ E OUTROS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA NA MARCHA DAS VADIAS DE GOIÂNIA/GO”

Paula Nogueira Pires Batista. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás – PPGAS/UFG, na linha de pesquisa “corpo, representações e marcadores sociais da diferença”; paulanogueirajornal@gmail.com

Esta proposta tem o objetivo de jogar luz e debater questões envolvendo as intersecções entre corpo, geração, sexualidade, formação acadêmica, “raça”, classe, entre outros marcadores, que trago em minha pesquisa etnográfica em curso, cujo objeto é a Marcha das Vadias (MdV) da cidade de Goiânia/GO, no Brasil. Tais reflexões têm sido aferidas desde mapeamento de campo em 2014 junto às feministas organizadoras da marcha. Sua relevância pode ser pensada especialmente no sentido de que as Marchas das Vadias têm colocado o corpo em foco, o que demonstra a importância do corpo enquanto um objeto político para a geração de jovens mulheres universitárias, principalmente pós-1990. A partir disso, torna-se relevante uma análise que compreenda que assim como a segunda onda feminista, que trouxe o slogan “o pessoal é político”, uma terceira onda tomaria o corpo como elemento central. Em termos locais, a experiência da Marcha das Vadias de Goiânia é frutífera por suas especificidades periféricas de país latino-americano e estado situado à margem do centro político-cultural brasileiro, pois contrapõe críticas que afirmam que transnacionalmente a MdV seja composta apenas por mulheres detentoras de determinados privilégios, relacionados à formação acadêmica, “raça” e classe. Organizada também por mulheres periféricas, negras e mesmo sem título acadêmico, a marcha goiana inclusive mudou de nome em 2014 em razão de tais críticas, quando passou a ser chamada “Marcha das Libertas”, fato que representou uma ruptura significativa com a denominação “vadias” e trouxe implicações locais, as quais podem ser especialmente úteis para pensar aspectos de interseccionalidade.

-

-

SOLIDÃO POR UMA ERÓTICA DAS DISTÂNCIAS NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Raphael Bispo. Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas da UFJF – Mestre e Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/ UFRJ – Pesquisador Associado do CESAP/ IUPERJ/ UCAM)

Oswaldo Zampiroli. Mestrando em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ – Pesquisador Associado do CESAP/ IUPERJ/ UCAM)

A associação entre juventude e solidão revela-se como algo improvável, remoto e disfuncional no âmbito da sociedade contemporânea e do espírito de época em que vivemos. Isto porque o convite quase que onipresente a que esta sociedade nos convoca

– sobretudo no plano de sua população jovem – é o do gregarismo, o da conexão no plano da coletividade e da tendência permanente ao convívio interativo e partilhado. Nesse sentido, a presente comunicação – que compõe uma pesquisa coletiva mais ampla desenvolvida no âmbito do CESAP/ IUPERJ/ UCAM – tem como objetivo central encontrar as “solidões” tal como vividas pelas “juventudes”, percebendo em tal experiência emocional uma via privilegiada para afirmar e reconhecer a multiplicidade de modos de vida que compõem o contemporâneo e que fazem a densidade deste tempo. O nosso interesse ancora-se sobre a ampliação e a re-significação da condição da solidão entre os jovens, procurando avançar sobre as conotações de invenção, criação e potência dos modos de vida solitários. Nesse sentido, o foco específico da apresentação incidirá sobre uma de nossos eixos etnográficos investigados: as dinâmicas afetivo-sexuais juvenis. A proposta é atentar principalmente para as ambivalências deles em relação ao coletivo, ou seja, perceber como o “estar sozinho” é buscado no âmbito dos relacionamentos a dois, a três, etc. (seguindo uma indagação preciosa de Roland Barthes em trabalho homônimo, “Como viver junto?”). Para isso, as redes sociais, seja para pensar as aproximações e afastamentos afetivos desses jovens, seja como base para decisões de “desplugar temporário”, ganham destaque na análise.

Palavras-chave: Juventude – sexualidade – solidão – redes sociais.

QUANTAS MACHEZAS ENCENA JOÃO DO CRATO? DESLOCAMENTOS, MASCULINIDADES E CRIAÇÃO DE MUNDOS NO INTERIOR DO NORDESTE BRASILEIRO

Roberto Marques. Professor da Universidade Regional do Cariri- URCA. Doutor em Antropologia Cultural (PPGSA-UFRJ); enleio@yahoo.com.br

Em atuação como cantor desde a década de 1980, identificado com o movimento de contracultura e sua recepção no Ceará de então, João do Crato se apresenta até hoje nos centros culturais da região do Cariri (CE) em performances sempre impactantes. Com cabelos louros em desalinho, calças leggings apertadas, gestos sinuosos e uma voz grave de tenor sua presença no palco remonta ao mesmo tempo a presença do projeto intelectual da contracultura no interior do Ceará, a uma vontade de maior variedade de expressões da sexualidade e aos grupos populares em que milita.

João tem desenvolvido militância contínua junto a grupos da cultura popular locais, tais como as mulheres do coco da Batateira, o reisado de mestre Aldenir, o maneiro pau de mestre Cirilo e os penitentes de Barbalha. Milita também com jovens de periferia e cultiva ali encontros musicais como forma de sensibilização desses jovens.

Nosso interesse aqui é pensar como se deu a articulação de João a mundos aparentemente tão distintos e como sua expressividade como artista e homossexual fundam e conectam esses mundos.

Para isso, nos reportaremos às descrições realizadas por ele de suas performances em palco, refletindo sobre como tais narrativas revelam o Cariri e a ele mesmo como personagem e como pessoa nesse mundo em movimento.

Palavras-chave: Sexualidade, Espacialidades; Cariri; Cultura Popular.

APROXIMACIONES A LAS REPRESENTACIONES DE LA EXPLOTACIÓN SEXUAL COMERCIAL DE ADOLESCENTES EN LA PRENSA ESCRITA URUGUAYA

Susana Rostagnol (coord.)

Serrana Mesa

Federica Turban

Valeria Grabino

Magdalena Caccia

CSIC-Udelar

Esta ponencia se enmarca en la Etapa II de un proyecto de Investigación en Innovación Orientado a la Inclusión Social (CSIC-Udelar), que aborda el problema de la explotación sexual comercial de adolescentes (ESCA). La ESCA se basa en una relación de poder entre un/a adulto/a y un/a adolescente, donde se habilita el intercambio de dinero o especias por relaciones de carácter sexual. La ESCA está considerada como una de las principales violaciones a los derechos humanos y a las libertades individuales. Uruguay ha ratificado tratados donde se busca erradicar el fenómeno, por considerarlo una forma moderna de esclavitud. La prensa juega un rol fundamental al momento de generar opiniones y posicionamientos en la sociedad. El presente estudio pretende aproximarse a los sentidos que cobra la ESCA a través de las publicaciones en la prensa escrita uruguaya durante el período que comprende de enero de 2013 a junio de 2015. Las conclusiones preliminares a las que arriba el presente análisis dan cuenta del reforzamiento de los estereotipos de género y la violencia simbólica que ejercen la mayoría de los medios de prensa, al colocar a los/as adolescentes como los principales responsables del fenómeno, vinculando sus conductas a factores principalmente socio-económicos y culturales, sin profundizar en un análisis de las causas que habilitan y legitiman la existencia de la ESCA.

O GÊNERO CRIANÇA: A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO EM NÃO-ADULTOS

Tiago Figueiredo (UFF)

Este trabalho se inscreve nos debates entre sociabilidades de não-adultos e a antropologia das relações de gênero, tendo como finalidade observar os possíveis conflitos entre meninos e meninas e as interações que esses estabelecem com o universo dos adultos. Em diferentes termos, trago com este esforço uma análise das diferentes representações das identidades de gênero entre gerações, além de problematizar a categoria criança a partir do ponto de vista delas mesmas. Considerando as crianças como produtoras de cultura, o desafio desta investigação é despir-se das pré-noções que meninas e meninos são seres incompletos, em processo de construção pela cultura dos adultos. Nesse sentido, a proposta é compreender como se dão as relações de poder que delimitam as fronteiras de gênero neste universo. Nas relações que observei entre meninas e meninos de nove a treze anos, em uma escolinha de futsal no subúrbio de Niterói, entre 2010 e 2012, o termo criança é contextual, utilizado pelos responsáveis e por aqueles que estariam circunscritos dentro dessa categoria de maneira diversa. A mobilidade dessa categoria revela, nos contextos observados, que “estar” criança exprime um jogo de poder, onde aquele que se inscreve dentro dela é deslocado ao polo feminino nas estruturas das relações de gênero.

Palavras-chaves: Gênero, Geração, sociabilidade, sexualidade, relações de poder.

-

DESEJOS DISSIDENTES: JOVENS VIVENDO COM HIV E AIDS, SEXUALIDADE E PRÁTICAS SEXUAIS

Vinícius Mauricio-Lima, graduando em licenciatura em Ciências Sociais. Universidade

Metropolitana de Santos e mestre em Ciências (Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz);
vmlima9@gmail.com

Adriana Kelly-Santos, professora e pesquisadora do Instituto de Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz)

No mundo, os jovens são uma das “populações chave” no enfrentamento do HIV/aids, devido o número de pessoas infectadas até os 29 anos, especialmente por vias sexuais.

Neste artigo, o objetivo é dialogar sobre sexualidade e práticas sexuais de “jovens vivendo com HIV e aids” e o que pensam da juventude. Referenciado em Michel

Foucault, nele é feita uma discussão acerca de normas sexuais e sociais impostas a esses jovens, e do desejo deles. Para isso, foram utilizados dados de uma etnografia, realizada entre julho de 2013 e dezembro de 2014, em uma policlínica do município do Rio de Janeiro. Sendo discutidos dados de entrevistas semiestruturadas com sete jovens, de 18 a 27 anos, pacientes da policlínica, os quais eram de diferentes gêneros, orientações sexuais, acessos ao trabalho e estudo, crenças/religiões e origens regionais da cidade; e da observação participante de atividades da policlínica. Analisados a partir de elementos discursivos e extradiscursivos, os resultados apontaram que os jovens tinham conhecimentos de prevenção. No entanto, usavam o preservativo conforme o parceiro e a prática sexual (anal, vaginal e oral). Assim, podemos dizer que viviam nos limites da sexualidade, nos termos de Maria Filomena Gregori. Desse modo, o vínculo com profissionais de saúde era importante para conversarem dessas e de outras questões relativas à sexualidade. Além disso, nem sempre se consideravam jovens, devido à influência da sorologia e do que lhes era imposto socialmente para entrada na vida adulta, portanto, da idade, e do acesso ao trabalho e estudo.

Palavras chave: jovens; sexualidade; AIDS; SUS.

GT 45. TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO AMERÍNDIO NA AMÉRICA DO SUL

Coordinadores:

José Glebson Vieira UFRN, Brasil; jglebson@gmail.com

Susana de Matos Viegas, ICS, Portugal; susanadematosviegas@gmail.com

Marta Amoroso, USP, Brasil; mramoroso@usp.br

-

Sesión 1: Política indigenista e agência indígena

POLÍTICAS DE POBLACIÓN ENTRE LAS PARCIALIDADES CHIRIGUANAS DE LA INTENDENCIA DE COCHABAMBA A FINALES DEL SIGLO XVIII

Muriel Morgan (Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires);
muriel_morgan@hotmail.com

Hacia finales del siglo XVIII, gran parte de las parcialidades de los indómitos chiriguano habían sido reducidas. Este proceso, comenzado en el siglo XVII, recrudeció en el marco de las políticas del reformismo borbónico, que buscaron asegurar y consolidar sus fronteras internas. Sin embargo, el establecimiento de las reducciones estuvo marcado por levantamientos y resistencias, particularmente porque la posición de las distintas parcialidades frente al Estado colonial y las órdenes religiosas no fue uniforme. Por este motivo, paralelamente a las políticas de carácter asimilacionista, se desarrollaron proyectos que proponían la continuidad del enfrentamiento bélico y el establecimiento de campañas de dominación y exterminio. A su vez, estas reducciones chiriguano formaron parte de un conflicto jurisdiccional. En efecto, la región que ocuparon fue disputada por la ciudad de Santa Cruz de la Sierra, cuyo Obispo solicitaba su traspaso, y la ciudad de Chuquisaca, que fue apoyada por la orden franciscana. A partir del análisis de distintos proyectos diseñados para las poblaciones indígenas que habitaban los márgenes orientales de la Intendencia de Cochabamba, buscamos establecer que éstas no sólo respondieron a la imposición de políticas establecidas por el Estado colonial, sino también a las distintas relaciones mantenidas entre las diferentes parcialidades chiriguano y los colonizadores españoles. En este sentido proponemos que la heterogeneidad al interior de los grupos chiriguano influyó en los diferentes vínculos con los colonizadores españoles, lo que se tradujo en el diseño de distintos proyectos.

Palabras claves: Reformismo borbónico – políticas de población – Poblaciones indígenas.

PADRINHOS E PRESENTES: RELAÇÕES DE COMPADRIO E ESTRATÉGIAS INDÍGENAS NO ALDEAMENTO SÃO PEDRO DE

ALCÂNTARA (PARANÁ/BRASIL, 1855-1895)

Maicon Fernando Marcante (Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná/Brasil) -
mfmarcante@gmail.com

O presente trabalho resulta de análises sintetizadas em minha dissertação de mestrado, defendida na área de História Social, voltadas às relações de compadrio tecidas por indígenas aldeados no aldeamento São Pedro de Alcântara, o qual localizava-se no norte da província do Paraná/Brasil no período entre 1855 e 1895. Este empreendimento – constituído no âmbito da política indigenista imperial brasileira – contava com a atuação do missionário frei Timóteo de Castelnuovo no investimento dos sacramentos católicos aos aldeados e ao longo do tempo abrigou indígenas das etnias Kaingang e Guarani (subgrupos dos Kaiowá e dos Nandeva). Parte expressiva dos indígenas aldeados, em particular dos subgrupos Guarani, recebeu o sacramento batismal e os registros destes batismos constituem a principal fonte documental mobilizada. Empregando como recurso metodológico o rastreamento nominativo de agentes específicos no conjunto das fontes documentais, o objetivo foi o de apreender a atuação dos aldeados frente ao sacramento batismal e à instituição do compadrio e, a partir disso, cotejar as formas e as estratégias de inserção das distintas etnias junto ao aldeamento São Pedro de Alcântara. Inicialmente apresenta-se breve discussão bibliográfica sobre o batismo de indígenas e uma descrição dos aspectos gerais dos registros de batismo utilizados na pesquisa. Em seguida expõem-se as análises compreendendo lideranças, famílias e parentelas indígenas que foram identificadas e rastreadas na documentação. Finalmente, apresenta-se o cotejamento das estratégias de atuação e inserção das etnias indígenas no referido aldeamento depreendidas a partir das análises das relações de compadrio tecidas.

Palavras-chave: indígenas aldeados; compadrio; relações inter-étnicas; política indigenista imperial.

OS BRINDES COMO PONTO DE SUTURA – PRESENÇAS E AÇÕES INDÍGENAS E A DOAÇÃO DE BRINDES DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS (SPI)

Lucybeth Camargo de Arruda. Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA; lucybeth.arruda@gmail.com

O exercício desta comunicação será feito a partir da análise de imagens e de documentação do SPI nos anos iniciais da década de 1940. Nos primeiros planos das fotografias está um evento/solenidade de entrega de brindes para índios do Xingu,

dentro do espaço do Posto de Atração Simões Lopes que, também, abrigava índios Bakairi. Esse encontro, de funcionários e índios, é proporcionado e mediado pelos brindes/presentes. De início vamos pontuar a corporificação do ato em si que foi montado pela Inspetoria Regional 06 e pela Delegacia Regional do SPI e tentar ir além, para pensar sobre os movimentos de ir e vir; de ir, estar e sair do posto indígena e/ou da aldeia. Pois, a análise aqui pretendida, entende que a doação de brindes revela a relação, revela um dos pontos de sutura (Conforme Lefebvre (2000) que fora bastante praticado dentro dos postos. A partir dessa articulação, a documentação do Serviço, contribui para trazer outras ações e agências indígenas demonstrando a mobilidade e outras relações dos índios do Xingu dentro e fora do posto.

Palavras-chave: Encontro colonial, Posto Indígena Simões Lopes (SPI), Brindes, Presenças e ações indígenas, Índios do Xingu e Bakairi.

ESPAÇOS DE LUTA E CONFRONTAÇÃO. DESAPROPRIAÇÃO TERRITORIAL INDÍGENA NO SUL DE MATO GROSSO DO SUL 1940 – 1960

José Manuel Flores. Pós-doutorando, Centro de Estudos Rurais/CERES - Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Brasil;
floreslopezjm@hotmail.com

Na presente ponencia se descrevem os conflitos territoriais guaranis no sul do estado de Mato Grosso do Sul entre as décadas de 1940 e 1960. Propõe-se estudar como um processo simultâneo as formas de luta indígena e a formação do Estado nacional brasileiro. Dentro desta perspectiva, os grupos dominados e as elites são formados em relação uns aos outros em um contexto – um campo de força – caracterizado por lutas desiguais de poder e por apropriações, expropriações e transformações recíprocas. Este marco metodológico pretende ir além das interpretações predominantes baseadas em concepções essencializadas da cultura indígena e em noções acríticas e reificadas de conceitos como “Estado” e “resistência” e, desta maneira, contribuir com novos argumentos ao debate sobre movimentos territoriais indígenas na região.

DESLOCAMENTOS COMPULSÓRIOS DE POPULAÇÕES INDÍGENAS NO PERÍODO MILITAR: ESPECULAÇÕES PRIMEIRAS

Edilene Coffaci de Lima. Professora do Departamento de Antropologia da UFPR e Pós-doutoranda na USP; edilene.c.lima@gmail.com

Sabemos hoje sobre a história dos índios no Brasil bem mais do que há pouco tempo atrás, não só porque aumentou significativamente o número de antropólogos, mas porque nas duas últimas décadas um impulso foi dado à história indígena. É preciso indicar, contudo, que esse impulso seja mais intensamente concentrado nos períodos colonial e imperial. E tal lacuna é tão expressiva que faz com que talvez possamos falar sem muito pudor que hoje conhecemos um tanto mais sobre o que se passou com os índios no período colonial e no Império que sobre anos recentes. Sabemos menos ainda, se quisermos insistir, sobre os últimos 50 anos, o que inevitavelmente abrange não só o período republicano, mas particularmente o período militar. A recente divulgação do relatório da Comissão Nacional da Verdade permitiu mostrar o quão pouco conhecemos. Assim, nesta comunicação irei tratar dos deslocamentos compulsórios de populações indígenas que se deram no período militar, particularmente nos primeiros anos da década de 1970. Não são poucas as populações removidas e algumas delas ensaiaram fazer o retorno às suas terras originárias. Não é possível ainda ser mais exaustiva, começo apenas agora a tatear a temática. De todo modo, irei tratar aqui, a partir de pesquisa bibliográfica, de três casos que me parecem emblemáticos da violência perpetrada naquele período: são os casos dos Tapaiuna, dos Kaiabi e dos Ofaié-Xavante, o primeiro e o último falantes de uma língua do tronco Macro-Jê e os Kaiabi de uma língua tupi-guarani. Os três separados por centenas de quilômetros e inúmeras diferenças em suas histórias particulares, mas com a coincidência do deslocamento de suas terras originárias. O lema “integrar para não entregar”, menos que um jogo de palavras, supunha a expansão das frentes de colonização que, inevitavelmente, alcançavam os índios em duplo (e dúbio) sentido.

-

-

NUEVOS ESCENARIOS PARA LA ETNOGRAFÍA MBYÁ GUARANÍ EN ARGENTINA

Noelia Enriz (CONICET- UBA)

Alfonsina Cantore (UBA)

Clara Boffelli (UBA)

Las investigaciones etnográficas con población mbyá guaraní en el territorio argentino se iniciaron hace menos de cuatro décadas y han tendido a dar cuenta de la totalidad sin perder el eje en ciertos tópicos. En la última década se pone de manifiesto un aumento creciente de las indagaciones y consecuentemente la ampliación de los tópicos que se abordan. En este texto nos proponemos sistematizar la actual situación de los estudios etnográficos con población mbyá guaraní en Argentina en el período mencionado, estableciendo cruces entre autores, relaciones entre temáticas de estudio y marcos de investigación. Pero al mismo tiempo, nos proponemos poner de manifiesto cómo se expresan en las investigaciones las transformaciones que la población mbyá

guaraní atraviesa actualmente en el territorio argentino. Metodológicamente, este texto se nutrirá de otros textos etnográficos publicados en la última década, relativos a población mbyá guaraní de Argentina, de autores argentinos. Estas investigaciones serán interpeladas a la luz de los propios trabajos de campo en curso, realizados por las autoras.

-

-

Sesión 2: Paisagem, território e territorialidade

ESCOLA, PARENTESCO E *TERRITÓRIO*: O QUE NOS DIZEM OS TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA/BA

José Valdir Jesus de Santana. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia;
santanavaldao@yahoo.com.br

Clarice Cohn. Professora adjunta da Universidade Federal de São Carlos;
clacohn@ufscar.br

Neste trabalho interessa-nos apresentar como e por que os Tupinambá de Olivença fazem escola e do como esta tem se tornado central na produção de pessoas *fortes na cultura*, na atualização e produção de parentesco, aparentamento e no *estar na cultura*, como costumam afirmar. *Dessa forma*, interessou-nos pensar como o *estar na cultura* e tornar-se *forte na cultura* vão sendo produzidos a partir da escola e das relações que esta possibilita e articula, tanto interno quanto externamente, no movimento que multiplica a escola pelo Território Indígena, em especial pelas *áreas de retomadas*. Esta distribuição nos permitirá ver como se organizam, hoje, as escolas, mas também o movimento atual pelo território, pelas retomadas e como as escolas estão ligadas a ele, uma vez que este movimento aciona a produção de parentesco, de pessoas fortes na cultura e o estar na cultura, como já referido.

Palavras-chave: Escola – estar na cultura - parentesco - território

-

-

PAISAGENS MURA NO BAIXO MADEIRA. O CASO SAPUCAIOROCA

Marta Amoroso. Professora do Departamento de Antropologia e do CESTA – USP;

A apresentação focaliza as transformações no espaço tomadas enquanto heterotopias panameríndias, que nos remetem a uma apreensão do mundo vivido dos Mura, através de sua inserção no panorama das filosofias amazônicas descritas pela etnologia. Em foco, narrativas que conectam no tempo coletivos mura e que se reportam a determinados lugares identificados na região da Amazônia meridional banhada pelo sistema hidrográfico do rio Madeira. Em trabalhos anteriores (M. Amoroso 2013) partiu-se de narrativas contemporâneas sobre lugares associados a eventos xamânicos, como o surgimento de aldeias junto a portais de pedra, que associam a humanidade às entidades que habitam o plano subterrâneo do cosmos. Nesta apresentação, para além da dimensão do espaço - constitutivo da pessoa nos Mura, pretende-se focalizar narrativas sobre tempos passados, como as do lugar Sapucaioroca, no rio Madeira, registros que se abrem para distintas chaves interpretativas. De um lado, são registros da territorialidade de antigos aldeamentos mura do século XIX, indiciários de políticas públicas voltadas para índios na região. De outro, são narrativas sobre eventos xamânicos de ampla notoriedade entre os Mura, que refletem sobre malocas rituais e seus regimes de alteridade.

Palavras-chave: Mura, Amazônia, territorialidade, corporalidade, xamanismo.

HISTÓRIAS DE ALMOFALA: UMA APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA SOBRE TERRA E TERRITÓRIO

Janaína Ferreira Fernandes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília; jffernandes@gmail.com

O presente trabalho trata a respeito da análise de alguns mitos e narrativas orais encontrados entre os Tremembé do Ceará. Tais narrativas giram em torno de discursos sobre Almofala, local considerado como terra “por excelência” daqueles índios, a partir do qual vivências e experiências sobre a etnicidade têm sido criadas e transformadas. As narrativas a serem trazidas para debate colocam em evidência o processo colonizador da região e as interações daquele povo com o Estado, culminando na construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Almofala e a doação das terras para o empreendimento missionário ali existente até o século XIX. O objetivo central é compreender as narrativas sobre a história dos Tremembé e de Almofala a partir de um viés que leve em consideração a diferenciação entre a ideia de território como lugar de ocupação tradicional do espaço por povos indígenas, objeto de luta política e de delimitação e demarcação, e a noção de terra como elemento de uma relação simbiótica entre pessoas e suas vivências sensoriais. Esta última noção, a ser priorizada no trabalho, será elaborada a partir dos discursos e narrativas Tremembé, nos quais o contato com frentes colonizadoras e a imposição de formas espaciais burocratizadas são elaborados, dentro

da mitologia e da história indígenas, à luz dos elementos que constituem a vivência sensorial e perceptiva das pessoas que experienciam Almofala como sua terra.

Palavras-chave: Narrativas. Povos Indígenas. Território. Terra. Colonização.

-

ENTRE CIDADES E ALDEIAS: AS PAISAGENS E OS ESPAÇOS DE RECIPROCIDADE NA CONFIGURAÇÃO DO TERRITÓRIO KAINGANG

Alexandre Aquino. Doutorando em Antropologia Social, PPGAS-UFRGS;
antropoaquino@gmail.com

Analiso o contexto etnológico e histórico que relaciona a territorialidade kaingang às transformações decorrentes do surgimento dos primeiros núcleos urbanos que se estabeleceram em seu território tradicional. A partir de uma releitura de documentos históricos, Tommasino e Motta (2002) observaram que essas relações foram constituídas seguindo a lógica existente entre parentes e afins no âmbito do grupo local, a qual se estende para incorporação de coisas e pessoas provenientes do mundo dos brancos em seu circuito de reciprocidade. Estes processos contrastam com etnografias realizadas por diversos autores nas aldeias do planalto, que se pautaram por uma compreensão exclusiva do espaço aldeão, e envolvem acampamentos no contexto urbano – inicialmente orientados para produção e venda de artesanatos, mas que, posteriormente, se constituíram em aldeias, com infraestrutura semelhante às Terras Indígenas demarcadas (escola, igrejas, “centros culturais”, entre outros). Para tanto, discute-se a interação entre espaços virtuais e aldeias, observada por Tommasino (1999) na reivindicação de um sítio ancestral na cidade de Chapecó, para compreender a reivindicação do Morro do Osso, em Porto Alegre. Em ambos os casos, as distintas paisagens configuram o território e tem implicações específicas para o incremento das relações sociais e políticas, bem como para os aspectos sociocosmológicos e o conteúdo das narrativas na busca por uma “terra antiga”. Nesta última região, verifica-se uma série de técnicas rituais, envolvendo as capacidades de liderança e do xamanismo na (re)constituição do ideal aldeão e suas respectivas mediações na relação com diversos outros, que interagem na relação entre a aldeia e a cidade.

Palavras chaves: Territorialidade kaingang, narrativas, rituais, paisagens urbanas e aldeias.

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DOS POTIGUARA DO RIO GRANDE DO NORTE

Bruno Ronald Andrade da Silva. Doutorando em Antropologia Social da UFRN;

operabruno@hotmail.com

José Glebson Vieira. Professor do Departamento de Antropologia da UFRN;
jglebson@gmail.com

Os índios Potiguara da aldeia Sagi/Trabanda, localizada no município de Baía Formosa no estado do Rio Grande do Norte (Brasil), organizam-se politicamente desde o início da década DE 2000. Sua principal pauta de reivindicação em torno de direitos diferenciados assenta-se na regularização fundiária de seu território. No presente ano (2015), depois de quase quinze anos de mobilizações, esses índios obtiveram uma importante conquista em prol desse objetivo: o estabelecimento via FUNAI (Fundação Nacional do Índio) de um Grupo Técnico (GT), para os estudos de identificação e delimitação de suas terras. Dentro dos procedimentos jurídicos necessários para a regularização de uma terra indígena, essa etapa significa um primeiro e importante passo para esse fim. O propósito desta comunicação é entender como os Potiguara estão a elaborar suas noções de um território indígena a partir de suas apropriações de determinadas categorias jurídicas concernentes ao modelo de identificação e delimitação de uma terra indígena pelo Estado brasileiro. Nesse processo, por exemplo, emergem distintas ideias, produzidas tanto pelos índios como pelos pesquisadores do GT, acerca do que é “necessário à reprodução física e cultural” dos povos inseridos nesse pleito. Assim, propõe um debate acerca da relação/tensão entre a dimensão da territorialidade e a natureza da terra indígena a partir da experiência entre os Potiguara de Sagi/Trabanda.

Palavras-chaves: território, territorialidade, tradicionalidade, Potiguara.

-

REDUÇÃO POPULACIONAL, MISTURA E DIFERENCIAÇÃO ENTRE OS MATIPU E NAHUKWÁ: TRANSFORMAÇÕES PÓS-CONTATO

Diogo Henrique Cardoso (UNICAMP); di.henriquecardoso@gmail.com

Antonio Guerreiro Junior (UNICAMP); d116634@dac.unicamp.br

Até o começo do século XX, os Matipu e Nahukwá, dois povos falantes de língua Karib e habitantes do complexo multiétnico e multilíngue do Alto Xingu (Parque Indígena do Xingu, MT), viviam em aldeias distintas e pertenciam, cada um, a diferentes blocos no interior do subsistema karib (um Kuikuro-Matipu e outro Kalapalo-Nahukwá). Quando a Expedição Roncador-Xingu alcançou o rio Kuluene, em 1946, já encontrou estes povos muito reduzidos, e, após a epidemia de sarampo de 1954, cada um deles contava com cerca de 15 indivíduos. Na tentativa de se reorganizarem, reuniram-se em uma

mesma aldeia, onde conviveram até meados da década de 1980. Após uma série de conflitos, os Matipu se separaram e criaram uma aldeia própria. Nos anos 2000, questões ligadas ao dilema da “mistura” e da “pureza” emergiram e as aldeias Matipu e Nahukwá se dividiram novamente, dando origem a pequenos grupos chefiados por homens considerados como os únicos “chefes puros” destes povos. O objetivo desta pesquisa de Iniciação Científica é analisar o depoimento de um descendente destes chefes, que abdicou de sua posição e cuja complexa trajetória de vida condensa os principais eventos envolvendo os Matipu e Nahukwá nos últimos 70 anos. Traçando fenômenos de ordem cognitiva e discursiva, envolvidos no ato de narrar indígena, com as dinâmicas socioculturais dos povos do Alto Xingu, esta pesquisa visa contribuir para o entendimento dos fenômenos políticos que intervêm na produção de pessoas e de coletivos no interior de uma rede multiétnica em transformação.

Palavras-chave: Etnologia Indígena, políticas ameríndias, biografias indígenas, Matipu, Nahukwá.

GT 46. ANTROPOLOGIA, ETNOGRAFIA Y EDUCACIÓN EN CONTEXTOS EDUCATIVOS LATINOAMERICANOS: CONFLUENCIAS Y CONTRIBUCIONES RECIENTES

Coordenadores:

Maria Rosa Neufeld – Facultad de Filosofía y Letras, UBA, Argentina;
mausi.neufeld@gmail.com

Sandra de Fátima Pereira Tosta – PUC-MG – Brasil; sandra@pucminas.br

Beatriz Diconca – Facultad de Humanidades – UDELAR – Uruguay;
beatriz.diconca@gmail.com

Comentarista: Neusa Gusmao (Brasil), Silvana Campini

Sesión 1: Niños y jóvenes, como sujetos de conocimiento, su participación política, promoción de los derechos humanos

NIÑOS Y JÓVENES EN LAS LUCHAS POR LA HEGEMONÍA POLÍTICA: DISPUTA POR LA ORIENTACIÓN COTIDIANA DE LOS PROCESOS EDUCACIONALES

Graciela Batallán

Silvana Campanini

Equipo de investigación. Programa de Antropología y Educación- Sección Antropología Social- Instituto de Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA; grabatallan@gmail.com; scampanini@filo.uba.ar

La conjunción de los procesos de visibilización social de niños y adolescentes, la politización de la vida social en la Argentina y la creciente controversia respecto al contenido y legitimidad de su participación en el espacio público y en las instituciones escolares, es conceptualizada en esta presentación, como un campo controversial en el que se dirimen decisiones e interpretaciones disímiles en relación al lugar de los sujetos de esta franja de edad en general, y en la escuela en particular, en relación a la construcción de la hegemonía política en la actualidad.

El enfoque histórico etnográfico de la investigación se orienta a documentar en contextos institucionales y abiertos, el modo en que niños y jóvenes adolescentes vinculan la ampliación de los derechos políticos mediante el voto, con su protagonismo en otros ambientes de la vida social y, de modo particular, en la institución escolar. El análisis de las fuentes de primer grado producidas por el trabajo de campo, y de las fuentes secundarias, se dirige a conocer en su historicidad las modalidades de la participación y su debate entre los sujetos, así como a dar cuenta de las concepciones prevalecientes y emergentes relativas a la relación bajo estudio en la Argentina contemporánea.

Palabras clave: Infancia – adolescencia – hegemonía – educación – participación política.

-

-

JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: RELATO E ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE ALUNOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CURITIBA-PR

Joyce Kelly Pescarolo. Psicóloga e Doutora em Sociologia, Pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR. Professora da FAE Centro Universitário; joycepescarolo@hotmail.com

Mariana Corrêa de Azevedo. Socióloga e Doutoranda em Sociologia da UFPR. Pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR; azevedomariana@uol.com.br

O presente artigo traz o relato e a análise da inserção das duas pesquisadoras em um projeto de intervenção realizado no decorrer de 2014 em uma escola pública de Curitiba. Fruto do trabalho em parceria entre a Universidade Federal do Paraná, o Instituto Não Violência e a escola escolhida para receber o projeto, a formação teve como público alvo os alunos do Ensino Médio e os profissionais da instituição. A formação aconteceu no decorrer de um ano, sendo uma específica para os alunos e outra para os professores e demais profissionais da escola. O programa voltado para os adolescentes contemplou 6 módulos: Direitos Humanos e Diversidade; Juventude e participação social; Preconceitos e discriminação racial; Sexualidade e relações de gênero; Prevenção: risco e prazer; Drogas e outros vícios. Todos os eixos foram articulados de forma que os temas pudessem ressurgir a partir de outras perspectivas. As atividades possibilitaram captar a compreensão dos alunos sobre os temas abordados e a forma como agenciam sociabilidades no ambiente escolar e na comunidade. A formação dos professores contou com 5 módulos: Direitos Humanos: o que são e para que servem, DH e a Questão Racial, DH e Relações de Gênero, DH e os Direitos.

PROPOSIÇÕES DO CORPO ENQUANTO UM CAPITAL: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEOS ENTRE INCITAÇÕES E INVESTIMENTOS

Mário Borba. Doutorando em Antropologia – UFF; borba.mp@gmail.com

Neste trabalho lanço questões sobre a relação corpo e escola, partindo de algumas considerações da minha dissertação, onde abordei proposições nas formas de tratar o corpo no discurso publicitário; pensando sobre tensões que sustentam algumas conjugações (e pedagogias) do corpo e do cuidado com ele no contemporâneo. Assim exploro faces de um enunciado que identifico como recorrente: o corpo proposto enquanto um capital a ser investido. Enfoco alguns operadores pelos quais se pode conceber investimentos em si, que acredito constituiriam formas de propor o corpo atualmente. Recupero essas considerações e lanço questões, com base em minha

pesquisa atual, onde investigo a produção de investimentos sobre o corpo jovem na escola. Destaco a complexidade do lugar ocupado pela escola, como um campo e um cenário de disputas, onde variados investimentos compõem contextos que articulam e conjugam formas de estar no mundo. Proponho pensar a escola como um lugar onde os jovens produzem variados vínculos e engajamentos, através dos quais projetam formas de valorizar o corpo e produzir sentidos sobre ele. Sob o recorte de pensar, em torno dela, investimentos do corpo enquanto um capital, proponho observar as múltiplas conjugações desse capital; em outras palavras: sua polivalência. Buscando formas de pensar o corpo como critério de normatização e classificação, e alvo de investimentos, busco revolver em campo processos e gramáticas de valorização e desvalorização deste dentro de duas escolas – pensando sobre como coadunam (ou não) imposições escolares com outras “externas” a elas, nas formas de conceber, produzir e valorizar o corpo jovem.

Palavras-chave: corpo, escola, educação, etnografia.

LOS SABERES COTIDIANOS DE DOS REFERENTES DE UN MOVIMIENTO SOCIAL DE LA CIUDAD DE CÓRDOBA (ARGENTINA). TENSIONES ENTRE LO TERRITORIAL Y LO EDUCATIVO

Lucía Caisso. CIFFyH-UNC; luciacaisso@hotmail.com

En esta ponencia presento un análisis etnográfico de *saberes cotidianos* apropiados por dos sujetos en función de su militancia como referentes de un movimiento social. El objetivo del escrito es reconstruir -a partir de diversos aportes de la antropología política y de la antropología de la educación- los itinerarios políticos y vitales de estos dos sujetos, buscando ponerlos en relación con transformaciones socio-políticas y económicas que tuvieron lugar en Argentina a lo largo de la década de 2000. En la reconstrucción de esos itinerarios es posible reconocer como campos de militancia política diferenciada las *actividades territoriales* (orientadas a la *gestión* de bienes materiales destinados a pobladores de barrios marginales de la ciudad) y las *actividades educativas* (asociadas a experiencias como los Bachilleratos Populares y realizadas en asociación con una nueva generación de activistas). Entre los sentidos de la militancia *territorial* y la *educativa*, el análisis de los saberes cotidianos de estos referentes nos permite vislumbrar transformaciones históricas, tensiones inter-generacionales y una construcción mutua –aunque desigual- de movimientos sociales y estado.

-

-

Sesión 2: Familias, discursos y prácticas cotidianas en torno de la escolaridad

MÁS ALLÁ DE LAS ESCUELAS: SENTIDOS SOBRE LAS RESPONSABILIDADES Y OBLIGACIONES ADULTAS EN CONTEXTOS DE CRECIENTES DEMANDAS A LAS “FAMILIAS”

Laura Cerletti. FFyL-UBA y CONICET; laurabcerletti@yahoo.com.ar

El desarrollo de la escolaridad infantil, en las últimas décadas, acarrea de modo creciente una serie de demandas a las familias, que son relativamente novedosas en el tiempo. Se trata del requerimiento de acciones específicas (especialmente centradas en las ‘figuras parentales’), y de modos de organización familiar, establecidos como condiciones básicas y necesarias para la plena escolarización de los niños. Estas demandas provienen tanto de organismos nacionales en el contexto de nuestra investigación (la Argentina), así como de otros internacionales, y de políticas y producciones académicas y de divulgación procedentes de diversos países. Son también usualmente expresadas en la cotidianeidad de las escuelas por muchos docentes.

A su vez, los padres (u otros adultos) realizan un amplio abanico de prácticas cotidianas relativas a la escolaridad infantil y construyen sentidos a través de los cuales responden, tensionan, disputan, se apropian, de estas demandas. En esta ponencia nos centraremos en la complejidad de estas prácticas y sentidos, a partir de nuestra investigación histórico-etnográfica. Específicamente, nos basaremos en el trabajo de campo realizado con adultos con niños en edad escolar a su cargo, llevado a cabo en el área metropolitana de Buenos Aires, y en el análisis documental (en un registro temporal amplio), para ahondar sobre los modos en que se producen (definen, disputan, despliegan) socialmente las responsabilidades y obligaciones adultas en torno a la educación de los niños. De esta forma, nos interesa discutir con aquellos discursos contemporáneos que hegemonizan (y naturalizan) una específica modalidad de atribución de responsabilidades adultas.

Palabras clave: Demandas – responsabilidades – educación – niños – adultos.

“SE FUE DE PASEO CON SU MAMÁ A LA PROVINCIA...”: REFLEXIONES SOBRE PRÁCTICAS SOCIALES EN TORNO A LA ESCOLARIZACIÓN INFANTIL EN UN BARRIO POPULAR DE LA ZONA SUR DE CIUDAD DE BUENOS AIRES.

Soledad Gallardo.FFyL, UBA; soldelalma@hotmail.com

En esta ponencia pretendo reflexionar sobre una dimensión que surge en el desarrollo de mi investigación doctoral en curso, que busca conocer y documentar intervenciones

estatales en la escolarización infantil de sectores subalternos en contextos de desigualdad social. En esta ocasión, abordaré la coexistencia de diversas prácticas sociales de familias, escuelas y otros actores estatales vinculadas a las mismas que, cotidianamente, confluyen en lo que la política educativa contemporánea define como “*ausentismo*” y “*deserción escolar*”.

A partir de situaciones etnográficas registradas en mi trabajo de campo, que tuvo como referente empírico la operatoria de un programa estatal en un barrio de la zona sur de ciudad de Buenos Aires, recuperaré la perspectiva de los sujetos para dar cuenta sobre cómo es vivenciada y significada la obligatoriedad del sistema educativo más precisamente, la relacionada a la escolaridad infantil. En este sentido, la educación primaria argentina se destaca históricamente por su rápida y amplia expansión como política de Estado, esto influyó en una percepción de la obligatoriedad de este nivel –y su cumplimiento– como un derecho social alcanzado, significándola como un tramo del sistema educativo garantizado tácitamente.

No obstante, la existencia cada vez más marcada de dispositivos estatales diseñados para intervenir en aquellas alteraciones en la escolaridad de niños/as de sectores populares y sus instrumentaciones concretas de *inclusión escolar*, visibiliza que la misma presenta fisuras, resistencias y reapropiaciones por parte de la población destinataria. Aquí reflexionaré, entonces, sobre tópicos/categorías que aluden a un recorrido de escolarización esperable y que, ocultando otras posibles manifestaciones de comportamientos, valores y sentires, debe ser actualizada cotidianamente por prácticas, instituciones y discursos de un orden social desigual y hegemónico.

A ESCOLA DE QUALIDADE NA VISÃO DAS FAMÍLIAS POPULARES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Amanda Morganna Moreira. Doutoranda PPGE/UFRJ/BRASIL;
morgannamoreira@hotmail.com

Dr. Rodrigo Rosistolato. PPGE/UFRJ/BRASIL; rosistolato@hotmail.com

Dra. Ana Pires do Prado. UFRJ/BRASIL; anaprado@yahoo.com

O objetivo do trabalho é descrever e analisar o ponto de vista de famílias que desejam e/ou necessitam matricular os filhos em escolas municipais na cidade do Rio de Janeiro. Apresentaremos as motivações que orientaram seus processos de escolha e as concepções de qualidade da escola presentes em seus discursos. Nosso argumento é que o momento da matrícula envolve dois processos simultâneos: os pais precisam avaliar a qualidade das escolas e decidir qual será a melhor escola para os filhos. Esse processo faz com que as famílias coloquem em diálogo as suas representações sobre a escola, sobre seus filhos e as expectativas relacionadas ao futuro escolar e profissional das crianças. Visamos explorar esse conjunto de representações e discutir as ações por elas orientadas. Nosso material empírico é um conjunto de 52 entrevistas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, em duas regiões diferentes – zona sul e zona norte. Com base

nesse material será possível entender as visões das famílias sobre qualidade escolar e compreender suas ações cotidianas – especificamente matrícula e acompanhamento escolar – além de mapear os reflexos dessas ações nas trajetórias educacionais dos estudantes.

Palavras-chave: escola, escolha escolar, expectativas de futuro, qualidade da escola.

LAS RELACIONES ENTRE LAS FAMILIAS Y LA ESCUELA: LAS POLÍTICAS PARA LA EDUCACIÓN PRIMARIA Y LA COTIDIANEIDAD ESCOLAR DE LOS SECTORES POPULARES

María Magdalena Tosoni. IES T-004 Normal GTL, Tunuyán/ FEEyE, UNCuyo

Mendoza – Argentina; magdalenatosoni@yahoo.com.ar

En la Argentina la participación de las familias en la escuela es considerada parte del ejercicio de la ciudadanía según la Ley de Educación Nacional N° 26.206. En este marco legal el Plan Federal de Educación Obligatoria y Formación Docente desarrolla los Centros de Actividades Infantiles (CAI) en áreas vulnerables con indicadores escolares críticos siendo uno de sus objetivos revitalizar la alianza de la escuela con la familia. Por otro lado, estudios etnográficos señalan que mientras la noción de participación es el eje de los discursos oficiales los docentes evalúan la intervención de los padres desde “parámetros naturalizados” y que los sectores populares tienen “otras maneras de participar”. Siguiendo estos planteos el objetivo de este trabajo es aportar a la comprensión de las relaciones entre las familias de sectores populares y la escuela a partir una investigación etnográfica realizada en un CAI localizado en las afueras de la ciudad de Tunuyán, Mendoza (Proyecto de Investigación N° 2054 INFD - Convocatoria 2013, IES T-004 Normal GTL). En la primera parte describo las condiciones de vida de las familias de sectores populares, sus estrategias de reproducción y el lugar que ocupan en ellas las prácticas educativas. En la segunda parte analizo cómo se articulan en el espacio escolar las directrices de los programas educativos con las prácticas de los padres, docentes y maestros comunitarios. Finalmente reflexiono sobre la cotidianeidad escolar y las políticas de educación primaria.

Palabras clave: familias – sectores populares – cotidianeidad escolar – políticas educativas - participación.

EL SENTIDO DE LA ESCUELA: ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS DE LAS

ESCUELAS MUNICIPALES A PARTIR DE DOS CASOS ETNOGRÁFICOS

Laura Luna Figueroa. Pontificia Universidad Católica de Chile Campus Villarrica;
lauralunaf@gmail.com

Se discuten los casos de dos escuelas básicas municipales estudiadas en el marco de estudios etnográficos realizados en dos proyectos de investigación: Proyecto Anillo Normalidad y Diferencia en Educación (2012-2015) y Proyecto Fondecyt de Iniciación (2011-2014). Los dos establecimientos analizados tienen ubicación y características demográficas muy diferentes - uno se encuentra en Santiago y presenta el 40% de estudiantes, hijos de inmigrantes latinoamericanos, mientras el otro es de una ciudad de la Araucanía y está constituido por el 30% de niños de origen mapuche. Por otra parte, las etnografías realizadas en cada caso presentan diferencias importantes en enfoques y procedimientos. Sin embargo, en el análisis de las prácticas de los dos establecimientos emergen diversos nudos críticos en común. En particular, destacan tres aspectos: 1. La interacción profesor- alumno marcada por la tensión y la burla, esta última orientada a deslegitimar el orden impuesto por la institución escolar. 2. Una problemática relación con la diversidad cultural que se refleja en prácticas contradictorias que oscilan entre la celebración, la invisibilización y la discriminación. 3. Prácticas educativas de corte civilizatorio que apuntan a inculcar hábitos, normas y habilidades básicas para la incorporación en la sociedad. Las tres dimensiones, y especialmente la última, retratan una escuela pública desperfilada, priva de un auténtico proyecto educativo y con una profunda crisis de sentido que afecta a los miembros de la comunidad escolar.

Palabras Claves: etnografía escolar- escuela pública- prácticas sociales- proyecto educativo.

-

Sesión 3: Transformación y problematización de políticas públicas (de diversidad, de inclusión, de nee, de formación superior etc)

**DISCURSOS DE DIFERENCIA EN EL CONTEXTO EDUCATIVO:
PROBLEMATIZACIÓN DE LA POLÍTICA DE DIVERSIDAD CHILENA,
DESDE UNA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA POSTESTRUCTURAL**

Marcela Apablaza Santis. Doctora © en Ciencias de la Educación, Pontificia Universidad Católica de Chile. Tesista Proyecto Anillos SOC-1103 Normalidad, Diferencia, Educación; marcela.apablaza@uach.cl

Ante cuestionamientos sobre cómo se producen y circulan los discursos de diferencia en el contexto escolar a partir de la operación de la política educativa, esta investigación problematiza la política de diversidad chilena, específicamente en sus mecanismos de producción, operación y articulación de discursos, su actuación por parte de las/los actores educativos y las prácticas discursivas que accionan. Empleo la etnografía postestructural, el análisis político del discurso y la gubernamentalidad, para examinar un dispositivo conformado por 3 componentes: 1) documento de la política (marco jurídico), 2) organismo administrador 3) escuela. Relevo la contribución de la etnografía postestructural feminista por su carácter óptico-epistemológico, cuya premisa de perturbación interpretativa supera la ilusión de fidelidad de lo real y la promesa de la representación, para reemplazarla por la inestabilidad y resbaladiza parcialidad del lenguaje. Presento resultados, sobre la política de convivencia escolar, la instalación de discursos jurídico-penal desde un enfoque preventivo y los discursos disciplinarios respecto de la producción de ‘buenos’ ciudadanos/ciudadanas. Finalmente, problematizo la política de género y los mecanismos o tecnologías de gobierno y de subjetivación que la escuela despliega con el fin de formar estudiantes mujeres bajo premisas patriarcales tradicionales y las respuestas de resistencia que las/los sujetos/agentes elaboran.

Palabras claves: etnografía postestructural, políticas educativas, diversidad, diferencia.

MIRADAS DOCENTES Y DEFINICIONES DEL MÉRITO EN ESCUELAS SECUNDARIAS QUE TRABAJAN CON JÓVENES DE SECTORES POPULARES EN LA ZONA METROPOLITANA DE BUENOS AIRES, ARGENTINA

Mariana Nobile. Flacso-Conicet/Fache-UNLP; mnobile@flacso.org.ar

Vecino, Luisa. UNTREF/FLACSO/ISFD 21; luisa_vecino@yahoo.com.ar

En el presente trabajo nos proponemos poner en diálogo dos investigaciones cualitativas realizadas en escuelas secundarias que atienden a jóvenes de sectores populares, a fin de reflexionar sobre los procesos de inclusión educativa en contextos institucionales y jurisdiccionales diferentes. Una de las investigaciones constituyó un estudio de caso realizado en una escuela secundaria común del partido de Moreno, en el conurbano bonaerense. La otra tomó por objeto a las llamadas “Escuelas de Reingreso” (ER) de la Ciudad de Buenos Aires, cuyo formato presenta algunas variaciones respecto de la forma tradicional de organización del secundario, a fin de volverlo más inclusivo.

Se analizarán las miradas docentes acerca de los estudiantes, las cuales construyen concepciones acerca del mérito propias de estas instituciones. En la escuela de Moreno observamos un discurso docente estructurado en torno a la apatía y el desgano de los estudiantes hacia la propuesta de la escuela y de los docentes, mientras que en las ER

los docentes parten de una postura de no culpabilización de los estudiantes por sus historias escolares, valorizando el esfuerzo que realizan para sostener su escolarización.

Observamos que, más allá de encontrarnos frente a propuestas institucionales y formatos escolares diferentes, en las miradas docentes hay representaciones que coinciden en la definición de la condición de estudiante. Sin embargo, estas representaciones conllevan modos diferentes de valorar las acciones y los desempeños estudiantiles dentro de la escuela, así como de explicar/se la tarea docente y los modos en que los estudiantes sostienen -y deben/pueden sostener- su escolarización.

Palabras clave: Escuela secundaria- meritocracia- representaciones docentes- experiencia escolar - Argentina.

LA OBLIGATORIEDAD ESCOLAR Y LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS: SENTIDOS PRESENTES EN CENTROS EDUCATIVOS DE NIVEL SECUNDARIO

Horacio Paoletta. Programa de Antropología y Educación, Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires; hpaoletta@yahoo.com.ar

En la presente ponencia se realiza en primer lugar un acercamiento a la cuestión de la obligatoriedad escolar dando cuenta de algunos sentidos asociados históricamente a la misma principalmente tomando como eje de análisis la normativa educativa argentina. Asimismo, se identifican distintos sentidos presentes en la actual ampliación de la obligatoriedad hasta la finalización del nivel secundario según la última Ley de Educación Nacional (2006) e implicancias en el caso de la Educación de Jóvenes y Adultos, especialmente la referente a dicho nivel.

Por otra parte, se da cuenta de algunos sentidos en relación con la obligatoriedad escolar expresados por sujetos que asisten a Centros Educativos de Nivel Secundario de la CABA (estudiantes, docentes, directivos), con el propósito de identificar distintas tendencias presentes en los análisis precedentes.

Se sostiene que aspectos configurados históricamente en relación con la cuestión de la obligatoriedad escolar, como ser el supuesto de que “más escolarización es mejor” y la asociación de la obligatoriedad escolar a la población infantil, se encuentran presentes a modo de “huellas” de otros tiempos en dichas instituciones en la actualidad. Para ello se analiza parte del material producido en el marco del trabajo de campo en Centros Educativos de Nivel Secundario de la CABA entre los años 2013 y 2015.

Palabras clave: obligatoriedad escolar, Educación de Jóvenes y Adultos, Centros Educativos de Nivel Secundario.

JUVENTUD, DESIGUALDADES Y EDUCACIÓN: ¿HACIA DÓNDE VAN LAS POLÍTICAS DE “INCLUSIÓN EDUCATIVA” EN ARGENTINA?

Lic. Mercedes Saccone. Licenciada y Profesora en Antropología. Estudiante de la Maestría en Ciencias en la Especialidad en Investigaciones Educativas, DIE-CINVESTAV-UPN, México. Becaria doctoral de CONICET. Miembro del Centro de Estudios Antropológicos en Contextos Urbanos (CeaCu), FHyA, Universidad Nacional de Rosario, Argentina; sacconemercedes@gmail.com

Este trabajo se enmarca en la investigación que llevo a cabo actualmente para mi tesis doctoral acerca de las experiencias escolares de jóvenes de sectores populares en relación a las políticas de “inclusión educativa” en Rosario, Argentina. Específicamente pretendo acercarme a identificar algunas tendencias y características que están asumiendo las políticas educativas actuales que tienen a los jóvenes como destinatarios principales y que pretenden contribuir a reducir las desigualdades educativas existentes. Para ello, en un primer momento, describo el proceso de extensión de la obligatoriedad al nivel medio de educación formal completo que se viene desarrollando en algunos países de América Latina; así como las consecuencias que algunas investigaciones están identificando y señalando en relación al mismo. En el siguiente apartado, considero el caso de las políticas de “inclusión educativa” actuales en Argentina, tomándolo como analizador de las tendencias que se vienen produciendo y que permiten pensar horizontes futuros en los demás países de la región (aunque seguro con sus diferencias producto de las particularidades contextuales locales).

En Argentina, el proceso de extensión de la obligatoriedad a todo el nivel medio lleva un tiempo considerable de sanción (con la Ley de Educación Nacional de 2006), lo que nos permite ya identificar algunas tendencias, así como contradicciones, dificultades y aciertos en los planes y programas que se construyen con el fin de avanzar hacia la universalización de este nivel educativo.

Por último, destaco algunas reflexiones para debatir, intercambiar y contribuir a la generación de conocimientos sobre la problemática.

Palabras clave: Educación, Jóvenes, Secundaria, Políticas, Flexibilidad.

POLÍTICAS SOCIOEDUCATIVAS Y TRABAJO DOCENTE EN RELACIÓN A LA INTEGRACIÓN-EXCLUSIÓN DE NIÑOS CON NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES”. UN ANÁLISIS DE PROCESOS COTIDIANOS

EN UNA ESCUELA PRIMARIA

Romero Acuña, Macarena. Facultad de Humanidades y Artes, UNR, CEACU;
macarenaromeroa@gmail.com

En este trabajo buscamos indagar acerca de la relación entre el trabajo docente y el proceso de “integración” de los llamados niños con “Necesidades Educativas Especiales” (“N.E.E”), en una institución escolar primaria de la ciudad de Rosario que llamaremos Rocamadur.

Este es el resultado del trabajo realizado para la tesis de grado en el marco de la carrera de Licenciatura en Antropología. El proceso que ha llevado a la misma, se ha iniciado en el año 2008 en el marco de la asignatura Metodología (Orientación Sociocultural), siguiendo el trabajo durante el año 2009 en la asignatura Seminario Final y continuándose hasta mayo de 2015 donde se efectuó la defensa de la misma.

Sostenemos que con la instauración de la Ley Federal de Educación 24.195 (1993) y la puesta en práctica de políticas neoliberales en el campo de la educación, se da una reorganización el trabajo en el aula (Martínez, 2004). Esta reorganización se da tanto a nivel de reformas edilicias, como a nivel del contexto áulico, que se refuerza con la Nueva Ley de Educación, la Ley N° 26.206 (2006) y el especial énfasis que se empieza a hacer en la educación “inclusiva”, dos procesos distintos pero que se continúan.

En este trabajo nos proponemos presentar brevemente el marco teórico metodológico con el que se trabajó así como también los problemas que fueron surgiendo a lo largo del proceso de escritura y de trabajo de campo; para luego llegar a presentar el organigrama institucional de la Escuela Rocamadur.

Con esta presentación buscamos dar cuenta de las distintas formas que toma el trabajo docente y la realidad áulica, (así como también de los nuevos sujetos escolares que surgen) a partir de los procesos de "integración/inclusión" de "Niños con Necesidades Educativas Especiales" (“N.E.E.”).

Palabras clave: "Integración/Inclusión" - trabajo docente - “Necesidades Educativas Especiales” (N.E.E.)

INCLUSIÓN EDUCATIVA Y CAMBIO EN LA FORMACIÓN DE RECURSOS HUMANOS EN SALUD. ETNOGRAFÍA DE LA EXPERIENCIA DEL CICLO INICIAL DEL INSTITUTO DE CS. DE LA SALUD DE LA UNAJ

Dr. Hugo Mercer – UNAJ – hugo.mercer@gmail.com

Dra. María Cecilia Scaglia – UNAJ – UBA -marichescaglia@gmail.com

Dra. María Pozzio – UNAJ – UNLP – mariapozzio@gmail.com

Lic. Magalí Turkenich – UNAJ – UNLP - magturkenich@gmail.com

Lic. Nadia Percovich – UNAJ - nadiapercovich@hotmail.com

Dra. Jorgelina Portaluri - UNAJ - noelportaluri@hotmail.com

La creación de nuevas universidades en contextos marcados por la desigualdad social supone nuevos desafíos para los procesos de enseñanza aprendizaje. En este marco, el Instituto de Ciencias de la Salud de la UNAJ (Universidad Nacional Arturo Jauretche) se ha propuesto el desarrollo de una política de inclusión educativa que conjugara la masividad y la calidad académica. Esta institución se propone además introducir una perspectiva integral la enseñanza de las carreras del campo de la salud que se dictan. Esta perspectiva se expresa en la creación de un Ciclo Inicial común para todas las carreras del instituto que incluye la asignatura Conocimiento y Ciencias de la Salud. El presente trabajo se inserta en un proyecto de investigación llevado adelante por docentes de esta asignatura y ha adoptado estrategias etnográficas para el abordaje del campo de investigación.

En esta ponencia nos proponemos describir y analizar las representaciones de los estudiantes respecto del proceso salud – enfermedad – atención. También nos planteamos indagar respecto de eventos significativos en sus trayectorias personales relacionados con problemas de salud – enfermedad. Partimos del supuesto que estas dimensiones inciden en la elección de la carrera y este dato resulta fundamental a la hora de diseñar estrategias de enseñanza – aprendizaje que profundicen una perspectiva integradora en la formación de recursos humanos en salud.

La estrategia metodológica se inscribe en la perspectiva de la “etnografía del aula”, para el análisis contamos con registros de aula de todos los docentes, y trabajos prácticos de los estudiantes realizados durante la cursada.

Palabras clave: formación de recursos humanos en salud – perspectiva integral de la salud – etnografía del aula – desigualdad – inclusión educativa.

Sesión 4: Relevancia de la etnografía de las problemáticas educativas y escolares

HISTORIA DE LA ETNOGRAFÍA ESCOLAR EN CHILE. CONTINUIDADES Y DISCONTINUIDADES DE LA TRAYECTORIA INVESTIGATIVA

Jenny Assaél, Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile;
andrea.valdivia@u.uchile.cl;

Andrea Valdivia, Instituto de la Comunicación e Imagen. Universidad de Chile.

Felipe Acuña, Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile

Paulina Contreras Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile

Manuela Guerrero, Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile

Eduardo Santa Cruz, Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Chile

La etnografía escolar en el mundo es un campo de “profesionalización” reciente y parcial. En el caso de Chile, esta situación es aún más notoria, lo que se ha expresado en una producción discontinua en el tiempo y circunscrita a pocos espacios académicos universitarios y de centros de pensamiento. La etnografía escolar en nuestro país tiene sus orígenes a comienzos de los 80’, en plena Dictadura, cuando se crea la Red de Investigación Cualitativa de la Realidad Escolar en América Latina (RINCUARE), en la que Chile es representado por el Programa Interdisciplinario de Investigación en Educación (PIIE). Desde este Programa se realiza durante algo más de una década la mayor cantidad de etnografías de las que se tiene registro. Este origen al margen de las universidades y de la Antropología (intervenidas y desmanteladas por la Dictadura), marcarán la trayectoria posterior de la investigación etnográfica en la escuela, con limitadas posibilidades de desarrollo. Si bien los últimos años este panorama ha variado, todavía existe un reducido número de investigaciones, una insuficiente cantidad de especialistas, confusión sobre su particularidad como enfoque de investigación, y escasa divulgación de las etnografías escolares producidas.

Esta ponencia presenta algunos resultados de una investigación en curso, cuyo propósito es la generación de conocimiento sobre la práctica etnográfica escolar y su historización en Chile. Para ello hemos y sistematizado publicaciones asociadas a las etnografías, entrevistado a investigadores y analizado documentos históricos. El análisis se ha centrado en: los problemas investigados, las orientaciones teórico-metodológicas, y las condiciones de su producción en relación con el contexto sociopolítico y la investigación social y educativa.

Palabras clave: etnografía escolar, historia, Chile, investigación.

**EL RÉGIMEN DE LA BURLA AL INTERIOR DE LA ESCUELA. UNA
PROPUESTA EPISTEMOLÓGICA PARA LA ETNOGRAFÍA EN**

CONTEXTOS ESCOLARES

María José Avello Vásquez, Socióloga y Candidata a Magíster en Universidad ARCIS.

Investigadora, Etnógrafa y analista, en Proyecto Anillos CONYCIT SOC1103 "Normalidad, Diferencia y Educación - NDE" Pontificia Universidad Católica de Chile;
coteavellov@gmail.com

La presente propuesta, elabora una reflexión en torno a los resultados que se desprenden del trabajo de análisis realizado durante el 2014, en base a los registros de campo, recabados durante el proceso etnográfico realizado el año 2013, en 5 escuelas de la comuna de Santiago de Chile, en el marco NDE.

El proceso de análisis condujo a relevar las escenas de la "burla" contenidas en los registros de campo, pudiendo identificar dos formas preponderantes en que es manifestada por los actores de las distintas comunidades escolares. Por una parte, la burla, como un "burlarse de", en lo risible, lo cómico y lo que a modo de chiste o broma, devela determinados códigos lingüísticos y comunicacionales compartidos al interior de una comunidad escolar específica, ligados a su quehacer. Por otra, la burla como un "bypasseo", como modos de evitación, esquivas, o disimulo en las prácticas escolares, por parte de diversos actores, que redundan en un "hacer como si".

Ambas formas aparecen profundamente vinculadas entre sí, y a las problemáticas institucionales irresueltas, como un modo de gestión del malestar experimentado por los diversos actores. Lo que, queda aún más evidenciado al contrastar las diferencias entre los distintos regímenes de la burla al interior de cada escuela.

Estos hallazgos, conducen al planteamiento epistemológico de intencionar la mirada en los procesos etnográficos, accediendo al registro del régimen de la burla, como un campo de problematización rico y altamente comunicante, que emana de la conflictividad relacional al interior de cada comunidad.

Palabras claves: Epistemología - Etnografía - Escuela – Burla.

-

A DESNATURALIZAÇÃO DO "DAR/ASSISTIR AULA" COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO ENTRE ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Rémi Fernand Lavergne. Pesquisador Independente; lavergne.remi@gmail.com

Bernadete de L Ramos Beserra. Universidade Federal do Ceará;
bernabeserra@gmail.com

A desnaturalização do "dar/assistir aula" como estratégia de aproximação entre

antropología e educação na formação de professores

Tendo como um dos seus objetivos mostrar a importância (e necessidade) da prática etnográfica na formação do professor, o artigo apresenta uma etnografia do aprendizaje de antropología numa turma de terceiro semestre do curso de Pedagogia de uma universidad pública do nordeste brasileiro. Os dados que o sustentam foram coletados ao longo do semestre letivo através de observação participante “coletiva” em sala de aula e outros espaços escolares; trabalhos escritos desenvolvidos para a disciplina, inclusive diários de campo, e depoimentos de alunos, monitores e professor, nos quais refletem sobre o que aprenderam com a experiência. Desnaturalizando a prática do “dar/assistir aula”, mostra que o exercício da exotização do familiar não permite apenas a constituição de uma forma específica de enxergar e lidar com o “outro” mas talvez, principalmente, lidar consigo próprio, observar-se nas práticas cotidianas, produzindo, desse modo, a reflexividade indispensável a toda prática docente.

-

JÓVENES Y EXPERIENCIAS EDUCATIVAS. AVANCES EN LA CONSTRUCCIÓN DE UN PROYECTO DE INVESTIGACIÓN

Mariana Nemcovsky. Investigadora en el Programa de Antropología y Educación, Ceacu (Centro de Estudios Antropológicos en Contextos Urbanos), Facultad Humanidades y Artes, UNR; Docente Escuela de Antropología, FHyA, UNR. Investigadora del Programa de Incentivos de la UNR, PID SeCyT-UNR; mbnem@hotmail.com

Gabriela Bernardi. Investigadora en el Programa de Antropología y Educación, Ceacu (Centro de Estudios Antropológicos en Contextos Urbanos), Facultad Humanidades y Artes, UNR; gabriela_bernardi@hotmail.com

Mercedes Saccone. Investigadora en el Programa de Antropología y Educación, Ceacu (Centro de Estudios Antropológicos en Contextos Urbanos), Facultad Humanidades y Artes, UNR Becaria doctoral de CONICET, maestranda del DIE (Departamento de Investigación Educativa)- CINVESTAV; merce_tuc@hotmail.com

Marilin López Fittipaldi. Investigadora del Programa de Antropología y Educación, Ceacu (Centro de Estudios Antropológicos en Contextos Urbanos), Facultad Humanidades y Artes, UNR; marilinlopez@hotmail.com

Mara Dobry. Estudiante, tesista de la carrera de Antropología, FHyA, UNR. Miembro del Ceacu; dobry.mara@gmail.com

En esta presentación damos a conocer algunos avances del proceso de elaboración de un proyecto de investigación en el campo de la Antropología y la Educación. La problemática que nos proponemos abordar se relaciona con el interés por generar aportes al conocimiento respecto de las *huellas que dejan* los procesos socio-educativos en los jóvenes que viven en contextos de pobreza urbana y signados por distintas

violencias. Más precisamente nos parece necesario acercarnos a los sentidos acerca de la escolarización que construyen jóvenes que transitan experiencias socio-educativas en esos cotidianos sociales en la ciudad de Rosario.

En esta oportunidad expondremos algunos apuntes acerca de ese proceso de elaboración: la formulación de la problemática en el cruce de determinadas pesquisas (algunas referencias teóricas claves, las líneas preliminares en la construcción de un estado del arte, nuestros acercamientos al campo empírico) y algunas hipótesis que fueron construyéndose en este recorrido, en la articulación de esos avances.

Palabras claves: jóvenes- experiencias educativas- sentidos de escolarización- contextos de pobreza urbana.

CONSTRUIR/CONSTRUIR-NOS A PARTIR DEL USO DE LA ETNOGRAFÍA: DESCRIBIENDO LA ESCOLARIDAD EN EL BARRIO RECONQUISTA

Mantiñán, Luciano Martín (UNSAM – CeDeSI - IDAES) [lmmantinan@yahoo.com.ar](mailto:lmantinan@yahoo.com.ar)

Bussi, Eliana (UNSAM – CeDeSI - CONICET) elianabussi@hotmail.com

Dafunchio, Sofía (UNSAM – CeDeSI - CONICET) sofidafu@hotmail.com

Grinberg, Silvia (UNSAM – CeDeSI - CONICET) grinberg.silvia@gmail.com

La etnografía como forma de comprensión y reflexión en torno del mundo social, se presenta como una herramienta precisa a la hora de rescatar y considerar las significaciones asociadas a las diferentes cuestiones que atraviesan la vida de los sujetos en un contexto dado. La apertura de visión que brinda, su calidad de comprensión “expectante” y su metodología flexible, nos permitieron considerar en una dimensión más justa cómo juega al interior de un espacio caracterizado por la degradación ambiental y la pobreza urbana, una problemática social determinada y cómo se articula ésta en un entramado mayor de modos de ser, dificultades, necesidades y posibilidades que se inscriben en la propia construcción de la escolaridad en dicho espacio.

El interés en esta ponencia es exponer ciertos aspectos significativos del recorrido que se produce y es producido a partir de la inmersión en una investigación de carácter etnográfico y su desarrollo en un campo determinado. Así pudimos constatar cómo a partir de una primera inquietud de conocimiento, nuestra reflexión en torno a la “problemática ambiental en/ de una escuela” fue complejizándose y virando –aunque sin abandonarla por ello- hacia un análisis sobre el propio modo de construir y sostener la escolaridad en el barrio Reconquista.

Palabras clave: Etnografía – escolaridad – pobreza – ambiente.

-

Sesión 5: Movimientos sociales y experiencias educativas

MOVIMIENTOS SOCIALES Y EXPERIENCIAS EDUCATIVAS. TENSIONES EN TORNO A LA ENSEÑANZA Y LA EVALUACIÓN EN UN “BACHILLERATO POPULAR”

Marilín López Fittipaldi. CeaCu– UNR; marilinlopez@gmail.com

La presente ponencia se inscribe en un proceso de investigación mayor que hemos realizado como tesis de grado. La misma centró su interés en el proceso de construcción de un “Bachillerato Popular” como parte del proyecto político de un movimiento social de la ciudad de Rosario (Santa Fe, Argentina). Con el término “Bachilleratos Populares” se hace referencia a escuelas secundarias para jóvenes y adultos creadas y gestionadas por movimientos sociales y organizaciones políticas de distinto tipo, que se proponen como una alternativa a la escuela oficial.

En este trabajo nos proponemos describir algunos procesos vinculados a la experiencia educativa desplegada en uno de ellos teniendo en cuenta las tensiones, disputas y resignificaciones de sentidos en torno a lo escolar. Nos interesa abordar, particularmente, las prácticas y sentidos que los integrantes de dicha experiencia educativa –docentes y estudiantes- ponen en juego cotidianamente en torno al enseñar y el evaluar. Procesos en los que, simultáneamente y de modo heterogéneo, se alude a la educación oficial y a la educación popular, expresándose en tensiones entre el “repetir” y el “inventar”.

Palabras clave: Movimiento social, “bachillerato popular”, experiencias educativas, enseñanza, evaluación.

-

-

LA EXPERIENCIA DE LOS BACHILLERATOS POPULARES EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES: DISPUTAS EN EL CAMINO DE LA ILEGALIDAD HACIA EL RECONOCIMIENTO OFICIAL

Prof. Nahue Luna- Cs. Antropológicas - UBA

Hacia el año 2001 emergen en la Argentina, tanto en el conurbano bonaerense como en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires experiencias autogestivas de educación de jóvenes

y adultos: *los bachilleratos populares*. Nacidos en el seno de organizaciones sociales y también dentro del movimiento de fábricas recuperadas, estas experiencias comenzaron a transitar el camino de lucha hacia el “reconocimiento oficial” de sus espacios educativos.

En este trabajo pretendo pensar en torno al concepto de *resistencia* a partir del camino recorrido por los bachilleratos populares en su lucha cotidiana por dicho reconocimiento.

Los procesos de resistencia son pensados como procesos que se oponen a valores o experiencias hegemónicas, y que buscan la autonomía y la construcción de alternativas. Sin embargo, esos procesos no son totales, las estrategias de dominación y resistencia se actualizan constantemente, así como también lo hacen las formas en que se concibe o piensa a los sujetos subordinados, a los grupos dominantes y por lo tanto también al Estado.

Nos ocupa así, indagar en esas múltiples estrategias de lucha y dominación, y en los modos en los que los sujetos subordinados configuran la *resistencia* y son reconfigurados por ella a través de prácticas y discursos.

Las voces de los diferentes actores fueron relevadas a partir del trabajo de campo realizado desde el año 2010 en el barrio de Constitución, en uno de los bachilleratos populares de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires: “Miguelito Pepe”, MOI (Movimiento de Ocupantes e inquilinos), en el que se realizaron entrevistas, observaciones y registro de actividades, reuniones y clases.

Palabras claves: bachilleratos populares- procesos de resistencia- educación - Estado- movimientos sociales.

LA DEMANDA POR EDUCACIÓN EN BARRIOS POPULARES DEL GRAN BUENOS AIRES: ACERCA DE LA MILITANCIA POLÍTICA, EL VOLUNTARIADO SOCIAL Y LA ACTUACIÓN COLECTIVA DE LOS POBLADORES (1985 Y 2015)

Laura Santillán. Instituto de Ciencias Antropológicas, FFyL (UBA) y CONICET;
laursantillan@gmail.com

En Argentina, la escolarización infantil constituyó tempranamente una preocupación política vinculada al Estado. Para las mayorías populares, la gradual expansión de la escolaridad implicó, junto con la lucha por su acceso, formas de estigmatización y exclusión que han persistido en el tiempo. En el transcurso de las últimas décadas, diversos actores sociopolíticos –en simultáneo con el Estado- comienzan a intervenir de manera renovada en el campo educativo. Voluntarios y militantes que integran a organizaciones populares y Movimientos sociales son algunos de los actores colectivos

que protagonizan una serie de acciones en torno a los/las niños/as. En esta ponencia proponemos aproximarnos al reconocimiento de las formas en que –de manera escalonada y distintiva- diversos sujetos colectivos actuaron en una fracción de la conurbación bonaerense entre 1985 y el 2015. La intención es trascender cierta tendencia –que no involucra a todos los estudios- de englobar a las actuaciones territoriales bajo un mismo signo. En nuestro caso profundizaremos en las bases materiales y sociales que, en todo caso, configuraron un campo particular de intervención en torno a la educación por parte de tres colectivos diferenciales entre sí. Nos referimos a: a) la militancia estudiantil; b) el voluntariado social; y c) la actuación de grupos de pobladores de los barrios populares. Son nuestras formulaciones hipotéticas que –siempre en referencia a la zona de nuestro estudio etnográfico en el noroeste del Gran Buenos Aires- cada sector participó -y aun participa- en función de recursos sociales y culturales propios, que incluyen de manera sustancial las posiciones que estos colectivos fueron construyendo en torno a la escuela formal y al Estado. Esta consideración no excluye el reconocimiento de las imbricaciones e interdependencias que estos mismos sujetos colectivos pusieron en juego, las cuales resultaron fundamentales en las experiencias y prácticas llevadas adelante por el transcurso de al menos tres décadas.

Palabras clave: educación – acción colectiva- barrios populares- militancia social y política.

LAS PALABRAS MÁGICAS: LO QUE PASA CUANDO SE HABLA DE PUEBLOS ORIGINARIOS EN LA ESCUELA

Florencia Wortman y Ponce

Analía V (UNSJ)

Facultad de Filosofía, Humanidades y Artes – Universidad Nacional de San Juan;
florenciawortman@gmail.com

La presente comunicación se propone compartir algunas de las exploraciones realizadas en el marco de mi tesis de Licenciatura en Ciencias de la Educación, proyecto cuyo objetivo general es conocer el impacto de la problemática actual de los pueblos originarios, y de la del pueblo huarpe en particular, en un colegio secundario preuniversitario de la Provincia de San Juan, Argentina, y sus abordajes pedagógicos en prácticas áulicas e institucionales.

Partimos de reconocer una deuda del sistema educativo respecto de las etnias originarias, por su exclusión material y simbólica en el proyecto político-pedagógico que diera origen a nuestra educación formal: lo que se pretende observar es si esta operación de invisibilización se mantiene o si ha retrocedido, en función de la fuerte presencia de movimientos de reivindicación y lucha política de dichos pueblos en las

últimas décadas.

A través del trabajo de campo de orientación etnográfica se han identificado algunas - aunque restringidas - referencias a la problemática en la vida escolar, y en particular una propuesta de abordaje sistemático de la situación histórica y actual de los pueblos originarios en el país y en la provincia, en la materia “Antropología” de la Orientación Humanidades y Ciencias Sociales (en el Ciclo Orientado de la Educación Secundaria).

Se destaca especialmente el testimonio de una alumna, que a partir de la propuesta de la asignatura hace pública y resignifica parte de su historia familiar vinculada a procesos locales de reivindicación de identidades originarias del pueblo huarpe.

Palabras claves: pueblos originarios – escuela – relato familiar – huarpe.

-

-

ETNOGRAFIA DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

Max Maranhão Piorsky Aires (UECE)

George Arruda (UECE)

Filipe Pinheiro Rodrigues (UECE)

Este trabalho compara as políticas educacionais formuladas para indígenas e quilombolas no estado do Ceará, Brasil. O objetivo é compreender a política pública como uma prática cultural produzida, parcialmente, no interior dos aparatos burocráticos estatal. O trabalho explora os documentos, as biografias de técnicos importantes na formulação e implementação destas políticas, bem como as representações sobre indígenas e quilombolas e a descrição do cotidiano de trabalho destes técnicos. Pretendemos lançar a hipótese de que o desenvolvimento de uma política pública para estes grupos depende da articulação entre os seguintes fatores: (a) a ideologia regional que percebe o indígena como símbolo da cearensidade e a ideologia da “quase ausência de negros” no Ceará que exerce influência nas políticas de reconhecimento dos grupos; (b) as trajetórias de militância dos técnicos e a experiências de mobilização de lideranças indígenas e quilombolas; (c) a presença de diretrizes formuladas nacionalmente.

Sesión 6. Sujetos y aprendizajes en contextos formales e informales

-
-

EDUCACIÓN SEXUAL Y ESCUELAS CATÓLICAS DE ÉLITE. UNA APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA A LAS TENSIONES QUE TRAE LA INDIVIDUACIÓN SEXUAL CONTEMPORÁNEA

Pablo Astudillo Lizama. Centre de recherche sur les liens sociaux. Université Paris Descartes (Paris V); pablo.astudillo@etu.parisdescartes.fr

¿Cómo se enseña la sexualidad dentro de escuelas católicas de élite? ¿Cuánto ha permeado la retórica de la individuación y la diversidad en materia de sexualidad dentro de este espacio social? ¿Cómo el modo de hablar sobre sexo puede ser hoy un factor diferenciador de instituciones que compiten entre sí?

Adoptando una aproximación etnográfica, esta investigación ha observado como dentro de los planes de educación sexual de escuelas católicas de élite cohabitan diversos discursos y normas sobre la sexualidad individual (psicología, teología, pedagogía, prácticas parentales, narrativas adolescentes etc.) que obligan a la reinterpretación constante de los discursos formales sobre la “correcta sexualidad” más allá de lo que establecen la Iglesia. Al mismo tiempo, las escuelas católicas deben ofrecer claves para mantener y acompañar el “gobierno del sí mismo”, factor clave de la modernidad que hoy genera nuevas desigualdades entre generaciones, géneros e identidades sexuales. En consecuencia, existen múltiples formas de resolver esa tensión entre visibilidad y opacidad que caracteriza el modo de reflexionar sobre la sexualidad personal; diversidad que se utiliza como un mecanismo de diferenciación y consolidación de un proyecto educativo particular.

En otras palabras, es al observar los discursos y las prácticas cotidianas en materia de educación sexual que se evidencian las tensiones que experimenta una organización educativa particular, cuando los individuos en ella buscan modernizar su discurso sobre la sexualidad, siendo consistentes con el modo que interpretan la realidad social y, al tiempo, manteniendo ciertos valores que consideran indispensables para integrar la comunidad donde se identifican.

Palabras clave: escuela, sexualidad, etnografía, individuación.

LA CONSTRUCCIÓN DEL ROL DEL EDUCADOR EN FORMACIÓN PROFESIONAL BÁSICA (FPB) ABORDAJE ETNOGRÁFICO DE LAS TRAYECTORIAS DE LOS EDUCADORES Y LA CONSTRUCCIÓN DE SU

IDENTIDAD PROFESIONAL

Gatti, Pablo. UdelaR; pablo.gatti@fic.edu.uy

El presente trabajo busca analizar la construcción del rol del Educador en el contexto del Consejo de Educación Técnico Profesional. En este sentido se analiza la inserción de la figura del Educador a partir del Plan 2007 de Formación Profesional Básica (FPB 2007). La complejidad de la institución en la cual se inserta implica una constante negociación del rol del Educador, entre el deber ser y las constricciones que la propia institución ejerce. Las siguientes consideraciones se realizan a partir de un abordaje etnográfico de las trayectorias de los educadores y la construcción de su identidad profesional en relación a las lógicas institucionales en la cual se inserta.

Palabras clave: Etnografía, Educadores, Identidad profesional.

“LAPIDANDO DIAMANTES”: REFLEXÕES ACERCA DO DOM E DA APRENDIZAGEM EM UM TERREIRO DE UMBANDA

Renata Silva Bergo. Instituto de Educação de Angra dos Reis – Universidade Federal Fluminense (IEAR/UFF) – Brasil; renatasilvabergo@gmail.com; renatabergo@id.uff.br

A polaridade entre o que é inato e o que é adquirido é tema recorrente nos estudos sobre religiões de matriz africana. O presente trabalho tem por objetivo apresentar reflexões sobre o que pensam e dizem os umbandistas a respeito da suposta oposição entre dom e aprendizagem em seu universo religioso, propondo uma abordagem que reconhece o caráter múltiplo, e não dualista, da questão.

Tais reflexões têm origem em minha pesquisa de doutorado realizada em um terreiro de umbanda na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais- Brasil). As narrativas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa apresentam, por um lado, uma compreensão nativa das funções assumidas na casa de culto como sendo parte de uma missão a qual não podem se furtar. Por outro, suas declarações também revelam que os umbandistas entendem que este destino só se cumpre, ou se cumpre da maneira que julgam correta, se aquele que ouvir “o chamado do orixá” entender que será preciso um grande esforço pessoal para se integrar a comunidade religiosa que conformará seu processo de vir a ser efetivamente um membro legítimo da religião.

Essa perspectiva que implica (e não opõe) dom e aprendizagem faz pensar que um participa do outro e permite melhor compreender a complexidade de significados presentes em suas falas. Na cosmovisão umbandista é perfeitamente possível, portanto,

combinar a crença no caráter inato da mediunidade com a necessidade de “lapidação do dom”, num processo muito peculiar de interdependência.

Palavras-chaves: aprendizagem na prática; umbanda; educação; antropologia.

SUJEITOS DE CONHECIMENTOS: LUGAR ATRIBUÍDO A CRIANÇAS E JOVENS EM PROJETO ENTRE MUSEU E ESCOLAS DO SEU ENTORNO

Irene C. M. Portela. Aluna de doutorado do PPGCP/UFF. Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. Trabalha na Coordenação de Educação em Ciências - CED do MAST/MCTI; honeill@oi.com.br

No trabalho pretende-se discutir projeto em implementação no MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins que recorreu a um "olhar antropológico" na sua construção. A conjunção direta entre Antropologia e Educação é relativamente escassa, aspecto ainda mais saliente quando se trata da "popularização da ciência" em ambientes não formais. Apesar de comumente se considerar necessário estabelecer um diálogo com a 'cultura' dos grupos aos quais a divulgação de conhecimento científico se destina, os limites de tal esforço costumam ser estreitos. Isto é particularmente agravado quando se trata de público escolar e do estatuto, inquestionado, que se costuma atribuir às crianças e jovens. Um aspecto central do projeto que se gostaria de discutir no GT é a tentativa de ir ao encontro dos processos cognitivos e afetivos das crianças e adolescentes nas experiências de lidar com informações científicas. Busca-se encará-los como sujeitos portadores de cultura e formas de apreensão e decodificação e, assim, como atores importantes a serem levados em conta em todas as situações de ensino; neste caso particular, para análise de condições de recepção de saberes científicos hegemônicos em ambientes não formais. Quer-se também abordar a vontade de conseguir um maior envolvimento dos professores no recurso ao museu como espaço para aprofundar processos de aprendizagem e a mudança na perspectiva dos mediadores em direção a processos de maior empatia com alunos e professores, nesse esforço de redesenho das redes de relações que se estabelecem em ambientes de educação não formal.

Palavras-chave: "olhar antropológico"; espaços de educação não formal; estatuto atribuído a alunos; aprendizagem de ciência; mediadores.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ACAMPAMENTO DO MST

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. Professora do programa de pós-graduação
EM Educação da UFPE; socorronunesmacedoufsj@gmail.com

Juracy Guimarães. Universidade Federal de São João Del-rei

Este trabalho analisa práticas de letramento construídas por integrantes de um acampamento do Movimento dos Sem Terra (MST) em Minas Gerais, Brasil. A perspectiva teórico-metodológica baseia-se nos Novos Estudos Sobre Letramento que consideram a leitura e a escrita como práticas socioculturais contextualizadas e marcadas por relações de poder (STREET, 1984). Além disso, os conceitos de disponibilidade e acesso à cultura escrita, de Kalman (2003; 2004), foram úteis para uma maior compreensão dos eventos de letramento (HEATH, 1983) encontrados no interior do acampamento. Os dados foram coletados por meio de uma perspectiva etnográfica (GREEN; DIXON e ZAHARLICK, 2005). Além das notas de campo, foram realizadas 29 entrevistas e conversas informais com acampados assíduos do acampamento com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos à leitura e à escrita nas suas vidas cotidianas. Destacamos para análise dois eventos considerados bastante frequentes entre os sujeitos: a leitura de impressos presentes na cozinha coletiva e a assinatura do nome próprio no caderno de controle dos acampados. Esses eventos indicaram o uso contextualizado da escrita, com função social diferente. No primeiro, observamos a leitura construída espontaneamente pelos integrantes do acampamento a partir do acesso a impressos disponibilizados na cozinha. No segundo, o uso da assinatura do nome para controle de participação dos acampados com o objetivo de distribuir as terras da fazenda quando esta for efetivamente desapropriada. Aqui está implicada uma relação assimétrica de uso da escrita, marcada pelas relações de poder que os coordenadores de núcleo do MST estabelecem com os sujeitos acampados.

Palavras-chave: Letramento – evento – etnografia – MST.

GT 47. PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE ALTERIDADES EM CONTEXTOS PLURAIS

Coordenadores:

Luiz Henrique Passador (Unifesp/Cebrap). Professor de antropologia do cmapus
Baixada Santista/Universidade Federal de São Paulo e Pesquisador Associado do

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; lhpassador@gmail.com

Melvina Araújo (Unifesp/Cebrap). Professora de antropologia do departamento de ciências sociais/EFLCH/Universidade Federal de São Paulo e Pesquisadora Associada do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; melvinaafra@yahoo.fr

Michel Cahen. Directeur de recherche CNRS, HDR UMR n° 5115 "Les Afriques dans le monde" CNRS/Sciences Po Bordeaux; m.cahen@sciencespobordeaux.fr

A CISÃO DA CRISTANDADE: MISSIONÁRIOS PROTESTANTES *VERSUS* A CIRCUNCISÃO FEMININA KIKUYU

Alessandra Gando Guerra. Mestranda em Ciências Sociais pela UNIFESP; alessandra.gandoguerra@gmail.com

No Quênia, na década de 1920, uma situação começa a se configurar: missionários protestantes de algumas denominações, entre elas *Church Missionary Society*, *Gospel Missionary Society* e *African Inland Mission*, entendem que a prática da circuncisão feminina entre os Kikuyu (grupo populacional majoritário no Quênia) era uma prática “selvagem” e deveria ser banida. Entretanto, a circuncisão feminina, assim como a masculina, era considerada fundamental para um kikuyu, pois, se situava no contexto de passagem para a idade adulta e sem ela o homem ou a mulher kikuyu não eram considerados aptos para participarem das decisões de sua comunidade e seriam, portanto, marginalizados. Nesse momento, porém, muitos kikuyus já eram cristãos e quando chegou a notícia de que se praticassem ou incentivassem a circuncisão feminina seriam excomungados, além de serem banidos de qualquer atividade oferecida à eles pela missão, como trabalho e escola, parte deles decidiu pela criação de suas próprias igrejas cristãs e seus fiéis poderiam e deveriam manter os “costumes tradicionais”, em especial, a circuncisão.

Tendo isso em vista, a proposta de comunicação em questão pretende analisar como se deu o processo de criação das igrejas independentes, observando as relações dos missionários protestantes e dos kikuyus cristãos com a circuncisão, buscando com isso compreender os conflitos que levaram esses kikuyus a fundarem suas próprias igrejas e se assumirem como cristãos independentes.

O FEITIÇO DOS “OUTROS”: BREVE ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO DE ALTERIDADES NAS VIGÍLIAS DO “RETETÉ” E NOS RITUAIS ZIONISTAS

Clayton Guerreiro. Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e pesquisador do Grupo de Estudos Sobre Mediação e Alteridade (Gema/Cebrap).

Esta comunicação tem o intuito de analisar a questão da produção de alteridades, a partir da circulação da categoria “feitiçaria”, nas vigílias dos pentecostais do “reteté”, na Baixada Fluminense, e nas Igrejas Zione, em Moçambique. No que concerne ao caso brasileiro, os “trabalhos de feitiçaria” são associados, sobretudo, às práticas das religiões afro-brasileiras. Entre os africanos, os feiticeiros a serem combatidos são os curandeiros das religiões tradicionais. Em ambos os casos, os agentes religiosos realizam intenso combate simbólico aos supostos feiticeiros, através do poder atribuído ao Espírito Santo, considerado por eles como mais poderoso do que os “demônios” que possuiriam os “outros” e causariam diversos males nas vidas daqueles que são atingidos pelos feitiços.

"TEMPO DE ESTIO: DOIS TEMPOS, UM MESMO VAZIO"

Diego Ferreira Marques. Professor do Depto. de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA

Considerando dados de pesquisas conduzidas entre comunidades pastoris de língua OtjiHerero, na bacia do Cunene/deserto do Namibe, em Angola, e entre comunidades de fundo de pasto no sertão semiárido do São Francisco, no extremo norte do Estado da Bahia, a reflexão aqui proposta ensaia um duplo movimento. Por um lado, trata-se de compreender como dinâmicas coloniais e movimentos de ocupação territorial historicamente singulares incidem sobre contextos de crise socioambiental convergentes, inclusive porque decorrentes de fenômenos complexos e verificáveis em escala global, produzindo "proximidades relativas" quanto aos modelos de resiliência, resposta e reelaboração cultural dessas comunidades diante de tais quadros críticos. Por outro, no espírito de um debate mais específico no campo dos Estudos Africanos no Brasil, trata-se de se servir de comparações como esta para discutir as potencialidades (e eventuais limites) de caminhos de pesquisa em que a opção comparativa relacionada a contextos africanos possa incidir sobre problemas do espaço nacional brasileiro - ou latino-americano, de forma mais ampla - sem necessariamente estar vinculada à agenda de preocupação dos chamados Estudos Afro-Brasileiros (ou das comunidades afro-diaspóricas na América).

Palavras-chave: Namibe, Vale do São Francisco, pastorícia, pós-colonialismo, crise

socioambiental.

TRADIÇÃO COMO ALTERIDADE EM MOÇAMBIQUE

Luiz Henrique Passador. Doutor em Antropologia Social, docente do Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva da Unifesp, e pesquisador associado do Cebrap

Nessa comunicação nos propomos a analisar o papel que a categoria tradição assume nos processos de mediação e produção de alteridades em Moçambique, operando como um sentido indexado que codifica alteridades num contexto histórico de disputas e conflitos que remetem ao período colonial, mas que são atualizadas de formas diversas no contexto pós-colonial.

A tradição em Moçambique é um campo reconhecido emicamente pelos diversos agentes inscritos naquele contexto. Ela é uma categoria que estabelece campos semânticos, discursivos e pragmáticos que os agentes mobilizam e manipulam constantemente. O campo social definido por eles como tradição, contudo, tem fronteiras móveis que ora incorporam, ora excluem elementos por um movimento constante de classificação de pessoas, ações, espaços e eventos, produzindo e definindo alteridades. Não há um consenso fixo sobre o que é ou não tradicional. Porém, há um consenso permanente em torno do reconhecimento de que a tradição é um dado de realidade, e esse reconhecimento legitima formas de atuar sobre aquele contexto. A consequência disso é que a tradição atravessa as várias instâncias da vida social e política em Moçambique: das relações interpessoais à esfera do Estado, passando pelas noções de pessoa e corpo, pela forma de classificar crenças e religiões, pela maneira de interpretar desordens e doenças, pelas formas de estabelecer a autoridade e instâncias de poder legitimadas pelo consenso informal e/ou pelas instituições oficiais, e pela maneira de interpretar os eventos e processos históricos – o que inclui as guerras. Assim, a tradição é uma categoria a partir da qual se organizam agências e os campos social, político, econômico, jurídico, moral, religioso, educacional, médico, etc.

Palavras-chave: Moçambique, tradição, mediação, alteridade, antropologia.

A AMETRAMO EM MOÇAMBIQUE: JAMAIS FOMOS MODERNOS

Mario Teixeira de Sá Junior. Professor Adjunto PPAnt/UFGD; –mariosa@ufgd.edu.br;

A Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique foi criada em setembro de 1992, como forma de solução a um impasse surgido com a Guerra Civil em Moçambique (1977/1992), após o processo de separação de sua metrópole (Portugal) em 1975. Após um período de perseguição às manifestações religiosas tradicionais, considerada pela FRELIMO (partido de base Marxista vencedor da Guerra Civil) como fruto da ignorância e do obscurantismo tradicional, ocorreu o processo de reconhecimento e institucionalização das práticas tradicionais. A associação se constituiu em um órgão regulamentado pelo governo e reúne os curandeiros (médicos tradicionais) que realizam atendimentos através de consultas com um oráculo ou recebimento de espíritos de antepassados. Os médicos tradicionais, para atuarem, necessitam de uma carteira da Associação que comprove sua filiação. Dentre os serviços prestados por esses profissionais estão: a cura para doenças físicas e espirituais, normalmente ligadas entre si, soluções de conflitos familiares, questões de terra, problemas de ordem natural (ex: falta de chuva, morte de animais), problemas judiciais (roubo, furto) e interferem em grandes questões, como os problemas gerados pela Guerra Civil. Desde o nascimento até após a morte os curandeiros interferem na vida da comunidade. A proposta é apresentar o papel dos curandeiros na História de Moçambique e, de forma especial, o da AMETRAMO como intermediária na releitura sócio-cultural 'tradicional' e 'moderna' em Moçambique.

DOS ORFANATOS À FORMAÇÃO DE UMA NOVA ELITE KIKUYU: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO DE ALDEIAS CATÓLICAS NO QUÊNIA

Melvina Afra Mendes de Araújo. Doutora em antropologia social, professora do departamento de ciências sociais da Unifesp e pesquisadora associada do Cebrap

Nessa comunicação nos interessa pensar sobre o papel do recolhimento e adoção de órfãos por missionários da Consolata, no Quênia, entre 1902 e 1930, na constituição da “nova elite católica kikuyu”. Nesse sentido, interessa, sobretudo, refletir sobre o destino que tiveram esses órfãos após terem se tornado adultos, atentando para as posições eles ocuparam na sociedade queniana e nos tipos de relações que mantinham com seus concidadãos. Isso será feito tomando como ponto de partida a sugestão de Lonsdale de que as “novas elites não-oficiais”, formadas nas missões cristãs, assumiram o controle do processo de descolonização e estabelecimento de um estado nacional queniano. Assim sendo, avento a hipótese de que uma parte dessa “nova elite não oficial” seria constituída pela “nova elite católica kikuyu” que, por sua vez, tinha entre seus membros alguns dos órfãos recolhidos por missionários da Consolata nas florestas próximas às aldeias junto às quais atuavam. Essa afirmação se ancora no fato de que, de acordo com o padre Perlo (1922 e 1923), alguns desses órfãos, ao chegarem à idade adulta, contraíram matrimônio e construíram suas casas no entorno das missões. Essas casas teriam dado início à fundação de aldeias católicas, nas quais seria formada a “nova elite

católica kikuyu”.

A demonstração dessa hipótese será feita a partir da análise de documentos produzidos pelos missionários da Consolata, uma congregação católica italiana, dentre os quais se incluem relatórios sobre as realizações da missão, cartas e diários, alguns deles publicados na revista *La Consolata* (um instrumento de divulgação dessa congregação), que serão confrontados com relatos de viajantes, administradores coloniais, textos de etnólogos, historiadores e demais pesquisadores cujo trabalho foi dedicado ao contexto estudado.

Palavras-chave: novas elites não oficiais, Quênia, missionários da Consolata, alteridade, antropologia.

ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E DEMANDAS POLÍTICAS ENTRE POVOS INDÍGENAS EM PERÍMETRO URBANO

Luciana Marinho de Melo – Doutoranda em Antropologia – Programa de pós-graduação em Antropologia – Universidade Federal do Pará marinhodeluciana@gmail.com

A presente discussão se situa na atribuição de contornos políticos às alteridades de grupos étnicos residentes em perímetros urbanos, tomando como foco de análise os povos indígenas na cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, situado no extremo-norte do Brasil. O objetivo do artigo é refletir acerca da construção de demandas sociais pautadas da legitimidade e visibilidade identitária em face aos agentes do Estado. Como eixo argumentativo para o desenvolvimento do debate, parto da percepção de que o reconhecimento do pertencimento étnico, bem como o auto-reconhecimento, é negado perante a sociedade civil e poder público, em seus amplos setores, o que exclui os indivíduos que se identificam enquanto indígenas da participação em políticas públicas. Como forma de dialogar, negociar e pressionar tais agentes, iniciou-se um processo de engajamento e consequente empoderamento político de indígenas pertencentes à diferentes grupos étnicos situados em Roraima, onde passaram a construir objetivamente estratégias no sentido da visibilidade e reconhecimento de suas alteridades na cidade. Essas estratégias circundam, basicamente, a criação de movimentos sociais voltados para a defesa dos sujeitos em questão, a apropriação da linguagem e aparelhos burocráticos, a construção de espaços de sociabilidades específicos em contexto urbano, entre outros.

Palavras-chave: Indígenas da cidade; Identidade política; Etnicidade.

CABOCLOS: POPULAÇÃO DIFERENCIADA SOCIAL E CULTURALMENTE

Onete da Silva Podeleski. Historiadora, Mestre em Agroecossistemas e graduanda em Antropologia. Departamento de Antropologia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina; podeleski@hotmail.com

Esta reflexão traz breves apontamentos sobre a categoria ou termo “caboclo” no meio rural, entendendo esses como um grupo diferenciado socialmente e culturalmente, apoiando-se em estudo de caso, realizado na comunidade rural de Taquaruçu, no município de Fraiburgo, na região oeste de Santa Catarina, em 2013, junto aos Remanescentes da Guerra do Contestado. Nesta região, os remanescentes do Contestado, descendentes de caboclos tinham uma orientação de vida dedicada à subsistência familiar. A sua relação com a terra não era de acumulação, e sim dos meios de subsistência garantindo o atendimento das necessidades do seu núcleo familiar, as relações com a floresta como medicina, a criação de animais a solta, não se apropriando de práticas capitalistas de produção comercial com fins lucrativos, predominando as trocas. A partir de pesquisa bibliográfica se traz aportes sobre a formação da população cabocla na região Sul do Brasil, aqui como uma categoria historicamente estigmatizada, principalmente por questões étnico-raciais e práticas culturais diferenciadas.

Palavras-chaves: Caboclos, Guerra do Contestado, Práticas Culturais e Sociais diferenciadas; Questões étnicas.

POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO, ANTAGONISMOS SOCIAIS E MEDIAÇÃO

Renata Medeiros Paoliello. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista

A pesquisa focaliza o problema das relações entre mediadores e beneficiários das políticas de reconhecimento, em particular em comunidades remanescentes de quilombos. Tais políticas orientam-se para o equacionamento da heterogeneidade social e cultural, direcionando-a ao Estado nacional. No entanto, o Estado não é homogêneo, rebatendo-se em seu âmbito as lutas sociais. Isto é notório nesses contextos em que distintas agências atuam, com agendas e orientações diversas sobrepondo-se, e freqüentemente entrando em conflito no que diz respeito à tradução das demandas localizadas aos termos dos seus projetos e programas. Tais contextos são, assim, plurivocais e, ao mesmo tempo, exigem a compatibilização entre demandas diversas e a

intencionalidade unificadora do Estado. Aqui, são entendidos como contextos de mediação intercultural, como proposto por Paula Montero, de acordo com a qual o termo interculturalidade remete a processos político-culturais nos quais se observam práticas discursivas que produzem realidades sociais, e os atos de nomeação e classificação com intenção performativa do Estado dependem da produção do acordo entre os grupos em interação, nos processos de auto-identificação como quilombolas.

Entender como esses processos vêm acontecendo empiricamente conduziu a pesquisa às situações de produção de laudos, relatórios técnicos, textos programáticos e demais produções textuais, bem como à observação de práticas organizativas e relações cotidianas com as agências, em algumas áreas remanescentes do médio Ribeira de Iguape. Agregou, ainda, uma elaboração comparativa em relação a uma forma institucionalizada de mediação intercultural junto ao judiciário francês, estudada durante um período de participação nos seminários do Laboratório de Antropologia Jurídica de Paris.

QUILOMBOLAS DE MUNDO NOVO: CAMPESINOS Y TRABAJADORES

Rodrigo Domenech de Souza. Mestrando em Ciências Sociais - UNIFESP (Brasil);
rodrigo.domenech@yahoo.com.br

A presente comunicação busca analisar o processo sócio-histórico de autorreconhecimento da comunidade de Mundo Novo, comunidade negra rural localizada no município de Areia, Estado da Paraíba, Brasil, em sua construção e agenciamento enquanto categoria social de comunidade quilombola, de acordo com direitos estabelecidos em legislação.

Tendo como base a caracterização da história social da comunidade, a análise do o grupo quilombola de Mundo Novo propõe contribuir para a discussão acerca da constituição histórica das categorias sociais, da afirmação de identidades e das instâncias 'tradicionais' de organização e interação coletivas, em um contexto de conflito fundiário.

Palavras-chave: populações tradicionais; quilombos; comunidade rural; identidade.

QUANDO O NEGRO VIRA O “OUTRO”? CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DA CIÊNCIA E DA POLÍTICA NA PRODUÇÃO DE

DISCURSOS RACIAIS A PARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS NO BRASIL

Fabiano Dias Monteiro. Doutor em Antropologia Cultural (IFCS/UFRJ)

Ao longo do século XX, pelo menos três grandes discursos foram erigidos sobre o negro e sua relação com o desenvolvimento da nação brasileira.

De elemento nocivo ao projeto civilizatório nacional, na versão de saberes como a antropologia criminal da virada do século XX, a componente central do projeto miscigenacionista de inspiração freyreana, o negro (e a negritude) passa(m) a ser redimensionado(s) no imaginário nacional a partir da contribuição da sociologia brasileira pós-1950, quando questões como o papel do racismo na obliteração da ascensão social da população negra e a interpretação das desigualdades sociais em termos raciais passam a compor o repertório investigativo sobre as relações de cor no Brasil.

A apresentação em tela tem como objetivo perscrutar o papel dos livros didáticos oficiais (regulamentados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD) na composição de versões da brasilidade e da negritude e seu condicionamento a forças discursivas vezes originadas nos movimentos sociais, vezes informadas pelas ciências sociais – não se negligenciando a convergência entre esses dois campos.

O material empírico utilizado na pesquisa consiste em livros didáticos adotados pela rede pública do estado do Rio de Janeiro e entrevistas realizadas com professores de ensino fundamental e médio que se constituem em um elemento chave de interpretação e ressemantização dos conteúdos.

Palavras-chave: livros didáticos, brasilidade, identidades, Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, desigualdades.

CONSTRUCCIÓN ESTATAL DE ALTERIDADES Y REPRESENTACIONES SOBRE LOS “OTROS” EN EL CONTEXTO DE LAS CONMEMORACIONES DE LOS BICENTENARIOS DE 2010 Y 2016 EN ARGENTINA

Laura Aylén Enrique. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) - Universidad de Buenos Aires (UBA); aylenle@yahoo.com.ar

Luisina Inés Tourres. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) - Universidad de Buenos Aires (UBA); luisinatourres@gmail.com

Las conmemoraciones de los doscientos años de la “Revolución de Mayo” en 2010 y de la “declaración de la independencia” a celebrarse en 2016 nos brindan un ámbito propicio para repensar aquello que se significa como o a lo que se atribuye rasgos de alteridad desde el estado argentino. Estos sucesos son evocados como hitos fundacionales de la nación y configurados de forma tal que parecieran emerger de un vacío atemporal. De forma paralela, la “historia oficial” ha fomentado y legitimado procesos de marginalización e invisibilización de actores sociales determinados, tales como los grupos indígenas y los afrodescendientes. Aquí nos proponemos indagar en los modos en que estos actores sociales son considerados y representados en una serie de obras de carácter monumental creadas en relación con las conmemoraciones de dichos aniversarios patrios. Entendemos que estas obras constituyen una expresión de las políticas estatales nacionales actuales y por ello el análisis de las mismas ofrece la posibilidad de reflexionar sobre ciertos silencios del pasado y de su reproducción en tanto “olvidos” presentes. Pensamos que estudiarlas como manifestaciones que además ponen en juego el reconocimiento o no de los grupos étnicos que formaron y forman parte de nuestra sociedad nos permitirá echar luz sobre las negociaciones de sentidos en torno a las diversas identidades mediante las cuales se (re)construyen los bicentenarios.

Palabras clave: bicentenarios, alteridades, conmemoraciones, olvidos, Argentina.

**DE MIGRANTES AFRICANOS EN BUENOS AIRES
A AFRODESCENDIENTES ESCLAVIZADOS EN LA PROVINCIA DE CUYO.
UN TRASLADO EN TIEMPO Y ESPACIO, MUDANDO DE CAMPOS DE
SABER, PARA INDAGAR LA CONSTRUCCIÓN DE ALTERIDADES**

Orlando Gabriel Morales. INCIHUSA-CCT CONICET-Mendoza Argentina;
omorales@mendoza-coniet.gob.ar

Esta ponencia propone una reflexión teórico-metodológica acerca del investigador como constructor de alteridad a partir de poner en relación dos investigaciones distintas y sucesivas del autor, lo que implica en este caso un cambio de referentes empíricos (aunque enlazados por construcciones sociales y teóricas que recuperamos y debatimos) con traslado de contexto histórico y espacio geográfico, y mudanza de la antropología social a la microhistoria.

Referimos, por una parte, a un estudio de corte antropológico de las representaciones actuales de afrodescendientes y migrantes africanos en las ciudades de Buenos Aires y La Plata, a través de abordar interacciones personales de migrantes, producciones discursivas de afrodescendientes y discursos de medios de prensa acerca de ambos

grupos.

Por otra parte, a un micro análisis histórico que restituye prácticas de integración social y representación de africanos y afrodescendientes esclavizados y libertos en la Provincia de Cuyo (actuales provincias de Mendoza, San Luis y San Juan, Argentina) en la primera década del período independiente (1810-1820).

Esta relación atiende al hecho de que se trata de producciones de conocimiento en una coyuntura multiculturalista de reconocimiento y visibilización de los afrodescendientes; también al registro de un debate abierto, al menos en el campo de los estudios afrolatinoamericanos en Argentina, en torno del papel del sector académico en la construcción de la histórica invisibilidad de estos grupos.

Palabras clave: afrodescendencia, construcción de alteridad, subalternidad, invisibilización académica, multiculturalismo.

GT 48. ANORMALIDADES: DIFERENÇAS CORPORIFICADAS EM DISCURSOS E PRÁTICAS

Coordinadores:

Olivia von der Weid. Doutora em Antropologia Cultural - PPGSA/UFRJ (2014).
Professora do departamento de antropologia da UFF; oliviaweid@gmail.com

Fabiola Lorena Heredia. Magister en Antropología. Universidad Nacional de Córdoba (UNC); fabiolalheredia@hotmail.com

Leonardo Carbonieri Campoy. Doutorando em Antropologia Cultural - PPGSA – UFRJ;
leocampoy@gmail.com

Sesión 1:

**LOS DISPOSITIVOS PSIQUIÁTRICOS REFORMISTAS EN BRASIL Y CHILE
Y LA GESTIÓN POR LA LIBERTAD: UNA ETNOGRAFÍA DE LAS
PRÁCTICAS COTIDIANAS VINCULADAS A SALUD MENTAL**

Arthur Arruda Leal Ferreira (Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/ UFRJ/ Brasil)

Jimena Carrasco Madariaga (Facultad de Medicina/ UACH/Chile)

El objetivo de este trabajo será describir los dispositivos de reforma psiquiátrica brasileños y chilenos en sus prácticas cotidianas. Estas reformas surgen en los años 1980, en el caso de Brasil, y en los años 1990 en el caso de Chile, junto con procesos más amplios de transición política iniciados al final de las dictaduras militares. Los datos serán levantados a través de la observación de algunas prácticas cotidianas, tales como reuniones de expertos, elaboración de actas y reportes de reuniones clínicas, organización y gestión de fichas clínicas, disposiciones de los espacios, además de opiniones de algunos actores. Igualmente serán considerados los documentos oficiales, en especial la Ley antimanicomial de Brasil de 2001 y Plan Nacional de Salud Mental y Psiquiatría de Chile de 2002. El análisis será hecho, considerando los modos y estilos de gestión de los usuarios y las relaciones con grupos familiares, comunitarios e incluso con el territorio. Para tal, utilizaremos herramientas conceptuales variadas de la teoría Actor Red y de la genealogía Foucaultiana para una comprensión del fenómeno como procesos en los que se da una pugna y una coexistencia de a) antiguos modos de gestión disciplinares de la locura, por ejemplo, las prácticas asilares, y b) nuevas formas de manejo de la locura por medio de la libertad, propias de un modo de gubernamentalidad neoliberal. Ambas convergen generando nuevos modos de subjetividad tanto de intervenidos como de interventores.

ACTUALIDAD, HISTORICIDAD Y SALUD MENTAL EN EL URUGUAY DE 1930. APUNTES PARA UNA INVESTIGACIÓN

Fernando Garcia Press (Facultad de Psicología del Uruguay) Lic. en Psicología, Estudiante de Maestría en Antropología de Cuenca del Plata, Investigador en Proyecto Formación de la Clínica Psicoanalítica del Uruguay en Instituto de Clínica de Facultad de Psicología del Uruguay.

José Guillermo Milán (Facultad de Psicología del Uruguay). Lic. en Lingüística, Docente Grado 4 en Facultad de Psicología, Director del Proyecto de investigación Formación de la Clínica Psicoanalítica del Uruguay en Instituto de Clínica de Facultad de Psicología del Uruguay.

A partir de la Ley de Atención al Psicópata de 1936, hoy vigente y en revisión, textos de Valentín Pérez Pastorini así como trabajos publicados en la Revista de Psiquiatría del Uruguay en la década del 30 se reflexiona acerca de la idea de “actualidad” e “historicidad”.

Se trabaja a partir de una carta escrita por Valentín Pérez Pastorini, Psiquiatra de la Colonia Etchepare y primer Psicoanalista en el Uruguay. Asimismo se articula con la ley mencionada, y se articulan con otros textos publicados en la Revista de Psiquiatría en la década del treinta.

A partir de la muerte de los primeros psiquiatras, B. Etchepare en 1925 y S. C. Rossi en 1936, la psiquiatría trabaja sobre su legado. Década donde se retoman las ideas de aislamiento y encierro, de ocupación, produciéndose nuevos sentidos articulados a cierta sensibilidad.

García Austt (1938:20) es elocuente al plantear que el discurso sobre “la patología mental crea (...) nuevas enfermedades”, reconocimiento de los efectos performativos de los discursos científicos predominantes de la época. Cuestionamiento de lo natural de la enfermedad mental.

El trabajo busca posibles articulaciones entre una idea de “pensamiento actual” de la época, lineamientos teóricos y técnicos así como legales, en el período en el que empieza a estudiarse y ejercerse el psicoanálisis con especificidad. La idea de actualidad convoca a realizarse preguntas, sobre una tensión implícita, pasado y presente que se confunden. Se trabaja dónde se encuentra dicha tensión, quiénes participan y qué papel juega el psicoanálisis en este tiempo de revisión.

Palabras Clave: Historicidad, Actualidad, Discursos, Psicoanálisis, Salud Mental.

DIVERSIDAD, DIFERENCIAS Y NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES EN EL AULA: EXPERIENCIAS Y CREENCIAS DE PROFESORAS QUE TRABAJAN EN DOS ESCUELAS CHILENAS

María Rosa Lissi (Escuela de Psicología PUC/Chile). Profesora asociada de la Escuela de Psicología, PUC/Chile.

Camila Rivas (PUC/Chile). Estudiante del programa de Magíster en Psicología Educacional, PUC/Chile.

La diversidad y la inclusión están fuertemente presentes en las discusiones actuales en Chile, en el marco de la reforma educacional en marcha. Un tema importante es el de la educación de aquellos estudiantes que han sido etiquetados como “alumnos con necesidades educativas especiales (NEE)”.

En el contexto de una investigación etnográfica realizada en dos escuelas de Santiago - una de NSE medio y la otra de NSE bajo-, este estudio buscó responder dos preguntas: ¿De qué hablan las profesoras cuando se refieren a la diversidad del alumnado? y ¿Qué creencias emergen al hablar de las NEE y sus implicancias educativas? En total, diez profesoras fueron entrevistadas. Las entrevistas fueron transcritas y analizadas usando procedimientos de análisis cualitativo de contenido (Mayring, 2000).

Todas las profesoras consideran que sus cursos son diversos, basándose en la presencia de algunos grupos de alumnos que presentarían características diferentes al resto. Entre estas características destacan las NEE, realidades familiares complejas y problemas conductuales. Las profesoras enfatizan los desafíos de la diversidad y señalan que la presencia de alumnos con NEE demanda más trabajo y dificulta el proceso de enseñanza-aprendizaje; generándoles agotamiento y frustración al sentir que ellas hacen “lo que pueden” pero esto no es suficiente. Los resultados se discuten en términos de su relevancia para la formación inicial y desarrollo profesional docente, la importancia de la reflexión en torno a la forma en que se construye al alumno “normal” y “diferente” en la escuela, y las condiciones laborales que podrían contribuir a este proceso.

Palabras Clave: Diversidad, Profesoras, Necesidades Educativas Especiales, Normalidad, Creencias.

INTERSEXUALIDADES E BIOTECNOLOGIAS: PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DE PRODUÇÃO E NORMATIZAÇÃO DAS INTERSEXUALIDADES

Janaína Freitas (UFRGS). Mestranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

Paula Sandrine Machado (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

Os intersexuais, por possuírem corpos que não se enquadram no modelo do dimorfismo sexual, desafiam as noções ocidentais de normalidade corporal. A partir da década de 1950, as pessoas intersexuais são submetidas, desde o nascimento, a uma série de procedimentos cirúrgicos e medicamentosos não-consentidos que visam à adequação ao modelo corporal binário. No que se refere à contemporaneidade, houve a emergência de uma série de técnicas de normatização, produzidas pelas novas biotecnologias, situadas cada vez mais intensamente em um nível “molecular”, que evitam a proliferação desses corpos ditos anormais, através de diagnósticos e tratamentos precoces.

Assim, o presente trabalho reflete sobre o modo pelo qual as intersexualidades estão sendo produzidas e manejadas em um contexto em que as novas biotecnologias constituem ferramentas cruciais no processo de remodelação dos corpos e de produção de subjetividades. A partir de uma “etnografia de arquivo”, esse trabalho propõe, de forma comparativa, discutir a produção e controle das intersexualidades através das tecnologias pré-natais e neonatais de diagnóstico e tratamento da Hiperplasia Adrenal Congênita, citada na literatura médica como a causa mais recorrente de intersexualidade. Para tanto, são analisados artigos científicos brasileiros oriundos da área biomédica que abordam a triagem neonatal da Hiperplasia Adrenal Congênita no Programa de Triagem Neonatal (Teste do Pezinho) no Brasil, bem como os artigos científicos que abordam o diagnóstico pré-natal desta condição, por meio de Testes

Não-Invasivos Pré-Natais.

Palavras-chave: Intersexualidade; Hiperplasia Adrenal Congênita; Biotecnologias; Gênero; Corpo.

DA EMOÇÃO À ENCARNAÇÃO: O AMOR EM PERSPECTIVA BIOQUÍMICA

Arbel Griner (IMS/UERJ). Mestre em Sociologia com ênfase em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da UERJ.

Rafaela Teixeira Zorzanelli (IMS/UERJ). Doutora em Saúde Coletiva e Professora Adjunta do Instituto de Medicina Social da UERJ.

A presente proposta acompanha a discussão acadêmica sobre o “amor” neurocientificamente definido e a potencial produção de “anormalidades” que envolve. “Amor”, nestes termos, é um “complexo” bioquímico que aciona e controla três “sistemas”: o da luxúria, o da ligação e o da conexão. O primeiro promoveria o desejo sexual; o segundo criaria a fixação em um parceiro específico; o terceiro permitiria vínculos afetivos duradouros entre parceiros. A “encarnação” do polissêmico “amor” em termos bioquímicos o reduz, de um lado, a fins de reprodução e criação de uma prole “bem adaptada”. De outro, acarreta um debate, já estabelecido entre éticos e bioéticos de instituições reconhecidas, que objetiva estabelecer parâmetros eticamente válidos para o aprimoramento ou a interrupção químicos de relações amorosas (socialmente) desejadas e indesejadas, respectivamente. Neste debate, que pode ser sintetizado em termos de “medicalização do amor”, evidencia-se a dimensão coletiva da construção de um fenômeno que costuma ser associado ao âmbito mais íntimo e subjetivo. Desde a tese de Georges Canguilhem, de 1943, fomos alertados para a mobilidade socialmente conferida à fronteira entre o normal e o patológico. Nesse sentido, o debate acerca dos limites entre um “amor” socialmente relevante, que justifica uma intervenção química para ser mantido ou aprimorado, e outro, ameaçador e patológico, que demanda uma interrupção, esboça contornos coletivamente traçados para formas normais e anormais de relação. Este trabalho interessa-se pela análise de valores, cosmologias e implicações que emergem com a biologização do amor e com as tensões que o debate a seu respeito suscita.

INTERSEXUALIDADE: ENTRE DESVIOS, FALTAS E EXCESSOS

Paula Gaudenzi (FIOCRUZ / IMS/UERJ). Médica, doutora em Saúde Coletiva na área de Ciências Humanas e Saúde, Pesquisadora da Fiocruz.

Este trabalho toma como objeto de análise a intersexualidade, outrora chamada de hermafroditismo e atualmente definida pelo linguajar biomédico como “distúrbio do desenvolvimento sexual”. O indivíduo intersexual apresenta caracteres biológicos tanto masculinos quanto femininos e sua condição é compreendida pela concepção biomédica como resultado de uma interação anormal dos fatores genéticos e hormonais ligados ao gênero no período pré-natal, uma anormalidade a ser corrigida. Segundo Foucault, na Idade Clássica, os hermafroditas eram representantes de “imperfeições da natureza” ou “desviantes morais” que deveriam ser “reparados”. Tratava-se de corpos “imperfeitos” ou de genitais que não se desenvolveram “adequadamente”, trazendo a noção de falta. Para algumas culturas não ocidentais, porém, a ideia de união dos opostos em um só ser faz do ser andrógono um ser divino, o que está de acordo com a etimologia do termo que se refere à união de dois deuses – Hermes e Afrodite. Nesta concepção, tem-se a ideia oposta de excesso - corpos que se unem, sexos que se duplicam. Evidencia-se o deslocamento do termo de acordo com o universo semântico e simbólico próprio do contexto em que é problematizado. Neste trabalho serão apresentadas reflexões sobre a experiência da intersexualidade a partir de histórias de vida e os discursos dos médicos sobre a questão, a partir de uma etnografia que está sendo realizada no IFF/FIOCRUZ. Ademais, serão apresentados os discursos contemporâneos em três áreas de conhecimento - antropologia, medicina e psicanálise - sobre os corpos supostamente anormais em termos de genitais em sua interface com a construção da subjetividade e com as noções de normalidade, identidade sexual, desvio, falta e excesso.

Palavras-chave: Normalidade, Sexualidade, Desvio, Falta, Excesso.

ALTERIDADE, RISO E SENTIDO: UMA ANÁLISE SOBRE O RISO E A LOUCURA EM VÍDEOS COMPARTILHADOS NA INTERNET.

Jorge Garcia de Holanda (UFRGS). Mestrando em Antropologia Social – UFRGS.

O objetivo deste paper é analisar a produção da figura do louco em um conjunto de vídeos de grande popularidade compartilhados na internet através do site YouTube. Essas imagens consistem em registros audiovisuais – todos possuindo curta duração – que mostram pessoas realizando atos de fala compostos por encadeamentos de signos que são considerados os motivadores para o compartilhamento e a visualização desses vídeos nas páginas do site, sendo amplamente compreendidos por seus públicos como carentes de sentido. Através de uma análise do espaço de comentários disponibilizado pelo site para cada um desses vídeos, busca-se compreender como são mobilizados discursos que aliam uma leitura dessas falas enquanto discursos fora da ordem com a construção de uma noção de loucura como alteridade motivadora do riso. Portanto, trata-se de buscar compreender o processo de produção de uma relação entre o riso e o sujeito louco, atentando para as articulações entre normalidade e anormalidade que os

discursos movidos nos comentários executam, bem como para os mecanismos de legitimação e deslegitimação utilizados para interpretar esses registros de fala.

Palavras-chave: loucura – riso – alteridade – internet – imagem.

LA TEORÍA DE LA DEGENERACIÓN COMO FACTOR ETIOLÓGICO DEL COMPORTAMIENTO CRIMINAL EN URUGUAY A COMIENZOS DEL SIGLO XX

Elizabeth Ortega Cerchiaro (Facultad de Ciencias Sociales, UDELAR) Doctora en Ciencias Sociales con especialización en Trabajo Social, docente efectiva del Departamento de Trabajo Social de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de la República de Uruguay.

María José Beltrán (Facultad de Ciencias Sociales, UDELAR)

El trabajo surge de la indagación de corte genealógico sobre la medicalización del crimen en Uruguay en el pasaje del siglo XIX al XX, que habría tenido como soporte una serie de transformaciones en varios ámbitos de la vida social: el proceso de modernización de la sociedad uruguaya; la creciente consolidación del saber y poder médico; el énfasis en la definición del delincuente y sus características; la adjudicación al criminal de una serie de atributos a partir de anormalidades que permitían vincular la locura con la criminalidad.

Ciertos tipos de comportamientos criminales que se presentaban como irracionales o que eran portadores de algún tipo de anormalidad comenzaron a ser objeto de discursos y prácticas que formaron parte de dispositivos biopolíticos que se extendieron a otras áreas de la vida social.

La psiquiatría incipiente en Uruguay a comienzos del siglo XX emerge como saber médico científico especializado para explicar ciertos comportamientos que atentaban contra el orden y sobre los cuales era necesario tomar medidas de tipo preventivas.

Debido a la influencia de la Escuela Francesa en la formación de los médicos en este período, la teoría de degeneración de Auguste Morel se presenta como la explicación etiológica de la herencia del comportamiento criminal. Se describen los factores del ambiente, sociales y educativos que dan paso a la degradación de la especie sobre los cuales se delinearon un conjunto de medidas de profilaxis social. Se destaca, particularmente, el carácter hereditario del alcoholismo y su vínculo con la locura y la criminalidad.

Palabras clave: Crimen, Locura, Degeneración.

Sessão 2:

HISTORIA ORAL DE LA ENFERMEDAD DE HANSEN. LA ENFERMEDAD EN BUSQUEDA DE LA NORMALIDAD

Natalia Botero Jaramillo (UdeA-Medicina-Colombia) Docente e investigadora, Facultad de Medicina, UdeA.

Jessica Mora (UdeA-Medicina-Colombia) Estudiante Noveno semestre de Medicina Universidad El Bosque.

Daniel Quesada (UdeA-Medicina-Colombia) Estudiante Noveno semestre de Medicina Universidad El Bosque.

La presente ponencia quiere dar cuenta por medio de la historia oral de los enfermos de Hansen o de lepra y sus convivientes, los discursos construidos en torno a las nociones de normalidad y enfermedad, en los municipios de Agua de Dios y Contratación, anteriores Lazaretos en Colombia. Por medio de la memoria de los enfermos y sus familias, en que la entrevista, los recorridos por el territorio y la observación etnográfica se utilizaron como escenarios de interacción social y de construcción de subjetividad, se pudieron rastrear las tensiones y resistencias de los enfermos a ser denominados como sujetos anormales tendientes a reforzar el ostracismo generado históricamente para controlar la enfermedad. En consecuencia, se analiza cómo estos sujetos se posicionaron ante su condición de enfermedad, el diagnóstico médico que reforzó su rótulo de enfermo, y la institución médica del albergue y del lazareto que controló sus vidas, para elaborar unas prácticas y unos discursos en que ponen en tensión los conceptos de enfermedad y de anormalidad, para resignificarse como sujetos ordinarios. Para esta investigación se trabajó con metodologías de investigación cualitativa como la entrevista semiestructurada con relato de vida, las entrevistas temáticas, la observación etnográfica, y la cartografía social, realizada a enfermos y a convivientes en las dos poblaciones anteriormente mencionadas.

LA PRODUCCIÓN DE LO NORMAL/ANORMAL

Claudia Matus (Facultad de Educación-PUC/Chile)

Esta presentación propone que la producción cultural de “lo normal,” aquello que circula como “evidente” y “natural” cuando hablamos de género, sexualidad, raza, clase social, es una forma de conocer que puede ser registrada, documentada y por lo tanto politizada. Dicho de otra manera, el asignar valoraciones y atributos positivos a lo caucásico por sobre lo mestizo, a la cultura heterosexual por sobre la homosexual, a las prácticas de masculinidad y femineidad hegemónica por sobre otras formas de producir

el género, es un aprendizaje que es posible de rastrear. Al considerar la ideología de lo normal (la valoración irreflexiva de una forma única de producir subjetividades, e.g., lo caucásico) en el mismo estatus de aquello que se piensa como distinto y desviado, existe la posibilidad de cuestionar el rol generativo de los discursos de “lo habitual” de la producción de lo normal. En esta presentación hago uso de entrevistas etnográficas con profesoras para mostrar como la producción de “lo anormal” está fundado en una idea incuestionada y despolitizada de lo normal. El foco por lo tanto, está puesto en describir trayectorias de organización del conocimiento que resultan en la consolidación de ideas esencialistas acerca de quiénes somos.

Palabras claves: normal, anormal, trayectoria, subjetividad, incitación.

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL NO JOGO DE BOCHA PARALÍMPICO: AS CORPORALIDADES E OS CONCEITOS DE SAÚDE E DEFICIÊNCIA

Estephani Vargas (UFF). Aluna de graduação em antropologia pela UFF.

O esporte adaptado/paralímpico é um tema ainda pouco explorado pela Antropologia e possui ricas especificidades como a pluralidade de “classes” que cada modalidade dispõe. As “classes” comportam corporalidades múltiplas com limitações e potencialidades distintas e apenas podem competir com maior igualdade se reguladas pelo “sistema de classificação funcional”. A “classificação funcional”, que tem seu berço nos saberes biomédicos, tem por finalidade, através de uma avaliação física do atleta, traçar uma similitude entre corpos deficientes e, assim, estabelecer maior igualdade entre os competidores. O presente resumo nasce como fruto de minha pesquisa etnográfica realizada junto ao time do Jogo Bocha Paralímpico da Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF). O trabalho de campo realizado *in loco* busca compreender “os ponderáveis da vida cotidiana” destes atletas durante os treinos e no momento específico da “classificação funcional” que precede os jogos dos campeonatos regionais. Os atletas desta modalidade paralímpica possuem deficiências severas, como os paralisados cerebrais e outros tetraplégicos de natureza congênita e “não-congênita”, estes são divididos em quatro “classes”: de BC1 à BC4. Tenho por objetivo apresentar um dos eixos sob os quais a minha pesquisa se desenvolve e é sob o esteio teórico da antropologia da saúde que busco problematizar os conceitos de “saúde” e “deficiência” trazendo à baila os discursos apresentados por meus interlocutores. Proponho refletir sobre como os atletas e os demais envolvidos no Jogo de Bocha entendem o corpo, a saúde e a deficiência, como constroem suas prática em torno do saber biomédico e as implicações em suas vidas cotidianas.

Palavras-chave: Antropologia dos Esportes; Antropologia da Saúde; Deficiência; Esporte Paralímpico

CONSTRUINDO DIFERENÇAS E IDENTIDADES: CATEGORIZANDO DEFICIÊNCIA E ANORMALIDADE NO COTIDIANO DE UMA COMUNIDADE RURAL

Carolina Albuquerque (UFPE). Bacharel em Ciências Sociais com área de concentração em Antropologia pela UFCG. Mestranda em Antropologia Social pela UFPE. Bolsista Capes.

O presente trabalho pretende explorar analiticamente um cenário etnográfico, a saber: as relações entre os moradores da Serra de Inácio Pereira – sítio de um pequeno município (Barra de Santana) no interior da Paraíba, especificamente como são vistos, classificados e se colocam diante de uma característica específica. Este lugarejo, onde vivem aproximadamente 600 indivíduos, dos quais uma proporção de 1/6 é identificada como surda, é referenciado pelos moradores dos sítios vizinhos, como sendo lugar de pessoas denominadas como “brabos”, “doidos”, “índios”, “mudos” e tem sido mais recentemente tomado como lugar que necessitaria de uma atenção por agentes públicos, identificada a partir da presença de um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) que deveria atender os deficientes e/ou “anormais”, mais propriamente os surdos que lá vivem. Nesse sentido, a proposta gira em torno de pensar como se produz identidades e diferenças, ou seja, refletir como neste cenário envolvendo grupos, instâncias administrativas e políticas de Estado se constroem classificações e estigmas sobre os moradores de Serra de Inácio Pereira (ouvintes e surdos) e de como estes operam com tais marcadores sociais (políticos, administrativos, médicos). Assim, devido as suas singularidades e a uma narrativa local estigmatizadora, se separam indivíduos “normais” e “anormais”, atribuindo-se deficiência, reduzindo-os às “inconformidades” do corpo, onde ficamos diante da situação em que tais indivíduos são totalizados por uma característica e esta tende a ser naturalizada e tomada como produto das suas "restritas" faculdades biológicas, ignorando-se inclusive inventividades locais, como a linguagem de sinais por eles desenvolvida e operadas por todos na Serra de Inácio Pereira.

Palavras – chave: Anormalidade; Surdez; Classificação Social; Estado.

DEFICIÊNCIA, INTERDEPENDÊNCIA E PRODUÇÃO DE SUJEITOS: REFLEXÕES SOBRE REDES DE CUIDADO E GERENCIAMENTO DE RECURSOS EM UMA FAMÍLIA DE CLASSE POPULAR.

Helena Moura Fietz (UFRGS) Mestranda em Antropologia Social – UFRGS.

Os autores dos *Disability Studies*, ao romper com o modelo biomédico e dar início ao *modelo social da deficiência*, propuseram uma compreensão da experiência da desigualdade enquanto imposta por barreiras sociais e não por com corpo com lesão. Assim, a anormalidade, enquanto um valor estético, passou a ser entendida enquanto pertencente a *economia moral* de determinada sociedade. Anos depois, estudiosas

feministas agregaram a dimensão do corpo a este debate, trazendo para o centro da discussão questões referentes ao *cuidado* e a *interdependência*. A experiência de se viver com a deficiência deve ser encarada, desta forma, enquanto múltipla. O presente trabalho propõe, a partir de um trabalho etnográfico realizado em um bairro de classe popular de Porto Alegre, refletir sobre os recursos acionados por famílias de baixa renda para lidar com uma pessoa com deficiência intelectual. Para tanto, escolhi como recorte do universo empírico a descrição da trajetória de uma mãe que, em suas práticas e relações cotidianas, convive com aquilo que entende como os “problemas de cabeça” da filha já adulta. Trazendo para o centro da análise as noções de *deficiência*, *cuidado* e *interdependência*, inseridas dentro do campo de debates dos estudos da deficiência, se identificará as relações estabelecidas entre as práticas da mãe/cuidadora e outras tecnologias de governo que são interpeladas nesse contexto. A partir de uma descrição da vida cotidiana desses atores se fará, portanto, uma reflexão que vai para além de seu ambiente doméstico, articulando-se diretamente com questões de governamentalidade e produção de sujeitos.

Palavras-chave: Deficiência – cuidado – interdependência – tecnologias de governo

CORPOS (IN)DÓCEIS OU O PODER DOS OUVINTES SOBRE OS SURDOS.

Maria Izabel dos Santos Garcia (UFF) Doutora (UFRJ) e Professora adjunta (UFF)

As reflexões que atravessam o conteúdo dessa proposta são as relações de poder e dominação dos corpos das pessoas deficientes, particularmente, os surdos. A mesma tem por base alguns conceitos tratados por Foucault, Canguilhem e Deleuze, como norma, discurso, disciplinarização de corpos e processos de singularização e subjetividades. Foucault em seus trabalhos aponta para a questão de como o corpo – ao menos desde o século XVI – serviu na formulação de um saber, de um discurso de poder. Ao corpo também pode se atrelar a categorias como terceira idade, adolescência, idade adulta, todas marcadas pela ideia biologizante de uma idade cronológica se apresentando como um elemento que se enoda a outros que possuem configurações que assemelham, diferenciam e identificam certo tipo de corpo: idoso, jovem, adulto. Acreditamos ser possível utilizar a deficiência como mais um vetor na rede de conexões em que estamos lançados, uma vez que entendemos ser este um movimento característico da própria vida, pois viver é produzir conexões. Assim, pretendemos traçar um percurso através do relato de experiências de pessoas que exprimem a potência da vida em corpos ditos deficientes. No caso dos surdos, como diferentes autores apontam, o lugar da deficiência e da surdez em particular vem sempre acompanhado de um sentido ouvintista – aquele que provém das pessoas que ouvem pelo canal auditivo. Foucault nos adverte que não podemos apenas identificar os fatos que suscitam um posicionamento e uma atuação, mas é necessário nos perguntarmos por aquilo que permitiu a constituição de tais fatos ou situações que se colocam como ponto de partida num dado contexto. Como Canguilhem, ele propõe uma nova concepção para se pensar o estado normal dos indivíduos, a vida como atividade normativa, como polaridade. Por esse caminho e perseguindo o método foucaultiano, podemos afirmar que um objeto surge dentro de determinadas condições de

possibilidades, ou seja, cada época faz emergir certas designações, divisões e formas de controle. Como muito da produção de subjetividade sobre os surdos e sua língua ainda se inscreve em modelos clínicos cujos pressupostos tomam por base a ideia de um corpo defeituoso, tem-se a construção de um discurso – sob a égide da verdade científica – que segrega esse grupo dentro de certos limites sociais. Um desses limites pode ser percebido na chamada educação especial ou inclusiva. Acreditamos ser ainda um grande desafio desfazer-se de estigmas que inscrevem e congelam esse modo de existência surda do lugar da deficiência – aqui considerada como lugar de produção de um tipo subjetividade que estigmatiza – realçando a falta de audição como aquilo que difere as pessoas surdas das pessoas ouvintes. Assim, o debate atual em torno desse grupo social têm produzido uma nova visibilidade que clama pelo reconhecimento de uma identidade, de uma cultura, de um povo surdo. Tal fato tem deflagrado a dinâmica relacional entre surdos e ouvintes, demarcando novos territórios e apontando para uma processualidade assimétrica de poder, o que por sua vez tem fornecido as bases para a reivindicação por uma política das diferenças por parte dos movimentos sociais em torno da surdez.

Palavras-Chave: Surdos, anormalidade, deficiência, corpo, poder.

TRAYECTORIA DE VIDA Y CEGUERA ADQUIRIDA

Valentina Ahumada (UNS-Salta)

Se pretende reflexionar sobre las condiciones, características y tensiones que determinan la construcción del espacio, de la visibilidad, la producción de imágenes y la cosmovisión, desde un estado de ceguera, tomando por caso de análisis y estudio la trayectoria de vida de una persona que en un momento de su vida perdió el sentido de la vista. Se tienen en cuenta estereotipos y prejuicios sociales en torno a la ceguera; que caracterizan la sociedad moderna donde la cultura visual adquiere un lugar hegemónico. Se parte de la noción de que la discapacidad es una construcción sociocultural que presenta sus particularidades de acuerdo al momento histórico analizado.

Se pretende correrse de una lectura biologicista, que inferioriza las condiciones de las personas categorizadas como “discapacitados”, para resaltar la capacidad de agencia de las mismas, y el uso de los recursos de los que disponen.

Como objetivos generales se busca aportar y contribuir al estudio sobre discapacidad de reciente aparición en América Latina, desde un estudio situado.

Como metodología principalmente se realizaron entrevistas abiertas a una mujer para indagar y profundizar sobre su trayectoria de vida, comienzo de su condición de ceguera y su forma de relacionarse con el mundo.

Palabras clave: ceguera, percepción, discapacidad/capacidad, habitus.

O CORPO QUE ESCUTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA SOCIAL DA SURDEZ

Daniele Lemos Moreira (PPGS/UFF) Bolsista Capes – PPGS/UFF

O trabalho apresentado se reflete como consequência de indagações colocadas a partir da pesquisa desenvolvida para o trabalho monográfico que buscou inicialmente compreender se a utilização de conceitos como identidade e cultura surda por parte dos indivíduos surdos poderiam constituir uma manipulação do estigma. Considerando o debate teórico sobre a existência ou não de uma cultura ou identidade surda, colocamos como questão central a investigação sobre como o surdo opera tais conceitos e a possibilidade do surdo utilizar na sua vida social o conceito de cultura e identidade surda diretamente relacionado com a aquisição e utilização da Língua de sinais como maneira de manipular/negociar o estigma. Para tanto, foram desenvolvidas entrevistas com indivíduos surdos a fim de investigar através de seu discurso, a relação entre a aquisição de uma Língua tida como própria (LIBRAS) e a defesa/embasamento ou justificação da existência de uma identidade ou cultura surda com o intuito de promover uma legitimação dos surdos não como portadores de uma deficiência, mas como socialmente e culturalmente diferentes.

Dessa forma, a proposta de investigação no mestrado que realizo atualmente é compreender /identificar as diferentes dimensões envolvidas na constituição do indivíduo surdo a partir da perspectiva que se pergunta pela experiência sensível. Se inicialmente a abordagem de compreensão estava vinculada ao pressuposto de manipulação de uma representação coletiva que oscilava entre os opostos de anormalidade e normalidade, agora pretende-se a partir da pesquisa etnográfica apreender como o indivíduo surdo se constitui e concebe o mundo. Existe um corpo que experimenta o mundo de modo particular. Quando este corpo não escuta como ele experimenta?

Palavras-chave: Surdez- Sentidos- Experiência-Corpo-Estigma.

Sessão 3

EL JUEGO DE SUPERFICIES ENTRE CUERPO Y LENGUAJE EN EL RECLAMO POR LA IDENTIDAD TRAVESTI

Andrea Pajón (CEA-UNC-Córdoba)

Desde el 2002, el colectivo travesti publica informes estadísticos sobre su situación en Argentina, mediciones demográficas que expresan la existencia de barreras concretas para el ejercicio del derecho: expulsiones del sistema educativo, laboral y de salud, abusos y represiones policiales y rechazo al reconocimiento legal de la identidad

“trans”.

El reclamo por la identidad travesti involucra el acceso al derecho de ciudadanía en términos de reivindicación imperativa, pero a la respuesta la sustituye un emplazamiento particular que detiene la urgencia, al tiempo que se constituye en un breve mecanismo burocrático en el que superficies o apariencias entran en juego en torno a la dinámica misma de la reivindicación: aquello que se pide no existe en términos de parámetros representacionales, por lo tanto no podría otorgarse; lo que sí existe es un marco legal sostenido por principios y regulaciones que amparan el nombre propio y el género de la demandante pero no involucran al cuerpo; finalmente, la solicitud cobra materialidad con el acompañamiento argumentativo de un relato de sufrimientos y desigualdades a la manera de un castigo sin causal, aunque mediante la dinámica de la confesión.

Los distintos aspectos del reclamo dan lugar al análisis de la relación entre prácticas discursivas y operaciones de poder que toman como centro el problema de los cuerpos que transitan los silencios del lenguaje.

Al respecto y desde las herramientas conceptuales de Foucault, este trabajo se propone abordar la figura del reclamo, desde esa lengua que versa en el fin del lenguaje de los otros, desamordaza su miedo artificial, se abre al discurso de la crítica.

Palabras clave: Identidad-Travestismo- Dispositivos de la Sexualidad.

CORPO FEMININO, NORMALIDADE E BELEZA: NARRATIVAS IMAGÉTICAS SOBRE O CÂNCER DE MAMA

Waleska Aureliano (UERJ) Doutora em Antropologia Social, professora de Antropologia no Instituto de Ciências Sociais da UERJ.

A partir da análise de trabalhos fotográficos realizados por e com mulheres que passaram pelo câncer de mama, esta comunicação aborda as relações construídas entre imagem e discursos biomédicos e sociais, envolvendo os processos de normalização do corpo feminino. Alguns desses trabalhos possuem um caráter subversivo ao expor corpos considerados “anormais” ou “impactantes”, que fogem ao modelo do que é considerado um corpo “normal” de mulher. Ao mesmo tempo, certas representações do feminino e a ênfase na ideia de “beleza” ora são questionadas, ora reafirmadas ou acompanhadas de novas leituras sobre o belo e a diferença. A revelação imagética desses corpos, com seus diagnósticos, próteses, tatuagens e cicatrizes, faz parte de um conjunto amplo de ações presentes no campo da fotografia e, mais recentemente, nas redes sociais, que pretendem produzir efeitos políticos, estéticos e terapêuticos sobre a experiência do câncer de mama ao articular gênero, saúde/doença e imagem.

Palavras-chaves: Câncer de Mama; Corpo Feminino; Fotografia; Beleza; Biomedicina.

A CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ENTRE ATLETAS DE ESPORTES ADAPTADOS

Luiz Rojo (Professor Adjunto Antropologia/ UFF)

A partir de três situações vivenciadas durante o processo de classificação funcional, através do qual os atletas de esportes adaptados são alocados em classes que buscam equilibrar as disputas esportivas a partir de suas potencialidades, irei discutir alguns aspectos que se relacionam com as definições de saúde e deficiência neste grupo. Desde meados de 2013 estou realizando trabalho de campo junto à Associação Niteroiense do Deficiente Físico (ANDEF/RJ) e acompanhando competições regionais e nacionais que envolvem estes atletas. Nestas, pude acompanhar a realização de algumas classificações, em particular na bocha e de atletismo, que possibilitaram a construção de questões que apontam para uma relativização da categoria “portador de deficiência” como possuidora de um estigma social (Goffman, 1993). Apontando para a contextualidade das construções identitárias, o trabalho de campo tem mostrado que esta atribuição pode ser ansiada por aqueles cuja alternativa seria estar situado em um permanente “between and betwixt” (Turner, 2005), ou seja, em uma situação na qual sua “deficiência”, embora suficientemente reconhecida para não ser visto como “normal” pela sociedade mais ampla, tampouco é considerada suficiente para classificá-lo dentro dos parâmetros esportivos do esporte adaptado. Ao mesmo tempo, este processo – na medida em que pode definir as possibilidades de sucesso esportivo – pode ser entendido como um momento no qual os classificadores – médicos e profissionais de Educação Física – são vistos como “obstáculos” na conquista da melhor classificação possível, enquanto os atletas e técnicos são pensados, por aqueles, como apresentando um permanente risco de tentar fraudar o processo, exagerando limitações motoras.

Palavras-chave: esporte adaptado; classificação funcional; saúde; estigma; portador de deficiência.

SUBJETIVIDADES DOCENTES EN TORNO A DISCURSOS DE NORMALIDAD Y DIFERENCIA EN EDUCACIÓN DE SORDOS: EL CASO DE UN LICEO CON PROYECTO DE INTEGRACIÓN ESCOLAR

Cristián Iturriaga Seguel (PUC/Chile) Psicólogo y Licenciado en Psicología, Magíster en Psicología Educacional, PUC/Chile.

Las personas sordas experimentan situaciones de exclusión en el ámbito educativo. Las políticas dirigidas a promover su inclusión han relevado a los docentes como actores clave en este proceso. Sin embargo, los discursos que sustentan estas prácticas suelen

reproducir un reduccionismo que no inspecciona la complejidad que existe en la construcción contingente de las categorías de diferencia a partir de la noción de normalidad y deja sin interrogar los supuestos normativos tras los esfuerzos de inclusión.

Para atender a lo anterior es necesario problematizar los discursos de capacidad a partir de los cuales emana el concepto de discapacidad y también visibilizar cómo el Otro surge situadamente en el proceso de constitución de los docentes como sujetos. La presente investigación consiste, a partir de perspectivas postestructuralistas, en un estudio de caso desarrollado en un liceo con proyecto de integración escolar para sordos en Santiago de Chile. A través de entrevistas a profesores de aula regular y educadores diferenciales se realizó un análisis crítico de discurso en torno a sus procesos de subjetivación.

Los resultados revelan procesos de identificación y desidentificación con los valores institucionales sobre la integración que sustentan variadas posturas adoptadas por los docentes cuando realizan explicaciones sobre el desempeño escolar de los alumnos sordos. Considerando aquello, se comprende la utilidad de promover procesos de desubjetivación, ya que la toma de distancia frente a los imperativos normativos permite reflexionar y cuestionar las propias prácticas docentes para evitar la paradoja de “incluir” mediante prácticas normalizantes dentro de los espacios escolares.

Palabras clave: discapacidad – sordos – postestructuralismo – subjetivación – docentes.

A GENTE AQUI É DIFERENTE: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NUMA APAE DO INTERIOR DE SÃO PAULO-BR

Julian Simões (UNICAMP) Mestre em Antropologia Social e Doutorando em Ciências Sociais na UNICAMP.

Esta comunicação tem como objetivo retomar parte do material de minha pesquisa de mestrado – e que prossegue no doutorado – realizada numa Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de uma cidade do interior do Estado de São Paulo durante o primeiro semestre de 2012. Para realização de tal proposta, busco, por um lado, compreender como é formulada a noção de “deficiência intelectual” advinda dos laudos psicológicos da APAE, a fim de reconhecer quais categorias operam e como elas ganham significado na instituição. Por outro lado, busco evidenciar como a “deficiência intelectual” é formulada em termos de “diferença” pelos alunos matriculados na Associação. Assim, o objetivo do texto é explicitar algumas disputas e dissonâncias existentes entre formas de categorizar a deficiência intelectual, bem como os espaços de fissura que emergem das experiências dos alunos da APAE. Mais do que do que desfazer dualismos entre incapacidade e capacidade, deficiência e não-deficiência ou anormalidade e normalidade, esses espaços de fissura são elementares para se pensar, como bem coloca Foucault, uma tecnologia política de gestão de vidas.

HARMONIA ENLOUQUECE: A MÚSICA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

Bruna Fleury (PPGSA/UFRJ) Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ.

O objetivo desta reflexão é abordar a questão da produção de identidade através da terapia musical e entender como as atividades criativas podem comunicar sentidos e significados construídos nas interações sociais. Para tanto, parte-se de uma pesquisa etnográfica em andamento junto ao grupo musical “Harmonia Enlouquece”, formado no projeto “Convivendo com a Música”, o qual nasceu no Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro, (CPRJ) em 2001. Esse tipo de tecnologia de cuidado busca abordar o tratamento não somente como controle do indivíduo, mas também como espaços alternativos de subjetividade e sociabilidade. Tal proposta vem em conformidade com o projeto de superar o modelo manicomial pela construção de um novo lugar para o sofrimento mental, para a diferença e para a diversidade. Trata-se aqui de descrever um modo de participação do indivíduo no processo terapêutico que não se dá só pelo uso de medicamentos, mas também por meio de uma “abordagem existencial total” direcionada ao sujeito e não a doença. A hipótese trabalhada neste artigo, sustentada a partir da etnografia entre pacientes e musicoterapeutas, afirma que o indivíduo não pode ser confundido com o ser biológico que integra uma espécie, pois o indivíduo biológico está imerso em uma rede de relações sociais, formada por diversas categorias sociais dispostas hierarquicamente num processo de contínua interação social. Nesse sentido, busca-se pensar como a produção de comportamentos desviantes e “anormais” se dá a partir de uma rede de relações sociais.

Palavras-chave: antropologia da saúde, musicoterapia, biomedicina, psiquiatria, ciência.

CORPO, SAÚDE E MORALIDADE: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL DOS WEBLOGS PRO ANOREXIA E PRO BULIMIA

Nara Lima Mascarenhas Barbosa (UFRRJ) Graduada em Ciências Sociais pela UFV e Mestranda na UFRRJ.

O presente trabalho tem como objetivo fazer reflexões acerca das noções de: cultura, emoções, subjetividade, corpo, gênero, saúde e doença, a partir da análise de weblogs brasileiros identificados como pró-anorexia e pró-bulimia. Os weblogs pró-anorexia e pró-bulimia são diários virtuais que surgem como uma forma de contraposição ao discurso médico, uma vez que consideram a anorexia e bulimia como um estilo de vida, não como doenças. Tais blogs emergidos na rede podem ser considerados parte de um movimento ativo na defesa desses “estilos de vida” e ao mesmo tempo funcionam como meio de sociabilidade e de compartilhamento de informações e experiências entre pessoas que vivenciam a anorexia e bulimia. Assim sendo, buscando o cumprimento das reflexões propostas neste trabalho, foram analisados três blogs de considerável importância e acessibilidade na web, por meio de método qualitativo, com o emprego de técnica de análise de discurso. Percebe-se que a globalização de uma cultura lipofóbica traz transformações e consequências sobre os corpos. Na sociedade contemporânea o corpo magro é sinônimo de beleza. Já o corpo gordo, ao contrário, é sempre ligado ao

feito, ao negativo. A obesidade, além de ser considerada prejudicial à saúde está simbolicamente ligada a ideia de preguiça. Em meio a esse contexto transtornos alimentares como a anorexia e a bulimia se apresentam como mecanismos reativos à obesidade. Conforme foi observado ao longo da análise dos blogs, a anorexia e a bulimia são encaradas pelas pessoas que às vivenciam como um meio para se alcançar o controle e a disciplina, que por sua vez levam à perfeição. Esta ideia de perfeição representa felicidade, a aceitação social e o reconhecimento. Sendo assim, o ideal de perfeição não se limita no corpo, mas compreende a uma dimensão subjetiva que remete à moral, à dignidade e ao auto-respeito.

Palavras-chave: Corpo- Saúde- Moral- Transtornos alimentares.

GT 49. SIMETRIA, AGÊNCIA E ETNOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISAS SOBRE RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS

Coordenadores:

Prof. Dr. Jean Segata. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte; jeansegata@gmail.com

Prof. Dr. Theophilos Rifiotis. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
Universidade Federal de Santa Catarina; t.rifiotis@ufsc.br

Profa. Dra. Rosalía Winocur. Departamento de Educación y Comunicación.
Universidad Autónoma Metropolitana; rosaliawinocur@yahoo.com.mx

Sesión 1: “Cibercultura”

IMAGINANDO O “MATERIALISMO DIGITAL”: CONTEMPLAÇÃO E COLECIONISMO NA REDE SOCIAL PINTEREST

Carla Barros. Doutora pelo Instituto COPPEAD/UFRJ, Especializada em Antropologia pelo Museu Nacional/UFRJ. Professora do PPGCOM e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF); barros.carla@uol.com.br

O artigo tem como objetivo investigar o “materialismo” presente na rede social Pinterest através de uma discussão de processos de subjetivação na contemporaneidade e de uma análise das práticas de curadoria e colecionismo presentes na plataforma *online*. A ampla exposição de objetos de consumo é um dos aspectos que mais se destacam na observação da rede social, revelando uma profunda estetização da vida cotidiana. A ideia de “materialismo digital” proposta no artigo se refere a um tipo de contemplação que cria infinitos sistemas classificatórios, ao mesmo tempo particulares e entrelaçados; expõe, assim, desejos que não necessariamente serão revertidos em uma compra “real”, sugerindo que a ênfase esteja na própria contemplação dos objetos.

Palavras-chave: Consumo. Cultura material. Materialismo digital. Redes sociais. Pinterest.

OBSERVANDO LA MULTIAGENCIA DE FACEBOOK A TRAVÉS DE UNA ABORDAJE MULTI-METODOLÓGICO

Esteban Damiani. Candidato a Doctor en Estudios Interdisciplinarios, University of Warwick (UK) Magister en Sociología Digital, Goldsmiths College, University of London (UK) E.Damiani@warwick.ac.uk/estebandmail@gmail.com

El siguiente artículo es resultado del estudio etnográfico desarrollado entre agosto y diciembre de 2014 sobre las prácticas electorales en Facebook generadas por grupos partidarios y extra-partidarios vinculados al partido Frente Amplio de Uruguay. Teniendo en cuenta la teoría actor red y análisis sobre la creación de valor de Michel Callon y la conceptualización de públicos productivos de Adam Arvidsson y Nicola Peitersen, el trabajo estudia Facebook y sus intermediarios, especialmente el botón ‘Me gusta’, como agentes que simultáneamente facilitan y registran interacciones en una red que posibilita objetivar el valor de contenidos y la participación de los usuarios. El artículo reflexiona sobre la necesidad de una metodología transversal que observe las interacciones entre los usuarios y Facebook al mismo tiempo que las agencias específicas de los distintos actores. Siguiendo los planteos de Arvidsson y Peitersen y de Daniel Miller, los múltiples actores que participan en Facebook con sus diversos intereses y necesidades no deben reducirse a este medio digital. Sin embargo, el artículo entiende que estos mismos actores conviven en una plataforma donde de hecho son observados y cuantificados por indicadores, como el ‘Me gusta’ o la cantidad de seguidores, que funcionan como un equivalente general de medición que posibilita la evaluación de sus actividades. Para entender problemáticas, como la emergencia de procesos de evaluación de participación política online, el artículo sugiere una etnografía que explore la interacción usuarios-Facebook en movimiento al mismo tiempo que indague las necesidades e intereses particulares de los actores participantes.

Palabras claves: Teoría-Actor-Red, Facebook, participación-política-online, indicadores-online, multi-métodos.

JORNALISMO E TEORIA ATOR-REDE: POSSIBILIDADES E LIMITES DO PRINCÍPIO DA SIMETRIA A PARTIR DA VERIFICAÇÃO DIGITAL

Moreno Cruz Osório. Doutorando em Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

A partir de uma sistematização das principais reflexões sobre jornalismo sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede (TAR), este artigo propõe uma discussão sobre teoria e prática jornalística em função de uma das principais características da TAR: a simetria na relação entre atores humanos e não-humanos. Para isso, lança seu olhar ao jornalismo digital, especificamente às técnicas de verificação digital. Sem ignorar desafios ontológicos e metodológicos, entende-se que os pressupostos da TAR oferecem argumentos para se pensar a relação cada vez mais estreita do jornalismo com a tecnologia e que também podem abrir novas perspectivas na busca do jornalismo por seu objeto de estudo.

Palavras-chave: jornalismo; Teoria Ator-Rede; verificação digital; teoria; epistemologia.

AGÊNCIA NÃO-HUMANA E CIÊNCIA HUMANA: DRONES, HEURÍSTICA E PRÁTICAS ARTÍSTICAS

Fernanda Bruno. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Tomando como ponto de partida um estudo sobre as relações entre atenção, visão e ação em determinados tipos de drones (ou VANTS, veículos aéreos não tripulados), pretende-se explorar pistas metodológicas ou heurísticas para a pesquisa sobre a agência não-humana no âmbito das ciências sociais e humanas. Tais pistas serão formuladas a partir do diálogo com dois domínios distintos. O primeiro é a teoria ator-rede e autores afins, que vêm propondo uma série de conceitos e metodologias que nos auxiliam a compreender as diferentes modalidades de agência não humana em processos tradicionalmente considerados de domínio exclusivamente humano. Privilegiaremos, neste domínio, abordagens, noções e estratégias metodológicas voltadas para os entes técnicos, explorando tanto seus modos de existência quanto sua agência. O diálogo neste campo se dará sobretudo com os autores Bruno Latour, Gilbert Simondon e Donna Haraway. O segundo domínio do qual recolheremos pistas para a pesquisa com não-humanos é o das práticas artísticas. Selecionaremos trabalhos artísticos que explorem modos de narrar e tornar sensíveis a agência dos entes técnicos, especialmente

dos drones. O diálogo com as práticas artísticas nos auxiliará, juntamente com a teoria ator-rede, a traçar pistas sobre como perceber, tornar visíveis e sensíveis os entes técnicos e sua agência. E ainda, como interrogá-los, descrevê-los e fazê-los “falar” nas pesquisas situadas no campo das ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: não-humano; pesquisa; drones; teoria ator-rede; práticas artísticas.

CONECTANDO SABERES, MULTIPLICANDO AGÊNCIAS: PRIMEIRAS REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Lívia de Souza Vieira. Professora no Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus – IELUSC. Doutoranda em Jornalismo no Programa de Pós-graduação em Jornalismo (POSJOR) – UFSC; liviasvieira@uol.com.br

Maria Elisa Máximo. Professora no Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus – IELUSC. Doutora em Antropologia Social (UFSC); elisamaximo@gmail.com

Naiara Cristina Larsen. Bolsista do projeto de extensão entre setembro de 2014 e janeiro de 2015. Jornalista formada pelo Curso de Jornalismo do IELUSC; naiara.larsen@gmail.com

Este artigo tem como objetivo colocar em debate as reflexões iniciais suscitadas a partir da realização de dois projetos de extensão, reunidos sob um projeto maior chamado Casa da Cultura Digital – Multiplica. Em parceria com o Núcleo de Tecnologia da Secretaria Municipal de Educação de Joinville (SC), elaboramos primeiramente um Manual para Gestão de Blogs Escolares (VIEIRA e LARSEN, 2014), publicado em e-book e impresso. Na sequência, iniciamos uma série de quatro cursos de capacitação voltados aos integradores de mídia das escolas públicas da cidade. Os projetos partiram de um esforço de repensar a educação e nossas práticas pedagógicas reconhecendo a presença e o potencial de agência das tecnologias comunicacionais nos ambientes educacionais e nas relações que perfazem o espaço escolar, problematizando visões instrumentalizadas (presentes nas noções de “uso”, de “apropriação”). Perseguimos uma abordagem mais simétrica das relações entre humanos e não humanos na educação, questionando-nos sobre *quem ou o quê faz, fazer o quê* nos contextos educacionais contemporâneos. Nessa perspectiva, as ações dos integradores de mídia na gestão das tecnologias presentes nas escolas municipais, por exemplo, parecem transitar entre a “mediação” e a “intermediação”, nos termos propostos por B. Latour (2008). Neste trabalho discutimos algumas notas etnográficas realizadas nessas experiências, focadas especialmente nos modos pelos quais os atores nelas envolvidos (inclusive nós, realizadoras do projeto) descrevem suas ações e as controvérsias acerca das suas interações. Queremos, com base neste exercício, pensar a educação numa perspectiva sociotécnica, como *rede*, tentando descrever as múltiplas agências que participam da configuração do espaço e da experiência escolar na contemporaneidade, sem pressupor

a priori uma ontologia dos atores e suas ações.

Palavras-chave: Blogs escolares. Educação. Tecnologias. Teoria ator-rede. Redes sociotécnicas.

Sesión 2: “Novas tecnologias e o diálogo entre campos”

DESIGN, DO PRODUTO AS RELAÇÕES: AS INTERFACES ENTRE DESIGN E ADMINISTRAÇÃO COMO PROJETO SOCIAL

Rafael da Silva Malhão. Doutorando em sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); malhão.rafael@gmail.com

Esta proposta visa discutir uma primeira experiência etnográfica em uma disciplina de projeto em um curso de graduação em design e em um escritório de design com vistas a identificar e discutir os compassos e descompassos do design quando mobilizado pelo mercado. Da miríade de críticas direcionadas ao capitalismo talvez a mais recorrente e tão antiga quanto o próprio capitalismo, é de que ele está em crise. Não obstante, o capitalismo vem provando que a crise é uma parte fundamental para sua existência e expansão para além das fronteiras do sistema econômico, e assim se consolidando como uma cosmologia que atravesse, senão todas, a maior parte das formas de sociabilidade contemporânea. Para que tal tarefa se efetue com sucesso diversas formas de atuação devem ser arregimentadas constantemente. No início do século passado, como bem identificou David Noble (1987), a interface entre a formação de engenheiros e a prática gerencial nas empresas foi o ponto de virada para a consolidação do capitalismo como vimos no século XX. Mobilizou-se a interface engenharia e grande indústria a fim de transpor o conhecimento técnico de projetar e associar máquinas para um processo de engenharia social no âmbito da organização empresarial, sempre com a máquina industrial como modelo. Na virada do século passado e primeira década deste século nos deparamos com um processo semelhante, mas agora com vistas a “humanizar a gestão empresarial”, e o conhecimento técnico mobilizado também vem da seara do conhecimento projetual, mas desta vez quem será solicitado pelos gestores é o design.

Palavras-chave: Design; Projeto; Gestão; Capitalismo; Mercado.

MEDIAÇÃO E AGÊNCIA NÃO-HUMANA NUM COLETIVO DE COMUNICAÇÃO BRASILEIRO

Leonardo Foletto. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
leofoletto@gmail.com

O papel da tecnologia tem sido discutido nos estudos de comunicação e jornalismo, mas pouco se tem falado sobre a agência não-humana nas múltiplas mediações que ocorrem na prática comunicativa, em especial no jornalismo. Este artigo busca uma aproximação da comunicação e do jornalismo com os estudos antropológicos da teoria ator-rede para compreender a rede de mediações na produção comunicativa de um coletivo de jornalismo brasileiro, bem como refletir sobre o processo de descrever as ações e interações dos actantes (humanos e não-humanos) envolvidos. Para isso, o percurso teórico apresentado considera o contexto atual como o de uma retomada do pensamento sobre o papel das materialidades nos processos de comunicação (FELINTO, 2013), perspectiva que recoloca nos processos sociais os objetos técnicos e amplia a noção de agência para além da ação intencional humana (LATOUR, 1992, 1994; CALLON, 2008; LEMOS, 2013). É uma noção que vai em oposição a ideia dominante na comunicação e no jornalismo, de uma mídia como idealmente transparente, o que pressupõe que a mediação precisaria ser inexistente ou inócua (LEMOS, 2013). O artigo é um estudo inicial oriundo da primeira etapa de uma observação participante de recorte etnográfico de um coletivo, realizada em maio de 2015, que é parte de uma pesquisa de doutorado em comunicação e informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A observação atenta para a relação cotidiana dos integrantes do coletivo com os objetos e as redes sociotécnicas presentes na produção comunicativa do grupo.

Palavras chave: mediação, comunicação, teoria ator-rede, humanos e não-humanos, agência.

LIVE CODING: CUANDO EL FIN ES EL PROCESO

Carolina Di Próspero. Doctoranda IDAES – Universidad de San Martín

Buenos Aires, Argentina; diprosper@gmail.com

Mi investigación propone un acercamiento a la actividad de live coding como una configuración artística constituida desde la práctica creativa de la improvisación, la apertura (socialización de los lenguajes de programación, comunidad de live coders, etc) y la exploración tecnológica constante.

El objeto es proporcionar una caracterización de una expresión artística colectiva, que media y se constituye en un contexto sociotécnico: un ensamblaje de componentes materiales y no materiales, discursivos, tecnológicos y sociales, que dotan de sentido y se configuran a través de prácticas (Bijker, Hughes y Pinch: 1989).

El live coding consiste en la ejecución en una laptop de lenguajes de programación de música algorítmica, en performances vivo. Esta actividad se ha ido construyendo a contrapelo de convenciones existentes en el campo de la música. La improvisación,

además de ayudarles a construir otra perspectiva del programador y los lenguajes de programación ha significado una especie de salida a las dificultades en la construcción de su "art world" (Becker: 2002) ya que los live coders ubican su expresión artística en el proceso más que en un producto terminado. Este énfasis en el proceso y en la exploración de la tecnología en el arte y el arte en sus formas tecnológicas, les permitió avanzar en la construcción de su actividad, y su mundo en constante proceso, donde se sienten creativos y crean.

Improvisación, música algorítmica, apertura, sociotécnica.

ARQUIPÉLAGOS DE REALIDADE: UMA REVISÃO HACKERATIVISTA-ENTRE PIRATAS ARTESÃOS E REBELDES

Rodrigo Souza: diguinhoasouza@hotmail.com; oauryn@gmail.com

Este trabajo se encuentra ubicado en una intensa búsqueda para identificar nuevas representaciones sociales, representaciones ancladas en la virtualidad y construidas por actores que vislumbran en el ciberespacio un nuevo campo de batalla, encontrando un lugar donde nuevas reglas son construidas y reconstruidas en velocidades nunca antes imaginadas, donde la identidad y la virtualidad pertenecen a una red de nuevas significaciones, resbalándose en identidades más flexibles, resultados de un territorio nuevo, que engendra y modifica la cotidianidad sin necesariamente negar o revolucionar la materialidad, pero sin duda promoviendo cambios significativos y profundos en la sociabilidad cotidiana, donde nodos y flujos son el camino de las relaciones. Para esto pensamos la relación del grupo mundializado de Hackers- activistas Anonymous en América Latina, en específico en 3 eventos contemporáneos de nuestro continente, la revuelta de los pingüinos en Chile, las jornadas de junio en Brasil y el movimiento 132 en México, este trabajo constituye parte de la maestría presentada en diciembre de 2014 en la UAM-Iztapalapa, no programa de Ciencias Antropológicas.

Palavras-chave: Ciberespacio, Ciberetnografia, Redes, Hackeractivista, virtualidad, Anonymous, América Latina.

LE, COMENTA, COMPARTILHA: DIFERENTES TEXTOS INSTIGAM DISTINTAS POSTURAS DO INTERNAUTA NAS PLATAFORMA DE INTERAÇÃO DOS VEÍCULOS NA WEB

Tháísa Cristina Bueno. Doutoranda em Comunicação Social pela PUC-RS e professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão; thaisabu@gmail.com

A proposta deste artigo é analisar as escolhas do internauta, suas predições e as intersecções entre o que comenta, o que compartilha e o que lê. Para isso, este estudo

busca uma comparação descritiva dessas três categorias nas listas publicadas nas páginas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, ambos veículos que figuram entre os três mais acessados pelos leitores brasileiros de acordo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ). O estudo busca encontrar as motivações dos internautas, por meio das escolhas editoriais, temática das matérias e quantidade de acessos e, partir disso, elencar as distinções prováveis entre essas três categorias que hoje representam uma estratégia de fidelização e rastreamento das preferências do público. O estudo prevê, ainda, um olhar para a plataforma como recurso de modificação do modo de atuar e consumir a mídia contemporânea.

Palavras-chave: Mais Lidas; Mais Comentadas; Mais Compartilhadas.

Sesión 3: “Ecologia, cosmologia e agência”

UMA SELVA VISTA DO LABORATÓRIO? COMENTÁRIOS TRANSVERSAIS SOBRE USOS DE CONCEITOS DOS ESTUDOS DA CIÊNCIA EM ETNOGRAFIAS DE COLETIVOS INDÍGENAS

Levindo Pereira. Doutorando. Antropologia/UFMG; levindocp@gmail.com

Como se sabe, áreas como etnologia e estudos da ciência e tecnologia, caracterizadas por decisivos esforços de simetriação, vêm produzindo conceitos e etnografias que transformaram seus respectivos cenários. À primeira vista, entretanto, eles soem contidos em suas fronteiras disciplinares.

Que articulações têm sido feitas e em que medida se pode explorar o cruzamento das criações conceito-etnográficas advindas de cada uma dessas áreas?

Trata-se, aqui, de recortar um dos vetores dessa relação (o que vai dos estudos das ciências à etnologia (sobremaneira sul-americana) e de relacionar transversalmente seus diferentes objetos/sujeitos de pesquisa, os diferentes usos de conceitos criados para dar conta de realidades não-indígenas — em vez de compará-los par, ao final, estabelecer um juízo, que os rebateria em um eixo vertical, hierarquizando-os, ou num horizontal, equalizando-os (diria-se ‘simetrizando-os’?)

Seriam os mesmos conceitos, implicados em significantes homônimos, derivados de uma genealogia teórica comum?

O GT levantou pertinentemente a questão dos ‘limites e possibilidades da prática etnográfica a partir de uma perspectiva sociotécnica’. Que efeitos emergiriam se também considerarmos os limites e possibilidades da perspectiva sociotécnica a partir das práticas etnográficas?

Busca-se também considerar ‘como se dá a simetriação dos humanos e não humanos’

mobilizados etnograficamente.

Anoto como etnografias ‘de partida’ as de José Kelly, Marisol Cadeña; e as de Annemarie Mol e Casper Jensen.

Palavras-chave: etnografia, estudos da ciência e da tecnologia, etnologia sul-americana, simetriação, transversalidade.

PARA ALÉM DAS CATEGORIAS HUMANO/NÃO-HUMANO: UMA ABORDAGEM INTERATIVA DOS CONHECIMENTOS ETHO-ECOLOGICOS MEBENGOKRE XIKRIN

Stéphanie Tselouiko. UFSCar (SP) / EHESS-LAS (Paris, França)

Esta comunicação propõe descrever e analisar, por meio de etnografia atualmente em andamento, as relações que os Mebengokre-Xikrin da Terra Indígena Trincheira Bacajá (Brasil, Pará) mantêm com os animais, plantas e espíritos, reagrupados em um coletivo nomeado em antropologia social pelo termo “não humanos”, que compõem o meio e participam das redes sociocósmicas desse grupo. Mas onde começa e onde termina a humanidade, se para os Xikrin, ela se constrói de maneira gradativa através das inter-relações que cada indivíduo estabelece com os entes em diferentes ambientes no cotidiano e durante os rituais? Para tentar iluminar esta questão, irei a descrever duas situações durante as quais as relações interespecíficas operam no devir da condição Mebengokre-Xikrin no mundo: os modos de aprendizagem etho-ecológicos e os discursos etiológicos precedendo as curas com as plantas medicinais e pajelança. Escolhi essas duas situações que têm em comum o fato de se concretizar no deslocamento através os caminhos dos possíveis, deixando assim sempre em aberto as interpretações e as improvisações na produção da condição Mebengokre-no-mundo sendo que, tal como apontado por Cohn, do ponto de vista dos Xikrin, o mundo nunca é o mesmo, mas em perpétua mudança através os fatos que vão mudando. Isto é particularmente relevante no contexto atual da região marcada pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. Desse modo, pretendo questionar a pertinência da categorização humano/não-humano para dar conta das realidades experimentadas pelos Xikrin.

Palavras chaves: Mebengokre-Xikrin, ontologia, interação, etho-ecologia, etiologia.

DISTRIBUINDO A PESSOA: AGÊNCIA E MATERIALIDADE EM UMA COSMOLOGIA AMAZÔNICA

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe, Brasil); ugomaia@ufs.br

Entre os índios galibi-marworno do baixo rio Oiapoque, no extremo norte do Amapá, a agência de artefatos rituais associados ao turé revela sua condição de pessoa. Um Banco zoomorfo, um Mastro ou um Karamatá (espécie de clarinete) são pessoas invisíveis do *Outro Mundo* portadoras de invólucros específicos que assumem a função da “roupa” na teoria amazônica das transformações ontológicas. Esses artefatos-pessoa são *Karuãna* ou *Bicho*, espíritos auxiliares dos pajés que podem agir tanto como agentes de cura quanto como princípio patológico canibal. Todavia, a própria “roupa”, invólucro ou “paletó” que usam é também um *Karuãna*, revelando que a noção de que “coisas” são “sujeitos” é a base da cosmologia regional. Pois, para os Galibi-Marworno, (quase) todos os entes, em níveis diferentes, têm agência, posto que estão densamente relacionados entre si. Diante disso, compete indagar até que ponto “coisas” – percebidas enquanto entes ou *aquilo que é* (seguindo a fenomenologia heideggeriana) – são produzidas ou, inversamente, “crescem”, “emergem” em uma teia de relações com outros entes (dentre eles, os humanos)? Pois, se “coisas” emergem e crescem, qual o verdadeiro sentido da distinção entre entes “animados” e “inanimados”, como questiona a ontologia anímica de Tim Ingold? A comunicação procurará percorrer tais questões (e ainda outras) a fim de refletir sobre a agência e intencionalidade dos artefatos-pessoa dos índios galibi-marworno.

Palavras-chave: índios galibi-marworno; artefatos-pessoa; materialidade; ritual; ontologia anímica.

DÁDIVA – AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE ENTRE OS SERES DA NATUREZA

Clayton França. Doutorando em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; cfranca01@gmail.com

A relação homem-natureza está baseada em uma história de co-evolução, em um elo de reciprocidade inter-espécies e não apenas em um processo dissociado, como exposto nos pensamentos utilitaristas e antropocêntricos. Neste sentido, a alimentação vem como um fator preponderante de manutenção desta conexão, mas para alguns autores, com a agricultura inicia-se o processo de dominação dos seres humanos sobre os não-humanos, é a gênese da revolução que transformou toda a economia e vida humana. As teorias mais tradicionais apontam que a relação entre os seres humanos e a natureza a partir da domesticação é uma forma de domínio e exploração, contudo, outras perspectivas científicas vem mostrando que a “domesticação” é apenas um meio de relações recíprocas e (não) intencionais entre as diferentes espécies. Para Ingold (2000, p.87), os seres humanos transformam o mundo material ao desempenharem o seu papel na relação com os outros seres, e “na transformação dos seus mundos (...), [na qual] a história é o processo em que ambas, as pessoas e o ambiente [em que fazem parte] estão continuamente suportando uns aos outros a existir.” A Dádiva ou economia das trocas e prestações totais proposta por Mauss (1924), segue uma relação como exposto por

Ingold.

Nessa perspectiva, a substância da reciprocidade está vinculada a uma energia espiritual, da qual ele atribui de mana e que neste ato, “a terra, o alimento, tudo o que se dá, são aliás personificados, são seres vivos com os quais se dialoga e que participam do contrato. Eles querem ser dados” (MAUSS, 2013, p.98).

Palavras-chave: Reciprocidade. Homem-natureza. Diálogo. Dádiva.

O UNIVERSO DA PROTEÇÃO ANIMAL NO CONTEXTO URBANO DE PORTO ALEGRE/RS

Leandra Pinto. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); leandraop@gmail.com

Considerando a percepção de novas moralidades e sensibilidades envolvendo relações interespecíficas na atualidade, o presente estudo visa responder ao seguinte questionamento: em que medida uma etnografia sobre redes de proteção animal pode contribuir para compreender o lugar dos animais no universo social? A problemática norteadora permite refletir sobre as controvérsias em torno do estatuto dos animais domésticos, especificamente a população de cães e gatos abandonados que vivem nas ruas, um dos principais focos dos movimentos sociais de defesa animal em contextos urbanos. Levando isso em consideração, toma-se como exemplo de análise um caso particular: a rede de apoio aos animais que residem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, formada por três organizações sociais. Logo, os dados etnográficos produzidos em campo sugerem que as redes de apoio, como exemplo de novos arranjos sociais, revelam a necessidade de pensar a família e a sociedade para além dos coletivos humanos. Bem como, indica a crescente valorização de uma ética em relação aos animais domésticos promovida pela rede de proteção animal de Porto Alegre, cujo empenho representa um “resgate” não apenas dos animais em situação de abandono, mas sobretudo, da sociedade para a questão animal.

Palavras-chave: antropologia das relações humano-animais; proteção animal; redes de apoio.

Sesión 4: “Saberes, saúde e religião”

SOBRE ECTOPLASMAS E PARACIRURGIAS: A ASSISTÊNCIA TERAPÊUTICA ENVOLVENDO HUMANOS E NÃOHUMANOS

Gustavo Ruiz Chiesa (Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A presente proposta de trabalho tem como objetivo examinar as atividades desenvolvidas na Ectolab – Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasma e Paracirurgia –, uma instituição criada por um grupo de médicos, psicólogos, engenheiros, biólogos e neurocientistas interessados em praticar e investigar as chamadas “cirurgias espirituais” ou “paracirurgias” e a relação destas com uma substância de origem semimaterial denominada “ectoplasma”. A finalidade da instituição é compreender, mensurar e identificar, através de uma metodologia científica, o ectoplasma e os efeitos que ele provoca nos organismos vivos e no ambiente. Para isso, a instituição dispõe atualmente de três espaços físicos que apresentam finalidades práticas distintas. O primeiro espaço é o laboratório de pesquisa onde se realizam investigações em torno dos supostos doadores de ectoplasma ou “ectoplastas”. O segundo espaço é um grande salão onde se realiza a “Dinâmica Interassistencial de Paracirurgia”. A dinâmica visa a assistência terapêutica a “consciências intrafísicas” (vivos) e “consciências extrafísicas” (mortos), humanos e não-humanos, que sofrem de alguma enfermidade ou transtorno físico, emocional, mental e/ou energético. Finalmente, o terceiro ambiente consistirá no espaço de pesquisa e análise das percepções anotadas em todas as dinâmicas, comparando-as entre si e também com os “pedidos de paracirurgia” recebidos diariamente, de diferentes partes do Brasil e do mundo, através do site da Ectolab. Pretendo, neste paper, apresentar brevemente esses espaços, descrever o que acontece nesses ambientes e nas pessoas que ali participam, compreender o que está sendo procurado nas pesquisas por eles realizadas, esclarecendo a conexão que estabelecem entre terapia e pesquisa.

Palavras-chave: Saúde; Ciência; Conscienciologia; Ectoplasma; Cirurgias espirituais.

MIRAÇÕES NO SANTO DAIME E O AGENCIAMENTO VEGETAL

Maicon do Couto Fecher. Mestrando Stricto sensu do Programa de Pós Graduação em Antropologia; maiconfecher@hotmail.com

Paola Correia Mallmann de Oliveira. Mestrando Stricto sensu do Programa de Pós Graduação em Antropologia; paolamallmann@gmail.com

Este trabalho pretende dialogar com autores e atores sociais sobre o evento da Miração nos rituais religiosos do Santo Daime, durante a ingestão do chá, sacramento dessa religião, que se trata de uma bebida produzida a partir de duas plantas amazônicas, Banisteriopsis caapi e Psychotria viridis. Entender o que ocorre ou que experiência os

atores sociais atualizam mediante o consumo, são pontos necessários para ampliar o conhecimento sobre os eventos imagéticos e de “expansão de consciência”, que são conhecidas como Miração. Através de trabalhos etnográficos realizados por observação participante em rituais do Santo Daime em 2014/2015 na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais - Brasil, busco relatar e fazer conexões teórico-conceituais a partir da noção desenvolvida por Lévi- Strauss em sua obra *Cru e Cozido* sobre a semiótica dos sistemas de significação das transformações de figura-fundo, além do conceitos presentes na obra *Inconsciente maquínico* de Félix Guattari, buscando aproximações destes conceitos com categorias nativas de expansão de consciência e categorias como planta professora e intencionalidade vegetal.

Palavras chave: Santo daime, Miração, Intencionalidade, Planta Professora.

EXPERIÊNCIA DE DOENÇA: REFLEXÕES SOBRE HUMANOS E NÃO-HUMANOS NO COTIDIANO DE DIABÉTICOS

Juliano de Sousa Bagatin. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante do Grupo de Pesquisa Sociologia da Saúde UFPR/CNPq; julianobagatin@gmail.com

José Miguel Rasia. Professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenador do Grupo de Pesquisa Sociologia da Saúde UFPR/CNPq; zecarasia@gmail.com

Este artigo propõe uma reflexão sobre a proximidade e distanciamento entre a Teoria Ator-Rede (TAR), conforme trabalhado por Bruno Latour, e a fenomenologia “clássica” aplicada às pesquisas sociológicas e antropológicas. A necessidade desta reflexão surgiu após revisitarmos o material coletado por meio de entrevistas semiestruturadas para a pesquisa *“Uma Companheira da Vida Inteira”*: *O Diabetes e a Experiência de Doença*, iniciada em 2012 e concluída em 2013. Tal pesquisa possui orientação fenomenológica, calcada principalmente em Alfred Schutz, e discute aspectos da vivência dos indivíduos com a doença e como estes constroem suas experiências. Em algumas das narrativas foi possível notar a importância que determinados objetos (não-humanos) possuem na significação da experiência dos diabéticos participantes da pesquisa. No entanto, naquela ocasião tal discussão não recebeu a devida atenção. Neste sentido, buscamos pensar as possibilidades entre a Fenomenologia e a TAR imprimindo uma mudança na forma de compreender o material coletado durante nossa pesquisa. Para tanto, lançamos mão principalmente dos conceitos de simetria, agência, humanos e não-humanos visando repensar as relações/interações entre os atores (actantes) que agem como mediadores nos processos de significação. Tomando de empréstimo a sugestão de Fátima Tavares, feita durante apresentação em uma mesa-redonda na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia (2011), consideramos aqui a *investigação da experiência implicada na dinâmica das redes*.

Palavra-Chave: Teoria Ator-Rede; Simetria; humanos e não-humanos; fenomenologia.

AS CIÊNCIAS DAS CRENÇAS E AS CRENÇAS NAS CIÊNCIAS: “SIMETRIZAÇÃO” E POSICIONAMENTO ETNOGRÁFICO EM UMA PESQUISA SOBRE A AÇÃO DE SERES “INTANGÍVEIS” NO CANDOMBLÉ

Thomás Antônio Burneiko Meira. Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Brasil;
tbmeira@yahoo.com.br

Nas últimas décadas, com a intensificação dos experimentos “simetrizantes”, um novo panorama se abriu para a antropologia. Sob essa rubrica – sugerida por alguns autores brasileiros, em referência ao princípio de “simetria”, popularizado por Bruno Latour –, emergiram pesquisas voltadas para o confronto das ciências “formais” frente aos sistemas de conhecimento “nativos”, a fim de alçar os segundos ao mesmo *status* de legitimidade das primeiras, e, assim, reequilibrar as relações de força entre ambos. Dentre os diversos impactos desse movimento, pode-se destacar, por um lado, a reavaliação de conceitos antropológicos historicamente assertivos, mas concebidos, mais recentemente, como “construídos”, e, por outro, o reconhecimento de agenciamentos não-humanos os mais diversos nas cosmopraxis “ocidentais”. Alinhado a essa tendência, o presente trabalho se refere a uma pesquisa, ainda em fase inicial, acerca das agências “sobrenaturais” em um terreiro de candomblé, localizado na região metropolitana da cidade de São Paulo, Brasil, realizada sob a perspectiva de um de seus “iniciados”. A partir dessa referência etnográfica, pretende-se, primeiramente, passar em revista abordagens “clássicas” sobre a religião, que, em seu conjunto, tendem a reduzir parte do cosmos dos candomblecistas aos pressupostos das “crenças”, “representações” e “ideologias” humanas, para, depois, contrapô-las aos fundamentos teórico-filosóficos presentes na rotina do templo aqui considerado, pautados na existência de seres “intangíveis”, tão genuínos para os religiosos como deslegitimados, em suas ações, por seus analistas externos. Com base nessa discussão preliminar, buscar-se-á, finalmente, levantar algumas questões acerca da necessidade de “etnógrafos-nativos”, ou dos “nativos-etnógrafos”, para a realização de estudos potencialmente simétricos.

Palavras-chave: simetrização; Candomblé; Não-Humanos; “Etnografia-Nativa”.

“AGENDE SEU TOQUE, SUA OBRIGAÇÃO OU FESTA”: OBJETOS, MÍDIAS SOCIAIS E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Leonardo Oliveira de Almeida. Doutorando em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; leonardoalmeidaufrgs@yahoo.com.br

A partir de uma perspectiva embasada no estudo das materialidades religiosas, este trabalho visa apresentar alguns aspectos da relação entre tamboreiros, pessoas responsáveis pelo toque dos tambores nas religiões afro-brasileiras do Rio Grande do

Sul (Brasil), e suas principais estratégias de divulgação de seu trabalho nas redes sociais da internet. No contexto da virada ontológica na antropologia, bem como a partir da perspectiva da *media turn* nos estudos da religião, tomo como referência os objetos expostos em fotos e vídeos que circulam nas redes sociais e em sites voltados para eventos e notícias relacionados ao universo afro-brasileiro. Cabe evidenciar que a cidade de Porto Alegre vem passando por processos marcantes quanto ao uso destas redes, bem como a proliferação de empresas voltadas essencialmente para as religiões afro-brasileiras, tais como o jornal virtual Grande Axé, a Revista eletrônica Afro-umbandista Odum Orixás, a produtora Donos da Noite Produções, dentre outras. No caso específico dos tamboreiros da cidade de Porto Alegre e adjacências, torna-se cada vez mais comum o uso de cartões de divulgação, pôsteres e vídeos que visam divulgar o trabalho desses instrumentistas. Seja individualmente ou a partir de grupos organizados de tamboreiros, chama atenção o uso e exposição de tambores, adereços, camisetas personalizadas, brincos, agês (instrumentos percussivos) e logomarcas em constante relação com cores, formas, tipos de matéria prima, dentre outros. Tais objetos, reunidos de forma específica em vídeos e imagens, imprimem e reivindicam identidades. Nesse contexto, busco apresentar alguns resultados de pesquisa de Doutorado em Antropologia Social, ainda em andamento.

Palavras-chave: materialidades religiosas, tamboreiros, objetos, *media turn*.

GT 50. DIREITOS LGBT NA AMÉRICA LATINA – PESQUISAS EM DIÁLOGO

Coordenadores:

Camilo Braz, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG); camilobraz@gmail.com

Laura Recalde, Licenciada em Comunicação. Mestranda em Ciências Humanas (Estudos latinoamericanos) na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República. (Fhce-Udelar); laurarecalde4@gmail.com

Melissa Barbieri de Oliveira – doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas na linha de Estudos de Gênero da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; melissabarbieri@hotmail.com

Comentarista: Santiago Morcillo – Doutor em Ciências Sociais. CONICET - UNSJ – UBA; santiagomorcillo@gmail.com

Sesión 1: Trans, políticas públicas, cotidiano y ciudadanía

PROGRAMA TRANSCIDADANIA: PRIMEIROS PASSOS DE UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Anna Paula Vencato (UNIP e UNIMES) - apvencato@gmail.com

Regina Stela Corrêa Vieira (USP) - reginastelacv@gmail.com

Este trabalho pretende analisar o processo de elaboração de uma política pública para travestis e transexuais na cidade de São Paulo, desde sua idealização até seu lançamento. Debruça-se sobre o período que vai de abril de 2013, quando a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, realiza uma oficina de consulta sobre elaboração dessa política, até 29 de janeiro de 2015, data de seu lançamento oficial. O Transcidadania é um programa que visa a dar oportunidades de elevação de escolaridade e formação profissional para travestis e transexuais, além de providenciar acesso a outras políticas públicas ofertadas no âmbito municipal. Um dos pressupostos do programa é que esta população, em razão do preconceito específico que a atinge, tem pouco acesso a bens de cidadania e direitos. Assim, articula diversas áreas da gestão pública de São Paulo – como assistência social, saúde e educação –, demandando trabalho conjunto das Secretarias Municipais por elas responsáveis. Nesse contexto, busca-se aqui recuperar os passos iniciais de elaboração e negociação do programa, em especial no diálogo com movimentos sociais e entre instâncias governamentais envolvidas em sua execução, a fim de compreender quais os obstáculos para a implantação de políticas públicas voltadas às demandas específicas de travestis e transexuais. Objetiva-se pensar como noções sobre gênero, sexualidade e cidadania se articulam na produção do programa, de modo a estabelecer parâmetros para sua estruturação e, ao mesmo tempo, informam conflitos e impasses acerca da execução e das possibilidades de alcance do Transcidadania.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Cidadania; Políticas Públicas; Programa Transcidadania.

O DIREITO AO AFETO E AS INCONGRUÊNCIAS DO SISTEMA LEGAL DE IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA NO BRASIL

Cláudia Franco Corrêa. Mestre e Doutora em Direito pela UGF/RJ. Professora do PPGD da Universidade Veiga de Almeida (UVA) Professora Adjunta de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); francocorrea@oi.com.br

Bárbara Gomes Lupetti Baptista. Mestre Doutora em Direito pela UGF/RJ. Professora do PPGD da Universidade Veiga de Almeida (UVA) Professora Adjunta de Direito da

Universidade Federal Fluminense (UFF); blupetti@globocom

O presente trabalho de pesquisa concentra-se no reconhecimento legal de novos arranjos familiares, que inclui não apenas o acesso ao casamento e a união estável de pessoas do mesmo sexo, mas, sobretudo, a composição de núcleos familiares amplos, com a presença de filhos, que passam a ter dois pais ou duas mães e, em alguns casos, duas mães e um pai ou dois pais e uma mãe, sem falar na pluralidade de avós maternos e paternos. Nesse marco, pretendemos contrastar o reconhecimento jurídico dessas novas famílias, com a incongruência dos sistemas brasileiros de identificação de pessoas, sejam dos órgãos públicos ou das instituições particulares, que resistem a tal reconhecimento e incluem como um dos elementos de identificação da pessoa um sistema classificatório restritivo, marcado pelas categorias “pai” e “mãe”. Tal sistema de identificação prioriza o gênero, podendo ocorrer que, a despeito de uma criança ter duas mães, uma delas venha a ser designada como o pai no sistema de identificação, ainda que o judicialmente haja o direito de registro de nascimento com multifiliação. Assim, desprestigiam-se novos arranjos familiares. A pesquisa será realizada através do sistema de identificação de dois órgãos públicos de Estados da federação e de duas Instituições particulares de Ensino como locus privilegiados de pesquisa de campo. Pretende-se analisar se a igualdade firmada na esfera legal se consolida com eficiência nos sistemas de identificação e fichas cadastrais nos aspectos aqui ressaltados. A pesquisa possui relevância interdisciplinar, pois revela interesse tanto na área do Direito como na Antropologia.

Palavras-chaves: Direito ao Afeto; identificação legal; Casal Homoafetivo.

“BICHA DIVA É BICHA VIVA”: NOTAS SOBRE A VELHICE E A VIOLÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DA TRAVESTILIDADE

Francisco Jander de Sousa Nogueira. Universidade Federal do Piauí – UFPI;
jander.sociosaude@gmail.com

Adriano Gomes de León. Universidade Federal da Paraíba – UFPB;
adrianoleon77@gmail.com

Emylio César Santos da Silva. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP;
emylios@gmail.com

A proposta deste trabalho consiste em trazer reflexões acerca da violência e da velhice na experiência de travestis que de alguma maneira estão ligadas à prostituição. Embora muitas reivindiquem uma linearidade acerca dos processos de envelhecimento e da velhice, a realidade de muitas foge à regra, pois muitos elementos são agenciados pela violência, pela exposição, pelo modo como as relações são instituídas e rompidas no

circuito familiar e, principalmente, como elas reelaboram seus itinerários sociais e corporais. O contato com as interlocutoras ocorreu a partir de uma pesquisa de campo em Fortaleza e em Lisboa, através de entrevistas semiestruturadas e da observação participante, em bares, boates, saunas, cinevídeos pornô, associações, serviços de saúde e nas ruas e avenidas por onde travestis costumeiramente se prostituem. Nota-se que as travestis que sobrevivem às ruas e à violência, vão construindo outros espaços de sociabilidade. Marcadas pelo silêncio e pela invisibilidade, elas criam e passam por outros lugares, como novos espaços de prostituição, pela própria casa, pela militância e ainda constroem subterfúgios, o que as permitem transitar com mais fluidez e exercerem suas práticas sexuais.

Palavras-chave: Travestilidade; Gênero; Velhice; Violência; LGBT.

-

EL ARTE DEL TRANSFORMISMO: MANIFESTACIONES PERFORMÁTICAS EN LA NOCHE MONTEVIDEANA. UNA ETNOGRAFÍA SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD TRANSFORMISTA

Lucía Pérez Brun. Universidad de la República. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Montevideo, Uruguay; soyursula@hotmail.com

El presente trabajo tiene por objeto de estudio el fenómeno del transformista como una manifestación de carácter artístico y performático, abordado desde la perspectiva antropológica.

El transformista es el sujeto masculino que se viste y maquilla como mujer temporalmente, para realizar una performance, acotada en el tiempo, mientras que en el diario vivir, su apariencia es masculina. Se diferencia de esta forma del travesti y del transexual, además de que las modificaciones que realiza en su cuerpo para lograr una apariencia femenina, no son permanentes.

Considerando la performance como toda actividad de un individuo que tiene lugar durante un período señalado por su presencia ante un conjunto particular de observadores, se indagó sobre cómo es el proceso de construcción de una identidad transformista a través de la performance.

Asimismo, se pretendió ahondar acerca de cómo se constituye su identidad de género mediante su actuación en los diferentes actos performáticos que realizan, considerando al género no como una identidad estable, sino una identidad construida a través de la performance. Se tratará de identificar cuáles son para ellos los rasgos que deben resaltarse y cuáles ocultarse de su cuerpo para poder realizar la transformación e indagar acerca de cómo se realiza ese proceso.

Se tratará también de poder conocer cómo se construye la trayectoria de un transformista, y cómo se constituyen los diferentes shows.

Mediante la realización de trabajo etnográfico se llevó a cabo esta investigación,

tomando como universo de estudio a transformistas que se presentan en boliches nocturnos de Montevideo realizando diferentes tipos de performances.

Palabras clave: Transformismo, género, performance, cuerpo, identidad.

Sesión 2: Salud y Educación para personas trans

BIOTECNOLOGIAS PARA QUEM? REPENSANDO OS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS DAS PESSOAS TRANS EM BRASIL E COLÔMBIA

Ana María Mújica Rodríguez. MD. Doutorande em Saúde Coletiva, UFSC

Quando se pensa em direitos sexuais e reprodutivos, se inclui não só o direito à livre expressão da identidade e sexualidades, mas também o direito ao acesso às diferentes biotecnologias existentes para a reprodução e à criopreservação do material genético. Se bem no Brasil existem diversas portarias que procuram garantir o cuidado integral da saúde das pessoas Trans; no entanto, no que se refere aos direitos reprodutivos a produção é escassa. A política do processo transexualizador focaliza nas cirurgias tanto de transgenitalização, quanto de histerectomia e ooforectomia, mas não prevê os efeitos das mesmas nas possibilidades reprodutivas. Por outro lado, no que se refere à reprodução assistida, as políticas mantem uma linguagem cisnormativa. Há uma inclusão dos casais homoafetivos, mas não das identidades Trans, assumindo que toda mulher tem um útero e que todo útero vai estar num corpo dito de “mulher”, reproduzindo a matriz sexo/gênero. Na Colômbia, a panorâmica não é diferente, mas tem os seus contrapontos, se consideramos o tipo de sistema de saúde vigente e, a escassez de leis específicas em saúde para esta população, que muitas vezes deve proceder com ações judiciais para a garantia dos seus direitos.

Palavras Chaves: Direitos sexuais e reprodutivos; Reprodução Assistida; Criopreservação; Pessoas Trans.

-

POLÍTICAS DE SAÚDE PARA HOMENS TRANS NO BRASIL: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES ANTROPOLÓGICAS PARA UM DEBATE NECESSÁRIO

Érica Renata de Souza. Professora Adjunta do Depto. de Antropologia e Arqueologia/Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG); erica0407@gmail.com.

Camilo Braz. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Sociais/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiás (UFG); camilobraz@gmail.com.

Neste trabalho, pretendemos trazer alguns dados etnográficos e de entrevistas oriundos de duas pesquisas em andamento no Brasil, realizadas na UFMG e na UFG, e que tomam como foco as experiências de *homens trans* e os desafios em torno das políticas públicas para tais sujeitos. A comunicação apresentará dados preliminares de campo em Belo Horizonte, Campinas, São Paulo e Goiânia. Nossa intenção é a de refletir, partindo dos relatos dos entrevistados, acerca das principais demandas, avanços e retrocessos em torno das políticas de saúde para *homens trans* no Brasil. Acreditamos que tais elementos possam auxiliar na necessária discussão sobre o lugar da transexualidade masculina e suas especificidades no que tange aos direitos LGBT no Brasil, trazendo elementos que podem vir a colaborar para uma discussão mais ampliada a respeito do tema, envolvendo outros contextos latino-americanos.

Palavras-chave: Brasil; Homens Trans; Políticas Públicas; Transexualidade; Saúde.

SALUD EN ESPERA: LA ACCESIBILIDAD EN TRATAMIENTOS DE HORMONIZACIÓN Y CIRUGÍAS PARA PERSONAS TRANS EN EL SISTEMA PÚBLICO DE SALUD DE LA CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES

Lic. Julián Ortega (julianortega@psi.uba.ar)

Lic. María Victoria Tiseyra (vtisey@gmail.com)

Lic. Marine Gálvez (marinejgalvez@gmail.com)

Dr. Santiago Morcillo (santiagomorcillo@gmail.com)

IIGG - UBA

En Argentina, durante el año 2012 se aprobó la Ley de Identidad de Género y, luego de tres años fue reglamentado por el Ministerio de Salud. Considerando este contexto, esta ponencia presenta un primer avance de investigación donde se analizan las situaciones de espera en el acceso a la atención de la salud de personas trans.

Este trabajo se enmarca en un proyecto más amplio a cargo de Mario Pecheny, de carácter cualitativo, descriptivo y exploratorio, donde se toman los aportes teóricos en

relación con las esperas como técnicas institucionalizadas de gobierno para la regulación de los cuerpos sexuados y las dinámicas de poder involucradas en ellas, como así también, los desarrollos sobre la noción de vulnerabilidad programática.

Para esta fase inicial del trabajo de campo se realizaron dos entrevistas en profundidad a usuarias trans del sistema público de salud, una entrevista a un médico que atiende a dicha población, sumado a las observaciones realizadas en el Hospital Durand y Hospital Fernández.

Las esperas de personas trans en ámbitos de salud se presentan como una barrera tanto en el acceso como en la continuidad de los tratamientos de hormonización y las cirugías. Estas situaciones de espera emergen como indicador de los problemas en la implementación de la ley de identidad de género y, a su vez, muestran cómo un sistema de salud fragmentado funciona atravesado por asimetrías, no sólo sexo-genéricas sino también de clase.

Palabras clave: Espera – Salud – Personas trans – Ley de Identidad de género – Políticas Públicas.

-

SUBJETIVIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS DA TRANSEXUALIDADE NO BRASIL: SUJEITAS E SUJEITOS DO DIREITO AO USO DO NOME SOCIAL NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO BRASIL

Crishna Mirella de Andrade Correa. Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciência Humanas (PPGICH) na Universidade Federal de Santa Catarina; professora no curso de direito da Universidade Estadual de Maringá; pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC) e do Instituto de Gênero de Santa Catarina (IEG/UFSC); co-líder do Núcleo de Estudos sobre Diversidade Sexual (NUDISEX/UEM); crishnamirella@gmail.com

Miriam Pillar Grossi. Professora orientadora deste trabalho, titular do curso de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, das Pós-graduação em Antropologia (PPGAS/UFSC) e do Programa Interdisciplinar em Ciências humanas (PPGICH/UFSC) da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do Núcleo de Estudos sobre identidades de Gênero e Subjetividades da UFSC (NIGS/UFSC) e co-coordenadora do Instituto de Estudos de Gênero de Santa Catarina (IEG); miriamgrossi@gmail.com

Mara de S. C. Lago. Professora co-orientadora deste trabalho, professora no Programa Interdisciplinar em Ciências humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC). e co-coordenadora do Instituto de Estudos de Gênero de Santa Catarina (IEG); integrante da Coordenação Editorial da Revista de Estudos Feministas (REF/IEG/UFSC); maralago7@gmail.com

No Brasil, as regulamentações de uso do nome social nas instituições educacionais estão inseridas em um movimento da administração pública em ceder às reivindicações das pessoas trans e dos movimentos sociais, no sentido de reconhecer a pluralidade de identidades de gênero. Nas instituições superiores de ensino brasileiras, o nome social vem sendo regulamentado desde 2010. Entre os fatores que compõem o cenário da regulamentação desse direito nas universidades públicas está a existência das pessoas trans nesses espaços e a articulação dos grupos de estudos e coletivos feministas em torno dos direitos relacionados à transexualidade. Além disso, a atuação dos movimentos sociais na 1ª Conferência Nacional LGBT, realizada em Brasília, em 2008, foi fundamental para pressionar essas instituições no sentido de acolherem as pessoas trans através da normatização do nome social. Considerando o cenário político-institucional, este trabalho objetiva apresentar um mapeamento da situação do direito ao uso do nome social nas universidades públicas do Brasil e refletir sobre minha vivência e as atuações das pessoas trans dentro das comissões e grupos de luta pela efetivação deste direito nas Universidades Federal de Santa Catarina e Estadual de Maringá.

-

LA LAICIDAD DEL ESTADO: CONDICIÓN DE POSIBILIDAD DEL QUIEBRE DE LA HETERONORMATIVIDAD EN LA ESCUELA

RAMOS, Gabriela A. Universidad Nacional de Rosario; ramosgabrielaa@gmail.com; centrotantosha@yahoo.com.ar

La presente comunicación intentará dar cuenta de los avances y estancamientos en torno a la visibilización de las sexualidades no hegemónicas en la escuela media urbana de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires de la República Argentina desde la sanción de la Ley Nacional de Educación Sexual Integral N° 26.150/ octubre 2006.

El análisis que se presenta fue realizado a partir de un relevamiento en 7 escuelas públicas de nivel medio de la C. A. Bs. As. , con la modalidad de encuestas autoadministradas sumando la muestra un total de 250 estudiantes de primeros y cuartos años.

Se retoma la investigación iniciada en el año 2005 cuyo objetivo fue acercarse a las percepciones y vivencias de los-as adolescentes sobre el tema de la homosexualidad y el lesbianismo en escuelas medias urbanas.

Reconociendo el gran trabajo militante que las agrupaciones GLTBQ han hecho en pos de la visibilidad del colectivo y la reivindicación de derechos que implicó la sanción de la Ley de Identidad de Género N° 26.743 – y de la Ley de Matrimonio Civil N° 26.618 es que se propone una comparación entre ambas muestras para pensar el impacto de los efectos de un marco legal garantista de derechos en la conformación de las representaciones sociales de los y las adolescentes que concurren a dichos establecimientos educativos.

Palabras claves: Estado laico, escuela media, diversidades sexuales, género, derechos

Sesión 3: Movimiento LGTB y sus luchas; de la visibilidad a los Derechos

-

-

CUERPO, GÉNERO, SEXUALIDAD; INCIDENCIA POLÍTICA EN EL RECONOCIMIENTO DE DERECHOS

Dr. Mauricio List Reyes. Benemérita Universidad Autónoma de Puebla;
mauriciolist@gmail.com

En México, en los últimos años, se ha dado un importante debate en torno a los DH a partir de la reforma legislativa que los elevó a rango constitucional en 2011. Dentro de ese debate se ha discutido su alcance en relación a los sujetos LGBT y sus derechos, como el matrimonio, la adopción y la identidad.

En este debate se vuelve a cuestionar la relevancia y alcance de los DH por un lado y por otro las decisiones de la Suprema Corte de Justicia de la Nación que han ido en el sentido de ir deshechando las legislaciones locales que limitan esos derechos.

En el caso de la ciudad de Puebla la participación de organizaciones de la sociedad civil ha ido en el sentido de negociar con las diversas instancias de gobierno para facilitar la armonización legislativa y a la vez desarrollar acciones públicas y legales para empujar el establecimiento de políticas públicas en beneficios de este sector.

Lo que pretendemos en esta ponencia es mostrar como la acción de la sociedad civil organizada ha permitido una creciente incidencia política a pesar de la oposición de los grupos de derecha que han tenido el control del congreso del estado en los últimos años y discutir en términos teóricos el papel de las acciones afirmativas y el derecho a la no discriminación como lo plantea Roger Raupp Rios.

Palabras clave: derechos sexuales, LGBT, incidencia política, derechos humanos.

“DERECHOS LGBTIQ Y PERSPECTIVAS ECOFEMINISTAS EN AMÉRICA LATINA: TENSIONES E IDEOLOGÍAS ENTRE LOS PROCESOS DE HETEROSEXUALIZACIÓN Y HUMANIZACIÓN ANIMAL”

Gustavo Marcelo Martin. Universidad Nacional de Río Cuarto / CONICET;
gusmar.gov2013@gmail.com

Nos encontramos en un contexto socio-cultural y su consecuente marco jurídico en disputa, en el que derechos de los colectivos LGBT (¿Intersex y Queer como identidades?) en América Latina y el de animales o seres no-humanos (derechos de cuarta generación), en tanto derechos de “minorías” en sentido deleuziano, parecen estar sujetos bajo una misma lógica de aprobación social por parte de una “estructura democrática mayoritaria”. Se da en efecto un doble proceso de humanización de los animales y heterosexualización de las personas LGBT como condición previa para su igualación legal posterior en tanto “derechos humanos”. En este sentido, desde algunas perspectivas ecofeministas, entrecruzamiento de las categorías de género y ambiente, es posible comprender la multiplicidad de causas de dicho doble proceso y sus posibles salidas.

Se busca por tanto en este trabajo, por medio de un análisis cualitativo, antropológico y comparativo, en una primera instancia contextualizar los tipos de derechos, especificando los de la comunidad LGBT y los de seres no-humanos, destacando semejanzas y diferencias. En un segundo momento, realizar un análisis transversal desde algunas perspectivas ecofeministas (esencialistas y constructivistas), con objeto de desentrañar la lógica patriarcal que subyace a esa “minorización de derechos”. Finalmente, proponer una postura ecofeminista queer como alternativa al paradigma hetero-hegemónico.

Palabras clave: heterosexualización; humanización animal; ecofeminismo queer; lógica patriarcal.

DIFERENÇAS ENTRE OS MOVIMENTOS LGBT E ATIVISMOS *QUEER* DO CHILE, ARGENTINA, ESPANHA E PORTUGAL

Leandro Colling. Professor adjunto da Universidade Federal da Bahia;
leandro.colling@gmail.com

Com base em uma ampla revisão bibliográfica, cerca de 50 entrevistas, observação participante e coleta de informações na Argentina, Chile, Portugal e Espanha, o texto apontará algumas das principais diferenças existentes entre os ativismos *queer* e/ou de dissidência sexual e os movimentos LGBT desses países. O impacto do trabalho de ativistas da Espanha sobre a América Latina também será analisado.

Enquanto o movimento LGBT aposta quase que exclusivamente na conquista de marcos

legais, o ativismo *queer* está mais interessado em ações que promovam o respeito às diferenças de gênero e sexualidade através do campo da cultura. Outra diferença está no fato de que boa parte do movimento LGBT considera que, para conquistar direitos, as pessoas LGBT precisam criar uma “representação respeitável”, uma “boa imagem”, o que significa, no final das contas, uma aderência à heteronormatividade.

As formas de organização e gestão também diferem. O movimento LGBT se articula em cada país em redes e federações e também em nível global. Os grupos possuem um presidente ou coordenador e é essa pessoa quem responde oficialmente pela associação. Já os coletivos *queer* tentam fugir dessa forma de gestão, nem sempre com total êxito, mas ainda assim a relação é bem mais horizontal e as assembleias são convocadas para a discussão de vários aspectos e temas. Quando não pertencem a grupos, vários ativistas *queer* se auto definem como ativistas independentes.

Outro diferencial são as ações de desobediência civil. Enquanto o movimento LGBT tende a pressionar o campo da política via manifestações, abaixo assinados, comunicados à imprensa, os coletivos e ativistas *queer*, às vezes, lançam mão de ações que podem levar ativistas para a prisão e a responder processos judiciais. Outra diferença está na a interseccionalidade ou, pelo menos, uma constante tentativa de construí-la. As vozes e coletivos sintonizados com as perspectivas *queer* parecem muito mais interessadas/os em encontrar pontos de contato com movimentos feministas, étnicos, migrantes, de trabalhadoras do sexo, de jovens e de pessoas que lutam contra o capacitismo.

Palavras chave: movimentos LGBT, ativismos *queer*, políticas sexuais.

MENOS DORES E MAIS AMORES: HOMOFOBIA E CONJUGALIDADE NA POLÍTICA LGBT BRASILEIRA

Ronaldo Trindade. UNICAMP

Minha tese de doutorado defendida no ano de 2004 estava amparada em uma exaustiva pesquisa de campo, realizada entre os anos de 2000 e 2003. No capítulo final, teci uma breve história das lutas por direitos desencadeadas pelos homossexuais brasileiros, destacando suas formas de atuação e suas demandas. Na época, sugeri que as lutas estavam organizadas em torno de dois eixos principais: homofobia e conjugalidade e então me pus atento às movimentações ocorridas nas instâncias onde essa batalha estava sendo travada, tais como no congresso e senado nacional, mas também nas manifestações públicas – atos em repúdio ao assassinato do adestrador Edson Neris e pela condenação dos acusados, beijaços em espaços públicos em resposta a ações homofóbicas, sempre documentados pela imprensa brasileira. Essa década que separa meu trabalho dos dias atuais foi marcada também por uma expansão do campo de estudos de gênero e sexualidade no Brasil, possibilitando um mapeamento diversificado das questões internas do grupo e que permitem, quando vistos em conjunto, entender o

que mudou nesse intervalo de dez anos. O que ainda permanece como reivindicação? Quais foram atendidas? De que forma? A proposta deste paper é revisitar meu material etnográfico – notadamente o que se refere às ações pela criminalização da homofobia e às lutas por direitos de família - e estabelecer relações com a produção acadêmica atual a respeito desses dois fragmentos das lutas políticas dos LGBT brasileiros.

LA NOCIÓN DE HOMOFOBIA EN AMÉRICA LATINA: USOS, ALCANCES Y LIMITACIONES

Jaime Barrientos. Escuela de Psicología, Universidad Católica del Norte, Chile.

En América Latina la situación de los derechos de la población lesbiana, gay, bisexual y transgénero (LGBT) ha mejorado recientemente respecto a décadas anteriores. Sin embargo, aún persisten los crímenes de odio y la homofobia. Y en particular, en la región, la noción de homofobia es usada frecuentemente para relevar el prejuicio, el estigma y la discriminación hacia la población LGBT. Pero, hoy en día la homofobia ¿qué significa como concepto?, ¿tiene los mismos sentidos y significados que cuando dicho concepto fue creado? Esta presentación busca problematizar dicha noción, revelando la historicidad y el carácter igualmente situado de esta categoría. Asimismo, busca indicar los usos más frecuentes de esta noción, así como sus limitaciones. Se discute también los alcances y usos de esta noción por la política pública y el movimiento LGBT especialmente en las recientes discusiones sobre diversidad, bullying, anti-discriminación o matrimonio igualitario. A modo de ejemplo, se alude a investigaciones etnográficas en el contexto escolar para remarcar la complejidad de las tramas de relaciones sociales que la homofobia pone en juego. Por ello y para finalizar, se propone pensar la complejidad y las dinámicas del concepto recurriendo a la idea de “sistema homóforo”, lo que articularía - en una trama compleja- el heterosexismo, prejuicio sexual, heteronormatividad, sexismo y dominación masculina.

Palabras Claves: Homofobia, América Latina.

GT 51. MIGRAÇÕES, DISPUTAS E LEGITIMAÇÕES

Coordenadores:

Pós-Doutora Miram de Oliveira Santos (UFRRJ- Brasil). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;

mirsantos@uol.com.br

Doutora Marta M. Maffia (Facultad de Ciencias Naturales y Museo-Universidad Nacional de La Plata- y CONICET- Argentina); mmaffia@museo.fcnym.unlp.edu.ar; migraciones.africanas@gmail.com

Comentarista: Pós-Doutora Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM, Brasil); zanini.ufsm@gmail.com

Sesión 1: Migrações Africanas

EL HACER Y EL DECIR DE LA MILITANCIA “AFRO” EN BUENOS AIRES (ARGENTINA). APROXIMACIÓN A INSTITUCIONES DE AFRODESCENDIENTES Y MIGRANTES AFRICANOS A TRAVÉS DE SUS MEDIOS SOCIALES

Marta M. Maffia; mmaffia@fcnym.unlp.edu.ar

Orlando Gabriel Morales; omorales@mendoza-conicet.gob.ar

CONICET

En esta ponencia exponemos resultados de una aproximación a organizaciones de afrodescendientes y migrantes africanos radicadas en la Ciudad de Buenos Aires y el Gran Buenos Aires (Argentina), a través de sus medios sociales (blogs), para indagar acerca de sus discursos y acciones.

Hacemos referencia a las siguientes organizaciones: Agrupación Afro Xangô, Asociación Civil África y su Diáspora y Comisión Permanente de Estudios Afroargentinos (perteneciente a la Asociación Misibamba).

Con base en los materiales analizados (diversas publicaciones del período 2011-2014 en blogs institucionales y algunos registros etnográficos) presentamos una caracterización de las configuraciones institucionales (composición, estructura, objetivos) y actividades de las organizaciones.

Además, damos cuenta de los temas y problemas objeto de su discurso y de los intereses ideológicos y políticos que estos últimos evidencian. En tal sentido, revelamos convergencias discursivas en torno de la histórica invisibilización de los afrodescendiente y de la lucha por alcanzar su visibilidad social.

Además, a través de sus blogs, registramos múltiples articulaciones institucionales que dejan ver sus capacidades y estrategias de aprovechamiento de coyunturas y oportunidades para multiplicar su alcance y fuerzas.

Palabras clave: migración africana, afrodescendientes, análisis del discurso,

invisibilización, racismo.

MIGRANTES INTERNACIONAIS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE SENEGALESES NOS ESPAÇOS DE TRABALHO NUMA CIDADE MÉDIA BRASILEIRA

Vania Beatriz Merlotti Herédia; vbmhered@ucs.br

Bruna Pandolfi; bpandolfi@ucs.br

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Caxias do Sul tem uma história marcada por migrações desde sua ocupação inicial. Tornou-se uma das cidades médias brasileiras e é conhecida como um dos polos de indústria de transformação mais dinâmicos do país. A partir do final da primeira década de 2000, o município começou a receber migrantes de outros países, devido a mudanças significativas na economia internacional. Essa onda de novas migrações internacionais gerou impactos culturais na população local. O objetivo do estudo é examinar as impressões dos senegaleses no que diz respeito às dificuldades enfrentadas nos espaços de trabalho nessa cidade e a própria receptividade da população em relação a essa inserção. A abordagem é de natureza qualitativa e o estudo descreve relatos dessa população acerca da sua inserção no mercado de trabalho. As entrevistas foram realizadas durante o ano de 2014, no Centro de Atendimento aos Migrantes na cidade de Caxias do Sul. Como referência teórica, o estudo fez uso das obras de Ambrosini (2011), Becker (2010), Sayad (1998), Visentini (2013) e CESCHI (2012). O estudo evidencia que os senegaleses que chegaram a cidade a escolheram devido à busca de trabalho e a condição de acesso à documentação. As principais dificuldades observadas mostram que existe, por parte da população, um desconhecimento histórico acerca da cultura africana. A presença de senegaleses no espaço coletivo tem provocado reações de inquietude e adversidade para a população local e a inserção no mercado de trabalho se deu devido à necessidade de mão de obra na economia local, sendo que as mesmas contrataram esses migrantes em diversos setores econômicos.

Palavras-chave: Migrações internacionais; população senegalesa; hospitalidade.

MIGRAÇÕES E HOSPITALIDADE: OS SENEGALESES EM CAXIAS DO SUL

Vania Herédia

Caroline da Silva Camargo; carol.camargo_555@hotmail.com

Universidade de Caxias do Sul

Os deslocamentos populacionais entendidos por muitos como fenômeno migratório assume particularidades que dependem da época e do lugar em que acontecem. Nos últimos anos o número de imigrantes no Brasil aumentou, chamando assim a atenção

para problemáticas que envolvem questões referentes à inserção desses imigrantes nas localidades de destino. Caxias do Sul é um município de porte médio, que tem como marco histórico a presença de fluxos migratórios. A cidade historicamente sempre recebeu mão de obra de fora que foi absorvida na sua economia. Atualmente, a cidade está passando por uma nova onda imigratória, com características distintas das anteriores, pelo fato de ser uma migração internacional. O presente estudo trata das primeiras impressões que envolvem a população da cidade no recebimento dos senegaleses quanto à percepção das diferenças culturais que os mesmos carregam. O estudo envolve os principais agentes sociais que lidam com a imigração na cidade de Caxias do Sul. Constata-se algumas dificuldades de entendimento dos motivos que os trouxeram a cidade e o desconhecimento por parte da população quanto à origem da população, motivos de deslocamento e diferenças culturais. O estudo contribui para a compreensão da diversidade cultural presente nesse fluxo e da história da cultura brasileira em nosso país.

Palavras chave: Migrações, hospitalidade, cultura afro, senegaleses, diversidade cultural.

DESLOCAMENTOS DE SENEGALESES E COMÉRCIO AMBULANTE NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

Maria Clara Mocellin. UFSM; claramocellin@gmail.com

O fluxo migratório de senegaleses para o Rio Grande do Sul aconteceu em maior número para as cidades de Caxias do Sul, Passo Fundo, Lajeado, dentre outras. No entanto, outras cidades também receberam senegaleses, sobretudo, aquelas que possuem indústrias de abates de aves, como são os frigoríficos, ou falta de mão de obra para a construção civil. Em menor número, alguns senegaleses se deslocaram para algumas cidades do Rio Grande do Sul e se envolveram no comércio ambulante de bijuterias, relógios, entre outros artigos. Santa Maria é uma das cidades de destino/passagem para esse tipo de atividade. Tomamos como objeto de pesquisa os senegaleses, os seus deslocamentos e trajetos, ligados ao comércio ambulante em cidades médias e pequenas do Rio Grande do Sul. Tratam-se de jovens senegaleses do sexo masculino, que vieram para o Brasil a partir de 2013 pela rota do Equador-Peru, entrando no Brasil pelo Acre. Moram em pequenos grupos de senegaleses, em casas alugadas em condições precárias, e estão envolvidos por uma rede de relações estreita em que se cruzam laços de amizade, de parentesco e crença religiosa.

Palavras-chaves: senegaleses, deslocamentos, comércio ambulante, religião, rede de relações.

REDES Y PROYECTOS MIGRATORIOS DE LOS SENEGALESES EN ARGENTINA

Lina Fernanda Sanchez Alvarado; linasanchezalvarado@gmail.com

Dra. Bernarda Zubrzycki; bernazub@gmail.com

Facultad de Ciencias Sociales-UBA. UNLP- CONICET

Los reportes de organismos internacionales que han comenzado a dar cuenta del fenómeno de las migraciones extracontinentales a América, y Sudamérica en particular, señalan la intensificación de los flujos provenientes del África subsahariana.

Estos flujos migratorios muestran heterogeneidad en términos de la duración de la estadía en la región. Según el Panorama Migratorio de América del Sur del año 2012 de la OIM, en los países nucleados en el eje andino, con flujos predominantes hacia Ecuador y Colombia, la migración africana adopta un carácter transitorio, siendo excesivamente bajo el número de inmigrantes africanos que tramita la residencia.

En el eje atlántico, los países que reciben mayor cantidad de migrantes subsaharianos son Argentina y Brasil, donde parte de los migrantes parecen haberse asentado de manera duradera, pero otros asumen una situación transitoria.

En este trabajo nos centraremos en la migración senegalesa hacia Argentina.

A partir de un abordaje etnográfico analizaremos este heterogéneo colectivo migratorio, describiendo la conformación y funcionamiento de algunas redes migratorias. Además, prestaremos especial atención a los proyectos migratorios particulares de aquellos que integran las diferentes redes. Si bien en algunos migrantes se evidencia “voluntad de arraigo”, en muchos otros observamos una “voluntad de movilidad”.

En estos proyectos la sedentarización permanente no es ya sinónimo de éxito en el proyecto migratorio, sino el hecho de saber ser “de aquí” y “de allí” al mismo tiempo, a la vez que saber cómo migrar.

SENEGALES EN PUERTO MADRYN. UN PRIMER ACERCAMIENTO A LA IDIOSINCRASIA LOCAL COMO MARCO DE REPRESENTACIÓN SOCIAL

M. Luz Espiro. Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata, Argentina; mluzespiro@gmail.com

Esta propuesta pretende ser una primera aproximación a un contexto de interculturalidad que tiene por sujetos a los migrantes senegaleses y a la población local en la ciudad de Puerto Madryn, en la actualidad.

El traslado de los senegaleses a esta ciudad tiene la particularidad de ser estacional, asociado a los meses de verano, cuando la ciudad de Puerto Madryn, ubicada a orillas del Golfo Nuevo en la provincia de Chubut, Patagonia argentina, se convierte en un punto turístico principal de la región. En este contexto se inscribe la llegada de senegaleses como parte de una estrategia para mejorar las oportunidades de trabajo en la

venta ambulante, las cuales se relacionan, sobre todo, con la gran concentración demográfica que se genera en esta ciudad en el verano.

El objetivo de este trabajo es problematizar ciertas facetas identitarias de la población madrynense como punto de partida para la construcción de representaciones en torno a los migrantes senegaleses, y por lo tanto el marco que habilita ciertos modos de relacionamiento e intercambio entre la población local y dichos migrantes.

En la conformación de la idiosincrasia madrynense, al relato hegemónico de nación argentina se le superpone otro, con gran peso específico, asociado a contingentes de galeses que ocuparon la región y fundaron varias ciudades principales con el objetivo de crear una nación galesa.

Para el análisis se trabajará con noticias sobre los senegaleses publicadas en un periódico local, con actividades realizadas por los 150 años de la llegada de los galeses a Chubut y con entrevistas a funcionarios locales.

Palabras clave: migraciones, senegaleses, galeses, identidades, Patagonia.

Sesión 2: Migrações, Memórias e identidades

MEMÓRIAS DE PORTUGUESES, LUSO-AFRICANOS E AFRICANOS EM SÃO PAULO: RECONSTRUINDO TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES

Zeila de Brito Fabri Demartini. UMESP/CERU/CNPq; zeila@usp.br

Este texto aborda os processos de deslocamento de imigrantes e as trajetórias por eles realizadas em diferentes contextos, assim como os processos de construção/reconstrução de identidades que os acompanham. Focaliza os fluxos migratórios de portugueses, luso-africanos e africanos das antigas colônias portuguesas da África em direção a São Paulo, motivados pelas difíceis e complexas realidades africana e portuguesa, cruzando-se em suas trajetórias as vivências e referências a continentes distintos, o que as memórias evidenciam. Compara-se as vivências da primeira, segunda e terceira gerações, abordando os projetos familiares e as experiências das diferentes gerações no campo educacional, cultural, de trabalho e de lazer. A análise das histórias de vida das diferentes gerações que vivenciaram as crises pelas quais passaram as nações e as famílias indica como as famílias reelaboraram os projetos para seus filhos durante seu processo de deslocamento e as novas inserções, assim como cada geração vivenciou e representa tais acontecimentos. Nas famílias de ex-colonos há entre os da primeira geração um ressentimento em relação a Portugal e à história dos países africanos, demonstrando desinteresse em retornar, o que não ocorre com famílias africanas. No caso da segunda e terceira gerações, nota-se a curiosidade pelo retorno para os que de lá vieram quando pequenos ou pela ida para os países de onde seus pais vieram, mas quase sempre sem interesse por estadia permanente. As identidades estão em reconstrução, envolvendo processos de negociação e transformação em função dos “outros”, que

também são múltiplos, sendo uma espécie de “lugar virtual”.

Palavras-chave: deslocamentos; identidades; memórias africanas; portugueses, luso-africanos e africanos.

MOBILIDADE SOCIAL, A SIMBÓLICA DA ORIGEM E A IDENTIDADE IDEALIZADA ENTRE DESCENDENTES DE IMIGRANTES

Giralda Seyferth. UFRJ; gseyfert@gmail.com

Nesta comunicação vou tratar de representações envolvendo percepções idealizadas e valores culturais próprios da etnicidade, produzidas por descendentes de imigrantes europeus cujos antepassados se estabeleceram em áreas coloniais do estado de Santa Catarina. O enfoque recai nas trajetórias ascendentes de algumas famílias e na construção de uma auto-imagem progressista associada ao passado imigratório e à superação das dificuldades enfrentadas pela primeira geração de imigrantes na situação pioneira da colonização em terras devolutas; e, por outro lado, destaca-se a busca de informações sobre as famílias no país de origem, nem sempre bem sucedidas.

Palavras-chave: mobilidade social, identidade e imigração.

CIDADANIA ITALIANA COMO VALORIZAÇÃO E AFIRMAÇÃO ÉTNICA: UM ESTUDO ANTROPOLOGICO ENTRE E COM DESCENDENTES DE ITALIANOS EM SANTA MARIA/RS

Jamile dos Santos P. Costa mile_rec@hotmail.com

Maria Catarina C. Zanini zanini.ufsm@gmail.com

UFSM

A proposta desse trabalho consiste em apresentar os resultados obtidos por meio de pesquisa etnográfica que buscou compreender a trajetória dos processos de reconhecimento da dupla cidadania italiana, na região de Santa Maria, RS. A pesquisa aqui apresentada teve por objetivo conhecer e analisar como foram estabelecidos os processos de reconhecimento da cidadania italiana, bem como as relações que transitavam entre os descendentes de imigrantes italianos. Utilizando como técnicas de pesquisa a observação participante entre e com descendentes de imigrantes italianos residentes em Santa Maria,

RS, bem como entrevistas semiestruturadas, identificamos que o processo de reconhecimento da cidadania italiana não só concede a esses descendentes um direito,

mas também desperta outros sentimentos relacionados a valor, pertencimento e “resgate” das histórias das famílias. O reconhecimento possibilita que esses indivíduos circulem entre os continentes com maior facilidade, levando em consideração a nova ordem mundial que possibilita esse trânsito. O Estado italiano classifica esses duplos cidadãos, como cidadãos italianos residentes no exterior (all’estero), são descendentes de imigrantes (os oriundi)

que passaram pelo processo de comprovação de sua ascendência italiana. Essa classificação se aplica também aos cidadãos nascidos na Itália, mas que estejam residindo a mais de um ano no exterior, dessa forma, surge a transnacionalidade, como uma característica importante desse cenário da imigração, pois promove uma nova ideia de pertencimento por aqueles que se encontram nessa organização política e econômica.

Palavras-chave: Dupla cidadania; Descendentes de italianos; Pertencimento.

COMUNIDADE MACAENSE NO RIO DE JANEIRO: FESTAS, IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E MEMÓRIA

Paloma Maria Rodrigues Augusto.UFF; palomariaugusto@gmail.com

Em linhas gerais, trataremos nesta apresentação da relação da comunidade macaense no Rio de Janeiro, isto é, sino-portugueses originários de Macau (China) e seus descendentes, com um local criado por esta própria comunidade para estabelecimento de sociabilidade e laços entre seus membros, a Casa de Macau do Rio de Janeiro - CMRJ. Os movimentos diaspóricos, possivelmente motivados pelos efeitos da Revolução Chinesa (1949) ou da Revolução Portuguesa (1974) – ou ainda mesmo das próprias causas dessas revoluções – trouxeram ao Brasil os primeiros macaenses, que iniciaram as atividades da CMRJ, sendo esta casa hoje o principal lugar de sociabilidade daqueles macaenses que residem no Rio de Janeiro.

Durante o ano de 2014 tive a oportunidade de frequentar algumas das festividades organizadas pela Casa de Macau no Rio de Janeiro e conhecer mais a seu respeito. Assim, passei a realizar uma observação participante em suas festas, uma vez que a CMRJ realiza eventos mensalmente, respeitando um calendário determinado, estabelecendo uma sociabilidade entre eles, proporcionando a manutenção de alguns aspectos da cultura macaense, como sua culinária.

As festas que pude acompanhar ao longo de 2014 revelaram aspectos relacionados à construção identitária da comunidade macaense no Rio de Janeiro que estão para além de suas festas, como, por exemplo, a centralidade que a família e a culinária possuem em relação ao que os macaenses frequentadores dessas festas chamam de identidade ou cultura macaense, servindo para o estabelecimento de uma memória coletiva sobre Macau para os membros dessa comunidade, aspectos sobre os quais tratarei nesta

apresentação.

Palavras-chave: Macau; festas; identidade; memória; família.

LA FIESTA COMO CONTEXTO Y OBJETO DE INVESTIGACIONES EN EL CAMPO DE LOS ESTUDIOS MIGRATORIOS EN ARGENTINA

Nicolás Herrera. UNLP – IdHICS (CIMeCS) – CONICET;
herreranicolas@hotmail.com

La ponencia revisa una serie de trabajos insertos en el campo de los estudios migratorios de Argentina dedicados a analizar diversas temáticas sociales a través del fenómeno festivo. Este trabajo forma parte de la elaboración de mi tesis de maestría, centrada en analizar aquellas prácticas rituales desarrolladas actualmente por distintas asociaciones étnicas -en el contexto de la Fiesta Provincial del Inmigrante (Berisso, Argentina)- que les permiten representar, legitimar y/o disputar su lugar en la construcción simbólica de la nación.

La primera parte del trabajo está dedicada a mostrar cómo la adopción de una mirada antropológica clásica sobre el ritual -que solo vio en él una práctica social irracional y primitiva destinada a desaparecer ante el avance de la razón moderna- llevó a que inicialmente los estudios sobre la fiesta encontrarán en ella la reproducción de prácticas sociales irreflexivas, pintorescas, carentes de sentido, lúdicas, ociosas, desproblematizadas, etc.

Mostrando la superación actual de aquella mirada inicial, en la segunda parte de la ponencia reviso críticamente una serie de trabajos del campo de los estudios migratorios de Argentina dedicados a estudiar, en contexto festivo, temas como: la construcción de estrategias de cohesión social, redes de ayuda y compromiso mutuo; la adquisición de legitimidad o prestigio social; la constitución de liderazgos étnicos; la dramatización de un orden simbólico que reproduce límites morales y jerarquías sociales entre grupos étnicos; formas de relacionarse con el contexto migratorio y la reconstrucción de identificaciones étnico-nacionales en él; procesos donde se visibilizan actores que en momentos extra festivos se encuentran socialmente invisibilizados; la producción de memorias y los usos que desde el presente se hace del pasado; etc.

La ponencia se cierra con un conjunto de conclusiones elaboradas a partir de las líneas centrales de lo anteriormente argumentado.

Palabras claves: Fiesta – Inmigración – Ritual.

Sesión 3: Migrações, gênero e socialização

-

DIFERENCIAS E INTERSECCIONALIDAD: EFECTOS DE DOMINACIÓN Y RESISTENCIA EN LAS PRÁCTICAS DE INTERVENCIÓN HACIA MUJERES INMIGRADAS EN CHILE

Dra Caterine Galaz V. Universidad de Chile. Universidad de Chile;
cgalazvalderrama@u.uchile.cl

-

En la presente comunicación se arrojan luces sobre un análisis preliminar de las prácticas y discursos de diversos dispositivos de intervención social por los que cruzan algunas mujeres inmigradas en el país. El objetivo de la investigación fue analizar de qué manera el dispositivo de intervención social por el que transitan las mujeres inmigradas que residen en las cinco comunas de la Región Metropolitana de Chile con más población extranjera contribuye a una inclusión que considere el reconocimiento enunciativo, la incorporación sociocultural y la igualdad de oportunidades de este colectivo. Se buscó establecer cómo se producen los procesos de diferenciación (Brah, 1992) así como también la emergencia de la sistematicidad de diferencias, a partir de un enfoque interseccional -sustentado en el sexo, la clase y la procedencia nacional.

Palabras clave: inmigración, inmigrante, inclusión social, exclusión, género, integración, cohesión social, Estado.

PAPEL DAS MULHERES MIGRANTES NOS PROJETOS FAMILIARES QUE MOBILIZAM A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

Margarita Rosa Gaviria Mejía; margaritarosagaviria@gmail.com

Jaqueline De Bortoli; jbortoli@universo.univates.br

Emelí Lappe; emelilappe@universo.univates.br

UNIVATES

Nas últimas décadas, a imigração dos haitianos é uma estratégia econômica encontrada para resolver, em parte, as dificuldades econômicas do país: um terço do orçamento da Ilha é financiado por imigrantes. Após o terremoto de 2010, procuram o Brasil como destino. Este artigo se propõe a analisar, a partir das trajetórias de vida de mulheres haitianas que migraram para o Brasil, os projetos familiares subjacentes a essa movimentação migratória. A ênfase recai no viés feminino dessa migração, já que, entre as mulheres destaca-se a migração como um projeto familiar. Elas aspiram principalmente a arrumar emprego de modo a ter renda suficiente para estar no Brasil e enviar dinheiro para a família no Haiti, já no caso masculino percebem-se também interesses individuais no projeto migratório. Para as mulheres, o projeto migratório representa interesses familiares que envolvem tanto os membros da família que ficam quanto os que partem. Da ótica feminina sobressai a carga emocional que implica para muitas a separação de membros da família próximos como os filhos e os conjugues.

O PROGRAMA DE INTERCÂMBIO AU PAIR COMO FLUXO MIGRATÓRIO DE JOVENS MULHERES PARA O TRABALHO DO CUIDADO

Michelle Franco Redondo. Unicamp; michelleredondo@gmail.com

O presente trabalho utiliza o Programa de Intercâmbio Au pair _troca de alimentação e moradia por cuidado com crianças_ para discutir a migração feminina influenciada pelo mercado do trabalho do cuidado (care). Nesse sentido ele tem como objetivo descrever e analisar uma forma específica de circulação de pessoas, a qual é divulgada como experiência de intercâmbio cultural e associa-la à necessidade de mão de obra para o cuidado com os filhos. Dentro dessa perspectiva será destacada a manutenção da associação dos trabalhos domésticos às mulheres da família, assim como a utilização de mão de obra dos países mais pobres pelos países mais desenvolvidos. A interseccionalidade se fez fundamental, em especial, para analisar o modo como as questões do gênero, da raça e do sexo contribuem na escolha dos seus participantes pelo Programa Au pair, e refletem a dificuldade de valorização do trabalho doméstico. Dessa maneira, discutiremos o fluxo migratório transnacional de mulheres, incentivado pelo trabalho do cuidado, a partir do Programa de Intercâmbio Au pair considerando suas particularidades. Essa discussão será embasada nas experiências de au pairs brasileiras em Paris e seus arredores, que foram analisadas a partir da observação participante e da realização de entrevistas, tendo como aporte teórico da perspectiva do cuidado. A técnica de entrevista utilizada foi a semi-dirigida, isso porque o objetivo das entrevistas era viabilizar uma compreensão das biografias e das experiências dessas migrantes. Os entrevistados foram identificados e localizados pelo método da “bola de neve”.

Palavras-chave: Programa de Intercâmbio Au pair, trabalho do cuidado,

migração transnacional de mulheres.

SOCIALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE IMIGRANTES E SEUS FILHOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – BRASIL

Regina Petrus. UFRJ; reginapetrus@terra.com.br

Miriam Santos. UFRRJ,

Luciano Ximenes de Aragão. UERJ;
lucianoximenes@yahoo.com.br

O trabalho busca descrever e analisar a inserção escolar de migrantes/imigrantes e/ou descendentes de migrantes/imigrantes estabelecidos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, investigando se tais processos podem acarretar inclusão ou exclusão e também sua adaptação às transformações da sociedade abrangente. São os primeiros resultados de uma pesquisa básica de análise qualitativa e de caráter descritivo, que foi realizada através de revisão de literatura, análise de documentos normativos e de fontes bibliográficas primárias e secundárias, bem como de observação participante, de entrevistas realizadas com os alunos, pais, equipe técnica e professores de escolas no município do Rio de Janeiro. Como conclusões provisórias é possível sinalizar que migrantes, ou seus filhos, quando passam a frequentar a escola, entram, rotineiramente, em choque com os valores, comportamentos e informações que lhes são apresentados. Observamos, também, que os estereótipos e o desconhecimento ainda são muito fortes e norteiam o comportamento dos professores e das equipes das escolas.

Palavras-chave: Socialização, estigma e migração.

LA EDUCACIÓN COMO RECURSO PARA LA CONFIGURACIÓN DE LA IDENTIDAD SOVIÉTICA. ANÁLISIS DE EXPERIENCIAS PERSONALES DE MIGRANTES RECIENTES EN ARGENTINA Y MÉXICO

Susana Masseroni; susana.masseroni@gmail.com

Verónica Domínguez; vmed68@yahoo.com.ar

Cecilia Fraga; ceciliafraga@yahoo.com.ar

La educación se ha manifestado a lo largo del tiempo como un potente agente al que recurren los estados para consolidar regímenes, socializar a las generaciones más jóvenes y promover el sentido de pertenencia al grupo. En la organización soviética la formación del pueblo tuvo una función central para el logro de alcanzar una nueva conciencia general. En esta presentación abordamos la relación entre las estrategias educativas y la política como configuradoras de la identidad colectiva de un pueblo. Específicamente se analiza la perspectiva de los propios actores sobre el rol otorgado a la educación formal y el arte clásico, para la formación de la identidad soviética.

Para alcanzar el objetivo propuesto se analizan narrativas personales de inmigrantes arribados a Argentina y México desde la década de 1990, provenientes de países del ex bloque soviético. En el marco de la comparación de las experiencias de incorporación en ambos países se exploran las características de la sociedad en los países de origen, la valoración del conocimiento en general y de las manifestaciones artísticas en particular. El abordaje cualitativo permite inferir, a partir de las evaluaciones que hacen, la importancia de esos recursos para la configuración de las características identitarias comunes en el grupo, aquellas que les permite reconocerse como diferentes.

Palabras clave: Política soviética – educación – arte – identidad colectiva.

A INFLUÊNCIA POLÍTICA, ECONÔMICA E SÓCIO-CULTURAL DOS MISSIONÁRIOS RELIGIOSOS CATÓLICOS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS: EVANGELIZAÇÃO CRISTÃ OU CATEQUIZAÇÃO IDEOLÓGICA?

Eduardo Taborda De Jesus; tabordaturismo@gmail.com

Vania B.M.Herédia

Universidade de Caxias do Sul

Discutido à luz da Doutrina Social da Igreja, este estudo busca apresentar e questionar os reais motivos que levariam membros consagrados de comunidades cristãs e/ou seus partícipes a tornarem-se migrantes em missões religiosas. O estudo analisa os discursos das missões religiosas que são alinhadas com o posicionamento oficial da Igreja Católica e aqueles incorporados e revestidos de religiosidade mas que abrigam por trás um teor político-ideológico distinto. Dessa forma, tem como objetivo refletir acerca das posições dos migrantes em missões religiosas. Conta com as publicações de cunho

oficial da Igreja Católica e busca explicitá-las ao apresentar as possíveis contradições presentes nos movimentos religiosos e sociais como: Movimento Apostólico de Schoenstatt (Alemanha); Missionários Combonianos (Itália); Católicas pelo Direito de Decidir (Estados Unidos), e Comunidade Canção Nova (Brasil). A pesquisa é de natureza qualitativa e o método de análise de conteúdo. Seus resultados contribuem para identificar as diversas posições dos discursos presentes nos processos migratórios.

Palavra-chave: migrantes religiosos; discursos; doutrina social da igreja.

Sesión 4: Política Migratória e Nacionalismo

-

REASSENTAMENTO NOS LIVROS E O REASSENTAMENTO NA PRÁTICA: O CASO DOS COLOMBIANOS DE GUARULHOS

Charles P. Gomes. ;Fundação Casa de Rui Barbosa; cpgomes@yahoo.com

O reassentamento é uma das soluções duráveis para lidar com o problema dos refugiados no mundo, o principal objetivo é prover soluções que termine com o ciclo de deslocamentos e permita aos refugiados terem uma vida estável e segura. Brasil faz parte do pequeno grupo de países que oferece voluntariamente cidades de reassentamento no seu território como expressão da vontade de ações de solidariedade em sua política externa. Esse artigo propõe uma análise de como esse programa foi implementado no país focando em um grupo de colombianos que vivem na cidade de Guarulhos há mais de três anos. Com ênfase nesse grupo de refugiados, o estudo busca apresentar a distância do programa de reassentamento apresentados nos manuais da ACNUR e como ele é vivido na prática por seus integrantes. Através de entrevistas com ONGs, refugiados, agentes da ACNUR, do governo federal e dos governos locais, o estudo apresenta a distância entre os objetivos a serem alcançados e os resultados na prática do programa de reassentamento. Apresentamos os grupos com maior facilidade em se adaptar na sociedade brasileira, os que possuem mais dificuldades e o porque. A intenção é mostrar os limites, os desafios e o quanto efetivo é o programa no Brasil e quais seriam os possíveis caminhos da melhora.

MUDANÇAS NO CENÁRIO JURÍDICO MIGRATÓRIO BRASILEIRO: ANÁLISE DOS DOIS ÚLTIMOS PROJETOS DE LEI APRESENTADOS AO SENADO

Jacqueline Lobo de Mesquita. UFRRJ; jdh89.jl@gmail.com

Este artigo é parte de uma pesquisa em andamento na qual se procurou observar as maneiras que diferentes atores interagem com a lei do estrangeiro, tendo como foco a comunidade Boliviana na cidade de São Paulo. Durante a pesquisa acompanhei a Primeira Conferência de Migrações e Refugio (COMIGRAR), durante todo o processo dizia-se que este era o momento de “ouvir as necessidades do migrante” e por fim criar um novo estatuto que fosse de encontro com as atuais necessidades migratorias sem deixar de lado os princípios humanistas. Um grupo de especialistas elaborou o anteprojeto de lei a partir deste processo que durou aproximadamente um ano. Sendo este apresentado no ano de 2014 ao governo federal. Um ano se passou e no ano de 2015 foi noticiado que um projeto de lei de migração tinha sido aprovado no senado, entretanto este não era o da COMIGRAR e sim o PLS do senador Aloysio Nunes (PSDB - SP), apresentado no ano de 2013. Propõe-se neste artigo analisar estes dois projetos de lei, observando suas principais semelhanças, diferenças, e possíveis repercussões na comunidade costurando deste modo um quadro analítico das recentes mudanças no cenário jurídico migratório brasileiro.

Palavras chave: Lei de Migrações, Brasil, Comigrar, PL 288/2013, Direitos Humanos.

DESENHOS DE MIGRANTES: TRAJETÓRIAS DE MIGRAÇÃO E CONFIGURAÇÕES DO NACIONAL PORTUGUÊS

Eoin O'Neill e Irene C. M. Portela. UFF; eoineill@oi.com.br

O trabalho parte da análise comparativa da trajetória de 'migrantes tradicionais' e profissionais liberais portugueses que vieram para o Rio na década de 1970. O 'paradoxo do retorno' é traço marcante: os 'migrantes tradicionais' vinham para o Brasil com expectativa de volta após enriquecimento, mas o retorno era raro; quanto aos outros, a cisão com Portugal era considerada grave e não projetavam voltar, mas a maioria retornava.

Nas entrevistas, 'Portugal' era recorrentemente destacado como fonte explicativa dos percursos migratórios. Analisa-se representações subjacentes a três novelas de brasileiro, personagem frequente na literatura portuguesa do século XIX. Não existem personagens que sejam contrapartida direta, mas há uma literatura que tematiza processos de 'indivíduoação' associados ao convívio com o 'estrangeiro' por personagens em posições sociais de destaque, para o que se recorreu a duas obras de Eça de Queiroz. Explorou-se ainda outro elemento para ajudar a compôr esse universo semântico, e a situar "mitos mandatórios" aí atualizados, o Arte de Ser Português de 1915 de Teixeira de Pascoaes. Busca-se mostrar que as construções em torno dos 'migrantes' e dos 'saídos' podem ser encaradas como operadores da grande questão enfrentada em finais

do XIX: a modernidade emblemática de cuja feição Portugal não participara. Leituras de Brasil, de civilização e de África apontariam para o jogo de dilemas encarados como sendo os de Portugal no mundo na época. Sua projeção temporal é mais ampla e manteriam ligação com percursos migratórios e com o posicionamento internacional português nas décadas de 1970 e 1980.

Palavras-chave: trajetórias de migração; configurações do nacional português; representações portuguesas sobre emigrantes; literatura de brasileiro; literatura portuguesa e 'individuos'.

O BRASIL E O SUL – O PARANISMO E O PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO: IMIGRAÇÃO, ETNICIDADE E DISPUTAS PELA LEGITIMAÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS PARANAENSE E BRASILEIRA

Juliano Martins Doberstein. Universidade Federal do Paraná;
julianodoberstein@terra.com.br

Certas tradições de interpretação social do sul brasileiro têm destacado o lugar da imigração europeia na formação étnica regional, gerando um sinal diacrítico em relação com o país negro e/ou mulato. Entre os gaúchos, Oliven (1992) observou uma diferença imaginada entre a parte e o todo. Se na “Bahia, o negro comparece como um dos formadores da identidade, no Rio Grande do Sul sua imagem é relegada a um segundo plano”. No Paraná, também há a presença da “mitologia de um estado branco, fruto da colonização europeia, sem elementos negros” (Oliveira, 2009, p. 25). Gaúcho migrado para o Paraná, onde atuo desde 2006 como historiador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), estranhava que as ideias de diferença (étnica) do estado se combinassem com imagens de identidade, destacando, por exemplo, as conexões das experiências históricas regional e nacional.

-

GT 52. LOS ESTUDIOS SOCIO ESPACIALES EN LA PERSPECTIVA DEL SUR. DIÁLOGOS, COOPERACIÓN E INTERCAMBIOS

Coordinadores:

Maria Cristina Cravino. Profesora de la Universidad Nacional de General Sarmiento e investigadora CONICET; mariacristinacravino@yahoo.com.ar

Sebastián Aguiar (UDELAR/ Uruguay). Profesor e investigador del Departamento de Sociología. Integrante del Grupo de Estudios Urbanos y Generacionales – GEUG. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República; aguiar.sebastian@gmail.com

Jose Basini (UFAM/ Brasil). Coordinador del Laboratorio Pan-amazónico – LEPAPIS Profesor Adjunto II del Departamento de Antropología y Programa Pós- graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Amazonas – Brasil; lupusesteparium@gmail.com

Sesión 1: Construyendo urbanidades

DE LA CIUDADANÍA *UNIVERSAL* A LA CIUDADANÍA *LOCAL*. UN ANÁLISIS ETNOGRÁFICO DE PROCESOS DE ORGANIZACIÓN Y PARTICIPACIÓN CIUDADANA EN RELACIÓN AL DERECHO AL PATRIMONIO ARQUITECTÓNICO Y A LA SEGURIDAD URBANA EN BUENOS AIRES

María Florencia Girola. CONICET, FFyL-UBA, Argentina; florenciagirola@gmail.com

Daniela Díaz Marchi. FFyL-UBA, Argentina; danieladiazmarchi@gmail.com

En el seno de las sociedades de la modernidad/colonialidad capitalista, occidental y eurocentrada -según la conocida caracterización de Aníbal Quijano-, la ciudadanía ha sido concebida como una relación de pertenencia a un Estado-nación y, simultáneamente, como un proceso social que posibilita el acceso a derechos definidos y establecidos jurídicamente. La figura del ciudadano se ha constituido, pues, como un sujeto político que participa y acciona principalmente en la esfera político-estatal. Sin embargo, en el contexto actual de globalización agudizada y en el marco de las grandes ciudades contemporáneas, se vienen desarrollando formas de organización y participación colectiva que desafían estos significados históricamente asociados a la noción de ciudadanía.

El objetivo de esta ponencia es analizar, desde una perspectiva etnográfica, procesos de organización y participación ciudadana que tienen lugar en la ciudad de Buenos Aires,

más específicamente en el barrio porteño de Floresta, y que son protagonizados por asociaciones vecinales cuyos miembros se han movilizado a raíz de dos problemáticas locales específicas: por un lado la Asociación Salvar a Floresta, gestada en 2009 en torno a la defensa del patrimonio arquitectónico; y por otro lado el colectivo Floresta de Pie -surgida en 2013- en relación a la defensa del derecho a la seguridad. Inserta en el campo de las discusiones teóricas sobre el concepto de ciudadanía y retomando, entre otros aportes, los planteos de Norbert Lechner, esta ponencia sostiene como hipótesis principal que los procesos de organización y participación a escala vecinal/comunitaria no constituyen una despolitización de la figura del ciudadano sino que expresan, por el contrario, un desplazamiento del interés y del accionar ciudadano desde el sistema político estatal hacia la trama social y las formas de convivencia urbana.

Palabras clave: Ciudadanía; Derecho al patrimonio; Derecho a la seguridad; Colectivos vecinales; Ciudad de Buenos Aires.

VILLA 15 (CIUDAD OCULTA) CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES: LA CONSTITUCIÓN DEL ESPACIO PÚBLICO, UN LARGO CAMINO HACIA LA CONDICIÓN URBANA

Fernández, Inés; inesfe@yahoo.com

De Sárraga, Ricardo; ricardodesarraga@yahoo.com.ar

Centro CIHaM –FADU-UBA - Unidad de investigación: Planeamiento Urbano y Regional

Esta ponencia propone dar cuenta de la confluencia y la experimentación en campo entre actores académicos que aportan la reflexión teórica, la intervención de agencias estatales y las prácticas organizaciones barriales, que implica enfoques integrales e interdisciplinarios en pos de objetivos que surgen de la demanda de los vecinos: completar la transferencia de las tierras que ocupan desde hace más de cinco décadas y regularizar la prestación de los servicios públicos:

ĩ · Proyecto UBACyT 20020090200721 (2012-2015) “Procesos de consolidación en la espacialidad del hábitat popular en el borde Lugano- Mataderos (villa 15, Ciudad Oculta); prácticas sociales hacia el acceso de las políticas públicas en CABA”, dirigido por el Dr. Ricardo de Sárraga, quien con trabajos de campo desde 2004.

ĩ · La Secretaría Nacional de Acceso al Hábitat (ex Comisión Nacional de Tierras para el Hábitat Social Padre Carlos Mugica) en la Mesa de Tierras constituida en 2012 el marco del Plan de Abordaje Integral Territorial (Plan AHÍ) en el que 8 ministerios trabajan integralmente junto a 30 organizaciones comunitarias.

ĩ · Vecinos de la Mesa de Tierras e integrantes de la Asociación Civil Barrio Gral.

Manuel Belgrano conformada en 1991 en representación de los vecinos para adquirir las tierras (Plan Arraigo).

Se propone explorar y debatir en torno a los procesos de producción del espacio y los servicios públicos y su regularización; la reproducción de la espacialidad, las apropiaciones y disputas por el espacio: ¿Cómo se constituye el espacio público en las villas? ¿Cómo son las formas de habitar y circular? ¿Cómo se configuran las relaciones entre espacio y legalidad? ¿Cuáles son las experiencias y percepciones de los habitantes? ¿Cómo reivindican su derecho a habitar en la ciudad?; ¿Qué marcas y sentidos se instalan en la implementación de diferentes políticas públicas?

Palabras clave: espacio público, prácticas sociales, conflictos socioespaciales, derecho a la ciudad.

UNA MIRADA SOCIOLÓGICA DEL BARRIO SUR

Diego Luzardo. UdelaR Uruguay; dluzardoboccarato@gmail.com

El barrio no es un mero espacio físico, fácilmente delimitado y tangible, sino que es un espacio vivido y construido, donde las distancias físicas que separan a los grupos y las personas que las habitan, hacen eco de las distancias culturales y sociales que los diferencian, el barrio como espacio vivido se respalda y dialoga con el espacio físico, la identidad barrial se percibe en las fachadas de las casas, en sus rejas, en sus calles y plazas. Es por ello que este estudio exploratorio busca acercarse a los procesos identitarios, históricos y culturales específicos de un barrio peculiar e interesante de la ciudad de Montevideo. Cada barrio en su habitar urbano excede la realidad concreta, física y tangible, como espacio vivido tiene sus “gestos y recorridos” tiene su “cuerpo y memoria” su “símbolo y sentido” (Lefévre, 1970:240) y es bajo esta mirada que se enmarca este estudio sobre el Barrio Sur.

Sesión 2: Movilidades, choques y encuentros

ACELERAÇÃO E DESLOCAMENTOS URBANOS NO AMAZONAS CONTEMPORÂNEO. O REGIME DA AUTOMOBILIDADE EM MANAUS

Manaus é uma das típicas metrópoles brasileiras onde a ideia de progresso chegou antes mesmo que se pudesse pensar, absorver e incorporar o antigo, o tradicional. A cidade que luta para recuperar seu centro histórico é, ao mesmo tempo, um canteiro de obras faraônicas, aliando tudo aquilo que há de mais moderno na engenharia contemporânea. Não há tempo para se pensar o crescimento e desenvolvimento da cidade de forma planejada, em que os entraves do passado sejam resolvidos e, as demandas contemporâneas, sejam pensadas, também, com o olhar no futuro. A pressão sobre a territorialidade não é apenas demográfica, ou seja, baseada no crescimento da população, mas há uma série de eventos, como a especulação imobiliária, por exemplo, que acarretam uma nova configuração socioespacial, ocasionando uma fragmentação do tecido urbano (Bartoli, 2012). Existe um tipo de mapeamento perceptível no trânsito de inúmeras cidades que seguem o modelo desenvolvimentista calcado no uso de veículos automotores como principal meio de transporte, tais como rotatórias, passarelas, viadutos que, como ressalta Basini (2010), são construídos para ratificar a impensável convivência entre pedestres e motoristas, além de se converterem em lugares de não-comunicação entre esses dois agentes. Nesse sentido, o trânsito tem influência direta em dois conceitos importantes sobre questões urbanas, que são acessibilidade e mobilidade. O primeiro refere-se à facilidade de as pessoas terem acesso a pontos e edificações no espaço urbano. Já a mobilidade refere-se à facilidade (ou não) de as pessoas se movimentarem sobre o espaço urbano. Nesse sentido, pensar uma cidade moderna é levar em consideração também questões relacionadas aos meios de transporte, à mobilidade humana, e a implicação desses fatores sobre o trânsito da cidade. Manaus tem um crescimento econômico que varia entre 9% e 10% ao ano e cuja frota é a terceira da região Norte, com aproximadamente 643.859 veículos, 85% de todo o estado (Denatran, 2012).

VINDO A SER EM UM TERMINAL DE TRANSPORTE EM FLORIANÓPOLIS/SC

Marcelo Giacomazzi Camargo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC)

O Terminal de Integração do Centro (TICEN) é o maior e principal terminal de transporte público de Florianópolis/SC. Servindo como foco importante para a movimentação da cidade, constitui-se diariamente como local onde passageiros, funcionários, máquinas, prédios, a administração pública, moradores de rua e comerciantes estabelecem correspondências entre si através de negociações e experiências no ambiente. Com base na análise destas práticas ambientais, busco neste

trabalho discutir a diferenciação mútua destes grupos através das formas distintas, porém interdependentes, que configuram seus movimentos e localizações no terminal. Avalio que os corpos no TICEN tornam-se inclusos em categorias a partir do momento em que passam a compartilhar determinados aspectos e características com o ambiente imediato de que fazem parte. Estudo alguns exemplos de situações cotidianas no terminal para evidenciar o modo que humanos diferentes, assim como não-humanos, trocam e compartilham características entre si nos seus movimentos diários para virem a se constituir como entes em um momento crucial de navegação por uma cidade média.

Palavras-chave: ambiente; antropologia urbana; espaço público.

ACORDOS INTERNACIONAIS E OS ALUNOS INTERCAMBISTAS PEC-G - MANAUS: UMA REFLEXÃO SOBRE O INTERCAMBIO AFRICANO COM O BRASIL

Christiane Carole Eveng. Universidade Federal do Amazonas/UFAM/Brasil;
cristy85@hotmail.fr/ evengchristianecaroleeveng@yahoo.fr

O presente artigo objetivou-se estudar o Programa Convênio de Estudantes-Graduação/PEC-G tomando como referência, os convênios de cooperação internacional estabelecidos pelo Brasil com países africanos lusófonos ou não. O foco do trabalho foi verificar a consistência ou não deste programa. Entender a relação entre as diretrizes e as práticas do mesmo a partir da visão dos conveniados. Analisar as políticas universitárias desenvolvidas no programa, e comparar algumas das especificidades e repercussões dos convênios em diferentes países africanos. Foram feitas consultas de artigos e manuais digitais, que ajudaram a entender o contexto de surgimento da cooperação acadêmica Brasil/África, e a legislação do convênio. Por meio de entrevistas com os alunos conveniados, compreendemos a relação entre as diretrizes do programa e as suas práticas, a aplicação das políticas universitárias desenvolvidas dentro do programa. Também, pude se verificar algumas especificidades dos convênios em diferentes países lusófonos ou não. Concluiu-se que o programa em si é uma boa iniciativa, mas ainda precisa de alguns ajustes em relação a assistência à saúde dos alunos. Existe uma insatisfação dos alunos em relação à bolsa. Nem todos recebem uma Bolsa. Há uma falta de acompanhamento a adaptação do aluno recém-chegado em Manaus. Por fim observou-se um tratamento diferenciado de alunos lusófonos e não lusófonos quando se trata de renovação de visto.

Palavras Chaves: Intercâmbio acadêmico, PEC-G.

PENSANDO A ESTRANGEIRIDADE, EXPERIÊNCIAS DO INTERCÂMBIO

Suzana Duarte Santos Mallard. Mestre em psicologia clínica pela UFPR;
suzana.dsm@gmail.com

Na medida em que o reconhecimento do lugar ocupado na condição de estrangeiridade se dá, existe a possibilidade de resgatar um saber a respeito da condição humana. Condição esta que reedita a todo o instante a solidão do ser. Muito pouco é passível de ser compartilhado com o próximo, sendo o sujeito radicalmente só em sua dimensão subjetiva. Paradoxalmente isso que diz de um sujeito inescrutável se repete enquanto elemento constitutivo da subjetividade humana, aproximando o eu ao outro. Ser sozinho sem estar sozinho, todos sob a insígnia da falta que marca de maneira original e única cada um. Nesse sentido resgatar os discursos sobre experiências de estrangeiridade possibilitam um saber sobre um desejo descolado de crenças e dogmas. A luz da perspectiva psicanalítica organizamos uma compreensão da condição de estrangeiridade. Entrevistamos um grupo de estudantes vinculados a programas de formação superior vindos de países de língua oficial portuguesa. A partir da análise das unidades de significado das entrevistas, identificamos alguns dos conflitos experimentados. Além da língua, a escolha do país, a chegada, a integração, o convívio, os relacionamentos, a percepção do outro e as dificuldades compõem o cenário da pesquisa. Conflitos que uns sentem mais do que outros e que tomam corpo somente na experiência.

Palavras-chave: estrangeiridade, língua, intercâmbio, psicanálise, sofrimento.

Sesión 3: Repasos y proyección teóricas

a paisagem como um processo cultural NA OBRA *ANTROPOLOGIA DEL PAESAGGIO* DE EUGENIO TURRI

Dra. Margarida do Amaral-Silva. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual/FAV-UFG-Brasil. Pós-Doutoranda no Programa Avançado de Cultura Contemporânea/PACC-UFRJ-Brasil; amaral@ufg.br / margarida.ufg@gmail.com

O estudo da obra *Antropologia del Paesaggio*, de Eugenio Turri, é parte das atividades que estão sendo desenvolvidas em estágio pós-doutoral. Até o momento, a observação e a compreensão da paisagem em um material que ainda é desconhecido do grande público brasileiro tem trazido à tona os diferentes componentes e motivações culturais para a leitura paisagística. Considerando que *Antropologia del Paesaggio* é uma das principais obras de um pesquisador da geografia cultural que está entre os mais relevantes da Itália, essa reflexão sobre o conceito de paisagem em uma perspectiva antropológica significa novamente pensá-la como processo cultural, território de uma comunidade ou conforme o espaço de vida em suas relações temporais. O estudo de um livro publicado em 1974 também nos conduz a reconhecermos que a paisagem, enquanto conceito, entrou na linguagem comum e aparentemente inteligível de modo efetivamente polissêmico e ambíguo. Tendo em vista que os estudos sócio-espaciais também vislumbram a interpretação dos arranjos que fomenta(ra)m a produção social dos espaços, a leitura dessa obra do geógrafo cultural italiano Eugenio Turri se faz relevante, primeiro porque é uma bibliografia que dialoga com a antropologia e o fazer etnográfico, depois porque Turri foi um dos responsáveis pela renovação europeia da geografia iniciada entre 1960 e 1970. Neste sentido, uma discussão pontual sobre o livro *Antropologia del Paesaggio* pode contribuir com a antropologia contemporânea tanto por expor uma práxis para a leitura de paisagens, quanto por referir-se a uma proposta teórico-metodológico da geografia cultural que propôs diferentes cruzamentos de perspectivas disciplinares.

Palavras-chave: *Antropologia del Paesaggio*; leitura paisagística; processo cultural.

LA CULTURA EN LA TEORÍA URBANA

Alfredo Santillán Cornejo. FLACSO Ecuador; asantillan@flacso.edu.ec

Desde hace al menos una década ha cobrado fuerza el cruce de herramientas teóricas y metodológicas entre la antropología y la geografía al punto de que algunos autores hablan del “giro espacial en las ciencias sociales” y simultáneamente del “giro cultural” en el campo específico de la geografía. Este cruce de miradas tiene un vértice fundamental: la incorporación de “la cultura” a la discusión de los procesos urbanos pues generalmente se argumenta en favor de no reducir las problemáticas de las ciudades a los aspectos estrictamente materiales lo que implica poner atención a la complejidad de la experiencia urbana que incluye los procesos de significación, apropiación y subjetivación de los lugares. En este sentido vale preguntarse ¿qué lugar ocupa la cultura en la Teoría Urbana desarrollada en América Latina? y más aún ¿qué noción de cultura ha sido incorporada en los estudios urbanos en la región?

La ponencia propone indagar en algunos referentes teórico-conceptuales frecuentemente utilizados para dar cuenta de los procesos simbólicos que dan sentido a la vida urbana como son: “imaginarios urbanos”, “topofilia” y “habitar”. Estas categorías han renovado de alguna manera el léxico teórico para captar las dinámicas subjetivas en la relación

con los entornos, no obstante provienen de distintas tradiciones de pensamiento y sus alcances y limitaciones conceptuales provienen justamente de sus matrices teóricas que no siempre son explicitadas. Así la ponencia explora comparativamente las posibilidades que ofrecen estas categorías para explorar “lo cultural” en la dinámica de las ciudades contemporáneas.

Palabras claves: ciudad; cultura; imaginarios urbanos; habitar; topofilia.

-

EN TORNO AL LÍMITE. A 50 AÑOS DE "ESTABLECIDOS Y OUTSIDERS"

Sebastián Aguiar. UdelaR Uruguay; aguiar.sebastian@gmail.com

Hace 50 años N. Elias y J. Scotson publicaron “Establecidos y outsiders: una indagación sociológica en los problemas comunitarios”, elaborado durante cinco años en los que Scotson residió en la localidad inglesa de Winston Parva (WP). Allí examinan las figuraciones que se establecen en torno a las fronteras sociales y sostienen la pertinencia de aislar mecanismos explicativos que trasciendan la situación, y puedan extrapolarse a otras situaciones para encontrar similitudes y evaluar las causas de posibles diferencias. En ese ánimo se triangula aquí otros dos estudios de caso, en las localidades de Magdalena, en la ciudad de Manaus, y de Parque Lisboa, en Montevideo. Presentan similitudes y ciertas diferencias con WP que acumulan en la dirección de ese “carácter paradigmático” de las disputas en el territorio, de responder al contacto con otros “que vienen de abajo” o que no “cumplen las normas”. En estos dos casos, con matices específicos, vecinos organizados discuten la utilidad de construir un límite físico que divida materialmente dos grupos. La radicalización respecto a WP, el suplemento, invita a profundizar dos discusiones liminares, ético-políticas: los momentos de indecidibilidad en el terreno de la justicia urbana y el fundamento místico de la autoridad.

CONFLICTOS URBANOS EN AMÉRICA LATINA: LECTURAS DESDE LA MIRADA ESPACIAL, LA ACCIÓN COLECTIVA Y LA JUSTICIA

María Cristina Cravino. CONICET-UNGS (Argentina);
mariacristinacravino@yahoo.com.ar

Podemos partir de que no existe ciudad sin conflicto así como tampoco existe sociedad sin conflicto. Nunca un conflicto es neutro en la sociedad, en el espacio político y en el territorio, tiene su “productividad”, aún cuando sea “resuelto” institucionalmente.

Los conflictos urbanos pueden ser por disputas localizadas en el espacio público o en el espacio privado, pero cuyas consecuencias afectan escalas espaciales mayores.. En el primer caso se interpela el uso de espacios compartidos, que algunos autores asimilan a la ciudad misma y en el segundo se visibiliza que no existe una privacidad absoluta ya que muchas acciones localizadas en ámbitos privados afectan a terceros. Se observan disputas que tienen que ver con la definición de fronteras urbanas internas o externas, en algunos casos plasmada físicamente y otros concentradas en un nivel socio-simbólico. Pueden estar localizados en espacios pequeños, zonas o en toda la ciudad.

Los modos en los que se procesan los conflictos implican en algunos casos repertorios de acción colectiva, mientras otros llevan su curso por medios de procesos judiciales, o ambos modos. Algunos llegan a en los medios de comunicación, mientras otros permanecen ocultos por los intereses de los actores en juego y sus alianzas con los medios. Su procesamiento presenta y pone en disputa diferentes temporalidades.

El trabajo tendrá como objetivo presentar un estado del arte sobre la producción académica latinoamericana sobre conflictos urbanos, buscando desentrañar sus definiciones.

Palabras clave: conflictos urbanos- espacio-territorio-orden urbano.

GT 53. PODEM OS SUBALTERNOS FALAR? DISPUTAS (DES)IGUAIS DE DISCURSOS SOBRE O ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS NA ARGENTINA E BRASIL.

Coordinadores:

Cecilia Varela – CONICET/UBA. Instituto de Investigaciones Gino Germani;
ceciliainesvarela@gmail.com

Ela Wiecko de Castilho – Universidade de Brasilia/Procuradoria Geral da República

Flavia Teixeira – Universidade Estadual de Campinas/Universidade Federal de Uberlândia; flavia@famed.ufu.br

Comentarista: Marcia Anita Sprandel – Senado Federal; maia.sprandel@gmail.com

Sesión 1: Políticas anti-trata

ENTRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS NO AMAZONAS, BRASIL

Priscila Teixeira da Costa Santos. Mestranda Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania, Universidade Estadual do Amazonas. Policial Civil do Estado do Amazonas; priscila.tsc@gmail.com

Raquel Wiggers. Professora Doutora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas; raqwig@hotmail.com

No Estado do Amazonas a política de enfrentamento ao tráfico de pessoas é coordenada pelo Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos - NETP/SEJUS/AM, criado no ano de 2011 através de um convênio firmado com a Secretaria Nacional de Justiça. A função do NETP é articular e planejar as ações para o enfrentamento ao tráfico de pessoas, no âmbito estadual em parceria com Instituições Estaduais, Municipais, Federais, organismos internacionais e Sociedade Civil Organizada”. Neste trabalho objetivamos apresentar uma análise sobre a atuação do Estado do Amazonas no enfrentamento, combate e prevenção do Tráfico de Pessoas, apresentando casos denunciados no Núcleo nos anos de 2012 e 2013.

(DES)CONVERSANDO SOBRE TRABALHO ESCRAVO: A UTILIZAÇÃO DE DADOS NA PRODUÇÃO DO TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL

Flavia Teixeira. Docente da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-Doutoranda Nucleo de Estudos de Gênero PAGU/Unicamp; flavia@famed.ufu.br

Adriano Gosuen. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFU; agosuen@gmail.com

Para esse momento do trabalho, importa demonstrar como a pretensão de universalidade do conceito “tráfico de pessoas”, presente nos Relatórios sobre Tráfico de Pessoas, elaborados anualmente pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, produz uma situação paradoxal quando ao mesmo tempo, o documento afirma que a legislação brasileira não pune o tráfico de pessoas para exploração do trabalho e utiliza os relatórios das Operações de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo do Ministério do Trabalho Emprego como se fossem indicativos tráfico de pessoas. Argumentamos que a utilização do trabalho escravo para reafirmar e produzir convencimento sobre a realidade do tráfico além de (re)criar o fenômeno de maneira enviesada desloca o foco do trabalho escravo obliterando-o. O superdimensionamento do tráfico de pessoas interessaria, segundo Ana Paula Silva e outros, pois garantiria aporte de recursos para “combater os vilões” e auxiliar as “vítimas imaginárias” e, por outro lado, impedir ou, no mínimo, obstaculizar a migração legal/irregular de pessoas tidas como indesejadas no Norte Global. No Brasil, o interesse de (não) discutir trabalho escravo pode ser também analisado a partir confusão gerada pelo atrelamento entre tráfico de pessoas e trabalho escravo que produz efeitos ao ser reiterado pelos gestores públicos.

Palavras-Chave: Tráfico de Pessoas; Trabalho Escravo, Política Pública.

POLÍTICA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS, UMA AVALIAÇÃO DAS AÇÕES PROMOVIDAS PELO ESTADO BRASILEIRO NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Emilia Juliana Ferreira. Mestre em Antropologia Social pela UFSC;
emiliajferreira@gmail.com

Desde o ano de 2006, quando o governo brasileiro aprovou a Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (impulsionada pela ratificação do Protocolo de Palermo pelo país dois anos antes), o país vem desenvolvendo diversas ações no combate ao crime e no entendimento do fenômeno a nível nacional, regional e internacional. Nos últimos cinco anos essa Política Nacional tem ganhado força através da articulação interinstitucional promovida pelo Estado brasileiro entre diferentes órgãos e pela produção sistemática de dados, ambas ações coordenadas e demandadas pela Coordenação de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, órgão ligado à Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça brasileiro. Tendo sido consultora desse órgão durante o ano de 2014, pude perceber e avaliar a importância dessas ações no âmbito da divulgação e produção do conhecimento sobre o tema, ação prioritária numa perspectiva de entendimento e posterior proposição de políticas públicas sobre o assunto no país. Com o presente artigo pretendo discutir e analisar as diferentes ações propostas e promovidas pelo governo brasileiro nos últimos cinco anos, assim como alguns dos dados consolidados de pesquisas promovidas pelo Coordenação de Enfrentamento ao

Tráfico de Pessoas e as proposituras de modificação legislativa que derivam dessa política.

Palavra Chave: Tráfico de Pessoas, Política Pública, Coordenação de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.

ENTRE EXPLOTACIÓN SEXUAL, “TRABAJO ESCLAVO” Y NUEVOS FLUJOS MIGRATORIOS: NUEVAS DIMENSIONES EN EL DEBATE SOBRE TRATA EN BRASIL

Adriana Piscitelli. Núcleo de Estudos de Gênero-PAGU/Unicamp;
piscitelliadriana@gmail.com

En este trabajo tomo como punto de partida el interés en entender la integración en los regímenes de trata, y los efectos negativos aparentemente análogos de esa integración (en términos de control migratorio, de represión a la prostitución y de escasa protección ofrecida a las víctimas de ese crimen) en países con diferentes posiciones geopolíticas; políticas migratorias; flujos de movibilidades a través de las fronteras y leyes relativas a la prostitución. Trato aquí de ofrecer algunos elementos para responder esa pregunta a partir de una reflexión, en elaboración, sobre los cambios en las discusiones y prácticas para combatir la trata en Brasil, a partir de la ratificación del Protocolo de Palermo, en 2004. Me baso en diversos estudios que realicé y coordiné y en trabajos de otros/as académicos sobre las prácticas anti-trata en el Brasil. Sitúo esa reflexión en el marco de un proceso en el que el lenguaje de la trata se capilarizó, en el ámbito de una mayor elaboración de la arquitectura administrativa dirigida a la trata; de articulaciones del Estado, para sensibilizar sobre la problemática, con los medios, con redes feministas y organizaciones religiosas, con destaque para la Iglesia Católica, que llevó la problemática a sus parroquias y en el que diferentes sectores de gubernamentalidad, utilizando de manera estratégica este lenguaje pasaron a traducir como trata problemas casi endémicos en el país como la explotación y el abuso sexual infanto-juvenil.

APORTES PARA UNA GENEALOGÍA DE LA CAMPAÑA ANTI-TRATA EN LA CIUDAD DE MAR DEL PLATA (2010-2015)

Estefanía Martynowskyj. Becaria doctoral de la Comisión de investigaciones científicas (CIC), docente de la Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), miembro del Grupo de estudios sobre Familia, Género y Subjetividades de la UNMdP;

En este trabajo, de carácter exploratorio, pretendo rastrear el proceso de construcción de la “trata de mujeres con fines de explotación sexual” como un problema público en la ciudad de Mar del Plata (Bs.As., Argentina), desde su emergencia en el 2010 –en sintonía con la sanción de la Ley N° 26.364/08 de “Prevención y Sanción de la Trata de Personas y Asistencia a sus Víctimas” y con la capilarización de la preocupación por esta problemática en organizaciones de la sociedad civil, medios de comunicación, diferentes instancias del gobierno y agencias internacionales-. Hago foco en los/as actores/as que protagonizan este proceso y en las acciones que han emprendido en pos de “combatir” esta problemática, prestando especial atención a las categorías que han puesto en circulación para representar a las mujeres “víctimas de trata”, así como para dar cuenta de las causas y efectos de este delito. Para ello realizo observaciones de/en jornadas y eventos “anti-trata”, las cuales son complementadas con entrevistas en profundidad. Además analizo ordenanzas sancionadas en el Concejo deliberante del Partido de General Pueyrredón; informes y materiales elaborados por la Dirección de la Mujer y materiales de las ONG y espacios de trabajo que han surgido en los últimos años: la Alameda, EnRed -Red Solidaria Violencias Abusos Trata- y la Mesa interinstitucional contra la Trata de personas de Mar del Plata. Quedan afuera, por una cuestión de lugar, los procesos judiciales por infracción a la ley de trata a pesar que, según un informe de la Procuraduría de Trata y Explotación de Personas, la ciudad encabeza la estadística en materia de condenas con un total de 14 sentencias.

Sesión 2: Narrativas y gubernamentalidad en los regímenes anti-trata

O TRABALHO DE *PROMOTORA DE EVENTOS*: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE *TRÁFICO DE PESSOAS* EM NARRATIVAS MIDIÁTICAS

Anna Paula Moreira de Araújo. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas);
anna.pmaraujo@gmail.com

O objetivo do trabalho é explorar como a categoria *tráfico de pessoas* com fins de exploração sexual vem sendo utilizada pela mídia para designar deslocamentos de modelos/*promotoras* que realizam trocas sexuais através de agências ditas “profissionais” ou especializadas em eventos. O assunto veio a público nesse contexto

devido à exibição, pela *Rede Globo*, da novela *Verdades Secretas*, cuja trama central desenvolve-se em torno de um código circulante em agências de modelos profissionais denominado *book rosa*. Na trama, o código é acaçãoado para caracterizar modelos que também realizam trocas sexuais. A pesquisa de doutorado que desenvolvo no campo de feiras e eventos, em sentido amplo, refere-se ao mercado de trabalho de *promotoras de eventos*, sendo os mercados do sexo deste setor apenas parte do ambiente de trabalho em questão, o qual foi interpelado pela categoria *tráfico de pessoas* a partir da repercussão gerada pela novela. Ao possibilitar o trânsito de mulheres pelos mercados de modelos profissionais, mercado de *promotoras de eventos* e mercado de *promotoras/modelos ficha rosa*, o ambiente de trabalho de feiras e eventos torna-se um campo privilegiado para um exercício de análise sobre como vem sendo capilarizada através das narrativas midiáticas, sobretudo em redes sociais como *Facebook*, a categoria *tráfico de pessoas* com fins de exploração sexual. Interessa elucidar como são construídas as interconexões entre exploração laboral, exploração do trabalho sexual e exploração sexual no mundo das modelos profissionais e *promotoras de eventos* a partir da perspectiva de narrativas e imagens midiáticas.

Palavras-chave: *promotora de eventos* – mídia – *tráfico de pessoas* – relações de trabalho

TRÁFICO DE PESSOAS: NARRATIVAS QUE (RE)PRODUZEM O FENÔMENO

Gilson Goulart Carrijo. Doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas; gilsongoulart@yahoo.com

Essa proposta deriva de uma pesquisa financiada pela Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais e que teve como objetivo identificar o fenômeno do tráfico de pessoas no estado. Apresentamos como recorte temporal da pesquisa o período compreendido entre 01 de março de 2004 a 31 de março de 2014. Tomando como ponto de corte o Decreto Nº 5017, de 12 de março de 2004, que promulga o Protocolo de Palermo. Nosso objetivo foi identificar os discursos sobre o tráfico de pessoas que circularam na imprensa escrita (jornais) no período em questão; quais as informações sobre o tráfico de pessoas foram priorizadas no referido período; quais aspectos da Política de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas foram destacados nas notícias. A distribuição das notícias seguiu o critério inicial de identificar as informações que poderiam correlacionar com as discussões já presentes na literatura e que consideraram os jornais como fonte de pesquisa ainda que com objetivos distintos. A análise inicial dos jornais permite afirmar que estes são fontes privilegiadas para identificar como a imprensa trata o tema, quais discursos circulam e quem são os sujeitos autorizados a falar nesse cenário, mas insuficientes e inadequados para definição ou investigação sobre o Tráfico de Pessoas. Afirmamos também que a caracterização do Tráfico de Pessoas a partir de seus eventos, recorrência, rotas e fluxos e meios utilizados; bem como a identificação do perfil da vítima e autor não são objetivos alcançáveis através

dessa fonte documental.

Palavras-Chave: Tráfico de Pessoas; Protocolo de Palermo; Jornais.

NOVAS FLEXÕES NO ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE PESSOAS NO CEARÁ: FORMAS GOVERNAMENTABILIDADE ENTRE ESTADO E MISSÃO

Ana Paula Luna Sales. Doutoranda em Ciências Sociais na UNICAMP;
paulalunasales@gmail.com

Esse trabalho tem como base a pesquisa de doutoramento *Desejo, “vulnerabilidade” e agência: políticas de enfrentamento a crimes sexuais e seus efeitos nos mercados do sexo em Fortaleza*. Seguindo o emaranhado de redes de enfrentamento a crimes sexuais em torno da Copa do Mundo FIFA 2014 em Fortaleza, percebi que o tráfico de pessoas se configurou em uma categoria administrativa importante nesse contexto onde se destaca também a centralidade da religião, produzindo formas de governamentalidade situadas na interface entre estado e missão. O material etnográfico analisado é resultado da pesquisa de campo durante a Copa e ainda em curso junto ao emaranhado anti-tráfico articulado pelo Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (NETP) do Ceará, no qual se destacam as entidades cristãs Rede Um Grito Pela Vida e Jovens Com Uma Missão (JOCUM). Através dele analiso as capilarizações da categoria tráfico de pessoas surgidas a partir da renovada parceria entre mecanismos de governamentalidade missionária, dentre os quais se destacam o trabalho “nas comunidades” e campanhas de sensibilização, e as políticas preventivas articuladas pelo estado, como a criação de comitês locais, capacitações e campanhas de sensibilização. Proponho que as novas formas de articulação entre essas redes a partir da Copa produzem novas flexões no debate sobre o tráfico de pessoas no Ceará, assim como inauguram outras estratégias de enfrentamento a esse crime.

VÍCTIMAS, DESEOS DE CONTROL Y "TRABALHAR EM REDE": EXAMINANDO LAS PEDAGOGÍAS DE LOS EVENTOS ANTI-TRATA EN BRASIL

Susanne Hofmann. Investigadora visitante en el Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, UNICAMP; s.hofmann@leeds.ac.uk

En esta presentación, quiero problematizar las pedagogías de los seminarios anti-trata y de los eventos de sensibilización. Eventos contra la trata constituyen actualmente la

mayor parte de los esfuerzos de prevención del tráfico humano del Gobierno brasileño. Sin embargo, como muchos otros ámbitos de políticas públicas, el campo de la prevención de la trata de personas ha sido objeto de una diversificación de gobernanza o de una "pluralización de las autoridades reguladoras" como Veena Das y Deborah Poole (2004) designaron el proceso de integración de organizaciones no gubernamentales, congregaciones religiosas y redes de derechos particulares en la arquitectura de la gobernanza. Varias redes y organizaciones de la sociedad civil son ahora impulsores claves de este tipo de eventos, a menudo haciendo la mayor parte del trabajo de planificación, de vinculación y de divulgación. En la primera parte de mi presentación, examinaré las conceptualizaciones actuales de las víctimas de la trata que circulan en los eventos de prevención de la trata en Brasil, destacando los recientes cambios por los que éstas han pasado. En una segunda sección, voy a mostrar cómo se discutieron migración y fronteras como cuestiones de preocupación en relación con la trata de personas, con diversas apelaciones para "control social" y "control estatal" emergentes en relación con fronteras particulares. En la tercera sección, discutiré el discurso de los políticos sobre "trabalhar em rede" y trabajar en un "diálogo democrático", que hace hincapié que el trabajo contra la trata debe ser "um esforço coletivo", en el que puede y debe "participar todo o mundo", y que sólo "junto com a sociedade civil" la trata de personas puede ser derrotado. Voy a terminar la presentación con una reflexión sobre las consecuencias de la ausencia y/o la subalternación de las perspectivas de las trabajadoras sexuales en los eventos de educación anti-trata.

EL CAMINO AL INFIERNO ESTÁ EMPEDRADO CON BUENAS INTENCIONES": LA LÓGICA HUMANITARISTA DETRÁS DE LOS DISCURSOS EN LA CAMPAÑA ANTI-TRATA ARGENTINA

Maximiliano Albornoz Torres. Instituto de Ciencias Antropológicas (ICA). Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Buenos Aires; albornoztorres.mj@gmail.com

Los últimos años hemos sido testigos del auge y desarrollo de las redes sociales, a través de las cuales sus usuarios son capaces de compartir en tiempo real cualquier información que les plazca. Esto se hace evidente cuando una calamidad o algún desastre natural acontecen, y las vidas de miles de humanos se ven en riesgo, que un aluvión de contenidos inunda la opinión pública a través de estos cyber espacios. El móvil detrás de esta sensibilización sobre usuarios y espectadores, ha sido descrito por numerosos autores como una *lógica humanitaria*: discursos que pretenden apelar a la solidaridad, pero que detrás de su halo de bonhomía y de respeto hacia la condición humana, dejan espacios oscuros que ofician de "chivo expiatorio" para la intervención política tanto de gobiernos, como de organismos no gubernamentales.

El presente trabajo explorará los modos cómo se activan en la Argentina esos discursos humanitaristas, y cómo en el marco de la campaña anti-trata éstos se inscriben dentro de

narrativas que asocian en un mismo plano discursivo la política de Derechos Humanos con el abolicionismo. La hipótesis central que sostendré aquí, es que tal asociación vuelve inapelable cualquier intento de gobierno del trabajo sexual, que no sea dentro del marco abolicionista. En este sentido, las narrativas enroladas en el humanitarismo sexual contribuyen a forjar un discurso hegemónico que asocia categóricamente a los Derechos Humanos con la dignidad de las mujeres, reproduciendo así formas de control de la sexualidad que se inscribirían en agendas políticas de tinte conservador.

Palabras clave: Humanitarismo – Derechos Humanos – Trabajo Sexual – Campaña anti-trata

Sesión 3: Burocracias judiciales, policiales y de rescate en los regímenes anti-trata

DEL TRABAJO A LA CÁRCEL: TRAYECTORIAS DE MUJERES EN EL SEXO COMERCIAL

Cecilia Varela. CONICET-UBA; ceciliainesvarela@gmail.com

En este trabajo, me propongo analizar algunos efectos de la criminalización secundaria en la implementación de la ley de trata en la Argentina. Mientras la criminalización primaria refiere al etiquetamiento de determinadas conductas como delictivas, los procesos de criminalización secundaria nos remiten a las prácticas efectivas de persecución por parte de las burocracias penales de las actividades consideradas delictivas por las leyes vigentes. ¿Quiénes son, entonces, etiquetados/as como responsables del delito de trata de personas en las causas judiciales? Para este abordaje me baso en el análisis de un corpus de 156 sentencias condenatorias por delitos de trata, entrevistas a mujeres procesadas y/o condenadas por delitos de trata de personas y mi trabajo de campo en uno de los circuitos de sexo comercial de la CABA durante el año 2013. Mi argumento es que en la Argentina los procesos judiciales abiertos por la ley 26364 muestran una tendencia significativa hacia la criminalización de mujeres que se han insertado inicialmente en el mercado sexual como trabajadoras y posteriormente desarrollado carreras comerciales en relación a ese mercado. En relación a la CABA; describo las estrategias de construcción de legalidad que se desplegaron frente al aumento de la persecución penal, las formas de reacomodamiento del mercado y las consecuencias que estos procesos tuvieron sobre las inserciones de las trabajadoras sexuales. Discuto, así, los límites del lenguaje del sistema penal para atender a la complejidad de las trayectorias en el mercado sexual y las inserciones de los sujetos en éste desde el punto de vista de la economía política.

Palabras clave: trata de personas con fines de comercio sexual, criminalización secundaria, carreras en el mercado sexual.

EL PAPEL DE LA CONFESIÓN Y LA VERDAD EN LOS DISPOSITIVOS DE RESCATE A VÍCTIMAS DE TRATA EXPLOTACIÓN SEXUAL EN ARGENTINA

Jessica Gutiérrez. CONICET-IIGE (UBA); jeministe@hotmail.com

En este trabajo se presentará un avance sobre mi investigación de doctorado a cerca de los sentidos y prácticas de agentes estatales que participan en dispositivos de rescate a víctimas de trata (sexual) en Argentina. Específicamente sobre los hallazgos en el trabajo de campo en cuanto a los discursos a cerca de la identificación de las mismas por parte de los agentes institucionales que participan en los rescates. Para tal propósito, se retoman las narraciones e inferencias que describen los agentes estatales sobre las entrevistas que realizan a las supuestas víctimas. Se analizará mediante la ejemplificación de algunos términos y expresiones cómo dicha entrevista se asemeja más a un interrogatorio judicial *insitu*, donde las narraciones de las supuestas víctimas juegan un papel más parecido a un testimonios o *confesión*. Así mismo, se explica qué elementos se toman en cuenta para legitimar o deslegitimar las narraciones de las víctimas y el uso que hace de las mismas ante elementos de la autoridad judicial. Finalmente se aborda de manera preliminar la clasificación subjetiva que hacen las rescatistas sobre los tipos de víctimas con los que se encuentran. El corpus analizado incluye entrevista a agentes que participan en las políticas antitrata, observación participante y documentos producidos por burocracias estatales que trabajan el tema.

Palabras clave: confesión, verdad, trata sexual, rescate.

CORPOS EM TRÂNSITO E O TRÂNSITO DOS CORPOS: DESCONSTRUÇÃO DO TRÁFICO DE PESSOAS NA POLÍCIA FEDERAL BRASILEIRA

Laura Lowenkron. Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp e CPDOC/FGV-Rio; lauralowenkron@uol.com.br

A partir de uma pesquisa etnográfica junto a investigações e inquéritos de tráfico de pessoas em uma delegacia da Polícia Federal brasileira no Rio de Janeiro, o artigo analisa a correlação entre a construção da *materialidade dos corpos* e a desconstrução da *materialidade do crime*. Buscando chamar atenção para as dimensões sensoriais mais sutis dessas práticas investigativas e administrativas, examina como o “tráfico de pessoas” é definido não apenas em relação às leis penais que o definem juridicamente, mas também às sensibilidades sociais dos agentes responsáveis pela gestão cotidiana dos corpos e das condutas que se amoldam ou não ao “fato típico”. Associando a perspectiva analítica interseccional a uma abordagem preocupada em entender a

micropolítica das sensações e das emoções, procura mostrar empiricamente como categoriais sensoriais *estético-morais* (como beleza, feiura, odor, sujeira), operadores de diferenciação (como gênero, sexualidade, idade, classe, etnia e nacionalidade) e outras marcas corporais (inclusive marcas de violência) se articulam e constituem-se mutuamente nos processos de gestão e materialização de corporalidades, crimes ou outras formas de delimitação de fronteiras sociais e corporais, como a abjeção.

Palavras-chave: diferenças, categorias sensoriais, emoções, corporalidade, policia.

COMBATE AO TRÁFICO DE PESSOAS: UMA QUESTÃO FEMINISTA?

Anamaria Marcon Venson. Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil;
anamariamarconvenson@gmail.com

O trabalho analisa processos-crime recentes constituídos em função da operacionalização do artigo 231 do código penal brasileiro, que define o crime de tráfico internacional de pessoa para fim de exploração sexual. As metodologias utilizadas foram pensadas a partir do campo epistemológico feminista. A análise foca a incorporação/apropriação de discursos de organismos internacionais nos processos judiciais e mostra como o combate ao tráfico de pessoas tem se materializado como uma técnica de combate à prostituição e às prostitutas.

Palavras-chave: tráfico de pessoas; prostituição, processos-crime.

Sesión 4: Explotación sexual infantil, personas trans y travestis em el comercio sexual

HISTÓRIA DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA CIDADE DE MANAUS A PARTIR DA VISIBILIDADE DE CASOS EMBLEMÁTICOS QUE OCORRERAM EM MUNICÍPIOS DO ESTADO DO AMAZONAS, BRASIL

Doutoranda Consuelena Lopes Leitão. Curso de Pós Graduação de Antropologia da
Universidade Federal do Amazonas; consuelena@gmail.com

Nas últimas décadas, a partir de denúncias, movimentos sociais em favor dos direitos humanos, mudanças políticas e legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente - (ECA) e o enquadramento de vários tipos de contato de cunho sexual com crianças e adolescentes como: toques, voyeurismo e pornografia e o ato sexual propriamente dito, enquadrados na modalidade de estupro de vulnerável, são fatores que tem estimulado a emergência de uma série de discursos que lutam pela causa de crianças e adolescentes em situação de abuso e exploração sexual. Ao mesmo tempo, se buscam nesse meio, conhecimentos, mecanismos para apreender melhor essa realidade e combatê-la. Apesar destes fatores, as denúncias sobre esse fenômeno tem aumentado em grande escala, em todos os lugares do Brasil. Estes fatos evidenciam que a exploração sexual se caracteriza também como um desafio da contemporaneidade, principalmente porque o caminho situacional das crianças, adolescentes e jovens em situação de exploração sexual aponta para uma associação de violações vivenciadas por estes sujeitos desde a sua infância, seja no contexto da família, da comunidade, da rua, do mercado e das instituições. A partir deste enfoque, este estudo se propõem a levantar o histórico da exploração sexual na Cidade de Manaus a partir da visibilidade de casos emblemáticos que ocorreram em municípios do Estado do Amazonas discutindo como a as idéias de protagonismo de crianças e adolescentes e de como a rede de proteção necessita se apropriar de mecanismos mais efetivos para o enfrentamento e prevenção deste tipo de violência.

Palavras chave: Exploração sexual, protagonismo, casos, rede, proteção.

DOS USOS DA VULNERABILIDADE NOS DISCURSOS SOBRE TRÁFICO INTERNACIONAL DE TRAVESTIS PARA EXPLORAÇÃO SEXUAL

Michelle Agnoleti. Universidade Federal da Paraíba / Universidade Estadual da Paraíba;
agnoleti@gmail.com

O trabalho que ora se apresenta propõe delinear algumas formulações sobre a noção de vulnerabilidade em vários aspectos e contextos semânticos, pelo seu caráter polissêmico e pelo uso recorrente em discursos oficiais, em geral contraposto à capacidade de agência e à autonomia da vontade de travestis que empreenderam a migração entre a Paraíba e a Itália com o propósito de desempenharem trabalho sexual. Para tanto, foram analisadas algumas variações desse conceito nos campos da Psicologia, da Assistência e do Direito, além de relacionadas entrevistas com travestis que exercem ou já exerceram a prostituição na Itália, autoridades envolvidas em procedimentos investigativos nos planos policial e judicial, relatórios e notas taquigráficas das Comissões Parlamentares de Inquérito do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, além do próprio protocolo internacional sobre tráfico de pessoas. Pretende-se suscitar uma reflexão sobre alguns aspectos de uma sempre mencionada vulnerabilidade, enfatizando o quanto sua utilização indiscriminada, com base no senso comum e/ou em noções morais particulares, pode acarretar prejuízo à aplicação da lei, aos direitos das pessoas que migram para se prostituírem além das fronteiras brasileiras, bem como à defesa das pessoas acusadas de

práticas ligadas ao crime de tráfico de pessoas.

Palavras-chave: Travestis; prostituição; tráfico de pessoas; vulnerabilidade.

REGISTROS SOBRE O ENFRENTAMENTO AO TRÁFICO DE TRAVESTIS NO BRASIL

Edson Oliveira Pereira. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB); edsondirec@gmail.com

Rita Passos. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB); ritocapassos@gmail.com

Claudio Fortes Garcia Lorenzo. Coordenador do Programa de Pós Graduação bioética da Universidade de Brasília (UnB); claudiolorenzo.unb@gmail.com

Ana Valéria Machado Mendonça. Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB); valeriamendonca@gmail.com

O presente trabalho objetiva avaliar e discutir de forma estrutural registros públicos no âmbito federal que tratam do enfrentamento ao tráfico de travestis brasileiras. A finalidade do tráfico de pessoas, de acordo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) se dá para fins de exploração sexual, comercial e trabalho forçado e ferem diretamente à dignidade humana, além de violar os direitos humanos e os direitos fundamentais do trabalho. Busca-se através do presente estudo, levantar discussões a respeito dos registros públicos brasileiros como Políticas, Planos e Avaliações, levando em consideração os primeiros relatos e ações de enfrentamento no Brasil. Busca-se ainda, identificar os sujeitos nacionais envolvidos na elaboração e execução das ações contidas no enfrentamento ao tráfico de travestis. Contudo, espera-se apresentar subsídios para compreensão desses registros, através do cenário em que contextualizou seu planejamento, produção e execução, além de promover uma reflexão teórica a respeito da evolução das diversas políticas e ações públicas federais de enfrentamento ao tráfico de travestis no Brasil, apontando as principais fragilidades e evoluções até os dias atuais.

Palavras chave: tráfico de Pessoas; Travestis; Políticas Públicas; Segurança Pública.

GT 54. AGENCIAMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: CRUZANDO E CONFRONTANDO PERSPECTIVAS

Coordenadores:

Sônia Weidner Maluf. Professora Doutora Associada IV da Universidade Federal de Santa Catarina, soniawmaluf@gmail.com

Érica Quinaglia Silva. Professora Doutora Adjunta II da Universidade de Brasília, equinaglia@yahoo.com.br

Comentaristas: Ana Paula Müller de Andrade, Mirella Alves de Brito e Nádia Heusi Silveira

-

-

Sesión 1: O “Estado em ação”: políticas públicas, serviços de saúde e cuidado

LA ESPERA EN EL ACCESO A LA ATENCIÓN MÉDICA. LA ENTREGA DE TURNOS EN LOS HOSPITALES PÚBLICOS DE LA ZONA SUR DE LA CABA

María Emilia Villalba. IIGG/FCS/UBA/USAL; emivillalba2802@gmail.com

Ana Mines Cuenya. IIGG/FCS/UBA – CONICET; anamines@yahoo.com.ar

El objetivo del presente trabajo es indagar y caracterizar la relación entre el Sistema Público de Salud de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y los/as usuarios/as del mismo. Para ello haremos foco el fenómeno de entrega de turnos para diferentes servicios.

Partimos de la idea de que *la espera* constituye una forma particular de disciplinamiento y control de la vida. La misma consiste en un proceso temporal en el cual y a través del cual se reproduce la subordinación política. Este tipo de dominación funciona materializándose en la reducción de posibilidades de uso del tiempo, como un proceso

represivo, y como una forma de sometimiento. Cabe señalar que tal mecanismo funciona diferencialmente en las distintas clases sociales. Para los sectores populares, la situación de la espera se inscribe un discurso aleccionador que indica que para lograr una respuesta por parte del Estado deben simplemente esperar, pacíficamente e indefinidamente, hasta ser reconocidos/atendidos/visibilizados.

Para abordar nuestros objetivos analizaremos el sistema de entrega de turnos en dos hospitales de la zona sur de la Ciudad (el Hospital General de Agudos “Donación Francisco Santojianni” y el Hospital General de Agudos “Parmenio Piñero”), la entrega de turnos a través del servicio telefónico que ofrece el Gobierno de la Ciudad, y, por último, el sistema de entrega de turnos vía página web.

Palavras-chave: espera, poder, salud, acceso a la salud, violencia.

RELATOS ETNOGRÁFICOS SOBRE O TEMPO: O CUIDADO DE PESSOAS IDOSAS COM DEMÊNCIA E AS PESQUISAS SOBRE USOS DO TEMPO

Cíntia Liara Engel - Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e assistente de pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); cintiaengel@gmail.com

No segundo semestre de 2012 realicei uma pesquisa qualitativa no Centro de Referência para portadores da Doença de Alzheimer, que faz parte do Centro de Medicina do Idoso (CMI) do Hospital Universitário de Brasília (HUB), tratou-se de uma pesquisa com viés etnográfico, com o objetivo de compreender as vivências dos sujeitos com esse tipo de demência diagnosticada e também com o cuidado. O exercício proposto aqui tem o objetivo de estabelecer um diálogo entre o material etnográfico produzido com essa pesquisa, que dimensiona qualitativamente o cuidado realizado para pessoas idosas com a demência de Alzheimer – seus tempos envolvidos, atividades, atenções, dilemas e especificidades – com um indicador quantitativo que vem orientando a discussão em torno de políticas públicas de cuidado, saúde e gênero: o uso do tempo. Com esse diálogo, são propostas algumas revisões da métrica de pesquisas contemporâneas sobre usos do tempo, especialmente da pesquisa piloto sobre usos do tempo, a ser incorporada na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) contínua, principal e mais abrangente instrumento para medir o tempo gasto com o cuidado no Brasil. O intuito é discutir os indicadores e somas de tempo, interpondo exemplos etnográficos do cotidiano do cuidado de idosos com demência e, assim, qualificar o debate político e a

busca por compartilhamentos das atividades de cuidado com o Estado.

Palavras-chave: cuidado, Doença de Alzheimer, tempo, pesquisas de usos do tempo.

RESIDENCIAIS ASSISTIDOS PARA IDOSOS EM FLORIANÓPOLIS-SC, BRASIL: INSTITUCIONALIZAÇÃO E AGÊNCIA

Rudemar Brizolla de Quadros. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015), Especialista em Atividade Física e saúde (2010), Especialista em Educação Física Escolar (2009), Graduado em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (2007); rudemarbq@yahoo.com.br

Este texto é uma síntese de minha dissertação de mestrado em Antropologia Social concluído na universidade Federal de Santa Catarina em 2015. Os dados foram coletados por meio de pesquisa etnográfica, entre março e junho de 2013, em quatro Residenciais Assistidos para Idosos (RAIs) de Florianópolis, Brasil. Os RAIs, particulares ou públicos, são instituições que seguem rígidas regras impostas pelo estado brasileiro para aplicar políticas de cuidados aos idosos que não tem mais possibilidade de permanecer no convívio da família. A legislação brasileira impõe, de certa forma, que estes ambientes sigam um padrão “para-hospitalar”, o que nem sempre é o esperado pelos idosos que procuram por estes lugares. Essas instituições, para atrair o novo perfil de idosos, tem tentado se afastar do estigma a que sempre estiveram envoltos os “asilos” e reivindicar para si um caráter menos “institucional” e mais próximo de um “ambiente familiar” ou “profissional”. Sendo assim, proponho pensar: que tipos de experiências e expectativas esses residenciais fornecem para seus residentes e profissionais? Como estas instituições trabalham as tensões derivadas da tentativa de conciliar o caráter institucional e “para-hospitalar” com as novas expectativas de seus frequentadores, que reivindicam uma qualidade de vida pautada no descanso, harmonia e manutenção de vínculos familiares? E qual é a agência que os residentes tem na construção de novas formas de RAIs?

Palavras-chave: Residenciais Assistidos para Idosos, institucionalização, cuidado, controle, agência.

DOENÇA, (IN)CAPACIDADE E (IN)VALIDEZ: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O PAPEL DA PERÍCIA MÉDICA EM QUESTÕES

DE PREVIDÊNCIA SOCIAL NO BRASIL

Liziane Gonçalves de Matos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); liziane.gm@gmail.com

A pesquisa constitui-se em um estudo antropológico que trata da Previdência Social, tendo como foco analítico a perícia médica exigida e realizada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para concessão de benefícios por incapacidade, tais como auxílio-doença e aposentadoria por invalidez; e de benefícios assistenciais, como o Benefícios de Prestação Continuada (BPC), destinado a idosos e jovens portadores de deficiência. O estudo busca problematizar as moralidades e sensibilidades envolvidas nas decisões da perícia médica previdenciária na concessão (ou não) de tais benefícios. Trata, da mesma forma, das controvérsias em torno da definição de conceitos como incapacidade e doença, cerne de todo o conflito envolvendo o INSS e os solicitantes dos benefícios citados. Neste sentido, uma das questões que estão sendo ressaltadas neste estudo é a da judicialização do acesso à direitos previdenciários e assistenciais, que tem se constituído em uma alternativa na resolução destes conflitos no que tange ao indeferimento da concessão de auxílio-doença e do BPC. Por conta da demanda envolvendo situações como esta na Defensoria Pública da União (DPU) em Porto Alegre que a instituição tornou-se locus privilegiado na realização do trabalho de campo para esta pesquisa. O interesse dirige-se, igualmente, em como se dá a composição da prova, a comprovação da incapacidade ou da deficiência, bem como a avaliação, por parte dos médicos peritos (neste caso, como agentes do Estado), dos casos deferidos ou indeferidos através de um laudo pericial.

Palavras-chave: previdência social, perícia médica, moralidades, Antropologia, Estado.

TRABAJADORAS SOCIALES EN LA ATENCIÓN HOSPITALARIA. DE “BURÓCRATAS DE NIVEL DE CALLE” A MEDIADORAS EN LOS “MÁRGENES DEL ESTADO”

Gisela Gagliolo. Programa Antropología y Salud – UBA; giselagagliolo@gmail.com

Se ha reflexionado ampliamente respecto del papel de los/as trabajadores sociales en la “aplicación” de políticas públicas. Algunos/as autores de ese campo caracterizan la práctica profesional como reproductora del orden social, mientras otros/as postulan que el trabajo social crítico ha conseguido apartarse de ese rol asignado para colocarse en el lugar de agentes de cambio. Destacando la proximidad con las personas “beneficiarias” y la autonomía en la aplicación de programas, también se los caracterizó como agentes

estatales “de nivel de calle”. Subrayando su autonomía o caracterizándolos como engranajes de una maquinaria, poniendo énfasis en la reproducción o el cambio, este tipo de estudios parecen compartir un sentido sobre las políticas bastante arraigado, aunque también cuestionado por estudios antropológicos. Me refiero a la idea de que en una “esfera” institucional/ administrativa (en algún sentido ajena a lo social) se diseñan, ejecutan y controlan las políticas. Así, en este esquema “de arriba hacia abajo” a los/as trabajadores social sólo les quedaría el lugar de ejecutar o escamotear las políticas que les “bajan”.

En esta presentación me propongo recuperar estos debates a partir del análisis de las prácticas de las trabajadoras sociales de un hospital del GBA que relevé en el marco de un estudio etnográfico sobre la atención del VIH-Sida, realizado entre 2007 y 2009. El enfoque etnográfico me ha permitido analizar la tarea de las trabajadoras sociales del hospital situada en un conjunto de relaciones que iluminan la complejidad de la práctica estatal en la que se modelan las políticas públicas.

Palabras clave: trabajo social, políticas públicas, VIH-Sida.

A CONSTRUÇÃO E NOÇÃO DE SAÚDE POR FUNCIONÁRIOS DA LIMPEZA EM CONTATO COM A UNIVERSIDADE: UMA DISCUSSÃO

Douglas dos Santos Vasco. Graduando em Saúde Coletiva na Universidade de Brasília; douglas.vasco3@gmail.com

Andreia Alves Puttini Ramos. Graduanda em Enfermagem na Universidade de Brasília; andreiaputtini@hotmail.com

Ricardo Frota dos Santos. Graduando em Fisioterapia na Universidade de Brasília; ricardo.frota2@yahoo.com.br

Walter Massa Ramalho. Professor Adjunto da Universidade de Brasília; walter.ramalho@gmail.com

A Saúde do Trabalhador constitui uma área da Saúde Pública que tem como objeto de estudo as relações entre o trabalho e a saúde. O presente estudo teve por objetivo conhecer melhor a relação trabalho-saúde, a noção e construção de saúde, o desempenho e o desenvolvimento do trabalho, as dificuldades quanto ao fornecimento de recursos necessários para a aplicação de seus serviços e ações de prática de reciclagem e sustentabilidade no ambiente de funcionários da limpeza terceirizados que prestam serviços a duas universidades diferentes. O estudo realizado foi do tipo descritivo-exploratório e a coleta de dados ocorreu por meio de questionários entre o período de 1 de setembro a 5 de outubro de 2013. Estas foram realizadas em duas universidades do Distrito Federal: a Universidade de Brasília - UnB, Faculdade de Ceilândia, localizada na Ceilândia; e a Universidade Católica de Brasília - UCB, localizada em Taguatinga. Quanto aos vertentes antropológicas abordadas, percebeu-se que: os funcionários não apresentam

conhecimento da relação saúde, ambiente e trabalho; a construção de um ambiente reciclável e sustentável está sendo construída, porém, ainda com dificuldades na separação e coleta seletiva dos resíduos. E todavia, notou-se por parte da equipe, que há entre as instituições, grandes diferenças no ambiente, e na ausência de distribuição de materiais e equipamentos de segurança, como luvas e máscaras, que podem comprometer significativamente a ocacionalidade das doenças que acometem esses funcionários, e que também, impedem que a coleta seletiva seja realizada.

Palavras-chave: meio ambiente, sustentabilidade, Antropologia da saúde, saúde, trabalho.

ENTRE O CORPO E AS NORMAS PARA O CORPO: O PARTO EM QUESTÃO

Fernanda Loureiro Silva. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva IMS/UERJ; fernandaloureirosilva@gmail.com

Este trabalho aborda a atual discussão acerca dos elevados índices de cesarianas no Brasil e as medidas que vêm sendo tomadas para reverter esse quadro. O lançamento da Resolução Normativa Nº 368 para a realização de partos na rede privada de saúde no país suscitou pontos de vista conflitantes: foi comemorado pelo movimento de mulheres mobilizadas em torno da valorização do parto normal, mas foi criticado por aquelas que se sentiram negativamente atingidas pela resolução. O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão acerca da repercussão gerada pelas novas regras da Agência Nacional de Saúde Suplementar.

A partir da análise do processo de medicalização do parto, observa-se como uma visão médica do corpo feminino pode ser tanto aceita e incorporada, como combatida e ressignificada. Distintas concepções de corpo podem influenciar a forma como se percebe as diferentes vias de nascimento. Contudo, em um contexto de “escolhas” de tipos de parto, é preciso considerar que as decisões não são neutras, nem individuais, mas são construídas em meio a um conjunto de relações sociais, sustentadas por valores, crenças e ideologias diversas.

Observo que traçar um direcionamento de ações mediante a negação de outra via de nascimento, seja ela qual for, mantém a padronização e o enquadramento das mulheres em uma certa concepção de corpo, que pode não ser percebido/entendido dessa maneira. Cabe refletir sobre as formas e as circunstâncias em que categorias, como “liberdade” e “escolha”, emergem e são acessadas pelas mulheres na legitimação de uma determinada via de nascimento.

Palavras-chave: parto normal, cesariana, corpo, resolução normativa em saúde.

MEDICALIZACIÓN DE LA REPRODUCCIÓN HUMANA: UNA MIRADA DESDE EL ESTUDIO DEL PROCESO DE PROFESIONALIZACIÓN DE LAS PARTERAS EN LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES

Maria Victoria Salsa Cortizo - Facultad de Cs. Médicas - UNLP / Comisión de Investigaciones Científicas de la Provincia de Buenos Aires; victoriasalsa@yahoo.com

Desde finales del Siglo XIX se inicia un proceso de medicalización que ha ido transformando problemas de salud-enfermedad en asuntos de agenda pública. El mercado, el Estado y la profesión médica ganaron poder y fueron regulando y definiendo distintos aspectos del ciclo vital como problemas médicos. Los procesos reproductivos quedaron atravesados por relaciones de poder y por nuevas relaciones entre saberes y disciplinas: avanzó y se afianzó la biomedicina y se relegó y subordinó a las parteras del proceso de atención de la reproducción.

En esta ponencia, propongo describir y analizar los campos de disputa por la definición, control y atención de los procesos de reproducción humana en relación al modo en el que se reconfiguraron saberes, alcances y quehaceres de la disciplina obstétrica. Pondré el foco en las estrategias llevadas adelante por las parteras, en un escenario que les ha ido quitando protagonismo en la atención del embarazo, parto y puerperio.

Se analizarán entrevistas realizadas a parteras y a funcionarios de programas materno-infantiles. Trabajaré con registros y notas de campo recabados durante mi estadía en dos Congresos de Obstétricas en Argentina y con el análisis de fuentes documentales y normativas relacionadas.

Palabras clave: Antropología de la reproducción, políticas públicas, regulación del embarazo, parto y puerperio, proceso de profesionalización de la partería.

MUITOS SENTIDOS PARA UMA MESMA PALAVRA: A IDEIA DE RAÇA NO COTIDIANO DA SAÚDE

Rosamaria Giatti Carneiro. Professora Adjunta da Universidade de Brasília;
rosagiatti@yahoo.com.br

A saúde de negras e de negros brasileiros tornou-se explícito objeto de cuidado e de controle do Estado a partir da criação da “Política Nacional de Assistência à Saúde da População Negra” (2009). Uma iniciativa que pauta o “racismo institucional” e as doenças mais frequentes nessa parcela da população. Para tanto, a pressão do movimento negro foi de suma importância. Trata-se de uma política de ação afirmativa,

já que visa reconhecer as diferenças entre as pessoas e sanar eventuais desigualdades sociais. Em sua proposta, entretanto, desafia a ideia de igualdade do Sistema Único de Saúde, pautando a questão racial como decisiva na vivência do bem-estar. Em que pese a sua existência, múltiplas parecem ser as acepções de raça no campo da saúde brasileira. Partindo desse pano de fundo, empreendi a etnografia de dois serviços de saúde do Distrito Federal com o objetivo de compreender os usos da ideia de raça e sua relevância para o bem-estar daqueles que buscam pelo cuidado. A pesquisa foi realizada durante 2013 e 2014 e contou com marcado interesse na produção dos corpos e da pessoa da mulher negra nas cenas de parto. Isto posto, o intuito é refletir sobre aproximações e distanciamentos do que se compreende por negro e negra no campo da saúde, considerando as linhas da política nacional; o discurso dos profissionais e o de mulheres negras assistidas nesses serviços. Para, ao final, desvelar que tanto ação quanto omissão pode ensejar biopolítica e definir existências, sem apagar, entretanto, a atividade dos sujeitos.

Palavras-chave: raça, saúde, biopolítica, agência, mulheres.

CORPO, GENÉTICA E IDENTIDADE: NOTAS PARA PENSAR A RACIALIZAÇÃO DA SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE

Tatiane Pereira Muniz. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Sociologia do Instituto Federal da Bahia (IFBA); taty_rp@yahoo.com.br

Evidencia-se a partir do Projeto Genoma e das possibilidades de escrutínio do corpo, daí decorrentes, um conjunto de esforços de pesquisa no campo médico, com vistas a provar a determinação racial de certas doenças. Estudos epidemiológicos apontam para a prevalência de certos problemas de saúde em determinados grupos populacionais, racialmente classificados, tendo em vista a situação de vulnerabilidade sócio-econômica à qual este grupo populacional está, historicamente, submetido. Entretanto, na medida em que se buscam, em âmbito molecular, elementos para a afirmação de diferenças biológicas que os colocariam em situação de propensão ao desenvolvimento e agravamento de certas patologias, um discurso essencializante acerca da raça pode emergir, levando a conclusões e construções sociais equivocadas sobre esta categoria. Entretanto, persiste o uso de nomenclaturas raciais para a classificação de doenças, corroborando para um discurso diferencialista, do ponto de vista biológico, que remete ao discurso evolucionista do século XIX, amparado, agora, pela biotecnologia. Neste cenário, reacende-se o debate entre os mais distintos campos do conhecimento, no sentido de afirmar e negar a existência da raça enquanto uma realidade empírica e sobre a importância e riscos de sua utilização, seja no âmbito das ciências da vida ou no cotidiano das relações sociais. O presente trabalho consiste na discussão da forma com as categorias raça e saúde tem sido relacionadas no contexto brasileiro, demonstrando as diversas disputas políticas e ideológicas e econômicas em torno da sua utilização, ensejado pelo novo paradigma da genética, quando ocorrem novos processos de

subjetivação relacionado as identidades.

Palavras-chave: raça, saúde, genética, identidade.

Sesión 2: Agenciamentos sociais no campo da saúde: resistências, tratamentos complementares e alternativos, práticas de auto-cuidado e saberes locais e tradicionais

“DE GRAÇA ATÉ INJEÇÃO NA TESTA” SERÁ?: CONSTRUÇÃO SOCIAL ACERCA DA VACINAÇÃO DO HPV

Natália Almeida Bezerra - Mestranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB); natalia.almeida.unb@gmail.com

Vacina é, antes de tudo, uma marca de adequação, de disciplina. O Estado, ao promover políticas de proteção à saúde, cria mecanismos de controle, e a vacina é um deles. O fenômeno vacinal se revela de alta complexidade, em especial, para uma disciplina como a Antropologia que pensa as diferentes interações entre saúde, sistema biomédico, estado e indivíduo. Na perspectiva de uma antropologia das vacinas e da vacinação é possível revelar as múltiplas facetas históricas, geográficas e políticas de uma história aparentemente única – a da imunização, e se interrogar a respeito da unidade das práticas humanas, do confronto para com essas práticas naturalizadas, dos novos agenciamentos/resistências, e de possíveis rupturas com esse discurso médico. Diante desse cenário, os recortes possíveis de pesquisa são variados. Entretanto, uma escolha temática foi necessária. Quando nos deparamos com uma vacina que chegou ao Brasil há pouco, realizada apenas em corpos femininos muito jovens, esses ainda representados por seus pais, e que recebem a dose fora de seu campo jurisdicional “natural” – as unidades médicas – mas sim, dentro de uma instituição de ensino, o contexto se torna ainda mais interessante. E é sobre a construção social acerca da vacinação do HPV e seu agenciamento que esta pesquisa se debruça.

Palavras-chave: Antropologia, Estado, políticas públicas, vacinação/HPV, agenciamento.

PRATICAS ALTERNATIVA E O SUS EM FLORIANÓPOLIS

Hélio Barbin Junior - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); hbarbinjunior@gmail.com

A rede de saúde pública no município de Florianópolis há várias décadas conta com experiências pessoais e raras experiências institucionais na implantação e oferta de praticas de medicina alternativo e complementar a população. A partir de 2006 com do Plano Nacional de Praticas Integrativa e Complementar (PNPIC) dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil, e em 2010 com a criação de uma gerencia de PICs dentro da Secretaria Municipal de Saúde, levanta-se a possibilidade de maiores discussões sobre a implantação destas praticas junto às equipes da saúde da família.

Porem as PICs quando implantadas dentro da ESF se tornam somente mais uma ferramenta de apoio terapêutico ao sistema biomédico prevalecente, sendo em toda sua filosofia, visão diferenciada do processo saúde e doença são “domesticadas” pela hegemonia biomédica. Somente duas profissionais em todo o município são contratadas como especialistas uma em acupuntura e outra em homeopatia que atuam dentro das policlínicas municipais.

A partir das entrevistas com médicos (as) nos Centro de Saúde e nas Policlínicas Municipais podemos constatar que ainda falta vontade política dos gestores e coordenadores dos Centros de Saúde na implantação deste sistema alternativo de saúde dentro da rede pública em Florianópolis. Pela persistência, ideologia e reconhecimento de sua eficácia, elas continuam existindo por vários anos na saúde pública do município através de experiências individuais.

Palavras-chave: política publica, SUS, medicina alternativa, biomedicina.

ATRAVESANDO LOS CUERPOS: SINESTESIA Y VIBRACIÓN EN LA PERFORMATIVIDAD CURATIVA DEL YOGA

Ana D´Angelo. UNMdP-CONICET, Argentina; dangelo_ana@yahoo.com.ar

El objetivo de estetrabajo es investigar los significados curativos que la práctica de yoga guarda para instructores y practicantes, a partir de la descripción etnográfica de algunos actos de la performance ritual que inducen particularmente una experiencia sinestésica y una vivencia de vibración (tanto del aire como del sonido), como el canto de *mantras* y

la ejecución de instrumentos. La observación participante da cuenta de una concepción plural de sus cuerpos (definido por los practicantes principalmente en sus dimensiones física, emocional-mental y espiritual). Tanto el control de los sentidos (*pratyahara*) como el de la respiración (por medio de *prĀ • nĀ • yamas* y *bandhas*) y la realización de gestos reflexológicos (*mudras*) persiguen gestionar la energía que atraviesa los cuerpos de los practicantes. Al constituir pasos hacia el objetivo final o Yoga: la re-uni3n del *ser* de los practicantes con el principio energ3tico universal, permiten vivenciar una continuidad ontol3gica o comuni3n, no s3lo entre los practicantes sino entre 3stos y el mundo con el cual est3n hechos *carne*.

Palavras-chave: yoga, cura ritual, sinestesia, vibraci3n, continuidade ontol3gica.

UMA CHAVE NA PONTA DO NARIZ: A ARTE E PERFORMANCE CLOWN NOS HOSPITAIS

Camila Maur3cio Zedron - Programa de P3s-Gradua33o em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); camilafisioclar@yahoo.com.br

H3 algum tempo, a pr3tica da performance clown, ou o palha3o, tem se tornado cada vez mais frequente em institui33es de sa3de, principalmente nos hospitais. Atuando tradicionalmente atrav3s de ONGs e iniciativas privadas, os grupos de palha3aria, a partir da PNH (Pol3tica Nacional de Humaniza33o) tamb3m passaram a ser inclu3dos na agenda das pol3ticas p3blicas. Esse 3 o caso dos Terapeutas da Alegria, grupo que tenho estudado durante minha pesquisa de mestrado, que busca entender principalmente o movimento da arte e da performance clown enquanto pol3tica p3blica de sa3de para a humaniza33o dos hospitais. Assim, a ideia de efic3cia simb3lica relacionada a uma pr3tica que pode ser tomada como uma a33o de Estado 3 o foco deste estudo, que tamb3m busca enxergar como processos de afec33o se manifestam em ambientes tidos tradicionalmente como obrigatoriamente distanciados do afeto.

Palavras-chave: Antropologia da sa3de, Antropologia da performance, efic3cia simb3lica.

O M3DICO TRADICIONAL IND3GENA NO PUTUMAYO COLOMBIANO: UMA FIGURA DE PODER

Pedro Musalem Nazar - Doutorando do Programa de P3s-Gradua33o em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do INCT Instituto Brasil Plural; pedromusalem@gmail.com

Aborda-se neste trabalho, baseado em 14 meses de campo entre os Siona (tucano ocidental no sul da Col3mbia), os poderes de ag3ncia do assim chamado *complexo do*

yagé, rede xamânica interétnica cuja etnohistória é brevemente comentada em ordem a compreender suas transformações contemporâneas. Sobre esta base, busca-se refletir acerca das possibilidades da antropologia pensar as interações entre esse dispositivo indígena, que produz verdades sobre o corpo e seus cuidados, e institui uma série de práticas autônomas, e as biopolíticas do Estado colombiano que, nessa região, podem considerar-se ainda em formação.

Levam-se em consideração as dinâmicas específicas da política pública colombiana, num entorno definido pelo extrativismo econômico, a desproteção social e a disputa territorial entre corpos militares; num contexto histórico marcado pela marginalização e a ilegalidade. Nessas condições, observa-se a emergência de uma consciência política singular entre os indígenas contemporâneos, a qual permeia também as manifestações locais do complexo xamânico aludido.

Desde os anos 90, os taitas (xamãs) da área se apresentam a si mesmos –também– como *médicos tradicionais indígenas*: interessa examinar aqui os contextos e implicações desta autodenominação, assim como as experiências e tentativas de articulação com agentes e instituições oficiais de saúde, indagando nas suas formas de apropriação de outros discursos e dispositivos médicos (incluindo o da biomedicina).

Palavras-chave: xamanismo, Putumayo, indígenas, yagé, Siona.

SOBRE UMA “INTERVENÇÃO POSITIVA”: PRÁTICAS DE GOVERNO E MORALIDADE NO CONTEXTO DO POSTO DE SAÚDE DE UMA ALDEIA MBYÁ-GUARANI NO SUL DO BRASIL

Rita Becker Lewkowicz. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS); ritalewkowicz@gmail.com

Este artigo se propõe a analisar as políticas públicas de saúde direcionadas aos povos indígenas no Brasil, considerando o processo através do qual esses grupos vão aparecendo como uma “população governável”, como sujeitos de políticas de um campo que passa a ser entendido como “saúde diferenciada”. Indissociável das diretrizes internacionais e políticas globais, esse formato de governo e produção de cidadania ganha uma forma específica com a criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena, em 2010, e reconfigura as relações entre indígenas e profissionais de saúde, assim como entre os gestores dos diferentes níveis de governo. São introduzidas novas formas burocráticas e biopolíticas, mas muito da estrutura anterior se mantém, considerando especialmente que até o presente ano as medidas de criação dessa secretaria ainda não terminaram de ser implementadas. A partir da etnografia junto ao posto de saúde de uma aldeia Mbyá-Guarani no sul do país, esse artigo se propõe a problematizar as formas de governo da conduta, controle e normatização nas práticas e políticas voltadas a essa população indígena, trazendo questionamentos à categoria de “saúde

diferenciada” a partir da crítica dos Mbyá-Guarani, assim como buscando refletir sobre a consolidação de um campo profissional fundamentado na razão humanitária que acaba por conformar toda uma economia moral (Fassin, 2005) em torno do atendimento a essas populações.

Palavras-chave: biopolítica, saúde diferenciada, Mbyá-Guarani, economia moral, governamentalidade.

EQUIPAMENTOS DE SAÚDE E PROCESSOS DE ATENÇÃO - TÓPICOS PARA PENSAR A AÇÃO DO ESTADO

Nádia Heusi Pesquisadora do INCT Instituto Brasil Plural; nheusi@yahoo.com.br

Nesta comunicação tratarei de uma tentativa de ação intersetorial do Estado que diz respeito à abordagem do problema de abuso de álcool entre os povos kaiowá e guarani. Os agentes envolvidos pertenciam a diferentes setores do governo federal e realizaram uma série de encontros para consensuar diretrizes de atenção, tendo por eixo de discussões a instalação ou não de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) na Terra Indígena Dourados. Partindo da dinâmica dos encontros, de convergências e divergências de pontos de vista a partir da unanimidade sobre a necessidade de implementar uma ação planejada entre vários órgãos de assistência, refletirei sobre minha posição no grupo, enquanto antropóloga trabalhando como agente de governo. Sobretudo, dos limites da prática antropológica diante de processos envolvendo múltiplos tomadores de decisão. Ao tratar do contexto para o qual tais ações foram pensadas, também pontuarei alguns desafios relacionados à implementação de políticas públicas em saúde quando o alvo de tais políticas abarca questões sociais, para além de enfermidades.

Palavras-chave: políticas de saúde, intersetorialidade, Antropologia no Estado, Kaiowá e Guarani, saúde mental.

Sesión 3: O fazer etnográfico e suas potencialidades: experiências sociais e políticas públicas no contexto da saúde mental

BIOLEGITIMIDADE, DIREITOS E RECONHECIMENTO: NOVOS REGIMES BIOPOLÍTICOS NO CAMPO DAS POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL NO

BRASIL

Sônia Weidner Maluf Professora Doutora Associada IV da Universidade Federal de Santa Catarina; soniawmaluf@gmail.com

O objetivo da proposta é dar continuidade a reflexão sobre um aspecto cada vez mais presente nas políticas sociais contemporâneas: a biolegitimidade como um dispositivo de produção de direitos, de reconhecimento e de acesso a serviços e atendimento por parte do Estado, e também como meio de reivindicação e de conquista de direitos. Biolegitimidade se articula com um contexto mais amplo de deslocamento do político, com ênfase nos processos de patologização, medicalização ou biologização das experiências sociais, sobretudo no que diz respeito à produção de políticas públicas e às ações do Estado no campo dos direitos e da cidadania. Apesar da amplitude das questões que podem ser abordadas através desse conceito, a partir de sua formulação por Didier Fassin, o foco deste artigo são as políticas de saúde mental no Brasil no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira, particularmente aquelas dirigidas às mulheres. Se por um lado a Reforma Psiquiátrica tem como princípios de base os direitos humanos dos doentes e dos pacientes psiquiátricos, assim como a democratização e a universalização do acesso à saúde, por outro, em diversos de seus aspectos essas mesmas políticas reproduzem o dispositivo da biolegitimidade. O foco é a noção de ciclo de vida das mulheres, um princípio largamente utilizado nos documentos e diretrizes principalmente naqueles especificamente voltados à saúde da mulher.

Palavras-chave: biopolítica, biolegitimidade, saúde mental, gênero, políticas públicas.

“ESSA MEDIDA DE SEGURANÇA É INFINITA OU TEM PRAZO DE VENCIMENTO?”: INTERLOCUÇÕES E DESAFIOS ENTRE O DIREITO E A PSICOLOGIA NO CONTEXTO JUDICIÁRIO

Caroline Quinaglia Araújo Costa Silva Brandi. Psicóloga do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios; cquinaglia@hotmail.com

Eliana Quinaglia Silva - Professora Adjunta II da Universidade de Brasília; equinaglia@yahoo.com.br

A Seção Psicossocial da Vara de Execuções Penais do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios ocupa-se do atendimento a pessoas que cumprem medida de segurança, ou seja, uma sentença judicial que as define como doentes e criminosas. Encaminhadas ao contexto judiciário, há dois caminhos a serem percorridos por elas: o tratamento ambulatorial e a internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico. Nesses percursos, requisitos, como exames para verificar a cessação de periculosidade, tempo de reclusão e existência de parente que as acolha, são observados para permitir uma decisão judicial favorável à desinternação condicional, ou seja, a uma desvinculação da Justiça. Trata-se de um terceiro caminho possível. Por meio da análise de um caso emblemático, este estudo busca inquirir sobre a disciplina infligida a essas

peessoas. Intenta-se, assim, dar voz a inimputáveis e/ou semi-imputáveis, pessoas consideradas inteiramente ou parcialmente incapazes de responder pelo caráter ilícito do ato que cometeram, de acordo com o Código Penal. As interlocuções e os desafios existentes entre o Direito e a Psicologia no contexto judiciário emergem como possibilidade de construção de outro discurso por elas, de uma fala que busque a aquisição de autonomia e a responsabilização.

Palavras-chave:saúde mental, Direito, Psicologia, medida de segurança.

“LOUCO TODO MUNDO É UM POUCO”: “LOUCURA” E “DOENÇA MENTAL” NO CONTEXTO DA POLÍTICA PÚBLICA DE SAÚDE MENTAL

Ana Paula Müller de Andrade. Universidade Federal de Pelotas;
psicopaula@yahoo.com.br

Este trabalho visa discutir os tensionamentos produzidos em torno das categorias que permeiam os diferentes planos da política pública de saúde/saúde mental, especialmente “loucura”, “doença mental” e seus “sintomas”. As reflexões apresentadas têm como base os dados parciais de uma pesquisa de caráter etnográfico, desenvolvida a partir de 2015, tendo como sujeitos os/as usuários/as de um Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Pelotas/RS. A pesquisa visa analisar os efeitos da transformação cultural em relação à loucura na produção de subjetividades de usuários/as dos serviços de saúde mental. A política pública de saúde mental no Brasil e os processos de desinstitucionalização dela decorrentes tem sido construídos tanto por iniciativas institucionais quanto por experiências de sujeitos que instituem formas singulares de subjetivação e estratégias para lidar com seus sofrimentos. As experiências destes sujeitos tem tensionado algumas categorias presentes no âmbito das iniciativas institucionais como, por exemplo, “doença mental” e seus “sintomas” e demonstrado o caráter heterogêneo e rizomático dos processos de desinstitucionalização. Como apontam os dados parciais da pesquisa, tais categorias são desnaturalizadas e relativizadas pelos sujeitos que confrontam e articulam diferentes modelos interpretativos no enfrentamento de suas experiências de sofrimento. Demonstram também que apesar do modelo biomédico ser hegemônico no contexto estudado, “doença mental” e “loucura” são categorias distintas, não podendo a última ser reduzida a primeira. A “doença mental” em geral está relacionada aos sujeitos acometidos por sofrimentos da ordem do mental enquanto a “loucura” está associada a experiências difusas não necessariamente ligadas ao sofrimento de um sujeito singular.

Palavras-chave: política pública de saúde mental, desinstitucionalização, modos de subjetivação, loucura, doença mental.

DENTRE MUROS: UMA ETNOGRAFIA SOBRE CONSTRUÇÃO DE UM HOSPITALPSIQUIÁTRICO

Michelle Alcântara Camargo. Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); michelleacamargo@gmail.com

Maria Conceição da Costa. Prof. Dra Associada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Nas ciências sociais a bibliografia clássica parte da perspectiva de que as instituições psiquiátricas desenrolam-se como práticas seculares de disciplinarização, moralização e contenção de indivíduos socialmente desviantes (Carrara, 1998). A reclusão dos diagnosticados como loucos, tem um caráter institucional, iniciado no século XVII, e ao ter como medida questões econômicas e de precaução social, a internação ganha o valor de intervenção (Foucault, 2010).

A proposta desta pesquisa não é pensar a internação dos diagnosticados como doentes mentais como alienação ou banimento social, embora os referenciais de Foucault se constituem enquanto um dos alicerces teóricos deste trabalho. O que se pretende aqui é pensar questões sobre a experiência de mulheres internadas voluntariamente ou compulsoriamente em hospitais psiquiátricos e como isto se reflete nas políticas públicas de saúde mental no interior do estado de São Paulo. Este paper, buscará, a partir de uma investigação etnográfica, refletir sobre como ocorre e é vivenciada a experiência de internação de mulheres em um lócus específico, o Hospital Psiquiátrico Benedita Fernandes, localizado no interior do estado de São Paulo, no qual são internadas mulheres que receberam diagnósticos de portadoras de doenças mentais e que por algum motivo se encontram em situação de proteladas pelo Estado na instituição acima mencionada.

Palavras-chave: saúde mental, gênero, mulheres, instituição psiquiátrica.

AGENCIAMENTOS SUBJETIVOS INUSITADOS EM UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

Mário Eugênio Saretta - Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS); msaretta@gmail.com

A partir da realização de uma etnografia com as pessoas em situação de pacientes psiquiátricos, proponho-me a problematizar as políticas públicas em saúde mental através da descrição de situações que permitem questionar dispositivos específicos de

ordem e moralidade assentados tanto nas novas políticas quanto no modelo de funcionamento tradicional ainda imperante em hospitais psiquiátricos. Deste modo, o interesse é priorizar as perspectivas daqueles que estão no hospital psiquiátrico em condição de pacientes frente aos rearranjos institucionais.

Neste *paper*, privilegiarei a narrativa de uma interna do hospital psiquiátrico, não como um estudo de caso, mas como um meio de expor relações institucionais a partir de agenciamentos subjetivos singulares. Em mais de cinco décadas de internamento, através dela se estende uma série de pessoas, voluntários e profissionais. Ao acompanhá-la nas mudanças dos seus locais de moradia por motivos institucionais, estamos acompanhando também a própria instituição e a singularidade de um corpo em uma instituição-total provocando linhas de fuga em um ambiente normatizador.

Desse modo, atento a processos subjetivos inusitados potencialmente capazes de problematizar os modelos dominantes de codificação, os quais poderiam ser desconsiderados em nome da autoridade de saberes especializados no campo da política pública em saúde mental, esta abordagem visa multiplicar o tecido político ao evidenciar processos de singularização por parte de usuários e moradores de um hospital-que-foi-hospício.

Palavras-chave: agenciamentos subjetivos, desinstitucionalização, micropolítica, etnografia em hospital psiquiátrico.

ESTUDO DE CASO DE UMA PACIENTE DIAGNOSTICADA COM DEPRESSÃO: ABORDAGEM TERAPÊUTICA E ASSISTÊNCIA EM SAÚDE MENTAL

Douglas dos Santos Vasco. Graduando em Saúde de Coletiva na Universidade de Brasília • [lia; douglas.vasco3@gmail.com](mailto:douglas.vasco3@gmail.com),

Andreia Alves Puttini Ramos. Graduada em Enfermagem na Universidade de Brasília • [lia; andreiaputtini@hotmail.com](mailto:andreiaputtini@hotmail.com)

Ricardo Frota dos Santos. Graduando em Fisioterapia na Universidade de Brasília • [lia; ricardo.frota2@yahoo.com.br](mailto:ricardo.frota2@yahoo.com.br)

Diane Maria Scherer Kuhn Lago. Professora Assistente da Universidade de Brasília; diane@unb.br

De acordo com a OMS (2001), os transtornos mentais mais comuns são a depressão, transtornos devido ao uso de substâncias, esquizofrenia, doença de Alzheimer, retardo mental e distúrbios da infância e da adolescência. O estudo de caso a ser abordado evidencia o diagnóstico de depressão. O objetivo da prática em campo é compreender a assistência ao paciente de saúde mental e planejar os cuidados necessários para o tratamento psicossocial. O CAPS II é um serviço ambulatorial de média complexidade que dispõe de uma equipe multidisciplinar (enfermeiros,

melhores, técnicos de enfermagem, assistente social, psicólogos, estagiários, voluntários) que trabalham para prestar a melhor assistência possível a seus pacientes. O serviço conta ainda com atividades terapêuticas voltadas para o tratamento do portador de TM. São oficinas de artesanato, grupos de psicoterapia, trabalhos com temas relacionados a gênero, reuniões com os familiares dos pacientes, além das consultas individuais para acompanhamento dos pacientes. Como definido pela OMS, um completo estado de bem-estar físico, mental e social, torna-se imprescindível o conhecimento e habilidade de profissionais de saúde nas áreas de saúde mental. Este trabalho possibilitou um contato maior com uma paciente que sofre de depressão, sendo a depressão um dos transtornos mentais mais prevalentes, gerando alta utilização dos serviços de saúde, e a percepção nos cuidados com pacientes portadores de transtornos sociais-mentais, evidenciando a desenvoltura do relacionamento interpessoal, pois isso levará ao fortalecimento do vínculo terapêutico e promoção da assistência em saúde mental.

Palavras-chave: depressão, transtornos, saúde mental, assistência, Antropologia da saúde.

QUANDO O ESTIGMA SE INSTITUCIONALIZA: UM ESTUDO DE CASO DE UM PACIENTE ATENDIDO EM SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM SAÚDE MENTAL

Priscila Farfan Barroso. Bacharela (2009) e licenciada (2010) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; prifarfan@yahoo.com.br

Daniela Riva Knauth. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988), com mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Etnologia e Antropologia Social. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (1996), professora Titular do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando também como docente e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia; daniela.knauth@gmail.com

O presente estudo tem como objetivo analisar o processo de institucionalização da discriminação entre usuários em situações vulneráveis que estão tratamento de saúde em serviços públicos. Através do estudo de caso de um paciente HIV positivo, usuário de droga, ostomizado (sem intestino) e homossexual atendido por profissionais de saúde de um serviço especializado em saúde mental, percebe-se o julgamento da sua história de vida, a dificuldade de lidar com esse paciente entre outros homens e mesmo o desconforto dos profissionais para realizar encaminhamentos na rede de atenção. Assim, destaca-se o preconceito e estigma (PARKER; AGGLETON, 2001) sofrido por quem vive em um contexto de vulnerabilidade, principalmente em relação aos HIV/Aids, no qual o serviço de saúde pública reforça essas diferenças oferecendo um tratamento desigual agenciado no cotidiano de atendimento. Essa situação gera consequências nas

práticas de cuidados com a saúde/doença nos fazendo refletir sobre os desafios relacionados ao estigma vivido no âmbito da saúde a fim de rebater diretamente as questões fundamentais sobre garantia dos direitos humanos do mais vulneráveis (MONTEIRO; VILELLA, 2013). Trazer esses relatos e a experiência vivida pelo paciente é evidenciar as camadas nas quais a subjetividade é desafiada na explicação da dor sentida que se torna mais explícita. (DAS *et al.*, 2001). Dessa forma, é possível apontar para os limites do processo de discriminação institucionalizada que devem ser tencionados no atendimento de uma saúde com qualidade – e pública – para a maior parte da população (MONTEIRO; VILELLA; KNAUTH, 2012).

Palavras-chaves: institucionalização, estigma, serviços de saúde, pessoas em situação de vulnerabilidade.

SAÚDE COLETIVA E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: O PAPEL DO SANITARISTA NA IMPLANTAÇÃO DO SERVIÇO RESIDENCIAL TERAPÊUTICO NO DISTRITO FEDERAL

Vanessa Andréa de Souza Carnevale. Graduada do curso de Saúde Coletiva na Universidade de Brasília; carnevale.vanessa1@gmail.com

Érica Quinaglia Silva. Professora Adjunta II da Universidade de Brasília; equinaglia@yahoo.com.br

Residências terapêuticas são locais de moradia para pessoas com transtornos mentais há muito tempo institucionalizadas. O presente trabalho apresenta a importância da implantação do Serviço Residencial Terapêutico como forma de reintegrar essas pessoas à sociedade. Para tanto, é realizada uma pesquisa comparativa entre os serviços disponíveis no Distrito Federal e aqueles dos estados de Goiás e de Minas Gerais. Nesse contexto, é ressaltada a importância do papel do sanitário não apenas para o planejamento, a (re)formulação e a implementação de políticas públicas e ações de saúde, como também, e por conseguinte, para a desinstitucionalização das pessoas com transtornos mentais. Especificamente no âmbito da saúde mental, o sanitário pode (e deve) atuar na realização de programas de (re)inserção dessa população em centros de convivência e cultura, Centros de Atenção Psicossocial e demais serviços de uma rede da qual a comunidade faça parte. O Serviço Residencial Terapêutico é, particularmente, entendido como uma forma de atenção à saúde engajada na desconstrução da loucura como perigo e do louco como alguém que deva ser isolado. Em última análise, a implantação do Serviço Residencial Terapêutico intenta efetivar o que está preconizado nas Leis 8.080/90 e 10.216/2001, que resguardam a atenção à saúde como dever do Estado e direito de todos os cidadãos, entre eles as pessoas com transtornos mentais.

Palavras-chave: Saúde Coletiva, sanitário, saúde mental, Serviço Residencial Terapêutico, reforma psiquiátrica.

AGRUPACIONES DE USUARIOS DEL SERVICIO DE SALUD MENTAL: PARTICIPACIÓN SOCIAL Y ACTIVISMO ANTE LA REGLAMENTACIÓN DE LA NUEVA LEY DE SALUD MENTAL

Federico Manuel Nadal Viníffals. FFyL, UBA; fedenadal@hotmail.com

Me propongo realizar un estudio sobre la participaciõ • n social y poliõ • tica en grupos de personas con padecimientos mentales indagando en torno a la participaciõ • n de agrupaciones de usuarios del servicio de salud mental en la elaboraciõ • n de poliõ • ticas puõ • blicas relacionadas con la aplicaciõ • n de la ley Nacional de Salud Mental (2010). El trabajo presenta los resultados preliminares de mi tesis de grado, realizada en colaboraciõ • n en el proyecto interdisciplinario UBACyT: “Articulaciones entre salud mental y atenciõ • n primaria de la salud en la Argentina 2014-2017”

Busco estudiar cõ • mo influye la participaciõ • n social y la injerencia de esta participaciõ • n en la regulaciõ • n y aplicaciõ • n de la nueva Ley Nacional de Salud Mental en los procesos de sociabilidad y subjetivaciõ • n que atraviesan las praõ • cticas cotidianas de estos sujetos y los constituyen como actores dotados de agencia

La atenciõ • n de los padecimientos psiõ • quicos comprendidos en el aõ • mbito de la salud mental es hoy en diõ • a un campo en plena transformaciõ • n, particularmente en el marco de la aplicaciõ • n de una nueva ley de salud mental que cuestiona, al menos formalmente, al modelo meõ • dico hegemõ • nico y la forma que la modernidad ha adoptado para comprender y tratar estos padecimientos, cuestionando principalmente el dispositivo de la manicomializaciõ • n.

Palavras-chave: salud mental, ley de salud mental, APS, participaciõ • n social, procesos de subjetivaciõ • n.

ETNOGRAFIA COM JOVENS ATENDIDOS EM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS

Denise Martin

Aline Milhomens

Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva;
demartin.c@gmail.com

O conceito de juventude é uma construção sociocultural e histórica. É um período de transitoriedade para a vida adulta com diferenças nos percursos traçados. Alguns jovens experimentam a primeira crise psicótica caracterizando uma ruptura deste processo,

dando início a uma forma particular nesta transição. Novos processos se iniciam com esta ruptura, nos quais em alguns momentos o controle sobre suas escolhas, desejos, pensamentos e ações fogem de si. A pesquisa busca conhecer o significado da transição para a vida adulta em jovens que realizam acompanhamento em um serviço de atendimento em saúde mental. Pretende-se problematizar a realização de etnografia com jovens portadores de transtorno mental grave. A pesquisa foi realizada em um Centro de Atenção Psicossocial II Adulto (CAPS), em um bairro periférico no município de São Paulo. Os participantes estão em regime de tratamento intensivo ou semi-intensivo e participam de um grupo de jovens como proposta terapêutica. O grupo realiza atividades fora do serviço (passeios a parques, shoppings e outras atividades culturais). As estratégias de pesquisa envolvem a observação etnográfica do serviço e das atividades realizadas fora dele, além de acompanhamento da vida cotidiana. É importante discutir a pesquisa de campo com a vinculação dos jovens no contexto institucional do CAPS, as questões éticas e práticas sobre como abordar projetos futuros com pessoas que sofreram uma ruptura causada pela crise psicótica, as limitações nas entrevistas causadas por características do sofrimento ou por medicação, e o lugar das pesquisadoras no contexto particular desta pesquisa.

Palavras-chave: etnografia, serviços de saúde, juventude, saúde mental, crise psicótica.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS CAMPOS DA GARANTIA DOS DIREITOS E DA SAÚDE MENTAL

Mirella Alves de Brito. Docente da Universidade Estadual de São Paulo – Unidade São José, docente da Universidade Barriga Verde – UNIBAVE e pesquisadora do Instituto Brasil Plural – IPB; mirebrito@gmail.com; brito_mirella@yahoo.com

O trabalho consiste em apresentar algumas reflexões oriundas de pesquisa etnográfica (em andamento), junto ao Conselho Tutelar de São José. Tal pesquisa tem como questão norteadora a forma como os documentos de registro de violação de direitos, no Conselho Tutelar de São José, apresentam indicadores para uma compreensão da recorrência de psicodiagnostics que *legitimam* uma crescente medicalização de crianças e adolescentes. Ao analisar os prontuários do Conselho Tutelar é possível identificar as características que levam a suspeita de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e/ou ansiedade; verificar os encaminhamentos dados para os casos; acessar as práticas de atenção à saúde mental, oferecidas pelo CAPSi – São José; analisar os discursos que compõem às suspeitas de TDAH e/ou ansiedade, além de nos oferecer subsídios para observarmos que a articulação entre políticas públicas no campo da saúde mental e políticas de proteção às crianças e adolescentes produzem modos de vida que ampliam e retroalimentam tanto as reflexões antropológicas sobre construção de sujeitos, quanto aos modos de governo a partir da noção de Estado. As bases teóricas sobre as quais temos trabalhado resultam de um diálogo interdisciplinar entre a antropologia, a psicologia

e a saúde mental, sem perder de vista que nosso campo de investigação está ancorado no que hoje chamamos de sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente.

Palavras-chave: política de saúde mental, garantia de direitos de crianças e adolescentes, medicalização de crianças e adolescentes, formulários oficiais de registro para bases epidemiológicas, formação de profissionais em psicologia.

-

-

GT 55. ABORDAJES ETNOGRÁFICOS DE LA FAMILIA

Coordinadores:

Fernanda Figurelli. Investigadora asistente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) con sede en la Universidad Nacional de Misiones (UnaM), Argentina. Doctora em Antropología Social (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro); ferfigus@yahoo.com.ar

Grazielle Dainese. Pos Doctoranda. PPGAS/Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doctora en Antropología Social, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ; grazidainese@hotmail.com

John Comerford. Professor do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional – UFRJ (PPGAS/MN/UFRJ). Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ; jcomerford@uol.com.br

Comentarista: Moacir Palmeira. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional – UFRJ (PPGAS/MN/UFRJ). Doutor em Antropologia Social pela Université René Descartes; moapalm@gmail.com

Sesión 1: Diversidade da construção de laços familiares: movimentações

SOBRE A AGREGAÇÃO DE PARENTES: MOBILIDADE E RELAÇÕES FAMILIARES NO SERTÃO CEARENSE (BRASIL)

Jorge Luan Rodrigues Teixeira. Aluno de Doutorado em Antropologia Social
(PPGAS/MN/UFRJ); jorge.luant@gmail.com

Neste trabalho, discuto a vinculação entre as relações familiares e duas formas de mobilidade no Sertão dos Inhamuns, Ceará, Brasil. A primeira delas, mais diversa, se refere às movimentações ordinárias dos habitantes da Zona Rural. Tais movimentos são indissociáveis de uma certa forma de conhecimento: quem circula faz conhecer a si e as suas intenções e está sujeito às práticas de *mapeamento* realizadas pelos que testemunham tal movimentação. Que esse "tornar-se conhecido" e "fazer-se conhecer" se deem lançando mão das filiações familiares (em associação à reputação e à localização territorial) é de especial interesse para os fins deste trabalho. O parentesco surge como um meio de localização dos agentes e as pessoas aparecem como um agregado de relações familiares. A segunda forma de mobilidade, mais extraordinária que a primeira, diz respeito às mudanças residenciais que os *moradores* (trabalhadores rurais que residem nas propriedades dos patrões) realizam ao longo de suas vidas. O afeto e a solidariedade familiares (mas também o conflito entre parentes) são comumente apontados como justificativas para tais mudanças e para a procura de novos arranjos residenciais e de trabalho. Nas duas situações, as relações familiares são tanto um idioma quanto um modo de conhecimento associados à mobilidade: no primeiro caso, tornam reconhecível quem se movimenta e quem testemunha o movimento, no segundo, são um motor para a movimentação. Levando adiante reflexões iniciadas na dissertação de mestrado, defendo que considerar essas formas de mobilidade dá meios para pensar o estatuto da pessoa e das coletividades familiares no sertão.

Palavras-chave: mobilidade; trabalhadores rurais; parentesco; família; sertão.

DANDO ASILO: AS FAMÍLIAS E O FENÔMENO DA ÈD NO HAITI PÓS-TERREMOTO

Ana Elisa Bersani (doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do IFCH – Unicamp - Brasil) – anabersani@hotmail.com

Baseado em pesquisa etnográfica realizada em 2013 na Grand'Anse, Haiti, este trabalho

busca revelar e problematizar dinâmicas sociais existentes no país que, postas em prática após o terremoto em janeiro de 2010, tiveram um papel fundamental no sentido de assegurar a manutenção da ordem e a sobrevivência de grande parte dos desabrigados. A resposta ao desastre articulada pela sociedade haitiana revela mecanismos de assistência e ajuda (èd), para além do alcance do estado e das organizações internacionais, que foram essenciais no socorro aos aflitos.

As consequências da tragédia deram origem a novos impasses que, na maioria, foram equacionados por uma dinâmica social singular sob a qual se reconfiguraram redes de

relações tanto entre campo e cidade, como para além das fronteiras do país.

Mecanismos relacionados às instituições familiares, ao compadrio, a vizinhança e a amizade revelaram-se de extrema importância na gestão da catástrofe.

Estratégias coletivas e modos de ajuda baseados em uma economia moral singular e ordinária, centrada na partilha e nas obrigações recíprocas de auxílio, que extrapolam o

grupo doméstico e os limites territoriais, foram capazes de mobilizar uma grande variedade de estruturas organizacionais e responder à catástrofe de forma imediata.

Explorando as relações familiares e a natureza flexível do parentesco através da incorporação de um sentido particular para o termo ‘família’ ou ‘família extensa’ em um contexto que teria incorporado, processualmente, práticas próprias à instituição do lakou, pretende-se refletir sobre o momento da acolhida dos desabrigados na região enquanto momento de mobilização, atualização e transformação dos laços.

Palavras-chave: Haiti, família, lakou, pós-terremoto, èd.

FAMÍLIA ASSIM NÃO PRESTA. PERCEPÇÕES SOBRE O IDEAL E O REAL EM FAMÍLIAS DO NORTE DE MINAS

Lívia Tavares Mendes Froes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFF. Orientadora: Delma Pessanha Neves; liviafroes@gmail.com

Em Água Boa II, localidade rural do Norte de Minas Gerais, a constituição das famílias é sucessivamente marcada por momentos de prolongados distanciamentos físicos de alguns dos seus membros, especialmente o esposo e, mais tarde, os filhos, quando socialmente alcançam idade considerada adequada ao assalariamento. Levando em consideração a recorrência dos distanciamentos, em especial de seus companheiros, convidei, durante minha pesquisa de mestrado, algumas mulheres casadas a elaborarem relatos a respeito de como percebiam as condições de constituição das famílias delas. A valorização do ideal da família unida foi insistentemente reafirmada pela formulação de concepções que devem balizar a experiência cotidiana do casal, sentenciada por expressões alçadas em forte valor moral e referencial – *o casal deve estar sempre junto*. Entretanto, a objetivação desse referencial é duramente alcançada e envolve grande desgaste físico e emocional por parte do casal. Interessada em acessar as formas de concretização desta unidade, proponho-me, neste trabalho, a apresentar e comentar os impasses vividos por algumas famílias, a partir das narrativas e avaliações das mulheres que permanecem nas localidades. Expressões que qualificavam um status civil ambíguo como *nem casada, nem solteira*, ou a sensação de sentir-se de *perna e mão quebrada* durante a ausência do marido e a constante menção à *falta* do companheiro culminando na constatação de que *família assim não presta*, guiaram minha atenção para a necessidade de desnaturalização dessa unidade, considerando os vários

constrangimentos, tanto materiais quanto emocionais, que a integram.

Palavras-chave: família, deslocamentos, constrangimentos.

LOS FENÓMENOS MIGRATORIOS COMO UN APORTE PARA REPENSAR LA FAMILIA

Denise Zenklusen (Becaria del CONICET – CIECS/CONICET-UNC)
desnisezenklusen@gmail.com

En Córdoba (Argentina), la migración peruana representa, luego de la boliviana, el principal origen de la población migrante que llega a la provincia, concentrándose en la ciudad capital (Falcon y Bologna, 2013). Al igual que lo sucedido en Buenos Aires, el proceso migratorio peruano en Córdoba registró una importante feminización en la década de 1990 y comienzos del año 2000 como consecuencia de la demanda femenina migrante para ciertos sectores del mercado laboral cordobés.

A partir de un incipiente trabajo etnográfico esta ponencia propone comprender el modo en que las relaciones de género y generacionales se definen y redefinen en estos nuevos contextos familiares. En este sentido, puntualmente me pregunto por los cambios y continuidades en las relaciones de género y generacionales en las familias migrantes de origen peruano en la ciudad de Córdoba.

El hecho de pensar cambios y continuidades en las relaciones de género y generacionales no significa dar por hecho que la migración en sí genera o es un factor de cambio. En este trabajo, me interesa poder reflexionar sobre las implicancias de cambio social vinculadas a los procesos migratorios y a las relaciones de género y generacionales en familias migrantes de origen peruano en Córdoba. Así como también, el modo en que es pensada la familia en los fenómenos migratorios y el lugar que ocupa en la producción y la explicación de los desplazamientos. Por último, me interesa poder repensar, a partir del trabajo de campo, la categoría familia y como se pone en tensión con los fenómenos migratorio.

Palabras clave: Familias migrantes; Migración peruana; Relaciones de Género; Relaciones generacionales; Ciudad de Córdoba.

UM OLHAR SOBRE FAMÍLIAS RURAIS A PARTIR DO CUIDADO À SAÚDE

Teila Ceolin Professora da Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGEnf)/UFPel; teila.ceolin@gmail.com

Renata Menasche Professora do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da UFPel. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Doutora em Antropologia Social.

Entre as famílias rurais estudadas, as práticas de cuidado à saúde se valem do modelo biomédico hegemônico (público e privado), mas certamente – e ainda mais por se tratarem de agricultores ecológicos – não se restringem a ele, na medida em que lançam mão da religiosidade do grupo – são camponeses pomeranos e/ou alemães, membros de igreja luterana – e envolvem a autoatenção, associada a plantas medicinais, alimentação e rede de relações. Tomando como ponto de partida que a sociabilidade camponesa é perpassada pela circulação, entre parentes e vizinhos, também de serviços, alimentos e plantas de uso medicinal, este trabalho conduz a atenção para as relações de cuidado à saúde entre famílias rurais, propondo-se a refletir sobre como agem na constituição de laços que extrapolam a família como dada pelo parentesco. Os dados são da pesquisa “Sistema de cuidado em saúde dos agricultores ecológicos do Sul do Rio Grande do Sul”, tendo sido obtidos, em 2014, em localidade rural do município de Canguçu – município situado ao sul do Rio Grande do Sul, Brasil –, através de observação participante e entrevistas semiestruturadas realizadas junto a 14 agricultoras e suas famílias.

Palavras-chave: campesinato, família, cuidado, saúde.

“COMER ENTRE NOSOTROS”: VÍNCULOS, CONFIANZA Y AFECTO ENTRE LOS QOM (TOBA) DEL CENTRO DE FORMOSA (ARGENTINA)

Gala Coconier. Facultad de Filosofía y Letras, UBA; gala.coconier@gmail.com

En este trabajo presentaremos el tema de la comensalidad y la construcción de los vínculos a partir de nuestras experiencias etnográficas con grupos indígenas *qom* del centro de Formosa.

La comensalidad es entendida como el acto de compartir el momento de la incorporación alimenticia. Además ella se estructura en torno a un universo que integra formas particulares de obtención, distribución y consumo de los alimentos, en términos

de pautas de reciprocidad y códigos de sociabilidad.

En esta ponencia aportaremos datos etnográficos sobre las comensalidades *qom* atendiendo a su desarrollo en contextos privados, familiares y reducidos en cantidad de comensales –unidades domésticas– y públicos y mayormente poblados –fiestas de aniversario de las iglesias evangélicas; reuniones de organización política y religiosa.- Asimismo revisaremos bibliografía sobre grupos indígenas chaqueños, de las TBS y sobre la comensalidad, convivialidad y la economía moral de la intimidad.

Haremos hincapié en las relaciones entre el acto de “comer juntos” y la construcción del parentesco, la confianza y las expresiones de afecto entre los comensales. Asimismo, describiremos algunos aspectos sobre la circulación de alimentos, dinámicas de reciprocidad y la dimensión moral del compartir.

En esta ponencia intentaremos mostrar a la luz del caso *qom* que al tratarse de una práctica productora del espacio para el intercambio social cara a cara, la comensalidad plasma la proximidad parental y afectiva de los comensales. Sin embargo advertimos que ésta no es una práctica desprovista de tensiones. En efecto a través de ella pueden manifestarse conflictos interpersonales y divisiones entre familias.

Palabras clave: [Comensalidad]; [vínculos]; [confianza]; [*qom* (toba)].

A PRÁTICA DO XITIKI FAMILIAR COMO MEIO DE CRIAÇÃO E FORTALECIMENTO DE LAÇOS AFECTIVOS

Catarina Casimiro Trindade. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, Brasil; catiluva@gmail.com

A apresentação parte da pesquisa de mestrado sobre o xitiki familiar, prática de poupança e crédito rotativo comum na cidade de Maputo, Moçambique. Uma vez que a maior parte dos autores centra a sua análise no carácter económico da prática, a pesquisa buscou compreender os múltiplos sentidos atribuídos ao xitiki. Através da observação dos encontros mensais de dois grupos de xitiki familiar e dos diferentes momentos que os compõem, assim como de entrevistas com mulheres xitikeiras, buscou-se entender como são construídas, fortalecidas e tencionadas as relações entre as participantes. O trabalho mostrou que a definição do xitiki apenas como uma forma de poupança e crédito rotativo não dá conta dos significados articulados e das relações estabelecidas pelo xitiki.

Partindo dos encontros de xitiki familiar, onde os participantes se reúnem para socializar e reforçar relações de confiança e de união, pretendo com esta apresentação mostrar como esta prática cria relações familiares para além do núcleo ordinário daquilo

que supostamente se considera família.

Palavras-chave: família; sociabilidade; práticas de poupança e crédito rotativo; relações familiares.

Sesión 2: Diversidade da construção de laços familiares: narrativas e enunciados

PARENTES NA DOR: OS CAMINHOS DA *FAMÍLIA* E DA *COMUNIDADE* ENTRE OS *ALEMÃES* DA ENCOSTA DA SERRA, RS

Everton de Oliveira. Doutorando em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

Neste trabalho, procuro analisar como preceitos morais partilhados produzem de modo transitivo os caminhos narrativos sobre família. Para tanto, parto de minha pesquisa de campo em um município da Encosta da Serra, RS. Como as demais cidades da região, ele se forma enquanto uma *colônia* ou *comunidade* de *alemães*, ocupado em meados do século XIX por imigrantes alemães. Sobre o período de ocupação ou sobre a organização social, um termo era comum: *se judiar*, que era relacionado à alta valorização do trabalho por *alemães* e *alemoas*, um índice moral que permitia relações e hierarquizações sociais, de modo a traçar heterogeneidades transitivas de acordo com a partilha dos efeitos de *se judiar* no trabalho. Sobre o nascimento da *comunidade*, o que se dizia é que as *famílias pioneiras se judiaram* quando chegaram às *matas virgens*, responsáveis pela construção dos aparelhos de *direção* – burocracia administrativa, escolas, igrejas e serviços de saúde. Aqueles que ainda hoje *se judiam* em suas *roças*, partilham a dor de seus antepassados, assim como o cuidado para com sua *casa*, numa trama narrativa que oferece os limites da *família*, assim como as distancias relacionais das tramas de parentesco, os *parentes*. Neste sentido, na definição de *família* definiam-se igualmente lugares, agrupamentos e pessoas correlatas nos caminhos narrativos de *se judiar* no trabalho, índice de distinção moral no qual a partilha unia *famílias*, *parentes*, *vizinhos*, *comunidade* e sua *direção* administrativa, mas o desdém separava *preguiçosos*, *encostados* e os *de fora*, heterogeneidades necessárias na definição e valorização de si.

Palavras-chave: Família – Moral – Organização Social – Dor – Encosta da Serra.

FAMILIA Y OTROS ENTRETEJIDOS: NARRATIVAS DE UNA GRAN PROPIEDAD RURAL EN EL NORDESTE DE BRASIL

Fernanda Figurelli (CONICET/UNaM); ferfigus@yahoo.com.ar

En base a un trabajo de campo realizado en tierras antes pertenecientes a una gran propiedad rural del Nordeste de Brasil, analizo la *historia* que archivos públicos y otras instituciones municipales así como los antiguos dueños transmiten sobre dicha propiedad. La noción de *familia* es central en esas narrativas. Por un lado, no es posible pensar la propiedad sin aludir a los lazos de parentesco de quienes la poseían. Por otro lado, cuando abordamos esos lazos vemos que su significado se ilumina a partir de los movimientos de la propiedad. Lo familiar se entreteje con las dinámicas de concentración de tierras y la centralidad de la propiedad en los registros públicos refuerza la posibilidad de su historización. El trabajo intenta mostrar que más que una entidad reificada, la familia muestra un proceso permanente de conformación que es inseparable de las acciones de cesión, compra, venta, remate y herencia de tierras.

Palabras clave: Familia, Propiedad, Narrativas, Nordeste de Brasil.

OS DISCÍPULOS DE BRUNO: A RELAÇÃO DE FAMILIARIDADE E CONSTRUÇÃO DE UM PARENTESCO SIMBÓLICO NA COMUNIDADE DE NAZARÉ DO BRUNO

Poliana de Sousa Nascimento. Mestre em Antropologia. Universidade Estadual do Maranhão; polianadsn@gmail.com; polly-geo@hotmail.com

Esse trabalho traz uma discussão de como Nazaré do Bruno, uma comunidade localizada zona rural da cidade de Caxias, Estado do Maranhão – Brasil se configurou em torno de um homem (José Bruno de Moraes), que considerado um “mestre”, apresentava dons de vidência e conhecimentos sobre ervas e que reuniu grupos de famílias de diferentes lugares em uma terra sem que nada lhe fosse cobrado. Sua fama de curandeiro se espalhou principalmente pelos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão, atraindo ao local, famílias inteiras em busca de cura para suas enfermidades que versava principalmente em torno do que eles chamavam de *perturbação*. Esses recém-chegados

à Nazaré do Bruno tornam-se discípulos de Bruno, por realizarem trabalhos de acompanhamento para procedimentos de cura para aqueles que ali se situavam. Esse vínculo de proximidade se configurou em um elo de familiaridade e cumplicidade entre José Bruno de Moraes e seus discípulos, estabelecendo entre eles uma relação de *apadrilhamento*. José Bruno de Moraes era chamado com muita intimidade de *Padrinho* por seus discípulos. Dessa forma, o que me proponho a entender é justamente o parentesco simbólico construindo entre os discípulos de Bruno e José Bruno de Moraes, baseado em processos contínuos de adaptação e transformação, que refletiu em uma organização social compondo uma comunidade claramente diferenciada.

Palavras-chave: Comunidade, Familiaridade e Parentesco.

CORA, A VELHA E A TERRA – FAMÍLIA, CONFLITO, USO DA TERRA, POLÍTICA PÚBLICA – NA ILHA DE MARAJÓ

EUZALINA DA SILVA FERRÃO/DOCTORANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA (PPGSA), DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA), BRASIL; PROFESSORA DE SOCIOLOGIA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARÁ; euzalina@ufpa.br

MARIA ANGELICA MOTTA-MAUÉS/PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (PPGSA), LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO (LAANF), UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA); PESQUISADORA DO GRUPO DE PESQUISA ENEIDA DE MORAES (GPEM)/UFPA; BOLSISTA DE PRODUTIVIDADE EM PESQUISA DO CONSELHO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq); angelicamaues@uol.com.br

Família e conflito são pontos centrais desse artigo em que vamos mostrar aspectos da organização social de moradores das margens do rio Atua, Muaná, na Ilha de Marajó (PA/BR), ocupando propriedades de terras de 50 a 150 hectares aproximadamente. Dentre eles trataremos especialmente de Cora, uma velha senhora de 90 anos de idade, dona de uma terra em que uma parte foi herança paterna e a outra comprada de sua única irmã, porém a terra “herdada” nunca foi transferida para o nome de Cora. Nas terras da propriedade há mais duas famílias e todos vêm entremeando sempre, por longo período, relações amistosas e conflituosas (casamentos e brigas “de faca”). Nos últimos anos o conflito tem se acirrado devido à presença, no local, do Grupo Regional de Patrimônio da União – GRPU, demarcando terras das margens do rio e re-nomeando proprietários. Entre esses, um grupo que já morava nas terras por permissão de Cora, com a demarcação do GRPU passou ser dono da terra cedida por ela e a própria Cora

recebeu uma notificação para deixar as (suas) terras dentro de 48 horas. Neste sentido, olhamos um processo em que de um lado temos uma mulher, viúva, idosa, negra e de outro lado membros de gerações subseqüentes incluindo parentes (filhos, netos e bisnetos) de Cora nesse jogo conflituoso que pretendemos examinar.

Palavras-chaves: família, geração, conflitos, organização social, terra, herança.

FAMÍLIA ESPORTIVA: NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DE JOVENS FUTEBOLISTAS EM SÃO PAULO/SP

Enrico Spaggiari. Doutor em Antropologia Social/USP; enricospaggiari@yahoo.com.br

Baseado em minha tese de doutorado em que analisei o processo de produção de jogadores de futebol em bairros periféricos de São Paulo, este *paper* trata da composição de *família esportiva*, que tem como base relacionalidades e as formas de *fazer família* no sistema futebolístico (amador e profissional), a partir da constituição de um projeto familiar que articula diversos contextos e atores. Descreverei trajetórias de futebolistas que são orientadas por estratégias que dificultam o fechamento da família sobre si mesma e permitem aos jovens explorar uma profusão de vínculos, que gravitam em torno da parentela, mas que incorporam outros atores, atualizados de forma contínua às trajetórias. O envolvimento de professores, diretores e agentes de futebol, também imersos em conjuntos de relações atravessadas por afetividades e interesses, revela que engajamentos e reciprocidades não se restringem ao domínio familiar. A ampliação das relações, ao mesmo tempo em que contribui para desnaturalizar os modelos nucleares e conjugais, reforça a centralidade da família no projeto, pois atualiza e expande os arranjos familiares. Modelo de constituição e atualização de relacionalidades do projeto familiar futebolístico, a *família esportiva* é um constructo mais vasto do que o de família, e tem como base a produção de relacionalidades, aqui entendida como a constituição relacional de contextos e pessoas nas experiências cotidianas que atravessam o sistema futebolístico. O conjunto de tais relacionalidades é o que chamo de *família esportiva*, ou seja, a objetificação das relações que produzem e são produzidas por jovens futebolistas.

Palavras-chave: Família. Futebol. Etnografia. Relacionalidade.

A NOÇÃO DE FAMÍLIA A PARTIR DE TRAJETÓRIAS DE MORADORES DE RUA

Natália Maximo e Melo. Doutoranda em Sociologia – UFSCar; natmmelo@gmail.com

Nesta comunicação pretendo trazer subsídios para uma discussão acerca da diversidade de significados da família entre moradores de rua. O interesse em dedicar esta reflexão às noções família surgiu como parte da pesquisa de doutorado que tem como objetivo a compreensão da política assistencial pública destinada a essa população. Para a política de Assistência Social a família é considerada base da sociedade, núcleo comunitário mais básico a partir do qual os indivíduos se relacionam com as demais esferas da sociedade. No que concerne a política para a população em situação de rua, este público é definido pela fragilidade ou ausência dos vínculos familiares, extrema pobreza e uso do espaço público para moradia ou sobrevivência. No entanto, ao pressupor a família como núcleo da sociedade desconsideram-se as várias relações que são construídas na vida da rua. Este trabalho visa então, trazer elementos empíricos a fim de refletir acerca de algumas noções de família identificadas na vida da rua, as quais diferem da perspectiva da Política de Assistência Social. A pesquisa foi realizada a partir do acompanhamento de dois moradores de rua membros de dois grupos de rua distintos na cidade de São Carlos-SP, Brasil. Acompanhando essas trajetórias percebemos diferentes formas de se aproximar ou afastar da família de origem. Além disso, também mostraremos que os grupos de rua podem ser entendidos como famílias.

Palavras-chave: morador de rua, família, assistência social.

FAMÍLIA: À LUZ DA ANTROPOLOGIA E DO UNIVERSO SOCIAL DE CABOCLOS (PB)

Carolina Barbosa de Albuquerque. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; albuquerquecarolina1@gmail.com.

A proposta desse trabalho se constrói a partir da relevância que a categoria família apresenta para a compreensão da construção de identidade e estigma da comunidade Caboclos em contraste com o Centro, ambos localizados no município de Barra de Santana, interior da Paraíba - BR. Família não é uma categoria que na prática aparece isolada, ela é acompanhada de termos como sangue, raça e honra e com isso me ajuda a perceber como no cotidiano de um grupo e em contraste com outros se delineia distinções, diferenças e desigualdades. Dessa maneira, o termo família fica desautorizada a ser pensado enquanto um conceito isolado capaz de oferecer qualquer explicação única acerca de processos sociais que atingem os moradores de Caboclos como os do Centro diante de acontecimentos da vida social. Dessa maneira, o uso que

faço da abordagem da categoria família me permite refletir sobre os mecanismos que são gerados quando as pessoas acionam ou não determinados vínculos familiares. Assim busco pensar a noção de família não como uma entidade pré-existente analisada em si mesma, mas como uma chave para entender as dinâmicas sociais em toda a sua criatividade tanto de maneira interna ao grupo – pensando as configurações internas de

Caboclos, como também de modo externo – relações instauradas entre os moradores de Caboclos com outros grupos.

Palavras-chave: Família; Marcadores de diferença; Cotidiano.

Sesión 3: Instituições estatais, eclesiais e família

â€

DOS ENUNCIADOS DE FAMÍLIA: CONFLITOS TERRITORIAIS E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SER PARENTE NUMA VILA PESQUEIRA

Ana Luísa Nobre. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS); lisboanobre@gmail.com

Hippolyte Brice Sogbossi. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Neste trabalho, penso sobre os usos do parentesco em uma situação de conflitos territoriais a partir de pesquisa realizada na Vila do Estevão, comunidade pesqueira do estado do Ceará/Brasil. Após a emissão de um título de domínio da terra válido por dez anos e reversível caso não se cumpram as normas estabelecidas pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará (IDACE), a Associação de Moradores do Estevão de Canoa Quebrada (AMECQ) produz uma interpretação das normas impostas e cria sua forma de gestão: como regra local, o direito à moradia é reservado estatutariamente aos parentes. Para limitar as margens da imprevisibilidade diante da polissemia dos sentidos de família e dos possíveis usos indesejados da terra, define-se que parente próximo é aquele originário do lugar, com grau comprovável de consanguinidade, preferencialmente pela filiação, e que tenha declaradamente um compromisso moral com a coletividade. Ao institucionalizar-se a *descendência* como condição, é criado um conflito entre os grupos familiares e o coletivo da AMECQ, especialmente quando sujeitos que ocupam cargos institucionais punem aqueles que fazem usos irregulares do território, inclusive seus parentes. A fixidez de tais critérios destoa da fluidez das práticas familiares locais que conformam os modos de tornar-se parente na Vila - seja pelo ofício da pesca, pela convivialidade, por princípios como *criação*, *consideração* - abalando significativamente o sentimento de mutualidade. Entretanto, tais práticas aparecem como estratégias de enfrentamento ao modelo desenvolvimentista que ameaça a seguridade territorial e as condições de existência do grupo. É sobre essa negociação

complexa que pretendo refletir.

Palavras-chave: Parentesco; Família; Conflitos territoriais; Populações costeiras.

‘LA SAL DE LOS BIOLÓGICOS Y LA PIMIENTA DE LOS ADOPTIVOS’. LAS RECETAS DE UN MOVIMIENTO DE IGLESIA PARA UNA PRÓSPERA ADOPCIÓN

Carolina Ciordia. FFyL- UBA / CONICET; carolinaciordia@yahoo.com.ar

Esta ponencia se propone analizar los sentidos atribuidos a la adopción que son movilizados por los integrantes de un grupo de apoyo a la adopción, pertenecientes a un “movimiento de iglesia” católica, con sede en Argentina. A partir del trabajo de campo realizado en ese grupo, radicado en el área metropolitana de Buenos Aires, indago, primero, en las concepciones sobre las relaciones de parentesco que se gestan en la adopción. En particular, focalizamos en los significados atribuidos a “lo biológico” (el material biogenético, los progenitores, los rasgos fenotípicos) y, en base a ello, las prescripciones atribuidas a los “padres adoptivos” para con los hijos adoptados. De este modo, analizo las modalidades consideradas “adecuadas” en que debe realizarse la adopción de niños para que esta prospere, según las representaciones de los integrantes de este grupo.

En segundo lugar, emprendo el análisis de los sentidos que dichos actores adjudican a “la familia” en dos ámbitos de interacción: en los “talleres” que brindan para aquellas personas que desean adoptar niños y en las “prácticas de incidencia” que llevan a cabo con el fin de producir efectos en la gestión de las políticas dirigidas a la infancia y sus familias.

En suma, la ponencia tiene por fin describir y analizar etnográficamente, las concepciones de la adopción de niños y de la “familia” que despliegan los miembros de este grupo de un movimiento de iglesia católica.

Palabras clave: adopción de niños- gestión de la infancia y sus familias- movimiento de iglesia- prácticas de incidencia.

DINÂMICAS DE PARENTESCO E FAMÍLIA NO EXÉRCITO BRASILEIRO: SOBRE UMA VILA MILITAR NA FRONTEIRA AMAZÔNICA

Cristina Rodrigues da Silva. Estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar – São Carlos/SP/Brasil); crisyellow@gmail.com; cristinasilva@ufscar.br

O Exército brasileiro apreende a “família” enquanto categoria que traduz uma ideia de coletivo da organização. Estabelece relações que devem ser calcadas em solidariedade e respeito entre seus membros (afetos e deveres morais que os militares compreendem como condutas “naturais” da família), estendendo-se também para as relações entre seus cônjuges e filhos/as com outras famílias de militares, que se percebem como *parentes circunstanciais* nesse universo (a proximidade física dessas pessoas dentro de vilas militares e o compartilhamento de relações do cotidiano permitiria uma experiência familiar para além das relações consanguíneas). A família é um elemento essencial nesse universo, e embora seja compreendida como *dado*, simultaneamente, sabe-se que ela precisa ser *fabricada*. Por um lado há uma intervenção institucional na vida das famílias de militares, com regras e prescrições definidas pelo exército, que visam garantir o funcionamento da comunidade militar *como uma* família ordenada por princípios de hierarquia e disciplina (dimensões estruturantes da instituição). No entanto, essa aparente uniformidade da vida no quartel não significa que tudo seja “como deveria ser”. Assim, por outro lado, há as ações das pessoas que se dizem e sentem familiares nesse contexto, que fazem e desfazem relações, se envolvendo em conflitos, fofocas, alianças. Em ambas as situações que são constituintes uma da outra e relacionáveis entre si (relações do exército e práticas dos familiares), a família é alvo de um cuidado constante. Nesse contexto, a comunicação explora a dinâmica na vida de esposas e filhos de militares em uma região de fronteira amazônica no Brasil.

Palavras-Chave: Família; Gênero; Vila Militar; Tramas; Parentesco.

AS FAMÍLIAS DAS CUNHADAS: O DESLOCAR DE PONTOS DE VISTAS E OS DIFERENTES SENTIDOS DO CONCEITO

Jacqueline Ferraz de Lima/Mestre pelo PPGAS-UFSCar

Ser-família, ter-família, família-sagrada, família-imperfectiva, família-manutenção, família-completa e família como sinônimo de visita. Estes são os variados sentidos conferidos à noção de família pelas *cunhadas*. Mulheres assim denominadas por estabelecerem vínculos afetivos com homens presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital (PCC). A proposta é mostrar como o deslocamento do ponto de vista das *cunhadas* sobre família, passando pelos pontos de vista do corpo funcional da prisão, dos presos, além das próprias *cunhadas*, iluminam diferentes sentidos à noção. Assim, antes de propor uma descrição de determinada conformação familiar atravessada pela experiência do cárcere, a intenção é, de alguma maneira, apresentar uma discussão sobre o uso do conceito de família como instrumento metodológico para escrita etnográfica. Diante dessa ideia, torna-se inviável sugerir uma definição sólida ou um sentido único à família das *cunhadas*. Em suma, pretende-se mostrar, a partir dos enunciados das mulheres que visitam seus maridos em cadeias do PCC, como *família* é algo considerado bom, ao mesmo tempo que considerada algo negativo. *Família* é

sagrada, *família* é visita, *família* é Comando, é PCC. *Família* também é incompleta, é manutenção e é projeto.

ENTRE “MALUCOS” E “MILICOS”: ESTEREÓTIPOS FAMILIARES E O PAPEL DA MULHER NAS RELAÇÕES DE CUIDADO

Sílvia Monnerat. Doutora em Antropologia Social PPGAS/MN/UFRJ. Pesquisadora bolsista LEM/CPDOC/FGV

Utilizo no título deste trabalho duas categorias que marcam estereótipos relacionados aos universos estudados. A utilização desses termos: “*malucos*” e “*milicos*” se relaciona ao próprio fazer etnográfico. Aparentemente termos *tabus*, eles mostraram, durante o desenvolvimento do trabalho de campo, como categorias largamente utilizadas. Como a intenção aqui é pensar as formas de organização familiar, parece-me oportuno utilizar esses termos, estereotipados (como o sub-título desta comunicação indica), mas que são capazes de explicitar noções de senso-comum sobre os dois universos estudados.

Tendo como base etnografias desenvolvidas com pacientes psiquiátricos e seus familiares mais próximos (de 2008 a 2011) e com esposas de oficiais do exército brasileiro (desde o início de 2015), esta comunicação tem como objetivo entender como meus interlocutores de pesquisa representam suas próprias famílias. Dessa forma, não pretendo chegar a uma definição única e geral sobre família, e sim discutir como diferentes famílias se significam e quais sistemas e redes englobantes podem ser relacionadas a elas.

O trabalho aqui apresentado se configura, portanto, em um esforço de ampliação da lente de análise, saindo de um olhar voltado para etnografias específicas sobre “*família louca*” e/ou “*família militar*” e pensar de maneira mais ampla as dificuldades, semelhanças e distinções existentes ao se estudar grupos familiares em seus diferentes contextos sociais. Dessa forma, esta comunicação versa sobre relações familiares, sobre o lugar social que mulheres/mães ocupam nessas famílias e, ainda, sobre o próprio fazer etnográfico e suas especificidades relacionadas ao tema.

ADOPCIONES ‘MONOPARENTALES’: TENSIONES, CONTINUIDADES Y POTENCIALIDADES

Mariela Pena. Doctora en Antropología por la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires y Licenciada en Ciencias Antropológicas por la misma

En este trabajo exploramos, desde un enfoque etnográfico, los modos de construir el parentesco por parte de las mujeres que adoptan en Buenos Aires como familias “monoparentales”. Estos desarrollos se desprenden a su vez de una investigación de mayor alcance, que se ha propuesto indagar la problemática local de la adopción, atendiendo a las valoraciones y las prácticas que la construyen contemporáneamente. Allí hemos observado frecuentemente en las parejas heterosexuales la presencia de sentidos que refuerzan la pertenencia del adoptado al nuevo grupo, sin desafiar el modelo tradicional de sustitución de familias.

Sin embargo, durante el trabajo de entrevistas también nos dedicamos a mujeres que deciden adoptar debido a un fuerte deseo de ser madres, independiente de la conformación de pareja. Aunque ellas provienen del mismo entorno cultural, y atraviesan los mismos procesos legales y burocráticos que las personas casadas, suele suceder que se les otorgan niños o adolescentes de mayor edad, con vínculos afectivos más presentes y/o que recuerdan o desean visitar a sus familias.

Aquí planteamos que dadas estas circunstancias -a veces no deseadas- las adopciones “monoparentales”, si bien no representan en sí mismas un modelo alternativo, pueden auspiciar construcciones diferentes. La adopción más frecuente de niños de mayor edad, o la necesidad de estas madres de separarse de discursos discriminatorios hacia ellas, han propiciado en algunas ocasiones reflexiones más flexibles e inclusivas de las vivencias y los afectos previos de los adoptados. Para desarrollar esto recuperamos dos casos paradigmáticos, desde los cuales hemos podido observar distintos tránsitos en relación a estos asuntos.

Palabras clave: parentesco, familia, maternidad, infancia, adopción.

Sesión 4: Família, gênero, maternidade e filiação

AS RAINHASMÃES: FAMÍLIA, CARREIRA E DESLOCAMENTO SOCIAL ENTRE JOVENS DRAG QUEENS EM CAMPINAS, SPBRASIL

Esta proposta fundamentase em minha pesquisa de mestrado sobre os deslocamentos espaciais e sociais de drag queens da cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo, no sudeste brasileiro. A metodologia empregada é de cunho etnográfico, baseada em observação participante e entrevistas. Na pesquisa, trabalho com um conjunto de drag queens que se consideram n†e gras†e da f†avela†, e procuro observar como estes, e outros m†arcadores†sociais†da diferen†a†se intersectam numa trama onde circulam estilos, performances e discursos.

Tais interlocutoras se unem a outras drags e admiradores naquilo que chamam de família, partilhando, inclusive, um sobrenome. A família tem papel fundamental na constituição da identidade drag queen, uma vez que possibilita um suporte nos primeiros shows, tanto pela circulação de técnicas, conhecimentos artísticos e objetos (como perucas, roupas, saltos e maquiagens), quanto pelo apoio oferecido em termos de público (de importância visível nos concursos de beleza, dublagem e dança promovidos sobretudo por casas noturnas). Nessas relações familiares são mobilizados nomes e sobrenomes investidos de uma valoração simbólica, a partir de sua circulação nas redes de drag queens.

Nesta proposta, pretendo explorar e dialogar com as reflexões sobre novas configurações de família, dando ênfase ao significado assumido por essa categoria, ao analisar as formas como minhas interlocutoras estabelecem relações nas quais dimensões profissionais, artísticas, afetivas e políticas são combinadas possibilitando deslocamentos e ascensão na carreira de drag queen.

Palavras-chave: Família¼ Drag Queens¼ Carreira¼ Sexualidade¼ Gênero.

CIRCULANDO COMO FILHO: MORALIDADE, EMOÇÕES E DIFERENÇAS.

Everton Rangel (Doutorando, PPGAS/MN/UFRJ) Orientadora: Maria Elvira Díaz-Benítez

Em meados de 2013, iniciei uma pesquisa sobre a vida cotidiana de dançarinas(os) brasileiras(os) em um dos maiores circos dos Estados Unidos. Naquele momento, importava compreender a produção simbólica e comercial de corpos nacionalizados neste segmento específico do mercado do entretenimento. Interessa agora demarcar que ese empreendimento tanto cria as condições para junção de profissionais de nacionalidades diversas em um mesmo local de trabalho e moradia quanto atua sobre relações ao distanciar aqueles que as vivem: refiro-me, por um lado, aos casais

conformados no circo e, por outro, aos familiares afastados durante o processo de migração. Neste trabalho, proponho retomar a análise do laço maternal que tornou possível a minha dissertação e dos vínculos que estabeleci em campo com as figuras que me queriam bem por quererem bem à minha mãe biológica – antiga dançarina do circo. Refiro-me a um ego e a um laço firmados no meu corpo através do olhar alheio. Lá, o ex-namorado ucraniano da minha mãe foi considerado como meu pai e a chefe das(os) brasileiras(os) se autodenominou como minha mãe na ausência da mesma. Isto aconteceu exclusivamente porque a minha presença neste lugar mobilizava sentimentos e contraprestações anteriores à existência da própria pesquisa. A família que descrevo é mais fruto da aliança do que da biologia.

Argumento que a administração dos corpos revela-se uma administração das relações afetivas e/ou sexuais que escapam ao domínio da intimidade porque fundadas em uma empresa detentora de capitais que lhe conferem indiretamente autoridade para distribuir o direito de permanecer ou não nos Estados Unidos. Busco descrever o modo como sentimentos específicos (dor, pena, compaixão) numa confluência necessária com demarcações de gênero, de nacionalidade e de origem social produziam o arranjo conjugal estabelecido entre a minha mãe biológica e o seu então namorado ucraniano após ambos terem sido afastados por razões contratuais.

Palavras Chave: maternidade – arranjo conjugal – gênero – nacionalidade – circo.

MUJERES E IDENTIDAD: LOS CASOS DE CONCEPCIÓN Y AGUSTINA EN EL SIGLO XIX EN LA CIUDAD DE SALTA (ARGENTINA) A TRAVÉS DE LA CORRESPONDENCIA FAMILIAR

Isabel Zacca (ICSOH – CONICET - CIUNSa- Universidad Nacional de Salta)

isabelzacca@gmail.com

Lilia Kurril (ICSOH – CONICET - CIUNSa- Universidad Nacional de Salta)

liliakurril@gmail.com

Hemos trabajado en los inicios de esta investigación, dentro del marco general de las representaciones sociales, desde la perspectiva de la historia de las mujeres y de género en el campo de las investigaciones familiares, para captar la diversidad de las experiencias de las mujeres como esposas, viudas, solteras y hermanas.

Las fuentes principales son las cartas familiares de fondos documentales de los antepasados de historiadores fundadores de los mitos de la salteñidad, especialmente, de la heroicidad del Güemes. La correspondencia estudiada es la que intercambiaron Eusebio Martínez de Mollinedo desde su exilio en Bolivia, con su esposa Concepción Ormaechea y sus hijos en Salta y, las cartas entre Agustina Mollinedo Ormaechea desde

Salta y su hijo Bernardo Fábregas, en el Colegio Monserrat de Córdoba y en el Pío Latino de Roma (1855-1863).

El objetivo en el presente trabajo es indagar en estos casos las relaciones de los hombres y de las mujeres, sea el caso de los esposos (Eusebio y Concepción) como el de madre e hijo (Agustina y Bernardo), tratando de comprender la diversidad de las experiencias de vida de estos sujetos, trascendiendo la noción de familia patriarcal y de familia de elite con raigambre colonial y aproximarnos a las formas en las que esta familia, va construyendo una identidad familiar y un importante patrimonio articulada por el protagonismo de las mujeres.

O CASO E O GÊNERO: PAIXÕES DE PAIS E MÃES DE FAMÍLIA E OUTROS ACONTECIMENTOS DA MORALIDADE CAMPONESA

Graziele Dainese. Pós-Doc. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ; grazidainese@hotmail.com

A presente comunicação trata das experiências afetivas de homens e mulheres, mais especificamente, das relações extraconjugais vividas pelos moradores da Terceira Margem, localidade rural situada no estado de Minas Gerais. Denominadas como ‘casos’, essas relações não mexem apenas com a vida conjugal, também afetam as dinâmicas da família e do parentesco. Por sua vez, o aporte sobre essas vivências afetivo-sexuais remete ao universo do gênero, à medida que estão associadas às expectativas e experiências que tecem as condições femininas e masculinas na comunidade. O interesse aqui é reconstruir a trama de relações que são afetadas pelos ‘casos’ e os rearranjos que sofrem os vínculos e as expectativas quando as pessoas se envolvem com outro par. É a partir dessa chave analítica que os ‘casos’ nos falam não apenas sobre casamento, amor, mas também sobre paixão, descontrole, fofocas e evitações.

Palavras-chave: camponeses, conjugalidade, família, parentesco, gênero.

ARTICULANDO PESSOA E PARENTESCO NA GRAVIDEZ NO RIO DE JANEIRO

Claudia Barcellos Rezende, Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Nesta comunicação, discuto a articulação entre pessoa e parentesco no modo como o

bebê esperado era pensado por mulheres gestantes de camadas médias do Rio de Janeiro. A partir de entrevistas e participação em um grupo de gestantes, analiso como, desde os primeiros meses de gravidez, o bebê era visto pelas mulheres como pessoa, entendido a partir de marcadores específicos: com gênero definido, nome escolhido e traços subjetivos já “perceptíveis”. Esta noção de pessoa é também articulada aos laços de parentesco— através do sobrenome, dos traços físicos (em vários casos simbolizando pertencimento étnico) e subjetivos. Busco discutir como o modo de imaginar o bebê faz parte do processo contínuo de tecer e manter as relacionalidades, não somente revendo constantemente seu significado e peso afetivo, como também alinhavando as gerações passadas e presentes à futura.

SIGNIFICADOS DA MATERNIDADE: UM OLHAR SOBRE A FAMÍLIA NO PERÍODO DO PÓS-PARTO

Marta Pereira Militão da Silva. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo, Brasil (UNIFESP)

A presente comunicação busca analisar os sentidos atribuídos à maternidade por mulheres que se tornaram mães, a partir da experiência do período do pós-parto. O estudo teve como material etnográfico pesquisa qualitativa com mulheres das camadas médias da cidade de São Paulo e buscou observar as principais noções de família e arranjos familiares operados pelas mulheres etnografadas no período após o nascimento do bebê. A posição ocupada pelo pai da criança e pela parentela em relação à responsabilidade sobre o cuidado com as crianças, as relações entre as gerações e a divisão dos trabalhos domésticos também foram objeto de análise desse estudo. Discutiu-se também o papel desempenhado pelo Estado para a construção dos diferentes arranjos familiares, e as visões subjacentes de mãe, mulher e família.

Palavras chave: maternidade, família, gênero.

GT 56. CIDADE, MOBILIDADE E IMAGINÁRIO

Coordenadores:

Professor Dr. Euler David de Siqueira (doutor em sociologia pelo ICFS/UFRJ e pós-doutor em sociologia pela Université Paris Descartes Sorbonne). UFRRJ - Universidade

Federal Rural do Rio de Janeiro, IM – Instituto Multidisciplinar; euleroiler@gmail.com

Professor Dr. Álvaro Banducci Júnior (doutor em antropologia social pela USP e pós-doutor em antropologia social pela UNICAMP). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; banducci@uol.com.br

Professor Ms. Alejandro Otamendi (doutorando em antropologia UBA). Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. (Institución abreviada: ICA, FFYL, UBA); alejandrootamendi@gmail.com

Sessão I – Cidade, fluxos e fronteiras

“CENTRO DE SALVADOR: UMA *CHINATOWN* BRASILEIRA?”

Ana Cláudia de Sá Teles Minnaert. Agência Nacional de Vigilância Sanitária;
venegeroles@yahoo.com

O conceito de *chinatown* vem sendo estudado por antropólogos, que pesquisam a diáspora chinesa. Essa forma de bairro étnico tem se constituído um local de segregação, onde os símbolos de uma chinesidade construída delimitam o espaço do estrangeiro dentro do novo lugar. Contudo, essa concepção de bairro étnico tem entrado em declínio e não constitui mais um local de atração para novos imigrantes, que têm buscado novas formas de instalação, com uma maior inserção na nova sociedade. A migração chinesa para a cidade de Salvador, Bahia, Brasil é recente e vem se intensificando nas últimas décadas. Apesar de apresentar algumas características das *chinatowns*, o aglomerado chinês na capital baiana apresenta um novo formato. E é nesse universo que esse estudo se insere. A partir de dados etnográficos, coletados na comunidade chinesa do Centro da cidade de Salvador, Bahia, Brasil ele busca analisar essa nova forma de aglomerado chinês. Em Salvador, os chineses escolheram o Centro para morar e trabalhar, mas não buscaram uma segregação. Eles se dispersaram no tecido urbano da capital baiana, em busca de uma invisibilidade. Esse espaço constitui uma heterotopia para a cidade e os chineses que aí residem e trabalham são absorvidos e encontram seu lugar, como parte dele, buscando uma proximidade, mesmo mantendo o distanciamento.

Palabras clave: migração chinesa, diáspora chinesa, *chinatown*.

-
-
-

INDÍGENAS EM CONTEXTO URBANO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À VIDA NA CIDADE

Marlise Rosa (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ); marlise.mrosa@gmail.com)

-

O fenômeno de migração de indígenas para a cidade tem crescido significativamente nos últimos anos, tanto que, atualmente, estima-se que aproximadamente 36% da população indígena brasileira reside em áreas urbanas. Motivados pela certeza de que na cidade terão acesso à educação, saúde e emprego, ou forçados a abandonar suas terras em virtude da violência sofrida, esses indígenas passam a engrossar a massa de pobres e excluídos residentes nas periferias dos centros urbanos, que com pouco ou nenhum grau de escolaridade, tornam-se mão de obra barata e desqualificada. Além disso, a vida na cidade lhes impõe uma série de dificuldades de inserção em um novo tecido social, exigindo-lhes a formulação de um novo instrumental analítico e operacional que comporte, a grosso modo, o transporte público, os diferentes hábitos alimentares e a economia monetária. Assim, por meio das narrativas de um grupo de mulheres indígenas – de diferentes etnias – residentes na periferia da cidade de Manaus (Amazonas), este artigo se propõe a refletir sobre o cotidiano de indígenas em contexto urbano, de modo a evidenciar alguns elementos que compõem aquilo que entendemos como urbanidade.

Palavras chave: indígenas em contexto urbano; índios na cidade; mulheres indígenas; urbanidade; modo de vida.

-
-

EM ARACAJU, TODO MUNDO É TABARÉU, EXCETO QUEM NÃO É!": ESTUDO SOBRE AS DISPUTAS SIMBÓLICAS ENTRE TABARÉUS E CIDADINOS

Lucas Martins Santos Melo (UFS-FAPITEC/SE); lucasmelo@gmail.com

Em Aracaju é utilizado corriqueiramente o termo tabaréu para se referir àquele oriundo

do interior, da roça, do campo, que possua uma conduta, no meio urbano, acanhada, ingênua, tacanha. A expressão pode ser usada de forma agressiva, como um xingamento, ou de forma jocosa com algum conhecido. No entanto, tem sido observado durante a realização da pesquisa, que quando ocorre o uso do termo é para se fazer uma distinção entre o ser moderno, sofisticado, urbano, citadino e supostamente cosmopolita, daquilo que não pertence a essas categorias. Um uso marcado para diferenciação simbólica. É comum se ouvir expressões a respeito do tabaréu no estado de Sergipe, como: "o tabaréu deveria ter horário para entrar na cidade, porque só faz atrapalhar o fluxo dela" ou "o tabaréu é o bicho que mais se parece com gente". A partir disso, o presente trabalho tem como objetivo a investigação sobre as disputas simbólicas envolvendo citadinos e tabaréus numa cidade projetada para ser capital, o que por si só fomentou a migração no sentido interior-capital. Aracaju é um caso particular porque na capital sergipana, temos a impressão de que alguns dos habitantes da cidade fazem questão de renegar esse passado, quando associado à tradição agrária ou provinciana, embora ainda preservem, inadvertidamente, práticas e costumes considerados "tabaréus", muito provavelmente adquiridos através dos seus ascendentes. Itens como gastronomia, expressões verbais, modos de entretenimento (como a Cavalgada do Aribé e a Festa de Santo Antônio), para citar alguns exemplos.

Palabras clave: tabaréu, Aracaju, modernidade, tradição.

-
-

UMA ETNOGRAFIA DA CIDADE-SANTUÁRIO: TURISMO, RELIGIÃO E POLÍTICA

Adriano Santos Godoy. Unicamp; adrianosgodoy@gmail.com

-

A cidade brasileira de Aparecida, localizada no estado de São Paulo, tem sua história confundida com a do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Não por acaso, foi devido à devoção a imagem da santa que a cidade se emancipou, e por isso recebeu o mesmo nome. Com uma população fixa de 35 mil habitantes, conta com uma rede hoteleira com 40 mil leitos e recebe anualmente 11 milhões de turistas. Se a cidade comporta aquele que hoje é considerado o maior santuário católico do mundo, em número de visitantes, a dinâmica urbana também adquire características ímpares. Com o imaginário religioso latente, as sociabilidades cotidianas são intrinsecamente relacionadas com a devoção mariana: a economia municipal é voltada quase exclusivamente para o turismo religioso. Assim os aparecidenses comerciantes e hoteleiros enfrentam atritos diários tanto entre si, como com o poder público e principalmente com o clero, responsável pela administração da igreja. Essa apresentação tem como base uma etnografia de seis meses, para a minha pesquisa de mestrado, e tem por objetivo discutir os processos sociais que são configurados no espaço urbano da cidade-santuário, marcado pela religião, pelo comércio, pelo turismo e pelas multidões.

Palabras-clave: Cidade-Santuário; Turismo; Comércio; Religião Católica; Interior

Paulista.

LA LEY 4353/12: ETNOGRAFÍA DE UN PROCESO DE RESEMANTIZACIÓN SIMBÓLICO

Ana Gretel Thomasz. ICA-FFYL-UBA; gretel2007@gmail.com

-

Este artículo examina el proceso de resemantización simbólico por el que atraviesa hoy el emblemático barrio porteño de La Boca. Explora el proceso de construcción e imposición de un nuevo imaginario urbano a ese espacio. Un nuevo imaginario que viene siendo motorizado por el poder público con el objeto de institucionalizar la modificación introducida en 2012 por medio de la aprobación de la Ley 4353/12, que re-categorizó al territorio boquense en términos de “Distrito de las Artes”. Si bien dicho imaginario se nutre de representaciones preexistentes, al mismo tiempo las resignifica y manipula, procurando condicionar las prácticas espaciales de la ciudadanía y subalternizar ciertas imágenes boquenses hasta ahora hegemónicas, que distinguen al barrio tanto en un sentido negativo como positivo (en especial, aquellas que remiten a los sectores populares y a sus condiciones de habitabilidad).

En el plano teórico, se retoman las nociones de hegemonía/ subalternidad de origen gramsciano, y se destaca su utilidad para trabajar en el campo de lo simbólico. El artículo recupera el trabajo etnográfico desarrollado en La Boca desde 2012, basado en el uso de técnicas cualitativas convencionales (observación con y sin participación, entrevistas abiertas, relevamiento de documentos públicos y fuentes secundarias).

Palabras clave: Representaciones sociales urbanas, resemantización simbólica, hegemonía/subalternidad, barrio de La Boca, etnografía.

ENTRE A CIDADE TURÍSTICA E A CIDADE DE MIGRANTES: MOVIMENTOS DE LUTA POR MORADIA E REPRESENTAÇÕES DE CIDADE EM DISPUTA (GRANDE FLORIANÓPOLIS, 1989 - 2015)

Francisco Canella. UDESC-PPCIS/UERJ; franciscocanella@hotmail.com

-

O crescimento da Região Metropolitana de Florianópolis se deu articulado a um discurso de metropolização da cidade, bastante presente na mídia local e estimulado por

setores empresariais, o qual pretendeu divulgar Florianópolis como uma capital com excelente qualidade de vida, lugar tranquilo e cercado de belezas naturais. Nesse contexto, a trajetória do movimento dos sem-teto tem explicitado as formas de segregação socioespacial que têm acompanhado o seu crescimento e evidenciado as relações de poder entre os diferentes atores políticos e sociais e suas disputas simbólicas e territoriais. No final da década de 1980 o movimento dos sem-teto denunciou a presença de migrantes pobres na cidade, confrontando o discurso oficial com a ação organizada de ocupação de terrenos em Florianópolis, logrando importantes conquistas. Em 2012 teve início um novo ciclo de ocupações organizadas. Tendo como foco a Ocupação Contestado, na qual tem sido realizada uma pesquisa que articula metodologias qualitativas e quantitativas de pesquisa (histórias de vida, grupos focais e questionários) o trabalho discute o novo padrão de segregação socioespacial presente na expansão das áreas de pobreza na Região Metropolitana e compara nos dois períodos históricos (1989-1992 e 2012-2015) as representações em disputa acerca da cidade e de seus personagens, em especial, dos trabalhadores migrantes.

Palabras clave: cidade; migrante; movimento dos sem-teto.

DINÂMICA DE CONTATOS TRANSFRONTEIRIÇOS: TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS NAS CIDADES GÊMEAS DE PONTA PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)

Álvaro Banducci Júnior. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul;
banducci@uol.com.br

As cidades fronteiriças de Pedro Juan Caballero, no Departamento de Amambay (PY), e de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul (BR), têm no turismo de compras um setor expressivo de sua economia, alimentado pelo mercado reexportador paraguaio e pela oferta de serviços de hospedagem e lazer na cidade brasileira. O mercado fronteiriço propicia contato permanente entre compradores brasileiros e trabalhadores do comércio paraguaio, estimulando a dinâmica das representações étnicas e das identidades nacionais nessa área de divisa. A condição de conurbação desses núcleos urbanos e o fluxo intenso de pessoas, bens e símbolos entre as duas cidades aponta. Este estudo, cujo foco central é a dinâmica dos contatos transfronteiriços em contexto urbano, se volta para a análise de relações sociais e culturais entre agentes dos países vizinhos que atuam no mercado de trabalho do outro lado da fronteira. A presença de trabalhadora(a)s paraguaio(a)s no mercado de Ponta Porã e de brasileiro(a)s no comércio de Pedro Juan Caballero, tem apontado para processos de interação importantes, regulados por assimetrias ou afinidades pessoais e coletivas, que evidenciam tanto a presença de barreiras étnicas e culturais advindas da situação de contato, quanto a existência de relações amigáveis e afetivas, que induzem a proximidade entre os dois povos. Investigar essas situações é o propósito deste estudo, da mesma forma que aponta para a maneira como referências de nacionalidade e questões de ordem moral e política têm se interposto e regulado a presença de

trabalhadores fronteiriços em território estrangeiro.

Palabras clave: Fronteira nacional, cidades conurbadas, fluxo de trabalhadores, relações étnicas e nacionais.

Sessão II – Mobilidades, corpo e experiências urbanas

-

-

DANÇA EM ESPAÇOS URBANOS: CORPO, CRIAÇÃO E IMAGINÁRIO EM QUESTÃO

Bianca Christian Medeiros Sales. Universidade Federal de Viçosa y Grupo de Pesquisas Artes da cena Contemporânea; biancacmsales@gmail.com

Andréa Bergallo Snizek. Universidade Federal de Viçosa y Grupo de Pesquisa Artes da Cena Contemporânea-CNPq/MEC; anberg63@gmail.com

Entendendo a rua como um organismo vivo e dinâmico, este trabalho busca refletir acerca da relação entre corpo, criação e espaços de veiculação de obras de dança. Observou-se a importância de se estudar processos de criação das obras artísticas destinadas a espaços públicos da cidade. Parte-se do pressuposto de que os locais onde são compostos os trabalhos e realizada a preparação corporal e a manutenção das coreografias possuem características distintas em relação aos espaços públicos de apresentação.

No artigo propõe-se a discussão de processos de construção de trabalhos coreográficos arquitetados para espaços urbanos. Trata-se da análise de modos de composição/manutenção de duas obras artísticas do Projeto NEPARC - Núcleo de Estudos e Práticas Artístico-Corporais. Configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório descritivo, que teve como elemento central a coleta de informações na forma de observação participante e de entrevistas semiestruturadas realizadas com três dançarinos do projeto e com os dois coreógrafos que compuseram obras para o referido projeto, a saber: Alex Neoral, da Focus Companhia de Dança (RJ) e Vanildo Freitas (LAKKA) do Projeto Mono-Blocos (MG). A estratégia analítica da pesquisa teve como base o conteúdo categorial, destacando o imaginário da amostra do presente estudo quanto ao processo de composição das obras artísticas e as especificidades dos locais onde se processam as referidas ações.

As discussões feitas se fundamentaram em três eixos norteadores: Dança Contemporânea, Performance e arte nos espaços urbanos. Os principais autores utilizados foram Fazenda (2007), Cohen (1989), Lepecki (2011), Traquino (2010) e

Britto & Jacques (2008a; 2008b; 2009).

Palabras clave: Cidade, Dança Contemporânea, Imaginário.

-

IMAGINAÇÃO ARQUITETÔNICA E EXPERIÊNCIA URBANA: O PROJETO DO CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO ALVARENGA

Vinícius Spira. Universidade de São Paulo; vinispira@gmail.com

-

Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) reúnem num só local um conjunto de equipamentos de educação, cultura, lazer e esporte, e vêm sendo implementados há mais de uma década em áreas urbanas periféricas e carentes de diversas cidades brasileiras. O projeto de arquitetura é um dos fatores relevantes para a constituição da experiência urbana nestes lugares. Ao projetar espaços e construções, arquitetos tomam decisões com base no que podemos chamar de uma imaginação técnica-construtiva, sociológica, cultural e política. Esta imaginação envolve tanto a atribuição de comportamentos e identidades culturais a construtores, educadores e usuários futuros, como a definição de determinadas concepções de cidade que extrapolam os precedentes culturais e sociais supostamente presentes no contexto das intervenções. Assim, arquitetos desenham construções e espaços no intuito de favorecer ou inibir determinadas produções de significado, cursos de ação e possibilidades de interação.

Neste trabalho apresento resultados preliminares de uma etnografia do processo de projeto do CEU Alvarenga, previsto para ser construído nos próximos anos na cidade de São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo. Venho realizando a pesquisa na condição de arquiteto-antropólogo, e de membro da equipe do escritório Brasil Arquitetura - responsável pelo projeto deste CEU. Situando-me na interface entre investigação e intervenção, busco observar como os arquitetos sustentam e/ou modificam suas intenções - suas imaginações - face aos imprevistos e vicissitudes que aparecem no desenrolar do processo de projeto.

Palabras clave: antropologia urbana, arquitetura, centro educacionais unificados, cidades, práticas cotidianas.

-

-

MEDOS E HABILIDADES DA MOBILIDADE EM BICICLETA: NOTAS INICIAIS DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO NO DISTRITO FEDERAL

Rodrigo Carlos da Rocha. Universidade de Brasília;
rocha.rodrigoc@gmail.com

-

Oriundo de uma pesquisa doutoral em andamento e inspirado principalmente pela antropologia dos ambientes urbanos e pelo chamado *New Mobilities Paradigm*, o artigo aborda o tema dos medos associados ao estar no espaço público de bicicleta em trajeto “utilitário”, tendo como lastro empírico as relações estabelecidas ao longo do ano corrente entre o autor e “ciclistas urbanos” do Distrito Federal do Brasil.

Diferentemente da maior parte das pesquisas sobre o tema, que trata do medo quase exclusivamente enquanto tópico referente à reflexão sobre “escolha modal”, o artigo enfatiza a pertinência dos vários medos associados ao uso da bicicleta como elementos que podem ser úteis para pensar aspectos importantes da própria experiência móvel da locomoção em bicicleta. Com este norte em mente, inventariam-se, na primeira parte, alguns medos associados ao deslocamento em bicicleta, para além dos mais óbvios, como o de ser atropelado. Na segunda metade do trabalho, são apresentadas e discutidas algumas das formas pelas quais os medos “agem” sobre os estilos de pedalagem, destacando-se, em especial, seus impactos sobre a dimensão das *habilidades*, um dos aspectos-chave da motilidade humana.

Palabras clave: mobilidade por bicicleta; cidade; espaço público; medo; perigo.

-

VINDO A SER EM UM TERMINAL DE TRANSPORTE EM FLORIANÓPOLIS/SC

Marcelo Giacomazzi Camargo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil; marcelo.giacomazzi@gmail.com

O Terminal de Integração do Centro (TICEN) é o maior e principal terminal de transporte público de Florianópolis/SC. Servindo como foco importante para a movimentação da cidade, constitui-se diariamente como local onde passageiros, funcionários, máquinas, prédios, a administração pública, moradores de rua e comerciantes estabelecem correspondências entre si através de negociações e experiências no ambiente. Com base na análise destas práticas ambientais, busco neste trabalho discutir a diferenciação mútua destes grupos através das formas distintas, porém interdependentes, que configuram seus movimentos e localizações no terminal. Avalio que os corpos no TICEN tornam-se inclusos em categorias a partir do momento em que passam a compartilhar determinados aspectos e características com o ambiente imediato de que fazem parte. Estudo alguns exemplos de situações cotidianas no terminal para evidenciar o modo que humanos diferentes, assim como não-humanos,

trocam e compartilham características entre si nos seus movimentos diários para virem a se constituir como entes em um momento crucial de navegação por uma cidade média.

Palavras-chave: ambiente; antropologia urbana; espaço público.

MULHERES DE BICICLETA REIVENTANDO BRASÍLIA

Leila Saraiva Pantoja. Universidade de Brasília – PPGAS DAN/UNB;
leilocal@gmail.com

Parto aqui da percepção de que o espaço urbano, de cujo a rua é símbolo, é marcado essencialmente pelo conflito entre distintos atores da cidade (Delgado, 2007). A rua, permeada por um emaranhado de olhares e negociações, traz à tona as intranquilidades, as convivências difíceis, as disputas de poderes. Por meio do trabalho etnográfico, ao acompanhar a trajetória e os trajetos cotidianos de onze mulheres que optaram pela bicicleta enquanto principal meio de transporte em Brasília, alguns desses conflitos se fizeram latentes. Em primeiro lugar, a disputa pelo direito de locomoção, em uma cidade planejada enquanto propaganda do carro, na ascensão da indústria automobilística brasileira. Em segundo lugar, no desafio de frequentar o espaço público enquanto mulheres já que, se aventurar na rua é, sob ponto de vista feminino, se arriscar a enfrentar situações para as quais se foi diversas vezes alertada. Busco analisar a ocupação cotidiana do espaço público e as fronteiras transpassadas por esses corpos duplamente marcados na cidade: enquanto mulheres em um espaço eminentemente masculino, enquanto ciclistas em vias destinadas ao automóvel. Tal análise faz emergir não apenas dimensões da violência vivenciada por minhas interlocutoras, mas principalmente outras formas de circular e experimentar a cidade, que acabam constituindo novas resistências, laços afetivos e imaginários do espaço urbano.

Palabras claves: Brasília, Bicicleta, Conflito, Gênero, Direito à cidade.

-

-

UM OLHAR SÓCIO-ETNOGRÁFICO SOBRE A PRÁTICA DOS SKATISTAS NA TRINDA (FLORIANÓPOLIS – SC)

Julio Gabriel de Sá Pereira. Universidade Federal de Santa Catarina;
jugabrielp@hotmail.com

-

Este trabalho pretende refletir sobre as relações que os skatistas constroem em um determinado espaço da cidade de Florianópolis, a saber, a pista de skate do bairro Trindade – a *Trinda* –, investigando na apropriação do espaço, as relações de sociabilidade entre os indivíduos e a construção do *campo* skatista através da disposição de seus *habitus*. Trataremos destas noções a partir de Pierre Bourdieu, que pensou o campo esportivo onde circulam discursos que disputam o monopólio da definição de certa prática, sendo que nesta relação tem papel fundamental o *habitus* do esportista, considerado produtor das práticas e de seus esquemas de percepção e julgamento. A sociabilidade, entendida como aspecto que perpassa o campo skatista, é analisada segundo estudos de José Magnani e suas pesquisas sobre o meio urbano, principalmente quando trata do conceito de *pedaço*. A abordagem metodológica se deu através de entrevistas semiestruturadas, etnografia e observação participante. Como resultado, percebeu-se a importância de estudar a prática do skate, no que se refere à participação dos atores estudados no desenvolvimento dos discursos sobre o meio urbano.

Palabras clave: skate; *pedaço*; campo; *habitus*; *Trinda*.

DESCALÇO EU NÃO ERRO O CAMINHO" - A CIDADE DELINEADA PELOS SENTIDOS

Lanna Beatriz Lima Peixoto. UFPA; lanna.blp@gmail.com

Nesse trabalho reflito acerca da cidade e das experiências sensíveis que a delineiam. Em foco Salvaterra e Damasceno. Ela é cidade localizada no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará, Brasil. Ele é homem que nada vê, mas tudo percebe. Uma cegueira o acometeu quando jovem, sem poder ver anda pela cidade de pés descalços para não errar o caminho, da época que podia ver lembra-se dela em detalhes, das esquinas, das cores, dos mercados, dos rostos. Narra a Salvaterra da memória. Hoje, a cidade para ele são seus cheiros, a rugosidade dos asfaltos, a voz dos moradores, Damasceno nunca se perde por suas ruas, nem tropeça por terrenos acidentados, inscreve-se no lugar e vice-versa. As mudanças espaciais, as marcas do tempo, a arquitetura das casas, a localização de uma árvore e mais uma infinidade de rastros contam a história dos seus habitantes. Seu território é constituído por lugares emocionalmente vividos onde ocorre a sociação que afronta a passagem do tempo, sedimenta as histórias passadas, reúne pessoas em rituais diários, dinamizam o espaço. São afetos, conflitos, a série de dramas sociais vividos no lugar que o delineiam, para além de toda a infraestrutura que a cidade proporciona. Antes de ser constituída pelas entidades e instituições é composta de interações e sensações somente isoladas abstratamente. Seus habitantes não são meros espectadores das transformações e imposições de um urbano devastador. É antes como escritura, onde autores e leitores se confundem e se entrecruzam, onde se emaranham trajetórias em diferentes tempos e espaços.

Palabras clave: Cidade; Sensível; Memória; Habitar; Marajó.

CIDADES E DESLOCAMENTOS: UM ESTUDO DE TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES EM MOBILIDADE ACADÊMICA E SEUS MÚLTIPLOS PERTENCIMENTOS

Ruan Vinícius Faustino Coelho Universidade Federal de São Carlos (Brasil)
ruancoelho@id.uff.br

-

Neste trabalho, fruto de pesquisa realizada por dois anos, busco refletir acerca dos processos contemporâneos de identificação atrelados as dinâmicas migratórias de jovens estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica vinculado Universidade Federal Fluminense. Assim busco pensar, através do estudo das formas de identificação e consumo cosmopolita, entendido como escolha efetuadas por sujeitos a partir de projetos elaborados em um campo de possibilidades, a relação entre projetos individuais e as contradições de afirmação de vínculos locais e globais. Nesse sentido, as experiências na cidade e o percurso de sua descoberta como objeto faz-se fundamental para o entendimento dos processos que desencadearam estilos de vida tão peculiares e elencaram novos valores de urbanidade. Desse modo, basear-me-ei no estudo da narrativas de três estudantes estrangeiras vinculadas ao curso de Ciências Sociais. Desse modo, podemos apontar que as dinâmicas que organizam as trajetórias dessas estrangeiras, revelam o potencial de metamorfose e capacidade de ressignificação das redes e códigos culturais, expondo seus cosmopolitismos. Ao acionar distintas redes de sociabilidades, num complexo conjunto de códigos, culturas, estilos de vida essas estrangeiras revelam um cosmopolitismo não homogêneo, compreendido de forma simples e pura.

Palabras clave: mobilidade acadêmica; mediação; cosmopolitismo; identidade; cidade.

Sessão III – Imaginários

COZUMEL, A ILHA QUE SE REINVENTA: ONDE O TURISMO FAZ ECLODIR MÚLTIPLOS IMAGINÁRIOS E TEMPORALIDADES

Lea Carvalho Rodrigues. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil;
leaufc@gmail.com

Cidades turísticas têm a qualidade de concentrar, simultaneamente, diferentes signos que caracterizam a contemporaneidade: fluxos, diversidade, produção de símbolos e simulacros, a conformar novas paisagens, imagens e sensibilidades. Elas têm em comum, ainda, a necessidade constante de criar produtos para ofertar ao visitante, que atraíam seu interesse e suscitem os desejos de ali estar, ver e viver experiências ímpares, distantes de tudo o que forma parte do seu cotidiano. Como é particular a toda experiência turística, de alguma forma estas cidades também permitem ao turista entrar em contato com a dimensão do sagrado, faça-se ele presente na contemplação da natureza, no assombro causado pelo espetáculo da arquitetura presente ou pretérita, ou mesmo na possibilidade de uma interiorização profunda. O que dizer então quando esta cidade se encontra em uma ilha detentora de um passado repleto de situações que estimulam esse imaginário de aventura, exotismo e ação, e seu presente propicia o contato com uma natureza exuberante? Assim é Cozumel, uma ilha do caribe mexicano a partir da qual, e dos dados etnográficos ali colhidos, pretende-se expor e refletir sobre como acontecimentos históricos, mitologias indígenas e da conquista, além dos abalos causados por eventos naturais, podem compor um imaginário multifacetado que perpassa a vida cotidiana da cidade e da ilha, sobretudo em seu núcleo urbano, e, ainda, em como esta situação específica traz acréscimos às reflexões tanto sobre as dinâmicas próprias às cidades turísticas, como para incrementar as discussões no âmbito da antropologia urbana e do turismo.

Palabras clave: cidades turísticas, imaginários, temporalidades.

RIO VOCÊ FOI FEITO PRÁ MIM: REFLETINDO SOBRE REPRESENTAÇÕES E USOS DA CIDADE

Ludmila Moreira Lima Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO;
mlima.lud@gmail.com

-

A proposta desta comunicação parte de um estudo integrado a uma pesquisa na área de antropologia urbana, cujo objeto incidu sobre representações sociais envolvendo espaço público e usos da cidade, tendo em vista os impactos provocados no Rio de Janeiro, a partir dos eventos que a cidade sediou e irá sediar entre 2014 e 2016. Além das políticas de intervenção urbana e de segurança ensejadas pelas parcerias governamentais e empresariais, diversos grupos passaram a reivindicar maior influência na gestão do espaço público, o que resultou num ativismo urbano marcado por mensagens e ações plurais. Sob marcos teórico-metodológicos da antropologia, este estudo focalizou o movimento *Rio Eu Amo Eu Cuido*, criado, segundo seus idealizadores, para sensibilizar os cariocas sobre o uso adequado e responsável da cidade e do espaço público. Apesar da polissemia que envolve o termo *espaço público*, quando articulado ao *espaço urbano*, seu entendimento refere-se a uma construção social e simbólica que tem sua representação espacial na cidade, onde pactos formais e informais orientam as relações,

explicitam interdições, definem e reduzem direitos, assim como revelam arranjos e conflitos que engendram tanto mudanças como a permanência de dimensões que tornam a cidade partida e hierarquizada. O estudo examinou as representações, as narrativas e as propostas do movimento para a apropriação da cidade e uso do espaço público; os sentidos conferidos às noções de cidadania, identidade, diversidade cultural, bairrismo e pertencimento, bem como as formas de interação e trocas estabelecidas entre o movimento e os que vivem na cidade.

Palabras Clave: representações sociais, cidadania, espaço público, pertencimento.

LA CIUDAD EXTRATERRESTRE: TRANSFORMACIONES URBANAS, MOVILIDADES E IMAGINARIOS EN LA LOCALIDAD DE CAPILLA DEL MONTE, CÓRDOBA (ARG.)

Alejandro Otamendi. ICA-FFYL-UBA; alejandrootamendi@gmail.com

-

En la localidad de Capilla del Monte (provincia de Córdoba, Arg.) desde mediados de la década del ochenta, las constantes migraciones, el crecimiento de la infraestructura urbana, conjuntamente con el incremento de la actividad turística, fueron transformando al antiguo pueblo serrano en la tercera ciudad, según su densidad de población, del Valle de Punilla, una de las áreas de turismo más importantes del país. El nuevo escenario evidencia distintas formas de sociabilidad, ritmos, flujos y disputas, que favorecen, nutren y constituyen originales imágenes y representaciones que se funden en el imaginario contemporáneo de la localidad. De esta forma, y a partir del trabajo etnográfico y la investigación histórica-documental, se analizan diferentes momentos en la producción simbólica local, con el objeto de dar cuenta de las prácticas sociales e interacciones culturales modernas de esta ciudad incipiente que, en ocasiones, todavía se piensa como pueblo. De manera similar se problematizan las disputas y conflictos que reconfiguran la construcción simbólica de la imagen turística de la ciudad, en la que convergen narrativas disímiles que condensan la energía, el misterio, la naturaleza, los comechingones (habitantes prehispánicos de la región), y especialmente los extraterrestres, todas las cuales diferencian y posicionan turísticamente a dicho emplazamiento como único en la región.

Palabras Clave: Turismo, imaginarios, Capilla del Monte, ciudad, narrativas.

-

RIO DE JANEIRO, MUSEU DE 450 ANOS DE IMAGENS

Euler David de Siqueira. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Instituto Multidisciplinar; euleroiler@gmail.com

Denise da Costa Oliveira Siqueira. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPGCOM; denisedacosta@ig.com.br

Assim como a cultura, o imaginário é inventado através do processo de atribuir significados à vida cotidiana. A mídia e a propaganda são dois dos muitos agentes envolvidos nesse processo chamado por Roy Wagner de “cultura interpretativa”. A fabricação do imaginário turístico da cidade do Rio de Janeiro se alimenta de imagens e representações produzidas em contextos que pouco ou nada têm a ver com o turismo. A celebração dos 450 anos da cidade do Rio coloca em evidência o lugar privilegiado que as imagens possuem à pesquisa do imaginário. Museu ou bacia semântica, o imaginário reúne imagens e representações da metrópole carioca cuja investigação crítica e sistemática nos permite compreender o papel que diferentes agentes sociais jogam na fabricação de um imaginário permeado de conflitos e contradições. Característica central da imaginação simbólica, a redundância nos permite dar conta do intrincado e nada óbvio processo de seleção e de valorização de imagens. Cenário à produção de imagens, a cidade não é constituída somente pela soma dos meios técnicos, isso que Simmel chamou de cultura objetiva. Metodologicamente, esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e que faz uso da pesquisa bibliográfica assim como da análise interpretativa. O material de análise é composto por imagens de bondes presentes em cartões telefônicos e que representam cenas do Rio de Janeiro turisticamente valorizadas. Os primeiros resultados assinalam a presença da redundância ou da insistência, característica marcante da imaginação simbólica, e apontam para o surgimento do significado através do trajeto antropológico.

Palabras clave: Imaginário, cidade, semiologia, interpretação, turismo.

-

TURISMO E FRONTEIRA: DINÂMICAS E REPRESENTAÇÕES DO TURISMO EM JAGUARÃO/RS

Vera Maria Guimarães. Universidade Federal do Pampa/Campus Jaguarão-Brasil; veraguimaraes@unipampa.edu.br

Este trabalho faz parte de um conjunto de reflexões sobre o desenvolvimento do turismo em regiões de fronteira, no Brasil, mais especificamente, na fronteira Brasil/Uruguai. Nosso foco é a fronteira entre os municípios de Jaguarão (Rio Grande do Sul) e Rio Branco (Cerro Largo), municípios divididos pela Ponte Internacional Barão de Mauá. Frente aos atuais processos de mobilidade, as fronteiras são afetadas por uma dinamização e ressignificação, por diferentes grupos, enquanto espaços geopolíticos, de ocupação e movimento transitório de pessoas. Região tradicionalmente agrícola e

voltada à criação de gado, Jaguarão vem passando, na última década, por transformações, principalmente econômicas, decorrentes da implantação de lojas de *free shops*, na cidade vizinha de Rio Branco. Esta situação tem levado ao crescimento de visitantes na região, para consumo de bens importados a preços mais acessíveis, o que ocorre também em outras regiões de fronteira no Brasil onde existe um contexto semelhante. Porém, particularmente, em Jaguarão, a cidade passa por uma fase de valorização do fluxo de visitantes para o desenvolvimento do turismo a partir do tombamento de um conjunto arquitetônico de bens, na parte central de cidade. Considerando-se este contexto de valorização do turismo, como estratégia de desenvolvimento econômico, podemos observar vários discursos e representações ou práticas voltadas para este fim, através de diferentes atores, que diretamente, ou indiretamente, tornam-se agentes do desenvolvimento turístico. Para fins deste estudo, através de observações e conversas informais, buscaremos explorar algumas representações sobre o turismo na região, através de moradores e visitantes que atravessam a Ponte para distintas finalidades.

Palavras-clave: Turismo. Fronteira. Mobilidade. Representações.

UMA ETNOGRAFIA DA PAISAGEM DE PARQUES URBANOS NO BRASIL

Margarida do Amaral-Silva. UFG; amaral@ufg.br

Este estudo foi desenvolvido na tese que etnografou a paisagem conforme experiência e representação social. A paisagem foi apreciada por uma perspectiva multidisciplinar que encaminhou o estudo da paisagem, primeiro, como tema da Antropologia e, depois, da Geografia Cultural e da Psicologia Social. Em vista disto, observamos esse fenômeno de cultura como construção social emergente da experiência direta em estruturas materiais de mediação. A Teoria da Instalação, assim, possibilitou-nos a interpretação da paisagem de parques urbanos enquanto experiência que aciona a formulação da instalação topográfica e psicossocial do lugar. Os estudos de caso deram-se no contexto do Parque Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo, e no Lago das Rosas e no Bosque dos Buritis, situados em Goiânia, Goiás. A produção desta tese foi acompanhada pelo exame quanti-qualitativo de evocações coletadas pela aplicação de questionários em dois parques goianienses e no maior parque paulistano. Em seguida, a segunda fase do estudo de caso voltou-se para a interpretação das experiências paisagísticas de dois participantes que se apropriaram do Parque Ibirapuera pela captação de imagens fotográficas, videogravadas (subcam), desenhadas e narradas em entrevistas semiestruturadas. Diante dos delineamentos interpretativos desta pesquisa, podemos inferir que, embora a paisagem seja polissêmica, ela também possui um campo de representações socialmente limitado, estável e organizado. Compreendemos, então, que a paisagem somente comportou análises mediadas pela Teoria das Representações Sociais e pela Teoria da Instalação porque é construída física,

psicológica e socialmente e, portanto, usufrui de estabilidade e organização no contexto dos parques urbanos que foram pesquisados.

Palabras clave: Etnografia da paisagem; Parques urbanos brasileiros; Experiência paisagística; Representação Social.

A CONSTRUÇÃO DE UM BALNEÁRIO TURÍSTICO: NOTAS SOBRE TURISMO, MIGRAÇÃO, IDENTIDADE E TERRITÓRIO EM PIPA-RN-BRASIL

Priscilla Carla Leite Marques. UNINASSAU; priscillaclm@gmail.com

Patrícia Lins de Arroxelas Galvão. UFRN; parroxelas@yahoo.com

-

A intenção desse artigo é discutir como o turismo e a migração contribuem para a construção de uma localidade e de sua identidade. Nesse caso, a localidade estudada é a badalada praia do litoral potiguar, Pipa, que, ao longo dos anos, vem se tornando uma referência no turismo de sol e mar no Brasil. Por conta da circulação de pessoas de diferentes origens, Pipa tornou-se um lugar de hibridez cultural notável. Alguns turistas viram migrantes que se instalam na praia, desenvolvendo equipamentos e serviços turísticos, trazendo à tona sua cultura, mesclando sua identidade a identidade do local, conformando e construindo um espaço diferenciado por conta dessa interseção de elementos culturais. Utilizou-se como método o trabalho de campo com ênfase na observação participante. As visitas que coletaram o material para esse estudo vêm ocorrendo desde 2010. Contudo, o olhar mais apurado para as questões de construção identitária do balneário ocorreram em 2014 e em 2015. É relevante comentar que esse fenômeno não acontece somente em Pipa. Outros balneários turísticos passam por processos bastante semelhantes, pois, turisticamente, os procedimentos de construção de um destino litorâneo perpassam pelo uso de marcas identitárias e mercadológicas que ajudam na compreensão do tipo de prática turística que o lugar oferta. As questões de território ou a pouca utilização dessas questões também interferem na construção da Pipa atual, híbrida e globalizada.

Palabras claves: Turismo. Migração. Identidade. Território. Pipa.

O TRABALHO ETNOGRÁFICO NA PESQUISA EM TURISMO URBANO: ESCOLHA E DOMÍNIO DE SUAS LINGUAGENS

Priscila Gayer. Universidade Federal do Rio Grande; pgayer.furg@gmail.com

-

Primeiramente, o presente artigo busca apresentar brevemente as características do espaço urbano e as possibilidades metodológicas de investigação dos seus aspectos culturais a partir de uma discussão acerca da etnografia tradicional, sustentada pela escrita, e sua desconstrução epistemológica através da abordagem proposta pela Antropologia Visual. Se por um lado a imagem pode ser utilizada enquanto recurso narrativo, para além de um procedimento de coleta de dados realizado no trabalho de campo, evidenciando a generalidade da condição humana e analogicamente da condição urbana, o recorte empreendido pelo etnógrafo ainda revela um conjunto de saberes sustentados por argumentações discursivas construídas por meio da escrita. Por outro viés, a escrita é capaz trazer elementos imagéticos via transgressões poéticas. No que tange ao ofício prático do etnólogo, em um segundo momento apresentar-se-á a aplicabilidade da etnografia visual em um estudo de caso voltado para análise do Turismo Urbano e sua atratividade, demonstrando que a escolha das cenas e cenários encontra-se orientada por teorias articuladas por meio da escrita, o que os torna inteligíveis. O objetivo geral do artigo reside em colocar em pauta a relativização acerca das escolhas das diferentes linguagens etnográficas desenvolvidas na contemporaneidade, bem como compartilhar o exercício realizado no trabalho de campo do estudo de caso da pesquisa ‘Mediações culturais e a experiência turística no espaço urbano: formalidades do olhar turístico sobre a cidade de Buenos Aires’. O debate contribui de forma ampla com os rumos metodológicos de pesquisas que vislumbram os aspectos culturais do Turismo e do Urbano.

Palabras claves: etnografia; antropologia visual; turismo; espaço urbano; Buenos Aires.

PARA ALÉM DA VISTA DE UM PONTO: REPENSANDO A FORMAÇÃO DA IMAGEM TURÍSTICA

Roque Pinto. Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, Brasil;
roquepintosantos@gmail.com

Pretende-se aqui discutir criticamente aspectos teórico-metodológicos a respeito da formação da imagem no destino turístico, partindo-se de uma análise dos estudos da formação da imagem turística (Tourism Destination Image) tanto no seu enfoque estático – isto é, na relação entre a conduta do turista e a imagem do destino – quanto no seu enfoque dinâmico – no que tange à formação e às mudanças da imagem turística no tempo –, propondo um modelo metodológico que relaciona, numa perspectiva processual e sistêmica, várias etapas do processo de formação da imagem dentro de uma perspectiva multidimensional e que leva em consideração não só o ponto de vista do turista, mas também – e sobretudo – o conjunto mais amplo de atores sociais que fazem parte do sistema turístico como um todo, inscritos numa ambiência necessariamente

política e em permanente disputa pela atribuição de sentidos do lugar turístico e do seu entorno ambiental, econômico, sociocultural e simbólico.

Palavras-chave: antropologia do turismo; turismo; formação da imagem turística; TDI.

RUÍNAS TRZAN: CARTOGRAFIA, SOCIABILIDADES, EXPERIÊNCIAS E UM NOVO PROJETO

Thaís Fernanda Salves de Brito. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia;
thaisbritobackup@gmail.com

Raissa Silva Lima. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; raissa-lima@hotmail.com

Roney Gusmão do Carmo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia;
guzmao@hotmail.com

-

As cidades modernas, segundo Agier (2011), podem ser entendidas como um dispositivo cultural, com multiplicidade de referências identitárias, definindo um espaço de ação. Em si, as cidades inscrevem lugares em um complexo de histórias, memórias e relações sociais. Em Santo Amaro – Bahia, as ruínas da Fundação Trzan, como um lugar de vivência e de fluxo, se revelam como um destes espaços que publicizam várias temporalidades e camadas de cidade (ROSSI: 2001 [1996]. Apesar de inabitada, essa ruína tem sido um local de sociabilidade e de refúgio que fomenta manifestações artísticas, religiosas e culturais naquela região e que, atualmente, está vivenciando um novo processo com a possível ocupação deste território por uma universidade federal brasileira. Esta pesquisa, amparada pela etnografia, apresenta uma (a) cartografia deste espaço e de suas relações com a comunidade circunvizinha, (b) um levantamento sobre discursos e representações sobre a arquitetura em ruínas e da apropriação criativa do espaço e (c) as projeções dos usuários deste espaço a partir da possível ocupação.

Palabras clave: ruínas, cartografia, experiência, memória, usos do espaço.

GT 58. ETNOGRAFÍAS DE POLICIAMIENTOS Y SEGURIDADES EN FUERZAS MILITARES, POLICIALES Y DE SEGURIDAD

Coordenadores:

Dr. Marcus Cardoso. INCT-InEAC; marcusacardoso@gmail.com

Dra. Sabrina Calandrón. CONICET-Universidad Nacional de La Plata/Universidad Nacional de Quilmes; chacalandron@yahoo.com.ar

Dr. José Garriga Zucal. CONICET-UNSAM; garrigajose@hotmail.com

Comentarista: Dra. Sabina Frederic. Universidad Nacional de Quilmes-CONICET. Provincia de Buenos Aires, Argentina; frederic@unq.edu.ar

Sesión 1: Seguridad y formas de policiamiento

CONFLICTIVIDAD SEGURA

Ardiles, María Belén. Asociación civil La Minga, mbafunkytow@hotmail.com

Castro, Julieta Natalia. Facultad de Psicología UNC; julietacastrop@gmail.com

Rebollo, Santiago. CIECS - CONICET – UNC; psantirebollo@gmail.com

En este trabajo se presenta parte de un proceso prático que emerge de diversos procesos y prácticas comunitarias donde vislumbramos, a partir de lo que acontece en esos territorios, una serie de situaciones donde las relaciones entre comunidad y fuerzas de seguridad provoca una “conflictividad segura”. Para tal fin, pondremos en evidencia cómo las normas de la política a nivel comunitario provocan, performan y disponen los conflictos que jóvenes y adultos actualizan cotidianamente, principalmente en la disputa que significa el uso del espacio público. Este desarrollo procura aportar a la siguiente pregunta: ¿Cómo operan las

políticas de seguridad en los conflictos generacionales? Interrogante desde el cual emergen una serie de articulaciones y reflexiones que procuran brindar claves analíticas para el trabajo Socio-comunitario con jóvenes.

Palabras clave: Juventudes, Conflicto Generacional, Paralegalidad, Seguridad.

DILEMAS Y DESAFÍOS DE UNA EXPERIENCIA DE JUSTICIA RESTAURATIVA EN URUGUAY

Federico del Castillo. UdelaR/M. Interior; fcodelcastillo@gmail.com

Ricardo Fraiman. UBA/M. Interior; kf@adinet.com.uy

A través de un abordaje de corte etnográfico exploramos la implementación de una experiencia de Justicia Restaurativa en la Policía Nacional de Uruguay. Nuestro trabajo describe las particularidades del Sistema Procesal Penal uruguayo, sus limitaciones y “vacíos legales” para encontrar alternativas de resolución de conflictos fuera del marco procesal penal de un régimen inquisitivo; las tensiones e intereses del Poder Judicial, el Ministerio Público y Fiscal y el Ministerio del Interior; los intentos de reforma de éste hacia un paradigma policial preventivo y describe las experiencias de los facilitadores policiales y los ciudadanos que aceptaron esta vía para resolver sus conflictos.

Por último, analizaremos los desafíos, limitaciones y consecuencias de la adaptación del modelo de “Conferencias de Justicia Restaurativa” británico en los barrios montevideanos donde se desarrolla la experiencia. El modelo británico presupone –y propone- una activa participación de la *comunidad* en los procesos de mediación restaurativa. Para el caso uruguayo, la participación comunitaria –principalmente vecinal-, es poco frecuente y la mayoría de los casos se resuelven entre las “partes” en conflicto en una experiencia inédita en Uruguay de devolución del conflicto -y sus formas de resolución- a los actores involucrados.

Palabras clave: justicia restaurativa, modelos de policiamiento, sistema procesal penal, conflictos, control social.

FUEGO Y ASFALTO. PROTESTAS, INSURGENCIAS Y GESTIÓN DEL CONFLICTO EN SANTIAGO DE CHILE

Andrea Soledad Roca Vera. Antropóloga Social, Universidad de Chile. Doutoranda
Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo;
andrearocav@gmail.com

El 2011, ciudades tanto del sur global como del norte desarrollado fueron escenario de multitudinarias protestas, muchas de ellas, movilizadas por la justicia global y una crítica a la expansión del neoliberalismo en diferentes esferas de la vida social. En esta ponencia discutiremos dos fenómenos que han ganado centralidad en el reciente ciclo de protestas. De un lado, la incorporación de una violencia performática, no letal y de pequeña escala contra símbolos del Estado y Capital, en los repertorios de contestación de grupos minoritarios, como fue verificado en los últimos años, en ciudades tan dispares como El Cairo, Atenas y Rio de Janeiro. De otro lado, el recrudecimiento del uso de la fuerza física y adopción de una lógica militarizada en el policiamiento de las protestas, movimiento concomitante a la circulación de tecnologías desarrolladas para el control de las multitudes. Dentro del contexto global, discutiremos elementos para analizar el entrecruzamiento de esos fenómenos en las movilizaciones convocadas desde

el 2011, por el movimiento estudiantil en Santiago de Chile, protestas que inauguraron el mayor ciclo de contestación pública, en ese país, desde el retorno de la democracia en 1990 y donde, en los últimos años, bombas molotovs y piedras, gas lacrimógeno, balines de goma y carros lanza-aguas, forman parte del elenco habitual. Reflexionaremos sobre parámetros analíticos que contribuyan a comprender el estatuto de esas rebeldías “mal comportadas” en la cartografía política de la ciudad contemporánea.

Palabras claves: protestas urbanas, repertorios de violencia, gestión del conflicto, policiamiento de la protesta, Chile. Seguridad.

(RE) PENSAR LA (IN) SEGURIDAD A TRAVÉS DE LAS POLICÍA LOCALES.

Mariana Galvani. IIGG/ fsoc/ ccom/ UBA; marianagalvani@gmail.com

Alina Ríos. IIGG/ CONICET/ fsoc/UBA; alinalrios@gmail.com

Lucía Cañavera. IIGG/ CONICET/ fsoc/UBA; lualveral@gmail.com

En la ponencia nos proponemos contribuir al estudio de intervenciones gubernamentales orientadas al problema de la seguridad que implican un modo específico de construcción tanto del problema de la (in)seguridad como de la función policial. Nos interesa, a su vez, analizar la complejidad que aparece en el gobierno de la seguridad en función de la centralidad que han adquirido los gobiernos locales como nuevos actores en su gestión.

Para ello estudiamos la emergencia del Programa Integral de Protección Ciudadana (Ministerio de Justicia y Seguridad de la Provincia de Buenos Aires, desde 2009) y su puesta en marcha en los municipios del conurbano bonaerense. Particularmente, orientamos el trabajo a desentrañar las características y los sentidos que adquiere el gobierno de la seguridad a partir de estas intervenciones estatales específicas, el rol que es asignado en ellas a las fuerzas de seguridad, las nociones de seguridad/inseguridad que se construyen a través de su implementación y a describir y analizar los mecanismos de intervención que van definiendo el campo de acción de los gobiernos locales.

Sesión 2: Trabajo policial

POLÍCIA, MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA: NARRATIVAS POLICIAIS SOBRE A VIOLÊNCIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dr. Jonas Henrique de Oliveira. Universidade Estadual do Piauí – UESPI
jonashenri@yahoo.com.br

A violência policial é um problema social que vem ganhando atenção dos cientistas sociais e da sociedade em seu conjunto. A visibilidade da violência policial ocorre, dentre muitos motivos, pela especial atenção que a sociedade tem dado as práticas policiais nas últimas décadas. Nesse sentido, a produção cinematográfica tem contribuído para apresentar outros olhares que buscam enfatizar os dilemas pelos quais esses profissionais passam no desenvolvimento de suas atividades. Entre os policiais é legítimo o uso da violência para combater a violência em suas múltiplas formas. O objetivo deste trabalho é analisar as práticas policiais na cidade do Rio de Janeiro levando em consideração as narrativas policiais sobre a cidade e os diferentes grupos com os quais lidam em seu cotidiano. Nesse sentido, serão apresentadas narrativas que buscam compreender os diferentes significados que os policiais dão para as suas ações, assim como a percepção que possuem da violência que é construída a partir da experiência que adquirem através de um “saber das ruas”.

Palavras-chave: violência, polícia, cidade, narrativas.

ATUANDO COM “BOM SENSO”: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DA GUARDA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO (RJ) NA ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS COTIDIANOS

Talitha Mirian do Amaral Rocha. Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFF (PPGA/UFF) e pesquisadora do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC);
tmirian@hotmail.com

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre o papel da Guarda Municipal da cidade de São Gonçalo (RJ) na administração dos conflitos cotidianos durante o trabalho de organização do trânsito do município. Para isso, foi realizado um trabalho de campo entre novembro de 2013 e novembro de 2014, buscando, por meio da observação direta, compreender a atuação profissional dos guardas municipais. Durante a pesquisa, a exemplo do que foi observado por outros pesquisadores, o bom senso apareceu enquanto uma categoria chave para entender as rotinas e dinâmicas de trabalho desses agentes. Além disso, leva-se em conta o contexto nacional no qual essa instituição está inserida, já que em agosto de 2014, foi sancionada a lei 13022, denominada de Estatuto Geral das Guardas Municipais. Em meio aos diversos efeitos dessa nova regulamentação, um dos mais destacados entre os guardas municipais de São

Gonçalo foi discussão a respeito da obrigatoriedade/necessidade do porte de arma de fogo para a instituição em questão. Percebeu-se que, por um lado, os guardas municipais estabeleciam políticas de proximidade junto à população, atuando de forma preventiva ao prover a segurança para o município. Entretanto, em outros momentos, as práticas da instituição se aproximavam do paradigma repressivo-punitivo, próprio e comum da Polícia Militar, por exemplo. Tomando essa discussão como base, pretendese demonstrar como o papel dessa Guarda Municipal está atrelado a esses diferentes modos de policiamento, atuando por vezes como uma “Polícia Comunitária” e por outras como “Polícia Municipal” (VARGAS, 2010).

Palavras-Chave: Segurança Pública, Guarda Municipal, trânsito.

DESAFIOS ETNOGRÁFICOS DE UM ESTUDO SOBRE CORRUPÇÃO POLICIAL NO RIO DE JANEIRO

Andréa Ana do Nascimento. Doutora em Sociologia pelo PPGSA/UFRJ. Pós – Doutorado pela PUCRS (em andamento). Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Segurança e Administração da Justiça Penal andrea77ana@gmail.com

O trabalho contextualiza a corrupção policial analisando e debatendo a baixa capacidade do estado em prevenir e punir a corrupção policial adotando como estratégia uma etnografia da Corregedoria Geral Unificada e da Unidade Prisional da Polícia Militar do Rio de Janeiro. A primeira instituição é a responsável por julgar os processos administrativos contra policiais civis e militares e a segunda é a unidade prisional da Polícia Militar do Rio de Janeiro onde se encontram os policiais militares que estão cumprindo pena por diversos crimes desde homicídio até corrupção. Em ambos os casos foi um desafio conseguir acesso as instituições e as informações necessárias para a elaboração da tese. Desta forma, a estratégia adotada foi a observação direta buscando através do convívio com os policiais que estavam envolvidos de alguma forma com estas instituições, compreender seu funcionamento, seus dilemas e conflitos. O resultado expressa-se através da visão que os policias tem das instituições de segurança pública, da violência policial e da corrupção. Percebemos que os problemas enfrentados são graves e que a há muito a ser modificado para alcançar resultados eficientes no combate à impunidade quando se trata de crimes cometidos por policiais civis e militares.

Palavras – chave: polícias, corrupção, etnografia e impunidade.

REFLEXIONES EN TORNO AL ESTADO POLICIAL

Mariana Da Silva Lorenz. IIGG – CONICET; marianalorenz@hotmail.com

Elea Maglia. IDAES – CONICET; magliaelea@gmail.com

En el presente trabajo nos proponemos analizar las representaciones que los funcionarios de la Policía Federal Argentina (PFA) tienen acerca de su labor profesional. Reflexionaremos sobre el hecho de que entienden a su profesión como una tarea de tiempo completo, cuestión que hace difusos los límites entre los momentos en que se encuentran “trabajando” y sus “vidas privadas”. En esta línea de análisis nos propondremos indagar sobre cómo estas representaciones se encuentran relacionadas con la normativa que rige a la labor policial. La Ley para el Personal como el Decreto Reglamentario de dicha Ley estipulan que los policías tienen “estado policial”, esto implica que sus funcionarios deben cumplir todas las disposiciones de la institución las 24 horas del día los 365 días del año hasta que se produzca su fallecimiento o baja. Es a partir de ello que la Institución se propone regular la vida profesional y privada de sus funcionarios. Consideramos que estos elementos marcan la subjetividad de quienes se desempeñan como policías por el hecho de que, en general, los policías consideran que la suya no es una profesión, sino que ellos son la profesión, que se trata de una “forma de vida”.

Para este trabajo nos valimos de entrevistas, en su mayoría a oficiales de la Policía Federal Argentina, analizamos la Ley para el Personal de la Policía Federal Argentina N° 21.965 y el Decreto 1866/83 de Reglamentación de la Ley para el Personal de la Policía federal Argentina; se trabajo con Manuales de instrucción policial tales como el “Manual del Cadete” y el “Manual de Instrucción para el Personal Subalterno de la Policía Federal Argentina”; reflexionamos sobre publicaciones diversas de la institución. Por último, nos nutrimos de trabajos académicos de reconocidos antropólogos, sociólogos y comunicólogos y recogimos las estadísticas elaboradas por el CELS.

Palabras claves: fuerzas de seguridad - funcionarios - estado policial - trabajo - vida privada.

EL ARMA ROBADA. INTERPRETACIONES DEL TRABAJO Y DE UN PROCESO DE REFORMA EN LA ESCUELA A ESCUELA DE CADETES DE LA POLICÍA FEDERAL ARGENTINA

Durante el año 2013 realizaba un trabajo de observación en la Escuela de Cadetes de la Policía Federal Argentina (PFA), espacio de formación del personal superior y presencié un episodio confuso, vinculado a la desaparición de un arma, que despertó controversias y opiniones varias. En el transcurso de la instrucción se extravió un arma usada por los cadetes en la etapa de familiarización para con este elemento. La desaparición suscitó un escándalo en el que los policías y los funcionarios del ministerio de seguridad interpretaban el hecho de formas diferentes y cambiantes. Analizaremos en este trabajo las disputas de interpretación de este acontecimiento, buscando con ello analizar las miradas sobre un proceso de reforma del mundo policial y algunos sentidos del trabajo policial, para los diferentes actores involucrados.

TESTANDO TECNOLOGIAS: O SETOR DE DESPACHOS DA POLÍCIA MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Bruno de Vasconcelos Cardoso. Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) e Departamento de Sociologia; brunovcardoso@hotmail.com

O artigo tem por foco o setor de despacho de viaturas da Polícia Militar do Rio de Janeiro, funcionando então há poucos meses no recém inaugurado Centro Integrado de Comando e Controle (CICC), prédio apresentado como maior investimento já realizado na área de segurança pública no Estado. Nesse setor, soldados e outros praças recebiam as informações provindas das ligações feitas para a linha direta da PM (190), e efetuavam a ligação e a comunicação em geral com as viaturas – habitualmente ocupadas por dois policiais – localizadas na mesma área de atuação. Para tanto, serviam como mediadores entre diversos atores, com os quais compunham uma rede sociotécnica central no desempenho diário das atividades da Polícia Militar. O modelo de despacho de viaturas, cujo funcionamento foi acompanhado por pesquisa de campo, havia sido recentemente mudado, operando através de novos aparelhos e softwares, além de atender agora mais regiões da cidade, num movimento de centralização das operações e informações que consiste num dos pilares dos CICCs. A partir da explicação esquemática do funcionamento da rede sociotécnica em operação e da apresentação de algumas situações etnográficas, discuto as implicações práticas da operação de sistemas tecnológicos na polícia do Rio de Janeiro, além de refletir sobre as diferentes estratégias pessoais para se lidar com problemas e dificuldades trazidos por esses próprios sistemas tecnológicos.

Palavras-chave: polícia, tecnologia, comando e controle, segurança

Sesión 3: Otras fuerzas

A COR DA FARDA: UM OLHAR SOBRE A FILTRAGEM RACIAL NAS PRATICAS PROFISSIONAIS DE POLICIAIS NEGROS DO DF.

Aline Maia Nascimento. Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF).

No Brasil a violência policial é um tema amplamente debatido em diversos setores da sociedade, sendo alvo de preocupação e denúncia principalmente entre a população preta, pobre e periférica. Atualmente já somam-se alguns estudos que pontuam elementos discriminatórios na ação policial de suspeição, no sentido de que tais elementos demonstram uma prática de abordagem de diferenciação de poderes da polícia contra os negros e pobres. Apontando-nos que estes grupos são alvos recorrentes de revista, apreensão e acusação por parte da polícia. O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada no Brasil - mais especificadamente em com uma amostra de policiais militares ligados ao policiamento ostensivo do Distrito Federal - e tem por objetivo principal compreender as representações sociais de policiais negros da PMDF, no que tange as suas práticas profissionais de suspeição e abordagem policial em uma comunidade negra do Distrito Federal. Investigamos, portanto, como a categoria “raça/cor” articula-se nas relações entre policiais e sociedade civil, com o intuito de entender se para policiais auto declarados negros o marcador racial possui alguma influencia para categorizar indivíduos ou ações suspeitas.

Palavras chaves: policiais militares; suspeição; abordagem; negros; racismo.

MILITARES ARGENTINOS EN HAITÍ: CONTROVERSIAS VERNÁCULAS SOBRE EL CARÁCTER MILITAR O POLICIAL DE SU ACTUACIÓN (2004-2015)

Sabina Frederic. UNQ-CONICET; sabinafrederic2011@gmail.com

El trabajo propone analizar desde una perspectiva etnográfica las categorías de intervención *policial* y *militar* aplicadas a las operaciones realizadas por las fuerzas Militares argentinas en Haití en el contexto de la Misión de Estabilización de Naciones Unidas en Haití, tanto por legislados que debieron autorizar la salida de tropas como por los militares que allí estuvieron. Antes que un análisis dispuesto a evaluar, denunciar o criticar lo que efectivamente esas operaciones fueron, nos proponemos describir en sus argumentaciones y justificaciones los aspectos principales de la caracterización de sus eventuales operaciones y en qué contextos adquieren uno u otro carácter. La cuestión principal a examinar es cómo la *democratización* de las fuerzas armadas argentinas es interpelada y redefinida en un escenario de despliegue internacional. Particularmente, nos interesa analizar esta cuestión en tres arenas: los debates parlamentarios al momento de autorizar el despliegue, los relatos de militares divulgados en medios de comunicación y las explicaciones disponibles sobre el repliegue de la Argentina.

Palabras Claves: intervenciones militares, policiales, etnografía, democratización.

CREANDO PENITENCIARIOS Y FAMILIAS: UNA APROXIMACIÓN A LOS VÍNCULOS ENTRE LA FORMACIÓN, LA FAMILIA Y LAS PRÁCTICAS LABORALES DENTRO DEL SPF.

Dra. Natalia Ojeda. UNCPB – CONICET; natalyaojeda@gmail.com

Lic. Eliana Depino. UNLZ; elianadepino@gmail.com

Existen una serie de producciones antropológicas que se han dedicado a analizar el lugar de los vínculos de parentesco en la conformación de estructuras institucionales. En el caso analizado, se sostiene que la formación comienza en la familia, continua en la escuela y se fortalece en los espacios laborales a través de los vínculos establecidos por los oficiales y suboficiales del Servicio Penitenciario Federal a lo largo de sus carreras. En el ámbito de su capacitación académica, para su futuro desempeño profesional, a partir de la implementación de una licenciatura dictada por la Universidad Nacional de Lomas de Zamora, con una perspectiva social, se generan dinámicas que tensionan algunos valores arraigados que están asociados a la “gran familia penitenciaria”.

En este trabajo se pretende indagar en las prácticas de formación y los vínculos familiares que conforman un sistema de valores del personal penitenciario. Estos valores apprehendidos en los núcleos familiares y posteriormente en la Escuela Penitenciaria Nacional, por un lado se tensionan con las propuestas de la Licenciatura en tratamiento penitenciario y por el otro, constituyen los soportes ideológicos de las

prácticas de diferenciación y el ejercicio de violencia en el ámbito laboral.

Palabras claves: familia - formación penitenciaria – moralidad – violencias.

LA SOBRE-ESTIGMATIZACIÓN, ENTRE EL “OLFATO POLICIAL” Y EL “OLFATO SOCIAL”

Mariana Analía Domenighini; marianadomenighini@yahoo.com.ar

Fernando Kaler; fmkaler@yahoo.com.ar

Universidad Nacional de Quilmes (UNQ)

El presente trabajo propone explorar los procesos de *sobre-estigmatización* activados por las policías hacia los jóvenes que viven en barrios del conurbano. Hablaremos de *sobre-estigmatización* para señalar las prácticas de “olfato policial” que encuentra un punto de apoyo en el “olfato social”, pero también a la inversa. Cuando un policía pone en práctica su “olfato” frente a un joven certifica los prejuicios que tiene la vecinocracia y también agrega mayor vulnerabilidad a los jóvenes. Más aún, el “olfato policial” que justifica estas rutinas policiales tiende a debilitar más aún los lazos sociales entre los actores de diferentes generaciones.

La *sobre-estigmatización* se materializa en las representaciones y configuraciones que intervienen al momento de definir y dar respuesta al conflicto social predeterminado en y entre los distintos actores del territorio. No obstante, la noción que aquí se ensaya de conflicto social implica que éste no existe *per se* sino que es producto de una construcción que requiere de quien lo “actúe”, resulta una necesidad que el conflicto sea representado, que encuentre un sujeto permeable a ser *sobre-estigmatizado*.

En este sentido, el proceso de la *sobre-estigmatización* constituye una *praxis*, resultando significativa en el accionar de los funcionarios de las fuerzas de seguridad, dado que allí se ubica al sujeto concreto y se lo transforma en el objeto del ser delincuente.

Por tanto, el conflicto social como preconcepto existe independientemente de la conducta de los “actores” y las estrategias de resolución más recurrente culminan en el proceso de la *sobre-criminalización* de dichos jóvenes.

Palabras claves: jóvenes – estigmatización – policía – vecinos – Criminalización.

POLÍCIA E SEGURANÇA PÚBLICA DA PERSPECTIVA DOS MORADORES

A partir da apresentação e análise do material de campo de etnográfico obtido entre os anos de 2013 e 2014 discuto a percepção de moradores de duas favelas cariocas acerca da prática policial nas localidades onde residem. O que percebe-se a partir do material etnográfico é que ainda que determinadas insatisfações provenientes do tratamento dispensado por agentes do Estado expressam demandas por respeito aos direitos de cidadania, configurando-se desta forma, numa demanda por consideração dos aspectos normativos do Direito, elas só podem ser devidamente compreendidas se atentarmos para sua dimensão simbólica.

Palavras-chave: Favela, Polícia, Segurança Pública.

GT 59. RELIGIONES, IGUALDAD DE GÉNERO Y DIVERSIDAD SEXUAL

Coordinadores:

Rafael Cáceres Feria. Universidad Pablo de Olavide de Sevilla (España);

rcacfer@upo.es

Fátima Weiss de Jesus. Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

UFAM-Universidade Federal do Amazonas - Manaus/ Amazonas /Brasil;

fatimaweiss@gmail.com

1ª SESSÃO: Gênero em contextos religiosos Católicos, Evangélicos e Afro-brasileiros

HOMENS (IN)FIÉIS?

Carla Figueiredo Marinho Saldanha. Universidade Federal do Pará;
marinho_carla@ig.com.br

Denise Machado Cardoso. Universidade Federal do Pará; denise@ufpa.br

Pretende-se neste trabalho discutir a fidelidade sexual e afetiva de um grupo de jovens protestantes, partindo do pressuposto que o desejo mútuo entre um casal afasta a possibilidade de traição. A abordagem do problema seguiu a perspectiva de gênero uma vez que sexualidade implica em considerações sobre construções culturais acerca do masculino e feminino. A metodologia utilizada baseou-se na pesquisa bibliográfica e etnográfica. A ênfase na etnografia justifica-se por considerar os atos de olhar e de ouvir como funções de um modo de observação em que o pesquisador busca compreender a lógica do "outro". As análises interpretativas foram realizadas a partir de entrevistas informais com homens na faixa etária de 25 a 30 anos não casados. Esta opção pelo universo masculino justifica-se pelo fato de que a infidelidade masculina seria mais tolerada socialmente que a feminina, e que a maioria dos homens não expressam socialmente seus anseios e angústias referentes aos relacionamentos afetivos, pois para estes o amor romântico entraria em conflito com as regras da sedução. A busca do entendimento dos relacionamentos entre casais heterossexuais permite ultrapassar, a partir da perspectiva de gênero, a visão estereotipada de que "as mulheres querem amor e os homens querem sexo".

Palavras-chave: Gênero, fidelidade, traição e sexualidade.

“DOMINAI”! A PRODUÇÃO DA MASCULINIDADE NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Carlos Gutierrez. Universidade Estadual de Campinas; carlos.gutierrez9@gmail.com

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), uma das principais instituições evangélicas do país, com cerca de 1 milhão e 800 mil membros, tem voltado sua atenção para o projeto Intellimen, presente em todo o Brasil e em boa parte dos mais de 170 países em que a IURD está presente. A iniciativa, segundo os atores, visa formar “homens inteligentes, melhores” e prontos para lidar com as “mulheres modernas” e os desafios do relacionamento na modernidade. Um dos principais objetivos do curso é ensinar ao homem qual o papel que cabe a ele e a mulher, numa extensa produção

discursiva acerca das diferenças entre os dois gêneros. Por meio de uma metodologia baseada em 53 desafios, que devem ser cumpridos rigorosamente na vida cotidiana, os Intellimen atingem o ideal de masculinidade da Igreja Universal: cavalheiro, bem-sucedido, asseado e pronto para assumir o papel de “líder” da relação. Valendo-se da noção de dispositivo, da sociologia pragmática, o trabalho pretende pensar como os atores incorporam uma série de referenciais normativos para produção de críticas e julgamentos de outros atores, situações e objetos. Como os atores pensam, a partir dessa matriz normativa, questões como machismo, heteronormatividade, desigualdade de gênero, naturalização de construções discursivas acerca das mulheres e relações de poder? É importante ressaltar que o projeto não visa apenas os membros da Igreja Universal, mas é aberto a todos os homens que queiram participar, independente da orientação religiosa, constituindo um importante dispositivo para produção de uma determinada masculinidade e heteronormatividade no Brasil.

Palavras-chave: religião; gênero; masculinidade; Igreja Universal; pragmática

ENTRE RESSIGNIFICAÇÕES E ANTIGOS TABUS: CONFIGURAÇÕES SOBRE O USO DE PRODUTOS ERÓTICOS POR EVANGÉLICOS NO BRASIL

Daniel Victor Alves Borges Rodrigues. Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
danieluece@hotmail.com

As práticas de consumo de produtos eróticos representam uma fatia considerável no mercado de bens na cena cotidiana. É cada vez mais presente a tendência de englobamento de novos grupos sociais no consumo de mercadorias, neste caso, o consumo vem se dando pelos evangélicos ou público gospel. Como é possível a (re)formulação dos significados atribuídos pelos sujeitos/sujeitas que consomem estas mercadorias? Por outro lado, a religião protestante e seus seguidores defendem (em diferentes matizes) valores e normas sociais que buscam a separação do universo secular. Que modelos de representação e classificação social estão em jogo e que são acessadas nesta forma de consumo? Para responder estas questões foi possível realizar diálogo com autores: Porfirio, Campbell, Appadurai. É possível um objeto que estaria destinado ao uso de não-evangélicos passar por uma reformulação discursiva para se adequar a um consumo? Essas reformulações passam pela forma de explicação do uso dos produtos, pela maneira como são distribuídos (assegurar o anonimato e discrição), pelo público-alvo pretendido (casais heterossexuais), pelo discurso do fortalecimento da relação do casamento (momentos de intimidade). Uma peculiaridade da estratégia de marketing desses produtos é o seu apelo ao público feminino, a fuga da vulgaridade e a sua relação mais aproximada entre produção e consumo. Há dentro desse cenário, uma profusão de diferentes gramáticas dessas práticas, que vão desde a respeito aos dogmas professados pelos evangélicos, a manutenção do discurso da submissão da mulher, a possíveis novos enquadramentos da experiência, baseados na busca pela felicidade e do prazer dentro do relacionamento.

Palavras-chave: Consumo. Evangélicos. Produtos eróticos.

A SOCIEDADE CIVIL, A IGREJA E AS POSSIBILIDADES DE (DES)CRIMINALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONJUGAL

Níobe Neves Henriques. Universidade Federal da Paraíba;
niobe.n.henriques@hotmail.com

Este artigo tem a pretensão de realizar uma reflexão teórica e metodológica acerca dos bastidores iniciais de uma etnografia sob a possibilidade de criminalização de violência sexual nas relações amorosas e conjugais ocorridos em Campina Grande – Paraíba. Realizaremos a análise dessa possibilidade de criminalização através das seguintes instituições: a Delegacia da Mulher, Centro de Referência da Mulher, um PSF (Programa de Saúde da Família) e em duas igrejas - uma católica e outra evangélica. Para tanto será realizado alguns pontos de releitura teórica sobre esse tipo de violência sexual, para percebermos quais são os dispositivos de poder existentes nessas relações conjugais, os processo que legitimam este ato, bem como o silenciam. Será estabelecido um debate sobre o conceito de estupro, de débito conjugal, de violência doméstica e de gênero, bem como a possibilidade da criminalização da violência sexual conjugal por entidades como a igreja, o estado e a própria sociedade civil. Pelo fato da violência doméstica sexual conjugal apresentar um caráter peculiar, privado, isto vem a dificultar sua revelação, ora pelas estratégias e simulacros apresentados pela família, ora pela dificuldade dos profissionais em se deparar com o indesejável, visto que tal fenômeno apresenta um papel incompatível com as expectativas sociais criadas sob a figura de marido e mulher, tendo em vista que existe uma obrigação conjugal e que o marido “não poderia” figurar como polo ativo do crime de estupro, atribuindo assim a vítima postura incoerente diante de suas obrigações matrimoniais; bem como pelo fato da própria “vítima” não perceber este ato como uma violência.

Palavras - chave: Etnografia, Violência sexual, Estupro, Poder, Igreja.

CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR: VOZES FEMINISTAS NA IGREJA CATÓLICA

Julia do Carmo da Silva Universidade Federal de Santa Maria
docarmojulia@gmail.com

O presente trabalho busca analisar, através do *modus operandi* da ONG feminista Católicas Pelo Direito de Decidir (CDD), as formas como o feminismo e o catolicismo se relacionam em suas práticas e discursos. Para isso, irá se trabalhar com a etnografia multisituada, através de quatro distintos campos de pesquisa, que busquem dar um panorama geral de como o CDD concilia suas visões abertamente feministas a sua identidade enquanto católica. A ONG “Católicas pelo Direito de Decidir” foi fundada em 8 de março de 1993 e é uma organização não governamental feminista, que busca o diálogo inter-religioso e a mudança dos padrões culturais e religiosos que cerceiam a autonomia e a liberdade das mulheres, especialmente no exercício da sexualidade e da reprodução. Entre as suas preocupações estão a luta pela igualdade nas relações de gênero, tanto na sociedade como no interior da Igreja Católica e de outras religiões e a divulgação do pensamento religioso em favor da autonomia das mulheres. Analisar a forma como o CDD se configura enquanto grupo feminista e católico também leva a análise de com a modernidade e sua concepção de indivíduo influenciam na esfera religiosa, através da primazia da autonomia e do livre-arbítrio.

Palavras-Chave: Catolicismo, Feminismo, Modernidade.

NAGÔ SANTA BÁRBARA VIRGEM, UMA RELAÇÃO DE EMPODERAMENTO FEMININO NUMA CASA DE CULTO AFRO-BRASILEIRO EM SERGIPE

Díjna Andrade Torres. Universidade Federal de Santa Catarina; dijnatorres@gmail.com

O terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem tem uma história peculiar dentro da linhagem de casas de culto afro-brasileiro no estado de Sergipe. Conhecido na região como o único terreiro Nagô puro do país, a Irmandade tem uma relação forte com a Igreja Católica e elementos centrais de sua configuração simbólica que constituem o processo ritual da casa sincretizadas com a religião cristã. Porém, esse sincretismo com o catolicismo não se aplica ao se tratar do maior cargo hierárquico da casa. Dentro desta esfera, as mulheres apresentam um crescente empoderamento, ocupando não só os cargos de maior importância ritual atualmente, como também desde o passado secular do local. Porém, em se tratando de decisões acerca do sobrenatural, esse empoderamento também passa por uma regulação do masculino, de maneira velada e cautelosa. Esse trabalho pretende trazer dados e uma discussão acerca da configuração dessa liderança feminina dentro de uma religião afro-brasileira, que apresenta igualdade de gênero ou até mesmo certa superioridade feminina, mas que ao mesmo tempo traz em sua linhagem elementos de uma religião que traz a mulher sempre em papéis secundários e subjugados pelo masculino.

Palavras-chave: Liderança Feminina; Nagô; Empoderamento; Religião Afro-brasileira.

A MULHER NA UMBANDA ESOTÉRICA: UM DESAFIO À IGUALDADE DE GÊNERO

Giovanna Helena Teixeira da Cruz Silva. Universidade Federal de Minas Gerais;
gio.helena@gmail.com

Apesar de várias pesquisas atestarem que mulheres investem mais em religião do que homens, verifica-se que, em maior parte das religiões, são os homens que dominam a produção do sagrado, a construção das doutrinas e das regras religiosas. A mulher está, assim, ausente dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. Em contrapartida, o Candomblé, surgido no Brasil colônia sob influência das crenças africanas, vai de encontro à tendência de liderança masculina. Estudos recentes atestam a predominância feminina na hierarquia mais alta dos terreiros. O mesmo, entretanto, não ocorre em todas as religiões de matriz africana como é o caso de alguns terreiros de umbanda. Isso tem sido observado de forma inicial num terreiro de Umbanda Esotérica na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, local onde se dará esta investigação. Tem se percebido que, neste terreiro, além de não ocorrer a mesma predominância feminina do Candomblé, há uma associação da mulher à natureza e seu corpo, torna-se pouco compreendido ou “controlável”. As justificativas são baseadas em sua natureza física ou fisiológica que a relegam a uma atuação secundária no terreiro. Há também uma literatura clássica de teologia umbandista que corrobora para propagar essa visão. Tendo em vista esses elementos, percebe-se a necessidade de se analisar e repensar o lugar que a mulher vem ocupando na Umbanda Esotérica. Para tanto, serão realizadas observações de campo e análise da literatura de teologia umbandista com o viés das teorias de gênero.

Palabras claves: Gênero, Mulher, Religiões afro-brasileiras, Umbanda, Igualdade.

2ª SESSÃO: Religiões, Moralidades e Diversidade Sexual

RELIGIÃO E POLÍTICA: ATORES E DISPUTAS NO CENÁRIO BRASILEIRO E URUGUAIO

Luis Gustavo Teixeira da Silva. Universidade de Brasília;
gustavoteixeira2519@gmail.com

A relação entre religião e política é objeto de estudo recorrente nas ciências sociais desde sua formação, porém os acontecimentos recentes das últimas décadas têm mobilizado ampla atenção dos pesquisadores para a interface entre estas esferas no mundo contemporâneo. Na América Latina o fenômeno apresenta contornos e variações singulares, haja vista a influência social e política do cristianismo em valores presentes nas constituições de alguns países. Na região, Brasil e Uruguai se constituem como paradigmas de análise para estudos sobre a relação entre religião e política e, por conseguinte do debate de legislações que interfiram em valores morais. Por isso, recorrer a entre estes modelos antípodas é inevitável, seja para analisar processos internos, compará-los entre si ou ainda mencioná-los caso a pesquisa esteja concentrada no estudo de algum outro país.

Com base neste objeto, este artigo de revisão bibliográfica pretende desenvolver duas linhas de raciocínio. Assim, a linha principal almeja diagnosticar o modo em que se constrói a relação entre religião e política no Brasil e no Uruguai. Dessa forma, captar as principais dinâmicas de enfretamento e aproximação entre estas esferas em distintos períodos da história destes países ao longo do século XX. A partir disso, estabelecer reflexões e comparações que permitam compreender os arranjos sociais, políticos e religiosos que tornam estes países tão distintos no que tange a este fenômeno e a discussão de temas relacionados a valores morais. Uma linha auxiliar será traçada para apreender o contexto em que surgem e se afirmam os atores sociais e religiosos que promoverão reconfigurações no debate acerca dos valores morais, seja para desconstruí-los como princípio norteador das ações do estado ou para reafirmá-los enquanto preceitos centrais às constituições destes países.

Palavras-chave: religião, política, laicidade, movimentos sociais.

A IDEOLOGIA DE GÊNERO E O PNE: A OFENSIVA RELIGIOSA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Amanda André de Mendonça. Universidade Federal Fluminense;
amandademendonca@gmail.com

O Plano Nacional de Educação – PNE sancionado em 2014, documento que apresenta 10 diretrizes e 20 metas para as políticas voltadas à educação no próximo decênio no Brasil e a base da política educacional para este mesmo período, passou tanto pelo Senado quanto pela Câmara dos Deputados, e foi tema central de discussão por inúmeros movimentos, por cerca de dois anos. O projeto sofreu uma série de questionamentos de líderes religiosos e da “bancada religiosa” no que tange à presença de dispositivos sobre a questão de gênero e orientação sexual em seu texto original. A dita "ideologia de gênero" foi identificada por esses religiosos no Congresso, como munição dos movimentos que agem no Brasil para "a destruição da família". Esses grupos religiosos de ampla representatividade na esfera política no Brasil de hoje vem combatendo fortemente essa temática, não só na esfera política institucional, mas por meio do apoio de diferentes lideranças que amplificam o tema nos espaços das igrejas e nas redes digitais. A supressão da referência a gênero e orientação sexual no PNE foi

efetivada e os agentes religiosos que protagonizaram esse embate com alguns segmentos da sociedade civil foram vitoriosos. Essa ofensiva de lideranças religiosas na educação brasileira através da temática de gênero e orientação sexual, não é nova, e ilustra um contexto no qual a educação tem sido um campo de batalha alimentado com combustível religioso. O tema tratado neste trabalho se insere, portanto, na problemática do conflito entre o campo educacional e os valores, normas, padrões morais rígidos e hegemônicos defendido pelo campo religioso em questão. Nesta perspectiva, este trabalho pretende explorar o alcance religioso na disputa de projetos políticos, com especial destaque para os que tangem a questão de gênero e da sexualidade na educação. Busca-se por meio de revisão de pesquisas sobre sexualidade, gênero e laicidade do Estado, desenvolvidas por autores como Débora Diniz, Carlos Roberto Jamil Cury, Roseli Fischmann, Luiz Antônio Cunha, Emerson Giumbelli e utilizando como referencial teórico conceitos e categorias tais como: gênero, habitus de gênero, violência simbólica, e laicidade do Estado, investigar as estratégias e mecanismos criados pelos diferentes credos para vetar o debate e a abordagem da temática de gênero e da sexualidade na política educacional brasileira. Para isso, aliada a referida revisão bibliográfica dos autores mencionados, será apresentada análise sobre a tramitação do PNE vigente, com destaque para a ação dos agentes religiosos. O objetivo também é demonstrar o quanto esta ingerência religiosa nas políticas públicas pode representar um obstáculo concreto para a implementação de projetos políticos comprometidos com relações de gênero igualitárias e com a liberdade sexual, podendo até mesmo disseminar preconceitos e diversas formas de exclusão social.

Palavras Chaves: Gênero, Educação e Laicidade.

SALIDA POR LA PUERTA DE EMERGENCIA: TRAYECTORIA DE SALIDA FRENTE A LA TENSIÓN SEXUALIDAD-RELIGIOSIDAD EN VARONES GAYS DE CÓRDOBA / ARGENTINA

Hugo H. Rabbia. CONICET/ Universidad Católica de Córdoba; hrabbia@gmail.com

La condena institucional a las expresiones sexuales no heteronormadas por parte de numerosas instituciones religiosas genera disonancias y tensiones a nivel subjetivo, las cuales se gestionan de modos heterogéneos. Si bien muchos trabajos recientes se han focalizado en los procesos de convivencia, integración o complementación entre ambas dimensiones, diversos cuestionarios revelan que la mayoría de los varones gays de Córdoba/Argentina optan por la desconversión religiosa, es decir, por diversas opciones de salida de la religión.

El trabajo focaliza específicamente en las narrativas de sí y en las trayectorias biográficas de tres varones gays que actualmente se identifican como “sin religión de pertenencia”, pero han tenido previamente experiencias de socialización religiosa intensas. Cada entrevistado refleja de forma paradigmática una de las opciones de salida identificadas en una muestra total de 28 varones gays: la indiferencia religiosa, la

increencia y la desinstitucionalización (creer sin pertenecer). Los modos en que se conciben y narran estas trayectorias de salida permiten intuir los múltiples pliegues y experiencias en torno a los procesos de desconversión religiosa, los diferentes puntos de inflexión identificados y cómo opera la crítica a la institución religiosa (en particular, la Iglesia Católica). Los datos se recuperaron a partir de entrevistas en profundidad, y los casos fueron seleccionados por un muestreo teórico por “bola de nieve”. El trabajo reporta resultados parciales del proyecto SECyT-UNC 2012-2014: “Ovejas negras. Experiencia religiosa y sexualidad en trayectorias biográficas gays”, coordinado por el Dr. Vaggione y el Dr. Mattio.

Palabras claves: desconversión religiosa; tensión sexualidad – religiosidad; varones gays; salida de la religión; increencia.

LESBIANIDADES E DINÂMICAS RELIGIOSAS: UMA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIAS COTIDIANAS E “MANOBRAS” EM GOIÂNIA

Tanieli de Moraes Guimarães Silva. Universidade Federal de Goiás;
tanielings@gmail.com

Daniela Maroja. Universidade Federal de Goiás; danielamaroja@gmail.com

O seguinte trabalho tem como proposta apresentar a atual conjuntura política-religiosa brasileira em âmbito nacional e regional, a partir do Estado de Goiás e da cidade de Goiânia. A partir disso, buscamos evidenciar algumas relações existentes entre lesbianidades e dinâmicas religiosas por meio das histórias de Gabriela, Laura e Bruna. A intenção aqui é refletir sobre vivências religiosas que algumas mulheres lésbicas possuem, levando em conta que não é possível fazer um deslocamento de tais vivências do contexto histórico e social, dos marcadores sociais que as perpassam e principalmente das experiências de conflito e abuso existentes. Assim, foi possível perceber que os segmentos religiosos, que as interlocutoras em questão vivenciaram desde muito cedo na vida, constroem a homossexualidade como 1. um pecado que leva direto ao inferno; e 2. algo que pode ser negado e curado. A partir dessa realidade, as interlocutoras tiveram que “manobrar” e se defender buscando abrir brechas para vivenciarem suas sexualidades e para conciliarem mais ou menos seus desejos afetivo-sexuais com suas dinâmicas religiosas. As “manobras” realizadas são entendidas como uma forma de agência, mas ainda fica uma pergunta: a que custo o agenciamento é possível? As histórias evidenciam que trajetórias de mulheres lésbicas estão marcadas por violências cotidianas, as quais ressoam em suas vidas a todo o momento. A reafirmação diária de seus desejos reatualiza a violência internalizada. Há uma relação entre desejo-violência-culpa que perpassa a vida dessas mulheres e é dessa forma que ainda continuam construindo suas trajetórias.

Palavras-chave: dinâmicas religiosas, lesbianidades, violências cotidianas, Goiânia.

QUEER JIHAD Y ESFERA PÚBLICA MUSULMANA: EL CASO DEL MOVIMIENTO THE INNER CIRCLE

Mari-Sol García Somoza. Université Paris Descartes y Universidad de Buenos Aires;
marisolgarciasomoza@gmail.com

Vanessa Rivera de la Fuente. Universidad Nacional Mayor de San Marcos/ Al-Rawiya
College; vriveradela Fuente@gmail.com

Mayra Soledad Valcarcel. Becaria Doctoral CONICET/IEGE;
mayra Valcarcel@yahoo.com.ar

De un tiempo a esta parte, el Islam se ha constituido -por diversas razones- en un enclave central de la geopolítica mundial. En este contexto, no sólo emergieron grupos y regímenes islamistas sino que también, en contraposición, se han conformado movimientos reformistas y colectivos feministas y LGBTQIA dentro de la comunidad musulmana. Esta ponencia reflexionará sobre las formas en que el movimiento LGBTQIA musulmán enfrenta y deconstruye -desde lo que concibe y define como *queer jihad*- tecnologías de género y narrativas heteronormativas imperantes en pos de desarrollar una hermenéutica coránica sensitiva o sensible a la sexualidad (*sexuality sensitive*) (Kugle, 2003). En este sentido, analizaremos cómo esta lucha y praxis político-religiosa posibilita la inclusión y despenalización de los seres abyectos por el discurso islámico hegemónico; permitiendo la articulación y reconfiguración de sus distintas pertenencias identitarias (identidad de género, orientación sexual, musulmanidad, entre otras). Para ello, tomaremos el caso de *The Inner Circle*, una organización transnacional con base en Sudáfrica, fundada en 1996 por el Imam Muhsin Hendricks junto a sus compañeros de *halqaat* (circulo de estudios). Actualmente desarrollan distintas actividades y proyectos de apoyo y difusión de los derechos de las minorías sexuales en comunidades musulmanas dentro y fuera de países de mayoría islámica; entre sus objetivos de trabajo se incluye la promoción de mezquitas inclusivas.

Palabras claves: Queer jihad, The Inner Circle, diversidad sexual, mezquitas inclusivas, esfera pública musulmana.

ENTRE MORALIDADES E DISCIPLINAMENTOS: HOMOSSEXUALIDADE, FAMÍLIA, IGREJA E O PROCESSO DE “SE ASSUMIR”

Isabelle Brambilla Honorato. Universidade Federal do Amazonas;
isahonorato@hotmail.com

Fátima Weiss de Jesus. Universidade Federal do Amazonas; fatimaweiss@gmail.com

Compreendendo as profundas mudanças no campo religioso atual como produtora de novos sentidos e discursos, a presente comunicação tem como objetivo discutir as articulações entre juventude, homossexualidade e família, a partir de pesquisa etnográfica em andamento realizada com a Igreja Apostólica da Renovação Inclusiva (IARI), da cidade de Manaus. Segundo Weiss (2012) “Igreja Inclusiva”, um termoêmico e controverso pelo qual se designam as igrejas, que em geral podem ser definidas em termos de compatibilizar sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs, majoritariamente evangélicas; tais igrejas não são discriminatórias a LGBTs. Nesse sentido, a IARI na cidade de Manaus congrega pessoas, predominantemente, não heterossexuais, advindas de famílias evangélicas tradicionais. O foco deste trabalho, portanto, é sobre as vivências e tensionamentos vividos por jovens oriundos de famílias evangélicas que após o processo de “se assumirem” como homossexuais foram desligados ou se desligaram de suas igrejas de origem e buscaram uma reinterpretação de sua religião na IARI. Nessa perspectiva, apontamos que o processo de “se assumir” pode gerar um rompimento que aparta os sujeitos de suas famílias, sem conectá-los a outro grupo, marcando as trajetórias das pessoas daquele grupo. Dessa forma buscamos entender as intersecções entre as vivências religiosas e familiares e o processo de subjetivação dessas pessoas.

Palavras-chave: Homossexualidade, Família, Juventude e Religião (Igreja Inclusiva)

IGLESIAS INCLUSIVAS (LGTBI) .LA LUCHA CONTRA LA INTOLERANCIA RELIGIOSA, IGUALDAD DE SEXO, LIBERTAD DE CULTO: “AMAROS UNOS A LOS OTROS COMO YO LOS HE AMADO”

Patricia De Las Mercedes Rodriguez Ferreiro. Universidade Federal Fluminense;
delasmercedesrfp@hotmail.com

El presente trabajo tiene por objetivo evaluar la unión de la institución matrimonial, como unión de libertad sexual y o inclusiva de los movimientos LGTBI, en la República Federal Argentina y en la República Federativa del Brasil.

Esta manifestación está presente en la actualidad en el casamiento Wiccano, por medio

del rito Handfasting. El presente culto, coloca al género en condición de igual sin reprimir y castigar la elección de la sexualidad, las parejas pueden ser heterosexuales u homosexuales, el espíritu humano, está por encima del género. Además la unión sacral familiar, puede ser monogamicas o poligamicas según la tradición.

Se realizó investigación fotográfica y audiovisual. El marco de fundamentación teórica, se basa en diversos instrumentos Internacionales de Derechos Humanos incorporados a las cartas magnas de ambos Estados, entre ellos, la Declaración Universal de los Derechos Humanos (1948); que proclaman valores de igualdad y libertad, reafirmando la normativa interna, artículo 226 de la Constitución Brasileira y el nuevo Código Civil Argentino, que incorpora la ley de matrimonio igualitario.

Resultados alcanzados: Hay indicios suficientes para visualizar la vuelta de valores de antiguas religiones que posibilitan la inclusión social del movimiento LGTBI al culto.

Palabras-clave: Libertad, Culto, Amor, Igualdad: **Handfasting**.

DA IGREJA LGTB PARA A IGREJA DOS DIREITOS HUMANOS – O ATIVISMO POLÍTICO DA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA NO BRASIL

Aramis Luis Silva. Universidade Federal de São Paulo; aramiluis@uol.com.br

Analisando o processo de criação e implementação do Comitê de Direitos Humanos da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) no Brasil, ocorrido recentemente a partir da mobilização de lideranças dos vários núcleos dessa instituição religiosa espalhados no país, nossa proposta é discutir os rendimentos de enquadrar tais unidades institucionais enquanto específicas comunidades de sentido modeladoras de ativismos políticos articulados em torno das categorias religião e direitos humanos.

Por meio da comparação dos perfis das lideranças e dos diversos modos de mobilização dos públicos de alguns dos núcleos regionais dessa igreja de caráter transnacional (origem norte-americana), pretendemos compreender de que modo um projeto institucional de uma entidade religiosa que se pensa translocal ganha suas específicas feições locais a partir das experiências, repertórios e agendas de suas lideranças regionais. Em nosso foco estarão as igrejas dos Estados do Paraná (Londrina), São Paulo (São Paulo), Rio de Janeiro (Baixada Fluminense), Ceará (Fortaleza) e Piauí (Teresina).

Se uma forma comum a esses agentes religiosos de vivenciar a exclusão social (e outros tipos de violências) é mediada pelo que foi descrito socialmente como “homossexualidade” e/ou “homossexualismo”, quais sentidos são atribuídos a essas categorias e de que forma tais sentidos configuram formas de atuação cívica? Alçada a uma dimensão política, mais que uma prática, uma sociabilidade homossexual em reconfiguração torna-se uma inesperada chave heurística para se compreender a articulação entre crenças religiosas e valores políticos.

Palavras-chave: Cristianismo, Igreja Inclusiva, Sexualidade, Diversidade Sexual,

Ativismo.

GT 60. SENSIBILIDADES JURÍDICAS Y SENTIDOS DE JUSTICIA EN LA CONTEMPORANEIDAD: UN DIÁLOGO ENTRE LA ANTROPOLOGÍA Y EL DERECHO

Coordinadores:

Dra. Carla Villalta (UBA/CONICET- EAPyJ- INCT-InEAC); carla-villalta@hotmail.com

Dr. Juan Pablo Matta (UNICEN- GESC-INCT-InEAC); juanpablomatta@gmail.com

Dra. Kátia Sento Sé Mello (UFRJ-INCTInEAC); ksemello@gmail.com

Sesión 1: Oralidad, interacciones y moralidades en cuestión / Oralidade, interações e moralidades em questão

LOS INFORMES. EL PASAJE DE LO ORAL E INTERACTIVO A LO ESCRITO, EN LA SECRETARÍA TUTELAR DE UN JUZGADO PENAL DE MENORES, EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Florencia Graziano. SEANSO, FFyL, UBA; grazianoflorencia@gmail.com

Esta ponencia surge del trabajo de campo realizado entre los meses de junio de 2012 y noviembre de 2013, en la secretaría tutelar de un juzgado penal de menores, en la ciudad de Buenos Aires.

Analizola construcción de los *informes* de las profesionales que allí trabajan, como resultado de la traducción –escrita y parcial- de las interacciones entre ellas y los jóvenes acusados de un delito que, en general, están acompañados por algún familiar.

Mostrando el pasaje de lo oral e interactivo a lo escrito, procuro dar cuenta de cómo se construyen esos informes. Esto es, las relaciones sociales y las rutinas propias de los casos concretos que están por detrás de esos informes, que son producidos por determinadas personas de “carne y hueso”. Reflexiono acerca de cómo estas agentes judiciales construyen las narrativas en los informes y la utilización estratégica de lo que escriben, para salvar o condenar a estos jóvenes.

Teniendo en cuenta que el registro escrito no es una transcripción completa ni literal de las interacciones, sino una traducción parcial de las mismas, es que resulta importante prestar atención a ese pasaje de lo oral e interactivo a lo escrito. Reparar en los modos en que los relatos quedan registrados en los informes. Y observar cómo, en ese pasaje de la entrevista al informe, se plasman valores y decisiones.

Palabras claves: justicia de menores, secretaría tutelar, informes.

Percepções e contrastes entre a mediação no Rio de Janeiro e em Buenos Aires: fronteiras entre judicialidade e não judicialidade

Bárbara Gomes Lupetti Baptista. INCT-InEAC, PPGD-UVA, UFF;
blupetti@globocom.com

Kátia Sento Sé Mello. ESS/UFRJ, INCT-InEAC/UFF e NECVU/UFRJ;
ksemello@gmail.com

Klever Paulo Leal Filpo. INCT-InEAC, PPGD-UCP, UFRRJ-ITR;
klever.filpo@yahoo.com.br

Thais Borzino Cordeiro Nunes. UCP; thaisbcnunes@hotmail.com

Este trabalho analisa diferentes usos da mediação de conflitos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires a partir da observação empírica de sessões de mediação, bem como entrevistas com mediadores, advogados e partes envolvidas na mediação ou em processo judicial. Ademais, um dos coautores, na qualidade de mediador voluntário no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, também pôde contribuir com as observações advindas de sua experiência. No Brasil, a Resolução 125/2010 do CNJ e, recentemente, as Leis 13.105/2015 (Novo Código de Processo Civil) e 13.140/2015 (Lei de Mediação), pretendem estimular o emprego da mediação e de outros meios autocompositivos no âmbito dos Tribunais. Etnografias realizadas no TJERJ entre 2010 e 2014 (Mello e Lupetti Baptista, 2011; Lupetti Baptista, 2013 e Filpo, 2014) evidenciaram que a mediação realizada nos espaços judiciais, geralmente como uma

etapa processual, apresenta algumas complexidades, sendo difícil às partes litigantes perceberem a distinção entre o processo e a mediação, que se torna mais uma formalidade a cumprir, do que uma forma diferenciada, não-adversarial, de tratamento do conflito, conforme se apresenta a proposta da mediação. Em Buenos Aires, por sua vez, a lei de mediação determina que esta é etapa obrigatória e prévia ao ajuizamento de um processo, além de ser realizada em espaços extrajudiciais, fora do âmbito do Judiciário, evidenciando-se, com isso, opções distintas de administração de conflitos. O trabalho diz respeito ao contraste observado entre esses dois modelos de mediação que ora se aproximam em alguns aspectos ora se afastam em outros.

Palavras-chave: Administração de conflitos; Judiciário; Mediação de conflitos.

RACIONALIDADES, PRÁCTICAS Y ÓRDENES NORMATIVOS EN LOS PROCESOS DE ORIENTACIÓN DE NIÑOS A LA ADOPCIÓN

Carolina Ciordia

FFyL- UBA / CONICET

carolinaciordia@yahoo.com.ar

En este trabajo analizo desde una perspectiva etnográfica los órdenes de normatividad que están implicados en el “tránsito institucional” que atraviesan los niños que fueron separados de sus grupos domésticos por hallarlos “con sus derechos vulnerados”, ubicados en hogares convivenciales (en el área metropolitana de Buenos Aires) y a partir del cual son orientados hacia la adopción. “*Tránsito institucional*” es una categoría creada con el objetivo de analizar los recorridos de los niños a través de diferentes grupos domésticos en los que son ubicados cuyo propósito –manifestado por diversos agentes- es su cuidado y protección. En este proceso se dirime cuáles son los adultos responsables más convenientes para esos niños. Para analizar las características de este tránsito institucional de niños atiendo a otros órdenes de normatividad –quizás menos formalizados que las leyes- que están constantemente interactuando, reforzando o compitiendo por la legalidad oficial (Vianna, 2010; Fonseca, 2011), pero que dan sentido a las relaciones sociales que se traman entre los diferentes actores sociales implicados (agentes judiciales, administrativos, de organizaciones sociales). Poner bajo análisis esas tramas de relaciones sociales implica focalizar en circuitos de intercambio (de bienes simbólicos y materiales), y en lógicas y sentidos que estructuran esas redes de relaciones. Por lo tanto, esta ponencia da cuenta de las racionalidades, los sentidos asociados a la protección y al cuidado de los niños, las prácticas y los regímenes discursivos que son puestos en acto por los agentes y configuran el tránsito institucional de niños.

Palabras clave: tránsito institucional de niños – órdenes de normatividad – tramas de relaciones – adopción de niños

O DISCURSO DA LEI OU A LEI DO DISCURSO? –UMA ETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA NORMATIVIDADE NA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Monique Torres Ferreira. PPGA/UFF; monique.torres@live.com

Nesta comunicação me proponho a apresentar alguns resultados da pesquisa que desenvolvi enquanto bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, na qual busquei analisar aspectos definidores da construção e apropriação de um discurso normativo por parte dos atores que compõem o campo do direito numa vara de família da Defensoria Pública, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

O trabalho busca compreender como regras sociais estabelecidas entre os atores com base em elementos tradicionais, ou seja, pela repetição de ações práticas de determinada natureza, definem situações e tipos de comportamentos apropriados ao caso concreto, especificando algumas ações como “certas” e interditando outras como “erradas”.

Interessa-me indagar o processo interpretativo que transforma o conteúdo da arguição oral dos atores em discurso normativo, ou seja, em regras consideradas legítimas a partir de um conhecimento tácito compartilhado entre os atores do campo, as quais parecem se consolidar em virtude da repetição de atos e métodos de resolução de conflitos no caso concreto.

Para interagir com esses questionamentos, me utilizo da contribuição metodológica da pesquisa empírica de cunho etnográfico, em outras palavras, por meio da observação direta dos fenômenos analisados em atendimentos ao público por parte da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: discurso; normatividade; administração de conflitos.

O JUDICIÁRIO COMO "LINHA DE MONTAGEM". PERCEPÇÕES DE ADVOGADOS, ESCRIVENTES JUDICIAIS E MAGISTRADOS SOBRE SEU COTIDIANO NOS FÓRUMS DE SÃO PAULO

Janaína Dantas Germano Gomes. Mestranda em Direitos Humanos, Universidade de São Paulo. Graduada em Direito pela Puc de Campinas e em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP; janadgg@gmail.com

O presente resumo, que submeto ao Grupo de Trabalho número 61, é fruto da pesquisa de mestrado que realizei, voltada às interações entre escreventes judiciais, advogados e estagiários no âmbito dos cartórios e balcões judiciais de fóruns em São Paulo. A pesquisa visa pensar antropológicamente, a partir de etnografia, entrevistas e análise de diversos materiais, como se dão os conflitos entre esses grupos nesses espaços, quais as demandas apresentadas pelos advogados ao balcão, como entendem os escreventes essas demandas. Este espaço da burocracia judicial vem sendo pensado pelos advogados, e defendida, como espaço de acesso à justiça, direito fundamental da categoria profissional e de todo cidadão brasileiro. Contudo, o discurso e práticas de sua gestão colocam este espaço como local de execução de tarefas atinentes ao judiciário, que devem ser por ele, e apenas ele, geridas. Assim, embates acerca do horário de funcionamento e informatização vêm sendo travados, disputando-se qual o modelo de gestão que deve ser implementado, em um nível macro, e, no âmbito das interações cotidianas, ressaltando os personalismos e particularismos de cada cartório judicial. Os dados em campo revelam uma perspectiva pragmática do judiciário: é preciso fazer a máquina do judiciário andar, os escreventes são vistos - e se sentem como - peças nessas engrenagens, e pouco ou nada se fala em termos de justiça, mas sim em fluxo de trabalho e das decisões. Como a justiça é vista e percebida a partir dos balcões judiciais é o foco, assim, de minha apresentação para este GT, trazendo dados etnográficos que ressaltam uma apropriação da justiça e do judiciário como máquina de fazer sentenças, fábrica, chão de fábrica e operadores do direito.

Palavras Chave: Acesso à Justiça - Fóruns - Cartórios Judiciais - Advogados – Burocracia.

Sesión 2: Administración de conflictos y producción del orden / Administração de conflitos e produção da orden

UM “CHOQUE DE ORDENS”: UMA ANÁLISE SOBRE O CONTROLE DO ESPAÇO PÚBLICO NA ORLA CARIOCA NO SÉCULO XXI

Patrícia Silveira de Farias. Doutora em Antropologia Cultural/UFRJ. Professora Associada do Depto. Política Social/Escola de Serviço Social/UFRJ – Brasil; trapfarias@gmail.com

O texto discute, a partir de uma perspectiva sócio-antropológica, as representações

sobre esfera pública e espaço público e suas conexões, a partir da análise de políticas públicas e ações de segurança que vem sendo implementadas na orla da cidade do Rio de Janeiro. Etnografia, observação participante e entrevistas em profundidade foram utilizadas para compor o estudo, que se estrutura sobre as percepções tanto dos agentes públicos encarregados de levar a cabo a política chamada de “Choque de Ordem” – guarda-vidas, guardas municipais e policiais militares – como também dos frequentadores das praias, tanto banhistas quanto trabalhadores. O foco é investigar as noções de democracia e de ordem, vinculadas aos conceitos de espaço público e esfera pública, alinhadas pelos diversos segmentos em questão. Considera-se que haja conflitos inerentes a percepções divergentes sobre o que seria a “ordem” necessária neste espaço, assim como sobre o papel dos agentes do Estado e dos próprios grupos que ali habitam, frequentam e trabalham.

Palavras-chave: ordem; democracia; políticas públicas; estudos urbanos; praia.

-

-

ADMINISTRAÇÃO E INVESTIGAÇÃO DE HOMICÍDIOS DOLOSOS: PRÁTICAS E CLASSIFICAÇÕES JURÍDICO-POLICIAIS

Michel Lobo Toledo Lima. Mestre e doutorando em Sociologia pelo IESP/UERJ;
michell_lobo@hotmail.com

Neste trabalho apresentarei alguns dados e análises de pesquisa etnográfica, que compõe parte da minha tese de doutorado em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ), ainda em andamento, na Divisão de Homicídios da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, e na Divisão de Homicídios de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Na presente pesquisa, descrevo, analiso e comparo por contrastes a prática de investigações destas instituições policiais na identificação, administração e esclarecimento de homicídios dolosos, onde, por meio de interações entre polícia militar e polícia civil, tais autoridades policiais registram os fatos e os enquadram dentro de uma classificação de crime, a partir de sua interpretação pessoal, traduzindo um fato social em um fato jurídico, ou não. A categoria penal “homicídio doloso”, no cotidiano policial, é administrada e operacionalizada a partir de um sistema classificatório próprio, operada pelas polícias e pelo judiciário. As polícias civil e militar não atuam simplesmente como agentes do sistema de justiça criminal e de segurança pública, podendo prever os fatos delituosos por meio de suposições relativas ao caráter do suposto criminoso ou acusado do crime, e das vítimas, onde a categoria “homicídio” não tem um caráter imutável nem puramente legal, dependendo assim da valoração policial perante os casos, determinando como estes devem ser legitimados e administrados, sendo moralmente e contextualmente hierarquizados, norteando o desdobrar dos processos e procedimentos institucionais.

Palavras-Chave: Homicídio. Categorização. Polícia. Judiciário. Investigação.

“FAMILIARES CONTRA LA IMPUNIDAD”: SUBALTERNIDAD Y ESTRATEGIAS DE RESISTENCIA EN CASOS DE HOMICIDIOS. SALTA-ARGENTINA

Clara Rocio Ramos; rocioramos_84@hotmail.com

El presente trabajo analiza el accionar de un grupo de madres y padres que acompañados y asesorados por un partido de izquierda constituyen la comisión “Familiares contra la impunidad” en Salta, ONG que agrupa a quienes pasaron por situaciones de apremios ilegales, la pérdida de un familiar por homicidio, la desaparición de cercanos u otro tipo de violencia social.

Si bien el dolor es lo que unifica a este grupo, es también un espacio de interacción solidaria, en el cual sus miembros pueden escuchar y ser escuchados, compartir sus experiencias trágicas, pero sobre todo ser asesorados en los procedimientos legales, constituyendo así un espacio de lucha, donde juntos pueden evidenciar en el espacio público sus problemáticas individuales, a la vez de hacer oír sus peticiones y reclamos a los representantes estatales que tienen sus casos, y con los cuales de manera individual no pueden acceder.

Aquí indagamos sobre las “tecnologías de difusión y resistencia”, con ello nos referimos a los elementos y mecanismos con que materializan, expresan y difunden los casos de sus hijos y familiares asesinados. Nuestro estudio se centra en el uso simbólico de tales mecanismos, a la vez indaga sobre los sentidos y significados que buscan transmitir a partir de ellos, y a quienes van dirigidos. Por tanto, este trabajo se inscribe dentro de los estudios de subalternidad, ya que el enfoque es desde las víctimas, pero no de los modos en que padecen la violencia, sino en cómo resisten y actúan frente situaciones y procedimientos que consideran “violencias”.

Palabras Claves: homicidio, subalternidad, familiares, tecnologías de resistencia.

ENTRE OS DISCURSOS DA ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS E DA GUERRA ÀS DROGAS: UMA ANÁLISE EMPÍRICA DAS RELAÇÕES ENTRE A UPP E A COMUNIDADE

MARILHA GABRIELA REVERENDO GARAU. UFF – INCT/InEAC;
marilha_garau@hotmail.com

O presente trabalho tem como plano de fundo a Política Pública sob a qual o Governo do Estado do Rio de Janeiro lançou mão, proclamando-a em seus primeiros momentos enquanto solução para a questão da violência na capital. Neste sentido, os dados trazidos a este trabalho são provenientes da observação direta das práticas e discursos policiais que atuam numa Unidade de Polícia Pacificadora específica.

O objetivo central desta análise volta-se para as relações entre a Polícia Militar e a comunidade, com destaque para o contraste entre discursos. Ora, as entrevistas conduzidas junto aos policiais daquela UPP indicaram um contraste significativo entre os discursos. Enquanto havia policiais – sobretudo as policiais mulheres – vinculados aos trabalhos de interação com a comunidade, cujo discurso veiculado voltava-se para a proposta de pacificação; para estes seu trabalho consistia em mediar, afastar, solucionar e até prevenir conflitos. Por outro lado, e em contraposição, havia policiais que compartilhavam o tradicional discurso do policiamento ostensivo. Tal discurso se mostrou vigoroso, uma vez que informava as práticas dos agentes responsáveis pelas incursões na comunidade na busca pela apreensão de drogas e armas de fogo. De modo que, estes possuíam uma visão muito próxima à de "guerra ao tráfico", de busca pela eliminação do inimigo: o traficante.

Palavras-chave: UPP; Polícia Militar; administração de conflitos.

CASTIGOS COLATERALES. DISCUSIONES SOBRE DERECHOS Y PROBLEMÁTICAS VINCULADAS A LOS NIÑOS Y NIÑAS CON UN REFERENTE PRESO

Dra Inés Mancini. CONICET - IDAES/UNSAM; inesmmancini@gmail.com

Este trabajo se basa en un trabajo de campo llevado a cabo en la Asociación de Familiares de Detenidos en Cárcel Federales, cuyo objetivo general consiste en mostrar las consecuencias del encarcelamiento en los hogares y familiares de los presos.

En particular, esta ponencia intentará discutir cuáles son desde la perspectiva de los familiares las consecuencias de tener un referente preso para los niños y niñas. Asimismo, se reflexionará sobre los derechos y obligaciones que les caben a los presos como padres y/o madres y los modos en que estos derechos son construidos y planteados por los familiares frente a diferentes instancias burocráticas.

Por último, se intentará mostrar - a partir de la observación etnográfica - los modos en los que estos niños y niñas son nombrados y discutidos en la trama de interacciones y negociaciones que implica el encarcelamiento de una persona y el sostenimiento de sus vínculos familiares. ¿Los niños deben o no deben ir a las visitas? ¿En qué condiciones lo hacen? ¿Cuáles son las consecuencias de asistir o no asistir a la visita? ¿Un niño tiene derecho a saber dónde está su referente preso o debe ser “protegido”?

Palabras clave: Cárcel, niños y niñas, demandas por derechos.

Sesión 3: La producción social de sujetos y de moralidades. Construcción de demandas, sentidos y categorías jurídicas / A produção social de sujeitos e de moralidades. Construção de demandas, sentidos e categorias jurídicas

EL “DERECHO A SABER”: CONSTRUCCIÓN DE DEMANDAS Y ACCESO A LA JUSTICIA PARA PERSONAS QUE QUIEREN CONOCER SUS ORÍGENES BIOLÓGICOS

Soledad Gesteira. UBA-CONICET; soledadgesteira@gmail.com

La cuestión de los orígenes y la identidad en Argentina tiene una inexorable conexión con la apropiación criminal de niños ocurrida durante la última dictadura militar. El activismo de Abuelas de Plaza de Mayo, en la búsqueda de sus nietos, ha tenido un efecto inesperado, cientos de personas [que no podían ser sus nietos] comenzaron a preguntarse sobre su identidad. Algunas de ellas se organizaron en asociaciones, otras no, pero se autodenominan “afectados independientes” que luchan para encontrar sus orígenes y crear legislaciones adecuadas para ello. Sabrina es una de ellas y también es una de las pocas personas que ha podido judicializar su caso, ya que para muchas otras personas que buscan sus orígenes acceder a la justicia se revela muy difícil. Sabrina nació en 1968 y a partir de su presentación judicial logró confirmar lo que sospechó “desde siempre” y lo que sistemáticamente le negaron, que no era hija biológica de las personas que la habían criado.

Sobre la base de la investigación etnográfica que inicié en 2010 sobre la conformación del *campo de la búsqueda de los orígenes y la identidad* en Argentina, en este ponencia describo y analizo el caso de Sabrina junto al caso de tres mujeres que lograron condenar en 2012 a la partera que las vendió al nacer. Ello me permitirá analizar, por un lado, cómo se configura la demanda de quienes buscan conocer sus orígenes en el terreno judicial, y por otro, los alcances y las limitaciones del sistema de justicia para este tipo de demandas por el “derecho a saber”.

Palabras claves: Búsqueda de orígenes. Demanda. Derecho. Justicia.

SENTIDOS DE JUSTIÇA E MORALIDADE: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MORAL NOS DISCURSOS JUDICIÁRIO E JORNALÍSTICO

Luiz Eduardo Figueira. Professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPQ-Brasil; luizeduardofigueira@yahoo.com.br

Breno Henrique Pires de Seixas. Doutorando do Programa de Ciências Sociais PPCIS – Universidade do Estado do Rio de Janeiro; breno_henrique@hotmail.com

O presente artigo busca descrever e analisar o lugar dos dispositivos morais nas práticas discursivas judiciárias (Tribunal do Júri) e jornalísticas em instituições sediadas na cidade do Rio de Janeiro. Como os juízos morais são acionados nos discursos institucionais (Judiciário e Imprensa)? Como as práticas discursivas dessas instituições contribuem, por meio de um processo de acusação/defesa moral, à construção do sujeito (objeto de investigação judiciárias e jornalística)? Como essas instituições operam determinados sentidos de “fazer justiça”?

No âmbito das práticas judiciárias criminais, as questões morais relativas ao motivo do crime e aos sujeitos morais da vítima e do acusado são fatores fundamentais à construção de sentidos de “fazer justiça” e à decisão do corpo de jurados.

As práticas jornalísticas, por sua vez, ao apresentarem notícias sobre crimes, vítimas e agressores/bandidos, constroem um sentido moral acerca dos eventos e de seus protagonistas. Essas notícias operam uma redução de complexidade dos eventos narrados, utilizam dispositivos de acusação moral e contribuem para construir uma imagem estereotipada dos envolvidos na trama.

Trabalharemos com a categoria analítica *tese moral*, cujo objetivo é destacar a expressão discursivo-moral da posição enunciativa assumida pelos atores sociais no âmbito do rituais judiciário e jornalístico.

Palavras-chave: Sentidos de justiça, moralidade, Imprensa, Tribunal do Júri

O QUE HÁ DE “SOCIAL” NO PARENTESCO SOCIOAFETIVO? UM CONCEITO E SEUS USOS NAS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO DIREITO DE FAMÍLIA E SUCESSÕES BRASILEIRO

Clara Lourido. Professora de la Universidade do Estado da Bahia (UNEB) y doctoranda del Programa de Pós-Graduação em Antropologia de la Universidade Federal da Bahia (UFBA); clara_lourido@yahoo.com

A análise de conceitos e categorias de classificação reconhece, desde Durkheim e Mauss, sua origem social; por sua vez, Geertz escolheu um conceito-chave para cada uma das diferentes sensibilidades jurídicas que descreveu ao conceber o direito como saber local. O conceito de “parentesco socioafetivo” é cada vez mais utilizado no direito de família e sucessões brasileiro, que vem passando por profundas transformações, tanto no plano da legislação -com as reformas do atual Código Civil e do Código de Processo Civil e nos projetos em tramitação na Câmara e no Senado que visam estabelecer um Estatuto da ou das Família(s)- como na prática dos operadores jurídicos que introduzem esse conceito nos argumentos que fundamentam suas decisões.

A distinção entre laço biológico e social é um tema caro à antropologia em geral e à antropologia do parentesco em particular. Já nas interpretações de legisladores, juristas e operadores jurídicos, é o “afeto” que aparece contrastado aos vínculos “de sangue”. A partir da análise da legislação e de um corpus de jurisprudência recente, procuro analisar as razões desses modos diferentes de classificação dos vínculos -com especial ênfase na filiação. Para isso, considerarei os modos em que se articulam os saberes, instituições e profissionais da área jurídica com os saberes, instituições e profissionais da psicologia, por um lado, e da socio-antropologia, por outro.

Palabras claves: parentesco socioafetivo – direito de família e sucessões – semiose social – sensibilidade jurídica.

“COMO A GENTE FAZ PARA COLOCAR JUÍZO NESSA CABEÇA?” PARADOXO DE MORALIDADES NOS JULGAMENTOS DE ADOLESCENTES

Mônica Maria Gusmão Costa. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Pós-doutoranda PNPd do Programa de Pós-graduação em Antropologia Cultural – PPGA;
mo_gusmao@hotmail.com

Trata-se de etnografia de julgamentos de adolescentes nos Juizados de Recife/Brasil, com o objetivo de discutir a moral e a ética, no sentido de que é a partir desses dois elementos que é definido, inclusive, quem está sendo julgado (adolescente? família? comunidade?). A palavra ‘julgamento’ é usada em sentido amplo, observando que nos aspectos técnicos jurídicos estão contidos outros aspectos como: se os adolescentes são portadores de valores incompatíveis com o que o Direito considera ‘certo’ para o convívio social. Esses aspectos extrajurídicos fomentam a definição da família do adolescente como *estruturada* ou *desestruturada*, compreendendo ‘estrutura’ como comportamento e não forma, determinando, assim, a medida em meio aberto ou fechado. Carente da situação normativa legal, o juiz recorre à moralidade para decidir sobre cada adolescente: decisão (moral) que se transforma em sentença (legal). A norma privilegiada no julgamento é a norma moral, a qual varia, por um lado, pela crença religiosa e as convicções de cada julgador e é recorrente, por outro lado, pela socialização do julgador na instituição judiciária. Em paradoxo, essas moralidades

colocam o julgador como preservador da ordem social, ao mesmo tempo em que o remete à condição de ofensor à moral no que diz respeito a questões de vida e morte do adolescente, quando este é enviado para um sistema de cárcere corrupto e violento. Muitas vezes, ciente desse choque de moralidades na tomada de decisão que condenará o adolescente, o juiz desabafa: “como a gente faz para colocar juízo nessa cabeça?”

Palavras-chave: julgamentos de adolescentes, moral e ética, antropologia jurídica.

O TRIBUNAL DO JÚRI COMO PROCEDIMENTO ESPECIAL: COMO VALORES MORAIS E MORALIDADES DESIGUALAM, EM CONTEXTO E EM AÇÃO, CASOS, RÉUS E VÍTIMAS.

Izabel Nuñez. Doutoranda em Antropologia. Universidade Federal Fluminense;
izabelsn@gmail.com

O presente *paper*, é parte das reflexões produzidas para a elaboração de minha tese de doutorado, que consiste em uma etnografia sobre o “fazer judicial” (Eilbaum, 2012) em uma Vara do Tribunal do Júri da Comarca do Rio de Janeiro. O Júri é um procedimento processual “especial” para processar e julgar apenas alguns tipos de crimes no sistema de justiça brasileiro, ou seja, trata-se de uma forma especial, diferente da “comum”, para os “dolosos contra a vida” que fala sobre a “sensibilidade jurídica” (Geertz, 2007) inquisitorial presente na sociedade brasileira (Kant de Lima, 2009). Pretendo pensar, no presente *paper*, as diversas formas pelas quais este Tribunal desiguala, classifica e hierarquiza (Durkheim e Mauss, 2009; Dumont, 1997) crimes, pessoas e fatos e como essa desigualdade é informada tanto por valores morais, quanto por moralidades situacionais (Eilbaum, 2012) em jogo no campo e como esse modo de “fazer justiça” e administrar conflitos fala sobre a cultura jurídica na sociedade brasileira. A partir da descrição de situações vividas no campo pretendo analisar, por exemplo, como o valor moral “família” pode ser acionado de diferentes formas, durante as sessões de julgamento e audiências de instrução, proporcionando através da descrição uma reflexão sobre as questões acima apontadas.

Palavras-chave: Tribunal do Júri; Moralidades; Valores Morais; Interação.

Sesión 4: Disputas sobre la seguridad y la justicia: valores morales, selectividades sociales y procesos de producción del orden / Disputas sobre a Segurança e a Justiça: valores morais, seletividades sociais e processos de produção da orden

“A LEI É FEITA PARA PESSOAS, NÃO PARA LADRÕES”: UMA ETNOGRAFIA DOS SENTIDOS DE JUSTIÇA E DAS PRÁTICAS DAS FIANÇAS NA POLÍCIA CIVIL DO RIO DE JANEIRO

Marcus José da Silva Cardinelli. Mestre em Antropologia (PPGA-UFF). Pesquisador do INCT-InEAC. Advogado; marcusjcardinelli@gmail.com

Esse resumo é derivado de uma pesquisa, para a produção de uma dissertação de mestrado em antropologia já defendida, sobre a Polícia Civil do Rio de Janeiro (PCERJ), seus sentidos de justiça e as fianças criminais lá arbitradas.

O papel da fiança dentro do sentido de justiça de certos delegados era diverso daquele previsto no direito legal. Determinavam um valor alto que impedisse a liberdade de alguns sujeitos e, assim, se mantivesse o encarceramento da prisão em flagrante. A fiança significava, para o direito legal, um valor em dinheiro que permitia que essa liberdade pudesse ser recuperada após uma prisão em flagrante. Contudo, para o sentido de justiça de alguns delegados, a fiança significava um meio para obter punições.

Desse modo, existe uma teoria da lei que transforma a liberdade em uma mercadoria através da instituição da fiança. Ela cria um mecanismo de restituição da liberdade. Por outro lado, existe uma teoria nativa (policial) que torna essa liberdade um bem raro, tira-a do mercado, faz ela ficar sem preço. Essa teoria percebe na fiança um recurso para manter as prisões e punir. É uma outra teoria da pena e, dessa forma, uma outra teoria das fianças. A teoria legal da fiança é principalmente baseada na gravidade do fato. Já a teoria policial é baseada em quem parece ser o aliciável.

Assim, o sentido de justiça da PCERJ consiste em promover a punição de certos sujeitos moralmente (des)classificados, enquanto reatualiza as relações de poder estabelecidas entre ela e certos setores da sociedade.

Palavras-chave: polícia; justiça; fiança.

AS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: A REPRESSÃO QUALIFICADA E A PROTEÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE DAS ÁREAS DE RISCO

Márcio Bonesso. UFSCar/PPGS/GEVAC – IFTM; marciobonesso@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objetivo principal estabelecer conexões de sentido entre teorias sociais e formas de gestão das políticas de segurança pública, tendo como *locus* de estudo as políticas estaduais de prevenção à criminalidade, aplicadas no interior de Minas Gerais, na cidade de Uberlândia. No início do século XXI um novo modelo de controle social se consolida em Uberlândia e nas maiores cidades de Minas Gerais através de uma gestão política criada pela Secretaria do Estado e de Defesa Social. Nesse contexto, a pesquisa visa confrontar os procedimentos normativos e metodológicos da SEDS com as práticas sociais dos seus profissionais em Uberlândia. Foi aplicado um programa sistêmico de prevenção à criminalidade que contou com a participação de cientistas sociais em sua elaboração e implantação cujo objetivo era o de constituir uma política estadual de segurança pública amparada em teorias que articulavam o eixo da proteção social e da repressão qualificada. Essa articulação visa que a população juvenil dos bairros classificados como áreas de risco tenha acesso às redes sociais criadas a partir das suas demandas e das oficinas de arte, esporte e de produtividade oferecidas e, ao mesmo tempo, qualifique quais são as dinâmicas criminais que envolvem as áreas de risco. A comunicação visa apresentar ações macrosociais sobre a implementação dessas políticas em Uberlândia: i) compreender como as diretrizes das políticas de prevenção à criminalidade foram efetivadas dentro do contexto do marco lógico do programa de segurança pública. ii) descrever como ocorreu na cidade a implantação e a articulação entre o Centro de Prevenção à Criminalidade (CPC) e o Grupo Especializado em Policiamento Área de Risco (GEPAR). Como desdobramento a pesquisa deseja descrever as ações microsociais de prevenção à criminalidade em Uberlândia: i) a implantação do programa Fica Vivo; ii) o fomento da Rede Leste – organização de encontros mensais gerida pelos técnicos sociais e gestores sociais do CPC de Uberlândia; iii) a operacionalização das redes artísticas, esportivas e os atendimentos psicossociais que envolvem os jovens desses bairros. Diante dos fatos históricos apresentados da rede leste a pesquisa se empenhou também em realizar uma abordagem microsocional relacional envolvendo os atores sociais que compõe o quadro profissional do CPC de Uberlândia: oficinheiros, técnicos sociais e gestores sociais do programa Fica Vivo e do CPC de Uberlândia.

SAGRADOS E PROFANOS? O SISTEMA CULTURAL DO SENSO COMUM NA CONSTRUÇÃO DE BIOGRAFIAS JUDICIÁRIAS NO TRIBUNAL DO JÚRI

Maria Luisa Scaramella. Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA;
mascavi@gmail.com

Esta proposta analisa práticas e repertórios discursivos da instituição judiciária do Tribunal do Júri, no Brasil, que caracterizam uma determinada sensibilidade jurídica. Mesmo assumindo que o Júri opera com distintos sistemas de classificação (sistema dos operadores técnicos, e o dos operadores leigos), entendo que, permeando-os, há o “sistema cultural do senso comum” (Geertz, 1983). Este é acionado nos julgamentos como uma sabedoria cotidiana que avalia e julga a realidade, estabelecendo uma

“ponte” entre as leis e suas interpretações, tornando-se o sustentáculo de ambas. Afirmado certa distância entre “quem fala o direito” e os “profanos”, Bourdieu (2004) nos aponta a antinomia entre o saber científico e o senso comum. Proponho que no Júri essa antinomia é diluída, pois o tal sistema transpassa ambos. Tendo isso em vista, parto do pressuposto que os acontecimentos narrados em um Tribunal do Júri produzem biografias judiciárias de acusados e de vítimas a partir das “falas” de provas, de promotores, de advogados, de testemunhas, de jurados etc. As interpretações e sentidos acionados, no Júri, na construção e mobilização dessas biografias estão profundamente ancorados no sistema de senso comum. Afirmo ainda que é o sistema do senso comum que – ao acionar um universo semântico compartilhado entre operadores do direito e jurados leigos, por exemplo – atribui eficácia às narrativas de persuasão, levando à sentença final. Esta proposta será discutida, principalmente, a partir de dados etnográficos recolhidos durante algumas sessões de Júri do caso Gil Rugai, ocorridas no Fórum Criminal da Barra Funda, em fevereiro de 2013, em São Paulo, Brasil.

Palavras-chave: sensibilidades jurídicas; Tribunal do Júri; sistema cultural do senso comum; biografias judiciárias.

-
-

SEGREGAÇÕES JUDICIAIS ATRAVÉS DO AUXÍLIO-RECLUSÃO: REGULAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E CRUEL COMPAIXÃO NAS DECISÕES DOS TRIBUNAIS REGIONAIS FEDERAIS

Luiz Antônio Bogo Chies. Doutor em Sociologia (UFRGS); Professor da Universidade Católica de Pelotas, RS, Brasil, junto ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e à graduação em Direito; labchies@uol.com.br

Filipe Blank Uarthe. Estudante de graduação em Direito na Universidade Católica de Pelotas, RS, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica.

Rodrigo Gonçalves da Silva. Estudante de graduação em Direito na Universidade Católica de Pelotas, RS, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica.

Universidade Católica de Pelotas / Programa de Pós-Graduação em Política Social / Grupo Interdisciplinar de Trabalho e Estudos Criminais-Penitenciários (GITEP)

A pesquisa aborda a tensão entre perspectivas civilizatórias da proteção social e práticas potencializadoras de segregação e exclusão, ambas mediadas pela atuação de instâncias judiciárias. O corpus de análise se constitui de decisões prolatadas nos cinco Tribunais Regionais Federais (TRF) brasileiros, no período janeiro de 2007 a dezembro de 2012, versando sobre o critério “baixa renda” como requisito para a concessão do instituto previdenciário do Auxílio-Reclusão. Trata-se de ponto de divergência jurisprudencial aparentemente superado (em face de decisão do Supremo Tribunal Federal [STF] em 2009) mas revelador de conteúdos argumentativos e retóricos, bem como de dinâmicas institucionais que evidenciam limites e possibilidades do Poder Judiciário em contribuir

com uma cultura jurídica democrática e humano-dignificante. Como referenciais privilegiou a Teoria da Argumentação Jurídica (Luiz Alberto Warat), as perspectivas do Campo Jurídico (Pierre Bourdieu) e as noções de regulação e emancipação (Boaventura de Sousa Santos). Os resultados preliminares já permitem se reconhecer, entre outras emergências, fragilizações na capacidade das instâncias judiciais efetivarem tutelas sustentadas no princípio da solidariedade social. Tais fragilizações criam perversas armadilhas, dentre as quais uma cruel compaixão, que transmuta direito em caridade.

Palavras-Chave: Auxílio-Reclusão; Argumentações Judiciais; Sensibilidades Jurídicas.

-

-

OUVIDORIA COMO MECANISMO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL E PROMOÇÃO DA CIDADANIA: A PETROBRAS E A IMPLANTAÇÃO DA LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO

Adeildo Pereira Dos Santos Filho. Universidade Santa Úrsula;
adeildosantos@yahoo.co.uk

A partir da minha experiência profissional como funcionário da Petrobrás e como usuário da ouvidoria, foram amadurecendo algumas inquietações, despertando em mim interesse em compreender o seu funcionamento e procurar identificar quais impactos poderiam ter sido causados neste espaço pela promulgação da lei 12.527. O estudo proposto pretende abordar as interlocuções entre a Ouvidoria e a sociedade a partir do espaço institucional da Petrobras, tendo como parâmetro de avaliação as eventuais mudanças produzidas pela lei federal nº 12.527, aprovada em 18 de novembro de 2011, conhecida como Lei de Acesso à Informação. A proposta visa identificar e retratar os aspectos atinentes aos princípios constitucionais e infraconstitucionais que se evidenciam na confluência entre o papel da ouvidoria e consolidação de uma atuação institucional pautada pela ética e capaz de promover a cidadania. Tendo em vista a compreensão da ouvidoria como um espaço institucional destinado ao exercício do controle sobre as relações que envolvem a instituição interna e externamente, possibilitando entendê-la como um mecanismo fundamental para uma gestão organizacional democrática, particularmente, quando se desenvolve em uma empresa dirigida pelo Estado. Considerando-a como um espaço de exercício da ética e da cidadania, entende-se como fundamental observar e compreender os impactos causados pela promulgação da Lei de Acesso à Informação neste ambiente tentando detectar as possíveis mudanças produzidas pela referida legislação sobre a ouvidoria de uma organização de grande porte e entender em que direção estas eventuais mudanças operam.

Palavras-chave: ouvidoria, democracia, cidadania.

**Sesión 5: Clasificaciones institucionales, administración de justicia y derechos /
Classificações institucionais, administração de justiça e direitos**

**SAP Y ABUSO SEXUAL. DISPUTAS EN TORNO AL TRATAMIENTO
JUDICIAL DEL ABUSO SEXUAL INFANTIL**

Nuria Luz Alvarez; nbleualv@gmail.com

Eyal Rajzman; eyalrajz@gmail.com

La presente ponencia se propone abordar una problemática que surge de un trabajo de campo exploratorio con un colectivo de activistas que luchan por la visibilización del abuso sexual infantil. Se trata de los debates originados por la emergencia del “Síndrome de Alienación Parental” (SAP) como recurso jurídico válido empleado en instancias de administración de justicia para poner en duda e inclusive deslegitimar una denuncia de abuso sexual infantil.

Retomando los trabajos de Julieta Grinberg, proponemos pensar al abuso sexual y al SAP como categorías sociales en disputa que permiten ordenar el mundo e intervenir en él. Mientras que el abuso sexual se construye, dentro de una jerarquía de valores sociales modernos, como un “intolerable”, una norma intransgredible (Grinberg, 2010); el SAP se presenta como una categoría amplia y vaga que permite poner en duda una denuncia de este tipo.

Para esta ponencia nos centraremos en los discursos de los especialistas y activistas del colectivo La Red (Red Nacional de Visibilización del Abuso Sexual de niñas, niños y adolescentes) para describir estas categorías y poder dar cuenta del impacto que tienen las mismas en casos reales y concretos que han devenido judicializables.

Por ultimo sostendremos que indagar el campo de disputa en el que se dirime la validez y pertinencia de una u otra categoría, nos permitirá analizar las formas en las que los miembros de La Red intentan hegemonizar determinadas maneras de interpretación de la realidad a fin de incidir en las formas de administrar justicia.

-

-

LOS DERECHOS SOCIALES DE NIÑOS Y NIÑAS MIGRANTES.

CONTRIBUCIONES DESDE EL ABORDAJE ETNOGRÁFICO

Laura Victoria Martinez. Lic. y Prof. en Ciencias Antropológicas (UBA). Universidad de Buenos Aires (Facultad de Filosofía y Letras). Becaria doctoral CONICET; lauvicmartinez@yahoo.com.ar

En este trabajo se propone aportar al estudio de los derechos sociales de los niños y niñas migrantes desde una aproximación etnográfica. En este sentido, se intenta un diálogo con los enfoques de corte jurídico sobre la temática, que se enmarcan fundamentalmente en los procesos de monitoreo de implementación de la ley de migraciones vigente desde 2004.

El objetivo general es fundamentar la relevancia de abordar los procesos de escolarización de estos niños y niñas -como sujetos que son nombrados en las retóricas de derechos-, desde una perspectiva antropológica que se interroga sobre el punto de vista normativo. Se explora esta hipótesis presentando resultados de una etnografía escolar en una institución pública primaria de la zona sur de la Ciudad de Buenos Aires, un territorio atravesado por la desigualdad social. En particular, se analizan las concepciones de los docentes en torno a la inclusión de estos niños y niñas en la escuela pública, atendiendo especialmente a la legitimidad que adquiere el lenguaje de derechos de infancia. Se construyen interrogantes en torno al protagonismo de las necesidades y merecimientos de la niñez en un contexto en el que se expresan cuestionamientos al usufructo de otros derechos sociales a los que las familias acceden con los certificados de escolaridad. Finalmente, se sostiene que atender a las clasificaciones e identificaciones cotidianas que organizan los merecimientos de la población migrante, contribuye a (re)pensar los procesos de institucionalización de sus derechos.

Palabras clave: niñez-migración-derechos sociales-etnografía.

-

-

O CASO ADELIR E O MOVIMENTO PELA HUMANIZAÇÃO DO PARTO: REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA, PODER E DIREITO

Raquel Simas. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense; raquelsimas25@gmail.com

Sara Sousa Mendonça. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense; sarasousa.me@gmail.com

A partir do caso de Adelir Góes, mulher que foi obrigada pela Justiça em 2014 a ser submetida a uma cesárea após o deferimento de uma medida liminar proposta pela

médica que a havia atendido, pretendemos abordar as apropriações e embates que ocorrem entre o movimento pela humanização do parto e do nascimento e o sistema jurídico brasileiro. Se por um lado, as agentes do movimento pela humanização buscam legitimar suas demandas e para isto se empenham na criação de uma lei que regulamente e puna a violência obstétrica e acionam o Judiciário para serem reparadas pelas agressões sofridas; por outro, tanto o saber médico quanto o saber jurídico não estão destacados das relações de poder na sociedade e, desta forma, o corpo da mulher é tutelado, principalmente durante a gestação. O caso Adelir revela algumas dimensões do déficit de cidadania no país. O acesso aos direitos reprodutivos ocorre na perspectiva do modelo hegemônico obstétrico pautado pela internação e medicalização do parto, controle analisado pela teoria foucaultiana. O movimento pela humanização do parto vem defender mudanças na assistência obstétrica buscando o direito ao reconhecimento da distinção de suas demandas com relação ao modelo tradicional de atendimento que se pretende universalizar. Os procedimentos hospitalares padronizados, ordenados por uma lógica de individualismo do tipo igualitário, entram em conflito com as demandas específicas deste grupo de mulheres gerando uma agressão, que mais do que um insulto moral, é considerada uma violência.

Palavras-chave: Humanização do parto/ Direitos reprodutivos/ Violência/ Poder.

NIÑOS, DERECHOS Y BUROCRACIAS: EL ABOGADO DEL NIÑO EN LA JUSTICIA DE FAMILIA

Josefina Martínez. FFyL UBA; martinezjosefina0@gmail.com

Carla Villalta. FFyL UBA / CONICET; carla-villalta@hotmail.com

En nuestras sociedades (la global y las locales), los últimos 20 años han puesto en evidencia cambios importantes en las formas de definir el lugar de la infancia y de intervenir en la vida de los niños y las niñas. Este proceso puede sintetizarse en un principio que actualmente está muy presente en este campo de análisis: la perspectiva del niño como sujeto de derechos. Las modificaciones en las costumbres, los debates en los campos de la psicología y la pedagogía, la elaboración de instrumentos de derecho internacional específicos, las reformas legislativas nacionales y provinciales, la reestructuración de dispositivos judiciales y administrativos y las políticas públicas desplegadas en torno a la problemática de la infancia, dan cuenta de este cambio de perspectiva. Aquí nos interesa analizar específicamente el impacto que esto ha tenido en las burocracias judiciales, y para ello centraremos nuestra observación en la aparición de una figura nueva: el abogado del niño. Por un lado, revisaremos el proceso político y legislativo nacional que subyace a su aparición en los tribunales de familia, y las particularidades que adquiere en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y en la provincia de Buenos Aires. Por el otro, a través del estudio de algunos casos paradigmáticos nos centraremos en la descripción y el análisis de los efectos que la participación de esta

figura produce en el trámite burocrático del expediente judicial.

Palabras Clave: burocracias, infancia, niño como sujeto de derechos, abogado del niño

Sesión 6: Violencia y demandas por la ampliación de derechos. Conflictos y activismo político y legal / Violência e demandas pela ampliação de direitos. Conflitos e ativismo político e legal

-

-

“ETNOGRAFIANDO UN CONFLICTO LABORAL”

María Celeste Godoy. Estudiante de Maestría en Antropología, FFyH, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina; godoymariaceleste@gmail.com

A mediados del año 2014 la empresa Aves del Sur S.A. ubicada en la ciudad de Aguas Blancas (Provincia de Córdoba, Argentina), despidió a un grupo de 15 trabajadores, aduciendo como justificativo la entrada en vigencia de una resolución del organismo de contralor (S.E.N.A.S.A.) que le impediría continuar con su actividad. Esa pretendida justificación habilitaba a la empresa a abonar las indemnizaciones por despido en un 50%, fuertemente rechazado por los trabajadores y la entidad gremial que los representa, quienes conocían de antemano las intenciones de cierre del establecimiento. Desatado el conflicto, el mismo se desarrolló y resolvió en el ámbito del Ministerio de Trabajo provincial, con la participación de diversos actores: representantes gremiales, delegado gremial de los trabajadores dentro de la empresa, funcionarios del ministerio e integrantes de la empresa (gerente, encargada de recursos humanos y abogado). El objetivo de este trabajo es abordar el conflicto laboral como *proceso*, lo que permite dar cuenta del entramado de vínculos en que el mismo se produce y desenvuelve, poniendo particular atención a los términos y condiciones en los que el conflicto se desarrolló, los sentimientos de justicia/injusticia puestos en juego por los diversos actores, como también los modos en que ese contexto se articuló con los diversos mecanismos y herramientas dispuestos por el ordenamiento jurídico del trabajador rural.

Palabras clave: conflicto laboral - etnografía - trabajadores rurales - Córdoba.

EL PROCESO DE TRANSFIGURACIÓN JURÍDICA EN RELACIÓN AL EJERCICIO DE LA PROPIEDAD COLECTIVA

Verónica Cecilia Morales Ramos. Profesor Auxiliar 1. Instituto de Altos Estudios Nacionales (IAEN), Centro Nacional de Estrategia para el Derecho al Territorio (CENEDET); veronica.morales@iaen.edu.ec/veronicamoralesr@gmail.com; <http://cenedet.iaen.edu.ec/>

Katerine Verdery sostiene que “la propiedad privada no es natural pero si es profundamente social, por lo que requiere un grado de planeación y de deliberación” Para los Estados han creado un aparato sistémico capaz de adjudicar la legalidad o la ilegalidad de la propiedad, la que a su vez necesita verse materializada en documentos a manera de símbolos que te otorgan la calidad de dueño.

Los encuentros entre los hechos sociales y las lógicas de la legalidad estatales, han merecido la creación de un lenguaje jurídico capaz de encasillar en el marco legal la cotidianidad de la gente; es así que el sistema legal, haciendo uso de una ficción jurídica, convirtió en Comuna a los centros poblados, las parcialidades o cualquier categoría territorial que no estuviere contenida en la ley anterior a 1937, siendo que para ello únicamente se debía sujetar el accionar de la potencial comuna a la Ley de Comunas y contar con 50 personas que la conformen.

Para graficar esta creación legal, se puede entender los procesos de titulación de las tierras como Comunales en el Ecuador en cuatro momentos, 1º durante la época colonial, con los edictos declarados por las autoridades españolas que reconocen la propiedad comunal, 2º en 1911, cuando Eloy Alfaro reconoció vía decreto presidencial a varias comunas, un 3º momento con la aparición de la ley de comunas en 1937 y un 4º las décadas de 1960 y 70 que corresponden al momento de influencia de la reforma agraria.

Este recorrido jurídico es acompañado de trabajo etnográfico que permite ver a grandes rasgos, el momento actual (jurídico y social) de las comunas en el Ecuador, especialmente dentro de la Ciudad Capital: Quito.

Palabras clave: derecho, tierra comunal, propiedad privada, documentos. Keywords: Law, Community Land, Private Property, Documents.

-

BELO MONTE, A GRANDE GUERRA: ANÁLISE DO MECANISMO DE CONSULTA PRÉVIA NO ESTADO DE

DIREITO

Lidia Neira Alves Lacerda. Graduada em Ciências Sociais e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás; lidiaalacerda@gmail.com

Após vários anos de mobilização e luta, a Convenção 169 sobre Povos Indígenas e tribais em Países Independentes da OIT-Organização Internacional do Trabalho, foi aprovada em 1989. O Brasil estado signatário incorporou a convenção em seu ordenamento jurídico em 2002, e junto a Constituição Federal de 1988, consolidou-se o reconhecimento jurídico dos direitos indígenas. A Convenção 169 tornou-se uma nova diretriz, das relações entre estado e povos indígenas, dentre essas mudanças destaca-se o reconhecimento da autonomia e o dispositivo da consulta prévia.

A consulta prévia apresenta-se então como um instrumento que proporciona reconhecimento e autonomia dos povos indígenas, pelo estado. Contudo no Brasil tem enfrentado uma série de obstáculos para sua realização. Neste cenário de descumprimento os conflitos são inevitáveis. O sistema judiciário e Ministério Público, se apresentam como atores fundamentais nas decisões que garantem, destituem ou reconhecem os povos indígenas como sujeitos de direitos.

Utilizarei como caso empírico a Usina Belo Monte, situação que fora exigida a consulta prévia, porém não ocorreu. Analisarei a ação promovida pelo Ministério Público de nº 709-88.2006.4.01.3903 e ação reclusória nº 14404 impetrada no Supremo Tribunal Federal pelo IBAMA e Advocacia Geral da União. Buscando interpretar antropológicamente os significados atribuídos por essas decisões judiciais sobre as “questões indígenas”.

Investigando a aplicabilidade e instrumentalização das normas globais, sua produção de sentidos no âmbito local e ação dos vários atores. Considerando também que diferentes forças econômicas, sociais e culturais se tencionam numa suposta ordem legal que, teoricamente, assume compromisso de garantir igualdade entre todos os sujeitos.

Palavras Chaves: Consulta Prévia, Belo Monte, estado-nação.

-

DERECHOS ETNICAMENTE DIFERENCIADOS: RETÓRICA Y EFICÁCIA LEGAL. ANÁLISE DA INTERPRETAÇÃO ANTROPOLÓGICA E JURÍDICA DOS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS

Cinthy Valéria Nunes Motta Kós. Mestre em Antropologia pelo PPGANT-UFPI –
Brasil; cinhyakoss@hotmail.com

Nos últimos anos vem se intensificando no Brasil ofensivas contra antropólogos em especial aos que atuam na linhagem da antropologia indígena e aos que participam da elaboração de laudos antropológicos. As críticas partem principalmente de políticos vinculados a bancada ruralista, por vias de propagação impressa ou virtual e progressivamente através da mídia de maior alcance (TV aberta). O conteúdo das ofensivas, no entanto, carrega um conteúdo mais próximo dos arguidos por jurisprudências em tribunais em julgamento de demarcação de terras indígenas. Nesses

discursos, o índio é encarado como sujeito desmerecedor de direito, pois teria perdido as “essência” ao compartilhar de elementos com a sociedade abrangente. O discurso jurídico nesse caso apresenta uma imagem caricatural e congelada do índio, baseado no protótipo do índio xinguano. Diante dessa situação pretende-se investigar os impasses entre antropologia a direito na dimensão do reconhecimento da identidade de terceiros. A intenção é ter um melhor entendimento da atual situação de acirramento dos dois campos na temática citada. Para isto será levada em consideração a dimensão contextual do caso específico (modelo proposto por Roberto Cardoso de Oliveira) e a partir de um caso específico de processo de demarcação. Será também aplicada uma análise de posicionamento e atores do campo jurídico por meio da operacionalização da ideia de rede social, de Barnes e Nadel.

-

COMISSÃO DA VERDADE, ESCRAVIDÃO E JUSTIÇA: ARTICULAÇÕES E CATEGORIAS

Márcia Leitão Pinheiro. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF; marcialpx@hotmail.com;

Em fevereiro de 2015, aconteceu a posse da Comissão da Verdade da Escravidão Negra (CVEN), criada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e relacionada ao tema dos direitos humanos. Ela dialoga com a perspectiva da Comissão da Verdade (CV), pois voltada à investigação das práticas, incluso as atividades de "terror", das crises que resultam e caracterizam a violência política exercida numa sociedade. A CVEN busca tecer uma "vérite historique" (Sandrine LeFranc, 2009) acerca da escravidão negra, bem como seus efeitos na atualidade, e, por fim, "responsabilizar" o Estado. Considerando como os atores sociais se articulam para compor e inscrever na sociedade brasileira suas demandas, o entendimento da construção da "verdade" pela CVEN está relacionada com dois pontos, que proponho discutir no âmbito do GT61, a saber: 1) como a comissão é construída, pois além de advogados, militantes do Movimento Negro, têm sido convidadas entidades civis de pesquisa e informação sobre as populações negras, associações voltadas ao tema das desigualdades e direitos de afro-brasileiros, abrangendo temas como território, gênero, juventudes, religião e educação; 2) a condução do cenário de investigação sobre a "verdade da escravidão negra" a fim de refletir como é elaborado e definido a partir da interação entre dispositivos globais, como, por exemplo, as categorias que possuem abrangência internacional e relacionadas ao âmbito da CV, e questões locais, haja vista a participação de organizações e associações que contribuem para a inserção de outras categorias.

Palavras-chave: comissão da verdade, escravidão, categorias, composição.

GT 61. DINÂMICAS RELIGIOSAS, FRONTEIRAS DO SAGRADO E

PROCESOS IDENTITÁRIOS

Coordenadores:

Profa. Dra. Ana Keila Mosca Pinezi (Universidade Federal do ABC)

Comentarista: Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi. Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). emilia.pietrafesa@gmail.com

Sesión 1: Processos Identitários e Dinâmicas religiosas

-

PROTESTANTES NA CATALUNHA: CATALÃES CRENTES NA ESPANHA E CRENTES IMIGRANTES EM BARCELONA

Vítor Hugo Adami. Pesquisador doutor do departamento de Antropologia da Universitat Rovira i Virgili – Universidad Publica de Tarragona – Espanha; vitorhugoadami@gmail.com

O objetivo desta comunicação é procurar realizar uma breve reflexão sobre identidades e alteridades constatadas em duas denominações protestantes na Catalunha. A primeira comunidade é formada, predominantemente, por fiéis catalães que procuram afirmar sua historicidade e catalanidade para sustentarem sua visibilidade e distinção diante das outras igrejas evangélicas espanholas. A segunda igreja protestante é uma sucursal norte americana composta por uma comunidade evangélica de imigrantes latinos americanos que buscam, acima de tudo, sua legitimidade como minoria religiosa em Barcelona. Para concluir, buscar-se-á analisar, a partir dos seus respectivos processos de transmissão e socialização religiosa, de que maneira são realizados os arranjos para coexistir em comum a identidade evangélica entre eles e, também, a alteridade de serem crentes catalães na Espanha e imigrantes crentes em Barcelona.

Palavras chaves: Protestantismo, identidade, alteridade.

EL FOCOLAR EXTENDIDO: TRANSITANDO LAS REDES DE LA MISIÓN RENOVADA

Dra. Agustina Adela Zaros. Universidad de Padova (UNIPD) Universidad de Buenos Aires (UBA); agostinazaros@gmail.com; agustinaadela.zaros@studenti.unipd.it

El texto se propone analizar la manera en que un movimiento eclesial produce modos de significación colectiva en la relación del sujeto con sus prácticas cotidianas y en los alcances de lo familiar, lo comunitario y lo global en la transmisión y continuidad de un grupo creyente.

El Movimiento de los Focolares surgió en Italia durante la posguerra y en la actualidad tiene presencia en 182 países, representa un grupo de activistas por la observancia de sus prácticas y participación al interior del catolicismo.

Asimismo, se analizan las Mariapolis, pequeñas ciudades del grupo religioso que representan una metáfora de territorialización, continuidad y proyección utópica de este movimiento.

Las dinámicas transnacionales del movimiento se evidencian en los tránsitos de personas, capitales y comunicaciones al interno de su estructura ramificada estableciéndose como una propuesta holística para sus miembros.

El trabajo ha sido abordado a través de la estrategia metodológica de la observación participante y las entrevistas con álbumes fotográficos y en profundidad.

La perspectiva analítica se refiere a la religión como memoria (Hervieu-Léger, 1993) en la reinterpretación de cada generación como un modo de continuidad entre el pasado y el presente, en la relación entre lo simbólico y sus prácticas; con los conflictos propios de cada generación en la socialización religiosa de una línea de creyentes.

Palabras claves: territorio, redes, religión, transnacionalización.

“VIRADA RADICAL”: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MUSICAIS DE CONVERSÃO DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM DE JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ

Amanda Priscila Souza e Silva. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; amandiita.st@gmail.com

Ruanna Gonçalves da Silva. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; ruannagoncalves@hotmail.com

O trabalho apresentado funda-se na articulação das temáticas musicais e religiosas, tendo como objetivo investigar a música inserida nas práticas de catequese da Comunidade Católica Shalom, em Juazeiro do Norte. Esta localidade, encontra-se num lócus de efervescência religiosa e cultural abundante de (res)significados, sobretudo na questão musical. A Shalom se apropria de gêneros musicais que consideram “mundanos”, atribuindo letras litúrgicas na música. Essa apropriação edifica um

panorama farto de tensões e disputas simbólicas, provocando notáveis maneiras de adaptação das práticas de catequização da comunidade, dirigindo questionamentos frente ao poder da música enquanto mediadora da relação entre o “sacro” e o “terreno”. Enfatizando a análise de um evento denominado “Virada Radical”, um retiro que reúne crianças, jovens e adultos adeptos e não adeptos (possíveis convertidos) da religiosidade propagada pela Shalom. Em termos metodológicos, a pesquisa se utilizou da etnografia musical e do estudo de percursos, dialogando com autores como Guerra (2008), Bourdieu (1974) e Berger (1985). Além de uma escrita que incorpora ao texto ilustrações que tentam recompor os caminhos percorridos pelos agentes e que neles exercem suas práticas, buscando pontuar os percursos musicais, assim como o contexto cultural e social no qual estão inseridos.

Palabras claves: Apropriação musical; Comunidades Novas; Comunidade Católica Shalom.

EVANGÉLICOS EM REGIÃO FRONTEIRIÇA: PROCESSOS IDENTITÁRIOS, DINÂMICA E FLUXOS RELIGIOSOS

Anaxsuell Fernando da Silva (UNILA). Doutor em Ciências Sociais (concentração em Antropologia Social). Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

Este trabalho se propõe discutir, por uma abordagem antropológica, o modo como os evangélicos têm se organizado e se mantido no cenário dinâmico e multiforme da região

conhecida como tríplice fronteira, um espaço de intenso fluxo religioso transnacional. Esta zona de intersecção entre três cidades: Ciudad del Este, no Paraguai, Puerto Iguazu, na Argentina e Foz do Iguazu, no Brasil. Por todos os lados, cerca de 400 mil habitantes compõem um campo religioso diversificado e complexo, cuja influência se manifesta pelas cidades próximas à fronteira. Estas inter-relações socioculturais se retroalimentam do fluxo intenso de bens materiais e simbólicos característico desta região. Uma das marcas deste campo de pesquisa é a ausência de trabalhos acadêmicos. Nossa perspectiva partirá do método etnográfico, próprio à Antropologia, para caracterizar as especificidades do protestantismo da/na região. Depois, configuraremos o contexto sócio-histórico de surgimento dos grupos religiosos, seus fluxos fronteiriços e a relação estabelecida com as práticas sociais vigentes. E, por fim, discutiremos a transnacionalização do discurso teológico pastoral destas comunidades; Com ênfase na tentativa de compreender a relação entre diversidade cultural e doutrinação religioso.

O METAL CRISTÃO: MÚSICA, RELIGIOSIDADE E PERFORMANCE

Patrícia Villar Branco. Mestre em Antropologia Social pela UFPR – Universidade

Este trabalho é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2009 e 2011, no mestrado em Antropologia Social. O estudo buscou analisar a vertente cristã do Heavy Metal - um gênero musical que, desde o seu surgimento, é popularmente rotulado como subversivo, demoníaco e rude – como um fenômeno estético, discursivo e performático. Uma adaptação discursiva que pode ser compreendida a partir de um determinado ponto na história do campo religioso protestante que trouxe, para a atualidade, configurações religiosas das quais antigos conceitos, noções e comportamentos, no que refere ao “viver e fazer a fé cristã”, são relativizados. O trabalho etnográfico foi realizado em uma comunidade religiosa reconhecida nacionalmente como “underground”, e, de acordo com seu líder, deve ser caracterizada como “Igreja Emergente”. A Comunidade Gólgota oferece a liberdade de cultuar e viver a fé que podemos entender como fruto de uma forma secularizada bastante adequada aos dias atuais: uma configuração que oferece flexibilidade na criação do “culto a Deus”, o que propicia fenômenos performáticos interessantes, como é o caso do louvor golgotano (considerado um verdadeiro *happening* religioso na cidade) e sua junção perfeitamente equilibrada entre o “sagrado” e o “profano”.

Palavras-chave: religião, música e juventude.

MIGRAÇÃO DE MULHERES DE ÁREAS RURAIS PARA ÁREAS METROPOLITANAS - RUPTURAS E CONTINUIDADES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO L

Ana Keila M. Pinezi,; Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal do ABC (UFABC) , Brasil, Coordenadora do GP IPLURES

Marilda A. Menezes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal do ABC (UFABC) , Brasil

Esse trabalho tem como objetivo analisar a experiência de mulheres migrantes pentecostais no que se refere às relações de gênero tanto na sua família de origem, especialmente na relação com os pais, como na relação com seus parceiros. Tomamos como estudo de caso mulheres que migraram de áreas rurais da região nordeste do Brasil para a região metropolitana de São Paulo e são membros da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, localizada em um bairro de concentração de nordestinos na fronteira entre São Caetano do Sul (na região do ABC paulista) e São Paulo. A situação das mulheres migrantes é configurada não apenas pela precariedade socioeconômica, mas também pelas relações de dominação e controle familiar. Na família camponesa, são, em geral, socializadas através do trabalho na agricultura e doméstico, têm a

expectativa de formação escolar até ensino médio e devem se tornar esposas e donas de casa. A decisão de migrar sozinhas, sem os pais ou maridos, significou, muitas vezes, a ruptura com laços familiares e também uma resignificação do papel de gênero. Embora perceba-se a dinâmica da identidade de gênero entre as mulheres migrantes pentecostais, em que há um empoderamento `relativo´ dessas mulheres por meio da inserção nas atividades religiosas e dos princípios pentecostais, há, ainda, o ideal de família tradicional com a manutenção do casamento, em que os homens devem também ter um compromisso moral com as mulheres, embora haja ainda a ideia de submissão feminina ao marido.

Palavras-chave: migrações; religião; gênero; identidades.

VIDA RELIGIOSA, GÊNERO E TRAJETÓRIAS DE VIDAS: UMA ETNOGRAFIA NO CONVENTO

Joyce Aparecida Pires. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
Graduação em Ciências Sociais

A presente pesquisa financiada pela FAPESP teve como tema as trajetórias de vidas das freiras do instituto conventual católico denominado “Pobres Filhas de São Caetano” de origem italiana (1884), localizado na cidade de Cândido Mota, SP, Brasil. Uma congregação canonicamente estabelecida, com sua sede localizada na cidade de Turim - IT e tradicionalmente dedicada à manutenção de obras de assistência social, de saúde e de educação; nos últimos anos ela vem se internacionalizando, formando institutos e casas de missões em outros países, como Togo, Equador e Brasil, são regiões de onde as jovens “vocacionadas” proveem atualmente. A revisão bibliográfica e a pesquisa empírica tiveram como fio condutor dois temas centrais: gênero e religião, elencados em conjunto com análises geracionais. A metodologia pautada na trajetória social de vida construída pelo indivíduo (BOURDIEU, 1996), ajudou a entender e comparar as escolhas, experiências e contextos sociais que levam as mulheres rumo à vida consagrada aos respectivos moldes tradicionais da instituição. O método utilizado em campo estabeleceu uma clara articulação entre biografia individual com o contexto histórico-social das freiras, no qual, as transformações sociais características das últimas décadas incidem sobre noções de autonomia e emancipação feminina. Foi possível verificar através do trabalho etnográfico e das análises da rede de complexas relações sociais, as temporalidades em que essas mulheres religiosas estão situadas e de onde vieram suas motivações pessoais e espirituais, como dados objetivos das estruturas e conjunturas sociais presentes em suas trajetórias de vidas.

Palavras-chave: Religião; Gênero; Freira; Trajetória de vida.

-
-

Sesión 2: Sensibilidades e Hierarquias Religiosas

A EVANGELIZAÇÃO DA CONJUGALIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL CATÓLICA EM CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA A VIDA MATRIMONIAL

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar. Doutorando. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (UFPA/Brasil); breno.alencar@ifpa.edu.br

O trabalho discute a relação entre religiosidade, casamento e identidade, tendo como campo de análise os cursos de preparação para a vida matrimonial, conhecidos no Brasil como "cursos de noivos" e considerados como uma "burocracia imposta pela Igreja" (PEREIRA, 2012) ou uma tentativa de interferência ideológica no cotidiano conjugal (SOUZA, 2002). Os resultados apresentados foram obtidos por meio de pesquisa etnográfica baseada na observação participante realizada junto à Pastoral Familiar pertencente à Paróquia da Santíssima Trindade localizada na cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Damos ênfase a estrutura social da Pastoral Familiar, às relações que o casal coordenador e seus membros mantêm com o pároco e as demais pastorais, bem como às visões de mundo sobre casamento, conjugalidade e família que constituem o imaginário paroquial. O objetivo foi analisar a relação entre a secularização dos rituais católicos e o imaginário paroquial buscando identificar a eficácia simbólica alcançada com a metodologia de evangelização por meio de palestras e testemunhos oferecidas ao longo do curso. Concluímos que os organizadores do curso recorrem a uma linguagem pedagógica que ao mesmo tempo tenta reaproximar os casais das atividades paroquiais como convertê-los a práticas consideradas moral e religiosamente ajustadas ao praticante do catolicismo.

Palavras-chave: Noivado; Catolicismo; Ritual; Identidade; Conjugalidade.

RITUAIS DE SOFRIMENTO, SENSIBILIDADES E PROCESSOS IDENTITÁRIOS NO OPUS DEI

Asher Brum. Doutorando em Ciências Sociais. UNICAMP. Bolsista FAPESP; asherbrum@gmail.com

O processo de formação da identidade no Opus Dei de perfil Brasileiro está fundamentado na concepção do sofrimento e martírio de Cristo. Para esses atores, todos os homens deveriam buscar voluntariamente o sofrimento para, desse modo, tomar parte no sofrimento redentor de Cristo na cruz. Em termos práticos, isso se dá por meio de um conjunto de práticas que chamo de rituais de sofrimento - práticas essas que têm por

intuito, não somente provocar sofrimento a si mesmo, tais como as práticas de mortificação corporal, mas, também, cerimônias que o celebram simbolicamente, tais como a Missa. Isso posto, o objetivo dessa comunicação é discutir como a tomada de parte nesses rituais pelos atores do Opus Dei relaciona-se com o cultivo de sensibilidades específicas e disposições incorporadas associadas à produção de uma identidade católica conflitante com outras no interior da Igreja. Mais especificamente, pretendo problematizar a relação conflituosa, ainda que não declarada, entre os primeiros membros do Opus Dei no Brasil e os membros da Ação Católica e, principalmente, da Teologia da Libertação, a partir da década de 1960. Minha hipótese é que essa tensão surgiu tendo por bases diferentes sensibilidades para o sofrimento que produziram identidades católicas antagônicas: uma que tinha por elemento central o sacrifício e o mantinha e presente por meio de práticas rituais, outra que combatia o sofrimento das classes populares através do envolvimento na política. Para essa discussão, utilizarei as narrativas dos primeiros membros e de ex-membros do Opus Dei coletadas durante minha pesquisa de campo em São Paulo, além de dados etnográficos que tem sido coletados desde 2011.

PALAVRAS-CHAVE: Opus Dei; rituais de sofrimento; sensibilidades; identidades católicas.

TRADICIÓN, RITUAL Y JERARQUÍA: UN ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE LA FRATERNIDAD SACERDOTAL SAN PIO X Y LOS HERMANOS LIBES EN EL ENTRAMADO DEL CAMPO RELIGIOSO ARGENTINO

Mariana Espinosa. CONICET/UNC; marianaestherespinosa@gmail.com

María Bargo. UNSAM/IDAES; merytoflins@hotmail.com

La presente ponencia busca situar en sus homologías y diferencias el marco de relaciones específicas que componen dos comunidades cristianas, una católica y otra evangélica de la Argentina. La comunidad católica se denomina Fraternidad Sacerdotal San Pio X y la denominación evangélica es conocida como Hermanos Libres. Desde génesis y estructuras paralelas, ambos grupos presentan equivalencias al momento de afirmar una posición en el campo religioso contemporáneo: La apelación a la autoridad de la tradición en los discursos de los especialistas; acciones orientadas a la sacralización de determinados rituales; y una política para la administración del cuerpo componen un repertorio de representaciones y prácticas que se oponen a un contexto de creciente diversificación y visibilización de alternativas religiosas. El ejercicio comparativo permite ir más allá de la comprensión de las relaciones de los campos religiosos concretos (católico y evangélico) y orientar la mirada hacia los procesos sociales y las formas estructurales que balizan las prácticas religiosas. En este sentido, postulamos que el peculiar ejercicio de construcción de una tradición en estos casos

debe comprenderse en relación a las encrucijadas de la reproducción social de una particular camada social y como nueva forma de jerarquización en el espacio social.

Palabra claves: Tradición; identidad; católicos; evangélicos; Argentina

CATOLICISMO CONSERVADOR: PROXIMIDADES INCONFESSAS

Sabrina Testa. Doutoranda PPGAS/UFSC; sabritesta@yahoo.com.ar

A proposta deste trabalho é analisar a constituição de fronteiras identitárias (BARTH, 1976) por parte de um movimento católico conservador localizado numa cidade do sul do Brasil. O grupo em questão constitui um movimento eclesial e como tal se orienta aos setores médios instruídos dos centros urbanos (SONEIRA 2002, 2007), apresenta, contudo, a peculiaridade de uma proposta de fé de caráter congregacional e racionalista. Conforme isto, o grupo procura traçar suas fronteiras respeito do catolicismo de massas, por um lado, e respeito dos diversos grupos carismáticos, por outro, bem como procura se contrapor a grupos ateístas e setores arreligiosos. Em todos os casos, o movimento traça suas fronteiras apelando ao compromisso com a comunidade e a uma concepção da fé racional e racionalizada. Ora, a pesquisa mostrou que uma configuração semelhante é correlata de uma aproximação não explícita com o protestantismo de corte histórico (WEBER, 2003; TROELTSCH, 1987) e com diversos grupos evangélicos de tendência igualmente racionalista (FERNANDES, 1982; RODRIGUES BRANDÃO, 1980). Esta aproximação se faz evidente na importância outorgada à fé subjetiva perante o sacramento e na importância dada à doutrina perante a emoção, no minimalismo litúrgico, na intensidade da vida comunitária entendida como amizade e na cristianização da existência motivada pelo exercício ativo de uma atitude reflexiva no dia a dia. A não explicitação destas semelhanças chama a atenção para a necessidade de estudos transdenominacionais e comparativos, bem como coloca a pergunta pelos modos concretos pelos quais o chamado catolicismo conservador se inscreve no campo religioso.

Palavras chave: catolicismo, conservador, protestantismo, congregacional, racionalista

-

-

Sesión 3: Sociabilidades, conflitos e espaço público

FESTAS PÚBLICAS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA FRENTE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.

Ivete Miranda Previtalli. Doutora em Antropologia pelo programa em Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC- SP. Autora do livro *Candomblé: agora é angola*. Editora Annablume, PETROBRÁS. São Paulo, 2008. Docente da FV-UNIESP. Pesquisadora do GP IPLURES, UFABC; ivete.previtalli@gmail.com

Este trabalho parte da observação de duas festas públicas do candomblé, a Lavagem da Catedral Metropolitana de Campinas e a Lavagem da Capela de Nossa Senhora Aparecida em Carapicuíba, e como se dá as relações dos adeptos com a Igreja Católica e as igrejas neopentecostais. Quando os rituais e as manifestações religiosas afro-brasileiras saem da esfera privada e são realizadas em lugares públicos, seus adeptos ficam expostos e são alvo de preconceitos e ataques.

Característica da formação de identidades de povos que foram separados para sempre da sua terra natal, os africanos que vieram para o Brasil, ao atravessarem e intersectarem as fronteiras naturais, reinterpretaram os elementos católicos numa cosmovisão afro-brasileira. Mesmo com a presença desses símbolos a relação com o catolicismo não se dá de maneira fácil. Além disso, observa-se que devido ao acirramento, nas últimas décadas, dos ataques das igrejas neopentecostais às religiões afro-brasileiras, as cerimônias religiosas públicas afro-brasileiras expõe seus adeptos a diversos tipos de ofensivas, desde a distribuição de panfletos aos participantes, sermões proselitistas, ofensas verbais até a tentativa de interrupção à força dos ritos.

No entanto, o momento histórico marca a necessidade das religiões afro-brasileiras de criar estratégias de sobrevivência frente às condições adversas. Assim, podemos pensar que a iniciativa de colocar o candomblé nas ruas, pode ser traduzida como uma atitude de resistência às perseguições que sofreu e que vem sofrendo desde seus primórdios. A visibilidade que o evento proporciona às religiões e à cultura afro-brasileiras, é uma forma de se posicionar politicamente perante as instituições e a sociedade.

Palavras Chaves: Religiões afro-brasileiras, intolerância religiosa, identidade, hibridações, conflitos.

-

CRIANÇAS CANDOMBLECISTAS: CONFLITOS E REFORÇOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA INFANTIL

JORGE, Érica. Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa Identidades Plurais e Representações Simbólicas (UFABC/CNPQ); ericafcj@gmail.com

PINEZI, Ana Keila. Docente do Programa de Ciências Humanas e Sociais da UFABC. Pesquisadora coordenadora responsável pelo Grupo de Pesquisa IPLURES; ana.pinezi@ufabc.edu.br

A proposta deste trabalho é discutir a importância do candomblé para a construção identitária de crianças que fazem parte deste universo religioso. Partindo da ideia de que a religião está amparada em um corpo doutrinário e que o mesmo se reflete em símbolos, imagens e discursos, pretende-se analisar a importância desse conjunto de mitos, ritos e práticas para a construção identitária de crianças adeptas do candomblé jeje-nagô. A escolha pelo grupo infantil deve-se ao fato de o mesmo evidenciar os conflitos e tensões entre o mundo religioso e várias outras esferas da vida social que sofrem influência de outras racionalidades como a lógica de consumo e a competição infantil na escola. Nas sociedades complexas o indivíduo compõe sua individualidade a partir de várias identidades sendo a religião apenas uma delas. De todo modo, para o desenvolvimento infantil e, na medida da vinculação dos pais e responsáveis, a religião pode ter uma grande centralidade estabelecendo um estilo de vida bastante peculiar o qual incide, diretamente, na construção da identidade infantil. Pretende-se, portanto, a partir de uma abordagem qualitativa abordar essas questões à luz da teoria antropológica.

Palavras-chave: crianças – identidade – candomblé

-

-

PRÁCTICAS RITUALES, PERFORMANCES Y DRAMAS SOCIALES EN EL CENTRO ESPIRITUAL UMBANDISTA JUREMA OGUM DE LA CIUDAD DE MONTEVIDEO

Lic. Valentín Magnone (DAS-FHCE-UDELAR; DCHS-FIC-UDELAR); valentinmagnone@gmail.com; vmagnone@fhuce.edu.uy; valentin.magnone@fic.edu.uy

En este trabajo se buscará comprender los dramas sociales presentes en las performances y prácticas rituales umbandistas, a través del análisis etnográfico del Centro Espiritual Umbandista Jurema Ogum.

Estas performances y prácticas rituales serán entendidas como metáforas que dialogan con diferentes dimensiones de la sociedad montevideana, tales como las relaciones de clase y de género. A su vez la Umbanda se concebirá como una forma de religiosidad cuyo elemento central reside en el ritual de posesión, donde el médium incorpora a

diferentes entidades espirituales. Por otra parte, las creencias religiosas afroumbandistas serán caracterizadas por su codificación flexible, que permite una amplia libertad en la ejecución ritual.

De esta manera, las diferentes entidades umbandistas a pesar de que respetan su codificación original realizada en Brasil, colocan en juego diferentes problemáticas propias del contexto montevidеоano. El caboclo y preto-velho, que en su contexto brasileño expresan los dilemas de las poblaciones indígenas y afrodescendientes en la sociedad urbana e industrial, pueden escenificar en este caso la vida cotidiana del trabajador urbano, quien debe permanecer fuerte y sereno frente a las adversidades socio-económicas. Por su parte el exu y la pombagira expresan el poder de los “márgenes”, el malandro que transgrede los límites impuestos por la sociedad, y la “mujer de mundo” que cuestiona el orden sexual dominante.

A través de estos análisis se intentará comprender la fuerza de estas performances y prácticas rituales, que generan un importante dinamismo de la religión afroumbandista en la ciudad de Montevideo.

Palabras clave: Umbanda, Performances, Prácticas rituales, Dramas Sociales, Montevideo.

-
-

CRÔNICAS DA MORTE REVIVIDA NA LUTA: UMA ETNOGRAFIA DA ROMARIA DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA EM RIBEIRÃO CASCALHEIRA-MT, BRASIL

Edimilson Rodrigues de Souza. Doutorando em Antropologia Social (PPGAS-UNICAMP); edimilsonrondon@gmail.com

O foco de análise deste estudo são os rituais de sacralização de lideranças populares, assassinadas em áreas de intenso conflito fundiário no Brasil e o processo de transformação dessas lideranças em *mártires da terra*. A Romaria dos Mártires da Caminhada, que fundamentará esta incursão analítica, aconteceu entre os dias 16 e 17 de julho de 2011, em Ribeirão Cascalheira-MT. Nesta localidade foi assassinado, em 11 de outubro de 1976, o padre João Bosco Penido Burnier, sua morte revela-se como marco na fabricação da ideia de martírio pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Ao rememorar lideranças assassinadas violentamente em zonas de intenso conflito fundiário, esses grupos e movimentos sociais fabricam o martírio de líderes mortos, através dos atos de ritualização e sacralização. Um dos aspectos fundantes da Romaria dos Mártires da Caminhada é a ideia de continuidade da luta, para tanto, recorre-se a modalidades de santificação e sacralização, a partir das quais emergem as experiências de luta pela terra de povos indígenas e camponeses no Brasil. O rito possibilita a produção de sentimentos que unem esses grupos em torno de um elemento comum: suas lideranças violentamente assassinadas. Nessa direção, os relatos sobre a morte e vida

dos líderes são transformados em narrativas do martírio.

Palavras-chave: sacralização, mártir da terra, romaria, narrativas.

FORMAS (DES)CONSAGRADAS: A MORTE POSTA A NU

Michelangelo Giampaoli. Grupo de Pesquisa CNPq NAIP – UNESP (Campus de Araraquara). Grupo de Pesquisa CNPq IPLURES – Universidade Federal do ABC (UFABC)

Se a morte é o mais transgressivo dos acontecimentos – trans-gredi, do latim ir além de, atravessar – não é surpreendente que alguns de seus lugares privilegiados, os cemitérios, sejam espaços em que sua representação ultrapasse os cânones estéticos e morais, estabelecidos por quem, querendo explicá-la, muitas vezes pretende guiar a vida dos homens: as religiões e seus representantes oficiais. Por meio de uma etnografia conduzida nos três principais cemitérios históricos de São Paulo – do Araçá, da Consolação e o São Paulo – iremos analisar a mensagem estética, simbólica e erótica

veiculada por algumas das principais esculturas ali expostas. Modelos clássicos que emanam uma mensagem ultra-moderna não somente em relação à época em que foram concebidas, como também ao tempo presente. O desafio em responder à necessidade do luto e da morte (Thanatos) por meio das formas e das palavras do amor (Eros).

Palavras-chave: Cemitério; Eros; Religião; Escultura funerária; São Paulo.

CAVEIRA: IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE MEXICANA

Syntia Alves. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Docente pela FIAM-FAAM e Belas Artes, e pesquisadora do Iplures (UFABC) e Neamp (PUC-SP); syntiaalves@yahoo.com.br

A caveira é tema de um importante evento que acontece há vinte anos na cidade mexicana de Aguascalientes, o “Festival das Caveiras”. Haver um festival de caveiras, para a maioria das culturas ocidentais, pode parecer algo macabro, mas no caso

mexicano é apenas o reflexo de uma cultura que associa a caveira não apenas à morte, mas também à vida, festa e arte. Levando-se em consideração o fato do México apresentar uma história de colonização europeia e cristianização semelhante aos demais países latino-americanos, cabe-nos perguntar o que há na cultura e religião mexicana que tornam este país tão singular em sua identidade e importante símbolo: a caveira.

Assim, o presente resumo se propõe apresentar resultados parciais da pesquisa em andamento sobre a caveira, elemento fundamental da cultura mexicana em âmbito nacional e internacional, no âmbito religioso — em especial nas expressões de religiosidade popular, como no caso do culto à Santa Morte — e nas expressões artísticas do país. A partir de dados bibliográficos e de campo, a ideia é refletir sobre as relações entre morte e vida — presentes na Festa dos Mortos —, religião, arte e identidade mexicanas que se constroem em torno da imagem da caveira.

Palavras-chave: caveiras mexicanas; morte; tradições pré-colombianas; México.

Sesión 4: Dissolução de Fronteiras espaciais e simbólicas do sagrado

-

QUANDO OS OBJETOS REVELAM O SAGRADO: AS DINÂMICAS RELIGIOSAS E IDENTITÁRIAS EM UM MUSEU CARIOCA

Andréa Lúcia da Silva de Paiva. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da UFF/Campos dos Goytacazes. Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFRJ. Mestre em Memória Social e Documento (MMSD) pela UNIRIO, bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela UFRJ; andrealpaiva@gmail.com

Localizado no centro do Rio de Janeiro, no segundo andar de uma igreja setecentista encontra-se o Museu do Negro. Trata-se de *museu devoção* onde seus objetos se personificam, se deslocam e se transformam em objetos de culto.

A categoria de *museu-devoção* é construída pelas próprias ações dos fiéis enquanto espaço de trocas simbólicas entre os indivíduos e seus objetos. É nesse museu que podemos identificar tensões e confrontos entre os diversos modelos de articulação da identidade social e religiosa dos negros, simbolicamente articuladas por objetos

materiais e práticas rituais.

Dentre os diversos objetos materiais expostos nos espaços dessa igreja católica e que operam dimensões simbólicas encontramos a opa e a murça, vestimentas usadas por uma irmandade negra. Estas vestes compõem enquanto objetos aquilo que os devotos acreditam ser algo sagrado, a sua identidade de fiel. Nesse sentido, esses objetos revelam ao campo de investigação sobre os rituais alguns parâmetros como a demarcação ritual de como um indivíduo se torna “irmão”, membro da irmandade, e as mediações simbólicas presentes neste ritual e que operam diversas categorias: o mundo dos mortos e dos vivos; do catolicismo e os cultos afro-brasileiros; acusações e segredos; vivos e mortos; passado e presente; céu e terra; sujeitos e objetos; monarquia e movimento negro; o sagrado e o profano; e “povo” e “irmão”. O objetivo central deste trabalho é descrever estas análises observadas *no* campo diante de uma perspectiva antropológica a fim de problematizar e contribuir para os estudos sobre objetos, identidade e religiosidade.

Palavras-chave: objetos- religião-identidade-irmandade negra-museu.

REVISTA *VIDA E SAÚDE*: REPRESENTAÇÃO E PRÁTICA RELIGIOSA SOBRE CORPO E A SAÚDE

Carla Figueiredo Marinho Saldanha. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Pará – UFPA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Pará; marinho_carla@ig.com.br

Leila Cristina Ferreira Leite. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Pará – UFPA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Pará. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Pará – UFPA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Pará; leilaleiteferreira@hotmail.com

A revista *Vida e Saúde* publicada pela Editora Casa Publicadora Brasileira (CPB), pertence à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mesmo não fazendo referência direta à instituição religiosa, tem seus artigos pautados na concepção da igreja sobre o corpo e a saúde, que são reforçados pelo discurso médico. As temáticas que são publicadas estão diretamente relacionadas ao princípio doutrinário de “conduta cristã”, uma das doutrinas fundamentais da igreja. Neste trabalho as edições da revista correspondentes ao período de um ano foram catalogadas, classificadas, analisadas e interpretadas numa perspectiva sócio antropológica. O olhar antropológico possibilitou identificar princípios da ‘modéstia cristã’ que são pregados na igreja, tornando possível pensar as “representações e práticas”, que estão atreladas a valores culturais, morais e no caso deste trabalho ao religioso, pois a concepção de saúde defendida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia pode ser entendida como “capital religioso”, uma vez que as

modificações nas práticas e representações dos fiéis ocorrem através do inculcamento processual de um “habito religioso”, que neste caso está relacionado com a saúde.

Palavra-chave: Revista Vida e Saúde, saúde, corpo.

QUANDO DEUS ENTRA EM CAMPO: FUTEBOL FEMININO E AS RELIGIOSIDADES FUTEBOLÍSTICAS

Leandro Durazzo. Professor no Departamento de Antropologia da UFRN; - leandrodurazzo@gmail.com

Mariane S. Pisani. Doutoranda do PPGAS/USP; marianepisani@gmail.com

Durante o trabalho de campo, desenvolvido de agosto de 2013 a agosto de 2014, junto à equipe de futebol feminino paulistana Guerreiras Futebol Clube (GFC), notou-se certa centralidade da religião e da religiosidade entre atletas e comissão técnica. Rodas de oração, rezas coletivas, agradecimentos de gols a Deus, jogadoras lendo e citando passagens da bíblia umas para as outras eram situações bastante comuns e corriqueiras. Antes dos treinos, jogos e amistosos elas juntavam-se em roda, ali, abraçadas, rezavam juntas um Pai Nosso e uma Ave Maria. Porém, diferente de como se reza do jeito cristão – em um tom de voz ameno, calmo, quase que monótono – elas rezavam como se entoassem um grito de guerra: alto, forte, poderoso, ritmado.

Apontaremos algumas relações que tais práticas, dentro de um contexto esportivo, estabelecem com certa tradição já longamente consolidada, sobretudo a partir do advento do cristianismo e do reforço de uma “ética de superação”. Essa tradição, cosmovisão baseada na aliança de uma comunidade/povo eleito com seu Deus criador e guia, ganha ainda mais ênfase em séculos recentes, a partir da retomada de uma visão teísta de mundo, da configuração de ideologias evangélicas diretamente embasadas sobre a relação de troca e salvação/redenção por parte de Deus - ou, para o que aqui nos interessa, também de sua parte-feita-carne, Jesus. Tentaremos articular, assim, perspectivas teóricas das ciências das religiões e da teologia com o que pudemos, por força de nossa experiência etnográfica, observar em campo: como Deus e Cristo, juntos do GFC, participam diretamente das partidas de futebol.

Palavras-chave: futebol feminino; religiosidades; esportes.

TEMPLOS RELIGIOSOS E SEUS DIREITOS NO BRASIL: REGIMES DE IDENTIFICAÇÃO NA PRÁTICA E DINÂMICAS DE DEMARCAÇÃO DO SAGRADO NO ESPAÇO PÚBLICO

Jorge Scola (PPGAS/UFRGS); jhsgomes@gmail.com

Mônica Backes Kerber (PPGAS/UFRGS); kerber.monica@gmail.com

Reconhecer edificações como “templos religiosos” em contextos pluralistas e democráticos, certificados pelo Estado como interessado na defesa da “liberdade religiosa”, produz consequências. Sob a égide da liberdade religiosa, se garantiu na Constituição de 1988 a imunidade tributária para “templos de qualquer culto” (Leite, 2014). Apesar da referência generalizante aos templos, a matriz de referência para as relações entre Estado e religião no Brasil foi o catolicismo (Montero, 2006). Assim, esta denominação fortaleceu-se de “direitos religiosos” para templos, incluindo a dimensão patrimonial partindo da identificação com o próprio Estado-Nação. Tal característica é evidenciada por políticas de preservação patrimonial desenvolvidas pelo Estado cuja ênfase na materialidade reforça uma concepção que destaca o catolicismo e outras religiões cristãs (Cavalcante, 2007).

A entrada de religiosos na política institucional (Freston, 1992) produziu outra acepção da liberdade religiosa. Percebeu-se nas últimas décadas uma produção de leis acerca de direitos para templos religiosos e tais garantias legais se dão sem previsão de denominações. Concomitantemente, cresce o movimento por demandas de patrimonialização de representações vinculadas a grupos religiosos minoritários, entre eles os afro-religiosos (Velho, 2006; UNESCO, 2014; Giumbelli, 2014).

O que queremos discutir é que os direitos religiosos vinculados aos bens identificados como templos assim como patrimônio apontam para uma relação do Estado para com o sagrado (Koptoff, 2009; Durkheim, 2010). Nossa intenção é entender as formas de construção e identificação de edificações religiosas como templos partindo de alguns estudos de caso bem como compreender quais “direitos” são acionados pelas diferentes vias de acesso a tal reconhecimento.

Palavras-chave: religião, sagrado, patrimônio religioso, templos, liberdade religiosa.

OS PRAZERES DO BALNEÁRIO, SOB AS BÊNÇÃOS DE YEMANJÁ: RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E ESPAÇO PÚBLICO EM PELOTAS (RS)

Isabel Soares Campos. Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Antropologia;
isabelsoaresc@gmail.com

Rosane Aparecida Rubert. Universidade Federal de Pelotas. Profa. Mestrado em

O texto abordará as polêmicas envolvendo a realização de uma manifestação religiosa afro-brasileira, que ocorre no dia 2 de fevereiro há mais de cinquenta anos no Balneário Nossa Senhora dos Prazeres, localizado na cidade de Pelotas (RS): a Festa de Iemanjá. No entanto, há alguns anos surgiram diferentes formas de regramento da orla deste balneário, popularmente conhecido como Barro Duro, em razão de uma maior preocupação, por parte do poder público local, com a situação ambiental do mesmo, sendo este transformado recentemente em Área de Preservação Permanente (APP). A partir desta problemática ambiental, a Festa passou a sofrer diversas formas de regramento e condicionamento para a sua realização, o que acarretou uma série de negociações e embates entre os organizadores do evento (comunidade religiosa, Federação Sul-Riograndense de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros, representantes do poder legislativo local e secretarias da Prefeitura), representantes do poder executivo, operadores jurídicos e ambientalistas. Partindo-se de uma etnografia multissituada, aborda-se esta manifestação religiosa a partir da perspectiva de distintos atores sociais, situados em diferentes arenas, suas aproximações e conflitos. A configuração do campo etnográfico também possibilitou perceber a estreita relação entre entidades representativas da umbanda e do batuque e a arena política pelotense em relação ao evento. A Festa configura-se como um evento emblemático de um contexto local marcado pela intolerância religiosa em relação às religiões de matriz africana, a qual culminou, no ano de 2015, com o incêndio da Gruta de Iemanjá e respectiva imagem da divindade, localizada na orla do balneário.

Palavras chaves: religiões afro-brasileiras; conflitos socioambientais, intolerância religiosa; religião e espaço público.

Sesión 5: Memória, Rituais e Religiosidade Popular

ACALMANDO OS ESPÍRITOS DA FLORESTA: CRENÇA E RITUAL NO INTERIOR DA AMAZÔNIA

Marcos Flávio Portela Veras. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. LEPAPIS/PPGAS/UFAM; flavio.mara@gmail.com

Com o propósito de propor caminhos de compreensão da religiosidade amazônica, analiso nesta comunicação uma manifestação religiosa indígena de um grupo que se identifica como Baré e que remete a um longo processo histórico de formação dos

grupos sociais que habitam esta região, onde houve trocas, misturas, mudanças, transformações. A situação analisada por meio de uma abordagem etnográfica ocorreu no ano de 2009 no rio Cuieiras, margem esquerda do baixo rio Negro, zona rural do município de Manaus, Amazonas. Na construção deste texto apresento um breve relato desta experiência que fornece elementos de reflexão, um breve relato do histórico de configuração religiosa no Brasil, enfocando especialmente a Amazônia, bem como alguns aportes teóricos sobre a temática que se aplicam ao caso etnográfico fazendo considerações sobre crença e ritual dos grupos amazônicos. Com isso pretendo pensar formas de crenças que nem sempre seguem rigidamente os moldes religiosos conhecidos e que se constituem formulações identitárias produzidas em contextos etnográficos específicos.

Palavras-chave: Crenças; Amazônia; Ritual; Identidade.

PARA LÁ E DE VOLTA A ALLAH: IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE ENTRE MUÇULMANOS SUNITAS NO NORDESTE DO BRASIL

Vanessa Karla Mota de Souza Lima. Aluna do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB);
vkmota@hotmail.com.

Dra. Maria Patrícia Lopes Goldfarb. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB);
patriciagoldfarb@yahoo.com.br,

Na trilha de Magnani (2009) e na busca por desenvolver um olhar “de perto e de dentro”, nossa pesquisa etnográfica desenvolveu-se no ambiente citadino, caracterizando a comunidade muçulmana em João Pessoa, no nordeste do Brasil, como resultado do fenômeno de ressurgimento e migração da fé, próprias da pós-modernidade vivenciada nos centros urbanos.

Destacamos que o islamismo é uma religião que se propõe ser *acontextual*, heterogênea (GEERTZ, 2004) e, portanto, compreendemos o universo islâmico como diverso e complexo (RAMOS, 2003, p.13; BARBOSA-FERREIRA, 2007, p. 21).

O objetivo é demonstrar como brasileiros *revertidos* ao islamismo se percebem, sobretudo, enquanto muçulmanos? Como se dá a construção da identidade religiosa destes sujeitos, ante a dogmática e práticas de uma religião de princípios rígidos e fortemente marcada por sinais diacríticos, aparentemente externos à cultura latina?

Como essa nova forma de ser, de pensar, de se entender enquanto um sujeito que pensa, age, se comunica e crê, é construída a partir da adesão do fiel as doutrinas performáticas e ideológicas do se fazer muçulmano; e ao mesmo tempo como velhas questões que fomentam a ideologia religiosa e as práticas cotidianas do islamismo se mantêm a partir de experiências em um país da América-Latina? Como o fiel se propõe a enxergar sua realidade de modo diverso dos seus pares? Como essa nova identidade é expressa na sua

vida cotidiana? (BARBOSA-FERREIRA, 2007).

Entendeu-se que a construção da identidade se dá a partir da assimilação do discurso da religião, bem como na ortopáxis da sua vida.

Palavras-chaves: identidade; Sagrado; Islamismo; Antropologia.

Divina performance: O menino Imperador DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM SALVADOR/BA

Viviane Paraguaçu Nunes. Programa de pós-graduação multidisciplinar em Cultura e Sociedade (POSCULT) UFBA (Universidade Federal da Bahia);
viviane.nunes1@educacao.ba.gov.br / vivianeparaguacu.tvat@gmail.com

A tradicional festa do Divino Espírito Santo na cidade do Salvador acontece há mais de dois séculos e tem como personagem principal um menino, que durante a sua performance Imperial realiza a libertação de preso (s) do sistema penitenciário da Bahia. Estes festejos são organizados e mantidos por uma Irmandade pertencente a Igreja Católica, no entanto, podemos inferir que eles também compõem uma fronteira entre a Arte e o Sagrado, entre a “performance” do menino Imperador e a “fé” no Divino. Reflexões acerca da dinâmica religiosa destes festejos, as formas como eles se alimentam e são alimentados pela comunidade religiosa e não religiosa (assistência), bem como, os seus processos identitários na contemporaneidade, farão parte desse estudo multidisciplinar. Neste sentido, este texto, tem por objetivo analisar os elementos estéticos e religiosos, a tênue fronteira entre religião e arte. Inscrevendo-se também, nos estudos da teoria da performance.

Este artigo constitui-se como um recorte da pesquisa de mestrado ainda em andamento.

Palavras-chave: Divino, performance, fronteira, religião, contemporaneidade.

-

MEMORIA VIVA: “LA TRAGEDIA - MILAGRO DE LOS ANDES” EN UNA ENTOGRAFÍA DEL GRUPO DE SEGUIDRES “RE-VIVEN!”

Shalako Scotto Walker, Universidad de La República, Antropología social, sh414ko@gmail.com. Tutor: Prof. Agr. Dr. L. Nicolás Guigou, Universidad de La República, Director del Departamento de Antropología Social; lelio.guigou@gmail.com

Este trabajo presenta el adelanto de mi etnografía sobre el grupo de seguidores denominado “Re-Viven. La tragedia de los Andes-El Milagro de los Andes”. En el

mismo indago el proceso que hace posible las reconfiguraciones de sentido de los relatos y memorias del accidente ocurrido en los Andes en el año 1972 protagonizado por jóvenes uruguayos provenientes del colegio católico Stella Maris. Se procuró un abordaje antropológico-hermenéutico que permita aunar las disyuntivas entre “relato” y “vida”, que parecen alejar el relato de la vida en tanto que vivida y confina el relato en el campo de la ficción (Ricoeur, 1984). De esta forma es posible comprender cómo la historia ha ayudado, -a quienes se identifican con ella-, a lograr superar “sus propias cordilleras”. Además exploró el tratamiento del “Milagro de los Andes” como un mito nacional (e internacional), aunque esto definitivamente no signifique reificar La Historia de los Andes como un “mito en sí”, sino en este caso en relación con la “cultura uruguaya” en su devenir histórico de representaciones emblemáticas y mitos en permanente actualización y reactualización que hacen posible la particular mito-praxis Uruguay de “nación laica” (Guigou, 2000). Con respecto al abordaje empírico, se participó en las prácticas del grupo, en su relación con los lugares de Memoria relevantes, como la “peregrinación” al lugar del accidente en la cordillera de los Andes, en donde aparecen relaciones de sentido entre el mundo humano y no-humano.

Palabras Clave: Mito/ Religiosidad/ Memoria/ Identidades/ Narrativas.

RELIGIOSIDAD POPULAR E IDENTIDAD CULTURAL EN EL NORTE GRANDE DE CHILE: BARRIOS Y BAILES RELIGIOSOS.

Dr. Bernardo Guerrero Jiménez. Sociólogo. Profesor Titular Universidad Arturo Prat. Iquique, Chile; bernardo.guerrero@gmail.com

Afirmamos la idea de que la religiosidad popular en el Norte Grande de Chile, opera como un dispositivo que produce identidad cultural, a través de los bailes religiosos que año a año, peregrinan a los santuarios de La Tirana, San Lorenzo, Las Peñas y Ayquina.

Estas cofradías religiosas, afirman una identidad cultural sostenida en el cuerpo, a través del lenguaje del bailar y del cantar. Asumiendo la identidad de un Otro, como chunchos, cuyacas, pieles rojas, sambos, morenos, chinos, entre otros, actualizan una discursividad en la que lo andino, es su sustentación. La base territorial de los bailes es el barrio. Allí, y desde las familias se desarrolla una sociabilidad que transcurre durante todo el año.

Esta identidad andina, coexiste con la nacional chilena, en tanto, el Norte Grande, desde fines del siglo XIX, fue sometido a un fuerte proceso de chilenización, movilizado, entre otros, por la escuela nacional. La idea era civilizar tierras "paganas". El habitante de este parte de Chile, fue visto como indio, con toda la carga peyorativa, que eso

implica. Los bailes religiosos representaron para las elites nacionales esa idea/prejuicio.

Durante todo el siglo XX, los bailes religiosos, en alianza con la iglesia católica, desarrollaron estrategias para mostrar que eran chilenos, a través del uso de emblemas en sus trajes y estandartes. En esta ponencia, discutimos la utilización de esos recursos. Nos ponemos en la perspectiva de la interseccionalidad para ver como los andino se mezcla con lo nacional.

CULTURAS POPULARES E RELIGIOSIDADES AFROBRASILEIRAS EM CIRCULAÇÃO NO MARACATU DE BAQUE SOLTO DE PERNAMBUCO, BRASIL

José Roberto Feitosa de Sena. Mestre em Ciências das Religiões (UFPB). Doutorando em Sociologia (UFPB); joserobertosena86@gmail.com

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves. Pós-doutorado em Antropologia (USP). Doutor em Sociologia (UNESP) Docente do PPGS (UFPB); giboaes@gmail.com

O Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural é uma manifestação de cultura popular do Estado de Pernambuco, Brasil, que em suas apresentações carnavalescas percebem-se moventes circularidades entre cultura popular e religiosidades marcadas por polifonias religiosas que entrelaçam rituais diversos do campo religioso brasileiro. Estes ritos são permeados de símbolos e significados formados pelo processo contínuo de hibridismos e interconexões culturais. Os processos de inserção estratégica na modernidade no intuito de galgar reconhecimento, aliado ao resistente e dinâmico universo religioso que povoa o *ethos* comunitário, resultam em reinvenções de práticas religiosas e reafirmações de identidade cultural/religiosa. Longe de separadas, as categorias dicotômicas clássicas sagrado e profano, no maracatu pernambucano, são dialogáveis, entrelaçadas, e, em muitos aspectos, indissociáveis.

Interpretando parte do universo simbólico da agremiação cultural supracitada, a presente pesquisa, visa refletir sobre as relações interdependentes e circulares entre festas populares, religiosidades plurais e espetáculo cultural, trazendo à baila a realidade desses grupos de cultura popular e comunidades devocionais como mote para o debate sobre fenômenos culturais e religiosos marcados por relações porosas, múltiplas e circulares, envoltos entrelaçadamente, mas não passivamente, na espetacularização cultural da contemporaneidade.

Palavras-chave: Maracatu de baque solto; cultura popular; religiosidade popular.

GT 62. FORMAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS: GÊNERO E SEXUALIDADES

Coordenadores:

Elisete Schwade. Doutora em Antropologia Social. Professora Associada do Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRN.

Carmen Gregorio Gil. Doctora en Antropología Social. Profesora Titular. Departamento Antropología Social. Universidad de Granada; carmengg@ugr.es

1ª. Sessão:

DIÁLOGOS ENTRE ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO EM CURSOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFPE, PE

Marion Teodosio de Quadros. FAGES/DAM/UFPE; marionteodosio@yahoo.com

Embora seja tímido o trabalho sistemático na interface entre Antropologia e Educação nos PPGs de Antropologia no Brasil, a educação tem sido considerada como um dos campos para trabalho interdisciplinar, que subsidia políticas públicas, segundo o documento da área de Antropologia (ABA, 2010). Este trabalho está circunscrito a minha experiência com 3 cursos de Formação Continuada em Gênero e Diversidade para Professores da Educação Básica e quase 10 anos de trabalho com as disciplinas “Antropologia da Educação”, no Curso de Pedagogia e “ Antropologia e Educação”, na Licenciatura em Ciências Sociais e no PPGA UFPE, focando a Licenciatura e utilizando as demais disciplinas como termos comparativos, a partir do campo da Antropologia. Está dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada à questão da diversidade na

formação de professores do ensino básico, e a segunda, ao lugar da antropologia na formação de pedagogos e cientistas sociais. O diálogo entre a Antropologia e a Educação tem gerado um campo promissor de reflexão e um instrumento aliado na promoção de justiça social. Nos exemplos analisados, podemos ver o quanto é difícil lidar com preconceitos e como o conhecimento antropológico tem sido importante para a identificação de discriminações. Entretanto, ainda há muito a caminhar no sentido de fortalecer a Antropologia da Educação nos cursos de Ciências Sociais, Antropologia e Pedagogia. A Antropologia e a Educação possuem uma confluência em torno da diversidade mas o sistema educacional parece trabalhar ainda na lógica da homogeneização cultural.

EXPERIÊNCIAS ETNOGRÁFICAS EM UMA ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: O CASO DO GDE EM SANTA CATARINA

Pedro Rosas Magrini. Pós-Doutorando em Antropologia Social (PPGAS/UFSC);
pemagrini@yahoo.com

Marie-Anne Stival Pereira e Leal Lozano. Doutoranda Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC); marie.lealozano@gmail.com

Miriam Pillar Grossi. Professora titular de Antropologia (PPGAS/UFSC);
miriamgrossi@gmail.com

Com esse artigo nos propomos refletir sobre as dificuldades e êxitos nos processos de ensino e aprendizagem do curso de especialização à distância em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) promovido pelo Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (IEG/UFSC) no primeiro semestre de 2015. A partir do acompanhamento etnográfico de encontros presenciais em cinco cidades catarinenses (Florianópolis, Itapema, Laguna, Praia Grande e Laguna); da elaboração, aplicação e correções de provas de mais de duzentas/os cursistas; e de reuniões periódicas da coordenação do curso para a resolução de problemas das mais diversas naturezas, apresentaremos algumas cenas emblemáticas do cotidiano do curso. A cena 1 aborda a realização de uma oficina para a discussão sobre aborto, onde as/os cursistas foram divididas/os em grupos pró e contra. A cena 2 põe em foco a realização de um fórum no primeiro trimestre do curso dentro do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), que interpelava às cursistas da seguinte maneira: *Você é feminista?*. A cena 3 ilustra as performances de um professor do GDE que fez leituras de Caio Fernando de Abreu indumentado de salto alto e batom em aulas presenciais do curso e a última cena, cena 4, procuramos trazer à tona algumas das justificativas de desistências apontadas pelas/os cursistas que chegaram na Coordenação do curso. A partir dessas quatro cenas, percebemos muitos das dificuldades encontradas pelas/os cursistas, seja para aprenderem conceitos acadêmicos, seja para voltarem a estudar depois de anos, bem como de romperem muitos dos preconceitos presentes em suas práticas e no próprio

cotidiano escolar.

Palavras-chave: Gênero, diversidade, etnografia, ensino, escola.

O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NA CAPACITAÇÃO DE EDUCADORAS/ES: EXPERIÊNCIA SUBJETIVAS EM PROCESSO

Elisete Schwade. Departamento de Antropologia - UFRN

Esse texto traz reflexões construídas a partir do ensino de antropologia na formação de professoras/es, de modo especial no GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, metodologia da Pesquisa e Ação) e GDE (Gênero e Diversidade na Escola). No diálogo oportunizado em aulas de antropologia ministradas nesses e em outros cursos de formação, chama atenção as interpelações subjetivas produzidas na discussão de temas relacionados à religiosidade, família, gênero, sexualidade, violência entre outros. A partir da contextualização dessas experiências, o recorte que escolhi para esse texto abrange as professoras, seu envolvimento com a educação e, sobretudo, a contextualização de suas atividades em um cotidiano e em experiências compartilhadas com os alunos, para além dos limites da sala de aula e dos muros da escola. Assim, argumento que é necessário perceber os múltiplos contextos que se entrelaçam: alunos cujas realidades socioculturais alertamos aos professores que devem ser consideradas e que desafiam professoras a refletir sobre aspectos subjetivos de suas experiências compartilhadas.

ANTROPOLOGIA FEMINISTA COMPARTILHADA: ÉTICA E POLÍTICA NA PESQUISA FEMINISTA

Flávia de Mattos Motta. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC;
mottaflavia@bol.com.br

Este artigo discute o processo de devolução dos resultados de uma pesquisa sobre contracepção e aborto à população envolvida na pesquisa. Tendo como lócus um bairro de Florianópolis que reúne nove comunidades, a pesquisa foi desenvolvida por um grupo multidisciplinar ao longo de três anos e envolveu métodos etnográficos e quantitativos. Os resultados da pesquisa foram publicados em um livro (AREND et al., 2012) e apresentados em congressos e publicações acadêmicas. Posteriormente, elaboramos um material impresso (um livreto e um calendário), para distribuição em oficinas oferecidas pela equipe no bairro onde o trabalho de campo foi desenvolvido.

Todo o processo de elaboração do material e realização das oficinas suscitou discussões de cunho ético, político e pedagógico, levando-nos a uma etnografia deste processo de compartilhamento dos resultados. A etapa final da pesquisa consistiu, portanto, em um processo de retorno ao campo com os resultados da mesma através de oficinas e o material impresso produzido e este artigo consiste na etnografia deste processo.

TRAMA EDUCACIÓN Y ANTROPOLOGÍA/ ARTE Y ETNOGRAFÍA: REFLEXIONES DESDE LA TEORÍA ETNOGRÁFICA

Adán Madrigal, M.A, M.F.A. Cineasta. Educador, NNMontessori;
adanmadrigal@gmail.com

Marquesa Macadar, Ph.D. Investigadora Asociada, Indiana University;
marquesah@gmail.com

Nuestra formación antropológica y de las bellas artes, nos condujo al mundo de la enseñanza de lengua extranjera y de artes audiovisuales.

Hemos incorporado la enseñanza de la entrevista etnográfica y de la narrativa etnográfica a estudiantes de primaria, secundaria y de extensión con el fin de que ellos creen sus propias herramientas y medios de comunicación y conocimiento. Estos medios han sido diferentes formatos comunicacionales. Enfatizaremos en el audiovisual.

Nos gustaría describir y compartir algunos de los productos audiovisuales que hemos hecho con dos grupos de población:

- 1) Estudiantes de secundaria de poblaciones poco representadas en Montevideo y Chicago
- 2) Comunidades del departamento de Chimaltenango, de Guatemala

El producto audiovisual es el resultado de un trabajo de auto etnografía hecha por los participantes y facilitada por los llamados “maestros artistas”, todo diseñado con un marco antropológico.

Durante esta reunión quisiéramos discutir tanto los métodos empleados, los marcos teóricos que informaron la metodología, así como el producto como una herramienta para la profundización de la democracia y la promoción de la paz.

A su vez quisiéramos pensarlo a la luz de la incorporación de varios dispositivos conceptuales del método etnográfico que han sido introducidos al campo de la

educación, entre ellos “contexto” y “performance”, para desarrollar nuevas técnicas pedagógicas en los contenidos de la educación primaria y secundaria. Quisiéramos registrar qué sucede cuándo se transportan y operacionlizan estos conceptos al campo de la educación. Para esto, tomaremos el trabajo etnográfico con estudiantes de primaria de poblaciones de clase media norteamericana.

Palabras clave: (auto)etnografía, construcción del conocimiento, contexto, herramienta comunicacional, artes.

ETNOGRAFÍA Y DIÁLOGO: GESTIÓN DE LA DIVERSIDAD Y CONSTRUCCIÓN DE LA DIFERENCIA EN LA ESCUELA ESPAÑOLA

Antonia Olmos Alcaraz. Departamento de Antropología Social. Universidad de Granada; antonia@ugr.es

Raquel Martínez Chicón. Departamento de Antropología Social. Universidad de Granada; raquelchicon@ugr.es

La gestión de la diversidad en la escuela española es objeto de atención pública en muy alto grado desde que empezó a haber en ella presencia de alumnado procedente de la inmigración extranjera. Ante esta situación, las administraciones educativas han diseñado toda una serie de planes y programas que tratan de dar respuesta a las heterogeneidades presentes en las aulas.

A partir de nuestras experiencias como investigadoras en el proyecto del Plan Nacional de I+D+i 2014-2017: “Construyendo diferencias en la escuela. Estudios de las trayectorias de las ATAL en Andalucía, de su profesorado y de su alumnado” cuya metodología es la etnografía escolar, presentamos en este texto una reflexión sobre el concepto de diversidad pensado en y desde los contextos educativos. Para ello, y a través de grupos de discusión desarrollados con profesorado, personal investigador y personal técnico de la administración educativa, analizamos: a) Las relaciones percibidas y vividas en materia de diversidad entre el mundo de la escuela y de la investigación antropológica; y b) Las nociones de diversidad y las categorías que la integran: lengua, cultura, raza/etnia, edad, procedencia, género, etc. que aparecen y desaparecen de los discursos y las prácticas escolares con quienes son considerados diversos frente a quienes no. Y concluimos con una crítica a la visión reduccionista de dicha noción de diversidad que convierte determinadas “pertenencias” en marcadores mientras que relega otras, como la diversidad de género, a lugares no centrales dentro de las políticas educativas actuales en el país.

2ª. SESSÃO

HACIENDO ETNOGRAFÍA ESCOLAR CON ENFOQUE DE GÉNERO: ALGUNAS REFLEXIONES EN TORNO A UN TRABAJO DE CAMPO

Reybet, Carmen. Universidad Nacional del Comahue. Argentina;
carmenreybet@hotmail.com

En la presente Comunicación reflejo algunas de las inflexiones registradas en mi experiencia como investigadora educativa a partir de mi inmersión en una etnografía realizada recientemente en una escuela primaria a la que asisten niñas y niños de sectores populares de la ciudad de Neuquén, capital de la provincia del mismo nombre.

A diferencia de proyectos anteriores de índole cualitativa dirigidos a desvelar las relaciones de género en instituciones escolares (de nivel primario o medio) en los que estuve involucrada, este estudio estuvo presidido por las herramientas teórico-metodológicas proporcionadas por la Antropología y la Etnografía Feminista que, entre otros aspectos, plantean la reflexividad como una vía fundamental para la construcción de conocimiento. Esta inflexión en mi práctica, supuso atender, en la vida cotidiana de la escuela, la diversidad - no absoluta, sino contingente, relacional - de perspectivas y de prácticas aportadas por el alumnado, la docencia, las familias, y también por la propia investigadora, en un encuentro de índole “intercultural”.

Sobre ese fondo, en la Comunicación subrayo los procesos de reflexividad de niñas y de niños de “los primeritos”, según la categoría nativa utilizada por la docencia para referirse al alumnado de los primeros grados, anclando mis reflexiones en sus voces y en sus prácticas que refieren a los modos en que “habitan” las relaciones de género a escala local.

Palabras clave: etnografía, escuela, primera infancia, reflexividad

LA ETNOGRAFÍA COMO HERRAMIENTA PARA DESVELAR LA PRODUCCIÓN DE DESIGUALDADES DE GÉNERO EN LA ESCUELA

María Espinosa Spínola. Departamento de Trabajo social, Universidad de Granada;
mspinol@ugr.es

Carmen Gregorio Gil. Departamento de Antropología social, Universidad de Granada;
carmengg@ugr.es

Grupo de investigación ‘Otras. Perspectivas feministas en investigación social. Instituto Universitario de Estudios de las Mujeres y del género

Nos proponemos compartir la investigación realizada por un equipo de antropólogas desde el Instituto Universitario de Estudios de la Mujer de la Universidad de Granada y que llevo por título “Violencia de género y cotidianidad escolar: Un análisis de las representaciones de masculinidad y feminidad y de las prácticas de dominación de género”. Dicha investigación fue encargada por el Instituto Andaluz de la Mujer y la Consejería de Educación de la Junta de Andalucía, en el marco del II Plan de Acción del Gobierno Andaluz contra la violencia hacia las mujeres (2001-2004) en concreto en la medida 4: “Concienciación y prevención en el ámbito educativo, para alertar sobre las causas y los efectos de la violencia de género” en su Objetivo 5: “Realizar trabajos de investigación que detecten y analicen la violencia de género en los Centros Educativos” (pag.20). El objetivo que nos propusimos con esta investigación fue desvelar aquellos significados que subyacen a las prácticas escolares, como forma de provocar la reflexión sobre los sutiles mecanismos mediante los que se reproduce, pero también se cuestiona, la violencia o dominación de género en la escuela. Compartiremos la experiencia de esta investigación al objeto de provocar la discusión y reflexión acerca de las relaciones entre la academia y las políticas públicas, así como el lugar que ha venido ocupando este trabajo antropológico en la formación de profesionales del ámbito de la educación y de otras disciplinas.

Palabras clave: etnografía feminista, violencia de género, políticas públicas.

OS ESPAÇOS DE ENSINO: “TIRAR O BONÉ, CUSPIR O QUE TEM NA BOCA, CALAR A MATRACA, NÃO RECLAMAR, NÃO APARECER (...)” – A VIOLÊNCIA RETROALIMENTADA NO ESPAÇO ESCOLAR

Lino Gabriel Nascimento dos Santos

Miriam Pillar Grossi

Em minha proposta, buscarei expor as experiências dadas em meu envolvimento com o projeto “Papo Sério”, promovido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto envolve a promoção de oficinas nas escolas da rede pública do estado de Santa Catarina sobre assuntos relacionados às temáticas de gênero e diversidade em três níveis, os quais serão aqui abordados, assim, primeiramente, busco aqui tematizar a minha experiência em sala de aulas de diversas escolas da região de Florianópolis (SC) junto a colegas e paralelamente às reuniões formativas das oficinas de diversas áreas e níveis de formação. Por fim, meu enfoque recai sobre as práticas e estratégias empregadas pelas professoras e pela escola a fim de conquistar o diálogo com as alunas (GOFFMAN 2008, 2009, 2011) além de pensar as redes de poder interpenetradas nesses lugares (FOUCAULT 1985a, 1985b, 1987, 1992, 1994, 2000a, 2000b), direcionando minha atenção para as violências institucionais, o que me leva a refletir as questões que perpassam a homofobia, o racismo, o capacitismo entre as demais práticas de violência estatal e familiar.

Palavras-chave: educação; gênero; escola; professoras e alunas; estratégias

MASCULINIDADES E TRANSFORMAÇÃO DE SENSIBILIDADES: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE AS RODAS DE CONVERSA SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL DA UFPR

Fernanda Azeredo de Moraes. Departamento de Antropologia (DEAN), Universidade Federal do Paraná (UFPR); fermoraesazeredo@gmail.com

O presente trabalho pretende apresentar um relato sobre o evento de extensão promovido por pós-graduandas e professoras da Sociologia e da Antropologia da UFPR em junho de 2015, como resposta a uma série de denúncias de violência sexual feitas por alunas de cursos de graduação da universidade. Tenho por intenção localizar os eventos ocorridos na UFPR em um cenário nacional recente de questionamento e crítica a sociabilidades universitárias sexistas. As respostas que estão sendo dadas por parte da reitoria da universidade (de novas ferramentas de acolhimento a vítimas e campanhas anti-violência), também serão objeto de reflexão desse trabalho. Ao longo das três tardes ocupadas pelas “Rodas de Conversa sobre Violência Sexual”, além de outros eventos correlatos promovidos por diferentes atores da comunidade universitária, a ideia de “cultura do estupro” se revelou central para alunas e professoras. Percebe-se hoje o efeito dos chamados novos movimentos feministas - caracterizados pela centralidade do corpo e da sexualidade em suas pautas e encenados, principalmente, em contextos urbanos e em espaços virtuais – dentro da universidade, gerando aquilo que denominarei como uma série de “transformações de sensibilidades” dentro de relações

sexuais, afetivas e/ou hierárquicas. Ainda, me parece importante refletir sobre o uso da categoria “masculinidade” como uma forma frutífera, e por vezes, polêmica, de suscitar discussões sobre identidades e relações de gênero em um contexto de interseccional de classe, raça e gênero. Assim, procurarei analisar e descrever o contexto mais amplo das relações sexuais, afetivas, ativismos feministas e convivência universitária a partir de um exemplo vivido desde o lugar (liminar) de professora substituta de antropologia.

Palavras chave: Violência sexual, movimentos feministas, masculinidades, universidade

JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: RELATO E ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NUMA ESCOLA PÚBLICA DE CURITIBA-PR

Joyce Kelly Pescarolo Psicóloga e Doutora em Sociologia, Pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR. Professora da FAE Centro Universitário; joycepescarolo@hotmail.com

Mariana Corrêa de Azevedo Socióloga e Doutoranda em Sociologia da UFPR. Pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR; mariana@azevedo.com

O presente artigo traz o relato e a análise da inserção das duas pesquisadoras num projeto realizado no decorrer de 2014 em uma escola pública de Curitiba. Promovido pelo Instituto Não Violência, ONG que atua na prevenção da violência escolar e na promoção dos Direitos Humanos, a formação teve como público alvo os alunos do Ensino Médio e os profissionais da instituição, em dois momentos distintos. O programa voltado para os adolescentes contou com 6 módulos: Direitos Humanos e Diversidade; Juventude e participação social; Preconceitos e discriminação racial; Sexualidade e relações de gênero; Prevenção: risco e prazer; Drogas e outros vícios. As atividades possibilitaram captar a compreensão dos alunos sobre os temas abordados e a forma como agenciam sociabilidades no ambiente escolar e na comunidade, relacionando-se com estereótipos bastante disseminados. Com base nesta experiência, o artigo analisa as representações dos jovens sobre as problemáticas citadas e as relações de autoridade estabelecidas dentro e fora da escola. Percebeu-se nestes espaços grandes limites na construção de uma atmosfera democrática que promova vivências voltadas para uma educação em Direitos Humanos.

Palavras-chave: juventude; formação em direitos humanos; representações de gênero; educação inclusiva.

REFLEXÕES SOBRE ANTROPOLOGIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA DE GRADUANDAS/OS NA DISCUSSÃO DE

GÊNERO E SEXUALIDADE EM ESCOLAS PÚBLICAS.

Arthur Leonardo da Costa Novo. Mestrando no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC; arthurleocn@gmail.com

Este trabalho analisa a experiência de formação antropológica de alunas/os de graduação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que se engajaram em atividades de prática e pesquisa no âmbito de um projeto de extensão universitária no campo dos estudos de gênero e sexualidades: o Projeto Papo Sério. A iniciativa é realizada pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Sexualidades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com a proposta de trazer para as escolas públicas ações educativas relacionadas aos temas referidos.

A formação acadêmica associada a atividades junto às comunidades locais é um princípio que permeia o Projeto Político e Pedagógico de cursos como Ciências Sociais e Antropologia na UFSC. Visa desenvolver nas/os alunas/os a competência de articular teoria, pesquisa e prática de modo que, quando egressas/os, tenham habilidades que potencializem o desempenho de seu papel social.

Interessa-me discutir como a passagem por este projeto proporciona às/aos graduandas/os a vivência prática e subjetiva do trabalho de campo etnográfico e o que o desenvolvimento de competências próprias à Antropologia agrega à formação dessas/es alunas/os. Analiso como o projeto articula o exercício de habilidades metodológicas – como a produção de relatórios no formato de diários de campo – com a problematização do choque dessas/es alunas/os diante da alteridade – ao serem confrontadas/os com uma multiplicidade de cenários sociais nas escolas, por exemplo. Também discuto como essas experiências contribuem para desenvolver um estado de consciência desperto para as articulações de gênero, raça, etnia e classe a permear as relações sociais.

Palavras-chave: Antropologia. Educação. Gênero. Sexualidades.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E A SUPRESSÃO DO ENSINO DE QUESTÕES DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO NAS ESCOLAS

Rafaela Borges, Bolsista de Iniciação Científica; rafaelaoborges@hotmail.com

Co-autor e orientadora: Dra. Zulmira Newlands Borges.

Este trabalho enquadra-se na discussão sobre o delineamento de políticas públicas na educação que articulam as temáticas de gênero e sexualidade. Nesse sentido buscamos analisar a polêmica retirada das discussões de gênero e orientação sexual do Plano Nacional de Educação – (PNE) que define metas educacionais para a próxima década. Discutiremos aqui a alteração do inciso III do Art.2º, que previa a eliminação das desigualdades educacionais. Sofrendo alteração em âmbito do Senado Federal, foi modificado, “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”, por “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Contudo, determinou a lei do (PNE), que cada estado e município deveriam legislar sobre o tema; Assim, no final do primeiro semestre de 2015, assistiu-se através da mídia, a retirada maciça dos planos estaduais e municipais de educação as questões relativas a gênero e orientação sexual. Busca-se analisar aqui – através da mídia impressa - os principais argumentos utilizados para esta mudança nos planos educacionais; Utilizando o método de análise de conteúdo, analisamos os argumentos de grupos opostos, os dados até o momento indicam uma polarização entre argumentos religiosos e de direita e argumentos de professores e ativistas do movimento social LGBT. Nosso banco de dados e nossas fontes são compostas por reportagens online, publicadas no período de junho, julho e agosto de 2015, de três jornais nos estados do sul do Brasil, buscando compreender os discursos e influências destes, nos resultados das votações sobre a questão de gênero e orientação sexual nas escolas brasileiras.

Palavras chave: Plano Nacional de Educação, Gênero, Educação, Política pública, Brasil.

GT 63. ESTÉTICA, CRIAÇÃO E ARTE

Coordenadores:

Mylene Mizrahi. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Universidade Federal do Rio de Janeiro; mylenemizrahi@gmail.com

Pablo Frederico Seman, Instituição: CONICET/UNSAM; pabloseman@hotmail.com

1ª Sessão – Corpo e performance

“#NãoéSóPorCabelo – Estética crespa e Identidade”

Larisse Louise Pontes Gomes

A partir da observação sistemática de grupos organizados em uma rede social – Facebook -, somada a entrevistas realizadas entre 2014 e 2015, busca-se tecer uma discussão que problematize o “ser negra” a partir da estética crespa e suas tensões. Ignorar os conflitos provenientes de uma discussão identitária e de gênero seria um equívoco capaz de comprometer o entendimento desse contexto. Por isso, essa dimensão será evidenciada a partir da relação de mulheres negras, predominantemente, com seus cabelos crespos e suas experiências sui generis. Afinal o que o cabelo, principalmente crespo, tem a ver com o racismo? Por que o cabelo crespo se mostra como elemento que aciona uma identidade?

Através da hashtag sempre postada em diversos grupos virtuais #NãoéSóporcabelo, de movimentos e eventos como Encrespa Geral e a Marcha do orgulho crespo (ocorrida recentemente) esse trabalho revela mais uma dimensão do fenômeno da transição capilar, tema da minha pesquisa de dissertação e da qual tenho trabalhado desde 2013; uma dimensão que tensiona conflitos e busca através da estética articular questões se suma importância para a população negra.

Palavras-chave: Estética crespa; Cabelo; Identidade; Ser Negra.

ARTE Y POLÍTICA FEMINISTA EN EL COLECTIVO HILANDO LAS SIERRAS. SOBRE CUERPOS, PERFORMANCE Y ESPACIO PUBLICO

Sofia Menoyo

El presente escrito retoma anteriores trabajos que indagan la relación entre arte - teoría feminista - arte feminista y política, a partir del colectivo de artistas “Hilando las Sierras” de la Ciudad de Río Ceballos, Córdoba. En esta oportunidad nos proponemos en una “lectura distante”, y por tanto arriesgada, “modelar categorías” que nos permitan pensar las formas que toman dichas articulaciones en las prácticas actuales de un grupo artístico.

Partimos del trabajo de campo realizado por medio de observación participante, registro fotográfico, fílmico y entrevistas a las artistas del colectivo y retomamos el legado que nos proporciona la crítica de arte feminista y el arte feminista en la Argentina.

Interesados en pensar las re-configuraciones devenidas de la producción de dicho colectivo, como prácticas que re-actualizan los desafíos o el “carácter herético”, en palabra de Rosas (2014), del arte feminista y que contribuyen a conceptualizaciones actuales en torno a la relación entre arte y política.

A imagem como arma – uma proposta de pesquisa sobre a trajetória das mulheres indígenas cineastas

Sophia Ferreira Pinheiro

A pesquisa em andamento, é sobre a trajetória de mulheres indígenas que produzem sua auto-imagem, utilizando-se dos métodos audiovisuais através da passagem de representação da “imagem do índio”, face às representações realizadas por políticas coloniais não-indígenas; para “o olhar indígena”, ou seja, a imagem auto-representada, política e do dispositivo cinematográfico, a partir do olhar compartilhado, de repertórios e experiências das mulheres indígenas, tornando-as protagonistas de suas reivindicações. Portanto, se contrapõem ao pressuposto lugar de passividade que é atribuído, frequentemente, na relação de produção imagética ativa/homem e passiva/mulher. Elas se afastam dessa visão romantizada e exótica (“do outro”) por meio das apropriações de seus discursos sendo sua própria agência artística, na produção de uma cinematografia indígena feminina. Deste modo, nos deparamos com uma tensão entre fronteiras e suas possibilidades discursivas abertas pelo exterior constitutivo das posições hegemônicas. É a partir dessa fissura que pretendo fazer uma experiência etnográfica de vídeo-cartas com as realizadoras audiovisuais indígenas. As vídeo-cartas são trocas de mensagens vídeográficas dos mais diversos temas. Neste projeto, elas são interétnicas e interculturais. Pesquiso dois projetos brasileiros com mulheres indígenas cineastas: o Vídeo Nas Aldeias e o Instituto Catitu, atrelados aos projetos da Associação das Mulheres Xinguanas e do Pelas Mulheres Indígenas para tentar compreender parte da questão da mulher indígena no atual panorama dos direitos indígenas brasileiro, sendo elas antropófagas das metodologias e técnicas imagéticas, para sua própria etnogênese.

Palavras-chave: mulher indígena, cinema, cineastas indígenas, vídeo-cartas, imagem.

Queers, indocumentados, sem medo e sem desculpas: Artivismos Undocuqueer of color e latina/o

Este ensaio trata das performances *artistas* em torno de movimentos pró-imigratórios nos Estados Unidos, mais especificamente na região da Baía de San Francisco, abordando particularmente o projeto “*I am Undocuqueer*”, do artista e ativista Julio Salgado. Busca-se ressaltar as maneiras locais pelas quais o movimento social contemporâneo em torno dos direitos imigratórios catalisa também outras formas de pensar sobre arte, política e agência, principalmente entre populações latina/os em suas dinâmicas de organização social e cultural. Enfocam-se aqui algumas das características e processos culturais abordados em muitos dessas criações artísticas: as iniciativas e individualidades que se auto-definem como *queer of color* (numa tradução, “*queer de cor*”) e latina/os; os pertencimentos étnicos, culturais e sociais, relacionados aos lugares de origem na América Latina destes sujeitos; e seu status imigratório enquanto “indocumentados” (sem reconhecimento e sem documentos estatais oficiais) nos EUA. Neste contexto, Julio Salgado articula sentidos locais para seu *ativismo* (neologismo que reúne as palavras arte e ativismo), explorando o que seja o *Undocuqueer* (indocumentado e *queer*) em projetos de arte profundamente envolvidos na reclamação de direitos civis e comprometidos em abrir espaços para a configuração de distintos processos identitários interseccionais. Estas ações fomentam debates sobre o que seja a “nação americana” em suas relações orgânicas com características socioculturais latino-americanas, remetendo ainda a debates abrangentes sobre cidadania e mudança social no século XXI.

Palavras-chave: 1. Artivismo; 2. Movimentos sociais contemporâneos; 3. *Queer of color* e latina/os; 4. Micropolíticas e agência; 5. Modos de subjetivação.

Brincar a Fantasia: uma discussão sobre performance e figuração em fantasias de blocos de rua

Priscila Lopes de Medeiros Garcia da Costa

Este artigo é parte da pesquisa que se está realizando junto ao PPGSA da UFRJ sobre os blocos de rua do Rio de Janeiro durante o Carnaval, mas especificamente no bairro de Santa Teresa. Pretendendo analisar a fantasia de carnaval no contexto dos blocos de rua, procurando jogar luz sobre a relação do brincar com o lugar que possibilita figurar, que é a própria fantasia. Lugar de reafirmação de identidades dentro do bairro, da cidade, onde os foliões, como agentes, trazem suas regiões de origem para a festa e reafirmam seu lugar dentro da cidade e do próprio bairro.

Onde seriam as fantasias de carnaval, elas mesmas, tratadas como coisas e não objetos,

seguindo a trilha proposta por Tim Ingold. Artefatos abertos num processo relacionando-se com o meio ao redor onde vazam entre outros materiais, ações agentivas da natureza, porém, aqui ampliando contanto com a colaboração humana também continuada em seu processo. Conciliando com o que DaMatta diz sobre a fantasia carnavalesca, lugar que revela, sendo a ela o traje de carnaval por excelência, operando de forma metafórica, onde há conjugação de domínios ao passo que sintetiza um papel imaginário e provisório.

Os foliões nos blocos de rua, durante os ritos momescos, permitem e tem a permissão de figurar algo sobre si, fundindo suas criações sobre seus corpos, na fantasia carnavalesca que brincam durante o breve tempo do carnaval.

Palavras-chave: Bloco de rua. Carnaval. Fantasia de carnaval. Estética. Rio de Janeiro.

TENDÊNCIAS ORIENTAIS NA MODA FEMININA: O DISCURSO DAS REVISTAS BRASILEIRAS

Blanca Shung Luen Menezes Li

A problematização da análise do discurso em editoriais de moda pode ser fomento para um estudo no âmbito cultural. Tem se observado que as revistas do Brasil tem aberto espaço para temática do oriental adaptado. Sabemos que existe uma diferença cultural relativamente grande entre a cultura brasileira se comparada à cultura de países asiáticos como China/Japão em estudo. São países que construíram identidade através de marcos históricos e políticos diferentes do nosso. Bem como, possuem outros tipos de crenças e comemoram festas populares de outra maneira. Até, porque, o comportamento oriental ainda esta preso a amarras do tradicional que o povo ocidental em grande parte já se desvencilhou. Inclusive, se pode perceber entre ambos que os valores não só morais como também de vida são distintos. O antropólogo que escreve sobre a práxis social moda, quando realiza este tipo de abordagem, constrói um texto que visa à aproximação do leitor com um mundo do qual ele desconhece ou não está habituado. Na realidade, as revistas seriam veículos de transmissão de paradigma de uma cultura paralela. Os leitores muitas vezes acabam adotando posturas mantidas como modelo para não sair de padrões introjetados pela *mass media*. Os dois casos estão ligados diretamente ao consumo. Consumo de uma cultura metonímica, através do elemento moda. O discurso das revistas brasileiras incita hibridização entre culturas do Brasil e China/Japão de forma adaptada para que a mulher brasileira se identifique. Ao haver a negociação cria-se nova dimensão de território, entre lugar que miscigena culturas.

Palavras-chave: antropologia visual, moda, consumo, revista, discurso.

Ciudades que rugen. Un estudio sobre los usos del animal print

Jimena Inés Garrido

“As far as I'm concerned, leopard is neutral” Jenna Lyons

Las personas aparecen en pieles y máscaras que les permiten estar en el mundo, confirmarlo, transformarlo. Me detengo en el rugido arrollador de las ciudades que caminé. Las pieles se vistieron con estampas felinas. Ropas, collares, pulseras, cinturones y aros, carteras y zapatos, ollas para cocinar, tapas de cuaderno, sombreros, colchas, alfombras, juguetes, tortas, se han teñido de “animal print”.

En el siguiente trabajo propongo, a partir de una lectura de publicaciones especializadas en moda y decoración, analizar cómo en los usos del “animal print” se disputa y hace género, clase, ecología. A la vez que el animal print es valorado en su potencial “democratizador” en tanto “todos” lo usan, se erigen modos de usarse que distinguen y resguardan grupos.

Podemos pensar el rugido del “animal print” como un gesto revelador de unos animales que llegaremos a ser, de unos animales que irrumpen con imaginaciones renovadas. Con estos estampados, se reactualizan las disputas por distinguirse y encontrar un lugar de estima entre tantos felinos.

Palabras Claves: animal print; gesto revelador; distinción.

O espetáculo do não-branco: Representação e consumo do "étnico" na moda

Fernanda Martinelli e Tayã Queiroz

Essa proposta de trabalho investiga a representação do "étnico" na moda em editoriais da revista Vogue brasileira. Analisamos como se estabelece a relação com a alteridade nesses contextos, com um olhar atento às narrativas que marcam as diferenças e constroem a fronteira da identidade étnica. Sobretudo, pensamos o papel do consumo de moda nesta fronteira, e como ele a torna porosa e fluída a partir de apropriações esteticizadas, ou seja, de estereótipos. Delimitamos o lugar da revista Vogue na manutenção dos discursos sobre o que é “moda étnica”, se inserindo em um “regime de representações” como um painel de sonhos e de orientação para o consumo.

As representações do que a revista define como “moda étnica” são constantemente associadas a referências externas à cultura *branca-ocidental-moderna*, centradas na oposição binária ao branco – tecnológico, intelectual, desenvolvido – enquanto o não-branco é relacionado ao natural, primitivo, “exótico”, “selvagem”. A interlocução das identidades opostas dá-se em função dos corpos das modelos serem majoritariamente brancos, mas adornados com indumentárias esteticamente estereotipadas por apropriações de culturas não-brancas. Por outro lado, os títulos e legendas dos editoriais que representam a moda “étnica” marcam a diferença enfatizando os contrastes, como nas chamadas “Rasta *Chique*”, “Tribal *Deluxe*” e “Cacique *Hi-tech*”. O percurso analítico tem como base a metodologia proposta por Stuart Hall em “*The Spectacle of Other*” (1997). O autor procura entender como o ‘outro’ é significado a partir dos discursos de exibição (poética) e das relações de poder (política). Desta forma, a representação é pensada como comunicação de múltiplos significados de diferenças, tanto em termos conotativos quanto denotativos. Hall orienta a pensar quais significados, tanto textuais quanto imagéticos, o emissor – neste caso a revista Vogue - tenta privilegiar ou fixar. Atentamo-nos, sobretudo, à fronteira da identidade étnica, ou seja, às marcações de diferenças do ‘eu’ para o ‘outro’, nos termos de Fredrik Barth em “*Grupos étnicos e suas fronteiras*” (1997).

Palavras-chave: moda; etnicidade; representação; consumo; cultura.

Do croqui à academia: a biografia cultural de um vestido

Aline Lopes Rochedo

Um vestido criado há mais de quatro décadas pelo estilista Rui Spohr, em Porto Alegre, e adquirido por Heloisa Pinto Ribeiro, membro da aristocracia rural gaúcha, conduz esta pesquisa que resultou em minha dissertação de mestrado em Antropologia Social (2015). Ao ingressar no campo, no final de 2012, identifiquei três eventos que alteraram significativamente o status do vestido e sua relação com os sujeitos a ele ligados: a criação/apresentação/venda do bem, em 1971; o resgate da roupa do próprio roupeiro pela proprietária para sua festa de 80 anos, em 2011; e uma exposição temporária sobre moda realizada no Museu de Arte Brasileira (MAB), em 2012, em São Paulo, onde o artefato sintetizou a carreira de quase seis décadas do criador durante dois meses. Após este último evento, a roupa retornou à capital gaúcha e continuou provocando os sujeitos a ela alinhavados. Converteu-se, por exemplo, em alvo de disputa entre o estilista e a cliente: para Rui, a peça se tornou “obra de arte” e deveria ser doada ao seu acervo de “artista”; para Heloisa, o mais importante estaria no fato de ela, a dona, ter guardado e zelado pelo item por 40 anos, e este deveria permanecer em seu roupeiro. A partir de um mesmo objeto, portanto, dois personagens constroem narrativas divergentes, cada um se impondo como protagonista. Nesse processo, tranço as três trajetórias e me esforço para demonstrar como este vestido exerce agência por onde e

com quem circula.

Palavras-chave: Objeto biográfico, biografia cultural, agência, moda.

RITUAIS DE PASSAGEM BORORO: CONSERVAÇÃO, FABRICAÇÃO E DESTRUIÇÃO DO CORPO

Junior José da Silva

No final da década de 1970 um grupo de antropólogos, chamou a atenção para o papel da corporalidade nas sociedades indígenas brasileiras estabelecendo que as características adquiridas pela pessoa, ao longo do seu crescimento, não são concebidas por meio de determinação genética ou biológica, mas sim fabricados pela comunidade, ou seja, corpo e pessoa são moldados, esculpidos segundo as prerrogativas e estilos do grupo. Tal processo de objetivação ocorre mediante a sua máxima particularização, promulgada a partir de uma complexa linguagem simbólica em torno da decoração e exibição do corpo, durante os vários ritos que marcam o ciclo da vida comunitária. Neste sentido, o trabalho proposto aqui, tem por objetivo fazer uma análise dos processos de estetização do corpo a partir dos rituais de passagem Bororo, buscando entender a classificação da vida social e as categorias de identidade pessoal que se expressão nos idiomas corporais, ora sendo afirmado, por meio da alimentação, das restrições sexuais, da ornamentação e produção, ora sendo negado, mediante os resguardos por doença, a escarificação, o luto e o horror pelo corpo morto.

Palavras-chave: Ritos de Passagem; Bororo; Corpo; Estética do Corpo.

2ª sessão – Visualidade e experimentos artísticos

CAMINHOS DA IMAGEM: ENTRE O SENSÍVEL E O VISÍVEL NO UNIVERSO ALTO-XINGUANO

Luiza de Paula Souza Serber

Proponho em minha pesquisa investigar no universo alto-xinguano como se dá o

encontro entre um estilo particular de ver e mostrar - relacionado a um estilo próprio de pensar (Lagrou, 2013, p. 35) - com as possibilidades oferecidas pelas tecnologias audiovisuais. Assim, a análise se dará por meio do cruzamento de duas vertentes complementares. A primeira compreende a imagem em seu sentido mais amplo, como um elemento pertencente a um complexo universo estético/visual no qual atua como instrumento perceptivo que implica em operações mentais específicas (Lagrou, 2013, p. 35). A segunda vertente concebe a imagem como um produto visual particular, fruto do uso de tecnologias audiovisuais, compreendido enquanto criação artística. Desta forma, pretendo revelar de que maneira as concepções alto-xinguanas de imagem podem estar se atualizando, transformando e reinventando a partir destas novas tecnologias. Para tanto, pretendo acompanhar realizadores indígenas ao longo das etapas de produção audiovisual, enfocando particularmente em algumas realizadoras mulheres (formadas em oficinas oferecidas pelo Instituto Catitu). Elegi este foco por considerar que a produção cinematográfica destas mulheres constitui um lócus privilegiado para se observar uma relação existente entre *estética* e *agência* (Gell, 1998). Relação que, amplamente atestada nas artes ameríndias, também parece se atualizar aqui e se evidenciar através da influência que a produção cinematográfica exerce sobre a atuação política destas mulheres. Em diálogo com a proposta deste GT, proponho uma análise não centrada na produção audiovisual em si, mas no modo pelo qual ela nos permite adentrar mundos complexos, seus sujeitos e valores cosmológicos.

No ir e vir das mirações: Poéticas dos pintores Juan Carlos Taminchi e Ruysen Flores Venancino

Luísa Helena Figueiredo Peixoto

A Antropologia tem se dedicado desde a sua criação ao estudo da cultura material e das artes. No entanto, os referenciais teóricos e abordagens metodológicas para investigar acerca da teoria das artes na antropologia expandiram seu repertório para novos olhares e espaços. Os pontos de partida deste estudo são os relatos etnográficos recolhidos por mim recentemente no distrito de Yarinacocha, na amazônia peruana. Nesse sentido, busca-se refletir a respeito da poética de dois pintores mestiços, a saber, Ruysen Flores e Juan Carlos Taminchi, os quais vivenciam tanto o contexto indígena ucayalino, quanto possuem formação em Artes (clássicas européias) em uma escola de pintura da região. Propõe-se compreender também conceitos como de *intenção*, *apropriação* dentro do estilo que tais pintores designam por *arte visionária* ou *ayahuasqueira*. Estes conceitos podem ser ainda mais problematizados quando se pensa que tais expressões estéticas são recebidas em alguns contextos como arte indígena, e, em outros, como arte contemporânea, dando relevo à ambigüidade que porta o termo 'arte indígena contemporânea'.

Palavras-chave: *arte visionária*, apropriação, intenção, arte indígena contemporânea.

Interfaces criativas e experimentações estéticas: Paulo Nazareth, Laura Lima e Jun Nakao

Mari Lúcie da Silva Loreto

As artes visuais se manifestam não apenas nos espaços institucionalizados, pois os processos criativos estão em constante movimento e geram transformações que permitem mudanças na percepção. O lugar da estética se desloca no campo previamente institucionalizado e incorpora uma dinâmica com facetas as mais sugestivas. Este estudo interroga as questões conceituais das margens artísticas e a inserção da estética e visualidade a partir de produções que incorporam o diálogo e tensão entre moda, comportamento e o próprio cotidiano. A natureza polissêmica dos processos criativos permite diversas interações entre o artista, o pesquisador, o público e o objeto de estudo, proporcionando informações valiosas para a realização de diversos tipos de pesquisa em uma reflexão que integra campos de conhecimento como a antropologia, a sociologia, os estudos culturais.

O presente trabalho discute aspectos de alguns exemplos dos limiares dos processos de criação e apreciação das obras tendo como enfoque as produções de Paulo Nazareth, Laura Lima e Jun Nakao. As ideias de Reinaldo Laddaga, Michel Maffesoli, Nicolas Bourriaud e outros autores complementam esta reflexão sobre arte contemporânea e os territórios de transformações profundas e confluências instigantes, o que não surpreende no cenário dinâmico do nosso tempo.

Palavras-chave: Processos criativos, arte contemporânea, cotidiano, experiência estética.

Teatralidades Engajadas: representações político-sociais a partir de experimentos teatrais

Susan Deisi Weisheimer

Esse trabalho apresenta o processo investigativo em andamento, acerca da pesquisa formação (NOVOA, 1992), que tem por objetivo trabalhar processos estéticos e reflexivos com jovens através do teatro político. Trata-se de uma reflexão sobre as estratégias criativas utilizadas pelos sujeitos para soluções estéticas e políticas durante exercícios de improvisação teatral. Essas ações serão estimuladas a partir de suas

experiências pessoais e também de debates realizados a respeito de questões políticas e sociais através da problematização dos eventos atuais ocorridos no Brasil.

É importante esclarecer que os sujeitos envolvidos na pesquisa são estudantes do Ensino Médio da rede pública, residentes de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul – BR. Outro fator interessante de análise é que os jovens envolvidos não possuem referências teatrais teóricas e práticas anteriores a essa pesquisa. Trata-se de uma iniciação desses estudantes aos processos criativos teatrais a fim de construir de forma coletiva e experimental uma estética própria do grupo, a qual eu chamarei de teatralidade engajada.

Dessa forma, esse trabalho apresenta os estudos bibliográficos para a pesquisa, os procedimentos metodológicos, as experiências criativas, as construções estéticas e as estratégias políticas elaboradas pelos estudantes.

Essa pesquisa se constitui através de dois procedimentos metodológicos. O primeiro na produção de dados para análise através do Teatro Político de Bertold Brecht e Estética do Oprimido de Augusto Boal. E o segundo, para a coleta e análise para as reflexões por meio de estudos etnográficos.

Palavras-chave: Teatro Político. Estética do Oprimido. Estudos Etnográficos. Teatralidade Engajada.

O GRAFFITI COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA E INTERVENÇÃO URBANA – PRÁTICA E LINGUAGEM ESTÉTICA ENTRE RUAS E GALERIAS

Beatriz Novo Rodrigues Silva

O graffiti, no âmbito das artes visuais, sempre transitou entre ruas e galerias e, passa, cada vez mais, de uma posição periférica para uma mais central, ganhando legitimidade enquanto arte reconhecida por um padrão valorativo e estético na sociedade. Nesse contexto, me interessa pensar quem é esse novo artista que surge na cena contemporânea da arte? Em que ambientes ele quer se expressar? Como ele atua e, em que tipos de condições deseja pintar? Quais os elementos que compõem a estética desse “novo artista”? Ele solicita para si o reconhecimento como artista ou o renega?

A proposta destas reflexões é compreender as especificidades da prática do graffiti na subjetividade de artistas-grafiteiros, e refletir sobre como o graffiti se constrói enquanto linguagem estética. Desse modo, busco tensionar diferentes perspectivas sobre o graffiti como temática de estudo e investigação na esfera das Artes Visuais e, ao mesmo tempo, das Intervenções Urbanas.

Ao longo dos trabalhos de campo e entrevistas que tenho realizado para investigar mais profundamente as questões aqui colocadas, meus interlocutores têm se mostrado em circulação bastante ativa entre diversos ambientes de produção e, exposição, de graffiti, isto é, eles pintam: em muros, em telas, em paredes de residências, assim como paredes de restaurantes, hotéis, centros culturais, entre outros ambientes privados e públicos.

A análise a partir destes sujeitos, que transitam entre diferentes espaços, e pertencimentos, ajuda a vislumbrar complexidade de seus processos criativos, e as diferentes dimensões que envolvem a produção estética do graffiti.

Encuentro en la línea, la Avenida Reforma en el Distrito Federal, México

Fabián Perciante García

La presente ponencia intenta dar cuenta de algunos procesos de la investigación realizada en la Avenida Reforma del Distrito Federal en México.

A partir de la experiencia en el trabajo de campo con un enfoque en la interdisciplinaridad apoyados en la etnografía y los estudios de la imagen, se aborda este lugar como espacio-tiempo en uno de los sitios más neurálgicos y emblemáticos de la capital mexicana.

La avenida también conocida como Paseo de la Reforma es sin duda una arteria principal de la ciudad, al tiempo que evoca de manera constante una historia que continúa reelabora su contexto a través de la insistente contemporaneidad urbana. El trabajo buscó interactuar en ese contexto a través del acercamiento a diversos modos de apropiarse del espacio y su relación entre el tiempo vivido y el tiempo pensado. Se indaga en las representaciones también desde el propio investigador teniendo en cuenta tanto las fragmentaciones como las reivindicaciones del trayecto de la avenida, sus diversos usos y desusos, las proyecciones temporales, y los acuerdos para esas representaciones.

Para trazar la coyuntura se hace referencia a la idea de -acuerdo latente como acontecimiento- y a una idea de línea (tiempo-espacio) que se dispersa.

Estos dos componentes y su relación con la imagen aparecen de modos diversos en el contexto de la avenida planteando un entramado práctico-teórico como proceso y metodología.

Palabras clave: Avenida, conflicto, acuerdo, tiempo, imagen.

Modos de produção cultural no Brasil: práticas em disputa

Victoria Irissari

Nas últimas décadas têm aparecido novas tensões, mudanças e interrogações em torno a produção cultural. O dispositivo socio-técnico configurado a partir da rede digital Internet, as tecnologias de informação e comunicação, os produtores, os intermediários e os consumidores (e as combinações possíveis entre todos eles), abriram novos interrogantes sobre a forma de organização social e as práticas associadas a ela. No Brasil, com a chegada de Gilberto Gil ao Ministério de Cultura se colocaram no debate as políticas públicas as quais eram apresentadas como políticas em sintonia com as mudanças que desde na década do noventa aconteciam no mundo a partir da massificação do uso de tecnologias digitais para a produção, circulação e consumo de diferentes bens culturais. Desde o Estado se redefiniu o conceito de cultura; de participação cidadã através da cultura; e de desenvolvimento de capacidades de gerenciamento ou gestão de cultura dos grupos da sociedade civil.

A partir de um trabalho etnográfico desenvolvido no Brasil, o presente trabalho busca analisar os modos de produção cultural de um movimento artístico-cultural emergente, o movimento Fora do Eixo, organizado em rede ao longo do país. O artigo explora o tipo de produção cultural que se produz a partir da convergência tecnologias digitais em rede, formas de organização e de participação política, concepções sobre o trabalho artístico e suas formas de remuneração, que disputam seu lugar no campo da produção cultural.

Palavras-chave: rede artístico-cultural, tecnologias digitais, produção.

OLHANDO E PENSANDO: UMA EXPOSIÇÃO DE CARICATURAS DE PENSADORES ENQUANTO DIMENSÃO PEDAGÓGICA

Marcio José Melo Malta

A proposta do trabalho é refletir sobre a recepção do público visitante a uma exposição de caricaturas de pensadores. As imagens foram realizadas pelo pesquisador, que conjuga o ofício de cartunista com o de professor do curso de Ciências Sociais. Uma série de exposições de desenhos de pensadores clássicos internacionais e brasileiros foi realizada no âmbito de vários *campus* universitários do Estado do Rio de Janeiro.

Existe na proposta uma busca pela dimensão sinestésica, que se dá através da junção da apresentação das artes impressas e a execução de músicas relacionadas a cada temática, discursos proferidos pelos pensadores, assim como a leitura de trechos de suas obras e projeção de vídeos e da temática ensejada.

O objetivo do trabalho é dimensionar através da reflexão etnografia a percepção do público visitante, na sua maioria da comunidade acadêmica universitária, sobre o conteúdo exposto em um local público como a Universidade. A questão central é como

dinamizar o aprendizado e a percepção do conteúdo do pensamento clássico e nacional através da ferramenta pedagógica em questão. Cabe destacar o uso de tecnologias múltiplas contemporâneas, como a projeção de arquivos digitais e o poder do audiovisual na produção de significados para as gerações contemporâneas. Dentre o rol de autores que auxiliam a discussão estão, dentre outros, Barthes, Weber, Darnton, Koselleck e Hobsbawn.

Palavras-chave: arte, filosofia, sinestesia, ensino, caricaturas.

SOBRE A PELE, O RIO: VIAGENS, FLUXOS CONTÍNUOS, AMBIENTES, EXPERIÊNCIAS INTUITIVAS, O CORPO OS ATLAS DE R(EX)SISTÊNCIA

Cláudia Leão

Luana Peixoto

Este artigo pretende pensar as viagens como processos artísticos dentro de um circuito de vivências intensas entre paisagens e passagens e relações com o outro, por meio do diálogo entre antropologia e arte, a que chamo de fluxos contínuos. Assim esse procedimento vem constituir as tessituras entre corpo, mapas e desenhos de r(ex)istências, nas tentativas de compreender o sentido de pertença, relações de amor, saudade, experiências intuitivas, arte, cultura e política na região Amazônica. As viagens a que me remeto, são as realizadas em barco pelos rios Amazonas e Xingu. A base teórica, onde está fundamentada esta pesquisa, está no conceito de paisagem, ambiente e corpo entrelaçados a partir do filósofo japonês Tetsuro Watsuji, de vivências e experiência do antropólogo Ryuta Imafuku, e o sentido de viagem para o poeta japonês, Matsuo Bashô.

Palavras-chave: Arte; viagens, fluxos contínuos; Intuição; paisagens, rios da Amazônia.

A dialética do novo e do tradicional em “A vida como ela é”

Rosano Freire

Buscamos mostrar como, em “A Vida Como Ela É...”, os elementos mobilizados do social para a organização interna da obra são justamente aqueles relativos aos valores sociais, que orientam o comportamento dos sujeitos. Orientamo-nos pelo postulado metodológico de Antônio Candido, que sustenta que as condições externas importam na medida em que atuam na estrutura interna do texto, trabalhando como força motriz da sua composição. Isso permite que o meio seja usado não apenas como enquadramento histórico para o objeto literário, mas como fator explicativo dele. Localizamos, em “A Vida Como Ela É...”, duas ordens de valor. A primeira, a do Rio de Janeiro, em um processo de “metropolização”, e, assim, trazendo em seu bojo características próprias à cidade moderna, como a diferenciação dos espaços sociais e a maior possibilidade de realização individual. A segunda, a da Família, que postula regras tradicionais de comportamento e maior hierarquia entre os indivíduos. Como característica marcante da família patriarcal brasileira, estaria o seu papel na organização social e seu desejo de controlar os membros do grupo. Na ficção elaborada por Nelson Rodrigues, as duas ordens concorrem para orientar os indivíduos e em permanente atrito. De acordo com a sua visão conservadora, o mundo moderno está dotado de um caráter disruptivo e desagregador, que atua principalmente sobre os laços tradicionais da família. Pode-se falar, portanto, de uma dialética do novo e do tradicional em “A Vida Como Ela É...” – cuja síntese pende sempre para o primeiro elemento, estando refletida pelo elemento trágico dos seus escritos.

Palavras-chave: A Vida Como Ela É...; Nelson Rodrigues; modernização; valores.

3ª Sessão – Sonoridades e materialidades

“CULTURA DO VINIL”: UM ENSAIO SOBRE OS DISCOS “OBSCUROS”

Felipe Viana Gomes Brandão

Esta comunicação é um desdobramento do projeto de pesquisa intitulado “Cultura do Vinil”: práticas e representações entre os amantes do LP no Rio de Janeiro” que realizo sob orientação da profa. Renata de Sá Gonçalves e como parte da minha formação no Mestrado em Antropologia pelo PPGA/UFF.

A partir de uma “observação de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), acompanho “amantes do vinil” em seus "garimpos", escutas domésticas e os entrevisto acerca de seus acervos pessoais. Tanto na observação de campo, como na pesquisa bibliográfica, a categoria nativa “Cultura do Vinil” é constantemente evocada, usada geralmente no

sentido de indicar idiosincrasias de un possível "mundo do vinil". Assim, a presente investigação toma como objeto de análise as práticas sociais engendradas a partir da relação entre objeto e agente sociais, ou seja, LP's e "amantes do vinil".

No léxico dos possuidores de discos na "cultura do vinil" apresentam-se uma série de categoriais sociais para classificar LP's. "Lixo", "básico", "mosca branca", "obscuros", seriam exemplos de categorizações que constroem a experiência social neste universo. Neste artigo, pretendo fazer uma análise acerca da construção social do que é chamado um disco "obscuro" e sua relação e importância para a "cultura do vinil", a partir da trajetória social (KOPYTOFF, 2008) de obras como "Krishnanda" (1968) de Pedro Sorongo e "Arthur Verocai" (1972) de Arthur Verocai.

Palavras chave: discos de vinil; antropologia urbana; cultura material.

Dar la talla del artista": la conformación de un catálogo musical para un sello musical emergente de la zona metropolitana de Buenos Aires

Ornela Boix

La investigación de doctorado que da lugar a esta ponencia propone analizar en su emergencia la configuración mutua de organizaciones socio-musicales y de trayectorias "profesionales" en la música para sujetos que se visualizan como una nueva generación en la música y que se identifican, no sin conflictos, con la categoría de lo "emergente", a partir de la descripción y análisis de un caso en el que ocurre esa imbricación para el período 2011-2015 en la ciudad de La Plata. Para ello se ha realizado una etnografía con el sello musical Concepto Cero, sus participantes y sus redes, con rango de acción en la ciudad de La Plata y la zona metropolitana de Buenos Aires.

En este contexto, el objetivo de esta ponencia es mostrar el punto de encuentro entre la conformación de Concepto Cero como organización socio-musical "profesional" con el desarrollo del catálogo de discos. Se entiende de esta manera al catálogo como un punto de llegada de un proceso de profesionalización, a la vez de un punto de llegada de nuestra investigación. En este plan, en un primer momento, se presentan los discos que forman parte del catálogo al cierre del período a partir de su sonoridad, su materialidad y su estética. En un segundo momento se relacionan estos objetos con el proceso de profesionalización: ¿por medio de qué procesos se fueron incorporando estos discos?, ¿bajo qué criterios y expectativas tensionadas?, ¿a partir de qué categorías estéticas y morales? Por último, a partir de las discusiones anteriores, se sistematizan las categorías que entran en juego en la elaboración y presentación de este catálogo para volver sobre un interrogante central de nuestra investigación: ¿Qué es lo efectivamente emergente en la música juvenil contemporánea en la zona metropolitana de Buenos Aires?

Festivais de música eletrônica: práticas e representações

Maria Carolina Soares

No final do século passado, a música eletrônica contribuiu para definir um conjunto de práticas e representações que ficariam conhecidos como culturas *clubber* e *raver*. De espaços underground a celebrações da cultura urbana, este estilo musical se tornou parte de um mercado internacional de festivais de grande escala, que no Brasil se manifesta a partir de versões importadas e interpretações locais. Diferentes subestilos

da música eletrônica e audiências se relacionam à esses eventos, porém cada um deles acentua e celebra uma forma particular de estilo de vida projetada através do uso coletivo e compartilhado de um conjunto de imagens, textos e objetos. Os festivais são eventos transmidiáticos, com seus enredos ampliados e perpetuados através de vídeos, fotos, redes sociais, jogos, roupas e inúmeros produtos associados. Esses eventos são, portanto, parte de uma indústria da experiência, que cria performances, identidades visuais e fluxos de mediação entre as esferas físicas e digitais. A experiência do festival deixa de existir em um espaço tempo determinado para se antecipar e estender através de diversos canais digitais. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o sistema de símbolos e valores que se estabelecem a partir das celebração de festivais de música eletrônica através da circulação de imagens, mensagens e objetos e que configuram a experiência de participar desses eventos. As reflexões se elaboram a partir do trabalho de campo realizado em festivais de música eletrônica bem como em grupos de discussão nas redes sociais, além de entrevistas com participantes desse tipo de evento.

Palavras-chave: cultura jovem, entretenimento, estilo de vida.

INTERSEÇÕES ENTRE ACORDOS ÉTICOS, RESPOSTAS ESTÉTICAS E IDENTIFICAÇÃO MUSICAL

Paulo Henrique Barbosa Dias

A análise proposta no *paper* parte do princípio de que a música – como demais expressões artísticas -, na medida em que as coletividades se reconhecem a si mesmas como grupo por meio da atividade cultural e de juízos estéticos, é uma maneira de estar no mundo. No texto discuto como as práticas e as sensibilidades musicais

funcionam provendo elementos para interpretações das relações coletivas e individuais. Admitindo que normas sociais e definições do que é moral e culturalmente aceitável informam aqueles juízos, proponho uma averiguação de como, na música, ideologias sociais, códigos éticos e sentimentos cívicos, articulam-se com.

Criatividade e iconicidade sônica nas performances narrativas de raps (e entre rappers) do sul do Brasil

Luana Zambiazzi dos Santos

Partindo de um estudo etnográfico de orientação etnomusicológica sobre as narrativas sônicas de uma Cohab, conjunto habitacional popular da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, sul do Brasil, procuro neste trabalho discutir especificamente como raps produzidos por operários da indústria do metal tornam-se estetizações, performances da vida urbana. Ao girar em torno das políticas de participação de raps do grupo Mesclã, procurarei mostrar como o conflito, narrado através da ambiência da violência urbana e da revolta, na iconicidade sônica, não faz parte exclusivamente da memória coletiva do rap, ou como diria Steve Goodman (2010), da força sônica proveniente das músicas afrofuturistas, mas, mais intensamente, torna-se uma forma de lidar com territórios e agenciar posicionalidades de meus interlocutores em face dos seus espaços de circulação, inclusive em relação aos seus imaginários e figurações sociais a respeito de processos globais. A articulação desses diferentes territórios nos raps, nas performances narrativas, em que as imagens da “luta” diária e do cotidiano “maquínico” do “chão de fábrica” são compartilhadas entre meus interlocutores, permite aos rappers construir algo que, na rítmica de seus cotidianos, torna-se “novo” e é interpretado pelos próprios como ação criativa nos seus projetos de narrar da cidade, “de reportar o som da rua”. Esses raps, portanto, em sintonia com este GT, possibilitam uma discussão sobre a noção de criatividade como tônica narrativa nas dinâmicas populares e urbanas na contemporaneidade.

Palavras-chave: criatividade; iconicidade sônica; performances urbanas; performances narrativas; raps.

BATALHA DO MERCADO: PERFORMANCES E POÉTICAS DO DUELO DE RIMADORES

Vinícius Teixeira Pinto

O rap e outros conceitos relativos têm se atualizado em uma gama diversificada de performances musicais ao longo dos últimos anos no Brasil. Partindo das contribuições da Antropologia da música, é possível tratá-lo como um gênero musical de poética própria que cria o mundo e recria a si mesmo de acordo com variáveis contextualizações. Não obstante, para uma abordagem aprofundada em relação a estas atualizações é adequado propor descrições que busquem elencar a maior quantidade de componentes linguísticos que fazem parte de suas performatizações, sem restringir-se a aspectos meramente sonoros. Assim, é importante lembrar que elementos verbais e visuais também fazem parte da elaboração de tais músicas. Para o artigo em questão, propõe-se uma análise de performatizações do rap na Batalha do Mercado, uma rinha de rimadores em Porto Alegre (RS), cidade do sul do Brasil. Trata-se aqui a música e também o duelo entre rimadores enquanto obra aberta, isto é, composições construídas nos diálogos estabelecidos entre emissores e receptores. Dentro do rap, é provável que a principal característica de tal modalidade musical seja a diminuição da demarcação entre cantores e audiência, afinal neste caso os resultados finais das disputas entre MC's são sempre dependentes da participação do que convencionou-se chamar por público. O principal interesse será apresentar a contextualização de alguns conceitos recorrentes nestes duelos, especialmente o modo como recria-se a cidade e o chamado “rap gaúcho”. Todo material utilizado para a abordagem é oriundo de pesquisa etnográfica realizada no primeiro semestre de 2014 no referido duelo de cantores.

Palavras-chave: Rap; Antropologia da música; Performance; Duelos musicais.

Nuevas estéticas en el tango actual

Victoria Polti

En los últimos 30 años se ha ido configurando en Buenos Aires una escena local a partir de una búsqueda de renovación en el tango signada por el surgimiento y consolidación de numerosas formaciones musicales (variadas en cuanto a cantidad de músicos, instrumentación y propuestas estéticas), conformadas por jóvenes que desde los comienzos renovaron significativamente los cánones tradicionales del tango y que en muchos casos se han definido en términos de *tango joven*, *nuevo tango*, *tango contemporáneo*, o *tango de ruptura*, generando nuevos circuitos de producción, distribución y consumo musicales.

Estas nuevas formaciones comparten algunos sentidos y tradiciones estéticas con generaciones anteriores pero en muchos casos confrontan y disputan otros sentidos colaborando en la conformación de paradigmas estéticos ligados a subjetividades contemporáneas más porosas, flexibles, multiculturales y fragmentadas.

Estos nuevos sentidos resitúan estilística, estética, sonora y políticamente al tango

interpelando a una tradición que aún hoy nos ofrece tensiones y debates sobre el alcance y la “autenticidad”, el “adentro” y el “afuera” de un género que más bien parece estar corriéndose de la cristalización de emociones como la tristeza, las normas y la etiqueta en la danza, la moral o la pertinencia espacial y temporal de sus letras.

En el presente trabajo propongo algunas reflexiones en torno al contexto de surgimiento de esta considerada nueva etapa que numerosos grupos de tango actual reconocen o asumen como propios, y el abordaje de esta escena local a partir de ciertas trayectorias musicales y sonoras.

Palabras claves: nuevo tango – nuevas estéticas – espacio sonoro – experiencia musical – biografía sonora.

Modos de dar sustentabilidad a una carrera artística y un *home-studio* de rap en el conurbano bonaerense

Sebastián Muñoz

El trabajo a presentar intentará explorar las prácticas y discursos que el “referente-administrador” de un estudio de producción musical casero de rap de Buenos Aires (llamado Núcleo) elabora para dar sustentabilidad económica y simbólica al estudio y a su proyecto artístico personal. En este proceso interesa observar las articulaciones entre lo estético, lo social y lo económico, y es fruto de los primeros meses de una etnografía en marcha.

Tiene tres dimensiones de análisis relacionadas. Primero, explorar cómo Núcleo hace y mantiene su carrera artística y laboral y su estudio de producción musical. Segundo, indagar en los discursos y los soportes (estéticos, sociales, familiares y tecnológicos) que usa para ello, a la vez que en sus motivaciones para el desarrollo de un vínculo intenso y permanente con la música. Finalmente, vislumbrar, de forma muy inicial, algunos de los elementos diferenciales del rap porteño, como modo de entender la especificidad de este mundo social. Esto como una manera de comprender a Núcleo y “El Triángulo” dentro de un mundo social con ciertas pautas comunes y redes particulares, que lo influyen y que él ayuda a generar.

En este marco interesa comprender una serie de interrogantes sobre la búsqueda estética que Núcleo realiza con el rap, los procesos de afirmación personal y grupal que realiza y los modos en que intensifica su vínculo con el rap en la perspectiva de su profesionalización. En este sentido, se indagará en prácticas como la organización de eventos y establecimiento de relaciones con productores, gestión de su difusión, diseño y producción de *merchandising*, vínculos con los fans y con quienes van a grabar al

estudio.

Palabras clave: música, rap, carrera artística, profesionalización.

“Qual música te anima?”: memória, visibilidade e representação ao som da música gospel

Olívia Bandeira

Nos últimos anos, os evangélicos têm ganhado visibilidade no espaço público no Brasil. Essa visibilidade não advém somente do aumento numérico, mas da forte presença de representantes desses grupos na política e nas mídias e da diversificação e profissionalização de suas manifestações culturais. Essa criação artística é acompanhada de transformações nas formas de culto e do crescimento de espaços rituais não convencionais como shows, congressos e eventos públicos como festivais e marchas.

O presente trabalho tem interesse nas formas como as manifestações culturais estão envolvidas em processos de visibilização de grupos e de disputas por representação e visões de mundo no espaço público. O trabalho se foca na chamada música gospel brasileira questionando os sentidos que ela adquire para os sujeitos em processos de produção, circulação e consumo, para além do mais conhecido debate sobre a relação entre religião, mercado e espetáculo. Os dados utilizados são de uma etnografia em espaços (gravadoras, shows, festivais, feiras e redes sociais, entre outros) por onde circulam dois artistas reconhecidos no segmento: a cantora e compositora do gênero louvor e adoração Eyshila e o rapper Pregador Luo. A investigação aponta que a música gospel dialoga com as manifestações culturais de outros grupos, religiosos ou não, criando e recriando performances e imagens que estão presentes no cotidiano de artistas e fiéis para além dos momentos de culto, fazendo parte de processos que envolvem a fabricação de memórias e estilos de vida e a disputa por representações e visões de mundo.

Palavras-chave: música gospel; visibilidade; representação

Funk carioca: entrecruzando estética e cotidiano: Análise dos usos da música na periferia carioca

Marildo José Nercolini

O que se pretende nesse texto é refletir sobre a importância do funk enquanto criação estética/artística híbrida e seu papel fundamental no cotidiano das periferias do Rio de Janeiro. Penso aqui o estético imbricado na vida cotidiana, servindo como elemento aglutinador e forma de, ao mesmo tempo, construir e expressar o cotidiano desses agentes periféricos, suas lutas, desejos, auto-representação e valores. Pretendo analisar as estratégias usadas e as disputas que ocorrem em um momento em que muitas comunidades periféricas do Rio de Janeiro passam por profundas transformações advindas, entre outras razões, da maior intervenção do Estado (através da implantação das Unidades de Polícia Pacificadoras – UPPs) e também da rearticulação de forças que estão em processo nessas mesmas comunidades. Para isso, a intenção é apresentar a pesquisa de cunho etnográfico que está sendo realizada nas favelas da Babilônia e Chapéu Mangueira, localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro, em torno do funk e suas conexões no dia-a-dia dessas favelas, de seus agentes e suas práticas. Com a implantação da UPP e o fortalecimento das religiões neopentecostais, acentuaram-se nessas comunidades os embates em torno da dificuldade de circulação do funk, sobretudo em eventos públicos. Por outro lado, também se percebe o uso do funk pelos jovens dessas favelas como maneira de se expressar e de serem ouvidos. Mesmo os jovens que não criam, mas escutam o funk e o performatizam em suas danças, dele se apropriam para expressarem suas vivências e o desejo de serem respeitados e notados como agentes-cidadãos. A música (nesse caso específico o funk) e os usos que dela se fazem são instrumentos privilegiados de trocas, diálogos e disputas pelo significado social, utilizados estrategicamente pelos agentes periféricos na construção de representações (individual e coletiva), tendo em vista o situar-se no mundo, tendo vez e voz própria, possibilitando a construção/reconstrução de si e dos espaços onde vivem e circulam.

Palavras-chave: Funk; auto-representação; estética; cotidiano; performance urbana.

GT 65. ETNOGRAFIAS DA VIOLÊNCIA E IDENTIDADE EM CONTEXTOS DE CONFLITO POLÍTICO

Coordenadores:

Andréa Carolina Schwartz Peres. Cebrap – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; acsperes@gmail.com

Sarah Correia. London School of Economics; s.m.correia@lse.ac.uk

Comentarista: Adriana Maria Villalón. IFCH –UNICAMP; adriana.villalon@gmail.com

1ª SESSÃO: DE GÊNEROS E PRÁTICAS NOS CONFLITOS E GUERRAS

Coordenação: Sarah Correia (LSE)

Debate: Adriana Villalón (Unicamp)

EL MOVIMIENTO DE MUJERES DE KURDISTÁN

Ö. Dilan Bozgan. UNSAM/IDAES. Doctorado de la Antropología Social (doctorando);
dilan.bozgan@gmail.com

La “turquificación” fue la base de la formación del estado-nación turco desde el comienzo del siglo XX. Radicado en las políticas de asimilación, el conflicto actual entre el PKK (Partido de los Trabajadores de Kurdistan) y el estado turco surgió posterior al último golpe militar ocurrido en 1980. En los 90, se declaró el estado de emergencia: el estado turco ordenó la evacuación de los pueblos kurdos por “razones de seguridad” y forzó la migración de sus habitantes quienes no se asumieron en el sistema paramilitar; ocurrieron asesinatos no resueltos de activistas de derechos humanos, políticos y empresarios kurdos; tres partidos políticos pro-kurdos fueron clausurados por la corte turca. Desde los 2000, hay un proceso de negociación, aunque se interrumpe ocasionalmente.

Las mujeres kurdas participaron en el movimiento de liberación kurda en este contexto del conflicto étnico/político. En los 80 participaron a la guerrilla kurda, en los 90 su participación extendió hasta los partidos políticos y la sociedad civil (las organizaciones de las víctimas) y finalmente en los 2000 formaron su movimiento autónomo; el movimiento de mujeres de Kurdistan. Sus experiencias traumáticas que las acompañaron, por un lado, y la esfuerza de su participación política por el otro; ellas transformaron su agencia colectiva mediante y dentro de la violencia. Con la intención de explorar los puntos de partida de las mujeres kurdas más allá de la categoría de mujeres víctimas del tercer mundo, intentaré narrar sus experiencias dentro del contexto del conflicto, a través de mi trabajo de campo realizado en Istanbul y Diyarbakir.

Palabras claves: Nacionalismo, conflicto étnico/político, violencia, mujeres kurdas.

DIMENSIONES DE LA MASCULINIDAD BÉLICA EN LA GUERRA CONTEMPORÁNEA EN COLOMBIA

Darío Muñoz Onofre. IFCH-UNICAMP; darmuz@yahoo.com

En esta ponencia conoceré las masculinidades que se producen en el contexto de la guerra contemporánea en Colombia, a partir del análisis de las relaciones mutuamente constitutivas entre masculinidad, poder y violencia armada. En este marco, propongo la categoría de *masculinidad bélica* para analizar críticamente los procesos psicosociales y culturales mediante los cuales los hombres participan en la guerra, configuran su masculinidad mediante prácticas y discursos de violencia armada y promueven la perpetuación de la guerra y su aceptación por parte de la opinión pública.

A través de esta categoría expondré dos dimensiones de análisis sobre estas masculinidades:

Por un lado, caracterizaré su constitución en el interior de los grupos armados ilegales del conflicto armado interno. Con base en aproximaciones etnográficas y narrativas a hombres excombatientes mostraré cómo el disciplinamiento de sus cuerpos y emociones contribuye a naturalizar la violencia armada como comportamiento típicamente masculino. La perspectiva analítica será, en este caso, de tipo anatomopolítico.

Por otro lado, mostraré su reproducción como modelo de identidad nacional a través de la promoción mediática de los soldados del Ejército Nacional como “héroes de la patria” en el periodo comprendido entre 2001 y 2010. Con base en un análisis cultural de políticas visuales, evidenciaré cómo esta gestión mediática buscó generar el consentimiento de la guerra por parte de la opinión pública nacional y desembocó en acciones colectivas multitudinarias de apoyo a la empresa bélica. La perspectiva analítica será, en este caso, de tipo biopolítico.

Palabras clave: Guerra en Colombia, antropología de los conflictos armados, masculinidad, cuerpo, imagen.

SER UN DESPLAZADO MÁS EN LA CIUDAD DE CALI: EXPERIENCIAS DE MUJERES QUE LLEGAN A LA CIUDAD EN MEDIO DEL CONFLICTO ARMADO COLOMBIANO

Paula Andrea Olaya Goetz. Doctoranda en Ciencias Sociales de la Universidad Estadual

La siguiente ponencia es un esfuerzo por presentar las transformaciones subjetivas e identitarias que viven cinco mujeres que llegan a la ciudad de Cali en medio del conflicto armado colombiano, para ello cabe aclarar que el centro de la presentación no es el “desplazamiento forzado” sino el “desplazado”. Teniendo esto presente intentamos tomar distancia de la manera como habitualmente los investigadores que desde diferentes niveles han considerado como objeto de estudio al “desplazado”; denominaciones que de una u otra forma han impedido develar o poner en cuestión lo que hay detrás de dicho término, específicamente en términos de la experiencia de estos sujetos sociales. En un contexto socio-político en donde empieza a ser difusa la distinción entre desplazamiento forzado y la migración motivada por causas educativas y económicas, recursos-soportes como la pertenencia a una identidad étnica logran ser utilizados como estrategia para proveerse protección en la ciudad, aunque esta no les signifique el logro de sus objetivos. Visto de esta manera la presente ponencia pretende, a través de un ejercicio etnográfico, adentrarse en la experiencia de estas mujeres en dos momentos. Un primer momento constituido por un antes del evento de huida a la ciudad, y un segundo momento constituido por un después de la huida de los lugares de residencia, luego de haber sufrido los embates del conflicto armado, haber llegado a la ciudad de Cali y entrar en contacto con las instituciones encargadas de brindar asistencia social a la población.

Palabras clave: Desplazados, conflicto armado colombiano, identidades, subjetividad, experiencia.

2ª SESSÃO: CONFLITOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NACIONAIS

Coordenação: Andréa C. S. Peres (Cebrap)

Debate: Sarah Correia (LSE)

NUNCA ESQUECEREMOS! UMA ANÁLISE SOBRE A APROPRIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DO PASSADO SÉRVIO A PARTIR DE 1980 E SUA RELAÇÃO COM AS GUERRAS

Nícolás Rocca Bragaia; nicolasrb@uol.com.br

O trabalho apresentado tem em vista, como objetivo, um estudo a respeito da

apropriação da memória coletiva sérvia a partir da década de 1980, tendo em vista que, nessa década, o nacionalismo sérvio começou a reaparecer com cada vez mais força nas esferas pública e política, surgindo como um dos principais fatores para a eclosão das guerras na Iugoslávia durante a década de 1990. Será analisado como a memória coletiva sérvia foi apropriada a proveito do governo e da política sérvia como forma de justificar as agressões na Croácia, na Bósnia-Herzegovina e no Kosovo.

Também se pretende trabalhar como, no caso dos sérvios, foi realizada uma associação de construções históricas sobre diferentes épocas, tais quais, Idade Média, domínio otomano, rebeliões pela independência sérvia, a monarquia iugoslava, as guerras mundiais e o regime comunista; com o presente daquela época (décadas de 1980-90), com grande auxílio da produção midiática e cultural, de forma que o genocídio e a limpeza étnica realizados pelos sérvios fossem interpretados como uma forma de reação a eventos ocorridos décadas ou mesmo séculos no passado, tornando-se o período de guerras nos anos 1990, para os sérvios, uma espécie de acerto de contas por todos os supostos “crimes” cometidos à nação sérvia na história, bem como, a associação de bósnios, albaneses e croatas com antigos inimigos do povo sérvio.

A partir disso, será observado como esses fatores impactaram na memória coletiva sérvia, como auxiliaram na apropriação dela, e que legados isso tem deixado nos dias de hoje, no pós-guerra.

Palavras-chaves: Iugoslávia, Sérvia, Mídia, Nacionalismo, Memória.

CONSTRUINDO O MULTINACIONAL NO DISTRITO DE BRÄCKEKO

Andréa Carolina Schwartz Peres. Cebrap; acsperes@gmail.com

Em contraste com a divisão administrativa em entidades ocorrida na Bósnia como forma de colocar fim a guerra, o distrito de BrÄ • ko foi criado como unidade administrativa à parte e multinacional. A partir de 2000, vários esforços foram feitos no sentido de consumir essa unidade política-administrativa como multinacional. Um deles, foi a unificação das escolas. A partir de 2002, independente do pertencimento nacional, todas as crianças passaram a frequentar as mesmas escolas. Diferente da Republika Srpska onde a educação se dá a partir de livros didáticos e conteúdos desde a guerra estabelecidos como sérvios, e o mesmo em relação à Federação, onde há duas escolas sob o mesmo teto, onde crianças croatas frequentam em um período, crianças bósníacas em outro, no distrito de BrÄ • ko todos têm seus direitos nacionais garantidos independentemente de frequentarem as mesmas escolas. Esses direitos se fazem garantidos nas matérias de conteúdo nacional; são elas: língua, literatura, religião e música. História e geografia foram mantidas unificadas. Apesar de conviverem, essas crianças aprendem desde cedo que são diferentes. Vão cursar faculdades na entidade

respectiva. Vão votar para seus representantes nacionais. E por fim, vão frequentar os mesmo cafés e bares que os seus frequentam. O multinacionalismo imposto no distrito de Brã • ko favoreceu sim que bosníacos e croatas expulsos durante a guerra retornassem a sua cidade natal, favoreceu que milhares de refugiados sérvios da federação encontrassem um lar, favoreceu que em alguma medida, pelo menos nos 4 anos de ensino médio, jovens de diferentes grupos convivessem, porém, pelo fato de ser imposto, e pelo rigor no que se refere ao respeito aos direitos de cada grupo, a seus conteúdos e representantes, criou-se uma cidade dividida, onde as linhas não precisam ser oficiais para existirem e lembrar a todo momento a que grupo você pertence.

Palavras-chaves: língua, multinacionalismo, conflito, distrito de Brã • ko, educação.

EVERYDAY BOUNDARIES OF VIOLENCE

Renata de Figueiredo Summa. PHD Candidate at Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; renatasumma@gmail.com

In this article, I will explain that the multiplication of internal boundaries was advanced as a solution to the violent conflicts that ravaged Bosnia and Herzegovina in the 1990s. New boundaries, justified and tolerated in name of a peaceful solution to the war, have been since enacted mainly as violent boundaries, promoting abrupt disconnections, disruptions and divisions. These boundaries have deeply permeated and shaped post-Dayton Bosnia everyday life.

As war broke - and marriages, friendships and neighboring ties were reconfigured - the enactment of boundaries in Bosnia and Herzegovina became clearly related to spheres of life understood until now as 'private' or 'personal'. As in the metaphor of the divided apartment, 'everyday places' have been deeply transformed and became contested - or sites of dispute - and 'everyday practices' became strongly politicized.

Boundaries are thus highly dependent on daily performances. I will argue that, more than including and excluding, boundaries, understood here rather as a fluid grey zone than a border, operate mainly in terms of connecting and disconnecting. By analysing the everyday, I seek to capture different forms of enacting boundaries, opening the possibilities to less violent ways of organising relations and space. Being a site of creativity, as Lefebvre and De Certeau state, the everyday should be considered as an important analytical field. I will thus look at everyday boundary enacting in post-Dayton Bosnia and Herzegovina.

Key words: Boundaries – Violence – Everyday life – Bosnia and Herzegovina.

DE INDUCCIONES Y SENTIMIENTOS: REFLEXIONES SOBRE PRÁCTICAS VINCULADAS A LA GENERACIÓN DE NARRATIVAS SOBRE EVENTOS DE VIOLENCIA

Adriana M. Villalón. IFCH-UNICAMP; adriana.villalon@gmail.com

El objetivo de este artículo es mostrar, en tres contextos nacionales diferentes, con experiencias de violencia armada interna (País Vasco, Sudáfrica y Perú), cómo se intenta generar, en torno a eventos de violencia, sentimientos y percepciones determinadas. En este sentido, se narran registros de campo en visitas a espacios considerados de memoria o elaboración de ella, tales como memoriales y, en encuentros dirigidos a expresar experiencias con conflictos, gestionados por entidades y/o Ong.

3ª SESSÃO: ESTRATÉGIAS, SABERES E PRÁTICAS NA VIOLÊNCIA E NA GUERRA

1º grupo. Coordenação: Adriana Villalón (Unicamp). Debate: Andréa C. S. Peres (Cebrap)

NA ENCRUZILHADA DO EXU: RELIGIÃO, POLÍCIA E MILITARIZAÇÃO NA ZONA OESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Ana Paula de Souza Campos. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS/UFRRJ); paulacampos@ufrj.br

Carly Barboza Machado. Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro.

A partir de uma pesquisa etnográfica em um terreiro de umbanda localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, este trabalho pretende versar acerca do estudo de

caso da figura do “exu policial” – um exu (entidade/espírito pertencente à cosmologia da religião umbanda) “incorporado” pela mãe-de-santo do terreiro, que tem por indumentária objetos referentes à figura de um policial. Pretende-se, sobretudo, analisar o contexto de formação desta figura a partir da relação de troca existente entre o exu e policiais e entre o exu e um criminoso que permitiu não apenas a construção de tal figura, mas a sua legitimação como uma figura de poder no terreiro. Os policiais atendidos pelo exu ofertaram a ele uniformes policiais, colete à prova de balas, quepe e armas; enquanto o criminoso, também atendido por ele, ofertou-lhe uma imagem de exu e um cordão de ouro. Em troca, o exu precisaria recompensá-los com a proteção. Propomos analisar relações em que o que tem circulado não são apenas uniformes, trajes policiais, armas, cordões e imagens, mas também a proteção. A partir disso objetivamos refletir acerca dos mercados de proteção construídos na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro entre religião, milícia e o tráfico de drogas. Nesse contexto, a proteção tem se construído como uma mercadoria, como uma moeda de troca em meio a um contexto de violência.

Palavras-chave: reciprocidade, troca, milícia, proteção, violência.

O CÁRCERE EM PALAVRAS: NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA A PARTIR DA PRISÃO

Adriana Rezende Faria Taets. Doutoranda em Antropologia Social, Universidade de São Paulo/USP; Pesquisadora do Coletivo ASA/Cnpq: Arte, Saberes e Antropologia; Professora da Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá/FEPI; dritaets@yahoo.com.br

O cenário prisional brasileiro tem sido discutido por diversas áreas do conhecimento, e percebe-se um aumento do interesse nas dinâmicas próprias a esta instituição. Temas como a lógica do crime, crime organizado, organização prisional, relações amorosas e constituição de família, relação prisão/sociedade, relação instituição/violência têm sido discutidos a partir de pesquisas de campo tanto dentro como fora da prisão. É possível considerar tais pesquisas vozes que falam sobre o cárcere.

Esta pesquisa, por sua vez, volta-se para um olhar específico: as narrativas escritas dos presos sobre suas experiências na prisão, para tanto, toma como objeto de análise obras publicadas por autores que se encontravam presos assim como textos produzidos por presidiários em concursos literários realizados na prisão. Interessa-me, portanto, compreender as formas narrativas para falar sobre o cárcere e os elementos presentes em tais narrativas.

A narrativa da violência ganha relevo em tais textos, principalmente quando se voltam para contar experiências de torturas sofridas tanto no cárcere quanto nas instituições policiais brasileiras. Os autores em questão afirmam que viveram algo inenarrável, no

entanto, se esforçam para transformar em palavras uma experiência tida como traumática. Compreender esse esforço e o seu resultado é o interesse principal do trabalho que ora se apresenta.

Palavras Chave: Narrativa. Cárcere. Violência. Experiência. Tortura.

A PURIFICAÇÃO DO PERIGO. YUAKI – A DANÇA DE FRUTAS E A GUERRA ENTRE A GENTE DO CENTRO AMAZÔNIA COLOMBIANA

Marco Tobón. Estudante de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp

Nos últimos 15 anos os protagonistas da guerra colombiana, a guerrilha das FARC e o exército oficial, estenderam suas dinâmicas militares para o território dos povos indígenas muina (uitoto), andoke, nonuya e muinane auto nomeados Gente de centro, na Amazônia colombiana. As ameaças às condições humanitárias geradas por estas circunstâncias configuraram um cenário histórico no qual os povos indígenas, em quanto sociedade civil não armada, responderam através de práticas culturais destinadas a proteger sua própria vida. Entre estas práticas culturais, as quais manifestam por sua vez um alto potencial político, estão as danças rituais, especificamente a dança de Yuakí ou dança de frutas em língua muina. O propósito deste trabalho, portanto, é pensar como as danças rituais entre a *Gente de centro*, geralmente empregadas para transformar as forças impuras e ameaçantes da natureza em atuações puras e experiências benévolas (Griffiths 1998: 170), isto é, atuar sobre o mundo para humanizá-lo, participam por sua vez no cenário do conflito armado como atuações políticas tendentes a controlar as ameaças da guerra na vida local, mais exatamente, fazer inutilizáveis os poderes destrutivos da mobilização armada. Os eventos etnográficos abordados serão duas danças rituais da cerimônia de *yuakí* (frutas) realizada pelos muina (uitoto). Estes dois rituais de *yuakí* foram realizados no meio da presença armada das FARC no ano 2002. Discutirei, em consequência, como as cerimônias rituais constituem poderosas ferramentas transformadoras das tensões político-militares que supõe a guerra.

2º grupo. Coordenação: Andréa C. S. Peres (Cebrap) Debate: Adriana Villalón (Unicamp)

FUEGO Y ASFALTO. PROTESTAS, INSURGENCIAS Y GESTIÓN DEL CONFLICTO EN SANTIAGO DE CHILE

Andrea Soledad Roca Vera. Antropóloga Social, Universidad de Chile. Doutoranda
Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo;
andrearocav@gmail.com

El 2011, ciudades tanto del sur global como del norte desarrollado fueron escenario de multitudinarias protestas, muchas de ellas, movilizadas por la justicia global y una crítica a la expansión del neoliberalismo en diferentes esferas de la vida social. En esta ponencia discutiremos dos fenómenos que han ganado centralidad en el reciente ciclo de protestas. De un lado, la incorporación de una violencia performática, no letal y de pequeña escala contra símbolos del Estado y Capital, en los repertorios de contestación de grupos minoritarios, como fue verificado en los últimos años, en ciudades tan dispares como El Cairo, Atenas y Rio de Janeiro. De otro lado, el recrudecimiento del uso de la fuerza física y adopción de una lógica militarizada en el policiamiento de las protestas, movimiento concomitante a la circulación de tecnologías desarrolladas para el control de las multitudes. Dentro del contexto global, discutiremos elementos para analizar el entrecruzamiento de esos fenómenos en las movilizaciones convocadas desde el 2011, por el movimiento estudiantil en Santiago de Chile, protestas que inauguraron el mayor ciclo de contestación pública, en ese país, desde el retorno de la democracia en 1990 y donde, en los últimos años, bombas molotovs y piedras, gas lacrimógeno, balines de goma y carros lanza-aguas, forman parte del elenco habitual. Reflexionaremos sobre parámetros analíticos que contribuyan a comprender el estatuto de esas rebeldías “mal comportadas” en la cartografía política de la ciudad contemporánea.

Palabras claves: protestas urbanas, repertorios de violencia, gestión del conflicto, policiamiento de la protesta, Chile.

REGINO VIGO: VIOLENCIA, ALTERIDAD Y EPOPEYA EN UNA SAGA DE FRONTERA

Diana Arellano. Universidad Nacional de Misiones, Argentina.;
dianamabela@yahoo.com.ar

Carla Cossi. Universidad Nacional de Misiones, Argentina; carlacossi@gmail.com

La teoría antropológica ha construido un acervo teórico relevante acerca de la construcción de la otredad que, en las últimas décadas, abreva en el concepto foucaultiano de Biopolítica, para referirse a las tensiones en las que los cuerpos son constitutivos y constituyentes de una red de vinculaciones políticas atravesadas por

líneas de demarcación que separan ‘lo Mismo’ de ‘lo Otro’ cuando la vida entra en el dominio de los cálculos del poder. En este trabajo nos proponemos desde una perspectiva antropológica, analizar las representaciones sobre la violencia a partir del análisis de la construcción social del bandolerismo en el contexto fronterizo argentino-paraguayo. Específicamente trabajamos sobre las construcciones simbólicas sobre las andanzas del bandido rural paraguayo Regino Vigo, un sujeto social producto de un contexto de violencia civil extendida pos Guerra del Chaco (1932 – 1935) cuya desaparición física alimenta una pléyade de relatos que pivotan alternativamente entre las memorias familiares, los relatos bélicos y las discursividades mitologizadas y mitologizantes que, contradictoria y sucesivamente, colocan a este personaje como héroe y como bandido, en un doble proceso demonizante/heroicizante que condensa las construcciones identitarias pasadas y presentes de alteridad, propias de las regiones de frontera, en cuyas estructuras subyacentes emergen diversidades, alteridades, temores e interdicciones y, habilitaciones y deseos en tensión flotante que bascula entre relatos fronterizos amistosos y xenófobos, espectro de eficacia simbólica que se extiende hasta el presente.

Palabras Clave: fronteras – identidades – bandolerismo – violencia – posguerra.

COSTURANDO CORPOS. A ANTROPOLOGIA FORENSE NO CONTEXTO DA GUERRA CONTRA O NARCOTRÁFICO NA CIDADE DO MÉXICO

Linda Guadalupe Reyes Munoz. Mestranda IFCH-UNICAMP; lynpregui@gmail.com

A antropóloga FERREIRA (2009), alvitra que o corpo sem vida de um homem desconhecido configura-se a partir de ausência de pessoas próximas a ele, e portanto, o seu cadáver estaria a cargo de repartições específica investidas de autoridade e saberes técnicos e administrativos para lidar com a morte e o seu corpo. Na Cidade do México e durante mais de dez anos de existência, a área de antropologia forense pertencente ao Departamento de Identificación Humana do Instituto de Ciencias Forenses da Cidade do México (INCIFO) tem tido três tarefas práctico-administrativas definidas enquanto a corpos de pessoas desconhecidas se refere, atender familiares, coletar dados biológicos dos corpos e atender solicitudes de busca de pessoas desconhecidas. No entanto, quando a *Guerra contra o narcotráfico* começou, as práticas de trabalho na área de identificação humana tiveram que mudar; a morte cotidiana que vivia a Cidade do México até então, viu-se interrompida pela chegada sistemática de pedaços de corpos, corpos que tinham que ser costurados, asseados e reconstituídos para identificação humana e entrega aos familiares. Assim, a presente proposta tem por objetivo expor como as práticas de uma antropologia focalizada no corpo biológico viram-se modificadas para atender novas demandas de trabalho, não somente definidas

burocraticamente, embora impostas por discursos e práticas políticas, tanto pelo próprio estado quanto pelo corporativismo internacional. Baseada nas premissas das antropólogas MONSALVE e ISAZA (2011), quem expõem que nos períodos de conflito armado, as técnicas teóricas e metodológicas da antropologia, são utilizadas como ferramentas para construção de verdade, memória e reparação, neste caso a antropologia forense como subdisciplina da antropologia física tem um transfundo culturalmente construído e encontra-se acompanhado por processos socioculturais específicos, que foram e são vistos no trabalho cotidiano no INCIFO.

Palabras Clave: antropología forense, México, corpos, prácticas, guerra narcotráfico.

GT 66. EL PARENTESCO REPENSADO: NUEVAS PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS SOBRE LA RELACIÓN/ O PARENTESCO REPENSADO: NOVAS PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A RELAÇÃO

Coordinadores:

Florencia Tola (CONICET); tolatoba2015@gmail.com

Uirá Garcia (UNIFESP); ufgarcia@gmail.com

Marina Vanzolini (USP) ; marinavanzolini@gmail.com

1ª sessão - Alianças e afetos

NOTAS SOBRE CASAMENTO E SEXO NAS TEORIAS DE RELAÇÃO DE GRUPOS NEGROS NO BAIXO AMAZONAS, PARÁ

Miriam Hartung

Os cerca de 3.000 residentes das seis comunidades "quilombolas" da Área das Cabeceiras, localizada no Município de Óbidos, Pará, encontram seus cônjuges e parceiros sexuais entre seus parentes próximos, consanguíneos e/ou afins. Um homem pode manter relações sexuais e ter filhos com as irmãs, primas, tias e sobrinhas de sua mulher, enquanto uma mulher poderá ter filhos com irmãos, primos ou mesmo o padrasto de seu esposo. Essas relações se tornam mais complexas pelo fato de que muitas vezes os próprios cônjuges e seus parceiros sexuais também estão relacionados uns aos outros enquanto primos em diferentes graus. Assim, o grande número de relações conjugais e sexuais mantidas por esses homens e mulheres termina por construir uma complexa rede de casamentos e relacionamentos sexuais, na qual os sujeitos estão ligados entre si por diferentes tipos de relações de parentesco. Neste cenário, a questão sobre a qual queremos refletir toca a natureza dos laços sociais que ligam cônjuges e outros parceiros sexuais, e as teorias nativas que tornam possíveis a multiplicidade de uniões entre pessoas fortemente aparentadas.

NOTAS SOBRE FEITIÇOS, MULHERES E PARENTES ENTRE OS KAIOWA EM GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL

Lauriene Seraguza

Este ensaio propõe reflexões sobre relações entre o parentesco e a cosmologia Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul a partir de uma etnografia que privilegia o ponto de vista das mulheres sobre estas categorias. Etnografias realizadas no início do século XX apontam para a "cultura guarani" como "marcadamente masculina", onde o homem é o articulador da parentela que é composta por consanguíneos e afins e também por seres humanos e não humanos. Entretanto, estudos contemporâneos mostram que a parentela é dependente da existência do "fogo familiar" controlado pela mulher. A uxori-localidade entre os Kaiowa e Guarani é uma política de produção de parentela e de suas relações com o entorno em que a mais grave acusação que pode ocorrer é a de "feitiçaria", que pode produzir transformações na vida do acusado (a) e de sua parentela. Essa acusação recorrentemente, mas não só, recai em cima do cunhado (a), um parente nem tanto parente, com uma posição de alteridade radical marcada desde o primeiro mundo não humano, na figura de *Aña*, presente desde o mito fundador dos Kaiowa e Guarani em MS. Para isto, analisarei 1) as percepções sobre feitiçaria e suas acusações; 2) a imagem do cunhado (a) e suas possibilidades cosmológicas e 3) as

relações entre parentesco e cosmologia levantadas entre estes indígenas. Estas três pontuações vinculam-se à uma teoria nativa da concepção, da produção de parentes vinculada à política, corporalidade e construção da pessoa Kaiowa e Guarani.

MULTIPLICIDADE E RELAÇÃO: A DINÂMICA DO PARENTESCO EM CONTEXTO INTERÉTNICO

Josiéli Andréa Spenassatto

A presente pesquisa, em andamento, tem como foco a Terra Indígena São Jerônimo, localizada na bacia do Rio Tibagi, ao sul do Brasil. Esta bacia hidrográfica é área de mobilidade entre várias localidades indígenas que realizam trocas e festas, em relações que tem a ver com seus laços de parentesco. A comunidade de São Jerônimo compreende três grupos distintos: Guarani, Kaingang e Xetá. Eles estão “misturados” segundo a perspectiva dos moradores da comunidade, não somente entre si como também com regionais. Tendo como ponto de partida a ideia de que as unidades sociais que definimos para realizar nossas análises são sempre sistemas sociais abertos e com fraca definição de fronteiras, é preciso entender o parentesco também como uma dessas unidades de análise formadas por uma multiplicidade de grupos locais, frequentemente instáveis e fluidos. Desta configuração interétnica de São Jerônimo constatou-se serem os seus laços matrimoniais e as suas relações de parentesco os tipos de relações que estruturam as interações entre esses grupos. Sendo assim, busca-se apresentar a dinâmica dos casamentos perpetrados por diferentes famílias extensas e a dinâmica das relações entre parentes, enfatizando a constituição da filiação. Apresentam-se os marcadores sociais que formam e diferenciam as pessoas e os parentes, e a maneira como essas marcas ou relações fundamentais podem influenciar na construção desse mesmo cenário ou contexto comunitário. Inserida na área de estudos do parentesco ameríndio a pesquisa dialoga com campos etnográficos amazônicos e indica problemas e aproximações na etnologia dessas diferentes regiões e contextos.

REPRODUÇÃO DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO ENTRE CASAIS HOMOSSEXUAIS?

Fábio Pessanha Bila

A divisão sexual do trabalho é um tema que foi discutido nas Ciências Sociais desde seus autores clássicos. A ideia que dominou o debate sobre a temática, principalmente no século XIX, compreendia a questão a partir do pressuposto da complementaridade natural entre os sexos e do tabu do incesto. Estas eram percebidas enquanto norma que

organizava todas as sociedades. Entretanto, profundas transformações sociais ocorreram no final do século XX. Tais mudanças questionaram todas as premissas referentes às relações entre homens e mulheres. Consequentemente as ideias clássicas sobre a divisão sexual do trabalho e o tabu do incesto foram interrogadas. As perguntas colocadas a esses temas abalaram a ideia de uma natureza como reguladoras das normas entre os sexos, demonstrando que o que se entendia como funções harmônicas ditadas pela natureza, mascarava uma hierarquia. Esta produz uma violenta desigualdade social, política e econômica entre homens e mulheres. Um novo paradigma foi criado para explicar tal divisão sexual do trabalho demonstrando que, ela é socialmente e culturalmente produzida, derrubando qualquer explicação vinculada à natureza. Dentre essas transformações vivenciamos o reconhecimento jurídico das uniões entre casais homossexuais, no Brasil, desde o ano de 2011. Este feito foi um marco na luta do movimento LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - no Brasil. Com isso, nosso objetivo é discutir como os casais homoafetivos fraturam a ideia de complementaridade entre os sexos e do tabu do incesto.

2ª sessão - Políticas, histórias e assimetrias

SANGUE E SOLO, NO *FRONT SURREAL*: TERRITORIALIZAÇÕES, DESTERRITORIALIZAÇÕES, RETERRORIZAÇÕES NOS ACAMPAMENTOS DE RETOMADA KAIOWÁ E GUARANI

Bruno M. Morais

“Espaço limitado, conflito interétnico, e penúria de recursos de toda espécie”, são a síntese de quase toda a literatura na descrição dos acampamentos Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Em que pese a concordância neste ponto, a antropologia da territorialidade guarani divide os que a entendem como realização de categorias ditas nativas, do sistema e da organização social no espaço; e os que, a partir de uma crítica da a-historicidade desse tipo de análise, optam por um modelo centrado nas imposições externas que associam um povo a um território específico. Entre uns e outros, esta comunicação traz uma etnografia dos ‘acampamentos de retomada’ –especialmente do *tekoha* Apyka’i, uma ocupação a 15Km da cidade de Dourados– a fim de explorar três hipóteses sobre os acampamentos: (i) a de que o acampamento é uma organização política centrada na família, e cuja unidade e dinâmica estão fundadas em um sistema de parentesco; (ii) a de que, nesse sistema e sob a perspectiva nativa, as relações de partilha, de convivência, e de circulação de bens, pessoas, e afetos, têm preponderância sobre as relações de descendência e aliança; e (iii) sendo assim fundado em uma “mutualidade”, e ao mesmo tempo determinado pela conjuntura, os espaços dos acampamentos permitem aos Kaiowá e Guarani a experiência de uma memória e a reiteração de alianças outras que não as rigidamente disciplinadas pelo cerco imposto pela colonização. O que os dados de campo demonstram é que, em meio a aparente miséria dos acampamentos, os Kaiowá e Guarani tecem uma complexa rede de relações que unem territórios, famílias, e gerações. O parentesco aparece, então, como chave de

análise do maior mistério, e da maior realização, dessas territorialidades precárias ameríndias: a sua *resiliência*.

DIÁSTOLE, SÍSTOLE E A GEOPOLÍTICA DO PARENTESCO TUKANO

Piero C. Leirner

Este paper tem como objetivo discutir certos aspectos do que podemos entender como parte de uma “política” no parentesco tukano. De maneira geral, a etnografia regional aponta para um consenso relacionado ao fato de que as várias etnias e/ou coletivos tukano operam uma terminologia dravidiana com uma preferência pelo casamento patrilateral, com algumas sutilezas (exogamia linguística, e certas proibições entre co-afins, que determinam alianças interétnicas). Em princípio, o sistema opera em um regime de trocas “multi-bilaterais” (Viveiros de Castro e Fausto, 1993), em direção a um sistema de tipo semi-complexo. A partir de informações que obtive junto à tukanos que moram em São Gabriel da Cachoeira, e com análise de dados estatísticos, observei que tal sistema pode ser interpretado à luz de um movimento oscilatório entre a “preferência FZD” mais multi-bilateralismo, e um regime complexo. Isso porque – e este é o ponto que irei propor – é possível perceber uma espécie de interferência da hierarquia das classes de siblings na aliança (se contrapondo à noção de que as alianças operam em regime simétrico), levando à expansão “diastólica” baseada em estratégias inesperadas. Contudo, em antítese, as proibições provenientes de alianças incertas – que provêm da posição de consanguinização de co-afins, os chamados “filhos de mãe” – podem agir sobre este movimento de expansão como um freio, restaurando um movimento sistólico que redefine alianças mais localizadas e regimes prescritivos de tipo elementar. Assim, a proposta aqui é que o sistema opera em caráter duplo, atravessado pela hierarquia como vetor de modulação.

DOCE SERVIDÃO: PARENTESCO E HIERARQUIA NO CHACO INDÍGENA

Gabriela de Carvalho Freire

A comunicação refletirá acerca das relações qualificadas como hierárquicas na área do Gran Chaco, região em que se encontram sociedades compostas por extratos sociais diferenciados e horizontalmente relacionados - aristocratas, gente comum e escravos, em grande parte das descrições. Essa reflexão é proporcionada pelo diálogo entre as etnologias Kadiwéu, Terena e Kinikinau, a “antropologia do Chaco” e a crônica colonial, sendo, portanto, essencialmente bibliográfica.

Em meio as descrições encontradas nessas fontes encontra-se relatos de casamentos realizados entre os “nobres”mbayá com seus “servos”guaná, assim como a uma relação de aparentamento entre os “escravos”e seus “senhores”. Tentarei iluminar, assim, por meio das relações de parentesco, os desafios postos pelo Gran Chaco à antropologia política: chefes que não comandam, escravos tratados com carinho que não são obrigados ao trabalho, servos voluntários, populações tributárias que recebem presentes de seus senhores, estatutos hereditários que se ganha ou se perde à força do caráter e das habilidades, uma estratificação social aparentemente em tudo análoga à da Europa feudal, mas na qual até escravos podiam ascender à posição aristocrata, ou de chefe.

ENTRE ASSOMBRAÇÕES, FAMÍLIAS E IDENTIDADES: COSMOPOLÍTICA E PARENTESCO NOS REBEROS DE SANTANA

Fernando Barros Jr.

Santana é um povo formado a partir de, ao menos, quatro grupos familiares de origens distintas. Esses passaram a conviver e habitar a atual região há cerca de cem anos. Ainda, esta comunidade é constituinte de um conjunto de grupos populacionais locais, denominados *rebeira*. A mais recente transformação vivenciada pelo grupo foi a identificação enquanto população remanescente de quilombo, fato que deu início ao processo de regularização fundiária junto ao INCRA. Desde então, eles têm convivido com um processo de tradução de suas estruturas sociais tradicionais para os termos, especificidades e tipos regulamentados pelo Estado.

Nesse sentido, este trabalho – iniciado quando da elaboração do relatório antropológico para o INCRA e atualmente sendo desenvolvido enquanto objeto de tese de doutoramento – tem por intuito compreender vários níveis de mudanças ontológicas as quais a população de Santana vem passando.

Sendo assim, mostrou-se fértil partir da análise das relações entre humanos e não-humanos, dando-se ênfase aos processos cosmopolíticos presentes. Para tanto, é feito

um levantamento das fábulas, mitos e assombrações tradicionais, na mesma medida em que são buscados suas correspondentes atualizações contemporâneas. Assim, esses são colocados em relação no intuito de se compreender como as “traduções” têm sido implementadas por parte do grupo.

Dessa maneira, tem-se que a apreensão desses processos é de fundamental importância para a análise de um contexto completamente distinto nas relações de parentesco estabelecidas desde o reconhecimento da identidade quilombola por um grupo que, até então, se reconhecia não apenas enquanto negro, mas também indígena e camponês.

TIEMPO Y PARENTESCO. UNA PROPUESTA PARA EL ESTUDIO DEL MAYORAZGO EN EL TUCUMÁN COLONIAL

Silvina Smietniansky

Roxana Boixadós

Para sopesar los efectos del sistema redistributivo de la herencia según obligaba la legislación castellana y asegurar la continuidad del patrimonio dentro de la familia, los miembros de las élites coloniales implementaron una serie de estrategias; entre ellas, el mayorazgo. A la par de su importancia económica, las tierras indivisas del mayorazgo se develan como un locus que simbolizaba la nobleza, la fama y el prestigio de la familia, valores que el hijo beneficiado y constituido en *señor* era el encargado de transmitir. La portación del apellido del fundador del linaje definía asimismo una ligazón que recreaba la continuidad entre antecesores y sucesores.

Este recorte institucional se plantea propicio para abordar las nociones de tiempo asociadas a ciertas prácticas y representaciones del parentesco en la sociedad colonial, la construcción de la memoria familiar, los sentidos otorgados a la trascendencia y la perspectiva de un horizonte futuro, entre otros aspectos. En trabajos anteriores, guiados por una perspectiva etnográfica, nos aproximamos al estudio del tiempo en instituciones del orden jurídico-político colonial. En continuidad con esa investigación, esta ponencia se propone explorar y establecer posibles rutas de análisis sobre las representaciones del tiempo y del parentesco en el marco de la constitución de tres casos mayorazgos en el Tucumán colonial (siglos XVI-XVIII).

3ª sessão - Transformações do parentesco

O MÉTODO GENEALÓGICO EM REHAB

Marcio Silva

Para David Schneider (1972: 59; 1984: 4, 119-120), os estudos de parentesco estariam ancorados em um fundo maligno, por ele denominado Doutrina da Unidade Genealógica da Humanidade. Esta Doutrina, que teria distorcido a observação etnográfica e consagrado na disciplina um “*non-subject*”, pode ser assim resumida: o parentesco é um objeto empírico universal e tem a ver com a reprodução humana. Com base nessas premissas, a tradução genealógica teria se tornado uma espécie de padrão-ouro que lastrearia a comparabilidade de diferentes manifestações do parentesco, tomadas especiosamente como *sistemas*, em torno dos quais foram construídas macro tipologias e grandes teorias. Segundo Schneider, tal Doutrina não seria outra coisa senão o surrado senso comum do Ocidente, elevado à categoria de Método Científico, por uma legião de usuários cuja enumeração seria um *Who is Who* da Antropologia do Século XX. Com base na etnografia Enawene-Nawe, esta comunicação se contrapõe à crítica de Schneider em duas frentes: em uma delas, se pergunta se convém necessariamente entender o método genealógico como método de tradução do parentesco, o que implica, entre outras coisas, discutir o que seria uma tradução (boa ou ruim) de qualquer coisa. Em outra frente, indaga se o método genealógico requereria tal Doutrina, como condição necessária para se definir. Finalmente, argumenta em favor de sua reabilitação na pesquisa contemporânea, com a incorporação de ferramentas computacionais, como via promissora de acesso aos “símbolos e sentidos...dos quais uma cultura consiste”, cujo estudo, segundo o próprio Schneider, corresponderia à primeira tarefa da Antropologia (1984: 196).

LA REORGANIZACIÓN SOCIAL DE LOS AWAJÚN (AGUARUNAS) - ELEMENTOS PARA DISCUTIR LA POSIBLE TRANSFORMACIÓN DEL SISTEMA DE PARENTESCO DE UNA SOCIEDAD DE LA AMAZONÍA PERUANA

Erik Pozo

En la primera visita en el año 2012 a una de las comunidades Awajún de la Amazonía peruana, conocí a Bernabé Akintui Jempeki quién me dijo: “Awajún moderno no se casa con su prima”. Desde entonces me he propuesto comprender en toda su complejidad los resortes que motivaron esa afirmación, que dista mucho de ser anecdótica, y las consecuencias de ella en toda la arquitectura social de los awajún contemporáneos.

La organización social y el sistema de parentesco amazónicos fueron descritos y teorizados adoptando principalmente el paradigma prescriptivo de la teoría de la alianza lévi-straussiana a partir de un universo social autóctono donde los no-indígenas tenían un lugar subsidiario. Actualmente la interacción entre indígenas y no-indígenas se ha intensificado fuertemente y la prescripción de las alianzas parece estar debilitándose en gran medida. En este contexto, este trabajo se propone describir y analizar los cambios

en la elección del cónyuge entre los indígenas Awajún y la posible transformación del sistema de parentesco dravídico de esta sociedad amazónica, a partir de datos recogidos en breves períodos en campo durante los años 2012, 2013 y 2014, así como con datos etnográficos de un trabajo de campo de más largo aliento y sistemático, aún en curso, iniciado en mayo de 2015 y proyectado hasta julio del 2016.

UM MODO AMAZÔNICO DE INCESTO: A EXPRESSÃO TRANSVERSA DE UMA INTERDIÇÃO

Mármio Teixeira-Pinto

Apesar do enorme avanço que os estudos do parentesco entre sociedades indígenas sul-americanas conheceu em anos recentes, o problema do incesto entre os povos indígenas do continente continuou a merecer pouca atenção, não porque jamais tenha existido ou porque não exista empiricamente. De fato, parece-me que a tradicional escolha por tomar os fatos ligados à realidade etnográfica do incesto através de seu rebatimento mitológico – onde quase sempre ocupa o lugar do risco da quebra da reciprocidade matrimonial e/ou como expressão de formas inapropriadas de aliança – está entre as razões que podem ajudar a explicar a inexistência de uma reflexão mais sistemática sobre o incesto em povos indígenas amazônicos. Esta comunicação pretende ser uma primeira contribuição para romper com este quadro: partindo de uma descrição detalhada de casamentos entre irmãos, e outras situações incestuosas encontradas entre os Arara (Karíbe, Estado do Pará, Brasil), ao lado das teorias nativas sobre a ontologia das relações sociais, pretendo mostrar a lógica nativa que lhes sustenta e avançar alguns princípios analíticos que podem tornar o caso Arara comparável a outros casos amazônicos.

TRANSFORMAÇÕES DO PARENTESCO TUKANO

Raphael Rodrigues e Geraldo Andrello

Esta comunicação visa explorar as transformações do parentesco entre os Tukano, mais especificamente quando segmentos do grupo (vários clãs, um clã ou partes de clãs) se deslocam rio abaixo. Trata-se, de fato, de um movimento histórico e persistente de expansão desse que é o maior grupo da bacia do Uaupés, e que vem ocorrendo há pelo menos cinco gerações. O ponto a explorar é em que medida a correspondência entre a

posição sócio-espacial de clãs maiores e menores com o jusante e o montante respectivamente se atualiza nessas circunstâncias. Tomando a história da ocupação do baixo rio Uaupés pelos Tukano em período relativamente recente (aproximadamente a partir de meados do século XIX), buscaremos verificar como o pioneirismo de clãs menores nessa sub-região, ou, por outro lado, a chegada posterior de clãs maiores acompanhados por cunhados de outros grupos, tensiona a estrutura hierárquica dos papéis rituais, promove constituição de novos coletivos e suscita o emprego de novas designações. Se as narrativas de origem tukano tratam da configuração do parentesco humano – a emergência da humanidade como um deslocamento rio acima de germanos mais velhos e mais novos e sua diferenciação posterior como consanguíneos e afins -, seria possível tomar os movimentos históricos em sentido contrário como um processo de desconfiguração e reconfiguração do parentesco? Quais as variáveis centrais nesse processo? Como disse um índio do Uaupés ao comentar tais processos, “ao se deslocar você se torna outra pessoa”. Assim, o intuito aqui será o precisar os sentidos possíveis dessa afirmação.

4ª sessão - Fazendo e desfazendo pessoas

DESCONSTRUINDO RELAÇÕES: CANTOS E MORTOS ENTRE OS ARAWETÉ

Guilherme Orlandini Heurich

A partir de trabalho de campo realizado entre os Araweté, proponho neste trabalho uma reflexão sobre a relação entre vivos e mortos. Exploro aqui a posição dos mortos e as atitudes dos vivos em relação a eles através da análise dos cantos de um dos gêneros da música vocal araweté e através de uma descrição das ações dos Araweté durante a performance desses cantos. Na etnologia ameríndia, os mortos são frequentemente equacionados aos inimigos (H. Clastres, 1968) e/ou a uma posição de alteridade radical em relação aos vivos (Carneiro da Cunha, 1978) e, nesse sentido, é necessário um esforço de separação, de apagamentos dos traços e da restrição aos nomes dos mortos (Albert, 1985). Por um lado, o que chama a atenção no caso dos Araweté é que os vivos não somente mencionam frequentemente os seus mortos como também os recebem em suas aldeias quando seus xamãs trazem os mortos para cantar. Por outro lado, as ações desencadeadas pela morte de uma pessoa visam desconstruir as relações entre parentes vivos e mortos e, nesse processo, destacam-se os cantos cantados pelos xamãs, o conteúdo e a forma do discurso dos mortos nos cantos e, finalmente, o que os vivos fazem para que os mortos possam nos esquecer. Sugiro, então, que os cantos araweté são “relações que separam” (Strathern, 1988) e são também ferramentas para a “desconstrução do parentesco” entre parentes vivos e mortos.

OFERECENDO A PALAVRA, FAZENDO PARENTES: O PARENTESCO

SEGUNDO AS FAMÍLIAS TUPI GUARANI DO ESTADO DE SÃO PAULO

Lígia Rodrigues de Almeida

Pretende-se com esta comunicação abordar as relações de parentesco entre famílias tupi guarani, a partir da etnografia realizada em aldeias localizadas no sudoeste do estado de São Paulo. “Viver junto aos parentes” é de extrema importância para essas famílias, pois é através dos cuidados mútuos e do compartilhamento diário de substâncias, bens e saberes que a pessoa tupi guarani se constitui e se fortalece. Entre essas famílias é comum o uso do termo “ridicar” (não negar algo), para se referir a conduta apropriada entre “aqueles que vivem juntos”. Não se deve “ridicar” comida, bens ou materiais para confecção de artesanato, e não se “ridica”, sobretudo, a palavra. Não “ridicar” a palavra é uma forma de manter os parentes sempre próximos, evitando que se entristeçam e “fiquem distantes em seus pensamentos”, o que pode fazê-los adoecer. A palavra é considerada ainda, uma parte importante que constitui a pessoa, pois a partir do “saber as palavras” que as crianças se tornam “mais completas”, coincidindo o seu domínio com os seus primeiros passos. A palavra também se apresenta enquanto uma forma de fazer parentes e de atualizar relações seja pelo uso dos termos de parentesco (tia, vó, irmão...), que costumam acompanhar os nomes pessoais, ou então convidando as pessoas para o convívio da aldeia. São essas dimensões da palavra enquanto parte constituinte da pessoa e de relações de parentesco que focarei neste trabalho.

LA “PERSONA” WICHÍ: LA PARENTELA Y LA ONTOLOGÍA DEL “SÍ MISMO”

Guadalupe Barúa

En este trabajo se analizarán las concepciones del parentesco wichí a la luz del concepto de “sí mismo” propuesto por Paul Ricoeur. En tal sentido, la socialidad de la parentela (un grupo de parientes consanguíneos que comparten el mismo espacio territorial, con sus inestables afines) parecería tejer un campo que la contiene y que excede los límites de los cuerpos individuales. Dichas parentelas comparten historias sobre su propia formación, las narraciones sobre el origen de sus nombres propios, sus cantos, sus empatías con algunos personajes míticos, o con ciertos animales o plantas. La manifestación de las conductas esperadas sería la razón de la confianza mutua más que la apariencia personal. Ello se lograría mediante una cadena continua de relaciones intersubjetivas en un mundo de co-presencia.

CONSUBSTANCIALIDADE, SANGUE E PARENTESCO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SUBSTÂNCIAS

Entres os desdobramentos das propostas realizadas por David Schneider é possível situar os trabalhos na área do parentesco que consideram as substâncias e fluidos corporais como partes formadoras das relações de parentesco e da pessoa. Ao mesmo tempo, em outra linha de pensamento, estudos como os de Françoise Héritier, lançam outros olhares para a análise das substâncias e do sangue nas análises das relações matrimoniais. Considerando essas duas perspectivas, pretendo refletir sobre meus primeiros resultados e análises da minha tese, ainda em curso, sobre o papel das substâncias- em especial do sangue – nas escolhas e interdições matrimoniais, assim como nas relações de parentesco em sete comunidades Caiçaras do litoral norte do estado de São Paulo. Nestas comunidades, onde há forte tendência endogâmica, variando de uniões de consanguíneos próximos (tios/tias, irmãos adotivos, primos germanos) até replicações de alianças, o idioma do sangue, assim como as substâncias que por ele passam, são uma das faces destas relações sendo por vezes a explicação para determinadas práticas matrimoniais. Desta forma, as questões que surgem são: Como que, em um grupo onde quase todos os moradores dizem ter parentesco entre si, são classificados os mais ou menos parentes? E, em que medida a escolha entre parentes casáveis/ não casáveis é influenciada pelas questões ligadas às substâncias?.

DE UM PONTO DE VISTA AO OUTRO: A EXOGAMIA DE METADES ENTRE OS TENHARIM DO RIO MARMELOS (SUL DO ESTADO DO AMAZONAS)

Edmundo Antonio Peggion

A noção de pessoa e a fabricação do corpo foram temas dados como centrais na antropologia brasileira a partir dos anos de 1970. Uma pessoa, constituída por um conjunto de relações, é construída, fabricada, passa por ritos, etc. Pensar uma pessoa em um contexto em que há exogamia de metades pode significar ser feito também em uma oposição determinada e, talvez, na impossibilidade de partilhar o mesmo ponto de vista. Uma pessoa em uma sociedade de metades pode ter duas possibilidades para estar no mundo: constituir de uma dualidade uma unidade ou constituir em si uma dualidade. No primeiro caso estou entendendo a relação que faz uma pessoa ser reconhecida e reconhecer-se como membro de uma metade em relação à outra. No segundo caso é como vejo o contexto sul amazônico que entrecruza as particularidades de um sistema dualista com uma fórmula relacional baseada na predação. Pretendo refletir sobre tais possibilidades com base em informações etnográficas coletadas entre os Tenharim, povo Tupi Guarani que possui um sistema de metades exogâmicas marcadamente concêntrico.

5ª sessão – Socialidades

O TEKÓ E SUAS VIZINHANÇAS: ENSAIO SOBRE A ESTÉTICA DO PARENTESCO ENTRE OS GUARANI

Ana Maria Ramo y Affonso

A minha proposta é abordar as convergências e/ou ressonâncias entre as relações de parentesco, a ideia de humanidade e o conceito de perspectivismo no contexto de algumas considerações guarani sobre o “teko”: termo polissemântico, comumente traduzido como “sistema, regra, costume”, que forma a raiz de conceitos como tekoa, nhandereko e/ou tekoaxy, respectivamente traduzidos como aldeia, cultura e ser humano. Considerando uma socialidade que inclui vivos e mortos, donos, seres visíveis e invisíveis, etc, o parentesco é postulado enquanto composições de relações em interferência mútua, consideradas a partir do movimento de pessoas, palavras e coisas. Tratarei este movimento como troca, o colocando a serviço de uma intencionalidade que visa criar aproximações e afastamentos entre as pessoas no intuito de promover potências, sendo seus efeitos explicitados nas falas dos Guarani nos termos de estados - “fortalecimento” e “enfraquecimento” -, de afetos – tristeza, alegria, saudade, raiva -, e de processos – lembrar e esquecer. Por sua vez, distâncias (aproximações e afastamentos) entre seres ontologicamente diferenciados são percebidas como “zonas de vizinhança” entre diversos teko. A ideia guarani de pessoa é aqui apresentada pela noção de “socialidades ao lado”, a partir de uma reflexão sobre a condição teko axy: a condição da humanidade na Terra. A proposta é ilustrar uma parcela destas complexas composições na tentativa de fazer aparecer alguns sentidos que os Mbya dão à socialidade e ao parentesco, bem como as estratégias com as quais se pode incidir em seus arranjos, ou, em outras palavras, em seus corpos e composições; ou seja, em suas pessoas.

MORUWISAW: CRESCIMENTO CORPORAL E PARENTESCO ENTRE OS AIKEWARA

Orlando Calheiros

Para os Aikewara, para tudo que existe hoje existe uma história, isto é, um mito que explica sua origem. Com efeito, se lhes inquiria sobre “o que faz do parente um parente”, me contavam sobre algo que se passou em outro mundo, uma terra que existiu antes dessa que conhecemos; onde não existia uma diferença efetiva entre os homens,

pois, ali, todos viviam da mesma maneira, comiam as mesmas coisas, dormiam e trabalhavam nos mesmos horários – como ocorre nas cidades dos brancos. Me contavam a respeito de um homem que desejou a carne daqueles que eram seus semelhantes, seus parentes, deste que foi o primeiro a fazê-lo. Me contavam sobre como seus desejos eram como uma “doença”, sobre como foram capazes de contagiar outros, de torná-los igualmente ávidos. Este homem tornou-se o chefe, o principal (*moruwisaw*) deste bando destoante, diziam, chefe daqueles que os Aikewara denominam o “primeiro povo verdadeiro”. O objetivo desta comunicação é, justamente, explorar a proposição contida neste mito e a maneira como ele se desdobra nos movimentos e relações que fundam o parentesco aikewara - um parentesco cujo problema central é o contágio do outro, do diferente.

PARENTES DE SANGUE: DIFERENÇA E RELAÇÃO ENTRE OS PATAXÓ HÃ HÃ HÃE

Hugo Prudente da Silva Pedreira

Os Pataxó Hã hã hãe entendem a sua vida social como uma vida em meio à diferença. As famílias ou etnias que compõem o coletivo empreendem movimentos de aproximação, “misturando”, “se unindo”, uma por “dentro” da outra, apontando para um movimento nunca acabado de tornar-se “uma parentagem só”. Elas também se esquivam e se evitam, porque viver “misturado” é ser constantemente desafiado pela divisão. Sangue e mistura, são termos marcadamente ambivalentes, por meio dos quais eles elaboram sua experiência do parentesco. Neste cenário, o problema do parentesco é o problema da diferença. As “diferenças de sangue” são explicitamente assumidas como um desafio na constituição do coletivo, apreendido como corporalidade. Por outro lado, é por saberem-se “parentes de sangue” que as diferenças parecem apaziguadas. Alguns casamentos “fortalecem” o sangue, outros o “enfraquecem”, e o tema é objeto de apreciações e controvérsias. Não parece haver um lugar para o consenso, tanto a excessiva distância como a excessiva proximidade tocam os limites da produção de corpos relacionados. Em outro nível, se é o sangue que os torna iguais – isto é, parentes, pessoas de “mesmo sangue” – é também ele que traz de longe o risco de tronar-se Outro, pois “o índio é raciado com onça” e neutralizar o devir outro dos “antigos”, dos “bravos” é a condição do parentesco, apontando para o longo processo que tornou parentes povos de diferentes origens. As grandes diferenças entre kariri-sapuyá, tupinambá, kamakã, pataxó e baenã, enfatizadas no presente, estão envolvidas em pequenos afastamentos e em gestos de aproximação.

O ANTI-ÉDIPO TICUNA

Esta comunicação visa refletir sobre algumas relações entre mitologia, ritual de iniciação, casamento e relações entre humanos e não-humanos para os Ticuna, povo de língua isolada localizado principalmente no Alto Rio Solimões (AM). Com relação à mitologia, parto do pressuposto de que, de maneira geral, os ameríndios não baseiam sua mitologia num antagonismo entre pai e filho e o conseqüente “fechamento edipiano da família diante do *socius*” (Viveiros de Castro, 2007: 114). Neste sentido, concentro a análise em uma série de mitos ticuna que tem os heróis *Metare* e *Monmaneki* como protagonistas. Se, por um lado, temos a figura de *Monmaneki*, o mulherengo, com quem nenhuma mãe gostaria de ver a filha casada, por outro lado, *Metare*, aparenta ser o “bom partido” da mitologia ticuna. Além disso, as aventuras deste último personagem narram a vingança contra inúmeros sogros canibais, que são mortos por ele, exemplos do “arqui-mito” ameríndio (idem: 123). Deste modo, estes mitos nos fornecem “os termos da dívida ontológica” (*ibidem*) ticuna: entre genro e sogro canibal. Definido o polo masculino da análise, passo ao ritual de iniciação feminina dos Ticuna, a chamada Festa da Moça Nova. Este ritual operaria uma espécie de “castração simbólica” da moça, preparando-a para o casamento. Nesta festa também entram em cena os não-humanos centrais para a realização do ritual. Os mascarados e outros seres do cosmos aparecem na Festa tentando raptar as moças – no limite, o perigo é interno ao próprio corpo das neófitas – reacendendo a dívida ontológica primordial registrada nos mitos.

GT 67. COLONIALIDAD, RAZA Y PENSAMIENTO DIASPÓRICO. UN ESPACIO DE DEBATE DESDE LAS ANTROPOLOGÍAS DEL SUR

Coordenadores:

Profa.Dra.Anny Ocoró LOANGO. Doctora en Ciencias Sociales. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO); annyocoro@hotmail.com

Profa.Dra.Janaína DAMACENO. Doctora en Antropología/ Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutoranda en Sociología/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil; djanaina@yahoo.com

Profa.Dra.Kassandra da Silva MUNIZ. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doctora en Linguística/ Universidade

Estadual de Campinas (UNICAMP); kassymuniz@gmail.com

Comentarista: Prof.Dr.Alex RATTTS. Professor do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doctor en Antropología/ Universidade de São Paulo (USP); ratts@iesa.ufg.br

Sesión 1: Políticas, Relaciones Étnico Raciales y Producción de subjetividades

DIÁSPORA HAITIANA, DA CONSTRUÇÃO DO “OUTRO” À REALIDADE

Renata Maria Brasileiro. Graduada em Antropologia e Diversidade Cultural Latino Americana (UNILA, Brasil) e pesquisadora do grupo de pesquisa: Migrações, Dinâmicas Territoriais e Integração Regional; natabrasileiraa@gmail.com

Thiago Augusto Machado. Graduando em Letras, Artes e Mediação Cultural Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA, Brasil) e membro do grupo de pesquisa: Migrações, Dinâmicas Territoriais e Integração Regional; machado.unila@gmail.com

Pensar Haiti é entender uma experiência única de um estado de liberdade política e igualdade social nas Américas que se reflete na história da independência deste país, o qual se apresenta como o primeiro país latino-americano independente que formulou o projeto de uma república propriamente negra. Nossa reflexão sobre o Haiti parte das sucessivas intervenções externas no país, que se iniciaram em 1915 com a interferência norte americana e dar-se continuidade na atual intervenção brasileira após o desastre de 2010. Com efeito, toda a problemática se inicia ao observarmos os discursos acerca do recrutamento dos haitianos para o Brasil e suas representações no cenário afrodiásporico brasileiro. A partir daí, temos por um lado, os haitianos como um “outro” sobre o qual se fala e se constrói a chamada “Internacional Comunitária”, que segundo Frank Seguy, analisando as políticas internacionais, sempre se aparentou como apta a ocidentalização. De outro, percebe-se que através desses esboços políticos atuais acerca do Haiti estão articulados simultaneamente - como no caso brasileiro - ao mercado de trabalho que surge segundo um centro e uma zona periférica ambos concomitantemente ligados à uma hierarquia ético-racial estabelecida no contexto brasileiro, tendo em vista as propostas e condições de trabalho dos haitianos. Nossa pesquisa parte de uma perspectiva etnográfica que tem por objetivo dar continuidade a análise do trabalho vinculado ao projeto “Diáspora Haitiana: da utopia a realidade” já realizado na cidade

de Cascavel, no estado do Paraná, onde atualmente se concentram cerca de 3 mil haitianos segundo dados do projeto.

Palavras-Chave:

Antropologia do Sul; Diáspora Haitiana; Mercado de Trabalho; Colonialidade; Cascavel/ Paraná.

NA TRILHA DA ALIANÇA ENTRE O CONHECIMENTO LOCALIZADO, A SUBJETIVIDADE CORPÓREA E O COMPROMISSO: a perspectiva feminista e descolonial interpeladas pelo sul do sul

Suely Aldir Messeder. Professora Doutora em Antropologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Brasil); suelymesseder@gmail.com

A construção do conhecimento localizado prometido na perspectiva feminista ao contrapor-se ao relativismo e a ideologia do objetivismo da Ciência Moderna, nos conduz a formular as seguintes questões: a) Como, para quem e para quê se produz conhecimento localizado? b) Como o/a pesquisador/a poderá posicionar-se em sua subjetividade corpórea sem necessariamente ocupar uma posição identitária? c) Qual o sentido da solidariedade na política nas redes de conexões? Caminhar por estas interpelações nos permitirá entabular um diálogo com três autoras Haraway (1995, 2004, 2009); bell hooks (1984, 1994, 2013) e Mãe Stella de Oxossi (1988, 1993, 2004, 2006, 2013), tendo como conceitos a serem articulados: conhecimento localizado; subjetividade corpórea e compromisso. Este caminho trilhado nos torna pesquisador/a em alerta ao imbróglio da epistemologia do Norte, cujos tentáculos invadiram espaços importantes da academia brasileira, agenciando desejos de produção de conhecimentos sob a crença de que somos modernos e civilizados, e com isto, origina-se a enunciação daqueles/as “soberanos e soberanas” da autoridade que acreditam que somente eles/as podem fazer teoria, enquanto o restante do país meramente produz vivências e/ou material empírico.

Palavras chaves: Compromisso; subjetividade corpórea; conhecimento localizado.

DEL LÁPIZ “COLOR PIEL” A LAS MUÑECAS NEGRAS. Educación inicial y literatura afrocolombiana

Elizabeth Castillo Guzmán. Centro de Memorias Étnicas, Universidad del Cauca (Colombia); elcastil@gmail.com

El racismo se ha convertido en una forma de violencia latente en el sistema escolar colombiano, a la que nos hemos acostumbrado y de la que no nos gusta hablar mucho. Se expresa en frases, apodos, chistes, gestos y ridiculizaciones que habitan los patios de recreo, las paredes de las aulas, los restaurantes escolares y los programas de televisión. Sus estragos en la vida de las personas, es algo realmente doloroso y terrible, y demanda en el ámbito de la educación y la pedagogía, una seria reflexión seria y profunda. Especialmente en el caso de las niñas y los niños, desde hace varios años Mena (2011); Escobar (2012) y Castillo & Caicedo (2011) vienen insistiendo en la urgencia de encarar este asunto del racismo en las prácticas e instituciones comprometidas con la educación inicial, pues la situación es tan grave, que sobrevive la práctica del lápiz "color piel", con el cual las maestras motivan a los niños y las niñas para que reconozcan y aprendan a dibujar el tono de su cuerpo como "rosado". Desde su orilla como poeta y maestra, Mary Grueso Romero creó una literatura infantil afrocolombiana para acercar a nuestra niñez a ese acervo estético, espiritual y cultural que reposa en los cuentos e historias de la diáspora africana. Consciente de las carencias de una escuela envejecida en sus ilustraciones y narrativas, ella inventó una "Muñeca Negra", con una historia espléndida que ahora viaja por cuenta propia, enseñando y seduciendo con sus metáforas a madrinhas-maestras de todo país. Esta "Muñeca Negra" ha demostrado que el asunto del "color de la piel" en la escuela importa y mucho. La relevancia de este flujo entre el "lápiz color piel" y las "muñecas negras" de Mary Grueso pone en tensión objetos que representan de modo esencial la historia de la educación inicial y sus prácticas con respecto a la diferencia étnico-racial.

Palabra clave: Muñecas negras, Educación inicial y literatura afrocolombiana.

AVANÇOS E RECUOS NA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA

Tainara Jovino dos Santos. Mestra em Direitos Humanos - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos (UFG, Brasil). Linha de pesquisa: Alteridade, Estigma e Educação em Direitos Humanos; tainarajovino@hotmail.com

Rosani Moreira Leitão. Doutora em Antropologia pela UNB, Coordenadora da Divisão de Antropologia do Museu Antropológico e docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos e docente da licenciatura em Educação Intercultural (UFG, Brasil); rmleitao@terra.com.br

Este trabalho pretende socializar parte dos resultados da pesquisa "Educação e relações étnico-raciais: avanços e recuos numa prática pedagógica antirracista no município de Goiânia". A pesquisa objetivou compreender o processo de construção e desenvolvimento da Educação das relações étnico-raciais e do ensino de história e

cultura afro-brasileira, africana e indígena no contexto da Rede Municipal de Educação de Goiânia tendo como referência um estudo de caso etnográfico realizado na Escola Municipal Marcos Antônio Dias Batista. A análise foi realizada a partir dos referenciais teórico-conceituais da Educação Libertadora, do Pós-Colonialismo e da Antropologia Interpretativa. A pesquisa demonstra que o processo de implementação da Educação das relações étnico-raciais por meio das Leis 10.639/03 e 11.645/08 está permeado por avanços e recuos, caracterizando-se em uma proposta educacional em processo em fase inicial. Apesar de atualmente a escola estar aberta às discussões sobre as diferenças étnico-raciais, sobre o racismo ainda não se chegou a um projeto de educação antirracista. A pesquisa evidencia algumas dificuldades, no que se refere ao assunto, incluindo falta de formação docente, resistência dos professores em relação ao tema, além de dificuldades relacionadas à própria estrutura do sistema educacional. As referidas leis estão sendo efetivadas nas unidades escolares de Goiânia, mas o modo como os trabalhos acontecem ainda é alvo de questionamentos por estâncias superiores e pelos (as) próprios educadores (as).

Palavras-chave: Educação; Relações étnico-raciais; Direitos Humanos.

ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA: vivências, desafios e perspectivas

Vera Rodrigues. Professora Adjunta no Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB, Brasil); vera.rodrigues@unilab.edu.br

Na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) existe o curso de Bacharelado em Humanidades na modalidade interdisciplinar. Entre as disciplinas do curso temos “Colonização e Pensamento Antropológico” I e II, cujas ementas visam “abordar a história da colonização e suas consequências, fazendo referência ao surgimento do pensamento antropológico da Europa em relação à África, aos africanos e ameríndios”. No contexto de sala de aula composta por estudantes brasileiros e africanos oriundos dos países de língua portuguesa, o tema colonização e, ainda vinculado ao pensamento antropológico suscita questionamentos e tensões relativos ao fazer antropológico e as implicações políticas. Dessa situação resultam alguns desafios: como pensar uma antropologia na perspectiva das epistemologias sul-sul? Como o trabalho do antropólogo (a) pode ser (re) visto no contexto africano e diaspórico? Neste quadro situacional quais os desafios que se colocam a operacionalização dos conceitos de raça e racismo? Estas questões se projetam também para o curso de graduação em antropologia, o qual é uma das terminalidades oferecidas aos estudantes, após a conclusão do Bacharelado em Humanidades. O curso de antropologia iniciou sua primeira turma recentemente e, será o primeiro no Ceará e um dos poucos no nordeste brasileiro. Diante disso, busca-

se dialogar em torno da experiência vivenciada em sala de aula e problematizar a relação entre antropologia e colonialismo, buscando inserir essa discussão, talvez, no campo dos estudos descoloniais.

Palavras-chave: Antropologia; Unilab; colonização; descolonialidad.

POLÍTICAS AFIRMATIVAS E DESCOLONIALIDADE DE SABERES DENTRO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: Programa UNIAFRO/UFOP

Kassandra Muniz. UNIAFRO/ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, Brasil);
kassymuniz@gmail.com

José Américo Martins Júnior. UNIAFRO/ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP,
Brasil); zecadykalimba@gmail.com

Pretendemos, nesta comunicação, interrogar a universidade brasileira e mostrar a partir de uma discussão sobre descolonialidade do saber e questões negras alguns fatos históricos que marcaram a luta por ações afirmativas e que assumiram a forma de leis, como é o caso da 10.639/03, que institui o ensino de História de África e dos afro-brasileiros nas instituições de ensino. A Lei atende às reivindicações dos movimentos negros para que a educação não “vire as costas” para a contribuição histórica desses povos para a constituição da cultura, da educação e da intelectualidade do Brasil. Muito se discute em termos de educação básica mas a Universidade se mantém acima desses questionamentos e reivindicações, alegando que precisa salvaguardar sua autonomia na implementação da Lei. Neste sentido, com seus olhares acusadores, silêncios barulhentos, apagamentos das diferenças e discriminações produz não só sentimentos de vergonha e revolta, mas a exclusão de milhares de jovens negras e negros dos bancos universitários, além da ausência da história dessa população nos currículos dos cursos de licenciatura. Entre outras razões, isso acontece porque a Academia se recusa a adaptar-se a essas novas realidades, instauradas por leis, que colocaram, mas não incluíram a mulher, o negro, o trabalhador rural, o índio, o deficiente, o imigrante nos bancos escolares. É para tentar mudar esse modelo de produção científica nas universidades que alguns programas visam promover e preencher a lacuna dessas temáticas nos currículos da licenciatura e na formação dos professores que já se encontram nas escolas. Neste sentido, o Uniafro é um dos programas afirmativos que contribuem para uma mudança de paradigma dentro das universidades, uma vez que sua presença instaura possibilidades de pesquisas, ensino e extensão dentro da temática das africanidades no Brasil.

Palavras-Chave: Descolonialidade; políticas afirmativas; UNIAFRO.

Sesión 2: Intelectualidad, Pensamiento Diaspórico y Producción del Conocimiento

OS INTELLECTUAIS AFRICANOS NO CAMPO DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS: a antropologia endógena de Archie Mafeje

Michelle Cirne. Doutoranda em Antropologia na Universidade de São Paulo (USP, Brasil); miantropo@gmail.com

A pesquisa investiga a produção de conhecimento em ciências sociais na África, através da mais relevante associação destes profissionais no continente africano, que é o CODESRIA – Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África. Através da instituição, conhecemos nomes como o de Archie Mafeje, antropólogo negro sul-africano, um dos poucos estudantes negros da Universidade de Cape Town durante o regime do *apartheid*. Mafeje foi atuante na antropologia desde a década de 50, e em 1971 (sete anos antes de “Orientalismo”, portanto) escreve um artigo demonstrando as falácias do que chamou de “ideologia do tribalismo”, etiqueta antropológica de carga colonialista para classificar as formações sociais africanas. Mafeje (1937-2007) em toda sua obra buscou pelo pensamento endógeno africano, e dessa forma foi nome importante nos debates teóricos do CODESRIA, pela postura por produzir conhecimento a partir da África, que caracteriza também essa instituição, desde sua fundação em 1973. Nessa apresentação iremos debater a trajetória profissional e as proposições teóricas de Archie Mafeje e questionar o lugar dos intelectuais africanos no interior do campo dos estudos pós-coloniais. Em pesquisas que se interessam por pensar outras epistemologias possíveis, consideramos fundamental investigar processos de silenciamento e de eleição do cânone no interior do próprio campo.

Palavras-chave: antropologia africana; pensamento pós-colonial; Archie Mafeje; CODESRIA.

REPRESENTAÇÕES DA “ÁFRICA” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA SILVEIRA: a trajetória de um intelectual diaspórico no extremo sul do Brasil

Santa Julia da Silva. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas/RS

O objetivo desse texto é apresentar algumas reflexões resultantes do meu projeto de mestrado, onde pesquisei a trajetória do poeta Oliveira Silveira, no qual (re)defino como um intelectual da diáspora contemporânea, produzido na experiência histórica e cultural, a saber, homem negro, poeta, e estudioso preocupado em produzir contranarrativas sobre a presença negra no Brasil. Me aproprio das reflexões de Said (2005), para pensar o lugar dos intelectuais no mundo contemporâneo. Ao longo do trabalho cotejo a produção de Oliveira Silveira com o aporte teórico fornecido por Hall (2003), para pensar a diáspora negra e as diferentes formas de apropriação dessas referências culturais. Dialogo também com o projeto de Gilroy (2007), onde busca a desvinculação da relação entre “identidade” e “raça”. O conceito de diáspora proposto por Gilroy busca uma identificação “desenraizada” de um território ou de uma nação. Por fim, ao dar um tratamento etnográfico a trajetória desse sujeito procuro pensar em que medida o pós-colonialismo dialoga e se aproxima da antropologia.

Palavras-chave: identidade; diáspora; pós-colonialismo.

A DISTORÇÃO DO SAGRADO EM IDEOLOGIA: a contribuição de Roger Bastide para o entendimento da ação dialética no Brasil.

Dora Vianna Vasconcellos. Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ/CPDA, Brasil); doravasconcellos@ig.com.br

Intenta-se chamar a atenção para um aspecto na obra de Roger Bastide nem sempre destacado: a interconexão entre as religiões africanas, o princípio de cisão e de participação e a ação dialética no Brasil. Embora o nome do artigo remeta a um tema já trabalhado por alguns estudiosos do assunto, qual seja, a evolução do candomblé em umbanda, ou, caso se preferir, o tema da distorção do sagrado em ideologia, iremos acentuar especificamente o significado que Roger Bastide deu a essa transformação para o entendimento do desenvolvimento histórico brasileiro. Cumpre ressaltar que, para ele, havia uma associação entre cultura religiosa e classe no país; por esta razão, os conflitos entre dominados e dominadores, durante a escravidão, se davam não pela via dos interesses opostos, mas pelo pertencimento a culturas religiosas distintas. Por meio da conversão do candomblé em umbanda, o autor retratou a perda da interação dialética

entre as camadas sociais e teorizou sobre as condições que permitiam ao homem subjugado pela dominação colonial gozar de maior liberdade criativa. A descoberta do princípio de cisão permitiu a Roger Bastide reconhecer a possibilidade da ação se tornar dialética ou não ser totalmente prefigurada pela estrutura social mesmo em sociedades escravocratas, como a brasileira. É justamente a essa sua teorização sobre o homem colonizado que o artigo se dedica.

Palavras-chave: Estrutura social; ação social; dialética.

O PENSAMENTO DESCOLONIZADOR EM GILBERTO FREYRE: hispanidade tropical e o tempo freyreano

Maria Luiza Arruda. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, Brasil)

Roberta Bivar Carneiro Campos. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, Brasil)

Cientistas sociais de países periféricos vêm questionando a dominação do pensamento europeu na construção das ciências sociais com base nas críticas realizadas por Edward Said (2007) e por intelectuais indianos (Veena Das 1995). A América Latina não está ausente dos debates acerca da crítica pós-colonial. Aqui também tem se ressaltado a dominação no pensamento oriunda da colonização europeia e a ausência de tradição dos países periféricos (Boaventura 2002). Mais especificamente no Brasil, Gilberto Freyre já apresentava em sua obra uma reflexão a respeito de uma hispanidade tropical (ver Aguiar 2009), conceito desenvolvido pelo autor para explicar a realidade brasileira assimilando-se à ideia de Unamuno sobre uma América dinâmica, onde nos refúgios mais altos deveriam ser preservadas as tradições consideradas eternas. A partir dessa reflexão, Freyre faz a sua consideração a respeito das ciências sociais brasileiras e o seu futuro. Este trabalho está voltado para a trajetória de Gilberto Freyre e a formação do seu projeto intelectual, buscando analisar, a partir de uma metodologia histórico-antropológica, o alcance desse impacto especialmente no que se refere à constituição da epistemologia freyreana. Entendemos que em Freyre já é possível, em certa medida, encontrar um pensamento que se propõe descolonizador. Através da hispanidade tropical, o pensamento freyreano faz frente às ideias importadas do mundo anglo-saxão. Nessa perspectiva, a categoria tempo é fundamental para compreender a crítica de Gilberto Freyre ao mundo anglo-saxão (Inglaterra, EUA e Alemanha), uma civilização “escravizada pelo tempo” em contraste com o mundo hispânico, “senhor do tempo”.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; pós-colonialismo; hispanidade tropical; tempo.

ARRANJOS DA IDENTIDADE BRANCA NO BRASIL: a *branquitude* como conceito antropológico e como problemática das relações raciais

Willian Luiz da Conceição. Historiador e Mestrando em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Brasil); ligaspartakus@gmail.com

Desde 1935 com a publicação de *Black Reconstruction in the United States* de Du Bois que a *branquitude* passou a ser objeto de teorização, principalmente motivado por olhares afro-americanos em relação ao “outro”, o branco. Outro marco teórico da problemática que reconhece a existência da identidade racial branca foi publicada em 1952, pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon. Em sua obra *Peau Noire, Masques Blancs* propõe a superação das ideias de raça como fator constituinte do colonialismo. Fanon reconhece que a identidade racial branca exerce um forte poder do mundo simbólico que sustentou o colonialismo. E por que não dizer que continua exercer importante força em sociedades pós-coloniais e contemporâneas? A identidade branca que envolve nossa pesquisa surge como problemática através da constatação da ausência dos brancos nos estudos raciais no Brasil. Desta ausência e invisibilidade da branquitude nos estudos atuais (CARDOSO, 2008) as pesquisas de relações raciais tem focado quase que constantemente no negro como objeto de análise, isso se torna uma problemática importante para pensarmos as implicações das dominações raciais e os privilégios históricos adquiridos pelos brancos. A princípio uma pergunta nos parece importante como nosso eixo norteador: quais as implicações, significados e efeitos da branquitude na sociedade brasileira? A partir destas e outras reflexões contemporâneas sobre a temática pretendo dar continuidade ao esforço de pensar a branquitude como problemática histórica e antropológica, das identidades e como marco teórico/analítico para pensarmos as relações raciais e as desigualdades discorridas destas.

Palavras-chave: branquitude; racismo; identidades; privilégios; invisibilidade.

AL OTRO LADO DEL ATLÂNTICO NEGRO: epistemologías de la negritud en la diáspora intelectual afropacífica en Sudamérica

José Caicedo. Centro de Memorias Étnicas, Universidad del Cauca (Colombia);
joseantoniocaic@gmail.com

En América Latina y el Caribe, la producción intelectual negra se ha concentrado en lo que Paul Gilroy denominó el Atlántico Negro, una metáfora geopolítica y geo cultural que da cuenta de los procesos identitarios y de producción intelectual, cultural y estética

de las zonas antillanas, especialmente anglófona y francófona. Esta amplia, variada y dispersa producción ha sido de vital importancia para analizar los fenómenos del racismo, el colonialismo y la colonialidad en esta región del continente. No obstante, en lo que respecta a los procesos y las epistemologías provenientes de intelectuales negros en otras regiones del continente latinoamericano, es menos conocido tanto sus figuras, sus militancias intelectuales y sus posicionamientos epistemológicos. Me interesa analizar las producciones epistemológicas de los intelectuales negros de lo que denomino el Afropacífico Sudamericano (Ecuador, Perú y Colombia), con el fin de develar sus contribuciones al desarrollo del pensamiento anticolonial y decolonial, más allá de las fronteras geográficas y epistémicas del Atlántico.

Palabra clave: Atlántico Negro, epistemologías de la negritud, diáspora intelectual afropacífica.

¿HAY QUE ABRIR UN ESPACIO PARA TODOS O PARA LOS QUE LLEGARON PRIMERO? Riquezas y tensiones entre la “identidad afrodescendiente” y la “identidad afroargentina”

Anny Ocoró Loango. Doctora en Ciencias Sociales Flacso (Argentina) Universidad del Salvador; annyocoro@hotmail.com

La diáspora afrodescendiente en la Argentina es muy heterogénea. No sólo confluyen una diversidad de historias, expresiones y proyectos sino también la imbricación histórica de múltiples diásporas: la africana, las afrolatinas y las afroargentinas. Estas distintas diásporas superpuestas en suelo argentino configuran un movimiento afro bastante heterogéneo que le aporta riqueza a las luchas y reivindicaciones pero que también comporta tensiones importantes en el campo político afrodescendiente. Así entonces, esta ponencia, que se desprende de nuestra tesis doctoral, explora la riqueza y las tensiones que la pluralidad del movimiento afro genera en la Argentina, analizando en forma específica las tensiones que existen entre la “identidad afroargentina” y “la identidad afrodescendiente”. Para algunos activistas del movimiento el debate debe instalarse en la reivindicación de la diáspora afrodescendiente para dar lugar así no sólo a los afroargentinos sino también los afrodescendientes, africanos y afro-latinoamericanos. Para otros, se debe hacer la distinción pues a su juicio el Estado debe atender en primer lugar las demandas de los afroargentinos ya que históricamente los invisibilizó. Son estas discusiones las que guiarán la reflexión propuesta en esta ponencia, analizando las tensiones, los límites y las posibilidades de ambas propuestas.

Palabra clave: identidades afroargentinas; identidades afrodescendientes; riqueza y tensiones diaspóricas.

GT 68. ANTROPOLOGIA DO CONFLITO E DAS SITUAÇÕES DE CRISE

Coordenadores:

Carlos Abraão Moura Valpassos. Instituição: PPGSP/CCH/UENF/NEANF/UFF-Campos. valpassos@gmail.com

Santiago Alvarez. Institución: (Universidad Nacional Arturo Jauretche – Argentina alvaresantiago@hotmail.com

Arno Vogel. Institución: LESCE/CCH/UENF - Brasil arnovogel17@gmail.com

Comentarista: Ana Guglielmucci (CONICET-UBA)

Sessão 1: Os Conflitos da Cidade: Espaços e Representações

Comentadora: Ana Guglielmucci (CONICET-UBA)

ARENAS PÚBLICAS NA “CIDADE MARAVILHOSA”: SITUAÇÕES DE RISCO, BRIGAS E CONFLITOS NO COTIDIANO DA PRAIA E DA FLORESTA

Caterine REGINENSI. Doutora em sociologia Paris VIII. Livre Docência em Antropologia Urbana - Universidade de Toulouse (França) Pesquisadora visitante do CNPq - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – PPGSP

A praia e a floresta que caracterizam a metrópole do Rio de Janeiro são arenas públicas marcadas por desafios, práticas e conflitos. Diversas pesquisas, de abordagem etnográfica, realizadas entre 2005 e 2010, tornaram visíveis situações de risco e conflito.

Na praia e na floresta, identifiquei diferentes situações conflitivas vivenciadas pelos sujeitos a partir de intervenções públicas:

- na praia de Copacabana, camelôs, barraqueiros e quiosqueiros enfrentam, no seu cotidiano, situações de risco em relação ao meio ambiente, ao mercado econômico, ao transporte e à falta de serviços. As brigas no cotidiano transformam-se em conflitos a partir da implementação da operação Choque de Ordem.

- na floresta da Tijuca, os moradores contemplados, na comunidade chamada Vale Encantado, lutam permanentemente para poder ficar no lugar e entram em conflito com

a prefeitura do Rio de Janeiro.

Todos os indivíduos encontrados são vulneráveis, mas cada um tem a capacidade de fazer oposição ao risco que lhe é apresentado. O “saber negociar” ou o “ficar na sua”, respeitar as regras e até incorporar o discurso institucional (o tempo que seja necessário, por exemplo, quando um novo projeto de remanejamento ou de organização se instala), permite a manutenção no negócio e a geração de renda nos espaços da praia. A participação dos moradores no Vale Encantado, num fórum híbrido chamado Conselho da Cidadania do Alto da Boa Vista (CONCA), e a criação de uma cooperativa permitem que se desenvolva uma estratégia econômica, geradora de renda, ao mesmo tempo que criam uma outra de permanência no local.

Este trabalho aborda alguns dos conflitos urbanos do Rio de Janeiro desencadeados por intervenções públicas, focando nas diferentes práticas e concepções de uso dos espaços da cidade.

Palavras Chaves: Arenas Públicas; Riscos; Brigas; Conflitos; Cotidiano.

“ESSA CASACA É DUPLA-FACE”: UMA ANÁLISE DE EVENTOS CONFLITIVOS E DA DINÂMICA ORGANIZACIONAL ENTRE OS MORADORES DE DUAS FAVELAS VIZINHAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Juliana Blasi Cunha. Doutora Antropologia Social (PPGAS/USP) Professora substituta UFF/Campos dos Goytacazes; jblasicunha@gmail.com

O trabalho tem como tema a trama articulada em torno do processo de implementação de políticas públicas em duas favelas vizinhas, situadas na nobre Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, que formam o chamado “Complexo Pavão-Pavãozinho-Cantagalo”. A partir da análise de diferentes eventos conflitivos relacionados ao processo de intervenção dessas políticas públicas, pretende-se discutir a dinâmica organizacional dos moradores das duas favelas vizinhas. A forma como os moradores de ambas se organizam em diferentes situações sociais será comparada e analisada, buscando-se, assim, revelar os conflitos, alianças, arranjos e rearranjos em jogo entre eles. O trabalho busca, através da análise situacional, atentar para tudo que ela revela em termos das qualidades dinâmicas e processuais das relações sociais entre os moradores das duas favelas em questão. Pretende-se, a partir da análise de diferentes eventos conflitivos relacionados à implementação das políticas públicas, analisar o dinamismo através do qual os moradores do Cantagalo e os do Pavãozinho definem situacionalmente solidariedades e, sobretudo hostilidades entre eles.

Palavra-chave: conflito, favela, política pública e dinâmica organizacional.

“É MAIS POLÍCIA E MENOS GOVERNO” – AS INTERFERÊNCIAS E CONTROLES DA UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA NA ESFERA PÚBLICA LOCAL DE UMA FAVELA DO RIO DE JANEIRO

Gustavo Clayton Alves Santana. Mestre em Psicologia Social e Doutorando em Sociologia Política – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF/RJ); gustavogcas@gmail.com

Esta pesquisa pretendeu identificar as representações sociais dos moradores de uma favela da cidade do Rio de Janeiro acerca das ações de segurança pública empreendidas pelo Governo do Estado na forma das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP).

As representações sociais aqui abordadas são as definidas por Serge Moscovici como conjuntos de pensamento diretamente ligadas às condutas individuais e coletivas criando, ao mesmo tempo, categorias cognitivas e relações de sentido exigidas para a inscrição social de determinado grupo.

Através de um trabalho de campo de inspiração etnográfica onde, em perspectiva comparada, buscou-se trazer a lume os contrastes presentes na relação que se estabelece entre o Estado e os territórios pobres, foi possível apresentar as imbricações dos moradores nesta atmosfera, as redes em que se inscrevem, as disputas que travam e os arranjos que são obrigados a fazer para atuar na esfera pública local e quando confrontados com os poderes supralocais.

As representações sociais recolhidas a respeito da atuação da UPP e do convívio forçado com os policiais apontam para a permanência de um cotidiano de violência e coerção e nos levaram a pensar algumas disjuntivas entre a efetivação desta modalidade de policiamento e a práxis dos policiais envolvidos. Além disso, foi possível perceber o grau de influência que a imagem da UPP e as expectativas em relação à sua permanência ou não na comunidade geram nos moradores, fazendo-os interiorizar na esfera pública local determinadas opiniões e estereótipos que, em muitos momentos, moldam seu comportamento público sobre o programa.

Palavras Chave: Favela; Representações Sociais; UPP; Controle; Conflito.

MORALIDADES E CONFLITOS EM SITUAÇÕES DE ESPERA DO TRANSPORTE COLETIVO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Ailton Gualande Junior. Graduando em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense – ICSDR/UFF. Integra o grupo de pesquisas Cidades, espaços públicos e periferias – CEP28; jrgualande@hotmail.com

Esta pesquisa se enquadra no projeto *Filas, esperas e tensões em pontos de ônibus em Campos dos Goytacazes*, que busca analisar diferentes modalidades de tensões e conflitos e as formas de administrá-los em Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil, entre passageiros do transporte coletivo, operadores do sistema (rodoviários) e fiscais municipais. Nesse sentido, proponho mapear as moralidades que orientam as interações de face a face nas situações de copresença entre esses atores, priorizando a observação das filas de espera nos terminais rodoviários. Descreverei as diferentes sequências que compõem esses conflitos e as formas de administrá-los. Para tanto, realizo uma etnografia ou observação *in situ* em pontos de ônibus, focalizando-me em situações de tensões entre os diferentes atores que compõem esses espaços públicos. Dessa forma, articularei esta análise situacional com a política urbana de transporte no intuito de compreender se o assunto constitui-se como problema público, nos termos propostos por Gusfield (1981). Ao mesmo tempo buscarei analisar os repertórios utilizados por gestores públicos e operadores do sistema, bem como a legislação vigente com a finalidade de compreender as gramáticas mobilizadas em torno do serviço de transporte em Campos. Em suma, a pesquisa possibilitará descrever parte do processo de vulnerabilidade do cidadão campista (Joseph, 2000) pela lente dos transportes.

Palavras-chave: Experiência cidadina, espaço público, moralidades, tensões, conflitos.

O DRAMA COMO MOMENTO DE EVIDENCIAÇÃO DE POSICIONAMENTOS POLÍTICOS: COMPETÊNCIA, JUSTIÇA, MÉRITO E SEUS MÚLTIPLOS AGENCIAMENTOS EM UM CONTEXTO DE FUNCIONALISMO PÚBLICO MUNICIPAL

Gabriela de Lima Cuervo (Doutoranda PPGA/UFF); bicuervo@gmail.com

Esta comunicação tem como proposta demonstrar de que modo a análise retrospectiva de um momento político conflituoso do município de Magé/RJ - a administração Núbia Cozzolino (2005-2010) auxilia na apreensão de um quadro de construção da crítica no qual categorias como competência, justiça e igualdade são mobilizadas criativamente por funcionários públicos municipais, ao refletirem sobre situações vivenciadas em seus cotidianos de trabalho. Ao tomar como objeto de análise carreiras de professores do município e as mudanças e contratemplos por eles enfrentados por conta das dinâmicas de cada governo em minha dissertação de mestrado, concluí que aquele contexto de funcionalismo público era marcado por um jogo de construção de reputações e processos de classificação, onde era colocada em questão a “competência” daquelas pessoas no exercício de seus cargos. Ali, discutia-se tanto o estatuto da própria “competência” e a dos colegas, assim como as prerrogativas para alguém ser considerado “competente”. A mobilização de sentidos de justiça acerca das possibilidades de compensação social em torno da “competência” de cada um era reforçada, sobretudo, pela proximidade com a política eleitoral, quando há tanto

funcionários que chegam ao serviço público através do contato com pessoas que transitam naquele universo político, quanto funcionários que passam a se envolver com a “política” através e após o acesso ao emprego público. Veremos que os discursos mobilizados no momento político em questão e aqueles que envolvem as histórias de vida destes funcionários evidenciam uma espécie de oposição normativa “Estado impessoal/política, que pode ser agenciada de modos diferentes - tendo em vista tanto as posições temporárias ocupadas por eles naquele espaço, como as situações sociais nas quais estão inseridos - através da mobilização de gramáticas ancoradas em princípios como “eficiência” e civismo.

Palavras-chave: funcionalismo público, competência, moralidades, justiça, igualdade.

Sessão 2: A Cidade Como Palco dos Conflitos

Comentadora: Ana Guglielmucci (CONICET-UBA)

CONFLITOS URBANOS E ESPAÇO PÚBLICO: AS PRAÇAS NAS RECENTES ONDAS DE PROTESTO AO REDOR DO MUNDO

Aldrey Cristiane Iscaro. Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional. Pesquisadora do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN/IPPUR/UFRJ) Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; aldreycris@hotmail.com

O urbano vem se constituindo como a principal forma de acumulação de capital no mundo, resultando em barbarismo e violência de populações inteiras em nome do lucro, seja por conta do transporte público, da insegurança e violência urbana ou da precariedade dos serviços públicos urbanos. Ou seja, a destruição criativa não somente influenciou questões físicas dos grandes centros urbanos, mas também destruiu as solidariedades sociais, aumentou as desigualdades sociais, deixou de lado as questões da governança urbana democrática e tem aumentado o terror como seu modo principal de regulação social. E esta crise urbana mundial constitui o ponto nodal de vários conflitos urbanos que vem acontecendo ao redor do mundo.

O objetivo deste paper, assim, é analisar e comparar a relevância do espaço público, em especial, das praças, nas recentes ondas de protesto, a saber, a Praça Syntagma, na Grecia, a Praça Taksim, em Istambul, juntamente com as manifestações ocorridas no Brasil do movimento Occupy e as Jornadas de Junho.

Para tal, utilizaremos como metodologia o levantamento bibliográfico, os materiais produzidos pelos manifestantes e pela sua rede de apoiadores, observação direta, materiais compartilhados pela rede de pesquisadores do laboratório de pesquisa.

Nossa hipótese de pesquisa é de que o espaço público, isto é, praças, parques, ruas e

avenidas não foram somente local de acolhimento das populações, mas o fato político que impulsionou a onda de protestos, e estes espaços públicos, além disso, foram muito mais que uma união de corpos, a saber, foram a retomada da esfera pública.

Palavras-chave: Protesto, Espaço Público, Conflitos Urbanos, Crise Urbana.

FUEGO Y ASFALTO. PROTESTAS, INSURGENCIAS Y GESTIÓN DEL CONFLICTO EN SANTIAGO DE CHILE

Andrea Soledad Roca Vera. Antropóloga Social, Universidad de Chile. Doutoranda
Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo;
andrearocav@gmail.com

El 2011, ciudades tanto del sur global como del norte desarrollado fueron escenario de multitudinarias protestas, muchas de ellas, movilizadas por la justicia global y una crítica a la expansión del neoliberalismo en diferentes esferas de la vida social. En esta ponencia discutiremos dos fenómenos que han ganado centralidad en el reciente ciclo de protestas. De un lado, la incorporación de una violencia performática, no letal y de pequeña escala contra símbolos del Estado y Capital, en los repertorios de contestación de grupos minoritarios, como fue verificado en los últimos años, en ciudades tan dispares como El Cairo, Atenas y Rio de Janeiro. De otro lado, el recrudecimiento del uso de la fuerza física y adopción de una lógica militarizada en el policiamiento de las protestas, movimiento concomitante a la circulación de tecnologías desarrolladas para el control de las multitudes. Dentro del contexto global, discutiremos elementos para analizar el entrecruzamiento de esos fenómenos en las movilizaciones convocadas desde el 2011, por el movimiento estudiantil en Santiago de Chile, protestas que inauguraron el mayor ciclo de contestación pública, en ese país, desde el retorno de la democracia en 1990 y donde, en los últimos años, bombas molotovs y piedras, gas lacrimógeno, balines de goma y carros lanza-aguas, forman parte del elenco habitual. Reflexionaremos sobre parámetros analíticos que contribuyan a comprender el estatuto de esas rebeldías “mal comportadas” en la cartografía política de la ciudad contemporánea.

Palabras-claves: protestas urbanas, repertorios de violencia, gestión del conflicto, policiamiento de la protesta, Chile.

ADENTRANDO O FLUXO DE INTERPRETAÇÕES: TRABALHO DE CAMPO, METODOLOGIA E TEORIA A PARTIR DA CONTROVÉRSIA DA “GUERRA DO PENTE”

João Bosco Oliveira Borges. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); bosco.borges@gmail.com

Curitiba, 08 de dezembro de 1959: uma briga iniciada numa loja entre um comerciante de origem libanesa e um cliente se amplia com o envolvimento de outras pessoas transformando-se em uma série de incidentes de violência coletiva. Após a intervenção do exército e quase três dias de conflitos, mais de 120 estabelecimentos comerciais da cidade – muitos dos quais de propriedade de sírios e libaneses – haviam sido destruídos. Desde sua ocorrência, esse caso que ficou conhecido como a “Guerra do Pente” – em decorrência de o conflito inicial ter derivado de uma polêmica em torno da compra de um pequeno artigo: um pente – tem mobilizado uma série de atores, que buscam compreender o que teria ocorrido naqueles dias. A minha dissertação teve como objeto justamente essas narrativas produzidas ao longo do tempo sobre o assunto. O objetivo era entender como elas emergem, quem as produz, que elementos mobilizam, como circulam e se disseminam, como se esgotam ou se fortalecem, como modulam e/ou impõem limites a narrativas futuras, e, ao mesmo tempo como, nesse movimento, constituem pessoas e coisas, espaços e tempos. Neste texto, eu tratarei a respeito da forma como eu concebo esses episódios de violência a partir da noção de “controvérsia” e de outras questões teórico-metodológicas. Em seguida, discutirei algumas questões relacionadas às especificidades do trabalho de campo, sobretudo, os dois tipos de aprendizado com os quais me deparei durante essa experiência. Finalmente, discorrerei mais propriamente sobre a entrada no campo e aquilo que eu chamo do fluxo de interpretações.

Palavras-Chave: controvérsia; violência coletiva; trabalho de campo.

A DIFERENÇA DOS IGUAIS: O CONFLITO COMO GÊNESE DO MOVIMENTO HIP-HOP

Thayroni Araújo Arruda. Doutorando em Antropologia Social pela Universidad
Nacional de San Martim / AR; thayroniarruda@hotmail.com

O processo de deslocamento forçado de um enorme contingente populacional africano para ser utilizado como mão-de-obra no continente americano, fez surgir nos sujeitos a necessidade de buscar elementos simbólicos que estruturassem uma rede de relações sociais e culturais de adaptação e reconstrução; possibilitando desta forma, a recriação do seu lugar de origem. Dentro da nova conjuntura sociocultural na qual os sujeitos se veem obrigados a conviver, surgem mecanismos de resistência que convertem e adaptam os valores e sentidos da vida pré-diáspora à nova realidade que foi imposta, a realidade de se viver como forasteiros em terras estranhas. Esses mecanismos buscam assimilar à cultura novos elementos sem que a mesma perca sua característica. Há um processo contínuo de reelaboração da identidade negra através de atividades culturais, podemos notar uma influência direta nos processos artístico-culturais desenvolvidos tanto pelas colônias, quanto pelos colonizados.

O presente artigo tem como objetivo analisar o surgimento do movimento hip-hop como resultado equivalencial de demandas oriundas desses diferentes povos em uma época específica da cidade de Nova York. A dinâmica conflituosa de interação entre os jovens que deram início a tal movimento também pode ser compreendida como elemento fundante de outras formas de agrupamentos juvenis; como o caso do movimento hip-hop em uma cidade do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: conflito, sociabilidade juvenil, hip-hop.

Sessão 3: Tradição, Cidadania, Igualdade e Hierarquia

Comentadora: Ana Guglielmucci (CONICET-UBA)

NOVOS PARADIGMAS DA CIDADANIA: UM DEBATE SOBRE ESTRATÉGIAS SIMBÓLICAS E NEGOCIAÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO

Marcelo Augusto de Paiva dos Santos. Mestrando em sociologia com ênfase em antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPPGSA; paiva.marcelosantos@gmail.com

A presente comunicação pretende analisar o significado compartilhado e, cada vez mais evidenciado, de *trabalho sociocultural* do grupo Jongo da Serrinha, por meio de um estudo de caso sobre sociabilidades. O Jongo da Serrinha, localizado em Madureira, na cidade do Rio de Janeiro, representa a consolidação de tradições populares de famílias negras, vindas do Morro do Rio Paraíba, que peregrinaram pelo sudeste até estabelecerem assentamentos em conhecidas favelas do Rio de Janeiro. Em 2001, através de financiamento da Petrobrás e do Ministério da Cultura, fundaram, através da criação de uma organização, a Escola do Jongo como fonte de tecnologia social. O seu trabalho sociocultural enfatiza a criação de laços comunitários, a agência sobre a vida de jovens e condiciona mecanismos de sobrevivência de suas tradições culturais.

Esta pesquisa tem como objetivo o seguinte problema: compreender qual significado de cidadania este grupo compartilha e como negociam, através da sua noção de trabalho sociocultural, o sentido prático de suas mobilizações, tanto entre a comunidade como também ao Estado. O intuito final é refletir sobre como a política de identidades pode ser vista como categoria nativa, e principalmente como operá-la para pensar sobre o atual modelo de cidadania social. A hipótese central é a de que, pensar o uso social das negociações simbólicas através do a) mito da origem e a b) fábula das três raças, pode revelar rachaduras específicas do engendramento político de cidadania brasileira, revelando o conflito inerente às instâncias de disputa por direitos de reconhecimento de

redistribuição dos bens simbólicos.

Palavras chaves: reconhecimento, jongo, simbólico, desigualdade, cidadania.

TERRAS TRADICIONALMENTE OCUPADAS? – UMA ETNOGRAFIA DA LUTA DO SANTUÁRIO DOS PAJÉS CONTRA O SETOR NOROESTE DE BRASÍLIA

José Humberto de Góes Junior. Professor Assistente do Departamento de Direito da Universidade Federal de Goiás – Campus Cidade de Goiás (UFG/CCG) Estudante do Programa de Pós-Graduação em Direito, nível de Doutorado, da Universidade de Brasília (UnB); Mestre em Ciências Jurídicas, área de concentração em Direitos Humanos, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); jhgoesadv@yahoo.com.br

O presente trabalho se constitui como uma Etnografia do conflito, tendo como centro a resistência e a luta realizada pela Comunidade Indígena Fulni-Ô/Tapuya – Santuário dos Pajés para o reconhecimento de suas terras tradicionais em uma área urbana alvo de interesses da indústria da construção civil situada no Plano Piloto de Brasília/Distrito Federal/Brasil. Partindo dos sentidos dados à expressão “terras tradicionalmente ocupadas” no Direito e na Antropologia, bem como de falas significativas promovidas por distintos sujeitos, incluindo a entidade indigenista nacional brasileira (FUNAI), que interferem no conflito fundiário para negar ou afirmar a possibilidade de se constituir uma terra indígena com origem temporalmente conhecida e em área urbana, o objetivo do trabalho é compreender os significados que os sujeitos envolvidos no conflito conferem à expressão “terras tradicionalmente ocupadas”, que relações estabelecem com as epistemologias étnico-culturais indígenas e quais seus impactos para o reconhecimento de Terras Indígenas em espaços urbanos. Para responder às questões propostas e sistematizar a experiência teórica adquirida com o conflito fundiário, o autor revisita documentos, práticas, anotações de observação-participante e discursos significativos produzidos no âmbito de processos judiciais e administrativos que tiveram como objeto a área reivindicada pelos índios até o ano de 2011.

Palavras-chave: Luta pela terra – “terras tradicionalmente ocupadas” – epistemologia indígena – Reconhecimento de Terra Indígena em espaço urbano

DEMOCRATIZAR LA UNIVERSIDAD: CIFRA DE UN CONFLICTO CONTEMPORÂNEO

Pablo Cottet Soto. Normalidad, Educación y Diferencia (NDE), CONICYT P. U. Católica de Chile, Académico U. de Chile y U. Academia de Humanismo Cristiano;

La democratización de la gobernanza universitaria, es una de las condiciones gravitantes para el campo de lucha por el sentido del cambio universitario contemporáneo. Se trata de un asunto que, coyunturalmente en Chile, aparece otra vez los últimos años, primeros del siglo XXI.

La argumentación se organizan según la siguiente proposición: la universidad moderna es un privilegiado lugar de la conflictividad de la propia modernidad, que se ha difuminado globalmente poniendo a la universidad al centro del conflicto contemporáneo. En ese centro, la gobernanza universitaria requiere de un *demos*, para ello habría que sortear algunas dificultades específicas de nuestras universidades latinoamericanas.

El centro del conflicto contemporáneo: ¿Para quiénes y para qué se conoce en el siglo XXI? Responder esta pregunta pasa por la democratización del gobierno universitario, en dirección a dirimir la disputa universitaria del siglo XXI entre ajuste capitalista o reforma universitaria ¿Es posible la democracia en la universidad? Responder favorablemente requiere asumir que el sentido que permitiría a la comunidad universitaria convertirse en un *demos*, radica en la generación de prácticas universitarias que realicen lo común a quienes son universitarias y universitarios: cultivar diversos saberes y creaciones en común con las mayorías nacionales. Esta condición enfrenta obstáculos propios a cada estamento universitario en el contexto del capitalismo cognitivo contemporáneo.

EL BULLYING UNIVERSITARIO Y LAS RELACIONES DE PODER. ¿UNA ESTRATEGIA DE ASCENSO ACADÉMICO?

Pilar Fleitas. Cs. Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA;
pilarfleitas@gmail.com

Gaia Quintana Fleitas. Cs. Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA

La comunidad universitaria no está exenta de determinadas formas de maltrato. El presente trabajo busca reflexionar sobre el particular problema del bullying o acoso universitario, los modos en los que se presenta, su alcance y sus consecuencias.

A partir de la observación participante, en este informe se muestran características de dicho fenómeno, los escenarios donde se articulan y cómo se manifiestan. Intentamos dar preeminencia a aquellos aspectos más sutiles donde las agresiones no dejan marcas visibles. Las formas veladas constituyen las tácticas más frecuentes en este tipo de conflicto. Estas acciones ocultas, como prácticas vinculadas al hostigamiento en el

contexto universitario, tienen una llamativa falta de bibliografía específica. Constatamos distintos tipos de este flagelo muy relacionados a la producción investigativa y con el mobbing o acoso moral laboral.

Como las relaciones de poder desencadenan usualmente posibilidades de resistencia, analizamos los procedimientos tendientes al ejercicio de dominación/oposición como así también las pequeñas rebeliones, confrontaciones de microluchas conectadas entre sí. Investigamos sobre cómo es percibida esta problemática desde la perspectiva de los agentes participantes, sus realidades diversas, adversas y fronterizas. Observamos los procesos en los que los agresores obtienen inflaciones de poder a través de la manipulación y la violencia como también los mecanismos de estigmatización de las víctimas y múltiples aspectos tendientes a la discriminación y la exclusión.

Estudiamos las posibles incidencias que las relaciones de abuso de poder universitario tienen, de manera casi imperceptible, en el orden de la producción científica y del conocimiento.

Palabras clave: bullying; Universidad; violencia; poder; discriminación.

Sessão 4: Cosmologias, Meio Ambiente e Representações em Conflito

Comentadora: Ana Guglielmucci (CONICET-UBA)

AS ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DOS CONFLITOS NO PROCESSO DE MINERAÇÃO DA SERRA DO SAPO EM CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO, MINAS GERAIS/BRASIL

Marcos Cristiano Zucarelli. Professor da Universidade Fumec, Pesquisador do GESTA-UFMG. Doutorando em Antropologia Social na UFMG; mczucarelli@gmail.com

A proposta examina os conflitos derivados da expansão da atividade minerária em Minas Gerais-Brasil e aponta a constituição de uma nova *fronteira extrativa* (BURY & NORRIS, 2013), na região do Médio Espinhaço, onde está em difusão um megaprojeto que articula em uma única infraestrutura a exploração do minério de ferro em cava de céu aberto, mineroduto para o transporte da polpa e um porto de exportação do produto localizado no litoral norte do Rio de Janeiro. O projeto designado Minas-Rio incide sobre a bacia hidrográfica do Rio Doce e intensifica regionalmente as disputas com relação à disponibilidade, acesso e uso da água. Abordando tais conflitos, o *paper* pretende discutir as estratégias corporativas de engajamento com e administração das críticas (BENSON & KIRSCH, 2010), a partir das experiências de pesquisa desenvolvidas durante o doutorado. No caso do projeto Minas-Rio, já em operação, essas táticas compreendem a negação das denúncias a partir da contratação de laudos alternativos, limitação das responsabilidades em relação aos danos produzidos sobre o abastecimento de água das comunidades, incluindo tentativas de gestão e

monopolização sobre a definição de ‘atingidos’, além da promoção de compensações pontuais e restritas, estratégias estas que convergiram, finalmente, com a própria gestão estatal do conflito operada mediante a construção de novas institucionalidades que terminaram por se constituir como verdadeiras ‘*máquinas anti-políticas*’ (FERGUSON, 2006). Em suma, o intuito é problematizar as relações entre os grupos afetados e empresas, além do papel do estado na mediação de tais conflitos.

Palavras-chaves: Conflito; Mineração; Mediação.

SÃO PAULO VAI VIRAR ITU: ETNOGRAFIA DE UMA “CRISE HÍDRICA”

Danilo Castro Magalhães. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ)

Os conflitos pela água em meio urbano, especificamente aqueles relacionados à interrupção dos serviços de saneamento, tendem a se intensificar nos períodos de grandes secas como a que vive atualmente a região sudeste do Brasil. As situações de crise decorrentes de um desabastecimento de água expõem as fragilidades dos atuais modelos de gestão hídrica e nos exigem alguma reflexão, num momento em que a água se torna uma questão.

No contexto da atual “crise hídrica”, a cidade de Itu, no interior de São Paulo, ganhou projeção no ano de 2014 quando as imagens das barricadas, numa cidade há cerca de três meses sem água, chegaram ao noticiário nacional. Projetou-se que São Paulo, em contagem regressiva para ficar na mesma situação, estaria prestes a virar Itu.

Esse trabalho é resultante de quatro meses de campo vivido junto aos integrantes remanescentes do movimento “Itu vai parar” (e sua rede de contatos), movimento que se articulou no momento mais crítico do período de desabastecimento vivenciado pela cidade de 165 mil habitantes.

O objetivo é reconstruir esse cenário entre crises, partindo das estruturas narrativas desse evento crítico e das imagens e afetos envolvidos na imaginação do colapso que poderia afetar São Paulo. Assim, será possível abordar tanto algumas das questões que um conflito pela água pode sugerir, quanto questões referentes à própria noção de crise, entendendo a gramática da “crise” como o repertório disponível para lidar com uma situação de contornos ambientais.

Palavras-chave: crise, crise hídrica, escassez de água, mobilização social, conflitos pela água.

COSMOVISÕES EM CONFLITO: A IDEOLOGIA SANITARISTA E A FISIOCRACIA AGRESTE DOS PESCADORES DA LAGOA FEIA E DE MARICÁ

Carlos Abraão Moura Valpassos. Bolsista de Pós-Doutorado PNPd CAPES pelo Programa de Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense (PPGSP/UENF) Pesquisador do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense – Luiz de Castro Faria (NEANF/UFF-Campos) Pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS/UFRJ); valpassos@gmail.com

Marco Antonio da Silva Mello. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro Pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS/UFRJ); mmellobr2@gmail.com

Na primeira metade do século XX iniciou-se no Brasil um movimento de preceitos higienistas, onde se combinavam a medicina e a engenharia sanitária. Isto resultou na formulação de uma política pública direcionada para o saneamento do país, iniciada na década 1930 e implementada, a partir da década de 1940, pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento - DNOS.

A Baixada Fluminense foi uma das principais áreas de atuação dessa política que se desdobrou nas ações de dragagens, entulhamento, retificação de rios e córregos, além da abertura sistemática de canais e barras oceânicas, procedimentos estes que provocaram consideráveis impactos nos diversos ecossistemas da região, entre os quais a bacia hidrográfica da Lagoa Feia e o sistema das lagunas de Maricá.

O objetivo deste artigo é evidenciar o modo como tais intervenções, promovidas pelo DNOS, no âmbito das políticas públicas do saneamento da baixada litorânea fluminense, contribuíram não somente para afetar profundamente os ecossistemas costeiros e sua gestão e manejo tradicionais, mas, além disso, e sobretudo, para desestabilizar a economia da região, com consequências para as populações dos assentamentos de pescadores tanto na Lagoa Feia quanto na Lagoa de Maricá.

Palavras-Chave : Pesca Artesanal ; Conhecimentos Naturalísticos ; Saneamento ; Políticas Públicas.

O DECRETO DA DISCÓRDIA: ACORDO BRASIL-SANTA SÉ E A

CONFSSIONALIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS

Milton S. dos Santos. Doutorando em Antropologia Social (UNICAMP) LAR-
Laboratório de Antropologia da Religião (UNICAMP); miltonrpc@gmail.com

O Supremo Tribunal Federal (STF) reuniu, em junho deste ano, representantes do sistema público de ensino, de comunidades religiosas e não-religiosas, organizações da sociedade civil e especialistas do tema, para apreciação da “Ação Direta de Inconstitucionalidade 4439”, ajuizada pela Procuradoria Geral da República, na qual se discute a inconstitucionalidade do “Acordo Brasil-Santa Sé” (Decreto 7.107/2010), que prevê o “ensino católico e de outras confissões” nas escolas públicas brasileiras. Dentre os segmentos ouvidos na Audiência Pública, esta proposta focaliza as posições publicamente defendidas pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e pelos afro-religiosos (Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro e Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno) também representados no STF. Diante da controvérsia jurídica gerada pelo citado Acordo e dos conflitos oriundos da confessionalização da escola pública, convém saber o que propõem os porta-vozes das congregações acima. Defendem qual regime de laicidade? Admitem a exclusão mútua entre Estado e religião ou insistem nesta última enquanto instituição decisiva na configuração do campo político? Qual modelo de ensino religioso (supraconfessional, fenomenológico, história das religiões, etc.) é recomendado para as escolas públicas? Existe um modelo mais ajustável à diversidade cultural/religiosa do Brasil e, por conseguinte, mais compatível com a *laicidade à brasileira*?

Palavras-chave: religião; laicidade; ensino religioso; Acordo Brasil-Santa Sé.

GT 69. CONHECIMENTO, ARTES, MEMÓRIA E ESPAÇO: MODOS DE FAZER E PODER

Coordenadores:

Dr. Eduardo Álvarez Pedrosian (Universidad de la República, Uruguay)

Dra. Julia Ruiz Di Giovanni (Universidad de São Paulo, Brasil)

Dra. María Florencia Girola (CONICET-UBA, Argentina)

Comentarista: Dra. Fernanda Arêas Peixoto (Universidade de São Paulo, Brasil)

-

Sesión 1: Memoria y representación: artes del poder

“A PRESENÇA BANDEIRANTE NA SÃO PAULO DOS ANOS 1920”

Thaís Chang Waldman. Universidade de São Paulo, Brasil

Criado a partir de documentos, mapas, inventários e dos textos dos cronistas do século XVIII, em um momento de forte metropolização da cidade, o bandeirante se torna, na década de 1920, o personagem mais evocado, enaltecido e duradouro da São Paulo de então. Sua criação normalmente é associada ao período que se convencionou chamar “segunda fundação de São Paulo”: quando a cidade, na passagem para o século XX, começa a se transformar em metrópole. Extensamente trabalhada pela historiografia, tal expressão comumente abrange um período que começa no final do século XIX, com o início do processo de metropolização da cidade, e se encerra em 1929, com as crises da economia cafeeira. A presença do bandeirante na capital paulista encontra-se assim intrinsecamente ligada a um novo contexto, marcado por extensas e profundas mudanças que levaram à crise das instituições do Segundo Reinado. Atenta às reelaborações locais e às tantas historicidades, pretendo, neste trabalho, dialogar com suas variadas apropriações e seus diferentes modos de expressão, em campos e domínios diversos, observando seu percurso, nos anos 1920, em uma cidade na qual convivem universos e tempos sociais distintos. Trata-se de acompanhar os passos de um personagem que por condensar diferentes tensões, temporalidades e sentidos, nos permite capturá-las de forma sintética e coordenada. Ao trazê-lo para o primeiro plano, este trabalho fornece um acesso privilegiado para pensarmos nas relações estreitas entre as cidades, a memória, as ideias e as representações.

Palavras-chave: São Paulo; bandeirantes; década de 1920.

**CONMEMORAR Y SUBVERTIR LAS NARRATIVAS DE LA NACIÓN.
SANTIAGO, BUENOS AIRES Y BRASÍLIA**

Francisca Márquez, Universidad Jesuita Alberto Hurtado, Chile

Desde la investigación urbana se pregunta por las conmemoraciones y performance que dan forma al ordenamiento de los cuerpos en torno a la monumentalidad de la nación. A través de trabajo etnográfico y análisis de archivos se pregunta por las formas disputadas de la monumentalidad en los espacios públicos de tres ciudades latinoamericanas. Se afirma que así como la ciudad utópica o ideal está implícita en las formas y estéticas de la monumentalidad nacional; ella se actualiza en los programas y relatos de conmemoración y celebración. A través del análisis de marchas, fiestas, performance y graffits se observa el ejercicio de des-substancialización de las narrativas de la nación y su relato histórico. Se concluye que en Santiago, la monumentalidad es siempre disputada en la especificidad de su vocación; en Buenos Aires, la ciudad completa será ocupada, subvertida y rayada, relegando la forma monumental a un objeto más de la escenografía urbana; en Brasilia en cambio, la ciudad entera en tanto objeto monumental, se impone y subyuga todo intento de disputa y subversión, dejando la línea del horizonte y la gran cúpula azul, en manos de las expresiones performáticas y artísticas. La ponencia se basa en resultados de la investigación “Utopía(s) y forma en el patrimonio de ciudades latinoamericanas: Brasilia. Santiago y Buenos Aires”.

Palavras-chave: ciudad, patrimonio, Nación, performance, identidad nacional.

MUSEU NA FAVELA. OBJETOS, TESTEMUNHOS, TRABALHO MEMORIAL

Lygia Segala, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, Brasil

Interessa discutir, tomando como referência o movimento cultural *Museu Sankofa Memória e História da Rocinha* - maior favela do Rio de Janeiro - o sentido de *museu* para os moradores, as especificidades desta proposta de mediações e de trabalho memorial. Como enunciam e estabilizam simbolicamente o espaço enquanto “lugar praticado”? O que importa no contexto conflitual contemporâneo de “pacificação das favelas” guardar para transmitir? Quais critérios e valores definem e qualificam a doação de objetos para o museu? Objetos e coisas: *coisas velhas, coisas usadas, coisas curiosas, relíquias*, objetos de estimação. Em que medida abrem correspondências ou discontinuidades com coleções museais reconhecidas? Como se articulam às narrativas locais de “testemunhos”, à comunicação pela oralidade calçadas na autoridade da experiência e na pedagogia da exemplo? Qual a singularidade das fotografias como objeto, como linguagem, como “memória portátil”, nesse repertório de lembranças concorrentes?

Palavras-chave: Museu. Favela. Objetos. Memória.

MUSEUS, FORMAS EXPOSITIVAS E MATERIALIDADES RELIGIOSAS

Fernanda Heberle, PPGAS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

A exibição de objetos relacionados aos cultos religiosos afro-brasileiros em museus e outras instituições públicas tem uma longa história no Brasil. Nas últimas décadas, a constituição dos chamados "novos museus afro-brasileiros" têm contribuído para multiplicar as possibilidades de associação entre religião, cultura e arte.

Tomando como ponto de partida o espaço expositivo do Museu Afro Brasil, inaugurado em 2004 na cidade de São Paulo, esta pesquisa procura explorar o modo como a categoria religião é, por um lado, construída e operada na elaboração de narrativas museais e, por outro, materializada nesses espaços a partir da mediação de objetos e de outros elementos sensoriais. Em diálogo com trabalhos que apostam em uma abordagem material da religião para dar conta das redefinições de sua presença e de seu lugar na modernidade, proponho um exercício inicial de contraste e aproximação entre formas expositivas e formas materiais religiosas. O objetivo mais geral deste trabalho é refletir sobre a especificidade dos engajamentos e das técnicas envolvidas na prática de justapor objetos e coleções e sua relação com a criação de sentidos e ambiências passíveis de serem reconhecidos como religiosos.

Palavras-Chave: Museus, Formas Expositivas, Materialidades Religiosas.

MEMÓRIAS EM PRETO E BRANCO: O COLONIALISMO PORTUGUÊS EM MOZAMBIQUE NAS FOTOGRAFIAS DE RICARDO RANGEL

Bruna Nunes da Costa Triana Universidade de São Paulo, Brasil

Busca-se, aqui, analisar algumas imagens do fotógrafo moçambicano Ricardo Rangel (1924-2009), entre os anos 1950 a 1975. O recorte temporal abarca o acirramento das militâncias anticoloniais em Moçambique, o auge repressivo de exploração colonial no país e o início da luta armada de libertação, até sua independência. Foi nesse período

que Rangel, trabalhando nos principais jornais moçambicanos enquanto fotojornalista, produziu imagens que lograram entrelaçar denúncia social, engajamento político e composição poética – o que o tornou referência no campo da fotografia africana. Assim, a partir de suas fotografias, gostaria de apreender os mecanismos narrativos envolvidos na composição do que chamo de “experiência fotográfica” – um ponto de vista e uma forma de conhecer o cotidiano e a violência colonial, que esboça um panorama sociopolítico e urbano ambivalente. A fotografia é, nesse sentido, um informante privilegiado, por meio da qual se podem observar tensões, significados, memórias, experiências. De que forma, então, com as fotografias de Ricardo Rangel, é possível verificar outras memórias, materialidades e visibilidades do período colonial e da luta por independência em Moçambique? Seguindo Didi-Huberman, problematizo, na obra de Rangel, a transmissão de experiências a partir do instantâneo fotográfico, a possibilidade de salvar o que não pode ser esquecido e que deve, portanto, construir a memória de algo que, de outro modo, perde-se por não encontrar uma saída transmissível. Este trabalho busca pensar *com*, *através* e *além* das imagens do fotógrafo moçambicano, estabelecendo uma interlocução possível entre fotografia, memória e experiência.

Palavras-Chave: Ricardo Rangel; Fotojornalismo; Memória; Colonialismo; Moçambique.

ARTES DE FAZER O MUNDO E PERFORMANCES NEGRAS EM PELOTAS: 'REINVENTANDO MEMÓRIAS'

Maria Helena Sant'Ana Univ. Federal de Pelotas/Univ. de Santa Cruz do Sul, Brasil

Etnografia de “jogos da memória” coletivos que se desenvolvem diferentemente entre gerações mais novas de militantes negros - na cidade de Pelotas, Brasil - e gerações mais velhas, nos modos como performatizam e conformam distintas comunidades de interpretação do tempo e das imagens de tempo sobre as quais agem a modo de interferir como práticas estéticas e políticas do cotidiano numa auto declarada “reinvenção da memória”. Esta é mesmo categoria que situa um certo posicionamento reflexivo diante das configurações dos lugares construídos aos negros e os espaços interditos dos seus percursos sociais, no contexto brasileiro de relações sociais racializadas e desiguais. A reinvenção é busca intelectualizada mas é também agência, forma de fazer mundo em artes de reinventar cotidianos e agir sobre paisagens constituídas pela memória social. Interpreta-se o transbordamento da experiência, o que resulta e manifesta em empoderamento por emergência de uma poética da memória que imprime uma outra política ao cotidiano. *Artes de fazer o mundo* - para além da identidade - é a pragmática desta poética que põe em correspondências paisagens vividas e sonambulizadas de antigamente e de hoje. Agência camadas que se tocam como *objetos-fronteira*: intertextualidades e pragmática que entre a reflexividade, o

sonambulismo das imagens e ação conformam performances que se produzem em direção aos textos narrados e fantasmagorizados da Pelotas da escravidão e das referências sonhadas e imaginadas em territórios africanos e brasileiros - a pureza africana encantada da Bahia e da África, os ancestrais, seus espíritos e os sujeitos que corporificam o encontro.

Palavras-Chave: Memória Social, Performance, Poéticas do Cotidiano, Militância Negra.

Sesión 2: Técnica-táctica: imagen y narrativa

MICROCONTOS ILUSTRADOS: ARTE E POLÍTICA PARA A CRIAÇÃO DE PARENTESCO

Aline Lopes Murillo Universidade Federal de Goiás, Brasil

Durante a última ditadura militar argentina (1976 – 1983), uma das políticas adotadas para conter a subversão foi o desaparecimento forçado de pessoas vinculadas à militância política. Além dessa prática catastrófica, outro feito foi sistematizado pela campanha anti-subversiva: a apropriação de filhos sequestrados com seus pais e de recém-nascidos durante o cativeiro de suas mães. Estima-se que 500 crianças foram apropriadas pelos militares no período da repressão. A mobilização para a recuperação dessas crianças começou em outubro de 1977, quando as avós criaram a *Asociación Civil Abuelas de Plaza de Mayo*. Desde então, por meio de ações coletivas que misturam arte e ativismo, essas mulheres lutam pela restituição de seus netos apropriados pelo Estado ditatorial. Uma de suas estratégias é a mostra "TwitteRelatos por la Identidad". Tratam-se de microrelatos centrados no tema da apropriação de crianças durante a última ditadura militar enviados pela rede social Twitter com o *hashtag* #TwI. Os textos vencedores são ilustrados por uma equipe de artistas e o resultado é uma mostra gráfica itinerante com vistas a contribuir com a busca dos netos apropriados. Isso posto, neste trabalho, o objetivo é privilegiar a mostra itinerante como modo criativo de manipulação do parentesco. Nesse sentido, reflito como a mostra, enquanto prática social que dialoga com arte e ativismo político, coloca em movimento táticas de criação de parentesco entre avós e netos na sociedade argentina.

Palavras-Chave: Arte, Ativismo, Parentesco.

“O CASO DO DUPLO ARQUIVO DE MICHEL LEIRIS”

O espólio intelectual do escritor e etnógrafo francês Michel Leiris (1901-1990) encontra-se atualmente em dois arquivos parisienses: a Bibliothèque littéraire Jacques Doucet e a Biblio-thèque du Laboratoire d'anthropologie sociale. Sua origem equivale igualmente a uma divisão espacial: os papéis alojados no primeiro arquivo vieram de sua residência; aqueles depositados no segundo, de seu escritório no Musée de l'Homme. Essa classificação espacial corresponde por sua vez às duas atividades praticadas por Leiris durante toda sua vida: de um lado, a escrita poética e autobiográfica; de outro, a investigação etnográfica por meio de técnicas científicas. “Leiris jamais escreveu um texto literário no Musée de l'Homme nem um texto etnográfico em sua residência”, afirma o antropólogo Jean Jamin, seu executor testamentário. Há portanto uma articulação intrincada entre a disposição espacial e a classificação do conhecimento que, elaborada na prática por Leiris, persiste na organização de seu espólio. No entanto, ao examinar esse duplo arquivo, encontrei no arquivo literário alguns documentos etnográficos produzidos no entre-guerras, momento no qual a distinção entre etnografia e literatura estava sendo elaborada; compreendo tais documentos como uma fissura nesse sistema classificatório, isto é, como um fator imponderável decorrente de sua aplicação e que desafia seus fundamentos. Com o objetivo de descrever a transformação das categorias em jogo (etnografia e literatura) ao longo do tempo, enfocando a partir de suas fissuras a classificação que elas sustentam, este trabalho propõe o exame desses documentos etnográficos anômalos por meio de duas perspectivas inter-relacionadas: de um lado, segundo sua disposição arquivística atual; de outro, no momento de sua produção e circulação no entre-guerras.

Palavras-chave: Etnografia; Literatura; Michel Leiris (1901-1990); Arquivo; Sistema Classificatório.

LA FOTOGRAFÍA ETNOGRÁFICA EN LA ESCENA VISUAL CONTEMPORÁNEA - EXPERIENCIAS ARTÍSTICAS Y CONSTRUCCIÓN DE DISENOS EN TORNO A LA ALTERIDAD INDÍGENA ARGENTINA

Alejandra Reyero CONICET-UNNE, Argentina

La intención de este trabajo es discutir la potencialidad de la fotografía contemporánea sobre pueblos originarios para asumir un compromiso político y erigirse como “arte crítico”, generador de disenso. El estudio analiza una serie de imágenes obtenidas por diferentes fotógrafos desde 1990 en la región argentina de Chaco, y a partir del análisis contrastivo con algunos registros históricos paradigmáticos, reflexiona sobre el poder de la fotografía contemporánea para otorgar a los sujetos históricamente considerados

“modelos” de representación, la posibilidad de decidir cómo visibilizarse. De esta manera, los retratados devienen actores de un cambio sustancial en la historia de los usos y prácticas de visibilidad que los ha involucrado tradicionalmente. Abandonan un círculo de dominación y sujeción cultural que los ha restringido a una condición de espera que significaba “posar ante la cámara”, para transformarse en intérpretes activos, capaces de cuestionar la oposición entre mirar y actuar, y de comprender que “mirar es también una acción que confirma o que transforma la distribución de las posiciones” (Rancière, 2010). De este modo, los artistas contemporáneos reconfiguran una topografía de la mirada que desplaza la asimetría entre fotógrafos y fotografiados tan común en los registros etnográficos pretéritos. Desafían lo que la sociedad hegemónica considera visualmente verosímil del *otro* y ello se expresa en las decisiones técnicas y compositivas de las tomas. Si bien la cámara continúa siendo un instrumento de poder, deja de ser únicamente metáfora de la “imposición” para desarticular su entramado y propiciar otras formas de organizar lo real.

Palabras Clave: Fotografía, Disenso, Política, Estética, Indígena, Chaco Argentino.

GAUCHO GIL: UNA FORMA DE FE 'BESTIAL' Y UNA SANTIDAD BELIGERANTE - VISIBILIZACIÓN DE LÓGICAS DIVERSAS DE LA RELIGIOSIDAD ARGENTINA EN LA FOTOGRAFÍA ARGENTINA CONTEMPORÁNEA

Cleopatra Barrios Universidad Nacional del Nordeste-CONICET, Argentina

Algunas experiencias artísticas-documentales de los últimos años en la Argentina logran dar lugar a las demandas de visibilidad, identificación y reconocimiento de grupos sociales que se mantenían al margen de la escena pública. En este sentido, diversas propuestas fotográficas contemporáneas están asumiendo el desafío de mapear y *dar a ver* prácticas y figuras de la cultura popular que formaban parte de un retazo oculto dentro de la trama del orden social y discursivo legitimado. Este trabajo propone abordar las producciones *Gauchito Gil, la fe en la piel* (2013), de Eduardo Longoni y *Gaucha Gil* (2008), de Marcos López, con el objetivo de reflexionar acerca de los modos en que estas imágenes con apelación a uno de los fenómenos de religiosidad popular más expandidos en los últimos años en el país permean los espacios mediáticos gráficos tradicionales, así como los nuevos medios en internet, y los espacios de exhibición artística, para construir nuevas cartografías de la religiosidad argentina diversificada. La atención de la indagación está centrada en las formas de religiosidad que visibilizan estas fotografías y los modos en que ellas cuestionan y/o dialogan con las representaciones hegemónicas restringidas a la a la visión institucional eclesial. Asimismo, observamos cómo estas propuestas interpelan construcciones identitarias establecidas y posibilitan la reconfiguración de representaciones nodales de la argentinidad con base en la articulación de las diferencias desde estéticas también diversas.

Palabras clave: Fotografía, Representaciones, Identidades, Religiosidad Argentina, Gaucho Gil.

DOS CANTEIROS PRA FAVELA: O 'LADO B' DE UMA SÉRIE SOBRE BRASÍLIA

Juliana Arruda Sampaio Universidade de São Paulo, Brasil

A proposta visa tomar a “série Brasília” produzida por Thomaz Farkas entre 1958 e 1960 como uma narrativa poética e política sobre a construção de Brasília. Ao deslocar o enquadramento de parte da série, dos canteiros de Brasília para as construções do que veio a ser a primeira favela do plano piloto (o Núcleo Bandeirante), apostamos que tal deslocamento produz um contra-discurso, muito dissonante da representação oficial produzida pelo Estado brasileiro. Como iremos demonstrar, neste contra-discurso o foco recai sobre os trabalhadores fora dos canteiros de obra, mas também no enquadramento das condições precárias nas quais viviam os candangos. Paralelamente, a leitura dessas imagens nos possibilitará perceber a produção de uma paisagem que não estava nos planos dos empreendedores de Brasília, mas que foi erguida com igual afincamento pelos mesmos trabalhadores que construíram a cidade. Por fim, tentaremos entender como Farkas, ao representar aquele espaço (a construção de Brasília) conseguiu criar um espaço de representação para aqueles que até então e por muito tempo não eram figurados no discurso oficial, formulado e divulgado pelo Estado brasileiro.

Palavras-Chaves: Thomaz Farkas, Brasília, Fotografia, Produção De Espaço, Espaço De Representação.

ALCÂNTARA MACHADO E A CRIAÇÃO DE SÃO PAULO: PERSONAGENS, ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS

Diogo Barbosa Maciel, Universidade de São Paulo, Brasil

Este trabalho investiga as relações entre cultura, literatura e cidade a partir da trajetória e obra do escritor Antônio de Alcântara Machado e de suas reflexões sobre São Paulo nos anos 1920. Autor de inspiração marcadamente urbana, Alcântara Machado tem o coração de sua produção nos novos personagens, nos espaços e nas experiências ao mesmo tempo criativas e desagregadoras das novas tecnologias proporcionadas pela então nascente modernização da cidade, as quais ele registrou de ângulos particulares e privilegiados ao longo de seus textos, tributários de seu pertencimento a umas das

famílias mais eminentes da cidade e de sua posição como jornalista, crítico de teatro, bacharel, viajante e escritor ativamente ligado ao modernismo. Através de uma abordagem sensível à experiência do autor na cidade e aos aspectos visuais e iconográficos sugeridos por sua obra, seguem-se as pistas encontradas nos diferentes momentos de sua produção, nos registros de suas viagens para a Europa e para os países latinos e em sua trajetória pessoal e intelectual, redesenhando o amplo panorama da vida social paulistana que se revela através deles e mostrando uma cidade marcada por mudanças aceleradas, pela convivência de diferentes grupos sociais, e, ao mesmo tempo, por imagens, personagens, espaços e práticas até então pouco observados.

Palavras-Chave: Antropologia e literatura; Antônio de Alcântara Machado; Modernismo em São Paulo; Práticas e Imaginários Urbanos; Trajetórias Intelectuais.

Sesión 3: Alter/Contra/Urbanismos: proyectos e usos

ENTRE CASAS, DEPARTAMENTOS, Y VIVIENDAS. LA REDEFINICIÓN DE SUJETOS EN LA ARQUITECTURA DOMESTICA DE UN PUEBLO PUNEÑO DE LA ARGENTINA. CORANZULÍ, PROVINCIA DE JUJUY

Julieta Barada, CONICET-FADU-UBA, Argentina

En este trabajo analizaremos el modo en el que se produce la arquitectura doméstica en el pueblo de Coranzulí en la puna de la provincia de Jujuy, Argentina, a la luz de las relaciones que se han ido constituyendo, desde el plano político, económico y social, entre las poblaciones pastoriles puneñas y las agencias estatales. En este contexto, el rol que el espacio y en particular la arquitectura han tenido en la progresiva ‘institucionalización’ de la vida de las comunidades locales resulta central en un contexto en el cual históricamente la población se ha caracterizado por tener un patrón de asentamiento disperso y un alto grado de movilidad. Así, las acciones que directa e indirectamente el estado ha ido ejerciendo sobre las características de sus casas, así como también sobre sus relaciones familiares y formas de vivir, han tenido un impacto significativo en los modos locales de hacer arquitectura. Con el nombre de *casas*, *departamentos* o *viviendas* se clasifican hoy, desde Coranzulí, los lugares en los que viven las familias en el pueblo. Sin embargo, la relación entre estas categorías, sus espacios y las prácticas que allí tienen lugar no se da de un modo lineal, en tanto tampoco lo ha sido el modo en el que los modelos generados por el estado sobre la arquitectura doméstica puneña se operaron desde las lógicas locales. Problematizaremos entonces a la materialidad como relación que se constituye en los procesos de producción de arquitecturas domésticas en Coranzulí, y que posibilita el reposicionamiento de las familias locales como sujetos ante las acciones de las agencias

estatales. Así, propondremos a lo largo del análisis de este trabajo que es desde la propia materialidad que las personas en su vida cotidiana, dialogan, discuten y negocian las categorías, las formas espaciales y los modelos sociales construidos por el estado y es en ese mismo proceso que se reposicionan y redefinen como sujetos.

Palabras Clave: Arquitectura Doméstica, Vivienda, Materialidad, Vida Cotidiana, Estado.

ASENTAMIENTOS RECIENTES EN VILLA 15: NUEVAS CONFORMACIONES EN LA PRODUCCIÓN DEL HÁBITAT”

Ricardo de Sárraga, FADU-UBA, Argentina

Inés Fernández, FADU-UBA, Argentina

Se analizan los nuevos asentamientos producidos por tomas de tierras en los márgenes de la Villa 15: Barrio Scapino (ocupación de una traza ferroviaria hacia Av Gral. Paz en 2006) y los barrios sobre Av. Santander, San Pablo (2008), Santa Lucía (2010) y San Cayetano (2012). Presenta los resultados de la convergencia en el territorio de actores académicos, gubernamentales y organizaciones barriales 1 . El enfoque transdisciplinar adoptado para analizar conjuntamente el desarrollo territorial y sus actores articula aspectos técnicos, sociales y legales de los diferentes campos de la arquitectura, del urbanismo, de la gestión y la administración del territorio. Es a su vez, un enfoque comprensivo, que nos permite indagar acerca de las acciones de los habitantes y sus sentidos, a los fines de dar cuenta de las alianzas y los conflictos que motorizan las acciones de gestión de su territorio. Combina los resultados de la aplicación de un “mix” de técnicas cuantitativas (mensuras, relevamiento gráfico, análisis constructivo) y metodologías cualitativas (observación, registros, entrevistas) cuyos resultados son analizados conjuntamente. La captación de datos se realiza con la participación activa de habitantes del barrio mediante técnicas de mapeo social, relevamientos y reuniones en las que se da cuenta del proceso a la población. Las técnicas se aplican como herramientas para percibir, reflexionar y construir colectivamente estrategias que aporten efectivamente a la gestión social del hábitat y a la construcción colectiva de saberes, para lo cual se combinan las técnicas de investigación descriptas con la dinámica social propia que se expresa a través de asambleas, votaciones, demandas urgentes, instancias de gestión, instancias de análisis debate y capacitación, registro audiovisual, difusión y comunicación a través de distintas piezas gráficas (boletines, volantes afiches, etc.).

Palabras Clave: Producción Y Gestión Social Del Hábitat, Producción De Saberes, Cartografías, Etnográficas, Reflexividad.

PARA ALÉM DA MORADIA: OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE A REGULAMENTAÇÃO DE ATIVIDADES COMERCIAIS E DE SERVIÇO EM CONJUNTOS HABITACIONAIS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Taís Jamra Tsukumo Universidade de São Paulo, Brasil

Dentre as mudanças na legislação urbana que vêm sendo implementadas na cidade de São Paulo, estão as discussões para regulamentar a implantação de atividades comerciais e de serviço nos terrenos de conjuntos habitacionais de interesse social. A pesquisa realiza uma análise etnográfica do processo de construção dessa política, cotejando os pontos de vista dos distintos agentes envolvidos, e sua conformação a requisitos jurídicos, financeiros e de gestão. O ponto de ancoragem da análise está na posição dos técnicos municipais, especialmente dos arquitetos e urbanistas da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, dentre os quais me incluo. A iniciativa em pauta é justificada em termos teóricos e abrangentes, a partir da necessidade de aproximar os locais de emprego e moradia na cidade, reduzir os deslocamentos diários da população e diversificar as atividades nos bairros mais periféricos, incentivando o chamado uso misto nas edificações. Outros pontos de vista compõem a análise e estão informados por diferentes expectativas e concepções de cidade. Do alto escalão do governo municipal provêm metas, prazos e discursos oficiais que demandam atenção. Também, são consideradas as práticas e anseios de moradores e comerciantes, interessados em manter o acesso a bens e serviços nas proximidades do local de moradia. Finalmente, para os agentes ligados à indústria da construção civil, as alterações sugeridas levantam questões sobre a viabilidade econômica dos empreendimentos. A pesquisa acompanha a interação complexa entre estes diversos agentes, com base na análise de entrevistas e relatos de reuniões, ocorridas nos últimos meses.

Palavras-Chave: Política Pública, Política Habitacional, Urbanismo, Etnografia Urbana.

DUAS IMAGENS DA AVENIDA SÃO JOÃO - DO TRAÇADO DO URBANISMO À BATIDA DO SAMBA E VICE-VERSA

Bruno Ribeiro da Silva Pereira. Universidade de São Paulo, Brasil

A Avenida São João, no centro da cidade de São Paulo, foi uma das vias mais privilegiadas ao longo da implantação do projeto modernizador do prefeito-engenheiro Francisco Prestes Maia, o Plano de Avenidas. Entre os anos 1938 a 1945, Prestes Maia exerceu seu primeiro mandato e teve como grande norte a remodelação do sistema viário da cidade construindo um imenso círculo que até hoje contorna todo o centro de São Paulo. A ligação entre esse círculo central, foco de todos os investimentos dessa gestão, e os bairros se dava através de grandes vias como as Avenidas Anhangabaú, 9 de julho, 23 de Maio, Rangel Pestana e a São João. É justamente na Avenida São João, para o urbanismo uma via de ligação entre o centro e bairro, na qual as diferentes agremiações carnavalescas (cordões e escolas de samba) representantes dos bairros do Bexiga, da Barra Funda, da Baixada do Glicério, e tantos outros, reuniam-se para realizar seus desfiles durante o período do carnaval em direção ao centro. Os desfiles do período eram grandes caminhadas entre os bairros e o centro nas quais o samba produzia suas territorialidades, insinuando-se pelo traçado das ruas. Samba e urbanismo produziam duas imagens da Avenida São João a partir de saberes e conhecimentos diversos, mas que aqui tento simetrizar. Essa é uma parte de minha pesquisa de mestrado na qual, inspirado por Kevin Lynch e Michel de Certeau, me debruço sobre as práticas de espaços e imagens de cidade do urbanismo moderno, encarnado no Plano de Avenidas de Prestes Maia, e pelo.

samba paulista. Palavras-Chave: Urbanismo, Reformas Urbanas, Samba Paulista, Práticas de espaço, Imagens de cidade, São Paulo (1938-1945).

LA CONSTRUCCIÓN DE PATRIMONIO BARRIAL EN LO COTIDIANO

Caroline de Saint Pierre ENSA Paris Malaquais - EHESS, Francia

La construcción de patrimonio barrial, en la situación que expondré aquí, aparece como una tentativa de territorializar un sector atravesado, al igual que todos, por fenómenos globales, para reconfigurarlo y sacar a luz espacios que son relativamente invisibles a las miradas exteriores. En la zona de Boedo se intenta producir un barrio «auténtico». Hasta el momento, hay que señalar que, en las indicaciones de las oficinas de turismo, no figura en el perímetro de lo que tendría un interés particular en Buenos Aires. Para lograrlo, los vecinos y adherentes al proyecto, movilizan elementos históricos de los años 1920-1930, como el del compromiso social y una cultura artística popular, la cual se prolonga hasta el día de hoy, en contraste con otras evoluciones de la ciudad y de la sociedad. Estas acciones son impulsadas por actores asociativos o privados (café, comercios), aunque igualmente agrupados en una misma instancia (Red de Cultura de Boedo), intentando dotar al barrio de una encarnación espacial, ya que éste tiene la particularidad de haber existido, sobre todo, como una referencia cultural y artística,

fundamentalmente a través del tango y la literatura, en la primera mitad del siglo XX. Boedo no tuvo un reconocimiento administrativo, sino a partir de 1972. A través de las puestas en escena y en relatos de objetos y espacios se está conformando un pasado susceptible de darse a leer y de ordenar un presente singular. Se provee así un marco a diferentes posicionamientos en el mundo y se intenta abrir otros horizontes posibles.

Palabras claves: Buenos Aires, patrimonio, barrio, performatividad, globalización.

IMAGINAÇÃO ARQUITETÔNICA E EXPERIÊNCIA URBANA: O PROJETO DO CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO ALVARENGA

Vinícius Spira Universidade de São Paulo, Brasil

Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) reúnem num só local um conjunto de equipamentos de educação, cultura, lazer e esporte, e vêm sendo implementados há mais de uma década em áreas urbanas periféricas e carentes de diversas cidades brasileiras. O projeto de arquitetura é um dos fatores relevantes para a constituição da experiência urbana nestes lugares. Ao projetar espaços e construções, arquitetos tomam decisões com base no que podemos chamar de uma imaginação técnica-construtiva, sociológica, cultural e política. Esta imaginação envolve tanto a atribuição de comportamentos e identidades culturais a construtores, educadores e usuários futuros, como a definição de determinadas concepções de cidade que extrapolam os precedentes culturais e sociais supostamente presentes no contexto das intervenções. Assim, arquitetos desenham construções e espaços no intuito de favorecer ou inibir determinadas produções de significado, cursos de ação e possibilidades de interação. Neste trabalho apresento resultados preliminares de uma etnografia do processo de projeto do CEU Alvarenga, previsto para ser construído nos próximos anos na cidade de São Bernardo do Campo, na região metropolitana de São Paulo. Venho realizando a pesquisa na condição de arquiteto-antropólogo, e de membro da equipe do escritório Brasil Arquitetura - responsável pelo projeto deste CEU. Situando-me na interface entre investigação e intervenção, busco observar como os arquitetos sustentam e/ou modificam suas intenções - suas imaginações - face aos imprevistos e vicissitudes que aparecem no desenrolar do processo de projeto.

Palavras-chave: arquitetura, centros educacionais unificados, cidades, práticas cotidianas.

Sesión 4: Zonas de tránsito: prática artística y experiencia social

INSURGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: ESTÉTICA E POLÍTICA NAS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DE COLETIVOS ARTÍSTICO-ATIVISTAS EM SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

Guilherme Aderaldo Universidade de São Paulo, Brasil

O trabalho – decorrente de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento – têm como objetivo perscrutar as ações e relações que vêm sendo desenvolvidas por uma diversidade de atores dedicados a práticas de intervenção visual, politicamente orientadas, em variados territórios marcados por processos de segregação. Buscarei dar inteligibilidade ao campo de possibilidades responsável pela modulação do engajamento desses sujeitos em torno de associações coletivas voltadas a iniciativas de fortalecimento de imaginários alternativos àqueles comumente reproduzidos pelos veículos corporativos de comunicação ou pelas “vozes oficiais” vinculadas aos poderes públicos, no tocante à interpretação do sentido social/simbólico das fronteiras urbanas e seus desdobramentos políticos. Por meio da análise de intervenções protagonizadas pelos coletivos Imargem (São Paulo) e Projetação (Rio de Janeiro), intenciono apontar para o modo pelo qual o sentido da categoria “cidade” têm sido razão de uma verdadeira batalha narrativa e iconográfica que, por vezes, opõe representações hegemônicas e contra-hegemônicas da alteridade nos espaços públicos das grandes metrópoles.

Palavras chave: Cidade, Associativismo, Coletivos, Intervenção visual, Engajamento.

UM BLOCO DE FUNK E A RUA: EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E MANIFESTAÇÃO POLÍTICA

Francisca Marcela Andrade Lucena Universidade Federal Fluminense, Brasil

A APAFUNK, Associação de Profissionais e Amigos do Funk, mixando produção artística e cultural e manifestação política, traz, desde sua criação, o intuito de “defender os direitos dos funkeiros e lutar pela Cultura Funk, contra o preconceito e a criminalização”. No elenco de suas atividades pode-se contar com a Roda de Funk, os saraus de poesia e o mais novo componente da Associação, o Bloco Apafunk. Neste trabalho tentaremos uma incursão na “batucada” feita pelo Bloco. Onde a apresentação

artística se funde com a reivindicação política? Trazendo a tona o caráter performativo e político das apresentações, tendo a música como elemento comunicador, buscaremos analisar como as apresentações contribuem para uma gramática social que conjuga prática cultural e política feitas através desse “coletivo musical de ocupação dos/nos espaços públicos. Que mediações são feitas a partir dessas intervenções? E quais elementos emergem através de um empoderamento através do direito de fala, feito através do funk?

Palavras-chave: funk, arte, espaço público, expressões artísticas.

OS MÚSICOS AMBULANTES: UMA ETNOGRAFIA MUSICAL DA CIDADE DE MONTREAL NO CANADÁ

Dalila Vasconcellos de Carvalho Université de Montréal, Canadá

Embora a presença dos músicos ambulantes na província do Québec no Canadá remonte ao século XVIII, esta apresentação irá abordar uma tema que, de modo geral, é muito pouco estudado pela antropologia da música ou pela antropologia urbana: as práticas e as trajetórias dos músicos ambulantes e o significado destas na vida quotidiana da cidade. Ao contrário de outras profissões ambulantes que desapareceram dos grandes centros urbanos modernos, os músicos ambulantes permanecem pelas ruas mais movimentadas do centro de Montreal e pelos corredores do metrô desde a sua inauguração em 1966. Entretanto, pouco se sabe sobre eles: quem são? De onde vêm? Como vivem? Porque escolheram os espaços de circulação como a rua e/ou híbridos como os corredores do metrô para a prática musical? Na escassa bibliografia encontrada sobre o tema e em particular sobre os músicos ambulantes da cidade de Montréal, estes são vistos ora como artistas marginais descartados do mundo cultural estabelecido ora como personagens históricos. Assim que através de uma perspectiva etnográfica, a proposta deste trabalho é mostrar como, à partir de suas práticas musicais quotidianas, os músicos ambulantes mobilizam formas inéditas do fazer musical, bem como, de viver e fazer a cidade. Dito de outro modo, nosso objetivo é compreender como este fazer musical quotidiano, efêmero, banal, improvisado, que escapa as classificações do saber musical tradicional, estabelece uma relação social e simbólica com os pedestres, os espaços e a cidade.

Palavra-chave: músicos ambulantes, práticas, cidades, etnografia urbana.

PRÁCTICAS MUSICALES SUBALTERNAS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL

ESPACIO PÚBLICO CONTEMPORÁNEO

Olga Picún, UDELAR, Uruguay

Este trabajo problematiza la presencia del músico callejero en el marco de las transformaciones que experimentan las ciudades en un camino consolidado o no hacia la postindustrialización o globalización. Tomando como punto de partida una definición del término “músico callejero”, se propone una mirada en la que se articulan varios ejes temáticos o dimensiones, a saber: el lugar que este actor social ocupa en el campo de la música; las prácticas musicales; los conflictos por el uso o apropiación del espacio público (tanto físico como sonoro) y por el rápido crecimiento de la población de músicos en las calles, influenciado por diversos factores (aumento de los flujos migratorios, múltiples crisis económicas, restricciones en el acceso a los espacios más legítimos de la música); los procesos de interacción e intercambio entre el músico y el público y la legalidad como eventuales medios de validación de la presencia del músico en las calles. Estos ejes temáticos dialogan entre sí y con la legitimidad política de la música como institución de orden cultural. Las referidas dialógicas se sustentan en el trabajo de campo realizado en varias ciudades de América Latina y Europa.

Palabras clave: Ciudades, Postindustrialización, Músico callejero.

A RUA E A PERFORMANCE: PRÁTICAS, ARTISTAS E ESPAÇOS

Fernando Salum Alvares Da Luz Universidade Federal Fluminense, Brasil

Este trabalho pretende realizar uma análise espacial de teatros e performances que utilizam-se da rua como espaço de acontecimento na cidade a partir da pesquisa realizada na cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais - Brasil. Esta escolha de recorte foi feita para que se pudessem articular o acontecimento artístico e seus agentes, com a questão da produção do espaço urbano. Neste sentido deseja-se articular, enquanto eixos de força da análise, os produtores destas formas de iniciativas artísticas e os espaços escolhidos para o acontecimento artístico. A partir dessa premissa discute-se possíveis formas de leitura entre as relações estabelecidas entre essas práticas culturais e os espaços urbanos em que acontecem. Como um artista interage com a materialidade da rua, seus usuários e seus usos são perguntas chave para se entender como se estabelecem as dinâmicas temporárias do espaço e que tipo de efeitos as mesmas podem ter sobre a rua, os espectadores e, principalmente, os próprios artistas. Tal esforço converge então nas duas questões a serem discutidas por este artigo: quais as estratégias

e táticas utilizadas pelos artistas para se relacionarem com a rua e como esta relação (re)constrói suas representações da cidade, seus territórios vividos, suas práticas artísticas e a forma como ocupam o espaço urbano com sua arte.

Palavras-chave: Performance Artística, Rua, Espaço Urbano, Subjetividades e Território.

TEATRALIDADES ENGAJADAS: REPRESENTAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS A PARTIR DE EXPERIMENTOS TEATRAIS

Susan Weisheimer Universidade Federal de Santa María, Brasil

Esse trabalho apresenta o processo investigativo em andamento, acerca da pesquisa formação (NOVOA, 1992), que tem por objetivo trabalhar processos estéticos e reflexivos com jovens através do teatro político. Trata-se de uma reflexão sobre as estratégias criativas utilizadas pelos sujeitos para soluções estéticas e políticas durante exercícios de improvisação teatral. Essas ações serão estimuladas a partir de suas experiências pessoais e também de debates realizados a respeito de questões políticas e sociais através da problematização dos eventos atuais ocorridos no Brasil. É importante esclarecer que os sujeitos envolvidos na pesquisa são estudantes do Ensino Médio da rede pública, residentes de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul – BR. Outro fator interessante de análise é que os jovens envolvidos não possuem referências teatrais teóricas e práticas anteriores a essa pesquisa. Trata-se de uma iniciação desses estudantes aos processos criativos teatrais a fim de construir de forma coletiva e experimental uma estética própria do grupo, a qual eu chamarei de teatralidade engajada. Dessa forma, esse trabalho apresenta os estudos bibliográficos para a pesquisa, os procedimentos metodológicos, as experiências criativas, as construções estéticas e as estratégias políticas elaboradas pelos estudantes. Essa pesquisa se constitui através de dois procedimentos metodológicos. O primeiro na produção de dados para análise através do Teatro Político de Bertold Brecht e Estética do Oprimido de Augusto Boal. E o segundo, para a coleta e análise para as reflexões por meio de estudos etnográficos.

Palavras-chave: Teatro Político, Estética do Oprimido, Estudos Etnográficos, Teatralidade Engajada.

Sesión 5: Cruces, fronteras: habitar el conflicto y el encuentro

ZHONGGUANCUN: ESPAÇO PÚBLICO E MOBILIDADE TRANSNACIONAL EM UM BAIRRO DE PEQUIM

Cristina Patriota de Moura Universidade de Brasília, Brasil

O bairro de Zhonguancun, em Pequim, se caracteriza pela proximidade à prestigiosa Universidade de Pequim e à Academia Chinesa de Ciências, além de abrigar diversas empresas ligadas à alta tecnologia. Nas últimas décadas, o bairro também tem se caracterizado como um local de abrigo e passagem de jovens provenientes de diversas partes da China que almejam sair do país para realizar estudos de nível universitário no exterior. O trabalho a ser apresentado é uma narrativa etnográfica dos espaços públicos de uma área do bairro, incluído shopping centers, estações de metrô, praças, ruas e recepções de edifícios que abrigam empresas especializadas em assistir estudantes chineses em seus percursos transnacionais. Acompanhada de um ensaio fotográfico, a comunicação pretende refletir sobre processos de mobilidade social e geográfica e a inscrição de “pórticos” transnacionais em espaços específicos de uma grande metrópole. Ao colocar em foco a materialidade pulsante de um espaço de intenso trânsito, pretende-se pensar relações entre diversas dimensões da vida urbana vinculados a dinâmicas estéticas, econômicas e políticas onde o acesso a conhecimentos específicos é o fio condutor.

Palavras-chave: Espaço público, mobilidade, educação transnacional, China.

LAS SIETE CASAS: MEMORIA, REPRESENTACIONES Y PRÁCTICAS EN TORNO A LAS EXCLUSIONES-INCLUSIONES ÉTNICAS Y LAS DESIGUALDADES URBANAS

Soledad Laborde, UBA, Argentina

El trabajo analiza ciertas formas de habitar y de producir “ciudad” ocurridas en el conocido “Barrio General San Martín” o “Barrio Charrúa” ubicado en Pompeya en la ciudad de Buenos Aires a fin de comprender la relación entre la incidencia de la producción de la *bolivianidad* -a través de las expresiones culturales tales como la Celebración de la Virgen de Copacabana en la construcción del sentido de lugar- y su correspondencia con las formas de configuración del “barrio”, un proceso de más de cuarenta años de constante disputa por el acceso a mejores condiciones urbanas y de ciudad. A través del trabajo etnográfico se presenta desde el plano cultural-simbólico cómo los sujetos -en especial la población residente- representan y construyen memorias, prácticas culturales y formas de organización que ponen en tensión la relación entre la inclusión y la exclusión étnica, las estructuras urbanas dominantes persistentes -de carácter moderno y occidental- junto con los procesos de segregación socioespacial contemporáneos en la ciudad. Se propone, aportar a una perspectiva de antropología de la ciudad que permita comprender la relación de la estructura urbana con la experiencia del habitar sociocultural a fin de dialogar con las clásicas nociones

tradicionales de “barrios étnicos” y las actuales conceptualizaciones de fragmentación en los estudios urbanos.

Palabras clave: etnicidad, habitar, cultura, segregación

CIUDAD, CONVIVENCIA Y ESPACIOS PÚBLICOS

Alicia García Dalmás UDELAR, Uruguay

La convivencia en la ciudad, en particular en Montevideo y el área metropolitana, ha pasado a ser uno de los principales temas de preocupación en los últimos años para la población. Contracara de la (in)seguridad, muchas de las propuestas y respuestas desde las políticas públicas tienen el “territorio”, el “espacio público” y la participación ciudadana como ejes. Partiendo de cambios que se sienten como pérdidas, pero también del supuesto de la existencia de aspiraciones, pautas, valores, compartidos por “mayorías”, las propuestas parecen ir hacia la recuperación de un “tiempo perdido”. Acciones muchas veces acotadas en tiempo y espacio, con inyección de recursos e infraestructura, supone su posterior gestión por organizaciones locales o algún tipo de voluntariado. Sin tener en cuenta transformaciones que se han dado en las modalidades organizativas y los roles, en la relación Estado-Sociedad Civil, suponen un otro dispuesto a jugar un juego ya definido, más que a ser parte de la definición de uno nuevo. Desde un abordaje de la comunicación como campo complejo, históricamente situado, buscamos aportar miradas que busquen comprender pero a la vez desnaturalizar las prácticas cotidianas, un abordaje crítico que permita profundizar en los sentidos, las modalidades de reproducción, producción, creación cotidiana del “mundo” y las relaciones, de lo privado y lo público, que no sólo complejice las explicaciones sino que aporte a la construcción de alternativas.

Palabras clave: ciudad, convivencia, espacios públicos, comunicación.

DE BARES NOTABLES, GOURMETS Y BODEGONES: ESTÉTICA Y SENSIBILIDAD EN LOS NEGOCIOS GASTRONÓMICOS PORTEÑOS

Mercedes González Bracco, CONICET-UBA, Argentina

Cecilia Arizaga, UBA, Argentina

Como parte del proceso de recualificación de ciertos espacios urbanos y nuevos sentidos simbólicos asociados al consumo, en las últimas décadas la Ciudad de Buenos Aires sufrió un proceso de reconfiguración y resemantización de muchos de sus locales gastronómicos. Este trabajo muestra un primer avance que sistematiza algunas observaciones que venimos realizando en torno a la jerarquización de estos espacios en torno a lo que entendemos como una nueva sensibilidad de las clases medias profesionales urbanas asociada a la estetización y el gusto por lo auténtico. De acuerdo con nuestra hipótesis, entendemos que estos espacios promueven prácticas y estéticas que permiten analizar cambios materiales y simbólicos en relación a la articulación entre el ámbito público (social) y el emocional (individual). A partir de observaciones de campo y un exhaustivo análisis de fuentes escritas (diarios, revistas, páginas web, redes sociales) configuramos una tipología que distingue tres formas discursivas y estéticas de dicha sensibilidad: bares notables (asociados a una sensibilidad patrimonial), bares gourmet (asociados a una sensibilidad emocional) y bodegones (asociados a una sensibilidad vinculada a la autenticidad). Si bien estas propuestas parecen presentar *a priori* una apelación a sensibilidades diferentes, sostendremos que en realidad resultan caras diversas de un mismo proceso, que fomenta la recualificación de ciertas zonas de la ciudad sostenida a partir de las nuevas prácticas y sensibilidades de las clases medias profesionales urbanas.

Palabras clave: consumos culturales, nueva sensibilidad, clases medias, Buenos Aires.

GT 70. PESSOAS, CULTURAS E ESTADOS NA ÁSIA DO SUL

Coordinadores:

Fabiene Gama (Universidade de Brasília); fabienegama@unb.br

José Mapril (Universidade Nova de Lisboa); jmapril@fcs.unl.pt

PODE UMA BIRANGONA FALAR?

Mayara Davy Bello de Freitas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;
mayara.bello@live.com

Este trabalho tem como objetivo principal compreender como as construções violentas sobre gênero reproduzem o caráter violento do Sistema Internacional. Para isso, é feita

uma análise sobre a construção do feminino no sul asiático, que entende a nação como feminina, a maternidade como a única contribuição das mulheres para o Estado e essencial o cumprimento de rigorosos ideais de moralidade. Conclui-se que esta construção torna permissível o uso deliberado de estupro como arma de guerra, já que o exército opositor, baseado nos mesmos pressupostos sobre o gênero feminino, entendem que o corpo da mulher é a continuação do campo de batalha para se destruir a nação do inimigo. Apesar deste entendimento, o trabalho busca ir além de reduzir o corpo da mulher a um meio e busca entender como elas também são sujeitos passíveis de ódio por serem o **outro** do self universal masculino - mesmo que não possam ser reconhecidas como sujeitos. O trabalho também visa compreender as políticas públicas de reconstrução nacional do Estado de Bangladesh via reinserção das mulheres vítimas de estupro na sociedade e conclui que esta inserção ocorre nos mesmos pressupostos violentos sobre o ser mulher, dando continuidade ao ciclo de violência gênero-internacional, contribuindo para que elas continuem na subalternidade social e política e repercutindo negativamente na atual divisão internacional do trabalho e na prossecução dos crimes de guerra no Tribunal Internacional.”

Palavras-chave: Bangladesh - Feminismo – Pós-colonialismo - Guerra de Libertação – Birangonas.

BENGALIS BAUL-FAKIR, CANÇÕES BAUL E A INDÚSTRIA CULTURAL

Sandra C. S. Marques. CRIA/ISCTE-IUL; sandrasimoesmarques@hotmail.com

Baul é um sistema filosófico-prático de yoga que busca o estado de perfeição de união humano-divino através da prática continuada assente na relação de transmissão mestre-discípulo. Actualmente, os seus praticantes concentram-se sobretudo em West Bengal, Índia e no Bangladeche, são designados Baul ou Fakir e identificados primariamente pela sua prática musical de canções baul. Repositórios de pelo menos 600 anos de história bengali, para muitos baul-fakir, estas canções são expressão da sua identidade e das suas propostas filosóficas, não sendo elementos destacáveis das restantes práticas da sua procura do ser humano aperfeiçoado (*siddha*).

Em 2005, por proposta do Bangladesh, as “canções baul” foram proclamadas Património da Humanidade pela UNESCO e, em 2008, incorporadas na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade sob a Convenção de Salvaguarda. A sua internacionalização havia ocorrido já na década de 1960, pela mão de Bob Dylan e do seu *manager* Albert Grossman, tendo sido, desde então, pontualmente introduzidas na indústria global de entretenimento como parte do género “world music”. Nos últimos 7 anos, as sucessivas medidas promocionais e de incentivos financeiros para eventos, catalogação, reprodução e divulgação fizeram multiplicar exponencialmente os conteúdos mediáticos baul, acelerando dramaticamente a sua transformação e das suas canções em produtos culturais consumíveis por um público

alargado.

Esta proposta inclui uma introdução ao universo Baul-Fakir e uma reflexão crítica sobre o papel da UNESCO e do seu impacto transformador e potencialmente destruidor de património no actual contexto da indústria cultural global.

Palavras-chave: Baul-Fakir, identidades bengali, práticas musicais e performativas, património imaterial, indústria cultural.

SOBRE NAMOROS E DESEJOS: EXPERIMENTOS SEXO-AFETIVOS ENTRE JOVENS NUMA METRÓPOLE INDIANA E A CONSTRUÇÃO DA PESSOA

Fabíola Gomes. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

O trabalho aqui proposto visa discutir os experimentos existenciais de jovens abastados na cidade de Nova Deli em relação ao romance e à sexualidade. Ao focar uma fase liminar na vida dessas pessoas, a saber, os anos que antecedem o matrimónio (em que às expectativas sobre o casamento - ideal e normativamente arranjado -, somam-se, em muitos casos, romances pré-conjugais proibidos e ocultados dos pais), vislumbram-se processos de mudança nos casamentos e nos afetos. O modo como os jovens valorizam, ou não, o amor como prelúdio ao casamento tem destaque na investigação que também busca refletir sobre o papel desempenhado pelos namoros e pelas noções de amor ventiladas pelos interlocutores do trabalho de campo etnográfico nos processos de individualização em sua formação como pessoas.

DIÁLOGO VISUAL ENTRE ESTÉTICA E RELIGIÃO: O CASO DA DANÇA CLÁSSICA INDIANA *BHARATA NATYAM*

Joachim Andrade. Studium Theologicum, Curitiba – PR; joachimandrade@terra.com.br

Ao contrário da tradição ocidental – baseada nos filósofos gregos, que estabeleceram uma inter-relação bastante complexa entre o Bom, o Belo e o Verdadeiro – a tradição indiana hinduísta parece não ter desenvolvido um campo específico de reflexão que possa ser chamado de estética. Em sânscrito, usa-se a palavra *kala*, que engloba as noções de Bom, Belo e Verdadeiro em um único conceito, tornando-os quase indissociáveis. A ideia de *kala* – típica de um modo de pensar sintético – implica muito

mais do que o conceito ocidental de arte. Uma diferença entre o modo de pensar hindu e o das religiões do Oriente médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) é a maneira como ambas concebem a visualidade. Enquanto que as religiões semíticas constroem tradições que baseados na palavra, o Hinduísmo utiliza a imagem como elemento primordial e - ao contrário das religiões semíticas -, é a partir da visualidade que os sentidos são ativados. Diana Eck referindo-se ao Hinduísmo assinala que “*Deus é evidentemente visível, embora o homem nem sempre possua o refinamento de visão para vê-lo. Além disso, o Divino está não apenas no templo ou no santuário, mas também no completo continuum da vida – na natureza, nas pessoas, no nascimento, crescimento e morte*”. Segundo esse modo de ver, *kala* se manifesta em todas as coisas (pintura, escultura, dança e inclusive nos ritos sociais). A dança clássica indiana *Bharata Natyam* estabelece um diálogo com a religião e desenvolve uma linguagem gestual altamente codificada e refinada (os *mudrás*).

Palavras-chave: estética, *kala*, linguagem, arte, visão.

O TAGORE DE CECÍLIA MEIRELES & AS REPRESENTAÇÕES DESSE OUTRO

Prof. Dr. Marcus Wolff PPGM - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO); m.swolff@hotmail.com

O presente trabalho apresenta a visão que a escritora e poetisa brasileira Cecília Meireles (1901-1964) elaborou do poeta e músico indiano Rabindranath Tagore (1861-1941) a partir da análise de textos em que a escritora apresenta o autor de *Gitanjali* ao público brasileiro. Pretende-se demonstrar que Cecília constrói inicialmente, uma imagem do poeta bastante ligada à figura do poeta-místico, sacralizando-o, deixando de lado outras facetas de sua personalidade, seguindo um modelo eurocêntrico de representações do “outro” indiano, tal como indica Farrell (2000). Ao eleger a figura do poeta-místico, esqueceu-se do compositor engajado, que participou do movimento político indiano conhecido como *Swadeshi*. e do pintor modernista que ele se tornou já em idade avançada. Considerando o contexto em que viveu a poetisa brasileira, sua sensibilidade e sua relação com o grupo da revista *Festa*, pretendemos compreender o fascínio que a figura do poeta místico indiano exerceu sobre a autora e uma parte dos intelectuais cariocas não identificados nem com o cosmopolitismo eurocêntrico das elites da República Velha nem tampouco com o nacionalismo dos grupos modernistas paulistanos. Conclui-se que, em fase madura, após viagem à terra natal de Tagore, Cecília supera os estereótipos orientalistas, entabulando um diálogo com a civilização indiana e, dessa forma, contribuindo ainda que de forma intuitiva e preliminar para o estabelecimento de uma irmandade pós-colonial entre a Índia e a América Latina que o próprio autor de *Gitanjali* havia imaginado como possível, mas que ainda aguarda o seu momento de realização.

Palavras-chave: Tagore; Cecília Meireles; Cultura indiana; Cultura Brasileira; Pós-

colonialidade.

IDENTIDADES (TRANS)NACIONAIS EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE NACIONALISTAS HINDUS CONTEMPORÂNEOS

Mirian Santos Ribeiro de Oliveira. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Brasil); mirian.oliveira@unila.edu.br

Os processos de formação do Estado nacional indiano envolveram a elaboração de projetos nacionais distintos, concorrentes entre si. Este trabalho se concentra na análise de construções identitárias realizadas por um movimento nacionalista-religioso, o movimento *Hindutva*. Mais precisamente, examina as relações transnacionais entre uma organização nacionalista hindu, *Rashtriya Swayamsevak Sangh* (Organização Nacional de Voluntários, RSS), e emigrantes, atentando para as dinâmicas de (re)construção da identidade “hindu” como uma identidade transnacional. Dedicar-se à análise de narrativas “oficiais” da Organização Nacional de Voluntários, isto é, ao exame de livros e panfletos publicados pela entidade em questão. Pesquisa de campo e coleta documental foram realizadas entre 2010 e 2012, em Nova Déli. ‘Moving Spirit of Global Hindu Cause’ e ‘Memoirs of a Global Hindu’, os documentos selecionados para análise, relatam a experiência de dois ativistas hindus no exterior e suas percepções sobre a identidade “hindu”. É possível identificar em ambos os trabalhos: i) a reinterpretação de percepções sobre a emigração hindu; ii) a (re)construção de vínculos simbólicos com emigrantes hindus. Os dois aspectos mencionados são fundamentais para a compreensão da expansão internacional de filiais do RSS, uma vez que as novas narrativas sobre a emigração justificaram, legitimaram e encorajaram tal expansão. Destaca-se, por fim, a importância dos relatos biográficos considerados, apontados pelos ativistas como testemunhos históricos da formação de uma comunidade transnacional hindu e como referências para a preservação da identidade “hindu” na Índia e no exterior.

Palavras-chave: emigração; identidades transnacionais; nacionalismo hindu; narrativas biográficas; Índia.

PERFORMANCES EMOCIONAIS E O LUGAR DO CORPO NA

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES EM BANGLADESH

Fabiene Gama. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Em Bangladesh, espera-se que as mulheres tenham um comportamento contido e discreto. Elas devem cobrir seus corpos, falar baixo e não dirigir seus olhares aos homens. Seu lugar é em casa, não na rua, e há um grande controle tanto dos seus corpos, quanto da sua sexualidade. Mulheres que optam por participar ativamente de organização políticas e ter uma vida pública, portanto, experimentam uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que atraem respeito e admiração por sua coragem, são assediadas e ameaçadas por suas performances. O telefone é o principal meio de intimidação. Ligações e mensagens anônimas são enviadas fazendo referências a detalhes da sua rotina ou uma situação que estão experimentando naquele exato momento. Imagens e textos pornográficos são publicados por usuários desconhecidos em suas páginas pessoais no Facebook e chegam automaticamente a seus telefones através de um sistema de envio que existe no país. Ameaças de estupro e comentários sobre seus corpos, assim como os usos que poderiam ser feitos deles, são parte dos conteúdos mais frequentes. Os constrangimentos, sejam públicos ou privados, significam por si só uma desonra, afastando muitas jovens da militância. Algumas líderes, contudo, fazem uso das coerções para se fortalecer e demonstrar coragem. Este paper tratará das performances, emoções e do lugar do corpo das mulheres em mobilizações políticas em Bangladesh.

Palavras-chave: Bangladesh, gênero, ativismo, performance, corpo.

PRÁTICAS E DISCURSOS: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE O SISTEMA DE CASTAS NA ÍNDIA

Andreia Filipa Marques Silva. CEI-IUL; andreiasilva16@hotmail.com

Este projeto teve como base um estudo etnográfico realizado em Nova Deli, no ano de 2012, com um grupo de mulheres valmiki (uma das diversas subcastas de Dalits), onde me propus explorar os mecanismos através dos quais opera a discriminação de casta e de gênero.

Pretendo dar continuidade a esta investigação, no âmbito do Doutorado em Antropologia promovido pelo ISCTE-IUL, desta vez na cidade de Ahmedabad, no Gujarat, onde, apesar da proibição legal da sua ocupação tradicional como limpadores de latrinas, os Valmiki continuam a exercê-la. Ao fazê-lo, espero contribuir para

preencher a lacuna existente nos estudos antropológicos sobre intocabilidade na Índia.

Após uma primeira pesquisa bibliográfica sobre os principais trabalhos disponíveis, é minha intenção fazer uma observação etnográfica tão prolongada quanto possível entre esta casta de Dalits, cuja prática evidencia a contradição existente entre o plano legal e os planos social e ritual, contradição manifestada pela resistência à troca social por parte das outras castas. Para além de me propor a abordar as questões intrínsecas à discriminação da casta discriminação de casta nos seus modos de expressão e nos seus impactos sociais, políticos e económicos contra os Dalits e, em particular, os Valmiki, pretendo ao mesmo tempo perceber em que medida conceitos como justiça, direitos e cidadania se articulam no contexto da democracia indiana contemporânea. Ao trabalhar numa cidade como Ahmedabad tentarei, além disso, abordar os diferentes movimentos e organizações contra a discriminação dos Valmiki e respectiva recepção e interacção por parte da casta.

Palavras-Chave: Índia; Sistema de Castas, Cidadania, Direitos Humanos.

CASAMENTOS TRANSNACIONAIS: UMA ETNOGRAFIA ENTRE PORTUGAL E O BANGLADESH

José Mapril. CRIA/FCSH-UNL

Nas últimas décadas, a migração do Bangladesh para Portugal tem ganho uma significativa visibilidade. Esta migração mantém fortes ligações com o Bangladesh a vários níveis – políticos e económicos - mas um dos mais importantes é certamente as estratégias matrimoniais. Ao longo das últimas décadas, quase todos os meus interlocutores foram casar ao Bangladesh e constituíram as suas famílias em Portugal aos mesmo tempo que mantêm fortes ligações com a família extensa na *desh*.

Baseado numa etnografia multi-situada e longitudinal, o objectivo desta apresentação é analisar estas estratégias e os discursos sobre os casamentos destes *probashis* no Bangladesh. Pretende-se revelar não apenas o ponto de vista dos migrantes propriamente ditos (homens e mulheres) mas também dos seus familiares (não migrantes), e outros actores (*gotuks*, por exemplo), que estão intimamente envolvidos na prossecução de tais estratégias. Pretende-se desta forma revelar as ambíguas relações entre migrações, casamentos, hierarquia e valores hegemónicos de género num campo social transnacional.

Palavras-chave: Bangladesh, masculinidade, migrações, estratégias matrimoniais, hierarquias.

GT 71. CARIBE E GUIANAS: ESPAÇOS DE REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS

Coordenadores:

Dr^a. Ana Isabel Márquez Pérez (Ocaribe-Colômbia)

Dr. Joseph Handerson. UNIFAP/NUCEC-UFRJ-Brasil

Dr. Marcelo Moura Melo. UFBA/LAH-UFRJ-Brasil

Comentarista: Dr. Edgar Rodrigo Barbosa Neto/ Dr^a. Kátia Cilene do Couto/Dr. Federico Neiburg

Sesión 1: Divindades, pessoas e artefatos

CIRCULAÇÕES MISSIONARIAS, PERCURSOS DE CONVERSÃO, PROSELITISMO EVANGÉLICO (HAITI/CUBA/ESTADOS UNIDOS)

Nadège MÉZIÉ. UFRGS/CAPES PNPD; nadegemezie@gmail.com

Haiti conheci recentemente, como outros países do Caribe e da América Latina, uma forte ascensão de igrejas evangélicas e pentecostais. Esta implantação e este aumento é, em parte, o fato de atores religiosos, estrangeiros ou locais, que também são atores transnacionais. Nas colinas (“mornes”) do sudoeste do Haiti, onde eu pesuisei por um ano e meio, a implantação evangélica está intimamente relacionada com as circulações e migrações transnacionais, especialmente entre Cuba, Haiti e Estados Unidos. Migrantes haitianos convertidos durante a sua estadia (trabalho sazonal em Cuba em 1930; centro de detenção de Guantánamo nos anos 90), os membros da diáspora, os pastores (que fazem os seus estudos teológicos nos Estados Unidos ou estão envolvidos em campanhas evangélicas em toda a América), os missionários estadunidenses contribuíram a implantar e disseminar os protestantismos evangélicos e pentecostais nas colinas da Grande-Anse. Vamos analisar nesta palestra as circulações de missionários

americanos e os percursos de conversão e de evangelização dos migrantes haitianos originários dessa região. Vamos associar análise sobre o ângulo circulatório com uma reflexão sobre a implementação local do protestantismo evangélico. Além disso, vamos concentrar-nos também sobre os fluxos de materiais e imateriais de proselitismo evangélico que circula entre o Haiti e os Estados Unidos.

Palavras chaves : missões evangélicas, conversão, transnacionalismo, migrações, Haiti.

“COISAS DE LWA”: OBSERVAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE PESSOAS E INVISÍVEIS EM JACMEL/HAITI

Flávia Freire Dalmaso. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ e PPGSA/IFCS/UFRJ.
<http://www.nucec.net/>; fdalmaso@uol.com.br

Desde o início do século XX, mais precisamente a partir de 1915, ano em que o Haiti foi ocupado pelo exército norte-americano, o vodu tem se constituído como um objeto a ser explorado não apenas no âmbito acadêmico das ciências sociais, mas também no campo do folclore, das artes e da literatura. Na antropologia, a religião vodu tem sido um tema recorrente - mesmo quando não é ela o alvo central de investigação - aparecendo tanto em obras que tratam da ‘sociedade’ haitiana de maneira geral, quanto em trabalhos que se detém sobre temas como a organização familiar e a migração por exemplo. Partindo de uma pesquisa etnográfica levada a cabo entre os anos de 2008 e 2012 na região de Jacmel, sul do Haiti, o presente texto versa sobre algumas práticas reconhecidas pela literatura acadêmica como vodu haitiano, embora nem sempre seja esta a forma empregada pelos meus interlocutores. A ideia é avançar na concepção observada ao longo da minha tese de doutorado de que pessoas familiares são aquelas que são “umas das outras” (*mounmwèn* – gente minha) e apresentar um universo no qual interagem - se relacionando e se afetando mutuamente - não apenas seres considerados pessoas, mas também outros sujeitos frequentemente chamados *deinvisíveis*, dentre os quais estão os *lwa* [espíritos] e os mortos.

Palavras-chave: Haiti, vodu, *lwa*, invisíveis.

AÇÚCAR, SANTOS E MORTOS: NOTAS SOBRE FAMÍLIA, TRABALHO E BRUJERÍA EM UM BATEY AÇUCAREIRO CUBANO

Carlos Gomes de Castro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, PPGAS/MN – Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Depois de quase uma década sem moer, uma usina açucareira, localizada em Matanzas, Cuba, tinha a previsão de voltar a funcionar em fins de 2012. As *especulaciones* sobre a provável reabertura eram tema de debate entre as pessoas, esperançosas com a possibilidade de *resolver* melhor os problemas da vida ordinária com os salários em *divisa* que, assim diziam, receberiam. A notícia também atravessava as cerimônias e festejos ‘religiosos’. Em uma matança de animais numa festa de “aniversário de santo”, um *santero* responsável pela distribuição das oferendas aos *orishas* pedia, em certo momento, para *Eleguá* abrir os caminhos dos trabalhos da usina e lembrava o sobrenome dos principais *ancestros* do local. A casa onde se realizava a celebração destacava-se no bairro: era um assentamento de *Eleguá*, bastante próximo de uma antiga árvore ancestral. Tal evento desvelava uma intensa relação entre *la religión*, como meus colaboradores referiam-se à *santería*, e as questões do mundo do trabalho e da vida ordinária. É para essa mescla que direcionarei o olhar neste artigo. Meu objetivo é testar um modo de descrição do *batey* que tenha como eixo narrativo o entrecruzamento entre as multifacetadas práticas de *santería* e a tarefa cotidiana de conseguir dinheiro, emprego e mercadorias em um local onde há escassez desses três elementos. Intento recriar e imaginar os sentidos do que é *hacer la vida* habitando nas proximidades de uma (falida) usina açucareira e trazer à baila as diferenciações e caracterizações dos espaços que constituem o que as pessoas designam por *batey* açucareiro.

Palavras-chave: Açúcar; *Batey*; *Santería*; Trabalho; Escassez.

CRISTIANISMOS SAAMAKA: ENGAJAMENTOS E EQUÍVOCOS

Rogério Brittes Wanderley Pires PPGAS-UFRJ, doutor; rogeriobwp@gmail.com

Os saamaka ocupam uma posição icônica na literatura antropológica: sua história de resistência à escravidão e relativa independência é usada como exemplo central em argumentações díspares. São pintados como heróis da diáspora africana nas Américas; como os maiores retentores de africanismos no Novo Mundo; como modelos de criouliização. Imagens que necessitam de reanálise por muitas vezes resvalam na ideia de que os saamaka seriam os mais “autênticos” maroons. O que pode ser um fardo, quando são tomados como parâmetro de comparação interna (muitos saamaka não correspondem a tais idealizações a respeito deles) e externa (colocando-os como modelo de tudo aquilo que uma comunidade de descendentes de fugitivos deveria ser).

O cristianismo atualmente praticado por uma parcela dos saamaka oferece perturbações ao modelo, pois contradiz certos clichês: de que sua ideologia resiste de maneira

intransigente a tudo que é de origem estrangeira; de que seu universo mágico-religioso remete de maneira direta à África Ocidental do séc. XVII; de que vivem étnica e culturalmente apartados do mundo surinamês da costa. Descreverei alguns aspectos do cristianismo saamaka: alianças com humanos e não-humanos; engajamentos com pessoas, instituições e coletividades; equívocos gerados pelo diálogo e pela circulação de pessoas, espíritos e poderes; sua relação com as ideias de “estrangeiro” e de “desenvolvimento”. O objetivo é questionar etnograficamente, o que pode significar ser saamaka e ser cristão.

Palavras chave: saamaka, maroons, cristianismo, populações afro-americanas.

AINDA O HAITI, AINDA O VODU: AS JÉNNGINNEN E AS TRANSFORMAÇÕES NO CULTO AOS LOAS NO HAITI

José Renato Baptista. Doutor em Antropologia – Museu Nacional UFRJ. Professor Adjunto do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) Pesquisador do NuCEC/MN – Núcleo de Estudos em Cultura e Economia/Museu Nacional; zrbaptista@terra.com.br

O propósito deste paper é retomar algumas questões que desenvolvi em minha tese de doutoramento, que procuro fazer uma etnografia do culto aos loas no Haiti. O culto aos loas, que é mais conhecido como “vodu haitiano”, exerceu um significativo fascínio sobre a imaginação antropológica (Hurbon, 2005; Yelvington e Magloire, 2005) ao longo do séc. XX. Exotismo, violência e imagens fortes construíram a percepção estrangeira da religiosidade popular do Haiti. No entanto, longe destas imagens feéricas de zumbis e sacrifícios sangrentos, as práticas das pessoas envolvidas com o culto aos espíritos, os loas (*lwayo*), *zanj* e *djab* revelam uma piedade e uma devoção que passam longe destas percepções que povoaram o imaginário corrente sobre o Haiti e o vodu. Através das *jénnninnen*, reuniões de prece aos santos católicos seguidas de rituais de possessão pelos loas, realizadas em santuários populares como Des Ermites, em Pétionville, Ste. Anne, em Anse a Fouler e Vierge de Grace, em Beaudit, teremos a oportunidade de perceber algumas transformações do voduhaitiano e nas formas de piedade associadas a este discutindo algumas reconfigurações do campo religioso no Haiti.

Palavras-chave: Haiti, vodu, religiosidade popular, transformação, campo religioso.

Sesión 2: Configurações migratórias, fluxos e percursos

-

-

IMIGRAÇÃO DE JOVENS MULHERES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA: ENTRE CATEGORIZAÇÕES ETNO-NACIONAIS E ESTRATÉGIAS DE INTEGRAÇÃO

Brigida Ticiane Ferreira da Silva. Doutora em Ciência da linguagem; brigidaticiane@yahoo.fr

A presente pesquisa busca conhecer o percurso de oito residentes brasileiras morando há vários anos na Guiana Francesa, em situação de mixidade conjugal e inseridas no mercado de trabalho; a fim de cernir a maneira pela qual elas se percebiam em seu meio profissional, em sua vida social, mas também a fim de entender como são percebidas pelos membros de seu país de residência. Este estudo situa-se, portanto, ao nível das “representações” que são feitas pelas imigrantes brasileiras quanto a sua própria experiência de mobilidade e de inserção. A emergência de temas recorrentes, que surgirão nesses diferentes relatos, ajudará a formular hipóteses sobre as “estratégias” postas em prática por tais informantes para concorrerem ou mais modestamente ajustarem-se aos novos espaços de integrabilidade.

Palavras-chaves: imigração, representação, categorização, integração.

A FACE RECENTE DO FLUXO MIGRATÓRIO NO SUL DO BRASIL: HAITIANOS NA REGIÃO OESTE CATARINENSE

Leonel Piovezana. Doutor em Desenvolvimento Regional e professor dos Programas de Mestrado em Educação e Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais da UNOCHAPECÓ; leonel@unochapeco.edu.br

Sandra de Avila Farias Bordignon. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Comunitária Regional de Chapecó UNOCHAPECÓ. Pedagoga na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); sandra.bordignon@uffs.edu.br

O estudo apresenta configuração dos movimentos recentes de migração haitiana no Sul do Brasil, especialmente na região oeste catarinense: aborda o processo de mobilidade humana, principais características de chegada e permanência dos haitianos e implicações na região. Os registros se baseiam em documentos e relatos de experiências, bem como observação participante dos pesquisadores. A migração no país é constante em todas as épocas, apesar das políticas imigratórias terem sofrido mudanças historicamente, elas não foram acompanhadas de soluções para integração. No caso dos haitianos, em 2010 sofrem calamidade ambiental, que intensificou o fluxo migratório que vem se transformando em permanente. A falta de instrumentos legais de uma

política migratória adequada faz com que a chegada desses imigrantes ao país se transforme em desafios para a sociedade. No caso dos haitianos, o Brasil aceita o fluxo migratório além de suas expectativas, contudo não direciona uma política de imigração coerente. As consequências tendem à desumanização dessa população desassistida, que vê no Brasil oportunidades. Contempla-se de forma global que o Brasil possa efetuar o acolhimento desses imigrantes. Na região oeste de Santa Catarina - em Chapecó, chegaram 24 haitianos em 2011, trazidos para trabalhar na Empresa Fibratec. A configuração dos movimentos é assim definida: a busca de trabalhadores estrangeiros pelas empresas; a vinda programada das esposas; e, sutilmente, a chegada dos filhos dos imigrantes haitianos. Esses estudos são preliminares à pesquisa e análise dos programas relativos aos haitianos na comunidade.

Palavras-chave: Migração. Haitianos. Política Migratória.

DIÁSPORA HAITIANA NO SÉCULO XXI : MOBILIDADE ESPACIAL DE TRABALHADORES PARA A REGIÃO SUL DO BRASIL

Maria de Lourdes Bernartt. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGR) e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UTFPR Câmpus Pato Branco. Graduação em Letras. Mestrado e Doutorado em Educação. Pós-Doutorado em Educação (UNOCHAPECÓ); marialbernartt@gmail.com//marlou@pq.cnpq.br

Taíze Giacomini. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGR). Graduada em Letras. Especialista em Letras. Docente da Rede Pública do Estado Paraná (SSED-PR); taize.giacomini@hotmail.com

Sandra de Ávila Farias Bordignon. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Educação (PPGE), da UNOCHAPECÓ. Graduada em Pedagogia. Pedagoga na UFFS – Chapecó-SC. Membro da Comissão PROHAITI (UFFS); sandra.bordignon@uffs.edu.br

Leonel Piovezana. Docente do Programa de Pós-Graduação Educação (PPGE), e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, da UNOCHAPECÓ. Graduação em História e Estudos Sociais. Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional; leonel@unochapeco.edu.br

Giovanna Pezarico. Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGR) da UTFPR Câmpus Pato Branco. Graduação em Administração. Mestrado e Doutorado em Tecnologia (PPGTE); gpezarico@gmail.com

A mobilidade espacial da força de trabalho para o Brasil tem sido constante. Para a

região sul do Brasil, *locus* da pesquisa, ocorreu significativa mobilidade espacial de força de trabalho, nas décadas de 1950 e 1960, formada por agricultores, descendentes de italianos e alemães, em sua grande maioria. Atualmente, o sul, assim como outras regiões brasileiras, tem se tornado palco de nova mobilidade espacial da força de trabalho oriunda da América Central – Haiti. E, em razão de se observar a vinda de um grande número de trabalhadores estrangeiros, a partir de 2010, investigamos o modo como ocorre a mobilidade espacial da força de trabalho haitiana para essa região, e, principalmente como ocorre o processo de inserção social, educacional e linguística de tais trabalhadores. Os resultados de pesquisas de campo exploratórias, iniciadas em 2013, e demonstram: a) o número de haitianos no sul chega a 38 mil dos 60 mil que adentraram no país, a maioria se concentra no Paraná e Santa Catarina; b) há despreparo dos brasileiros para recebê-los; c) suas principais dificuldades estão no domínio da Língua Portuguesa, no preconceito, e na inserção escolar em razão da burocracia para validação de seus diplomas; d) registram-se ações humanitárias: de empresas, ONGs e igrejas que os acolhem; e) há organização de haitianos em associações, sindicatos, igrejas; e) universidades, como a UFFS e a UNILA estão tomando medidas para ajudá-los a superar tais dificuldades; f) sua “invisibilidade” está ficando visível e impelindo a atualização de políticas migratórias.

Palavras-chave: Diáspora. Mobilidade espacial. Trabalhadores haitianos. Sul do Brasil. Inserção social, educacional e linguística.

UNA FRONTERA COMPARTIDA POR CINCO PAÍSES CARIBEÑOS: ELEMENTOS CULTURALES Y ETNOLINGÜÍSTICOS PARA PENSAR EN LA INTEGRACIÓN REGIONAL

Silvia Mantilla. Universidad Nacional de Colombia – Sede Caribe (San Andrés islã)
Profesora e investigadora; scmantillav@unal.edu.co

La ponencia tiene como finalidad generar insumos que permitan proponer y debatir la idea de una Región de Integración Transfronteriza entre cinco países que comparten fronteras marítimo territoriales en el Caribe, como son Colombia (San Andrés islas), Panamá, Costa Rica, Nicaragua y Jamaica. Se realizó una caracterización de la zona fronteriza a partir de procesos comunes de configuración geohistórica, dinámicas de poblamiento y elementos étnicos, lingüísticos, culturales y religiosos que consolidaron la unidad sociocultural de esta frontera Caribe. El desarrollo de esta caracterización dejó como resultado la identificación de una comunidad transfronteriza que, pese a las divisiones establecidas por los Estados nación, justifican la integración regional.

Palavras-chaves: comunidades transfronterizas, Caribe occidental, fronteras, etnia, lengua y cultura.

SOBRE CAMINHOS E DESTINOS: O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA COMO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NA GUIANA E NO SURINAME

Daniela Caruza Gonçalves Ferreira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPCIS/UERJ.
Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI;
danielacaruz@gmail.com

O turismo como atividade econômica na Guiana e no Suriname é predominantemente internacional, voltado para um mercado europeu e norte-americano. Os turistas estrangeiros circulam dentro e entre esses países, visitando lugares que foram transformados em destinos turísticos pelo potencial que manifestam em revelar certa imagem da Amazônia: ambientes “naturais”, “protegidos”, de onde é possível acessar facilmente “a floresta” na companhia de guias locais, cujo modo de vida e conhecimento tradicional (dos grupos étnicos indígenas ou afrodescendentes), transmitido aos turistas em inglês ou holandês durante os *tours* e atividades planejadas, é também um dos atrativos turísticos. Com o objetivo de atender bem a esses turistas, é introduzida nesses lugares uma expertise até certo ponto padronizada, voltada para técnicas mercadológicas de hospitalidade internacionalmente reconhecidas: um determinado formato de recepção, guiamento, hotelaria, cozinha e criação de roteiros e passeios. Com base em um estudo etnográfico exploratório nesses países, destaco duas iniciativas de turismo de base comunitária em vilas indígenas para pensar as relações que se constituem no processo de produção e comercialização de destinos turísticos internacionais. Proponho pensar, a partir de questões e reflexões colocadas pelas chamadas antropologia do desenvolvimento e antropologia política, as condições atuais de existência desses grupos e as formas como uma expertise externa e seus valores morais adjacentes circulam nesses lugares, sendo apropriados por esses grupos na tentativa de inserção em um mercado essencialmente “global”.

Palavras-chave: Guiana; Suriname; turismo de base comunitária; antropologia.

Sesión 3: Discutindo categorías antropológicas: Memória, História e Política

ESQUECIMENTO, MEMÓRIA E REAFIRMAÇÃO: COMUNIDADES QUILOMBOLAS E COMUNIDADES IMAGINADAS

Manfredo Pavoni Gay. Universidade Federal da Bahia (UFBA) Pos Afro. Doutorando

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto de doutorado “Comunidades Étnicas Simbólicas: Quilombo em Construção, Trabalhadores Rurais Sem Terra, Migrantes Refugiados na Itália. Resistir, Negociar E Híbrido Frente à Globalização Hegemônica”, em execução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. A proposta emerge das primeiras experiências de campo realizadas em duas comunidades remanescentes quilombolas – Dom João situada no recôncavo baiano perto da cidade de S. Francisco do Conde, Arauzinho localizada na municipalidade de Marau, Bahia e no Assentamento de Reforma Agrária “Floresta do Sul” perto de Ubaitaba cidade no sul da Bahia. Nas três realidades percebem-se três importantes elementos em comum: um passado de esquecimento, um presente de reafirmação e uma identidade “híbrida”. No entanto, nas três comunidades observam-se especificidades: No Quilombo de Dom João, a identidade é, de certa forma, rapidamente afirmada em decorrência de uma necessidade de trabalho – se perdem o território, perdem a identidade de pescadores; no Quilombo de Arauzinho a identidade é “híbrida”, é “ambígua”, a identidade permanece indefinida, não há uma necessidade eminente de “acelerar” uma definição identitária; no Assentamento, por outro, há um “esquecimento” de identidades originais e é mais corrente a identificação como “Sem Terra”. Mirando essas três realidades e pensando na definição de Benedict Anderson é possível afirmar que as três comunidades são “comunidades imaginadas”, comunidades hibridizadas com os eventos, na dinâmica da história.

Palavras Chaves: Identidade, *Memoria*, *Pos memoria*, *Imaginação*, *Comunidade*

“MÉMORIAL ACTE: MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO, SER E TORNAR-SE GUADALUPENHO”

Mariana Vitor Renou. PPGAS/ Museu Nacional – UFRJ

Esta proposta pretende explorar os atores envolvidos, as relações e debates que surgiram no processo de construção e inauguração do “Mémorial ACTe –Centre Caribéen d’expressions et de memoire de la traite et de l’esclavage”. Inaugurado em maio de 2015, em Point-à-Pitre, Guadeloupe, a estrutura pretende ser um memorial, museu, centro de análise e pesquisa de referência para todo o Caribe sobre o tema da escravidão. O projeto do Memorial foi elaborado pela associação CIPN (Comité International des Peuples Noirs) e apresentado em 1998. Após um longo percurso, a realização do projeto coube ao poder público (Region Guadeloupe), e este ano a inauguração do empreendimento suscitou uma série de eventos, debates e discussões, que evidenciaram diversas práticas e concepções de grupos e associações locais, que ao longo dos anos tem colocado em seus horizontes de preocupação o passado escravista. São os diferentes elementos que surgem nesses movimentos, atores (humanos e não-

humanos), relações, concepções e disputas que evidencio aqui, sobretudo relacionados ao processo recente de realização do Memorial ACTe. Processo que evidencia diferentes modos de pensar e viver o “tempo”, o “passado” e o “presente”, “política” e “cultura”, e o que é ser e/ou tornar-se legítimos “guadeloupéen et guadeloupéenne”. O que permite, ainda, ampliar as possibilidades de reflexão e análise sobre relações interétnicas, nação e nacionalidade, reparação e desigualdades, em Guadeloupe especificamente e no Caribe como um todo.

Palavras-chave: Guadeloupe, escravidão, memorial, reparação, política.

-

-

AS ARTES VISUAIS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PERFORMÁTICA DA HISTÓRIA MARTINICANA

Magdalena Sophia Toledo. Doutora em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ. Docente de Cátedra, Universidad Alberto Hurtado, Chile. Pesquisadora associada LAH, Museu Nacional, UFRJ; madatoledo@yahoo.com.br

Esta apresentação pretende refletir sobre artefatos criados por distintos artistas plásticos martinicanos enquanto agentes na produção de uma forma específica de vivência e narrativa da história martinicana, podendo ser considerados, de certo modo, como prolongamentos do movimento literário da negritude. Nesse processo, a busca de novas temáticas, bem como de novos materiais a serem trabalhados, refletia um modo específico de formar-se como artista, que se misturava a um modo específico de ver-se e de viver como martinicano.

No trabalho do artista plástico René Louise, por exemplo, símbolos de divindades do vodu haitiano são relacionados a episódios específicos da história martinicana, servindo, igualmente, como modelos interpretativos para personagens presentes no imaginário da ilha, como o *nègre marron*. Este personagem, assim como temáticas e episódios históricos específicos, reaparecem na criação de outros artistas, em um processo performativo de reescritura da história martinicana que ganha força a partir dos anos 80. Neste, convém assinalar a forte presença da literatura, utilizada como fonte que fornece sobretudo uma imagem e uma narrativa específicas não apenas da história martinicana, bem como das culturas africana e caribenha.

Assim, do mesmo modo que Dayan (1998) reflete sobre o vodu como um “projeto de pensamento” que permite uma interpretação do passado colonial haitiano para além das funções históricas de preservação, concebendo os “espíritos como depositários de história”, podemos refletir sobre estes artefatos e seu modo de criação em tanto que interpretação performativa do passado martinicano, ao mesmo tempo que agentes e depositários de uma nova narrativa histórica.

Palavras-chave: artes visuais – artefatos – história martinicana – performance.

A PRESENÇA JUDAICA NO SURINAME, ETNOGRAFIA E HISTÓRIA

Thiago de Niemeyer Matheus Loureiro. Bolsista de Pós-doutorado do PPGCS/UFRRJ;
thiago.niemeyer@gmail.com

O objetivo da comunicação é esquadrihar uma cartografia provisória da presença judaica no Suriname, baseada tanto em dados históricos quanto etnográficos. A chegada dessa população data do século XVII, quando, expulsos do Recife, um grupo de judeus, liderados por David Nassy, migrou para Caiena (na atual Guiana Francesa), depois para Barbados e, finalmente, estabeleceu-se em *Jodensavanne* (literalmente "savana judaica"), território autônomo concedido pelos então governantes ingleses. Lá, distantes da perseguição inquisitorial, alguns desses judeus, de origem sefardita portuguesa (e, em menor escala, espanhola), se converteriam em plantocratas e senhores de escravos. Foi durante o século XVIII, também, que começaram a chegar judeus de origem asquenazita alto-germânica, falantes do iídiche, que fundaram sua própria comunidade, separada - e de relação diversas vezes conflituosas - da comunidade sefardita. Pretende-se conciliar "etnografia" e "História" a partir do tratamento da dimensão diacrônica dessa experiência de modo essencialmente sincrônico: analisando o modo como os judeus de hoje em dia produzem intervenções arquivísticas e elaboram genealogias, produzindo um conjunto de versões do passado informadas por questões eminentemente familiares.

AS ANTILHAS DE ALFRED MÉTRAUX E MICHEL LEIRIS: ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA

Júlia Vilaça Goyatá. Doutoranda pelo programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP) e membro do ASA-USP (Artes, saberes e Antropologia).

Entre os anos 1940 e 1950 os antropólogos franceses Alfred Métraux (1902-1963) e Michel Leiris (1901-1990) estiveram nas Antilhas Francesas - Martinica, Guadalupe e República do Haiti - encarregados de missões etnográficas a cargo da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura) e de órgãos do poder público francês. Nessas circunstâncias desenvolveram trabalhos paralelos e em

diálogo que versavam principalmente sobre a temática racial e religiosa, mas também desenvolveram reflexões a respeito de seu lugar como antropólogos e da antropologia enquanto forma de saber. Em um momento político específico, o pós Segunda Guerra Mundial, tratava-se de entender a contribuição da antropologia na desconstrução do colonialismo.

Trata-se, então, de investigar de que maneira se deu o diálogo desses autores franceses entre si, mas também com a intelectualidade caribenha e africana, com os artistas da negritude e com as instituições, como a mencionada UNESCO. A partir dessa rede de relações busca-se compreender como a experiência nas Antilhas se torna fundamental para a concepção do que Métraux chama de uma “ciência social aplicada” (1953) e Leiris de uma “etnologia encarnada”(1958). A hipótese aqui é a de que os estudos de ambos os autores sobre as religiões à base de possessão, como o vodu haitiano, são fundamentais para a construção de um aparato conceitual capaz de dar conta das relações entre antropologia e política.

Palavras-chave: Alfred Métraux, Michel Leiris, Antilhas francesas, religião, política.

GT 72. ANTROPOLOGÍA DEL DEPORTE: ENTRE LA COPA DEL MUNDO Y LOS JUEGOS OLÍMPICOS

Coordinadores:

Dr Martin Curi. UERJ; martincuri.rio@gmail.com

Mg. Alejo Levoratti. Comisión de Investigaciones Científicas- Universidad Nacional de Quilmes/Universidad Nacional de La Plata. CIC-UNQ/UNLP; levoratti@gmail.com

Sesión 1: Oferta y Demanda en el campo deportivo: Análisis teóricos y metodológicos del mercado de los bienes deportivos

DESAFIOS AO ENTRAR EM CAMPO: FAZERES METODOLÓGICOS DE UMA PESQUISA COM JOGADORAS DE RÚGBI

Dra. Michelle Carreirão Gonçalves. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Departamento de Didática da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq) e do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo/LABEC (UFRJ/FAPERJ/CNPq); michelle_carreirao@yahoo.com.br

Dr. Alexandre Fernandez Vaz. Doutor em Ciências Humanas pela Leibniz Universität Hannover. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq). Pesquisador CNPq; alexfvaz@uol.com.br

O presente trata da experiência de feitura de pesquisa junto a uma equipe feminina de rúgbi em Florianópolis/Brasil, enfocando as mudanças metodológicas ocorridas ao longo do estudo. Para tentar entender como as jogadoras de rúgbi representavam esteticamente o esporte que praticavam, realizamos um conjunto de observações de treinamentos da supracitada equipe no ano de 2011. Se inicialmente mantivemo-nos como meros observadores, após um mês de observação e de insistentes convites a participar dos treinos com o grupo, optamos por entrar também no campo de jogo, assumindo um duplo papel: de pesquisadores e de aprendizes de jogadores de rúgbi. A partir dessa mudança metodológica foi necessário criar alternativas, por exemplo, para elaboração dos registros no diário de campo, pois realizar anotações durante as sessões de treinamento, como originalmente feito, não se fazia mais possível. Além disso, era preciso concentrar-se não apenas nas questões ligadas aos interesses de pesquisa, mas também na aprendizagem do jogo, nos gestos técnicos e na movimentação tática de um esporte moldado em uma lógica completamente distinta de nossas experiências corporais anteriores. Mesmo com dificuldades para sistematização dos dados, o fato de nos colocarmos como observadores participantes, jogando junto, possibilitou conhecermos *por dentro* o funcionamento do grupo, do clube e do esporte, ao nos integrarmos às reuniões administrativas, jogos, momentos prévios e pós-jogo, confraternizações. Nossa experiência nos fez sentir a constante tensão entre aproximação e afastamento do objeto, colocando em xeque o lugar pretensamente ascético e neutro do pesquisador.

Palavras-chave: metodologia da pesquisa; rúgbi feminino; esporte.

DEPORTE, MERCADO Y PATRIA. “LOS PUMAS” Y LAS REPRESENTACIONES MEDIÁTICAS DURANTE EL MUNDIAL DE RUGBY FRANCIA 2007”

Dr. Juan Bautista Branz (Conicet/Idaes – FPyCS/UNLP); juanbab@yahoo.com.ar

En esta ponencia pondremos el foco de análisis en cómo se construyeron, mediáticamente, representaciones asociadas a *lo nacional* en torno a la selección argentina de rugby, “Los Pumas”, durante el mundial disputado en Francia, en el año 2007. Siendo el rugby un deporte practicado, en Argentina, por sectores minoritarios, es necesario pensar cómo el mercado (en sus diferentes modalidades) presenta la participación del combinado nacional en un evento de gran magnitud a nivel global. Los atributos morales y corporales, acompañados con un relato que complementa la *agresividad* necesaria para el juego con la condición civilizada de las prácticas de un “buen/ejemplar ciudadano” argentino, son regulares entre las representaciones que muestran a “Los Pumas” como un modelo ideal de nacionalismo asociado al deporte. Veremos a lo largo del trabajo algunas pistas que nos muestran los signos de esa operación mediática, para ampliar e interpelar a públicos no especializados en rugby. Además, indagaremos cómo el mercado recupera relatos tanto estatales como paraestatales a la hora de pensar en la rentabilidad de sus productos, vehiculizados a través de las imágenes, valores, símbolos y representaciones que vincularon a “Los Pumas” y a la noción de Patria que, por supuesto, la entenderemos en constante disputa entre diferentes colectivos sociales.

Palabras Clave: Nacionalismo – Mercado – Rugby – Representaciones mediáticas.

TORNANDO-SE MAINSTREAM: REFLEXÕES SOBRE A ESPETACULARIZAÇÃO DO SKATE

Giancarlo Marques Carraro Machado. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e outras Modalidades Lúdicas (LUDENS/USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP); gmachado@usp.br / gian_machado@yahoo.com.br

Com vistas a regulamentar o skate enquanto um esporte e a propagar um sentido legítimo para o seu uso, certos agentes (como empresários, profissionais da mídia especializada, representantes do poder público, etc.) e instituições (como federações esportivas, por exemplo) têm disputado o poder de controlar discursos, de definir comportamentos, de organizar competições, de “dar a ver” e “fazer crer” que a sua prática tem que ser feita de determinado modo. Um dos caminhos encontrados para propagá-la e torná-la mais atrativa foi através da promoção de grandes campeonatos, produzidos nos moldes de um espetáculo. Geralmente realizados em pistas de skate, tais campeonatos geralmente são formatados com base em uma série de regras criadas por entidades que regulamentam a prática, como a Confederação Brasileira de Skate (CBSk) em âmbito nacional, ou a World Cup Skateboarding (WCS) em âmbito mundial. E quando não organizadas por essas entidades, as competições podem ser promovidas por canais de televisão, empresas multinacionais ou revistas especializadas. A pesquisa abordará inúmeros processos que contribuíram para a visibilidade, popularização e espetacularização do skate e problematizará uma série de incorporações comerciais que

culminaram em seu enquadramento como um “esporte radical”. Vislumbra-se analisar etnograficamente certas vertentes espetacularizadas consideradas como o *mainstream* do skate, bem como os impactos das mesmas na prática cotidiana, no entanto, é válido ressaltar que a análise do universo do skate não será restringida apenas a um domínio específico, como o esportivo, ou a explicações apriorísticas que tentam estabilizar seus sentidos heterogêneos em categorias transcendentais.

Palavras-chave: skate; antropologia dos esportes; espetacularização; lifestyle sports.

AVANÇO NEOPENTECOSTAL NO FUTEBOL BRASILEIRO: ANÁLISE SÓCIO-ANTROPOLÓGICA ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO, FUTEBOL E ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL

Claude Petrognani (UFRGS); claud.petrognani@libero.it

Este texto se mobiliza em torno das relações entre religião, futebol e espaço público no Brasil. Mais especificamente, discorre sobre um aspecto do campo religioso brasileiro: a saber, o campo evangélico, em particular o neopentecostal e a sua inserção e rápida difusão no meio esportivo, principalmente o futebol.

A partir de dados da pesquisa de doutoramento, será possível, sem pretensão exaustiva, demonstrar que há um avanço evangélico, fazendo desta configuração religiosa muito mais que “uma das religiões periféricas ou marginais dos brasileiros” (Carvalho, 1999,p.3), podendo ser considerada uma religião “hegemônica” quase como o catolicismo, no que diz respeito ao ambiente futebolístico.

Além disso, tentar-se-á mostrar que o interesse evangélico, no que diz respeito aos esportes, com o grupo denominado Atletas de Cristo, aprofunda as suas raízes na herança da Muscular Christianity de era vitoriana (1837-1901). Enfim, este objeto permite refletir sobre um tema crucial da atualidade, o fenômeno da religião no espaço público.

Palavras chaves: Religião, futebol, espaço público, neopentecostalismo, Atletas de Cristo

PERSPECTIVAS DISCIPLINARES Y CIRCULACIÓN DE ACTORES. UN ANÁLISIS SOBRE EL DESARROLLO DE LAS CONCEPCIONES DE EDUCACIÓN FÍSICA, DEPORTE, GIMNASIA Y JUEGO EN LAS

INSTANCIAS DE DESARROLLO CURRICULAR DE LA PROPUESTA FORMATIVA DE LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN ARGENTINA. (1993-2014)

Alejo Levoratti (CIC-UNQ/UNLP); levoratti@gmail.com

En los últimos dos décadas la formación de los profesores de educación física en Argentina ha sido objeto de reformas en sus lineamientos nacionales y en sus planes de estudio, esto se produjo en paralelo a que se suscitaron cambios en la legislación educativa de nivel nacional y provincial. Estas transformaciones, implicaron modificaciones en conceptos centrales de las propuestas formativas como son: educación física, deporte, gimnasia y juego. Al mismo tiempo se generaron una serie de tensiones entre los términos cuerpo-corporeidad y entre movimiento-motricidad. En estos procesos participaron distintos actores que se inscriben, en los distintos momentos, de modo singular en el campo disciplinar de la educación física y/o de la educación, en el deportivo, en las instituciones formativas y en el de la política educativa. A partir de ello en este trabajo nos interesa analizar los desarrollos conceptuales de los términos antes mencionados, realizado por los principales actores sociales involucrados, produciendo una comprensión situacional de dichas perspectivas. Para esta tarea nos concentraremos en la circulación de personas, saberes y prácticas que participaron en las distintas instancias de desarrollo y definición curricular de los profesorados de educación física entre 1993 y 2014. Esta temática la inscribiremos en relación a aquellos trabajos de la antropología sobre el deporte que profundizan en los procesos de la política y la circulación de saberes, actores y prácticas.

Para llevar a cabo esta labor se analizarán diversas fuentes documentales oficiales: leyes, resoluciones, documentos, diseños curriculares; las producciones realizadas por los actores involucrados: artículos de revista y periodísticos, presentaciones publicitarias realizadas en congresos y eventos científicos, libros; articulando ello con entrevistas en profundidad.

Palabras clave: Profesores de educación física, actores, formación.

Sesión 2: El espectador del espectáculo deportivo: ¿consumidor o hincha?

Coordinador: Alejo Levoratti (CIC-UNQ/UNLP)

Comentarista: Martin Curi (UERJ)

TORCIDAS UNDERGROUNDS. MODOS CONTRACULTURAIIS DO TORCER NOS ESTÁDIOS DE CLUBES SEM OSTENTAÇÃO DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

Leda Maria da Costa. Doutora em Literatura Comparada – Universidade do Estado do

Rio de Janeiro. Pesquisadora do NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade. Universidade Federal Fluminense; ledamonte@hotmail.com

A Copa do Mundo de 2014 condicionou reformas e construção de novos estádios nas cidades-sede desse evento, no Brasil. Para serem considerados aptos a receber público, esses estádios tiveram que cumprir um conjunto de normas, seguindo diretrizes de segurança e conforto. É o chamado “Padrão Fifa” que se vincula a um contexto mercadorizado do futebol em que o público é visto não somente como torcedor, mas sim consumidor. Surgiram críticas – acadêmicas ou não – contrárias ao “padrão FIFA” e a tendência, por ela consolidada, de priorizar formas de torcer homogêneas e condizentes com interesses midiáticos e mercadológicos. Entre essas manifestações contrárias, estão as torcidas, aqui, denominadas de *undergrounds*. Por torcida *underground* compreende-se aqueles agrupamentos de torcedores que praticam e defendem modos de torcer que, em grande medida, se contrapõem às expectativas gestadas no contexto de clubes capazes de atrair e ostentar fartos capitais econômicos e simbólicos. Este trabalho parte da possibilidade de conceber esses modos de torcer como uma manifestação contracultural, em seu amplo sentido, por reunir uma juventude que adota posturas rebeldes em relação a uma cultura hegemônica, representada, neste caso, pelo futebol espetáculo, possuidor de ampla atenção midiática e investimento econômico. Por intermédio de métodos como observação direta, captação de imagens e sons, assim como de material proveniente de sites e redes sociais, será realizada uma análise dos significados do torcer underground e contracultural demonstradas pelas torcidas “Setor 2”, do Clube Atlético Juventus, de São Paulo, e “Brava raça lusitana” da Associação Atlética Portuguesa, do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Copa 2014; Futebol espetáculo; Contracultura; Torcida underground.

O CASO ARANHA E A INTERDIÇÃO DO TERMO MACACO NA ARENA DO GRÊMIO

Gustavo Andrada Bandeira. Doutorando em Educação/PPGEdu/UFRGS;
gustavoabandeira@yahoo.com.br

Fernando Seffner. Doutor em Educação/PPGEdu/UFRGS; fernandoseffner@gmail.com

As atitudes dos torcedores nos estádios de futebol produzem narrativas. Essas narrativas são construídas de forma agonística, na relação entre nós e eles. Não são apenas as partidas que estão em disputas, mas diferentes representações de gênero, sexualidade, pertencimento étnico. Diversas narrativas sobre confrontos entre torcedores parecem tolerar as manifestações quando essas acontecem através dos cânticos e xingamentos. Não sendo possível examinar esta questão de modo absoluto, optamos pela estratégia do estudo de caso. A proposta desse artigo é problematizar como manifestações verbais se constituíram enquanto um problema a partir de quatro partidas do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense em 2014, ano da realização da segunda

Copa do Mundo da Fifa no Brasil. Após uma partida contra o Santos Futebol Clube, em que o goleiro Aranha foi chamado de macaco por um grupo de torcedores gremistas, diferentes argumentos foram colocados para justificar ou não uma punição ao clube. Além disso, o termo “macaco”, e sua derivação “macacada”, historicamente autorizado para fazer referência ao Sport Club Internacional, clube rival do Grêmio, foi interdito. É possível apostar que a realização do torneio mundial no país possa ter questionado as sensibilidades instituídas nos estádios de futebol no Brasil. As fontes são a cobertura midiática e presença no estádio em três dessas quatro partidas. Analisam-se quais os cânticos, xingamentos e termos foram problematizados durante essa temporada no futebol brasileiro. O foco da problematização se dará sobre o que foi entendido como legítimo e o que foi interdito para as manifestações coletivas da torcida.

Palavras-Chave: Futebol; Torcida; Violência; Racismo; Legitimidade.

LA METAMORFOSIS DE LA VIOLENCIA: VIEJOS Y NUEVOS INTERROGANTES PARA EL ESCENARIO ACTUAL DEL FÚTBOL ARGENTINO

Nicolás Cabrera, becario del CONICET- IDAES/UNSAM; nico_cab@hotmail.com

El fenómeno de la “violencia en el fútbol” argentino se nos presenta como una problemática tan dinámica como acuciante. Quienes estamos preocupados en analizar dicho campo, en los últimos años nos sentimos interpelados por una aparente paradoja empírica que despierta, al mismo tiempo, perplejidad e interés: hay una progresiva pacificación de los estadios de fútbol pero un aumento en las estadísticas registradas de víctimas fatales vinculadas a contextos futbolísticos. Solamente en el año 2014 se registraron 17 muertes, el peor año desde la fundación del fútbol argentino como deporte profesional. Evidentemente estamos frente a una reconfiguración del fenómeno de la “violencia en el fútbol” que invita a la reflexión.

En el presente trabajo intentaremos aportar evidencia empírica y rigurosidad analítica en pos de una explicación integral de dicha reconfiguración. Para ello, en una primera parte, describiremos la reestructuración ocurrida en la hinchada del Club Atlético Belgrano de Córdoba en relación a las prácticas y representaciones violentas que en ella tiene lugar. Nos detendremos en el proceso de pacificación interno ocurrido en la “tribuna popular Pirata” a partir de la monopolización de una facción sobre el resto. Posteriormente, en un segundo apartado, demostraremos que lo ocurrido en el caso de Belgrano debe ser necesariamente analizado a la luz de procesos sociales más amplios como el mencionado al inicio del presente resumen. Finalmente cerraremos el trabajo tratando de diagramar viejas preguntas y nuevas hipótesis para el actual escenario del fútbol argentino.

Palabras claves: antropología, sociología, fútbol, violencia, hinchadas.

PRIVATIZACIÓN Y EXCLUSIÓN EN EL FÚTBOL CHILENO; LA EXPERIENCIA DE RESISTENCIA DE LA ASAMBLEA DE HINCHAS AZULES

Vjera Leyton Escobar. Egresada Antropología Social, Academia de Humanismo Cristiano; vjera.le@gmail.com, hinchasazulesasamblea@gmail.com

Gabriel Ruete Nuñez. Egresado Antropología Sociocultural, Universidad Austral de Chile (UACH); ga.ruete@gmail.com

En Chile como consecuencia de un largo periodo de asentamiento del neoliberalismo, el año 2005 la articulación político-empresarial puso en marcha el plan de privatización del fútbol, sustentado en las supuestas deudas que los clubes mantenían con el fisco, dando el paso a las Sociedades Anónimas Deportivas. Así, a fines del año 2006 se concreta la quiebra del Club de fútbol profesional Universidad de Chile, que trajo como consecuencia la exclusión de los hinchas, que antes de la quiebra eran socios con derecho a voz y voto, cambiando su condición a la de hinchas-clientes de una empresa. Frente a este panorama, un grupo de hinchas comenzó a organizarse para recuperar los espacios de asociatividad que implica ser un club. Dicho espacio se constituye como una nueva forma de establecer redes de cooperación y capital social a modo de resistencia al desmembramiento del componente social en el deporte.

Considerando al fútbol, y el estadio como un escenario de disputa social, como varios autores señalan, hoy, en nuestro país las medidas de seguridad pública, han intensificado esta problemática situándonos a los hinchas como principales responsables de la violencia. Es por eso que desde nuestra experiencia como miembros de la Asamblea de Hinchas Azules, conscientes de ser receptores de violencia y no solo ejecutores, nos planteamos como una orgánica que intenta deconstruir estas lógicas de poder donde no se considera al hincha para plantear una solución al problema del cual somos los principales afectados.

Palabras Clave: Club de fútbol profesional, exclusión, hinchas/clientes, violencias, sociedades anónimas deportivas.

Sesión 3: El evento deportivo como divisor de aguas: impactos, legados y consecuencias

Coordinador Alejo Levoratti (CIC-UNQ/UNLP)

Comentarista: Leda Maria da Costa (UERJ)

ENTRE A “ERA DOS REABILITADOS” E A “ERA DO ALTO

RENDIMENTO”: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS SOBRE O ATLETA PARALÍMPICO

Mônica da Silva Araujo. Doutora em Antropologia (UFRJ/Museu Nacional) e Pesquisadora do Nepess (UFF); monicasaraujo@yahoo.com.br

A realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 no Rio de Janeiro tem impulsionado debates diversos sobre a importância e o papel do esporte. Questões como o legado social dos megaeventos para a cidade sede e a preocupação com o investimento em novos atletas ganham destaque. Para além destas questões, o esporte paralímpico também apresenta algumas demandas específicas. Às vésperas dos Jogos de 2016, atletas, dirigentes e treinadores destacam a importância de se dar uma maior visibilidade ao esporte paralímpico, vinculando-o mais à ideia de alto rendimento e menos aos conceitos de reabilitação e inclusão social. A hipótese central deste trabalho é a de que essa demanda articula-se com as mudanças nos processos de formação de novos atletas, o que permitiria falar de diferenças geracionais, ou até mesmo de uma “nova era” de atletas que aderem ao esporte a partir de entidades esportivas e não mais através de instituições de reabilitação. A noção de “superação” e de “heroísmo”, que povoou intensamente o universo simbólico das primeiras gerações de atletas, transita até os dias atuais em diversos discursos. Neste sentido, pretendo revisitar dados etnográficos de uma pesquisa realizada com atletas paralímpicos antes dos Jogos de Pequim, confrontando os discursos obtidos naquele período com as falas e debates mais recentes sobre o processo de construção de uma imagem sobre o esporte e o atleta paralímpico, procurando entender o papel das entidades esportivas e dos meios de comunicação neste, mas também procurando compreender o valor atual da ideia de “superação”.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos, atleta paralímpico, alto rendimento, superação.

FÚTBOL, PUEBLOS INDÍGENAS Y NACIONALISMO DE ESTADO. APUNTES ANTROPOLÓGICOS EN TORNO A LA PRIMERA COPA AMERICANA DE PUEBLOS INDÍGENAS EN CHILE

Nelson Soto Santibáñez. Antropólogo. Dr © en Antropología del Programa de Doctorado en Antropología del Convenio Universidad Católica del Norte y Universidad de Tarapacá. Instituto de Investigaciones Arqueológicas y Antropológicas, Universidad Católica del Norte. San Pedro de Atacama. Chile; paleorock@yahoo.com

A los pocos días de finalizada la Copa América 2015 de la CONMEBOL-FIFA, Chile volvió a ser anfitrión y escenario de un gran evento deportivo de fútbol latinoamericano, pero esta vez de lo que se denominó Copa Americana de Pueblos Indígenas, evento organizado por el Gobierno de Chile y ejecutado por un conglomerado de organismos

públicos y privados asociados para la realización de esta Copa. Uno de los elementos clave de este Campeonato, fue el establecer la representación de ocho países latinoamericanos mediante selecciones nacionales de fútbol masculino, cuyos miembros debían de pertenecer a algún pueblo indígena existente dentro de estos ocho países. Así por ejemplo, la selección chilena o la “roja indígena” como la llamaron algunos medios de comunicación, estaba constituida por indígenas de los pueblos Rapa Nui, Aymara y Mapuche. A partir de esto, el Campeonato fue una interesante instancia para observar parte de los mecanismos del Estado para implementar mediante la “participación” e “inclusión” de los pueblos indígenas, una reducción de la diversidad cultural de lo indígena en función de la idea de nación y país. Este trabajo describe a grosso modo la organización, los ensambles y la dinámica del evento, poniendo bajo análisis la relación entre fútbol, pueblos indígenas, indigenismo y nacionalismo del Estado de Chile.

Palabras Clave: Fútbol, Pueblos Indígenas, Estado, Nación, Antropología.

TORCEDOR OU CLIENTE? DISPUTAS EM TORNO DO TORCER NAS NOVAS ARENAS DE FUTEBOL NO BRASIL

Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior. Doutorando em Antropologia Social – UFRGS; rcgoj@yahoo.com.br

A reconfiguração de alguns estádios brasileiros ao formato exigido pela FIFA como prerrogativa para a realização da Copa do Mundo 2014 causou um debate público que envolveu os diferentes agentes que formam o campo futebolístico brasileiro: torcedores, jornalistas, jogadores, dirigentes de clubes e de federações, empresas gestoras das arenas, políticos etc. A partir da análise de reportagens, depoimentos de torcedores e de profissionais das empresas responsáveis pela gestão das arenas esportivas, percebeu-se que a contenda se dá em torno de dois tipos de posicionamento sobre tais alterações no comportamento dos torcedores: por um lado defende-se que a realização da Copa do Mundo no Brasil poderia trazer melhoria e mais conforto para os torcedores, levando aos estádios um público que nunca os frequentava ou deixara de fazê-lo. Nessa primeira acepção, tem-se a ideia de que o torcedor passa a se tornar um cliente, já que a transformação dos estádios em arenas multifuncionais passa pelo aumento da possibilidade de oferta de bens e serviços aos espectadores. Por outro lado, há resistências quanto ao desaparecimento de uma “cultura torcedora brasileira”, um conjunto de sociabilidades, de práticas e de objetos que seriam típicos do futebol nacional, historicamente relacionados às torcidas organizadas brasileiras, e que estariam sendo deixados de lado em favor de um torcedor mais passivo, como o de uma peça teatral, que vê o jogo sentado e sem demonstrar maior envolvimento com o desenrolar do jogo, em que o termo “consumidor” é descrito a partir de um sentido depreciativo.

Palavras-chave: torcedor; arenas; futebol; consumo; cliente.

COPA DO MUNDO: EVENTO DE IMPACTO OU REAFIRMAÇÃO DAS NOSSAS ESTRUTURAS?

Martin Curi. Professor visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
martincuri.rio@gmail.com

O Brasil está em época de megaeventos: Jogos Pan-americanos, Copa das Confederações, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. O termo evento sugere que se trata de acontecimentos curtos com consequências duradouras e significativas na estrutura cultural do país sede. De fato observamos acontecimentos extraordinários como as manifestações de 2013 e a derrota de 7x1 da seleção brasileira. Estes eventos alteraram alguma coisa na estrutura cultural do Brasil ou apenas se reforçou a antiga percepção do brasileiro como "vira-lata" que se vê inferior aos europeus? Para a análise dessa questão serão apresentadas dados do trabalho etnográfico durante a Copa das Confederações 2013 e da Copa do Mundo 2014.

Futebol, (mega-)evento, estrutura, copa do mundo.

Sesión 4: Relaciones políticas en el campo deportivo: ¿Cuáles con las representaciones en juego?

Coordinador: Martin Curi (UERJ)

Comentarista: Marcos Alvito (UFF)

“TODOS ESTAMOS ACÁ POR LO MISMO, PORQUE QUEREMOS AL CLUB”. DEPORTE, POLÍTICA Y AFECTOS EN EL CLUB UNIDOS DE LA PLATA

Julia Hang (CISH/FAHCE/UNLP/CONICET); juliahang@hotmail.com

El presente trabajo forma parte de una investigación etnográfica que tiene por escenario el Club Unidos de La Plata, institución en la cual analizo una trama de relaciones sociales y políticas entre una multiplicidad de actores que forman parte de la vida diaria del club. Aquí, a partir del análisis y elaboración de algunos materiales etnográficos (registros de reuniones, asambleas, charlas informales con distintos

miembros del club) se intentará explorar las diversas concepciones en torno a la política que se ponen en juego en la institución, las cuales se encuentran atravesadas no sólo por las trayectorias políticas, sino también por distintos sentidos en torno al deporte, la historia del club y los afectos que vale la pena reponer. En este sentido, uno de los aspectos claves que se intentará reponer aquí es aquel que refiere al modo en que las distintas lógicas deportivas (individuales o colectivas) configuran maneras específicas de percepción y acción, de comprensión de la vida política, deportiva y social del club, al tiempo que configura modos diferenciales de vincularse afectivamente con la institución. De este modo, se buscará pensar una de las concepciones nativas claves que organizan las relaciones sociales y políticas, el *amor al club* como aspecto a través del cual se delinearán moralidades que vinculan de diversas maneras deporte, política y afectos.

Palabras clave: deporte- política – afectos – club.

COBRESAL CAMPEÓN Y LA REALIDAD AL DESNUDO. CONTINGENCIAS Y RELACIONES A PROPÓSITO DEL CAMPEONATO CHILENO DE FÚTBOL PROFESIONAL, CLAUSURA 2015

Rodrigo Herrera O. Antropólogo, Universidad de Concepción, Concepción, Chile;
rherrerao@udec.cl

El así llamado Torneo de Clausura del 2015 de la 1° división del fútbol chileno coronó campeón a Cobresal. El equipo representa a la ciudad de El Salvador, campamento minero ubicado a 2.300 mts. de altura fundado en 1959 por la Andes Mining Co. y en que habitan no más de 8.000 personas, teniendo como uno de sus lugares referenciales el estadio El Cobre, con una capacidad para 20.000 espectadores. El análisis del tratamiento y decantamiento del evento los días inmediatamente posteriores, ya sea por parte de la prensa especializada, los hinchas y su voz recogida por los medios de comunicación, los propios futbolistas y otros actores vinculados, dan clara cuenta de la fuerza con que operan los símbolos, y su condición polisémica, en el llamado “mundo del fútbol”, aquel espacio social donde “todo se magnifica, se exagera, se multiplica”, al decir de Marcelo Bielsa (Rojas 2015). La presente ponencia pretende exponer estos antecedentes desde una perspectiva reflexiva, de manera de explorar aquella eventualidad en tanto fenómeno social complejo en el que están operando un conjunto de categorías y relaciones de orden sociocultural, que no sólo remiten a la comprensión de los temas futbolísticos, sino que simultáneamente a la sociedad en su conjunto.

UMA ECONOMIA POLÍTICA DA HONRA? OS USOS SOCIAIS DO DINHEIRO ENTRE OS PRESIDENTES DE CLUBES DE FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO

Luiz Rocha; luiz_burlamaqui@hotmail.com

Partindo de questões ligadas à antropologia do dinheiro, ou à teoria etnográfica do salário, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre os sentidos atribuídos ao dinheiro por parte dos presidentes de clubes no interior do futebol espetáculo. Sobretudo no discurso jornalístico, a gestão nos clubes de futebol é representada como irracional, realizada de maneira intempestiva, e, no limite, executada sem uma teoria econômica por detrás. A propalada separação entre teoria econômica e prática política não é, entretanto, restrita ao universo futebolístico; trata-se de uma retórica extremamente poderosa que, por sua vez, enquadra a política na economia. Partindo de uma série de entrevistas, o caminho aqui será o de tentar perceber os sentidos e as lógicas através das quais os ex-presidentes de futebol narraram seus gastos. Para além da propalada “gastança”, verifica-se como os diversos sentidos atribuídos às moedas funcionam como janelas para a compreensão de como um grupo social produz a si mesmo. No caso dos presidentes de futebol, uma comunidade masculina em que as disputas assumem um sentido particular, o dinheiro aparece intimamente atrelado à honra, ao prestígio, às relações pessoais e às disputas de poder. Aqui também o “pertencimento clubístico” permanece indissociável da maneira como se opera, gasta e regula o orçamento do clube.

Palavras-chave: presidentes de futebol; teoria etnográfica do salário; moralidades.

REDEMOCRATIZAÇÃO E FUTEBOL: COPA UNIÃO DE 1987 E A SUA MEMÓRIA

Rafael Gustavo Frazão Fernandes da Silva. Mestrando em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Título Acadêmico: O futebol brasileiro no período da redemocratização.

A sociedade brasileira acompanhou ao final do regime civil-militar o processo de reabertura política. Neste trabalho analisaremos as mudanças no futebol brasileiro ocorridas entre os anos de 1979 e 1987, relacionando-o a esse processo. Para isso, a pesquisa basear-se-á na Copa União de 1987, primeiro campeonato organizado de maneira autônoma pelos clubes brasileiros, demonstrando mudanças nas estruturas do esporte no país, ao passo da maior participação e organização da sociedade civil em áreas antes de domínio do Estado. Utilizaremos de entrevistas com torcedores comuns e jornalistas que vivenciaram o período. A partir de suas memórias, analisaremos o momento político do qual se desenrolou tal processo e a construção da história e memória do campeonato.

Sesión 5: Formación de atletas, profesionalismo y mercado deportivo: relatos

etnográficos sobre instituições deportivas

Coordenador: Martin Curi (UERJ)

Comentarista: Alejo Levoratti (CIC-UNQ/UNLP)

BOM SENSO F.C., UMA ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA DOS PÉS-DE-OBRA

Barbara de Ridder. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná
Atualmente aluna do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Paraná; barbara.ridder@yahoo.com.br; barbara@ufpr.br

Os jogadores de futebol profissional são aqueles que possuem vínculos contratuais formais com entidades de prática desportiva, pessoa jurídica de direito privado, e que, obrigatoriamente recebem remuneração pactuada. No processo de estabelecimento dos contratos o jogador torna-se parte de uma categoria de pessoas entendida como passível de ser mercadorizável, isso é, vendido, comprado ou emprestado. Nesse sentido, eles se distinguem das demais pessoas consideradas como impagáveis, cujo valor não pode ser medido, assumem um status diferenciado no meio social. Constitui-se, assim, a pessoajogador, que por ser mercadorizável está sujeito a uma transformação de pessoa à coisa. A proposta do trabalho é demonstrar que os jogadores são sujeitos com agência no campo de relações do mercado futebolístico e que, pontualmente e continuamente, se mobilizam frente às condições particulares da profissão, como as jornadas longas trabalhadas, constantes acidentes de trabalho, instabilidade salarial e insegurança no emprego. Embora o atleta faça a transição de jogador-pessoa à jogador-coisa a hipótese com a qual trabalho é que se assume uma configuração de jogador-coisa-pessoa. Para desenvolver tal análise exploro o surgimento e os efeitos do movimento Bom Senso F.C. nascido em 30 de setembro de 2013, uma organização da classe trabalhadora dos pés-de-obra do futebol brasileiro que busca melhorar as condições de trabalho, as relações com os clubes, com a Confederação Brasileira de Futebol, regulação financeira das entidades desportivas e a valorização da torcida.

Palavras chave: Jogadores de Futebol, Mercadorização, Jogador-coisa-pessoa, Classe Trabalhadora, Bom Senso F.C.

JOGAR E TORCER: A PRODUÇÃO DE PROFISSIONALISMOS NO FUTEBOL NO BRASIL E NA ARGENTINA

Marina de Mattos Dantas. Doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP (Brasil);
marinamattos@gmail.com

A proposta origina-se de pesquisa de doutorado em andamento e apresenta cartografias do futebol Brasileiro e Argentino a partir da imersão nos campos, conhecendo novas e antigas formas de organização do esporte, e da realização de entrevistas com jogadores e ex-jogadores em ambos os países. Em relação ao futebol, Brasil e Argentina possuem em comum a aclamação desse esporte como elemento constituinte de uma cultura popular e que produzem jogadores profissionais para exportação, principalmente visando o mercado europeu de jogadores. De modo que ser jogador de futebol e ascender socialmente através dessa profissão é um sonho em comum entre meninos argentinos e brasileiros. Porém, a grande maioria desses jogadores que se lançam no mercado vivem de contratos temporários e incertos, muitas vezes mantendo outras atividades como fonte de renda à espera de um contrato que os possibilite “viver do futebol”. Nesse sentido, mantem-se como principais interlocutores na pesquisa os estudos de Michel Foucault sobre a racionalidade neoliberal e os de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a produção de subjetividades. Dessa maneira, busca-se respostas sobre como estes jogadores empreendem-se no futebol e como o futebol profissional produz subjetividades para o mercado de atletas, bem como possíveis resistências que emergem nesse processo.

Palavras chave: futebol, profissionalismos, jogadores, produção de subjetividades.

CAZADORES DE TALENTOS

Cecilia Margarita Zaffaroni. Licenciada en Antropología Social y Cultural – UNSAM;
czaffaro@yahoo.com.ar

Esta ponencia intenta mostrar como una práctica deportiva atravesada por la dimensión económica provoca su profesionalización produciendo la cosificación de esos deportistas que la abrazan.

La realidad en la que vivimos muestra la traducción del sistema económico en la sociedad misma, la que se encuentra subsumida por aquél, escenario que pone en peligro las relaciones de los individuos entre sí al transformarse en “cosas mercantiles”, no escapando el deporte a esa lógica.

Es por ello que el mundo del tenis profesional masculino contemporáneo presenta un amplio universo de actores económicos entre otros los sponsors y las academias de tenis

de alto rendimento que serán los considerados en esta ponencia.

El trabajo de campo realizado en una academia me permitió comprender e interpretar las particularidades de las relaciones sociales y de poder que se construyen entre los jugadores y el Director, quienes si bien mostraron distintas motivaciones, primó en ambos la impronta materialista consistente en intentar hacer del tenis su medio de vida; postura que será el hilo conductor de este trabajo.

La construcción de un grupo social a partir de un deporte individual, puede considerarse como una "paradoja" toda vez que surge como consecuencia de la oposición de los jugadores hacia ese Director que entabla una relación comercial dónde él es el dueño y aquéllos sus clientes quienes dicen sentirse tratados como "cosas mercantiles".

PALABRAS CLAVES: deporte, profesionalización, sponsors, Academias, "cosas mercantiles".

“SANGUE” E “APRENDIZAGEM” NAS CONTROVÉRSIAS DE POLÍTICAS DE PREDIÇÃO DE FUTUROS ATLETAS: O PERCURSO ENTRE ESTUDOS PARA A DESCOBERTA DO “DNA OLÍMPICO” E SUA APRESENTAÇÃO COMO POLÍTICA

Luís Eduardo Cunha (UFPR); luiseduthom@gmail.com

A Secretaria de Estado do Esporte, no Paraná (Brasil), lançou em 2013 o Projeto “DNA Olímpico”, com o qual anunciou que pretendia detectar jovens talentos a partir de investigação genômica. Na ocasião do lançamento do Projeto estiveram presentes, além de autoridades estaduais, o presidente da CAPES (instituição responsável pela Pós-Graduação brasileira no Governo Federal) e pesquisadores premiados na área da genética e da biologia molecular de grandes universidades brasileiras (USP e UNIFESP). Os gestores do projeto explicaram que o mesmo consiste na criação de um banco de dados biológicos que possibilita o estudo do DNA e a partir disso a identificação das aptidões dos atletas, permitindo direcioná-los para treinamento específico de acordo com as suas características genéticas. Referido pelos seus entusiastas como uma “inovação de pesquisa genética desenvolvida nos países de primeiro mundo”, no presente trabalho tomamos o projeto DNA Olímpico para explorar uma discussão sobre fato científico e controvérsias científicas relacionada ao esporte. Aproximando-nos dos estudos sociais da ciência e da antropologia da ciência, buscamos discutir particularmente seus efeitos em políticas públicas de educação e esporte, na construção de representações de corpo e de gênero, bem como questões éticas na relação com crianças e adolescentes que praticam esportes. Como resultados iniciais, destacamos a controvérsia entre os sentidos do “sangue” para diferentes explicações do talento esportivo, deslocando o sentido simbólico que possui para explicar o talento (“está no sangue”), para o seu sentido biológico e laboratorial.

Palavras-chaves: talento; esporte; ciência; aprendizagem; infância.

A ETERNA CRISE DO FUTEBOL BRASILEIRO - UM QUADRO A PARTIR DE TRÊS ETNOGRAFIAS EM ANDAMENTO

Marcos Alvito. Professor da Universidade Federal Fluminense (Niterói - RJ - Brasil);
marcosalvito@gmail.com

Em 2005, quando o Brasil ainda era o campeão do mundo, publiquei um artigo apontando uma crise profunda no futebol brasileiro, imbricado em uma relação nefasta com o processo de globalização e seu impacto sobre o futebol. Visando aprofundar a investigação, iniciei três etnografias inter-relacionadas: um estudo sobre as categorias de base (sobretudo su-15 e sub-17), um sobre um time da Série C do Campeonato Carioca e outro sobre os "cartolas" a partir da frequência a um curso para treinadores de futebol na FFERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro). Pretendo apresentar as primeiras impressões provenientes destes três trabalhos de campo tão ricos. Posso adiantar algumas: a onipresença de agentes aliciadores de menores-atletas, muitas vezes em troca de pequenas quantias mensais e uma chuteira de três em três meses; a falta absoluta de condições profissionais em um campeonato praticamente "fantasma" como o da Série C do Rio de Janeiro, onde a maioria das partidas são disputadas com os portões fechados (por falta de condição dos estádios), abundam os patronos com interesses políticos e outros menos louváveis e os jogadores recebem um ou dois salários-mínimos; por fim, mas não menos importante, cabe analisar a estrutura política que "organiza" todo esse caos visando sempre garantir a permanência no poder de grupos que duram décadas à frente das federações. Terminarei com uma análise de como estas três etnografias se relacionam e de qual é a relação disso tudo com a eterna crise do futebol brasileiro.

Palavras-chave: categorias de base, atletas profissionais de futebol, dirigentes de futebol.

GT 73. “UN MUNDO EN EL QUE QUEPAN MUCHOS MUNDOS”. AUTONOMÍAS LOCALES Y

ONTOLOGÍAS, COSMOPOLÍTICA Y TRANSFORMACIÓN DEL ESTADO EN AMÉRICA LATINA: ESTUDIOS ETNOGRÁFICOS

Coordenadores:

Salvador Schavelzon – schavelzon@gmail.com

Spensy Kmitta Pimentel – spensy@gmail.com

Juan Wahren – juanwahren@gmail.com

Comentadores: Renato Sztutman (USP). Raúl Zibechi (Brecha)

-

Sesión 1: Estado y pueblos indígenas

“PREFEITURA INDÍGENA” E “GESTÃO INDÍGENA” NA PREFEITURA: SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM) EM SUAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS

Aline Fonseca Iubel. Doutoranda/PPGAS/UFSCAr; alineiubel@gmail.com

O município de São Gabriel da Cachoeira, no noroeste amazônico, cuja população é cerca de 90% indígena (de vinte diferentes etnias, de quatro famílias linguísticas), tem histórias políticas importantes, tanto do ponto de vista indígena quanto do ponto de vista do Estado. O movimento indígena organizado começou a ser construído por lá no final dos anos 1970, com a criação de algumas associações e com a realização de diversas reuniões e encontros nos quais política (sobretudo face aos brancos e suas instituições) eram pauta e agenda. Com a abertura democrática, na década de 1980, diversos líderes do movimento indígena começaram a também atuar nos partidos políticos e a se candidatar a cargos municipais (vereador, prefeito e vice-prefeito). Dessa história resultou a eleição de uma chapa completamente indígena para a prefeitura, em 2008 (sendo o prefeito da etnia tariana e o vice-prefeito da etnia baniwa). Neste paper apresentarei partes das tramas de (tentativas de) alianças que levaram à composição dessa chapa, as quais envolvem (e são envolvidas por) movimento indígena, etnia, partido, calha de rio, parentesco, dentre outras coisas. A partir do contraste entre as expectativas que se tinha sobre uma “prefeitura indígena” e o que ocorreu na “gestão

indígena” na prefeitura pretendo aqui refletir sobre os termos nos quais são pensadas localmente questões como “índios no Estado”, relações entre índios e brancos (seus modos de fazer política e instituições) e transformações políticas e do Estado.

Palavras-chave: Estado, índios, São Gabriel da Cachoeira, eleições.

¿UN PROCESO DE AUTONOMÍA A PARTIR DE SUS VÍNCULOS CON EL ESTADO? EL CASO DE UN GRUPO DE MUJERES RARÁMURI EN EL EJIDO DE ARAREKO, SIERRA TARAHUMARA, MÉXICO (1990-2015)

María Isabel Martínez Ramírez. Instituto de Investigaciones Históricas de la UNAM, México; isamartinez79@gmail.com

La meta de esta ponencia es presentar mi actual proyecto de investigación, dedicado al estudio de la relación de la transformación de un colectivo rarámuri –congregado territorialmente en el Ejido de Arareko, Sierra Tarahumara, México– y sus vínculos con el desarrollo del Estado mexicano durante los siglos XX y XXI. El tema que me interesa discutir en este GT es particularmente cómo un proceso que se podría perfilar hacia la autonomía, es decir, hacia la autogestión política, educativa, de salud y económica, los vínculos con el Estado y con otros organismos no sólo se intensifican sino que se vuelven necesarios para construirla. Esto cuestiona al menos dos ámbitos para este caso de reflexión, por una parte la noción de aislamiento (o política de aislamiento de los rarámuri) que configuró la política de zonas de refugio en México y que justificó posteriormente la intervención indigenista y desarrollista, levantando preguntas sobre qué es el aislamiento como concepto y política para los rarámuri. Y por otra parte, permite reflexionar sobre la construcción de una autonomía vinculada con el Estado y las razones rarámuri, las cuales propongo están articuladas con el parentesco.

Palabras clave: rarámuri, Sierra Tarahumara, autonomía, Estado.

EL SINUOSO CAMINO PARA LA RECONSTITUCIÓN: AUTONOMÍAS INDÍGENAS ORIGINARIAS CAMPESINAS EN EL ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA

Pilar Lizárraga Aranibar. Comunidad de estudios JAINA. Doctorante Desarrollo Rural UAM-Xochimilco; c.pilar.lizarraga@gmail.com

En este artículo pretendemos aproximarnos al sinuoso camino por el que transitan los Pueblos Indígenas Originarios Campesinos que es establecido desde el Estado Plurinacional para constituir las Autonomías Indígenas Originarias Campesinas (AIOC).

La AIOC se constituye en un mecanismo político para poder avanzar en los procesos de autodeterminación y la liberación de los pueblos, y como lo plantea el Cacique de Lomerio, “la autonomía Indígena no pasa por que alguien los reconozca o nos de un

certificado diciendo que somos autónomos... la autonomía indígena se vive en las comunidades...”. Sin embargo, los Pueblos han determinado avanzar en la búsqueda del reconocimiento del Estado, que implica toda una burocracia, y en la que el proceso puede durar más de 7 años, como es el caso de la Nación Monkoxi que se encuentra en Tierras Bajas y que fue el primer territorio autodeclarado Territorio Autónomo en Bolivia y que hasta la fecha no ha logrado superar las diversas etapas para alcanzar al reconocimiento dentro del Estado.

En este marco nos parece importante analizar este laberinto por el que los pueblos se ven obligados a transitar para expresar su AIOC. Nos interesa traer la reflexión del camino que se sigue en las dos vías: la de conversión por el Territorio y la de conversión del municipio.

Palabras claves: Autonomía, Autodeterminación, descolonización, territorios, estado plurinacional

“CONTRA O ESTADO, MAS A FAVOR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS?”. NOTAS SOBRE OS EFEITOS DAS POLÍTICAS DE TRANSFERÊNCIA DE RENDA ENTRE OS KAIOWA E GUARANI NO MATO GROSSO DO SUL

Cariaga, Diógenes. Doutorando em Antropologia Social na UFSC. Pesquisador vinculado ao NEPI/PPGAS/USP e INCT Brasil Plural; didioaems@gmail.com

Neste texto procuro problematizar os efeitos da inclusão de famílias kaiowa e guarani em programas de transferência de renda, como o Bolsa-Família, no MS, a partir de relações produzidas entre as famílias extensas, gestores públicos (indígenas e não-indígenas) e operadores de direitos no que se refere as controvérsias e equívocos que emergem nos contextos onde “os direitos” são colocados em discussão a partir de teorias nativas sobre o parentesco e a corporalidade. O contexto atual dos Kaiowa e dos Guarani vivendo em ambientes criados pelo Estado no início do século XX é marcado pela intensificação das relações com os brancos e pelo aumento da dependência das ações do Estado no cotidiano, contudo, o que pretendendo demonstrar passa pela observação dos usos da “cultura” como operador de “torções” nas políticas públicas a partir do “direito à diferença” conforme os termos na legislação nacional. Proponho descrever modos de criatividade kaiowa e guarani a partir das reflexões produzidas em cenários de inovação através da mediação entre os conceitos que expressam sentidos da “tradição” – *teko ymaguare* e sobre a inovação nos modos de ser kaiowa e guarani – *teko pyahu* com os modos de ser dos brancos - *karai reko*. Deste modo, outro percurso analítico pretendido passar por compreender como a agência dos coletivos ditos “contra o Estado” produzem efeitos nos dispositivos de governamentalidade “a favor do Estado”, assim, aproximar campos conceituais entendidos como cosmopolítica e biopolítica na tentativa de produzir análises sobre *uma economia política da natureza e dos entes não naturais* (ALMEIDA, 2017, p. 07).

Palavras-chaves: kaiowa-Guarani; “Cultura”, Cosmopolítica, Biopolítica, Transformações.

ESTADO PARAGUAYO, PUEBLOS INDÍGENAS Y ONGS INDIGENISTAS: EXPERIENCIAS COSMO-POLÍTICAS

Dr. Rodrigo Villagra Carron. Abogado por la UNA Asunción y PhD por St Andrews University, Scotland. Profesor-investigador de la Universidad Nacional de Itapúa; villagarodrigo@hotmail.com

En esta ponencia intento hablar de la relación de varios actores: el estado paraguayo, pueblos indígenas específicos y ONGs indigenistas, para dar cuenta de experiencias cosmo-políticas concretas que revelan otro pensamiento. Para ello parto ilustrando la heterogeneidad del estado paraguayo de la transición democrática (1989-2015) cuya modernidad no instaurada pero “selectiva”, y en ese sentido hegemónica, confronta a pueblos y comunidades indígenas, y a sus aliados indigenistas – críticos o acrílicos (cf. Blaser 2004). En los casos etnográficos de pueblos y comunidades elegidos (mbyá guaraní - Tahekyi; maká - Ita Paso, angaité-La Patria –y enxet-Sawhoyamaya), se muestra como comunidades concretas cuestionan, validan, reformulan o administran tales estrategias dominantes – seas estas de buena o mala fe - ya sea refrendándolas para subvertirlas, validándolas para aprovecharlas o resistiéndolas para neutralizarlas. En estas prácticas, a veces la cosmo-política indígena es enunciada abiertamente – incluso como desafío -, en otras, se presente folklóricamente como “cultura” a tono con la percepción no indígena, y en otras, opera en la “trastienda” de la escena política (cf. Bonifacio 2008). En ese sentido, si hemos de contraponer la cosmo-política como la diversidad en acción al paradigma modernizante – homogenización en acción – la primera demuestra conjugar y hacer posibles cualidades que en el paradigma moderno no son compatibles: contingencia e inmanencia, poder y vulnerabilidad, naturaleza y cultura, cosmos y política.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA INDÍGENA: UMA ETNOGRAFIA DA SECRETARIA ESTADUAL PARA OS POVOS INDÍGENAS DO ESTADO DO AMAZONAS/AM, BRASIL

Tiemi Kayamori Lobato da Costa. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; tiemicosta@gmail.com

O presente trabalho consiste em uma etnografia do processo de *estar e fazer* uma administração pública tanto por servidores indígenas quanto não indígenas. Tomo como ponto de reflexão uma instituição brasileira: a Secretaria de Estado para os Povos Indígenas (SEIND), órgão vinculado ao poder executivo do estado do Amazonas, Brasil, criado a partir da Lei 3.403 de 2009. Busca-se refletir sobre o recente protagonismo de agentes estatais indígenas na administração pública e, assim, voltar o olhar para uma forma estatal (potencialmente nova) que emerge a partir da ocupação de um lugar de poder inédito na estrutura estatal brasileira.

O acompanhamento das atividades cotidianas na SEIND durante o período de seis meses de trabalho de campo demonstrou que os interlocutores imprimem grande fluidez a elementos vinculados a concepções de ‘Estado’ e de ‘indianidade’. Assim, as rotinas

administrativas, a percepção dos servidores a respeito de seus trabalhos, e as interações interinstitucionais, recriam e atualizam tal dualidade de diferentes formas: “Estado” e “índios”, “governo” e “movimento indígena”, “técnica” e “política”, “indígenas” e “não indígenas”. A articulação de ambos universos políticos demonstrou grande criatividade por parte dos servidores que, frente ao baixo orçamento da instituição, utilizam a experiência adquirida nas associações e organizações indígenas para fundamentar diferentes estratégias de gestão. Argumento que esse espaço de negociação entre um pólo supostamente “indígena” e outro “estatal” acabaria por produzir a SEIND como um órgão híbrido, simultaneamente administração pública e projeto político indígena.

Palavras chave: administração pública; povos indígenas; Estado; política.

A LUTA PELA TERRA KAINGANG: A ALIANÇA COM “OS DE BAIXO” E AS NOVAS FORMAS DE COMBATE AO NEOCOLONIALISMO EM BUSCA DA AUTONOMIA

Diego Duarte Eltz. Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina; diego.eltz@posgrad.ufsc.br

Neste artigo buscamos apresentar os eventos etnográficos recentes das agências políticas *kaingang*, coletivos indígenas do sul do Brasil, para a retomada de suas terras e as novas alianças políticas que estes grupos formaram em uma situação de ampliação das relações políticas neocoloniais dos não indígenas com relação aos seus territórios e direitos constitucionais. Neste contexto a política indigenista estatal mais ampla do Brasil, sofre uma série de ataques institucionais, tais como a criação da portaria 303 da AGU e do PEC 215. Os dados referem-se principalmente a etnografias recentes junto aos interlocutores em episódios de "luta pela terra" e a referências ancestrais *kaingang* e relatos históricos e outros dados documentais referentes ao passado de luta da etnia sobre seu território a partir das frentes de expansão (séc XIX). Na contemporaneidade os grupos cosmopolíticos *kaingang* dispersos por sobre seu macroterritório ancestral vivem em um mundo marcado pela eminente destruição dos últimos espaços remanescentes das matas e as relações implicadas na sua existência. Tal situação de ataques contínuos faz com os grupos *kaingangs* reflitam e remodelam suas alianças externas ao grupo étnico, inserindo este em um contexto mais amplo de luta pelos direitos indígenas e direitos sociais. Desta forma a aliança com “os de baixo”, como os grupos autônomos que buscam alianças com os *kaingang* se denominam, buscam uma aliança ampla entre indígenas, quilombolas, sem terras, pequenos agricultores, estudantes e militantes sindicais para demandar reconhecimento territorial. Dentro deste processo de luta por direitos, o passado de lutas é evocado pelos indígenas nas lembranças que remetem as experiências acumuladas e nas dimensões materiais e espirituais coletivas.

SESIÓN 2: AUTONOMÍAS ONTOLÓGICAS

CONSTRUYENDO ‘EL COLECTIVO’: CUESTIONANDO LA DIVISION LO ECONÓMICO (QUE IMPLICA EL MANEJO DE LA NATURALEZA) Y LO

POLÍTICO (QUE IMPLICA LA RELACIÓN CON EL ESTADO) EN EL TRABAJO DE LA COOPERACIÓN INTERNACIONAL ENTRE LOS MASKOY DEL ALTO PARAGUAY

Valentina Bonifacio. Marie-Curie Research Fellow, Ca' Foscari University, Venezia / Parsons - The New School for Design, New York; valentina.bonifacio@unive.it

En mi ponencia quiero cuestionar la manera en que la cooperación internacional - y otras más - ha colaborado en Paraguay con comunidades indígenas reforzando la división entre ámbito económico y ámbito político de intervención, en el marco de lo que Latour ha definido “the great divide”. Mi ámbito de análisis se concentra en la zona de Puerto Casado (Alto Paraguay) en donde la población indígena ha trabajado durante casi cien años en la empresa Carlos Casado S.A., sea en las estancias y obrajes que en su fábrica de tanino. En particular, quiero mostrar como la cosmo-política indígena ignora la separación entre esos dos ámbitos - el económico, que implica el ‘manejo’ de la naturaleza, y el político, que implica la relación con ‘los blancos’ y el estado - buscando crear nuevas conexiones en donde las viejas se hayan (más o menos) temporáneamente interrumpido. Por último, me pregunto si es que habría que re-pensar la configuración que las organizaciones indígenas - financiadas por las ONGs - han asumido en el ámbito latinoamericano.

AUTONOMIA E CH'ULEL: SOBRE SABERES POLÍTICOS DOS PROMOTORES DE EDUCAÇÃO AUTÔNOMA ZAPATISTAS

Ana Paula Massadar Morel. Doutoranda em Antropologia no Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) anamoreloemail@gmail.com

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e suas bases de apoio são formados predominantemente por indígenas falantes das línguas tzeltal, ch'ol, tzotzil e tojolabal que vivem na região de Chiapas, México. Desde seu surgimento, tem se intensificado, no movimento, a busca por construir instituições, saberes e todo um modo de vida de maneira autogestionada e independente ao Estado mexicano. Uma das atividades desenvolvidas é o Centro de Español y Lenguas Mayas Rebelde Autónomo Zapatista (CELMRAZ), um curso de espanhol e tzotzil voltado para alunos não-zapatistas. A partir de trabalho de campo realizado enquanto aluna de tzotzil no Centro, a proposta deste trabalho é explorar a dimensão política dos saberes apresentados pelos promotores de educação autônoma no decorrer das aulas. Caminhando, assim, em um sentido um pouco diferente dos trabalhos que analisam o zapatismo a partir dos discursos dos seus subcomandantes e do contexto sócio-político, buscamos nos debruçar sobre a imaginação conceitual presente nos pensamentos dos indígenas bases de apoio zapatistas. Encontramos nesses uma poderosa teoria crítica ao capitalismo, ao Estado e à colonização que se desenvolve a partir de conceitos como *ch'ulel* e autonomia. O *ch'ulel* (alma, força vital, consciência, dignidade) estaria adormecido no mundo capitalista, enquanto a construção da autonomia seria uma luta constante e cotidiana que possibilita *ichbail ta muk* (reconhecimento da grandeza do outro) engrandecendo o *ch'ulel*.

Palavras-chave: Zapatismo, promotores de educação, autonomia, *ch'ulel*, saberes

políticos.

ROMARIA DAS ÁGUAS E CAMINHO DE SEPÉ TIARAJU: AS POSSIBILIDADES DE COMPOSIÇÃO DE MUNDOS NO RIO GRANDE DO SUL

Stella Maris Nunes Pieve. Antropologia/UFRGS; stellapieve@gmail.com

Nesse trabalho apresento dois rituais inter-religiosos e ecológicos, a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé Tiaraju, que ocorrem no Rio Grande do Sul e se constituem como formas de expressividade e reivindicação de direitos sociais, territoriais e políticos. São compostos por instituições religiosas, poder público e organizações sociais. A Romaria das Águas tem como focos principais a questão inter-religiosa e ecológica, é organizada por católicos e umbandistas e tem como padroeira e Mãe, Nossa Senhora das Águas e Oxum. Já a peregrinação ciclística Caminho de Sepé Tiaraju tem foco no encontro entre diferentes grupos de excluídos, especialmente jovens da periferia urbana e grupos rurais empobrecidos e na proposta de percorrer de bicicleta a última rota de Sepé Tiaraju. A partir do trabalho de campo, entrevistas e análise de materiais produzidos por esses grupos, foi possível concluir que a Romaria das Águas e o Caminho de Sepé apresentam formas territorializantes a partir da questão fundiária e de outros temas – políticos, sociais e ambientais. A luta pela terra e a possibilidade de existir no mundo impulsionadas por esses diferentes grupos passam a ser atualizadas nesses momentos. Nossa Senhora das Águas e Sepé Tiaraju agenciam outros modos de acionar políticas públicas e, ainda, de promover reivindicação social, permitindo que esses grupos possam agir em conjunto, mas como diferentes e com práticas divergentes. Portanto, a partir de uma ação cosmopolítica compõem rituais que aliam diferentes pautas que não se unificam, mas apresentam como forma de composição de mundos.

Palavras chave: rituais, inter-religiosidade, ecologia, composição de mundos, questão fundiária.

A ESQUIVA DO XONDARO - O MOVIMENTO COMO AÇÃO POLÍTICA ENTRE OS GUARANI MBYA

Lucas Keese dos Santos. Mestrando em Antropologia Social - PPGAS-FFLCH-USP, Pesquisador do CEStA (Centro de Estudos Ameríndios); lucaskese@gmail.com

Neste trabalho pretendemos investigar o lugar do xondaro na cosmopolítica contemporânea dos Guarani Mbya. Xondaro é um termo polissêmico que indica tanto uma função e/ou personagem das dinâmicas políticas guarani, interna e externa às suas aldeias, como uma dança, baseada num jogo de esquivas corporais. Além disso, o que a etnografia da pesquisa têm sugerido é que é possível tecer relações entre a esquiva e práticas evidenciadas nas narrativas mitológicas: enganar o rival com o corpo através do movimento aparece com algo análogo ao que os personagens míticos fazem com suas artimanhas na oralidade, formas relacionadas de superar agressões e coerções. Ou seja, a esquiva (-jeavy uka) realiza com o corpo, o que a enganação (-mbotavy) faz com a

palavra (mas não só com ela). A partir disso, realizamos uma breve análise do papel contemporâneo dos xondaro – e das apresentações de dança xondaro – em contextos de manifestações públicas, ocorridas na cidade de São Paulo, no contexto da luta pelo reconhecimento da terra e por direitos. Assim, o conceito mbya de “esquiva” aparece como um conceito de resistência, a um só tempo coreográfico e político.

Palavras-chave: Guarani-Mbya, xondaro, resistência política, movimento, esquiva.

“O PUXIRÃO É UM TERRITÓRIO”: AÇÃO POLÍTICA COLETIVA E AS FORMAS SEGMENTARES DA REDE PUXIRÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ

Josiane Carine Wedig. Doutoranda de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); josiwedig@gmail.com

Nesta comunicação propomos discutir a organização coletiva da *Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná*, que agrega oito segmentos: indígenas, faxinalenses, quilombolas, cipozeiros, pescadores artesanais, ilhéus, detentores de ofícios tradicionais e comunidades de terreiro. Para compreendermos os processos de organização política desses segmentos seguimos o conceito local de puxirão, que designa as formas cotidianas de auxílio mútuo e gratuito por ocasião das práticas de coleta, pesca, plantio, colheita, construção de casas, festividades etc., e que pode se dar em benefício de um indivíduo ou de um coletivo com o qual se estabelecem alianças. Quando o puxirão é transposto para o espaço de organização política, isso acarreta em trazer essa forma de auxílio mútuo para dentro das lutas políticas conjuntas. Discutimos como se opera a organização política na diferença, tomando o puxirão enquanto um conceito potente que permite compreender a política ontológica dos segmentos. Na prática política do puxirão se operam devires, relações construídas por alianças e que se dão por comunicações transversais entre os segmentos heterogêneos. O que vemos na forma como a Rede Puxirão se articula é um devir minoritário, de resistência, uma micropolítica da percepção, da afecção e do diálogo, assim como também é a possibilidade de invenção-experimento de atos de resistência frente a processos de expropriação dos territórios dos segmentos e resistência contra as formas de negação de seus modos de vida e suas cosmologias. Palavras-chave: Puxirão. Ação Coletiva. Devir. Ontologia. Política.

COSMOPOLÍTICAS DO OLHAR E DA ESCUTA NO CINEMA MAXAKALI-TIKMÁ'Á'N

Ana Carolina Estrela da Costa. Doutoranda em Antropologia Social – UFMG; estrela@gmail.com

Este trabalho propõe, a partir de experiências etnográficas produzidas entre o povo Maxakali durante minha graduação e mestrado, um breve exame de sua recente realização cinematográfica, no contexto cosmopolítico percebido e produzido durante a

formação de cineastas e a realização de filmes nas aldeias. Concilia-se uma reflexão a respeito de ações cosmopolíticas Maxakali - nas quais o olhar e a escuta aparecem como aptidões fundamentais para o estabelecimento e a celebração de encontros e alianças - com entendimentos acerca do cinema como experiência estética e política - conforme nos propõe o filósofo Jacques Rancière - e como possibilidade de criação etnográfica compartilhada. Examinando etnograficamente os processos de formação de cineastas e nos quais os filmes são produzidos - os momentos de negociação, elaboração, produção das imagens e dos encontros que essas imagens provocam -, vemos como a tecnologia do cinema é apropriada pelos Maxakali em ressonância com seus próprios modos de pensamento e organização, e com sua própria tecnologia relacional, que aciona modos de olhar e de ouvir. Veremos de que modo os pajés e os caciques parecem ter encontrado um lugar que parece sugerir uma íntima aproximação entre linguagens e ações no âmbito da política, do xamanismo e do cinema. Afinal, o cinema parece apropriado para a experiência de eventos encontros que se produzem nas aldeias, e para o estabelecimento de novas alianças e trocas de saberes fora delas.

Palavras-chave: Maxakali, Cosmopolítica, Cinema²². Isabel – espiritualidad y saberes guaranis.

EL XAMANISMO KAINGANG DESAFIANDO LAS LÓGICAS COLONIALES DEL ESTADO BRASILEÑO

Clémentine Maréchal – Iracema Nascimento. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS);
clementine.marechal@yahoo.com

Después del encarcelamiento de cinco líderes Kaingang que reivindicaban sus tierras en el norte del Rio Grande del Sul, la *kujá* (xamã) Iracema Ga Rã viaja hasta la comunidad de Kandóia dónde se encuentran sus parientes, con el objetivo de fortalecerlos. Llevando consigo hierbas medicinales (*vá^{ol}/nh kagta*), ella fortalecerá la madre del cacique encarcelado y así toda la comunidad afectada por la represión. Este viaje es el resultado de varios sueños con otras mujeres *kujá* que guiaron Iracema hasta la aldea de Kandóia cuyos habitantes estaban cercados y perseguidos por policiales federales y latifundios. Este ejemplo etnográfico, enfocado en un dibujo de Iracema que relata sus sueños y nuestro viaje, es una expresión de la construcción de la territorialidad Kaingang que nos hace penetrar en un universo profundamente relacional, dónde seres como el fuego, las plantas y los antepasados son motores de la lucha por la tierra. Buscamos así resaltar que la lucha por la tierra está permeada por una serie de saberes cosmológicos propios que, puestos en práctica en momentos de tensión, desafían los intereses coloniales y etnocidas del Estado. Así, buscamos entender la lucha por la tierra Kaingang como permeada por una praxis relacional compuesta por fuerzas diversas y complementares: de los baños de hierbas hasta las reuniones con agentes estatales, veremos como la cosmopolítica Kaingang se construye subvirtiendo lógicas homogeneizadoras y biopolíticas del Estado brasileño. En este ejemplo etnográfico específico, buscamos valorizar los conocimientos de los *kujá* como motor de la lucha por la tierra.

Palabras llaves: Xamanismo, Cosmopolítica, Kaingang, Lucha por la tierra, Sonho.

ENCONTRO DE SABERES NA UFMG – EXPERIÊNCIAS COSMOPOLÍTICAS NA VISITA DE ALCINDO WHERÁ TUPÃ E GERALDO KARAÍ OKENDA MOREIRA A BELO HORIZONTE

Isabel Santana de Rose. PPGAN/UFMG (pesquisadora pós-doutoranda, bolsista do CNPq); belderose@gmail.com

Neste trabalho, proponho discutir o material de um dos módulos da disciplina de “Artes e ofícios dos saberes tradicionais: curas e cuidados”, vinculada ao Encontro de Saberes e ao Programa de Formação Transversal da UFMG. Este módulo, do qual participei como professora parceira, foi realizado em maio de 2015 e ministrado por Alcindo Wherá Tupã e Geraldo Moreira, lideranças espirituais guarani do litoral sul de Santa Catarina. Com base na análise do material das aulas, chamo atenção para o caráter cosmopolítico da liderança espiritual de Alcindo e Geraldo, bem como para a criatividade presente em seus discursos, ao levantar aspectos centrais da cosmologia guarani e ao mesmo tempo procurar traduzi-los para o público não-indígena que participou da disciplina. Também proponho relacionar este material com as minhas pesquisas de campo anteriores realizadas na aldeia *Yynn Morothi Wherá* (Biguaçu, SC) a respeito da formação da rede da Aliança das Medicinas, ligada ao processo de apropriação de um conjunto de práticas e elementos rituais, incluindo entre elas o uso da ayahuasca, pelos moradores desta aldeia. Pensando tanto nestes dados quanto no material recente da visita de Alcindo e Geraldo a Belo Horizonte, abordo a formação desta rede como parte de um movimento entopolítico. Este movimento, marcado por uma série de iniciativas criativas e por seu caráter de resistência, vem sendo protagonizado especialmente pelos integrantes da família extensa de Alcindo Wherá Tupã, e encontra-se ligado a um projeto de fortalecimento do xamanismo e de manutenção do *nhandereko* ou ‘modo de ser’ guarani.

Palavras-chave: Encontro de Saberes; cosmopolítica; indígenas guarani.

SESIÓN 3 GIRO ONTOLÓGICO Y NO-HUMANOS

-

PROYECTOS DE VIDA: UNA POLÍTICA A-HUMANA PARA EL ANTROPOCENO

Mario Blaser

En esta presentación exploro algunos aspectos de la política implícita en lo que llamo proyectos de vida de los colectivos emplazados. En contraste con el concepto de sociedad que se refiere a asociaciones de humanos, ‘colectivo emplazado’ connota ensambles únicos de entidades heterogéneas que se emplazan en sitios particulares. En contraste con la idea de ‘desarrollo’ y las visiones de buen vivir asociadas que están

fundadas en la primacía de lo humano, los proyectos de vida están orientados al sostenimiento de colectivos emplazados enteros. Esto implica que los proyectos de vida llevan en si una forma de política a-humana que encuentro inspiradora a la hora de enfrentar los desafíos de lo que se ha venido a denominar antropoceno (una era marcada por la magnitud del impacto antrópico en los sistemas de vida planetaria). Sin embargo el potencial de esta política a-humana se ve limitado por la dominancia de una política centrada en lo humano. Esto hace que la política a-humana sea in-visualizada, o cuando se hace evidente, sea desdeñada como no ‘realmente política.’ Y aun así, esta dominancia no cancela la presencia de la política a-humana que constantemente asedia la naturalización de la política centrada en lo humano. La dinámica entre la política centrada en lo humano y la política a-humana nos presenta una oportunidad para reflexionar acerca de que es la política y como el mantenerse conceptualmente abierto a su multiplicidad puede en si mismo ser una contribución política clave en el contexto del antropoceno.

MÁS ACÁ DEL “MÁS ALLÁ DE LA NATURALEZA-CULTURA”: PRESINTIENDO ALGO ENTRE ANTROPOLOGÍAS VITALISTAS Y ANTROPOLOGÍAS POS-CLÁSICAS

Axel Lazzari. CONICET, IDAES (UNSAM); axellazzari@hotmail.com

Asumimos el desafío de las antropologías vitalistas desde el muelle de la antropología pos-clásica construido de pilotes socio-culturales “puestos en práctica”. Surfeamos el oleaje de las antropologías vitalistas y gozamos golpeando y acariciando la península del humanismo antropológico. En esta ponencia queremos mapear un nuevo modo de habitar esta ecología teórica que siempre estuvo ahí. La Vida, el Ser en Devenir es el alimento “otro” que se desliza por debajo de la puerta para que el sujeto antropológico enclaustrado en la Razón pueda lanzar su Crítica. Ese fue el “arreglo” ideado desde que el cristianismo se sincretizó con el platonismo, mucho antes del “nunca-fuimos-modernos”. Sus obras (¿Occidente?, ¿sólo Occidente?) no se reconocen sin esa mancha oscura y confusa cuyo síntoma ha sido el misticismo y, en una cuerda menor, el romanticismo. Las filosofías de la vida de fines del siglo XIX no se cansaron de nombrarla y revolcarse en ella. Luego vino la maravillosa juventud tocando el límite de la vida en las dos Guerras Mundiales y otras más cercanas. Nos preguntamos: ¿cómo jugar este juego sucio? Repasaremos los modos de crítica antropológica pos-clásica y los modos de la crítica vitalista. Los “juntaremos” y luego indicaremos una puerta giratoria llamada fictocriticismo y subalternismo. Dicho de otro modo, ¿cómo presentir cuándo hay que ir “más allá de la naturaleza-cultura” para verle la cara a Gaia y a la Pachamama y cuándo hay que ir más acá del “más allá” de la comilona ontológica? ¿Estamos sugiriendo una bulimia metodológica?

Palabras claves: antropologías vitalistas, antropología pos-clásica, nunca-fuimos-modernos, tampoco judeo-cristianos.

OTROS MUNDOS Y OTRAS ANTROPOLOGÍAS

Amiel Ernenek Mejía Lara. Doctorando PPGAS/IFCH/Unicamp – Brasil;
ernenek13@gmail.com

Bruno Latour en entrevista (2015) reflexionaba sobre el final de capitalismo, su abordaje, sin embargo, era otro que un pronostico más del esperado naufragio por su propia contradicción. Lo ponía en otros términos, decía: “El capitalismo nunca será subvertido, no está hecho para eso. El capitalismo será aspirado hacia abajo, por así decirlo, por las alternativas que aparecerán en todas partes del mundo”.

Esta manera de presentar el asunto da pistas para pensar de forma crítica en al antropología, no solo por la relación de la disciplina como una forma de saber y poder dedicada a producir al otro dentro de aquello que han llamado de colonialidad/modernidad/capitalismo, sino también porque aquellos que buscan en ella un propósito descolonizador de prácticas y pensamientos no lo conseguirán, parafraseando a Latour, con la subversión de una antropología colonizante, “no esta hecha para eso”, será “absorbida para abajo” por esos otros mundos que, siguiendo la noción de simetría creativa en Wagner (2010), practica de una forma otra las relaciones de las que la antropología participa como disciplina.

Queda entonces preguntar ¿como definir antropología en este y otros mundos? ¿como pensar y practicar con esas otras formas de pensar y practicar el (o los) mundo sin encubrirla por la antropología como disciplina? ¿como multiplicar mundos? Para mostrar algunas posibilidades de ese camino reflexionare sobre la practicas de “palabra” y “silencio” zapatistas, así como la practica otra de “política” por los nahuas de la Sierra de Manantlán, en México, con las cuales ambos hacer otras relaciones que las que imaginamos inicialmente.

Palabras Clave: México, palabra, silencio, política, decolonialidad.

EN LAS REDES DEL CIPÓ: (NEO)CHAMANISMO, COSMOPOLÍTICAS Y DESCOLONIZACIÓN

Aline Ferreira Oliveira. Doctoranda, PPGAS/USP; aliferreiraoliveira@gmail.com

Esta ponencia tiene el fin de reflexionar sobre los fenómenos del (neo)chamanismo en sus varias acepciones, centrándose en las relaciones de no-indígenas con sujetos de dos grupos indígenas de la familia lingüística Pano: los Huni Kuin (“gente verdadeira”, también conocidos como Kaxinawá), que viven en el Rio Jordão, y los Yawanawá (“gente queixada”) que habitan las márgenes del Rio Gregório, en el estado del Acre. Si propone pensar estas nuevas relaciones, que se dan por el uso comun del cipó, como es llamada una bebida psicoactiva de origen amazónico también conocida como ayahwasca, en sus diversas manifestaciones - huni, uni, nixi

pae, oni, daime, vegetal, hoasca, medicina, abuelita, yagé...- y sobre la forma en que ella teje su red. Es, pues, de pensar el dicho “neo-chamanismo” - en términos de un (neo)xamanismo - mencionando algunas de sus controversias y proponiendo pensar en su impulso descolonizador que produce nuevas formas de relaciones entre los indígenas y no indígenas, trayendo autonomía a partir de concepciones otras a cerca de parcerías económicas, tecnologías, ciencias, género, etc. mediante alianzas rituales, políticas, xamánicas y matrimoniales. O sea, tratase de pensar el chamanismo en diálogo con los medios urbanos, mas allá de sus dimensiones terapéuticas, destacando sus formas cosmopolíticas en un mundo pensado y actuado bajo la interséccion entre la política y el cosmos.

Palavras chave: (neo)chamanismo, cosmopolíticas, red de la ayahuasca, Pano, Teoria Actor-Rede.

LA SOJA ANTE LA JUSTICIA PARAGUAYA

Kregg Hetherington. Univresidad de Concordia, Montreal; krether@gmail.com

Este artículo provee una respuesta etnográfica a la afirmación “la soja mata”, una frase comúnmente usada por militantes campesinos que viven en la frontera de la soja en Paraguay, la cual está en rápida expansión. En el contexto de los proyectos de modernización de Paraguay, desde los años 1960 en adelante, argumentos como este fueron fácilmente descalificados como irracionales o no-modernos. En este proceso, la importancia política y el potencial analítico de los granos fueron desechados, al igual que la vida y los análisis de los militantes rurales. A pesar de esto, los militantes con quienes trabajé, lograron librar batallas judiciales para poner a la soja que mata ante los tribunales paraguayos y que sea reconocida como una fuerza política en el país. Al hacer esto, también abrieron una posición analítica para la etnografía - aliada a la cosmopolítica de Isabel Stengers - que emerge de una situación de respuestas mutuamente suscitadas, más que de relaciones entre seres incluidos o excluidos del territorio político a través del criterio de la modernidad.

Palabras clave: Movimientos campesinos, responsabilidad, modernidad, no-humanos, Paraguay.

SESIÓN 4 – AUTONOMÍAS URBANAS Y MOVIMIENTOS

CONSENSO E DEVIR-DEMOCRACIA NAS ASSEMBLEIAS POPULARES DO RIO DE JANEIRO

Caio Lobato. Graduado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrando em Antropologia Social pelo PPGAS, Museu Nacional, UFRJ; cpereiralobato@gmail.com

Desde que o grito zapatista por um mundo de multi-mundos soou da selva Lacandona e ecoou subsequentemente na constituição do “movimento de movimentos” por uma alterglobalização, uma nova série de práticas cosmopolíticas surgiram e se disseminaram. Quase vinte anos após o surgimento da Ação Global dos Povos – e em grande parte em sua esteira -, pululam por todo o globo eventos de insurreições tributárias de novas formas do fazer político: com uma grande desconfiança dos modos tradicionais representativos, tendem a se articular em redes, primando pela descentralização e autonomia.

Casos emblemáticos como Occupy deram grande visibilidade ao constante processo entre novos movimentos sociais do experimentar de formas outras de democracia, procurando refundá-la através da descolonização de um pensar redutor que sempre a equipara à forma-Estado, comumente articulada na tríade de relação comando-obediência, coerção e representatividade. Nesse sentido, parcela crescente do meio comumente chamado de “esquerda radical” vem se organizado por processos deliberativos formais de consenso.

Tomando como base experiências etnográficas de observação participante nas “assembleias populares horizontais” surgidas na cidade do Rio de Janeiro na esteira das revoltas de junho de 2013, intenciono aqui explorar estes processos deliberativos enquanto a construção de um devir-democrático aberto e animado por um princípio ético de horizontalidade. Trata-se de um ensaio sobre uma tendência ontológico-política à imanência por meio de praticas organizacionais atravessadas por lógicas não hegemônicas de produção de afinidade, de decisões por sínteses disjuntivas de conexão transversal de heterogeneidades e por formas de figuração do futuro na prática presente.

Palavras-chave: Imanência política; deliberação por consenso; assembleias populares; Revoltas de Junho.

EL DESAFÍO DE CONSTRUIR EN MOVIMIENTO: APUNTES SOBRE FORMAS ALTERNATIVAS DE HACER POLÍTICA A PARTIR DE UNA EXPERIENCIA ETNOGRÁFICA EN LA COMUNIDAD EXPERIMENTAL VELATROPA

Leonardo Gutiérrez Calzadilla. Universidade Federal da integração Latino-Americana;
leonardo.calzadilla@unila.edu.br; leo_gc_3122@hotmail.com

En un sector del campus de la universidad de Buenos Aires se encuentra la comunidad experimental *Velatropa*. Esta comunidad, o eco-aldea, surgió hace varios años a partir de la iniciativa de algunos estudiantes, quienes decidieron ocupar, reforestar y utilizar un espacio verde donde se encontraban los cimientos de una construcción abandonada. Actualmente este espacio colectivo, el cual es auto-gestionado de manera autónoma (y en conflicto) en relación a la Universidad, se plantea como un Centro Experimental Interdisciplinario que busca poner en práctica formas alternativas de vida en sociedad. Su organización se da de una forma horizontal y sin autoridad, al mismo tiempo que existe un flujo de personas provenientes de diversos lugares que la van atravesando y transformando permanentemente con nuevas experiencias. Este tránsito hace con que la comunidad vaya cambiando de integrantes continuamente, y al mismo tiempo, hace con que se construyan vínculos con redes locales y globales de personas y organizaciones que comparten intereses y acciones políticas en común. A partir de la experiencia etnográfica de un proyecto en curso, en diálogo con algunos autores como Latour, Strenger, Annemarie Mol, entre otros, me propongo trazar algunas reflexiones que giren en torno al desafío que plantea Velatropa como experimento, el cual se basa en la construcción de una comunidad y una organización política autónoma en un contexto de movimiento e impermanencia, y a su vez, reflexionar a partir del proceso de confluencia de la diversidad y como esta se materializa en un orden político horizontal.

Palabras Clave: Autonomía. Cosmopolítica. Redes. Política. Horizontalidad.

“REDES SINDICAIS” INTERNACIONAIS: UM MOVIMENTO “ANTIGLOBALIZAÇÃO”?

Ariella Silva Araujo. Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais IFCH-UNICAMP. Grupo de *Pesquisa Contradições do Trabalho no Brasil Atual* (CTBA). Bolsista da FAPESP; araujoariella@gmail.com

A proposta dessa comunicação consiste em discutir as mobilizações que ficaram cunhadas como *movimentos antiglobalização/mundialização, alterglobalistas/mundialistas, contra-hegemônicas, ou antissistêmicas*, com o objetivo de inserir o debate sobre redes sindicais internacionais. Diante de um cenário em que classe, trabalho, e suas instituições de representação como associações e sindicatos, deixaram de ser categorias centrais para se pensar a transformação social em decorrência dos impactos da reordenação da acumulação capitalista, bem como do surgimento dos chamados “novos movimentos sociais”, o desafio consiste justamente em trazer ao centro do debate a participação do sindicalismo no contexto “pós-moderno” ou “pós-industrial”. A participação dos sindicatos nestas mobilizações antiglobalização/altermundialista fez-se presente e tal como as manifestações de Seattle de 1999, as redes sindicais também possuem tendências em seu interior. As questões que foram elencadas de forma geral para as mobilizações podem ser extrapoladas

também para o movimento sindical organizado em rede, uma vez que um dos objetivos da constituição e articulação internacional dessas redes é o enfrentamento ao poder que as “multinacionais” adquiriram com a nova etapa de internacionalização do capital. Procuraremos fazer uma discussão teórica, mas com elementos empíricos sobre a experiência em rede que o sindicalismo vem adotando no Brasil, por meio dos Comitês Mundiais de Trabalhadores de empresas como a Volkswagen e Mercedes-Benz.

Palavras-Chave: Redes Sindicais; Movimentos Antiglobalização; Comitê Mundial de Trabalhadores; Multinacionais.

A GER'AÇÃO DIRETA NO DF: REFLEXÕES SOBRE AS LUTAS SOCIAIS EM BRASÍLIA NA PRIMEIRA DÉCADA SÉCULO XXI

Paulo Henrique da Silva Santarém. Mestre em Antropologia na Universidade de Brasília e Doutorando em Transportes; paiquepaique@gmail.com

A presente pesquisa tem como eixo condutor a relação entre a atual geração do movimento estudantil na UnB e o processo contemporâneo de movimentos sociais no Distrito Federal. Trabalharemos a hipótese de que a Ação Direta é a principal característica deste período. Sua análise terá como parâmetro cinco eventos nos quais a participação de estudantes secundaristas e/ou universitários/as foi determinante: a Greve Nacional das Universidades Federais de 2001; a Luta pelo Passe Livre Estudantil e Contra o Aumento de Passagens de ônibus de 2004-2006; a Ocupação da Reitoria da UnB e a Luta pela Paridade de 2008; o Movimento Fora Arruda e Toda Máfia de 2009-2010; a Luta em Defesa do Santuário dos Pajés e contra o Setor Noroeste de 2011-2012. A análise será feita desde as recentes produções acadêmicas de ativistas sobre o movimento que apresentam diferentes características desta luta. Esta geração, que foi à tona a partir dos eventos relacionados às chamadas Jornadas de Junho em 2013, tem uma trajetória de pelo menos dez anos anteriores, que retomamos em pesquisa. Faremos, por fim, um balanço geral das principais contradições, limites e possibilidades desta luta, finalizando com uma breve comparação desta geração com outra, de 1968, também marcada por sua radicalidade.

ENTRE LA AUTONOMÍA Y EL RECONOCIMIENTO: LOS DESAFÍOS DE LOS BACHILLERATOS POPULARES EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Lucía Carnelli

Josefina Furfaro

Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires;

En el marco de este trabajo nos proponemos indagar acerca de los procesos organizativos de los Bachilleratos Populares de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires a partir del año 2008 – momento en el que se producen las primeras oficializaciones-, con el objetivo de reflexionar en torno al concepto de autonomía así como también sobre las demandas de reconocimiento de estas experiencias hacia el Estado. En este sentido, buscaremos analizar de qué modo los Bachilleratos logran desplegarse sobre la base de la combinación de estos elementos que parecen, en una primera instancia, como contradictorios: reconocimiento estatal y autonomía. Asimismo, haremos énfasis en observar de qué manera esta tensión opera en la particular problemática vinculada al financiamiento de dichas experiencias educativas.

Para esto, trabajaremos sobre el caso del Bachillerato Popular Villa Crespo impulsado por el Movimiento Popular La Dignidad, y el cual forma parte de la Red de Bachilleratos Populares Comunitarios. Nos interesa, teniendo en cuenta la particular trayectoria y las demandas específicas de dicha experiencia, hacer foco en su proceso de oficialización y su relación específica con el Estado a nivel del Gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

Utilizamos un enfoque metodológico cualitativo a través de la implementación de entrevistas que nos permiten profundizar sobre las perspectivas de los actores involucrados.

Palabras claves: Bachilleratos Populares - Autonomía – Movimientos Sociales – Educación Popular – Estado.

MORFOLOGIA E PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO PASSE LIVRE – DF

Adriana Coelho Saraiva. Doutora em Ciências Sociais – Centro de Pesquisa e Pós Graduação sobre as Américas – CEPPAC/ Universidade de Brasília;
adrianacsaraiva@gmail.com

Este trabalho volta-se para a compreensão do Movimento Passe Livre- DF, um movimento social autônomo surgido em várias cidades brasileiras a partir de 2004, que luta pela reestruturação dos transportes públicos urbanos e apresenta características bastante inovadoras frente ao cenário político local e nacional. Sua trajetória de ação, no Distrito Federal, está vinculada à constituição dos movimentos sociais autônomos e à formulação de uma concepção própria de direito à cidade. Adeptos da ação direta, os ativistas do MPL costumam partilhar a característica da multimilitância, ou seja, a atuação simultânea ou alternada em várias frentes de movimentos autônomos, se envolvendo intensamente com causas locais. A partir da luta pelo Passe Livre Estudantil e melhoria das condições dos transportes, o movimento constituiu noções elaboradas de mobilidade urbana, segregação espacial e segregação racial, que compõem sua visão de

direito à cidade. Em 2013, o MPL foi o movimento social que deflagrou o que passaria a ser mundialmente conhecido como as “Jornadas de junho” brasileiras.

Neste trabalho, pretendo abordar aspectos relacionados à morfologia do Movimento Passe Livre – DF, os princípios que norteiam a atuação do movimento e a forma como esses ativistas se relacionam entre si, com o MPL e com outros movimentos sociais autônomos ou não. Os dados aqui trabalhados referem-se à pesquisa etnográfica que serviu de base para a realização da tese de doutorado intitulada “Movimentos em Movimento: uma visão comparativa de dois movimentos sociais juvenis no Brasil e Estados Unidos”.

SESIÓN 5: RESISTENCIA Y MUNDOS MÁS ALLÁ DEL DESARROLLO

QUILOMBO SANTA ROSA DOS PRETOS: TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA, ÀS MARGENS DA ESTRADA DE FERRO CARAJAS

Ricardo Trujillo González mestrando del programa de posgrado en Ciencias Sociales de la Universidad Federal do Maranhão; trujiloric26@hotmail.com.br

En este trabajo, proponemos presentar los avances del proyecto de investigación en curso: *Quilombo Santa Rosa dos Pretos: Territorialidad, identidad e resistência às margens da Estrada de Ferro Carajas*, en el cual analizamos el proceso de constitución-reconstitución de territorialidad-identidad vivenciado por la comunidad negra Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru Mirim, Maranhão, en un contexto de disputa con la empresa minera VALE S.A que en 2014 inició el proceso de duplicación de la ferrovía que es parte integral del Proyecto Grande Carajas de extracción de fierro, el cual ha operado desde 1984. Buscamos mostrar las nuevas formas de imaginar y practicar las relaciones políticas, la economía, y la cultura, proyectadas a partir de la defensa del territorio mediante su apropiación y resignificación constante, destacando la propuesta discursiva-práctica del “territorio libre”, como potencia de ruptura con los discursos y prácticas desarrollistas promovidos por la empresa VALE S.A y el propio Estado brasileiro.

A RELAÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO SUBMERSO E A AÇÃO POLÍTICA INDÍGENA FRENTE À TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO NO SERTÃO DE ITAPARICA

Carla Souza de Camargo. Doutoranda em Ciências Sociais/IFCH – Unicamp/ Bolsista
Capes; carla@decamargo.com

Neste trabalho busco analisar a ação política indígena frente à transposição do São Francisco, a partir de minha pesquisa etnográfica realizada no sertão de Itaparica. Mais especificamente, busco debater como a atual ação política é informada e articulada por povos anteriormente impactados por outras obras de grande infraestrutura no Rio São Francisco, na microrregião de Itaparica. Desta feita, busco problematizar como a memória das remoções forçadas por conta da construção de duas usinas hidrelétricas, complexo Paulo Afonso e Luiz Gonzaga, formam as estratégias e ações políticas atuais frente à obra do canal Leste da Transposição do São Francisco. Interessante notar como o discurso em relação ao direito dos povos ao Rio Opará nunca transita em termos de propriedade. Para os povos indígenas enfocados nesta pesquisa – Tuxá de Rodelas, Pankararu e Pipipã –, o Rio não tem e nem pode ter dono, pois o São Francisco é uma morada de seus antepassados – agora transmutados na forma de Encantados. Toda uma cosmologia ecológica é acionada para explicar como o rio, suas cachoeiras, nascentes, olhos d'água e corredeiras são moradas de Encantados e como a preservação do rio – assim como da biota local – é necessária para a continuidade de sua existência, seja dos seres vivos ou Encantados, que partilham da mesma realidade. Neste sentido, na análise da resistência indígena frente à transposição do São Francisco, temos igualmente que analisar os componentes cosmológicos que compõem com a mediação político-jurídica exercida por lideranças e movimentos sociais, dificilmente levada em conta pelos agentes do desenvolvimento.

Palavras-chave: Ação política indígena – Índios do Nordeste – projetos de desenvolvimento.

RESISTÊNCIA E *COMUNALIDAD*, A DIALÉTICA DO ANTICOLONIALISMO EM OAXACA (MÉXICO)

Clarissa Noronha Melo Tavares Ceppac/UnB; clarissatavares3@gmail.com

O artigo traz reflexões sobre a situação vivenciada por comunidades indígenas do Istmo de Tehuantepec, no estado de Oaxaca, no México, ameaçadas pela instalação de um megaprojeto de energia eólica, chamado “Corredor Eólico do Istmo de Tehuantepec”. O projeto tem gerado diversos conflitos entre os governos municipais, estadual e federal, empresas transnacionais, camponeses e comunidades indígenas, e provocado danos visíveis ao meio ambiente, à organização social e ao modo de vida tradicional das populações. Nesse contexto, a reflexão, a partir de dados etnográficos, abrange as formas de organização dos povos indígenas locais visando reagir a esse cenário e reelaborando suas resistências aos padrões externos de desenvolvimento que tensionam as populações locais para liberarem suas terras tradicionais ao avanço capitalista. Veremos que os grupos se organizam a partir de suas referências históricas e socioculturais a fim de fortalecer sua identidade étnica, deter a posse e o usufruto de seus territórios e garantir o reconhecimento de direitos enquanto sujeitos coletivos. Buscaremos abordar de que forma a filosofia da *comunalidad* (Díaz, 2007 e Luna,

2002) indígena, baseada nos elementos comunitários próprios a cada *pueblo* (terra, trabalho, poder e disfrute comunais), fornece elementos para as ações contemporâneas de resistência anticolonial indígena na região.

GARIMPO DE MULHERES. REAGREGADO DE ATORES DA MINERAÇÃO TRADICIONAL DE DIAMANTES E CONFLITO SOCIOTÉCNICO

Loredana Ribeiro. Departamento de Antropologia e Arqueologia – DAA/UFPel;
loredana.ribeiro@gmail.com

O trabalho proposto baseia-se num estudo etnográfico-arqueológico da mineração tradicional orientado por uma perspectiva ontológica e feminista. Práticas tradicionais de extração mineral são sustentadas desde o século XVIII em pequenos povoados espalhados pela região montanhosa de Diamantina, Minas Gerais, Brasil. Frente às ações do estado, de cientistas e da mineração capitalista desde o final do período colonial, nos coletivos locais antigas técnicas, lugares e pessoas se reagregaram numa forma de garimpo localmente tratado por „garimpo de mulheres”. Rastreamento as interações entre diamantes, jazidas (“sítios arqueológicos”), assombrações, mulheres e crianças, se discute esta específica rearticulação de atores que favoreceu a manutenção do garimpo na região ao menos até o final do século passado.

GT 74. PERFORMANCES PÚBLICAS. ESTUDIOS SOBRE SITUACIONES, COMPETENCIAS Y DISPOSITIVOS DE LA ACCIÓN EN PÚBLICO

Coordinadores:

Dr. Gabriel Nardacchione. Institución: Investigador Adjunto y docente en el CONICET y en la UBA (Instituto de Investigaciones de Ciencias Sociales “Gino Germani”).
gabriel.nardacchione@gmail.com

Mg. Ornela Alejandra Boix. Institución: Docente e investigadora en IdIHCS-UNLP-

CONICET. ornelaboix@gmail.com

Comentarista: Lic. Denise Osswald. Institución: Docente e investigadora en Idaes-UNSAM-CONICET. denjoh77@yahoo.com

Sesión 1: Rituales y performances artísticas como formas de reconocimiento público

SOMOS MARGARIDAS EM MARCHA, SOMOS MARGARIDAS EM LUTA: REFLEXÕES SOBRE UMA MARCHA POLÍTICA COMO RITUAL

Vilênia Venâncio Porto Aguiar

UNICAMP; vilenia@floripa.com.br

Em agosto de 2000, com o lema: “*2000 Razões para Marchar Contra a Fome, a Pobreza e a Violência Sexista*”, ocorreu em Brasília, uma das maiores manifestações públicas de mulheres do campo e da floresta do Brasil e da América Latina: a Marcha das Margaridas. Desde de então ela passou a ocorrer a cada 4 anos. Organizada pela Secretaria de Mulheres da Contag em articulação com vários movimentos e organizações de mulheres e /ou feminista, a Marcha produz uma intensa mobilização da população rural e urbana, da imprensa, do governo, dos partidos políticos, ganhando visibilidade pública e expressão política. Cada Marcha é um evento único e especial, com referência a uma data específica: o assassinato de Margarida Maria Alves, líder sindical. Através de uma multiplicidade de recursos de fala, expressões artísticas, música, discursos, palavras de ordem, gritos, danças, ela apresenta um aspecto comunicativo que lhe é peculiar, podendo ser considerada um evento performático eficaz, que se reveste de um forte impacto simbólico. Apesar de apresentar uma natureza pacífica, suas características, em geral, apontam projetos de transformação, se apresentando como um ritual político potencialmente transformador e obtendo, como tal, reconhecimento público. Nos propomos aqui a tecer algumas reflexões sobre sua expressão e capacidade performática, seus efeitos políticos e os sentidos e significados que lhe são atribuídos, em diálogo com as contribuições teóricas de Victor Turner e Stanley Tambiah.

Palavras-chave: Marcha das Margaridas; mulheres do campo e da floresta; ritual; performance; experiência.

-

ESTRATEGIAS DE CONSAGRACIÓN EN EL CAMPO PIANÍSTICO: SOBRE LA RACIONALIDAD PRÁCTICA DE LOS ACTORES Y LA CONSTRUCCIÓN DE ARENAS PARA LA INTERACCIÓN/ DISPUTA

Sciurano, Guido Alejo. Universidad Nacional de General Sarmiento (Argentina);
sciurano@gmail.com

Esta investigación es el resultado de un trabajo de campo realizado entre los meses de Julio del año 2014 y Agosto del corriente año; el problema gira en torno a la identificación de los criterios y estrategias de consagración en el campo pianístico argentino, evaluado desde la perspectiva de los propios pianistas. Si bien para la producción de datos predominó un enfoque etnometodológico, se han empleado herramientas y conceptos propios de las nuevas sociologías pragmático y pragmatistas con el fin de organizar dichos datos y dar cuenta de ciertos fenómenos: interesa particularmente captar las estrategias empleadas por los agentes para poner a prueba las normas propias del campo (en este caso los dispositivos del concurso y el patronazgo estatal como medios y criterios que determinan la consagración), así como también sus acciones orientadas conscientemente a producir arenas alternativas donde sus competencias particulares maximicen la probabilidad de éxito. Como resultado de la investigación se ha encontrado que, si bien en la dimensión discursiva los pianistas identifican la consagración y los medios para alcanzarla de manera bastante esquemática y acorde con la normativa académico institucional, sus prácticas evidencian el uso de medios mucho más variados y un intento constante por reconfigurar y legitimar las arenas de interacción en las que se desempeñan, con el fin de hacer valer en un contexto signado por la competencia, sus habilidades y atributos diferenciales.

Palabras clave: campo pianístico; estrategias de consagración; enfoque etnometodológico; sociologías pragmático y pragmatistas; lógica de la acción.

AGITO CULTURAL – MEMÓRIA E ETNOGRAFIA NA BAIXADA FLUMINENSE

Gisela Barros, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ

Orientador: Hélio R. S. Silva, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ.

A apresentação conterá reflexões iniciais da pesquisa que estamos desenvolvendo no PPG em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da FEBF/UERJ. Trata-se de uma etnografia retrospectiva do Grupo Agito Cultural, construída a partir de entrevistas com seus integrantes e atores sociais envolvidos, relacionando a memória dos atores e do grupo, recuperando representações e relatos em torno do seu projeto e de sua recepção, identificando nos discursos traços comuns e distintos entre seus integrantes, agentes culturais, membros dos movimentos sociais, políticos, parceiros e o público dessas intervenções. O objetivo é construir um painel com esse conjunto de representações partilhadas ou divergentes, suas significações e valores comuns ou não que se inscrevem na ação do grupo e em suas interações com seus parceiros e públicos.

Grupo de teatro de Nova Iguaçu/RJ, o Agito Cultural atuou, de 1991 a 1997, e buscou em um contexto de inexistência de políticas públicas de fomento à cultura, assim como de saneamento básico, educação, transporte, saúde, iluminação, segurança— o próprio espaço público, ruas e praças da cidade, como *locus* de seu trabalho. Construiu através do “teatro de encomenda” uma parceria com os movimentos organizados para viabilizar os recursos para essa intervenção.

O estudo colabora para a reflexão sobre as contribuições da arte como instrumento de crítica e transformação social, na Baixada Fluminense, região periférica onde vive uma população de quatro milhões de habitantes. Do ponto de vista teórico e metodológico, outra reflexão se insinua: o sentido social da memória e suas possibilidades heurísticas.

Palavras-chaves: Etnografia, memória, público, teatro, Baixada Fluminense.

-
-

LOS LÍMITES DE LA VISIBILIZACIÓN: RECONOCIMIENTOS Y DESCONOCIMIENTOS DE LA DANZA CONTEMPORÁNEA EN ESPACIO PÚBLICOS URBANOS DE LA CIUDAD DE LA PLATA

Ana Sabrina Mora. GEC-CICES-IdIHCS-UNLP / CONICET (Grupo de Estudio sobre Cuerpo. Centro Interdisciplinario Cuerpo, Educación y Sociedad. Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de La Plata. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.)
sabrimora@gmail.com

Durante el año 2013 en la ciudad de La Plata (capital de la provincia de Buenos Aires) se realizaron distintos festivales en espacios públicos. Estos festivales, que abarcaron diferentes prácticas artísticas, se propusieron como modos de intervención estético-política en la ciudad; además, algunos de ellos estuvieron estrechamente vinculados con

asociaciones de artistas de formación reciente. Dos de los festivales realizados ese año en espacios públicos urbanos implicaron a la danza contemporánea: Diagonales y Danzafuera; con pocas semanas de diferencia, en ambos casos cursando su primera edición, fueron producidos por distintos colectivos. Meses después, el 29 de abril de 2014, ACIADIP (una asociación platense del campo de la danza, recientemente conformada y organizadora de Danzafuera) emprendió otra acción en el espacio público del centro platense, conocida como el “29A”, que se realizó en paralelo en distintos puntos del país acompañando la presentación de la Ley Nacional de Danza. En esta ocasión propongo dilucidar y discutir las visiones que se produjeron en los festivales de danza mencionados y en las asociaciones de artistas vinculados con ellos, tomando en cuenta a los organizadores, los artistas y los espectadores. Interesa fundamentalmente analizar el modo en que se presentaron como prácticas artístico-políticas, las maneras de intervención que propusieron de los espacios de la ciudad, los efectos producidos, los focos de interpelación, las grupalidades construidas, los modos de relacionarse con otras danzas que también han intervenido esos mismos espacios, los sentidos vinculados con el hecho de realizarse en el espacio público de la ciudad y el tipo de espacio público que por medio de estas intervenciones es producido.

-

LA INAUGURACIÓN OFICIAL DE LA COSECHA DEL ARROZ COMO RITUAL POLÍTICO DEL URUGUAY

Emilia Abin. Asistente proyecto CSIC Rituales políticos del Uruguay contemporáneo. Centro Universitario Regional Este CURE, Udelar; emiliabin@gmail.com

La Inauguración Oficial de la Cosecha del Arroz es una ceremonia que se organiza todos los otoños desde 1997 casi al terminar el período de siega (de marzo a mayo). A diferencia de otros actos similares este no tiene sede fija. Año a año peregrina por las tierras del arroz, cambiando de anfitrión.

En esta instancia se propone presentar y analizar la Inauguración Oficial de la Cosecha del Arroz como ritual político que si bien se realiza pasado el tiempo de la cosecha, da simbólicamente inicio al ciclo agrícola de unos de los productos de exportación más importantes del momento.

En el acto simbólico de la cosecha se reúnen como pares las autoridades: por un lado, los arroceros asociados con su Presidente –Asociación de Cultivadores del Arroz-, por otro, el presidente de la República y el Ministro de Ganadería Agricultura y Pesca. Los testigos del encuentro que dan veracidad a lo ocurrido son los miembros de la ‘gran familia arrocera’ y representantes de la prensa regional y nacional no necesariamente especializada en la temática agropecuaria.

Este ritual consta de una performance claramente definida, previamente establecida. Una primera instancia de la palabra, de las ideas, donde ambas presentan sus descargos, críticas, justificaciones y recuerdan las buenas acciones realizadas. Luego viene el

tiempo del cuerpo, de la acción. Juntas, porque sólo juntas pueden/quieren hacerlo, las autoridades se suben a la inmensa máquina cosechadora y comienzan a “trabajar” para cosechar el arroz asegurando así una buena unión entre el Estado y los productores de arroz.

Rituales políticos / performance / Estado / Arroceros.

DE LO HERÉTICO DE LLORAR EN LA PLAZA PÚBLICA. MODOS DE HACER POLÍTICA DE UN GRUPO DE ARTISTAS FEMINISTA DE LA PROVINCIA DE CÓRDOBA

Lic. Sofia Menoyo –SeCyT – UNC. Área FemGES –CIFFyH – UNC. Doctoranda en Cs. Antropológicas UNC

Nos proponemos reflexionar sobre algunas formas contemporánea en las que se expresa el arte político, partiendo de la performance artística “perseverantemente triste y sin embargo nunca muere” realizada en la Plaza San Martín de la Ciudad de Córdoba, por un grupo de mujeres artistas en el marco del día internacional de acción por la salud de las mujeres: 28 de mayo, fecha clave para la agenda feminista. A través de la observación participante, registro fílmico y fotográfico de la performance, y conversaciones breves con cada una de las artistas participantes nos propusimos reconstruir los sentidos que las protagonistas construyen en torno a dicha producción, su relación con la política feminista y el hacer arte por medio del cuerpo.

Nos interesa recuperar el porque a través de una performance, el porque de intervenir con el cuerpo el espacio público y el porque de elegir una fecha clave para el movimiento de mujeres como contexto.

A partir de estas indagaciones pudimos identificar significaciones que refieren al propio hacer artístico profesional, al rol dentro de la Institución arte y a los fines o efectos, en términos de Ranciere, persigue el arte político. Significaciones que entran en disputa con los sentidos más hegemónicos o cristalizados dentro de dicha institución arte y que generan contradicciones cuando no dificultades para protagonistas.

-

-

Sesión 2: Argumentos públicos y organizaciones políticas

“AGRICULTOR NA RUA, FUMAGEIRA A CULPA É TUA”: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMIDADE E DISPUTAS SILENCIOSAS NAS AUDIÊNCIAS

PÚBLICAS EM REGIÕES DE TABACO NO SUL DO BRASIL

Carlise Schneider Rudnicki

Este trabalho busca compreender as tensões que se materializam entre os interesses públicos e privados a partir das diferentes estratégias discursivas e argumentos presentes nos pronunciamentos de organizações públicas e privadas na mídia e em discussões públicas. Ao validarem suas falas e, em algum nível, neutralizar e/ou desqualificar o discurso da alteridade, ambos os lados se perdem há consequências destas ações para questões de organização e mobilização social no que tange a possibilidades de desenvolvimento regional. Analisam-se os resultados de uma pesquisa empírica que tem como base o trabalho de campo de pós-doutoramento da autora e trata sobre as experiências de intervenção no espaço público, mais especificamente relacionada a reivindicações políticas que, à priori, excedem as configurações institucionais. De um lado tem-se as ONGs e órgãos do governo que, assumindo o tema saúde pública como sendo de inquestionável interesse público, evidenciam os danos sociais, culturais e econômicos que o tabaco gera à saúde pública e, discursivamente, procuram desqualificar as organizações da cadeia produtiva do tabaco; de outro lado, as organizações do setor tabagista também tornam presente a ideia do interesse público à medida que ressaltam o argumento da liberdade individual de escolha, ou seja, o direito de os sujeitos poderem optar por fumar ou não. Nestes espaços de tensionamento encontram-se os agricultores do tabaco. Assim, na arena discursiva das audiências públicas realizadas na região, tem-se a disputa entre os interesses públicos e privados. Para compreender este cenário foram realizadas entrevistas em profundidade e observação participante durante mobilizações e audiências públicas no Vale do Rio Pardo. Por esse motivo, tem-se como referencial teórico as discussões sobre comunicação como produção e disputas de sentido, ou ainda, “efeitos” de sentido (BALDISSERA, 2009; OLIVEIRA, 2009), democracia e esfera pública (GOMES, 2007; WEBER, 2009) e discussões públicas (GANSOM, 2011). Como método de análise das falas utilizou-se a “Análise do Discurso (AD)”. Para a AD o discurso é a ação do sujeito sobre o mundo, uma “vontade de verdade”, uma forma de os sujeitos marcarem suas posições nas arenas de disputas (ORLANDI, 1996). Como resultados verificou-se entraves nas possibilidades de uma real mobilização social dos agricultores de tabaco, bem como para a implementação de políticas de saúde pública nas regiões que cultivam tabaco no sul do país. A frase repetida por dezenas de agricultores nas ruas, em maio de 2015 - “Agricultor na rua, fumageira a culpa é tua”-, demonstra a relação problemática em que ocorrem ações de mobilização e participação social dos produtores de tabaco no sul do Brasil.

-

**"SI NO NOS DEJÁIS SOÑAR, NO OS DEJAREMOS DORMIR."
APROXIMACIÓN COMPARATIVA A LOS PROCESOS DE SUBJETIVIDAD
POLÍTICA EN LAS ASAMBLEAS BARRIALES DE BUENOS AIRES (2001-**

2002) Y MADRID (2011-2013)

Ernesto García López. Doctorando del Departamento de Antropología Social y Pensamiento Filosófico Español. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Autónoma de Madrid (España).

Personal Investigador en Formación (PIF) en dicho departamento. Profesor asociado en Duke University in Madrid. Profesor-tutor en el Grado de Antropología de la Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) en Madrid. Coordinador del Grupo Temático "Antropología y Movimientos Sociales" del Instituto Madrileño de Antropología (IMA); ernesto.gar.lopez@gmail.com

Tras el impacto de la crisis y las jornadas de manifestación popular del 19 y 20 de diciembre de 2001, vecinos de diferentes barrios de la Ciudad de Buenos Aires comenzaron a reunirse con regularidad y a funcionar bajo la denominación de asambleas. En agosto de 2002 más de cien de esas asambleas se desplegaban por toda la conurbación, generando un potente movimiento de acción política colectiva cuya coordinación se llevó a cabo mediante asambleas interbarriales. Madrid, 15 de mayo de 2011. Diez años después. Con motivo de la crisis económica europea y la aplicación de un intenso paquete de ajuste por parte del gobierno español, se convoca una manifestación que deriva en acampada ciudadana en la Puerta del Sol de Madrid y en el surgimiento del Movimiento 15-M (los "Indignados"). Tras un mes de acampada, se decide proseguir la movilización mediante asambleas populares barriales. Para ello se efectuó un llamamiento generalizado el 24 de mayo de 2011 con el fin de que las personas que desearan organizar asambleas locales se pusieran en contacto entre sí. El 28 de mayo tuvieron lugar las primeras en Madrid y reunieron alrededor de 30.000 personas. En pocos meses había asambleas barriales en casi todos los distritos de la ciudad que se conectaban entre sí por medio de una asamblea interdistrital (la Asamblea de Pueblos y Barrios de Madrid). La presente comunicación pretende desarrollar una mirada comparativa de ambos procesos a partir de las trayectorias militantes, las vivencias, las emociones y las experiencias sociales encarnadas de sus activistas, para lo cual se adoptará una posición epistemológica vinculada con la antropología de la subjetividad y el estudio etnográfico de los movimientos sociales.

Palabras clave: Subjetividad. Antropología Política. Movimientos Sociales. Experiencia social.

A “PONTA” DO ESTADO EM MANGUINHOS: A CONSTITUIÇÃO DE ARENAS PÚBLICAS NO CONTEXTO DAS MARGENS

Mila Henriques Lo Bianco. Mestrado IPPUR/UFRJ (Orientadora: Soraya Silveira Simões); mila.lobianco@gmail.com

Com as intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento no conjunto de favelas de Manguinhos, um novo cenário político vem se configurando no local. Enquanto um dos resultados mais visíveis das obras, o “Centro Cívico” reúne uma série de equipamentos que oferecem serviços públicos variados à população. Novos usos não setorizados e significados imprevistos são atribuídos constantemente a esses espaços concebidos e construídos a partir da articulação causal entre as ideias de urbanização e cidadania. Reuniões organizadas pelos diferentes movimentos e grupos locais, tal qual o Conselho Comunitário de Manguinhos, evidenciam o processo de constituição de arenas públicas no contexto das margens. Com trabalho de campo realizado entre 2013 e 2015, acompanhei situações sociais, nas quais disputas e engajamentos múltiplos foram travados em torno dos sentidos, funções, responsabilidades, deveres e direitos daquilo que se entende e se evoca enquanto “Estado”, tendo em vista os mais variados interesses e poderes em jogo. Com uma etnografia voltada para a dimensão cotidiana da política, tal como vivida e experimentada localmente, pretende-se mapear trajetórias, redes e arenas dos “homens simples” que têm suas vidas atravessadas pelas intervenções estatais ou que atuam como representantes e funcionários do poder público no território e que tomam pequenas decisões diariamente capazes de redefinir provisoriamente, nas brechas, os rumos e resultados mais imediatos e circunscritos de determinadas políticas públicas.

Palavras-chave: Arenas – Estado – Margens – Manguinhos – Urbanização.

JORNADAS DE JUNHO E SUAS CONTINUIDADES: UMA ETNOGRAFIA DE MANIFESTAÇÕES SOCIAIS NO RIO DE JANEIRO

Marina Monteiro. Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC); mm_mamonteiro@yahoo.com.br

Para esse trabalho trarei algumas discussões que tenho realizado em minha pesquisa etnográfica, em andamento, com movimentos sociais e manifestações de rua na cidade do Rio de Janeiro, RJ, que tem como foco as Jornadas de Junho e suas continuidades.

Em junho de 2013 ocorreram no Brasil diversas manifestações que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho. Milhares de pessoas foram às ruas em diversas cidades do país e, organizadas politicamente ou não, formaram uma massa heterogênea, com objetivos e pautas diferentes. Posteriormente, essa pulverização de pautas fez com que junho fosse

considerado um fenômeno misto, difícil de entender e dotado de novas formas de conceber política que se distanciam do que se costumava entender por fazer política. Entendendo aqui as Jornadas de Junho como esse fenômeno heterogêneo cujos significados encontram-se ainda em disputa, minha pesquisa tem como objetivo trazer especificamente as experiências de pessoas anarquistas, libertárias e/ou que não se identificam com a política partidária, procurando trazer para o debate suas concepções e ações políticas e quais sentidos atribuem às manifestações atuais.

Além de pesquisar com movimentos sociais e ativistas sobre suas participações políticas, também trago para discussão a questão da repressão e criminalização policial e jurídica dos movimentos sociais e suas implicações para pensar nos modos de fazer política hoje, mas também para discutir as potencialidades e limites da realização de uma pesquisa antropológica com pessoas e grupos passíveis de criminalização e que esteja comprometida metodológica e eticamente com os possíveis riscos para os envolvidos e suas causas.

Palavras-chave: Manifestações urbanas; Antropologia Política; Movimentos Sociais.

-

-

SABERES COTIDIANOS DE DOS REFERENTES DE UN MOVIMIENTO SOCIAL DE LA CIUDAD DE CÓRDOBA (ARGENTINA). TENSIONES ENTRE LO TERRITORIAL Y LO EDUCATIVO

Lucía Caisso.
CIFYH-UNC; luciacaisso@hotmail.com

En esta ponencia presento un análisis etnográfico de *saberes cotidianos* apropiados por dos sujetos en función de su militancia como referentes de un movimiento social. El objetivo del escrito es reconstruir -a partir de diversos aportes de la antropología política y de la antropología de la educación- los itinerarios políticos y vitales de estos dos sujetos, buscando ponerlos en relación con transformaciones socio-políticas y económicas que tuvieron lugar en Argentina a lo largo de la década de 2000. En la reconstrucción de esos itinerarios es posible reconocer como campos de militancia política diferenciada las *actividades territoriales* (orientadas a la *gestión* de bienes materiales destinados a pobladores de barrios marginales de la ciudad) y las *actividades educativas* (asociadas a experiencias como los Bachilleratos Populares y realizadas en asociación con una nueva generación de activistas). Entre los sentidos de la militancia *territorial* y la *educativa*, el análisis de los saberes cotidianos de estos referentes nos permite vislumbrar transformaciones históricas, tensiones inter-generacionales y una construcción mutua –aunque desigual- de movimientos sociales y estado.

Palabras clave: saberes cotidianos- militancia- apropiación- movimiento social- gestión.

-

GT 75. SOBRE HACER Y DESHACER: ALIMENTOS Y VENENOS EN TIERRAS ALTAS Y TIERRAS BAJAS

Coordenadores: Francisco Pazzarelli (CONICET/ Universidad Nacional de Córdoba), Indira Caballero (Museu Nacional PPGAS/UFRJ), Miguel Aparicio (Museu Nacional PPGAS/UFRJ).

Comentarista: Luisa Elvira Belaúnde (Museu Nacional PPGAS/UFRJ)

-

Sesión 1: Humos dulces: tabacos, mieles, relaciones y puntos de vista

DA FUMAÇA AO TABACO: ALGUNS ASPECTOS DO USO DO TABACO NO XAMANISMO GUARANI

Ana Coutinho. PPGAS Museu Nacional/UFRJ; anagnc@gmail.com

A partir de uma variedade de fontes (mitos, bibliografias especializadas e dados de campo) dos grupos Guarani, buscaremos apresentar alguns aspectos dos chamados elementos do “entorno da cozinha”, como o mel e o tabaco. Estabeleceremos relações de contiguidade e diferença entre eles a partir de suas derivações infra e supraculinárias: a fumaça, as cinzas, a cera de abelha. Essas derivações são conjugadas a qualidades sensíveis do som (e do anti-som) por meio dos cantos, dos ruídos e do silêncio.

Na bibliografia guarani sobre o tema do xamanismo, o tabaco ocupa lugar central. A planta (pety) fumada/queimada no cachimbo atua junto aos trabalhos realizados na casa de rezas (opy) e auxilia o xamã guarani (ñanderu) em diversas atividades rituais – que concentram elementos supraculinários e sonoros. A relação entre ñanderu e o tabaco pode ser pensada como auxiliar intensiva, na qual a comunicação com os deuses e outros mundos não só se atualiza como é potencializada. No xamanismo guarani, tal como será analisado neste trabalho, as chamadas “derivações” do mel e do tabaco tornam-se cruciais, pois podem desencadear tanto processos de conjugação quanto de

disjunção.

Palavras-chave: Xamanismo; Guarani; Tabaco; Lévi-Strauss; Cantos; Ritual

TABACOS DE ÍNDIOS: UM EXERCÍCIO COMPARATIVO ENTRE ALGUNS GRUPOS DA AMÉRICA DO SUL

Ellen Fernanda Natalino Araújo. PPGA Universidade Federal Fluminense;
ellenfernanda.araujo@gmail.com

Visando debater e aprimorar a pesquisa bibliográfica que realizo para composição de minha dissertação de mestrado, compartilho tal estudo cuja proposta é reunir e traçar comparações entre distintos casos etnográficos dos usos do tabaco entre grupos indígenas da América do Sul. O importante trabalho (*Tobacco and Shamanism in South America*) de Wilbert (1987) constitui-se em ampla sistematização das diversas modalidades de uso dessa planta entre 290 grupos. Colocando em jogo a ontologia moderna segundo a qual um elemento da natureza (invariável) adquire um significado cultural (variável), o autor elenca os exemplos etnográficos de modo a revelar as “representações” que os indígenas criariam para o tabaco. Em movimento diferente, almejando colocar de lado o grande divisor natureza/cultura, a pesquisa em curso fundamenta-se na proposição de compreendermos o tabaco não enquanto um ente natural, mas como uma multiplicidade ontológica – buscando conhecer, portanto, as diversas concepções indígenas implicadas na caracterização e uso dessa planta. Tais concepções estão elaboradas principalmente nos discursos cosmológicos, pelos quais o tabaco se desdobra em distintas substâncias, com diferentes propriedades e potencialidades. Alimento primordial entre os Hupd’ãe, intoxicante entre os Araweté. Capaz de conferir concentração entre os Guarani-Mbya e embriagar os Yudjá. Enfraquecer os Yawalapíti e tonificar os corpos dos Matsés. Transformar objetos em pessoas entre os Aweti; e pessoas em deuses e animais, entre os Araweté. Tais diferenças colocam-nos diante da equivocidade que parece própria a essa planta no continente sul-americano, e pode nos permitir conhecer não apenas variados tabacos, mas também modos de transformação a ele vinculados.

Palavras-chaves: tabaco, multiplicidade ontológica, diferença, transformação.

LA LÓGICA REVERSA DEL TABACO Y DE LOS VENENOS ARAWA

Miguel Aparicio. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro;
mgl.aparicio@gmail.com

En la mitología Arawa de la Amazonía occidental, el origen del tabaco se concibe “en clave de agua”, mientras que la presencia de esta planta en la vida cotidiana, el ritual, el chamanismo y la caza muestra, paradójicamente, un movimiento “en clave de fuego”. El tabaco, así como los venenos, revela para los grupos indígenas de la cuenca del Purús un cromatismo genuino, y se sitúa en el marco de la “mitología regresiva” que Lévi-Strauss encontró en otros contextos amerindios. Al analizar las narrativas Arawa, se observa cómo al tabaco se le clasifica como alimento (convive con las plantas comestibles en las huertas), pero sus efectos eméticos, estupefacientes o tóxicos permiten situarlo entre los antialimentos. Asociado a otros venenos, el tabaco opera como disyuntor entre el punto de vista humano y el punto de vista inhumano. Tabaco y venenos operan una lógica reversa, que transforma las presas en predatoras de sus predadores. Para revertir la discontinuidad radical que hay entre los humanos y sus enemigos, el chamanismo realiza un movimiento de extrema densidad cromática a través de los venenos: el tabaco se asocia al curare de las flechas, al veneno de las serpientes y a los barbascos, venenos piscicidas que oscilan entre el efecto de sus propiedades ‘naturales’ y el control ‘cultural’ que los humanos ejercen al usarlos. En los mitos Arawa – Suruwaha, Banawa, Deni, entre otros –, el cromatismo de los venenos del chamán altera la diferencia diatónica entre presas y predadores, y revierte el orden inestable del cosmos.

Palabras-clave: Tabaco, Venenos, Arawa, Chamanismo, Mitología.

OS KRAHÔ E O ‘KAPRAN’

IAN PACKER. PPGAS Unicamp; ian.packer85@gmail.com

É bastante conhecido o apreço dos povos ameríndios por substâncias capazes de alterar a consciência e a percepção e diversas etnografias já foram consagradas ao uso ritual que fazem da ayahuasca, do tabaco, da coca e de bebidas fermentadas, todas elas substâncias nativas do continente americano. Pouco se sabe, contudo, do uso que esses mesmos povos fazem de substâncias psicoativas “exógenas”, que a eles chegaram com o contato (ou não). Essa apresentação pretende discutir o uso que os Krahô fazem da *Cannabis Sativa*, a que atribuem uma origem ao mesmo tempo “histórica” (“aprendemos com os Canela, que aprenderam com os Guajajara, que aprenderam com os pretos do Maranhão”) e “mítica” (“foram os porcos-queixada que nos ensinaram a fumar”) e a que atribuem diversos benefícios e malefícios. Trata-se de compreender como o *kapran* (“jaboti”, termo com o qual a maconha é designada na língua nativa) passou a fazer parte da vida dos Krahô, e isso a partir de um duplo ponto de vista: de suas roças e de sua intensa vida ritual. Vale lembrar que, como aponta a etnografia clássica e à diferença de povos Tupi, Pano, etc, os Krahô, como os Jê em geral, são tradicionalmente desprovidos de bebidas fermentadas e alucinógenos, seu uso destes sendo assim plenamente “contemporâneo”.

Palavras-chave: Krahô / Ritual e agricultura / Circulação de conhecimentos /

Substâncias psicoativas / Etnologia indígena.

CULTURE, NATURE AND SURNATURE: FOOD, POISONS AND PSYCHOTROPS IN THE TEKOS CULTURE IN FRENCH GUIANA

Eric Navet. University of Strasbourg, Institute of Anthropology;
eric.nivet47@gmail.com

According to their mythical traditions, the Tekos Indians (formerly known as the Émerillons), a Tupi-Guarani tribe of about 500 members living in French Guiana keep alive the tradition of the Terre sans mal (*Alapukup* in their language), a world without harm which cannot be realized in this living world that *WÉlakala*, the Creator in the teko tradition, made up from a vision. Any living world must be dual. For well being to exist there must be ill being : disease, death, social and individual disorders ; every quality of sensible, every sensation, as well as every sentiment has his counterpart : edible and poison, cold and hot, pleasure and displeasure, love and hate, etc. The reference site, the Terre sans mal which gives sense and meaning to all things and beings, out of the time and space which define the Living remains accessible through dreams (*-poa*), the use of psychotropes, ordinary (manioc beer, *kuku*) and extraordinary (the latex of *Takweni* tree), and the action of the chaman (*padze*) that I define as a repairer of disorders. Participating to the reestablishing of all disorders physical, mental and spiritual and a “*réenchantement du monde*”, all substances you put in their mouth and swallow : food or poison, or psychotropes, allow us through transformations and metamorphosis they are made of and they produce themselves, to live or die in *this* world.

Keywords: Tekos Indians, Guyana, psychotropes, *Terre sans mal*, Living World.

Sesión 2: Fermentar o morir: cauim, chicha, fluidos, relaciones y personas

BEBIDA, ROÇA, CAÇA E AS VARIAÇÕES DO SOCIAL

Júlia Otero Dos Santos. Universidade de Brasília; juliaoterosantos@gmail.com

Este trabalho debruça-se sobre as formas com que os Arara, povo falante de Tupi Ramarama e habitante da região do rio Machado, falam de sua socialidade por meio da produção e consumo de *namek* (bebida doce ou fermentada), do compartilhamento da caça e da configuração e produtividade de suas roças. Busco como mostrar como essas

materialidades – bebida, caça e roça – possibilitam que meus anfitriões façam e desfaçam as mais variadas escalas do social: uma pessoa, uma família, um grupo doméstico, uma aldeia ou um povo.

A produção, circulação, compartilhamento e consumo dessa bebida e alimentos criam espaços-tempos particulares (Munn 1985) que são percebidos ora sob o signo da semelhança, ora da alteridade. Assim, tomar bebida *doce* ou *azedada*, cozinhar e compartilhar uma presa *inteira* ou *em pedaços* ou fazer uma roça *individual* ou *coletiva* são distinções que apontam para um contraste entre uma vida entre si e uma vida entre outros, conforme proposto por Tânia Lima (2005).

No âmbito da bebida, p.e, a ingestão da versão doce costuma ocorrer no seio familiar e é considerada fundamental para a fabricação dos corpos *xopût* (fortes) dos bebês. Em contraposição ao leite de vaca, que atualmente alimenta as crianças desmamadas e pode ser considerado um anti-alimento em alguns contextos, a bebida doce protege a criança contra doenças. Já o consumo da azedada, praticamente abandonado pelos Arara nos últimos anos, costuma ocorrer em contextos rituais, quando as pessoas e famílias encontram-se entre outros.

A bebida, a roça e a caça, enquanto objetivações das relações sociais, também são o idioma por meio do qual as pessoas expressam as transformações sociais que julgam estar vivendo. Meus interlocutores identificam no presente uma recusa generalizada em se produzir roças supradomésticas, compartilhar caça e tomar bebida fermentada, o que dificulta a construção de coletivos mais amplos, notadamente o agregado aldeão e uma forma povo.

CHICHAS Y CHUYAS. LOS CAMINOS FLUIDOS DE LA PRODUCCIÓN

Lucila Bugallo. Instituto Interdisciplinario Tilcara-FFyL-UBA/Unidad Investigación en Historia Regional-FHyCS-UNJu; bugallolucila@yahoo.com.ar

La posibilidad de hacer nuevas personas, ya sean animales o plantas, está profundamente vinculada, para la gente de la Puna jujeña, con ciertas bebidas, la chicha y la chuya, que se preparan en ocasiones rituales y deben fluir profusamente. Sin embargo, no se trata únicamente de hacer personas sino de relacionarse entre diversos seres, humanos y no humanos (espacio, animales, plantas, muertos) mediante las conexiones que establecen las distintas bocas de Pachamama o pacheros. La chicha es principal al decir de las abuelas puneñas, se trata de un alimento-bebida para humanos y Pachamama; la chuya, en cambio, es una bebida particular para no humanos (Pachamama, ganados y difuntos). Ambas alimentan una diversidad de seres. Chuya es un término muy empleado en las cocinas puneñas, que refiere a una consistencia y color, pero que remite a la vez a un universo de significados y valores en lo relativo a

las relaciones y la generación y circulación de producciones. Las transformaciones implicadas de maíz en harina y de harina en chicha-chuya, incluyen las técnicas de moler y fermentar entre otras. En el contexto ritual de la señalada del ganado, entre el corral y el pachero, ocurren ciertas transformaciones en las que la chicha y la chuya tienen un lugar principal, como las rondas que envuelven los mojones y pacheros, con el movimiento y el canto de las coplas; haciendo la chuya más fluidos los caminos de la producción y reproducción y posibilitando la generación y crecimiento de nuevos seres.

Palabras clave: chicha, chuya, fluido, pachero-corral, mojón.

DA CIRCULAÇÃO DE VITALIDADES LÍQUIDAS NO CENTRO-SUL DOS ANDES PERUANOS

Indira Caballero. Museu Nacional/UFRJ; indiranahomi@yahoo.com.br

Substâncias essenciais nos momentos festivos, em diferentes encontros e reuniões, as bebidas, alcoólicas ou não, aparecem com grande destaque na vida dos povos andinos. Este trabalho tem como foco o consumo e o compartilhamento de bebidas em Andamarca (Ayacucho, Peru), bem como as potências e os efeitos desses líquidos. A *chicha de qora*, bebida fermentada de milho, além de alimentar os corpos dos andamarquinos em diferentes momentos, também ajuda a modular o consumo e os efeitos das bebidas alcoólicas durante as festas. Essas, por sua vez, dão *ánimo*, força e coragem, seja para enfrentar o trabalho pesado desempenhado coletivamente (limpando e construindo canais de irrigação, por exemplo), seja para dançar vigorosamente e *gozar* os momentos intensos proporcionados pelas ocasiões festivas. Compartilhar bebidas é um ato que inclui, ainda, seres não-humanos, como os antepassados, a *Pachamama* e os *Apus*. Assim como as bebidas alcoólicas, sobretudo, contêm forças capazes de animar corpos para as festas e para o trabalho, contêm também vitalidades essenciais assimiladas pelas *almas* (os mortos ou antepassados) e pela *Pachamama*, as quais são transformadas em vitalidades que animam *chácras*, rios e lagos, animais e plantas. Neste trabalho veremos que a prosperidade e a boa sorte dependem dos intercâmbios com esses seres, por vezes oferecimentos recíprocos como acontece com os *pagos* de líquidos para a *Pachamama* durante a Festa da Água no mês de agosto – quando a terra está *aberta*, ávida por receber tais substâncias –, os quais devem ser “re-consumidos” por aqueles que realizarem os *pagos* no ano seguinte.

Palavras-chave: líquidos, *pagos*, compartilhamento, vitalidades.

PEQUENO MANUAL PARA SE CASAR E NÃO MORRER: NOTAS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS FEMININAS NO PARENTESCO DJEOROMITXI

Nicole Soares-Pinto. PPGAS, Universidade de Brasília; nicsoares@gmail.com

Este artigo trata dos efeitos das substâncias femininas sobre corpos masculinos entre os Djeoromitxi (de língua Macro-Jê. T.I. Rio Guaporé/RO), como um modo de notar a pertinência da noção de “dividualidade” na constituição do parentesco e da personitude. Eu procedo analisando: (1), uma “função cozido” das substâncias femininas na construção dos corpos de seus parentes. Esta função é realizada durante a amamentação e no oferecimento de bebida fermentada, sendo responsável por uma espécie de conversão efetuada pelas mulheres sobre linhas de substâncias masculinas, para diferenciá-las entre si, de modo a permitir o estabelecimento de relações de afinidade efetiva; e, (2), uma “função veneno” da bebida fermentada produzida pelas mulheres, na “destruição” desses corpos de parentes, indicando o estado panema masculino, ou sua cegueira e morte antecipada. Ao final, essas análises são articuladas com uma discussão sobre as substituições metafóricas relevantes à noção de incesto.

Palavras-chave: Djeoromitxi, parentesco, substâncias, dividualidade, incesto.

MODOS DE FERMENTAR, SENTIDOS DE EMBRIAGAR E CONCEPÇÕES DE SER NA PRODUÇÃO E CONSUMO DE CAXIRIS ENTRE OS TUKANO ORIENTAL DO NOROESTE AMAZÔNICO

Talita Sene. PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina; talitasene@gmail.com

A produção e o consumo de bebidas fermentadas indígenas podem ser encontrados tanto entre povos das terras altas, quanto das terras baixas da América do Sul. Entretanto, as teorias indígenas a respeito destas bebidas, bem como das matérias-primas que as compõem, ainda não receberam a devida atenção da antropologia americanista. Levando tal aspecto em consideração, esta arguição tem como tema as concepções de algumas senhoras da família linguística Tukano Oriental acerca de uma diversidade de tipos e modalidades de bebidas fermentadas provenientes da mandioca brava e que se reúnem sob o rótulo “*caxiri*”; como contexto, a feitura de caxiris para a venda e dádiva em feiras festivas dominicais de duas associações indígenas localizadas na zona urbana do município de São Gabriel da Cachoeira (Noroeste do estado do Amazonas), a *Associação Cultural dos Agricultores Indígenas Direto da Roça* e a *Associação Mista dos Povos Indígenas*; e como objetivo, apresentar brevemente o que estas mulheres concebem como *mudanças e continuidades nos modos de produzir e consumir tais fermentados* após se deslocarem de suas respectivas comunidades para viverem na cidade. Para tal, observo particularmente os *modos de fermentar*, ou seja, de *fazer* (e *desfazer*) caxiris, realçando as *transformações* da mandioca brava em bebida. A partir daí, mostro como as mulheres Tukano relacionam tais técnicas e transformações ao ciclo vital e à noção de pessoa, e resalto como as mesmas relações aparecem com frequência na mitologia dos diversos povos Tukano Oriental. Demonstro ainda, por fim, como estes *modos de fermentar e concepções de ser* reverberam em diferentes formas

de consumo dos caxiris e tipos de embriaguez.

Palavras-chave: caxiri; fermentação; Tukano Oriental; Noroeste Amazônico.

Sesión 3: Comer es ser-otro: comensalidades, fiestas, intoxicaciones, parientes y cuerpos (1)

TRANSFORMANDO AS RELAÇÕES, TRANSFORMANDO A COMIDA NA PRODUÇÃO DE PESSOAS MEBENGOKRE-XIKRIN

Clarice Cohn e Stéphanie Tselouiko. Universidade Federal de São Carlos

stephanie.tselouiko@gmail.com, clacohn@gmail.com

Essa comunicação propõe descrever e analisar, a partir de dados etnográficos atualmente em andamento, o modo como os Mebengokre-Xikrin da Terra Indígena Trincheira Bacajá (Brasil, Pará) produzem corpos, pessoas, parentesco e coletivos através da comensalidade que inclui tanto a produção e a partilha de alimentos segundo normas específicas (idade, sexo, prerrogativas rituais, estatuto social), quanto o resguardo quando a integridade de uma pessoa está ameaçada. Ora a comida é essencial à vida, ora se torna perigosa. A ambiguidade da alimentação, bastante explorada na literatura antropológica das terras baixas e altas amazônicas, se justifica pelo caráter vivo, e portanto instável, da comida, o que lhe confere uma capacidade de transformação (a transformação da comida que passa de não-comestível a comestível e vice-versa, e a transformação dos entes que a comem, virando cada vez mais gente ou virando Outros dependendo do que e com quem se come). Essa comunicação pretende elucidar esta ambiguidade com nova abordagem, apontando que essa transformação se daria conta em termo de transição e não de oposição, como classicamente se apontou para os Jê, entre o domínio da “natureza” e o domínio da “cultura”, o domínio feminino e o domínio masculino, ou ainda entre o domínio dos “Nós” e o domínio dos “Outros”. Desse modo, propomos que não seja meramente a essência do que se come que se transforma, mas sim a relação investida no ato de comer tanto com quem se come, quanto com o que se come, dependendo dos lugares onde as comidas são pegadas, processadas, distribuídas e consumidas.

Palavras-chaves: Jê, Mebengokre-Xikrin, comensalidade, interação, espaço.

DAQUILO QUE SE COME E DAQUILO QUE (SE) TRANSFORMA: A “COMIDA DO BRANCO” ENTRE OS MBYÁ

Maria Paula Prates. UFCSPA- Porto Alegre/RS/Brasil; mariapaulaprates@gmail.com

Neste artigo proponho tomar o alimento como fio condutor de uma reflexão acerca da instabilidade da pessoa mbyá a partir de dois pontos que se articulam entre si. Interesso-me pela relação entre o que se come e o que se sente frente à possibilidade de tornar-se um Outro (-jepotá). Ademais de tal recorte poder ser tomado como um modo de relação mbyá com seus Outros de maneira geral, situo esta proposição estritamente na relação estabelecida com os Juruá (“brancos”). Durante períodos intermitentes de trabalho de campo, a categoria “comida de branco” foi continuamente evocada para justificar doenças relacionados ao sangue e ao coração (não que outras estejam excluídas dessa possibilidade), sendo também ameaçadora para uma alteração na “forma de pensar”. Inspiro-me, sobretudo, no cotidiano de pessoas moradoras de aldeias próximas à cidade de Porto Alegre/RS, as quais contam com espaços territoriais restritos e acentuada dependência de alimentos industrializados, ou seja, advindos do “sistema juruá”. Ao passo que o alimento traz consigo potências estrangeiras que conformam a corporalidade e agenciam modos de existência específicos, pensá-lo pela via maniqueísta de bom ou ruim oblitera uma compreensão mais complexa do que realmente significa em um sentido de transformação, tanto em nível de relações coletivas quanto em nível de consequências de escolhas individuais. O objetivo, nesse sentido, é o de pensar a alimentação contemporânea mbyá a partir de uma problematização das noções êmicas de corpo-pessoa, “saúde” e transformações.

Palavras-chave: Mbyá-Guarani, Alimentação, Pessoa, Transformação.

EL ‘OTRO LADO’ DEL ‘OTRO LADO’: INGESTA, MASTICACIÓN Y SOCIALIDAD EN LOS ANDES MERIDIONALES (JUJUY, ARGENTINA)

Francisco Pazzarelli. Instituto de Antropología de Córdoba, CONICET / Universidad Nacional de Córdoba; fpazzarelli@hotmail.com

Las conexiones entre ‘este lado’ del mundo y ‘otros lados’ son constantemente evocadas en diferentes fiestas y eventos rituales en la comunidad de Huachichocana (Jujuy, Argentina), sea en relación con el mundo de los muertos o *almitas* (que *bajan* a comer), con la *Pachamama* (que reclama comida desde las profundidades de la tierra) o con el universo de la fertilidad animal (en las *Señaladas*). La materialización de estas

conexiones involucra generalmente ofrecimientos e ingestas excesivas de coca, cigarros, comidas y bebidas (desde *chicha de maíz* hasta alcohol de farmacia), que suelen prolongarse durante días. Estas ingestas dejan a los cuerpos de los comensales exhaustos, intoxicados y susceptibles de establecer conexiones con ‘otros’, en un movimiento donde, como buena parte de la etnología ha mostrado, los cuerpos se ‘abren’ y ‘cierran’. En este trabajo, sugiero que estas aperturas y clausuras deben ser analizadas considerando las concepciones locales sobre las personas y sus cuerpos, como conformados de relaciones múltiples que no siempre ‘pertenecen’ al comensal e incluso pueden encontrarse ‘fuera’ de él. En virtud de estas composiciones, estos cuerpos pueden *dar de comer*, comer o ser comidos por otros; pero al mismo tiempo pueden ‘ofrecerse parcialmente’ como comida, masticar ‘para’ otros o incluso ‘contra’ otros. La manipulación de (las partes de) los cuerpos que (se) mastican deviene un mecanismo de regulación de estas conexiones, sugiriendo que ‘otros lados’ pueden estar dentro de ‘este lado’ y las fronteras entre ambos son efectos siempre inestables de una amplia red de ingestas y masticaciones mutuas.

Palabras clave: ingesta, masticación, intoxicaciones, ‘otro lado’, Andes meridionales.

ALIMENTOS, SUBSTÂNCIAS E TRANSFORMAÇÕES ENTRE OS WAJĀPI DO AMAPARI (AP)

Juliana Rosalen. PPGAS Universidade de São Paulo; juliana.rosalen@gmail.com

Nesta apresentação pretendo discutir, a partir de dados etnográficos obtidos junto aos Wajãpi, a relação estabelecida entre fluidos corporais e fluidos não-corporais. Denomino por fluidos corporais substâncias produzidas pelo corpo que contêm o princípio vital (-ã) da pessoa. E por fluidos não-corporais os *produtos da clareira*, domínio verdadeiramente humano e lugar privilegiado da pacificação das espécies, do ‘amansamento’ de possíveis inimigos, o espaço, enfim do ‘apagamento das diferenças’ (Gallois 1988: 152 e 123). Dentre os produtos da clareira, enfatizarei especialmente os variados tipos de bebidas produzidos com tubérculos pelas mulheres wajãpi.

Ainda que o caxiri pareça ser o exemplo ideal para fazer esta discussão, é preciso salientar que outros líquidos ingeríveis para os Wajãpi, tais como os mingaus e as infusões fitoterápicas, também estabelecem esta relação. Por isso é necessário seguir uma série de cuidados relativos às suas preparações, de forma a não torná-los impróprios e perigosos àqueles que os preparam e àqueles que os ingerem.

Há de se salientar ainda que os fluidos, sejam eles corporais ou não-corporais, podem servir de veículos privilegiados para a produção de malefícios. Por isso é necessário redobrar os cuidados quando se esta fora de seu grupo de substância. O “grupo de substância”, que em sua unidade mínima parece abarcar um ego, seu cônjuge e os

filhos, não tem fronteiras muito fixas, estando sempre aberto à alteridade, porém necessitando ser alimentado constantemente para que não se decomponha. A decomposição implica necessariamente em transformação. E neste sentido os alimentos, que estão permeados por princípios vitais e suas potencialidades, são fundamentais para pensar tanto nos processos de manutenção de grupos de substância, quanto em processos de transformação das pessoas.

A discussão sobre permeabilidade entre fluidos corporais e não-corporais, traduzida por permeabilidade de potências e qualidades, permite apreender tanto sobre a produção de pessoas, quanto suas transformações a partir do estabelecimento de relações com os mais diversos domínios presentes no cosmos wajãpi.

Palavras-chave: alimentos, fluidos corporais, substâncias, transformações.

-

Sesión 4: Comer es ser-otro: comensalidades, fiestas, intoxicaciones, parientes y cuerpos (2)

DOS CORTES E LIGAÇÕES ATRAVÉS DAS BEBIDAS, COROS E DANÇAS NOS RITUAIS KATUKINA (RIO BIÁ, SUDOESTE AMAZÔNICO)

Kaio Domingues Hoffmann. PPGAS Universidade Federal de Santa Catarina;
dh.kaio@gmail.com

O texto aborda os rituais katukina como eventos privilegiados para o estabelecimento de continuidades e descontinuidades entre certos conjuntos: entre homens e mulheres, entre *tükuna* (gente) e as entidades donas dos rituais (*waik-o-wara*), entre os Katukina e seus outros. Para tal, levará em conta o processo de produção ritual em alguns de seus momentos: as bebidas feitas de frutos da roça pelas mulheres na aldeia; as máscaras de buriti (*kiore*) fabricadas no mato pelos homens; o ato de beber *koya* (bebida não fermentada); os cantos e danças. As maneiras diferentes e articuladas de homens e mulheres cantarem, dançarem e beberem sugere uma gama de relações de oposição entre os gêneros, que se articulam através da continuidade corporal do conjunto de casais (os humanos, *tükuna*) com a entidade dona do ritual, *waik-o-wara*, a quem o dono humano da festa (*waik-warahi*) chama de pai, enquanto a dona humana da festa (*koya-warahi*, esposa do *waik-warahi*) chama de mãe. Os coros e as danças podem ainda propiciar transformações e jogar com os limites destas. O texto também traz outros episódios rituais que operam estas conexões e desconexões entre seres de diferentes atributos, como as refeições coletivas, o uso do rapé e as atividades preparatórias e de

encerramento dos rituais.

Palavras-chave: Katukina do Rio Biá; ritual; canto; dança; bebida.

ADORNOS DE ALIMENTOS, CONDIMENTOS DE PESSOAS: COMER COM SEUS, COMER DOS OUTROS

Ana Yano. Universidade de São Paulo, Centro de Estudos Ameríndios;
ticaaa@yahoo.com

A reflexão que proponho intenta esmiuçar, a partir de minha experiência com os caxinauá residentes em San Martín, uma concepção mais alargada acerca do “comer junto” articulando-a aos modos caxinauá de conhecer e circular conhecimentos. Falarei, grosso modo, do que eles me ensinaram a respeito de sua culinária (*nukun piti*, “nossa comida”), o porte adequado à mesa, os atributos do bom anfitrião e da mulher que, respeitada cozinheira, é reconhecida por todos como *ainbu xinanya*, “aquela que pensa bem”. Discorrerei também sobre aquilo que, excluído do cardápio ordinário (*nun pismaki*, “não comemos”) presta-se, tal qual a culinária e seus condimentos, a fazer corpos e pessoas. Refiro-me às vestimentas e ornamentos designados em conjunto *dau* (“remédios”) e comumente contrapostos aos alimentos, seja porque são feitos das partes não comestíveis de plantas e animais – couro, língua, dentes e penas –, seja porque sua elaboração não requer a passagem rigorosa pelo fogo, apresentando-se aos caxinauá ora crus, ora em estado de putrefação. De teor “suave”, “adocicado” ou “amargo”, tais “remédios” carregam a propriedade de conferir às vitalidades constituintes da pessoa peso ou leveza, força ou fraqueza, e uma série de cuidados acompanha seu preparo e manipulação: pode-se esfregar diretamente na pele, mascá-lo, pingar seu sumo nos olhos, ingeri-lo, ainda quente, como caldo ou chá. Se da perspectiva caxinauá aquilo com o qual vestem seus corpos contrapõe-se à sua culinária, isto não significa que os *dau* sejam, por princípio, uma não culinária. Excluídos do cardápio ordinário, são consumidos à exaustão justamente quando o anseio é estabelecer relações com outrem e, assim, fazer-se mais belos e mais sábios.

Palavras-chave: Etnologia pano, caxinauá, culinária, saberes ameríndios, corporalidade.

THE XINGUANO GIANT DRUM: EMBODYING THE ANACONDA IN AMAZONIA

Aristóteles Barcelos Neto. University of East Anglia; barcelosneto@gmail.com

This talk analyses the historical and cosmological relations around a rare Amazonian musical instrument, the giant wooden drum, known as pulupulu by the Wauja, an Arawakan speaking people of the Upper Xingu River. The pulupulu, the most powerful way of embodying the anaconda, is a central figure in the creation and maintenance of a domain of space-time continuity between the shamanic aquatic world and the kuwakuho, the village's ceremonial house. Absent from the Xinguano ritual life for almost 50 years, the giant anaconda drum has made an extraordinary return in the winter of 1998, through the hands of the Kamayura of the Ipavu village. Although excited with the return of the pulupulu to the Xinguano ritual life, the Wauja preferred to have a more cautious approach to the re-introduction of such powerful, dangerous and hungry ritual object in their own village (the Wauja burned their giant drum sometime in the early 1950s, when they were forced to abandon the Tsariwapoho village due to a catastrophic measles epidemic). Already owners of four trios of wooden flutes and several other expensive ritual ensembles in 1998-2005, the Wauja had major concerns that they could not properly feed a pulupulu, deciding, therefore, not to bring it in. However, this pragmatic-driven decision only partially explains the reasons behind the current physical absence of the pulupulu amongst the Wauja. Key to its understanding are also the more subtle ways of embodying and distributing the shamanic powers of the anaconda throughout the ritual and political systems.

O POVO DA LARVA DE MILHO, O POVO DA ONÇA: ESPÍRITOS-PLANTAS E ESPÍRITOS-ANIMAIS NA DIFERENCIAÇÃO ENTRE PESSOAS MATSES

Beatriz Matos. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro;
irekaron@gmail.com

Como é comum entre os povos amazônicos, tanto na concepção como no nascimento de uma criança matses os pais e outros parentes observam uma série de restrições alimentares e tabus para protegê-la de influências externas, especialmente espirituais, trata-se da chamada *couvade* (Riviére, 1974). Os rituais da *couvade* matses tem a especificidade de não se limitar ao bloqueio de influências externas na criança. Alguns desses rituais operam separações que buscam diferenciar os espíritos da criança em relação a outros, mas há também aqueles que, ao contrário, promovem a influência de agências externas que irão compor a pessoa em formação.

Neste trabalho pretendo descrever como, não só nos rituais de *couvade* mas durante todo o ciclo de vida de cada matses, a constituição das pessoas “propriamente humanas” (*matses*) se dá através de práticas que criam identidade entre parentes – proteção contra

influências externas, alimentação, educação, aprendizado, etc. – mas também através daquelas que criam identidade com sujeitos extra-sociais (espíritos-animais, espíritos-plantas) – tais como rituais que envolvem a aplicação dos *nete* (banhos de plantas “medicinais”) e a introjeção de substâncias animais amargas. Mostrarei ainda como tais processos de diferenciação que dependem das relações entre os parentes se desenvolvem a partir de diferenças que são dadas desde o nascimento da pessoa, principalmente a qualidade de ser *tsasibo* (povo “duro”, ou *bëdibo* povo-onça), ou *macubo* (povo da larva de milho), transmitida do pai para os filhos.

Um desdobramento importante da análise será demonstrar como a diferenciação entre homens e mulheres vai se completando nesses processos de constituição da pessoa que lidam com sujeitos animais e plantas. E ainda que, ao contrário do que diz parte da etnologia americanista, o fazer feminino não é restrito à constituição do “interior” do grupo social ou de parentesco.

TERRITORIOS TRANSFORMADORES: LA CARNE DEL SACRIFICIO Y SUS TRANSFORMACIONES COMO LA BASE DE LAS REGLAS ÉTICAS DEL COMPORTAMIENTO HUMANO-ANIMAL EN LOS ANDES

Denise Y. Arnold. Instituto de Lengua y Cultura Aymara y Universidad Mayor de San Andrés; deniseyarnold@yahoo.com

En esta ponencia, se considera la transición entre sociedades cazadores a sociedades de pastores, según la vuelta animista y perspectivista de la antropología amerindia de las últimas décadas, y los debates mundiales al respecto. En el contexto de los procesos de ‘domesticación’ en los Andes, se examinan las posibles diferencias entre la caza y el sacrificio de los animales desde la perspectiva de los cazadores o pastores, cuando la serie de transformaciones de la carne en otros elementos cuenta con dimensiones éticas que respaldan la noción andina de una ‘crianza mutua’. En ambos procesos, se trata de ritos dirigidos al Señor de los animales y su contraparte femenina, como la base ética de las relaciones entre los humanos y los animales en su entorno. Se halla imágenes de estas transformaciones de la carne ofrecida en otros elementos del entorno, relacionadas con sendas transformaciones del sacrificador, en la iconografía andina desde por lo menos el Medio Horizonte, lo que también se examinará en esta presentación.

Palabras clave: Andes, sacrificio, Señor de los animales, rito de *qurpachada*, rito de *tistincha*, ayllu Qaqachaka, Bolivia, Noroeste de Argentina.

Sesión 5: El doble del alimento: medicinas, venenos, curanderos y chamanes

DE ANTI-ALIMENTO A ANTI-VENENO: NOTAS SOBRE O ALIMENTO ENTRE OS YE'KWANA

Majoí Fávero Gongora. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP); majoi.gongora@gmail.com

Este trabalho de cunho etnográfico parte da pesquisa que desenvolvo sobre os cantos dos Ye'kwana, povo de língua karíbe que, no Brasil, vive às margens dos rios Auaris e Uraricoera (Roraima). Objetivo aqui é explorar a noção *amoi* a partir de contextos em que a condição liminar e instável do alimento (e da pessoa) é marcante. Estar *amoi* é conter em si uma substância letal, um veneno. É signo de doença e morte; é o vetor de transformações, muitas vezes, irreversíveis. Pode ainda remeter a um estado contagioso que se espalha a partir do contato entre corpos e/ou substâncias: é uma espécie de veneno-epidemia. A noção *amoi* resume o ponto de vista ye'kwana sobre a condição humana nesta terra, que foi 'contaminada' desde tempos imemoriais pelo irmão do demiurgo, *Kajushaawa*, e assim tudo que nela cresce, como a mandioca-brava, é *amoi*, impróprio para o consumo humano, e portanto depende das palavras *cantadas* para ser transformado em alimento propriamente dito. Os 'cantos de desintoxicação' também tiram *amoi* dos mais diversos tipos de seres e coisas antes de serem (re)incorporados ao domínio humano pela primeira vez (ou mais uma vez). Dois contextos etnográficos serão analisados neste trabalho: a) procedimentos rituais relacionados aos alimentos tóxicos ou anti-alimentos tirados da roça nova, denominados genericamente de *sakuuda*, 'não maduro'; e b) situações em que certos alimentos emergem como 'anti-venenos', atuando na recuperação de uma pessoa envenenada, seja por picada de cobra seja devido ao consumo de substâncias tóxicas como os venenos de pesca.

Palavras-chave: cantos, transformações; desintoxicação; anti-alimento; anti-veneno

MEDICINA E VENENO ENTRE LOS MATSIGUENKA Y NAHUA (YORA) DEL PERÚ

Glenn Shepard. Museu Paraense Emílio Goeldi; gshepardjr@gmail.com

Los Matsigenka y Nahua (Yora) de los alrededores del Parque Nacional del Manu en la región amazónica del Perú, a pesar de ser vecinos próximos (y hasta recientemente,

enemigos mortales) pertenecen a grupos lingüísticos no relacionados (Arawak y Pano) y demuestran diferencias culturales profundas. Para ambos grupos, el concepto de “veneno” es central en sus conceptos y prácticas médicos, tanto chamánicos como etnobotánicos. Para los Matsigenka, la noción *kepigari* (tóxico, alucinógeno, venenoso) es asociada a conceptos alopatéticos de medicina, donde sustancias amargas, tóxicas, cáusticas o con otras propiedades farmacológicas o sensoriales fuertes son utilizadas para expulsar los agentes de enfermedad, sean empíricos, espirituales u otros. Para los Nahuas y otros grupos Pano, el concepto de *rao* (veneno, enfermedad, medicina) está formulado desde una noción homeopática de la medicina: las enfermedades (*rao*) provienen de las mismas plantas medicinales/venenosas (*rao*), que, simultáneamente, las causan y curan. En muchos casos, la planta u otra agente que causa/cura la enfermedad, comparte propiedades sensoriales con los síntomas de la enfermedad asociada: hojas rojas para conjuntivitis, plantas con espinas asociadas a “dolor de pecho” y enfermedades causadas por espíritus de avispa. En este sentido, y para ambos los grupos, las nociones de veneno y medicina son estrechamente conectadas a propiedades químicas, físicas y sensoriales de plantas medicinales y otros organismos. Pero estos conceptos se desprenden del plano etnobotánico volviéndose conceptos amplios, mucho más que “símbolos” o “metáforas,” que permean todo el sistema médico y el cosmos, y desafiando nuestras categorías cartesianas.

Palavras-clave: Etnobotánica, etnofarmacología, medicina tradicional, antropología sensorial, antropología médica.

ESPAÇOS COMPARTILHADOS E CORPOS FRAGMENTADOS - AGENCIAMENTOS DE COMIDAS E REMÉDIOS EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE SAÚDE INDÍGENA

Valéria Macedo. Departamento de Ciências Sociais da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo); yvaall72@gmail.com

Espero compartilhar as primeiras elaborações de uma pesquisa iniciada neste ano de 2015, cujo trabalho de campo vem sendo feito em uma instituição federal que hospeda, assessora e presta cuidados básicos de saúde a pacientes indígenas e seus acompanhantes provenientes de todo o Brasil, os quais necessitam ficar em São Paulo para tratamento de enfermidades de média e alta complexidade. O exercício a que me proponho no grupo é centrar foco em regras e procedimentos relativos ao consumo de alimentos e remédios nessa instituição, a partir do modo como são experimentados (ou experienciados) por alguns de meus interlocutores no curso da pesquisa, à luz de suas respectivas práticas de conhecimentos sobre alimentação e comensalidade, bem como sobre agenciamentos patogênicos e terapêuticos.

A despeito de suas inúmeras singularidades, tais experiências incluem o afastamento do local de moradia e dos parentes, e o compartilhamento de quartos, banheiros e um refeitório com pessoas desconhecidas e também acometidas por adoecimentos. Também experimentam a interação com funcionários, equipamentos, remédios e outros agentes associados ao universo da biomedicina, cuja eficácia não raro é mobilizada por

imaginações conceituais vinculadas ao xamanismo. O desafio metodológico da pesquisa tem sido etnografar a multiplicidade de mundos e modos de fazer, desfazer e transformar corpos nesses espaços compartilhados.

GESTÃO DA NEGATIVIDADE NO *CURANDERISMO* DO NORTE PERUANO

Evelyn Schuler Zea. Departamento de Antropologia da UFSC; evelynsz@gmail.com

Esta proposta de trabalho retoma em particular o motivo do “desfazer“ da convocatória e procura distinguir algumas de suas condições, modalidades e efeitos no contexto das performances e outras elaborações do *curanderismo* do norte peruano. Trata-se de rastrear, entre outras questões, as conjunções e disjunções do desfazer com momentos do não-ver e do não-saber eficazes na prática dos *curanderos*. O que se busca através destas trocas é indagar na eventual modalidade do não-fazer que, longe de constituir uma dimensão negativa ou deficiente, deixa entrever uma gestão das potencialidades da negatividade. Nesse sentido, vem a ser crucial considerar em que medida essas instancias subtrativas aparecem como contraparte de efeitos de transformação. O tratamento dessas questões inclui partes audiovisuais e dialoga com a exposição que *curanderos* e *alzadores* fazem de suas técnicas e do que pode a intervenção do *San Pedro*.

Palavras-chave: *curanderismo*, norte peruano, cactos *San Pedro*, negatividade, transformação.

HISTORICIDAD DE LAS PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONES VINCULADAS AL CONSUMO DE PSICOACTIVOS EN EL NOROESTE DE ARGENTINA

Verónica S. Lema. Universidad Nacional de La Plata – CONICET; vslema@hotmail.com

Considerando las investigaciones tendientes a argumentar sobre una continuidad sociocosmológica ente las tierras altas y bajas sudamericanas, nos centraremos en esta presentación en lo que refiere al consumo de psicoactivos. Actualmente, pareciera existir una diferencia tanto en las plantas empleadas como en las prácticas, soportes, representaciones y estéticas donde las mismas se ven insertas. Así, en Amazonía y Chaco encontramos preparaciones que involucran plantas “alucinógenas” como la ayahuasca o el cebil y al chamanismo como aspectos que generan un contraste con el

empleo de la coca y otras sustancias en las mesas de los curanderos andinos. Sin embargo, si ahondamos en el pasado, vemos que el consumo de cebil y las prácticas de fumar y esnifar se encuentran presentes en el registro arqueológico andino, lo que algunos investigadores han interpretado como indicios de prácticas chamánicas. Enfocándonos en los Andes Meridionales, y en particular en el Noroeste Argentino, vemos que ciertas plantas “reaparecen” en los registros históricos: usados por guerreros indígenas, luego por hechiceras, después por envenenadoras y más recientemente por mujeres “de vida licenciosa”. Actualmente, plantas como el cebil circulan en los mercados andinos como parte de los paquetes empleados en limpiezas y en la curación de enfermedades como el *susto*. La presentación se deslizará por la historia de un sector de los Andes abarcando tres ejes: trayectorias en las formas de preparación y consumo de plantas psicoactivas, aspectos conceptuales sobre la catalogación de su empleo (chamanismo, hechicería, veneno, intoxicantes, medicinas) y el rol de hombres y mujeres en dichas prácticas.

EFEITOS DOS VEGETAIS NOS CORPOS

Priscila Matta. Universidade de São Paulo; matta.priscila@gmail.com

Os vegetais, entre os ameríndios, não se configuram como categoria nomeada. No entanto, o fato de os ameríndios não atribuírem um nome a uma categoria genérica e abrangente para os vegetais, não pressupõe ausência de signo, significante e significado e, tão pouco, de conceito. Folhas, cascas, entrecascas, seivas, sementes, frutos, caules, flores e rizomas são usados pelos ameríndios por meio de diversos procedimentos para curar doenças e dores, para atrair, seduzir e repelir pessoas e seres, para formar bons caçadores, no pós-parto, para aprender a falar e andar, para nutrir, para proteger, para enfeitar e perfumar, para constituir seres fortes, para provocar a surdez, enfim, para obter diversos efeitos nos corpos.

A produção e transformação de corpos ocorrem, por meio de intervenções, pela adoção de determinadas condutas e pelo desenvolvimento de qualidades que, em alguma medida, são incorporadas dos outros, sendo os vegetais, e, no caso, os venenos, bastante acionados nesses processos. Nesse contexto, os vegetais atuam como substâncias ou índices que carregam capacidades e qualidades capazes de transformar os corpos e de produzir relações sociais, cujos efeitos não devem ser atribuídos apenas a eles. Os vegetais, portanto, são fundamentais aos modos ameríndios de conhecer dado que estão calcados nos próprios conhecedores e nas relações que estabelecem. Este trabalho está fundamentado, em grande parte, em levantamentos bibliográficos, mas também em material de campo levantado entre os Araweté, povo tupi-guarani habitante da região do Médio Xingu - Pará.

Palavras-chave: modos de conhecer, corpos, povos ameríndios, domínios vegetais, relações.

GT 76. PATRIMONIO CULTURAL Y

TURISMO: MIRADAS, DIÁLOGOS Y NUEVOS PARADIGMAS

Coordinadores:

Dra. Margarita Barretto (Universidad Federal de Santa Catarina, Brasil). barretto.margarita@gmail.com

Lic. Gabriela Campodónico (Área de Estudios Turísticos, Departamento de Antropología Social y Cultural, FHUCE - UDELAR, Uruguay)

gabriela.campodonicobolon@gmail.com

Comentarista: Ms. Alejandro Otamendi (ICA, FFYL; UBA, Argentina)
alejandrootamendi@gmail.com

-

-

Sesión 1: Desarrollo Local y Regional y Patrimonio

UNA EXPERIENCIA DE PROMOCIÓN DEL TURISMO PATRIMONIAL REGIONAL

Acevedo, Fernando. Centro Universitario de Rivera, Universidad de la República;
face@cur.edu.uy

Esta ponencia presenta los principales trayectos y resultados de la investigación-acción «*Rotas Turísticas e Heritage Tourism na API-Pampa*», ejecutada en el marco del «*Projeto URB-AL III*», gestionado por el Município de Borba (Portugal) y financiado por la Unión Europea. Su objetivo general fue impulsar en forma consistente y sustentable el turismo patrimonial regional, sobre la base del rescate, valoración y promoción del patrimonio cultural de la API-Pampa, Área de Preservación Internacional que comprende el *Paisaje Protegido Valle del Lunarejo* (departamento de Rivera, Uruguay) y el *Área de Preservação Ambiental* de la cuenca del río Ibirapuitã (municipípios de Livramento, Quaraí, Rosário do Sul y Alegrete, Rio Grande do Sul, Brasil). A partir del relevamiento, identificación, registro y ponderación de bienes culturales de valor patrimonial, uno de los principales productos de la investigación fue el diseño de rutas e itinerarios de turismo patrimonial orientados a propiciar en turistas y visitantes un amplio conocimiento del patrimonio cultural de la API-Pampa y una estadía placentera en ella. En procura de dotar de mayor sustentabilidad a las acciones propuestas, en una segunda fase de la investigación se realizó, en escuelas rurales del área, un ciclo de talleres de capacitación en turismo patrimonial, enfocado en el

conocimiento, sensibilización y divulgación de los bienes culturales de inequívoco valor patrimonial a escala local/regional. Cumplidas estas instancias, una gran cantidad de actores locales quedó en condiciones de gestar, desarrollar y consolidar la apropiación colectiva de esos bienes, así como de gestionar su difusión por distintos medios, canales y formatos.

Palabras claves: turismo patrimonial, educación patrimonial.

-
-
-

VILLA GUILLERMINA, HISTORIA VIVA, TURISMO PERMANENTE

Brac, Marcela. Instituto de Ciencias Antropológicas -Facultad de Filosofía y Letras
Universidad de Buenos Aires/Universidad Nacional de Luján; marcelabrac@gmail.com

En los últimos años en la provincia de Santa Fe, Argentina, se registra un aumento de emprendimientos orientados a promover el turismo regional con el propósito de contribuir al desarrollo de economías locales. Dichos emprendimientos cobran especial significado cuando la comunidad, que alberga el atractivo turístico, posee el control del turismo y de sus recursos. En esta ponencia presentamos la experiencia de Villa Guillermina, localidad que sostiene un emprendimiento turístico arraigado en el plano local. Hace ya una década dos instituciones locales vienen desempeñando el rol de gestoras de actividades turísticas, articuladas al rescate y valorización de patrimonio industrial, con el propósito de obtener recursos monetarios que posibiliten mejoras concretas para la comunidad. Teniendo en cuenta lo mencionado, en esta oportunidad, examinamos las condiciones sociales que posibilitaron la emergencia de Villa Guillermina como destino turístico. Reflexionamos sobre el uso del patrimonio como estrategia de desarrollo, asociado al turismo cultural, analizamos la dinámica de gestión y apropiación del recurso patrimonial, las posibilidades concretas de explotación, y los limitantes estructurales que obstaculizan su utilización.

Palabras claves: Patrimonio, Turismo, Recurso, Local, Gestión.

-

CUMBRE TAJÍN Y LOS EFECTOS DE LA GESTIÓN DEL PATRIMONIO CULTURAL Y EL TURISMO EN REGIONES INDÍGENAS DE AMÉRICA

LATINA

Casas Mendoza, Carlos A. Instituto de Antropología, Universidad Veracruzana, México; ccasas@uv.mx / casasmendoz@hotmail.com

Las dinámicas contemporáneas del incentivo al turismo y las nuevas modalidades de defensa y gestión del patrimonio han colocado éste binomio en la pauta de distintos organismos, tanto gubernamentales como pertenecientes a asociaciones civiles y ONGs. Turismo y patrimonio se han tornado conceptos privilegiados dentro de la agenda de las políticas públicas encaminadas al desarrollo regional, especialmente en algunas regiones con población indígena. La presente ponencia tiene como base etnográfica el caso del Totonacapan, localizado en el norte de Veracruz, en México. En esta región han surgido, en un período más o menos reciente, proyectos novedosos relacionados con la gestión del patrimonio cultural. La organización de festivales se ha asociado al estímulo de proyectos culturales y de <<regeneración>> étnica, en particular el caso de la Cumbre Tajín. Este festival ha atraído fuertemente la atención internacional, comenzando a explorarse su replica en otras regiones de América Latina (es el caso de algunos proyectos de intercambio entre mapuches y totonacos). Por otra parte, el festival gestó el desarrollo de distintas formas de reconocimiento por parte de organizaciones internacionales, como la UNESCO y otros organismos nacionales. ¿En qué medida estos proyectos modifican las formas de pensar y discutir el patrimonio cultural? ¿Qué impacto ha tenido la gestión del patrimonio y el turismo, desprendidas de festivales de este tipo? y, finalmente, ¿Qué áreas de influencia están generando este modelo para otros grupos y regiones? estas son preguntas centrales, que la presente comunicación busca analizar.

Palabras claves: Patrimonio, turismo, gestión comunitaria, indígenas.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE E O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE NOVA OLINDA/CE: NOVAS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE A CULTURA LOCAL E O TURISMO

Gabrielli, Cassiana. Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
cassiana.gabrielli@gmail.com

O presente trabalho pretende apresentar e discutir os meandros do desenvolvimento turístico de Nova Olinda, localizada no Cariri Cearense, no nordeste brasileiro. O foco das discussões se centra em um dos principais atrativos do município, a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. Essa é uma organização não governamental (ONG) voltada ao público infanto-juvenil, com ações relacionadas a memória regional, cultura, artes e turismo. Criada em 1992, com sede em uma antiga casa da fazenda Tapera (edificação do final do século XVII), a entidade vem se destacando na promoção

do turismo de base comunitária na região e no desenvolvimento sociocultural de parte da população nova olindense, o que tem gerado um fluxo turístico significativo ao município. Paralelamente as realizações da ONG, Nova Olinda também se destaca por abrigar dois, dos nove geossítios abertos à visitação, no Geopark Araripe, o primeiro a ser instituído sob os auspícios da UNESCO na América Latina. Vale lembrar que para ser classificado como geoparque é considerado não apenas a riqueza geológica, mas também cultural do entorno dos sítios. Nesse contexto, o objetivo aqui proposto é discorrer sobre o uso do patrimônio material e imaterial na conformação da oferta turística do município de Nova Olinda e os reflexos do desenvolvimento turístico na cultura local, que vem sendo constantemente repensada e revalorizada em meio a esse processo. Para isso, foram realizadas entrevistas com pessoas comprometidas com a ONG e com o Geopark, além de moradores envolvidos na prática turística, visitas de campo, pesquisa documental junto a prefeitura do município e investigação bibliográfica

Palabras claves: patrimônio cultural; planejamento turístico; Nova Olinda; Fundação Casa Grande; geoparque.

PATRIMONIALIZACIÓN DE LA RURALIDAD, TURISMO Y DESARROLLO TERRITORIAL

Iparraguirre, Gonzalo. Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires; gonipa@gmail.com

-

Este artículo presenta diversas experiencias de gestión e investigación sobre turismo rural realizadas entre 2010 y 2014 en el Partido de Tornquist, Provincia de Buenos Aires, Argentina. A partir de mi trabajo como promotor-asesor de dos grupos de turismo rural de INTA (Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria), se elaboró una etnografía de los imaginarios, discursos y prácticas implicados en el desarrollo del turismo rural en esta región, y su implicancia en la construcción de prácticas de “desarrollo territorial”. Durante este proceso, se sistematizó el conjunto de imaginarios presentes en la puesta en práctica del turismo rural en el territorio, por parte de prestadores turísticos integrantes de ambos grupos asociativos. En este trabajo, se enfatiza la patrimonialización de los territorios rurales que ejerció la conformación y sostenimiento de dichos grupos, así como también la de grupos vecinos en el sur de la Provincia. La activación del turismo en articulación con la ruralidad, en una región serrana destinada históricamente a explotar los recursos naturales, ha dado lugar a un reconocimiento y una revalorización del patrimonio rural por parte de anfitriones y visitantes. Se discuten las implicancias socioculturales y económicas que implica la puesta en valor que ejercen los turistas al disfrutar de las prácticas vernáculas de los productores agropecuarios que los reciben en sus establecimientos, manifiesto a través de diferentes prácticas de patrimonialización.

Palabras claves: Patrimonialización, turismo rural, ruralidad, etnografía, Argentina.

TURISMO SUSTENTÁVEL EM SÃO CRISTOVÃO (SERGIPE, BRASIL): UMA PRAÇA DE DESAFIOS E DE POSSIBILIDADES

Mello, Paulo. Universidade Federal de Sergipe; paulojc.mello@gmail.com

Damascena, Adriane. Secretaria Estadual de Educação (SE); adridamascen@gmail.com

Dantas, Jennifer. Universidade Federal de Sergipe

A cidade de São Cristóvão, localizada no estado de Sergipe, região Nordeste do Brasil, foi fundada em 1590 e é a quarta cidade mais antiga do país. Possui um patrimônio edificado de enorme relevância, tendo sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1967. A Praça de São Francisco, seu principal monumento, foi tombada pela UNESCO em agosto de 2010 como Patrimônio Cultural da Humanidade. É notório o crescimento das atividades turísticas em todo o mundo, sendo que no Brasil não é diferente. Dentre as modalidades de turismo, aquele denominado de cultural aparece como uma das estratégias de desenvolvimento sustentável, na medida em que há uma preocupação em aliar desenvolvimento econômico com a melhoria da qualidade de vida, saúde, emprego, segurança, preservação do patrimônio e do meio ambiente, bem como o respeito à diversidade. Assim, o turismo cultural pode apresentar-se tanto como um caminho para a obtenção de fundos necessários à preservação da herança cultural, como uma ferramenta para proporcionar o desenvolvimento econômico local e regional. Essa pareceria ser a vocação de São Cristóvão, cidade que apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,662, ocupando, no ano de 2010, a posição de número 2846 entre os 5507 municípios brasileiros. Mesmo depois da elevação da Praça de São Francisco a patrimônio cultural da humanidade, parece que o processo de turistificação (maior frequência e constância de visitação; introdução de equipamentos e serviços especializados em função e para uso do visitante; progressiva substituição do comércio tradicional pelo comércio especializado, etc) ainda não ocorreu na cidade. O presente trabalho pesquisa junto aos turistas que chegam à cidade (assim como à população local) qual a percepção que se têm do patrimônio histórico, bem como da infraestrutura turística oferecida.

Palabras claves: Patrimônio; Turismo; cidade de São Cristóvão.

TURISMO Y PATRIMONIO ARQUEOLÓGICO EN PUEBLO BELÉN

Rosete, Diana. Departamento de Turismo, Historia y Comunicación - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación - Universidad de la República; dirosete@yahoo.com

La ponencia da cuenta de algunas acciones llevadas a cabo dentro del proyecto “Por un Belén Turístico” que se desarrolla en el marco del Programa de Apoyo al Sector Turístico – MINTUR – BID del Ministerio de Turismo y Deporte de Uruguay; programa que tiene como objetivo general contribuir a la consolidación del turismo. Belén es una localidad que se encuentra a 30 kms. de Termas de Arapey, con una población poco menor a 2000 habitantes; en ella se ha conformado un Grupo Local de Turismo. Entre las acciones diseñadas por este Grupo se encuentran actividades de socialización de los resultados de investigaciones arqueológicas sobre Arte Rupestre de la región, realizadas por técnicos de la Universidad de la República. El público objetivo de las mismas, el grupo de artesanos “Ardebelén”, se dedica a la manufactura y venta de objetos de cerámica. Teniendo presente que la cultura una atracción turística, a través de la identificación de los artesanos con dicho Patrimonio Arqueológico y de la integración de los motivos de Arte Rupestre al diseño y decoración de la cerámica, se tiene como objetivo es el de agregar un valor diferencial a las artesanías del grupo y tematizar sus obras con marcas que hablan del territorio y su cultura, enriqueciendo el encuentro entre culturas en Pueblo Belén.

Palabras claves: Pueblo Belén, Turismo Cultural, Patrimonio Arqueológico, Arte Rupestre, Identidad.

-

TRAYECTORIA TURÍSTICA Y PATRIMONIO EN UNA LOCALIDAD BONAERENSE. LO RURAL, LO INDUSTRIAL, LO ESPACIAL

Ratier, Hugo. Núcleo Argentino de Antropología Rural -Universidad de Buenos Aires; hugo.ratier@gmail.com

-

Este trabajo analiza los intentos de turistificación del patrimonio cultural de una pequeña localidad, Pipinas, Partido de Punta Indio, Buenos Aires, y resulta de la intervención en dicha localidad de un equipo de investigación antropológica y de otro de extensión universitaria de la Universidad de Buenos Aires. Nos propusimos analizar las estrategias de los pobladores golpeados por una crisis ante el cierre compulsivo de una fábrica cementera, entre las cuales estaba montar un programa de turismo rural de base comunitaria. Siguiendo el modelo impuesto para este tipo de turismo en el caso de pueblos afectados por problemas productivos y bajo amenaza de despoblamiento, se privilegió entre los atractivos del lugar para los forasteros lo relacionado con la vida campestre, la tranquilidad en contraste con la agitación urbana y la presencia de flora y fauna autóctonas.

Esa caracterización omitía el papel preponderante que en el patrimonio identitario y cultural local tuvo y tienen cincuenta años de experiencia fabril particularmente fuerte en tanto expresión del llamado sistema de fábrica con villa obrera. Discutimos con los integrantes de la cooperativa de trabajo que llevaba adelante el proyecto turístico la posibilidad de montar un circuito de turismo industrial, aprovechando los importantes edificios fabriles todavía en pie. La iniciativa fue aceptada y tuvo visos de concreción en un primer circuito con la actuación como guías de jóvenes estudiantes locales con apoyo de profesores, que se procura ampliar.

Interesa resaltar lo fructífero de la colaboración entre antropólogos y pobladores para delimitar el patrimonio local y poder plantear su correcta utilización turística

Palabras claves: Turismo comunitario; Turismo industrial; Patrimonio cultural; Conciencia patrimonial; Identidad.

Sesión 2: Resignificación del patrimonio y Turismo

MUSEUS E PATRIMÔNIO: A EXPERIÊNCIA DO VISITANTE NO MUSEU DA GASTRONOMIA BAIANA (SALVADOR-BAHÍA)

Sales, Fabiana de L. Universidade Federal de Pernambuco- Programa de Pós Graduação em Antropologia. Doutoranda; fabiana.sales@museus.gov.br

O presente ensaio refere-se a projeto de pesquisa, ora em construção, o qual tem como campo de estudo as reflexões acerca do patrimônio cultural, dos processos de patrimonialização, dos museus e processos de musealização e as relações que ambos, patrimônio e museus estabelecem com o turismo, enquanto atividade mobilizadora de uma extensa cadeia produtiva que se alimenta de bens simbólicos tais como a cultura e o patrimônio. A pesquisa apresenta como unidade de estudo o Museu da Gastronomia Baiana (Salvador, BA, Brasil) e o seu entorno, o Largo do Pelourinho, como palco das relações sociais que se pretende investigar desde a perspectiva antropológica. O museu citado tem a gastronomia como tema do seu acervo e discurso, oferecendo ao visitante a oportunidade de conhecer a Bahia “pela boca”. A partir desta proposta, este texto objetiva apresentar o andamento do projeto de pesquisa em questão, promovendo uma reflexão em torno das contemporâneas discussões no campo da museologia e da adaptação dos museus ao alargamento do conceito de patrimônio, bem como à inclusão de práticas culturais e bens relativos aos cotidianos, além da qualidade da experiência que se oferece ao visitante, o qual, por sua vez, pertence à sociedade da aprendizagem e à economia da experiência. A gastronomia, neste estudo, cria as conexões entre patrimônio cultural, museus e o turismo, sendo o elemento diferencial na experiência do

visitante. Este ensaio visa ainda apresentar o delineamento preliminar da pesquisa etnográfica com os seus procedimentos metodológicos e contornos epistemológicos.

Palabras claves: Museus, patrimônio cultural, gastronomia baiana, turismo.

O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DOS VISITANTES NO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA (RIO DE JANEIRO/BRASIL)

Schwantes, Gabriel. Pesquisador Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa;
gabrielludolf@yahoo.com.br

Granito, Renata. Pesquisadora Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa ;
renata.garanito@gmail.com

Oliveira, Rómulo. Pesquisador Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa;
romuloduarteoliveira@gmail.com

O Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB), localizado no Rio de Janeiro - Brasil, foi inaugurado em 1930, tendo sido o primeiro museu-casa aberto a visitação no país. O conjunto arquitetônico neoclássico da casa e de seu jardim constitui-se como um importante patrimônio cultural do século XIX. Atualmente, a instituição recebe visitantes que chegam ao museu de forma espontânea, em grupos organizados ou através de visitas escolares. Tendo em vista o fluxo de visitantes que chegam motivados por, dentre outros fatores, seu patrimônio material e imaterial, a gestão do MCRB, reconhecendo a importância do planejamento turístico adaptado a bens culturais e compreendendo a importância de qualificar a experiência dos visitantes que a instituição recebe, iniciou no mês de junho de 2014 o projeto intitulado “Museu Casa de Rui Barbosa: estabelecendo relações com turistas nacionais e internacionais. O projeto visa qualificar os serviços e equipamentos que afetam de alguma forma na experiência daqueles que visitam o museu e seu jardim. Dessa forma, este trabalho busca apresentar as experiências e ações realizadas pelo grupo de turismólogos envolvidos no projeto no decorrer do seu primeiro ano de vigência dentro do museu, enfatizando o processo de turistificação deste bem cultural, que tem como premissa básica o respeito as suas peculiaridades e características.

Palabras claves: Turistificação, Patrimônio Cultural, Qualificação, Turismólogos, Museu Casa de Rui Barbosa.

-

INTERACCIONES ENTRE PATRIMONIO Y TURISMO EN EL BARRIO HISTÓRICO DE COLONIA DEL SACRAMENTO (URUGUAY): DISPOSITIVOS MEMORIALES COMO ELEMENTOS DE LA NARRATIVA

TURÍSTICA

Ibarlucea, Laura. Facultad de la Cultura (CLAEH) – Cátedra Unesco de Carnaval y Patrimonio (FCS-Udelar); libarlucea@claeu.edu.uy

Desde finales de la década de 1960 el casco histórico de la ciudad de Colonia del Sacramento experimentó una serie de transformaciones que conformaron una narrativa conmemorativa y patrimonial. Esa narrativa (que combina elementos tangibles y simbólicos) es la base fundamental de su inclusión en la Lista del Patrimonio Mundial y la ha convertido en una de las principales atracciones turísticas de Uruguay. El artículo propone una manera de analizar el proceso de patrimonialización y su relación con el turismo a través de la noción de dispositivo memorial, una herramienta analítica desarrollada teóricamente y aplicada al estudio del caso a través de ejemplos concretos (materiales e inmateriales). De este modo, el artículo describe el concepto de dispositivo memorial y lo pone en acción para desarrollar el análisis de este caso. Este enfoque ofrece una metodología de trabajo para abordar el proceso de patrimonialización e identificar algunos de los elementos centrales de su narrativa patrimonial (memorial) actual y la relación de ésta con el turismo.

Palabras claves: Dispositivo memorial; Patrimonio; Turismo; Colonia del Sacramento.

-

-

OS RABELADOS DE SANTIAGO: REFLEXÕES SOBRE AGÊNCIA E REFLEXIVIDADE EM CONTEXTOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO E TURISMO CULTURAL NUMA COMUNIDADE RURAL CABO-VERDIANA

Leistner, Rodrigo. Universidade do Vale dos Sinos- Brasil; rodrigoless@yahoo.com.br

Examina-se a emergência de políticas de patrimonialização e implementação do turismo cultural numa comunidade rural da ilha de Santiago, em Cabo Verde. Os Rabelados constituem coletividades originárias da resistência ao colonialismo, as quais se desenvolveram parcialmente isoladas do Estado desde os anos 1940. Recentemente, iniciativas empreendidas por mediadores culturais objetivam a inserção dessas coletividades junto à sociedade envolvente, e nesses propósitos, as políticas de patrimonialização e o turismo se apresentam como principais instrumentos, sobretudo no agenciamento de recursos econômicos e sociopolíticos destinados àqueles coletivos. Nesse contexto, o trabalho discute as complexidades que envolvem os agenciamentos observados, buscando compreender os significados contidos na patrimonialização e comercialização da “cultura rabelada”. Diferentemente das análises clássicas sobre os efeitos da comodificação das culturas (supressão da autenticidade, exotização dos sujeitos e subordinação dos indivíduos a novas assimetrias), os dados obtidos em

pesquisa de campo sugerem que os projetos analisados têm efeitos positivos. Por um lado, observa-se um reforço das singularidades culturais e a incidência de percepções coletivas alinhadas com demandas de reconhecimento identitário. Por outro, constata-se o surgimento de arenas públicas endógenas a essas coletividades, nas quais as complexidades que envolvem sua aproximação com a sociedade envolvente são discutidas, gerando-se reflexividade e condições para a emergência de sujeitos políticos. Sem pressupor que esses efeitos sejam coextensivos a outros agenciamentos culturais contemporâneos, os dados obtidos revelam contextos empíricos nos quais as políticas culturais que combinam turismo e patrimônio permitem aos agentes envolvidos serem “sujeitos” em suas aproximações e diálogo com o universo urbano e a modernidade.

Palabras claves: Rabelados de Santiago; processos de patrimonialização; turismo cultural; agência; reflexividade.

INTERROGANDO CENÁRIOS: ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE EMPREENDIMENTOS CULTURAIS EM ALDEIAS GUARANI NO ESPÍRITO SANTO (BRASIL)

Ciccarone, Celeste. Universidade Federal do Espírito Santo- Brasil. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Geografia; celeste.ciccarone@gmail.com

Gasperazzo, Marcus. Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; marcus_gasper@hotmail.com

Grupos Guarani que vivem no litoral norte do Espírito Santo (Brasil) numa região devastada pelo agronegócio e pela implementação recente de novos empreendimentos industriais, vem ensaiando novas propostas de projetos e eventos culturais, investindo na diversificação de suas atividades no âmbito do etnoturismo. Neste contexto, tem ocorrido a identificação de espaços aldeões como atrativos para intervenções culturais “exóticas” e “alternativas” com investimentos externos potencialmente em favor dos grupos, tendo rebatimentos significativos nos agenciamentos da visibilidade indígena. Sugerimos desenhar um trajeto destes cenários negociados, desde a criação de uma aldeia cenográfica até a realização de uma rave, acompanhando as estratégias de reapropriação e resignificação destes espaços-tempos por parte dos indígenas e as tensões e reordenamento sociopolítico dos grupos, numa perspectiva que contempla, ao mesmo tempo, o fortalecimento do modo de ser e viver guarani e a redefinição das relações/negociações com os brancos.

Palabras claves: Guaraní, etnoturismo, intervenções culturais, agenciamentos, visibilidade indígena, cenários negociados.

UNA HUELLA QUE DEJA RASTROS. PRÁCTICAS Y DISCURSOS ESTATALES EN UNA EXPERIENCIA DE TURISMO 'COMUNITARIO' EN LA PROVINCIA DE MISIONES

Gómez, Carolina. Doctoranda en Antropología Social (Universidad Nacional de Misiones). Becaria CITER, Entre Ríos. CONICET; caro_enroute@hotmail.com

Winikor, Mariana. Doctoranda en Antropología Social (Universidad Nacional de Misiones). Becaria CONICET; wmmarianita@yahoo.com.ar

En el presente trabajo nos proponemos caracterizar y analizar un producto turístico de la Provincia de Misiones denominado 'Huella Guaraní'. Es un proyecto como lo definen sus promotores (Subsecretaría de Ecoturismo de la Provincia de Misiones) de etnoturismo que tiene como principal atractivo conocer la cultura Mbya Guaraní.

Desde el Estado provincial se presenta el proyecto como originado desde las propias comunidades, caracterizado por ser participativo e inclusivo. Sin embargo a lo largo del trabajo y analizando diferentes prácticas y discursos estatales intentaremos vislumbrar las características de un proyecto verticalista y paternalista, que evidencia operaciones tendientes a la construcción de hegemonía, en alianza con el sector empresarial ligado a la actividad turística.

Indagaremos cómo se construye desde esta alianza la imagen de 'lo guaraní' en tanto atractivo principal de esta mercancía turística. Para ello, realizaremos un análisis de las prácticas, discursos y enunciados elaborados por los funcionarios de la propia Subsecretaría de Ecoturismo de la Provincia, dado que el análisis de los mismos resultan clave para entender las operaciones tendientes a la construcción de hegemonía. Examinaremos 'La huella guaraní' en tanto producto turístico que mercantiliza lo nativo transformándolo en objeto turístico al cual se debe conocer. Como quedará plasmado 'lo guaraní' se mercantiliza con fines estrictamente políticos y económicos.

Palabras claves: Hegemonía; Turismo; Guaraní; Estado; Alianza.

-

PATRIMÔNIO E TURISMO INDÍGENA NO SÍTIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Grünewald, Rodrigo. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG);

Patrimônio envolve a seleção de elementos de cultura que passam a ser representativos de uma determinada população. A escolha desses itens culturais (sejam materiais ou imateriais) tem uma relação direta com a memória do grupo social envolvido. Além disso, tais elementos são muitas vezes exibidos como *performances* em arenas turísticas de forma mercantilizada. Ao observar durante os últimos vinte anos o turismo entre os Pataxó da Terra Indígena de Coroa Vermelha, no estado da Bahia (Brasil), notamos mudanças significativas na maneira como eles lidam com os bens patrimoniais ali existentes, seja pela reconfiguração de antigos, seja em função da emergência de novos elementos do conjunto patrimonial desse sítio que marca a Descobrimiento do Brasil. Se o *turismo indígena* se caracteriza pelo gerenciamento pelos próprios nativos de pelo menos parte dos produtos e serviços disponibilizados aos visitantes, notamos também que tal particularidade crescentemente se consolida em Coroa Vermelha. Esta comunicação pretende refletir essa localidade, relacionando *performances* (o que inclui discursos) Pataxó com o patrimônio ali presente, discutindo ainda seus significados quanto à memória sobre eventos históricos e sobre sua territorialidade.

Palabras claves: Turismo, patrimônio, performance, memória, indígenas.

Sesión 3: Resignificación del patrimonio y Turismo

EL ROL DEL TURISMO Y EL PATRIMONIO EN LA CONFIGURACIÓN DE NUEVAS CENTRALIDADES URBANAS: LA USINA DEL ARTE EN EL BARRIO DE LA BOCA

Gomez Schettini, Mariana. Área de Estudios Urbanos. Instituto de Investigaciones Gino Germani- Facultad de Ciencias Sociales- UBA; marianagomez@sociales.uba.ar

Las estrategias de embellecimiento y turificación del patrimonio forman parte central del proceso de renovación urbana de la zona sur de las ciudades iniciadas en la década del 90". Pero será a partir del año 2001 en el marco de una crisis política, social, institucional y económica de gran envergadura, que en la ciudad de Buenos Aires comenzaron a delinearse e implementarse distintas estrategias tendientes a posicionar a la ciudad como destino turístico nacional e internacional. El interés por el retorno al centro de las ciudades, particularmente de sus centros históricos o áreas centrales ha sido una tendencia mundial que se viene consolidando desde hace más de una década, conformando una nueva agenda pública y un debate académico en torno a la relación entre renovación urbana, patrimonio y turismo. En esta ponencia, nos proponemos analizar la creación del Distrito de las Artes en el Barrio de la Boca, San Telmo Barracas y más específicamente "La Usina del Arte" en el barrio de La Boca, inaugurado en 2011 (como centro cultural y sala de espectáculos). Se indaga en el

trabajo, por un lado, cómo el gobierno local pone en juego la categoría de patrimonio industrial y, por otro, cómo revaloriza y renueva la imagen de un barrio de zona sur través de la activación patrimonial de un viejo edificio en desuso.

Palabras claves: Renovación urbana-turismo- patrimonio-La Boca- Usina del Arte.

LA RESIGNIFICACIÓN DEL CONJUNTO URBANO

Fonseca, Maisa. Doctoranda, Instituto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo – São Carlos. Profesora en el Curso de Arquitectura y Urbanismo del Centro Universitário de Araraquara (UNIARA), Brasil; maisafonseca@usp.br

El trabajo analiza la cuestión patrimonial y el urbanismo en la producción de la ciudad contemporánea. Para tanto, discute la relación de los *procesos de patrimonialización de conjuntos edificados* en el *ambiente urbano*, según el concepto de *patrimonio mundial* por la Organización de las Naciones unidas para la educación, la ciencia y la cultura (UNESCO). A partir de un concepto moderno de patrimonio que ha ampliado su noción de bien cultural, extendiendo su ámbito e interés a tejidos urbanos tradicionales reconociéndoles como representativos de signos significativos de culturas y civilizaciones. Así, esa noción de bien cultural como territorio y en que su significado es construido también por los elementos históricos y culturales, representa una idea de conjunto y pasa por un proceso de reconfiguración del patrimonio histórico en un producto turístico, en la medida que la transformación del espacio y la alteración de su uso para la industria del turismo y para el consumo puede estar desarticulado del lugar, en la medida en que permite la realización de actividades de manera independiente de su contexto y del local. En un proceso de *resignificación urbana*. De este modo, el trabajo analiza la implementación de políticas de patrimonio y la relación entre el bien cultural considerado patrimonio al ser clasificado a nivel local, nacional y en una esfera global, que trasciende la idea de nación, y su conservación y preservación. Utilizando como estudio de caso la ciudad de Belém (BA) y la candidatura de Ver-o-Peso como patrimonio mundial.

Palabras Claves: Procesos de patrimonialización. Conjuntos edificados. Ambiente urbano. Patrimonio mundial. Resignificación urbana.

LA DANZA DEL TANGO: DESDE LA INTERIORIDAD DEL ABRAZO AL PROCESO DE MERCANTILIZACIÓN

Hruby, Roxana. Universidad Nacional San Martín. Escuela de Economía y Negocios/ Universidad de Morón; rox_hruby@hotmail.com

Gracia, Agustina. Universidad Nacional San Martín. Escuela de Economía y Negocios / Universidad de Buenos Aires; agustina_gracia86@yahoo.com.ar

Cohen, Sebastián. Museo Etnográfico “J.B. Ambrosetti” FFyL-Universidad de Buenos Aires; sebafohen@hotmail.com

En el presente trabajo nos proponemos problematizar el mecanismo que legitima a la danza del tango dentro del vasto circuito de producción, circulación y consumo que se registra en la actualidad, estableciendo la fuerte vinculación que este proceso presenta con la actividad turística, especialmente desde su categorización como Patrimonio de la Humanidad.

Para tal fin, se examinan los distintos modelos situacionales que en torno a los diferentes contextos de actuación se suceden, analizando como la tensión milonga-escenario exterioriza una condición previa, poco estudiada hasta el momento, y a nuestro entender fundante; aquella que se construye en la "interioridad del abrazo". Pretendemos estudiar cómo esta condición, que en primera instancia asegura la permanencia de aquellas reglas que definen el carácter constitutivo de la danza, se relativiza, se confronta, se tensiona en los distintos ámbitos de espectacularización que la demanda externa -fuertemente vinculada a la actividad turística- propician.

Asimismo, se pone en evidencia, que en tanto se retroalimenta el circuito de producción y consumo que el tango promueve, se favorece el desarrollo de un espacio de contienda sobre las diversas memorias y los modos legítimos de construir el pasado, poniendo de relieve no sólo al producto tango en sí, -y la manera de ejecutar su danza-, sino también el problema de la transmisión y recreación de estos saberes locales en tanto mecanismos "constructores de identidad diferencial".

Palabras claves: Tango - Abrazo - Patrimonialización - Mercantilización - Turismo.

PROBLEMÁTICAS EN TORNO AL USO DEL PATRIMONIO CULTURAL COMO RECURSO TURISMO EN CAFAYATE, SALTA - ARGENTINA. PRIMERAS APROXIMACIONES.

Fernández, Samanta. Universidad Nacional de Salta;
samantafernandezreyes@gmail.com

-

El turismo, junto con la vitivinicultura, es una de las actividades económicas más importantes de la localidad de Cafayate. Su oferta turística se basa principalmente en torno a los paisajes áridos de características imponentes, la producción vitivinícola o turismo enológico, el folklore, algunas manifestaciones arquitectónicas y artísticas y el más recientemente incluido turismo comunitario, como una respuesta al turismo postfordista que demanda una mayor especialización. El patrimonio cultural utilizado con fines turísticos por los sectores públicos y privados en el caso de Cafayate motivan en algunos casos problemáticas y confrontaciones entre la lógica turístico - comercial y la lógica identitaria por parte de la comunidad local y de los distintos sectores que la promueven. Este trabajo pretende indagar acerca de la situación del patrimonio cultural como recurso turístico en la localidad de Cafayate y la problemática en torno a la

mercantilización del patrimonio cultural desde sus distintos actores.

El presente trabajo constituye un estudio de caso abordado desde un enfoque cualitativo, se recurrirá a la etnografía como método a través del cual analizaremos esta problemática en su complejidad. La técnica de análisis de documentos, en tanto método etnográfico, nos permitirá acercarnos a las primeras aproximaciones con respecto a esta problemática cuyas conclusiones formarán parte de una tesis doctoral.

Palabras Claves: Patrimonio Cultural / Cafayate/ Recurso Turístico / Comunidad Local.

ESTIMEM LLORET. LA REPRESENTACIÓN DE LA CULTURA LOCAL Y LA REVALORIZACIÓN TURÍSTICA DEL LUGAR

Yanes Torrado, Sergi. Departamento de Antropología Cultural y de Historia de América y África. Universidad de Barcelona; yanes.sergio@gmail.com

Desde principios de los años 60, Lloret de Mar (Girona, España) ha sido un territorio destacado en la geografía turística del Mediterráneo. Centro internacional de turismo *low-cost*, lugar de esparcimiento para las clases trabajadoras europeas, paraíso vacacional de jubilados y adolescentes, la abundancia discursiva que se ha generado sobre Lloret y que Lloret ha generado sobre sí misma es inmensa. A pesar de ser uno de los centros turísticos más importantes de Europa, durante décadas la producción y comercialización de la “cultura local” ha sido un elemento secundario en la turistificación de Lloret de Mar. Es a partir de la activación de políticas de reconversión del destino (años 90), cuando cierto tipo de patrimonio cultural toma un protagonismo central en tanto que producto turístico y componente renovador de la tradicional oferta de sol y playa.

La presente ponencia tiene como objetivo describir la mecánica mediante la cual se performa y ordena una determinada *verdad* en torno al patrimonio cultural, y cómo esa *verdad* colabora en legitimación de la actual política turística en Lloret de Mar. A partir de un ejemplo etnográfico concreto, se analizará la escenificación del consenso político-ciudadano en torno a los rasgos definitorios de la cultura local, sus elementos patrimoniales y sus usos turístico. La descripción de las controversias que llevaron a ese “consenso”, permitirá poner de relieve la amplia gama de asociaciones, acciones y negociaciones protagonizadas por los actores, reflejar el desarrollo y la escenificación de puntos de vista (o su ocultación/exclusión), así como detallar las estrategias de alineamiento y representatividad.

Palabras claves: patrimonio, política turística, identidad local, controversias.

-

TURISMO MÍSTICO Y PATRIMONIO MATERIAL EN EL DEPARTAMENTO DE LAVALLEJA (URUGUAY): EL CASO DEL VALLE ‘EL HILO DE LA VIDA’

Gamboa, Martín. Departamento de Turismo, Historia y Comunicación. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República, Uruguay;
martingamboa100@gmail.com

La presente ponencia constituye la síntesis de un estudio etnográfico realizado entre el período comprendido entre fines del 2010 y mediados del 2012, en un sitio con remanentes prehistóricos donde se desarrolla una forma de turismo místico. El lugar está ubicado a dos kilómetros de la Ciudad de Minas, Departamento de Lavalleja (Uruguay). Desde el año 2003 hasta la fecha, el sitio viene funcionando como atractivo turístico con una clara impronta mística donde se combinan y articulan elementos de la prehistoria indígena con la narrativa de la New Age. A su vez, el lugar no sólo es utilizado como circuito turístico, sino también como centro espiritual donde los turistas pueden concurrir a realizar ejercicios espirituales. Las técnicas de investigación empleadas durante el trabajo de campo fueron la observación participante, las entrevistas semi-directas y el registro fotográfico. Los resultados obtenidos nos muestran la existencia de la práctica de una modalidad de turismo místico que conecta aspectos de la prehistoria indígena con el corpus discursivo de la New Age, utilizando los “conos de piedra” [*cairns*] como operadores de conexión. En este sentido, el lugar es considerado un vórtice energético [*power spot*] por parte de los guías/propietarios, como también por la mayoría de los turistas que concurren en diferentes períodos del año para “recargarse de energía”.

Palabras claves: Turismo Místico; Cairns; Narrativa; New Age; Vórtice Energético.

PATRIMÔNIO, CULTURA E TURISMO: PERSPECTIVAS SIMBÓLICAS

Barradas Maranhão, Ana P. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco; anapaula_barradas@yahoo.com.br

O presente trabalho privilegia uma tríade acerca de Cultura, Patrimônio e Turismo. Neste sentido, foi realizada a investigação do processo de patrimonialização e a análise das políticas culturais da Casa da Cultura, localizada na cidade do Recife/PE, entre o período de 2011 a 2014. Sua administração é exercida pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e tombada a nível estadual pela

mesma. Como resultado foi observado que a Casa da Cultura é vista como um centro de venda de artesanatos e não como um patrimônio, ou um equipamento cultural. A metodologia utilizada foi à pesquisa de campo através de observação participativa, entrevistas não estruturadas com a diretoria da Casa da Cultura e FUNDARPE, além da aplicação de questionário com transeuntes, turistas e o público local. Do ponto de vista teórico acerca de intersecções entre Cultura e Patrimônio foram importantes as contribuições de Françoise Choay, Maria Cecília Fonseca, Márcia Chuva, Lia Calabre, Leonardo Brant, IPHAN, FUNDARPE, MinC; sobre Turismo: Margarita Barretto, Pedro Funari e Sandra Pelegrini. No decorrer do processo de investigação, foram analisadas e confrontadas as proposições da FUNDARPE e a sua atuação prática, com relação ao bem cultural supracitado e foi constatado que esta política não estava sendo posta em prática.

Palabras claves: Patrimônio. Cultura. Turismo. Casa da Cultura – Recife/PE.

GT 77. HACIA UNA TEORÍA VIVIDA DE LA POLÍTICA / POR UMA TEORIA VIVIDA DA POLÍTICA

Coordinadores:

Andrea Villagrán, CEPIHA-ICSOH/ UNSa (Argentina). Doctora en Antropología social (UBA, Argentina); avigran82@yahoo.com.ar

María Cecilia Ferraudi Curto, CONICET/IDAES-UNSAM (Argentina). Doctora en Ciencias Sociales (IDES-UNGS, Argentina); mceciliafc@hotmail.com

Stella Zagatto Paterniani, UnB (Brasil). Doctoranda en Antropología Social (UnB, Brasil); stella.paterniani@gmail.com

Comentarista: Virginia Manzano, CONICET/FFYL-UBA (Argentina). Doctora en Antropología Social (UBA, Argentina); virginiamanzan@gmail.com

-

-

Sesión 1: Trayectorias

“MOLDADO NA LUTA E SENTADO NO GABINETE”: BIOGRAFIA E

NARRATIVA DE UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA

Kassia Beatriz Bobadilla. Mestranda em Ciências Sociais (Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/ Brasil); kassiabobadilla@yahoo.com.br

O presente trabalho apresenta a trajetória e experiências de uma liderança comunitária de uma favela paulistana desde sua participação em Comunidades Eclesiais de Base (CEB), passando pela entrada no Movimento de Defesa do Favelado (MDF), até sua recente indicação para um cargo comissionado na subprefeitura do bairro e atuação nesse espaço institucional.

Acompanhando a biografia desse meu interlocutor, no que tange aos seus trânsitos e deslocamentos no campo movimentista e da política institucional, também busco mostrar como essa liderança concilia diferentes repertórios de ação em meio as redes sociais e espaços nos quais circula e participa. Mais do que estabelecer clivagens ou delimitar fronteiras entre Estado e movimentos sociais, é através da atuação de um ator concreto que procuro mostrar como essas esferas estão em constante interação, negociação e conflito fazendo com que essa relação seja estabelecida e/ou reificada a cada contexto e situação política.

Por meio da análise situacional, descrevo duas situações etnográficas que revelam como identidade, memória e fatos históricos marcantes da favela e da luta por moradia na região são acionados e adquirem um uso político no discurso e na narrativa dessa liderança. Ao apresentar e compartilhar algumas de suas autorreflexões, “crises” e conflitos sobre as intermitências e bifurcações de sua trajetória política, pretendo tecer breves comentários sobre a potencialidade do uso da narrativa na pesquisa etnográfica.

Palavras-chave: liderança comunitária, favela, etnografia política, antropologia política.

OS SENTIDOS DA POLÍTICA NA PERIFERIA DA VELHACAP: REFLEXÕES A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS DE CHAGAS FREITAS E TENÓRIO CAVALCANTI

Claudio Araujo de Souza e Silva. Professor adjunto do departamento de Ciências Sociais do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (UFF); claudiosouzaesilva@gmail.com

O objetivo desse trabalho consiste em buscar elementos para pensar a cultura política brasileira a partir de um estudo baseado na trajetória de dois personagens que tiveram sólida representatividade na história política nacional: Chagas Freitas e Tenório

Cavalcanti. A proposta tem como foco mostrar o *modus operandi* do universo político que envolveu esses dois personagens destacando os códigos culturais, símbolos, discursos, projetos, rituais, estratégias e visões de mundo que serviram como meios para a construção de diferentes noções de identidade política. Por um lado, a gramática que estruturou o universo político de Chagas Freitas tinha como base as relações de clientela, acordos e negociações estabelecidas com diversos atores sociais das regiões mais pobres e periféricas da antiga capital da República e, mais tarde, do Estado do Rio de Janeiro. Por outro lado, o campo político no qual Tenório Cavalcanti buscou espaço foi estruturado, sobretudo, pelo código da violência e da dominação carismática como forma de fortalecer laços de sociabilidade nessas mesmas áreas. Pretendo colocar em diálogo esse fazer político construído através da trajetória desses dois personagens com noções teóricas e normativas que conformam o conceito histórico de democracia, tais como: populismo, clientelismo, representação, participação, inclusão social e esfera pública.

Palavras-chave: cultura política; democracia; poder; história política brasileira; campo político do Rio de Janeiro.

LA HORA DEL CONFLICTO. LOS “SACERDOTES RENUNCIANTES” EN ROSARIO

Mara Dobry. CEACU/UNR; dobry.mara@gmail.com

El presente trabajo se enmarca en un proceso de investigación que venimos desarrollando para nuestra tesina de grado. En la misma nos proponemos indagar acerca de los conflictos que irrumpieron en la Iglesia Católica de Rosario entre mediados de la década de 1960 y 1976. Particularmente profundizamos en un grupo de sacerdotes que, en marzo de 1969, presenta la renuncia a sus cargos ministeriales como corolario de un proceso de tensiones entre este grupo y el Obispo de la ciudad de Rosario. Nos interesa analizar las memorias y la construcción de identidades de este grupo. Para esto estamos realizando entrevistas en profundidad y encuentros programados con los “sacerdotes renunciantes”, complementando el trabajo de campo con un relevamiento de la prensa escrita regional y nacional.

En esta oportunidad nos proponemos hacer una descripción del conflicto entre el Obispo y los “sacerdotes renunciantes”, para poder, a partir de la misma, extraer algunos ejes de análisis. Para esto nos apoyaremos fundamentalmente en las entrevistas realizadas hasta el momento, retomando, asimismo, algunas descripciones abordadas en otras investigaciones. Nos parece importante aclarar que no nos referimos a una concepción empirista, sino que adherimos a la idea de una descripción etnográfica concebida como descripción profunda, que contiene la construcción de conocimiento, momento fundamental del proceso teórico metodológico. Apostamos a que el abordaje de este conflicto desde las trayectorias personales de algunos sacerdotes, nos permita enfocar en el modo en que lo político, lo social y lo religioso se han entretendido en su

vida cotidiana.

Palabras claves: Renovación post-conciliar. Memoria. Vida cotidiana.

LOS SENTIDOS DE LA POLÍTICA: EL PASAJE DE UNA ONG A LA POLÍTICA PARTIDARIA COMO PROBLEMA.

Romina Malagamba Otegui. IDEAS/UNSAM- CONICET; romalagamba@gmail.com

Las Organizaciones No Gubernamentales (ONGs) se han convertido en las últimas décadas en agentes políticos relevantes que influyen en la formulación de las políticas públicas. Si bien no han podido desplegar una de las pretensiones programáticas que habían enarbolado en los 1990s, la de presentarse como “agentes renovadores de la política, un sujeto expertamente calificado y moralmente certificado”, han penetrado las estructuras del estado. Y es que la política, lejos de volverse líquida, ha pluralizado sus puntos de institucionalización siendo las ONGs uno de los dispositivos que produce tecnologías específicas de gobierno proveyendo, en otras cuestiones, cuadros políticos y administrativos de gobierno.

El objetivo de este trabajo es, a partir del estudio de caso del pasaje de Laura Alonso (otrora directora de la ONG de Elite Poder Ciudadano) a la política partidaria como legisladora nacional del PRO, analizar la compleja trama de migración hacia la función pública de estos expertos en ciudadanía que construyen su capital político a través del pasaje por estas organizaciones y llevan consigo parte de las agendas de las mismas.

Palabras clave: ONG- Política- partidos.

“COMO NUEVAS MARIÁS”. NOTAS PARA UN ESTUDIO DE LAS RELACIONES ENTRE LA RELIGIÓN CATÓLICA Y LAS MADRES DE PLAZA DE MAYO EN SUS AÑOS FORMATIVOS

Jerónimo Pinedo. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Instituto de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades. Centro de Investigaciones Sociohistóricas. Universidad Nacional de La Plata; jpinedo1137@gmail.com

Esta ponencia explora las relaciones entre la religión católica y Las Madres de Plaza de

Mayo, adoptando la perspectiva de la circularidad de la cultura (Ginzburg Carlo, 2011). Para ello se analizan dos tipos de materiales, por un lado el intercambio epistolar que intentaron Las Madres de la Plaza de Mayo con ciertos Obispos durante la última dictadura militar, y por otro, algunos relatos sobre la participación de Las Madres en rituales católicos: procesiones, peregrinaciones, vigiliias, misas. Nuestra hipótesis de trabajo será que si el discurso católico institucional ocupó una posición semejante a una ideología oficial durante la dictadura, al mismo tiempo alimentó prácticas y retóricas contestarias, en la medida que ofrecía “un horizonte de posibilidades latentes, una jaula flexible e invisible para ejercer dentro de ella la propia libertad condicionada”, articulando (de modo específico en una singular coyuntura) el lenguaje con que históricamente se disponía.

Sesión 2: Vida/Política

RECUPERAR LA PLAZA: ETNOGRAFÍA DE LA POLITICIDAD LOCAL EN EL GRAN BUENOS AIRES

María Cecilia Ferraudi Curto. IDAES-UNSAM/CONICET

Villa Progreso es un barrio de trabajadores de La Matanza, Gran Buenos Aires. Desde 2013, la cuestión de la inseguridad se ha consolidado como un problema local clave, asociado a una serie de muertes sucedidas en ocasión de robo en el barrio, a la masividad de las movilizaciones que se produjeron entonces, a sus repercusiones mediáticas en un contexto electoral y a la respuesta estatal. Una investigación centrada en ciclos de protesta atendería a ese período. Aquí, en cambio, me interesa entender cómo ese momento de politización intensa fue procesado a lo largo del tiempo a través de una reconfiguración de las tramas de sociabilidad local. Para ello, me centraré en una red constituida en torno de la plaza barrial. Este espacio es clave como parte de una sociabilidad más amplia que se extiende en calles, negocios, casas y *facebook*. Intentaré dar cuenta de esa trama compleja, y del lugar específico de la plaza en él.

Este análisis forma parte de una investigación etnográfica mayor que pretende comprender cómo los vínculos locales configuran modos específicos de politicidad entre los habitantes del Gran Buenos Aires.

-

A “PONTA” DO ESTADO EM MANGUINHOS: A CONSTITUIÇÃO DE

ARENAS PÚBLICAS NO CONTEXTO DAS MARGENS

Mila Henriques Lo Bianco. Mestrado IPPUR/UFRJ (Orientadora: Soraya Silveira Simões); mila.lobianco@gmail.com

Com as intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento no conjunto de favelas de Manguinhos, um novo cenário político vem se configurando no local. Enquanto um dos resultados mais visíveis das obras, o “Centro Cívico” reúne uma série de equipamentos que oferecem serviços públicos variados à população. Novos usos não setorizados e significados imprevistos são atribuídos constantemente a esses espaços concebidos e construídos a partir da articulação causal entre as ideias de urbanização e cidadania. Reuniões organizadas pelos diferentes movimentos e grupos locais, tal qual o Conselho Comunitário de Manguinhos, evidenciam o processo de constituição de arenas públicas no contexto das margens. Com trabalho de campo realizado entre 2013 e 2015, acompanhei situações sociais, nas quais disputas e engajamentos múltiplos foram travados em torno dos sentidos, funções, responsabilidades, deveres e direitos daquilo que se entende e se evoca enquanto “Estado”, tendo em vista os mais variados interesses e poderes em jogo. Com uma etnografia voltada para a dimensão cotidiana da política, tal como vivida e experimentada localmente, pretende-se mapear trajetórias, redes e arenas dos “homens simples” que têm suas vidas atravessadas pelas intervenções estatais ou que atuam como representantes e funcionários do poder público no território e que tomam pequenas decisões diariamente capazes de redefinir provisoriamente, nas brechas, os rumos e resultados mais imediatos e circunscritos de determinadas políticas públicas.

Palavras-chave: Arenas – Estado – Margens – Manguinhos – Urbanização.

RESISTÊNCIA, REIVINDICAÇÃO E PREFIGURAÇÃO OU: A POLÍTICA ENQUANTO VIDA EM UM MOVIMENTO SOCIAL

Stella Zagatto Paterniani. Doutoranda em Antropologia Social, Universidade de Brasília

Durante minha pesquisa de mestrado, percebi que os movimentos que lutam por moradia em São Paulo não se constituem apenas movimentos de resistência, tampouco somente movimentos que reivindicam políticas do Estado. Percebi essas duas dimensões (resistência e reivindicação) durante minha pesquisa de campo na ocupação Mauá, um prédio ocupado no centro da cidade de São Paulo. A dimensão da resistência apareceu devido à localização da ocupação: na área do centro da cidade, que passa por um processo de gentrificação que a ocupação desafia. A dimensão da reivindicação apareceu principalmente na reivindicação do movimento de que o Estado reformasse o

prédio para Habitação de Interesse Social (para famílias de baixa renda). Mas, além dessas suas dimensões, há também a dimensão da prefiguração: aquelas famílias já estavam vivendo, de alguma medida, no modo como acreditavam que deveriam e gostariam de viver, isto é, naquele prédio, naquele local. Não obstante, sua principal luta, isto é, a de uma moradia digna, somente poderia ser alcançada se as três dimensões acontecessem simultaneamente: a compra e reforma do prédio por parte do Estado, por meio de política pública, transformando-o em Habitação de Interesse Social para aquelas família morarem ali, na região central. Desde o mestrado, no entanto, tive contato com outras pessoas de outros movimentos de luta por moradia, e minha proposta nesta comunicação é, nesse sentido, epistemológica: tentar aproximar o entendimento da política enquanto vida nesses movimentos sociais ao esforço analítico de entender a ação política como composta por essas três dimensões (de resistência, reivindicação e prefiguração).

Palavras-chave: movimentos de moradia, ação política, ocupação, narrativas, prefiguração.

-

-

SOBRE A *UNIDADE DAS LUTAS*: A POLÍTICA DOS MOVIMENTOS E SEUS ENCONTROS

Marcela Rabello de Castro Centelhas

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ);
marcelarabello91@gmail.com

Como a *unidade* é construída nos *Encontros*? Nossa questão inicial parte, de algum modo, de uma preocupação nativa. O esforço em *unir*, *articular* ou *integrar* é algo presente em quase todos os movimentos sociais do campo brasileiro, não só no universo dos congressos, conferências e *Encontros*, mas também nas demais modalidades de ação coletiva, como marchas, atos, ocupações, acampamentos, entre outros. Esse esforço, contudo, coloca para aqueles que se organizam politicamente o problema de como realizar, isto é, de como por em prática esse projeto de *unidade das lutas*. Nossa tentativa neste trabalho é, portanto, compreender as questões que se delineiam quando este projeto é posto “em ação”. Partindo da análise dos processos de construção e realização de dois *encontros* de movimentos sociais – eventos com duração pré-estabelecida e que reúnem um grande número de coletivos, movimentos, sindicatos e associações –, procuraremos compreender como as simbologias e valores ligados à união são efetivamente agenciados, sentidos, reproduzidos e transformados pelos atores em questão. Nesse sentido, procuramos trabalhar a noção de união/unidade em sua polissemia, buscando traçar as múltiplas práticas, valores, sentimentos e grupos que ela engendra no contexto desses eventos. Acreditamos que essa reflexão pode trazer novas questões para os estudos dos movimentos sociais, ao propor que a análise da experiência política e das suas narrativas só ganha inteligibilidade ao estar associada às demais relações e esferas da vida, sejam elas pessoais, místicas, religiosas, familiares,

etc.

Palavras-chave: unidade; movimentos sociais; encontros; experiência; política.

A OCUPAÇÃO DA CÂMARA LEGISLATIVA DO DF: UM ESTUDO DE CASO COM FOCO NO ATIVISMO AUTONOMISTA BRASILIENSE

Adriana Coelho Saraiva. Doutora em Ciências Sociais – Centro de Pesquisa e Pós Graduação sobre as Américas – CEPPAC/ Universidade de Brasília

Este trabalho volta-se para a compreensão do Movimento Passe Livre- DF, um movimento social autônomo surgido em várias cidades brasileiras a partir de 2004, que luta pela reestruturação dos transportes públicos urbanos e apresenta características bastante inovadoras frente ao cenário político local e nacional. Sua trajetória de ação, no Distrito Federal, está vinculada à constituição dos movimentos sociais autônomos e à formulação de uma concepção própria de direito à cidade. Adeptos da ação direta, os ativistas do MPL costumam partilhar a característica da multimilitância, atuando simultânea ou alternadamente em várias frentes de movimentos autônomos e se envolvendo intensamente com causas locais. Em 2013, o MPL foi o movimento social que deflagrou o que passaria a ser mundialmente conhecido como as “Jornadas de junho” brasileiras.

Baseado na etnografia realizada para minha tese de doutorado, neste trabalho trato de uma ação de protesto desenvolvida por ativistas integrantes de diferentes organizações, com foco especial no movimento autônomo, por ocasião da eclosão de um escândalo político conhecido como ‘Caixa de Pandora’, ocorrido em Brasília, em 2009. O episódio envolveu e levou à renúncia a cúpula dos poderes executivo e legislativo locais.

Como questões centrais abordarei aqui as principais características de organização do MPL, as formas de inter-relação do movimento autônomo brasiliense com outros seguimentos da política local a partir da análise da ocupação da Câmara Legislativa do DF e, por fim, realizarei uma abordagem ritual dessa ocupação.

Palavras chaves: ativismo juvenil; movimento social autônomo; ocupação; etnografia; abordagem ritual.

**TRABAJO ASOCIATIVO Y CONSTRUCCIÓN DE DEMANDAS.
COOPERATIVAS Y FÁBRICAS RECUPERADAS VINCULADAS AL**

MOVIMIENTO EVITA

Lidia Villar. IdIHCS / UNLP; liaviillar_76@yahoo.com.ar

La trayectoria de los movimientos populares en Argentina, desde su organización como movimientos de desocupados, hasta sus alineamientos políticos actuales, se encuentra atravesada por un proceso de construcción de identificaciones colectivas organizadas en torno a la demanda de “trabajo digno”. En esta ponencia me interesa abordar las relaciones entre políticas estatales, los procesos de movilización y las formas de gestión del trabajo en conjuntos subalternos. Para llevar adelante este objetivo abordaré el Movimiento Evita de la ciudad de La Plata (Ciudad de la Provincia de Buenos Aires, Argentina) y tomaré comparativamente dos casos de estudio. Una Cooperativa de Trabajo vinculada al Programa Ingreso Social con Trabajo “Argentina Trabaja” del Ministerio de Desarrollo Social de Argentina y una Fabrica Recuperada vinculada al Programa Autogestionado del Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social del mismo país.

Por un lado, describiré la trayectoria del Movimiento Evita desde su organización como movimiento de desocupado hasta su alineamiento político actual y presentaré el proceso de conformación de la Cooperativa de Trabajo y de la Fabrica Recuperada en tanto organizaciones integrantes del movimiento y beneficiarias de políticas públicas. Por otro, indagaré sobre las experiencias de trabajo y de militancia de los integrantes de la Cooperativa y de la Fabrica Recuperada.

Para realizar este trabajo, parto de investigaciones previas en las que adopté una perspectiva cualitativa que privilegia el estudio de los sujetos y sus prácticas sociales. Cuento también con observaciones y entrevistas realizadas en el marco de mi tesis doctoral que se encuentra en desarrollo.

Palabras Claves: Movimiento Social – Cooperativas – Fabricas Recuperadas – Participación Política – Trabajo.

“MOVILIZANDO TRABAJO”. EL TRABAJO COMO ORDENADOR SOCIAL Y FORMA DE CONSTRUCCIÓN POLÍTICA

Marina Wagener. FFyL – UBA; marinawagener@hotmail.com

En el año 2007 tomé contacto con un conjunto de personas organizadas en un *movimiento social* en la Ciudad de Buenos Aires, que cotidianamente y desde hacía varios años atrás orientaban sus esfuerzos a la producción de viviendas colectivas y construcción de complejos habitacionales movilizando y movilizados por políticas habitacionales, especialmente locales. Algunas de estas personas diariamente trabajaban

en obras en construcción, mientras que otros desempeñaban trabajos por su cuenta. Además, la participación en actividades como movilizaciones y reuniones era, habitualmente también, considerada como *trabajo*.

Desde una perspectiva etnográfica, histórica y relacional, propongo entonces, abordar el modo en que el trabajo se configuró además de como consigna de movilización y una demanda, como una norma de derecho que regula las acciones y vínculos, el acceso y (re) distribución de recursos, y que opera en la categorización de personas. Mostraré además, que su sentido se comprende desde la cotidianeidad de las personas organizadas en el *movimiento*, desde la construcción política inscrita en una trama de relaciones más amplia y en relación con políticas estatales, y también desde nociones históricas sobre el trabajo en Argentina. A su vez, me detendré en cómo a través del uso de la palabra y del *apoyo*, es decir, de la movilización (y producción) de vínculos y recursos, el trabajo como norma de derecho es en ocasiones flexibilizada y disputada. De este modo procuro también iluminar un aspecto de la dinámica de las relaciones de fuerza entre las personas involucradas en el *movimiento*, especialmente en lo que atañe al acceso y distribución de recursos.

Palabras Clave: Política, Trabajo, Normas de derecho, Recursos; Relaciones de Fuerza.

Sesión 3: Funcionarios: el Estado encarnado

O FUNDAMENTO DA NARRATIVA DESQUALIFICANTE SOBRE O FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Monique Florencio de Aguiar. Doutora em Antropologia;
monique_aguiar@yahoo.com.br

Por meio deste trabalho, objetivo demonstrar como funcionários técnicos interagem entre si em um tipo de ambiente da Administração Pública, considerando as relações assimétricas. A partir disso, verifico procedimentos de concorrência que comprometem a celeridade e a qualidade dos serviços públicos, ao mesmo tempo em que delineiam uma determinada cultura. Assim, explorarei um tipo de política de gestão com a qual se procura controlar em grande medida o comportamento dos funcionários. Para elaborar o texto, refletirei sobre depoimentos de vários funcionários públicos durante experiência de pesquisa, bem como vivências pessoais que indicam a regularidade de certas ações no ambiente da administração pública, revelando a pertinência de teorizações específicas. Serão abordadas as estratégias de subordinação, que reações elas provocam e como são vivenciadas emocionalmente, dado que os sentimentos são tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem. Por fim, um processo de desumanização é verificado e suas implicações permitem responder a questão: qual o

fundamento da narrativa desqualificante sobre os funcionários públicos?

Palavras-chaves: funcionalismo público, procedimentos de concorrência, estratégias de subordinação e cultura organizacional.

REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE A POLÍTICA DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL – EXPERIENCIAÇÕES DE GESTORES

Stefany Ferreira Feniman. Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Maringá (PGC/UEM); *stefanyffeniman@hotmail.com*

O princípio internacionalmente consagrado do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) preconiza que todo cidadão deve estar seguro em suficiência, qualidade e adequação alimentar. No Brasil, o conceito que consolidou o DHAA foi a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), um conjunto de políticas de caráter público, estratégico e permanente, que logrou ao Estado o papel fundamental de respeitar, proteger e facilitar a ação de indivíduos e comunidades na busca pelo alimentar-se. A forma de organização institucional acionada para tais propósitos é a intersetorialidade, por articular experiências e saberes variados nos centros decisórios e proporcionar uma inter-relação entre os atores e interdependência dos setores. Complementando uma experiência etnográfica realizada na dissertação de mestrado da autora, este trabalho tem por objetivo apresentar as narrativas de gestores envolvidos e suas práticas na consecução da política de SAN no município brasileiro de Maringá, Paraná. Interessa refletir aqui sobre a condução cotidiana da política, sobretudo no que tange ao princípio de intersetorialidade, desde a implementação ao monitoramento das ações. A análise do discurso do sujeito coletivo é o referencial teórico utilizado para a interpretação das narrativas construídas pelos gestores interlocutores da pesquisa. A literatura antropológica expõe como a lógica gestora municipal se sobrepõe às diretrizes dos marcos regulatórios. A teoria atinente à gestão pública explicita os desafios do cumprimento da intersetorialidade diante de uma prática de gestão do Estado tradicional e herdada; e o trabalho etnográfico oportuniza o conhecimento da medida em que esses desafios se interpoem na realidade municipal para o alcance do DHAA.

Palavras-chave: Etnografia – Políticas públicas – Segurança Alimentar e Nutricional – Intersetorialidade.

-

SENTIDOS DE JUSTIÇA E QUADROS MORAIS DA “COMPETÊNCIA” EM UM CONTEXTO DE FUNCIONALISMO PÚBLICO MUNICIPAL

Gabriela de Lima Cuervo (doutoranda PPGA/UFF); *bicuervo@gmail.com*

A reflexão proposta neste trabalho baseia-se em dados colhidos para minha dissertação de mestrado e parte de uma perspectiva em que se enxerga o Estado como um conjunto de disputas e microprocessos envoltos de múltiplas moralidades que informam os modos pelos quais os agentes estatais, em suas variadas instâncias, funções e hierarquias, regem e pensam suas práticas. Ao tomar como objeto de análise as carreiras profissionais de professores da prefeitura de Magé e as mudanças e contratempos por eles enfrentados por conta das dinâmicas de cada governo, concluí que aquele contexto de funcionalismo público era marcado por um jogo de construção de reputações e processos de classificação, onde era colocada em questão a “competência” daquelas pessoas no exercício de seus cargos. Ali, discutia-se tanto o estatuto da própria “competência” e a dos colegas, assim como as prerrogativas para alguém ser considerado “competente”. Esse quadro de produção da crítica, no qual são lançados sentidos de “justo” acerca das possibilidades de compensação social em torno da “competência” de cada um era reforçada, sobretudo, pela proximidade com a política eleitoral, quando há tanto funcionários que chegam ao serviço público através do envolvimento com pessoas que transitam naquele universo político, quanto funcionários que passam a se envolver com a “política” através e após o acesso ao emprego público. Com base no exame das falas de alguns professores acerca de suas atuações no serviço público e o que se espera dele, analiso de que forma estes discursos são envoltos pela oposição normativa “Estado impessoal/política, quando são agenciadas categorias como competência, igualdade e justiça através de gramáticas ancoradas em princípios como “eficiência” e civismo.

Palavras-chave: funcionalismo público, competência, moralidades, justiça, igualdade.

Sesión 4: Organizar y producir: políticas, Estado y temporalidad

EN EL MIENTRAS TANTO. TIEMPO Y ESPACIO EN LA PRODUCCIÓN COTIDIANA DE UNA POLÍTICA HABITACIONAL

Sofía Meyrelles. Becaria doctoral CONICET – FFyL/UBA / Prof. en antropología (UBA); sofiameyrelles@gmail.com

En el 2007 el gobierno del Municipio de San Isidro, al norte del conurbano bonaerense, comenzó a implementar una política de reurbanización in situ en la villa “El Sauzal”, de financiamiento nacional –el Plan Federal de Construcción de Viviendas-, consistente en la construcción de 200 viviendas estandarizadas entregadas terminadas a los beneficiarios y el mejoramiento de algunas existentes. Ocho años después se han entregado solamente 45 viviendas, actualmente las obras se encuentran paralizadas y qué sucederá en el futuro es una incógnita hasta para los mismos agentes estatales. Pero, mientras tanto, el gobierno local fue desplegando distintas acciones en el barrio, dispersas y fragmentadas, y los habitantes del Sauzal han seguido adelante con la

autoconstrucción de sus viviendas en la villa, debatiéndose entre la esperanza y el descreimiento. En el presente trabajo me propongo, desde una perspectiva etnográfica y basándome en mi trabajo de campo en curso, centrarme en las distintas formas de experimentar el tiempo en la producción cotidiana de esta política habitacional, y en su relación con la producción del espacio doméstico y barrial. Específicamente me pregunto cómo los distintos actores viven la política de urbanización entre el proyecto original y las dilaciones, y cómo operan en las prácticas y decisiones cotidianas de las personas la promesa, el rumor, la expectativa y el descrédito. Así, centrándome en las formas en que los distintos actores involucrados viven la política, propongo discutir con los enfoques tradicionales que, evaluándola en términos programáticos y lineales de éxito o fracaso, posiblemente la dieran por fallida y terminada.

Palabras clave: urbanización de villas, política vivida, tiempo, producción del espacio.

LAS TEMPORALIDADES EN LA PRODUCCIÓN DE URBANIZACIÓN DE BARRIOS POPULARES EN EL GRAN BUENOS AIRES, ARGENTINA

Moreno Lucila. ICA-FFyL-UBA-CONICET; lucil.moren@gmail.com

El objetivo de la presente ponencia es analizar las diferentes temporalidades que envuelven los procedimientos de gobierno y los modos de vida de las personas a través de la puesta en marcha de proyectos estatales que tienen como objetivo urbanizar villas y asentamientos precarios en el Gran Buenos Aires, Argentina. Las tensiones que ello presenta permiten comprender las formas en que se ejerce la dominación estatal como también los modos de resolución de dimensiones centrales de la vida como es el acceso a la tierra y la vivienda por parte de los pobladores.

A partir del análisis etnográfico en dos barrios populares donde se llevan a cabo proyectos de reordenamiento espacial y relocalización de poblaciones, focalizaremos por un lado, en las diferentes temporalidades implicadas en los procedimientos estatales, las tensiones que ello genera entre agentes de diversas áreas de gobierno y las empresas constructoras a cargo de las obras de los proyectos de urbanización; y por otro, las múltiples prácticas y experiencias temporales y espaciales de sus habitantes. A través de estas situaciones, buscamos comprender los efectos que tienen las temporalidades que envuelven a los procedimientos de gobierno en los modos de vida de las personas que habitan los barrios populares, y a su vez, cómo ello habilita un conjunto acciones y negociaciones entre diferentes actores sociales que permiten acelerar tiempos, objetivos y modos de resolución de los proyectos de urbanización en marcha.

Palabras claves: políticas de urbanización, temporalidades, demandas colectivas, Estado.

-

-

¿BARRIALIZACIÓN? ¿ESTATALIZACIÓN? LAS PRÁCTICAS DE LAS ORGANIZACIONES EN LA PRODUCCIÓN CONJUNTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Rocío Di Bastiano. Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales.
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata. (Becaria CIN); rocio.dibastiano@gmail.com

En Argentina, los debates académicos post 2003 acerca de la relación Estado – movimientos sociales fueron inundados por la difundida idea de “cooptación”. En esos años, muchas de las organizaciones sociales surgidas al calor de los ’90 y la crisis de 2001 experimentaron un acercamiento al Estado a través de la incorporación de dirigentes a cargos públicos y/o de la producción conjunta de programas estatales. Así emergieron una serie de políticas públicas que se hicieron carne precisamente de la mano de las organizaciones.

En una investigación anterior nos adentramos en el estudio de las organizaciones sociales cuando actúan como “puentes”, es decir, como “mediaciones” entre el Estado y los sectores populares; en particular a partir del estudio del Plan FinEs implementado desde el año 2011 conjuntamente con organizaciones encargadas de abrir “sedes educativas”. La atención fue colocada sobre la experiencia del Movimiento Evita en su implementación desplegada en diversos barrios periféricos de la ciudad de La Plata. Para la presente ponencia nos proponemos, a partir de dicho estudio, indagar en algunas reflexiones e interrogantes acerca de las prácticas de las organizaciones centradas en la implementación de políticas públicas ¿Se “barrializa” el Estado y/o se “estatalizan” las organizaciones? En este sentido esperamos recuperar transformaciones, potencialidades, continuidades y limitaciones.

Palabras clave: estado, organizaciones sociales, políticas públicas, Argentina post 2003.

-

DE LUCHAR A ORGANIZAR EL „RECONOCIMIENTO“ . LA PRODUCCIÓN DE FORMAS ORGANIZATIVAS EN EL MARCO DE LAS RELACIONES ENTRE BACHILLERATOS POPULARES Y EL ESTADO EN ARGENTINA

-

Juan Pablo Lago Millán. CONICET – FFyL, UBA; juanlagomillan@gmail.com

A partir del año 2004 en Argentina, diversas organizaciones sociales produjeron experiencias educativas autogestionadas que llamaron Bachilleratos Populares. En la Ciudad de Buenos Aires, y en el marco de la “Coordinadora de Bachilleratos Populares en Lucha”, algunas de estas fueron incorporadas como escuelas oficiales por parte del gobierno en el año 2011. Partiendo de dicha oficialización, este trabajo aborda este proceso político centrándose en las relaciones personales e institucionales y en las formas y niveles organizativos producidos y desplegados desde aquel entonces. A partir de la observación etnográfica de las acciones de los educadores de un Bachillerato Popular de la Ciudad de Buenos Aires, y de los vínculos que establecen con otros actores (organizaciones sociales, sindicatos, agencias estatales) me propongo a) describir el proceso de „reconocimiento” a partir de cómo es vivido por los actores involucrados y b) reflexionar sobre cómo el análisis de la política en organizaciones sociales permite expandir los límites materiales y conceptuales de aquello que entendemos por Estado.

-
-
-
-

Sesión 5: Las políticas en los colectivos indígenas

CARTOGRAFÍAS DE LA LUCHA POR EL TERRITORIO QULLAMARKA

Paula Milana. ICSOH – CONICET-UNSa; mp_milana@yahoo.com.ar

En las últimas décadas y a lo largo-ancho del país, han aflorado múltiples experiencias de formalización de organizaciones indígenas cuyas demandas buscan lugar en un marco de reconocimiento y juridización de derechos a la diferencia; pináculo de un proceso de larga data y de construcción de escenarios particulares de lucha. La mayor urgencia es la regularización de la propiedad comunitaria junto a otras sobre salud, educación, trabajo. Si bien en los últimos años los discursos y prácticas de las políticas sociales se han transformado, otorgando una mayor visibilización a los pueblos originarios, el eje de la “inclusión” sigue girando sobre la construcción de un sujeto económico que debe hacerse cargo de su propio “desarrollo” (de su propia existencia). Al mismo tiempo estas políticas se ven constreñidas a niveles locales, adquiriendo matices singulares en relación a configuraciones espaciales y relaciones de dominación históricas.

Sin embargo, las prácticas de quienes forman parte de los pueblos originarios también implican objeciones y resignificaciones a las programáticas de gobierno que acompañan

estas políticas. Esta ponencia traza un acercamiento a la política colectiva a través del caso de una organización kolla, el Qullamarka o “Coordinadora de organizaciones y comunidades kollas de la Provincia de Salta”. Se propone dar cuenta de estas prácticas de resignificación que van tensando los modos de relación con los heterogéneos actores a la hora de luchar por su territorio, así como las transformaciones en sus vinculaciones y posicionamientos políticos, que a la vez evidencian reconfiguraciones de gobierno estratégicas a nivel municipal, provincial y nacional.

Palabras clave: Qullamarka – Salta – Pueblos Originarios – Políticas sociales – prácticas de resistencia.

-

“TRABAJO POLÍTICO” VERSUS “CAUSA INDÍGENA”

Rosés, María Alejandra. Universidad del Salvador, Sociología, Argentina;
maroses@gmail.com

En el marco del trabajo de campo de mi tesis de grado sobre identidades indígenas una de las comunidades guaraníes de Jujuy se divide. Esta situación resultó frustrante, pero con el tiempo las causas de esta ruptura abren interrogantes sobre los factores que la habían provocado y cómo estos se vinculaban con ideas y usos de lo indígena. En este sentido, surge como noción y práctica en disputa la idea de política contrapuesta a lo indígena. ¿Cómo se debe ejercer la política y quiénes dentro de la comunidad pueden hacerlo? ¿Cómo se pueden establecer relaciones clientelares y con qué motivos? Asimismo, durante las entrevistas, surgió una disputa que asociaba estas tensiones con la oposición entre “trabajo político” versus “causa indígena” El presente trabajo contextualiza la conformación de las comunidades guaraníes del noroeste jujeño, y a partir del estudio de un caso pretende analizar diferentes concepciones de la política en el ámbito urbano indígena del noroeste argentino. El objetivo es recorrer estas visiones contrapuestas dentro de la misma organización guaraní, establecer una tipología de los “usos de la política” y analizar esto a la luz de la noción del “indio hiperreal” de Alcida Ramos.

Palabras claves: política, guaraníes, jujuy, identidad indígena.

-

-

ANTES Y DESPUÉS DEL “CORTE”. RE-DEFINICIÓN DE CATEGORÍAS, POSICIONES Y VÍNCULOS EN EL PROCESO DE CONFORMACIÓN DE UNA COMUNIDAD INDÍGENA

Andrea Jimena Villagrán. ICSOH-CEPIHA, UNSa (Argentina);
avigran82@yahoo.com.ar

María Victoria Sabio Collado. ICSOH-CEPIHA-CONICET, UNSa (Argentina);
mvsc_salta@yahoo.com.ar

En este trabajo indagamos un “corte” de la ruta provincial N 40, en el sector sur de los Valles Calchaquíes de Salta, protagonizado en 2005 por los integrantes de una comunidad indígena. Este constituye la última instancia de un múltiple recorrido por frenar “el desalojo” que contaba con sentencia judicial.

En tanto *evento crítico*, este hecho posee un privilegiado potencial analítico; condensa diversos aspectos del complejo proceso de constitución del colectivo, de su organización política y de la definición de sus modalidades y repertorios de acción y demanda. En esa dirección, nos proponemos reconstruir los sentidos que los integrantes y dirigentes le atribuyen al “corte”, y el lugar que ocupa en “la historia” de conformación de “la comunidad”, en tanto simboliza el inicio de una “nueva” etapa: indica el pasaje de “la resistencia” a la “lucha organizada”.

En situación de “el corte”, a la vez que se enuncian abierta y públicamente argumentos que hasta ese momento se habían expresado casi exclusivamente en el lenguaje escrito, - y codificado en la formalidad del discurso legal-, se despliegan inéditas prácticas que inauguran un modo singular de relacionamiento con “el Estado”. Asimismo, a partir de allí se redefinen categorías de adscripción, clasificación, posicionamientos y vínculos entre los diversos actores involucrados. Se ponen en juego “la solidaridad” y “el apoyo” y se actualizan enfrentamientos, todo lo cual informa respecto a la dinámica de constitución de los vínculos sociales y sus tensiones, de los cambiantes contornos del colectivo y su situacional redefinición.

Palabras Claves: Proceso organizativo- comunidad indígena- evento crítico.

-
-
-
-
-
-
-

**UNA INTRODUCCIÓN A LAS DIFERENTES FORMAS DE PARTICIPACIÓN
POLÍTICA EN LAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE QUILMES Y
AMAICHA DEL VALLE. PROVINCIA DE TUCUMÁN 1970-2015**

María Victoria Pierini. UBA-FFyL, Sección Etnohistoria; victoriapierini@gmail.com

En este trabajo pretendo realizar un primer análisis sobre las diferentes formas de vivir la política que he podido vislumbrar en la historia reciente de las comunidades indígenas de Quilmes y Amaicha, en la Provincia de Tucumán, Argentina. La historia de la conformación política de estas dos comunidades vecinas presenta ciertas diferencias. De todas formas, la década de 1970 se constituye en un momento particular en la historia de la organización política y comunitaria de estas localidades, en clara relación con el agitado clima político que se vivía en el país y con el auge de la participación en diversos tipos de organizaciones (partidos políticos tradicionales, organizaciones indígenas, agrupaciones revolucionarias, organizaciones de la sociedad civil y religiosas). Como ejemplo paradigmático, podemos nombrar la realización en diciembre de 1973 de un Parlamento Indígena de los Valles Calchaquíes que recibió financiamiento estatal y apoyo de diversas agrupaciones políticas.

Desde ese momento y hasta la actualidad, la participación política ha ido tomando diferentes formas en la región, según se iban dando cambios en el contexto político nacional, atravesado por golpes de estado y cambios constitucionales, y se desarrollaban procesos más autónomos de organización comunitaria local. Es así que me interesa analizar el desarrollo de esas diferentes prácticas políticas en la historia local, prestando atención a las concepciones sobre la política que surgen en los relatos de la historia reciente y en las interpretaciones que se dan sobre la relación con el Estado, los partidos políticos y otros ámbitos de militancia.

Palabras clave: comunidades indígenas- militancia- partidos políticos-Parlamento Indígena- Estado.

Sesión 6: La Participación y la militancia como problemas

-

LA EXCLUSIÓN DE LO POLÍTICO EN MODELOS DE PARTICIPACIÓN COMUNITARIA Y DESARROLLO RURAL

Antonio de la Peña García. Professor Adjunto. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos; Curso de Antropologia; antonio.delapena@unila.edu.br / antoniodelapena11@gmail.com

El concepto de la *participación comunitaria* se ha convertido en una idea central en el

desarrollo rural. Parte de un momento histórico donde confluyen la descentralización de los sistemas de gobernanza con demandas de la sociedad civil para una participación efectiva, la participación se ha tornado en una metáfora e instrumento conceptual que reproduce la idea del fortalecimiento de demandas locales para el diseño y ejecución de proyectos de desarrollo rural local. Sin embargo, la participación en este marco tiende a ignorar, en su teoría y práctica, sistemas de poder y formas de exclusión. ¿Quién participa? ¿Quién no participa? ¿Por qué? son preguntas superficialmente tratadas en modelos dominantes de desarrollo.

Este trabajo ofrece un comentario crítico sobre el concepto de la participación en proyectos de desarrollo rural que promueven la participación de productores agrícolas en asociaciones. Utiliza una perspectiva multi-metodológica que combina etnografía con análisis de redes sociales para mostrar como las experiencias económicas, políticas y afectivas de los miembros de una comunidad rural determinan formas de participación, abstención y exclusión. Para dicho fin, narrativas de participación en asociaciones y redes cuantitativas que retratan gráficamente estructuras sociales fueron realizadas en una comunidad rural en la Provincia de Santa Elena, Ecuador. Los resultados muestran prácticas asociativas y de exclusión íntimamente ligadas a dinámicas históricas de parentesco, economía y territorio, las cuales son reproducidas y confrontadas en eventos específicos en la comunidad. El trabajo pretende demostrar que dicha aproximación ofrece explicaciones más robustas sobre capacidades participativas en modelos de desarrollo.

Palabras clave: participación, desarrollo rural, productores, asociaciones, Ecuador.

-

-

LOS PROCESOS DE PARTICIPACIÓN POLÍTICA EN EL CONURBANO BONAERENSE: PROCESO PARTICIPATIVO, ACTORES Y LO POLÍTICO COMO ASPECTO DE LA VIDA COTIDIANA (2007-2013)

Juan Manuel Loncar; jloncar@unq.edu.ar

Los procesos participativos han sufrido cambios a lo largo de las tres últimas décadas transformaciones tanto en la concepción de lo que significa *participar* en política, como en el modo en que se realiza esa participación. El caso que aquí analizaremos es un fragmento de mi tesis de licenciatura. Es un recorrido antropológico por un caso de los etnografiados que da cuenta de cómo los actores participan en política, quiénes lo hacen y de qué modo estos ingresan al campo político y pujan por posicionarse dentro del mismo, así mismo, transformándolo en una actividad cotidiana, atravesada por las relaciones que hacen a la cotidianeidad de estos actores. Esto significa, que el parentesco, la vecindad, la amistad e incluso las relaciones laborales (en muchos casos, pero no en todos) configuran el marco de acción de estos actores.

Esta participación implica una transformación en esas relaciones, puesto que son pasibles de transformarse en capital, en sentido que le otorga Pierre Bourdieu, un capital

social (o relacional) que es pasible de devenir capital político.

Este proceso de transformación en las relaciones sociales también trae aparejado un cambio relativo de los actores que participan en política, y ya no sólo son un vecino, o un pariente, sino alguien en quien depositar confianza y apoyo, generando una *fides* con arreglo a relaciones sociales que anteceden a esta participación y generan legitimidad.

Palabras clave: Participación, Capital(es), Parentesco, Amistad, Vecindad, Legitimidad.

“MILITANCIAS O REFLEXIONES ORDINARIAS DE LA ARGENTINA KIRCHNERISTA: UN ACERCAMIENTO A LOS QUE HACEN POLÍTICA”

Ledesma, Maximiliano Alexander (2015). Universidad Nacional de San Martín; maximal.jpd@gmail.com

El trabajo aborda varias cuestiones: en primer lugar, el fenómeno kirchnerista como proceso político de la Argentina que (re)tomo nuevas y viejas discusiones académicas; y en segundo lugar, centramos la atención en los protagonistas que “bancan” a estos gobiernos y que enarbolan justificaciones para sus actividades conformando reflexiones ordinarias. Se identifican varios procesos interconectados: primero, una nueva fase de la democracia argentina, con actores variopintos en diversas esferas. Nueva fase, porque la democracia argentina nunca en su historia conto con más de tres gobiernos civiles sin la aparición de una *crisis*. De ello se desprende, el surgimiento de un colectivo que destaca características determinadas como la “juventud” y “la capacidad transformadora” de la realidad, por lo que se postulan discusiones en torno a las teorías de participación política por un lado, y a las actividades juveniles por el otro y que se distancian de otros procesos políticos como la resistencia al menemismo o su protagonismo en los hechos de la crisis de 2001. A través de la etnografía política (recordando y enfrentando los postulados de Javier Auyero) nos introducimos en este mundo de legítimas reflexiones para ver las rupturas-continuidades no solo de los repertorios de acción de otros procesos políticos, sino específicamente a las justificaciones de “los que bancan este proyecto nacional y popular” y transforman este proceso en algo con “distinción” en nuestro país.

Palabras claves: Política-crisis-juventud-etnografía-conflictos

-

-

LA CONSTRUCCIÓN DE LA POLÍTICA EN LAS CLASES POPULARES. JPSUV, JUVENTUD DEL PARTIDO SOCIALISTA UNIDO DE VENEZUELA. UN ESTUDIO DE CASO

Doris Carolina Ponce Lozada. Psicóloga Social. doriscarolinap@gmail.com ,
dorisponce@tiunaelfuerte.com.ve

Fundación Tiuna El Fuerte. Proyecto de investigación bajo subvención del Fondo Nacional de Ciencia y Tecnología (FONACIT) en la convocatoria de proyectos estratégicos 2011, titulado: Jóvenes de sectores populares, prácticas culturales y politización e identificado como el proyecto N° 2011000339.

Investigación en curso que se propone indagar las relaciones entre juventud, sectores populares y política a partir de estudios de casos de agrupamientos políticos. Con un diseño cualitativo de cohorte etnográfica interesa presentar hallazgos preliminares referidos a la Juventud del Partido Socialista Unido (PSUV) de una parroquia de Caracas-Venezuela.

Se trata de una agrupación política de base en una parroquia popular que se suscribe al PSUV, partido de cohorte nacional y de mayor fuerza política en el país. Utilizan la categoría “juventud” para definirse, presentarse y construir su lugar de enunciación política, su militancia y relaciones con otros actores políticos locales y nacionales. Durante el año 2015 la investigación ha comprendido entradas de campo en reuniones, marchas, actividades comunitarias e internas del grupo así como entrevistas no estructuradas, documentación del caso y entrevista a otros actores con los cuales se relacionan.

El objetivo es dar cuenta de las lógicas, contextos y disputas en las cuales toma forma la constitución de sujetos colectivos y su politización. Se centra en el papel de las “misiones sociales”, que son políticas sociales dirigidas a los sectores populares creadas desde 2004, como contexto de politización y formación de los sentidos de “militancia”, como instancia de mediación en la relación con el Estado y a nivel intergeneracional en las clases populares. Incluye reflexiones metodológicas sobre el relacionamiento del etnógrafo y sus compromisos en el campo político y los procesos de representación y la producción de conocimiento.

Palabras claves: jóvenes de sectores populares, política, militancia, partido, misiones sociales.

GT 79. “CORPORALIDAD, MOVIMIENTO Y PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN: PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS”

Coordenadores:

Dr. José Bizerril. Institución: UniCEUB –Brasil.

Dra. Patricia Aschieri. Institución: UBA, UNTREF – Argentina.

Dr. Rodolfo Puglisi. Institución: UBA – CONICET – Argentina.

Comentarista: Dra. Paulina Caon. Institución: Universidad Federal de Uberlândia, Brasil

-

-

Sesión 1: Cuestiones metodológicas

MODOS DE VISÃO E PONTOS DE VISTA EM ETNOGRAFIAS DA CAPOEIRA: OS PARADOXOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Christine Nicole Zonzon; criszm2@gmail.com

O tema proposto para a apresentação gira em torno do conceito de “observação participante”. Enquanto técnica considerada o método por excelência da antropologia desde os trabalhos pioneiros de Malinowski, a observação participante pretende articular a experiência vivida no coletivo e/ou prática objeto(s) da investigação à tarefa analítica. Busca-se neste artigo por em foco a tensão entre o ato de observar e a atitude participativa, a partir de experiências de pesquisa etnográfica no universo da capoeira. São descritas e analisadas as diferentes apreensões da prática corporal oriundas das duas posições: a de observação que implica algum distanciamento e relativa imobilidade do corpo do pesquisador e a de participação no jogo envolvendo uma percepção em movimentação constante, intensas emoções e uma relação com outro mediada pelo jogo. À observação do antropólogo e à observação do capoeirista corresponderiam modos perceptivos e pontos de vista distintos? Inconciliáveis? Complementares? Trata-se de voltar à oposição entre observação e participação, associada a categorias clássicas que alicerçam o imaginário antropológico tais como sujeito/objeto e observador/ator. Nesse intuito, acolhe-se na experiência e reflexão socio-antropológicas formas diferenciadas de articular visão, distanciamento, engajamento corporal e conhecimento, através de um diálogo entre experiências etnográficas no universo da capoeira e alguns trabalhos oriundos da antropologia dos sentidos.

Palavras chave: capoeira, etnografia, observação participante, habilidades visuais.

¿Y VOS, DE DÓNDE SOS? EXPERIENCIAS DE PRODUCCIÓN DE UNA PERFORMANCE: DE LA AUTOENTOGRAFÍA A LA PRODUCCIÓN COLECTIVA

Julia Broguet

María Laura Corvalán YaninaMennelli

Marcos Peralta

Manuela Rodriguez; manuela.guez@gmail.com

En este ensayo procuramos *escribir* lo que *corporizamos*. En una especie de rueda interminable, comenzamos bailando, luego escribimos, volvimos a bailar; nos juntamos, nos separamos; interrogamos y nos encontramos. Abordamos, aquí, este proceso de producción que tiene una temporalidad mayor a la creación de esta performance, titulada: *¿Y vos, de dónde sos?* Volcaremos en un hacer reflexivo, desde el lenguaje de la escritura, un proceso de investigación que comenzó hace más de diez años –que nos llevó a cada uno de nosotros por distintos lugares– y que hoy nos reunió en la búsqueda de volver a corporizar lo bailado y lo pensado. Cinco personas, con recorridos en común por distintos espacios, piensan cinestésicamente un tema: la raza en su país, Argentina. Y buscan decir con imágenes, movimientos, objetos, palabras y danzas una historia en común. Partimos de la autoetnografía como material de indagación porque somos parte de ese legado racial silenciado, que no deja de manifestarse en las sombras y que está como una pregunta acallada: de dónde somos. Volvemos una y otra vez a esa incógnita desde nuestras propias historias familiares, profundas historias encarnadas que alguna vez nos interpelaron y que hoy, como artistas y cientistas sociales, decidimos exponer de una forma que consideramos altamente efectiva: como cuerpo colectivo en movimiento. Así, este trabajo será otra vuelta de tuerca a la rueda que nos acerca y nos distancia, y que nos hizo frenar la escritura para pensar con el movimiento de nuestros cuerpos. Ahora lo escribimos, en una forma de exposición que llegará a algunos; mañana volveremos a bailarlo, haciéndolo circular para otros y así...

¿LA PALABRA O LAS PALABRAS?: EL LOGOCENTRISMO COMO PROBLEMA NATIVO ENTRE LOS ESTUDIANTES DE TEATRO UNDER EN BUENOS AIRES

Santiago Battezzati; sanbatte@gmail.com

Los trabajos antropológicos que estudian disciplinas en las que el cuerpo y la movilidad tienen un rol central han alertado sobre el modo en que la academia ha privilegiado históricamente la palabra por sobre el movimiento. Si bien en algunos casos se aclara que este logocentrismo, implica el centramiento en un tipo de palabra específica –la palabra académica–, esta cuestión suele ser soslayada para oponer todo tipo de palabra al movimiento y las experiencias corporales, y a una aproximación teórico-metodológica que permita superar el dualismo imperante en nuestra tradición académica.

Tomando como objeto de estudio un circuito de teatro under en Buenos Aires que se caracteriza por compartir una cierta aproximación al teatro y a la actuación, este trabajo propone un doble desplazamiento frente a esta forma de estructurar el problema.

En primer lugar, problematizamos aquí el logocentrismo como problema nativo. Como veremos, en el contexto del entrenamiento del “teatro de estados” la palabra aparece como un problema evidente por el lugar hegemónico que ocupa tanto en la vida cotidiana como en el “teatro representativo”, al que este teatro se opone.

En segundo lugar, este trabajo buscará llamar la atención sobre el modo en que los nativos clasifican y diferencian distintos tipos de palabras (cotidiana o poética por ejemplo); en cómo se relacionan con la palabra escrita y la palabra hablada; y en cómo, durante el entrenamiento la palabra es anulada por momentos y en otros restituida.

Palabras clave: Logocentrismo – Cuerpo - Teatro.

SUBJETIVIDAD PERFORMATIVA: BÚSQUEDAS TEÓRICAS PARA NOMBRAR LA SUBJETIVACIÓN COMO ACTUACIONES CORPORIZADAS

Manuela Rodríguez; manuela.guez@gmail.com

El objetivo de este ensayo es proponer –a partir de los aportes de la antropología del cuerpo, los estudios de performance y performatividad–, una concepción de sujeto que considere el proceso de construcción subjetiva como *actuaciones corporizadas en contextos sociales específicos*. Para ello, retomo abordajes clásicos de la antropología sobre la dimensión social del cuerpo y sumo a ellos los aportes de corrientes posestructurales en lo que respecta a la sociedad en su capacidad normativa y excluyente para la regulación de los cuerpos. Luego realizo una lectura de la teoría de Judith Butler sobre la performatividad y su relación con la *representación* como *actuación subjetiva*. Esta idea de representación es cruzada con los aportes de

antropólogos dedicados al análisis de la experiencia cultural en términos fenomenológicos, así como con el recorrido analítico de autores que trabajaron aspectos procesuales de los fenómenos sociales tomando las experiencias rituales, teatrales y performáticas para dar cuenta de una capacidad de agencia subjetiva. Finalmente propongo continuar con la elaboración de un concepto que vengo desarrollando desde mi tesis de Licenciatura en antropología, el de *reflexividad corporizada*, pero profundizándolo con el concepto de *actualización subjetiva*, tomado de la fenomenología de Merleau-Ponty, para dar cuenta de un sujeto reflexivo –no dividido en cuerpo/mente y con capacidad de actualizar su subjetividad–, a partir del análisis de contextos sociales en donde los aspectos corporales y teatrales cobran mayor relevancia. Para ello, tomo como fuente de análisis mi investigación doctoral sobre el proceso performativo de conversión a las religiones afrobrasileñas en Argentina.

Palabras claves: subjetividad – performatividad – corporalidad – actuación.

DOCUMENTAR LO SENTIDO: ALGUNOS INTERROGANTES EN LA EXPLORACIÓN DE LA CORPORALIDAD

Andrea Bonvillani; investigadoresmarchadelagorra@gmail.com

El propósito de este trabajo es poner en consideración algunos interrogantes para pensar la compleja presencia de la corporalidad afectada en la subjetividad, lo cual implica, desde la perspectiva aquí asumida, poner en tensión los modos como damos sentido – cognitiva y discursivamente- a esas relaciones mutuamente afectadas que nos constituyen en tanto sujetos.

Interrogantes emergentes de una trayectoria de investigación, en la cual he explorado la experiencia subjetiva de jóvenes de Córdoba (Argentina) de sectores populares urbanos, en relación a la politicidad, desde la aspiración por lo “senti-pensante”, es decir, poniendo en primer plano lo que llamo “universo de afectaciones corporales”, pero sin olvidar sus relaciones complejas e intrincadas con pensamientos y acciones. La ponencia se concentra en dar fundamento a la siguiente proposición: toda etnografía es una autoetnografía, proceso en el cual se torna central la puesta en primer plano de la propia corporalidad-investigador(a). Se considerarán, además, algunos desafíos que surgen en el proceso de investigar y reflexionar en torno al cuerpo, a saber: la “escritura” de lo sentido frente a la “inercia mentalista”, el estudio de los cuerpos como “auto-afectación” y traducir el dolor del otro como una posibilidad interrogada.

Palabras clave: corporalidad- autoetnografía - senti-pensante – juventudes – politicidad.

EM BUSCA DO CORPO PERDIDO - O MOVIMENTO COMO PONTO DE PARTIDA PARA A PESQUISA ANTROPOLÓGICA EM DANÇA

Maria Acselrad; maria.acselrad@gmail.com

As pesquisas antropológicas em dança têm evidenciado, nos últimos anos, o lugar de importância do corpo em movimento como peça chave no desenvolvimento metodológico da disciplina (ASCHIERI, 2011; CITRO, 2012). O trabalho de campo e a etnografia, nestes casos, envolvendo o engajamento corporal do pesquisador, condiciona a produção de conhecimento sobre as danças estudadas a um processo de profundo e verdadeiro aprendizado, permitindo através do contato com uma nova gramática corporal, que as questões formuladas possam partir de um outro lugar. Contrariando a máxima de que é preciso "parar pra pensar", esta comunicação pretende discutir as contribuições que um "corpotestemunha" (BUCKLAND, 2013), que não apenas observa, registra e analisa, mas que ao se mover, se modifica e modifica o entorno, pode conferir à pesquisas em dança, sejam artísticas e/ou acadêmicas.

palavras-chave: dança, movimento, trabalho de campo, etnografia, corpotestemunha.

Sesión 2: Participación de las emociones en el trabajo de campo/Corporalidades en Religión

“EN CUERO”: REFLEXIONES EN TORNO AL USO DEL CUERPO Y LAS EMOCIONES DEL/LA INVESTIGADOR/A EN EL TRABAJO DE CAMPO ETNOGRÁFICO EN SEXUALIDADES”

María Eugenia Marcet; maru_marcet@hotmail.com

¿Cuál es el lugar de la sexualidad del/la antropólogo/a en el trabajo de campo? ¿Cómo se complejiza cuando dicho trabajo de campo se enmarca en el ámbito de géneros y sexualidades? ¿Cuáles son los alcances y los límites de la producción etnográfica a partir del uso del propio cuerpo del investigador como otro “dato” posible?

En los últimos cuarenta años se han introducido diferentes líneas teórico-metodológicas que privilegian el interés por el cuerpo, las emociones y las subjetividades en el campo de las ciencias sociales. Sin embargo, la tradición hegemónica académica racionalista sigue reproduciendo modelos de trabajo y sujetos/investigadores/docentes cartesianos. En este sentido, dicotomías como “cuerpo/mente”, “subjetivo/objetivo” siguen

operando en términos simbólicos y materiales en los diferentes espacios de producción y difusión académica, ya sea privilegiando determinados temas de interés o bien, desvalorizando nuevas propuestas o acercamientos metodológicos que toman al cuerpo del/la investigador/ra como parte del proceso de producción etnográfico.

A partir del trabajo de campo realizado en una comunidad BDSM en Buenos Aires, se propone reflexionar sobre los usos del cuerpo y emociones de las/los investigadores, en un campo específicamente erótico-sexual donde “el cuerpo” cobra relevancia en tanto se consume como objeto de deseo, de propiedad y de negociación entre partes que perfoman actos y roles. Esta ponencia busca problematizar los alcances y limitaciones del uso del propio cuerpo en el trabajo de campo, los efectos que esto produce en tanto negociación con los sujetos y con la comunidad académica.

Palabras claves: trabajo de campo / sexualidades / cuerpo / performance.

TRAJETÓRIAS DE VIDA E REGISTROS DE SUPERAÇÃO EM NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS COM EXPERIÊNCIA DE RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS COM OUTRAS MULHERES

Gleides Simone de Figueiredo Formiga; gleides.simone@gmail.com

Pretendo trazer para a discussão neste GT as reflexões que empreendi na minha trajetória de pesquisa de Doutorado em Antropologia Social na UnB. Através da escuta de narrativas de vida de vinte mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexuais com outras mulheres em diversas localidades do Distrito Federal - Brasil; do trabalho de observação das dinâmicas vividas em seus momentos cotidianos procuro apreender os sentidos para essas mulheres de suas relações afetivas, trajetória e as percepções sobre si mesmas. Reflito a partir da interação entre as categorias gênero, raça e sexualidade, da experiência inscrita e elaborada no corpo, das sensações, do emocional etc. A dor é a emoção que trabalho com maior ênfase neste empreendimento, a dor experienciada na relação com o outro, mas também na relação consigo mesma, que sentidos são atribuídos à essas dores, que posição ocupam no interior das dinâmicas relacionais e como participam na construção da subjetividade dessas mulheres.

O contato com as narrativas, as trajetórias, o emocional e a dor me puseram em diálogo também com questões como a imersão em campo e seus limites; a subjetividade da pesquisadora etc. A dinâmica se deu dentre outras coisas em forma de troca de experiências de vida, na qual a pesquisadora também coloca suas experiências e suas emoções quase que num misto de narrativa etnográfica, escuta psicanalítica e conversa informal. Essa troca foi importante para o estabelecimento do vínculo, o desenrolar da pesquisa, mas também para pensar a epistemologia e os modos de fazer etnografia.

Palavras chaves: subjetividades, gênero, raça, sexualidades, corpo.

A INCORPORAÇÃO COMO TÉCNICA: O CORPO HABITADO POR MÚLTIPLOS SUJEITOS NA UMBANDA (SUL DO BRASIL)

Bianca Ferreira Oliveira; bianca.oliveira@porgrad.com.br

Na umbanda a questão da possibilidade (ou não) da incorporação acontecer é comumente trabalhada pelos antropólogos a partir da dimensão da crença. A intenção, aqui, é pensar o médium como um conceito e a incorporação como técnica entendida como arte. Consiste, também, em pensar numa alternativa à crença como ponto de partida da análise.

Aprender a incorporar também é um processo de reconfiguração do entendimento que o médium tem de si como pessoa. Trata-se de aprender que há gradações de consciência e que o corpo pode ser habitado, ainda que momentaneamente, por mais de um sujeito. A consciência aparece como uma categoria nativa importante sendo alvo de longas conversas entre médiuns novatos e médiuns antigos. Ao longo do processo de tornar-se médium de incorporação, a pessoa descobre que há a possibilidade de manter as faculdades perceptivas (consciência) mesmo que seu corpo esteja sendo habitado por outro sujeito, a entidade. O médium deve *entregar a cabeça*, ou seja, tornar-se passivo, apesar da consciência, e deixar que a entidade assumo o lugar de sujeito. Essa negociação entre mais de um sujeito se estabelece no corpo do médium.

As reflexões desenvolvidas aqui são fruto de pesquisas de campo realizadas em terreiros de umbanda, em Pelotas/RS e Florianópolis/SC, que originaram o trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais e a dissertação de mestrado em Antropologia Social, respectivamente, do projeto de doutoramento em desenvolvimento e da experiência da pesquisadora também como médium de umbanda.

Palavras-chave: Umbanda. Incorporação. Corpo. Técnica.

PANCHAKARMA ANTROPOLÓGICO: EXPERIÊNCIA, SUBJETIVIDADES

Mariana Palmieri Brandão Alba; mpb.alba@hotmail.com

A proposta do paper é trazer um relato subjetivo de como efeitos de uma pesquisa de campo podem refletir no corpo e sensibilidades das pesquisadoras e pesquisadores. A pesquisa que trago foi desenvolvida de forma multissituada e estarei descrevendo etnograficamente o período o qual me envolvi num formato de imersão em um *ashram*, hospedagem referida para estudos e práticas de autoconhecimento. Nesse local ocorreu um módulo presencial de um curso de formação de terapeuta ayurvédico. Esse módulo era específico sobre práticas corporais de desintoxicação e o uso de ervas sob o olhar da terapêutica ayurvédica vinda da Índia antiga. Através de um estado de ressonância com as pessoas que passaram por esse processo de desintoxicação chamado *panchakarma*, pude observar, perceber e experienciar como a mudança de rotina, alimentação e as condições impostas pela experiência podem alterar humores, disposição e corporalidades. Enquanto as pessoas, além de estarem aprendendo esse módulo do curso de forma prática através de uma experiência corporal, estavam passando por uma desintoxicação de suas questões particulares. Ao presenciar seus processos de forma análoga trago uma reflexão sobre como os desafios da experiência de campo podem se apresentar de várias formas, não somente através das obrigações da pesquisa, mas também das relações, reflexões pessoais e sensibilidades emocionais e corporais. São conteúdos subjetivos que trazem uma personificação para a pesquisa, ou seja, a presença do pesquisador ou pesquisadora na pesquisa dentro de uma proposta integrativa.

Palavras chave: corpo, experiência, Ayurveda, subjetividades.

BUDISMO ZEN Y CUERPO: UNA ETNOGRAFÍA DE LA “ASOCIACIÓN ZEN DEL URUGUAY”

Eduardo Gómez Haedo; egomezhaedo@gmail.com

El propósito de este trabajo es presentar los resultados de una etnografía de dos años del grupo budista “Asociación Zen del Uruguay”, en la que se indagado en la cosmovisión zen la soteriología que de ella se deriva, así como en los fines (el sentido), y en las tecnologías espirituales para alcanzar tales propósitos, brindando especial atención al lugar que ocupa el cuerpo dentro de tal entramado de representaciones y prácticas.

En una primera instancia se ha estudiado la cosmovisión de los practicantes de la “Asociación Zen del Uruguay”, junto con las prácticas y tecnologías espirituales asociadas.

En una segunda instancia se ha indagado sobre el lugar del cuerpo dentro del entramado de relaciones que representa tal cosmovisión y las tecnologías espirituales asociadas.

Uno de los aspectos a tener en cuenta de este trabajo, es el lugar que ha tenido la corporalidad del propio investigador en su indagación de la cosmovisión zen del los

practicantes. Éste, en su status de participante, ha atravesado por las prácticas del zen desde y con su cuerpo, ya sea meditando en las prácticas semanales, o en los retiros de fin de semana del grupo estudiado.

Esta participación en el campo desde la propia corporalidad del etnógrafo puede llevar no sólo a pensar la representación del otro desde ésta, sino a problematizar sobre el saber corporal como un tipo de saber etnográfico complementario al paradigma representacional, no sólo en la producción de conocimiento, sino en la sistematización y en la presentación de resultados.

Palabras clave: Cosmovisión zen, tecnologías espirituales, Cuerpo, Método etnográfico.

CORPOS QUE MEDITAM: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS BUDISTAS

Bruno Campos Cardoso; brunoc87@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as noções de corpo articuladas em práticas corporais budistas. A partir de minha pesquisa de campo, ainda em andamento, em retiros e cursos budistas vinculados à tradições tibetanas, realizada em quatro estados brasileiros, procuro delinear meu percurso por esses locais e as experiências dos praticantes com os ensinamentos transmitidos por essas linhagens. O processo de aprendizado budista é eminentemente prático e se dá a partir de instruções sobre posturas, movimentos, respiração, atenção e conduta, com o intuito de proporcionar e desenvolver experiências e corporalidades específicas. Uma vez que nesse contexto

as práticas corporais se apresentam como o próprio caminho da realização espiritual, neste artigo busco refletir sobre a concepção budista de corpo mobilizada na prática da meditação (shamatha) e em alguns exercícios corporais da yoga tibetana, tanto da perspectiva de seus praticantes – mestres, professores, alunos, iniciantes – quanto da minha experiência pessoal com essas práticas.

Palabras claves: corporalidade; práticas corporais; budismo; meditação.

CORPOS RELIGIOSOS VERSUS CORPOS SECULARES: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM CONFLITO NA ESFERA PÚBLICA BRASILEIRA

Cleonardo Mauricio Junior; cleonardobarros@gmail.com

O atual panorama religioso brasileiro tem sido marcado por dilemas envolvendo pentecostais e movimentos sociais na esfera pública. Neste cenário, as igrejas pentecostais têm sido consideradas as principais entraves à consolidação de direitos sexuais e reprodutivos, e seus líderes, pastores com poderio midiático ou detentores de mandatos políticos eletivos, são acusados de induzir os fiéis a assumirem posturas intolerantes. Por sua vez, os crentes ordinários seriam massas não esclarecidas ludibriadas pelos profissionais da fé.

Este tipo de análise, presente em textos jornalísticos e análises políticas, também se deixa entrever nas entrelinhas de muitos trabalhos acadêmicos. Ao responder que tipos de corpos produzem os modos de subjetivação pentecostais, as análises que tem o corpo como marcador analítico resumem-se a compreender a devoção religiosa, seguindo, por exemplo, Foucault, como produtora de corpos para a sujeição. Por outro lado, a pergunta-título de um artigo de Charles Hirschkind se faz necessária: existe um corpo secular? Uma vez que o secular é tido como não-problematizável, perdem-se de vista as disposições incorporadas, práticas, afetos e instituições que moldam os sujeitos seculares e suas reações.

É justamente sobre estes consensos acerca dos processos de constituição dos corpos religiosos e seculares que pretendo me debruçar, a fim de apontar suas contradições. Para cumprir este objetivo, pretendo utilizar os dados de meu trabalho de campo entre candidatos a pastores pentecostais, bem como as repercussões na mídia das controvérsias envolvendo a candidatura à presidência nas últimas eleições de Marina Silva, evangélica e membro da maior igreja pentecostal do Brasil.

Palavras-chave: corpos religiosos, corpos seculares, sagrado, secular, secularismos.

Sesión 3: Corporalidades en Danza y Música

“PISTA-SUSTANCIA-PANTALLA. RELACIONES ENTRE BAILE, TECNOLOGÍA Y PLACER EN LA “ESCENA ELECTRÓNICA

Victor Lenarduzzi; victor.comunicacion1@gmail.com

En el cambio del siglo XX al XXI se produjo una nueva oleada de las formas musicales de masas con la expansión de la escena de la música electrónica con sus diferentes géneros,

clubes y festivales. Un aspecto relevante de esa oleada es que promovía una fuerte valoración de la experiencia del movimiento corporal, mientras muchas otras formas más bien habían tendido a descalificar el baile social como práctica colectiva; tomar distancia del baile había operado como criterio de legitimación estética de la música popular.

Con la expansión de esta nueva escena se dieron también diferentes modos de intervención sobre el orden del cuerpo y la sensibilidad, entre otras cosas, a través de diferentes dispositivos y efectos (drogas, sistemas de sonido, pantallas) que contribuyeron a redefinir los umbrales perceptivos (modos de ver, estímulos químicos), la expansión de lo sensible (la sonoridad orientada a lo táctil en vibraciones no siempre audibles) y los modos de relación entre los cuerpos. Estos dispositivos y estrategias que actúan sobre el cuerpo y la percepción pueden plantearse como “tecnologías del movimiento”, además de entenderlas como técnicas del placer.

Nos proponemos pensar esos cambios y esas tecnologías en el marco de los procesos de “mediatización de la cultura” y, en particular, reflexionar acerca de la experiencia de la música y el “baile extático” en la actualidad.

Palabras claves: Pista de baile- Cuerpo- Tecnología- Placer- Vibración

A DANÇA CONTEMPORÂNEA E O BMC: ANATOMIAS CRIATIVAS, ANATOMIAS EM MOVIMENTO

Renato Jacques de Brito Veiga; jacquesdebrito@yahoo.com.br

O foco do trabalho que quero apresentar neste GT é a relação entre anatomia e imaginação presente no trabalho de duas companhias de dança contemporânea da cidade de São Paulo, o Núcleo Artérias, dirigido por Adriana Grechi, e a Cia. InSaio, dirigida por Claudia Palma. Me interessa aqui explorar uma característica que as aproxima, a utilização em seus processos criativos de técnicas provenientes do BMC [Body-MindCentering], uma abordagem do movimento desenvolvida por Bonnie Bainbridge Cohen que alia anatomia e imaginação. Trata-se de um estudo de técnicas que têm por base a ideia de anatomia sensível, experiencial. Ao longo de um trabalho de campo que já dura quase 6 anos, venho acumulando exemplos etnográficos de como essas danças contemporâneas são capazes de estabelecer corpos outros a partir da soma entre um estudo anatômico, digamos, clássico, e um estudo que se dá por meio da imaginação sentida da anatomia que cada corpo encarna. A anatomia ao mesmo tempo real e imaginada dos dançarinos se torna aqui ponto de partida de processos criativos que culminam em corpos renovados. Anatomia relacional, em movimento, anatomia criativa. Os órgãos, por exemplo, se tornam aqui órgãos poéticos por natureza, permitindo a consolidação da ideia essencial de um corpo que não é dado, mas descoberto, ou que está ainda por inventar [Louppe, 2012:72]. Soma-se a esta pesquisa, enquanto aspecto teórico-metodológico, minha própria trajetória, que começa em 2012

[ano de início do mestrado], enquanto aprendiz do pensamento dançado dessas danças contemporâneas e do conhecimento encarnado proveniente do BMC.

Palavras-chave: Dança contemporânea, BMC, processos criativos, anatomia experiencial.

MÚSICA, DANZAS E IMPLICANCIA ETNOGRÁFICA EN UN BARRIO TOBA DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES

María del Rosario Haddad; rochihada@gmail.com

En un barrio toba de la provincia de Buenos Aires viven familias provenientes de Chaco y Formosa. Durante un año se ha intervenido de manera conjunta con la gente del barrio a través de talleres musicales como una manera de recuperar la lengua toba. Se ha incorporado la danza como elemento constitutivo de la cultura en tanto experiencia vivida. El cuerpo, la danza, la música, como experiencias de la vida cotidiana.

En el siguiente trabajo reflexiono sobre mi propia corporalidad en dicho trabajo de campo, que implicó, ser investigadora y también tallerista musical. Retomo las experiencias vividas de dichos cuerpos atravesados por un proceso de migración, sus movimientos, sus memorias sonoras, pero también las mías y la totalidad de la experiencia como etnógrafa en el proceso de producción de conocimiento, que en este caso considero es, una producción colectiva de conocimiento, junto a niños, niñas, adultos y jóvenes. Dicho trabajo implica recuperar la sensorialidad y poner atención en lo perceptivo de la vivencia etnográfica.

Palabras clave: experiencia, danzas, música, cuerpo, taller.

LOS CANTOS DE LAS COPLERAS EN AMAICHA DEL VALLE, TUCUMÁN: REFLEXIONES SOBRE EL DEVENIR DE LOS CUERPOS COPLEROS Y SUS EPISTEMOLOGÍAS SONORAS

Ivan Fritzen Andrade; ivan_vioara@hotmail.com

En este artículo presento, desde la etnomusicología, reflexiones acerca de las performances musicales de mujeres calchaquíes ancianas, conocidas como copleras. A partir de experiencias etnográficas recientes, de convivio, observación y registro de sus prácticas musicales en la comunidad de Amaicha del Valle, Tucumán, busco

comprender los nexos establecidos entre sus prácticas vocales, el devenir de sus cuerpos y el paisaje amaicheño-calchaquí. En un esfuerzo de alineamiento conceptual con mis interlocutoras, privilegio sus epistemologías nativas como una estrategia para el acceso hacia nuevas perspectivas acerca de sus prácticas musicales, contribuyendo a formas de conocimiento simetrizado, es decir, que la músico-lógica amaicheña-calchaquí adquiriera legitimidad como saber científico. A partir de sus prácticas sonoro-musicales, las copleras evidenciaron la estructuración de cuerpos diferenciados, o cuerpos copleros, accionados en dinámicas relacionales con el entorno y los seres que ahí habitan. Sus cuerpos apuntaron a formas propias de interpretar e inter-actuar con los paisajes lugareños, evidenciando las epistemologías que tienen el sentir como presupuesto para el saber. La dimensión sonoro-vocal, considerada como integrante de los mismos cuerpos, señaló las capacidades de estos en ser afectados. La relación de escucha observante con los cuerpos copleros posibilitó el acceso a las hermenéuticas musicales nativas, resultando en formas de conocimiento descolonizado.

Palabras clave: etnomusicología, etnografía, copleras amaicheñas-calchaquíes.

DANZA Y LENGUAJE: POSIBILIDADES DE LAS TÉCNICAS (EXTRA) COTIDIANAS PARA PENSAR LA EL CUERPO Y EL MOVIMIENTO

Daniela Botero Marulanda; danielabotero@gmail.com

Pensar en una antropología del cuerpo implica pensar al cuerpo desde su materialidad. Para ello, autores como Mauss sugirieron el concepto de “técnica corporal” que procura analizar procedimientos diferenciados y específicos de cada sociedad para la realización de alguna actividad (cotidiana) que compromete al cuerpo. Esta perspectiva abrió un camino para pensar aspectos de la cultura que usualmente pasaban desapercibidos. Siguiendo este camino, retomo la idea de técnica corporal de Mauss en dialogo con la idea de cuerpo extra-cotidiano de Eugenio Barba. Este ultimo, precursor de la Antropología Teatral, se preocupó por resaltar el carácter culturalmente construido del cuerpo dando énfasis a las codificaciones de gestos, movimientos e intenciones al interior de técnicas de danza y teatro.

Este trabajo retoma mi investigación etnográfica en escuelas de ballet clásico en Colombia y Brasil y propone un análisis del aprendizaje del ballet desde una perspectiva de la antropología de la danza y del cuerpo. Utilizando la idea de cuerpo extra-cotidiano busco profundizar en las formas en que este conocimiento es transmitido e incorporado. Argumento que, el uso de un lenguaje metafórico (o metáforas corporificadas) es uno de los principales vehículos de incorporación de la danza. Resulta paradójico, sin embargo, este encuentro entre contenidos verbales dentro de un lenguaje por excelencia no verbal. Argumento entonces que esta relación potencializa un encuentro entre movimiento y palabra, revelando contenidos culturales incorporados y transmitidos a través del

lenguaje y traducidos en sistemas de movimiento concreto

Palabras clave: Danza, lenguaje, movimiento, corporalidad, etnografia.

ENSAIO SOBRE A FRUIÇÃO

Rosa Dias Schramm; rosaschramm@gmail.com

O propósito deste trabalho é discutir algumas possibilidades de experiência artística com o corpo. O corpo sempre foi um meio e um objeto de expressão artística, e muitos trabalhos costumam explorar sobretudo o aspecto visual, ilustrativo ou simbólico do corpo humano. O presente trabalho trata do corpo do artista como a obra a ser fruída, em que as representações artísticas propõem questionar os limites da própria linguagem na linguagem corporal. Em vez de explorar articulações entre os sentidos sociais e culturais atribuídos ao corpo, o trabalho pretende pensar o corpo em termos pré-linguísticos, mais próximos de uma experiência sensorial anterior ao conceito, nos termos do sentido originário da palavra grega *aisthesis*. Entretanto, a proposta inclui pensar o corpo pela racionalidade, já que a relação com o mundo é mediada por códigos linguísticos, mas a ideia é investigar formas não habituais de se pensar na (e pela) corporeidade. Nesse sentido, o corpo e suas relações consigo e com o meio, é tomado como objeto de investigação.

A discussão está fundamentada em experiências de performances no espaço urbano, através da exploração de um gênero de dança conhecido como *Contato Improvisação* e com estudo da Técnica Alexander como ferramenta somática de aprimoramento e conhecimento de si, bem como sua colaboração com a reflexão sobre o fenômeno da percepção e do comportamento humano.

Palavras chaves: performance, percepção, observador, agente, relação.

Sesión 4: Corporalidad en Procesos Educativos/Corporalidad, salud y trabajo

-

**CORPO EM MOVIMENTO: UM ESTUDO SOBRE AS SUBJETIVIDADES
CORPÓREAS DE ALUNOS/AS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO
DE SALVADOR-BAHIA**

Graciela Nieves Pellegrino Fernandez; grapell@hotmail.com

Suely Aldir Messeder

Nesta comunicação pretende-se entender como os estudantes negros e pardos de uma escola pública do Município de Salvador-Bahia-Brasil vivenciam a sua experiência corporal diante da disciplina escolar. O nosso texto será dividido em duas seções. Na primeira desenvolveremos a noção de compreensão encarnada, tendo como referência os estudos sobre experiência religiosa e corpo, desenvolvidos por Miriam Rabelo (2011) que se envereda no diálogo com Merleau-Ponty, 1994; Csordas; 1983; Foucault, 2004. Na segunda teremos como material de análise as cenas etnográficas apreendidas em salas de aula, na entrada da escola e no deslocamento destes estudantes como plateia para um importante teatro da cidade, o Castro Alves. Por fim, consideramos a corporeidade dos/as estudantes como um desafio nos estudos que se enquadram em campos disciplinares da Antropologia e da Educação, sobretudo, quando jogamos holofotes para o processo de agenciamento destes sujeitos encarnados.

Palavras – chave: Corporeidade. Compreensão encarnada. Agência. Subjetividade.

CORPOS NA ESCOLA - PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS E FENOMENOLÓGICAS PARA O ESTUDO DAS CORPORALIDADES EM EXPERIÊNCIA (ESCOLAR E ESTÉTICA) NO INTERIOR DE MINAS GERAIS, BRASIL

Paulina Maria Caon; paulinamariaus@yahoo.com

Nessa comunicação apresento elementos de minha pesquisa de doutorado concluída em 2015 (apoio CAPES), intitulada Desvelando Corpos na Escola – experiências corporais e estéticas no convívio com professores, crianças e adolescentes. Pretendo compartilhar especificamente o modo como emerge um entrelaçamento entre abordagens etnográficas e fenomenológicas na construção de minhas condutas de investigação e na análise das experiências vividas/observadas ao longo de dois anos de pesquisa em campo em duas escolas de Educação Básica da cidade de Uberlândia – MG. Para tanto, apresentarei dois materiais complementares: de um lado, fragmentos de trajetórias autobiográficas, que foram resgatadas numa espécie de cartografia do nascimento das perguntas que pautaram a pesquisa; de outro lado, fragmentos de registros visuais e textuais construídos ao longo da pesquisa em campo. O primeiro deles será um ponto de partida para debater os atravessamentos entre as dimensões corporais e sociais na formulação desse estudo e o segundo conjunto de materiais será disparador para a apresentação de algumas considerações sobre as experiências corporais de crianças,

adolescentes e professores em contextos escolares. A implicação das noções de espacialidade, materialidade, performatividade e deriva na constituição de nossa corporalidade é um dos eixos da reflexão que se estabeleceu. Por fim, a assunção da perspectiva do *embodiment* como caminho privilegiado para abordagem do campo da Pedagogia do Teatro ou das experiências estéticas e artísticas no cotidiano escolar parece ser outra das afirmações a que chego ao final do percurso de pesquisa.

Palavras-chave: Corporalidade (*Embodiment*); Etnografia; Fenomenologia; Educação Básica.

LUZ, CÁMARA... LOS DOCUMENTALES DE MAX GLÜCKSMANN Y LA EDUCACIÓN LOS CUERPOS

Eduardo Galak; eduardogalak@gmail.com

Cuando entre 1912 y 1913 Max Glücksmann filmó cadetes del ejército nacional haciendo actividades gimnásticas y un “concurso infantil de ejercicios físicos” en Mar del Plata, estaba dando inicio a un modo particular de mostrar la realización de prácticas corporales. En efecto, estos dos documentales producidos por uno de los precursores de la cinematografía argentina permiten analizar, por un lado, un sentido estético de la educación de los cuerpos, en el cual se manifiestan formas simétricas, ordenadas (en su doble acepción, metódicas y comandadas), repetitivas, casi coreográficas, y, por el otro, un sentido de *lo que hay que mostrar*, en donde se filman aspectos cotidianos de la vida política y militar nacional, así como eventos sociales de las aristocracias ciudadanas – quienes a fin de cuentas eran aquellos que podían darse “el lujo” de asistir a las funciones.

En efecto, la proyección de ejercicios calisténicos, casi iguales entre niños escolares y jóvenes militares, ejercitándose armoniosamente en filas e hileras, reflejan un sentido de actividad física que prioriza la “mostración” y la “frontalidad” de los gestos, además de una “geometrización de los cuerpos”, pero también un modo de *educar al espectador*, enseñando cómo mirar los movimientos a través de transmitir modos de sensibilidades frente a las imágenes. De esta manera, se funden ideas políticas, éticas y estéticas legitimadas de cómo educar los cuerpos.

Palabras-clave: Educación – Cuerpo – Estética – Imágenes – Movimiento.

ENSEÑANDO MATERNIDAD: DISPOSITIVOS Y CORPORALIDAD EN UN TALLER PARA EMBARAZADAS DE UN CENTRO DE SALUD BARRIAL

Marcela Tomás; marcelatomas16@gmail.com

Los “controles” de embarazo, constituyen una de las formas más directas de intervención del estado en y sobre los cuerpos, cuyo alcance abarca a un ser aun no nacido a través de diferentes “operaciones”: Por una parte, aquellas en las que las mujeres que están gestando debieran concurrir -de manera preventiva- al centro de salud para monitorear el curso del embarazo; por otra para inculcar criterios de salubridad en lo relativo a la alimentación, proponiendo una determinada selección de alimentos, extendiendo esta práctica al amamantamiento; y para transmitir técnicas corporales específicas relativas al denominado trabajo de parto y parto mismo.

Esta combinación heterogénea de discursos -médico, científico-; instituciones -hospital, centros de salud-; leyes, proposiciones y prácticas contacta además con las prácticas y discursos de quienes constituyen la “población” a la que está dirigido. A su vez, las experiencias de embarazo y parto constituyen un proceso en el que la agencia del cuerpo es particularmente objetivada.

Las reflexiones que comparto aquí se generaron en mi participación como invitada a un taller para embarazadas al que fui invitada para dar clases de yoga mientras realizaba trabajo de campo en un Centro de Salud situado en un barrio popular de la ciudad de San Carlos de Bariloche (República Argentina).

Palabras claves: Técnicas corporales- corporalidad- biopolítica.

CORPORALIDADE E DOENÇA: REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO SAÚDE-DOENÇA NA EXPERIÊNCIA DE PORTADORES/AS DE DOENÇAS REUMÁTICAS CRÔNICAS

Julliana de Oliveira Trindade; juotrindade@gmail.com

Este trabalho busca refletir sobre o fenômeno saúde-doença na experiência de portadores/as de doenças reumáticas crônicas. A pesquisa possui caráter qualitativo e está sendo realizada no Ambulatório de Reumatologia do Hospital São Lucas da PUCRS através de observação participante e de entrevistas semi estruturadas. Neste trabalho não pretendo ver a doença apenas como significação, através da abordagem da relação entre as representações e as práticas, mas sim trabalhar com o conceito de experiência como tentativa de superar algumas dicotomias (pensamento x ação, consciencia x corpo, indivíduo x cultura, etc.) apontando para a importancia do corpo como forma de saber e compreender o mundo e os eventos em curso. Dessa forma, a partir da ideia de corpo como dimensão constitutiva do saber, procuro incluir na análise

e problematizar minha experiencia como pesquisadora e também portadora de uma doença reumática crônica. Elementos como os significados atribuídos, dificuldades de comunicação entre os/as pacientes e os/as agentes de saúde, insatisfação com os serviços prestados, recursos de cura buscados fora do aparato biomédico, história de vida, e também os eventos consequentes do diagnóstico, como as mudanças de hábitos, reorganização financeira e familiar, remanejamento profissional, resistências e rupturas, são levados em consideração para a compreensão da doença como experiência vivida.

Palavras-chave: Saúde; doenças crônicas; doenças reumáticas; experiencia; corporalidade.

PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN Y CORPORALIDAD EN LA ATENCIÓN DE LAS ADICCIONES. ESTUDIO DE CASO EN UN CENTRO DE REHABILITACIÓN EVANGÉLICO PENTECOSTÉS

Olga Lidia Olivas Hernández; olgalx@hotmail.com

Olga Odgers Ortiz; odgers@colef.mx,

En la discusión clásica sobre el papel de la religión en la alienación o la subjetivación del creyente, parece haber cierto consenso en considerar que ambas son posibles. Las condiciones concretas -objetivas, contextuales y subjetivas- pueden delinear si el creyente se orienta hacia uno u otro camino. Sin embargo, hay poca claridad sobre cuáles son esas condiciones contextuales y subjetivas que resultan determinantes en dicha orientación. A partir del estudio de caso de los centros de rehabilitación evangélicos pentecostales, podemos observar que dentro de un mismo contexto objetivo (centro de rehabilitación), con un mismo modelo terapéutico (religioso), puede producirse alienación, pero también dan lugar a procesos de subjetivación.

En este trabajo se pretende discutir en qué casos se producen procesos de subjetivación, y después, identificar las condiciones contextuales y subjetivas que lo permiten, lo cual será analizado tanto a partir de la información empírica recabada mediante entrevistas en profundidad y observación participante, como la experiencia vivida desde el cuerpo del etnógrafo como productor de conocimiento en el campo de investigación.

Palabras clave. Procesos de subjetivación, corporalidad, adicción, religión, experiencia etnográfica.

¿QUÉ PUEDE UN CUERPO? APROXIMACIONES AL TRABAJO “CARTONERO” DESDE UNA PERSPECTIVA CORPORAL

Verónica V. Puricelli; veronicapuricelli@hotmail.com

El presente estudio tiene por objetivo explorar el proceso de trabajo llevado a cabo por los recolectores de residuos sólidos urbanos (mayormente conocidos como "cartoneros") en relación a los procesos de subjetivación individual y colectiva que éste supone. En tanto ocupación laboral fundamentalmente física, la investigación tomará como punto de referencia los sentidos construidos en torno al cuerpo (específicamente el cuerpo "cartonero"), contemplando la relación material que establece con el contexto laboral inmediato de la práctica cotidiana y los discursos que en torno suyo se traman. La línea de análisis a seguir parte de concebir al cuerpo como la conjugación simbólica de los discursos y representaciones sociales que circulan en la sociedad así como de la figuración que el sujeto realiza sobre su propio cuerpo en términos senso-perceptivos (Csordas, 2008). En este sentido, este trabajo explorará las representaciones elaboradas subjetiva e intersubjetivamente del cuerpo "cartonero" en relación a las concepciones que sobre este cuerpo se inscriben con el objetivo de vislumbrar cómo *a partir del* cuerpo y *sobre* éste la experiencia laboral es (re)formulada.

Palabras claves: Corporalidad, procesos de subjetivación, recolectores urbanos.

GT 80. PERSPECTIVAS RELACIONALES SOBRE LA RELIGIOSIDAD: LA “PERIFERIA” COMO “CENTRO”

Coordinadores:

Doctorando Juan Scuro. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.
juanscuro@gmail.com

Dr. Nicolás Viotti. Consejo Nacional Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina. nicolas.viotti@gmail.com

Dr. Robin Rodd James Cook University, Australia robin.rodd@jcu.edu.au

Comentarista: Dra. Mariana Espinosa Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) - Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Argentina;
marianaestherespinosa@gmail.com

Sesión 1: Catolicismo y pentecostalismo

-

LOS “OTROS” QUE NO AGRADAN: REFLEXIÓN Y APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA AL OPUS DEI EN ARGENTINA

María Bargo (UNSAM/IDAES); merytoflins@hotmail.com

La ponencia se propone explorar la construcción de la pertenencia y la distinción social del conservadurismo católico argentino. Presentará, particularmente, el caso del Opus Dei. Si bien la investigación se encuentra en su fase inicial y exploratoria, propondrá algunos puntos para el abordaje de dicho sector y posibles líneas de análisis para el trabajo futuro. A modo de ejercicio, se lo pensará (sin olvidar la posición económico-política privilegiada que posee) como “marginal” dentro de las otredades abordadas desde la antropología, y especialmente, los trabajos etnográficos sobre religiones, siendo éste un otro desagradable, un otro que incomoda. A nivel específico, se observarán instancias de formación, espacios de sociabilidad, formas de diferenciación social, discursos y “valores” defendidos y predicados. La importancia de comprender los modos de vinculación que se dan entre los integrantes del grupo recae en el hecho de que estas relaciones permiten la construcción de las subjetividades, la identidad y la adscripción al colectivo.

Palabras clave: Opus Dei, pertenencia, distinción social, otredad.

A DISPUTA PELO CARISMA: ETNOGRAFIA SOBRE A FRATERNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS

Nayara Alvim Silva. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente da Universidade Paulista (UNIP);
nay.alvim@hotmail.com

O presente trabalho busca uma reflexão em torno das mudanças ocorridas no Instituto de Vida Consagrada Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento – conhecida como Toca de Assis – a partir do afastamento do seu fundador, Padre Roberto Lettieri, em 2009. Este movimento católico, em apenas vinte anos de existência adquiriu mais de mil adeptos consagrados que se encontravam espalhados em casas fraternas por todo o Brasil e fora dele. Muitos jovens que desejavam viver algo “radical” em sua juventude e buscavam viver uma identidade estilizada e contrastiva, viram na fraternidade a porta de entrada para a vivência do exótico bem próximo deles. Diante desse crescimento vertiginoso, a Igreja Católica entrou em uma disputa visando reestruturar a vivência do sagrado pela fraternidade e modelá-la para algo cada vez mais contido e permitido pelo clero, ou seja, uma tentativa de domesticar o sagrado e transformar a espontaneidade *toqueira* em algo burocratizado e rotinizado. Com isso, o resultado parcial é o fechamento de inúmeras casas fraternas e a desistência de vários religiosos e religiosas que abandonaram suas famílias por se identificarem com o carisma e a espiritualidade *toqueira*, vista por muitos como sendo radical por se basear nos três grandes pilares da consagração religiosa, a saber: a castidade, a obediência e a pobreza. Portanto, o trabalho nos ajudará a refletir a experiência religiosa *toqueira* mediada não mais pelo seu fundador carismático, com seu viés subversivo, mas sim pela Igreja Católica, que vem alterando drasticamente a construção simbólica do sagrado no âmbito da fraternidade.

Palavras-chave: Religião, Novos Movimentos Católicos, Juventude, Igreja Católica, Carisma.

O IMPULSODO ESPÍRITO SANTO EM UMA COMUNIDADE CATÓLICA: MUDANÇA, “CURA” E “LIBERTAÇÃO”

Ypuan Garcia. PPGAS-USP Doutorando em Antropologia Social;
ypuangarcia@gmail.com

Esta comunicação se baseia em uma pesquisa realizada entre um grupo de católicos renovados pelo impulso do Espírito Santo na cidade de São Paulo/SP. Em outras palavras, remeto-me a pessoas que integraram a Renovação Carismática Católica (RCC), um “movimento”, mas posteriormente constituíram uma “comunidade”. O propósito é descrever como esse deslocamento produziu uma “crítica” ao “Carismatismo Católico”, que condensa a partir dos comentários de um dos meus amigos durante a pesquisa de campo: “A RCC foi do espírito para a carne. O carisma é da Igreja, e não deles”. Busco analisar no grupo de oração da “comunidade” como as formas devocionais, a partir desse descentramento, se consolidam por meio da ativação imediata do Espírito Santo. A hipótese que trago à baila tem a ver, em primeiro lugar, com a ênfase na imagem de algo “fluido” que possibilita manter uma relação íntima com a divindade para alguém de uma dimensão, canonicamente, vinculada ao ritual.

Assinala, em segundo lugar, como a transição é fundamental para se realizar a “cura” e a “libertação”, uma vez que suscita a mudança. Aciona, por fim, maneiras de viver o Catolicismo refratárias ao secular, isto é, a um modo de existência que inventa uma razão privada.

Palavras-Chave: Catolicismo; Espírito Santo; Deslocamento; Fluidez.

RENACER EN CRISTO. PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN UN CENTRO DE REHABILITACIÓN EVANGÉLICO

Olga Lidia Olivas Hernández; olgalx@hotmail.com

Olga Odgers Ortiz; odgers@colef.mx

El Colegio de la Frontera Norte y Universidad Autónoma de Baja California.

En la modernidad las manifestaciones de lo religioso desde los márgenes, ha tenido diversos alcances, algunos de los cuales han impactado en las formas de entender las aflicciones humanas. Para el caso que nos ocupa en este trabajo, nos centraremos en la manifestación de lo religioso en contextos de marginación social, lo cual ha derivado en la configuración de formas de entender y atender ciertos padecimientos.

La creciente emergencia de centros de rehabilitación de corte religioso, en la región fronteriza bajacaliforniana, da cuenta del papel que ha desempeñado la religión evangélica pentecostal en el campo de la salud. En particular en relación al desarrollo de espacios de atención para personas con problemas de adicción, muchas de las cuales viven condiciones socioeconómicas desfavorables en su vida cotidiana. Un aspecto que se discutirá en este trabajo es el papel que desempeña la religión en el proceso de rehabilitación, a través de una forma alternativa de atender el padecimiento, que en algunos casos puede dar lugar a procesos de subjetivación fundamentados tanto en la reversión del estigma de ser adicto, como en las posibilidades que la persona experimenta de reelaborarse como un nuevo sujeto a través de la conversión religiosa.

Palabras clave: Religión, Salud, Conversión, Procesos de subjetivación.

PASTORAS E NEOPENTECOSTALISMO: EMPODERAMENTO FEMININO, DONS ESPIRITUAIS E OS LIMITES DA RELIGIÃO TRADICIONAL

Ana Cândida Pena Vieira Pinto. Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília – UnB; acandida.pena@gmail.com

Este trabalho aprofunda considerações inicialmente apontadas em minha dissertação de mestrado, recentemente defendida no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (julho/2014). Na ocasião busquei observar a diversidade atual do neopentecostalismo brasileiro e as transformações pelas quais passou como movimento, considerando seu constante processo de ruptura e reagrupamento em novas igrejas. A partir da observação de outros espaços religiosos, que não o templo institucionalizado, as diferentes formas de adesão religiosa em um contexto de pouca disciplinarização doutrinária, assim como o surgimento de lideranças carismáticas e emocionais, se mostrou um campo de estudos crescente e profícuo. Neste contexto, dedico este artigo à experiência de duas pastoras que atuam em cidades periféricas de Brasília como lideranças dotadas dos “dons do Espírito Santo”, estas funcionando como moeda de legitimação espiritual e terrena. Especialmente para mulheres que buscam uma proeminência dificilmente encontrada nas grandes congregações cristãs e outros espaços sociais, a prática religiosa nestes espaços parece tensionar a relação histórica entre os sexos dentro das instituições de poder. A representação de liderança feminina pode ainda reproduzir estereótipos e modelos sociais que inicialmente buscava combater, de forma que uma análise local em cada contexto etnográfico é fundamental para notar os pontos de superação ou reprodução de modelos. A escolha por pequenos grupos religiosos, localizados em contextos periféricos e de lideranças femininas, se pretendeu um recorte político que combatesse análises genéricas sobre o fenômeno evangélico e a questão da desigualdade de gênero.

Palavras-chave: neopentecostalismo, empoderamento feminino, profecia

AVANÇO NEOPENTECOSTAL NO FUTEBOL BRASILEIRO: ANÁLISE SÓCIO-ANTROPOLÓGICA ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE *RELIGIÃO, FUTEBOL E ESPAÇO PÚBLICO* NO BRASIL

Claude Petrognani. Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil. Bolsista CAPES; claud.petrognani@libero.it

Este texto se mobiliza em torno das relações entre *religião, futebol e espaço público* no Brasil. Mais especificamente, discorre sobre um aspecto do campo religioso brasileiro:

a saber, o campo evangélico, em particular o *neopentecostal* e a sua *inserção e rápida difusão* no meio esportivo, principalmente o futebol.

A partir de dados da pesquisa de doutoramento, será possível, sem pretensão exaustiva, demonstrar que há um *avanço evangélico*, fazendo desta configuração religiosa muito mais que “*uma das religiões periféricas ou marginais dos brasileiros*” (Carvalho, 1999,p.3), podendo ser considerada uma *religião “hegemônica”* quase como o *catolicismo*, no que diz respeito ao *ambiente futebolístico*.

Além disso, tentar-se-á mostrar que o *interesse evangélico*, no que diz respeito aos esportes, com o grupo denominado *Atletas de Cristo*, aprofunda as suas raízes na herança da *Muscular Christianity* de era vitoriana (1837-1901).

Enfim, este objeto permite refletir sobre um tema crucial da atualidade, o fenômeno da religião no espaço público.

Palavras chaves: Religião, futebol, espaço público, *neopentecostalismo*, *Atletas de Cristo*.

Sesión 2: Religión y etnicidad

OUTROS OLHARES, NOVOS OLHARES: UM ESTUDO SOBRE OS TERENA DA TERRA INDÍGENA DE DOURADOS/MS

Graziele Acçolini. Docente do curso de Ciências Sociais/Antropologia. Coordenadora do PPGAnt. Faculdade de Ciências Humanas/UFGD; grazieleaccolini@hotmail.com

Neste artigo apresentarei meu projeto de pesquisa que possui como objetivo principal abordar a questão das religiões e religiosidades entre os índios Terena, habitantes da Reserva Indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul; de forma mais específica me aterei às religiões cristãs protestantes/pentecostais; essa área é constituída por duas aldeias, Jaguapirú e Bororó. Os Terena chegaram a região de Dourados na primeira metade do século XX vindos da região da Serra de Maracajú, municípios de Miranda e Aquidauana, e hoje convivem com os Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva. A partir de uma pesquisa que pretende apreender a tônica da vida religiosa terena, penso ser possível articular as relações construídas em um contexto pluriétnico e territorial mais amplo com elementos sócio-culturais específicos e elaborados na interação de etnias diversas estrutural e organizacionalmente. Para tanto, enfatizarei a questão religiosa como problemática analítica de uma situação mais abrangente, pois creio que tal estudo permite alcançar o campo permanente das criações e reelaborações, como ocorre com os Terena nas aldeias do pantanal de Mato Grosso do Sul e também do oeste paulista, além de indicar as relações que se estabelecem entre as etnias e a sociedade regional/nacional. A pesquisa etnográfica será o caminho primordial a ser seguido, especialmente em relação à questão das religiosidades em tais aldeias, bem como os estudos que as enfocaram por outros ângulos e abordagens.

Palavras-chave: Terena; Reserva Indígena Horta Barbosa; Religiosidades.

FESTANÇA DE VILA BELA: ETNICIDADE E TERRITORIALIDADE EM CIRCULAÇÃO

Heloisa Afonso Ariano. Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Bahia; haariano@gmail.com

Vila Bela, primeira capital de Mato Grosso, foi abandonada pela elite branca em 1835 quando Cuiabá passou a ocupar aquele posto, ficando entregue ao domínio negro por mais de 100 anos. Sem poder contar com a presença de padres, a vida religiosa, exclusivamente católica, ficou entregue aos leigos que decidiram reunir suas festas todas em um único período do ano, dando origem ao que chamam de Festança. São quatro celebrações: do Divino, de São Benedito, da Mãe de Deus e a da Santíssima Trindade, que envolvem diferentes atividades, mas dialogando entre si. A festa do Divino envolve a Bandeira de esmolação, que confere um caráter público à organização da festa. Tem como festeiros principais um imperador e uma imperatriz. Essa é vista como uma festa tradicionalmente dos brancos, enquanto a de São Benedito está associada aos negros e a exibição do Congo e do Chorado, singulares nessa localidade. Evento de forte caráter político, sua organização fica a cargo de festeiros que mobilizam sua rede de relações, assumindo uma feição mais privada. As festas da Mãe de Deus e da Santíssima Trindade ritualizam relações de parentesco: na primeira, os festeiros devem ser cônjuges, na segunda os juízes devem ser pai ou mãe e filhos ou filhas. As questões que atravessam este trabalho dizem respeito a como explorar etnograficamente a ritualização de marcadores de diferença. Busco investigar, especificamente, as formas rituais em que se processam a circulação e visitação, que fazem da Festança um evento de afirmação obsessiva da territorialidade.

Palavras chaves: Festa, Ritual, Religiosidade Popular, Marcadores Sociais de diferença.

CIRCULAR, PERMANECER, CAMBIAR... EL EVANGELIO GUARANÍ SEGÚN TRES RELATOS DE VIDA (NOROESTE ARGENTINO)

Mariana Espinosa (CONICET-IDACOR-UNC); marianaestherespinosa@gmail.com

A principios del siglo XX, al interior del ingenio azucarero La Esperanza (noroeste argentino), se formó un emplazamiento misionero denominado Cherenta. Misioneros británicos de los Hermanos Libres organizaron una misión con un grupo guaraní –por entonces denominado “chiriguano”-. En la década de 1960 se cumplió una etapa con el fallecimiento de los principales misioneros y desde entonces el grupo se diversificó. Por

un lado, la misión continuó tutelada por misioneros bautistas en San Pedro de Jujuy. Por otro lado, un grupo de creyentes prosiguió autónomamente con reuniones hasta los años '90, momento en que se restableció formalmente el vínculo con los Libres. La antigua misión devino en un complejo proceso que hoy se evidencia en divergentes trayectorias personales y en diversas comunidades e iglesias evangélicas en el pueblo azucarero y sus alrededores. Esta ponencia explora en las formas del ser evangélico y ser guaraní en La Esperanza a partir de la reconstrucción de las trayectorias de vida de tres líderes evangélicos: Clemente, Donato y Segundo. Los tres crecieron en la misión y en la misma “escuelita” dominical. En la juventud experimentaron de manera distinta el evangelio, el vínculo con los misioneros, el trabajo en el ingenio, el origen social y étnico. En sus trayectorias observaremos peculiares formas de circular, permanecer y cambiar de espacios de sociabilidad evangélica y cómo los devenires de sus identidades se encuentran jalados por un peculiar contexto interétnico y el pasado misionero.

Palabras claves: Evangélicos; Guaraníes; La Esperanza; Noroeste argentino.

-

ENFERMAGEM E RELIGIÃO: ABORDAGEM EM SAÚDE NAS COMUNIDADES DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Fioravanti, Sandra Ceschin. Aluna Especial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Graduanda em Educação Permanente em Saúde no Programa de Pós Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Graduada em Enfermagem no Centro Universitário da Grande Dourados-UNIGRAN; fioravanti_sandra@hotmail.com

O presente artigo busca gerar uma reflexão junto aos profissionais de enfermagem sobre o fenômeno popular religioso como apoio terapêutico para os problemas relacionados à saúde. As comunidades religiosas de cultura Afro-brasileiras possuem um conjunto de conhecimento e um modelo de atenção estruturados em valores tradicionais, os quais contribuem de forma relevante para a compreensão do fenômeno religioso relacionado à saúde. Neste momento em que o modelo biomédico se mostra incapaz de atender de forma integral a complexidade do ser humano, as comunidades de religião afro-brasileira possibilitam uma abordagem que permite através do seu sistema de crença, múltiplas escolhas para uma atenção em saúde. Realizou um levantamento bibliográfico com metodologia de pesquisa exploratória. A discussão se aproxima dos elementos que permitem a transferência de conhecimentos da cultura afro-brasileira no sentido de complementariedade ao modelo oficial de saúde, e as práticas de saúde propostas pelo Sistema Único de Saúde/SUS. Considerou a importância dos limites e possibilidades do cuidado cultural realizado pela enfermagem, através da contribuição da antropologia, no sentido de permitir possíveis interpretações para o processo saúde/doença e a construção de novas práticas de saúde. Tal compreensão se torna fundamental para a formação e a atuação da enfermagem no trabalho em saúde coletiva, ao qual a visão de mundo nas comunidades de matriz afro-brasileira extrapola os valores do sistema oficial de saúde, ampliando o espaço das possibilidades de cuidado, transformando a atenção em saúde em uma ato de cidadania e de inclusão social.

Palavras chaves: Afro-brasileira, saúde-doença, cuidado cultural, pluralismo terapêutico, enfermagem.

Sesión 3: Nueva Era-Hinduismo

EL JUEGO DEL DINERO: LA SACRALIZACIÓN DE LA MATERIALIDAD EN LA NUEVA ERA

María Eugenia Funes (CEIL-CONICET); marufunes28@gmail.com

Dos de las características fundamentales de las creencias y prácticas de la Nueva Era son la sacralización de la interioridad de las personas y la noción de que el autoconocimiento conlleva una transformación individual que constituye el vehículo para la transformación colectiva. Además, la noción de la persona de la Nueva Era ha constituido un caso interesante para problematizar la concepción moderna y secularizada de la persona, que entiende que la modernidad implica un proceso de subjetivación que tiende hacia la razón y el individualismo en detrimento de modelos de pensamiento mágico en los que lo trascendental tiene agencia sobre lo material. En esta ponencia abordaremos la forma en que se comprende al dinero dentro de esa cosmovisión holística entre el individuo y su exterioridad. Para ello describiremos el caso del “Juego del Dinero”, una actividad que se realiza en programas de autoconocimiento y de desarrollo personal con el objetivo de identificar las emociones que cada persona tiene vinculadas al dinero y sus diferentes usos (uso, préstamo, ahorro). Abordaremos, por un lado, la concepción holística de la persona que se pone en práctica en dicha actividad y, por el otro, la forma en que se comprende al dinero dentro de esa cosmovisión. La presente ponencia forma parte de los resultados de una etnografía realizada en organizaciones que ofrecen servicios financieros y de gestión del trabajo con una mirada holística de la persona basada en la cosmovisión de la antroposofía.

Palabras clave: Nueva Era, dinero, sacralidad interior, transformación.

-

RETORNO AO ÚTERO: COMUNICAÇÃO, CONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CORPORAL EM CERIMONIAS DE TEMAZCAL REALIZADAS POR GRUPOS NEW AGE

Caian Alberto Andrade De Mello e Bruschetta. Mestrando em Antropologia Social pela UFRGS; caianmello@gmail.com

No contexto brasileiro não é de hoje os encontros entre os grupos que poderíamos chamar de ‘new age’, com as tradições ayahuasqueiras populares e ameríndias. Neste contexto a cerimonia de Temazcal emerge como um ponto de congruência privilegiado destes grupos sociais e suas epistemologias. Difundida no país especialmente pela versão nacional da Native American Church, o Fogo Sagrado de Itzachilatlan, a

cerimonia hoje permeia diversos grupos de várias linhagens multiplicando suas significações e seus processos de execução. Aqui me focarei em minha experiência de campo com grupos new age, que tem uma apropriação particular da cerimonia. O foco do texto será o processo corporal desenvolvido a partir da cerimonia em questão e como ele é conduzido como uma tecnologia ancestral, detentora de uma epistemologia própria, para construção e transformação do corpo dos participantes e da compreensão da ontologia destes sujeitos. Assim, abordo a partir da materialidade da cerimonia os processos que se desdobram durante o ritual estabelecendo uma reordenação comunicativa entre os diferentes elementos que constituem a ontologia corporal dos participantes do grupo, tanto como indivíduos quanto como coletividade.

Palavras-chave: Temazcal, Corporalidade, New Age, Neoxamanismo, Espiritualidades.

-
-

LAS NUEVAS CONSTELACIONES FAMILIARES: CARISMA Y ESPIRITUALIDAD DINÁMICAMENTE CONSTRUIDOS. REVELACIONES DE LOS PROFETAS HELLINGER EN LA ARGENTINA

Lucia Bidart. Universidad de Buenos Aires

Bert Hellinger es el psicólogo y teólogo alemán creador de la psicoterapia sistémica Constelaciones Familiares, actualmente constituida en un verdadero movimiento cultural con elementos religiosos remarcables. El objetivo de nuestro trabajo es reflexionar sobre el carácter dinámico de tal religiosidad asociándola al carisma de sus líderes. Para tal fin nos enfocaremos en la etnografía realizada en el encuentro teórico-vivencial “Bert & Sophie Hellinger LIVE: En el origen, lo nuevo” Buenos Aires 2015, en el cual el matrimonio Hellinger presentó sus más recientes descubrimientos en un proceso que implicó la reformulación de sus postulados previos justificado en el argumento de la evolución de su comprensión sobre el espíritu, el alma y los límites de la conciencia humana. Presentando a la Hellinger Ciencia como una *ciencia revelada*, afirmaron que la complejización del entendimiento de las energías cósmicas y fuerzas que mueven al Todo basado en sus experiencias fenomenológicas posibilitó alcanzar Las Nuevas Constelaciones del Espíritu las cuales trascendiendo los límites de las Constelaciones Tradicionales amplían el espectro de acción sanadora transformatoria de las implicaciones sistémicas asociadas a lo psicoterapéutico individual hasta por ejemplo, la unión de los pueblos. En nuestro trabajo mostraremos la existencia de relaciones de poder y prácticas de diferenciación entre los diferentes actores y grupos de la Comunidad Hellinger participantes del evento mediatizadas por la mercantilización y burocratización de lo sagrado con la intención de contribuir al análisis del pluralismo religioso y mostrar mediante un fenómeno antropológico al que identificamos como un caso de *espiritualidad-psi* el carácter procesual y relacional de la sacralidad en la realidad urbana occidental contemporánea.

Palabras Clave: Constelaciones Familiares, Espiritualidad-psi, Carisma.

-

-

A RELIGIOSIDADE HINDU NO BRASIL COMO MOVIMENTO E COMO EXPERIÊNCIA

Thaís Silva de Assis. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ);
thaissassis@gmail.com

O ponto de partida da pesquisa aqui apresentada considera o fenômeno de ampliação da diversidade dos grupos religiosos no Brasil e também de pluralização da oferta religiosa verificada nas últimas décadas. Em referência a tal conjuntura, esta comunicação tem como objetivo geral evidenciar significados mobilizados na religiosidade de matriz oriental hinduísta. Especificamente, apresento o caso de certo grupo carioca que se organiza para estudar textos védicos e aprender sânscrito e que, paralelamente, realiza rituais devocionais – nomeados de Puja – em datas determinadas. Tal empreendimento se orienta pelo método etnográfico e, até a presente etapa, consiste em participações da pesquisadora como aluna nos cursos de vedanta e em suas observações dos rituais do grupo. Sendo assim, pretende-se oferecer uma descrição preliminar do campo e dos contatos com os sujeitos envolvidos. E, além disso, refletir sobre quais necessidades religiosas impulsionam o movimento mais amplo inspirado no hinduísmo, ou ainda, quais são as demandas espirituais que essa religiosidade vem a responder no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: movimento religioso; religiosidade; hinduísmo; ritual; etnografia.

-

TRABALHOS MANUAIS: CATOLICISMO E NOVA ERA NAS PRÁTICAS DE CURA DO FREI HUGOLINO EM SANTO AMARO DA IMPERATRIZ, SC, BR

Juliano Florczak Almeida. Doutorando em antropologia; Ppgas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Br.

Este trabalho aborda as práticas de cura de frei Hugolino, frade franciscano morto em 2011 a quem são atribuídos centenas de milagres realizados no sul do Brasil. Essas práticas foram reconstituídas em um trabalho de campo de caráter etnográfico em que convivi com pessoas que o auxiliavam ou que receberam graças em Santo Amaro da Imperatriz, SC, Br. Ao focar as interfaces entre religiosidades e saúde, este artigo se distancia de certa abordagem que enfatiza aspectos institucionais dos fenômenos

religiosos, abordagem nem sempre capaz de captar a dinamicidade das práticas. Refletindo sobre o catolicismo desde a imposição de mãos e as massagens do frei Hugolino, é possível vislumbrar uma série de atravessamentos com outras religiosidades, especialmente com a Nova Era. Ao mesmo tempo, são perceptíveis os esforços do frei no sentido de afirmar que suas práticas de cura permaneciam no âmbito do catolicismo.

Palabras clave: religiosidade; curas; catolicismo; Nova Era; Frei Hugolino.

-

UNA ETNOGRAFÍA SOBRE REIKI EN LA CIUDAD DE MONTEVIDEO

Lic. Rossana Passeggi. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (UdelaR);
ro_passe@hotmail.com

Existen diversas técnicas de sanación que se agrupan dentro de las denominadas terapias alternativas, ocupando un espacio no menos relevante dentro de los métodos utilizados para tratar enfermedades: psíquicas, físicas y espirituales. Las transformaciones acontecidas en el marco de nuestra contemporaneidad han llevado a un mayor surgimiento de estas terapias alternativas y complementarias, donde las creencias espirituales y la salud se ven unidas. Las comparaciones estrictamente médicas nos suministran una base demasiado estrecha para interpretar la palabra clave, "holismo", como señalaba Douglas (1998). Por su parte la técnica del Reiki es considerada por sus seguidores como la más eficaz en cuanto al tratamiento de diversas patologías y dolencias, así como trastornos de índole psicológico y espiritual. La motivación para la elección de esta temática, se fundamenta en que la utilización de esta técnica de sanación está teniendo una fuerte expansión, a la vez que cobra más adeptos. En el caso del Centro de terapias energéticas: Pirámide Saqqara, lugar en estudio, ubicado en zona próxima al Parque Rivera, el Reiki no es la única terapia que allí se imparte, se complementa con otras técnicas. Los objetivos que se plantearon para este estudio etnográfico fueron: Indagar en los procesos (trayectorias) que motivan a las personas a utilizar el Reiki como métodos de sanación. Describir cuáles son los factores implicados en la sanación. Analizar los vínculos de esta práctica con lo mágico-religioso. Intentando visualizar de este modo cuál es la impronta que todo ello genera en la vida de los terapeutas y pacientes.

Holismo-Reiki-Terapias alternativas- Sanación.

Sesión 4: Religiosidades populares

REZADORES, SEUS SANTOS E OBRIGAÇÕES: REDES DO SAGRADO NO SERTÃO NORDESTINO

Luciana Duccini. Prof. Colegiado de Ciências Sociais –
UNIVASF; luduccini@gmail.com; luciana.duccini@univasf.edu.br /

Matheus Ricarte/ Bacharel em Ciências Sociais

Este trabalho focaliza a prática da benzedura, ou reza, forma de cura muito antiga e popular nas cidades de Petrolina, em Pernambuco e Juazeiro, na Bahia, tal como encontrada em trabalho de campo entre 2012 e 2013. A benzedura, embora profundamente ligada ao universo católico, mantém relações ambíguas, muitas vezes tensas, com a instituição, a depender de posições pessoais dos párocos locais. Ainda assim, constitui uma alternativa amplamente conhecida na região na procura por saúde física, mental e espiritual. Nas cidades mencionadas, é muito fácil localizar pessoas que realizem esta prática. Nesta apresentação pretendemos explorar algumas das características da reza, em especial os espaços domésticos em que se dá e suas relações com o chamado catolicismo popular. Benzedoras e rezadores são pessoas que recebem um “dom divino” que os vincula de maneira específica à comunidade em que vivem: exercer este dom, gratuitamente, é uma obrigação e a recusa acarreta severas punições ao escolhido. Ao mesmo tempo, a prática da reza coloca o benzedor em relação constante com seus santos de devoção e seus “pacientes”, formando uma rede pela qual circulam preces, saúde e presentes. Assim, pretendemos esquematizar a formação desta rede, mapeando pessoas, coisas e ações que a constituem e pelas quais circula o sagrado. Por fim, gostaríamos de questionar quais noções de sacralidade emergem desta perspectiva analítica sobre a reza.

Palavras chave: benzedura – redes – espaço doméstico – catolicismo popular – sacralidade.

-

-

COMO NASCEM OS SANTOS: ANÁLISE DA DEVOÇÃO A EDMUNDO PÉ-DE-FERRO NO CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO AMAZÔNICO

Pietà Graça Castro Pinto Trajano Vieira; pietajesus@yahoo.com.br

Esta comunicação aborda a história de Edmundo Pé - de- Ferro, alvo de devoção de caráter popular no município de Benjamin Constant – AM, município situado na região do alto Solimões. Apresento um estudo sobre a religiosidade de um determinado grupo de pessoas que o reconhece como santo milagreiro. É uma narrativa local que reflete os valores, as riquezas da cultura amazônica que vem se perdendo ao longo do tempo. O presente trabalho também aborda o processo de formação social e econômica no contexto fronteiro do Brasil com a Colômbia e o Peru. Busco compreender a construção social que foi produzida em torno desta personagem, que não é reconhecida pela Igreja local, e que pode ser entendida como um caso de devoção marginal. Faço uma tentativa de analisar este imaginário social e religioso que faz sentido para estes indivíduos que lhe rendem reverências. Utilizei como sujeitos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa os informantes que são anciãos da cidade, que viveram no final dos anos 50 do século XX e conhecem a história de Edmundo, bem como os devotos que hoje mantêm viva a memória de Edmundo. O cemitério foi o lócus central para realização da pesquisa, cenário onde predominantemente se desenrolam as práticas devocionais, o que nos permite identificar um caso de devoção a um “Santo de Cemitério” na Amazônia brasileira.

Palavras - chave: religião, religiosidade popular, devoção marginal, cultura amazônica, manifestações socioculturais.

MEMÓRIA E TRADIÇÃO DA CIÊNCIA DA JUREMA EM ALHANDRA, PARAÍBA (BRASIL)

Francisco Sales De Lima Segundo. Mestre em Antropologia (Universidade Federal Da Paraíba); chicosales78@gmail.com

O culto da Jurema Sagrada é compreendido aqui como uma tradição de conhecimento que procede da articulação de diferentes fluxos culturais, resultante de uma práxis ritualística cujos sujeitos operam com criatividade e fluidez. Manifestação esta polarizada no município de Alhandra, localizado no litoral sul do Estado da Paraíba. Ele engloba também uma ideia totalizante em que se encontra todo o seu conhecimento, a ciência da Jurema, que é operado pelos cientistas, pessoas de notório saber dentro do culto que a aplica em curas físicas e espirituais, dentro do que os juremeiros chamam de trabalho de ciência. Tradição esta composta por inúmeros sujeitos que imprimiram aqui o seu legado na memória coletiva local.

Assim, este trabalho realizou uma etnografia das narrativas, a partir das memórias acerca desta tradição de conhecimento, observando a categoria nativa de ciência, que é constantemente evocada pelos juremeiros como este saber que contempla todos os seus

ensinamentos, apresentando-se como um elemento de fundamental centralidade entre eles.

Desta forma, a metodologia desenvolvida aqui foi uma articulação entre levantamento bibliográfico, em relação ao tema específico, e entrevistas temáticas acerca da ciência da Jurema, com intuito de ter um panorama, o mais diverso possível, dos universos representativos dos juremeiros, em decorrência das transformações que vêm passando atualmente este campo religioso no referido município, que é considerado como a “terra da Jurema”.

Palavras-chave: Jurema, catimbó, memória, tradição de conhecimento.

-

-

IDENTIDAD, CONVERSIÓN Y TRÁNSITO RELIGIOSO EN LAS VILLAS DE BUENOS AIRES

Mg. Juan López Fidanza (Universidad Católica Argentina);
juan_lopezfidanza@uca.edu.ar

El cambio religioso es un hecho difícil de aproximar desde una mera pregunta en una encuesta. Habitualmente este tipo de fenómenos suele ser encarado desde una perspectiva cualitativa –principalmente entrevistas e historias de vida-. ¿Cuánto se puede profundizar en esta cuestión a través de datos agregados? En este trabajo pretendemos realizar un intento de aproximación cuantitativa a la conversión en los barrios precarios (“villas de emergencia”) de la ciudad de Buenos Aires. En primer lugar, daremos una breve discusión teórica respecto de cómo entendemos el fenómeno de la conversión, la identidad y el tránsito. Luego, analizaremos diversas variables de una encuesta realizada en estas villas durante 2014 a fin de poder visibilizar trayectorias que, lejos de presentarse como lineales, muestran sinuosidades, desarrollos paralelos y aún reversiones. El análisis que se efectúa en esta presentación se basa en una muestra representativa de 400 hogares de los cinco aglomerados de villas en los que viene trabajando el Programa “La presencia religiosa en las villas de la ciudad de Buenos Aires”. A través de la triangulación de diversas variables, muchas de ellas preguntas abiertas –con el ‘sabor cualitativo’ que esto les otorga-, se buscará caracterizar y ponderar el fenómeno del cambio religioso en estos espacios. Por último, se discutirán los resultados, con particular énfasis en la cuestión institucional del fenómeno.

Palabras clave: Conversión, identidad, transito religioso, barrios precarios

GT 81. DIÁSPORAS: EXPERIENCIAS DE TRANSNACIONALISMO Y CONSTRUCCIONES IDENTITARIAS EN PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Coordinadores:

Dra. Silvia Montenegro (CONICET/Argentina) silmarmont@gmail.com

Dr. Lindomar Coelho Albuquerque (Universidade Federal do Estado de São Paulo, UNIFESP, Brasil) joselindomar74@gmail.com

Dr. Lorenzo Macagno (Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil) lorenzom@ufpr.br

Comentaristas: Dr. Jean-Philippe Belleau (University of Massachusetts, Estados Unidos) jeanphilippe.belleau@umb.edu

Dra. Verónica Giménez Béliveau (CONICET, Universidad de Buenos Aires, Argentina) veronicagimenezb@gmail.com

-

-

Sessão 1: fronteiras, mobilidades e política

MOVILIDAD Y (NUEVAS) ESPACIALIDADES EN LAS FRONTERAS DE CHILE Y BOLIVIA: RUTAS Y ECONOMÍAS PARA NUEVOS CAMPOS TRANSNACIONALES

Alejandro Garcés H. Universidad Católica del Norte, Chile; ajgarces@gmail.com

Nos encontramos ante un nuevo momento de la movilidad en el norte de Chile, caracterizada por su dimensión fronteriza, por el crecimiento cuantitativo de los flujos, por su feminización, y por su vinculación a los diversos impactos del boom del mercado minero en el norte de Chile. Sin embargo, esto sólo nos produce un cuadro general. Intentando visibilizar formas no hegemónicas de comprensión del fenómeno (entenderlo mecánicamente en relación a criterios economicistas, producciones de una migración basada en la permanencia en destino, aquella que prefija la direccionalidad del

movimientos), la presente comunicación aborda, fundamente a través de la etnografía, la construcción de nuevas espacialidades, campos transnacionales y transfronterizos, que se sirven de grupos, mercancías e imaginarios de las fronteras que conectan los espacios nacionales de Bolivia y Chile. Para ello intentaremos contrastar dos casos, la ruta y espacialidad que conecta Iquique (Chile) y Oruro (Bolivia) a través del desierto de Atacama, y la ruta y espacialidad que por el mismo desierto conecta el suroccidente boliviano (Sud LÍpez) y el norte chileno a través de San Pedro de Atacama. Las superposiciones de identidades y territorialidades tanto indígenas como nacionales, son reordenadas, en cierto sentido subvertidas, rejerarquizadas y reforzadas en los nuevos campos transnacionales así construidos.

INTERSECCIONES, TENSIONES Y DESENCUENTROS DE LA POLÍTICA EN CIUDADES DE FRONTERA

Fernanda Maidana. UNILA, Brasil; maidanafernanda@gmail.com

Al observar ‘la política’ en las ciudades de frontera, de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguazú (Brasil) y Ciudad del Este (Paraguay), encontraba conexiones y continuidades, formas de comunicación y de acción política que me resultaban novedosas y diferentes a los que estaba acostumbrada en mis investigaciones sobre dirigentes y líderes de Salta (Argentina), y distintas también a las que me eran familiares en otros contextos empíricos brasileños y argentinos. La acción política escapaba a los límites de los espacios nacionales, los eventos del ámbito nacional se localizaban fuertemente en estas ciudades, así como sus problemas translocales se nacionalizaban, creándose conexiones y continuidades poco frecuentes; la importante intervención y determinación de sus realidades locales por las políticas de los gobiernos centrales resultaba, además, en una constante búsqueda por los dirigentes de superar los límites de la experiencia política local – y así sobreponerse a la falta de poder jurisdiccional sobre la frontera- y de prolongar el efecto de sus acciones y entendimientos sobre ámbitos superiores; y la creación de lazos políticos ante la desterritorialidad de las prácticas cotidianas y la gran cantidad de población migrante de esas ciudades me parecían desafíos para la forma en que la política y los lazos políticos pueden ser construidos. A partir de estas cuestiones, busco aproximarme a sentidos translocales de la política, proponiendo que es posible reconocer modos similares de vivir, imaginar y actuar sentidos políticos, vinculados con la particular posición geopolítica y otras características fronterizas; así como observar divergencias y particularidades del ‘hacer política’ de esas ciudades. En este trabajo presento un avance

de esos objetivos de investigación.

“TRANSNACIONALISMO À REVELIA” E A CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO SOCIAL: MAGERMANE E A MODERNIZAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (1980 - 2010)

Héctor Guerra Hernández. UFPR, Brasil; hec.gue@gmail.com

Entre 1979 e 1990 mais de vinte mil moçambicanos foram enviados para aprender e trabalhar nas indústrias da antiga República Democrática Alemã (RDA). Embora seu enquadramento fora compulsórios, na maioria das narrativas que reproduzem sua experiência migratória, bem-estar material e sucesso social são os dois aspectos mais mencionados durante sua estadia nas fábricas alemãs. A extinção da RDA provocou o retorno acelerado dos conhecidos como “Magermane”, porém retornaram “como ricos” num país desintegrado social e economicamente pela guerra. As remessas de dinheiro transferidas durante seu período de trabalho em Alemanha, “sumiram”. Segundo eles, burocratas e altos funcionários da Frelimo (o partido no poder) teriam enriquecido ilicitamente com este dinheiro. Esta situação deu origem a um diferendo entre eles e o governo que dura até a atualidade. Um diferendo complexo que abre muitas possibilidades de abordagens. Nesta comunicação pretende-se explorar sua condição diaspórica, a qual denominarei provisoriamente de “transnacionalismo à revelia”. Condição provocada pela ida e o retorno ao país europeu e a qual pode ser pensada ao constatar na produção dessa memória, um relato nostálgico compartilhado sobre um passado de prosperidade e realização pessoal em um presente de marginalização e pobreza. Uma memória que combina ressentimento e desejo de reconhecimento, alimentado pela produção de imagens e relatos que exaltam uma utopia moderna ou modernizante vivida alhures, na contramão do processo de modernização moçambicano que a guerra marcou. Será a partir da produção destes relatos e imagens que os conceitos de modernização, transnacionalismo, diáspora, ressentimento e memória serão discutidos.

TERRITORIALIDADES E FRONTEIRAS EM UMA REGIÃO DO PARAGUAI COM GRANDE PRESENÇA DE IMIGRANTES BRASILEIROS

Andressa Szekut. UFPel, Brasil; andressaszekut@gmail.com

Jorge Eremites de Oliveira. UFPel, Brasil; eremites@hotmail.com

Este trabalho trata das representações relacionadas à territorialização e às fronteiras percebidas no trabalho de campo com imigrantes (brasileiros) e nacionais (paraguaios) em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. O objetivo maior é identificar e expor as múltiplas representações construídas nesse espaço com relação à apropriação do território em que o imigrante brasileiro se fixou no exterior (Paraguai) e sua ligação com o território de origem (Brasil), partindo da análise de discursos dos interlocutores e da observação participante realizada na região. Para isso, tem-se como base metodológica a antropologia social e textos teóricos que amparam as reflexões sobre migração, territorialidade, memórias, representações e fronteiras. Com isso, pode-se descrever e refletir sobre as construções de conexão internacional e integração nacional que estão presentes no referido espaço, com vistas a evidenciar memórias enquadradas que formam sentimento de pertencimento e continuidade em relação à realidade de migração e fronteira, e representações de integração territorial.

Sessão 2: Trajetórias, Gênero e Sensibilidades

DO SUL AO NORTE, 'ORIENTE' AO 'OCIDENTE': MULHERES EM MOVIMENTO POR BÂ, DIOME, MERNISSI E DJEBAR

Miriam Adelman. UFPR, Brasil; miriamad2008@gmail.com

Lennita Ruggi. UFPR, Brasil; lennitaruggi@hotmail.com

Assim como os intensos debates dos anos 80 sobre feminismo e pós-colonialismo deram lugar a novas concepções sobre as múltiplas maneiras de ser mulher e “sujeito da história”, a perspectiva de gênero apresentou vários desafios às abordagens clássicas sobre diáspora, migração e fluxos internacionais. Há um maior reconhecimento tanto das formas ricas, complexas e por vezes contraditórias da circulação de idéias feministas pelo globo, quanto das diversas maneiras em que mulheres participam, e por vezes protagonizam o movimento de pessoas entre espaços, países e regiões geopolíticas. Discutiremos aqui como quatro escritoras do mundo árabe e africano - Assia Djébar, argelina, Fatima Mernissi, marroquina, Mariama Ba e Fatou Diome, ambas do Senegal - representam suas experiências, e as de outras mulheres - personagens da 'vida real' e/ou da 'ficção' - nestes trânsitos norte-sul, sul-norte. Sendo todas mulheres que viveram ou vivem intensamente situações pessoais de migração ou deslocamento entre culturas e contextos, priorizando estas questões nas suas obras

também, examinaremos neste trabalho como elas evocam e interpretam construções culturais e institucionais como gênero, família e casamento, tradição e modernidade, 'ocidente e oriente', colonialismos -antigos e modernos- e o feminismo que surge de e responde a contextos culturais diferentes. Embora não pretendamos 'etnografar' seus romances, acreditamos que os complexos cenários que elas constroem através da narrativa literária (ou auto-biográfica, no caso da Mernissi) nos permitem uma aproximação à subjetividade e às diferenças parecida aquilo que possa se apreendida através do trabalho do etnógrafo em campo.

TRANSNACIONALISMO E PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS: A TRAJETÓRIA DE DOIS AFRICANOS ATÉ O BRASIL

Letícia Marques Camargo (UFF, Brasil); leticiamarques@id.uff.br

O artigo a ser apresentado possui como tema principal as migrações internacionais contemporâneas. A partir da análise dos fluxos migratórios de africanos para o Brasil, pretendo compreender os processos de significação dos deslocamentos, destacando a dimensão transnacional desses fluxos e colocando em relevo alguns dos principais debates, noções e controvérsias da literatura pós-colonial. Tendo as diásporas contemporâneas em mente, analisarei etnograficamente dois casos de dois artistas residentes em duas das maiores cidades do Brasil: Rio de Janeiro, capital do Estado que recebe o mesmo nome e Salvador, capital do Estado da Bahia. Fabricio Dom e Justine Ankai Mac Aidoo, dois africanos nascidos em locais bem distintos: Angola e Gana, mas, que tiveram como “fim” (temporário ou não) um país chamado Brasil. Trajetórias diferentes que podem nos servir de exemplos para apreender as motivações da saída do local de origem, as redes que possibilitam a execução do projeto migratório, as estratégias cotidianas para a integração no novo espaço e as relações entre dinâmicas migratórias e dinâmicas urbanas em cada uma dessas cidades.

MUSEKA FALASTINIA: APONTAMENTOS ACERCA DA CIRCULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES MUSICAIS PALESTINAS

Rafael Gustavo de Oliveira. UFPR; rafael_antrop@yahoo.com.br

Este trabalho é parte de uma etnografia realizada na Palestina entre janeiro e junho de 2014, acerca das produções e práticas musicais palestinas. Pensar as produções musicais palestinas implica refletir não apenas acerca das produções provenientes da Cisjordânia e Faixa de Gaza. Estes dois espaços compõem os Territórios Palestinos (segundo resoluções da ONU) atualmente reconhecidos pela comunidade internacional. Contudo, seguindo as narrativas apresentadas pelos interlocutores nesta pesquisa, a relação espacial referente aos territórios palestinos engloba a chamada “Palestina histórica”, ou seja, a Palestina em todo seu território até o ano de 1948, quando do surgimento do Estado de Israel. Assim, para além dos chamados Territórios Palestinos, o espaço hoje referente ao Estado de Israel é referido pelos interlocutores como “Palestina 48”, sugerindo três espaços cartograficamente distintos, mas apontando para uma unicidade em termos de territorialidade (a “Palestina histórica” como um todo) nas narrativas que, por sua vez, se relaciona com expressões identitárias palestinas diversas, referentes à estes diferentes espaços. A circulação dos sujeitos entre estes espaços e suas estratégias de movimentação são de central reflexão, ao se pensar a circulação das produções musicais, a formação de bandas e trânsito dos sujeitos por estes espaços. Deste modo, para entender as produções musicais palestinas se faz preciso diluir as fronteiras cartográficas em favorecimento dos fatores que se relacionam com expressões identitárias em diferentes espaços. Em outras palavras, as produções musicais palestinas são algo que vão além das produções musicais feitas nos Territórios Palestinos apenas. Estas reflexões compõe o tema deste trabalho.

BELEZA, FELICIDADE, CONSUMO E HIBRIDISMO CULTURAL EM SALÕES DE BELEZA EM LISBOA E MADRID

Marcelo Alario Ennes. UFS; m.ennes@uol.com.br

Os traços fenótipos são importantes marcadores identitários entre migrantes e populações locais. Esses traços estão carregados de significados e, em grande parte, são produzidos sob a forma de estigma. A literatura demonstra que relação entre beleza e etnia é antiga. A cirurgia estética é prova disso. Alguns autores demonstram que as cirurgias plásticas étnicas são tão antigas quanto as cirurgias estéticas. O contexto formado pelos novos fluxos migratórios e a sociedade de consumo insere à relação entre etnia e beleza o elemento felicidade e a torna mais complexa. Meu interesse sobre a relação entre beleza, etnia e felicidade levou-me aos salões de beleza localizados nos bairros da Mouraria em Lisboa e Lavapiés em Madri durante minha pesquisa de pós doutorado. A esse respeito, tive oportunidade de observar o trabalho em seis salões de beleza e de entrevistar alguns de seus funcionários, todos imigrantes. Eram mãos de angolanas, senegalesas, brasileiros, dominicanos, nigerianos e marroquinos a fazer extensões com cabelos brasileiros e indianos, frizamentos, alisamentos em portuguesas, espanholas e em mulheres de outras nacionalidades. Alguns dos resultados da pesquisa permitem-me inferir que a beleza, na sociedade de consumo, é uma forma de busca pela felicidade e que, a beleza tem referências étnicas diretas e indiretas. Podem aparecer como cabelo de brasileira, cabelo black, cabelo de espanhol, ou indiretamente, por meio

de referências a celebridades cujo traços fenóticos são claramente hibridizados.

PENSANDO A ESTRANGEIRIDADE, EXPERIÊNCIAS DO INTERCÂMBIO

Suzana Duarte Santos Mallard. UFPR; suzana.dsm@gmail.com

Na medida em que o reconhecimento do lugar ocupado na condição de estrangeiridade se dá, existe a possibilidade de resgatar um saber a respeito da condição humana. Condição esta que reedita a todo o instante a solidão do ser. Muito pouco é passível de ser compartilhado com o próximo, sendo o sujeito radicalmente só em sua dimensão subjetiva. Paradoxalmente isso que diz de um sujeito inescrutável se repete enquanto elemento constitutivo da subjetividade humana, aproximando o eu ao outro. Ser sozinho sem estar sozinho, todos sob a insígnia da falta que marca de maneira original e única cada um. Nesse sentido resgatar os discursos sobre experiências de estrangeiridade possibilitam um saber sobre um desejo descolado de crenças e dogmas. A luz da perspectiva psicanalítica organizamos uma compreensão da condição de estrangeiridade. Entrevistamos um grupo de estudantes vinculados a programas de formação superior vindos de países de língua oficial portuguesa. A partir da análise das unidades de significado das entrevistas, identificamos alguns dos conflitos experimentados. Além da língua, a escolha do país, a chegada, a integração, o convívio, os relacionamentos, a percepção do outro e as dificuldades compõem o cenário da pesquisa. Conflitos que uns sentem mais do que outros e que tomam corpo somente na experiência.

Sessão 3: Transnacionalismo, Religião e Sociabilidades

TRANSNACIONALISMO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: PRODUÇÕES SUBJETIVAS DO ESPAÇO NA IMIGRAÇÃO DE SUFIS SENEGALESES EM

CAXIAS DO SUL/RS

Renan de Araujo Rodrigues. UFF, Brasil; roddeirik@yahoo.com.br

O conceito de transnacionalismo, que vem sendo empregado no âmbito dos estudos migratórios nas duas últimas décadas, descreve, sobretudo, dois fenômenos inter-relacionados: fluxos humanos, de bens e ideias em larga escala, e a construção de territorialidades que se situam, local e globalmente, para além dos marcos do moderno estado-nação. Mobilizados principalmente em decorrência da reestruturação do sistema capitalista global, estes processos resultam da revolução das tecnologias da informação, comunicação e transporte, com um lugar especial para as migrações, caracterizando-se pela formação de redes. Dentro deste quadro, a atuação de redes religiosas permanece um terreno ainda pouco explorado, principalmente na sua relação com as dimensões políticas e econômicas. Partindo de uma etnografia em andamento sobre as dimensões religiosas da imigração senegalesa em Caxias do Sul/RS, mobilizada por uma rede sufi muçulmana transnacional, busco aqui apontar algumas questões sobre a produção de espaços religiosos transnacionais. O sufismo é a mística islâmica, tendo por característica principal a construção da subjetividade religiosa através de experiências existenciais, onde o corpo e a realidade concreta, mais do que as doutrinas, constituem os valores por excelência. A imigração constitui, assim, um *locus* privilegiado, onde as experiências de mobilidade e territorialidade são os meios pelos quais se constrói um projeto religioso global, através de interações rituais e simbólicas locais. A existência concreta de espaços sufis translocais, depende, portanto, da relação oscilante, e não predeterminada, entre as condições *objetivas* (políticas e econômicas) da vida diaspórica e as experiências *subjetivas*, construídas e compartilhadas pelos imigrantes através de um *habitus* religioso comum.

HIZMET PARA BRASILEIROS: NEGOCIAÇÕES LOCAIS DE UM MOVIMENTO TURCO-ISLÂMICO NO BRASIL

Liza Dumovich. PPGA/UFF; lizadumovich@gmail.com

Esse artigo se fundamenta no trabalho de campo, que realizei há cerca de um ano para o meu doutorado em Antropologia, numa comunidade turca no Brasil. Essa comunidade faz parte de um movimento civil transnacional de origem turca e de fundo islâmico que surgiu no final dos anos 1970 e se espalhou pelo mundo através, sobretudo, de escolas e dormitórios para estudantes. Presente em cerca de 150 países, o *Hizmet*, como costumam chamar seus adeptos, chegou ao Brasil há 10 anos, onde atualmente possui duas escolas próprias e uma parceria com duas escolas públicas, assim como centros culturais e um centro de diálogo inter-religioso. O *Hizmet*, que quer dizer “serviço” em turco, é também conhecido como Movimento Gülen, em referência ao seu fundador e líder, Fethullah Gülen. O artigo visa apresentar os dados iniciais do trabalho de campo,

ao delinear alguns aspectos da configuração do movimento na realidade brasileira, como as articulações entre o *Hizmet*, através dos seus adeptos e suas instituições locais, e as instituições e os atores sociais brasileiros. Embora o secularismo seja um valor constantemente reafirmado pela comunidade, os códigos morais e as práticas cotidianas são informados pelo islã - de acordo com as interpretações de Gülen, por sua vez, produto do cenário religioso turco contemporâneo. Nesse contexto, aproximadamente 30 famílias e 35 estudantes turcos (divididos entre homens e mulheres) constituem novos atores na produção e circulação de significados, tanto secular quanto religioso, no espaço público brasileiro.

FESTA AFRICANA EM TERRAS BRASILEIRAS: SOCIABILIDADE E TRÂNSITOS IDENTITÁRIOS ENTRE ESTUDANTES AFRICANOS EM JUIZ DE FORA – MG

Aline Cristina Laier. UFJF; alineclaiier@gmail.com

O presente artigo pretende uma reflexão sobre a Festa Africana na cidade brasileira de Juiz de Fora -MG, como lócus privilegiado de uma pesquisa etnográfica cujo foco foram os estudantes africanos no contexto universitário juizforano. Esta festa tradicional é realizada há dezesseis anos na cidade e mobiliza um grande número de estudantes e ex-estudantes africanos que migraram para cursar o ensino superior na cidade, além de brasileiros conectados as suas redes sociais na região. A motivação principal da festa é comemorar a criação da OUA (Organização da Unidade Africana) em 1963, cujo discurso remete a uma memória coletiva que, por sua vez, elucida o pertencimento a um passado de colonização; luta pelas independências, desenvolvimento econômico, político e social do continente. Diante da condição de estudantes migrantes, há uma reelaboração de atributos identitários que se deslocam da nacionalidade de origem para a perspectiva de uma “africanidade” em comum. “Ser africano” no contexto da vivência da sociabilidade de uma juventude universitária, é uma faceta identitária que se (re)afirma cotidianamente e as festas podem ser apreendidas como estratégias para forjar rituais de solidariedade em contexto estrangeiro. O objetivo é entender quais os aspectos culturais da África – e de seus respectivos países - eles pretendem evidenciar através da celebração de uma “cultura” que se aciona para aplacar a saudade e para reafirmar pertencimentos. Neste contexto é possível observar uma África que se pretende apresentar aos brasileiros de forma positivada e entender o intercâmbio cultural experimentado nesta festa como parte da experiência migratória destes jovens na sociedade brasileira.

O LEÃO E O CRESCENTE: CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES

NACIONAIS E RELIGIOSAS ENTRE IRANIANOS NO BRASIL

Ana Maria Gomes Raietparvar. UFF; ana.raietparvar@gmail.com

Esse estudo antropológico traz um trabalho etnográfico sobre a construção das identidades nacionais e das identidades religiosas na diáspora iraniana no Brasil. A partir do conceito de diáspora, o estudo explora as configurações entre os iranianos no Brasil a partir das suas posições na sociedade de origem, seu deslocamento transnacional e o confronto com a sociedade receptora. A partir dessas variáveis, são pensadas a separação no Brasil de três grupos de iranianos: Seculares-Liberales, Muçulmanos xiitas praticantes, e seguidores da Fé Bahá'i; ao longo do trabalho, são desenvolvidas as vivências por esses grupos dos símbolos nacionais iranianos, assim como as vivências particulares de suas identidades religiosas, que representam diferentes projetos pensados para o Irã.

IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NA FRONTEIRA PAN-AMAZÔNICA: ÁRABES-MUÇULMANOS EM CONTEXTO TRANSFRONTEIRIÇO (BRASIL-VENEZUELA)

Jakson Hansen Marques. UFAM, Brasil; jakson_marques@hotmail.com

[Helóisa Helena Corrêa da Silva](mailto:helena@ufam.edu.br). UFAM, Brasil; [hhelena@ufam.edu.br](mailto:helena@ufam.edu.br)

O presente trabalho faz parte de minha tese de doutorado que esta em processo de construção no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como foco central analisar a significação e ressignificação da identidade de árabes-muçulmanos em um contexto de intenso fluxo de migrações na fronteira pan-amazônica, entre Brasil e Venezuela, mais precisamente, a cidade de Santa Elena de Uaíren no município de Gran Sabana, Venezuela. Apresenta-se como um dos objetivos interpretar as representações elaboradas por esse grupo diaspórico étnico-religioso no contexto de uma cidade localizada em uma área de intenso fluxo migratório. Metodologicamente, se apoia na abordagem da pesquisa etnográfica pois considera que o trabalho propõe compreender o universo de significados produzidos pelos árabe-muçulmanos de Santa Elena de Uairén e como este universo produz pertencimentos e posições para este grupo em contraste com os outros grupos da cidade. A hipótese deste trabalho é de que tal identidade tem como foco um pertencimento étnico-religioso, que funciona como um ethos para este grupo, elaborando, significando e ressignificando tal pertencimento invariavelmente em condição de contato com outras identidades que são elaboradas também em relação contextual em constante movimento onde estão inseridos fluxos culturais e dinâmicas

transnacionais.

Sessão 4: Reinvenções do local e o global

-
-

UMA OUTRA DIÁSPORA: UMA CORTE NO EXILIO

Jean-Philippe Belleau. U. Massachusetts ; jeanphilippe.belleau@umb.edu

Esta apresentação examina a vida, o lugar e as questões da corte do rei da Araucania e Patagônia, no exílio em Tourtoirac em Périgord, desde 1862. Fundada em 1860 em Perquenco (Cautín) por um camponês francês e mentiroso patológico notório, Antoine de Tourens, este reino continua sendo uma questão simbólica significativa em uma região rural, uma vez conhecido por seu ethos profundamente anti-aristocrático, o Périgord. Estudamos, em particular, o lugar e a função do "generoso povo Mapuche" e, mais amplamente do "Chile" e "Argentina" na memória e nos discursos desta corte.

COMUNIDADES DE DEVOCIÓN EN TORNO AL SANTUARIO DE SHEIJ AHMED EN ARGENTINA: LA DIÁSPORA ALAUITA Y SU "SANTO"

Silvia Montenegro. CONICET; silmarmont@gmail.com

Dentro de las distintas expresiones del Islam en Argentina, los alauitas presentan ciertas singularidades. Con un mismo origen en los procesos migratorios de finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX, los musulmanes sirios alauitas crearon instituciones separadas orientadas a la reproducción cultural y religiosa de los inmigrantes y sus descendientes. Con presencia en Buenos Aires, Santa Fe, Tucumán y otras regiones del país también se localizan en un "enclave" cultural y religioso de la provincia de Buenos Aires, la localidad de La Angelita, conocida como la "pequeña siria". A partir de trabajo de campo en esa localidad esta presentación sigue el itinerario de las devociones al Sheij Ahmed, inmigrante sirio que fuera líder religioso en Argentina y que hoy, erigido en "santo milagroso", reúne a la diáspora alauita en torno a su mausoleo, localizado en un pequeña comuna sin presencia musulmana. Tendremos en cuenta en nuestro análisis la construcción de una hagiografía "popular" sobre el santo que circula dentro del circuito de devotos y que cimienta memorias e imaginarios en torno a un lugar de origen

compartido. Al mismo tiempo, a través de un abordaje etnográfico de las actividades de los fieles en el espacio del santuario, consideraremos tanto las narrativas como los soportes materiales de la fe que, en la forma de objetos, ofrendas y mensajes, condensan un lenguaje ritual complejo en que la diáspora aluita imbrica sus nexos con el lugar de origen y su ya antigua localización en Argentina.

“EXISTE UMA COMUNIDADE CHINESA NO SENTIDO DE AMIZADE”: COMUNIDADE NA DIÁSPORA E “SER CHINÊS” NO CONTEXTO DE ALGUMAS IGREJAS ETNIFICADAS

Marcelo Araújo. UFF, Brasil; marc.araujo.rj@gmail.com

Partindo da afirmação de um dos sujeitos entrevistados, esta proposta discutirá a intercessão entre proveniência geográfica e administração da alteridade entre chineses evangélicos no Rio de Janeiro. Protagonistas de um processo migratório de várias décadas, estes e seus descendentes têm conquistado indiscutível presença nos debates de variados espaços – da academia à mídia -, espalhando-se profissional e socialmente por distintos ambientes. Dentre eles, há um pequeno grupo residente no Rio de Janeiro que se reúne em 4 igrejas evangélicas. Com graus variáveis de permeabilidade no tocante ao ingresso de não chineses (brasileiros) e na condução da liturgia (a língua portuguesa como majoritária, complementar ou inexistente nos cultos, por exemplo), estas igrejas servem, ao mesmo tempo, como espaço de sociabilidade e de trocas (matrimoniais, econômicas etc.) e de exercício da etnicidade. No tocante a este último elemento, tanto a proveniência (continente ou “ilha”, no caso de Taiwan) quanto o pertencimento nacional (“ser” ou “não ser” chinês) acabam por formatar simbolicamente a questão da alteridade: esta surge não mais como oposição ao brasileiro mas sim ao “outro” que, apesar de compartilhar em alguma medida o que se define por cultura, diferencia-se quanto à perspectiva política (socialistas versus capitalistas), linguística (mandarim simplificado versus tradicional), possibilidades religiosas (igrejas tuteladas pelo Estado versus liberdade de culto), entre outros. Por fim, a comunicação pretende mostrar como estes marcadores norteiam, pela ativação dos instrumentos de diferenciação acima citados, as noções de comunidade e do “ser chinês”, o que descamba para a tensão entre identidade étnica e identificação espiritual.

PROCESOS DE UNIFICACIÓN Y MOVIMIENTOS DIASPÓRICOS GITANOS/ROMA. ARTICULACIONES GLOBALES Y LOCALES

Matías Domínguez. UBA; matias.dmgz@gmail.com

Los movimientos diaspóricos gitanos/roma tienen su foco en Europa hace

aproximadamente medio siglo, y a partir de allí fueron tomando una relevancia creciente y expansiva lo largo de los años. Sin embargo, estos procesos políticos de unificación global gitana/romaní presentan una serie de tensiones, tanto en su relación con los diferentes grupos gitanos, como en su vínculo con la población mayor y los estados nación. En este trabajo se expondrán cuatro puntos de discusión referentes a estas diásporas: el rol del territorio en los discursos asociativos, la cuestión del genocidio gitano (porrajmos), los elementos simbólicos nacionales constituidos por estos movimientos, y la articulación de estas diásporas con los grupos gitanos locales, principalmente en nuestra región.

RELIGIÓN, MIGRACIONES, MOVILIDADES. ETNICIDAD, CREENCIAS Y ALTERIDADES EN LAS FRONTERAS DEL CONO SUR

Verónica Giménez Béliveau. CEIL-CONICET/UBA; veronicagimenezb@gmail.com

El estudio de la religiosidad y las creencias de las personas que migran se ha afirmado, desde hace décadas, como un campo de investigación que permite no sólo ampliar el conocimiento de grupos y comunidades específicas, sino también profundizar la reflexión sobre dinámicas sociales más generales que afectan a las sociedades contemporáneas. Uno de los temas que surgen en las investigaciones contemporáneas sobre la vida de los migrantes tiene que ver con la afirmación de las identidades y la construcción de las alteridades en los intercambios con las sociedades en las que los migrantes se instalan. Se vuelve interesante aquí analizar las formas religiosas de comunitarización, y las interacciones que éstas establecen con otros posibles agrupamientos, que plantean un recorte de base étnica, nacional o política. Estos grupos a su vez se articulan entre sí, y se insertan en las formas que cada nación dibuja sobre la alteridad. Las tensiones entre pertenencias religiosas, étnico-nacionales, político-ideológicas, y las adscripciones etarias y de género, combinadas con el período de migración, se juegan al interior de las instituciones, y hacia fuera de las mismas. En esta oportunidad, presentaré un trabajo comparativo entre tres comunidades, en las que la relación entre adscripción religiosa, pertenencia étnico-nacional y tipo de comunitarización se combinan de maneras diferentes, generando respuestas distintas a los procesos de relación de los grupos migrantes con las sociedades receptoras. Trabajaré aquí con el análisis de tres casos, en espacios fronterizos del cono Sur: el primero, la migración de descendientes de alemanes (que se instalaron en su territorio actual hacia principios de los años '70, articulándose con oleadas migratorias anteriores de la misma proveniencia y adscripción religiosa), congregados en una iglesia luterana que, luego de pasar por distintas locaciones, se instalaron en la zona limítrofe entre Argentina, Brasil y Paraguay. El segundo caso está constituido por los grupos de migrantes bolivianos que se instalan en el extremo sur de Argentina (en la ciudad de Ushuaia, provincia de Tierra del Fuego), desde los años '80. El tercer caso se refiere a los católicos agrupados en comunidades y movimientos nacidos en el cono sur, que

circulan entre distintas territorialidades, redefiniendo espacios, etnicidades y pertenencias religiosas. Las miradas cruzadas sobre campos de investigación diversos me permitirá desarrollar una reflexión sobre las distintas articulaciones entre adscripciones e institucionalidades religiosas en los variados procesos migratorios y proyectos de movilidad.

GT 82. CONSECUENCIAS SOCIALES DE GRANDES PROYECTOS

Coordinadores:

Dr. Edson Belo Clemente de Souza (UNIOESTE/UEPG/Brasil)
ebelo2003@yahoo.com.br

Dra. María Rosa Catullo (CONICET/Argentina) mrcatullo@fibertel.com.ar

Dr. Brites Walter Fernando (CONICET/UNaM, Argentina) briteswalter@yahoo.com.ar

Sesión 1: Grandes proyectos y medio ambiente

ANÁLISIS DE LAS NUEVAS DINÁMICAS SOCIO-TERRITORIALES EN EL YACIMIENTO PETROLÍFERO DE VACA MUERTA, NEUQUÉN, ARGENTINA

Dmuchowsky, Jimena; jimenagd@hotmail.com.ar

Velázquez, Maximiliano; maxovelazquez@gmail.com

CETAM/FADU y PIUBAT-Universidad de Buenos Aires - IAT-Ministerio del Interior y Transporte de la Nación.

El descubrimiento y posterior puesta en marcha de la explotación de hidrocarburos no

convencionales en el yacimiento de Vaca Muerta, en Neuquén, trajo aparejadas consecuencias en las dinámicas socio- territoriales de la región. El mega proyecto es la principal formación de shale de Argentina, y una de las más importantes del mundo, requiere de inversiones millonarias y utiliza tecnologías ambientalmente complejas conocidas como “fracking”, y actualmente está en una etapa incipiente de proyecto.

Sin embargo, las consecuencias que se evidenciaron a partir de la proyección de su explotación, a partir del acuerdo entre la local YPF y la extranjera Chevron, desencadenaron una serie de procesos multidimensionales sobre las relaciones sociales entre diversos actores, públicos, privados, comunitarios; el medio ambiente; las relaciones económicas; las configuraciones legales y políticas; y las nuevas dinámicas territoriales asociadas a los usos del suelo y la movilidad.

Su enclave en una zona desértica patagónica exige generar importantes dinámicas de transporte y movilidad con los núcleos urbanos y productivos del Alto Valle (el corredor Neuquen-Cipolletti-Roca-Regina), presenta reparos ambientales en el tránsito hacia el puerto de Bahía Blanca distantes a más de seiscientos kilómetros, y promueve a su vez el desarrollo nuevas urbanizaciones en zonas poco propicias con conflictos dominiales con comunidades originarias.

Nos proponemos estudiar las transformaciones ocurridas en la Región y las implicancias respecto de las configuraciones territoriales, ambientales, sociales, culturales y económicas que trae aparejado este gran emprendimiento y los procesos que potencialmente se presentarán cuando las inversiones necesarias para su pleno desarrollo tengan lugar.

Palabras claves: Grandes Proyectos- Configuraciones territoriales- Mutaciones socio espaciales- Dinámicas de movilidad-MERCOSUR.

DO “SÍTIO” À VILA PRODUTIVA RURAL: OS PERCURSOS DE FAMÍLIAS RURAIS DESAPROPRIADAS PELAS OBRAS DE TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO, NO BRASIL

Verena Sevá Nogueira. Doutora em Antropologia Social pela Unicamp, Brasil; Pesquisadora do Laboratório de Estudos Sobre Migrações (LETRA), da UFCG, e do Centro de Estudos Rurais (Ceres), da Unicamp; seva.ufcg@gmail.com e/ou verenaseva@gmail.com

O projeto de Transposição do rio São Francisco é uma obra do governo federal brasileiro, localizada no Nordeste brasileiro, que visa o desvio de água do rio São Francisco para o beneficiamento de 390 municípios carentes de recursos hídricos.

Imerso nesse cenário, realiza-se pesquisa etnográfica sobre a territorialidade de famílias rurais do município de São José de Piranhas, estado da Paraíba, que, em razão das obras

da transposição, foram obrigadas a sair de seus “Sítios” - formação territorial tradicional ao sertão brasileiro – e se mudar para novos “Sítios” ou para áreas urbanas. Dentre as mais de trezentas famílias atingidas no município pela obra pública, 227 estão cadastradas pelo Ministério da Integração Nacional para serem reassentadas em quatro Vilas Produtivas Rurais (VPR).

Nesta comunicação discorro sobre esse período transacional entre o “Sítio” e as VPR, no qual as famílias vêm praticando formas variadas de morar, trabalhar e se reproduzir, acionando relações e saberes tradicionais, assim como, adentrando em novas lógicas, nas quais as regras estatais desempenham papel central.

Palavras claves: Grandes Projetos, famílias rurais, territorialidade, desapropriação, reassentamento populacional.

-

GRANDES PROJETOS EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A DUPLICAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO CARAJÁS E AS TERRAS DE SANTA ROSA DOS PRETOS E MONGE BELO – MARANHÃO/BRASIL

Erika Juliana Dmitruk. Mestre em Filosofia e Teoria do Direito – UFSC/BR; doutoranda em Serviço Social e Política Social – UEL/BR. Professora assistente no departamento de Direito Público na Universidade Estadual de Londrina/PR/BR; ejdmitruk@hotmail.com.

Sislene Costa da Silva. Mestre em Ciências Sociais – UFMA/BR, integrante do Grupo de Estudos GEDMMA – Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Políticas Públicas da UFMA. Atua na Rede Justiça nos Trilhos; sisenecostasilva@gmail.com

A partir dos estudos sobre os limites dos direitos sociais sob o modo de produção capitalista, a presente pesquisa procurará descrever e analisar o conflito entre o direito de acesso e permanência das populações tradicionais em suas terras e os interesses do capital. Para isso será analisado o processo de duplicação da Estrada de Ferro Carajás nas terras de Santa Rosa dos Pretos e Monge Belo, no Maranhão/BR. Resgata, inicialmente, o processo de titulação das terras das duas comunidades, o qual está imbricado com o licenciamento ambiental e execução da obra de duplicação, isto devido a diferença na modalidade de licenciamento quando se trata de terras tradicionais. O licenciamento em terras tradicionais é mais criterioso, por isso a empresa privada responsável pelo projeto de duplicação – Vale S/A – procura evitá-lo, com estratégias que vão desde a invisibilização das comunidades nos pedidos, até a utilização de embargos protelatórios nos processos de titulação em curso. Faz memória das estratégias de convencimento e das estratégias infernais utilizadas pela Vale S/A, para quebrantar o ânimo de resistência das comunidades, e investiga o quanto as obras de duplicação avançaram, apesar de todas as irregularidades existentes e devidamente

questionadas em processos judiciais de autoria do Ministério Público Federal e Defensoria Pública, em ações civis públicas em curso perante a justiça brasileira. Por fim, traz a conquista corporificada pela edição do decreto de titulação da terra quilombola de Santa Rosa dos Pretos e a suspensão parcial das obras da Estrada de Ferro Carajás pela justiça brasileira em julho de 2015.

Palavras chave: Terras Tradicionais, Grandes Projetos, Direitos Sociais, Teoria Crítica.

-

DE “ATINGIDOS” A “VÍTIMAS” DO DESENVOLVIMENTO: UM ESTUDO JUNTO À POPULAÇÃO AFETADA DIRETA E INDIRETAMENTE PELA UHE FOZ DO CHAPECÓ NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Arlene Renk. Doutora em Antropologia Social pela UFRJ. Professora dos Programas de Mestrado em Ciências Ambientais e em Direito da Unochapeco.
arlene@unochapeco.edu.br

Silvana Winckler. Doutora em Direito pela Universidade de Barcelona. Professora dos Programas de Mestrado em Ciências Ambientais e em Direito da Unochapeco.
silvanaw@unochapeco.edu.br

Nas últimas décadas grandes usinas hidrelétricas construídas na Bacia do Rio Uruguai, como projetos de desenvolvimento, alteraram o substrato morfológico das comunidades camponesas, causando o desaparecimento total ou a desestruturação parcial daquelas que permaneceram. Parte dos camponeses e ribeirinhos recebeu indenizações pelas terras inundadas e migrou. Nas novas moradas tentaram reorganizar suas relações comunitárias, mas nem sempre o conseguiram. A reconstrução das relações comunitárias é um dos pontos frágeis, seja para aqueles que migraram, seja para aqueles que permaneceram, e esses danos não são passíveis de mensuração e de indenização. Em certas comunidades afetadas parcialmente pelos empreendimentos hidrelétricos foram construídos equipamentos comunitários novos, pouco utilizados, pelo reduzido número de moradores remanescentes. Entre estes há sintomas de depressão, de solidão e outros de ordem psicossomática. A alteração compulsória do modo de vida, a quebra dos vínculos vicinais, comunitários e de organização de trabalho leva-nos a questionar: não seria lícito considerá-los como vítimas do desenvolvimento? O trabalho é desenvolvido junto a atingidos pela UHE Foz do Chapecó na região oeste de Santa Catarina.

MODOS DE VIDA DE FAMÍLIAS ATINGIDAS APÓS A INSTALAÇÃO DA

UHE FOZ DO CHAPECÓ SEGUNDO MODALIDADES DE INDENIZAÇÃO

Myriam Aldana Vargas Doutora em Ciências Humanas. Professora do Programa de Mestrado de Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ; aldana@unochapeco.edu.br

Bruna Ohland – Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó- UNOCHAPECÓ; brunaaaa@unochapeco.edu.br

Daian Cattani – Estudante de Psicologia da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ; daiancattani@unochapeco.edu.br

O Rio Uruguai, que no Brasil faz divisa entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e também entre Argentina e Uruguai tem sido alvo de grandes projetos hidrelétricos que foram concebidos ainda na década de 1970 pela Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL. A Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó está localizada no Rio Uruguai, entre os municípios de Águas de Chapecó no estado de Santa Catarina e Alpestre no estado do Rio Grande do Sul. Instalada em 2010 atingiu 13 municípios destes dois estados. A Foz de Chapecó Energia, responsável pela Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, recebeu em julho de 2010 a concessão do uso da água da Agência Nacional de Água (ANA) outorgando-lhe o direito do uso de recursos hídricos para fins de aproveitamento do potencial hidrelétrico da UHE Foz do Chapecó, e a licença de operação da hidrelétrica foi concedida pelo IBAMA no mesmo ano. Neste grande projeto, o processo de indenizações aos atingidos foi bastante complexo e conflitivo. Objetiva-se então apresentar a dinâmica deste processo com a participação dos atores sociais envolvidos assim como a situação das famílias atingidas após cinco anos da instalação. Caracterizaram-se duas modalidades de indenização. Ao estudar a situação das famílias dentro das novas localidades identificou-se as alterações das atividades produtivas, a desestruturação das redes de relações sociais e dos modos de vida estabelecidos que provocaram importantes perdas materiais e simbólicas, igualmente identificou-se os diferentes impactos nos atingidos, comparando a situação das famílias, segundo a modalidade de indenização escolhida.

Palavra-chave: Usina Hidrelétrica-UHE - Processos de Negociação - Modalidades de Indenização - Impactos nos atingidos.

-

Sesión 2: Hidroeléctricas y transformación

MOBILIDADE URBANA, FRONTEIRA E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL: REFLEXÕES A PARTIR DA ITAIPU BINACIONAL

Edson Belo Clemente de Souza. Universidade Estadual do Oeste do Paraná e
Universidade Estadual de Ponta Grossa; edson.belo@pesquisador.cnpq.br

Andrea Aparecida Zacharias. Universidade Estadual Paulista -Unesp/Campus de
Ourinhos e Campus de Rio Claro; andrea@ourinhos.unesp.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar a mobilidade urbana nas cidades gêmeas de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú da tríplice fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina, respectivamente, a partir da construção da Itaipu Binacional. No conjunto desse aglomerado urbano soma uma população de aproximadamente 560.000 habitantes, sendo Foz do Iguaçu com 256.088, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010); Ciudad del Este com 223.350, segundo a Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC, 2002) e; Puerto Iguazú com 80.020, segundo o Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC, 2010). A partir de 1974, começa a nova fase de desenvolvimento urbano de Foz do Iguaçu, marcado pela implantação da Hidrelétrica de Itaipu Binacional, onde conforme dados do IBGE, para sua construção o município apresentou 201.84 km² de área inundada. Tal situação - a construção da hidrelétrica - causou forte impacto em toda a Mesorregião Oeste paranaense, principalmente em Foz do Iguaçu. Primeiro em virtude do canteiro de obras da usina estar situado no município. Segundo pelo fato de no ápice de sua construção a Itaipu empregar um contingente de mão de obra de cerca de 40.000 trabalhadores, passando de *33.966 habitantes em 1970 para 136.321 habitantes em 1980. Assim, utilizar as técnicas da cartografia dinâmica para contrapor, combinar e cruzar categorias geográficas do fenômeno urbano; responder onde, porque, bem como fator que motivou mudanças da mobilidade urbana em regiões transfronteiriças serão os resultados pretendidos para este trabalho.*

Palavras-chave: Mobilidade Urbana; Fronteira; Representação Espacial.

-

EL ORDEN SOCIO-TERRITORIAL IMAGINADO EN TORNO AL “PERILAGO” DE LA PRESA POTRERILLOS (2001) Y LOS EFECTOS SOBRE LOS POBLADORES DE CACHEUTA Y VILLA POTRERILLOS, MENDOZA. ARGENTINA

Mariana Raffani. Centro de Estudio sobre Asentamientos Humanos (CEAH).FCPyS.
Universidad Nacional de Cuyo. Becaria CONICET; marianaraffani@yahoo.com.ar

Siguiendo el rumbo del modelo de desarrollo hegemónico mundial, el proyecto de inversión y desarrollo de la Presa Potrerillos, incluye dentro de sus objetivos de aprovechamiento de las aguas del Río Mendoza, un plan de ordenamiento territorial y desarrollo turístico de las márgenes del embalse, espacio denominado “perilago”. Este plan, implicó la intervención de los lugares de Cacheuta y Potrerillos que se encontraban conectados por la denominada ruta del MERCOSUR -Ruta Nacional N°7- generando efectos sobre la vida de los pobladores, quienes en algunos casos fueron relocalizados.

A 15 años de la inauguración de la presa, el objetivo del artículo es explorar los efectos del plan de ordenamiento territorial y desarrollo turístico del perilago sobre los pobladores de ambos parajes, que quedaron desconectados por la instalación de la obra. El trabajo se estructura de la siguiente manera: 1) se describe y analiza el orden territorial y desarrollo proyectado por el Estado provincial para el perilago; 2) se abordan los efectos habitacionales y económicos de subsistencia sobre los pobladores como la participación de los mismos en el desarrollo y; 3) se elabora una conclusión buscando posibles comparaciones entre los procesos experimentados por los lugares.

Metodológicamente, se realiza análisis de contenido documental de fuentes secundarias procedentes de bibliografía especializada, documentos oficiales y periodísticos, así como de datos primarios obtenidos a partir de entrevistas realizadas a los pobladores afectados.

Palabras claves: proyecto de inversión y desarrollo - lugar - ordenamiento territorial - relocalización.

-

“AQUI É RESERVA DA ITAIPU, NÃO É GUARANI NÃO...” – UMA ETNOGRAFIA SOBRE A ATUAL RELAÇÃO DOS AVÁ-GUARANI DA RESERVA INDÍGENA TEKOKHA ANHETETE NO OESTE DO PARANÁ E A USINA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU BINACIONAL

Thiago Arruda Ribeiro dos Santos. PPGAS - CFH - Universidade Federal de Santa Catarina; thiagomairum@hotmail.com

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, iniciada em 1973, trouxe inúmeras transformações nos territórios habitados por populações *Avá-Guarani* e *Mbyá* que habitavam a Bacia Hidrográfica do Rio Paraná. Tais transformações estiveram marcadas por um longo processo de negociações entre a empresa e estas populações que culminaram, após uma ampla mobilização territorial Guarani, na aquisição de três Reservas Indígenas oriundas do antigo local afetado pela hidrelétrica, o *tekoha Ocoí/Jacutinga*. No entanto, em que pese uma relação histórica marcada por tensões e conflitos, no ano de 2003 se configura um novo período desta situação histórica, quando a Itaipu Binacional anuncia uma “nova missão institucional” alinhada pela égide do desenvolvimento sustentável e materializada no Programa “Cultivando Água Boa”.

Neste Programa, os Guarani são contemplados em projetos ditos socioambientais que valorizam o capital simbólico da empresa, através da aquisição de prêmios nacionais e internacionais de sustentabilidade. O presente trabalho é fruto de uma investigação de Mestrado e busca refletir acerca da atual relação entre os Avá-Guarani da Reserva Indígena *Tekoha Anhetete* e a UH Itaipu Binacional. Para tanto, situa seu foco temporal em dois momentos: o período pré e pós-construção da hidrelétrica, com a consolidação de um movimento Guarani por terras, momento no qual os indígenas “aprendem” as táticas das agências dominantes e geram estratégias específicas de luta territorial; e o período contemporâneo, no qual a hidrelétrica se inscreve nas aldeias afetadas através de diversos projetos de sustentabilidade, o que produz novas perspectivas territoriais por parte dos indígenas.

Palavras-chave: Luta territorial Guarani; Itaipu Binacional; Impactos socioambientais; indigenismo empresarial.

HIDRELÉTRICAS E REASSENTAMENTOS: UMA “MALHA DE ANÁLISE” SOBRE O CONFLITO

Humberto José da Rocha. Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp-SP. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); humberto.rocha@uffs.edu.br

No Brasil, a energia elétrica é gerada predominantemente através de hidrelétricas exigindo a construção de obras de grande escala. Esses projetos provocam processos sociais contraditórios onde vislumbramos o conflito socioambiental entre grupos distintos dentre os quais destacamos as Sociedades de Propósitos Específicos (SPE), proponentes das hidrelétricas, e o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), representante de partes das populações locais. No centro do conflito está acesso aos recursos naturais e os processos de desterritorialização e reterritorialização inerentes ao processo, sobretudo no que tange as populações locais deslocadas compulsoriamente em função dessas obras. Tendo como locus a bacia do Uruguai, no sul do Brasil, esta pesquisa ainda em curso, apresenta uma discussão acerca da “multiterritorialização” deste conflito através de uma “malha de análise” composta por hidrelétricas e os reassentamentos rurais coletivos decorrentes dessas. Utilizando uma metodologia que articula instrumentos qualitativos e quantitativos baseados, sobretudo, em pesquisa empírica, procuramos compreender a frequência e as motivações dos atingidos para participarem de mobilizações ante hidrelétricas posteriores ao seu remanejamento. Analisando as motivações manifestadas pelos atingidos para a participação nessas mobilizações, discutimos as estratégias das SPE e do MAB bem como as potencialidades e limitações tanto dos reassentamentos quanto das hidrelétricas enquanto pontos de empoderamento da malha de análise referente ao conflito socioambiental.

Palavras-chave: Conflito Sociambiental, Hidrelétricas, Movimento dos Atingidos por

Barragens, Reassentamentos, Sociedade de Propósito Específico.

-

LA SEGREGACIÓN ESPACIAL Y LA PERIFERIZACIÓN COMO UNO DE LOS EFECTOS ANTRÓPICOS DE LAS OBRAS DE LA HIDROELÉCTRICA YACYRETÁ EN LAS CIUDADES DE POSADAS (ARG.) Y ENCARNACIÓN (PY)

Marisa Monzón (IDIC- UCP) Mg en Antropología Social; marisa_monzon@yahoo.com

Macarena Bôse, estudiante de Psicología de UCP; macarenabose@hotmail.com

Stefano Tamborini, estudiante de Psicología de UCP; stefanotam@hotmail.com

Martín Rosinski estudiante de Psicología de UCP; martinalexisrk@yahoo.com.ar

Auxiliares de investigación-IDIC_UCP

La gran represa hidroeléctrica Yacyretá montada sobre el río Paraná (construido por la Entidad Binacional Yacyretá –EBY-) ha impactado en múltiples aspectos en los dos países (Argentina y Paraguay) pero principalmente en la vida de las ciudades, y de sus ciudadanos, en toda la región.

La ciudad de Posadas (Argentina) y la ciudad de Encarnación (Paraguay) forman parte de una región ribereña y fronteriza que sobrellevó el impacto de un gran proyecto de desarrollo que con la terminación de las Obras complementarias y los desplazamientos de población no solamente han alterado sus morfologías (se han construido avenidas costeras, muelles, plazas, hoteles y puentes de grandes dimensiones que tejen la nueva trama urbana de la ciudad), sino que además dieron lugar a nuevos reordenamientos espaciales, segregación urbana, nuevas periferias y la constitución de zonas de distinción.

El presente trabajo expone algunos los resultados del proyecto de investigación que estamos desarrollando en la UCP en relación al objetivo de Identificar y caracterizar a los diferentes actores que intervienen en la producción, apropiación y uso del espacio urbano en las ciudades.

Proponemos abordar de modo exploratorio los procesos de cambios sociourbanísticos en las dos ciudades, focalizando el análisis en algunos de sus barrios mediante la utilización de una metodología cualitativa. Analizaremos el efecto antrópico reflexionando acerca de la idea de desarrollo, segregación y periferización como realidades sociales construidas y resignificadas en la cotidianeidad por los vecinos, turistas, empresarios, funcionarios de la EBY y municipales de ambas ciudades.

-

GRANDES PROYECTOS HIDROELÉCTRICOS. UN ANÁLISIS DE LOS EFECTOS SOCIALES Y URBANOS DE LAS REPRESAS DE SALTO GRANDE Y YACYRETÁ

Walter F. Brites Dr. en Antropología Social UNaM
CONICET; briteswalter@yahoo.com.ar

Maria Rosa Catullo. Dra. en Antropología Y Ciencias Sociales. CONICET;
mcatullo@fibertel.com.ar

La realización de grandes proyectos hidroeléctricos producen una serie de consecuencias de diversa índole (demográficas, ecológicas, sociales, culturales) siendo una de ellas, la relocalización de población urbana muy dramática. En este trabajos centramos en los procesos de relocalizaciones, generadas por la construcción de las represas hidroeléctricas de Salto Grande (Argentina-Uruguay) y Yacyretá, (Paraguay-Argentina). Analizando específicamente el cambio generado en las ciudades de Nueva Federación y Posadas (Argentina) y Encarnación (Paraguay).

La presa de Salto Grande generó un lago de 30.000 hectáreas siendo casi el 70% de la vieja ciudad de Federación inundada y traslada gran parte de sus habitantes a la ciudad de Nueva Federación construida a 5 km del emplazamiento original. Concebimos al reasentamiento de la población de Federación como *proceso*, o sea como una serie de eventos sucesivos a través del tiempo, cuya duración supera ampliamente los límites del cronograma planificado por los organismos responsables de la construcción de las represas y de las relocalizaciones de las poblaciones al nuevo asentamiento.

En el caso de las ciudades de Posadas-Encarnación el abordaje trata de redimensionar el estudio de las relocalizaciones, analizando como la población relocalizada experimenta los efectos singulares del desplazamiento, al ser acompañados de aquellos procesos segregación socio-espacial. Se sostiene que no se pueden entender los procesos que se manifiestan en los conjuntos de población relocalizada desde una aproximación insular, sino que es necesario circunscribirlo al contexto más general de la transformación socio-urbana generada por las obras complementarias del proyecto Yacyretá.

O “MOVIMENTO RIO CUBATÃO VIVO”: A REAÇÃO POPULAR AO ESTABELECIMENTO DE PEQUENAS CENTRAIS HIDRELÉTRICAS (PCHs) NA BACIA DO RIO CUBATÃO DO SUL (SC), BRASIL

Elis do Nascimento Silva. Mestranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, vinculada ao Núcleo de Estudos sobre Povos Indígenas – NEPI;

Este trabalho tem como objetivo analisar o caso de um projeto de instalação de seis pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) na Bacia Hidrográfica do Rio Cubatão, dentro de uma Unidade de Conservação, nos municípios catarinenses de Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas (Região da Grande Florianópolis), bem como identificar e analisar as estratégias e os posicionamentos de diferentes atores sociais em relação a este projeto - de modo especial os que resultaram na criação do Movimento Rio Cubatão Vivo. Foram constatadas, assim, várias inconsistências nos conteúdos dos respectivos Estudos Ambientais Simplificados (EAS) relacionados aos possíveis efeitos socioambientais da instalação destas usinas hidrelétricas e às medidas mitigadoras propostas. A reação popular negativa a este projeto “de desenvolvimento regional” agregou atores sociais diferenciados que buscaram informações e alianças para o acesso ao conhecimento dos principais aspectos socioambientais nele envolvidos, tendo como consequências a informação e mobilização da população local de Santo Amaro da Imperatriz contra a implantação do complexo das usinas hidrelétricas projetadas. Acima de tudo, consistindo em um caso singular no Brasil, esta pesquisa evidenciou a consolidação da grande conquista do Movimento Rio Cubatão Vivo: a suspensão das licenças prévias, pelo Ministério Público do Estado de Santa Catarina, do projeto de instalação das referidas PCHs.

Palavras-Chave: Projetos de Desenvolvimento; Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs); Efeitos Socioambientais; Movimentos Sociais; Estudos Ambientais Simplificados (EAS).

-

Sesión 3: Acciones de desarrollo

-

EL ESTADO HIDRÁULICO: RECURSOS HÍDRICOS, AMBIENTE Y GRUPOS INDÍGENAS EN DOS PROVINCIAS ARGENTINAS

Carolina Álvarez Ávila. IDACOR/CONICET, FFyH- UNC;
carito_alvarez79@yahoo.com

Aldana Calderón Archina. FFyH- UNC; aldana_c03@hotmail.com

A partir de las reflexiones de nuestros trabajos etnográficos, ubicados en las provincias

argentinas de San Luis y Neuquén, nos interesa focalizar aquí en las formas de manejo y administración estatal de los recursos ambientales - principalmente del agua- a través de la construcción de grandes obras y proyectos de ingeniería hidráulica. Nos interesa contrastar qué abarca y qué usos se despliegan de nociones como “ambiente”, “recursos naturales” y “grupos indígenas” en los diversos planes y políticas provinciales de gestión hídrica y ambiental; y cómo se entraman o, por el contrario, disputan políticas similares a nivel nacional.

A través de nuestras pesquisas, detectamos que en estos emprendimientos y planificaciones estatales grupos y comunidades indígenas oscilan entre ser considerados actores privilegiados para el progreso –si de desarrollo sustentable se trata, por ejemplo; o, por el contrario, ocupan un lugar subalternizado e invisibilizado. El meta objetivo de este trabajo es contribuir a la pesquisa sobre el Estado como eje heurístico, atendiendo principalmente a algunos debates sobre el ‘Estado hidráulico’ que nos parecen interesantes para problematizar nuevas formas de “etnogubernamentalidad” o “ecogubernamentalidad”.

Palabras claves: Estado Hidráulico –Grupos indígenas – Ambiente y recursos ambientales – Argentina.

ENSEADA INDÚSTRIA NAVAL: DINÂMICAS, INTERAÇÕES EM UM PROJETO DE DESENVOLVIMENTO

Juliana Rosa de Almeida, Doutoranda do curso de Pós Graduação em Antropologia,
Universidade Federal da Bahia, Salvador Bahia, Brasil;
juliana_rosadealmeida@yahoo.com.br" juliana_rosadealmeida@yahoo.com.br

Cíntia Beatriz Müller, Professora Doutora do curso de Pós Graduação em Antropologia,
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil; cintiabeatrizm@gmail.com"
cintiabeatrizm@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar aspectos relativos à instalação do empreendimento Enseada Indústria Naval, na região do Recôncavo da Bahia, Brasil. O projeto do Estaleiro é composto por um consórcio de empresas de atuação transnacional, faz parte da iniciativa desenvolvimentista do Governo Federal em revitalizar a Indústria Naval e dar suporte à exploração do Pré-Sal no País, tendo por finalidade a construção de plataformas de exploração e produção de hidrocarbonetos e de embarcações de grande porte, bem como a construção e integração de módulos e decks de produção para navios de petróleo e gás natural. Recentemente o projeto tem sofrido transformações derivadas de problemas conjunturais no País, trazendo diversas consequências à localidade de estudo. Parte delas originam-se de investigações policiais iniciadas em 2014, numa operação chamada "Lava-Jato" desencadeando a descoberta de uma série de ilícitos que se estendem ao envolvimento de grandes empreiteiras no financiamento de partidos políticos em campanhas eleitorais em troca de facilitação em

parcerias contratuais com a Petrobrás; no caso do objeto da presente pesquisa, três das empresas são investigadas. Tais fatos eclodem uma crise generalizada em que toda uma rede de intenções e ações para executar um projeto de desenvolvimento resulta em consequências imensuráveis, atingindo vários aspectos da realidade estudada. Dessa forma, o presente estudo pretende evidenciar os contornos relativos à instalação do empreendimento, destacando também a contribuição da Antropologia para reflexionar sobre as dinâmicas e interações do contexto de crise em questão.

Palavras-chave: indústria naval; empreendimentos; desenvolvimento; consequências, crise.

DESENVOLVIMENTO E ESTADO: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DO ESTADO E DISCURSOS DE “DESENVOLVIMENTO” EM ATAFONA – SÃO JOÃO DA BARRA/RJ

Hully Guedes Falcão. Doutoranda PPGA/UFF; hullyfalcao@gmail.com

O Estado pode se apresentar de variadas formas na vida cotidiana de vários grupos, principalmente aqueles que se encontram nas margens do Estado, tais como pescadores, quilombolas, índios e etc. Estes grupos são constantemente alvos de políticas de regulação e de “desenvolvimento” que intentam disciplinar e regular suas práticas, ao mesmo tempo, vale salientar, as práticas e o modo de vida nestes espaços moldam as formas do Estado agir. A atuação do Estado na implementação de um projeto de “desenvolvimento”, ao qual a implantação do CIPA e o aumento do número de plataformas de extração de petróleo estão atrelados a um projeto modernizador de estado-nação, portanto, ao analisar o Estado busca-se compreender a forma com que este projeto econômico de desenvolvimento é colocado em prática neste contexto analisado e quais os significados que esse “desenvolvimento” assume. Além disso, procura-se entender as estratégias utilizadas pelos pescadores para manterem suas práticas no espaço marítimo disputado, onde certos grupos têm mais legitimidade que outros na apropriação do mar, já que o Estado particulariza o espaço público, legitimando o uso daqueles que tem o papel de “desenvolver” o país.

Palavras-chave: Desenvolvimento – conflito ambiental – Estado – projeto – Empreendimentos.

-

APROXIMACIÓN A LAS NOCIONES DE DESARROLLO QUE SE DEBATE EN TORNO AL PROYECTO POLÍTICO-ECONÓMICO DE CREACIÓN DE FERROCARRILES ARGENTINOS

Verónica J. Mandelbaum. Estudiante de Antropología. Facultad de Filosofía y Letras.
Universidad de Buenos Aires, Argentina; veromandelbaum@gmail.com

La política ferroviaria en Argentina cobró un importante protagonismo con la promulgación de la ley 27.132: Política de reactivación de los ferrocarriles de pasajeros y de cargas, renovación y mejoramiento de la infraestructura ferroviaria, incorporación de tecnologías y servicios. Declaración de interés público nacional. A partir de la misma se crea FERROCARRILES ARGENTINOS SOCIEDAD DEL ESTADO, en abril de 2015, generando una diversidad de discursos, expectativas y proyecciones respecto del modelo político-económico al que acompaña esta nueva ley. Con el foco puesto en el trabajo de gestión e inversión en transporte ferroviario por parte del Estado argentino en estos últimos años, es necesario volver a discutir el modelo de desarrollo que enmarca esta política.

La categoría de desarrollo ha sido ampliamente debatida en el siglo XX y continúa siéndolo en este, es por ello que mi interés surge de la necesidad de evidenciar el carácter político-económico de la ley en cuestión que nos permite contextualizar históricamente el modelo de desarrollo argentino relevando puntualmente el protagonismo de las economías regionales, cuestionando los alcances y limitaciones que esta categoría conlleva para entender procesos de transformación del territorio. Me propongo, a partir de un debate teórico, trabajo de campo y entrevistas, contextualizar históricamente la sanción de la ley y realizar una primera aproximación a las nociones de desarrollo que se juegan en la puesta en marcha del servicio de cargas de uno de los ramales de la empresa Trenes Argentinos Cargas y Logística desde Nueva Palmira, Prov. De Menzoza al Mercado Central de la Matanza, Prov. De Buenos Aires.

Palabras claves: desarrollo, ferrocarriles, territorio, estado.

-

GT

83. ETNOBIOLOGÍA/ETNOECOLOGÍA A EN CONTEXTOS PLURI/INTERCULTURALES

Coordinadores:

María Lelia Pochettino, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. pochett@fcnym.unlp.edu.ar

Gregorio Tabakián, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, gregoriotaba@gmail.com

Juan Martin Dabezies, Centro Universitario de la Región Este, Universidad de la

República, jmdabezies@cure.edu.uy

-

-

Sesión 1: Etnobiología, alimentación y conservación

ENTRE LA PRODUCCIÓN FAMILIAR Y LA AGROINDUSTRIAL. ESTRATEGIAS DE VIDA DE LOS COLONOS DEL NOROESTE DE MISIONES, ARGENTINA

Lucía Cariola: Instituto de Biología Subtropical, Universidad Nacional de Misiones-
CONICET; lucia.cariola@gmail.com

Norma Hilgert: Facultad de Ciencias Forestales, UNaM

Antonio de la Peña: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do
Iguaçu, Brasil

En el norte de Misiones, la principal actividad productiva es forestal. Gran parte de las forestaciones son propiedad –o están bajo el manejo- de grandes y medianas empresas y, en menor medida, de productores familiares. La configuración del paisaje productivo regional ha cambiado en los últimos 40 años, con el avance de las empresas forestales y la reorganización de las familias de colonos preexistentes. En este proceso las familias agrícolas, con propiedades de entre 20 y 200 hectáreas, han desarrollado nuevas estrategias productivas que les permiten adaptarse a los cambios. Con el objeto de analizar la relación entre la matriz productiva y las familias locales, se comparan las estrategias seguidas en los sistemas productivos establecidos en los tres modelos de manejo forestal –MMF- antes citados, la capacidad familiar de incrementar su capital y el grado de acceso a distintos servicios (educación, salud, telefonía, transporte, etc.). Los resultados muestran que en todos los casos las familias mantienen una producción foresto-agropecuaria diversificada, independientemente del MMF en el que está inserta la unidad doméstica. Por el contrario, se observa una relación inversa entre disponibilidad y calidad de bienes e instituciones y la escala del MMF; relación inversa también presente en la capacidad de acumulación de capital y en el nivel educativo alcanzado en cada familia. Se concluye con una discusión sobre la necesidad de entender como los pequeños agricultores se integran y/o adaptan frente al modelo foresto-industrial y lo que estas acciones indican sobre diversificación de paisajes productivos y relaciones sociales agrarias.

Palabras clave: agricultura familiar, producción forestal, resiliencia sociocultural,

diversificación productiva, adaptación

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SIGNIFICADOS DO BINÔMIO “ARROZ E FEIJÃO” POR MÃES TRABALHADORAS DA BAIXADA SANTISTA

Isabel Cristina Gonçalves Perez. Mestranda do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Nutrição em Saúde Pública na Universidade de São Paulo Faculdade de Saúde Pública;
. isabelcgp@usp.br

João Gabriel Sanchez Tavares da Silva. Graduando do Curso de Nutrição da
Universidade Federal de São Paulo

Priscila de Moraes Sato. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo.

Patrícia da Rocha Pereira. Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de
São Paulo

Fernanda Baeza Scagliusi. Pós-Doutora em Nutrição em Saúde Pública pela USP.
Professora doutora da USP/FSP; fernanda.scagliusi@gmail.com

Local de realização: Grupo de Pesquisa em Alimentação e Cultura, UNIFESP, São
Paulo, SP, Brasil.

Objetivo: Analisar as representações sociais do binômio "arroz e feijão" de mães trabalhadoras da Baixada Santista. Casuística e Métodos: Amostra de 30 mães trabalhadoras adultas. Analisaram-se os dados pela Análise de Conteúdo, baseado na Teoria das Representações Sociais, de Moscovici. Resultados e Discussão: Observaram-se duas orientações referentes às Unidades de Registro (Arroz, Feijão, Binômio, Preparações), uma de manutenção do consumo e valorização das comidas, e outra, voltada ao não consumo das comidas. Nessa amostra, “Arroz” e “Feijão” foram representados principalmente como parte fixa do prato, servindo de base para variação de outros componentes. Ambos emergem como identidade alimentar brasileira, tendo significados enraizados culturalmente. Nota-se ambiguidade de significados, ao serem apresentados como necessários, fornecedores de energia e sustento e, ao mesmo tempo, incompletos e não saudáveis. O quadro de diminuição do consumo de arroz e feijão relatado nacionalmente não é refletido nesse estudo, que os traz como comidas cotidianas, apresentando diferentes estratégias para manutenção desse consumo. Tais estratégias refletem a inserção das mães no mercado de trabalho, implicando em redução no tempo para cozinhar, mas não no cuidado e carinho dedicados às comidas da família. Considerações Finais: As representações encontradas, em maioria, têm orientação positiva frente ao arroz e ao feijão, abarcando significados que privilegiam a

manutenção destas comidas com papel, principalmente, de base no prato. A mãe, mesmo inserida no mercado de trabalho, tem papel central na manutenção e reformulação de representações sociais quanto ao arroz e ao feijão, pela passagem de cultura e cuidado com a alimentação da família.

Palavras chave: cultura alimentar, arroz, feijão, significados, representações sociais, mães

ALIMENTOS SAUDÁVEIS E VARIADOS: UMA COMPARAÇÃO DA PRODUÇÃO ALIMENTAR NO SUL E NORTE DO BRASIL

Raquel Wiggers. Professora Doutora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas; raqwig@hotmail.com

Os alimentos ancestrais de cultivos tradicionais produzidos por agricultura familiar no Brasil estão, desde a década de 1980, dando lugar aos alimentos industrializados e de cultivo uniformizados, com sementes compradas das grandes multinacionais e usos abusivos de adubos químicos e agrotóxicos. Nossa proposta é apresentar a dinâmica de produção alimentar da agricultura familiar que produz de forma tradicional em dois extremos do Brasil: Ilha de Santa Catarina, ao Sul, e Manaus, ao Norte. São diferentes atores em cena no esforço de resgatar a produção de alimentos saudáveis e variados, garantindo a segurança alimentar das famílias produtoras nas comunidades rurais e consumidoras nas cidades. Essa dinâmica de resgate de alimentos saudáveis, variados e com diferentes sabores e propriedades nutritivas e medicinais, envolve produtores, pesquisadores, comerciantes e organizações governamentais e não governamentais, e cada contexto estudado apresenta realidade diversa.

Palavras chave: alimentos tradicionais, conhecimentos tradicionais, segurança alimentar.

AMBIENTE, PRÁTICAS CULINÁRIAS TRADICIONAIS E SABERES LOCAIS: O CASO DAS QUITANDAS NA SERRA DA MANTIQUEIRA, MG

Rogéria Campos de Almeida Dutra. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Doutora em Antropologia (UFRJ/

Este trabalho traz como proposta a reflexão sobre a integração das populações rurais do interior de Minas Gerais com o ecossistema em que vivem através dos saberes que os orientam na elaboração de seu alimento. As práticas alimentares, sendo resultado do processo histórico e cultural das comunidades rurais, estão também vinculadas ao contexto ambiental de sua produção. Esta integração ecológica tem permitido a sobrevivência destas populações através de sua sintonização com os ciclos das estações, e suas características climáticas, bem como com as espécies vegetais nativas ou que melhor se adaptaram ao ambiente através dos intercâmbios de espécies durante o processo de colonização do interior do Brasil. Interessa em particular a análise dos conhecimentos tradicionais envolvidos no processo de elaboração das quitandas, conjunto de bolos, roscas e biscoitos elaborados artesanalmente que faz parte do repertório culinário da região. A pastelaria caseira tem como contexto de origem o universo das propriedades rurais que se disseminaram na região após o declínio do ciclo do outro em Minas Gerais, caracterizadas pela autonomia de produção agropastoril e pelo relativo isolamento devido às dificuldades de transporte e comunicação. Observa-se que ao longo dos últimos anos, com o desenvolvimento regional, os produtos da indústria da panificação tem se apresentado como substitutos à pastelaria caseira regional. A valorização desta prática culinária envolve o resgate de saberes locais. Estes, contudo, para além de se referir a receitas e modos de fazer registram a experiência coletiva de interação com o ecossistema tais como o cultivo de ingredientes utilizados, formas de fermentação e formas de assamento.

Palavras chave: práticas culinárias, ecossistema, ambiente, quitandas, comunidades rurais

IMPORTANCIA CULTURAL DE LAS PLANTAS MEDICINALES EN LA RESERVA DE BIOSFERA BIOMA PAMPA QUEBRADAS DEL NORTE, RIVERA, URUGUAY

E. Castiñeira¹ elencasti@gmail.com

A. Canavero^{2,3}

M. Arim^{3,4}

M. L. Pochettino^{1,5}

¹Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

²Centro Universitario de Rivera, Universidad de la República, Uruguay.

³Center of Applied Ecology and Sustainability (CAPES), Departamento de Ecología, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile.

⁴Departamento de Ecología y Evolución, Centro Universitario Regional Este (CURE) & Facultad de Ciencias, Universidad de la República Uruguay, Montevideo, Uruguay.

⁵CONICET, Argentina

Consideramos el conocimiento etnobotánico como un sistema complejo con capacidad de auto-organización y respuesta frente a cambios en el ambiente. Nuestro objetivo es detectar patrones en el conocimiento de las plantas medicinales y el tratamiento de diversas patologías en la región de la Reserva de Biosfera Bioma Pampa Quebradas del Norte, Rivera, Uruguay. En este trabajo ponemos a prueba la hipótesis de apariencia ecológica (HAE), que relaciona el uso de las hierbas con el de las leñosas para tratamientos medicinales. Para ello calculamos el índice de valor de uso (VU), el cual mide la importancia relativa de una especie en una población humana, y el índice de prominencia (P) que muestra la importancia cultural de la especie en base a los parámetros: frecuencia, posición media del término y número de informantes. Ambos índices se elaboraron utilizando los datos de entrevistas semiestructuradas. Realizamos una correlación de Sperman para los índices y estos se correlacionan positivamente, indicando que las personas tienden a utilizar más aquellas plantas que identifican con un alto potencial de uso. Si bien los resultados muestran valores más altos de VU para las hierbas que para las leñosas, nuestros datos no permiten sostener la HAE. Finalmente discutimos la relación entre los patrones encontrados, ambientes de alta biodiversidad, contextos pluriculturales, características del sistema socioecológico frente al conocimiento y uso del recurso medicinal.

Palabras clave: hipótesis de apariencia ecológica, índice de prominencia, tratamientos medicinales, valor de uso.

RESIGNIFICACIONES LOCALES ANTE EL DISCURSO PATRIMONIALISTA: LOS CASOS DE ANDALUCÍA Y CANARIAS (ESPAÑA)

José A. Cortés Vázquez: Institute of Development Policy and Management, Universidad de Manchester; joseantonio.cortesvazquez@manchester.ac.uk / jacorvaz@gmail.com

Pablo Díaz Rodríguez: Instituto Universitario de Ciencias Políticas y Sociología (Universidad de La Laguna); pablo.diaz@ull.es / diazrodriguez@gmail.com

El proceso de patrimonialización de la naturaleza que acompaña a la introducción de

políticas de conservación y la declaración de espacios naturales protegidos, no sólo lleva aparejado un conjunto de prohibiciones y limitaciones de determinadas actividades económicas, sino también un proceso de re-definición ambiental. Esta re-definición se sustenta en una concepción concreta de la naturaleza, de los pobladores tradicionales del espacio protegido y de la relación mantenida históricamente por ambos, donde tienen un fuerte peso discursos y visiones ambientalistas y patrimonialistas globales. En este contexto, resulta frecuente que determinados habitantes de estos espacios protegidos, principalmente agricultores, ganaderos y pescadores, reaccionen contra esta re-significación, porque difiere sustancialmente de sus propias visiones y formas históricas de comprender y relacionarse con el medio, y porque además legitima las limitaciones impuestas por la política de conservación. Pero estos grupos locales no sólo contestan y ponen en cuestión las nuevas lecturas del medio, sino que además se las apropian, asimilan, manipulan e instrumentalizan. Se pone así de manifiesto su papel activo al interpretar y reinterpretar el discurso ambientalista y patrimonialista global para alcanzar sus propios fines e intereses locales. Mediante el análisis de este proceso en dos contextos distintos en España (un caso en Andalucía y uno en Canarias), buscamos contribuir a la discusión sobre el carácter dinámico y complejo de los conocimientos ambientales de los pobladores locales y las transformaciones que tienen lugar a raíz de la entrada de procesos políticos y económicos globales.

Palabras clave: población local, patrimonialización, conservación, discursos, naturaleza.

ESPECIES ARBÓREAS COMO “TEXTO” EN CONTEXTOS PLURICULTURALES... LA CONSERVACIÓN COMO PRETEXTO

María Lelia Pochettino; pochett@fcnym.unlp.edu.ar^{1,2}

Daniela Alejandra Lambaré^{1,3}

Pablo Stampella^{1,2}

María Belén Doumecq²

Naiquen Ghiani-Echenique⁴

¹ CONICET

² Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada (FCNyM-UNLP)

³ Laboratorio de Botánica Sistemática y Etnobotánica (FCA-UNJu)

⁴ Laboratorio de Análisis Cerámico (FCNyM-UNLP)

A 100 años de su definición como disciplina, Alcorn (1995) proponía considerar el objeto de estudio etnobotánico a modo de texto (*sensu* Ricoeur) cuyo significado se derivaría parcialmente del contexto natural, social y cultural. Desde esta perspectiva, el objeto de esta contribución es analizar el significado de tres taxones arbóreos que presentan características similares y disímiles en su relación con las poblaciones humanas de sendas áreas de Argentina. Estas especie son: 1- “durazno” (*Prunus persica*) de la Quebrada, introducido tempranamente en la provincia de Jujuy, asimilado a los cultivos locales y considerado identitario por los pobladores locales; 2- varios “cítricos” (*Citrus* sp.), también introducidos precozmente por los jesuitas, altamente apreciados por los pobladores de Misiones, pero dado su carácter de asilvestrados y exóticos, combatidos por los gestores de las áreas protegidas; 3- “tala” (*Celtis ehrenbergiana*), árbol nativo del litoral del Río de la Plata, donde da nombre a formaciones boscosas, utilizado localmente a nivel de sobre-explotación y motivo de diseño de áreas protegidas. Mediante el análisis diacrónico del uso y gestión de estas especies en las zonas mencionadas, se discuten: 1- las similitudes y diferencias ya referidas en su vinculación con las comunidades locales, 2- las estrategias de conservación, a partir de los diferentes contextos en que se insertan y 3- su constitución como patrimonio inmaterial de estas poblaciones.

Alcorn, J. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. En: Schultes, R. E. & S. von Reis (eds.). *Ethnobotany. Evolution of a discipline*. Portland, Dioscorides Press.

Palabras clave: *Prunus persica*, *Celtis ehrenbergiana*, *Citrus* sp. , especies identitarias, patrimonio inmaterial.

Sesión 2: Aspectos teóricos y casos sobre los conocimientos etnobiológicos

CONOCIMIENTO BOTÁNICO Y CAMBIOS DE SIGNIFICADO EN CONTEXTOS PLURICULTURALES URBANOS

Julio A. Hurrell. Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada (LEBA), FCNM, UNLP, La Plata. CONICET, Argentina; juliohurrell@gmail.com

El *conocimiento botánico* (CB) es un conjunto complejo de presupuestos (saberes, creencias) acerca del entorno vegetal (vegetación, plantas, partes de las mismas, productos derivados), que emerge de la trama de relaciones entre las personas y su entorno biocultural. El CB local se corporiza en *acciones* (discursos, prácticas, estrategias de selección, pautas de uso) a partir de las cuales es posible evaluar el CB que las generó: el conocimiento no nos es accesible de forma directa, sino indirecta, a través de las acciones que orienta. En Etnobotánica, a menudo, esta distinción entre conocimiento y acción no es tomada en cuenta, lo que tiene incidencia en el plano teórico-metodológico. En la línea de investigación en Etnobotánica urbana del LEBA se han establecido estrategias metodológicas que revelan que la circulación de los productos vegetales en los contextos pluriculturales *expresa* acciones que hacen posible “reconstruir” el CB que las ha orientado. En la circulación de productos vegetales, mediatizada por diversas vías de comunicación, el CB local se modifica a base de cambios de significado en los usos asignados y estrategias de selección de los productos circulantes. A diferencia de los modelos unidireccionales de transmisión del conocimiento, los cambios de significado (reasignación de usos, asignación de usos nuevos) en el escenario urbano, implican una rápida transmisión en múltiples direcciones, en un modelo *recursivo*, del conocimiento a la acción y de esta al conocimiento, que genera nuevas acciones, y así recursivamente, acorde con la complejidad del contexto pluricultural urbano, aplicable también a contextos culturales más homogéneos.

Palabras clave: etnobotánica, conocimiento botánico, contextos pluriculturales, cambios de significado, modelos recursivos.

ETNOECOLOGIA, SABERES LOCAIS E SEUS POTENCIAIS EXPLICATIVOS PARA AS RELAÇÕES AMBIENTAIS DE POPULAÇÕES HUMANAS: UMA COMPARAÇÃO CRÍTICA DE TRÊS CASOS

Peter Schröder. Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
pschroder@uol.com.br

Pesquisas etnoecológicas costumam produzir grandes quantidades de informações detalhadas sobre classificações de ambientes percebidos e sobre as mais diversas práticas econômicas e não econômicas relativas a ambientes físicos e bióticos. No entanto, um dos maiores desafios epistêmicos e metodológicos muitas vezes é demonstrar empiricamente a relação entre saberes e práticas. Outro desafio é verificar em que medida saberes ambientais locais e/ou nativos/indígenas de fato ajudam a explicar as relações ambientais de determinadas coletividades humanas. A partir da década de 1980, esses saberes até se transformaram em grande esperança para uma parte do cenário desenvolvimentista sob o rótulo de “local knowledge/ LK” ou “indigenous

knowledge systems/ IKS”. Algumas euforias iniciais, contudo, transformaram-se em visões mais sóbrias. O objetivo desta comunicação é problematizar o potencial explicativo de pesquisas etnobiológicas para entender relações ambientais. Para isso são apresentadas informações de três cenários regionais diferentes, baseadas em pesquisas de campo do autor em diversos períodos. A primeira foi realizada com agricultores no Cariri Cearense (Nordeste do Brasil), de 1996 a 1998; a segunda com indígenas na região do médio rio Purus (Amazônia brasileira), em 2000/2001, no âmbito de uma consultoria da cooperação internacional para testar uma metodologia de diagnósticos ambientais abreviados; e a terceira se baseia em pesquisas, em andamento desde 2002, sobre a territorialidade dos Fulni-ô, povo indígena no estado de Pernambuco. Nos três casos fica evidente que o potencial explicativo dos saberes ambientais das populações respectivas é insuficiente para entender suas relações ambientais, sem levar em conta os ambientes sociais e econômicos em perspectiva tanto contemporânea quanto histórica.

ENTRE PLANTAS E ENTIDADES: O CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO DOS GUARANI-MBYA DE TEKOA PYAU

Luciana Galante. Bióloga, mestre em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora de Antropologia e Etnologia Indígena da Faculdade AGES – Paripiranga-BA; lugalante@hotmail.com

Longe de estabelecer relações dicotômicas entre natureza e cultura, grande parte das sociedades indígenas compreende a "natureza" como uma extensão de sua própria existência, diferentemente da concepção ocidental que lhe atribui o caráter de alteridade. Os Guarani Mbya de Tekoa Pyau vivem na cidade de São Paulo e estão inseridos numa área reduzida, não demarcada e próximos a uma Unidade de Conservação. Estabelecem uma relação complexa com a mesma, em que as fronteiras entre humanos e não-humanos não estão muito bem definidas. A religião e cosmologia Guarani estão intrinsecamente ligadas à Mata Atlântica e esta adquire sacralidade, seja por encerrar divindades, espécies sagradas ou mesmo o acervo biológico para a cultura material. O conhecimento que os Guarani acumulam sobre o universo vegetal, isto é, a forma como classificam, concebem e o utilizam, fornece um valioso arsenal para compreendermos a complexidade dessas relações, a ecologia da Mata Atlântica, bem como a importância desta para a sobrevivência física e cultural da comunidade. A destruição sistemática desses ambientes e também o estabelecimento de Unidades de Conservação sobrepostas em áreas de ocupação tradicional, há tempos vêm exigindo dos Guarani um esforço descomunal para lidar com a ausência deste referencial e buscar novas saídas ao impasse. Dessa forma, é urgente o estabelecimento de um diálogo entre as diversas instâncias envolvidas para que novas possibilidades sejam avaliadas, incluindo a participação das populações tradicionais na gestão de espaços e recursos naturais de uso coletivo.

Palavras chave: Guarani-Mbya, etnobotânica, conhecimento, sacralidade, Mata

Atlântica.

CRÍTICA AL CONOCIMIENTO CIENTÍFICO. NOTAS SOBRE LOS CONOCIMIENTOS HÍBRIDOS Y SITUADOS

Bárbara Bartl.

Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada (LEBA), Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata. CONICET; anacoreta14@hotmail.com

Los saberes de los científicos no suelen ser incorporados en los trabajos de etnobotánica, quedando así circunscriptos al ámbito del conocimiento científico en oposición al conocimiento local, tradicional o popular. Si justificamos esta separación

tajante, los conocimientos como su transmisión son simplificados y homogeneizados; asimismo, ocurre que conocimientos e identidades son consideradas cualidades sociales y culturales que unen a los actores, sin admitir que existen diferencias sociales y políticas entre los individuos relacionadas a los conocimientos que poseen.

El punto de partida de este trabajo fue la realización de entrevistas a médicos veterinarios profesionales de la ciudad de La Plata (Buenos Aires), en el marco de una investigación de etnobotánica urbana enfocada en los usos de fitoterápicos en medicina veterinaria. Aquí se plantea profundizar la discusión de la dicotomía conocimiento local/científico fundamentalmente repensando lo que es llamado “conocimiento científico”. Para ello, consideramos como situados los conocimientos de todos los actores

involucrados en la investigación, nos enfocamos en los procesos de hibridación, y abordamos las consecuencias que tiene esta perspectiva para las investigaciones en etnobotánica. Se concluye con las implicancias que tienen estos conceptos y su articulación en el trabajo de campo, en la realización de un ejercicio de reflexividad sobre nuestras prácticas y conocimientos como investigadores.

Palabras clave: etnobotánica urbana, medicina veterinaria, conocimiento científico, conocimientos situados, hibridación.

PRÁTICAS E TRANSMISSÃO DE SABERES TRADICIONAIS NO ASSENTAMENTO QUILOMBO DOS PALMARES II

Luna Dalla Rosa Carvalho. Mestranda em antropologia social PPGAS/UFRN.

A forma como o campesinato vem se reproduzindo socialmente nos assentamentos de reforma agrária brasileiros nos indica que há um conjunto de saberes e conhecimentos simbolicamente construídos sobre o meio ambiente que permeiam as práticas agrícolas e as práticas cotidianas como um todo. Esses saberes transmitidos de geração em geração e gestados nas relações sociais extrapolam um sentido de adaptação do ser com o meio o que é visível no processo de reterritorialização por que passam os camponeses quando são assentados. Eles trazem uma herança, ou um patrimônio familiar que lhes habilita a trabalhar na e a viver da terra. Entrando frequentemente em contato com conhecimentos de outra natureza, como o conhecimento técnico ou científico e sendo ajustado e ressignificados por essas influências, os saberes eco-agrícolas tradicionais tem sido resgatados em decorrência de um movimento que é ao mesmo tempo um novo campo de saber e de técnicas entendidos como agroecologia. A forma como os agricultores em suas diversas expressões (pois trata-se de um grupo marcado por uma multiculturalidade) estão vivendo e pensando suas práticas à luz da agroecologia é o que nos inquieta ao estudarmos um assentamento de reforma agrária na região metropolitana de Natal/RN. Mas também a forma como crianças, homens e mulheres através de suas representações, gestos e práticas podem nos informar sobre suas cosmologias e ordenações do mundo presentes na forma de preparar os alimentos, no trabalho na lavoura, na criação dos animais, etc.

Palavras chave: camponeses, saberes eco agrícolas tradicionais, agroecología.

ETNOBOTÁNICA DE PLANTAS MEDICINALES EN EL DEPARTAMENTO DE TACUAREMBÓ, URUGUAY

Gregorio Tabakián. Maestrando en Ciencias Humanas, opción Antropología de la Cuenca del Plata, FHUCE, UdelaR. Uruguay; gregoriotaba@gmail.com

Nuestro país se conformó a partir de los aportes de diferentes grupos culturales, los cuales con sus tradiciones propias, se han arraigado y entremezclado contribuyendo a la construcción de nuestra identidad. Diversos estudios indican que las poblaciones ubicadas al norte del Río Negro recibieron en el pasado, una importante contribución indígena misionera y africana. Actualmente, son poblaciones sometidas a una situación de emigración de sus jóvenes y con un profundo envejecimiento, acarreado con ello la posible pérdida de conocimientos locales relacionados a la etnobotánica. Por tal motivo, esta investigación se centra en los saberes etnobotánicos transmitidos vinculados a prácticas relacionadas al uso medicinal de plantas en poblaciones urbanas y rurales del departamento de Tacuarembó. A través del método etnográfico, se explora en los mecanismos actuales de transmisión, en los diferentes espacios de sociabilización así como los conocimientos que poseen los pobladores de mayor edad. Esto permite conocer las distintas prácticas cotidianas que se transmiten a nivel generacional sobre dichos saberes. Se entrevistaron diferentes actores sociales que mantiene un vínculo con las plantas medicinales: vendedores y recolectores; herbolarias y herbolarios; personas adultas mayores; curanderos y profesionales de la salud que utilizan plantas con fines

medicinales. De esta manera se rescatan prácticas y discursos de quienes se consideran poseedores de este conocimiento popular; y participan activamente en los procesos de conservación, reproducción y transmisión de estos conocimientos en poblados y ciudades seleccionados del departamento de Tacuarembó. Así mismo, se logra una sistematización en el uso y transmisión del conocimiento etnobotánico vinculado a los aportes poblacionales locales.

Palabras clave: etnobotánica, plantas medicinales, herbolarios, Tacuarembó.

ETNOFICOLOGÍA Y CONOCIMIENTO FICOLÓGICO URBANO EN LA CIUDAD DE LA PLATA Y SUS ALREDEDORES, ARGENTINA

Patricia M. Arenas: Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina; parenas@fcnym.unlp.edu.ar

Melisa Rago: Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada, Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

Desde hace aproximadamente veinte años, las algas se venden en las dietéticas como alimento, como suplemento dietético y como fitoterápico, en diferentes formas de presentación. Este estudio se enmarca en un concepto amplio de Etnobotánica, como es el estudio de las relaciones complejas entre las personas y su entorno vegetal. En particular, los aquí realizados corresponden a una línea de investigación en Etnobotánica urbana del Laboratorio de Etnobotánica y Botánica Aplicada (LEBA), que estudia la relación entre personas y plantas, sus partes y productos derivados en contextos pluriculturales urbanos. Con el fin de relevar la percepción y el conocimiento que tienen los expendedores de las dietéticas acerca de las algas, se realizaron entrevistas semiestructuradas, listados libres y observación participante. Se relevaron 30 sitios de expendio y se entrevistaron, previo consentimiento informado, los responsables o empleados, considerados informantes calificados. Se indagó sobre aspectos referidos a qué algas se venden, qué forma tienen en la naturaleza, cuál es su hábitat, qué tamaño tienen, qué propiedades, qué beneficios y qué contraindicaciones tienen. Factores tales como la falta de tradición en el consumo de algas, la preferencia de otros alimentos, los precios elevados, su restricción a determinados niveles socio-económicos, la asociación a olores y texturas desagradables y una legislación incipiente acerca de su comercialización, inciden en el *Conocimiento Ficológico Urbano* (CFU), caracterizado como fragmentario y parcial, en el que se combinan conceptos erróneos con otros correctos.

Palabras clave: etnobotánica urbana, algas, adelgazantes, dietéticas.

Sesión 3: Sanaciones, terriotrio y simbolismo en etnobiología

QUEBRANTO OU MAU-OLHADO? SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS DE CURA

Letícia de Faria Ferreira: Universidade Federal do Pampa; leticiadefaria@hotmail.com

Zilma Martins: Universidade Federal do Pampa; zilmartins73@gmail.com

O uso de plantas medicinais para o tratamento de doenças humanas e de animais doméstico é um fenômeno cultural com diagnósticos, terapias e recursos avaliados como apropriados ou inadequados, definições estas interiorizadas por cada tradição cultural, revelando variações na associação de tal doença com determinado tratamento fito terapêutico. Saberes, tradições, rituais que nos acompanham enquanto humanidade desde longa data são retransmitidos, reconfigurados e reempregados, memorizados no tempo por gerações subsequentes que transmitem, de modo geral, por meio oral e prático e conduzem sempre e constantemente a novas possibilidades dessa prática. O conhecimento das plantas tradicionais e das ervas medicinais é sempre uma recomposição do mundo anterior de onde sobreveio, inaugurando conforme possibilidades e novas precisões uma recriação permanente dos saberes e da aplicabilidade de cada planta para determinada necessidade. Assim, este estudo visa identificar práticas, reconhecer saberes e registrar diferentes modos de usos das plantas e ervas medicinais nos seus pertencimentos ao universo da cura do corpo e da alma por benzedeiros e curandeiros moradores de uma cidade de Jaguarão/RS, fronteira entre o Brasil e o Uruguay, ligados a diferentes tradições religiosas.

Palavras chave: tradições culturais, etnobotânica, etnografia, plantas medicinais.

SABER LOCAL E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS DA DOUTORA RAIZ: SOBRE O CUIDADO E A CRENÇA

Cristina Diógenes Souza Bezerra. Graduanda em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Brasil; cristina.dsb@gmail.com

Buscando comprender as práticas terapêuticas tradicionais associadas às práticas alimentares contemporâneas, inseridas no contexto urbano-rural do bairro do Pium na cidade de Parnamirim/RN/Brasil, encontramos “uma rua cheia de farmácias” como explicita Dona Francisca, ou para alguns, Doutora Raiz. Ela nos indica os caminhos para perfazer nosso auto-cuidado a partir do conhecimento do ambiente em que vivemos.

Dentre os elementos que compõem a eficácia da prática terapêutica que Francisca facilita, podemos ver que a crença é eleita por ela como central, agregada ao poder das plantas que compõem as garrafadas, chás e sabonetes produzidos por ela. Nesse estudo de caso vemos que ela materializa em produtos artesanais, a análise que faz da necessidade de cada pessoa, com o conhecimento passado pela sua mãe e avó da utilidade de cada raiz, casca, folha, flor que são encontradas no seu quintal e na rua.

Assim discutimos como Dona Francisca agrega esse saber transmitido pela oralidade e convívio familiar e o saber acessado pelos livros científicos que consulta, e os incorpora a seu modo de vida, sendo sua fonte de renda, um modo de sociabilidade e um marcador no seu conceito de alimentação saudável, já que consome cotidianamente o que produz. Sendo “o alimentar” um conjunto de práticas e processos sociais, desde matéria-prima ao produto e suas consequências, situado em tempo, espaço e contexto social buscamos os conectores entre a agência dela, a relação com a comunidade e com o ambiente, por meio das narrativas, itinerários e práticas culturais que a permeiam.

Palavras chave: práticas terapêuticas, conhecimento tradicional, alimentação, crença.

POSTMODERNIDAD, TURISMO Y ETNOBOTÁNICA. TRANSFORMACIONES EN EL USO ORNAMENTAL E ICONOGRÁFICO DE LA PALMA *BUTIA ODORATA* EN EL SURESTE DEL URUGUAY

Juan Martin Dabezies. Centro Universitario de la Región Este, Universidad de la República, Uruguay; jmdabezies@cure.edu.uy

En este trabajo presento el análisis del uso ornamental e iconográfico de la palma *Butia odorata* (Barb. Rodr.) Noblick en el sureste del Uruguay. Estas palmas conforman unos bosques de palmas mono específicos que se extienden en la zona estudiada y en parte del Estado de Río Grande del Sur, Brasil. Este trabajo está focalizado en el palmar de Castillos, ubicado en el sureste del Uruguay.

Existen evidencias arqueológicas que hacen referencia al consumo de los frutos de esta palma y el uso de sus hojas desde hace unos 8500 años. Durante la época de la

colonización de la región, entre el siglo XVIII y el XIX, las palmas fueron utilizadas para construir corrales de palmas, utilizados para la gestión del ganado vacuno en la frontera entre Uruguay y Brasil. A finales del siglo XIX y durante el siglo XX, las hojas de la palma fueron utilizadas para extraer fibras y elaborar diversos productos lo cual se realizó a través de la industrialización de estas actividades, marcando un momento muy particular entre las relaciones humano - Butia. A finales del siglo XX y en la actualidad, el fruto de la palma es lo más aprovechado y el uso más frecuente es la elaboración de productos alimenticios que se venden a los turistas y habitantes de la zona.

Si bien los usos del Butiá más destacados en la literatura etnobotánica científica son los vinculados a la alimentación y la construcción de viviendas, existen otros usos vinculados a lo iconográfico y ornamental que han sido menos estudiados. Esos dos usos derivados de la visualidad de las palmas de Butiá son los que presento y discuto en esta presentación. A partir de un trabajo etnográfico en la zona aledaña del palmar de Castillos pude identificar un aumento en el uso ornamental de la palma *Butia*, en detrimento del uso de la palma *Phoenix canariensis*, muy utilizada con fines ornamentales a principios y mediados del siglo XX. Por otro lado también pude notar que el uso ornamental de la palma *Phoenix* está asociado a construcciones estatales donde predomina una alineación rectilínea de estas palmas. En el caso de Butiá, de uso más reciente, no existe un patrón espacial ornamental rectilíneo ya que, generalmente, son utilizadas de forma aislada como decoración de casas en lugares de turismo de sol y playa. Esta sustitución ornamental dada por un cambio en el patrón espacial y un cambio en las especies utilizadas, se corresponde con un cambio en el modelo de turismo de sol y playa que se está dando en la faja atlántica rochense. En este marco, el uso iconográfico de la palma Butiá, apunta a una tropicalización donde domina la estética curvilínea de la palma.

PLANTAS E SABERES: A EXPERIÊNCIA ETNOBOTÂNICA ENTRE O TEMPLO DE UMBANDA E O LABORATÓRIO

Pedro Crepaldi Carlessi. Centro de Estudos Etnobotânicos e Etnofarmacológicos
- Universidade Federal de São Paulo; pccarlessi@gmail.com

Como disciplina de interface entre as ciências biológicas e humanas a etnobotânica dedica-se ao estudo da relação entre homens e plantas apresentando quão variados e particulares são os significados que as culturas são capazes de atribuir a este elemento da natureza. Em meio as comunidades religiosas afro-brasileiras as plantas desempenham um papel de grande importância, mostrando-se indispensáveis à manutenção destas práticas. Como pretende-se mostrar, neste universo as plantas não finalizam na superfície de suas folhas; possuem corpos e formas para além da matéria, interligam homens e deuses, condição que fornece um interessante modelo de pensamento justamente pelo fato de não apresentar barreiras bem definidas entre estes polos natureza-cultura. No intuito de conhecer as particularidades da flora empregada nos rituais de uma comunidade religiosa afro-brasileira da cidade de São Paulo, um

estudo etnobotânico foi empregado associando a atividade de coleta botânica ao trabalho etnográfico. Neste procedimento, cerca de noventa espécimes foram coletados e levados ao Herbário Municipal de São Paulo para identificação taxonômica. O que pode-se perceber neste processo é que ao passo que as plantas do templo eram coletadas e levadas ao laboratório, significados e cosmologias minguavam e renasciam em outros contextos. A partir dos aportes contemporâneos reunidos na chamada 'virada ontológica' a pesquisa busca indicar que não são os significados atribuídos às plantas por cientistas e religiosos que varia, e sim as próprias naturezas, condição que permite uma leitura crítica a respeito das práticas etnobotânicas, bem como oferece uma nova compreensão a respeito das exercícios e alcances desta disciplina.

Palavras chave: antropologia simétrica, etnobotânica, fluxo dos materiais, plantas sagradas, umbanda.

“DESDE LA HERIDA DEL PROHIBICIONISMO”: LA LUCHA POR LA LIBERACIÓN DE LA MARIHUANA EN COLOMBIA

Andrés Góngora. PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Centro de Estudios Sociales –CES, Universidad Nacional de Colombia;
algongoras@unal.edu.co, ilongote@gmail.com

Esta ponencia describe la agencia de diferentes actores sociales implicados en la transformación de las actuales políticas de drogas en Colombia. Los resultados son fruto del trabajo de campo realizado durante los años 2014 y 2015 en la ciudad de Medellín. En la primera parte realizó una lectura etnográfica sobre la lucha por la liberación de la marihuana a partir de dos perspectivas: la de Olmes, el “maestro” del movimiento cannábico quien opera como un articulador de los diferentes momentos y eventos considerados claves en la construcción de la “causa” y la de Karoty un comerciante de papeles que ha construido su riqueza al margen del mercado ilícito de la planta y otras “drogas”. En la segunda parte describo la llegada a Medellín del historiador español Antonio Escohotado, autor de la *Historia General de las Drogas*, resaltando algunas implicaciones antropológicas relativas a su experiencia como intelectual, consumidor activo y militante “antiprohibicionista”. Al final, planteo algunas cuestiones teóricas relevantes basado en la comparación de perspectivas y prácticas de mis interlocutores. El hilo conductor del relato serán las distintas valoraciones, espacios de la experiencia y horizontes de expectativas que mis interlocutores le asignan a la “libertad”, pensada como práctica emancipadora, relación económica, reajuste de valores, producción de verdades y desasimiento del poder instituido.

Palabras clave: etnografía, marihuana, prohibicionismo, consumo de drogas, libertad.

MEIO AMBIENTE E DOCUMENTOS TÉCNICOS NA CONFIGURAÇÃO DO TERRITÓRIO: ASPECTOS SOCIO-COSMOLÓGICOS DE REIVINDICAÇÃO DE TERRAS ENTRE OS KAINGANG NO SUL DO BRASIL

Alexandre Aquino. Doutorando em antropologia social – PPGAS-UFRGS;
antropoaquino@gmail.com

Analiso o território no qual a aldeia kaingang do Morro Osso está inserida, a partir das relações dos indígenas com o meio-ambiente, isto é, com a flora, a fauna, as pedras, entre outros seres animados e inanimados que, ao mesmo tempo, constituem os elementos importantes de sua vida ritual. Por sua vez, este etnoconhecimento remete a uma ênfase nativa na paisagem, à qual os antropólogos têm chamado atenção em suas etnografias no que se refere às “unidades territoriais”, compostas por serras (krin), campos (rê) e florestas (nén). Esses termos traduzem certa ordenação kaingang do espaço de acordo com suas características, pois “percebem uma associação entre o tipo de ambiente e recursos neles disponíveis ou de quais objetos naturais apresentam” (Haverroth, 1997). No caso analisado, esses “ambientes diferenciados” foram registrados por meio de etnomapeamento, associando a paisagem encontrada aos limites da área reivindicada como terra ancestral, quando constatamos que os indígenas se referem às mesmas características registradas nas narrativas dos antigos. Desse modo, mesmo considerando que as aldeias kaingang faziam parte de um território maior e que, nas últimas três décadas, o entorno do Morro do Osso vem sendo ocupado tanto por condomínios de luxo, quanto por áreas destinadas a população de baixa renda, o etnomapeamento realizado remete à possibilidade de relacionar a reivindicação indígena e a Constituição Federal, que estabelece princípios imprescindíveis para demarcação de terra indígena, reunindo o meio ambiente necessário ao bem estar e um lugar propício para preservação das tradições, além de espaço de subsistência.

-
-
-

GT 84. PROCESOS MIGRATORIOS E IDENTIDADES

Coordenadores: Dr. Luís Eugenio Campos. Institución: Universidad Académica de Humanismo Cristiano (UAHC) Chile. luiseugeniocampos@gmail.com Dra. Zuleika Crosa. Institución: Universidad de Buenos Aires (UBA).

zuleikacrosa@hotmail.com Lic. Esc. Lydia de Souza. Institución: Universidad de la República Oriental del Uruguay (UdelaR). AUAS lydiades@gmail.com

Comentarista: Mg. Ramiro Fernández Unsain. Institución: Universidad de Buenos Aires (UBA) y Universidade Federal do Estado de Sao Paulo. (UNIFESP).
ramirofunsain@yahoo.co.uk

Sesión 1: Migraciones y Políticas Públicas

INTERCULTURALIDAD Y MIGRACIÓN: REFLEXIONES SOBRE LAS TENSIONES CONCEPTUALES MIRANDO LA REGIÓN DE ARICA Y

PARINACOTA

Francisca de la Maza. Pontificia Universidad Católica de Chile-ICIIS;
fcadelamaza@gmail.com

La ponencia aborda una reflexión sobre las tensiones conceptuales sobre las nociones de interculturalidad y migración tanto en la academia como en la definición e implementación de políticas públicas. Se discuten estos aspectos tomando como referencia la Región de Arica y Parinacota, que por sus características históricas y de zona fronteriza es un referente sobre esta problemática. Estas tensiones conceptuales han permeado las investigaciones y la focalización de recursos de política pública. Sin embargo, cada vez es más creciente la presencia y visibilidad de otras diversidades culturales que históricamente no han sido consideradas (como los afrodescendientes) o que se incorporan al territorio, como los migrantes (muchas veces migrantes indígenas). Diversos sucesos y demandas de agentes locales, algunos mediáticamente difundidos, han llevado a que estas otras diversidades (no indígenas) se incorporen progresivamente en la política pública, como una política focalizada.

Palabras Clave: interculturalidad, migración, pueblos originarios, Arica, Chile.

NARRATIVAS IDENTITARIAS: LA PRESENCIA DE “DISCURSOS DE NACIÓN” EN LOS URUGUAYOS RADICADOS EN BRASIL

Ana María Sosa González; anasosagonzalez@gmail.com

Las migraciones contemporáneas se presentan con significativas diferencias respecto a los movimientos migratorios del siglo XIX e inicios del siglo XX. Estos nuevos movimientos, internos, regionales e internacionales, corresponden a un fenómeno que debe ser estudiado en función de su diversidad y complejidad donde la revolución en las comunicaciones, las múltiples pertenencias e identificaciones, las memorias y usos del pasado de los grupos humanos en cuestión, constituyen un verdadero desafío para los Estados Nacionales, obligándolos a reformular sus antiguos discursos. La presente comunicación refiere a los cambios en las narrativas y discursos nacionales presentes en uruguayos que migraron a Brasil en la década de 1970. Se observa que estos discursos trascienden fronteras y configuran nuevas naciones ya no delimitadas geográfica o territorialmente, aunque obedezcan a una lógica que los vincula en mayor o menor grado con el país de origen. A partir de 2005 el Estado uruguayo asume una nueva política de vinculación con los emigrados. Con este propósito se delinean nuevos caminos de construcción de la identidad nacional, adquiriendo ahora nuevas dimensiones, basado en un discurso de integración nacional que incluye a los emigrados y residentes, un discurso que se muestra más pluralista, en la medida que sostiene que desea construir la nación en diálogo con la población – integrando puntualmente a su diáspora-. Es esta dimensión transnacional del discurso identitario nacional lo que se busca analizar a través de la presente ponencia, discutiendo los diferentes procesos de conformación identitaria de características transnacionales desde la diáspora y desde una perspectiva histórica y regional.

Palabras clave: diáspora uruguaya, política de re-vinculación, migraciones, identidad.

Migraciones e Identidades

IDENTIDAD Y RECURSOS IDENTITARIOS EN MIGRANTES BOLIVIANOS. UN ESTUDIO EN FINCAS CERCANAS A CERRILLOS, VALLE DE LERMA (SALTA)

Alejo César Adrián. Universidad Nacional de Salta (UNSa); cesarcnn@gmail.com

Nuestro trabajo se enmarca dentro de un proyecto de extensión de la Universidad Nacional de Salta “Sensibilizando respecto de los aportes andinos a la diversidad

cultural en Las Palmas (Cerrillos)”. La migración de bolivianos hacia la Argentina no es un fenómeno nuevo, a lo largo de la historia las migraciones fueron frecuentes, siendo algunas oleadas migratorias más o menos importantes en la historia nacional de la argentina. El siguiente trabajo intentará analizar las trayectorias de migrantes bolivianos que se ubicaron en distintas fincas cercanas a la localidad de Cerrillos (provincia de Salta). Creemos que a partir del estudio de estas trayectorias, podremos estudiar a esta comunidad desde una perspectiva de la “identidad”. Entendemos que en una comunidad el “nosotros” y los “otros”, no solo debe pensarse en términos de adscripción a un determinado grupo y el análisis se vuelve más complejo cuando tratamos con grupos migrantes; sino que dicha división está alojada en los “estilos de vida”, “imaginarios”, “memoria”; cada una de las cuales se pueden rastrear desde las trayectorias de cada individuo. Emplearemos una metodología cualitativa en el análisis: realizamos trabajo de campo, observación participante, tomamos registro fotográfico, grabaciones de audio para la realización de entrevistas que nos permitan acceder a la historia de vida de los entrevistados; además de revisión de antecedentes y utilización de bibliografía específica que nos ayudaran en el análisis que se intenta realizar.

Palabras clave: identidad, comunidad, historia de vida, memoria.

LOS DOS ÉXODOS. CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDAD Y VICISITUDES DEL DISCURSO HEGEMÓNICO

Leticia Matta Estudiante en el posgrado de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; leticia.matta@gmail.com

La investigación etnográfica se desarrolla en un pueblito de Lavalleja. La fundación fue reuniendo familias inmigrantes de distinto origen, algunas de muy antigua data. La investigación muestra como este grupo humano estuvo y está sometido a permanentes transformaciones. Culturalmente se han ido perdiendo algunas propiedades y se han generado otras. La reproducción del ser social adquirió una potente y proteica continuidad que, sin embargo, no es evidente para un observador desprevenido. Dos momentos aparecen fuertemente representados en la conformación de su identidad: la etapa fundacional centenaria y centrípeta y la etapa de despoblamiento centrífugo posterior. Hemos dado en llamarlas “los dos éxodos”. Suele suceder que en etapas de despoblamiento los nietos o bisnietos de los fundadores intentan volver a los lugares de donde se creen o se piensan originarios pero el retorno al pasado no es sino un tropo propio de ciertas retóricas asentadas en imaginarios contruidos. El presunto locus cultural original no reconoce a sus vástagos ni es reconocido por ellos. El sendero del retorno imaginado se ha esfumado y es posible que nunca haya existido. En su discurso primario los pobladores se presentan como un grupo homogéneo. La memoria y las tradiciones que operan en la construcción del discurso unificador han contribuido a invisibilizar las causas individuales. Al hacerlo se ha generado un discurso hegemónico, compartido y aceptado por todos pero que no da cuenta de la realidad del drama personal o comunitario.

Palabras clave: Identidad, discurso, Lavalleja, transformación, reproducción social.

NOTAS PARA PENSAR UNA METODOLOGÍA PARA LA RECONSTRUCCIÓN DE “TERRITORIOS MIGRATORIOS” DESDE UNA CONCEPCIÓN SUBJETIVA DEL ESPACIO

Fulvio Rivero Sierra. IHPA/UNT/CONICET; fulvio.rivero@filo.unt.edu.ar

Los estudios migratorios tradicionalmente se han inclinado mayormente por una concepción del espacio “positivista”. Desde esta perspectiva, el espacio ha sido incorporado en este campo de estudios como un contenedor de la actividad humana, cuando no simplemente como un “paisaje” o, finalmente, como límites/fronteras políticos geográficos que nos migrantes atraviesan. Todavía más escasos resultan los trabajos que han perseguido pensar las migraciones desde una perspectiva subjetiva del espacio. En esta dirección puede anotar las aportaciones de Fares (2003) y Marzadro (2010) alrededor del concepto de “territorio migratorio”. Estas perspectivas buscan revitalizar la relación entre el sujeto y el espacio en el campo de los estudios migratorios. Sin embargo, aunque prometedoras, estas perspectivas no han conseguido cimentar una metodología de aproximación que ciña en alguna manera los avatares que cualquier enfoque cualitativo y, por tanto, interpretativo debe afrontar para evitar caer en arbitrariedades analíticas. El trabajo que acá se pone a consideración se inserta en esta discusión, en el esfuerzo por proponer algunos lineamientos básicos que deberían tenerse en cuenta para construir una metodología de abordaje para esta perspectiva que permita reconstruir el “territorio migratorio” en el modo en que se haya presente en la subjetividad de los sujetos migrantes. Para ello se recuperan las reflexiones clásicas de Yi Fu Tuán (1974) las de Agnew (1987) y otras más actuales como Lois (2010), como así también la propia experiencia adquirida en el trabajo de campo en estudio de las migraciones de bolivianos hacia la Argentina.

Palabras clave: Territorio migratorio, metodología, subjetividad, bolivianos.

SER CHINÊS NA BAIXADA: UM ESTUDO SOBRE FORMAS DE REPRESENTAÇÕES E REDES DE PARENTESCO DE IMIGRANTES CHINESES EM UM BAIRRO DA CIDADE DE NOVA IGUAÇU, RJ (BRASIL)

Ruan Vinícius Faustino Coelho. Mestrando en Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos (Brasil); ruancoelho@id.uff.br

Este trabalho se situa na problemática antropológica das migrações. Fruto de pesquisa de mestrado em andamento, busco refletir sobre um tipo particular dos fluxos migratórios, mais especificamente, aquele realizado por imigrantes chineses que se deslocaram para o Brasil, particularmente para o estado do Rio de Janeiro. Assim, aproximando-me dos estudos antropológicos acerca dos fluxos migratórios, diferenças e parentesco é que penso o objeto da pesquisa, a saber grupos de família chinesas vindo, em sua maioria, de uma região costeira da China e que se estabeleceram em um bairro periférico da cidade de Nova Iguaçu – Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro. A partir de dados iniciais do trabalho de campo, com essas famílias, objetiva-se apontar os desdobramentos dessa imigração em relação à constituição e remodelação da rede familiar e de relações desses imigrantes em locais periféricos. São famílias que chegaram ao Brasil cerca de dez anos, estabelecidos na cidade de Nova Iguaçu, e que atuam no ramo comercial, como lanchonetes e pastelarias no bairro periférico de Miguel Couto. Espalhados pela região central do bairro estão quatro estabelecimentos dessas famílias. O contexto múltiplo e heterogêneo da contemporaneidade traz vários desafios aos pesquisadores, outras formas de organização social, diferentes contextos, novas experiências cotidianas, de vida familiar, de arranjos sociais, mas é justamente a partir dessas transformações é que poderemos enfrentar a questão da natureza da experiência de imigração e de sua apropriação pelos atores sociais que operam classificações e dotam de sentido o mundo social.

Palavras chave: Antropologia social, imigração chinesa, diferenças, parentesco, Nova Iguaçu.

OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS DE HAITIANOS(AS) E OS ASPECTOS IDENTITÁRIOS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

Larissa Cykman de Paula. Mestranda em Antropologia Social (1º ano de la maestría) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; larissacykman@gmail.com

Este trabalho compreende os processos migratórios de haitianos(as) que chegam à cidade de Porto Alegre, RS, Brasil, desde 2012. Como parte do trabalho de campo, acompanho e participo desde 2014 das oficinas desenvolvidas pelo Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados – UFRGS, objetivando empoderar os imigrantes para sua inserção na sociedade brasileira e garantia de direitos. A partir de uma etnografia e da observação participante do cotidiano destes imigrantes, destaco a relação destes com as redes nas quais estão inseridos (relação entre imigrantes, brasileiros, instituições públicas e filantrópicas). Desta forma, o objetivo deste trabalho é aprofundar o conhecimento e os debates sobre a temática dos processos migratórios, identidade, etnicidade e direitos humanos. Ao compreender como ocorrem os fluxos de vida, problematizando as relações sociais e familiares dos migrantes haitianos(as), se reflete sobre o debate transnacional (Jardim, 2013) e sobre o conceito de hermenêutica

diatópica (Sousa Santos, 2003), em que o diálogo intercultural sobre a dignidade humana se organiza a partir da compreensão de diferentes sentidos. Ressalta-se, a partir da voz dos imigrantes, questões referentes à trajetória social e a como eles olham para suas experiências. Alguns resultados parciais da pesquisa apontam para a relevância da compreensão da história do Haiti, com a presença de um forte nacionalismo e orgulho da independência do país, apesar dos problemas enfrentados até os dias de hoje, principalmente a partir da questão econômica e da lógica colonial e imperial, onde migrar também pode significar uma forma de resistência e ação.

Palabras clave: procesos migratorios, identidad, etnicidad, Haiti, Porto Alegre.

CHINOLES: IDENTIDADES Y PERTENENCIAS DE LAS/LOS DESCENDIENTES CHINOS EN ESPAÑA

Gladys Nieto. Centro de Estudios de Asia Oriental, Universidad Autónoma de Madrid;
gladys.nieto@uam.es

Actualmente los inmigrantes chinos constituyen el 6º mayor colectivo migratorio en España, con unas 200 mil personas y un importante peso económico. Este colectivo se ha conformado a través de varias oleadas migratorias procedentes de diversas regiones de procedencia, especialmente desde mediados de la década de 1980. La investigación social sobre este grupo se ha focalizado en aquellos que iniciaron las cadenas de emigración y escasamente en quienes les han seguido en el proyecto migratorio –que son señalados categorialmente como “segunda generación”, descendientes, jóvenes o hijos/as o de inmigrantes chinos. Estos sectores conforman un grupo heterogéneo de distintas edades, sexo, clase y recorridos biográficos. En esta presentación voy a abordar la forma en que un grupo de jóvenes hijos e hijas de inmigrantes chinos, nacidos y criados indistintamente en China y/o España elaboran simbólicamente sus pertenencias e identidades en relación con el país de origen y destino. El grupo al que me refiero es aquél que se ha creado espontáneamente en las redes sociales (Facebook), se hace llamar “chinoles” y nuclea mayoritariamente a jóvenes de origen chino y algunas personas no chinas que también participan de él. Este grupo no sólo sirve a estos jóvenes chinos de lugar de contacto e intercambio de información de trabajo y estudio, sino que es significativamente activo en proponer temas de debate en torno a la integración social y la construcción de identidades colectivas, mediante la utilización de la lengua española.

Palabras clave: Jóvenes chinos, redes sociales, identidad social, inmigración china.

IDENTIDADES REGIONALES: LOS PREKMURCI

Lic. Nadia Molek. Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA;
nadiamolek@gmail.com

El presente trabajo se propone presentar y analizar el grupo de inmigrantes regionales autodenominados “prekmurci” o transmuranos”, puesto que provienen de la región noroeste eslovena de Prekmurje. Partiendo de la hipótesis de que la construcción de las identidades se relaciona con los desplazamientos migratorios y sus dinámicas, nos proponemos analizar el proceso migratorio e identitario de los transmuranos, atendiendo a la complejidad del hecho social que se encuentra atravesado por factores económicos, políticos, ideológicos, religiosos y regionales. Las reiteradas crisis económicas y sociales que atravesaba esta zona agraria recién anexada al Reino de los Serbios, Croatas y Eslovenos en el año 1919, llevaron a que entre 2.000 y 4.000 personas, jóvenes en edad laboral y en su mayoría hombres, de esta región arribaran en forma de cadenas migratorias al país entre los años 1920 y 1930. Esta comunidad ha desarrollado un proceso identitario específico y diferente del resto de los eslovenos arribados durante el período de entreguerras. Como patrón migratorio, los datos señalan que el ingreso a la Argentina se realizó previo paso por Montevideo, Uruguay, donde permaneció un gran número de estos inmigrantes. Aquellos que prosiguieron a la Argentina se radicaron especialmente en las localidades de Avellaneda, Dock Sud y Berisso, Gran Buenos Aires, donde configuraron marcas identitarias diferenciales de la sociedad mayor y también respecto de otros contingentes de eslovenos.

Palabras clave: Eslovenos, Primorci; procesos migratorios de entreguerras, configuraciones identitarias regionales, asociacionismo.

Sesión 2: Migraciones y Etnicidad

RUKAS MAPUCHE EN LA CIUDAD. PROCESOS MIGRATORIOS, CULTURA Y PARTICIPACIÓN POLÍTICA EN SANTIAGO, CHILE

Carmona Yost. Magíster en Antropología, Universidad Academia de Humanismo Cristiano y Magíster en Artes Visuales, Universidad de Chile. Investigadora del Núcleo de Estudios Étnicos y Multiculturales de la Universidad Academia de Humanismo Cristiano y Asistente de Investigación del Centro Interdisciplinario de Estudios Interculturales e Indígenas, ICIS, Proyecto CONICYT/FONDAP/15 110006, Chile;

Esta ponencia presenta una investigación sobre las rukas (vivienda mapuche de carácter ancestral) construidas en la ciudad de Santiago. Producto de las migraciones de la última mitad del siglo XX desde el campo a la ciudad, la Región Metropolitana acoge a un gran porcentaje de población mapuche que durante las últimas décadas ha desarrollado una progresiva reactivación de la identidad, donde la revalorización de la cultura ha tenido un rol fundamental y la construcción de rukas es una de sus expresiones. Las rukas construidas en la RM se configuran como lugares que hacen confluir el patrimonio material e inmaterial del pueblo mapuche en la ciudad, jugando un papel fundamental en su posicionamiento y visibilización. Prueba de lo anterior son diversas actividades que ahí se realizan, algunas de carácter ancestral y otras de carácter intercultural en alianza con instituciones del estado y municipios. Si bien estos espacios toman como referente a las viviendas ancestrales del sur, la ruka -y el terreno que la acogeno se encuentra aislada, sino que se inserta en las dinámicas urbanas y globales. Desde esta dislocación, se profundizará sobre cómo estos lugares se constituyen gracias a actores que resignifican y territorializan el espacio, dotando a las rukas, y las prácticas que en ella se desarrollan, de una carga performativa que convoca y genera asociatividad en torno a la cultura y la participación política.

Palabras clave: Rukas mapuche, Chile, migración, Santiago, patrimonio.

RELACIONES “INTERÉTNICAS” ENTRE ARQUEOLÓGOS Y RANKULCHES/MAPUCHES. UN ACERCAMIENTO A LA INCLUSIÓN DE VOCES EN LOS ESTUDIOS ARQUEO-ANTROPOLÓGICOS

Di Biase, Ayelen R. S. ANPCYT; Museo Etnográfico, UBA;
ayeayeantropo@yahoo.com.ar

Considerando que gran parte -sino todo- del trabajo de los arqueólogos se lleva a cabo gracias a la venia de las comunidades que circundan los contextos arqueológicos, es la intención de este escrito repensar las dinámicas sociales e identitarias que se establecen entre quienes adscriben a las etnias mapuche/ranquel de la provincia de La Pampa – habitantes de los poblados de Puelches y Emilio Mitre principalmente- y el grupo de arqueólogos que trabajó en los sitios arqueológicos pertenecientes al Parque Nacional Lihuel Calel hasta la década del 2000. De la misma manera, se abordarán las distintas posibilidades de producción conjunta tanto académica como no académica, fruto de estas relaciones “interétnicas”. Para ello, la metodología de esta ponencia se basará en el trabajo con fuentes y en el de tipo etnográfico. En este sentido se analizarán los escritos producidos por rankulches y mapuches durante los trabajos arqueológicos y los

generados por los científicos. Se llevarán a cabo observación participante y entrevistas a quienes son hoy sus referentes, así como a los arqueólogos partícipes en los proyectos de dicho parque nacional. La intención es llevar a cabo una comprensión de dinámicas desde la antropología social, teniendo en cuenta el trabajo arqueológico y sus implicancias, en aras de lograr una futura interdisciplinariedad en cuanto a estas temáticas que nos interpelan y nos impulsan a lograr en forma conjunta una “inclusión de voces”.

Palabras clave: Relaciones interétnicas, Rankulches- Mapuches, arqueólogos, antropólogos.

REDES COMUNICACIONALES Y PROCESOS IDENTITARIOS ENTRE LOS QOM ASENTADOS EN LA CIUDAD DE ROSARIO (ARGENTINA)

Dra. Margot Bigot. Investigadora del Consejo de Investigaciones Universidad Nacional de Rosario; apbigot@citynet.ner.ar; mbigot@unr.edu.ar

Las migraciones de la población qom desde los lugares de origen (localidades urbanas y rurales de la provincia del Chaco) hacia la ciudad de Rosario, comenzaron en la década del 60 y continúan hasta la actualidad. De esta manera se vienen conformando distintos asentamientos en los que la vigencia de hábitos culturales y patrones de conducta tradicionales dependen del grado de integración de cada individuo a las distintas redes de relaciones sociales en las cuales participa. En un contexto de relaciones sociales desiguales y asimétricas entre los qom y la sociedad de contacto, los qom elaboran diferentes formas de “estrategias identitarias” en función de la situación de interacción, es decir en función de diferentes determinaciones (socio-históricas, culturales, psicológicas) de esa situación. Las actitudes y conductas, el sistema de creencias, el manejo de la lengua qom y la competencia en el español rioplatense tienen matices diferenciales en los distintos asentamientos y aún al interior de cada asentamiento. En este trabajo se tratarán las redes comunicacionales de los qom sus representaciones y prácticas lingüísticas en vinculación con los procesos identitarios.

Palabras clave: procesos identitarios, redes comunicacionales, representaciones y prácticas lingüísticas.

UNA REFLEXIÓN SOBRE LA RELACIÓN ENTRE EL IMPACTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS Y EXPERIENCIAS ORGANIZATIVAS Y POLÍTICAS ENTRE POBLACIÓN INDÍGENA EN MUNICIPIOS DEL CONURBANO BONAERENSE, ARGENTINA

María Laura Weiss. CONICET / FFyL-UBA / EHESS; weissmlaura@gmail.com

Desde el retorno de la democracia en la Argentina, a comienzos de la década de 1980, la relación entre el Estado y los Pueblos Originarios se ha transformado como resultado de una serie de cambios en la jurisprudencia indígena y del auge y consolidación de movimientos y organizaciones étno-políticas. En este contexto, el AMBA o Conurbano Bonaerense se vuelve un escenario interesante para estudiar cómo se reconfigura la relación entre las políticas públicas y la etnicidad, así como para distanciarse del derrotero de perspectivas culturalistas que obvian o naturalizan la imbricación entre cuestión étnica y clase social. En esta ponencia se propone analizar cómo los actores indígenas migrantes emprenden un rol sustancial en pos, no sólo ya de una visibilización en la esfera pública, sino de un mayor emponderamiento en la formulación de sus demandas y en recrear en su vida cotidiana espacios para la acción política en el nivel local de sus barrios y en relación con los Municipios.

Es por ello que analizaremos cómo se generan formas de membresía y asociatividad, cómo es el impacto de las políticas públicas, cómo estos actores se apropian de ellas, y cómo se ponen en juego distintas formas de reconocimiento que se superponen conflictivamente. Esta ponencia es parte de mis avances de investigación doctoral. La metodología escogida es de carácter cualitativo, y el trabajo etnográfico ha sido realizado principalmente con las comunidades Qom-Mocoví “Nogoyin Ni Nala” en el Partido de Almirante Brown y la Qom “19 de Abril” del Partido de Marcos Paz, ubicadas en la región del AMBA, provincia de Buenos Aires.

Palabras clave: Migrantes indígenas, Conurbano Bonaerense, acción política, identidad étnica, políticas públicas.

APROXIMACIONES A LA CONSTRUCCIÓN DE LAS IDENTIDADES INDÍGENAS EN TIJUANA

Olga Lorenia Urbalejo Castorena. El Colegio de la Frontera Norte;
lorenia.urbalejo@gmail.com

La propuesta de este trabajo es presentar un análisis de los contenidos identitarios de los migrantes indígenas de primera generación en la frontera de Tijuana, México, y observar cómo la experiencia de vivir en este espacio urbano construye dicha identidad, a la vez que ésta constituye una ciudad étnica. El escenario al que acuden los indígenas es prácticamente racista y con una percepción negativa de la figura del migrante; son ciudades caracterizadas por ser espacios donde se convive con una alta población de personas que no nacieron en el lugar y sobre las cuales los lugareños tienen la apreciación de que no generan sentidos de pertenencia, entre otras razones, por tener lazos sociales, intentar mantener una comunidad y continuar con prácticas socioculturales que al interior las consideran definitorias de su ser indígena. Lo anterior se da en un diálogo entre las propuestas propias (como las prácticas de asentamiento

urbano, la conservación de nichos laborales y realización de festejos patronales), algunas otras que devienen de las instituciones gubernamentales, así como también desde los referentes contextuales. De esta forma, se van conformando identidades- ya de por si siempre en redefinición-, de unos habitantes con adscripción étnica, que tienen una cotidianidad en la ciudad y que la viven con referentes en sus pueblos de origen.

Palabras clave: Identidad, frontera, indígenas migrantes, Tijuana.

TIERRAS INDÍGENAS EN LA PERIFERIA URBANA: EL CASO DEL RECLAMO TERRITORIAL DEL CONSEJO INDÍGENA DE ALMIRANTE BROWN

Juan Engelman. Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA.
CONICET; jmengelman@hotmail.com

Las actuales condiciones de vida de comunidades y nucleamientos indígenas, que migraron hacia la periferia de las ciudades, no puede desligarse de su situación de urbanidad ni de cómo ésta impacta en el reclamo de tierras. El crecimiento de las familias, el aumento demográfico de los barrios y un mercado inmobiliario que genera un incremento del valor de la propiedad –en las últimas décadas- enmarca los límites y la legitimidad del reclamo territorial de éstos grupos; cuya primer barrera se erige sobre la “autenticidad” de su origen étnico. En el presente trabajo nos proponemos abordar la articulación entre organización política y el reclamo territorial de un predio ubicado al sur del partido de Almirante Brown llevado a cabo por el “Consejo Indígena de Pueblos Originarios” del municipio homónimo. En primer lugar, se describirán las condiciones y

causas que lo han motivado; para luego abordar cómo éste toma sentido y relevancia bajo la ley 26.160, los relevamientos territoriales realizados por el Instituto Nacional de Asuntos Indígenas (INAI) en la zona y los contextos políticos locales. Éstos últimos caracterizados en términos discontinuos y de alianzas políticas, que han provocado el quiebre de lealtades partidarias y en la imposibilidad de responder a las demandas de la población indígena en general. Se trata pues de considerar cómo se organiza políticamente el reclamo territorial y sobre las modalidades de negociación y articulación que colectivamente el Consejo Indígena efectúa con diversos actores e instituciones a fin de visibilizar y operativizar su demanda.

Palabras clave: Indígenas urbanos, organización política, reclamo territorial, relaciones interétnicas.

LA MIGRACIÓN Y LA ETNOGÉNESIS. EL IMPACTO DE LAS POLÍTICAS

PÚBLICAS EN EL PROCESO DE MIGRACIÓN CAMPO CIUDAD Y LA RECONFIGURACION IDENTITARIA MAPUCHE EN SANTIAGO DE CHILE

Dr. Luis Campos Muñoz. Escuela de Antropología. Universidad Academia de Humanismo Cristiano Centro Interdisciplinario de Estudios Interculturales e Indígenas;
luiseugeniocampos@gmail.com

En esta ponencia se aborda el impacto que han tenido las políticas públicas en el proceso de reconfiguración identitaria con migrantes mapuche en Santiago de Chile. Específicamente se caracteriza el período entre 1930 y 2010, abarcando desde la consolidación de las entregas de mercedes de tierra de fines de los años 20, hasta el gobierno de Sebastián Piñera en 2014, y las diferentes políticas públicas que impactaron en la población indígena. La migración campo ciudad marcó la situación identitaria de los mapuche desde la primera mitad del siglo XX. En un país donde predominaron las políticas asimilacionistas, la migración hasta inicios de la década de 1980 fue sinónimo de descaracterización cultural y pérdida de la identidad. Tanto las políticas indígenas de la dictadura orientadas a la pérdida del carácter de indígena de las tierras originarias, como las políticas de reconocimiento impulsadas por los gobiernos democráticos a partir de 1990, dieron un giro la autoadscripción impulsando nuevas formas de representarse el ser indígena en la ciudad y dando nuevas formas a la migración campo ciudad.

Palabras Clave: Migración, mapuche, Santiago, etnogénesis, políticas públicas.

CULTURA, IDENTIDAD Y MOVILIZACIÓN EN LA MIGRACIÓN DE LOS INDÍGENAS DE OAXACA, MÉXICO, A ESTADOS UNIDOS

Dra. Alicia M. Barabas. Instituto Nacional de Antropología e Historia de México-Centro Oaxaca; barbar2@prodigy.net.mx

Me propongo brindar un panorama de la migración transnacional entre México y Estados Unidos, desde la perspectiva de los grupos indígenas de Oaxaca. Me detendré en cuatro cuestiones de la migración que considero nodales: la peculiar territorialidad de los migrantes y el papel de la frontera en ella, la conformación de comunidades transnacionales como forma de movilización social, la reconfiguración transnacional de la cultura de los migrantes, y la redimensionalización de la identidad étnica en los contextos de migración y de origen. Hoy en día los analistas tienden a suavizar el

significado de separación o límite de la frontera, que enfatizan los estados, y comienzan a tomar en cuenta las perspectivas de los actores y a observar las vías y redes multidimensionales construidas por los migrantes. Contrariamente a lo que las teorías clásicas sobre migración sostenían acerca de la inevitable asimilación cultural y descaracterización étnica, son los procesos de reivindicación étnica y cultural los que dinamizan más profundamente a los migrantes indígenas actuales.

Palabras clave: Migración indígena transnacional, cultura. Identidad, movilización social.

Sesión 3: Migraciones Internas

EXPERIENCIAS DE VIDA DE PERSONAS DESPLAZADAS POR LA VIOLENCIA EN FUSAGASUGA, COLOMBIA

Dr. Samuel Asdrúbal Avila. Docente Universidad de Cundinamarca;
samuelavila77@hotmail.com

El conflicto armado y la violencia en Colombia ha provocado durante las últimas décadas una crisis humanitaria y de derechos humanos que ha tenido como una de sus peores manifestaciones el fenómeno de desplazamiento masivo de comunidades campesinas, indígenas y afroamericanas, desde las zonas rurales hacia las zonas urbanas de Colombia (Camacho, 2009; Steiner 2009; Rettberg, 2006; Fals, et. al., 2005; Valencia, et. al., 2005; Sánchez 2003; González, 2002). Los indígenas, y los campesinos mestizos y afroamericanos, de todas las edades han sido las poblaciones más afectadas, quienes han debido abandonar sus tierras de manera no voluntaria por efecto de la presencia de guerrilla, ejército y de bandas criminales en sus territorios; la fumigación aérea y erradicación manual de cultivos ilícitos; las amenazas y desplazamientos contra los dirigentes de las comunidades campesinas e indígenas; la violencia sexual contra la mujer; el permanente reclutamiento masivo de jóvenes y niños; las dificultades para la población civil de conseguir alimentos en las zonas en conflicto (CODHES 2008). Esta situación se vive de manera diferente en cada una de las regiones de Colombia. ¿De que modos específicos se manifiesta el fenómeno del desplazamiento en la ciudad de Fusagasuga, ubicada a una hora de Bogotá? ¿Cuales son las experiencias de vida de las

personas involucradas en su desplazamiento, de acuerdo a su procedencia étnica, edad, genero? Estas preguntas se responden a partir de un trabajo de campo etnográfico

realizado entre los años 2014 y 2015.

Palabras clave: Conflicto armado, Desplazamiento, comunidades campesinas, violencia,

Colombia.

CRIOLLOS Y GRINGOS: UN SIGLO DE ENCUENTROS INTERCULTURALES EN EL BAJO DELTA DEL PARANÁ

Juan Esteban de Jager. Departamento de Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras, UBA; juandejager@gmail.com

El presente trabajo aborda los encuentros interculturales ocurridos desde mediados del siglo XIX hasta mediados del siglo XX en las Islas del Bajo Delta del Paraná y los procesos de construcción identitaria a los que dieron lugar. Este largo período, durante el cual la Argentina recibió sucesivos pulsos migratorios, auspició en las Islas del Bajo Delta encuentros interculturales y dinámicas sociales muy particulares, que se diferencian de sus correlatos tanto en zonas rurales como urbanas del resto del país. Se estudiarán los procesos de construcción identitaria resultantes, prestando especial atención a la interacción con la geografía y el ambiente isleño, considerados aquí como factores clave para un tipo de integración de carácter más localista que los que caracterizaron a otras regiones del país. En este sentido, se verá que el grado de presencia estatal a través de diversas coyunturas históricas también ha jugado un importante rol en la configuración de estos procesos. El estudio de estas trayectorias puede ser de utilidad para echar luz sobre problemáticas actuales, que serán consideradas en futuras instancias de esta investigación.

Palabras clave: migración, procesos identitarios, integración, Bajo Delta del Paraná.

REOCUPACIÓN DEL VALLE DE QUISMA Y MATILLA: MIGRACIONES Y MOVILIDADES AYMARAS DESDE EL ALTIPLANO Y VALLES ALTOS A LOS OASIS DE TARAPACÁ

Dr. Raúl Molina Otarola. Observatorio Ciudadano; raul17molina@gmail.com

Generalmente en Chile y la zona andina, se piensa la migración aymara como un proceso lineal, que ocurre con el desplazamiento de personas y familias desde el altiplano y los valles de cordillera hacia las ciudades, constituyendo la clásica movilidad rural a sectores urbanos. Sin embargo, existe una migración intermedia poco auscultada en los estudios sociales, que adquiere un carácter rural –rural y que se ha dado en las

últimas décadas en la región de Tarapacá. Esta consiste en la bajada de pastores desde comunidades de la cordillera a la Pampa del Tamarugal para desarrollar actividades ganaderas aprovechando la cercanía a centros poblados, los bosques de tamarugo y las aguas subterráneas que surten numerosos pozos. Desde esa primera migración se ha producido una segunda movilidad hacia la ocupación de tierras agrícolas de los valles del piedemonte andino que además de aguas, poseen un clima que posibilita cultivos de frutales de alta rentabilidad y demanda. Es así, como el Valle de Quisma y el oasis de Matilla en las últimas décadas se ha ido configurando una expansión a partir de migración aymara, la mayoría de ellas articulada por lazos de parentesco, adscripción religiosa protestante y de igual procedencia de comunidades. Estos cambios migratorios necesariamente se deben leer como formas de desplazamientos productivos desde tierras agrícolas y espacios ganaderos, que han sido marginados y castigados por la economía y política agraria neoliberal hacia espacios productivos de cultivos competitivos y de mayor rentabilidad. A su vez, la migración sobre los oasis pie montanos del desierto, genera conflictos y tensiones por las tierras y la sobredemanda y sobreexplotación de las aguas, que precarizan en algunos casos la migración rural-rural al activarse conflictos locales creados por la migración y el reasentamiento.

Palabras claves: Migración aymara, abandono de tierras, reocupación de espacios productivos, neoliberalismo agrario, conflictos locales.

Migraciones e integración laboral

PRÁTICAS MIGRATÓRIAS E TRABALHO REESTRUTURADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE NOVOS NÚCLEOS FAMILIARES NOS PROJETOS MIGRATÓRIOS

Rosemeire Salata. Doutoranda em Ciências Sociais na UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara; rosemeire.salata@gmail.com

A apresentação aqui proposta tem por objetivo refletir acerca das migrações contemporâneas e suas reconfigurações, tendo como parâmetro as reestruturações laborais da agroindústria canavieira paulista na última década. Apresento os deslocamentos laborais oriundos de Estados da região Nordeste brasileira para o trabalho agrícola nos canaviais de São Paulo enquanto um processo social historicamente consolidado, apontando mudanças significativas em função de uma nova dinâmica produtiva desta agroindústria. Interessa discutir neste novo contexto – a partir

dos valores e símbolos correntes entre os migrantes – as finalidades materiais e simbólicas das práticas migratórias direcionadas para esta região. Discuto a importância que os rendimentos estáveis obtidos a partir do trabalho nos canaviais assumem nos projetos de vida dos agentes que empreendem tais práticas – em contraposição àqueles obtidos com o trabalho na terra no sistema de parceria em suas localidades de origem – constituindo-se como via de acesso para a aquisição da casa própria e bens de consumo. Por fim, estabeleço vínculos entre a casa própria e a constituição de novos núcleos familiares, e discuto a sustentação e ou atualização de relações sociais a partir dos bens de consumo adquiridos. Para a apreensão deste cenário desde a ótica dos sujeitos concretos envolvidos tomo as redes sociais como categoria analítica, colocando em relevo o ponto de vista dos agentes como produtores de sentidos e relações. O universo empírico da análise toma por base um município paulista inserido na economia sucroalcooleira da região de Ribeirão Preto/SP, maior polo nacional de produção e de açúcar e álcool.

Palavras-chave: canaviais paulistas, reconfigurações laborais, práticas migratórias, projetos migratórios, núcleos familiares.

POBLADORES MAPUCHEEN EL NAHUEL HUAPI: CUANDO TRABAJAR ES MIGRAR

María Alejandra Pérez. UBA; zelotanegra@hotmail.com

Este trabajo se propone abordar las transformaciones socioeconómicas impuestas en la Región del Nahuel Huapi, situada en sudoeste de la provincia de Neuquén y Noroeste de Río Negro, por un estado nación argentino aún en proceso de consolidación. Focalizaremos en la subordinación de las identidades étnicas originarias en relación con el proceso de incorporación al trabajo y como fueron utilizados los traslados temporales para negar pertenencias territoriales. El período trabajado abarca desde 1902, año en el que se constituye formalmente el primer núcleo poblacional: la colonia agrícola pastoril Nahuel Huapi, hasta 1955 momento en el que se redefine nuevamente el Parque Nacional homónimo y comienza el proceso de provincialización de los Territorios Nacionales. Metodológicamente trabajamos desde entrevistas de memoria e historias de vida, poniéndolas en diálogo con soportes documentales del Parque Nacional y de diferentes archivos nacionales.

Palabras clave: Mapucheen, trabajo, migración, transformaciones, Nahuel Huapi.

PROCESOS DE IDENTIFICACIÓN DE JÓVENES MIGRANTES

ORGANIZADOS: DE TENSIONES, RECONOCIMIENTO Y RESISTENCIAS

Lucía Vera Groisman. ICA-FyL-UBA; luciaveragroisman@yahoo.com.ar;
icadif@filo.uba.ar

Desde un enfoque etnográfico que recupera el trabajo de campo realizado en una organización de migrantes reunida en la Ciudad de Buenos Aires, me propongo poner en relación categorías nativas de auto-adscripción nacional y de clase a partir de las cuales sus integrantes disputan clasificaciones sociales estereotipadas, con investigaciones que problematizan la identificación de jóvenes inmigrantes en la sociedad destino. La población analizada atraviesa procesos de fragmentación social, alterización y desplazamiento territorial, que dan cuenta de la desigualdad social de la que han sido históricamente objeto e impactan de formas heterogéneas en la identidad de los migrantes y la de sus descendientes. A partir del análisis de caso, de una organización conformada por jóvenes- adultos de nacionalidad -o descendencia- boliviana, reunidos por dos experiencias significativas como la migración y el trabajo en

talleres textiles informales en condiciones de extrema precariedad laboral, trabajaremos procesos colectivos de reconocimiento y resistencia identitaria. Los activistas proponen revertir las condiciones laborales en el rubro de la indumentaria y romper con estereotipos instalados en torno a la nacionalidad y la pertenencia de clase. Trabajaremos la resignificación que los actores hacen de las miradas discriminatorias y “victimizantes” desde categorías de pertenencia recogidas como la de “híbrido de culturas”, “mezcla”, “bolivianidad re - imaginada” y “costureros”, que le discuten a las de “comunidad”, “esclavo”, “ilegal”, tanto al interior de la colectividad como hacia el conjunto de la sociedad receptora.

Palabras clave: identificación, migración, política, juventud.

LA INSERCIÓN LABORAL DE FAMILIAS MIGRANTES BOLIVIANAS EN EL CINTURÓN HORTÍCOLA DE LA CIUDAD DE SANTA FE. ARGENTINA

María Alicia Serafino. Facultad de Humanidades y Ciencias. Universidad Nacional del Litoral; mserafino@fhuc.unl.edu.ar

El presente trabajo centra su atención en procesos migratorios que tienen como finalidad la búsqueda de nuevas oportunidades laborales en la Rep. Argentina. De manera particular, estamos haciendo referencia al migrar de familias bolivianas que llegan a la

ciudad de Santa Fe a trabajar en el sector de quintas ubicado al norte de dicha ciudad. Partiendo de tales ideas, analizaremos las transformaciones a lo largo de los tiempos en los modos de inserción de la mano de obra boliviana en el cinturón hortícola mencionado. Destacaremos el despliegue y funcionamiento de redes sociales que permiten la continúa relación que los migrantes establecen entre región de origen y de destino, fortaleciendo no solo el vínculo laboral sino también el afectivo.

Palabras claves: Migración boliviana, cinturón hortícola, redes sociales, inserción laboral.

PORTUGUESES EM SÃO PAULO: INTEGRAÇÃO E IDENTIDADE

Alice Beatriz Da Silva Gordo Lang. Pesquisadora do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – NAP CERU/USP - Doutora em Sociologia. USP; lang@uol.com.br

Trato de portugueses que chegaram a São Paulo nos anos 1950, anos de imigração numerosa. Os processos de industrialização e urbanização do pós-guerra abriram oportunidades de trabalho para pessoas com pouca qualificação. O norte, nordeste de Portugal e as ilhas (Açores e Madeira) estavam empobrecidos. Muitos portugueses decidiram partir atrás do sonho de “fazer América”. A imigração portuguesa no Brasil era peculiar, um país descoberto e colonizado por Portugal. A partir da independência, 1922, os portugueses que chegavam eram estrangeiros e imigrantes. Vieram em levadas mais e menos numerosas. Para o estudo, voltado para a migração, integração e identidade, recorreremos à metodologia de história oral, coletando e analisando relatos de vida (histórias de vida resumidas) e depoimentos. Usamos também outras fontes orais, escritas, estatísticas, fotos. Era uma imigração predominantemente econômica. Em geral, primeiro vinha o homem que, depois de estabelecido, mandava buscar a família. Era uma imigração predominantemente econômica e familiar, características também da leva dos anos 1950. Parentes e conterrâneos foram importantes para conseguir moradia e trabalho. Houve também imigração política e familiar ou pessoal. Portugueses criaram instituições com finalidades diversas: hospitais, comerciais, esportivas, sociais, igrejas, assim como associações regionais para reunir conterrâneos, apoiar, lembrar e manter contato com a terra de origem. O movimento migratório foi estudado através das fases do percurso migratório. Integração é um processo contínuo, tendo em um dos extremos a total integração e o outro, a manutenção do sentimento de pertença à terra de origem. Identidade, também, processo, foi considerada enquanto coletiva e pessoal.

Palavras chave: Portugueses, imigração, integração, identidade, história oral.

Sesión 4: Migraciones, Sexualidades y Género

O PROGRAMA DE INTERCÂMBIO AU PAIR COMO FLUXO MIGRATÓRIO

DE JOVENS MULHERES PARA O TRABALHO DO CUIDADO

Michelle Franco Redondo. Ecole Doctorale Pratiques et Théories du sens. Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis. Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais Universidade Estadual de Campinas.Unicamp; michelleredondo@gmail.com

O presente trabalho utiliza o Programa de Intercâmbio Au pair troca de alimentação e moradia por cuidado com crianças para discutir a migração feminina influenciada pelo mercado do trabalho do cuidado (care). Nesse sentido ele tem como objetivo descrever e analisar uma forma específica de circulação de pessoas, a qual é divulgada como experiência de intercâmbio cultural e associa-la à necessidade de mão de obra para o cuidado com os filhos. Dentro dessa perspectiva será destacada a manutenção da associação dos trabalhos domésticos às mulheres da família, assim como a utilização de

mão de obra dos países mais pobres pelos países mais desenvolvidos. A interseccionalidade se fez fundamental, em especial, para analisar o modo como as questões do gênero, da raça e do sexo contribuem na escolha dos seus participantes pelo Programa Au pair, e refletem a dificuldade de valorização do trabalho doméstico. Dessa maneira, discutiremos o fluxo migratório transnacional de mulheres, incentivado pelo trabalho do cuidado, a partir do Programa de Intercâmbio Au pair considerando suas particularidades. Essa discussão será embasada nas experiências de au pairs brasileiras em Paris e seus arredores, que foram analisadas a partir da observação participante e da realização de entrevistas, tendo como aporte teórico da perspectiva do cuidado. A técnica de entrevista utilizada foi a semi-dirigida, isso porque o objetivo das entrevistas era viabilizar uma compreensão das biografias e das experiências dessas migrantes. Os entrevistados foram identificados e localizados pelo método da “bola de neve”.

Palabras clave: Programa de Intercâmbio Au pair, trabalho do cuidado, migração transnacional de mulheres.

ESPACIOS, SEXUALIDADES Y GÉNEROS MIGRANTES

Ramiro Andrés Fernández Unsain. Universidad de Buenos Aires/Universidade Federal de Sao Paulo; ramirofunsain@yahoo.co.uk

Para los sujetos que declaran practicar sexualidades no heteronormativas y pertenecer a diferentes colectivos étnicos en el área amazónica delimitada por Brasil, Venezuela y Guyana, atravesar fronteras no es sólo trasladarse a otro país. Como venimos sosteniendo, los interlocutores declaran que sus desplazamientos hacia el Estado de Roraima, en Brasil, están condicionados por la “reactiva” actitud existente en sus países de origen hacia las prácticas de las sexualidades disidentes y hacia las personas transgénicas. Además de lo dicho, surge en las entrevistas de historias de vida la necesidad de destacar que atravesar las fronteras estatales implica el atravesar las fronteras de los límites del cuerpo dado “naturalmente”, especialmente en los transgéneros, para quienes es dificultoso o inclusive ilegal (caso de Guyana) la posibilidad de trascender los fenotipos “naturales” en términos de las miradas hegemónicas.

Palabras clave: Amazonía, migración, sexualidad, género, cuerpo.

Migraciones y Procesos Alimentarios

FAMILIAS MIGRANTES: SABERES Y PRÁCTICAS ALIMENTARIAS EN CONTEXTO DE ORIGEN Y CONTEXTO MIGRANTE. AVANCES DE INVESTIGACIÓN EN F. VARELA (PROVINCIA DE BUENOS AIRES, ARGENTINA)

Mora Castro Giorgina Fabron. UNAJ-UBA; moradelpilarcastro@gmail.com;
fabrong@gmail.com

Sergio Guerrero; sergue@gmail.com

Diego Díaz; didibart@gmail.com

María Eugenia Lodi; lodimariaeugenia@gmail.com

Karina Franco; sofiakaryfranco@gmail.com

Marina Cefali; marinacefali@gmail.com

Agustín Quintana; agustin.quintana@live.com

Ramón Quinteros; ramonquinteros@yahoo.com.ar

UNAJ-UBA

UBA-CONICET

UNAJ – UBA

UBA-UNLa

En esta ponencia se presentan los avances de una investigación que aborda el estudio de los saberes y prácticas en torno a la producción, obtención, procesamiento y consumo de alimentos, presentes en familias que actualmente viven en el área de F. Varela (zona sur del AMBA) pero cuyo origen familiar se encuentra en las comunidades de las tierras altas de Jujuy (Quebrada de Humahuaca y Puna). Se propone el estudio de la transmisión de conocimientos sobre alimentación en el contexto de origen y en el de migración, a fin de analizar a) aquello que conforma el conocimiento b) sus circuitos de transmisión en las familias que vinculan ambas áreas a partir de procesos migratorios de los últimos 60 años, c) el impacto producido en las prácticas y saberes vinculados a la

alimentación que produce el cambio de escenario territorial en determinado grupo social y, d) el papel que juega la memoria social y la identidad en la misma práctica alimentaria y en las representaciones que dicha práctica supone en el territorio migrante. Para ello, esta investigación articula distintas líneas teóricas–metodológicas, incluyendo el trabajo etnográfico, el análisis de documentación histórica y el Análisis de Redes Sociales. Se espera contribuir a la discusión en el marco de antropología alimentaria analizando la espacialización de los saberes, prácticas y tecnología tradicional vinculada, a partir del análisis de materiales de campo preliminares obtenidos en el área de F. Varela y sus zonas de influencia.

Palabras Clave: Migración, antropología alimentaria, Jujuy, F. Varela, análisis de redes sociales.

ESPACIO DE DIÁLOGO. TRANSNACIONALISMOS Coordinado por el GT 84

LOS BLANCOS OLVIDADOS. REDES TRANSNACIONALES E IDENTIFICACIONES POLÍTICAS Y SOCIALES DE LA MIGRACIÓN URUGUAYA EN LA ARGENTINA. PRELUDIO DE UNA ETNOGRÁFICA MULTIFOCAL EN CURSO

Lic. Victoria Molnar. IDES/IDAES UNSAM; mvdmolnar@gmail.com

El objetivo es mostrar los primeros avances sobre el trabajo etnográfico que vengo realizando desde 2014 para mi tesis de Maestría. La misma versa sobre las redes transnacionales y las identificaciones políticas y sociales que los uruguayos residentes en Argentina establecen en con su país de origen y destino. Se trata de una “etnografía multifocal” (Multi-sited ethnography de acuerdo a George Marcus, 1995) que “hace foco” y “sigue” a miembros de un centro de residentes que funciona en un área de la provincia de Buenos Aires cercana a la frontera litoral entre Argentina y Uruguay realizando tareas de tipo social. La mayoría de ellos se identifica políticamente con el Partido Nacional (o Partido Blanco) estableciendo vínculos y redes en ese sentido que pueden ir desde la discusión política, pasando por el compromiso de viajar a votar y hasta de pertenecer más orgánicamente como militante (“correligionario”) cumpliendo tareas para ese partido político uruguayo. A su vez, la cercanía con Uruguay por río y tierra hace que estos uruguayos suelen viajar y estén vinculados a otras ciudades intermedias de Uruguay, como son Carmelo, Fray Bentos, Mercedes y Florida. Sin que ello implique un dejar de lado hacia la red de relaciones que se establece con la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y Montevideo, la etnografía también está permitiendo mostrar que existen redes de relaciones de migrantes uruguayos, ya sea políticas como sociales, que se dan de forma directa entre ciudades intermedias de ambos países sin pasar por las capitales.

Palabras clave: redes transnacionales, Uruguay, Argentina, identificación política y social.

SOCIEDADES TRANSNACIONALES: EL CASO GUARANÍ

Dr. Miguel A. Bartolomé. Instituto Nacional de Antropología e Historia de México-
Centro Oaxaca; barbar2@prodigy.net.mx

Un fenómeno político y social reiterado en América Latina es la existencia de sociedades indígenas transnacionales, es decir que transitan a través de la frontera de distintos países. El norte de México es un buen ejemplo de estos flujos migratorios, pero también de grupos, como los o'odam o los guarijós, que fueron separados por las fronteras estatales. El mismo caso se repite para los shuar divididos entre Perú y Ecuador o los ayoreo separados entre Paraguay y Bolivia. Esta recurrencia fue una de las motivaciones para realizar el estudio de una sociedad transnacional, los guaraníes meridionales, que se mueven entre Paraguay, Argentina y Brasil. Por ello, aunque este estudio está dedicado a los mbya de la provincia argentina de Misiones, no puedo evitar mencionar constantemente a sus paisanos de los otros países, de los cuales los separan

fronteras que ellos no contribuyeron a configurar. La selva altoparanense, también llamada “mata atlántica” en el Brasil, es el hábitat histórico de este grupo con el que está articulado ecológica y socialmente, ámbito que cada vez más se encuentra circunscrito a Misiones y a algunas áreas discontinuas de Paraguay y Brasil. La migración produce una constante desterritorialización, pero a la vez una gran capacidad de reterritorialización, tal como se advierte en la organización de los teko’ha, de las aldeas guaraníes actuales de Misiones que reproducen, a través de sus lógicas parentales y normas culturales, sus antiguas estrategias existenciales en los nuevos ámbitos donde transcurre la vida colectiva.

Palabras Clave: Sociedades indígenas transnacionales. Guaraníes meridionales.

OBRIGAÇÕES MIGRATÓRIAS: DESENHOS DE MIGRANTES E CONFIGURAÇÕES DO NACIONAL PORTUGUÊS

Irene Portela. Aluna de doutorado do PPGCP/UFF. Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ. Trabalha na Coordenação de Educação em Ciências - CED do MAST/MCTI; eoneill@oi.com.br

O trabalho parte da análise comparativa da trajetória de 'migrantes tradicionais' e profissionais liberais portugueses que vieram para o Rio na década de 1970. O 'paradoxo do retorno' é traço marcante: os 'migrantes tradicionais' vinham para o Brasil com expectativa de volta após enriquecimento, mas o retorno era raro; quanto aos outros, a cisão com Portugal era considerada grave e não projetavam voltar, mas a maioria retornava. Nas entrevistas, 'Portugal' era recorrentemente destacado como fonte explicativa dos percursos migratórios. Analisa-se representações subjacentes a três *novelas de brasileiro*, personagem frequente na literatura portuguesa do século XIX. Não existem personagens que sejam contrapartida direta, mas há uma literatura que tematiza processos de 'individuação' associados ao convívio com o 'estrangeiro' por personagens em posições sociais de destaque, para o que se recorreu a duas obras de Eça de Queiroz. Explorou-se ainda outro elemento para ajudar a compôr esse universo semântico, e a situar "mitos mandatórios" aí atualizados, o *Arte de Ser Português* de 1915 de Teixeira de Pascoaes. Busca-se mostrar que as construções em torno dos 'migrantes' e dos 'saídos' podem ser encaradas como operadores da grande questão enfrentada em finais do XIX: a modernidade emblemática de cuja feição Portugal não participara. Leituras de Brasil, de civilização e de África apontariam para o jogo de dilemas encarados como sendo os de Portugal no mundo na época. Sua projeção temporal é mais ampla e manteriam ligação com percursos migratórios e com o posicionamento internacional português nas décadas de 1970 e 1980.

Palabras clave: trajetórias de migração; configurações do nacional português, representações portuguesas sobre emigrantes, literatura de *brasileiro*, literatura portuguesa e 'individuos'.

PROCESOS MIGRATORIOS E IDENTIDADES EN FRONTERAS SUDAMERICANAS: PUEBLOS INDÍGENAS ENTRE BRASIL-BOLIVIA Y BRASIL-FRANCIA (GUYANA)

Giovani José da Silva. Unifap (Universidad Federal de Amapá) – Brasil;
giovanijsilva@hotmail.com

Los caminos de la migración contemporánea se vinculan estrechamente con los procesos de identidad y presentan retos a los investigadores de las Ciencias Humanas y Sociales. Si las personas y los grupos se movilizan de diferentes formas en busca de mejores condiciones de vida, entre otras razones, es posible pensar que la cuestión de los pueblos indígenas (o pueblos originarios) merece especial atención en los análisis abocados a los procesos migratorios y de las identidades en la actualidad. Es cierto que la historia de estos pueblos en América estuvo y está marcada por intensos y traumáticos procesos de movilización. La ponencia tiene por objetivo presentar dos situaciones verificadas en fronteras internacionales sudamericanas en el siglo XXI: la migración de los indígenas Chiquitanos, ubicados en límites de Brasil e Bolivia y los procesos que involucran la presencia de los indígenas (especialmente los Palikur) en la región de Oiapoque, en la frontera Brasil-Francia (Guyane). Hay similitudes y diferencias muy importantes que necesitan investigaciones que combinen el conocimiento histórico y antropológico. La Antropología Social, junto con la Historia, proporciona un conjunto de herramientas para acceder a tales fenómenos, investigando las particularidades de los varios fenómenos migratorios en distintos rincones, tales como en las fronteras de los países de Sudamérica. En los casos estudiados es posible verificar distintos contextos de migración y diferentes situaciones que afectan a las vidas de los indígenas, bajo condiciones que imponen maneras singulares de identidades que dependen de las circunstancias vividas y de los intereses de los actores sociales. Palabras clave: Pueblos indígenas, fronteras, migración, Brasil-Bolivia, Brasil-Francia.

DEL MANTENIMIENTO DE LA “PUREZA” A LA “FUSIÓN” CULTURAL. IDENTIDADES, PRÁCTICAS CULTURALES Y MORALIDADES DE LOS MIGRANTES CHINOS Y TAIWANESES EN BUENOS AIRES

Mg. Luciana Denardi. IDAES- UNSAM; lucianadenardi@gmail.com

En contra de las concepciones esencialistas de “comunidad”, este trabajo intenta dar

cuenta de las diferencias y disputas que suceden entre los migrantes chinos y taiwaneses en Buenos Aires. Particularmente, analizaré los conflictos que surgen al momento de organizar la celebración más importante del año: el festejo del año nuevo chino. Este evento, es un momento en el que pueden observarse los diferentes grupos de migrantes, sus disputas en cuanto a la “pureza” de las prácticas culturales y las diferentes identidades que el significante chino sutura.

Para comprender estas disputas, es necesario remontarse al conflicto geopolítico entre China y Taiwán y la actualidad económica de China que ha logrado convertirse en la potencia mundial. Estas experiencias se van sedimentando en los migrantes, quienes crean fronteras identitarias que a su vez no son respetadas bajo argumentos morales. Realizaré entonces un breve recorrido por los hitos de los procesos migratorios emprendidos tanto por chinos como por taiwaneses, haciendo hincapié en las diferencias entre ambos. Así, llegaremos a comprender las características de la cotidianeidad de la migración en la actualidad y las disputas por las identidades y prácticas culturales de los migrantes que se reflejan en el evento del Año Nuevo. Palabras clave: migración china y taiwanesa, prácticas culturales, prácticas identitarias, “pureza”, “fusión”.

TRANSNACIONALISMO, CULTURA E IDENTIDAD DE LAS COMUNIDADES INMIGRANTES. LOS MEXICANOS EN NEW YORK

Blanca Lilia Barragán Alvarez. Doctoranda del programa en Antropología Social
Iniversidad Federal de Rio Grande do Sul. (Estudiante-Convênio de Pós-Graduação –
PEC-PG, da CAPES/CNPq - Brasil); liliab01@hotmail.com

La migración de los mexicanos a New York presenta características específicas y diferentes en la actualidad. La importancia de esta nueva era de las migraciones no solo tiene que ver con el aumento de personas o la diversificación de rutas, sino tiene que ver con el hecho de que los mecanismos cíclicos del fenómeno dan paso ahora a un inmigrante que actualiza sus estrategias para un mejor asentamiento, con nuevas formas de incorporación y adaptación a esa nueva realidad y con nuevas formas sociales: las comunidades transnacionales de migrantes. En este trabajo pretendemos mostrar como la vida, la cultura y las identidades de los inmigrantes mexicanos, sufren modificaciones en el proceso de gestación, inserción y/ o adaptación. También es necesario destacar la importancia y el significado que tienen los contactos sociales y culturales a través de las fronteras para el fenómeno migratorio internacional. También podemos observar como a través de estos contactos permanentes los inmigrantes en los EU conforman sus propias Comunidades Transnacionales y a partir de ellas una serie de redes sociales transnacionales que les permiten crear e recrear nuevas formas de relacionamientos sociales y culturales entre ellos en el nuevo establecimiento y entre ellos y sus sociedades de origen. Para acompañar nuestra reflexión estudiaremos como se presenta la situación en la comunidad mexicana en New York, para intentar verificar como a

partir de los fuertes impactos de la cultura global en la cual están inmersos, consiguen recrear su cultura, pero también su individualidad e identidad cultural y nacional. Palabras clave: comunidad transnacional, redes transnacionales, cambios culturales, migración.

ASOCIACIONISMO POLÍTICO E IDENTIDAD EN GRUPOS MIGRANTES. EL CASO DE “URUGUAYXS EN ARGENTINA POR LOS DERECHOS HUMANOS

Carla Gerber. Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA;
gerbercd@gmail.com

Las migraciones internacionales dan lugar a distintas configuraciones identitarias de los grupos de migrantes en sus países de destino. El transnacionalismo es una forma específica de integración de los migrantes a la sociedad receptora, que implica a su vez la vinculación con el país de origen. Para comprender como se configura la identidad de un grupo de migrantes, nos enfocaremos en un proyecto político colectivo que tiene lugar entre los migrantes uruguayos en la Argentina autodenominado “Uruguayxs en Argentina por los Derechos Humanos”. A través del trabajo de campo etnográfico, intentamos dar cuenta de las acciones llevadas a cabo por los miembros de este grupo. Entendemos que el asociacionismo político representa, en el grupo mencionado, una forma específica de vinculación transnacional. Hemos observado que en la agenda de acciones y objetivos políticos, se mencionan aspectos de la política de los países de recepción y de destino. Esta asociación política se inserta en un contexto histórico particular, de movilización de la sociedad civil en contra de la impunidad respecto a los delitos cometidos en la última dictadura cívico militar en Uruguay. El carácter transnacional del reclamo por verdad y justicia está íntimamente ligado al accionar del Plan Cóndor, que funcionó asociando a las dictaduras del Cono Sur de América Latina. La búsqueda de justicia en estos países no se reduce al ámbito nacional, sino que adquiere un estatus internacional, ya que los crímenes que intentan juzgarse sucedieron tanto en el país de origen, como en el de destino.

MUJERES COLOMBIANAS Y MIGRACIÓN DE RETORNO: ENTRE LA INCERTIDUMBRE Y LA AUTOAFIRMACIÓN

Margarita Echeverri; mariamargaritaecheverri@gmail.com

Buriticá Carol Pavajeau Delgado; cpavaje@gmail.com

Desde un enfoque transnacional, de género y generacional la ponencia presentará las particularidades de las trayectorias de retorno de mujeres migrantes Colombianas que volvieron al país entre los años 2012 y 2014, a partir de los resultados del proyecto de investigación “El sujeto del retorno en el marco transnacional: configuración de subjetividades y trayectorias de inserción en las migraciones internacionales colombianas”.³ Las especificidades de género de estas historias develan la necesidad de articular a los análisis de estudios migratorios ejes como los afectos, vínculos y relaciones para nutrir y complejizar los factores económicos, políticos y sociales. Estos lentes permitieron visibilizar en las experiencias de migración de retorno de estas mujeres asuntos relacionados con: violencia de género, exclusión laboral de retorno por edad, subvaloración afectiva y del cuerpo femenino por la edad y procesos personales y colectivos de agencia. Una vez deciden retornar las mujeres migrantes colombianas ensayan diversas estrategias según sus posiciones en el campo social, ahora bien, uno de los factores centrales que incide en sus procesos de inserción/inclusión son los lineamientos de la política migratoria colombiana, la cual no plantea una perspectiva de género diferencial y privilegian la imagen del migrante retornado como empresario emprendedor, sujeto productivo y/o altamente calificado. En síntesis, las políticas no han generado condiciones de adhesión debido a la frágil relación funcional con las experiencias de retorno de las personas que las encarnan.

Palabras Claves: Migración de retorno, mujeres, Colombia, políticas, género.

ESCENARIOS DE LA MIGRACIÓN DE RETORNO: EL CASO URUGUAYO EN BUENOS AIRES

Dra. Zuleika Crosa. Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras. UBA;
zuleikacrosa@hotmail.com

La migración de retorno al país de origen constituye un suceso habitual dentro de los procesos migratorios. Las corrientes migratorias generan corrientes compensatorias, de menores proporciones y en sentido inverso. Se trata de la vuelta al lugar inicial de origen en un momento posterior del tiempo e implica un proceso de reasentamiento. En este trabajo proponemos analizar algunos escenarios del retorno desde el punto de vista de los inmigrantes uruguayos en Buenos Aires. Enfatizamos en las trayectorias, experiencias, motivaciones y perspectivas que presentan en algunas narrativas relevadas en contexto de entrevista etnográfica. Palabras clave: migración de retorno, Uruguay, Argentina.

GT 85. “DESNATURALIZANDO LA NATURALEZA: MOVIMIENTOS SOCIOAMBIENTALES, EXTRACTIVISMO Y CONSTRUCCIONES POSTNEOLIBERALES

Coordinadores:

Dra. Paola Bolados. Instituto de Historia y Ciencias Sociales, Universidad de Valparaíso-Chile; paola.bolados@uv.cl

Dra. Gabriela Merlinsky. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires; merlinsk@retina.ar

Dra. Izabel Missagia. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; belmissagia@gmail.com

Sesión 1

LA CUESTIÓN AMBIENTAL EN ARGENTINA. UN BALANCE

Gabriela Delamata. Investigadora del CONICET y profesora regular en la Universidad Nacional de San Martín, Argentina; gabrieladelamata@gmail.com

El propósito de la ponencia es hacer un balance sobre la evolución de la cuestión

ambiental en Argentina durante los últimos años. Se analizará la relación entre conflictos y demandas sociales de contenido ambiental y democracia, tomando distintos ejes: tipos de conflictos, relación a los derechos, instituciones relevantes, regulaciones emergentes, etc. La propuesta está centrada dos tipos de efectos simultáneos: aquellos que la democracia viene produciendo en la construcción de lo ambiental así como las consecuencias que ésta ha tenido en la primera.

Palabras clave: Ambiente; conflictos y demandas; democracia.

A NATUREZA DA NATUREZA NAS NARRATIVAS SOBRE “DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL” DAS GRANDES EMPRESAS MINERADORAS

Gabriela Scotto. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Cs. da Sociedade e Desenvolvimento Regional, UFF (Rio de Janeiro, Brasil); gabriela.scotto@gmail.com

A noção de "desenvolvimento sustentável" longe de ser unívoca e ter um significado consensual, alude a campos conceituais e políticos diversos que recobrem representações múltiplas, as quais variam segundo os atores, estratégias e perspectivas em jogo. No caso da sua apropriação discursiva pelas grandes empresas de mineração, o desenvolvimento sustentável é concebido de forma um tanto imprecisa e genérica como “um marco de referência útil para guiar o setor mineral”. Marco referencial que articula discursivamente a atividade econômica da mineração (baseada na exploração de recursos naturais não renováveis), a preservação ambiental, a preocupações sociais (sob a forma de "responsabilidade social") e os chamados "sistemas de governança".

O objetivo do texto consiste em analisar os vídeos institucionais produzidos por empresas de mineração presentes no Norte Fluminense (Anglo American, Vale, Ferrous, INB, dentre os principais). Destinados a um público amplo, a maioria desse material visual produz narrações sobre desenvolvimento sustentável, sobre as contribuições da mineração para a sociedade, ao mesmo tempo em que constroem imagens sobre a natureza e o meio ambiente.

Palavras-chave: natureza, desenvolvimento sustentável, mineração, neoextrativismo, narrativas visuais.

MANIFESTAÇÕES DE CONFLITOS AMBIENTAIS NO “ATIVISMO PACÍFICO” DE ONGS AMBIENTALISTAS ATRAVÉS DOS SITES

Margarita Rosa Gaviria Mejía. Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA, RJ); margaritarosagaviria@gmail.com

Jane M. Mazzarino. Docente permanente do Programa de Pós Graduação Ambiente e Desenvolvimento, Univates, Lajeado RS; janemazzarino@gmail.com

Com a rede mundial de computadores e as possibilidades do ambiente virtual, Organizações Não Governamentais (ONGs) como Greenpeace Brasil, SOS Mata Atlântica, Instituto Socioambiental (ISA) e WWF Brasil criam, por meio de seus sites, um espaço de difusão de informações, buscando agendar o debate público. O objetivo do artigo é analisar os posicionamentos destas ONGs quando noticiam conflitos ambientais, assim como os conflitos entre atores sociais derivados do confronto de posições relativas às ações de combate aos problemas ambientais. Através da análise dos discursos dos textos informativos, percebe-se o exercício do “ativismo pacífico” das ONGs, que visa a reforçar o poder dos fragilizados perante o poder hegemônico dos Estados e o poder econômico de organizações capitalistas.

Palavras chave: conflitos ambientais, notícias, Organizações Não Governamentais (ONGs), sites.

ANÁLISIS DEL USO DE LAS REDES TRANSNACIONALES DE ORGANIZACIONES INDÍGENAS EN EL MARCO DE CONFLICTOS SOCIOAMBIENTALES

Marcela Paz Herrera. Universidad de Santiago de Chile; marcepazh@gmail.com

La ponencia que se presenta deriva de una investigación doctoral que tuvo como principal objetivo indagar en la conformación y usos de redes transnacionales de organizaciones indígenas en el marco de conflictos provocados por proyectos de desarrollo extractivistas. Se considera que estos conflictos constituyen un lugar privilegiado para el análisis de estas redes porque los recursos que busca extraer preferentemente el capital transnacional, de modo predominante se localizan en territorios donde se han asentado tradicionalmente los pueblos indígenas. Es por consiguiente una realidad compartida por estos pueblos y es cada vez más reiterativa.

La investigación realizada comprendió el análisis de tres casos de conflictos socioambientales: Los conflictos mineros de Tintaya en Perú y de Kori Kollo en Bolivia, y el conflicto petrolero de Sarayaku ubicado en la Amazonía ecuatoriana. Los objetivos específicos del estudio se orientaron a identificar y desentrañar cómo, desde los espacios locales donde emergen estos conflictos se construyen redes supralocales, qué características presentan, y cuáles son sus impactos sobre el devenir del conflicto. Y por otro lado, cómo ha intervenido el componente étnico en estos casos de conflictividad.

Palabras clave: redes transnacionales, indígenas, etnicidad, conflictos socioambientales.

DISCREPANCIAS ECONÓMICO TERRITORIALES Y EXTRACTIVISMO

Carla René Baldivieso Soruco. Estudiante de Economía. Sociedad Científica de Estudiantes de Economía de la Universidad Autónoma Juan Misael Saracho; carla.baldivieso.s@gmail.com

Este artículo toma en consideración a las discrepancias económico territoriales como características de un modelo neoextractivista - como es el adoptado para el departamento de Tarija – en el cual las actividades extractivas no generan los enlaces dinámicos necesarios para lograr un desarrollo adecuado de la economía, no se aseguran enlaces en el consumo y en el ámbito fiscal, no se facilita ni garantiza la transferencia tecnológica y la generación de externalidades a favor de otras ramas de la economía. De esta problemática surge el “carácter de enclave” de las actividades extractivas que genera aislamiento de las mismas del resto de las actividades económicas. Las rentas que producen estas actividades consolidan y profundizan las desigualdades en ingresos, distorsionando la asignación de recursos.

Debido a las condiciones bajo las cuales operan las empresas transnacionales y a las características tecnológicas de las actividades petroleras, no existe una formación directa del empleo, son muy pocas las personas de la región que pueden integrarse a las plantillas laborales de estas empresas. Adicionalmente se presentan dificultades socio - ambientales deteriorando el medio ambiente natural.

A pesar de la generación desigualdades en el desarrollo y de las relaciones de “colonialismo económico, la concentración económica generada en el departamento de Tarija, es considerada como beneficiosa en el imaginario de la mayor parte de la población tarijeña.

Palabras clave: discrepancias económico territoriales, modelo neoextractivista, carácter de enclave, colonialismo económico, concentración económica.

Sesión 2

-

OS DIREITOS TERRITORIAIS E AMBIENTAIS DOS POVOS INDÍGENAS NA CONTRA MÃO DO DESENVOLVIMENTO E DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS

Senilde Alcantara Guanaes.â€” Universidade Federal da Integração Latino Americana;

Desde a perspectiva política, em especial em regiões de fronteira, os movimentos indígenas, direta ou indiretamente, desafiam os estados nacionais e a sociedade civil como um todo a repensarem seus padrões de desenvolvimento e crescimento econômico. Para Baines (2001), “faz-se necessário examinar a questão das terras indígenas no Brasil dentro do contexto histórico macro de processos políticos neoliberais a nível internacional”. Ao resistir ao agronegócio e à agroindústria, à construção de grandes empreendimentos em suas terras, ao represamento e à transposição dos rios, de modo a afetar seus modos tradicionais de vida, ao denunciar o uso de venenos e transgênicos, ao impedir a derrubada de florestas, entre outras formas de resistência, os povos indígenas incomodam a sociedade porque tentam frear o avanço predatório, mas altamente lucrativo, dos homens sobre a terra e sobre os recursos naturais. Em contrapartida, os governos locais, que atendem aos interesses das bancadas políticas mais conservadoras e do setor privado e aos modelos de desenvolvimento dos governos nacionais, que têm sido imperativos na defesa do capital, da propriedade privada e do latifúndio, criam e reforçam políticas anti indigenistas que ampliam e aprofundam os conflitos étnicos e territoriais. As políticas desenvolvimentistas têm formalizado e naturalizado processos de expropriação territorial e espoliação dos povos indígenas em todos os países latino-americanos, naturalizando concepções absolutistas de ordem, progresso e desenvolvimento, de modo a justificar as ações genocidas praticadas contra os indígenas em pleno século XXI, sob a conivência do estado "democrático" e à revelia dos direitos constitucionais.

Palavras-chave: Povos indígenas; desenvolvimento; neoliberalismo; estado nacional; sociedade civil.

PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS E RURAIS NA CRIAÇÃO DE MUNICÍPIOS

Margarita Rosa Gaviria Mejía. Professora do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) no Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul; margaritarosagaviria@gmail.com

Eduardo Perico. Professora do Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) no Centro Universitário Univates, Lajeado, Rio Grande do Sul; perico@univates.br

Laura Barberi. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) do Centro Universitário Univates, Lajeado Rio Grande do Sul; laurabo.biologa@gmail.com

Este artigo visa analisar o impacto social do processo de municipalização que atravessa a história do Rio Grande do Sul no Brasil, e se intensifica no final do século XX e início do XXI provocando a diminuição de espaços qualificados de rurais, a ampliação dos urbanos e o aumento de “cidades do interior”. Analisamos aqui como é vivenciado socialmente o processo de territorialização e desterritorialização implícito à municipalização em localidades da Bacia Hidrográfica Rio Forqueta, RS, cujas

populações oscilam entre 2.000 a 6.000 habitantes quando adquirem o status de município. Para pensar este processo de recomposição territorial, introduzimos o artigo fazendo referência à mobilidade social em torno do projeto de construção do município e às repercussões sociais da nova estrutura administrativa. E, na sequência, abordamos a identidade com a terra como elemento estruturante das configurações territoriais. Observamos como algumas dessas configurações se sustentam em valores culturais tradicionais, dão continuidade a modo de vida centrado no valor simbólico da terra. Enquanto outras se erigem sob o novo cenário político-municipal, constituído por atores sociais e práticas sociais e culturais que buscam mudanças positivas na qualidade de vida da população em diversas dimensões, com destaque nos serviços públicos de saúde. Destacamos ainda que estes serviços representam um dos principais fatores de atração da migração atual de pessoas vindas de centros urbanos para as cidades do interior estudadas.

Palavras chave: Projeto de municipalização, identidade, terra, rural.

“QUALQUER UM É PESCADOR. NÓS SOMOS HOMENS DO MAR” CONFLITO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA BAÍA DE GUANABARA-RJ

Aline Borghoff Maia. Mestre em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA, Universidade Federal Rural Rio Janeiro, Brasil;
alineborgh@gmail.com

Os conflitos entre grandes empreendimentos e populações tradicionais deflagrados pela apropriação de territórios e recursos naturais de bem comum pelo grande capital estão na ordem do dia e compõem o cenário de discussões travadas na academia e nos movimentos sociais sobre os impactos da política de desenvolvimento hegemônica em curso no Brasil. Considerando tal contexto, a comunicação proposta tem como objeto o conflito socioambiental deflagrado entre pescadores artesanais e a indústria do petróleo na Baía de Guanabara/Rio de Janeiro. De maneira mais específica, almeja discutir: a) o histórico e as especificidades da atividade pesqueira na bacia hidrográfica; b) a conformação das reações coletivas de oposição aos empreendimentos da Petrobras alocados na região; c) a formação de entidades de representação dos pescadores, especialmente a Associação Homens e Mulheres do Mar (Ahomar); d) a heterogeneidade das estratégias de luta acionadas em defesa do território; e) a repressão violenta contra a categoria pesqueira organizada, que culminou com quatro assassinatos e a inclusão de lideranças ameaçadas de morte no Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, do governo federal; e, por fim, f) a relação entre o conflito e a resignificação da identidade dos pescadores artesanais ao longo da trajetória de resistência. O trabalho é fruto da dissertação de mestrado “Ministério Público, megaempreendimentos e conflitos socioambientais: a atuação no litígio entre pescadores artesanais e a indústria do petróleo na Baía de Guanabara-RJ”, defendida em 2012, pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ).

Palavras-chave: Pesca artesanal; Conflitos socioambientais; Indústria do petróleo;

Movimentos sociais; Comunidades tradicionais.

APANIEKRÁ E RAMKOKAMEKRA-CANELA, SERTANEJOS E AGENTES DO DESENVOLVIMENTO: CONFLITOS TERRITORIAIS E MOVIMENTOS SÓCIO-AMBIENTAIS NO CENTRO-SUL MARANHENSE

Adalberto Luiz Rizzo de Oliveira. Universidade Federal do Maranhão
(Brasil) adrizzo@terra.com.br

A Amazônia oriental, em especial o centro-sul do Estado do Maranhão (Brasil), tem sido, nas últimas décadas, objeto de intervenções econômicas decorrentes da implantação de programas e projetos de desenvolvimento regional e local, os quais têm impactado grupos indígenas, pequenos agricultores e criadores locais e provocado profundas mudanças ambientais da região. Essas intervenções levaram à ocupação empresarial de vastas áreas florestais e de cerrado, com a transformação de antigas fazendas de criação extensiva e núcleos *sertanejos*, em grandes empreendimentos do agro-negócio destinados à produção de soja, algodão e outras *comodities*. Impactaram, ainda, a organização social e simbólica dos Apaniekrá e Ramkokamekra-Canela (Jê-Timbira), pela imposição da lógica do mercado sobre a sua economia de auto-sustentação. Estes grupos têm elaborado diferentes respostas aos processos vinculados ao *desenvolvimento*: de um lado, pela emergência de *movimentos sócio-religiosos*, associados ao “mesianismo canela”. De outro, pela organização destes grupos em *associações indígenas*, vinculadas à possibilidade de participação em projetos de *etnodesenvolvimento* implementados pelo Estado e por outros agentes, com o aporte de agências internacionais. A partir de 2004, o governo brasileiro, através de sua agência indigenista deu início à revisão demarcatória das Terras Indígenas Kanela e Porquinhos, com vistas à ampliação destes territórios indígenas, o que levou à intensificação dos conflitos na região. O trabalho aborda conflitos territoriais decorrentes dessas transformações econômicas e socioambientais no centro-sul maranhense, envolvendo os Apaniekrá e Ramkokamekra-Canela, segmentos sertanejos, agências tutelares e de desenvolvimento, e os movimentos sócio-religiosos e associativos vinculados a estes processos.

Palavras-chave: Apaniekrá e Ramkokamekra-Canela; Desenvolvimento Regional e Local; Segmentos Sertanejos; Agro-negócio; messianismo e associativismo indígena.

“SE HACE CAMINO AL MARCHAR”: SOBRE LA LUCHA ANTI-REPRESISTA EN MISIONES (ARGENTINA) Y LAS ACCIONES COLECTIVAS PARA LA CONSTRUCCIÓN DE UNA DEMANDA DE PARTICIPACIÓN AL ESTADO”

Laura Andrea Ebenau. Facultad de Humanidades y Cs. Sociales, Programa de Postgrado en Antropología Social- Universidad Nacional de Misiones; lauraebenau@gmail.com

A casi dos décadas del histórico plebiscito popular y vinculante sobre el Proyecto hidroeléctrico de Corpus Christi una tradición de lucha anti-represista se fue consolidando en la Provincia de Misiones (Argentina). En la actualidad, un heterogéneo movimiento socioambiental nucleado en la “Mesa Provincial por el no a las represas” cobra un nuevo impulso desarrollando un intenso activismo para oponerse a un modelo energético basado en Proyectos de gran escala (Lins Ribeiro, 1985) y, puntualmente, al postergado Proyecto Binacional de Garabí-Panambí, que los actuales gobiernos de Brasil y Argentina pretenden concretar sobre el río Uruguay.

En este trabajo caracterizo, siguiendo una perspectiva diacrónica, el proceso de formación y desarrollo de una tradición de lucha anti-represista en la Provincia; para luego presentar una descripción etnográfica de las acciones colectivas realizadas por la Mesa Provincial, centrándome especialmente en la llamada “Marcha Provincial por los ríos Libres” que se desarrolló en el mes de septiembre de 2013.

Considerar estos eventos nos permite, en una primera instancia, analizar el proceso de construcción de una demanda de participación al Estado orientada a exigir la realización de un segundo proceso plebiscitario respecto al Proyecto Garabí-Panambí, para luego, discutir algunos aspectos que nos permiten pensar los dilemas y las posibilidades abiertas para la construcción de la llamada ciudadanía ambiental en Misiones.

Palabras claves: movimiento socioambiental; lucha anti-represista; ciudadanía ambiental; Misiones.

CONFLICTOS MINEROS Y NUEVAS ESTRATEGIAS DE LEGITIMACIÓN EMPRESARIA EN ARGENTINA

Julietta Godfrid. Maestranda en Investigación en Ciencias Sociales (UBA) Instituto de Investigaciones Gino Germani; julietagodfrid@hotmail.com

En un contexto de expansión de la mega-minería metálica en la Argentina, y de creciente conflictividad en torno a las actividades extractivas, varias empresas vienen

generando estrategias de construcción de legitimidad para obtener la licencia social que les permita operar territorialmente. El siguiente trabajo se propone pensar la relación entre conflictividad socio-ambiental y estrategias empresarias de legitimación. Concretamente nos preguntamos qué consecuencias han generado los conflictos socio-ambientales para el desarrollo de los emprendimientos mega-mineros. Y ¿qué nuevas estrategias desarrollan las empresas para enfrentar dichos conflictos? En primer lugar, describiremos brevemente la expansión de la mega-minería en la Argentina para pensar el contexto de emergencia de los conflictos. En segundo lugar, presentaremos el escenario de conflictos socio-ambientales entorno a la mega-minería en el país. Frente a este escenario de conflictos, nos interesa analizar en tercer lugar qué estrategias implementan las empresas mega-mineras para enfrentarlos. Para ello trabajaremos desde una perspectiva cualitativa, concretamente a partir del estudio de caso de la empresa La Alumbreira (Catamarca- Argentina).

Palabras Clave: conflictos-megaminería-extractivismo- estrategias de legitimación.

EFEITOS DE UMA NOVA FRONTEIRA EXTRATIVA: O CASO MANABI

Raquel Oliveira. Pós-Doutoranda UFES; raqueloliveira2002@gmail.com

No Brasil, as últimas décadas tem assistido à retomada e multiplicação dos projetos de desenvolvimento destinados à produção do crescimento econômico. Propalados como condição necessária e indispensável para a ampliação da receita pública e a promoção do bem estar social, tais projetos se tornam dispositivos capazes de condensar as reivindicações acerca do Estado e seu papel quanto à gestão das populações. Na atualidade, essas iniciativas compreendem novos investimentos extrativos associados ao aumento da produção de combustíveis e minerais na América Latina. Particularmente nos estados do Espírito Santo e Minas Gerais, observa-se a multiplicação das intervenções previstas com instalações minerárias, portuárias e ferroviárias. O objetivo desta proposta é examinar os conflitos derivados da atividade minerária e suas intervenções no espaço, investigando os efeitos de uma nova *fronteira extrativa* sobre as dinâmicas territoriais locais. O caso proposto para a análise é o empreendimento Manabi que consiste na implantação da infraestrutura de extração de minério de ferro, um sistema de dutos para escoamento do mineral (mineroduto Morro do Pilar – Linhares), além de um terminal portuário, designado Porto Norte Capixaba. Ao longo de sua extensão, tal projeto colide com os territórios de comunidades tradicionais, incluindo comunidades negras rurais em Minas Gerais e grupos de pescadores artesanais no litoral do estado do Espírito Santo. O texto procura refletir sobre as “ecologias colidentes” (KIRSCH, 2014) no âmbito dessa *fronteira extrativa* onde se constituem novos padrões de acesso aos recursos naturais, novas relações de controle sobre o território e novas formas de gestão dos conflitos.

Palabras-chave: desenvolvimento, mineração, conflito.

Sesión 3:

EL PARQUE INDUSTRIAL DE VENTANAS EN CHILE Y SU ÁNGEL DE LA HISTORIA

Dr. Nelson Arellano Escudero. Académico de la Universidad Andrés Bello-Chile;
nelson.arellano@unab.cl

La lectura tanatopolítica de Giorgio Agamben (Cayuela, 2008) abre una vía de interpretación a fenómenos como la incertidumbre tóxica y el sufrimiento ambiental (Auyero y Swistun, 2006 y 2009) en poblaciones precarizadas (Buttler, 2009).

A través de una observación participante y los datos oficiales de las actividades de participación ciudadana en el marco del Sistema de Evaluación de Impacto Ambiental (SEIA) entre 2005 y 2015 se describen las prácticas del Estado y los mercados en Chile en la relación que la población local tiene con el parque industrial de Ventanas, en las comunas de Quintero y Puchuncaví.

La aproximación, de carácter histórico-cultural (Benjamin, 2012), permite conocer los elementos ideológicos (Geertz, 2003) que actúan sobre las relaciones entre los habitantes de la zona, sus modos de movilización socioambiental y la situación del desastre ambiental -reconocida por el Estado de Chile (Arellano, 2014)- atribuible al extractivismo. El análisis acrecienta la incógnita del por qué a pesar de los riesgos y daños reconocidos la situación se ha mantenido hasta la actualidad desde mediados del siglo XX.

Con esta microhistoria (Ginzburg, 1981) se espera contribuir a la comprensión del problema de la administración de los complejos tecno-institucionales (Unruh, 2000) y su incidencia en la sustentabilidad.

Palabras clave: Extractivismo - Impacto ambiental – participación ciudadana – incertidumbre – microhistoria.

EL CONFLICTO SOCIO-AMBIENTAL EN EL SECTOR INDUSTRIAL DE

VENTANAS: HACIA LA CONSTRUCCIÓN DEL CONCEPTO DE SALUD Y CALIDAD DE VIDA DESDE LA ESCUELA LA GREDA

Romina Adaos. Estudiante de Doctorado Estudios Interdisciplinarios sobre Pensamiento, Cultura y Sociedad. Universidad de Valparaíso, Chile; romina.adaos@gmail.com

El Centro Industrial de Ventanas es uno de los polos de desarrollo industrial más grandes de Chile, donde existen no sólo termoeléctricas, refinería y fundición de cobre sino empresas de diversas características (Ministerio del Medioambiente, [MMA, 2014b]). En la zona las consecuencias de la contaminación han estado presentes desde al menos 50 años y se han incrementado por la actividad industrial del sector. Por lo cual, la relevancia de este conflicto socio-medioambiental se basa en la discusión en torno a la equidad y justicia porque conviven desde hace décadas con sus consecuencias (Hervé, 2010; Cordero, 2011; Correa, 2012 & DDHH, 2012a). Un caso emblemático ocurre el 2011 en la escuela *La Greda* donde niños y adultos sufrieron desmayos y mareos producto de una intoxicación por emisiones industriales. Es por ello que la investigación tiene un enfoque cualitativo, que busca explorar las percepciones y cómo construyen los conceptos de Salud y Calidad de Vida en este espacio que se ha transformado en una “zona de sacrificio”. El trabajo problematiza la definición de Salud y Calidad de Vida, establecida por la Organización Mundial de la Salud (OMS), debido a que el capitalismo y neoliberalismo hacen dificultoso que se pueda aplicar integralmente (Baldi & García (2005). Se discute en torno a los conceptos de identidad y permanencia en el territorio como centrales para comprender la dinámica en el Sector de Ventanas. Asimismo, se propone la necesidad de que se construyan instrumentos cuantitativos que den cuenta de forma más ajustada a estos constructos.

Palabras Clave: Calidad de Vida, Salud, Ventanas, Conflicto socio-ambiental, Neoliberalismo.

CONFLICTOS Y CONTROVERSIAS EN TORNO AL ACCESO AL AGUA EN BUENOS AIRES

Melina Ayelén Tobías. Becaria Doctoral CONICET con sede en el Área de Estudios Urbanos Instituto de Investigaciones Gino Germani (Facultad de Ciencias Sociales- Universidad de Buenos Aires) Argentina; melina.tobias@gmail.com

En las últimas décadas ha tomado importancia dentro de la agenda internacional, nacional y local la noción de derecho humano al agua (DHA). Éste supone, según el Comité de Derechos Económicos, Sociales y Culturales de la Organización de las Naciones Unidas (DESC), el acceso de toda persona a agua suficiente, salubre, aceptable, y asequible para el uso personal y doméstico. Sin embargo, a pesar de la incorporación de este derecho dentro de la normativa nacional y los planes de acción de las empresas proveedoras del servicio, su plena implementación continúa siendo una

tarea pendiente en gran parte de la población de los países de América Latina.

En Buenos Aires más del 25% de la población carece del servicio de agua potable, y el 52% de desagües cloacales. La falta del servicio corresponde, en general, a áreas urbanas ubicadas en terrenos bajos y contaminados, con elevados índices de vulnerabilidad social. Esta situación ha llevado a la movilización de vecinos y organizaciones barriales que, a partir de la construcción de un saber propio acerca de la problemática, buscan cuestionar e intervenir en la política pública del sector en el territorio local.

A partir del estudio de caso del Foro Hídrico de Lomas de Zamora, el presente trabajo se propone indagar sobre el modo en que esta organización social logró posicionarse, a través de una construcción colectiva del riesgo, el problema hídrico del municipio en el centro de la escena pública, ubicando así las políticas de agua y saneamiento dentro de la agenda gubernamental. En cuanto a la metodología, trabajaremos con entrevistas en profundidad realizadas a miembros de la organización.

Palabras clave: Agua y saneamiento, conflicto ambiental, políticas públicas, organizaciones sociales, gestión integrada del agua.

BOSQUES, TERRITORIO Y JUSTICIA AMBIENTAL. UN ANÁLISIS DE LA APLICACIÓN DE LA LEY N° 26.331 EN ARGENTINA

Lorenzo Langbehn, FHCSyS-UNSE ; lorenzolan@hotmail.com

Mariana A. Schmidt, IIGG-FSoc-UBA / CONICET; marianaaschmidt@yahoo.com.ar

La expansión de la frontera agropecuaria en la región del Gran Chaco durante las últimas décadas ha ocasionado múltiples conflictos territoriales, que solo en contados casos se articulan como conflictos ambientales. Sin embargo, en Argentina el principal instrumento destinado a regular ese proceso expansivo, la Ley N° 26.331 (“Ley de Bosques”) sancionada en el año 2007, se inscribe dentro del corpus del derecho ambiental. Ahora bien, la misma está concebida desde un enfoque de lo ambiental que pone el acento sobre los procesos biofísicos en los que intervienen los bosques y sobre los “servicios” que éstos brindan a “la sociedad” en su conjunto, más que sobre los derechos ambientales de los habitantes directamente afectados, o de poblaciones específicas como las comunidades indígenas y/o campesinas. Así, no ofrece herramientas para dar cuenta de la dimensión intrínsecamente conflictiva del proceso que viene a regular, lo que redundará en dificultades para su aplicación y en un impacto

ambivalente en términos de derechos.

En esta ponencia, a partir del análisis legal, documental y hemerográfico, y de entrevistas realizadas en el marco de nuestras investigaciones doctorales, propondremos una reflexión acerca de la “Ley de Bosques” y de su aplicación en clave de justicia ambiental. Analizaremos para ello la concepción de lo ambiental que opera en la mencionada ley y en las normas que la complementan en algunas provincias del norte argentino, así como en la intervención de la Corte Suprema de Justicia de la Nación en la causa «Salas», referida a los derechos ambientales de las poblaciones indígenas y campesinas del norte de Salta con respecto a la conservación del bosque.

Palabras clave: bosques nativos, conflictos territoriales, justicia ambiental, región chaqueña, Argentina.

ENTRE EXPEDIENTES JUDICIALES Y ASAMBLEAS VECINALES: NEGOCIACIONES Y DISPUTAS POR LA RELOCALIZACIÓN DE UNA VILLA DE BUENOS AIRES A PARTIR DE LA CAUSA RIACHUELO

Andrés Scharager (IIGG-UBA//CONICET) andres.scharager@gmail.com

El fallo de la Corte Suprema de Justicia que en 2006 conminó a la Ciudad de Buenos Aires, la Provincia de Buenos Aires y al Estado Nacional a poner en marcha un plan de saneamiento de la cuenca del río Matanza-Riachuelo desató un sinnúmero de disputas en torno al modo en que estas jurisdicciones convertirían en políticas públicas los objetivos fijados por el Poder Judicial: recomponer el ambiente, prevenir el daño futuro y mejorar la calidad de vida. En particular, la exigencia de vaciar los márgenes del río en pos de abrir un camino ribereño de acceso público y morigerar el riesgo ambiental para quienes allí habitan significó para más de 1300 familias de la Villa 21-24 –situada a las orillas de ese contaminado curso de agua– la orden de ser relocalizadas en condiciones, tiempos y a lugares inciertos.

Lejos de coincidir, la noción de “mejora de la calidad de vida” de las familias distó de aquella de los organismos encargados de la ejecución del fallo. Este trabajo analizará el proceso de inmersión de la vida cotidiana del barrio en un complejo entramado político-jurídico, a partir de lo cual los afectados/beneficiarios comenzaron a tejer redes de relaciones con una serie de agencias estatales y no estatales para incidir en los términos de la implementación de las relocalizaciones.

Palabras clave: relocalizaciones – judicialización – conflicto urbano-ambiental – villas.

A ILEGALIDADE E A RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE NUMA COMUNIDADE DE PESCADORES CAIÇARAS

Berenice Morales Aguilar Universidade Estadual de Campinas, Brasil;
berenice.m.a@gmail.com

Desde 1981, o território dos pescadores caiçaras da Vila do Aventureiro ficou dentro da Reserva Biológica da Praia do Sul que é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, restringindo a presença humana e toda atividade extrativista. Foi a partir de 1990, que o seu território marinho também foi declarado parte do Parque Estadual Marinho do Aventureiro, dentro do qual, se proibia a pesca predatória da comunidade.

Desde então, a população caiçara permaneceu dentro da categoria de “ilegalidade” que as autoridades tinham definido. A criação da unidade de conservação impediu a especulação imobiliária no Aventureiro mas também dificultou a sobrevivência da população, já que também proibiu o turismo.

A criação das duas políticas conservacionistas no território da Vila do Aventureiro, gerou que sua população tivesse que enfrentar permanentes conflitos com o Estado e com os ambientalistas do INEA, os quais questionavam sua permanência na área.

Além do que já se descreveu, a Vila do Aventureiro iniciou desde o ano 2010 um novo período de disputas e negociações, que mudou a categoria da unidade de conservação para criar uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS, a qual foi aprovada em maio de 2014.

Neste trabalho me interessa apresentar e analisar o conflito entre os pescadores e as autoridades conservacionistas para entender como é que os caiçaras do Aventureiro tem legitimado sua identidade e tem defendido seu território.

GT 86. TRANSFORMACIONES ACTUALES EN EL CAMPO DE LA SALUD: CIENCIA, BIOMEDICINA Y SOCIEDAD

Coordenadores:

María Jimena Mantill. Doctora en Ciencias Sociales (UBA, Argentina).
CONICET/Instituto de Investigaciones Gino Germani; jimenamantilla@yahoo.com.ar.

Rafaela Zorzanelli. Doutora em Saúde Coletiva (UERJ, Brasil). Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ; rtzorzanelli@hotmail.com

Juan Pedro Alonso. Doctor en Ciencias Sociales. CONICET/Instituto de Investigaciones Gino Germani; juanpedroalonso79@gmail.com

Sesión 1: Biotecnología y nuevas formas de subjetivación

DO PSÍQUICO AO SOMÁTICO – A BIOTECNOLOGIA E A RECONFIGURAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Jane A. Russo. Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ; jane.russo@gmail.com

O objetivo deste trabalho é examinar a passagem de uma compreensão psicológica da pessoa para uma compreensão somática / cerebral. Minha discussão centra-se na polaridade que, segundo alguns autores, marca a cultura ocidental moderna, entre a visão iluminista e racionalista do mundo e uma outra visão, normalmente subordinada, comum a determinadas searas do nosso universo cultural, como as artes ou as ciências humanas, vistas como mais contaminadas pela subjetividade e, portanto, menos afeitas à objetivação racionalista. Busco compreender como a “tensão inarredável entre essas duas idéias-força de nossa cultura que as caracteriza desde sua instauração”, nas palavras de L.F. Duarte, teria sido reconfigurada nos últimos 20 a 30 anos do século passado, levando a uma “re-encarnação” do espírito, e à negação da dualidade corpo/mente, marca da produção de uma cultura psi no século XX. Argumento que o que hoje chamamos “interioridade somática”, cuja expressão mais conhecida é a do “sujeito cerebral”, pode ser vista como produto dessa reconfiguração. Apoiando-me em trabalhos etnográficos recentes sobre intervenções biotecnológicas, busco demonstrar que o materialismo que marca tais fenômenos é uma espécie de “materialismo reencantado”, em que o valor “vida” tem um papel crucial, articulando-se a um forte investimento afetivo e emocional nas experiências corporais. Tais intervenções, apesar de calcadas numa manipulação objetificante do corpo, produzem uma vivência totalizante nas pessoas a elas submetidos. Neste sentido o fisicalismo exacerbado que hoje marca a produção biotecnológica não pode ser compreendido sem que se leve em

conta sua necessária articulação com a experiência dos sujeitos.

Palavras-chave: biotecnologia; materialismo; experiência corporal, vida.

A FARMACOLOGIZAÇÃO DE SI: MEDICALIZAÇÃO, SAÚDE E SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Marianna Ferreira Jorge. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense; mariannaferreirajorge@gmail.com; marianna_ferreira@hotmail.com

O objetivo deste artigo consiste em examinar algumas características do fenômeno conhecido como "medicalização da vida". Desdobrando a perspectiva de análise genealógica, desenvolvida por Michel Foucault, parte-se da suspeita de que estaria ocorrendo um deslocamento nas definições de saúde e de normalidade. Atualmente os discursos acerca da saúde se multiplicam na paisagem midiática; contudo, a predominância de tais discursos não parece ter como foco a cura de doenças ou a correção de comportamentos desviantes visando o retorno do enfermo a um estado de normalidade, como ocorria de modo prioritário até meados do século XX. Em vez disso, agora se propagam as possibilidades de remediação dos mal-estares cotidianos, o anestesiamiento dos dissabores mais triviais do dia a dia e, sobretudo, a otimização das capacidades humanas e a busca constante por driblar a morte e por atingir certo ideal de felicidade. Numa época que estimula o empreendedorismo e o gerenciamento de si, de acordo com a lógica empresarial, bem como o "culto ao corpo" e a medicalização da vida sob uma permanente gestão dos riscos, cabe-nos compreender o que os discursos sociais nos apontam acerca dessas tendências tipicamente contemporâneas. Para isso, foi realizado um conjunto de entrevistas em profundidade, de cunho qualitativo, através de um roteiro semi-estruturado, com doze consumidores de medicamentos controlados; ou seja, aqueles que são mais propícios a causar dependências químicas e efeitos colaterais, cuja compra apenas pode ser efetuada através de prescrição médica.

Palavras-chave: biotecnologias; saúde; medicalização da vida; subjetividade contemporânea.

LA FARMACOLOGIZACIÓN DE LA VIDA COTIDIANA A TRAVÉS DE LA CLÍNICA DE LA ANSIEDAD Y EL USO DE ANSIOLÍTICOS EN URUGUAY

Andrea Bielli, Pilar Bacci, Gabriela Bruno, Nancy Calisto y Santiago Navarro. Instituto de Psicología Clínica. Facultad de Psicología. Universidad de la República;

En la presente ponencia abordaremos los procesos de farmacologización de la vida cotidiana en torno a la construcción del diagnóstico de ansiedad y el uso de ansiolíticos benzodizepínicos. A través de entrevistas en profundidad a cuarenta y cinco profesionales de la salud pública de Uruguay (médicos generales, de familia, psiquiatras y psicólogos) y la realización de dos grupos de discusión (uno con médicos generales, de familia y otro con psicólogas) fue posible identificar el cruce de dos concepciones sobre la ansiedad: una que la concibe claramente como perteneciente al campo médico y que se sustenta en conceptos conceptos distantes de la experiencia y otra que concibe la ansiedad como perteneciente al campo social y que se sustenta sobre todo en la experiencia propia de los profesionales a la hora de recibir pacientes. Aquí surgen una serie de “hipótesis sociológicas” sobre la ansiedad desplegadas por los técnicos a partir de conceptos cercanos a la experiencia, que hacen posible la transformación de problemas de la vida diaria y problemas derivados de la situación socio-económica apremiante en la que viven los pacientes en problemas pasibles de una solución farmacológica a través del uso de benzodiazepinas. Dicho uso se asocia además a una noción de salud principalmente funcional, que concibe a las benzodizepinas como instrumentos farmacológicos necesarios para aliviar los síntomas que impiden a los pacientes funcionar en su vida social.

Palabras clave: farmacologización, ansiedad, benzodiazepinas, Uruguay.

"OTIMIZAR O DESEMPENHO MUSCULAR E ESTÉTICO": INTERSEÇÕES DE DIAGNÓSTICOS, SINTOMAS E DESEJOS NO USO DA TESTOSTERONA COMO APRIMORAMENTO

Lucas Tramontano. Doutorando no Instituto de Medicina Social (IMS-UERJ) Professor Substituto no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC-UFRJ);
lucas.tramontano@gmail.com

Esse trabalho visa refletir sobre o uso masculino de testosterona na interface entre terapêutico e estético. O principal objetivo é pensar como um vocabulário médico é acionado para justificar a escolha pelo uso de um hormônio sexual para aprimoramento do corpo e da sexualidade. A discussão parte de um caso paradigmático na seleção de informantes para minha pesquisa de doutorado. Trata-se de um homem de 44 anos, homossexual, das camadas populares do Rio de Janeiro. Soropositivo, relata episódios de disfunção erétil e lipodistrofia decorrentes de mudanças na medicação antirretroviral, decidindo pela testosterona (associada à musculação) como forma de aliviar os sintomas. A referência a diagnósticos e efeitos adversos do medicamento é assumidamente usada para garantir a anuência do médico ao desejo de anabolismo muscular buscando um maior valor no mercado sexual. Sua idade permite ao médico uma associação com o diagnóstico de Deficiência Androgênica do Envelhecimento Masculino (DAEM), solicitando exames para medir os índices de testosterona e prescrevendo a terapia de reposição hormonal, mesmo antes dos resultados laboratoriais. Esse caso lança luz sobre a busca contemporânea pela maximização da

performance corporal via medicamentos, e destaca uma associação utilitarista com diagnósticos dúbios como forma de driblar o estigma decorrente do uso recreativo/estético de certos medicamentos, notadamente, da testosterona como anabolizante. Por fim, é interessante notar como novas concepções de masculinidade e envelhecimento emergem a partir das potencialidades advindas do recurso ao aprimoramento farmacológico, trazendo outras perspectivas para o debate acerca do natural versus artificial e da consequente (i)legitimidade das intervenções corporais.

Palavras-chave: Testosterona. Aprimoramento. Masculinidades. Farmacologização. Envelhecimento.

Sesión 2: Nuevas tecnologías y construcción biomédica de los cuerpos

-

REIVINDICAÇÕES POR PARTICIPAÇÃO EM PESQUISAS CLÍNICAS E DESAFIOS À REGULAMENTAÇÃO ÉTICA DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL

Rosana Castro. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Doutorado. Universidade de Brasília Brasil; rosacastro27@gmail.com

Em uma consulta pública realizada entre os meses de setembro e novembro de 2011, aproximadamente 1890 comentários a todos os artigos e incisos da minuta de uma nova resolução para regulamentação oficial da pesquisa científica envolvendo seres humanos no Brasil foram postados online por profissionais do campo da biomedicina, associações de pesquisadores de diversos campos do conhecimento e portadores de diversas doenças e seus familiares. Dentre diversas críticas ao novo e ao antigo documento regulatório, destacam-se neste trabalho as mais de duzentas manifestações desses grupos que expressam a percepção de que determinadas disposições éticas, como a garantia de medicamentos aos participantes do estudo após seu término, desestimulam o investimento de laboratórios farmacêuticos no Brasil e, portanto, são prejudiciais ao acesso de indivíduos às pesquisas clínicas envolvendo novas terapêuticas – sobretudo para tratamento de doenças congênitas raras e graves. Tais comentários criticam as perspectivas bioéticas e sanitárias que embasam tais documentos ao reivindicarem explicitamente a necessidade de modificações na regulamentação ética brasileira, de modo a garantir aos pacientes com doenças graves e degenerativas raras o direito à saúde por meio da participação em estudos com medicamentos experimentais. A partir de uma análise etnográfica das contribuições à referida consulta pública, este trabalho reflete a respeito desses posicionamentos que aproximam a participação em estudos científicos do acesso a tratamentos de saúde; e acerca de como tal posicionamento desafia perspectivas e práticas de regulamentação bioética e sanitária da pesquisa clínica no Brasil, sobretudo no que toca às noções de autonomia, vulnerabilidade e proteção.

Palavras-chave: pesquisa clínica; regulamentação; ética em pesquisa; medicamentos; tratamentos experimentais.

TERAPIA CELULAR NO BRASIL – ENTRE PROMESSAS, ESPERANÇAS E ESCOLHAS

Angela Vasconi Speroni (Doutoranda IESC/UFRJ)

A terapia celular desponta como a grande revolução da biomedicina do século XXI. O protagonismo das células-tronco decorre das promessas de uma tecnologia regenerativa, capaz de superar os desafios do adoecer e do envelhecimento. No horizonte de um novo mercado de saúde, os meios de comunicação de massa revelam-se agentes de disseminação dos progressos da “medicina que faz milagres”, repercutindo na mobilização de doentes e familiares, em busca de novos recursos terapêuticos. Por outro lado, pesquisadores e agências regulatórias nacionais são cautelosos ao afirmar as controvérsias das ditas “células da esperança”, e destacam o desafio da passagem do âmbito das pesquisas básicas para aplicações clínicas em pacientes.

A partir da investigação do panorama brasileiro de pesquisas com células-tronco, este paper apresenta uma reflexão acerca de diferentes estratégias de mobilização social, que garantem materialidade à esperança: o movimento conhecido como “turismo de células-tronco”, com trânsito de enfermos entre fronteiras intercontinentais, na busca por tratamentos experimentais; o incremento de processos judiciais para acesso a ensaios clínicos; e o aumento progressivo do armazenamento de sangue do cordão umbilical em bancos públicos e privados, para fins da terapia celular.

A proposta central consiste em revelar discursos que sustentam a formação de novas sensibilidades e moralidades, a partir de uma perspectiva analítica que considera as “células da esperança” como metáforas de uma nova arena biopolítica e de um horizonte cosmológico mais amplo, assentado nos ideais de autonomia e empoderamento, nas retóricas do cuidado de si e do progresso da ciência e do homem.

Palavras-chave: Terapia Celular, Células-tronco, Esperança, Antropologia da Saúde.

CORPO, GENÉTICA E IDENTIDADE: NOTAS PARA PENSAR A RACIALIZAÇÃO DA SAÚDE NA CONTEMPORANEIDADE

Tatiane Muniz

Evidencia-se a partir do Projeto Genoma e das possibilidades de escrutínio do corpo, daí decorrentes, um conjunto de esforços de pesquisa no campo médico, com vistas a provar a determinação racial de certas doenças. Estudos epidemiológicos apontam para a prevalência de certos problemas de saúde em determinados grupos populacionais, racialmente classificados, tendo em vista a situação de vulnerabilidade sócio-econômica à qual este grupo populacional está, historicamente, submetido. Entretanto, na medida em que se buscam, em âmbito molecular, elementos para a afirmação de diferenças biológicas que os colocariam em situação de propensão ao desenvolvimento e agravamento de certas patologias, um discurso essencializante acerca da raça pode emergir, levando a conclusões e construções sociais equivocadas sobre esta categoria. Entretanto, persiste o uso de nomenclaturas raciais para a classificação de doenças, corroborando para um discurso diferencialista, do ponto de vista biológico, que remete ao discurso evolucionista do século XIX, amparado, agora, pela biotecnologia. Neste cenário, reacende-se o debate entre os mais distintos campos do conhecimento, no sentido de afirmar e negar a existência da raça enquanto uma realidade empírica e sobre a importância e riscos de sua utilização, seja no âmbito das ciências da vida ou no cotidiano das relações sociais. Em um contexto marcado pelo multiculturalismo, no qual os sujeitos são chamados a afirmar suas identidades, em mobilizações coletivas, a problematização de tais questões aparece como um imperativo irrefutável, tendo em vista que “raça” tem sido, historicamente, no Brasil, uma categoria estruturante das relações sociais, recorrentemente, acionada para definições identitárias, como parâmetro de participação democrática e plural, bem como para a elaboração de políticas públicas. O presente trabalho consiste na discussão da forma com as categorias raça e saúde tem sido relacionadas no contexto brasileiro, demonstrando as diversas disputas políticas e ideológicas e econômicas em torno da sua utilização, desde o século XIX, momento em que começa a se esboçar um campo de Antropologia no país, cuja agenda estava centrada nas relações raciais, até o recente debate acerca da raça, ensejado pelo novo paradigma da genética, quando ocorrem novos processos de subjetivação relacionados às identidades.

ENTRE A POLÍTICA E A PATOLOGIA: CLASSIFICAÇÕES PSIQUIÁTRICAS DA SEXUALIDADE

Bruno Zilli. Instituto de Medicina Social Universidade do Estado do Rio de Janeiro;
brunozilli@gmail.com

Esta pesquisa trata da medicalização da sexualidade, tomando como eixo analítico as vicissitudes do campo psiquiátrico, em especial os transtornos da sexualidade como definidos pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) em seu Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), cuja edição mais recente foi lançada em 2013, o DSM-5. Estes transtornos estão ali especificados, por um lado, como “transtornos parafilicos” – que descrevem comportamentos sexuais considerados

desviantes, correspondendo parcialmente às "perversões sexuais" classificadas pela psiquiatria no fim do século XIX. E, por outro, como "disfunções sexuais" – possíveis dificuldades encontradas no exercício da sexualidade tida como normal, que correspondem a problemas de desempenho associados a termos já em desuso como "impotência" e "frigidez", cunhados pela sexologia. Inaugurando nova seção está a "Disforia de Gênero", tradicionalmente classificada entre os transtornos sexuais. O objeto específico desta investigação são artigos produzidos pelo *Sexual and Gender Identity Disorders Workgroup*, grupo da Força Tarefa do DSM 5 responsável por conduzir as revisões dos diagnósticos ligados à sexualidade e ao gênero, bem como artigos que dialogam com estes. Em especial, o volume de 2010 do *Archives of Sexual Behavior* dedicado ao DSM 5. A discussão nestes artigos, bem como os critérios diagnósticos finalmente publicados no DSM 5, demonstram uma explícita interpenetração do campo político no campo psiquiátrico no que diz respeito à sexualidade. A psiquiatria vem perdendo sua posição como detentora legítima destes fenômenos, tanto pela via de uma medicalização mais estrita, que os recaptura no emergente campo da medicina sexual, quanto pela via da politização identitária.

Palabras claves: DSM 5, psiquiatria, política, gênero, sexualidade.

"EL CUERPO COMO REALMENTE ES": UNA ETNOGRAFÍA SOBRE EL SABER BIOMÉDICO EN CÁTEDRAS ANATOMÍA

María Belén López Castro. UBA/ Licenciada en Ciencias Antropológicas con Orientación Socio-Cultural; lopezcastromb@gmail.com

La utilización de determinados recursos y estrategias didácticas en la formación de los profesionales de la salud suelen ser poco problematizada a la hora de reflexionar sobre la producción del conocimiento en biomedicina. Partiendo de la idea que tiene un gran potencial para pensar el rol del profesional y sus prácticas en la determinación del diagnóstico y el tratamiento, se presenta este trabajo cuyo objetivo es indagar sobre las formas de producción y circulación del conocimiento en cátedras de anatomía.

A partir de una etnografía realizada en instituciones públicas argentinas dedicadas a la formación de médicos se buscará analizar las clases y el trabajo de los laboratorios como dos espacios complementarios de la construcción del conocimiento entorno del cuerpo, su normalidad y su patología. La selección de tecnologías y procedimientos en la construcción de los recursos didácticos utilizados en la clase son el eje de la reflexión, haciendo mayor énfasis en el uso del "cuerpo muerto". Dichos recursos develan en la interacción cotidiana de los agentes las tensiones en torno a la objetividad y certeza del saber biomédico. A su vez, implican discusiones acerca de la formación de los futuros profesionales y la política del diseño curricular en un contexto de creciente incorporación de tecnología en los procesos diagnósticos.

Palabras claves: biomedicina, anatomía, cuerpo muerto, cuerpo.

LA CONFECCIÓN DE LA DIFERENCIA SEXUAL EN LA FORMACIÓN DE MÉDICOS/AS EN LA CARRERA DE MEDICINA DE LA UBA

Ana Mines Cuenya. IIGG/FCS/UBA – CONICET; anamines@yahoo.com.ar

El objetivo de la ponencia es indagar en el modo en el que se construye la diferencia sexual en la formación de médicos/as en la Carrera de Medicina de la UBA.

La diferencia sexual será pensada como efecto dinámico de una serie de prácticas y discursos que operan performativamente en su confección. Por la misma entendemos el modo en el que se establecen, en términos de naturaleza, biología, normalidad y patología, las fronteras entre lo que correspondería a “un varón” y “una mujer”. Por otra parte, la diferencia sexual va a ser pensada de modo situado (histórico y contingente) en un contexto particular: la carrera de Medicina de la UBA. La mencionada Carrera está organizada en dos momentos: el Ciclo Biomédico y el Ciclo Clínico. Aquí intentaremos caracterizar tales instancias e identificar, si las hubiese, dislocaciones en la construcción de la diferencia sexual.

Para ello, se analizará de modo cualitativo el siguiente corpus: los relatos surgidos de 24 entrevistas realizadas en los años 2013 y 2014 a estudiantes de medicina y los programas curriculares de una selección de materias y cátedras vigentes en los años 2014 y 2015.

Palabras claves: diferencia sexual – biomedicina – normal- patológico.

Sesión 3: Debates en torno a la medicalización de la muerte y el duelo

PATOLOGIZAÇÃO DO LUTO: A APROPRIAÇÃO DO SOFRIMENTO PELA CIÊNCIA

Renata de Moraes Machado. Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); renatammachado@gmail.com

Neste trabalho abordo as mudanças do conceito de luto apresentadas no Manual de

Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais 4 e 5. A partir do exame de conteúdos veiculados em cursos de especialização e nas propostas terapêuticas para o luto, analiso como este fenômeno vem sendo construído e produzido como objeto científico. Embora os “saberes psi” considerem o luto como um afeto ‘normal’ frente a uma perda, suas definições sofrem variações segundo o contexto histórico, social e cultural. A partir da comparação entre a conceituação de luto nas duas últimas edições do DSM, verifica-se a elaboração de uma concepção de luto patológico. No DSM-4, de 2000, o luto é apresentado como diagnóstico diferencial do transtorno de humor Episódio Depressivo Maior. No DSM-5, de 2013, além da mesma distinção, observa-se a inserção do Transtorno do Luto Complexo Persistente, no tópico “Condições para estudos posteriores”. Apesar de ainda não ser categorizado como um diagnóstico oficial, o Manual propõe o conceito de luto patológico, distinto do luto normal pelo tempo de sua vivência. A apropriação deste fenômeno pelas disciplinas *psi* fornece um modelo de elaboração das perdas ocorridas na vida, e uma possibilidade de ação pelos “*experts* da conduta humana”. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, caracterizadas pela busca contínua do prazer, configura-se um campo científico, com especializações para profissionais, direcionado ao controle do sofrimento pela perda. Assim, são criadas clínicas com uma oferta cada vez maior de serviços para acompanhamento do luto.

Palavras-chave: luto; luto patológico; sofrimento; perda.

-

“NO ME VOY, ME QUEDO AQUÍ”. DEBATES PÚBLICOS EN TORNO A LAS NOCIONES DE PERSONA Y LAS DEFINICIONES SOBRE LA MUERTE: EL CASO GUSTAVO CERATI (2010-2014)

Sabrina Calandrón (IdIHCS – CONICET/UNLP); sabrinacalandron@gmail.com

Santiago Galar (IdIHCS – CONICET/UNLP); santiago_galar@hotmail.com

Abordamos en este trabajo el procesamiento público del accidente cerebro vascular que en 2010 llevó al coma y en 2014 al fallecimiento al músico Gustavo Cerati. En el análisis reconstruimos la trama pública de una muerte en la cual los sentidos usualmente otorgados al *morir* fueron puestos en debate y complejizados. El evento permitió la disputa sobre los alcances de la muerte social y la muerte biológica, las interpretaciones sobre las interacciones y la agencia del músico en estado de coma, y la necesidad de legislar sobre la cuestión de la “muerte digna”. La investigación se apoya en un nutrido corpus de publicaciones de la prensa escrita, programas televisivos y revistas de espectáculos, revisadas para la coyuntura de la muerte de Cerati, en septiembre de 2014, y retrospectivamente hasta el momento del ACV, en 2010. Además desarrollamos observaciones y entrevistas en el velatorio y entierro del cuerpo del cantante.

Palabras clave: Muerte digna - Fama - Estado de coma - Muerte trágica.

-

O RITUAL DE CURA DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO NORTE NO POTENGI

Maynara Costa de Oliveira Silva. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFRN; maycosta_13@hotmail.com

Foi percebido em 2014 que o número de denúncias de casos violência sexual contra a mulher aumentou no Brasil e com isso houve um crescimento na procura do serviço de saúde para realizar a profilaxia de emergência ou em casos tardios o abortamento legal, a partir deste dado nasce à curiosidade de analisar o processo de cura das mulheres que procuram a instituição hospitalar para o procedimento do aborto legal. Fez-se necessário uma pesquisa etnográfica dentro de uma localizada na zona norte da cidade de Natal/RN, Brasil. Haja vista que dentro desta instituição hospitalar funciona o Programa de Assistência as Vítimas de Abuso Sexual – PAVAS, que tem por objetivo prestar atendimento às vítima. Concorrente ao período da pesquisa de campo houve uma pesquisa bibliográfica, com a pré-leitura de artigos, livros, periódicos nacionais e internacionais.

Palavras-chave: Aborto legal; objeção de consciência; violência sexual; maternidades; cura psicofisiológica.

-

-

MOVIMENTO E CONTINUIDADE: A VIDA NO PÓS-TRANSPLANTE HEPÁTICO

Vitor Jasper. Mestrando. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro; vitorjasper@gmail.com

O transplante de fígado é um procedimento terapêutico indicado para pessoas acometidas por doenças hepáticas graves e irreversíveis. Dados os riscos inerentes ao transplante, este procedimento é o último recurso utilizado pela biomedicina para o tratamento destas doenças. Assim, reconhecendo a complexidade do procedimento, o objetivo deste trabalho é analisar o modo como transplante se insere na vidas das pessoas que se submetem a este tratamento. Para isso, será apresentado e analisado o caso de um transplantado, a partir de dados que foram obtidos por meio de entrevista

semi-estruturada. Parte-se do pressuposto, como definiu Ingold, que a vida, enquanto um emaranhado de linhas, está mais para processo, para fluxo e continuidade, que para retorno ou estagnação. Argumenta-se que a experiência de estar doente e passar por um procedimento altamente tecnológico e invasivo se inscreve na vida e nas relações dos indivíduos, não ficando circunscrita ao momento de realização de tal procedimento. Portanto, isso implica dizer que, após a realização do transplante, não é possível retornar a condição anterior. O transplante, enquanto nova experiência, torna-se parte do indivíduo. Entretanto, isto demanda do sujeito um esforço normalizador, uma vez que é preciso resignificar certas noções e sentidos, bem como reorientar-se no mundo vivido da cultura a partir desta nova condição.

Palavras-chave: Transplante Hepático, Antropologia da Saúde, Experiência de Doença.

O PARTO DESEJADO E O PARTO POSSÍVEL: DISCURSOS E ESTRATÉGIAS DE MULHERES QUE PARIRAM EM CASA DE PARTO

Camila Manni Dias do Amaral. Estudante de mestrado; camilamanni@gmail.com

A comunicação proposta trata do tema do "parto natural" e do "parto humanizado", dos sentidos da medicalização, de poder, corpo e agência. Tem como local de pesquisa a Casa de Parto David Capistrano Filho e tem como sujeitos mulheres de camadas populares da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa é realizada em dois momentos, com as mesmas mulheres, durante o acompanhamento pré-natal e depois do parto.

O "natural", abordado pela primeira vez pelo médico obstetra DickRead, é aquele em que há a busca de minimizar as intervenções, apontadas como algo que gera complicações durante o parto. O "humanizado" pode se referir ao parto em que se respeitam os direitos humanos, sexuais e reprodutivos das mulheres ou a uma série de práticas e valores que se colocam como constitutivos de um "parto humanizado" (TOURNQUIST, 2003).

Durante a graduação realizei duas pesquisas com mulheres que optaram pelo parto domiciliar, ambas com mulheres que pertenciam às camadas médias. A migração para outro grupo socioeconômico não está relacionada a um desejo de fazer comparações entre eles, na contramão desse raciocínio comparativo, o que busco são as estratégias e os discursos dessas mulheres, partindo de um pressuposto inicial de que elas são dotadas de agência.

Esta comunicação versa sobre os discursos elaborados pelas mulheres sobre corpo, gestação e parto e sobre como elas estruturam suas escolhas e suas narrativas para alcançar o que querem. Outro ponto que, apesar de não ser central, merece atenção, é a resistência que essas mulheres fazem a algumas propostas da Casa de Parto e como elas

lidam com os pontos inegociáveis típicos de uma instituição de saúde.

Palavras-chave: Corpo, parto, saúde, agência

GT 87. POBREZAS LÍQUIDAS: ABORDAJES SOCIO- ANTROPOLÓGICOS DE LAS TRANSFERENCIAS MONETARIAS EN LATINO-AMÉRICA

Coordinadores:

Dr. Andrés Dapuez (Conicet-Citer-Uner) afdapuez@gmail.com

Mgter. Martín Hornes (Conicet-Unsam)

Mgter. Sabrina Gavigan (American University)

SABERES Y SIGNIFICADOS SOBRE LAS POLÍTICAS SOCIALES Y EL DINERO

Martín Hornes. Centro de Estudios Sociales de la Economía (CESE) IDAES-UNSAM.

Los programas de transferencias monetarias condicionadas (TMC) surgen a mediados de los años 90' e impulsadas por los principales organismos financieros internacionales, modificando la tradicional provisión de bienes y servicios por la entrega directa de dinero a los hogares pobres con menores a cargo. En el caso de la República Argentina, su consolidación se da a partir de la crisis económica, política y social desatada hacia fines del año 2001.

A partir de un breve repaso del contexto de surgimiento de los programas de TMC nos introduciremos en las premisas que estructuran las intervenciones en América Latina.

Expondremos la continuidad existente en los esquemas de formulación de los programas para demostrar una incesante preocupación de los saberes expertos en políticas sociales por otorgarle una definición unívoca al dinero transferido a los hogares pobres, apelando a las nociones de condicionalidad. Desde la reconstrucción de entrevistas en profundidad realizadas a actores sociales expertos vinculados a organismos de alcance regional y local, indagaremos sobre los saberes y campos de expertise referidos a las TMC, las tecnologías y dispositivos movilizados para dotarles de sentido, los significados asociados al dinero, las narrativas predominantes, etc.

Esta aproximación nos permitirá explorar los distintos significados asociados al dinero transferido a partir de los programas de TMC en el universo de saberes expertos y comenzar a trazar una socio-génesis del campo para el caso argentino.

Palabras claves: saberes expertos - transferencias condicionadas – dinero -significados plurales.

EXPECTATIVAS DE “MUJERES-MADRES” EN UN PROGRAMA DE TRANSFERENCIAS MONETARIAS CONDICIONADAS EN ENTRE RÍOS, ARGENTINA: ¿QUE SERÁ DE LA EDUCACIÓN DE NUESTROS HIJOS?

María Laura Raffo. CONICET (CITER-UNER); lauriraffo@yahoo.com.ar

Lo que en nuestro país conocemos como Asignación Universal por Hijo para la Protección Social (AUH) en Argentina, es entre otras cosas, un tipo de transferencia monetaria condicionada (TMC) dirigido a la atención en salud y educación de menores de 18 años. En esta ponencia, nos proponemos problematizar algunas cuestiones presentes en el condicionamiento educativo priorizando la perspectiva y expectativa de la “mujer-madre” receptora, respecto de sus hijos/hijas. La promoción de las TMC en Latinoamérica surge articulada a propuestas de organismos internacionales de financiamiento y crédito como el Banco Interamericano de Desarrollo (BID) y el Banco Mundial, que a través de estrategias locales, configura nuevas modalidades de intervención social. Con la intencionalidad de sacar a la próxima generación de la pobreza, se viene paulatinamente dando prioridad a las madres de niños en situación de pobreza para que administren virtuosamente estos dineros mientras cumplen con los condicionantes. Interesa aquí problematizar cuestiones emergentes en el marco de una investigación actual en la provincia de Entre Ríos acerca de la Asignación Universal por Hijo, relacionado especialmente a las representaciones que expresan las madres sobre la educación de/para sus hijos, a partir de sus propias experiencias de vida y expectativas educativas.

Palabras clave: Transferencias Monetarias Condicionadas. Asignación Universal por

Hijo, Expectativas educativas.

TRANSFORMACIONES DE LA ECONOMÍA DOMÉSTICA, CONSUMO Y FORMAS DE ORGANIZACIÓN FAMILIAR EN EL MARCO DE LAS POLÍTICAS SOCIALES DE TRANSFERENCIA. ENTRE LA GESTIÓN Y EL CONSUMO DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS BENEFICIARIOS

María Eugenia Suarez

Universidad Nacional de Salta, Argentina; meugeniasuarez@gmail.com

Las políticas sociales de protección que vienen siendo aplicadas en los últimos años en nuestro país tienen como desafío hacer frente a la heterogeneidad social en contexto de desigualdad - resultado de las políticas económicas aplicadas en los noventa- de amplios conjuntos sociales. Nos proponemos a indagar en los efectos y cambios que produjeron las prestaciones sociales como Asignación Universal por Hijo (AUH) en el ámbito de la economía doméstica por parte de las familias beneficiarias. En este contexto el objetivo es conocer cómo las prácticas cotidianas de consumo se han visto modificadas frente al nuevo escenario que plantean las políticas estatales dirigidas a la cobertura del cuidado de la vida, siendo el propósito indagar en los circuitos comerciales de oferta y demanda que se activan en los espacios locales, la relación entre los bienes en su forma material y simbólica como así también en las formas políticas de reconocimiento en tanto sujetos de asistencia. Nuestra investigación se sitúa en una doble perspectiva, la primera, busca recuperar saberes locales que aseguran la provisión de recursos y bienes para la reproducción de la vida, no solo frente a una condición material sino moral y simbólica producida colectivamente. La segunda se conecta a las estrategias de participación mediante el consumo que posibilitan las transferencias monetarias destacando las microdinámicas locales, interrelaciones con agentes e instituciones estatales. Se considera a la etnografía como un recurso metodológico privilegiado en la indagación de las relaciones y transacciones comerciales, experiencias y aprendizajes compartidos como así también, en la creación de nuevos lazos de sociabilidad como resultado de la gestión de la atención.

Palabras clave: Políticas sociales de transferencias – consumo – estrategias de participación – beneficiarios.

DISCURSOS Y PRÁCTICAS SOBRE LAS TRANSFERENCIAS MONETARIAS PERCIBIDAS. RELATOS DE LAS MUJERES TITULARES DE AUH EN LA

CIUDAD DE PARANÁ.

Kendziur, María, Genolet, Alicia; Guerriera, Lorena; Lauphan, Walter y Carmody, Carina. Facultad de Trabajo Social- Universidad Nacional de Entre Ríos (FTS- UNER);
mariakendziur@hotmail.com

En esta ponencia se presentarán algunos hallazgos del proyecto de investigación “La mujer como sujeto de las políticas orientadas a la pobreza. Un estudio de los programas de transferencias de ingresos implementados en la Provincia de Entre Ríos en perspectiva de género” realizado entre 2012 y 2014 en la FTS-UNER. La investigación se orientó, entre otros objetivos, al estudio de las concepciones acerca de la mujer y de la maternidad, presentes en las mujeres titulares de los programas de transferencias de ingresos condicionados especialmente la Asignación Universal por Hijo (AUH). Si bien para los resultados se consideraron las voces de los implementadores y las mujeres destinatarias, en esta oportunidad se retomarán los dichos de éstas últimas con vistas a poder significar sus percepciones sobre esta política en tanto derecho y su vinculación con el manejo del dinero. Durante la investigación se realizaron entrevistas semi-estructuradas y recuperación documental (diarios de la región), a partir de lo cual se pudo percibir que el tema planteado despierta fuertes debates tanto desde las representaciones de la sociedad, que se ligan a prácticas discriminatorias sobre la población beneficiaria, como en el plano académico, al abordarse el análisis sobre la autonomía de las mujeres ligada al manejo del dinero y el ejercicio de la maternidad. A fin de poder aportar a este debate y buscando significar las experiencias personales de las entrevistadas desde su propio relato, se expondrán hallazgos sobre discursos y prácticas al interior del hogar, rupturas y continuidades a partir de la aparición en escena de la AUH y aquellas menciones que permiten pensar sobre el dinero percibido como herramienta de autonomía de las titulares.

Palabras claves: Mujer, autonomía, Transferencia Monetarias, género, derechos.

POLÍTICAS DE TRANSFERENCIAS MONETARIAS EN MÉXICO. UNA EXPORTACIÓN DE EXPECTATIVAS EN DESARROLLO

Andrés Dapuez. CONICET (Centro de Investigación y Transferencia Entre Ríos. CONICET-UNER). afdapuez@gmail.com

En este trabajo reconstruyo los contextos históricos de implementación de programas mexicanos de transferencias de efectivo y sus respectivas expectativas ficcionales

(Beckert 2013) a corto, mediano y largo plazo. En 1993 la implementación de *Procampo*, apuntó a hacer viable un proceso de ajuste estructural del agro mexicano a los mercados que el Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN) anticipaba. En 1997 las transferencias estatales de efectivo del programa *Progresá*, comenzaron a condicionar el comportamiento de sus receptoras, a la vez que proyectaban un futuro de largo plazo en el que sus beneficiarios acumularían el capital humano suficiente para entrar en mercados formales de trabajo. Dado que la consecución de estos objetivos no se pudo calcular *a priori* ni empírica ni racionalmente, utilizo el concepto de “futuro imaginario” (Beckert 2013) para sus análisis. Dejando de lado en este artículo las distintas apropiaciones de esos dineros, concluyo que los programas de transferencias monetarias que siguen el modelo mexicano promoverían las mismas expectativas ficcionales de inclusión.

Palabras clave: Transferencias Monetarias. Expectativas ficcionales. Conocimiento experto-Entrepreneur social-Schumpeter.

MONETIZANDO POBRES: ANÁLISIS INTENCIONAL DE TRES PROGRAMAS DE TRANSFERENCIAS CONDICIONADAS EN AMÉRICA LATINA: OPORTUNIDADES-BOLSA FAMILIA-ASIGNACIÓN UNIVERSAL POR HIJO

Sabrina Gavigan (American University); [Sabrina.gavigan@gmail.com](mailto: Sabrina.gavigan@gmail.com)

Talita Eger (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); [talitaeger@gmail.com](mailto: talitaeger@gmail.com);

Andrés Dapuez. CONICET (Centro de Investigación y Transferencia Entre Ríos. CONICET-UNER); [afdapuez@gmail.com](mailto: afdapuez@gmail.com)

Las Transferencias Monetarias Condicionadas (TMC) se han descrito como fundamentales al giro "post-neoliberal" en América Latina. A través de un análisis de los objetivos declarados y no declarados de los programas de TMC en América Latina (de México Progresá-Oportunidades-Prospera, 1997-, del Programa Bolsa Familia de Brasil 2003-, y de Argentina Asignación universal por Hijo, 2009-) este trabajo sugiere, que las TMC significan cierta transformación de las políticas monetaristas en la región. Proporcionando a las familias pobres escasas cantidades de dinero, apenas suficientes para su subsistencia los gobiernos de Brasil y Argentina han imbuido a sus transferencias en efectivo con nuevas cualidades discursivas, cuyos objetivos últimos replican los establecidos por el programa Progresá de México 1997. En lugar de una nueva protección estatal, sostenemos que las TMC en última instancia, impulsan la integración de los niños pobres a una idealización del mercado, sitúan a las madres pobres en una relación de asimétrica responsabilidad con el Estado y posibilitarían una futura mercantilización de algunos servicios gratuitos prestados por el estado. En consecuencia, las TMC implicarían un deterioro de las responsabilidades del Estado para con los pobres. Por medio de un discurso de acumulación de capacidades humanas

y de oportunidades para el desarrollo como únicos medios para salir de la pobreza, la monetización de los pobres latinoamericanos y el objetivo final de estos programas sería la creación de ciudadanos que estén menos inclinados a exigir servicios estatales.

Palabras clave: Transferencias Monetarias. Expectativas históricas. Períodos de implementación-Progresa-Bolsa Familia-Asignación Universal por Hijo.

¿MASCULINIDADES INFORMALES EN DESARROLLO?: UN ESTUDIO DE LOS DIFERENCIALES DE GÉNERO EN LAS FAMILIAS CON ASIGNACIÓN UNIVERSAL POR HIJO EN LA PROVINCIA DE ENTRE RÍOS (ARGENTINA)

Mgter. Juan Carlos Sabogal CONICET (CITER-UNER);
juancarlossabogal@hotmail.com

Los programas monetarios de transferencias condicionadas se han convertido en las últimas dos décadas en ejes centrales de la intervención social de los estados. Su emergencia en contextos de crisis sociales y la expectativa de “romper el ciclo de la pobreza”, han coincidido en contextos locales nacionales. Sabemos también, que los mandatos de los organismos multilaterales de crédito se han ido ajustando y tensionando en dichos contextos de ejecución de política gubernamental. La presencia de las narrativas de género en el marco de las políticas sociales, ha hecho presencia desde la década de los ochenta en las agendas gubernamentales, asociadas a las perspectivas como Mujer y Género, y Género y Desarrollo, a partir de las demandas de movimientos de mujeres y feministas. Estos antecedentes son fundantes de dichas políticas, y han posibilitado un incremento en el acceso de las mujeres a derechos. En este marco, los programas monetarios de transferencias condicionadas, van configurándose en políticas que se proponen sacar a niños y niñas de la pobreza (de padres pertenecientes al mercado informal, monotributistas, o trabajadores de estación), proveyendo dinero condicionado en salud y educación. Esto sería posible, en esta lógica, a través de la intermediación moral de las mujeres-madres en el gasto. Estas cuestiones parecen evidenciar distintos sujetos de la familia o grupos poblacionales diferenciados, donde los niños y niñas son el objeto de la intervención, las mujeres-madres, ejercen como intermediarias y los hombres, son “borrados” de las políticas denominadas de familia. No obstante, a esta sucinta clasificación, se hace perceptible en las políticas un mandato de consolidar nuevas formas de comprender las masculinidades en los hogares de sectores populares, que parece coincidir con la intención de proyectar esta moralidad para el mercado laboral. En esta ponencia me propongo abordar algunas de estas cuestiones a partir de una aproximación a reflexiones surgidas en el marco de una investigación sobre el programa de transferencias monetarias condicionadas, Asignación Universal por hijo para la protección social, en la provincia de Entre Ríos.

Palabras clave: Transferencias monetarias condicionadas. Masculinidades. Diferenciales

de Género. Asignación Universal por Hijo.

GT 88. TRÁNSITOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL OBJETO MIGRATORIO

Coordinadores:

Cecilia Inés Jiménez Zunino: Doctora en Sociología por la Universidad Complutense de Madrid (UCM). Investigadora Asistente de CONICET (Universidad Nacional de Córdoba); ceciliazunino@hotmail.com

Daniel Etcheverry: Doctor en Antropología Social por la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGS). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
danieletcheverry1@gmail.com

Sesión I

**TRABALHADORES IMIGRANTES NA PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO EM
SÃO PAULO: MOBILIDADE SOCIAL OU TRABALHO ESCRAVO
CONTEMPORÂNEO NA INDÚSTRIA REESTRUTURADA?**

Coutinho, Beatriz Isola. Doutoranda em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Campinas-SP/Brasil. Bolsista CNPQ; beatrizisolacoutinho@gmail.com

Temos por objeto de estudo as atuais confecções de vestuário paulistanas nas quais os trabalhadores e os proprietários são imigrantes de primeira geração, de igual ou diferentes nacionalidades e gêneros. Nessas pequenas unidades produtoras, doravante oficinas de costura, nas quais o espaço de moradia se confunde com o espaço de trabalho e onde quase tudo é improvisado e insalubre, as relações entre empregadores e empregados estão não raro submersas em contextos familiares e de compadrio e, em todos os casos, a exploração extrema do trabalhador se confunde com a trajetória de ida semelhante daquele que o emprega, o caminho partilhado de quem deixou sua pátria-mãe, definitivamente ou provisoriamente, em busca de melhores condições de vida. A participação crescente de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro insere a necessidade de que a migração laboral internacional esteja na pauta dos estudos e pesquisas no âmbito do trabalho e, principalmente, que tais estudos dialoguem com categorias e teorias desenvolvidas no campo dos estudos migratórios, entre outras disciplinas e temas. Em nossa pesquisa de doutorado em andamento, inscrita na área de sociologia do trabalho, encontramos-nos diante de um objeto pungente e sobre o qual existe uma leitura quase consensual a respeito do fenômeno enquanto uma forma de trabalho análoga ao escravo, explicada pela reestruturação produtiva do setor têxtilvestuário e pelo período de acumulação do capitalismo em que o mesmo se inscreve. Todavia, quando chegamos a campo, vemos que tanto os sujeitos envolvidos não se reconhecem enquanto escravizados, quanto enxergam o trabalho nas oficinas de costura como empregadores e como empregados, a possibilidade de uma mobilidade social ascendente. Através de nossa participação no GT pretendemos discutir não somente as chaves para um diálogo multidisciplinar de nosso objeto, mas, principalmente, nossa posição teórica e metodológica enquanto pesquisadores comprometidos com a mudança social.

Palavras-chave: imigrantes; oficinas de costura; São Paulo; mobilidade social.

¿CÓMO (CON)VIVIR CON LA CRISIS ECONÓMICA SIENDO MUJER (IN)MIGRANTE EN MÁLAGA?

María de la Encina García Cofrades. Universidad de Jaén. Grupo de Investigación SEPISE; ency-17@hotmail.com

En el contexto actual de crisis económica es fundamental conocer las estrategias que las familias migrantes, que han decidido permanecer en España, están llevando a cabo y más concretamente las mujeres (in)migrantes procedentes de América Latina, por ser los colectivos más numerosos en la ciudad de Málaga (España).

Los resultados de este trabajo derivan del trabajo de campo realizado en distintas asociaciones de la ciudad de Málaga, obteniendo entrevista en profundidad semiestructuradas con mujeres inmigrantes de varios países latinoamericanos – Bolivia, Paraguay y Ecuador-. En concreto, nuestro estudio está orientado a conocer: 1) La importancia de las redes sociales y cadenas migratorias en mujeres inmigrantes. 2)

Analizar la opinión de las mujeres inmigrantes sobre las redes sociales en el contexto de crisis económica en España. 3) Identificar estrategias que se están llevando en distintos campos como son las migraciones, la familia, lo laboral, lo residencial, lo político y lo judicial, frente a la crisis.

Palabras clave: mujer inmigrante, Málaga, crisis económica, redes sociales.

NEGOCIANDO DESDE LOS MÁRGENES. ESTADO, CLASE Y CIRCUITOS MIGRATORIOS TRANSFRONTERIZOS EN EL CONO SUR

Alex Martins Moraes. Doctorando en antropología social en el Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES/USAM) Becario del CONICET;
alexmartinsmoraes@gmail.com

En esta ponencia reflexiono sobre la articulación entre trabajo, desplazamiento e indocumentación y su incidencia sobre el acceso de las clases populares a las políticas públicas y servicios del estado disponibles en la frontera brasileño-uruguayo. Demuestro, a lo largo de mi exposición, que las prácticas migratorias transfronterizas están frecuentemente matizadas por la operatoria simultánea de las estrategias estatales de gobierno de las poblaciones y los procesos locales de enclavamiento y subalternización. Esta doble operatoria conduce a situaciones de "margen" desde las cuales los sujetos negocian sus posibilidades de acceso a la ciudadanía y plasman sus propias expectativas respecto del lugar que pueden o deben ocupar en la sociedad. Mi argumento central es que los márgenes no son solamente lugares de exclusión y dominación, sino que también constituyen situaciones de creación y agencia en donde los fundamentos mismos de la ciudadanía y la pertenencia pueden ser problematizados e incluso ampliados en favor de la inclusión y el ejercicio de los derechos.

Palabras clave: fronteras, márgenes, Estado, clase, Cono-Sur.

DO CAMPO DE TRABALHO AO TRABALHO DE CAMPO – REFLEXÕES SOBRE POSICIONAMENTO E POLÍTICAS DE ENGAJAMENTO EM ESTUDO ETNOGRÁFICO COM MULHERES REFUGIADAS EMPREENDEDORAS

Juliana Lobo de Queiroz. Institute for Social Research Swinburne University of Technology – Melbourne Australia; jlobodequeiroz@swin.edu.au; jujlobo@gmail.com

Quando eu iniciei minha pesquisa de doutorado sobre experiências de mulheres refugiadas empreendedoras no Brasil e Austrália, eu tive a oportunidade de refletir sobre os dilemas morais, éticos e práticos com os quais me deparei trabalhando no setor não governamental com projetos de capacitação e empreendedorismo de mulheres refugiadas.

Neste paper eu descrevo as mudanças que ocorreram nas dinâmicas de envolvimento com participantes na minha pesquisa a partir da minha transição do papel de coordenadora de projeto em uma ONG, para o papel de etnógrafa e observadora participante. Eu uso como exemplo o meu envolvimento em uma empresa social, em Melbourne na Austrália, fundada e dirigida por uma empreendedora Colombiana recém chegada como refugiada. Eu analiso as mudanças ocorridas em nossas dinâmicas de relacionamento, na transição do meu papel de provedor de serviços e o dela de “cliente”, para o papel de etnógrafa e *advocate* dentro da empresa social sob a administração dela. Eu também analiso as implicações dessas mudanças em relação ao trabalho de campo conduzido.

Por fim eu faço uma reflexão sobre as diferenças de posicionamento no trabalho de campo na Austrália (*outsider-insider*) e no Brasil (*insider-outsider*), salientando aspectos econômicos-morais presentes no âmbito de projetos de integração e traçando um paralelo entre as experiências de empreendedorismo de mulheres refugiadas em ambos países.

Palavras-chave: posicionamento, engajamento, refúgio, representação.

RELAÇÕES E IDENTIDADE NA CULTURA MATERIAL NIPODOURADENSE

Blanca Shung Luen Menezes Li. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) Mato Grosso do Sul, Brasil;
lishungluen@yahoo.com.br

O MS é o terceiro estado em número de japoneses, sendo Dourados a segunda cidade maior do Estado. Artefatos são símbolos que representam a construção da identidade em território douradense. Destarte, discursos que permeiam utensílios domésticos estão impregnados de imaginário, memórias e padrões que permanecem resistindo às influências ocidentais. Como demograficamente está constatada a presença até a quinta geração de descendentes em território brasileiro algumas práticas culturais sofreram ressignificação por parte dos proprietários, devido às negociações que ocorrem no processo de aproximação entre as culturas japonesa e brasileira, de modo que as fronteiras são em nível simbólico e real quando os descendentes se tornam *dekasséguis*.

A compreensão da diversidade cultural emerge em campo híbrido, fluido, polissêmico, nas enunciações de diferentes sujeitos e identidades. A antropologia do simbólico é um modo de abordar e analisar o capital cultural. Por conseguinte o conjunto de sistemas de símbolos está inserido no estudo do homem que reconhece coisas e relações sociais no meio onde vive. Neste sentido, minha pesquisa de mestrado visa entendimento maior do local em se tratando dos nipodouradenses, onde mestiços não são nem japoneses, nem brasileiros, mas interstício de dois *modus vivendi* em negociação constante e dinâmica inerente a transformação de significados. A pesquisa possibilita uma ponte de aproximação das diferentes perspectivas, um terceiro espaço. Ao haver a negociação cria-se nova dimensão de território, entre lugar que miscigena culturas.

Palavras-chave: memória, cultura material, fronteira, identidade, mobilidade.

MIGRANTES EN EL RÉGIMEN DE CLASIFICACIÓN SOCIAL: “INMIGRANTES”, “PERIFÉRICOS”, “POBRES”

Cecilia Jiménez Zunino. IDH – UNC – CONICET; ceciliazunino@hotmail.com

Los sujetos migrantes están atrapados y participan de múltiples enclasmientos o sistemas de desigualdad, tanto en el contexto de origen como en el de destino. Enclasmientos nacionales (de los países de origen y de destino); de clase (pertenencia a determinadas clases y fracciones); de grupos de edad; de identificación étnica; etc. atraviesan la configuración de las migraciones como objeto de estudio. A ello se añade que el cruce de la frontera jurídica de un Estado a otro implica una vulnerabilización potencial de los migrantes, al entrar éstos en una trama de relaciones sociales que los marginaliza hacia la precariedad y la informalidad laboral (debilidad frente a los empleadores, desprotección del Estado).

En esta ponencia analizaremos algunas categorías que designan al fenómeno migratorio, marcadas por la relación de dominación que supone su estudio, a la vez objeto de apuestas y de luchas simbólicas por su definición. Ilustraremos nuestras reflexiones con el caso de los migrantes de clases medias argentinas en España, como estudio en el que se construyó un objeto sobredeterminado de investigación acerca de las migraciones. El objetivo es complejizar categorías como inmigración y nacionalidad de origen, al añadir variables al análisis (clase, grupo de edad, género).

Palabras clave: categorías sociales, vigilancia epistemológica, clases medias, migrantes argentinos, España.

Sesión II

NOTAS PARA PENSAR UNA METODOLOGÍA PARA LA RECONSTRUCCIÓN DE“TERRITORIOS MIGRATORIOS” DESDE UNA CONCEPCIÓN SUBJETIVA DEL ESPACIO

Fulvio Rivero Sierra. IHPA/UNT/CONICET; fulvio.rivero@filo.unt.edu.ar

Los estudios migratorios tradicionalmente se han inclinado mayormente por una concepción del espacio “positivista”. Desde esta perspectiva, el espacio ha sido incorporado en este campo de estudios como un contenedor de la actividad humana, cuando no simplemente como un “paisaje” o, finalmente, como límites/fronteras políticos geográficos que nos migrantes atraviesan.

Todavía más escasos resultan los trabajos que han perseguido pensar las migraciones desde una perspectiva subjetiva del espacio. En esta dirección puede anotar las aportaciones de Fares (2003) y Marzadro (2010) alrededor del concepto de “territorio migratorio”. Estas perspectivas buscan revitalizar la relación entre el sujeto y el espacio en el campo de los estudios migratorios.

Sin embargo, aunque prometedoras, estas perspectivas no han conseguido cimentar una metodología de aproximación que ciña en alguna manera los avatares que cualquier enfoque cualitativo y, por tanto, interpretativo debe afrontar para evitar caer en arbitrariedades analíticas.

El trabajo que acá se pone a consideración se inserta en esta discusión, en el esfuerzo por proponer algunos lineamientos básicos que deberían tenerse en cuenta para construir una metodología de abordaje para esta perspectiva que permita reconstruir el “territorio migratorio” en el modo en que se haya presente en la subjetividad de los sujetos migrantes. Para ello se recuperan las reflexiones clásicas de Yi Fu Tuán (1974) las de Agnew (1987) y otras más actuales como Lois (2010), como así también la propia experiencia adquirida en el trabajo de campo en estudio de las migraciones de bolivianos hacia la Argentina.

Palabras clave: territorio migratorio, metodología, subjetividad, bolivianos.

FEMINIZACIÓN DE LAS MIGRACIONES, MATERNIDAD TRANSNACIONAL Y CAMBIOS GENERACIONALES: IDENTIDAD, EMOCIONALIDAD Y MEMORIA

Carina Alejandra Cassanello. CEHCMe <http://www.cehcme.org/>. Universidad Nacional de Quilmes; carinacassanello@hotmail.com

Aunque gran parte de los estudios sobre la migración reconocen las emociones como un importante elemento de la experiencia migratoria, todavía no han logrado mirar de cerca cómo las emociones pueden ser un punto clave de análisis que ilumina aspectos diversos del fenómeno migratorio (Richter, M; 2011). De esta forma, creemos que las emociones tienen una historia específica y que por ello es posible encontrar diferentes órdenes o regímenes emocionales en el pasado, y en ese sentido, "(...) ellos definen el ser. Son nuestra motivación y nuestra guía, pero también los que obstaculizan nuestra acción. Las emociones y sus conceptos no son, por lo tanto, estáticos, sino históricamente mutables. Es por ello que tienen una historia" (Ute Frevert, 2011). De igual forma, las emociones son configuradas por la cultura y adquiridas/aprendidas en contextos sociales. Esto es que, al mismo tiempo que son configuradas por el tiempo histórico, están condicionadas por el lugar de referencia en el que se despliegan, y por tanto, una migración de una sociedad a otro involucra un paso entre regímenes, códigos y léxicos emocionales diferentes.

Este trabajo, intentará reflexionar en la intersección de emociones y transmigración, y en particular, examinar la transformación de identidad y las formas de expresión de las emociones en la historia de la migración de mujeres bolivianas arribadas al mundo urbano de la Argentina entre fines de los 1980 y la actualidad, al ejercicio de la maternidad transnacional y al lugar que ocupan los niños y jóvenes en las redes migratorias.

Consideramos que aún se ha explorado poco sobre la ruptura y reconfiguración de culturas emocionales a partir de la separación de las familias que obligó a la implementación de nuevas prácticas para mantener vínculos e intimidad a larga distancia, reconfiguró roles y obligaciones, afectó concepciones de masculinidad y feminidad, impuso la recomposición de nociones de hogar, lugar y familia, modificó sistemas de creencias y valores, dio origen a nuevas representaciones individuales y colectivas y motivó la configuración de comunidades de pertenencia. En este espacio aún vacante, intenta encontrar su lugar este trabajo. En ese sentido, a partir de diferentes posturas, en los últimos años, el espectro metodológico se ha ampliado al incluir abordajes emparentados con las teorías de la práctica y al sumar a los conceptos de comunidades y regímenes emocionales, los de *habitus* y práctica emocional.

Palabras clave: migración boliviana, historia de las emociones, género, generaciones, redes migratorias.

CLASIFICACIONES Y CATEGORÍAS EN EL REFUGIO ¿INTERPRETACIONES OBJETIVAS?

Angela Facundo Navia. Antropóloga Universidad Nacional de Colombia. Doctora en Antropología PPGAS, Museu Nacional UFRJ. Investigadora en postdoctorado en la Fundação Casa de Rui Barbosa – CEDPIR; angelaFacundo@hotmail.com

Basada en una investigación sobre la figura contemporánea del refugio en Brasil, propongo en este trabajo reflexionar sobre algunas de las categorías y de los procesos a través de los cuales se decide reconocer o no a un sujeto como refugiado. No obstante, la propuesta es que estas categorías serían escasamente comprendidas sino es analizada también la red amplia de administración de los tránsitos a nivel regional latinoamericano que colabora en la producción y estabilización de esos rótulos que pretenden representar a las personas, especialmente a aquellas que pasarán a ser tuteladas por el sistema mundial de “protección”. Este abordaje afirma la necesidad de mirar tanto para el país de inmigración, como para el país de emigración; pero también resalta la importancia de mirar los circuitos administrativos en los que se fabrican ciertos sujetos y en los que paulatinamente va siendo revalidada su existencia. Circuitos que incluyen reuniones de alto nivel en escenarios ministeriales o diplomáticos, pequeñas oficinas barriales de ONG que atienden desplazados y refugiados, así como espacios virtuales (on-line) de difusión, propaganda o denuncia.

Para tanto, describiré unos de los pasos de los procesos selectivos de refugiados llamado “*pesquisa objetiva*” que pretende corroborar “la verdad” de lo que fue narrado por los solicitantes de refugio y relacionaré esa etapa de selección con ciertos episodios, fruto de conversas con algunas personas migrantes, que en otro momento de sus vidas hicieron parte de la red amplia de “protección” de refugiados. Las experiencias de estas personas que fueron “agentes” de la administración del refugio y ahora son “exiliados”, “refugiados”, “migrantes”, etc. nos invitan a pensar sobre la inestabilidad de esas categorías y lanzan preguntas que considero interesantes para el quehacer etnográfico: ¿Asumimos como verdades las clasificaciones del universo institucional que investigamos? ¿Es posible entender la experiencia administrativa del refugio en la vida de las personas sin estudiar también la interacción social que los construye como refugiados? ¿En qué se basa la pretendida objetividad de esas categorías y cuáles son los mecanismos que ayudan a reproducir esa imagen neutral?

RECORTE EPISTEMOLÓGICO PARA A PESQUISA SOBRE RECONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA NO SUL DA BAHIA

Maria Luiza Silva Santos. Professora Adjunta de Sociologia. Universidade Estadual de Santa Cruz; maluss@uesc.br; maluss.10@hotmail.com

São dois os princípios teóricos que orientam o trabalho e sustentam a ideia de reconfiguração identitária de uma sociedade, auxiliada pelo fenômeno migratório. O primeiro é a relação dialética indivíduo e sociedade, relação que está na base de todo o processo de identificação. O segundo é a identidade como processo relacional de identificação, categorização e classificação que pressupõe o outro para existir. A

pluralidade de questões dentro da temática sobre migrações faz com que o referencial teórico perpassa por discussões que, além de trabalhar com o tema específico das migrações e com as relações identitárias, transitem por conceitos como cultura, alteridade, xenofobia, hibridismo, estilo de vida etc. Para um trabalho calcado em reconfiguração, Norbert Elias é autor de fundamental importância, pois na maior parte de sua obra, esses temas são tratados de várias maneiras, em vários espaços e períodos de tempo. Porém, três textos são mais significativos: *Os estabelecidos e os outsiders* (2000), *A sociedade dos indivíduos* (1994) e *Introdução à sociologia* (1999). Também em Bourdieu fica clara a indissociabilidade da relação indivíduo e sociedade. Na sua noção de campo, o objetivo é compreender a constituição de um espaço comum à autonomia relativa das demais áreas da sociedade, com uma lógica particular, mas que se relaciona com os outros campos. Campo, portanto, irá aparecer como uma ferramenta de pesquisa que quebra os limites, entre a análise interna e externa das estruturas. Quando associado ao conceito de *habitus*, permite a quebra do distanciamento entre o homem e o seu meio (Bourdieu, 2002:67-68). Em Stuart Hall, o conceito de hibridismo aparece como poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, fazendo o contra ponto entre tradição e tradução.

Palavras – chaves: Reconfiguração, migrações, cultura.

SUJETO, DESEO Y MIGRACIÓN: LA ESCUCHA PSICOANALÍTICA EN SITUACIONES DE CAMBIO DE PAÍS Y DE LENGUA

Verónica Pérez Horvath. Licenciada en psicología. Magíster en Antropología Social (UFRGS, Brasil) Docente Asistente del Instituto de Psicología Clínica, Facultad de Psicología (UdeLar); psiveronicaperez@hotmail.com

Este trabajo aborda la perspectiva psicoanalítica en el debate sobre migración, proponiendo una revisión crítica de tendencias y dispositivos actuales de escucha a migrantes, cuyo carácter ineludiblemente clínico-político ha sido señalado por otros autores (Debieux, 2009). El psicoanálisis es un dispositivo de palabra que tiene como efecto la producción de un sujeto, entendido éste como efecto residual de la inmersión del ser humano en el lenguaje. La clínica psicoanalítica puede ser entendida como práctica de trabajo con la alteridad, en el sentido de elaboración psíquica de los efectos de lo no simbolizable surgidos en el encuentro con el Otro del lenguaje. La escucha de migrantes supone, en este sentido, el trabajo con sujetos en una posición particular con respecto a lo simbólico y la alteridad, cuya adscripción a diferentes parámetros culturales y/o lingüísticos, exige relativización y reflexividad por parte del que escucha. Por otro lado, y siguiendo a Benslama (2000), apuntamos como problemática la soldadura entre migración y necesidad promovida por el discurso actual sobre las causas económicas de la migración, que podría excluir al migrante como sujeto de deseo. Señalamos la importancia clínica de reconocer el movimiento deseante, de ruptura instituyente, que actúa como motor de una migración, distinguiéndolo de los efectos subjetivos posteriores, muchas veces devastadores, que promueven las políticas migratorias. Desconsiderar estos dos aspectos, reduciría la intervención psicoanalítica a una mera *psicopatología de la migración*, excluyendo los efectos subjetivantes y creadores del acto de migrar.

Palabras clave: psicoanálisis, sujeto, deseo, migración, intervención.

SOBRE SUJETOS MIGRANTES, CAMPOS DISCURSIVOS Y CATEGORÍAS DE CLASIFICACIÓN

Daniel Etcheverry. Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA);
danieletcheverry1@gmail.com

En “Writing against culture”, Lila Abu-Lughod (1991) nos presenta tres estrategias para superar la distancia que la idea de una cultura como un todo coherente, atemporal y discreto le impone al investigador y a su universo de investigación. Son ellas: pensar en términos de discurso y práctica, lo que nos permite pensar en usos sociales, por parte de los sujetos, de los recursos verbales y lingüísticos; prestar atención a las conexiones entre el tema y el universo de investigación y el antropólogo que investiga sobre ellos y, por último, observar cómo los procesos más amplios en términos de espacio y tiempo se manifiestan y son reproducidos localmente por los sujetos (Lughod, 1991, p. 147-157).

Comprender la movilidad humana en esta perspectiva no lleva a pensar en los campos discursivos que abarcan todos los agentes sociales que de alguna forma están involucrados en el fenómeno social de la movilidad, donde relaciones de poder estructuradas y estructurantes son reproducidas pero también desafiadas en las áreas de la vida cotidiana. Emerge, en este punto, el sujeto migrante como elaborador de una narrativa que podrá, o no, adecuarse a los discursos sobre él existentes. Esto nos hace pensar en el uso de los términos y de las categorías de clasificación que moldean los discursos y, por ende, el propio fenómeno de la movilidad. En esta lógica, el papel del investigador académico es importante, en la medida que, desde la legitimidad de la academia en el universo representacional, es posible contribuir para reafirmar o desafiar las categorías de clasificación y los términos usados en el campo de conocimiento de la movilidad.

En este trabajo me vuelco entonces sobre el papel de los diversos agentes sociales en la formación de los campos o configuraciones discursivas sobre la movilidad, señalando la necesidad de mantener una perspectiva amplia que comprenda lo local como una totalidad compleja que abarca agentes con discursos de muy diversos alcances sin perder de vista al sujeto migrante y su capacidad narrativa.

Palabras clave: movilidad, campo discursivo, agentes sociales, sujeto migrante, categorías de clasificación.

GT 89. DICTADURAS, DERECHOS HUMANOS Y PROCESOS DE MEMORIA EN EL CONO SUR

Coordinadores:

Dra. María José Sarrabayrouse Oliveira. Equipo de Antropología Política y Jurídica, ICA, FFyL, UBA; mariajose_sarra@yahoo.com.ar

Dra. Mariana Tello. Espacio de Memoria “La Perla” – Universidad Nacional de Córdoba; marianitaweiss@yahoo.es

Dra. Cynthia Sarti. Universidade Federal de Sao Paulo (Unifesp); csarti@uol.com.br

Comentarista: Dr. Santiago Garaño. Equipo de Antropología Política y Jurídica, ICA, FFyL, UBA – UNTREF - CONICET; sgarano@hotmail.com

Sesión 1: Sitios, lugares, espacios de memoria

VIOLENCIA POLÍTICA Y CONTINUIDADES HISTÓRICAS EN LA PROVINCIA DE SAN JUAN: UN ABORDAJE DESDE LA MATERIALIDAD Y LA MEMORIA EN EL EX-CCD “LA MARQUESITA” (REP. ARGENTINA)

Ivana Carina Jofré (CEIAA-Observatorio Ciudadano de DDHH San Juan-CONICET-UNSJ-UNLar)

Bruno Rosignoli (CEIAA- CONICET-UNR)

Soledad Biasatti (CEIAA - UNC)

Carlos Marín Suárez (GIAF-UdeLaR)

Luis Rodríguez Mamby (CEIAA-UBA)

Carla Guirado (UNR)

centrodeestudiosceiaa@gmail.com/ observatorioddhhsanjuan@gmail.com

Luego de las resistencias calchaquíes expandidas al antiguo San Juan de la Frontera en el siglo XVII, la violencia contra los pueblos tomo la forma más terrorífica, y el exterminio de las alteridades se instaló como parte del sentido común de las poblaciones criollas del periodo colonial y luego republicano. Entrado el siglo XX, la provincia también se caracterizó por largos periodos de convulsión política. Así por ejemplo, desde 1916 hasta 1983 San Juan tuvo 19 gobernadores elegidos por el pueblo y 38 interventores designados por el gobierno nacional; de los gobernadores electos ninguno pudo concluir su mandato. En esta perspectiva histórica, el estado de violencia característico del terrorismo de Estado puede ser visto como un elemento constitutivo y permanente en la vida política, social y económica de la provincia. Esto nos ayuda a repensar el ejercicio social de la memoria/olvido del golpe de Estado de 1976 y de los terribles hechos ocurridos en aquellos años del horror en estas geografías del interior argentino. Este artículo pretende aportar reflexiones sobre un trabajo amplio de investigación y militancia que se realiza en el ex-CCD La Marquesita, el “pozo de exterminio” más eficaz de la provincia de San Juan durante la última dictadura cívico-militar; también aporta miradas sobre las políticas de visibilización / invisibilización que se dieron durante las últimas décadas y sobre las disputas por este “sitio de memoria” reconocido por el Estado Nacional en el año 2013 como ex-Centro Clandestino de Detención donde se cometieron crímenes de lesa humanidad que hoy son causales de juicios.

Palabras clave: memoria y materialidad, dictadura, ex-CCDs, políticas de la memoria.

-

LOS LUGARES DE MEMORIA DEL TERRORISMO DE ESTADO EN CHILE Y SU RELACIÓN CON LAS ACCIONES ESTATALES SOBRE LA MEMORIA DEL PASADO RECIENTE

Loreto López González. Antropóloga y Magister en Estudios Latinoamericanos Universidad de Chile. Programa Psicología Social de la Memoria, Universidad de Chile; loreto.lg@gmail.com

Como en otros países del Cono Sur, en el Chile de la postdictadura se ha sucedido la construcción de lugares de memoria que evocan las experiencia extremas del terror estatal, a partir de la recuperación y apertura de ex centros de detención y tortura. Aunque estas iniciativas derivan de la acción de la sociedad civil, y no se enmarcan en lineamientos y políticas estatales referidas al tratamiento del pasado dictatorial desde el ámbito de la memoria, es posible reconocer que la acción del Estado ha sido fundamental para garantizar simbólica y políticamente a esos lugares de

memoria.

A partir de la experiencia directa de trabajo e investigación con lugares de memoria, la ponencia mostrará qué aspectos de la acción estatal pueden ser considerados como parte de una “política pública de memoria” aunque no hayan sido propuestos explícitamente de esa forma, tales como Informes de verdad, reinterpretación de la Ley de Amnistía, medidas de reparación simbólica, protección legal de lugares de memoria bajo figuras patrimoniales, entre otras, y que tienen una expresión en las formas en que en los lugares de memoria se refiere y trabaja con el pasado dictatorial.

Palabras clave: lugar de memoria, dictadura chilena, política de memoria, derechos humanos, terrorismo de Estado.

ENTRE LUGARES DE MUERTE Y DE VIDA. TENSIONES Y DISPUTAS EN TORNO A LA CONSTRUCCIÓN DE LOS EX CENTROS CLANDESTINOS DE DETENCIÓN COMO SITIOS DE MEMORIA

Dolores San Julián. Antropóloga. Becaria doctoral UBA Proyecto UBACyT 127BA “Políticas, instituciones y saberes. La hechura de lugares de memoria (1955-2013)”/ Instituto de Geografía, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. lolasanjulian@gmail.com.

En este trabajo abordamos algunos debates y controversias que han tenido lugar en los llamados procesos de recuperación de los ex Centros Clandestinos de Detención (CCD) en Argentina. Muchos de ellos han sido proyectados como espacios donde no sólo se recuerde su uso trágico en el pasado, sino también donde se exprese la “vida” a través de diversas manifestaciones, produciendo sobre ellos dos imágenes contrapuestas y a la vez complementarias: como “lugares de muerte” y/o como “lugares de vida”. En algunos casos esto ha provocado tensiones y disputas entre los actores a cargo de la gestión de esos sitios, entre aquellos que proponen priorizar su uso como lugares de recuerdo y homenaje, y quienes abogan por un destino más amplio, como espacios de “formación ciudadana”.

Siguiendo la lógica del estudio de caso analizaremos cómo operan las nociones de "lugar de muerte" y "lugar de vida" en la política de la memoria desarrollada en el CCD Mansión Seré (Morón, Gran Buenos Aires). Para ello nos centraremos en el análisis de la prueba atlética que se realiza cada 24 de Marzo para recordar el último golpe de Estado. A través de observaciones sistemáticas de la actividad y entrevistas a actores significativos, analizaremos los discursos y las prácticas en las que se expresan y sostienen estas dos categorías de "lugar" y los desplazamientos de la noción de "vida" que se ponen en juego. Indagaremos a su vez cómo se articulan las prácticas conmemorativas con las deportivo-recreativas y las tensiones que se han producido al

respecto.

Palabras clave: Centro Clandestino de Detención, conmemoración, deporte, muerte, vida.

-

CCD, ADENTRO, AFUERA. VIDA COTIDIANA, RAZÓN MILITANTE Y ESTRATEGIAS EN DOS PELÍCULAS *GARAGE OLIMPO* Y *CRÓNICA DE UNA FUGA*

Juan Besse. Universidad de Buenos Aires (UBA) /Universidad Nacional de Lanús (UNLa) besse.juan@gmail.com

Luciana Messina. Universidad de Buenos Aires (UBA)/CONICET;
lucianamessina@gmail.com

El escrito analiza los modos en que ha sido trabajada, en dos películas, la relación entre el adentro y el afuera de los centros clandestinos de detención (CCD) durante la última dictadura militar en Argentina. También la manera en que ambos filmes abordan y presentan el nexo entre las narrativas memoriales sobre el pasado dictatorial y los vínculos cotidianos entre las víctimas y los victimarios establecidos en esos dispositivos de secuestro, tortura y muerte.

El foco está puesto en dos relatos cinematográficos que vieron la luz en distintas coyunturas y momentos memoriales: *Garage Olimpo* (Bechis, 1999) y *Crónica de una fuga* (Caetano, 2006). Entendemos que ambos filmes constituyen “ficciones testimoniales” en tanto se basan o guardan una estrecha relación con relatos en primera persona de sobrevivientes sobre sus experiencias de reclusión en centros clandestinos de detención argentinos. Partimos de la idea de que se trata de películas que comparten cierta vocación de ruptura en tanto escapan a fórmulas simplificantes en el tratamiento de las relaciones que establecieron detenidos y represores y permiten reflexionar pensar el cómo fue posible transitar el “día a día” en el interior de dichos centros clandestinos.

Las dos películas, por vías distintas, ya sea por sus marcas singulares o por aquello que ambas ofrecen al análisis comparativo constituyen una cantera profusa para pensar el lugar de las razones militantes y las prácticas asociadas al trabajo político como elementos ínsitos a las estrategias que permitieron en estos casos vivir y sobrevivir en los CCD.

Palabras clave: CCD – Adentro/afuera – Ficciones testimoniales – Narrativas memoriales.

LUGARES DE MEMÓRIA DAS DITADURAS: UMA PERSPECTIVA SOBRE A PRESERVAÇÃO DE EDIFÍCIOS UTILIZADOS PELAS DITADURAS NO BRASIL E NA ARGENTINA

Elson Luiz Mattos Tavares da Silva Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Guarulhos, sob orientação do Prof. Dr. Clifford Andrew Welch. Possui graduação em História pela mesma instituição (2014). Atualmente é técnico-administrativo da Universidade Federal de São Paulo; elsonluiz@gmail.com / elson.mattos@unifesp.br

Entendendo que há na história de Brasil e Argentina um conjunto de situações semelhantes, desenvolve-se uma análise baseada em elementos comparativos entre os procedimentos adotados na criação de lugares de memória da ditadura nesses dois países. Para isso foram colocados em perspectiva o Memorial da Resistência de São Paulo e o Archivo Provincial de la Memoria.

Desenvolveu-se então com base nas teorias do patrimônio e do restauro, assim como se apoiou em uma abordagem que reconhece seu papel como mecanismos de superação dessas ditaduras; além da compreensão dos respectivos contextos a que estão inseridos. Os lugares de memória são considerados então lugares de grande relevância social. Podem conter sínteses dos procesos históricos a que estão ligados. São construções que devem ser reconhecidas além do gabarito de sua edificação, mas por ser parte inexorável de sua história. E se qualificam também como instrumentos políticos de reparação e fundamentais à justiça de transição de regimes autoritários para democracias. As diferenças nos próprios regimes autoritários no Brasil e na Argentina teriam influenciado a natureza das transições posteriores e conseqüentemente as ações de reparação e preservação da memória. A distinção estaria ligada ao grau de controle que cada regime teve ao longo desse processo. A relação entre o autoritarismo e a legalidade teria delineado inclusive os contornos das democracias posteriores. Os procedimentos de preservação estão intrinsecamente ligados às condições históricas desenvolvidas em cada contexto. Estes lugares configuram-se então como espaços fundamentais na consolidação de ideais de memória, verdade e justiça nestes Estados Democráticos.

LA CONSTRUCCIÓN DE LOS CUATRO PUEBLOS EN EL PEDEMONTE TUCUMANO. LA APUESTA PRODUCTIVA DEL OPERATIVO INDEPENDENCIA (ARGENTINA, TUCUMÁN, 1975-1977)

Dr. Santiago Garaño. Investigador Asistente del CONICET / Equipo de Antropología Política y Jurídica (ICA, FFyL, UBA) / Profesor Adjunto Universidad Nacional de Tres de Febrero; sgarano@hotmail.com

En este trabajo analizaremos una de las últimas fases del Operativo Independencia, que consistió en una construcción de una ruta en el pedemonte que conectaba cuatro pueblos que llevaban nombres de personal militar “caído” en la llamada “lucha contra la subversión”. Consideramos que será iluminador de esa doble faceta del poder represivo: violenta y disciplinante pero al mismo tiempo también productiva de relaciones sociales, de nuevas espacialidades, de un nuevo “monte” tucumano. Desde esta perspectiva, sostendremos que el Operativo Independencia se convirtió en una manera de articular un dominio soberano y efectivo sobre un espacio donde había habido un déficit de presencia estatal y había estado marcado por una disputa por el control territorial por parte del frente de guerrilla rural. Sin embargo, antes que en las modalidades represivas que adoptó la represión en el sur tucumano durante el Operativo Independencia, en este trabajo nos centraremos en la faceta productiva que buscó crear un nuevo espacio, un nuevo “monte tucumano” y sostendremos que fue fundacional para el terrorismo de estado.

Palabras clave: Operativo Independencia, memoria; espacialidad; soberanía; terrorismo de estado.

-

LA LLEGADA DEL CÓNDOR A LAS COSTAS URUGUAYAS: LOS NINGÚN NOMBRE

Magdalena Figueredo; magdalenafiguero@gmail.com

Fabiana Larrobla; fabianalarro@gmail.com

Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Udelar

Entre 1975 y 1979 aparecieron en las costas uruguayas 31 cuerpos no identificados con muestras evidentes de haber sido sometidos a torturas. Esta aparición de cadáveres supuso el primer acercamiento de algunas localidades al terror en su mayor expresión, transformándose en un evento traumático que generó conmoción en todo el país.

Esta ponencia se enmarca en un proyecto de investigación de mayor alcance dirigido a la recuperación y reconstrucción de las memorias locales a través del recuerdo de estos hechos, como forma de aproximarnos a las transformaciones que se procesaron en las identidades de las comunidades en tiempos de dictadura.

Las localidades seleccionadas para la investigación se encuentran en los departamentos de Colonia y Rocha por registrar éstos la mayor cantidad de hallazgos (11 en Colonia y 8 en Rocha) y por haber tomado el suceso notorio estado público.

Como un primer avance de la investigación presentaremos un estudio analítico de los

hallazgos en general, centrándonos luego en lo sucedido en ambos departamentos.

Pretendemos responder a interrogantes cómo ¿Quiénes eran los “Ningún Nombre”? ¿De dónde venían? ¿Cuál fue la versión oficial?, a la vez que daremos cuenta del proceso que llevó a la identificación posterior de algunos de esos hallazgos.

Palabras claves: Violencia política. Represión estatal. Plan Cóndor. N.N. Memorias locales.

-

Sesión 2: Comisiones por la verdad

-

MEMORIA E JUSTICIA: EL IMPACTO DE LA COLECCIÓN DOCUMENTAL PRODUCIDO POR LA COMISIÓN NACIONAL DE LA VERDAD EN LA SOCIEDAD BRASILEÑA

José Alves Dias. Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) professor adjunto do Departamento de História e professor do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); jdiashistory@gmail.com

El Brasil estableció la Comisión Nacional de la Verdad en Mayo de 2012, a fin de determinar graves violaciones de los derechos humanos entre 1946 y 1988, cuyas actividades se completaron en diciembre de 2014, con la entrega del informe final al gobierno y de la documentación producida al Archivo Nacional. Por lo tanto, la enorme colección ya establecido por el Centro de Referencia das Lutas Política no Brasil, también conocida como Memorias Reveladas, creado en 2005, añadió a una cantidad significativa de nuevos documentos con el fin de difundir un mayor conocimiento sobre el período de la dictadura militar. Sin embargo, para comprender el impacto de esta iniciativa en la sociedad brasileña, impone evaluar cualitativamente su contenido con el fin de esclarecer nuevos hechos o posibilitar nuevas interpretaciones de los eventos ya conocidos. También es importante para dar la dimensión de los instrumentos de investigación, los formatos disponibles, las condiciones de acceso y la clasificación de archivos permitiendo que se alcancen los objetivos propuestos. Por lo tanto, este artículo pretende analizar el archivo como un "lugar de memoria" que, a su vez, se construye como espacio de lucha social, impregnado de ideología, la cual determina, en última instancia, la forma de organización y el uso de fuentes de la investigación. Así, la colección de la Comissão Nacional da Verdade refleja todas las variables identificadas y, a través de ellas, se puede ver tanto las características que implican la evocación de la memoria de la dictadura militar cuanto los límites en la indemnización por los daños causados por la represión autoritaria.

Palabras Clave: Memoria, Archivo, Dictadura, Comisión Nacional de la Verdad.

“NÃO É UMA QUESTÃO FAMILIAR, É UMA QUESTÃO DA SOCIEDADE”: AS VIOLÊNCIAS DA DITADURA NA COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE

Desirée de Lemos Azevedo. Doutoranda Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP); desireelazevedo@gmail.com

Entre 2012 e 2015, o Brasil acompanhou o funcionamento da *Comissão Nacional da Verdade* (CNV), organismo criado para “investigar e esclarecer as graves violações de direitos humanos” ocorridas, sobretudo, no período da Ditadura (1964-1985). Tal comissão surgiu como promessa de realizar, em um país correntemente considerado “sem memória”, especialmente sobre os “anos de chumbo”, um reconhecimento “oficial” (isto é, por parte “do Estado”) do amplo espectro de violências cometidas pela Ditadura. Tal empreendimento emergiu de forma a consolidar, a partir dos espaços institucionais, a adoção de um novo padrão de produção da verdade sobre o passado, centrado na gramática dos Direitos Humanos. Com ele, é afirmado todo um conjunto de práticas que produzem não apenas formas legítimas de acusação e reivindicação de direitos, como também institucionalizam novas responsabilidades, sensibilidades e moralidades em relação ao sofrimento daqueles que passam a ser identificados como “vítimas”. A partir de uma pesquisa etnográfica que acompanhou a circulação dos “familiares de mortos e desaparecidos políticos” por entre as diferentes arenas de debates criadas nesse processo, esse trabalho discute o contraste estabelecido entre o esquecimento atribuído ao conjunto da sociedade e o ativismo permanente reivindicado pelo movimento de familiares, enfatizando o jogo de disputas e classificações em torno à definição das violências cometidas no passado como uma “questão familiar” ou um “problema social”.

Palavras-Chave: Comissão da verdade, direitos humanos, política, vítimas.

-

**DISPUTA POR LA MEMORIA POLÍTICA EN BRASIL: NARRATIVAS
HISTÓRICAS Y EL PROCESO DE ESTABLECIMIENTO DE LA COMISIÓN
NACIONAL DE LA VERDAD**

Filipe Jordão Monteiro. Licenciado en Derecho, con énfasis en Derecho Público, por la Universidad Católica de Campinas (2011). Estudiante de maestría en el Programa de Posgrado en Políticas Públicas de la Universidad Federal de Paraná; fjordaomonteiro@gmail.com

Vera Karam de Chueiri Licenciada en Derecho por la Universidad Federal de Paraná (1987), Máster en Derecho por la Universidad Federal de Santa Catarina (1993), Máster en filosofía por la New School for Social Research (2000) y doctorado en filosofía por la New School for Social Research (2004) vkchueiri@gmail.com

Creada por la Ley nº 12528/2011 y establecida el 16 de mayo de 2012, la Comisión Nacional de la Verdad de Brasil tiene como propósito examinar y esclarecer las graves violaciones a los derechos humanos cometidas entre 1946 y 1988, período que comprende la dictadura militar (1964-1985). Las reacciones de los partidarios del régimen autoritario estuvieron presentes a lo largo de todo el trabajo de la Comisión, como lo demuestra la reciente publicación de su informe final entregado en diciembre de 2014. Incluso antes de ser instaurada como una política pública de derechos humanos, esta ley ya había sido objeto de varias controversias y epicentro de una crisis civil-militar que influyó en el proceso de toma de decisiones que la creó. Desde la publicación del Tercer Plan Nacional de Derechos Humanos (2009) - documento oficial que guio la creación de la Comisión de la Verdad en Brasil - hasta el nombramiento de sus comisionados en mayo de 2012, una disputa de interpretaciones sobre la época dictatorial marcó el debate público con posiciones antagónicas entre las Fuerzas Armadas y el Ministerio de Defensa, por un lado, y la Secretaría Especial de Derechos Humanos y la sociedad civil organizada por otro. Tales posiciones se dieron a conocer en medios de comunicación a través de artículos de opinión, comentarios y entrevistas. Se pretende analizar esta disputa de proyectos, traducida en narraciones y recuerdos históricos opuestos, buscando identificar como la presión ejercida por las Fuerzas Armadas influyó en el resultado final de la citada Comisión.

Palabras-clave: Comisión Nacional de la Verdad, Memoria Política, Justicia de Transición, Proceso de toma de decisiones.

LOS USOS POLÍTICOS DE LA MEMORIA SOBRE LA REPRESIÓN ESTATAL, DESPUÉS DE LA COMISIÓN DE LA VERDAD ECUADOR

María Cristina Solís. Estudiante doctorado Estudios Políticos Flacso-sede Ecuador; cristasoy@yahoo.com

Cuando en el año 2007 el Economista Rafael Correa fue elegido presidente del

Ecuador, se abrió una posibilidad para canalizar las demandas de verdad y de justicia, que por más de tres décadas, habían venido realizando las organizaciones de DDHH y las de familiares y víctimas de violencia política. En el mismo año 2007, se promovió la formación de una *comisión de la verdad*, para la investigación de la violación de los derechos humanos ocurrida en el país en el período 1984-2008, así como la formulación de políticas de reparación y judicialización.

La comisión de la verdad- Ecuador (CEV), durante su investigación recolectó información proveniente tanto de documentos desclasificados de la Policía Nacional, y Fuerzas Armadas, así como de los testimonios de las víctimas, sus familiares y/o testigos. Su informe final lo entregó en junio del año 2010, junto a un análisis legal para respaldar la judicialización de los casos y garantizar el paso de la denuncia al reclamo de justicia. Luego de pasados 5 años de la publicación del informe, se puede seguir la pista de los distintos niveles de recepción que éste ha tenido entre los actores involucrados en la investigación, como en los nuevos actores como son las instancias técnicas y judiciales. El siguiente trabajo, intenta un acercamiento a esos distintos niveles de recepción y a los posibles (y diversos) usos políticos que a la recuperación de la memoria documental y testimonial- realizada por la CVE, se le han dado en Ecuador, por parte de distintos actores, entre ellos el gobierno, las víctimas, los familiares, la FFAA –Policía y el sistema de justicia, además intenta observar la forma en que esos usos configuran un trazado de intereses, tensiones y negociaciones en el escenario político nacional.

Palabras Clave: comisión de la verdad, , usos de la memoria, verdad y justicia.

VERDAD Y JUSTICIA: UN ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE ARGENTINA Y GUATEMALA

Ana Isabel González. Profesora Adjunta: Cátedra de Cultura de Paz y Derechos Humanos. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Buenos Aires. Argentina. Coordina una de las oficinas de campo de la Comisión para el Esclarecimiento Histórico e integró el equipo que redacta el Informe de la CEH: Guatemala: Memoria del Silencio; anagonzalez011@gmail.com

Argentina y Guatemala parecen países muy distintos entre sí, sin embargo existen hilos conductores históricos que los hermanan. Cuando la intervención que derrocó el gobierno democrático de Jacobo Arbenz Guzmán, muchos dirigentes de la revolución guatemalteca se refugiaron en la embajada argentina y fueron traídos a nuestro país. Ambos países sufrieron el terrorismo de estado exacerbado en las décadas del 70 y el 80. La dictadura militar argentina envió un contingente del regimiento 601 de inteligencia militar que operó en los años 80 en Centroamérica, particularmente en Guatemala, Nicaragua, El Salvador y Honduras. En ambos países se recorrió, y se continúa recorriendo, un largo camino en la búsqueda de la verdad y la justicia.

En la ponencia se realiza un análisis comparativo de los procesos por verdad y justicia entre Argentina y Guatemala, en el que la presencia central la constituyen los organismos de derechos humanos, pero siendo el estado un actor insoslayable tanto para crear las condiciones propicias o adversas, que facilitan o entorpecen estos procesos.

La CONADEP, los juicios por la verdad y los juicios actuales contra los responsables de los crímenes de lesa humanidad en Argentina por un lado; y el Informe del Proyecto Interdiocesano de Recuperación de la Memoria Histórica, Guatemala Nunca Más y el Informe de la Comisión para el Esclarecimiento Histórico, Guatemala: Memoria del Silencio, junto a los juicios actuales por los crímenes de lesa humanidad y genocidio, en Guatemala, son un campo propicio para reflexionar sobre las similitudes y diferencias socioculturales e históricas entre ambos países y los diversos escenarios políticos por los que fueron transitando. Siendo el concepto de genocidio uno de los espacios de debate, con connotaciones diferenciales, en uno y otro país.

Palabras Clave: comisiones de la verdad, políticas verdad y justicia, genocidio.

MEMÓRIAS DE LUTA E SOFRIMENTO: RECONHECIMENTO E DENÚNCIA DO ESTADO DITATORIAL NOS DEPOIMENTOS DA COMISSÃO DA VERDADE

José Ivan de Oliveira Filho

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal do Ceará

joseivanof@gmail.com

O processo de abertura política ao fim dos anos 1970 foi negociado e conduzido pelos militares de modo a evitar atritos políticos indesejados. A Lei de Anistia de 1979 impunha o modelo do “esquecimento”, tratando crimes de agentes do regime como justificáveis, chamando-os de “crimes conexos”. O Brasil não realizou um exame do passado logo após o fim do período ditatorial, até recentemente apenas restituía as vítimas do regime. Em 2011 a presidência sancionou a Lei de nº 12.528 que regulamentava a Comissão Nacional da Verdade. Inserido nesse movimento de investigação das graves violações de direitos humanos, foram criadas comissões setoriais da verdade. Uma dessas comissões foi a Comissão da Verdade das Universidades do Estado do Ceará. Este trabalho apresenta alguns resultados da análise dos 28 depoimentos dados à Comissão em 2014. Os depoimentos são de ex-estudantes, professores e funcionários que sofreram perseguições políticas, seja pela militância de esquerda ou pela simples suspeita. Busco pensar, por um lado, a memória como parte de uma composição inserida num campo de disputa por reconhecimento (Michel Pollak e Axel Honneth), permeada de negociações e silêncios, que ora se apresenta de forma

unida quando destinada ao Estado e ora como fragmentada e conflituosa pela versão verdadeira do passado, pelo correto posicionamento político e pela figura de “herói da resistência”. Por outro lado, analiso a partir das denúncias nos depoimentos a estrutura do “Estado de Exceção” (Giorgio Agamben e Hannah Arendt), que em nome da Segurança Nacional dava o arbítrio de agentes violarem direitos humanos.

Palavras-chave: Memória, Ditadura Militar, Comissão da Verdade, Reconhecimento, Estado de Exceção.

-

Sesión 3: Juicios y procesos judiciales

-

-

LO QUE USTED ME CUENTA YO YA LO SÉ. LAS MANIFESTACIONES DE LOS JUECES EN TORNO AL PASADO DE TERRORISMO DE ESTADO EN EL JUICIO POR LA VERDAD DE BAHÍA BLANCA, ARGENTINA

Andriotti Romanin, Enrique. CONICET - Universidad Nacional de Mar del Plata, Facultad de Humanidades –Departamento de Sociología; romanin1@hotmail

El objetivo del trabajo que aquí presentamos consiste en indagar en las diferentes manifestaciones sobre el pasado reciente de terrorismo de Estado realizadas por los jueces durante las audiencias del Juicio por la Verdad que se realizó en la ciudad de Bahía Blanca, Argentina. En particular nos interesa responder la pregunta acerca de cómo presentaron estos profesionales del derecho lo acontecido durante el terrorismo de Estado, de manera pública, en el marco de una modalidad penal orientada a la búsqueda de la verdad y en conflicto con la posición adoptada por los militares de no brindar información acerca de lo ocurrido con los desaparecidos. De este modo, el trabajo que aquí se presentamos procura realizar una contribución, a partir de un estudio de caso, abordando una línea poco frecuentada por las investigaciones acerca de los Juicios por la Verdad que consiste en el rol desempeñado por los jueces en esta modalidad jurídica.

Para la realización de este trabajo se utilizaron distintas fuentes de información como entrevistas a jueces y abogados de organizaciones de derechos humanos, así como totalidad de los videos de las audiencias de los Juicios por la Verdad de Bahía Blanca.

LEYES DE "PUNTO FINAL" Y "OBEDIENCIA DEBIDA": LA JUSTICIA TRANSICIONAL EN EL DEBATE PARLAMENTARIO ARGENTINO

Diego Galante. IIGG-Fsoc-UBA / CONICET; diegalante@hotmail.com

A partir de diciembre de 1983, en la transición política argentina, se impulsó un proyecto de justicia transicional para el juzgamiento de las violaciones a los derechos humanos cometidas durante dictadura, a partir del cual se promovía la actuación de la justicia civil en esas causas, pero se distinguían diferentes niveles de responsabilidad entre los perpetradores. Establecidas originariamente bajo términos relativamente flexibles, esas distinciones cobrarían cuerpo formal en la llamada "Ley de Obediencia Debida" en 1987. Sin embargo, sus características concretas, así como los sentidos políticos y jurídicos que se atribuían a esos límites, fueron resultado de las prácticas y conflictos -públicos y jurídicos- devenidos en los primeros años de democracia. El presente trabajo examina las articulaciones producidas entre el campo del discurso político y el judicial durante los debates parlamentarios de las llamadas leyes de "Punto Final" (1986) y "Obediencia Debida" (1987); indagando particularmente en los usos y resignificaciones, al calor de la política nacional, del "Juicio a las juntas militares" llevado a cabo en 1985.

Palabras Clave: justicia transicional - discurso político - punto final - obediencia debida - juicio a las juntas.

LA BUROCRACIA PENAL JUDICIAL SOBRE EL PASADO RECIENTE. REFLEXIONES EN TORNO A LOS JUICIOS POR DELITOS DE LESA HUMANIDAD EN LA CIUDAD DE BAHÍA BLANCA

Clara Barrio. FFyL – UBA; barrioclara@yahoo.com

En la ciudad de Bahía Blanca transcurre en la actualidad el tercer juicio oral por crímenes de lesa humanidad, que involucra a efectivos de la Armada Argentina, mientras que los dos primeros juicios tuvieron como imputados a integrantes del V Cuerpo de Ejército.

Si bien cada uno de estos trámites judiciales tiene sus particularidades, en conjunto constituyen la forma en que el poder burocrático judicial tiene intervención acerca de un periodo histórico traumático y particularmente sensible para la historia de nuestro país. A su vez, estos juicios comportan múltiples relatos y testimonios acerca de ese pasado represivo en el contexto local.

Me propongo reflexionar sobre algunos aspectos y elementos presentes en los juicios por delitos de lesa humanidad en Bahía Blanca, que puedan dar cuenta de la singularidad que adquiere la administración de justicia en el contexto local para el juzgamiento de crímenes de lesa humanidad ocurridos en esa ciudad. Asimismo, al explorar el desarrollo de estos procesos judiciales procuro observar cómo los mismos pueden incidir en la elaboración de la memoria que la sociedad bahiense realiza acerca de su pasado reciente.

Palabras claves: Crímenes de lesa humanidad – administración de justicia – memoria colectiva.

A ANISTIA BRASILEIRA NO BANCO DOS RÉUS: AS POLÍTICAS DE MEMÓRIA E A POLÍTICA DO DIREITO NOS PROCESSOS JUDICIAIS QUE BUSCAM A PUNIÇÃO DOS TORTURADORES DA DITADURA MILITAR

João Baptista Alvares Rosito. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Pesquisador vinculado ao Grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP) do Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas (NUPECS) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS; joao.rosito@gmail.com

Nos últimos dez anos, o debate acerca do legado da ditadura militar brasileira e as demandas por reparação pelas perseguições políticas e violações de direitos humanos cometidas à época por agentes estatais potencializaram-se, saindo do círculo restrito das famílias das vítimas e criando uma discussão pública, em que os sentidos das categorias “ditadura”, “anistia” e “reparação” são disputados por diferentes atores. Algumas demandas de familiares de desaparecidos e de ex-perseguidos foram atendidas pelo Estado, por meio de uma produção legislativa que concedeu reparação econômica e possibilitou avanços, ainda que limitados, no campo do direito à verdade e à memória.

No campo do direito à justiça, entendido como a efetivação de julgamentos com possibilidade de condenação criminal dos agentes estatais envolvidos em tortura, assassinatos e desaparecimentos de militantes políticos, o caso brasileiro possui particularidades em relação a outros países da região, tendo em vista o entendimento predominante do Poder Judiciário de que tais crimes foram anistiados pela Lei 6.683 de 1979, a chamada Lei de Anistia, um dos marcos jurídicos da redemocratização.

Recentemente, a Lei de Anistia voltou a ser questionada judicialmente, perante o

Supremo Tribunal Federal (STF) e perante outras instâncias judiciais, em processos judiciais propostos pela Ordem dos Advogados do Brasil e pelo Ministério Público Federal (MPF). Este artigo analisa o julgamento do STF que considerou constitucional o entendimento de que os crimes cometidos por agentes do regime militar foram anistiados por tal legislação. A pesquisa enfoca os argumentos e os sentidos manejados pelos julgadores e pelos diferentes atores do campo jurídico envolvidos na judicialização da questão. Sustenta-se que distintas “políticas de memória” acerca da ditadura são tecidas e disputadas no âmbito jurídico e sugere-se que tal julgamento desenvolveu-se dentro de uma “política do Direito”, em que discursos tradicionais e inovadores tensionam-se mutuamente.

Sesión 4: Activismo por los derechos humanos: luchas y estrategias jurídico-políticas

ESCRACHOS AOS TORTURADORES DA DITADURA BRASILEIRA: A INFLUENCIA DAS EXPERIÊNCIAS LATINO-AMERICANAS NA LUTA POR MEMÓRIA, VERDADE E JUSTIÇA

Alexandre Garcia Araújo. Mestrando em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Brasil), Bacharel em Direito pela UESB, integrante do Grupo de Pesquisa Política e Sociedade no Brasil - GEPS, pesquisa financiada pela FAPESB; xando.adv@gmail.com.

Após condenação pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, o Estado brasileiro se viu obrigado a instaurar a Comissão Nacional da Verdade para investigação dos crimes de lesa-humanidade perpetrados durante sua ditadura civil-militar. Todavia, como o processo transicional foi orquestrado pelas classes dominantes, diversos entulhos autoritários persistem e o tema ainda segue em disputa na sociedade. Face a este contexto, o movimento social Levante Popular da Juventude, inspirado em experiências dos países do cone-sul, realizou uma série de escrachos aos torturadores e colaboradores do regime, como forma de impulsionar a Comissão e reivindicar justiça. Tais ações, que se consistem em denunciar publicamente os agentes do regime nas portas de suas residências e locais de trabalho, aconteceram de forma articulada em 13 estados da federação, alcançando inclusive um dos torturadores da Presidenta da República, Dilma Rousseff. Após pesquisa empírica constatou-se que foram realizadas 33 ações, e ao final de 2012, o movimento recebeu a mais alta condecoração do governo brasileiro a entidades da sociedade civil: o Prêmio Nacional de Direitos Humanos. A partir destes elementos, o presente artigo retoma as origens dos Escrachos nos países vizinhos, a influência latina sobre o Levante, e busca-se compreender porque um movimento que não é composto por familiares ou vítimas da ditadura empunhou essa bandeira de forma tão veemente – sofrendo inclusive retaliações morais, físicas e judiciais. Ademais, se identificará como essas ações de ativismo político dialogaram e disputaram a memória coletiva e as políticas públicas estatais, erigindo uma Justiça de

Transição “desde baixo”.

Palavras-chave: Comissão Nacional da Verdade; Escracho; Justiça de Transição; Memória; Levante Popular da Juventude.

-

EN BÚSQUEDA DE VEDAD Y JUSTICIA. LOS ORÍGENES DE LA COMISIÓN MADRES, ABUELAS Y FAMILIARES DE DETENIDOS DESAPARECIDOS DE MAR DEL PLATA

Capitán María Belén. Licenciada en Sociología UNMDP. Maestranda en Programa de Posgrado en Ciencias Sociales IDES/UNGS; mariabelencapitan@gmail.com

El 24 de marzo de 1976 las Fuerzas Armadas produjeron el desplazamiento del gobierno constitucional de Isabel Martínez dando inicio a una modalidad de represión dictatorial inédita de la historia argentina caracterizada por la desaparición, secuestros y torturas de personas; como así también, por la apropiación y cambio de identidad de los niños nacidos en cautiverio o secuestrados junto a sus padres. En este marco, hicieron su aparición, en algunas ciudades del país, nuevas agrupaciones de derechos humanos integradas por familiares de personas detenidas-desaparecidas que, sumados a las organizaciones tradicionales, conformaron el denominado Movimiento de Derechos Humanos de Argentina.

En el presente trabajo se realiza un acercamiento al proceso de constitución de la Comisión Madres Abuelas y Familiares de Detenidos Desaparecidos de Mar del Plata (CMAYF). Se profundiza en las primeras acciones colectivas que llevaron a cabo los familiares; como así también en la ruptura de los marcos interpretativos sobre las instituciones de la época, particularmente judiciales y eclesiásticas, a partir de la figura del desaparecido con el fin de comprender su incidencia en la conformación de dicha comisión.

Palabras claves: Acciones Colectivas, Marcos Interpretativos, Derechos Humanos.

-

CORPO, POLÍTICA E MEMÓRIA: O TRASLADO DO CORPO DE FREI TITO DE ALENCAR LIMA PARA O BRASIL E AS REIVINDICAÇÕES POR ANISTIA E RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS.

João Marcus Figueiredo Assis. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro –

No ano de 1983 retornava ao Brasil o corpo de Frei Tito de Alencar Lima, morto em 1974 em Lyon na França. Seu suicídio por enforcamento abriu diversas reinterpretações sobre sua trajetória de vida e evidenciou a crise entre Igreja Católica e Estado, no contexto da ditadura civil-militar no Brasil. O traslado do corpo morto do frade é apresentado dentro de um contexto político de debates sobre a anistia e sobre os esforços de redemocratização no país. Pelo viés da Antropologia da Morte e do corpo, e dos estudos sobre Memória Social, buscamos analisar esse reforço político da presença física e simbólica de Frei Tito como referencial de luta por direitos humanos e de destaque das reivindicações dos Movimentos Sociais. Percebemos que Frei Tito motiva ainda hoje manifestações memorialísticas que remetem ao período ditatorial no Brasil e seus desdobramentos para os movimentos sociais e populares na contemporaneidade.

Palavras-chave: Igreja e ditadura. Corporeidade. Memória política. Frei Tito. Cultura Material.

TERRORISMO DE ESTADO Y DERECHOS HUMANOS. REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA VIOLENCIA POLÍTICA: ENTRE LA VICTIMIZACIÓN Y LA RECUPERACIÓN DE LA MEMORIA

François Graña. Docente de la Facultad de Información y Comunicación, Universidad de la República, Montevideo; francois.grana@fic.edu.uy,
francois.grana@comunicacion.edu.uy

Las prácticas de secuestro y desapariciones forzadas en el contexto de las dictaduras del Cono Sur en los años setenta, han venido siendo abordadas como problema social candente que enraiza ya no sólo en el pasado reciente sino también en los debates actuales acerca de la democracia y del Estado que queremos. La perspectiva de los Derechos Humanos ha constituido el cauce sociopolítico de los reclamos de verdad (la reconstrucción de lo sucedido, la identificación de los victimarios) y de justicia (el enjuiciamiento de los culpables, la reparación estatal de las víctimas). Esta perspectiva tiene como efecto no querido, cierta descontextualización socio-histórica de los sucesos en cuestión. ¿Quiénes eran las víctimas del terrorismo de Estado, por qué se constituyeron en blanco de crímenes hoy calificados de lesa humanidad? Pretendemos buscar respuestas a estas preguntas, ahondando en una dimensión de la labor de reconstrucción de la memoria que permanece muy poco explorada: las historias de vida de las víctimas. Nos ocuparemos del contexto social que los vio crecer, del mundo donde buscaban su propio lugar, del modo en que sus convicciones arraigaban en la época, de las representaciones que de la violencia política se hacían ellos y los demás

actores sociales, del horizonte de futuro en que inscribían su presente. Esta exposición constituye un avance de investigación que venimos desarrollando, y que se sustanció en una primera publicación centrada en los trayectos de vida de María Emilia Islas y Jorge Zaffaroni, uruguayos secuestrados y desaparecidos en Buenos Aires en 1976.

Palabras clave: memoria, desaparecidos, historias de vida.

LOS SOBREVIVIENTES DE LOS CENTROS CLANDESTINOS DE DETENCIÓN Y LA DENUNCIA EN TIEMPOS DICTATORIALES: EL CASO DE LA COMISIÓN DE EL VESUBIO (1979-1983)

Rodrigo González Tizón. IDAES-UNSAM/CONICET; rgtizon@gmail.com

La denuncia de los crímenes dictatoriales comenzó en los años mismos de gobierno militar. El movimiento de Derechos Humanos constituido dentro y fuera del país fue, en ese contexto represivo, el principal impulsor de una estrategia que buscaba hacer públicos los asesinatos y desapariciones que tenían lugar por entonces en Argentina. Cobró forma así una demanda de verdad y justicia que antecedió al escenario judicial de la transición democrática, y que se continuaría durante la conformación del mismo.

Encabezada por los familiares de las víctimas de la represión –quienes configuraron la cara manifiesta del fenómeno–, la denuncia incorporó sin embargo a otros actores, menos visibles. Esta ponencia se propone echar luz sobre uno de ellos, los sobrevivientes de los centros clandestinos de detención, haciendo foco en un caso específico: la Comisión de homenaje a las víctimas de El Vesubio.

Surgida en torno a Vanguardia Comunista, e integrada originalmente por sobrevivientes y familiares de desaparecidos de ese partido, el organismo se formó con el objetivo de motorizar la denuncia de los crímenes perpetrados en el centro clandestino ubicado en el oeste de la Provincia de Buenos Aires y bajo comando del Primer Cuerpo del Ejército. A partir de una labor doble consistente en la investigación y denuncia de los secuestros y desapariciones la Comisión, con los sobrevivientes en la cabeza se convirtió en un actor fundamental en la lucha por los Derechos Humanos durante la dictadura, acompañando y también impulsando las diversas presentaciones judiciales por los crímenes de El Vesubio.

Palabras clave: sobrevivientes – dictadura – Derechos Humanos – Comisión – El Vesubio.

Sesión 5: Reflexiones Éticas / Metodológicas

-

EL MIEDO EN LA DICTADURA SISTEMAS DE CONTROL Y VIGILANCIA UTILIZADOS DURANTE LA DICTADURA URUGUAYA DEL PERIODO 1973-1985

Laura Mercedes Oyhantcabal. Estudiante avanzada de la Licenciatura en Ciencias Antropológicas de la Universidad de la República, Uruguay

La dictadura uruguaya, que se produjo entre el 27 de Junio de 1973 y el 28 de Febrero de 1985, se caracterizó por los cambios generados a nivel económico-político y por un proceso de transformación de la organización social en el cual los universos simbólicos de la socialización cotidiana, educativa, política y de la subjetividad individual y colectiva, cambiaron de manera radical. Este cambio implicó experiencias traumáticas en sus protagonistas y en la población en general y ha dejado heridas difíciles de cicatrizar que hoy resurgen de distintas formas y que parecen responder a una serie de causas entre las cuales se señala el uso del miedo para la vigilancia y el control social. El siguiente trabajo tiene como propósito investigar el rol que tuvo y tiene a nivel social el miedo que surge como respuesta a los mecanismos de control y vigilancia que se pusieron en práctica en la Dictadura Uruguaya. Se apunta a entender el impacto que genera el uso del miedo como herramienta de dominación y de que forma se vivenció y vivencia a nivel individual y colectivo, y como sobrevive y afecta a los individuos en la actualidad. La metodología utilizada fue la revisión bibliográfica y análisis de trabajos de distintos autores sobre la temática.

Asimismo, se realizaron dos entrevistas abiertas y en profundidad a personas que vivieron en la dictadura desde el insilio, sin ser presos ni perseguidos políticos, para visualizar de que forma vivió y vive la población estos distintos tipos de control social y cómo a partir de las memorias individuales y colectivas reconstruyen lo que fue este período histórico.

TRANSMISIÓN Y CONTRABANDO DE MEMORIAS

Campos, Lorena Paula. U.B.A - Facultad de Filosofía y Letras;
campos_lp@yahoo.com.ar

La intención es proponerse interrogar(nos) qué es la *transmisión*, para así pensarnos como posibles *contrabandistas de la memoria*.

Por lo tanto, se sostiene la necesidad de comprender el contexto en el cual América Latina, se halla inmersa, pues, no puede desvincularse del análisis de la globalización y los controles hegemónicos actuales.

Si la sacralización del concepto de *genocidio*, es posible, podríamos animarnos a analizarla desde las rupturas y continuidades que existen entre los '70 y los '90, para así (re)pensarnos cuestionándonos si ¿es posible una reorganización hegemónica y/o contrahegemónica? Y, a la vez ahondar en otra pregunta: ¿si llegásemos a repensarnos sería factible reducir el ritmo y/o erosionarlo?

La opción por el camino donde se pueda retomar la importancia y relevancia de la recolección de testimonios orales, para dar continuidad a *lo dicho* durante los juicios a las Juntas Militares, puede ser una alternativa. También la de reforzar las lecturas, los audios y los usos de las nuevas tecnologías para facilitar el acceso a los mismos y así, poco a poco, llegar a comprender y analizar de manera macro lo sucedido en los '80. Ir problematizando qué implicaron las Leyes de Obediencia Debida y Punto Final, en el contexto argentino de la época, es de vital relevancia para llegar a inmiscuirse en el complejo entramado social, político, económico y religioso que nos habita en el presente.

Palabras claves: transmisión, contrabandistas de la memoria, genocidio, lo dicho.

INTERPRETACIÓN DE LOS SUEÑOS Y EL HUMOR EN EL TRABAJO DE CAMPO AFECTIVO SOBRE LA VIOLENCIA ESTATAL EN ARGENTINA

Eva van Roekel. Universidad de Utrecht; e.vanroekel@uu.nl; evroekel@gmail.com

Este trabajo se basa en el trabajo de campo etnográfico, entre las víctimas y los oficiales acusados, que llevé a cabo entre 2009 y 2012 para mi investigación de doctorado en los ensayos actuales de los crímenes de lesa humanidad en Argentina. Después de más de 30 años de impunidad oficial, crímenes como los miles de desapariciones, detenciones ilegales y torturas durante el último régimen cívico-militar (1976-1983), en 2005 la Corte Suprema de Argentina anuló dos leyes anteriores de amnistía.

Aunque desde la distancia un mundo legal puede parecer sencillo y sin ambigüedades, mi trabajo de campo era un campo moralmente confuso, donde la gente tenía experiencias persuasivas, interpretaciones y juicios de la violencia estatal, pero

intrínsecamente oposicional. La pregunta de investigación que tuvo que ser contestada en el campo era cómo los sentimientos que se encuentran debajo de las trayectorias de justicia transicional locales interactúan con importantes moralidades cotidianas entre dos comunidades en conflicto en relación con la violencia de Estado y la búsqueda actual de la justicia retributiva. Sin embargo, los sentimientos relacionados a la violencia, el sufrimiento y la responsabilidad muchas veces permanecieron sin resolver durante las entrevistas, lo que me obligó a recurrir a fuentes alternativas, como el silencio, el humor y los sueños. Mi trabajo de campo se desarrolló en un ambiente de conflicto que se caracteriza con interacciones confidenciales entre el etnógrafo y personas que fueron presuntamente por delitos de lesa humanidad y las personas que sufrieron las atrocidades. Este trabajo indaga dos momentos del trabajo de campo inesperadas que revelaron nuevos conocimientos sobre estas experiencias vividas de la justicia de transición y explora el valor epistemológico y metodológico para evaluar los sentimientos del etnógrafo en el campo con el fin de desbloquear determinadas actitudes afectivas hacia la violencia estatal y lidiar con los sentimientos perturbadores informantes .

Palabras clave: trabajo de campo, sentimientos, violencia y moralidad.

-

**“DISCULPE, SEÑOR JUEZ... ¿ME PERMITE DECIR UNAS PALABRAS?”
MEMORIAS EN CLAVE PERSONAL, IDENTIDADES POLÍTICAS Y
PERFORMANCES JURÍDICAS EN LOS TESTIMONIOS ORALES DE
SOBREVIVIENTES EN LA MEGA CAUSA LA PERLA, CÓRDOBA-
ARGENTINA**

Dra. Mariana Tello. Espacio para la Memoria “La Perla”/Universidad Nacional de
Córdoba (Argentina)

La presente ponencia, se enmarca en un proceso más general de investigación que analiza las memorias e identidades en torno a las experiencias concentracionarias y en particular a las vividas en el CCD conocido como La Perla en Córdoba, Argentina, durante la última dictadura cívico militar (1976-1983). La misma, intentará dar cuenta de cómo esas memorias se recrean en la escena judicial actual, disputando sentidos sobre el pasado reciente y sus protagonistas. Así, analizaré una parte central y novedosa de los testimonios vertidos en esta nueva etapa: las introducciones o preámbulos que anteceden al relato fáctico de las experiencias vividas o los “epílogos” que lo concluyen. Estos pasajes, los cuales desmarcan el ritual jurídico “pidiendo” la palabra, buscan ofrecer un plus de comprensión a las experiencias narradas a lo largo de 30 años y a sus marcos sociales de escucha.

-

GT 90. ARCHIVOS, MEMORIAS Y BUROCRACIAS

Coordinadores:

Dra. Eva Muzzopappa IIDyPCa - Universidad Nacional de Río Negro/ Equipo de Antropología Política y Jurídica (UBA) Argentina emuzzopappa@unrn.edu.ar

Prof. Jorge Eduardo Enriquez Vivar Dpto. Ciências da informação- Faculdade de Comunicação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul jeevivar@gmail.com

Lic. Valeria Barbuto Memoria Abierta/ Equipo de Antropología Política y Jurídica (UBA) vbarbuto@gmail.com

Sesión 1: Lógicas de archivo I

ABRINDO TONY MIYASAKA, NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE UM ARQUIVO PARTICULAR

Rafael Franklin Almeida Bezzon. Mestrando em Ciências Sociais, UNESP-FCLar

Os arquivos existem desde que os homens decidiram guardar documentos, fotografias, objetos, relativos às suas produções. Os arquivos foram evoluindo e se modificando conforme as atividades foram se transformando, nesse sentido ao inventarem a fotografia surgiram os arquivos fotográficos, necessários para a conservação dessas produções imagéticas, seja em arquivos sob a guarda de instituições do Estado, seja em arquivos particulares. A presente comunicação, fruto de uma pesquisa em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” no campus de Araraquara (UNESP-FCLar), tem como objetivo refletir sobre a importância da pesquisa com arquivos fotográficos particulares, utilizando, como base, o instrumental teórico da Antropologia Visual. Especialmente, refletir sobre a experiência de pesquisa etnográfica, em andamento, no arquivo e do arquivo de um fotógrafo, Tony Miyasaka, da cidade de Ribeirão Preto, localizado no interior do Estado de São Paulo. O arquivo é composto por fotografias que tem como temática central o desenvolvimento da cidade, o registro de pessoas ilustres, entre outros temas. Partindo da perspectiva defendida por Elizabeth Edwards de que arquivos são

potencialmente pesquisáveis, “resourceful” e não apenas fontes para a pesquisa, a etnografia tem como foco as fotografías e negativos que compõem esse arquivo, aproximadamente três mil, por serem portadoras de agência e mediar la relación entre personas e personas, e personas e cosas. Dessa maneira, as fotografías e negativos são os grandes informantes na abertura do arquivo fotográfico.

Palabras clave: Archivo Particular, Fotografía, Etnografía, Antropología Visual.

REFLEXIONES EN TORNO AL TRABAJO CON ARCHIVOS DE LAS FUERZAS ARMADAS EN EL MARCO DE LAS POLÍTICAS ESTATALES DE MEMORIA, VERDAD Y JUSTICIA

Verónica Almada. Prof. de enseñanza Media y Superior en Ciencias Antropológicas.

Facultad de Filosofía y Letras, UBA.

La reapertura de causas judiciales por delitos de Lesa Humanidad en la República Argentina, conllevaron el requerimiento de una gran cantidad de información relacionada con el accionar de las Fuerzas Armadas durante la última dictadura militar. Sin embargo, este proceso se veía obstaculizado porque la documentación sobre dicho periodo continuaba bajo clasificación de seguridad. La primera medida en pos de superar ese obstáculo llegó en 2010 cuando, a través del decreto 4/2010, el Poder Ejecutivo relevó de la clasificación de seguridad a toda aquella información y documentación vinculada con el accionar de las Fuerzas Armadas durante el período 1976 y 1983.

Ese mismo año, la Ministra de Defensa conformó en el ámbito de la Dirección de Derechos Humanos un Grupo de Trabajo que emprenda la tarea de relevamiento y análisis de toda la documentación de valor histórico y/o judicial que se encuentre custodiada en dependencias de las Fuerzas Armadas. El presente trabajo, constituye un repaso sobre la labor de dicho Grupo de Trabajo, atendiendo a los obstáculos iniciales y los avances conseguidos. Pero, también propone una reflexión en torno a dicha tarea. Porque, abordar el análisis de la documentación implicó también el trabajo de comprender las lógicas internas de un grupo socialmente distante a cualquiera que no se aliste en sus líneas y del cual la antropología social se había interesado excepcionalmente. Sumado a ello, este análisis debía hacerse sobre el pasado, siguiendo a Sarraibayrouse Oliveira, se podría decir que implicó -por momentos- un viaje a través del tiempo. El objetivo de esta reflexión es sostener no solo la importancia del acceso a esta documentación para los juicios de Lesa Humanidad, sino también del análisis y comprensión de las relaciones, prácticas, valores, costumbres, conflictos y actores, detrás de dichos documentos.

Palabras Clave: Archivos, Dictadura, Fuerzas Armadas, Políticas de Memoria, Verdad y Justicia.

LOS ARCHIVOS, LA ARCHIVÍSTICA Y EL PUNTO DE VISTA DEL NATIVO

Eva Muzzopappa. IIDyPCa – UNRN / EAPJ – UBA

El trabajo presenta algunos de los ejes a partir de los cuales desarrollo actualmente un trabajo etnográfico sobre archivos de inteligencia de diferentes burocracias estatales –de policías, de servicios provinciales de inteligencia y de la Armada argentina- creados y utilizados en diferentes períodos históricos. En esta propuesta de análisis se reflexiona sobre la utilidad metodológica en la confluencia simultánea de algunos principios de la perspectiva etnográfica y algunos de la disciplina archivística.

Particularmente, esta ponencia se detiene en la cuestión de la perspectiva etnográfica entendiendo que la Antropología es un ejercicio de ruptura con el sentido común del antropólogo, a fin de reconstruir algo que puede ser de sentido común de algún otro. Se trata, dice Clifford Geertz, una “desintegración analítica de la que extrae su autoridad el sentido común”, con lo cual el antropólogo se limita a organizar y sistematizar lo que “ya se sabe” (también lo que se hace pero no se sabe). Este trabajo apunta a «ver las cosas desde el punto de vista del nativo”. Sobre las diferentes reformulaciones de este objetivo antropológico y su utilidad para el abordaje y estudio de diversos archivos se detiene también este trabajo.

Palabras clave: archivos, burocracias estatales, etnografía, organismos de inteligencia

Sesión 2: Lógicas de archivo II

-

ARQUIVOS E MEMÓRIAS NA TRAJETÓRIA DE UM INDUSTRIAL BRASILEIRO

Sérgio Martins Pereira

Cristiane Muniz Thiago.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel de dois arquivos na construção da biografia e das memórias familiares em torno da trajetória do empresário Jesus Norberto Gomes (1891-1963), um empresário industrial natural do estado do Maranhão – Brasil. Escrita por um de seus filhos e publicada pela Academia Maranhense de Letras, a biografia do empresário retrata seu sucesso econômico, bem como sua prisão por suposto envolvimento com o comunismo, em 1935, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Além de baseada numa tradição oral e familiar, a construção destas memórias é alimentada por documentos e arquivos pessoais e institucionais ligados à família. Como administrador das empresas da família, filho e biógrafo, Elir Gomes reuniu documentos que retratam a trajetória do seu pai. O outro arquivo representado na biografia está relacionado à prisão de Jesus Gomes em 1935. O Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro reúne parte dos documentos da chamada “Polícia Política” no Brasil - órgãos estatais que foram responsáveis pela repressão e produção de informações relacionadas aos crimes políticos. Ao refletir sobre os usos dos arquivos público e privado que mapeiam a trajetória de Jesus Gomes, analisaremos limites e possibilidades impostos pela natureza desses dois tipos de arquivo e a transformação de suas funções em diferentes momentos. Partimos da hipótese de que a memória coletiva da família Gomes não é independente de registros “burocráticos”, como os documentos das empresas da família ou os arquivos oficiais do Estado brasileiro produzidos em um período político de exceção.

Palavras-chave: Arquivos; Memória; Polícia Política; Maranhão; Brasil.

BIBLIOTECA COMO ARQUIVO: HORIZONTES PARA UMA PESQUISA HISTÓRICA EM ANTROPOLOGIA

Pedro Henrique Galdino. Mestrando em Antropologia Social (UNICAMP – Brasil);
galdino.pedro@gmail.com

Um trabalho na antropologia que tenha por objetivo pesquisar um autor ou um momento de sua vida e obra, quase sempre se vê na iminência de realizar uma pesquisa em seu arquivo pessoal. No entanto, levado pelo meu interesse em realizar uma pesquisa histórica sobre a fase tupinista da obra de Florestan Fernandes, algumas questões se mostram pertinentes, do ponto de vista metodológico, para dar prosseguimento na pesquisa. Isso porque o arquivo pessoal do autor encontra-se reunido em meio à sua biblioteca pessoal, doada para a Universidade Federal de São Carlos e alocada na

biblioteca central da instituição. Nesse sentido, pareceu-me pertinente interpelar sobre os sentidos que a biblioteca pode ter numa pesquisa histórica em antropologia. Assim, esta comunicação pretende discutir as possibilidades de abordar a biblioteca como arquivo, isto é, construções culturais que, por meio de artifícios classificatórios e uma economia interna dos objetos complexos de que se ocupam, produzem narrativas pessoais, temáticas e disciplinares inscritas em registros temporais. Desse modo, esta apresentação se desdobra em dois momentos: num primeiro me proponho a expor as aproximações possíveis entre biblioteca e arquivo e, num segundo, o que essa aproximação abre de horizontes metodológicos para uma pesquisa histórica em antropologia.

Palavras-chave: biblioteca; arquivo; história da antropología.

“VERSIONES OFICIALES”. EL CASO DEL ASESINATO DE TRES MILITANTES DE LA JUVENTUD UNIVERSITARIA PERONISTA A PARTIR DEL ANÁLISIS DE DOCUMENTOS ESTATALES

Melisa Paiaro. CEA-UNC / CONICET

Tanto en las denuncias de las víctimas y de familiares de desaparecidos, como en documentos producidos por las fuerzas de seguridad y en las publicaciones de la prensa, ha sido evidenciado el rol del Comando Radioeléctrico (CRE) en los operativos de control, secuestro, allanamiento y detención que culminaron con la muerte o el traslado de personas en la ciudad de Córdoba en la década del `70. Hasta el momento, tres de los seis juicios por delitos de lesa humanidad desarrollados en la provincia, han condenado los crímenes cometidos por miembros de este cuerpo policial. El presente trabajo propone analizar las distintas versiones oficiales vertidas en “documentos estatales” respecto de los acontecimientos que culminaron en el asesinato, en manos de miembros del CRE, de tres militantes de la Juventud Universitaria Peronista el 2 de junio de 1976. Durante el registro de las audiencias del juicio “Menéndez V”, me fue posible advertir la existencia de tres narrativas “estatales” respecto de aquel crimen: la del Tercer Cuerpo de Ejército, la de la Policía Federal Argentina y la de la Policía de la Provincia de Córdoba (Libro de Guardia del CRE). Cuidándonos de escindirlos analíticamente de los particulares procesos históricos que los generaron y de los diversos escenarios que los mismos contribuyen (en distintas temporalidades) a constituir, este trabajo indaga, por un lado, en la construcción de las versiones oficiales sobre el asesinato y, por el otro, en el rol que dichos documentos cumplen en la actualidad en el contexto judicial.

Palabras claves: documentos estatales - versiones oficiales – asesinato político - Comando Radioeléctrico.

ARCHIVOS Y SITIOS DE MEMORIA: REFLEXIONES EN TORNO A LOS PROCESOS LATINOAMERICANOS

Valeria Barbuto. Memoria Abierta / EAPJ (UBA)

Los archivos de derechos humanos han sido un tema central en todos los procesos políticos latinoamericanos. La documentación de casos e investigaciones destinadas a probar los patrones de los crímenes se extiende en el tiempo y disputa distintos sentidos. Desde las discusiones por el conocimiento o “descubrimiento de evidencia”, las acciones por lograr una apropiación social del pasado, la lucha contra la impunidad, hasta la construcción de políticas públicas.

Los archivos pueden ser entendidos como una potencia situada, un territorio dialógico de enunciación que define sus propios límites haciendo referencia a la instancia del discurso en acto, en relación al acontecimiento en el cual es leído y a la estructura que construye las reglas a partir de las cuales es posible su lectura. Esta conceptualización operativa, destinada al ordenamiento y accesibilidad de los documentos sólo puede llevarse adelante recuperando los espacios de disputa y reapropiación en el tiempo.

Este trabajo se propone reflexionar sobre una apropiación particular de los sentidos del archivo producida en el vínculo entre “sitios de memoria” y “archivos de derechos humanos” en algunos países de Latinoamérica. Se pregunta sobre los horizontes de acción de este vínculo entre sitios y archivos, sobre la vinculación de estos dispositivos como vehículos de memoria y sobre sus dilemas y tensiones en los procesos de memoria, verdad, justicia, reparación y paz.

Palabras clave: sitios de memoria – políticas públicas – derechos humanos – archivos.

Sesión 3: Tras el archivo

-

ENTRE CARIMBOS, INSÍGNIAS ACADÊMICAS E PAPÉIS QUE DOCUMENTAM A DOCUMENTAÇÃO: O NÃO ACESSO COMO FORMA DE ACESSO

Larissa Nadai. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Núcleo de Estudos de Gênero Pagu – UNICAMP.

Esta comunicação busca lançar luz à documentação encaminhada à Comissão Científica do Instituto Médico Legal (IML) do Estado de São Paulo, com vista a solicitar acesso aos arquivos e expedientes de trabalho dessa corporação, na cidade de Campinas. Circunscrita às perícias criminais envolvendo casos de estupro, minha atual pesquisa de doutorado foi negada nessa instituição pela referida Comissão. Nesse sentido, o intuito desta proposta é colocar sob reflexão o indeferimento de minhas pretensões de investigação, buscando etnografar as formas pelas quais documentamos, como pesquisadores, a documentação que nos dá (ou não) acesso a essas instâncias burocráticas. Inspirada por Lugones (2014), buscarei apresentar uma espécie de imaginário que, junto ao lastro de carimbos institucionais, assinaturas, documentos pessoais, cartas de intenções, projetos de pesquisa e a insígnia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atravessam a confecção desses papéis. “Credulidades compartilhadas” em torno daquilo que, como “sujeitos estatais”, nós imaginamos ser os expedientes de certas instâncias policiais, bem como, as estratégias mais eficazes de conseguir acesso a eles. Com o propósito de desdobrar algumas considerações metodológicas sobre o que não se pode acessar, darei atenção aos efeitos produtivos indexados pelo mencionado indeferimento e aos fragmentos-pedaços por meio dos quais as investigações empíricas de minha tese de doutorado têm sido desenhadas. A saber, entrevistas com médicos legistas, aulas de medicina legal, contatos pessoais e visitas guiadas. Minha hipótese é que essas muitas fragmentações dão visibilidade às fronteiras, articulações e relações que sustentam o IML, enquanto instituição.

Palavras-chaves: documentos oficiais; acesso; instâncias estatais; burocracia.

APORTES DEL REGISTRO ESCRITO A UN ESTUDIO DE PANTEONES RURALES EN LA FRONTERA URUGUAY-BRASIL

Elena Saccone. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UdelaR

La complejidad de ciertos tópicos hace que los estudios interdisciplinarios sean una necesidad. Para la antropología de la muerte en particular la línea de evidencias de la documentación es un complemento indispensable de la cultura material y la tradición oral. La conjunción de evidencias permite una interpretación de ciertas pautas sociales que trascienden a la muerte y buscan reconocer a los vivos detrás de las representaciones. En el presente trabajo se aborda el estudio de fuentes documentales primarias – actas del registro civil– de la región norte de Uruguay. Los datos de las personas fueron obtenidos de panteones y enterramientos en tierra en zonas rurales y más allá de los datos sobre sus muertes consignados en las partidas de defunción, estas nos llevan a conocer detalles sobre su vida, su condición social y su familia. Se observa una proporción importante de extranjeros en la población de la zona, que disminuye a lo largo del período de estudio. Las nacionalidades también pueden ser correlacionadas con la ocupaciones, entre las que se destacan los hacendados y los comerciantes. En

ocasiones se hallaron partidas de otros registros vitales (nacimiento o matrimonio) e incluso registros de otra procedencia que aportan datos esenciales para la interpretación. Se plantea un ejemplo que utiliza documentación del libro de registros de una escuela rural y documentación de migraciones, que sumadas a las partidas de registro civil, permiten realizar una interpretación sobre la historia de vida de dos personas que nacieron en la misma zona y en el mismo año pero en contextos socio- económicos distintos.

Palabras clave: Antropología de la muerte; registro civil; panteones rurales; frontera; Uruguay.

SOB O MOFO DA HISTÓRIA: OS DOCUMENTOS DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS

Fernanda Lucchesi. PPGAS-USP

A primeira instituição brasileira de combate às secas na região Nordeste, a Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS), foi criada em 1909 e renomeada IFOCS (Inspeção Federal) em 1919 e DNOCS (Departamento) em 1945. Conforme informação de seu site, até 1959, o DNOCS foi "a única agência governamental federal executora de obras de engenharia na região", construindo diretamente açudes, estradas, pontes, portos, ferrovias, sendo o único responsável pelas políticas de socorros às populações afetadas. A perda da importância do órgão pode ser avaliada pelo estado de conservação de seus açudes, prédios e, de maneira especial, de seus arquivos. O primeiro arquivo pesquisado foi o da repartição do órgão na cidade de Coremas, no sertão paraibano, como parte da pesquisa de doutorado em curso. O acervo encontra-se danificado pela ação da humidade e bichos. Os arquivos da sede do órgão na capital João Pessoa apresentam o mesmo aspecto desolador, com documentos destruídos e desordenados. Parte do acervo foi organizado e transferido para Recife, em 1970, sede que também não ficou incólume à decadência do DNOCS. O antes imponente prédio do órgão foi repartido para abrigar mais duas repartições federais e uma enchente agravou a situação dos documentos. O presente trabalho busca refletir sobre os arquivos do DNOCS em Coremas, João Pessoa e Recife, explorando as pistas deixadas pelos documentos, e também sobre o que a destruição dos arquivos podem revelar.

Palavras-chave: DNOCS, Seca, Paraíba, Arquivos.

GT 91. ANTROPOLOGÍA, POLÍTICA Y GESTIÓN PÚBLICA EN EL CAMPO DE LA CULTURA

Coordinadores:

Dra. Lía Calabré, Fundação Casa de Rui Barbosa – Ministério da Cultura;
liacalabre@rb.gov.br

Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues, Universidade Federal Fluminense;
luizaugustorodrigues@id.uff.br

Dr. Alvaro de Giorgi, Centro Universitario Región Este- UDELAR;
aldegiorgi@adinet.com.uy

Comentarista: Dra. Ivana Mihal, UBA / CONICET, Argentina; ivmihal@yahoo.com.ar

-

Sesión 1:

-

POLÍTICA PÚBLICA DE CULTURA E A EMERGÊNCIA DA CIDADE PERIFÉRICA. ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DO RIO DE JANEIRO

Adair Rocha, UERJ, PUC-Rio, MinC-RJ/ES

Pretendo reunir nessa apresentação a interação orgânica entre a academia e o poder público, em sua ampliação e/ou universalização, tendo a política pública de cultura como mediadora do acesso ao direito da população da cidade, a partir da potência das favelas e das periferias como expressões vivas e expressivas da cidade. Trata-se, portanto, de uma outra referência de cidade, a partir do protagonismo da sociedade, na conquista da cultura como direito, nessa rede urbana que é a imagem invertida do espelho, que gera, imediatamente a pergunta: por quê razão o Leblon precisa de Vidigal, o Canta Galo de Ipanema, e Copa de Guararapes, como o Leme do Chapeu e de Babilônia, seguindo assim pela metrópole carioca. Falo desde a prática acadêmica, pesquisando e refletindo sobre as mídias locais e, mais especialmente, a comunicação comunitária. O curso Cinema, Criação e Pensamento, com duração de um ano e meio, para moradores de favelas, via núcleo de Comunicação Comunitária da PUC-Rio, é uma das traduções dessa perspectiva em movimento. De outro lado, consigo me aproximar da organicidade da força social com a gestão de políticas públicas, como gestor do Ministério da Cultura no Brasil. Aqui, o Programa Cultura Viva, materializado com os Pontos de Cultura, expõe a diversidade cultural em suas significações originais e, contraditoriamente, obnubiladas pelo centralismo das mídias de massa, em seu

engessamento que reduz cultura a eventos, quando a revolução da liberdade tem seu limite na SIGNIFICAÇÃO. Folia de Reis, Jongo, Funk, Hip-Hop, Samba são algumas das expressões das favelas e das periferias do Rio que mobilizam sua população, especialmente, suas juventudes, e traduzem os fluxos e intervenções de um novo corpo em vozes dissonantes, O reconhecimento da cultura como significação enfrenta as pressões políticas, econômicas e culturais que são sintomas de uma luta sistêmica das estruturas vigentes de sociedade. Palavras chave: política pública de cultura – direitos culturais – periferias – pontos de cultura – mídia – juventude

POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA E A POTENCIALIZAÇÃO DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS DE PERIFERIA

Juliana Lopes, UFRJ

A relação entre Estado e Cultura e os desdobramentos das políticas públicas sobre a produção cultural contemporânea em diálogo e articulação com a sociedade civil para construção de processos de democracia e cidadania cultural ganham destaque nas políticas culturais dos anos 2000 no Brasil. Da ampliação do conceito de cultura em suas dimensões simbólica, econômica e cidadã à ativação dos canais de participação tendo toda a sociedade como beneficiária daquelas políticas vivencia-se políticas inovadoras e catalisadoras de processos sensíveis na sociedade brasileira. A presente comunicação busca refletir sobre as políticas públicas de cultura do Ministério da Cultura nos anos 2000 e o seu papel na potencialização de práticas artísticas e culturais de territórios de periferia. Nos últimos dez anos, tais práticas vêm ocupando a esfera pública e configurando uma inventiva e inovadora cena artística e cultural urbana que ao atuar nas margens geográficas e sociais das cidades traz também em si uma concepção cidadã ancorada no desenvolvimento humano e social. Tais iniciativas foram reconhecidas, visibilizadas e fortalecidas pelas políticas públicas de cultura no período de 2003-2010, especialmente, por meio do Programa Cultura Viva e de diferentes outros mecanismos de fomento, participação e instrumentos legais reconfigurando as políticas públicas de cultura em um arranjo entre Estado e sociedade civil e alargando o conceito sobre a produção cultural contemporânea. Palavras-chave: políticas públicas, práticas artísticas e culturais, periferia, sociedade civil, cidadania.

MUSEUS DE HISTÓRIA: AGENTES DA INCLUSÃO SOCIAL

Maria Helena Versiani, Museu da República

Propomos discutir o papel dos museus históricos nacionais como agentes da inclusão social. Partimos do entendimento de que a decisão de formar um acervo museológico, investindo recursos públicos e cuidando para que ele esteja acessível às gerações futuras, supõe alguma compreensão quanto ao que deva ser preservado, como um *legado* do passado para o presente e o futuro, quanto ao que deva se constituir como um patrimônio cultural, valorizado como fonte de pesquisa e conhecimento. Essa questão envolve a ideia de que a formação de acervos deve ser percebida como um trabalho de construção de memórias, podendo funcionar como um instrumento de luta política no campo da memória. Por que alguns bens culturais são musealizados e outros não? Tal definição invariavelmente ocorre dentro do mundo das relações sociais, envolvendo interesses de diferentes matizes. Quais acervos são selecionados? Quais são descartados? Quais são valorizados, dentro de determinado conjunto, ou secundarizados? Consciente ou inconscientemente, o trabalho de formação e organização de acervos museológicos é um trabalho de atribuição de valor. A partir dessa compreensão, procuramos discutir o lugar dos museus históricos nacionais como espaços de produção de conhecimento sobre as sociedades, observando que eles tanto podem reforçar lógicas de privilégio presentes nas sociedades como podem questioná-las, neste caso atuando como agentes da ampliação dos direitos de cidadania.

Palavras-chave: Museu; Patrimônio Cultural; História; Cidadania; Inclusão Social.

POLÍTICA PÚBLICA Y REGULACIÓN DEL TRABAJO EN EL ÁMBITO CULTURAL EN MÉXICO. LA CATEGORÍA DE TRABAJADOR COMO PROBLEMA POLÍTICO.

Itzel Ibarгойen, UAM-Iztapalapa

Comprender cuál es la especificidad del trabajo en el ámbito cultural implica tomar en cuenta los cambios en el estatuto de la cultura como espacio de producción de hegemonía promovido a partir del consenso de Washington en 1987 y que significó serias modificaciones a la producción artística, editorial, musical, escénica, diseño y la gestión cultural, entre otros. En particular se examina la situación del trabajo en el ámbito cultural en México a partir de las formas de organización sociales surgidas después de la desaparición forzada de los cuarenta y tres estudiantes de la escuela rural Isidro Burgos en Ayotzinapa, Guerrero y las reformas estructurales impuestas por el actual presidente Enrique Peña Nieto.

Propongo analizar la relación entre arte y trabajo para problematizar cual es la específica configuración que se plantea entre producción cultural, relaciones salariales y modos de subjetivación política en el capitalismo contemporáneo.

Interesa indagar cómo esto se conecta con las nociones de libertad y autonomía que los trabajadores del sector cultural proclaman para sí mismos en términos de modos de producción y organización laboral; y la significación de la dimensión antagónica de lo

político en la propia práctica. En la medida en que la elección por la autonomía está condicionada no solo por las percepciones de sí en términos de prácticas y resistencias, sino también, por las configuraciones laborales actuales caracterizadas por una fuerte flexibilización y precarización laboral se ensayan algunos lineamientos desde donde problematizar la categoría de trabajador cultural como problema político y su relación con el Estado.

Palabras clave: trabajo cultural, precarización, cultura, política.

EL DISTRITO DE DISEÑO EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES: LÍMITES Y POSIBILIDADES QUE OFRECEN LAS POLÍTICAS CULTURALES PARA EL DESARROLLO URBANO

Silvia Benza, UBA

En el año 2005, la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO) nombró a Buenos Aires como la primera Ciudad de Diseño en el marco de su programa de Red de Ciudades Creativas de la Alianza Global para la Diversidad Cultural. Por este motivo, el Ministerio de Desarrollo Económico del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires busca erigir a la Ciudad de Buenos Aires como un referente en América Latina, creando el Distrito de Diseño. El objetivo central es reordenar la trama productiva de la Ciudad, construir nuevas centralidades, generar polos capaces de competir internacionalmente en la atracción de inversiones en torno a las actividades relacionadas con el uso intensivo del diseño. Las políticas culturales han adquirido un papel esencial en el desarrollo territorial que pretende integrar la economía del conocimiento con la cohesión social, la gobernanza y la sostenibilidad. Nos proponemos analizar las consecuencias de la política cultural en el desarrollo urbano de la Ciudad de Buenos Aires teniendo en cuenta dos tendencias: por un lado, las teorías que ponen el énfasis en señalar las externalidades positivas de la política cultural y, por el otro, las que sitúan el acento en el valor público de la cultura. Con este fin, proponemos una metodología cualitativa y cuantitativa de mapeo de las actividades culturales del Distrito de Diseño.

Palabras claves: Distrito Cultural – Diseño – Políticas Culturales – Desarrollo Urbano – Mapeo.

ENTRE LA(S) NOCHE(S) Y LA(S) CULTURA(S). UN ANÁLISIS DE LAS POLÍTICAS GUBERNAMENTALES PARA LA GESTIÓN MUNICIPAL DE LA DIVERSIÓN NOCTURNA EN LA CIUDAD DE CÓRDOBA, ARGENTINA

María Lucía Tamagnini, UNC

El presente trabajo se inscribe en una investigación más amplia que indaga formas de gestión de la diversión y el entretenimiento nocturno que lleva adelante el Estado

Municipal de la ciudad de Córdoba (Argentina) en el presente. La pesquisa se concibe como una etnografía sobre unas formas locales y específicas de ejercicio del poder estatal, realizadas en las actuaciones administrativas de los agentes estatales encargados de elaborar e implementar las políticas municipales de “control y fiscalización” del divertimento nocturno en Córdoba. El propósito general es analizar el proceso continuo de constitución del Estado y los modos en que éste produce, reproduce y modifica las culturas nocturnas de la ciudad mediante un conjunto particular de políticas y prácticas administrativas que podrían ser pensadas como “políticas culturales”.

En esta ocasión me interesa presentar un conjunto de reflexiones parciales, producto de la indagación etnográfica del proceso de modificación del instrumento normativo que tiene como objetivo regular el divertimento nocturno en la ciudad, la ordenanza “Código de Espectáculos Públicos”. La descripción densa de este proceso, que se desarrolló desde fines de 2008 y durante gran parte del 2009, estará guiada por dos objetivos: por un lado, explorar los modos en que el estado municipal cordobés, a través de políticas gubernamentales objetivadas en normativas específicas y organismos administrativos, habilita la formación de determinadas escenas que dan forma a “la noche cordobesa”, al tiempo que inhabilita o intenta invisibilizar otras. Por el otro, y siguiendo la propuesta de la antropóloga Susan Wright en su ensayo “La politización del concepto de cultura” (1998), pretendo examinar cómo se ha invocado a la “cultura” durante este proceso, quiénes, cuándo (en qué situaciones) y con qué efectos.

PROGRAMA MAIS CULTURA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO DA INFLUENCIA

Monica Monteiro, FJN/UFM

Os Ministérios da Educação e da Cultura do Brasil lançaram em 2012 o Programa Mais Cultura nas Escolas (PMCE), voltado ao reconhecimento, à indução e ao estímulo, da interação entre educação e cultura em escolas públicas. Formalizado por resolução do FNDE, o programa prevê a destinação de recursos para projetos culturais das escolas, como forma de destacar a importância dessas, enquanto espaço para a vivência democrática. A partir da abordagem do *policy cycle approach* de Bowe (1992) e Ball (1993), fundamentada na compreensão de que o processo de formulação e implantação das políticas educacionais é um ciclo contínuo integrado pelos contextos da influência, da produção do texto e da prática, este artigo analisará, a partir de pesquisa documental, *como se apresenta o contexto da influência na formulação do Programa Mais Cultura nas Escolas?* Nesse contexto são abordadas as questões sobre como, e por força de que pressões ou decisões, as políticas públicas são iniciadas e os discursos são construídos. Busca-se neste artigo, descrever o contexto em que o PMCE foi formatado, considerando as informações públicas disponíveis sobre o Programa. Para essa análise serão aprofundadas as pesquisas bibliográfica e documental para identificar: as influências e tendências presentes no Programa; as justificativas para implantação do

Programa e a constituição do discurso do Programa no decorrer do tempo.

Palavras-chave: educação, cultura, formulação de política pública.

Sesión 2 :

-

O SEGUNDO TEMPO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO: O SISTEMA NACIONAL DE CULTURA NO GOVERNO DILMA

Alexandre Barbalho, UECE

O artigo analisa a atuação das ministras Ana de Hollanda e Marta Suplicy e respectivas equipes no que diz respeito à implantação do SNC durante suas gestões. Para tanto, situo os agentes e suas posições nesse processo que diz respeito à institucionalização do campo cultural com forte relação com o campo político. O Estado como detentor de meta-capital, pois concentra não só capital político, mas também econômico, social e cultural, é um espaço de convergência e embate entre os diversos campo. Nesse sentido, compreender uma política pública de cultura é levar em consideração os necessários cruzamento de interesses entre agentes do campos cultural e político e aqueles que integram ambos simultaneamente. Com esse objetivo, construí um corpus de entrevistas com ex-gestores e de documentos do MinC.

Palavras-chave: Sistema Nacional de Cultura; Governo Dilma; Campo político; Campo cultural.

POLÍTICAS E GESTÃO CULTURAIS NO BRASIL

Antonio Albino Canelas Rubim, UFBA

A ausência de uma política de formação em cultura parece não ser uma característica brasileira. A Organização dos Estados Ibero-americanos, em informe sobre cultura e sustentabilidade na Ibero-América, publicado em 2005, afirma na página 10: “Sin embargo, parece cierto que una das características del espacio cultural iberoamericano es la indefinición formativo-profesional de los productores, gestores, agentes y mediadores culturales”. Este traço comum com países ibero-americanos não significa que as razões desta ausência sejam semelhantes. Este trabalho busca elucidar as singularidades da organização da cultura no país, através do acionamento das políticas culturais nacionais. Dos anos 30 até a década de 80 não existiu atenção com a gestão cultural, apesar do terem sido desenvolvidas políticas culturais. Dos anos 80 em diante, o predomínio das leis de incentivo como política de financiamento – e mesmo como “política cultural” – colocou em destaque outro tipo de organizador: o produtor cultural, olvidando mais uma vez o gestor cultural. Também com relação ao produtor cultural, instalado quase sempre no ambiente privado da cultura, não houve preocupação com sua formação. Mapeamento realizado em 2009 demonstrou a prevalência de cursos

rápidos de mercado, em estilo visivelmente caça-níqueis. A possibilidade de reversão deste quadro emergiu com novas políticas culturais desenvolvidas, desde a gestão de Gilberto Gil no Ministério da Cultura, a exemplo do Plano Nacional de Cultura e do Sistema Nacional de Cultura, bem como da continuada presença priorização desta reivindicação em muitas conferências de cultura: nacionais, estaduais e municipais.

POLÍTICAS CULTURAIS E TERRITORIALIDADES: OLHARES CONTEMPORÂNEOS

Deborah Rebello Lima FCRB

Lia Calabre FCRB

O objetivo deste trabalho é refletir sobre um processo de mediação entre fazeres culturais e territorialidades. As noções de território, territorialidade, espaço, lugar tem permeado inúmeras abordagens de políticas públicas de cultura. Tornando-se um termo quase substantivo, mas precisamos tensionar seu uso e vislumbrar sua forma de apropriação.

A noção de território, muito mais do que um recorte geográfico, especialmente por seu viés identitário, colabora para a construção de redes de sociabilidade e para a interação e cooperação em prol de determinadas atividades, e para as condições e potencialidades de apropriação dos espaços pelos diversos sujeitos, como aponta Milton Santos.

Nos últimos anos, percebemos a crescente adoção da variável territorial como ideia transversal para a elaboração de políticas públicas. Vale ressaltar que este foi um processo que não nasceu no campo da cultura, mas surgiu dentro da construção da agenda social do governo, na elaboração do PAC 2, seu embrião foi no ministério do desenvolvimento agrário.

Esta percepção de que políticas públicas podem ter abordagens complementares e que vislumbrem o território como variável de atuação básica teve um foco mais amplo do que somente o cultural, mas pode-se considerar que várias gestões da cultura compreenderam ser esta uma estrutura de atuação que se aproxima das demandas específicas do campo. Este trabalho é parte do esforço embrionário de pesquisa de vislumbrar e comparar distintas experiências de políticas públicas de cultura que adotem a noção de território como premissa de atuação.

Palavras-chave: políticas públicas de cultura; território; gestão pública.

GESTIÓN CULTURAL LOCAL. ARTICULACIÓN DE ACTORES

Samanta Doudtchitzk

Esta ponencia presentará las estrategias teórico-metodológicas utilizadas en la implementación de 23 proyectos socioculturales entre los años 2007 y el presente, llevadas a cabo por Crisol en una localidad del sur de la ciudad de Buenos Aires: Villa 15, Ciudad Oculta. Se trata de una urbanización informal con alta densidad poblacional, donde habitan aproximadamente 15.000 personas, que registran altos indicadores de pobreza e importantes déficits en sus condiciones de vida. Crisol es una organización de la sociedad civil creada en 1994 cuyo trabajo está orientado principalmente al fortalecimiento de las políticas públicas y a la promoción de proyectos sociales que tienen como protagonistas a poblaciones en situación de vulnerabilidad social. Los proyectos sobre cuya práctica reflexionaremos apuntan a contribuir al acceso de la población a los derechos y bienes culturales, a través de distintas disciplinas artísticas, (teatro, danza, literatura, música, diseño), ampliando sus modelos de referencia e incrementando sus posibilidades de desarrollo personal y vincular y por tanto, de inclusión social. Entre las estrategias a presentar se privilegiará las que se construyen en una doble articulación con la política pública local: por un lado porque la mayoría de los proyectos corresponden a subsidios otorgados por el Régimen de Promoción Cultural Ley de Mecenazgo, por otro lado, porque se implementan en organizaciones (gubernamentales y no gubernamentales) del territorio barrial. Se identificarán los diferentes posicionamientos de actores, especialmente las osc y su relación con el Estado, así como los aspectos facilitadores y las dificultades que se presentan en esta doble articulación.

Palabras clave: Proyectos culturales. Inclusión social. Disciplinas artísticas. Políticas públicas. Estrategias teórico-metodológicas.

LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA Y EL ANÁLISIS DE LA POLÍTICA Y GESTIÓN PÚBLICA DE LA CULTURA

Ivana Mihal, CONICET/ UNSAM

El abordaje de la política y gestión pública de la cultura supone entender desde la mirada de las políticas públicas como éstas se desarrollan y muestran de diversas maneras a través de la interrelación de actores sociales, normativas, e instituciones. Reconociendo esto, desde la perspectiva antropológica se enriquece su abordaje, pues permite la profundización de dicho entendimiento al considerar que forman parte de procesos en constante construcción y resignificación, atendiendo a los contextos sociohistóricos en que estos procesos tienen lugar. En la comprensión de estos procesos las elecciones técnicas no son neutrales sino que se enmarcan en enfoques que posibilitan indagar algunos aspectos más que otros, por eso interesa en esta ponencia reflexionar, a partir de la consideración de distintos tipos de herramientas, los alcances de la antropología en el estudio de las políticas culturales y su gestión.

Palabras clave: Antropología, enfoques, política, gestión, cultura

PROGRAMACIÓN CULTURAL EN MALDONADO: EL DESAFÍO DE CONSTRUIR UN PÚBLICO

Luis Alberto Pereira Severo, UDELAR

Durante el período 2005 – 2010 desde la Intendencia de Maldonado se impulsaron una serie de proyectos en el sector cultural, desde eventos centrales hasta intervenciones en el territorio, fondos concursables y programas de educación artística, en el marco de políticas que se explicitaron como de "construcción de ciudadanía". El conjunto de acciones derivadas significaron una ruptura con las trayectorias anteriores en el departamento, y revistieron características de excepcionalidad en el interior del país. En este trabajo presentaremos un resumen de los programas y proyectos implementados desde una de las unidades involucradas: la Unidad de Programación Cultural, de la que dependieron en el período la gestión de Teatro de la Casa de la Cultura, Sala Cantegril, el fondo concursable PROCULTURA, la gestión de bibliotecas, el Festival Internacional de Cine de Punta del Este, la Feria del Libro y el Encuentro de Escrituras. Específicamente se explicitarán los objetivos planteados para cada una de las áreas de responsabilidad, los datos de la ejecución de la planificación respectiva y la evaluación consiguiente. En cuanto a programación de salas se analizarán las disciplinas artísticas presentes en la programación de salas, y en base a una encuesta de públicos se compartirán datos de satisfacción de asistentes y barrios de residencia de los mismos. Se incorporarán al trabajo datos de las encuestas de opinión efectuadas en el período en lo relativo a actividades culturales. Se considera pertinente este trabajo como aporte a la construcción de políticas públicas para la cultura y a la sustentabilidad de las mismas.

Palabras claves: Cultura - Gestión cultural - Política cultural – Local - derechos culturales

10 ANOS DE CONSOLIDAÇÃO DO SNC: UM OLHAR A PARTIR DA GESTÃO LOCAL

Simone Amorim, UERJ

O trabalho apresenta e discute alguns desafios enfrentados pelos órgãos municipais de cultura na consolidação dos instrumentos de gestão previstos no Sistema Nacional de Cultura (SNC), passados 10 anos de implementação dessa política, no Brasil. Para tanto, contará com dados e informações amostrais dos municípios da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro que já aderiram ao Sistema de Cultura e ainda não consolidaram todos os instrumentos. Em especial na discussão dos Planos Municipais de Cultura, Conselhos e Conferências de Política Cultural. Pretende investigar, sobretudo, a aderência do princípio participativo ao cotidiano dos órgãos municipais de gestão da cultura nesta região, visando entender se é possível afirmar a participação popular como um dinamizador de processos democráticos na esfera local. Atualmente, 58 municípios fluminenses firmaram acordo de adesão ao SNC, pouco mais da metade dos municípios (63%), sendo que, nacionalmente, apenas 36% dos municípios aderiram; a nossa hipótese é a de que o grande desafio que se apresenta à consolidação desse

modo integrado de gerir as políticas, não se deve apenas à opção de determinada gestão em assumir uma agenda integrada de desenvolvimento para o setor cultural. Antes, o maior desafio ao ingresso dos municípios nesse Sistema, tem sido uma certa resistência à construção e ao fortalecimento de mecanismos de gestão que tenham a participação social como fator estruturante das políticas públicas culturais. Isto porque, consolidar um canal deliberativo junto à população altera substancialmente o modus operandi clientelista e plutocrático que historicamente caracterizou as políticas públicas, sobretudo sociais, no Brasil.

Palavras-chave: Política Cultural, Sistemas de Cultura, Municípios.

LA CULTURA COMO POLÍTICA: LA GESTIÓN DE LA CULTURA NIVEL LOCAL

Marcela Rebom , José Tasat, UNTF

El trabajo se enmarca en el Proyecto de Investigación “La institucionalidad de las políticas culturales de gobiernos locales” que se desarrolla en la UNTREF (Argentina) desde el 2007. El mismo aborda los modelos de gestión cultural que adoptan los gobiernos locales actualmente. El análisis se centra en las políticas culturales implementadas por los gobiernos municipales teniendo en cuenta el rol que han asumido en materia cultural a partir de los procesos de descentralización. La política cultural en los municipios asumió nuevos objetivos vinculados con la construcción de lazos sociales y el descubrimiento de una identidad local. Las áreas culturales de los gobiernos locales se reconocen como partícipes y generadoras de procesos para la construcción de la ciudadanía y la integración social. Desde esta perspectiva se analizan las capacidades institucionales, los recursos presupuestarios y los marcos normativos desde la perspectiva de los funcionarios y técnicos municipales así como también de los destinatarios de las políticas culturales del gobierno local. El documento da cuenta del relevamiento y análisis realizado y presenta las reflexiones sobre el camino recorrido en relación a la metodología y el objeto de estudio.

Palabras clave: políticas públicas culturales – políticas culturales locales

Sesión 3:

CULTURA E PODER

Aline Sapiezinskas, UNB

José do Nascimento Junior, IPJB

Propomos uma reflexão sobre as interfaces do poder no diálogo entre as mulheres produtoras de artesanato como meio de vida na periferia de Brasília e as instituições públicas de registro, organização e fomento de tais atividade, no setor público. Partindo da experiência de campo realizada nas cidades do entorno de Brasília, com mulheres artesãs, analisaremos a forma como atuam e interagem com o universo circundante, dentro do campo cultural, apropriando-se do vocabulário e dos discursos institucionais como forma de mobilizar poder, reinventar sua identidade e assim conquista novos espaços de expressão cultural. Entendemos as categorias de poder e política como construídas a partir das interações de cada grupo social com as estruturas de poder estatal ou para estatal. Nesse contexto, discutiremos também a apropriação da noção de cultura inerente a esses processos. Mostraremos como um novo conceito de políticas públicas emerge ao longo do debate, o qual desvela a tensão entre os proponentes das políticas públicas e os agentes do campo cultural. Lançamos uma reflexão sobre o papel do Estado contemporâneo na criação de uma nova matriz de desenvolvimento com ênfase no social. Tendo o método etnográfico como ponto de partida, nos debruçamos sobre esse campo cultural específico para destacar as dimensões de disputa de poder inerentes ao campo. Procuramos lançar mão de conceitos caros à análise antropológica, tais como a noção de cultura e de poder, para fazer emergir as tensões e contradições que se encontram presentes nas relações entre os representantes do poder público, interessados na implementação de diretrizes políticas para o desempenho de atividade econômica no campo cultural e as produtoras de objetos artesanais, no caso, as mulheres brasilienses. Empregamos a análise do discurso nos tratamento dos dados da pesquisa de campo, incluindo tanto o discurso institucional como também as interações sociais consideradas significativas entre os participantes, buscando revelar quais são as estratégias de poder presentes e de que lançam mão ao marcarem sua posição de fala. Buscamos assim lançar um novo olhar e, tanto quanto seja possível, obter novos insights sobre a dinâmica cultural que conforma o campo das políticas públicas da cultura e os agentes de práticas sócio-culturais centrada na produção artística artesanal.

Palavra-chave: cultura, poder, políticas públicas, etnografia e análise do discurso.

POLÍTICAS CULTURAIS E PARCERIAS PÚBLICO PRIVADAS NA CRIAÇÃO E GESTÃO DE MUSEUS

Clarissa dos Santos Veloso

Luciana Teixeira de Andrade PUC-MG

Este artigo tem como objetivo discutir as questões relativas à gestão público-privada da cultura por meio da análise de material empírico sobre o processo de criação e de implantação de dois museus em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil. Estes museus, resultados de parcerias público privadas entre o governo de Minas Gerais e a iniciativa privada, inserem-se num projeto maior de política urbana e cultural do governo e integram o recém-criado Circuito Cultural Praça da Liberdade (CCPL). A hipótese do artigo é que a gestão da cultura com pressupostos empresariais e mercadológicos, tal como é característico dos dois museus estudados, MM Gerda e Memorial Vale, compromete a política cultural no que tange sua transparência, participação social, abrangência e objetivos que prezem a diversidade, o incentivo à

produção e a democratização de acesso à cultura. As estratégias de parcerias público-privadas fazem com que o Estado delegue a terceiros as decisões e a gestão no setor da cultura, levando à criação de equipamentos culturais sob a lógica empresarial. O artigo é parte de uma pesquisa em andamento já em sua fase final, que contou com a realização de entrevistas com gestores públicos e privados e pesquisa documental nos acervos dos museus e nos documentos produzidos pelo governo do Estado. Suas referências teórico-conceituais inserem-se nos campos de estudo da Sociologia da Cultura e da Sociologia Urbana.

Palavras chave: museus; política cultural; parceria público-privada.

QUANDO O CAMPO É O ESTADO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NAS PESQUISAS SOBRE POLÍTICAS CULTURAIS

Leonardo Leal Esteves, UFPE

Neste trabalho, procuro indicar desafios e estratégias que me foram apontadas em pesquisas acerca das políticas culturais. Há mais de dez anos, tenho realizado estudos em torno das chamadas “culturas populares”. Neste período, as relações com o Poder Público estavam, direta ou indiretamente, relacionadas às minhas investigações. Em 2012, entretanto, vim a ter uma inserção mais sistemática neste campo e passei a perceber que há enormes desafios na realização de pesquisas antropológicas em torno de instituições de poder de alcance mais abrangente, como o Estado. Apesar de haver uma longa tradição de estudos antropológicos relacionados a processos de colonização, projetos de “desenvolvimento”, políticas públicas, dentre outros aspectos, há, aparentemente, ainda obstáculos em relação ao arsenal teórico e metodológico a ser utilizado neste campo. Há particularidades, por exemplo, relacionadas à utilização do método etnográfico no âmbito do Estado, como dificuldades de acesso a determinados atores sociais e especificidades relacionadas à utilização da observação participante, que impõem diversos limites e desafios. No âmbito do Estado, além disto, como parte do jogo político e das relações de poder, há muita coisa que não se fala e não se observa, da mesma forma que aquilo que está nos discursos, nos relatórios e nos regulamentos nem sempre correspondem às práticas. Partindo da estratégia do que George Marcus (2001) chamou de “etnografia multilocal”, tenho procurado buscar interstícios, dialogar com diferentes atores e revelar relações assimétricas, interações e alianças por vezes estabelecidas, como forma de compreender alguns aspectos relacionados ao campo das Políticas Culturais.

PALAVRAS CHAVE: Estado, Políticas Culturais, Etnografia, Multilocalidade.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS: APROXIMAÇÕES E AMBIVALÊNCIAS

Maria Cristina Guimarães Oliveira, UFPE/UCP

O trabalho analisa formas de atuação dos programas que envolvem as políticas culturais, sobretudo os que dizem respeito às bibliotecas públicas, observando os atores que vêm interferindo na aplicação dessas políticas. São questionados quais vetores são possíveis para se pensar políticas culturais na atualidade quando vivemos, simultaneamente a complexificação das tramas socioculturais e seu esgarçamento? Noutra enfoque observa as formas de gestão, que devem considerar as demandas do ambiente territorial e o urbano, como surgem em seu espaço econômico e sociocultural, vinculando-se aos objetivos de desenvolvimento, os aspectos econômicos, sociais e culturais. Assim, faz-se necessário redefinir a noção de cultura e compreendê-la não como entidade que diferencia uma sociedade da outra, mas como sistema de relações de sentido que identifica diferenças contrastes e comparações e é o veículo ou meio pelo qual se estabelece a relação entre os grupos; para corrigir desigualdades, reconhecer as diferenças e incluir os desconectados – numa sociedade onde a informação e o conhecimento são eixos definidores da inclusão dos sujeitos para compreender os processos em que se dão, sem o que é impossível propor alternativas. Assim, procurou-se analisar o Brasil e sua reconstrução, não apenas no resgate da dívida social, cujas exigências são espantosas e demandam ações governamentais incisivas; mas, a conscientização da sociedade, pois a luta pela emancipação humana é tarefa de todos. Assim encontramos-nos, como cidadãos, diante da tarefa de erguer uma crítica ao sistema social e à cultura prevalecente, buscando-se um modelo de desenvolvimento que possa conceder benefícios ao coletivo de excluídos.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Bibliotecas Públicas. Cultura. Sociedade. Desenvolvimento.

GESTORES CULTURAIS: PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO – NUANCES ETNOGRÁFICAS

Flávia Lages de Castro

Luiz Augusto F. Rodrigues, UFF

O campo da Gestão Cultural no Brasil, por ser recente em sua organização e espaços institucionais de formação, carece de estudos que perfilhem seus agentes, suas vinculações, suas bases conceituais, seus objetos etc. Com este propósito, a presente pesquisa – ainda em estágio inicial – vem aglutinando os entendimentos sobre este campo conceitual (diga-se, hoje ainda, com visões bem díspares), e buscando identificar categorias norteadoras de suas distintas frentes. Acrescente-se, também, a necessidade acadêmica de melhor conceituação e entendimento do campo da gestão cultural, por conta do ensino junto ao bacharelado em Produção Cultural na UFF. Nossas estratégias metodológicas vêm se assentando na revisão crítica da literatura existente, e no

levantamento de seus eixos operacionais e conceituais através de entrevistas com diversos agentes deste setor. Busca-se compreender os mecanismos que atuam sobre as diferentes esferas de poder no que diz respeito à Gestão Cultural e os seus fazeres na Política de Cultura, bem como as especificidades que regem as variadas formas de produzir e gerir a cultura de forma direta ou indireta não somente através de análise teórica, mas buscando - de forma quase cirúrgica - levantar exemplos que sirvam de provocações para novas e variadas questões acerca dos fazeres na produção da cultura. O uso de exemplos justifica-se para que se possa aproximar o mais possível os meandros sócio filosóficos da arte da Gestão de Cultura com a prática existente através de uma pesquisa que, com nuances etnográficas, apresente posicionamentos específicos para, sempre que possível, por indução, apreender as realidades do assunto.

Palavras chave: gestão cultural – política cultural – organização da cultura – trabalhadores da cultura

REFLEXÕES SOBRE A ADEQUAÇÃO DA PRESENÇA DA ORDEM DO MÉRITO CULTURAL NO ÂMBITO DO PRONAC

Humberto Cunha Filho

Daniela Lima de Almeida, UNIFOR

A Ordem do Mérito Cultural – OMC foi instituída no âmbito da Lei nº 8.313/91, a qual criou o Programa Nacional de Apoio à Cultura - Pronac. As distinções da OMC são, pela Lei, concedidas a pessoas que, por sua atuação profissional ou como incentivadoras das artes e da cultura, foram formalmente tidas como merecedoras do referido reconhecimento. Verificam-se alguns estranhamentos relativos à adequação da presença da OMC no âmbito do Pronac, a saber: possível agressão aos princípios democrático e republicano; inconstitucionalidade por figurar, supostamente, em norma que trata de assunto de natureza diversa da sua; e inadequação para os fins sistêmicos que lhe foram definidos em lei. Conclui-se que, de fato, não se pode advogar a extinção de reconhecimentos aos que se destacam pela prática das atividades culturais, ao contrário, devem ser estimulados, inclusive para o cumprimento de ordem constitucional; todavia, torna-se recomendável que os méritos sejam pensados segundo os fundamentos e princípios que, a partir de 1988, com a Constituição Cidadã, devem reger as políticas culturais. É certo que os destaques do Poder Público à comunidade cultural mereceriam matriz autônoma, lei própria, que não seja simples e duvidoso inserto em lei eminentemente de financiamento. Não se elimina a necessidade de destaque específico aos verdadeiros mecenas, aqueles que realmente contribuem com recursos próprios para as atividades culturais, distintos dos que apenas fazem uso de deduções fiscais totais ou lucrativas, esses que se tornaram a regra absoluta, o que certamente explica os rumos pelos quais a OMC passou a trilhar.

Palavras-Chave: Ordem do Mérito Cultural. Pronac. Cultura. Reconhecimento. Financiamento.

ENTRE O CAMPO CIENTIFICO E O CAMPO POLÍTICO: A CONFORMAÇÃO DE UMA ELITE INTELLECTUAL DE PESQUISADORES SOBRE POLÍTICA CULTURAL NO BRASIL

Mariella Pitombo, UFRecôncavo da Bahia, Linda Rubim, UFBA, Delmira Souza UFBA y Leonardo Fernandes Nascimento UFBA

Os estudos e pesquisas sobre políticas culturais no Brasil tem experimentado notável crescimento a partir de meados da década de 1990. Tal crescimento é tributário de um momento no qual se presencia significativas transformações sociais, econômicas e políticas que tem elevado a esfera da cultura a uma instância de legitimação e visibilidade de práticas sociais na contemporaneidade. O Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura-ENECULT, realizado pela Universidade Federal da Bahia desde 2004, tem se conformado em um fórum nacional privilegiado de debate sobre políticas culturais. Como resultado da pesquisa “Estudos da cultura no Brasil: um mapa possível”, financiado pelo CNPq, esta comunicação pretende oferecer os primeiros achados sobre o “estado da arte” das pesquisas sobre políticas culturais a partir da análise das comunicações apresentadas nas ultimas dez edições do Enecult. Mais especificamente, pretende-se apresentar um quadro analítico sobre o perfil da elite intelectual que vem se conformando no país dedicada ao tema das políticas culturais. Parte-se do pressuposto de que o Enecult foi um dos principais deflagradores para a conformação de importantes instâncias institucionais acadêmicas (redes de pesquisa, programas de pós-graduação, eventos) sobre políticas culturais, reunindo em suas edições pesquisadores e gestores públicos que num movimento de inauguração de pesquisas sobre o tema foram simultaneamente se tornando não somente as principais referências teóricas sobre o assunto, como também passaram a ocupar importantes posições nos quadros dirigentes da gestão pública da cultura, conformando um trânsito singular entre o campo científico e o campo político no país.

Sesión 4:

LOS PROGRAMAS DE TRADUCCIÓN DE LIBROS EN ARGENTINA: UN ANÁLISIS DE LA CULTURA COMO RECURSO PARA EL PLANEAMIENTO DE POLÍTICAS ESTATALES. EL CASO DEL PROGRAMA SUR

Daniela Szpilbarg, CONICET/UBA

Esta ponencia se propone plasmar los primeros resultados de una investigación en curso acerca de un programa estatal de subsidio a la traducción de libros puesto en práctica en Argentina desde 2009. A partir de constatar la emergencia del Programa Sur como una política cultural al mismo tiempo sugerida y requerida por la organización de la Feria del Libro de Frankfurt como una precondition para la participación del país como Invitado de Honor, esta ponencia pretende indagar acerca de la relación entre políticas culturales estatales y mercado, a partir de algunos interrogantes: ¿Cómo funciona el

Programa Sur? ¿Qué rol cumple el Estado en la circulación internacional de la cultura nacional? ¿Qué libros, autores y géneros son traducidos predominantemente? ¿Cómo se relacionan los libros traducidos con la estructura del campo editorial en su conjunto? ¿Cómo se vinculan la concentración económica del campo editorial con la planificación estatal de políticas públicas? En primer término desarrollaremos las características del Programa Sur, desde su surgimiento, luego indagaremos la relación que existe entre las obras subsidiadas para traducción y la estructura del campo editorial en su conjunto, y finalmente indagaremos las relaciones entre el campo editorial, Estado y mercado, en el terreno de la planificación de las políticas culturales y la democratización de la cultura.

Palabras clave: traducción- políticas culturales- edición-Feria del Libro de Frankfurt

GESTÃO E PRÁTICAS CULTURAIS NAS BIBLIOTECAS DO RIO DE JANEIRO

Marisa Schincariol de Mello, UFF

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de um estudo comparativo sobre práticas culturais em bibliotecas na cidade do Rio de Janeiro, localizadas na região da Central do Brasil: a Biblioteca Parque Estadual e a Estação de Leitura. Neste texto, a partir de pesquisa etnográfica, será delimitado o universo de frequentadores destes espaços; suas práticas nas bibliotecas, serão investigados os mediadores entre eles e a leitura, e a relação entre os espaços das bibliotecas com o território expandido que ocupam; bem como a função que a leitura ocupa na vida das pessoas que a praticam. A pesquisa tem dialogado com um conceito expandido e híbrido de leitura que não se restringe aos livros e aponta para diferentes formas de interpretação do mundo; e observado a ampliação das práticas culturais realizadas nas bibliotecas, que deixam de ser um local voltado especialmente para a leitura silenciosa de livros, para tornarem-se espaços culturais de acesso a múltiplas mídias e suportes. Num segundo momento, será analisada a gestão destas bibliotecas, relacionando o tipo de organização responsável pelo espaço, o seu modo de funcionamento e as práticas culturais de seus usuários. As Bibliotecas Parque são vinculadas ao Governo do Estado, e estão sendo coordenadas por uma organização social, o Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) representando a primeira experiência no Rio de Janeiro deste tipo de gestão. A Estação de Leitura, por sua vez, é gerida por uma organização não governamental, o Instituto Oldenburg de Desenvolvimento, dedicado a projetos de incentivo à leitura.

A FORMULAÇÃO DA POLÍTICA FEDERAL BRASILEIRA DE SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: APROXIMAÇÕES E TENSÕES ENTRE MERCADO E BENS CULTURAIS IMATERIAIS

Diana Dianovsky, IPHAN

A cultura pode ser vista como uma política social capaz de promover oportunidades e resultados. Entre as dimensões da política cultural, está o desenvolvimento sustentável que percebe a cultura como promotora de oportunidades econômicas. Estas questões estavam em debate em fins dos anos de 1990, quando se começou a gestar a política federal de salvaguarda do patrimônio imaterial. A partir da promulgação do Decreto nº 3.551/2000, o governo federal por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN atua na salvaguarda dos bens culturais imateriais com base em seu reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil. São ações que envolvem identificação, documentação e apoio e fomento aos grupos detentores dos saberes e fazeres da cultura popular brasileira. Este trabalho pretende analisar como os bens culturais imateriais se tornaram alvo de uma política pública específica e como ocorreu o processo de formulação dessa política. Devido às questões que envolvem a inserção de produtos tradicionais e manifestações culturais no mercado econômico, cultural e simbólico, pretendo, como um segundo objetivo, perceber como as relações (aproximações e tensões) entre os bens culturais e o mercado estiveram em debate na formulação da política. Para tanto, será analisado, especificamente, as discussões e resultados do Seminário de Fortaleza e o trabalho da Comissão e Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial. Por meio de uma análise qualitativa dos documentos produzidos e acumulados pelo GT, assim como de entrevistas com os principais gestores envolvidos, passarei em revista a definição de agenda, elaboração e formulação dessa política.

Palavras-chave: patrimônio cultural imaterial; política cultural; formulação de política pública.

¡VAMOS A LA FERIA! El inicio de la Feria Nacional de Libros y Grabados: 1961

Pablo Sánchez y Pablo Gatti Ballesterro, UDELAR

El presente trabajo busca analizar un evento cultural de suma importancia para la vida cultural y social montevideana de la segunda mitad del siglo XX, cuyos inicios se remonta a comienzos de los años sesenta cuando se inauguró la Primera Feria Nacional de Libros y Grabados. La Feria Nacional de Libros y Grabados fue un evento anual que se llevó a cabo entre los años 1961 y 2007 en diversas locaciones de la ciudad de Montevideo, aunque también tuvo alguna visita a otros departamentos, e incluso fuera del país. Con el tiempo se convirtió en un espacio cultural de referencia, conformándose como una de las muestras culturales más relevantes, donde se promovió el libro uruguayo, los artesanos, artistas plásticos y voces del canto popular. Entre sus creadores se destacó la figura de Nancy Bacelo, que logró por casi 50 años sostener un proyecto que fue testigo de los avatares de la vida política y social de un país en décadas de cambios políticos, culturales y sociales. De esta forma se consolida como un espacio fundamental de análisis para comprender la vida cultural montevideana de la segunda mitad del siglo XX. En esta instancia nos centramos en el análisis del primer año de la Feria, abarcando una etapa de conformación y auge de este espacio cultural. Esta etapa inicial también se caracteriza por un gran impulso de trabajo por parte del comité organizador, que logró realizar tres eventos en el año 1961 que captaron la atención de la sociedad y la prensa montevideana de la época.

A CULTURA DO MERCOSUL): MOVIMENTOS E POLÍTICAS DE IDENTIFICAÇÃO NA INTEGRAÇÃO REGIONAL SUL AMERICANA

Maria Izabel Mallmann PUC-RS

Felipe José Comunello Patrícia Radmann Zucco PUC-RS

Entre os agentes sociais e políticos que atuam na região fronteira entre Brasil e Uruguai, ações para a área da cultura têm sido promovidas. Destaca-se o Calendário da Integração Cultural Brasil-Uruguai, que em 2014 teve a sua primeira edição, sob a responsabilidade do Comitê Binacional de Intendentes e Prefeitos de Fronteira. Os articuladores desse calendário, juntamente com alguns produtores e artistas envolvidos com os eventos que o compõem, também em 2014 entregaram a Juca Ferreira, então coordenador de cultura da campanha de Dilma Rousseff à presidência da república, um “Manifesto Cultural da Fronteira Brasil-Uruguai”. Já como Ministro da Cultura, no final de maio do corrente ano Ferreira esteve em Jaguarão na fronteira com o Uruguai, em um ato onde se comprometeu com duas das principais reivindicações contidas naquele Manifesto: editais específicos e um plano de cultura para a fronteira. Esse ato aconteceu paralelamente a outro, o lançamento da Ponte Barão de Mauá, que liga Jaguarão a Rio Branco no Uruguai, como primeiro Patrimônio Cultural do Mercosul. Com isso, esses movimentos e políticas buscam conformar uma cultura relacionada a integração regional por meio do Mercosul, animados por um impulso mais geral de solidariedade entre os povos do sul do mundo. A partir de pesquisa qualitativa que está sendo realizada entre os agentes sociais e políticos mencionados anteriormente, o objetivo desse trabalho é descrever e analisar o contexto e alguns acontecimentos nos quais essa cultura é conformada enquanto a criação de identificação entre os componentes desse bloco regional em seus diversos níveis.

Palavras-chave: Cultura, Mercosul, fronteira, integração regional.

LA PRODUCCIÓN RADIAL COMO PRÁCTICA COMUNICACIONAL/CULTURAL TRANSFORMADORA EN ADULTOS MAYORES

Romina Verrua, Córdoba

Experiencia sobre práctica comunicacional/cultural desarrollada de manera coordinada entre el Gobierno Municipal de Córdoba (Secretaría de Cultura) y la Universidad Nacional de Córdoba (Cátedra Producción Radiofónica, Escuela Ciencias de la Información). Espacio de taller radial desarrollado en Hogar de Ancianos Municipal Padre Lamónaca de la ciudad de Córdoba, que tuvo como destinatarios a sus residentes.

A partir de considerar el medio radial como uno de los más democráticos por sus posibilidades de acceso a la escucha y a la producción -a partir de la oralidad-, en el

marco del taller “Tenemos algo que contar” se incentivaron encuentros y construcciones de sentidos entre todas las personas que formaron parte del mismo: coordinadora, residentes y estudiantes. A partir de esta práctica, se observaron ciertas transformaciones de los adultos mayores en ámbitos comunicacionales/culturales, salud física y anímica, y prácticas educativas.

Además, en el marco del proyecto de extensión “Extender las aulas hacia la tercera edad” y a partir de considerar imprescindible para la formación profesional la práctica de acercamiento y encuentro con diferentes actores de la sociedad civil, se generó este espacio de intercambio entre estudiantes universitarios y adultos mayores.

El desarrollo de la práctica contribuyó a reflexionar sobre las posibilidades de incidir en transformaciones comunicacionales/culturales a partir de políticas públicas que apunten a necesidades de la sociedad en general y de los grupos en situaciones de vulnerabilidad en particular. A su vez se indagó sobre la potencialidad del trabajo en coordinación entre el sector público estatal y universitario.

Palabras claves: adultos mayores – comunicación/cultura – gestión pública - extensión

RELAÇÕES ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A CULTURA E ENTENDIMENTOS SOBRE ESTADO: O PLANO SETORIAL DE DANÇA/RS DESDE O OLHAR ANTROPOLÓGICO

Emanuelle Maia de Souza

O presente trabalho tem como universo de pesquisa o Colegiado Setorial de Dança do Rio Grande do Sul, como entidade que integra uma concepção política constituída a partir de algumas recentes reformulações no contexto das políticas públicas para a cultura no Brasil. Sobretudo no que diz respeito à construção de diálogo entre sociedade civil e Estado. Dentro desse contexto, etnografei o primeiro gestão deste grupo focada principalmente em acompanhar a formulação de um documento que pretende formalizar um conjunto de políticas culturais para o setor da dança: o Plano Setorial de Dança. Desse modo, olhando para e através do documento é que percebemos como este potencialmente revela como o Estado é imaginado e encontrado em determinado contexto, reafirmando os múltiplos sentidos que este pode assumir para os sujeitos envolvidos, bem como efeitos da produção social de categorias nas políticas públicas, e do entendimento sobre políticas de governo e políticas de Estado. Para tanto, isso implica em observar a linguagem utilizada, os debates que sucederam o texto final do documento e as mobilizações que a busca por aprovação do documento proporcionou.

Palavras-chave: etnografia, políticas culturais, Estado

POLÍTICAS REGIONAIS DE PRESERVAÇÃO AUDIOVISUAL: O PLANO ESTRATÉGICO PATRIMONIAL DO PROGRAMA MERCOSUL AUDIOVISUAL

O audiovisual ocupa, atualmente, uma posição central no cenário de ampliação dos fluxos transnacionais e inter-regionais. Sendo assim, a preservação e circulação de imagens em movimento adquirem valor estratégico, tanto se consideramos a dimensão simbólica da cultura e a situação política, quanto suas possibilidades econômicas. No contexto da ampliação do faturamento das chamadas indústrias criativas no mercado internacional, processo marcado por forte desigualdade, a preservação do acervo audiovisual dos países da América Latina seria essencial para a construção de uma contra-hegemonia de regiões do eixo sul. Com uma história iniciada nos anos 1930, a preservação audiovisual vive, no século XXI, um momento de intensas transformações. Com as tecnologias digitais, novas possibilidades se descortinam para o setor, mas, ao mesmo tempo, observamos que as instituições detentoras de acervos audiovisuais na América do Sul têm histórias marcadas por crises sucessivas, situação de penúria e fragilidade institucional. Este artigo pretende analisar o Plano Estratégico Patrimonial elaborado em 2013 no âmbito do Programa Mercosul Audiovisual, buscando o nexo entre seus objetivos, estratégias e resultados. Ao mesmo tempo, propomos uma reflexão sobre métodos de avaliação da atuação de instâncias transnacionais nas políticas culturais no contexto sul-americano. Com isso, apresentaremos os primeiros resultados do projeto “Preservação audiovisual entre o global e o local (I)”, vinculado ao Motriz - Laboratório de Políticas e Gestão da Cultura da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

-

GT 92. PERSPECTIVAS SOBRE LA INTERCULTURALIDAD EN EDUCACIÓN: EXPERIENCIAS FORMATIVAS Y PROCESOS DE IDENTIFICACIÓN DE INDÍGENAS Y MIGRANTES EN CONTEXTOS URBANOS Y RURALES

Coordinadores: Maria Aparecida Bergamaschi, Patricia Ames, María Laura Diez

Comentaristas: Noelia Enriz y Ana Padawer

-

-

Sesión 1: Migración e Interculturalidad: experiencias formativas dentro y fuera de la escuela

DIFERENCIA CULTURAL COMO PROBLEMA IRRESOLUBLE PARA UN ENFOQUE MULTICULTURAL: PENSANDO LA POLÍTICA ENTRE CULTURAS A PARTIR DE LA VIDA COTIDIANA EN LAS ESCUELAS

Pablo Cristian Herraz Mardones. Proyecto Anillos CONICYT (SOC-1103) *Normalidad, Diferencia y Educación*, Facultad de Educación, Pontificia Universidad Católica de Chile; pablo.herraz.m@gmail.com

Con base en una investigación etnográfica en escuelas de Santiago de Chile, se abordará la multiculturalidad en tanto discurso político y disciplinario de la educación, considerando sus usos a nivel de prácticas educativas cotidianas, institucional y de política educativa, en el marco del sistema chileno que, en función de una racionalidad económica neoliberal, ubica a las escuelas y niños(as) y adolescentes migrantes o hijos(as) de migrantes, en los márgenes de la exclusión.

Al etnografiar la cotidianeidad de las escuelas, discursos de docentes y directivos sobre multiculturalidad aparecen como fachada ante la exigencia económica de responder a resultados en pruebas estandarizadas, que estructura el ordenamiento del sistema educacional chileno. Sin embargo, también se observan prácticas de aculturación que fallan al momento de ser aplicadas; situaciones, interacciones y conflictos que ponen en cuestión los privilegios de la cultura nacional dominante, obligando a los actores educativos a una toma de posición política y de saber sobre la multiculturalidad. Así, se discute cómo la diferencia cultural es administrada por discursos de lo multicultural que se traman con otros discursos normativos, pero que en tanto diferencia irresoluble, genera un conflicto ético en los actores, pone en juego el quehacer de las comunidades educativas, cuestiona los regímenes de inteligibilidad con que se nombra al(la) migrante y los supuestos de las políticas de inclusión y de reconocimiento de la diversidad cultural.

Finalmente, se problematizará la utilidad del concepto de *multiculturalidad*, en sus supuestos de convivencia e intercambio de muchas culturas reunidas bajo un implícito único sujeto político-cultural.

Palabras clave: multiculturalidad, etnografía, diferencia cultural, discurso, practica cotidiana.

PROCESOS MIGRATORIOS Y EXPERIENCIAS FORMATIVAS A LO LARGO DEL TIEMPO: TRANSFORMACIONES EN LA TRANSMISIÓN DEL BAILE FLAMENCO COMO EXPRESIÓN DE IDENTIDAD ANDALUZA EN BUENOS AIRES

Soto, Alejandra. PAE-Instituto de Ciencias Antropológicas- Universidad de Buenos Aires; ale_soto03@hotmail.com

Padawer, Ana. CONICET-Instituto de Ciencias Antropológicas- Universidad de Buenos Aires; apadawer@conicet.gov.ar

Los procesos de migración de quienes se identifican hoy como descendientes de andaluces en Buenos Aires, y en tanto tales participan activamente del Rincón Familiar Andaluz localizado en el centro porteño, tienen ya varias generaciones de desarrollo. Como parte de un proyecto que aborda la relación entre experiencias formativas e identificaciones étnicas, en esta ponencia presentaremos avances de una investigación centrada en las transformaciones en torno a la transmisión del baile flamenco. Analizaremos a tal fin dos ámbitos diferenciados pero vinculados entre sí: los espacios formales de aprendizaje y las festividades, entendiéndolos como espacios de transmisión de una expresión artística que ha devenido en clave de identificación para el colectivo andaluz porteño.

Entendemos que estas experiencias formativas vinculadas al baile flamenco ponen en juego una serie de identificaciones de un colectivo legitimado como parte de los procesos de migración de fines del siglo XIX y primeras décadas del siglo XX, que consolidaron la Nación Argentina desde la historiografía tradicional. Por ello, aun cuando el flamenco fue históricamente asociado principalmente al pueblo gitano, su devenir y legitimación como marca de identificación andaluza permite entender su vigencia en una asociación regional española.

Por otra parte, la asociación ha modificado su función inicial de ayuda mutua a los inmigrantes, adquiriendo así otros sentidos sus expresiones de identidad. Estas transformaciones se producen también desde las experiencias formativas del baile flamenco en la institución, donde encontramos un proceso de academización en espacios formativos como clases y la resignificación y puesta en escena de esos aprendizajes en escenarios y festividades.

Palabras clave: migración, interculturalidad, experiencias formativas, expresiones culturales.

***“PARA APRENDER A HACER, TENÉS QUE HACERLO, PERO SI PODÉS ESTUDIAR MEJOR”*: MIGRACIÓN, EXPERIENCIAS FORMATIVAS Y**

APUESTAS IDENTITARIAS INTERGENERACIONALES

María Laura Diez (UBA/CONICET) diez.mlaura@gmail.com

Gabriela Novaro (UBA/CONICET) gabriela.novaro@gmail.com

Francisco Fariña (UBA) franfarinia@hotmail.com

En los últimos años hemos avanzado en la discusión sobre interculturalidad y educación, vinculando las experiencias formativas y los procesos de identificación de niños/as migrantes en contextos escolares. Nos proponemos aquí recuperar esos debates, para pensar las dinámicas identitarias intergeneracionales en distintos espacios formativos, a partir de un contrapunto entre lo que sucede dentro y fuera de la escuela.

Para ello ponemos en diálogo las líneas de investigación que nos reúnen, a propósito del trabajo etnográfico en un barrio de la zona norte del conurbano bonaerense, con fuerte presencia de organizaciones productivas y sociales vinculadas a población procedente de Bolivia.

Nos interesa profundizar en tres ámbitos de prácticas para avanzar sobre la transmisión de elementos de membrecía, las estrategias identitarias y los sentidos asignados a lo educativo, en comunidades atravesadas por la experiencia migratoria en distintas generaciones. Por un lado la relación entre la experiencia escolar y las distintas experiencias en ligas y torneos de fútbol; en segundo término el tránsito de los jóvenes entre las escuelas y el mundo del trabajo en el mercado y las ferias de la colectividad, por último, en el uso de imágenes emblemáticas asociadas a pertenencias étnicas y nacionales en espacios barriales y escolares.

NUEVA GESTIÓN PÚBLICA E INTERCULTURALIDAD

Raquel Martínez Chicón. Universidad de Granada. Departamento de Antropología Social. Facultad de Trabajo Social; raquelchicon@ugr.es

Las Administraciones Públicas ponen en contacto a la ciudadanía con el poder político. Gestionan los intereses del Estado a la vez que intentan responder a las necesidades y a los intereses ciudadanos. Desde finales del siglo pasado estamos asistiendo a cambios en el perfil, las necesidades y los intereses de la población. Entre ellos, destacaría en España el aumento de la diversidad cultural -en términos de minorías étnicas y por la presencia de población inmigrante extranjera- y la necesidad de ser atendida y gestionada. Igualmente, y de manera relacional, presenciemos cambios en los intereses políticos y en sus lógicas de gestión. La fundamentación de la Nueva Gestión Pública (NGP) -“New Public Management” (NPM) en términos anglosajones- sería una de las respuestas a estos cambios de lógica y concepción de las propias organizaciones (Fernández Santos *et al*, 2008). Algunas de las características de esta nueva forma de gestión: la capacidad de adaptación de la “cultura organizacional” (Pariente, 2000), la flexibilidad, la descentralización, el acercamiento al ciudadano, la importancia a los

criterios técnicos, la concepción del usuario como cliente, etc., responden a criterios y métodos empresariales y mercantilistas. A su vez, y sin embargo, estas mismas características permitirían una incorporación eficaz de la “acción intercultural” (Vázquez, 2005) en la administración. Pero, ¿Qué ocurre cuando el usuario “diverso culturalmente” no responde a las características socioeconómicas del “cliente”? ¿Cuándo el “otro” diferente (extranjero) es el “otro” excluido (inmigrante)?. En este texto reflexionaremos sobre la posibilidad de una “Nueva Gestión Pública Intercultural” capaz de incorporar los paradigmas de la diversidad cultural y de la inclusión social.

Palabras clave: Administración, interculturalidad, nueva gestión pública, inmigración.

“ENTRE LA INCLUSIÓN/EXCLUSIÓN: LOS DISCURSOS SOBRE LA DIVERSIDAD MIGRANTE LATINOAMERICANA EN ESCUELAS PRIMARIAS DE NEUQUÉN”

Prof. Alarcón, Ana María; anama722@gmail.com

Prof. Fuentes, Romina; rominabfuentes@gmail.com

Instituto Superior de Formación Docente N° 6 de Neuquén, Neuquén, Argentina e
Instituto Superior de Formación Docente N° 9, Centenario, Neuquén

En el marco del Proyecto de Investigación interinstitucional “*Procesos de inclusión/exclusión en contextos de diversidad cultural y lingüística en escuelas primarias de la provincia de Neuquén*” convocatoria INFD 2014 interesa abordar los discursos sobre la alteridad migrante latinoamericana en dos escuelas primarias de Neuquén. En la Ley de Educación Nacional de Argentina 26206 sancionada en el año 2006 la *educación* es considerada como un “derecho social” lo que ha abierto el debate en torno a la “inclusión” y “reconocimiento” de aquellos históricamente considerados Otros para la escuela argentina. En este sentido, nos interesa preguntarnos por la existencia de estos Otros, por lo tanto emerge la necesidad de otros relatos de la alteridad.

Actualmente estas visiones estarían siendo interpeladas y problematizadas con mayor y menor intensidad en algunas escuelas de la zona de Neuquén debido a los fenómenos migratorios que se están incrementando los últimos años en un contexto de producción petrolera. Estas interpelaciones serían el punto de partida de una riqueza pedagógica que se relaciona con la educación intercultural como horizonte posible de recursos y de derecho.

Educación- Interculturalidad- Alteridad Migrante.

Sesión 2: Educación escolar indígena

-

-

LA ESCUELA EN CONTEXTO MISIONAL FRANCISCANO ENTRE GRUPOS GUARANÍ HABLANTES: ANÁLISIS DE LOS SENTIDOS HISTÓRICOS DE LO ESCOLAR A PARTIR DEL ABORDAJE DE UN CASO PARTICULAR

María Agustina Morando (CONICET-UBA) agusmoar@gmail.com

El establecimiento de la Orden Franciscana a partir del siglo XVII en el borde Occidental del Chaco (que comprende las actuales Tierras Bajas de Bolivia y el Noroeste argentino) ha tenido un papel crucial en la tarea de incorporar a la vida económica nacional a miles de indígenas de distintos grupos étnicos. Particularmente entre los grupos guaraní hablantes del noroeste argentino los misioneros pertenecientes a esta orden crearon numerosas reducciones que contaban entre otras cosas con escuelas de instrucción primaria donde se enseñaban los valores y las pautas culturales indispensables para la formación ciudadana. Teniendo en cuenta esto la presente ponencia tiene como objetivo abordar los sentidos históricos y contextuales que adquiere esta coyuntura histórica tomando un caso particular: el caso de la comunidad chané de Tuyunti, situada en el Noreste de la provincia de Salta, Argentina y fundada como misión franciscana a mediados del siglo XX. A partir del registro de testimonios orales así como del análisis de fuentes históricas documentales se pretenderá realizar un acercamiento a memoria histórica que los habitantes de esta comunidad mantienen sobre la institución educativa en el pasado y sobre los cambios por los que ésta ha atravesado hasta la época actual.

Palabras clave: misiones franciscanas, educación primaria, memoria, historia oral, pueblo chané.

-

-

ENSINO BILÍNGUE EM ESCOLAS INDÍGENAS

Maria Inês de Freitas – UFRGS, Brasil. Mestranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, assessora de Educação na Fundação Nacional do Índio – FUNAI, Seção Passo Fundo, RS; mariaines_freitas@yahoo.com.br

O presente trabalho anuncia o estudo do Ensino Bilíngue em duas escolas Kaingang da Terra Indígena Guarita, Tenente Portela/RS, Brasil e se justifica pela necessidade de fortalecer e proteger as línguas e culturas indígenas. Através da observação participante, busca compreender a escola como um instrumento mediador das práticas comunicativas, formativas, informativas e a mesmo tempo de relações interculturais. Em que medidas os conhecimentos adquiridos fora da escola refletem e são

aproveitados nas práticas pedagógicas escolares de leitura e escrita? Como o uso da língua indígena fortalece e estimula a construção das relações interculturais? A prática bilíngue nas escolas indígenas é um processo que se constrói numa dinâmica complexa, considerando a tradição oral dos povos indígenas. Desta forma, usar a habilidade oral da língua indígena para o exercício na sua forma escrita torna-se desafiador e ao mesmo tempo rico em possibilidades metodológicas, que pode se constituir num universo de criatividade explorada por professores e alunos. As aprendizagens de leituras e escritas bilíngues na escola podem se dar a partir de diferentes abordagens, através de manifestações culturais: pinturas corporais, cantos, danças, contação de histórias, mitos e rituais. As práticas pedagógicas escolares interculturais dependem das orientações ou definições curriculares de cada instituição de ensino, que precisam ser diferenciadas, respeitando os valores culturais e privilegiando a língua indígena, para que não corra o risco de ser silenciada em detrimento da língua nacional. Para isso, as escolas precisam estabelecer o uso da língua indígena como língua de instrução dos seus alunos.

Palavras-chave: escolas indígenas; ensino bilíngue; língua Kaingang.

-

ESCOLA INDÍGENA ITA-ARA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PITAGUARY ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

-

André Barbosa de Oliveira. Mestrando em sociologia pela Universidade Federal do Ceará; andrebaroli@hotmail.com, andrebaroli@gmail.com

Os índios do Nordeste brasileiro são os primeiros a interagir com a cultura europeia. O contato fez com que suas peculiaridades étnicas ficassem menos evidentes que das etnias das outras regiões, favorecendo a interpretação, pela sociedade abrangente, que estes povos deixavam de existir, fato corroborado oficialmente pelo Estado. Mas a cultura se mostra mais forte que a norma e a ideia da inexistência indígena não se sustentam enquanto as etnias se mostram presentes, questionando, tácita e expressamente, sua condição. Uma série de reivindicações étnicas, a partir da década de setenta e oitenta do século XX, ganharam força e frutificaram em conquistas de direitos como o território, a saúde e a educação. A Escola Ita-Ara é resultado da luta política dos Pitiguary e contribui para o fortalecimento da identidade deste povo quando aborda em suas disciplinas assuntos próprios à etnia e, mais especificamente, quando discorre sobre sua cultura nas matérias diferenciadas de arte, cultura e expressão corporal, inseridas na grade curricular. O presente trabalho é fruto da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, e objetiva compreender como o ensino intercultural das disciplinas diferenciadas colaboram para a formação da identidade dos alunos da etnia Pitiguary e entender também como os atores externos à escola percebem essa construção cultural. Para isto foram feitas pesquisas de campo e entrevistas estruturadas e semiestruturadas com o corpo docente, discente e com responsáveis pelos alunos, de modo a abarcar a

construção da identidade cultural através da Escola Diferenciada.

Palavras chave: educação intercultural, identidade, cultura, escola diferenciada.

-

-

EDUCAÇÃO E ESCOLA NUMA TEKOA E AS MEDIAÇÕES COM O MODO DE VIDA GUARANI

Ivanilde da Silva, bolsista de Iniciação Científica (CNPq), acadêmica (Guarani) da Licenciatura em Pedagogia (UFRGS); ivanildesilva.india@gmail.com

Maria Aparecida Bergamaschi, doutora em educação, professora na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRGS); cida.bergamaschi@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Brasil

Apresentamos um estudo desenvolvido junto à comunidade Guarani da Tekoa Nhundy, RS, Brasil, observando mais especificamente a Escola Indígena Karai Nhe'e Katu. A escola entre os Guarani é um acontecimento novo e cada Tekoa (aldeia) está descobrindo formas para que seu funcionamento não atrapalhe a educação milenar própria. Por isso a necessidade de estudos que compreendam a instituição escolar - originária da sociedade ocidental moderna - e a relação desta com a educação Guarani. Partindo da questão que indaga como os Guarani da Tekoa Nhundy fazem a sua escola, buscamos compreender a educação e a escola, evidenciando diferenças e aproximações entre ambas. Também dirigimos o olhar para a escola como mediação entre o mundo Guarani e o mundo Juruá (o que não é dos Guarani). Para tanto, registramos conversas com pessoas mais velhas, Karai e kunha Karai (homens e mulheres sábios) e com professores, bem como vivências cotidianas que mostram situações educativas na Tekoa e na escola. Nossos estudos permitem afirmar que os Guarani possuem espaços e tempos educativos próprios, dos quais participam pessoas de todas as idades, as famílias, outros seres, ou seja, a comunidade como um todo, sendo a educação assumida como responsabilidade coletiva. As maneiras de educar são diferentes e é para essas diferenças que a escola precisa atentar, respeitando a pessoa indígena nos seus modos de vida próprios, com base no que a comunidade sugere a respeito do que querem da sociedade não indígena. Nessa perspectiva, a escola se torna um espaço de mediação.

Palavras chave: educação indígena; escola Guarani; aprendizagem própria; mediação.

OS SUJEITOS KARAJÁ NA ENCRUZILHADA DO HORIZONTE ONTOLÓGICO DO SER E DO HORIZONTE DO ESTAR

Dilson Miguel Rapkiewicz. UFBA (Universidade Federal da Bahia) PPG em DMMDC
(Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento.)
dilson.rapk@gmail.com

Em um contexto de imersão na linearidade do mundo contemporâneo, onde nos encontramos submersos na homogeneidade monocultural, a sinuosidade das diversidades se apresentam como desafio às categorias da objetividade, que ora conduzem a lógica das grandes avenidas do pensamento, que hoje não fluem nos engarrafados trânsitos da mesmidade da vida cotidiana. Enquanto isso, nas adjacências e interstícios que circunscrevem esta realidade, (re)existem outras formas de pensar e ver o mundo. No interior do Brasil, mais especificamente, nas margens do rio Araguaia, no norte do estado do Mato Grosso, o Povo Karajá, desde tempos imemoriais, existem, resistem e persistem em continuar marcando e demarcando a sua forma de estar no mundo. Assim, na confluência e encruzilhada com o ser ocidental, os Sujeitos Karajá se des/encontram no rebojo de movimentos que geram tensões e distensões, fluxos e refluxos no devir de suas vidas cotidianas. Neste contexto, este trabalho, investiga, versa e se exercita na alteridade do estar sendo da cultura Karajá, buscando rastrear na confluência e nos entremeios da cultura, geocultura e interculturalidade, a compreensão de como se sentem os Karajá, no entrecruzamento de horizontes culturais, do ser e do estar. Com esta intenção me inspiro na antropologia filosófica de Rodolfo Kusch em diálogo com a doxologia da vida cotidiana do estar sendo Karajá.

Palavras-chaves: Cultura, geocultura, interculturalidade, ser, estar.

Sesión 3: Experiencias y debates sobre Interculturalidad en educación superior y en diversos espacios formativos

-

-

UNIVERSIDAD Y DEMANDAS INDÍGENAS: EL DESAFÍO DE ENTRAR A LAS AULAS UNIVERSITARIAS

Mg. Olga Liliana Sulca. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Tucumán; olgalilianasulca@yahoo.com.ar

La diversidad cultural está presente en nuestras aulas universitarias, esto nos lleva a interpelarnos acerca de ¿Qué condiciones de acceso, permanencia y egreso brindamos en nuestra universidad para atender a los estudiantes indígenas? ¿Cómo atendemos esa

diversidad socio-étnica? ¿Qué instancias de inclusión educativa generamos, para los alumnos indígenas de tal manera que les permita alcanzar un buen desempeño académico? ¿Qué ofertas de formación superior ofrecemos para este colectivo social?

Existe una normativa dentro de la Ley de Educación Nacional (2006) sobre el derecho a una Educación Intercultural Bilingüe, donde se reconoce que dentro de nuestro sistema educativo existen alumnos indígenas.

Nuestra Universidad Nacional de Tucumán por su larga tradición e inserción en la región del Noroeste Argentino, recibe año a año un alumnado con una marcada impronta cultural frente a los cuales, debemos dar una respuesta, que contenga y atienda esa diversidad étnica- cultural.

La equidad y la inclusión, constituyen uno de los compromisos esenciales de nuestra Universidad; por ello la necesidad de diseñar y proponer lineamientos referidos a la atención de los estudiantes indígenas. La misma se orienta a través de tutorías académicas, espacios de intercambio y propuestas curriculares donde se incluyen áreas relacionadas con el conocimiento y los saberes indígenas. De esta manera, fortalecemos un compromiso con un alumnado cuyas particularidades socio-culturales necesitan ser atendidas. En ese sentido, desde el año 2009 incorporamos dentro del ámbito de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Tucumán, la Cátedra Libre: Pueblos Originarios. Su presencia, permite la interacción entre alumnos y miembros de las comunidades indígenas reconocidas ancestralmente en el territorio provincial.

Palabras Claves: Universidad- Interculturalidad- Inclusión.

-

-

LA CONSTRUCCIÓN DEL ESTUDIANTE INTERCULTURAL EN LA UNIVERSIDAD INTERCULTURAL DEL ESTADO DE TABASCO (UIET), MÉXICO

Lic. Patricia Estela Fontelles Facultad de Ciencias de la Educación- Universidad Nacional de Entre Ríos. (FCE-UNER); isadorafont@gmail.com

Dra. Ma. Amalia Gracia, Investigadora Titular. El Colegio de la Frontera Sur. México; magraciasain@gmail.com

A partir de una investigación de corte etnográfico realizada durante el año 2010, en esta ponencia reflexionamos sobre la construcción del estudiante intercultural tomando como eje la primera promoción de jóvenes egresados de la Universidad Intercultural del Estado de Tabasco (UIET), México, universidad creada en 2005 en un contexto rural-campesino donde residen indígenas y mestizos que mantienen su lengua y distintos aspectos culturales legados ancestralmente.

Indagamos sobre las implicancias políticas, epistemológicas y antropológicas que trae consigo la propuesta de estas universidades y, específicamente, de la UIET, tomando

como eje el punto de vista de los propios estudiantes, a fin de profundizar sobre la potencia y polisemia de los términos *interculturalidad* y *educación intercultural* entanto marco de la circulación de conocimientos.

Asumiendo que *la educación*, con su fuerte valor simbólico, es un campo de disputa, los términos aludidos ponen al descubierto las tensiones entre las lógicas dominantes y subalternas, los modos diferenciados de percibir y habitar el mundo, la producción de sentidos y los *procesos de subjetivación* de la llamada *educación intercultural*.

Las y los jóvenes indígenas y mestizos de estas comunidades y poblaciones de México, siguen articulando diversos modos de apropiación y agenciamiento sobre los derechos que el estado- nación administra para ellas y encuentran allí la posibilidad de “ser alguien”, tratando de emerger de la invisibilidad de los relatos modernos y, al mismo tiempo, manifestando formas de *resistencia epistemológica*.

INTERCULTURALIDADE E ETNOSSABERES / INTERCULTURALIDAD Y ETNOSABERES

José Guilherme dos Santos Fernandes. Universidade Federal do Pará (UFPA) / Brasil;
mojuim@uol.com.br / jfernan@ufpa.br

Desde o conceito de interculturalidade, como colaboração solidária e criativa entre culturas em contato, com reconhecimento mútuo de seus valores e modos de vida (FERNANDES, 2014), elege-se o conceito de etnossaberes como mediador na construção de propostas educacionais mais relacionais e menos universais, como ontologia que poderá favorecer o diálogo de saberes no currículo e na prática pedagógica, em que as distintas percepções e práticas entre os atos do aprendizado não devem ter caráter valorativo, antes de tudo implicam em formas de apreensão e construção de realidades em perspectivas distintas, sejam em sociedades cosmopolitas ou sociedades aborígenes (FERNANDES & FERNANDES, 2015). No Brasil, a grande gama de especificidades de ações inclusivas e propositivas em/de cursos de graduação – indígenas, quilombolas, etnodesenvolvimento, educação do campo – se tem favorecido o reconhecimento da diversidade, de um lado, de outro lado impede a interrelação destas tendências, que transitam entre a perspectiva antropológica, a pedagógica, a política e a sociológica, sem, contudo, promover-se o diálogo a fim de se reconhecer mais efetivamente a diversidade de atores e saberes vinculados a cada uma das ações inclusivas e propositivas, evitando-se efetivamente a realização da interculturalidade; este conceito, inclusive, está visceralmente ligado aos indígenas, na realidade brasileira, indo de encontro à proposta de interculturalizar toda a educação superior (MATO, 2008). Acreditamos que o conceito de etnossaberes será um instrumento para o reconhecimento da diversidade a partir da unidade, indo-se ao encontro da concepção de Sumak Kawsay, de um bem estar de harmonia coletiva e horizontal da comunidade (MATO, 2014).

Palavras-chave: interculturalidade; etnossaberes; educação superior; diálogo de saberes.

-

O “ENTRELUGAR” DE HISTÓRIAS E ATORES NA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy: Doutora em Educação, professora na Graduação e na Pós-Graduação – Letras UFRGS atettamanzy@terra.com.br

Luciene Rivoire: Mestre em artes cênicas UFRGS. lurivoire@gmail.com

Sofia Robin Ávila da Silva: Mestranda PPG-Letras UFRGS. sofia_ras@yahoo.com.br

O grupo “Quem conta um conto – Contadores de histórias” experimenta desde 2011, junto a professores e estudantes Mbya Guarani, a narrativa como instrumento de educação intercultural e como lugar de apropriações. O caráter histórico e social da voz se faz presente no ritual que propomos no tempo-espço de nossos improvisos (ZUMTHOR, 1993, p.21), quando os participantes sentem cheiros, provam sabores, reagem ao contato físico, enfim, ativam suas memórias na produção de um sentido poético que só é possível na relação estabelecida a partir e por causa desse estar junto. Isso que experimentamos pode ser melhor compreendido no cotejo com a forma como pesquisadores interpretam ou até colocam em cena os acervos artísticos e performances estudados. Para Paula Vilas (2008), o “entrelugar” da experiência de campo, em que cada um afeta e é afetado na produção de sentidos e experimentações, pressupõe o cuidado de nem expropriar o outro, nem criar um devir “nativo” (um “como se fosse o outro”). Assim, as produções performáticas a partir da empatia e da incorporação – “tornar corpo com o intuito de conhecer” (VILAS, 2008, p.293) - resultam num exercício diegético (e não mimético) que comenta o ressoar com essas vozes e poéticas que nos interpelam como “pesquisadores”. Aceitando que a vida é um processo que se estabelece através de relações e escolhas e que tudo se modifica pelo contato com o outro, temos “ressoadado” junto com o saber dizer e o saber fazer Mbyá a liberdade dos caminhos interculturais (GASCHE, 2004, p. 3).

Palavras-chave: contar histórias – interculturalidade – Mbya Guarani – entrelugar – vocalidade.

RELATOS ANTROPOLÓGICOS DE INTER-CULTURALISMO: ETNICIDAD Y RURALIDAD

Guillermo Ruben –Fundación Docencia e Investigación para la Salud-Unicamp; guiruben@gmail.com

Laura Vugman- Fundación Docencia e Investigación para la Salud- UBA; lvugman@agro.uba.ar

Queremos aportar a este GT con una experiencia formativa sobre la cual reflexionar y discutir sobre los conceptos de educación intercultural y transcultural y cómo estos se ponen en juego cuando se implementan acciones concretas que afirman los procesos de coloniales.

En los últimos años, las categorías de los estados nacionales se han reformulado, dando lugar a nuevas construcciones de ciudadanía basadas en categorías étnicas de los pueblos originarios en un reconocimiento de la inter-culturalidad. De la misma manera, en las políticas públicas educativas surgen con más fuerza otros actores no estatales: organizaciones sociales de trabajadores construyen conocimiento y se posicionan como actores fundamentales de programas de formación de profesionales. ¿Qué sucede cuando estos nuevos actores: ciudadanos originarios y organizaciones sociales- otras del estado entran en relación? Para pensar este encuentro, nos referiremos a la experiencia formativa en la que interviene una importante federación de sindicatos argentinos implementando un programa de formación en enfermería de jóvenes diaguitas originarios de zonas rurales que deben desplazarse a un contexto urbano para luego volver a su comunidad para desarrollar su actividad. El programa así plantea, entre otros, el desafío de pensar la transculturalidad en la enfermería así como el de replantear los conceptos identitarios rural y urbano.

Palabras clave: Interculturalidad, experiencias formativas, política educativa, pueblos indígenas.

-

-

**“TEJIENDO LA TRAMA ESTAMOS” EXPERIENCIA EDUCATIVA
CON ORIENTACIÓN INTERCULTURAL. LA PLATA, PCIA. DE BS. AS. .**

Equipo de educadores IDENTIDADES de La Plata, perteneciente a la Cátedra Abierta Intercultural. Area de Estudios Interdisciplinarios de Educación Aborígen, Depto. de Educación – Univ. Nacional de Luján. Buenos Aires- Universidad Nacional de Luján; espacioidentidades@gmail.com

Florencia Ríspoli (Antropología Cultural) flor.rispoli@gmail.com

Lila Scotti (Cs de la Educación) lilascotti@gmail.com

Luciana Rezzónico (Cs. de la Comunicación) lurezzo@gmail.com

Carolina Farías (Educador idóneo intercultural) carolinaandina@yahoo.com.ar

Valeria Morras (Lic. en Historia) vmorras@gmail.com

Elizabeth Lopez Bentancourt(Lic. en Etnoeducación) elizalopezb@gmail.com

Desde un colectivo educativo cuyos integrantes provenimos de diversas procedencias y

campos de conocimientos, iniciamos una experiencia educativa singular, con perspectiva intercultural, junto a una escuela pública y su comunidad educativa en el marco de un programa de la Nación y provincia de Buenos Aires denominado Centro de Actividades Infantiles (CAI).

Teniendo en cuenta que la Escuela primaria N° 120 de la ciudad de La Plata se nutre de niños provenientes del casco urbano de la ciudad y de diferentes barrios del gran La Plata siendo muchos de ellos migrantes recientes o hijos de migrantes, partimos del reconocimiento de universos culturales, lingüísticos y mundos de vida de los niños y las familias en tanto pertenecientes a distintas nacionalidades, pueblos originarios, criollos y nativos. En este sentido, el propósito central del proyecto es generar espacios colectivos de acción y comunicación intercultural generando redes socioeducativas entre los niños, los grupos familiares, vecindarios, los educadores y la misma institución escolar, construyendo conocimiento desde las diversas realidades que les son propias según ámbitos de residencia de niños y niñas participantes.

En el proceso de puesta en marcha del proyecto tomamos registros sonoros, visuales y escritos en los espacios colectivos de reflexión entre los educadores y en interacción con niños, maestros y adultos de la comunidad emergiendo sus múltiples voces y universos culturales. Con historias de vida, relatos orales, representaciones gráficas, escenas de la realidad cotidiana y otras situaciones de intensos intercambios se evidencian representaciones subyacentes acerca de lo cultural, lo diferente y diverso, de mundo social, lo permitido y lo censurado, lo dicho y lo no dicho, los silencios; ideas acerca del enseñar y aprender, tensiones entre lógicas inherentes a la educación escolar y la educación intercultural; ¿en “qué” de las prácticas educativas del proyecto reside lo intercultural? ¿qué representaciones subyacen en las políticas del estado acerca de educación intercultural”, cómo nos atraviesan? preguntas que redireccionan y aportan nuevos sentidos, interpelándonos en la construcción.

Palabras claves: representaciones – construcción colectiva – universos culturales – diversidad – interpelación.

-

Sesión 4: Reflexiones y experiencias sobre política educativa y formación docente

-

APROPIACIÓN DE ENTORNOS DE MONTAÑA A PARTIR DE UNA EXPERIENCIA DE FORMACIÓN DOCENTE: PRÁCTICAS Y PRODUCCIÓN DE SABERES EN CLAVE INTERCULTURAL

Gustavo Ariel Marin. Becario Doctoral del Conicet (período 2015-2020)- IIDyPCa-UNRN- Argentina; gustavoarielmartin85@gmail.com

Este trabajo se genera en el marco de una investigación en curso que busca dar cuenta de la disputa de sentidos y significados inherentes a la práctica y apropiación de actividades de montaña en la ciudad de San Carlos de Bariloche, a partir de la implementación de un Profesorado Universitario de Educación Física con esa orientación. La hipótesis que guía esta investigación parte de la concepción de que la formación de Profesores de Educación Física está tan fuertemente marcada por sentidos hegemónicos y disputas y tensiones del propio campo, que aun enmarcándose en nociones de interculturalidad y en el reconocimiento de la conformación intercultural de su ámbito de ejercicio concreto, reproduce las experiencias, territorialidades, prácticas, discursos y saberes de una parte de la población, silenciando y elidiendo los conocimientos de las culturas y poblaciones subalternas involucradas, tal es el caso de la población mapuche. La investigación se plantea desde un enfoque etnográfico que recupera los sentidos y significados que los actores le otorgan a sus prácticas. El foco está puesto en los procesos educativos de formación docente, tomando en cuenta las condiciones y posibilidades de apropiación de otros saberes que tienen los sujetos en contextos de práctica de actividades de montaña.

Palabras clave: montañismo, formación docente, interculturalidad.

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES KAINGANG E MBYÁ-GUARANI E OS MOVIMENTOS DE APROPRIAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Fernanda Brabo Sousa

Mestra e Doutoranda em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

fernanda_brabo@yahoo.com.br

O artigo narra e reflete sobre a atuação e vivência da autora na Ação Saberes Indígenas na Escola, desenvolvida no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e da qual participa desde o ano de 2013, quando a Ação foi instituída pelo Ministério da Educação. A Ação visa à formação continuada de professores indígenas e a elaboração e publicação de materiais didático-pedagógicos específicos e diferenciados para as escolas indígenas, produzidos pelos próprios professores orientadores e cursistas. O núcleo da UFRGS é responsável por uma turma de 150 professores kaingang e outra de 50 professores mbyá-guarani, perfazendo um total de mais de 220 professores indígenas entre orientadores de estudo, formadores e pesquisadores, além de coordenar uma equipe administrativa e pedagógica de profissionais e estudantes da universidade envolvidos com a educação escolar

indígena. As experiências relatadas, registradas pela autora em diário de campo, contam os modos como as estratégias de formação continuada foram sendo elaboradas pelos próprios professores indígenas formadores e orientadores de estudo dentro da Ação Saberes Indígenas na Escola. Considera-se como elemento fundante a apropriação indígena dos direitos historicamente conquistados à educação específica, diferenciada e intercultural, percebida desde uma sensibilidade teórica embasada pela convivência e pelo estar-junto da autora com os professores indígenas. Reflete-se ainda sobre os intensos movimentos ameríndios pensados, sentidos e elaborados a partir de seus processos próprios de aprendizagem, das especificidades de cada comunidade e das realidades sócio-cosmo-ontológicas de cada povo.

Palavras-chave: Ação Saberes Indígenas na Escola; Formação de professores indígenas; Educação escolar indígena.

-

-

O DIÁLOGO COM EDUCADORES INDÍGENAS COMO TERRA POR ONDE NASCE O PENSAR FILOSÓFICO

Magali Mendes de Menezes. Doutora em Filosofia; magaliufrgs@gmail.com

A interculturalidade é uma dos temas mais discutidos na atualidade. Desde diferentes perspectivas e motivações teóricas se constrói um discurso em torno da interculturalidade. Refletir sobre a possibilidade de, efetivamente, pensarmos em relações de respeito, de reconhecimento da dignidade do Outro se torna um tema urgente. A partir desta contextualização, a presente proposta busca apresentar a contribuição da Filosofia Intercultural, tendo como referência teórica o pensamento de Raul Fornet-Betancourt, no aprofundamento do debate em torno da interculturalidade. Tal reflexão emerge das vivências com educadores indígenas que fazem parte de uma ação de formação de professores desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada Saberes Indígenas na Escola. O que, tradicionalmente, chamou-se Filosofia nasce de uma visão monocultural do ocidente que privilegiou categorias e formas de racionalidade como sendo representações legítimas de uma reflexão filosófica. O pensamento mítico, simbólico, o exercício e experiência de outras racionalidades são violentamente negados por esta história ocidental da Filosofia. A ação Saberes Indígenas na escola, neste sentido, tem proporcionado um profundo diálogo com formas de pensamento, sentimento, linguagem, cosmologias dos povos originários que nos fazem reconfigurar o sentido mesmo de Filosofia. Buscaremos expor alguns destes momentos de diálogo com os educadores indígenas com a perspectiva de repensar o trabalho filosófico desde a experiência básica da “solidariedade dos logos”, como comenta Fornet-Betancourt. Busca-se também apresentar as contribuições da Filosofia Intercultural no debate sobre uma proposta de Educação Intercultural.

-

-

ESCUELA DE OTOÑO: FORMACION DOCENTE Y PRACTICAS DE INTERCULTURALIDAD

Profesora Noemí Milton Magister Mirta Millan

Lic. Mercedes Basualdo Dra. Mónica Cohendoz

Instituto de Formación Docente N°22 Adolfo Alsina- Facultad de Ciencias Sociales de Olavarría

mcohendoz@gmail.com

noemimilton@gmail.com

mercedesbasualdo@hotmail.com

mirtamillan@hotmail.com

-

En el 2012 comenzó el proyecto de investigación participativa Pu Anay I. en el cual hemos registrado diversas maneras de abordar la interculturalidad en escuelas de nivel primario y secundario. En una nueva etapa, el proyecto Pu Anay II denominado “Análisis de las manifestaciones simbólicas en el aula desde la perspectiva intercultural: discutiendo la episteme eurocéntrica” (INFOD, 2158) realizamos la experiencia “Escuela de Otoño” donde convocamos a investigadores, docentes, estudiantes de diferentes niveles y miembros de la comunidad a realizar prácticas educativas interculturales para hacer transferencia de los avances de ambos proyectos de investigación y articular: a) una agenda local de problemas de educación intercultural; b) un espacio de vinculación que visibilice y fortalezca lo que las escuelas realizan en torno al tema c) un espacio de formación docente en interculturalidad para estudiantes de los profesorados. Vamos a comentar esta experiencia poniendo énfasis en la trama de participación que apunta a una pedagogía intercultural emancipatoria.

Palabras claves: giro decolonial- formación docente- prácticas escolares de interculturalidad.

PANORAMA DE LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE EN ARGENTINA: A 20 AÑOS DE DERECHOS CONSTITUCIONALES

Mariel Cremonesi. Becaria del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), doctoranda en Antropología Social en el Instituto de Altos

Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín
(IDAES/UNSAM). Auxiliar docente de la Universidad Nacional de La Plata (UNLP).
Argentina. marielcremonesi@yahoo.com.ar

El objetivo de esta ponencia es presentar un panorama teórico de las políticas de interculturalidad y de reconocimiento de la diversidad en Argentina, específicamente, de las políticas educativas que proponen poner en práctica una Educación Intercultural Bilingüe (EIB). Es de destacar que la base para que la EIB sea un derecho está en la reforma de la Constitución Nacional que reconoce la preexistencia étnica y cultural de los pueblos indígenas argentinos.

A su vez, y partiendo de reconocer el vínculo existente entre políticas y academia, esta discusión teórica se verá complementada con la realización de entrevistas a académicos que han participado o asesorado en las políticas educativas recientes de reconocimiento de la diversidad. De este modo, se podrá entrelazar la relación de los gestores de la educación escolar indígena del Ministerio de Educación con el Programa de Formación en Educación Intercultural Bilingüe para los países andinos (PROIB Andes), el cual brindó apoyo y asistencia técnica.

Sesión 5: Escolarización, experiencias formativas e Identidades indígenas

-

-

EXPERIENCIAS DE JÓVENES INDÍGENAS EN EL MARCO DE LA EIB. REFLEXIONES COMPARATIVAS ENTRE DOS CASOS DE LAS PROVINCIAS DE CHACO Y SALTA

Soledad Aliata. Prof. y Lic. En Ciencias Antropológicas. Becaria Doctoral. UBA. FFyL.
(soledadaliata@hotmail.com)

Gloria Mancinelli. Prof. En Ciencias Antropológicas. Becaria Doctoral. UBA. FFyL.
(mancinelli.gloria@gmail.com)

El principal objetivo en esta ponencia consiste en producir algunas reflexiones comparativas que surgen de las experiencias y expectativas de jóvenes indígenas de dos casos de las provincias de Chaco y de Salta respectivamente, referidas al paso por la escuela media y nivel superior, en regiones en las cuales se viene implementando la Educación Intercultural Bilingüe.

Atendiendo las demandas educativas que se vienen planteando en el marco de las comunidades indígenas en nuestro país, esperamos establecer ciertas reflexiones considerando que la modalidad de EIB se ha focalizado principalmente en los niveles

inicial y primario, por lo que las políticas educativas de nivel medio y superior resultan incipientes en algunas zonas de estas provincias. Dado el panorama en el cual se vienen implementando dichas políticas educativas, nos interesa reflexionar de modo comparativo sobre: las experiencias y expectativas de los jóvenes indígenas en el nivel medio y el acceso al nivel superior, considerando en el análisis los contextos de desigualdad socioeducativa que caracteriza ambos casos.

Palabras claves: jóvenes indígenas - experiencias- educación superior.

-
-

OS MBYA-GUARANI E O FACEBOOK COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO

Fátima Rosane Silveira Souza. Graduação em Letras e em Direito. Mestrado em Educação. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – RS – Brasil;
fatimars11@yahoo.com.br

O Facebook é uma rede social digital popular entre as comunidades indígenas Mbya-Guarani das aldeias localizadas nos municípios de Estrela Velha e Salto do Jacuí, Estado do Rio Grande do Sul, região sul do Brasil. Essa rede social é usada como meio de comunicação entre os parentes e também com não indígenas, em intensa alteridade. O objetivo deste trabalho é conhecer as relações estabelecidas pelos Mbya-Guarani por meio do Facebook, as trocas interculturais, os processos educativos estabelecidos a partir desta rede social, cujo acesso foi facilitado a partir da implantação de políticas públicas de conexão com a internet. Para elaboração deste trabalho, foram realizadas visitas às aldeias, entrevistas com usuários e não usuários do Facebook. As trocas realizadas por meio do Facebook, com a pesquisadora e outros interlocutores, também se tornaram importante espaço para desenvolvimento do trabalho e conhecimento do jeito de ser dos interlocutores, da sensibilidade de mundo (MIGNOLO, 2013) que possuem e as cosmologias, dimensões reveladas em cada postagem efetuada nessa rede social. Foi analisada a possibilidade/viabilidade de uso do Facebook como plataforma de aprendizagem em espaço não-escolar. Esta pesquisa foi realizada em um viés etnográfico (GEERTZ, 2013). As vivências nas aldeias ajudam a conhecer e a compreender as mensagens postadas e o comportamento que apresentam e que se reflete no facebook. A destacar a alteridade indígena nas relações interculturais e os espaços de aprendizagem descobertos por eles com o uso do Facebook.

Palavras-chave: Facebook, mbya-guarani, educação indígena.

FAZER, VIVER, COMPARTILHAR (ENSINAMENTOS E APRENDIZAGENS

EM SAN LORENZO DE LOMERÍO)

Marina Palombini Fagundes. UMSA – Universidad Mayor de San Andrés. UFRGS-
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O presente trabalho aborda experiências do fazer antropológico a partir de uma investigação sobre educação indígena, que ocorreu entre outubro e novembro de 2014, em uma comunidade ameríndia chiquitana em San Lorenzo de Lomerio, Santa Cruz, Bolívia. Por meio de conversas e práticas com adultos e crianças da comunidade, identificou-se processos de ensino e aprendizagem formais e informais, tanto em âmbitos mais tradicionais, como na fabricação de chicha (bebida alcoólica típica, fermentada, de milho), quanto em âmbitos mais contemporâneos, como na escola. Escrevemos sobre maneiras ameríndias de ensinar, trocas de ensinamentos e aprendizagens que pudemos realizar entre indígenas e estudantes de antropologia e sobre o próprio aprendizado para fazer antropologia. Apesar de nossos esforços para construir uma pesquisa ética e construtiva para a comunidade, muitos questionamentos emergiram ao longo da investigação, tais como: a pertinência das metodologias que utilizávamos e as possibilidades de usos de metodologias mais contemporâneas; o valor da pesquisa, ou como torná-la útil, uma vez que sua construção foi uma demanda nossa e não da comunidade; as trocas que conseguíamos gerar e os tipos de ensinamentos que estávamos provocando; o trabalho com crianças; o afeto que foi sendo construído e o que fazer com ele depois das despedidas. Tendo por base essa experiência e essas problemáticas, proponho uma reflexão sobre a maneira de estudar educação indígena, pensando a própria antropologia e nosso modo de pesquisar.

Palavras chaves: educação indígena, interculturalidade, fazer antropológico.

ALFABETIZACIÓN RELIGIOSA. UN ANÁLISIS DE LA RELACIÓN ENTRE LOS CONOCIMIENTOS ESCOLARES Y LAS IGLESIAS EN LAS EXPERIENCIAS DE TOBAS/QOM Y MBYA-GUARANÍ DE ARGENTINA

Ana Carolina Hecht (UBA-CONICET)

anacarolinahecht@yahoo.com.ar

Mariana García Palacios (UBA)

mariana.garciapalacios@gmail.com

Noelia Enriz (UBA-CONICET)

noelia.enriz@gmail.com

En la compleja relación entre los grupos indígenas y el Estado argentino, han intervenido también diversas iglesias que, persiguiendo objetivos propios, reemplazaron, intervinieron, cuestionaron y apoyaron tareas del Estado. En este texto, nos proponemos analizar el vínculo entre las iglesias (católica y evangélicas) y diversas poblaciones indígenas, considerando los ámbitos escolares y especialmente el proceso de alfabetización. Nuestro propósito central será poner de relieve los roles desempeñados por los distintos agentes, sus objetivos y estrategias, como también las ideas sobre los otros que subyacen a estos procesos. Nos interesa sistematizar intervenciones propositivas y activas que sostuvieron la idea de transformación de los destinos de los sujetos al acercarlos al uso oral de la lengua del Estado y a su escritura, así como a la escritura de las lenguas indígenas propias de sus comunidades.

El análisis que se realizará cobra relevancia si tenemos en cuenta que las poblaciones indígenas argentinas fueron contempladas como sujetos de la educación pública nacional con reglamentaciones específicas a fines del siglo XX. El modelo educativo decimonónico generó una propuesta homogeneizadora, para población urbana o periurbana, centrada en incorporación al conocimiento de la lengua, historia y geografía canónica. La pequeña porción de la población indígena que se sumó a dicho proceso, lo hizo sin que esto supusiera un cuestionamiento del modelo hegemónico.

Metodológicamente, este texto recuperará fuentes documentales y análisis teóricos, a la luz de exploraciones de campo etnográficas realizadas en la última década con poblaciones indígenas del norte y noroeste de Argentina (tobas/qom y mbyá guaraní).

EXPERIENCIAS EDUCATIVAS EN LAS HISTORIAS DE VIDA DE LÍDERES INDÍGENAS DEL MOVIMIENTO INDÍGENA EN COLOMBIA

Mauricio Caviedes. Departamento de Antropología, Pontificia Universidad Javeriana.
www.mauriciocaviedes.jimdo.com; mcaviedes@javeriana.edu.co,
maucaviedes@yahoo.com

Esta ponencia presenta el análisis de las experiencias educativas presentes en las historias de vida de líderes del movimiento indígena en Colombia, recogidas entre los años 2005 y 2011. Este análisis busca entender los impactos de formas de educación escolarizada y formas de educación no escolarizada en las identidades indígenas de líderes del movimiento indígena en Colombia. Aunque los pueblos indígenas han exigido a los Estados latinoamericanos el derecho a una educación escolarizada intercultural que incorpore los conocimientos indígenas en sus currículos, los investigadores universitarios y maestros escolares sugieren que las escuelas siguen debilitando la identidad indígena. El estudio de la experiencia educativa de líderes del movimiento indígena, cuyo papel histórico ha sido defender el derecho de los pueblos indígenas a proteger su identidad, es un escenario privilegiado para entender esta contradicción. Las historias de vida recogidas pertenecen a líderes indígenas de la región andina y la región amazónica. En ambas regiones los pueblos indígenas de Colombia han sido representados por organizaciones indígenas con fuertes diferencias políticas sobre la naturaleza de sus derechos y los mecanismos para relacionarse con el

Estado. Durante el análisis de estas historias de vida, la ponencia se inspira en las ideas sobre la identidad planteadas en los trabajos de F. Barth. Este trabajo hace parte de un proyecto de investigación mas amplio que, en una fase posterior, se propone analizar la experiencia de niños y niñas indígenas en las escuelas indígenas de la región amazónica, en la frontera entre Colombia y Brasil.

Palabras clave: Antropología de la educación, Educación intercultural, Educación indígena, Identidad indígena.

GT 93. "TRAYECTORIAS Y EXPERIENCIAS DE TRABAJO DE LAS MUJERES DE SECTORES POPULARES EN AMÉRICA LATINA"

Coordinadores:

Isabel Georges. Dra. em Sociologia, Pesquisadora (CR 1) - IRD-Institut de recherche pour le développement-UMR 201 DEVSOC (França)/, UFSCar-DS-Universidade federal de São Carlos-Departamento de Sociologia (Brasil). isabel.georges@ird.fr

Mary Goldsmith. Profesora Departamento de Política y Cultura, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, D.F. México, marygoldsmithc@gmail.com

Débora Gorban. Investigadora Adjunta CONICET/ ICI-UNGS, Buenos Aires, Argentina. dgorban@gmail.com

Comentaristas: Débora Gorban/ Ania Tizziani/Jurema Brites/Mary Goldsmith/Isabel Georges

Sesión 1: Intimidad y cuidados

"A MOVER EL CULO. GÉNERO Y TRABAJO EN LAS TRAYECTORIAS PROFESIONALES DE BAILARINAS EN TELEVISIÓN"

Carolina Justo von Lurzer. CONICET (UBA-IIGG); justocarolina@gmail.com

Argentina ha visto crecer y consolidarse en los últimos diez años un campo de crítica cultural al sexismo reproducido en los medios de comunicación masiva -especialmente en el marco de la sanción e implementación de la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual y de la Ley de Prevención y Sanción de la Violencia de Género-. La televisión y sus espacios de entretenimiento son blanco habitual de estas críticas que denuncian, entre otros aspectos, los mecanismos de cosificación de las mujeres y la consecuente mercantilización de su condición de género en estas producciones audiovisuales. Este trabajo propone discutir algunos de los fundamentos de estas denuncias a partir de la indagación en las trayectorias laborales de jóvenes bailarinas en programas de televisión. La figura de la bailarina no sólo ocupa un lugar central en los formatos de entretenimiento –o bien porque la danza es objeto del programa o bien porque se recurre a esta figura como parte de la construcción del show televisivo- sino que condensa algunos los malestares en torno a la relación medios y feminismo. Este trabajo constituye una primera aproximación al análisis de la trayectoria profesional de estas jóvenes a partir de interrogar sus concepciones acerca del cuerpo y su puesta en juego en el espectáculo televisivo, así como las formas en que género y sexualidad/sensualidad modalizan la labor en la industria del entretenimiento.

Palabras clave: género, trabajo, entretenimiento televisivo, feminismo.

GÉNERO, OCUPACIONES DEL CUIDADO Y CONDICIONES LABORALES.

LA ENFERMERÍA Y LA DOCENCIA DEL ÁREA METROPOLITANA DE BUENOS AIRES EN PERSPECTIVA COMPARADA

Francisca Pereyra Investigadora- Docente, Área Economía, Universidad Nacional General Sarmiento; fpereyra@ungs.edu.ar

Esta presentación se enmarca dentro de los debates en torno a las condiciones laborales de las ocupaciones relacionadas con el cuidado. Uno de los señalamientos centrales de

estos análisis tiene que ver con que las labores de cuidado - tradicionalmente asociadas con habilidades y predisposiciones supuestamente inherentes a la condición femenina -, obstaculizarían su valoración social en tanto “auténtico” trabajo, devaluando así sus condiciones laborales y salariales cuando se ejercen de forma remunerada.

El presente trabajo aborda, en el ámbito del Área Metropolitana de Buenos Aires, el análisis de dos ocupaciones: la enfermería por un lado, y la docencia de nivel inicial y primario, por el otro. Se trata, en ambos casos, de actividades con un alto contenido de cuidado, fuertemente feminizadas y realizadas generalmente por mujeres de sectores medios y medios bajos.

No obstante, la docencia presenta una situación relativamente mejor que la enfermería tanto en términos salariales como de los derechos que establece su marco regulatorio ¿Cuáles son entonces los factores que operan marcando diferencias y atenuando los efectos que implicaría la desvalorización social del cuidado? En base a un abordaje de tipo cualitativo, se analizará, en cada caso: i) el discurso que se sostiene en torno al contenido de cuidado de la ocupación y la forma en que se ha construido históricamente la profesionalización de la actividad ii) el lugar institucional que se ha conquistado en las estructuras laborales y iii) el correlato que esto implica en términos de las características de la representación sindical.

Palabras clave: Género - Mercado de trabajo - Ocupaciones del cuidado- Enfermería- Docencia.

**"SI LE PASA ALGO A MI MAMÁ, TE METEMOS A CÁRCEL":
PRECARIEDAD, DESREGULACIÓN Y AFECTO EN EL CUIDADO DE
ADULTOS MAYORES EN EL SECTOR INFORMAL DE LA CIUDAD DE
PUEBLA**

Dra. Mirza Aguilar Pérez. Profesora – Investigadora de la Facultad de
Desarrollo Humano, Universidad Autónoma de Tlaxcala y de la Facultad de
Derecho y Ciencias Sociales/Benemérita Universidad Autónoma de Puebla,

México; azrim13@gmail.com

Esta ponencia presenta un análisis interseccional sobre el trabajo del cuidado remunerado de mujeres del sector “informal” que brindan servicios a personas de la tercera edad. Me centro en un estudio de caso particular, en la ciudad de Puebla, Pue., México, el caso de una red de mujeres de entre 40 y 55 años cuyo sustento se da a partir del cuidado por agenda de adultos mayores. Se observa que estas mujeres ejercen en el trabajo del cuidado remunerado y que éste está construido a partir de un cúmulo de desigualdades que se pueden observar en las relaciones generizadas, generacionales y de

clase en las que participan. La metodología del presente estudio es de corte cualitativa, acercándose a las informantes a través de la observación directa y de entrevistas semi estructuradas.

Palabras claves: Cuidado, vejez, informalidad, interseccionalidad.

ABAIXO AOS “SERVIÇOS DE CONFORTO” EM PROL DOS “SERVIÇOS DE UTILIDADE SOCIAL”?

Luísa Maria Silva Dantas. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre – RS – Brasil; – luisadantas1@gmail.com

Reflexões antropológicas a partir de narrativas de trabalhadoras e a conjuntura atual do trabalho doméstico remunerado no Brasil (leis, convenções, recomendações e condições de trabalho e emprego)

Este artigo é decorrente de minha etapa atual de doutoramento, ao voltar do programa doutorado-sanduíche realizado na Université Lille 1/Clersé (França) sob coordenação do professor François-Xavier Devetter. Importante mencionar este fato, já que neste momento procurarei traçar algumas aproximações e diálogos entre as nomenclaturas “serviços de conforto” e “serviços de utilidade social” empregadas por este professor em suas análises sobre os “services à la personne” em relação ao contexto francês, para refletir sobre o trabalho doméstico remunerado no cenário brasileiro, buscando classificar e diferenciar as atividades realizadas pelas/os trabalhadoras/es domésticas/os no sentido de particularizá-las em seus potenciais maiores ou menores de profissionalização e valorização social e econômica.

Para melhor qualificar estas reflexões será fundamental o material decorrente de minhas pesquisas de campo desenvolvidas nas cidades de Porto Alegre/RS, Salvador/BA e Belém/PA (Brasil) em diferentes períodos dos anos de 2013 e 2014, além de uma entrevista realizada em Lille/FR em 2015, com trabalhadoras domésticas, sindicalistas e empregadoras, abordando suas trajetórias sociais e de trabalho, formas de sociabilidade e projetos; assim como, a apresentação e discussão sobre o SCD 5/2015, a Convenção 189, a Recomendação 201 e as condições de trabalho e emprego presentes nas estatísticas e relatos das mulheres entrevistadas.

Palavras-Chaves: Trabalho Doméstico Remunerado; “Serviços de Conforto”; “Serviços de Utilidade Social”; Regulamentações; Brasil;

-

-

EL MATERNALISMO ENFRENTA Y ATRÁS DE LA PANTALLA: EL VÍNCULO FAMOSO ENTRE DOÑA PETRONA C. DE GANDULFO Y JUANITA BORDOY EN LA ARGENTINA

Rebekah E. Pite. Profesora Asociada de Historia en Lafayette College (Universidad)
Easton, Pennsylvania, Estados Unidos; rebekahpite@gmail.com

Esta ponencia se centrará en la interacción pública y privada de Doña Petrona y Juanita Bordoy, respectivamente la ecónoma más famosa de Argentina y la asistente más nombrada del mismo país. Aunque no es muy conocido, Juanita la acompañaba no solo en la televisión sino también en la casa en dónde cumplía tareas como ama de llaves, cuidadora de ella y de su familia, y amiga íntima. La relación pública entre las dos era mucho más conocida— fascinante y a su vez, blanco de críticas, ya que permitía a otras personas observar una típica relación doméstica -privada durante los años sesenta (y en adelante) en los cuales la relación de muchas mujeres con la domesticidad y el trabajo pago estaban en plena transformación. Así, en este trabajo sostenemos que para comprender las tensiones en torno a estos cambios, debemos cambiar nuestro marco de análisis y terminología. En tanto los estudios llevados adelante en América Latina tienden a retratar las relaciones laborales domésticas como paternalistas, los vínculos de poder y afecto entre Doña Petrona y Juanita Bordoy —y muchas otras duplas domésticas— permiten afirmar que dichas relaciones eran (y continúan siendo) más maternalistas en su esencia. Este trabajo sostiene que son las mujeres (y no los hombres) quienes con frecuencia negocian los términos afectivos y poderosos de estas relaciones y los del trabajo dentro del hogar, aunque los hombres también se benefician de ellos.

-
-

“THE (INVISIBLE) HELP”: UM ENSAIO ANTROPOLÓGICO SOBRE TRABALHO DOÉSTICO E INVISIBILIDADES

Karen Ambrozi Käercher (Acadêmica do curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria, membro *do grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Gênero e Saúde* – GEPACS, kakaercher@gmail.com)

O trabalho aqui proposto pretende sugerir a viabilidade de uma abordagem antropológica da produção cultural filmica “*The Help*”, não como uma pura e simples análise da película, mas tal qual uma ponte que permite ligar a conjuntura da invisibilidade do trabalho doméstico quando contrastado com algumas críticas efetuadas, ao já referido filme, pelo “*blog*” feminista “*Escreva Lola Escreva*”, de grande acesso no Brasil. O objetivo é de tentar perceber qual é a lógica das relações de gênero e trabalho compreendidas dentro deste espaço feminista, quais são as oposições desta lógica e como operam os discursos que este tipo de filme ajuda a (des)construir. Trata-se também, por outro lado, de contextualizar a situação atual de deslocamento das

mulheres negras americanas como trabalhadoras domésticas, num cenário diferente do até então retratado no longa-metragem. Em última instância, portanto, este trabalho mostra-se cíclico na medida em que a conjuntura da invisibilidade do trabalho feminino aponta para a divisão sexual do trabalho, logo ajudar-nos-á a entender a maneira pela qual é pensado o trabalho doméstico seja no filme, no “*blog*” ou na nossa sociedade como um todo.

Palavras - Chave: The Help; blog; trabalho doméstico; invisibilidade; gênero.

-

Sesión 2: Movilidades y desplazamientos

-

-

¿CUANDO HABLAMOS DE MUJERES QUÉ ENTENDEMOS POR TRABAJO? REFLEXIONES SOBRE EL TRABAJO DE LAS MUJERES EN ESPACIOS DE FRONTERAS

Areli Veloz Contreras. Posdoctorante, Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES);
areli.veloz@gmail.com

En las últimas décadas los cambios en el “mundo del trabajo” se han asociado a la participación de las mujeres en los mercados laborales, lo que se ha relacionado con la precariedad, la oscilación entre la formalidad e informalidad, las identidades laborales y las transformaciones en las relaciones de género, por mencionar algunas. No obstante, cuando se habla de mujeres ¿qué se entiende por trabajo? y ¿qué asociamos con femenino, mujer y trabajo? Frente a estas interrogantes en esta ponencia se partirá del caso de las mujeres trabajadoras en dos fronteras de América Latina: las mujeres “bagayeras”, que pasan mercancía de Bolivia a Argentina y las trabajadoras de industrias maquiladoras en la ciudad de Tijuana (México-Estados Unidos). Lo que se propone es reflexionar, desde las especificidades en que se generan las relaciones de clase, el trabajo de las mujeres en una lógica capitalista que mantiene su matriz central en el género, y donde las fronteras geopolíticas se convierten en un sitio privilegiado para su análisis. Para ello, se retomará: el cuerpo de las mujeres visto desde la reproducción de la vida humana; el contractualismo, como parte de la neutralización de jerarquías y valoraciones de actividades que realizan distintos individuos en diferentes espacios; y la “autonomía” como referente de deseos y, por ende, de contiendas ante experiencias de vida concretas.

-

-

DE LIMPIEZA, BASURA Y CUIDADOS. REPRESENTACIONES Y PROCESOS DE LEGITIMACIÓN DEL TRABAJO ENTRE MUJERES “CARTONERAS” Y TRABAJADORAS DEL SERVICIO DOMÉSTICO.

Débora Gorban. Investigadora Adjunta CONICET/ ICI-UNGS; dgorban@gmail.com

Las experiencias laborales de las mujeres aparecen de manera diversa atravesadas por condicionamientos sociales, de género y clase. Las mujeres de sectores populares muchas veces son vinculadas con ciertas actividades laborales. Desde la perspectiva de los empleadores/as que contratan trabajo doméstico remunerado muchas veces se sostienen sentencias del tipo “no pueden hacer otra cosa” o “qué otro trabajo va a poder conseguir”. En ese sentido, la inferiorización de las mujeres pobres aparece “legitimando” la posición socioeconómica que éstas ocupan y fundamentalmente, el tipo de ocupaciones en el que mayormente se insertan, las cuales generalmente no son socialmente valoradas. Indagando en las trayectorias de mujeres de bajos recursos que habitan en la Ciudad de Buenos Aires y en localidades del Conurbano Bonaerense, analizaremos las formas en que éstas se identifican y representan el trabajo que realizan, en dos casos en donde la tarea, y quien la lleva adelante, esta profundamente ligada a la deslegitimación y estigmatización. En un caso se trata de mujeres que se desempeñan en el servicio doméstico, en el otro de mujeres que trabajan como cartoneras en las calles de la ciudad, muchas de ellas han realizado trabajos de limpieza, en domicilios particulares y o instituciones a lo largo de sus recorridos laborales. Esta ponencia se apoya en dos investigaciones mas amplias que hemos desarrollado desde el 2003 hasta el 2014, utilizando una perspectiva cualitativa, en el marco de las cuales realizamos numerosas entrevistas en profundidad y registros de observación, entre las mujeres “cartoneras” de los dos barrios de la zona norte del Conurbano Bonaerense donde desarrollé mi trabajo de campo, y entre mujeres que trabajan en el servicio doméstico.

MULHERES TUKANAS E CAXIRIS EM CIRCULAÇÃO: DAS COMUNIDADES À CIDADE, DA CIDADE ÀS ROÇAS (NA) DA CIDADE, SÍTIOS E COMUNIDADES

Talita Sene. Doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS-UFSC. Mestre em Antropologia Social pela mesma instituição. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Fundamentos da Antropologia (A-Funda); talitasene@gmail.com.

Na região do Alto Rio Negro (ARN), Noroeste do estado do Amazonas, local em que habitam os povos indígenas da família linguística Tukano Oriental, há uma crescente migração de famílias indígenas que vivem em comunidades/sítios para a cidade de São Gabriel da Cachoeira (SGC) (LASMAR, 2005). Embora a mudança destes indígenas

para a cidade acarrete uma série de alterações no modo de vida destes, especialmente na rotina diária e dieta, o ARN caracteriza-se por uma articulação cada vez maior entre estes espaços. Muitas famílias, inclusive, têm um modo de vida “sazonal”: vivem na parte urbana de SGC, mas ao mesmo tempo mantém casas e cultivos na zona periurbana, em comunidades e sítios, para onde se deslocam com frequência para manutenção da roça ou/e para visitar parentes, por exemplo. Levando tal aspecto em consideração, esta arguição traz uma breve reflexão sobre o lugar das mulheres Tukano nestes deslocamentos, especialmente das horticultoras, uma vez que estas parecem ser as principais articuladoras de um complexo de relações socioespaciais em torno da circulação de pessoas e também de recursos. Para tal, tomo como ponto de partida as feiras festivas dominicais de duas associações indígenas localizadas na zona urbana do município de São Gabriel da Cachoeira, a *Associação Cultural dos Agricultores Indígenas Direto da Roça* e a *Associação Mista dos Povos Indígenas*. Através destas mostro como algumas mulheres converteram sua relação com a roça em fonte de renda, trabalho e relação na e com a cidade através da venda de produtos *direto da roça*, como os caxiris. Nestas associações estes produtos são comercializados para outros indígenas, e também, em menor proporção, para os “brancos”.

-
-

¿QUIÉN HACE EL ‘TRABAJO SUCIO’? MUJERES MIGRANTES Y TRAYECTORIAS LABORALES DE CUIDADO EN ARGENTINA

Ana Inés Mallimaci Barral (Investigadora del CONICET – IIEGE/UBA y Profesora de la UNAJ, Argentina); anamallimaci@yahoo.com.ar

María José Magliano (Investigadora del CONICET – CIECS/CONICET-UNC y Profesora de la UNC, Argentina); mariajosemagliano@gmail.com

Esta ponencia pretende identificar algunas de las jerarquías étnicas y de clase presentes en los trabajos de cuidado de mujeres migrantes en Argentina, en particular de enfermeras y empleadas domésticas, que expresan la segmentación del “mercado del cuidado”. Asimismo, nos interesa vincular las trayectorias en el empleo doméstico y en la enfermería de mujeres migrantes o de origen migrante en pos de analizar posibles jerarquizaciones, pasajes y carreras dentro de la categoría “trabajos de cuidado”. El argumento que organiza esta presentación parte de concebir a las tareas de cuidado como un conjunto de actividades heterogéneas y jerárquicas dentro de las cuales la enfermería –en tanto parte de la esfera “pública de cuidados” (Duffy, 2005)– ocupa un lugar de privilegio por sus condiciones de trabajo, su valoración social, entre otras características, a diferencia del empleo doméstico que funciona como parámetro negativo de los posibles empleos vinculados al cuidado. Aunque nuestro trabajo fue iniciado sobre migrantes internacionales, en particular de la región sudamericana, el análisis del empleo doméstico y la enfermería revela la importancia de la presencia de mujeres migrantes internas entre las trabajadoras. Reconociendo que las lógicas del

campo de los estudios migratorios suele imponer reflexiones que giran alrededor de categorías nacionales, el análisis de ciertos procesos sociales territorializados, como es el caso de nuestro estudio, visibiliza las fuertes articulaciones entre las vivencias de migrantes internas e internacionales regionales. Las experiencias de clase, movilidad y, en algunos casos, étnicas y de racialización (como sucede entre las poblaciones fronterizas) y la duración de la permanencia explican en parte estas similitudes. De acuerdo a ello, la investigación que proponemos indaga, por un lado, en la especificidad migratoria y el peso de la extranjería pero por el otro en la categoría “migrante” de tal manera que sea posible incluir, definir y analizar la convergencia de mujeres migrantes internas y externas.

Palabras clave: trabajos de cuidado, mujeres migrantes, jerarquías sociales, Argentina.

ESTRATÉGIAS E PERCURSOS DE MOBILIDADE DA EMPREGADA DOMÉSTICA BRASILEIRA COMO TRABALHADORA ESTRANGEIRA EM PORTUGAL

Marcelo José Oliveira. Professor de Antropologia da Universidade Federal de Viçosa; oliveiramarcelo389@gmail.com / marcelooliveira@ufv.br

Estima-se que dos 200 milhões de migrantes estrangeiros no mundo as mulheres compõem praticamente a metade deste dado, engrossando as estatísticas relacionadas à mão-de-obra estrangeira. Neste contexto pesquisas apontam que a empregada doméstica brasileira vem, há três décadas, fazendo carreira na ponte aérea internacional, surgindo nas estatísticas sobre emigrantes brasileiros em direção a Europa, protagonizando peculiaridades que implicam em perspectivas profissionais concretas. Em 2009, com apoio CAPES, iniciei pesquisa bibliográfica e documental na Espanha e constatee a presença de trabalhadores estrangeiros, dentre eles brasileiros e brasileiras, ocupando postos de trabalho nos setores da construção civil, hotelaria, restaurantes e serviços domésticos. Neste último segmento a empregada doméstica brasileira também disputava espaços de trabalho. Em 2014, com apoio CNPq, desenvolvi estudo etnográfico em Portugal especificamente centrado na presença da trabalhadora brasileira no setor de serviços domésticos. Estas trabalhadoras apostam em um projeto profissional consistente, mesmo que muitas delas corram os riscos da clandestinidade, vulnerabilidade social e, sobretudo, de sujeição ao trabalho precário. Para além da condição de discriminação por ser trabalhadora estrangeira brasileira no país de destino, o empreendimento toma outras dimensões de agência: a de protagonismo no papel de principal provedora de família no país de origem e no país de destino; de reconfiguração dos papéis que consubstanciam a noção de “lar” em trânsito internacional; e de estratégias necessárias para permanência clandestina temporária no país estrangeiro. A presente comunicação aborda aspectos deste projeto internacional de carreira profissional, o problematizando em função do atual contexto econômico e de política de imigração de mão-de-obra estrangeira em Portugal.

Palavras Chave: Serviço Doméstico; Migração Internacional; Trabalho Precário.

DESIGUALDADES LABORALES, TERRITORIOS Y USO DEL TIEMPO

Dra Nora Goren. Docente Investigadora UNAJ/UNPAZ;
norgoren@gmail.com;ngoren@unpaz.edu.ar

Las mujeres somos la mitad de la población del mundo, participamos en el mercado de trabajo formal o en el informal, trabajamos a tiempo completo o a tiempo parcial, ocupamos puestos jerárquicos, nuestros pies se pegotean en los más bajos escalafones de la estructura laboral, no percibimos remuneración alguna por el trabajo que realizamos, estamos o no estamos sindicalizadas, pero todas estamos atravesadas por la forma que asume la división sexual el trabajo.

En este marco, los territorios laborales femeninos presentan, entre otros, diferencias de acuerdo al sector social de pertenencia relacionados al tipo de actividad que se realiza. En este sentido el trabajo se propone indagar, para el caso Argentino, la relación entre el trabajo femenino remunerado y el trabajo no remunerado, desde el análisis de los tiempos destinados a unos y otros.

Para ello, centrándonos en las distintas ocupaciones, se caracteriza la relación entre el tiempo que a ellas se le dedica y el tiempo destinado al trabajo doméstico no remunerado. Se asigna particular atención a la situación conyugal, presencia de menores y composición del núcleo residencial. Asimismo y de modo de aproximarnos a patrones de comportamientos, el análisis se realiza de manera comparativa con el colectivo de varones.

Para alcanzar el objetivo planteado se recurre a un procesamiento especial del módulo de la Encuesta sobre Trabajo no remunerado y uso del tiempo y de la encuesta permanente de Hogares.

Palabras claves: Territorios Femeninos, Trabajo remunerado, Trabajo no remunerado, Uso del tiempo.

Sesión 3: Política y organización

-

TRABAJO, SALARIO Y (RE)PRODUCCIÓN: LAS TRABAJADORAS DOMÉSTICAS REMUNERADAS EN LA CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES DESDE UNA MIRADA ANTROPOLÓGICA

Verónica L. CASAS. Estudiante de Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras -UBA

El trabajo doméstico remunerado en nuestro país agrupa a la mayor cantidad de mujeres nucleando al 14% de las asalariadas, más de un millón de personas. La antropología económica ha entendido al trabajo doméstico dentro del trabajo realizado en las unidades domésticas (por fuera de la producción capitalista, aludiendo a un no-salario). Esta desvalorización y naturalización en el rol de las mujeres, las ha constituido en una fuerza de trabajo que percibe bajos salarios, y con un nivel de formalidad históricamente bajo. En Marzo del 2014 en la Argentina se sancionó la ley 26.844: *Régimen Especial de Contrato de Trabajo para el Personal de Casas Particulares*, donde se extendieron los derechos laborales a todas las trabajadoras sin un mínimo de horas de labor. A partir de entrevistas en profundidad, trabajo de campo en diversos lugares (Tribunal de Trabajo para el Personal de Casas Particulares, sindicato “U.P. A.C.P.” y la sede de su obra social) creemos necesario reconstruir y contextualizar las trayectorias laborales de las trabajadoras domésticas en el ámbito de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, para poder indagar en las nociones/vivencias en torno al “trabajo” o las tareas que desarrollan, y los ingresos que perciben. Y como estas dan cuenta de sus condiciones de trabajo o “derechos laborales”. Con la necesidad de señalar que esto nos posibilita abrir la mirada e interpelar antropológicamente el contexto desde donde estas trabajadoras se desempeñan, y preguntarnos también acerca de los límites y las posibilidades en torno a cómo estas incorporan/ se apropian de las políticas públicas que configuran el sector .

Palabras clave: Trabajo doméstico remunerado – mujeres trabajadoras - reproducción- antropología económica –políticas públicas.

DOMINACIONES Y RESISTENCIAS. TRAYECTORIAS LABORALES DE LAS TRABAJADORAS DOMÉSTICAS EN URUGUAY

Maite Burgueño. Área DeLiberación. Departamento de Trabajo Social. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de la República; maitebur@gmail.com

En el marco de la realización de la tesis de Maestría¹ y como producto de un proceso de investigación² junto con el Sindicato Único de Trabajadoras Domésticas (SUTD), se propone la realización de esta ponencia centrándose en las trayectorias laborales de las trabajadoras domésticas.

Se trata de conocer los escenarios de dominación que se ejercen en el trabajo doméstico, pero a través del “lente” de las trabajadoras, de sus vivencias, sus recuerdos y de cómo

éstas fueron construyendo su subjetividad, su posicionamiento frente “al otro”, adaptándose y/o resistiendo esas formas de dominación.

Se trabajará a partir de la realización de entrevistas a trabajadoras domésticas que recogen sus trayectorias laborales, procurando diferenciar *tipos* de trayectorias y su relación con las posibilidades que se plantean para las trabajadoras en lo que refiere a la *toma de posición*. En términos de Bourdieu, se trata de conocer el campo del trabajo doméstico, reconstruyendo trayectorias posibles, configuradoras de habitus.

Entre la posición adquirida y la toma de posición existe un recorrido de imaginarios y deseos, así como imposibilidades reales y subjetivas. ¿Qué hice frente a determinada situación? ¿qué alternativas existían? Son preguntas que habilitan la reflexividad con la intención de ampliar las alternativas posibles. En este mar, bastante oscuro, de posibilidades, nos interesa especialmente considerar el papel que adquiere el espacio político colectivo (sindical) en las alternativas de resistencia planteadas por las trabajadoras.

La pregunta problema refiere a la relación entre las trayectorias laborales, la configuración de habitus y la disposición a la participación gremial.

Palabras clave: trabajo doméstico, trayectorias, dominación, participación.

VISIBILIDADE DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: AÇÕES PARTICIPATIVAS FOMENTANDO DEBATES ENTRE O PASSADO DA ESCRAVIDÃO E O TRABALHO DOMÉSTICO NA ATUALIDADE

Profª. Drª. Flávia Maria Silva Rieth (PPGAnt/ICH-UFPEL) – riethuf@uol.com.br

Drª. Louise Prado Alfonso (PPGAnt/ICH-UFPEL) – louise_alfonso@yahoo.com.br

MSc Marta Bonow Rodrigues (PPGAnt/ICH-UFPEL) – martabonow@gmail.com

Este texto apresenta resultados preliminares do projeto “*O trabalho doméstico entre o passado e o presente*”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em parceria com o Sindicato das/os Trabalhadoras/os Domésticas/os de Pelotas e o Museu de Arqueologia e Antropologia (MUARAN - UFPEL). A aproximação entre Sindicato e MUARAN ocorreu para criação deste, que deve contemplar grupos comumente não representados nos museus tradicionais. Posteriormente, o GEEUR responsabilizou-se por atividades que têm resultado em reflexões importantes para pensarmos o universo dessas

trabalhadoras. A primeira ação foi uma oficina e é especialmente sobre os resultados desse evento que discorreremos. Os frutos desse encontro foram discussões sobre o trabalho doméstico no passado e suas permanências no presente, a partir da apresentação de anúncios de jornais sobre trabalhadoras escravas e livres no século XIX em Pelotas. As especializações de trabalho e as características exigidas para o desempenho dessas atividades conduziram as discussões para o trabalho doméstico hoje. Ocorreu uma identificação das trabalhadoras atuais com os anúncios e levantaram-se discussões acerca dos problemas enfrentados por essas mulheres, bem como sobre a produção de ações que possam intervir nesses problemas. Tentando visibilizar o trabalho doméstico para minimizar os estigmas históricos da profissão, foi proposta uma exposição sobre as temáticas debatidas; também foi criada uma logomarca para o projeto. Esses processos aconteceram conjuntamente, configurando a importância da aproximação entre pesquisa e extensão nas ações para agregar comunidades cotidianamente excluídas socialmente.

Palavras-chave: Trabalho Doméstico; Sindicato das/os Trabalhadoras/es Domésticos/as de Pelotas; Exclusão social; Escravidão; Ações Participativas.

DECOLONIALIDADE E INTERSECCIONALIDADE EMANCIPADORA: A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO BRASIL

Joaze Bernardino- Costa. Doutor em Sociologia. Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília; joazebernardino@uol.com.br

No momento em que se discute a ampliação de direitos das trabalhadoras domésticas no Brasil, este artigo traz para o centro das discussões o protagonismo das organizações políticas das trabalhadoras domésticas. Baseado em entrevistas realizadas com trabalhadoras domésticas, o artigo busca compreender as razões das desigualdades sociais que incidem sobre esta categoria profissional. Para tanto, argumenta-se que a colonialidade do poder e a interseccionalidade de gênero, classe e raça são fatores estruturais e dinâmicos capazes de explicar tal fenômeno. Por outro lado, argumenta-se também que as trabalhadoras domésticas, ao longo da história, têm articulado um movimento social em diálogo com os movimentos negros, sindicais e feministas e outros atores sociais que as permite apresentar um projeto decolonial. A este diálogo e articulação com movimentos classista-sindicais, movimentos negros e movimentos feminista dá-se o nome de interseccionalidade emancipadora. O artigo conclui constatando que a cada avanço legal desta categoria profissional o movimento político organizado das trabalhadoras doméstica tem estado presente.

Palavras-chave: trabalho doméstico, colonialidade, interseccionalidade, classe, raça, gênero.

RECONHECIMENTO, REDISTRIBUIÇÃO E RAÇA A PARTIR DO TRABALHO DOMÉSTICO

Paulo D. Bento. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
Universidade de Brasília – UnB

O trabalho doméstico passa por mudanças significativas no Brasil, como o aumento do percentual de diaristas, o crescimento da taxa de formalização das mensalistas e a aprovação de Emenda Constitucional que amplia os direitos das trabalhadoras domésticas.

A carteira de trabalho tem papel fundamental nisso. Primeiro, porque a mudança constitucional atinge sobretudo as trabalhadoras já registradas. Segundo, porque apesar do valor da hora de trabalho da diarista ser maior, isso não se concretiza em rendimento total superior quando comparadas às mensalistas registradas. Terceiro, a carteira registrada se mostra um fator positivo sobretudo para a redução da desigualdade de trabalhadoras domésticas negras frente às brancas.

Dados da Pesquisa Nacional de Domicílios (2013) permitirão comparar a distribuição de mulheres brancas, pardas e pretas (categorias do IBGE) no mercado de trabalho para avaliar a importância do trabalho sem carteira assinada e do trabalho doméstico para elas. A inviabilidade de abarcar todas as trabalhadoras sem carteira, restringirá, posteriormente, a análise às domésticas, comparando o rendimento e a segurança alimentar familiar de trabalhadoras com e sem carteira assinada.

Os eixos aqui articulados (direitos trabalhistas e condições de vida) se associam aos conceitos de reconhecimento e redistribuição de Nancy Fraser. Isso permitirá questionar o significado do aumento percentual da oferta de diaristas e o papel do reconhecimento na redistribuição para trabalhadoras de grupos raciais distintos.

Palavras-chave: trabalho feminino, raça, formalização, reconhecimento, redistribuição.

-

Sesión 4: Dominios en disputa. Regulación en entredicho

-

LOS VÍNCULOS LABORALES EN EL TRABAJO DOMÉSTICO EN EL

ESPACIO SOCIAL DE SALTA ACTUAL.

GABRIELA K. FERRO. UNS.a/CONICET; ferrogaby@gmail.com

Nos interesa abordar la “politicidad” en la que las relaciones de trabajo doméstico remunerado acontecen. Consideramos que en estos vínculos altamente personalizados y desiguales, tienen lugar una serie de acuerdos, intercambios, pero también en ellos suceden inversiones y apuestas fundamentales para la resolución de urgencias de la vida cotidiana, en este caso, de las trabajadoras, pero en la que también participan los empleadores. En ese sentido, nos interesa dar cuenta de los continuos “sondeos” a partir de los cuales, las partes de la relación, intentan redefinir los límites en los que esos vínculos se desenvuelven. Intentaremos dar cuenta de cómo estas dimensiones que fueron analizadas por otros autores que abordan el tema, se expresan en el espacio social de Salta actual. Llevaremos a cabo la tarea a partir de entrevistas a trabajadoras que son complementadas por un trabajo de observación en un espacio burocrático provincial.

TRABAJO DOMÉSTICO- POLITICIDAD- ACUERDOS-INTERCAMBIOS- CONFLICTIVIDAD.

-

DIARISTAS E EMPREGADAS DOMÉSTICAS: A PRECARIZAÇÃO ÀS MARGENS DO ESTADO

FABIO DE MEDINA DA SILVA GOMES. MESTRE EM DIREITO CONSTITUCIONAL PELA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE-UFF; fabiodemedina@gmail.com

As profundas alterações do trabalho doméstico remunerado, nas últimas décadas, justificaram uma série de estudos em diversas áreas do conhecimento. A principal instituição reguladora desse setor do mercado de trabalho tem sido o próprio Poder Judiciário. Tenho me dedicado a compreender a administração institucional do conflito entre patroas e domésticas, na cidade de Niterói, município brasileiro de médio porte. Nesse intento, utilizei o método de observação direta. O trabalho de campo realizado inclui observação de duzentas audiências trabalhistas e incontáveis entrevistas com sindicalistas, patroas, domésticas e juízes. Pretendo explorar as diversas sensibilidades jurídicas que informam a questão da precarização dessas relações de trabalho. Durante a pesquisa, notei evidente indefinição entre quem era considerada diarista e empregada doméstica. As diaristas estão postas às margens da justiça. Elas não estão plenamente incluídas no imaginário igualitário, em função de não terem todos os direitos das empregadas domésticas. O Judiciário as concebe como sujeitos para as conciliações, abrindo mão de direitos e reconhecimento pleno de suas dignidades.

Palabras-chave: Derechos Humanos, Sensibilidades Jurídicas, Trabajo doméstico remunerado, Justiça do Trabalho, Precarização.

TRABAJAR CON LA INTIMIDAD, ¿UN OBSTÁCULO PARA LA EFECTIVIZACIÓN DE DERECHOS LABORALES? UN ESTUDIO DE LAS SUPERPOSICIONES ENTRE TRABAJO FEMENINO REMUNERADO Y GRATUITO EN LA JUSTICIA LABORAL MARPLATENSE. BUENOS AIRES, ARGENTINA, 1980-2006

Romina Cutuli- Becaria Posdoctoral CONICET– Grupo de Estudios sobre Familias, Género y Subjetividades, Facultad de Humanidades, UNMdP – Grupo de Estudios del Trabajo, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, UNMdP;
rominacutuli@yahoo.com.ar

En este trabajo proponemos un análisis de conflictos judicializados en el servicio doméstico, cuyo denominador común es la dificultad para establecer el carácter laboral de la relación. El recurso recurrente adoptado por la parte demandada –y avalado en no pocas ocasiones por los administradores de justicia- es la presentación de las actividades realizadas como funciones típicamente femeninas y vinculadas al trabajo no pago: esposa, amiga, voluntaria. Más allá de la veracidad de estas argumentaciones, cuya verificación nos excede, la particularidad de este segmento del mercado laboral está dado por las amplias posibilidades de argüir la legítima gratuidad del trabajo. Es en este aspecto que observamos el trabajo en la esfera de la intimidad, un obstáculo para la efectivización de los derechos laborales.

La revisión de actas de sentencias de tribunales laborales locales, permite la observación de ciertas regularidades en la práctica de la invisibilización de la relación laboral. Así, el sector se presenta como especialmente vulnerable, y con grandes dificultades para efectivizar derechos asociados al “estatuto del salariado”, históricamente institucionalizados en el mundo público, y de difícil acceso para este numeroso grupo de trabajadoras. Si bien no es posible visualizar en nuestro corpus las protecciones que se integran a través de la nueva normativa, en trabajos anteriores hemos identificado que cabida tendrían bajo la ley 26844. Otros argumentos, como las horas semanales dedicadas a la actividad, constituyen una discriminación salvada mediante la implementación de la nueva Ley. Las superposiciones entre el trabajo remunerado y no remunerado, sin embargo, nos enfrentan a una tensión aún vigente, en tanto las prácticas y representaciones en torno al trabajo femenino no se transforman automáticamente con la implementación de una normativa.

Palabras clave: servicio doméstico – trabajo doméstico no remunerado – superposición – derecho laboral.

DESAFÍOS DEL ESTADO HOY FRENTE AL NO REGISTRO DEL TRABAJO DOMÉSTICO ENTRE MUJERES EN BUENOS AIRES

Dra. Monica S. Siqueira (UFSC/UNTREF- nic.siqueira@gmail.com)

Dr. Matías Godio (UNTREF/UFSC-matiasgodio@gmail.com)

Lic. Santiago Uliana (UNTREF/UBA _santiagouliana@gmail.com)

En esta ponencia se presentan los resultados preliminares del trabajo de investigación en curso sobre las causas y fundamentos socio-culturales de la problemática del trabajo doméstico femenino en el área metropolitana de Buenos Aires (ciudad y conurbano de la Provincia). Desde una perspectiva teórico metodológica que privilegia el punto de vista de los sujetos involucrados (trabajadoras domésticas y empleadores), se discute el desarrollo de políticas públicas orientadas a la formalización y registro de este tipo de actividad laboral en la ciudad de Buenos Aires y Gran Buenos Aires. El estudio ha buscado apuntalar la comprensión de las formas simbólicas y culturales que orientan la acción de los sujetos en relación a las políticas de Estado y aportar elementos que deben ser analizados a hora de comprender las dificultades que enfrenta el mismo para instituir normativamente este trabajo. Se enfatiza la necesidad de interpretar el punto de vista de las trabajadoras y analizar como éstas logran, en situaciones sociales desfavorables, desarrollar estrategias de vida donde el ejercicio del trabajo doméstico, aún cuando se caracteriza por la ausencia de derechos y estabilidad desde una perspectiva formal del Estado, es actualizado por los sujetos que lo ejercen en la producción de la dinámica familiar y identitaria, en la elaboración cultural de su “mundo de vida” y como en lo que concierne a la producción de relaciones y redes sociales “posibles” en los contextos que les toca desarrollar sus prácticas, saberes y trayectorias laborales.

POLÍTICAS PÚBLICAS E TRABALHO DO CUIDADO NO CRUZAMENTO DAS RELAÇÕES DE CLASSE E DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA (ARGENTINA, BRASIL)

Isabel GEORGES. Dra em Sociologia, Pesquisadora (CR 1) IRD-Institut de recherche pour le développement-UMR 201 DEVSOC (França)/ UFSCar-DS-Universidade federal de São Carlos-Departamento de Sociologia (Brasil); isabel.georges@ird.fr

Ania TIZZIANI. Dra. em Sociologia, Investigadora. CONICET - Consejo de Investigaciones Científicas y Técnicas (Argentina). Universidad Nacional de General Sarmiento; atizzian@ungs.edu.ar

Mesmo si, frente ao o que certos autores chamaram de “crise do cuidado” na América latina, mas também para responder à demanda social, em vários países da região, os Estados começaram a intensificar as medidas em favor da formalização do emprego doméstico, permanece no seio dessas políticas um viés classista, além da re-assinação das mulheres às suas funções tradicionais. Tanto na Argentina, como no Brasil – os dois países estudados – foram implementados medidas fiscais de exoneração de imposto para os empregadores que formalizaram as trabalhadoras domésticas. Nos dois países, essa tendência à formalização ainda se intensificou com a promulgação de novas leis trabalhistas, alinhando a lei das trabalhadoras domésticas com a legislação dos demais trabalhadores. Si, na Argentina, foram implementados durante esses últimos anos vários outros programas em favor da formalização do emprego doméstico, muitas vezes atreladas à programas de formação profissional como “contrapartida”, essas medidas situadas no cruzamento de políticas de assistência e de emprego, raramente permitam às mulheres beneficiárias uma melhoria significativa de sua situação de emprego e renda. Dessa forma, frente à penúria de serviços de acompanhamento de idosos como de vagas públicas de educação infantil, as classes médias urbanas tem tendência à fazer uso de serviços mercantis. No Brasil, além da tendência à formalização dos serviços para as classes mais abastadas, observa-se a emergência de um nicho de trabalho em torno da pobreza, de diversos empregos de execução do Estado (assistência, saúde, educação, cultura), com baixos salários e muitas vezes nas cadeias de terceirização dos serviços, onde trabalham parte significativa de mulheres, concretizando serviços de pobres para pobres.

Palabras clave: trabajado de cuidado, políticas públicas, género, Argentina, Brasil.

-

Sesión 5: Formas alternativas de inserción ocupacional & potencialidades de cambio

ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA ECONOMIA DO CUIDADO?

Maria Izabel Machado. Doutoranda – Programa de Pós Graduação em Sociologia.
Universidade Federal do Paraná; izabelpjmp@gmail.com

No Brasil desde a década de 1990 inúmeros empreendimentos tem surgido para suprir lacunas deixadas pelo mercado e pelo Estado: desemprego, precarização dos postos de trabalho e pauperização da população. A economia solidária que compreende de cooperativas de crédito à associações informais, pretende ser uma alternativa para geração de renda especialmente aos que não logram postos no mercado formal de

trabalho. Os Clubes de Troca, surgidos em tempos de recessão econômica, tem como proposta a circulação de produtos e serviços sem a intermediação do dinheiro, utilizando algumas vezes moeda social. De participação majoritariamente feminina esses grupos expõem, sobretudo a partir do que se troca, como ainda cabe às mulheres o cuidado com os filhos, os enfermos e idosos. Não obstante a importância dessas trocas que vão desde itens da alimentação básica até roupas e acessórios, os Clubes ocupam um espaço marginal no seio da própria economia solidária, figurando como espaços de sociabilidade e lazer quando efetivamente atuam na minoração da pobreza extrema. O objetivo deste artigo é problematizar as hierarquizações que operam no interior da economia solidária conferindo lugares diferentes a empreendimentos de mulheres e de homens, organizando e informando a divisão sexual do trabalho de maneira desigualmente gendrificada. Nossa hipótese é de que mesmo partindo de princípios de horizontalidade e equidade segue sendo reproduzida a invisibilização do cuidado como trabalho efetivo desenvolvido pelas mulheres. Partimos de observações empíricas de quatro Clubes de Troca que compõem a Rede Pinhão em Curitiba e região metropolitana.

Palavras chave: Economia Solidária, Clubes de Troca, mulheres, cuidado, trabalho.

-

LAS TRAYECTORIAS LABORALES DE MUJERES TRABAJADORAS EN EL PROGRAMA ELLAS HACEN DE ARGENTINA

DIONISI KARINA SILVIA. UNLP-Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación-CiMecs; kdionisi@yahoo.com

En esta ponencia se presentará un análisis del Programa Ellas Hacen diseñado e implementado desde el Ministerio de Desarrollo Social de Nación desde el año 2013. Considerado un programa de empleo con formas de organización en cooperativas con objetivos centrados en el desarrollo de formas no tradicionales de empleo, lo que lo ubica en la denominada economía social.

El perfil poblacional al que está dirigido y las características de la propuesta de trabajo basada en la capacitación y formación en oficios tradicionalmente masculinos (albañilería, plomería, gasista, electricidad, entre otras), nos invita a indagar la puesta en marcha de estos proyectos por parte de las mujeres participantes del mismo.

Además de tener como meta la inclusión social de sectores que presentan altos niveles de vulnerabilidad socioeconómica, ocupacional, familiar, educativa y habitacional a partir del diseño de una propuesta integral que tiene diferentes áreas de intervención y distintos canales de participación.

Desde este estudio se intentará articular el análisis de la normativa que da origen a este programa, los estamentos estatales intervinientes y la recepción y evaluación realizada

por las mujeres incluidas en el mismo.

El abordaje es de tipo cualitativo, a partir de la implementación de una serie de entrevistas dirigidas a este grupo poblacional. Los aspectos a relevar son básicamente las condiciones generales que presentan las mujeres entrevistadas respecto a las dimensiones presentadas: familia, trabajo, vivienda, economía, participación y evaluar los cambios registrados a partir de su participación en el programa.

El objetivo general está puesto en la discusión respecto a las formas de intervención más integrales hacia aquellos sectores que presentan un cúmulo de desventajas que los ubican en una línea de alta exclusión social, especialmente la ocupacional. Se evaluará las trayectorias laborales de estas mujeres y sus posibles canales de inclusión en el mercado de trabajo.

CONQUISTAS, EMBATES E O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS PÓS-PEC

Angela Figueiredo. Professora Adjunta III – UFRB; angelaf39@gmail.com
angelafigueiredo@ufrb.edu.br

Promulgada em abril de 2013 a PEC (66/2012) e sancionada em junho de 2015 pela presidenta Dilma Dilma Rousseff, a lei que amplia os direitos das trabalhadoras domésticas já assegurados a outras categorias profissionais. O presente artigo tem dois objetivos: o primeiro, é contribuir para a compreensão da lei sancionada pela presidenta na dimensão cotidiana da vida das trabalhadoras domésticas, e o segundo é apresentar a perspectiva do sindicato das trabalhadoras domésticas de Salvador-Ba frente a tais conquistas. No que se refere ao cotidiano, gostaríamos de salientar as negociações realizadas entre trabalhadoras e empregador@s frente às atuais exigências da lei buscando entender se, e como, o trabalho doméstico foi alterado; já no segundo aspecto, queremos compreender qual o significado da aprovação da lei do ponto de vista delas, ativistas do sindicato.

Palavras Chave: Emprego doméstico, Racismo, Negociação, Identidade e Cidadania.

-

LA DIVISIÓN GENÉRICO-SEXUAL DEL TRABAJO EN LAS EMPRESAS RECUPERADAS: UN ANÁLISIS DE DOS EMPRESAS RECUPERADAS DEL ÁREA DEL GRAN ROSARIO (ARGENTINA)

Perbellini, Melina. Centro de Investigaciones y Estudios del Trabajo (CIET). Facultad de Ciencia Política y RR.II. Universidad Nacional de Rosario (Argentina); melinaperbellini@gmail.com

En este artículo nos proponemos problematizar la división genérico-sexual del trabajo de dos organizaciones autogestionadas (empresas recuperadas ubicadas en el área del Gran Rosario, Argentina), con el objetivo de repensar el rol de la mujeres en los procesos de recuperación de empresas y la redefinición de las relaciones entre trabajadoras y trabajadores en la construcción de un modelo autogestivo.

Si realizamos una mirada simplista, podríamos inferir que en las empresas recuperadas en el traspaso desde una lógica salarial, disciplinaria, y por ende, patriarcal, hacia una lógica autogestiva, horizontal y democrática de funcionamiento, se debería facilitar la integración y participación de las mujeres en la organización, conduciendo a una ruptura de la división genérico-sexual anterior. Sin embargo, cuando indagamos sobre las transformaciones en la organización del trabajo y la reorganización de las cadenas jerárquicas tradicionales propias de la relación salarial, observamos situaciones de profunda conflictividad entre sus integrantes. En este marco, aparece una complicación extra referida a la redefinición de la división genérico-sexual.

Tengamos en cuenta que el contexto de socialización de la salarización tradicional, es el mismo en el cual se constituyeron los contenidos de masculinidad y femineidad propios de la sociedad patriarcal. Esto no implica que en las empresas recuperadas no existan modificaciones respecto a este tipo de división del trabajo. Sin embargo, las mismas no parecen desarrollarse sin costos por parte de las y los trabajadores involucrados, generando situaciones de tensión, que en algunos casos se constituyen en obstáculos directos para el desarrollo de la producción.

Palabras claves: división genérico-sexual del trabajo; empresas recuperadas; socialización salarial; organización autogestionada; conflictividades.

-

-

-

GT 94. MÉTODOS Y TÉCNICAS EN ANTRPOLOGÍA DE LA SALUD

Coordinadores:

Dra. María Epele-Investigadora Independiente del CONICET y Profesora Regular de la

Universidad de Buenos Aires. mariaepele33@gmail.com

Dr. Octavio Bonet: Programa de Pós-Graduação IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. octavio.bonet@gmail.com

Dra. Romina Del Monaco: Becaria postdoctoral del CONICET/IIGG/UBA.
rominadelmonaco@yahoo.com.ar

Comentarista: Dra. María Victoria Castilla: Investigadora del CONICET/FLACSO.
vickycastilla@yahoo.com.ar

Sesión 1:

-

O LUGAR DO INDIZÍVEL NA ESCRITA ETNOGRÁFICA

Luciana Dantas Müller da Ponte-Mestranda, IMS/UERJ, Brasil;
luciana_ponte@hotmail.com

O trabalho como psicóloga em hospitais me lança cotidianamente a "experiências-limite". Limites do corpo, limites da terapêutica biomédica, limites das palavras frente ao que é encarnado como dor e sofrimento. Experiências extremas, tal como um adoecimento ou um tratamento biomédico que remetem à finitude, podem produzir fraturas em construções identitárias ou rearranjos das relações entre o sujeito, seu corpo e os outros (humanos ou coisas) do mundo. O silêncio, a angústia ou o comprometimento na materialidade do organismo muitas vezes se impõem ao fluxo das narrativas e evidenciam como o *non sense* acidenta a almejada "ilusão biográfica".

Inquietações produzidas a partir dessa peculiar inserção no campo e das (im)possibilidades de resposta ao que se apresenta como um sofrimento indizível me levaram a buscar uma aproximação teórica com o que, no Brasil, se desenha como Antropologia da Saúde e reconhecer aí nuances nos modos de operar recortes da realidade, ainda que sob a mesma insígnia do "olhar antropológico".

Pretendo trazer para discussão o ponto de minha elaboração atual na interlocução com o saber antropológico e os impasses éticos de um lugar novo, que se mantém fronteiro. Trata-se de uma posição que implica numa responsabilidade frente ao padecimento e àquilo que ele porta de particular testemunho e de experiência porvir. Parece importante pensar, a partir da antropologia, como se dá a porosidade ao encontro com sofrimento, o

quanto o antropólogo é convocado a intervir e as consequências políticas da escrita etnográfica, na medida em que nela também repousam escanções, aflições e limites.

ENTRE ANÉCDOTAS Y BANDERINES. LAS INTERPRETACIONES MÉDICAS SOBRE LA INVESTIGACIÓN ANTROPOLÓGICA Y LOS DESAFÍOS DE LA INTERDISCIPLINARIEDAD

Pr. Pía Leavy-Becaria doctoral CONICET-Instituto de Ciencias Antropológicas. Equipo Niñez y Alteridad de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires; pialeavy@gmail.com

Diversos trabajos antropológicos han problematizado los discursos, saberes y prácticas de la biomedicina y el Modelo Médico Hegemónico. Existe además un corpus específico de críticas y análisis sobre la epistemología de la metodología cuantitativa y la construcción del dato epidemiológico. De todos modos, en las publicaciones científicas de equipos interdisciplinarios, los resultados de la investigación cualitativa elaborada por antropólogos, suelen ser utilizados como justificativo de la existencia del padecimiento. Entonces, ¿cuáles son los desafíos de la práctica antropológica en los equipos de investigación con médicos? ¿Cómo se construye el diálogo interdisciplinario?, ¿cómo se expresan las relaciones de poder en el diseño de una investigación interdisciplinaria? ¿Qué particularidades metodológicas de las técnicas de investigación en antropología son descalificadas por el equipo médico? ¿Debe el conocimiento antropológico traducir sus resultados para el lenguaje médico? A partir de estos interrogantes y de la propia experiencia en equipos de investigación en salud, el presente trabajo propone abordar los desafíos de la práctica antropológica en el diálogo interdisciplinario. En primer lugar se realizará una revisión de investigaciones interdisciplinarias en salud, señalando los marcos teórico- metodológicos utilizados y los resultados publicados. Luego se indagará en relatos de médicos y antropólogos sobre el proceso de investigación, para describir qué enfoques teóricos y metodológicos de la investigación social constituyen aportes y/u obstáculos para el diálogo interdisciplinario y el abordaje de problemas sanitarios.

PENSANDO OS “USOS” DO SABER ANTROPOLÓGICO: OFICINAS DE ANTROPOLOGIA E O TRABALHO ETNOGRÁFICO EM UMA CLINICA-DIA DO SUL DO BRASIL

Fernando José Ciello, doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de

O presente trabalho tem como objetivo geral contribuir para reflexões sobre o trabalho antropológico em serviços de saúde, em especial vinculados ao campo da saúde mental. Para tanto se buscará apresentar os percursos de uma pesquisa de campo realizada em uma clínica-dia no sul do Brasil e, especificamente, falar sobre a inserção do pesquisador em campo, que se deu por meio de *oficinas de antropologia* com usuários e usuárias do serviço. A participação numa modalidade terapêutica (oficinas) vista como típica no serviço conduziu a uma inserção profícua no universo empírico de pesquisa, possibilitando a observação etnográfica como um todo e o acesso aos modos de funcionamento da clínica, as pessoas que de lá participavam, suas compreensões sobre saúde e doença, a equipe médica, e etc. Também abriu um interessante campo de debates envolvendo antropologia e saúde mental, tornando a pesquisa e a própria antropologia temas de interesse para a instituição pesquisada. Busca-se apontar as vicissitudes desta pesquisa de campo num contexto em que a antropologia era encarada a partir de seu “uso terapêutico” e, ao mesmo tempo, discutir possibilidades metodológicas e analíticas que emergiram/ podem emergir do encontro da antropologia com instituições de saúde que tem se inserido em modelos de atendimento “alternativos” na contemporaneidade. A parte isto, a pesquisa permite ainda lançar um olhar para os serviços atuais de saúde mental, as pessoas que deles tomam parte em distintas posições e os agenciamentos e particularidades, que na pesquisa envolvendo saúde, poderiam ser observados e pensados.

ETNOGRAFIA E FORMAÇÃO EM SAÚDE: O USO DO DIÁRIO REFLEXIVO EM UMA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL

Guilherme Vargas Cruz- Psicólogo-Residência Multiprofissional em Saúde da Família, Escola Nacional de Saúde Pública – Fiocruz; guivargascruz@gmail.com

Na Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Escola Nacional de Saúde Pública – Fiocruz, no Rio de Janeiro, Brasil, o diário reflexivo é utilizado como dispositivo para fazer (re)ver e pensar os processos de trabalho vividos no campo de atuação do profissional residente. O diário reflexivo se relaciona com o diário de campo e seu uso na etnografia. A partir de uma experiência vivenciada na residência de compartilhamento por equívoco de um diário reflexivo com outros profissionais de um serviço de saúde e dos desdobramentos deste evento, percebeu-se a necessidade de uma discussão aprofundada a respeito do diário reflexivo, do diário de campo e da etnografia como ferramentas de trabalho, suas limitações e contribuições. Tal aprofundamento se deu por meio de pesquisa bibliográfica e de encontros de orientação coletiva com uma orientadora pesquisadora e outros residentes. Este estudo nasce portanto de um

equivoco cotidiano e versa das potencialidades que emergem no encontro dos campos da saúde e da etnografia.

ESTRANGEIRA NA TERRA NATAL: SOBRE OS DESAFIOS DE REALIZAR PESQUISA ETNOGRÁFICA NO CAMPO EM QUE SE EXERCE PRÁTICA PROFISSIONAL

Rosilene Souza Gomes-Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ);
rosilenegomespsi@gmail.com

Pretendo refletir sobre os desafios de desenvolver pesquisa etnográfica no local onde exerço atividade profissional. O campo de estudo empírico de minha tese de doutorado é o Hospital de Câncer II (INCA/Brasil), onde trabalho como psicóloga. Tenho, portanto, o duplo desafio de produzir um olhar de estranhamento para uma realidade previamente conhecida, e realizar observação distanciada da minha formação original, de forma a produzir um saber/fazer na Antropologia da Saúde. Considero que desenvolvi formas de compreender o processo de adoecimento e um certo saber sobre o câncer e as formas de tratamento, resultantes do meu pertencimento profissional, que precisam ser relativizados para dar espaço à surpresa. O diálogo com a Antropologia instiga as necessárias tarefas de estranhar o familiar, colocar-se sensível às afetações do campo, desestabilizar as referências e certezas e produzir apreciação crítica sobre a própria prática. Além disso, fornece indicações sobre as peculiaridades do fazer etnográfico e as dificuldades e potências dessa perspectiva teórico-metodológica. Considero que quando o campo de pesquisa é o local de trabalho, existe uma violação que se dá por certa quebra de cumplicidade com os valores e finalidades da inserção na instituição. Isso faz com que o pesquisador se torne uma espécie de estrangeiro na própria terra natal. No entanto, a ação de relativizar as noções de distância e proximidade torna possível observar o familiar e estudá-lo sem a ilusão de produzir um saber imparcial e neutro, uma vez que há muitas áreas de sombra nessas experiências supostamente próximas.

Sesión 2:

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS ACERCA DO

TRANSTORNO MENTAL: ETNOGRAFANDO AS PRÁTICAS

Primeira autora: Litza Cunha. Doutora pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Ciências Sociais em Saúde - UFBA. Professora Adjunta do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. litzacunha@gmail.com

Segunda autora: Francesca Bassi. Doutora pela Universidade de Montreal. Pós-Doutora pela UFBA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Observa Baía, UFBA. francesca_xango@yahoo.com

A Cúpula Global de Saúde Mental (2009), realizada em Atenas, na Grécia, revelou que mais de 450 milhões de pessoas estão sendo afetadas diretamente por *transtornos mentais*. Segundo o Departamento de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão deve tornar-se a doença mais comum no mundo nos próximos vinte anos, afetando mais pessoas do que qualquer outro problema de saúde, incluindo câncer e doenças cardíacas, e já é chamada de epidemia silenciosa. Neste trabalho pretendemos refletir acerca dos transtornos mentais do ponto de vista das práticas. Trata-se de propor uma etnografia que, sem pressupor separações entre a doença orgânica e as dimensões sócio-culturais (nas práticas essas dimensões são indissociáveis), ambiciona observar a complexa realidade do sofrimento emocional. Tomando como ponto de partida o conceito de *enact* (Mol:2002), busca-se identificar as articulações entre as várias ações e reações de sujeitos e objetos, considerando-se, para além da epistemologia biomédica, a vigência de uma ontologia múltipla da doença. A "patologia", revisitada no processo complexo e multiverso (nos tratamentos médicos ou alternativos), vai apresentar uma multiplicidade ontológica que, ao invés de fragmentar uma entidade já conhecida (o dado prévio do saber biomédico), multiplica sua realidade. Serão focalizadas *diseases* (transtornos mentais), compreendidos como práticas cotidianas que fazem surgir ontologias variáveis. O objeto da pesquisa deixa de ser epistemológico (não importa saber se as representações sobre a realidade são adequadas segundo critérios pré-definidos), para se situar no âmbito de uma filosofia empírica, onde o interesse é pela pragmática dos processos.

CALEIDOSCÓPIOS NARRATIVOS: LOUCURA E ARTE NO CONTEXTO PSICOSSOCIAL

Prof. Dr. Thomas Josué Silva- Pesquisador e docente Universidade Federal do Pampa, Brasil; thomasjosuesilva@gmail.com

A proposta deste estudo vislumbra uma pesquisa etnográfica no campo psicossocial

com usuários portadores de sofrimento psíquico, que a partir de suas criações estéticas possibilitaram a constituição de una perspectiva etnometodológica de base artística que denominamos por Caleidoscópios Narrativos. Essa caleidoscopia narrativa, síntese semiótica entre criação imagética e narrativa verbal dos informantes, resultou numa reflexão teórico-metodológica formada por elementos estéticos e por narrativas verbais, que nos possibilitou analizar os processos de estigmatização social oriundos da relação entre sofrimento mental e contexto sociocultural, a discussão da tradição da Antropologia Médica (Kleinman e Good,1988,1994) sobre a medicalização da experiência do sofrimento mental na sociedade e, as dimensões acerca do debate das estéticas outsiders (Rhodes,2006) no campo da institucionalização do campo artístico.

Com este estudo, pretendemos contribuir de forma profícua para os avanços nas etnografias da arte e das estéticas outsiders no campo das ciências humanas e sociais e sua relação com a saúde mental e o campo artístico.

¿SE PUEDE MEDIR LA COMPLEJIDAD? UN ENFOQUE COMPRESIVO PARA MEDIR RIESGOS PSICOSOCIALES EN ENTORNOS LABORALES DE EXTENSIONISTAS AGROPECUARIOS EN ARGENTINA

Rossana Cacivio- Depto. Desarrollo Rural. Facultad de Ciencias Agrarias y Forestales.
UNLP. Argentina-rcacivio@agro.unlp.edu.ar

El trabajo es un adelanto de la tesis doctoral en curso. En el describimos las estrategias y batería de instrumentos utilizados para medir los Riesgos psicosociales de extensionistas agropecuarios desde un enfoque más comprensivo que explicativo. La pregunta que nos hacemos particularmente con los 152 profesionales encuestados es si la complejidad que asumen superponiendo a las cuestiones de la intervención territorial los conflictos propios de la organización de pertenencia, no es una nueva forma de intensidad que agudiza las relaciones existentes entre la autonomía y el stress.

Observamos una autonomía “formal” que expuesta a una intensidad excesiva del contexto de trabajo, resulta en una autonomía real, la cual sumada al natural y paulatino envejecimiento personal, necesita una doble regulación para su adaptación, produciendo mayor desgaste en su actividad.

La revisión realizada por Vezina sobre el modelo de Demanda-Control-Apoyo Social aplica a lo observado en este trabajo de campo, donde puede verse como el modelo de Karasek no se comporta igual a mayores grados de latitud decisional en el territorio, sino como una curva de Gauss, donde a mayor complejidad de las demandas, en vez de generarse un aprendizaje activo y mayor desarrollo de competencias, los extensionistas aumentan la exposición a los factores de riesgo psicosocial con niveles de stress y

sufrimiento que impactan en su salud.

INFANCIA, TRABAJO Y PADECIMIENTOS. APORTES DE LA ANTROPOLOGÍA PARA EL ANÁLISIS DE PADECIMIENTOS DE TRAYECTORIAS LABORALES EN LA INFANCIA

Laura Frasco Zuker- CONICET, IDAES; laurefz@gmail.com

El trabajo infantil es uno de los fenómenos más condenados dentro del campo de problemáticas de la niñez. En Argentina, las leyes y programas que se aplican con relación a la regulación del trabajo realizado por niños se sustenta en la perspectiva de la Organización Internacional del Trabajo, que propone erradicar el trabajo infantil y de manera urgente si se trata de sus peores formas. Esta condena moral y la ilegalidad del trabajo infantil se expresan en una falta de investigación sistemática que permita contar con estadísticas actualizadas. Según indican investigaciones recientes (Halperín, 2012) son especialmente escasas las investigaciones que estudian la relación entre trabajo infantil y salud. Esta ponencia se propone analizar y discutir algunos aportes que brinda la antropología para la comprensión de padecimientos en las trayectorias laborales de sujetos que han trabajado desde su niñez. Se articulan estas herramientas antropológicas con algunos resultados preliminares de trabajo de campo etnográfico. Se toman como unidad de análisis tres unidades domésticas con trabajo infantil en extracción y venta de piedras semipreciosas en una localidad al Noroeste de la provincia de Misiones. Las técnicas utilizadas son no directivas: entrevistas semiestructuradas, abiertas y observación participante. Se espera aportar elementos específicos que contribuyan a la comprensión y sistematización de este campo poco explorado desde la antropología como es la relación entre trabajo infantil y salud.

ENTRE VOZES E SILÊNCIOS: REGISTRO DE UMA PESQUISA DE CAMPO COM PESSOAS COM DIAGNÓSTICO DE ESQUIZOFRENIA SOBRE SEU DIREITO À COMUNICAÇÃO

Carla Garcia-Doutoranda em Informação e Comunicação em Saúde-Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - Fundação Oswaldo Cruz
carlac.garcia@uol.com.br

Inesita Soares de Araujo-Doutora em Comunicação e Cultura-Professora do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde - Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde -Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde - Fundação Oswaldo [Cruz-](#)

As pessoas que recebem diagnóstico de esquizofrenia têm garantido o direito ao atendimento médico, antipsicóticos, auxílio doença e até aposentadoria por invalidez. Porém, são desapropriadas dos direitos civis ao serem consideradas pela legislação como incapazes. Rotuladas como loucas, são vistas como donas de um discurso desconexo e sem sentido e excluídas do processo comunicativo e do mercado simbólico que produz, altera e atualiza sentidos sobre elas e sua enfermidade. Submetidas a uma visibilidade às avessas, deixam de ser consideradas sujeitos sociais, históricos e políticos para se tornarem exemplares de uma espécie. Suas vivências são substituídas por prontuários médicos e suas vozes silenciadas diante do imaginário social sobre quem são, como agem e devem ser tratadas. Sem direito à comunicação é impossível pensar em direito à saúde, principalmente pautada pela Equidade e Integralidade. Este é o tema da nossa pesquisa de doutorado. Queremos apresentar ao debate o difícil e apaixonante processo vivido no trabalho de campo, em que estamos investindo na articulação de procedimentos metodológicos interdisciplinares, particularmente a observação participante e a etnografia (antropologia), a análise de mediações (comunicação) e o acompanhamento de itinerários terapêuticos (saúde), complementados por práticas lúdicas que possibilitem a confiança e a expressão de pessoas cuja interlocução é geralmente pautada pelo princípio de sua desrazão.

Sesión 3:

INVESTIGAR EN CONTEXTOS DE DESIGUALDAD SOCIAL Y GÉNERO: APRENDIZAJES EN UNA INVESTIGACIÓN CUALITATIVA EN PACIENTES CON CÁNCER DE MAMA DE HOSPITALES PÚBLICOS DEL ÁREA METROPOLITANA DE BUENOS AIRES

Cecilia Straw FCS-UBA

Mariana Romero CONICET-CEDES; cecilia.straw@gmail.com

Los objetivos de la ponencia son describir y reflexionar sobre aspectos del diseño y la aplicación de la guía de pautas de entrevistas en profundidad y la observación en una investigación socio-antropológica sobre gastos de bolsillo en pacientes con cáncer de mama de hospitales públicos del Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). La enfermedad y la población estudiada nos ubican en un contexto de desigualdad social y género donde se dispone de datos estadísticos fragmentados de ahí que el diseño

flexible y el carácter reflexivo de la metodología cualitativa al realizar observación participante en un servicio de salud —no prevista inicialmente— resultó enriquecedora para el desarrollo de las entrevistas, la comprensión y el análisis de las experiencias relatadas, y como insumo para el diseño de una encuesta para estimar los gastos de bolsillo que incurrieron las pacientes y sus familias. Se concluye mostrando los aprendizajes teórico-prácticos a partir del desarrollo de una investigación cualitativa que aplicó de forma iterativa los componentes diseñados con aquellos emergentes en una investigación sobre un problema de salud pública.

COMPARACIÓN INTERCULTURAL DE LAS FORMAS QUE EMPLEAN TANTO PAREJAS ARGENTINAS COMO PAREJAS ESPAÑOLAS PARA PERCIBIR, DIMENSIONAR Y TRASMITIR EL DOLOR CUANDO UNO DE ELLOS PADECE UNA ENFERMEDAD CRÓNICA REUMÁTICA (ARTRITIS REUMATOIDEA)

Estibaliz Cuesta Ramunno-Doctoranda “Antropología aplicada a la salud y al desarrollo comunitario”; esticuesta@usal.es

La propuesta para el grupo de trabajo es compartir y reflexionar sobre la metodología y resultados referidos a la vivencia con el dolor de un estudio realizado con parejas (matrimonios o parejas de hecho) españolas y argentinas. Para su obtención se crearon técnicas de corte cualitativo para conocer cómo se incorpora el dolor que experimenta el sujeto de la pareja diagnosticado con una enfermedad reumática crónica, en el repertorio vivencial de recursos adaptativos y afrontativos del sujeto que no posee la enfermedad (dentro de la pareja) Desde la comparación se indagó las implicancias que trae aparejada la sobreestimación o subestimación del dolor por parte de la persona que acompaña a aquella que padece una enfermedad crónica, discapacitante y dolorosa como es la Artritis Reumatoidea. Estudiar estos aspectos ha representado un desafío, ya que, en general, el impacto que genera la enfermedad crónica en la subjetividad y principalmente en la vida social del cónyuge/pareja no ha sido problema de estudio recurrente en el ámbito de la Antropología de la Salud. Los modelos explicativos de la enfermedad son espacios interactivos no sólo para la persona diagnosticada, sino también para la pareja: relación primaria transformada en muchos casos en relación de cuidado. Conocer las formas en las que se expresa y se transmite el dolor propio, así como también las formas en las que se percibe el dolor del otro implicó desnaturalizar *guiños cómplices* (diferentes culturalmente) que los matrimonios y parejas utilizan para vivir con el dolor.

DROGAS, SAÚDE E ANONIMATO: QUESTÕES DO FAZER TRABALHO DE

CAMPO COM NARCÓTICOS ANÔNIMOS

Tatiane Vieira Barros-Doutoranda em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina; tativiba@gmail.com

Este trabalho consiste em apresentar algumas questões teórico metodológicas sobre o fazer etnográfico em um grupo de ajuda mútua Narcóticos Anônimos (NA) na cidade Florianópolis/SC/Brasil, referente ao trabalho de campo de doutorado em Antropologia Social. Uma das premissas do NA é compreender a adicção como doença sem cura e, para participar do grupo basta ter o "desejo de parar de usar", pois é em torno da abstinência que as relações são constituídas. Considerando que estes grupos tem sido apropriados cada vez mais como alternativas de cuidados de si e complemento a rede de cuidados sócio-assistenciais à pessoas que usam drogas, abordo o NA como um lugar que articula os saberes médicos, Psi e informado - aquele construído a partir da experiência com o grupo e do itinerário terapêutico percorrido. É também um lugar de pensar sobre o corpo e o processo saúde-doença. Deste modo a antropologia da saúde é lugar de reflexão e discernimento sobre a temática drogas e adoecimento, pois coloca a discussão em vias de pensar os sujeitos nesse processo; afastando-se de uma ideia medicalizante e, aproximando-se de uma compreensão das experiências. Também como um lugar de pensar as técnicas do trabalho frente ao anonimato e as singularidades desse campo, realizado por uma pesquisadora informada (Goffman, 1975), mas não adicta.

USUÁRIOS DE CRACK EM SITUAÇÃO DE RUA: POTENCIALIDADES E LIMITES DO MÉTODO ETNOGRÁFICO NA ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

Marcelly de Freytas Gomes-Graduanda em Antropologia-Universidade Federal Fluminense; marcelly_fg@hotmail.com

A expansão do “fenômeno” do crack representa no campo da Saúde a inclusão de novas demandas. Tomamos a perspectiva etnográfica como ferramenta teórica- metodológico para a investigação dos processos de saúde-doença-cuidado dos usuários de crack que vivem em situação de rua. O objetivo deste resumo é refletir sobre os limites e potencialidades da pesquisa antropológica e etnográfica e os desafios postos à ela na sua interface com o campo da Saúde Coletiva. É um trabalho de natureza qualitativa que visa aprofundar a discussão sobre a pesquisa etnográfica em sua dimensão metodológica para as pesquisas em saúde coletiva. A etnografia foi realizada, ao longo do ano de 2014, com os usuários de crack em situação de rua, por meio do acompanhamento do trabalho da equipe de Consultório na Rua que atua nos territórios de Mangueiras e adajacências/RJ, Brasil. Foram visitadas as cenas de uso de drogas, a Clínica de saúde da Família Victor Valla e os diversos locais onde essa população circula no seu

cotidiano. Ao abordar as relações sociais para além das impressões e imagens previamente construídas, ficou evidenciado a dinamicidade da vida social, contribuindo assim para desnaturalizar as concepções normativas sobre saúde-doença. A antropologia trabalha com fenômenos complexos e relacionais, e traz para o campo da Saúde Coletiva a dimensão de que o que se aprende é sempre provisório e contextualizado. A etnografia traz novas contribuições para o campo da Saúde, ampliando as suas fronteiras ao privilegiar a compreensão dos fenômenos sociais a partir dos sujeitos que os vivenciam.

Palavras-chave: Antropologia da saúde; etnografia; usuários de crack; saúde coletiva; metodologia.

“NÃO DESISTIR E ACREDITAR”: DOENÇAS RARAS EM CRIANÇAS E AS NARRATIVAS DE MULHERES SOBRE OS ITINERÁRIOS DE HOSPITALIZAÇÃO PROLONGADA DE SEUS FILHOS

Martha Cristina Nunes Moreira-Professora da Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher / IFF / FOCRUZ; Bolsista de produtividade CNPQ;
marthacnmoreira@gmail.com

A ascensão da neonatologia como especialidade médica contribui para um investimento na sobrevivência de bebês sobre os quais há duas décadas pairava o signo da inviabilidade e/ou da incompatibilidade com a vida (pré-termos extremos, as crianças com síndromes de origem genética ou com anomalias / malformações congênicas, os bebês fruto de partos laboriosos que evoluem com diversas sequelas). Esses casos reconhecidos hoje como “doentes raros” são investidos e sustentados pela ciência e tecnologia. A eles é muitas vezes reservada uma trajetória ou um itinerário nos ambientes hospitalares, que faz com que as enfermarias ganhem para essas crianças um qualificativo familiar, onde produzem vínculos, aprendem os códigos, reconhecem partes de seu corpo e sua funcionalidade. A identidade “raro / rara” evoca uma maior complexidade e a necessidade de problematizar as redes produzidas e/ou acionadas a partir do adoecimento de longa duração da condição crônica complexa em crianças. Esse adjetivo complexo se torna uma das suas marcas identitárias e constitui suas necessidades e os desafios de serem reconhecidas e abordadas como sujeitos de fato e de direito. Isso justifica o debate sobre desospitalização e desinstitucionalização de crianças vivendo sob o signo do adoecimento de longa duração e complexidade que queremos encaminhar no presente GT, tendo por base o estudo de 7 narrativas de mulheres que tem seus filhos e filhas reconhecidos como “doentes raros”, em um hospital de referência terciária localizado no Rio de Janeiro – RJ / Brasil.

ETNOGRAFIA COM JOVENS ATENDIDOS EM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS

Denise Martin

Aline Milhomens

Universidade Federal de São Paulo, Programa de pós graduação em Saúde Coletiva-
demartin.c@gmail.com

O conceito de juventude é uma construção sociocultural e histórica. É um período de transitoriedade para a vida adulta com diferenças nos percursos traçados. Alguns jovens experimentam a primeira crise psicótica caracterizando uma ruptura deste processo, dando início a uma forma particular nesta transição. Novos processos se iniciam com esta ruptura, nos quais em alguns momentos o controle sobre suas escolhas, desejos, pensamentos e ações fogem de si. A pesquisa busca conhecer o significado da transição para a vida adulta em jovens que realizam acompanhamento em um serviço de atendimento em saúde mental. Pretende-se problematizar a realização de etnografias com jovens portadores de transtorno mental grave. A pesquisa foi realizada em um Centro de Atenção Psicossocial II Adulto (CAPS), em um bairro periférico no município de São Paulo. Os participantes estão em regime de tratamento intensivo ou semi-intensivo e participam de um grupo de jovens como proposta terapêutica. O grupo realiza atividades fora do serviço (passeios a parques, shoppings e outras atividades culturais). As estratégias de pesquisa envolvem a observação etnográfica do serviço e das atividades realizadas fora dele, além de acompanhamento da vida cotidiana. É importante discutir a pesquisa de campo com a vinculação dos jovens no contexto institucional do CAPS, as questões éticas e práticas sobre como abordar projetos futuros com pessoas que sofreram uma ruptura causada pela crise psicótica, as limitações nas entrevistas causadas por características do sofrimento ou por medicação, e o lugar das pesquisadoras no contexto particular desta pesquisa.

Sesión 4:

APRENDIENDO A CUIDAR (SE): LA OBSERVACIÓN DE EXPERIENCIAS

INDIVIDUALES Y COLECTIVAS EN UN DOCUMENTAL ETNOGRÁFICO DE PERSONAS QUE VIVEN CON DIABETES

Domínguez Mon, A B, Instituto de Investigaciones Gino Germani-Facultad de Ciencias Sociales, UBA anadominguezmon@gmail.com

Esta presentación tiene por objetivo analizar el papel de la observación de prácticas de

cuidado cotidiano grupales e individuales de un grupo de diabéticos y su articulación metodológica con la elaboración de un film documental dirigido a profesionales de la salud involucrados en el proceso salud/enfermedad/ atención y cuidados de diabéticos. El video es el resultado de un trabajo de investigación de campo realizado entre 2013 y 2014 en un grupo de diabéticos (en su mayoría adultos mayores) de un centro de atención primaria de la salud ubicado en José León Suárez, partido de San Martín, provincia de Buenos Aires. *Aprendiendo a cuidar (se)* es un documental llevado a cabo en forma colaborativa con el grupo de diabéticos “Los dulces de la Esperanza” y documentalistas. El film describe las experiencias en el aprendizaje de vivir con diabetes a través del relato de tres de sus integrantes: dos varones y una mujer. La estructura argumental está organizada a través del registro de las acciones de cuidado diabetológicas usualmente recomendadas por los médicos: el auto-control diario o periódico de glucemias, la sistemática administración de la medicación, la alimentación adecuada y las actividades físicas regulares. El trabajo estuvo destinado a que las y los profesionales de la salud comprendan y puedan reconocer el impacto de las indicaciones médicas en la vida cotidiana de las personas afectadas, el tiempo que deben destinar a las actividades cotidianas de cuidados, así como el valor que asignan al trabajo en red en los cuidados de sí.

SOBRE LA ESCUCHA Y EL ESCUCHAR PSICOTERAPIAS ORIENTADAS A POBLACIONES MARGINALIZADAS

Dra. María Epele-CONICET/IIGG/ UBA; mariaepele33@gmail.com

Desde diferentes disciplinas y perspectivas se han investigado las diversas técnicas, orientaciones y desarrollos del Psicoanálisis en Argentina. Sin embargo, sólo algunos pocos estudios han investigado las psicoterapias y el psicoanálisis en el sistema público de salud, específicamente en hospitales. Partiendo de los resultados de la etnografía que vengo desarrollando desde el año 2013 en Centros de Salud en un barrio del Área Metropolitana de Buenos Aires, el objetivo de este trabajo consiste en problematizar la escucha, es decir, los modos de escuchar en su diversidad que participan como tecnologías en dichos tratamientos centrados en la palabra y orientadas a sectores populares y poblaciones marginalizadas. A través de la articulación de las perspectivas que en Antropología abordan las psicoterapias y tecnologías psi en contextos de pobreza urbana por un lado, y aquellas que estudian los sentidos, por el otro, en este trabajo los modos de escuchar son analizados en términos de acciones corporales, perceptuales y expresivas. Finalmente, se describen y analizan diferentes modalidades de escucha psicológica, a través del reconocimiento de tres procesos que atraviesan los modos de escuchar en las psicoterapias, y que se corresponden con las tensiones producidas por los modos de gobierno de lo sensible, de la pobreza y de la marginación en contextos de pobreza urbana.

EL CUIDADO EN JÓVENES PADRES RESIDENTES EN BARRIOS MARGINALES DEL AMBA, DISCUSIONES ACERCA DE LA OPERACIONALIZACIÓN DE ESTA CATEGORÍA

Dra. María Victoria Castilla- CONICET/FLACSO; vickycastle@yahoo.com.ar

En esta presentación me propongo discutir las nociones de cuidado, autocuidado y dependencia, considerando las dinámicas familiares y las formas de vivir el ser joven y padre en barrios marginales, pobres y vulnerables del AMBA. Entendiendo que estos conceptos refieren a experiencias, prácticas, subjetividades y dinámicas emocionales asentadas en desigualdades de género y de clase así como también sobre una distribución, responsabilización y negociación desigual de los cuidados entre individuo, familia, Estado y comunidad, el objetivo de esta ponencia es discutir las formas de categorización de dichos conceptos y de registro de los mismos durante el trabajo de campo etnográfico.

PESQUISA EM SERVIÇOS DE SAÚDE: QUESTÕES ÉTICAS E ESPECIFICIDADES ANTROPOLÓGICAS

Dr. Octavio Bonet- Programa de Pós-Graduação IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil octavio.bonet@gmail.com

Na antropologia, apesar das diferentes variantes nacionais, o trabalho de campo é legitimado como a metodologia que sustenta a disciplina. Por sua vez, essa metodologia se fundamenta nas relações estabelecidas entre o antropólogo e o nativo. A percepção dessas relações recebeu diferentes interpretações ao longo de diversos momentos históricos da disciplina, ou mascarando ou explicitando as relações de poder inerente ao encontro etnográfico.

Este trabalho se propõe a refletir sobre as questões "éticas" que se apresentam a partir do encontro etnográfico em contextos nos quais as relações de poder se apresentam complicadas pela hierarquização e, ao mesmo tempo, pela diluição desse poder; em segundo lugar, problematizaremos as tentativas de "controle" externo para regulamentar as pesquisas em/com seres humanos à luz da complexidade inerente ao encontro etnográfico.

A argumentação se fundamenta em um trabalho etnográfico em hospitais e em consultas médicas em unidades básicas de saúde, caracterizadas por um atendimento ambulatorial.

DOLORES DE CABEZA CRÓNICOS Y PRÁCTICAS DE CUIDADO: EL ANÁLISIS DE NARRATIVAS COMO TÉCNICA DE ACCESO A LOS RELATOS DE MÉDICOS Y PACIENTES

Dra. Romina Del Monaco-CONICET/IIGG/UBA; rominadelmonaco@gmail.com

Desde las Ciencias Sociales, las investigaciones socio-antropológicas sobre procesos de dolor y sufrimiento incluyen diferentes metodologías para aproximarse a las temáticas. Los malestares devienen cuestiones a ser problematizadas teniendo en cuenta la relación con la vida cotidiana, saberes expertos y, también, con una serie de prácticas de cuidado “alternativas” a la biomedicina que se incluyen en los modos de tratar dolencias crónicas. Para eso, es necesario contar con distintas herramientas metodológicas y el objetivo de esta ponencia es, a partir de un tipo de dolores de cabeza categorizados biomédicamente como migraña, estudiar el análisis de narrativas como forma de acceder a las características y especificidades de los relatos en torno a los tratamientos, trayectorias y diversas prácticas de cuidado tanto desde el punto de vista de quienes padecen como de los profesionales biomédicos.

Desde una perspectiva metodológica cualitativa, el trabajo de campo incluyó dos etapas. En primer lugar, en el servicio de neurología de un hospital público del Área Metropolitana de Buenos Aires, se realizaron 15 entrevistas en profundidad a personas con migraña de sectores medios (10 mujeres y 5 varones), el rango etario iba desde los 21 hasta los 65 años y se entrevistó a 18 médicos neurólogos. En una segunda etapa, se realizaron entrevistas por fuera de la institución a través de la técnica de bola de nieve a personas de sectores medios con migraña en distintos espacios (laborales, en sus casas etc.).

HACIA UN ABORDAJE CUALITATIVO DE LA SALUD DE LOS TRABAJADORES: RIESGOS Y PADECIMIENTOS EN TRANSPORTISTAS DEL CEREAL EXPUESTOS A FIEBRE HEMORRÁGICA ARGENTINA

Paula Tagliabue-Becaria doctoral CONICET/INEVH- UNLP; paulatag@hotmail.com

Presentamos un avance de los resultados preliminares de una tesis de maestría en ciencias sociales que aborda la salud de los transportistas del cereal en el corredor cerealero Azul- Quequén, en el sudeste de la Provincia de Buenos Aires entre los años

2001-2014 en relación a una patología específica: la fiebre hemorrágica Argentina (FHA).

Desde la perspectiva del actor analizamos los riesgos y padecimientos asociados a la FHA de acuerdo a las condiciones y ambiente de trabajo de los transportistas del cereal. Consideramos que los riesgos se distribuyen de manera desigual de acuerdo a la precariedad de las condiciones de trabajo. A diferencia de los ambientes de trabajo clásicos, el ambiente de trabajo camionero es abierto y móvil, asegurando la circulación de los trabajadores por escenarios de exposición a la FHA.

Presentamos una revisión reflexiva de la combinación de técnicas cualitativas de investigación (entrevistas en profundidad, semiestructuradas, análisis de documentos, cartografías del ambiente de trabajo, observación participante) realizadas a lo largo del proceso de investigación. La aplicación combinada de técnicas de investigación permitió: diferenciar riesgos según el calendario laboral de los transportistas y las formas de contratación, analizar las percepciones sobre el riesgo de contraer FHA, caracterizar en el ambiente de trabajo camionero los lugares de exposición y reconstruir los sentidos políticos de los padecimientos en trabajadores confirmados y curados de FHA.

GT 95. "ANTROPOLOGÍA, MIGRACIONES Y SALUD"

Coordinadores:

Dr. Alejandro Goldberg (ICA, SEANSO-CONICET/UNISANTOS)

Dra. Denise Martín (UNISANTOS)

Dr. Cássio Silveira (FCMFCSP)

Comentarista: Dra. Mara Helena De Andrea Gomes (UNIFESP)

Sesión 1: "Regularidad/irregularidad migratoria, acceso a la salud pública y experiencias/procesos de atención"

-

DO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO A UM MARCO LEGAL PELA CIDADANIA DO IMIGRANTE NO BRASIL

Ana Paula Risson (Universidade Comunitária da Região de Chapecó),
anarisson@unochapeco.edu.br

Ana Cristina Costa Lima (Universidade Comunitária da Região de Chapecó),
analima@unochapeco.edu.br; Regina Matsue (Universidade Federal de São Paulo),
rymatsue08@yahoo.com

Este trabalho tem a intenção de expor a condição legal do imigrante no Brasil. A Lei do Estrangeiro é defasada, a começar pelo nome, e é premente a necessidade de construção de um marco legal, diante do intenso fluxo migratório para o país, destacando-se o número significativo de haitianos, aproximadamente 60.000, que chegaram desde 2010. Os imigrantes, ao adentrarem as fronteiras brasileiras estão submetidos à Lei nº 6.815/1980, o Estatuto do Estrangeiro, promulgada no período da ditadura militar, e que concebe e trata os imigrantes como ameaças à segurança nacional. Na tentativa de atualizar a normatização, há três propostas em tramitação para uma nova lei de migrações: na Câmara dos Deputados está em tramitação o Projeto de Lei nº 5.655/2009; no Senado Federal está em tramitação o Projeto de Lei nº 288/2013 e no Ministério da Justiça encontra-se para análise o Anteprojeto de Lei de Migrações e Promoção dos Direitos dos Migrantes no Brasil, elaborado em 2014. No entanto, os projetos apresentam posicionamentos diversos, desde os mais conservadores até a avançada proposta construída em coletivos. A aprovação de uma nova lei de migrações possibilitará agilizar desde os papeis até o cumprimento dos direitos humanos, para o desenvolvimento da cidadania dos que migram para o Brasil. A defesa das autoras é pelo fim da vida clandestina, do tráfico de pessoas, do trabalho escravo e da impossibilidade de viver de forma digna.

Palavras-chave: Legislação defasada; Políticas públicas; Migração internacional; imigração haitiana; cidadania.

ENTRE REIVINDICAÇÕES DE VISIBILIDADE E DE ACESSO A SERVIÇOS: A ATUAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES CIVIS JUNTO AOS NOVOS MIGRANTES INTERNACIONAIS PARA A GARANTIA DO DIREITO À SAÚDE, NA CIDADE DE SÃO PAULO

Patrícia Tavares de Freitas (Centro de Estudos da Metrópole-CEBRAP),

-

Nesta comunicação, consideraremos os processos políticos subjacentes às transformações contemporâneas na abordagem e localização dos novos migrantes internacionais no espaço social da cidade de São Paulo. Embora a legislação nacional não preveja nenhuma política de integração dos novos migrantes, associando-os a questões de segurança nacional, nos últimos anos, esses migrantes vem assumindo centralidade crescente para os governos local e estadual.

Tendo em vista analisar o papel das organizações civis nessas transformações, partiremos da estrutura analítica proposta pela literatura sobre movimentos sociais. Utilizando, especificamente, as abordagens ancoradas no neo-institucionalismo histórico que focalizam não apenas os movimentos sociais, mas esses movimentos em relação com as estruturas institucionais estatais. Nesse sentido, consideraremos a sua atuação, durante os anos 2000, na formação da “Rede Somos Hermanos” para dar visibilidade às especificidades socioculturais dos migrantes latino-americanos na cidade e garantir o seu acesso aos serviços de atenção primária em saúde.

Palavras chave: Migração latino-americana; organizações civis, defesa de direitos, atenção primária em saúde.

MIGRAÇÃO E SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DOS MIGRANTES BRASILEIROS NO JAPÃO

Regina Yoshie Matsue (Universidade Federal de São Paulo/Universidade Comunitária da Região de Chapecó), rymatsue08@yahoo.com

Pedro Paulo Gomes Pereira (Universidade Federal de São Paulo),
pedropaulopereira@hotmail.com.

-

No final da década de oitenta os nipo-brasileiros começaram a migrar para trabalhar no Japão. Estima-se que 215 mil brasileiros vivem no país, maioria vive isolada em suas comunidades. Este estado de alienação social aliado às condições de trabalho torna os migrantes vulneráveis a problemas de saúde e transtornos mentais. Ao buscarem ajuda profissional, estes enfrentam diversas barreiras. Este estudo visa analisar as dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores brasileiros no Japão ao buscar o serviço médico. O artigo é baseado em uma pesquisa etnográfica. A pesquisa de campo foi realizada sistematicamente na região de Kanto; províncias de Tóquio, Ibaraki, Gunma e Saitama no período de janeiro a junho de 2006, sendo complementado por coleta de dados em junho de 2008. Neste período o pesquisador realizou visitas e observação participante em diversos grupos de apoio social existentes nas comunidades de brasileiros, participando de eventos e celebrações destes grupos e das comunidades em geral.

Adicionalmente foram realizadas entrevistas narrativas com brasileiros sobre questões relacionadas à saúde e os itinerários terapêuticos utilizados pelo grupo para lidar com problemas de saúde. O atual contexto transcultural da sociedade japonesa trazem desafios e embates concernentes ao enfrentamento dos problemas saúde, pelos migrantes que residem no país. Os migrantes, em sua maioria, ficam à margem do sistema de saúde e à mercê de tratamentos alternativos e religiosos. O estudo aponta para as dificuldades vivenciadas por brasileiros acometidos de problemas de saúde, principalmente os transtornos mentais, e os caminhos percorridos por estes no enfrentamento do problema.

Palavras chave: Migrantes brasileiros; Japão; Problemas de saúde; Etnografia.

SALUD Y MIGRACIONES: EL ROL DE LOS PROFESIONALES DE SALUD

Beatriz Padilla (CICS.Nova.UMinho-Portugal) padilla.beatriz@gmail.com

-

Por un lado, los sistemas de salud (ya sean los universalistas como los basados en seguros) establecen el tipo de acceso y accesibilidad a la salud que los diversos grupos sociales tienen en cada sociedad, incluyendo los inmigrantes. Por el otro, las llamadas políticas de integración diseñan instrumentos que en principio facilitan la forma como los inmigrantes se insertan en la sociedad receptora desde lo laboral hasta en lo educacional y en la salud. Ambos sistemas, el sanitario y jurídico-legal de integración, encuadran a nivel macro el nivel de inclusión de los inmigrantes. Sin embargo, si nos enfocamos en los aspectos específicos de la salud de los inmigrantes, el papel que juegan los diferentes profesionales de salud juegan, es muy relevante y no siempre ha sido analizado de forma pormenorizada. En este trabajo, pretendemos desmenuzar de forma crítica el papel que los profesionales de la salud tienen en concretizar la ciudadanía en salud. Para ello iremos a identificar barreras y estrategias que dificultan, facilitan o promueven la ciudadanía en salud desde la perspectiva de estos profesionales. El trabajo de campo cualitativo incluye entrevistas a inmigrantes mujeres y a profesionales de la salud, así como también observación participante y algunos estudios de caso, en el Área Metropolitana de Lisboa, Portugal. La colonialidad y alteridad caracterizan la condición de las inmigrantes mujeres por un lado, y por el otro, se resalta la posición de poder y la intersección de clase/raza/etnicidad como elementos marcan la visión/percepción de los profesionales de salud.

Palabras clave: migraciones, salud, profesionales de la salud, accesibilidad, discriminación.

Sesión 2: "Regularidad/irregularidad migratoria, acceso a la salud pública y experiencias/procesos de atención"

EL PARTO IMPOSIBLE. CIRCUITOS DE ATENCIÓN, DISCRIMINACIÓN Y MALTRATO A MIGRANTES BOLIVIANAS EN EL DEPARTAMENTO DE ORÁN, SALTA, ARGENTINA

Pía Leavy (Becaria doctoral de CONICET, Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras-UBA), pialeavy@gmail.com.

-

Las zonas rurales del departamento salteño de Orán, reciben entre abril y noviembre aproximadamente cinco mil migrantes bolivianxs que trabajan en las fincas de producción agrícola y que son atendidos por los agentes sanitarios del sistema de Atención Primaria de la Salud. Si bien desde dicho programa se promociona y promueve al parto hospitalizado y la atención focalizada materno-infantil, las mujeres bolivianas sufren una serie de discriminaciones y maltratos que no permiten ni el acceso al parto hospitalizado – que se promueve desde el sistema oficial-, ni el desarrollo de un parto humanizado. El objetivo del trabajo es describir y analizar las leyes y las políticas sanitarias hacia las poblaciones migrantes, para luego relacionarlo con el material etnográfico y los análisis de caso relevados en el campo. Se utiliza el concepto de doble vínculo de Bateson para reflexionar en torno al rol del sujeto de derechos migrante y al paciente del sistema oficial de salud. Por último se describen las estrategias e itinerarios terapéuticos de las mujeres bolivianas migrantes e indígenas.

Palabras clave: Palabras clave: Salud, Migración, Etnografía, Atención Primaria de la Salud, Salta.

MULHERES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO: SAÚDE PÚBLICA NA ZONA LESTE, TRAJETÓRIAS E ESPECIFICIDADES

Tatiana Solimeo (Universidade de São Paulo), tatiana.solimeo@usp.br

-

O presente trabalho apresenta uma análise da migração boliviana no Brasil, destacando o papel da mulher em seu contexto de indocumentada na cidade de São Paulo, no bairro Penha/Cangaíba. Será apresentado sob ótica das políticas públicas de maternidade e a sua relação com as mulheres bolivianas. Para realização desta análise foram utilizadas entrevistas com pesquisadores e crítica de pesquisas na área de saúde e migração. Os resultados proporcionaram um quadro analítico referencial para políticas públicas a

respeito da migração internacional, com foco em políticas de maternidade.

Palavras-chave: Gênero; Políticas-Públicas; Migração boliviana; Maternidade.

UTILIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE PELOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO/SP-BRASIL

Rosângela Elaine Minéo Biagolini (Secretaria de Saúde do Município de São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Universidade Nove de Julho),
romineo@ig.com.br

-

Introdução: Muito embora haja dificuldade em precisar o número de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, o aumento destes e a crescente procura pelos serviços de saúde tem sido observada. **Objetivo:** Analisar as características sociodemográficas de um grupo de imigrantes bolivianos, bem como identificar que utilização fazem dos serviços de saúde. **Método:** Estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa realizado em uma ONG na região Leste da Cidade de São Paulo/SP-Brasil. Utilizou-se um formulário aplicado a 200 bolivianos. **Resultados:** Dos entrevistados 54,0% (108) são do sexo masculino, 80,5% (161) com faixa etária entre 20 e 39 anos, 45,0% (98) solteiros, 82,0% (164) tem mais de 9 anos de estudo, 23% (46) estão há mais de 10 anos no Brasil, sendo 71,0% (142) originários de La Paz e 87,0% (174) trabalham no setor de confecções. Informaram ter cartão SUS 82,5% (165) e 72,5% (145) utilizaram serviço de saúde, nos últimos 6 meses, sendo 68,3% procuraram a atenção primária a saúde, e os principais motivos foram dores de diferentes etiologias e acidentes de trabalho. Dos entrevistados 22,5% referiram ter tido problema no atendimento, sendo mais referida a demora e o mau atendimento. A discriminação foi percebida por 54 entrevistados expressa por “olhar estanho”, “ouvi falar por que não volta para seu país”, “me chamaram de boliva de forma má”, entre outros. **Conclusões:** Os entrevistados são adultos jovens, com escolaridade elevada, que perceberam discriminação no atendimento. Os resultados indicam a necessidade de sensibilização dos profissionais para o atendimento à este grupo populacional.

Palavras chave: Processos migratórios; Acesso aos serviços de saúde; Bolívia; Serviços de Saúde.

PERCEPÇÕES DE TRABALHADORES DE SAÚDE NO ATENDIMENTO A MIGRANTES HAITIANOS

Maria Angela Conceição Martins (Instituto de Saúde Coletiva/Universidade Federal de Mato Grosso), fisioangela@hotmail.com

Cássio Silveira (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo), cassio.silveira@fcmscsp.edu.br

Ana Paula Muraro (Instituto de Saúde Coletiva/Universidade Federal de Mato Grosso), muraroap@gmail.com

Fabiano Tonaco Borges (Instituto de Saúde Coletiva/Universidade Federal de Mato Grosso), fabianotonaco@yahoo.com.br

Marta de Lima Castro (Instituto de Saúde Coletiva/Universidade Federal de Mato Grosso), martafarm@hotmail.com

Cássia Carraco Palos (Instituto de Saúde Coletiva/Universidade Federal de Mato Grosso), cacapalos@gmail.com

Luís da Costa Leão (Instituto de Saúde Coletiva/Universidade Federal de Mato Grosso), luis_leao@hotmail.com

Com o movimento migratório de haitianos para Mato Grosso e, em especial, para a capital Cuiabá entre os anos de 2012 e 2015, emerge a necessidade de compreender como os trabalhadores de saúde percebem o contato com essa população, quanto ao acesso aos serviços de saúde. Realizou-se estudo qualitativo através da técnica de entrevistas individuais com roteiro semi estruturado aplicado a enfermeiros, médicos, técnicos de enfermagem e assistente social de três unidades de saúde de níveis de complexidade diferenciados (Estratégia de saúde da família, Unidade de Pronto Atendimento e Policlínica), selecionados na regional de abrangência do Centro de Pastoral para Migrantes em Cuiabá-MT. Foram realizadas 14 entrevistas e, dentre as categorias de análise, destacou-se o direito à saúde. De modo geral, a percepção dos trabalhadores quanto ao direito à saúde mostra-se diretamente ligada ao conceito da universalidade do Sistema Único de Saúde (SUS), no entanto as opiniões dos trabalhadores apontam também para o fato de que tanto a documentação no país de acolhimento, quanto à existência de recursos disponíveis nos serviços de saúde seriam fatores condicionantes para a efetivação desse direito, ou seja, em condição de priorização no acesso se priorizaria um usuário brasileiro.

Palavras chave: Migração Internacional; Haiti; Trabalhador de saúde; Direito à saúde.

RELATOS DE LA COMUNIDAD CHINA EN MAR DEL PLATA. SALUD Y ETNICIDAD

María Florencia Incaugarat (CONICET–UNSAM–UNMdP)

-

A partir del actual escenario histórico de migraciones y globalización las posibilidades de recibir pacientes pertenecientes a diferentes grupos étnicos en los diferentes servicios de salud, aumentan progresivamente. El encuentro de maneras diversas de entender la salud, la enfermedad, su prevención, tratamiento, etc., genera situaciones que no pueden dejar de ser contempladas. La presente ponencia desarrolla las representaciones culturales y prácticas de salud de inmigrantes provenientes de China que residen en la ciudad de Mar del Plata, como así las situaciones de tensión que se dan entre las representaciones y prácticas de salud del grupo étnico y las propias de los profesionales de la salud. Mediante un primer acercamiento a las familias chinas que acuden a uno de los Centros de Atención Primaria de la Salud de la ciudad de Mar del Plata, se continúa con el trabajo de campo en sus ámbitos cotidianos familiares y laborales. Se analizan representaciones referidas a la Medicina Tradicional China halladas en el campo, las cuales denotan una notoria distancia con las representaciones occidentales referidas al proceso de salud-enfermedad-atención.

Palabras clave: Comunidad china, Proceso salud-enfermedad-atención, Etnicidad.

Sesión 3: "Refugiados y procesos de salud-enfermedad-atención"

-

ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS DE REFUGIADOS CONGOLESES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Marcelo Haydu (Universidade Federal de São Paulo), marcelo.haydu@adus.org.br

Denise Martin (Universidade Federal de São Paulo), demartin.c@gmail.com

-

O processo migratório em busca de refúgio é traumático e gerador de sofrimentos do período que antecede a fuga ao momento em que essas pessoas se encontram no país no qual buscam proteção e uma oportunidade para reconstruírem suas vidas de maneira digna. Os sofrimentos que afligem os refugiados não estão relacionados somente com acontecimentos traumáticos do seu passado, mas também pela incerteza do presente e do futuro que a vida no país de acolhimento lhes reserva. Neste contexto, cabe a essas pessoas a difícil tarefa de buscar soluções para os seus sofrimentos. Essa busca ocorre por vários meios, entre eles o biomédico. O objetivo deste estudo é investigar os itinerários terapêuticos para a preservação e recuperação da saúde entre pessoas em situação de refúgio. Trata-se de um estudo qualitativo, com referencial teórico baseado

na Antropologia. Técnicas: observação etnográfica e entrevistas em profundidade. Participaram do estudo pessoas em situação de refúgio oriundas da República Democrática do Congo e residentes na cidade de São Paulo. Observa-se que os caminhos percorridos por pessoas em busca de cuidados terapêuticos nem sempre coincidem com esquemas ou fluxos pré-determinados. Os itinerários terapêuticos construídos sustentam-se pelas diferentes noções de corpo, saúde e doença mobilizadas em suas buscas pelo alívio do sofrimento, revelando a maneira pela qual os sujeitos compreendem os sentidos dos tratamentos, das suas narrativas no contexto da clínica e o seu diagnóstico.

Palavras-chave: Itinerário Terapêutico; República Democrática do Congo; Sofrimento; Refugiado; Etnografia.

CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Luciana de Andrade Carvalho (Universidade Federal de São Paulo),
l_carvalho03@yahoo.com.br.

-

O presente trabalho tem por objetivo descrever os componentes de uma rede de atenção psicossocial para imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo, também trazer reflexões sobre esse processo e perspectivas futuras para a melhoria do cuidado em saúde mental. O trabalho se inicia com uma breve descrição do aumento migratório dos últimos quatro anos no Brasil, ressaltando a importância de se atentar aos cuidados em saúde desta população, uma vez que muitos utilizarão o Sistema Único de Saúde (SUS). Com isso, discutem-se algumas barreiras ao acesso e a cuidados de saúde adequados a partir dos princípios do SUS e, assim, fazendo uma ponte com os cuidados em saúde mental. A partir da discussão de algumas especificidades do cuidado em saúde mental na perspectiva da migração, fala-se de como se estruturou uma rede de saúde mental na cidade de São Paulo para esta população, composta por centros de acolhida, organizações da sociedade civil e serviços de saúde. Diante desse panorama, algumas reflexões sobre formas de melhorar o cuidado e desafios futuros são apresentados e discutidos com referência na literatura.

Palabras clave: Migración; salud mental; psiquiatría transcultural.

REFÚGIO E SAÚDE MENTAL NUMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

Renato Müller Pinto (Universidade Federal de São Paulo), reno.mrp@gmail.com.

A relação de interdependência entre os mais diversos códigos linguísticos, construções sobre os conceitos de saúde, corpo e doença e a especificidade de sua condição de refugiado, impõem novas reflexões sobre a maneira pela qual o Estado deve garantir o direito ao pleno acesso aos serviços de saúde. A proposta desta apresentação é analisar a construção social da figura do refugiado num ambulatório transcultural (AT) de psiquiatria, especializado no atendimento aos migrantes e surdos. Uma das vigilancias epistemológicas em que apostei foi a de não caracterizar os profissionais de saúde apenas como agentes da biomedicina e em suas relações de poder. Assim, realizei uma etnografia no ambulatório. Acompanhei consultas, discussões de casos clínicos, atividades didáticas e realizei entrevistas com os fundadores e os profissionais de saúde do AT. Na tentativa de dar conta deste encontro clínico com a diferença, é possível notar “cultura” como uma categoria fundamental na imaginação sociológica dos meus nativos, subsidiando diversas aulas com os residentes de psiquiatria, além de estar presente nas publicações dos fundadores do AT e nas entrevistas realizadas.

Palavras chave: Refúgio e Saúde Mental; Competência Cultural; Antropologia e Psiquiatria.

Sesión 4: Inmigración y enfermedades infecciosas y vectoriales

VALIDEZ DE LOS ESTUDIOS ETNOGRÁFICOS COMPARATIVOS SOBRE MIGRACIONES Y SALUD A NIVEL DEL MERCOSUR: TUBERCULOSIS EN INMIGRANTES BOLIVIANOS DE BUENOS AIRES Y SÃO PAULO

Alejandro Goldberg (Instituto de Ciencias Antropológicas, sección de Antropología Social-Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la República Argentina/Universidade Católica de Santos), alejandro.goldberg@gmail.com

Denis Martin (Universidade Católica de Santos), demartin@unisantos.br

Cássio Silveira (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo), cassio.silveira@fcmscsp.edu.br

Este trabajo colectivo es fruto de la relación de colaboración, intercambio y producción

científico-acadêmica conjunta, començada en forma relativamente reciente entre los investigadores argentinos y brasileiros que conformamos, respectivamente, el Grupo de Investigación e Intervención Sociocultural con Población Inmigrante (GIISPI-UBA) y el Grupo “Processos migratórios e saúde: perspectivas interdisciplinares” (FCMSCSP, UNISANTOS, UNIFESP).

Nos trazamos como objetivo principal de investigación realizar una indagación comparativa sobre la incidencia de la tuberculosis en inmigrantes bolivianos de São Paulo y de Buenos Aires, abordando etnográficamente su vinculación con los modos de vida, vivienda y trabajo de estos conjuntos socioculturales en cada contexto migratorio, y analizando los procesos de atención que desarrollan en cada caso.

En líneas generales, la investigación en curso se inscribe dentro de una perspectiva interdisciplinaria, y por medio de un enfoque regional-comparativo de la Salud Pública y la Salud Colectiva a nivel del MERCOSUR, como una contribución al campo problemático de las relaciones entre procesos migratorios y salud, de alcance regional/internacional.

Palabras clave: Tuberculosis; inmigrantes bolivianos; São Paulo/Buenos Aires; contextos de vulnerabilidad social; procesos de atención.

O TRABALHO E O ADOECIMENTO POR TUBERCULOSE ENTRE IMIGRANTES BOLIVIANOS ATENDIDOS EM UMA REGIÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO/SP – BRASIL

Rosângela Elaine Minéo Biagolini (Secretaria de Saúde do Município de São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Universidade Nove de Julho),
romineo@ig.com.br

Maria Rita Bertolozzi (Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo),
mrbertol@usp.br

-

Introdução: A tuberculose (TB) entre bolivianos tem apresentado importante magnitude epidemiológica no Município de São Paulo. Objetivo: Analisar características sociodemográficas, de trabalho e relativas ao processo saúde-doença de um grupo de imigrantes bolivianos com TB. Métodos: Estudo de abordagem qualitativa que entrevistou 22 bolivianos, em tratamento nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da região da Supervisão Técnica de Saúde da Penha (STS-Pe), da Secretaria da Saúde do Município de São Paulo. As entrevistas foram analisadas segundo técnica de análise de discurso e interpretadas à luz da Hermenêutica-Dialética e da Teoria da Determinação Social do Processo Saúde Doença. Resultados: Dos entrevistados 59,1% eram do sexo masculino, 90,9% entre 20 a 39 anos, 72,8% originários de La Paz, 59,1% encontravam-se no Brasil há menos 5 anos, 90,9% tinham 8 ou mais anos de estudo, 85,6 eram costureiros, 71,4% trabalhavam 50 ou mais horas/semana. Em relação à doença: para

81,8% a TB foi diagnosticada em serviços de urgência e internação; 81,8% eram novos casos, 90,9% tinham a forma pulmonar, 77,3 % tiveram menos de 80% dos contatos examinados e 27,3% realizaram Tratamento Supervisionado. Dos depoimentos dos entrevistados emergiram 3 categorias analíticas: Trabalho, Processo Saúde-Doença e Assistência. Identificou-se a preponderância da categoria Trabalho sobre o processo saúde-doença. De fato, o trabalho desenvolvido pelos sujeitos do estudo revelou sobretudo processos de desgaste: jornadas de trabalho extensas, baixa remuneração, fragmentação e parcelamento do trabalho. Conclusões: O processo saúde-doença dos imigrantes mostrou-se intrinsecamente relacionado às condições de trabalho a que este grupo está submetido.

Palavras chave: Processos migratórios; Acesso aos serviços de saúde; Trabalho; Tuberculose.

DOENÇAS DE CHAGAS E POPULAÇÃO BOLIVIANA: LIMITES E POSSIBILIDADES NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE NO SUS NA CIDADE DE SÃO PAULO (SP), BRASIL

Nivaldo Carneiro Junior (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo), nicarneirojr@uol.com.br

Cássio Silveira (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo), cassio.silveira@fcmscsp.edu.br

Lia Maria Brito da Silva (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), liamariabs@yahoo.com.br

Eimi Makino (Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo), eimi.cepedisa@gmail.com

Maria Aparecida Shikanai-Yasuda (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), shikanaiyasuda@gmail.com.

-

Nos fluxos migratórios, bolivianos predominam na cidade de São Paulo. Emergem necessidades, particularmente para Saúde Pública. Doença de Chagas desponta-se nesse cenário - prevalente na Bolívia, transmissão controlada em SP, baixa preocupação nos serviços de saúde. Objetivos desse trabalho reconhecer o acesso aos serviços de saúde; identificar as demandas de saúde dos bolivianos atendidos nos serviços de saúde;

perceber a atuação do profissional de saúde. Metodologia abordagem qualitativa. Entrevistas semi-estruturadas, análise de conteúdo. Entrevistados 19 profissionais de saúde de diferentes setores de três níveis da atenção à saúde primário, secundário e terciário localizados na região central da cidade de SP, segundo semestre de 2014. Uso de serviços de saúde pelos bolivianos caracteriza-se por demandas espontâneas e alto absenteísmo nas consultas agendadas. Queixas respiratórias e dermatológicas são comuns. Barreira linguística limita na assistência, dificultando o cuidado e da organização da atenção à saúde. Os profissionais recorrem estratégias de comunicação mímicas, desenhos, ajuda de terceiros, etc. É comum não fornecimento correto de dados pessoais pelos bolivianos e alta rotatividade de moradia dificultam ações de cuidados continuados. A maioria dos profissionais desconhecem a realidade da Chagas na Bolívia e não atentam para isso. Consideram importante capacitações e apoio técnico-assistencial da rede de saúde. Formulação de políticas públicas específicas para a Doença de Chagas, em particular para a população migrante, entre eles os bolivianos se faz necessária. Na área da saúde gestão do cuidado específico e processo de educação permanente são dimensões a serem introduzidas na organização e nas práticas dos serviços de saúde.

Palavras-chave: Doença de Chagas; Migrações; Profissionais de Saúde; Cuidado em Saúde; Práticas de Saúde.

Sesión 5: Migraciones y el impacto en la salud de las familias"

GANANCIAS Y SUFRIMIENTOS DE NIÑAS Y NIÑOS COLOMBIANOS VIVIENDO MIGRACIÓN PARENTAL INTERNACIONAL

María Claudia Duque (Pontificia Universidad Javeriana), mcduque@javeriana.edu.co

-

La migración internacional de madres y padres que dejan a sus hijos en el país de origen ha sido analizada y considerada desde diferentes perspectivas. Mientras unos se han centrado en juzgar a la migración de los padres de manera negativa como una forma de abandono, otros se han enfocado en resaltar los beneficios económicos y los impactos positivos de las remesas en los ingresos de los hogares y en la salud y la educación de los niños. Asimismo, la migración de los padres se ha analizado en el marco de los estudios de género y de las familias transnacionales, en los que las voces de las niñas y niños y particularmente sus alegrías y sufrimientos, no son tenidos en cuenta. Sin

embargo, los niños que se quedan viven las migraciones de manera diferente a los adultos y al igual que sus padres son agentes que construyen realidades y mundos culturales a través de sus interacciones con sus hermanos, padres, familiares, pares, profesores y otros actores sociales. Esta presentación, basada en investigaciones mixtas –cualitativa-cuantitativa, realizadas entre 2008 y 2011, con niñas y niños viviendo migración parental internacional en tres ciudades de Colombia, se centra en tres aspectos: narrar sus experiencias cotidianas, definir sus sufrimientos y las ganancias de la migración parental, y por último enunciar algunas recomendaciones para los niños, sus familias y otros actores institucionales.

Palabras clave: Migración parental; Niños; Colombia; Migración internacional.

ENTRE LA INCERTIDUMBRE Y EL DESARRAIGO: UNA APROXIMACIÓN ANTROPOLÓGICA A LAS EXPERIENCIAS DE MIGRACIÓN ‘ASISTENCIAL’ POR CÁNCER INFANTIL

Eugenia Brage (Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires- CONICET) eugebrage@gmail.com

-

Esta ponencia está basada en una investigación doctoral que aborda los procesos migratorios – *migración asistencial*- que se desarrollan en relación a enfermedades crónicas en la infancia, concretamente el cáncer, desde las regiones del Noroeste (NOA) y Noreste (NEA) Argentinos, hacia la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA) con el objeto recibir diagnósticos y asistencia médica que no se obtienen en el lugar de origen.

Estas migraciones, escasamente conceptualizadas, constituyen un paso central dentro de los itinerarios terapéuticos dado que aproximadamente la mitad de los/las niños/as que enferman de cáncer en el país se trasladan para ser diagnosticados y/o atendidos a centros de alta complejidad, lo que generalmente implica el cambio de residencia por un tiempo indefinido, dependiendo de la evolución de la enfermedad, los ritmos del tratamiento y las posibilidades de continuar con la asistencia en el lugar de origen. El objetivo de la ponencia es, por lo tanto, analizar los recorridos desarrollados en la búsqueda de atención médica articulando la perspectiva de análisis sobre los procesos de salud, enfermedad, atención, cuidados y los procesos migratorios. A partir del análisis de registros obtenidos en un trabajo de campo etnográfico realizado en un hospital público de pediatría ubicado en la CABA y entrevistas en profundidad, espero dar cuenta de los múltiples procesos estructurales que determinan y condicionan el acceso a la salud, así como también, los recorridos que desarrollan estas personas. Para eso, analizo, por un lado, la agencia de los/las usuarios –madres/padres y cuidadoras/es- y su capacidad de movilizar recursos tanto materiales como simbólicos, a partir de sus relatos y narrativas y, por otro lado, las perspectivas de los/las profesionales de salud y otros/as actores/as que intervienen en estos procesos.

Palabras clave: migración asistencial; infancia; enfermedades crónicas; itinerarios terapéuticos.

Sesión 6: Abordajes teórico-metodológico-conceptuales sobre procesos migratorios y salud''

CONFLICTOS EN TORNO A LA SALUD EN PROCESOS MIGRATORIOS

Ángel Modrego Navarro (Universidad Autónoma de Madrid-
IMEDES), amnfis@hotmail.com.

-

En contextos con una realidad social compleja, como son los escenarios de América latina o Europa, donde se producen al mismo tiempo procesos de emigración, inmigración, tránsito y retorno, la conflictividad en torno a la salud y la enfermedad envuelve el ámbito privado y el público, lo individual y lo colectivo, lo autóctono y lo aloctono, lo local y lo global.

La persona migrante, hablando del caso español, se enfrenta no solo a las dificultades institucionales o legales de acceso al sistema de salud, sino a otras situaciones llenas de complejidad como la expresión de su enfermedad en un sistema biomédico y simbólico que no pertenece a su imaginario, o una nueva situación personal, laboral, económica, familiar y social que se da en el proceso migratorio y perjudica su estado físico y mental.

A través de una diferenciación de los conflictos en torno a la salud, englobándolos en privados o públicos, en naturales o culturales, daremos ejemplos de algunos de estas situaciones que viven las personas migrantes pero que creemos extrapolables también al resto de la población.

Partiendo del planteamiento multifactorial en intervención en contextos multiculturales que hace Carlos Giménez (2002), citaremos además diferentes factores que debemos tener en cuenta en el proceso de atención sanitaria entre usuarios y profesionales.

Concluiremos sosteniendo que la antropología aplicada a la salud, la mediación intercultural y el método etnográfico son pertinentes no solo para el análisis de estos conflictos sino en la formulación de propuestas que ayuden a la resolución de los mismos.

Palabras clave: Conflicto; Migración; Salud; Planteamiento multifactorial.

PENSANDO A ESTRANGEIRIDADE, EXPERIÊNCIAS DO INTERCÂMBIO

Suzana Duarte Santos Mallard (Universidade Federal do Paraná)
suzana.dsm@gmail.com

Na medida em que o reconhecimento do lugar ocupado na condição de estrangeiridade se dá, existe a possibilidade de resgatar um saber a respeito da condição humana. Condição esta que reedita a todo o instante a solidão do ser. Muito pouco é passível de ser compartilhado com o próximo, sendo o sujeito radicalmente só em sua dimensão subjetiva. Paradoxalmente isso que diz de um sujeito inescrutável se repete enquanto elemento constitutivo da subjetividade humana, aproximando o eu ao outro. Ser sozinho sem estar sozinho, todos sob a insígnia da falta que marca de maneira original e única cada um. Nesse sentido resgatar os discursos sobre experiências de estrangeiridade possibilitam um saber sobre um desejo descolado de crenças e dogmas. A luz da perspectiva psicanalítica organizamos uma compreensão da condição de estrangeiridade. Entrevistamos um grupo de estudantes vinculados a programas de formação superior vindos de países de língua oficial portuguesa. A partir da análise das unidades de significado das entrevistas, identificamos alguns dos conflitos experimentados. Além da língua, a escolha do país, a chegada, a integração, o convênio, os relacionamentos, a percepção do outro e as dificuldades compõem o cenário da pesquisa. Conflitos que uns sentem mais do que outros e que tomam corpo somente na experiência.

Palavras-chave: estrangeiridade, língua, intercâmbio, psicanálise, sofrimento.

REFLEXÕES ACERCA DA COMPLEXIDADE RELACIONAL NAS ABORDAGENS DOS SUJEITOS DE PESQUISA: OS IMIGRANTES NA CIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Cássio Silveira (Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo),
cassio.silveira@fcmscsp.edu.br

Denise Martin, (Universidade Católica de Santos), demartin@unisantos.br

Alejandro Goldberg (Instituto de Ciencias Antropológicas, sección de Antropología Social-Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la República

Argentina/Universidade Católica de Santos), alejandro.goldberg@gmail.com

Mara Helena de Andréa Gomes (Universidade Federal de São Paulo),
maradeandrea@gmail.com

-

Estudos sobre o processo saúde-doença-cuidados de imigrantes estabelecidos na cidade de São Paulo têm evidenciado uma complexa trama de relações nas demandas dos imigrantes e nas ações concebidas e planejadas pelos serviços de saúde. Neste contexto a intermediação dos trabalhadores da saúde na relação imigrantes-investigadores constitui importante forma de acesso a estes últimos aos imigrantes sul-americanos, principalmente os bolivianos. Durante as investigações o acesso aos imigrantes ocorre dentro dos contextos das ações em saúde, facilitando aos pesquisadores o acesso às residências dos imigrantes, seus locais de trabalho ou mesmo organizações associativas. A compreensão dos processos de adoecimento dos imigrantes, dentro da complexa trama de relações entre trabalhadores institucionalizados em espaços organizacionais configurados por modelos de pensamento fundados na biomedicina, conduz-nos a problematizar sobre as possibilidades de aproximação junto aos sujeitos que compõem esse universo. As inflexões teóricas e metodológicas decorrentes deste processo impõem-nos conjunturas eticamente problemáticas, ainda que instigantes em seus desdobramentos, provocando a constante revisão de nossos valores enquanto pesquisadores implicados neste campo de relações.

Palavras-chave: pesquisa em saúde; complexidade relacional; imigrantes; trabalhadores da saúde.

-

GT 96. “TEORIZAR LO EMOTIVO: ANTROPOLOGÍA Y EMOCIÓN EN LA ESFERA PROFESIONAL, INSTITUCIONAL Y PÚBLICA”

Coordenadores:

Dra. Maria Claudia Coelho, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil;
mccoelho@bighost.com.br

Dra. Ana Spivak L'Hoste, Conicet-Universidad de San Martín, Argentina;
anaspivak17@yahoo.com.ar

Dra. Mariana Sirimarco, Conicet-Universidad de Buenos Aires, Argentina;
maikenas@yahoo.com.ar

SESIÓN 1. EMOCIONES Y SISTEMA JUDICIAL

O DUPLO SENTIDO DA PENA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA SOBRE O MÉTODO APAC

Astrid Johana Pardo Gonzalez - PPCIS-UERJ

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC - é uma modalidade do sistema prisional brasileiro que busca a humanização dos presídios sem perder o objetivo punitivo das penas. Este estudo pretende analisar as gramáticas emocionais que surgem nas experiências dos membros do centro. Partimos do pressuposto de que no processo de humanização da punição que pretende a APAC há uma nova forma de olhar para o sujeito preso, que está influenciada por uma mudança na sensibilidade, onde surgem novas regras que orientam as maneiras de sentir.

O trabalho tem como referência fundamental a obra de Arlie Hochschild, onde a perspectiva sociológica interacionista é aplicada no estudo das emoções, com ênfase na relação entre transformações ideológicas e mudanças emocionais. Neste sentido, nos perguntamos: quais são essas regras do sentimento que orientam a forma de olhar e entender o sofrimento dos presidiários? Quais são os limites do conhecimento empático? A metodologia utilizada nesta pesquisa combinou realização de trabalho de campo com entrevistas em profundidade com 31 membros do Centro APAC de Manhuaçu, MG, entre apenados dos regimes fechado e semiaberto, assim como funcionários, voluntários e parentes de sentenciados. Esta investigação pretende contribuir com a perspectiva teórica que analisa a micropolítica das emoções, que observa o lugar dos sentimentos no âmbito público e sua participação em questões macro nas esferas do que tradicionalmente se tem considerado como político, como por exemplo, os movimentos sociais, sistemas penitenciários e judiciais, entre outros. O foco está no entendimento das gramáticas emocionais na humanização da punição, como estudo de caso para a compreensão mais profunda do contínuo processo de ampliação dos direitos humanos e de seus efeitos desejados e não desejados.

NOSTALGIA, CAMBIO LEGAL Y LOS USOS PERFORMATIVOS DEL PASADO ENTRE ACTORES DEL CAMPO JUDICIAL ARGENTINO

Leticia Barrera - CONICET-ISES

Partiendo de un estudio etnográfico de las prácticas y formas de producción y circulación del conocimiento en la Corte Suprema Argentina, este trabajo se propone indagar en las narrativas nostálgicas respecto del funcionamiento de ese tribunal que circulan entre actores judiciales y profesionales del derecho. Si bien las representaciones acerca de la administración de justicia encontradas en el campo difieren de acuerdo a la posición que los actores ocupan en relación al aparato judicial, en un punto parecen converger: en la evocación de un orden social ausente, sea que se trate de un orden de relaciones sociales que se ha perdido; o de un orden normativo que aún no ha sido alcanzado.

Entre funcionarios de la Corte, la nostalgia aparece vinculada a una percepción acerca del final de las relaciones personales cercanas y la pérdida de estatus y tradición. Mientras que hacia fuera del tribunal, concretamente entre miembros de ONGs involucrados en temas de reforma judicial, la nostalgia moviliza una imagen diferente del pasado al hacer hincapié en la brecha entre la realidad y los ideales de derecho y justicia de los textos legales.

Sobre la base de estudios trabajos antropológicos sobre la nostalgia (Battaglia 1995; Bissell 2005; Boyer 2006, y más recientemente Angé y David Berliner 2014) este trabajo busca dejar de lado su representación como el lamento de un pasado mejor o una época dorada que se ha perdido, para explorar su ambivalencia, y el sentido práctico y operativo que le imprimen los actores; entendiéndola además como un medio que hace posible la configuración del sujeto y del saber etnográfico (Battaglia 1995).

A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO TRABALHO DAS AGENTES PENITENCIÁRIAS DO COMPLEXO PENAL DR. JOÃO CHAVES EM NATAL/RN

Leonardo Alves dos Santos - Universidade de Brasília

Este trabalho é um dos resultados da dissertação de mestrado apresentada em março de

2015 sob o título "Emoção e Penalidade: Mulheres no Complexo Penal Dr. João Chaves". A pesquisa realizada entre 2014 e 2015 consistiu na realização de observação participante, entrevistas e conversas guiadas no pavilhão feminino do Complexo Penal Dr. João Chaves em Natal, Rio Grande do Norte. A proposta deste *paper* é discutir a influência das emoções no trabalho das agentes penitenciárias em uma prisão de mulheres. Para a realização deste objetivo analiso, a partir do trabalho de Erving Goffman sobre instituições totais e modelação do *self*, o processo de treinamento e admissão dessas mulheres enquanto profissionais da área da segurança pública. Em seguida, analiso o cotidiano prático da função de agente penitenciária a partir do conceito de *emotional labour* da socióloga Arlie Hochschild. Por fim, apresento as conclusões sobre o papel das emoções na modelagem do *self* das minhas interlocutoras e as estratégias de gerenciamento de suas emoções no cotidiano laboral.

OS EFEITOS DA “REGULAÇÃO” DA FALA: LAMENTO, DESABAFO E QUEIXA EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR

Rocío Alonso Lorenzo - Universidade de São Paulo

Este trabalho busca comparar formas de expressar o drama da violência doméstica e familiar por parte de mulheres “vítimas” em diferentes contextos institucionais. Baseado em pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2014, parte-se de constatações extraídas tanto de entrevistas em profundidade com “vítimas” como da observação direta dos atendimentos que têm lugar em um núcleo de atendimento hospitalar, uma delegacia de polícia e um centro de referência para a mulher, todos situados em um bairro da periferia de São Paulo. Tomam-se como referência as propostas teóricas e metodológicas oriundas da sociolinguística, particularmente o conceito de *performatividade* (Austin, 1986) e a etnografia da fala (Hymes, 1988), para analisar comparativamente como formas de relatar as cenas de “violência” pelas “vítimas” preconcebidas como naturalmente “femininas”, como lamentar, falar chorando ou gritando, silenciar ou “mentir”, são intercedidas por formas “reguladas” (Butler 2004) de fala, como o desabafo e a queixa, com o objetivo de tornarem estas mais efetivas do ponto de vista administrativo e jurídico. Conclui-se que se bem a “esquelotização” dos relatos facilita a inteligibilidade e registro dos casos do ponto de vista do potencial de arquivamento e de judicialização dos mesmos; ocorre porém um certo estranhamento da vítima com as descrições oficiais dos casos que se torna com frequência num obstáculo para o andamento dos processos judiciais iniciados pela própria vítima.

“EU ACREDITO NO QUE FAÇO”: GÊNERO, EMOÇÃO E ENGAJAMENTO EM UM NÚCLEO DA DEFENSORIA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

Lucas Freire - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(PPGAS/MN/UFRJ)

Este trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos que norteiam a constituição do Núcleo de Defesa da Diversidade Sexual e Direitos Homoafetivos (NUDIVERSIS) da Defensoria Pública Geral do Estado do Rio de Janeiro (DPGE-RJ). Grosso modo, a Defensoria pode ser definida como uma instituição estatal que tem por objetivo cumprir o dever constitucional do Estado de prestar assistência jurídica integral e gratuita às pessoas que, comprovadamente, não possuem condições financeiras para arcar com as despesas dos serviços judiciais sem prejudicar seu sustento ou o de sua família. Definida de um modo genérico, a principal atribuição dos profissionais do NUDIVERSIS é “atuar na defesa de LGBT em causas que sejam relacionadas a esta condição”.

Durante o período em que realizei minha pesquisa de campo, cinco mulheres compunham os quadros do núcleo: uma defensora, uma assessora, uma técnica-administrativa e duas estagiárias. Busco, então, refletir sobre o modo como se configura a estrutura profissional da instituição e como este é orientado por certas concepções do gênero feminino relativas ao “cuidado” e ao “afeto”, uma vez que categorias como “engajamento”, “sensibilidade”, “empatia” e “identificação” aparecem nos discursos das funcionárias do NUDIVERSIS como elementos necessários para uma boa atuação em um serviço público de atendimento a chamada “população LGBT”. Além disso, atento para como esta estrutura espelha a forma pela qual as pessoas LGBT são vistas – isto é, construídas política e administrativamente como “sujeitos vulneráveis” – e como suas demandas são produzidas e incorporadas nas agendas políticas e aparatos administrativos do Estado.

SESIÓN 2. EMOCIONES Y GÉNERO

HOMOCONJUGALIDADE MASCULINA. A CONSTRUÇÃO DAS EMOÇÕES, DO GÊNERO E DA FIDELIDADE

Este texto explora alguns aspectos da construção da conjugalidade entre homens homossexuais, para tanto parte de uma reanálise da pesquisa desenvolvida pelo autor para a elaboração de sua tese de doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, baseada em uma etnografia associada a entrevistas semiestruturadas com 13 casais que moravam nas cidades de Buenos Aires e Brasília entre os anos de 2006 e 2008; de uma pesquisa desenvolvida em 2005 em Cuiabá com casais homossexuais da cidade; e, de uma nova inserção em campo na cidade de Cuiabá, dez anos depois da primeira pesquisa desenvolvida na cidade pelo autor, que aborda as configurações e reconfigurações do vínculo afetivo-emocional-sexual entre homens que se definem como homossexuais. Nesta comunicação desenvolvo, especificamente, uma análise da organização “interna” das relações de parceria, com ênfase na construção das emoções, da afetividade, do sexo, da fidelidade e do gênero tal como significados pelos nativos com quem tive contato.

AS ENFERMEIRAS E A SEXUALIDADE: ENTRE O CUIDADO E A RELAÇÃO

Alain Giami - INSERM / CESP

Este trabalho se baseia em uma pesquisa qualitativa realizada na França com uma população de enfermeiras confrontadas com situações nas quais a sexualidade desempenha papel relevante (Giami, Moulin, Moreau, 2013). A pesquisa busca discutir a implicação subjetiva e emocional das enfermeiras frente à “erotização” da relação de cuidado. As enfermeiras estudadas nos relataram a necessidade de buscar através de seus próprios recursos pessoais e subjetivos os meios para reagir de modo profissional a situações para as quais se sentem despreparadas (por não terem recebido qualquer formação profissional nesta área). A questão do “desembaraço pessoal” no que diz respeito à sexualidade aparece como uma dimensão fundamental da relação de cuidado, colocando em jogo os “habitus de gênero” de uma profissão exercida principalmente por mulheres e que permanece sendo percebida como uma “profissão feminina”. As enfermeiras frequentemente se sentem mais à vontade respondendo às demandas das mulheres que se situam no registro da comunicação íntima, ao passo que os homens são às vezes percebidos como “predadores” que demandam “serviços sexuais”. Estas situações colocam em questão os limites entre a vida privada e a identidade profissional. Em um plano mais geral, as profissionais estudadas são confrontadas com as contradições entre o desenvolvimento de competências técnicas e as abordagens holísticas fundadas numa concepção totalizante de pessoa. Discutimos tais questões apoiando-nos em noções como os “habitus” de gênero (Bourdieu) e os cenários profissionais da sexualidade (Gagnon).

EL TRABAJO DE LAS PARTERAS PROFESIONALES: DE LA EMOCIÓN A LA ATENCIÓN

Renée Rocío Mohr - Universidad Nacional de General Sarmiento / PRIGEPP-FLACSO

El ejercicio profesional de la obstetricia aparece como una de las ocupaciones de mayor contenido de cuidado en el sector salud, en especial en relación a los procesos de gestación, parto y posparto, teniendo a las mujeres como destinatarias principales.

Es una profesión altamente feminizada por factores históricos-normativos, con base en el refuerzo de los estereotipos de género, dado su carácter relacional, la responsabilidad que supone sobre el bienestar de las personas y los lazos afectivos involucrados, y su asociación tradicional con imágenes relativas a lo “femenino” y “maternal”.

En el presente trabajo se buscará rastrear las emociones vinculadas a la elección de la carrera, el “llamado de la vocación”, el papel que juegan las emociones en relación a la definición del rol profesional, y cómo éstas toman forma en la práctica, en la atención de las mujeres destinatarias de los servicios profesionales.

La metodología utilizada es del tipo cualitativo, realizando un recorrido entre el análisis de documentos y el material de campo obtenido, principalmente en entrevistas.

Por lo cual se buscará distinguir, por un lado, las emociones emergentes de documentos sobre la labor de las parteras profesionales, y por el otro lado, desde las prácticas, las voces de las profesionales en torno a la emocionalidad que implica su trabajo y su vocación.

Este trabajo se propone hacer un aporte en este abordaje tomando el caso específico de las parteras profesionales que trabajan en el Área Metropolitana de Buenos Aires, Argentina.

SESIÓN 3. EMOCIONES Y CONTEXTOS DE TRABAJO

O APRENDER A SER AFETADO PELA NATUREZA E A FABRICAÇÃO DE INDIVÍDUOS

Alessandra Rivero Hernandez

Ceres Victora

PPGAS/UFRGS

Este trabalho tem como objetivo discutir os efeitos de práticas educativas infantis que concebem a aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e comportamentos como um processo de autoeducação que perpassa pelos sentidos do corpo e emoções com vistas à fabricação de indivíduos, ou seja, seres humanos livres, autônomos, autodeterminados, criativos e singulares. A partir dos dados da pesquisa etnográfica realizada durante as “Tardes no Verde”, ocasiões em que crianças realizam atividades lúdicas em um sítio localizado na zona rural de Porto Alegre/RS, sugiro que tais práticas educativas promovem um processo de aprender a ser afetado por entidades humanas e, em especial, não-humanas, tais como árvores, flores, insetos, pedras, com os quais as crianças se envolvem em jogos de afetação. Neste processo de aprender a ser afetado busca-se que as crianças aprendam a registrar novos contrastes. Nesse sentido, não apenas os humanos, mas também os não-humanos atuam como professores no processo de tornar os educandos sensíveis a diferenças cada vez mais sutis. As emoções se inserem nesses jogos na medida em que tanto são produzidos por estes como são capazes de produzi-los. A coexistência de diferentes versões, formas de lidar com as emoções, assim como os modos como estas versões são coordenadas causam importantes efeitos, como a (re)produção dos dualismos interioridade/exterioridade e natureza/cultura. Um ambiente moral é fabricado pelo contraste entre diferentes versões das emoções: a “natureza”. E é no envolvimento com os não-humanos de um “ambiente natural” que se busca a fabricação de sujeitos morais.

“EMOCIONES A FLOR DE PIEL”: PRACTICAS ASISTENCIALES Y EDUCATIVAS EN CONTEXTO DE VULNERABILIDAD

Carolina Rojas Lasch - Facultad de Educación, PUC, Chile

Durante los últimos años, la vulnerabilidad se ha convertido en uno de los modos hegemónicos de interpretar y nombrar las desigualdades (Châtel y, Roy, 2008; Thomas, 2010; Lautier, 2010; Rojas, 2012). Ahora bien, el asistir la vulnerabilidad pone en juego sensibilidades específicas a partir de los cuales se instalan valores políticos y morales que re-definen el estado de necesidad y las responsabilidades de protección. La premisa desde la cual arranca esta presentación es que el quehacer del Estado sobre lo social en contexto neoliberal ha sido re-inscrito desde el corazón de los sujetos, incidiendo a nivel de las emociones y produciendo identidades. En este sentido, tal vínculo afectivo, no

tiene un fin en sí mismo, sino que adquiere un valor instrumental de eficiencia (económica y moral) para la gestión de lo social.

Este trabajo se basa en dos estudios etnográficos de las prácticas de intervención asistencial que se realizaban al alero de la política de Protección Social Chile Solidario y de las prácticas docentes que se dan en contextos de escuelas vulnerables. A partir de la experiencia de asistentes sociales y de docentes, me interesa relevar el valor que hoy adquiere el desarrollo de una a aquella acción social de alta proximidad intersubjetiva, en la que la capacidad de vínculo y el trabajo personalizado pasa a ser un indicador de éxito profesional. De estos agentes se espera que sean “buenos”, “tolerantes”, “esforzados”, “pacientes”, “cariñosos”, lo cual implica movilizar emociones para producir sujetos neoliberalizados.

TRABAJO EMOCIONAL Y GRATIFICACION EN LA LABOR PROFESIONAL DE DOCENTES DE SECUNDARIA

Mariana Nobile - FLACSO – CONICET / FaCHE – UNLP

El presente artículo analiza, a partir de un abordaje cualitativo, las condiciones en que se desarrolla el trabajo docente en un conjunto de escuelas de la ciudad de Buenos Aires conocidas como “Escuelas de Reingreso”, las cuales fueron creadas para atender a jóvenes en edad de asistir al secundario y que no lo estaban haciendo. En particular, nos proponemos observar las emociones que se ponen en juego a la hora de desempeñarse laboralmente en estas instituciones.

A partir de los discursos docentes identificamos la presencia de ciertas estrategias para desarrollar su labor en pos de la escolarización de estos jóvenes, las cuales demandan un “trabajo emocional” por parte de los docentes que les exige una cuota de paciencia e indulgencia a la espera de los resultados esperados. Asimismo, se observa una definición de los estudiantes en tanto “vulnerables” que deriva en la asunción por parte de los profesores de un compromiso particular con su labor que a fin de renovarse y sostenerse en el tiempo exige altos niveles de gratificación que derivan de ver corporizada su labor en la transformación que experimentan los jóvenes que se vuelven alumnos de estas escuelas así como en las formas de reconocimiento que ponen en juego. De allí que los sentidos que estas escuelas habilitan en torno al trabajo les permite a los docentes reafirmarse individualmente y construir sentidos sobre su tarea al tiempo que se vuelven un mecanismo de distinción profesional al interior del cuerpo docente de secundaria.

¿VIVIR PARA TRABAJAR O TRABAJAR PARA VIVIR? LAS EMOCIONES

EN LA RELACIÓN DEL SUJETO CON LA ORGANIZACIÓN

Rossana Cacivio - Facultad de Ciencias Agrarias y Forestales, UNLP.

Pensar la tensión entre el sujeto y la organización nos lleva al concepto de “motion/emotion”, ¿qué nos mueve?, ¿hacia dónde?, ¿el trabajo nos convoca o nos aleja de la organización laboral?, ¿esta funciona como una organización convocante? Actividad y subjetividad se retroalimentan, se regulan mutuamente y pujan por asignar un sentido y un valor. ¿Vivimos para trabajar o trabajamos para vivir? Vincular la emoción con las políticas organizacionales puede aumentar el aprendizaje y potencialidad de cambio de una organización. Muchos profesionales que hacen extensión agropecuaria en Argentina necesitan desarrollar nuevas competencias para la intervención territorial, la supervivencia en la organización laboral y además, lidiar con las emociones que esto les genera. A una cantidad visible de ellos les resulta difícil conceptualizar las tensiones a las que están expuestos al comprometerse en los procesos de desarrollo, “no encuentran las palabras”, jornadas extendidas, “poner el cuerpo”, largas distancias a recorrer, alta presión por los resultados, y poco reconocimiento de sus procesos laborales aumentan los factores de riesgo psicosocial, cuyos síntomas hacen visible un trabajo invisibilizado para sus pares y la propia organización de pertenencia.

El trabajo, parte de una tesis doctoral en proceso, evalúa los factores de riesgo psicosocial al que se exponen los profesionales encuestados y la autopercepción de su actividad, entendida como el nexo entre realidad y subjetividad. La forma en que estos dos registros se regulan e influyen sobre la salud, definen el tipo de "uso de sí mismo" del sujeto en su actividad.

CUANDO 10 AÑOS PARECEN MÁS QUE UNA DÉCADA. NOSTALGIA Y ESPERANZA COMO EJES DE DOS CEREMONIAS CONMEMORATIVAS

Ana Spivak L'Hoste – CONICET / Universidad Nacional de San Martín

El 1 de agosto de 1955 fue el primer día de clases del Instituto de Física de Bariloche (actual Instituto Balseiro), un centro de formación de físicos e ingenieros dependiente de la Comisión Nacional de Energía Atómica y de la Universidad Nacional de Cuyo con sede en la ciudad de San Carlos de Bariloche. En el año 2005, como parte del trabajo

etnográfico que derivó en mi tesis doctoral, participé de la jornada de celebración de su cincuentenario, que consistió en un acto académico en un teatro en el centro de la ciudad y un almuerzo de camaradería en el gimnasio de la institución. Este año 2015, me sumé a su festejo de 60 años, de similar estructura y espacios, con el propósito de observar retrospectivamente, y tal vez comparativamente, aquella celebración.

Este artículo explorará una de las diferencias más notables que evidenciaron ambos festejos: el protagonismo de un pasado nostálgico en la primera ceremonia y, en la segunda, el énfasis en una lectura optimista y esperanzadora de los últimos diez años y del presente de la institución. Esta exploración apuntará, primero, a caracterizar ese pasado nostálgico recordado y celebrado hace 10 años y ese presente esperanzador afirmado en el 2015. A partir de dicha caracterización se avanzará, por un lado, el análisis de aquello que ambos (pasado nostálgico y presente esperanzador) están representando y produciendo en cada marco conmemorativo y, por otro lado, sobre los contextos y procesos más macro que habilitaron y fundamentan estas diferencias.

SESIÓN 4. EMOCIONES Y MOVIMIENTOS SOCIALES

LA EMOCIONALIDAD POLITICA EN LA ACCION COLECTIVA JUVENIL. EXPLORANDO AFECTACIONES Y SENTIRES EN PROCESOS DE SUBJETIVACION POLITICA CON JUVENTUD(ES) CORDOBESAS: “LA MARCHA DE LA GORRA”

Macarena Del Valle Roldán - Facultad de Psicología, Universidad Nacional de Córdoba

En el presente escrito se expondrán los avances de una tesis de Licenciatura en Psicología (UNC), que se inscribe en un proyecto de investigación en el que se lleva a cabo una *etnografía de evento* (tal como es propuesto por Antonádia Borges), de la “Marcha de la Gorra” (Córdoba - Argentina). Se aborda específicamente la dimensión correspondiente a emocionalidades/afectos/sentires que aparecen imbricados en esta experiencia –que se configura como un lugar-evento- donde se disputan sentidos sobre las políticas de seguridad, el abuso policial y lo juvenil, en el contexto cordobés.

Esta acción colectiva es pensada en esta ponencia como un escenario de disputa de poder en lo público, donde se despliega un *repertorio lúdico* y festivo particular que tiene como principal *locus* de realización el cuerpo de los jóvenes. Si partimos de suponer que los procesos de subjetivación política alojan tanto procesos cognitivos y simbólicos como producciones emocionales, afectivas, deseantes, cabe preguntarnos cómo son estas relaciones entre los procesos de “emocionalidad política” y las producciones cognitivas que allí tienen lugar. En este sentido, interesa indagar de qué

manera los afectos, las pasiones y las emociones forman parte de los procesos de subjetivación política y de qué modo la corporalidad de los marchantes aparece implicada en esta experiencia.

Con estas exploraciones sobre lo corporal/afectivo a partir de un fenómeno de protesta juvenil, se pretende articular algunas claves de lectura que enriquezcan nuestras reflexiones acerca de la emocionalidad en procesos de subjetivación política de jóvenes, en particular, en el contexto local cordobés.

REITERACIONES RELACIONALES Y ACTIVACIONES EMOCIONALES: UNA PROPUESTA PARA EL ANÁLISIS DE LOS PROCESOS DE IDENTIDAD COLECTIVA EN LAS MOVILIZACIONES FEMINISTAS EN EL ESTADO ESPAÑOL

María Martínez - Universidad del País Vasco (UPV/EHU)

Los debates en torno a las identidades colectivas han sido recurrentes e intensos entre teóricos/as de movimientos sociales. El análisis de la identidad colectiva sigue apelándonos a revisar nuestros enfoques y marcos teóricos, interrogando muchas de las herramientas teórico-analíticas que usamos, y a considerar los presupuestos epistemológicos sobre los que se sostienen. Esta comunicación se propone realizar una propuesta teórico-analítica para el análisis de los procesos de identidad a través de los conceptos de reiteraciones relacionales y activaciones emocionales. Y lo hace a través del trabajo empírico realizado en el marco de mi tesis doctoral: cerca de 50 entrevistas en profundidad y 4 grupos de discusión con activistas de este movimiento social.

La intervención arrancará con una reflexión sobre los modos de entender la identidad por parte de las teorías de movimientos sociales y una apuesta por su desestabilización desde las teorías feministas. Esto permitirá mostrar cómo las dimensiones cognitivas y definiciones han sido centrales en la concepción de la identidad, dejando de lado otras dimensiones fundamentales. Entender la identidad colectiva como definición limita la comprensión de los complejos procesos de identidad y supone la existencia de sujetos sin atender al hecho de que éstos no son un punto de partida, sino un resultado parcial e inacabado. Se propondrá, así, que para entender las identidades colectivas en los movimientos sociales contemporáneos es necesario atender a la dimensión relación y, especialmente, emocional. La identidad colectiva sólo es, entonces, la materialización y sedimentación parcial de prácticas relacionales y emocionales recurrentes y necesariamente reiterativas.

RAZÃO E EMOÇÃO: O LUTO NAS AÇÕES COLETIVAS DOS FAMILIARES

DAS VÍTIMAS DA BOATE KISS- SANTA MARIA/RS

Priscila dos Santos Peixoto - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

O incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria/RS, ocorrido no dia 27 de janeiro de 2013, foi responsável pela morte de 242 jovens com idade entre 18 e 33 anos e deixou mais de 600 feridos. Após esse episódio que ficou conhecido mundialmente como “A Tragédia de Santa Maria”, os familiares enlutados escolheram diferentes formas de organização, visando à luta por Justiça e apoio para o enfrentamento da perda dos filhos. Aqueles que optaram por expor publicamente sua dor e seu luto reuniram-se em Associações, Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais, que se distinguem ideologicamente, mas que proporcionaram a formação de “redes de apoio” e a criação de laços- atritos entre esses familiares e a comunidade. O presente trabalho visa apresentar os resultados a pesquisa de mestrado da autora, que acompanhou as diferentes estratégias coletivas de organização dos familiares das vítimas fatais, por meio de uma imersão total no campo, atuando como militante dos Movimentos Sociais. A partir dessa inserção, possibilitada pelo auxílio de uma informante-chave, a pesquisa mostra a subjetividade dos laços criados através do luto coletivo e como esse mesmo luto se relaciona com diferentes emoções como raiva, tristeza, ira, solidariedade, amizade, fé e descrença, que vão aproximar os familiares em duas “sub-redes”: solidariedade e justiça, cujo elo principal é a espiritualidade de cada familiar. Através de uma abordagem contextualista das emoções, a pesquisa evidencia a dinâmica das interações dos familiares das vítimas entre eles e os efeitos da exposição do luto dos familiares para a população de Santa Maria.

SIN TÍTULO

Ana Paula Arosi

Melissa Couto

UFRGS / ULBRA

Trata-se de um artigo que tem uma perspectiva de coautoria interdisciplinar. O artigo analisa a experiência no campo da ajuda humanitária da psicóloga coautora deste artigo no trabalho junto aos familiares de vítimas da chamada Tragédia de Santa Maria. A Cruz Vermelha Brasileira Filial de Santa Maria, instituição ao qual a coautora se encontra vinculada, esteve no atendimento na área de apoio psicossocial e socorro junto aos familiares nos dias entorno da tragédia e desenvolveu um trabalho de contenção de crise junto à Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa

Maria durante mais de 90 dias, com grupos terapêuticos e atendimentos individuais. É visível a intensidade do vínculo estabelecido entre familiares e a entidade Cruz Vermelha na cidade de Santa Maria, atestando a importância que a linha de trabalho de apoio psicossocial teve como referência para a continuidade da organização política destes familiares. A perspectiva do artigo é analisar esta experiência narrada pela autora à luz de conceitos que estabeleçam um diálogo entre antropologia das emoções e do trauma e psicologia dos desastres como o próprio conceito de trauma e o de subjetividade.

SESIÓN 5. EMOCIONES Y TRABAJO DE CAMPO

CORAZONES EN ENCUENTRO, INVESTIGACIÓN SOCIAL Y EMOCIÓN. UNA APROXIMACIÓN EXPLORATORIA

Gloria Ochoa

Carolina Maillard - *Germina, conocimiento para la acción*

En nuestro quehacer nos hemos enfrentado a temas de investigación de alta sensibilidad –tanto social como individual-, como es la experiencia de la desaparición forzada y ejecución política, el vivir con VIH, la pobreza extrema, entre otros. A partir de esta experiencia hemos visto que nuestra formación profesional no nos preparó para trabajar con las emociones que despertaban o que se experimentaban en este tipo de experiencias, ni tampoco para acompañar y empatizar con el dolor de las personas con las que nos contactamos en estas instancias de investigación.

La pena, la frustración, la rabia, el dolor, a veces acumulados por años, son emociones que en forma más o menos sutil, más o menos recurrente surgen en la práctica social y profesional que realizamos. De esta forma, nuestro interés apunta a reflexionar sobre cómo esas emociones nutren el quehacer, cómo se incorporan en el marco reflexivo y práctico de la investigación, qué estrategias de autocuidado debe incorporar la práctica de los investigadores sociales, cómo nos hacemos cargo de las posibles consecuencias de las emociones despertadas en las personas con las que interactuamos, entre otras preguntas. En este sentido, nos interesa reflexionar en torno a las emociones no sólo como objeto de estudio o como un campo de indagación, sino que en la práctica profesional como un campo de encuentro emotivo, donde confluyen las emociones de quien investiga y de la persona o grupo social con el que se interactúa.

A DIMENSÃO DO EMOCIONAL NA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Beatriz Rodrigues Kanaan - UCS/ Universidade de Caxias do Sul

Nesta apresentação, balizada pela ideia de que a pesquisa antropológica se realiza na justaposição de um projeto, das inserções teóricas do investigador e de muitos outros fatores, procuro focalizar e analisar as questões relacionadas às emoções presentes no encontro entre o etnógrafo e o etnografado. Parto do princípio de que, se o trabalho do antropólogo se efetua na interação deste com a realidade empírica, a socialidade é o principal meio da pesquisa levando o fazer etnográfico para além de um esforço metodológico ou de aproximação entre distintas culturas ou grupos sociais. Sob esta perspectiva a etnografia é uma experiência de envolvimento com o meio e entre seres humanos e, como tal, torna inerente ao debate do fazer antropológico a abordagem dos aspectos emocionais. Sugiro pensar, portanto, que além do “ver, escutar e escrever”, a etnografia solicita uma atenção também ao “sentir” que entra em convergência durante o processo etnográfico, uma vez que as emoções tanto afetam o projeto inicial da investigação quanto são afetadas por ele, o que evidencia a emoção como mais um elemento constituinte da produção do conhecimento antropológico.

EL AMOR COMO FUNDAMENTO DEL FOLKLORE DE AUGUSTO RAÚL CORTAZAR (1910-1974)

María Belén Hirose - IDES- IDAES – UNSAM

Augusto Raúl Cortazar (1910-1974) fue una figura fundamental en la conformación del campo académico de investigaciones folklóricas en Argentina. A pesar de las crecientes demandas de cientificidad que lo circundaban, que exigían un conocimiento racional, vaciado de retórica y afectividad, Cortazar jamás dejó de mencionar al amor como fundamento y objetivo final del conocimiento generado por el Folklore, lo que no supuso, sin embargo, una opción por el irracionalismo. Muy por el contrario, Cortazar nunca dejó de considerar al *Folklore* como una disciplina dentro del campo científico, para lo cual insistió en la definición de un objeto que le era específico y de un método particular para estudiarlo. En esta ponencia busco, por un lado, describir el sentido y las consecuencias de esta opción por el amor en el contexto de institucionalización y profesionalización de la disciplina en el conjunto de las Ciencias Sociales y Humanas en Argentina, especialmente en Buenos Aires. Por el otro, reflexionar sobre la importancia de las emociones para comprender la praxis científica desde el punto de vista de los propios actores.

En esta dirección, entonces, el presente trabajo busca contribuir a los debates propuestos

por el grupo de trabajo especialmente en relación al eje de las emociones en los discursos y prácticas profesionales.

GT 97. “TRABAJO Y TRABAJADORES EN AMÉRICA LATINA: PROCESOS DE SALUD-ENFERMEDAD, RESPUESTAS ORGANIZATIVAS Y ABORDAJES TEÓRICO METODOLÓGICOS”

Coordinadores:

Cristina Vega. Doctora en Filología. Profesora e investigadora de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales FLACSO-Ecuador. Coordinadora del Grupo de Estudios sobre el Trabajo –GET- FLACSO; cvegas@flacso.edu.ec

Magali Marega. Magíster en Sociología. Núcleo de Estudios sobre el Trabajo y la Conflictividad Social, Universidad Nacional de Rosario –NET- y Grupo de Estudios sobre el Trabajo –GET- FLACSO Ecuador; magamarega@gmail.com

Verónica Vogelmann, NET, UNR, Argentina. Doctora en Humanidades y Artes –mención antropología-. Profesora de la Universidad Nacional de Rosario. Becaria Posdoctoral de CONICET. Núcleo de Estudios sobre el Trabajo y la Conflictividad Social –NET; veronicavogelmann@gmail.com

Comentarista:Sofía Vitali. Becaria Doctoral de CONICET. Núcleo de Estudios sobre el Trabajo y la Conflictividad Social –NET-, Universidad Nacional de Rosario, Argentina; sofiamvitali@gmail.com

-

Sesión 1: Los procesos de trabajo y su relación con la salud-enfermedad

DE LA EXTRACCIÓN DE HIDROCARBUROS A LA EXTRACCIÓN DE PLUSVALÍA: LA SALUD DE LOS TRABAJADORES PETROLEROS DE LA PATAGONIA AUSTRAL

Lía Gabriela Guerra. Universidad Nacional de la Patagonia Austral;
lguerra@yahoo.com

Dada la centralidad del trabajo - que más allá de los debates teóricos al respecto, continúa siendo, en la experiencia subjetiva, el organizador de la vida cotidiana –, la indagación de las condiciones en que se desarrolla la actividad laboral y su impacto en la salud de los trabajadores resulta un ámbito privilegiado para la exploración de los procesos de condicionamiento recíproco de las esferas de la producción y la reproducción.

En ese contexto, se aborda la situación de los trabajadores del sector petrolero (en la región del Golfo San Jorge, (Patagonia argentina), en torno a las particulares condiciones de trabajo inherentes a él, a partir de una indagación en curso en el marco de una tesis doctoral.

Se parte de un análisis crítico de las diversas concepciones de salud, abordando luego puntualmente las perspectivas contemporáneas de la salud laboral, tanto en lo concerniente al orden de los discursos (académico - científico y jurídico, fuertemente imbricados) como de las prácticas (es decir, las intervenciones que – sostenidas y legitimadas en esos discursos – se llevan a cabo sobre lo real de los cuerpos), para situarlos en el marco de la oposición dialéctica entre capital y trabajo. A continuación se presentan los hallazgos relativos a las patologías prevalentes en el sector, consideradas tanto en sus concomitantes somáticas como psíquicas, postulando su articulación con las condiciones laborales (aspectos organizacionales, infraestructurales, asistenciales y sociales), cuyo impacto en la subjetividad - y en el cuerpo que la soporta - nos proponemos precisar.

Palabras claves: trabajo – salud – extracción de hidrocarburos - condiciones laborales - salud laboral.

TRABAJO DOCENTE Y PROCESOS DE SALUD-ENFERMEDAD: DIMENSIONES ENTRELAZADAS EN EL VÍNCULO DOCENTE-ESTUDIANTES EN LA COTIDIANIDAD ESCOLAR

Gretel Philipp. Profesor/a de Antropología, estudiante de la Licenciatura en

Antropología, U.N.R., gretelphilipp@gmail.com

Eva Routier. Profesor/a de Antropología, becario/a de CONICET, estudiante de la Licenciatura en Antropología, U.N.R., meviluz@hotmail.com

El presente trabajo se enmarca en una investigación iniciada por el Núcleo de Estudios del Trabajo y la conflictividad social (U.N.R.) sobre las relaciones de salud-enfermedad y procesos de trabajo, de los trabajadores docentes de Escuelas Medias de la Provincia de Santa Fe. Dicho estudio recupera los postulados de la Medicina Social, corriente que busca dar cuenta de la historicidad de los procesos y relaciones en el trabajo, a la vez que privilegia las expresiones y sentidos de los trabajadores.

Valiéndonos de un enfoque teórico-metodológico propio de las etnografías escolares de Rockwell (2005) y Achilli (2010), en este artículo focalizaremos nuestra mirada sobre una escuela secundariapública de la ciudad de Rosario y nos detendremos en el análisis de una dimensión central en el proceso de trabajo docente: la relación pedagógica entre docentes y estudiantes; vínculo intelectual-afectivo que constituye el objeto de su trabajo (Tardif y Lessard 2009). Consideramos que dicha dimensión posee un valor preponderante para analizar las relaciones entre el trabajo de enseñar y los procesos de salud-enfermedad de los docentes.

Palabras claves: Procesos de salud-enfermedad; trabajo docente; vínculo docente-estudiante.

ALGUNOS INTERROGANTES SOBRE EL ABORDAJE DE LA RELACIÓN ENTRE TRABAJO DOCENTE Y SALUD MENTAL

Paula Matheu; pmatheu@suteba.org.ar

Mabel Ojea; mojea@suteba.org.ar

Tamara Socolovsky; tsocolovsky@suteba.org.ar

Área de desarrollo, investigación y capacitación - Secretaría de Salud del S.U.T.E.B.A (Sindicato Unificado de Trabajadores de la Educación de la Provincia de Buenos Aires),
Argentina.

Este trabajo se propone poner en cuestión los discursos socialmente instalados, atravesados por una mirada medicalizante propia de la época, en torno a la relación

entre trabajo docente y salud mental.

Entre la mistificación de las relaciones entre padecimiento psíquico y trabajo, y la banalización de los diagnósticos psiquiátricos, proponemos revisar los supuestos para plantear distintas formas de abordaje al padecimiento psíquico ligado al trabajo docente, que no pueden dejar de lado las condiciones y medio ambiente de trabajo vigentes. Si existe un sufrimiento psíquico ligado al trabajo docente, no necesariamente se trata de entidades nosológicas que requieran tratamiento con psicofármacos.

Para ello se realiza una lectura en contexto de los resultados de una encuesta realizada a docentes utilizadores de psicofármacos en la consulta médica de los Centros de Atención Primaria de la salud del SUTEBA, ubicados en el conurbano bonaerense. Encuesta administrada en el marco de la “Campaña de desmedicalización de la vida cotidiana” entre septiembre de 2011 y febrero de 2012. El objetivo fue indagar sobre distintos aspectos de la utilización de estos fármacos y simultáneamente intervenir abriendo un espacio que contribuya a problematizar tanto la prescripción como el consumo. Los resultados indican que el perfil de utilización de psicofármacos entre los docentes encuestados no difiere del de la población general.

Palabras claves: psicofármacos, docentes, medicalización, sufrimiento psíquico, condiciones de trabajo

PROCESO DE TRABAJO Y SALUD EN EL SECTOR ACEITERO. ANÁLISIS DE LOS PRINCIPALES RIESGOS, PADECIMIENTOS Y ACCIDENTES LABORALES

Emiliano Fagotti

Sofia Vitali. Licenciada en Antropología. Becaria Doctoral de Conicet. Núcleo de Estudios del Trabajo y la Conflictividad Social; sofiamvitali@gmail.com

Durante las últimas décadas, la industria aceitera rosarina inició un proceso de reconversión productiva de sus plantas, que fue de la mano de la flexibilización laboral y una fuerte intensificación del trabajo. Estas medidas incrementaron los riesgos y exigencias laborales, lo que afectó profundamente la salud de los trabajadores. En este trabajo, nos proponemos analizar los procesos de trabajo, relaciones laborales e impacto en los procesos de salud-enfermedad en los trabajadores aceiteros a fin de dar cuenta de los principales riesgos que afectan a estos trabajadores y las enfermedades propias de las actividades que desarrollan.

En tal sentido, partimos de una perspectiva que entiende a los procesos laborales concretos y las relaciones que articulan sus distintos componentes como determinaciones básicas de la salud de los trabajadores. De manera que los riesgos son el resultado de la interacción entre los elementos del proceso laboral que involucran el

cuerpo obrero que dicho trabajo se desarrolla (infraestructura, maquinaria, herramientas, objeto de trabajo).

En cuanto a nuestro recorte empírico, nos hemos centrado en la planta Santa Clara, perteneciente al grupo Molinos Río de la Plata, la cual tiene la peculiaridad de albergar de manera completa el proceso productivo del aceite de girasol, ocupando una cantidad de 315 empleados. En cuanto a las estrategias metodológicas hemos realizado entrevistas en profundidad con trabajadores, delegados de los establecimientos y dirigentes sindicales; también se seleccionaron algunas fuentes documentales como registros visuales (videos y fotografías), diarios, revistas, boletines, legislación, convenios colectivos, actas acuerdo, entre otros documentos.

Palabras claves: Procesos de salud-enfermedad; riesgos; proceso de trabajo; cotidiano laboral; sector aceitero.

RESISTENCIAS JERÁRQUICAS A INTERVENCIONES DE SALUD OCUPACIONAL: CASO DE LOS TRABAJADORES DE UN HOSPITAL DE DÍA DE MONTEVIDEO

C. ALVAREZ. Prof. Adjta. Departamento de Salud Ocupacional. Facultad de Medicina
UdelaR

V RIBERO. Asistente de la Unidad de Sociología. Departamento de Medicina Preventiva y Social. Facultad de Medicina. UdelaR

M. GOMEZ. Prof. Agda. Centro Universitario Regional del Litoral. UdelaR Contacto:
Dra. Alvarez balvarez@higiene.edu.uy

A solicitud de las autoridades se realizó un estudio en un hospital de día de las condiciones y medioambiente de trabajo. La sala de preparaciones cuenta con cámara de flujo laminar vertical, pileta y depósitos para desechos. Carece de señalización de seguridad y de duchas de socorro. No disponen de un protocolo de normas escritas para la manipulación de cistostáticos, cómo proceder en caso de accidentes, cómo descartar material, ni consumo de alimentos. Posteriormente se completó un mapa de riesgo sobre las condiciones y ambiente de trabajo. Métodos: Se realiza una investigación acción participativa con enfoque cualitativo de las necesidades sentidas, mediante entrevistas en profundidad a actores involucrados. Resultados: De las entrevistas surge la necesidad de promotores en salud ocupacional, elaboración de materiales sobre buenas prácticas de trabajo y de la planta física. La concurrencia a los talleres requería el aval de la Dirección que se obtuvo informalmente delegando en una persona que realizaría la coordinación. En el primer taller concurrió esta persona y tres trabajadores. En el segundo ésta persona solamente y el tercero lo canceló. Conclusiones: La investigación no se pudo concretar porque la organización mostró resistencias de los actores que abarca toda la línea jerárquica de la organización donde se observó un comportamiento

prescindente de objetivos y normas claras, escéptica ante la posibilidad de modificar las prácticas laborales, con fuertes inercias en los comportamientos y con discursos justificadores de las inercias. Se plantea investigar alternativas estratégicas para desbloquear las resistencias desde los mandos superiores.

Palabras claves: Condiciones y medioambiente de trabajo- investigación acción participativa - Resistencia de las organizaciones – Inercia institucional.

Sesión 2: La salud y las respuestas colectivas de organización

LAS CONDICIONES Y AMBIENTE DE TRABAJO (CYAT), EN LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE MAR DEL PLATA, UNA CONSTRUCCIÓN CON LA PARTICIPACIÓN DE LOS/AS TRABAJADORES Y EL SINDICATO

Dr. Pedro Mariano Sanllorenti, Docente e Investigador de la Facultad de Ciencias Exactas de la Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina. Secretario General de la Federación Nacional de Docentes Universitarios de la República Argentina, CONADU, sanllor@mdp.edu.ar

Prof. Mariel Cecilia Martin, Docente e Investigadora la Facultad de Derecho de la Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina. mariel@mdp.edu.ar

“La Salud es el proceso dialéctico, biológico y social producto de la interpelación del hombre con el medio ambiente influido por las relaciones de producción y que se expresa en niveles de bienestar y eficacia física, mental, y sociales de las relaciones de producción”,

Salvador Allende

El trabajo presentado forma parte de una investigación realizada interdisciplinariamente, sobre las “Condiciones y Ambiente de Trabajo (CyAT), de los/as Docentes e Investigadores de la Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina. Su objetivo es contribuir a visualizar, mejorar, prevenir, situaciones de riesgos laborales; que repercuten directamente en la calidad de vida y salud de los/as docentes, partiendo de indagar la relación entre los elementos y características del proceso de trabajo y su duración; las condiciones sociales en que se desarrolla; la carga laboral –física, mental, psíquica–; y los factores de riesgo que se encuentran expuestos.

Se seleccionó una metodología cuantitativa y cualitativa, logrando realizar un mapeo, y diagnóstico representativo de los diversos ámbitos de trabajo universitario, con la participación real, activa y constante de los trabajadores/as docentes.

El rol del sindicato fue y es vertebral pues instaló el tema en la agenda universitaria, y recientemente se homologó el Convenio Colectivo de Trabajo de los Docentes e Investigadores de las Universidades de la República Argentina.

Lo significativo e innovador del estudio, que es el primer trabajo financiado por la CONADU Federación de Docentes Universitarios de la Argentina, y el gremio ADUM de docentes de la Universidad Nacional de Mar del Plata.

Palabras claves: CyAT, Proceso de Trabajo, Salud, Ambiente, Riesgos.

ESTRATEGIAS GREMIALES Y SALUD DE LOS TRABAJADORES. PROCESOS DE LUCHA DE LOS DOCENTES ROSARINOS POR LA MEJORA DE SUS CONDICIONES DE TRABAJO

Lic. Guiamet, Jaime, CONICET- NET jaimoguiamet@yahoo.com.ar

Dra. Verónica Vogelmann CONICET- NET veronicavogelman@gmail.com

En esta ponencia la atención estará puesta en las concepciones y estrategias gremiales desarrolladas por la Asociación de Magisterio de Rosario -Santa Fe, Argentina- (AMSaFé-Rosario) con respecto a los procesos de salud/enfermedad de los trabajadores docentes. En tal sentido, analizaremos las construcciones de sentidos, prácticas, negociaciones y disputas protagonizadas por los trabajadores organizados en post de mejorar las condiciones laborales. Las preguntas se orientan a indagar en torno a los cambios, transformaciones, y mejoras que se produjeron a partir de la acción gremial orientada a la salud. Nos detendremos en aquellos conflictos que constituyeron hitos en las luchas por la salud laboral, abordando también las particularidades que adquiere la acción gremial a partir de la sanción de la Ley de Comités de Salud y Seguridad en el Trabajo de la provincia de Santa Fe.

Retomaremos información proveniente de distintos tipos de fuentes como revistas, informes y boletines sindicales; notas periodísticas; y, principalmente, entrevistas realizadas con referentes, delegados y dirigentes gremiales.

AMSaFé-Rosario es el sindicato que agrupa a los docentes estatales de nivel inicial y de escuelas primarias, secundarias e institutos terciarios. Vale aclarar que es una institución sindical importante a nivel regional, no sólo por el caudal de afiliados que posee sino también por la incidencia que ha tenido históricamente en el trazado político gremial a nivel provincial. Desde el año 2004 es conducida por un Frente Gremial de izquierda, opositor a las conducciones provinciales y nacionales agrupadas en AMSaFé Provincial y en la Confederación de Trabajadores de la Educación de la República Argentina (CTERA) respectivamente.

Palabras claves: Estrategias gremiales - procesos de salud/enfermedad – trabajadores docentes –Rosario.

CONFLICTOS Y CONSENSO: DESAFÍOS PARA EL FUNCIONAMIENTO DE LOS COMITÉS MIXTOS DE SALUD Y SEGURIDAD (CMSS) EN HOSPITALES PÚBLICOS

Beatriz Horrac

Maria Jose Occhi

Silvina Disipio

Programa de Educación Permanente en Salud y Trabajo (PEPSyT). Subsecretaría de Coordinación y Atención de la Salud. Ministerio de Salud de la Provincia de Buenos Aires. 51 n° 446. La Plata (CP 1900) saludytrabajo-sspsalud@ms.gba.gov.ar, beatrizhorrac@yahoo.com.ar

En esta ponencia se recuperan los resultados y conclusiones de dos investigaciones desarrolladas entre 2011 y 2014 por el PEPSyT.

El proceso de investigación se articuló sobre dos preguntas:

¿Qué procesos se establecen a partir de la participación de diversos actores en la conformación de los Comités Mixtos hospitalarios? y ¿Qué incidencia tienen las características del funcionamiento de estos espacios mixtos en la gestión hospitalaria?

En la primera investigación, desde un enfoque cuali-cuantitativo, se estudiaron 59 comités, se identificaron actores que los integran, sus acciones de organización interna y las propuestas realizadas para la mejora de las CyMAT; la incidencia del marco normativo provincial y la política ministerial para su desarrollo; y se recuperaron los obstáculos y facilitadores del proceso identificados por los propios actores. La segunda investigación, un estudio de caso colectivo sobre 3 comités desde un enfoque cualitativo, profundizó las características de conformación y encuadre del funcionamiento, estableció particularidades distintivas de cada CMSS y e intentó abordar su incidencia en la gestión hospitalaria.

En este trabajo, se reflexiona, a partir de los resultados y nuevas preguntas que se desprenden de las investigaciones realizadas, sobre los desafíos que enfrentan estos CMSS alrededor de dos ejes: conflicto/s propios de su carácter mixto (representación del empleador y de los trabajadores hospitalarios en la figura de los delegados gremiales) y consenso, tal como exige la ley provincial 14226 para formular sus aportes a la mejora de la Gestión hospitalaria en Salud y Seguridad en el trabajo y asegurar la Participación de los trabajadores.

DISCUTIENDO EL MODELO SINDICAL. PROBLEMÁTICAS, EXPERIENCIAS Y PERCEPCIONES DE LOS TRABAJADORES ARGENTINOS

Gloria Rodríguez. NET (Núcleo de Estudios del Trabajo y la Conflictividad Social) / Escuela de Antropología, Facultad de Humanidades y Artes (Universidad Nacional de Rosario), Argentina. propuesta@steel.com.ar

Este trabajo aborda el problema del modelo sindical argentino a través del análisis de las normas, acciones y percepciones de los trabajadores. Se analizarán las formas que el llamado “modelo sindical” adquiere dentro de las problemáticas concretas, considerando las modalidades de vehiculización como los obstáculos presentes a la hora de organizar los colectivos gremiales. Si bien el concepto se encuentra fuertemente vinculado a formas jurídicas, incide principalmente en los modos de organización de los trabajadores, permeando distintos aspectos de la vida del gremialista. En tal sentido, se tendrá en cuenta el carácter de historicidad de modelo vigente, generado hace más de seis décadas, vinculándolo con las distintas valoraciones positivas o negativas, la complejidad que adquiere en las prácticas concretas y los modos en que es “vivido” en los espacios cotidianos. Buscamos además, plantear una reflexión sobre nuestro proceso de investigación y las complejidades que conlleva el trabajo etnográfico dentro de las organizaciones gremiales.

Sesión 3: Sentidos, tradiciones y prácticas de los trabajadores. Debates teórico-metodológicos

MIGRACIÓN Y TRABAJO: UN ANÁLISIS DESDE EL ESTUDIO ETNOGRÁFICO DE LOS PROCESOS DE TRABAJO EN LA INDUSTRIA DE LA CONSTRUCCIÓN ROSARINA

Gretel Philipp. Profesor/a de Antropología, estudiante de la Licenciatura en Antropología, U.N.R., gretelphilipp@gmail.com

El presente trabajo pretende profundizar y describir una de las dimensiones abordadas en una investigación, en desarrollo para la tesis de licenciatura, sobre los procesos de trabajo en la industria de la construcción. Los avances de esta investigación se cristalizaron en varios artículos (Marega y Philipp, 2011, 2012 y 2013). Los mismos constituyeron un intento por articular aspectos que se manifestaron como relevantes en el mismo proceso de investigación, basado en una experiencia de campo compartida que tomó como referencia empírica a los trabajadores de una empresa contratista del hormigón y las relaciones entabladas por los mismos en una obra de construcción edilicia en Rosario (Argentina). Partiendo de un enfoque socio-antropológico, analizamos conceptualizaciones tales como “cotidianidad”, “subjetividad” y “trabajo” (Marega y Philipp, 2011); las problemáticas de las implicancias teórico-metodológicas de la práctica colectiva en el proceso de construcción de conocimiento (Marega y

Philipp, 2012) y algunos antecedentes aportados por las ciencias sociales, sobre el núcleo problemático *migración-trabajo* (Marega y Philipp, 2013). Es sobre este núcleo que, en esta ocasión, se centra nuestro interés, procurando ahondar en dicha dimensión en relación al análisis del proceso etnográfico desarrollado durante la investigación.

Palabras claves: migración, procesos de trabajo, industria de la construcción.

LOS SENTIDOS DEL TRABAJO EN CONTEXTOS DE ENCIERRO. RECONSTRUYENDO EXPERIENCIAS LABORALES EN UNA PRISIÓN DEL SUR DE LA PROVINCIA DE SANTA FE

Eva Routier. Prof. de Antropología. UNR. Argentina

¿Qué sentido tiene el trabajo en las prisiones argentinas? Podemos comenzar a ensayar respuestas dicho interrogante atendiendo a distintas dimensiones que atraviesan las cotidianidades en el encierro.

Sosteniendo que la marcha del trabajo, tanto dentro como fuera de la prisión, contribuye a dar forma al encarcelamiento en distintos momentos históricos (Matthews 1999), iniciamos este artículo retomando un conjunto de trabajos que desde la criminología crítica y la criminología radical han dado cuenta de la relación entre cárcel y modos de producción (Pavarini 2010).

Continuamos nuestro recorrido buceando por los sentidos sobre la funcionalidad y garantía de trabajo en las cárceles hallados en las normativas vigentes a nivel nacional y provincial en torno a la Ejecución de la privativa de la libertad, políticas que se enmarcan discursivamente dentro de los parámetros del modelo de prisión normalizador/correccional/disciplinario (Sozzo 2006).

Finalmente, nos detendremos en la descripción analítica de experiencias de adultos privados de la libertad en una “Unidad Correccional Modelo” del sur de la provincia de Santa Fe, dando cuenta de los sentidos otorgados por los sujetos a las prácticas laborales en prisión, estrechamente vinculadas a sus experiencias laborales fuera de la cárcel, así como con las estrategias para atravesar el encierro.

El siguiente trabajo constituye el esfuerzo por realizar nuestras primeras *instantáneas* (Sarlo 1996) de una problemática que será vinculada con los sentidos de la educación en contextos de encierro, temática de nuestros estudios de doctorado.

LA CONSTRUCCIÓN DEL DISCIPLINAMIENTO DE LA MANO DE OBRA

EN LOS PROCESOS DE TRABAJO DE LA COSECHA Y EL EMPAQUE DE ARÁNDANOS EN CONCORDIA, ENTRE RÍOS

Maria Sol Fransoi. UNR- NET, solfransoi@hotmail.com

La provincia de Entre Ríos, particularmente la región de Salto Grande ubicada al noreste del territorio, se caracteriza por una tradicional actividad productiva vinculada a la producción de cítricos dulces. Bajo el nuevo contexto financiero configurado tras la crisis político-económica del año 2001, la región comienza a experimentar un proceso de concentración y diversificación productiva con la emergencia y expansión sobredimensionada del cultivo del arándano.

El proceso productivo en torno al arándano demanda una significativa cantidad de mano de obra intensiva durante las fases de cosecha y de empaque del producto, las que se efectivizan durante los meses de octubre, noviembre y diciembre. Por el carácter artesanal que encierran ambos procesos, se torna significativo indagar sobre los dispositivos patronales que garantizan la efectivización e intensificación del trabajo.

Siguiendo con este planteo, en la presente ponencia abordaremos los *procesos de trabajo* en la cosecha y en el empaque de arándanos en el departamento de Concordia, enfatizando en las relaciones construidas entre los obreros, y entre éstos y otros sujetos que participan del proceso laboral. Como foco de análisis indagaremos los dispositivos y mecanismos de *disciplinamiento* de la mano de obra y cómo los obreros los significan y vivencian cotidianamente.

Para el abordaje de esta problemática retomamos información proveniente de la prensa local y nacional, testimonios de los trabajadores y otros sujetos que intervienen en ambos procesos laborales (capataces, encargados de campo, encargados de empaque, administrativos, etc.), registros de las observaciones realizadas (construidos in situ o a posteriori), entre otras fuentes.

PRECARIZACIÓN LABORAL, PROCESOS POLÍTICOS Y RESPUESTAS ORGANIZATIVAS. HACIA UN CONCEPTO AMPLIADO DEL TRABAJO CON LOS OTROS EN EL ESTADO

Maria Soledad Llovera. NET (UNR) – CONICET- CIMJPP, msolellovera@gmail.com

A partir del presente artículo, nos proponemos reflexionar en torno al modo en que, en América Latina, se han conceptualizado los procesos de trabajo en las últimas décadas, signadas por transformaciones que han impactado significativamente en las relaciones laborales y que han llevado a una reconceptualización de aquellas formas de trabajo no inscriptas en las relaciones propias de la organización fordista. Una pluralidad de nociones se despliega sobre las mismas: trabajo atípico (Vasapollo, 2005; Antunes, 2009), trabajo informal (Tokman, 1987; Busso, 2009), trabajo no clásico (García, 2006;

de la Garza Toledo, 2013) entre otras, que plantean la necesidad de elaborar un concepto ampliado de trabajo (de la Garza Toledo, 2005). Mediante una discusión de dichos conceptos nos preguntamos cómo se articulan estas dimensiones cuando hablamos de un trabajo “con los otros” (Dubet, 2006), en el contexto de procesos de trabajo llevados a cabo en el Estado. En vinculación a lo anterior, haremos hincapié en la noción de precariedad laboral en el Estado para caracterizar el contexto en el cual son desarrollados los procesos de trabajo y las formas organizativas de un conjunto de trabajadores que se desempeñan en instituciones pertenecientes a la Dirección de Justicia Penal Juvenil de Santa Fe, en Argentina.

ENCRUCIJADAS CONTEMPORÁNEAS DE LA TRANSFORMACIÓN DEL TRABAJO. UNA PUESTA EN CUESTIÓN DE LA MOVILIZACIÓN DE LOS TRABAJADORES SEGÚN COMPETENCIAS Y CUALIFICACIONES

Patricia Andreu. Universidad Nacional de Rosario-Argentina. NET (Núcleo de Estudios del Trabajo y la Conflictividad Social). andreupatricia@hotmail.com

En las últimas décadas las ciencias sociales relacionadas a la problemática del trabajo, se han volcado a reflexionar sobre la vigencia y/ o superación de la organización del trabajo tradicional, representada por los principios teóricos del taylorismo y el fordismo.

Asociada a las prácticas empresariales e inmersa en los debates actuales, esta temática encuentra, en la emergencia y los cambios en la gestión y organización del trabajo, un campo fértil para pensar la compleja red de aplicación de diversos dispositivos a través de los cuales las nuevas lógicas corporativas vehiculizan sentidos y prácticas que instalan la idea de un empleado/trabajador colaborador y competente.

En este contexto, y en relación con los requerimientos generales que demandan las nuevas labores profesionales, capacidad creativa, trabajo autónomo, espíritu emprendedor y condiciones para la adaptación a situaciones emergentes, nuestro interés se centra en describir y analizar determinadas estrategias empresariales de intervención sobre el control del tiempo y la productividad en el espacio del trabajo a través de la medición de competencias concretas que van estableciendo actitudes premiadas y sancionadas y se corporizan, para el caso que nos compete, en los llamados Procesos de Gestión del Desempeño como dispositivo puesto en marcha en una empresa privada de la ciudad de Rosario.

Palabras claves: trabajo- -competencias-cualificaciones-empleada/os administrativos.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA MARINHA MERCANTE DO BRASIL

Coelho, Geisa Costa. Bacharel em Turismo, Especialista em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo e Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), docente do Instituto Federal do Pará (IFPA). geisaccoelho@gmail.com

Cardoso, Denise Machado. Doutora em Desenvolvimento Socioambiental, docente pesquisadora do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF/FCS/UFPA) e do PPGCS/UFPA.

O estudo apresenta discussão sobre o processo de formação militar e a inserção das mulheres como oficiais da marinha mercante do Brasil, abordando as relações de gênero e geração nesse ramo profissional. A partir das relações sociais de gênero, buscamos observar os desafios enfrentados por essas mulheres nas escolas de formação e na vida profissional. As escolhas por essa área profissional com formação militar; suas expectativas como estudantes e como oficiais; e as dificuldades e facilidades em espaço eminentemente masculino, foram analisadas a partir da pesquisa documental e pesquisa bibliográfica, com embasamento nos eixos referentes à Antropologia da Educação, do Trabalho e aos Estudos de Gênero. Em meio às provocações pela busca da equidade de gênero, observamos que ainda há muito a ser conquistado em termos superação de preconceitos e em relação às condições trabalhistas favoráveis à presença da mulher nessa atividade profissional e apresentamos os entornos sobre as diferentes gerações que vivenciaram as diversidades encontradas desde a entrada da mulher na marinha mercante.

Palavras-chave: gênero, trabalho, geração, marinha mercante.

Sesión 4: Debates y experiencias de Economía Social y Solidaria y trabajo informal

LA “ECONOMÍA SOCIAL Y SOLIDARIA” DESDE UNA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA: PRÁCTICAS Y SENTIDOS EN UNA ORGANIZACIÓN COOPERATIVA DE LA CIUDAD DE ROSARIO

Cecilia Cavigliasso. NET, FHyA, UNR, ceciliacavigliasso@hotmail.com

La siguiente ponencia retoma el trabajo de investigación llevado adelante para la tesis de grado, en la cual abordamos la experiencia de una organización cooperativa de la ciudad de Rosario. Esta organización encuentra sus orígenes en el año 2002 a partir de

la conformación de un “club de trueque” y, en el año 2004, se constituye legalmente como Cooperativa de “producción y consumo” en un contexto caracterizado por el crecimiento de diversas experiencias organizativas que impulsaron prácticas colectivas de gestión del trabajo.

En esta presentación nos interesa abordar los distintos sentidos acerca del trabajo que se expresan en el espacio social de la Cooperativa conformada por un heterogéneo conjunto social, la cual se constituye tanto como “espacio económico”, así como un “espacio socio político”. Retomamos el enfoque antropológico relacional en tanto constituye una perspectiva privilegiada para el abordaje de las complejas dinámicas organizativas presentes en la “Economía Social y Solidaria”. Desde esta perspectiva recuperamos la cotidianeidad del espacio de la Cooperativa y de las distintas instancias organizativas de esta organización, así como los sentidos que construyen los sujetos participantes de la misma. De esta manera buscamos dar cuenta de los múltiples modos de ser, estar y hacer presentes en estas experiencias (Fernández Álvarez, 2015).

Palabras claves: Economía Social y Solidaria - Trabajo - Perspectiva Antropológica.

TRABALHO NO COMÉRCIO: UMA ANÁLISE À LUZ DA QUANTOFRENIA

Ana Luisa Campos Moro. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), analuisacmoro@gmail.com

O objetivo da presente comunicação é a caracterização e reflexão sobre como a lógica quantofrênica se estabelece na atividade laboral do comerciário. A quantofrenia caracterizada por Vicent de Gaulejac (2007) se refere à obsessão gerencialista de traduzir em números, índices e indicadores aquilo que não pode quantificado ou medido. O real da atividade exercida acaba, portanto, se dissipando, visto que não é medido para melhor compreender; e sim se compreende apenas aquilo que é mensurável. A quantofrenia se objetiva na rotina de trabalho por meio de avaliações de desempenho, variáveis por produtividade e comissões, tendo como lógica final a rentabilidade e a produtividade para a corporação. O trabalho foi construído a sobre a análise do discurso de trabalhadores do comércio na cidade de Porto Alegre, atuantes nos mais distintos ramos de serviços. O comerciário vivencia cotidianamente os resultados dessa prática gerencialista, balanceando sua prática laboral entre o desafio de encantar e atrair os clientes com uma constante pressão por resultados, desempenhos e cumprimento de metas, caracterizando uma distância entre aquilo que é desempenhado – o real da atividade – e aquilo que é avaliado e medido – o trabalho prescrito. Esta avaliação distanciada do trabalho proporciona consequências no exercício do trabalho: a autonomia se transforma em responsabilização, o trabalho em equipe dá lugar à competitividade e a criatividade se esmorece em mecanismos sutis de controle.

Palavras-chave: Quantofrenia; Gerencialismo; Trabalho; Comércio; Gestão.

“DE OTRAS ECONOMÍAS”: PROCESOS DE ORGANIZACIÓN COLECTIVA ENTRE PRODUCTORES DE LA AGRICULTURA URBANA, EN LA CIUDAD DE ROSARIO (ARGENTINA)

Licia Lilli. Licenciada en Antropología. Grupo de Estudios sobre el Trabajo y la Conflictividad Social (NET), Universidad Nacional de Rosario, Argentina. licialilli@gmail.com

En la ciudad de Rosario, desde fines de la década del '80 se gestan formas de producción de alimentos en espacios colectivos, denominados “Huertas comunitarias”; localizadas en algunos de los barrios con más altos índices de desocupación y precariedad laboral. Estas experiencias forman parte de singulares procesos de organización vinculadas a la “economía informal”.

En el marco de las profundas transformaciones económicas, políticas y socioculturales ocurridas en el país, desde la década de 1990 en adelante, se crearon áreas estatales abocadas a la producción agrourbana, que en el año 2002 desembocaron en la conformación de Programas Sociales específicos enmarcados en la Sub Secretaría de Economía Solidaria de la Municipalidad de Rosario.

Como parte de los resultados de nuestra tesis de grado para la Lic. en antropología, nos proponemos abordar los modos de vivir el trabajo, los procesos de demanda y organizativos, configurados a partir de la producción agrourbana de parte de los sectores excluidos del trabajo formal. Específicamente, analizaremos la construcción de modalidades asociativas en torno al trabajo agrourbano, las cuales se vinculan -y ponen en tensión- con políticas sociales orientadas a la promoción de la denominada “economía solidaria”.

Desde un enfoque antropológico relacional describimos las prácticas y significaciones que generan los sujetos como parte de un conjunto social y en su relación con otros. En tal sentido, nuestro trabajo de campo se basó en entrevistas semi-estructuradas, a los productores y a los agentes estatales; y en observaciones participantes en los espacios productivos y de comercialización de las producciones.

Palabras claves: organización colectiva- trabajo agrourbano- políticas sociales.

“O TRABALHO PARA ALÉM DO CAPITAL? NOTAS SOBRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO”

Wender Félix De Araújo. Graduado em Ciências Sociais e Mestrando do Programa de

Pós-graduação em Sociologia. UFAM, wenderaraujo10@hotmail.com

Rafael Vieira Amorim. Graduando em Ciências Sociais, UFAM, amorimnvezes@hotmail.com

As novas dimensões e formas de contratação propiciadas por mudanças a partir da reestruturação produtiva criam cenários complexos para os trabalhadores, que, sem oportunidades, se submetem a contratos que não lhe oferecem garantia de estabilidade e direitos historicamente conquistados. As pressões exercidas pelo capital fazem com que o Estado intervenha nas leis trabalhistas e crie programas que incentivam alternativas de geração de renda para, por um lado garantir a inserção social destes pela via econômica e por outro lado atender interesses econômicos de empresas. Com este tipo de intervenção estatal, empreendimentos de economia solidária se multiplicam no estado do Amazonas, entre as populações tradicionais, por suas particularidades enquanto grupo e pelo apelo do comércio sustentável, visto que esta modalidade de comércio nem sempre se encerra dentro do próprio grupo, estando por vezes associado à grandes empresas, estas populações acabam por se converter em redução de custos com mão-de-obra e matéria-prima. Os trabalhadores se encontram em uma situação complexa onde, se por um lado pertencem a uma organização pautada por princípios democráticos e que tomaria suas decisões de forma autônoma, visando o bem comum, por outro, ficam em situação de subordinação. A produção passa a ser pautada não mais pelas necessidades dos associados, mas por parâmetros estabelecidos pela demanda industrial. Este artigo pretende apresentar elementos para uma discussão sobre o surgimento e a configuração de empreendimentos solidários no cenário econômico contemporâneo, particularmente entre as populações tradicionais amazônicas, focando na identidade como elemento essencial na constituição de uma economia solidária de fato.

TRAYECTORIAS DE TRABAJO DE MUJERES COMERCIANTES MINORISTAS Y TRABAJADORAS DE VENTA DIRECTA EN LA CIUDAD DE QUITO, ECUADOR. ALGUNAS TENSIONES COTIDIANAS EN LOS MODOS DE VIVIR EL TRABAJO

Héctor Bermúdez. Grupo de Estudios del Trabajo, FLACSO Ecuador

Magali Marega. Núcleo de Estudios del Trabajo y la Conflictividad Social (NET, UNR, Argentina), y Grupo de Estudios de Trabajo (GET, FLACSO Ecuador)

Cristina Vega. Prof. y Coordinadora Programa de Género FLACSO Ecuador, Grupo de Estudios del Trabajo (GET, FLACSO Ecuador)

Lucrecia Saltzmann. Núcleo de Estudios del Trabajo y la Conflictividad Social (NET, UNR, Argentina), y Grupo de Estudios de Trabajo (GET, FLACSO Ecuador)

La siguiente ponencia forma parte de un proyecto de investigación en curso que tiene como objetivo indagar sobre la historia de vida y laboral de las mujeres y su asociación con el contexto familiar y socioeconómico, así como la identificación por parte de las entrevistadas de tendencias recientes en los procesos socioeconómicos e institucionales que retroalimentan las construcciones de género. En esta instancia nos proponemos

presentar algunas de las conclusiones arribadas hasta el momento.

El tema de la informalidad en la ciudad de Quito (Ecuador) adquiere notoriedad a partir del proceso de reubicación y regulación propulsado por el Municipio desde los primeros años de inicio de milenio. Más allá de perspectivas “positivas” que resaltan en este tipo de trabajos valores como la autonomía o el empoderamiento, el mismo no deja de implicar diversas modalidades de precarización laboral. Entre las mujeres, el trabajo informal, adquiere un problema adicional vinculado con la subdimensionalización de sus labores, es decir sus actividades productivas se toman como parte de “sus” tareas domésticas.

A partir de las trayectorias de las mujeres en estos sectores mostramos los complejos vínculos entre trabajo y múltiples mundos de vida (domésticos, barriales, asociativos, etc.).

Trabajamos con un abordaje metodológico cualitativo que consiste en la realización de entrevistas a las trabajadoras y observaciones en terreno. Recurrimos también al relevamiento de las ordenanzas

¿ORGANIZADOS ES MEJOR? FORMAS ORGANIZATIVAS Y REDES DE SOCIABILIDAD DE LOS RECOLECTORES INFORMALES DE RESIDUOS Y SU RELACIÓN CON LAS CONDICIONES Y MEDIO AMBIENTE DE TRABAJO (CYMAT). EL CASO DE LOS CARTONEROS EN LA CIUDAD DE LA PLATA, ARGENTINA

Vanesa Herrero. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Trabajo Social.
Laboratorio de investigación Movimientos Sociales y Condiciones de Vida.
vaneherrero@hotmail.com

A partir de fines de los 90 y luego de la crisis del 2001, observamos lo que aparentaba ser una *nueva y cruda* realidad en la Argentina y otros países de América Latina: en medio de una de las crisis económicas, políticas y sociales más graves de la historia de nuestro país, hombres, mujeres, niños, ancianos y familias enteras transitaban las calles revolviendo la basura para generar algún ingreso. ¿Quiénes eran estos *nuevos actores* que decoraban el paisaje urbano? La gente los llamó *cartoneros*. Sin embargo Anguita (2003), afirma que esto no era tan nuevo. Según el autor la actividad de los cartoneros “...constituye una *vieja ocupación que adopta nuevas particularidades en el marco de las actuales características del modelo de acumulación capitalista*”.

El crecimiento de la actividad cartonera fue acompañado por la emergencia de manifestaciones de organización asociadas, como trenes especiales para cartoneros, guarderías para hijos de cartoneros, comedores, organizaciones de cartoneros, cooperativas y otros. En toda Latinoamérica diversas experiencias de organización han demostrado que existe una relación entre las mismas y las mejoras de las CYMAT, ya

que las organizaciones permiten la movilización de recursos para del colectivo involucrado (Schamber, Suárez; 2007; 2011).

La actividad cartonera es un trabajo informal y no clásico, en el cual el vínculo con el trabajo no se da por una relación salarial directa sino por la generación de un ingreso más o menos estable a partir de la sistematicidad que adquiere en el marco del circuito de reciclado formal confiriéndole una identidad de “trabajadores” a quienes la realizan siendo- al mismo tiempo- las formas organizativas que se presentan en este colectivo modalidades de participación política ancladas en la inscripción territorial para movilizar recursos con la finalidad de incidir en la mejora la calidad de vida en general y por ende las CYMAT de los cartoneros siendo que ambas se encuentran intrínsecamente relacionadas.

Palabras claves: Recolectores informales de residuos, organización, condiciones y medio ambiente de trabajo, redes de sociabilidad.

GT 98. ANTROPOLOGÍA DE LA POLÍTICA COLECTIVA: DESAFÍOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA UNA PRÁCTICA ETNOGRÁFICA DESDE AMÉRICA LATINA

Coordinadores:

Dra. María Inés Fernández Álvarez, CONICET-Instituto de Ciencias Antropológicas, FFyL, UBA mifernandezalvarez@gmail.com

Dra. Nashieli Rangel Loera, Departamento de Antropología/ Instituto de Filosofía e Ciências Humanas. UNICAMP. nashieliralo@gmail.com

Comentarista: Julieta Quiros (CONOCET-IDACOR). Ana Ramos (IIDYPCA, CONICET-UNRN)

-

-

Sesión 1: Modos de producir conocimiento antropológico sobre/con colectivos

organizados

-

PENSAR LA POLÍTICA “DESDE AFUERA”. ABORDAJES MAPUCHE SOBRE EL CONFLICTO

Ana Ramos. IIDYPCA (CONICET-UNRN); aramosam@gmail.com

La propuesta de este trabajo es discutir algunas de las categorías analíticas de la Antropología utilizadas para describir el campo inasible de una política “autónoma” o por “fuera del estado”, a partir de las reflexiones suscitadas por el trabajo etnográfico en diálogo con los replanteos políticos realizados por algunas organizaciones y comunidades mapuche. En el marco de un espacio social hegemónico que define ciertos reclamos y litigios como permitidos, y que establece determinados lenguajes para la contienda a través de inversiones hegemónicas tendientes a la “participación” e “inclusión”, la pregunta es cómo se reelaboran los marcos de interpretación política por parte de aquellas organizaciones indígenas colectivas cuyos posicionamientos son experimentados como una lucha desde “afuera del estado”. Desde esta perspectiva, el objetivo es examinar ciertas tendencias de representación académica que suelen banalizar los procesos de búsqueda de lenguajes emergentes y formas de “ser juntos” orientadas hacia la “autodeterminación” política, evaluándolas como utópicas o perimidas. Entendiendo que las mismas organizaciones realizan sus propios diagnósticos sobre cómo se redefinen las inclusiones, las legitimidades y los posicionamientos en el campo de fuerzas de la política, serán estos conocimientos en proceso de reelaboración los que serán tomados en cuenta para cuestionar los alcances de nuestras perspectivas y compromisos teóricos. Tomamos entonces como desafíos para el pensamiento antropológico los mismos retos que algunas organizaciones fueron identificando a la hora de re-posicionarse en un “afuera”, de re-habilitar formas de “ser juntos” potencialmente insurgentes y de escalar conflictos en principio no audibles.

-

-

“COLETIVO ANTROPOLÓGICO”: REFLEXÕES SOBRE PESSOAS, EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIAS NO FAZER ANTROPOLÓGICO

Lucia Mury Scalco: doutora em antropologia social pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Helena Fietz: mestranda em antropologia social pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Refletir e problematizar a conformação do trabalho antropológico envolve uma constante reflexão sobre o papel da teoria no fazer antropológico, sua relação com o trabalho de campo e com a etnografia e, desta forma, sobre a própria constituição da Antropologia enquanto uma disciplina, suas formas de justificação e sua institucionalização. Neste sentido, o trabalho de campo aparece enquanto central para essa problematização. O presente trabalho propõe uma reflexão a partir da própria experiência de campo dos três autores enquanto pesquisadores no Morro da Cruz, região de classe popular da cidade de Porto Alegre. Para além de suas pesquisas acadêmicas, busca-se aqui descrever seu envolvimento e participação na vida cotidiana dos moradores daquela região, o que culminou na criação do grupo denominado *Coletivo Antropológico*, inventado por um dos próprios moradores. Com isso, se estará problematizando o próprio fazer etnográfico, pensando, a partir das relações permanentes e duradouras que se estabeleceram durante suas pesquisas, sobre seus limites e possibilidades. Trazendo para o centro do debate as emoções e afetações envolvidas, se estará pensando sobre o local do antropólogo enquanto também situado em questões políticas mais amplas. Local este que ajuda a conformar o seu olhar, o seu fazer antropológico.

Palavras-Chave: Etnografia – Emoções – Produção de Conhecimento – Afetação.

LO POLÍTICO CONTEMPORÁNEO EN LA PESCA ARTESANAL COMO SISTEMA CULTURAL EN EL SUR DE CHILE: UNA APROXIMACIÓN METODOLÓGICA

María Catalina Álvarez Burgos, Universidad de Los Lagos, Chile,
catalinalvarez@gmail.com

A partir de la observación de una mesa público privada, en la que participan representantes de pescadores artesanales, intendentes, funcionarios públicos, científicos y empresarios, se problematiza la política pesquero artesanal contemporánea como sistema cultural. En este contexto los pescadores despliegan un discurso en relación a los actores que participan de la mesa, con el fin de negociar las demandas planteadas por cada uno de los participantes. Frente a este fenómeno político, las mesas público privadas, iniciada en Chile desde 2008, se propone una estrategia investigativa que permita profundizar en lo observado, a través de la triangulación de fuentes que permita; i) leer discursos políticos que describen a los actores vinculados al mundo pesquero artesanal con un enfoque relacional, desde el concepto de interfaz social, ii) la transformación histórica del quehacer político de las organizaciones pesquero artesanales, y iii) la desconstrucción de los discursos públicos de estas organizaciones frente a determinados actores, rescatando la subjetividad que las sustenta. Esta

estrategia de triangulación de fuentes, considera la observación etnográfica de la mesa pública privada de la Zona Contigua de la Región de Los Lagos y Aysén, la revisión de notas de prensa regional y local, así como discursos presidenciales, se construye una reseña de la historia de las organizaciones de pescadores artesanales a lo largo del país y finalmente, a través de talleres de la memoria, se indaga en las subjetividades que dan sustento a los imaginarios políticos pesquero artesanales.

Palabras clave: Sistema cultural – Interfaz social – discursos políticos.

PROCESOS MIGRATORIOS Y EXPERIENCIAS POLÍTICAS. APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DESDE LA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

María Victoria Perissinotti (Becaria del CONICET – CIECS/CONICET-UNC)
vperissinotti@gmail.com

Inspirada en una perspectiva analítica que busca indagar en el carácter procesual de la política como proceso vivo (Quirós, 2014), esta ponencia busca reflexionar en torno a los aportes que la etnografía puede realizar al estudio de las experiencias políticas de migrantes. El interés por esta indagación surge de la tensión encontrada entre los datos de campo y el material teórico predominante en los estudios sobre el tema. Esto porque aún si las investigaciones que analizan prácticas políticas de migrantes enfatizan la importancia de no reducir lo político al ámbito partidario –en tanto una visión que se limite a las experiencias institucionalizadas obturaría el análisis– los estudios vernáculos sobre el tema han tendido a abordar casi exclusivamente las acciones más formalizadas. Por el contrario, a partir de mi propio trabajo de campo he advertido que las experiencias de participación y organización política de mujeres y varones migrantes no siempre cuentan con la intermediación de organizaciones formales. Así, en esta ponencia propongo detener la mirada en esas experiencias y analizar las maneras en que migrantes peruanos en la ciudad de Córdoba se involucran políticamente en un “hacer cotidiano” (Quirós, 2011) en el que entretejen múltiples y heterogéneos lazos en virtud de su participación y activismo en el reclamo de derechos. A partir de este análisis, argumento la importancia de un enfoque relacional que guarde sintonía con la postura de abordar las experiencias de los migrantes con una concepción amplia de aquello que se entiende por “política” pero que permita abrir metodológicamente los espacios, prácticas y relaciones a observar.

Palabras clave: experiencias políticas – etnografía – migraciones – proceso vivo.

SUBJETIVIDADES EM MOVIMENTO: UM DIÁLOGO SOBRE “PRODUÇÃO DA VERDADE” NA PRÁTICA ETNOGRÁFICA

Vilênia Venâncio Porto Aguiar- UNICAMP (vilenia@floripa.com.br)

O trabalho proposto apresenta-se como um diálogo reflexivo a propósito da experiência de construção do campo de pesquisa etnográfica que realizei durante a tessitura da minha tese de doutorado, na qual refleti questões acerca da constituição dos sujeitos e das subjetividades no processo de construção da Marcha das Margaridas 2011, uma ação coletiva de mulheres do campo e da floresta que ocorre a cada 4 anos desde o ano 2000, em Brasília-BR. Atenta para os efeitos intersubjetivos produzidos no encontro pesquisadora-pesquisadas, reflito criticamente sobre as relações estabelecidas nesse processo, envolvendo objetivos da pesquisa acadêmica e da militância. A respeito do tema - encontro intersubjetivo na pesquisa etnográfica – e inspirada por James Clifford, George Simmel e Vicente Caprazano, proponho uma autorreflexão a respeito do trabalho de campo nos seus aspectos morais e epistemológicos. Questiono a autoridade do texto antropológico e proponho que o resultado da pesquisa envolvendo movimentos sociais é, não fruto da observação pura e simples, mas de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista, do pesquisador e pesquisados (as). Inspirada nessa possibilidade reflexiva, me proponho, através deste trabalho a discorrer sobre o caminho e os procedimentos de pesquisa, sobre as aproximações do campo e dos sujeitos da pesquisa. É sobre os efeitos intersubjetivos desta aproximação que trata o texto, considerando, tanto as aproximações do campo e dos sujeitos da pesquisa; quanto o exercício do poder e do controle sobre o que (e como) será revelado ao pesquisador.

Palavras-chave: mulheres, subjetividade, movimentos sociais, prática etnográfica.

EXPERIENCIAS DE RESISTENCIA Y ORGANIZACIÓN POLÍTICA EN LOS CERROS ORIENTALES DE BOGOTÁ: INTERSECCIONES ENTRE ETNOGRAFÍA E HISTORIA

Estefanía Vanegas Carrasco. Estudiante de posgrado de Antropología Social. UNSAM.
IDAES-IDES; estefaniavanegas@gmail.com

Este trabajo presenta algunas reflexiones sobre un proceso de investigación que ha articulado la perspectiva etnográfica e histórica. Dicho proceso ha tenido por objeto analizar experiencias y relaciones políticas que se tejen en torno al conflicto territorial entre agentes estatales y habitantes populares de los Cerros Orientales de Bogotá por la permanencia y ocupación de estos últimos en ese territorio. Particularmente, la investigación se concentra en tres barrios contiguos ubicados en la parte sur de los Cerros: Manantial, Triángulo Alto y Triángulo Bajo y se propone develar los modos en que dicho conflicto configura controversias sociales que desatan y desnudan luchas

políticas que se libran hacia “afuera”, contra los programas de *reubicación* del Estado y otras que se libran hacia “adentro”: entre los habitantes, entre los miembros de una familia o al interior de cada persona.

La perspectiva etnográfica es articulada con la indagación histórica con el fin de analizar y relacionar lo que en campo se presentó como una controversia social entre los habitantes (“presente etnográfico”) con las trayectorias y experiencias (“historias”) de resistencia, ocupación y enfrentamiento con el Estado. Teniendo en cuenta esto, nos proponemos reflexionar sobre cómo y en qué sentidos las intersecciones entre esas dos perspectivas articuladas han abierto preguntas y caminos de investigación sobre las formas en que se construye política colectiva.

Palabras claves: Etnografía, Historia, política colectiva, Cerros Orientales de Bogotá.

POR UNA ETNOGRAFÍA DE LOS EFECTOS: NOTAS A PARTIR DEL MUNDO DE LAS OCUPACIONES DE TIERRA EN BRASIL

Nashieli Rangel Loera. Departamento de Antropología, Unicamp

Este trabajo propone una reflexión acerca de la producción de conocimiento etnográfico y de las categorías analíticas y émicas movilizadas para comprender la dinámica social de lo que he llamado el mundo de las ocupaciones de tierra, y condensa resultados de una investigación empírica llevada a cabo entre 2011 e 2015 en campamentos y ocupaciones de tierra organizadas por movimientos sin-tierra y por indígenas guaraní y kaiowás en el estado de Sao Paulo y Mato grosso do Sul. La propuesta de Sigaud (2000), de la “forma acampamento” como lenguaje de demanda social y de la “forma movimiento” (2009) de Marcelo Rosa fueron fundamentales para pensar y comprender la producción de demanda por tierra y de otros beneficios o dones del Estado por parte de colectivos organizados en Brasil. Sin embargo, el levantamiento etnográfico realizado en los campamentos nos permitió también vislumbrar los límites metodológicos de estos modelos analíticos. Partiendo y siguiendo el cotidiano del mundo de las ocupaciones y de sus “moradores” propongo un cambio de foco, de la producción de “formas” a la producción de “efectos” como una posibilidad de abordaje que nos permite una mejor comprensión de las implicaciones que tiene la participación en el mundo de los movimientos y de las ocupaciones en la vida de las personas.

Sesión 2: Construyendo vínculos y compromisos desde la práctica etnográfica

“PARTICIPAÇÃO OBSERVANTE?”: ETNOGRAFIA, POLÍTICA E OS IMPACTOS E LIMITES DA PARTICIPAÇÃO

Vinícius Pedro Correia Zanoli. Estudante de Doutorado no Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil;
vzanoli@gmail.com / zanoliv@icloud.com

Esta proposta tem como base minha pesquisa de doutorado sobre o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) de Campinas, e suas relações com outros movimentos sociais e o “Estado”. No decorrer da realização da pesquisa, entrei em contato com grupos ativistas LGBT e com órgãos gestores voltados para essa população. Esse contato gerou, algumas vezes, propostas de filiação aos grupos/ órgãos pesquisados. Pretendo aqui, discutir minhas estratégias de aproximação e participação com relação a tais grupos ativistas e órgãos estatais. Procuo, dessa maneira, problematizar minha participação no campo, buscando entender os impactos da minha pertença a certos grupos/ órgãos no fazer da pesquisa e na dinâmica do próprio trabalho de campo. Cabe ressaltar que tal pertencimento ou envolvimento não é anterior à realização da pesquisa, mas se tornou possível/ necessário no decorrer de sua realização.

Desse modo, trarei como centro da discussão minha participação, em dois momentos distintos da pesquisa: em um órgão de gestão pública e em um grupo ativista LGBT da cidade. No primeiro caso, trata-se do Centro de Referência LGBT, política que oferece assistência social, jurídica e psicológica para LGBT. Neste local, como contrapartida à realização da pesquisa, passei a colaborar com a equipe, sendo apresentado, muitas vezes, como funcionário. O segundo caso é o da minha filiação em um dos grupos ativistas analisados, o Aos Brados!!, no qual, num primeiro momento, era apresentado como colaborador e, mais adiante, ganhei o status de militante do grupo.

Palavras-chave (5): Participação; Pertencimento; Etnografia; Movimentos Sociais; Antropologia da Política.

-

-

“PONERSE LA CAMISETA”. UN ANÁLISIS SOBRE LAS EMOCIONES EN EL TRABAJO ETNOGRÁFICO

Leila Carla Litman. Becaria doctoral CONICET – ICA, FFyL, UBA;
leilalitman@gmail.com

En la Argentina, las experiencias de gestión colectiva del trabajo se han ido multiplicando en la última década a la par que las políticas públicas orientadas a promover el trabajo asociativo. El crecimiento de estas experiencias conformadas en su mayoría como cooperativas de trabajo se vio acompañado e impulsado por diversas organizaciones –entre ellas, federaciones, redes, ONGs- que se propusieron fortalecer al sector. En el marco de mi investigación doctoral en curso he venido acompañando dos espacios: una ONG que gestiona préstamos para emprendimientos asociativos y una federación de cooperativas de trabajo. Más allá de sus diferencias, el vínculo que fui construyendo en ambos espacios partió de la preocupación por el aporte de mi investigación a esos procesos de construcción colectiva. Esa inquietud atravesó mi trabajo de campo y el modo en que me fui comprometiendo con las personas e involucrando en los proyectos políticos que llevaban adelante. Ese vínculo como condición de posibilidad del trabajo etnográfico fue transformándose en el transcurrir de mi trabajo de campo: desde los chistes iniciales que interpelaban mi incómoda presencia hasta el ir tornándome parte. Mis preocupaciones y las de mis interlocutores se mixturaron por momentos y las emociones cobraron preponderancia: no podía disimular mi enojo, ansiedad o alegría ni mantenerme en un lugar de mera observadora. Recuperando una serie de trabajos que indagan en las emociones experimentadas en el trabajo etnográfico como vía de conocimiento, en esta ponencia buscaré analizar el modo en que las mismas (las propias y las de mis interlocutores) fueron moldeando mi proceso de investigación. En sentido más amplio se propone aportar a los análisis que problematizan las formas de compromiso e involucramiento en el trabajo etnográfico.

Palabras clave: emociones – etnografía – prácticas políticas colectivas.

-
-
-
-

“POPULARIZANDO LO PÚBLICO”. EXPERIENCIAS DE EDUCACIÓN PÚBLICA Y POPULAR AL INTERIOR DEL MOVIMIENTO DE OCUPANTES E INQUILINOS

Luisina Ferrante (MOI - CTA)

Anaclara Frosio (MOI - CTA)

Florencia Guastavino (MOI - CTA)

Lucía Testoni (MOI – CTA)

En este trabajo analizaremos algunos aspectos de la propuesta político-pedagógica de un Bachillerato Popular para jóvenes y adultos/as perteneciente a una organización social autogestionaria de hábitat popular de la Ciudad de Buenos Aires. Para esto, partiremos

de la definición de los conceptos de “propuesta político-pedagógica” y “educación pública y popular” para abordarlos en tres niveles de análisis.

En primer lugar, analizaremos la demanda de los Bachilleratos Populares al Ministerio de Educación por el reconocimiento oficial e integral de propuestas político-pedagógicas basadas en una concepción de educación pública y popular, que parte del diagnóstico acerca de la situación de la educación de jóvenes y adultos/as en la Argentina. En segundo lugar profundizaremos en el análisis del plan de estudios del Bachillerato Popular contextualizando su especificidad, sus objetivos y su proceso de construcción a partir de entender los vínculos que se establecen entre escuela, organización social de pertenencia y territorio. Por último nos enfocaremos en la vida cotidiana del Bachillerato desde el análisis de una de las materias del plan de estudios que se propone abrir un espacio de problematización entre educadores/as y educandos/as para aportar a la construcción del proyecto político-pedagógico de la escuela.

Metodológicamente desarrollaremos este trabajo desde el marco de la etnografía, llevando adelante observaciones de campo, entrevistas en profundidad a integrantes de esta escuela y el análisis de fuentes tales como documentos oficiales y marcos normativos. Todos estos trabajos se abordarán desde la Investigación Acción Participativa retomando los aportes colectivamente desarrollados por educadores/as y estudiantes del Bachillerato.

Palabras clave: educación pública popular / autogestión / bachilleratos populares / proyecto político pedagógico / Estado.

EXPERIÊNCIAS ETNOGRÁFICAS ENTRE O DISTANCIAMENTO E A PRÁXIS DIALÓGICA

Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo. Universidade do Estado do Amazonas;
gfigueiredo@uea.edu.br / guile1973@gmail.com

Entre 1998 e 2003 realizei, no mestrado em Ciência Política, uma etnografia do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Na pesquisa de campo registrei a crítica dos indígenas maias aos pesquisadores que apenas coletam dados, publicam e não deixam qualquer contribuição à população. Embora eu tivesse o objetivo de reunir sabedorias da luta mexicana para trazer aos militantes do Brasil, na metodologia adotei o "distanciamento" para o qual fui treinado nas graduações em ciências sociais e antropologia. O resultado foi a tensão entre os sentimentos de impotência, culpa e o desejo de engajamento. Porém, como o zapatismo enfatiza a luta simbólica, os intelectuais acabam sendo deslocados para o centro do campo de batalha. Fui dedicando-me cada vez mais a eventos de divulgação do EZLN no Brasil, e o seu exemplo me levou a entrar no movimento de rádios livres em 1999. Quando o livro da dissertação foi publicado em 2006, tornou-se instrumento de luta e com ele contribuí na

tecedura da rede de inspiração zapatista Flor da Palavra. Em 2004, o exemplo dos militantes urbanos que foram viver em Chiapas para iniciar o EZLN foi fundamental para a decisão de viver em Tefé, interior do Amazonas. Ajudei a começar o movimento de rádios livres local e, ao me tornar professor universitário em 2005, passei a mesclar diretamente a militância com o ensino, a pesquisa e a extensão. Dez anos depois concluí a tese de doutorado sobre a invenção da autonomia em Tefé, com a proposta de uma antropologia dialógica da mídia.

**“QUEREMOS GENERAR OTRO TIPO DE PROFESIONALES”.
REFLEXIONES EN TORNO A LAS PRÁCTICAS POLÍTICAS Y
ACADÉMICAS EN EL ANDAR DE UNA ORGANIZACIÓN QOM DE LA
CIUDAD DE ROSARIO**

Taruselli, María Victoria. Universidad Nacional de Entre Ríos (UNER)
mvtaruselli@hotmail.com

En el año 2004, luego de una serie de reuniones con un equipo de antropólogos, Osvaldo convocó a sus vecinos para comentarles el “tema de la inscripción”. Con ello se refería a la posibilidad de inscribir la comunidad Mapik en el Registro Nacional de Comunidades Indígenas (RE.NA.CI) y crear el Centro Cultural Comunitario, en el cual se organizarían talleres de capacitación en oficios, recreativos, de apoyo escolar, entre otros. Llegué allí en el 2006 para desarrollar un “Proyecto de Investigación-Acción” y rápidamente comencé a *formar parte* de sus actividades, en principio, coordinando un taller de alfabetización para adultos luego *estando ahí*, trabajando con Osvaldo y otros profesionales en la presentación de proyectos ante convocatorias de las más diversas.

Desde su surgimiento, la relación con estudiantes universitarios y profesionales marcó, en algún punto, las dinámicas y los tiempos de la organización. Según relataba Osvaldo, inicialmente se aceptaba a quienes solo pretendían realizar una entrevista pero con el tiempo comenzaría a generar cierto malestar que se hable “en nombre de” y más aún, no conocer el contenido de lo que se decía. La propuesta era entonces generar “otro tipo de profesional que se quede trabajando acá”.

En este marco, en el presente trabajo propongo reflexionar en torno a las articulaciones y tensiones entre la práctica académica y la práctica política de la organización. Una articulación/tensión que interpelaba mi propia práctica en el barrio que, en numerosas oportunidades, se encontraba ante la pregunta sobre mi “verdadero” interés de estar allí.

Palabras claves: organización, prácticas políticas, prácticas académicas.

LA EXPERIENCIA DE LOS BACHILLERATOS POPULARES EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES: DISPUTAS EN EL CAMINO DE LA ILEGALIDAD HACIA EL RECONOCIMIENTO OFICIAL

Prof. Nahue Luna- Cs. Antropológicas – UBA; lunanahue@hotmail.com

Hacia el año 2001 emergen en la Argentina, tanto en el conurbano bonaerense como en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires experiencias autogestivas de educación de jóvenes y adultos: *los bachilleratos populares*. Nacidos en el seno de organizaciones sociales y también dentro del movimiento de fábricas recuperadas, estas experiencias comenzaron a transitar el camino de lucha hacia el “reconocimiento oficial” de sus espacios educativos.

En este trabajo pretendo pensar en torno al concepto de *resistencia* a partir del camino recorrido por los bachilleratos populares en su lucha colectiva por dicho reconocimiento.

Los procesos de resistencia son pensados como procesos que se oponen a valores o experiencias hegemónicas, y que buscan la autonomía y la construcción de alternativas. Destacamos que esos procesos no son totales, las estrategias de dominación y resistencia se actualizan constantemente, así como también lo hacen las formas en que se concibe o piensa a los sujetos subordinados, a los grupos dominantes y por lo tanto también al Estado.

Nos ocupa así, indagar en esas múltiples estrategias de lucha y dominación, y en los modos en los que los sujetos subordinados configuran la *resistencia* y son reconfigurados por ella.

Las voces de los diferentes actores fueron relevadas a partir del trabajo de campo realizado desde el año 2010 en el barrio de Constitución, en uno de los bachilleratos populares de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires: “Miguelito Pepe”, MOI (Movimiento de Ocupantes e inquilinos), en el que se realizaron entrevistas, observaciones y registro de actividades, reuniones y clases.

Palabras claves: bachilleratos populares- procesos de resistencia- educación - Estado- movimientos sociales.

-

PARTICIPACIÓN Y LUCHA. DINÁMICAS Y VALORES DEL ACTIVISMO Y EL TRABAJO ETNOGRÁFICO EN UNA ORGANIZACIÓN SINDICAL

Lic. Sandra Wolanski. Instituto de Ciencias Antropológicas, FFyL, UBA;
sandra.wolanski@gmail.com

En esta ponencia retomo los resultados de mi tesis doctoral en Ciencias Antropológicas, en donde analicé las dinámicas del activismo y las relaciones intergeneracionales en una organización sindical: FOETRA Buenos Aires, el sindicato de los trabajadores de las telecomunicaciones de la Ciudad de Buenos Aires. El punto de partida del desarrollo es la discusión con las visiones que separan las acciones de las dirigencias sindicales respecto de las *luchas* de las *bases*, introduciendo a la *lucha* y la *participación* como valores presentes en la construcción discursiva de FOETRA como organización.

A partir de ella, se despliegan dos ejes de análisis interrelacionados. En primer lugar, la producción de estos valores en los dispositivos de formación sindical, así como su vinculación con la contraposición entre la construcción *desde arriba/desde abajo* como modos diferenciados y simultáneos de construcción sindical. Muestro cómo estas construcciones morales vinculadas a tradiciones políticas permean el accionar de activistas y dirigentes, las categorías de la práctica de los activistas de FOETRA y las interacciones que conforman el día a día de la vida gremial. En segundo lugar, analizo cómo la producción de una investigación etnográfica en el marco de esa organización estuvo atravesada por esos mismos valores y expectativas; de modo que el propio vínculo como investigadora/docente estuvo marcado por ellos, y el trabajo como investigadora se fue configurando como un *trabajo militante* – como una forma militante de contribuir a la construcción del sindicato, por un lado, y como un trabajo remunerado como docente, por el otro.

Palabras Clave: sindicalismo – activismo – valores – etnografía – compromiso.

-

Sesión 3: Desafíos teórico-metodológicos del trabajo etnográfico en espacios colectivos

DIÁLOGOS Y TROPIEZOS DE UNA ETNOGRAFÍA COMPROMETIDA CON COMUNIDADES INDÍGENAS EN LA PATAGONIA AUSTRAL

Mariela Eva Rodríguez Investigadora Asistente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), profesoras de la Universidad de Buenos Aires (UBA) y de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO);

En los últimos años, algunas familias vinculadas a las ex “reservas” indígenas de la Patagonia austral, se vieron obligadas tácitamente a organizarse formalmente como “comunidades” mediante la obtención de personerías jurídicas; instrumento a través del cual el Estado les “reconoce” su existencia e inscribe en un registro nacional. En la mayoría de los casos, la decisión de concretar el trámite responde a la necesidad de las familias de defenderse y negociar una posición como “interlocutores válidos”, ya sea frente a las agencias estatales o a las empresas extractivas (mineras y petroleras) y, generalmente, resulta muy difícil de concretar sin la colaboración externa. Quienes se organizan en estos términos, no sólo apelan a las “herramientas jurídicas” generadas por la lucha del movimiento indígena, sino también a “herramientas conceptuales” (que se nutren en las interacciones con agentes estatales y antropólogos) y a “herramientas comunitarias” desde las cuales redefinen sentidos de pertenencia y posicionamientos políticos. En este trabajo compartiré algunas reflexiones surgidas de una práctica etnográfica comprometida con familias-comunidades indígenas de la provincia de Santa Cruz, en el marco de un proceso de reemergencia que pone en cuestionamiento antiguos dispositivos de invisibilización. Reflexionaré entonces sobre los diálogos, los silencios, los proyectos y las investigaciones colectivas —e incluso en algunos casos sobre instancias de co-teorización—, pero también sobre las tensiones, las incomprensiones mutuas, las frustraciones y los tropiezos.

Palabras clave: etnografía comprometida, familias-comunidades indígenas, vínculos entre investigación y gestión, Patagonia austral.

-

NUEVAS ANTROPOLOGÍAS: UNA PERSPECTIVA COMPARADA DEL QUEHACER ANTROPOLÓGICO EN AMÉRICA LATINA

Anggie Marcela López Aldana. Antropóloga Universidad Nacional de Colombia,
Licenciada Lengua Castellana Universidad Distrital Francisco José de Caldas.
Estudiante de Maestría en Antropología Social Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP.

Carol Franco. Graduación en Ciencias Sociales por la Universidade Federal de São
Paulo. Estudiante de Maestría en Antropología Social Universidade Estadual de
Campinas UNICAMP.

América Latina ha sido escenario de particulares problemáticas sociales. Debido a la representación mundial del continente y a su histórica vocación económica muchos de sus pueblos se han enfrentado en las últimas décadas a desafíos semejantes. En este

contexto la antropología no ha permanecido al margen de tales pueblos y desafíos. En su esfuerzo por comprenderlos en las distintas naciones y territorios la disciplina se ha incluido de maneras diferentes asumiendo un papel específico frente a ellos; al hacerlo ha reconfigurado su labor y se ha reconstruido como disciplina. Así, Las antropologías se configuran y perfilan desde una apropiación particular de la tradición de la disciplina; y esta particularización se construye a partir de la forma en que ella se relaciona propone y asume ante los pueblos que pretende entender y las problemáticas que ellos enfrentan.

Esta propuesta pretende abarcar desde una perspectiva comparada la función que en las últimas décadas (desde los años 70) la antropología ha desempeñado en dos países de América Latina: Brasil y Colombia, así como también la forma en que esta función y desempeño ha afectado o reconfigurado la disciplina en ambos escenarios. Para abordar este asunto, partimos de la hipótesis de que la configuración y ejecución de la antropología en estos dos espacios se ha visto afectada por las dinámicas particulares de los territorios y pueblos con los que actúan, encontrando así oposiciones y contrastes útiles en la tarea de pensar la labor y responsabilidad política del etnógrafo, atravesada siempre por la relación que sostienen con las comunidades con las que trabajan.

Palabras clave: Antropologías Latinoamericanas, Brasil, Colombia, antropología aplicada, responsabilidad política de la antropología.

MUJERES E “INCLUSIÓN SOCIAL”. REFLEXIONES A PARTIR DEL TRABAJO ETNOGRÁFICO CON PROGRAMAS ESTATALES Y AGRUPACIONES POLÍTICAS

Florencia Pacífico – Filosofía y Letras, UBA. CONICET; flor.pacifico@gmail.com

En esta ponencia presento avances preliminares de una investigación en curso en la que me propongo analizar en clave etnográfica la participación de mujeres de sectores populares en cooperativas de trabajo conformadas a partir del Programa “Ellas Hacen” y su involucramiento en espacios de militancia política. Desde noviembre de 2014, vengo realizando trabajo de campo para mi tesis de licenciatura, registrando reuniones e instancias de formación en las que participan mujeres inscriptas en el programa. Me interesa reflexionar acerca de las particularidades que adquiere el trabajo etnográfico en vinculación con programas estatales y agrupaciones políticas. Así, a partir de reconstrucciones etnográficas, se indagará en la forma en que la inscripción en un programa de “inclusión social” permea las experiencias cotidianas de las mujeres, poniendo especial atención a su vinculación con funcionarios estatales y agrupaciones políticas. De esta manera, reflexionaremos acerca del aporte del abordaje etnográfico

para pensar prácticas de política colectiva, poniendo el foco en la forma en que “la política” y “la cooperativa” cobran sentido en las relaciones cotidianas de las mujeres “beneficiarias”.

Palabras claves: política – etnografía – cooperativa – mujeres.

-

NOTAS SOBRE LA POTENCIA ETNOGRÁFICA EN EL ANÁLISIS ECONÓMICO DE LAS ORGANIZACIONES SOCIALES

Mgter. María Laura Pegoraro. Becaria Doctoral CONICET – Centro de Estudios Sociales – Universidad Nacional del Nordeste; laurapegoraro@comunidad.unne.edu.ar

La economía social, como conjunto de análisis empíricos, teóricamente deja entre las cuerdas a la economía neoclásica con su individuo egoísta, que satisface sus necesidades mediante la maximización de sus utilidades (beneficios en el caso del empresario). Pero lo hizo, para colocar a un individuo naturalmente solidario. Esta esencialización del abordaje, que presupone una cualidad innata del ser humano, limita la capacidad de indagación de la realidad social, pues su mirada resulta normativa, y no contempla la existencia de estructuras sociales e históricas que condicionan esas acciones del sujeto, tanto como sus motivaciones más íntimas.

En esta ponencia indagaré por un lado, la necesidad del abordaje etnográfico para comprender las lógicas de los procesos de producción y reproducción de las organizaciones del Movimiento Agroecológico del Chaco, las que comencé a pensar, estudiar, y reflexionar desde el año 2012. Y por otro lado, me preguntaré cómo y por qué el (o los) análisis de la economía social de estas experiencias que se presentan como alternativas al capitalismo, limita la comprensión y restringe la potencialidad contenida en la práctica misma. Así, la etnografía como método que accede al discurso y la práctica desde el contexto donde se produce, sumado al análisis de las estructuras que permean esas prácticas, resulta potente para re-pensar la economía social y problematizar su esencialismo, pero sin renunciar a la potencialidad práctica de pensar e imaginar nuevos conceptos.

Palabras claves: Economía Social – Etnografía – Organizaciones Sociales.

**CONSTRUIR LA POSIBILIDAD: REFLEXIONES ETNOGRÁFICAS EN
TORNO A LAS PRÁCTICAS DE TRABAJO Y MILITANCIA EN**

EXPERIENCIAS DE LA *ECONOMÍA POPULAR*

Dolores Señorans. Becaria CONICET – ICA, FFyL, UBA; dolisenorans@gmail.com

Desde mayo del año 2013 he venido realizando una investigación etnográfica sobre las prácticas políticas cotidianas en organizaciones sociales que impulsan y/o gestionan emprendimientos productivos de la *economía popular*. Durante mi trabajo de campo he acompañado y colaborado con la Organización Social y Política Los Pibes del barrio de La Boca, CABA, y a través de esta organización llegué a conocer a militantes y trabajadores la Confederación de Trabajadores de la Economía Popular (CTEP), un sindicato que reúne una diversidad de experiencias de producción popular creado en diciembre de 2011. En el último tiempo una misma reflexión recorrió numerosos espacios y momentos en el campo: diversas personas- referentes, militantes, trabajadores- explicitaron que para *militar*, para involucrarse en la política *hay que creer* que algo - construir un edificio para vivir, armar una cooperativa para trabajar, marchar por una reivindicación - es *posible*, tener cierta certeza o mejor dicho una firme esperanza. Pero, ¿cómo se llega a *creer* que cumplir un determinado objetivo es *posible* o deja de serlo? ¿qué expectativas, emociones y deseos se ponen en juego en esos relatos y prácticas que construyen un futuro como *obvio* o a veces como *imposible*? En esta ponencia quisiera comenzar a explorar estas preguntas, preguntas que tras poco más de dos años de compartir numerosas experiencias en el campo también me interpelan a mi misma y que a su vez están en diálogo con reflexiones desarrolladas desde el proyecto UBACYT del que formo parte. Quisiera proponer que *creer* implica la construcción colectiva de un sentido de futuro – lo que siguiendo a María Inés Fernández Álvarez podríamos denominar *proyectar juntos(as)* (2015) - a partir del cual las personas producen en su cotidianeidad “vidas que merecen la pena ser vividas” (Nartozky y Besnier, 2014)

Palabras clave: Economía Popular; prácticas políticas colectivas; sentido de futuro.

-
-
-
-
-

DE LA LÓGICA INSTRUMENTAL AL RELATO POLISÉMICO: APORTES ETNOGRÁFICOS PARA EL ESTUDIO DE LA MOVILIZACIÓN SOCIAL

María Jimena López León. Antropóloga. Estudiante de la Maestría en Estudios Políticos y Relaciones Internacionales, Universidad Nacional de Colombia.

Presento aquí las reflexiones metodológicas que resultaron de mi investigación etnográfica al proceso de movilización de una comunidad afrocolombiana en respuesta a los conflictos que ellos nombran “de desterritorialización”, provocados por el Estado, el Capital y grupos armados ilegales. Desde allí me propongo discutir cómo la etnografía aproxima al investigador al estudio de la(s) narrativa(s) de la acción política colectiva, en este caso una narrativa de etnización de una comunidad rural organizada hace seis años como consejo comunitario de comunidad negra.

Busco centrar la reflexión sobre tres particularidades de la mirada etnográfica sobre la movilización social: i) la importancia que tienen los espacios no convencionales o sobre la circularidad de lo cotidiano, lo institucional y lo político, ii) la interpretación de los conflictos territoriales como políticos y también culturales, iii) la comprensión de la acción colectiva como un proceso de producción y colectivización de sentido, y como un proceso comunicativo.

La ponencia se estructurará de la siguiente manera: i) desterritorialización y etnización; ii) “ganar conciencia” y “lograr la unidad”; iii) la autonomía como apuesta político-cultural, iv) crítica a la perspectiva racionalista.

Palabras clave: acción colectiva, etnización, narrativas, desterritorialización, crítica al racionalismo.

REVELANDO LAS PERTENECÍAS Y ESQUIVANDO LAS CLASIFICACIONES. IMPLICACIONES Y DILEMAS DEL TRABAJO DE CAMPO CON ORGANIZACIONES CAMPESINAS EN MEDIO DEL CONFLICTO SOCIAL Y ARMADO COLOMBIANO

Soraya Maite Yie Garzón. Estudiante del Doctorado en Ciencias Sociales, IFCH, Unicamp (Brasil) – Profesora de planta, departamento de antropología, Pontificia Universidad Javeriana, Sede Bogotá (Colombia)

Esta ponencia reflexionará sobre cómo el conflicto armado colombiano atraviesa el trabajo de campo e impone dilemas éticos, políticos y académicos a quienes estudiamos, desde una perspectiva etnográfica, procesos de organización política colectiva en zonas afectadas por modos especialmente violentos de confrontación política y social. Tal reflexión será construida con base en mi propia experiencia de trabajo de campo con organizaciones campesinas de una zona fuertemente afectada por dicho conflicto, como es la región andina de Nariño, al suroccidente de Colombia.

La ponencia analizará los modos en que investigadores y las personas con las que

interactuamos como parte de nuestro trabajo de campo acudimos a diversas estrategias para controlar el modo en que nos hacemos o no legibles ante los otros en términos de adscripción social y política. Esto es, cómo unos y otros inciden en la forma en que son clasificados dentro del complejo mapa de los actores en conflicto, gestionando así las posibles alianzas y riesgos que pueden surgir de los intercambios cotidianos con “desconocidos” en zonas afectadas por diversas modalidades de confrontación violenta. En esta medida, se buscará entender cómo tales estrategias se relacionan con los esfuerzos que ambos adelantan para controlar el acceso a la información necesaria para su labor “política” o “académica”, pero también con las complejas formas de construcción de confianza en zonas donde la incertidumbre e inseguridad constituyen el día a día de sus habitantes.

Finalmente, dicha propuesta intenta superar las conceptualizaciones usuales del conflicto social y armado como un “telón de fondo” sobre el cual se desenvuelven procesos de organización política colectiva y las investigaciones que intentan dar cuenta de ellos. Propone, por el contrario, entenderlo como un proceso constitutivo tanto de dinámicas organizativas como académicas.

-

GT 99. POLÍTICAS INDÍGENAS EN LOS ANDES. DEBATES Y POSIBILIDADES ENTRE EL POST- MULTICULTURALISMO Y LAS ONTOLOGÍAS POLÍTICAS DE LA DIFERENCIA RADICAL

Coordinadoras:

Dra. Guillermina Espósito (IDACOR-CONICET/ Universidad Nacional de Córdoba);
guillerminaesposito@gmail.com

PhD. Marina Weinberg (Binghamton University/ IIT-FFyL-UBA);
marweinberg@hotmail.com

Comentarista: Dr. Salvador Schavelzon (Universidade Federal de São Paulo/ UNIFESP)

Sesión 1: Minería y ontologías de la resistencia

EXPERIENCIAS DE LA POLÍTICA Y LO POLÍTICO EN LA RESISTENCIA SOCIAL. EL CASO DE LA LUCHA CONTRA LA MEGAMINERÍA EN EL VALLE DEL FAMATINA

María Gisela Hadad; giselahadad@hotmail.com

Tomás Palmisano; tomaspalmisano@hotmail.com

Universidad de Buenos Aires

La región de Famatina, provincia de La Rioja, Argentina, se caracteriza por conservar un entramado de pequeños poblados, que en el marco de los rigores de un clima árido y seco, se dedican tradicionalmente a la actividad agropecuaria. Estas poblaciones han desarrollado sus mundos de vida con una fuerte ligazón con sus territorios y las actividades agrarias típicas orientadas a los espacios locales.

Este escenario sufrió un importante cambio a partir de 2006, momento en que se da a conocer la existencia de un proyecto de explotación minera a cielo abierto que modifica el horizonte de posibilidades de esta región y plantea nuevos desafíos a sus pobladores. El nuevo contexto desencadenó una acción de lucha sin precedentes, que lleva más de ocho años de resistencia activa, con momentos de notoria visibilidad, incluso en los medios periodísticos masivos de alcance nacional.

En ese marco, la ponencia busca reconstruir la trama de relaciones sociopolíticas surgida a partir de la lucha contra la megaminería en el Valle del Famatina. El foco estará puesto en la producción de discursos y prácticas contra hegemónicas, concebidas y vividas al calor de la movilización social, haciendo hincapié en las prácticas de vida autónomas y su imbricación con la política institucional, principalmente en el plano local. Este planteo implica problematizar la tensión/convivencia entre la política partidaria/institucional y la instancia de participación propia del momento de asambleario, a partir de los conceptos la política y lo político propuestos por Cornelius Castoriadis.

Palabras clave: Famatina; conflicto socioambiental; resistencia social; política institucional.

O QUE SAN CARLOS TEM A DIZER NA LUTA CONTRA A IMPOSIÇÃO DO “DESENVOLVIMENTO”: UMA BREVE REFLEXÃO

Luciana Landgraf Castelo Branco. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (até dezembro de 2014) lu.landgraf@gmail.com

As pressões, tanto do estado quanto de empresas, sobre as comunidades camponesas no Peru para que se insiram numa economia de mercado são constantes e se materializam de diversas maneiras. Os movimentos sociais têm se fortalecido e alcançado importantes conquistas nos últimos anos, como o impedimento da construção de mineradoras e hidrelétricas que invadiriam suas terras em nome do “desenvolvimento”. Acredito que, para entender a resistência das comunidades à essas pressões é importante, também, entender como elas se organizam e como os camponeses pensam sua economia interna, se é que é possível separá-la de um todo muito mais complexo, que envolve, por exemplo, parentesco e religião. Trago nesse trabalho alguns pontos que considero importantes para reflexão na comunidade camponesa de San Carlos, onde fiz trabalho de campo em julho do ano passado, na esperança de que o exemplo possa contribuir com o conhecimento sobre semelhanças e diferenças na reprodução socioeconômica nos Andes. Considero os san carlinos um exemplo de protagonismo e resistência: expulsaram pesquisadores alemães que suspeitavam a presença de ouro na comunidade, possuem uma junta diretiva coesa, respeitada e efetiva e negam a mercantilização da vida em diversas práticas cotidianas. Por fim, tento mostrar por que, da maneira como pensada nos dias de hoje, a organização e os valores da comunidade camponesa de San Carlos, assim como de muitas outras comunidades, não seriam congruentes com a inserção no modelo que propõem os projetos desenvolvimentistas.

Palavras-chave: comunidades camponesas, agência, resistência, San Carlos.

PROYECTOS DE MINERÍA EN COLOMBIA, PERÚ Y BOLIVIA: EL NO VALOR, OTROS MUNDOS Y RESISTENCIAS COSMOPOLÍTICAS

Salvador Schavelzon. UNIFESP; schavelzon@gmail.com

La ponencia busca estudiar tres conflictos en torno a la minería de la región andina, mapeando las formas de protesta, las ideas alternativas de desarrollo y vida que los procesos de resistencia ayudan a visualizar. Me ocuparé del proyecto de minería a cielo

abierto todavía no iniciado en Mallku Khota (Bolivia), el que se encuentra ya en curso y en parte paralizado de Cajamarca (Perú); y las reacciones frente a recientes registros de contaminación en un yacimiento de carbón activo hace décadas en Santa Marta (Colombia). A partir de un relevamiento etnográfico inicial, me pregunto por las formas de valor que podemos discutir en el marco de ontologías no modernas y abiertas a los no humanos tanto como a propuestas de economía más humanizada. Al mismo tiempo, me pregunto por las formas políticas y comunitarias que tienen lugar en cada caso, recorriendo el espacio que va del reclamo estatal, la movilización popular y la construcción autónoma.

Sesión 1b: Seres y cosas entre el cosmopolitismo y la cosmopolítica ontológica

ALÉM DA CERVEJA QUILMES: ARQUEOLOGIA E COSMOPOLÍTICA INDÍGENA NO NOROESTE ARGENTINO

Frederic M. C. Pouget. Bacharel em C. Sociais (USP); Mestre em Arqueologia (USP);
Doutorando em História Cultural (Unicamp). Professor Assistente de Arqueologia –
Ufpel; pouget@yahoo.com

A Comunidade Indígena Quilmes é um dos poucos exemplos onde é possível observar a interação e o controle de uma comunidade local, junto a um patrimônio arqueológico de grande atração turística. As memórias históricas articuladas em torno destes vestígios arqueológicos produzem sentidos de identidade (e de subjetividade ontológica) na comunidade que geram, por sua vez, reinterpretações históricas sobre o seu passado. Os contextos atuais de reivindicações de direitos civis e reconhecimento territorial, na Argentina, tornam especialmente expressivas estas articulações ontológicas. Isso amplia a ideia de ação política, que passa a ser entendida como uma ação dotada de conteúdos simbólicos e ontológicos.

Assim, como exemplificação desse processo, apresento o contexto etnográfico em torno dos morteiros arqueológicos (estruturas líticas para o processamento de grãos). Entender os morteiros como ‘coisas’ – e não apenas como objeto arqueológico- é observar o fluxo de estar no mundo junto aos Quilmes, se agência, por um lado, induz a um raciocínio de sujeito objeto como bem explana Ingold (2011), é necessário realocar tal noção em um contexto de fluxo de pertencimento ontológico, no qual as coisas são elaboradas junto à cultura Quilmes – dado os relatos etnográfico e o contexto político local. Temos, assim, uma observação êmica sobre o material arqueológico, que não é apenas associado a um aspecto temporal (passado- presente), mas também associado a um fluxo de pertencimento de mundo e atuação política de *ser* Quilmes que não se restringe apenas numa percepção passada (de usos e funções de um objeto arqueológico).

Palavras Chaves: Arqueologia; Quilmes; Cosmopolítica, Etnicidade; Subjetividade.

ETNOGRAFÍAS ECO-FEMINISTAS Y DEBATES COSMOPOLITIZADOS SOBRE PATRIMONIALIZACIÓN DE LOS MAÍCES CRIOLLOS

Ivonne Vizcarra Bordi. Doctora en antropología social por Universidad Laval, Quebec Canadá, Instituto de Ciencias Agropecuarias y Rurales de la Universidad Autónoma del Estado de México; ivbordi@hotmail.com

Ante las amenazas de la introducción de maíces transgénicos en México y otros países latinoamericanos, se ha desatado un debate internacional político, social y científico por defender a los maíces criollos o nativos a través de patrimonializar la variedad de razas y los alimentos que con ellos se realizan (tortillas, tacos, tlayudas, tlacoyos, atoles, pozoles, bebida fermentadas, dulces, etc.). en la mayoría de estos debates un tanto cosmopolitizados se ha ignorado la perspectiva de género, lo cual puede conducir consecuencias poco deseables para lograr un reposicionamiento social y económica de las mujeres en las culturas del maíz. Esta ponencia contribuye a la reflexión crítica de ello. Por un lado porque el mérito feminista antropológico, es reconocido porque ha hecho posible desvelar ontológicamente, las desigualdades sociales que viven las mujeres del campo en múltiples las dimensiones de la vida social, de ahí que la lucha por mejorar sus condiciones se encamina hacia la formulación de políticas de igualdad, y al parecer la patrimonialización del maíz y sus alimentos no va por ese camino. Aquí expondré, algunas etnografías con un enfoque eco-feminista como ejemplos, para que desde una posición de ruptura (breakdown position), no sólo visualicemos los riesgos de la patrimonialización en términos políticos, económicos y socioculturales, sino sobre todo para desestabilizar las teorías patriarcalizadas y racionalizadas que impiden que todos los mundos sean posibles y que sujetan a las categorías subalternas, a partir de género y naturaleza, tales como sexo, clase, etnia, edad, religión, recursos naturales o lo no humano.

Palabras claves: Patrimonialización, eco-feminismo, maíces criollos, cosmopolitización.

DEL CAMPESINO MORAL AL CAMPESINO RELACIONAL: QUINUA Y MULTIPLICIDAD DE OBJETOS Y MODERNIDADES EN EL ALTIPLANO SUR, BOLIVIA

Pablo Laguna. El Colegio de Michoacán, Zamora, Michoacán, México;

El desarrollo del campesinado ha sido a menudo estudiado desde el cálculo económico racional y/o la economía moral que pregona decisiones impregnadas en relaciones sociales, valores y normas sociales locales, a favor de la disminución de riesgos y en rechazo a la inserción mercantil. Abordando el caso de la mercantilización de la quinua en comunidades indígena-campesinas del Altiplano Sur de Bolivia contrapuesta a modelos de intervención públicos y privados, liberales y posneoliberales, proponemos mostrar que ambas perspectivas analíticas no logran encapsular toda la multiplicidad de significados vigentes en el comportamiento económico de sus productores cuando se trata de entender sus visiones de modernidad. No es que el comportamiento y las decisiones de los campesinos se guíen por una yuxtaposición complementaria entre cálculo racional y economía moral siguiendo un marco estructural que puede ser reducido a un habitus y sean anticipados como un fenómeno de transición. El análisis de la transformación de las formas de vida de estos habitantes en el curso del cambio de esta región revela la existencia de una multiplicidad de ontologías fluidas e imprevisibles, algunas de ellas multi-especies, emergentes de la interacción entre humanos, por un lado, y por el otro lado, objetos y seres vibrantes capaces de afectar a lo humano, como por ejemplo la papa, la llama, la quinua o el tractor. Concluimos que esta relacionalidad humana/no humana contribuye constantemente a transformar el polimorfismo de lo campesino-objeto, dando lugar un nuevo campesino ni tradicional, ni moderno occidental, ni tampoco meramente relacional o cultural, sino también corporal y afectivo. Las nuevas asociaciones humano-objeto redefinen recurrentemente la región y la modernidad. Así, los procesos de modernidad en los Andes nos llevan a repensar el campo social como un espacio de fluidez y redefinición permanente, en el que se ensamblan y entremezclan humanos-objetos siguiendo diversas líneas de fuga inesperadas.

Palabras Clave: Quinua, Campesinado, Ontologías Multi-especies, Altiplano Sur.

LA DIRIGENCIA FEMENINA COMO ALTERNATIVA AL BUEN VIVIR EN LOS PROCESOS DE CRISIS EN LA PESCA ARTESANAL EN EL SUR DE CHILE

María Catalina Álvarez, Universidad de Los Lagos, Osorno, Chile,
catalina.alvarez@ulagos.cl

Galicia Stuardo Ruiz, Universidad de Los Lagos, Osorno, Chile, galiana23@gmail.com

Daniela Collao Navia, Universidad de Los Lagos, Osorno, Chile,
danielacollaonavia@gmail.com

Claudio Gajardo Cortes, Universidad de Los Lagos, Osorno, Chile,

*Este artículo nace de la reflexión hecha en el IV CEPIAL, en la mesa redonda “La dirigencia de la mujer en la Pesca artesanal”. Enero de 2015, Osorno Chile.

Es reconocido que el rol de la mujer en la pesca artesanal históricamente ha sido invisibilizado y su participación en la crisis pesquero artesanal, dentro del contexto del desarrollo, se muestra como marginal. Considerando lo anterior, esta investigación busca problematizar el rol de la mujer como alternativa a la crisis de sustentabilidad en la pesca artesanal chilena. Metodológicamente, desde el enfoque del Buen Vivir, se caracteriza la i) participación de la(s) mujer(es) en los procesos de transformación, ii) su particularidad como género en una cultura machista, iii) su aporte desde saberes, conocimientos y prácticas ambientales, y iv) las potencialidades políticas que representan. Por tanto, esta investigación espera esclarecer el aporte que los roles de las mujeres han desarrollado y proyectan como alternativas del buen vivir para la subsistencia de la actividad pesquero artesanal, convirtiéndose en una alternativa crítica que desde los espacios domésticos trasciende en las lógicas administrativas de extracción de la actividad pesquera artesanal.

Palabras clave: Mujeres – Pesca artesanal – invisibilidad – Género – Buen Vivir.

LA PACHAMAMA EN JUJUY: ENTRE EL COSMOPOLITISMO DEL FESTIVAL Y LA COSMOPOLÍTICA DE LA CELEBRACIÓN

Guillermina Espósito. IDACOR/CONICET- Universidad Nacional de Córdoba, Argentina; guillerminaesposito@gmail.com

En 2013 el Congreso argentino aprobó la ley 26.891 que declara a la provincia de Jujuy como “Capital Nacional de la Pachamama”. Su autor fue el senador nacional Gerardo Morales, referente político del Partido Radical jujeño, quien entonces manifestó públicamente que “la Ley de la Pachamama”, como se la conoce popularmente, se contraponía al modelo de “Jujuy Capital Nacional de la Minería”, como también fue designada por ley en 1974.

El 1 de agosto de 2014 Morales viajó a Humahuaca a participar del primer festival organizado en el marco de la ley que, además de designar esa fecha como día oficial de la celebración, la incorpora al Calendario Turístico Nacional con la “Fiesta Nacional de la Pachamama”. Lo mismo hizo un año después, el 1 de agosto de 2015. En ambas

ocasiones, el día de la llegada de Morales a Humahuaca ocurrieron dos episodios que, lejos de expresar la potencia de un entendimiento colectivo, mostraron las tensiones entre un cosmopolitismo colonial que pretende integrar a la Pachamama como ciudadana del mundo moderno, y una cosmopolítica andina donde aquella reniega y se resiste a ser (re)conceptualizada e integrada a la modernidad.

Palabras clave: Cosmopolitismo- Cosmopolítica- Pachamama- -Jujuy.

Sesión 2a: Estado y autonomías en procesos locales

-

-

LA VINCULACIÓN ENTRE LA RED PUNA DE HUMAHUACA Y EL ESTADO ARGENTINO EN LA ACTUALIDAD

Lic. Marisol Troya. Maestranda/Doctoranda en Investigación en Ciencias Sociales
UBA; marisoltroya@yahoo.com.ar

En mi investigación de tesis de maestría me pregunto sobre los relatos y las prácticas productivas alimentarias en relación a la soberanía y la seguridad alimentarias, de la Red Puna de Humahuaca en la actualidad (desde 2013), en el marco de sus memorias de lucha de larga, mediana y corta duración. En ésta investigación aparecen actores relevantes, y el Estado bien recientemente aparece como un actor fundamental con el cual se dialoga y se exige el cumplimiento de derechos colectivos como la titulación colectiva del territorio o incentivos a la agricultura familiar, campesina e indígena. Las comunidades indígenas y campesinas que integran la Red Puna se relacionan con la naturaleza desde prácticas teóricas (Cusicanqui, 2015) otras e impulsan propositivamente políticas de protección y sustentabilidad de la madre tierra, que no involucra o lo hace desde los márgenes, el antropocentrismo y su eje utilitarista como concepción de relacionamiento del ser humano con la naturaleza (Gudynas, 2013). La Red Puna en mayo de 2015 asume la conducción de la subsecretaría de agricultura familiar de la provincia de Jujuy. Lo que me pregunto en este trabajo está relacionado con la articulación de la Red Puna con el Estado, e indago exploratoriamente sobre: las motivaciones colectivas para acceder a esa responsabilidad pública, si las expectativas y las realidades coinciden y en qué ejes difieren a lo largo del año 2015, la forma de hacer política propia de la Red Puna de qué manera está siendo articulada con el Estado provincial, cómo piensan su propia autonomía en esa relación con el Estado, y cómo piensan que se interpelan mutuamente con el Estado en las valoraciones de la naturaleza.

LOS PORIAJHÚ Y SU LUCHA SOCIO-ECONÓMICA. UN ANÁLISIS DE LAS FORMAS EN QUE SE BUSCAN OTROS MUNDOS POSIBLES

María Laura Pegoraro. CONICET, Centro de Estudios Sociales, Universidad Nacional del Nordeste; laurapegoraro@comunidad.unne.edu.ar

La ponencia presenta la secuela de la tesis: “Las grietas del desarrollo, una exploración decolonial de la práctica agroecológica chaqueña”, en donde realizamos un acercamiento a las prácticas de cooperativas del Movimiento Agroecológico de la Provincia del Chaco, Argentina, en los años 2012-2013. En el trabajo antes mencionado hemos considerado que la trayectoria de las cooperativas mostraban lógicas alternativas a las propias del desarrollo, como idea/fuerza dentro del capitalismo. La naturaleza no representaba una mercancía. El individuo dejaba de ser únicamente racional, mientras la economía se encontraba, para sus actores, en una esfera social, territorializada y culturizada. Lo ambiental se mezclaba con lo político, y el conocimiento experto/científico estaba a la par de los saberes campesinos. Pero simultáneamente estas experiencias dejaban entrever grietas, superposición de lógicas, tanto en el discurso como en la práctica. Por ello, nos proponemos profundizar aquí la comprensión de las lógicas que envuelven a la experiencia de una de las cooperativas, Los Poriajhú, en su dimensión socio-económica, a partir de una investigación cualitativa y exploratoria, con un anclaje etnográfico vía la observación participante y entrevistas en profundidad a sus diferentes miembros. Nos preguntaremos específicamente en este trabajo por la forma que adquiere la lucha política de esta cooperativa para posicionar una forma diferente de producción y de existencia dentro de la escena pública, de la que vienen participando desde la década del ‘80.

Palabras claves: Chaco - Lógicas alternativas – Cooperativas agroecológicas.

AUTONOMÍAS EN (DE)CONSTRUCCIÓN: RECUPERACIÓN DE ESTADO, AUTOGESTIÓN Y DISPUTAS TERRITORIALES EN EL CASO DE LA UNION DE TRABAJADORES DESOCUPADOS DE GRAL. MOSCONI EN SALTA (ARGENTINA)

Juan Wahren. Doctor en Ciencias Sociales, Magíster en Investigación Social y Sociólogo de la Universidad de Buenos Aires. Investigador del Instituto de Investigaciones Gino Germani; juanwahren@gmail.com

En este trabajo analizamos los complejos procesos de construcción de Autonomía de los Movimientos Sociales tomando el caso de la Unión de Trabajadores Desocupados de Gral. Mosconi (UTD) en la provincia de Salta, Argentina. Esta organización -una de las

primeras expresiones del denominado movimiento de trabajadores desocupados que emergió en la Argentina de mediados de la década del noventa del siglo pasado- tiene como característica distintiva el despliegue territorial de diferentes proyectos autogestionados en torno lo comunitario, al trabajo, la vivienda, la educación, la salud y la defensa del medio ambiente. En este marco, se da un proceso de construcción de autonomía fáctica que llevó a que la UTD funcionara como si fuera un “Municipio Paralelo”. Esta construcción de autonomía se encuentra en tensión con las lógicas heterónomas del Estado: en el orden material, parte de los recursos de los proyectos autogestionados son obtenidos del Estado a través de las acciones de protesta de la UTD. En el orden simbólico, la UTD propone una “recuperación del Estado” en torno a un modelo ligado a las narrativas y experiencias que desplegó en esa región la empresa estatal de hidrocarburos -Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF)- desde mediados del siglo XX hasta su privatización en los noventa. Es en esa tensión donde analizaremos los procesos de (de)construcción de Autonomía que despliega la UTD a través sus procesos de territorialización y de autogestión y un imaginario heterónimo que recupera la intervención territorial, económica y simbólica del Estado a través de la antigua YPF estatal.

Palabras Clave: Autonomía, Movimientos Sociales, Territorialidad, Estado, Heteronomía.

DERECHO A LA TIERRA Y ACTIVISMO RURAL EN ARGENTINA: DE LAS LIGAS AGRARIAS A LOS MOVIMIENTOS CAMPESINOS

Pablo Barbeta; pbarbeta@sociales.uba.ar

Diego Domínguez; didominguez1@yahoo.com

Instituto de Investigaciones Gino Germani, Fac. de Ciencias Sociales (UBA)/
CONICET

El derecho a la tierra rural en Argentina ha sido erigido a partir de diversas modalidades de activismo de las poblaciones del campo, y ha tenido respuestas estatales también diferenciadas. Si bien podemos rastrear los orígenes de este reclamo en las movilizaciones de los agricultores del Grito de Alcorta, nos proponemos en este trabajo dar cuenta de las continuidades y rupturas en torno a la construcción del acceso a la tierra como derecho, desde las Ligas Agrarias hasta la actualidad de los movimientos campesinos. A la vez completaremos dicho análisis de la arena conflictiva a partir de las mediaciones políticas del Estado que han operado como contexto histórico en cada caso, observando las diferentes respuestas a nivel de la tensión regulación y emancipación, aun atentos a los dispositivos represivos del Estado.

Palabras claves: campesinado –regulación –emancipación –acceso a la tierra –derecho.

O TENDOTÁ – UMA FIGURA-CHAVE DA TEORIA POLÍTICA AMERÍNDIA PARA ENTENDER A VIDA NAS COMUNIDADES AUTÔNOMAS

Spensy Kmitta Pimentel. Antropólogo, professor na Universidade Federal do Sul da Bahia e pesquisador do Centro de Estudos Ameríndios (USP); spensy@gmail.com

A proposta é mostrar como a ideia de tendotá – o líder –, fundamental nas ideias kaiowa/guarani sobre os movimentos coletivos, pode ajudar a compreender uma série de dinâmicas e lógicas próprias da ação política ameríndia, complementando as reflexões que vêm sendo feitas a respeito do papel político central do xamanismo (cosmopolítica) e das assembleias (“democracia comunitária”). As ideias kaiowa/guarani sobre o tendotá se juntam a esse complexo e ultrapassam as reflexões clássicas – Lévi-Strauss, Lowie, Clastres – sobre o chefe ameríndio, uma vez que se trata de pensar os movimentos coletivos, e não o período de acomodação na vida em comunidade – quando a figura do mburuvicha (principal) se destaca. Além disso, as reflexões podem auxiliar na discussão sobre os limites e alcances da autonomia individual em coletivos que recusam a hierarquia. Nesse sentido, as ideias kaiowa/guarani contribuem para uma “teoria das entidades políticas que não são Estado”, no dizer de Graeber. O paper parte de um trabalho etnográfico desenvolvido para a elaboração da tese “Elementos para uma teoria política kaiowa e guarani”. Observe-se que objetivo é, também, contrastar as ideias guarani com outros conceitos e formas políticas desenvolvidas nas Terras Altas e mesmo em grupos das Terras Baixas como os Jê.

Palavras-chave: teoria política ameríndia; autonomias; guarani-kaiowa.

LA EXPRESIÓN DEL TERRITORIO CAMPESINO EN EL ESTADO PLURINACIONAL: AUTONOMÍA DEL SUJETO COMUNITARIO CONTEMPORÁNEO

Carlos Vacaflores Rivero. Comunidad de Estudios Jaina, Bolivia/Posgrado en Desarrollo Rural, UAM-X, México; vacaflor.carlos67@gmail.com

La aprobación de la nueva constitución política de Bolivia establece las posibilidades políticas de expresión de la diversidad societal que coexiste abigarradamente en el país,

mediante la figura del Estado plurinacional comunitario, que prevé la implementación de autonomías territoriales de tipo republicano y de tipo comunitario. Estas últimas son la vía para la reconstitución del sujeto comunitario indígena, originario y campesino, que es el sujeto histórico que impulsa este proyecto político. El desafío a la imaginación política lo plantea el sujeto comunitario de formación contemporánea al Estado moderno, el campesino, puesto que a diferencia de los pueblos indígenas y originarios, éste no es un sujeto pre-existente al Estado, sino que es fruto del proceso formativo contemporáneo al Estado, pero su sociabilidad y espacialidad se concreta desde la lógica comunitaria, y su historia de lucha emancipadora le confiere en Bolivia una fortaleza organizativa capaz de controlar amplios espacios territoriales donde se establecen sus formas comunitarias de control, territorial, las comunidades campesinas, articuladas orgánicamente en entidades nacionales. El desarrollo institucional y legislativo para la implementación del Estado plurinacional comunitario es tensionado por esta naturaleza comunitaria del sujeto comunitario campesino, que plantea un proyecto político de control territorial que se contrapone directamente a la naturaleza republicana del Estado nación, pero que paradójicamente también es cabalgado por este sujeto desde su naturaleza moderno-sindical, con ventajas evidentes. Esta tensión es analizada a la luz de los procesos de creación/implementación del municipio campesino de la provincia Cercado, en Tarija, emergentes del proceso constitucional boliviano reciente.

Palabras clave: sujeto comunitario, formación socio-espacial, descolonización, territorio campesino.

ORGANIZACIÓN POLÍTICA INDÍGENA A LA LUZ DE LA RECONFIGURACIÓN ESTATAL: QULLAMARKA Y DESARROLLO

Marina Weinberg. Instituto Interdisciplinario Tilcara, Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Buenos Aires; marweinberg@hotmail.com

En las últimas décadas se configuró un nuevo escenario político latinoamericano marcado por la crisis del consenso neoliberal. Desde el año 2003, en Argentina se inició un proceso de recuperación de espacios estatales, poniendo en marcha un sinnúmero de programas sociales y abriendo la arena política a sectores excluidos durante los noventa. La inclusión legal, el reconocimiento cultural y el empoderamiento alcanzados por los pueblos indígenas de la mano del financiamiento internacional durante los noventa, preparó a muchos de sus representantes para integrar la estructura estatal actual. Así como se puede elogiar la incorporación de representantes indígenas a dicha estructura, en muchos casos bajo la figura de “idóneos”, agentes del desarrollo, también es plausible explorar ciertos niveles de cooptación de los cuales aún se desconocen las consecuencias a nivel organizacional comunitario. La figura del “indio permitido” sugerida por Hale para el contexto neoliberal que “habilitó” demandas mientras cerraba ciertos debates, nos permite pensar en nuevas tensiones. Si bien se abren estrategias inclusivas resultantes de políticas universalistas, se cierran temas de confrontación más

radicalizados como la autonomía, bajo riesgo de perder motivaciones políticas que guiaron al movimiento indígena por décadas.

La presente ponencia explora estos complejos procesos en el departamento de Iruya, Salta, a través del funcionamiento de la organización indígena Qullamarka y algunas oficinas estatales que incorporaron representantes indígenas a sus estructuras. Aunque el movimiento logró cierto posicionamiento político a nivel provincial, las problemáticas sobre tenencia de territorios y el impacto de la expansión de fronteras agropecuarias pertrechada por los agronegocios son aún un conflicto abierto.

Palabras claves: Pueblos Indígenas, Estado, Desarrollo.

Sesión 2b: Reflexiones y discusiones onto/metodológicas

INTELECTUALES INDÍGENAS CONTEMPORÁNEOS Y SUMAK KAWSAY EN EL ECUADOR

Blanca S. Fernández. IIGG/FSOC/UBA; blancasoledadfernandez@gmail.com

Este trabajo propone exponer algunas reflexiones de un colectivo de intelectuales indígenas ecuatorianos acerca del Sumak Kawsay o Buen Vivir. Dicha categoría es incluida en la Constitución ecuatoriana de 2008, luego de siete meses de debates públicos en los marcos de una Asamblea Nacional Constituyente. Se trata de una categoría reciente en el escenario político ecuatoriano, que ha significado uno de los principales avances en materia de derecho y de teoría política contemporánea. En efecto, la introducción de los derechos del buen vivir y del régimen del buen vivir, impacta en el escenario político latinoamericano como alternativa al modelo de desarrollo capitalista.

El objetivo de esta ponencia es presentar las reflexiones y aportes que seis intelectuales indígenas ecuatorianos han realizado sobre esta temática. Se trata de un conjunto de autores indígenas que han cumplido cargos dirigenciales en la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador). No libres de tensiones y falta de consensos, estos debates atraviesan diferentes niveles y perspectivas de análisis, que circundan lo teórico, lo político y lo epistemológico. Desde América Latina, constituye uno de los aportes más recientes contra el colonialismo que a su vez propone generar un modelo alternativo que constituya un cambio civilizatorio. En este sentido se trata de una invitación a reflexionar en colectivo sobre estos debates que plantean interrogantes respecto a los modos de hacer y a las posibilidades de articular las diversas prácticas

políticas y los diferentes procesos de cambio que vive nuestra región.

Palabras clave: buen vivir, sumak kawsay, intelectuales indígenas, Ecuador.

MÁS ACÁ DEL “MÁS ALLÁ DE LA NATURALEZA-CULTURA”: PRESINTIENDO ALGO ENTRE ANTROPOLOGÍAS VITALISTAS Y ANTROPOLOGÍAS POS-CLÁSICAS

Axel Lazzari. CONICET, IDAES (UNSAM); axellazzari@hotmail.com

Asumimos el desafío de las antropologías vitalistas desde el muelle de la antropología pos-clásica construido de pilotes socio-culturales “puestos en práctica”. Surfeamos el oleaje de las antropologías vitalistas y gozamos golpeando y acariciando la península del humanismo antropológico. En esta ponencia queremos mapear un nuevo modo de habitar esta ecología teórica que siempre estuvo ahí. La Vida, el Ser en Devenir es el alimento “otro” que se desliza por debajo de la puerta para que el sujeto antropológico enclaustrado en la Razón pueda lanzar su Crítica. Ese fue el “arreglo” ideado desde que el cristianismo se sincretizó con el platonismo, mucho antes del “nunca-fuimos-modernos”. Sus obras (¿Occidente?, ¿sólo Occidente?) no se reconocen sin esa mancha oscura y confusa cuyo síntoma ha sido el misticismo y, en una cuerda menor, el romanticismo. Las filosofías de la vida de fines del siglo XIX no se cansaron de nombrarla y revolcarse en ella. Luego vino la maravillosa juventud tocando el límite de la vida en las dos Guerras Mundiales y otras más cercanas. Nos preguntamos: ¿cómo jugar este juego sucio? Repasaremos los modos de crítica antropológica pos-clásica y los modos de la crítica vitalista. Los “juntaremos” y luego indicaremos una puerta giratoria llamada fictocriticismo y subalternismo. Dicho de otro modo, ¿cómo presentir cuándo hay que ir “más allá de la naturaleza-cultura” para verle la cara a Gaia y a la Pachamama y cuándo hay que ir más acá del “más allá” de la comilona ontológica? ¿Estamos sugiriendo una bulimia metodológica?

Palabras clave: antropologías vitalistas, antropología pos-clásica, nunca-fuimos modernos, tampoco judeo-cristianos, Andes.

-

GT 100. PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS NO ESPORTE E

NO LAZER: CORPOS, GÊNEROS E SOCIABILIDADES

Coordenação:

Prof. Lía Ferrero (CED-UNSAM, UNLP, Argentina).

Dr. Wagner Xavier de Camargo (UFSCar/São Carlos, Brasil)

Prof. Dr. Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG/ Alfenas-MG, Brasil)

FÚTBOL FEMENINO EN URUGUAY

Tiago Figueiredo; slf.tiago@gmail.com

La entrada de mujeres en espacios considerados masculinos es una conquista. Un partido de fútbol en Uruguay, y quizás en la mayoría de los países, es un espacio de sociabilidad de varones, jugar con la pelota es una de las claves de la construcción de un tipo de masculinidad. Por ejemplo, unos de los primeros juguetes que tiene un niño es una pelota de fútbol. Ya, una niña recibe una cocina o una muñeca para jugar de madre. ¿Y cuándo esa lógica se invierte? ¿Cuándo una niña adentra en ese espacio de construcción de lo masculino? Para tanto, acompañé los partidos del campeonato femenino sub 16 y de mayores en Uruguay, y su elaboración junto a la Asociación Uruguaya de Fútbol (AUF). Tal entidad en los últimos años ha pensado en inúmeras estrategias para cambiar el entendimiento que el fútbol es un juego apenas para chicos. Uno de los mayores desafíos de la presidenta de la AUF es lograr que las chicas sigan jugando al fútbol después de los trece años que es la edad que pueden ser confederadas. Según ella, el número de niñas en el baby fútbol (sub-12) es infinitamente más grande comparado con las que siguen para la categoría siguiente. Este trabajo tiene por objetivo central problematizar las distintas perspectivas alrededor del proceso de institucionalización del fútbol Femenino en Uruguay."

Palabras-claves : Género, fútbol, institucionalización, AUF, Uruguay.

O FEITIÇO DO JOGO: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DOS JOGOS DE CARTAS E DAMAS ENTRE HOMENS NO PARQUE HALFELD DE JUIZ DE FORA

William Assis da Silva. Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Minas Gerais, Brasil; williamassispi@gmail.com

Este artigo busca refletir sobre os aspectos simbólicos e práticas sociais envolvidos no jogo, investigados a partir de um espaço de sociabilidade entre homens que reúnem-se diariamente para jogar cartas e damas.

A pesquisa empírica é realizada no Parque Halfeld, localizado no centro de Juiz de Fora – Minas Gerais, cidade com aproximadamente 550 mil habitantes. O Parque Halfeld é um local bastante arborizado, contém bancos espalhados por todo o espaço, sendo considerado um ponto de encontro e um dos principais locais de lazer da cidade. O local é frequentemente ocupado por feiras de artesanato e culinária, shows, manifestações políticas e etc. Há em uma das partes do Parque mesas de concreto com tabuleiros de damas embutidos que são utilizadas por frequentadores para os jogos de damas e, preponderantemente, cartas.

O método utilizado é principalmente qualitativo, baseado em uma etnografia desenvolvida no local através de observação, participação, descrição e compreensão das práticas sociais, não se limitando à mera descrição da forma pela qual os fenômenos se apresentam, mas atentando-se para como são produzidos. Além disso, são realizadas entrevistas semi-estruturadas com os jogadores e outros frequentadores do Parque.

O artigo tem como intuito analisar questões referentes ao significado do jogo entendido como forma lúdica de integração social que possibilita essa sociabilidade, a construção e reconstrução da masculinidade presentes nos discursos e práticas dos frequentadores e a apropriação e sentimento de pertencimento local em relação a esse espaço público urbano. A pesquisa faz parte do meu projeto de mestrado e encontra-se em andamento.

Palavras-chave: jogo; sociabilidade; lazer; espaço público; construção da masculinidade.

CORPORALIDADES NO ENSINO DO BALÉ CLÁSSICO EM ACADEMIAS DE DANÇA

Fernanda Ferreira de Abreu. Doutoranda em Antropologia Social - Museu Nacional/UFRJ – Brasil; feabreu82@hotmail.com

Esta proposta se insere no âmbito de minha pesquisa de doutorado sobre carreiras no

ensino do balé clássico. Especificamente neste trabalho, pretendo analisar, com base em pesquisa de campo realizada durante dois anos, por meio de entrevistas e observação participante em academias de dança de Niterói (RJ) – cujas alunas, em sua maioria, não têm como objetivo a profissionalização –, a construção da corporalidade de professoras de balé clássico, tendo em vista possíveis fatores de influência no desempenho em sala de aula, tais como faixa etária, “condições físicas”, além do fato de ainda fazerem ou não aula de dança. Para ser uma boa professora, é preciso ser (ou ter sido) uma boa aluna de balé ou bailarina? Que feminilidades estão em jogo em cada caso? De que maneira os corpos das professoras são mobilizados no processo de ensino? Como explicar a outra pessoa os movimentos que ela deve fazer? De que forma se ensina um passo que a própria professora talvez não consiga mais fazer? Essas são as questões que este trabalho se propõe a discutir, em diálogo com etnografias da dança e do esporte; e procurando privilegiar a corporalidade de quem transmite a técnica, o que normalmente fica em segundo plano.

Palavras-chave: balé clássico; corporalidades; ensino.

A VIGILÂNCIA DOS AFETOS E DOS DESEJOS: SEXO, GÊNERO E DESEJO NOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS

Wagner Xavier de Camargo. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Via de regra, o esporte moderno se caracteriza pela otimização do treinamento com vistas à máxima performance atlética e, com vistas a ter resultados, as esferas olímpica e paraolímpica exercem uma vigilância cruel e um controle exacerbado sobre corpos, sexos e desejos. Com o propósito de discutir a matriz heteronormativa e seus ditames que vigora em regulamentos de jogos e competições, esta intervenção propõe-se discutir o apagamento de afetos e desejos e a eliminação de expressões corporais dissonantes, num ambiente homogeneizante e segregador de gêneros. Para tanto, tomarei como exemplos dois modelos esportivos autônomos que podem nos fazer refletir sobre as expressões mainstream do esporte: as competições esportivas de atletas “com deficiência” (Jogos Paraolímpicos) e torneios onde lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans (LGBT) competem entre si (Gay e OutGames). A partir disso, objetivo propor reconsiderações sobre corpos e práticas por meio do que denomino práticas esportivas dissonantes, e, o principal desafio científico é discutir em que medida tais práticas se caracterizam como negativas do estabelecido, disruptivas do normativo, e propositivas de novas dimensões agregadas ao sistema esportivo global. Ademais, abre-se a oportunidade de (re)discutir no esporte categorias como sexo/gênero, eficiência/deficiência, sexualidade/erotização, assujeitamento/subversão.

ENTRE “TACKLES” E “HANDOFFS”: NARRATIVAS SOBRE CORPO E DOR ENTRE JOVEN S UNIVERSITÁRIAS PRATICANTES DE RÚGBI

Leonardo Turchi Pacheco; leonardoturchi@gmail.com

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa intitulada “Pedagogias do rugby: feminilidades e corporeidades em jogo” que foi desenvolvida entre os anos de 2012 e

2014 contou com recursos da chamada MCTI/CNPQ/SPM-PR/MDA N°32/2012. Nesse período foram realizadas observações em jogos e treinos dos times de rugby feminino nas cidades de Alfenas, Uberaba, Uberlândia e Varginha, todas situadas no Estado de Minas Gerais, Brasil. Foram realizadas entrevistas com jovens mulheres praticantes que, na sua maioria, estudavam nas Universidades desses locais. Também foram coletadas informações da rede social Facebook na qual as equipes possuíam com unidades. A partir dessas observações, entrevistas e dados coletados pretendemos,

no presente trabalho, refletir sobre as narrativas, representações e significados que o corpo e as dores adquirem na visão dessas jovens mulheres universitárias praticantes de rugby.

Nesse sentido, procuramos apontar para a definição nativa de duas categorias – tackle e hand off – que se apresentam como técnicas corporais importantes para o esporte, mas também são resignificadas como motivo de orgulho, beleza ou humilhação em determinadas circunstâncias para as praticantes. Ademais, as narrativas

sobre o corpo ainda indicam para uma pluralidade corporal associada ao rugby e enfocam a modificação corporal como necessidade e benefício do esporte. A dor aparece nos relatos de maneiras variadas. Discursos que as praticantes “raramente se machucam” são frequentes, no entanto os relatos das experiências das jogadoras estão envoltos em casos

de machucados, fraturas e lesões que aparentemente são motivos de orgulho. Outros discursos indicam que jogar machucado é uma prática recorrente e denota comprometimento com a equipe, o que é valorizado. As jogadoras classificam as dores

através de intensidade e motivo. Portanto, há o “machucar mesmo” (fraturas e lesões sérias) e as “dorzinhas” (hematomas e arranhões) e ainda as dores dos exercícios e as

dores das pancadas. Por fim os machucados, lesões e fraturas são ligadas a inexperiência das jogadoras, geralmente novatas, a falta de exercício e fortalecimento corporal nas Academias, e a auto culpabilidade por não ter utilizado de forma correta da técnica eximindo assim o adversário de qualquer culpa.

Palavras-Chave: Rúgbi, Corpo, Dor, Mulheres.

AS ÁRBITRAS DE FUTEBOL E A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ineildes Calheiro dos Santos. Mestranda em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Licenciada e especialista em Educação Física. Integrante do Grupo de Pesquisa Enlace. (UNEB). Bolsista financiada pela FAPESB;
ildafrica@yahoo.com.br

Suely Aldir Messeder. UNEB - Universidade do Estado da Bahia/Brasil

Dra. em Antropologia. Coordenadora do Doutorado Multi Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UNEB). Professora do Mestrado em Crítica Cultural (UNEB). Coordenadora do Grupo Enlace (UNEB);
suelymesseder@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo compreender como as mulheres que se dedicam ao mundo da arbitragem futebolística encaram as influências da Educação Física, quer seja na modelagem dos corpos, quer seja na imposição de regras de papéis sexuais diferenciados hierarquicamente. No mundo da arbitragem nos deparamos com dois períodos distintos em relação a absorção das mulheres como assistentes de arbitragem ou mesmo como arbitras: a) até o ano 2007 o teste realizado levava em conta a diferença física entre homens e mulheres; b) A partir do ano seguinte os testes passaram a ser realizados sem levar em consideração a diferença sexual entre os concorrentes. Com efeito, verificamos que no primeiro momento houve um ingresso significativo de mulheres, enquanto no segundo assistimos paulatinamente o decréscimo da absorção destas mulheres no campo da arbitragem. Acreditamos que ao cotejarmos os depoimentos destas mulheres com as duas etapas temporais nos embreamos na constatação de que não se pode requerer uma igualdade de gênero/sexo, sem vislumbrarmos como as mulheres vivenciam e modelam seu corpo, sob o julgo da disciplina da Educação Física, cujo conteúdo curricular é fortemente (ainda) influenciado pelo higienismo, e, sobretudo pelo pavor da virilidade feminina.

Palavras-chave: Árbitras de futebol; Educação Física; Higienismo; Práticas corporais; divisão sexual.

FUTEBOL FEMININO, DA PERIFERIA AO CENTRO : GÊNERO,

CIRCULAÇÕES E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Mariane da Silva Pisani. Doutoranda em Antropologia Social na Universidade de São Paulo; marianepisani@gmail.com

O presente paper, parte da pesquisa de doutorado em Antropologia Social, traz à discussão os processos de circulação e sociabilidade entre mulheres jogadoras de futebol da cidade de São Paulo. Ao acompanhar os trajetos e apropriações de diferentes espaços urbanos por estas mulheres atletas em São Paulo, é possível perceber como a cidade se torna ela mesma agente de afetos e interações na construção de seus modos de vidas. As fronteiras entre centro e periferia, capital e interior transbordam e são borradas a partir da prática do futebol feminino, vivido como esporte, profissão e modo de habitar. Para estas constantes reconfigurações de paisagens e atores urbanos, é preciso considerar as diferentes ativações de categorias como gênero, raça e sexualidade, que adquirem diferentes feições nos múltiplos contextos e práticas das jogadoras por estes trajetos e cenários, mobilizando nessa análise problemáticas concernentes à Antropologia Urbana e os Estudos de Gênero.

Dessa forma, a cidade de São Paulo, pode ser repensada a partir da sociabilidade construída através da prática do futebol feminino. Para além das análises teóricas, a prática do futebol feminino de fato permite o acesso e a circulação dessas mulheres na cidade e no estado de São Paulo de maneira mais fluída, intensa e vívida.

TÉCNICAS CORPORALES, PLACER Y EMOCIÓN EN TORNO A LA PRÁCTICA DEL GOLF

Rodolfo Iuliano. Lic. en Sociología (UNLP) – Mg. en Ciencias Sociales (UNLP) – Doctorando en Antropología Social (IDAES-UNSAM) FaHCE-IdHICs-CIMeCs-UNLP

La presente ponencia surge de una investigación doctoral orientada al estudio etnográfico de la práctica del golf, a partir de un trabajo de campo desarrollado en clubes de golf argentinos.

Problematizando las perspectivas que reducen la práctica del golf a una simple excusa para la producción de sociabilidades, sostengo que para entender los entramados sociables que toman forma en torno a la práctica del golf, es necesario tomar en cuenta, reconstruir y analizar las características materiales y las técnicas específicas del deporte, que habilitan determinadas formas de relacionamiento, sin que eso sea lo único que habilitan.

Por este camino, intento elaborar aquí un conjunto de materiales que surgen de mi participación como observador y aprendiz en la escuela de un club golf argentino, prestando especial atención a las técnicas corporales, las metáforas y las mitologías ligadas a este deporte que se ponen en juego durante el proceso de enseñanza, en diferentes escenas y situaciones de campo.

Finalmente, procuro situar un conjunto de interrogantes sobre el modo en que las características específicas del deporte, sus técnicas y el modo en que son transmitidas, intervienen en la configuración de categorías singulares de placer y emoción.

Palabras clave: Golf – Técnicas Corporales – Placer – Emoción – Enseñanza.

AS MULHERES NA VÁRZEA E AS MULHERES DA VÁRZEA: RETRATOS ETNOGRÁFICOS DE UM CIRCUITO DE LAZER FUTEBOLÍSTICO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

MAURO MYSKIW. Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mmyskiw@hotmail.com

O futebol praticado em espaços de aprendizagem ou de lazer tem sido descrito como um lugar de (re)produção de masculinidade. Nesse sentido é que, em estudos etnográficos, Simoni Guedes trata da construção do corpo masculino em espaços geridos por homens e para homens, que Arlei Damo mostra o privilégio da homossocialidade masculina, que Eliene Faria destaca as marcas da masculinidade, e que Eduardo Leal retrata a construção da honra masculina. Isso não significa a ausência do feminino nos espaços de prática, pois em relação a ele que se reforça o masculino, situação muito frequente nas jocosidades e nos esforços de depreciação e de desestabilização dos oponentes. Observei muitas dessas situações em um estudo etnográfico multilocalizado, empreendido entre 2009 e 2011, num circuito de lazer futebolístico da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, denominado de ‘municipal da várzea’. Dentre as observações e registros realizados nos diários de campo, a participação de mulheres (aquelas pessoas que, naquele universo, melhor representavam o feminino) ocupou destaque nas anotações e nas interrogações. Um desses questionamentos se deu em torno da recorrência das controvérsias entre dois modos de viver o futebol pelas mulheres: 1) ir para os campos para participar do futebol (as mulheres da várzea); ou 2)

ir para ver os homens jogarem futebol (as mulheres na várzea). Essas controvérsias presentes em inúmeros comportamentos de ‘beira de campo’ deixavam rastros sobre os lugares do feminino num universo masculino, questão que procuro analisar a partir da descrição de retratos etnográficos.

Palavras-chave: mulheres; futebol; lazer; masculinidade.

ENTRE O SONHO E AS POSSIBILIDADES: ASPECTOS INICIAIS DA CIRCULAÇÃO DE FUTEBOLISTAS BRASILEIRAS NO EXTERIOR

Caroline Soares de Almeida (PPGAS/UFSC)

Proibido por décadas no Brasil, o futebol praticado por mulheres tem seus primeiros casos de transferências na década de 1980 no país. Mas, ao contrário do que acontece com os homens, grande parte dessa movimentação não é acompanhada por representações esportivas oficiais. As contratações e acordos são feitos a partir de redes informais existentes entre as jogadoras que atuam dentro e as que atuam fora do país. A variedade de campeonatos/destinos, dentro do processo de globalização do esporte, tem acarretado na aceleração desses deslocamentos que podem fazer com que, no espaço de um ano, a futebolista possa atuar em pelo menos duas equipes/países diferentes. Essas mulheres mantêm múltiplas relações que envolvem dependência de regulamentações as quais abrangem diferentes países. Dessa forma, são caracterizadas como “transmigrantes” nos diferentes lugares que estão dentro do sentido que Homi Bhabhairá chamar in-between, do sujeito híbrido, possuem percepções múltiplas sobre casa, sobre cultura, podendo ser pensadas também dentro de uma dimensão de viagem. Este trabalho tem por objetivo traçar um panorama inicial da movimentação de jogadoras de futebol, tendo em vista os fluxos migratórios que levam as futebolistas brasileiras a diferentes gramados ao redor do mundo. Para tanto, trabalho com as categorias de “circulação” de futebolistas através da perspectiva abordada por Carmen Rial e de “labour of love” por Agergaard e Botelho.

“É RUIM, MAS É BOM!”: DORES E SOFRIMENTOS EM ESPORTES DE

AVENTURA

Cilene Lima de Oliveira. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal Fluminense; cilnelima.uff@hotmail.com

Correlacionar sofrimento como parte constituinte da prática esportiva é relativamente comum, sobretudo quando falamos de esportes de alto rendimento. O consentimento da dor por quem se submete a ela é a negociação entre o atleta e os limites que ele quer superar, uma troca entre o esforço produzido e a marca que se quer alcançar. A intenção deste trabalho é investigar como atletas de esportes de aventura significam suas práticas e seus corpos por meio dessa questão. Quando conversei com meu primeiro interlocutor o tema se anunciou de forma latente: dor, sofrimento e limites corporais apresentavam-se como construções simbólicas importantes em torno da construção de corporalidade para aquele atleta. Contudo, decorrendo o tempo, pude perceber que a significação da dor e do sofrimento para os atletas de esportes de aventura poderia ser diferente em relação a outros esportes, portanto emprego aqui uma perspectiva comparativa. Em estudo sobre atletas de fisiculturismo, por exemplo, Cesar Sabino (2005) menciona o processo de construção do habitus corporal dos fisiculturistas através da dor (daí a máxima: “no pain, no gain”). Segundo Sabino, neste sistema simbólico, a dor é positivada, é parte constitutiva da identidade dos atletas. Entretanto, se nesse esporte um habitus corporal é construído através da dor, nos esportes aqui analisados este habitus parece ser construído apesar dela. A técnica desta investigação é a observação participante de um grupo de atletas de uma assessoria de esportes de aventura no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: esportes de aventura, dor, limites corporais.

BELAS E FERAS: A REPRESENTAÇÃO DA BELEZA COMO PROTAGONISTA NO MUNDO DO BOXE E MMA

Pedro Pio Azevedo de Oliveira Filho. Mestre em Antropologia – PPGA/UFF;
pedropio.filho@gmail.com

A proposta deste artigo é discutir como a representação da feminilidade no boxe e MMA está diretamente associada a noção de beleza, estando inclusive a frente do desempenho físico. No dia primeiro de agosto de 2015 foi celebrado o grande duelo entre duas lutadoras de peso do UFC no Rio de Janeiro: de um lado a americana Ronda Rousey, bela, loira, com participação em filmes hollywoodianos e do outro a adversária,

Bethe Correia, natural da Paraíba e com o seu “nariz de berinjela” referido no programa humorístico Pânico da TV Bandeirantes. Nesta luta outros programas de televisão reforçavam a importância da estética não apenas na menção desses adjetivos, como também na cobertura de vaia na aparição de Bethe e na seleção de depoimentos de artistas, cuja maioria masculina afirmara abertamente que não estava para prestigiar a lutadora nacional, mas para ver a maravilhosa Ronda. Tais percepções fizeram o presente pesquisador a refletir e analisar como essa pré-noção está diretamente associada com a dissertação de mestrado Ringuês de Gênero: Representações sobre a Feminilidade entre Praticantes de Boxe defendida pelo mesmo em 2011. O objeto praticantes é fruto da escassez de lutadoras amadoras e profissionais no território fluminense, pois a exigência pela beleza aparece como uma condição sine qua non para o sucesso neste esporte. Deste modo, pretendo, neste artigo, ressaltar como o mundo do boxe e MMA é estigmatizado e condicionado a valores machistas que subjagam a capacidade dessas atletas em detrimento da beleza, da dominação masculina e do capital.

Palavras-chave: UFC, luta, gênero, mídia, feminilidade.

FLOR DO CONCRETO: A PRÁTICA DO SKATE EM MANAUS: ESPORTE E/OU ESTILO DE VIDA?

Juliana de Nazaré Gomes Sarmiento – Mestranda em Antropologia Social (UFAM)

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino- Prof^ª Dr^ª (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

A pesquisa apresenta uma reflexão sobre a prática do skate na cidade Manaus, estabelecendo um diálogo com o campo de estudos da antropologia urbana e do esporte. O foco principal é pensar sobre a dicotomia colocada pelos próprios praticantes que consideram o skate como esporte e/ou estilo de vida, pensados através de uma abordagem etnográfica, apresentando as características da “cena” do skate em Manaus e a “sessão” como a prática emblemática dos skatistas na cidade, o pertencimento ao grupo, a sociabilidade construída e a uma forma urbana de viver. Buscou-se também dialogar com demais problemáticas existentes na prática que envolvem relações de gênero, corporalidade, noção de arte e performance. Existe atualmente, uma grande discussão entre os próprios skatistas, onde alguns negam a classificação e reconhecimento do skate como esporte que recebe tal definição devido a suas configurações para fins de competição, lazer e prática corporal. Afirmando, então que, “o skate é mais que isso”. Calçados numa concepção afetiva, afirmam-no como estilo de vida, como uma cultura compartilhada e reconhecida não só pelos seus pares, mas também por outros, que percebem a prática do skate como um modo de vida. Trazer para a discussão o que caracteriza o skate na cidade de Manaus e o que seus praticantes fazem, é pensar sobre a diversidade do mundo urbano e de que forma ela se atualiza no

contexto do Estado do Amazonas.

DOPING COMO PROBLEMA ANTROPOLÓGICO: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS INTERFACES ENTRE ESPORTE E TECNOLOGIA

Marcos Silbermann. Doutorando em Políticas Científicas e Tecnológicas – UNICAMP;
meirsi@gmail.com

Este artigo aborda o doping como um autêntico problema antropológico (Rabinow, 2007; Ong, 2007), ou seja, como um objeto capaz de produzir uma perspectiva a partir da qual seja possível questionar sobre os limites do esporte de alta performance por meio de seu contrassenso. Colocando em suspensão o seu estatuto de instituição promotora de valores como moralidade (Vigarello, 1999), saúde (Bancel e Gayman, 2002) e igualdade (Ehremberg, 1992). Em outras palavras, esta proposta busca refletir a cerca destas práticas definidas como doping, que procuram potencializar o corpo para além do que compreendemos ser o seu desempenho natural. Tensionando o que entendemos como o humano e os seus limites, continuamente, demarcados e atualizados pelo esporte de alto rendimento. Nessa direção, o esporte é apresentado a partir de seus aspectos sociotécnicos, a sua relação múltipla com a produção do conhecimento científico e tecnológico, aspectos estes que tornam explícitas as formas como são constituídas estas relações na atualidade. No entanto, as práticas de dopagem e as substâncias dopantes não são o objeto analisado por este artigo, nem são foco de especulação moral, mas o doping é abordado a partir de suas implicações, na constituição de regulamentações e na criação e desenvolvimento de dispositivos de controle e métodos de detecção empreendidos em, simultaneamente, definir e coibir as práticas de dopagem entre esportistas. Em sua capacidade de atualizar os limites do natural e do artificial, do saudável e do insalubre e do moral do imoral do esporte.

Palavras-chave: doping, antidoping, performance esportiva, rede sociotécnica, tecnologia.

LA BICICLETA EN LA CIUDAD. NUEVOS SENTIDOS PARA VIEJAS PRÁCTICAS

María Rosa Corral. Integrante del Departamento de Educación Física y Salud del Instituto Superior de Educación Física de la UdelaR. Estudiantes de la Maestría en Antropología de la Cuenca del Plata de la FHCE-UdelaR; mcorral18@hotmail.com

Karen Kühlsen Beca. Integrante del Departamento de Educación, Tiempo Libre y Ocio del Instituto Superior de Educación Física de la UdelaR. Estudiantes de la Maestría en Antropología de la Cuenca del Plata de la FHCE-UdelaR; karenkuhlsen@hotmail.com

La invención de la bicicleta se presenta desde orígenes múltiples y en diversas culturas y tiempos aunque su popularización se da a lo largo del siglo XIX fundamentalmente desde Inglaterra y Francia. En Uruguay existen referencias que dan cuenta de que prácticas corporales como el ciclismo podría ser anterior al football como lo expresó el naturista prof. Antonio Valeta en 1918 (Valeta, A. 1918) Testimonio de esto, es el primer documental filmado en Uruguay por F Oliver en 1898 “Una carrera de ciclismo en el Velódromo de Arroyo Seco”. Este deporte tuvo en nuestro país gran prestigio, contando con grandes deportistas a lo largo de su historia. Ocupa en el imaginario colectivo un lugar de destaque que puede visualizarse en nuestro cancionero y dichos populares como “el año empieza con la llegada del último ciclista” haciendo referencia a la competencia que desde 1939 y a iniciativa del Club Atlético Policial se realiza en Uruguay: La vuelta ciclista del Uruguay.

Este trabajo es una primera aproximación al uso y significados que los usuarios de la bicicleta otorgan actualmente a esta práctica en Montevideo. Pretendemos identificar y describir las diferentes prácticas corporales desarrolladas con bicicleta en la costa de la ciudad de Montevideo, posibilitando una aproximación al fenómeno, así como identificar los sentidos asociados a la pertenencia a grupos organizados en torno al uso de la bicicleta en el espacio público de la ciudad.

Palabras Clave: Bicicleta - práctica corporal – espacio público.

PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS SOBRE SOCIABILIDADE, MASCULINIDADE E ENVELHECIMENTO EM UM CLUBE DE JOGO DE MALHA, NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Ingrid Ferreira Fonseca. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF); ingrid.fonseca@ifrj.edu.br

As atividades esportivas são uma das diversas formas de fruição dos espaços da cidade.

No que diz respeito aos idosos, os estudos sobre suas práticas ainda são menos numerosas do que em relação às realizadas com crianças, adolescentes, jovens e adultos. Neste sentido, este texto apresenta alguns dos dados construídos na minha tese de doutorado e algumas de suas conclusões. Baseia-se na seguinte questão central: como se constrói e se organiza a sociabilidade, principalmente entre homens acima dos 60 anos, não marcada por parentesco, em torno do gosto por um jogo chamado “jogo de malha”, que acontece em uma praça pública, no bairro de Madureira, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, Brasil? A pesquisa foi realizada no Esporte Clube de Malha Patriarca do Madureira cuja sede está situada na Praça do Patriarca, no convencionado subúrbio carioca. Este estudo apoia-se em um método etnográfico, utilizando-se de uma perspectiva de perto e de dentro cuja ênfase traz a tona aspectos sobre a produção de comportamentos e de determinados estilos de vida que nele ocorrem. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas para ajudar na construção dos dados. Participaram da pesquisa doze homens idosos praticantes do jogo de malha; dois ex-jogadores; três frequentadores da pista e sete outras pessoas da vizinhança ou do comércio local que tinham interlocução com os frequentadores da pista. Refleti acerca das questões, fazendo correlações com as teorias que abarcam as discussões sobre a construção social da masculinidade e dos processos de construção da velhice.

Palavras- chaves: Sociabilidade. Jogo. Esporte. Masculinidade. Envelhecimento.

TERRITORIO, SOCIABILIDAD Y FÚTBOL RURAL. APUNTES ETNOGRÁFICOS DEL TORNEO DE RÍO BLANCO, LA ARAUCANÍA, CHILE

Nelson Soto Santibáñez. Antropólogo. Dr © en Antropología del Programa de Doctorado en Antropología del Convenio Universidad Católica del Norte y Universidad de Tarapacá. Instituto de Investigaciones Arqueológicas y Antropológicas, Universidad Católica del Norte. San Pedro de Atacama. Chile; paleorock@yahoo.com

El Torneo de Río Blanco, es un torneo de fútbol rural que se realiza todos los meses de febrero desde hace unos cuarenta años en el sector de Río Blanco, sector cordillerano ubicado entre los límites físico-administrativos de las comunas de Cunco y Pucón, al sur de Chile. Es organizado por los pobladores del asentamiento de Río Blanco mediante las acciones organizadas del Club Deportivo y la Junta de Vecinos del sector. El torneo dura dos días, en los que existe comida, fiesta, fútbol y re-encuentros familiares y vecinales. Como es costumbre de los campos del sur de Chile, el Torneo entrega animales (ovinos y vacunos) como premios a los clubes ganadores que obtienen los tres primeros lugares. En él participan clubes de fútbol de sectores rurales aledaños de la cordillera y las zonas lacustres pre-cordilleranas. Este Torneo, se constituye en el único evento anual y masivo de Río Blanco, por lo que además de jugar al fútbol, el Torneo es parte de las estrategias territoriales que los pobladores del sector implementan ya sea para mantener los vínculos con otros territorios rurales; para recibir a los parientes que han migrado hacia otras ciudades del país o del sur de Argentina y con ello mantener y actualizar los vínculos familiares; o bien para generar recursos

económicos de manera individual y colectiva. A partir de mis aproximaciones etnográficas de este evento, el trabajo describe y analiza algunos mecanismos de sociabilidad y construcción del territorio a partir de un torneo de fútbol rural.

Palabras Clave: Fútbol Rural, Torneo, Sociabilidad, Territorio, Etnografía.

SOU GALOUCURA: TRAJETOS E PERCURSOS DOS MEMBROS DE UMA TORCIDA ORGANIZADA EM DIAS DE CLÁSSICOS DE FUTEBOL

Flávia Cristina Soares. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; flavia.c.soarez@gmail.com

Este estudo possui como principal objetivo descrever os trajetos e os percursos dos membros da Torcida Organizada Galoucura em dias dos clássicos de futebol em Belo Horizonte. A Torcida Organizada Galoucura representa o Atlético Mineiro, um clube de futebol do estado de Minas Gerais. Esta torcida é dividida em subgrupos espalhados pelas mais diversas regiões da capital mineira com a finalidade de aproximar dos jovens torcedores do clube. No período entre fevereiro/2014 à Julho/2015, os dados foram obtidos através de entrevistas em profundidade com os integrantes da organizada e observação participante nas reuniões, nas festas e nos encontros promovidos por um subgrupo da Galoucura, conhecido como pit bulls, ou seja, membros que estão dispostos a defenderem os simbolismos da torcida através de lutas corporais. Com as informações coletadas, foi possível compreender a dinâmica interna do grupo, os seus rituais, assim como, a cooperação e os conflitos estabelecidos pelos membros da Torcida Organizada Galoucura, principalmente pelos pit bulls.

Palavras-chave: Trajetos, percursos, Galoucura, futebol.

GT 101. ANTROPOLOGÍA DE LA CIENCIA Y ENFOQUES INTERDISCIPLINARIOS

Coordinadores:

Cecilia Hidalgo. Profesora Titular Regular de la Facultad de Filosofía y Letras (Departamento de Ciencias Antropológicas), Universidad de Buenos Aires (Argentina). Doctora en Antropología; cecil.hidalgo@gmail.com

Bianca Vienni. Docente Asistente de la Unidad Académica del Espacio Interdisciplinario (Universidad de la República, Uruguay). Doctora en Gestión y

Conservación del Patrimonio; biancavienni@gmail.com

Sesión 1:

PERIFERIAS, CENTROS Y LIDERAZGOS ACADÉMICOS EN LA ANTROPOLOGÍA ARGENTINA. LA INFLUENCIA DE ERNESTO DE MARTINO EN LA CONVERSIÓN FENOMENOLÓGICA DE MARCELO BÓRMIDA

Gastón Julián Gil

CONICET-Universidad Nacional de Mar del Plata

gasgil@mdp.edu.ar

La antropología argentina tuvo en la figura de Marcelo Bormida (1925-1978) no sólo a un “autor maldito” sino también un referente insoslayable que ocupó relevantes espacios de poder y de prestigio académico. El liderazgo que ejerció Bórmida, sobre todo en la antropología de Buenos Aires (en sus diferentes subdisciplinas), experimentó un viraje teórico de relieve desde su formación en la escuela histórico-cultural alemana a la fenomenología al promediar la década de 1960. En ese sentido, uno de los autores que mayor influencia ejerció en esa conversión es el etnólogo italiano Ernesto de Martino, de quien tomó enfoques generales para el estudio del “mundo etnológico” y así formular su proyecto de etnología tautegórica. Por consiguiente, en esta ponencia se analizará la primera parte de la obra de De Martino para demostrar de qué modo, como un caso particular de la circulación de ideas entre tradiciones antropológicas, fue incorporada en el proyecto teórico de Bórmida. Desconectado de otras propuestas fenomenológicas en ciencias sociales (Schutz, Berger y Luckman, entre otros) de alto impacto en la época, Bórmida construyó su propuesta conceptual siguiendo un recorrido personal en el que combinaba inquietudes ya presentes en su etapa difusionista con ideas de la filosofía fenomenológica (en especial Husserl) que caracterizarían su etnología tautegórica.

Palabras clave: circulación de Ideas – Historia de la Antropología – Antropología de la Ciencia.

LA UNSA Y SUS ORÍGENES EN LA INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA

Alejo, César Adrián. Universidad Nacional de Salta (UNSa); cesarcnn@gmail.com

La universidad es una institución en la cual la investigación científica es un campo significativo, campo en el cual se produce el conocimiento científico, en consecuencia investigar esa esfera de la universidad es de suma importancia. El siguiente trabajo se inscribe dentro de un proyecto de investigación “Una antropología de la ciencia en la Universidad Nacional de Salta: organización social y vida cotidiana de la investigación científica”, por lo que la preocupación de como estuvo constituido el campo científico en la universidad es sumamente relevante.

Tomaremos en nuestro estudio los diez primeros años de funcionamiento de la universidad, tomando las instituciones que sirvieron para su creación y todo lo que le siguió a dicha fundación, prestando especial atención a los distintos actores que van teniendo relevancia a lo largo de la historita de la institución y remarcando la especial atención que merecen las circunstanciadas históricas en el favorecimiento o no de las distintas áreas de la investigación, así como el rol que tienen el discurso político-económico en delinear la producción del conocimiento y todo aquello que haga a las arenas transepistemicas.

Para nuestro análisis relevaremos documentación de la universidad, revisaremos trabajos que anteceden al nuestro y demás bibliografía específica que nos guiaran en el análisis y realizaremos entrevistas a personas cercanas a la institución en el periodo que nos interesa estudiar.

Palabras claves: investigación; conocimiento científico; campo; arenas transepistemicas.

LE PUSIMOS CONOCIMIENTO DE LO QUE NOSOTROS SABEMOS. CIENCIA NO HECHA Y TRABAJADORES DEL ARROZ

Santiago Alzugaray. Asistente. Unidad Académica de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (UA-CSIC), Universidad de la República, Uruguay.
santiago@csic.edu.uy

El trabajo que se presentará analiza lo observado y registrado durante dos años y medio de trabajo de campo en el abordaje etnográfico de un proceso de vinculación y construcción de conocimiento desarrollado por un equipo universitario y trabajadores

del arroz.

El abordaje, las preguntas a responder, y la problematización de lo observado en campo se sitúa en el marco de la antropología de la ciencia. En este sentido, se realiza una muy breve reseña de antecedentes del desarrollo de esa rama de la disciplina, y su vinculación con el campo interdisciplinario de estudios de Ciencia, Tecnología y Sociedad (CTS). Esquemáticamente también se presentan y discuten desarrollos conceptuales que trabajan sobre los cambios recientes en los modos y formas de producción de conocimiento científico, y que analizan la posibilidad de contribución del conocimiento a la disminución de desigualdades sociales. El proceso de construcción de conocimiento y vinculación investigado para este trabajo se describe, analiza y discute a la luz de esos desarrollos conceptuales.

Como actividad social, la construcción de conocimiento no sigue caminos naturales. Las historias de individuos y colectivos, las ideas políticas y filosóficas, las relaciones de poder y las estrategias, el diálogo con otros tipos de conocimiento, configuran marcos que delimitan esos caminos. El análisis que se presenta dialogará con esas ideas buscando arribar a conclusiones que permitan, en última instancia, pensar en una producción de conocimiento que incluya los intereses y problemas de los sectores sociales más postergados.

Palabras clave: Construcción de conocimiento – desigualdad social – ciencia no hecha.

-

LAZOS DE FAMILIARIDAD, CREDIBILIDAD Y CONFIANZA EN LA PRÁCTICA CIENTÍFICA

Adriana A. Stagnaro. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Buenos Aires. Instituto de Ciencias Antropológicas; adriana.a.stagnaro@gmail.com

A partir de la interpretación de los datos etnográficos relevados en la investigación antropológica de laboratorios de biotecnología en la Argentina, profundizamos la concepción de la actividad científica basada en la confianza, en la credibilidad de las personas pertenecientes a una comunidad científica especializada y pequeña en tamaño, y en la familiaridad y virtud de las relaciones cara a cara (Shapin, 1995; Rabinow y Dan Cohen, 2005). Según estos autores, estos rasgos presentes en la caracterización de la ciencia experimental del siglo XVII en Inglaterra, aún no se han perdido y permanecen ocultos ya no en la sociedad de los *gentlemen*, sino en la de la ciencia del siglo XXI. A pesar del despliegue de las tecnologías sociales de vigilancia, evaluación y contralores legales en el mundo científico contemporáneo de la gran ciencia, si se está lo suficientemente cerca de los micromundos de los cuales se compone, como lo está el antropólogo, se podrán identificar en ellos las interrelaciones profundas de evaluación ética y las sutiles clasificaciones de credibilidad.

Estos elementos de una economía moral de la práctica científica, siguen operando invisiblemente en la ciencia y sus prácticas contemporáneas. En virtud de ello, este trabajo examina los aportes teóricos de tal perspectiva para luego yuxtaponerlos con los

datos etnográficos obtenidos en la investigación. En especial en el análisis de los esquemas perceptivos de nuestros interlocutores y la significación atribuida a los actos de confianza/desconfianza producidos dentro de la comunidad científica como fibras del lazo social del normal desarrollo y productividad.

Palabras clave: laboratorios, práctica científica, confianza, familiaridad, conocimiento local.

NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE INDÍGENA

Beatriz Pereira de Oliveira. Mestranda PPGAS/UFSC. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil;
pereiradeoliveira.beatriz@gmail.com

O trabalho, produto da pesquisa de mestrado, busca explorar a produção do conhecimento acadêmico na área da saúde a partir do viés dos estudos em saúde indígena. Debruça-se sobre algumas pesquisas realizadas na área da Saúde Coletiva, na Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, a partir do recorte de trabalhos sobre doenças crônicas e outros agravos de saúde entre populações indígenas no Parque Indígena do Xingu. Procura-se ler nestas produções acadêmicas, as imagens e figuras construídas sobre os “indígenas” e seus corpos, refletindo sobre possíveis modulações de aproximação e distância entre estes e o “corpo humano” (concebido de maneira mais universal e objeto de pesquisas em saúde de maneira mais ampla).

Para isso, a leitura dos trabalhos – assim como as entrevistas posteriores com alguns de seus autores – é feita com um olhar atento para todas as etapas de construção deste conhecimento acadêmico, observando como os processos de constituição do objeto e corte da pesquisa, bem como da escolha da metodologia para a obtenção dos dados e a do instrumental de análise deste material, pode nos iluminar sobre algumas das concepções que regem este material.

Podemos pensar que o discurso da área de saúde sobre o indígena está envolvido dentro da configuração do campo intelectual da medicina, participando das relações de forças e de hegemonia da disciplina; assim sendo, cabe também atentar a relação que estes

projetos de pesquisas têm com um campo maior de ação política, em especial sua conformação com certo discurso indigenista.

Palavras-chave: saúde indígena; antropologia da ciência; conhecimento acadêmico; corpo; doenças crônicas não transmissíveis.

-

-

LA POBREZA COMO CATEGORÍA EN TENSION: DIÁLOGOS ENTRE LA MIRADA DE LA NEUROCIENCIA COGNITIVA Y LA MIRADA ANTROPOLÓGICA

Mariana Celeste Smulski. Licenciada y profesora en Ciencias Antropológicas (FFyL, UBA) Becaria doctoral UBA (Instituto de Ciencias Antropológicas, FFyL, UBA);
mcsmulski@gmail.com

En la Unidad de Neurobiología Aplicada (UNA, CEMIC-CONICET), distintos profesionales de las ciencias cognitivas investigan la manera en que la pobreza afecta el desarrollo cognitivo infantil y buscan desarrollar estrategias apropiadas de intervención sobre la problemática. Según los investigadores de la UNA, los resultados indicaron que niños provenientes de hogares con NBI (criterio de pobreza) tuvieron desempeños más bajos en diferentes tareas cognitivas y con esta premisa, han estado desarrollando desde el año 2002 programas de intervención orientados a estimular procesos cognitivos básicos de niños de edad preescolar y escolar de hogares con NBI.

El presente trabajo, basado en el trabajo de campo realizado en dicha institución, buscará reflexionar sobre la posibilidad de integrar y articular distintas dimensiones de análisis provenientes de distintos campos de conocimiento, en pos de entablar diálogos interdisciplinarios fructíferos. Para ello se tomará como guía la categoría de pobreza y los distintos usos y definiciones que los profesionales de la Unidad elaboran para llevar a cabo sus investigaciones, así como los distintos usos y definiciones que ha elaborado la Antropología. En este sentido, se la concibe como categoría en tensión en tanto que: por un lado, desde la ciencia cognitiva se resaltan los aspectos restrictivos del concepto y el mismo es redefinido y debatido en distintas instancias; por otro lado, desde la antropología y las ciencias sociales, la categoría ha sido objeto de debates y críticas, privilegiándose el surgimiento de nuevas categorías de análisis.

Palabras clave: ciencia cognitiva- neurociencia- antropología- pobreza- desarrollo cognitivo infantil.

UN APORTE A LOS ESTUDIOS EPISTEMOLÓGICOS SOBRE LA INTERDISCIPLINA: EL CASO DE LOS EQUIPOS INTERDISCIPLINARIOS

DE SALUD MENTAL ARGENTINOS

Lucila Andrea Pastori. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras,
Departamento de Antropología; lucilapastori@gmail.com

La Antropología de la Ciencia surgida en los años noventa enfrenta el desafío de expandir sus estudios a la más amplia audiencia de científicos sociales y otros eruditos para ir más allá de las etnografías situadas en laboratorios (Franklin, 1995). En este contexto, y como objetivo general de mi ponencia, propongo abordar la discusión sobre las nuevas formas de organización y producción del conocimiento desde el caso de los equipos interdisciplinarios de salud mental argentinos.

En la primera parte analizo las discusiones epistemológicas acerca de la interdisciplina, la transdisciplina y la multidisciplina que, desde una perspectiva antropológica, han explorado centralmente el campo de las ciencias exactas. Sugiero que el campo de la salud mental, conformado por profesionales de la medicina, la psiquiatría, la psicología y otras ciencias sociales como el trabajo social, puede dar luz a esta discusión. Así, en la segunda parte recorro brevemente el proceso de conformación de los equipos interdisciplinarios de salud mental de los servicios de salud pública - prescritos desde la Ley Nacional 26.657 como modalidad de abordaje del proceso de atención en salud mental- y las normativas nacionales e internacionales que impulsaron su creación y garantizan su funcionamiento en la actualidad. En la tercera parte y a modo de reflexión, propongo elementos metodológicos y epistemológicos para problematizar la interdisciplina. Hago hincapié en las relaciones de saber y de poder al interior del campo, resaltando su pluralidad, dispersión enunciativa y los modos en que se intenta restituir una unidad interdisciplinaria en principio inexistente.

Palabras clave: interdisciplina – epistemología – salud mental.

-

EN BUSCA DE ENFOQUES *INTER* ENTRE MEDICINA Y ANTROPOLOGÍA: DISCUSIONES SOBRE LA APLICACIÓN DE UN INSTRUMENTO DE IDENTIFICACIÓN DE CONSUMO DE DROGAS ENTRE MUJERES, EN UN HOSPITAL DE MATERNIDAD.

Mario Moraes Castro. Profesor Agregado de Neonatología, Centro Hospitalario Pereira
Rossell, Facultad de Medicina, Universidad de la República, Uruguay;
mariomoraescastro@gmail.com

Luisina Castelli Rodríguez. Maestranda en Ciencias Antropológicas. Docente
investigadora del Centro de Estudios Interdisciplinarios Latinoamericanos, Facultad de
Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República, Uruguay;

Tomando como punto de partida una investigación sobre consumo de pasta base de cocaína entre mujeres embarazadas, que tuvo como escenario un hospital público de maternidad de la ciudad de Montevideo, esta ponencia propone poner en diálogo las miradas de la antropología social y la medicina, a propósito de la aplicación en el hospital de maternidad, del análisis de *screening* en orina.

Se trata de un instrumento que permite detectar la presencia de metabolitos de cocaína en la orina, poniendo en evidencia el consumo, ya sea de alguna de las cocaínas fumables o esnifadas, en un período de tiempo de hasta 72 horas con anterioridad a la toma de la muestra. Dicho análisis se realiza a las mujeres que declaran haber consumido pasta base de cocaína durante el embarazo, o que el equipo de salud identifica como posibles usuarias, implicando, dicha práctica, riesgos para la salud de la mujer como de su hijo/a. Interesados en la construcción de abordajes de investigación como de enfoques teóricos interdisciplinarios, nos proponemos discutir los propósitos de este instrumento y sus efectos sobre la población en la que se aplica y, en relación a ello, identificar las convergencias y divergencias entre las perspectivas de la antropología social y la medicina.

Entendemos que análisis de este tipo resultan pertinentes en tanto ejercicio de proyección de miradas *inter*, pero también en un sentido pragmático, como vías para sopesar la utilidad y finalidad de determinados instrumentos en el ámbito de la salud, que se aplican sobre poblaciones que viven en condiciones de vulnerabilidad social.

Palabras clave: interdisciplina – pasta base de cocaína – *screening* en orina – antropología – medicina.

-
-

REPENSANDO EL ROL DE LA ANTROPOLOGÍA EN EQUIPOS INTERDISCIPLINARIOS: LA INTERFAZ CIENCIA – POLÍTICA Y SOCIEDAD

Lic. María Inés Carabajal. Doctoranda en Antropología Social (FFyL-UBA), Becaria doctoral en el proyecto CRN 3035 del IAI; micarabajal@gmail.com

Desde hace algunas décadas muchas instituciones nacionales e internacionales se focalizan en generar proyectos que promuevan la interfaz ciencia – política y sociedad. La implementación de este tipo de articulaciones interdisciplinarias y transectoriales se ha convertido en un desafío complejo de llevar a cabo en la práctica. La coproducción de conocimiento como meta contiene intrínsecamente una enorme potencialidad pero también puede generar ciertas tensiones. El objetivo de este artículo es problematizar la articulación de disciplinas y perspectivas en la coproducción de conocimiento y analizar

sus límites y potencialidades. A partir de un enfoque de la antropología de la ciencia y la experiencia basada en la participación en equipos interdisciplinarios, me centraré en un proyecto específico titulado “Servicios climáticos” para reflexionar sobre el rol de la antropología como intermediaria entre el vínculo clima – sociedad. Como así también repensar cuál es el aporte que podemos realizar desde las ciencias sociales, qué es lo que los científicos de las ciencias naturales esperan de nuestras disciplinas y de qué manera se genera el encuentro de esas expectativas.

Palabras clave: interdisciplinariedad - Coproducción – Interfaz - Antropología - .

REPRESENTACIONES SOBRE LA INTERDISCIPLINARIEDAD Y ENSEÑANZA EN EL ÁMBITO UNIVERSITARIO: EL CASO DE LAS CIENCIAS AMBIENTALES Y AGROPECUARIAS

María Cristina Plencovich; plencovi@agro.uba.ar

Adriana M. Rodríguez

Laura I. Vugman

Facultad de Agronomía, Universidad de Buenos Aires

En este trabajo se narran tres experiencias institucionales de enseñanza interdisciplinaria que se desarrollan en la Facultad de Agronomía de la Universidad de Buenos Aires. El trabajo releva la tarea sostenida de equipos docentes en diversas experiencias llevadas a cabo para favorecer la comprensión de la realidad agraria y ambiental, que presenta problemas complejos, con incertidumbre y que no pueden abordarse a través de perspectivas lineales. Se referirá a (i) cómo se dieron los procesos de identificación de la necesidad del tratamiento interdisciplinario de dichas ciencias y los desafíos que esto implicó para el claustro docente. En este sentido, adquiere relevancia la demanda de la presencia de antropólogos dentro de los equipos formativos (ii) los programas de capacitación docente que versaron sobre metodologías alternativas para la adquisición de un pensamiento complejo, crítico y reflexivo, y sistemas de evaluación que capturaran la complejidad de los procesos y producciones de los alumnos, y (iii) la puesta en marcha y evaluación de experiencias de enseñanza interdisciplinarias. Se analizan a través de entrevistas en profundidad y observación de algunas prácticas los rasgos principales que asume hoy la enseñanza interdisciplinaria, y la percepción de los docentes y estudiantes. Por último, se presenta un repertorio de lecciones aprendidas por la institución en su conjunto en el período bajo análisis.

-
Simón Zinno Claudia^{1,2}; csimon@fcien.edu.uy

CONSTRUCCIÓN INTERDISCIPLINARIA PARA EL CASO DE ESTUDIO DE LA SEQUÍA AGRONÓMICA EN URUGUAY

Vienni Bianca ^{2,3}

Taks Javier ³

Cruz Gabriela ⁴

¹Facultad de Ciencias, ²Espacio Interdisciplinario, ³Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, ⁴ Centro Universitario Regional Este. Universidad de la República.

En la actualidad se ha puesto mayor énfasis, tanto en la esfera nacional e internacional, en la investigación interdisciplinaria para abordar algunas problemáticas que requieren de nuevos enfoques e interrelaciones. El proyecto “*Transferencia de conocimiento climático en la interfaz ciencia-política para la adaptación a las sequías en Uruguay*” (financiado por IAI) tiene como objetivo general contribuir a crear y mejorar el diálogo en la interfaz ciencia-política para la adopción y aplicación de conocimiento climático en el caso de las sequías agronómicas en Uruguay. Dentro de éste, un grupo se dedica al estudio del proceso interdisciplinario, realizando un monitoreo permanente y estableciendo procesos de retroalimentación.

La metodología utilizada se abocó en primer lugar a la construcción del marco teórico metodológico y a la sistematización de literatura científica referente a la temática interdisciplinaria. Posteriormente se construyeron dimensiones y categorías de análisis a partir de la literatura científica que se fueron ajustando a medida que se avanzó en el trabajo de campo. Se realizaron entrevistas semi-estructuradas a los integrantes del grupo de trabajo y etnografía de los grupos de trabajo en los dos talleres organizados por el colectivo. Los resultados preliminares de este análisis permiten afirmar que las expectativas iniciales del grupo y las trayectorias de cada individuo son determinantes para el proceso interdisciplinario que se genera posteriormente.
Palabras clave: interdisciplina, sequía agronómica, etnografía, antropología de la ciencia.

-
Sesión 2:

-

VARIÁVEIS, AXIOMAS E DOXA NA CONSTRUÇÃO DAS BASES DISCURSIVAS DO DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: ANÁLISE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Renzo Taddei. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Paulo; renzo.taddei@unifesp.br

Este trabalho consiste da análise de situações de conflito e equívoco interpretativo a respeito do natureza e dos objetivos do trabalho *dos outros*, dentro do contexto de pesquisa etnográfica dentro de uma agencia meteorológica no Nordeste do Brasil. Ou seja, fundamenta-se na análise de evidência sobre as estratégias conceituais e comunicacionais usadas por meteorologistas, jornalistas e antropólogo no esforço de cada um em dar sentido ao trabalho dos demais, no contexto social da elaboração e divulgação de previsões climáticas. A análise procura entender como cada tipo considerado organiza sua percepção do que é dóxico, axiomático e variável no mundo, e qual o papel de tais padrões de percepção no trabalho interdisciplinar.

Palavras-chave: epistemologia; interdisciplinaridade; etnografia; ciências climáticas; interobjectividade.

UN ABORDAJE ETNOGRÁFICO DE LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO CIENTÍFICO EN TORNO AL ALERTA METEOROLÓGICO

Matías Menalled (FFyL-UBA); matiasmenalled@gmail.com

Santiago Moya (IDAES-UNSAM); santiago-moya@hotmail.com

-

Esta ponencia busca poner en diálogo dos procesos de investigación en curso que vienen siendo desarrollados en el marco de la tesis de licenciatura de cada uno de los expositores. Nuestro problema de investigación se ubica en el marco del proyecto interdisciplinario ALERT.AR. Formulado como plan estratégico nacional, esta política pública tiene por objeto “co-producir conocimiento” para contribuir a la creación de un sistema nacional de alerta temprana que permita mejorar el ciclo de respuesta entre las instituciones que componen la red de toma de decisiones ante eventos severos, a los fines de intervenir con programas gubernamentales orientados a la gestión del riesgo en desastres naturales –en particular lluvias intensas e inundaciones– en Argentina. Nuestra investigación tiene como propósito reconstruir, analizar y comprender, desde la perspectiva antropológica y con un abordaje etnográfico multisituado (Marcus, 2001), el conjunto de factores (simbólicos, cognitivos, institucionales, tecnológicos, histórico-

biográficos) implicados en las redes socio-técnicas de producción de conocimiento experto sobre el clima , en vinculación con las nuevas modalidades y dispositivos de articulación disciplinaria que buscan integrar el conocimiento producido por las ciencias de la “sociedad/cultura” al conocimiento de las ciencias de la “naturaleza”. En este marco, nos proponemos reflexionar, por un lado, en torno a estos dispositivos y al estatus del conocimiento científico en equipos y redes caracterizados por tres aspectos centrales: la pluridisciplinariedad, la transectorialidad y la multilocalización (Fossa Riglos y Hernández, 2015). Y por otro, dar cuenta de la multiplicidad de saberes -legos y expertos- que intervienen en el proceso de producción, circulación y uso de la información meteorológica: desde el registro del dato en las estaciones meteorológicas, pasando por su sistematización y procesamiento, hasta la recepción-interpretación por parte de los diversos “tomadores de decisión” que intervienen en los territorios y poblaciones afectadas por inundaciones.

Palabras claves: Producción de conocimiento científico, alerta meteorológico, interdisciplina, etnografía multisituada.

LA CIENCIA Y SUS RELACIONES INTERDISCIPLINARIAS: UN ACTOR SOCIAL CON MUCHO CAMINO POR RECORRER

Hugo B. Partucci (Prof. Cs. Antropológicas /UBA, Argentina);
hugobpartucci@gmail.com

María Inés Carabajal (Lic. Cs. Antropológicas /UBA, Argentina);
micarabajal@gmail.com

Norberto Pastorino (Est. Cs. Antropológicas/UBA, Argentina);
nor.pastorino@gmail.com

Eugenia Muzi (Lic. Cs. Antropológicas/UBA, Argentina); eugenia.muzi@gmail.com

Blas Amato (Prof. Cs. Antropológicas/UBA, Argentina); blas.amato@gmail.com

Este trabajo surge a partir de reflexiones colectivas y de experiencias de participación en grupos interdisciplinarios de los miembros que conforman este equipo de investigación. Desde un enfoque de la antropología de la ciencia, nos focalizaremos en reflexionar acerca de la interacción que se establece en dos niveles diferentes en materia de problemáticas socio-ambientales como ser el uso y gestión del agua, riesgo y clima. Por un lado, nos referidos al nivel disciplinario, en lo que corresponde a la interdisciplina que compromete a las ciencias naturales y las ciencias sociales; y por

otro, al nivel sectorial, considerando las relaciones intersectoriales que incluyen tomadores de decisión, sectores de gobierno y diversos sectores sociales involucrados en dichas problemáticas.

Algunas inquietudes que orientan nuestro análisis son: comprender cuáles son las diversas modalidades que la ciencia utiliza para comunicarse entre disciplinas y hacia otros actores sociales, qué tipo de ciencia es la que dialoga y aporta a mejorar las condiciones de vida de los actores a quienes van dirigidas su producción de conocimiento, entendiendo a la ciencia como un actor más dentro de un entramado complejo. Finalmente reflexionar sobre cuáles son las barreras de comunicación e interacción que estos casos concretos presentan.

Palabras Clave: Ciencia – Interdisciplina – Comunicación – Intersectorialidad.

OS ANTROPÓLOGOS E A “SOCIOECONOMIA” NO LICENCIAMENTO AMBIENTAL DE GRANDES EMPREENDIMENTOS NO BRASIL

Natália Morais Gaspar. Doutora em Antropologia – PPGSA/IFCS/UFRJ. Professora Substituta da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); natgaspar@gmail.com

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os discursos e práticas técnico-científicos acionados na elaboração da parte chamada de “socioeconômica” de estudos ambientais destinados ao licenciamento de grandes empreendimentos potencialmente poluidores no Brasil e sobre a maneira pela qual são produzidos estes estudos. Para tanto, a análise leva em conta o lugar conferido ao assim chamado “meio socioeconômico” no interior dos Estudos de Impacto Ambiental (EIA) e o lugar dos profissionais de ciências humanas, e particularmente dos antropólogos, nas empresas de consultoria ambiental.

Os estudos da chamada “socioeconomia” de regiões a serem “impactadas” por grandes empreendimentos têm cada vez mais compreendido informações primárias, coletadas por profissionais da área de Ciências Humanas e Sociais. Estes profissionais realizam trabalho de campo contratados por empresas de consultoria ambiental, que por sua vez são contratadas pelo “empreendedor” para elaborar estudos demandados pela legislação ambiental brasileira, que são avaliados por órgãos ambientais governamentais, encarregados de decidir sobre a concessão das licenças.

Este trabalho é fruto de minha experiência como consultora em “socioeconomia” no âmbito de processos de licenciamento ambiental e constitui um esforço no sentido organizar impressões a partir de uma observação em primeira mão da atuação de profissionais de ciências humanas na elaboração de estudos ambientais. Entre 2006 e 2014, estive envolvida na realização de estudos e atividades do licenciamento ambiental de empreendimentos como rodovias, linhas de transmissão e subestações de energia

elétrica, portos e atividades petrolíferas. Neste ínterim, compartilhei também experiências e impressões de outros profissionais que atuam no mesmo campo.

Palavras-chave: Grandes Empreendimentos – Licenciamento Ambiental – Cientistas Humanos – Antropologia.

MANIFESTO DA CIÊNCIA TROPICAL E O CONSERVADORISMO RECENTE BRASILEIRO. REFLEXÕES E ABORDAGEM

Karime Olanda de Castro. Mestranda em Antropologia Social (UBA);
castrokarime@yahoo.com.br

O Manifesto da Ciência Tropical foi uma espécie de “cartilha” lançado pelo cientista brasileiro Miguel Nicolelis em novembro de 2010 que procurou discutir mudanças significativas acerca da agenda política do país para com a ciência e tecnologia. Neste manifesto nos deparamos com a necessidade, urgente, em colocar a ciência em bem comum para todos. Bem ao molde do método de Paulo Freire – pedagogia do oprimido – aqui o cientista, também, procura colocar os estudantes, professores, pesquisadores na “missão” em tornar a ciência como agente “libertador” e “transformador” da realidade social. Em contramão a toda essa expectativa progressista, o cenário político brasileiro nos dias de hoje parece se “pautar” mais na religião do que na ciência como agente transformador. Eleito o congresso mais conservador desde 1964, época de ditadura no Brasil, a bancada evangélica tem assumido grandes avanços em posicionar-se contra medidas de inclusão do governo de Dilma Roussef e plantear novos rumos de origem religiosa em instituições de ensino, pesquisa e serviço social. Não respeitando assim a laicidade do Estado Brasileiro.

Neste trabalho procuro fazer um paralelo das ideias do cientista Miguel Nicolelis inseridas no Manifesto de Ciência Tropical com a atual panorama político brasileiro. Tópicos como ciência x religião, avanço x atraso, o debate do uso de células troncos, evolucionismo x criacionismo, cientificismo, utopia e estado laico serão alguns temas debatidos no contexto.

Palavras-chave: ciência, manifesto, conservadorismo, religião.

EXPERIMENTAÇÕES COSMOPOLÍTICAS COM AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Carolina Cantarino Rodrigues. Faculdades de Ciências Aplicadas (FCA) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); carolcantarino@gmail.com;
carolina.rodrigues@fca.unicamp.br

A proposta desta apresentação é *politizar* as ciências na relação com a temática das mudanças climáticas, a partir de um projeto experimental de comunicação que vem sendo desenvolvido no âmbito da Rede CLIMA - Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais. Com a produção de uma série de materiais (entrevistas, reportagens, instalações e exposições audiovisuais), esta experimentação tem se arriscado a colocar uma pergunta: e se, em vez de insistirmos na crítica ao *poder* das ciências, investirmos em *potencializar sua potência*, fazendo a comunicação recuar frente à pretensão de julgar, criticar ou denunciar, desejando outros gestos, outras conexões entre ciências e política? E se, em vez do *cosmopolitismo* que opõe o global e o local e reduz a política das mudanças climáticas à *geopolítica* das negociações institucionais dos governos e fóruns internacionais, dos consensos e acordos, pensarmos a comunicação das alterações climáticas enquanto uma *cosmopolítica* (Stengers, 2004), recolocando as ciências na ordem do *acontecimento*, liberando-as de seu confinamento na efetuação, nos contornos já dados, nos estados de coisas atuais, nas coordenadas espaço-temporais já desenhadas, nos possíveis esquadrihados, nas competências estabelecidas? Donna Haraway, Bruno Latour e Tim Ingold vêm insistindo na importância política de se restituir uma dimensão especulativa, inventiva ou experimental para as Ciências Humanas. Com esses autores, buscamos experimentar a comunicação como um *laboratório de encontro entre heterogêneos* - entre ciências, artes, filosofia, antropologia, movimentos sociais, religiões, diferentes públicos - buscando nos engajar politicamente na criação de novas práticas, imagens e pensamentos.

Palavras-chave: Política, ciências, comunicação, acontecimento, experimentação.

TEORIA ATOR-REDE NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA

Graziela da Silva Motta. Docente do Instituto Federal Farroupilha/RS, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ);
graziela.motta@iffarroupilha.edu.br

João Marcelo Ehlert Maia. Professor Adjunto do CPDOC/Fundação Getúlio Vargas.
Doutor em Sociologia pelo IUPERJ; joao.maia@fgv.br

Este estudo tem por objetivo analisar a produção de conhecimento realizada por pesquisadores brasileiros que atuam na área das mudanças climáticas. Trata-se de explorar as articulações necessárias e mobilização de redes que cientistas da área de ciências exatas realizam com a estrutura política, social e econômica, as quais perpassam o tema em questão, residindo o enfoque deste estudo no trabalho de construção do conhecimento sobre mudanças climáticas. Para tanto, este ensaio se valeu de pesquisas essencialmente bibliográficas e documentais (materiais sem tratamento analítico) a respeito do assunto em uma perspectiva metodológica que envolve a Teoria Ator-Rede. À guisa de conclusão, observou-se que o pesquisador mobiliza diversas redes de contatos, sobretudo presentes na sua trajetória de formação acadêmica, além de observar a importância da política interna do Estado que tem papel importante na

condução de agências financiadoras nacionais, conferindo ao investigador um papel de “sociólogo” ao se posicionar perante diversas entidades familiarizadas com pesquisadores das ciências humanas.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede, Mudanças Climáticas, Ciências Naturais, Ciências Sociais.

DESIGN E MANAGEMENT: UM ESTUDO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO CAMPO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Amanda Albuquerque Gross. Mestranda em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo

Essa pesquisa se propõe analisar e cartografar as redes sociotécnicas do *design* no campo do *management* nos moldes propostos pela Teoria Ator-Rede. Para tal, levantará e analisará os artigos publicados sobre o tema nos principais periódicos da área de organizações nas últimas décadas. A saber, nas últimas décadas, o *design* tem passado por uma expansão de sentido e aplicação. Dessa forma, abordagens como o *design thinking* ou *design science* parecem ser uma expressão desse processo no sentido do *management* (ou do *management* no sentido do *design*) e para além do sentido do *design* como produção de objetos e superfícies gráficas. Poderíamos entender que se trata de uma ressignificação do *design* pelo campo do *management* ou um processo de translação ou tradução. Do ponto de vista científico, objeto deste projeto, cartografar a rede sociotécnica que tem se estabilizado acerca do *design* no campo do *management* se justifica, além deste assunto estar presente nos principais periódicos do *management* e dos estudos organizacionais, trata-se, ainda uma importante ferramenta para solução de problemas que desafiam os sistemas organizacionais, como: a mudança, o empreendedorismo e a inovação. É importante destacar também que o *design* vem sendo cada vez mais considerado uma atividade decisiva não só na batalha econômica, mas também na determinação dos atuais estilos de vida e na construção de nosso mundo futuro, assim como, é reconhecido como um trabalho que dilui a fronteira entre desenvolvimento e produção. E, ainda, uma abordagem que supera a dicotomia entre positivismo e pós-modernidade na teoria organizacional e pode suportar processos de inovação nas organizações e na própria pesquisa organizacional. Dessa forma, este projeto focará na investigação desta translação ou tradução do *design* no campo do *management* através da abordagem teórico-metodológica Teoria Ator-Rede.

Palavras-chave: design, estudos organizacionais, estudos em ciência e tecnologia, *management*, teoria Ator-rede.

GÊNERO E PRESTÍGIO: UM OLHAR SOBRE A CATEGORIA PQ1A

Me. Fernanda Azeredo de Moraes. Departamento de Antropologia (DEAN),
Universidade Federal do Paraná (UFPR); fermoraesazeredo@gmail.com

O presente trabalho apresenta meus primeiros passos em direção a uma pesquisa doutoral. Pretendo observar, desde uma ótica da antropologia dos estudos de gênero, aquilo que pode ser entendido como o pódio individual do sistema de prestígio científico/acadêmico oficial nacional, o título de pesquisador PQ (Produtividade em Pesquisa), concedido pela agência CNPq. A importância atribuída institucionalmente a essa categoria de bolsa fica clara já no Currículo Lattes, onde a informação consta diretamente abaixo do nome d@ pesquisador/a, logo no cabeçalho do documento. Nesse trabalho, mais especificamente, focarei no topo da escala PQ, observando a categoria PQ1A seus significados, agraciados e candidatos. A questão de gênero é central a essa pesquisa: apesar da divisão relativamente igualitária em termos de gênero entre o universo total de bolsistas do CNPq, a categoria PQA1 guarda uma predominância masculina significativa, com 76% dos bolsistas homens e 24% mulheres (dados de 2014, CNPq). Dessa forma através de entrevistas em profundidade com pesquisadoras e pesquisadores PQ1A de diferentes áreas do conhecimento da Universidade Federal do Paraná, pretendo mapear os significados relativos ao título, tensionando a visão institucional com aquelas apresentadas pelos diferentes atores. Não obstante, observarei as repercussões desse título e as estratégias, tanto pessoais, quanto profissionais e institucionais, articuladas para obtenção e manutenção dessa posição e acompanharei os trâmites burocráticos, institucionais, científicos e pessoais que envolvem a aquisição do status PQ1A. De modo geral, meu objetivo é acompanhar as relações cotidianas de gênero e prestígio institucionais em atuação, de modo a melhor compreender os mecanismos envolvidos na perpetuação de relações desiguais em termos de gênero nos degraus mais altos de produção do nosso sistema acadêmico/científico.

Palavras chave: Gênero, Prestígio, Ciência, Academia, cnpq, Produção.

ANTROPOLOGÍA DE LA CIENCIA EN SALTA (ARGENTINA): EL CASO DE LA FACULTAD DE HUMANIDADES DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE SALTA

Emilio Lombardo. Universidad Nacional de Salta – CIUNSA (Avda. Bolivia 5150);
emiliolombardo@yahoo.com.ar

Este trabajo se enmarca en el proyecto “Una Antropología de la Ciencia en la Universidad Nacional de Salta: Organización social y vida cotidiana de la investigación

científica del Consejo de Investigación de la Universidad Nacional de Salta.

En él proponemos realizar una investigación sobre la organización social de la ciencia, las condiciones sociales de producción del conocimiento científico y la vida cotidiana de la investigación en la Universidad Nacional de Salta

Esta investigación se encuentra en sus fases iniciales de recopilación de información secundaria, relevamiento bibliográfico y de actividades exploratorias en el campo. Por ello iniciamos un trabajo de revisión documental en el CIUNSA (Consejo de Investigación de la Universidad Nacional de Salta) y planificamos la realización de entrevistas semiestructuradas a directivos y administrativos, como así también la ejecución de observaciones sistemáticas y abiertas.

Nuestra hipótesis de trabajo plantea que la situación de producción del conocimiento es periférica y dependiente. Consideramos que la investigación en Salta presenta particularidades específicas que se reflejan en la elección de un tema y en su problematización. Estas especificidades están relacionadas a determinadas condiciones sociales de producción del conocimiento en Latinoamérica y Argentina. Dentro del sistema mundo moderno (Wallerstein, 1979), Latinoamérica ocupa lugares periféricos (Cueto, 1989) En lo que respecta a la investigación en Argentina, Salta ocupa un espacio liminar alejado de los centros internacionales y nacionales de producción de saber y de toma de decisiones.

Estas condiciones se reflejan, entre otras, en dificultades en las formas de acceso y comunicación de los mecanismos de publicación y desigualdades en la distribución de recursos. Para nosotros estas condiciones específicas ameritan investigaciones en profundidad sobre la ciencia en la periferia para producir coparticipadamente conocimiento científico, reflexivo y crítico.

Palabras clave: Antropología – ciencia – periferia – dependencia – universidad.

GT 102. ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA EM PERSPECTIVA: DESAFIOS EM/DESDE A AMÉRICA LATINA//ANTROPOLOGÍA DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA EN

PERSPECTIVA: DESAFÍOS EN/DESDE AMÉRICA LATINA

Coordinadores:

Fabíola Rohden Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000); professora adjunta do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); pesquisadora associada do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e pesquisadora PQ1 do CNPq. fabiola.rohden@gmail.com

Alejandra Roca Doctora en Antropología Social de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, Mg en Políticas y Gestión de la Ciencia y Tecnología, CEA, UBA. Docente e investigadora, Dpto. de Ciencias Antropológicas, Directora de Proyecto “Antropología y Biociencias”, Programa de Antropología y Salud, ICA (Instituto de Investigaciones en Ciencias Antropológicas), FFyL, UBA. Profesora Asociada y Directora del Observatorio de la Educación Superior, Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional de Quilmes. roca.ale@gmail.com

Comentarista: María Alejandra Dellacasa/Fabíola Rohden/Alejandra Roca

SESSÃO 1: DISPOSITIVOS FÁRMACO-QUÍMICOS, COPRODUÇÃO DE CORPOS E SUBJETIVIDADES

Coordenadora: Alejandra Roca / Comentarista: María Alejandra Dellacasa (UBA)

ESTADO ACTUAL DE LA CONTROVERSIA CIENTÍFICO-TÉCNICA SOBRE LA UTILIDAD CLÍNICA DE LAS BENZODIAZEPINAS EN LAS PRÁCTICAS MÉDICA, PSIQUIÁTRICA Y PSICOLÓGICA EN LOS SERVICIOS DE SALUD PÚBLICA DE URUGUAY

Andrea Bielli, Pilar Bacci, Gabriela Bruno, Nancy Calisto y Santiago Navarro - Instituto de Psicología Clínica. Facultad de Psicología. Universidad de la República

Desde los años ochenta se ha desarrollado una controversia científico-técnica en torno a las benzodiazepinas que ha puesto en cuestión su lugar en la práctica clínica médica. Dicha controversia se ha desplegado fundamentalmente en torno a la dependencia que estos medicamentos generan y al abuso de los mismos que podrían estar realizando médicos y pacientes, así como la banalización de uso y los posibles intereses de la industria farmacéutica y de los gobiernos para no frenar su consumo. Esta investigación analiza el papel de la controversia en la práctica de medicina general, psiquiatría y

psicología de servicios de salud pública uruguayos. Su utilizó una metodología cualitativa que combinó un relevamiento de artículos académicos nacionales (1990-2011); entrevistas en profundidad a cuarenta y cinco profesionales (treinta y cinco a médicos generales, de familia, psiquiatras y psicólogos y diez a informantes calificados) y dos grupos de discusión (uno con médicos generales, de familia y otro con psicólogas). Se efectuó análisis de contenido (programa Atlas.ti 6.1) desde cuatro ejes: ansiedad en la clínica, prescripción, relación tratamientos farmacológicos con no farmacológicos y valoración de benzodiazepinas. Se obtuvo un panorama diacrónico de la controversia en el ámbito académico uruguayo y se identificó una valoración condicional actual de estos fármacos realizada por los profesionales que supone: reconocimiento de sus atributos positivos y negativos, uso mesurado y actores vigilantes de sus comportamientos (médicos y pacientes). De esta forma, la controversia se plantea en términos individuales, lo que empaña la discusión de sus dimensiones políticas y colectivas.

Palabras clave: benzodiazepinas, controversia científica, servicios de salud, prescripción, psicofármacos.

MULHERES JOVENS E TECNOLOGIAS CONTRACEPTIVAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Bruna Klöppel - Mestranda PPGAS/UFRGS

O trabalho tem como objetivo analisar, a partir da perspectiva dos estudos feministas da ciência e da tecnologia, as relações entre mulheres de 18 a 30 anos e as diferentes tecnologias contraceptivas que utilizam. Como metodologia, foram realizadas observações em dois grupos de mulheres em redes sociais, além de entrevistas com algumas dessas mulheres, visando apreender as trajetórias de suas relações com os diversos tipos de tecnologia contraceptiva. Tendo em vista normas de gênero que responsabilizam quase exclusivamente as mulheres pela reprodução e levam à naturalização de intervenções médicas em seus corpos, tal trabalho revela algumas estratégias de conformação e resistência que essas relações implicam e possibilitam. Ademais, nos ajuda a entender como se dão essas articulações heterogêneas que borram fronteiras entre sexo e gênero - e natureza e cultura, dentre outras - e como as mulheres dessa geração manipulam tais categorias quando tratam das formas de contracepção.

Palavras-chave: Gênero. Tecnologia. Contracepção.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A “PÍLULA MASCULINA”: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS EM TORNO DE NOVAS TECNOLOGIAS CONTRACEPTIVAS PARA O HOMEM NA MÍDIA

Georgia Martins Carvalho Pereira; Rogerio Lopes Azize - IMS/UERJ

Nos últimos anos, reportagens na mídia e organizações envolvidas nestas pesquisas vêm anunciando o possível surgimento de novos contraceptivos para os homens, em sua maioria mencionando uma “pílula masculina”. São notícias divulgando diferentes projetos em várias partes do mundo (como Austrália, Indonésia, Estados Unidos e Brasil) e possíveis lançamentos para breve; mas, ainda que primeiros testes em homens tenham sido conduzidos no final dos anos 80 (Oudshoorn, 2003), tais tecnologias nunca se concretizaram em produtos disponíveis no mercado. Este trabalho busca analisar como a mídia em geral e organizações envolvidas no desenvolvimento dessas tecnologias estão divulgando os projetos científicos de “pílulas masculinas” e congêneres. Discute-se como este material representa a demanda para este produto, os riscos envolvidos em seu uso, o perfil dos possíveis usuários e as noções de masculinidade que atravessam tais discursos. Oudshoorn defende que na fase de testes com humanos já se prevê um perfil do usuário final. Valeria o mesmo para o material aqui analisado? A partir da perspectiva de que a viabilização de tecnologias não depende apenas de cientistas e técnicos (debatendo com autores como Fleck e Latour), analisaremos as representações da mídia e das organizações envolvidas no desenvolvimento desses contraceptivos.

Palavras-chave: pílula masculina; contracepção; masculinidade; mídia; ciencia.

OS IMPLANTES HORMONAIS SUBDÉRMICOS E OS MANDAMENTOS DA MULHER MODERNA

Ana Pimentel; Cláudia Bonan; Paula Gaudenzi - Instituto Fernandes Figueira – Fiocruz

Os implantes hormonais subdérmicos produzidos pela farmácia de manipulação Elmeco têm recebido diversas alcunhas, que podem ser encontradas em matérias publicadas em revistas recentes, relacionando-os a efeitos estéticos, os mais conhecidos são *chip da beleza* e *chip da força*. Estes artefatos manipulados, na prática, são compostos por um tubo de silicone que é inserido na subderme da região das nádegas através de uma pequena incisão microcirúrgica. Em seu interior podem conter seis tipos de substâncias hormonais em diferentes composições, são elas, estradiol, testosterona, levonorgestrel, gestrinona, acetato de nomegestrol, elmetrin. O médico e pesquisador Elsimar Coutinho, dono da farmácia de manipulação, insiste que os efeitos estéticos seriam efeitos colaterais e não objetivos diretos dos produtos, cujas principais indicações seriam contracepção, tratamento da endometriose e reposição hormonal. Este trabalho apresenta resultados de uma investigação inicial a respeito deste objeto biomédico a partir de uma teórico-metodológica que se fundamenta na existência social dos objetos, assim, compreendendo-o como produtor – e não apenas objeto inerte e passivo – .percorre-se sua trajetória e sua agência na constituição de novas interações e redes

sociotécnicas. Aqui aborda-se, especificamente, o tipo de usuária para os quais este implante é projetado e, ao mesmo tempo, projeta. Uma mulher moderna, que porta uma “nova vida” com “mais liberdade, bem-estar e conforto”, que “não é obrigada a menstruar”

Palavras chaves: tecnologia; objetos biomédicos; biomedicalização; (bio)sociabilidade.

SUBSTÂNCIAS QUE AGEM: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE OS HORMÔNIOS E O MOVIMENTO PELA HUMANIZAÇÃO DO PARTO

Sara Sousa Mendonça. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense

Este artigo analisa a representação dos hormônios no discurso biomédico incorporado no cotidiano, em relação ao dualismo cartesiano e a forma de representação deles no discurso das ativistas pelo parto humanizado. Com o advento da endocrinologia se construiu a percepção de que os hormônios influenciam o comportamento, as formas de sentir e estar no mundo: o discurso sobre eles dá estatuto orgânico para emoções, produz novos modos de subjetivação e identidades. Essas transformações não abolem o dualismo cartesiano, mas o modificam e mesmo atuam no sentido de reforçá-lo. É atribuído um maior peso ao corpo: ele deixa de ser apenas um enganador da razão para ser concebido enquanto agente. Porém, a relação com este corpo não muda, o fato de ser capaz de agir e fazer agir só o torna mais perigoso, demandando que o indivíduo racional assuma o cuidado de si e mantenha seu corpo sob controle, agora no nível dos índices hormonais. Nos discursos do movimento pela humanização do parto a forma de lidar com os hormônios encontra representação distinta. Este grupo questiona a separação entre corpo e mente, presentes no pensamento e na medicina ocidental. Dando ênfase ao corpo como instância de saber, apontam a ocitocina como o “hormônio do amor” e que seria um erro não permitir que este atue de sua forma mais natural. A ocitocina é representada enquanto contagiante, capaz de deixar todas as mulheres (e apenas as mulheres) presentes em um parto “ocitocinadas”, reforçando assim a noção de sagrado feminino, cara ao grupo.

Palavras-chave: Hormônios; Movimento pela humanização do parto; Ciência; Corpo; Medicalização.

VENIR ACÁ ES UN JOLGORIO”. VIDA COTIDIANA EN UN CONTEXTO DE INVESTIGACIÓN CLÍNICA FARMACOLÓGICA

María Isabel Zuleta. Instituto Universitario del Hospital Italiano. Escuela de Medicina
Comisión Asesora. Consejo Nacional de Bioética y Derechos Humanos. Secretaría de
Derechos Humanos. Ministerio de Justicia y Derechos Humanos de la Nación;
mizuleta@yahoo.com

En este trabajo examinamos algunas cuestiones que se plantean en el ámbito de la investigación clínica farmacológica vinculadas con el tipo de relaciones y sentidos que se producen y reproducen en el marco de un ensayo clínico. Se indaga en las experiencias de personas participantes en investigaciones clínicas farmacológicas, en los modos en que se tramita la incorporación a un estudio experimental y se transita la cotidianidad de ser “sujeto de investigación”. A estos efectos se analizó un ensayo clínico farmacológico de búsqueda de dosis para una droga orientada al tratamiento de la osteoporosis, entidad nosológica de aparición relativamente reciente en la historia de la medicina. En ese contexto se estudiaron las instancias de incorporación de mujeres postmenopáusicas al estudio, el proceso de consentimiento informado y la vida cotidiana en el marco de esa investigación. Se exploraron también entre las participantes las representaciones de salud-enfermedad-tratamiento, de cuidado y de investigación científica y los modos de protección y ejercicio de derechos y de sociabilidad que se desplegaron en el marco del ensayo clínico.

SESSÃO 2: BIOMEDICINA, SABERES E INTERVENÇÕES

Coordenadora: Alejandra Roca. Comentarista: Fabíola Rohden

IMAGEM E SCORES: NEGOCIAÇÕES ACERCA DA QUALIDADE, USO E DESTINO DE EMBRIÕES PRODUZIDOS EM UMA CLÍNICA DE REPRODUÇÃO ASSISTIDA EM PORTO ALEGRE

Débora Allebrandt - PPGAS (UFAL)

Embriologistas utilizam diversas técnicas para determinar ou potencialmente calcular a qualidade dos embriões produzidos em laboratório graças a técnicas de reprodução assistida como a FIV (fertilização in vitro) ou a ICSI (Injeção intracitoplasmática de espermatozoide). Desse cálculo é estimada a probabilidade desse embrião vir a se implantar e se desenvolver no útero. A clínica de reprodução assistida aonde desenvolvi minha pesquisa utiliza uma técnica chamada "*graduate embryo score*". Através dela os embriões recebem "notas" que somam o valor máximo "100" em três momentos do seu

desenvolvimento. Esse score é inserido abaixo de uma imagem do embrião e é utilizado pelos médicos e clientes para escolha de *quais* e *quantos* embriões serão implantados nesse ciclo de tratamento. Esse material também embasa decisões acerca do destino dos embriões suplementares. Diante de tal prática, nos propomos a explorar nessa proposta quais são os impactos do uso do duo "imagem/score" para negociação do tratamento para os profissionais da saúde que atuam nessa clínica e também para os clientes que com a ajuda dessas informações tomam decisões cruciais de seu tratamento. Essa discussão não pode ser isolada do contexto científico e político que regulamenta desde 2005 a possibilidade da doação de gametas para pesquisa e a instituição, em 2008, do Sistema Nacional de Produção de Embriões (SisEmbrio). Desse modo, para além de abordar quais as implicações dessa técnica no plano da experiência pessoal de clientes e clínica na gestão e produção de conhecimento sobre embriões, exploraremos, inspirada por trabalhos como os de Bharadwaj, Dumit e Roberts, as interseccionalidades na produção e gestão de uma política de ciência, responsabilidade e ética do uso e destino de embriões.

Palavras-chave : Reprodução Assistida, embriões, imagem, scores, ética.

DISPUTAS EN TORNO A LA DESPATOLOGIZACIÓN: SUJETOS - COLECTIVOS TRANS Y EXPERTOS HACIA UN PROCESO DE CO-PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO

María Alejandra Dellacasa - Instituto de Ciencias Antropológicas (FFyL) Universidad de Buenos Aires

A partir de este trabajo proponemos reflexionar acerca las revisiones recientes de dos manuales de referencia a nivel mundial: el DSM (Diagnostic of Statistical Manual of Mental Disorders) que publicó su quinta y última versión en 2013 y el CIE (Clasificación Internacional de Enfermedades), cuya onceava y última versión se encuentra en proceso de publicación. Sostenemos, que en lo que respecta a la construcción de categorías diagnósticas para personas trans, dichos sucesos ponen de manifiesto una ruptura en torno a las lógicas tradicionales de producción de conocimiento. Personas trans y colectivos militantes se han hecho presentes en la escena política apelando al ejercicio de compartir la producción de categorías diagnósticas, cuestionando el punto de vista de los expertos y reclamando voz propia, para negociar nomenclaturas e intervenir en la toma de decisiones sin la tutela de la ciencia. En este sentido, puede plantearse un proceso de apertura respecto de quiénes son las voces 'autorizadas'; reconfigurando las posiciones de experticia (Epstein, 1996) y tensionando la clásica dicotomía experto/lego. A partir de un proceso de negociación de los espacios de enunciación, los sujetos-colectivos emponderados luchan por la construcción de una identidad política activa no patologizante. De este modo, las lógicas de producción de categorías y la 'cajanegrización' que las instituyen quedan develadas, dando lugar a su

cuestionamiento y habilitando otros modelos posibles de atención de la salud a la vez que, un acceso a las tecnologías más democrático.

Palabras clave: antropología de la ciencia - (co) producción de conocimiento – categorizaciones diagnósticas – personas trans.

INTERSEXUALIDADE, SAÚDE E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS RESULTADOS CIRÚRGICOS REPORTADOS EM PERIÓDICOS MÉDICOS

Anacely Guimarães Costa - Doutoranda no Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ)

A intersexualidade vem sendo reconhecida pela medicina como forma de nomear um conjunto de variações “patológicas” dos corpos sexuados em relação ao padrão dicotômico estabelecido para homens e mulheres. A assistência em saúde para pessoas intersex baseia-se em duas suposições básicas que, por serem naturalizadas, não são questionadas: o binarismo sexo/gênero e a heterossexualidade. A resposta médico-cirúrgica, geralmente empregada nesses casos, pretende fixar anatomicamente o padrão masculino ou feminino hegemônico para que não haja “equivocos” na atribuição de sexo/gênero. Além de discutir como determinadas concepções de gênero e sexualidade orientam o tratamento médico e, articuladas a definições de saúde e normalidade, justificam procedimentos “corretivos”, a proposta deste trabalho é analisar os critérios (biológicos, técnicos e sociais) e as modalidades de avaliação utilizadas para determinar o sucesso cirúrgico desses procedimentos. Utilizo como material empírico a observação realizada em um congresso médico dedicado ao tema da cirurgia uropediátrica e informações coletadas em artigos médicos brasileiros (2000-2012) que avaliam os resultados anatômicos e funcionais de longo prazo das cirurgias feitas em crianças e adolescentes intersexuais. Nota-se que, no cenário brasileiro, os estudos longitudinais são escassos, trazem indicadores inconsistentes, imprecisos e as expectativas médicas a respeito da normalidade e aparência dos genitais incidem de maneira diferencial na resposta cirúrgica oferecida. Há, ainda, uma lacuna referente ao impacto das cirurgias na vida sexual dessas pessoas, apesar de reconhecida tal possibilidade. Tendo por base o material analisado, a promessa de normalidade via intervenção cirúrgica parece não se concretizar, dado o considerável número de complicações e reoperações reportado.

Palavras-chave: intersexualidade, cirurgias genitais, biomedicina.

CONCEPÇÕES DE NORMALIDADE, TECNOLOGIAS DE

APRIMORAMENTO E MATERIALIZAÇÃO DA DIFERENÇA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ARTIGOS MÉDICOS REFERENTES A CIRURGIAS ESTÉTICAS ÍNTIMAS

Marcelle Schimitt - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Tendo em vista a intrincada relação entre modelos corporais, tecnologias e aprimoramentos estéticos abarcada no escopo de estudos feministas e estudos sociais das ciências, este trabalho abordará discursos médicos a respeito das cirurgias estéticas íntimas em mulheres cisgênero. A fim de melhor compreender os padrões acionados por esses procedimentos, foi realizada uma busca com o intuito de mapear artigos científicos da área da saúde que versassem especificamente sobre o assunto. A partir da análise dessas publicações voltadas particularmente para o interior da área médica, foi possível apreender discursos e enunciados próprios daqueles que têm lugar privilegiado na materialização de padrões estéticos referentes às genitálias femininas. As proposições médicas foram acionadas a fim de auxiliar no levantamento de categorias relacionadas ao que é compreendido como normal, belo e adequado à anatomia desta parte do corpo. A partir da análise dos artigos é possível observar que são empregadas distinções fortemente marcadas entre corpos masculinos e femininos, de modo que a comparação entre estes auxilia na demarcação do que seria mais ou menos aceitável. Dessa maneira, as classificações e definições apresentadas pelos autores acerca de hipertrofias genitais femininas - maior causa de procedimentos estéticos íntimos - evidenciam discursos que notoriamente estão baseados em concepções hétero e cisnormativas a respeito do que seria normal e adequado à estética genital feminina. Por fim, com base no material analisado, é desenvolvida uma reflexão acerca de como tecnologias cirúrgicas estão imbricadas à conformação e reiteração de modelos corporais específicos.

Palavras-chave: modelos corporais; tecnologias de aprimoramento; cirurgias estéticas íntimas; artigos médicos.

ENTRE MÉDICOS, PSICÓLOGOS E PRATICANTES: ATORES SOCIAIS, CIRCULAÇÃO DE CATEGORIAS E DISPUTAS DE SENTIDOS EM TORNO DO SADOMASOQUISMO ERÓTICO NO BRASIL (1980-2000)

Sarah Rossetti Machado - Mestranda em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas

Esta proposta é fruto das reflexões realizadas em minha pesquisa de mestrado,

atualmente em curso, sobre uma rede de praticantes de BDSM (bondage, dominação, submissão, sadismo e masoquismo)/*sadomasoquismo erótico* e sua produção textual. Estes praticantes, ao produzirem contos, livros, blogs e sites de internet, colocam-se publicamente como tal e disputam sentidos relacionados ao estigma e à patologização de suas condutas sexuais. Os livros analisados foram produzidos no Brasil entre os anos 1980 e os anos 2000 por Wilma Azevedo, Glauco Mattoso e Edgeh, sendo os três nomes pseudônimos. Ao criarem uma rede de leitores, entre adeptos, leigos e cientistas, os autores acabaram por difundir os termos e sentidos que disputaram, fortalecendo em torno de si uma comunidade política e uma rede de simpatizantes. Sendo assim, essa proposta tem como foco analisar a circulação de categorias entre os discursos dos autores e os discursos médico-científicos, além de mapear as redes presentes nos livros e identificar os atores sociais neles citados, como ativistas e cientistas/profissionais que atuam na interface entre sexualidade e saúde. Busco compreender de que maneira a produção de conhecimento científico se articula com a produção de conhecimento dos praticantes e com os discursos de legitimação do BDSM no Brasil. Também pretendo discutir como essa produção textual pode ser entendida como uma forma específica de legitimação de condutas eróticas confrontando, através de diferentes estratégias, o estigma relacionado à associação entre sadomasoquismo e perversão sexual.

Palavras-chave: sexualidade; direitos sexuais; sadomasoquismo; sexologia; ciência.

Sessão 3: Tecnociências nas práticas: laboratórios e políticas

Coordenadora: Fabíola Rohden. Comentarista: Paula Sandrine Machado/ Programa de Pós graduação em Antropologia Social da UFRGS.

A ECONOMIA MORAL DOS BANCOS DE DADOS DE PERFIS GENÉTICOS NO BRASIL

Vitor Simonis Richter - Doutorando em antropologia social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

A primeira década do século XXI testemunhou o crescimento das promessas de maior resolução de crimes e redução de taxas de violência que a biotecnologia de banco de dados de DNA carrega. Ela constitui o mais recente passo na afirmação da genética como “linguagem da verdade” na justiça criminal. Poucas pesquisas sobre os efeitos dessa tecnologia na redução e solução de crimes foram realizadas e sua eficácia continua sendo objeto de controvérsia. No entanto, isso parece pouco afetar a credibilidade da tecnologia. No ano de 2012 o Brasil aprovou a lei 12.654 criando o Banco Nacional de Perfis Genéticos e o entusiasmo com suas promessas não foi menor. Os bancos de dados encontram sua justificação moral na conjunção entre autoridade epistêmica da ciência genética, agilidade administrativa para a polícia e avaliação das

vidas e direitos daquelas pessoas consideradas “população alvo”. Nesta comunicação interrogo quais são os efeitos iniciais da associação entre a economia da credibilidade técnico-científica e a economia moral dos bancos de DNA forense brasileiro. A partir de entrevistas com peritos criminais e juristas e etnografia de congressos de criminalística, busco entender como a associação entre ciência e segurança no Brasil engendra aquilo que Paul Rabinow denomina “problemas antropológicos”, silenciando outros. Ao abrir um debate sobre “direitos”, as inovações técnico-legais que acompanham a estabilização dessa tecnologia têm performado cidadanias diferenciadas em torno das quais questões sobre consentimento no uso de informações genéticas não são problematizadas da mesma forma que em contextos médico e científicos.

Palavras-chave: Bancos de DNA; informações genéticas; consentimento; cidadania; economia moral.

EM QUE MEDIDA AS NEUROCIÊNCIAS PODEM SER CONSTRUÍDAS A PARTIR DE RATOS?

Paula S. Bolzan Jardim - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Proponho neste texto explorar a pesquisa básica como um dos vetores de produção das neurociências a partir de uma etnografia de laboratório realizada junto a uma universidade do sul do Brasil. Esta etnografia está em andamento e é parte da pesquisa de doutorado que ainda está em andamento. Para realizar este objetivo me apoio na descrição do campo das neurociências feita por Nikolas Rose como ponto de partida para esta investigação, segundo a qual os conhecimentos neurocientíficos são criados a partir de uma multiplicidade de perspectivas metodológicas. Neste caso em especial, o método utilizado pelo Laboratório de Pesquisas Comportamentais (LPC) que investigo é o farmacológico. Para dar conta da metodologia escolhida, os pesquisadores realizam suas investigações com o uso de ratos como modelo animal nos quais investigam os cérebros. Autores como Rose, Richard Bullett e Donna Haraway dão destaque a parceria entre animais humanos e não humanos no campo das pesquisas científicas e do quanto o que se têm produzido de conhecimento pode ser atribuído a essas parcerias compulsórias. Partindo dessas premissas procuro entender através das práticas laboratoriais, como os pesquisadores do LPC propõem construir neurociências com este modelo de investigação. Metodologicamente parto das etnografias de laboratório em especial dos trabalhos de Latour para descrever as redes sócio-técnicas que se constituem para levar a cabo o intento dos pesquisadores de produzir neurociências. Como ratos, cérebros, metodologias e humanos podem se converter em neurociências?

Palavras-chave: ratos; humanos; pesquisa básica; neurociências; etnografias de laboratório.

“E COMO VAMOS MEDIR?” O PROCESSO DE PURIFICAÇÃO DE FATOS CIENTÍFICOS HÍBRIDOS EM UM LABORATÓRIO DE PESQUISA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Raquel da Silveira (Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Marco Paulo Stigger (Docente da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Neste trabalho temos como objetivo analisar alguns desafios presentes nos fazeres científicos da Educação Física Brasileira, que a partir dos anos 2000 tiveram um intenso crescimento. Baseados no conceito de ontologias proposto por Annemarie Mol, realizamos um estudo etnográfico em um laboratório de pesquisa de biomecânica para compreender uma das maneiras que a prática científica é performada. Pode-se acompanhar o processo de produção dos fatos, que para serem adjetivados de científicos, compartilham de uma concepção de ciência que envolve o gosto pelas áreas exatas, a formação de pesquisadores baseada no auxílio em pesquisas, o prestígio de conhecimentos de outras áreas, a necessidade de acordos com empresas e financiamentos públicos e a demanda de aparatos tecnológicos. As pesquisas realizadas neste laboratório estão relacionados com a mensuração de forças presentes no corpo humano durante algum movimento. Os pesquisadores associam elementos heterogêneos que resultam em fatos híbridos que mesclam humanos, não-humano, tecnologias, políticas e interesses. Contudo, no momento de suas publicações, sejam em artigos, teses ou dissertações, esse fatos se apresentam enquanto representantes de uma concepção de Natureza inquestionável, inacessível e inabalada. Assim, parece haver um paradoxo em que os fatos produzidos ao mesmo tempo que são híbridos, são traduzidos a partir de processos de purificação, para uma relação de independência e superioridade a qualquer ação advinda da cultura. Portanto, na realidade científica vivenciada, e ao mesmo tempo criada, pelo laboratório investigado é fundamental que o processo de purificação dos fatos científicos estejam presentes e sejam efetuados ao longo de suas performances científicas.

Palavras chave: Ontologias; Ciências; Educação Física, Biomecânica.

REDES DE ATORES E CONTROVÉRSIAS: A REGULAMENTAÇÃO DAS COLEÇÕES DE MATERIAL BIOLÓGICO HUMANO NO BRASIL

Rosanita Ferreira e Baptista. Universidade Federal da Bahia, Secretaria de Saúde do

O objetivo deste trabalho é tecer os fios de questões teórico-metodológicas relevantes para a teoria ator-rede. O viés empírico foi a construção da regulamentação das coleções de material biológico humano, em biobancos, no Brasil, no período de 2009-2010, sob condução do Ministério da Saúde (MS) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP). Biobancos designam práticas de colocar em forma e dispor em coleções, para usos em pesquisas, partes do corpo humano: tecidos, sangue, células, órgãos, DNA, RNA e, de modo associado, informações clínicas, genealógicas, comportamentais e ambientais. Consideradas essenciais ao desenvolvimento de pesquisas no campo da genética, genômica e da biologia molecular – apresentadas por suas incríveis possibilidades biotecnológicas – as coleções próprias aos biobancos, ao mesmo tempo em que geram expectativas, também levantam incertezas sobre as suas repercussões e mobilizam diversos atores, que não são apenas científicos e técnicos, mas também políticos, legais e éticos. A imbricação destas esferas torna problemática as perspectivas que se fundamentam em dualidades, como natureza x sociedade, sujeito x objeto, fato x valor. O estudo do evento de construção da regulamentação dos biobancos no Brasil possibilitou apreender a tessitura híbrida de atores e argumentos que conformam as práticas científicas e tecnológicas, bem como o enredamento de diversas arenas, na produção tanto de artefatos técnico-científicos, como de normas e padrões. São desenvolvimentos que fazem alargar os coletivos e trazem a questão de tornar aceitáveis as suas associações heterogêneas.

Palavras-Chaves: Biobancos, Redes de atores, Controvérsias, Ciência, Regulamentação.

EL CINE QUE NOS INTERPELA: LA CIENCIA Y LOS CIENTÍFICOS, LA NATURALEZA Y LA TECNOLOGÍA, LOS LÍMITES DEL CONOCIMIENTO Y EL PROGRESO

Maia Krajcirik (IIDyPCA- CONICET UBA)

Pablo Soriano (UBA-MAECYT)

En el pasado los científicos eran llamados “alquimistas”, “magos”; desarrollaban ideas inentendibles por el mundo social que los rodeaba. Hoy en día, la labor de los científicos es conocida y aceptada socialmente en tanto profesión. Incluso protagonizan películas: como el “Dr. HENRY WUU” capaz de crear en su laboratorio nuevas especies de dinosaurios (JURASSIC WORD), o el científico villano “GRU” quien crea un ejército de simpáticos “MINIONS”. MOstrando al mundo que ser científico puede ser también una tarea “emocionante”. El objetivo de esta ponencia es reflexionar sobre los relatos, y las imágenes, que construyen las películas "Jurassic world" (2015), "Terminator Genisys" (2015) y "Minions" (2015) en torno a la Ciencia, los Científicos y la Tecnología. Trabajando a partir de los ejes: naturaleza-cultura, conocimiento-progreso y tecnología-híbridos. En el corpus de películas seleccionadas las acciones

principales transcurren dentro de laboratorios y son protagonizadas por científicos o gestores de tecnología. El relato ficcional es también un espacio en donde emergen debates interesantes con profundas raíces éticas, morales, filosóficas y epistémicas; al igual que emergen interrogantes sobre los posibles alcances futuros de la CYT. Observar y reflexionar estas ficciones producidas durante el 2015 nos invita a repensar el rol que el cine posee en tanto producción cultural masiva; e identificar las formas en que los científicos, la ciencia y sus alcances, son comprendidos en un contexto social más amplio.

Palabras Claves: ciencia - científicos - tecnología - cine ficcional.

Sessão 4: Ciências do humano e formas de governo

Coordenadora: Fabíola Rohden. Comentarista: Alejandra Roca

EL ROL DE LOS MUSEOS Y SOCIEDADES CIENTÍFICAS EN LA INSTITUCIONALIZACIÓN DE LAS CIENCIAS DEL HOMBRE EN REPRESENTACIÓN DEL “OTRO INDIGENA”. CHILE (1880-1954)

Héctor Mora Nawrath

Departamento de Antropología, Universidad Católica de Temuco

Este trabajo analiza la constitución del campo científico de las denominadas ciencias del hombre o ciencias antropológicas entre 1880 y 1954 –fecha de fundación del Centro de Investigaciones Antropológicas de la Universidad de Chile. En dicho periodo prima a nivel nacional –lo que es común para América Latina- una concepción de ciencia integral y unificada de raigambre Europea, lo que genera un espacio amplio para el desenvolvimiento de intelectuales, quienes encarnan las prescripciones del modelo de ciencia de la época. En este sentido, la práctica científica involucró a sujetos de formaciones muy diversas –botánica, zoología, química, física, etc.- que de oficio y movidos por inquietudes individuales, se interesaron por el estudio de los vestigios materiales, físicos, y por la forma de vida y lenguaje de los otros exóticos que habitaron o habitaban el territorio nacional. Junto con reflexionar acerca de las condiciones socio-

históricas, intelectuales y orgánicas tras la emergencia y desarrollo de este nuevo campo de estudio, el trabajo profundiza en la forma que dicho campo adquiere considerando las agencias, temáticas, aproximaciones y contextos en los cuales se desenvuelven los impulsores de disciplinas como la arqueología, antropología física, etnología, etnografía, lingüísticas y Folklore. La orientación de la investigación es de corte histórico, y tiene como base el análisis de las publicaciones que comunican formas de representación del otro generadas en el marco de los museos y sociedades científicas, integrando fuentes documentales que permiten acceder a las dinámicas de la comunidad de especialistas en Chile. Ello se complementa con análisis estadísticos a través de los cuales se caracterizan las líneas de producción científica en función de áreas temáticas y contenidos.

Palabras claves: institucionalización; campo científico; arenas transformadoras; ciencias del hombre.

LA ANTROPOLOGÍA DE FINES DEL SIGLO XX EN EL MUSEO DE CIENCIAS NATURALES DE LA PLATA (ARGENTINA). APORTES DESDE EL ANÁLISIS DE REDES SOCIALES

Julián Cueto

Laura Teves

Laboratorio de Investigaciones en Etnografía Aplicada (LINEA-UNLP). Cátedra de Orientaciones en la Teoría Antropológica (FCNyM-UNLP)

El desarrollo de la Antropología en la Universidad Nacional de La Plata es único en América Latina por enmarcarse en una Facultad de Ciencias Naturales. Esta situación sentó las bases de una tradición disciplinar que se diferencia de otras que surgieron en diferentes puntos del país. En este contexto institucional, el Museo de Ciencias Naturales de La Plata se constituyó como uno de los puntos más importantes en la producción antropológica de la Argentina del siglo XX. Nos proponemos abordar el desarrollo disciplinar de la Antropología de la Facultad de Ciencias Naturales y Museo (UNLP) a partir de los artículos publicados en la Nueva Serie de la Revista del Museo. Para abordar un estudio de la producción escrita de la Antropología platense en el marco de la historia de la Antropología Argentina, es importante describir su escenario disciplinar y teórico; para ello tomaremos las publicaciones del período correspondiente a la década de 1980 y sus antecedentes. El objetivo es conocer, por una parte, los vínculos existentes entre los investigadores y las fuentes bibliográficas citadas por ellos. Por otra parte, se identifican las citas entre investigadores que publican en la propia Revista del Museo. Metodológicamente, se procede a mapear la red de citas bibliográficas de los artículos producidos en la década antes mencionada, se describen sus características y se realiza un análisis estructural (ARS). Se espera que esto permita conocer la conformación de diversas líneas de trabajo en antropología a partir de la influencia entre los autores de la época.

Palabras Clave: Producción Antropológica; Museo de La Plata; Redes Bibliográficas; Análisis de Redes Sociales.

INVESTIGADORES Y POBLACIONES. UN COMPLEJO DE INTERESES EN EL CAMPO DE LA SALUD EN LA PERIFERIA DE LOS CENTROS DE PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO CIENTÍFICO DE ARGENTINA

Evangelina Anahi Bidegain - Lic. Antropología Social. Universidad Nacional de Misiones. Mag. Ciencia, Tecnología y Sociedad. Universidad Nacional de Quilmes. Argentina

Hacia el año 2008 las primeras jornadas de investigadores de hospitales públicos realizadas en una ciudad capital de provincia del interior de la Argentina mostraba la existencia de investigación en los servicios hospitalarios y centros de atención primaria. En el año 2010 realizamos un relevamiento de investigaciones del campo de la salud en esta provincia y en el 2011 participamos del primero realizado en toda Argentina. Con financiamiento público emanado de organismos de promoción de ciencia, programas de salud pública y agencias de desarrollo investigadores con una doble adscripción institucional, como docentes investigadores universitarios y, al mismo tiempo, funcionarios y profesionales de ministerios de salud provinciales, realizaban investigaciones con poblaciones. Estas incursiones científicas, que adquirieron la modalidad de campañas en algunos casos, no logran problematizar las implicancias de la relación con los sujetos en estudio, pese al uso de consentimientos informados validados por comités de bioética en la extracción de material biológico y encuestas estandarizadas. La alteridad entre las concepciones de enfermedad y salud, los alcances de las investigaciones, la relación entre profesionales sanitarios actuando de investigadores y sujetos de atención, son otros aspectos que nos interesa problematizar. A partir de experiencias empíricas observadas y relatadas por unos y otros a lo largo de cinco años trabajando en el sector público de investigación, trataremos de reflexionar sobre si es posible pasar de la ciencia *en* la aldea, a una ciencia *con* la aldea.

Investigación- bioética- poblaciones- sector público- salud.

O AFETO CATALISADOR: MEDICALIZAÇÃO, BIOPOLÍTICA E RESISTÊNCIA EM UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO CARIOCA

Felipe Sales Magaldi Doutorando em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ

A medicalização tem sido descrita nas ciências sociais tanto como um processo de emergência de “doenças” anteriormente desconsideradas enquanto problemas médicos, quanto como um fenômeno biopolítico constitutivo das estratégias de controle social da modernidade. Este trabalho busca debater essa problemática a partir do estudo de um saber delineado no campo da saúde mental brasileira em torno da figura de Nise da Silveira. Trata-se de uma psiquiatra conhecida a partir da década de 1940 por sua luta contra a aplicação massiva e violenta de determinadas intervenções médicas (eletrochoque, lobotomia, insulino-terapia, e mais tarde, psicofármacos) e por sua defesa da eficácia terapêutica da expressão artística e das relações interpessoais (o “afeto catalisador”). A partir de uma etnografia desenvolvida na instituição que atualmente abriga o seu legado, o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, localizado no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, pretende-se expôr os fundamentos da crítica desse saber ao que o próprio caracteriza como constitutivo de um "modelo organicista" basilar na medicina, como os confinamentos hospitalares, as hiperdosagens de psicotrôpicos e as concepções mecanicistas de corpo, pessoa, saúde e doença. Considera-se que o eixo desse saber, sustentado por psiquiatras, psicanalistas, pacientes, artistas, agentes de saúde e militantes, inclui uma resistência à biopolítica contemporânea, e que tal resistência se dá não em relação às inovações tecnocientíficas da medicina em si, mas sim a propósito de seus procedimentos de aplicação, da exclusividade de suas intervenções, e, sobretudo, da gravidade de suas consequências políticas e ontológicas.

Palavras-chave: Medicalização; Biopolítica; Loucura; Psiquiatria; Psicofarmacologia.

UN ABORDAJE ETNOGRÁFICO DE LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO CIENTÍFICO EN TORNO AL ALERTA METEOROLÓGICO

Matías Menalled (FFyL-UBA)

Santiago Moya (IDAES-UNSAM)

Esta ponencia busca poner en diálogo dos procesos de investigación en curso que vienen siendo desarrollados en el marco de la tesis de licenciatura de cada uno de los expositores. Nuestro problema de investigación se ubica en el marco del proyecto interdisciplinario ALERT.AR. Formulado como plan estratégico nacional, esta política pública tiene por objeto “co-producir conocimiento” para contribuir a la creación de un sistema nacional de alerta temprana que permita mejorar el ciclo de respuesta entre las instituciones que componen la red de toma de decisiones ante eventos severos, a los fines de intervenir con programas gubernamentales orientados a la gestión del riesgo en desastres naturales –en particular lluvias intensas e inundaciones– en Argentina. Nuestra investigación tiene como propósito reconstruir, analizar y comprender, desde la perspectiva antropológica y con un abordaje etnográfico multisituado (Marcus, 2001), el conjunto de factores (simbólicos, cognitivos, institucionales, tecnológicos, histórico-biográficos) implicados en las redes socio-técnicas de producción de conocimiento experto sobre el clima, en vinculación con las nuevas modalidades y dispositivos de

articulación disciplinaria que buscan integrar el conocimiento producido por las ciencias de la “sociedad/cultura” al conocimiento de las ciencias de la “naturaleza”. En este marco, nos proponemos reflexionar, por un lado, en torno a estos dispositivos y al estatus del conocimiento científico en equipos y redes caracterizados por tres aspectos centrales: la pluridisciplinariedad, la transectorialidad y la multilocalización (Fossa Riglos y Hernández, 2015). Y por otro, dar cuenta de la multiplicidad de saberes -legos y expertos- que intervienen en el proceso de producción, circulación y uso de la información meteorológica: desde el registro del dato en las estaciones meteorológicas, pasando por su sistematización y procesamiento, hasta la recepción-interpretación por parte de los diversos “tomadores de decisión” que intervienen en los territorios y poblaciones afectadas por inundaciones.

GT 103. ANTROPOLOGÍA DE LA MUERTE

Coordinadores:

Dr. César Iván BONDAR (UNaM-CONICET- Laboratorio de Investigaciones Semióticas y Antropológicas Universidad del Zulia, Maracaibo, Venezuela);
cesarivanbondar@gmail.com

Dr. Hippolyte Brice SOGBOSSI (Universidade Federal de Sergipe, Brasil);
bricesogbo@hotmail.com

-

-

Sesión 1:

NARRATIVAS SOBRE MORTE E ASSOMBRAÇÕES RELACIONADAS AO PASSADO DA ESCRAVIDÃO NO PASSO DOS NEGROS – BRASIL

Prof^a. Dr^a. Louise Prado Alfonso – Antropóloga, Arqueóloga e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas –

louise_alfonso@yahoo.com.br

Jaciana Marlova Gonçalves Araujo - Psicóloga e Graduanda em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas – jacianamga@hotmail.com

Isis Karinae Suárez Pereira – Graduanda em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas – isiskspereira94@gmail.com

Dayanne Dockhorn Seger - Graduanda em Antropologia Social e Cultural com habilitação em Arqueologia pela Universidade Federal de Pelotas – dayannedockhorn@gmail.com

A partir de uma abordagem multidisciplinar que envolve a antropologia, a arqueologia e a psicologia buscou-se refletir sobre a morte e as memórias do período de escravidão. O projeto foi desenvolvido na região do Passo dos Negros, em Pelotas-RS, durante o segundo semestre de 2014, no âmbito do projeto de pós-doutorado “Um olhar sobre o passado e o presente do negro em Pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica”. As etnografias realizadas apontaram elementos que aproximam o passado da escravidão e o cotidiano dos moradores a partir de narrativas relacionadas à morte e às assombrações. Destacam-se a noiva da figueira assombrada, local onde terreiras de religiões de matriz africana fazem suas oferendas aos orixás e ainda desperta medo nos moradores; o mascote do time de futebol local que trata-se do negrinho do engenho, um menino escravo que assombrava e fazia travessuras com as marmitas dos trabalhadores do engenho de arroz; e os potes de ouro enterrados por escravos que depois eram assassinados para não contarem a localização do tesouro. Bem como, relatos das formas de sepultamento, da crueldade e assassinato de escravos. Entende-se que a manutenção dessas narrativas e a sobrevivência desses personagens são formas simbólicas de entrar em contato com os conteúdos que envolvem a violência da escravidão a morte e o morrer. Nesse sentido, o Passo dos Negros pode servir como um exemplo interessante do entendimento de tais manifestações sobrenaturais a partir de materialidades, teorias mitológicas e o papel dos simbolismos.

Palavras-chave: escravidão; morte; materialidade; simbolismo; assombração.

SONHOS, PROFECIAS E VISÕES: O RITO DE LUTO EVANGÉLICO E A REGULAÇÃO MORAL DO MORTO

Dra. Andreia Vicente da Silva. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste),
Brasil; deiavicante@gmail.com

O luto evangélico foi recorrentemente compreendido como exemplo de simplicidade na vivência da morte e afastamento dos mortos. Contudo, analisando relatos de mulheres

evangélicas e reconstituindo a trajetória das relações destas com parentes homens mortos é possível perceber detalhes interessantes dessa forma de ritualizar a morte, que, ao contrário de reforçar distanciamentos, evidencia um complexo trabalho de transformação do vivo em morto que se faz em convivência com aquele que partiu.

Nesta comunicação, pretendo debater o caso de Margarida, uma senhora evangélica, que perdeu o pai e o marido. Esse caso específico guarda em si certas recorrências “boas para pensar” o luto evangélico, principalmente porque os sonhos, as profecias e as visões se tornam arenas para a interação com os mortos. Ao reconstruir os relacionamentos e as mortes de cada um desses homens, essa senhora evangélica sexagenária da Igreja Assembleia de Deus em Praia de Mauá, Magé, Rio de Janeiro, Brasil, providencia para o antropólogo atento, dados indispensáveis para a compreensão dos ritos de morte entre os evangélicos, a saber: a qualidade das relações, a conduta moral, a temporalidade progressiva do relato testemunhal, a regulação do grupo. Cada um desses elementos permite compreender a partir de que parâmetros essas pessoas compreendem, qualificam e vivem os processos de luto pelos quais precisam passar ao longo de suas vidas.

Palavras-chaves: luto evangélico; sonhos; visões; profecias; moralidade.

-

-

TRÊS MARIAS E UM DRAMA SOCIAL

Conceição Aparecida dos Santos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); santos250278@yahoo.com.br

Três mulheres de cidades diferentes são brutalmente assassinadas no final do século XIX. Quanto ao perfil das vítimas: mulheres anônimas, das camadas populares, de vida desconhecida e sem família para reclamar os seus cadáveres. Nos três casos, as mortes foram praticados por militares e na mesma década: Maria do Carmo (1890), Maria Bueno (1893) e Maria Degolada (1899), período que coincide com grandes transformações e conflitos sociais. As três passam a protagonizar relatos de milagres e surgem cultos religiosos nos locais em que foram assassinadas, que se tornar território onde os devotos vão solicitá-las como taumaturgas e protetoras. Observadas pela ótica do arquétipo, essas três personagens passar-se-iam por uma, até no nome: Maria. Contudo, os arranjos religiosos e contextos locais trataram de diferenciar seus cultos, conferindo a cada devoção um caráter êmico. O que gostaria de colocar em debate é que, não ao acaso, as mortes violentas dessas mulheres ganham conotação religiosa, transformando-as em objeto de santificação popular. Uma cadeia de eventos de grande impacto na vida social parecem dar suporte simbólico ao enredo dramatizado por essas três personagens. Ou seja, alguns setores sociais impactados por esses eventos marcantes encontram na brutalidade praticada contra elas um espaço para dramatizar as transformações e conflitos sociais. Uma dramatização que se prolonga com os rituais no local da morte delas e é revivida quando os devotos se afastam das atividades

cotidianas para rogá-las, agradecer-las e celebrá-las.

Palavras-chave: Morte; religiosidade; cidade; conflitos; drama social.

-

Morrer para resistir: uma mirada sobre crimes de homicídio/suicídio em escolas e universidades

Flora Daemon. Pós-Doutoranda (CAPES/PNPD) - Universidade Federal Fluminense (PPGCOM)

O artigo focaliza eventos de homicídio/suicídio cometidos por jovens em escolas e universidades do Brasil, Estados Unidos e Finlândia em decorrência de práticas sistemáticas de violência categorizadas como *bullying*. São objetos de nossa análise, especificamente, vítimas que se tornaram perpetradores e que desenvolveram produtos comunicacionais (vídeos, animações, fotografias entre outros) com o intuito de, após sua morte, registrar na memória dos homens suas causas e motivações. Tal estratégia evidencia um paradoxo: em tempos de grandes investimentos em intervenções que visam a prorrogação da vida, tais indivíduos utilizam o caráter indomesticável da morte para potencializar um tipo de existência que passa, necessariamente, pela imagem midiaticizada do crime e pelo auto-aniquilamento biológico.

Palavras-chave: 1. Morte; 2. Homicídio/Suicídio; 3. Post-Mortem; 4. Memória 5. *School Shooting*.

REPRESENTACION SOCIAL DE LA MUERTE Y TENSIONES LIMINALES EN LA MORGUE DE SANTIAGO CHILE

José Varas Insunza. Antropólogo. Morgue del servicio médico legal. Santiago Chile. Universidad Academia Humanismo Cristiano (UAHC)

El presente artículo tiene por objetivo dar cuenta de los principales resultados de una investigación llevada a cabo en el Servicio Médico Legal de Chile (SML), y cuyo objetivo fue describir la representación social que tiene la ciudadanía respecto del SML como del fenómeno de la muerte y el dolor, y partir de ello reflexionar sobre la existencia de un conflicto, una tensión, que se da entre el estado judicial y la tradición ritual, que se vincula a la propiedad del cadáver en contextos de un rito de paso mortuario truncado.

EL OFICIO DE SEPULTURERO. ETNOGRAFÍA

Leticia Matta. Maestranda de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.
Uruguay; leticia.matta@gmail.com

Hicimos un estudio etnográfico del oficio de quienes manejan los cadáveres en los cementerios, desde la inhumación a la exhumación y reducción de los restos y el acondicionamiento y mantenimiento de los espacios sepulcrales en el Uruguay contemporáneo. Se observó a los sepultureros durante su permanencia en las necrópolis, se participó en sus acciones específicas y en los momentos de reposo y distensión en su jornada laboral. Registramos entrevistas, individuales y grupales, para una descripción densa de un oficio sobre el que pesa un estigma que incide sobre la actuación de los sepultureros, sobre el ingenio y sentido del quehacer que despliegan y sobre las estrategias con que se defienden de la angustia que produce la exposición cotidiana a la muerte y el manejo de cadáveres, en un típico trabajo sucio poco conocido, lo que les afecta individualmente, en sus relaciones y familias. Apuntamos a la comprensión del trabajo, no a la tanatología, por lo que la discusión se concentra en la descripción del oficio (inteligencia al servicio del trabajo), las interacciones y cooperación entre los actores y las experiencias compartidas, el análisis del léxico y discurso, el funcionamiento del equipo humano y los mecanismos de defensa grupales e institucionales, que posibilitan una actividad menospreciada al tiempo que se la considera esencial. La etnografía es un medio para conocer y permitir el perfeccionamiento de una función sustantiva y la salvaguarda del bienestar de los usuarios (la única categoría que todos integraremos) y de los trabajadores.

Palabras clave: Sepultureros, oficios fúnebres; estigma; sufrimiento; muerte.

ENSAIO DE UM ESTUDO DE CASO: O BUTSUDAN

Blanca Shung Luen Menezes Li. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); lishungluen@yahoo.com.br

Através de narrativas analiso como é construído o relato baseado nas memórias do interlocutor e como para além da elaboração do discurso há a construção de relações de âmbito familiar, onde o lócus é a casa. Entretanto, no relato as relações extrapolam o

nicho físico e denunciam ponte simbólica que liga duas espacialidades, então as relações de parentesco extravasam para um nível espiritual. Produção de sentido presente no comportamento do sujeito pesquisado, a conduta tem a gênese nas relações familiares, nas condições históricas da imigração e na visão de mundo. Para tanto, o ensaio discorre sobre artefato inerente a sistema de cultura religioso, constituído de conjunto de organização simbólica que abrange valores e imagens. A complexidade da reprodução cultural surge enquanto sistema de práticas determinantes para elaboração da cultura e da imagem da realidade social, inerente a sentimentos coletivos enraizados, cujo produto é a continuidade que provoca exigências no indivíduo permeado de imaginário adequado às aspirações no campo do privado e do afetivo, porque garantem a manutenção e reprodução de estabilidade. Quando experiências diárias não satisfazem tais necessidades, há afrouxamento dos laços nas gerações subsequentes, o que contribui para reelaborar esse sistema de valores. O novo movimento de transformação introduzida por cada alteração possui por sua vez também exigências que variam segundo a demanda de cada um que difere em relação à estrutura do grupo a que pertencem. A dinâmica cede a contradições e pressões internas geradas pelos integrantes do grupo que demonstram características flexíveis e ativas.

Palavras-chave: diáspora, identidade, multiculturalismo, hibridismo, cultura material.

CASA DOS MORTOS, MUSEU DOS VIVOS: RITUAIS, IMAGENS E PARENTESCO NA COLINA DO HORTO- JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL

Thiago Zanotti Carminati (doutor em Antropologia Cultural-PPGSA/IFCS/UFRJ – professor da Universidade Regional do Cariri e coordenador do Núcleo de Estudos Regionais-NERE/URCA); thiagocarminati@yahoo.com.br

O trabalho reúne dados apresentados na tese de doutorado (defendida em 2014) a respeito da prática ritual das ‘promessas’ observada desde o Museu Vivo/Casarão do Padre Cícero em Juazeiro do Norte, cidade do interior do Nordeste brasileiro, para discutir como a morte é vivida e pensada neste contexto. A promessa é uma instituição que presentifica e atualiza a relação dos agentes sociais com a cosmologia católica através de performances rituais e índices materiais. A partir da etnografia dos rituais e das materialidades visuais produzidas se alcança o modo como a morte é concebida entre os romeiros, visitantes anuais da cidade do Padre Cícero. Os objetivos do trabalho consistem em demonstrar, primeiro, como a história de Juazeiro e do Padre Cícero engendram uma forma histórica peculiar ao catolicismo, segundo, como a pessoa devota inscreve esta forma histórica em suas ações concretas, terceiro, como essas ações aproximam vivos e mortos e, por fim, demonstrar a centralidade do parentesco nestas ações rituais. O próprio Casarão do Padre Cícero, atualmente organizado enquanto museu de ex-votos, não cumpre exclusivamente a função de centro catalizador de peregrinações uma vez que dali se difundiu práticas rituais gestadas desde seu interior, além dele próprio expressar diferentes (e divergentes) concepções sobre a morte. O

trabalho, por seu foco privilegiado nas imagens e objetos intercambiados na ‘promessa’, materialidades visuais compreendidas como “pessoas distribuídas” (Gell, 1998), verifica a concepção de seus portadores, mas, sobretudo, o caráter agentivo destes índices capazes de evidenciar o vínculo particular que liga mortos e vivos.

Palavras-chave: Etnografia e Imagem – Rituais – Morte – Cosmologia – Parentesco.

FOTOGRAFIA, MORTE E MEMÓRIA ENTRE OS ASURINÍ DO XINGU, PARÁ, BRASIL

Alice Villela. Doutoranda em Antropologia Social. PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, Brasil; licevillela@gmail.com

Os Asuriní do Xingu, grupo indígena Tupi que habita a margem direita do rio Xingu no estado do Pará, Brasil, conheceram a fotografia na ocasião do contato oficial com os brancos em 1971. Nesta circunstância, a fotografia foi considerada perigosa pois a máquina fotográfica agiu sobre os corpos retratados retirando suas substâncias vitais (*ynga*), o que causou mortes e adoecimentos. Nos dias atuais, pouco mais de quarenta anos depois do contato, a aura de risco e ameaça deixa de encobrir a fotografia e imagens dos Asuriní tiradas na década de setenta estabelecem outras relações com o domínio da morte - as imagens dos "antigos" despertam memórias, lembranças de um tempo passado e saudades dos parentes já falecidos. Este paper pretende discutir questões que surgem do campo entre os Asuriní do Xingu recortado pela temática da morte e da imagem. Através da relação que este povo estabelece com imagens fotográficas de si, proponho explicitar aspectos etnográficos que compreendem concepções rituais e cosmológicas relacionadas à morte, tabus em relação à imagem dos mortos recentes e relações entre fotografia e memória dos parentes falecidos.

Palavras chave: Asuriní do Xingu, morte, fotografia, imagem e memória.

ETNOGRAFIA DA MORTE: UMA REFLEXÃO SOBRE RITUAIS FÚNEBRES NA CIDADE DO CRATO-CE

José Felipe de Lima Alves. Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. PPGA/UFPB.

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA;
felipe.alves.2@hotmail.com.

Ednalva Maciel Neves

O trabalho apresenta um recorte da pesquisa de mestrado sobre cultura fúnebre no contexto urbano da cidade do Crato, localizada na região metropolitana do Cariri Cearense. A proposta desse trabalho é além de apresentar o objeto e o estudo que está sendo realizado trazer uma reflexão sobre o campo a partir da contribuição teórica da antropologia e a textualização dos resultados obtidos com o desenvolvimento dessa teoria aplicada à prática de pesquisa. Utilizamos a observação participante como metodologia, por considerar de fundamental importância a vivência do pesquisador nos rituais que são realizados, bem como de compreender as diversas nuances que permeiam as relações dos atores envolvidos no contexto fúnebre da cidade. Buscamos compreender os diversos elementos que compõem essa cultura fúnebre levando em consideração todos os aspectos que se dizem respeito a morte na cidade. Percebemos a dinamicidade dos eventos e as mudanças que ocorrem ao longo dos tempos, principalmente na estrutura dos rituais e no tratamento que é dado ao corpo morto. Compreendemos que essas mudanças acompanham a urbanização e integram novas práticas que são efetuadas pelos indivíduos que acompanham essa dinâmica da cultura. Assim, refletimos sobre os rituais fúnebres como eventos que compõem a estrutura social através dos elementos que comunicam a cultura fúnebre da cidade para elaboramos uma etnografia que apresente a morte como fenômeno para que possamos assim, compreender as relações construídas pelos indivíduos nesse processo ritual.

DOLOR Y PRÁCTICAS SOCIALES. UN ANÁLISIS ANTROPOLÓGICO SOBRE LAS MUERTES VIOLENTAS DE DOS JÓVENES OCURRIDAS EN CÓRDOBA (ARGENTINA)

Mgter. María Cecilia GARCIA SOTOMAYOR; ceciliagarciasotomayor@gmail.com

Lic. Evelin Andrea MUÑOZ;
evelinm.cba@gmail.com

Instituto de Antropología de Córdoba (IDACOR), CONICET

La muerte de jóvenes varones en sectores populares en contextos de violencia en Córdoba es usualmente presentada, en estudios académicos, en medios de comunicación y en la opinión pública como un fenómeno homogéneo y comprensible bajo determinados supuestos relativos a la delincuencia, el consumo de drogas, la violencia urbana, la pobreza, por mencionar sólo los más recurrentes.

Sin embargo, el estudio en profundidad en este campo nos lleva a un universo de significados diverso, que da cuenta de que estas muertes y las maneras de ser vividas por parte de familiares y amigos del fallecido están relacionadas con otras dimensiones que las contiene de manera más acabada.

En esta ponencia proponemos ingresar a este campo a través de un estudio etnográfico de dos muertes ocurridas en la provincia de Córdoba en un pasado reciente, en los años 2012 y 2014, considerando las relaciones sociales y las redes de relaciones construidas por estos jóvenes, por tanto su posición social, la ocupación de espacios materiales, sociales y simbólicos, las prácticas de sus familiares y amigos, tanto en su entorno inmediato como con otros grupos sociales, instituciones y órganos del Estado. Nos interesa abordar las nociones de dolor puestas en juego ante estas muertes, los reclamos y las búsquedas de justicia por parte de familiares y congéneres de las víctimas tanto como sus intervenciones públicas para reclamar por ellas.

A MORTE DO ENCOMENDADOR DE ALMAS: A CULTURA MATERIAL PELAS NARRATIVAS DOS ÚLTIMOS EXORTADOS.

JAQUELINE PEREIRA DE SOUSA

Doutoranda em Antropologia (UFPA/PPGA)

Nos arredores da cidade de Cocal, ao norte do Estado do Piauí (Brasil), encontram-se as memórias do encomendador de almas e cuidador de corpos, José Vitalino dos Santos, conhecido como Seu Zé e designado como Exortador: aquele que tem por ofício acompanhar os moribundos em seus leitos até o óbito, conduzindo, portanto, as práticas ritualísticas da morte na perspectiva do catolicismo popular. Em 2012, com o falecimento de Seu Zé – o último dos exortadores – novas estratégias passaram a ser negociadas entre os moradores das comunidades antes atendidas por ele, como a contratação dos serviços de agências funerárias, deixando evidenciadas as transformações nas formas de lidar com o morto por meio de ritos fúnebres amalgamados pelo tradicionalizado e pelo modernizante. Em 2015, ao revisitar o campo de pesquisa (2009-2011), percebeu-se que, através das narrativas dos familiares dos exortados e da própria família de Seu Zé, a memória fúnebre é incitada pelo poder de agência dos objetos que, mais do que mediadores entre o mundo dos vivos e dos mortos, tem papel fundamental no discurso performatizado dos interlocutores ao evocar os seus antepassados. A cultura material contemplada não só pelas fotografias, sepulturas, cruzeiros, artefatos pessoais, etc., também enquadra como circunstâncias as histórias, os gostos e as virtudes do falecido, fazendo com que tais dispositivos enfatizem a presença desse morto (mesmo não estando presente em corpo físico), sua constante (re)memorização cria uma conexão entre vida e morte, por meio do legado

possivelmente obliterado da exortação, em que o próprio exortador não fora exortado.

Palavras-chave: Morte; Exortação; Objetos; Narrativas; Cultura Material.

Sesión 2:

-

-

MORTOS E VIVOS: REPRESENTANTES E PROTAGONISTAS DO RITUAL FÚNEBRE BORORO

Júnior José da Silva. Mestrando do programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados – Mato Grosso do Sul – Brasil; jrscherenner@gmail.com

O trabalho tem por objetivo fazer uma análise dos ritos e dos agentes que compõe o funeral Bororo, dividindo-o basicamente em três etapas: 1) cuidados com o corpo do morto; 2) cuidados com a propriedade do morto; 3) cuidados com os sobreviventes. A primeira etapa consiste no enterro provisório, este, geralmente feito no pátio da aldeia, uma fase marcada pela espera e pelo aceleração de decomposição do cadáver, que, posteriormente, terá seus ossos enfeitados e enterrados, definitivamente, fora da aldeia, tal período é marcado pela realização de cantos e danças, bem como, pela confecção de adornos e artefatos mortuários. A segunda etapa, consiste na escolha de um substituto, que usará os adornos e objetos do finado durante todo o ciclo funerário, objetos estes que, serão incinerados ou postos no cesto mortuário antes do enterro definitivo. A terceira etapa, compreende o período de espera pela liberação do luto, no qual o representante do finado deverá caçar um animal de desagravo e oferecê-lo aos familiares que generosamente o recompensará. A duração e realização dessas etapas representa um desdobramento do tempo, no qual os laços entre os mortos e os vivos são criados, alterados e redefinidos, demonstrando que a extrema complexidade dos funerais Bororo requer um aproveitamento máximo das potencialidades associativas presente nas aldeias.

Palavras-chaves: morte; Ritual Fúnebre; Bororo; Representantes do morto.

REPERCUSIONES DE LA DONACIÓN DE ÓRGANOS EN EL DUELO DE LOS DONANTES

Mag. Lic. en Psicología Ma. Pilar Bacci. Instituto de Psicología Clínica Facultad de

Diversas investigaciones, muestran como la reacción ante la muerte varía en la historia de las sociedades. Al respecto, se produjeron cambios a mediados del siglo veinte con el surgimiento de tecnología médica intensiva, instaurándose un nuevo concepto de cesación de vida en el sistema médico – legal que repercutió en las representaciones de la muerte que, ya no será establecida únicamente por parada cardio-respiratoria, sino además, se diagnosticará por criterios neurológicos. El cambio posibilita procedimientos de sustitución de órganos e imprime la comprensión de nuevos criterios acerca del morir.

Esta investigación cualitativa indaga repercusiones de la donación de órganos en el duelo de donantes uruguayos. Se entrevistaron quince donantes, que no cursaran duelo agudo al momento de la aplicación de la técnica. Se realizó análisis temático y de comprensión escénica, desde tres áreas: manifestaciones del duelo; experiencia de donación vinculada al duelo y significación de muerte y rituales. Concluye: a. la donación genera repercusiones en el duelo; b. representaciones de donar se asocian con el fallecido validando la decisión; c. son duelos no complicados que presentan particularidades: fantasías de sobrevivencia y reencuentro del muerto en el receptor; d. los rituales muestran preocupación por la imagen corporal luego de la ablación e inquietud que relaciona esto con el descanso espiritual; e. la donación no disminuye el dolor, pero cambia el énfasis de la muerte habilitando la producción imaginaria de continuidad y f. el dar altruista se desdibuja y la acción de donar parece estar dirigida por el deseo de perpetuación.

Palabras clave: Duelo / Donación / Familia / Rituales/Muerte.

O MUNDO DOS MORTOS É UM MUNDO DE VIVOS

Carolina Pedreira (Universidade Federal do Tocantins – UFT) Doutora em Antropologia

Em Andaraí, cidade situada na região central da Bahia, Brasil, categorias como *almas* e *espíritos* não se referem a ‘seres sobrenaturais’, mas a entidades dotadas de capacidades intencionais e agenciadoras compartilhadas com os humanos. Tais entidades estão vinculadas tanto ao cotidiano das pessoas como a seus corpos, seus pensamentos e ao seu modo de viver; ao passo em que habitam realidades mais imbrincadas que paralelas, de onde, com maior ou menor facilidade, podem se ausentar. Neste trabalho, um excerto da etnografia realizei com um grupo de mulheres rezadeiras de Andaraí, intento apresentar, amparada pela descrição de técnicas rituais de comunicação entre vivos e mortos e pelo conhecimento nativo sobre o que sucede após a morte do corpo orgânico, algumas das tramas que vinculam a noção de pessoa e o destino pós-morte de almas e

espíritos na região da Chapada Diamantina.

UNA MIRADA ANTROPOLÓGICA SOBRE EL SUICIDIO EN CAMPESINOS DE URUGUAY Y BRASIL

Andrea Lissett Pérez. Universidad de Antioquia (Colombia);
Andreaperez71@hotmail.com

Esta ponencia debate sobre las características de la conducta suicida en las poblaciones campesinas del municipio de Sinimbu, Estado de Rio Grande del Sul, Brasil, y del municipio de Rocha en Uruguay, con el fin de reflexionar sobre las condiciones sociales de existencia y las formas de sufrimiento social presentes en ambos contextos. Se aplicaron metodologías de tipo cualitativo (observación etnográfica, entrevistas y conversatorios) y de tipo cuantitativo (datos estadísticos del suicidio del periodo 1935-2013 para el caso de Brasil y desde 1950-2013 para el caso de Uruguay). Los dos casos presentan regularidades que serán objeto de debate com: la permanencia histórica de este fenómeno con índices significativos durante los últimos cincuenta años; la legitimización de este fenómeno, de manera no formal ni consciente, como camino posible para resolver ciertas tensiones subjetivas; la relevancia del suicidio en los grupos de edad más avanzados (mayores de 60 años) y el aumento gradual en los grupos de edad más jóvenes; el ahorcamiento como forma tradicional de suicidio que revela una manera recurrente de suicidio; las diferencias en las experiencias sociales de sufrimiento según la condición de género que produce subjetividades y conductas diferenciadas frente al suicidio y los cambios vividos desde inicios de los 1990 con la intensificación de las reformas neoliberales que afectan profundamente el modelo de vida de esta población, generando mayores tensiones sociales y subjetivas que se reflejan en los altos índices de suicidio.

MORTE E ESPÍRITO: CONCEITOS DO ESPIRITISMO QUE ECOAM PARA ALÉM DA FRONTEIRA RELIGIOSA

Diana Wiggers. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) Mestrado em Antropologia Social;
(dianawiggers@hotmail.com)

Propõe-se, neste trabalho, analisar as definições da doutrina espírita kardecista de espírito e morte e, a partir desses conceitos, problematizar a produção psicográfica. Pois tomar consciência dessas definições torna acessível a nós o pensamento religioso que

faz conversar “diretamente” mortos e vivos, através do fenômeno da psicografia. Essa produção de documentos escritos nos leva a pensar sobre a questão autoral, que nasce através da função do espírito e do ser de carne e osso. Assim, a psicografia, especificamente, permite um contato direto do espírito desencarnado que utiliza o homem vivo como veículo para suas mensagens do além.

O Brasil é um país onde a religião espírita exerce grande influência em sua configuração social, um exemplo disso são as organizações profissionais simpatizantes a essa religião que interferem ativamente na organização social e política. Assim, pensar nas definições de morte e espírito partilhadas por essa doutrina é uma forma de compreender minimamente a influência que essa religião exerce sobre as diversas manifestações sociais. Pois essa influência está ligada especialmente à dicotomia mortos/vivos, e que extrapola a crença do indivíduo na religião espírita. A influência dela é muitas vezes negada ou contestada, até o ponto em que algum fato “sobrenatural” o desafie. Pois os espíritas acreditam e afirmam que os espíritos dos mortos estão entre nós, e essa afirmação nem sempre será feita por outros indivíduos, mas poucos são os que se atrevem a dizer que os mortos não estão entre nós.

Palavras chave: espiritismo, psicografia, morte, autoria.

LA MUERTE AL BORDE DEL CAMINO. HONRAS FÚNEBRES EN CARRETERAS DEL URUGUAY

Leticia Matta. Maestranda de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.
Uruguay; leticia.matta@gmail.com

La merma notoria de las visitas de los deudos a los cementerios no significa un abandono de ritualidades fúnebres, sino mas bien que las pautas culturales del duelo han cambiado y que lejos de desaparecer las honras fúnebres han cambiado de espacio y de modalidad. En esta ponencia hacemos un análisis en una modalidad peculiar de rendir honras fúnebres: los artefactos recordatorios instalados al borde de las carreteras, tras una muerte por accidente. Por todo el país hemos registrado estos artefactos sencillos, carentes de pretensión monumental, con información de los fallecidos, recabamos información policial, forense y noticiosa, entrevistamos a los deudos y vecinos del lugar. Analizamos como las banquetas o los márgenes de las carreteras que se interpretan como, no representativo de nada ni de nadie diseñado como un lugar público precisamente marginal donde nada tiene un afincamiento o radicación; pasan a ser un lugar de referencia de una honra fúnebre en particular. Los deudos lo institucionalizan, mantienen y renuevan; incluso gestionan ante el Ministerio de Transporte y Obras Públicas una autorización. El artefacto recordatorio se equipara con una tumba en el cementerio y en muchos casos supera a esta en asiduidad y proximidad. Esta ornamentaria otorga al espacio una alta significación, pública y privada, como “*punto de pasaje*” donde se desvaneció repentinamente la vida y se estableció la muerte: un portal puntualmente localizado en una zanja, un árbol, una alcantarilla.

HABITAR EL HÁBITAT DEL PROCESO DEL MORIR DE UN NIÑO. VIVIR Y MORIR EN SITUACIÓN DE POBREZA

Maricel Adriana Andreatta. Lic. en Trabajo Social, Mag. en Salud Mental, doctoranda del Doctorado en Trabajo Social Universidad Nacional de Rosario (UNR); Escuela de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Políticas. UNR. Argentina;
maricelandreatta@hotmail.com

La muerte de un niño no se espera ni se acepta, es una desgracia inesperada que rompe con el esquema de la sociedad. Cuando a un niño en situación de pobreza se le diagnóstica una enfermedad terminal, transitando su proceso del morir en el hogar, la vivienda se constituirá en un hábitat del morir porque vivirá muriendo en él, podría ocurrir la muerte en él, lo velarán en él y el lugar de entierro tendrá las mismas características de cómo viviste, existiendo correlación entre ambos espacios habitacionales, el de vida y el de muerte. En el hábitat del morir las familias establecen habitares, hábitos y habilidades donde son legibles ritmos sociales, económicos, culturales y organizacionales. Habitantes que en el tiempo del morir constituyen una historia vincular familiar, de encuentro e identificaciones en un mismo espacio de vivir y convivir en la pre muerte y muerte de uno de sus miembros. Llegado el momento del fallecimiento, las familias realizarán ritos de despedidas y aseos funerarios en unos de los espacios tanáticos que puede ser el hogar o el hospital. Arribada la despedida final por medio del rito de los velatorios, serán realizados en el hogar, donde el entierro tendrá las mismas condiciones del habitáculo del vivir y del velorio.

Palabras claves: Hábitat- Habitar- Proceso del morir- Muerte- Ritos Funerarios.

ENTRE O MUNDO DOS VIVOS E O MUNDO DOS MORTOS: UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA SOBRE A RELAÇÃO DA MORTE COM A CULTURA POPULAR NO COTIDIANO EM CALDAS, MINAS GERAIS

Marcelo Elias Bernardes. Universidade Estadual Paulista. Orientador: Professor Doutor Paulo Eduardo Teixeira

Este trabalho propõe analisar uma prática difundida na comunidade de Caldas, Minas Gerais, os contos de assombração, capazes de orientar o cotidiano, a partir de um imaginário coletivo que coaduna medo e religiosidade. Dentro da cultura popular, as assombrações não podem ser pensadas separadamente à representação da morte, possuindo múltiplos significados, dentre os quais os códigos sociais que a envolvem,

delimitam parte significativa da estrutura destas narrativas. O trabalho etnológico, os preceitos teóricos da história cultural e a utilização da metodologia da história oral são mecanismos que nos permitiram alcançar o universo mental desta comunidade e compreender a relação da morte com os contos dentro da cultura popular. Observamos que sua simbologia, assentada sobre o medo, está inscrita nas relações sociais à medida que existem anúncios de falecimentos, velórios públicos e enterros que caminham pela cidade. Assim entendemos que a morte está presente no cotidiano e nas representações, visível na formulação das interfaces das assombrações à medida que almas penadas de antigos habitantes do município caminham pelo mundo transmitindo suas mensagens.

Palavras-chave: medo, religiosidade, morte, imaginário, cultura.

-

-

ARUÊ: UMA NARRATIVA SOBRE A MORTE

RENATA FREITAS MACHADO. Doutoranda do Programa de Pós- graduação em Antropologia Social, PPGAS – USP, Bolsista FAPESP, sob a orientação do Prof. Dr. John Dawsey; renatafreitasmachado@gmail.com

A comunidade pesqueira de Matarandiba, localizada na Ilha de Itaparica, Bahia, se despede do ano velho e dá boas vindas ao ano novo com a Festividade do Aruê. No Aruê é preparada uma jangada de bambu com folhas de bananeiras que formam um arco; no meio é colocado um mamão com olhos, nariz e boca entalhados, uma caveira. O cortejo sai do Alto do Cruzeiro (Matarandiba), antes da meia-noite, percorrendo todas as ruas da Vila, quatro homens seguram em volta da jangada, atrás uma multidão canta: Aruê, aruê, Aruê, Aruá, enterrar o ano velho que o novo vai chegar. Em volta da jangada, as mulheres seguem o cortejo e lamentam com gritos o enterro de mais um ano. Ao final do cortejo, quando o ano já foi despachado na maré, a comunidade festeja o ano novo com o samba de roda. O Aruê tem sido a base para compreensão da relação da comunidade com a morte e seus rituais funerários. O morto e o ano percorrem caminhos inversos dentro da comunidade. De um lado temos o ano que segue até a praia e é despachado. Do outro, o morto que também segue em cortejo, porém no caminho oposto e distante da Vila, e é enterrado. A proposta do trabalho é uma reflexão, a partir do diálogo da antropologia da morte e da antropologia da performance acerca da relação da comunidade com a morte e os desdobramentos dos seus rituais mortuários.

Palavras-chave: Aruê, antropologia da morte, ritual.

-

-

FAMÍLIA EXTENSA E RITUAIS MORTUÁRIOS ENTRE OS FON DO BENIN:

DOIS CASOS PARADIGMÁTICOS

Hippolyte Brice Sogbossi. Professor Associado. Universidade Federal de Sergipe, Brasil; bricesogbo@hotmail.com

Na República do Benin, África Ocidental, existem grupos etnolinguísticos dos mais diversos. Entre eles, fon, ioruba, dendi e bariba. A relação entre vivos e mortos é uma das mais importantes na definição e no reforço dos laços de parentesco. Em outras palavras, a morte, sendo um fenômeno universal, é tratada segundo as particularidades de cada grupo, isto é, a estrutura familiar, complexa, confere direitos e deveres aos integrantes, com a finalidade de conduzir devidamente um processo ritual circunstancial. O objetivo do trabalho é descrever e analisar, sob o prisma da antropologia religiosa, rituais de despedida entre vivos e mortos, em perspectiva comparada. Trata-se da seleção de dois casos de morte em família, casos nos quais o privilégio da ancestralidade serve como marco de referência na demarcação dos limites entre membros da família beninense, mas também do peso que cada membro tem dentro desta. Em qualquer caso, há uma fase caracterizada por reuniões sobre assuntos relacionados com o morto. Também há uma fase final caracterizada por rituais de viuvado, de amizade ou de orfanato até a separação definitiva do ente querido. O traço distintivo é que por um lado existem os rituais de enterro, de corpo presente, de um chefe de família, cujo status se encaixa no privilégio de que goza junto a reis, chefes de coletividades, príncipes, princesas e outros; portanto rituais que duram em torno de quatro dias. Do outro lado, cerimônias de despedida com corpo presente que podem durar menos tempo (em geral um ou dois dias). A bibliografia focada no assunto é ainda restrita, por não versar especificamente sobre a morte em contexto africano, contexto que questiona amplamente os estudos referenciais sobre morte no ocidente. Neste sentido a discussão terá como pano de fundo os raros estudos sobre morte na África, a exemplo de Louis Thomas Vincent e René Luneau, Adoukonou, Pierre Bamunoba, Ziégler, entre outros.

Palavras chave: morte, ritual, parentesco, simbolismos, Benin.

-

-

EL NIÑO ↔ LA MUERTE ↔ EL MORIR: *THANATO RE-FLECTUS* SOBRE LA EXPERIENCIA CON DOLIENTES Y MADRES DE ANGELITOS DESDE LATINOAMÉRICA

Dr. César Iván Bondar. U.Na.M. CONICET. Argentina; cesarivanbondar@gmail.com

La presentación que propongo resulta de un largo proceso de trabajo sobre la problemática de la *muerte pequeña* o *muerte niña* entre población de credo Católico en variadas poblaciones de Latinoamérica; a saber: Argentina, Chile, Paraguay, Brasil,

Bolivia, Ecuador, Venezuela, Guatemala y Colombia.

Propongo describir las *dialogizaciones* mestizadas entre los componentes *Niño ↔ Muerte ↔ Morir* atendiendo a recolecciones de primera mano entre dolientes y madres de angelitos. Estas aproximaciones han habilitado el bosquejo de derivaciones conceptuales que describo bajo las nociones de *thanatosemiosis ↔ thanatocronotopía ↔ thanatoculturización (o culturización de las alamas) ↔ cartografía funeraria* y que posibilitaron contemplar cómo las relaciones entre *Niño ↔ Muerte ↔ Morir* son específicas, relativas y diferenciales en relación a las suscitadas en la muerte adulta.

De este modo, donde muchos hablan de invisibilización, tabú o secularización hemos visto *otra muerte*; una que no se ajusta en sentido estricto y universalista a estos preceptos de uniformidad: doy cuenta de esta hipótesis sobre la base de los planteos teórico/metodológicos señalados con anterioridad.

Palabras clave: muerte, morir, angelito, madre-dolientes.

-

-

GT 104. ACTIVISMOS Y (RE) CONFIGURACIONES IDENTITARIAS JUVENILES

Coordinadores:

Marcela A. País Andrade. Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, UBA. Investigadora Adjunta, CONICET.

Docente Facultad de Ciencias Sociales; mapaisandrade@sociales.uba.ar / maky2007@gmail.com

Dra. Ana Karina Brenner. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação. Pesquisadora do Observatório Jovem do Rio de Janeiro; anakbrenner@yahoo.com.br

Mag. Alejandra Villanueva. Antropóloga. Universidad de Chile. Docente de la Universidad de Artes y Ciencias sociales (ARCIS); avillanuevac@gmail.com

Comentaristas: Dr. Paulo Carrano. Universidade Federal Fluminense – Faculdade de Educação. Coordenador do Observatório Jovem do Rio de Janeiro;

pc.carrano@gmail.com.

Dr. Sebastián Aguiar. Universidad de la República, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Sociología. Integrante del Grupo de estudios urbanos y generacionales; aguiar.sebastian@gmail.com

Sesión 1: Cuerpos, sexualidades y acciones colectivas

UMA REDE DE MUITOS SIGNIFICADOS: DOR, SOFRIMENTO E SOLIDARIEDADE NA EXPERIÊNCIA SOROPOSITIVA

Ricardo Andrade. Mestre em Ciências Sociais/PPGCS-UFRRJ;
andrade.his@hotmail.com

A experiência da dor e do sofrimento representa uma esfera que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Isso porque cada qual sente e exprime sua emoção, mas sempre a partir de uma gramática veiculada pelo grupo ao qual faz parte. A realidade da experiência da doença é incomensurável, está inserida num aparato subjetivo, mas apreendida e expressa no contexto intersubjetivo ao ser posta em cena. Este artigo apresenta a etnografia de um encontro (semelhante a um retiro) realizado por jovens soropositivos do estado do Rio de Janeiro. A partir da análise desta situação – vez por outra, situada pela etnografia maior que venho realizando na rede a que estes jovens “militam” – o texto apresenta reflexões acerca da coletivização como forma de “ajuda” no modo como se lida com a experiência soropositiva e relaciona às dimensões subjetivas de ser/se tornar um soropositivo. Neste sentido, o foco analítico é a dimensão da agência destes jovens, que pode oscilar entre (a) o compartilhar experiências de dor e de sofrimento, e (b) a relação com o cuidado de si (e necessariamente com o outro) frente à morte. Dessa forma, nos debruçaremos sobre as experiências e histórias de vida narradas, com objetivo de apreender a dimensão política e/ou pessoal no “ato de narrar” dentro da esfera de ação coletiva que mobiliza noções de amor, de cuidado e de enfrentamento “positivo”. Isto denota a peculiaridade desta “rede” dentro do campo dos movimentos sociais. Além disso, é importante ressaltar a relação entre gênero, sexualidade e juventude, como marcadores sociais da diferença. Metodologicamente, as narrativas de dor e de sofrimento serão lidas como histórias únicas, mas segundo as expressões emocionais esperadas para aquela ocasião.

Palavras-chave: Ativismo – HIV/AIDS – Juventude – Emoções – Subjetividades/identidades.

DISPUTAS DE SENTINDO EM REDE: CONVENÇÕES E PRÁTICAS SOBRE POLÍTICA NUMA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA NO FACEBOOK

Thiago Henrique de Oliveira Falcão. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do IFCH/ UNICAMP; tho.falcao@gmail.com

Nesta apresentação o foco de análise recai sobre as modalidades e sentidos de ação política proporcionadas a partir de espaços de sociabilidade possibilitados pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) e o modo como tensionam os limites do que é ou não considerado política para os sujeitos pesquisados. Através da observação participante em um grupo LGBT universitário, presente fortemente na rede social Facebook, busca-se apreender os diferentes sentidos de política que emergem em um debate realizado no grupo a partir de um episódio caracterizado como envolvendo homofobia e transfobia num estabelecimento comercial e das possíveis ações que o grupo poderia realizar.

Esses eventos permitem questionar a rentabilidade analítica da distinção “campo” e “arena” (SWARTZ, 1969), especialmente quando se trata de pensar os vários níveis em que os sujeitos interessados em dada “causa” podem se envolver em ações que poderiam ser consideradas políticas, mas não são revestidas de institucionalidade.

Desse modo, analisar esses processos permite, também, compreender de forma mais detalhada as articulações, sentidos e estratégias mobilizados. Além disso, possibilita não só compreender as reconfigurações que se apresentam ao “campo” LGBT, mas pode se apresentar como aproximação empírica em relação a vários dos elementos presentes nas novas formas de ativismo que marcam as marchas e manifestações recentemente ocorridas no Brasil.

Palavras chave: novas formas do fazer político; LGBT; internet; Facebook; homofobia.

EM DEFESA DO *FRACASSO*: GASTROPOLÍTICAS, ESTILOS E (DES)REGULAÇÕES CORPORAIS NOS FEMINISMOS CONTEMPORÂNEOS

Íris Nery do Carmo. Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); irisndocarmo@gmail.com

A presente pesquisa diz respeito à produção de novos sujeitos políticos e dos chamados “feminismos hifenizados” – isto é, versa sobre o múltiplo pertencimento de ativistas jovens que transitam entre diversas referências como o *punk*, o anarquismo, o vegetarianismo, o autonomismo, entre outras, as quais são reapropriadas, forjando espaços de sociabilidade que tensionam os limites do fazer político em seu entendimento tradicional. A partir de trabalho etnográfico, o recorte da pesquisa a ser apresentado na ocasião se refere ao lugar do corpo e dos estilos corporais (HEBDIGE, 2004) nesse ativismo, e a sua relação com gastropolíticas (APPADURAI, 1981) e contestações de convenções de gênero e sexualidade; tratam-se de questões importantes para pensarmos a renovação do feminismo e a resignificação de estratégias como a politização do corpo e do lema “o pessoal é político”. Isto é, o intento consiste em uma análise documental etnográfica visando entender a maneira particular com que o corpo se apresenta na iconografia ativista – tratam-se de corpos híbridos, que manejam contingencialmente o masculino e o feminino, o animal e o humano, mas também jogam com a gordura, o BDSM, o *trânsito de gênero*, a *lesbianidade política*. Trata-se de uma pesquisa etnográfica com uma rede interestadual de ativistas majoritariamente do sexo feminino, jovens (entre vinte e trinta anos de idade), provindas de camadas médias urbanas, que se reconhecem enquanto feministas e que atuam na interface entre política e cultura, produzindo *fanzines*, bandas de rock e de funk, livros, eventos, *blogs*, cooperativas de alimentação *vegana*, coletivos feministas, entre outros.

Palabras clave: Feminismos contemporâneos; estilos corporais; gastropolítica.

Sesión 1: Género, juventud y procesos de marginalización

Comentarista: Marcela A. País Andrade

PROCESOS DE (RE) CONFIGURACIÓN DE LO MASCULINO Y LO FEMENINO: UN EJERCICIO TEÓRICO SOBRE DOS CASOS DE SAN CARLOS DE BARILOCHE

Mariel Bleger (Universidad Nacional de Río Negro); marubleg@gmail.com

Florencia Martínez Adorno (Universidad Nacional de Río Negro);
florwen@hotmail.com

En este trabajo nos interesa indagar sobre la producción local de categorías de género, cuando ésta es el resultado, por un lado, de frecuentar y participar en encuentros definidos por la actividad que convoca y, por el otro, de movilidades estructuradas por procesos de violencia y marginalidad. Con este fin, nos centramos en algunas situaciones etnográficas de nuestros trabajos de campo con un grupo de internos presidiarios participantes de un taller de carpintería y con un equipo de fútbol femenino conformado por mujeres de un barrio periférico, ambos ubicados en la ciudad de San Carlos de Bariloche (Río Negro). A partir de un análisis comparativo de sus prácticas y

narrativas --en contextos de taller, entrenamiento o entrevista-- nos proponemos entender los procesos de producción de “lo femenino” y “lo masculino” en sus articulaciones con el evento-lugar. Entendemos este último como un “ser juntos” donde se entran trayectorias sociales heterogéneas pero con ciertas similitudes en las formas en que sus subjetividades fueron condicionadas desde la subordinación y la marginalidad urbana. Desde este ángulo, buscamos analizar los modos creativos mediante los cuales estos dos grupos transforman ciertas concepciones ancladas en el sentido común, y explicitan los propios límites y tensiones al interior de las propias teorías nativas de género. La posibilidad de redefinir supuestos de género se vuelve esencial para sus formas de presencia, puesto que, en ambos casos, se trata de subjetividades cuyas formas de “ser juntos” no cuentan con lugares disponibles en el discurso hegemónico. A través de los registros etnográficos realizados en cada uno de los campos, iremos dando cuenta cómo, al articular memorias y prácticas sociales en estas pertenencias transitorias, ambos grupos ensayan teorías nativas y dinámicas de género así como tensionan ciertas concepciones consolidadas en el sentido común acerca de cómo debe actuarse y hablarse el “ser hombres” o el “ser mujeres”.

Palabras clave: Identidades – género – pertenencia.

“RADIO BELGRA”: CONFIGURACIONES IDENTITARIAS EN TENSION AL INTERIOR DE UNA INSTITUCIÓN PENAL JUVENIL

M. Julieta Nebra. Lic. en Trabajo Social- Universidad de Buenos Aires. Maestranda en Género, Sociedad y Políticas- Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales; julinebra@hotmail.com

La siguiente ponencia se desprende de una investigación más amplia en torno a políticas sociales y prácticas culturales de y para jóvenes varones en situación de vulnerabilidad penal, realizada en distintas instituciones penales juveniles de la Dirección Nacional de Adolescentes Infractores a la Ley Penal, en el marco del UBACyT “Juventud(es) y nuevas configuraciones identitarias en la vida cotidiana. Una mirada socioantropológica desde el género, la cultura, la militancia, y la(s) política(s). Con sede en la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires.

El objetivo de este trabajo es realizar una primera aproximación y reflexión desde un abordaje socio antropológico, sobre el surgimiento y experiencia de la política cultural de la “Radio Belgra”, en un dispositivo penal juvenil perteneciente a la Dirección Nacional de Adolescentes Infractores (DINAI). Esta experiencia articula, resiste y conflictua permanentemente con adscripciones identitarias vinculadas al mundo carcelario o *tumbero*, reproducidas tanto por los jóvenes como por los/as trabajadores/as de la institución.

Este artículo se aborda desde una perspectiva de género, entendiendo que la masculinidad hegemónica refiere a aquellas prácticas, comportamientos y valores a partir de los cuales la sociedad construye el “deber ser” de los varones. Este “deber ser” no es estático, sino que se configura y construye de acuerdo a su contexto, tensionando

así las configuraciones identitarias juveniles.

Palabras clave: Configuraciones Identitarias, Juventud, Institución Penal, Masculinidades, Política Cultural.

Sesión 2: Música, identidades y estrategias de movilización

A POÉTICA DA LUTA: RAP INDÍGENA ENTRE OS JOVENS KAIOVÁ

Jacqueline Candido Guilherme. Mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; jacquelinecguilherme@gmail.com

O Brô Mc's é um grupo composto de quatro irmãos indígenas Guarani Kaiová que fazem música rap em português e guarani desde 2007. Os Guarani Kaiová habitam uma localidade próxima à cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, na aldeia Jaguapiru Bororó, que possui cerca de 11 mil habitantes. A alta taxa de suicídio entre os jovens, a criminalização, o trabalho infantil e o consumo de drogas são fatos existentes na aldeia, os graves conflitos de terras que envolvem o grupo, assim como o preconceito e outras formas de marginalização que se agravam no decorrer do tempo. Muitos trabalhos apontam para a centralidade que a música exerce nas sociabilidades indígenas nas Terras Baixas da América do Sul, nos ritos de passagens, nas cerimônias de iniciação, nos rituais de cura, enfim, a música permeia diversos âmbitos das sociedades indígenas. Da reprovação inicial dos mais velhos, apontada nas matérias de jornais, algumas perguntas tornaram-se relevantes para o entendimento do rap indígena Kaiová. Este rap dá continuidade a elementos considerados tradicionais, como canto, oralidade, valorização da palavra, da estética? Quais seriam os fatores que influenciam as diferentes formas de recepção e significação dessa música por parte dos indígenas? Como ocorre o processo de criação desses jovens? Quais as formas e razões das suas composições e performances? O que podemos observar de contraste e semelhança entre os cantos tradicionais e o rap indígena Guarani? Dadas às questões supracitadas que me mobilizam a pensar o rap indígena como *poética da luta*.

Palavras-chave: identidades; poéticas; luta; rap indígena; jovens.

“LA METAMORFOSIS DE LOS BERAPUNKS”: SÓNICA, CUERPO Y PERFORMANCE EN EL PUNK-INDÍGENA

Juan Carlos Molano Zuluaga. Estudiante de Pos graduación en Etnomusicología.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista Capes;

Esta interpretación etnográfica, está basada de mi trabajo de campo inicial en el resguardo indígena de San Lorenzo. Este pueblo indígena perteneciente a la etnia Ebera Chamí y localizados en el noroccidente del departamento de Caldas, (Colombia) evidencian actualmente en sus prácticas sonoro-musicales rumos importantes con respecto a su persistente lucha política y territorial, además, de intervenir con sus prácticas otros espacios donde se evidencia una transformación sónica en el territorio.

Ahora bien, estos actores sociales de los que hago mención aquí son los *berapunks* – jóvenes punk indígenas de San Lorenzo- el cual constituyen el punto de partida para estas interpretaciones etnomusicológicas, basadas en el evento mismo de la performance. Aquí, mi intención es demostrar los significados socio-musicales y socio-políticos que estos jóvenes le atribuyen a sus prácticas sonoro-musicales, privilegiando en este caso las tensiones generadas entre estos actores sociales, los residentes del territorio y gobernantes indígenas, precisamente por la disposición sónica que estos jóvenes *berapunks* le atribuyen a sus prácticas sonoras, produciendo en esto una “desterritorialización” sónica de estas prácticas por el resguardo. Sin embargo, también intento reflejar una metamorfosis sónica-corporal, de estos actores sociales como herramienta “táctica” mediante estrategias de apropiación de prácticas sonoro-musicales mestizas como lo es la música andina.

En suma, aquí se evidencian los conflictos, resistencias y/o negociaciones en los procesos de configuración identitaria de estos jóvenes *berapunks*, así mismo, la consecución de un pensamiento de lo que es ser un indígena joven en el siglo XXI.

Palabras clave: Etnomusicología, Ebera Chamí, performance, punk-indígena.

-
-

RITMISTAS E BATUQUEIROS: PERFORMANCES CULTURAIS, MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO NO BATUQUE

Geovana Tabachi Silva – Mestre em Antropologia/UFF (UFF-Campos/RJ);
tabachi@uol.com.br

A proposta dessa pesquisa incide sobre a análise das relações entre patrimônio e identidade, manifestações festivas e construção da memória coletiva, considerando as performances culturais associadas aos jovens pertencentes a uma Escola de Samba, em Vitória, no Espírito Santo, Brasil. À medida que esta agremiação exerce sua "função patrimonial" é possível observar que insurgem multiplicidades de emoções, ambiguidades e disputas fundamentais para a vida cotidiana. Desse modo, o objetivo central da investigação, que está em andamento, é compreender os processos envolvidos na performance do patrimônio cultural, considerando que através da manifestação

ritualística da agremiação estão implicados discursos e práticas simbólicas da estrutura social brasileira no contexto urbano, como os relacionados a hierarquia social e aos aspectos intergeracionais. A configuração juvenil apresenta relevante participação ao reivindicar sua concepção de pertença e apropiarse do passado, da memória e da tradição.

Palavras-chave: memória coletiva, performance, identidade e juventude.

-
-

Sesión 2: Religiosidades y participación juvenil

Comentarista: Paulo Carrano

“LOS TIBIOS NO PUEDEN SER HIJOS DE DIOS”: UN ACERCAMIENTO A LOS PROCESOS DE CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES COLECTIVAS JUVENILES EVANGÉLICAS

Murphy, Victoria. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina; victoriamurphy1@gmail.com

La ponencia propone, a partir de un acercamiento etnográfico, una descripción y posterior análisis de los procesos de construcción de identidades colectivas de los jóvenes miembros del Departamento de Desarrollo Juvenil (DDJ) del Ministerio Evangélico Dios Es Amor (MEDEA), ubicado en Villa El Libertador, en la ciudad de Córdoba, Argentina. En el marco de una comunidad moral que exige de modo recurrente el cumplimiento con una adscripción identitaria que puede ser homologada a la concebida por Frigerio (2007) en términos de correspondencia entre los niveles de identidad personal, social y colectivo, resulta fructífero indagar en las estrategias que despliegan los jóvenes en sus procesos de construcción de identidad colectiva. La hipótesis que guía el trabajo sostiene que, en los procesos de construcción de identidades colectivas al interior del DDJ de MEDEA, los jóvenes se apropian de una serie de recursos que pueden organizarse –a título analítico– en repertorios morales (Noel, 2013), y los movilizan para desarrollar estrategias tendientes a identificarse a sí mismos y a otros jóvenes con diversos colectivos de referencia. Esta hipótesis halla fundamento en el carácter relacional y social que –y de modo particular en la religiosidad popular– adquiere la experiencia de lo sagrado: es a partir de ella que el joven se adscribe como miembro pleno de la comunidad y se inserta en una red de obligaciones (con lo superior y con otros hombres) que funciona como el contexto cognitivo y moral donde las configuraciones y disputas identitarias cobran sentido.

Palabras clave: Identidades, juventudes, moralidades, religiosidad popular.

AUTONOMÍA O REPRODUCCIÓN SOCIAL: JÓVENES EN LA CONSTRUCCIÓN DE “HEGEMONÍA CULTURAL”

Víctor Pineda; victoralonsopineda@gmail.com

En la parroquia El Valle de Caracas, un colectivo de jóvenes con más de diez años de trabajo, se ha propuesto como objetivo “disputar la hegemonía”, como dicen algunos de sus activistas, a través de prácticas artísticas que generen una “nueva industria cultural en Venezuela”. Esta nueva industria no solamente buscaría posicionarse como “anti-hegemónica” ante las prácticas culturales dominantes, sino también generar las capacidades materiales para que sus productores puedan vivir de sus oficios: desde raperos, funámbulos, productores musicales, pasando por comunicadores, diseñadores de moda, así como técnicos de iluminación, sonido, constructores de tarimas, etc.

Esta visión integral de la “industria cultural” (que no se limita al artista solamente) y las prácticas de este colectivo han sido observadas a través de un trabajo etnográfico, lo que ha permitido describir el complejo proceso que generan sus militantes, así como constatar las fuertes contradicciones con las que lidian de manera colectiva e individual. ¿Cómo constituirse como hegemonía cultural escapando a una simple lógica de reproducción de la cultura dominante? ¿Cómo generar una nueva economía productiva sin aplicar las lógicas del capital y sin insertarse en el mercado cultural hegemónico? Son algunas de las interrogantes que confronta este colectivo.

De igual manera, en diez años de trayectoria, este colectivo ha cambiado de manera importante: complejizando su estructura interna, expandiendo sus espacios físicos así como sus vínculos con colectivos de otras latitudes (locales y mundiales), pero también cambiando sus visiones y objetivos. Entre las visiones que han variado se encuentra su proyección política e ideológica. En este proceso de “construcción de nueva hegemonía cultural” han sido calificados por otros sujetos políticos como “vendidos”, “cooptados por el Estado”, “opositores al chavismo”, siendo vistos a veces como un apéndice financiado por el gobierno, o como centro cultural despolitizado. Estas posiciones en el campo de la cultura en Venezuela ha hecho que miembros del colectivo se interroguen sobre su relación al Estado, al chavismo, a la oposición venezolana, en una escala macro de la política.

El trabajo etnográfico, a través de una observación participante, ha permitido acumular información que nos permitiría profundizar estas interrogantes, hacer surgir otras, y plantear diferentes maneras de abordar la cuestión del activismo político y la politización así como las luchas en los particulares momentos de la política en América Latina.

-

Sesión 3: Juventud, acción colectiva y reconfiguraciones de las políticas tradicionales

Comentarista: Sebastián Aguiar

“NOSOTROS LE DAMOS ACTIVISMO Y VITALIDAD A LOS SINDICATOS”: UNA LECTURA EN CLAVE GENERACIONAL DE LOS VÍNCULOS ENTRE JÓVENES Y DIRIGENTES SINDICALES EN EL GRAN LA PLATA

Carlos María Galimberti. Facultad de Trabajo Social, Laboratorio de Estudios en Cultura y Sociedad – Universidad Nacional de La Plata – CONICET;
carlosmgalimberti@yahoo.com.ar

A partir del año 2003 los sectores sindicales cobran nuevamente protagonismo como actores centrales de la política en Argentina. Paralelamente resurgen determinadas formas de participación política juvenil que conllevan un proceso de proliferación y revitalización de colectivos que se autodefinen y reivindican como juveniles. El presente trabajo se centrará en la Juventud Sindical (JS), conformada en el año 2009 como un espacio organizativo al interior del kirchnerismo para la participación político-sindical de jóvenes trabajadores.

Esta ponencia tiene como objetivo analizar las relaciones generacionales (Mannheim, 1993) leídas en clave de disputa entre jóvenes y dirigentes sindicales en la región del Gran La Plata. Interesa particularmente pensar cómo la condición juvenil es puesta en uso por los integrantes de la JS para la construcción política, qué sentidos le otorgan a los sindicatos y, cómo se ubican y son ubicados –auto y heteroidentificación- a partir de la disputa generacional.

El trabajo es producto de un abordaje etnográfico que responde al objetivo de adentrarnos en los modos de significación y las prácticas de estos jóvenes. En el marco de esta investigación se realizaron además de las observaciones participantes, entrevistas y recopilación de fuentes secundarias para comprender las diversas dimensiones presentes en el fenómeno.

Palabras claves: juventud sindical, generación, disputas.

-

JUVENTUDE E POLÍTICA: “A GENTE TÁ LUTANDO DESDE SEMPRE”

Gilberto Geribola Moreno. Universidade de São Paulo; geribolamoreno@mail.com

O artigo apresenta uma reflexão sobre a experiência política de jovens militantes das periferias da cidade de São Paulo. As considerações apresentadas estão baseadas em uma pesquisa etnográfica multi-situada realizada em associações de bairro durante três anos. A pesquisa se inscreve no esforço por compreender a vida associativa como um processo de singularização dos atores políticos. Parte-se da premissa que estes atores agenciam diferentes elementos do universo da política constituindo um repertório político próprio ao articular, sobrepor ou interditar elementos constitutivos deste universo. O trabalho está em diálogo com aqueles que estudam o militantismo enfatizando os processos de socialização política, porém, opera na perspectiva de compreender a política como processo de subjetivação dos sujeitos. Este artigo aponta que os jovens militantes selecionam, se apropriam ou rejeitam alguns elementos políticos do passado difundidos pelas velhas gerações de militantes bem como das práticas políticas do presente, ambos difusos sobre o território, baseados em sua própria experiência no universo da política. Assim, sem refutar ou se submeter inteiramente às heranças do passado os jovens militantes recriam, através de lógicas de “diferenciação e integração” ou de “acoplamento”, diferentes práticas políticas promovendo, com isso, a vida associativa diante das novas configurações sociais das periferias.

Palavras chave: juventude, política, periferia, relações geracionais, subjetivação.

LO JUVENIL Y LO POLÍTICO EN VENEZUELA: INTERSECCIONES EN LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO

Indira C. Granda Alviarez. Maestranda en Educación en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil; indira.granda.alv@gmail.com

Doris C. Ponce Lozada. Psicóloga Social e Investigadora en Fundación Tiuna El Fuerte – Venezuela; doriscarolinap@gmail.com - dorisponce@tiunaelfuerte.com.ve

Se trata de la presentación de los avances de una investigación documental o estado del arte, que busca construir una base de datos sobre estudios situados en la intersección de las categorías: “política” y “juventud”, realizados en Venezuela desde 1990 hasta la actualidad, la cual permita pensar cómo ha sido construida la relación entre ellas en las ciencias sociales en el ámbito nacional y, más específicamente, qué sentidos toma lo juvenil y lo político en este campo como construcción social.

Preliminarmente, se identifica la asociación del ejercicio de la política a la participación juvenil en partidos políticos de masa y organizaciones estudiantiles, en menor

proporción al estudio de prácticas y políticas culturales como espacio de subjetivación política, así como la ausencia de estudios de expresión política de jóvenes de sectores populares. Así, es un aporte del presente estado del arte *el reconocimiento y problematización del lugar de la categoría popular en los estudios venezolanos que vinculan lo juvenil y lo político*.

Con respecto a la pesquisa antropológica se plantea que es imprescindible en términos metodológicos, el diálogo con investigaciones bibliográficas sobre la “cultura otra” – aquí, cultura política de jóvenes venezolanos(as)- que constituyen tanto las imágenes de sí de los sujetos participantes de ella, como las que el propio investigador(a) antropológico posee de éstos. Defendemos la importancia de *historicizar* las (pre)nociones de quienes se aventuran en el viaje por otras culturas, defendiendo lo insustituible del viaje por la lectura bibliográfica sobre ellas: allí radicado el auxilio del estado del arte.

Palabras claves: Juventud; Estado del arte; Venezuela.

-

JOVENS E AÇÃO COLETIVA NO BRASIL E AMÉRICA LATINA: MULTIPLICIDADE DE ATORES E FORMAS DE PROTESTO

Profa. Dra. Marília Spósito (USP) – sposito@usp.br

Profa Dra. Ana Karina Brenner (UERJ) – anakbrenner10@gmail.com

Prof. Dr. Paulo Cesar R. Carrano (UFF) – pc.carrano@gmail.com

Transformações importantes ocorreram no Brasil e na América Latina nos últimos dez anos, oferecendo novos desafios para a pesquisa, se considerarmos o segmento jovem desses países. Um ciclo de crescimento econômico, caracterizado sobretudo pelo incremento da renda familiar, estimulou novos padrões de consumo. No âmbito da escolarização, a ampliação do acesso aos sistemas de ensino começa a manifestar sinais de esgotamento no Brasil com a desvalorização dos diplomas a exemplo do que ocorreu na realidade europeia. Nesse quadro de rápidas mudanças, particularmente nos setores urbanos, emerge um novo ciclo de protestos. O trabalho incide sobre algumas dessas práticas em que os jovens são personagens-chave, buscando compreender sua heterogeneidade. Busca, também, compreendê-las no interior de uma perspectiva mais abrangente, de modo a evitar análises que enfatizam apenas sua novidade e força disruptiva ou aquelas que apontam tão somente fragilidades. Tendo em vista esse quadro, as análises desenvolvidas por Alberto Melucci, entre outros autores, em torno das diversas formas da ação coletiva e seus momentos abrem caminhos importantes para o desenvolvimento dessas reflexões. São examinados também os nexos desses conflitos com a crise do sistema político institucional e a emergência de novas formas de

engajamento ao lado da reiteração de práticas tradicionais, indicando a importância da análise das relações entre o indivíduo e ação coletiva no âmbito das teorias sobre os processos de individuação contemporâneos.

Palavras-chave: Jovens; ação coletiva; engajamento político.

-
-
-
-
-
-
-

Sesión 3: Juventudes y procesos de construcción de identidades políticas

SUBJETIVACIÓN POLÍTICA JUVENIL: APORTES PARA UNA REFLEXIÓN TEÓRICA A PARTIR DE LA SOCIOLOGÍA DE LA INDIVIDUACIÓN

Kruger, Miriam (CONICET-CIS) mkruiger@gmail.com

Said, Shirley (CONICET-CIS/GEMSEP-IIGG-UBA) shirlysaid@gmail.com

En este trabajo nos proponemos realizar una indagación teórica en torno a las nociones de subjetivación e individuación de Martucelli, para profundizar la reflexión en torno a la subjetivación política como herramienta clave para el estudio de las experiencias de los y las jóvenes que estudian en Bachilleratos Populares, en el marco de un proyecto de investigación sobre sentidos, disposiciones y experiencias en torno a la política y el proyecto común en jóvenes escolarizados de la Ciudad y la Provincia de Buenos Aires.

A partir de ello, buscamos nutrir la noción de subjetivación política tanto en términos teóricos, indagando en las nociones de experiencia y participación juvenil, como metodológicos, al analizar el enfoque desarrollado por Martucelli en torno a las pruebas y el trabajo de los individuos.

Consideramos que estos aportes pueden contribuir a ahondar en el estudio acerca de la configuración y re-configuración de las identidades juveniles en espacios escolares, y especialmente en Bachilleratos Populares, dado que si bien muchos trabajos señalan que estas instituciones incentivan la participación social y política de sus estudiantes, pocos

recuperan la perspectiva de los y las jóvenes acerca del tema.

Palabras clave: subjetivación política – individuación – juventudes – experiencias – identidades.

-

-

DESCENTRALIZANDO POLÍTICAS, PROFISSIONALIZANDO JOVENS: UM ESTUDO DO PROGRAMA DE APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

Me. Andrey Felipe Sgorla. Cientista Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil; andrey_sgorla@yahoo.com.br

O presente trabalho propõe-se a investigar o Programa de Aprendizagem Profissional, no contexto da descentralização do Estado brasileiro e da ampliação da presença das organizações da sociedade civil nas políticas públicas de juventude, analisando os modelos de gestão, as estratégias das organizações para implementarem o programa, as concepções e finalidades das atividades formativas, sustentadas pelos gestores do Programa.

Para realizar a pesquisa, entrevistei gestores e coordenadores de três organizações, participei de eventos, realizei visitas, coletei materiais sobre a história e as atividades das organizações, e de leituras de autores da Sociologia da Juventude.

Identificamos, ao longo do trabalho que, as organizações que executam o Programa passaram por um processo de reconfiguração para se adequarem às necessidades e às demandas do Ministério do Trabalho e Emprego para operacionalizar suas ações.

Mesmo com diferenças significativas nas suas trajetórias, os gestores reproduzem uma visão sobre as políticas públicas e as ações dirigidas aos jovens pobres, reforçam noções muito presentes no senso comum, tais como: a percepção do jovem de baixa renda como problema social; a ideia de que o tempo livre deve ser necessariamente ocupado para evitar que esses jovens se envolvam com as drogas e com o crime; de que os jovens pobres devem trabalhar desde cedo, sem terem tempo de se preparar para enfrentar a vida adulta. Mesmo com o avanço nas diretrizes gerais da Política Nacional de Juventude, na prática, a garantia do reconhecimento do jovem como um sujeito de direitos, ainda está distante na execução das políticas públicas.

Palavras-chave: Juventude. Políticas Públicas. Formação Profissional. Descentralização.

-

-

YA LA ESTOY EXTRAÑANDO. CRISTINA, LIDERAZGO Y MORALIDAD EN LA EXPERIENCIA DE MILITANCIA JUVENIL ARGENTINA”

Maria Luz Silva (UNR – UNL)

El próximo 10 de diciembre de 2015 la actual presidenta argentina, Cristina Fernández de Kirchner, dará fin a un período de ocho años consecutivos de mandato, luego de haber sido la primera mujer electa y reelecta de la historia del país y de haber sido la candidata más votada desde el retorno de la democracia argentina. *Cristina* como se la llama comúnmente dándole entrada al selecto grupo de persona que en Argentina son identificados solo por su nombre de pila, *Ella* como prefieren mencionarla algunos opositores políticos, *La Jefa* como la nombran desde la militancia kirchnerista, se ha constituido en un indudablemente en una fuente de construcción de sentidos políticos permanente, contradictorios, disputados, opuestos. En el presente trabajo esperamos poder reflexionar sobre los sentidos políticos construidos en torno a ella, como líder político y como centro productor de nociones rectoras de la acción militante de fuerte contenido moral. En este marco, y asumiendo que la política debe definirse etnográficamente partiendo de la definición y vivencias de los propios actores, nos interesa indagar cómo esos sentidos han marcado las experiencias de los *militantes* kirchneristas, especialmente en el marco de las organizaciones de juventud surgidas y/o fortalecidas a la luz de esta última década.

Palabras claves: juventud, militancia, experiencia, etnografía.

-

GT 105. "ECONOMÍA, PROXIMIDAD Y AFECTOS: ABORDAJES ANTROPOLÓGICOS"

Coordinadores:

Eugênia Motta Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil (PPGAS | MN | UFRJ) – motta.eugenia@gmail.com

Santiago Canevaro Universidad de Buenos Aires, Argentina (CONICET | UNSAM) – sancanevaro@gmail.com

Comentadores: Federico Neiburg (MN | UFRJ); Fernando Rabossi (IFCS | UFRJ);

Benoît de L'Estoile (CNRS | IRIS); Eugênia Motta (MN | UFRJ); Pablo Figueiro (CESE)

Sesión 1:

-

DINHEIRO E OUTRAS MOEDAS: MORALIDADES E AFETOS EM UMA FEIRA AGROECOLÓGICA

Júlia Cardoni. Antropologia Social / UFRGS, Brasil; julia.cardoni@hotmail.com

O trabalho etnográfico se realiza na Feira Agroecológica do bairro Bom Fim localizada na cidade de Porto Alegre. O local e a organização da Feira em questão apresentam uma série de peculiaridades que revelam a negociação de estilos de vida e modos de ser atribuídos a modalidade de consumo agroecológico. Trata-se de um consumo pautado em discursividades que remetem a um “sujeito ecológico”, a um “consumo esclarecido” e “consciente”. O consumo na Feira constitui um mercado pensado em três esferas: a esfera política, representada pela moralidade; a esfera afetiva, na proximidade que se estabelece entre pessoas e coisas e a esfera econômica, na negociação de preços. O trabalho reside na abordagem dessa modalidade de consumo pela perspectiva dos três mercados. Circuitos morais, afetivos e econômicos que vão além da negociação de alimentos agroecológicos. Palavras-chave: Economia moral, consumo, agroecologia, etnografia na feira.

NOTAS SOBRE RITOS MATRIMONIAIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO À LUZ TEORIA DA DÁDIVA

Cristina Teixeira Marins. Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal Fluminense, Brasil; ctmarins@gmail.com

Esta proposta de comunicação é escrita a partir de dados que integram uma pesquisa atualmente em curso sobre eventos de celebração de casamento. Deste trabalho resultou dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade Federal Fluminense cujo propósito é acessar significados, códigos e valores impressos nas práticas e nos discursos de atores envolvidos nos ritos matrimoniais contemporâneos. A reflexão a ser apresentada deve ser organizada em torno de dois eixos principais buscando, por um lado, acessar a dimensão mercadológica do universo pesquisado e, por outro lado, dar conta das relações de reciprocidade inscritas no complexo ritual. Posto de outro modo, pretendo abordar o princípio da reciprocidade

como instrumental analítico pra interpretar dados referentes aos eventos de celebração de casamento. Nesta perspectiva, pretendo pensar o entrelaçamento entre circuito da dádiva e mercado. O trabalho de campo que servirá de base para esta comunicação foi realizado na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2011 e 2014. Foram recursos privilegiados na construção do material etnográfico, a realização de entrevistas, conversas informais, consultas a sites e publicações diversas, além da observação direta em eventos. Palavras-chave: casamento; reciprocidade; mercado; dádiva.

-

EL REGALO VERSUS EL PRESENTE. SISTEMA CLASIFICATORIO, MORALIDADES E INTENCIONALIDADES EN LA COMPRA Y ENTREGA DE REGALOS ENTRE REDES DE MUJERES DE BUENOS AIRES

María Soledad Gallo. IDES, Argentina; gallosoledad@yahoo.com.ar

Gran parte de la bibliografía dedicada al análisis del intercambio de regalos planteaba la dicotomía entre dos modalidades de reciprocidad cuyas diferencias fundamentales eran la distancia social que media entre las partes involucradas y en la naturaleza del objeto entregado. Se construía así un modelo que oponía, por un lado el intercambio de bienes a la entrega de regalos. Relecturas posteriores afirman que, dicha oposición está más vinculada con aquellos sentidos que relacionan al mercado y a la esfera económica en su totalidad como fuentes de distorsión de valores y de racionalidad, reservando el mundo de los sentimientos y de la subjetividad a la entrega de regalos. Siguiendo la línea propuesta por este GT en relación a la representación de mundos hostiles por parte de los actores, este trabajo abordará, a través del trabajo etnográfico realizado entre redes de mujeres que adscriben a los sectores medios de la ciudad y Gran Buenos Aires, como a través de la compra y entrega de regalos se construye una taxonomía que opone, por un lado, el interés con el amor y el afecto. A través del acompañamiento a la compra de regalos y de las entrevistas en profundidad realizadas, las mujeres con las que interactué despliegan una serie de categorías para aludir a esos regalos que implican un esquema de valores y apreciaciones morales disímiles, pero un análisis profundo de dichas narrativas mostrará cómo, en realidad, en la compra y entrega de regalos se entrelazan las lógicas mercantiles y de interés junto con el afecto y el amor.

Palabras clave: regalo/ presente/ distancia social/ afecto/ interés.

"UM SONHO NÃO TEM PREÇO": MONETARIZAÇÃO E AFETOS NO UNIVERSO DOS CASAMENTOS

Érika Bezerra de Meneses Pinho. Antropologia Social PPGAS/UFRGS, Brasil;
erikabmp@gmail.com

Nesse artigo, apresento algumas reflexões sobre relações entre afeto e trocas mercantis, a partir da observação da chamada "indústria dos casamentos". No Brasil, o mercado de produtos e serviços voltados para a realização de cerimônias e festas de casamento cresceu exponencialmente nos últimos anos. Enquanto pesquisas demográficas apontam a elevação do número de uniões formais na última década (IBGE, 2010), pesquisas de mercado calculam que os lucros gerados pelo setor ultrapassaram a marca dos 14 bilhões de reais por ano (ABRAFESTA, 2012). Trata-se de um cenário de emergente mercantilização de um rito de passagem. Os dados apresentados nesse trabalho foram obtidos a partir de incursões etnográficas e observação em feiras e palestras do setor. Além disso, foram realizadas entrevistas em profundidade com profissionais especializados e com mulheres noivas, pertencentes a camadas médias da população, engajadas na preparação de suas festas de casamento. Tendo como marco teórico as reflexões de Marcel Mauss sobre a dádiva, e de Viviana Zelizer sobre as imbricações entre afeto e trocas mercantis, apresento uma reflexão sobre como as pessoas pesquisadas mobilizam uma série de transações econômicas para a construção de ritos de casamentos que, em última análise, visam a criar e reforçar laços afetivos. Os discursos e práticas dos sujeitos pesquisados permitem observar como, em uma sociedade monetarizada, a vida econômica não se pode ser desvinculada da própria construção e consolidação das relações afetivas.

Palavras-chaves: afeto, relações mercantis, indústria dos casamentos.

Sesión 2:

CENTRO DE CULTURA POPULAR MESTRE NOZA: PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CONSTRUÇÃO DE VALOR ENTRE ARTESÃOS DO CARIRI (CE)

Jeanine Geammal. UFRJ, Brasil; jeaninegeammal@gmail.com

Na pesquisa de doutorado em andamento no PPGSA-UFRJ, propus realizar uma análise dos discursos que constroem a categoria "artesão" no Cariri (CE), e o mapeamento das representações coletivas dos grupos artesanais associados ao Centro de Artesanato e Cultura Mestre Noza. Construir o mapa dos discursos e práticas a partir da cultura material e do conceito de cultura imaterial das comunidades artesãs é uma estratégia para discutir de forma coletiva — entre sujeitos de pesquisa e pesquisador — a categoria patrimônio. Proponho discutir as relações de trocas vivenciadas por um subgrupo de artesãs que trabalham com palha de carnaúba, conhecidas como Mulheres da Palha. O artesanato é atualmente importante fonte de renda para essas artesãs.

Produto de práticas tradicionais e afetos, sua arte é concebida com habilidade e proximidade corporal, produzida num contexto doméstico e de dádivas, mas direcionada a relações mercadológicas, onde circula como um produto identificado com as mulheres e com a região do Cariri. As artesãs atuam como agentes de troca, algumas vezes diretamente com o comprador final, outras vezes utilizando o Centro de Artesanato e Cultura Mestre Noza como agente intermediador. Assim, entender esses processos implica compreender caminhos de socialização dessas mulheres. Embora as relações estabelecidas entre as artesãs e mercados se caracterizem por relações mercadológicas, a natureza da produção, ou do produto, tende a dissolver essa certeza. Seja pela relação que os artesãos estabelecem com seus produtos – de intimidade e manuseio direto –, seja pela relação entre produtos e compradores – aura idealizada pela autenticidade e unicidade. Palavras-chaves: arte; patrimônio; cultura popular.

RECURSO COMO POTÊNCIA E PERIGO: ECONOMIA, PROXIMIDADE E AFETO JUNTO A COLETIVIDADES INDÍGENAS KANHGÁG NO SUL DO BRASIL MERIDIONAL

Herbert Walter Hermann. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; herbertwh@gmail.com

Recurso é um termo mobilizado frequentemente nas falas de indígenas Kaingang em Porto Alegre/RS. Utilizado como sinônimo de dinheiro e/ou crédito, recurso para os Kanhgág assume múltiplas facetas e possibilidades, desde aquelas que tangibilizam a criação e manutenção de aldeias, até outras atinentes a acusações sobre usos e destinos indevidos. Originário de fontes plurais, tais como: da realização de projetos ad hoc; por pagamento de salários; do programa bolsa família (PBF); da concessão de aposentadorias especiais pelo INSS; dos ganhos com a comercialização de artesanato “tradicional” e dos lucros na revenda de mercadorias made in china nas feiras e ruas centrais das cidades; tais recursos emaranham-se nas relações íntimas do doméstico e da família potencializando solidariedades e alavancando disputas que extrapolam os circuitos de origem, corroborando na produção de espaços, saberes, fazeres e pessoas indígenas na atual situação histórica. Assim, por sua vez, recurso circula na vida Kanhgág para além de um sentido estritamente econômico, de uma racionalidade moderna, de um viés utilitarista, pois segue rígidos códigos de conduta respectivos a economia política de pessoas Kanhgág em sua forma própria de relacionalidade e socialidade com a alteridade. As reflexões que se pretende debater no GT são fruto de trabalho de campo de cunho etnográfico realizado entre agosto de 2012 e julho de 2015 junto aos Kanhgág e compõe parte da dissertação de mestrado que será defendida no programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) em 2016, ainda sem título definido.

Palabras claves: dinheiro – indígenas – economia – afeto – cidade.

QUANDO A ECONOMIA ENTREMEIA A AMIZADE: NOTAS SOBRE RELAÇÕES DE AFETO E DINHEIRO EM UM COLETIVO DE PORTO ALEGRE

Carolina Dalla Chiesa. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – UFRGS,
Brasil; carolinadallachiesa@gmail.com

Este trabalho surge de uma pesquisa realizada junto ao coletivo Casa da Cultura Digital de Porto Alegre (CCD) - fruto de minha dissertação de mestrado - que trabalha com a disseminação de conceitos sobre cultura digital, crítica à propriedade intelectual, hacker-ativismo e software livre. Após a finalização da dissertação, continuei participando de suas atividades, de modo que há mais de dois anos e meio acompanho este coletivo buscando compreender sua forma de se organizar e seus repertórios de ações coletivas. Dou enfoque às práticas econômicas deste grupo que se pretende anti-econômico, avesso à monetarização, que remunera-se parcialmente e ressignifica repertórios da história do ativismo hacker. Ressalto dados de campo oriundos da dissertação e dados etnográficos mais recentes, que revelam conflitos e negociações sobre a presença do dinheiro que primeiramente era um elemento evitado das relações “entre amigos”. Discuto os significados que o dinheiro tem no grupo, seus entrecruzamentos com o histórico “anti-econômico” das iniciativas anti-copyright, do software livre e do ativismo hacker, considerando recentes acontecimentos na história do grupo. Estão entrelaçadas, nesse caso, relações de amizade, relações econômicas e moralidades desveladas a partir de uma abordagem etnográfica sobre a dimensão que o dinheiro ocupa nas relações sociais. Ademais, observo criticamente a dicotomização entre dinheiro e amizade mostrando como a economia entremeia as relações de afeto no grupo, ainda que seu interesse seja por afastar-se das relações econômicas. Palavras-chave: dinheiro, amizade, cultura digital, hacker.

-

-

NEGÓCIOS DE DESEJO: SEXO, SIGILO E CIFRAS NA RELAÇÃO ENTRE HOMENS

Fábio Pessanha Bila, Universidade Estadual do Norte Fluminense; fpbila@hotmail.com

Rafael França Gonçalves dos Santos História - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; rafael.fgs@hotmail.com

-

Neste escrito pretendemos apresentar e problematizar como se dá a relação entre homens, mediada por recursos financeiros e tratos de confiança e sigilo, em Campos dos

Goytacazes, uma cidade do interior do Rio de Janeiro, conhecida por seu tradicionalismo religioso e conservadorismo. A partir de entrevistas com alguns homens identificados como garotos de programa, michês ou acompanhantes, propomos identificar os dispositivos acionados por eles para a constituição de suas masculinidades sexualizadas, além de destacar a relação de sigilo e confiança implicada nas interações que estabelecem com outros homens em troca de dinheiro e/ou favores. Será válido, ainda, compreender a percepção que esses homens que oferecem serviços e parcerias sexuais, têm de sua posição, visto que todos se consideram e vivem como heterossexuais, mas possuem práticas no mercado do sexo com outros homens, portanto, homossexuais. Com este percurso reflexivo pretendemos contribuir para a reflexão sobre a constituição dos sentidos atribuídos às masculinidades em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, que supomos ser bem diferente daquelas forjadas em grandes centros e capitais, mas ainda guardam conexão com os repertórios heteronormativos e homofóbicos que são agenciados para justificar comportamentos tradicionais consideradas marginais e/ou dissidentes. Palavras-chave: masculinidades, homofobia, sexualidades, mercados do sexo.

PERMUTAÇÕES DA DÍVIDA: A ECONOMIA CULTURAL, POLÍTICA, SOCIAL E AFETIVA DOS YAWANAWÁ

André Vereta Nahoum. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), Brasil;
andre.nahoum@gmail.com

Nas múltiplas relações no interior e exterior da comunidade dos Yawanawá, população do Sudoeste Amazônico, circulam múltiplos objetos e valores. Seguindo a pista de Thomas (1991), e a partir de evidências coletadas por meio de trabalho de campo e pesquisa documental histórica, analisar esse fluxo de bens e dinheiros para a comunidade, em seu interior e da comunidade para fora, ao longo de diferentes regimes de troca, atentando para as permutações da dívida, isto é, a cadeia de relações e obrigações que acompanham a circulação de bens e dinheiros entre os Yawanawá, entrelaçando mercado, comunidade, autoridade política, vínculos familiares e íntimos. Dinheiros e bens que projetos e programas sociais trazem para a comunidade Yawanawá são transformados em dívidas políticas, utilizados para cumprir e gerar obrigações de vínculo familiar e ajudam a formar subjetividades. A capacidade de manipular trocas e conseguir bem garante reputação e faz o nome entre os Yawanawa. Vínculos de lealdade política, afetivos e familiares também são invocados para orientar uma distribuição diferencial de recursos que entram na comunidade. Com essa análise, pretendo demonstrar o valor analítico de observar o circuito de relações e as permutações que a dívida sofre em meio a circulação de valores e objetos, discutindo também dois argumentos: (1) transações mercantis, dinheiros e bens são domesticados, isto é, colocados a serviço de relações (compromissos e obrigações), propósitos e sentidos locais; (2) as orientações, valor e sentido dos objetos e transações derivam dos entrecruzamentos dessas com um feixe mais amplo de relações, obrigações e compromissos sociais, políticos, afetivos e estéticos. Palavras-chave: trocas,

entrecruzamento entre dinheiro e intimidade, entrecruzamento entre bens e poder político, benefícios sociais, Amazônia.

Sesión 3:

PRODUÇÃO CULTURAL, MERCADO E SORORIDADE: DECODIFICANDO NOVOS CONTORNOS DO ATIVISMO POLÍTICO ENTRE MULHERES NEGRAS

Gleicy Maily da Silva. PPGAS-USP, Brasil; gleicysilva@hotmail.com

O presente paper tem como objetivo refletir a respeito das imbricações da política e da economia, a partir das relações entre afroempreendedorismo e ativismo político, identificadas em dois eventos que acontecem anualmente nas cidades de São Paulo e Brasília. Propondo uma articulação entre consumo, política e cultura, os eventos Feira Preta (SP) e Festival Latinidades (DF) permitem atentar para a constituição de redes de solidariedade entre mulheres negras, em sua maioria com ensino superior, engajadas em “coletivos culturais” e/ou identificadas como “empreendedoras”, que agenciam diferentes percepções da “cultura negra” na composição de novos cenários reivindicativos, onde lazer, celebração, consumo e engajamento se interseccionam. Tais interações têm sido especialmente estimuladas por um conjunto de políticas culturais e redistributivas, voltadas, entre outras coisas, à ampliação do acesso ao ensino superior. Tendo como plano de referência, portanto, esse cenário etnográfico, chamo atenção para o modo como o mesmo tem constituído formas renovadas de reconhecimento e trocas culturais e identitárias, estimulando a emergência de novos atores econômicos e políticos no cenário nacional, onde ganham proeminência mulheres negras universitárias. Assim, interessa-me, particularmente, compreender e descrever as diferentes lógicas econômicas em ação – de ordem monetária e não-monetária –, que têm articulado tais dinâmicas entre pessoas, saberes e produtos, tendo em vista a importância da integração entre economia e as demais dimensões da vida social que estruturam essas relações. Palavras-Chave: mulheres negras; sororidade; produção cultural; ativismo político; mercado.

PROBLEMATIZAR LAS PRÁCTICAS ECONÓMICAS: VALORACIONES, NARRATIVAS Y RECURSOS MOVILIZADOS EN TORNO A LA VIVIENDA EN RELATOS FAMILIARES (BUENOS AIRES, ARGENTINA)

Magdalena Felice. IDAES / UNSAM, Argentina; magdalena felice@gmail.com

Vanesa Gómez. UBA, Argentina; vanesa_soledadg@yahoo.com

La literatura especializada coincide en señalar que los actos económicos, lejos de ser individuales, movilizan relaciones sociales: tienen por soporte distintas formas de sociabilidad. Como apunta Bourdieu en su análisis sobre el mercado de la casa en Francia, el “sujeto” de las acciones económicas se aleja de aquel “homo economicus” postulado por la teoría económica ortodoxa: los agentes realizan prácticas razonables, por estar dotadas de una razón y ser sensatas, aunque no tengan en su origen la razón o el cálculo racional. En este sentido, los objetos presentan una biografía social y las prácticas económicas constituyen prácticas sociales en las que se entrecruzan distintos órdenes de prácticas, diferenciados, pero no separados: económico, cultural, simbólico, afectivo. Desde esta perspectiva, la presente ponencia se propone explorar las formas y contenidos que asumen una serie de categorías asociadas al mundo económico, – “ahorro”, “esfuerzo”, “sacrificio”, “gasto” e “inversión”– en los relatos de vida de tres familias. Para ello la ponencia indaga en las valoraciones, narrativas y recursos movilizados en torno a un bien en particular: la vivienda. Se trata de tres familias que comparten ciertas condiciones materiales de vida, pero que presentan algunas diferencias en sus modos de vida y recorrido vitales, que resultan significativas para abordar el objetivo propuesto. Palabras clave: Relatos de vida – vivienda – vida cotidiana – prácticas económicas – Buenos Aires.

MERCADOS DE COMPAIXÃO – ETNOGRAFIA SOBRE EXPERIÊNCIAS DE PRECARIIDADE E EMPREENDEDORISMO DE MULHERES REFUGIADAS

Juliana Lobo de Queiroz. Institute for Social Research – Swinburne University of Technology, Brasil; jlobodequeiroz@swin.edu.au | jujlobo@gmail.com

-

A proteção aos refugiados é justificada internacionalmente por motivos humanitários que ativam sentimentos de compaixão. A integração de refugiados, no entanto, tem sido cada vez mais relacionada a questões de auto-suficiência econômica, sendo este, um dos indicadores mais significantes nas avaliações de políticas de integração. Em diversos países de acolhimento o micro empreendedorismo tem crescido como estratégia econômica e solução viável para muitos refugiados que enfrentam dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Este é especialmente o caso para mulheres refugiadas, cujas dificuldades são agravadas devido à barreiras específicas de gênero. Esse paper apresenta algumas conclusões preliminares sobre os dados da minha pesquisa etnográfica de doutorado sobre empreendedorismo de mulheres refugiadas. A pesquisa envolveu 13 meses de trabalho de campo no Brasil e na Austrália. Neste paper eu

examino relações entre os temas de precariedade e empreendedorismo que emergiram através do estudo de campo. Eu começo descrevendo o processo através do qual as participantes da pesquisa geram seus negócios utilizando práticas econômicas de mercado e também utilizando como recurso uma economia moral que se desenvolve a partir do intercâmbio de produtos, serviços e valores morais de fundo solidário. Como exemplos eu apresento dois cenários em que a categoria de refúgio adiciona dimensões morais e afetivas a essas atividades econômicas. Por fim eu analiso o processo pelo qual essas mulheres empreendedoras dão um novo significado às condições de precariedade em que vivem, gerando valor aos seus empreendimentos e fazendo com que as relações de troca se tornem mais recíprocas.

Palavras-chave: economía, refúgio, empreendedorismo, precariedade, gênero.

-
-

ARQUITECTURA DE REMESAS Y NOSTALGIA EN LA MIGRACIÓN TRANSNACIONAL: UN ESTUDIO DE CASO SOBRE LA TRANSFORMACIÓN DE LA ECONOMÍA Y EL PAISAJE DE LA REGIÓN DE ORIGEN EN MÉXICO

Shinji Hirai. CIESAS, México; shinjihirai@yahoo.com | shinjihirai@ciesas.edu.mx

-

La construcción de viviendas en las patrias chicas es una de las formas en que los migrantes internacionales mantienen los lazos con sus comunidades de origen y expresan su sentido de pertenencia y su deseo de retorno definitivo. El auge de la construcción de viviendas a través de la inversión de las remesas ha impactado no solo en la economía local sino también en el paisaje de las comunidades de origen. A través de la descripción y el análisis del caso de la migración mexicana a Estados Unidos, este trabajo discute las relaciones entre la nostalgia de los migrantes y las viviendas construidas en el lugar de origen así como la reactivación económica local en torno a la auto-construcción de viviendas. En la ponencia se presenta un caso de la comunidad de origen de los migrantes mexicanos en el occidente de México, donde la nostalgia hacia la patria chica ha sido el motivo principal tanto de la visita de regreso de los migrantes en período vacacional como del retorno definitivo. En este contexto la revalorización del estilo arquitectónico tradicional de casas y el consumo de los símbolos del mundo rural han sido una nueva tendencia de la construcción y remodelación de viviendas, lo que ha favorecido a aquellos proveedores y trabajadores que participan en el fenómeno de auto-construcción de viviendas. Palabras clave: vivienda, retorno, nostalgia, arquitectura de remesas, migración transnacional.

-

Sesión 4

O FEIRÃO COLONIAL: TROCAS, SOCIABILIDADES E RECIPROCIDADES APRESENTADAS

Daniele Palma Cielo. UFSM; dcielo@gmail.com

Maria Catarina Chitolina Zanini. UFSM; zanini.ufsm@gmail.com

É bastante comum nos dias atuais, ao falarmos em feiras urbanas, reportarmo-nos a ambientes de intensas trocas mercantis, de bens ou serviços. Costumamos esquecer que essas trocas são operadas por indivíduos ou grupos de indivíduos e que além da troca econômica, apresenta-se, ali relações sociais e circulação de muitos capitais. Essas trocas ocorrem das mais diversas formas e com múltiplos sentidos, formando um conjunto heterogêneo de relações. É nesse sentido que buscaremos apresentar alguns resultados referentes ao projeto “Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul” desenvolvido a partir da pesquisa etnográfica em diversas feiras da cidade de Santa Maria, RS.

Apresentaremos dados obtidos por meio de pesquisa etnográfica realizada no Feirão Colonial também conhecido como Feira de Economia Solidária com o objetivo de pensar a Feira como um espaço de trocas que vão além das trocas mercantis.

Possibilitando assim um ambiente de intensa sociabilidade, reciprocidade e relações de confiança. Palavras-chave: Feira; Campesinato; Sociabilidade; Reciprocidade.

TROCAS E TRÔCOS: RELAÇÕES COMERCIAIS NA FEIRA MUNICIPAL DE CAMETÁ/PA

Carlos Dias Jr. PPGSA / UFPA, Brasil; carlosdias@ufpa.br | emaildevida@gmail.com

A cidade de Cametá, no estado do Pará, Brasil, é centro do que se chama “Baixo Tocantins”. O rio, as trocas comerciais e a oferta de serviços fazem da cidade um espaço movimentado que cria no seu centro, na sua Feira Municipal, uma série de relações que estão além da mera situação financeira. Na realização da pesquisa etnográfica Da feira à cozinha (identidade, linguagem e cultura na Feira Municipal de Cametá), pude observar a relação existente entre aquele que vem de fora, em busca dos serviços que a cidade oferece, com os feirantes da Feira Municipal de Cametá. Baseado, sobretudo, na dádiva maussiana, pude compreender como a relação vendedor/comprador se ancora numa série de trocas que vão além da questão monetária. Esta relação foi observada nos restaurantes populares e nas lanchonetes de venda de café da manhã e almoço, onde os entrevistados fazem suas refeições. Além da troca de informações, observou-se uma relação de amizade e confiança ancorada na venda do produto e na oferta de serviços especiais, como preparo de um prato específico, o fiado (crédito), troca de produtos, serviço de guarda volumes, informações sobre médicos, bancos, hospitais. Além de instaurar o limiar campo/cidade, esse

encontro diário é o exemplo de um sem número de relações econômicas que se baseiam na troca de “favores”, onde o freguês é amigo, onde o vendedor/feirante é a segurança, a confiança que se pode ter na zona urbana, geralmente diversa e avessa à vida no seu local de origem. Palavras-chave: dádiva, alimentação, feira municipal de Cameté/PA.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO E DA CIRCULAÇÃO DE BENS NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM: UM PANORAMA DAS RELAÇÕES PESSOAIS, GÊNERO, PARENTESCO E SABERES NA FEIRA

José Maria Ferreira Costa Júnior. PPGSA / UFPA; josefcosta@gmail.com

As feiras livres se constituem em espaços e experiências particulares de circulação econômica. Lugares de múltiplos comércios são também lócus da diversidade social e cultural onde florescem sociabilidades não governadas, exclusivamente, pela racionalidade contábil da acumulação monetária. É possível observar nas relações sociais estabelecidas entre sujeitos nos mercados populares em Belém/PA práticas de reciprocidade, verdadeiras trocas de dádivas que estruturam alianças, sistemas de crédito informais, como o fiado, e redes sociais que põem em movimento mercadorias, dinheiro, serviços e pessoas em uma dinâmica não centrada no lucro ou na acumulação. Diante desse contexto e dos diferentes estudos realizados sobre mercados populares no Pará, esta comunicação tem como objetivo apresentar resultados preliminares da Pesquisa Mercados Interculturais: linguagens, práticas e identidade em contextos Amazônicos, coordenado pela Professora Dr^a. Carmem Izabel Rodrigues (PPGSA/UFPA), da qual o autor participa estudando especificamente a Feira da 25 de Setembro em Belém/PA. Os resultados são aqueles que tratam apenas dessa feira e são parte da sistematização de dados levantados através de observações diretas e de um survey realizado junto a uma amostra de dez por cento dos permissionários, entre setembro de 2014 e maio de 2015. Além da descrição física e institucional da Feira serão apontadas, de forma panorâmica, as interações entre as características de gênero, parentesco e geração, dos permissionários daquela feira, com o tempo de trabalho naquele espaço, o aprendizado dos saberes que lhes são próprios, os tipos de mercadorias vendidas e as identidades engendradas por essa variedade de relações sociais. Palavras chaves: Feira da 25 de Setembro, reciprocidade, relações sociais, identidades.

“JUNTO, TUPIDO Y ABUNDANTE”. SEDUCIR Y MULTIPLICAR EN UNA FERIA DE COMIDAS EN CÓRDOBA (ARGENTINA)

José María Miranda. Licenciatura en Antropología, Universidad Nacional de Córdoba;

Esta ponencia propone una descripción y análisis de la red de relaciones de la que se compone la Feria de la Isla de los Patos, una pequeña feria dominical de comidas de la ciudad de Córdoba, Argentina. Generalmente entendida como un espacio informal de migrantes, me interesa acercarme a ella como un complejo ensamblaje de materiales heterogéneos que pone en circulación una diversidad de vínculos entre los que se despliega una idea "otra" de la relación vendedor/clientes, y en donde las transacciones económicas y los compromisos afectivos, el consumo y la producción se vuelven indistinguibles entre sí. La propia constitución de la Feria reclama un abordaje "simétrico" para revelar en ella las extensas redes de las cuales se conforma: conexiones parciales entre diversos colectivos de personas (vendedores "peruanos", pastores "evangélicos", clientes "argentinos", activistas "universitarios", candidatos "políticos") y cosas (las "comidas" con sus atrayentes humos seductores, las "parrillas", "fogones" y "ollas" junto con las habilidades de quienes las manejan capaces de transformar un puesto en un negocio exitoso o en un gran fracaso) que ponen en juego una lógica de la "abundancia" y la "multiplicación" de la cual depende el sostenimiento de la feria cada fin de semana. Palabras clave: feria - comidas - afectos - abundancia – multiplicación.

Sesión 5:

ENTRE CONSUMO E CIDADANIA: A INVENÇÃO DA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

Moisés Kopper. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
moiseskopper@gmail.com

O artigo explora a emergência da figura ambígua do cidadão-consumidor como resultado de políticas públicas direcionadas para o governo da nova classe média brasileira. Baseado em etnografia multissituada, explora-se os aparatos políticos, científicos e mercadológicos que informam a modelização das fronteiras desse dispositivo que se baseia na incorporação de 40 milhões de pessoas na definição de uma nova classe média. A partir de trabalho de campo junto a beneficiários de políticas habitacionais, discute-se os investimentos morais, econômicos e subjetivos em diálogo com as mudanças de classe que os deslocamentos populacionais pelo tecido urbano evocam. Que modalidades de sujeito e projetos de vida são atualizados na mobilização de categorias como "inclusão social", "cidadania" e "consumo" por empreendedores, elaboradores de políticas públicas, líderes comunitários e cidadãos em devir? Ao revelar os dilemas e contradições da recente mobilidade econômica e espacial brasileira, tensiona-se as imagens de um novo país em reconfiguração. Palavras-Chave: Nova

Classe Média; cidadania; consumo; políticas habitacionais; etnografia.

DERECHOS Y OBLIGACIONES FAMILIARES OBJETIVADOS EN INTERCAMBIOS DE LA ASIGNACIÓN UNIVERSAL POR HIJO

Andrés Dapuez. Centro de investigación
y transferencia Entre Ríos (CONICET-UNER); afdapuez@gmail.com

Durante la primera década del siglo XXI en Argentina, así como en otros países Latinoamericanos, se observan dos procesos en apariencia contradictorios: por un lado un incremento global de la producción de bienes transables inter-nacionalmente (commodities) y, por otro, la preocupación por la conservación de los mercados-nación por medio del estímulo marginal del consumo. Ambas estrategias emergentes a partir de la crisis y del cuestionamiento del modelo de estado neoliberal, implicaron paradigmas de crecimiento neo-desarrollistas. Estos promovieron lógicas de regulación diferentes a las impulsadas por los teóricos del mercado neo-liberal. Aunque se mantuvieron relaciones de mayor complejidad con variados mercados capitalistas, las políticas públicas para el desarrollo del capital humano, como la AUH, se implementaron para constituir nuevas subjetividades. Marginados de los sistemas productivos dominantes pero con fuertes expectativas de integración a los mercados-nación, los beneficiarios de las transferencias monetarias se transformaron en objeto no sólo de debate político sino también de nuevos “derechos” y “obligaciones” públicos y familiares. Es el principal objetivo de esta ponencia investigar cómo éstos derechos y obligaciones se instituyen en términos familiares y de intimidad tanto desde el poder ejecutivo nacional y como en las mismas receptoras de la AUH en Paraná (ER). Palabras claves: AUH – Transacciones – Derechos y Obligaciones Familiares.

MAIS PRODUÇÃO OU MAIS VIDA: A INTEGRAÇÃO DO CAMPESINATO AO AGRONEGÓCIO DO DENDÊ E A LÓGICA DA PRODUTIVIDADE VERSUS A LÓGICA DA REPRODUÇÃO

Claudiane de Fátima Melo de Sousa. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento sustentável do Trópico Úmido, no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA - UFPA), Brasil; nanni.sousa@gmail.com

Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFPA, Brasil; rodrigopeixoto1810@gmail.com

Esse trabalho de pesquisa está inserido no contexto do Programa de Produção e Uso de Biocombustíveis (PNPB) e do Programa Palma de Óleo. O primeiro estabeleceu uma política de produção e uso de biocombustíveis para e no Brasil. O segundo, a política de expansão da dendeicultura no Brasil, com ênfase na região Amazônica. O PNPB estabeleceu regras que requerem a integração de camponeses ao agronegócio do dendê. Todavia, com a integração do campesinato ao agronegócio do dendê muitos conflitos e resistências passam a fazer parte da tônica das relações que se estabelecem entre as empresas e as famílias camponesas. De um lado as empresas buscam submeter a força de trabalho, espoliar a produção e subverter a lógica da produção camponesa e de outro lado os camponeses lutam para manter seu modo de vida e suas especificidades, pois, a nova ordem e as novas práticas econômicas aos quais são compelidos são incompatíveis com o seu sistema socioeconômico e cultural. Sob o enfoque da antropologia econômica analisamos essa relação, imersa em negociações e conflitos advindos do modelo de integração amplamente assentado nas categorias capitalistas e que vem se opondo frontalmente ao modo de vida das famílias que tem na economia não apenas uma dimensão, mas a totalidade da vida social. Palavras-chave: campesinato; dendeicultura; óleo de palma; agronegócio do dendê; PNPB.

TRABAJO, AUTONOMÍA Y CREATIVIDAD. REFLEXIONES EN TORNO A FORMAS DE TRABAJO ALTERNATIVAS: TEATRISTAS, CARTONEROS Y VENDEDORES AMBULANTES

Agustina Gutiérrez. Antropología UBA, Argentina; tata289@hotmail.com

Mariano Perelman. CONICET / UBA, Argentina; mdp1980@yahoo.com.ar

A partir de investigaciones etnográficas que venimos desarrollando con vendedores ambulantes, cartoneros y estudiantes-actores de teatro en la ciudad de Buenos Aires, el escrito busca contribuir a los debates en torno a las prácticas económicas. Nos centraremos en las formas en que los sujetos comprenden y emprenden sus tareas atendiendo a sus vínculos, emociones, búsquedas, creatividad y autonomía, en tanto se entretejen constituyendo y significando modos de trabajo. Abordar estas actividades considerando que los agentes que las realizan tienen trayectorias laborales, de organización, de creación, de clase y de acceso a la ciudad diferentes permite comprender los múltiples modos que adquieren la 'búsqueda', la 'autonomía' y 'creatividad' en función de las tareas, de los imaginarios y de las experiencias y expectativas sobre lo que significa vivir, construir y disfrutar una vida digna. Los diferentes estudios etnográficos puestos en diálogo permiten repensar las prácticas económicas atendiendo al lugar que ocupan la creatividad y la autonomía en tanto dan impulso a los modos de ganarse la vida. Palabras claves: Trabajo, autonomía, creatividad, emociones, formas de ganarse la vida.

Sesión 6:

ENTRE CIÊNCIA, ECONOMIA E INTIMIDADE

Elaine da Silveira Leite. Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, Brasil; elaineleite10@gmail.com

A expressão “economia doméstica” nos remete a ideia de administração da casa, que espontaneamente é relacionada a figura da “dona de casa” – isto é, da mulher como a administradora do lar. Ao mesmo tempo, é crescente o campo de estudos sobre a crítica feminista da economia, a qual desponta como crítica à economia mainstream, que pretende desconstruir a ideia do homo oeconomicus da teoria neoclássica, que “simbolicamente” reserva às ações racionais aos homens, cabendo às mulheres às ações emotivas e impulsivas. Partindo desse referencial, essa comunicação pretende apresentar como material empírico um retrato do surgimento dos cursos superiores em economia doméstica no Brasil, buscando correlacionar tal expansão do ensino para mulheres com a literatura feminista produzida no mesmo período, a qual aponta pontos divergentes, mas também, similaridades quando o assunto é mulher, economia e “racionalidades”. Assim, o entrelaçamento das temáticas em questão, buscará desmistificar o papel da mulher impulsiva e irracional que configura o imaginário social, procurando agregar à discussão dos estudos críticos a ideia de “vidas conexas” (cf. Viviana Zelizer) ao assinalar que a própria crítica feminista não pode guiar-se por “dualidades perigosas”.

EXPERTOS, MEDIADORES Y HOGARES: LOS SIGNIFICADOS PLURALES DEL DINERO PROVENIENTE DE LAS POLÍTICAS SOCIALES

Martín Hornes. Centro de Estudios Sociales de la Economía (CESE) IDAESUNSAM, Argentina; m_hornes@hotmail.com

La consolidación de programas de transferencias monetarias condicionadas (TMC) en la República Argentina se da a partir de la crisis económica, política y social desatada hacia fines del año 2001. Sin embargo, dichas políticas sociales surgen a mediados de los años 90' e impulsadas por los principales organismos financieros internacionales, modificando la tradicional provisión de bienes y servicios por la entrega directa de dinero a los hogares pobres con menores a cargo. A partir de un breve repaso del contexto de surgimiento de los programas de TMC nos introduciremos en las premisas que estructuran las intervenciones en América Latina. Expondremos la continuidad

existente en los esquemas de formulación de los programas para demostrar una incesante preocupación de los saberes expertos en políticas sociales por otorgarle una definición unívoca al dinero transferido a los hogares pobres. Desde la reconstrucción de experiencias de trabajo de campo etnográfico centradas en la aplicación de un programa de TMC de alcance local, indagaremos sobre las relaciones y prácticas entre los agentes estatales involucrados en la implementación de los programas y los hogares receptores. Esta aproximación nos permitirá explorar los distintos significados asociados al dinero transferido a partir de los programas de TMC. Palabras claves: saberes expertos - transferencias condicionadas – dinero - significados plurales.

“COMO FAZER DINHEIRO SOBRAR?”: OBSERVAÇÕES SOBRE INICIATIVAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Viviane Fernandes. PPGAS / UFRJ, Brasil; vivianemf@gmail.com

Órgãos que integram o Sistema Nacional de Defesa do Consumidor promoveram, em junho deste ano, no Rio de Janeiro, um curso de formação de agentes em educação financeira. O objetivo da iniciativa foi fomentar discussões relacionadas às “práticas financeiras saudáveis”, apresentando orientações acerca das vantagens, desvantagens e riscos no uso de determinados serviços e produtos financeiros, ressaltando ainda os direitos e deveres dos consumidores associados a estes instrumentos econômicos. O encontro reuniu aproximadamente 70 pessoas, entre elas diferentes agentes que já atuavam em iniciativas alinhadas à educação financeira, convidados a validarem as informações do material pedagógico e sugerirem melhorias. As discussões abordaram metodologias de planejamento financeiro e giraram em torno de práticas e técnicas para “usar melhor o dinheiro” e “controlar a vida financeira” - não apenas exercitando a construção de orçamentos domésticos e o uso de ferramentas de cálculo, mas também capacitando os participantes, apresentando-os técnicas para a posterior multiplicação dos conhecimentos recebidos. A proposta do artigo é apresentar como as iniciativas de educação financeira - enquanto política pública - vêm adquirindo relevância, ganhando a adesão de diferentes instituições públicas e privadas para sua disseminação. A partir de uma abordagem etnográfica, busca-se refletir sobre o modo como é pensada a relação entre pessoas e dinheiro e quais comportamentos financeiros são recomendados aos indivíduos. Ao se aprofundar no trabalho de aconselhamento financeiro, atenta-se às práticas e ao conjunto de saberes sugeridos pelos especialistas às pessoas, interessa-se pelos sentidos dados ao dinheiro, à poupança, aos investimentos e às dívidas. Palavras-chave: Consultores financeiros; ENEF; dinheiro, pedagogia econômica.

LOS AFECTOS Y LA PROXIMIDAD DE LOS VÍNCULOS EN LA ECONOMÍA SOCIAL Y SOLIDARIA: RELATOS DESDE UNA SUBJETIVIDAD

BORDEANTE

Dalila Sansón; dalisanson@yahoo.com.ar

Stella Berón; stella.beron@gmail.com

Luciano Petit; lucianopetit@gmail.com

Daniel García; dangaroki@gmail.com

Selva Sena; selva_sena@yahoo.com.a

Tecnicatura Universitaria en Economía Social y Solidaria

En todo sistema social existen diversos modos de aprovisionamiento y transferencias que posibilitan la circulación de bienes en su interior. Estos modos dependen de distintas lógicas y moralidades, aspectos subyacentes que adquieren materialidad en los intercambios y contribuyen a reproducir dimensiones o estructuras organizativas de la sociedad en particular de la cual se trate (Bloch&Parry 1989, Appadurai 1986, Gregory 1994). Desde nuestra práctica como docentes de prácticas profesionalizantes de la primer Tecnicatura Universitaria en Economía Social y Solidaria (ESS) de la Universidad Nacional de Quilmes, analizaremos en el presente escrito algunas caracterizaciones acerca de estos modos, sus lógicas y moralidades; particularmente, enfocaremos en los vínculos observados entre las prácticas de la ESS y las dimensiones de la afectividad y el vínculo personal y colectivo que se desprenden y dan consistencia a las mismas, con sus atravesamientos, posibilidades, limitaciones y ambivalencias, intentando entender sus matrices subyacentes. Pretendemos contribuir a la comprensión de estas prácticas económicas de la ESS y sus discursos sobre la economía como dimensiones integradas de la vida cotidiana. Lo haremos colocando a la economía en el centro de una determinada configuración de las relaciones sociales y también como productora de subjetividades, es decir como promotoras de humanidad. Pensamos la ESS como esa economía ligada a los afectos y a los deseos, a los vínculos, a la proximidad de las relaciones, los lazos de la solidaridad y la capacidad autogestiva en tensión con otras modalidades y matrices vinculares, que coloca a la persona en el centro. Palabras claves: Economía Social y Solidaria; Subjetividad bordeante.

LAS RELACIONES EN EL MUNDO EMPRESARIAL VISTAS A PARTIR DE LOS ESTUDIOS SOBRE RELIGIÓN

Sabrina Testa. PPGAS/UFSC, Brasil; sabritesta@yahoo.com.ar

Este trabajo propone explorar los alcances y posibilidades del abordaje de procesos de

articulación de lazos de sociabilidad en el mundo empresarial a partir de teorías e referentes empíricos provenientes del estudio de grupos religiosos. Esta aproximación surge de la observación preliminar de analogías estructurales entre modos de relación y de producción simbólicas extendidos entre las empresas de cierto porte y de diversos ramos de actividad, conocidos por la ciencia de la administración con el rótulo de “cultura organizacional” y los modos de relación y de producción de significado observados en una investigación previa junto a un grupo católico conservador. En particular, se hace referencia a prácticas y saberes que procuran activamente intensificar el vínculo entre los empleados y entre estos y la organización más allá del mero contrato laboral y el buen trato interpersonal, y que conjuntamente con ello incentivan valores, estilos de vida, modos de entender la empresa y el mundo, políticas de uso del espacio y del tiempo y que incluyen lenguajes y performances específicas, cuando no gurúes y literatura especializada. Elementos análogos se encuentran descritos en la bibliografía especializada como característicos de diversos grupos religiosos, en particular aquellos de raigambre cristiana, por ello se sugiere aquí que el diálogo entre ambos campos puede resultar en insights reveladores para el estudio del mundo de la economía, quebrando dicotomías de larga data, como la distinción entre vida pública e vida privada, transacciones económicas y afectos, trabajo y placer, entre otras. Palabras clave: cultura organizacional, religión, empresas, vínculos.

PESSOAS JURÍDICAS E AGENTES ECONÔMICOS: A DETERMINAÇÃO DE UM “CONCORRENTE” NA POLÍTICA DE DEFESA DA CONCORRÊNCIA

Gustavo Onto PPGAS / UFRJ, Brasil; gustavo.onto@gmail.com

Baseado numa etnografia realizada no órgão governamental de defesa da concorrência ou antitruste do Brasil – CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) – este artigo reflete sobre as dificuldades enfrentadas por analistas para compreender quem são as entidades que concorrem num determinado mercado. Este órgão brasileiro analisa e julga pedidos de fusões e aquisições entre empresas, aprovando apenas aqueles que não irão modificar substancialmente a “concorrência” no mercado, conforme a legislação antitruste nacional. Contudo, para poder estimar ou mensurar a concorrência futura de um mercado, é necessário saber quem e quantos são os concorrentes – agentes autônomos e independentes que concorrem entre si. Essa tarefa torna-se extremamente complexa na medida em que, na economia contemporânea, diversas empresas (pessoas jurídicas distintas) estão interconectadas por meio de uma complexa rede de relações contratuais e societárias – por exemplo, fundos de investimento que possuem ações de diferentes empresas num mesmo mercado. Descrevo neste artigo como os funcionários do CADE decidem onde que um concorrente “acaba” e o outro se “inicia” quando pessoas jurídicas estão imersas em um conjunto de relações de propriedade e controle empresarial nem sempre explícito. Ou seja, como que um conjunto de pessoas jurídicas pode ser identificado e, portanto, concebido, como um só “agente econômico”

independente dos outros. Argumento que esse tipo de problema jurídico e econômico enfrentado pelos analistas do CADE é análogo à uma questão da antropologia de longa data: como conceber uma entidade separada das demais quando as relações parecem estar permeadas por todas as partes? Palavras-Chave: pessoa jurídica; agente econômico; concorrente; política de concorrência; CADE.

GT 107. TERRITORIALIDADES MARÍTIMO COSTERAS: PROCESOS DE USO, OCUPACIÓN Y PRODUCCIÓN SOCIAL DEL ESPACIO

Coordinadores:

Dr. Daniel Quiroz: Centro de Documentación de Bienes Patrimoniales, Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, Santiago, Chile; daniel.quiroz@museosdibam.cl

Dr. José Colaço Dias Neto: Professor adjunto e subchefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (COC/ESR/UFF. Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/UFF); zenettobr@yahoo.com.br

Me. Victoria Lembo. Prof. Asistente. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación y Centro Universitario Regional Este. UDELAR; victorialembo@gmail.com

Comentarista: Me. Leticia D' Ambrosio Prof. Adjunta. Centro de Investigación del Patrimonio Costero. Centro Universitario Regional Este. Udelar. treboles@gmail.com

CONFIGURACIONES DISCURSIVAS EN TENSION: DESARROLLO Y PROCESOS SOCIOPOLÍTICOS EN EL ESTUARIO DEL RIO MAULLÍN

Galia Stuardo Ruiz, Magister en planificación y gestión territorial, estudiante doctorado en ciencias humanas: discurso y cultura. Estudiante de post Grado;

Tomando como base a Hardin (1968) de la tragedia de los comunes, Ostrom (1990) del gobierno de los bienes comunes, y la importancia de los capitales en Bourdieu para llegar al poder como concepto clave. Enfoque relevante para el estudio ya que el discurso del desarrollo se construye desde el poder y desde quien lo ostente. Según Bourdieu el poder es aquella lucha que se genera tanto entre clases, como entre individuos o ideologías, para poder mantener este, o aumentar el capital, ya que un mayor capital, sea en el campo que sea, da un mayor poder. Así es como se va tejiendo la relación entre las estructuras, entre la historia, entre las personas. Los problemas identificados se relacionan con la tensión por uso del territorio y recursos, presión de los dirigentes sobre el gobierno regional, re inversión excesiva de recursos estatales sin obtener resultados favorables, la planificación como método de control. El objetivo de este trabajo es caracterizar las configuraciones discursivas que tensionan los procesos de desarrollo del litoral del estuario del río Maullín, evidenciando la interface discursiva entre actores institucionales, dirigentes y bases de las organizaciones territoriales para concluir identificando las claves discursivas que identifican la tensión entre actores. Además se trabajara con las siguientes hipótesis principales, H1: La tensión entre los actores territoriales es causada por la ineficacia de las políticas de gestión del territorio y uso desmedido de los recursos del litoral estuarino, y finalmente H2: La tensión por uso y aprovechamiento de los recursos se debe a que no se han considerado los acuerdos culturales existentes en torno a la norma y al proceso que las mismas comunidades costeras han establecido en forma tácita.

DA CASA AO PESQUEIRO: REFLEXÕES SOBRE O REGIME DE USO E CONHECIMENTO DOS TERRITÓRIOS MARÍTIMO E COSTEIRO NO LITORAL PARANAENSE

Karina da Silva Coelho. Mestre em Antropologia (UFPR);
karinacoelhofpr@gmail.com

O trabalho proposto pretende refletir sobre os regimes de uso e conhecimento do território pelos moradores de vilas caiçaras no litoral norte do estado do Paraná. Os moradores habitam territórios insulares e continentais sujeitos a restrições ambientais em decorrência da legislação ambiental federal e estadual e da presença de Unidades de Conservação na região. Ao tomar como ponto de partida a produção social dos espaços marítimos e terrestres será discutida a divisão do território através da perspectiva local sobre o que compõe os sítios das famílias – a casa (sua estrutura física), o quintal em seu entorno e uma área no mar exclusiva de pesca, o pesqueiro. A partir de pesquisa etnográfica realizada na região da baía de Pinheiros (PR) proponho refletir sobre o sistema de uso e ocupação do território, que transita entre o manejo interno das leis ambientais em execução na região e concepções locais sobre o ambiente e a natureza. O

desenvolvimento dos usos e regras quanto ao território marítimo e terrestre nos informam sobre características que constituem a territorialidade, como o histórico de ocupação, os mecanismos locais de transmissão e de regulação do direito sobre a terra, assim como sobre os sentidos e as relações dos moradores com seu território.

Palavras-chave: territorialidade; direito costumeiro; populações costeiras.

“NÓS NÃO SOMOS MENDIGOS, NÓS SOMOS TRABALHADORES”

Ismael Andres Stevenson Dechelette. Doutorando PPGA, UFF, RJ, Brasil;
Ismael.stevenson@gmail.com

A partir da década de 1970, a catação de mexilhão na Baía de Guanabara se tornou a principal atividade econômica de vários grupos de marisqueiros na cidade de Niterói. Assim como um grupo de marisqueiros, localizados na beira do aterro da Praia Grande, entre vários grandes empreendimentos urbanísticos, no Bairro Centro da cidade.

Com a incorporação de técnicas de mergulho, o território submerso expandiu o trabalho na beira para dentro do mar, possibilitando a extração deste recurso em lugares, antes, de difícil acesso, e a maioria proibidos por leis. Assim, a extração do recurso *Mytilus Perna perna* (mexilhão) se organizou a partir de duas espacialidades (e temporalidades) por unidade de produção – que são o mergulhador, o ajudante e os descascadores: o mar e a terra.

- No mar, o mergulhador e seu ajudante acessam ao lugar de cata através de uma canoa (às 5h), uma vez o recurso catado, estes voltam para a terra (às 10h).

- Na terra, se efetua o processamento do produto, o mexilhão é cozido, descascado e condicionado em sacolas de 1kg no gelo (de 11h às 16h).

Nestas duas espacialidades, cada unidade de produção dispõe de seu próprio espaço de reprodução social, no mar com a canoa e na terra com o espaço de processamento. Cada uma destas duas espacialidades está enquadrada por lei, tanto espacialmente e temporalmente como em relação ao processamento e ao status das pessoas envolvidas na atividade. A estratégia consiste em “invisibilizar” a atividade por trás de pequenos grupos de trabalho em lugares inacessíveis e quase invisíveis do grande fluxo de pessoas que por ali transitam, que lhes confere uma estética em contraste com a sociedade envolvente, que os vê como “mendigos”. Esta categoria local é articulada em contraste com a categoria “trabalhador”, sendo esta última utilizada para justificar a atividade de marisqueiro no local.

Assim, neste trabalho, gostaria de explorar como espacialidades (e temporalidades)

podem determinar uma dinâmica social em torno de uma atividade, e como esta última ao se adaptar e resistir a processos, neste caso de urbanização e de enquadramentos jurídicos, se redefine através do olhar do outro, do olhar do Estado, através de uma semântica que valorize suas identidades em contraste com um estigma estético produzido pelo contexto, espacial, social, cultural e jurídico.

LAS CONSTELACIONES DE LA MOVILIDAD: TERRITORIOS, PRÁCTICAS Y DISCURSOS EN EL ARCHIPIÉLAGO DE CHILOÉ

Alejandra Lazo Corvalán. Investigadora Postdoctoral Fondecyt. Programa Atlas-Universidad de Los Lagos; alejandra.lazo@ulagos.cl

Desde hace una década se verifica un creciente interés de las ciencias sociales por centrar la mirada en torno a la movilidad. Sin embargo, ello ha sido esencialmente para dar cuenta de problemas urbanos continentales y subcontinentales dando poca importancia a los procesos de movimiento de personas, objetos, imágenes y discursos que ocurren en los mares, litorales e islas. A partir de una investigación postdoctoral en curso, esta ponencia propone un abordaje antropológico del espacio archipelágico a partir del concepto de “constelación de movilidad” como clave para leer dinámicas socio-territoriales en Chiloé. En efecto, es posible observar a lo largo de la historia del archipiélago como el movimiento y las prácticas de movilidad han tenido y tienen un rol

significativo ya que han permitido a sus habitantes sobrellevar la disyuntiva de la conexión y la desconexión, de la insularidad y de la continentalización. Al mismo tiempo que enfrentar las transformaciones socio-económicas producidas en las últimas décadas. Se postula como hipótesis de investigación la existencia de una superposición de varias constelaciones de movilidad (movimientos, discursos, experiencia y prácticas) que han ido transformando, y tensionando, la forma de habitar, concebir y pensar el espacio insular.

Palabras clave: constelaciones de movilidad, territorios, prácticas, discursos, archipiélago de Chiloé.

MEMORIAS SOBRE PREHISTORIA

Carina Erchini. Dirección de Innovación Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (DICyT- MEC). Montevideo, Uruguay; carinaerchini@gmail.com

Desde hace varios años investigamos las ocupaciones prehistóricas de la costa platense en su extremo este (costas del Departamento de Canelones y este de Montevideo) del Uruguay. Las diferentes comunidades que han utilizado este espacio, lo han reutilizado resignificándolo y transformándolo; y en ese proceso han dejado huellas, evidencias, rastros, creando un palimpsesto que los arqueólogos debemos desentrañar en nuestra tarea de “ordenar temporalmente el uso del espacio”.

Una de las evidencias fundamentales de los grupos prehistóricos que ocuparon el espacio costero, son los artefactos producto de diversas actividades que han perdurado en el tiempo. Sin embargo, estos objetos materiales son a la vez pasado y presente, ya que testifican un pasado, pero existen en el presente.

Durante nuestras prácticas, los arqueólogos “caminamos” sistemática y metodológicamente ese espacio (prospección en terminología arqueológica), para re-encontrarnos con otros caminantes.

Algunos caminantes se encuentran temporalmente distantes en el pasado, y solo tenemos posibilidad del recuento a través de la evidencia material que delata su pasaje por el lugar. Pero también nos encontramos y re-encontramos con caminantes actuales: pobladores urbanos, rurales y veraneantes entre muchos otros.

Es de esta manera que nos proponemos analizar: ¿Qué memoria sobre la ocupación prehistórica tienen los habitantes actuales del territorio en donde investigamos? ¿En que se sustentan las memorias sobre la ocupación prehistórica? ¿En datos orales; bibliográficos; o en evidencia material? Con estas y otras preguntas, intentamos comprender que memorias han recibido, han construido y hoy nos transmiten estos pobladores en la relación a las identidades presentes tanto locales como nacionales.

Palabras claves: costa del Río de la Plata, prehistoria, memoria, cultura material.

LUGARES DE PESCA. UNA NUEVA MIRADA A LOS ESPACIOS PESQUEROS EN CONTEXTOS DE TRANSFORMACIONES ECOLÓGICAS, ECONÓMICAS Y POLÍTICAS

Viviana Cuberos. Universidad Central de Venezuela y Magister Scientiarum del Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas; vivicuberos@gmail.com

Habitualmente cuando discutimos acerca de los espacios de pesca nos referimos a aquellos vinculados con la etapa extractiva. Proponemos aquí, sin embargo, ampliar la visión y reflexionar acerca de los lugares de pesca, entendiéndolos como espacios en los que se establecen diversas relaciones sociales vinculadas con la pesquería que, además de en el mar, se dan en las orillas de las playas, casas de pescadores, restaurantes y

demás espacios de interacción en donde se encuentran cotidianamente los distintos actores sociales.

En tal sentido, nos cuestionamos de qué manera las interacciones que se establecen en dichos lugares de pesca se ven afectadas por cambios externos, a propósito de las transformaciones económicas, políticas y ecológicas que afectaron en los últimos años a dos comunidades de pescadores artesanales de la costa oriental de Venezuela.

Específicamente, Playa Manzanillo y Puerto Moreno en la Isla de Margarita del estado Nueva Esparta, se vieron afectados por la presión territorial del sector turístico, cambios en las políticas públicas pesqueras y una crisis ecológica que hizo que disminuyera la disponibilidad de una de las especies de mayor demanda, la sardinella aurita (sardina).

Por lo tanto, proponemos aquí una reflexión acerca de los múltiples lugares en los que se despliega la pesca artesanal, así como de las reconfiguraciones y negociaciones que se constituyen constantemente en los territorios marítimos a propósito de los cambios.

Palabras clave: lugares de pesca, pesca artesanal, territorialidad, cambios.

CONTRASTES ETNOGRÁFICOS. PRODUCCIONES, INTERCAMBIOS Y COMERCIALIZACIONES DE ESPECIES EN ECONOMÍAS LITORALES DEL SUR AUSTRAL DE CHILE

Magdalena Navarro Pacheco; [magdalena.nav@gmail.com](mailto:magdalenanav@gmail.com);

Gonzalo Saavedra Gallo; gonzalosaavedragallo@gmail.com

Instituto de Estudios Antropológicos, Facultad de Filosofía y Humanidades,
Universidad Austral de Chile (Valdivia);

La ponencia analiza, desde un enfoque etnográfico, la importancia de distintos productos de las economías costeras, de base pesquero-artesanal, emplazadas en el sur austral de Chile, problematizando la interfaz Estado-mercado e instituciones locales, y en particular su incidencia en los procesos socioproductivos asociados a estas extracciones-producciones, entendiendo que se trata de aspectos económicos y políticos que desbordan las dinámicas de vida económico-cultural de estas localidades.

La transformación de las prácticas económicas locales, a partir de la incorporación de lógicas nacionales y transnacionales, genera continuas interacciones entre distintos modos de apropiación de la naturaleza y sus especies. Los procesos de producción, intercambio y comercialización no están ajenos a las condicionantes estructurales públicas y privadas que regulan, y en gran medida desregulan, estos espacios de acción individual, colectiva y/o comunitaria. Estas normativas y regulaciones extra locales no ocurren de manera unidireccional, pues suponen apropiaciones organizacionales situadas en “el lugar” –no exentas de constricciones y tensiones- permitiendo articular y

reinventar los modelos y vidas locales en cuanto a los procesos de extracción, producción y comercialización de especies.

Palabras clave: Economía litoral – Enfoque etnográfico – Procesos socioproductivos – Sur austral de Chile.

EL PROCESO EDUCATIVO EN LOS/DE LOS CONFLICTOS SÓCIO AMBIENTALES: LA EMERGÊNCIA DE LOS ATORES SOCIOAMBIENTALES EN URUGUAY

Carlos RS Machado; carlosmachado2004furg@gmail.com;

Lylieth Varela; lylieth@ambiental.net

FURG; CLAES

Los conflictos socio ambientales en América Latina decurrente de las políticas de explotación de commodities (SVAMPA, 2012) o del extrativismo (GUDYNAS, 2014) por gobiernos neoliberales o progresistas (ex izquierda) hicieron surgir diversas manifestaciones en contra de tales proyectos. Las minerías en cielo abierto es la más paradigmáticos e, incluso, un país sin tradición minera – Uruguay - está en la cobija de los intereses internacionales y el apoyo del gobierno de la frente amplia (2011-2015). La hipótesis del trabajo es que: en lo proceso de emergencia y desarrollo de lo conflicto socio ambiental emergen sujetos que desde lo interese individual al si sumar a otros en

lucha contra la injusticia o en solidaridad por otros con los impactados directos por el proyecto minero – y, por lo tanto, se constituyen en sujetos colectivo, mismo que momentáneo. En primero lugar a presentamos una descripción y destaque pelas referencias teóricas de la emergencia de nuevos actores en estos conflictos e de los proyectos y conflictos arriba referidos; para en la segunda parte, de dejar la palabra con los de “abajo”, o sea de actores que se manifestaran contra el proyecto de Aratiri y del Puerto de Aguas profundas para captar el momento de su emergencia como actor social en de correnca del conflicto. En la tercera discutimos nuestra hipótesis. Para o desarrollo do trabajo aproveitamos entrevistas/diálogos/cuadernos de campo de 2 investigaciones dos autores.

TERRITORIALIDAD Y RECONFIGURACIÓN PRODUCTIVA DE LOS PESCADORES CAIÇARAS DE VILA DO AVENTUREIRO, RIO DE JANEIRO

Berenice Morales. Doctorado en Antropología, Universidade Estadual de Campinas;
berenice.m.a@gmail.com

Diferentes autores han planteado que para enfrentarnos analíticamente a la problemática de la pesca ribereña, es necesario considerar un enfoque territorial que reconozca la interacción de los ecosistemas marinos y terrestres de las zonas costeras (Bretón:2001, Marín:2007), abordando así, el espacio costero como una unidad compleja de análisis. Siguiendo esta propuesta, en este trabajo se analizarán los procesos de construcción y transformación de la territorialidad, después de que fueron declarados diferentes tipos de Unidade de Conservação, en el territorio tradicional de la comunidad de pescadores caiçaras de Vila de Aventureiro, ubicado en litoral de Rio de Janeiro. En este contexto, se presentará el conflicto que se ha venido configurando en dicha comunidad a partir del establecimiento de las regulaciones territoriales expresadas en las políticas de conservación de los recursos naturales y los procesos de reconfiguración productiva de los pescadores caiçaras, quienes han carecido de una representatividad efectiva en las instituciones encargadas de formular e instrumentar este tipo de legislaciones ambientalistas. A partir de lo anterior, será posible abordar el papel que ha jugado la pesca en relación a otras actividades económicas, como es el caso del turismo.

Palabras clave: Pescadores, territorialidad, políticas de conservación, conflicto.

PESCADORES TRADICIONAIS NO LITORAL DO CEARÁ. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DOS MODOS DE SABER FAZER NA PESCA DE CURRAL

Antônia Gabriela Pereira de Araújo. Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); sociaisufc@gmail.com;

Lea Carvalho Rodrigues. Mestre em Antropologia Social e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atualmente é professora associada do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC);
lea@ufc.br

Baseada num estudo etnográfico, realizado entre o ano de 2010 á 2015 no litoral do Nordeste brasileiro, esta comunicação tem o propósito de se deter sobre as práticas materiais e simbólicas que regem o modo de vida dos pescadores de currais da praia de Bitupitá, no litoral extremo oeste do estado do Ceará. A referida localidade comporta uma das maiores colônias de pescadores do Ceará e onde ainda se pratica a pesca de curral. Trata-se de uma prática pesqueira tradicional, fruto de saberes e habilidades que

demandam profundo conhecimento da natureza, adquirido pela observação sistemática e pela constante interação com o meio-ambiente. O atual contexto de efetivação de políticas públicas na referida região pede o acompanhamento do processo que está sendo vivenciado por esses pescadores de currais, em especial, no que diz respeito às transformações que afetam a prática da pesca de curral.

Palavras-Chave: Pesca de Curral, Populações tradicionais, Direitos territoriais, Pesca Artesanal, Ceará.

LOS PESCADORES TRADICIONALES DE LAGUNA GRANDE Y LA INTERVENCIÓN DEL ESTADO EN SU TERRITORIO MARINO-COSTERO

Renato Jesús Morales Carpio; renatojesus.mc@gmail.com

Maria Elena Yanarico Mamani; mariaelena.ym@gmail.com

Lúcia de Fatima Socoowski de Anello; luciaanello@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande-Brasil

Existen una variedad de formas comunales de acceso a espacios y recursos naturales, no consideradas por las formas de apropiación dominantes de la propiedad privada y propiedad estatal.

El territorio está relacionado de forma indivisible a la reproducción de las poblaciones tradicionales, siendo la territorialidad inherente a la condición humana. La actividad pesquera de los pescadores tradicionales de Laguna Grande es realizada desde la época prehispánica hasta la actualidad, es decir, antes que se desarrollen diferentes actividades económicas de aprovechamiento y conservación de recursos naturales renovables marinos autorizadas por el Estado. El objetivo de este trabajo es resaltar la resistencia de los pescadores tradicionales de Laguna Grande frente a las distintas intervenciones del poder estatal que históricamente ha desconocido o rechazado la existencia de una población pesquera que continúa realizando su actividad en su territorio tradicional, para lo cual se ha realizado una investigación cualitativa con entrevistas y bibliográfica

a la vez, estableciéndose su resistencia sociocultural y económica de su territorio y espacio marinocostero frente a las actividades permitidas por el Estado como la pesca industrial, acuicultura marina, extracción de mariscos, turismo y conservación de la diversidad biológica a través del establecimiento de la Reserva Nacional de Paracas, además de no articularse al modelo de economía de mercado vigente en el país.

Palabras claves: Población tradicional, actividad pesquera, Estado.

OCUPACIÓN E INTERRELACIÓN CON EL TERRITORIO MARINO PESQUERO DE LOS PESCADORES TRADICIONALES DE LA RESERVA NACIONAL DE PARACAS

Renato Jesús Morales Carpio; renatojesus.mc@gmail.com

Maria Elena Yanarico Mamani; mariaelena.ym@gmail.com

Lúcia de Fatima Socoowski de Anello; luciaanello@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande-Brasil

Las zonas costeras son áreas donde se concentra la mayor cantidad de población, además son espacios donde se explota los recursos naturales bajo el modelo del sistema económico neoliberal, pero también se encuentran pueblos tradicionales que se interrelacionan con su territorio o espacio que les ha permitido su reproducción económica, social y cultural que ha sido mantenida y transmitida de generación en generación a través de modelos mentales usados para percibir, relatar e interpretar el mundo de los símbolos y significados socialmente compartidos en el uso de los recursos. A partir de esta premisa, el trabajo aborda la interrelación de las poblaciones con su espacio marino y fundamenta la ocupación de dicho espacio, para lo cual se ha tomado como base el proceso histórico de la ocupación y como punto de partida para la explicación se ha valido de los estudios históricos, arqueológicos y antropológicos sobre el proceso de ocupación y apropiación del espacio para el desarrollo de la actividad pesquera y el estudio cualitativo realizado junto a la comunidad tradicional de pescadores de Rancherío residentes en la Reserva Nacional de Paracas.

Así el trabajo permite argumentar como los pescadores a lo largo del tiempo establecieron múltiples relaciones materiales y simbólicas con su territorio marino costero transmitido de generación en generación que les ha permitido subsistir cultural, social y económicamente en un espacio que no se les ha reconocido y está sufriendo impactos en sus prácticas culturales tradicionales locales que puede repercutir de forma negativa en su constitución social, económica y cultural como población tradicional.

DE ARPONES, MEMORIAS Y SOMBRAS: LA CACERÍA DE BALLENAS EN TUMBES (CHILE)

Gastón Carreño. Antropólogo / Dr. en Estudios Latinoamericanos, Universidad de

Chile. Coordinador Centro de Estudios en Antropología Visual;
gaston.carreno@ceavi.cl

En las costas del Golfo de Arauco se encuentra caleta Tumbes, un poblado con una importante tradición ballenera, la que se remonta al periodo finisecular (s. XIX) para concluir a mediados del siglo XX. En la siguiente ponencia se presentarán los resultados preliminares de una investigación en donde se utiliza la etnografía retrospectiva, enfoque metodológico que integra diversos tipos de fuentes: desde reportes de prensa, documentos de carácter académico, imágenes pasadas así como materiales usados en la cacería, además de recuerdos de personas que observaron la actividad ballenera, los que han sido recogidos en diversas jornadas de trabajo de campo.

Gracias a esto, se ha podido “reconstruir” la cacería de ballenas practicada en Tumbes, que entre otras cosas, tiene la particularidad de que en un momento determinado coexisten dos modelos de caza. Uno de ellos, quizás el con mayor desarrollo en esta localidad, corresponde a la cacería tradicional, realizada a través de chalupas y arpón de mano, y donde los cetáceos eran faenados en la orilla de la playa, principalmente para la obtención de aceite. No obstante, en las primeras décadas del siglo XX esta cacería comienza a convivir con el modelo clásico, caracterizado por el empleo de veleros balleneros, que trasladaban hasta la mitad del mundo a chalupas y hombres avezados en el oficio de cazar leviatanes, y donde el procesamiento de estos se desarrollaba tanto a un costado del barco como en su cubierta, actividad que también estaba orientada a la producción de aceite. Por este motivo, se espera dar cuenta de algunas prácticas culturales que estos modelos desplegaron en Tumbes, considerando tanto sus diferencias como sus semejanzas, junto con el hecho de que son parte de la identidad de este poblado.

Palabras Clave: Cacería - Ballenas – Tumbes – Etnografía Retrospectiva.

EL BOOM DE LA “PESCA DE ALTURA” DE BALLENAS DESDE TALCAHUANO, CHILE, EN LA SEGUNDA MITAD DEL SIGLO XIX

Daniel Quiroz. Doctor en Historia, Universidad de Chile. Centro de Documentación de Bienes Patrimoniales, Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos;
daniel.quiroz@museosdibam.cl

En torno al puerto de Talcahuano, Chile, se desarrollan a mediados del siglo XIX dos formas de “pescar” la ballena, que podemos llamar, aludiendo a la clásica distinción que se hace en los estudios sobre las operaciones balleneras de los vascos entre los siglos X y XVII, “pesca de altura” y “pesca de bajura”. La pesca de altura se realiza lejos de la

costa y los viajes duran meses, incluso años, regresando a puerto con el producto obtenido en alta mar. Talcahuano era la principal estación de los cazadores de ballenas en la costa occidental de la América del Sur. Se afirmaba en 1862 que el futuro del puerto “depende enteramente del mayor o menor número de buques balleneros que [lo]

frecuentan anualmente”, pero pocos años después se observaba con preocupación la disminución de la presencia ballenera extranjera en Talcahuano, en ese momento, “muy reducida”. Junto con reconocer dicha disminución, se subraya y aplaude el surgimiento de una industria ballenera nacional de carácter local, indicando “el rápido progreso que ha tomado este puerto en la industria de la pesca de ballenas” en 1868, pues la flota ballenera de Talcahuano estaría compuesta por los “cinco buques que salieron el año próximo pasado” más otros seis “comprados para armarlos para la pesca”. Los buques que salieron a la pesca emplearon “260 individuos de mar, de los cuáles dos terceras partes son nacionales”. En este trabajo nos interesa estudiar los diversos emprendimientos balleneros locales que tuvieron al puerto de Talcahuano como su base de operaciones durante la década de 1860. Intentaremos responder una serie de preguntas: ¿quién los desarrolla?, ¿qué especies se capturan?, ¿dónde se efectúa?, ¿por qué se las caza?, ¿cuándo ocurre? y ¿cómo se realiza?, integrando las respuestas en una configuración específica de significados asociados. Las operaciones balleneras aludidas no sólo se refieren a la captura de las ballenas sino también al procesamiento que se realiza de sus carcasas con el fin de obtener los productos que luego serán consumidos y/o comercializados.

Este boom de la pesca de altura de ballenas durará pocos años, decayendo bruscamente en la década de 1870, con un par de buques activos. Palabras claves: pesca de altura, industria ballenera, boom, siglo XIX, Talcahuano.

LOS IMAGINARIOS SOCIALES EN TERRITORIOS PESQUEROS ARTESANALES DEL SUR DE CHILE

Alejandro Retamal Maldonado. Doctorado de Ciencias Humanas, mención Discurso y Cultura Facultad de Filosofía y Humanidades Universidad Austral de Chile;
aretamal.er@gmail.com

Desde la teoría de los imaginarios es posible observar las interacciones intersubjetivas y los procesos de transformación y de legitimación del orden social de los territorios pesquero-artesanales del sur de Chile. Pero ¿qué se entiende por Imaginarios?, los Imaginarios Sociales (IS) son categorías analíticas para el estudio de los fenómenos de la sociedad y se constituyen en singulares matrices de sentido existencial para una comunidad. A pesar de su carácter inmaterial, los IS tienen atributos “reales” que se manifiestan en los sujetos o grupos a través de los discursos y objetos, a través de sus prácticas y acciones institucionalizadas. En el caso de este trabajo, se estudian como los distintos imaginarios de un territorio costero en particular del sur de Chile han ido configurando los asentamientos de pescadores. De esta manera, la “caleta” se configura

como un espacio social y simbólico de diferencias, en constante disputa por los agentes presentes en el lugar, los cuales movilizan sus recursos para posicionar cierto tipo de imaginarios sobre el uso y apropiación del territorio costero y las formas de su desarrollo. La relevancia de los IS radica en que a través de su análisis y comprensión se puede acceder a las dimensiones del quehacer cotidiano de la caletas, a la formas de vivir del pescador y a la diversidad existente en estos territorios. En síntesis, se valorizaran dimensiones que hasta ahora no han sido del todo consideradas y que resultan fundamentales para garantizar la sustentabilidad y desarrollo de estos asentamientos costeros.

Palabras claves: Imaginarios Sociales, Territorio, Pesca Artesanal, Desarrollo.

AS RESERVAS EXTRATIVISTAS MARINHAS: UMA ANÁLISE DOS AVANÇOS E ENTRAVES NA CONSOLIDAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA

Liandra Caldasso. UFRJ; liandra.caldasso@gmail.com

As unidades de conservação (UC), tal como as Resex-Mar, se consolidaram como política pública a partir dos anos 2000 com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – o SNUC. A despeito da Resex-Mar ser elaborada não só para contribuir com a conservação dos recursos naturais, bem como para ser “uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo” (Lei 9.985, Art. 18), a realidade que tem-se hoje não parece tão promissora nem nos aspectos ecológicos, tampouco nos aspectos socioeconômicos para as sociedades que dependem dessas áreas para sua subsistência. Tanto é assim que conforme os dados do MMA (2007), as pressões à integridade e ao equilíbrio ambiental das regiões costeiras, devido

aos grandes conflitos de uso, fazem destas uma das mais ameaçadas do planeta e, a conservação destes recursos tende a ser cada vez mais problemática e custosa, tanto do ponto de vista político quanto ambiental. Somado a essas questões, adiciona-se os problemas sociais enfrentados pelos pescadores nessas áreas decorrentes dos conflitos de uso num espaço onde competem diversas atividades econômicas. Tais pressões e conflitos poderiam (ou deveriam) ser minimizados com a criação das Resexs-Mar. Apesar de alguns casos exitosos no estabelecimento das Resex-Mar no país, ainda é necessário avançar para que tal política pública se consolide em toda a costa. Assim, o objetivo do trabalho é analisar como tem se dado o processo de consolidação das Resexs-Mar no país. Para tanto serão apresentados os estudos de caso das Resexs-Mar de Canavieiras/BA e Arraial do Cabo/RJ.

Palavras-chave: pesca artesanal, Reserva Extrativista Marinha, participação, legitimidade, política pública.

DISTINTAS NATUREZAS, DISTINTAS COGNIÇÕES: UMA ETNOGRAFIA DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DO CORUMBAU

Jerônimo Amaral de Carvalho. Doutorando em antropologia social – IDAES/UNSAM – Argentina; jeronimo.carvalho@gmail.com;

Winifred Knox. Professora Doutora departamento de políticas públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil; winknox@hotmail.com

A Reserva Extrativista Marinha (REM) do Corumbau - extremo sul do estado da Bahia - foi criada em 2000 por ações articuladas entre lideranças de pescadores locais e agentes externos (ONG's ambientalistas) com objetivo de garantir a exclusividade ao acesso dos recursos pesqueiros pelos pescadores locais diante da pesca comercial que se intensificava na região desde 1980. Após a criação da REM, a Conservation International (CI-Brasil), principal agente externo, conduziu atividades de pesquisa e manejo incluindo uma Zona de Proteção Marinha (ZPM), que cobre um terço de um dos principais pesqueiros - recifes dos Itacolomis. A ZPM foi acordada no Plano de Manejo, entre pescadores artesanais e CI-Brasil, não permitindo a pesca em seu interior. Ao longo dos últimos 10 anos observou-se um conflito entre pescadores e a normatividade ambientalista, permeando o discurso de conservação versus o direito de acesso à pesca. Constatou-se que pescadores locais e agentes externos possuem dimensões cognitivas distintas de perceber e atuar a/na natureza, por meio de práticas sócias e espaciais deste grupo social com interpretação própria do território. Durante a discussão do Plano de Manejo, estas distintas formas (Naturezas) foram contrastada por meio de mapas utilizados pelos agentes externos, que transpôs este conflito para uma dimensão cognitiva, denunciando formas assimétricas de poder estabelecidas no âmbito da REM do Corumbau entre modernos e não modernos. Sendo assim, a proposta deste trabalho é

analisar e discutir o contraste entre distintas formas de visão de natureza evidenciadas durante a fase de implantação da REM do Corumbau.

Palavras Chaves: Áreas Protegidas; Conflitos Socioambientais; Dimensões Cognitivas; Visões de natureza.

PERCEPÇÃO, MEMÓRIA E TERRITORIALIDADE: O CASO DA LAGOA DAS CAPIVARAS

Amanda Bellettini Munari. Mestranda do PPGCA (Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais) da UNESC (Universidade do Extremo Sul-Catarinense);

abm@unesc.net

Dra. Viviane Kraieski de Assunção. Professora do PPGCA da UNESC; vka@unesc.net;

Dr. Carlyle Torres Bezerra de Menezes. Professor do PPGCA da UNESC;
cbm@unesc.net

O município de Garopaba (Santa Catarina, Brasil) vem passando nos últimos anos por um acelerado processo de urbanização. Neste contexto, encontram-se disputas políticas e econômicas em torno dos projetos de desenvolvimento local, que, opõem, de um lado, sujeitos interessados na preservação ambiental, e, de outro, sujeitos que pretendem a implantação de grandes empreendimentos privados no município. A Lagoa das Capivaras é um exemplo emblemático destas disputas. Há alguns anos, uma parte da lagoa foi aterrada para a implantação de um loteamento, que foi abandonado devido a uma Ação Civil Pública. A parte da Lagoa que não foi aterrada também vem sofrendo graves impactos ambientais, como a contaminação por esgotos. Paralelamente à ação judicial, parte da comunidade local vem se mobilizando para a transformação da área em uma unidade de conservação. Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre a percepção e a memória ambiental dos moradores do entorno da Lagoa das Capivaras. Compreende a percepção como relacionada ao habitar e ao engajamento dos indivíduos no mundo (Ingold, 2000). Já a memória é entendida como um processo construído individual e coletivamente (Halbwachs, 2006), que orienta as ações sociais (Bosi, 1979), e que está estritamente relacionada a lugares (Pollak, 1992; Nora, 1993). Neste sentido, este trabalho propõe que a memória pode ser utilizada como um instrumento de educação ambiental, por suas relações com a territorialidade, que, por sua vez, está atrelado ao processo de identificação e ao sentimento de pertença de indivíduos ou grupos a um determinado espaço (Santos e Silveira, 2001).

Palavras-chave: lagoa costeira; percepção ambiental; memória ambiental; educação ambiental; processo de urbanização.

GRAMÁTICAS DE ESTADO: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOS PESCADORES DE ATAFONA (SÃO JOÃO DA BARRA – RJ) COM AS DIFERENTES PRÁTICAS DO ESTADO

Hully Guedes Falcão. Doutoranda PPGA/UFF; hullyfalcao@gmail.com

O Estado pode se apresenta de variadas formas na vida cotidiana de vários grupos, principalmente aqueles que se encontram nas margens do Estado, tais como pescadores, quilombolas, índios e etc.

Estes grupos são constantemente alvos de políticas de regulação e de

“desenvolvimento” que intentam disciplinar e regular suas práticas, ao mesmo tempo, vale salientar, as práticas e o modo de vida nestes espaços moldam as formas do Estado agir. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho será o de analisar as diversas maneiras que o grupo de pescadores de Atafona – São João da Barra/RJ experienciam o Estado numa configuração de conflitos engendrados pela apropriação dos espaços entre estes pescadores, o Complexo Industrial e Portuário do Açú – situado na mesma cidade - e empreendimentos de extração de petróleo e gás na Bacia de Campos. O Estado pode ser representado por diferentes instituições, práticas e saberes, e como foi observado, muitas vezes essas forças podem se contrapor. Neste sentido, o Estado se apresenta através da imposição de documentos para regulação da prática pesqueira, como financiador do empreendimento que imprime a população e ao espaço marítimo mudanças e reconfigurações, como fiscalizador e regulador do território marítimo, através da Marinha, Capitania dos Portos, Ibama e Inea.

Palavras-chave: Pesca – território – Estado – desenvolvimento – gramáticas.

RESILIÊNCIAS NOS MANGUES AMAZÔNICOS: UM ENSAIO ENTRE ANTROPOLOGIA E ECOLOGIA INSPIRADO EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARAJOARA

Msc. Rafael Paiva de Oliveira Diaz. Doutorando do programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará; rafaeldiaz_kl@yahoo.com.br

Dra Voyner Ravena-Cañete. Professora adjunto da Universidade Federal do Pará

As populações que habitam e se relacionam com os manguezais do litoral amazônico inspirão a elaboração deste artigo. Foram referenciados pressupostos da Ecologia e da Antropologia, em um movimento de se deixar ensinar por essas populações, compreender, para então poder inferir sobre o quanto essas populações são dinâmicas e enfrentam as mudanças e imposições dos processos de desenvolvimento pensados para Amazônia. Estudos realizados em campo, na comunidade de Mangueiras, Cidade de Salvaterra, arquipelago do Marajó; uma área margeada pela Baía do Marajó e pelo Rio Paracauri, imersa em furos e igrapés. Esse ambiente e a interação com o mesmo norteiam os pensamentos sobre as relações com o mangue e suas resiliências. Este artigo pretende-se em um enfoque interdisciplinar, em áreas como: ecologia, antropologia, oceanografia e economia ecológica. Entendemos as populações dos manguezais como haliêuticas, ou seja, possuem como referência a relação com as águas, as interações entre os ambientes aquáticos e terrestres. Para conduzir este percurso entre baías, mares, marés, rios e mangues volta-se por vezes a uma Antropologia Ecológica, do Ambiente ou dos Materiais. Discussões sobre as políticas da natureza, a natureza humana e suas inter-relações, dialogando-as a uma etnografia e às memórias de trabalhos de campo realizados nos manguezais amazônicos durante a vida acadêmica nas ciências naturais e biológicas (2002 a 2012) e o campo antropológico realizado a partir de 2013. Este artigo faz crescer um pensamento a ser apresentado em formato de

Tese ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chaves: Populações Costeras, Resiliência, Manguezal, Marajó, Amazônia.

SER PESCADOR DE LA LAGUNA APEGO Y APROPIACIÓN TERRITORIAL EN LAGUNA DE ROCHA (ROCHA, URUGUAY)

Mag. Ximena Lagos; xialami@gmail.com

Dra. Estela Delgado

Dr. Juan Martin Dabezies

Lic. Ricardo Cetrulo

Centro Interdisciplinario para el Manejo Costero Integrado del Cono Sur (MCISur), Centro Universitario de la Región Este, UDELAR. Polo de Desarrollo Universitario Biodiversidad, Ambiente y Sociedad. Centro Universitario de la Región Este, UDELAR

Laguna de Rocha, pertenece al conjunto de lagunas costeras de la Región Este de Uruguay, siendo un sitio prioritario para la conservación por sus valores naturales y culturales, por lo que ha sido categorizado como Paisaje Protegido en el Sistema Nacional de Áreas Protegidas.

Particularmente, este trabajo, aborda los procesos de apego y apropiación social del territorio por parte de la comunidad de pescadores artesanales de Laguna de Rocha. La práctica pesquera en la laguna es parte de un proceso de transformación y apropiación del espacio desde las primeras poblaciones cazadora-pescadoras-recolectoras hasta la actualidad. De estas formas prehistóricas, la pesca mantuvo hasta tiempos históricos características asociadas a la movilidad territorial entre otras lagunas costeras de la zona y algunas actividades asociadas la caza y recolección.

La actual comunidad de pescadores de Laguna de Rocha, son familias asentadas mayoritariamente en la zona sur de la laguna, comúnmente denominada la barra. Esta comunidad presenta una identidad fuertemente arraigada a vivir en y de la laguna, la cual se configura como una entidad geocultural y en la cual los pescadores han desarrollado su vida, de generación en generación como parte de un proceso de apego, territorial y reproducción social en ese espacio. Sin embargo, desde lo normado, en el contexto del área protegida, el territorio lagunar es también un lugar de interacción y conflicto con los esquemas socioinstitucionales, frente a los cuales los pescadores han generado estrategias asociativas que les permiten reivindicar un modo de vida particular

vinculado a ser pescador de la laguna.

Palabras claves: pescadores artesanales, apropiación social, apego territorial, área protegida Laguna de Rocha.

AS REPRESENTAÇÕES ETNOCÊNTRICAS SOBRE OS PESCADORES ARTESANAIS E SEU IMPACTO NA FORMULAÇÃO E EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS: DOIS DRAMAS SOCIAIS NA LAGOA FEIA

Carlos Abraão Moura Valpassos;

valpassos@gmail.com

Caio César de Oliveira Busani; caio_busani@hotmail.com

Bolsista de Pós-Doutoramento PNPd CAPES no Programa de Pós Graduação em Sociologia Política (PPGSP/CCH/UENF). Pesquisador do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte-Fluminense – Luis de Castro Faria (NEANF); Bacharelado em Ciências Sociais Universidade Estadual do Norte Fluminense (CCH/UENF) Pesquisador do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte-Fluminense – Luis de Castro Faria (NEANF)

Este artigo discute os problemas criados por perspectivas etnocêntricas na condução de políticas públicas destinadas às populações haliêuticas do Brasil, tomando como caso de estudo os pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos, no norte do Estado do Rio de Janeiro. Partindo da observação de diferentes políticas públicas – as políticas Sanitaristas do Século XX e a implementação do Seguro Defeso no século XXI - são debatidas aqui algumas das representações sociais em torno do espaço lacustre e do “pescador” – como representação essencializada e homogênea – e suas implicações para o exercício da pesca artesanal.

Palavras-chave: Etnocentrismo; Pesca Artesanal; Representações Sociais; Saneamento; Seguro Defeso.

TODA NOITE CLARA É RUIM DE PESCAR, HOJE TODA A NOITE É CLARA. OS PESCADORES DO XINGU E A USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MON

Alves De Francesco. Doutoranda do Programa de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); anadefrancesco@gmail.com

A pesca, por ser uma atividade realizada na água, é as vezes entendida como um ofício caracterizado por uma mobilidade desterrada, como ocorreu em situação de judicialização de conflito envolvendo pescadores, quando um juiz disse “os pescadores [...] poderão se locomover e exercer suas atividades de pesca em outros trechos do Rio Xingu”. No contexto da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, em que os pescadores não foram em momento algum considerados atingidos pela obra, tornou-se um imperativo registrar e divulgar as dinâmicas e contornos de sua territorialidade. Neste sentido surgiu, a partir de uma parceria entre pesquisadores, as colônias de pescadores e uma ONG, a proposta de produção de um “Atlas dos pescadores” que procurou, por meio de pesquisa de campo e diversas técnicas de mapeamento, descrever o rio enquanto território conhecido, significado e habitado. Nesta apresentação procuro relatar a organização dos pescadores para a demarcação e descrição de sua territorialidade, a metodologia adotada e os resultados alcançados. Além disso procuro mostrar como categorias como “setor” e “ponto de pesca”, utilizadas tradicionalmente para orientar a atividade pesqueira e o manejo dos recursos, estando, portanto, na base de sua territorialidade, são hoje acionadas para denunciar os impactos sofridos e exigir reparações por parte do Estado e empreendimento. Por outro lado, procuro mostrar como os conhecimentos necessários para o exercício da atividade pesqueira são localizados e, não sendo o rio um espaço homogêneo, o pescador conhece os locais que percorre em seu dia-a-dia.

Palavras chave: territorialidade, pescadores, mapeamento, conflito, grandes obras.

A CIDADE, A LAGUNA E ALGUNS CANAIS DE ENCONTROS

Camila Ciccarone Tangerino. Arquiteta e Urbanista, mestranda em Preservação do Patrimônio Cultural / IPHAN; camilaciccarone@gmail.com

São Pedro da Aldeia, cidade localizada no Estado do Rio de Janeiro, é circundada pela Laguna de Araruama, referência e centralidade na dinâmica de ocupação do território. Após um intenso período de exploração de sal e conchas calcárias entre as décadas de 1940 e 1970, o turismo ocupa lugar de destaque na economia local. Grandes intervenções urbanas foram e estão sendo realizadas, afetando a relação entre cidade e laguna. Na última década houve forte incentivo do município para a construção de condomínios e abertura de grandes empresas. O crescimento da população, sem infraestrutura urbana adequada, acelera o processo de degradação da Laguna, sempre mais poluída e descaracterizada de sua salinidade. A laguna, os banhistas, os pescadores

e seus saberes sobre a pesca, sobre a dinâmica das marés, da lua e dos peixes, o mercado, lugar de comércio e encontro, a festa do peixe, a procissão marítima, o padroeiro da cidade e protetor dos pescadores, São Pedro: coexistem aqui identidades e diversidades de sentidos entre os moradores da região. É a partir das perspectivas destes diferentes grupos, seus hábitos e a relação com o espaço costeiro que será feita uma leitura deste território hoje.

Palavras chaves: Territorialidades; identidade; turismo; urbanização.

GT 109. INDÍGENAS Y EDUCACIÓN SUPERIOR: POLÍTICAS, EXPERIENCIAS Y PRODUCCIÓN COLABORATIVA DE CONOCIMIENTOS

Coordinadoras:

Dra. Ana Elisa de Castro Freitas Profesora de la Universidad Federal de Paraná-Brasil
anaelisa.freitas.ufpr@gmail.com

Dra. María Macarena Ossola Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) y Universidad Nacional de Salta-Argentina
macossola@gmail.com

Dra. Mariana Paladino Profesora de la Universidad Federal Fluminense-Brasil
marianapaladino@id.uff.br

Comentarista: Laura Rosso Profesora de la Universidad Nacional del Nordeste, Argentina.

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL/PET/ MEC E A FORMAÇÃO SUPERIOR DE INDÍGENAS: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO PET LITORAL INDÍGENA/UFPR NUM CENÁRIO DE AFIRMAÇÃO DOS DIREITOS

INDÍGENAS

Douglas Jacinto da Rosa

Ana Elisa de Castro Freitas. Brasil

O presente trabalho publiciza ações e estratégias no campo da extensão universitária, desenvolvidas através de tutoria, pelo autor, estudante indígena Kaingang do Curso de Gestão Ambiental da Universidade Federal do Paraná, bolsista do Grupo PET Litoral Indígena, na modalidade Conexão de Saberes do Programa de Educação Tutorial/PET/MEC, em diálogo com a autora, tutora e orientadora. Neste contexto, se configurou um campo ético e de relações estabelecidas com a Comunidade indígena Kaingang do Aldeamento de *Re kuju* -Campo do Meio-, bacia hidrográfica do Alto Uruguai e Complexo Taquari Antas com florestas de Araucária, município de Gentil/RS, coletividade de pertencimento do bolsista. As ações realizadas junto com a comunidade, têm como plano de fundo a reivindicação pela identificação e delimitação de *Re kuju*, seguida de demarcação e homologação nos termos do artigo 231 da CFB/1988, Decreto 1775/96 e Portaria 14/96. As atividades de pesquisa, ensino e extensão, em sua indissociabilidade, contribuíram para uma importante mobilização da comunidade, qualificada pela agência do bolsista, que elaborou uma petição para evitar mais degradação à terra indígena pleiteada. No percurso, categorias do pensamento Kaingang buscam um diálogo com categorias das ciências socioambientais, com vistas à afirmação dos direitos territoriais indígenas.

Palavras Chave: Programa de Educação Tutorial, Extensão Universitária, Floresta com Araucária, Kaingang, Terra Indígena Campo do Meio.

INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR E POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO INTERCULTURAL A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA REDE DE SABERES – MS/BRASIL

Antonio Hilario Aguilera Urquiza. UFMS, Brasil

O presente texto pretende aprofundar a reflexão conceitual e epistemológica acerca da possibilidade de diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos considerados “Ocidentais”, a partir do impacto na vida de indígenas nas universidades públicas no Estado Mato Grosso do Sul (Brasil). Esta região possui a maior quantidade de indígenas cursando a educação superior do país, ao redor de 900 estudantes. A presença dos povos indígenas na educação superior poderia ser compreendida como uma estratégia de luta para construir seus processos de autonomia? Indígenas e Universidades, uma relação de colonialidade ou possibilidade de construção de autodeterminação destes povos. Este texto é fruto de pesquisa em andamento com os

seguintes procedimientos metodológicos: inicialmente a investigação documental e bibliográfica, na tentativa de ler as experiências indígenas à luz de alguns autores e teóricos como Hall (2000), Bhabha (2003), Mignolo (2003), Freire (1970; 1992), Quijano (1992), Mato (2008; 2014; 2015), Aguilera Urquiza e Nascimento (2013) seguida pela experiência de trabalho de campo, realizada através de entrevistas semiestruturadas com estudantes indígenas participantes do “Programa Rede de Saberes – permanência de indígenas na educação superior”, especialmente com os egressos, aqueles que já terminaram a graduação.

Palavras-chave: colonialidade; indígenas e educação superior; interculturalidade; diálogo de conhecimentos.

ITINERANCIA COM LA COMUNIDAD QOM EM CLAVE ANTROPOLÓGICA: APORTES PARA EL DISEÑO DE COMUNIDADES EPISTEMICAS

María José Kiszka. Universidad Nacional Del Noroeste, Argentina.

Este trabajo presenta aportes conceptuales, edificados en diez años de trabajo desde diversos roles. Los espacios de trabajo y encuadres han sido tan diversos como complementarios: el rol técnico en proceso de diseño participativo de viviendas y espacios territoriales, intervenciones desde el campo psicosocial, participación en equipos y proyectos de investigación, trabajos de extensión, gestión de la promoción cultural entre los más significativos. Asimismo se ha participado en diversos puntos del territorio Chaqueño, tanto en contexto urbano como en contexto rural. Los aportes han prosperado en el tránsito de dos carreras de maestría cuyas temáticas de tesis convergen desplegando controversias en torno a la presente discusión: “El rol de la Universidad en la Producción social del hábitat” y “Caracterización del hábitat qom en contexto Urbano”.

El propósito de este trabajo es edificar aportes para la construcción de encuadres efectivos en términos de justicia cognitiva, reparación histórica promoviendo el encuentro de saberes para la construcción de una comunidad epistémica

Palabras clave: interculturalidad; el rol de la universidad; producción de conocimientos, comunidad epistémica.

ESTUDANTES INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA :TRAJETÓRIA ,PERMANÊNCIA E ADAPTAÇÃO AO “UNIVERSO ACADÊMICO”

Carlos Henrique P. Piedade. Universidade Federal da Bahia, Brasil

Por meio da resolução nº01/04, de Julho de 2004, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) inseriu no seu sistema de ingresso a chamada política de cotas. Desde então, a Instituição passou a receber em seus espaços sujeitos de camadas e grupos sociais historicamente segregados e desfavorecidos, em especial, os indígenas. Levando em consideração que tanto a permanência quanto a adaptação bem sucedida dos Indígenas ao “Universo Acadêmico” ainda representam um grande desafio para as Instituições Públicas de Ensino Superior que encontram-se, em sua grande maioria, mal estruturadas para o recebimento destes sujeitos, busca-se através deste trabalho fazer uma reflexão crítica e bibliográfica dos principais mecanismos de ações afirmativas implantados pela Pró-Reitora de Assistência Estudantil (PROAE) da UFBA, que buscam a manutenção, adaptação e acomodação destes estudantes ao contexto da Universidade uma vez que, é notório um conjunto de aspectos excludentes encontrados e vivenciados no espaço universitário.

Palavras-chave: ações afirmativas; ensino superior ; indígenas ; ‘universo acadêmico’.

LA CONCEPCIÓN DE LO INDÍGENA EN LAS POLÍTICAS DE FORMACIÓN DE PROFESIONALES PARA UNA EDUCACIÓN INTERCULTURAL DEL SIGLO XXI

Elba Gigante. Universidad Pedagógica Nacional, México

La presentación reporta algunos resultados de un proyecto de investigación en curso que analiza las concepciones sobre los indígenas que subyacen en el diseño de las políticas para la formación de profesionales vinculados con la denominada educación intercultural en México. Una de las premisas de este proyecto, es que las concepciones sobre lo indígena, y en especial sobre los jóvenes indígenas, que atienden los programas de educación superior, no han sido actualizadas a pesar de las profundas transformaciones que han sufrido los pueblos indígenas. Esas políticas oscilan entre la impronta universalista, que sigue prevaleciendo y hoy se hace patente en las leyes de la reforma educativa en curso, y los agregados de multiculturalismo con que se trata de responder a los compromisos que emanan de los reconocimientos de derechos a nivel nacional e internacional.

Se incluye también el análisis de las experiencias de producción colaborativa de conocimientos sobre estos asuntos con estudiantes indígenas, unos como tesis y otros mediante la participación en grupos focales en los que se ha discutido acerca de la concepción de lo indígena vivida por ellos como estudiantes en programas de educación superior.

Palabras clave: indígenas, concepciones, discurso cultural, políticas, prácticas pedagógicas.

ESTÁGIO PEDAGÓGICO DOS ALUNOS TAPIRAPÉ DO CURSO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL DA UFG

Mônica Veloso Borges. Universidade Federal de Goiás, Brasil

Nesta comunicação tenho por meta apresentar algumas reflexões sobre as pesquisas desenvolvidas e em desenvolvimento no Estágio Pedagógico do Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (Brasil), pelos alunos-professores Tapirapé, nas várias aldeias, localizadas próximas aos municípios de Confresa e Santa Terezinha, no Estado do Mato Grosso. Os temas abordados foram: a) roças tradicional e atual Tapirapé; b) Organização Sociolinguística Tapirapé; c) Organização Social Tapirapé, Arte e Escola; d) Festas tradicionais do Povo Apyãwa (Tapirapé); e) Nomes Próprios do Povo Apyãwa; f) Artesanatos masculinos e femininos do Povo Apyãwa; g) Pintura Corporal do Povo Apyãwa; h) Alimentação Tradicional do Povo Apyãwa e saúde. Além de apresentar e discutir como o Estágio sobre esses temas tem sido realizado, e como tem contribuído com a recuperação de antigas práticas culturais ou atividades que estavam caindo em desuso, pretendo ainda mostrar o alcance social e os resultados que esses estudos têm obtido, tais como um maior interesse na plantação de roças, uma maior valorização do consumo de alimentação tradicional ao invés de alimentação industrializada, a constante criação de novas palavras na língua Tapirapé em substituição aos empréstimos do português, e o aumento na confecção de artesanatos, movimentos que têm fortalecido a língua e a cultura maternas na escola e na comunidade.

Palavras-chave: Curso de Educação Intercultural; estágio pedagógico; povo Tapirapé; resultados sociais.

ALDEIAS, CIDADE E UNIVERSIDADE: REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE A RELAÇÃO DOS GUARANI COM O ENSINO SUPERIOR EM MARINGÁ

Samuel Douglas Farias Costa. Universidade Federal de San Carlos, Brasil

No município de Maringá, no norte central do Paraná, não se encontra nenhuma aldeia ou Terra Indígena (TI). Apesar desta constatação, a presença indígena é uma realidade e uma questão cada vez mais expressiva na cidade. Ensino superior, trabalho assalariado e comercialização de artesanatos, são alguns dos motivos que mobilizam a ida de indígenas para a cidade, que, em sua maioria, mantêm relações com duas instituições, a

Associação Indigenista – ASSINDI – Maringá e a Universidade Estadual de Maringá (UEM). A partir de experiência etnográfica junto aos Guarani que vivem em Maringá, o presente trabalho propõe algumas reflexões acerca do lugar dos(as) estudantes universitários(as) Guarani com relação à vida na cidade e a vida nas aldeias. A figura do(a) estudante Guarani está conectada a uma multiplicidade de elementos e implicações, como, relações de parentesco, compromissos políticos, relações de alteridade, relações com instituições, entre outras. Percorrendo estes caminhos diversos, este trabalho busca pensar sobre a presença Guarani no ensino superior maringaense em sua complexidade relacional.

Palavras-chave: ensino superior, indígenas universitários, cidade, Guarani, Maringá.

ENCONTRO ENTRE SABERES INDÍGENAS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS COMO *ESPAÇOS DE HESITAÇÃO*: O INGRESSO DE PROFESSORES E ESTUDANTES INDÍGENAS NA UFRGS

Valesca Daiana Both Ames. Universidade Federal de Rio Grande do Sul

O trabalho, em andamento, tem como objeto empírico o ingresso de professores e estudantes indígenas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que ocorre desde o ano de 2008, por meio de uma política de ações afirmativas. Segundo dados da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas (CAF/UFRGS), em 2014, havia 45 estudantes indígenas matriculados, sendo a maioria da etnia Kaingang. Dado este contexto de copresença entre distintas práticas de conhecimento, buscamos responder os seguintes questionamentos: quais elementos humanos (sujeitos) e não humanos (objetos) são agenciados nos deslocamentos e no encontro? Como sujeitos (conhecimentos, práticas, subjetividades) e objetos são transformados? O objetivo, portanto, é mapear a rede que se constitui em torno do ingresso de estudantes e professores indígenas na UFRGS, e as transformações que são, assim, engendradas. Teoricamente, seguimos Latour e Stengers, por meio dos conceitos de redes e cosmopolítica e os imbricamentos entre elementos humanos e não humanos (LATOURE, 1994; 2000; LATOURE; WOOLGAR, 1997; STENGERS, 2002; 2003; 2007); Anderson e Adams (2008), quando estes teorizam sobre os “conhecimentos viajantes”, aqueles que se deslocam de seus locais de produção; e Viveiros de Castro (2002) para pensarmos a cosmologia ameríndia e seus significados para corpo, pessoa, objeto, entre outros. Os procedimentos metodológicos se constituem na realização de uma etnografia multissituada, entrevistas semi-estruturadas e análise de materiais documentais. Atualmente, estão sendo realizados os primeiros contatos com estudantes e professores indígenas, com a finalidade de delimitar o u de pesquisa. Portanto, propomos um diálogo sobre uma pesquisa em construção.

Palabras-chave: conocimiento; indígenas; universidad.

“PARTICIPACIÓN INDÍGENA EN LA UNIVERSIDAD NACIONAL DEL NORDESTE: EXPERIENCIAS, ESPACIOS Y SABERES”

Laura Rosso. Universidad Nacional del Nordeste, Argentina

En esta ponencia propongo presentar avances preliminares de un estudio sobre participación indígena en una universidad convencional. Se trata de la Universidad Nacional del Nordeste (Argentina), en la que se implementa un programa institucional que tiene entre sus objetivos la inclusión de indígenas a carreras de grado, así como su participación en la gestión del mismo.

La participación indígena se promueve buscando aportar a la concreción de normativas internacionales, nacionales y provinciales que otorgan ese derecho, al tiempo que se basa en una lectura de experiencias y recorridos alcanzados por las organizaciones indígenas de la provincia del Chaco; escenario caracterizado por una intensa movilización y significativa visibilidad indígena.

Se focalizará la descripción en espacios y experiencias de participación surgidas en el marco del Programa Pueblos Indígenas (en adelante PPI). Los sujetos estudiados serán los referentes indígenas que integran la comisión asesora del programa, quienes ocupan esa posición en virtud de sus trayectorias en organizaciones indígenas de la provincia.

Interesa también iniciar la indagación sobre saberes vinculados a la organización, la lucha y la política que estos sujetos poseen, así como las habilidades que ponen en práctica para el manejo burocrático en la universidad, tales como la redacción de notas para petionar, interpelar a funcionarios, a otros indígenas; el registro que llevan de sus tareas, etc.; finalmente, la combinación que pudieran producir entre saberes burocrático-escolares y los propios ancestrales.

Palabras clave: educación superior – pueblos indígenas – participación.

LENGUAS INDÍGENAS E IDENTIDADES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR ARGENTINA. LOS CASOS DE SALTA Y SANTIAGO DEL ESTERO

María Macarena Ossola. Conicet/Unsa/Universidad Nacional de Santiago del Estero,
Argentina

Esta ponencia tiene el objetivo de discutir cuáles son los roles y los espacios institucionales que ocupan las lenguas indígenas en los proyectos de inclusión en la educación superior en dos provincias del noroeste argentino: Salta y Santiago del Estero. La primera provincia cuenta con nueve pueblos indígenas, muchos de los cuales mantienen una gran vitalidad en el uso de las lenguas indígenas. En Santiago del Estero, en cambio, la presencia indígena contemporánea es minoritaria y se vincula con los procesos de reemergencia étnica. No obstante, la lengua quichua es usada en Santiago del Estero por miles de hablantes (quienes no se identifican necesariamente como indígenas).

Tomando en cuenta la complejidad que revisten ambos casos (múltiples situaciones de uso de las lenguas indígenas y diversidad de adscripciones identitarias) en esta ponencia se propone: a: relevar la oferta formativa de nivel superior en materia de inclusión de la diversidad cultural y lingüística que existe en Salta y Santiago del Estero, b: reconocer qué roles (explícitos e implícitos) asumen las lenguas indígenas en los espacios formativos superiores y c: identificar las experiencias formativas de nivel superior de los jóvenes hablantes de lenguas indígenas en las dos provincias.

Palabras clave: Educación superior, lenguas indígenas, identidades, inclusión, jóvenes.

VISIBILIZANDO A LOS ESTUDIANTES INDÍGENAS EN LA UNIVERSIDAD DE LOS LAGOS: EL CAMINO PARA DESARROLLAR ACCIONES AFIRMATIVAS Y LOGRAR TRAYECTORIAS FORMATIVAS EXITOSAS

María Elena González Plitt

Martín Quintana Elgueta

Universidad de los Lagos, Chile

La Universidad de Los Lagos es la única institución de educación superior estatal de la Región de Los Lagos en Chile y cuenta con una matrícula total de 9.182 estudiantes entre carreras técnicas y profesionales.

Desde el año 2015 la institución incorporó la caracterización de sus estudiantes de nuevo ingreso datos relativos a ascendencia indígena, gracias a ello hoy sabemos que un

30% de la población estudiantil que ingresó a la institución, está constituida por estudiantes que se declaran con ascendencia mapuche-huilliche, cifra que duplica el porcentaje de población indígena de la Región (14,7% según Censo 2002).

Hasta la fecha las prácticas institucionales que recogen esta diversidad cultural han sido más bien aisladas y por ello no se han generado - en los diversos ámbitos del quehacer corporativo - líneas de trabajo que consideren específicamente la particularidad indígena de sus estudiantes. No obstante la institución establece entre sus valores institucionales el compromiso con la diversidad cultural y la interculturalidad.

Considerando lo anterior se ha desarrollado una propuesta que pretende evaluar las condiciones objetivas de ingreso, permanencia y egreso de los estudiantes indígenas, para a partir de dichos resultados, generar líneas de acción para esta población estudiantil que impacten en el fortalecimiento de su identidad y en trayectorias formativas exitosas. Como universidad estatal este reto trasciende la noción de eficiencia y releva el rol público en un escenario de creciente tensión social y política entre Estado y pueblos originarios.

Palabras clave: estudiantes huilliches; educación superior; identidad y trayectorias formativas.

POLÍTICAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE ACADÊMICOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Adriana Oliveira de Sales

Eugenia Portela de Siqueira Marques. UFGD / Docente em Licenciatura Intercultural Indígena, Brasil

Há mais de uma década o acesso à educação superior pública brasileira tem ampliado significativamente as possibilidades de acesso e permanência, paralelamente foram implementadas políticas afirmativas e focalizadas direcionadas a grupos que historicamente foram impossibilitados de ingressar nesse nível de ensino, em virtude de desigualdades educacionais, socioeconômicas, de gênero e raça/cor. Segundo dados do último Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no ano de 2003 o Brasil possuía 3.989.266 estudantes matriculados na graduação. No ano de 2013, foram registrados 7.322.964 matriculados, representando um crescimento de 83,35% (INEP, 2013). Nesse sentido, esta comunicação visa discutir as políticas de acesso e permanência para indígenas na Universidade Federal da Grande Dourados em Mato Grosso do Sul.

EDUCAÇÃO SUPERIOR E POLÍTICAS AFIRMATIVAS PARA A POPULAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL: OS DESAFIOS PARA ALÉM DO ACESSO

Eugenia Portela de Siqueira Marques

Maurício José dos Santos Silva

UFGD, Brasil

O acesso à educação superior no Brasil, historicamente se constituiu em um desafio a ser superado. A democratização do ensino superior tem sido constantemente discutida durante as últimas décadas tendo como foco a urgência da implementação de políticas públicas que garantam o acesso e à equidade. As reivindicações dos movimentos sociais, em especial de negros e indígenas pressionaram o Estado brasileiro para que fossem implementadas políticas públicas de ações afirmativas para garantir o acesso de negros, indígenas e também dos egressos de escolas públicas, a esse nível de ensino. Este artigo tem como objetivo de analisar as políticas de ações afirmativas e o acesso da população indígena nas universidades do município de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul –Brasil. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, análise de fontes documentais e legislações específicas dos programas de acesso e permanência. O acesso dos jovens indígenas geram inúmeros desafios para a universidade, entre eles destaca-se a permanência. O acompanhamento e a avaliação dos programas de assistência estudantil se constitui em uma das estratégias que poderão contribuir para o êxito desses acadêmicos, sem excluir a necessidade de outros mecanismos que possam garantir a permanência, o êxito acadêmico e o fortalecimento identitário.

Palavras-chave: Educação superior. Ações Afirmativas para Indígenas. Acesso e permanência.

ESTUDIANTES GUARANÍES, INVESTIGACIÓN Y GESTIÓN EN INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR

Yamila Irupé Nuñez. FHyCS-UNaM, Argentina

Nuestro objetivo es presentar el Programa Jaguata pavá'á Nëmbo'éapy – Caminemos todos por la Educación – recientemente aprobado por la Secretaría de Políticas

Universitarias (SPU) de la Universidad Nacional de Misiones (UNaM). Y mediante un recorrido por los antecedentes que llevaron a la implementación de este Programa, analizar algunas dificultades encontradas en las trayectorias educativas de los estudiantes guaraníes de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales (FHyCS) de la UNaM, quienes fueron los primeros en ingresar al nivel educativo superior entre los estudiantes que actualmente forman parte del Programa. Finalmente, utilizaremos esta instancia para discutir algunas concepciones arraigadas acerca del trabajo del Antropólogo en instituciones públicas.

Palabras Clave: Guaraníes, Educación superior; Gestión, Investigación.

ENTRE A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE: POVOS INDÍGENAS E O ENSINO SUPERIOR EM RORAIMA

João Francisco Kleba Lisboa. UnB, Brasil

A inserção de indígenas no ensino superior no estado de Roraima é vista por estes como uma via possível para a obtenção de sucesso pessoal e profissional ou então para contribuir coletivamente com as lutas por direitos e com a melhoria das condições de vida em suas comunidades e povos de origem. Nas falas desses acadêmicos indígenas, entra-se em contato com trajetórias e narrativas que operam uma verdadeira costura entre a maloca (comunidade, aldeia) e a cidade, entre os saberes tradicionais que ouvem de seus pais e avós e os saberes científicos que aprendem nos bancos da faculdade, entre diferentes modos de vida, valores, ambientes e rotinas. A ideia promissora de “voltar para a comunidade com o diploma na mão” existe já no momento da escolha do curso, quando se leva em conta a carência e utilidade de certas profissões junto às comunidades indígenas. Ao mesmo tempo, a opção de viver e trabalhar na cidade de Boa Vista apresenta-se com ares de imperativo, seja pela maior probabilidade de encontrar emprego após a conclusão do curso, seja pelos atrativos materiais e financeiros oferecidos. O dilema de o que fazer com o diploma retoma assim discussões anteriores: sobre os reais objetivos da escola indígena, sobre que tipo de conhecimento valorizar ou sobre o conflito de gerações entre mais jovens e mais velhos. Refletetambém alguns problemas pertinentes à antropologia, como relações indivíduo-sociedade, tradição-modernidade, colonialismo-emancipação, entre outras questões que emergem dos discursos locais, em permanente reelaboração.

Palavras-chave: Roraima; Povos Indígenas; Ensino Superior; Comunidade; Formação.

A EDUCAÇÃO SUPERIOR PARA INDÍGENAS NO DISCURSO DA CORTE CONSTITUCIONAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO ACÓRDÃO DA ADPF

N. 186 DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Eduardo Harder

Ana Elisa de Castro Freitas

UFPR. Brasil

Em 2012 a corte constitucional brasileira (STF) se pronunciou acerca da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n. 186 emitindo sua posição sobre as políticas de ação afirmativa em curso nas universidades brasileiras desde o início da década de 2000. O Acórdão, um extenso arrazoado sobre as concepções jurídicas e filosóficas da matéria, discorre sobre políticas públicas de educação superior que visem a promover os ideais de igualdade e liberdade desde uma perspectiva substancial ou conforme condicionantes materiais presentes no cotidiano da sociedade brasileira. O olhar do julgador estava voltado, de forma preponderante, à ausência de estudantes negros nas universidades e instituições federais de ensino superior. Outra ausência examinada é a de estudantes indígenas. O tema emerge nos debates que antecedem a decisão final da corte constitucional e no próprio julgamento, que resultaram na Lei n. 12.711/2012 (Lei de Cotas). O Acórdão de uma instância judicial superior possui a prerrogativa de servir como uma espécie de modelo a orientar as ações do Estado brasileiro. A partir de um eixo de análise estabelecido em torno das categorias “etnia” e “raça”, o presente estudo de antropologia jurídica busca examinar a configuração da presença ameríndia no repertório da corte constitucional brasileira bem como trazer uma síntese dos fundamentos destes conceitos.

Palavras chave: raça, etnia, ações afirmativas, educação indígena, antropologia jurídica.

TUDO É LINGUAGEM? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E EXTENSÃO COM ESTUDANTES INDÍGENAS DO POVO XERENTE

Marisa Souza Neres. UFT, Brasil

A proposta que ora se faz tem por objetivo narrar e compartilhar minhas experiências nas práticas de ensino e extensão que realizei com estudantes da etnia Xerente durante um período de mais de quatro anos atuando como professora na Universidade Federal do Tocantins. As atividades de ensino e também de extensão foram realizadas com estudantes indígenas Xerente dos cursos ofertados no Campus de Porto Nacional da

UFT. Quando iniciei meu trabalho com povos indígenas, acreditava que a minha formação em Ciências Sociais e o meu desejo de colaborar para o sucesso da formação superior dos estudantes indígenas fossem suficientes para atingir os meus objetivos. Todavia, os mais de quatro anos que passei trabalhando com esse povo, e com os estudantes em particular, me ensinaram que a minha formação e o meu desejo de colaborar não eram suficientes – não obstante a relevância do trabalho que conseguimos realizar. Havia barreiras a ser vencidas que eu ignorava. Barreiras linguísticas. As barreiras linguísticas constituem-se como corolário de barreiras culturais e, na verdade, é muito difícil precisar onde terminam umas e onde começam as outras. Descobri com meu trabalho algo que parece óbvio: a nossa linguagem e a nossa cultura são inconscientes e aprender esta lição me mostrou o porquê de o meu intento inicial não ter podido se concretizar como eu imaginava então. O aprendizado desta lição sobre o tema da linguagem em diálogo com minhas práticas docentes é o que desejo compartilhar com a narrativa que proponho apresentar.

Palavras-chave: Xerente, linguagem, cultura, ensino superior, alteridade.

A DURAÇÃO DO CAMINHAR: TEMPORALIDADE, CONFLITOS E TRANSFORMAÇÕES NA FORMAÇÃO SUPERIOR DOS POVOS KAINGANG E GUARANI NO NORTE DO PARANÁ

Ana Caroline Goulart. UFPR, Brasil

Transformar os sentidos da própria história a partir do enfrentamento dos medos, da rejeição, de desejos e sonhos é uma característica potencial no percurso acadêmico e extra-acadêmico que tem sido traçado pelos Kaingang e Guarani na Universidade Estadual de Londrina – região norte do Paraná. Desses percursos resultou minha dissertação de Mestrado em Antropologia Social, realizado na Universidade Federal do Paraná, sendo o presente artigo resultado dessa pesquisa. Entre as muitas sensações e experiências proporcionadas pela vida acadêmica, a temporalidade desponta como elemento principal das transformações aqui mencionadas, bem como um fator de controle e cobrança. Há um conflito entre o tempo instituído (o acadêmico) e o tempo vivido (experiências indígenas), que, nos termos colocados por professores da Universidade, resulta no “prolongamento da graduação”. Oriente minha reflexão a partir desse questionamento do prolongamento, pois dele surgem inúmeras situações que envolvem a vida acadêmica, como os afastamentos temporários da universidade e conflitos produtores de revalorizações históricas e identitárias. Estas são noções que indicam as possibilidades de pensar a formação superior indígena, colocando em diálogo diferentes perspectivas sobre temporalidade, permanência e evasão. Em outras palavras, destaco a singularidade presente nos caminhos percorridos por Kaingang e Guarani, envolvendo a permanência e a “evasão”, ou como meus interlocutores preferiam dizer: o afastamento temporário. Opto por essa abordagem, pois o que esses percursos de “prolongamento” demonstraram ao longo da pesquisa é que se faz necessária a compreensão dos processos particulares de familiarização e subversão de

ordens e interesses que constituem o universo da formação superior indígena.

Palavras-chave:prolongamento; permanência; temporalidade; afastamentos; autoimagem.

RETOS EN LA ENSEÑANZA DE LENGUAS EN LA LICENCIATURA EN EDUCACIÓN INDÍGENA DE LA UNIVERSIDAD PEDAGÓGICA NACIONAL EN MÉXICO

Gilberto Braulio Aranda Cervantes. Universidad Pedagógica Nacional, México

La Universidad Pedagógica Nacional en la ciudad de México ofrece la *licenciatura en Educación Indígena*. A ella acuden estudiantes que provienen de diversas regiones del país y la mayoría de ellos son indígenas según el criterio de autoadscripción; para algunos su L1 es una lengua indígena (hablan el español pero no siempre lo dominan); pero en muchos casos su L1 es el español (conocen en muy diversos grados al menos una lengua indígena o incluso no conocen ninguna). El perfil de ingreso señala que los aspirantes deben conocer una lengua indígena o deben estar interesados en aprenderla.

El currículum incluye la materia de “Uso y reflexión sobre las lenguas indígenas” en el primer semestre y de “Lengua y prácticas del discurso académico” en el segundo. En este último caso, se trata de un curso que pretende trabajar en torno a una alfabetización académica, principalmente sobre las peculiaridades de la lectura y la escritura en la universidad. Ambas asignaturas han sido impartidas por el ponente.

En este trabajo se van a exponer expectativas manifestadas en trabajos y actividades escolares, por alumnos de dichas asignaturas, en torno al aprendizaje y/o enseñanza y/o uso de las lenguas indígenas, así como de la lectura y escritura con fines académicos; asimismo se contrastarán estos puntos de vista con lo que la universidad les ofrece para el aprendizaje de lenguas.

Palabras claves: universitarios indígenas; educación superior; aprendizaje de lenguas, alfabetización académica; interculturalidad.

UNIVERSIDADE COMO FRONTEIRA? AÇÕES AFIRMATIVAS E A PRESENÇA INDÍGENA NO ENSINO SUPERIOR

A temática do ensino superior para indígenas no Brasil tem angariado novos espaços de discussão desde as primeiras iniciativas por meio de cursos de Licenciaturas Interculturais e dos programas de Ações Afirmativas, sobretudo na última década. Esta experiência recente e em curso tem angariado novos debates, questionamentos e problematizado (e evidenciado) contradições e incoerências existentes na estrutura educacional e universitária do país. Este ensaio parte deste contexto para compreender como as políticas de inclusão de indígenas no ensino superior tem se delineado e as possibilidades e deslocamentos epistêmicos que a presença destes estudantes tem (ou não) propiciado na universidade. O objetivo é discutir e analisar quais os diferentes usos e sentidos da universidade para os indígenas e como suas diferenças são negociadas, impactadas e reconhecidas na universidade. O trabalho tem sido desenvolvido a partir de trabalho de campo realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que desde 2008 adota um vestibular diferenciado para ingresso de povos indígenas e do acompanhamento do Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), evento anual organizado pelos estudantes indígenas ocorrido desde 2013. Por fim, a partir dos relatos das experiências dos estudantes indígenas na universidade propomos a reflexão da universidade como fronteira como possibilidade de compreensão de um espaço em que seja possível articular conhecimentos, experiências ao mesmo tempo em que novos marcadores de diferença são enunciados.

Palavras Chave: Ações Afirmativas, Povos Indígenas, Ensino Superior, Fronteira.

**PROCESSO SELETIVO DA LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
- *TEKO ARANDU*: AVALIANDO A ENTRADA ESPECÍFICA E
DIFERENCIADA EM UM CURSO PARA OS GUARANI E KAIOWÁ NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD**

Cássio Knapp

Andérbio Márcio Silva Martins UFGD, Brasil

Neste trabalho, apresentaremos o Processo Seletivo da Licenciatura Intercultural Indígena - PSLIN, pondo em relevo as políticas de valorização e fortalecimento da língua materna dos candidatos a partir da avaliação das competências orais (falar e entender) e escritas (ler e escrever) que devem ser demonstradas nas fases da avaliação (MARTINS & SALES, 2012). No que diz respeito ao ingresso nessa Licenciatura, os candidatos são submetidos a uma série de avaliações que se divide em quatro momentos: uma prova objetiva de diversas áreas do conhecimento, escrita em língua

portuguesa; prova de redação para avaliar o domínio de escrita em língua portuguesa; prova de redação para avaliar o domínio de escrita em língua guarani; e uma avaliação oral em língua Guarani para identificar o nível de fluência que cada candidato possui. Partimos do pressuposto de que é responsabilidade da UFGD contribuir com o processo de valorização da língua Guarani: oralidade, leitura e escrita, uma vez que a língua, ao se tornar objeto de avaliação, passou a ter um lugar de prestígio ainda não alcançado em outros contextos (MARTINS & KNAPP, 2015). Entretanto, alguns desafios para a manutenção e qualidade desse processo devem ser considerados: divulgação do processo, inscrições, elaboração e aplicação das provas, correção das redações, avaliação da competência oral, variação linguística, divulgação dos resultados e matrícula. Diante disso, realizaremos uma reflexão crítica sobre a entrada diferenciada dos Guarani e Kaiowá em um curso específico da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD.

Palavras-chave: Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu*; Processo Seletivo; Guarani; Kaiowá; Políticas Linguísticas.

PROFESORADOS CON ORIENTACIÓN EN EIB EN SALTA. EXPERIENCIAS, APROPIACIONES, TENSIONES Y DESAFÍOS

Álvaro Guaymás

Glória Mancinelli

Universidade de Buenos Aires e Universidade Nacional de Salta, Argentina

El presente trabajo tiene como principal objetivo reflexionar en torno a las experiencias que se desarrollaron en los espacios de formación docente para la modalidad de Educación Intercultural Bilingüe (EIB) a cinco años de su conformación en la provincia de Salta. Se trata del Profesorado en Educación Primaria con orientación en EIB, carrera que se dicta en 9 Institutos de Educación Superior y que conforman la actual política educativa en el Nivel Superior de la provincia, con el objetivo de mejorar las deficiencias de los modelos educativos anteriores que procuraron atender la diversidad étnico-cultural y lingüística que se expresa en la provincia. Una de las características cuestionables de dichas políticas es el énfasis puesto en los Niveles Inicial y Primario desentendiendo la necesidad de políticas específicas para los Niveles Medio y Superior.

Desde este encuadre, la ponencia propone analizar la conformación de estos espacios en tanto oferta educativa de Nivel Superior, que apunta a la inclusión de jóvenes indígenas procurando situar estos Profesorados en lugares estratégicos para facilitar el acceso, la permanencia y el egreso. Atendiendo esta articulación entre inclusión y territorio se busca indagar en las apropiaciones, tensiones que se fueron deslindando en dichas experiencias, y que van configurando nuevos desafíos para las actuales políticas

educativas de la provincia.

Palabras claves: Formación docente, políticas educativas, jóvenes indígenas, EIB, Territorialidad.

CATEDRA LIBRE DE PUEBLOS ORIGINARIOS-UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PATAGONIA SAN JUAN BOSCO: EXPERIENCIAS, INTERPELACIONES Y DESAFÍOS

Sonia Liliana Ivanoff

Daniel Leonidas Loncon

Universidad Nacional De La Patagonia San Juan Bosco, Argentina

La CATEDRA LIBRE DE PUEBLOS ORIGINARIOS – CLPO- dependiente de la Secretaría de Extensión Universitaria de la Universidad Nacional de la Patagonia “San Juan Bosco”, fue creada en el año 2008, y viene trabajando en proyectos de articulación, vinculación y promoción de los derechos de los pueblos originarios en la Patagonia, puntualmente en la Provincia de Chubut.

Desde su inicio, tuvo como misión dar una respuesta social a una demanda concreta realizada a la Universidad por parte de las autoridades de las comunidades indígenas, conformando una propuesta curricular que fue adquiriendo su fisonomía particular, que trasciende más allá del espacio territorial vinculante de la Sede de Comodoro Rivadavia (Chubut).

El equipo de la CLPO se propone dar cuenta de las experiencias, las interpelaciones y desafíos que se enfrenta en lo cotidiano, pero que sobretodo ha permitido la concreción de sus objetivos, entre ellos, constituirse en un espacio de educación intercultural en el ámbito universitario. El reconocer la diversidad de valores y los distintos modos de aprendizajes son elementos centrales en la elección de las actividades y programas que desarrolla la CLPO.

La CLPO se ha propuesto articular distintas líneas de trabajo, que tienen un denominador común, que es generar mayores espacios de visibilidad y de articulación de los pueblos originarios, ello se tradujo en tanto experiencias hacia adentro de la comunidad universitaria, como por fuera de la Universidad, trasladando sus aulas a los territorios indígenas.

Palabras claves: jóvenes indígenas, pueblos indígenas; educación superior; derecho a la educación; interculturalidad.

EDUCACIÓN SUPERIOR COMO DEMANDA Y COMO RECURSO EN DISPUTA EN ESPACIOS INTER-ÉTNICOS. UN ANÁLISIS EN LAS COMUNIDADES WICHÍ DE SALTA

Gloria Mancinelli. Universidad Nacional de Salta, Argentina

El principal objetivo de este trabajo, consiste en producir algunas reflexiones entorno a demandas de educación superior que se vienen planteando en comunidades wichí de la provincia de Salta.

Dichas demandas se inscriben en el conjunto de los reclamos educativos que vienen planteando los movimientos sociales indígenas latinoamericanos, en pos del reconocimiento de las condiciones pluri-étnicas y pluri-lingüísticas de nuestro país. Pero también deben comprenderse en relación al impacto que las actuales políticas productivas y extractivas han tenido en los territorios donde se asientan estas poblaciones.

De esta forma, se analiza en primer lugar los reclamos de acceso a educación superior en relación a los procesos de disputas y reconfiguraciones territoriales que atraviesan a estas poblaciones como consecuencia del actual modelo extractivo que se desarrolla en la región nordeste de la provincia de salta. En segundo lugar, comprendiendo que dicho contexto ha convocado al espacio a nuevos actores sociales (equipos de investigación y de extensión, ONGs, Fundaciones, agentes estatales) que desde sus practicas participativas reconfiguran el espacio social, analizamos de qué manera intervienen en la configuración de dichas demandas y contribuyen en la estructuración de prácticas que hacen posible condiciones para el acceso a la educación superior en estas poblaciones.

INVISIBILIDAD, SUPERFICIALIDAD Y COMPLEJIDAD IDENTITARIA EN LA “EDUCACIÓN INTERCULTURAL”

José Luis Ramos. Escuela Nacional de Antropología e Historia, México

La ponencia está dividida en dos partes. En la primera atiendo la triple problemática señalada en el título. Más adelante, muestro un ejemplo de la identidad socioétnica de docentes indígenas mixtecos, que asisten a la universidad para capacitarse pedagógicamente.

Al buscar literatura sobre la identidad étnica en proyectos, programas y experiencias escolares relativas a la educación intercultural pude apreciar tres problemas(en México). El primero, la invisibilidad de este componente cultural; en un número alto de investigaciones sociales y educativas ni siquiera se menciona el tema identitario. Y cuando se acota como un elemento importante, hasta ahí llega la mención, no se investiga sobre ella, tornándose en el segundo problema, su tono superficial. El tercer problema ocurre cuando los estudiosos sobre la identidad, refieren continuamente a su carácter complejo, pero nunca indican de manera expresa orientaciones teóricas y metodológicas para acceder a esa complejidad identitaria.

Para atender esta triple problemática vengo trabajando sobre la identidad socioétnica de maestros indígenas (y no-indígenas) mixtecos. Integré conceptual y teóricamente lo relativo a la identidad social con entenderla como una representación social. Los sujetos de estudio son docentes que estudian en una Subsede (regional) de la Universidad Pedagógica Nacional. Presentaré algunos resultados de la investigación en la segunda parte de la ponencia, a manera de ejemplo.

Por último, en México es usual emplear el término de educación intercultural; sin embargo, seguimos ubicados en la educación indígena, por ello uso comillas en el título de la ponencia.

Palabras clave: complejidad identitaria, identidad socioétnica, maestros indígenas mixtecos y educación indígena.

ESTUDIANTES INDÍGENAS EN LA UNIVERSIDAD ECUATORIANA. ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS, BECAS, CUPOS E INCLUSIONES

María Verónica Di Caudo. Universidad Politécnica Salesiana-Quito-Ecuador

A partir de la declaración constitucional del Ecuador como estado plurinacional e intercultural (2008) y de la nueva Ley Orgánica de Educación Superior (2010), han sido incorporados proyectos sobre gratuidad educativa y acceso a la universidad en la política pública con el objetivo de incluir a grupos históricamente excluidos. En este contexto y como resultado de un convenio con el Estado, en la Universidad Politécnica Salesiana, a través de becas otorgadas por un plan piloto de cuotas, han ingresado jóvenes estudiantes indígenas desde el año 2014.

Propongo describir y analizar la puesta en marcha de este plan y el programa de acompañamiento, problematizando los modos en que se involucran en este proyecto político-educativo para la inclusión de indígenas en la universidad, funcionarios, autoridades universitarias, profesores, personal administrativo y estudiantes.

La ejecución inicial del plan me permite exponer algunos resultados de una investigación etnográfica que dan lugar a comprender formas en que se construye la

alteridad y se consolidan formas contradictorias de relación con estos Otros, los jóvenes indígenas, analizar concepciones de las políticas denominadas "interculturales" tal como se actualizan en los discursos y las prácticas y poner en discusión dichas políticas que promueven una articulación entre lo intercultural y tendencias educativas profesionalizantes y homogeneizantes.

Palabras claves: Universidad. Jóvenes estudiantes indígenas. Inclusión universitaria. Política de cuotas.

DO ÑANDEREKO AO KAMÉ E KAIRU: ETNOGRAFIA SOBRE O PET INDÍGENA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Renata Colbeich da Silva

Fernanda Ströher Barbosa

UFSM, Brasil

O Pet Indígena ÑandeReko (nosso modo de ser) é um programa de educação tutorial na modalidade Conexões de Saberes que vem sendo financiado pelo MEC desde 2011, conta atualmente com 12 estudantes indígenas de diversas etnias, na modalidade bolsista, e voluntários indígenas e não indígenas atuando como pesquisadores associados. A estruturação do projeto se liga e remete à história da presença indígena em Santa Maria e ao impacto que a mesma vem causando na sua população em diferentes momentos de sua história. Diante disto, o presente trabalho tende a dar conta do relato da inserção da pesquisa neste grupo através do método etnográfico e como são produzidos os conhecimentos dos acadêmicos indígenas dentro da Universidade Federal de Santa Maria diante do processo do tornar-se pesquisador. O diário de campo retrata além de uma dura inserção e constante negociação com o mesmo, a interface das políticas públicas propostas pela universidade e seu reflexo sobre as atividades demandadas do grupo. As primeiras percepções e conclusões vão ao encontro do caráter multiétnico e multidisciplinar do Pet Indígena, para uma formação acadêmica destes estudantes que vá além da volta à suas comunidades originárias. Além disso, o processo de reconhecimento e autonomia desses sujeitos remete a interlocuções entre diversas especificidades de cada etnia, especialmente ao diálogo entre culturas escolares e os saberes tradicionais em circulação, além de desvelar os desafios metodológicos de agenciar epistemologias diversas através das lógicas vigentes no sistema acadêmico

universitário.

Palavras-chave: Pet Indígena NãndeReko; Educação Indígena; Etnologia Ameríndia; Políticas Públicas, Educação Tutorial.

UNIVERSIDADES INTERCULTURALES FRENTE A LA ACREDITACIÓN: LA CONTRADICTORIA MEDICIÓN DEL DESARROLLO EN EL CAMPO DEL SABER INTERCULTURAL

Inés Olivera Rodríguez. UNAM, México

Me propongo presentar algunas reflexiones iniciales y avances del trabajo de investigación de mi tesis doctoral; propongo llevar al GT algunas pautas y pasos que vengo siguiendo para la construcción de indicadores pertinentes de evaluación y acreditación para Universidades Interculturales (UIs) en México, específicamente acompaño, en un trabajo participativo y de retroalimentación, a los equipos académico, directivo y de investigación de la Universidad Veracruzana Intercultural (UVI).

Me centro en cómo lograr que los procesos de evaluación y acreditación universitaria vigentes sean capaces de garantizar la calidad en las UIs, sin convertirse en herramienta de desprestigio y desactivación de las mismas. El problema que identifiqué, y que me lleva a señalar este peligro, es que los criterios de evaluación utilizados son construidos a partir del objetivo, no explícito del aporte al desarrollo y la respuesta al mercado laboral. Sostengo que aunque estos dos elementos se han perfilado históricamente como los justificantes de la educación, no son explícitos y limitan enormemente la comprensión de los verdaderos aportes de la escolaridad a la sociedad.

En el marco de los 10 años de la UVI cumplidos este año, se han llevado a cabo procesos internos de evaluación y reflexiones que he podido acompañar. Lo más importante en el proceso de pensar la construcción de indicadores ha sido la reflexión en torno a lo logrado en la práctica existencia de la UVI; es decir, la visualización de lo diferencial del proyecto intercultural universitario. En este proceso y de forma colectiva hemos identificado algunos temas clave que tomamos como conceptos centrales para la definición de indicadores: Bien vivir e Vinculación.

Por traer esta reflexión, en torno a lo diferencial del proyecto universitario intercultural y trabajar una problemática urgente como es la presión por la evaluación y la acreditación, es que pienso que la ponencia que propongo puede ser interesante para el debate del GT 109.

Palabras clave: Universidades Interculturales – Bien vivir – Vinculación – Acreditación Universitaria.

GT 111. ARTE E ANTROPOLOGIA: NOVAS ABORDAGENS, NOVAS RELAÇÕES

Coordenadores:

Dr Alex Flynn (Lecturer in Anthropology - University of Durham, UK) Department of Anthropology University of Durham County Durham

alex.flynn@durham.ac.uk

Dayana Zdebsky de Cordova (Doutoranda - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
dayanazde@gmail.com

Sessão 1 – Circulação e praticas

TRADICIÓN E INVENCIÓN. PINTURA CONTEMPORÁNEA DE LOS BORAS Y HUITOTOS DE LA AMAZONÍA PERUANA

María Eugenia Yllia Miranda

Instituto de Investigaciones Museológicas y Artísticas. Universidad
Ricardo Palma; marupe1@gmail.com

El objetivo de esta presentación es abordar el surgimiento y trayectoria de la pintura bora y huitoto de la Amazonía Peruana que en los últimos veinte años se ha erigido

como uno de los fenómenos artísticos peruanos más importantes y espacio de representación política de sus autores en la esfera pública nacional e internacional. A través de una selección de obras de Víctor Churay, Brus Rubio y Santiago y Rember Yahuarcani destacaremos el papel protagónico que han tenido los antropólogos e investigadores como agentes en este proceso. De manera paralela y dialógica contextualizaremos desde la historia del arte, la pintura indígena amazónica bora y huitoto como un género del arte contemporáneo que responde a un largo proceso de renovación de valores estéticos, con una lógica de producción distinta. Su emergencia revela la transformación de sus sociedades de origen y al mismo tiempo la ampliación de los restringidos y excluyentes circuitos de circulación del arte contemporáneo. Los imaginarios plasmados por los pintores revelan discursos que van desde la objetivación de la realidad hasta la expresión de subjetividades a través de imaginarios que dejan ver las tensiones y encuentros entre la teoría antropológica, la historia del arte, el mercado del arte contemporáneo así como la irrefutable interrelación que existe entre estos sectores.

Palabras clave: Arte contemporáneo, historia del arte, mercado del arte contemporáneo.

COLABORACIÓN, CREATIVIDAD Y POLÍTICA: UNA APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA A LOS MODOS DE HACER Y PENSAR EL CINE DOCUMENTAL EN CHILE

María Paz Peirano

University of Kent/Universidad Diego
Portales; mp.peirano@gmail.com

El cine documental chileno vive un momento excepcional. Desde 2010 el número de documentales ha incrementado y varios de ellos han conseguido un éxito sin precedentes en los circuitos internacionales de festivales de cine, un mercado fundamental que funciona como “portero” del cine-arte “del mundo” a nivel global. La producción y exhibición en Chile, sin embargo, sigue evidenciando una profunda precariedad, lo que ha conducido a nuevas formas posibles de hacer, pensar y distribuir el cine a nivel local. Modos recientes de producción documental han re-significado formas tradicionales de colaboración y creación colectiva, potenciando la construcción

de nuevas subjetividades, materialidades e imaginarios culturales y visuales.

Este trabajo analiza estas nuevas estrategias creativas del documental chileno desde la antropología, basándose en la investigación etnográfica del “campo de producción” (Bourdieu 1993) cinematográfico realizada entre 2011 y 2014. Explora los modos en que los trabajadores del arte e “industrias creativas” (Banks y Hesmondhalgh 2009) deben lidiar con la incertidumbre y tensiones propias de las condiciones de producción del capitalismo tardío (Boltanski y Chiapello 2005), enfrentando las dificultades de hacer un cine propio, “honesto” y “político” en este contexto. Se argumenta que, para ello, se han desarrollado formas alternativas de realización documental, ejemplificadas en cintas como *Propaganda* (Murray y colectivo MAFI, 2014) y *Crónica de un comité* (Sepúlveda y Adiazola, 2014). Se discute cómo las películas se entrelazan con la rearticulación de redes tradicionales de cooperación, nuevas prácticas de producción e intercambio, y nuevas formas de imaginar el documental como arte y crítica, evidenciando la construcción de nuevas subjetividades artísticas y políticas entre los documentalistas chilenos.

Palabras clave: Colaboración, campo cultural, redes sociales, cine documental, precariedad

ARTE ENQUANTO INDÚSTRIA CRIATIVA: SUBJETIVIDADE, PRÁTICA E POLÍTICA DE *STARTUPS* DO MERCADO DE ARTE BRASILEIRO

Louise Scoz

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
louisescoz@gmail.com

Economia Criativa é um conceito que surge na interface entre economia e estudos do desenvolvimento para designar o processo através do qual a dimensão simbólica da produção humana se torna eixo fundamental de produção em paisagens do alto capitalismo. Esse composto econômico seria formado por ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam capital intelectual como matéria prima organizados em torno de indústrias criativas, que passa a englobar atividades relacionadas à arte, literatura, teatro até mídia, tecnologia e software. Sua defesa é principalmente política. A Unctad2, sua principal instituição promotora, defende a adoção de modelos de desenvolvimento com base em suas diretrizes.

O pano de fundo desse emergente paradigma da criatividade é a flexibilização, tecnologização e financeirização dos mercados e a crescente virtualização da economia no capitalismo avançado. O campo da arte concentra intensos debates a respeito das implicações das políticas da criatividade, como bem ressalta Angela McRobbie (2011).

Procuro contribuir com esse debate a partir de minha etnografia de empresas de alta tecnologia no Brasil. Entre os sujeitos de pesquisa estão empresários envolvidos em startups de arte contemporânea, modelo produtivo que incorpora as bases técnicas, políticas e econômicas defendidas pela noção de economia criativa. Com isso, proponho uma reflexão sobre a dimensão transformadora da lógica corporativa nas relações constitutivas do campo da arte na contemporaneidade.

Palavras-chave: Economia Criativa; etnografia de *startups*; arte contemporânea; tecnologia; economia.

Sessão 2 – Espaços e circuitos

FEIRAS DE ARTE E A ATUAL ECONOMIA ESTÉTICA DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

Bruna Wulff Fetter

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV / UFRGS); brunafetter@gmail.com

As feiras de arte parecem ser o mais novo fenômeno estrutural do sistema da arte. Ocupando crescentes espaços na mídia e na agenda dos mais diversos atores do campo artístico, elas tem se consolidado como uma plataforma de negócios para muito além das meras transações de compra e venda ali efetuadas. Uma ampla rede de relações sociais marca esses eventos, aumentando preços, definindo reputações e consolidando novos projetos, tanto de caráter comercial como institucional; privado e público. Com uma abundante oferta de mais de 150 feiras por ano espalhadas pelos cinco continentes começamos a perceber que as feiras talvez estejam passando a assumir um papel de legitimação frente ao sistema da arte que desde os anos 1990 pertencia majoritariamente às bienais.

Se pensarmos em como os contextos socioeconômico e tecnológico tem afetado as produções artísticas de distintas épocas, não podemos deixar de dedicar um pouco de tempo para buscar compreender a atual economia estética que permeia a arte, em especial a produção contemporânea. Começando por questões amplas de ordem financeira e chegando a mudanças estruturais no sistema da arte e seus agentes de legitimação, cabe perguntar: quais os reflexos da crescente importância das feiras no cenário brasileiro?

Palavras-chave: Mercado de Arte; Feira de Arte; Arte Contemporânea; Brasil.

O SISTEMA E O MERCADO: EMARANHADOS DISCURSIVOS E A CONSTRUÇÃO DO MERCADO BRASILEIRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Dayana Zdebsky de Cordova

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Nos últimos anos, muito se falou sobre o crescimento do mercado de arte contemporânea no Brasil. No mercado editorial, proliferaram publicações sobre o tema. Nas universidades brasileiras, multiplicam-se as teses sobre ele. Complexos jogos de precificação e emaranhados de objetos, lugares, retóricas e pessoas físicas e jurídicas do mercado de arte contemporânea são objetos de pesquisa privilegiados para alguns estudiosos da arte. Dentre estes, estão os sociólogos, alguns dos quais têm grande visibilidade no que chamam de *sistema da arte*, que parece em grande medida receptivo e desejoso dos esforços de compreensão de si e de seu mercado, tido por muitos de seus atores como obscuro. E, para os operadores deste mercado, esforços de mapeamento parecem de particular interesse, tal qual indica a presença nos últimos anos da socióloga Ana Letícia Fialho, uma das maiores especialistas brasileiras em mercado de arte, no projeto *Latitude: platform for Brazilian art galleries abroad*, uma parceria entre a Agência Brasileira de Promoção de Importações e Investimentos (ApexBrasil) e a Associação Brasileira de Arte Contemporânea (ABACT, que reúne galerias comerciais que atuam no mercado primário da arte contemporânea). Dentre as ações centrais do *Latitude*, entre 2011 e 2014, figurou a construção e divulgação de estudos setoriais sobre o mercado aqui em questão, realizados por Fialho. Assim como vemos em outros contextos, a socióloga trabalha analisando o mercado e, simultaneamente, o construindo. Pautada por tal percepção, e partindo de recortes do emaranhado discursivo em que fui lançada ao me aproximar do mercado de arte contemporânea com a pretensão de construir uma etnografia sobre o tema, a presente comunicação tem por objetivo tecer algumas reflexões iniciais sobre o mercado em questão e suas perspectivas especializadas, pensando-o, também, como uma imagem das ciências sociais, cujos analistas não são “apenas” seus observadores externos, mas construtores internos ao mesmo.

Palavras-chave: mercado de arte contemporânea, sistema da arte, sociologia da arte,

etnografia.

ESPAÇOS AUTÔNOMOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA: PRÁTICAS E PROCESSOS DE COLABORAÇÃO

Kamilla Nunes. Mestranda em Artes Visuais [com ênfase na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos] no Programa de Pós- Graduação Acadêmico em Artes Visuais, PPGAV/CEART/UDESC; nunes.kll@gmail.com

A presente pesquisa tem como objeto de estudo os espaços autônomos de arte contemporânea, também conhecidos como “espaços independentes”, “espaços alternativos”, “espaços autogestionados” ou, ainda, no caso da Europa e América do Norte, “*artist-run spaces*”. São espaços que passaram a ocupar um lugar estratégico na recepção, articulação e desenvolvimento da arte experimental no Brasil. Esta pesquisa foi iniciada em 2013, contou com um mapeamento nacional e com a publicação de um livro referente aos estudos de caso realizados, intitulado “Espaços autônomos de arte contemporânea”¹. Para dar continuidade a esta pesquisa, ainda incipiente no Brasil, tem-se como objetivo não apenas compreender o funcionamento e a intencionalidade dos espaços autônomos, através de depoimentos de gestores e críticos, mas principalmente refletir sobre as manifestações da arte e dos artistas no interior destes espaços, traçando um paralelo com as dinâmicas das instituições vigentes no Brasil.

A bibliografia no Brasil sobre este tema é restrita e, por este motivo, e o ênfase sobre relações cotidianas, vale uma abordagem antropológica. Assim, esta pesquisa contará com depoimentos transcritos, fragmentos de textos, publicações e fóruns de debate. As questões iniciais, que deram origem a esta pesquisa, foram: “o que é, e como se articulam, os espaços autônomos no Brasil?” e “o que significa ser ‘independente?’”, enquanto que a sua continuidade com a pesquisa que será apresentada depende de uma questão crucial e pouco abordada anteriormente: “quais as relações entre as dinâmicas dos espaços autônomos, as práticas e os processos artísticos daqueles que vivenciam o lugar?”, “há diferença entre o modo como um artista articula sua produção num espaço autônomo e numa instituição?”, “De fato, os espaços autônomos são constituídos tanto o artista como protagonista de suas dinâmicas?”

Palavras-chave: Espaços autônomos, Arte contemporânea, Institucionalização, Processos artísticos.

ARTE E ETNOGRAFIA EM EGBERTO GISMONTI

Simone Dubeux Berardo Carneiro da Cunha.

Professora do Departamento de Ciências Sociais da PUC – RJ; sdubeux@uol.com.br

Pretendemos nesse trabalho discutir a relação arte e antropologia, a partir da trajetória de um artista, músico, produtor e editor: Egberto Amin Gismonti, brasileiro, natural da cidade do Carmo, no Estado do Rio de Janeiro. Vamos também falar da singularidade na construção de uma etnografia quando é realizada com músicos. Através dessa etnografia procuramos discutir como Egberto Gismonti consegue se tornar ser um dos poucos artistas brasileiros dono de sua obra gravada: seu fonograma. Além de ter sido um dos primeiros a exigir de sua gravadora que seu contrato lhe garantisse a propriedade de suas *másters*, Egberto luta por seu direitos fonográficos indo a Londres conversar pessoalmente com o presidente da gravadora EMI. Criando um “selo”, o Carmo, e tornando-se editor, esse músico desenvolve uma política independente de produção de obras musicais, suas e de outros artistas. Em seu discurso Egberto chama atenção para o papel importante que teve o grupo argentino MIA (Músicos Independientes Asociados), que conheceu na década de 70, inspirando a criação do seu “selo”. Esse compositor também aponta para a dimensão coletiva do processo de construção artística. Assim como o seu discurso pode ajudar na reflexão entre arte e mercado.

Palavras-chave: teoria antropológica, arte e mercado.

Sessão 3 – Arte e política

CENTRO DE CULTURA POPULAR MESTRE NOZA: PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CONSTRUÇÃO DE VALOR ENTRE ARTESÃOS DO CARIRI (CE)

Jeanine Geammal. Professora assistente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ; jeaninegeammal@gmail.com

Na pesquisa de doutorado em andamento no PPGSA-UFRJ, propus realizar uma análise dos discursos que constroem a categoria “artesão” no Cariri (CE), e o mapeamento das representações coletivas dos grupos artesanais associados ao Centro de Artesanato e Cultura Mestre Noza. Na análise, furto-me às velhas querelas teóricas sobre as categorias nas quais enquadrar as obras dos artesãos do Cariri. Arte? Artesanato? Arte popular? As analiso como imagens, com a materialidade que lhes é própria, barro, madeira, metal, papel... pois, independentemente de seus títulos, exercem agência sobre seus artistas, e sobre quem as olha. Acredito, portanto, na coerência em analisá-las sob os domínios e instruções de uma teoria da imagem e da arte. Tal escolha se apoia na obra de Georges Didi-Huberman, em sua proposta expansionistas dos limites da arte e

da história da arte.

Discuto os conceitos de memória e sobrevivência, com os quais o autor articula os pensamentos de Aby Warburg e Walter Benjamin para propor um novo regime temporal para o estudo das imagens. Nesse regime, as imagens não são nem uma simples ocorrência no devir histórico nem um congelamento de eternidade insensível às condições desse devir, produzem uma temporalidade de dupla face. O influxo em fazer uma história da imagem sob o ponto de vista da história da cultura, herança de Warburg na obra de Didi -uberman, (re)aproxima os campos da arte e da cultura e é na convergência desses dois campos que se constitui o próprio campo das imagens que proponho estudar.

Palavras chave: arte; patrimônio; memória.

ANTROPOLOGIA, ARTE CONTEMPORÂNEA E ARTISTAS PLÁSTICOS DAS CLASSES POPULARES

Lígia Dabul. Universidade Federal Fluminense; ligia.dabul@gmail.com

A antropologia da arte costuma problematizar as fronteiras e extensões da chamada arte contemporânea, comumente especificada contrastivamente com a arte ocidental erudita ou acadêmica. Para tanto volta-se para modalidades de artistas e de artes não ocidentais, ou para as chamadas – ao menos até há algum tempo atrás – de *primitivas*. De outro lado, no campo da arte contemporânea vemos disseminados ativismos. Muitos deles diluem sua própria condição de *arte*, são especialmente propositores e condutores de relações e formas de interação social não hierarquizadas e autoritárias, dirigem-se para mudanças sociais, sensíveis à presença, inclusão, promoção e contato com diferentes *outros*. Dentre esses *outros* não raro estão trabalhadores e populações em situação de ameaça e penúria as mais variadas. Neste trabalho gostaríamos de refletir sobre a invisibilidade, tanto para a antropologia da arte voltada para a arte contemporânea como para a arte contemporânea, mesmo a ativista, de práticas artísticas das classes populares extremamente difundidas; da situação muito frequentemente tensa que artistas plásticos oriundos dessas classes enfrentam para produzir e viver de sua arte; e do quanto a partir dela constroem o sentido das suas vidas.

Palavras chave: arte contemporânea; ativismo; antropologia da arte; artistas plásticos; classes populares.

ARTE E POLÍTICA: A CONSOLIDAÇÃO DA ARTE COMO AGENTE NA

ESFERA PÚBLICA

Sabrina Parracho Sant'Anna

Professora adjunta PPGCS/UFRRJ

saparracho@gmail.com

Ana Carolina Accorsi Miranda

Doutoranda PPGSA/ UFRJ

anacfamiranda@gmail.com

Guilherme Marcondes

Doutorando PPGSA/ UFRJ

gui.marcondesss@gmail.com

Esta comunicação se debruça sobre recentes movimentos constituídos na cidade do Rio de Janeiro que constroem uma narrativa em que performances e instalações vêm ganhando espaço dentro e fora das instituições como formas de atuação política, num crescente processo de artificação da esfera pública e politização da arte. O que estamos argumentando aqui é que talvez o fracasso da fusão arte e vida tão debatido por Peter Bürger ainda tenha novos desdobramentos. Mais do que do que a crítica política à instituição, em voga desde Duchamp, passando pela obra corpo de Antonio Manuel e – como não esquecer? – Nelson Leirner e seu porco empalhado, o que parece estar em jogo aqui é a incorporação da política como terceiro termo capaz de efetivamente conferir novo lugar à arte na esfera pública. Ações artísticas estão sendo incorporadas pelos militantes nas ruas e ações políticas estão sendo apropriadas pelas instituições museais. Desta forma, nossa hipótese aqui é que, depois do turvamento das fronteiras entre gêneros artísticos, depois da abertura à outsider art, depois da musealização da vida, junho de 2013 inaugura, no Brasil, um movimento de transformação da experiência artística em elemento político.

Palavras chave: arte e política; instituições museais; ativismo; coletivos de arte.

Sessão 4 – Arte e cidade

ARTE EM MOVIMENTO: PRODUÇÃO LITERÁRIA INDEPENDENTE NO RIO DE JANEIRO

João Pedro de Lima Campos

Mestrando em Sociologia pela UFF

camposjpl@gmail.com

Essa pesquisa visa entender os aspectos envolvidos na circulação das obras de escritores independentes que trabalham nas ruas do centro do Rio de Janeiro, com a intenção de investigar as práticas que compõem a percepção de suas obras como objetos artístico-literários ou seu não reconhecimento como tal.

A partir da observação da venda dos textos em poesia e prosa desses escritores, que são impressos em formato zine*, e de suas performances em saraus de poesia e música, procura-se lançar luz sobre a construção do sentido da arte como linguagem e valor, sempre redefinido na relação com o espaço da cidade. Esse estudo reflete sobre os elementos articulados no processo de composição de um objeto como objeto artístico, procurando aprofundar a compreensão de que a qualidade ou a importância de uma obra de arte é um conceito relativo, organizado nas mais diversas esferas da vida social. Tal discussão contribui para a reflexão sobre o significado aberto que uma obra de arte carrega; não se esgotando o olhar sobre um objeto de arte na análise de suas qualidades internas. Mas compreendendo que seu significado é uma categoria em potencial, redefinida constantemente na sociabilidade.

*zine é uma publicação pequena e de pouca difusão.

Palavras chave: Artistas de rua; circulação de arte; percepção estética; produção independente.

ENTRE LA CALLE Y LA GALERÍA: TRAYECTORIA Y ESTRATEGIAS DEL COLECTIVO FOTOGRÁFICO LIMAFOTOLIBRE

Jorge Juárez Li

Grupo de Investigación en Antropología
Visual- GIAV

Pontificia Universidad Católica del Perú

El objetivo del trabajo es reflexionar sobre la trayectoria y estrategias del colectivo fotográfico LimaFotoLibre, partiendo de sus primeras intervenciones urbanas hasta su entrada a distintas galerías y museos de arte. Para ello el análisis antropológico enfatiza cuatro aspectos: el colectivo fotográfico, la producción, la circulación y recepción de sus fotografías, y a partir de este caso busco repensar los planteamientos conceptuales de autores como Arjun Appadurai, Howard Becker, Michel de Certeau, George Marcus, Fred Myers, Arnd Schneider y Chris Wright.

Respecto al colectivo fotográfico, analizaré principalmente su historia y conformación, con la finalidad de comprender la propuesta fotográfica. En cuanto a la producción del colectivo, realizaré un análisis de cómo construye visualmente a Lima y cómo esta obedece a las trayectorias y recorridos de los integrantes de LimaFotoLibre.

Finalmente analizaré las estrategias que han permitido que las imágenes del colectivo circulen por distintos espacios como las calles y plazas de Lima, y en circuitos nacionales e internacionales de arte y fotografía. Vale resaltar, que la propuesta del colectivo LimaFotoLibre resulta atractiva en tanto entra en tensión con las imágenes que representan a Lima desde un enfoque neoliberal y recientemente de iniciativas estatales como Marca Perú. En ese sentido, el colectivo busca participar en la representación de Lima a partir de la producción de imágenes que puede incomodar a un sector del país y al mismo tiempo genera empatía con un sector que busca representaciones “realistas” y “espontáneas” de la ciudad.

Palabras claves: antropología, fotografía, ciudad, circulación, arte.

RUÍNAS URBANAS, FRONTEIRAS ARTÍSTICAS: PERFORMANCES DE RUA ENTRE A PRAÇA ROOSEVELT E O MINHOCÃO, EM SÃO PAULO

Marcela Maria Soares da Silva

Doutoranda – Universidade Federal
de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social

marcelaaamaria@gmail.com

Procuro acompanhar a relação dialética que se estabelece entre práticas teatrais e espaço urbano que intersecta a Praça Roosevelt e o Elevado Minhocão, no centro da cidade de São Paulo. As histórias de construções e desconstruções no lugar, “revitalizações” que com efeito não reestabelecem vidas, mas procuram regulá-las de maneira violenta e bem calculada, se movimentam e adquirem formas criativas nas diversas ações e encenações dos caminhos das performances de rua e dos grupos teatrais que possuem sede na região. Talvez por conta disso o cotidiano urbano de lá tenha admitido feições cada vez mais teatrais, ainda que sobre uma das maiores ruínas urbanas de São Paulo. Muitos dos envolvidos nesta “cena teatral paulistana”, admitem terem sido os responsáveis pela grande transformação espacial que tem se estabelecido no entorno, no entanto, não é necessário entrar no edifício teatral para verificar essas performances que unem uma energia bastante política para reivindicar não só a ocupação do espaço próprio às suas práticas, mas também sua transformação em uma partilha sensível e política do urbano. É a este engajamento das performances de rua entre a Roosevelt e o Minhocão que me interessaram no percurso de minha pesquisa de campo por ali e que interessam a este trabalho, através da qual procuro engajar uma abordagem antropológica à arte que se faz na rua, ressaltando os aspectos criativos e políticos desta relação.

Palavras chave: Performance de rua; intervenção urbanística; política; arte.

COREOPOLÍTICAS DO SUL : QUANDO A DANÇA ENCONTRA A CIDADE

Marina Souza Lobo Guzzo

UNIFESP (Universidade Federal de
São Paulo)

marinaguzzo2@gmail.com

Partimos do olhar para grande produção em dança fora do espaço tradicional do palco italiano para pensar a figura do coreógrafo e o ato de “coreografar” politicamente e cartograficamente, num encontro com a cidade e a arquitetura, seja por obras feitas exclusivamente para espaços públicos ou por trabalhos de dança que são feitos em espaços “alternativos” de centros culturais. Como podemos pensar nesse movimento atualmente no que consideramos o Sul Global? Esta pesquisa pretende discutir a dança como conhecimento (in)disciplinar para pensar a política a partir do seu formato de Manifestos, ou de ações artísticas de ocupação na cidade. A pesquisa se baseia na discussão proposta por André Lepecki sobre o conceito de coreopolítica e de nos trabalhos de Yvonne Rainer especificamente o *No Manifesto* e Trisha Brown com *Man Walking Down the Side of a Building* – duas artistas e obras do movimento Judson Dance Theater de Nova Iorque nos anos 60-70 para olhar para obras e artistas contemporâneos que atuam na cidade de São Paulo. O objetivo principal é problematizar como essas experiências corporais que se utilizam das técnicas (ou nomenclatura) conhecida como dança contemporânea, produzem sentidos e repertórios

políticos para aproximações teóricas, incluindo o corpo como pensamento, a partir de uma experiência estética de ocupação urbana.

Palavras chave: Coreopolíticas, dança, manifesto, cidades.

Sessão 5 - Caminhos epistemológicos

INSURGÊNCIAS URBANAS E CRIATIVIDADE SOCIAL

Paolo Colosso

Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Filosofia

Nível da pesquisa: doutorado em andamento

paolocosso@gmail.com

A comunicação analisa a relevância teórica e prática do fenômeno urbano contemporâneo num duplo aspecto, enquanto expressão concreta dos processos de desregulamentação, atomização e neutralização cultural, mas também enquanto lugar de inquietações sociais, manifestações de cidadania ativa e desejos coletivos por outras formas de representação e socialidade. O objetivo é investigar em que medida as contradições urbanas podem funcionar, por um lado, como força peso na reprodução das relações sociais de dominação e exploração e, por outro, como catalisadoras de esforços inventivos. Para tanto, a comunicação é dividida em três momentos. O primeiro faz um diagnóstico do contemporâneo no qual se evidencia o caráter espacial urbano do quadro de tensionamentos. O segundo momento busca subsídios teóricos em formulações dos anos 1960, mais especificamente em pesquisas situacionistas e nos trabalhos do filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, que explicitam a relação entre transbordamento subjetivo, *jouissance* [gozo] e criatividade social. Esta retomada deve elucidar as mediações entre a busca por superar as alienações da modernidade capitalista -- trabalho estranhado, vida privada atomizada e lazeres apassivados -- e a aspiração comum entre estes intelectuais, qual seja, a de *une autre ville pour une autre vie* [uma outra cidade para uma outra vida]. A terceira parte da comunicação volta ao momento contemporâneo, argumentando que atualmente as cidades, ou dito mais propriamente, os espaços urbanos se tornam ora tema (problematização), ora suporte (mediação), ora valor de uso para os esforços estético-políticos cujos objetivos são dar

forma concreta a outras representações e socialidades.

Palavras chave: fenômeno urbano, socialidades, criatividade social, Henri Lefebvre, situacionistas.

CONFLITOS ONTOLÓGICOS NA ARTE CONTEMPORÂNEA.

Daniel Revillion Dinato

Graduado em Ciências Sociais na UFRGS, vinculado como aluno especial
ao PPGAS- USP

daniel@dinato.com.br

A possibilidade do “uso de materias abjetos” (DANTO, 2008, p. 21) na arte, iniciada por Marcel Duchamp, traz um problema claro: o de definir o que é arte. Uma possível resposta é a de crer na instituição-Museu que certifica que aqueles objetos são, de fato, arte. Porém, às vezes isto não basta, situação que pode ser ilustrada pela sacola, parte da obra de Gustav Metzger, jogada fora no Tate Britain.

Desejo, portanto, com este trabalho, propor que a obra de arte contemporânea pode ser vista enquanto catalisadora de conflitos ontológicos (ALMEIDA, 2013). Se, tal como afirma Almeida, “pressupostos ontológicos dão *sentido*, ou permitem interpretar, encontros pragmaticos” (ALMEIDA, 2013, p. 9), podemos concluir que distintas interpretações podem ser vistas como surgidouras de ontologias que se conflitam, o que não impede, entretanto, a possibilidade de acordos pragmaticos ocorrerem (ALMEIDA, 1999). A proposta desse trabalho, portanto, é refletir sobre essa possibilidade e, igualmente, ver como ela pode dialogar com a noção de equívoco, proposta por Eduardo Viveiros de Castro (2004, 2014).

Palavras chave: arte contemporânea; conflitos ontológicos; equívocos.

NATUREZA DA ARTE, ARTE DA NATUREZA: ESBOÇOS INICIAIS SOBRE MAGIA

Leonardo Bertolossi

Doutor em Antropologia Social pela USP, Professor do Programa de Práticas Artísticas Contemporâneas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

leobertolossi@gmail.com

leobertolossi@bol.com.br

Dentre a diversidade de temas que os artistas contemporâneos tem se envolvido – muitos deles interessados nas metodologias e teorias antropológicas, como atesta Hal Foster – o problema da relação entre o homem e a natureza, inscrito na tradição ocidental em experiências tais como a *art nouveau*, *bio art*, *land art* e na presença de parques e museus internacionais que congregam arte contemporânea e natureza, tem se tornado cada vez mais frequente. Com o crescimento do debate acerca do aquecimento global e da natureza como *actante* na política internacional chamado de “intrusão de Gaia” por Bruno Latour e Eduardo Viveiros de Castro, artistas tem se interessado por ontologias que possuem uma relação com a natureza que se diferem da ocidental moderna, que purifica saberes e poderes em disciplinas e instituições próprias. O objetivo desta comunicação é analisar as relações entre arte e antropologia da natureza no debate contemporâneo sobre a natureza da arte no campo da filosofia e da antropologia da estética por um lado, e nas discussões e produções em antropologia e artes visuais sobre a relação da natureza e do humano diante de uma possível crise ambiental anunciada, e da urgência de uma nova ética geopolítica da convivência. Para tanto, se pretende observar aspectos da produção artística contemporânea a partir do conceito de magia, tema clássico da teoria antropológica; mas também do estatuto ocidental dos objetos e das experiências artísticas inscritos numa suposta autonomia e autenticidade da esfera da arte, de suas obras e processos, através das formulações sobre a aura conforme preconiza Walter Benjamin.

Palavras-Chave: Antropologia da Arte, Natureza, Magia.

CONEXÃO, COMPARAÇÃO E TRADUÇÃO NOS ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS DA ARTE

Pedro de Niemeyer Cesarino

PPGAS/Universidade de São Paulo

pedroncesarino@uol.com.br

A apresentação tratará dos desafios epistemológicos gerados pelo colapso e reinvenção da antropologia da arte a partir dos estudos de autores como Alfred Gell, Carlo Severi, Philippe Descola e outros. Trata-se, mais especificamente, de refletir sobre as possibilidades de comparação, conexão e tradução entre distintos regimes ontológicos e suas respectivas formas expressivas a partir das considerações elaboradas pela antropologia de Marilyn Strathern e Eduardo Viveiros de Castro. Tal reflexão deverá

encaminhar alternativas para a compreensão dos equívocos tradutórios gerados pelas interfaces entre formas expressivas não ocidentais e os dispositivos de exibição e produção de discurso nas metrópoles ocidentalizadas. A apresentação poderá se valer, a título de exemplo, de uma reflexão crítica e etnográfica sobre os pressupostos envolvidos em produções artísticas (a serem oportunamente selecionadas) ou exposições tais como *Magiciens de la terre* e *Primitivism in 20th Century*, *Animism*, *Histoires de voir* e *Histórias mestiças*. Em que medida tais produções e exposições estabelecem conexões com outros pressupostos ontológicos de visualização e produção de imagens que, noes fora, encontram-se enviesados por categorias comparativas e dilemas metafísicos que não lhes pertencem? Qual pode ser a contribuição de uma teoria etnográfica para a reavaliação dos impasses envolvidos em tais projetos, bem como para a construção de novas formas de interlocução?

Palavras chave: Antropologia, arte, conexão, tradução.

Sessão 6 – Subjetividades políticas

DAS INFILTRAÇÕES DA ARTE: É POSSÍVEL SER OUTRO?

Inês Quiroga Coelho

INARRA/PPCIS/UERJ

inesitaquiroga@gmail.com

Vozes e trajetos confluem em uma pesquisa junto a jovens participantes de projetos socioculturais de uma organização não-governamental. Três trajetórias em que a arte, em suas diferentes concepções, encontra-se sempre presente. Algumas vezes, ocupando lugar central em suas falas, em outras, passando quase despercebida por entre espaços e pessoas, infiltrada entre diferentes nomes e conexões. Mas que lugar é esse ocupado pelo fazer e conhecimento artísticos que ressoa das vozes dos três pesquisados? Quais as repercussões e como essas são sentidas e ressignificadas pelos jovens? Instigada por essas questões, neste trabalho, mergulho junto com autores dos campos da antropologia e da arte, como Bourriaud, Hikiji, Turner e Velho, em um exercício de reflexão sobre o fazer e o conhecimento artísticos como lugar de encontro, mediando relações e permeando, assim, as vidas de Jessica, Alex e Vinicius com novas direções, referências, desejos, dúvidas e obstáculos.

Palavras chave: Trajetórias juvenis; encontro; arte; antropologia.

A IMAGEM COMO ARMA – UMA PROPOSTA DE PESQUISA SOBRE A TRAJETÓRIA DAS MULHERES INDÍGENAS CINEASTAS

Sophia Ferreira Pinheiro

Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

sophiaxpinheiro@gmail.com

A pesquisa em andamento, é sobre a trajetória de mulheres indígenas que produzem sua auto-imagem, utilizando-se dos métodos audiovisuais através da passagem de representação da “imagem do índio”, face às representações realizadas por políticas coloniais não-indígenas; para “o olhar indígena”, ou seja, a imagem auto-representada, política e do dispositivo cinematográfico, a partir do olhar compartilhado, de repertórios e experiências das mulheres indígenas, tornando-as protagonistas de suas reivindicações. Portanto, se contrapõem ao pressuposto lugar de passividade que é atribuído, frequentemente, na relação de produção imagética ativa/homem e passiva/mulher. Elas se afastam dessa visão romantizada e exótica (“do outro”) por meio das apropriações de seus discursos sendo sua própria agência artística, na produção de uma cinematografia indígena feminina. Deste modo, nos deparamos com uma tensão entre fronteiras e suas possibilidades discursivas abertas pelo exterior constitutivo das posições hegemônicas. É a partir dessa fissura que pretendo fazer uma experiência etnográfica de vídeo-cartas com as realizadoras audiovisuais indígenas. As vídeo-cartas são trocas de mensagens vídeográficas dos mais diversos temas. Neste projeto, elas são interétnicas e interculturais. Pesquiso dois projetos brasileiros com mulheres indígenas cineastas: o Vídeo Nas Aldeias e o Instituto Catitu, atrelados aos projetos da Associação das Mulheres Xinguanas e do Pelas Mulheres Indígenas para tentar compreender parte da questão da mulher indígena no atual panorama dos direitos indígenas brasileiro, sendo elas antropófagas das metodologias e técnicas imagéticas, para sua própria etnogênese.

Palavras chave: mulher indígena, cinema, cineastas indígenas, vídeo-cartas, imagem.

“QUANDO EU FOR PRA REVOLUÇÃO, EU VOU DE PALHAÇO”: A AGITPROP, O CLOWN E AS BATUCADAS NAS AÇÕES POLÍTICAS SEM-TERRA

Janaina Moscal

PPGAS/UFSC

janainamoscal@gmail.com

A Frente de Agitação e Propaganda, carinhosamente chamada *Agitprop*, é uma célula importante na história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é ela a responsável por “animar” suas ações políticas e estender o convite à luta para as cidades, nas periferias e movimento estudantil. É ela, assim como a mística, que dá ritmo, fluidez, aos eventos sem-terra dos mais diferentes cunhos, de palestras a encontros e congressos. Desde o início de sua trajetória, os *animadores* têm funções estratégicas na comunicação estabelecida entre militantes dirigentes e a base, cantando e atuando, debatendo e expressando a *luta*. Sendo importante a passagem do dramaturgo Augusto Boal e a criação da Brigada Nacional Patativa do Assaré.

Hoje, a *Agripop* mantém uma forte articulação com a linguagem do teatro do oprimido, somando-a com as batucadas ativistas do Levante Popular da Juventude e a poesia de trovadores populares. Utilizando-se, como afirmam seus militantes, de recursos de várias linguagens artísticas, para seguir à frente nos enfrentamentos em espaços públicos, na realização de ações políticas como ocupações e *escrachos*, prática interessantes para pensar as articulações entre práticas juvenis e arte. Alguns autores inspiram as análises iniciais aqui tecidas. Entre eles John Dawsey e suas reflexões sobre o cotidiano de bóias-frias, performatizados em idas e vindas em carroças de caminhão e Christine Chaves e a análise de marchas sem-terra em perspectivas rituais, enquanto atos comunicativos. Bem como as propostas de investigação de Alex Flynn sobre um *individualismo expressivo* inscrito nas místicas.

Palavras chave: Ações políticas, práticas juvenis, arte.

RADICALIDADES SUBJETIVAS: O RELACIONAL E O EFÊMERO EM PROPOSIÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Alex Flynn

University of Durham, UK

alex.flynn@durham.ac.uk

Esta comunicação toma a noção da teoria de estética relacional, de Nicolas Bourriaud (1998), como uma plataforma para analisar um crescente dialogo entre práticas da arte contemporânea e teorias antropológicas de socialidade. Projetos artísticos caracterizados

pela estética relacional incentivam dinâmicas de convívio entre seus participantes. Dessa forma, as obras respondem a um novo paradigma estético, no qual Bourriaud argumenta que a proposição artística não deve ser julgada sob critérios de ‘beleza’ ou formalidade, mas pelas relações que possibilita e os modelos de socialidade que propõe. Neste entendimento, uma obra de arte tem “como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social” gerando “micro-utopias”, ou seja, espaços efêmeros em que as pessoas estão em diálogo, em condições de elaborar subjetividades políticas diversas de dentro de um coletivo mais amplo.

Desse modo, o potencial político da arte relacional reside no conceito de que “ver é metamorfose, não mecanismo” (Elkins 1996) – os participantes, através da experiência vivenciada, constroem seu próprio conjunto de significação, estabelecendo consigo um processo de auto-cultivo ético (Laidlaw 2014, Lambek 2010). Para além da análise de Bourriaud, quando tais proposições intervêm em espaços públicos, podem adquirir conotações ativistas, que dependendo do contexto em que atuam, se carregam de uma crítica implícita local, como questões de gentrificação, imigração, ou segregação social.

Baseado numa etnografia sobre o campo de arte contemporânea de São Paulo, esta comunicação aponta que a estética relacional pode iluminar questões antropológicas fundamentais, tais como: como podemos entender a delimitação da subjetividade política? o que significa democracia e de que forma elaborá-la? como podemos refletir sobre modos e formas de produção de conhecimento? Com base nessas preocupações, a comunicação sugere que o ‘framework’ da estética relacional nos permite tanto analisar movimentos sociais como intervenções artísticas, quanto problematizar modalidades da arte contemporânea que pressupõem estabelecer subjetividade política.

Palavras chave: Arte contemporânea, socialidade, micro-utopias, subjetividades políticas.

Sessão 7 – O artista como antropólogo

POLITIZAÇÃO DA ARTE: DESDOBRAMENTOS DA ANTROPOLOGIA DAS IMAGENS

José Bento Ferreira

PUC-SP

jose.bento.ferreira@gmail.com

A pesquisa reúne referências para o pensamento sobre a imagem em arte e antropologia. O ponto de partida é a obra de Hans Belting. O primeiro passo é a problematização da categoria obra de arte. Encontra-se na razão filosófica o arcabouço conceitual dessa categoria. Avalia-se as conseqüências das transformações do conceito de obra de arte depois das vanguardas. Idéias de Arthur C. Danto e Hal Foster abalam a autonomia da experiência estética. Trabalhos de Andy Warhol e Ai Weiwei ampliam o procedimento situacionista de *détournement* (desvio). Artistas contemporâneos introduzem uma “virada etnográfica” no mundo da arte. A arte moderna reagiu ao desenvolvimento do capitalismo e ao surgimento do ambiente urbano. A artista Silvia M cria um sistema de trocas com o meio e com os outros que reconstitui o sistema das dádivas descoberto pelo sociólogo Marcel Mauss. Seu trabalho é analisado a partir de idéias de Mauss, Gell, Augé e do crítico de arte Nicolas Bourriaud. Aprofundamentos na questão das imagens com Hans Belting e Marie-José Mondzain e os trabalhos dos artistas do desvio sugerem o panorama da “guerra das imagens.”

Palavras chave: Imagem, dádiva, obra de arte, vanguarda, estética relacional.

ARTE CONTEMPORÂNEA, ETNOGRAFIA E INTERVENÇÃO

Lorenzo Bordonaro

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Universidade Federal de Sergipe (SE), Brasil

Lorenzo.bordonaro@gmail.com

Com base na minha experiência como artista visual e antropólogo, e tomando como ponto de partida algumas intervenções que realizei entre 2013 e 2015, na minha comunicação pretendo delinear a possibilidade de uma prática de intervenção visual no espaço público onde etnografia, crítica social e arte se sobrepõem e dialogam. Vários autores desde os anos 90, têm apontado para uma proximidade significativa a nível epistemológico e da teoria da representação entre antropologia, pesquisa etnográfica e alguns sectores da arte contemporânea. A minha prática artística e de pesquisa baseia-se no diálogo entre arte e etnografia, porém em direção de uma arte pública crítica, no sentido de uma forma de ativismo artístico baseado na pesquisa antropológica, em sintonia com as novas tendências da *new genre public art* (Suzanne Lacy) que apontam para a centralidade da relação e do diálogo no seu processo de criação. Apesar das críticas que têm sido levantada à instrumentalização da arte e dos artistas pelos estados, com vista a promover ‘inclusão social’ (Lind; Bishop), mantenho que projetos que assentam em pesquisas etnográficas autónomas na construção de uma relação de cariz antropológico, poderão continuar a ter um papel crítico e político independente das

agendas sociais dos estados, e manter a sua autonomia e potencial de denúncia social.

Palavras chave: Etnografia, Arte Contemporânea, Arte Pública, Intervenção Urbana, Cidades.

ESPÉCIES DE CAMPO: DESLOCAMENTOS, ENCONTROS E COLETAS DO ARTISTA CONTEMPORÂNEO

Flavia Klausing Gervásio

IPHAN- SE

Doutoranda em Museologia e Patrimônio (UNIRIO)

flaviakg@gmail.com

Anna Thereza do Valle Bezerra De Menezes

Cap- UFRJ

annatvbm@gmail.com

Um artista caminha com os pés semidescalços atravessando a América Latina enquanto carrega terra por meio dos vincos que se fazem em seus pés. Outro, coletor de miudezas, observa ossos, pedras e caixas detentores de todo um universo de riqueza simbólica. Um terceiro cria situações nas quais são destacados aqueles geralmente apagados por normas e regulamentos pautados pelo suposto “progresso”.

Propomos uma reflexão sobre as práticas artísticas de Paulo Nazareth, Ícaro Lira e Jonathas de Andrade. Artistas que, tal como etnógrafos, aspiram a um trabalho de campo em que pesquisa e prática parecem conciliadas e que recorrem indiretamente à tradição do observador participante (FOSTER, 2014: 170). Com a passagem da arte para o campo ampliado da cultura, domínio por excelência da antropologia, e a partir dos desvios na localização da arte, este imbricamento entre arte e etnografia se torna cada vez mais recorrente

Os três artistas discutem aspectos socioculturais de diferentes lugares a partir do encontro com o outro. Suas obras, mais do que criações materiais, são posturas frente ao mundo: é o artista como um proponente de situações. As proposições aqui estudadas buscam compreender os deslocamentos e as variações dos objetos e atores, tendo sempre o olhar para a densidade intraquilizante dos fatos (CANCLINI, 2012: 245). Conceitos de alteridade e identificação se alternam e questionamentos se desenvolvem a partir de situações que partem de uma pesquisa sobre o real construído e nos conduzem

para um mundo de reflexão sobre alguns dos dilemas não ditos da contemporaneidade.

Palavras chave: Arte contemporânea; artista propositor; etnografia.

-

Sessão 8 – Pesquisa e processos artísticos

-

“MÚSICA DE GAVETA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A PRODUÇÃO, A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA MÚSICA ELETROACÚSTICA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Fabiana Stringini Severo

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

fabiqmc@yahoo.com.br

fabiqmc@gmail.com

Este trabalho tratará dos resultados de uma etnografia realizada durante no ano de 2014 na cidade de São Paulo com três grupos ligados à pesquisa musical em departamentos de música das seguintes instituições de ensino superior: FASM, USP e UNESP. Esses grupos têm em comum o fato de trabalharem, com maior ou menor proximidade, com a chamada música eletroacústica, um tipo de música ligada à pesquisa e à academia no Brasil. Diferencia-se da música eletrônica dançante ou da cultura de música eletrônica de DJs, podendo ser também chamada de música eletrônica erudita. O trabalho etnográfico baseou-se em algumas premissas da Teoria do Ator-Rede (ANT) e na noção de etnografia da música de Seeger. Além disso, também serão apresentadas algumas considerações sobre a relação entre música e máquinas/tecnologia, bem como a produção, a circulação e a recepção de música eletroacústica no contexto da pesquisa, além das variedades de performance. Essa pesquisa foi realizada como parte do Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, na área de Antropologia da Música/Etnomusicologia, sob orientação do Prof. Rafael José de Menezes Bastos e coorientação da Prof.^a María Eugenia Domínguez.

Palavras-chaves: Música eletroacústica; música e tecnologia; etnografia da música erudita.

DE LABORATÓRIO INVISÍVEL À CONVERSA QUE NUNCA ACONTECEU: EXPERIÊNCIAS ETNOGRÁFICAS DE UM ARTISTA EM LABORATÓRIOS CIENTÍFICOS

Rosana Horio Monteiro

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

rhorio@gmail.com

A partir de uma perspectiva dos *Science and Technology Studies* e de um diálogo entre os estudos de cultura visual e a antropologia, o presente trabalho problematiza o uso da etnografia entre artistas contemporâneos, revisitando o artigo seminal de Hal Foster (1995) “O artista como etnógrafo?” Para tanto, parto do estudo de dois projetos colaborativos desenvolvidos no interior de laboratórios científicos portugueses pelo artista austríaco Herwig Turk. Esse estudo é parte de uma pesquisa que investiga as aproximações e hibridações entre os saberes produzidos colaborativamente por artistas e cientistas.

Os dois projetos estudados são *Blindspot*, desenvolvido em parceria com o biólogo molecular português Paulo Pereira, cujas obras foram reunidas a exposição “Laboratório invisível”, no Museu de Ciências da Universidade de Coimbra (2009), e *Scientist: Rat: Instrument (S:R:I)*, resultado de uma residência artística realizada no Instituto de Medicina Molecular (IMM), da Universidade de Lisboa, de 2009 a 2010.

Nesses dois projetos são abordadas questões relacionadas à percepção pública da ciência e à produção do conhecimento. Dialogando com Bruno Latour (*A Vida de laboratório e Ciência em Ação*), o artista preocupa-se mais com a vida no e do laboratório onde ele está inserido; é a prática científica que lhe interessa. Em *Blindspot*, os equipamentos de laboratório mais do que simplesmente objetos são apresentados como personagens. Em *Scientist: Rat: Instrument (S:R:I)*, o artista, através principalmente de video-instalações, incorpora os próprios cientistas como personagens de sua obra.

Palavras chave: Arte, ciência, etnografia, Herwig Turk, Portugal.

¿QUIÉN ESTÁ PRESENTE? YENDO DEL ARTE A LA ANTROPOLOGÍA COMO FORMA DE CONOCIMIENTO

Evangelina Anahi Bidegain

Doctoranda en Antropología Social

del CIESAS- México DF

ONG Arte Contemporáneo
Misiones (ACMI), UNaM-UNILA

evabidegain@gmail.com

En esta presentación propongo una mirada antropológica sobre la obra de Marina Abramovic y lo que hay en ella respecto al ejercicio antropológico en relación con las personas y relaciones que estudiamos.

Para lo cual me basaré en parte de su obra de performance, aquella que ha logrado reconocimiento en los últimos años. En primer lugar, me interesa marcar las similitudes de la larga duración, el silencio y el cuerpo en presencia de su obra, con la alteridad como disposición epistemológica y en segundo lugar, con el método etnográfico como forma de construcción de conocimiento. En estos esbozos interpretativos invito a reflexionar sobre lo que el arte lleva implicado como producción de una cultura contemporánea, dentro de un contexto socio histórico. Qué producción de subjetividad conlleva y qué nos puede aportar para pensar la antropología en crisis provocada por el mercado de saberes en que está planteada su actividad laboral.

Pensar también la obra de Abramovics dentro del arte de las últimas décadas que proponen espacios de creación y de interacción con un público reinventando las galerías y museos como lugar de exhibición.

*Esta ponencia surge de una charla sobre la obra de Abramovic desde la antropología social, que realicé en el marco de la cátedra de Artes Visuales en la Universidad Federal Latinoamericana (UNILA) el 11 de mayo del 2015, en Foz de Iguacu, Brasil.

Palabras claves: Arte contemporáneo, antropología, etnografía, subjetividad, alteridad.

QUE BRASIL EM QUAL CENA? UMA ETNOGRAFIA DA COMPANHIA BRASILEIRA DE TEATRO E DO PROJETO BRASIL

Cauê Krüger

UFRJ/PUCPR

caue.kruger@pucpr.br

cauekruger@gmail.com

A Companhia Brasileira de Teatro é um dos mais premiados grupos teatrais em atividade no Brasil, reconhecida por sua proposta vanguardista focada na encenação e dramaturgia contemporâneas (Ryngaert, 2013; Lopes 2013; Romagnolli, 2013; Oliveira, 2013), e por traduzir e encenar textos inéditos polifônicos, plurais, “incompletos” e “endereço ao outro”, capazes de estabelecer uma relação criativa e ativa com o leitor ou espectador. As encenações propostas optam pela narrativa e pela não-representação, valem-se de ambiguidades na relação entre atores e personagens e exploram formas de convívio e presença cênicas (Romagnolli, 2013) promovendo, através do teatro, encontros e vivências. O “Projeto *brasil*”, com patrocínio da Petrobrás, é um complexo empreendimento que envolve circulação nacional do repertório da Companhia; pesquisa de campo, bibliográfica e acadêmica; conversas, seminários, oficinas e ensaios abertos, que deverão resultar em uma montagem com texto autoral inédito inspirada na atualidade brasileira. Além de evidenciar as afinidades desta produção com a estética relacional (Bourriaud, 2009), o teatro pós-dramático (Lehmann, 2007) e o conceitualismo etnográfico (Marcus, 1995, 2004 e 2006; Foster, 1995; Bishop, 2004; Schneider e Wright, 2006 e 2010; Canclini, 2013; Tinius, 2014; Siegenthaler, 2013), o acompanhamento etnográfico do processo de criação (em andamento desde 2013) permitirá postular um novo caminho para a antropologia do teatro, ainda pouco desenvolvida (Beeman, 1993; Müller, 2009), inspirada pelo estado da arte da antropologia do teatro no Brasil (Coelho, 1989, 1990 e 2007; Ribeiro, 2008; Araújo, 2009; Quilici, 1992; Toledo, 2007; Mariz, 2007; Castro, 1992, 2002; Flynn & Tinius, 2015).

Palavras chave: Antropologia do teatro; dramaturgia contemporânea; estética relacional; conceitualismo etnográfico.

GT 112. JÓVENES, CULTURA Y PODER EN LAS SOCIEDADES LATINOAMERICANAS

Coordinadores:

Dra. Silvia Helena Simões Borelli. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais; siborelli@gmail.com

Dr. Oscar Aguilera Ruiz. Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades; oaguilera@u.uchile.cl

Licenciado Tomás Bover. Laboratorio de Estudios en Cultura y Sociedad-Facultad de Trabajo Social - Universidad Nacional de La Plata.

tomasbover@gmail.com

GT 113. NUEVAS CIUDADANIAS Y CULTURAS DIGITALES: ENTRE EL CONSUMO Y NUEVOS ACTIVISMOS

Coordinadoras:

Debora Krischke (UFRGS Brasil) y Rosario Radakovich (Uruguay UDELAR)

Sessão 1: MOVIMENTOS SOCIAIS E CIBERATIVISMO

NEGOCIANDO EL VALOR DE LA PARTICIPACIÓN DEL PÚBLICO ONLINE EN CAMPAÑAS POLÍTICAS. CÁMARAS DE RESONANCIA Y EL SONIDO DE LA BANDADA COMO DOS POSIBLES MODELOS DIVERSOS DE ENTENDER EL VALOR DE LAS REDES SOCIALES EN CAMPAÑAS POLÍTICAS

Esteban Damiani. Candidato a Doctor en Estudios Interdisciplinarios, University of Warwick (UK) Magister en Sociología Digital, Goldsmiths College, University of London (UK); E.Damiani@warwick.ac.uk; estebandmail@gmail.com

El siguiente trabajo explora los conceptos de públicos productivos y sentimiento general sugeridos por Adam Arvidsson y Nicolai Peitersen en el análisis de campañas electorales como parte de un proceso de negociación entre las capacidades socio-técnicas que brindan Facebook y Twitter y los marcos cognitivos de los usuarios involucrados en el análisis de campañas. Por medio del análisis de prácticas específicas para medir la participación política de los usuarios de Facebook y Twitter, este trabajo considera la noción de cámaras de resonancia sugerida por autores como Yochai Benkler, Cristian Vaccari o Bruce Bimber y Richard Davis y el concepto de sentimiento general de Adam Arvidsson y Nicolai Peitersen como dos formas alternativas de generar evaluaciones y valoraciones sobre la participación del público online. El estudio toma el uso de una plataforma generada sobre Twitter para medir la popularidad de los candidatos a jefatura de la Ciudad de Buenos Aires y el estudio etnográfico del uso de Facebook en las pasadas elecciones presidenciales uruguayas. La posibilidad de asignar un significado y valor claro a los datos obtenidos vía estas dos redes digitales es problematizada en función de la necesidad de reconocer y observar la dinámica conflictiva de negociación entre el marco cognitivo y las experiencias de quienes interpretan estos datos y las herramientas y agencias de esas plataformas online que permiten generar los mismos datos.

Palabras claves: Redes-Sociales, participación-política-online, indicadores-online, públicos-productivos, medición-online.

A AÇÃO COLETIVA E O DIGITAL: NOTAS SOBRE CONTESTAÇÕES, REPERTÓRIOS E MORALIDADES EM COLETIVOS DA CIDADE DE

PORTO ALEGRE

Patrícia Kunrath. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFRGS (Brasil);
patricia.kunrath@gmail.com

Carolina Dalla Chiesa - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFRGS
(Brasil); carolinadallachiesa@gmail.com

Este artigo relata e analisa esquemas emergentes de ação coletiva e sua articulação com o meio digital online na cidade de Porto Alegre. Por meio de observação participante e entrevistas realizadas entre 2011 e 2013, junto aos coletivos Defesa Pública da Alegria (DPA), Bloco de Lutas pelo Transporte Público (BLTP) e Casa de Cultura Digital de Porto Alegre (CCD), foi possível mapear ações contestatórias, moralidades e repertórios destes coletivos ancorados em tecnologias de informação e comunicação (TICs). Embora notemos substanciais discrepâncias entre os coletivos, sustentamos o papel central que as ferramentas digitais ganham nas estratégias de mobilização e ativismo. Para realizar esta incursão comparativa, primeiro apresentamos conceitos de ativismo digital, engajamento, ação coletiva, repertórios e economias morais e, após, nos debruçamos sobre as observações do trabalho de campo a fim de entender o papel das ferramentas digitais no contexto de ações coletivas e como distintos agentes se posicionam dentro deste campo. Os dados sugerem dois padrões diferentes de ativismo: de um lado protagonizam dois coletivos densamente inseridos no espaço público de Porto Alegre, cujas discussões contestatórias sobre injustiças sociais são mediadas pelo digital – BLTP e DPA – e, de outro, a CCD, cujas discussões sugerem um enfrentamento indireto, concentrado na noção de propriedade intelectual, utilizando-se de utopias do hacker-ativismo.

Palavras-Chave: Ação Coletiva, Repertórios, Ativismo Coletivos, Digital.

NOVOS TONS DE CIDADANIA. REDES DIGITAIS E PARTICIPAÇÃO CÍVICA-CULTURAL ENTRE OS JOVENS DA PERIFERIA

Otávio Raposo. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/IUL (Portugal)

otavio_raposo@iscte.pt

O acesso às redes digitais e a uma série de dispositivos tecnológicos (computadores, smartphones, câmeras fotográficas/filmadoras) deixou de ser uma exclusividade das elites econômicas. Aproveitando-se disso, setores das classes desfavorecidas, em especial os jovens, passaram a criar novos meios de intervenção artística em áreas socialmente marcadas por processos de precarização. As crews e os coletivos culturais

são formas privilegiadas de os jovens da periferia impulsionarem projetos criativos, quando alargam redes de amizade e acedem às múltiplas subjetividades, saberes e visões de mundo presentes na vida urbana. Num contexto adverso que lhes nega, em muitos casos, a condição de cidadãos, utilizam-se das expressões artísticas para forjarem inovadores circuitos de sociabilidade, produção e consumo, passíveis de darem novos sentidos existenciais e potencializarem a formação de identidades coletivas que contrariam a lógica de atomização das metrópoles atuais.

Inserida na minha pesquisa atual de pós-doutorado, esta comunicação quer refletir sobre as novas formas de participação cívica dos jovens da periferia de Lisboa e do Rio de Janeiro, tendo a dimensão artístico-cultural como eixo de análise. Para tal, procuro analisar o modo como dois coletivos – rappers e dançarinos de break dance vinculados a regiões periféricas de Lisboa (Arrentela) e do Rio de Janeiro (favelas da Maré) – apropriam-se das redes virtuais e tecnologias digitais para driblar o bloqueio da indústria cultural e impulsionar projetos artísticos que podem subverter as dinâmicas de segregação urbana, do racismo e da violência.

Palavras-chave: cidadania, juventude, arte, redes digitais, periferia.

INTERNET, VISIBILIDADE E FAVELA: MOVIMENTOS SOCIAIS E COMUNIDADE EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Patrícia Lânes Araujo de Souza. Doutoranda do Programa de Pósgraduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/ UFF) (Brasil)

O complexo de favelas do Alemão, zona norte do RJ, Brasil, vem passando por mudanças significativas. De um lado, investimentos públicos sem precedentes (como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs)). De outro, a reconfiguração de movimentos sociais que passam a se utilizar de recursos tecnológicos e comunicacionais (como celulares, máquinas fotográficas digitais e redes sociais virtuais) para divulgar demandas e denúncias. É através de tais grupos e pessoas que relatos ultrapassam as fronteiras do “local” e contribuem para reposicionar o Alemão na agenda pública. Mais do que o uso instrumental do que nomeiam “ferramentas”, a utilização de tais recursos contribui para a criação de novos atores locais e/ou a reconfiguração dos mesmos. Nesse cenário, o campo conformado por organizações sociais é redesenhado com a formação de novas organizações, coletivos e mesmo perfis em redes sociais que passam a falar pela “comunidade” estabelecendo relações variadas com atores de dentro e de fora. A presente comunicação pretende analisar práticas e modos de ação de três iniciativas locais a partir do uso que fazem de redes sociais e tecnologias recentemente mais disponíveis para setores das classes populares a fim de pensar o repertório de engajamento militante em espaços populares urbanos. A análise parte de trabalho de

campo realizado entre 2013 e 2015 e compõe pesquisa de tese sobre trajetórias e práticas de militância entre moradores favelas ligados a projetos sociais/ ONGs.

Palavras-chave: Engajamento militante, favela, redes sociais virtuais, visibilidade.

DE PATRIMONIOS, GRUPOS Y REDES. MOVIMIENTO DE CIUDADANOS EN ENCARNACIÓN PARAGUAY Y RECUPERACIÓN DEL PATRIMONIO HISTÓRICO DE LA CIUDAD

Adriana L. Carísimo Otero. Programa de Postgrado en Antropología Social – Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales – Universidad Nacional de Misiones. Becaria Doctoral del CONICET. (Argentina); adrianacarisimo@gmail.com

Este trabajo pretende describir parte de la experiencia de constitución de un grupo de ciudadanos organizados en Encarnación, Paraguay, con el objeto de recuperar lo que consideraban patrimonio histórico de la ciudad, ante su inminente desaparición por las obras de finalización de la Represa de Yacyretá. El grupo surge (2008 – 2009) a partir de la utilización de diversas redes sociales basadas en internet y luego se consolida por medio de reuniones, actividades de movilización y recuperación patrimonial, organizadas en el espacio social.

La reconstrucción de estas dinámicas de surgimiento es importante para comprender los modos en que se producen los entrecruzamientos entre las redes tecnológicas y sociales en el siglo XXI y los modos en que las experiencias locales dialogan con el espacio social más amplio, poniendo en juego múltiples escalas (local – nacional – transnacional – espacio virtual). Estas nuevas formas de ejercer los derechos y la ciudadanía revisten interés puesto que nos permiten ver como las formas culturales y políticas están mediadas por prácticas sociales y comunicativas, y las distintas formas en que se ejerce actualmente la toma de la palabra pública.

Palabras Clave: Patrimonio histórico, redes tecnológicas, redes sociales, asociaciones.

PENSANDO O FUTURO: CULTURA MATERIAL E PERTENCIMENTO SOCIAL

Ana Paula Vasconcelos Gonçalves

anapaulavasconcelos@gmail.com

O projeto “Nós Vivemos o Amanhã” busca discutir o futuro do planeta a partir de temas relacionados com tecnologia, habitação, sustentabilidade, consumo entre outros. Para viabilizar o debate e captar a percepção acerca dos assuntos citados, criou-se uma página no Facebook onde são propostos temas para discussão e também lançados pequenos vídeos com entrevistas sobre assuntos relacionados ao futuro. As entrevistas foram realizadas com indivíduos que possuem alguma influência na mídia por motivos distintos, tais como: ter um blog relevante, ser um pesquisador reconhecido, ser responsável por alguma empresa famosa, etc. Assim, esta pesquisa tem por objetivo compreender como será a relação do sujeito com os objetos no futuro, baseada na análise dos discursos dos entrevistados e nos comentários deixados pelos participantes da página. A análise dos dados obtidos foi baseada nas teorias sobre cultura material, porque é uma das formas encontradas de direcionar a atenção para materialidade fundamental que nossa vida faz parte. Levou-se em consideração a convivência dos indivíduos com os objetos, que inclui: a esfera do uso; a complexidade da posse; a interpretação de tais objetos no cotidiano; o ato de conferir significado a eles, e lhes atribuir valor, dedicar sentimentos e cuidados. Alguns dos resultados encontrados estão relacionados com a possibilidade de usos diversos de um mesmo objeto, internet nas roupas e utensílios do lar, trocas e uso compartilhado dos objetos, confecção dos seus bens de acordo com seus desejos e necessidades.

Palavras chaves: internet, cultura material, consumo, futuro.

Sessão 2: MANIFESTAÇÕES (CIBER)CULTURAIS E EXPERIÊNCIAS DIGITAIS DE PRODUÇÃO E CONSUMO

PODCASTS, FANFICTIONS E FANSITES: LEITURAS E ESCRITAS COMPARTILHADAS

Tatiana de Laai

PPGA/UFF (Brasil)

Essa pesquisa busca através de uma abordagem etnográfica obter dados qualitativos relativos as práticas de consumo da cultura fandom com ênfase na produção e formas de narrativas e literaturas produzidas por fãs no contexto digital. Mais especificamente, esse projeto se debruça sobre as produções e interações da Equipe Quadrim, composto por um grupo de amigos que decidiu transformar uma lista de discussão na internet num site dedicado às histórias em quadrinhos, mas que também trata de cinema e literatura. Eles são fãs, leitores e escritores cujos esforços de singularidade, assim como um intenso movimento identitário de pertencimento encontram nos ambientes virtuais o

espaço privilegiado para a reinvenção de produtos culturais e de suas próprias identidades. As discussões sobre autoria e o caráter coletivo das produções desse grupo são as questões que apresento como o estado da arte da pesquisa.

Palavras-Chave: Cultura digital, identidade, autoria.

ENTRE ACORDES E SONORIDADES: NOVAS FORMAS DE ATUAÇÃO NA MÚSICA INDEPENDENTE DE NATAL/RN

Felipe Inácio Santiago (PPGAS/UFRN) (Brasil)

felipesantiago06@gmail.com

O advento das novas tecnologias promove o surgimento de diferentes práticas de produção, consumo, distribuição, divulgação e compartilhamento musical, o que possibilita às bandas independentes terem maior poder de controle sobre o gerenciamento das diferentes etapas que compõem suas cadeias musicais. Neste sentido, para buscar compreender os processos musicais atuais não se pode desvinculá-los das modificações tecnológicas que fazem parte de suas composições. Dito isto, este trabalho procura discutir quais são os efeitos promovidos pelo papel de mediadores das novas tecnologias no âmbito da música independente através da descrição das variadas atividades que estão sendo desenvolvidas por bandas oriundas da cidade de Natal/RN, discutindo, assim, as influências provocadas sobre suas práticas (re)produtivas no contexto musical atual. A partir da existência de ações que envolvem a mediação de plataformas de streaming como Spotify, Bandcamp e Soundcloud para divulgação e compartilhamento musical, redes sociais como Facebook para criação de associações entre bandas através de redes colaborativas como coletivos culturais e construção de espaços de produção autônoma como homestudios, as bandas independentes de Natal estão desenvolvendo suas atividades através da presença de diferentes mecanismos digitais em seus cotidianos musicais, o que lhes permitem traçarem suas estratégias sem a dependência dos grandes meios de comunicação e/ou conglomerados fonográficos. Portanto, discuto em quais aspectos as ferramentas digitais disponíveis na Internet estão afetando as formas de atuação das bandas independentes de Natal, desenvolvendo, assim, reflexões em torno dos processos que configuram a música em época de grande digitalização de fluxos culturais.

Palavras Chaves: Música independente; Novas tecnologias; Internet; Mediadores.

CINEFILIA 2.0. LOS NUEVOS CINÉFILOS EN URUGUAY

Rosario Radakovich

Facultad de Información y Comunicación (Uruguay)

rosario.radakovich@fic.edu.uy

Los avances de las nuevas tecnologías de información y comunicación transforman los hábitos cinematográficos, incluso de los cinéfilos más eruditos. La nueva cinefilia, denominada por Jullier y Leveratto (2012) como 'Cinefilia 2.0', replantea los espacios de visionado, los rituales y la relación social con el entorno, así como las formas de valoración social del cine.

Esta nueva forma de experimentar el cine se ancla a las redes y espacios virtuales que ofrece internet, se desarrolla a partir de nuevos grupos de intermediarios culturales globales y se legitima a partir de una nueva forma de circulación de la producción fílmica, inclusive de aquella más alternativa.

Palabras claves: cine - consumo cultural - cultura digital.

TECNOLOGIAS IMAGINADAS EM CHARGES, TIRINHAS E MEMES QUE CIRCULAM NAS REDES SOCIAIS: HUMOR, CRÍTICA SOCIAL, PÂNICO MORAL

Eliane Tânia Freitas, UFRN (Brasil)

O que seria tão *risível* nas nossas relações com as tecnologias digitais e, em particular, com a internet? Grande quantidade de tirinhas humorísticas, charges e memes que circulam em redes sociais online trazem como temática as próprias redes sociais, os gadgets como o telefone celular e nossos hábitos a eles relacionados. Utilizando-se do grande poder de comunicação das imagens, elas satirizam e criticam aquilo que parece ser percebido como seu *abuso*, apontando para eles a arma inquietante do humor. Essas imagens humorísticas produzem, efeitos sobre aqueles que as recebem e compartilham, desencadeando debates em torno delas. O oposto também ocorre: discussões correntes e, sobretudo, escândalos são frequentemente seguidos por uma enxurrada de imagens cômicas de variados tipos e fontes, que os representam, criticam, respondem, promovendo reflexão por meio do exagero, da caricatura e daquele elemento próprio do humor: a capacidade de revirar do avesso uma personagem, uma situação e mostrá-la sob uma luz nova, o que, às vezes, provoca, por sua vez, ainda mais escândalo ou põe em dúvida os motivos do escândalo inicial, invertendo, surpreendendo e provocando novas discussões. Imagens hoje famosas - como a do sujeito que se afoga enquanto pessoas em torno, ocupadas em capturar através das câmeras dos seus celulares a situação, 'esquecem'-se de ir em seu socorro – têm apresentado um discurso sobre as

relações entre os humanos e seus artefatos tecnológicos. Algumas temáticas são recorrentes: a duckface nas selfies, uma dualidade entre o que seria percebido como aparência (falsa ou encenada) versus realidade, a obsessão (ou *vício*) pelas novidades tecnológicas – não sem um tom de pânico moral – dentre tantos outros. Meu objetivo é mapear esses temas em circulação online e analisá-los *etnograficamente*.

Palavras-Chave: humor, tecnologia, internet, etnografia.

MONSTROS MARAVILHOSOS E ESTRANHOS

Laura Graziela Gomes

Departamento de Antropologia/PPGA - Universidade Federal Fluminense (Brasil)

lauragraziela@gmail.com

A questão da alteridade sempre constituiu um problema fundamental para o conhecimento no mundo ocidental, especialmente o conhecimento do senso-comum.

Neste último caso, por envolver problemas práticos, morais e estéticos impostos aos grupos humanos até ser, eventualmente, incorporada por eles, senão como um fenômeno normal, ordinário, pertencente ao domínio da vida cotidiana, pelo menos como evento extraordinário, ligado ao campo do maravilhoso, do monstruoso ou do estranho, porém,

identificado como parte do repertório simbólico reconhecido. Todos nós conhecemos alguns relatos provenientes da mitologia/literatura clássica, medieval, romântica (gótica) que narram a existência desses seres e criaturas maravilhosas que ocupam um lugar de

destaque no imaginário europeu e ocidental, bem como narram as relações de proximidade que esses seres mantêm com indivíduos ou mesmo grupos humanos inteiros. Mais ainda, conhecemos muitas narrativas que ao apresentarem essas relações dão ênfase

às relações de afinidade e/ou de parentesco, ou mesmo de extrema familiaridade (embora muitas vezes secretas) estabelecidas entre essas criaturas maravilhosas e os humanos.

A presente proposta de comunicação pretende estabelecer uma aproximação entre os chamados "seres maravilhosos" e os "avatares" existentes nos ambientes digitais imersivos (Second Life, por exemplo), a partir de algumas dessas narrativas. Com esta aproximação, pretende-

se por em relevo algumas continuidades a partir dos campos semânticos nos quais essas criaturas se movem, com o objetivo de compreender o lugar dos "avatares" e do maravilhoso, monstruoso e estranho nas narrativas contemporâneas, especialmente nos

mundos virtuais, de forma a identificar como eles refletem e dão conta de alguns processos miméticos e de incorporação das formas de alteridade e transitoriedades emergentes e presentes no mundo contemporâneo. O ponto de partida para a análise será o material coletado durante trabalho de campo no Second Life, a

respeito das relações e vínculos afetivos mantidos entre usuários/residentes e seus próprios avatares. A discussão será feita tomando-se como base narrativas existentes e conhecidas a respeito dos seres maravilhosos, bem como discussões propostas por autores modernos e contemporâneos que se debruçaram sobre o tema do maravilhoso, do monstruoso e do estranho.

Palavras-chaves: avatares; second life; o maravilhoso; o monstruoso; o estranho.

“GAMING VOICES” - GÊNERO E RESISTÊNCIA EM LEAGUE OF LEGENDS E DEFENSE OF THE ANCIENTS

Amanda Maria Lima Rodrigues; amandalima@outlook.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades,
Universidade Federal Fluminense – PPCULT-UFF (Brasil)

Esta pesquisa tem como objetivo problematizar as relações de gênero no universo dos jogos online, tendo como foco as interações relacionadas a dois jogos: League Of Legends (LoL) e Defenders Of The Ancients (DoTA).

Buscando compreender os mecanismos que levam à reprodução de relações sociais que se dão no mundo real, em especial as de subalternização de mulheres em recorrentes casos de assédio e xingamentos, os quais se dão por meio dos recursos de interação virtual presentes nas partidas (voz e chat). E ainda, as ferramentas de resistência utilizadas pelas mulheres que continuam jogando, para aprender a lidar com tais situações. Utilizando a antropologia do ciberespaço como forma de investigação e metodologia de campo com acompanhamento de partidas, entrevistas com jogadoras e inserção nos fóruns

oficiais de ambos os jogos.

Palavras-Chave: Gênero, Jogos Online, League Of Legends (LoL), Defenders Of The Ancients (DoTA).

Sessão 3: (CIBER)SOCIALIDADES, SOCIABILIDADES, SUBJETIVIDADES

MUTAÇÕES POLÍTICAS DA SUBJETIVIDADE NAS REDES SOCIAIS

Jair de Souza Ramos

Professor adjunto de sociologia e antropologia da Universidade Federal Fluminense
(Brasil)

Nesta comunicação, examinaremos o modo como um conjunto de transformações políticas, jurídicas e econômicas que atravessam a sociabilidade online e estruturam a produção de subjetividades em redes sócio-técnicas têm operado uma convergência entre identidades online e offline e produzindo uma reificação identitária com consequências políticas que tentaremos revelar.

Palavras chave: Identidade, redes sociais, Facebook.

A COMPREENSÃO DO QUE SÃO ESPAÇOS PÚBLICOS NO CIBERESPAÇO

Laiza Fernanda dos Santos Hofmann – Mestre em Administração, Marketing e Mercado
(Brasil) laiza.hofmann@gmail.com

Flavio Salcedo Rodrigues Moreira – Pesquisador na área de Cibercultura, Comunicação e Consumo (Brasil)

flavio.salcedo@gmail.com

A internet, através das redes sociais, desenvolveu um novo ambiente para interação social. Uma realidade paralela e interligada com a analógica: o ciberespaço. Este local virtual possui suas regras de interação e comportamento social. Por vezes são similares as do espaço analógico, em outras apresenta normas totalmente novas que geram um novo tipo de comportamento e de compreensão sobre as interações sociais. Uma destas normas envolve a compreensão sobre o que são espaços públicos na internet. Tal entendimento é de suma importância para o relacionamento social dentro do ciberespaço, haja visto que a cultura atual é permeada por conceitos sociais advindos do mundo analógico e catalisados pelo mundo virtual, ou vice e versa. Desta forma, o presente artigo propõe-se fazer uma análise sobre a compreensão dos usuários do Facebook acerca do que consideram como espaço público dentro da rede social. Como

hipótese inicial trabalhou-se a ideia de que as configurações de privacidade da rede social moldariam a forma como o usuário compreende o que são espaços públicos e privados dentro da rede social. O trabalho utiliza-se, primeiramente, de uma abordagem teórica baseada em autores que trabalham o conceito de espaço público na sociologia e no ciberespaço. Seu desenvolvimento se deu através de entrevistas em profundidade com usuários do Facebook. Estas entrevistas foram avaliadas mediante o método de análise de conteúdo. Por fim, chegou-se a ideia de que a concepção do usuário do Facebook sobre espaços públicos e privados dentro do ciberespaço é pautada pelas ferramentas de privacidade oferecidas pela rede social. Mas isto também gera uma confusão na mente dos usuários. Mediante estas configurações gera-se uma infinidade de possibilidades de espaços públicos/privados gerenciados pelos gostos e preferências de cada usuário.

Palavras-Chave: Redes Sociais, Espaço Público, Ciberespaço.

“CURTINDO A TERCEIRA IDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM ENVELHECIMENTO ATIVO NOS MEIOS DIGITAIS

Diessica Shaiene Gaige. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM, membro do Núcleo de Estudos sobre Emoções e Realidades Digitais (NEERD) (Brasil) shaienediessica@gmail.com

O uso das novas tecnologias de comunicação e informação vem sendo cada vez mais presente no cotidiano de muitas pessoas, independente da faixa etária. Com a ascensão da terceira idade, enquanto um tipo específico de envelhecimento, é possível perceber sua “atividade” em redes sociais virtuais como o Facebook e blogs, os quais tenho como foco de análise. Nesse sentido, o que procuro problematizar é o como as redes sociais virtuais vem auxiliando na resignificação do que é ser idoso contemporaneamente através do aprendizado do uso da plataforma e das sociabilidades online e o que isso significa a esse grupo social. A metodologia escolhida é de cunho etnográfico, baseada na observação

participante. Como resultado parcial venho percebendo a construção de um envelhecimento ativo que perpassa os meios digitais, trazendo assim a ideia de que é também possível nessa fase, “curtir” a vida, por isso torna-se necessário se inserir nas redes sociais virtuais e permanecer “conectado”. Postar, curtir, comentar e compartilhar vem tornando-se assim um ato político quando pensamos a terceira idade online, pois traz consigo um ideal de rejuvenescimento, ainda mais se pensarmos que “estar conectado” há pouco tempo era algo considerado somente para jovens. Dessa forma, podemos considerar esses idosos/as como novos cidadãos online, uma vez que através de sua inserção nos meios digitais, há uma maior visibilidade desse grupo social.

Palavras-chaves: aprendizagem-terceira idade- mídias digitais.

CORPOS ERRANTES: CONTROVÉRSIAS DA SEXUALIDADE FEMININA EM IMAGENS

Isabela Rangel Petrosillo. Bolsista Capes - Mestranda, PPGA/UFF (Brasil);
isa_rangel4@hotmail.com

O presente trabalho apresenta as sequelas da exposição da intimidade a um público irrestrito e como esse acontecimento rompe a esfera do segredo na qual, aparentemente, espera-se que a sexualidade feminina, principalmente a adolescente, deva permanecer. A partir do contraste entre as imagens mais populares de meninos e meninas no *Facebook* e no *WhatsApp*, viso analisar o contexto das disputas envolvendo a montagem dos sistemas de classificação estético-moral que indicam o quão desviantes são as jovens estudantes cujas imagens sexualizadas circulam nessas redes. Refletindo acerca das controvérsias em torno da implementação de tais categorias. Essa questão emerge do trabalho de campo que realizo em um CIEP, localizado em um bairro periférico, em São Gonçalo-RJ. A coleta de dados é feita em três frentes: análise de publicações feitas por perfis dos estudantes no *Facebook*; entrevistas presenciais e a observação das interações entre os estudantes no ambiente da escola. Os resultados da análise mostram diversas controvérsias em torno das fabulações construídas acerca da sexualidade feminina e sobre o quanto dela pode ser exposto. Em essência, o que se constata é que não há inibição da sexualidade feminina *per si*, mas uma regulamentação. Existem vários estímulos a sua expressão, porém, a forma como eles são respondidos determina se ocorre ou não a instauração de uma mácula, que acontece quando há ruptura no quadro de referências que a sociedade coloca sobre o limite da sexualidade de uma jovem.

Palavras-chave: Imagem do corpo; Exposição de si; Sexualidade feminina adolescente; Interação em redes sociais online; Sociabilidade escolar.

PORNÔ 2.0 : UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE VÍDEOS ADULTOS EM UM MUNDO VIRTUAL 3D

Débora Krischke Leitão doutora em Antropologia social, Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFSM (Brasil)

deborakl@ufsm.br

Raíra Bohrer dos Santos, mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria (Brasil)

rairabs@yahoo.com.br

O presente trabalho é um recorte de nossas pesquisas etnográficas em um mundo virtual tridimensional, nas quais temos analisado como se dão as práticas sexuais e afetivas nesse ambiente. Pensando a pornografia como forma de produção cultural, aqui especificamente tomamos como foco empírico a produção de conteúdo adulto pelos usuários desse mundo 3D. Nos materiais produzidos por nossos interlocutores de pesquisa atores, atrizes, diretores e produtores são avatares, e tais produtos culturais tem como forma privilegiada o machinima: filmes produzidos a partir do software e/ou hardware de videogames ou outros programas gráficos 3D real time. Assim, procuraremos mostrar como está estruturado um mercado pornô no mundo virtual, inicialmente de modo amador mas em processo de profissionalização, bem como descreveremos as formas de produção e consumo desse material por residentes da plataforma, além de sua circulação online em sites especializados em pornografia de animação para além dos muros do programa. Partindo do ambiente por nós pesquisado também proporemos comparações com relação a outras formas de machinima adulto, elaborados por usuários de outras plataformas, mostrando que essa forma de pornografia é um fenômeno relativamente novo que só foi possível com o advento da chamada web 2.0.

Palavras-chave: pornografia - sexualidade - machinima - mundo virtual 3D – Internet.

A ESTÉTICA DE LUGAR NO INSTAGRAM: UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO DE INTERAÇÃO ENTRE CIDADE, FOTOGRAFIA E TÉCNICA

Clara Maria Abdo Guimarães

Mestranda em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (Brasil)

clara.abdo@gmail.com

O Instagram é um aplicativo para dispositivos móveis, que permite o registro de fotos, a edição e o compartilhamento delas, tanto na ferramenta quanto em outras plataformas virtuais. Essas características fazem dele uma rede social, tendo vista a existência de interação entre os usuários que podem curtir e comentar nas imagens dos perfis que escolhem seguir. Outro comportamento de uso é a presença das *hashtags*, que têm o papel de identificar e classificar uma imagem. Dentro das diversas possibilidades de enfoques, escolhi para esse artigo apresentar a relação entre a cidade, a fotografia e a técnica, pautados no que seria a estética de lugar no Instagram. Deve-se pontuar que a análise se insere no contexto da cultura digital. As imagens escolhidas para pensar essa estética, serão aquelas cujos registros são de lugares da cidade e, como critério para selecioná-las, será usada a *hashtag #lugar*. Pretende-se compreender como esse tipo de

marcação pode delimitar o que passa a ser classificado como lugar na ferramenta e como essa categorização expõe espaços da cidade. A técnica será pontuada não apenas como mediadora entre objeto e ser humano, mas como parte de um organismo que constitui um cenário cultural. Assim como os indivíduos produzem sentidos para o uso e aplicação dessas técnicas, também estabelecem com elas outras relações com a cidade. A partir dessa análise, propõe-se observar como o registro dos espaços públicos podem ressignificar a noção da cidade e como essas imagens, em conexão à maneira como são produzidas, podem ser refletidas antropologicamente.

Palavras-chaves: Instagram, fotografia, estética, lugar, Cultura Digital.

GT 114. MIGRACIONES Y PERSPECTIVA DE GÉNERO: REGÍMENES DE GÉNERO, COLONIALIDAD E INTERSECCIONALIDAD

Coordenadores:

Beatriz Padilla. CICS-Nova (Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa & Universidade do Minho); padilla.beatriz@gmail.com

Glaucia de Oliveira Assis. Universidade do Estado de Santa de Catarina;
galssis@gmail.com

Dra. Susana María Sassone. Investigadora Principal CONICET - IMHICIHU
Instituto Multidisciplinario de Historia y Ciencias Humanas;
smsassone@gmail.com; susana_sassone@yahoo.com.ar

Debatedora: Dra. Maria Cecilia Gallero – Conicet – Argentina;
mariaceciliagallero@gmail.com

**MIGRAÇÃO, GÊNERO, TECNOLOGIAS REPRODUTIVAS: SAÚDE
REPRODUTIVA NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES**

Maria Silvia de Moraes. Faculdade de Medicina De São José do Rio Preto –
Departamento de Epidemiologia e Saúde Coletiva – São José do Rio Preto – São Paulo,
Brasil; msmoraes@famerp.br

Um levantamento realizado no ano de 2013 com as brasileiras residentes em Portugal, permitiu observar que há um forte preconceito em relação a elas. Este se manifesta tanto em relação à nacionalidade quanto ao gênero e permeia as instituições, inclusive no sistema de saúde, o que dificulta o seu acesso, quando relacionado à questão reprodutiva.

Observou-se um temor das brasileiras em relação ao parto normal, justificado pela falta da analgesia. Já para os profissionais da saúde esse temor é devido à excessiva preocupação que as brasileiras têm com o corpo.

As entrevistadas enfatizaram que ao dispor de algum recurso financeiro, adquirem o serviço de saúde suplementar, o qual possibilita escolher o tipo de parto, o que normalmente recai sobre a preferência pela cesariana, por causar menos dor.

Discute-se que a cesariana passou a ser considerada maneira comum e natural de ter filhos, e não uma cirurgia que pode trazer riscos. Isso é fruto de uma intensa medicalização do ciclo reprodutivo das mulheres em que há sempre uma solução tecnológica a ser oferecida.

O estudo das brasileiras em Portugal mostrou a iniquidade de acesso aos serviços de saúde oferecidos tanto pelo SUS no Brasil como pelo SNS de Portugal no atendimento às questões relacionadas a mulher e sua sexualidade. Portanto pode-se dizer que saúde não é um bem que está inserido nos direitos universais, preconizado pelas constituições de ambos os países, mas na prática trata-se de bem oferecido pelo mercado.

As solicitações da cesariana por parte das brasileiras constroem um eixo explicativo para oferecer elementos articuladores de uma realidade fragmentada da migrante em terras estrangeiras.

Palavras chaves : migração – gênero – saúde reprodutiva.

FEMINIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO NO MERCOSUL: MULHERES IMIGRANTES NO BRASIL

Rosana Baeninger; baeninger@nepo.unicamp.br

Roberta Peres; roberta@nepo.unicamp.br

Núcleo de Estudos de População Ela Berquó – UNICAMP, Brasil

Este estudo compõe o projeto temático “Observatório das Migrações em São Paulo”, desenvolvido no NEPO/UNICAMP e com o apoio da FAPESP e do CNPq. No âmbito

do entendimento desta pesquisa, acerca dos fluxos migratórios entre os países do Mercosul, a imigração de mulheres é foco deste trabalho. De um lado, pela inserção dos países no Mercosul em diferentes períodos. A Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai, que assinaram o Tratado de Assunção em 26 de março de 1991, e os Estados Associados ao MERCOSUL, posteriormente, Chile, em 1996, Bolívia, em 1997; Colômbia, em 2004; o Equador, em 2004; Peru, em 2003; Venezuela, em 2004.

A participação no bloco econômico traz um novo cenário na mobilidade espacial de distintos contingentes imigrantes de mulheres e suas possibilidades de permanência e circulação entre os países e suas fronteiras. É nesse contexto que é preciso compreender a feminização da imigração do Mercosul no Brasil, sua circulação nas áreas de fronteira e participação no conjunto da imigração mercosulina no país. A metodologia da pesquisa conta com a base de informações dos registros de estrangeiros do Ministério da Justiça, através do qual é possível identificar feminização da migração mercosulina no Brasil, para o período 2000-2014, através do ano de entrada, os postos de entrada, tipo de visto, profissão, municípios de residência, idade das mulheres imigrantes e a comparação entre suas nacionalidades, ampliando a discussão de migração e gênero.

Palavras-chaves: imigração de mulheres, imigração do Mercosul, gênero.

QUAL O LUGAR DA MULHER E DA FAMÍLIA NOS PROGRAMAS DE MOBILIDADE CIENTÍFICA?

Thais França; thaisfrancas@gmail.com

Beatriz Padilla; padilla.beatriz@gmail.com

CICS. Nova, Portugal

Com a internacionalização da ciência e da academia, a mobilidade científica tem vindo a deslocar-se da categoria “opção para crescimento na carreira” para a categoria de “obrigatoriedade para manutenção da carreira”. Em outras palavras, as instituições científicas e académicas passaram a exigir cada vez mais que cientistas, académicos/as e investigadores/as participem em programas de mobilidade internacional, sejam eles de curta ou longa duração. Contudo, os benefícios oferecidos por esses programas raramente contemplam as necessidades familiares e pessoais desses sujeitos. Dentro desta lógica, os arranjos sociais patriarcais, sexistas e androcêntricos existentes reproduzem-se nas dinâmicas de mobilidade científica, legitimando e reproduzindo as assimetrias e hierarquias de gênero que dificultam, e por vezes impedem, uma participação efetiva das mulheres nestes programas. O fato de que as responsabilidades familiares, tanto com os/as filhos/as como os/as genitores/as, ainda recaiam, principalmente sobre as mulheres faz com que sua mobilidade seja reduzida, e consequentemente, sua possibilidade de acessão na carreira. Ausência de ofertas programas de inserção de cômjuge, bem como de cuidados para as crianças são alguns

exemplos de omissão dos programas de mobilidade em relação aos aspectos familiares. A partir do exposto, desde uma perspectiva feminista, tem-se o objetivo de analisar como a negligência dos programas de mobilidade científica em relação às questões familiares e de gênero moldam de maneira desigual as experiências de homens e mulheres nestas dinâmicas. Metodologicamente, parte de uma análise qualitativa de 15 entrevistas realizadas com investigadoras e cientistas imigrantes em Portugal.

Palavras-chave: mobilidade científica, gênero, família.

GAYS E LÉSBICAS TAMBÉM (D)MIGRAM? NOTAS SOBRE REFÚGIO POR ORIENTAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

Vítor Lopes Andrade

Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, Brasil

vitorlandrade@yahoo.com.br

Ter que se deslocar geograficamente a fim de poder vivenciar com maior liberdade seus desejos afetivos e/ou sexuais é uma atitude muito recorrente para aqueles e aquelas cujas sexualidades se caracterizam por não se enquadrar nas normas heterossexuais. Dentro de um território nacional são comuns as migrações do campo para a cidade e do interior para as grandes metrópoles, locais estes que possibilitam o anonimato e a formação de “regiões morais” (PARK, 1967), facilitando o encontro com outros sujeitos e sujeitas que também se identificam como não-heterossexuais. Em alguns países, entretanto, não basta se deslocar internamente, pois existe a homofobia estatal, isto é, punições de ordem política, jurídica e/ou religiosa para quem se relaciona com uma pessoa do mesmo sexo: 76 Estados criminalizam atos homossexuais consentidos entre adultos. Nesses casos, a migração internacional – ou “sexílio” (LA FOUNTAIN-STOKES, 2004) – se coloca como uma alternativa desejável, e a solicitação de refúgio como uma possibilidade. O Brasil é um dos países que tem concedido, desde 2002, refúgio por questão de orientação sexual. Percebe-se que se trata, majoritariamente, de homens provenientes do continente africano e que na maior parte das vezes, diferentemente de outros tipos de imigração, não há a vontade de se retornar ao país de origem. Algumas recorrências nas histórias destas pessoas são a vontade de fugir da própria família e a dificuldade de contar sobre suas sexualidades quando chegam para pedir refúgio. Ademais, nota-se que por vezes sofrem estigmatização de conterrâneos que vieram ao Brasil por outros motivos.

Palavras-chave: imigração; sexualidade; sexílio.

SABERES DO CORPO. NEGOCIANDO FEMINIDADES E MASCULINIDADES EM BRAZILIAN WAXING STUDIOS DE BERLIM, ALEMANHA

Maria Lidola

DAAD/Alemania - PPGSA/IFCS, UFRJ, Brasil

lidola@zedat.fu-berlin.de

Nos últimos dez anos, *Waxing Studios* (estúdios de depilação) surgiram no centro de Berlim e cresceram em número rapidamente. Especializados no "método brasileiro", estes salões de beleza constituem desde então um setor de trabalho e empreendimento feminizado cada vez mais procurado por migrantes brasileiras. Enquanto esses salões representam uma alternativa laboral bastante atrativa para essas mulheres fora do trabalho de cuidado (*care work*) e outros serviços do mercado da simpatia (Padilla/Gomes 2012), formam - ao mesmo tempo - parte de uma intensa etnização de serviços íntimos já feminizados. Além disso, serviço, seu imagem corporal desejado e as (supostas) normativas de gênero subjacente enfrentam uma crítica radical por ativistas feministas.

Mas -aparentemente irônico- esses salões são considerados espaços de maior *agency* e autodeterminação vividas por essas mulheres desde que chegaram na Alemanha. Essa avaliação refere-se em muitos casos não somente a aspectos econômicos e laborais. Refere-se ainda mais aos *Studios* como espaço de contestação a regímenes de representação que se materializaram dolorosamente no cotidiano da maioria dessas mulheres.

Examinarei por meio de uma metodologia interseccional essa secunda vertente, que envolve a dimensão poscolonial de significados de beleza, higiene e cuidado corporal, tanto em suas historicidades locais do contexto alemão quanto brasileiro. Através desse olhar transnacional presente nas próprias trajetórias das brasileiras, demonstrarei que em Berlim, a diferença colonial (Mignolo 2000) é considerado maleável exclusiva- e unicamente em sua dimensão de gênero, em que saberes corporais abrem um espaço de negociação sobre feminidades e masculinidades, invertendo a lógica colonial por momentos.

Palavras chaves: Brazilian Waxing, Beleza e higiene, representações de gênero, diferença colonial.

A MIGRAÇÃO HAITIANA E SUA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO. HOMENS E MULHERES MIGRANTES À

PROCURA DE UM ESPAÇO DE VIDA

Delia Dutra

CEPPAC/UnB – Universidade de Brasília / PNPd/CAPES, Brasil

deliadutra@gmail.com / delia.obmigra@gmail.com

Nos últimos quatro anos a migração haitiana para o Brasil vem aumentando de forma sistemática chegando no ano de 2013 a representar o primeiro coletivo de migrantes presente no mercado formal de trabalho no país. Dados publicados em 2014 pelo Observatório das Migrações Internacionais do Brasil (OBMigra) permitem compreender a pertinência de desenvolver uma análise aguçada desde uma perspectiva de gênero no intuito de problematizar as especificidades deste coletivo e suas implicações tanto para a inserção no mercado de trabalho brasileiro quanto no cotidiano dos e das migrantes no país. O presente trabalho baseia sua análise tanto em dados quantitativos extraídos da base de dados RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) no período 2011-2014, assim como também numa pesquisa qualitativa realizada junto a homens e mulheres migrantes haitianos residentes no Distrito Federal (40 entrevistas semiestruturadas) entre março e maio de 2015. Trata-se de uma pesquisa em andamento no âmbito do OBMigra, que, nesta instância, fará um recorte de forma a explorar possibilidades analíticas que o gênero, enquanto princípio analítico transversal, oferece ao ser relacionado com categorias tais como: escolaridade, renda, grupos ocupacionais, trajetórias laborais, trabalho ‘formal’ e ‘informal’, situação familiar e projetos de vida.

Palavras-chave: gênero, trabalho, migração haitiana, Brasil.

ETNOGRAFIAR LAS MIGRACIONES ‘SUR’-‘NORTE’: LA INSCRIPCIÓN EN NUESTROS CUERPOS DE REPRESENTACIONES DE GÉNERO, RAZA Y NACIÓN

Carmen Gregorio Gil

Departamento de Antropología social, Universidad de Granada, España.

carmengg@ugr.es

Desde mi preocupación por la teorización de las articulaciones entre las diferenciaciones sociohistóricas de género, raza, sexualidad e inmigración en la construcción de la desigualdad, me propongo compartir algunas de mis vivencias en mi relación con los ‘otros’ durante la realización de mi trabajo de campo etnográfico multisituado. Entendiendo con Okely (1975, 1992) que lo personal no sólo es político, como bien se ha encargado de aclamar el feminismo, sino también teórico (Gregorio 2006:32) trato, como diría Jone Miren Hernández, de “habitar” en mi etnografía para

entenderla “...como experiencia de la antropóloga relacionada con actitudes culturales presentes en la sociedad y no como expresión ‘del conocimiento’ abstracto, impersonal, descontextualizado” (Hernández 2012: 1). De esta forma me propongo restituir el valor del conocimiento desde nuestros propios cuerpos, como sujetos de acción que experimentan, sienten, se emocionan, cuestión controvertida, al confrontarse con la idea de la supuesta neutralidad y objetividad que ha de presidir al conocimiento científico.

Palabras clave: etnografía feminista, género, raza, República Dominicana.

VIOLENCIA, POLÍTICA Y GÉNERO. LA REPRESENTACIÓN DE LA MUJER MIGRANTE EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN

Cecilia Melella

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas CONICET- Instituto Multidisciplinario de Historia y Ciencias Humanas IMHICIHU –Buenos Aires, Argentina.

cemelella@gmail.com

La mujer y el extranjero eran en la antigüedad occidental, específicamente griega, aquellos sujetos relegados de *lo/la* político, ya que no poseían la categoría de ciudadano sólo atribuida a los “nacidos de la tierra”. Dichos sujetos fueron construidos como “chivos expiatorios” que debían ser sacrificados y/o expulsados de la comunidad como modo de sanación de la misma (un ejemplo de ello es Medea, mujer, hechicera, extranjera y asesina de sus propios hijos). En la modernidad, la violencia hacia ambas figuras, lejos de desvanecerse, ha persistido bajo formas menos evidentes que se montan sobre el juego de la visibilidad-invisibilidad. Los medios de comunicación conforman espacios excepcionales para la construcción de imaginarios que re-creen y fomenten la circulación de la violencia simbólica contra estas dos representaciones. En consecuencia, esta ponencia se propone estudiar la representación de la figura de la mujer en los medios de comunicación hegemónicos y de migrantes. Concretamente, nos circunscribimos a aquellas comunidades que fueron objeto de discriminación y xenofobia en la Argentina durante la década de 1990 como los bolivianos, peruanos y paraguayos. El objetivo consiste en analizar las tensiones y conflictividades sobre los discursos de género y migración que se aprecian en estos medios en la actualidad donde circulan políticas públicas más democratizadoras e inclusivas con respecto a estas temáticas, así como discursos discriminadores, cosificadores y anti-hospitalarios.

Palabras clave: migración, género, violencia, representaciones, medios de comunicación.

AFECTOS Y MOVILIDAD ACADÉMICA EN PAREJA/FAMILIA EN EL MARCO DE LAS POLÍTICAS CIENTÍFICAS EN COLOMBIA

Carol Pavajeau Delgado

Pontificia Universidad Javeriana / Universidad Estadual de Campinas- UNICAMP-
Brasil

cpavaje@gmail.com

Este trabajo evidencia la relación entre migración calificada, políticas científicas e institucionales y relaciones de la intimidad, por medio de las trayectorias afectivas y de movilidad académica de personas colombianas que se trasladaron en pareja/familia al Brasil para hacer sus estudios de postgrado en diferentes áreas en la Universidad Estadual de Campinas -UNICAMP entre los años 2011-2015.

La ponencia analiza la relación de las políticas científicas Colombianas encargadas de impulsar y regular la movilidad académica en el país, con las negociaciones, decisiones y estrategias para conseguir migrar en pareja/familia que usaron estas personas, específicamente se pretende dar cuenta de las formas en que estas parejas gestionan afectos, dinero y carrera académica en los escenarios micro-políticos de la vida cotidiana analizando el uso que hacen de las transacciones económicas para generar, sostener o transformar sus vínculos (Zelizer 2009).

Los resultados evidencian (1) La tensión entre el concepto de movilidad académica y migración. (2) La invisibilidad de los proyectos migratorios familiares dentro de la movilidad académica. (3) El impacto que las políticas científicas e institucionales colombianas tienen en las negociaciones de dinero, afectos y carrera profesional de las parejas participantes.

Se pretende poner en debate la tensión entre el proyecto individual profesional y el proyecto afectivo que se dan en este tipo de movیلidades, aspectos que no han sido reconocidos por las instancias gestoras de los programas, ni por los estudios existentes en Colombia sobre movilidad académica.

Palabras claves: migración calificada, movilidad académica, género, afectos, relación de pareja, políticas científicas.

TERRITORIALIDADES DE MUJERES BOLIVIANAS EN UNA CIUDAD

PATAGÓNICA. DEL CONFINAMIENTO AL CONTROL TERRITORIAL

Myriam Susana González

Universidad Nacional de la Patagonia SJB, Comodoro Rivadavia, Argentina

myriamsgonzalez@gmail.com

La territorialidad ocupa un lugar creciente en el análisis de las migraciones internacionales, tanto a nivel de las relaciones entre los espacios materiales, sociales, culturales y políticos, como a nivel de las prácticas. Partimos de la idea que los territorios urbanos están marcados por relaciones de poder, de allí que la capacidad de construir lugares es un producto de las estrategias de los actores sociales que los habitan y presenta diferencias de género, clase y etnia. Nos interesa centrarnos en las mujeres bolivianas residentes en Comodoro Rivadavia, en sus estrategias y prácticas y en las nuevas territorialidades que construyen. Se busca recuperar las relaciones e interacciones de las migrantes, los sentidos y significados, las movilidades, accesibilidades y reclusiones que se producen en la vida cotidiana. Nos preguntamos: ¿Qué lugares construyen a partir de los procesos de territorialización en el espacio urbano? ¿Qué prácticas cotidianas desarrollan y cómo son las temporalidades y espacialidades de esas prácticas? Estos interrogantes nos sitúan ante la importancia de la mirada cualitativa captada a través de las narrativas del espacio. Para las mujeres bolivianas estudiadas existen diferentes formas de vivir los lugares y distintas territorialidades. La territorialidad de la residencia, generalmente confinada a sectores periféricos de la ciudad; la territorialidad de la sociabilidad donde el espacio público se transforma en un lugar de encuentro y la territorialidad de la circulación que en algunos casos conduce al control del territorio. Estas territorialidades promueven lugares donde se construye la bolivianidad con una espacialidad y temporalidad que le es propia.

Palabras clave: territorialidad, confinamiento, control territorial, mujeres bolivianas.

MUJERES MIGRANTES, VÍCTIMAS DE LA TRATA: UNA MIRADA MÁS ALLÁ DEL SILENCIO

Mara Clemente

Centro de Investigación y Estudios de Sociología, Instituto Universitario de Lisboa (CIES-IUL), Portugal clementemara@gmail.com

Una revisión de la literatura y de los datos sobre la trata de seres humanos en Portugal

confirma un esfuerzo político de progresiva adaptación por parte del país al nuevo marco jurídico y político internacional y europeo.

Por otra parte, en Portugal, sólo en casos excepcionales la investigación coincide con nuevas experiencias de investigación empírica en las que participen las víctimas de la trata.

La naturaleza oculta y compleja del problema no parece explicar por sí misma el silencio de las víctimas.

El esfuerzo institucional para proteger y asistir a las víctimas así como para la persecución de su trata parece haber producido un sujeto pasivo cuya capacidad de decisión se limita a la cooperación para la represión del crimen del que es víctima.

Actores y organizaciones críticas de este sistema, sobre todo católicos y abolicionistas, se quejan de la re-victimización institucional de la víctima, pero reproducen su lógica. Experiencias y prácticas de asistencia alternativa revelan una resistencia a la señalización de las víctimas en el sistema de monitoreo institucional y una repulsa con respecto a la posibilidad de investigación. Por otra parte, el silencio de la víctima fuera del sistema no ayuda a la reflexión y a la construcción de propuestas que consideren a la víctima como sujeto activo.

El resultado es que en todos los casos - sobre todo si la víctima es una mujer y menor de edad, migrante y con experiencia de haber sido explotada sexualmente - otros sujetos decidirán por ella y hablarán en su nombre.

Palabras clave: trata de seres humanos, migración de mujeres, explotación sexual, políticas basadas en la evidencia.

MULHERES HAITIANAS EM BALNEÁRIO CAMBORIÚ – SC: ALGUMAS HISTÓRIAS DE VIDA E DE MIGRAÇÃO

Luís Felipe Aires Magalhães

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Brasil

lufeaires@gmail.com

A emigração haitiana não é um processo novo (CASTOR, 1978; COTINGUIBA, 2014): iniciada ainda no final do século XIX, quando se dirige especialmente a Cuba e República Dominicana, ela se orienta, já na segunda metade do século XX, a países como Estados Unidos, Canadá e França. Desde 2010, esta emigração haitiana dirige-se também ao Brasil, que passou nos últimos anos por um ciclo expansivo em sua economia, implementando medidas anticíclicas de promoção do consumo e de

construção de obras públicas – inclusive para a realização de grandes eventos internacionais. Igualmente, o Brasil está presente também no Haiti, seja militarmente, coordenando a Missão da ONU para Estabilização da Paz no país, seja economicamente, através de um sem-número de empreiteiras operando inicialmente a construção de estradas e portos e, após o Terremoto de Janeiro de 2010, a reconstrução do país (SEGUY, 2014). Estes fatores contribuíram para inserir o Brasil no rol dos destinos da emigração haitiana, ainda no final do ano de 2010.

Este artigo tem por objetivo analisar a imigração haitiana na cidade de Balneário Camboriú, Estado de Santa Catarina. Pretende-se especificamente analisar as trajetórias de vida e de migração de mulheres imigrantes residentes na cidade, através de entrevistas qualitativas e trabalho de observação participante em espaços culturais, religiosos e de associação da comunidade haitiana em Balneário Camboriú. Pretende-se teorizar, a partir destas histórias, as relações de gênero nestes espaços e as particularidades da imigração feminina.

Palavras-Chave: Imigração; Haiti; Mulheres; Balneário Camboriú – SC.

A (IN)VISIBILIDADE DE MIGRANTES GANESAS ENQUANTO REFUGIADAS NA NARRATIVA DE TELEJORNALIS BRASILEIROS (2014)

Samira Moratti Frazão. PPGH/UDESC y Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil; samiramoratti@gmail.com

A partir da primeira década do século XXI cresceu o número de migrantes em busca de refúgio no Brasil, entre os quais estão os de origem africana. Durante a realização da Copa do Mundo de Futebol, entre os meses de junho e julho de 2014, a vinda de ganeses atraiu a atenção da imprensa. Conforme dados divulgados pelo Ministério da Justiça em 2014, foi emitido um total de 8.767 vistos de turista para cidadãos e cidadãs ganeses. Com o término da Copa, parte deles(as) continuou no Brasil – mais de 1.130. Destes, 180 deram entrada na solicitação de refúgio (o número alcançou a marca de 400 pedidos em agosto do mesmo ano). Uma questão em particular evocou a necessidade em promover essa investigação: a (in)visibilidade de mulheres migrantes e refugiadas, as quais raramente foram citadas na cobertura telejornalística realizada entre os meses de junho, julho e agosto de 2014. Assim, considerando as marcas presentes na narrativa telejornalística, tomou-se a seguinte questão norteadora: de que modo as mulheres ganesas, enquanto refugiadas, foram representadas na narrativa de telejornais brasileiros, contrapondo a abordagem realizada a respeito dos migrantes e refugiados homens da mesma nacionalidade e origem. Com base na Análise Crítica da Narrativa, foi realizado um estudo qualitativo e preliminar de reportagens veiculadas em telejornais brasileiros. Entre os autores trabalhados estão Roger Chartier e o conceito de representação; Paul Ricoeur, Luiz Gonzaga Motta e Célia Ladeira Mota e o conceito de

narrativa, e estudos sobre jornalismo, história, migrações e gênero.

Palavras-chave: fluxos migratórios; refugiadas; telejornalismo; gênero; narrativa jornalística.

ENTRE EL RECONOCIMIENTO Y LA EXCLUSIÓN. TRÁFICO TRATA Y PROSTITUCIÓN EN EL SIGLO XXI

Emma Martin Diaz

Departamento de Antropología Social de la Universidad de Sevilla, España

emma@us.es

Estamos asistiendo a un auténtico bombardeo mediático sobre la prostitución. En consonancia con este estado de cosas, todo lo que rodea a esta actividad aflora a la opinión pública, rompiendo el silencio social que envolvía el mercado del sexo y sacando el debate de los estrechos círculos de unos feminismos dolorosamente desgarrados entre las posiciones regulacionista y abolicionista. Lo que genera este interés es la evidente relación existente entre la inmigración femenina y la prostitución, en un contexto de endurecimiento de las políticas migratorias y de cierre de fronteras a escala global. De esta forma, al estigma de la prostitución se superpone el estigma de la inmigración en situación de irregularidad administrativa y la permanente sospecha de la trata en un contexto en que migración y tráfico de personas aparecen como sinónimos. Si ser ilegal en España implica la negación de la persona como sujeto de derechos, (de Lucas, 1994) ser ilegal, prostituta y sospechosa de estar inserta en redes de tráfico y trata coloca a quienes se encuentran en esta situación en el nivel más alto de indefensión y des-consideración jurídica y social. En esta comunicación nos centraremos en la revisión del alcance y consecuencias de las medidas, pero sobre todo de la filosofía subyacente al entramado legal que, con un claro predominio del enfoque trafiquista, intenta abordar las dificultades que plantea la combinación de estas situaciones de marginalidad, con planteamientos a menudo contradictorios y poco eficaces.

Palabras clave: Inmigración, prostitución, género, antropología jurídica.

GÊNERO E TRÂNSITOS CONTEMPORÂNEOS DE MULHERES BRASILEIRAS EMIGRANTES NO SÉCULO XXI

Gláucia de Oliveira Assis

Nesse início de século XXI a ampliação do fluxo de brasileiros/as rumo ao estrangeiro tem colocado novas questões para aqueles que vivenciam a experiência de viver entre o Brasil e os vários locais de destino no exterior. Nos primeiros anos desse século ocorreu uma intensificação do fluxo de brasileiros rumo a Europa notadamente Itália, Portugal e Inglaterra. Muitos desses migrantes são descendentes dos imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e que “retornam” a Europa em busca da cidadania, outros “com a cara e a coragem” migram em busca de uma vida melhor. A ampliação dos pontos de partida, as redes de tráfico de migrantes, as deportações, os migrantes retornados, bem como as novas tecnologias de comunicação, através da internet, colocam as cidades de origem do fluxo em relação constante com as cidades de destino, configurando complexas redes sociais e experiências que cruzam gênero, etnicidade e classe. Este artigo busca reconstruir as trajetórias de homens e mulheres rumo a Europa, centrando-se nas trajetórias das mulheres, uma vez que há um crescimento significativo da inserção de mulheres nesses movimentos. No caso das mulheres brasileiras, estudos tem procurado compreender como raça e nacionalidade operam com os marcadores de gênero e sexualidade construindo representações sobre “a mulher brasileira”. Tais marcadores exotizam e ressaltam a sexualidade e, ao mesmo tempo que produzem discriminação e preconceito, também geram modos de inserção tanto no mercado de trabalho quanto no universo dos afetos. A partir dos relatos orais desses/as emigrantes, evidenciamos como as mulheres, através migração internacional, tecem estratégias de escapar da pobreza e da exclusão social, mas não apenas isso, têm demonstrado também que a migração se configura como uma estratégia de expandir horizontes de “melhorar de vida” de ter outras experiências de consumo, de inserção na vida das grandes cidades, viver amores e relacionamentos transnacionais. Desta forma, ao reconstruir essas trajetórias pretendemos contribuir para uma análise dos fluxos contemporâneos num diálogo com os referenciais teóricos da denominada história transnacional e dos estudos das relações de gênero.

Palavras chave:gênero, migrações contemporâneas, brasileiros/as, preconceito, etnicidade.

MUJERES MIGRANTES EN LA ARGENTINA. ACCIONES PÚBLICAS VINCULADAS A LA DEFENSA DE SUS DERECHOS

Susana María Sassone

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas CONICET- Instituto Multidisciplinario de Historia y Ciencias Humanas IMHICIHU –Buenos Aires, Argentina.

Desde unos treinta años, se comenzó un debate internacional en torno al reconocimiento de las formas de discriminación contra las mujeres: el objetivo fue desde entonces, la eliminación de esas formas y reconocer derechos en torno a la salud, el trabajo, la participación política y particularmente, las respuestas frente a la violencia de género, en sus diversas variantes según las culturas. La Argentina, paulatinamente, fue tomando partido desde la gestión de Estado y fijando políticas. La Ley de Protección Integral a las Mujeres N° 26.485/2009 se orienta a prevenir, sancionar y erradicar la violencia contra las mujeres en los ámbitos en que desarrollen sus acciones. El organismo de aplicación es el Consejo Nacional de la Mujer, que depende de la Presidencia de la Nación.

En tal contexto, no pueden quedar ajenas las mujeres migrantes, víctimas de doble discriminación, como mujeres y como migrantes. Desde el plano migratorio, trabajan en conjunto dos dependencias del Ministerio de Interior y Transporte de la Nación, a saber: la Dirección Nacional de Migraciones y la CONARE, Comisión Nacional para los Refugiados. El tema ha tomado alcance federal, desde la institucionalidad estatal como desde las organizaciones no gubernamentales. La presente ponencia tiene por objeto realizar un relevamiento geográfico a nivel del territorio argentino, en relación a las acciones públicas y de la sociedad civil sobre el reconocimiento en el acceso a los derechos de las mujeres migrantes en la Argentina. La metodología de trabajo se basará en el análisis normativo y de la arquitectura estatal de la gestión institucional para saber que se hace desde el Estado y desde la sociedad civil para atender a las situaciones de discriminación de las mujeres migrantes. Así, como lo indico Naciones Unidas, nos preguntamos qué problemas surgen cuando se integran los enfoques de género, de interculturalidad, derechos humanos y migración.

Palabras clave: mujer migrante, discriminación, derechos humanos, gestión territorial.

FAZER-SE NAS DIFERENÇAS: GÊNERO, RELIGIOSIDADE E REPRESENTAÇÕES ENTRE ‘NOVOS’ E ‘VELHOS’ IMIGRANTES EM CAXIAS DO SUL – RS

Assis Felipe Menin

Universidade do Estado de Santa Catarina

a.f.menin@gmail.com

Este trabalho tem objetivo de apresentar as mudanças que vem ocorrendo na cidade de Caxias do Sul – RS, Brasil, cidade esta colonizada por imigrantes italianos no final do

séc. XIX, e a partir das novas ondas imigratórias recentes na cidade, os novos imigrantes haitianos, ganeses e senegaleses, e pensar através das representações da mídia, dos jornais, redes sociais, e da própria representação da cidade e dos novos e novas imigrantes o conceito defendido por Elias (2000) de estabelecidos e *outsiders*.

A partir deste conceito analisar as representações que são veiculadas nos jornais locais, na mídia e nas próprias experiências migratórias dos imigrantes, as mulheres migrantes descendentes de italianos e as mulheres imigrantes haitianas, ganesas e senegalesas e os aspectos presentes como interseccionalidades de raça, etnia, nacionalidade, identidade, classe social, e religiosidade, onde estas representações põem em evidência @s nov@s imigrantes apenas reforçando as estigmatizações e o racismo. Assim, a luz das mobilidades e transformações locais, as representações que são feitas destas mulheres, acaba por reforçar identidade italiana e o seu poder legitimador em todos os espaços, seja, político, econômico e social, e nos lugares simbólicos de memória de uma italianidade presente, e que exclui outras etnias.

Palavras-chave: Imigração, identidades, representações, gênero.

O PROGRAMA DE INTERCÂMBIO AU PAIR COMO FLUXO MIGRATÓRIO DE JOVENS MULHERES PARA O TRABALHO DO CUIDADO

Michelle Franco Redondo

Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis _Universidade Estadual de
Campinas.Unicamp, Brasil.

michelleredondo@gmail.com

O presente trabalho utiliza o Programa de Intercâmbio *Au pair* _troca de alimentação e moradia por cuidado com crianças_ para discutir a migração feminina influenciada pelo mercado do trabalho do cuidado (*care*). Nesse sentido ele tem como objetivo descrever e analisar uma forma específica de circulação de pessoas, a qual é divulgada como experiência de intercâmbio cultural e associa-la à necessidade de mão de obra para o cuidado com os filhos. Dentro dessa perspectiva será destacada a manutenção da associação dos trabalhos domésticos às mulheres da família, assim como a utilização de mão de obra dos países mais pobres pelos países mais desenvolvidos. A interseccionalidade se fez fundamental, em especial, para analisar o modo como as questões do gênero, da raça e do sexo contribuem na escolha dos seus participantes pelo Programa *Au pair*, e refletem a dificuldade de valorização do trabalho doméstico. Dessa maneira, discutiremos o fluxo migratório transnacional de mulheres, incentivado pelo trabalho do cuidado, a partir do Programa de Intercâmbio *Au pair* considerando suas

particularidades. Essa discussão será embasada nas experiências de *au pairs* brasileiras em Paris e seus arredores, que foram analisadas a partir da observação participante e da realização de entrevistas, tendo como aporte teórico da perspectiva do cuidado. A técnica de entrevista utilizada foi a semi-dirigida, isso porque o objetivo das entrevistas era viabilizar uma compreensão das biografias e das experiências dessas migrantes. Os entrevistados foram identificados e localizados pelo método da “bola de neve”.

Palavras-chave: Programa de Intercâmbio Au pair, trabalho do cuidado, migração transnacional de mulheres.

GÊNERO E MIGRAÇÕES: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL

Maria Madalena Gracioli UNESP – Franca / FFCL – Ituverava

Maria Lucia Vannuchi Universidade Federal de Uberlândia

lenagracioli@gmail.com - maluvannuchi@yahoo.com.br

Devido as mudanças contemporâneas no papel da mulher em muitas sociedades, com a sua inserção no mercado de trabalho e os avanços nos processos de emancipação; com maior independência e empoderamento, as mulheres passaram a ser agentes ativos nos processos e dinâmicas migratórias internacionais tornando-se propulsoras de mudanças nos países de destino. É nesse contexto, que este trabalho visa analisar a trajetória de quatro mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, que apesar de todas as dificuldades inerentes à condição de imigrante, encontraram motivações para empreender pequenos negócios nesse país. Os relatos evidenciam que as motivações para deixar seu país de origem, foram tanto de ordem objetiva, no que tange às condições materiais de existência, quanto de natureza subjetiva, simbólica; mostram as múltiplas dificuldades que enfrentaram no país acolhedor, principalmente as constantes situações constrangedoras de preconceito e discriminação. Revelam que apesar de destemidas, os desafios enquanto mulher e empreendedora requerem determinação para continuar perseguindo os objetivos traçados, para enfrentar as situações conflitantes de inserção na nova sociedade, as dificuldades específicas de gerenciamento da pequena empresa, para cumprir com as obrigações fiscais, a falta de capital de giro e, para estabelecer estratégias para enfrentar a crise econômica que assola o país. Apesar de quatro diferentes trajetórias, há entre elas pontos de convergência que evidenciam que apesar das dificuldades que cotidianamente enfrentam e da saudade dos familiares e amigos que ficaram no país de origem, há o desejo de continuar em Portugal, pois consideram que o país oferece melhor qualidade de vida e menor índice de violência.

Palabras-chave Empreendedorismo; Migrações; Mulheres; Trajetórias; Desafios.

ANÁLISIS INTERSECCIONAL DE PROCESOS DE CONSTRUCCIÓN IDENTITARIA Y ATRIBUCIÓN DE ALTERIDAD EN CHICOS Y CHICAS MIGRANTES EN ESPAÑA

Antonia Olmos Alcaraz

María Rubio Gómez

Ouafaa Bouachra Outmani

Departamento de Antropología Social. Instituto de Migraciones. Universidad de Granada, España)

antonia@ugr.es

El trabajo analiza relacionadamente procesos de construcción de la diferencia (García Castaño et al., 1999; Olmos, 2010; Rubio, 2013) y procesos de construcción identitaria (Brubaker y Cooper, 2001; Hall, 2003; Maalouf, 1999) en los que se encuentran jóvenes adolescentes y pre-adolescentes procedentes de la migración, en contextos educativos formales.

El objetivo es mostrar y describir cómo funcionan alteridad e identidad de forma interseccional (Anthías y Yuval-Davis, 2007; West y Fenstermarker, 2010; Dietz, 2011). Partimos de que no es posible establecer *a priori* que nos indiquen con certeza qué categorías socio-culturales cuentan con mayor poder explicativo para entender cómo se generan las representaciones de alteridad en contextos educativos formales; y tampoco podemos conocer cuáles son los elementos identitarios más importantes para los jóvenes procedentes de la inmigración. Sí sabemos, no obstante, que unos y otros procesos están íntimamente relacionados –son dos caras de una misma moneda–; y que en ellos, categorías construidas socio-culturalmente como la “raza”/etnia, la clase social o el género (pero también aspectos relacionados con la religión, la lengua o la procedencia nacional), en tanto que categorías que emergen cuando “hablamos de inmigración”, funcionan de forma interrelacionada, interdependiente y contextual.

Nuestro análisis considera la interseccionalidad como la forma más adecuada de aproximación a la realidad observada. Para ello trabajamos a partir de entrevistas biográficas e historias de vida de jóvenes, producidas en nuestros respectivos trabajos de campo lo cual nos permite abordar los objetos teóricos de estudio (alteridad/identidad) de forma procesual y contextualizada.

Palabras clave: migraciones, identidad, alteridad, interseccionalidad, adolescentes.

MULHERES TUKANAS E CAXIRIS EM CIRCULAÇÃO: DAS COMUNIDADES À CIDADE, DA CIDADE ÀS ROÇAS (NA) DA CIDADE, SÍTIOS E COMUNIDADES

Talita Sene

PPGAS-UFSC /Núcleo de Pesquisa em Fundamentos da Antropologia A-Funda, Brasil

talitasene@gmail.com

Na região do Alto Rio Negro (ARN), Noroeste do estado do Amazonas, local em que habitam os povos indígenas da família linguística Tukano Oriental, há uma crescente migração de famílias indígenas que vivem em comunidades/sítios para a cidade de São Gabriel da Cachoeira (SGC) (LASMAR, 2005). Embora a mudança destes indígenas para a cidade acarrete uma série de alterações no modo de vida destes, especialmente na rotina diária e dieta, o ARN caracteriza-se por uma articulação cada vez maior entre estes espaços. Muitas famílias, inclusive, têm um modo de vida “sazonal”: vivem na parte urbana de SGC, mas ao mesmo tempo mantêm casas e cultivos na zona periurbana, em comunidades e sítios, para onde se deslocam com frequência para manutenção da roça ou/e para visitar parentes, por exemplo. Levando tal aspecto em consideração, esta arguição traz uma breve reflexão sobre o lugar das mulheres Tukano nestes deslocamentos, especialmente das horticultoras, uma vez que estas parecem ser as principais articuladoras de um complexo de relações socioespaciais em torno da circulação de pessoas e também de recursos. Para tal, tomo como ponto de partida as feiras festivas dominicais de duas associações indígenas localizadas na zona urbana do município de São Gabriel da Cachoeira, a Associação Cultural dos Agricultores Indígenas Direto da Roça e a Associação Mista dos Povos Indígenas. Através destas mostro como algumas mulheres converteram sua relação com a roça em fonte de renda, trabalho e relação na e com a cidade através da venda de produtos direto da roça, como os caxiris. Nestas associações estes produtos são comercializados para outros indígenas, e também, em menor proporção, para os “brancos”.

Palavras-chave: circulação; trabalho; caxiri; Tukano; Noroeste Amazônico.

NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO NO NOVO TERRITÓRIO. MULHERES BRASILEIRAS QUE MIGRAM E RETORNAM COM CÔNJUGES ESTRANGEIROS

Sueli Siqueira

As mulheres estão presentes no movimento migratório internacional brasileiro desde o seu início, sendo que seu número torna-se expressivo chegando a igualar-se ao dos homens no início dos anos 2000. Em sua maioria emigram com o objetivo de conquistar melhores condições econômicas e retornar, contudo, no percurso desse projeto muitas permanecem, estabelecem relacionamentos e se unem a cônjuges nativos. Com a crise econômica que se abateu sobre os Estados Unidos e Europa muitas mulheres retornam com seus companheiros. Este artigo tem como objeto central compreender como são negociadas as relações de gênero nesse novo território. Se como afirma Sayad (2000) o retorno é uma nova emigração, pois os anos de ausência da terra natal, no retorno, estranhamento é uma situação vivida pelo nativo. Como o casal trabalha esse retorno e estranhamento para a mulher e imigração para o homem. Com base em 35 entrevistas em profundidade realizadas com casais cujo companheiro é estrangeiro (Português, Americano, Inglês, Alemão, Mexicano, Argeliano, Holanda) que retornaram para o município de Governador Valadares e seu entorno (32 cidades). Os resultados nos permitem considerar que o estranhamento as dificuldades para adaptar-se, a negociação das relações de gênero, principalmente quando o casal tem filhos, são pontos de tensão entre o casal e geram situações de conflito.

Palavras-chave: Emigração feminina, matrimônio com nativos, retorno, relações de gênero.

GT 115. DITADURAS, GÊNERO E SEXUALIDADES

Coordenadores:

Anna Paula Uziel. Universidade do Estado do Rio de Janeiro; uzielap@gmail.com

Rodrigo Andrés Azócar González. Universidad Tecnológica de Chile, INACAP; rodrigoazocar@gmail.com, rodrigo.azocar@inacapmail.cl

Jimena de Garay Hernández. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. jime_degaray@hotmail.com

Comentarista: Jimena Maria Massa. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); jimenamassa@gmail.com.

Suplente: María J. Marco Macarro. Universidad Pablo de Olavide, de Sevilla;
mmarmac@upo.es

LÍNEA 108, BUS DE LA MEMORIA

Clara Cuevas (clarita.cuevas@gmail.com)

Mestre em História – UFPR

Esta comunicação busca expor os potenciais de justiça e memória no *Circuito de la memoria LGBTI* em Assunção, evento realizado na Parada da Diversidade em 2013. Inspirado no caso *108 y un quemado* de 1959, em que mais de cem pessoas acusadas de homossexualidade foram detidas pela polícia nacional stronista, a *Línea* faz parte de um projeto de reivindicação de memória contribuindo para a ressignificação do estigma *ciento ocho*, sinônimo pejorativo histórico de homossexual, *puto*, *mariÁxon*, pelos movimentos sociais na atualidade, ampliando sua conotação política e reconstruindo a memória histórica do regime stronista. Na Parada da Diversidade em questão foi organizado pelo grupo *Mansión 108* um “*Circuito de Memoria LGTBI*” em que um ônibus denominado “*Línea 108 Bus de la memoria*” percorreu os principais lugares de memória do grupo, como as delegacias de polícia onde foram detidos homossexuais e a *Escalinata de Antequera*, lugar de encontro de várias travestis e homossexuais, promovendo um passeio entre o passado histórico e o presente, guiado por uma *drag queen* vestida de policial. Os locais visitados pela *Línea* não são encarados apenas como referência de repressão do regime ditatorial paraguaio, mas também como ponto de possibilidades de resistência. Se a “história oficial”, não abrigou estas subjetividades, coube a elas mesmas construir e reivindicar suas próprias histórias, tornando a prática de suas existências sua forma de reivindicar a memória e a justiça.

Palavras-chave: ditadura, homossexualidade, memória, cidade, justiça.

LOS “DISIDENTES SEXUALES” DURANTE LA DICTADURA FRANQUISTA

Rafael Cáceres Feria (rcacfer@upo.es)

Professor de Antropología Social de la Universidad Pablo de Olavide de Sevilla.

La llegada al poder del General Franco en España supondrá la instauración de una dictadura militar apoyada en la iglesia católica que perseguirá todas aquellas sexualidades heterodoxas. Las relaciones sexuales entre personas del mismo sexo fueron duramente reprimidas. En este contexto de opresión los “disidentes sexuales” tuvieron que buscar espacios y mecanismos para sobrevivir. Los que ahora denominamos homosexuales constituían un grupo heterogéneo con situaciones muy diferentes. El franquismo no los trató a todos por igual por lo que los mecanismos de resistencia fueron muy diversos. No vivieron la dictadura de la misma forma las mujeres “lesbianas” y los hombres “homosexuales”, ni las clases altas en relación a los sectores populares. Los afeminados fueron el blanco preferido del régimen. La Iglesia, el mundo artístico, fueron algunos de los espacios donde estos hombres y mujeres buscaron refugio.

Palabras claves: Disidencia sexual, Homosexualidad, Dictadura, Represión, Franquismo.

OS FALSOS PURITANOS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO HOMOSSEXUAL NA MÍDIA NO MUNICÍPIO DE DOURADOS/MS (1964-1985)

Júnior José da Silva (jrscherenner@gmail.com)

Mestrando do programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados – Mato Grosso do Sul – Brasil.

Wilker Solidade da Silva (wilkersolidade@hotmail.com)

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD);
wilkersolidade@hotmail.com

Com a inserção do Regime Militar, em 1964, o Brasil sofreu umas das maiores modificações de sua história, reconfigurando valores, ideias e preceitos sociais que colocados em rasura, visavam atender um novo modelo de sociedade que se instaurava. Nesse intento, tudo que estivesse contrário a este projeto deveria ser banido do país, e para concretizar tal premissa se estabelecia a partir de perseguições e censuras, campanhas midiáticas em prol da moral e dos bons costumes apoiadas no discurso de preservação do indivíduo brasileiro da “ameaça comunista”. É nesse cenário que toda manifestação sexual que estivesse fora do aspecto normativo e heterossexual, adotado como o correto, era apresentada como doença, pecado e perigo social à Nação. Com o objetivo de explorar esse período da história do Brasil no estado de Mato Grosso do Sul, e principalmente no município de Dourados, este artigo traz o resultado final de uma pesquisa que identificou no Periódico de maior circulação no município de Dourados/MS, entre os anos de 1964 e 1985, como se formava a representação social do

indivíduo homossexual e sua relação com a sociedade. O manuseio dos jornais evidenciou que o discurso repetido, paulatinamente, nas manchetes, incitava o ódio contra os ditos “pederastas” e praticantes do “homossexualismo”, criando como consequência uma cultura de subalternização dos homossexuais e uma rotulação destes como os “falsos puritanos” de uma sociedade a ser moldada pela política nacional.

Palavras-chave: Regime Militar. Homossexualidade. Representação Social. Mídia.

YO SOY... MUJERES FAMILIARES DE DETENIDOS DESAPARECIDOS Y EJECUTADOS DE PAINE

Carolina Maillard (cmaillard@germina.cl)

Antropóloga sociales e investigadoras de
Germina, conocimiento para la acción

Gloria Ochoa (gochoa@germina.cl)

Antropóloga sociales e investigadoras de *Germina, conocimiento para la acción*

En la presente reflexión, recogemos la indagación realizada en la investigación que dio origen al libro *Yo soy... Mujeres familiares de detenidos desaparecidos de Paine*, que tuvo por objetivo visibilizar el impacto de la represión ocurrida luego del golpe militar de 1973, en las mujeres y la familia de los 70 detenidos desaparecidos registrados oficialmente en una pequeña localidad rural de Chile.

Cuando por primera vez asistimos a una reunión de la Agrupación de familiares de detenidos desaparecidos y ejecutados de Paine, nos sorprendió que la mayor parte de las presentes fueran mujeres de avanzada edad, que no hablaban de ellas, sino que de 70 hombres ausentes. Por ello, nuestra investigación intentó trasladar el foco de atención desde las víctimas directas, todas varones, hacia las mujeres que se mantienen hasta hoy como miembros activos de la AFDDyE y su experiencia. Significó preguntarse por el rol de los vínculos primarios en la búsqueda de las personas y de la verdad de las violaciones a los derechos humanos. Y significó preguntarse cómo impactó en la vida de estas mujeres el ser familiar de un detenido desaparecido o de un ejecutado político.

Pensamos que nuestro aporte radica en intentar dar visibilidad a las vivencias de estas mujeres no solo como familiares de, sino como protagonistas de su propia historia. Aspiramos a mostrar que el impacto de la represión no fue sólo político, sino que también afectó la esfera social, doméstica y cotidiana, atribuida generalmente a las mujeres.

Palabras clave: mujeres familiares, represión, dictadura, Paine.

LA SEXUALIDAD NEGADA DE LAS MUJERES DURANTE EL FRANQUISMO

María J. Marco Macarro (mmarmac@upo.es)

Universidad Pablo de Olavide

Conchi San Martín Martínez

Universidad de Barcelona

Marta Sintés

Universidad de Barcelona

La dictadura franquista se caracterizó por profundos procesos de represión en diversos ámbitos de la vida social y personal. En este trabajo nos centramos en el tratamiento que la alianza político-militar-eclesiástica hizo de la sexualidad, especialmente, de la de las mujeres. Pocos son los datos científicos, probablemente porque el tratamiento de la sexualidad en esa época fue precisamente negarla, negar la posibilidad de placer y goce de los cuerpos para la mayoría de las personas; exceptuando el irrefrenable y viril impulso sexual de los “hombres-de-verdad”, el resto, mujeres y no-hombres no tenían sexualidad o esta era animal, degenerante, pecaminosa y hasta peligrosa para sí y para otros. Sin ser éste un tema prioritario en las investigaciones para recuperar la memoria histórica, y aunque el sesgo de género sigue también afectando a estos trabajos, siendo sensiblemente menor el número de trabajos con voces de mujeres, en los últimos años han aparecido trabajos de gran interés sobre la sexualidad de las mujeres durante el franquismo. Revisaremos algunos de ellos para, junto con algunos testimonios, dar cuenta de: la negación de la sexualidad de las mujeres por el aparato represor político-religioso del franquismo; el tratamiento social/educativo de las mujeres como seres reproductivos y asexuados; la represión social, moral y religiosa, educativa y médica del deseo de las mujeres, especialmente pero no solo, de las no sometidas al ideal heteronormativo; y las vivencias y formas de resistencia de las mujeres ante estos mandatos y constricciones.

Palabras clave: represión, sexualidades, mujeres, franquismo, memoria.

"ENTREI PARA O WOMEN'S LIBERATION FRONT": DITADURA, FESTA E HOMOSSEXUALIDADES EM BELÉM-PA

Mílton Ribeiro da Silva Filho (mfo@ufpa.br / millor_ufpa@hotmail.com)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da

As ditaduras na América Latina sempre são abordadas a partir dos grandes centros urbanos, Rio de Janeiro e São Paulo, no caso brasileiro, e/ou as capitais dos demais países latino-americanos. A Historiografia e as Ciências Sociais no Brasil ainda revelam poucos registros dos efeitos das práticas autoritárias dos governos militares em cidades de médio e pequeno porte, ou até mesmo das de grande porte, longe dos grandes centros industriais e financeiros. O objetivo aqui é trazer um recorte da pesquisa etnográfica sobre a Festa da Chiquita, que nasce na capital paraense justamente no contexto autoritário militar, nos idos da década de 1970; ainda numa alusão às romarias do Círio de N. S. de Nazaré. As práticas iniciais desta reunião festiva convergiam na mobilização dos ditos desviados, dos marginais, dos abjetos, que congregava artistas, acadêmicos, militantes, periféricos e homossexuais na região central da cidade. Os significados da repressão sofrida por estes grupos subalternos, a sociabilidade festiva e as representações sobre as homossexualidades serão alvo de escrutínio neste trabalho; fruto da pesquisa de campo para tese de doutorado.

Palavras-chave: Festa da Chiquita; Homossexualidades em Belém; Ditadura no Norte.

“DESDE LA PENUMBRA: RELATOS DE VIDA SOBRE REPRESIÓN DE SEXUALIDADES NO HEGEMÓNICAS DESDE LA DICTADURA MILITAR CHILENA”

Rodrigo Azócar González (rodrigo.azocar@inacapmail.cl rodrigoazocar@gmail.com)

Docente Universidad Tecnológica de Chile INACAP

La irrupción de la dictadura militar comandada por el General Pinochet con el golpe de estado producido el 11 de septiembre de 1973, inaugura dos décadas de terrorismo de estado, represión y persecución hacia las más diversas manifestaciones y expresiones cotidianas. El afán reformista orientado por un modelo de desarrollo capitalista, supervisado por el propio Milton Friedman desde la Universidad de Chicago, muestra un estado chileno interesado en transformar todos los aspectos de la vida cotidiana, entre ellos, las expresiones de sexualidades. El discurso conservador, apoyado por la iglesia católica, promovía una visión única y controlada de las expresiones de sexualidades, dejando al borde todas aquella manifestación que no repondiera a la versión oficialmente promovida por el régimen. Aún así, durante la represión dictatorial, emergen algunos relatos de vida que se entrecruzan para develar cómo las sexualidades no hegemónicas doblegaban el férreo control estatal, para dar paso a espacios de interacción y visibilidad de estas manifestaciones. El presente trabajo rescata relatos de personas que se indentifican con sexualidades no hegemónicas, y describen cómo la represión del régimen afectó en sus historias vitales. Estos relatos, ayudan a entender

cómo la trayectoria de una sociedad aplastada por la dictadura, deja espacios de expresión y visibilidad de quienes hoy construyen espacios de repeto, integración y diversidad sexual, ya transcurridos 25 años de la recuperación de la democracia.

Palabras claves: Represión, sexualidades, relatos de vida, dictadura, Chile.

MARCAS NO “CORPO E NA ALMA”: TORTURA E MEMÓRIAS DE MILITANTES DA AÇÃO POPULAR

Heloísia Nunes dos Santos (heloisianunes@gmail.com)

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina-PPGH/UFSC

Entre as décadas de 1960- 1970 muitas organizações políticas e movimentos de resistência à ditadura civil-militar Brasileira ganharam força, como é o caso da organização clandestina Ação Popular- AP. Muitos dos/ as militantes da AP passaram pelos “porões” da ditadura, sofreram em seus corpos e mentes torturas atroz, que lhes causaram marcas profundas que são lembradas até hoje, passados mais de 50 anos. Desse modo, pretende-se narrar às trajetórias de militância, de Derlei Catarina de Luca, Loreta Valadares e Catarina Meloni militantes da Ação Popular, através de suas escritas autobiográficas. Para este trabalho analisaremos os livros *Estilhaços em tempos de luta contra a ditadura*, escrito por Loreta, *No corpo e na alma*, por Derlei e *1968 ; tempos de escolhas* de Catarina, buscando perceber como narram suas trajetórias, sobretudo, os episódios passados no cárcere onde a maior parte das torturas aconteciam. Pretende-se também, compreender de que maneira se estabeleciam as relações de gênero dentro da experiência da militância narrada por tais mulheres, problematizando os papéis de gênero atribuídos a mulheres e homens. Para tanto, se faz uso das discussões de gênero, como uma categoria de análise histórica, que percebe como as práticas sociais e culturais constituem historicamente os sujeitos. Neste estudo também há reflexões e relatos sobre gênero nas suas interfaces com a memória, poder e participação política.

Palavras-chave: Memória, ditadura, tortura, autobiografia, gênero.

REVIVENDO GÊNERO E SEXUALIDADE NA DITADURA – DESBUNDE E PURPURINA NAS PERFORMANCES ARTÍSTICAS COMO ENFRENTAMENTO POLÍTICO

Maria Luiza Rodrigues Souza (mariluizars@yahoo.com.br)

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás.

Como performances artísticas durante a ditadura implodiam binarismos heteronormativos? De que maneira relacionavam-se com as propostas artísticas da chamada esquerda engajada? Que estratégias eram utilizadas para responder à repressão sobre suas atuações? Este texto trata dos enfrentamentos estéticos que criticaram e implodiram as ações da ditadura militar em relação a representações de gênero e sexualidade. Discuto como o grupo Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso enfrentaram esteticamente os limites comportamentais e afetivos orientados pelo clima maniqueísta no período da ditadura. Esses artistas surgiram nos anos em que se começava a discutir em outro diapasão questões relativas às mulheres e seus direitos, iniciava-se a chamada revolução sexual, alteravam-se as relações familiares e conjugais, estabelecia-se o movimento gay e emergia na música popular o movimento Tropicalista. Por outro lado, as ações repressivas continuavam a liquidar grupos de militantes, a praticar a tortura e impor a censura ao meio artístico. Ao performarem uma arte que destacava ambiguidades, os artistas estudados subvertiam padrões e abriam outras possibilidades subjetivas. “Não somos homens nem mulheres, somos pessoas”, diziam os Dzi Croquettes em seus espetáculos. Barbas, pelos nas pernas e braços esguios de bailarinos treinados; corpos inteiramente cobertos de purpurina; vestidos com tapa-sexo, sutiãs e envoltos em plumas e paetês – os artistas estudados desafiavam os padrões de gênero e sexualidade defendidos pela direita e pela esquerda durante os anos em que a chamada contracultura instalava-se na sociedade brasileira.

Palavras-chave: ditadura; arte; gênero; sexualidade.

AS MULHERES NAS DITADURAS BRASILEIRA E ARGENTINA: DA ESFERA PRIVADA À PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Gabriela Fischer Armani (gabrielafarmani@gmail.com)

Estudante de Graduação da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Roberta Camineiro Baggio (robertabaggio@uol.com.br)

Professora Adjunta da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

As mulheres exerceram papel central na luta contra várias ditaduras latino-americanas. Neste trabalho, objetiva-se problematizar e refletir sobre os movimentos de mulheres que surgiram em meio à repressão no Brasil e na Argentina. Os vínculos afetivos existentes na vida privada foram fator elementar de aproximação entre suas participantes, o que fomentou a presença de mulheres em espaços de caráter público, provocando rupturas na concepção de que o gênero feminino era elemento pertencente à

vida privada e familiar. Ao analisar os efeitos de tais movimentações na transição democrática de países como o Brasil e a Argentina, identifica-se a contribuição peculiar que deram à luta por igualdade de gênero em seus países. A partir das provocações de Axel Honneth, ao entender o afeto e as lógicas afetivas enquanto elementos essenciais do reconhecimento, à luz das análises de Hannah Arendt sobre processos revolucionários, e com base no que dispõe *bell hooks* sobre sororidade, busca-se compreender de que forma os movimentos de mulheres desse período contribuíram para a consolidação de um movimento feminista nacional, partindo-se de duas hipóteses: a sororidade entre suas participantes e a participação desses movimentos na luta pela democracia. Realizou-se revisão bibliográfica e provocação teórica acerca da transição entre a lógica de afetos e a lógica política que permeou tais movimentos, utilizando-se, enquanto movimentos norteadores, o Movimento Feminino pela Anistia (Brasil) e o movimento das Mães da Praça de Maio (Argentina). Faz parte do projeto de pesquisa em curso a futura realização de investigação *in loco* com participantes de tais organizações.

Palavras-chaves: mulheres; sororidade; movimento feminista; ditadura.

REPRESIÓN Y HOMOFOBIA EN EL VALPARAÍSO POST-DICTADURA. REFLEXIONES DESDE EL INCENDIO DE LA DISCOTECA DIVINE

Nicolás Felipe Lira Canto (nicolasliracanto@gmail.com)

Estudiante de Geografía. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (Chile)

La ciudad chilena de Valparaíso se ha caracterizado históricamente por ser un lugar de diversidad. Su emplazamiento como Puerto ha generado lazos e intercambios con personas del mundo entero, permitiendo estar a la vanguardia social, económica y cultural durante décadas. Esta diversidad cultural permitió que en esta ciudad se crearan los primeros espacios de diversión para públicos diversos, en Chile. Los más renombrados prostíbulos, grandes bares dedicados a marineros, casas de citas y centros de baile dejaron un legado de diversión y tolerancia en la ciudad. Con la dictadura militar, muchos de estos centros de diversión son cerrados ante la pérdida de frequentadores dada las restricciones de circulación y reunión impuestas por el régimen, especialmente para aquellos espacios de diversión orientados a un público homosexual, que en la década de los ochenta (en plena dictadura) contaba con escasos espacios de reunión, escondidos en la ciudad y constantemente reprimidos por la policía del régimen, situación que continuó como una funesta tradición con la llegada de la democracia en 1990. El 4 de septiembre de 1993, se produce un atentado incendiario mientras la discoteca Divine está en pleno funcionamiento, teniendo como saldo una decena de personas fallecidas

y cientos de afectados. Tanto la prensa como el gobierno de turno trataron este hecho como un evento aislado, producido dentro de una comunidad discriminada, por tanto, traspasando a sus usuarios la responsabilidad por lo ocurrido. La policía y el poder judicial no cumplieron con su trabajo, tratando con desprecio y negligencia a cada uno de los afectados, como a las diligencias necesarias para esclarecer el hecho. 22 años después, aún no existen culpables ni condenados por este atentado, transformándose en un ícono de la homofobia de Estado, marcadamente iniciada en dictadura, pero presente también una vez recuperada la democracia.

Palabras clave: Homofobia, Valparaíso, Chile, Discoteca Divine.

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NA APROPRIAÇÃO DE CRIANÇAS DURANTE A ÚLTIMA DITADURA ARGENTINA: AS VIVÊNCIAS DAS MILITANTES MÃES NAS MEMÓRIAS DOS/AS “NETOS/AS RESTITUÍDOS/AS”

Jimena Maria Massa (jimenamassa@gmail.com)

Doutoranda no PPGAS / UFSC (Brasil)

Este trabalho pretende mostrar como as diferenças de gênero marcaram as vivências do terrorismo de Estado durante a última ditadura argentina (1976-1983), especificamente no caso das militantes mães que sofreram o “roubo” dos/as filhos/as no contexto do “plano sistemático de apropriação de crianças” executado naquele país. O “plano sistemático” envolveu aproximadamente 500 meninas e meninos que foram sequestrados junto com suas mães ou que nasceram durante o cativeiro destas. Até o momento, graças ao trabalho de Abuelas de Plaza de Mayo foram localizados 116 netos e netas (filhos e filhas de desaparecidos/as) que foram criados sob outras identidades por outras famílias. No contexto de uma pesquisa etnográfica realizada junto com um grupo de “netos/as restituídos/as” e a partir de um exercício de reconstrução das memórias de infância deles/as, se descrevem as experiências de militância permeadas pelas desigualdades de gênero daqueles pais e mães desaparecidos, as violências sofridas pelas mulheres durante a gravidez e parto em centros clandestinos de detenção e as circunstâncias da separação forçada de mães e filhos/as, seguidas do assassinato dessas mães. As apropriações por parte dos militares ou de pessoas próximas às forças repressivas implicaram adoções “pseudolegais”, não consentidas pelas famílias biológicas, e a invenção de novos vínculos familiares. As ideias apresentadas neste trabalho fazem parte de uma pesquisa mais ampla cujo foco é a análise das relações de parentesco no caso de “netos/as restituídos/as”, com ênfase nas noções de maternidade e moralidades maternas.

Palavras-chave: ditadura, Argentina, “netos restituídos”, gênero, parentesco.

GT 116. “ACTORES SOCIALES, POLÍTICAS CULTURALES Y PERFORMANCES EN CIUDADES CONTEMPORÁNEAS”

Coordenadores:

Renata de Sá Gonçalves (Universidade Federal Fluminense - Programa de Pós-graduação em Antropologia) - renatagoncalves@id.uff.br

Dra. Julieta Infantino (CONICET/ Sección de Antropología Social, Instituto de Ciencias Antropológicas, Universidad de Buenos Aires) - julietainfantino@yahoo.com.ar

Dr. Hernán Morel (CONICET/ Sección de Antropología Social, Instituto de Ciencias Antropológicas, Universidad de Buenos Aires) - hermorel@hotmail.com

Comentarista: Dra. Alessandra Siqueira Barreto (Universidade Federal Fluminense - Programa de Pós-graduação em Antropologia) - asbarreto@id.uff.br

SESIÓN 1: Usos del arte, performance y activismo (político) en el espacio público de las ciudades contemporáneas

POLÍTICAS DA RUA: MANIFESTAÇÕES, POLÍTICA E CULTURA ENTRE IMIGRANTES BRASILEIROS EM LISBOA (PORTUGAL)

Alessandra Siqueira Barreto (UFF)

Este trabalho procura, por meio da etnografia de manifestações de imigrantes ocorridas em Lisboa durante 2008 e 2009, refletir sobre as formas de engajamento de imigrantes, especialmente de brasileiros, a partir da interseção entre associativismo e construção de arenas públicas ao colocar em destaque o papel da rua e de alguns espaços da cidade

como fundamentais para a construção de um sistema de visibilidade e atuação política para os imigrantes e associações na cidade de Lisboa. Nesse sentido, a rua é um espaço de mediação e os espaços públicos ganham conotação de campo privilegiado para as performances políticas e culturais desses grupos. “Estar nas ruas” é um dos caminhos para se legitimar como porta-voz dos grupos imigrantes, assim como criar e desenvolver práticas e estratégias no exercício de processos de mediação política e cultural.

MOVIMIENTOS ACTIVISTAS URBANOS Y LA OCUPACIÓN DE LOS ESPACIOS PÚBLICOS

Analice Ohashi da Trindade (Universidad Federal de Paraná).

El activismo urbano ha ido ganando fuerza en las grandes ciudades y su objetivo es producir cambios en la ciudad a través de la interacción de la gente con los espacios públicos. Al hablar sobre el proceso de urbanización de las grandes ciudades, algunos de los argumentos más frecuentes se refieren al aumento de la violencia urbana, la contaminación, el aumento de la privatización de la vida colectiva, al deterioro y el abandono de los espacios públicos. Por lo tanto, como una alternativa al proceso de deterioro de las ciudades, hay nuevos movimientos activistas urbanos que proponen la apropiación de los espacios públicos y una nueva experiencia de la ciudad. Las acciones se oponen a la segregación socio-espacial, la violencia y el individualismo que promueven el vaciado de los espacios públicos y proponen una reflexión sobre la ciudad como forma de vida - sana, sostenible, humano, interactiva y participativa. A través de actividades de jardinería, artes, artesanías y acciones performáticas, estos grupos reúnen personas con intereses comunes, mientras que actúan políticamente. Traté de pensar en la aparición de estos nuevos movimientos activistas, especialmente aquellos que proponen el uso y ocupación de espacios públicos, buscando investigar cual la forma utilizada por ellos para intervenir en la ciudad.

PRÁCTICAS ARTÍSTICO-COMUNITARIAS EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES ¿NUEVAS MIRADAS ACERCA DEL ARTE Y LA POLÍTICA?

Camila Mercado (CONICET/UBA)

Este trabajo se propone reflexionar acerca de la relación entre arte y política a través del caso del teatro comunitario en la Ciudad de Buenos Aires. Entendemos que esta práctica despliega una particular concepción del arte y de la política, así como de la relación entre ambas. El primero de estos grupos comienza su experiencia en los '80 con la expansión del teatro callejero en la ciudad como una vía de recuperación del espacio

público y de denuncia frente a la represión de la última dictadura militar. Luego de veinte años de trayectoria se inicia un proceso de difusión de esta práctica en el contexto de crisis de 2001. En este marco, donde muchas experiencias sostuvieron la lucha cultural como una lucha política, se multiplicaron los grupos de teatro comunitario. Esta propuesta teatral se define como un “teatro de la comunidad para la comunidad” y una de sus características es su conformación por vecinos/as de los barrios. Entendemos que la propuesta de estos grupos esta vinculada a ciertos usos y representaciones acerca del espacio urbano y de lo comunitario. Así, nos preguntamos ¿Qué implicancias tiene esta forma de acceder a la práctica artística en las concepciones acerca del arte y la política que tienen estos actores?

Esta ponencia parte de los resultados de nuestra tesis de licenciatura en Antropología acerca del posicionamiento del teatro comunitario en el campo teatral porteño. Nos proponemos retomar algunos aspectos de este trabajo para repensarlos bajo los interrogantes de nuestra actual investigación doctoral.

O TEATRO: IMPLICAÇÕES PARA O MOVIMENTO SOCIAL DE SURDOS

Maria Izabel dos Santos Garcia (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Como uma nova forma de marcador territorial, a comunidade de surdos brasileira cria no Rio de Janeiro, em 1989, o CIACS (Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos). Trata-se de uma organização não governamental, dirigida tanto por surdos quanto por ouvintes e tem como principal objetivo a implementação de projetos sociais que visem o desenvolvimento das atividades artísticas e culturais de surdos. Grande parte dos integrantes do CIACS são atores surdos veteranos que, através de sua experiência, transmitem através de sua arte o sentido do corpo na expressão cênica. O mote principal desse trabalho foi o entendimento de como o teatro dos surdos contribui na luta desse grupo social. Desse modo, o CIACS busca atenuar a lacuna existente na área artística adotando linhas de ação que atendam suas necessidades culturais, utilizando a LIBRAS como forma de comunicação e expressão, procurando assegurar não só uma inclusão social plena, mas também a autonomia dos surdos. Recentemente, membros do CIACS, através da aproximação com o Grupo Moitará, desenvolveram técnicas cênicas que exploram as expressões miméticas com o uso de máscaras. A adoção dessa técnica possibilitou a acessibilidade de ouvintes nas suas apresentações teatrais. A presente proposta pretende apresentar um recorte etnográfico desse movimento social importante no conjunto de estratégias dos surdos brasileiros para minimizar senão o estigma, ao menos colocar o debate em torno das questões que impõem barreiras entre surdos e ouvintes, entre minoria e maioria, entre “eles” e “nós”.

INTERVENCIONES PUBLICAS PERFORMATICAS: (DES)MONTAJE DE ESPACIOS, PRÁCTICAS Y SUJETOS. REFLEXIONES SOBRE LA

PERFORMANCE ARTÍSTICA DE UN COLECTIVO FEMINISTA

Sofia Menoyo (SeCyT – UNC)

En el presente trabajo pretendemos reflexionar sobre las prácticas artísticas de un grupo de mujeres feministas que proponen el espacio público como soporte de sus obras y el cuerpo como elemento que reconfigura dicho espacio. En tal sentido indagaremos sobre la Intervención Pública “Escrito con fuego” realizado por el grupo de Artistas Activistas Feministas “Hilando Las Sierras”, de la Ciudad de Río Ceballos provincia de Córdoba, Argentina; con el objetivo de dar cuenta de las particularidades que presentan dicha producciones en tanto performance en espacios públicos, obras artísticas y herramienta política. Nos interesa pensar los (des)montajes que estas “Intervenciones públicas performáticas” proponen. Los procesos subjetivos y colectivos que se develan en formas poéticas hibridizadas. En este sentido las “Intervenciones públicas performáticas”, en tanto performance como una categoría que conjuga activismo, manifestación estética con carácter político y expresiones sociales, trascendiendo dichos campos se instalan en el espacio público (Taylor D) se conjuga con significaciones corpóreas (Butler) (re)configurando espacios, prácticas y sujetos. Recorreremos algunas caracterizaciones relacionadas con el arte activista y el performance, he indagaremos en las interpelaciones que el análisis crítico desde las teorías y practicas feministas incorporan en las producciones del grupo de artísticas y en los procesos subjetivos, vinculares y de interrelación, en el devenir de nuevas identificaciones y agenciamiento.

CORPO TRANSGRESSÃO: O VIVO QUE TRANSBORDA NO ESPAÇO

Camile Vergara

Jorge William Agudelo

Ali Salem Hasan

O trabalho consiste na apresentação etnográfica e audiovisual dos corpos em ação abordados na pesquisa de mestrado Corpo Transgressão: Manifesto Performance (um estudo sobre a economia política do corpo em performances de rua no Rio de Janeiro). O estudo dialoga com o projeto “Nuevas Fronteras de Control” desenvolvido na Colombia, pelo coletivo Antena Mutante, que analisa a emergência de novas fronteiras, muitas delas invisíveis, colocando em conexão, Rio de Janeiro, Medellin e territórios palestinos. Entendemos os estudos de performances no âmbito das resistências aos processos de globalização e militarização das cidades como uma forma de abordar as micro-políticas frente ao desenvolvimento do controle nas metrópoles. A metodologia consiste no deslocamento (espacial e temporal) etnográfico e participação nas performances, atuamos como um laboratório de construção audiovisual, através de cartografias, documentários expandidos, ensaios fotográficos, projeções em espaços públicos como forma de pensar a conexão entre a rede e a rua. O campo no Rio de Janeiro abrange situações desde 2007, com o início da formação das assembleias pelo

passee livre, estendendo-se até 2013 com as manifestações de junho. São três os coletivos de enunciação estudados: a emergência da tática Black Bloc, o Coletivo Coiote e o Bloco Livre Reciclato. O que as três performances têm em comum é a tradução de uma estética da violência que atua sobre o imaginário e a memória vinculada aos movimentos sociais. Se utilizam de estratégias escatológicas, ruidosas e destrutivas, que permitem um transbordamento dos corpos e a desterritorialização do espaço.

SESIÓN 2: Eventos y prácticas performativas. Nuevas modalidades de circulación y reproducción

NOVAS CONFIGURAÇÕES DO TAMBOR DE CRIOLA NA CIDADE: FLUXOS, DINÂMICAS E CRIATIVIDADES NO TAMBOR DE CRIOLA DE SÃO LUÍS –MA

Calliandra Sousa Ramos

O Tambor de Criola é uma das manifestações tradicionais que mantém traços da herança africana presente no Estado do Maranhão. Possui forte caráter religioso e é comumente ligado a entidades das religiões afro-brasileiras como o Tambor de Mina e a Umbanda. A partir do surgimento de atividades artísticas e culturais no centro da cidade de São Luís, alguns grupos de Tambor de Criola passaram a criar atividades e diálogos com outras manifestações populares de maneira muitas vezes autônoma e fora do circuito turístico implementado pelas políticas públicas e ações de salvaguarda, implementadas a partir do Registro do Tambor de Criola como Patrimônio Imaterial. Dentre estes grupos, destacamos o Tambor de Mestre Amaral, um grupo e espaço destinado às rodas de Tambor de Criola que tem garantido cada vez mais visibilidade e interesse por parte de vários grupos sociais, dialogando com outras manifestações artísticas, turismo, mídia e religiosidade afro-brasileira. A partir desses movimentos o Tambor de Criola de Mestre Amaral garante novos espaços e circula por outras cidades, festivais de arte e encontros entre culturas tradicionais sendo extremamente aberto aos fluxos culturais presentes desde a área em que se encontra e fora dela. Pretende-se neste trabalho compreender as possíveis interações e ressignificações presentes no grupo que se organiza no centro urbano da cidade de São Luís, apreendendo como esses grupos se situam na cidade de São Luís e fora dela a partir de experiências de mobilidade artística e cultural.

“TODO CARNAVAL TEM SEU FIM”? AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO

CARNAVAL DOS BLOCOS DE RUA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Marina Bay Frydberg (Universidade Federal Fluminense)

O século XXI trouxe consigo a expansão do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro. Em proporções cada vez mais expressivas, tanto no número de blocos quanto de foliões, o carnaval de rua expandiu o calendário anual da festa na cidade e impulsionou uma nova organização da celebração carnavalesca, tanto por parte do poder público quanto dos blocos. Inserida nesta recente valorização de brincar o carnaval, os blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro se veem em meio a uma discussão entre o aumento da rentabilidade econômica através da mercantilização da/na festa, associada à sua profissionalização, e a valorização de práticas tradicionais de se brincar o carnaval através da discussão da sua patrimonialização. Tendo como base a pesquisa etnográfica, busca-se compreender o processo pelo qual vem passando os blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro, problematizando os múltiplos significados para a noção de tradição carnavalesca, associada, as noções de profissionalização e de mercantilização da/na festa. Pretende-se pensar no espaço/tempo da festa, e especificamente do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro, como lugar político de reivindicação e luta pelo direito à cidade. Entender as novas configurações do carnaval dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro é pensar a festa como espaço de sociabilidade, mas também de trocas econômicas, políticas, sociais e afetivas.

MÚSICO É COMO PASSARINHO, VAI FECUNDANDO OS LUGARES POR ONDE PASSA”: APONTAMENTOS SOBRE A DISSEMINAÇÃO DO CHORO NO BRASIL E NO MUNDO

Carolina Gonçalves Alves (PPCIS / UERJ)

O objetivo deste trabalho é compreender a disseminação do choro a partir de seus novos contextos de produção que imbricam na criação de mercado, formação de plateia e construção da identidade do músico. Trata-se de investigar as formas de apropriação do gênero por novos chorões e refletir sobre sua inserção em novos contextos. Para compreender o processo de disseminação e expansão dos ambientes de choro faz-se importante mapear as experiências dos músicos e dos espaços em que circulam. Essas relações serão analisadas à luz dos esforços feitos por músicos cariocas, sobretudo os vinculados à Escola Portátil de Música, criada em 2000, e à Casa do Choro, inaugurada em 2015. A estratégia desenvolvida pelos músicos ligados a essas instituições proporcionou parcerias com músicos de Recife, Brasília, Minas Gerais, mas também de países como Japão, Holanda e França. Este trabalho propõe reflexões sobre a criação de ambientes de choro, com foco nas iniciativas dos grupos que se reúnem para tocá-lo. As reuniões de choro podem acontecer em instituições formais, como clubes ou escolas, ou de forma menos organizada, onde a única motivação é a vontade tocar. Essa empreitada, impulsionada pelo desejo de criar ambientes de choro, une paulistas, mineiros, cariocas e pernambucanos a holandeses, franceses, japoneses e portugueses. Analisar a

propagação do choro a partir dos sujeitos que o elaboram, do universo relacional em que se insere e das estruturas interpretativas que se formam em cada contexto é essencial para compreender a difusão do gênero musical e sua veiculação como bem global.

DANZA Y TRANSFORMACIÓN SOCIAL: SENTIDOS DEL MOVIMIENTO- MOVIMIENTO SENTIDO. UN ANÁLISIS DEL PROCESO DE PRESENTACIÓN DE LA LEY NACIONAL DE DANZA EN ARGENTINA

Ana Echeverría (Facultad de Filosofía y Letras / UBA)

En esta ponencia voy a analizar el proceso abierto en torno a la presentación de una propuesta de “Ley Nacional de Danza” ante el Congreso de la Nación Argentina. Proceso que incluye debates y tensiones en torno a maneras diferenciales de concebir la gestión de políticas públicas para la danza, así como una diversidad de modalidades de participación social y política mediante flashmobs (acciones instantáneas interpretadas por una multitud que luego se separa), performances en el espacio público urbano y clases maestras dictadas en ámbitos no convencionales, entre otras. A su vez, este proceso dio origen a nuevos espacios de organización y participación como el Foro Danza en Acción. Me interesa analizar los sentidos asignados a la danza como “portadora de identidad cultural” y “creadora de valor simbólico” tal como aparece en la fundamentación de la propuesta de Ley. Y como herramienta para la transformación social que promueva, por ejemplo, el incremento de oportunidades más igualitarias de acceso a la práctica, circulación y producción artística. Este debate perfila la adopción por parte de docentes, coreógrafos, bailarines, investigadores, críticos, gestores y productores, de una nueva manera de relacionarse con el Estado y con la propia disciplina. A su vez evidencia diferentes modos de concebir la danza en torno a las funciones estética, política y social.

SOM DOS SINOS - TECNOLOGIA E NOVAS MÍDIAS PARA PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Marcia Mansur de Oliveira

A tecnologia digital pode atuar na valorização de bens culturais, fortalecer diálogos e a compreensão entre culturas. Como as novas gerações reagem, interagem ou criam novas formas de expressar seu patrimônio cultural? Em Minas Gerais, as cidades de São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Congonhas, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes, são conhecidos mais de 40 toques de sinos, que identificam ritos litúrgicos, mortes, tipos de missas, partos, incêndios, horários sacros. O "Som dos Sinos", é um projeto multiplataforma e pioneiro na utilização de novas mídias para a divulgação do

patrimônio imaterial. Tendo como foco o Toque dos Sinos e o Ofício de Sineiro, bens culturais registrados como patrimônios culturais imateriais brasileiro, o projeto trabalha com a combinação entre memória e novas tecnologias, cartografia sonora, engajamento da sociedade civil e valorização dos indivíduos detentores dos saberes registrados como patrimônio. Através de plataforma multimídia com navegação interativa, documentário de longa metragem, intervenção pública e aplicativo para dispositivos móveis com cartografia sonora, o "Som dos Sinos" estabelece canais de acesso ao imaginário ao mesmo tempo em que revela identidades culturais e desperta memórias e afetos. Este artigo apresenta uma etnografia desta experiência de promoção do patrimônio cultural imaterial à luz das teorias sobre políticas públicas de salvaguarda.

PERFORMANCES BÉLICAS: CULTURAS POPULARES, PATRIMÔNIOS E FESTIVAIS

Patricia Silva Osorio (Universidade Federal do Mato Grosso)

A realização de festivais voltados à exibição de formas expressivas populares é recorrente em todo o mundo. A recente literatura antropológica tem focado tais eventos festivos a partir de sua associação aos processos de espetacularização, turistificação, objetificação, mercantilização e patrimonialização da cultura. Partindo de um caso etnográfico, os Festivais de Cururu e Siriri, realizados em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, Brasil, a proposta de comunicação visa pensar os festivais como campos de batalhas, pontuando embates pela ocupação de espaços na cidade e reivindicações identitárias. O período de realização do primeiro festival coincide com as iniciativas para o registro da viola de cocho e do complexo musical, coreográfico e poético que o instrumento integra - o siriri e o cururu - como patrimônios imateriais brasileiros. Os processos de patrimonialização e fluxos estabelecidos com o poder público local são partes constituintes do Festival. A intenção desta comunicação é a problematizar o complexo jogo performático encenado por diferentes agentes e constituído por interações sociais alicerçadas em redes de parentesco, vizinhança e pela ideia de tradição, mas também pelo entretenimento, pela mídia, pelo turismo, pelas políticas patrimoniais e pelas esferas administrativas e políticas locais.

-

SESIÓN 3: Patrimonio, fiestas y espacios de sociabilidad. Apropiaciones y políticas culturales

UM CARNAVAL NO DIMINUTIVO: FESTAS, CIDADES E SUAS ESCALAS

Juliana Braz Dias (Universidade de Brasília)

A relação entre os festejos de carnaval e a cidade do Rio de Janeiro é abordada em um conjunto notável de estudos de cunho antropológico. Seguindo a vocação comparativa da disciplina, proponho neste trabalho retomar a temática a partir do exercício de comparação com outro contexto cultural. Nas ilhas atlânticas de Cabo Verde, e particularmente na Cidade do Mindelo, o carnaval desenvolveu-se como uma das principais festas populares. E o Rio de Janeiro é importante fonte de inspiração para o entrudo cabo-verdiano. Entre tantas semelhanças observáveis, um dos pontos de maior contraste entre o carnaval nas duas cidades diz respeito à questão da escala. Mindelo tem aproximadamente 70.000 habitantes, enquanto o Rio de Janeiro abriga cerca de 13 milhões de pessoas. Apesar de a população de Mindelo nutrir significativa autoconsciência sobre seu tamanho reduzido, começa a enfrentar recentemente a necessidade de reavaliar as dimensões do seu carnaval. As ruas que tradicionalmente foram palco para a festa começam a se mostrar pequenas para Grupos de Carnaval com até 3.000 integrantes, carros alegóricos cada vez maiores e um público crescente, que inclui turistas ao lado da população local. A alternativa mais apropriada seria a construção de um sambódromo como já feito no Brasil? A pergunta continua gerando reflexões e poucas certezas diante das alterações que provocaria no estilo cabo-verdiano de brincar o carnaval. Para além da etnografia, este trabalho se apoia no uso de recursos audiovisuais como estratégia metodológica para acionar a questão das escalas e dos significados a elas atribuídos.

A QUADRA, A RUA E A AVENIDA: HETEROTOPIAS DE UM DESFILE DE CARNAVAL

Felipe Barros (PPGSA/IFCS/UFRJ)

Baseada em uma pesquisa etnográfica junto aos ritmistas de uma bateria de escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, essa comunicação pretende tratar de como diferentes espaços da cidade são produzidos, imaginados e postos em relação a partir de situações de performance. Utilizando a noção de heterotopia como chave analítica, a comunicação será dividida em dois momentos. Primeiramente, será descrito o processo de construção da sede de uma escola de samba. A comunicação demonstrará como a constituição de tal espaço é atravessada por uma complexa rede de interesses que envolvem o poder público e uma diversidade de grupos sociais urbanos. Mais ainda, será explicado como esse espaço é utilizado pelos atores como um marco temporal dentro de narrativas históricas e um demarcador de distinções sociais. Em seguida, o

foco da comunicação será para o processo de preparação dessa escola de samba para o carnaval. A descrição se concentrará em três unidades analíticas: o desfile carnavalesco no sambódromo (local onde são realizados os desfiles no Rio de Janeiro), os ensaios na sede da escola de samba e os ensaios nas ruas do bairro. Nesse momento, a intenção será demonstrar como a experiência do desfile carnavalesco é constantemente experimentada e revivida ao longo dos ensaios através de técnicas corporais, procedimentos performáticos e resignificações do espaço urbano.

CIRCUITO DE SOCIABILIDADES: BAIANAS DENTRO E FORA DO DESFILE CARNAVALESCO NO RIO DE JANEIRO

Renata de Sá Gonçalves (Universidade Federal Fluminense)

Marina Morena Rosa Alves (Universidade Federal Fluminense)

O presente trabalho insere-se no universo mais amplo das festas populares urbanas, e se delimita ao estudo das “tias” baianas e de suas práticas no âmbito da cidade do Rio de Janeiro. A baiana é considerada um dos principais símbolos nas representações da identidade nacional brasileira, e sua importância e valor ritual são expressos pela obrigatoriedade de sua presença nos desfiles das escolas de samba, e do número de integrantes na ala. A partir do estudo antropológico sobre a ala das baianas e das baianinhas da agremiação Portela, a pesquisa tem como foco investigar e analisar como determinadas trajetórias sociais de baianas, pertencentes a distintas gerações, se destacam nas escolas de samba, bem como compreender o circuito de sociabilidade da ala, composto por eventos articulados ao calendário festivo das agremiações carnavalescas cariocas. Com base nos relatos das baianas, constatou-se o gradativo falecimento de integrantes e ainda a ausência de projetos de renovação da ala. Nesse contexto, uma das estratégias de “perseverar” e dar continuidade à inventividade das tradições é percebida no trabalho de associações voluntárias com projetos de caráter cultural e social, tal como o trabalho desenvolvido no Centro Cultural Cartola, sobre o qual falaremos no cenário das políticas públicas culturais e de preservação do patrimônio imaterial no Rio de Janeiro.

ORGANIZANDO LA MILONGA: ESPACIOS DE BAILE, ASOCIACIONES Y POLÍTICAS CULTURALES EN LAS MILONGAS DE BUENOS AIRES

Hernán Morel (CONICET/UBA)

En este trabajo analizamos los espacios de baile de tango, comúnmente conocidos como milongas en Buenos Aires (Argentina), advirtiendo las interrelaciones que estos lugares bailables (generalmente ubicados en salones, en clubes barriales, en sociedades vecinales o en centros culturales) establecen con distintos actores sociales,

organizaciones asociativas afines y políticas culturales públicas. En principio, relevamos la literatura que ha dado cuenta de la actividad interna de estos espacios y eventos locales, destacando sus principales características. En nuestro caso, nos proponemos examinar una serie de actividades conexas y aspectos organizativos que posibilitan e inciden en el despliegue de este tipo de eventos culturales. Considerando que estos espacios de baile no están escindidos de un contexto y un encuadre mayor que los afecta, analizamos las instancias de colaboración y conflicto que emergen entre los encargados de llevar adelante y gestionar su realización. Para ello abordamos las articulaciones y las relaciones variables que las milongas establecen entre sí, el accionar de sus organizaciones asociativas y la intervención de las políticas públicas, con miras a comprender las problemáticas locales y las demandas específicas que emergen en torno a estos lugares bailables, en la actualidad reconocidos como patrimonio cultural por las agencias oficiales.

COISAS DO REINADO: ESTUDO SOBRE OBJETO; FESTA E EXPERIÊNCIA COLETIVA EM RIBEIRÃO DAS NEVES/MG

Juliana Garcia Corrêa (PPGAN/UFMG; MG/BRASIL)

As irmandades de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais se constituem como grupos privilegiados para investigar os vínculos que formam as relações sociais. Boa parte do cenário urbano do estado foi - e é, notadamente marcado pelos “Festejos de reinados” das distintas irmandades. Nossa participação nas comemorações de uma das Festas de Reinado em Ribeirão das Neves-MG nos inspirou para a realização deste trabalho. A festa entendida como um mecanismo produtor de vínculo social (Perez, 2012) é abordada por meio de seus aspectos materiais. Desse modo, interpretamos “as coisas do reinado” desenvolvendo a noção de “agência” (Gell, 1998) associada a noção de “performance e experiência” (Turner, 1987). Baseados nos dados etnográficos extraídos durante os três dias de festejo na cidade de Ribeirão das Neves procuramos, ao longo do texto, interpretar as maneiras pelas quais os tambores sagrados, os bastões e os rosários, tornam-se agentes sociais geradores de vínculo e produzem efeitos sobre a dinâmica da vida social do grupo. Ao final, propomos um debate em torno dos aportes da antropologia dos objetos e da antropologia da performance para o estudo dos processos de tradução de experiências de escravidão no Brasil.

PATRIMONIALIZAÇÃO E PERFORMANCE NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO SERRO

Joana Ramalho Ortigão Corrêa
(PPGSA/IFCS/UFRJ)

Minha comunicação terá como propósito abordar as influências dos estudos de folclore

nos processos de patrimonialização da Festa de Nossa Senhora do Rosário do município do Serro (Minas Gerais), primeira cidade brasileira a ter seu conjunto histórico e arquitetônico tombado, em 1938, pelo governo federal. A festa está dentre as mais antigas que se tem notícia no Brasil e, embora tenha seu passado associado à devoção de negros, tornou-se para os serranos de forma mais ampla um espaço privilegiado para a articulação de memórias e movimentação de relações sociais. Participam ativamente da festa grupos de *dançantes* conhecidos como Catopês, Marujos e Caboclos que podem ser inscritos no que se convencionou como Congado Mineiro. São eles os principais responsáveis pela circulação da festa e seus elementos sagrados na paisagem da cidade. A partir dos anos de 1940, as festas e folguedos populares tornaram-se foco principal do interesse dos estudos de folclore no Brasil. Em Minas Gerais, estudiosos articulados à Comissão Mineira de Folclore elegeram os Reinados de Nossa Senhora do Rosário, ou simplesmente Congado, como um de seus temas centrais e o Serro como um lugar privilegiado para acesso a uma versão “autêntica” desta forma expressiva. Proponho demonstrar que antropólogos, historiadores e estudiosos de folclore como Aires da Mata Machado Filho, Romeu Sabará, Padre Massoti e Maria Eremita de Souza, que registraram a festa em diversos momentos históricos, tiveram participação nos processos de mediação que conformaram como tradicionais alguns dos sentidos, ritos e práticas da festa que se fazem presentes na contemporaneidade.

SESIÓN 4: Participación, demanda y gestión en el desarrollo de políticas culturales. Entre los colectivos artísticos y el Estado

POLÍTICAS ARTE-TRANSFORMADORAS. USOS DEL ARTE (CIRCENSE) PARA LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL

Julieta Infantino (CONICET/UBA)

En el marco de una diversificación de las políticas culturales, para inicios de los años 1990, aunque con mayor intensidad en los 2000, comienza a desarrollarse un área de políticas (culturales) que postulan al arte como herramienta para la transformación social. Ya sea desde acciones autogestivas en manos de colectivos artísticos y/o experiencias comunitarias o desde el ámbito de las políticas públicas, se multiplican experiencias arte-transformadoras desde los mas diversos lenguajes artísticos. En este trabajo propongo en primer lugar historizar este tipo de estrategias/políticas, focalizando en las asociadas al uso de las artes circenses para trabajar con poblaciones vulneradas en sus derechos, frecuentemente denominadas bajo el concepto de *Circo Social*. En segundo lugar, teniendo en cuenta el crecimiento y ampliación de este tipo de prácticas tanto en el contexto nacional como internacional, propongo recorrer su especificidad y las disputas que se presentan local y regionalmente para definir las. En este sentido, analizaré trayectorias y estrategias de trabajo de organizaciones sociales que se identifican con estas propuestas, estudiando los discursos que las sustentan, sus

particulares modos de gestión y los sentidos diversos desde los que se las desarrolla.

ENTRE A BELEZA DO MORTO E A CULTURA VIVA: MEDIADORES DA CULTURA POPULAR NA SÃO PAULO DA VIRADA DO MILÊNIO

Maria Celeste Mira (PUC/SP)

A exposição visa apresentar uma síntese dos resultados da pesquisa de dez anos na cidade de São Paulo, defendida como tese de livre-docência na PUC-SP em 2014. Sua formulação central é que, atualmente, estamos vivendo um novo momento na história das apropriações do conjunto de práticas ao qual se convencionou denominar “cultura popular”. Desse modo, seu objetivo primordial foi compreender em que medida as ações e representações vinculadas à ideia de cultura popular surgidas a partir de meados dos anos 1980, período em que se dá uma inequívoca retomada do interesse por essas práticas, transformaram, mais uma vez, essa noção. Partindo do princípio de que o conceito de cultura popular é formulado por intelectuais, enquanto mediadores simbólicos entre as classes populares e outros grupos de interesse, a metodologia adotada foi o estudo de agentes culturais atualmente envolvidos com a questão, a saber: os próprios folcloristas, no caso, Antonio Macedo, discípulo de Rossini Tavares de Lima, e seu evento Revelando São Paulo; ONGs, como, por exemplo, a Associação Cultural Cachuera!; gestores culturais públicos, como os paulistanos ligados à extinta Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural; e grupos performáticos da cidade de São Paulo, como Cupuaçu, Baque Bolado, Bloco de Pedra, Caracaxá, Babado de Chita e tantos outros. Após o exame detalhado das produções e crenças dos “novos intelectuais da cultura popular”, concluiu-se haver mudanças importantes em relação ao período folclorista, embora vários traços do velho conceito resistam ao tempo e mesmo se fortaleçam com sua associação à causa da “diversidade cultural”.

POLÍTICA CULTURAL, JUVENTUDE E USOS DOS ESPAÇOS DA CIDADE: O FESTIVAL DE BANDAS NOVAS EM JUIZ DE FORA, MG

Adrielle Luchi Coutinho Bove (UFJF)

Rogéria Campos de Almeida Dutra (UFJF)

O presente trabalho visa abordar as relações entre políticas culturais e juventude a partir da análise do Festival de Bandas Novas que ocorre em Juiz de Fora, MG. Realizado há 17 anos, este festival tem se apresentado como um dos eventos mais importantes da cena rock da cidade. Ao promover shows de bandas de rock, tanto locais quanto de outras cidades, ocupando praças e ruas, este evento intensifica a interação entre jovens,

bem como produz a ocupação do espaço público, contribuindo para a formação do circuito de jovens na cidade. Partindo da análise da política cultural como política pública busca-se compreender a forma como esta interfere no universo da cultura, a partir principalmente da expressão artística. Seja pelo processo institucionalizado e organizacional, seja influenciando as práticas cotidianas, as políticas culturais constroem e reforçam significados, ampliando o alcance, no caso, das possibilidades de lazer, agenciando recursos urbanos locais. O Festival de Bandas Novas, já considerado patrimônio cultural da cidade, pode ser analisado por meio das políticas culturais, por está inserido no debate atual sobre o financiamento de projetos. Por estar relacionado com o poder municipal o evento ocorre em espaços de fácil acesso, geralmente em praças e em espaços cedidos pela prefeitura, além de atuar como forma filantrópica, promovendo a arrecadação de alimentos, e educativa, através de campanhas de prevenção de DST. Compreende-se então que a política pública necessita de uma ação preferencialmente municipal, ou seja, na ação micro, interferindo diretamente nas expressões individuais e no universo que os cerca.

“¿REPÚBLICA PRIVATIZADA?”, ¿ESPACIO DE OCIO, HECHO NEGOCIO?

Rosana Beatriz Menna (CONICET / UNLP-UNLa)

Ana Catalina Di Rocco (Facultad de Ciencias Naturales y Museo – UNLP)

Al reflexionar sobre las políticas públicas, nos preguntamos: ¿cómo se organizan los sujetos de cara a una acción común y mantenida temporalmente; ya sea para apoyarlas o rechazarlas? Intentamos abordar a partir de este interrogante, las acciones políticas que los habitantes de la ciudad de La Plata pusieron en marcha ante el “rumor” de privatización de la República de los Niños durante los meses de mayo y junio del año 2012; dada la importancia de éste como hito del imaginario patrimonial de la ciudad. Como antropólogas que formamos parte de este entramado vivencial, nos ha sido indispensable valernos de aquel mecanismo de desdoblamiento tan personal y siempre requerido: el extrañamiento (Augé, 1996, Althabe, 2000) que, por doble vía, termina constituyéndose en elemento teórico-metodológico y medio de autoreflexión. Creemos necesario un enfoque dinámico que permita enfatizar los procesos de formación y transformación social, más allá de las definiciones formales (Balandier, 1973). Abordamos, de este modo, lo político desde tres elementos (Abeles, 1997): el poder, la territorialidad y la representatividad. Es, entonces, el espacio público, un “lugar” identificador, relacional e histórico (Augé, 1997), sin requisitos de pase para su acceso (Bauman, 2009), la arena política de agentes sociales heterogéneos. Así es que en esta disputa particular, observamos el uso de ciertas estrategias y recursos claves tanto para su visualización: “el espectáculo”, como para la persuasión y movilización de otros sujetos a la escena política. Valores, motivaciones y expresiones individuales se colectivizan, creando así un territorio de disputa material y simbólica.

PRÁTICAS CARNAVALESCAS E A POLÍTICA DE EDITAIS EM FORTALEZA: SABERES, TENSÕES E NEGOCIAÇÕES EM TORNO DOS ESPAÇOS DA FESTA

Danielle Maia Cruz (Unifor)

No período do Carnaval, a cidade de Fortaleza, situada no Nordeste do Brasil, ganha uma nova dinâmica, pois manifestações culturais tradicionais promovem criações, bem como inversões de normas e valores sociais, instaurando assim novos significados em diversos espaços públicos, tidos como lugares de passagem, de memória, turísticos e/ou estereotipados com terminologias degradantes. Estas ações foram ainda mais intensificadas a partir do ano de 2007, quando agremiações carnavalescas se inseriram em um conjunto de práticas promovidas pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor). Das ações realizadas pela prefeitura, a criação da política cultural dos editais foi a de maior amplitude. A partir de então, somente grupos com projetos aprovados nas exigências estabelecidas pelo poder municipal, - quanto à lógica composicional, repertório musical e uso dos espaços públicos -, seriam contemplados com o fomento municipal. Além dos critérios postulados, foram também criados pela Secultfor espaços festivos oficiais. Entre outros aspectos, estas medidas visavam movimentar a indústria do turismo local a partir da valorização das tradições. Portanto, com base em pesquisa de campo etnográfica, empreendida entre 2009 e 2012 para minha tese de doutoramento, o objetivo desta comunicação é apresentar os conflitos, mediações e negociações entre brincantes de blocos de pré-Carnaval e poder público em torno das regras do edital, sobretudo em relação aos espaços da festa. No plano teórico, conceitos e categorias como cultura, espaço público e turismo serão discutidos de forma articulada, evidenciando os processos de regramento da festa, bem como a lógica cultural expressa na ação dos brincantes.

ANÁLISIS DE LA PARTICIPACIÓN EN LA USINA CULTURAL DE CARRASCO NORTE

Deborah Duarte (Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación/UdeLAR).

Esta ponencia es parte de una investigación más amplia centrada en el análisis y evaluación de la participación en las Usinas Culturales de Montevideo a través de una práctica epistemológica desde la cotidianidad laboral, en la cual las tensiones no se reducen sólo a posicionamientos diversos en un debate académico, sino al modo cómo la articulación entre teorizaciones y prácticas de trabajo se traducen mutuamente (Ochoa, 2002). En esta dirección, la literatura sobre políticas públicas señala el error de alinear las declaraciones institucionales con la de los actores participantes en el proceso de ejecución, éstas con sus acciones o ambas con los "resultados obtenidos". Esto implica incorporar al análisis del paradigma de política cultural que sustenta el proyecto, las representaciones, los supuestos y las prácticas tanto de los responsables de su diseño y ejecución como de los "beneficiarios", mediando y condicionando el

alcance y pertinencia del mismo, e incorporar asimismo los conflictos relacionados con su implementación. En esta ponencia se presentarán los primeros análisis de las representaciones, los supuestos y las prácticas de usuarios de la Usina Cultural de carrasco Norte.

-

SESIÓN 5: Performances y grupos étnicos. Música, memoria y tradición

NARRATIVAS DE MEMÓRIA E PERFORMANCES MUSICAIS DOS JUDEUS CARIOCAS DA “PEQUENA ÁFRICA”, RIO DE JANEIRO

Daniel Bitter (Universidade Federal Fluminense)

Em 2013, um grupo de aproximadamente 20 músicos, denominado Rancho Carnavalesco Praça Onze (Klezmer Carioca), surgiu na heteróclita cena carnavalesca do Rio de Janeiro. Idealizado por Ricardo Szpilman, membro de uma família de músicos judeus, o grupo desenvolve um trabalho de exploração do repertório de música judaica tradicional do leste europeu, conhecido como klezmer, estabelecendo diálogos criativos com a música brasileira: samba, afoxé, ciranda, funk, marchinhas de carnaval, jongo, etc. O argumento do trabalho musical é o de que os imigrantes judeus estabelecidos no bairro da Praça Onze, no coração do território conhecido como a Pequena África, na primeira metade do séc. XX, teriam convivido com os negros recém libertos, participando da produção de uma cultura popular urbana. Nesta comunicação exploro as modalidades discursivas e performativas destes músicos na construção de pertencimentos sociais e da imagem do “judeu carioca”, articulando música, memória e história. Procuo mostrar como estes músicos reivindicam sua condição de nativos da Pequena África, ao mesmo tempo em que procuram dar visibilidade a certas especificidades culturais, no dinâmico jogo da etnicidade.

A MÚSICA NO CONTEXTO DAS REGIÕES DE FRONTEIRA DAS CIDADES DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM) E BOA VISTA (RR)

Agenor Vasconcelos (Universidade Federal do Amazonas)

Por meio do exercício etnográfico, apresento os resultados iniciais do projeto de pesquisa A música das cachoeiras – do alto rio Negro ao Monte Roraima. Basicamente, foca-se na descrição da experiência do processo de produção e gravação fonográfica das

músicas dos personagens que se destacaram no decorrer da pesquisa de campo realizada no início de 2013 entre duas cidades: São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, e algumas comunidades que cercam a capital do estado de Roraima, Boa Vista. Após um panorama geral da música da região, analisamos a interface da música ocidental nas manifestações indígenas encontradas em campo. Reflito sobre algumas questões levantadas por Ademar Garrido, líder da banda Marupiara, de São Gabriel da Cachoeira (AM), em relação à composição de músicas em nheengatu para violão e gaita. Também abordo o Forrhoxara, mistura de Forró com Parixara, música ritual compartilhada entre os Macuxi, Wapichana e Taurepang de toda região de Roraima. Nessa interface que conecta a música tonal ocidental e as composições indígenas feitas para bandas populares formadas por baixo, teclado, guitarra e diversos outros elementos, encontra-se um objeto rico para reflexão etnomusicológica. As questões levantadas em campo são discutidas e fundamentadas com a bibliografia da etnomusicologia, principalmente brasileira (Menezes Bastos, Montardo, Piedade) e americana (Seeger e Blacking). A assimilação latente na interface da música popular-tradicional, se assim considerarmos, ajuda a entender alguns mitos tradicionais da região transnacionais mais claramente, assim como revela um braço do dilema oriundo da ferida entre a música ocidental, tonal, do colonizador e a música indígena.

ETNOGRAFÍA DE LOS MODOS DE PRODUCCIÓN EN LA MÚSICA DE TRADICIÓN ANDINA

Pablo Gustavo Viltés (Universidad Nacional de Quilmes)

El trabajo se propone presentar avances de una investigación en curso sobre la práctica colectiva del siku –instrumento de viento de la región andina quechua/aymara, comprendiendo Chile, Perú, Bolivia y el Noroeste de Argentina– y su difusión en grandes centros urbanos (CABA, Argentina). La investigación está centrada en aspectos corporales y de interacción social en contexto de performance musical. La metodología empleada es a partir de una participación radical en el trabajo de campo y la bi-musicalidad (Mantle Hood, 1950). La formación académica en composición musical, la experiencia obtenida en terreno y la práctica permanente dentro de una banda de sikuri urbana (primero como participante y luego como director), permite centrar la investigación sobre dos ejes paralelos y simultáneos -observación y participación-, que convergen en la metodología bi-musical. Se busca comprender los sentidos implícitos y explícitos en la práctica colectiva del siku, y profundizar sobre los códigos más significativos de este lenguaje. Es de gran interés analizar y comprender los modos de producción en torno a estas músicas, teniendo en cuenta las mediaciones y conflictos que implica el tránsito de códigos de lo rural a lo urbano. Y de esta manera, dar cuenta de la complejidad que encierra este tipo de práctica musical resignificada en nuevos contextos. Se pretende generar con este estudio nuevos aportes al campo de la etnomusicología andina, antropología de la música y composición musical.

NISSA INDEPENDENTA: A EXPERIÊNCIA DA BANDA NUX VOMICA E A OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PARA ARTE E SOCIABILIDADE EM NICE – FRANÇA

Elisa Paiva de Almeida (Universidade Federal Fluminense)

Numa trajetória que finda por se entrelaçar com a de vários grupos musicais em um amplo movimento occitanista, a banda *Nux Vomica* surge por volta de 1990 com a iniciativa de artistas plásticos com a finalidade de envolver na vivência artística familiares, amigos e vizinhos habitantes de bairro *Saint-Roch*, em Nice. Da articulação que começou com o uso de um galpão como atelier e lugar de reuniões à promoção, ao longo de dez anos, de um carnaval de rua inspirado nas festas carnavalescas de Recife e Olinda (Brasil), a música, aprendida na prática improvisada, passou a ser elemento fundamental para estimular sociabilidades e acessar repertórios ligados ao *niçois*, uma variante do occitano, descrito por autores de história e literatura medieval como a conjunção de um leque de dialetos de raiz romana presentes por todo o Sul da França que foi sendo substituída pela língua francesa a partir de decretos e repressões durante a constituição do Estado-nação francês. Com esta comunicação, pretende-se apresentar um panorama geral do contexto de surgimento do grupo, suas motivações e as principais estratégias empreendidas por estes sujeitos nos últimos anos na busca por experimentar artes e sociabilidades fora dos circuitos turísticos e comerciais e no embate com o cerceamento e controle exercidos pelas figuras do Estado sobre as ocupações dos espaços públicos e sobre as movimentações populares em torno das modificações da vida urbana e o apagamento de memórias locais decorrentes dos processos de gentrificação ainda curso na cidade.

GRUPO DE MÚSICA PERCUSSIVA ACADÊMICOS DA CASA CAIADA - UFC: A UNIVERSIDADE PÕE O “BLOCO” NO CARNAVAL DE RUA

Catherine Furtado dos Santos (UFC)

O presente trabalho trata de um relato de experiência das atividades de formação

musical e artística realizadas pelo Grupo de Música Percussiva Acadêmicos da Casa Caiada ao estrear desfilando na avenida principal no período carnavalesco em Fortaleza. O grupo é um projeto de extensão do Núcleo de Música Percussiva do curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Ceará- UFC. O objetivo é analisar como aconteceram os processos de ensino e aprendizagem durante a organização, os ensaios e o desfile no carnaval de 2011. O interesse de apresentar o grupo de música percussiva da universidade na avenida é além de uma construção artístico-musical, uma iniciativa de aproximar áreas de formação cultural como o carnaval de rua e a universidade, podendo ser estes palcos formativos e musicais. Durante o trabalho, foram realizados registros em áudio e vídeo, diários de campo, entrevistas e fundamentações com o aporte teórico de autores próximos da temática como Matos (2008), Penna (2008), Guerreiro (2000) e Tanaka (2009). Assim, o relato contribui para os trabalhos em educação musical, refletindo sobre práticas e diálogos musicais que aproximam a cultura popular brasileira e a academia.

“GINGANDO E BALANÇANDO EM SINCRONIA”: UMA ANTROPOLOGIA DA DANÇA DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS-AM

Socorro de Souza Batalha (PPGAS/UFAM)

Co-autora: Deise Lucy Oliveira Montardo (PPGAS/UFAM)

Este texto analisa a dança do boi-bumbá de Parintins-AM, dentro de uma perspectiva da Antropologia da Dança. O foco principal deste trabalho está na criação e preparação coreográfica elaborada pelos integrantes da Companhia da Dança Garantido Show. O estudo aqui apresentado baseia-se em dados obtidos durante a pesquisa etnográfica realizada no ano de 2013 e 2014. Examinamos o procedimento de escolha das toadas a partir do critério estabelecido pela Comissão de Artes, por se tratar de elemento fundamental para a feitura do coreógrafo, pois é através da letra e do ritmo que ocorre a formulação do movimento. Dentro da perspectiva do calendário do boi a dança pode ser dividida e descrita em seus três principais momentos: 1) a dança de palco, feita para chamar atenção do público/espectador; 2) a dança para a gravação do DVD, organizada com uma distribuição coreográfica elaborada para o show de gravação e 3) a dança de arena do Bumbódromo, construída com formação de desenhos geométricos. Considero o aprendizado das coreografias um aspecto fundamental para compreender a sociabilidade estabelecida na atividade, atentando, sobretudo, para a participação do dançarino/brincante na execução da performance.

GT 117. MULHERES INDÍGENAS NAS

TERRAS BAIXAS DA AMÉRICA DO SUL

Coordenadores:

Oiara Bonilla - Doutora em Antropologia Social e Etnologia. Professora do Departamento de Antropologia (GAP). Universidade Federal Fluminense; oiarabonilla@gmail.com

Christopher Hewlett. Doutor em Antropologia Social. Centre for Amerindian, Latin American and Caribbean Studies (CAS). Department of Social Anthropology. University of Saint Andrews; ch628@st-andrews.ac.uk

Fabiana Maizza. Doutora em Antropologia. Centre d'enseignement et de recherche en Ethnologie Américaniste EREA du LESC MAE - Université Paris Ouest- Nanterre La Défense; fabimaizza@hotmail.com

Debatadora: Beatriz Matos - Doutora em Antropologia Social. PPGAS - Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro; irekaron@gmail.com

Sessão 1 - Fazendo pessoas

ETNOLOGIA E FEMINISMO

Vanessa LEA (UNICAMP)

A apresentação visa discorrer sobre as contribuições do feminismo à etnologia indígena. Através de exemplos diversificados, procurarei mostrar que o valor hegemônico de “igualdade de gênero” é um problema Ocidental que os proponentes de globalização visam universalizar. Argumentarei que o feminismo é englobado pela questão de gênero e que os transsexuais e travestis demonstram que o feminino não é monopólio de quem nasceu mulher. Procurarei refletir sobre as transformações em curso entre os Metyktire-Mebengokre mediadas pelo dinheiro, “benefícios” e monopolização da esfera pública pelos homens, argumentando que embora as mulheres deleguem o mundo externo aos homens, são as matri-casas as unidades exogâmicas que fazem circular os homens e que controlam as riquezas tradicionais - nomes pessoais e prerrogativas que ocasionam as grandes cerimônias. Ou seja, homem e mulher, masculino e feminino, poder e submissão, não são equações contínuas e equivalentes,

mas sim conceitos que exigem reflexão.

FAZER ROÇAS: A PRODUÇÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES PELAS MULHERES MEBENGOKRÉ-XIKRIN.

Clarisse COHN (UFSCar)

Stéphanie TSELOUIKO: (EHESS/UFSCar)

Esta comunicação pretende iluminar uma parte importante da produção de pessoas e coletivos pelos Mebengokré-Xikrin e que tem sido especialmente obliterada, a das mulheres. Como tem apontado Vanessa Lea há tempos, o viés masculino da etnologia produzida sobre os Jê tem impedido que se perceba a atuação das mulheres na produção destes coletivos. Concordando com ela neste ponto, tomamos porém outra via para elucidar esta atuação, apontando para a produção de roças e como ela nos permite perceber o modo como as mulheres têm um papel ativo e fundamental na produção de corpos, pessoas, parentesco, coletivos e rituais. Fazer roças é um atividade que envolve o matrimônio, a maternidade, a relação com as mulheres de sua família, a entrada na rede de trocas e reciprocidade. É também meio de produzir corpos, parentesco e pessoas fortes e bonitas na produção cotidiana de corpos e ritual de nomes belos, além de parentesco e coletivos, para o que os produtos das roças são essenciais. Cada roça é ainda um produto das biografias pessoais e das relações estabelecidas por cada mulher com parentes e nas relações de alteridade. Assim, a comunicação pretende elucidar a importância da produção feminina na produção de pessoas e parentesco e na produção mesmo da condição mebengokré. Por fim, elabora-se uma nova atuação, política e coletiva, das mulheres, a partir de uma experiência recente de abertura de uma roça coletiva feminina com o financiamento de projetos de gestão territorial, como uma continuidade e transformação do que já havia sido exposto.

MULHERES MBYA-GUARANI E OS SABERES ACERCA DE CRIAR CRIANÇAS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS NOS DIÁLOGOS ENTRE ETNOLOGIA GUARANI E ESTUDOS DE GÊNERO (BRASIL)

Suzana CAVALHEIRO DE JESUS (UNIPAMPA)

Esta comunicação dedica-se a refletir sobre saberes femininos mbya-guarani acerca dos

processos de criar crianças, colocando em diálogo debates dos campos da etnologia indígena e dos estudos de gênero. O texto deriva da minha tese de doutorado, cujo objetivo foi compreender processos de produção, circulação e transformação de conhecimentos mbya-guarani que configuram o modo tradicional de vida destes povos (nhande reko) e que derivam dos desafios contemporâneos de produzir pessoas “na medida”, ou seja, pessoas mbya que saibam dosar a alteridade advinda do mundo não indígena (juruá). Argumenta-se que tais aspectos organizam-se em torno dos modos de criar crianças, que por sua vez orientam-se a partir de representações de gênero, inscritas em dois âmbitos: 1) a produção feminina de corpos, desenvolvida através dos resguardos menstruais, dietas alimentares, cuidados pré e pós-parto e educação das crianças; e 2) a complementaridade feminina e masculina presente nas narrativas míticas e nos aconselhamentos recebidos por homens e mulheres adultos acerca das relações de conjugalidade e das implicações em torno da maternidade e paternidade, bem como no compartilhamento das responsabilidades dentro do grupo doméstico. Com base nisto, o presente trabalho discute modelos ideais de criar crianças, narrados a partir da ideia de complementaridade feminina e masculina; e modelos reais, vislumbrados no cotidiano da aldeia, nos quais as mulheres são responsáveis por esse processo de criação.

A ANTA EM SEGREDO: FAZENDO GENTE ENTRE OS RIKBAK TSA (MACRO-JÊ) DO SUDOESTE AMAZÔNICO

Adriana ATHILA (UFRJ)

Através de uma etnografia de atributos da vida cotidiana e ritual dos Rikbaktsa, do sudoeste amazônico, este trabalho pretende reconsiderar o caráter oposicional e de precedência ortodoxa entre domínios e espaços descritos na etnologia sul-americana como “masculino” e “feminino”, “cerimonial” e “cotidiano”, “político” e “doméstico” e outros contrastes deles derivados. Em algumas etnografias, as mulheres Rikbaktsa apareciam ou submetidas a um dito domínio masculino ou como estabelecendo com este uma dócil relação de complementaridade. Conforme argumentarei, ao mesmo tempo em que este povo não parece se ocupar em associar ou dividir mulheres e homens em “domínios” ou “reinos” dentro de uma hierarquia permanente, as mulheres exercem uma peculiar maestria na produção da coletividade, das pessoas e de suas relações, antes mesmo do “nascimento” propriamente dito, como também ao longo da vida de alguém.

Os Rikbaktsa definem um mundo no qual corpos, pessoas e uma infinidade de entidades, por admitirem diferenças apenas graduais, são impelidos a relações potencialmente transformativas. Trata-se de um universo em disputa, onde a mulheres Rikbaktsa têm tido papel cada vez mais central, desde a política cotidiana da produção de seres e coisas até dimensões mais amplas, de caráter supra-comunitário. Elas têm, potencial e oficiosamente, a prerrogativa de “continuidade” e “extinção”, sobre segmentos sociais e mesmo sobre os Rikbaktsa, como povo. Manipulam o “dado biológico de base nativo”, concorrendo com o aspecto normativo da produção da

coletividade e inaugurando circuitos paralelos de controle e, sob certa perspectiva, de sabotagem da produção de pessoas por determinadas linhas de descendência.

CULTIVANDO MULHERES

Joana CABRAL DE OLIVEIRA (USP/ CEstA)

Irei explorar a questão do gênero e da construção das mulheres através das relações de cultivo entre os Wajãpi do Amapari. Os Wajãpi são agricultores apaixonados e as mulheres são as principais responsáveis pelo cultivo das roças. Por meio dos trabalhos diários de colheita e processamento dos alimentos as mulheres de diversas idades, ligadas por laços de parentesco, compartilham saberes e substâncias que são fundamentais para o cultivo de sua própria condição feminina. Aqui pretendo explorar a noção de cultivo para além de seu uso específico ligado ao processo de cuidados com as plantas, intento estender e testar os rendimentos dessa ação (o cultivar).

Sessão 2 – Aliança e Cosmopolítica (1)

MAESTRAS DEL *KENE* SHIPIBO-KONIBO: MUJERES DE PENSAMIENTO FUERTE EN EL TRÁNSITO URBANO-RURAL (PERU-BRASIL)

Luisa Elvira BELAUNDE (Museu Nacional/ UFRJ)

En base a entrevistas con Reshin Jisbe – Olinda Silvano (miembro del Comité de Madres Artesanas "Menin Ainbo - mujeres creativas" de la Comunidad Shipibo de Cantagallo - lima), esta ponencia recorre algunos aspectos estéticos, económicos y vivenciales de la producción y venta de ropa cubierta con diseños kene en la ciudad de Lima. El énfasis colocado sobre la fuerza de su pensamiento (koshi shinan) como conexión entre conocimientos ancestrales, recuerdos personales y modos actuales de crianza de los hijos, es una llave para abordar sus testimonios sobre la inserción en la urbanidad. El pensamiento se “prende en las prendas”, según su decir, y se exterioriza en los cuerpos que las llevan puestas, generando un espacio gráfico adherido a la piel

que actúa sobre la persona y su alrededor. La experiencia sinestésica del kene revela una idea de superficie diferente de una frontera bidimensional pasiva. Lejos de encerrar el cuerpo separando nítidamente el interior y el exterior, el enrejado de los diseños abre un nuevo campo de visualidad donde la mirada puede penetrar y la agencialidad de seres ancestrales se manifiesta, trayendo al presente las jornadas por los ríos y las fiestas del pasado que congregaban a las familias del Ucayali para festejar el crecimiento de sus hijos, sus logros y rivalidades. El éxito de una maestra del kene para vender sus prendas, generar ingresos monetarios y así poder educar a sus hijos para que estos alcancen a ser “profesionales” surge, por tanto, del pensamiento propio de cada mujer y no puede ser resumido a una identidad colectiva ni una calificación étnica generalizada. La tensión permanente entre autonomía personal y organización comunitaria, característica de los asentamientos amazónicos, es reactualizada en la ciudad y permea la vida de pareja y familiar de las mujeres, así como los modos de organización de los comités de artesanas.

DE FÚRIAS, JAGUARES E MULHERES: COSMOPOLÍTICA E SEXUALIDADE ENTRE OS KAIOWA E GUARANI EM MATO GROSSO DO SUL (BRASIL)

Lauriene SERAGUZZA (UFGD)

Este ensaio propõe reflexões sobre cosmopolítica e sexualidade entre os Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul a partir de uma etnografia que privilegia o ponto de vista das mulheres sobre estas categorias. Esta análise foca sobremaneira a agência feminina nas grandes assembleias de mulheres Kaiowa e Guarani, as Aty Kuña. Nestes espaços um modo específico de fazer política aparece nas discussões sobre os temas do cotidiano que atingem diretamente estas mulheres e o seu entorno. Nas assembleias as mulheres majoritariamente são donas da fala pública, pois, são elas que tocam as discussões que perpassam, também, por suas construções de sexualidade e refletem diretamente no modo como se organizam e fazem política na atualidade os Kaiowa e Guarani. Desta forma analisarei 1) a participação das mulheres nestes espaços e suas possibilidades cosmológicas; 2) a discussão sobre sexualidade e relações de gênero suscitada pelos participantes das assembleias; 3) relações entre cosmopolítica e sexualidade. Estas três pontuações vinculam-se às transformações nos estilos de criatividade dos Kaiowa e Guarani e afetam suas relações de gênero, sexualidade e política com os humanos indígenas e não indígenas e os não humanos, de modo a contribuir com a reflexão da discussão aqui proposta para a revisão de categorias tidas como dadas, frente a novas possibilidades conceituais em etnologia.

CASAS DE ALVENARIA E CASA MEBÊNGÔKRE: CONCEPÇÕES XIKRIN

SOBRE FAMÍLIA DOS BRANCOS

Thais MANTOVANELLI (UFSCar)

Os Xikrin da Terra Indígena Trincheira-Bacajá (TITB) vivem atualmente os impactos da construção do complexo hidrelétrico de Belo Monte. Algumas ações de mitigação e compensação têm sido desenvolvidas por meio da execução de alguns setores do PBA Componente Indígena (Plano Básico Ambiental), realizado, atualmente, por duas empresas, que por sua contratam outras para execução de algumas das medidas. O presente artigo discute uma dessas medidas de compensação: a construção, nas aldeias, de casas de alvenaria. A partir da consideração das mulheres Xikrin acerca da construção dessas casas, o texto busca problematizar a noção de família dos brancos, enquanto destoante dos modos mebêngôkre de produção de parentes, que tem na casa [káǰ–kre] um local fundamental de transmissão dos modos corretos de comportamento, alimentação, crescimento e construção de pessoa. As casas de alvenaria que estão sendo construídas nas aldeias são consideradas pequenas pelos Xikrin que, constantemente, afirmam seu descontentamento. A partir da consideração negativa das mulheres Xikrin sobre as casas de alvenaria, o artigo propõe dar destaque ao contraste entre a concepção de casa e família nuclear dos brancos, do ponto de vista Xikrin, e a concepção de casa e família extensiva como modo de ser mebêngôkre. Ao evidenciar essa imagem contrastiva, objetiva-se colocar em perspectiva a construção das casas de alvenaria como investimento das ações do PBA e o conceito de casa mebêngôkre como lugar de produção de parentesco, ou, de modo mais geral, casa feita pelos brancos como edifício ou arquitetura e fonte de investimento de recurso financeiro/mitigatório e casa como espaço de produção de pessoa.

NARRATIVAS COSMOPOLÍTICAS INSPIRADAS EM MULHERES GUARANI-MBYA

Aline de Oliveira Aranha (USP, CEStA)

É possível verificar no cenário atual diversas transformações nas formas e estratégias mbya de liderança e ação política. Estas transformações têm grandes efeitos na fabricação dos corpos das pessoas guarani e emergem no embate cada vez mais (in)tenso com a política e modo de ser jurua (não-indígena) e se inserem em contextos como os de luta pela demarcação de terras e salvaguarda de direitos indígenas, tal como em projetos de desenvolvimento ou resgate cultural sob a rubrica da “cultura”. Estamos diante também de um contexto cada vez maior de valorização e protagonismo de mulheres (kunhãgue) mbya, assim como da abertura e conquista de espaços de fala e atuação política antes majoritariamente ocupado por homens, o que reflete a

complementaridade e fortalecimento mútuo de ambos sujeitos na construção de pessoas e coletivos. Partindo de algumas narrativas centradas nas trajetórias das mulheres que habitam a Terra Indígena Tenonde Porã (São Paulo-SP) buscaremos realizar uma cartografia de seus discursos e práticas: como a relação entre a cosmopolítica guarani e as políticas públicas do Estado é agenciada de um modo propriamente guarani, revelando forças e resistências produtivas e criativas e elucidando o intenso trabalho de tradução e transformação implicado nessas amplas redes de relações que compreendem a dinâmica intra, inter e extra aldeia. A estratégica pedagógica de formação de jovens lideranças é parte do engajamento de professoras mbya que atuam então enquanto formadoras das novas guerreiras (xondária kuéry) e guerreiros (xondáro kuéry). Enquanto tradutoras de mundos, essas kunhãgue atuam também como diplomatas cosmopolíticas, que ao transitar por diferentes códigos, agenciam diferentes mundos onde tudo é política e muito perigoso.

Palavras-chave: Guarani-Mbya; mulheres mbya; liderança política; cosmopolítica contra-Estado;

Sessão 2 – Aliança e Cosmopolítica (2)

DOS CASAMENTOS PRETENDIDOS, “*SOLTEIRICES FORÇADAS*”. PARENTESCO, SEXUALIDADE E ALIANÇA EM “*NEGOCIAÇÃO*” ENTRE CASAIS DE MULHERES TICUNA, ALTO SOLIMÕES, AMAZONAS

Patrícia CARVALHO (UNICAMP)

“Somos, assim, solteiras no dizer do parentesco mais organizado com as palavras dos antigos. Elas ensinam casar bem é homem com mulher de clã diferente (...). Fazemos certo parte da regra, por isso, somos solteiras. Somos sem marido porque queremos que nossas companheiras virem esposas, mas não deixam”. O que ocorre quando além da posição prescrita pela exogamia clânica, o sexo do parceiro importa ao casamento? Para refletir sobre tal dilema, tomamos alguns casos de conjugalidade entre “casais de mulheres” ticuna, de suas “solteirices forçadas” como um problema de parentesco. Elas expõem que pretendem com suas “negociações” “oficializar o romance entre primas”, “ter papel passado para virar o romance proibido e vigiado em compromisso verdadeiro”, isto é, “reconhecido pelos parentes”. O objeto central da exposição é refletir como, com quem e o que se “negocia” nestas situações de pretensão de arranjos conjugais? Voltamos a atenção para pensarmos a partir destas imagens etnográficas as estratégias empregadas por elas para viverem seus “amores proibidos”, atualizando e

reconfigurando os parâmetros locais que orquestram dispositivos entre aliança e sexualidade engendrados nessas tramas matrimoniais.

NARRATIVAS SOBRE A SEXUALIDADE MBYÁ-GUARANI

Luna MENDES DOS SANTOS (UFF)

Esta comunicação visa apresentar reflexões iniciais sobre o tema de minha pesquisa para a dissertação de mestrado em Antropologia. Nessa pesquisa tenciono mapear os discursos de mulheres MbyáGuarani acerca da sexualidade indígena realizando um trabalho de campo combinado com uma revisão bibliográfica. Em minha vivência de campo percebi os ambientes institucionais de “diálogo” com o povo MbyáGuarani enquanto majoritariamente masculinos. Tive a impressão de que as mulheres eram escanteadas dos processos decisórios. No entanto, entendo que as práticas políticas das mulheres Mbyá não se restringem ao que o saber ocidental circunda enquanto política. Talvez sequer devesse falar em termos de delimitação, mas na relação que coisas, pessoas e entes estabelecem entre si, considerando a sexualidade envolvida nesse contexto múltiplo que compõe um modo de estar no mundo e as práticas políticas cotidianas imbricadas nele.

A bibliografia sobre o povo MbyáGuarani é extensa, porém carregada de conhecimentos moldados por situações de pesquisa específicas, “encontros etnográficos” marcados por intersecções diversas. Em muitos dos trabalhos que compõem essa densa bibliografia os homens são centrais e centralizadores, tanto os interlocutores indígenas, quanto grande parte dos pesquisadores. Esse diálogo entre homens produz um conhecimento específico que não necessariamente traduz o modo de ser de um povo. Nesse sentido penso na *genderização* da antropologia enquanto outro ponto a ser elaborado em minha pesquisa, considerando o que significa ser mulher em um trabalho de campo. Focando no recorte de gênero, porém sem desconsiderar as intersecções entre gênero, raça, sexualidade, classe e idade que compõe possibilidades de pesquisa.

POLÍTICA EM DESEQUILÍBRIO PERPÉTUO - TRANSFORMAÇÕES E RELAÇÕES ENTRE OS GÊNEROS A PARTIR DOS KAIOWA E GUARANI NO MATO GROSSO DO SUL (BRASIL).

Diógenes CARIAGA (UFSC)

A emergência de movimentos de mulheres indígenas e de pesquisas que reivindicam a categoria gênero para a etnologia, tem demonstrado a importância desta perspectiva para pensar pontos de vista que assegurem novos debates a temas clássicos da

Antropologia. Os modos como os coletivos estabelecem marcadores para pensar as diferenças, seja sobre o sexo e/ou gênero são recorrentes nas narrativas míticas, rituais e no cotidiano. Neste texto procuro articular tais questões com informações etnográficas produzidas em diversas experiências de campo junto a famílias kaiowa e guarani que vivem na região sul do MS. O contexto atual de vida é marcado pela intensificação das relações com o modo de ser dos brancos, que produz efeitos nos modos como as pessoas refletem sobre categorias nativas que remetem a “tradição” e a “inovação”. Deste modo, estes conceitos, assim como os modos de ser e conhecer relacionados às mulheres e aos homens, auxiliam a pensar como as e os Kaiowa e Guarani problematizam as transformações que vivenciam na condução política das famílias e da vida coletiva. Gênero para os Kaiowa e Guarani opera uma série de classificações e ontologias nativas para pensar a alteridade e a relação com seus outros, humanos e não humanos. Assim, pretendo realizar aproximações iniciais que tomem estas ideias como nexos para compreensão dos modos de significação do mundo aproximando-me das ideias lévi-straussianas para pensar a alteridade e as transformação através do movimento impulsionado pelo desequilíbrio perpétuo, que caracterizaria o mundo ameríndio por meio da abertura ao outro. Neste sentido, as categorias nativas mais do que pontos fixos são lidas como relações pelas quais se movimentam sentidos, ações e afecções nas conexões entre parentesco, política e conjugalidade kaiowa e guarani.

ALIMENTAÇÃO E HIERARQUIA DE GÊNERO NO SUDOESTE AMAZÔNICO

Luiz COSTA (UFRJ)

Em sua análise das relações de gênero entre os Kulina (Arawá), a antropóloga Claire Lorrain buscou demonstrar a subsunção da agência feminina à agência masculina nas esferas econômicas, políticas e cosmológicas. Apesar de focar a etnografia kulina, seu argumento tem um viés comparativo, propondo, em última instância, que a interdependência entre homens e mulheres na Amazônia é hierárquica. Desta forma, ela critica o hipotético mutualismo elencado por alguns antropólogos influenciados por ideias feministas que se coadunariam com certos anseios ocidentais mais do que com práticas e conceitos indígenas. Nesta apresentação, busco problematizar os termos nos quais Lorrain aborda as relações sociais kulina por meio da etnografia dos Kanamari, povo Katukina da Amazônia ocidental, vizinhos dos Kulina no Juruá. Minha aposta é que ao tomar ‘relações de gêneros’ por uma dimensão básica e constitutiva da etnografia kulina, é Lorrain quem revela seu etnocentrismo. Proponho, ao contrário, que a tal ‘hierarquia de gênero’ pode ser reinterpretada como manifestação de relações assimétricas de prover que atravessam as relações entre humanos e não-humanos, homens e mulheres. Na etnografia Kanamari, tais relações são contidas na ideia de ‘alimentação’. A alimentação, de fato, instaura a agência, mas é basicamente neutra no que diz respeito ao gênero do agente.

Sessão 3: Tecendo relações (1)

TRADUZINDO *TOLO*: “EU CANTO O QUE ELA CANTOU QUE ELE DISSE QUE...” OU “QUANDO CANTAMOS SOMOS TODAS HIPER-MULHERES

Bruna FRANCHETTO (Museu Nacional/ UFRJ)

No Alto Xingu, sistema regional multilíngue, *toló* e *jamugikumalu* são festas e canto femininos, que formam um complexo ritual e musical em contraste/complementaridade com as flautas *kagutu*, domínio masculino e interditas às mulheres. Em *Jamarikumalu* revive-se o mito das Hiper-Mulheres, a metamorfose que faz das mulheres abandonadas pelos esposos seres andróginos e poderosos, que com seus clitóris inchados tocam as flautas *kagutu*. Em *Jamarikumalu* xinga-se o pênis (“nosso inimigo”), descontando-se os xingamentos que os homens lançam contra as vaginas quando tocam as flautas *kagutu*. Os curtos poemas cantados do *toló*, onde no lugar do nome do espírito é cantado o nome de um amante humano, falam, sobretudo, de amores, saudades e ciúmes e são versões musicais profanas das peças *kagutu*. Diferentemente de *kagutu* e *jamugikumalu*, ademais, que são festas de *itseke* (bichos-espíritos), *toló* não se articula ao xamanismo, nem tampouco à chefia. *Toló* é o único ritual genuinamente karib, especificamente *Kalapalo*, e não se generalizou (ainda) no contexto alto-xinguano. Digo, ainda, pois se ele não era um *egitsü*, isto é uma festa intertribal, os *Kuikuro* o realizaram como tal em 2003 e reivindicam para si tal inovação. Esta apresentação está baseada no trabalho de transcrição e tradução de um corpus de mais de cem cantos *toló*, hoje a quase totalidade deste repertório, colhendo a filigrana de sentidos e metáforas, encerrados nos pequenos poemas, pinceladas ou imagens mentais de situações excitantes, relações clandestinas e vitais, sentimentos, que atravessam a vida das mulheres, por vozes femininas e, como seu reflexo sobredeterminado, também por vozes masculinas.

SOBRE MULHERES *BRABAS*: RITUAL, GÊNERO E POLÍTICA ENTRE OS ARARA DE RONDÔNIA

Julia OTERO (UnB)

Este trabalho versa sobre a relação entre ritual, gênero e constituição do social entre os Arara de Rondônia, falantes de Tupi-Ramarama e habitantes da região do rio Machado. Contam os velhos que o *Wayo 'at Kanã* é um ritual que realizavam no tempo da maloca

nas ocasiões em que desejavam comer jacaré ou dançar. No presente, em um contexto de disputas religiosas e políticas, a festa possibilita a constituição de um espaço-tempo positivo em que moradores de diferentes aldeias podem se reunir e aparecer enquanto um povo.

Mulheres consideradas brabas com seus filhos devem matar os jacarés capturados pelos homens para demonstrarem coragem e descontarem a raiva que sentem dos seus filhos. Apesar de a festa ser convocada a produzir uma forma povo, as relações que o enredo do ritual coloca em tela são aquelas que se referem à escala mais reduzida do parentesco, i.e., uma família conjugal. A raiva desmedida – um sentimento eminentemente masculino e primordialmente vinculado à guerra e canalizado para o inimigo – é o principal afeto problematizado pelo ritual, atribuído nesse espaço-tempo às mulheres.

Busco entender como, no contexto interétnico, o ritual opera simultaneamente em dois níveis distintos do social: constituindo uma forma povo e contribuindo para a permanência da família, pois as pessoas dizem que sua realização faz o casamento durar. O ritual instaura um espaço-tempo em que doméstico e privado, parentesco e política, humanos e animais interpelam-se simultaneamente, fazendo emergir, de um lado, um povo, e de outro a distinção entre homens e mulheres, imprescindível ao processo de produção de pessoas.

NA PRESENÇA DE YETÁ: MULHERES MANOKI (IRANTXE) NA RELAÇÃO COM OS ESPÍRITOS-VIZINHOS

Ana Cecilia VENCI BUENO (USP/ CEStA)

Yetá dá nome a um, mas também é a maneira genérica pela qual se referem ao conjunto de espíritos ancestrais que dá nome ao ritual homônimo. Esses espíritos, aos quais também se referem por ‘vizinhos’, ‘bichinho’ ou ‘jararaca’, são respeitados e temidos e vivem na mata próxima, em uma casa que apenas os homens e rapazes iniciados podem se aproximar, ver e entrar. Jamais falam muito desses espíritos ou sobre o que acontece dentro da casa de Yetá na presença de mulheres e crianças. A visão desses espíritos por elas e pelas crianças não iniciadas é interdita, sob o risco de sofrerem sérias sanções. Embora a visão não lhes seja permitida, as mulheres desempenham papel fundamental na relação entre homens e espíritos pois, além de prepararem quantidades exorbitantes de alimentos que devem ser oferecidos durante o ritual e em dias ordinários, são elas quem, do interior de uma casa coletiva, conversam na língua indígena (isolada) com os espíritos, durante o ritual. A proximidade e a presença de Yetá são percebidas pelas mulheres por meio dos belos sons que emitem enquanto dançam no terreiro ou quando chegam da roça coletiva, que os homens preparam e cultivam juntos aos ‘vizinhos’. As diferentes relações construídas entre mulheres e espíritos, bem como entre e intergêneros, serão abordadas nessa apresentação, tendo como pano de fundo o ritual de

Yetá do ponto de vista feminino, privilegiado na etnografia.

CANTANDO RELAÇÕES: ONÇAS, PLANTAS, MULHERES E ESPÍRITOS NOS RITUAIS PAUMARI

Oiara BONILLA (UFF)

Proponho iniciar aqui uma reflexão sobre os cantos xamânicos paumari, a partir dos cantos rituais femininos. Analisarei o papel das mulheres na articulação entre as práticas cotidianas ligadas à predação e à alimentação e os diversos seres que povoam e agem no cosmos através da descrição dos rituais alimentares (ihinika) e do ritual de iniciação feminino (amamajo), procurando refletir sobre a forma como os cantos/diálogos rituais (entre os espíritos e as mulheres) atualizam uma complexa diplomacia perspectiva entre mundos concebidos como humanos (de presas e predadores, de patrões e empregados, de plantas, onças e parasitas). Por fim, me deterei sobre o processo de transmissão destes cantos que, além de mobilizar a mesma arte diplomática, estabelecem relações de parentesco interespecíficas e alianças intergeracionais.

Sessão 3: Tecendo relações (2)

TRANSFORMAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO NA CERIMÔNIA CARNAVAL DO POVO CHIQUITANO DO BRASIL

Verone Cristina DA SILVA (USP)

Este estudo é uma etnografia do povo Chiquitano, que vive no Sudoeste do Estado de Mato Grosso, na fronteira do Brasil com a Bolívia. A análise centra-se nas relações e transformações de identidades que acontecem durante o carnaval, um ritual que

performatiza o mito do dilúvio, o fim do mundo e a transformação de homens e mulheres. Durante a cerimônia, os protagonistas realizam uma sequência de ações chamadas matchupekakarch (brincadeira), homens se transvestem de mulheres e criam diálogos na posição feminina e mulheres se transvestem de homens e ocupam a posição masculina. Os homens lançam água, barro e tinta sobre os corpos das mulheres, colocam barro em seus seios, enquanto estas passam as mãos em suas nádegas ou em seus órgãos genitais, descem suas calças e ali também depositam barro, folhas ou outros objetos que dispuserem em mãos. As brincadeiras adjetivam comportamentos que se sobrepõem a anaursch (respeito), conjunto de regras de interdição que instituem o modo chiquitano de operar por meio de comportamentos de evitação e do uso dos termos de parentesco e compadrio. É uma categoria que prescreve "leis do incesto", mas que durante o carnaval são dissolvidos e as posições de identificação se alteram e se alternam. Estas mudanças são importantes para a restauração da organização social e das relações de alteridade entre os Chiquitano.

« NO SE NACE MUJER, SE LLEGA A SERLA ».BELLEZA, GENERO Y FEMINISMO ENTRE LOS KAKATAIBO (AMAZONIA PERUANA)

Magda Helena DZIUBUNSKA (LESC-EREA/Université Paris X)

A través de la etnografía del concurso de belleza organizado en una comunidad nativa kakataibo (Amazonía peruana), el objetivo de esta comunicación es de proponer una reflexión sobre lo que este fenómeno social reciente puede enseñarnos acerca de la manera en que un grupo conceptualiza el "volverse una mujer" y, más en general, las relaciones de género. ¿Hasta qué punto estos concursos revelan cambios en el estatuto de las mujeres dentro de las comunidades nativas?

Aunque todas las chicas púberes pueden ser candidatas al título de Reina de Belleza, la participación al concurso exige un entrenamiento que comienza algunos días antes de la fiesta y es impartido por profesores mestizos. Durante esta preparación, las chicas deben aprender a caminar correctamente en el escenario, a adoptar una gestual y una modulación de la voz apropiadas, además de saludar al público con coquetería y mandarles besos sin dejar de sonreír. La noche del concurso, las chicas desfilan sobre el escenario adoptando diferentes apariencias: "la ciudadina", "la deportista", "la estudiante", "la chica nativa" y "la mujer en traje de gala". Una verdadera maquinaria de alterización se pone en obra frente al público, que podría estar ligada al concepto de transformabilidad del cuerpo, bien conocido en la Amazonia. Adoptando un enfoque pragmático, esta presentación cuestiona las diferentes representaciones del sí mismo y del otro puestas en escena durante el concurso, poniendo de relieve su carácter performativo.

Inspirada en parte por la teoría de Butler (1990, 2004) sobre la performatividad del

género, el objetivo de este estudio es reflexionar no solo sobre los actos que las mujeres indígenas se ven obligadas a realizar hoy en razón de su género, mas ante todo sobre las prácticas que las hacen mujeres.

CORPOS SONHADORES: O *MARINÁ* E AS MULHERES JARAWARA

Fabiana MAIZZA (USP/CEstA)

A partir de minha etnografia com os Jarawara, povo falante de uma língua Arawá e habitantes do médio curso do rio Purus, a apresentação visa refletir sobre a festa de saída das meninas em reclusão, o *mariná*, e seus efeitos na composição de uma agência feminina *vulnerável*. A ideia aqui desenvolvida é que a “sonolência” (*nokobisa*), o “cansaço” (*mama*) e a “beleza” (*amosa*) são formas de *ações rituais* que visam extrair dos corpos femininos suas capacidades de “serem carregáveis” (*weye*). Capacidades estas vinculadas também à algumas plantas cultivadas, às crianças, às “presas” (*bani*), aos mortos e, sobretudo, aos xamãs que, levados nas costas de seus filhos-planta, experimentam relações com diversos tipos de seres no *neme* (o “céu”) mas também em seus sonhos. Sugiro que o *mariná* acione capacidades do corpo feminino, ensinando-o, entre outras coisas, a *sonhar* e a *ser levado*. Procurarei assim pensar como uma certa *noção de gênero* jarawara, embaralha e proporciona uma crítica etnográfica ao nosso contraste poder masculino x submissão feminina.

GT 118. DA AMAZONIA AO RIO DE LA PLATA – IDENTIDADES E CONFLITOS DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Coordenadores:

Professora Doutora Rosa Acevedo Marin– Universidade Federal do Pará – UFPA
rosaacevedo@hotmail.com.

Professora Doutora Dina Picotti, Universidade General Sarmiento- Argentina;
[dpicotti@retina.ar/](mailto:dpicotti@retina.ar) dpicotti@gmail.com.

Professora Doutora Cynthia Carvalho Martins, Universidade Estadual do Maranhão –
Brasil. martinscynthia@ig.com.br

Comentarista: Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida. Universidade do Estado do
Amazonas, pncaa.uea@gmail.com

SESSÃO 1 -Cartografia Social: indígenas, pescadores, quebradeiras de coco e quilombolas em contexto de mobilização

CONOCIMIENTO TRADICIONAL SOBRE TECNOLOGÍAS DE PESCA. CONFLICTOS DE PESCADORES EN LA LAGUNA DE UNARE-VENEZUELA

Zulay Poggi. Cendes-UCV. Zulay.poggi@gmail.com

En el presente trabajo analizamos diferentes posiciones y visiones de los pescadores, pescadoras y demás actores involucrados en todo el proceso de pesca, sobre los conocimientos tradicionales asociados a los instrumentos y técnicas de pesca, tomando en consideración: (a) la pérdida creciente de los conocimientos tradicionales asociados a esta actividad (b) los mecanismos que han promovido tanto las instituciones del estado como las comunidades de pescadores para la preservación de los mismos.

Para ello hemos considerado en el análisis: (a) el tema de la política pública para promover la preservación de este tipo de conocimiento local (b) las iniciativas de las comunidades de pescadores que se han emprendido para promover su preservación, (c) los conflictos originados por el uso inadecuado de tecnologías de pesca en la laguna (pesca de arrastre), y lo que esto representa desde el punto de vista social, cultural y ecológico y (d) los conflictos de poder existentes entre las poblaciones para controlar la productividad pesquera a través de la apertura y cierre de las barras de arena que permiten el intercambio de agua dulce y salada y así incrementar el paso de las larvas de peces y camarones a la laguna.

Los conocimientos tradicionales de la pesca en esta zona, están asociados a los instrumentos o atarrayas, cuyas medidas varían de acuerdo al tipo de pez que capturan, cuyo uso se ha mantenido en el tiempo, además de una serie de factores climáticos y fisicoquímicos, relacionados incluso con las mareas, movimiento de agua, turbidez y temperatura, entre otros. La aparición de otras formas de pesca que incorporan el uso de redes inadecuadas, como los denominados “trenes” que son una

especie de red de arrastre, se emplean cada vez con menos restricciones en la laguna, y esto sin duda alguna atenta contra la sustentabilidad de la misma y la preservación de los conocimientos y practicas tradicionales.

Por otra parte, los problemas ambientales más relevantes de la laguna, que inciden en la disminución de la productividad pesquera, son de origen tecnológico y antropogénico. La utilización de los citados trenes o redes de pesca prohibidos, trae como consecuencia la captura de todo tipo de especies, incluso en fase joven, dañando de esta manera el ecosistema. Por otra parte, la construcción de represas en el Rio Unare, que desemboca en la laguna, ha influido de manera notable en el cambio de salinidad de la misma. La acumulación de desechos y el irrespeto a los períodos de pesca igualmente intervienen en esta problemática.

A través de la cartografía social, además de un trabajo intensivo con las comunidades de mas de 10 años, hemos tenido la oportunidad de conocer, intercambiar y analizar su visión sobre estos temas. Lo cual nos ha permitido mirar esta situación desde distintas perspectivas, y cuyos resultados apuntan a la necesidad del apoyo gubernamental desde la definición de políticas públicas, así como de un marco regulatorio adecuado, y al fortalecimiento de las comunidades para resolver estos conflictos de la forma mas adecuada, de acuerdo a su cultura y necesidades.

CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA FACE AOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

Eliana Teles (UFPA)

As estratégias e modos de reprodução dos povos tradicionais do Marajó, expressam-se de diversas formas, como por exemplo, o sistema de uso comum. Caminhando numa perspectiva contrária às investidas do agronegócio e de outras práticas sob o comando do Estado, tais estratégias configuram-se em uma economia de resistência ontológica que se processa por meio da luta cotidiana para acessar os recursos ambientais e por acesso a direitos de auto reconhecimento e território. Essas noções são analisadas neste trabalho a partir dos estudos com os quilombolas dos rios Arari e Gurupá no município de Cachoeira do Arari e os quilombolas do rio Mutuacá no município de Curalinho, ambos no arquipélago do Marajó. Essa “economia moral” permite que os quilombolas criem estratégias de resistência frente às estruturas de mercado e de poder em que estão envolvidos. O conhecimento dessas estratégias constam nos dados do plano de pesquisa realizado no âmbito do Projeto “Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e devastação: Processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais”, aqui reavaliados.

Palavras-Chaves: conflitos, estratégias de uso de recursos, identidades coletivas.

PESCADORES ARTESANAIS NO SUL DO BRASIL: AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA, SABERES ECOLÓGICOS E RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Dra. Raquel Mombelli

Antropóloga, pesquisadora PNCSA/UFAM -raquelmombelli@yahoo.com.br

Dra. Érika Nakazono

Etnoecóloga, pesquisadora PNCSA/UEMA arumanzal@yahoo.com.br

No sul do Brasil, pode-se observar que os grupos sociais autoidentificados como pescadores artesanais, enfrentam diferentes ordens de conflitos que tem comprometido as possibilidades de reprodução de suas atividades e o reconhecimento de seus direitos étnicos e territoriais. Entre essas destacam-se a intensificação da pesca industrial, avançando sobre os espaços de pesca artesanal, a expansão urbana com a edificações invadindo as faixas de areias das praias, ressortes, pousadas, a implementação de marinhas, entre outros. Soma-se ainda, as constantes autuações aplicadas por órgãos ambientais, que os acusam como responsáveis pela degradação ambiental, e a desconsideração dos dispositivos jurídicos nacionais e internacionais que resguardam os seus direitos.

A proposta é analisar, a partir das situações inseridas no projeto Nova Cartografia Social realizada no sul do Brasil, a diversidade das formas de autoidentificação, modo de vida e os saberes ecológicos empregados, sobretudo na relação que esses sujeitos sociais autoidentificados como “pescadores artesanais” estabelecem com o território marítimo. Destaca-se ainda que nos contextos de procedimentos administrativos ou jurídicos, na relação com os poderes públicos e/ou pesquisadores, esses grupos sociais confrontam-se com significações imputadas às categorias pescadores artesanais e tradição, formuladas a partir de conteúdos exógenos e estranhos ao seu modo de vida. Nesse campo de disputas, os pescadores artesanais aguardam ainda por um mecanismo jurídico que efetivamente assegure a regularização e a proteção dos seus territórios tradicionais marítimos.

Palavras chaves: pescadores, identidade, conhecimento tradicionais e direitos.

O DISCURSO AMBIENTAL E AS LÓGICAS DE PRESERVAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA

Cynthia Carvalho Martins Professora do Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia e do Departamento de Ciências Sociais da UEMA;
martinscynthia@ig.com.br

A proposta consiste em refletir sobre as contradições presentes no discurso ambiental empresarial e como os movimentos sociais que acionam o dado étnico têm lutado contra esse discurso e as práticas que eles engendram. Essas práticas incluem a criação de projetos de compensação ambiental que tem se instituído em diferentes regiões do Brasil e que, no Maranhão, apresentam como característica a nefasta combinação de destruição dos recursos e, ao mesmo tempo, criação de fábrica de beneficiamento, pelas empresas, dos produtos que ela está devastando, ou ainda, a criação de fábricas de processamento de lixo produzido pelas próprias empresas.

Apresentaremos as experiências desenvolvidas no âmbito do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia com ênfase nas práticas que os povos e comunidades tradicionais possuem em relação à um uso dos recursos naturais que incorpora saberes específicos aliado a diferentes dimensões da vida social. E ainda, analisaremos a visão que tais grupos possuem da devastação, como essa noção está associada a desestruturação de seus modos de vida. As situações empíricas a serem apresentadas referem-se aos quilombolas e quebradeiras de coco babaçu da região conhecida como Baixada Maranhense.

Palavras Chave: Saberes, povos e comunidades tradicionais, devastação, meio ambiente, movimentos sociais.

A CARTOGRAFIA SOCIAL DOS BABAÇUAIS COMO INSTRUMENTO DE LUTA POLÍTICA DE MULHERES QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU

Poliana de Sousa Nascimento polianadsn@gmail.com

polly-geo@hotmail.com

Esse trabalho tem como fundamental ponto de exposição a luta de mulheres quebradeiras de coco babaçu que construíram uma forma específica de organização e de trabalho ligado a terra, apresentando como eixo principal de reivindicação a garantia do livre acesso aos babaçuais. Essas mulheres que são invisibilizadas pelo Estado e afetadas por grandes empreendimentos econômicos, apresentam necessidades e demandas que não são viabilizadas pelo poder público. A devastação das palmeiras, o

aumento das carvoarias e avanço das siderúrgicas prejudicam substancialmente suas práticas sociais particulares, em contrapartida, essas mulheres, organizam-se criando mecanismos estratégicos de defesa contra seus antagonistas. O Mapeamento Social realizado na região compreendida como “ecológica dos babaçuais” possibilita a percepção e dimensão das formas organizativas estabelecidas na área de incidência dos babaçuais, permitindo o fortalecimento dessas organizações. Partindo disso, pode-se pensar em estratégias de apropriação das quebradeiras de coco babaçu das cartografias realizadas e que passam a representá-las enquanto agentes sociais que necessitam do babaçu para se reproduzirem social e culturalmente, sendo a palmeira de babaçu, portanto, considerada mais que um elemento da natureza, mas a representação da construção social e política de mulheres quebradeiras.

Palavras-chave: Cartografia, Quebradeiras e Luta.

A FORMAÇÃO SOCIO-HISTÓRICO CULTURAL DOS INDÍGENAS NA ÁREA URBANA DA CIDADE DE TABATINGA-AMAZONAS

Arival Curica Fermin (UEMA)

Sabemos que no Norte do Brasil é onde se encontra uma maior porção de indígenas. A região do Amazonas encontra-se uma maior população de indígenas, e como isso fazer uma reflexão a respeito dos indígenas e os seus saberes tradicionais em Tabatinga-Amazonas. No entanto abordarei o processo de formação sócio-histórico e cultural dos indígenas kokama na área urbana de Tabatinga-Amazonas. Proponho um estudo a respeito desse processo de formação histórica e cultural. O seu desenvolvimento na cidade e suas práticas culturais para ser mantidas no meio social. Embora com o desenvolvimento da cidade, a formação da cultural fica um pouco dispersa na sociedade. Por isso cabe um estudo com mais detalhes e bem aprofundado nessa na área urbana da cidade para perceber a resistência dos indígenas nessa formação cultural, para ser distinguidos suas culturas e seus processos históricos na cidade. Diante do exposto trabalho de pesquisa o desenvolvimento da sociedade e do crescimento da cidade Tabatinga-Amazonas que venho fazer uma breve reflexão a respeito da população indígena. As culturas dos indígenas dão base à população de Tabatinga-AM, com esta base da cidade focará este trabalho para em breve fazer as considerações a respeito dos indígenas na cidade.

Palavras-chaves: Formação Sociohistorica, Cultural e Indígena.

SESSÃO 2 Mobilizações Saberes: práticas religiosas e territorialidades

(RE) INTERPRETAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA REGIONAL: A HISTORIA QUILOMBOLA DE MEDIADORES E LIDERANÇAS QUILOMBOLAS DA REGIÃO DE CAXIAS-MA

Arydimar Vasconcelos Gaioso, Dra. em Antropologia – PPGA/UFBA, Universidade Estadual do Maranhão – CESC, Agaioso@yahoo.com.br

O artigo aborda sobre a construção da narrativa histórica construída por mediadores e lideranças políticas quilombolas de comunidades negras rurais quilombolas da região de Caxias – MA na luta pelo reconhecimento enquanto comunidade remanescente de quilombo. A narrativa das lideranças, ao buscar a história como elemento constitutivo de uma identidade quilombola, constrói uma história linear, contínua, que se aproxima da historiografia regional. Ao fazer uso desses elementos históricos, parece recuperar a própria noção definida pela ciência histórica, que o percebe hoje como resquício de um tempo passado e o classifica a partir de alguns elementos: culturais; geográficos e econômicos, no diálogo com dispositivos jurídicos voltados para as Comunidades Remanescentes de Quilombo os quais “provas” são exigidas para o reconhecimento por parte do Estado, mediadores elaboram o que definem como *provas* de um passado quilombola, utilizando dos mesmos esquemas classificatórios: toponímia, religiosidades, ou “agricultura familiar”, e mesmo resquícios materiais, como *ruínas* de poços, da casa grande, pedaços de cerâmica encontrados enterrados nos *terreiros* e *quintais*. O fato de se incluírem nesses esquemas classificatórios, não implica em afirmar que se encaixam naquelas situações apontadas em esquemas interpretativos que percebem a emergência dessas identidades coletivas como resultado de interesses materiais comuns. Entender o processo por esse olhar é reduzir a complexidade do fato. Ao fazer uso dos elementos classificadores externos, os agentes sociais se apropriam desses elementos e os aproximam das representações de si mesmos como estratégia de se fazer (re)conhecer.

Palavras-chave: quilombo, mediadores, história, historiografia, reconhecimento.

OS CHAMADOS *CENTROS DE SABERES* E AS NOVAS ESTRATÉGIAS DE MUSEALIZAÇÃO: A PROBLEMATIZAÇÃO DA IDÉIA DE MUSEU EM EXPERIÊNCIAS IMPLEMENTADAS POR COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Patrícia Maria Portela Nunes, Doutora em Antropologia, Professora Departamento de Ciências Sociais e Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPGCSPA) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); portelapatricia@hotmail.com

A presente comunicação tem como proposta colocar em discussão um conjunto de iniciativas direcionadas à montagem e estruturação de um tipo de acervo que contrasta com a noção de *patrimonialização*, analisada por Luc Boltanski e Arnaud Esquerre. Trata-se da criação dos chamados *Centros de Saberes* que estão em processo de criação e estruturação em *comunidades* da Amazônia Brasileira referendando diferentes formas de representação coletiva de comunidades que estão em processo de reconhecimento de direitos étnicos. Como uma primeira forma de aproximação tais experiências podem bem podem ser pensadas como alinhadas a uma noção “museu vivo” que invertem as formas oficiais de representar os chamados povos e comunidades tradicionais.

Tais iniciativas nos convidam a pensar sobre as lutas contemporâneas pelo reconhecimento de direitos étnicos, problematizando elementos de análise vulgarizados por um senso comum douto, em um quarto de século tomando a promulgação da Constituição Nacional de 1988 como clivagem que instituiu uma interpretação douta sobre os chamados “povos e comunidades tradicionais”. As relações de força instituídas em referência ao domínio das produções intelectuais não parecem alheias, conforme procurarei refletir, à força de imposição do esquema de análise apregoadado pelos *peritos* de Estado de forma a desenhar um sistema de relações sociais do qual não se ausentam as pressões exercidas por agentes organizados em movimentos sociais.

Palavras-chave: Saberes, Povos e Comunidades Tradicionais, Direitos étnicos.

“SER QUILOMBOLA É SE RECONHECER, VER NA PELE DA GENTE, NO DIA A DIA DA GENTE E TAMBÉM NO PASSADO DOS NOSSOS QUE JÁ FORAM”: PROCESSOS ORGANIZACIONAIS DE IDENTIFICAÇÃO EM RIO GRANDE – MA - BRASIL

Daisy Damasceno Araújo. (UFMA). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Brasil; daisyhst@hotmail.com; daisy.araujo@ifma.edu.br .

Este estudo apresenta uma análise do processo de construção e reafirmação identitária, por parte dos moradores do Rio Grande, situado no município de Bequimão-MA, a partir do momento que se percebem e assumem a identidade de *remanescentes das comunidades dos quilombos*. Desta forma, analisa a dinâmica que caracterizou o processo de mobilização e os critérios de identificação, acionados por este grupo, no processo de luta por reconhecimento e afirmação como *quilombola*. Foram identificadas e analisadas as estratégias para obter o reconhecimento junto a Fundação Cultural Palmares e os significados que esse reconhecimento assumiu para os moradores. Dialogando com o decreto 4887/2003 e na tentativa de se legitimarem enquanto novos sujeitos de direitos, alguns moradores do Rio Grande passaram a construir histórias relacionadas com o passado da escravidão, antes desconsideradas. A disputa conceitual em torno da categoria *quilombo* expressa o deslocamento de uma categoria que, antes negada, passa a ser reapropriada no processo de luta por reconhecimento. Essas histórias são associadas às formas de organização que visam o reconhecimento dos moradores

como sujeitos de direito, demarcando o processo de construção identitária como uma questão política. A *construção interessada* como grupo étnico expressa, entre outros elementos, uma estratégia organizacional visando a regularização das terras em que vivem. A investigação que subsidia esse texto associou narrativas dos moradores com observações relacionadas às suas formas de organização, assim como fontes documentais.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas; Construção identitária; Trajetória comum; Processos de mobilização; Luta por reconhecimento.

“A TERRA É DA SANTA”: (RE)CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS E MOBILIZAÇÕES SOCIOCULTURAIS COMO MECANISMOS DE RESISTÊNCIA E LUTA PELO TERRITÓRIO EM BACABEIRA-MA

Andréa Cristina Serrão Gonçalves, Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão/UEMA. Discente do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia/PPGCSPA/UEMA;

andrea_cristina7@hotmail.com

Em um contexto social calcado em concepções de Estado de caráter globalizante, homogeneizante e integracionista, vê-se uma gama de sujeitos que possuem contextos e demandas específicas de reprodução social, mobilizarem-se, por diversas estratégias, a fim de garantirem um tipo específico de reconhecimento que extrapola o discurso oficial que classifica e inventaria práticas culturais pautados pela noção de patrimônio e cultura material e imaterial. Tais formas de saberes e práticas tradicionais por não coadunarem com o paradigma cientificista de ação e explicação “racional”, são por vezes, deslegitimadas ou quando consideradas, são tomados como um dado “folclorizado” e objeto passível de catalogação. As diferenças e pluralidades destes grupos entendidas como mecanismos de liberdade, constituem-se como instrumentos de autonomia frente a ‘ordem’ discursiva hegemônica vigente. Assim, faz-se necessário discutir como tais mecanismos de resistência são vivenciadas por estes sujeitos como estratégias legítimas de reconhecimento de suas práticas, saberes e direitos que se dinamizam no contexto social interno da coletividade e que se externalizam pela constituição de ‘territorialidades específicas’ e pela relação configuracional com outros grupos sociais, prefiguradas por meios de festividades religiosas católicas como a Festa do Divino Espírito Santo e a o Festejo de Nossa Senhora da Conceição. Entendendo ainda como tais práticas são reconfiguradas, considera-se as vivências e falas dos próprios sujeitos como construtores e protagonistas de sua própria história.

Palavras-chaves: terra da Santa, Resistência, Estratégias, Tradição.

POVOS TRADICIONAIS: OS POMERANOS E SEUS CONTEXTOS NA SERRA DOS TAPES

Prof. Dr. Carmo Thum. Núcleo Educamemória/FURG. carthum2004@yahoo.com.br

Prof. Marcia Kovalski Ücker. SMED. marciaucker@yahoo.com.br

Analisa a questão dos povos tradicionais, especialmente, os pomeranos, a partir de dados de pesquisa realizados in locus cotejados com dados estatísticos nacionais. Tem o Modo de Vida como um conceito central, o espaço, a paisagem e a cultura como elementos de análise. Percorre campos da memória, do espaço geográfico, o trabalho e a relação com produção de alimentos entre camponeses. Apresenta dados em profundidade de realidade de dois municípios do RS, localizados na Serra dos Tapes, sobre produção para autoconsumo e para comercialização e IDHM. Contextualiza e compara analiticamente os cenários da paisagem cultural dos Povos Tradicionais, segmento pomeranos do Brasil. Quanto aos aspectos metodológicos, o processo da pesquisa tem base nas ações do Programa Educação e Memória: mundo rural em diálogo(2012) e no Programa Educação e Memória: diversidade camponesa em diálogo (2014) e desenvolveu a partir de ações de coleta de dados a partir de questionários fechados e Rodas de Diálogos com as comunidades, processos que incluem levantamento de dados estatísticos a partir de questionário sócio-econômico, objetos/imagens, documentos, fotografias e objetos do mundo do trabalho e a ação dos sujeitos das comunidades camponesas. Nos processos do registro da memória observamos as premissas dos espaços antropológicos da vida no entrecruzamento da antropologia, da geografia, da história, da sociologia e da Educação. Interpretar o modo de vida e a cultura local como uma ação de futuro que coloca em cheque o passado e aflora singularidades diferenciadoras do presente na relação com a diversidade.

Palavras-Chave: Povos Tradicionais, Modo de Vida, Povo Pomerano, Serra dos Tapes.

CONFLITOS E MOBILIZAÇÕES EM CONTEXTOS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS

Maria da Consolação Lucinda. PPGCSPA/Universidade estadual do Maranhão;
mclucinda@gmail.com

O presente trabalho concerne aos conflitos e mobilizações coletivas desencadeados na região centro oeste maranhense e microrregião do Itapecuru-Mirim, envolvendo algumas comunidades quilombolas, como Santa Rosa dos Pretos, Monge Belo e Filipa. Esses conflitos e mobilizações decorrem de empreendimentos levados a efeito por empresas privadas, como a Vale S.A. com o Projeto Grande Carajás e a duplicação da Ferrovia Carajás e o Governo Federal, através do DNIT, no caso da ampliação da BR 135, e

Ministério da Energia, quanto a implantação de linhas de transmissão de energia elétrica. Além de alterações no traçado desses territórios, essas obras ocasionaram impactos ambientais como a devastação e a degradação de áreas de extrativismo e de roça, com prejuízos para a subsistência de muitas comunidades e alteração da dinâmica social das comunidades. Esses momentos particulares para algumas comunidades já foram vivenciados por outras comunidades que vivenciaram processos similares na reconfiguração de territórios ocupados ao longo de muitas décadas. As alterações modificaram a morfologia dos espaços físicos e os conflitos foram fatores preponderantes das mobilizações coletivas de enfrentamento e resistência aos projetos em questão. Neste sentido, o propósito do trabalho é tanto abordar alguns aspectos dessas situações na perspectiva da luta material quanto refletir sobre as práticas e saberes tradicionais atualizados em face aos conflitos sociais, assim como no cotidiano de Santa Rosa dos Pretos. Não obstante o contexto etnográfico privilegiado seja o de uma comunidade, não se pretende perder de vista a região como horizonte de reflexão crítica.

Palavras-chave: quilombo, comunidade, conflito.

MEMÓRIAS DO SAGRADO: IDENTIDADE ÉTNICA, AGÊNCIAS E POLÍTICAS DE PATRIMÔNIOS

Prof. Dr. Greilson José de Lima (UEMA), Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia (PPCSPA) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). greilsonlima@gmail.com

As práticas e tradições afro-brasileiras, seus símbolos e signos são marcados pela ausência ou desprestígio nas mídias e na sociedade de consumo. Há uma lacuna no que se referem às trajetórias de suas lideranças políticas, suas personalidades históricas, seus conhecimentos e legados tradicionais. Quanto ao campo das religiões afro-brasileiras, estas são marcadas pelo exotismo, mistérios e imagens estereotipadas e distorções negativas, promovendo um olhar reducionista e desatento às práticas cotidianas dos terreiros, seus legados nas festividades, produções literárias, musicalidades, nos ensinamentos da saúde popular e na promoção da integração de seus membros em ações de resistência à opressão e preconceitos sofridos. Este artigo é fruto de pesquisa, que investiga os espaços da memória sobre e em terreiros, destacando o papel de seus líderes no Maranhão- BR, na produção de uma literatura sobre as religiões afro-

brasileiras locais, na participação de curadorias de exposições de acervos em museus e no interior dos terreiros, atuação nos meios midiáticos (local e nacional), que promovem as religiões afro-brasileiras. Acredita-se que problematizar estas ações é importante para promover uma reflexão sobre a noção de patrimônio que, contemple a diversidade cultural, incorporando as narrativas dos grupos ou minorias. Acrescentar à noção de patrimônio às ações dos agentes das comunidades tradicionais nos permite não apenas pensar as flutuações semânticas, a transferência de sentido de um contexto para outro dos artefatos culturais, mas, também, nos coloca diante de portadores de agendas diferentes, informações de contextos socioculturais marcados pelo lugar de onde se falam, assim como, de disputas de legitimidades e apropriações de discursos.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras; Patrimônio; Ações museais; Agência; Minorias étnicas.

SABERES E CONFLITOS DOS QUILOMBOLAS DO TERRITÓRIO DE FORMOSO

Jhullienny Silva Santos, Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão, pesquisadora do Grupo de Estudos Socioeconômico da Amazônia.
jhullienny@hotmail.com\jhullienny@gmail.com

Formoso é um território que está localizado na região de Penalva-MA, situado a oeste e sudeste da Ilha de São Luis. Trata-se de área de ocupação antiga com práticas de uso dos recursos naturais que inclui o *sistema de uso comum* (ALMEIDA,2011). Esse território engloba no presente vinte e oito comunidades que vêm se autodefinindo como quilombolas e lutam pela titulação de seu território, elas enfrentam problemas relacionados à devastação do território, criação em larga escala de búfalos, cercamento e privatização dos campos naturais, colocação de cercas elétricas e ameaças de morte. Nesse território há líderes religiosos como *doutores do mato, curadores, benzedeiros e benzedores*, os quais são agentes de prestígio no grupo e tem mobilizado as comunidades em defesa do seu território. Os agentes sociais dessa comunidade possuem práticas religiosas seculares, as quais funcionam como ferramentas de afirmação identitária, fazem parte de sinais que constituem as características diacríticas de um povo (BARTH,2000). As narrativas e práticas cotidianas apontam à uma representação que está para além do plano físico, elas estão associadas à dimensão territorial, pois incluem saberes que articulam a dimensão religiosa às representações sobre a territorialidade. O seguinte trabalho analisa como as práticas e os saberes são utilizados como ferramentas de luta, correlacionando com as estratégias de resistência perante os conflitos que o envolvem, analisando as formas de reivindicação e mobilização face aos conflitos territoriais.

Palavras- Chave: quilombolas, saberes e conflitos.

IDENTIDADE COLETIVA E RELIGIOSIDADE: A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITAMATATIUA EM ALCÂNTARA

Tacilvan Alves (UEMA)

O presente trabalho versa sobre uma situação estudada no município de Alcântara – MA, sobre a construção da territorialidade específica autodefinida como *terra de santa* (Almeida, 2008). Busco refletir a partir da descrição do *festejo* de São Benedito e das relações estabelecidas entre os agentes sociais das comunidades como que estão consolidados os laços de solidariedade que possibilitam um processo que reforçam a construção da identidade local. A problematização deste trabalho está centrada no debate relativo à articulação da dimensão territorial com as práticas que reforçam a construção da identidade. O *festejo de São Benedito* constitui uma dessas práticas que dinamizam as relações e o sentimento de pertencimento. A análise está pautada nas relações de *trocadas de visitas* ocorridas no período dos *festejos* que podem ocorrer entre as diferentes comunidades no período das *festas* e dos *festejos*; nas relações estabelecidas entre os agentes sociais das comunidades e os recursos naturais e na construção dos diferentes *planos de organização social* (GEERTZ, 1967) que possibilitam refletir nas formas organizacionais pelas quais o grupo busca construir e estabelecer suas diferenças reforçando a identidade coletiva. A pesquisa de campo para fundamentação deste trabalho foi realizada em duas comunidades, a saber, Mocajituba II e Itamatatua. Os laços de solidariedade inerente à regularização dos modos de vida dessas comunidades não estão dissociados das relações estabelecidas entre a territorialidade e a religiosidade.

Palavras – Chave: identidade, territorialidade, religiosidade.

SESSÃO 3: Projetos governamentais e privados e grupos de povos e comunidades tradicionais

A EXPANSÃO DE MONOCULTIVOS, DEVASTAÇÃO DE ÁREAS AGROEXTRATIVISTAS E O PAPEL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NA MANUTENÇÃO DE SEUS TERRITÓRIOS

Benjamin Alvino de Mesquita, pesquisador do PNCSA/UFMA; bamin@uol.com.br;

Luis Lima; pesquisador do Pncsa/UEMA; apaplluis@yahoo.com.br;

Poliana Nascimento ; pesquisadora do Pncsa/Uema; polly-geo@hotmail.com

Nas últimas décadas a expansão de monocultivos com soja, eucalipto, pastagem e dendê, agora sob a liderança de grandes grupos nacionais e internacionais tem ocasionado transformações importantes na dinâmica econômica, social e ambiental da Amazônia. A presença do grande capital na Amazônia e de políticas governamentais apoiando estes investimentos não constitui novidade alguma. Mas a entrada de grandes empresas na estruturação da oferta e comercialização de commodities agrícolas muda a correlação de força em todos os aspectos e conseqüente no uso e controle de imensos territórios, antes livres e/ou de uso comuns. Particularmente para determinados segmentos excluídos deste processo de globalização, como os agroextrativistas e pequenos produtores familiares da Amazônia Legal. Um exemplo que chama atenção neste contexto de política neoliberal é a categoria de mulheres quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. Essa categoria, no setor agrícola local assume uma particularidade única, não só pelo número que representa, 10% da força de trabalho da agricultura, mas, sobretudo, pelo papel que desempenha na preservação do meio ambiente, a favor da reforma agrária e no combate à exclusão social da qual é vítima. O trágico quadro de pobreza em que estão inseridas essas mulheres se relaciona à devastação do seu principal meio de subsistência, palmeira do coco babaçu, e da política governamental implementada ao longo destas décadas. Com a constituição de uma ONG (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB), no início dos anos 1990, elas têm lutado para dar outro rumo à atuação do Estado e da ação nefasta do agronegócio em seus territórios de sobrevivência. Esse segmento social assume assim um papel que constitucionalmente caberia ao Estado executar, mas do qual se omite.

Palavras-chave: Quebradeiras de coco, Agronegócio, devastação ambiental, políticas públicas.

ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DE QUEBRADEIRAS DE CÔCO NO ESTADO DO MARANHÃO FRENTE À AÇÃO DE AGENTES DESESTABILIZADORES DA SUA EXISTÊNCIA

Jurandir Santos de Novaes Economista, Doutora em Geografia Humana, Professora na Universidade Federal do Pará – UFPA e no Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; Pesquisadora dos Projetos Nova Cartografia Social/Projeto Cartografia Social dos Babaçuais: mapeamento social da região ecológica do babaçu.

Helciane de Fátima Abreu Araújo, Socióloga, Doutora em Sociologia, Professora na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; e no Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA; Pesquisadora dos Projetos Nova Cartografia Social/Projeto Cartografia Social

dos Babaçuais: mapeamento social da região ecológica do babaçu.

Pretende-se refletir sobre estratégias de resistência constituídas por quebradeiras de coco babaçu que têm assegurado a sua existência frente a diferentes agentes em situações de impedimento e restrição de acesso aos babaçuais. Inscrevem-se evidências da presença de quebradeiras e ao mesmo tempo de desmatamento, e a convivência de babaçuais mais densos ou mais rarefeitos ou ainda a sua eliminação decorrente da ação de agentes vinculados à pecuária, à indústria. Ressalta-se a relação das mulheres com o Estado por meio de políticas compensatórias. Tais reflexões pretendidas se fazem no âmbito de pesquisa em curso, que tem como ênfase a representação das mulheres quebradeiras acerca das mencionadas situações.

Palavras-chave: estratégias; quebradeiras de coco babaçu; Cocais; resistência.

COMUNIDADES TRADICIONAIS E REINVINDICAÇÕES FACE AO ESTADO: POR UMA INVERSÃO DA “ORDEM”

Barbara de Sousa Cascaes, Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. barbaracascaes@hotmail.com

Este artigo tem como objetivo trazer à reflexão as contradições e antagonismos de diferentes projetos em concomitante atuação no Brasil, estando de um lado o projeto do Estado, pautado em uma política economicista e suas práticas de mercado, comprometido com os grandes empreendimentos e com o latifúndio, de outro, o projeto dos chamados Novos Movimentos Sociais, estando neste as lutas de diferentes categorias de povos e comunidades tradicionais, como quilombolas, indígenas e quebradeiras de coco, nos detendo neste artigo à comunidade quilombola Miranda do Rosário, Maranhão, Brasil e todo seu processo de mobilização e enfrentamento diante situações de conflitos que põem em risco os direitos ao uso comum do território tal qual garante o próprio Estado a partir do dispositivo de lei Artigo 68 dos ADCT da Constituição Federal do Brasil. Neste sentido, pretendemos estabelecer um diálogo com autores que nos permitam pensar duas questões: a imposição de determinadas categorias de classificação ocidentais, com concepções de tempo e espaço que buscam uma homogeneização, hierarquização e inferiorização que pretendem a anulação do “outro” e as diferentes concepções de riqueza nestes dois projetos antagonônicos a partir dos questionamentos e relativização das classificações homogeneizadoras do Estado, que possibilita uma inversão da ordem.

Palavras Chave: Estado; território; quilombolas; conflitos; povos tradicionais.

ANÁLISE DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA BOM JESUS DOS PRETOS VIA CONCEPÇÕES POLÍTICAS E PRÁTICAS TRADICIONAIS, COMO ELEMENTO DE LIBERDADE NA CONSTRUÇÃO DAS MOBILIZAÇÕES DESSES SUJEITOS FACE A INTERESSES PRIVATISTAS

Jéssica Maria Barros da Silva – PPGCSPA/UEMA

Apoiada em uma interpretação teórica que se propõe em discutir democracia, e política enquanto prática, em consonância as manifestações culturais da Comunidade Quilombola Bom Jesus dos Pretos, localizada no município de Lima Campos, Região do Médio Mearim - MA, tento por meio deste artigo, dialogar sobre os desdobramentos políticos que envolvem a permanência dessa comunidade no território com as práticas tradicionais de religião e cultura, vistos por uma esfera que afirme esses elementos enquanto consciência da manifestação do grupo pelos seus direitos de posse e permanência legítimos na área. Onde, se possa buscar conceber uma compreensão desses agentes sociais como agente políticos, tomando por base a expressão do lugar como conquista, legitimidade e liberdade como autonomia pela autodefinição expressa pelas suas formas de se posicionar no território confirmando por meio de sua reprodução social a ressignificação dos espaços. Os conhecimentos cotidianos, também serão tomados para esse trabalho, como proponentes de formas de resistência, principalmente na contemporaneidade, tendo em vista os impactos socioambientais desencadeados com um grande empreendimento econômico de instalação de um gasoduto dentro da comunidade e em suas intermediações, o que converge para o aparecimento de um conflito social e ambiental que passa a tentar politizar as relações dessa população com os interesses privados. O conflito é então o espaço de manifestação política dos sujeitos, uma forma de interpretar como a territorialidade assume um fator de reconhecimento através da fala dos sujeitos, ao se impor enquanto comunidade diante de um grande empreendimento, nesta perspectiva a identidade é considerada um preceito de luta e representação cultural.

Palavras-chave: Política, Território, Liberdade.

PAÍS INTERCULTURAL Y PLURINACIONAL: SUEÑO O REALIDAD, 23 AÑOS DESPUÉS DEL LEVANTAMIENTO DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA ECUATORIANA

Enoc Merino Santi (PPGCSPA/UEMA), merino.enoc@gmail.com

En el artículo planteado a continuación, pretendo realizar una breve reflexión acerca de

la democracia en un País declarado constitucionalmente Plurinacional e Intercultural, partiendo desde la resistencia y organización política diferentes Nacionalidades Indígenas del Ecuador, artífices de esta declaración, quienes mediante la lucha en búsqueda de la reivindicación de sus derechos ante sus antagonistas lograron que un País colonial con una democracia hegemónica consiga este avance democrático.

En la Constitución Nacional de 1998 se estableció el derecho a conformar Circunscripciones Territoriales Indígenas (CTI) que serían reconocidas como unidades político-administrativas del Estado. Los mecanismos para poner en práctica ese derecho se definieron en el 2008 cuando la nueva Constitución Nacional, puso a disposición los procedimientos para su creación.

Dentro de esta reflexión me enfocaré en el accionar de los agentes sociales de la Nacionalidad Indígena Kichwa de la Provincia de Pastaza, ubicada en la Cuenca Amazónica del Ecuador, que vienen actuando en el desarrollo del proceso de recuperación del territorio mediante la implementación del Proyecto de la Circunscripción Territorial Indígena (CTI) que permite la Gobernabilidad Indígena, el que en la actualidad ha sido presentado ante las instituciones pertinentes del Estado para su aprobación, etapa en la cual se han venido presentando obstáculos tanto de carácter procedimental como políticos para la culminación de este proceso, obstáculos que despiertan el interés y ameritan su estudio y que en consecuencia me llevan a analizar la democracia en Ecuador.

Palabras claves: Democracia, Circunscripción Territorial Indígena, Plurinacional, Intercultural.

CONFLITOS E DIREITOS NA TERRA INDÍGENA CACHOEIRA SECA

Kerlley Diane Silva dos Santos, Mestranda do PPGRNA/UFOPA,
dianekerlley@gmail.com

As ações paralelas e isoladas dos órgãos fundiário e indígena, promovidas na área onde hoje se situa a Terra Indígena Cachoeira Seca (TICS), vitimaram indígenas e camponeses e criaram um cenário propício a atuação de madeireiros e grileiros. O início do processo de atração do povo Arara, conduzido pela Funai, deu-se em razão da necessidade de viabilizar a política de colonização ligada ao Plano de Integração Nacional e conduzida pelo Incra. A abertura da Rodovia Transamazônica, a criação, em 1971, do chamado Polígono Desapropriado de Altamira e a destinação de área para o projeto de colonização particular da Cotrijuí incidiram sobre a área tradicionalmente ocupada pelo povo Arara. Nos anos que seguiram, enquanto a Funai promovia a atração dos Arara, o Incra continuava a conduzir a política de colonização no Polígono. Aproveitando-se desses atropelos, madeireiros e grileiros passaram a utilizar a condição

dos assentados e posseiros de boa-fé para promover uma intensa campanha pela desafetação da TICS. Objetiva-se resgatar o histórico das ações dos órgãos governamentais que desencadearam as transformações territoriais na Terra Indígena Cachoeira Seca. Esse trabalho se baseia em uma compreensão dialética de elementos coletados em vários lugares. Além da análise bibliográfica de obras relacionadas ao tema, foram consultadas legislações e outros documentos. Percebeu-se, que a análise das transformações territoriais é indispensável para a compreensão dos conflitos territoriais que hoje marcam a história dos Arara, da Terra Indígena Cachoeira Seca.

Palavras-chave: Terra Indígena Cachoeira Seca, Arara, Transamazônica.

CONFLITOS SOCIAIS, RESISTÊNCIA E MOBILIZAÇÕES DOS TENETEHARA DA TERRA INDÍGENA PINDARÉ

Cliciane Costa França (UEMA), Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA; cliciane.c.franca@hotmail.com

Este trabalho versa sobre conflitos sociais e formas específicas de resistência acionadas pelos Tenetehara da Terra Indígena Pindaré, localizada no município de Bom Jardim, a nove quilômetros da cidade de Santa Inês, no estado do Maranhão. A T.I abrange atualmente sete aldeias, situadas à margem da BR-316, lugar onde há frequentes mobilizações organizadas pelos indígenas em torno de variadas demandas relacionadas principalmente à questão territorial, saúde e educação. A identificação destas demandas, e dos conflitos, advém de práticas de pesquisas e observações feitas durante a realização de um importante ritual que marca o processo de formação das famílias Tenetehara, a saber, o ritual do *Moqueado*, onde lideranças, por meio de discursos proferidos na *feira*, falam sobre os problemas concernentes as suas comunidades. O ritual, neste sentido, apresenta aspectos sobre a politização das relações de conflitos vivenciada pelas comunidades. Expõe-se também um trabalho específico de mapeamento nas aldeias, que traz uma breve representação da dinâmica de organização política dos grupos, no que se refere aos deslocamentos para realização de suas mobilizações. Os resultados estão baseados nas interpretações que os grupos têm acerca da própria maneira de lidar com sua territorialidade e com as situações de conflitos que reforçam a manutenção da identidade política e cultural dos Tenetehara.

Palavras-chave: conflitos sociais; resistência; mobilizações indígenas.

“HISTÓRIAS TEMBÉ: SOBRE NARRATIVAS E AUTOIDENTIFICAÇÃO”

Mônica do Corral Vieira (PPGA_UFPA)

Neste estudo busca-se compreender as histórias dos *Tembé* de Santa Maria do Pará no sentido de enxergá-las como representações sociais estruturantes da cosmologia deste povo indígena e perceber que elas, hoje, prepararam um terreno que permite pensar os problemas sociais, religiosos e políticos deste povo. Tais histórias se adaptaram e se atualizaram às diversas texturas do grande tapete da cultura cristã e do homem branco explicitando seus diversos significados e metáforas para explicar significados, conhecimentos e mensagens que são transmitidas, inventadas, resignificadas para manter o modo de viver *Tembé* vivo mesmo com anos de negação, negociação e repressão de seus costumes.

Palavras-chave: conflito, terra indígena, cosmologia.

GT 119. TENSIONES IDENTITARIAS, NOCIONES DE AUTOCTONÍA Y CONFLICTOS TERRITORIALES ENTRE PUEBLOS ORIGINARIOS Y EL ESTADO EN TIERRAS BAJAS DE AMÉRICA LATINA

Coordinadores:

Dra. Silvia Hirsch (California University - L.A.). IDAES, Universidad Nacional de San Martín; silviahirsch5@gmail.com

Dr. Hugo Lavazza (Facultad de Filosofía y Letras – UBA). Instituto de Ciencias Antropológicas – Sección de Etnología y Etnografía. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires; vlavazza@hotmail.com

Comentarista: Dr. Guillaume Boccara (CNRS-CERMA). Director del Centro franco argentino de altos estudios. Universidad de Buenos Aires/ embajada de Francia; boccara.guillaume@gmail.com

1ª Sesión:

Comentador: Dr. Hugo Lavazza

REEMERGENCIA CHARRÚA: DE LA INVISIBILIZACIÓN A LA LUCHA POR EL RECONOCIMIENTO DE LOS PUEBLOS ORIGINARIOS EN URUGUAY

Ana Maria Magalhães de Carvalho. Maestría en Antropología Social - FLACSO/Argentina; anamagbh@gmail.com

Las narrativas hegemónicas que fundamentan la construcción de la nación uruguaya como “blanca”, “sin indios”, se nutren de la invisibilización de los pueblos indígenas. Estas narrativas son también sancionadas por dispositivos científicos que, basados en presupuestos esencialistas y evolucionistas, ubican a los indígenas en el pasado, nutriendo las percepciones del sentido común sobre su extinción. Como consecuencia de dichas narrativas, Uruguay no reconoce sus derechos colectivos y en conjunto con Surinam y las Guyanas, es el único Estado de América del Sur que no ha ratificado el Convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo (OIT), principal instrumento internacional en esta materia.

La demanda al Estado para concretar la ratificación del Convenio 169 de la OIT, planteada por colectivos que se auto-adscriben como charrúas y “descendientes”, ha generado en los últimos años una visibilidad inusitada que enmarcamos aquí como procesos de “reemergencia étnica”. Los sujetos que se identifican públicamente como indígenas cuestionan las narrativas homogeneizantes y desafían las representaciones que fetichizan y hacen presente a los indígenas del pasado. Estos grupos también desarrollan iniciativas entre sus pares para revitalizar la memoria y prácticas ancestrales y reconstruir su identidad. Estas iniciativas generan sentidos de pertenencia entre quienes reconocen ancestros charrúas y favorecen los procesos de identificación y visibilización. El presente trabajo se propone analizar las estrategias llevadas a cabo por los colectivos indígenas para la reconstrucción del pueblo charrúa y las tensiones que se originan a partir de sus demandas al Estado uruguayo por el reconocimiento de su existencia y preexistencia.

Palabras clave: Procesos de invisibilización – Pueblo charrúa — Reemergencia étnica – Derechos de los pueblos indígenas - Estado uruguayo.

NEGOCIANDO SUBJETIVIDADES ECOLÓGICAS CONTEMPORÁNEAS ENTRE LOS AYOREO DEL CHACO PARAGUAYO

Paola Canova. Departamento de Antropología e Instituto de Estudios Latinoamericanos. Tereza Lozano - Universidad de Texas, Austin; pcanova@utexas.edu

En la última década, el medio ambiente chaqueño en el Paraguay ha sufrido dramáticos cambios debido a una de las tasas más altas de deforestación en la región que según estimaciones recientes ha llegado a aproximadamente 240.00 hectareas por año (Guyra Paraguay, 2013). En este contexto las reivindicaciones territoriales de los Ayoreo en el Chaco han recibido una mayor atención, en particular debido a la creciente concientización a nivel nacional e internacional de la presencia de Ayoreos en situación de 'aislamiento voluntario' en la región. Esta presentación toma como punto de partida el concepto de *environmentality* de Agrawal (2005) y sus críticas, para analizar como los Ayoreo negocian sus subjetividades ecológicas en procesos de reivindicaciones territoriales que se desarrollan en la intersección de discursos esencializados y divergentes fomentados paralelamente por ONGs y el Estado. Se mostrará como los Ayoreos no solo resisten una identidad ecológica fija basada en agendas pre-definidas sino que navegan dichas contradicciones para crear definiciones propias que respondan a sus cambiantes realidades actuales. Finalmente, se analizarán las implicancias de este proceso en los avances de reivindicaciones territoriales y en la lucha por la autodeterminación de las organizaciones indígenas Ayoreo.

Palabras Claves: Territorio - Subjetividad Ecológica - Organizaciones Indígenas – Estado – Chaco.

IDENTIFICACIONES INDÍGENAS Y RECONOCIMIENTOS INDIGENISTAS: DEBATES EN TORNO A LAS NOCIONES DE COMUNIDAD Y TERRITORIALIDAD

Mariana Isabel Lorenzetti. Sección Etnología, Instituto de Ciencias Antropológicas, UBA. Instituto Nacional de Medicina Tropical (INMeT); lorenzettimariana@gmail.com

Nociones de comunidad y territorialidad constituyen dos de los ejes que dirimen el alcance de los derechos indígenas reconocidos en las diferentes normativas jurídicas. En Argentina la implementación de Ley Nacional 26.160, que declara la emergencia en materia de ocupación y posesión de las tierras que ocupan las comunidades indígenas, propulso una serie de debates en torno al relevamiento técnico, jurídico y catastral cuyo propósito es demarcar el territorio de carácter “tradicional, actual y público”.

Retomando las discusiones que procuran definir lo “tradicional, actual y público” me interesa analizar las tensiones entre las configuraciones identitarias indígenas y el despliegue de los dispositivos indigenistas.

A través de algunos casos testigos de las provincias de Salta y Jujuy, el trabajo apunta a dar cuenta cómo las trayectorias indígenas ponen en cuestión concepciones de comunidad y territorialidad que orientan las prácticas políticas indigenistas. En esta dirección se indagan distintos posicionamientos considerando: los modos en que se historizan las relaciones entre el Estado y los Pueblos Indígenas, cómo juega dicha reconstrucción en el reconocimiento de los derechos indígenas y los efectos en las formas de identificación de los distintos agentes involucrados.

Palabras claves: procesos de comunalización, territorialidad, relaciones interétnicas, configuraciones identitarias.

2ª Sesión

Comentadora: Dra. Silvia Hirsch

“A NOSOTROS NOS DICEN USURPADORES PERO LA LEY DICE PREEXISTENTES ¿CUÁL TIENE MÁS PESO?” TENSIONES EN TORNO A LOS CRITERIOS DE APLICACIÓN DEL RELEVAMIENTO DEL TERRITORIO QOM

Lorena Cardin. Sección de Etnología y Etnografía – ICA –FFyL-UBA;
lorenacardin@gmail.com

En el año 2013 por resolución de la Corte Suprema de Justicia de la Nación se inició el relevamiento de los territorios de los Pueblos indígenas en la provincia de Formosa. El proceso desarrollado en la primera comunidad relevada, comunidad *qom Potae Napocna Navogoh*, dio cuenta de las agudas tensiones entre los actores sociales involucrados y contradicciones entre las nociones indígenas y oficiales en torno a los criterios de posesión “tradicional, actual y pública” que exige la ley N° 26.160 (y prórrogas) de *Emergencia en Materia de Posesión y Propiedad de las Tierras que tradicionalmente ocupan las Comunidades Indígenas originarias del país*.

A partir del registro que he realizado durante los cuatro meses que duró el relevamiento y de su posterior análisis en el marco de mi investigación doctoral esta ponencia hará foco en la disparidad de interpretaciones de dichos criterios entre los indígenas *qom* y los funcionarios provinciales y nacionales. A su vez, se reflexionará sobre la flexibilidad

oficial en la interpretación y aplicación de la ley al comparar el caso *qom* en Formosa con relevamientos desarrollados en territorios indígenas en otras provincias.

Palabras clave: territorio *qom*, relevamiento territorial, criterios.

DIÁLOGOS Y TROPIEZOS DE UNA ETNOGRAFÍA COMPROMETIDA CON COMUNIDADES INDÍGENAS EN LA PATAGONIA AUSTRAL

Mariela Eva Rodríguez: Investigadora Asistente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), profesoras de la Universidad de Buenos Aires (UBA) y de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO); marielaeva@gmail.com

En los últimos años, algunas familias vinculadas a las ex “reservas” indígenas de la Patagonia austral, se vieron obligadas tácitamente a organizarse formalmente como “comunidades” mediante la obtención de personerías jurídicas; instrumento a través del cual el Estado les “reconoce” su existencia e inscribe en un registro nacional. En la mayoría de los casos, la decisión de concretar el trámite responde a la necesidad de las familias de defenderse y negociar una posición como “interlocutores válidos”, ya sea frente a las agencias estatales o a las empresas extractivas (mineras y petroleras) y, generalmente, resulta muy difícil de concretar sin la colaboración externa. Quienes se organizan en estos términos, no sólo apelan a las “herramientas jurídicas” generadas por la lucha del movimiento indígena, sino también a “herramientas conceptuales” (que se nutren en las interacciones con agentes estatales y antropólogos) y a “herramientas comunitarias” desde las cuales redefinen sentidos de pertenencia y posicionamientos políticos. En este trabajo compartiré algunas reflexiones surgidas de una práctica etnográfica comprometida con familias-comunidades indígenas de la provincia de Santa Cruz, en el marco de un proceso de reemergencia que pone en cuestionamiento antiguos dispositivos de invisibilización. Reflexionaré entonces sobre los diálogos, los silencios, los proyectos y las investigaciones colectivas —e incluso en algunos casos sobre instancias de co-teorización—, pero también sobre las tensiones, las incomprendiones mutuas, las frustraciones y los tropiezos.

Palabras clave: etnografía comprometida, familias-comunidades indígenas, vínculos entre investigación y gestión, Patagonia austral.

IDENTIDAD INDÍGENA, LO AUTÓCTONO Y ‘PUEBLOS ORIGINARIOS’: REFLEXIÓN SOBRE EN UNA MISIÓN EVANGÉLICA INDÍGENA DEL

GRAN CHACO Y UNA ALDEA MBYA GUARANI EN PUERTO IGUAZÚ

Hugo Lavazza. Sección de Etnología y Etnografía Instituto de Ciencias Antropológicas
– FFyL-UBA

INMeT – Instituto Nacional de Medicina Tropical. Pto. Iguazú. Misiones. Argentina;
vlavazza@hotmail.com

Las categorías de Pueblos Originarios y lo autóctono ha sido debatida a inicios del SXXI por notables antropólogos e historiadores en un agrio debate que gira en torno a consecuencias teóricas sobre prevalencia racial, o bien sobre determinadas ficciones acerca de las migraciones poblacionales. La discusión gira en torno a si es posible argumentar algún principio de 'identidad' sin que el mismo no tenga consecuencias que contengan algún factor que se relacionen con el primitivismo y la 'exclusión' social. Desde estos ejes voy a exponer dos casos, uno referido a una Misión Evangélica en Embarcación donde existieron intercambios afines entre diferentes etnias y, de algún modo tienen una identidad definida pero cambiante según la interpretación del contexto por parte de los grupos e individuos bajo determinadas circunstancias socioculturales. El otro voy a abocarme a un análisis similar pero en una Aldea (comunidad) Mbya Guaraní –Fortín Mbororé, en donde existe una ingente circulación de personas que, además, están integradas a todo el movimiento urbano de la ciudad de Puerto Iguazú. El objeto de esta comunicación es comprender cómo, a pesar de las tramas cambiantes de estas situaciones sociales en donde intervienen movimientos de personas por hallarse en situaciones de fronteras móviles -en el primer caso Bolivia, Paraguay y Argentina, en el segundo caso Paraguay, Brasil y Argentina- las mismas manipulan su identidad sin que ello no sea obstáculo para manifestar su pertenencia a uno u otro grupo.

Palabras Clave: Identidad – Autoctonía – Fronteras – Comparación.

3ª Sesión

Comentador: Dr. Guillaume Boccara

LA POLÍTICA PILAGÁ EN LA PROVINCIA DE FORMOSA A PARTIR DE SU PROVINCIALIZACIÓN: ENTRE LOS RECLAMOS DE ACTOCTONÍA Y LA NEGOCIACIÓN

Dra. Marina Laura Matarrese. Investigadora del Consejo Nacional de Investigaciones

En la presente ponencia se analizará la política pilagá en su defensa territorial, tanto con referencia al Estado Nación Argentino cuanto con respecto a otros grupos indígenas. Para ello un eje de análisis estará centrado en las diversas estrategias desarrolladas por los indígenas. Otro eje del estudio serán las diversas políticas indigenistas en la provincia de Formosa, entiendo a las políticas indigenistas como las políticas del Estado referidas a los pueblos indígenas, esto es planes, programas, normativa general, e instituciones relativas a la materia.

El recorte temporal para realizar el análisis se remonta a la década de 1950, a fin de poder poner en relieve dos sucesos relevantes tales como ser la provincialización de Formosa (1955), por Ley Nacional N° 14.408 acaecida al final de la segunda presidencia de Perón y la posterior dictadura militar denominada “Revolución Libertadora” (1955-1958). En efecto, de la mano de provincialización del hasta entonces Territorio Nacional, se registró un cambio de estatus que amerita ser estudiado en profundidad tanto territorial, jurídica como administrativamente y que incidió en las políticas indigenistas implementadas.

Luego, el reconocimiento territorial realizado por la Provincia en el año 84 a partir de la sanción provincial 426 merece un análisis acerca de la militancia indígena previa, de los términos que desde el Estado se reconocieron estas tierras. Puntualmente se profundizará tanto en las incidencias de dichas políticas y cómo han sido vividas en términos identitarios por los pilagá, que habitan principalmente en la zona del Pilcomayo medio, cuanto en las estrategias que desarrollaron. Finalmente, desde una perspectiva entográfica se procurará relevar cómo dichos sucesos son recordados y resignificados en la actualidad por los pilagá.

REEMERGENCIA ÉTNICA Y (AUSENCIA DE) TERRITORIO EN URUGUAY: UN CONFLICTO AL MARGEN DE LA (INEXISTENTE) LEY

Gustavo Verdesio. University of Michigan; gverdesio@gmail.com

En un país como Uruguay que se imagina, gracias a las narrativas de la Nación, como “país sin indios,” el surgimiento de las asociaciones de descendientes de indígenas ha sido recibido de diversas maneras por el Estado y el público general. La reacción más común ha sido la de escepticismo, pero ha habido también respuestas que implican un reconocimiento. Por ejemplo, el último censo llevado a cabo por el Estado uruguayo, en el cual se le preguntaba a los censados si creían tener antepasados indígenas. Los resultados de ese censo han sorprendido a muchos, dado que arrojan cifras muy altas de descendientes: casi el 5% de la población del país.

Sin embargo, no hay legislación específica para asuntos indígenas ni existe el reconocimiento de su preexistencia al Estado en la Constitución de la República, gracias

a lo cual las luchas por el reconocimiento de los charrúas de hoy se llevan a cabo en un vacío jurídico que les impide reclamar tierras exitosamente—razón por la cual continúan, hasta el día de hoy, sin territorio propio. Pero no es solo debido a las narrativas de la nación y a las opiniones académicas predominantes (que son increíblemente hostiles a los activistas indígenas) que la resistencia del gobierno a reconocerlos continúa: existe también, como han declarado algunos jerarcas, temor a que si se da un reconocimiento legal a los reemergentes, el Estado deba, en algún momento, enfrentarse a reclamos de tierras.

En este trabajo pretendo explorar el tema del resurgimiento de las etnicidades indígenas en Uruguay en el marco de la ausencia de marco jurídico y en el de una discusión de la territorialidad como ausencia (entendida, paradójicamente, como elemento constitutivo de los grupos reemergentes) y como bestia negra de los jerarcas estatales.

PROCESOS DE RETERRITORIALIZACIÓN, CONSTRUCCIÓN DE COMUNIDADES Y RECONFIGURACIONES IDENTITARIAS DE GUARANÍES Y TAPIETES DEL NORTE ARGENTINO

Silvia Hirsch. Instituto de Altos Estudios Sociales. Universidad Nacional de San Martín;
silviahirsch5@gmail.com

Desde hace más de 4 décadas indígenas tapietes y guaraníes de la provincia de Salta, en la Argentina, han atravesado un forzado proceso de urbanización y el abandono de sus prácticas agrícolas en el espacio rural. Sin embargo, en la última década tanto tapietes como guaraníes asentados en comunidades periurbanas han iniciado un proceso de ruralización, instalándose en espacios de poca extensión, con el objetivo de dedicarse a la agricultura, vivir en un lugar amplio, y construir nuevas comunidades. En este proceso de ruralización y reterritorialización se han activado fuertemente las memorias basadas en los relatos orales y en las experiencias de la generación mayor que han transmitido la importancia de la tierra y el territorio. Estos movimientos de reclamo e instalación en espacios rurales están acompañados por narrativas basadas en nociones de autoctonía y adscripciones identitarias específicas. Asimismo, las memorias incluyen narrativas en las cuales primaba un mayor grado de subsistencia, autonomía, bienestar, y la necesidad de vivir en un espacio menos restringido. El objetivo de esta ponencia es indagar en los significados de estos procesos de reruralización, su viabilidad en contextos de nueva ruralidad y conflictos en torno a la posesión de la tierra, y explorar que memorias activan estas experiencias y como se relacionan con sus propias nociones de espacio, territorio y adscripción identitaria.

Palabras clave: ruralización, identidades, guaraníes, tapietes.

GT 120. “TERRITÓRIO, IDENTIDADE, PRODUÇÃO E PATRIMÔNIO: A REPRODUÇÃO DO MODO DE SER E VIVER DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS NA AMÉRICA LATINA”

Coordenadores:

Aderval Costa Filho (UFMG) Coordenador do Comitê Quilombos da ABA;
adervalcf@gmail.com

Oswaldo Martins de Oliveira; Vladimir Montoya Arango (Universidad de Antioquia/Colombia) oliveira.osvaldomartins@gmail.com

Vladimir Montoya Arango Universidad de Antioquia, Instituto de Estudios Regionales
vladimir.montoya@udea.edu.co

Comentadora: Eliane Cantarino O’Dwyer – UFF

Sesión 1: Quilombos - Base Legal e Movimento Sociais

OS QUILOMBOS NO BRASIL: DESENVOLVIMENTO, SITUAÇÕES SOCIAIS E REPRODUÇÃO SOCIAL DA DIFERENÇA

Aderval Costa Filho - Professor Adjunto do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais; adervalcf@gmail.com

Pretendo abordar os processos de conformação e reconformação identitárias, a partir de situações históricas e sociais que demonstram como influxos desenvolvimentistas tentam minar resistências e vulnerabilizar sucessiva e periodicamente os povos e comunidades tradicionais, notadamente as comunidades quilombos. Situações como grilagem contemporânea de terras, monoculturas, mineração, hidrelétricas ou outras matrizes energéticas, unidades de conservação de proteção integral, obras e

empreendimentos, alguns inclusive de iniciativa governamental, possibilitarão demonstrar como o conflito tem sido um elemento recorrente na construção de identidades de cunho político, em meio à constituição e dissolução de formas sociais. Como nos últimos anos no Brasil constata-se um recrudescimento dos interesses da bancada ruralista e tem se intensificado as iniciativas públicas e privadas ligadas à matriz energética e minerária, bem como processos compensatórios e mitigatórios que também conformam novas formas expropriatórias, a exemplo de muitos parques e áreas de proteção implementados sobre terras tradicionalmente ocupadas, a reprodução social das comunidades dos quilombos tem sido um dos maiores desafios.

Palavras-Chave: quilombos, direitos, desenvolvimento, reprodução social.

OS BASTIDORES DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ARTIGO 68 (ADCT), DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, E SEUS DESDOBRAMENTOS NA LUTA POR DIREITOS *QUILOMBOLAS*

Daisy Damasceno Araújo. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Brasil; daisyhst@hotmail.com; daisy.araujo@ifma.edu.br

O direito expresso no artigo 68 da Constituição Federal brasileira, ao garantir o território aos *remanescentes das comunidades dos quilombos*, trouxe uma série de dúvidas, indefinições, ambiguidades e críticas referentes à forma como o artigo utilizou, de forma genérica, o termo *quilombo* no campo das disposições legais. A crítica à apropriação de um termo histórico surgiu logo após a promulgação da CF/88, quando se tornou perceptível a dificuldade de englobar num só termo diversas possibilidades de situações sociais, o que nos permite supor que os entraves do texto legal acabaram contribuindo para a lentidão do processo de garantia do direito territorial *quilombola*. Este cenário desencadeou ampla mobilização dos próprios sujeitos de direito, juntamente a intelectuais, movimentos sociais e agentes do Estado. Diante deste cenário, este trabalho propõe uma análise dos bastidores do processo de construção do artigo 68, a partir, especialmente, dos anais da Assembleia Nacional Constituinte, instalada em 1987, julgando ser necessário compreender o contexto que permitiu a inserção do referido artigo (e a escolha dos termos utilizados) no texto constitucional. A inquietação acerca dessa proposta surgiu durante a pesquisa realizada no povoado Rio Grande, pertencente ao município de Bequimão, na baixada ocidental maranhense, certificada pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2009. O reconhecimento dos moradores do Rio Grande como novos sujeitos de direito provocou processos internos de construção identitária articulados a esse referencial, a exemplo das histórias relacionadas ao passado da escravidão, nos fazendo perceber, ainda, os impasses na efetivação do

direito à titulação de suas terras.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas; Artigo 68 (ADCT/CF-88); Assembleia Nacional Constituinte; Direitos étnicos; Reconhecimento.

PROCESSOS DISJUNTIVOS NA DINÂMICA ORGANIZATIVA DO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO MARANHÃO

Igor Thiago Silva de Sousa*Aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); igorthiago.sousa@gmail.com

No período de vigência da ditadura militar, emergem movimentos sociais que se caracterizavam pela politização do cotidiano de determinados segmentos sociais, e pela oposição política à ditadura civil-militar instituída em 1964 no Brasil. Este trabalho tem como objetivo analisar a emergência de entidades específicas do movimento negro como o CCN/MA (Centro de Cultura Negra) que em idos dos anos 70, em meio a crescente expressão de demandas, organização política e visibilidade dos movimentos sociais. Como parte dessas lutas, há o posterior surgimento em 1996, de uma entidade visando organizar demandas de comunidades quilombolas no Maranhão, a ACONERUQ (Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas). Esta entidade tem atuação ao dar visibilidade a situações concretas vividas por estas comunidades, dando encaminhamento de demandas territoriais aos órgãos competentes e representando formalmente questões perante o Estado. Porém, a partir de crises de representação e desentendimentos de ordem política, sobretudo a partir de 2010, as comunidades anteriormente vinculadas formalmente à ACONERUQ passam a organizar-se em um “novo” movimento que se auto define como MOQUIBOM (Movimento Quilombola do Maranhão). Tal movimento retoma a pauta das denúncias sobre a situação de concentração fundiária, ineficiência dos órgãos competentes, e casos de assassinatos e perseguição a lideranças no campo. Evidencia-se assim, impasses e certa cisão na luta quilombola, agora assentada em dois polos de organização que se consideram contrastivos entre si. Estes polos têm uma relação difícil, em muitos casos trocando farpas e não se reconhecendo enquanto próximos, apesar de aglutinarem a mesma base social, ou seja, “os quilombolas”.

Palavras-chave: movimentos sociais, quilombolas, direitos Constitucionais, territórios e Maranhão.

DIMENSIONES DEL RECONOCIMIENTO: IDENTIDAD Y POLÍTICA EN EL QUILOMBO DO GROTAÓ (NITERÓI, RJ, BRASIL)

Daniela Velásquez Peláez. Estudiante de Maestría, Programa de Postgrado en Antropología de la Universidad Federal Fluminense (PPGA/UFF)

Las preocupaciones que orientan este trabajo tienen como fundamento un cambio en las dinámicas sociales que toma lugar principalmente durante la segunda mitad del siglo XX. El foco tomado entre las posibilidades ofrecidas por esta transformación está relacionado a la integración de las demandas por reconocimiento que se apoyan en la construcción de identidades étnicas contrastivas, proceso que culmina muchas veces en la creación de dispositivos jurídicos y legales que sirven como instrumentos de acceso al reconocimiento de grupos portadores de estas identidades por parte del Estado, o sea, por vías institucionales.

El recorte dentro de este proceso, denominado a lo largo del trabajo como *Politización de la Cultura*, está organizado analíticamente en dos ejes principalmente: la construcción identitaria, relacionada a un proceso de autorreflexión y actualización de la tradición; y la relación instituida con el Estado en la búsqueda por reconocimiento, dentro del ámbito de la política institucional.

El estudio de caso a ser explorado en este trabajo corresponde al proceso de reconocimiento (que se encuentra en andamiento) de la Comunidad del Quilombo do Grotão, localizado en el municipio de Niterói (RJ), Brasil; la cual tiene como característica su lucha por la manutención su territorio, amenazado por la creación del Parque Natural da Serra da Tiririca, que en los últimos 20 años ha implicado en reajustes en la forma de vida de la comunidad, al mismo tiempo ha sido una de las motivaciones que aguzan las prácticas culturales, la identidad, la pertenencia y la historia local.

Palabras Clave: Politización de la Cultura; Quilombo; Reconocimiento; Identidad.

ETNICIDAD Y TERRITORIALIDAD NEGRA-AFROCOLOMBIANA: ESTRATEGIAS DE ORGANIZACIÓN Y DESAFÍOS ACTUALES

Liliana Gracia Hincapié. Antropóloga de la Universidad Nacional de Colombia, magister en Políticas Públicas de la Universidade Federal do Maranhão. Miembro del Grupo de Estudios Afrocolombianos –GEA-, del Centro de Estudios Sociales de la Universidad Nacional de Colombia y del Grupo Estado Cultural y Políticas Públicas de la Universidade Federal do Maranhão.

Desde los años 80 las comunidades negras-afrocolombianas vienen organizándose y haciendo la reivindicación frente al Estado para el reconocimiento de sus universos y

prácticas culturales y, principalmente, del derecho a los territorios por ellas habitados ancestralmente. Como resultado de ese proceso organizativo fueron reconocidos como grupos étnicos en la Constitución Política de 1991, en el artículo transitorio 55 y, en un hecho sin precedentes en Colombia, las comunidades negras-afrocolombianas se sentaron a dialogar con el gobierno nacional para crear una ley especial, la Ley 70 de 1993, dirigida exclusivamente para sus intereses. Esta Ley implicó en la titulación de la propiedad colectiva de los territorios rurales, así también en la creación de una agenda política y de espacios especiales dentro de las instituciones gubernamentales y la ampliación de participación política de las comunidades negras-afrocolombianas.

En esta ponencia presento, a través de un estudio de caso sobre la creación de la Ley 70 de 1993, los discursos identitarios de las comunidades negras-afrocolombianas y las ganancias que obtuvieron con ella, así como los embates que afrontan actualmente en sus territorios invadidos por proyectos de explotación, los cooptados escenarios de participación política y la no reglamentación total de dicha Ley. Finalmente busco reflexionar sobre el papel de la investigación antropológica en dichos escenarios.

Palabras Clave: comunidades negras-afrocolombianas, identidad, Estado, territorio, acción colectiva.

Sesión 2: Quilombos - Situações Sociais, Reconhecimento e Autoafirmação Identitária

TERRITORIALIDADES ANFÍBIAS, ORDENAMIENTOS ECONÓMICOS Y APROPIACIÓN DIFERENCIAL DEL ESPACIO EN EL URABÁ, ANTIOQUIA, COLOMBIA

Vladimir Montoya Arango. Profesor Asociado Universidad de Antioquia, Instituto de Estudios Regionales

Esta presentación muestra la ocupación tradicional de los humedales asociados al Río León y la Ciénaga de Tumaradó en el Urabá Antioqueño, Noroccidente de Colombia, realizada por la gente negra que fue traída como mano de obra para la industria forestal y que desarrollaron allí un modo de vida anfíbio. Introduciré algunos asuntos que en la geopolítica contemporánea hacen del territorio un tema central, buscando comprender su relevancia para la vida de las comunidades en contraste con los intereses del control estatal y de los grandes emprendimientos productivos. Mediante un análisis escalar pretendo extrapolar aprendizajes que alimenten el debate sobre la vida territorial de las comunidades afrodescendientes.

Palabras clave: Territorio anfíbio – Afrodescendencia - Geopolítica Escalar – Urabá – Colombia.

IDENTIDADES E TERRITORIALIDADES EM MOVIMENTO: RELAÇÕES ENTRE COMUNIDADES DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS E PESCADORES FACE A PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO E PLEITO QUILOMBOLA NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Alana Casagrande. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC – Brasil; bioalana@yahoo.com.br

No litoral médio do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, vivem um conjunto de comunidades rurais de remanescentes de quilombos e de pescadores que historicamente estabeleceram relações de afinidade, reciprocidade e parentesco entre si, o que possibilitou a manutenção de seus meios de vida frente a um contexto social excludente e discriminatório. As reflexões aqui desenvolvidas são fruto de uma etnografia conduzida junto a duas comunidades quilombolas, Casca e Limoeiro, e a comunidade de pescadores da Lagoa do Bacupari. Situadas na mesma porção do litoral compartilham e se diferenciam em suas historicidades, identidades e territorialidades. A emergência e ampliação do pleito quilombola a partir dos anos 1990 e a consolidação da agricultura patronal da rizicultura irrigada como principal atividade econômica na região constituem projetos percebidos e experienciados de diferentes maneiras pelos referidos grupos o que alimenta a discussão em torno dos processos de re-elaboração identitária e territorialização protagonizados por eles. A partir destes projetos, originalmente tão antagônicos em seus ideais, as comunidades negras rurais de Casca e Limoeiro dão eco a uma busca por autonomia quilombola ao mesmo tempo em que refletem criticamente sobre sua inserção neles. Paralelamente, as percepções dos nativos da Lagoa do Bacupari sobre o pleito quilombola e sobre os impactos da rizicultura irrigada na pesca e nas lagoas de suas terras ancestrais possibilitam vislumbrar um quadro mais amplo que conecta e contrasta narrativas da memória e possibilidades de existência coletiva considerando a adesão ou não-adesão à projetos de reconhecimento de direitos étnico-territoriais.

Palavras-chave: projetos de desenvolvimento, território, identidade, pleito quilombola, pescadores.

“MINERÍA ANCESTRAL DE ORO COMO FORMA DE SUBSISTENCIA ECONÓMICA Y RESISTENCIA TERRITORIAL. ESTUDIO DE CASO EN UNA COMUNIDAD AFRODESCENDIENTE EN COLOMBIA”

Germán Moriones Polanía. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Brasil;
germorio@gmail.com

La ponencia hace parte de un proyecto de pesquisa de maestría enmarcado en un contexto de disputa territorial entre una comunidad afrodescendiente y el estado colombiano. La comunidad de la vereda de La Toma, ubicada en el departamento del Cauca, suroccidente de Colombia, tiene su origen en un proceso de ocupación para la explotación de oro iniciada en la época colonial, más específicamente 1634, práctica que aún hoy es realizada por gran parte de sus habitantes como forma de subsistencia económica.

Además, esta actividad es también reivindicada como parte de su riqueza cultural, todo ello en el marco del proceso organizativo alrededor de la defensa territorial emprendida por esta comunidad, quienes en el año 2010 estuvieron amenazados por un desalojo en favor de los intereses y proyectos de explotación de minería de oro por parte de empresas multinacionales. La referencia a lo ancestral y la memoria de las luchas adelantadas por ellos, así como herramientas jurídicas fundamentadas en el reconocimiento de los derechos étnico-territoriales de las comunidades negras en Colombia a partir de la Constitución Política de 1991, forman parte de la estrategia emprendida por estos pobladores. En este marco, pretendemos presentar unos primeros avances etnográficos alrededor de la dinámica territorial establecidos en la comunidad de La Toma, enfocada desde la práctica de la *minería ancestral* de oro; esto es, las relaciones cotidianas que se establecen alrededor de una práctica de minería ancestral que se reivindica como propia, contribuyendo, a su vez, a fortalecer el proceso organizativo y las estrategias entorno a la defensa y permanencia en su territorio.

Palabras clave: Comunidad afrodescendiente de La Toma; minería ancestral; territorio.

CONFLITOS TERRITORIAIS E DESARTICULAÇÃO DA RELAÇÃO COM A TERRA: A EXPERIÊNCIA VIVIDA PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA LAGOA SANTA, ITUBERÁ-BA

Greice Bezerra Viana (greicebez@gmail.com) Socióloga, mestranda em Ciências

Este resumo apresenta o processo de pesquisa realizado com a comunidade quilombola da Lagoa Santa, localizada no município de Ituberá, Bahia, Brasil. Tal estudo é realizado no âmbito do mestrado em Ciências Sociais do programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e é fruto do trabalho realizado com a referida comunidade para o desenvolvimento de relatório antropológico do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). De modo geral, a pesquisa, por meio de estudo de caso, tem analisado os antagonismos que impedem o acesso ao território tradicionalmente ocupado pelo referido grupo, e explicitado questões referentes as consequências da expropriação para o modo de produção e as práticas de trabalho. O quilombo estudado enfrentou, em dois momentos distintos de sua história, situações conflituosas de perda de parte de seu território. Tais eventos contribuíram para desarticulação da relação com a terra e, conseqüentemente, para a desestruturação das relações sociais e de produção. Assim, a historicidade, a organização social da comunidade e as territorialidades possuem destaque neste processo de pesquisa.

Palavras-chave: Comunidade quilombola, conflito territorial, territorialidades, práticas de trabalho.

TERRITÓRIOS, CONHECIMENTOS E COSMOPOLÍTICAS QUILOMBOLAS EM CHAPADA DOS GUIMARÃES, MATO GROSSO

Sonia Regina Lourenço - Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMT. Pesquisadora do Instituto Brasil Plural-INCT/UFSC/UFAM/UFMT; soniaufmt@gmail.com; napasufmt@gmail.com
soniarl@ufmt.br

Esta comunicação se propõe analisar os agenciamentos cosmopolíticos de duas comunidades quilombolas de Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, a partir de duas experiências etnográficas nos territórios tradicionais de Lagoinha de Cima e Itambé. A primeira experiência etnográfica com a comunidade Lagoinha de Cima resultou no Inventário de Referências Culturais desenvolvido de 2013 a 2014, tomando como referência central o território tradicionalmente ocupado e os conhecimentos etnobotânicos a ele associado e a memória territorial constituída pelos marcos simbólico-históricos das antigas habitações, cemitérios, nascentes e cachoeiras. Classificado como Área de Proteção Ambiental pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA), o território desta comunidade encontra-se no contexto das sobreposições territoriais impedindo que seus habitantes quilombolas possam dar continuidade ao seu modo de

existência. Itambé, por sua vez, tem se posicionado de forma autônoma diante do INCRA e do Ministério Público Federal no sentido de reivindicar à antropóloga da UFMT, a elaboração do Relatório de Identificação e Delimitação, subsidiando a pesquisa não apenas com a participação do Conselho Deliberativo e da Associação Comunidade Remanescente de Quilombo de Itambé para dar efetividade à pesquisa de campo, mas com disposição para firmar um termo de responsabilidade entre a UFMT e a comunidade considerando a demora e a falta de recursos do INCRA para o estabelecimento de um termo de convênio ou contrato. Assim, pautam-se no Art. 68 ADCT, da Constituição Federal de 1988 e em conformidade ao Decreto nº 4.887/2003, e legislação pertinente vigente para dar os procedimentos para a execução do RTID regulado pela IN/INCRA/nº 56/2009.

Palavras-Chave: territórios, quilombolas, patrimônio, cosmopolítica, Chapada dos Guimarães.

Sesión 3: Quilombos – Patrimônio e Políticas Públicas

QUILOMBOS, PRODUÇÃO E MERCADOS: TRANSMISSÕES CULTURAIS INTERNAS E INTERAÇÃO COM AGENTES EXTERNOS

Osvaldo Martins de Oliveira. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES;
oliveira.osvaldomartins@gmail.com

Em pesquisas nas comunidades quilombolas do Espírito Santo desde 1997, referente aos seus direitos ao território e patrimônio cultural, verifiquei a mandioca e seus derivados (farinha, caldos, bolos, biscoitos e beijos), sendo consumidos com o café, ou conjugados com outros alimentos, como cenas bem frequentes entre as famílias, não apenas em datas festivas, mas também em diferentes momentos da alimentação cotidiana presentes nos denominados cafés da manhã e/ou da tarde. Essas são cenas que estão vinculadas às atividades produtivas nos territórios dessas comunidades, onde pude observar cultivos, às vezes conjugados de mandioca com café, e outras vezes dessas lavouras em separado. Esses dados remetem para a história dos ciclos da produção econômica no Brasil, onde os produtos derivados dessas lavouras estiveram ora em alta e ora em baixa, segundo as determinações de valores cotados nos mercados regionais, nacional e internacional. Nessa perspectiva, médios e grandes produtores não quilombolas abandonaram o cultivo da mandioca, dedicando-se ao café, cujos frutos têm gerado produtos de maior cotação nesses mercados. Por outro lado, os quilombolas, produtores em pequena

escala, cientes da necessidade de investimentos mais elevados para a produção do café, argumentam que mantêm pequenos cultivos de lavouras de mandioca e de café porque esses fazem parte de suas tradições culturais quem vem sendo transmitidas entre diferentes gerações. Relacionadas à essas práticas produtivas e transmissões culturais, soma-se à produção do azeite de dendê nas comunidades do norte e as práticas de agricultura orgânica em uma comunidade do sul do ES.

Palavras-Chave: quilombos, direitos, produção, patrimônio cultural.

PÔR SENTIDO NO PATRIMÔNIO: NOTAS SOBRE O PROCESSO DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS – MG

Ana Carolina Araújo Fernandes. Mestranda em Antropologia Social do PPGAS-UnB;
anacarolinaafernandes@gmail.com

*Estamos chegando do ventre de Minas,
estamos chegando dos tristes mocambos,
dos gritos calados nós somos,
vimos cobrar.*

(...)

*Estamos chegando do chão dos quilombos,
estamos chegando no som dos tambores,
dos Novos Palmares nós somos,
vimos lutar.*

A DE Ó - Milton Nascimento.

No ano de 1988, quando foi promulgada a nova Constituição da República Federativa do Brasil, foi adicionado o primeiro artigo constituinte à tratar especificamente dos direitos das Comunidades Quilombolas - o Artigo nº 68 ADCT. O momento era emblemático: o Brasil completava 100 anos de abolição da escravidão e articulavam-se políticos, intelectuais e militantes à favor dos direitos para a população negra. As comunidades quilombolas saem então de uma posição de invisibilidade, para ganharem o reconhecimento escrito de sua participação na nação e seus direitos assegurados, dentre eles, “o pleno exercício de direitos culturais” e a posse de seus territórios tradicionalmente ocupados, descritos nos artigos nº 215 (em relação ao patrimônio), nº 68 e o decreto nº 4887/2003 (em relação à titulação territorial).

Neste trabalho apresento reflexões sobre patrimônio cultural e comunidades quilombolas. Para analisar esse tema, parto da observação de um caso: o registro da

Comunidade dos Arturos, comunidade negra e quilombola mineira, que foi inventariada e registrada como um patrimônio imaterial de Minas Gerais, no livro de registro dos lugares. No decorrer da análise, apresento um panorama histórico das políticas de patrimônio no Brasil, e situo as discussões sobre o patrimônio negro, tratando a partir disso, o caso da Comunidade dos Arturos através dos pontos de vista dos três principais agentes envolvidos nesse processo: O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais-IEPHA; a Casa da Cultura de Contagem-Nair Bello; e a Comunidade dos Arturos.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Comunidade dos Arturos; Quilombo; Políticas de Patrimonialização; Reconhecimento.

QUILOMBO, AGRICULTURA DE COIVARA E MANDIOCA NAS TERRAS DO SEM FIM

Eduardo Alfredo Morais Guimarães. Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos – Universidade Federal da Bahia; eaguimaraes@uneb.br

Apresento, nesta comunicação, os resultados preliminares do projeto de pesquisa “O Quilombo está na mesa”, em desenvolvimento no Quilombo de Empata Viagem, localizado no Município de Marauá, Bahia. Na construção do texto, tendo com ponto de partida o Romance do Escritor Baiano Jorge Amado, *Terras do Sem Fim*, perseguiram-se as seguintes questões: a etnogênese quilombola; a agricultura de coivara e o cultivo da mandioca; os engenhos de farinha; a expansão do cultivo do cacau nos 1970, fator determinante na valorização das terras e, conseqüente, esbulho do território; os novos cultivos de seringueira e o impacto de fertilizantes e agrotóxicos. As reflexões de William Balée, em pesquisas sobre ecologia histórica centradas nas mudanças das paisagens e os estudos de etnobotânica de Darrel Posey sobre os índios Kayapó balizaram as análises da presença de saberes ancestrais na cultura do cacau. A partir dos dados levantados foi possível concluir que conhecimentos ancestrais da agricultura em climas tropicais de indígenas e africanos escravizados foram fundamentais para o estabelecimento das primeiras plantações de cacau no Sul da Bahia, verdadeiras “Florestas Culturais”. Por outro lado, o conceito de *Colonialidade de Poder e de Saber*, extraído da obra de Aníbal Quijano e a *Ecologia de Saberes*, Boaventura Souza Santos possibilitaram um aprofundamento de questões relativas a atuação dos órgãos de pesquisa e extensão rural que atuam no Quilombo, ou seja a onipotência da ciência agrônoma que se intitula moderna diante dos conhecimentos ancestrais da agricultura nos trópicos.

Palavras Chave: quilombo, cacauicultura, coivara, mandioca, agricultura nos trópicos.

PATRIMONIALIZAÇÃO E RECONHECIMENTO ÉTNICO: O CASO DE UM GRUPO DE CAMPONESES QUE FAZEM MÚSICA PATIA – CAUCA – COLOMBIA

Janeth A. Cabrera Bravo

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade de Brasília

janethcabrera05@gmail.com

O objetivo deste artigo é refletir sobre os processos pelos quais o patrimônio cultural imaterial -PCI- no marco das “políticas de patrimônio” estruturam e veiculam reconhecimentos étnicos. Me proponho explorar o campo discursivo de tais políticas desde a problematização dos processos de patrimonialização das expressões musicais das populações negras na Colômbia, particularmente no caso das agrupações presentes no vale interandino do Patía (Cauca – Colômbia), conhecidos sob o genérico de “violinos caucanos” ou “violinos de negros”, eles interpretam ritmos de denominações regionais, relacionados com festividades, santos padroeiros, cerimônias fúnebres e, mais recentemente, em eventos exclusivos para a exibição artística. A partir desse contexto etnográfico tentarei rastrear as dimensões práticas das políticas de patrimônio e a forma como elas se articulam com distintos processos sociais. Ressaltando que a noção de *patrimônio cultural* surge em um contorno semântico moderno no qual as políticas públicas têm acionado o sentido de nação e, atualmente, destacado a ideia de diversidade ou de nação multicultural. Este trabalho procura explorar como estes processos legitimadores potencializam negociações de sentido e de identidade étnica.

Palavras-chaves: patrimônio cultural, musica, reconhecimento, etnicidade.

POÉTICAS NEGRAS: VOZES IDENTITÁRIAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOINHA

Maria Gabriela Batista Neiva de Menezes,

Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II,

gabrielaneivauneb@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos

A Literatura Negra/Marginal, na contemporaneidade, vem se configurando como um espaço privilegiado de afirmações identitárias, deslocamentos, engajamento político e, sobretudo, como projeto de emancipação humana, em que o negro deixa de ser objeto

para ser sujeito do seu discurso. Nesta pesquisa, trata-se de investigar o impacto dessa produção no interior de uma comunidade quilombola, situando e confrontando valores tradicionais, estéticos, políticos e identitários, a partir de um grupo focal na comunidade quilombola de Lagoinha, localizada no município de São Gabriel- Bahia. Desse modo, espera-se que o trabalho com os Cadernos Negros possa contribuir para construção de um modelo de representação e de autorrepresentação etnicorracial positivamente afirmado.

Palavras chaves: Literatura Negra. Identidades. Comunidade quilombola.

PROJETOS DE ETNODESENVOLVIMENTO: SOLUÇÃO OU ADEQUAÇÃO?

Joyce Drumond Linhares. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa CPDA/UFRRJ;
joyce.drumond@gmail.com

Passados 27 anos da formalização dos direitos quilombolas na Constituição de 88, muitas conquistas, perdas e mudanças foram acumuladas pelo movimento quilombola. Sem pretensão de recuperar aqui a rica história do movimento quilombola no Brasil, pretendo nesse artigo apontar novas situações enfrentadas por essas comunidades para além do processo de reconhecimento. Para tal, trago impressões de um estudo de caso realizado na comunidade Quilombola Campinho da Independência- Paraty, região da Costa Verde/RJ, fruto de uma pesquisa de campo que realizei na comunidade em 2012. Vislumbrando os instrumentos jurídicos aprovados a partir da Constituição Federal de 1988 e o Programa Brasil Quilombola - dentre outras iniciativas que asseguram o direito ao território e a assistência social. Pretendo neste trabalho pontuar as mudanças e inovações iniciadas com o processo de reconhecimento através de um estudo sobre alguns empreendimentos comunitários que são resultado de projetos com perspectivas de etnodesenvolvimento. Esses projetos hoje vividos pela comunidade estão intrínsecos ao processo de autoreconhecimento da identidade quilombola vivido pelos quilombolas do Campinho. Mas, os desafios prosseguem, mesmo os projetos de etnodesenvolvimento tendo como objetivo a autonomia, vão servir ambigualmente como instrumentos normativos e de adequação da produção do Campinho ao mega-projeto de desenvolvimento turístico iniciado em Paraty na década de 70. Em outras palavras pretendo problematizar a partir de um estudo do processo de reconhecimento do grupo étnico, as inovações produtivas e as estratégias de permanência e práticas coletivas de domínio no território.

Palavras-chaves: quilombo, etnodesenvolvimento, autonomia, território.

GT 121. MORALIDADES EN LAS CIUDADES DE LA “PERIFERIA”

Coordinadores:

Gabriel D. Noel (IDAES-UNSAM/CONICET – Argentina); gdnobel@gmail.com

Natalia Bermúdez (IDACOR-UNC/CONICET – Argentina);
natibermudez@yahoo.com.ar

Luiz Antonio Machado da Silva (IESP/UERJ – Brasil); lmachado@iesp.uerj.br

Jussara Freire (ESR/UFF e PPGPS/UENF – Brasil); jussarafreire@superig.com.br

Sesión 1: Moralidades “periféricas” y escalas urbanas

LA PERIFERIA DE LA PERIFERIA. APROXIMACIONES A LA CONCEPTUALIZACIÓN TEÓRICA Y AL ABORDAJE METODOLÓGICO DE AGLOMERACIONES PEQUEÑAS EN UN *HINTERLAND* METROPOLITANO

Gabriel D. Noel (Núcleo de Estudios Urbanos – IDAES-UNSAM/CONICET);
gdnobel@gmail.com

La distinción sociodemográfica entre el mundo urbano y el rural – tradicionalmente colocada en la frontera de los 2.000 habitantes – registra una inusual persistencia no obstante las numerosas críticas de las que ha sido objeto desde hace décadas. Asimismo, esta distinción consagrada por los dispositivos estatales de registro es reproducida en la división académica del conocimiento, donde sociólogos y antropólogos ‘urbanos’ se ocupan de espacios metropolitanos o de gran escala, mientras que sus contrapartes ‘rurales’ se concentran en la población dispersa o concentrada en aglomerados de tamaño minúsculo. Rara vez – y esto en el mejor de los casos – se producen diálogos o

interpelaciones a ambos lados de esta frontera, que separa agendas, objetos, problemas y enfoques contrastantes.

Las metrópolis y sus conurbaciones, mientras tanto aparecen con frecuencia circundadas por una serie de aglomeraciones pequeñas y medianas para las cuales la habitual etiqueta de lo 'rural' resulta claramente inadecuada. Aún cuando poseen dinámicas propias y específicas, estas pequeñas aglomeraciones mantienen con las urbes diversas clases de relaciones de geometría variable. Lejos de ser las comunidades autónomas que el atavismo de muchos investigadores tiende a proyectar en ellas, tampoco son ciudades dormitorio o meros satélites de las grandes urbes. Demasiado lejos como para que su conurbación sea previsible, pero lo suficientemente cerca como para establecer relaciones sustentables, estas ciudades forman con ellas uno o varios sistemas urbanos complejos y cambiantes, en los cuales las múltiples configuraciones entre lo local y lo metropolitano, lo 'rural' y lo 'urbano' ponen en tensión nuestras categorías teóricas y nuestros recursos metodológicos habituales, de uno y otro lado de esas distinciones.

La presente ponencia procura presentar un cuadro preliminar de una investigación antropológica que está siendo desplegada en una serie de localidades de los partidos de Magdalena y Punta Indio (provincia de Buenos Aires, Argentina), a unos 100 km del borde meridional de la Región Metropolitana de Buenos Aires, y que tiene precisamente por objetivo explorar abordajes teóricos y herramientas metodológicas para la conceptualización de esta clase de aglomeraciones y sus relaciones (entre ellas y con su metrópolis).

Palabras clave: aglomeraciones pequeñas, ciudades no metropolitanas, sistemas urbanos, distinción rural/urbano.

UN JUEGO DE CERCANÍAS Y LEJANÍAS: IMAGINARIOS SOBRE EL CONURBANO BONAERENSE EN UNA CIUDAD PERIFÉRICA DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES

Lucía de Abrantes

(Núcleo de Estudios Urbanos – IDAES-UNSAM/CONICET)

deabranteslucia@gmail.com

El Conurbano Bonaerense se presenta como un territorio fronterizo que ha tendido a separar dos realidades bien contrastantes: la gran metrópolis central y el "interior" del país. Si bien esta categoría es utilizada, desde hace décadas, para identificar una realidad geográfica y social, lo cierto es que el Conurbano no posee un claro estatuto jurisdiccional, político ni administrativo. Los sentidos asociados a este pedazo de territorio, han ido cambiando de signo: mientras que a principios del siglo XIX este espacio sería caracterizado por lo verde, la tranquilidad y el aire puro de las afueras, a

mediados del siglo XX se volvería un caso paradigmático de la degradación urbana y la expresión de una “geografía de la trasgresión”. Diversos estudios de corte académico se han posado sobre esta espacialidad buscando comprender su carácter complejo. Asimismo, dada su condición fronteriza, otros abordajes han tendido a analizar el modo en que este territorio –multiforme, heterogéneo y contradictorio- mantiene una relación conflictiva con la Ciudad de Buenos Aires. Una relación de cercanías geográficas y de distancias morales, económicas, sociales y políticas. Si bien todos estos aportes han sido sumamente enriquecedores, lo cierto es que existe una dimensión que no ha sido lo suficientemente explorada: la relación que sostiene el Conurbano con los escenarios que se sitúan del otro lado de la frontera.

La presente ponencia procura, mediante un trabajo etnográfico, reconstruir los principales imaginarios que se construyen en torno al Conurbano en una ciudad periférica bonaerense, localizada a menos de 300 kilómetros del límite impreciso que recorta al Conurbano del resto de la Provincia de Buenos Aires. Recurriendo a una serie de entrevistas y notas periodísticas locales, trataremos de observar cómo el Conurbano Bonaerense se configura como un “monstruo homogéneo” que intimida y amenaza con desvirtuar el carácter armónico de una comunidad; así como también desarmar el modo en que los habitantes de esta ciudad identifican una serie de problemáticas locales (clientelismo político, inseguridad, violencia, pobreza, asentamientos informales) como la consecuencia inevitable de un Conurbano que trasvasa sus límites y avanza “conurbanizando” localidades lejanas.

Palabras Claves: Ciudad Periférica – Imaginarios – Conurbano Bonaerense – Contrastes - Conurbanización .

EL IMPACTO DE LA “CIUDAD” EN EL “CAMPO”, UN JUEGO DE TENSION Y ALIVIO

Luciana Trimano

(CIECS-CONICET Y UNC)

lucianatrimano@gmail.com

Para los habitantes nativos de *Las Calles* -una localidad del Valle de Traslasierra, en la provincia de Córdoba- desde hace diez años “su” pueblo comenzó a cambiar debido al impacto de la migración urbana. Por un lado, la sociedad receptora entiende las transformaciones fisonómicas de la comunidad a partir de la referencia temporal “antes/ahora”; por el otro, el arribo de ciudadanos al poblado es percibido como “invasivo”, lo entienden negándolo.

El propósito de esta comunicación es reflexionar sobre las transformaciones de las dinámicas territoriales, temporales, identitarias y relacionales de una pequeña localidad

de montaña a partir de los relatos identitarios de habitantes autóctonos e inmigrantes urbanos. Indagamos interpretaciones y percepciones que se nutren de imaginarios diversos en torno a nociones como *desarrollo, progreso, pertenencia, bienestar, trabajo, espacio, tiempo* y, sobre todo, en cuanto a la percepción de quien es el “otro”. En este escenario, la diversidad de procedencias, pertenencias, tradiciones y valores ponen en juego la configuración de la identidad local.

Palabras clave: configuración cultural; identidad; neorruralidad; representaciones

EFEITO “PEQUENA CIDADE”: ENSAIO POR UMA SOCIOLOGIA DA VIDA COTIDIANA

Manuela Vieira Blanc. PPGSP/Universidade Vila Velha e Grupo de Pesquisa Cidades, Espaços Públicos e Periferias, manu_uenf@yahoo.com.br

Se a cidade estende seus efeitos para além das suas fronteiras, ela pode ser pensada como um contexto cognitivo cujo entendimento extravasa a tomada do urbano como objeto ou espaço específico de análise. Se algo é real em seus efeitos e, portanto, impassível de ser ignorado no entendimento das formas de sociação contemporâneas, esse algo é vulgarmente chamado “cidade”. Os modos de vida urbanos são constructos exemplares da vida social, compreendendo formas de sociação complexas e diversificadas, coexistentes entre si e cuja relação mútua varia segundo gradações de distanciamento e proximidade que se incidem sobre a definição de quadros ou situações sociais. Partindo de reflexões anteriores, essa proposta de comunicação exercita no ambiente pequeno urbano modos de entendimento dos seus efeitos, não como especificidades da baixa amplitude ou densidade demográfica, mas como um laboratório de análise das formas sociais a partir de uma perspectiva pragmatista. A partir dos modos de vida “pequeno-urbanos”, objetiva-se apreender suas fronteiras relativas: o trânsito ou circulação como prática de inserção em diferentes situações sociais. Se passíveis de ser identificadas nos bairros das grandes metrópoles, ou em diferentes quadros de interação situacionalmente marcados por gradações em termos objetivos e subjetivos, essas condutas não dizem respeito ao pequeno urbano, mas às práticas da vida cotidiana. Partindo de métodos qualitativos de coleta e análise de dados, essa proposta pretende analisar a variabilidade situacional dos quadros de interação e os termos da sua definição.

Palavras-chave: situações sociais, alta pessoalidade, quadros de interação, trânsitos morais.

Sesión 2: Economías morales y moralidades económicas en las “periferias”

TENSÕES, CONFLITOS E RELAÇÕES DE SERVIÇO NO TRANSPORTE COLETIVO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Ailton Gualande Junior. Graduando em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense – ICSDR/UFF. Integra o grupo de pesquisas Cidades, espaços públicos e periferias – CEP28; jrgualande@hotmail.com

Este trabalho se enquadra na pesquisa de iniciação científica *Filas, esperas e tensões em pontos de ônibus em Campos dos Goytacazes*. Proponho analisar diferentes modalidades de conflitos e tensões que envolvem passageiros, operadores do sistema de transporte (rodoviários) e fiscais municipais. Realizei observações de situações em terminais de ônibus de maior circulação no centro desta cidade. Procurei apreender a continuidade entre a espera, as tensões e os conflitos que emergem nas filas de espera, considerando as conjunturas políticas voltadas para a problematização do transporte. Mapearei moralidades que orientam as interações cotidianas e descreverei as sequências das situações que compõem os conflitos em situações de espera, focalizando-me particularmente naquelas em que emergem as disputas e controvérsias. Em resumo, analiso os quadros morais das “relações de serviço” (Jeannot e Joseph, 1995) e suas consequências para os passageiros. É frequente observar indignações de passageiros, ameaças de denúncias e de recurso à força como forma de pressionar os agentes públicos para a resolução do conflito. Um importante quadro moral que emergiu na pesquisa articulava o serviço como uma mercadoria, afetando principalmente os “não pagantes”. Apesar da gratuidade do transporte para este público, estes atores são aqueles que encontram maiores obstáculos de acesso a este serviço, dificultando sua circulação na cidade.

Palavras-chave: Sociologia pragmatista, experiência cidadina, espaço público, moralidades.

GESTÃO ECONÔMICA OU GESTÃO DE CONFLITOS MORAIS? A INTENSA VIDA MORAL DAS “CAIXINHAS”

Breno Rabello Machado (PPGSA/UFRJ); brenorm.mail@gmail.com

Fomento da pesquisa: CAPES.

Este trabalho é resultado do mestrado em andamento pelo PPGSA/UFRJ. Nele analiso

moradores da Favela do Jacaré, Rio de Janeiro, e funcionários do Hospital Castro Oliveira em Petrópolis, Região Serrana do Estado, que concedem empréstimos informais mediante a cobrança de juros. Os resultados são fruto da análise de entrevistas feitas com integrantes dessas “caixinhas”.

“Caixinhas” são grupos de pessoas que pagam uma mensalidade que é transformada em capital de giro destinado à concessão de empréstimos. Esses são disponibilizados em quantias variadas, não muito altas, mas que não raro tornam-se altas pelos juros.

O objetivo desse trabalho é analisar a intensa atividade moral em torno desse dinheiro que circula. A consideração desses atores como moralmente competentes (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1990) guia grande parte das questões desse trabalho. Se a produção de lucro é importante para entender o significado dessas ações, os dilemas morais, as hierarquias, as críticas parecem ainda mais decisivos.

As “caixinhas” parecem multiplicar as possibilidades de conflitos morais. Contudo, uma série de mecanismos reduzem esses impactos, garantindo a manutenção da vida social. Parece acertado dizer que o modelo de funcionamento da “caixinha” mais que um “modelo de gestão econômica”, por uma série de razões, é um “modelo de gestão moral”, ou para ser ainda mais específico, um “modelo de gestão de conflitos morais”.

Palavras-chave: Moral, Dinheiro, Empréstimos.

UMA SOCIOLOGIA DA COMPREENSÃO A PARTIR DO PAR CRÍTICA E JOCOSIDADE

Alexandre Werneck

O objetivo deste artigo é analisar as formas de modulação da crítica na sociabilidade urbana, com ênfase nos papéis desempenhados por dispositivos capazes de efetivar situações de potencial conflito moral envolvendo conteúdos críticos, a fim de estudar como os atores compreendem (ou não) uns aos outros. Para tanto, o texto entrecruza três pesquisas relacionadas à modulação da crítica por meio da jocosidade: 1) a observação nas ruas de dois bairros do Rio de Janeiro em busca da operacionalização de dispositivos morais de jocosidade que se utilizam de elementos com formato de crítica para sua efetivação; 2) o estudo de cartazes jocosos das manifestações políticas de 2013 no Brasil; e 3) a realização de grupos focais com estudantes a respeito desses cartazes e do uso do humor na política em geral. A partir dessas observações, depreendem-se três dimensões da compreensão de elementos situacionais a partir do entendimento desses signos: cognitiva, contextual e moral.

ESTA VEZ LOS DENUNCIÓ. UNA ETNOGRAFÍA SOBRE MORALIDADES, RECIPROCIDADES Y ROBOS EN UNA VILLA DE LA CIUDAD DE CÓRDOBA (ARGENTINA)

Dra. Natalia Bermúdez

(Investigadora del IDACOR-CONICET, FFyH,

Universidad Nacional de Córdoba)

En esta ponencia analizaré etnográficamente las moralidades que atravesaron una serie de intercambios vinculados a la vida cotidiana en las redes familiares y vecinales que vengo analizando en una villa en la Ciudad de Córdoba (Argentina).

Me interesa problematizar por un lado, las formas en que los “robos” muchas veces tienden a regular las relaciones familiares y vecinales, en la medida en que pueden ser interpretados como parte de una distribución más equitativa -o menos injusta- de objetos y servicios que, como parte de prácticas ilegales.

En este sentido, mostraré etnográficamente cómo dos jóvenes de la villa, hijos de Moria, le robaban sistemáticamente la moto a uno de sus vecinos y por qué este vecino un día decidió denunciarlos.

De modo que este “robo” sólo puede interpretarse en los marcos morales locales de defensa del honor familiar, así como también a partir de las tensiones que se generan cotidianamente entre las reciprocidades positivas y negativas. El “robo” podría ser pensado como un medio de recordar las obligaciones propias de las relaciones involucradas.

Por último, analizaré el lugar que ocupa la policía en estas relaciones sociales, y las interpelaciones que, en términos normativos, usualmente se hacen a estos “agentes de seguridad”.

Palabras claves: Moralidades. Robos. Redes de relaciones sociales. Reciprocidades. Villa.

ESTÉTICA, CULTURA E EVITAÇÃO DA “VIOLÊNCIA POLÍTICA”: TRAMA DE UMA AÇÃO COLETIVA EM NOVA IGUAÇU

Jussara Freire (Universidade Federal Fluminense)

Recentemente, as mobilizações em torno “da arte e da cultura” em *territórios desqualificados* vêm adquirindo certo destaque na agenda acadêmica brasileira. Dialogando com alguns destes trabalhos, proponho descrever e interpretar a trama da ação coletiva da cidade Nova Iguaçu, focalizando-me na arena mobilizada em torno “da cultura”, do fim da década 1970 até 2014, nesta cidade. Se algumas análises sugerem uma atual “mercantilização do criativo”, que traduzo como conjuntura na qual predominaria grandezas mercantil e industrial, minhas observações apontam para navegações morais e situadas dos participantes da arena mobilizada em torno da cultura na Baixada Fluminense entre ordenamentos variados (ou *cités*) – imbricados com o *mercantil* e o *industrial*, mas eles não sendo exclusivos-, que se multiplicam exponencialmente nas situações observadas e ao longo do tempo. A compreensão desta navegação permite, de um lado, reconstituir a formação e a continuidade da arena mobilizada em torno “da cultura” na Baixada Fluminense (Região Metropolitana do Rio de Janeiro) e identificar a acumulação coesa e contínua de qualificações que ancoram os engajamentos de seus participantes. Por outro lado, as mobilizações coletivas em torno da “arte” e da “cultura” apresentam avaliações conativas voltadas para o desejo e esforço de ressignificar a “periferia”. Evidenciam paralelamente tensões que permanecem em relação aos modos de evitar vocalizar a “violência política”, experiência próxima que se entremeia com representações “de fora para dentro” sobre a Baixada Fluminense. A evitação torna-se então outra chave para compreender como “a cultura”, do ponto de vista de seus *problematizadores*, requalifica uma área moral particularmente desqualificada.

PETRÓLEO Y DESIGUALDAD SOCIAL: LA RECONVERSIÓN DEL DESPRECIO DE CLASE EN DESPRECIO DE GÉNERO EN UNA CIUDAD PATAGÓNICA

Natalia Barrionuevo (IESyPPat-UNPSJB/ IDAES-UNSAM)

sea_natts@hotmail.com

El trabajo petrolero contribuyó a la demarcación de fronteras sociales en Comodoro Rivadavia (Chubut, Argentina) a lo largo de su historia centenaria. Nos proponemos dar cuenta de ello en un contexto actual signado por el desacople extremo entre capital económico y capital cultural; desde una mirada relacional que involucra a los propios trabajadores de la industria y sus mujeres, pero también a sectores medios petroleros y no petroleros, leídos en clave de establecidos y *outsiders*. Indagamos etnográficamente las formas específicas y situadas que adopta la desigualdad social en una ciudad intermedia patagónica, a partir de la reconversión del desprecio de clase en desprecio de género que ubica a las mujeres de los trabajadores petroleros en un lugar de doble subordinación. En este trabajo buscaremos complejizar la idea de dicho pasaje desde los

argumentos morales en circulación social, compartidos y disputados.

Palabras claves: Trabajo petrolero, desigualdad social, Comodoro Rivadavia, desprecio de clase, desprecio de género.

ASCETISMO, ESFUERZO Y SACRIFICIO EN SEGUIDORES DE UN MÚSICO POPULAR ARGENTINO: LA ELABORACIÓN MUSICAL DE UNA DIFERENCIA MORAL

Mg. Nicolás Aliano (UNSAM - CONICET); nicolasaliano@hotmail.com

Partiendo de una exploración de las prácticas de afición de los seguidores de un músico popular argentino, Carlos “Indio” Solari, en esta ponencia se propone mostrar la existencia de modos específicos de evaluación del rock, que moralizan la escucha ya que esta se vuelve parte de la conformación de una imagen valiosa de sí mismo. Se mostrará cómo la existencia de este modo de implicación con la música conduce a los fans a trazar *límites simbólicos* (Lamont y Molnar, 2002) respecto de otras personas y otros géneros musicales (fundamentalmente la cumbia), articulando percepciones más amplias sobre las escenas de consumo ligadas a estos géneros y las diferencias sociales entre grupos. En este sentido, se atenderá a los usos de estas fronteras simbólicas, que no estarían funcionando de acuerdo a la forma de *estrategias de distinción* (bajo una estructura rígida de “capitales culturales”), sino más bien como clasificaciones contextuales y móviles, que se activan orientando la acción y generando principios de visión y división del mundo.

Teniendo en cuenta estos usos, la hipótesis del trabajo es que esta música permite tramitar y elaborar una diferenciación moral operante en la experiencia popular. De acuerdo a nuestro argumento esta música contribuiría a resolver una *tensión valorativa específica*, que surge en el marco de la desarticulación del complejo simbólico que ligaba *esfuerzo, trabajo y ocio*, y que se expresa en la coexistencia de modelos culturales en fricción al interior de los sectores populares: aquellos articulados en torno al mundo del trabajo, la familia y la pauta ascética, frente a aquellos otros que se definen desde la positivización de los estigmas sociales (la transgresión legal, el uso de la fuerza física, o el uso de ciertas drogas “duras”).

Palabras claves: Límites simbólicos – fronteras sociales – ascetismo – música.

DEL SALIR A CORRER AL RUNNING. REFLEXIONES AUTOETNOGRÁFICAS DE UN NATIVO MARGINAL

Gastón Julián Gil

CONICET-Universidad Nacional de Mar del Plata

gasgil@mdp.edu.ar

El “salir a correr” que caracterizaba a solitarios deportistas, en ocasiones como complemento aeróbico de otros deportes, ha dado lugar a una práctica colectiva de gran masividad, el *running* (como lo definen mayoritariamente los propios actores). El fenómeno del *running* forma parte de la proliferación de nuevas formas de sociabilidad en la Argentina contemporánea que puede registrarse en actividades diferenciadas, que se vinculan con prácticas deportivas, hábitos alimenticios, movimientos y manifestaciones artísticas, adopción de filosofías “exóticas”, experiencias de consumo, uso de nuevas tecnologías, etc. Se trata en general de fenómenos sumamente tematizados en los medios masivos de comunicación, pero sobre todo de un alto impacto en la vida cotidiana de muchas personas. Este estilo de vida que ha irrumpido como parte de las transformaciones sociales que se vinculan con la concepción del cuerpo, del bienestar y del tiempo libre, remite además a una serie de repertorios morales y estéticos que van más allá de una ética del esfuerzo y la autosuperación, de una inclinación hedonística o una cultura del consumo. Esta primera aproximación al colectivo *runner* constituye un esfuerzo por sentar las bases de una investigación sistemática que presenta los habituales desafíos, posibilidades y complejidades de un estudio etnográfico de nuestra contemporaneidad. Por ello es que se apela a un abordaje reflexivo en el que la experiencia previa y actual del investigador, en su condición de nativo marginal, permite definir las principales líneas de investigación a desarrollar en el futuro.

Palabras clave: estilos de vida – Moralidad - Identidad – Reflexividad.

“MORADOR DE GUARUS”: CATEGORIAS MORAIS MOBILIZADAS EM SITUAÇÕES DE COPRESENÇA NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Renan Lubanco Assis. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro;
renanlubaco@gmail.com

Esta proposta de trabalho tem por objetivo contemplar a elaboração de categorias morais de classificação sentidas por moradores de um bairro situado na margem esquerda do rio Paraíba do Sul, na área urbana da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Neste caso, o morador de Custodópolis, bairro situado em Guarus, 3ª Subdistrito do município, se percebe não apenas como morador de um bairro da cidade, mas ainda,

classificado como “morador de Guarus”, categoria moral de desqualificação.

A classificação é um recurso que pode ser mobilizado de forma laboral na ciência, inerente ao trabalho de formulação de conceitos e categorias de análise, como uma mera catalogação de objetos, sem qualificação, ou ainda, como uma “ação projetada” nas situações de “copresença”, na qual, os atores, mediante o encontro “face a face” classificam-se mutuamente. Cabe uma reflexão acerca dos diferentes enquadramentos morais elaborados nas situações de copresença experimentados na cidade de Campos dos Goytacazes. A partir da sistematização das experiências relatadas, buscarei trazer para reflexão as diferentes categorias morais de demarcação, responsáveis por “sedimentar” moralmente as “biografias” dos diferentes bairros da cidade e os seus respectivos moradores.

Esta proposição é parte de um trabalho de doutoramento em andamento, cujo foco central tem sido as “categorias morais” percebidas por moradores de um bairro classificado como “violento”. A pesquisa, já realizada, conta com um trabalho de inspiração etnográfica iniciado no mês de maio do ano de 2013, e findado no mês de junho de 2015. O trabalho de campo contou com visitas semanais ao bairro, observando e participando de eventos realizados no mesmo. Fora realizado ainda, 22 entrevistas com 19 moradores do bairro. A pesquisa de campo me possibilitou apreender as teias de significados tecidas por diferentes faixas etárias, o que me ajudou a sistematizar os enquadramentos dos moradores em classificações oriundas dos encontros com “o outro lado”, no caso, da margem direita do rio Paraíba do Sul.

Palabras claves: Morador de Guarus, Bairro, Demarcação moral, Categorias morais, Copresença.

‘ATRASO’ E ‘DESENVOLVIMENTO’ NO REGIONALISMO EMPRESARIAL DE ITAPERUNA (RJ)

Thiara Mourão Costa Cerqueira
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
thiara.cerqueira@gmail.com

Hernán Armando Mamani
Instituto de Ciências da Sociedade e
Desenvolvimento Regional (ESR/UFF)
hernan_a_mamani@yahoo.com.br

O trabalho descreve e analisa a gramática do ‘atraso’ e do ‘desenvolvimento’ mobilizada pelo empresariado e pelas lideranças política do município de Itaperuna para justificar suas transformações sociais e econômicas, num contexto em que todas as cidades do Norte e Noroeste Fluminense empenham-se em se ‘desenvolverem’. Trata-se,

também, dos círculos e sociabilidades que as promovem.

Localizada a 400 km da cidade do Rio de Janeiro e a 100 km de Campos dos Goytacazes, próxima dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, Itaperuna (com 98.521 habitantes) é a maior cidade do Noroeste Fluminense. Com um crescimento econômico de 140 % nos últimos 10 anos, diferencia-se do conjunto de cidades da região por sua especialização no comércio e serviços médicos e educacionais. Diferencia-se, também, pelo modo em que o empresariado empreende a modernização e promove políticas, apelando à mobilização empresarial e às redes nacionais e estaduais fornecidas pelas associações comerciais.

Este ‘regionalismo’ distingue-se particularmente da cidade de Campos dos Goytacazes, cidade pólo regional, onde o problema do “atraso” é atribuído, há muito tempo, à falta de políticas estaduais e nacionais de desenvolvimento regional. Este tema, sensibiliza a opinião pública (Viana, 2003) e estimula um engajamento político regionalista. Já em Itaperuna, a questão regional não atinge a mesma difusão. O ativismo empresarial atua em arenas fechadas, impõem-se à política municipal e promovem uma modernização econômica e gerencial associada a práticas ‘tradicionais’ na articulação política e nas relações de trabalho e na preservação da posição social de pequenos círculos familiares.

Palavras-chave: Região – empresários – sociabilidade urbana – política urbana.

Sesión 3: Moralidades “periféricas” y poder

SOCIABILIDADES E USOS: UMA ANÁLISE DOS *EMPREENDEDORES CULTURAIS* NO CENTRO DE VITÓRIA

Amanda Alvarenga Nespoli. Mestranda em Sociologia Política/Universidade Vila Velha/ Bolsista CAPES ; celta1978@yahoo.com.br. Orientadora: Dra. Manuela Vieira Blanc

A presente proposta de comunicação tem como proposta analisar as práticas dos empreendedores culturais no Centro de Vitória/ES, suas reapropriações e usos desse espaço. Nos últimos anos, essa região vem sendo objeto de intervenções dentro de um processo de revitalização urbana por parte do poder público municipal, acompanhado também por um aumento de fluxos de investimentos por parte de atores coletivos ou individuais. Essa proposta visa apreender com o auxílio de método de inspiração etnográfica e a realização de entrevistas semiestruturadas as práticas de investimento e sociabilidade desses atores empreendedores e analisar as suas percepções quanto ao seu modo de atuação no Centro. Parto da hipótese de que esses atores estabeleçam delimitações morais para classificar o seu público alvo, tendo como referencial a sua percepção sobre o Centro, o que ele significa ou o ethos que comporta. Verifico os eventos promovidos por esses atores serão no intuito de analisar até que ponto esses movimentos influenciam nas construções simbólicas sobre o Centro ou em suas formas

de atuação moral.

Palavras-Chave: Centros – Moralidades – Lazer – Empreendedores – Sociabilidades.

**“CRÍTICA E CONTROLE SOCIAL NAS MARGENS DA
CIDADE: ETNOGRAFIA DE ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE DIÁLOGO EM
FAVELAS DO RIO DE JANEIRO”**

Lia de Mattos Rocha - Professora Doutora; liarocha08@gmail.com

Monique Batista Carvalho - Doutora e Pesquisadora Associada

Frank Andrew Davies - Doutorando Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Este artigo analisa as possíveis mudanças nas configurações associativas das favelas do Rio de Janeiro nos dias atuais, em que grandes eventos e projetos de reformulação urbana estão articulados a políticas específicas para essas localidades. Nesse bojo se destaca a ocupação policial de favelas conhecida por Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que desde 2008 assume uma posição central no debate sobre segurança pública. Destacamos nessa investigação as possibilidades de produção da ‘crítica’ - entendida nos termos de Boltanski em sua análise sobre a ‘dominação gestonária’ (2013) - por parte dos moradores de duas localidades em que os autores desenvolvem pesquisas: Batan e Borel. Os dados analisados foram produzidos a partir de etnografias de "reuniões comunitárias" realizadas em favelas com UPPs, onde moradores e gestores públicos civis e militares buscam apresentar e legitimar suas demandas e posicionamentos em relação à gestão cotidiana da vida nessas localidades. Assim, destacamos negociações, disputas e julgamentos realizados a respeito de tais reivindicações, de forma a compreender quais são os recursos validados ou deslegitimados nesses processos. Observamos ainda como são executadas as operações de controle, cerceamento da voz e desqualificação dos atores sociais em quadro, tanto por parte da administração governamental quanto por parte dos próprios moradores de favelas. A partir de uma investigação contrastiva nessas duas localidades, pretendemos produzir uma compreensão mais sistêmica desses processos de gestão e controle social conduzidos a partir da “pacificação”, considerando que esses são sensíveis às dinâmicas sociais próprias dos locais onde são implementados.

Palavras-chave: cidade; dominação gestonária; conflito; favelas; associativismo.

TERRITORIOS DE ALTERIDAD Y POLÍTICAS EDUCATIVAS INCLUSIVAS

Mag. Leticia Folgar Ruétalo. Profa. Asistente Programa Integral Metropolitano
Universidad de la República (UdelaR) Uruguay; leticia.folgar@gmail.com

A partir del desarrollo de un trabajo etnográfico recientemente iniciado en una escuela pública montevideana en la que se desarrolla el Programa de Maestros Comunitarios, se propone compartir elementos que permitan avanzar hacia la comprensión de procesos más generales que acontecen en el marco de los escenarios de implementación de políticas de “inclusión educativa”. Se entiende que a través de aspectos de la práctica que emergen a partir de la implementación de la política en cuestión, puede accederse a valores y representaciones que, conformando repertorios diferentes, estructuran y orientan las acciones y decisiones de quienes la llevan adelante. Se pretende vincular la forma en que se negocian, transforman y actualizan las construcciones de alteridad de los diferentes actores involucrados, con repertorios morales analizando las negociaciones, tensiones y conflictos del espacio institucional como espacios simbólico.

Nos interrogamos además sobre la vinculación de recursos morales, narrativas y tramas relacionales puestos en juego desde la escuela en el marco del PMC, con procesos del entorno territorial que involucran criterios morales la hora de crear, negociar, disputar, mantener y atravesar fronteras sociales en el escenario urbano estructurado en la dinámica inclusión / exclusión.

Palabras Clave: Alteridades, escuela, moral, tramas relacionales en lo urbano.

INTERVENÇÕES NO BAIRRO DA CAMBOA: OS IMPACTOS NO MODO DE VIDA DE MORADORES DA PERIFERIA DE SÃO LUÍS, MARANHÃO

Isanda Maria Falcão Canjão. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. PPGSOC/ UFMA. Professora de Antropologia no Centro Universitário do Maranhão -Universidade CEUMA;
isanda.maria@gmail.com

Maysa Mayara Costa de Oliveira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. PPGSOC/UFMA;
oliveiracmaysa@gmail.com

Procuramos analisar os impactos da implementação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal, em São Luís-MA, no bairro Camboa, periferia da capital. O programa caracteriza-se por um grande processo de deslocamento populacional que provocou mudanças na paisagem da cidade, com a construção de avenidas e viadutos, e na tipologia arquitetônica/urbanística das residências – pois propunha erradicar “os casebres precários” na favela do bairro Camboa e realojar os moradores em apartamentos com padrão de condomínio.

A intervenção no espaço urbano, não considerou as dinâmicas da produção de identidades e formas peculiares de apropriação do espaço da favela. O governo recorreu a mecanismos generalizantes em detrimento das demandas dos grupos e das realidades localizadas: o processo de distribuição dos moradores nos apartamentos ocorreu através de sorteio, provocando descontinuidades e rupturas, fragmentando o tecido social comunitário, as fronteiras territoriais e pertencimentos existentes. Os deslocados, em sua memória, resgatam um tempo de conforto, segurança e abundância. Esse discurso contrapõe a caracterização da convivência atual, onde destacam um padrão de conflitos e rivalidades. O objetivo principal é compreender como suas identidades são reelaboradas, como ressignificam seu pertencimento nesse contexto, onde destacam a segregação e a dificuldade de tolerância em relação ao outro.

Palavras-chave: PAC, Camboa, deslocamento, conflitos, periferia.

PARQUES PROLETÁRIOS, CRUZADA SÃO SEBASTIÃO E O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: A MORADIA POPULAR COMO DISPOSITIVO DE MORALIZAÇÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO DOS “EX-FAVELADOS”

Wellington da Silva Conceição – UERJ; UFT; welsc29@yahoo.fr;
wellingtoncs@uft.edu.br

Esse paper apresenta uma análise comparativa de três diferentes projetos de habitação popular planejados para acolher moradores removidos de favelas na cidade do Rio de Janeiro: os parques proletários, a Cruzada São Sebastião e o Programa Minha Casa Minha Vida. Apesar de serem projetos realizados em diferentes décadas, por distintos agentes e em diversas circunstâncias, ambos desenvolveram e aplicaram dispositivos disciplinadores e moralizantes como parte importante do seu programa de ações. Por meio de atividades como instruções públicas, fiscalização das práticas, elaboração de “mandamentos” e cursos, essas diferentes políticas de habitação definiram o comportamento e a moral dos “favelados” como algo a ser combatido e superado nesse novo ambiente de moradia, que deveria ser marcado por princípios e valores que se traduziam em categorias como “civilizado”, “urbano” e “cristão”. Essas políticas de

moradia, assim como muitas outras, tiveram um papel essencial no processo de *gestão* da população pobre do Rio de Janeiro pois traziam, por meio de um controle direto, de uma proposta educativa ou por um conjunto de normas, um enredo civilizatório que marcaria a passagem do indivíduo da condição de “favelado” para a de “cidadão”. O presente trabalho se constrói a partir de análises de bibliografia e de documentos especializados e de impressões e dados colhidos durante o trabalho de campo em um dos condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida.

Palavras-chave: Habitação popular – disciplinarização e moralização – favela.

Sesion 4: Moralidades y uso de la fuerza en “periferias”

“PARA LOS QUE DECÍAN QUE NO IBA A VENIR, ACÁ ESTOY”. UN ANÁLISIS ETNOGRÁFICO SOBRE EMOCIONES Y ACUSACIONES MORALES A PARTIR DE UNA MUERTE EN LA COMISARÍA.

Agustin Villarreal. Universidad Nacional de Córdoba-FfyH;
agus.villarreal1901@gmail.com

El 23 de octubre de 2013 moría un joven de 17 años en la comisaría de Capilla del Monte (Córdoba), mientras los policías traducían el suceso como un suicidio, la sospecha familiar llevaba a denunciar la muerte como un hecho de violencia policial.

Esto generó que vecinos de la localidad se manifestaran en contra de esta muerte. Como consecuencia, algunos de ellos vecinos construyeron una Asamblea y comenzaron a reunirse semanalmente en la plaza central de la ciudad, con la participación de la familia. Con el surgimiento de este grupo empezaron a surgir disputas entre sus miembros, que terminaron provocando el distanciamiento familiar.

Para este artículo se va a trabajar en torno al primer aniversario de la muerte del joven, procurando analizar los hechos que se dieron alrededor y que generaron ese distanciamiento familiar a partir de las acusaciones sobre el uso político del muerto. Para ello se busca comprender la dimensión emocional de los familiares y asambleístas, a partir de la construcción de valores morales que se ponen en juego. Así, se busca observar cómo esas prácticas acusatorias, desarrolladas durante este aniversario, son movilizadas por emociones que responden a un universo moral de los sujetos.

Palabras claves: Capilla del Monte- muerte- aniversario- emociones- acusaciones morales.

LA EXPERIENCIA DE LOS FAMILIARES DE LOS JÓVENES MUERTOS FRENTE A OTROS JÓVENES: UNA PERSPECTIVA EN LA RECONSTRUCCIÓN DE BIOGRAFÍAS JUVENILES EN LA ZONA SUR DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Alejandro Marcelo Villa. Investigador asociado, Consejo de Investigación en Salud/Ministerio de Salud/GCABA. Instituto Universitario de Ciencias de la Salud/Fundación H. A. Barceló. Instituto de Investigaciones Gino Germani/FCS/UBA; alejandrovilla2001@yahoo.com.ar

El trabajo presenta resultados preliminares de un estudio más amplio realizado con familiares de jóvenes, entre 15 y 25 años, muertos frente a otros jóvenes.

Utilizamos un diseño cualitativo, exploratorio y descriptivo; compuesto por la reconstrucción de ocho biografías juveniles, mediante un conjunto de entrevistas semiestructuradas (Leclerc-Olive).

Tomando como punto de partida literatura previa de diferentes campos: antropología y sociología de las moralidades (Noel, Balbi, Werneck), sociología de las disputas sociales (Boltanski), sociología de la memoria (Halbwachs), la antropología del dolor (Das) y el psicoanálisis (Butler), se busca conceptualizar la noción de experiencia de los actores.

El trabajo se propone discutir tres “contextos de experiencias” de los actores, los que se vinculan entre sí (Cefai):

1. La ruptura y reordenamiento de relaciones sociales que se producen tras la muerte de un joven.
2. La dimensión cognitivo-moral presente en la disputa social que origina la muerte. Efectivización de pensamientos sociales previos acerca de la posible muerte y el debate posterior en torno de diferentes valores.
3. Imágenes que desencadena la muerte en los cuerpos, en la percepción y en el pensamiento de los actores.

Palabras claves: jóvenes, violencia interpersonal, muerte.

CONFIGURAÇÕES RECENTES NAS FAVELAS CARIOCAS: TRÊS CENAS

DA PACIFICAÇÃO

Daniel Soares Rodrigues

Doutorando em Sociologia pelo IESP/UERJ

danielsoaresrodrigues@gmail.com

Rachel Barros de Oliveira

Doutoranda em Sociologia pelo IESP/UERJ

r.barrosdeoliveira@gmail.com

Thiago Oliveira Lima Matioli

Doutorado em Sociologia pela USP

thiagoolmatioli@gmail.com

Três cenas, três espaços distintos do Rio de Janeiro: policiais de uma Unidade de Polícia Pacificadora se negam a fazer o registro e encaminhar um caso de homicídio entre vizinhos, em uma favela da cidade; noutra, o capitão da UPP se coloca como mediador entre a “comunidade pacificada” e os demais órgãos e serviços do poder público; por fim, em articulação com os meios de comunicação, nota-se o esforço em criminalizar a atuação organizada de moradores de um complexo de favelas, afirmando sua filiação a interesses do grupo varejista das drogas nesse espaço.

As situações descritas acima iluminam alguns efeitos possíveis do deslocamento das preocupações da segurança pública de uma linguagem universalizante, a dos direitos, em que sua função é o controle da ação do poder repressivo para a “linguagem da violência urbana”, nos termos de Machado da Silva, em que ela é reorientada para a manutenção da ordem e a regulação da rotina ordinária na cidade, de modo a afastar os agentes definidos como ameaçadores da vida cotidiana.

Desses efeitos, a partir das descrições acima, esse trabalho pretende mapear a reinvenção da ação policial no espaço favelado, entendido como margem produzida pelo Estado: fugindo de suas funções ordinárias no restante da cidade, se propondo a ser um interlocutor das agências estatais com os moradores das favelas pacificadas ou ainda articulando um discurso hegemônico que enquadra as manifestações populares como orquestradas pelo tráfico. Articuladas, essas ações tem força de convencimento, na opinião pública, sobre a importância e positividade da “pacificação”.

Quinze anos depois da afirmação de que a favela venceu, mas não os favelados, esse trabalho sugere que a UPP venceu, mas é preciso perguntar o quanto ganharam os “pacificados”.

PÂNICO E DISPUTAS MORAIS EM UM BAIRRO PERIFÉRICO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA, PB

Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury (GREM/UFPB - Brasil)

Drando. Raoni Borges Barbosa (GREM/UFPE - Brasil)

Esta comunicação aborda a disputa moral em um regime de pânico instaurado pela mídia sob o impacto da “Chacina do Rangel” no cotidiano dos moradores do Varjão/Rangel, bairro de João Pessoa, Paraíba. A chacina de sete membros de uma mesma família por parentes colaterais em razão aparente de uma repartição desigual de uma galinha foi amplamente explorada pela mídia local, poder público e igreja, desatando uma situação de pânico e disputa moral na cidade e no bairro. O evento que envolveu duas famílias ligadas por um regime de reciprocidade e gratidão, a torpeza dos motivos e os atos de crueldade transformaram o episódio em assunto público, exigindo uma resposta imediata da cidade à tragédia, e do bairro, em estado de choque, face ao evento que os desqualificava moralmente. A banalidade da chacina, e o pânico moral montado pela mídia, colocaram o bairro do Varjão/Rangel em evidência na cidade, ocasionando uma série de atitudes de moralização e controle pelo poder público, pela mídia e pela igreja. Esta comunicação discute uma das formas visíveis de disputa moral acontecida logo após a chacina: a busca de criação de um santuário em memória das vítimas da chacina no local da tragédia pelos moradores e as negociações, tensões, desentendimentos e impasses em torno da possibilidade de sua construção, junto ao processo desencadeado pelo poder público de pacificação do bairro, assumindo o estigma do lugar como violento e perigoso.

Palavras-chaves:chacina, pânico e disputa moral, vergonha desgraça, bairro do Varjão/Rangel, cidade de João Pessoa-PB.

GENTRIFICACIÓN, “INSEGURIDAD” Y LA SOFISTICACIÓN DE LA VIOLENCIA: EL CASO DE LAS “POLÍTICAS DE REVITALIZACIÓN” EN LA CIUDAD DE CURITIBA, BRASIL

Dr. Pedro R. Bodê de Moraes

Universidade Federal do Paraná.

Mst. Carolina Cravero Bailetti.

Universidade Federal do Paraná.

carolcraverobailletti@gmail.com

carol_cravero@hotmail.com

Este trabajo se propone explorar la relación que existe entre las llamadas “políticas de revitalización” de los centros, en su tensión centro/periferia, con discursos e imaginarios sobre inseguridad en las ciudades latinoamericanas y sus efectos gentrificadores.

Se presentará un *estudio de caso* comprendido en una investigación cualitativa que está llevándose a cabo en la ciudad de Curitiba, Brasil, donde se comenzó a ejecutar la “recuperación del centro” de la ciudad. Este proceso se denominó desde el discurso oficial como “revitalización” y cuenta con su calle emblemática: la “Rua São Francisco” que en los últimos tres años pasó de ser un espacio “*cracolândia*” a la última moda entre los jóvenes que se identifican con ciertas expresiones culturales “alternativas/híper”.

El caso de Curitiba muestra como el planeamiento urbano puede tornarse una poderosa estrategia de seguridad en sí mismo ante la demanda de “lugares seguros” por parte de las clases medias y altas. De esta manera, se configura una tensión *protección* (de los ricos) – *represión* (de los pobres y marginados) que produce ciudades latinoamericanas cada vez más segregadas, donde los territorios y el espacio público se convierten en instrumentos de estratificación que dan cuenta de la interseccionalidad de una diversidad de categorías socio-antropológicas: clase, raza-etnia, sexo-género, edad.

Por otro lado, permite identificar claramente la dimensión aséptica del capitalismo, donde determinados espacios públicos deben ser *protegidos y limpiados* (Douglas, 1973) de la presencia de grupos y prácticas consideradas “indeseables”, diseñando fronteras sociales y geografías morales. De esta manera la gentrificación resulta una sofisticación de la violencia por la cual ciertos grupos sociales a través del poder económico se hacen con el espacio público, siendo los aparatos del Estado instrumentos mediadores que intervienen para *proteger* dicho privilegio (Díaz Parra, 2012).

Palabras clave: Violencia – Fronteras – Inseguridad – Moralidades – Gentrificación.

“TEM A LEI DE VOCÊS E TEM A LEI DO CRIME”: UMA PESQUISA SOBRE MORALIDADES ENTRE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI NO DISTRITO FEDERAL

Sophia Prado. Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, especialista em Teoria Geral do Crime pela Universidade de Coimbra

e pelo Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (2014), graduada em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). Advogada Criminalista. Membro do Foro Latinoamericano de Antropología del Derecho-FLAD; sophialucprado@gmail.com

O trabalho proposto é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada em uma unidade de internação para adolescentes em conflito com a lei, todos eles ex-moradores de cidades da periferia de Brasília. Articulando com essa condição peculiar de convivência com uma realidade, para eles, inatingível, que é a do Plano Piloto, pretendo refletir de que forma isso é capaz de influenciar a escolha pela vida no crime bem como pensar sobre as noções de moralidade por eles desenvolvidas ao fazerem a opção pela criminalidade. Como afirma Misse (1999), diante de um contexto em que a transgressão é percebida como um atributo do indivíduo transgressor, surge uma espécie de subcultura de sujeição criminal que passa a ser incorporada pelo próprio indivíduo que se encontra nessa condição. Dessa forma, o sujeito reconhece essa classificação social excludente e, de certa maneira, a assume, porque é o que sabe que representa para esse ente externo a ele: a sociedade. Por outro lado, o fato de ter que lidar com essa condição parece exigir desse sujeito uma necessidade de racionalizar seus atos para criar uma ideologia autojustificadora (BECKER, 1977) que os neutralize. Com isso, eles passam a desenvolver um senso de moralidade que não os condene mas, ao contrário, os conceda honra e prestígio, contexto em que surge a chamada “lei do crime”. Apesar disso, tampouco abandonam completamente a moral legítima dominante, o que os insere em uma situação peculiar de liminaridade (TURNER, 1974).

Palavras-chave: Adolescentes em conflito com a lei; Distrito Federal; Sujeição criminal; Moralidades.

“AQUI ROLA MUITA SACANAGEM”: UPPS, “ESTICAS” E “ACORDO DE CAVALHEIROS” NO COMPLEXO DO ALEMÃO

Vinicius Esperança (viniciusesperanca@globocom) Mestre em Ciências Sociais pela UFRRJ; Doutorando em Sociologia pelo IESP-UERJ

O objetivo deste trabalho é analisar, a partir de etnografia realizada no conjunto de favelas do Complexo do Alemão (RJ), formas pelas quais os agentes do estado gerem a nova forma de ocupação do território através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Entendo a ação destes agentes como determinadas por dispositivos de controle que objetivam uma gestão moral da vida e do cotidiano das populações locais, que vai além do controle das armas e da repressão ao tráfico de drogas. Investigo três situações aos quais considero simbolicamente relevantes para o entendimento das tensões, aproximações e resistências do encontro das populações locais com certos agentes do estado, os policiais militares: a negociação para liberação de eventos culturais; as

abordagens policiais àqueles que têm "atitudes suspeitas"; e as patrulhas realizadas pelos GTPPs (Grupamentos Táticos de Polícia de Proximidade) em busca de drogas e armas pelos becos e vielas do território. Desta forma, pretendo entender alguns aspectos que considero vitais para a discussão dos dispositivos acionados pelo estado na ocupação e gestão das populações faveladas em território sob controle das UPPs.

Palavras-chave: Favela; Segurança Pública; Moralidades; Polícia; Estado.

GT 124. HABITAR LA CIUDAD: VIVIENDA, ESPACIO PÚBLICO Y CONFLICTOS SOCIO-ESPACIALES

Coordinadores:

Dra. Anelise dos Santos Gutterres. Instituto de Filosofía e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. adsgutterres@gmail.com

Dra. Ana Clara Fabaron. Instituto de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín (IDAES-UNSAM). anafabaron@gmail.com

Dra. Vanina Lekerman. Instituto Gino Germani (IIGG) Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de Buenos Aires (UBA). vaninalekerman@gmail.com

HABITAR LA ZONA PORTUARIA: LOCALIZACIÓN, IDENTIDAD Y MEMORIA. LOS SENTIDOS DE LA LUCHA POR LA PERMANENCIA

Lina Magalhaes Maestra en Estudios Urbanos por FLACSO. Investigadora del Departamento de Estudios Políticos de FLACSO-Ecuador.; linamagalhaes7@gmail.com

Desde el anuncio de la victoria de Río de Janeiro como la ciudad anfitriona de la Copa

del Mundo de 2014 y de las Olimpiadas de 2016, la ciudad se convierte en un laboratorio por excelencia de las prácticas capitalistas globalizadoras en el territorio. Bajo el lema “Ciudad Olímpica” son desarrollados grandes proyectos urbanos, y se denuncia un “legado oculto” a ser dejado por estos (mega) eventos. Se evidencian violaciones de derechos humanos, especialmente del derecho humano a la vivienda, y resistencias populares son organizadas en la mayoría de las comunidades afectadas, que luchan, finalmente, por el derecho a la ciudad. En este marco, el presente artículo pretende identificar a partir del análisis de los discursos de los moradores de la favela Morro da Providência los sentidos que alimentan y motivan la acción colectiva de los moradores contra los procesos de remoción en la comunidad. “¿Por qué luchar por permanecer?” es una pregunta clave para comprender mejor el proceso de resistencia comunitaria organizado en la favela desde 2011 bajo las amenazas de remoción del programa Morar Carioca, pero que también podría explicar otros procesos organizativos de la historia de las resistencias de otras favelas en el país, ayer y hoy. La investigación optó por un enfoque etnográfico basado en el acercamiento a los sujetos locales, sus prácticas cotidianas y sus espacios de lucha.

Palabras-clave: Megaeventos, gentrificación, territorio, resistencia comunitaria, derecho a la ciudad.

REMODELACIÓN URBANA Y EMERGENCIA DE NUEVOS ESPACIOS REVALORIZADOS. UN ANÁLISIS DE SUS EFECTOS SOCIALES

Walter Brites; Instituto de Estudios Sociales y Humanos. UNaM;
briteswalter@yahoo.com.ar

Actualmente muchas ciudades latinoamericanas están experimentando un proceso de transformación, fragmentando sus espacios urbanos de acuerdo a la composición social de sus habitantes, redefiniendo áreas de centralidad y periferia. En muchos casos, estas transformaciones se están objetivando sobre la base de grandes obras públicas que afectan a barrios pobres y asentamientos informales. Proceso en el que interviene una alianza público-privada: el Estado y sus programas de intervención urbana y, el mercado a través de sus instituciones financieras/inmobiliarias que estimulan la inversión en áreas de creciente revalorización urbana.

Esta ponencia retoma el caso de las transformaciones acaecidas en Posadas (Argentina), a partir de las obras de infraestructura complementarias a la represa de Yacyretá. La hidroeléctrica Yacyretá debió proveer de defensas costeras a lo largo del río Paraná, rehabilitando amplios sectores urbanos y recomponiendo urbanísticamente a la ciudad. El conjunto de obras costeras está dando lugar a la emergencia de la especulación inmobiliaria e inversión privada, así como a nuevas formas de desplazamientos sin acción directa del Estado. En el marco de estos acontecimientos esta investigación plantea una serie de interrogantes. ¿El nuevo margen de costa y los terrenos liberados están siendo objeto de disputas entre los diferentes sectores sociales?, ¿Sobre qué áreas

de la ciudad está recayendo la especulación inmobiliaria?, ¿Las obras complementarias han generado una inédita revalorización urbana?, ¿Está emergiendo un nuevo patrón de segregación socio-espacial? De ser así, ¿ese patrón tiene connotaciones de gentrificación? Estas y otras cuestiones son analizadas a partir de un abordaje exploratorio descriptivo.

Palabras clave: proyecto de gran escala; renovación urbana; desplazamiento.

“O MEU CAIS É O DE TODOS”: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE AÇÃO POLÍTICA, MEMÓRIA E REVITALIZAÇÃO URBANA NO CAIS MAUÁ DE PORTO ALEGRE

Jose Luis Abalos. Mestrando em Antropologia Social. UFRGS;
abalosjunior@gmail.com

Esta pesquisa antropológica é desenvolvida no âmbito do curso de mestrado acadêmico em Antropologia Social junto ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS) e o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS). Trato dos processos de revitalização urbana que tem lugar na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. Desenvolvo pesquisa etnográfica junto aos movimentos políticos que lutam por uma sensibilização da sociedade civil quanto as transformações propostas ao Cais Mauá. Este é um espaço público histórico de acesso à cidade sujeito a propostas de revitalização por parte das políticas de Governo que não convergem com os interesses da sociedade civil. Focalizo em grupos que disputam os sentidos e as formas habitar esse espaço e apresentam distintas posições frente as mudanças propostas ao Cais Mauá. Denominados “Cais Mauá de Todos” e “Ocupa Cais Mauá” representam um “ativismo urbano” composto por artistas e intelectuais que são referências significativas em Porto Alegre e que se posicionam a favor de uma “revitalização mais humana”. Este paper objetiva relatar a experiência de pesquisa com estes grupos, procedimento que realizo com investimento na antropologia visual, produção e pesquisa com imagens tendo em vista a construção de uma coleção etnográfica a ser inserida no Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

LA SEXUALIDAD EN LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO. DISPUTAS POR EL USO DEL ESPACIO PÚBLICO. EL CASO DE LA ZONA “ROJA” DEL BARRIO DE PALERMO, CIUDAD DE BUENOS AIRES, 1998-2005

Martín Boy; martinboy.boy@gmail.com

Verónica Paiva; vtpaiva@gmail.com

(UNPAZ-UBA-CONICET)

(UBA-UNMdP)

El objetivo de la ponencia es tratar el caso de la “zona roja” de Palermo de la Ciudad de Buenos Aires. Se analizará cómo a partir de las movilizaciones de los actores involucrados y de los cambios de la normativa se produjo un espacio público destinado al ejercicio del comercio sexual, generado luego de varias discusiones relativas al uso legítimo de las calles de la ciudad, en donde algunos vecinos tenían mayor capacidad de incidencia que otros. A partir del relato del caso se apunta a dar cuenta de los imaginarios urbanos en juego y los usos legítimos del espacio, la incidencia de la moralidad en la demarcación territorial e iniciar un debate pendiente dentro de los estudios urbanos relativo al rol de la sexualidad en la producción del espacio público, que es hasta ahora una dimensión poco trabajada.

Palabras claves: Sexualidad – Territorio –Espacio Público.

LUCHA POR LA CENTRALIDAD Y MOVIMIENTOS SOCIALES EN PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ibán Díaz Parra. Instituto Gino Germani, Universidad de Buenos Aires, Becario
posdoctoral Conicet; ibandipar@gmail.com

Los centros de las grandes ciudades latinoamericanas han pasado por procesos complejos, que implican tanto periodos de prolongado abandono y declive, como una más reciente atención por parte de las políticas públicas y del capital. Aunque también han proliferado los trabajos académicos sobre la cuestión, en el tratamiento que se hacen de estas cuestiones, a menudo, la organización popular de base ha recibido poco espacio. El Estado tiende a plantearse como prácticamente el único agente con capacidad para producir la ciudad a una cierta escala, un argumento que no carece de razones de peso, mientras las clases populares aparecen como meras víctimas de procesos de declive o de desplazamiento. Por el contrario, la presente comunicación plantea examinar el rol de la organización popular de base en el devenir histórico de las áreas centrales durante el último siglo, prestando atención tanto a la capacidad de las mismas de producir espacio como de determinar la producción del espacio que desarrollan otros agentes. En este sentido, de partida, la demanda de centralidad parece ser un elemento constante, con fuertes fundamentos materiales, presente desde los movimientos de inquilinos de principios del XX hasta las resistencias más recientes frente a la recualificación de las áreas centrales. Para tratar esta cuestión se desarrollan los casos de la Ciudad de México y la ciudad de Buenos Aires en perspectiva comparada.

Palabras claves: centros urbanos, derecho a la ciudad, movimientos sociales urbanos, recualificación urbana.

LA SEGREGACIÓN SOCIO-ESPACIAL. ABORDAJES DIFERENTES PARA UN FENÓMENO DE MÚLTIPLES DIMENSIONES

Felipe Ochsenius. Equipo de investigación “Antropología, ciudad y naturaleza” del Área de Estudios Urbanos del Instituto de Investigaciones Gino Germani. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires.

Programa de Maestría en Antropología Social y Política, FLACSO Argentina;
basalto1@gmail.com

La segregación constituye un fenómeno característico de las grandes ciudades contemporáneas. Ha sido abordado por diferentes disciplinas, dando cuenta de sus múltiples dimensiones. Aquí pretendemos señalar un recorrido por algunas de dichas dimensiones, considerando y analizando los aportes teóricos relevantes generados desde las ciencias sociales latinoamericanas, como también de importantes referentes del ámbito académico anglosajón.

Considerando la segregación como un fenómeno social que posee una importante e ineludible dimensión espacial o territorial, es que nos interesa destacar aquellos patrones que adquiere el fenómeno, los mecanismos y agentes que la producen, sus diferentes escalas, como también sus modalidades e implicancias para la población segregada. Asimismo interesa resaltar la importancia del trabajo etnográfico como herramienta para el estudio de las subjetividades, los imaginarios y la construcción de la diferencia tanto social como espacial en contextos que varían histórica y culturalmente. Desde esta propuesta metodológica las investigaciones comparten un modo de observar la ciudad que se centra en las prácticas, las relaciones y los sentidos sociales de los actores urbanos. Interesa, por lo tanto, indagar en aquellas dimensiones que dan cuenta de las diferencias de poder y desigualdades socio-espaciales y en cómo están significadas y representadas en el espacio urbano.

Palabras claves:Segregación, proximidad espacial, heterogeneidad social, prácticas de diferenciación, marginalidad.

A ROCINHA E O MERCADO IMOBILIÁRIO INFORMAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: AS VÁRIAS FORMAS DE PRODUÇÃO DA MORADIA NA FAVELA CONTEMPORÂNEA

Gerônimo Leitão: Arquitecto, Professor Doutor - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense; Laboratório de Etnografia

Jonas Delecave: Arquiteto, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dulce Keuchkarian: Graduanda, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo,
Universidad de Buenos Aires

Este trabalho aborda o surgimento de um mercado imobiliário informal – para locação e venda –, na comunidade da Rocinha, no município do Rio de Janeiro – um dos maiores assentamentos informais do Brasil com cerca de 100.000 habitantes –, e que também é observado em outras favelas cariocas. O período delimitado para o estudo tem início com a mudança da relação Estado/Favelas, iniciada na década de 1980, com o reconhecimento dos assentamentos informais como parte integrante da cidade. A pesquisa analisa a produção da moradia realizada não pelos regimes de autoajuda ou de ajuda-mútua – ainda que presentes na favela –, mas por processos que remetem à incorporação imobiliária, característica do mercado formal, com a construção sendo executada por empreiteiros locais, segundo “projetos” financiados por moradores da comunidade ou, mesmo, de outros bairros da cidade. Com este trabalho, pretendemos contribuir para a compreensão da dinâmica da produção da moradia na favela contemporânea, em que processos de construção com características absolutamente distintas coexistem, dando origem a espacialidades diferenciadas, ainda que com elementos comuns. Pretendemos, também, contribuir, com nossos estudos, para a implementação de políticas públicas de regularização urbanística e fundiária em favelas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Produção Imobiliária Informal; Morfologia da moradia na favela; Favela da Rocinha; Assentamentos Informais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro; Urbanização de Assentamentos Informais.

Emilia Abin Gayoso; Centro Universitario Regional Este, Udelar URUGUAI;
emiliabin@gmail.com

Desde hace 30 años Ciudad Vieja de Montevideo atraviesa un proceso de transformación urbana dirigido por el Estado nacional y el Gobierno municipal que apuesta a convertir el viejo barrio deprimido y desvalorizado en un Casco Histórico rehabilitado y revalorizado. Este proceso implicó un primer momento de reconocimiento por parte del Gobierno local del valor patrimonial del barrio histórico, y su declaración como área protegida, deteniendo entonces las destrucciones de edificios históricos en aras de la modernización de la City y el puerto nacional. Esto trajo aparejadas las consecuentes subas del valor del metro cuadrado y el comienzo de los reciclajes para viviendas y oficinas, unos con apoyo público, otros con inversiones

privadas nacionales e internaciones. Luego vinieron los desalojos de personas de bajos recursos que habitaban en calidad de ocupantes ilegales, viejos hoteles y edificios venidos a menos. Lentamente los vecinos se fueron organizando para resistir y defender su derecho a vivir en su barrio. Surgen así las cooperativas de vivienda de ayuda mutua por reciclaje como estrategia de permanecer en la centralidad, en el Casco Histórico de la capital del país. Este proceso sigue hasta hoy. La rehabilitación y revalorización de Ciudad Vieja continúa avanzando por la península como una mancha de aceite en expansión.

En esta instancia propongo analizar el rol contradictorio del gobierno local de izquierda que al mismo tiempo que busca defender Ciudad Vieja como barrio para sus residentes, habilita un proceso de gentrificación a la uruguaya, es decir, lento, negociado, negado.

Transformación urbana / Ciudad Vieja / Casco Histórico / gentrificación / Gobierno local.

PASSO DOS NEGROS: SIGNIFICADOS, CONFLITOS E MODOS DE HABITAR DE UMA REGIÃO QUE IMPULSIONOU O DESENVOLVIMENTO E ACABOU SE TORNANDO PERIFÉRICA

Dayanne Dockhorn Seger; dayannedockhorn@gmail.com

Isis Karinae Suárez Pereira; isiskspereira94@gmail.com

Jaciana Marlova Gonçalves Araujo; jacianamga@hotmail.com

Dr^a. Louise Prado Alfonso; louise_alfonso@yahoo.com.br

Universidade Federal de PelotaS

Falar de grupos subordinados quando trabalhamos com uma população colocada às margens do “progresso” da sociedade possibilita inúmeros panoramas. O nosso trabalho se desenvolveu em uma região às margens do Canal São Gonçalo, importante via fluvial da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, região marcada pelo uso de mão de obra escrava na pujança das grandes produções de charque, e posteriormente durante o ciclo do arroz. O que nos levou à campo foi a possibilidade de incluir a comunidade no discurso e na prática arqueológica local. O mundo com que nos deparamos, denominado *Passo dos Negros*, tornou-se imenso aos olhos de antropólogos e arqueólogos em formação. Para além do passado de escravidão, os relatos dos moradores atuais da região alertam para uma série de conflitos sócio-espaciais, pois vários destes são posseiros e tem que lidar com a crescente exploração imobiliária no local, crescente desde que um condomínio de luxo foi instalado a poucos metros de suas casas; os pescadores, às margens do canal, lutam não apenas para manterem suas casas, mas pelas questões ambientais relacionadas à água, hoje poluída, e pelo direito da pesca. O esquecimento público, os constantes alagamentos, a falta de saneamento, a água e a energia elétrica instaladas de forma improvisada, assim como a lama consequente dos

dias de chuva, contrastam com os relatos dos moradores mais antigos, que remetem aquele espaço ao passado, seus caminhos, seus usos e as reminiscências de um local de grande importância para a história e formação da cidade.

Palavras-chave: Cidade; conflitos sociais; modos de habitar; escravidão; exclusão social.

ESTRATEGIAS DE EMBELLECIMIENTO Y TURIFICACIÓN DEL PATRIMONIO EN EL MARCO DEL PROCESO DE RECUALIFICACIÓN URBANA EN LA ZONA SUR DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Mariana Gomez. Área de Estudios Urbanos. IIGG- FSOC- UBA;
marianghs@hotmail.com

Las estrategias de embellecimiento y turificación del patrimonio forman parte central del proceso de recualificación urbana de la zona sur iniciadas en la década del 90”, pero será a partir del año 2001 en el marco de una crisis política, social, institucional y económica de gran envergadura, que en la ciudad de Buenos Aires comenzaron a delinearse e implementarse distintas estrategias tendientes a posicionar a la ciudad como destino turístico cultural. De allí a la actualidad, se ha asistido a la puesta en marcha de diversas estrategias de “*city marketing*” con el objetivo de embellecer la ciudad en un contexto donde cobra gran protagonismo la estetización de la experiencia urbana y los bienes intangibles se vuelven ‘mercantilizados’ a través de la activación patrimonial. La activación patrimonial tanto de bienes, como de espacios y símbolos delimitará lo que es digno o no de ser preservado y embellecido en pos del usufructo de los ciudadanos, sino también de un consumo masivo que genere una rentabilidad necesaria para su puesta en valor, la cual no sólo permite legitimar los proyectos inmobiliarios como viviendas u oficinas de categoría, sino que también resignifica el área a través de estrategias que procuran mejorar sus condiciones de “atractividad” para la inversión privada orientada a sectores de recursos medio o altos.

En este trabajo nos proponemos analizar la relación entre las políticas locales de patrimonialización y valorización turística, y los procesos de estetización de ciertas áreas y barrios de la Ciudad de Buenos Aires. Se examinarán también las percepciones que los vecinos de la zona sur tienen en torno a las políticas públicas locales, con la finalidad de entender los diferentes modos de concebir y experimentar las estrategias de “embellecimiento estratégico” y “puesta en valor” en el contexto de un proceso de transformación socio espacial global que enfatiza los cambios de los paisajes a través de la conformación de nuevas centralidades urbanas sostenidas en procesos de turificación.

Palabras claves: recualificación urbana-turificación.- patrimonialización – paisajes

urbanos- estatización.

A CASA E OS SENTIDOS DE HABITAR A CIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Heloísa Lobo. Mestre em Ciências Sociais – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ)
heloisacrlobo@hotmail.com

O presente trabalho parte de uma pesquisa mais ampla de investigação do processo de *remoção* de famílias moradoras do Mercado São Sebastião, zona norte, que foram *reassentadas* em condomínios de apartamentos do programa federal brasileiro “Minha Casa Minha Vida”, localizados nos bairros de Campo Grande e Santa Cruz, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O Mercado São Sebastião é uma área de grande importância no cenário econômico local e regional, pois abriga inúmeros galpões destinados ao armazenamento de produtos alimentícios e a Bolsa de Gêneros Alimentícios (BGA), que dentre as suas atividades, define o preço de alguns destes produtos, consumidos na cidade. A retirada dos moradores se colocou no horizonte de ação dos empresários associados à BGA e do poder público em outros contextos, mas apenas se realiza em 2012, com o anúncio da execução de um antigo “projeto de revitalização” da área. Entre os moradores participantes da pesquisa, a ação se apresentou como oportunidade de obter uma moradia digna através do acesso ao programa habitacional em questão. A partir de material etnográfico recolhido de 2012-2014, o trabalho tem como objetivo refletir sobre esta “adesão” a partir dos nexos existentes entre as dinâmicas familiares e os trânsitos e percursos em busca de uma casa na cidade. Para tanto, apresento como a adesão foi elaborada como uma escolha para alguns moradores e concomitante, que ela não implica necessariamente se enquadrar as intenções e medidas elaboradas pelo poder público, desvelando assim outros sentidos de habitar a cidade.

Palavras-chaves: deslocamento habitacional, remoção, dinâmica familiar.

TRAJETÓRIAS E MODOS DE NARRAR: HABITANTES DE UMA PRAÇA NA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO

Renata Carvalho. Mestranda (PPGS - Universidade Federal Fluminense);
renatacrodrigues@gmail.com

A reflexão aqui proposta é fruto de pesquisa etnográfica realizada atualmente na zona norte da cidade do Rio de Janeiro junto a pessoas em situação de rua que

habitam/ocupam a praça Jardim do Méier e seus arredores. Tendo em vista menos as unidades prontas previamente estabelecidas (cidade, bairro, praça) e mais os territórios criados através de diversas estratégias de sobrevivência nas ruas, esta pesquisa constrói-se entrelaçada às experiências cotidianas dos sujeitos, compreendendo que a partir da movimentação pedestre, o morador de rua também alarga seu universo de interlocuções e amplia a geografia alcançada na própria cidade.

Nesse universo empírico, os corpos relacionam-se diretamente ao chão, de tal modo que a história passa a ser marcadamente corporal; como através da exibição de cicatrizes e marcas, essas pessoas falam de si, de suas trajetórias e experiências, construindo uma dialética entre a subjetividade e as práticas cotidianas do mundo material. Narrativas do trauma e da violência, estas falas e corpos revelam as contradições de trajetórias que extrapolam as dualidades entre o *público* e o *privado*, a *casa* e a *rua* e até mesmo as fronteiras entre o *legal* e o *ilegal*.

Interessa elucidar os diferentes agenciamentos demandados pela vida nas ruas; os saberes, estratégias e relações criadas através dos usos do espaço e também do corpo, assim como as tensões em torno dos projetos urbanísticos que excluem estes modos de vida do imaginário próprio às cidades modernas contemporâneas.

Pessoa em situação de rua; corporalidade; narrativas; trajetórias; urbano

HACER MEMORIA Y APROPIARSE HACIA EL EJERCICIO PLENO DEL DERECHO A LA CIUDAD

Leticia Folgar. Equipo docente del Programa Integral Metropolitano, Universidad de la República (UdelaR) Uruguay. Núcleo organizaciones, trabajo comunitario y derecho a la ciudad; leticia.folgar@gmail.com

La ponencia se enmarca en el proceso de trabajo a nivel territorial que realiza la Universidad de la República de Uruguay a través del Programa Integral Metropolitano (PIM) en el realojo del asentamiento Boix y Merino en el territorio de Malvin Norte

Desde el proceso de trabajo con otros actores locales en relación a la rehabilitación de un espacio público central en el realojo, se propone compartir aspectos que surgen del trabajo de intervención que se viene realizando en este territorio como espacio de reproducción social y material referente de identidades sociales distintivas y representaciones simbólicas dentro de la vida urbana. En particular se compartirán reflexiones a partir de la participación en una intervención en curso que pretende promover la participación, la apropiación de los espacios públicos y la integración social territorial en base a recursos y actores locales. El proceso de trabajo para la realización de una muestra fotográfica colectiva a cielo abierto, intentará generar el encuentro de las diferentes miradas coexistentes del territorio y que configuran la identidad barrial dando cuenta de su complejidad.

Se busca aportar en los procesos de reconstrucción de la memoria del barrio, como

forma de trabalhar sobre uma de las dimensiones que pesan a la hora de generar procesos de integración y de convivencia.

El sentido de la intervención que se orienta a revertir procesos de estigmatización y promover procesos de resignificación de la identidad barrial, desarrollo de pertenencias y apropiación del espacio público, nos invita a pensar junto a la población en un fortalecimiento de una organización barrial que coloque en su horizonte estrategias que amplíen su mirada hacia el conjunto de dimensiones que se definen dentro de la lucha por el derecho a la ciudad.

Palabras clave: habitar – conflicto– identidades urbanas -espacio público.

“FAVELA” NOVA VELHA JAGUARÉ: MORADIA ATÁVICA VERSUS ESPAÇOS PÚBLICOS

Maria de Lourdes Zuquim. Professora da Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; mlzuquim@hotmail.com

Este trabalho apresenta um estudo sobre o uso e apropriação dos espaços públicos em favelas pós-urbanizadas e analisa as forças sociais que movem este processo. Adota a Favela Nova Jaguaré como exemplo emblemático da intervenção recente no município de São Paulo. Desde os anos 80, diversos municípios brasileiros tomaram a iniciativa de enfrentar a problemática da precariedade urbana, mas é somente a partir dos anos 2000 que importantes mudanças na política urbana e, por conseguinte na intervenção em favelas começam se realizar. A mudança na política urbana e os investimentos realizados definiram novo quadro político-institucional para ação pública em favelas, no caso do município de São Paulo com o Programa de Urbanização de Assentamentos Precários (2005). Estas obras ao mesmo tempo que trazem importantes avanços na universalização da infraestrutura não trazem consigo normas ou sistemáticas de controle urbano ou mesmos processos de fortalecimento popular para gestionar o território, especialmente dos espaços públicos e áreas livres. A desvinculação entre urbanização e controle urbano, autogestionados ou não, consente processos de reocupação das áreas destinadas ao uso público – livre e lazer. Estas áreas, na maioria das vezes antigas áreas de risco, foram ou estão sendo “organizadamente” reocupadas por moradias, como uma memória atávica do lugar que recorrentemente quer voltar a sua origem – moradia. Com o objetivo de contribuir para o debate da ação pública em intervenção de favelas fica a seguinte pergunta “Espaços públicos em assentamentos populares: apropriação por quem? Para quem?”

Palavras-chave: espaços públicos, favela, intervenção urbana, política urbana.

ESTRATÉGIAS DE GESTÃO POPULACIONAL NOS PROCESSOS DE REMOÇÃO DE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO: O “TEMPO DO RUMOR” E

OS “AGENTES PÚBLICOS INFORMAIS”

Alexandre Magalhães. Rio de Janeiro – FGV; alex.socio@gmail.com

O objetivo desta comunicação é apresentar parte da discussão que realizei em minha tese de doutorado, onde abordei o que chamei de reatualização dos discursos e práticas de remoção de favelas no Rio de Janeiro, Brasil. As inúmeras práticas estatais que visam levar adiante os processos de remoção nos últimos anos (especialmente a partir de 2009) sugerem a produção e reprodução de formas específicas de poder que se estruturam nas dimensões mais ínfimas da trama urbana. Durante a pesquisa, pude observar como os procedimentos estatais se diversificavam e se atualizavam ao longo das interações estabelecidas entre os agentes públicos e os moradores de favelas em situação de remoção. No período compreendido pela pesquisa por mim realizada, observei diversas situações nas quais o Estado experimentou tecnologias diferentes para lidar com os moradores de favelas quando pretendia removê-las. Busco, sobretudo, compreender como estes mecanismos se coadunam para fazer emergir, desde dimensões infinitesimais da vida cidadina contemporânea, uma lógica de estruturação das relações entre margens e Estado que apontam para mudanças significativas na maneira pela qual direitos, leis, política e democracia são apreendidos na atual conjuntura, não apenas em sua dimensão local, mas internacionalmente. Neste sentido, apresentarei duas estratégias de gestão que puderam ser visualizadas exatamente nos instantes em que ocorriam, quais sejam o “tempo do rumor” e do recurso aos próprios moradores para efetivar a intervenção estatal.

Palavras-chave: favelas – remoções – intervenção – rumores.

DE “MANCHA” A “CARTÃO POSTAL”: REPRESENTAÇÕES DE MORADORES ACERCA DO HABITAR NA ÁREA DO SÍTIO FERROVIÁRIO DE SANTA MARIA, RS, BRASIL

Danielle FAccin. Arquiteta e Urbanista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/Superintendência do Maranhão) e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); daniellefaccin@gmail.com

Santa Maria, município de médio porte do interior do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, teve seu desenvolvimento urbano muito influenciado pelas atividades ferroviárias que ali se instalaram no final do século XIX. Com a crise da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima que desencadeou na privatização das ferrovias brasileiras e na quase extinção do transporte ferroviário de passageiros no país na década de 1990, Santa Maria sofreu consequências diretas, principalmente na área urbana de maior influência das atividades ferroviárias na cidade, conhecida como Sítio Ferroviário de Santa Maria. Tal processo de transformação compreendeu o “abandono”

da área do Sítio Ferroviário, sua patrimonialização e, mais recentemente, a revitalização urbana de alguns de seus espaços promovida com investimentos públicos. Diante de tal contexto, a proposta desse trabalho visa apresentar as representações dos moradores da área do Sítio Ferroviário de Santa Maria em relação às transformações sofridas sobre o habitar nesse local da cidade nos últimos vinte anos. Tendo como base uma pesquisa etnográfica empreendida entre os anos de 2012 e 2013 e que gerou uma dissertação de mestrado acerca do tema, o trabalho discorre sobre a produção de significados acerca dos espaços públicos do Sítio Ferroviário de Santa Maria, construídos entre práticas cotidianas e percepções de seus moradores, o que entendemos fazer parte de um movimento recíproco que influencia os modos de apropriação dos espaços da cidade, permeados por conflitos, aspirações e interesses dos mais diversos atores da sociedade.

Palavras-chave: Sítio Ferroviário de Santa Maria; degradação urbana; patrimonialização; revitalização urbana; moradores.

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA URBANA DE MORAR PRÓXIMO A UM “COMPLEXO PENITENCIÁRIO”

Fábio Araújo. Doutor em Sociologia PPGSA/IFCS/UFRJ;fabioaraujoster@gmail.com

O Brasil possui uma população carcerária que soma atualmente 607.731 pessoas, o que significa a quarta maior do mundo. Uma das expressões/consequências da expansão do encarceramento em massa na sociedade brasileira tem sido o aumento em grande ritmo e escala da construção de presídios. O uso do território pelo sistema penal e seus efeitos na produção do espaço e da sociabilidade urbana é o tema a ser abordado nesta apresentação. A partir de uma pesquisa de inspiração etnográfica, ainda em início, serão apresentadas algumas notas etnográficas sobre a experiência urbana de morar próximo a um “complexo penitenciário”. Trata-se do Complexo Penitenciário de Gericinó, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, formado por 26 instituições que incluem cadeias, penitenciárias, hospitais, sanatórios. Em torno do “complexo” uma teia de atores, relações e circuitos se constitui: agentes penitenciários, presos, moradores, comerciantes, familiares em visita aos presos, agentes religiosos, etc. Este trabalho pretende explorar os conflitos, os significados, e a experiência urbana que se constitui a partir dos usos do território pelo sistema prisional.

Palavras-chave: prisão, território, moradia, experiência urbana

PRACINHA DA VITÓRIA: ESPACIO, IDENTIDAD Y RESISTENCIA

Aiano Bemfica Mineiro. Estudante de Antropologia Social en la Universidad Federal

En el mes de junio de 2013, en Brasil, ocurrieron importantes manifestaciones de masa que se alastraron por diversas ciudades del país. Fue en este entonces que nació, en la ciudad de Belo Horizonte, Minas Gerais, una de las expresiones más populares del periodo: las ocupaciones urbanas urbanas Rosa Leão, Esperança e Vitória. El conjunto de comunidades, también conocidas como “Ocupações da Izidora”, surgió espontáneamente y hoy está compuesto por casi ocho mil familias de menores ingresos, con poco o ningún vínculo previo entre sí y originarias de distintas regiones de la ciudad. Los dos años que siguieron se consolidaron como un tiempo de conflictos y disputas entre el Estado, los intereses de sectores privados – que reclaman el derecho a la propiedad de la tierra – y las familias y movimientos sociales..Actualmente, la región de Izidora aparece como uno de los más grandes conflictos de tierras urbanas de Latinoamérica. Eso dicho, este trabajo se propone a reflexionar sobre el rol que la

Plaza de la Ocupación Vitória cumple en la construcción identitaria de esa comunidad. Tal propuesta se desarrolla a partir de inmersiones a campo y materiales audiovisuales registrados al largo de ese período, de reuniones y asambleas al marasmo cotidiano. De proyecciones de cine a las fiestas tradicionales. De recitales a velatorios, la plaza se revela como lugar en construcción, escenario de encuentros, diálogos y performances durante diferentes momentos del proceso de resistencia.

IMAGENS ARTESANAIS E PERCEPÇÕES AMBIENTAIS: ETNOGRAFIA COM JOVENS ESCOLARES EM UMA REGIÃO DO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO UTINGA (PARÁ, BRASIL)

Breno Augusto Garcia Sales. Mestre em Ciências Sociais – Antropologia (UFPA/FAPESPA/SEDUC); slbreno@hotmail.com

Esta comunicação trata das *percepções* de jovens escolares sobre os seus *ambientes* (Ingold, 2000) de estudo e moradia, o qual corresponde à *região* (Bourdieu, 1989) do entorno de uma área integralmente protegida na região metropolitana de Belém (Pará, Brasil). A aproximação junto aos jovens foi realizada em dois momentos: a primeira através de uma “oficina de mapas” e a segunda por meio de uma oficina de fotografia artesanal (*pinhole*). As duas atividades colaboraram tanto para uma maior integração do pesquisador com os interlocutores como também para iniciar a construção dos dados, cujos resultados se constituíram no aporte para buscar pistas para a seguinte pergunta: diante do novo cenário ensejado pela criação de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral (Parque Estadual) em uma área então percebida como extensão das residências, como os jovens moradores compatibilizam este fato e o tipo de circulação que estabelecem nos seus espaços de vivência e lazer? Ao construirmos a câmera e iniciarmos o ensaio fotográfico no intuito de responder a esta questão, as imagens demonstraram as dimensões humana e não humana de seus espaços, demonstrando, sobretudo, a ambivalência destas dimensões retratadas no quintal da residência, no

animal de estimação, no diploma do curso e na bicicleta de uso cotidiano. Somam-se a estes produtos a construção e operacionalização da câmera *pinhole*, que, por sua vez, se constituiu em um exercício de estranhamento e educação do olhar por parte destes jovens sujeitos.

Palavras-chave: percepção ; ambiente; fotografia; juventude; espaço público

IMAGENS E NARRATIVAS DA REMOÇÃO: SOBRE OS ASPECTOS DO MORAR EM PROCESSO DE REMOÇÕES E DESPEJOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Ana Cristina de Mello Pimentel Lourenço. Rio de Janeiro IFRJ;
ana.lourenco@ifrj.edu.br

O presente trabalho aborda os aspectos presentes no ato de morar evidenciados no processo de deslocamento de moradores em razão de intervenções do poder público para a reorganização do espaço urbano. O poder público municipal da cidade do Rio de Janeiro, palco de transformações em decorrência da realização das Olimpíadas de 2016, vem operando ações de remoção de moradores em vários pontos da cidade, ensejando ações de resistência realizadas por moradores e ativistas com o objetivo de problematizar o traçado planejador, que vem elegendando áreas ocupadas por favelas provocando o deslocamento daquelas populações.

Acompanhei o processo de remoção de moradores da Vila Autódromo, localidade vizinha ao Parque Olímpico, do ponto de vista da produção de imagens e narrativas veiculados nas redes sociais que destacavam aspectos sobre o morar, compondo uma combinação de elementos acerca da vida e da sociabilidade no local, da história da ocupação entrelaçada às histórias da vida pessoal dos que ali habitavam, das características pacíficas e ordeiras de seus ocupantes, de concepções sobre a justiça e sobre a favela, compondo um emaranhado de significados produzidos pela resistência.

Busco mostrar como as narrativas e imagens produzidas sobre a remoção problematizavam aquela situação imposta pelo poder público, configurando um cenário de disputas, de apresentação de demandas, de construções e reconstruções produzidas por um conjunto de conexões, ações e linguagens capazes de promover a problematização de uma questão.

ENTRE EL ESTADO Y EL MERCADO: POLÍTICAS DE PLANIFICACIÓN URBANA Y ESTRATEGIAS HABITACIONALES EN UN BARRIO MARGINAL DE LA CIUDAD DE POSADAS, MISIONES

Gonzalo Ariel Millán. Antropólogo Social, Universidad Nacional de Misiones. Becario

Doctoral CONICET en el Programa de Posgrado en Antropología Social, UNaM;
gonzalo.ariel.millan@gmail.com

En el presente trabajo buscamos describir las consecuencias del fracaso de un programa federal de viviendas en la dinámica social de un barrio periférico de la capital de la Provincia de Misiones, Argentina.

A mediados de la década de los 90 y como parte de un programa nacional de vivienda se crea un barrio en un terreno privado ubicado en una zona despoblada y periférica de la ciudad de Posadas, con el objetivo de satisfacer las necesidades de vivienda de un conjunto heterogéneo de personas desplazados de sus respectivos lugares de residencia. A dos años de su fundación, sin embargo, el programa desaparece por falta de financiamiento y los residentes quedan librados a su suerte como ocupantes de un terreno privado con apenas un contrato caduco en mano, desprovistos de servicios básicos como luz o agua y completamente desconectados del resto de la ciudad.

Entretanto, en este proceso el territorio y sus ocupantes han sido sucesivamente etiquetados como “pobres”, “ocupantes ilegales”, “villa emergencia”, entre otras, lo que ha contribuido a que sean objeto de atención de diversas políticas sociales y organismos, tanto públicos como privados.

Transitando esta situación de incertidumbre, los residentes han desarrollado distintas estrategias con el fin de garantizar su supervivencia. Entre éstas, analizaremos en particular una práctica de traspaso de los contratos de compra-venta a nuevos residentes, sustentada por una lógica de ocupación y apropiación del espacio bastante diferente de la establecida por las instituciones y agentes estatales y la que impera en el mercado inmobiliario.

A PRODUÇÃO POLÍTICA DA VIOLÊNCIA NOS DISCURSOS SOBRE MORTES DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – PPGA/UFF;
tomas.gomes@gmail.com

A existência de ataques seguidos de morte e demais violações contra pessoas que dormem e sobrevivem nas ruas e albergues é algo recorrente nas capitais e grandes cidades brasileiras. Em meu percurso de pesquisa e trabalho de campo desenvolvido nos últimos anos (2009 a 2015) pude acompanhar alguns desses casos desde perspectivas diversas, e assim, creio ter conseguido perceber questões importantes para compreensão

do contexto dessa violência direcionada a pessoas sem domicílio fixo, além de particularidades que permeiam a constituição de discursos de ódio, sua naturalização, e, em alguns casos, a produção de legitimação sobre esses crimes. O objetivo do texto, portanto, será apresentar elementos que evidenciam sentidos acerca da morte de pessoas em situação de rua. Tratar-se-á de refletir sobre a produção de representações que constituem o segmento como grupo populacional indesejável, por vezes exterminável, e os limites em que tais representações se esgotam em termos de legitimação pública. Para isso, recorrerei à apresentação de alguns casos e os debates suscitados por eles, o contexto de recepção e avaliação de grupos de defesa dos direitos humanos, trechos de discursos midiáticos, policiais e mesmo por parte de pessoas comuns – materializados na dita “opinião pública”. Por fim, entre casos de morte por hipotermia e pessoas sendo incendiadas sumariamente enquanto dormem nas ruas e demais logradouros públicos, o desfecho dessa história é a responsabilização das vítimas por sua própria sorte, tendo a falta do domicílio e a utilização privada do espaço público como principais elementos motivadores dos ataques.

Palavras-chave: População em situação de rua; Direitos humanos; Morte violenta; Conflitos sócio-espaciais.

POLÍTICAS DE ACCESO AL SUELO Y DERECHO A LA CIUDAD: ¿UNA RELACIÓN POSIBLE?

María Laura Canestraro. (CONICET – UNMDP); mlcanestraro@gmail.com

Durand Lasserre (1997) plantea que el acceso al suelo urbano constituye un factor decisivo en la integración a la ciudad, una forma de reconocimiento de ciudadanía; sin embargo, advierte que también es un elemento de exclusión. En tal sentido, a lo largo de la década de 1990, la ilegalidad en el acceso al suelo en las ciudades latinoamericanas pasó de ser excepcional a ser generalizada (Clichevsky; 2003; Fernandes; 2003). En ese contexto, prescindiendo de una estrategia de producción de suelo urbano, proliferaron los procesos de regularización dominial que con un limitado alcance no lograron revertir el fenómeno ni plantear una estrategia superadora.

En la última década, y en el marco de la redefinición de algunas políticas sectoriales, se intensificaron las acciones estatales tendientes a viabilizar el acceso al suelo y la vivienda para diversos destinatarios y bajo diferentes modalidades, entre las que se destaca el Programa de Crédito Argentino del Bicentenario que constituye una novedosa iniciativa para sectores medios que habían quedado por fuera de las operatorias masivas recientes. Si bien merece destacarse el alcance que ha tenido, resulta necesario poner en cuestión una diversidad de efectos controversiales que ha generado en términos de la satisfacción de otras necesidades ligadas al habitar y que remiten inexorablemente al renovado debate sobre el derecho a la ciudad.

El propósito de este trabajo es problematizar la relación existente entre este tipo de

intervenciones estatales y las múltiples dimensiones implicadas en la enunciación y efectivo ejercicio del derecho a la ciudad.

Palabras clave: políticas públicas - acceso al suelo – derecho a la ciudad.

LA CONSTRUCCIÓN DE LA COMUNIDAD. PRACTICAS, SENTIDOS Y CONFIGURACIONES DENTRO DOS BARRIOS - MTD (RESISTENCIA - CHACO)

Cyntia Itatí Núñez. Centro de Estudios Sociales (CES - UNNE); cyntia_n@hotmail.com

La historia de los Movimientos de Trabajadores Desocupados (MTD) de la ciudad de Resistencia (Chaco) está fuertemente marcada por la ocupación de tierras (Barreto, 2002) de allí que el acceso a la vivienda digna se haya convertido en una demanda puntual, junto a las de empleo, salud y educación. La conformación de complejos barriales propio de los MTD se han consagrado como los espacios de resolución de estas demandas a partir de la implementación de políticas sociales focalizadas de atención al sector que promocionan la autoconstrucción. Estas condiciones abren una serie de cuestiones a pensar dado los sentidos construidos de parte de los actores en torno a la autoconstrucción, la comunidad, la ocupación de la ciudad, la legalidad vs. la legitimidad de estos espacios.

De este modo, se propone indagar en las prácticas y los sentidos que disponen los actores en sus comunidades, a partir de lo que significa habitar, material y simbólicamente pero también de las configuraciones (en el sentido dado por Elias, 2008) que se despliegan en dos casos particulares: MTD Emerenciano, MTD 17 de Julio, los que pueden ser observados complementaria como comparativamente a partir de sus características organizacionales y de liderazgo.

ESPAÇOS E FRONTEIRAS: (DES)CONTINUIDADES DO HABITAR NO CONDOMÍNIO POPULAR ITAMAR FRANCO NA CIDADE DE DEUS

Dafne Jazmin de Azevedo Velazco. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); dafnejav@gmail.com

A proposta deste trabalho é analisar as implicações e efeitos da produção de habitação em larga escala através do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) no Rio de Janeiro e suas particularidades na Cidade de Deus (CDD). Originada no contexto das remoções encampadas pelo governador Lacerda nos anos 60, a CDD é um conjunto de

conjuntos habitacionales construídos ao longo das últimas décadas. Partindo da pesquisa etnográfica realizada no condomínio Itamar Franco, empreendimento do PMCMV, o artigo possui dois eixos. Em primeiro lugar, interessa analisar as (des)continuidades das políticas habitacionais no local – as disputas em torno da efetivação do projeto, os sujeitos locais e sua relação com os agentes do poder público, os discursos acionados pelo estado para legitimar tais políticas. O segundo eixo está voltado para a compreensão das práticas e estratégias adotadas pelos sujeitos nos processos do habitar. Ainda que as estruturas do espaço tencionem prescrever comportamentos, de que formas os sujeitos, na medida em que habitam, também constroem e alteram o ambiente? A partir de uma análise dos percursos e usos do espaço realizados cotidianamente, interessa pensar o habitar do novo condomínio como um fluxo que recria as fronteiras do familiar. Se por um lado a categoria “remoção” está em pauta, a ambigüidade discursiva apresentada pelos moradores contemplados pelo PMCMV permite problematizar a perspectiva que os coloca como passivos no processo de mudança.

Palavras-chave: percursos, habitação, favela, MCMV.

ASENTAMIENTOS RECIENTES EN VILLA 15: NUEVAS CONFORMACIONES EN LA PRODUCCIÓN DEL HABITAT

Ricardo de Sárraga; ricardodesarraga@yahoom.com.ar

Fernández Inés; inesfe@yahoo.com

Centro CIHaM, Centro de investigación Hábitat y Municipio –FADU-UBA

Se analizan los nuevos asentamientos producidos por tomas de tierras en los márgenes de la Villa 15: Barrio Scapino (ocupación de una traza ferroviaria hacia Av Gral. Paz en 2006) y los barrios sobre Av. Santander, San Pablo (2008), Santa Lucía (2010) y San Cayetano (2012). Presenta los resultados de la convergencia en el territorio de actores académicos, gubernamentales y organizaciones barriales¹. El enfoque transdisciplinar adoptado para analizar conjuntamente el desarrollo territorial y sus actores articula aspectos técnicos, sociales y legales de los diferentes campos de la arquitectura, del urbanismo, de la gestión y la administración del territorio. Es a su vez, un enfoque comprensivo, que nos permite indagar acerca de las acciones de los habitantes y sus sentidos, a los fines de dar cuenta de las alianzas y los conflictos que motorizan las acciones de gestión de su territorio. Combina los resultados de la aplicación de un “mix” de técnicas cuantitativas (mensuras, relevamiento gráfico, análisis constructivo) y metodologías cualitativas (observación, registros, entrevistas) cuyos resultados son analizados conjuntamente. La captación de datos se realiza con la participación activa de habitantes del barrio mediante técnicas de mapeo social, relevamientos y reuniones en las que se da cuenta del proceso a la población. Las técnicas se aplican como herramientas para percibir, reflexionar y construir colectivamente estrategias que

aporten efectivamente a la gestión social del hábitat y a la construcción colectiva de saberes, para lo cual se combinan las técnicas de investigación descritas con la dinámica social propia que se expresa a través de asambleas, votaciones, demandas urgentes, instancias de gestión, instancias de análisis debate y capacitación, registro audiovisual, difusión y comunicación a través de distintas piezas gráficas (boletines, volantes, afiches, etc.)

Palabras clave: producción y gestión social del hábitat, producción de saberes, actores sociales, reflexividad

LA DOMESTICIDAD COMPARTIDA. NUEVOS MODOS DE HACER EN LA LUCHA POR LA VIVIENDA Y LA CIUDAD EN SANTIAGO DE CHILE

Veronica Francés; Arquitecto. Universidad Autónoma de Madrid.

vefrances@gmail.com

El presente trabajo pretende registrar y cartografiar aquellas prácticas emergentes de lo cotidiano y lo doméstico, y aquellas dinámicas de resistencia ante la problemática habitacional en Santiago de Chile, que supongan la reformulación de posicionamientos políticos frente a los modos de habitar y vivir la ciudad, para desplazarlas al ámbito de lo común.

El tipo de diseño planteado es cualitativo: No es el fin contar “la” realidad, sino “algunas” realidades escogidas de unos hilos dentro de la trama de luchas por la vivienda, asumiendo el carácter dinámico y descentrado del conocimiento. Se opta por una narrativa coral donde se entrelazan relatos personales que tejen modos de hacer disidentes e incorporan alteridades, diferencias y controversias.

En el curso del proyecto se enfatizan metodologías y técnicas que permitan una transferencia de conocimiento y devolución a la sociedad, mediante el uso de herramientas como la fotografía reflexiva y mapeo de los casos estudiados, unido a un modelo de investigación participativa con entrevistas personales, grupos de discusión y puesta en común de experiencias propias, así como talleres de aprendizaje colectivo con estudiantes de arquitectura.

Finalmente el registro de los casos estudiados, fotografías, vídeos, cartografías colectivas, talleres se vuelca en una página web [chilerecupera.net] y un manual de código abierto, generando un documento que recoja y produzca nuevas líneas de discurso y reflexión colectiva. El manual sirve como medio para la lectura, visibilización, interpretación y replicabilidad de las luchas por la vivienda desde una narrativa crítica, tanto en Santiago de Chile como en otro ámbito del territorio. De esta

manera, la información generada se convierte en un recurso para el conocimiento común.

Palabras clave: Heterotopía, vivienda, conflictos urbanos, movimientos sociales, Santiago de Chile.

AS LUTAS PELA MORADIA POPULAR EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO NO CONTEXTO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

Gabrielle Araujo. Doutoranda no Programa de Pós Graduação Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O trabalho discute resultados da dissertação em Sociologia, a qual tratou dos conflitos urbanos decorrentes das definições estatais para a preparação da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil. Tais conflitos se expressam nas disputas dos significados do evento para as cidades brasileiras e seus habitantes, particularmente, os setores em situação de vulnerabilidade social. Se, por um lado, as autoridades governamentais se organizam em torno das promessas de qualificação urbana, por outro, um conjunto plural de organizações passa a se articular na crítica ao processo de deslocamento compulsório nacional legitimado pela retórica das promessas. A pesquisa tratou dos desdobramentos destes conflitos nas arenas públicas a partir do ponto de vista e da atuação do Comitê Popular da Copa de Porto Alegre, buscando compreender como se deu a construção e publicização das críticas que fundamentam as formas de resistência à moradia popular às remoções relacionadas a Copa na cidade de Porto Alegre. A análise ancorou-se na perspectiva etnográfica da política vivida embasada na abordagem pragmatista, a qual aposta na instabilidade do social e na existência de uma pluralidade de formas de interpretar situações de disputa, deslocando, portanto, a pesquisa do plano normativo para a ênfase das dinâmicas políticas e dos sentidos mobilizados em torno da moradia para diferentes sujeitos implicados nos conflitos. Como resultados discutem-se diferentes formas de se associar e intervir na problemática da moradia, localizando um conjunto plural de lutas e resistências situadas a partir das reconfigurações políticas e sociais que o acontecimento da Copa impôs aos territórios populares.

Palavras-chave: Moradia Popular, Conflitos Urbanos, Resistências, Copa do Mundo 2014.

EXTRACTIVISMO URBANO: EL CASO DE LOS DISTRITOS ECONÓMICOS EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES

Ana María Vásquez Duplat; anamaduplatexi@gmail.com

Jimena Navatta

Magdalena Pace

Centro de Estudios y Acción por la Igualdad (CEAPI)

La ponencia aborda el caso de los distritos económicos como ejemplo de política que nos permite visibilizar el modelo urbano que se viene desarrollando en los últimos años en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y que se instala como parte de una lógica más amplia que hemos conceptualizado como “extractivismo urbano”.

Este modelo de desarrollo urbano se teje con capital privado que articulado con la normativa estatal genera transformaciones donde conviven la concentración de capital de carácter especulativo al tiempo que se incrementa la crisis habitacional y vulnerabilidad en el hábitat de los clases medias y bajas, la puja por el suelo urbano, y el inevitable desplazamiento de aquellos que no pueden “adaptarse” a la mercantilización del suelo y los espacios públicos donde proliferan la multiplicación de construcciones de alto costo y los megaemprendimientos residenciales y turísticos.

Actualmente, ya se han consolidado cinco distritos económicos: audiovisual, tecnológico, de diseño, de las artes y el recientemente creado distrito del deporte. Todos ellos con particularidades respecto de la inversión pública realizada, el impacto sobre el hábitat y la población, la planificación urbana, los privilegios y exenciones para las empresas, etc. Todos estos aspectos se desarrollan en la ponencia profundizando en aquellos lesivos para el derecho a la ciudad, con el propósito de aportar elementos para la deconstrucción de los mitos sobre los cuales se sustenta el avance de este tipo de políticas.

Palabras claves: extractivismo urbano, derecho a la ciudad, gentrificación, reforma urbana y mercado del suelo.

MODOS DE HABITAR: REFERÊNCIAS CULTURAIS NA CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS DE PELOTAS/RS, BRASIL

Francisco Pereira Neto; francisco.fpneto@gmail.com

Aline Cunha da Fonseca; fcunha.aline@gmail.com

Esse ensaio tem por objetivo compreender os modos de habitar a cidade, a partir de um estudo etnográfico junto a uma “invasão” urbana identificada como Loteamento Santa Cecília, localizada no bairro Santa Terezinha na Zona Norte da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. A escrita visa uma reflexão a cerca desse lugar que é marcado e delimitado por um processo complexo segregação sócio espacial e suas dimensões econômicas, políticas, sociais, culturais, étnicas. De forma variável, realidades similares são presentes em muitas cidades brasileiras, especialmente nas de médio e grande porte. Nossa abordagem teórica busca afastar-se da tendência a tratar essas realidades de uma forma essencializada e estereotipada. Para tanto, nos valem da etnografia para situar o Loteamento Santa Cecília em sua especificidade, procurando mostrar toda a mobilidade, contradição e ambiguidade presentes na produção deste lugar na cidade. Em termos teóricos, se buscou colocar a categoria modos de habitar como central para analisar os movimentos cotidianos de se fazer cidade naquele espaço e desvendar as conexões sociais, políticas e simbólicas que esse movimento engendra. A categoria modos de habitar se propõe a questionar as concepções estáticas, fixas e identitárias, que convergem sobre a definição de habitar, propondo como opção a articulação de conceitos como os de território, territorialidade, lugar, espaço, entre-lugar e fronteira. A partir de um entendimento acerca de noções como conhecimentos situados e da cultura como invenção, esse ensaio pretende explorar a complexidade de ações que forjam a territorialidade de um espaço urbano, em especial as interações entre diferentes agentes que dão sentido e dinâmica ao habitar a periferia da cidade de Pelotas.

GT 125. ANTROPOLOGÍA DEL TRABAJO: PRODUCCIÓN Y REPRODUCCIÓN DE LOS TRABAJADORES/AS EN AMÉRICA LATINA

Coordenadores:

Dr. Hernán M. Palermo. (Investigador Asistente- CEIL-CONICET).
hernanpalermo@gmail.com

Dr. Wecisley Ribeiro. (Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisador do Núcleo de Antropologia do Trabalho, de Estudos Biográficos e de Trajetórias/Museu Nacional/UFRJ.) wecisley@yahoo.com.br

Dra. Lorena Capogrossi. (Investigadora Asistente -CIECS-CONICET-UNC-.)
lcapogrossi@yahoo.com.ar

Comentaristas: Marta Cioccarì, Caetana Maria Danasceno; Jose Sergio Leite Lopes,
Daniel Olesker.

**Sesión 1: Relaciones de cooperación y conflictos en los espacios de trabajo:
transformaciones en el ámbito rural y urbano en América Latina**

**ACTORES MINEROS Y POLÍTICAS PÚBLICAS: LA “NACIONALIZACIÓN”
DE LAS MINAS EN BOLIVIA (HUANUNI Y COLQUIRI 2006-2012)**

Adriana Gloria Ruiz Arrieta

Universidad de San Francisco Xavier

CONICET -Universidad de Buenos Aires

gloriaruizarrieta@gmail.com

El fortalecimiento de la minería en Bolivia, en la última década, y el consiguiente peso de los actores mineros (cooperativistas, estado y trabajadores asalariados) plantean un escenario donde se intersectan diferentes horizontes sobre las políticas públicas mineras, configurando un contradictorio *campo de disputa*, del que participan, la economía mundial y la memoria larga y corta de los actores mineros. Bajo estas premisas, en el presente trabajo, analizamos comparativamente los procesos de “nacionalización” de las Empresas mineras Huanuni y Colquiri, mostrando la multiplicidad de significaciones puestas en juego, y la manera cómo participaron las demandas de los trabajadores mineros, de los cooperativistas y los horizontes de políticas públicas propuestos por el estado, así como las mutuas y complejas imbricaciones entre estos actores.

Palabras clave: Minería- políticas públicas- memoria- campo de disputa- Bolivia.

“LA TRAGEDIA DEL TRABAJO: UNA REFLEXIÓN ANTROPOLÓGICA

SOBRE EL TRABAJO HUMANO Y LA PEREZA EN EL SISTEMA CAPITALISTA”

Irina Stojanoff. Docente de Antropología en el Ciclo Básico Común de la Universidad de Buenos Aires. Estudiante de Ciencias Antropológicas, final de la carrera. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Argentina; iru.sto@gmail.com

El trabajo ha sido muchas veces catalogado como la actividad vital, distintiva del ser humano. Aquello que nos distingue del reino animal, lo que hace a la “naturaleza humana”. Sin embargo, actualmente bajo el sistema capitalista el trabajo es para muchos un “castigo”. El trabajo asalariado, el trabajo alienado, lejos está de ser aquella actividad creativa que le da identidad al género humano. El trabajo alienado es, para el análisis marxista, directamente no-trabajo. Aun así, en el sentido común actual el trabajo es valorado positivamente, contrapuesto al pecado capital de la pereza.

La antropología actual se ocupa de analizar el ocio, el tiempo libre, relacionados muchas veces con el deporte o la recreación. Estas actividades, en general, están vinculadas con aquellos momentos de “no-trabajo”, separando entonces el trabajo del juego, y también del disfrute, el placer.

Esta ponencia se propone hacer una breve reflexión, desde las herramientas brindadas por la antropología y con una perspectiva histórica, sobre el trabajo en contraposición con la pereza, el ocio. Tomando como punto de partida el histórico manifiesto del marxista Paul Lagargue “El derecho a la pereza. Refutación del derecho al trabajo” (1848), pretendo analizar esta contraposición entre trabajo y no-trabajo en el contexto actual del sistema capitalista. Me interesa resaltar también las estrategias que los trabajadores se dan para encontrar momentos de ocio en el trabajo, generando pequeñas resistencias al carácter alienado del trabajo asalariado.

Para el análisis utilizaré ejemplos de experiencias laborales de distintos ámbitos en la Argentina, basándome en entrevistas realizadas a trabajadores, investigaciones propias anteriores y etnografías y de otros autores.

Palabras clave: trabajo, pereza, tiempo libre.

O “LIVRE MERCADO” DE CAFÉ E O MOVIMENTO SOCIAL DOS CAFEICULTORES NO PERU (1980-2006)

Ricardo Luiz Cruz

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

ricruz@uol.com.br

O regime militar, que governou o Peru entre 1968 e 1980, organizou o comércio de café com base no discurso de que as cooperativas de cafeicultores deveriam ter primazia na exportação do grão diante das “empresas privadas” (trata-se de um produto que tem como principal destino os mercados estrangeiros). O fim do regime marca o retorno não apenas da democracia ao país como também do ideário do “livre mercado” na ordenação ou regulação da economia nacional. Durante boa parte dos anos de 1980, os cafeicultores – reunidos numa “federação” de cooperativas de produtores de café – se contrapuseram à “liberalização” da exportação do grão, iniciada no começo da década, dado que havia retirado suas prerrogativas comerciais. Para seus líderes ou porta-vozes, essas prerrogativas eram moralmente legítimas, na medida em que os comerciantes tenderiam a “explorar” ou “espoliar” os agricultores. Entretanto, ao longo dessa década, as “empresas privadas” passaram a dominar o comércio de café no território nacional. No início dos anos de 1990, o “movimento cooperativista cafeicultor” se rearticulou num “grêmio” criado por algumas cooperativas que fizeram parte da “federação” das organizações de produtores de café do país. Uma nova geração de líderes ou protagonistas desse movimento social entrou em cena. Ela era formada por pessoas que aceitavam como legítimo a ideia da “livre competição”/“livre concorrência” entre os agentes ligados à comercialização do grão. Esta comunicação analisa as mudanças no posicionamento do movimento cafeicultor, entre 1980 e 2006, frente à organização do comércio de café com base no ideal do “livre mercado”.

Palavras-chaves: cooperativismo, livre-mercado, cafeicultores, Peru.

PAY PASO DE ASALARIADOS A COLONOS: ENTRE EL SURCO, EL SINDICATO Y EL ACCESO A LA TIERRA

Ma. Magdalena Curbelo. Estudiante de Antropología Social FHUCE –UDELAR.
Proyecto de investigación presentado como tesis de grado. Financiado por el Espacio Interdisciplinario- UDELAR; magdalena.curbelo@adinet.com.uy

El trabajo en la caña de azúcar define y caracteriza a parte de los trabajadores rurales de nuestro país. Desde sus orígenes, el ser y hacer de los trabajadores del surco ha estado signado por sus demandas de acceso a la tierra.

En este contexto, en los últimos años el Instituto Nacional de Colonización (INC) ha privilegiado formas colectivas de acceso a la tierra, mediante las cuales algunos asalariados de la caña de azúcar se han transformado en colonos. Al respecto se ha conformado una cooperativa constituida por 35 asalariados/as, integrantes todos de la Comisión de Tierras de la UTAA (Unión de Trabajadores Azucareros de Artigas), a quienes se les ha adjudicado recientemente una fracción de tierras en el área de Pay Paso (Bella Unión- Uruguay) con el objetivo de producir caña de azúcar para su posterior venta al Ingenio de ALUR (Alcoholes del Uruguay S.A.). La conformación

de la colonia, genera tensiones en las relaciones del colectivo de colonos con ALUR y el INC así como con la organización sindical que les dio origen; UTAA.

Son justamente este grupo de trabajadores y los procesos y tensiones en torno al acceso a la tierra, el cometido de este trabajo. Basándonos en una aproximación etnográfica a la temática, esto es una aproximación fundada en la permanencia prolongada en el campo y el contacto directo con nuestros interlocutores y su cotidianidad.

Palabras claves: Trabajadores de la caña de azúcar, acceso a la tierra, colono/a.

APROXIMACIONES AL ESTUDIO DE LAS CONDICIONES LABORALES DE LOS TRABAJADORES FORESTALES EN LA PROVINCIA DE ENTRE RÍOS

María Celeste Rosso. Becaria de nivel inicial, UNSAM-AGENCIA;
mariaceleste.rosso@gmail.com

En las últimas décadas la actividad foresto-industrial en la provincia de Entre Ríos ha presentado un considerable crecimiento y expansión. A partir de la sanción de la Ley Nacional 25.080 de Inversiones para Bosques Cultivados se otorgaron una serie de incentivos económicos que permitieron el desarrollo de una producción forestal a gran escala en los Departamentos de Colón, Concordia y Federación.

Actualmente, la actividad forestal primaria se encuentra tercerizada a través de empresas de servicios forestales que reclutan mano de obra para la realización de distintas prácticas forestales. Asimismo, los contratistas de servicios forestales se distinguen según su especialización: por un lado, se encuentran los contratistas de implantación y cuidados silviculturales; por el otro, se hallan los contratistas que cosechan la madera. Sin embargo, la mayoría de los estudios relevados se concentran en los contratistas y trabajadores de cosecha dejando un área de vacancia que se buscará comenzar a atender parcialmente en el presente trabajo.

El objetivo de esta ponencia consiste en contribuir al estudio de los diferentes tipos de

trabajadores que integran la actividad forestal y las modalidades de intermediación que

componen esas dinámicas laborales. Para ello, analizaremos un estudio de caso, referido a un contratista de servicios forestales especializado en tareas de implantación y mantenimiento, con el propósito de describir las etapas del proceso de trabajo. Así como también, analizar las modalidades de contratación y condiciones de trabajo de la cuadrilla de trabajadores a su cargo.

Palabras claves: foresto-industria - trabajadores forestales – condiciones laborales.

LAS DISPUTAS DE SENTIDO Y LA PUJA POR LOS LÍMITES DE LA LEGALIDAD EN LA COTIDIANEIDAD DEL ESPACIO DE TRABAJO

Karina Gabriela Ciolli. Lic. en Cs. Antropológicas. Becaria Doctoral CEIL-CONICET
kariciolli@gmail.com

Sara Beatriz Cufre. Lic. en Ciencia Política. Becaria Doctoral CEIL-CONICET
sara.cufre@gmail.com

La mirada antropológica puesta en los espacios de trabajo nos permite abordar configuraciones simbólicas, culturales, identitarias y subjetivas que cotidianamente se dirimen y disputan entre las pretensiones hegemónicas empresariales y las significaciones de los y las trabajadoras.

En este sentido, la propuesta de nuestro trabajo apunta a reflexionar acerca de las disputas de sentido que se desarrollan en los espacios de trabajo. Nos interesa reconstruir las prácticas que la patronal y los trabajadores consideran legales o ilegales y legítimas o ilegítimas. Algunas de las preguntas que recorren nuestras inquietudes son: ¿Cuáles son las condiciones de posibilidad para que ciertas prácticas, tanto empresariales como de los/las trabajadoras puedan mantenerse en la ilegalidad? ¿Qué es lo que le otorga legitimidad a las prácticas ilegales? ¿Qué prácticas se pueden volver ilegítimas? ¿Cómo se sostiene la ilegalidad?

Los conceptos que proponemos abordar, acerca de lo legal/ilegal y lo legítimo/ilegítimo no son tipos ideales weberianos ni conceptos teóricos jurídicos, sino que emergen del trabajo de campo realizado por las autoras en dos empresas sustancialmente diferentes como lo son: Alpargatas S.A. y Aerolíneas Argentinas. A pesar de las diferencias de rama, de propiedad y accionarias, encontramos que en ambos casos las disputas de sentido en torno a las prácticas legales/ilegales y legítimas son recurrentes y nos permiten conocer más en profundidad las características y las relaciones que se desarrollan en los espacios de trabajo.

Palabras clave: Espacios de Trabajo, Trabajadores/as, Disputas de Sentido, Prácticas legales/ilegales, Prácticas legítimas/ilegítimas.

AUSENCIAS: UNA APROXIMACIÓN ANTROPOLÓGICA A LA MEMORIA

DE LOS TRABAJADORES DEL SUBTERRÁNEO DE BUENOS AIRES

Diego Eguren

UBA/FFyL

egurendiegomax@gmail.com

El presente trabajo se desarrolla en la línea D del Subte de Buenos Aires (ARG) e indaga desde una perspectiva etnográfica sobre la memoria de los trabajadores activos durante la privatización de la empresa estatal SBASE en la década de 1990, donde la idea de modernización que sustentó el proceso, denostó las experiencias, los saberes, las prácticas y la organización de generaciones de trabajo en el Subte. Esta transformación provocó una ruptura en la cotidianeidad de la vida de los trabajadores y en la estructura sociolaboral presente en el período estatal, que se desmantelaba rápida y deliberadamente producto de las políticas de subsunción del servicio al capital: La organización del trabajo, los espacios, la duración de la jornada, la tercerización de tareas, el ajuste a través de despidos masivos, el ardid del retiro voluntario y un importante disciplinamiento del personal. En este sentido, se instrumentó y orientó un movimiento de invisibilización de toda aquella significación de la era estatal que, lejos de desaparecer, pasó a constituir parte de la memoria subterránea de los trabajadores. La era de Metrovías nació llena de Ausencias y en este trabajo se tratará de enfocar sobre aquellos aspectos de la memoria de los trabajadores que emerge en el presente, entre otras formas, a través de los recuerdos ligados a los objetos de trabajo de aquella época enterrada bajo el polvo de los recuerdos de Antes, cuando el subte era Subte.

Palabras Clave: Subte, privatización, memoria, ausencias.

REDES, TRABALHO E FERRAMENTA: ETNOGRAFIA DO TRABALHO ATRAVÉS DE CONEXÕES PARCIAIS

Rafael Martins Lopo – PPGAS / UFRGS

rafaellopo@gmail.com

O artigo proposto para este GT tem como pano de fundo etnográfico um momento específico da indústria naval brasileira. Ancorado em uma etnografia que teve como objetivo principal mapear as redes e agentes envolvidos neste novo ciclo do trabalho na região sul do país durante um ano e meio, pretendo aqui pensar sobre as noções e expressões agenciadas pelos atores para falar sobre trabalho, conflito, aprendizado e

expertise, colocando em pauta também reflexões sobre o trabalho de campo e as possibilidades/limitações de se pesquisar o trabalho em diferentes escalas envolvidas em projetos de desenvolvimento. Impulsionado pela descoberta de petróleo na camada Pré-Sal, ergue-se um novo discurso baseado na ideia de um ciclo de prosperidade e pujança na construção naval, baseado na encomenda de novas plataformas pela Petrobrás. Olhando para outras escalas deste novo processo, percebem-se processos de terceirização e precarização, bem como novas estratégias dos atores para circular em nestas diversas redes/teias que compõem o tecido social. Inspirado nos debates promovidos por Marilyn Strathern e autores ligados ao campo da Ciência e Tecnologia, penso nestes agenciamentos como formas de transitar, mediar e romper os limites destas diferentes escalas através de conexões parciais, onde o trabalho de campo e o etnógrafo são também considerados agentes importantes.

Palavras-Chave: Trabalho, desenvolvimento, redes, aprendizado.

TRABAJO Y SINDICALIZACIÓN: EL PROCESO DE ORGANIZACIÓN DE LOS GUARDAVIDAS DE PINAMAR

Gabriela Llamosas. Lic. En Ciencias Antropológicas. Facultad de Filosofía y Letras-UBA; gabrielallamosas2@yahoo.com

En la ponencia me propongo analizar el proceso de sindicalización de los guardavidas del partido de Pinamar, provincia de Buenos Aires, Argentina. Las condiciones de trabajo de los guardavidas así como su representación gremial han sido objeto de disputas y negociaciones entre los distintos sectores empleadores, los guardavidas y el Estado durante los últimos veinte años. Desde un enfoque etnográfico daré cuenta del proceso asociativo en las distintas etapas que ha atravesado la organización a lo largo de los años, teniendo en cuenta los puntos más relevantes de la formación del sindicato. Para dar cuenta de ello es necesario analizar las relaciones entre los trabajadores (organizados) y los distintos poderes del Estado. Propongo analizar el proceso de constitución sindical y la formación de la identidad de los trabajadores guardavidas de Pinamar desde un punto de vista relacional (Fernandez Álvarez, 2004; Wilkis y Battistini, 2004) presentándolo como un caso que permita problematizar las discusiones acerca de la función de los sindicatos y del modelo sindical argentino. El problema de la representación y la representatividad gremial es pertinente para analizar la identificación gremial de los guardavidas en términos de trabajadores. Por lo tanto, para comprender el proceso de organización de los trabajadores guardavidas es imprescindible indagar como se define (o re define) la categoría de trabajo y los sentidos asociados al trabajo en el proceso de construcción identitaria (Fernández Álvarez, 2004) en el marco de la formación de la organización sindical.

Palabras clave: Trabajadores, Organización, Sindicato, Representación, Estado.

DINÁMICA DEL EMPLEO EN LA ARGENTINA POSNEOLIBERAL: CONSOLIDACIÓN DE UNA NUEVA ESTRUCTURA SOCIO-LABORAL

Lic. Sonia Balza - Argentina

Los procesos de recomposición laboral y salarial implican prácticas y experiencias de trabajo que se gestan al calor de los cambios políticos, sociales y económicos, y deben ser entendidas a partir de la relación capital-trabajo asalariado. Dicha relación involucra un proceso de producción y reproducción de relaciones sociales y también de producción de una experiencia de esas relaciones, que reviste un carácter histórico (Burawoy, 1989).

En ese sentido, proponemos pensar las relaciones sociales de producción del presente contexto, en contraposición a la experiencia de la etapa neoliberal, que demostró, en distintos ámbitos, la crisis de legitimidad de las políticas llevadas adelante desde mediados de los años setenta. De acuerdo con Gago (2013) no entendemos al neoliberalismo como un conjunto de políticas económicas impuestas desde “arriba” y combatidas desde “abajo”, sino como matriz móvil de pensamiento y acción (Abal Medina, 2014, Ezcurra, 2008; Gago, 2013; Grondona, 2013; Pierbattisti, 2008). Como decíamos, creemos que las políticas económicas que desembocan en los estallidos sociales de diciembre de 2001 han entrado en cierta crisis de legitimidad al llevar al extremo de la vulnerabilidad las condiciones materiales de existencia de buena parte de la población argentina.

El presente trabajo tiene como propósito examinar el desempeño del mercado de trabajo argentino entre los años 2002-2014. Elaboramos una periodización para explicar los cambios en la composición del empleo en todo el período, destacando principalmente la dinámica del trabajo en relación de dependencia registrado y no registrado. A este último lo entendemos como parte del fenómeno más complejo de la informalidad laboral en tanto dimensión central de la precariedad en el empleo. A su vez la precariedad es entendida como problemática transversal a la de por sí asimétrica relación capital-trabajo.

Sesión 2: (Re) producción del trabajo social en América Latina: experiencias obreras, división sexual del trabajo, relaciones familiares/comunitarias, salud laboral y educación

“PROFE ME CORRIGIÓ MAL ...”: LA EVALUACIÓN COMO LLAVE CONCEPTUAL PARA EL ESTUDIO DEL TRABAJO DOCENTE EN PERSPECTIVA RELACIONAL.

Julián Fanzini. Maestría en Antropología Social – Facultad de Filosofía y Humanidades
– Universidad Nacional de Córdoba; jufanzini@hotmail.com

En el presente trabajo buscaremos captar una “llave conceptual” que considero interesante para interrogar al trabajo de los y las docentes de un colegio confesional y de gestión privada de la provincia de Córdoba. Para ello, en un comienzo, realizaremos un recorrido conceptual a fin de precisar una “perspectiva relacional” que permita aproximarnos a ese trabajo en su eminente carácter colectivo y, por ello, propiamente relacional. Luego, en base a los registros de un trabajo de campo etnográfico, realizaremos un recorrido por distintas situaciones vividas en ese colegio que nos alertarán sobre cómo la relación entre docentes y estudiantes que se desarrolla, en parte, a través de evaluaciones escritas y de seguimiento puede constituirse en una clave de reflexión conceptual para el estudio del trabajo docente en el colegio de referencia.

Realizaremos este recorrido en base a un tema que con frecuencia fue suscitado en el colegio. Cuando los/as docentes hablaban entre ellos/as, durante recreos u horas libres, era constante la referencia a algunos/as estudiantes que les parecían problemáticos o la mención de algunas situaciones que les parecían insólitas. En esos comentarios se reflejaba de distintas formas aquello que ellos/as parecían poner en juego en su relación con los/as estudiantes. Aparecía un sentido y una práctica de “disciplina” que ellos/as esperaban de los/as estudiantes, sentido y práctica vinculado a ese “respeto” o “autoridad” que, en principio, parece propio de la relación entre docentes y estudiantes. Este tema será el hilo con el que tejaremos nuestra búsqueda analítica.

Palabras claves: trabajo docente; enseñanza de nivel medio; colegio de gestión privada; evaluación; disciplina.

ENTRE CASA E ESCOLA: DOCÊNCIA E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

William Nunes

Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS, Brasil.

Este estudo parte do pressuposto que a docência se trata de uma realidade complexa, permeada de inter-relações muito estreitas entre as esferas profissional e pessoal, sendo conformada em uma dinâmica social que transborda a escola, engendrando conflitos que adentram o espaço doméstico e se confundem com a vida familiar. Sendo uma profissão marcadamente feminina, também é expressão do recorte de gênero e sexo que caracteriza a produção e reprodução da força de trabalho na sociedade atual. Tendo em vista esses fatores, a pesquisa que norteia este texto tem como objetivo *compreender o papel social de gênero no cotidiano de professoras da educação básica, tendo como foco principal as relações, práticas e contextos de trabalho entre casa e escola*. Para tanto, a pesquisa é delimitada a um grupo de professoras de escola pública do centro da cidade de Santa Maria, RS, Brasil. A abordagem apresentada aqui é dividida em três momentos. Primeiramente é apresentado um panorama histórico sobre a feminização do magistério, enquanto um fenômeno correlacionado a mudanças mais amplas no mundo do trabalho, como a progressiva inserção da mulher no espaço público. Em um segundo momento, apresenta-se uma abordagem sobre divisão sexual do trabalho como fenômeno histórico de hierarquização e separação do trabalho social entre homens e mulheres. Por fim, na terceira parte, apresentam-se exemplos de como as realidades das professoras de Santa Maria caracterizam-se por diferentes relações de manutenção, adaptação e/ou negação da divisão sexual do trabalho entre os âmbitos profissional e doméstico/familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Gênero; Trabalho; Feminização do magistério; Divisão sexual do trabalho.

EL TRABAJO DOMÉSTICO EN BUENOS AIRES: ¿UNA CUESTIÓN DE GÉNERO?

Dra. Monica S. Siqueira (UFSC/UNTREF- nic.siqueira@gmail.com). Maestría y Doctorado en Antropología Social -UFSC-Brasil. Investigadora Colaboradora /UNTREF-UFSC.

Dr. Matías Godio (UNTREF/UFSC-matiasgodio@gmail.com). Maestría y Doctorado en Antropología Social UFSC-Brasil. Profesor y Investigador de la UNTREF-Argentina.

Lic. Santiago Uliana (UNTREF/UBA -santiagouliana@gmail.com). Licenciado en Sociología -UBA. Profesor Y Investigador de la UNTREF -Argentina

Lo que distingue el trabajo doméstico de otras actividades laborales, en los países de América Latina es, sin dudas, su extrema feminización. En Argentina constituye una de las actividades principales de la Población Económicamente Activa (PEA) de las

mujeres. En esta ponencia se presentan los resultados preliminares del estudio en curso sobre las causas y fundamentos socio-culturales de la problemática del trabajo doméstico femenino en el área metropolitana de Buenos Aires. Desde una perspectiva teórico metodológico que privilegia el punto de vista de los sujetos involucrados (trabajadoras domésticas y empleadores), se discute el desarrollo de políticas públicas orientadas a la formalización y registro de este tipo de actividad laboral en la ciudad de Buenos Aires y Gran Buenos Aires. En este sentido, es fundamental pensar a partir de una perspectiva de género, y por lo tanto, se enfatiza la necesidad de interpretar el punto de vista de las trabajadoras y analizar como éstas logran, en situaciones sociales consideradas desfavorables, desarrollar estrategias de vida donde el ejercicio del trabajo doméstico, aún cuando se caracteriza por la ausencia de derechos y estabilidad desde una perspectiva formal del Estado, es actualizado por ellas en la producción de la dinámica familiar y identitaria, en la elaboración cultural y subjetiva de su “mundo de vida” y como en lo que concierne a la producción de relaciones y redes sociales “posibles” en los contextos que les toca desarrollar sus prácticas, saberes y trayectorias laborales.

TRABAJO DOMESTICO, GÉNERO, POLITICAS PUBLICAS.

LA SALUD DE LOS TRABAJADORES, ENTRE LA PRODUCCIÓN Y LA REPRODUCCIÓN

Lía Gabriela Guerra

Universidad Nacional de la Patagonia Austral

lgguerra@yahoo.com

Se propone la categoría de salud como eje articulador de la relación dialéctica entre las esferas de la producción (de bienes, servicios y subjetividades) y la reproducción (de fuerza de trabajo, culturas y capital).

Si bien existen múltiples concepciones de salud, es mayoritariamente aceptada su definición en términos de *bienestar*, involucrando el mismo tanto aspectos somáticos como psíquicos. Dicho concepto, tan amplio como difícil de objetivar, es asimismo - de modo más o menos explícito - el núcleo de la legislación y de las políticas públicas relativas a la salud laboral. No obstante ello, se verifica la existencia de significativas discrepancias entre los discursos y las prácticas referentes a la “protección” y la seguridad de los trabajadores, evidenciando estas últimas un marcado reduccionismo, (en la medida en que las subyace una concepción naturalista del sujeto, que resulta así rebajado a la categoría de organismo), que vela el carácter histórico de la producción y las determinantes estructurales de la situación laboral.

El análisis se nutre de una indagación en curso, en el marco de una tesis doctoral,

relativa al impacto en la salud mental de los trabajadores petroleros de las condiciones laborales propias del sector; dicha indagación se sitúa el Golfo San Jorge, en la Patagonia argentina, territorio signado por una organización sociocomunitaria de enclave (Zapata: 1985), que ha sido caracterizado como comunidad de fábrica (Palermo:2012), situación que lo posiciona como un ámbito privilegiado para la exploración de las múltiples y complejas relaciones entre la producción y reproducción social.

Palabras claves: trabajo – salud – producción – reproducción.

EL TRABAJO DE LXS CUIDADORES DE LA SALUD EN EL TRABAJO

Mg. Horacio R. Sampayo;
sampayo51@yahoo.com.ar horacio.sampayo@fade.uncoma.edu.ar

Lic. Carla Franquelli

Lic. Suyai García Gualda.

Facultad de Derecho y Ciencias Sociales. Universidad Nacional del Comahue.
Patagonia Argentina.

En la Universidad Nacional del Comahue, estamos trabajando en la investigación torno a la gestación de la *enfermería laboral*, campo de trabajo de reciente inserción en los emprendimientos industriales. Con la profesionalización de la disciplina enfermera, ésta ha sufrido los cambios que se han observado en el mundo del trabajo, desde el surgimiento del neoliberalismo económico. Si desde la creación de la enfermería, a mediados del SXIX, había adoptado formas organizativas propias del taylorismo primero y del fordismo después, con la globalización neoliberal se fue transformando para adoptar las normas propias de la toyotización. Con las transformaciones del mundo del trabajo, aparecen necesidades, especialmente en torno a la de cuidar de los trabajadores. Éstos son un *recurso humano* costoso de criar y de formar para las complejas y flexibles necesidades de la industria actual; por lo tanto es necesario cuidarlos. Esta necesidad es atacada desde distintos frentes, higiene y seguridad, medicina del trabajo y otros, pero también desde la inclusión de enfermerxs especializados en los complejos industriales. La presencia de enfermerxs en los lugares de trabajo, su relación con los trabajadores y las gerencias, con los procesos de trabajo y la necesidad de formación especializada, constituyen el centro de nuestras indagaciones etnográficas. Nuestra investigación supone realizar etnografía en ambulancias y enfermería donde se despliegan relaciones muy complejas entre enfermerxs, usuarios y gerencias.

Neuquén, Patagonia Argentina, agosto de 2015.

Palabras Clave: Etnografía. Cuidado. Salud. Enfermedad. Trabajadores.

SOBRE ESFORÇO E EXPLORAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO TRABALHO EM PADARIAS

Antônio de Salvo Carriço. Doutorando do PPGAS/UFRJ e pesquisador do NuAT;
ancarrico@yahoo.com.br

A proposta desta apresentação é analisar as relações de trabalho em padarias a partir do foco sobre o esforço. Procurarei mostrar como, ao dizer respeito tanto ao caráter degradante da jornada de trabalho quanto às apropriações positivas que o tornam um valor no discurso e na prática desses trabalhadores, o esforço se conforma em um eixo estruturante dessas relações. Trata-se de um prosseguimento do que foi apresentado em congressos anteriores (na 29ª RBA e no XI Congreso Argentino de Antropología Social), onde discuti as configurações hierárquicas entre os funcionários dos balcões de padaria. O que até então estava baseado em uma rotina de interações do pesquisador com balconistas será agora complementado por experiências que o próprio pesquisador obteve de trabalhar em padarias. Desta forma, serão tratados aspectos relativos à jornada de trabalho desde uma ótica do seu cotidiano, procurando expor e analisar o que poderíamos chamar de exploração ou mais-valia desde esse contexto do trabalho diário e de alguma convivência e participação com trabalhadores que têm aí sua rotina. O tema da valorização individual por meio de uma persistência e capacidade para suportar um trabalho pesado será retomado aqui, no contexto da produção da padaria, de modo a complementar o que havia sido apresentado em relação ao trabalho no balcão. Proponho discutir, através da descrição de determinadas situações e fatores que compõem esse quadro de relações, a reprodução de uma ética do esforço e do sacrifício e sua incorporação às práticas e às subjetividades dessas pessoas.

Palavras-chave: Trabalho; esforço; exploração; padaria; etnografia

EL ESPACIO SOCIAL DE LA PRODUCCIÓN ALGODONERA EN CRUZ DEL EJE (CÓRDOBA): DINÁMICA PRODUCTIVA Y EL MERCADO DE TRABAJO EN LA COOPERATIVA AGROPECUARIA LA REGIONAL

LIMITADA

Paz, Magalí Luciana. Doctoranda en Antropología (UBA). Adscripta a Cátedra de Antropología Social y Cultural (UNC). Becaria Doctoral Tipo II, CIECS-CONICET; magaliartano@gmail.com

El desarrollo de la agricultura en nuestro país no consolidó una estructura social donde predominase la gran empresa basada en el trabajo asalariado, tal como lo habían pensado los teóricos marxistas. Lo que predominó fue una estructura social basada en unidades productivas donde los medios de producción, la provisión de gran parte de la mano de obra y la gestión del establecimiento, se encuentran reunidas en la *explotación familiar*, que resulta la unidad básica de producción y vida social.

Actualmente, los problemas económicos derivados de la crisis de los sistemas productivos tradicionales (debido al avance de los agro-negocios), y la cuestión de la tenencia de la tierra, resultan los ejes predominantes de las acciones conjuntas que llevan adelante los pequeños productores campesinos para su propia supervivencia como población rural. Tal es el caso de la Cooperativa Agropecuaria *La Regional*, ubicada en el departamento de Cruz del Eje (noroeste de Córdoba), creada en el año 1999 y que comercializa miel, aceitunas, aceite de oliva y fibra de algodón.

Desde el enfoque de la antropología económica marxista, y poniendo interés en la cosecha y producción de la fibra de algodón -puesto que para la zona es un cultivo tradicional y conlleva alta ocupación de mano de obra-, realizaremos el análisis de esta Cooperativa, convencidos de que representa una posibilidad de organización para que los pequeños productores rurales pueden estar en mejores condiciones de vida y de trabajo. Tendremos como objetivo comprender el valor de la existencia de esta experiencia, así como poner en tensión las nociones de campesinos/trabajadores agrarios/ trabajadores temporarios, entre otras.

Palabras Claves: Zona de riego del dique Cruz del Eje; producción algodonera; pequeños productores campesinos; trabajadores rurales; cooperativismo.

TRABAJO, MILITANCIA Y JUVENTUD EN ARGENTINA. UNA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Dr. Daniel Giorgetti (UBA / UNLP); dan_gio@hotmail.com

La ponencia parte de dos investigaciones precedentes en las que se analizó la construcción de subjetividad militante vinculada al trabajo y a la condición juvenil. En una de ellas se analizaron los procesos de formación de jóvenes militantes de movimientos sociales: el Frente Popular Darío Santillán y la Juventud de la Central de

los Trabajadores Argentinos. En otra se abordaron las trayectorias de vida de militantes sindicales que, desarrollando funciones en la actualidad, fueron protagonistas de las luchas sociales y políticas en los años 70 desde las organizaciones de trabajadores. En ambos casos, el desarrollo de entrevistas y observación participante permitió apreciar cómo se construyó una subjetividad militante y qué desarrollo siguió, advertir continuidades, “cortes” y diferencias. Más allá de las denominaciones y las identidades políticas en diferentes momentos históricos, se advierte la consolidación de subjetividades con características definidas, marcos ideológicos que cuestionaban el discurso hegemónico, rasgos culturales de militancia que integran los diversos ámbitos de la vida cotidiana. También resulta significativa la denominación asociada a la condición juvenil que provee un espacio político y su relación con una construcción subjetiva más amplia. En la exposición se considerarán, en comparación histórica, los procesos de subjetivación, los espacios de la participación, los caminos personales de inserción (a partir de la familia, el entorno social y la universidad) y las estrategias de lucha y acción colectiva. Se analizará la dinámica asamblearia y la resignificación de la lucha asociada al cuerpo y la sexualidad, las prácticas democratizadoras en los vínculos personales y la vida cotidiana.

PALABRAS CLAVE: Sindicatos – Subjetividades – Juventud – Estudios del Trabajo – Participación política.

Sesión 3: Transnacionalización del capital; migraciones de los/las trabajadores/as, segregaciones y transformaciones locales de las relaciones de producción y relaciones de dominación

LAS TRANSFORMACIONES DE LAS EMPRESAS FAMILIARES EN EL DESARROLLO DEL CAPITALISMO AGRARIO PAMPEANO. EL ORIGEN DE LA MANO DE OBRA, LAS FORMAS DE HERENCIA Y LAS ESTRATEGIAS PLURIACTIVAS

Melina Neiman (mneiman@ceil-conicet.gob.ar)

Gabriel Bober (gbober@ceil-conicet.gob.ar) – CEIL / Conicet

El desarrollo del capitalismo agrario en la región pampeana involucró, de forma temprana, a pequeñas y medianas explotaciones agropecuarias de origen familiar. Estas unidades estuvieron, desde siempre, inmersas en la producción destinada a los mercados internacionales de intercambio de mercancías agropecuarias. Sin embargo, presentaban

características que las distinguían de las grandes empresas productoras de la región: la presencia de mano de obra familiar, los sistemas de herencia de la propiedad y del oficio agropecuario, el acceso a la tecnología, el desenvolvimiento de los miembros de la familia en otras actividades (pluriactividad), etc.

A partir del desarrollo de formas capitalistas de producción y de socialización, estas unidades atravesaron transformaciones tanto en su organización laboral-productiva como en las dinámicas familiares (vinculado a las relaciones entre generaciones y géneros).

En este trabajo se busca dar cuenta de los cambios atravesados por estas unidades y reflexionar acerca de la dificultad de definir a este actor en función de las antiguas particularidades pero, aún así, entender las características que las siguen distinguiendo en la actualidad.

El abordaje metodológico es principalmente cualitativo y se basa en la realización y el análisis de entrevistas en profundidad. Se llevaron a cabo entrevistas en profundidad a titulares de explotaciones familiares, hijos/as y esposas de productores y profesionales del partido de Junín, provincia de Buenos Aires. Se recurre además, a fuentes secundarias para explicar los factores relacionados a la expansión productiva de la agricultura y al precio de la tierra.

Palabras claves: producción familiar, región pampeana, agricultura, familias.

A DIÁSPORA HAITIANA: CONFLITOS E TRABALHO

Giovane da Silva Lozano

Acadêmico da 4ª série do Curso de Ciências Sociais [licenciatura/bacharel] da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID.

giovane.lozano@gmail.com

Jorge Henrique Batista da Silva

Acadêmico da 4ª série do Curso de Ciências Sociais [licenciatura/bacharel] da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

jorge_henrique83@hotmail.com

Karla Estefânia Comamala Arbusa de Souza

Acadêmica da 4ª série do Curso de Ciências Sociais [bacharel] e licenciada em Ciências

Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e Professora de Sociologia da Secretaria de Estado e Educação do Paraná.

karla.arbusa@hotmail.com

Nesse artigo, pretendemos refletir sobre como os haitianos lidam e interpretam o processo de emigração para Brasil entre 2010 e 2015. Após o terremoto no Haiti em 2010, houve um grande índice de migração entre a população deste país buscando socorrer-se em outros países, visando melhores condições de vida. Tendo em vista este cenário, pretendemos analisar junto aos emigrantes haitianos o processo de saída e de construção do seu ingresso e permanência dentro de um país desconhecido. Isto, levando como relevância sua identidade, língua e cultura, para refletirmos como isso atinge e entra em conflito com um modo de vida carregado de aspectos diferentes dos experimentados recentemente por eles ao viverem em outro país. Analisará reportagens publicadas em jornais da região oeste do Paraná, como é abordada a questão migratória e o migrante, sabendo que esses migrantes são violentados psicologicamente e fisicamente, muitos assujeitando-se a trabalhar em condições subumanas. Ou seja, sem condições dignas, tanto no amparo legal, quanto ao aspecto social, no que trata a convivência destes em solo estrangeiro e, sendo muitas vezes, estigmatizados não apenas pela barreira linguística. Pretende-se estudar como esta população migrante vivencia diversos conflitos que podem envolver desde assédios a preconceitos latentes a quem vem a um novo país em busca de melhores condições de vida. Este é um dos elementos a serem pesquisados, visando entender as dificuldades iminentes que não apenas haitianos vivenciam no Brasil, mas tantas outras pessoas de países distintos que desembarcam para “tentar a sorte” a todo e qualquer custo.

Palavras-chave: fronteira, Haiti, identidade, migração, trabalho.

TRABALHO E SUSTENTABILIDADE NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Wender Félix de Araújo - UFAM wenderaraujo10@hotmail.com

Rafael Vieira Amorim - UFAM amorimnvezes@hotmail.com

O trabalho como espaço da produção das condições materiais de existência e de sociabilidades está presente em múltiplas formas de organização humana ao longo da história das sociedades e à medida em que novas mudanças estruturais surgem, sobretudo no âmbito econômico, o trabalho ganha novos sentidos e significados dentro da lógica de organização da sociedade. Desde os primeiros arranjos sociais, de forma simples, até os modelos mais complexos o trabalho se mostra como um aspecto importante na organização e função da vida social. Com o surgimento do capitalismo o

mundo experimenta novas formas de organização do trabalho, agora submetidas à uma lógica que envolve a exploração da mão de obra e a obtenção de lucro pelos detentores dos meios de produção. Os trabalhadores não são mais donos de seu tempo, precisando vendê-lo em nome da manutenção de sua existência. Estas mudanças trazem consigo elementos que atingem de forma certa o mundo do trabalho, e desta feita modificam a forma como se estabeleciam as relações sociais. A consolidação do modelo capitalista faz com que esta forma de exploração do trabalho se torne necessária, não apenas para a manutenção do próprio capitalismo, mas também para o trabalhador, agora dependente do capital. Nas últimas décadas, com o surgimento de preocupações relacionadas a finitude dos recursos naturais, grandes empresas começam a lançar produtos que carregam neles a *sustentabilidade*. Este trabalho procura mostrar os impactos desta produção sustentável na organização política e do trabalho, a partir da experiência da COFRUTA, localizada no estado do Pará.

Palavras chave: trabalho; cooperativismo; sustentabilidade e capitalismo.

MIGRANTES NORDESTINOS NO ABC PAULISTA: TRAJETÓRIAS E HERANÇA GERACIONAL

Mariana Zanata Thibes

Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC

mthibesster@gmail.com

Jaime Santos Junior

Pesquisador colaborador da Universidade Federal do ABC

jaimesjr@usp.br

Marilda Aparecida de Menezes

Pesquisadora Visitante Sênior (CNPQ) na Universidade Federal do ABC

menezesmarilda@gamil.com

A presente pesquisa busca compreender o modo como indivíduos de uma segunda geração de famílias que migraram da região do Nordeste brasileiro para o Estado de São Paulo lidam com o legado familiar que os precede e com as novas possibilidades abertas em face do contexto em que vivem. Essa forma de arguir situa-se na confluência entre duas pesquisas: a primeira, cujo objetivo é o estudo da memória oral de migrantes nordestinos que chegaram à região do ABC Paulista nas décadas de 1960 a 1970, e a pesquisa em questão, que visa compreender justamente o processo de transmissão das

experiências, valores e orientações normativas dessa primeira geração de migrantes à geração seguinte, composta pelos filhos e, em alguns casos, netos. O foco é a análise das trajetórias de vida e as formas de (re)produção social, de modo a captar as ambivalências e disjunções que existem nos processos de transmissão intergeracional nessas famílias de trabalhadores migrantes nordestinos, e, sobretudo, o modo como a nova geração (filhos e filhas) manifesta possíveis continuidades e/ou rupturas ante a influência das trajetórias de vida de suas famílias. Em outras palavras, trata-se de analisar como uma nova geração recebe as orientações normativas e de valores dos membros da geração familiar que a precede e, ao mesmo tempo, reconfigura, a partir de novas demandas, as antigas prescrições. Essa perspectiva permite flagrar o modo como, ao longo de sua trajetória de vida, os agentes desenvolvem formas variadas de reflexividade através da qual se afirmam, ou subvertem, as identidades.

APROXIMACIONES A LAS CONDICIONES DE TRABAJO DESDE LA MIRADA DE LOS TRABAJADORES Y LAS TRABAJADORAS EN UNA FÁBRICA DE INDUMENTARIA

Prof. Antonella Delmonte Allasia. Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género-
Facultad de Filosofía y Letras (FFyL)-Universidad de Buenos Aires (UBA);
antonelladelmontea@gmail.com

El presente trabajo forma parte de la investigación que realizo en mi tesis de licenciatura en Cs. Antropológicas acerca de las relaciones que se desarrollan en la actualidad entre los diversos actores de la fábrica textil que lleva por nombre *Compañía Argentina de la Indumentaria* (CIA) ubicada en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

Aquí me propongo, en primer lugar, contextualizar el desarrollo de esta rama de actividad en los últimos quince años, a través del aporte de aquella economía política que se encarga del desenvolvimiento de la industria nacional en los años de posconvertibilidad. Luego, me interesa realizar un primer acercamiento analítico a las condiciones de trabajo propias de CIA a través de la experiencia de algunos de sus trabajadores y trabajadoras, intentando examinar cuáles consideran ellos y ellas las principales problemáticas de su lugar de trabajo.

Pretendo de esta manera, analizar los procesos de dominación -y también de resistencias- en un contexto de producción fabril desde un enfoque antropológico que, a la hora de estudiar el mundo del trabajo, tiene en cuenta la visión de los actores implicados. Como perspectiva teórico-metodológica se retomarán los aportes de E. P. Thompson y A. Gramsci para abordar las experiencias y representaciones de los sujetos. Para alcanzar los objetivos mencionados y situándome en el enfoque histórico-etnográfico realicé observaciones en el campo, encuestas así como entrevistas en profundidad a trabajadores-as.

Palabras claves: Fábrica textil-Trabajadores/as-Condiciones de trabajo-Dominación/Resistencia.

Industrialização, fluxos migratórios e identidades: entre roçados operários e trabalhadores na “roça” da fábrica

Juçara Mello. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Felipe Ribeiro. Pós-doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

A presente comunicação tem por objetivo analisar os movimentos migratórios ocorridos em um polo industrial têxtil brasileiro no contexto pós Segunda Guerra Mundial, apontando seus principais reflexos nas experiências dos trabalhadores da região. Tendo o município de Magé, no Estado do Rio de Janeiro, quatro fábricas de tecidos em pleno funcionamento, que dispunham de uma articulada política social extrafabril, seguidos grupos de migrantes partiam para a cidade em busca de um emprego como tecelão e uma casa na vila operária. Entretanto, muitos conseguiam trabalho, mas não a casa, tendo que residir em áreas mais distantes da empresa; ao passo que outros nem eram contratados pela fábrica, indo também residir em áreas afastadas, mas dedicando-se à lavoura para a subsistência de sua família. Pesquisando esses processos históricos e dialogando com o campo da antropologia do trabalho, partimos dos estudos sobre roçados operários para refletir a construção de identidades ligadas ao "trabalho na roça", seja ele autônomo, destinado à própria fábrica têxtil ou estimulado por ela como complementação de renda e tempo “ocioso”. Dessa forma, pretendemos contribuir para o debate sobre o tema, destacando que o termo "roçado operário" pode abarcar diversas e interessantes especificidades. A coexistência de atividades econômicas distintas, como o trabalho na roça, em paralelo à inserção no espaço altamente hierarquizado da fábrica, parece ter influenciado decisivamente nas formas identitárias desses operários, em seus posicionamentos políticos e em suas relações com o patronato.

“ LA FRAGMENTACIÓN DEL COLECTIVO DE TRABAJO, UNA POLÍTICA MÁS DE CONTROL LABORAL”

Lucía Danser. PPGAS –UFPR Universidad Federal de Paraná;
luciadanser2@gmail.com

El siguiente trabajo se propone indagar acerca de las políticas empresarias de control y

disciplinamiento laboral (en el espacio fabril y agrario) orientadas a la fragmentación de los colectivos obreros en el Ingenio Azucarero de Ledesma provincia de Jujuy.

Consideramos que desde las estrategias de control y disciplinamiento creadas por la administración empresaria, una de las principales es la fragmentación de los trabajadores por medio de diferentes políticas que tienden a dividirlos en sectores y grupos en función de diferentes variables: trabajo rural y trabajo fabril – que también implica segregación espacial-, tipos de trabajo calificados/ no calificados y diferenciación por tipos de contrato.

El colectivo de trabajadores del azúcar per sé es diverso y heterogéneo a su interior, utilizando esta condición la empresa tiende a profundizar aún más dichas diferencias, siendo esto un mecanismo de control laboral. De esta manera se configura una estigmatización y división entre los trabajadores los cuales consolidan las estrategias de control y disciplina patronal, limitando las acciones para organizarse, fortaleciendo la hegemonía empresaria

Sin embargo desde nuestra perspectiva consideramos que las políticas empresariales no son implementadas de manera unilineal sino que son recibidas y respondidas por parte de los trabajadores, generándose un espacio de conflicto donde estas medidas son constantemente reelaboradas en función de las acciones de los trabajadores.

Palabras claves: Estrategias de disciplinamiento- control- fragmentación- hegemonía empresaria.

LIBERADOS Y COMPROMETIDOS. EL ROL DE LA CONSTRUCCIÓN PARTICIPATIVA DE LA VISIÓN ORGANIZACIONAL

Agustín Moro

agustin.moro1@gmail.com

En las últimas décadas, a escala mundial, es hacia los departamentos de recursos humanos de las organizaciones públicas y privadas donde se relocalizó las denuncias hacia las mismas corporaciones desplegadas en las calles años antes, lo que los especialistas encauzaron hacia “modelo jerárquico de poder”. Causante a partir de entonces de todo lo inoportuno que pueda suceder en relación al desarrollo de conflictos, motivación y productividad.

La denuncia fue acompañada con una promesa emancipadora al trabajador, al desarmar el modelo jerárquico haría posible el pleno despliegue del sujeto libre en los espacios del trabajo.

No obstante, la promoción del individuo autónomo dentro de organizaciones jerárquicas no funcionará en si mismo. Al lado de este sujeto se crea su par indispensable, el sujeto “responsable”, que comprometido con su trabajo hace posible una relocalización de los

instrumentos de control, asumidos en el pasado en su totalidad por sus superiores en mando, para ahora ser él capaz de controlarse a sí mismo. Lo que devino entrelazadas a las promesas emancipadoras es una reconfiguración del ejercicio del poder a partir del cual la jerarquía, sin desaparecer, podría convivir con la prescripción de un sujeto que se piensa o siente “libre”.

En la presente ponencia analizaré una serie de recortes que vengo realizando a partir de la observación de las acciones pedagógicas que realizan especialistas en recursos humanos en una administración pública provincial de la Argentina. Me propongo analizar dentro de este proyecto político-pedagógico-institucional cómo se disponen a conseguir sujetos trabajadores responsables y comprometidos.

Palabras claves: Responsabilización, compromiso, visión, trabajadores.

GT 126. “LEER LA CIUDAD DESDE LOS ANDARES Y CONFLICTOS: TRANSFORMACIÓN DE LAS URBES DESDE LAS EXPERIENCIAS/VIVENCIAS DE LOS AGENTES Y SUS PRÁCTICAS PLURALES”

Coordinadores:

Dra. María Belén Espoz Dalmaso. Centro de Investigaciones y Estudios sobre Sociedad y Cultura (UE-CONICET y Universidad Nacional de Córdoba). ECI-UNC; belenespoz@gmail.com

Dra. Julicristie Machado de Oliveira. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Ciências Aplicadas, FCA/Unicamp; juli.padma@gmail.com

Mgter. Clovis Schmitt Souza. Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS; clovis_sm@yahoo.com.br

Sesión 1:

COMEDORES ESCOLARES COMO EXPERIENCIA DE NIÑOS Y NIÑAS: 30 AÑOS DEL PAICOR ANCLAJES, ESPACIOS Y MEMORIAS GUSTATIVAS EN LAS TRAYECTORIAS FAMILIARES DE LAS CLASES SUBALTERNAS

Ileana Desirée Ibáñez. Escuela de Ciencias de la Información, Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, UNC. Departamento de Antropología, Facultad de Filosofía y Humanidades, UNC. ileanaib@gmail.com

Juliana Huergo. Escuela de Nutrición, Facultad de Ciencias Médicas, UNC. Centro de Investigaciones y Estudios sobre la Cultura y la Sociedad/UNC - CONICET. julihuergo@hotmail.com

En este trabajo compartiremos algunos avances de investigación en relación a las experiencias de comensalidad de niños y niñas de las clases subalternas. Para ello, planteamos la relación entre políticas públicas urbanas y alimentarias, en tanto modos de regulación que jerarquizan y segmentan territorios y experiencias. Particularmente, hemos hecho foco en las prácticas, sentidos y sentires de comensales de comedores escolares enmarcados en el Programa de Asistencia Integral de Córdoba (PAICor). Este constituye desde 1984 la política provincial de mayor envergadura dirigida a niños y niñas, en sus inicios las cocinas se situaban al interior de las escuelas, se presentaban como un paliativo a la crisis, sin embargo, en la década del '90 se terciarizan mediante empresas de catering: el dar-de-comer se institucionaliza como una función más de la escuela. En este proceso se promueve un tipo de sociabilidad a través de la comida que se repite a diario durante todo el ciclo escolar, inaugura un espacio y un anclaje corporal que se actualiza en las trayectorias familiares. Presentamos una lectura analítica de las entrevistas etnográficas realizadas a comensales y a quienes trabajaron en su ejecución. Se apeló a la memoria gustativa, como modo de enlace entre el tiempo presente y la experiencia pasada en el comedor escolar: sonidos, olores, sabores, texturas, como también a las anécdotas en ese espacio, sensaciones/emociones que emergen en el recuerdo. Estas primeras aproximaciones nos ofrecen pistas que dan cuenta cuáles prácticas de comer son posibles/imposibles, deseables/indeseables, pensadas/impensadas.

Palabras claves: políticas públicas, experiencia, alimentación, infancias.

“LO DEL COMEDOR NO ES UN TEMA DE PRESUPUESTO”. TENSIONES EN TORNO A LA ALIMENTACIÓN EN UNA ESCUELA PRIMARIA ESTATAL DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES

Silvina Fernández. Becaria Doctoral CONICET/IIGG-UBA/CAS-IDES;
fernandez.silvina.17@gmail.com

Durante las últimas décadas los comedores comunitarios y escolares han cobrado gran relevancia en la vida cotidiana de muchas familias que viven en barriadas populares y sectores empobrecidos. La organización de la alimentación y los sentidos que se atribuyen al comer se han reconfigurado al calor de dichos espacios en los que muchos niños acceden a una o más de sus comidas diarias. Así mismo los comedores se han vuelto espacios significativos para comprender distintas dimensiones de la vida social, tales como las dinámicas de organización e intervención política en los barrios, en tanto la implementación y el sostenimiento de los comedores incluye establecer relaciones con vecinos del barrio, consolidar vínculos con representantes del Municipio, de partidos políticos y otras organizaciones civiles (Milstein y Requena, 2013).

En esta ponencia se propone abordar los acontecimientos en torno al comedor escolar de una escuela primaria estatal de Gregorio de Laferrere, Municipio de La Matanza, provincia de Buenos Aires. En el discurso inaugural del ciclo lectivo 2015 el director de la escuela pidió a las familias solidaridad con el uso del comedor escolar pues, al haber pocos cupos, “deberían ir quienes más lo necesitan”. Estas palabras generaron incomodidad entre distintos actores escolares, quienes también han resaltado la mala calidad de la alimentación que reciben los chicos. Sin embargo, algunos meses después en una conversación con las orientadoras escolares el director expresó “lo del comedor no es un tema de presupuesto” volviendo más incomprensible la problemática. Por ello, en este trabajo, describiremos etnográficamente lo que los diversos actores escolares dicen, hacen y dicen que hacen (Guber, 2001) en relación a la conflictividad generada alrededor del comedor escolar, buscando una primera aproximación a la comprensión de algunos de los procesos que atraviesa la alimentación de niños en contextos de pobreza urbana.

Palabras claves: comedor escolar, alimentación, vida cotidiana.

HORTAS NA FAVELA: NOVOS USOS DA CIDADE SOB O LEMA DA

SUSTENTABILIDADE URBANA

Alice Kasznar. Mestranda em Antropologia, Universidade Federal Fluminense (UFF),
Brasil; alicekasznar@gmail.com

Em meio a algumas favelas da cidade do Rio de Janeiro instalaram-se hortas comunitárias mantidas por moradores. A restrição espacial e a formação inclinada dos terrenos limitam o tamanho da horta e sua produção, mas esses desafios vêm sendo superados de maneira criativa. Apesar de pequenas, as hortas são espaços que geram modificações importantes. Além de permitir o acesso a vegetais orgânicos, que são normalmente mais caros, a instalação e manutenção das hortas engendra novas formas de sociabilidade entre os moradores envolvidos, além de mudanças na paisagem típica urbana. Cada horta apresenta suas especificidades e conjunto de significados, que são construídos de acordo com as variáveis que determinam sua criação (localização, facilidade de acesso, tipo do terreno usado, histórias pessoais dos moradores envolvidos, entre muitos aspectos). O presente artigo apresentará uma descrição e análise da forma como se deu a implementação e organização da pequena horta da favela da Babilônia/Chapéu Mangueira, no telhado da casa de moradores, além dos obstáculos encontrados e soluções apresentadas. Busca-se compreender quem são os indivíduos que se interessam pela horta e analisar os significados construídos por eles a partir do trabalho na mesma, o comportamento e a relação com o espaço urbano. Acompanharemos a jornada de uma das moradoras que, a partir do trabalho na horta, se destacou na comunidade por dar cursos de alimentação mais saudável e de conscientização contra o desperdício de alimentos.

Palavras-chave: hortas, cidade, sociabilidade.

AS CIDADES E OS SABORES: A NOSTALGIA NAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

Julicristie M. Oliveira, Professora Doutora, FCA/Unicamp

Ana Beatriz Gonzalez, Graduanda em Nutrição, FCA/Unicamp

Comer é ato social imprescindível para o fortalecimento das relações e afirmação da identidade. A comida, por sua vez, pode ser entendida como o alimento em seus aspectos simbólicos. Tais aspectos são identificados nas crônicas de Rubem Braga que contextualiza a relevância que certos alimentos assumem em determinados momentos, especialmente na capacidade de conectar as pessoas aos lugares. *No texto Que venha o verão*, Rubem Braga contesta um mapa de Copacabana no qual reconhece a ausência da natureza que forma o conjunto da paisagem. Sugere que, para conhecer as sutilezas de uma cidade, é importante uma certa dose distração, o que não é permitido pelo método

científico. Faz uma crítica à dureza à ciência pelo afastamento dos elementos da vida e busca pintar com suas palavras os traços de uma paisagem-memória-sabor, como pode ser lida-vista nesse trecho: *"Mas talvez haja, num desses apartamentos, alguma criança que se debruce à janela todo dia pela manhã, talvez comendo um pedaço de pão com manteiga. E toda manhãzinha verá lá embaixo o asfalto, e depois a calçada de pedrinhas brancas e pretas e depois a praia, e o amplo mar, e o sol nascente, e as rolinhas. E esse quadro ficará na memória dessa criança como o gosto de pão com manteiga da infância..."* (Braga 2013a, p.94). Há, portanto, o espaço para a nostalgia, para o tempo em que a comida guardava uma importância singular. Aquele sabor que traz à consciência a lembrança da rua, da casa, da paisagem, do lugar, da cidade.

Sesión 2:

CONFIGURACIONES DE LA VIDA URBANA: CARACTERIZACIÓN DE LAS ORGANIZACIONES DE LA SOCIEDAD CIVIL EN LA CIUDAD DE CORRIENTES.

Laura M. González Foutel

Centro de Estudios Sociales / Facultad de Humanidades – UNNE

lagonfou@gmail.com

En el presente artículo me planteo trabajar las configuraciones de un número determinado de OSC situadas en la ciudad de Corrientes. Luego de una crisis socio política en el '99, hubo un aumento exponencial de ciudadanos reunidos en una organización de base territorial y comunitaria, entorno al mejoramiento de la calidad de vida o también de aquellas que tienen un carácter de promoción del desarrollo.

Resulta relevante analizar el rol que las mismas cumplen en el espacio público a través de prácticas, actores, ámbitos y relaciones como en intereses colectivos y comunes desde la perspectiva de la cultura política.

Palabras claves: Espacio público – Estado – Sociedad - OSC – Cultura política.

“DE QUÉ HABLAMOS CUANDO HABLAMOS DE DERECHO A LA CIUDAD?”

TENSIONES POLÍTICAS Y CONCEPTUALES DE UNA REIVINDICACIÓN POLISÉMICA EN ALGUNAS ORGANIZACIONES SOCIALES DE LA CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES

Joaquín Benitez

(ICO/UNGS)

joaquin.a.benitez@gmail.com

Desde su formulación original en un texto homónimo de Henri Lefebvre, el derecho a la ciudad ha sido apropiado y reivindicado tanto por intelectuales y académicos como por movimientos y organizaciones movilizadas por la viviendas y el espacio urbano. Desde la década del '90, éste se ha vuelto particularmente visible en algunos conflictos y movilizaciones ligados a la producción social del hábitat, la resistencia en los centros históricos o a la crítica a las políticas urbanas neoliberales. Esta multiplicidad de apropiaciones en contextos políticos disímiles ha complejizado aún más la formulación original, haciendo posible rastrear distintas definiciones según su grado de pragmatismo o radicalidad.

El presente trabajo consiste de un estado de avance de una tesis de maestría sobre los sentidos que distintas formas de acción colectiva dieron al derecho a la ciudad durante los últimos 10 años en Buenos Aires, Argentina. La misma se propone, mediante una estrategia metodológica cualitativa con entrevistas en profundidad y observaciones participantes, captar los sentidos que algunos actores movilizadas por el espacio urbano dan a este derecho tan complejo, abierto e incompleto, rastreando que implicancias tiene éste en sus repertorios de acción colectiva y sus imaginarios urbanos.

Palabras clave: derecho a la ciudad movimientos sociales urbanos acción colectiva Ciudad Autónoma de Buenos Aires.

DISPUTAR EL ADENTRO Y SEGUIR DESDE AFUERA. CONFLICTOS EN TORNO A LA (IN)DEPENDENCIA LABORAL COMO FORMA DE RESISTENCIA EN UNA COOPERATIVA DE PRESOS Y LIBERADOS DEL PENAL DE DEVOTO, BS AS

Antonio Doval Borthagaray (Facultad de Filosofía y Letras-Universidad de Buenos Aires), Julián Gorla (FFyL-UBA), Felipe Inostroza Jelves (FFyL-UBA), Cándida Kamerbeek (FFyL-UBA), Matías Menalled (FFyL-UBA), Federico Nadal (FFyL-UBA), Verónica Puricelli (FFyL-UBA) y Guadalupe Castro Clerici (FFyL-UBA).

espacioterritorioyconflicto@gmail.com, antoniodoval@hotmail.com,
gorlajulian@gmail.com, inostroza.jelves@hotmail.com, cani.kamer@hotmail.com,
matiasmenalled@gmail.com, fedenadal@hotmail.com, veronicapuricelli@hotmail.com,

Realizamos este trabajo en el marco del grupo de investigación “Espacio Colectivo Territorio y Conflicto”, que se propone generar una experiencia de formación, investigación social y debate epistemológico en torno a los usos y apropiaciones del “territorio” en contexto urbano.

Para esta investigación haremos nuestro trabajo de campo junto a la cooperativa Esquina Libertad, un emprendimiento laboral formado por presos y liberados del Complejo Penitenciario Federal de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA), situado en el barrio porteño de Devoto. Focalizaremos tanto en sus vínculos con el penal en sí como con el espacio que utiliza fuera de la penitenciaría.

La Cooperativa representa una posibilidad concreta de integración laboral post encierro, por lo que cumple múltiples funciones en el entorno carcelario, entre las cuales son identificables diversos procesos de resignificación simbólica del presidio, intentando construir empoderamiento colectivo.

Utilizaremos este caso para adentrarnos en las distintas conceptualizaciones en torno a la noción de “territorio”, en tanto categoría flexible y pasible de ser reformulada a partir de su puesta en ejercicio, contemplando que se define a partir de la apropiación que los actores sociales hagan de ella. Consideramos necesario abordar dicha noción como un constructo social, dinámico, ecléctico y en tensión permanente (tanto en, como entre los grupos sociales). Bajo estas consideraciones entendemos necesario abordar las categorías en acción, es decir, la puesta en movimiento de una representación que es tanto reflexionada como sentida.

Consideramos que la noción de “territorio” no refiere exclusivamente a lo físico sino que, a su vez, comprende los vínculos identitarios que se tejen entre las personas y el espacio. A la hora de abordar el estudio del territorio nos encontramos con un complejo entramado conceptual. A primera vista nos hacemos una pregunta fundamental: ¿es posible definir al “territorio” por fuera -o en todo caso, independientemente- de su vínculo con el estado que lo contiene?

Finalmente, a modo de hipótesis consideramos que la experiencia de la cooperativa Esquina Libertad puede entenderse como una expresión social que tensiona los marcos hegemónicos de significación estatal del territorio. A este respecto nos preguntamos
¿cuáles son los alcances del estado en la imposición semiótica del territorio?
¿Mediante qué mecanismos se ejerce este control, si es que estos existen?

Palabras claves: Conflictos urbanos, cooperativismo, servicio penitenciario, investigación colaborativa.

Sesión 3:

COMPOSIÇÕES MULTIESCALARES EM BRASÍLIA: A CAPITAL MODERNISTA EM ROTAS DE EXPERIMENTAÇÕES GLOBAIS

Vinicius Prado Januzzi (Mestrando)

Universidade de Brasília

Departamento de Antropologia

Professora Orientadora: Cristina Patriota de Moura

vpjanuzzi@gmail.com

Brasília foi inaugurada há mais de 50 anos. Idealizada dentro do rol ideológico modernista e calcada nos fundamentos de uma modernidade/progresso que se procurava para o Brasil, a capital federal foi projetada como exemplo de uma nova nação que estava para nascer. Afastando-se da dicotomia discurso/prática, este trabalho toma Brasília e o Distrito Federal como ponto de partida para pensar processos globais, composições multiescalares em torno de metrópoles contemporâneas, criticando a ideia de uma suposta origem urbana pura e uma prática que veio a desconstruir isso.

Desde 2014, realizo trabalho de campo no Setor Noroeste, um dos mais novos bairros da capital federal. O bairro procura ser um exemplo de ecovila, de região cujos padrões de vida seriam sustentáveis e comunitaristas. O Noroeste vem para ser uma Brasília revisitada, próxima de seus ideais originais.

Neste trabalho, procuro tecer considerações acerca de minhas vivências na localidade, integrando em minha análise reflexões de dois tipos: (a) sobre a experiência de se viver no bairro e na capital federal, em uma metrópole brasileira e (b) os processos globais, em especial grandes projetos urbanísticos, que são agenciados em território brasiliense, dentro de uma lógica de desenvolvimento urbano e internacionalização da cidade. Com base nelas, argumento que o Setor Noroeste não é uma intervenção feita somente em dado espaço do Distrito Federal; é feita igualmente no tempo, ou melhor dizendo, na conjunção espaço-tempo. Do bairro construído revisita-se o passado, transformando-o e o carregando para uma cidade do futuro.

Palavras-chave: Brasília; antropologia urbana; cidade; composições multiescalares; intervenção urbana.

VALORES PATRIMONIALES Y VIVENCIALIDADES: EL CENTRO HISTÓRICO DE QUITO Y SUS POLÍTICAS DE OCULTAMIENTO CLASISTA

Maria Belen Espoz (CIECS-CONICET). belenespoz@gmail.com

Gabriel Alberto Giannone (CIESPAL-ECUADOR) ggiannone@ciespal.org

La relación ‘carne y piedra’ propuesta por Sennet sigue funcionando como hipótesis interpretativa de los estudios de las interacciones sociales y de las dinámicas de constitución subjetiva teniendo en cuenta la dimensión espacial como determinantes de la acción. En el presente trabajo reflexionaremos sobre algunas transformaciones producidas en el centro histórico de Quito, Ecuador, en vistas a la ‘recuperación patrimonial’ para preguntarnos por los cuerpos invisibilizados y desvalorizados en esa acción de ‘revalorización’ espacial.

Para ello procederemos a realizar un análisis de las diferentes intervenciones urbanísticas que se vienen realizando en el centro histórico de la ciudad y su presentación mediática, entendiendo a ésta última, como estrategia fundamental del proceso ideológico de valoración de las piedras por sobre los cuerpos, en el marco de la generación de consenso y legitimidad social del proceso. La dimensión estética propuesta por el saber técnico-arquitectónico, supone su desvinculación con la dimensión sensitiva y regulatoria que es condición de sus capacidades pragmáticas. Focalizaremos en la identificación de los actores que son supuestos en el marco de tales transformaciones, buscando hacer emerger los conflictos que se tejen en tal proceso de revalorización y su posible impacto en las interacciones de los sujetos que ya ocupan esos espacios.

Palabras claves: centros históricos; conflicto; vivencialidad; sujetos; valor.

Sesión 4:

COMPLEJIDADES Y TENSIONES DE LA ACCIÓN COLECTIVA EN CIUDADES SOCIO-SEGREGADAS. EL CASO DE BARRIO ALBERDI Y SAN

VICENTE. CÓRDOBA, ARGENTINA

Dra. BOITO, María Eugenia. CIECS- CONICET y UNC / meboito@yahoo.com.ar

Lic. SALGUERO MYERS, Katrina A. CIECS – SECyT, UNC /
katrimyers@hotmail.com

Córdoba, Argentina

A lo largo de los años hemos estudiado cómo la organización del espacio urbano –sus zonas residenciales, las vías para circular o detenerse, las áreas para la mercancía o los lugares de recreación- expresa y realiza diferentes modalidades de estar juntos/ separados. Esa disposición de cuerpos y espacios configura experiencias disímiles, sensibilidades sociales particulares, identidades y pertenencias, así como lugares permitidos y prohibidos para los sujetos.

Las transformaciones de la última década en la ciudad de Córdoba se han orientado a la organización clasista del espacio urbano; esto es, la atadura de las clases a localizaciones específicas para vivir, consumir, circular “entre los mismos”. La reubicación de villas miseria, la proliferación de ‘countries’ y barrios cerrados para grupos de altos ingresos, las políticas habitacionales y de seguridad para sectores empobrecidos, el *embellecimiento estratégico* en la zona céntrica, etc., son fenómenos que convergen en ese sentido.

En el presente trabajo proponemos indagar en dos áreas de la ciudad de Córdoba: Barrio San Vicente y barrio Alberdi. En ambos emergen conflictividades por las formas de vivir y significar lo que el barrio es y debe ser; se tensionan los intereses de los “vecinos” por definir el territorio como espacio de reproducción de la vida y los intereses de los “desarrollistas” por definirlo como espacio de reproducción del capital. La *Multisectorial Defendamos Alberdi* y la *Red de Vecinos y Asociaciones de San Vicente* se construyen como dos actores colectivos centrales en esta disputa. Intentaremos aportar a la comprensión de sus prácticas como vía de ingreso a las experiencias sociales existentes en las contemporáneas ciudades socio-segregadas.

Palabras claves: Acción colectiva- segregación urbana- experiencias sociales- conflicto.

**DESAFIANDO A ORDEM DO CAPITAL: O MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO
AMARILDO DE SOUZA E A LUTA PELA MORADIA NA CAPITAL
TURÍSTICA DO MERCOSUL**

Carmen Susana Tornquist

Fernando Calheiros

Esta comunicação analisa um movimento social no sul do Brasil – a Ocupação Amarildo de Souza – e faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que trabalha com métodos de pesquisa variados, incluindo-se aí a etnografia. A análise procura compreender o processo de emergência das lutas pela moradia no Brasil contemporâneo à luz da teoria marxista do espaço, a qual compreende a cidade como espaço em disputa, e, portanto, campo privilegiado da luta de classes. A partir da noção de segregação socioespacial e das análises acerca do planejamento urbano empresarial, analisa-se o caso do movimento Amarildo, levando em consideração o contexto de um planejamento urbano de ordem empresarial, que levou, nas duas últimas décadas, à construção da “capital turística do Mercosul”. Parte-se da hipótese de que o movimento expressa o déficit habitacional e as contradições urbanas, bem como a retomada das lutas sociais na região. Em sua trajetória, desde 2013, o movimento de ocupação percorreu três localidades distintas entre si, ocupando uma área urbana, um território em processo de demarcação como área indígena e uma área de caráter rural, onde se encontra atualmente, à espera da conclusão do processo definitivo de assentamento. A pesquisa inclui uma *descrição densa* do Movimento de Ocupação Amarildo e uma análise do papel do Estado a partir do conflito urbano e da disputa pela terra na cidade. Pretende-se compreender a construção deste sujeito político através da caracterização de suas estratégias de ação, organizações políticas e mediadores envolvidos no conflito de classes estabelecido na região.

Palavras-chave: Etnografia - Movimentos Sociais Urbanos – Moradia – Florianópolis - Segregação socioespacial.

USOS, EXPERIENCIAS Y DISPUTAS EN Y DEL ESPACIO PÚBLICO. LA FERIA DE COLECTIVIDADES DE ROSARIO, ARGENTINA

Diego Roldán y Cecilia Pascual

Centro de Estudios Culturales Urbanos

Universidad Nacional de Rosario

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas

diegrol@hotmail.com / cecipascual@hotmail.com

Desde 1985, en el Parque Nacional a la Bandera de Rosario se celebra una Feria de Colectividades de carácter popular. Desde 1990, la Feria se transformó en uno de los momentos en que los sectores populares de la periferia urbana llegan y se adueñaban del

centro. Con los nuevos desarrollos turísticos de los últimos años, la Feria ha comenzado a transformarse en un objeto de disputa para quienes intentan reformular la ciudad y aprovechar la construcción mercantil de un nuevo espacio público. Este trabajo aborda cuatro problemáticas: 1) los procesos de securitización y mercantilización del espacio público durante la Feria de Colectividades; 2) los dispositivos de integración igualitaria y participativa mediados por los valores de cambio que interfieren el valor de uso del espacio; 3) la reproducción de jerarquías y distinciones entre las colectividades, los recorridos y los trayectos, las infraestructuras y los equipamientos; 4) la feria como espacio de convergencia y mezcla de públicos que experimentan, practican y usan diversificadamente el espacio público.

PALABRAS CLAVES: Espacio público - Feria - Usos – Disputas.

“TRAJETÓRIAS E MODOS DE NARRAR: HABITANTES DE UMA PRAÇA NA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO”

Renata Carvalho Rodrigues Souza

Mestranda (PPGS - Universidade Federal Fluminense)

renatacrodrigues@gmail.com

A reflexão aqui proposta é fruto de pesquisa etnográfica realizada atualmente na zona norte da cidade do Rio de Janeiro junto a pessoas em situação de rua que habitam/ocupam a praça Jardim do Méier e seus arredores. Tendo em vista menos as unidades prontas previamente estabelecidas (cidade, bairro, praça) e mais os territórios criados através de diversas estratégias de sobrevivência nas ruas, esta pesquisa constrói-se entrelaçada às experiências cotidianas dos sujeitos, compreendendo que a partir da movimentação pedestre, o morador de rua também alarga seu universo de interlocuções e amplia a geografia alcançada na própria cidade.

Nesse universo empírico, os corpos relacionam-se diretamente ao chão, de tal modo que a história passa a ser marcadamente corporal; como através da exibição de cicatrizes e marcas, essas pessoas falam de si, de suas trajetórias e experiências, construindo uma dialética entre a subjetividade e as práticas cotidianas do mundo material. Narrativas do trauma e da violência, estas falas e corpos revelam as contradições de trajetórias que extrapolam as dualidades entre o *público* e o *privado*, a *casa* e a *rua* e até mesmo as fronteiras entre o *legal* e o *ilegal*.

Interessa elucidar os diferentes agenciamentos demandados pela vida nas ruas; os saberes, estratégias e relações criadas através dos usos do espaço e também do corpo, assim como as tensões em torno dos projetos urbanísticos que excluem estes modos de

vida do imaginário próprio às cidades modernas contemporâneas.

Pessoa em situação de rua; corporalidade; narrativas; trajetórias; urbano.

Sesión 5:

“REIVENTANDO BRASÍLIA: MULHERES DE BICICLETA ”

Leila Saraiva Pantoja

Mestranda em Antropologia Social, Universidade de Brasília – PPGAS DAN/UNB

leilocal@gmail.com

Parto aqui da percepção de que o espaço urbano, de cujo a rua é símbolo, é marcado essencialmente pelo conflito entre distintos atores da cidade (Delgado, 2007). A rua, permeada por um emaranhado de olhares e vivências, traz à tona as intranquilidades, as convivências difíceis, as disputas de poderes. A cidade não se realiza de forma estanque, mas se reconfigura a partir das experiências dos/as cidadãos/as e das negociações entre eles/as.

Na cidade realização de um projeto europeu de arquitetura, o Modernismo, as experiências cotidianas de quem frequenta as ruas de Brasília não obedecem ao plano original. Entre as diversas vivências não-hegemônicas da cidade, estão as de minhas interlocutoras: onze mulheres que optaram por utilizar da bicicleta enquanto principal meio de transporte. Ao circularem com suas bicicletas em espaços marcadamente masculinos e automotivos, elas traçam novos percursos, criam outras relações com o espaço urbano, reiventam a própria cidade, enquanto refletem sobre os desafios que encontram em seus trajetos. A mais das vezes, essas reivenções parecem se dar no nível do invisível, ainda que as experiências dessas mulheres sejam marcadas por fatores estruturais da organização do espaço urbano nas cidades capitalistas. Assim, a partir do olhar etnográfico, com acompanhamento de trajetos cotidianos e entrevistas dessas mulheres, este trabalho busca juntar a abordagem que Magnani (2002) chama de “de perto e de dentro”, a uma análise vívida dos fatores estruturais e macrossociais que marcam as experiências na cidade e, conseqüentemente, as de minhas interlocutoras.

Palavras chave: Brasília, Conflito, Bicicleta, Cidade, Mulheres.

A INSUSTENTÁVEL ARQUITETURA DOS CORPOS: O GÊNERO E A

SEXUALIDADE ENQUANTO DIFERENCIAIS NA EXPERIÊNCIA URBANA

DIEGO PONTES

diegopontez@gmail.com

Beatriz Preciado (2010) emprega o termo “pornotopia” para apreender lugares com a capacidade de estabelecer relações entre “*spacio, sexualidade, placer y tecnologia (audiovisual, bioquímica etc), alterando las convenciones sexuales o de género y produciendo la subjetividade sexual como um derivado de sus operaciones spaciales*”. A partir desta reflexão, a respeito de um contexto de interações em que homens subvertem as normas da heterossexualidade em suas práticas sexuais que se desenrolam em espaços públicos, o trabalho se propõe a discutir e analisar as relações entre a arquitetura dos corpos e da cidade em movimento e transformação, elucidando o gênero e a sexualidade enquanto marcadores sociais da diferença na experiência urbana contemporânea.

Para isso, busco refletir sobre como se desdobram nos espaços “públicos” as negociações entre desejo, moral, identidade, território e gentrificação das cidades, o que permite inicialmente lançar olhos atentos sobre como os processos de produção e subversão dos espaços urbanos refletem “novas” formas de criação e experimentação do corpo, dos desejos e da cidade.

Palavras Chave: corpo; cidade; gênero; sexualidade.

SOCIABILIDADE E LAZER: A CONSTRUÇÃO DO COMPORTAMENTO MASCULINO NO COTIDIANO DE UM BOTEÇO POPULAR

Mateus Cordenonsi Bonez. Graduando do oitavo semestre do curso de Ciências Sociais Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria; Bonezmcb@gmail.com

Este trabalho diz respeito ao universo simbólico peculiar de um boteco e ao comportamento masculino que é ressaltado pela dinâmica da sociabilidade e do lazer. Isso nos permite buscar compreensões acerca dos homens a partir de um ambiente frequentado assiduamente e quase exclusivamente por eles. Sendo assim, este trabalho objetiva-se em compreender a construção do comportamento masculino no âmbito peculiar de um bar de caráter popular. O bar estudado é caracterizado, principalmente, pelas práticas tradicionais de jogos e pela freguesia mais fixa do que outros tipos de

bares. O trabalho utilizou o método etnográfico, onde a observação direta e participante implicou na aproximação da interpretação do universo simbólico que orienta as ações e as práticas peculiares do comportamento masculino na sociabilidade que preenche o tempo e espaço de não trabalho. Em suma, os resultados preliminares desta pesquisa evidenciaram uma clara dinâmica, embora demonstrando uma heterogeneidade condizente com os atores sociais em questão, que ressalta o cotidiano não só do botequim, mas também do bairro e das formas de lazer destinados a tipos específicos de frequentadores, a saber: homens de classes populares, pequenos funcionários públicos e agricultores (em sua maioria aposentados).

Palavras chave: Sociabilidade, lazer, bar, homens, cotidiano.

Sesión 6:

AS REVOLTAS URBANAS E A CONSTITUIÇÃO DE UM NOVO SUJEITO POLÍTICO NO CONTEXTO DOS GRANDES EVENTOS NO BRASIL

Livia Maria Abdalla Gonçalves

Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(PPCIS/UERJ)

livia.abdalla@gmail.com

O ano de 2013 foi marcado por conflitos urbanos no Brasil. O que no início parecia ser apenas uma manifestação contra o alto custo do transporte se transformou em um movimento que daria início a reivindicações contra a Copa e as Olimpíadas, as remoções, as políticas de transporte e moradia, entre outros temas. A emergência da pauta urbana dominou a explosão das revoltas.

O Rio de Janeiro, cidade que vem recebendo megaeventos nos últimos anos vive um acirramento do processo de mercantilização das cidades. Diante da grande mudança nas formas de experienciar e viver o cotidiano urbano, assistimos ao surgimento de um novo sujeito político, que vem reconfigurando a formação da esfera pública e a ocupação dos espaços públicos. Coletivos diversos, como por exemplo, o “Ser Urbano” tem realizado manifestações políticas e culturais que ressignificam territórios e promovem o debate e a reivindicação de direitos.

Este trabalho pretende analisar o surgimento, a circulação e os agenciamentos desse sujeito para além de supostas características identitárias da cultura brasileira a partir do ponto de vista da virada antropológica, tendo como principal referência o antropólogo Michel Agier, para a qual a dinâmica do encontro afeta a construção da identidade na medida em que a transforma sob a presença constante de diferentes olhares, alianças e contatos. Junto à problematização dos conceitos de pessoa e indivíduo, esta reflexão busca analisar a formação de um sujeito relacional que encontra na alteridade a construção diária de sua expressão social.

Palavras-chave: cidade, mercantilização, espaço público, conflito e alteridade.

"POLÍTICAS PÚBLICAS DE SEGURIDAD (1998-2015): UN ANÁLISIS DESDE SU APLICACIÓN EN LOS TERRITORIOS"

PEANO, Alejandra. Universidad Nacional de Villa María, Córdoba, Argentina; alepe6@hotmail.com

TORRES, Paula. Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad (CIECS)-CONICET; Córdoba, Argentina; pautorres1990@gmail.com

En la presente ponencia nos proponemos articular la aplicación de políticas públicas de seguridad en la Ciudad de Córdoba con las capacidades de movimiento que estructuran el mapa geográfico y social urbano, moldeando las experiencias posibles.

A partir de la gestión del gobernador De La Sota (1998-2001 / 2002-2006), sucedido por Schiaretti (2007-2011), y en su vuelta al gobierno (2012-2016), el control y la agencia de la seguridad pública en la ciudad fue otorgado a la institución policial. Esta medida significó una política criminal más punitiva y un progresivo policiamiento sobre los cuerpos, materializado en detenciones masivas por contravenciones. A su vez, esta estrategia territorial que define las formas de habitar la ciudad fue adoptando nuevas prácticas de control y ocupación urbana caracterizadas por la violencia y la selectividad, como ser las razias, los corralitos, los controles y demoras en la vía pública y la patrulla aérea de los sectores periféricos de la ciudad.

En este sentido, buscamos analizar e interpretar dichas políticas en torno a las conflictividades que procuran regular, para entender cómo se van definiendo los límites de atracción y rechazo de los lugares y encuentros posibles y deseables dentro del espacio de la ciudad, fundamentados desde los mecanismos de seguridad.

Palabras Claves: Políticas de seguridad - territorio – cuerpos.

SALIDAS DE “LOS SINSALIDA”. LOS MAPAS MEDIATIZADOS DE LA CIUDAD DE JÓVENES DE SECTORES POPULARES

Cecilia Michelazzo. Integrante del Programa de Ideologías y Prácticas Sociales en Conflicto, del Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad, del Conicet y la Universidad Nacional de Córdoba.

ceciliamichelazzo@hotmail.com

En este trabajo nos acercaremos a las maneras en que ciertos “caminantes”, en el sentido de De Certeau, jóvenes de sectores populares que habitan las ciudades barrio de Córdoba, se apropian del espacio urbano e inscriben en él sus mapas *psicogeográficos* desde los sentidos de pertenencia o exclusión, marcando trayectorias e hitos a través de sus prácticas cotidianas. En este sentido, encontramos que las relaciones de los sujetos con los que trabajamos con la ciudad en particular, y con el espacio en general, se encuentran marcadas por las constricciones y disposiciones de dos tendencias contemporáneas convergentes:

- El uso masivo y cotidiano de dispositivos tecnológicos, las llamadas tecnologías de información y comunicación, que modifican las percepciones del espacio (sentidos de cercanía o lejanía, proximidad o extrañeza, “despegue” o superación de límites o fijación de la posición, velocidad o precariedad).
- Las reconfiguraciones que desde los poderes de estados y mercados se plasman en el territorio de Córdoba, disponiendo a la ciudad cada vez más como imagen/mercancía para el consumo y el turismo. En este proceso, los sectores populares son desplazados y perseguidos en ciertas localizaciones, restringiéndose sus posibilidades de circulación *legítima* a ciertos circuitos.

Retomaremos caracterizaciones en torno al espacio barrial, para focalizar luego en las experiencias de y en el centro y otros hitos que metonímicamente representan la “ciudad”; a partir de lo cual realizaremos consideraciones sobre las tendencias observadas, y las implicancias de la mediatización del espacio como atravesamiento de las lógicas de la imagen y el control.

Palabras clave: CIUDAD-JOVENES-SECTORES POPULARES- IMAGEN-CONTROL.

Sesión 7:

LA EXPERIENCIA DE LA VIOLENCIA EN LOS BARRIOS POPULARES DE JOSÉ LEÓN SUÁREZ

Luciano Martín Mantiñán(UNSAM, CeDeSI)

Immantinan@yahoo.com.ar

La muerte de un chico de 14 años 1ocurrida en octubre del año 2013 en un villa llamada Carcova -Localidad de José León Suárez, Partido de General San Martín- expuso en los medios masivos de comunicación, aunque de un modo bastante fugaz, una problemática que azota los barrios conocidos como “villas miserias” del conurbano bonaerense: la muerte de chicos de forma violenta. Propongo aquí que la violencia adquiere particularidades específicas en los contextos urbanos afectados por la extrema pobreza y la degradación ambiental, y esto está relacionado con el propio medio en el cual se desenvuelve la vida. De esta manera, este trabajo intenta rastrear cómo los vecinos significan la experiencia de vivir en estos barrios, desde situaciones de violencia, que si bien no son enteramente nuevas, sí muchas han adquirido en estos últimos años una particular relevancia. A partir del trabajo de campo hecho hasta el momento, considero que es posible empezar a trazar algunas líneas generales e iniciales acerca de cómo aparecen estas experiencias, algunos significados asociados a ellas en los relatos y vivencias de los vecinos, así como también es posible reflexionar acerca de cómo se estructuran las situaciones de violencia en la vida cotidiana de estos barrios.

Palabras claves: Experiencia- vidas violentadas- pobreza- degradación ambiental

GRAFISMOS E PICHACÕES: FORMAS VISUAIS DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Perdigão, Vinícius G.(Graduando)

Brites, Jurema G.(Orientadora)

Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria

perdigones3@gmail.com

Este trabalho procura articular um discurso capaz de compreender diferentes concepções do espaço urbano e suas disputas pelo espaço-poder. De um lado uma noção

De espaço urbano hegemônica, que prima pelo bem estar das pessoas que vivem na cidade regulando e controlando quem pode emitir símbolos, em especial aqueles que violam uma certa noção estética ou simbólica. Em contrapartida, a apropriação da

cidade por indivíduos, grupos, bondes, crews enquanto espaço mutante e criativo que registra ideias abertamente em seus muros e paredes, num processo de engajamento específico que mescla arte e diversão, protesto e transgressão. O pichador nessa segunda perspectiva se coloca como sujeito na sociedade, ganha visibilidade, estabelece redes de sociabilidade, desenvolve técnicas artísticas, experiencia o risco e pode viver uma identidade transgressora. Partindo de uma etnografia com jovens santa marienses praticantes regulares da pichação e de uma revisão bibliográfica sobre o tema, propõe-se pensar diferentes tipos de grafismos e pichações em termos de efeito e intenção; entendendo os grafismos como representação subjetiva da vida social em suporte visual, presente em todas as sociedades humanas, interessante para pensar uma nova forma de conceber as disputas, diálogos e dinâmicas no uso do espaço-poder urbano.

Palavras chave: pichação, juventude, urbano, conflitos, etnografia.

VIAJE A LOS DESECHOS: MIRANDO LA CIUDAD DESDE LA ISLA DE CACHIVACHEROS EN EL CENTRO DE MEDELLÍN, COLOMBIA

Andrea Lissett Pérez

Universidad de Antioquia (Colombia)

andraperez71@hotmail.com

En esta ponencia se discuten las categorías de precariedad, informalidad e ilegalidad en el espacio urbano, a partir de una etnografía realizada en una de las “manchas” humanas que se aglomeran en los centros de las ciudades latinoamericanas, se trata de un comercio callejero de la más baja categoría social situado en el corazón de la ciudad de Medellín (Colombia), donde se revenden objetos reciclados en la ciudad. Este espacio ofrece una lectura privilegiada de las dinámicas socioeconómicas urbanas contemporáneas de los países del Sur: el trabajo informal, la ilegalidad, el control del espacio público, las formas del rebusque y la sobrevivencia cotidiana atravesada por las lógicas del microtráfico y la criminalidad que dominan la ciudad y, en especial, el centro, que constituye un territorio de fuerte disputa por parte de múltiples actores (el Estado, el ejército de precarios y la bandas). En medio de este marasmo de complejidades, poderes y flujos, los sujetos que habitan este reducido espacio, sus sentidos, imaginarios y formas de recrear el mundo a partir de este contexto. Se propone una mirada que dialoga entre las lógicas neoliberales, estructurales y de ordenamiento urbano y las subjetividades de las personas que afrontan los avatares del día a día desde la resistencia de la isla de cachivacheros, nuevos recolectores urbanos.

Palabras clave: informalidad, precariedad, reciclaje, ciudad, Medellín.

REMOÇÕES E MEIO AMBIENTE - PRODUÇÃO DE LOCALIDADE NO CONFLITO SOCIOAMBIENTAL DO HORTO

Thiago Castanho / Mestrando em Sociologia IUPERJ; descendoarua@gmail.com

O Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, é um bairro de classes média e alta, no qual casas de alto padrão vêm sendo construídas em encostas e onde se situam diversos imóveis da Rede Globo de Televisão. Em um trecho do bairro conhecido como Horto, que abriga moradias de classes sociais mais baixas e antigas vilas operárias, centenas de famílias estão ameaçadas de remoção, por conta de disputas fundiárias que vem ocorrendo há décadas. Conforme os anos passaram, as razões para a remoção foram sendo atualizadas e, no contexto atual, ocorreu uma ambientalização do conflito social do Horto, de modo que, hoje, quem pleiteia a posse do local é o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico, que alega ter sofrido invasão de uma área que deveria ser usada para pesquisas, visitação e preservação. A iminência de remoção e uma forte campanha dos noticiários provocam a construção de fronteiras simbólicas que estigmatizam o Horto como um território de invasores e desmatadores. Neste cenário, os moradores passaram a acionar e reivindicar uma identidade de defensores do meio ambiente, afirmando sua presença na região como um entrave para grandes projetos de alto impacto. Este artigo busca analisar as categorias simbólicas produzidas em um contexto de conflito socioambiental urbano no qual não estão sendo contempladas possíveis soluções que busquem tanto a conservação da diversidade biológica quanto a diversidade cultural e melhorias sociais.

Palavras-chave: cidade, ambiental, gentrificação, conflitos, ambientalização.

GT 127. COLONIALISMO, PROCESOS, TERRITÓRIOS Y PUEBLOS INDÍGENAS EM LA REGIÓN PLATINA

Coordenadores:

Jorge Eremites de Oliveira. Universidade Federal de Pelotas/CNPq, Brasil;
eremites@hotmail.com

Marilin Renhfeldt. Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, Paraguay;

mrehnfel@rieder.net.py

Ana María Gorosito. Universidad Nacional del Nordeste, Argentina;
anagorosito@gmail.com

Debatedor: Thiago Leandro Vieira Cavalcante. Universidade Federal da Grande
Dourados, Brasil; thiago_cavalcante@hotmail.com

Sessão 1:

Colonialismo de colonos y territorio en Uruguay: Una reemergencia sin leyes ni tierras

Gustavo Verdesio (University of Michigan, Estados Unidos; gverdesio@gmail.com)

En un país como Uruguay, que se imagina, gracias a las narrativas de la Nación, como “país sin indios,” el surgimiento de las asociaciones de descendientes de indígenas ha sido recibido de diversas maneras por el Estado y el público general. La reacción más común ha sido la de escepticismo. Esto puede deberse, en buena medida, a que el tipo de colonialismo que se desarrolló en ese país (y en buena parte de la Argentina) no fue el mismo que en el resto de Latinoamérica. Me refiero a lo que en inglés se llama *settler colonialism* (colonialismo de colonos) y que se caracteriza por el intento de desplazar, o en su defecto, exterminar, a los habitantes originarios del territorio. En esos países, según Lorenzo Veracini, es muy difícil discutir asuntos indígenas, puesto que su problemática pone en tela de juicio la historia y la existencia de las sociedades occidentales u occidentalizadas que se desarrollan en las repúblicas modernas que provienen de ese tipo de colonialismo. Al no haber en Uruguay una legislación que contemple los asuntos indígenas, la situación de los colectivos charrúas reemergentes en relación al reclamo de tierras es poco auspiciosa. Aquí exploro el tema del resurgimiento de las etnicidades indígenas en Uruguay en el marco del *settler colonialism* y de una discusión de la territorialidad como elemento ausente que, paradójicamente, es parte de la identidad de los grupos reemergentes.

Palabras clave: Colectivos Charrúas, Colonialismo de colonos, Etnicidad indígena, Indios en Uruguay.

Laudos antropológicos: tensões e dilemas no contexto da luta constitucional pela terra no Brasil

Diogo Raul Zanini

(Universidade Federal de Pelotas, Brasil; diogoraul@gmail.com)

No Brasil, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, os povos indígenas e comunidades remanescentes de quilombos têm direito à regularização de seus territórios tradicionais e a Antropologia segue tendo um papel importante na garantia dos direitos dessas “minorias étnicas”. Para tanto, os laudos antropológicos se constituem como uma peça técnica chave para a fundamentação dos relatórios elaborados pela FUNAI e pelo INCRA, ou por instituições terceiras, contratadas pelos órgãos governamentais. No entanto, o antropólogo quando vai ao território pleiteado para realizar o trabalho de identificação e delimitação das áreas, pode se deparar com uma gama de dificuldades, causadas pelos conflitos envolvendo a posse de terras e pela vulnerabilidade que se encontram esses povos e comunidades tradicionais. Dessa forma, o presente artigo pretende compartilhar uma experiência de produção de laudo antropológico em uma comunidade de remanescentes de quilombo no estado do Maranhão, cuja situação de conflito de terras acarretou uma série de problemas provocados por forças contrárias a demarcação e titulação do território, atrapalhando a produção do laudo. Quais situações que os antropólogos podem encontrar em campo, as quais representam uma ameaça à produção de laudos e ao direito constitucional das populações indígenas e quilombolas? Quando falamos dos “imponderáveis”, na pesquisa antropológica, podemos estar tratando de relações de poder? Qual a tensão vivenciada atualmente por antropólogos e por essas minorias no Brasil pós 1988? São estas as questões que permeiam a discussão proposta para este trabalho.

Palavras-chave: Colonialismo, Laudos Antropológicos, Relações de Poder, Remanescentes de Quilombo.

ARQUEOLOGÍA DE CONTRATO, COLONIALISMO INTERNO Y PUEBLOS INDÍGENAS EN BRASIL

Jorge Eremites de Oliveira

(Universidade Federal de Pelotas/CNPq, Brasil; eremites.br@gmail.com)

En este trabajo presento un conjunto de reflexiones críticas sobre la relación entre la arqueología de contrato, el colonialismo interno y los pueblos indígenas en Brasil. La

discusión va al encuentro de una antropología y arqueología del colonialismo, es decir, del estudio del colonialismo entendido de dos formas inseparables y complementarias: primero, como un sistema estructurante de relaciones sociales de poder, explotación y dominación que no se limita a la temporalidad del periodo colonial; segundo, como un conjunto de problemas inherentes a la conformación, práctica y producción de saberes en esos campos del conocimiento, originalmente establecidos en Occidente. El colonialismo interno, por su parte, es un sistema estructurante de la misma naturaleza pero particular a cada país y conectado a las capilaridades transnacionales del colonialismo global. La arqueología de contrato, a su turno, es una práctica empresarial porque se produce dentro de una lógica de negocio y mercado. Presupone la existencia de complejas relaciones entre contratantes/clientes/empleadores y contratistas/negociantes/empleados. En esos casos el producto que se vende o comercializa es el trabajo del arqueólogo. Por lo general, este tipo de servicio es necesario en el licenciamiento socioambiental de diversos proyectos de desarrollo. Para hacer frente a un tema demasiado complejo me baso, principalmente, en observaciones realizadas entre 2003 y 2012 en la región Centro-Oeste en las que participé, como arqueólogo o como antropólogo social, en trabajos periciales o judiciales sobre tierras indígenas y la realización de estudios complementarios a informes sobre los impactos socioambientales de proyectos que afectan comunidades indígenas: dos carreteras, una línea de transmisión de energía y una mina de oro.

Palabras clave: Arqueología de Contrato, Colonialismo Interno, Laudos Antropológicos, Pueblos Indígenas en Brasil.

EM NOME DA TERRA – A BUSCA COLETIVA POR DIREITOS ACERCA DO TERRITÓRIO GUARANI NO PARANÁ

Ana Cristina Bochnia Cabral

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil; bochniacabral@hotmail.com)

Para os Guarani da região oeste do estado do Paraná, a terra está relacionada com o sagrado, tendo em si um significado próprio de seu povo. Ela é um espaço de livre movimentação, onde o índio produz sua cultura criando e referenciando seu mundo simbólico, podendo assim exercitar suas práticas culturais, bem como suas crenças. A terra é um dos elementos que constituem a identidade do grupo, sendo, portanto, um fator que caracteriza sua diversidade cultural. Com o início da colonização e seus princípios de apropriação e exploração do território, esses povos foram desnaturalizados em nome de uma fé cristã e do processo civilizatório. A problemática do território e, sobretudo da identidade desses povos agravou-se a partir do período entendido pelas lutas por definições das fronteiras. Hoje, assim como outrora, os conflitos gerados a partir da luta pela preservação do espaço, tido como sendo tradicionalmente indígena, se intensificaram nessa região situada dentro de um contexto fronteiriço. Esse trabalho, produto de uma pesquisa etnográfica realizada junto a aldeia *Tekohá Y'Hovy* localizada

no município de Guaíra, Paraná, Brasil, busca demonstrar a relação que os indígenas Guarani estabelecem com a terra, num território sem demarcação. Uma das características marcantes desse grupo indígena é a sua mobilidade, este estudo pretende analisar a forma como eles têm trabalhado a questão dos deslocamentos, em tempos onde, afixar-se se torna a melhor opção, ou melhor, a única opção possível diante das conjunturas expostas. Salienta-se que grande parte dessa população vive em territórios que ainda não foram demarcados pelo Estado.

Palavras-chave: Colonialismo, Identidade Guarani, Terra Indígena, Território.

RELAÇÃO DO TERRITÓRIO TRADICIONAL E AS CRIANÇAS INDÍGENAS DA ALDEIA PAKURITY - MATO GROSSO DO SUL/BRASIL

Sônia Rocha Lucas

(Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil; soninhalucas@gmail.com)

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil; hilarioaguilera@gmail.com)

O presente artigo é parte do projeto de pesquisa no curso de mestrado em Antropologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e busca apresentar a proposta de um estudo da atual situação do processo de regulamentação fundiária dos Kaiowá e Guarani do acampamento Pakurity no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, bem como identificar e descrever quem são as crianças indígenas, como vivem, como percebem a situação de acampamento e com se dá sua relação com a rede de parentela e com o território tradicional. Assim, uma das propostas é identificar e descrever algumas histórias contadas pelas crianças indígenas referentes ao uso da terra, dos caminhos e das trilhas que interligam, tanto a rede de parentela, como com toda a comunidade, como prática de relação com o território. O estudo fundamenta-se em autores como Pacheco de Oliveira (1998), Brand (1993, 1997), Pereira (2007, 2009), Eremites de Oliveira & Pereira (2010), Cavalcante (2013), Lutti (2009), Conh (2005) e Aguilera Urquiza (2013) e tem como procedimentos metodológicos as práticas da Antropologia, como o trabalho de campo e a partir dele, a observação participante, diário de campo e outras formas de registros.

Palavras-chave: Colonialismo; Crianças Indígenas; Situação de Acampamento; Retomada Território Kaiowá.

Sessão 2:

El arrendamiento de tierras indígenas en el Paraguay

Rodrigo Villagra Carron

(Universidad Nacional de Itapúa, Paraguay; villagrarodrigo@hotmail.com)

El alquiler o arrendamiento de tierras indígenas en el Paraguay se contrapone a las garantías de protección consagradas en el artículo 64 de la Constitución Nacional de ese país. Sin embargo, su extensión hasta niveles insólitos (afectando por ejemplo a más del 60% de las comunidades indígenas del Departamento de Alto Paraná según datos oficiales, cf. DGEEC, 2015: 43) es quizás un epifenómeno del colonialismo interno y la expansión regional y global del agronegocio pero constituye uno de los indicadores más claros de su constitución como sistema estructurante de relaciones sociales de dominación y explotación. El derecho indígena, las instituciones judiciales, los gobiernos locales, el ente estatal indigenista, los organismos multilaterales, los liderazgos comunitarios y organizaciones indígenas – incluso las más organizadas – gravitan, se eclipsan o ceden ante el peso de su incidencia. No es exageración plantear que esta encrucijada acuciante, propiciada por el discurso hegemónico productivista y la parafernalia tecnológica y financiera de sus agentes, se debate la diversidad, vida y destino de los pueblos indígenas y sus territorios. En la ponencia se presentaran datos generales y casos concretos de comunidades indígenas afectadas por el alquiler/arrendamiento de tierras a fin de ilustrar las características y alcance de este fenómeno.

Palabras clave: Arrendamientos de tierras indígenas; Colonialismo interno; Derecho indígenas en Paraguay.

Mbyá Rekoa Meme em múltiplas relações: territorialidade, mobilidade e o ambiente na sociocosmologia Mbyá-Guarani no litoral catarinense

Carlos Eduardo Neves de Moraes

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; carleza@rocketmail.com)

Os Mbyá-Guarani nomeiam seu “mundo cultural” por *Yvy Rupá* e conservam diferentes categorias espaciais dentro desse amplo território. Sua dinâmica social tem como característica marcante a mobilidade e o constante trânsito de seus membros entre comunidades espalhadas em diversos estados brasileiros, bem como nos países vizinhos do Cone Sul. Com base nisso, proponho uma análise que considera diferentes escalas no entendimento do enraizamento territorial Mbyá-Guarani. As peculiaridades do investimento simbólico sobre o território estão calcadas em múltiplas relações estabelecidas entre as comunidades, com o ambiente e seus seres, com as cidades próximas, com agentes do Estado e, inclusive, com seres das séries extrahumanas (espíritos, demiurgos...). Neste artigo se tem o objetivo de investigar antropologicamente, com base em etnografia realizada junto aos Mbyá-Guarani, a categoria nativa *Mbyá Rekoa Meme*, constantemente utilizada para identificação das comunidades no litoral catarinense. Entendida como o “mesmo jeito Mbyá” de viver, a qual engloba, segundo meus interlocutores, um conjunto de comunidades na Grande Florianópolis e arredores, por sua acepção não se trata de uma categoria meramente espacial, todavia parto do pressuposto de que ela resguarda uma dimensão territorial importante, sendo lócus em que se realizam múltiplas relações que conectam diferentes comunidades e esferas de sua vida social. Assim, a partir do estudo etnográfico desse conjunto múltiplo de relações pretende-se descortinar a dimensão territorial do *Mbya Rekoa Meme*, entendendo-se, nessa abordagem, o território como ponto de chegada e não de partida.

Palavras-chave: Mobilidade, Sociocosmologia Mbyá-Guarani, Territorialidade; Território Mbyá-Guarani.

“OS BUNDAS SUJA”: UMA ETNOGRAFIA DAS CRIANÇAS INDÍGENAS EM SITUAÇÃO DE ACAMPAMENTO NO SUL DE MATO GROSSO DO SUL E UM OLHAR PARA OS PROCESSOS EDUCACIONAIS

Tania Milene Nugoli Moraes

(Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil; tanianugoli@gmail.com)

Antonio Hilário Aguilera Urquiza

(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil; hilarioaguilera@gmail.com)

O presente trabalho apresenta a proposta de um estudo etnográfico com e sobre um grupo de crianças indígenas que vivem em contexto de acampamento, no sul do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, especificamente em três áreas, sendo elas: Laranjeira

Ñanderu, Pakurity e Apyka'í (curral de Arame), estando elas respectivamente localizadas no município de Rio Brilhante e Dourados. Esta pesquisa está sendo desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e busca apresentar questões do cotidiano de aprendizagem, tanto em ambientes de educação formal, quanto em ambiente de educação não formal, isto é a aprendizagem no cotidiano dos acampamentos. Sendo assim, o trabalho se dispõe a fazer um estudo da relação dessas crianças com a educação, levando em considerações questões pertinentes como: onde estudam? Qual sua relação com o meio escolar? Como vivem e compreendem a escola? Como se dá a relação de aprendizagem nos acampamentos? Como acontece a *pedagogia indígena*, ou os processos próprios de aprendizagem? Consideramos este estudo um caminho importante, pois assim poderemos ouvir a voz dessas crianças, levando em conta que estas populações vivem em uma situação de incertezas esperando decisões judiciais provisórias e sem atendimento dos órgãos competentes. Nesse lugar estão em uma situação de vulnerabilidade, sem acesso a qualquer política pública, seja na questão alimentar, saúde, educação ou em qualquer outra área, exatamente pelo fato de não estarem em reservas regularizadas pelo Estado como aldeias.

Palavras-chave: Crianças Indígenas; Educação Indígena; Pedagogia Indígena; Situação de Acampamento.

Doutores indígenas no Brasil: autoria acadêmica e pensamento indígena em uma etnografia da Ciência

Inês Caroline Reichert

(Universidade FEEVALE, Brasil; inesrei@feevale.br)

O trabalho que aqui se apresenta busca explicar a emergência, no Brasil contemporâneo, de uma intelectualidade indígena constituída por indígenas que realizaram a formação acadêmica, tornando-se Doutores. Nas trajetórias sociais dos Doutores indígenas estão articuladas, simultaneamente, a diferença étnica – suas territorialidades e lutas, sua afirmação identitária, sua cosmovisão – e a inserção ao espaço universalizante da Educação no mundo branco, o que envolve que atuem a partir de diferentes esferas éticas. A pesquisa procura entender também os significados expressos pelos Doutores Indígenas para a sua autoria acadêmica, realizando uma etnografia da Ciência que intenta demonstrar o giro epistemológico que a presença do pensamento indígena tem impresso na Ocidentalidade, no momento em que demarcam sua territorialidade simbólica pela escrita, rompendo os confinamentos coloniais a que foram submetidos.

Palavras-chave: Doutores Indígenas, Etnicidade, Etnografia da Ciência, Trajetórias

Sociais.

Análisis antropológico de las representaciones culturales sobre el indio construidas en diferentes períodos históricos del Uruguay

Mónica Wajswol

(FLACSO - Buenos Aires, Argentina; monicainahe@gmail.com)

Este trabajo de investigación es un análisis antropológico de las representaciones culturales sobre el indio construidas en diferentes períodos históricos del Uruguay; los cambios en la matriz histórica de alteridad cultural, y el lugar que en ella han ocupado y ocupan los indígenas. Se trabaja sobre la noción de aboriginalidad para el caso uruguayo y sus cambios desde la constitución del estado-nación hasta nuestros días. La tesis apunta a entender cómo surge y qué características tiene la construcción de otredad en el marco del desarrollo del estado –nación uruguayo en períodos temporales significativos de la historia nacional. Basándome en productos de la cultura uruguaya, como obras literarias, trabajos académicos, producción gráfica, discursos oficiales, y en trabajo etnográfico con sujetos y colectivos auto-reconocidos como *charrúas*, se explora el imaginario y la capacidad de agencia de los colectivos indígenas uruguayos para definir su aboriginalidad en un contexto regional e internacional reciente, favorable a las re-emergencias étnicas.

Palabras clave: Alteridad, Colectivos Charrúa, Imaginario Nacional, Indios en Uruguay.

Sessão 3:

ARTE MBYÁ-GUARANI E SUAS HISTÓRIAS

Bedati Aparecida Finokiet

(Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil; bedati.finokiet@uffs.edu.br).

“Todo mundo faz artesanato na aldeia. A criança já aprende desde pequenininha. Já tem

na cabeça os animais todos. Porque, no passado, todos os animais eram como nós. Os animais falavam. O grilo, foi um Karaí, por exemplo. Mantemos essa ligação com a natureza e os animais, por isso, ficamos fazendo oncinhas, tamanduás, macacos e outros bichos. Não é, simplesmente, um artesanato para comercializar. Talvez, para os não-indígenas, o significado seja esse. Para nós, é outro. Tem toda uma história e uma mitologia, por trás de cada bichinho.” As palavras do cineasta indígena e cacique da Tekoá Ko'enjú, Ariel Ortega, evidenciam um conjunto de significados e histórias manifestadas na arte Mbyá-Guarani e que estão presentes no documentário MBYÁ REMBIAPÓ NHEMOMBE'U - ARTE MBYÁ-GUARANI E SUAS HISTÓRIAS, realizado com o intuito de refletir sobre seus saberes, fazeres, cotidiano, cosmologia, crenças e o modo de ser Guarani. Os Mbyá-Guarani da Aldeia Alvorecer dependem da produção e venda do seu artesanato para sobreviverem. Junto ao alpendre do Museu das Missões, localizado no sítio arqueológico da antiga Redução de São Miguel Arcanjo, homens, mulheres, jovens e crianças, dispõem bichinhos feitos de madeira, colares de sementes, arcos, flechas e cestaria, cotidianamente, sob os olhares dos visitantes desse espaço. O documentário, realizado a partir do olhar e protagonismo indígena, enfoca aspectos relacionados com o processo produção dessa arte, desde a busca da matéria-prima na mata, até o momento de sua venda, além de suscitar o debate sobre sua situação sócio-histórica.

Palavras-chave: Arte Mbyá-Guarani, Cosmologia, Povos Indígenas, Saberes e Fazeres Indígenas.

Estado e Colonialismo: processos de demarcação de terras indígenas Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul, Brasil (2008-2015)

Thiago Leandro Vieira Cavalcante

(Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil; thiagocavalcante@ufgd.edu.br)

O trabalho analisa o processo histórico de esbulho territorial e de luta pela terra empreendida pelos povos Kaiowá e Guarani que ocupam tradicionalmente a região sul do atual Mato Grosso do Sul, especialmente após a criação, em 2008, de seis Grupos Técnicos para a realização de estudos de identificação e delimitação de terras indígenas. Em 2007, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) reconheceu não estar cumprindo a Constituição Federal Brasileira e assinou um Compromisso de Ajustamento de Conduta por meio do qual se comprometeu a demarcar as áreas de ocupação tradicional kaiowá e guarani. Em 2008, foram constituídos Grupos Técnicos para a identificação e a delimitação dessas terras. Apesar disso, poderosos setores do Estado brasileiro ligados aos três poderes da república, em clara atitude colonialista, dificultam e/ou

impedem a concretização de tais demarcações. O presente trabalho faz uma análise histórica desse processo a partir de matrizes teóricas latinoamericanas e conclui que os povos indígenas do Brasil, e em particular os Kaiowá e Guarani, são submetidos a uma sofisticada forma de colonialismo interno que tem no Estado brasileiro seu maior agente executor. Entretanto, salienta-se que o Estado não é um ser abstrato ou alienígena, pelo contrário, seguindo os preceitos da democracia liberal é majoritariamente dirigido por representantes e aliados das elites agrárias e econômicas do país.

Palavras-chave: Colonialismo interno, Kaiowá e Guarani, Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul, Terras Indígenas.

O surgimento de uma nova aldeia Mbyá: a *TekoaPyaiú* em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil

EstelamarisDezordi

(Universidade Federal de Pelotas, Brasil; estelamarisdezordi@gmail.com)

O presente trabalho analisa dados parciais da pesquisa etnográfica realizada junto a comunidade Mbyá instalada desde o ano de 2013 no município de Santo Ângelo, situado na região noroeste (Missões) do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A pesquisa está sendo desenvolvida para a conclusão de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, área de concentração em Antropologia Social e Cultural, da Universidade Federal de Pelotas. Tem por objetivo compreender a mobilidade espacial, o processo sócio-histórico, a territorialização e a formação de uma nova *tekoa* (aldeia), constituída por uma única parentela. Para realizar o estudo proposto, optou-se pela perspectiva teórico-metodológica que busca estabelecer interfaces entre os campos da História e da Antropologia. A relevância desse trabalho está centrada na possibilidade de fazer o acompanhamento e o registro da presença dessa comunidade indígena que está em situação de acampamento num terreno emprestado pela prefeitura municipal, mas já denominado por eles como *Tekoa Pyaiú* (Nova Aldeia), assim chamada na língua guarani. Reflete-se, então, sobre os processos estabelecidos entre os indígenas e os órgãos do Estado e demais sujeitos da sociedade nacional envolvente, no que diz respeito à situação que busca uma resolução em relação a ampliação do espaço em que possam estabelecer definitivamente a *tekoa*.

Palavras-Chave: Antropologia Histórica, História Mbyá, *Tekoa*, Processo de Territorialização.

“Eran sólo indios...”: La construcción de la alteridad Mbya-Guaraní en el Alto Paraná de Misiones, Argentina (1920-1960)

Marilyn Cebolla Badie

(Universidad Nacional de Misiones, Argentina; macebolla@yahoo.com.ar)

María Cecilia Gallero

(CONICET, Argentina; ceciliagallero@yahoo.com.ar)

En la presente ponencia nos proponemos analizar la construcción de la alteridad mbya-guaraní en Misiones eligiendo la zona del Alto Paraná en el periodo que transcurre desde el inicio de la colonización privada (1920) – por parte de inmigrantes europeos con la ocupación permanente del territorio mbya y sus extensas selvas – y la posterior organización del estado provincial y el final del proceso de colonización en la región (principios de la década de 1960). Esta investigación constituye una etnografía de larga duración cuyo principal objetivo es conocer cómo fueron los primeros contactos entre “blancos” e “indios”, qué relaciones mantuvieron y cuáles fueron las representaciones mutuas que determinaron la construcción de ese “otro” desconocido hasta entonces. En la historiografía regional existe escasa información sobre estos contactos. En los relatos, memorias, historias de pueblos, etc., en los que se encuentra alguna mención, ésta suele consistir en comentarios de tipo paternalista o claramente despectivos. Las situaciones de fricción interétnica (Cardoso de Oliveira, 1972) que fueron obviadas en estos relatos, y que surgen de los testimonios recogidos en nuestra investigación brindan otra perspectiva sobre el modo en que se relacionaron inmigrantes europeos, criollos e indígenas en el Alto Paraná misionero.

Palabras clave: Relaciones interétnicas, Situación de contacto, Construcción de alteridad, Mbya-guaraní.

Os Museus de Arqueologia e a Arqueologia nos Museus: análise de exposições museais no oeste de São Paulo e norte do Paraná

Leilane Patricia de Lima

(Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil;
leilaneplima@gmail.com)

Resumo: Esta pesquisa de pós-doutorado é orientada para o eixo temático Arqueologia Pública/Museologia/Comunicação Museológica. A partir da aproximação entre estes campos disciplinares, pretende-se evidenciar como a Arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena têm aparecido no discurso contemporâneo por meio de exposições apresentadas em museus situados em municípios pertencentes a duas unidades geopolíticas vizinhas, São Paulo e Paraná, regiões centro-oeste e norte, respectivamente. A coleta de informações para a geração de dados será realizada a partir da Avaliação Técnica que consiste em observar tecnicamente a exposição no espaço, como ela se apresenta para o público, valendo-se de observação criteriosa, amplo registro e categorização. Como resultados, espera-se a elaboração de um banco de dados atualizado sobre os museus visitados e um panorama geral de modelos expográficos que utilizam (ou não) vestígios arqueológicos musealizados em suas propostas comunicacionais. Ainda, pretende-se responder a alguns questionamentos: A Arqueologia tem aparecido nos museus? Se sim, como? Se não, por quê? Como o passado, o patrimônio e o conhecimento arqueológico são apresentados e comunicados nestas instituições? Como se configura o espaço museal e onde o setor, acervo e/ou informações de Arqueologia estão localizados neste espaço? Como os artefatos e o conhecimento arqueológico dialogam com outros setores da exposição? Qual a importância dos objetos arqueológicos para a temática proposta?

Palavras-Chave: Arqueologia Pública, Avaliação de Exposição, Exposição, Museus.

Quando as mulheres não querem mais pelar a cabeça

Marcos César Borges da Silveira

(Universidade Federal de Pelotas, Brasil; borgescerrado@yahoo.com.br)

A “festa da moça nova” reconhece, celebra e enquadra a fecundidade feminina de acordo com os valores tradicionais Ticuna reforçando o poder dos homens sobre as mulheres e dos adultos sobre os jovens. Trata-se de um importante rito de iniciação feminino que assinala a passagem da infância para a idade adulta tendo como ponto de inflexão à primeira menstruação. Entre os Ticuna citadinos, o abandono do cerimonial seria indicativo de alterações no âmbito das relações entre gerações e gêneros ensejando redefinições das relações sociais e no próprio “quadro de entendimento” face ao mundo.

Palavras-chave: Índios urbanos, Geração, Ritual Ticuna, Relações de Gênero.

GT 128. ANTROPOLOGÍA AUDIOVISUAL URBANA

Coordenadores:

Dr. Matias Godio (Universidad Nacional de Tres de Febrero – UNTREF);
mgodio@untref.edu.ar

Dr. Alex Vailati (Universidade federal de Santa Catarina - UFSC);
alexvailati@gmail.com

Dra. Ana Paula Marcante Soares (Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS)
apmarcante@hotmail.com

Sesione 1

PESQUISANDO CARONAS EM FLORIANÓPOLIS: ETNOGRAFIA EM MOVIMENTO

Yuri Rosa Neves (UFSC)

A apresentação pretende refletir a utilização de ferramentas audiovisuais numa etnografia sobre a prática de dar e receber caronas na cidade Florianópolis-SC no Brasil, haja visto o entrelaçamento desta ferramenta metodológica com características da prática. O fato de a locomoção por caronas demandar uma situação não programada e prescrita, a torna uma *experiência variada e variável*, diferentemente de ir de ônibus ou carro particular, mais facilmente previsível enquanto situação. Apesar de haver locais conhecidos de carona, não existe pontos fixos. Também não poderíamos definir aqueles que participam deste modo de locomoção por um traço identitário ou atividade na sociedade. Há jovens, velhos, moradores nativos, imigrantes e turistas, pessoas se dirigindo para tarefas cotidianas, outras para praia ou festa. Ainda o trajeto até o destino é imprevisível, dependente do estabelecimento de um acordo entre aquele que estende o

dedo para "pedir" e o outro que se convence em "dar": apenas o olhar na passagem dá o reconhecimento de quem é este outro. Assim, a utilização do vídeo ao pesquisar esta prática tem a função de fixar e materializar esta situação tão variável, de acordos instáveis e fugazes, em que visualidade é um elemento essencial na segurança e implicação no encontro. Além disso, a locomoção por caronas no interior de uma capital do país é incomum por questões como a infraestrutura viária (o mapa) e a possibilidade de alguma violência. Especificidades do desenvolvimento de Florianópolis podem sugerir os fatores que permitem a continuidade desta prática na paisagem da urbana.

Palavras-chave: Florianópolis; audiovisual; carona; desenvolvimento urbano; etnografia

ALVORADA DEL REMO: UNA ETNOGRAFIA AUDIOVISUAL DE LAS PRATICAS, CONFLICTOS Y MÉDIO AMBIENTE ENTRE ATLETAS REMADORES DE FLORIANÓPOLIS.

Cristhian Fernando Cajé Rodriguez (PPGAS/UFSC)

El presente trabajo es una etnografía visual realizada con atletas remadores de la bahía sur de la ciudad de Florianópolis, Brasil. En el cual aspiramos reflexionar, sobre las diversas concepciones de espacio y elaboración de cartografías marítimas dentro del contexto considerado urbano en el cual navegan, así como la relación entre percepción del ambiente y técnicas del deporte. Nos proponemos analizar, con el uso de la herramienta audiovisual, la memoria, la política y las formas de sociabilidad de estos deportistas, problematizando el uso de la imagen en dimensiones de importancia creciente en conflictos que involucran la expansión de la ciudad sobre el mar. Por último, nos proponemos reflexionar acerca de la progresiva ambientalización de sus prácticas, las actualizaciones de las experiencias cotidianas a partir de estas transformaciones, así como la visibilización y afirmación de sus derechos de pertenencia asociados al espacio de negociación permanente que ocupan.

Palabras claves: Remo, espacio urbano, conflictos, médio ambiente, etnografía visual.

EPISTEMOLOGÍAS DE LA ESCUCHA. ANÁLISIS DE LA SONORIDAD DEL BARRIO DE FLORESTA.

Facundo Petit de Murat (FFYL/UBA)

La escucha antropológica constituye una herramienta metodológica a través de la cual la

investigación social se permite abarcar un plano más de la experiencia social. La Antropología del Sonido se erige, así, como una perspectiva de análisis valiosa por sí misma y con el potencial de vincularse a otros estudios etnográficos de manera integral. Los sujetos que habitan, transitan o imaginan un lugar, mantienen una relación con éste que no es de mera descripción sino de construcción (real y simbólica). Atribuyen a los espacios una identidad que los une o los separa, definiéndose también a sí mismos, en tanto integrantes u oyentes externos del paisaje sonoro. En este sentido, dos preguntas guían esta investigación: ¿Cuáles son las representaciones sonoras que se establecen sobre los espacios? ¿Qué supuestos, prejuicios o mecanismos influyen en esta construcción? Como apertura de esta propuesta, se introduce un recorrido histórico de epistemología de la escucha, a partir de los desarrollos conceptuales de Murray Schafer (paisaje sonoro y ecología acústica), Steven Feld (acustemología) y Ramón Pelinski (fenomenología de la escucha). Tras ello, me propongo realizar un análisis de la sonoridad del barrio de Floresta, ubicado en el centro-oeste de la Ciudad de Buenos Aires. Este ejercicio analítico toma como base la escucha antropológica con la finalidad de establecer cuáles son las percepciones sonoras de las personas que habitan, transitan e imaginan este espacio urbano.

Palabras clave: epistemología de la escucha – paisaje sonoro – Antropología del Sonido

ENCUENTRO EN LA LÍNEA, LA AVENIDA REFORMA EN EL DISTRITO FEDERAL, MÉXICO

Fabián Perciante García (UAEM)

La presente ponencia intenta dar cuenta de algunos procesos de la investigación realizada en la Avenida Reforma del Distrito Federal en México.

A partir de la experiencia en el trabajo de campo con un enfoque en la interdisciplinaridad apoyados en la etnografía y los estudios de la imagen, se aborda este lugar como espacio-tiempo en uno de los sitios más neurálgicos y emblemáticos de la capital mexicana.

La avenida también conocida como Paseo de la Reforma es sin duda una arteria principal de la ciudad, al tiempo que evoca de manera constante una historia que continúa reelabora su contexto a través de la insistente contemporaneidad urbana. El trabajo buscó interactuar en ese contexto a través del acercamiento a diversos modos de apropiarse del espacio y su relación entre el tiempo vivido y el tiempo pensado. Se indaga en las representaciones también desde el propio investigador teniendo en cuenta tanto las fragmentaciones como las reivindicaciones del trayecto de la avenida, sus diversos usos y desusos, las proyecciones temporales, y los acuerdos para esas representaciones.

Para trazar la coyuntura se hace referencia a la idea de -acuerdo latente como

acontecimiento- y a una idea de línea (tiempo-espacio) que se dispersa. Estos dos componentes y su relación con la imagen aparecen de modos diversos en el contexto de la avenida planteando un entramado práctico-teórico como proceso y metodología.

Palabras clave: Avenida, conflicto, acuerdo, tiempo, imagen.

A SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO: INTERFACES DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL URBANA NO DOCUMENTÁRIO POTIGUAR *RAP PRESENTA*

Wendell Marcel Alves da Costa (UFRN)

Este trabalho versa acerca de conceitos como espaço urbano, significação do espaço e as interfaces que constituem a produção audiovisual urbana, no intuito de trabalhar o documentário *Rap Presenta* (Luara Schamó, Wallace Yuri, 2015) como um arcabouço de representações de identidades culturais. Diante desse painel geral, foram problematizados aspectos sobre a produção de significação do espaço onde ocorreram as disputas musicais, assim como o desvendamento das evidências simbólicas existentes na interação social no grupo participante do Hip Hop, onde imperam discursos sobre desigualdade social, sexismo e poder. Tendo em vista que o espaço usualmente utilizado para as disputas musicais abraça também a população em geral do bairro, nesse sentido, foi proposto desenvolver o diálogo com as questões referentes à antropologia urbana, principalmente incorporando as categorias de Magnani (1996, 2002, 2009) e os saberes de Velho (1987). No campo da sociabilidade urbana e significação do espaço e a essência do lugar, Frúgoli (2007) e Relph (2012), além de Carlos (2007) e suas leituras sobre o lugar e as práticas cotidianas, tiveram grande contribuição para a realização do debate sobre os aspectos elencados, sobretudo no que concerne a aquisição de uma leitura sistemática do espaço em que ocorre o evento do Hip Hop. Em síntese, o documentário *Rap Presenta*, por meio de sua representação do evento social mencionado, não somente apresenta o espaço urbano como um arcabouço de representações sociais e disputas relacionadas a poder, como também possibilita que o imaginário social perscrute a construção do espaço e do lugar retratados nas cenas do filme.

Palavras-chave: Espaço urbano, Rap, Curta-metragem, Antropologia audiovisual urbana.

Sesione 2

***MARIPOSAS DE LA NOCHE* - A CONSTRUÇÃO DA MULHER TRANS A**

PARTIR DA TV PERUANA

Lays da Cunha Camargo Furtado (UNILA); Abraham Bautista Vargas (UNILA)

Baseada na reflexão da cultura das mídias enquanto agenciadora de padrões que afetam os fluxos das tramas da estrutura-social, este trabalho analisará a produção midiática televisiva do Peru, quando o assunto trata de mulheres transgênero. Faz parte desta abordagem uma rede de programas peruanos publicados na web entre 2010 e 2015. Tal amostra reside sobre as análises dos enunciados, seus meios e fins. A contar sobre as agências narrativas que incidem sobre as construções identitárias de mulheres trans, por meio do discurso televisivo e qual os desdobramentos rastreáveis desse impacto com relação ao público, ao que tange as cadeias de comunicação de massa local. Trazendo a nosso debate como esta realidade se relaciona com as potencias comunicativas do audiovisual a nível Latinoamerica. Ficaria destinado, então, a primeira instância, a tentativa de se fazer palpável o cenário ao qual emergimos, nos dedicando às dimensões ocupadas pelos segmentos populares das cadeias de TV no Peru – rastreando as orientações de suas matrizes culturais e possíveis relações com o panorama Sul. Na sequência, abordaremos a análise dirigida da amostra, na tentativa de alcançar um esboço da antropologia das mídias relacionada às alteridades dadas nesta plataforma, no debate pautado sobre transmulher. E por fim, apontaremos sobre as reflexões e incidências provocadas nos(as) receptores(as) entre meios e mediações disponibilizadas na web, por internautas frente ao material selecionado.

Palavras-chave: Transmulher, TV, Peru

IMAGENS E RELATOS DA RELIGIOSIDADE DE UMA RUA

Marcelo Eduardo Leite (UFCA)

Carla Adelina Craveiro Silva (UNB)

Leylianne Alves Vieira (UNB)

A presente comunicação tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa que desenvolvemos na cidade cearense de Juazeiro do Norte. A mesma ocorreu no âmbito do Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas, um grupo de estudos que desenvolveu projetos cuja proposta foi trabalhar as múltiplas possibilidades metodológicas da fotografia. Nossa ação teve como objetivo dar visibilidade a saberes locais da população que vive na Rua Caminho do Horto, um espaço muito tradicional da cidade, no qual vários devotos de Padre Cícero residem. Essa rua leva a vários locais sagrados para os

fiéis, já que foi na Colina do Horto que ele iniciou sua pregação. Num primeiro momento, realizamos o levantamento das práticas religiosas por meio de contato com os residentes da rua, levantamento feito ao se percorrer o bairro conversando com os moradores e fazendo anotações sobre tais eventos. Uma vez com esses dados em mãos, foram agendadas visitas nas quais o objetivo nosso foi fotografar as festas. Foram fotografados três eventos religiosos no local. Quando da realização das séries, os moradores, em conversas durante as manifestações, indicavam momentos com significativa relevância para eles, bem como se preocupavam em contar a história do local, por meio das informações levantadas naqueles instantes. Em posse do material, discutimos a respeito das imagens e seus conteúdos, cruzando com coisas ditas pelos participantes. Finalmente, com um conjunto de seis fotografias de cada uma das festas, foram feitas visitas às pessoas, nas quais realizamos foto-entrevistas. Sem nenhuma interferência, elas relataram livremente a respeito dos rituais dos quais participaram.

Palavras-chave: Fotoetnografia. Juazeiro do Norte CE. Religiosidade.

REVITALIZAÇÕES URBANAS E O LUGAR DA IMAGEN

Alicia Norma González de Castells (PPGAS/UFSC)

As revitalizações ou reabilitações urbanas sob a ótica do valor patrimonial que os centros históricos possuem revelam que o desenvolvimento desses processos implica também a segregação das partes mais caras à condição da vida que lhes dá sentido. Excluem as ressonâncias, o patrimônio imaterial, os saberes e formas de fazer do homem comum que mantêm em pé e dão sentido às estruturas materiais. Cabe se perguntar qual é o papel da imagem veiculada pela mídia no desenvolvimento dos processos citados.

Palavras-chave: revitalizações urbanas- imagem –mídia

NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DE EXPRESSÕES COLETIVAS INDÍGENAS NA AMBIÊNCIA COMUNICACIONAL CONTEMPORÂNEA

Carmem Rejam Antunes Pereira (PPGICH/UFSC)

A proposta do trabalho é trazer alguns apontamentos sobre pesquisa que aborda as configurações do Movimento Indígena, considerando expressões coletivas construídas em redes sociais étnicas. A pesquisa parte dos referenciais teóricos e metodológicos dos estudos dos usos e apropriações das mídias, tendo em seus cenários de observação etnográfica os perfis indígenas em site de redes sociais. As expressões coletivas ameríndias são pensadas no âmbito de identidades cidadãs, compreendidas em um conjunto de mediações tais como a organização política, a escolaridade e também o gênero, além da memória étnica, entre outras. Ao fazer referência à rede social étnica como elemento aglutinador de sentidos nas ambiguidades da esfera pública contemporânea, não se alude a um grupo fechado ou único e sim às marcas do sujeito comunicacional, suas relações e vínculos, que também se utiliza da internet para construir sentidos 'enquanto' rede social étnica. Nessa perspectiva, procuramos pistas através do Facebook, considerando a sua popularização no Brasil e a construção da visibilidade indígena, frente a um contexto de relações interculturais assimétricas e aos processos de inclusões excludentes de uma sociedade multicultural e desigual (Santos, 2006). Dessa forma, os perfis se tornam um elemento significativo na medida em que permitem observar a personalização do ator e ações de compartilhamento de conteúdo, da publicização de imagens endógenas, das projeções identitárias, e do fortalecimento da memória étnica, entre outros aspectos.

Palavras-Chave Redes sociais étnicas. Expressões coletivas. Interculturalidade. Memória. Identidades

CONCEPCION(ES) DE CONCEPCION. UN EJERCICIO DE ANTROPOLOGIA AUDIOVISUAL EN CONCEPCION, CHILE

Rodrigo Herrera Ojeda (Universidad de Concepción)

“Concepciones de Concepción” es la denominación de una cápsula audiovisual realizada en el marco de un proyecto sobre experiencia urbana en la ciudad de Concepción, Chile. En ella se recoge sintéticamente el hablar de los transeúntes que asumieron el desafío de introducirse en el “contenedor urbano”, artefacto arquitectónico de pequeñas dimensiones que se instaló por unos días en las principales plazas céntricas de Concepción, con el fin de invitar a “reflexionar sobre la marcha” a los transeúntes que circulaban por ellas. Tenían dos minutos para hacerlo, en su interior, sólo acompañados por una silla y una cámara de video que los filmaba. El recurso audiovisual, aunque fue una parte de los recursos utilizados en el marco general de la investigación, recoge y sintetiza una narrativa de la ciudad hecha “al paso” por los transeúntes, sin guión previo, improvisadamente. Interesante en este caso es que el investigador fue reemplazado por una cámara de video, un interlocutor novedoso, que

generó reacciones a ser evaluadas a futuro. La presentación de este ejercicio en esta ocasión pretende reflexionar sobre esta y otras aristas posibles que emergen de la utilización de otros recursos para el trabajo etnográfico en las ciudades.

Sesione 3

NARRATIVAS EN AUDIOVISUAL. MITO, ACONTECIMIENTO Y TRAYECTORIA EN EL TRABAJO

Matias Godio (UNTREF)

La propuesta de trabajo se orienta a la exposición pública de resultados preliminares de la investigación etnográfico-visual sobre *narrativas del trabajo* en Argentina y Brasil. Desde la perspectiva teórica de la antropología comprensiva se focaliza en las actualizaciones de las experiencias de subjetivación del trabajo, así como el papel que cumple el acontecimiento y el mito en la trayectoria de estos trabajadores formales de grandes conglomerados urbanos en ambos países durante el despliegue del capitalismo en el último medio siglo. La práctica de la etnografía audiovisual posibilita aprehender las figuraciones por medio de las cuales los interlocutores producen interpretaciones sobre el concepto de trabajo, de cambio social y bienestar, vistos como objetos de conocimiento compartido y negociado en el proceso de investigación audiovisual. En este sentido, el método audiovisual explora la posibilidad de pensar las *narrativas de trabajo* como formas experimentales de estructuras míticas capaces de reconstruir elementos simbólicos mediadores en las formas de oposición/contradicción social más amplias. La subjetivación etnográfica de estas experiencias laborales narradas y actualizadas por la memoria permiten comprender los complejos papeles sociales de los sistemas ideológicos y culturales de creencias presentes en la economía política de sociedades capitalistas en desarrollo como las nuestras.

Palabras claves: Trabajo, trayectoria, capitalismo, cambio social, bienestar, etnografía visual.

“TU VOZ SE NIEGA A ENMUDECER”: IN-VISIBILIDADES Y REAPROPIACIONES AFROARGENTINAS A TRAVÉS DE UNA EXPERIENCIA DE NARRACIÓN AUDIOVISUAL

Milena Anecchiarico (Universidad de Buenos Aires, CONICET)

En este trabajo presento una experiencia de realización audiovisual reciente que acompañó mi investigación doctoral sobre la diáspora africana en Argentina y las articulaciones actuales entre las prácticas performáticas y las políticas culturales en la ciudad de Buenos Aires. El objetivo es analizar el proceso de creación y de investigación del cortometraje documental “Los argentinos también descendemos de esos barcos” (Anecchiarico 2013, 20’), pensando en el dispositivo audiovisual como campo de interacción, negociación y reapropiación de los sujetos involucrados y de las diversas subjetividades en escena (autor/director, entrevistados, artistas, activistas, investigadores, productores), así como relevar las potencialidades de su circulación en diferentes ámbitos y espacios para reactivar debates y cuestionar imaginarios hegemónicos sobre la no-negritud argentina. Se trata de una experiencia de construcción plural de un relato capaz de jugar con, cuestionar y revertir la producción e interpretación antropológica basada en el texto académico y, a la vez, capaz de favorecer la transformación de las representaciones de pertenencias, identidades y memorias históricamente negadas. Esta propuesta audiovisual y antropológica que se presenta quiere reflexionar acerca de la dialéctica invisible-visible en la representación hegemónica de la afrodescendencia en Argentina, a partir de algunas experiencias de arte y activismo afro en la ciudad de Buenos Aires retratadas en el documental.

Palabras clave: diáspora africana, memoria, narración audiovisual, invisibilización, afrodescendientes.

BAIXAR OU LEVANTAR A VOZ. UMA EXPLORAÇÃO AUDIOVISUAL DA ISICATHAMIYA

Alex Vailati (UFSC/NAVI)

Nos anos quarenta, na África do Sul, se intensificou a estruturação do regime segregacionista chamado de apartheid. Os migrantes negros, que chegavam nas cidades das áreas rurais eram obrigados a morar em espaços urbanos separados da população “branca”. Nesses espaços era presente também uma separação baseada no sexo, então, homens e mulheres tinham que morar em bairros diferentes. Neste contexto foi criada a Isicathamiya, uma performance baseada na dança e no canto coral, em que bandas formadas por homens competiam entre si, a cada sábado à noite. Essa performance continuou a ser praticada durante todo o tempo do apartheid, que acabou com a transição democrática em 1994. Hoje a Isicathamiya é ainda amplamente praticada, e está sendo ressignificada em relação às transformações da sociedade sul-africana contemporânea. Aqui é proposta uma exploração da Isicathamiya, baseada na etnografia da produção do documentário etnográfico *Slow Walker*, realizado entre 2011 e 2012, no centro da cidade de Durban. Pela produção do audiovisual e da sua restituição, foi possível analisar a difícil relação entre continuidade da Isicathamiya com o seu passado e a sua transformação, necessária aos olhos de vários performers, para adaptá-la ao

mercado musical contemporâneo. Além disso, a análise da recepção evidenciou a potencialidade que o audiovisual tem de se inserir em redes urbanas e de possibilitar uma reflexão sobre o conflito social.

Palavras- chaves: África do Sul, Audiovisual, Isicathamiya, Performance

DAS PROEZAS DO MITO DO PROGRESSO E DE SUAS RUÍNAS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS FEIÇÕES DO TEMPO E O MUNDO DO TRABALHO EM PORTO ALEGRE/4º DISTRITO

Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFRGS - FEEVALE/RS)

Cornelia Eckert (PPGAS/UFRGS)

O trabalho apresenta os desafios da pesquisa aplicada que desenvolvemos no Banco de Imagens e Efeitos Visuais de 2010 a 2014, Projeto CAPES PNPd “Trabalho e Cidade: Antropologia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea”, e que trata do estudo das memórias do trabalho na cidade moderno-contemporânea a partir da gênese de seus itinerários no contexto porto-alegrense. Apoiando-se no estudo de narrativas biográficas e trajetórias de indivíduos e/ou grupos sociais, no estudo das suas redes de trabalho, suas territorialidades, assim como nos fluxos de suas transformações no contexto dos bairros de uma grande metrópole, a pesquisa aponta para o desenvolvimento de novas metodologias para o estudo da memória do trabalho nas modernas sociedades complexas. O foco do projeto é a produção de coleções etnográficas, no formato multimídia, sobre as práticas sociais de trabalho e suas redes em Porto Alegre e as transformações nos saberes e nos fazeres de suas comunidades de pertença. Para a consecução desta meta adotamos a perspectiva de uma etnografia das memórias de trabalho de migrantes rurais e imigrantes em Porto Alegre, segundo seus arranjos temporais específicos até às experiências mais recentes de desemprego e de trabalho informal nos grandes centros urbanos brasileiros. Em nosso percurso de investigação, associamos às técnicas e procedimentos clássicos de pesquisa da Antropologia urbana o uso dos recursos audiovisuais e das redes eletrônicas e digitais para a compreensão das transformações do mundo do trabalho e de suas territorialidades nas modernas sociedades complexas, urbano-industriais.

Palavras-chaves: memória; trabalho; cidade; imagem.

HILDEGARD ROSENTHAL E ALICE BRILL, FOTÓGRAFAS IMIGRANTES MODERNAS EM SÃO PAULO - UMA REFLEXÃO EM ANTROPOLOGIA DA IMAGEM E URBANA

Yara Schreiber Dines, Profa. da Unesp

Hildegard Rosenthal e Alice Brill, fotógrafas de origem européia chegam em São Paulo em meados dos anos 30, fugindo da perseguição nazista na Alemanha. Com a ascensão do nacional-socialismo e a emigração de um expressivo número de judeus - estes deixaram para trás suas raízes históricas, indo buscar em terras distantes o seu novo lugar. Na época, era praticamente inédita a presença de mulheres na produção fotográfica brasileira, enquanto opção artística e profissional. Conhecer as especificidades do olhar destas fotógrafas e o seu foco de registro documental traz à tona o pioneirismo de sua produção, quando São Paulo está apresentando grandes mudanças urbanas. Uma primeira análise da produção de Hildegard Rosenthal e de Alice Brill passa pela sua condição de estrangeiro, ou de deslocadas - um dos eixos temáticos que este estudo abarca. Assim, como foi a chegada destas fotógrafas na América do Sul? Que olhar pousavam sobre São Paulo, a partir de influências da Europa, de referências modernas? A produção imagética das duas fotógrafas forma um universo visual fecundo para o estudo sobre como a cidade de São Paulo era utilizada e apropriada pelos cidadãos comuns, em meados do século XX. Também possibilita uma reflexão sobre os caminhos abertos por estes registros de memória, realizados por profissionais imigrantes do gênero feminino, a partir de um enfoque moderno. A partir da visão da antropologia visual e urbana, as imagens são estudadas, procurando-se vislumbrar os personagens, práticas sociais realizadas, as formas de uso da metrópole e o cenário presente nas fotografias para compreender o que comunicam, enquanto conjuntos de séries visuais e o que significam como registro documental feito por um olhar feminino.

Palavras- chaves: Imagem e gênero, cidade de São Paulo, memória, antropologia da imagem, antropologia urbana.

Auspician:



CSIC



COMISIÓN
SECTORIAL DE
INVESTIGACIÓN
CIENTÍFICA



Facultad de Información
y Comunicación

